


D. Montan

cul. v. h. c.


m. c.

GRANDES POETAS ROMÂNTICOS DO BRASIL






Esparsos completos
de
PÔRTO ALEGRE
e
MACIEL MONTEIRO



Poesias completas
de
GONÇALVES DIAS
ÁLVARES DE AZEVEDO
CASIMIRO DE ABREU
JUNQUEIRA FREIRE
FAGUNDES VARELA
e
CASTRO ALVES

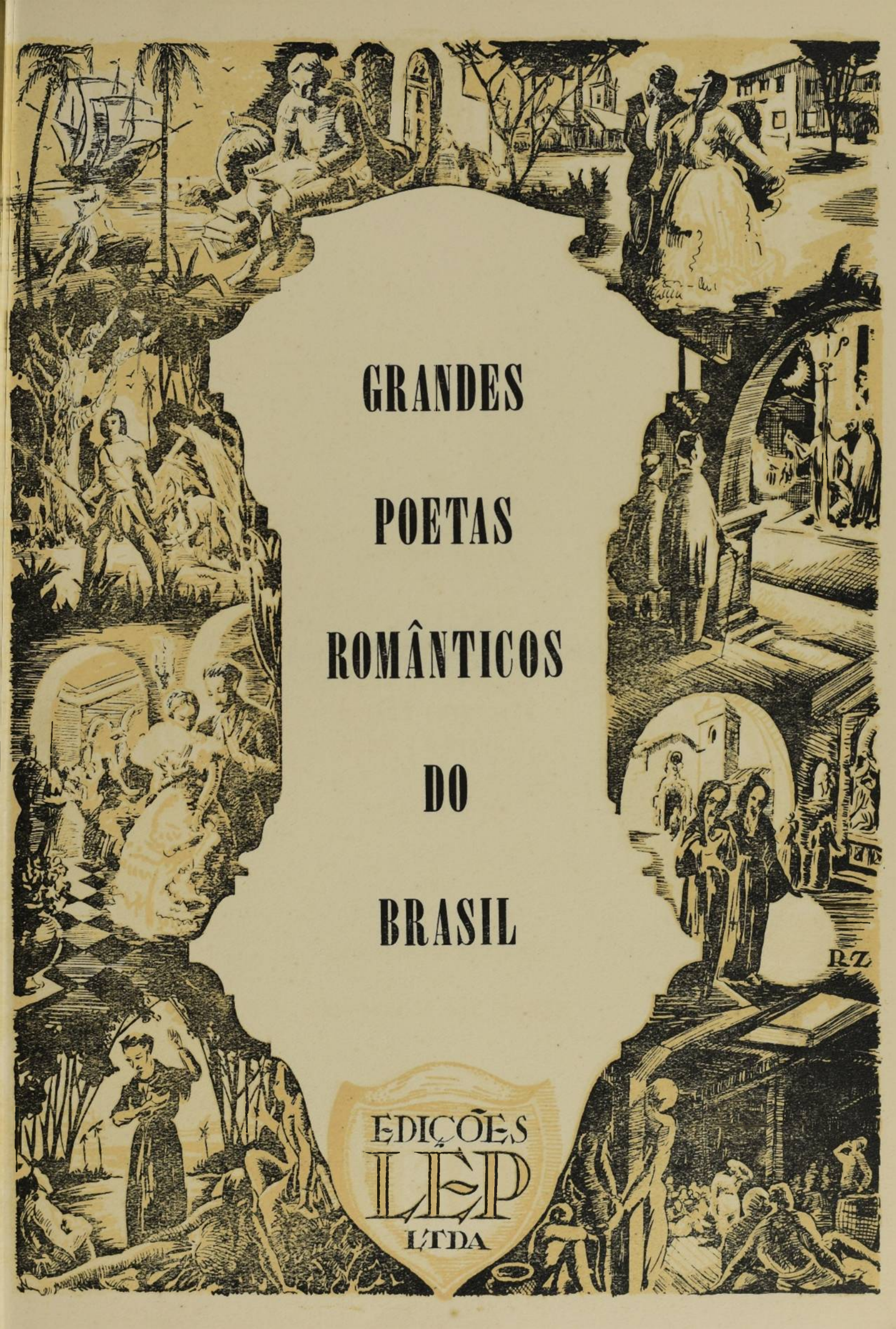


Organização, Revisão e Notas
de
FREDERICO JOSÉ DA SILVA RAMOS



EDIÇÕES
LEP
LTD A

RZ



**GRANDES
POETAS
ROMÂNTICOS
DO
BRASIL**

EDIÇÕES
ILIEP
LTDA

DIREITOS DE PROPRIEDADE
ARTÍSTICA RESERVADOS

Prefácio do
Prof. ANTÔNIO SOARES AMORA

LER integralmente, ler em profundidade um poeta, não é fácil. E não o é porque ler um poeta não se resume em soletrá-lo, em percorrer-lhe os poemas no intuito apenas de lhe apreender os conceitos e as imagens. Ler um poeta é senti-lo, é simpatizar com sua alma (e aqui simpatizar está no sentido etimológico), é refazer dentro de nós o seu espírito, tôdas as inquietações e anseios de sua alma, as misteriosas vibrações de seu “estado lírico”. E podemos estar convencidos de que não conseguimos ler um poeta, neste verdadeiro sentido, quando nos faltam o conhecimento da técnica interpretativa dos poemas e o conhecimento de tudo, ou de muito (porque o tudo é impossível) que constitui a “poesia” do poeta.

A poesia romântica, do ponto de vista da técnica poemática, é diversa da poesia clássica e da poesia de 1880 para cá, isto é, da poesia realista, simbolista e modernista. O romantismo, em consciente atitude de oposição ao classicismo, conquistou uma nova poética. De modo geral dominou nos séculos clássicos a preocupação do “poema de forma fixa” (soneto, sextina, rondó, rondel, etc.); a preocupação dos esquemas rítmicos regulares e fixos (decassílabos de ictos na 6.^a e 10.^a sílabas, ou na 4.^a, 8.^a e 10.^a; alexandrino de ictos na 6.^a e 12.^a sílabas; etc.); a preocupação de processos dialéticos racionalistas e da unidade temática ou conceituosa; enfim, dominou nos séculos clássicos, sobretudo na Renascença, a obsessão do achado de uma Poética regular, absoluta e universal nas verdades estéticas.

O romantismo, contra o princípio de uma poética universal, fundada em leis matemáticas do ritmo e em leis da lógica racional, defendeu a liberdade poética, fundada nos direitos da imaginação e da sensibilidade entregues a si mesmas. O poeta — e o mesmo assentou o romantismo com respeito a todos os artistas, e porque não dizer logo, com respeito a tôdas as manifestações do espírito, — não é o artista que busca a “beleza absoluta” da expressão, é o artista que sente e logra fazer sentir intensamente a vida; e sendo a experiência vital, a vivência, uma realidade personalíssima, singular e feita de instantes fugazes de vibração psico-somática misteriosa e imprevisível e involuntária, não tem sentido uma poética a-priori. Não há leis poéticas: ritmos e estruturas lógicas nascem como realidades singulares e com a liberdade dos “estados líricos” espontâneos.

Êsse novo conceito de poesia e de poema explica, no romantismo, o desaparecimento dos poemas de forma fixa (nesta edição contam-se raríssimos sonetos); explica a variedade infinita dos esquemas rítmicos, obtidos pela liberdade na colocação dos ictos nos versos, e pela liberdade na mistura das medidas; explica a prática constante dos cortes e dos encaideamentos, bem como o abandono freqüente da rima (que para a poesia medieval e clássica foi obrigado estruturante rítmico e estrófico); explica a liberdade dialética.

Mas a poética romântica diferencia-se da clássica não apenas pelo princípio da liberdade e do individualismo formais; também por procurar (e isto se exemplifica fartamente nesta edição) uma identificação com a poesia folclórica, subestimada nos séculos clássicos, mas agora sobrestimada pela demofilia e pelo tradicionalismo nacionalista dos românticos, pois que mais legítima como espontaneidade lírica e como expressão do espírito e da sensibilidade nacionais. Desta busca de identificação com a poesia popular e tradicional resultou para a poesia romântica estas duas características: a) ritmo regular (poema isorrítmico) e predominantemente musical (acentual), ritmo que dá ao poema quase o caráter de letra de cantiga (Vejam-se a êste propósito, entre muitíssimos exemplos, a Canção do exílio e o Canto do piaga, de Gonçalves Dias; Meus oito anos, de Casimiro de Abreu, A flor do maracujá, de Fagundes Varela); b) o repetitismo de vária forma (paralelismo, refrão), que é o adejar do poeta em torno de uma idéia ou imagem-fôrça, que é o latejar de um tema no seu "estado lírico" (Vejam-se como exemplos: Olhos verdes, Canção do exílio, Não me deixes, de Gonçalves Dias; Se eu morresse amanhã, de Álvares de Azevedo; A valsa, de Casimiro de Abreu; A flor do maracujá, de Fagundes Varela; Boa noite e Tirana da escrava, de Castro Alves).

De dois tipos principais são, assim, do ponto de vista da poética, os poemas reunidos nesta edição: a) poemas de arquitetura rítmica e dialética muito livre, espontânea e pessoal, como: Se se morre de amor, de Gonçalves Dias; Cântico do Calvário, de Fagundes Varela; Vozes d'África e O navio negreiro de Castro Alves; b) poemas de ritmo regular, acentual, de estrutura dialética simples, e freqüentemente com repetitismo. Os poemas do primeiro tipo constituem, dentro do romantismo, a poética de vanguarda, fruto de liberdade, de individualismo e de plenitude lírica; os do segundo tipo, estão dentro da corrente da poesia tradicional, pois que seus processos vêm das cantigas e dos romances medievais e ao romantismo chegaram pela corrente da poesia popular.

Mas não creia o leitor que só isto basta para entrar no mundo dos poetas românticos. É impossível a convivência com qualquer poeta, quando sabemos tão só a língua que fala e os processos formais de que se socorre para expressar seu universo de emoções. Convivência (como o próprio termo elucida) é identificação de "vivências". Duas criaturas convivem entre si, quando logram identificar-se em espírito e em coração, quando logram participar do mesmo drama humano, das mesmas inquietações, das mesmas alegrias e tristezas; enfim, quando logram viver no mesmo diapasão espiritual, moral e sentimental.

Eu sei, por anos de experiência no ensino universitário da Literatura, que não é fácil estabelecer essa convivência, essa participação do leitor moderno, com poeta de outra época histórica. As épocas históricas se diferenciam não tanto pelos fatos que nelas ocorrem, como pelo modo de ser dos indivíduos que elas engendram, que elas, por fôrças infinitas e indefiníveis, conformam. Uma época histórica é uma concepção do Criador e da Criatura; uma concepção do Universo; é uma maneira de gozar e de sofrer a vida; é uma problemática vital e um conjunto de soluções ou de tentativas de solução para essa problemática; é, enfim, uma maneira de ser e de compreender, das criaturas humanas.

Com razão sentimos difícil conviver com espíritos de outra época, e neste caso presente, com os poetas românticos, quando nos apetrechamos apenas do conhecimento de seus recursos expressivos, de sua língua e de seus expedientes estilísticos. O conhecimento da gramá-

tica, da retórica, da poética de uma época, pode-nos levar até ao conhecimento do sentido literal da língua dos seus escritores; mas o que está além dêsse sentido, e que é todo o universo de idéias, de emoções e de belezas da obra literária, êste só se alcança por simpatia, por identificação de nosso espirito com o espirito das épocas e de seus artistas.

O romantismo opôs ao classicismo não apenas uma teoria da expressão: também um ideário artístico.

Contra o universalismo estético, ideal supremo dos clássicos, os românticos realizaram uma arte de caráter individualista. O conceito de Verdade, de Bem e de Belo universais, perfilhado pelos clássicos, mostrou-se ao espirito do homem romântico, descrente, se não cético, de toda a concepção, imediatamente passada, da Realidade, — um conceito teórico, puramente racional, sem raízes na experiência sangrenta, na afetividade, no idealismo de cada individuo. Para os românticos a Verdade, o Bem e o Belo são sempre concepções pessoais, individualíssimas; e se não são legítimas para a razão universal, o são para a vida do “individuo”. Nestes termos a obra de um poeta romântico não pretende expressar a Verdade, o Bem e o Belo da razão pura, mas uma verdade, um bem e um belo emanentes da vivência do poeta. A obra de um poeta é sua mensagem de experiência vital, é a decantação formal da sua vida, não como “ser”, mas como “ente”.

Os românticos trouxeram, em arte, uma concepção nova da Realidade. A obra de arte é, antes de mais nada, uma “supra-realidade”, como disse Fidelino de Figueiredo; é “imagem da Realidade, imagem essa refletida pelo espirito e pela emoção do artista. O que um poeta nos transmite, não é a imitação servir e impessoal da realidade objetiva e subjetiva — é a realidade que está em sua alma, em sua vida interior, em seu estado lírico”. Contra a preocupação clássica de expressar em arte uma Verdade coerente com as verdades racionais, os românticos expressaram verdades do sentimento e da imaginação, inegavelmente incoerentes com as verdades da inteligência e dos sentidos; mas profundamente humanas, porque do sentimento e da imaginação vive o homem, e do sentimentalismo e da transbordante imaginação viveram os românticos. Se é irreconciliável com nossa experiência sensível da Realidade e com nossa Razão, o indianismo de Gonçalves Dias, o idealismo amoroso de Casimiro de Abreu, o fantástico do byronismo de Alvares de Azevedo, e o liberalismo sentimental de Castro Alves — é inegável que no mundo destes poetas, em que a realidade material e racional se deformou pela hipertrofia do sentimento e pela alada imaginação, há inegável beleza e intensa emoção e viva realidade moral. Para êstes poetas românticos, como para todos os românticos, a obra de arte deve expressar a realidade que o sentimento e a imaginação do artista concebem, pois que a arte de emoção e de imaginação se faz, à emoção e à imaginação se dirige, e nenhum compromisso tem com a realidade sensível, nem com o que ante ela concebe a razão filosófica e científica.

Esta nova concepção da arte, da poesia, não como expressão da equação Homem-Universo, mas como expressão de UMA VIDA, de uma existência com seus personalíssimos dramas de espirito e de coração, teve implícita e inevitavelmente uma outra concepção — a da liberdade criadora. Para os românticos não podia ter sentido o dogmatismo formal dos clássicos, as suas preceptísticas estéticas. Não há regras para o poema, como não há regras para os gêneros literários: ritmos, estruturas versicatórias, estróficas, rimicas e dialéticas (salvo casos em que se deseja reabilitar formas poemáticas tradicionalmente nacionais) são achados espontâneos, individuais, imprevisíveis da emoção lírica. Esta liberdade criadora que acentuada

neste século e meio nos deu o individualismo hermético de muitos modernistas, não chega a tanto no romantismo; quando muito libertou a linguagem da rigidez formal dos clássicos, e encontrou-lhe recursos novos de expressão, necessários a maneiras novas de sentir liricamente a vida.

Finalmente, opôs-se o romantismo ao preceito clássico da “imitação dos Antigos”. Se a obra de arte, para os românticos, expressa a singular e inédita experiência do artista; se o que o poeta transmite é sua mensagem de vida, — como pode o artista reconhecer fora de si, fora da terra em que tem fincados os pés, fora das tradições de sua raça, das forças nacionais do seu espírito e de sua sensibilidade — voz que entenda, realidade que sinta e possa imitar? O mundo Antigo, que foi para os clássicos a meta de todos os ideais de cultura e arte, perdeu para os românticos todo e qualquer significado. A obra de arte, a poesia romântica é fruto do individualismo e do nacionalismo. E se com isso a arte romântica — como se pode ver destes nossos poetas — perdeu em sentido universal, naquele sentido universal que incontestavelmente tem a arte heleno-romana e a renascentista, ganhou em penetração na realidade próxima, individual e nacional.

Nesta nova concepção de arte, em gênese no século XVIII e já definida na segunda década do século XIX, filiaram-se os nossos poetas românticos, desde Gonçalves de Magalhães até Castro Alves.

No Brasil o romantismo coincidiu com a época mais dramática e mais decisiva de nossa história e de nossa cultura: a época da formação de nossa consciência nacional. Depois de três séculos de colonialismo, ao entrar do século XIX algumas circunstâncias históricas dinamizaram-nos para a independência: transferência da família real portuguesa para cá; elevação do Brasil à categoria de Reino Unido, a que se seguiram várias medidas necessárias a essa mesma elevação: abertura dos portos ao contacto livre com todos os povos; liberdade de espírito com relação a Portugal; organização de um ensino próprio e do ensino superior; instalação de prelos e permissão de imprensa; em contraposição à maioria do novo Reino, a minoridade econômica e política de Portugal ocupado pelos franceses, o que sem dúvida concorreu para a crescente importância do Brasil, não tanto como realidade, senão como promessa.

A independência política de 1822 decorreu espontaneamente destas circunstâncias.

Feita a independência era necessário mantê-la e defini-la: mantê-la foi fácil, quando é verdade que Portugal, por motivos que não importa agora recordar, desinteressou-se moral e materialmente da antiga colônia; defini-la foi obra de anos e de muito trabalho, pois que a definição de nossa independência dependia da manutenção da ordem e da unidade interna, da formação da consciência nacional e da participação na política internacional: e quem não mede a dificuldade de uma obra política dessa natureza quando recorda que éramos um país de terra imensa, de passado insignificante e mais promessa que realidade econômica e social! Com os anos da definição da independência coincidiu o romantismo.

Para compreender o nosso romantismo não é assim suficiente o conhecimento do ideário estético defendido por essa escola. De 1822 a 1870 todas as nossas forças morais e materiais convergiram para estes objetivos: manter a unidade interna do país; formar-lhe a consciência

nacional e integrá-lo no concêrto das nações livres e civilizadas. A unidade interna e a participação na vida internacional foram obras da política administrativa, militar e diplomática; a consciência nacional foi obra em grande parte dos nossos escritores românticos. Para nós, criar consciência nacional era criar a consciência de uma realidade histórica, geográfica, social, política moral e artística: enfim criar a consciência de uma realidade cultural. E não foi o que obtiveram e conseguiram (não importa que com certos erros de nacionalismo extremo) historiadores, jornalistas, oradores, romancistas, teatrólogos e poetas românticos?

A leitura em profundidade dêstes poetas, agora reunidos nas obras completas, pela erudição bibliográfica e crítica de Frederico José da Silva Ramos, revela-lhes muita beleza de inspiração, de sentimento, de imaginação e muita conquista de recursos expressivos, — mas também nessas belezas, nessas plenitudes líricas, nesses ritmos novos, revela a obra dêstes poetas o achado de uma realidade brasileira: o amor, a saudade, a melancolia brasileiras; a natureza, a paisagem brasileira com suas côres, com seus cenários, com sua flora e fauna poéticos, motivos de emoção lírica e de estesia, como era para franceses, ingleses, alemães, portugueses a natureza de seus países; o índio (idealizado embora) como expressão do nosso americanismo; o negro como problema social, como objeto de simpatia humana e de exaltação liberal; o caboclo e o caboclismo como expressão das três raças que formaram a etnia brasileira; os mitos da história nacional: a rebelião nativa contra o conquistador luso, a evangelização dos índios, Guararapes, a Inconfidência mineira, o 2 de julho, a Independência, a guerra do Paraguai.

Pelo verbo lírico, pela exaltação sentimental, pela intuição poética, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Castro Alves e os poetas menores dêste parnaso romântico criaram momentos de eterna beleza e conseguiram, no momento mais decisivo de nossa história política e cultural, instilar-nos no espírito e no coração a consciência de uma realidade histórica, social, moral, sentimental e paisagística brasileira.

São Paulo, dezembro de 1949.

ANTÔNIO SOARES AMORA

Introdução de
FREDERICO JOSÉ DA SILVA RAMOS

COM a presente edição, oferecemos ao público, num só volume, os esparsos completos de Manoel de Araújo Pôrto Alegre e Antônio Peregrino Maciel Monteiro e as obras poéticas completas de Antônio Gonçalves Dias, Manuel Antônio Álvares de Azevedo, Casimiro José Marques de Abreu, Luís José Junqueira Freire, Luís Nicolau Fagundes Varela e Antônio de Castro Alves, sem dúvida os maiores românticos brasileiros.

Coligimos tôdas as suas publicações poéticas encontradas em livros, jornais ou revistas, com a indicação rigorosa, sempre, de onde foram extraídas. Transcrevemos todos os frontispícios, prefácios e notas de cada livro, com exclusão das introduções feitas por outrem em edições póstumas.

Mencionamos, nesse particular, as obras poéticas de Fagundes Varela, o mais sacrificado de todos os românticos em matéria de edições. Quase tôdas as coleções de versos do poeta que correm impressas basearam-se nas "Obras Completas" da Livraria Garnier, organizadas por Visconti Coaracy que, além de corrigir inúmeros versos, alterou profundamente a pontuação. Restituímos os textos primitivos das primeiras edições e publicamos *Anchieta ou O Evangelho nas Selvas* à vista do manuscrito original, atualmente do patrimônio da Biblioteca Municipal de São Paulo.

Na execução do presente trabalho obedecemos o critério que nos pareceu melhor: oferecer ao público textos seguros e autorizados. Para isso, tomamos por base, sempre que possível, a melhor edição em vida do autor, ou seja a última corrigida por êle próprio, a qual, não obstante, confrontamos com as publicações anteriores de forma a podermos corrigir, com segurança, falhas tipográficas e erros de revisão. À falta de última edição correta pelo autor, lançamos mão da primeira ou princeps.

Não se tratando portanto de uma edição crítica, não nos pudemos abster, mesmo assim, de muitas notas explicativas, de permeio com as do poeta. Destinam-se àqueles que cuidam da literatura nacional, servindo de ponto de partida para estudos críticos e filológicos especializados, e surgiram pela pontuação, grafia ou confronto.

PONTUAÇÃO: Conservou-se tal como se acha na edição tomada como base. Tôda alteração havida foi apontada, resguardando ao leitor o texto original.

As reticências, com menos ou mais de três pontos, foram obedecidas, em vista da freqüência e constância nos poetas transcritos. À primeira vista, poderia parecer falha tipográfica ou defeito de impressão. Porém tal não se verifica. No manuscrito de Varela que compulsamos, deparamos, do próprio punho do poeta, com todos os tipos de reticências.

Ignoramos se êsse aspecto da pontuação romântica constituiu objeto de qualquer explicação. Não lhe conhecemos outra finalidade a não ser a declamação, visando maior ou menor pausa reticente.

ORTOGRAFIA: Foi modernizada, de acôrdo com o "Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguêsa", da Academia Brasileira de Letras. Assim:

- 1) as modificações que não decorrem das instruções ortográficas contidas naquele Vocabulário, importando numa correção ao autor, foram indicadas, reconstituindo-se a grafia original.
- 2) as correções que se referem a trocas de *s* por *z*, ou vice-versa, como, exemplificando, *mesa* por *meza*, *conduzir* por *condusir*; de *u* por *o*, como *cúpula* por *cúpola*; *o* por *u*, como *cobrir* por *cuvrir*, por inúmeras e freqüentes, não foram assinaladas, salvo raríssimas exceções.
- 3) os casos de impossibilidade de mudança ortográfica, implicando alteração de métrica ou de rima, foram designados.
- 4) os de variantes, como *suberba* e *soberba*, *cubiça* e *cobiça*, *louro* e *loiro*, *dous* e *dois*, etc., foram todos conservados.

CONFRONTO: Procedeu-se com outras publicações, nos casos de grafias incorretas, nos duvidosos e de erros tipográficos.

Cumpre-nos agradecer aos Professôres Antônio Soares Amora e José Aderaldo Castelo, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, pelo valioso auxílio ao plano inicial desta obra, pelo empréstimo de vários volumes e pela colaboração na bibliografia, sem o que nossa tarefa seria enormemente dificultada; a Edgard Cavalheiro, Antônio Cândido, José de Barros Martins e Leven Vampré, pela cessão de várias obras, e, finalmente, a Maria de Lourdes da Silva Ramos, sem cuja dedicação no preparo, no confronto e na revisão das provas não teríamos levado avante tal emprêsa.

F. J. DA SILVA RAMOS

GRANDES POETAS ROMÂNTICOS DO BRASIL

A black and white line drawing of a three-masted sailing ship, likely a galleon or similar historical vessel, shown from a three-quarter perspective. The ship has multiple sails on its masts and is depicted on a small patch of water with simple wavy lines. The ship is positioned to the left of the main title text.

Porto Alegre



Grande no trono e no despêgo insólito!...

MANOEL DE ARAÚJO PÔRTO ALEGRE — Barão de Santo Ângelo (São José do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, 1806 - Lisboa, 1879). - Estudos fundamentais na terra natal. No Rio formou-se em Belas Artes (aluno de Debret, 1827-1831). Em 1831 segue para a Europa, em viagem de estudos (França, Itália, Inglaterra, Bélgica; colabora com Gonçalves de Magalhães na *Revista Niterói*); seis anos de Europa foram decisivos na sua formação romântica e aperfeiçoamento artístico (pintura e arquitetura). De regresso ao Brasil colabora ativamente no incipiente movimento romântico brasileiro, sobretudo na criação do “teatro nacional”, para o qual escreve várias peças (*Angélica e Firmino, A estátua amazônica, O espião de Bonaparte, O sapateiro político* — comédias). Ao lado da atividade literária, desenvolve fecunda atividade artística. Vai publicando as poesias, que mais tarde reuniu nas *Brasilianas* (1863). Em 1859 ingressa na carreira consular (Alemanha e Lisboa). De sua bibliografia que é vasta e variada, destacam-se, além das comédias e dramas líricos: *Brasilianas* (Viena, 1863) e *Colombo*, poema épico (Rio, 1866).

ESPARSOS. 1

RESPOSTA AO SR. J. NORBERTO DE S.S. 2



UEM deu ao rouxinol canoros hinos,
Nênia ao sabiá, perfume à rosa,
O mistério decifra de nossa alma
Quando precoce na lira um hino exalça
De insólita harmonia.

E' feliz o mortal em cuja frente
Marcou do engenho 3 o sêlo a providência!
Já c'ô dedo infantil ativa as molas
Da máquina melódica, que ovante
Prodígios mil engendra.

Homero e Galileu e Dante e Newton
Gênios nasceram, não se fazem gênios:
Virgílio e Rafael e outras glórias
São mistérios p'ra nós; houve em suas almas
Mais que em nós um sentido.

E' jovem o teu corpo, adulta a mente,
Oh atleta infantil, que a lira d'ouro
Majestoso e preclaro já manejas,
Como um velho guerreiro o márcio gládio,
O fim é teu princípio!

Desdobra, águia brasílica, as amplas asas,
Devassa a imensidade, mede o espaço,
E aos ouvidos mortais, aos meus ouvidos
Vem modular dos anjos a harmonia,
Vem o céu retratar-me!

Oh destro nadador, lança-te às ondas
Do oceano do mundo; o gênio é força!
Co'êles pesam-se os sóis, vara-se a terra;
Êle só o pousal da eternidade
Laureado penetra.

Levanta o reposteiro qu'inda encobre
Do divino Brasil tanta magia.....
Alma de artista, borbulhando dúlias,
Paira no éter que perfume exala,
Oh deixa a baixa terra!

O mirrado egoísmo em áureas vestes
Seu empório 4 na pátria altivo cria;
Escudam-se traidores publicistas,
Que ante as auras do ouro a fronte inclinam,
Da corrupção apóstolos!

Com triplicada malha o peito aferram,
Co'ô pincel da verdade a traição pintam,
Rolam impunes da mentira o carro
Traficando a virtude. As lupercas
Nos clubes se inauguram.

Não; — a serpente invisível que êles nutrem,
De tóxico infernal em áureos cíatos,
Um dia sibilando em tredo emboque
Os há de atassalhar! Não há relâmpago
Que ao raio não preceda.

Desm'ronados p'ra sempre êsses colossos,
Essas glórias de infâmia, o cinzel póstumo
Gravará: "— Maldição! —" Negro moimento
Narcóticos vapores exalando
Será seu epitáfio.

Como um vulcão extinto, recordando
As passadas desgraças dos humanos,
Inglórios viverão êsses proscritos,
Filhos espúrios da moral eterna
De nossa cara pátria.

Tarde p'ra nós, porque, talvez, na terra
Não possamos ouvir os sons da lira,
Que num éter mais puro então vibrando
O préstito farão de áureo triunfo
Da sã prosperidade.

Sim, tarde para nós, que deslizamos
Os cânticos de amor entre os soluços,
E a celeuma terrível da avareza,
Que os templos em mercados converteram
E a verdade em dinheiro.

Coragem, meu Norberto! Inda na arena
Do vasto anfiteatro, em que pelejam,
Vitória não bradou essa auriflama;
No altar asqueroso da impudência
Não é total o incenso. ⁵

Emenda um erro teu: — na taça d'ouro,
Onde o gênio divino o néctar liba,
Medíocre licor não mais satures:
Gênio é um Buonarotti, um Tasso, um Vinci,
E não mesquinho artista.

De um pródigo louvor nasce a ironia,
Nasce da profusão sempre a miséria;
No Olimpo não frui o deus Ridículo ⁶
D'Ísis o néctar consagrado a Jove!
Modera os teus transportes.

Reflete o coração sons de nossa alma,
Essa lira que Deus, parco entregou-te;
Nem sempre o homem d'armas é guerreiro:
C'os astros confundir-se-ia o p'rilampo
Si eterna luz tivesse.

BRASILIANA.

DEDICADA AO ILM. SR. INÁCIO DIAS PAIS LEME. ⁷

I.

Quanto é grato, meu Leme, nestas plagas
Que o acaso e Cabral ao mundo deram,
No centro destas virgens serranias,
A natura adorar, inda inocente,
E o mundo primitivo perlustrando,
Ouvir da criação a voz intacta,
Fruir embebecido os sons divinos,
Aqui em sonho elísio, em almo arroubo, ⁸
Perfumando a existência, amáveis horas,
A vida se desliza entre venturas.

FI.

E' grato junto a um corgo cristalino,
A sombra gigantesca dum vinhático
Repensar nesse mundo, em cuja lápida
Os séc'los exararam à porfia
O pomposo epitáfio — A história humana —
Desdobrar do passado o panorama,
E do escuro sarcófago da morte
Arrebatat c'a mente o mundo antigo.
Aqui sem tradições vemos o berço
De Mênfis, de Persópolis, d'Atenas;
Aqui vemos o Drúida e o Cimério,
Como o gênio do vate outrora vira
Nas florestas d'Ausônia e da Britânia
Predizendo o futuro: estas montanhas
O berço do universo representam.

III.

Pelasgos nossos pais, Fenícios foram!
Sôbre o dorso das ondas inconstantes
Tendo a proa no céu, na ursa os olhos
Toldaram de cem mares, com mil naves
As águas onde púnicas trirremes
As virgens ondas com seus rostros férreos
Jamais cortaram do oceano ignavo.
O Tigre, o Gange, ⁹ o Prata, o Amazonas
Lavaram mais de vez as lusas quilhas.
Embalde em flechas, ¹⁰ dardos convertera
O valente Tamoio estas florestas,
A sua independência, e paz, curvou-se
Ao ferro e à bombarda ¹¹ lusitana.
Conquistando invadiram seus domínios,
Domínios cuja posse além remonta
Do uso da linguagem e do lume.

IV.

Do reino do Tamoio, aqui outrora,
Só de vasos fragmentos testemunham;
Rude esbôço da indústria primitiva.
O astro dos Toltecas e dos Incas
Não transmontou seus raios sapientes
Além do Chimboraso e do Jorulho.
Desde a infância do mundo no seu leito
Jazeu a rocha imóvel, sem que o ferro
Em templos, em pirâmides, em pórticos
A sua rija massa avassalasse.
O homem primitivo não profana
A ossadura da terra a ferro e fogo:
Ele a vida conhece transitória,
Seu espaço do berço à sepultura;
E os dias deslizando na inocência,
Como um anjo, da campa aos céus s'eleva.

V.

Tu que infante escutaste a voz dum sábio,
Do luso Montesquieu, lá onde o astro
Da diva sapiência, fulgurando
Expande no universo o claro lume.
Tu que outrora, sentado e pensativo
No monte Palatino, crânio augusto
Do histórico esqueleto dessa Roma,
Viste as sombras errar d'heróis tão grandes,
Nesse império que outrora escravizara
O mundo de Estrabão e de Aristóteles!
Que viste dos humanos o almo apuro,
Quer no pego insondável do passado,
Quer na estrada do afã contemporâneo;
Que em várias regiões com pasmo viste
Debaixo de raízes seculares,
Cidades de cidades alicerces,
E a palavra dos séc'los esculpida
No mármore, no bronze e nessas ruínas!
Que a trilha de teus passos confundiste
Co'a trilha das coortes invencíveis,
Que o mundo avassalaram portentosos!
Que viste, não menores, os prodígios
Do séc'lo em que vivemos, que num dia
Realiza o labor que anos custara,
Perfuradas montanhas, aquedutos,
Onde o carro inflamado voa avante;
O trajeto das pontes invertido,
Os Alpes nivelados e os tufões

A nave fumegante se curvarem!
Que no afã te encontrei da sapiência,
E das artes a unção sagrada e bela
A fronte juvenil também ornando!
Porque do turbilhão das capitais
Tão jovem te ausentaste, caro amigo?!
VI.

Razão cabal na mestra da existência,
Na existência dos homens encontre.
Aqui não ergue a voz a vil calúnia,
Impudicos troféus desenrolando;
Nem da intriga cochicha o lábio impuro.
Nem a férrea soeure ¹² do egoísmo
As flores da virtude fana e mirra. ¹³
O ruído das serpes nestas brenhas,
O bramido das onças, e o sibilo
Que da trompa feroz a Anta despede;
E o rufo temeroso d'ânc'ra ebúrnea
Que ao bronco caititu ¹⁴ arma a queixada,
Tem acentos mais puros, mais suaves,
Que os hinos lisonjeiros e traidores
Vibrados nos sofitos dos velabros
Aonde o ceticismo, em hasta pública,
Trafica Deus, a pátria e os humanos.

VII.

Berço de teus avós foi esta terra;
De Batávia teu tronco nobre e puro
Aqui a independência firmou pródigo.
A primeira esmeralda brasileira,
Que adornara do luso a régia fronte,
Da terra avita mão arrebatou-a
Lá onde o Sabará, o Rio Doce
Por entre areias d'ouro, de diamantes,
Já desde a criação ao mar deslizam.

VIII.

Estas serras gigantes de granito,
Que os astros afrontando, as nuvens cardam
Co'a grenha secular de augustos troncos;
Cujos flancos em sulcos profundíssimos
Misteriosas grotas, atras, formam;
Onde eterno crepúsc'lo se enclaustrara
E a voz dos furacões, das tempestades
Eterna murmura, brama e ronca,
Ao som das catadupas que se garfam
Entre broncos penedos e raízes,
E que o *Fiat* supremo, o mando eterno,
Escutaram, informes, inda presos
Nas entranhas do caos, da eternidade,
São, meu Leme, mais caras, mais suaves
Que as tórras colossais que êsses zimbórios
Erguidos entre as ruas e celeuma
Dêsse empório do sul, do novo mundo.

IX.

Goza da independência que outorgou-te,
Aquêla que ao rei disse em plena cõrte;
Quem vem para vos dar, pedir não deve. ¹⁵

Tens na c'roa do palmito,
Na raiz do mangarito,
Grato cibo salutar,
Que mais podes desejar?

Tens mil águas cristalinas,
As frutas as mais divinas,
Uma espôsa de invejar,
Que mais podes desejar?

Tens uns filhos, que delícias,
Que te cercam de carícias;
Tu és pai, sabes amar,
Que mais podes desejar?

Tens um tronco virtuoso,
Nobre pai e generoso,
Irmãos de felicitar,
Que mais podes desejar?

A terra ouro te brota sôbre a messe;
Num tronco almo jati labora o néctar,
E ainda p'ra assombrar na inculta selva,
Alado lavrador cultiva a êsmo
Aqui, ali frondosas laranjeiras
C'os indígenas pomos contrastando!
Para ti pasta o veado, engorda a rôla,
Nutre-se a jacutinga e o macuco,
E nos ares pipita em atras nuvens
Essa infinda nação que traja o iris:
O tônico pati, cevadas pacas,
Do triclinio dos reis não conhecidos,
No teto hospitaleiro sup'rabundam-te.
Para erguer um palácio, um templo augusto,
Gigantescas colunas, rijas cordas,
Num minuto o machado colhe ovante
Na frondente floresta, onde pulula
O ferro vegetal, a telha florida,
E de tudo que Deus fêz brinde aos homens.

X.

Ah! como ao contemplar tais quadros sinto
Num éter de delícias balançar-me,
Qual balança a taioba os verdes discos
Se o hálito odoroso e sussurrante
Da brisa matutina enfia o bosque.
Minha alma aos céus remonta, qual remonta
A mimosa uricana os seus penachos.

XI.

Que pasmoso espetác'lo, que beleza
Aqui destas alturas se divisam!
O sublime firmou eterno império
Sôbre estas serranias gigantescas.
Aqui em caracteres eviternos
Suas leis escreveu a providência.
Estas pedras que suam mil regatos,
Êstes fossos medonhos, êstes campos,
O tinguá alcantil, o rude saxo,
E o magno Briareu destas florestas
Jequitibá medonho na estrutura; ¹⁶
Êstes troncos que abraçam trinta homens,
Que o alvo ao caçador frustram n'altura!
Esta procriação infatigável,
Esta fênix eterna de verdura,

Tudo, tudo revela a voz potente,
Que c'um sôpro criara o moto e a vida.
Zomba da fouce a natureza prôvida,
Um bosque secular, cai, d'improviso,
Ergue-se um novo bosque por encanto!
A voz da criação, êsse hino eterno,
Noite, dia incessante em puro acôrdo
A latente harmonia cadenceia
Nesta zona feliz, Êden celeste,
Que a estação amorosa eterna habita!

X I I.

Com vagas imóveis, como um pélago
D'ondas petrificadas, se distende
Vastíssimo horizonte, que se esfuma
Nesse azul oceano, que a meus olhos
A linha do infinito bruxuleia.
Aqui, ali, ao longe se recurvam
Rêdes de estradas, rios e regatos
Como galhos argênteos que tremulam
Entre os montes, os campos e as searas!
Que cena divinal! Se a luz da aurora
Peneira no ambiente o roxo pôlen
Que colora nos céus os arrebóis,
Ou do poente rúbido incendeia
As orlas das montanhas, no horizonte
Inflamados fantasmas desdobrando,
Que dilúvios de púrp'ra à terra entornam;
Ou na hora em que voa o bacorau,
E acende o pirilampo o círio, e cruza
Por entre tatibuias, e nos brejos
Sua luz movediça refletindo
Um triplo firmamento a vista fere!
Que sublimes painéis, que majestade,
Que místicos encantos não desdobram
Tuas obras, Senhor, a mente artística!
A tua onipotência assaz conculca
Os delírios do meu entusiasmo.
Com meus lábios beijando o pó da terra,
No teu altar, Senhor, fruo curvado
As torrentes de amor que te consagro.

X I I I.

Sorvei, meus olhos, sorve tu, minha alma,
Êstes raios de luz, êstes prodígios
Que a história e a natura dadivosas
Nest' hora de venturas me trasbordam.
Que horizonte meu Deus, que panorama?!
À destra alveja Santa Cruz que outrora
Os filhos de Anchieta e de Bragança
Mais de vez hospedou! — Progênie heróica —
Que a cruz e as lusas quinas transplantaram
Do Gólgota e do Tejo até a gruta
Onde erguera Camões co'a mente diva
Monumento imortal a si e à pátria.
Nessa bela mansão, régio domínio,
Se engorgita o Guandu d'ondas auríferas,
E as várzeas esmaltando expande ovante
Viço eterno na terra. Nos cerúleos
Sipários do horizonte avulta a serra
Que o berço de Amador à vista encobre,
Recinto colossal, que cinge as plagas
Aonde à voz de Pedro, no Ipiranga,
Um império surgiu! Um Deus foi quase!
Em frente o céu recorta majestoso

Êsse enorme gigante ressupino
Em turquino filô amortalhado.
Não mede a flecha do Índio um de seus membros,
Nem do caracará, nem do tucano
A abalada longínqua o corpo alcança!
Nos seus flancos eternos bruxuleia
Tiro meridional, augusto empório,
Cujo pôrto sondado tem mil vêzes
As âncoras e as quilhas do universo.
Salve, inveja do mundo, rei dos portos, ¹⁷
Asilo da bonança e paz dos mares;
Que viste em tuas águas refletir-se
Em fronte bragantinas — Só na América —
Dez régios diademas, régias fronte!
Em ti dormita em paz o palinuro
Desprezando o pampeiro, e do equinócio ¹⁸
O mortif'ro tufão que hórrido sulca
Entre as vagas milhões de sepulturas.

X I V.

Também daqui diviso a nobre rocha
O diurno farol do nauto ousado!
Oh tu primor de Deus, mole sublime
Que toucas de trovões, raios e nuvens
A tua alcantilada, alpestre cúpula;
Baliza tropical, meta luzente,
Trono de Capricórnio, a cujo mando
O eclíptico galope dos etontes
Pára e recua no celeste circo,
Vedando o dardejar além das raiais
As sarissas em pino, abrasadoras,
Nesse do sul Edén, onde o Guaíba
Co'os braços diamantinos acalenta
Magno berço de heróis, que temperaram
No sangue do inimigo invictos gládios!
Oh salve Pão d'Açúcar, salve, salve!
Tu és do alquebrado nauta o astro
Que as sirtes afugenta do naufrágio.
Tua vista refresca a calma intensa,
Aplaca a fome, dessedenta ¹⁹ a sêde;
Em teus pardos listões pende a esperança
Da saudade, do amor, e da amizade
As flores consolantes da existência.
Tu apontas nos tímpanos cansados
Do apito, vagalhões, ventos, balouços
Essa diva harmonia, som celeste,
Que desfere na proa a grossa amarra
Quando ao fundo do mar mergulha o ferro!

X V.

Neste ameno tapête de verdura,
Quer por centos de milhas se matiza
De niveos aposentos, além vejo
Dêsses undosos e azulados tanques
Bordar de Niterói a leda margem
As ridentes mansões que amor respiram.
Bóia no centro movediço bosque
De um mundo a outro mundo transplantado.
Brilha-lhe em vez da coma floriverde
Em vez de trepadeiras nas vergôntes
Altivos pavilhões, largas antenas
E o maçame intrincado, que retrata
Das rijas creciúmas o ínvio crivo.
Co'essas moles audaz traça pilôto
De um cabo a outro cabo aérea ponte,
De um pólo a outro pólo breve estrada;

Co'a bússola a sextante a Groenlândia
Do Cabo das Tormentas ²⁰ dista um passo.
Dos extremos da terra os homens falam-se,
Nesse bosque Albion ao mundo envia
Outro mundo que a indústria refundira.
Cravada de obeliscos colossais,
Que parecem do céu suster ²¹ a cúpula
Rompe os ares dos Órgãos ²² serra enorme!

O raio jamais feriu
Seus celestes coruchéus;
Seus profundos botaréus
Lambe o fogo dos volcões!

Ali, proscênio ingente, outrora um vate
A cena transplantou do Pélio e Ossa!
Ali titânea prole um novo assalto
À sidérea mansão insana ousando
De novo suplantara o braço elétrico
Do deus do paganismo, e sôbre as ondas
Ind'hoje de seus crânios bóiam restos
Nessas ilhas ridentes que povoam
De Niterói sem par o lago ameno.

XVI.

Cala-se a voz da história se olho em retro,
Mas surge da natura a voz potente,
Graves assentos, hinos portentosos
Por tôda a parte exalça, que revelam
O dedo divinal, que num segundo
Os astros granizou no infindo espaço,
E a órbita traçou das harmonias.
Prodígios de prodígios incessantes
A cada passo nascem, desaparecem! ²³
Em delírios a mente se enfraquece,
Curva-se o intellecto e se acobarda,
Como outrora no frígido Simplone
Antes que a voz d'Itália o despertasse!
Largos lustros errante, e incansável
Sobe e desce o tropeiro estas alturas,
Sertanejas cantigas modulando,
E no rancho do pouso o lote alija;
Coa-lhe os membros o pesado sono;
Saúda mil auroras e mil tardes
Sem jamais em sua alma esvoaçarem
Os êxtases divinos, os delírios
Que a natura nos vates a alma insufla!

XVII.

Nunca os olhos cansaram no exercício,
Nem de ouvir os ouvidos se fatigam!
No cíato do amor nossa alma abreva-se,
Mas a taça do amor renova a sêde;
Insondável seu bôjo avaro guarda
Das sensações as ondas variáveis,
Que no moto da vida multiplicam-se!
E p'ra que, doce amigo, afã tão grande?
A vida converter num sumidouro
Onde o pomposo préstito das artes,
O colossal registro das ciências, ²⁴
Os ridentes painéis d'almos prazeres,
Se submergem, jamais enchendo o âmbito!
Que fome insaciável! É nossa alma
Um Tântalo no lago do universo;
Abrasada co'a sêde da verdade,
Cada ponto que traça o circ'lo infindo

De tôda a criação, da mente diva,
Um mistério clausura; em cada ponto
Se um astro procuramos, vemos trevas,
Se o queremos tocar, êle recua!
Arqueja a intelligência de cansaço,
E nos d'alma delíquios só vagueiam
Essa luz que não vem lá do oriente,
Nem do seio da terra, nem dos astros,
Nem dos círios dos templos, mas que mostra
Do Senhor a grandeza, a imensidade.

XVIII.

Goza, contente goza, ilustre amigo,
Em teu modesto asilo essa ventura
Que o tredo ambicioso jamais goza.
As bagas de suor que a fronte adornam
São mais caras a Deus que láureas c'roas
Enastradas de prantos, de gemidos;
Suas fôlhas espectros acobertam,
E verdejam c'o sangue que as regara.
Os calos nossas mãos mais puras tornam,
Êles são da moral a unção sagrada,
Insígnias do labor, da independência;
As gemas mais brilhantes para os dedos
De um braço varonil, de um braço nobre.

*Fazenda de S. Pedro, na serra de Santa Ana, 30 de
janeiro de 1844.*

O CAÇADOR.

BRASILIANA DEDICADA AO ILM. SR. SANTIAGO
NUNES RIBEIRO. ²⁵

O sono da madrugada,
O sono querido e plácido
Desprezas, e a lança limpas
C'o odoroso pomo ácido. ²⁶
Qual será teu nobre intento,
Caçador, neste momento?

O ferro da tua lança
Já começa a abrilhantar-se;
E os astros que estão nos céus
Vêm todos nela mirar-se,
Tua lança, oh caçador,
Tem dos astros o esplendor.

P'ra que levas a espingarda,
Essa pontiaguda faca
De fina prata lavrada?
Ninguém o teu rancho ataca:
A quem vás tu combater?
Vás a pátria defender?

O canto do virabosta,
Núncio e precursor da aurora,
Inda os campos não inunda
De melodia sonora.
Ilumina a escuridão
O p'rilampo do sertão.

Teu cão mestiço ²⁷ que tem,
Que em roda das armas brinca,
É o cabo da tua lança,
Saltando, nos dentes trinca;
E depois emboca a faca
E em face a ti firme estaca?

Não relincha à tua porta ²⁸
 O teu ginete feroso.
 Nem as louras botas calças
 Que te fazem majestoso.
 Descalço tu não receias
 Que a cobra te pique as veias.

Já começa a soluçar
 A luz do teu candieiro,
 Já não brilham, não coruscam
 Os raios do teu isqueiro.
 Sôbre a ponta do Tinguá
 Eis rouxeia a aurora já,

Eis-te na estreita picada,
 Na escuridão embrenhado,
 Subindo e descendo sempre
 Com teu ar ligeiro, ousado.
 Da cobra o teu pé incauto
 Avisa o mestiço arauto.

Batendo a estrada o teu cão
 Cava o chão, dá voltas mil,
 Da caça procura o rasto
 Com o seu faro sutil.
 Que sentido, que finura,
 Que prodígio da natura. ²⁹

Já pisas na verde roça,
 Que doura o saudável milho,
 Já tua alma se enamora,
 E da safra aplaude o brilho.
 Caçador, ³⁰ teu cão latiu,
 E do caminho fugiu!

Segue, segue caçador, ³⁰
 Segue nesse labirinto,
 O teu cão trilha uma paca
 Que pastou neste recinto.
 Ei-lo trilha sobranceiro,
 Acuando num madeiro.

Nesse tronco perfurado ³¹
 Tem a paca a toca e ninho,
 Caçador tapa as janelas
 E deixa-lhe um só caminho.
 Acua mestiço, acua,
 Que a paca já ronca e sua!

Eis que dum salto medonho,
 Roncando a paca de medo,
 Se precipita no rio
 C'o fracasso dum rochedo.
 As águas se suspenderam,
 E os altos troncos lamberam!

Mergulha no fundo a fera,
 E qual Martim-pescador,
 Dum passo no rio cai
 E co'a lança o caçador,
 Que leva na ponta a morte,
 Dá na paca o mortal corte.

À vista dêste combate,
 As aves cheias d'espanto
 Na garganta represaram
 O seu mavioso canto.
 Só metálica araponga
 Fugindo o seu grito alonga.

Late o mestiço em delírio
 Vendo a paca em terra exangue,
 E lambe a ferida funda
 Que distila banha e sangue.
 Torce a roupa o caçador,
 Que goteja água e suor.

"A mesa do rei é rica,
 "É rica a do grão senhor,
 "Mas elas não têm a caça
 "Da mesa do caçador.
 Contente, à casa voltando,
 Destarte ³² êle ia cantando.

"A mesa do fazendeiro
 "Tem toalhas de valor,
 "Mas nem sempre tem a caça
 "Da mesa do caçador.
 Contente à casa chegou,
 E ao descanso se entregou.

Fazenda de S. Ana, 1844.

BRASILIANA.

Ao FAUSTÍSSIMO CONSÓRCIO DA SERENÍSSIMA PRINCESA IMPERIAL A SENHORA D. JANUÁRIA COM SUA ALTEZA REAL o SENHOR D. LUÍS DE BOURBON, CONDE D'ÁQUILA. ³³

Vergin di servo encomio
 E di codardo oltraggio
 Sorge or commosso al subito
 Sparir d'un tanto raggio,
 E scioglie all'urna un canticco
 Che forse non morrà.

MANZONI

Com lágrimas de fogo a face adusta
 Graniza infernal monstro, em fúria ardendo;
 E com sangrentos lábios
 As cadeias remorde estrebuchando.
 Gemem nos antros infernais trombetas,
 Gruda nos punhos fraticida alfange
 A hidrófoba anarquia;
 Serpes de fogo pelo ar bofando,
 Insana, no danado arranco intenta,
 Os eixos perturbar onde a concórdia
 A órbita descreve em áureas zonas.

O anjo do Brasil librando as asas
 Nos páramos sidéreos
 Do sol desprende um raio que de chôfre ³⁴
 O covil desmorona, — e despedaça
 As tábuas infernais, nefando código,
 Onde a garra satânica arranhara
 Em tortos caracteres
 Fado sinistro ao brasileiro império.
 — Guanabara vitória!
 A Brasília Donzela,
 A estrêla radiante de teus olhos,
 As galas nupciais com pompa veste;
 Na fronte virginal gemas cintilam,
 Seu régio vulto majestade expande, ³⁵
 Seus pés, cujas pegadas são virtudes,
 Os degraus do altar, mimosos tocam,
 Vertem-lhe os círios odoroso lume
 De celeste fragrância.

Com Deus no coração, com Deus na mente,
 Dos lábios virginais adejam, cândidos,
 Ascéticos perfumes, que alheados
 Aos das aras turícremas, sagradas,
 Um hino misterioso cadenceiam,
 Tão grato como as dúlias dos arcanjos,
 Àquele cujas vistas, cuja destra,
 Penetram no infinito, e o espaço medem;
 A seu lado, Garboso, Augusto Príncipe,
 De S. Luís bisneto, aguarda ovante
 A conquista celeste de um tesouro,
 Que invejara dos reis tôda a ambição.

Dá-me, pátria, um sacrário onde clausure
 Com chave diamantina
 Este dia de glória;
 Antes que o manto tenebroso, eterno,
 Do involuntário olvido
 No sepulcro me abafe os sons da lira,
 Antes que horrível bóreas
 Desfechado dos antros do silêncio
 Derroque a cúp'la d'ouro
 De minha gratidão, e extinga a flama
 Que a meu ser aviventa entre os mais sêres.

Dá-me pátria um sacrário onde clausure
 O padrão que um arcanjo burilara
 Neste dia brasílio;
 E dá-lhe a duração da eternidade:
 Fulgurem-lhe quais círios sacrossantos
 Os astros sempiternos,
 Qual turíb'lo de amor aromas soltem,
 Os peitos brasileiros,
 E pendam de seus lábios
 Hinos fagueiros, preces venturosas.

Crescei, augustas plantas d'áureo tronco,
 Portentosas raízes profundando,
 Iguais aos gigantescos nobres rios
 Que abraçam dêste império o áureo solo:
 Dêste império que aguarda no futuro
 A palma conquistar, colhêr os louros
 Que ora a Gália e Britânia ovantes colhem.

Com tripúdio infernal o ceticismo
 Se mergulha no caos vociferando!
 Voa nos ares calcinada em cinzas
 A oriflama sangrenta
 Que plantara nos Andes braço apóstata;
 Que as águas sonoras, diamantinas,
 Do Prata, do Amazonas, do Guaíba
 Com ferro fratricida tem toldado.
 Crescei augusta planta d'áureo tronco
 No solo americano;
 Que o néctar de teus frutos prelibamos
 Delirantes voando em plaustrs d'ouro
 À meta das grandezas.

Avulta à sombra augusta ao régio amparo
 Do manto bragantino dêsse príncipe,
 Portento de prudência e de candura,
 Paládio brasileiro, ³⁶
 Sagrado baluarte onde resvalam
 As ondas da ambição, onde se embotam
 Os gládios da anarquia,
 E que do alto do trono a destra estende
 A um porvir grandioso, a um séc'lo d'ouro.

Mente de semideus, fitando o mundo,
 O destino dos povos num relâmpago,
 Como um gigante imenso sôbre o globo
 O imortal genitor passou marcando
 Esteira luminosa que acoberta
 Dous povos em dous mundos!
 Na chama de seu gênio acrisolada
 A Fênix das nações regenerou-se!
 C'um brado no Ipiranga, outro no Douro
 Do pó do aviltamento ergue dous mundos,
 E no peito do grifo bragantino
 Quinto Império escreveu! Basta de glória!
 Para a história imortal cabal renome
 Perante a humanidade ovante ³⁷ herdaste!
 E que dote, Princesa, mais sùblime?

Pupila do Brasil, eis teu morgado,
 Firmado no heroísmo, e para o espôso
 As maternas virtudes dessa deusa,
 Que em meu peito gravou saudade eterna,
 E eterna aos Brasileiros.
 Tua estirpe, sem par, domina e rege
 O globo retalhado
 Pelas águas e terras, climas, línguas!
 Paternos louros, glória perdurável
 O berço te embalaram grandiosos.
 Pupila do Brasil, colhe hoje um prêmio,
 Que em vesúvios de amor donoso brota
 No peito augusto, na ilustrada mente
 Do filho de Parténope divina.

Abunda-te a virtude, como um Deus
 A bondade infinita sup'rabunda!
 Nos anais de meu peito, nos da mente
 Máxima gratidão em áurea página
 Comigo descerá na sepultura.
 Ah! não ouse lembrar, não se entrelace
 No mimoso festão que me orna a lira
 Neste dia de júbilo, d'encantos,
 O fúnebre cipreste.

Isento da catástrofe
 Meus braços mil delícias derramaram
 À Madre, à Espôsa, à filha,
 E colheram de amor doces torrentes.
 O cego que recobra a luz da vista,
 O náufrago que abraça o filho a salvo,
 E o senho aterrador do mar contempla,
 De cima dum penhasco, e enverga ainda
 O quebrado baixel coalhando as ondas,
 O espôso que vê surgir das ruínas
 Depois de um terremoto a terna espôsa
 Ou aquêlc a que raio as vestes queima
 Só podem descrever essa alegria
 Que assoma em turbilhões no peito humano,
 Enquanto um eco interno não desperta ³⁸
 O quadro lutuoso do passado!

Oh tu, Princesa augusta,
 Das filhas do Brasil a mais querida!
 Permite ao grato vate que transforme
 A lágrima piedosa, que em teu rosto
 Deslizando estampou tua bondade,
 Em nobre monumento erguido às artes. ³⁹
 Oh musa epitalâmica, ⁴⁰
 Colhe as flores do Edén,
 Sublima-te no vôo ardente e puro;
 Eleva a tua frente,

Ladeada da fé e da esperança,
Entoando mil hinos de ventura
Por Luís, Januária,
Alegre vai beijar do Onipotente
O pé, que ao firmamento o moto impele.

À SENTIDÍSSIMA MORTE DO SENHOR MAJOR
CARLOS MIGUEL DE LIMA.

EPICÉDIO OFERECIDO A SEU SAUDOSO IRMÃO, o EXM.^o
SR. MARECHAL DE CAMPO E SENADOR DO IMPÉRIO
CONDE DE CAXIAS. 41

No vôo da esperança sonhadora,
Nas ridentes visões da juventude,
No meio do espetáculo mais pomposo
Que o amor germinara e prometia
Bela natura, vigorosa, esplêndida,
E um peito magnânimo
Que encerrava as virtudes do heroísmo,
Um pano mortuário
Se ergue dos túm'los e afugenta as cenas
Onde ledos sorrisos se embalavam,
E em hórrido esqueleto transfigura
Aquêlê que nascera para ornato
Da nossa juventude e seu orgulho!

Nunca mais te verei, honrado Carlos;
Nunca mais tua face radiante
Brilhará, como um astro, entre os guerreiros.
Cem vêzes afrontaste com denôdo
A morte em cem maneiras disfarçada!
Venceste-a no talhar marouços hórridos,
E nessas regiões de neve e trevas;
Sôbre o dorso pujante de corcéis, 42
Sôbre a crista hibernal de alpestres serras,
Nas fauces das crateras dos volcões,
E nesses turbilhões de estrondo e morte
Onde duendes tétricos sibilam
Granizo de pelouros e a êsmo talam
Centos de bravos que lastima a pátria.
Cem vêzes triunfaste como herói,
Co'essa fronte serena, bela, amável,
Com essa galhardia que igualava
Aos heróis que voavam, conquistando,
À voz do Corso, no Tabor, nos Alpes.
Cem vêzes triunfaste como herói,
P'ra no leito da paz, inopinado,
Morreres como morre um homem fraco!

A traira do teu gênio parecia
Medir no vôo augusto o céu da glória;
Ceifar na pugna a campeões ousados,
Arrancar estandartes encravados
Entre mil baionetas, e tranqüilo
Aos pés do teu Sob'rano ir ofertá-los!
Sonhei ver-te marchar entre mil hinos,
E os marcos dêste império transplantares
Nas margens que a natura lhe traçara!
Sonhei ouvir teu nome glorioso
De lábio em lábio percorrendo ufano,
Como de teu irmão percorre o nome!
Mas agra sorte derramou seu tóxico
Neste alegre delírio; e n'áurea página
Da falaz epopéia do meu peito

As lágrimas da dor correndo, súbito,
Tudo desvaneceram para sempre!
Sombrio nevoeiro, côr da noite,
De meus olhos roubou teu porte augusto,
Teu porvir gigantesco, e em vez de louros
Triste cipreste se balança e geme
Sôbre a gleba insensível que acoberta
O teu corpo gentil, êsse tesouro
Que tão breve encerrou de um Anjo a imagem.

A Providência quis que do teu astro
A órbita incompleta se apagasse
Nesse berço de bravos e de heróis!
Que teus dias tão curtos, tão saudosos,
Se submergissem nesse solo ovante,
Nessa terra invencível, de altos fastos,
E p'ra mais avultar-te a jovem glória
Tuas cinzas mesclou na mesma terra
Onde dormem Abreus, Marques e Câmaras,
Onde os Cantos, Manecos e Bandeiras,
Os Barretos, Medeiros e Fontouras
Co'ô insuperável gládio ao mundo deram
Mais de vez rude prova da ousadia
Do braço brasileiro nos combates.

Dessas raças tu eras, brio avito
Em teus formosos membros circulava;
Em teus olhos um fogo sacrossanto
O valor lampejava, e no teu peito
A cândida modéstia, a bizarria
Brilhavam como brilha um sol sem nuvens.
Tão belo que tu eras, meu amigo,
Meu doce amigo Carlos, e tão moço,
Talhado como Deus talha um herói!
Qual esbelta uricana em virgem mata,
Que a plumagem floreira, e nardo entorna
Ao zéfiro fagueiro que a balança;
Assim tu avultavas..... fouce bárbara
O teu tronco gentil rompeu de um golpe!

Da tua vida a estábil auriflama
No mundo resplendeu só a virtude;
Corações conquistou, palmas, troféus
De sincera amizade, amor sagrado.
Tu eras o ideal da mocidade,
O paradigma icônico, o protótipo,
Do amor filial, do laço mútuo
Que as almas prende no materno seio.
Teu braço que era um raio na peleja,
Como fagueiro lírio se curvava
Ameigando o infeliz, caritativo;
Nas chagas da indigência, do infortúnio,
Tua mão generosa, hospitaleira,
Mais de vez entornou saudável bálsamo.
Nunca em teus lábios deslizaram gabos,
Nunca a vaidade te fruiu no peito,
Nem a altiva soberba o pé te ergueu,
Ó filho de um Regente, irmão de heróis,
Para um homem pisar, para abatê-lo!
Serenos, sempre iguais, lhano, risonho
Entornavas no seio dos amigos
Celeste fluido, piedoso encanto.

Quantas vêzes sonhando alegre ensejo,
Meus braços preparei para abraçar-te
Prelibando saudosos pensamentos!
Quantas vêzes sonhando esperançoso
Em plena luz, no centro dos humanos,

Do borborinho sórdido do mundo,
Aguardava êsse dia venturoso
De a meu lado te ver, e reavivarmos
Os áureos quadros de um passado grato,
As emoções sagradas, quando errantes,
Em soberbos empórios, em cidades,
Mil venturas colhemos delirantes
A par de um gênio, do fiel amigo,
Que junta a sua voz ao côro lúgubre
Que te chora, meu Carlos, que saudoso
Sempre e sempre será, enquanto errarmos
Neste ergástulo escuro, neste exílio!

A vida é férrea cadeia
Que doura um brilho ilusório;
Quem mais vive, mais padece,
Tudo nela é transitório.

A vida é uma voragem
Que, às mil, ilusões devora,
E em cujas margens florescem ⁴³
Ilusões de hora em hora.

É a vida estrêla anômala,
Que tem falso brilhantismo,
Que erra constantemente
Sôbre as fauces de um abismo.

É a morte um oceano
No furor de tempestade,
Onde naufraga e se some
Noite e dia a humanidade.

A morte é a sação real
Que amadura tôda a idade,
Um triunfo sôbre a terra,
A chave da eternidade.

Os degraus da escada santa
Que nos guia ao paraíso,
Um repouso eterno e plácido,
Além do extremo juízo.

O homem virtuoso nada teme;
Que os juízos de Deus são infalíveis,
O seu ôlho esclarece o caos e as trevas,
As montanhas aplanas, e à flor suspende
C'um *fiat* os profundos precipícios
Que forram do oceano o leito escuro.
De seus lábios celestes, como eflúvios
Voam mil astros recamando o espaço;
Êle rege a missão do escaravelho,
O sono da serpente, e guia os passos
Do leão e do homem; um só átomo
Não se move e se agrega sem seu mando,
E do nosso incansável pensamento
Êle arquiva a volúvel romaria
Com eterna memória, em arca eterna.
Eras jovem p'ra nós, meu doce Carlos,
Mas Deus tua velhice, tua morte,
Havia decretado, libertando
Essa alma pura do terreno estádio,
Desta arena em que as armas mais sensíveis
Em diurnos combates se definham.

Pena de ti não tenho, estás no céu.
Percorreste da terra um grande espaço,
Viste as obras de Deus, viste as dos homens,
Assaz sofreste na tão curta mora,
Assaz penaste no cruel exício;
Deus te purificou mesmo na terra!

Mas quem minha saudade dolorosa
Poderá consolar; quem êste vácuo
No trono do meu peito, onde eras círio,
Poderá preencher? Amor de filhos,
De espôsa, mãe, doméstico sacrário,
De outras vestes se adornam no meu peito;
Tu não eras meu sangue, sim minha alma;
Eterno parentesco o céu enlaça
Entre as almas na terra, e meigo forma
Êsses vínculos sacros, perduráveis
Da mútua, da gratíssima amizade.

O amor é a luz de uma facho, que outros fachos
Igualmente incendeia, a vida o nutre,
E após penada vida a morte o extingue;
Eu sempre te amarei, querido Carlos,
Assaz no peito meu gravado estavas
Para eterna memória consagrar-te.

Tu não morreste sôbre o márcio campo,
Nem do imigo cruel a mão mortífera
No teu corpo gentil abriu as fendas
Por onde do guerreiro a alma se escapa
Envolvida de sangue: um braço impuro
Teu corpo não lançou em pasto aos corvos!
Como cristão morreste em berço amigo,
Teus últimos suspiros recolheram
Um sábio, um gênio, e o fraterno herói!

Quantas batalhas e lauréis tu deras,
Nobre Conde, se acaso tu pudesses
A vida conquistar do nosso Carlos?!
Contra o braço da morte, disfarçada
Em volcânica febre, mil exércitos
Em vão pelejariam dia e noite:
É surda a tua voz, teu braço imbele,
Sôbre o leito da morte; nem teu mando,
Nem o gênio do Corso poderiam
Transformar um sudário em estandarte!
Nos conflitos da vida só combate
Os estragos da morte um frio sábio;
Êsse novo guerreiro que se abraça
Ante o leito co'a peste, c'os flagelos,
Que não pode fugir, que a vida oscila
Entre a esperança e o contágio horrível;
Que um pé na sepultura, outro no mundo,
Com Deus no coração, amor no peito,
A palma do martírio em vez de louro
Se apraz em receber! oh! que heroísmo!!

Quem diria que um fúnebre cipreste
Viria inda outra vez em tua frente
A par dos louros confundir seus ramos!
E os arcos triunfais da tua glória
Cobrirem-se de dó pelo teu Carlos!
Pelo Carlos brasílio, ⁴⁴ o bravo, o belo,
O amigo sensível?! Ah! meu Conde!
Na harpa vitoriosa, em vez de um hino,

Grave nênia se entoa; a corda d'ouro
Que vibrava a harmonia da esperança
Um dedo de esqueleto arreventou-a,
E a melódica nota esvoaçando
Foi no céu se ocultar, donde descera.
Tu perdeste um irmão, a pátria um bravo,
E eu perdi um amigo, um bom amigo;
Choremos ambos com saudade eterna.

Rio de Janeiro, 18 de Fevereiro de 1846.

EPIGRAMAS. 45

Os camelos já não andam
Por desertos descampados,
No Brasil dançam, namoram,
Vivem nos salões dourados.

Dizem, Fábio, que o teu bôlso, ⁴⁶
Anda muito engorgitado?
— Por isso tantos fidalgos
Nestes dias me hão saudado!

O Barão de Bacuri
Encontrou no seu brasão
Desarmado de unha e língua
Um negríssimo leão!
Disse à espôsa: Isto é comigo,
Quanto à língua, que não falo;
Quanto às unhas, é lisonja
Do Rei d'Armas, e eu me calo.

NUM ALBUM. 47

Ah! não penses que o peito do vate
É cratera de eterno volcão,
Que essas horas da vida são flores
Que não pendem, não morrem no chão.

Ah! não penses que o lume em seus olhos
É planeta de eterno brilhar,
Que em uns olhos não pode uma lágrima
Vir o brilho celeste empanar.

Ah! não penses que a eterna harmonia
Que a uns lábios formosa baixou,
Será sempre suave, divina,
Como aquela que em Deus se criou.

Semideus, entre a terra e os céus,
Duplo fado lhe deve tocar:
Um sorriso no amor, na esperança,
Desenganos por onde passar.

O PAPAGAIO DO ORINOCO. 48

Nas cavernas formadas pelos rochedos, que fazem as cataratas dos Atures e Maipures, no grande rio Orinoco, encontrou o célebre barão d'Humboldt ⁴⁹ grande quantidade de esqueletos pintados de urucu e depositados em cêstos, que pelo seu

aspecto poder-se-ia reputar jazerem ali há mais de um século.

Segundo as tradições locais, o barão considerou aquelas ossadas, como pertencentes a uma tribo inteiramente extinta pela guerra de extermínio.

Em Maipures existia um Papagaio, que proferia palavras desconhecidas, e cantigas, que ninguém compreendia; e diziam os índios do lugar, que aquela ave falava a língua dos Atures, cuja tribo tinha desaparecido, sem deixar um só parente.

Entre as aves de vida secular, como a águia e os corvos, os naturalistas compreendem também os papagaios, e dêstes apontam alguns fatos de grande duração. Sôbre êste assunto tão novo e tão americano, o de conservar-se uma língua perdida por meio de uma ave, o professor Ernesto Curtius, fez uma poesia, que ouvi ler pelo Sr. Dr. Capanema, e da qual intentei dar uma fraca idéia. Não é uma tradução, é uma paráfrase, que aqui ofereço, mais com ânimo de despertar alguns dos nossos talentos a verter do original esta bela inspiração, do que com o fim de mostrá-la com tôda a pompa das idéias do autor. A língua do Caldas e do Magalhães pode copiar com tôda a louçania, grandeza e fôrça, as imagens da língua de Wieland e Goethe.

Nos sertões do Orinoco, solitário,
Em tronco anoso um papagaio pousa:
O sáxeo bico, as descoradas penas,
O frio aspecto, a posição tristonha,
Talhada imagem na escalvada pedra
Ali semelha, ⁵⁰ tão antigo é êle.

Por entre os diques da fendida penha,
Em franjas de cristal, em catadupas,
Se atira a onda, refervendo a espuma,
Trovejando, mil ecos concutindo.
Qual supino trovão; pendente, inflexa,
Por favônios odores embalada,
A palma ondeia o morrião virente,
Sorrindo ao lume zenital, que a doura.

Em vão se arroja à penedia a onda,
Nunca a pode vingar, menos vencê-la;
Prêsa ao imo da terra inabalável
Do esforço zomba, coroadada sempre
Dos eflúvios, que em nuvens se condensam:
Seu fado lê nas eriçadas ⁵¹ fachas,
Que o tórrido planeta aí descreve.

Num escuro recanto, amplo, cavado,
Que a onda beija e não escala a entrada,
Em noute eterna, desterrada, imóvel
Ali repousa geração extinta.
O garfo extremo da finada prole,
Que piedoso guardara a estirpe amada,
Não em cêsto de junco, lá repousa
Junto ao chão alvejando a óssea imagem.

Como livres viveram se finaram
Os Atures heróicos, sem que a flecha
Do inimigo os curvasse ao cativo.
Entre os juncos da margem marulhosa
Seu leito acharam; na mudez do antro
A natura ofertou-lhes columbário.

Ali não vai sentar-se o viajante
Eversor e profano! Ali não entra
O índio caçador; durante o dia
A estrige os guarda e o vampiro esqualido,
Inimigos do sol, da terra e flores.

Testemunha ⁵² de um longo morticínio,
De renhidas batalhas, de vinganças,
Envolto em luto, dos Atures chora
Amigo papagaio. O bico afia
De hora em hora sôbre a pedra lisa,
E o ar inunda com seu canto e falas.

Tudo quanto vivente o circundara
Em era extinta, secular, finou-se!
Os meninos que a língua lhe ensinaram,
Os jovens, que o nutriram, as matronas,
Que seu ninho teceram, as donzelas,
Que mil beijos lhe deram, mil carícias,
Os guerreiros, que em tórno ao lar fumante
O ouviram gritar o guai ⁵³ medonho,
E escutaram risonhos seus cantares,
Todos jazem na gruta, ou dispersados
Na selva imiga, branqueando os ossos,
Sem poder despertar aos seus reclamos.

Em vão às turmas brada, em vão envida
A infância aos jogos, à harmonia os jovens,
À guerra os fortes, ao prazer a todos,
Estranho é tudo o que rodeia essa ave.
O pajé já não fuma, não evoca
O passado e o futuro; a relva anosa,
A torrente, que brama, não a escutam!
Da voz humana, da perdida língua,
Solitária, só ela a guarda e exerce:
Só Deus a entende, Deus sômente agora.
O índio que a descobre, horripilado
Foge e nem bebe a cristalina onda!
Seu pé, qual flecha, que a devesa e ares
Veloz percorre, galga a estância oposta;
E em sangue d'ave, que renova o ânimo,
Afouto busca deslembrar essa ave,
Ungindo a fronte e coração, que anseia.
Mal lhe ouve o canto, volta a face e foge
Como a espectro sinistro: é crença dêle,
Que essa ave encerra o miserando espírito
Do último Atur, e que essas vozes,
Êsse canto, êsses ais incompreensíveis,
Té do sábio pajé não percebidos,
São agouros ultrizes e aziagos,
Maldições do sepulcro à raça humana.

O barão d'Humboldt estando ali, lastimava-se da ausência de seu irmão, que pertence à família de Court de Gibelin, dos arqueólogos, que restauraram as línguas perdidas. Seria um trabalho novo e inteiramente especial o da ressurreição de uma língua morta, guardada por uma ave, e que não deixou vestígio algum na pedra ou no papiro.

Aludindo a êste fato, escrevi aquêles versos, que se acham num fragmento de Colombo, quando êle em sonhos vê bosques desconhecidos e homens escravos, trajados como os primitivos povos da Europa, a que dei tôda a similitude americana; tanto é certo, que o homem

começa sempre pela mesma forma, por não poder fugir das leis absolutas do pensamento. São êstes os versos:

“À humana estirpe
“Será segrêdo eterno essa linguagem
“Que só fôra da tribo d'esqueletos
“Sentada na caverna.....”

E os que se seguem:

“Junto à gleba gelada, onde não medra
“A palma d'ouro, se equilibram aves,
“Que à terra descem, que a serpente elevam
“À etérea plaga nas possantes garras,
“E o ninho cavam nas perdidas ruínas
“De um povo, que já foi, e cuja língua
“Só ave secular fala nas campas.
“Ao dialeto da morte,”.....

Conheço a minha fraqueza; mas sobeja-me a fé, de que um dia, quando melhor soubermos das nossas cousas, faremos poesias muito bonitas e genuinamente americanas. Um mundo novo pede uma nova poesia. E' triste o estado dos poetas, nossos vizinhos da América Setentrional, mesmo os do México, que versejam como se estivessem na Europa, como representantes de Lamartine e Victor Hugo. A liberdade, de que êles tanto se ufanam, não é real, porque existiria no pensamento: o poeta egoísta é imitador, é escravo, e não merece êsse nome, se não fala com a pátria à humanidade.

CANTO INAUGURAL. ⁵⁴

Um hino à pátria! A gratidão aos lábios
Minha alma eleva, e no sagrado impulso,
Sôbre as asas do amor ufana adeja,
Transcursa o mar e em Guanabara pouosa.
Ao respiro vernal da pátria edénea,
Erguida a fronte, já não sinto o bóreas
Do deserto polar gelar-me a vida;
Nem triste e envôlta no sudário algente
Aqui mostrar-se a natureza morta
Entre mádidas névoas, negrejando
O despido esqueleto. Aromas sinto!
E o lume tropical, que almo difunde
Celeste enlêvo, a minha mente aquece.

Peanha glacial, já te não piso;
Ao brasílio concento agora unido,
Saúdo a imagem do imortal Arauto
Que em dous mundos firmara a liberdade.

Quem mais fêz do que êle?! O vasto oceano
Do ligúrio e do luso avassalado,
Que as orlas beija de fronteiras plagas,
Inda reboa do seu feito a glória!

A palma do Ipiranga que passava,
Qual celeste cometa, à foz do Tejo,
Inda verdeja na afanosa terra,
E espana ovante do passado as larvas!

O mundo viu, (senhoreando azares!)
 Descer do trono às marciais fileiras
 O soldado ostensor da liberdade,
 Cujo vulto nos céus ora se estampa,
 E no espaço dos tempos se deifica.
 O mundo o viu, e o contemplou pasmado,
 Quando, fator do americano império,
 Sólios erguia, libertava povos,
 Tirava à frente o diadema avito,
 Despia espante a púrpura brasília,
 E co'a espada na mão sulcava os mares,
 Unindo ao seio paternal a virgem,
 Que êle mesmo c'roara, entronizando-a
 No chão antigo, que outro sol anima.
 E nós o vimos, ao descer do trono,
 Feitura sua, respeitar o filho
 E a lei que dera, quando em noite irada
 Cedia o império à fôrça do destino
 Que o chamava além-mar a novas lides.

Grande no trono e no despêgo insólito!

Transvôo do Kremlim ao ignífero Calpe,
 Do Tamisa ao Danúbio, e dêste às orlas 55
 Onde a mole titânea afronta as nuvens,
 Onde a múmia doirada aos evos fala;
 Onde o epônimo arconte marca os anos,
 Onde à frente de Cícero a de Verres
 Nivelara o algoz no foro ingrato;
 E iguais feitos não vejo! Oh! onde o mármore,
 Fronteiro à aurora do porvir contínuo,
 Que ao homem fale com igual grandeza?
 Eu, que de perto o vi, dizer não temo,
 (Porque o vi no altar colhendo incensos,
 E na lajem vulgar curtindo insídias):
 "Aos lampejos da ira, nunca o gládio
 "De Alexandre em seus olhos refletiu-se;
 "Nem dolo ultrice lhe estuou no peito:
 "Tinha nos lábios os transuntos d'alma."
 Foi homem; mas do homem nada resta
 Ante a imagem do herói da liberdade.
 No sugesto da morte a razão fala,
 Da poeira da terra a idéia extrema,
 Pondera a vida, qual Pirômis sacro,
 E o aresto eterno ao tempo entrega.

No báratro do olvido se confunda
 A lira profanada, que laureia
 A frente do carrasco, ou que polui
 A palma virginal na destra impura
 Da manceba infiel; afronta eterna
 Ao sacrílego vate que se inquina
 No invólucro sonoro da mentira.
 Por mim rasgada a túnica dos séculos,
 Fale ao sol da verdade o tempo austero.

Montanha artefatada pelo engenho,
 De bronze e pedra Panteão das Artes,
 O' Louvre, asilo da grandeza e glória,
 Onde estão teus anais? Trono e gemônia,
 No alternado destino em que vacilas,
 Hão sido as régias do teu nobre assento!
 Em vão à luz da história as campas alço
 E revoco teus reis? Qual em teus foros,
 Que o bronze immortaliza, excede a êste?

Nem tu, Escurial, sacra aliança
 Do altar e trono, em teu orgulho antigo
 Ao mundo mostras, nos eventos vários,
 Iguais virtudes às do herói brasílio?

Nas cúp'las a que neve cobre o esmalte,
 De auroras boreais só encendidas,
 Vejo um Pedro pairar, tintas as vestes
 De lume e sangue. Grandioso misto!
 Jano de inconhas faces, que rutilam
 A auréola criadora, o sevo raio.
 Grande seria, se do sólio altivo
 No granito do Neva espedaçasse
 As cadeias do servo qual seu neto.

Em ti, grande Tamisa, que concentras
 As gemas e os pendões da terra inteira,
 Só vejo um povo consagrando as plagas
 A quem a paz da liberdade almeja.
 Em ti prófugos reis, proscritos príncipes,
 Asilo encontram ao ruir dos tronos;
 E os tribunos repousam foragidos
 Junto ao tirano embriagado em sangue!

Vejo espadas pendentes, recruzadas,
 Loiros surgindo de sangrentos campos;
 Disfarçada a ambição por modos vários
 Atar ao jugo gerações vencidas,
 Amimar o leão que a jaula abala,
 E dos olhos fulmina atroz vindita;
 Vejo c'roas e cetros, vejo tronos
 De vário lustre matizados; vejo
 Grandes filhos de reis; mas em dous mundos
 Firmando as plantas, qual colosso ignoto,
 Outro não vejo equiparado a êste!

Legislou; e nas aras da justiça
 A igualdade exarou-se; em seus rescritos
 Deu foro ao gênio, nivelando os berços;
 A virtude exaltou; ao pensamento
 Deu livre adejo às regiões da crença.
 E destarte exornando o cetro avito,
 Novo Messias redimiu 56 seus povos.

No ocaso dos tempos, retrospecto,
 Vejo Sesóstris, Fredegundas ímpias,
 Braços armados pelejando o mando,
 Frontes erguidas disputando c'roas,
 Mas não vejo, oh! prodígio, um rei depô-las
 Por amor da concórdia entre seus povos;

Nem, ao trajar do peregrino as vestes,
 Unindo aos flancos paternais os filhos,
 Dizer ao mundo: — Libertei dous povos.
 E Lísia viu na brasileira virgem,
 Vestal da lei que a liberdade assela,
 De rainha e de espôsa as sãs virtudes!
 E o Janeiro inda vê, preclaro exemplo
 De piedade e de amor, no filho augusto,
 A ciência enlaçada à majestade;
 E saber, por favor do céu que o ama,
 Reinam nos corações! Glória bem rara!

Curvai-vos, Brasileiros, ante a imagem
 Da tríada imortal que o bronze anima:
 Rei, cidadão, soldado! Ali o vêdes!
 O rei que aniquilara a prepotência,
 Tornando o cetro em paternal cajado;
 O grande cidadão, firme atalaia

Da justiça e da lei que êle outorgara;
O soldado, que expôs a vida, e avante
Combateu por amor da liberdade!
Ah! não dirão que foste ingrata, ó pátria,
Pois que eterno lhe ergueste um monumento.

Curvai-vos, Brasileiros, resumindo
Num só brado o herói e o grande feito:
PEDRO PRIMEIRO — INDEPENDÊNCIA
[OU MORTE!]

Berlim, 10 de Janeiro de 1862.

AO DIA SETE DE SETEMBRO DE 1873.

Ao Dia Sete de Setembro de 1873. Saudosa
Oblação Recitada na Legação Brasileira e offe-
recida ao Exm^o Senhor Barão de Porto Seguro,
Enviado Extraordinario e Ministro Plenipoten-
ciario de S. M. o Imperador do Brasil, e Vice
Presidente da Commissão Brasileira na Exposição
Universal de Vienna por Manoel de Araujo Por-
to-Alegre, Secretario da mesma Commissão.
Vienna. Imperial e Real Typographia. 1873.

Que júbilo de amor, de santo enlêvo,
Neste dia augustal saudar a Pátria;
Repasados de fé mandar nossa alma
Sôbre o místico adejo da saudade
Ao berço em que vagimos, ao Elísio
Onde folgamos junto ao scio amado
De nossas boas mães, onde colhemos
Beijos vitais, amplexos de ternura,
E êsse amor, que endeôsa ⁵⁷ a Brasileira.

Eu que servo nasci na idade inculta,
Quando a planta real pisado o solo
Do imaturo Brasil inda não tinha;
Que na ardente puerícia ouvi o brado
Do Príncipe expandir-se como o lume
Da sacra redenção; que vi a marcha
De briosas falanges ao combate,
Tendo no braço da agressão a espada
E no que escuda o coração, fulgindo
Esta divisa: *Independência ou Morte!*
Quanto não devo ao memorar tal dia,
Abrasar-me de afeto e de saudades.

Fundindo os corações num voto acorde,
Que ventura não é hoje reunidos
Neste piso, que é pátria, asilo, e guarda,
Igualmente saudar o berço augusto
Em que as auras vitais frui a Virgem,
Que unida a Pedro, o lidador, nos dera
Aditando o Brasil, Pedro Segundo.

Salve! Filha da Panônia!
Eu te vi co'o Espôso ovante
Quando o Brasil radiante
Bradou: Já não sou colônia!
E rompeu com heroísmo
O cetro do despotismo.

Quando o filho do sertão
Acorreu ao litoral;
E a Assembléia em Portugal
Nos votava à escravidão:
E nós lhe dissemos: ⁵⁸ Basta;
Não és irmã, és madraستا!

Vem, minha musa esquecida,
Dá-me a lira abandonada,
Remoça est'alma quebrada,
Alenta-me o estro, a vida,
Que eu não piso um solo hostil
Ao Império do Brasil.

Piso a terra da ciência,
A que a voz nossa acolheu,
Que prima reconheceu
O verbo da Independência,
Que fundou noutro hemisfério
Nova nação, novo império.

Oh! não foi um voto dúbio,
Foi a sanção generosa
De um Pai à Filha amorosa;
Foi o abraço do Danúbio
Ao Janeiro triunfante,
E à Bahia militante.

Vindobona! irmã querida,
No teu sólio hospitaleiro
Aceita de um brasileiro
Esta prece agradecida:
Do Senhor, rei das alturas
Sôbre ti desçam venturas.

E o que era então est'Áustria? Era a atalaia
Da paz, e o zeloso sustentac'lo
Do direito dinástico, ab-rogado
Pelo gládio e canhão do novo Átila,
Que onde punha o pé um rei calcava,
E nos tronos, dos evos respeitados,
Seus amoucos imbéceis assentava.

E o que era o Schönebrunn, inda em restauros
Dos horrores da guerra nesta Europa
Dessangrada, abatida, recalçada
Pela planta do Corso, sepultado
Na rocha, em que furente o mar lançava
A seu pálido rosto e nua fronte
No mesmo vagalhão bissonos gritos
De guais e salves, de martírio e glória!

O que era o velho trono, inda agastado
Da pocema e tripúdio dos sequazes
Da falsa ⁵⁹ liberdade, que ensoparam
De sangue insonte o trono e o tugúrio;
E abrindo os diques da falácia ao povo,
Seus direitos mostravam, ocultando
Adrede altos deveres, construindo
Na própria elevação fôfo alicerce.

Gratos sejamos, ponderando os fatos,
Ao grande genitor da Madre excelsa,
D'Aquêla a quem se deve a honra e glória
De vencer o Brasil na plaga infesta
O sáfio repto do verdugo insano,
Que em vez de louros sôbre a terra pátria
Deixou seu crânio num pendão rasgado.

Nobre Império do Brasil,
Já não és tímido infante;
Ao teu braço de gigante,
A teu golpe varonil,
Morderam o chão mil bravos,
Do monstro cegos escravos.

Terra de amor e clemência,
De porvir alto e fecundo,
Onde o bom Pedro Segundo
Rasgou a lei antinômica
Pela de Deus, pela harmônica.

Onde, oh diva Providência!
Cândida mão de Princesa,
Símb'lo de santa pureza;
De Rio Branco a eloquência,
Rasgaram da escravidão
O criminoso pendão!

Salve asilo perenal
Da sagrada liberdade,
Em que o homem na igualdade,
Na harmonia fraternal,
Disse ao homem: Vem, Irmão,
E o cingiu ao coração.

Agora, um só pensamento
Deve o Brasil dominar,
Que é todo o povo educar;
Dar-lhe na idéia o alento
Para igualar a grandeza
De sua alta natureza.

Palma d'ouro amazônia, ⁶⁰ hélia rainha
Que em meio orbe teu império assentas,
Orlando a margem dêsse mar corrente,
Voa ao céu do Cruzeiro, atraí mil astros,
E sidérea e fulgente adorna a fronte
Do Nume tutelar dos Brasileiros;
Plantas virentes, que do etéreo assento
Bivernal estação colheis, às auras
Mil perfumes lançaí; favônios, zéfiros,
Conduzi-os a Pedro, o pai da pátria,
Que vela em Guanabara almo futuro!

Cedro, que elevas tua copa às nuvens,
E vós reis das florestas, milenários
Monumentos, assombro da ciência,
Correi ao mar talhados, pompeando
Sôbre aladas antenas a bandeira
Criada neste dia glorioso.

Auriverde pendão! Voai às plagas
Onde outrora cedeu ímpia falange,
Deixando em Pirajá orgulho e armas;
Vai onde Sigismundo o gládio ousado
Perdeu, e sôbre a serpe de rochedos
Que o mar de Olinda furioso encobre,
Fulge de novo, e com bondoso aspecto
Desvenda a gente ousada, une seus peitos.
Veleja às regiões em que nitente

A frígida Acarnar no céu se mostra;
Entra nas águas dessa estância elísia
Onde galopa a belicosa tribo
De invencíveis centauros; pára e acolhe-os,
Mostra-lhes Poncheverde, o sangue inútil,
E o perdido denôdo em prol de um sonho,
Que encubava o deserto na anarquia.

Volta ao pego, caminha, e pára intrépido
Fronteiro ao monte de infiel memória,
Que ao ver-te, os dias de passadas ânsias,
Se amor o ornasse, te seria grato.
Avante segue, e na achanada margem
Da odiosa Palermo lembra o sangue
Generoso dos teus, quando expulsaram
O feroz mazorqueiro, o algoz cruento,
Que a tetra escravidão, e o idiotismo
Firmaria, se tu lá não vencesse!

Hoje que avultas sôbre a ingente cúpula,
Glória do Práter, onde o mundo unido
Arte e indústria estadeia, onde nós outros,
Modestos operários, ofertamos
Da natura e do fabro o fruto esponte,
Vem a teus servos nesta pátria estância,
Nesta casa que é tua, e estende alegre
O campo d'ouro em que resplende ovante
No escudo sideral a cruz, a esfera,
E o diadema de Pedro, o laço augusto
Da união, do poder, da liberdade.

Segue o périplo em que colheu assombros
Do Tejo ao Sena, do Tamisa ao Nilo
Teu nobre vexilário. O que nos campos ⁶¹
Rio-grandenses venceu horda invasora;
E calmo entre seu povo se mostrara
Na côrte, em face da agressão estranha;
E onde a Pátria reclamou seu braço!
Vem com Êle a nós outros, que o amamos,
Rico do espólio de ovações do orbe,
De amor e pasmo, de respeito e espanto,
E de um nobre orgulho nossos peitos enche.

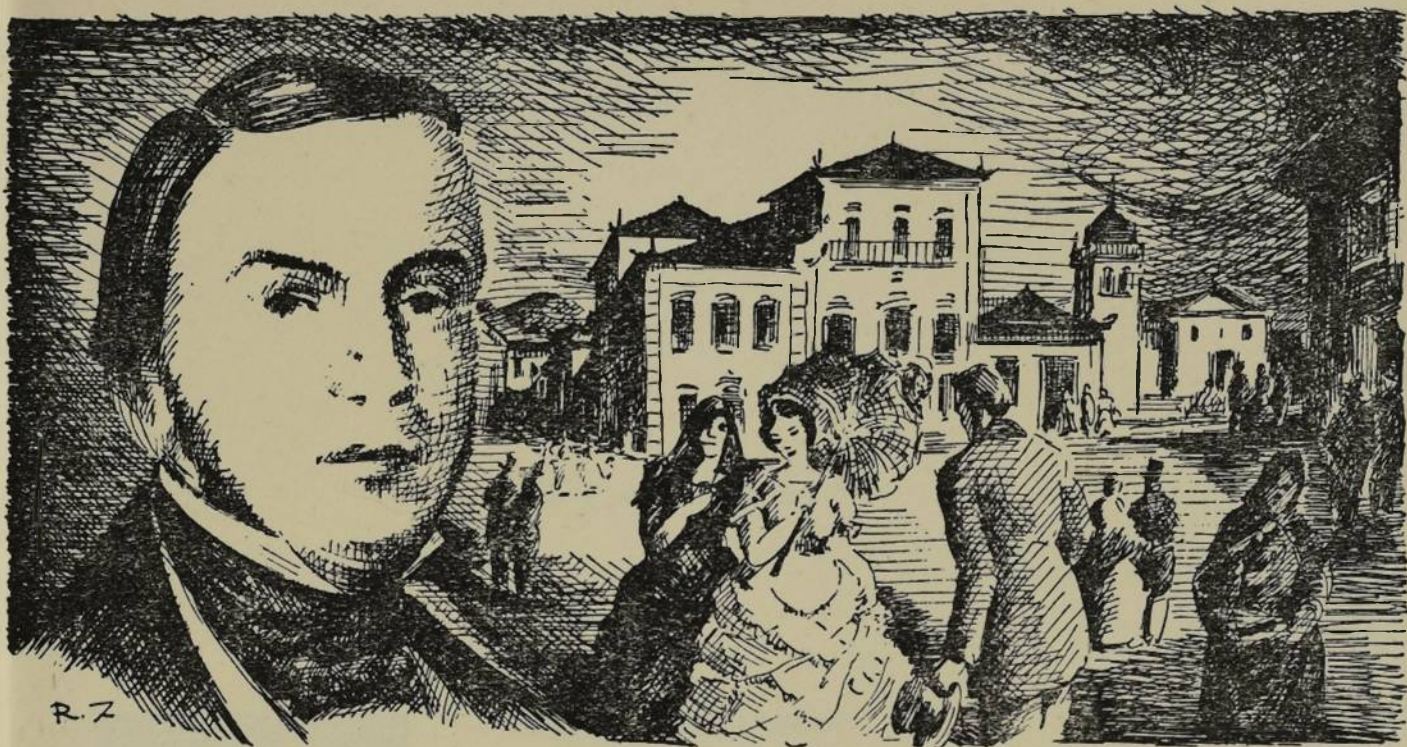
Teus filhos aqui estão: tu lhe derramas
Celeste lenitivo, bafejando
De teu alto esplendor o grande insuflo
Que em santo arroubo o coração dilata,
E leva a mente à carinhosa Pátria.

Um voto ao dia de hoje, — um brinde, amigos, —
Dia de vida, de memória excelsa,
E de ingente porvir, glória da América.
De um surto vingue o azulado pélago
Nossa grata oblação, bradando todos:
"Pedro Segundo; Independência ou Morte."





Maciel Monteiro



Quem pode amar-te, sem morrer de amôres?!...

ANTÔNIO PEREGRINO DE MACIEL MONTEIRO — Barão de Itamaracá (Recife, 1804 — Lisboa, 1868). Completado em Olinda o curso fundamental, tirou, na Universidade de Paris, os diplomas de bacharel em letras, em ciências e em medicina (1826). Em Paris, onde se demorou até 1829, recebeu as primeiras e diretas influências do romantismo. De regresso ao Brasil, começou por exercer a medicina (Recife), passando depois à vida política e ao desempenho de várias funções públicas (Recife, Rio de Janeiro, 1836-1853). Em 1853 ingressa na carreira diplomática: Ministro Plenipotenciário em Lisboa, onde morreu. Além de discursos políticos, colaboração em vários jornais, e de uma dissertação médica (Paris, 1829), deixou poesias, reunidas póstumamente (*Poesias*, Recife, Imprensa Industrial, 1905).

ESPARSOS. 62

1

HINO AO 7 DE SETEMBRO



UÃO risonho no horizonte
Surge o Deus da claridade!
Exultai, ó Brasileiros,
Triunfou a Liberdade.

*Do Brasil nas lindas plagas
Sorri d'ouro a nova idade!
Liberdade o Norte grita,
Responde o Sul: Liberdade!*

Ao som dos nossos queixumes
Despertou a Divindade;
Abrasou-se a tirania
No fogo da Liberdade.

Do Brasil nas lindas plagas.

Contra nós bramiu debalde
Da traição a tempestade;
Ela feriu o traidor,
Respeitou a Liberdade.

Do Brasil nas lindas plagas.

Já no céu americano
Luz alma serenidade;
Enfeita já nosso solo
A planta da Liberdade!

Do Brasil nas lindas plagas.

Nossas vestes não... não tinge
O sangue da Humanidade;
Da Virtude e não de alfanges
Nasce a nossa Liberdade!

Do Brasil nas lindas plagas.

Avêssa ao pranto, ao gemido,
Aos grilhões, à crueldade,
Só co' a glória simboliza
Nossa doce Liberdade!

Do Brasil nas lindas plagas.

O' Brasil, caminha ovante
À tua prosperidade;
O céu vela em teus destinos,
Vela em tua Liberdade!

*Do Brasil nas lindas plagas
Sorri d'ouro a nova idade!
Liberdade o Norte grita,
Responde o Sul: Liberdade!*

Recife, 1831.

2

POSTURAS MUNICIPAIS.

EPIGRAMA

Se há posturas de galinhas,
Também há municipais;
Aquelas produzem ovos,
Estas sono e nada mais!

Recife, 1836.

3

AS PERNAMBUCANAS BARONISTAS.

CANÇONETA

Lindas jovens baronistas!
Sois imagens da ternura,
Sois os tipos da candura,
Sois da pátria o mimo, a flor.

Um celeste entusiasmo
Brote em vossos corações:
Patrióticas canções
Exultai cheias de ardor.

Para vós pròdigamente,
O fugaz Capibaribe,
E o limoso Beberibe,
Mil conchinhas hão de dar.

Ah! voai às brancas margens,
Recolhei as conchas belas,
Lindas jovens, e com elas
Vossas tranças vinde ornar.

Não busqueis mais outro esmalte!
Ornamento da beleza
É a simples natureza
Que singela conheceis.

A inocência é formosura:
O que é simples faz o belo;
Não fujais deste modelo,
E nem doutro careceis.

Da ridente, e doce Olinda
Sois a mais terna porção;
Vós predeis um coração,
Que a virtude sempre quis.

Lindas jovens baronistas!
Sois da pátria almo luzeiro,
E do solo Brasileiro,
Sois a graça e sois matiz.

Recife, 1846.

4

UM VOTO.

Enfin, pauvre feuille envolée,
Je viendrais, au gré des mes vœux,
Me poser sur son front, mêlée
Aux boucles de ses noir cheveux.

VICTOR HUGO. — *Orientales.*

Se eu fôra a flor querida, a flor mais bela
De quantas brilham no matiz, na gala;
Se o meu perfume fôra mais suave
Que êsse que a rosa no Oriente exala;

Se em volta a mim os zéfiros traidores
Sussurrando viessem bafejar-me,
E com moles blandícias, brandos mimos
Tentassem de minh'haste arrebatrar-me;

Se o vário beija-flor tão feiticeiro,
Desprezando uma a uma as demais flores,
Em meu virgíneo, delicado seio
Depusesse seus beijos, seus amôres;

Num vaso de esmeralda eu não quisera
Os aposentos decorar brilhantes
Do soberbo Nababo de Golconda,
Que pisa em pér'las, topa nos diamantes.

Tão pouco eu cubiçara ornar o seio
Dessa jovem britânica princesa;
Em quem o brilho do diadema augusto
Luz menos que os encantos da beleza.

Pousar, senhora, fôra o meu desejo
Em vossa frente tão serena e bela,
E fazer que em seu vôo o tempo rápido
A asa impura não ouse roçar nela.

Como um raio da vossa formosura
Refletiria em mim seu fogo santo
Como a fragrância dos cabelos vossos
Dera a minha fragrância novo encanto!

Aí como vaidosa eu ostentara
Todo o meu esplendor. E qual rainha
Num trono de ouro ousara disputar-me
Minh'alta condição e a glória minha?

Mas já que a flor não sou apeteçada
(Que o não consentem fados meus adversos)
Não recuseis, senhora, a flor silvestre
Que o bardo vos of'rece nestes versos.

Recife, 1846.

5

AOS ANOS DE . . .

Cellini sourirait à votre grâce pure,
Et, dans un vase grec sculptant votre figure,
Il vous ferait sortir d'un beau calice d'or,
D'un lys que devient femme en restant fleur encore,
Ou d'un de ces lotus, que lui doivent la vie,
Étranges fleurs de l'art que la nature envie.

VICTOR HUGO. — *Voix intérieures.*

ODE

Ao nascerdes, senhora, um astro novo
Vos inundou de luz, que inda hoje ensina,
No fogo dèsses vossos olhos belos
Vossa origem divina.

O ar que respirastes sôbre a terra,
Foi um sôpro de Deus embalsamado
Entre as flores gentis que vos ornavam
O berço abençoado.

Ao ver-vos sua igual, no empíreo os anjos
Hinos de amor cantaram nesse dia;
E o que se escuta, se falais é o eco
Da angélica harmonia.

Gerada para o céu, que o céu sòmente
Da criação a pompa e o brilho encerra,
Das mãos do criador vos escapastes;
Caístes cá na terra.

Um anjo vos seguiu para guardar-vos;
E, quais gêmeos, um noutro retratado,
Quem pode distinguir o anjo que guarda
Do anjo que é guardado?

Só um raio do céu arde perene
Sem que o tempo lhe apague o furor santo!
Por isso os vossos dons são sempre os mesmos,
O mesmo o vosso encanto.

Em vós é tudo eterno. E, se na frente
(Tão bela sempre em tempos tão diversos)
Uma c'roa murchar-vos, é decerto
A coroa de meus versos,

Dos meus versos! Ah! Não! Que inextinguível
E' o incenso queimado à divindade:
E ao canto que inspirais, vós dais, senhora,
Vossa imortalidade.

Recife, 1846.

6

AMOR IDEAL.

Non: Je ne rougis plus du feu qui ne consume
L'amour est innocent, quand la vertu l'allume.

LAMARTINE.

Amar, amar um anjo de candura,
De tôda a Criação a obra-prima,
Render-lhe o culto, que está inda acima
Do culto, que a Deus rende a criatura...

Dar-lhe quanto há no peito de ternura,
Que a paixão enobrece e legitima:
D'alma que ao céu se eleva e se sublima
O perfume votar-lhe em ara pura:

Desejos mil queimar em casta chama;
E a c'roa do martírio, em prêmio tardo,
Na frente receber qu'ela orna e enrama;

Eis a religião do pio Bardo,
Eis como, minha Lília, êle arde, êle ama;
Eis como, minha Lília, eu amo, eu ardo.

(S/data).

7

A UMA JOVEM.

Enfant! si j'étais roi, je donnerais l'empire,
Et mon char, et mon sceptre, et mon peuple à genoux,
Et ma couronne d'or, et mes bains de porphyre,
Et mes flottes, à qui la mer ne peut suffire.
Par un regard de vous!

VICTOR HUGO.

Eu gosto de ver
Uns olhos gentis;
Mas, quando os teus vejo,
Seu doce lampejo
Me faz tão feliz!
Meu Deus, como uns olhos,
Uns olhos sòmente,
Tal fogo derramam
No peito, na mente!

Eu gosto de ver
Um meigo sorriso;
Mas, se em ti floresce,
Então me parece
Ver o paraíso.
Ah! Como é possível
Qu' um riso entre tantos
Aos olhos debuxe
Um éden de encantos?!

Eu gosto de ver
Feiticeiro andar;
Mas, se o teu contemplo,
Cuido ver num templo
Um anjo a voar.
Quem verá jamais
Prodígios assim,
Andar uma virgem
Como um serafim?!

Eu gosto de ouvir
Uma voz macia;
Mas, se és tu que falas
No ouvido me inalas
Celeste harmonia.
É isso magia,
Ou do Céu favor,
Falando cantares
Um hino de amor?!

Eia, Fada, ou Anjo,
Verdade ou Quimera!
Anda, fala, ri,
Que o mundo sem ti
Graça não tivera;

Mas guarda, acautela
Teus dons, teus primores;
Que as brisas das selvas
Arrancam tais flores.

(S/data).

Eia pois, ó Anjo!
Hinos mil a Deus
Entoa, e também
Ora pelos teus.

2

8

FORMOSA.

Formosa, qual pincel em tela fina
Debuxar jamais pôde ou nunca ousara;
Formosa, qual jamais desabrochara
Na primavera rosa purpurina;

Formosa, qual se a própria mão divina
Lhe alinhara o contôrno e a forma rara;
Formosa, qual jamais no céu brilhara
Astro gentil, estrêla peregrina;

Formosa, qual se a natureza e a arte,
Dando as mãos em seus dons, em seus labores
Jamais soube imitar no todo ou parte;

Mulher celeste, oh! anjo de primores!
Quem pode ver-te, sem querer amar-te?
Quem pode amar-te, sem morrer de amôres?!

(S/data).

FACE ESQUERDA DO CENOTÁFIO

Qual flor matinal,
Que morre ao nascer
Tu nasceste, ó Virgem,
P'ra logo morrer.

O orvalho da aurora
Abriu-te o botão;
A brisa da tarde
Lançou-te no chão.

Dormiste na terra,
No Céu acordaste;
Foi a vida um sonho
Qu' entre nós passaste.

Não chores, ó Pai,
Por mágoas tamanhas:
Se uma flor tu perdes
Um anjo tu ganhas.

Recife, 1847.

9

NO CENOTÁFIO DE D. LUÍSA DE FRANÇA
ARCANJO FERREIRA.

1

FACE DIREITA DO CENOTÁFIO

De greda formada,
A carne perece,
Mas a alma no céu
Eterna esplendece.

Por isso da Virgem
Só o pó nos resta,
E o Pai interroga
Minha filha é esta?

E Deus lhe responde
Com brando sorriso:
Isto é pó, — Luísa
Stá no Paraíso.

10

A LÍLIA.

(Inédita)

Vi, ó Lília, astro simpático
De amaciado fulgor:
Cuidei ver um teu olhar,
Mas olhar cheio d'amor.

O concêrto ouvi das aves,
Da aurora saudando o alvor:
Pareceu-me ouvir-te a voz,
Quando tu falas d'amor.

Delicioso perfume
Aspirei em linda flor:
Era qual êsse que exalas,
Quando te inflamas d'amor.

Tudo quanto a natureza
Tem de graça e de primor
Tu resumes, minha Lília,
Se te namoras d'amor.

(S/data)

11

SONETO.

(Inédito)

Sonhei que, nos teus braços reclinado,
Teu rosto encantador, oh! Deusa, eu via,
Que mil ávidos beijos eu fruía
No nível colo teu, ao mais sagrado.

Sonhei que era feliz, por ser ousado;
Que a fôrça, a voz, a côr e a luz perdia,
Em êxtase suave, em que bebia
O néctar, nem por Jove inda libado...

E no mais doce e no melhor momento,
Exalando um suspiro de ternura,
Acordo, acho-te só no pensamento!

Oh! destino cruel, oh! sorte dura,
Nem me perdura um vão contentamento,
Nem me perdura em sonhos a natura.

(S/data).

12

AOS ANOS DE...

Or! vous faites rêver de Poète le soir!
Souvent il songe à vous lorsque le ciel est noir,
Quand minuit deroule ses voiles;
Car l'âme du Poète, âme d'ombre et d'amour,
Est une fleur des nuits que s'ouvre après les jours
Et d'épanouit aux étoiles.

VICTOR HUGO. — *Feuilles d'automne*

Eis-me outra vez da Criação no templo,
Adorando, Senhora, os seus primores,
E no altar que ocupais, augusto, esplêndido,
Queimando incenso, derramando flores.

D'harpa d'ouro, em que outrora o rei salmista
Desprendia torrentes de doçura,
Nos dedos do poeta as cordas vibram,
Se canta, do que existe, a formosura.

A terra tinha flores, o céu astros,
O éter era puro, azul o oceano,
Tudo estava criado, mas faltava
O arquétipo do belo soberano.

De Eva no molde o Criador pensando,
Novas graças juntou-lhe com destreza...
Vós nascestes, Senhora, e a voz de um anjo
Tais palavras cantou: Eis a beleza.

Éter, mar, astro, flor, tudo eclipsou-se
Em presença da nova criatura;
Prendeu-se a terra ao céu, e contemplou-se
Do Universo a sublime arquitetura.

Da espécie humana a esfera comprimida
Se expandiu té a empírea sumidade;
E na cadeia hierárquica dos sêres
Sois o anel que nos prende à Divindade.

Qual o orvalho da aurora anima a rosa,
E o frescor e o perfume lhe acrescenta,
A luz dos serafins, que em nós reflete,
Vossa auréola de encantos aviventa.

Se olhais, raios do céu a terra aclaram.
Se rides, anjos mil espargem flores;
Ao contemplar, Senhora, tais prodígios,
Dir-se-ia que por vós Deus sente amôres.

Favorita do Céu! Que importa o tempo
Ao sexo vosso mova crua guerra?
O sol é sempre no zenite o mesmo;
A mesma vós sereis sempre na terra.

Recife, 1847.

13

MOTE.

(Inédita)

*No colo de Anália bela
Só Jove deve deitar-se.*

Com mistério e com cautela
Quis Amor, mudo e sòzinho,
Procurar mimoso ninho
No colo de Anália bela.
Mas, Jove que se desvela
De em todos sítios achar-se
Com êle vai encontrar-se
E diz, detendo-lhe os passos:
De Anália bela nos braços
Só Jove deve deitar-se.

(S/data)

14

AOS ANOS DE Melle...

A 20 DE NOVEMBRO DE 1847

Elle! tout dans un mot, c'est dans ma foide brume
Une fleur de beauté que la bonté parfume!
D'une double nature hymen mysterieux!
La fleur est de la terre et le parfume des cieux.

VICTOR HUGO.

Nasce a rosa no jardim
Que esmaltam mimosas flores:
Ninguém lhe sente o perfume,
Ninguém lhe vê os primores.

Pouco a pouco almo bafejo
De fecunda criação
Lhe alinha a forma e lhe imprime
A delicada feição.

O cálix já se desdobra
Com viço, com louçania;
Prende-se a uma outra pétala
Com ordem, com simetria.

O doce aroma que entorna
Por entre a verde folhagem,
As auras vêm procurá-lo
Com sinal de homenagem.

Eis a flor em todo o brilho,
Ei-la tudo namorando,
Ei-la desejos sem conta
Casta e inocente excitando.

Mas o fado que escarnece
Da ventura dos mortais,
Dá à aragem nova fôrça,
Dá ao sol ardor demais.

Da glória, pois, no apogeu
E' a infeliz desfolhada;
Pelo sôpro de asp'ra brisa
Ou pelo sol é crestada.

Como a rosa do jardim
Tu nasceste, oh! virgem linda!
Como ela cresceu nos dotes,
Tu cresceste e mais ainda.

Mas praza ao Céu que o seu fado
Não, não seja o fado teu!
E que tu não emurcheças
Como a rosa emurcheceu!

Nem que na taça da vida
Sorvas a negra amargura,
Que é tantas vêzes no mundo
O prêmio da formosura.

15

SONETO.

Era já pôsto o sol. A natureza
Em ondas de perfume se banhava;
Aqui pendia a rosa; além brilhava
Alguma flor de virginal pureza.

Nuvem sutil de pálida tristeza
Pelo cândido rosto lhe vagava;
Nas negras tranças do cabelo estava
Murcha e mais triste uma saudade prêsa.

Oh! pintor que a pintasse! Era mais bela
Que a lua deslumbrante de fulgores
Surgindo dentre as sombras da procela!

Ao vê-la, ao ver seus olhos matadores,
Voou meu coração aos lábios dela,
Minh'alma ardente se banhou de amôres.

(S/data)

16

R. S. A.

(Inédita)

Também no bosque,
Na selva escura,
Existem tipos
De formosura.

Talvez aí,
Aí sômente,
D'alta beleza
Nasce a semente.

Ah! foi teu berço,
Mulher divina,
A flor do campo,
Alva bonina.

Mas quão depressa
Elas murcharam
E as tuas graças
Desabrocharam!

Ah! praza aos céus
Qu'elas, ativas,
Vivam, perdurem
Quais semprevivas.

(S/data).

17

NUM ÁLBUM.

À MLLE.....

(Inédita)

Ainsi qu'on choisit une rose
Dans les guirlandes de sarons,
Choisissez une vierge éclose
Parmi les lis de vos vallons.

LAMARTINE.

Em nossa alma existe às vêzes
Emoção tão singular,
Que descrever não se pode
Na escassa lingua vulgar:
Para amizade é mui viva,
Para amor é muito fria;
Estima não é; porque êste
Não nasce da simpatia.

Eis, ó Virge', o sentimento
Que por ti me abala e inflama;
Eu sei bem exp'rimentá-lo,
Mas não sei como se chama.
Qualquer porém que êle seja,
Tão vago e misterioso,
Crê, ó Virge', êle é mui puro,
E' mui nobre, é generoso.

Nem quer que o fogo de Vesta
Arda na pira d'amor;
Que o dever num peito grande
E' sábio regulador.
Antes faz votos ardentes
P'ra que no altar de Himeneu
Aches, sim, um peito livre,
Mas sensível, como o meu.

Recife, 1847.

18

NUM ÁLBUM.

(Inédita)

O tempo com suas asas
Tudo roça e tudo estraga,
E as graças da formosura
São as primeiras que esmaga;
Em ti, porém, bela dama,
O tempo não pode tanto:
Ao volver de cada hora
Surge em ti um novo encanto.

(S/data).

19

AOS ANOS DE...

A 25 DE MARÇO DE 1849

Lyre longtemps disive, éveillez-vous encore!
Il se lève, et nos chants le salûront toujours,
Ce jour que son doux nom décore,
Ce jour sacré parmi les jours!

VICTOR HUGO. — *Ode*.

Troa o canhão terrível, que apregoa
Os pátrios foros em marcial linguagem,
Eis o dia, Senhora, de pagar-vos
O ânno feudo de minha vassalagem.

Mais uma vez o astro soberano
Seus domínios correu no firmamento;
Hoje assente em seu trono, ei-lo que espalha
Graças de luz ao vosso nascimento.

Balançando-se n'hastes voluptuosas,
Quão linda gala trajam hoje as flores!
Dir-se-ia, para glória de enfeitar-vos,
Qu'orvalhou-as na aurora a mão d'amôres.

As aves, que na selva a alva saúdam
Com seus moles cantares à porfia,
O perfume nas rosas aspirando
Os ares embalsamam de harmonia.

O sol tem mais fulgor, a flor mais mimos,
A ave mais doçura em seu trinado;
Ah! como a Criação dobrou seu fausto
Neste dia, Senhora, abençoado!

Tudo, tudo obedece a voz do Eterno
Rendendo cultos a beleza tanta!
Só o bardo na lira, envôlta em crepe,
Se empreende cantar, geme, não canta!

Muda a lira, na qual sagrei outrora
Tantos hinos de amor à formosura,
Se do prazer dedilho as cordas d'ouro,
Vibrar a corda sinto da amargura.

Mas já que em vosso gineceu risonho
Não pode o canto meu ser hoje ouvido;
Dai, senhora, que aos ecos da alegria
Ao menos se misture um meu gemido.

Ah! se em pomposo altar a divindade
Incenso, flores, cânticos aceita,
O orar do infeliz também acolhe
E as lágrimas do aflito não rejeita.

A mesma urna que no Tabernáculo
Recebe o ouro farto da opulência,
Também, modesta aos votos da humildade,
A oblação recolhe da indigência.

Pequeno é meu tributo: ei-lo qual posso,
Qual me é dado pagar-vos reverente:
Não é o dom opimo do opulento,
E' sim a escassa ofrenda do indigente.

Recife, 1849.

20

MOTE

Deixa beijar-te, meu bem!

GLOSA

Suspende, Anália divina,
Do teu recato o pudor;
Não beija o zéfiro a flor?
Não beija a aurora a bonina?
Quando o sol meigo se inclina,

Não beija as ondas também?
Se ao terno pombo convém
Beijar a rôla inocente,
Se a natureza o consente,
Deixa beijar-te, meu bem!

(S/data).

21

AOS ANOS DE UMA DONZELA.

MADRIGAL

(Inédito)

Qu'importa, Filde adorada,
Que a mão do tempo iracundo
Mude, gaste, altere, estrague
Tudo que é belo no mundo?

Qu'importa que o prado ameno,
Cheio de viço e frescura,
Em breve sinta crestar-se
Sua pomposa verdura?

Qu'importa, que a flor mimosa
Que os jardins enfeita e adorna,
E, entre a folhagem virente,
Gratos aromas entorna?

Veja em pouco sua gala
Desmaiar, empalecer,
E as auras no cálix doutra
Nova fragrância beber?

Qu'importa, Filde, se as graças
Do teu rosto encantador,
A ternura é que as anima,
Quem lhes dá realce amor?

Deixa pois correr sem susto
Do tempo o carro fugaz,
Que os teus encantos triunfam
Da sua lima voraz.

(S/data)

22

NO ÁLBUM DA EXMA. SRA. VISCONDESSA DE
BOA VISTA, NO DIA DE SEUS ANOS, A 4 DE
NOVEMBRO DE 1850.

É, Senhora, o vosso *Album*
Um vaso de ouro fulgente,
Que recebe o dom do rico
E o dom também do indigente.

A pompa da harpa sublime
Nêle brilha, enleva, encanta;
Nêle o som da fruta humilde
Também, Senhora, vos canta.

Mas quanta vez na Harpa excelsa,
Em que o Bardo altivo harpeja,
Falta o fogo da verdade,
Que na écloga lampeja?

É meu canto igual da fruta
Ao som silvestre e singelo;
Porém nêle há um mistério,
Que o torna mais alto e belo.

Êsse mistério é a unção
Da alma ingênua do cantor,
Que cante aqui da amizade,
Ou além cante do amor.

Um raio, que se desprende
Dêste foco de afeição,
Não deslumbra os olhos pasmos,
Mas adoça o coração.

Não recuseis, pois, Senhora,
Meu canto e sua humildade,
Que um tributo é sempre digno,
Se o sagra a mão da amizade.

Recife, 1850

23

SONETO.

À CANDIANI.

Em que fonte de canto e de doçura
Bebeste, ó Candiani, a voz divina,
Que arrebatada a quem sente e meiga ensina
A sentir té amar a penha dura?

Qual anjo da sagrada, empírea altura
N'harpa d'ouro os teus sons concerta e afina?
Qual doce aura do céu adeja... trina
Nos teus lábios co'as graças de mistura?

De ferro armado, armada de verbena,
Quem de Norma infeliz o canto exprime
Como tu a paixão, a mágoa, a pena?

Se delinqües de amor, ama-se o crime!
Se te ameigas a amor, quanto és amena!
Se te imolas a amor, quanto és sublime!

(S/data).

AMANHÃ.

Extremoso mancebo adorava
Gentil moça, feitiço de amor;
Era dama que em graças primava,
E primava também no rigor;
Que esperanças constante acendia,
Mas que nunca um favor concedia.

Dia e noite o mancebo gastava
Em provar terno amor pela bela,
Dia e noite o mancebo chorava
Por deleites gozar ao pé dela!
Mas, tão fera, quão linda e louçã,
Ela sempre dizia: Amanhã!

Ah! senhora, exclamava o amante,
Até quando quereis ver-me assim?
Nem sequer o favor de um instante,
Nunca, nunca tereis dó de mim?
Quando, pois, pagareis tanto afã?
E a cruel respondia: Amanhã!

Amanhã! esta frase do inferno,
Já mil vêzes de vós tenho ouvido,
Já mil vêzes amor louco e terno
Abrasado vos tenho pedido,
Mas, tão fera, quão linda e louçã,
Vós dizeis rindo sempre: Amanhã!

Do horizonte limite afastado,
Que de balde se quer conhecer,
De uma flor o botão desbotado,
Que jamais flor aberta há de ser,
Ironia, ilusão, frase vã,
Eis o que é êsse vosso: Amanhã!

Basta enfim de zombar. Eu vos amo,
Como ama um favônio uma flor;
Por gozar-vos ardente me inflamo,
Junto a vós morrer quero de amor!
Quando, pois, pagareis tanto afã?
E a cruel respondia: Amanhã!

E o mancebo esperava, esperava
Que chegasse essa hora de amor;
Cada dia mais terno voltava
A pedir da ternura o penhor;
Mas, tão fera, quão linda e louçã,
Ela sempre dizia: Amanhã!

Chega um dia (era noite formosa),
Tudo em doce sossêgo jazia,
Stava a lua no céu radiosa,
Bela dama entre flores dormia.
No jardim foi do sono apanhada,
Pelas auras da noite embalada.

Junto dela ninguém 'stá velando,
Mas, por entre os arbustos viçosos,
Os raminhos co'a mão afastando,

Vem o amante com passos cuidados.
Ei-la ali a dormir descuidada!
Ei-lo ali com su' alma abrasada!

O que mais se passou ninguém viu,
Sabe-o a lua que estava no céu;
Só do amante um suspiro se ouviu...
E um ai terno que a moça gemeu...
E depois que algum tempo passou
Todo em fogo o mancebo exclamou:

Ah! é pouco... Não basta um favor
Para a chama que ardendo em mim vês?
Dizei quando, p'ra glória de amor,
Dormireis no jardim outra vez!
E vermelha, qual flor de romã,
Ela disse outra vez: Amanhã!

Rio de Janeiro, 1851.

UM SONHO.

AO EMBARQUE E PARTIDA DE UMA SENHORA.

Ela foi-se! E com ela foi minh'alma
N'asa veloz da brisa sussurrante,
Que ufana do tesouro que levava,
Ia... corria... e como vai distante!

Voava a brisa e no atrevido raptó
Frisava do Oceano a face lisa:
Eu que a brisa acalmar tentava insano,
Com meus suspiros alevantava a brisa!

No horizonte esconder-se anuviado
Eu a vi; e dois pontos luminosos
Apenas onde ela ia me mostravam:
Eram êles seus olhos lacrimosos!

Pouco e pouco empanou-se a luz confusa,
Que me sorria lá dos olhos seus;
E dalém ondulado uma aura amiga
Aos meus ouvidos repetiu adeus!

Nada mais via eu, nem mesmo um raio
Fulgir a furto d'esperança bela;
Mas meus olhos ilusos descobriam
Numa amável visão a imagem dela.

Esvaiu-se a visão, qual nuvem áurea
Ao bafejar da vespertina aragem;
Se aos olhos eu perdia a imagem sua,
No meu peito eu achava a sua imagem.

Ela foi-se!... E com ela foi minh'alma
Na asa veloz da brisa sussurrante,
Que ufana do tesouro que levava,
Ia... corria... e como vai distante!

Rio de Janeiro, 1851.

26

INSPIRAÇÃO SÚBITA.

Tão só,
Tão bela,
Tão triste,
'Stá ela,
Que ao vê-la
Assim,
Dir-se-ia
Alfim
Que a luz
Do Céu
Empana
Um véu,
Ou que
Também
Os Anjos
Já têm
Amôres
E dores.

Recife, 1852.

27

A

Como a brisa aqui sussurra
Entre a folhagem orvalhada!
Dir-se-ia que são suspiros
De alguma alma apaixonada.

Como a luz no céu dos astros
Brilha com mole fulgor!
Parece olhares de alguém
Cujo peito arde de amor!

Como o perfume das flores
Suave aqui se derrama!...
Assim a loura madeixa
Sôlta ao ar tudo embalsama!

A brisa, o astro, o perfume,
Falam, Lília, ao coração,
Da natureza a linguagem
E' linguagem de paixão!

Recife, 1852.

28

INSPIRAÇÃO SÚBITA.

A ROSINA STOLTZ EM UMA REPRESENTAÇÃO
DA "FAVORITA"

Gênio! Gênio!... inda mais! Supremo esforço
Da mão de Deus no ardor do entusiasmo!
És anjo ou és mulher, tu que nos roubas
Do culto o amor, o êxtase do pasmo?

Na pujança do vôo a águia soberba
Tenta o céu devassar, exausta pára:
Nas asas do lirismo, tu de Jeóva
Ao templo chegas, e te prostras n'ara.

Aí, c'roada de fulgente auréola,
No concêrto dos anjos te misturas;
E se cantas na terra, são teus hinos
Harmonias que ouviste nas alturas;

Aí aspiras o lustral perfume,
Que das urnas sagradas se evapora:
Eis porque tua voz parece unvida
Dos olores da flor, que orvalha a aurora.

Aí do coração na harpa animada,
As cordas descobriste de ouro estreme,
Que se vibram de amor, ateiã n'alma
Paixão que goza e sofre e canta e geme.

Aí o idioma típico aprendeste,
Que entendem todos e que tudo exprime:
E' assim teu olhar o verbo vivo,
E' teu gesto a linguagem mais sublime.

Mistério augusto que do Eterno ao *fiat*
Surgiste, qual visão que atraí, fascina;
Se da mulher teu corpo veste a forma,
Arde no gênio teu chama divina.

Mulher ou anjo! Cumpre a missão tua!
Seja a crença deleite, a fé doçura;
Tôda a terra ame ao céu nos seus prodígos,
Adore o Criador na criatura.

Rio de Janeiro, 1852.

29

SONETO.

Não se minere só ouro fulgente,
Que a vista ofusca, faz a paz e a guerra;
Nem só as minas da fecunda terra
Sagaz *mineiro* lavra diligente.

Voluptuoso olhar concupiscente
Crava na *urna* que em tesouro encerra;
Nela corveja, nela as garras ferra,
Para a veia caudal achar fluente.

Processo metalúrgico aplicando
Ao labor *burocrático*, sem asco
Ouro em pó do escrutínio vai tirando.

Coragem! Dobra o cabo, ousado Vasco,
Que se fores a pique miserando,
Oh! meu Deus, que apupada, oh! que fiasco!

Recife, 29 de novembro de 1852.

E EU FICO!...

AO MEU VELHO E BOM AMIGO A. J. DE M. FALCÃO

Oh saudade!
Mágico nume que transportas a alma
Do amigo ausente ao solitário amigo.

GARRET.

Ir por êstes longos mares
Após de terras estranhas
Deixando da pátria os lares,
Custa mágoas e pesares,
Custa saudades tamanhas...

Que só quem ao doce ninho
Índa não disse um adeus
Por êsses mares sòzinho,
Não conhece o que é o espinho
Duma saudade dos seus.

Mas não deixas, caro amigo,
A tua terra natal;
Procuras o pátrio abrigo,
Queres do berço o jazigo
Lá nas terras de Cabral.

Não é um golpe ferino,
Oh não maldigas a sorte,
Que eu também sou peregrino
Companheiro de destino...
Aqui nas terras do Norte.

Também já por longos mares
Após de terras estranhas
Eu deixei da Pátria os lares,
Cheio de mágoas e pesares
E de saudades tamanhas...

Também ao meu doce ninho
Eu já disse um triste adeus;
Não sulquei mares sòzinho,
Mas já sei o que é o espinho
Duma saudade dos meus.

Nem estas terras do Norte
São nossa pátria querida;
Que não lhes tocou em sorte
Senão o frio da morte
Sem as delicias da vida.

Aquêlê clima mimoso,
Aquêlê céu tão azul,
Tão sereno e tão formoso,
Onde surge radioso
Nosso Cruzeiro do Sul.

Breve tornarás a ver;
Tens do exílio o perdão:
Mas eu, que o não hei de ter,
Sinto no peito gemer
O meu triste coração.

Que aquelas terras amenas,
Com seu belo céu de anil,
Cheio de estrêlas serenas
Como de prata açucenas,
Só nas terras do Brasil.

De novo acharás ali
Doce prazer d'amizade,
Que nunca se encontra aqui
Num povo, que só de si
Cuida e da sua vaidade.

O fácil trato da vida
Lá o tornarás a ter
Na nossa língua querida,
Que esta raça presumida
Não quer nem pode entender.

Os amigos abraçando
Sentirás terna emoção;
E eu! Não sei até quando
Aqui ficarei penando
Sem essa consolação!

Sem ver as terras amenas
Com seu belo céu d'anil,
Cheio de estrêlas serenas
Como de prata açucenas,
Nossas terras do Brasil.

Muito me custa deixar-te:
Mas quanto te invejo a dita!
Aquêles que hão de abraçar-te
Hão de as mágoas adoçar-te
Naquela terra bendita.

Não é um golpe ferino,
Oh! não maldigas a sorte,
Que eu também sou peregrino,
Companheiro de destino
E fico em terras do Norte.

Nem tu vais por êsses mares
Após de terras estranhas,
Vai buscar da pátria os lares,
Vai findar mágoa e pesares,
Matar saudades tamanhas!...

E eu não posso ver o ninho
A que já disse um adeus,
Fico agora aqui sòzinho,
Transido de acerbo espinho
De uma saudade dos meus.

New York, 7 de setembro de 1853.

O POEMA "CAMÕES" DE GARRET.

INVOCAÇÃO

Se o cantor de Camões, em estro ardendo,
A saudade pintou com mão tão fina,
Que ora as suas doçuras vai bebendo,
Ora sorve o amargor que ela propina,
O que faria se, de amor gemendo,
Vivera so por ti, mulher divina?
Ah! só então pintara com verdade
O que eu sinto por ti, o que é saudade.

SINTRA

Quanto é feliz o coração amante,
Que de Sintra às montanhas transportado,
Das auras ao bafejo sussurrante
Os acintes esquece de ímpio fado!
Ah! mísero de mim que um só instante
De ti me não esqueço, ó bem-amado;
E antevejo nos prados, fontes, flores,
Memórias do meu bem, dos meus amôres!

GRUTA DE MACAU

Qual nas margens do Ganges caudaloso
Suspirava de amor o bardo ausente,
Enamoradas queixas cauteloso
As grutas confiando docemente;
Quantas vêzes, meu bem, terno e queixoso,
Do pátrio rio à plácida corrente,
Minhas mágoas contei, meus dissabores,
E, em ti pensando, suspirei de amôres!

O TEMPO E A BELEZA

Carregada a frente, carrancudo o aspecto,
Na destra sustentando a lima aguda,
O voraz tempo procurava inquieto
A beleza de horror gelada e muda;
Eis que movido de profundo afeto
Te olhou... e disse em voz, mas não sonhada,
Em ti poder não tenho, que és divina,
E teus dotes guardar amor me ensina.

(S/data)

A ROSINA LABORDA.

A 'strêla d'alva lá no céu desponta
E logo a aurora nos sorri gentil;
Sucede o dia, cuja luz derrama
Por sôbre os campos seus encantos mil.

O teu talento, divinal Laborda,
No céu de artista se apresenta agora;
Tal como o dia seguirá seu brilho,
Colhendo as rosas que teu gênio inflora.

E quando o astro, que do mundo é rei,
Ao seu zênite lá chegar mais tarde,
A luz brilhante surgirá então,
Seguindo o fogo que em teu peito arde.

Formosa página te destina a arte
No livro de ouro que lhe encerra a história;
Prossegue e estuda, p'ra que um dia voltes
A aurea fôlha da luzente glória.

Lisboa, s/data.

POESIAS TRADUZIDAS.

1

O LAGO.

Lamartine.

Errando, sem cessar, de plaga em plaga,
Da noite eterna o golfão demandando,
Não poderemos nós no mar dos evos
Ancorar um só dia?

Ó lago, um ano é findo! e em tuas margens
Tão queridas, que inda Ela ver quisera,
Repara: eis-me hoje só sôbre esta penha
Em que a viste sentada!

Assim fremias tu nas cavas rochas;
Assim no embate o seio lhes rompias;
Assim também de espumas salpicavas
Os seus pés adorados.

Uma noite em silêncio nós vagávamos;
O rumor só se ouvia, não te lembras?
Dos remos, que cadentes te talhavam
As harmônicas vagas.

Eis súbito das ribas encantadas
Ignoto acento vibra e os ecos fere:
A vaga emudeceu: da voz amável
Caíram tais palavras:

"Pára, ó tempo, o teu vôo, horas propícias,
"Suspendei vosso curso,
"Gostar deixai-nos as delícias gratas
"Dos nossos belos dias.

"Não poucos desgraçados vos imploram;
"Correi, correi p'ra êles.
"Levai os dias seus, as suas mágoas,
"Esquecei os felizes.

“Mas de balde inda peço alguns instantes:
 “O tempo escapa e foge;
 “Digo à noite: “sê mais pausada”; e à aurora:
 “Vem dissipar a noite.

“Amemos, pois, amemos! Fugaz tempo,
 “Eia, aproveitemo-lo!
 “O homem não tem pôsto à idade têrmo,
 “Êle corre e passamos!”

Pois é crível que instantes tão suaves,
 Em que amor de delícias nos inunda,
 Fugam velozes, tempo ingrato, como
 Os dias da desgraça?

Pois quê! nem seus vestígios permanecem?
 Quê! passados já são! já são perdidos!
 Nem o tempo que os deu, que os arrebatou,
 No-los dará de novo!

Nada, passado, eternidade, abismos!
 Os dias que tragais, que é feito dêles?
 Acaso pagareis sublimes êxtases
 Que nos roubais, dizei-nos?

Oh! Lago! Oh! selva! Oh! grutas! Oh! rochedos!
 Vós que o tempo respeita ou que remoça
 Desta noite guardai, guardai vós todos
 Ao menos a lembrança!

Viva ela em teu repouso, em teus marulhos,
 Belo lago, e nos teus vergéis risonhos;
 Nesses rudes penedos, negros troncos,
 Que p'ra ti se debruçam!

Viva nas auras que murmuram, fogem
 No crebro estrepitar de tuas ondas,
 Nesse astro que prateia as tuas águas
 Com seus moles fulgores!

E a aragem que suspira, a haste que geme,
 Do teu ar perfumado o alado aroma,
 Tudo enfim que se vê, ouve ou respira
 Repita: êles amaram!

— 1846

2

A MADEMOISELLE MICHATOWSKA.

Lamartine.

Vê o cisne no lago a sua imagem;
 Na própria luz debuxa-se o relâmpago;
 No oceano o Céu se vê, Deus no universo,
 E no porvir o homem.

No porvir? desmaiado e frio intérprete!
 Espelho baço, qual do Norte a linfa,
 E seu prisma e fulgor qu'importa ao vate,
 Se a Morte é seu reflexo?

Mas num peito sensível contemplar-se,
 Nuns castos olhos, que a afeição acende,
 A furto descobrir o olhar amante,
 Como a noite uma estrêla!

Dizer: no meio das humanas lides
 Há um ponto de luz no imenso espaço,
 Onde contra a calúnia, a inveja, a sanha
 Tem meu nome um abrigo!

Minha lira num peito vibra ao menos,
 Que os meus ais como o céu mudos entende,
 Onde minha voz soa e a alma se expande
 Ah! do bardo eis o prêmio!

Embora o canto meu no olvido expire,
 Tu és o asilo meu, a glória minha!
 Viver mesmo ignorado nos teus sonhos,
 Ter um eco em tua alma...

Discreta testemunha do teu pranto,
 Sentir-te os ais no peito encarcerados;
 Nas tuas emoções fiel ter parte,
 Ser chamado em teus lábios...

De dia na solidão seguir-te os passos,
 De noite vigiar-te à luz da lâmpada;
 Ser quem amas e a sombra com que sonhas...
 Eis minha eternidade!

— 1846.

3

INVOCAÇÃO.

Lamartine.

Oh! tu que eu vi surgir neste deserto,
 Habitante do céu aqui 'strangeira!
 Oh! tu que aos olhos meus brilhar fizeste
 De amor um raio nesta noite inteira,
 Eia, mostra-te tôda, oh! maravilha,
 Dize teu nome, pátria e teu destino:
 És daqui da terra filha?
 Ou és um sôpro divino?

Pretendes tu volver ao firmamento?
 Ou no luto, na dor e na miséria
 Entre nós prosseguir teu curso lento?
 Seja qual fôr teu nome, pátria ou fado,
 Ante na terra ou lá no céu gerado,
 Quanto eu viver concede-me o indulto
 De te dar meu amor, dar-te meu culto.

Se entre os mortais findar tua carreira,
 Sê meu amparo e em todos os lugares
 Sofre que eu beije a terra, que pisares;

Mas, se aos astros voando sobranceira,
Dos anjos na mansão, anjo, pousares,
Na terra ama-me, enquanto nela fores,
No céu toca em lembrança os teus amôres.

— 1847.

4

O RAMO DE AMENDOEIRA.

Lamartine.

Tu és, ó haste florida,
O emblema da formosura;
Como tu, a flor da vida
Floresce e cai prematura.

Quer colhida em nossa frente,
Ou nas mãos de amor, quer fora,
Ela escapa fôlha a fôlha,
Como o prazer d' hora em hora.

Gozai seus dons transitórios,
Que as auras tentam roubar;
Esgotai no cálix ledo
O aroma que vai findar.

A beleza fugitiva
E' qual flor d'alva, que alfim
Em a frente do conviva
Se esfolha antes do festim.

Um dia cai, outro se ergue,
A primavera já cessa;
Cada flor, que o vento leva,
Nos diz: gozai-a depressa.

E já que as rosas também
Sofrem da morte o rigor,
Ao menos não emurcheçam
Senão nos lábios do amor.

— 1847.





Gonçalves Dias

Gonçalves Dias



Minha terra tem palmeiras,...

ANTÔNIO GONÇALVES DIAS (Maranhão, Caxias, 1823 — Maranhão, 1864). Passou sua infância em Caxias, onde fez as primeiras letras e iniciou os estudos secundários. Órfão, segue para Coimbra (1838), onde completa os estudos secundários e ingressa na Faculdade de Direito (1840). Começa então sua produção literária (*Inocência; Memórias de Agapito Goiaba*, romance inacabado; *Canção do exílio*; iniciação dramática: *Patkul, Beatriz Cenci*). Em 1844 completa o curso de Direito regressando no ano seguinte ao Brasil (no Maranhão escreve o poema *Meditação*). Em 1846 está no Rio, publicando em 1847 os *Primeiros Cantos*, quando começa a trabalhar nas *Sextilhas do Frei Antão* e nos *Timbiras*; ingressa no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Em 1848 publica as *Sextilhas* e os *Segundos Cantos*. É nomeado professor de Latim e História do Brasil do Colégio de Pedro II. Em 1851 publica os *Últimos Cantos*. Segue para as províncias do Norte com a incumbência de estudar aí a situação da instrução primária, secundária e profissional. Em 1852 casa-se com D. Olímpia da Costa. Em 1854 segue para a Europa, a fim de estudar em alguns países os métodos de instrução pública (Portugal, França, Inglaterra, Bélgica, Alemanha e Espanha). Em 1857 publica em Leipzig: *Cantos, Dicionário de língua tupi* e os *Timbiras*. Em 1858 regressa ao Rio, partindo no ano seguinte para o Norte, como membro da Comissão Científica de Exploração (Ceará, Maranhão, Pará e Amazonas, 1859-1861). Em 1862, bastante doente parte para a Europa em busca de saúde (França, Alemanha, Bélgica, Portugal). Em setembro de 1864 embarca no Havre, de volta ao Brasil; durante a viagem agravou-se-lhe o estado de saúde; à vista do Maranhão morre no naufrágio do *Ville de Boulogne*.

CANTOS. 63

Cantos./ Collecção de Poesias/ de/ A. Gonçalves Dias./
Quarta edição./ (Dois tomos) Leipzig: /

F. A. Brockhaus./ 1865./

Ao SEU AMIGO o DR. G. S. DE CAPANEMA OFERECE
ESTA EDIÇÃO DOS SEUS CANTOS o AUTOR.



SIRVA DE PRÓLOGO.

COLEÇÃO de poesias, que agora reimprimo, vai ilustrada com algumas linhas de A. Herculano, a que devo a maior satisfação que tenho até hoje experimentado na minha vida literária.

Merecer a crítica de A. Herculano, já eu consideraria como bastante honroso para mim; uma simples menção do meu primeiro volume, rubricada com o seu nome, desejava-o de certo; mas esperá-lo, seria de minha parte demasiada vaidade.

Ora, em vez da crítica inflexível, que eu devera, mas não ousava reccar; em vez da simples notícia do aparecimento de um volume, que não seria de todo ruim, pois que teria merecido ocupar a sua atenção; o illustre escritor pôs por alguns momentos de parte a severidade que tem direito de usar para com todos, quando é tão severo para consigo mesmo, — e, benèvolmente indulgente, dirigiu-me algumas linhas, que me fizeram compreender quão alto eu reputava a sua glória, na plenitude de contentamento, de que as suas palavras me deixaram possuído.

O escritor conhecia-o eu há muito, mas de nome e pelas suas obras: essas obras que todos nós temos lido, e êsse nome que eu sempre ouvira pronunciar com admiração e respeito.

Se pois, naquela ocasião, me fôsse dado escolher autor para êsse artigo, não podia recair em outro a minha escolha. Hoje, com mais razão. Tive ensejo de o conhecer pessoalmente, e a fortuna de encontrar nêle um daqueles poucos, d'alta intelligência, que não perdem em serem admirados de perto, e cuja amizade se pode ambicionar como um tesouro: fortuna, digo, porque ⁶⁴ o é decerto, quando se admira o escrito, que se possa ao mesmo tempo estimar o escritor; e ainda maior fortuna, quando queremos manifestar o nosso reconhecimento, que nos não remorda a consciência, prevenindo-nos, ⁶⁵ de que ainda quando digamos mais do que a verdade, ficaremos sempre aquém do que devemos.

Aí vai o artigo tal qual o transcreveu e remeteu-me de Lisboa o meu bom amigo Gomes de Amorim.

Dresde 30 de Março de 1857.

POR OCASIÃO DA LEITURA DOS PRIMEIROS CANTOS: POESIAS DO
SR. A. GONÇALVES DIAS.

Bem como a infância do homem a infância das nações é vívida e esperançosa; bem como a velhice humana a velhice delas é tediosa e melancólica. Separado da mãe pátria, menos pela série de acontecimentos inopinados, a que uma observação superficial lhe atribui a emancipação, do que pela ordem natural do progresso das sociedades, o Brasil, império vasto, rico, destinado, pela sua situação, pelo favor da natureza, que lhe fadou a opulência, a representar um grande papel na história do novo mundo, é a nação infante que sorri; Portugal é o velho aborrido e triste, que se volve dolorosamente no seu leito de decrepidez; que se lamenta de que os raios do sol se tornassem frouxos, de que se encurtassem os horizontes da esperança, de que um crepe fúnebre vele a face da terra. Perguntai, porém, ao povo infante, que cresce e se fortifica além dos mares, que se atira ridente pelo caminho da vida, se é verdade isso que diz o ancião na tristeza do seu vegetar inerte, e que, encostado na borda do túmulo, deplora, pobre tonto, o mundo que vai morrer!

Em Portugal, os espíritos que o antigo poeta designou pelo epíteto de *bem nascidos*; aquêles que ainda tentam esquivar-se no santuário da ciência ou da poesia ao pego da podridão dissolvente que os cerca, no meio dos seus generosos esforços chegam a iludir a Europa com essas aspirações do futuro, que também nêles não são mais do que uma ilusão. As suas tentativas quase fazem acreditar que para esta nação moribunda ainda resta uma esperança de regeneração; que nas veias varicosas dêste corpo semi-cadáver de novo se vai injetar sangue puro; que temos ainda algum destino a cumprir antes de nos amortaharmos ⁶⁷ no estandarte de D. João I ou na bandeira de Vasco da Gama, e de irmos enfim repousar no cemitério da história. O desengano chega, porém, em breve. O talento que forcejava por fugir do letargo febril que nos consome, retrocede ao entrar no templo, e volve ao lodaçal onde agonizamos. E' que a turba que aí se debate, ou o apupa, ou lhe arroja adiante tropeços, ou o corrompe com dádivas e promessas; e falando-lhe às paixões más, às ambições insensatas, lhe clama: vem refocilar-te no lôdo. E, desanimado ou tentado, o talento despenha-se, e atufando-se no charco, aceita as lisonjas ou o oiro imundo, que lhe atiram, embriaga-se com os outros perdidos, e renega da missão sacrossanta, que se lhe destinara no céu.

Que é feito de tantos engenhos, que despontaram nesta nossa terra, desde que a imprensa libertada chamou os que sentiam chamejar em si um espírito não vulgar ao convívio das inteligências? Que é feito dessas três ou quatro épocas em que, nos últimos quinze anos, a mocidade parecia querer deixar inteiramente aos pequeninos homens grandes do país, o agitarem-se, o morderem-se, o devorarem-se acêrca dos graves interêsses, das profundas questões das bôlhas de sabão políticas? Que é feito dessa falange ardente, ambiciosa de uma glória pura, que principiava a exercitar-se nas lides do entendimento? De tudo isso; de tôda essa mocidade brilhante e esperançosa, que resta? Algum crente solitário que deplora em silêncio a queda de tantos arcanjos. Os outros sacerdotes, apostatando da religião das letras, atiraram-se à arena das facções, e manchados pela baba dos ódios civis, cobertos da lama das praças, arroxeados e sangüentos pelas punhadas do pugilato político, desbaratando em esforços estéreis a seiva interior, lá vão disputando no meio de homens, gastos como a efígie da velha moeda, sôbre qual há de ser a forma de ataúde, e como se talhará a mortalha, em que o cadáver de Portugal deve descer à sepultura. Que outra coisa, de feito, há aí sôbre que se dispute ainda?

Por isso, quando vejo começar a surgir entre nós um novo poeta; quando oiço a primeira harmonia que sussurra nas cordas de lira noviça, quisera poder chegar-me escondidamente ao descuidado e inexperiente cantor, e dizer-lhe ao ouvido: Cala-te, alma virgem e bela, cala-te, que estás num prostíbulo! Olha que *êles* não te ouçam! Se o teu hino reboar por essas torpes alcovas, sabe que pouco tardará a hora de te prostituíres.

O poeta português d'hoje é a avezinha que, enlevada nos seus gorjeios, se balança depois do pôr do sol no ramo do ulmeiro pendente sôbre o rio. As outras voaram para os seus ninhos, e ela deixou vir a noite, e ficou ali, triste, só, desconsolada, soltando a espaços um doloroso pio.

Poeta, nesta terra é noite! Porque não te acolheste ao teu ninho? Agora o que te resta é morrer. Vai abrigar-te entre os orbes; vai derramar em canções a tua alma no seio imenso de Deus. Aí é que sempre é dia.

Nós somos hoje o hilota embriagado, que se punha defronte da mesa nas filitias de Esparta, para servir de lição de sobriedade aos mancebos. O Brasil é a moderna Esparta de que Portugal é a moderna Helos.

Estas amarguradas cogitações surgiram-me na alma, com a leitura de um livro impresso o ano passado no Rio de Janeiro, e intitulado: *Primeiros Cantos: Poesias por A. Gonçalves Dias*. Naquele país de esperanças, cheio de viço e de vida, há um ruído de lavor íntimo, que soa tristemente cá, nesta terra onde tudo acaba. A mocidade, despregando o estandarte da civilização, prepara-se para os seus graves destinos pela cultura das letras; arroteia os campos da intelligência; aspira as harmonias dessa natureza possante que a cerca; concentra num foco todos os raios vivificantes do formoso céu, que a alumina; prova fôrças enfim para algum dia renovar pelas idéias a sociedade, quando passar a geração dos homens *práticos e positivos*, raça que lá deve predominar ainda; porque ⁶⁸ a sociedade brasileira, vergôntea separada há tão pouco da carcomida árvore portuguesa, ainda necessariamente conserva uma parte do velho cêpo. Possa o renôvo dessa vergôntea, transplantada da Europa para entre os trópicos, prosperar e viver uma bem longa vida, e não decair tão cedo como nós decaímos!

E' geralmente sabido que o jovem imperador do Brasil dedica todos os momentos que pode salvar das occupações materiais de chefe do Estado ao culto das letras. Mancebo, prende-se à mocidade, aos homens do futuro, por laços que decerto as revoluções não hão de quebrar; porque o progresso social não virá acometê-lo inopinadamente nas suas crenças e hábitos. Quando a idéia se encarnar na realidade, o seu espírito como as outras intelligências que o rodeiam, ter-se-á alimentado dela, e saudará como os seus mais alumniados súditos o pensamento progressivo. Não notais nestas tendências do moço príncipe um símbolo do presente, e uma profecia consoladora acêrca do porvir do Brasil?

A imprensa na antiga América portuguesa, balbuciante há dois dias, já ultrapassa a imprensa da terra que foi metrópole. Às publicações periódicas, primeira expressão de uma cultura intelectual que se desenvolve, ⁶⁹ começam a associar-se as composições de mais alento — os livros. Ajunte-se a êste fato outro, o ser o Brasil o mercado principal do pouco que entre nós se imprime, e será fácil conjeturar que no domínio das letras, como em importância e prosperidade, as nossas emancipadas colônias nos vão levando ràpidamente de vencida.

Por si sós êsses fatos provariam antes a nossa decadência, que o progresso literário do Brasil. E' um mancebo vigoroso que derriba um velho caquético, demente e paralítico. O que completa, porém, a prova é o exame não comparativo, mas absoluto, de algumas das modernas publicações brasileiras.

Os *Primeiros Cantos* são um belo livro; são inspirações de um grande poeta. A terra de Santa Cruz que já conta outros no seu seio, pode abençoar mais um illustre filho.

O autor, não o conhecemos; mas deve ser muito jovem. Tem os defeitos do escritor ainda pouco amestrado pela experiência: imperfeições de língua, de metrificação, de estilo. Que importa? O tempo apagará essas máculas, e ficarão as nobres inspirações estampadas nas páginas dêste formoso livro.

Quiséramos que as *Poesias Americanas* que são como o pórtico do edifício ocupassem nêle maior espaço. Nos poetas transatlânticos há por via de regra demasiadas reminiscências da Europa. Êsse Novo Mundo que deu tanta poesia a Saint-Pierre e a Chateaubriand é assaz rico para inspirar e nutrir os poetas que crescerem à sombra das suas selvas primitivas.

Como argumento disso, como exemplo da verdadeira poesia nacional do Brasil citarei aqui dous trechos das *Poesias Americanas*: o Canto do Guerreiro e um fragmento *Morro do Alecrim*.

(Aqui vem transcrita por inteiro a poesia intitulada "O Canto do Guerreiro" e as últimas estrofes do "Morro do Alecrim".)

Abstendo-me de outras citações, que ocupariam demasiado espaço, não posso resistir à ⁷⁰ tentação de transcrever das *Poesias Diversas* uma das mais mimosas composições líricas, que tenho lido na minha vida.

(Aqui vem transcrita a poesia intitulada "Seus olhos".)

Se estas poucas linhas, escritas de abundância de coração, passarem os mares, receba o autor dos *Primeiros Cantos* o testemunho sincero de simpatia, que a leitura do seu livro arrancou a um homem, que o não conhece, que provàvelmente não o conhecerá nunca, e que não costuma nem dirigir aos outros elogios *encomendados*, nem pedi-los para si.

Lisboa (Ajuda) 30 de Novembro de 1847.

A. HERCULANO

PRIMEIROS CANTOS.

PRÓLOGO DA PRIMEIRA EDIÇÃO.

Dei o nome de *Primeiros Cantos* às poesias que agora publico, porque espero que não serão as últimas.

Muitas delas não têm ⁷¹ uniformidade nas estrofes, porque menosprezo regras de mera convenção; adotei todos os ritmos da metrificacão portugêsa, e usei dêles como me pareceram quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir.

Não têm unidade de pensamento entre si, porque foram compostas em épocas diversas — debaixo de céu diverso — e sob a influencia de impressões momentâneas. Foram compostas nas margens viçosas do Mondego e nos píncaros enegrecidos do Gerez — no Douro e no Tejo — sôbre as vagas do Atlântico, e nas florestas virgens da América. Escrevi-as para mim, e não para os outros; contentar-me-ei, se agradarem; e se não... é sempre certo que tive o prazer de as ter composto.

Com a vida isolada que vivo, gosto de afastar os olhos de sôbre a nossa arena política para ler em minha alma, reduzindo à linguagem harmoniosa e cadente o pensamento que me vem de improviso, e as idéias que em mim desperta a vista de uma paisagem ou do oceano — o aspecto enfim da natureza. Casar assim o pensamento com o sentimento — o coração com o entendimento — a idéia com a paixão — colorir tudo isto com a imaginação, fundir tudo isto com a vida e com a natureza, purificar tudo com o sentimento da religião e da divindade, eis a Poesia — a Poesia grande e santa — a Poesia como eu a compreendo sem a poder definir, como eu a sinto sem a poder traduzir.

O esforço — ainda vão — para chegar a tal resultado é sempre digno de louvor; talvez seja êste o só merecimento dêste volume. O Público o julgará; tanto melhor se êle o despreza, porque o Autor interessa em acabar com essa vida desgraçada, que se diz de Poeta.

Rio de Janeiro — Julho de 1846.

POESIAS AMERICANAS.

Les infortunes d'un obscur habitant des bois auraient-elles moins de droits à nos pleurs que celles des autres hommes?

CHATEAUBRIAND

CANÇÃO DO EXÍLIO.

Kennst du das Land, wo die Citronen blühen,
Im dunkeln Laub die Gold-Orangen glühen?
Kennst du es wohl? — Dahin, dahin!
Möcht' ich... ziehn.

GOETHE.

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrêlas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm ⁷² mais vida,
Nossa vida mais amôres.

Em cismar, sòzinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sòzinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Coimbra — Julho 1843

O CANTO DO GUERREIRO.

I.

Aqui na floresta
Dos ventos batida,
Façanhas de bravos
Não geram escravos,
Que estimem a vida
Sem guerra e lidar.
— Ouvi-me, Guerreiros,
— Ouvi meu cantar.

II.

Valente na guerra
 Quem há, como eu sou?
 Quem vibra o tacape ⁷³
 Com mais valentia?
 Quem golpes daria
 Fatais, como eu dou?
 — Guerreiros, ouvi-me;
 — Quem há, como eu sou?

III.

Quem guia nos ares
 A frecha ⁷⁴ implumada,
 Ferindo uma prêsa,
 Com tanta certeza,
 Na altura arrojada
 Onde eu a mandar?
 — Guerreiros, ouvi-me,
 — Ouvi meu cantar.

IV.

Quem tantos imigos
 Em guerras preou?
 Quem canta seus feitos
 Com mais energia?
 Quem golpes daria
 Fatais, como eu dou?
 — Guerreiros, ouvi-me:
 — Quem há, como eu sou?

V.

Na caça ou na lide,
 Quem há que me afronte?!
 A onça raivosa
 Meus passos conhece,
 O imigo estremece,
 E a ave medrosa
 Se esconde no céu.
 — Quem há mais valente,
 — Mais destro do que eu?

VI.

Se as matas estrujo
 Co'os sons do Boré, ⁷⁵
 Mil arcos se encurvam,
 Mil setas lá voam,
 Mil gritos reboam,
 Mil homens de pé
 Eis surgem, respondem
 Aos sons do Boré!
 — Quem é mais valente,
 — Mais forte quem é?

VII.

Lá vão pelas matas;
 Não fazem ruído:
 O vento gemendo
 E as matas tremendo
 E o triste carpido
 Duma ave a cantar,
 São êles — guerreiros,
 Que faço avançar.

VIII.

E o Piaga se ruge
 No seu Maracá,
 A morte lá paira
 Nos ares frechados, ⁷⁶
 Os campos juncados
 De mortos são já:
 Mil homens viveram,
 Mil homens são lá.

IX.

E então se de novo
 Eu toco o Boré;
 Qual fonte que salta
 De rocha empinada,
 Que vai marulhosa,
 Fremente e queixosa,
 Que a raiva apagada
 De todo não é,
 Tal êles se escoam
 Aos sons do Boré.
 — Guerreiros, dizei-me,
 — Tão forte quem é?

O CANTO DO PIAGA. ⁷⁷

I.

Ó Guerreiros da Taba sagrada,
 Ó Guerreiros da Tribo Tupi,
 Falam Deuses nos cantos do Piaga,
 Ó Guerreiros, meus cantos ouvi.

Esta noite — era a lua já morta —
 Anhangá ⁷⁸ me vedada sonhar;
 Eis na horrível caverna, que habito,
 Rouca voz começou-me a chamar.

Abro os olhos, inquietos, medroso,
 Manitôs! ⁷⁹ que prodígios que vi!
 Arde o pau de resina fumosa,
 Não fui eu, não fui eu, que o acendi!

Eis rebenta a meus pés um fantasma,
 Um fantasma d'imensa extensão;
 Liso crânio repousa a meu lado,
 Feia cobra se enrosca no chão.

O meu sangue gelou-se nas veias,
 Todo inteiro — ossos, carnes — tremi,
 Frio horror me coou pelos membros,
 Frio vento no rosto senti.

Era feio, medonho, tremendo,
 Ó Guerreiros, o espectro que eu vi.
 Falam Deuses nos cantos do Piaga,
 Ó Guerreiros, meus cantos ouvi!

I I.

Porque dormes, ó Piaga divino?
Começou-me a Visão a falar,
Porque dormes? O sacro instrumento
De per si já começa a vibrar.

Tu não viste nos céus um negrume
Tôda a face do sol ofuscar;
Não ouviste a coruja, de dia,
Seus estrídulos tôrva soltar?

Tu não viste dos bosques a coma
Sem aragem — vergar-se e gemer,
Nem a lua de fogo entre nuvens,
Qual em vestes de sangue, nascer?

E tu dormes, ó Piaga divino!
E Anhangá te proíbe sonhar!
E tu dormes, ó Piaga, e não sabes,
E não podes augúrios cantar?!

Ouve o anúncio do horrendo fantasma,
Ouve os sons do fiel Maracá;
Manitôs já fugiram da Taba!
Ó desgraça! ó ruína! ó Tupá!

I I I.

Pelas ondas do mar sem limites
Basta selva, sem fôlhas, i vem;
Hartos troncos, robustos, gigantes;
Vossas matas tais monstros contêm.

Traz embira dos cimos pendente
— Brenha espessa de vário cipó —
Dessas brenhas contêm vossas matas,
Tais e quais, mas com fôlhas; é só!

Negro monstro os sustenta por baixo,
Branças asas abrindo ao tufão,
Como um bando de cândidas garças,
Que nos ares pairando — lá vão.

Oh! quem foi das entranhas das águas,
O marinho arcabouço arrancar?
Nossas terras demanda, fareja...
Esse monstro... — o que vem cá buscar?

Não sabeis o que o monstro procura?
Não sabeis a que vem, o que quer?
Vem matar vossos bravos guerreiros,
Vem roubar-vos a filha, a mulher!

Vem trazer-vos crueza, impiedade —
Dons cruéis do cruel Anhangá;
Vem quebrar-vos a maça valente,
Profanar Manitôs, Maracás.

Vem trazer-vos algemas pesadas,
Com que a tribo Tupi vai gemer;
Hão de os velhos servirem de escravos,
Mesmo o Piaga inda escravo há de ser!

Fugireis procurando um asilo,
Triste asilo por ínvio sertão;
Anhangá de prazer há de rir-se,
Vendo os vossos quão poucos serão.

Vossos Deuses, ó Piaga, conjura,
Susta as iras do fero Anhangá.
Manitôs já fugiram da Taba,
Ó desgraça! ó ruína! ó Tupá!

O CANTO DO ÍNDIO

Quando o sol vai dentro d'água
Seus ardores sepultar,
Quando os pássaros nos bosques
Principiam a trinar;

Eu a vi que se banhava...
Era bela, ó Deuses, bela,
Como a fonte cristalina,
Como luz de meiga estrêla.

Ó Virgem, Virgem dos Cristãos formosa,
Porque eu te visse assim, como te via,
Calcara agros espinhos sem queixar-me,
Que antes me dera por feliz de ver-te.

O tacape fatal em terra estranha
Sôbre mim sem temor veria erguido;
Dessem-me a mim sômente ver teu rosto
Nas águas, como a lua, retratado.

Eis que os seus loiros cabelos
Pelas águas se espalhavam,
Pelas águas, que de vê-los
Tão loiros se enamoravam.

Ela erguia o colo ebúrneo,
Porque melhor os colhesse;
Níveo colo, quem te visse,
Que de amôres não morresse!

Passara a vida inteira a contemplar-te,
Ó Virgem, loira Virgem tão formosa,
Sem que dos meus irmãos ouvisse o canto, ⁸⁰
Sem que o som do Boré que incita à guerra
Me infiltrasse o valor que m'hás roubado,
Ó Virgem, loira Virgem tão formosa.

Às vêzes, quando um sorriso
Os lábios seus entreabria,
Era bela, oh! mais que a aurora
Quando a raiar principia.

Outra vez — dentre os seus lábios
Uma voz se desprendia;
Terna voz, cheia de encantos,
Que eu entender não podia.

Que importa? Esse falar deixou-me n'alma
Sentir d'amôres tão sereno e fundo,
Que a vida me prendeu, vontade e força.
Ah! que não queiras tu viver comigo,
Ó Virgem dos Cristãos, Virgem formosa!

Sôbre a areia, já mais tarde,
Ela surgiu tôda nua;
Onde há, ó Virgem, na terra
Formosura como a tua?

Bem como gótas de orvalho
 Nas fôlhas de flor mimosa,
 Do seu corpo a onda em fios
 Se deslizava amorosa.

Ah! que não queiras tu vir ser rainha
 Aqui dos meus irmãos, qual sou rei dêles!
 Escuta, ó Virgem dos Cristãos formosa.
 Odeio tanto aos teus, como te adoro;
 Mas queiras tu ser minha, que eu prometo
 Vencer por teu amor meu ódio antigo,
 Trocar a maça do poder por ferros
 E ser, por te gozar, escravo dêles.

CAXIAS. 81

Quanto és bela, ó Caxias! — no deserto,
 Entre montanhas, derramada em vale
 De flores perenais,
 És qual tênue vapor que a brisa espalha
 No frescor da manhã meiga soprando
 À flor de manso lago.

Tu és a flor que despontaste livre
 Por entre os troncos de robustos cedros,
 Forte — em gleba inculta;
 És qual gazela, que o deserto educa,
 No ardor da sesta debruçada exangue
 À margem da corrente.

Em mole sêda as graças não escondes,
 Não cinges d'ouro a fronte que descansas
 Na base da montanha;
 És bela como a virgem das florestas,
 Que no espelho das águas se contempla,
 Firmada em tronco anoso.

Mas dia inda virá, em que te pejes
 Dos, que ora trajas, símplices ornatos
 E amável desalinho:
 Da pompa e luxo amiga, hão de cair-te
 Aos pés então — da poesia a c'roa
 E da inocência o cinto.

DEPRECAÇÃO.

Tupã, ó Deus grande! cobriste o teu rosto
 Com denso velamen de penas gentis;
 E jazem teus filhos clamando vingança
 Dos bens que lhes deste da perda infeliz!

Tupã, ó Deus grande! teu rosto descobre:
 Bastante sofremos com tua vingança!
 Já lágrimas tristes choraram teus filhos,
 Teus filhos que choram tão grande mudança.

Anhangá impiedoso nos trouxe de longe
 Os homens que o raio manejam cruentos,
 Que vivem sem pátria, que vagam sem tino
 Trás do ouro correndo, voraces, sedentos.

E a terra em que pisam, e os campos e os rios
 Que assaltam, são nossos; tu és nosso Deus:
 Por que lhes concedes tão alta pujança,
 Se os raios de morte, que vibram, são teus?

Tupã, ó Deus grande! cobriste o teu rosto
 Com denso velamen de penas gentis;
 E jazem teus filhos clamando vingança
 Dos bens que lhes deste da perda infeliz.

Teus filhos valentes, temidos na guerra,
 No albor da manhã quão fortes que os vi!
 A morte pousava nas plumas da frecha,
 No gume da maça, no arco Tupi!

E hoje em que apenas a enchente do rio
 Cem vêzes hei visto crescer e baixar...
 Já restam bem poucos dos teus, qu'inda possam
 Dos seus, que já dormem, os ossos levar.

Teus filhos valentes causavam terror,
 Teus filhos enchiam as bordas do mar,
 As ondas coalhavam de estreitas igaras,
 De frechas cobrindo os espaços do ar.

Já hoje não caçam nas matas frondosas
 A corça ligeira, o trombudo coati...
 A morte pousava nas plumas da frecha,
 No gume da maça, no arco Tupi!

O Piaga nos disse que breve seria,
 A que nos infliges cruel punição;
 E os teus inda vagam por serras, por vales,
 Buscando um asilo por ínvio sertão!

Tupã, ó Deus grande! descobre o teu rosto:
 Bastante sofremos com tua vingança!
 Já lágrimas tristes choraram teus filhos,
 Teus filhos que choram tão grande tardança.

Descobre o teu rosto, ressurjam os bravos,
 Que eu vi combatendo no albor da manhã;
 Conheçam-te os feros, confessem vencidos
 Que és grande e te vingas, qu'és Deus, ó Tupã!

O SOLDADO ESPANHOL.

Un soldat au dur visage.
 V. HUGO.

I.

Oh! qui révélera les troubles, les mystères
 Que ressentent d'abord deux amants solitaires
 Dans l'abandon d'un chaste amour?
Amour et Foi.

O céu era azul, tão meigo e tão brando,
 A terra tão êrma, tão quieta e saudosa,
 Que a mente exultava, mais longe escutando
 O mar a quebrar-se na praia arenosa.

O céu era azul, e na côr semelhava ⁸²
Vestido sem nódoa de pura donzela;
E a terra era a noiva que bem se arreava,
De flores, matizes; mas vária, mas bela.

Ela era brilhante,
Qual raio do sol;
E êle arrogante,
De sangue espanhol.

E o espanhol muito amava
A virgem mimosa e bela;
Ela amante, êle zeloso
Dos amôres da donzela;
Êle tão nobre e folgando
De chamar-se escravo dela!

E êle disse: — Vês o céu? —
E ela disse: — Vejo, sim;
Mais polido que o polido
Do meu véu azul cetim. —
Torna-lhe êle... (oh! quanto é doce
Passar-se uma noite assim!)

— Por entre os vidros pintados
D'igreja antiga, a luzir
Não vês luz? — Vejo. — E não sentes
De a veres, meigo sentir?
— E' doce ver entre as sombras
A luz do templo a luzir!

— E o mar, além, preguiçoso
Não vês tu em calmaria?
— E' belo o mar; porém sinto,
Só de o ver, melancolia.
— Que mais o teu rosto enfeita
Que um sorriso de alegria.

— E eu também acho em ser triste
Do que alegre, mais prazer;
Sou triste, quando em ti penso,
Que só me falta morrer;
Mesmo a tua voz saudosa
Vem minha alma entristecer.

— E eu sou feliz, como agora,
Quando me falas assim;
Sou feliz quando se riem
Os lábios teus de carmim;
Quando dizes que me adoras,
Eu sinto o céu dentro em mim.

— És tu só meu Deus, meu tudo,
És tu só meu puro amar,
És tu só que o pranto podes
Dos meus olhos enxugar. —
Com ela repete o amante:
— És tu só meu puro amar! —

E o céu era azul tão meigo e tão brando
E a terra tão êrma, tão só, tão saudosa
Que a mente exultava, mais longe escutando
O mar a quebrar-se na praia arenosa!

I I.

Ainsi donc aujourd'hui, demain après encore,
Il faudra voir sans toi naître et mourir l'aurore!

V. HUGO.

E o espanhol viril, nobre e formoso,
No bandolim
Seus amôres dizia mavioso,
Cantando assim:

“Já me vou por mar em fora
Daqui longe a mover guerra,
Já me vou, deixando tudo,
Meus amôres, minha terra.

“Já me vou lidar em guerras,
Vou-me à ⁸³ Índia ocidental;
Hei de ter novos amôres...
De guerras... não temas al.

“Não chores, não, tão coitada,
Não chores por t'eu deixar;
Não chores, que assim me custa
O pranto meu sofrer.

“Não chores! — sou como o Cid
Partindo para a campanha;
Não ceifarei tantos louros,
Mas terei pena tamanha.”

E a amante que assim o via
Partir-se tão desditoso,
— Vai, mas volta; lhe dizia:
Volta, sim, vitorioso.

“Como o Cid, oh! crua sorte!
Não me vou nesta campanha
Guerrear contra o crescente,
Porém sim contra os d'Espanha!

“Não me aterram; porém sinto
Cerrar-se o meu coração,
Sinto deixar-te, meu anjo,
Meu prazer, minha afeiçãõ.

“Como é doce o romper d'alva,
É-me doce o teu sorrir,
Doce e puro, qual d'estrêla
Da noite — o meigo luzir.

“Eram meus teus pensamentos,
Teu prazer minha alegria,
Doirada fonte d'encantos,
Fonte da minha poesia.

“Vou-me longe, e o peito levo
Rasgado de acerba dor,
Mas comigo vão teus votos,
Teus encantos, teu amor!

“Já me vou lidar em guerras,
Vou-me à ⁸³ Índia ocidental;
Hei de ter novos amôres...
De guerras... não temas al.”

Esta era a canção que acompanhava
No bandolim,
Tão triste, que de triste não chorava
Dizendo assim.

I I I.

O Conde deu o sinal da partida:
— A caça! meus amigos.

BURGER.

“Quero, pajens, selado o ginete,
Quero em punho nebris e falcão,
Qu’ é promessa de grande caçada
Fresca aurora d’amigo verão.

“Quero tudo luzindo, brilhante
— Curta espada e venáb’lo e punhal,
Cães e galgos farejem diante
Leve odor de sanhudo animal.

“E ai do gamo que eu vir na coutada,
Corça, onagro, que eu primo avistar!
Que o venáb’lo nos ares voando
Lhe há de o salto no meio quebrar.

“Eia, avante! — Dizia folgando
O fildalgo mancebo, loução:
— Eia, avante! — e já todos galopam
Trás do moço, soberbo infanção.

E partem, qual do arco arranca e voa
Nos amplos ares, mais veloz que a vista,
A plúmea seta da entesada corda.
Longe o eco reboa; — já mais fraco,
Mais fraco ainda, pelos ares voa.
Dos cães dúbio o latir se escuta apenas,
Dos ginetes tropel, rinchar distante
Que em lufadas o vento traz por vêzes.
Já som nenhum se escuta... Quê! — latido
De cães, incerto, ao longe? Não, foi vento
Na torre castelã batendo acaso,
Nas seteiras acaso sibilando
Do castelo feudal, deserto agora.

I V.

Vois, à l’horizon
Aucune maison?
— Aucune.

V. HUGO.

Já o sol se escondeu; cobre a terra
Belo manto de frouxo luar;
E o ginete, que esporas atracam,
Nitro e corre sem nunca parar.

Da coutada nas ínvias ramagens
Vai sòzinho o mancebo infanção;
Vai sòzinho, afanoso trotando
Sem temores, sem pajens, sem cão.

Companheiros da caça há perdido,
Há perdido no aceso caçar:
Há perdido, e não sente receio
De sòzinho, nas sombras trotar.

Côrno ebúrneo embocou muitas vêzes,
Muitas vêzes de si deu sinal;
Bebe atento a resposta, e não ouve
Outro som responder-lhe; — inda mal!

E o ginete que esporas atracam,
Nitro e corre sem nunca parar;
Já o sol se escondeu, cobre a terra
Belo manto de frouxo luar.

V.

De rosée
Arrosée,
La rose a moins fraîcheur.

HENRIQUE IV.

Silêncio grato da noite
Quebram sons duma canção,
Que vai dos lábios de um anjo
Do que escuta ao coração.

Dizia a letra mimosa
Saudades de muito amar;
E o infanção enleado,
Atento, pôs-se a escutar.

Era encantos voz tão doce,
Incentivo essa ternura,
Gerava delícias n’alma
Sonhar d’havê-la a ventura.

Queixosa cantava a espôsa
Do guerreiro que partiu,
Largos anos são passados,
Missiva dêle não viu...

Parou!... escutando ao perto
Responder-lhe outra canção!..
Era terna a voz que ouvia,
Lisonjeira — do infanção:

“Tenho castelo soberbo
Num monte, que beija um rio,
De terras tenho no Doiro
Jeiras cem de lavradio;

“Tenho lindas haquenéias,
Tenho pajens e matilha,
Tenho os melhores ⁸⁴ ginetes
Dos ginetes de Sevilha;

“Tenho punhal, tenho espada
D’alfageme alta feitura,
Tenho lança, tenho adaga,
Tenho completa armadura.

“Tenho fragatas que cingem
Dos mares a linfa clara,
Que vão preando piratas
Pelas rochas de Megara.

“Dou-te o castelo soberbo
E as terras do fértil Doiro,
Dou-te ginetes e pajens
E a espada de pomo d’oiro.

“Dera a completa armadura
E os meus barcos d’alto-mar,
Que nas rochas de Megara
Vão piratas cativar.

VII.

“Fala de amôres teu canto,
Fala de acesa paixão...
Ah! senhora, quem tivera
Dos agrados teus condão!

“Eu sou mancebo, sou Nobre,
Sou nobre moço infância;
Assim pudesse o meu canto
Algemar-te o coração,
Ó Dona, que eu dera tudo
Por vencer-te essa isenção!”

Atenta escutava a espôsa
Do guerreiro que partiu,
Largos anos são passados,
Missiva dêle não viu;
Mas da letra que escutava
Delícias n'alma sentiu.

VI.

Si tu voulais, Madeleine,
Je te ferais châtelaine;
Je suis le comte Roger: —
Quitte pour moi ces chaumières,
À moins que tu ne préfères
Que je me fasse berger.

V. HUGO.

E noutra noite saudosa
Bem junto dela sentado,
Cantava brandas endechas
O gardingo namorado.

“Careço de ti, meu anjo,
Careço do teu amor,
Como da gôta d'orvalho
Carece no prado a flor.

“Prazeres que eu nem sonhava
Teu amor me fêz gozar;
Ah! que não queiras, senhora,
Minha dita rematar.

“O teu marido é já morto,
Notícia dêle não soa;
Pois desta gente guerreira
Bastos ceifa a morte à toa.

“Ventura me fôra ver-te
Nos lábios teus um sorriso,
Delícias me fôra amar-te,
Gozar-te meu paraíso.

“Sinto aflição, quando choras;
Se te ris, sinto prazer;
Se te ausentas, fico triste,
Que só me falta morrer.

“Careço de ti, meu anjo,
Careço do teu amor,
Como da gôta d'orvalho
Carece no prado a flor.”

L'époux, dont nul ne se souvient,
Vient;
Il va punir ta vie infâme,
Femme!

V. HUGO.

Era noite hibernal; girava dentro
Da casa do guerreiro o riso, a dança,
E reflexos de luz, e sons, e vozes,
E deleite, e prazer: e fora a chuva,
A escuridão, a tempestade, e o vento,
Rugindo sôlto, indômito e terrível
Entre o negror do céu e o horror da terra.
Na geral confusão os céus e a terra
Horrenda simpatia alimentavam.

Ferve dentro o prazer, reina o sorriso,
E fora a tiritar, ⁸⁵ fria, medonha,
Marcha a vingança pressurosa e tôrva:
Traz na destra o punhal, no peito a raiva,
Nas faces palidez, nos olhos morte.

O infância extremoso enchia rasa
A taça de licor mimoso e velho,
Da usança ao brinde convidando a todos
Em honra da esposada: — À noiva! exclama.

E a porta range e cede, e franca e livre
Introduz o tufão, e um vulto assoma
Altivo e colossal. — Em honra, brada,
Do espôso deslembado! — e a taça empunha,
Mas antes que o licor chegasse aos lábios,
Desmaiada e por terra jaz a espôsa,
E a destra do infância maneja o ferro,
Por que tão grande afronta lave o sangue,
Pouco, bem pouco para injúria tanta.
Debalde o fêz, que lhe golfeja o sangue
D'ampla ferida no sinistro lado,
E ao pé da espôsa o assassino surge
Co'o sangrento punhal na destra alçado. ⁸⁶

A flor purpúrea que matiza o prado,
Se o vento da manhã lhe entorna o cálix,
Perde aroma talvez; porém mais belo
Colorido lhe vem do sol nos raios.
As fagueiras feições daquele rosto
Assim foram também; ⁸⁷ não foi do tempo
Fatal o perpassar às faces lindas.

Nota-lhe êle as feições, nota-lhe os lábios,
Os curtos lábios que lhe deram vida,
Longa vida de amor em longos beijos,
Qual jamais não provou; e as iras tôdas
Dos zelos vingadores descansaram
No peito de sofrer cansado e cheio,
Cheio qual na praia fica a esponja,
Quando a vaga do mar passou sôbre ela.

Num relance fugiu, minaz no vulto:
Como o raio que luz um breve instante,
Sôbre a terra baixou, deixando a morte.

POESIAS DIVERSAS.

A LEVIANA.

Souvent femme varie,
 Bien fol est qui s'y fie.
 FRANCISCO I.

És engraçada e formosa
 Como a rosa,
 Como a rosa em mês d'Abril;
 És como a nuvem doirada
 Deslizada,
 Deslizada em céus d'anil.

Tu és vária e melindrosa,
 Qual formosa
 Borboleta num jardim,
 Que as flores tôdas afaga,
 E divaga
 Em devaneio sem fim.

És pura, como uma estrêla
 Doce e bela,
 Que treme incerta no mar;
 Mostras nos olhos tua alma
 Terna e calma,
 Como a luz d'almo luar.

Tuas formas tão donosas,
 Tão airosas,
 Formas da terra não são;
 Pareces anjo formoso,
 Vaporoso,
 Vindo da etérea mansão.

Assim, beijar-te receio,
 Contra o seio
 Eu tremo de te apertar;
 Pois me parece que um beijo
 E' sobejo
 Para o teu corpo quebrar.

Mas não digas que és só minha!
 Passa asinha
 A vida, como a ventura,
 Que te não vejam brincando,
 E folgando
 Sôbre a minha sepultura.

Tal os sepulcros colora
 Bela aurora
 De fulgores radiante;
 Tal a vaga mariposa
 Brinca e pausa
 Dum cadáver no semblante.

A MINHA MUSA.

Gratia, Musa, tibi; nam tu solatia praebes.
 OVIDIO.

Minha Musa não é como ninfa
 Que se eleva das águas — gentil —
 Co'um sorriso nos lábios mimosos,
 Com requebros, com ar senhoril.

Nem lhe poua nas faces redondas
 Dos fagueiros anelos a côr;
 Nesta terra não tem uma esp'rança,
 Nesta terra não tem um amor.

Como fada de meigos encantos,
 Não habita um palácio encantado,
 Quer em meio de matas sombrias,
 Quer à beira do mar levantado.

Não tem ela uma senda florida,
 De perfumes, de flores bem cheias,
 Onde vague com passos incertos,
 Quando o céu de luzeiros se arreja.

Não é como a de Horácio a minha Musa;
 Nos soberbos alpendres dos Senhores
 Não é que ela reside;
 Ao banquete do grande em lauta mesa,
 Onde gira o falerno em taças d'oiro,
 Não é que ela preside.

Ela ama a solidão, ama o silêncio,
 Ama o prado florido, a selva umbrosa
 E da rôla o carpir.
 Ela ama a viração da tarde amena,
 O sussurro das águas, os acentos
 De profundo sentir.

D'Anacreonte o gênio prazenteiro,
 Que de flores cingia a fronte calva
 Em brilhante festim,
 Tomando inspirações à doce amada,
 Que leda lh'enflorava a ebúrnea lira;
 De que me serve, a mim?

Canções que a turba nutre, inspira, exalta
 Nas cordas magoadas me não pousam
 Da lira de marfim.
 Correm meus dias, lacrimosos, tristes,
 Como a noite que estende as negras asas
 Por céu negro e sem fim.

E' triste a minha Musa, como é triste
 O sincero verter d'amargo pranto
 D'órfã singela;
 E' triste como o som que a brisa espalha,
 Que ciciza nas fôlhas do arvoredô
 Por noite bela.

E' triste como o som que o sino ao longe
 Vai perder na extensão d'ameno prado
 Da tarde no cair,
 Quando nasce o silêncio envolto⁸⁸ em trevas,
 Quando os astros derramam sôbre a terra
 Merencório luzir.

Ela então, sem destino, erra por vales,
Erra por altos montes, onde a enxada
Fundo e fundo cavou;
E pára; perto, jovial pastôra
Cantando passa — e ela cisma ainda
Depois que esta passou.

Além — da choça humilde s'ergue o fumo
Que em risonha espiral se eleva às nuvens
Da noite entre os vapores;
Muge sôlto o rebanho; e lento o passo,
Cantando em voz sonora, porém baixa,
Vêm andando os pastôres.

Outras vêzes também, no cemitério,
Incerta volve o passo, soletrando
Recordações da vida;
Roça o negro cipreste, calca o musgo,
Que o tempo fez brotar por entre as fendas
Da pedra carcomida.

Então corre o meu pranto muito e muito
Sôbre as úmidas cordas da minha Harpa,
Que não ressoam;
Não choro os mortos, não; choro os meus
[dias]
Tão sentidos, tão longos, tão amargos,
Que em vão se escoam.

Nesse pobre cemitério
Quem já me dera um lugar!
Esta vida mal vivida
Quem já ma dera acabar!

Tenho inveja ao pegureiro,
Da pastôra invejo a vida,
Invejo o sono dos mortos
Sob a laje carcomida.

Se qual pegão tormentoso,
O sôpro da desventura
Vai bater potente à porta
De sumida sepultura;

Uma voz não lhe responde,
Não lhe responde um gemido,
Não lhe responde uma prece,
Um ai — do peito sentido.

Já não têm voz com que falem,
Já não têm que padecer;
No passar da vida à morte
Foi seu extremo sofrer.

Que lh'importa a desventura?
Ela passou, qual gemido
Da brisa em meio da mata
De verde alecrim florido.

Quem me dera ser como êles!
Quem me dera descansar!
Nesse pobre cemitério
Quem me dera o meu lugar,
E co'os sons das Harpas d'anjos
De minha Harpa os sons casar!

DESEJO.

E poi morir.

METASTASIO.

Ah! que eu não morra sem provar, ao menos
Sequer por um instante, nesta vida
Amor igual ao meu!
Dá, Senhor Deus, que eu sôbre a terra encontre
Um anjo, uma mulher, uma obra tua,
Que sinta o meu sentir;
Uma alma que me entenda, irmã da minha,
Que escute o meu silêncio, que me siga
Dos ares na amplidão!
Que em laço estreito unidas, juntas, prêsas,
Deixando a terra e o lôdo, aos céus remontem
Num êxtase ⁸⁹ de amor!

SEUS OLHOS.

Oh! rouvre tes grands yeux dont la paupière tremble,
Tes yeux pleins de langueur;
Leur regard est si beau quand nous sommes ensemble!
Rouvre-les; ce regard manque à ma vie, il semble
Que tu fermes ton coeur.

TURQUETY.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
De vivo luzir,
Estrêlas incertas, que as águas dormentes
Do mar vão ferir;

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Têm ⁹⁰ meiga expressão,
Mais doce que a brisa, — mais doce que o nauta
De noite cantando, — mais doce que a fruta
Quebrando a soidão.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
De vivo luzir,
São meigos infantes, gentis, engraçados
Brincando a sorrir.

São meigos infantes, brincando, saltando
Em jôgo infantil,
Inquietos, travessos; — causando tormento,
Com beijos nos pagam a dor de um momento,
Com modo gentil.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Assim é que são;
Às vêzes ⁹¹ luzindo, serenos, tranqüilos,
Às vêzes vulcão!

Às vêzes, oh! sim, derramam tão fraco,
Tão frouxo brilhar,
Que a mim me parece que o ar lhes falece,
E os olhos tão meigos, que o pranto umedece,
Me fazem chorar.

Assim lindo infante, que dorme tranqüilo,
Desperta a chorar;
E mudo e sisudo, cismando mil coisas,
Não pensa — a pensar.

Nas almas tão puras da virgem, do infante,
 As vêzes do céu
 Cai doce harmonia duma Harpa celeste,
 Um vago desejo; e a mente se veste
 De pranto co'um véu.

Quer sejam saudades, quer sejam desejos
 Da pátria melhor;
 Eu amo seus olhos que choram sem causa
 Um pranto sem dor.

Eu amo seus olhos tão negros, tão puros,
 De vivo fulgor;
 Seus olhos que exprimem tão doce harmonia,
 Que falam de amôres com tanta poesia,
 Com tanto pudor.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
 Assim é que são;
 Eu amo êsses olhos que falam de amôres
 Com tanta paixão.

 INOCÊNCIA.

Sans nommer le nom qu'il faut bénir et taire.
 S. BEUVE.

Ó meu anjo, vem correndo,
 Vem tremendo
 Lançar-te nos braços meus;
 Vem depressa, que a lembrança
 Da tardança
 Me aviva os rigores teus.

Do teu rosto, qual marfim,
 De carmim
 Tinge um nada a côr mimosa;
 E' belo o pudor, mas choro,
 E deploro
 Que assim sejas tão medrosa.

Por inocente tens mêdo
 De tão cedo,
 De tão cedo ter amor;
 Mas sabe que a formosura
 Pouco dura,
 Pouco dura, como a flor.

Corre a vida pressurosa,
 Como a rosa,
 Como a rosa na corrente.
 Amanhã terás amor?
 Como a flor,
 Como a flor fenece a gente.

Hoje ainda és tu donzela
 Pura e bela,
 Cheia de meigo pudor;
 Amanhã menos ardente
 De repente
 Talvez sintas meu amor.

PEDIDO.

Ontem no baile
 Não me atendias!
 Não me atendias,
 Quando eu falava.

De mim bem longe
 Teu pensamento!
 Teu pensamento,
 Bem longe errava.

Eu vi teus olhos
 Sôbre outros olhos!
 Sôbre outros olhos,
 Que eu odiava.

Tu lhe sorriste
 Com tal sorriso!
 Com tal sorriso,
 Que apunhalava.

Tu lhe falaste
 Com voz tão doce!
 Com voz tão doce,
 Que me matava.

Oh! não lhe fales,
 Não lhe sorrias,
 Se então só qu'rias
 Exp'rimentar-me.

Oh! não lhe fales,
 Não lhe sorrias,
 Não lhe sorrias,
 Que era matar-me.

 O DESENGANO.

Já vigílias passei namorado,
 Doces horas d'insônia passei,
 Já meus olhos, d'amor fascinado,
 Em ver só meu amor empreguei.

Meu amor era puro, extremoso,
 Era amor que meu peito sentia,
 Eram lavas de um fogo teimoso,
 Eram notas de meiga harmonia.

Harmonia era ouvir sua voz,
 Era vez seu sorriso harmonia;
 E os seus modos e gestos e ditos
 Eram graças, perfume e magia.

E o que era o teu amor, que me embalava
 Mais do que meigos sons de meiga lira ?
 Um dia o decifrou — não mais que um dia —
 Fingimento e mentira!

Tão belo o nosso amor! — foi só de um dia,
Como uma flor!
Porque tão cedo o talismã quebraste
Do nosso amor?

Porque num só instante assim partiste
Essa anosa cadeia?
De bom grado a sofreste! essa lembrança
Inda hoje me recreia.

Quão insensato fui! — busquei firmeza,
Qual em ondas de areia movediça,
Na mulher, — não achei!
E da esp'rança, que eu via tão donosa
Sorrir dentro em minha alma, as longas asas
Doido e néscio cortei!

E tu vás caprichosa ⁹² prosseguindo
Essa esteira de amor, que julgas cheia
De flores bem gentis;
Podes ir, que os meus olhos te não vejam;
Longe, longe de mim, mas que em minha alma
Eu sinta qu'és feliz.

Podes ir, que é desfeito o nosso laço,
Podes ir, que o teu nome nos meus lábios
Nunca mais soará!
Sim, vai; — mas êste amor que me atormenta,
Que tão grato me foi, que me é tão duro,
Comigo morrerá!

Tão belo o nosso amor! — foi só de um dia
Como uma flor!
Oh! que bem cedo o talismã quebraste
Do nosso amor!

MINHA VIDA E MEUS AMÔRES.

Mon Dieu, fais que je puisse aimer!
S. BEUVE.

Quando, no albor da vida, fascinado
Com tanta luz e brilho e pompa e galas,
Vi o mundo sorrir-me esperançoso:
— Meu Deus, disse entre mim, oh! quanto é doce,
Quanto é bela esta vida assim vivida! —
Agora, logo, aqui, além, notando
Uma pedra, uma flor, uma lindeza,
Um seixo da corrente, uma conchinha ⁹³
A beira-mar colhida!

Foi esta a infância minha; a juventude
Falou-me ao coração: — amemos, disse,
Porque amar é viver.
E esta era linda, como é linda a aurora
No fresco da manhã tingindo as nuvens
De rósea côr fagueira;
Aquela tinha um quê de anelos meigos
Artífice sublime;
Feiticeiro sorrir dos lábios dela
Prendeu-me o coração; — julguei-o ao menos.

Aquela outra sorria tristemente,
Como um anjo no exílio, ou como o cálix
De flor pendida e murcha e já sem brilho.
Humilde flor tão bela e tão cheirosa,
No seu deserto perfumando os ventos.
— Eu morrera feliz, dizia eu d'alma,
Se pudesse enxertar uma esperança
Naquela alma tão pura e tão formosa,
E um alegre sorrir nos lábios dela.

A fugaz borboleta as flores tôdas
Elege, e liba e uma e outra, e foge
Sempre em novos amôres enlevada;
Neste meu paraíso fui como ela,
Inconstante vagando em mar de amôres.
O amor sincero e fundo e firme e eterno,
Como o mar em bonança meigo e doce,
Do templo como a luz perene e santo,
Não, nunca o senti; — sòmente o viço
Tão forte dos meus anos, por amôres

Tão fáceis quanto indí'nos fui trocando.
Quanto fui louco, ó Deus! — Em vez do fruto
Sazonado e maduro, que eu podia
Como em jardim colhêr, mordi no fruto
Pútrido e amargo e rebuçado em cinzas,
Como infante glutão, que se não senta
A mesa de seus pais.

Dá, meu Deus, que eu possa amar,
Dá que eu sinta uma paixão,
Torna-me virgem minha alma,
E virgem meu coração.

Um dia, em qu'eu sentei-me junto dela,
Sua voz murmurou nos meus ouvidos,
— Eu te amo! — Ó anjo, que não possa eu crer-te!
Ela, certo, não é mulher que vive
Nas fezes da desonra, em cujos lábios
Só mentira e traição eterno habitam.
Tem uma alma inocente, um rosto belo,
E amor nos olhos... — mas não posso crê-la.

Dá, meu Deus, que eu possa amar,
Dá que eu sinta uma paixão;
Torna-me virgem minha alma,
E virgem meu coração.

Outra vez que lá fui, que a vi, que a mêdo
Terna voz lhe escutei: — Sonhei contigo!
Inefável prazer banhou meu peito,
Senti delícias; mas a sós comigo
Pensei — talvez! — e já não pude crê-la.
Ela tão meiga e tão cheia de encantos,
Ela tão nova, tão pura e tão bela...
Amar-me! — Eu que sou?
Meus olhos enxergam, enquanto duvida
Minha alma sem crença, de fôrça exaurida,
Já farta da vida,
Que amor não doirou.

Malgrado meu, crer não posso,
Malgrado meu que assim é;
Queres ligar-te comigo
Sem no amor ter crença e fé?

Antes vai colar teu rosto,
Colar teu seio nevado
Contra o rosto mudo e frio,
Contra o seio dum finado.

Ou supplica a Deus comigo
Que me dê uma paixão;
Que me dê crença à minha alma,
E vida ao meu coração.

RECORDAÇÃO.

Nessun maggior dolore....

DANTE.

Quando em meu peito as aflições rebentam
Eivadas de sofrer acerbo e duro;
Quando a desgraça o coração me arrocha
Em círculos de ferro, com tal fôrça,
Que dêle o sangue em borbotões golfeja;
Quando em minha alma de sofrer cansada,
Bem que afeita a sofrer, sequer não pode
Clamar: Senhor piedade; — e que os meus olhos
Rebeldes, uma lágrima não vertem
Do mar d'angústias que meu peito oprime:

Volvo aos instantes de ventura, e penso
Que a sós contigo, em prática serena,
Melhor futuro me augurava, as doces
Palavras tuas, sôfregos, atentos
Sorvendo meus ouvidos, — nos teus olhos
Lendo os meus olhos tanto amor, que a vida
Longa, bem longa, não bastara ainda
Porque de os ver me saciassel!... O pranto
Então dos olhos meus corre espontâneo,
Que não mais te verei. — Em tal pensando
De martírios calar sinto em meu peito
Tão grande plenitude, que a minha alma
Sente amargo prazer de quanto sofre.

TRISTEZA.

Que leda noite! — Este ar embalsamado,
Este silêncio harmônico da terra
Que sereno prazer n'alma cansada
Não espreme, ⁹⁴ não filtra, não difunde?
A brisa lá sussurra na folhagem
D'espêssas matas, d'árvores robustas,
Que velam sempre e sós, que a Deus elevam
Misterioso côro, que do Bardo
A crença quase morta inda alimenta.
E' esta a hora mágica de encantos,
Hora d'inspirações dos céus descidas,
Que em delírio de amor aos céus remontam.

Aqui da vida as lástimas infindas,
Do mirrado egoísmo a voz ruidosa
Não chegam; nem soluços, risos, festas,
— Hilaridade vã de turba incauta,

Néscia de ruim futuro; ou queixa amarga
Do decrépito velho, enfêrmo, exangue,
Nem do mancebo os ais doidos, prêso
Ao leito do sofrer na flor da vida.

Aqui reina o silêncio, o religioso,
Morno sossêgo, que povoa as ruínas,
E o mausoléu soberbo, carcomido,
E o templo majestoso, em cuja nave
Suspira ainda a nota maviosa,
O derradeiro arfar d'órgão solene.

Em puro céu a lua resplandece,
Melancólica e pura, semelhando ⁹⁵
Gentil viúva que pranteia o extinto,
O belo espôso amado, e vem de noite,
Vivendo pelo amor, malgrado a morte,
Ferventes orações chorar sôbre êle.

Eu amo o céu assim, sem uma estrêla,
Azul sem mancha, — a lua equilibrada
Num céu de nuvens, e o frescor da tarde,
E o silêncio da noite adormecida,
Que imagens vagas de prazer desenha; ⁹⁶
Amo tudo o que dá no peito e n'alma
Tréguas ao recordar, tréguas ao pranto,
À v'emência da dor, à pertinácia
Tenaz e acerba de cruéis lembranças;
Amo estar só com Deus, porque nos homens
Achar não pude amor, nem pude ao menos
Sinal de compaixão achar entre êles.

Menti! — um inda achei; mas êste em ócio
Feliz descansa agora, enquanto aos ventos
E ao cru furor das verde-negras ondas
Da minha vida a barca aventureira
Insano confiei; em céu diverso
Luzem com luz diversa estrêlas d'ambos.
Ai! triste, que houve tempo em que eu julgava
As duas uma só, — co'o mesmo brilho
Uma e outra nos céus meigas brilhavam!
Hoje cintila a dêle, enquanto a minha
Entre nuvens, sem luz, se perde agora.
Meu Deus, foi bom assim! No imenso pego
Mais uma gôta d'amargor que importa?
Que importa o fel na taça do absinto,
Ou uma dor de mais onde outras reinam?

O TROVADOR.

Êle cantava tudo o que merece de ser cantado; o que
há na terra de grande e de santo — o amor e a virtude. —

Numa terra antigamente
Existia um Trovador;
Na Lira sua inocente
Só cantava o seu amor.

Nenhum sarau se acabava
Sem a Lira de marfim,
Pois cantar tão alto e doce
Nunca alguém ouvira assim.

E quer donzela, quer dona,
Que sentira comoção
Pular-lhe n'alma, escutando
Do Trovador a canção;

De jasmims e de açucenas
A fronte sua adornou;
Mas só a rosa da amada
Na Lira amante poisou.

E o Trovador conheceu
Que era traído — por fim;
Pôs-se a andar, e só se ouvia
Nos seus lábios: ai de mim!

Enlutou de negro fumo
A rosa de seu amor,
Que meia oculta se via
Na gorra do Trovador;

Como virgem bela, morta
Da idade na linda flor,
Que parece, o dó trajando,
Inda sorrir-se de amor.

No meio do seu caminho
Gentil donzela encontrou:
Canta — disse; e as cordas d'ouro
Vibrando, o triste cantou.

"Teu rosto engraçado e belo
"Tem a lindeza da flor;
"Mas é risonho o teu rosto:
"Não tens de sentir amor!

"Mas também ⁹⁷ por êsse dia
"Que viverás, como a flor,
"Mimosa, engraçada e bela,
"Não tens de sentir amor!

"Oh! não queiras, por Deus, homem que tenha
"Tingida a larga testa de palor;
"Sente fundo a paixão, — e tu no mundo
"Não tens de sentir amor!

"Sorriso jovial te enfeita os lábios,
"Nas faces de jasmim tens rósea côr;
"Fundo amor não se ri, não é corado...
"Não tens de sentir amor;

"Mas se queres amar, eu te aconselho,
"Que não guerreiro, escolhe um trovador,
"Que não tem um punhal, quando é traído,
"Que vingue o seu amor."

Do Trovador pelo rosto
Tôrva raiva se espalhou,
E a Lira sua, tremendo,
Sem cordas d'ouro ficou.

Mais além no seu caminho
Donzel garboso encontrou:
Canta — disse; e argêntas cordas
Pulsando, o triste cantou.

"Aos homens da mulher enganam sempre
"O sorriso, o amor;
"E' êste breve, como é breve aquêl
"Sorriso enganador.

"Teu peito por amor, Donzel, suspira,
"Que é de jovens amar a formosura;
"Mas sabe que a mulher, que amor te jura,
"Dos lindos lábios seus cospe a mentira!

"Já frenético amor cantei na lira,
"Delícias já sorvi num seu sorriso,
"Já venturas fruí do paraíso,
"Em terna voz de amor, que era mentira!

"O amor é como a aragem que murmura
"Da tarde no cair — pela folhagem;
"Não volta o mesmo amor à formosura
"Bem como nunca volta a mesma aragem.

"Não queiras amar, não; pois que a 'sperança
"Se arroja além do amor por largo espaço.
"Tens, brilhando ao sol, a forte lança,
"Tens longa espada cintilante d'aço.

"Tens a fina armadura de Milão,
"Tens luzente e brilhante capacete,
"Tens adaga e punhal e bracelete
"E, qual lúcido espelho, o morrião.

"Tens feroso corcel ⁹⁸ todo arreado,
"Que mais veloz que os ventos sorve a terra;
"Tens duelos, tens justas, tens torneios,
"Que os fracos corações de medo cerra;
"Tens pajens, tens varletes e escudeiros
"E a marcha afoita, apercebida em guerra
"Do luzido esquadrão de mil guerreiros.

"Oh! não queiras amar! — Como entre a neve
"O gigante vulcão borbulha e ferve
"E sulfúrea chama pelos ares lança,
"Que após o seu cair torna-se fria;
"Assim tu acharás petrificada,
"Bem como a lava ardente do vulcão,
"A lava que teu peito consumia
"No peito da mulher — ou cinza ou nada —
"Não frio, mas gelado o coração!"

E o Trovador despeitoso
De prata as cordas quebrou,
E nas de chumbo seu fado
A lastimar começou.

"Que triste que é neste mundo
"O fado dum Trovador!
"Que triste que é! — bem que tenha
"Sua Lira e seu amor.

"Quando em festejos descanta,
"Rasgado o peito com dor,
"Mimoso tem de cantar
"Na sua Lira — o amor!

"Como a um servo vil ordena
"Um orgulhoso Senhor,
"Canta, diz-lhe; quero ouvir-te:
"Quero descantes de amor!

"Diz-lhe o guerreiro, que apenas
"Lidou em justas de amor:
"— Minha dama quer ouvir-te,
"Canta, truão trovador! —

“Manda a mulher que nos deixa
 “De beijos murchada flor;
 “— Canta, truão, quero ouvir-te,
 “Um terno canto de amor!

“Mas se a mulher, que êle adora
 “Atraíçoa o seu amor;
 “Embalde busca a seu lado
 “Um punhal — o Trovador!

“Se escuta palavras dela,
 “Que a outros juram amor;
 “Embalde busca a seu lado
 “Um punhal — o Trovador!

“Se vê luzir de alguns lábios
 “Um sorriso mofador;
 “Embalde busca a seu lado
 “Um punhal — o Trovador!

“Que triste que é neste mundo
 “O fado dum Trovador!
 “Pesar lhe dá sua Lira,
 “Dá-lhe pesar seu amor!”

E o Trovador neste ponto
 A corda extrema arrancou;
 E num marco do caminho
 A Lira sua quebrou:
 Ninguém mais a voz sentida
 Do Trovador escutou!

AMOR! DELÍRIO — ENGANO.

Y el llanto que en su cólera derrama,
 La hoguera apaga del antiguo amor!

ZORRILLA.

Amor! delírio — engano.... Sôbre a terra
 Amor também ⁹⁹ fruí; a vida inteira
 Concentrei num só ponto — amá-la, e sempre.
 Amei! — dedicação, ternura, extremos
 Cismou meu coração, cismou minha alma,
 — Minha alma que na taça da ventura
 Vida breve d'amor sorveu gostosa.
 Eu e ela, ambos nós, na terra ingrata
 Oásis, paraíso, éden ou templo
 Habitamos uma hora; e logo o tempo
 Com a foice roaz quebrou-lhe o encanto,
 Doce encanto que o amor nos fabricara.

E eu sempre a via!.. quer nas nuvens d'oiro,
 Quando ia o sol nas vagas sepultar-se,
 Ou quer na branca nuvem que velava
 O círculo da lua, — quer no manto
 D'alvacentá neblina que baixava
 Sôbre as fôlhas do bosque, muda e grave,
 Da tarde no cair; nos céus, na terra,
 A ela, a ela só, viam meus olhos.

Seu nome, sua voz — ouvia eu sempre;
 Ouvia-os no gemer da parda rôla,
 No trépido correr da veia argêntea,
 No respirar da brisa, no sussurro

Do arvoredó frondoso, na harmonia
 Dos astros inefável; — o seu nome!
 Nos fugitivos sons de alguma fruta,
 Que da noite o silêncio realçavam,
 Os ares e a amplidão divinizando,
 Ouviam meus ouvidos; e de ouvi-lo
 Arfava de prazer meu peito ardente.

Ah! quantas vêzes, quantas! junto dela
 Não senti sua mão tremer na minha;
 Não lhe escutei um lânguido suspiro,
 Que vinha lá do peito à flor dos lábios
 Deslizar-se e morrer?! Dos seus cabelos
 A mágica fragrância respirando,
 Escutando-lhe a voz doce e pausada,
 Mil venturas colhi dos lábios dela,
 Que instantes de prazer me futuravam.
 Cada sorriso seu era uma esp'rança,
 E cada esp'rança enlouquecer de amôres.
 E eu amei tanto! — Oh! não! não hão de os homens
 Saber que amor, à ingrata, havia eu dado;
 Que afetos melindrosos, que em meu peito
 Tinha eu guardado para ornar-lhe a fronte!
 Oh! — não, — morra comigo o meu segrêdo;
 Rebelde o coração murmure embora.

Que de vêzes, pensando a sós comigo,
 Não disse eu entre mim: — Anjo formoso,
 Da minha vida que farei, se acaso
 Faltar-me o teu amor um só instante;
 — Eu que só vivo por te amar, que apenas
 O que sinto por ti a custo exprimo?
 No mundo que farei, como estrangeiro
 Pelas vagas cruéis à praia inóspita
 Exânime arrojado? — Eu, que isto disse,
 Existo e penso — e não morri, — não morro
 Do que outrora senti, do que ora sinto,
 De pensar nela, de a rever em sonhos,
 Do que fui, do que sou e ser podia!

Existo; e ela de mim jaz esquecida!
 Esquecida talvez de amor tamanho,
 Derramando talvez noutros ouvidos
 Frases doces de amor, que dos seus lábios
 Tantas vêzes ouvi, — que tantas vêzes
 Em êxtase divino aos céus me alçaram,
 — Que dando à terra ingrata o que era terra
 Minha alma além das nuvens transportaram.
 Existo! como outrora, no meu peito
 Férvido o coração pular sentindo,
 Todo o fogo da vida derramando
 Em queixas mulheris, em moles versos.
 E ela!... ela talvez nos braços doutrem

Com sua vida alimenta uma outra vida,
 Com o seu coração o de outro amante,
 Que mais feliz do que eu, inferno! a goza.
 Ela, que eu respeitei, que eu venerava
 Como a relíquia santa! — a que meus olhos,
 Receando ofendê-la, tantas vêzes
 De castos e de humildes se abaixaram!
 Ela, perante quem sentia eu prêsá
 A voz nos lábios e a paixão no peito!
 Ela, ídolo meu, a quem o orgulho,
 A fôrça d'homem, o sentir, vontade
 Própria e minha dediquei, — sujeita
 À voz de alguém que não sou eu, — desperta,
 Talvez no instante em que de mim se lembra,

Por um ósculo frio, por carícias
Devidas dum espôso!...
Oh! não poder-te,
Abutre roedor, cruel ciúme,
Tua funda raiz e a imagem dela
No peito em sangue espedaçar raivoso!

Mas tu, cruel, que és meu rival, numa hora,
Em que ela só julgar-se, hás de escutar-lhe
Um quebrado suspiro do imo peito,
Que d'eras já passadas se recorda.
Hás de escutá-lo, e ver-lhe a côr do rosto
Enrubecer-se ao deparar contigo!
Prêsa serás também d'atros cuidados,
Terás ciúme, e sofrerás qual soffro:
Nem menor que o meu mal quero a vingança.

DELÍRIO.

Quando dormimos o nosso espírito vela.
ESQUILO.

A noite 100 quando durmo, esclarecendo
As trevas do meu sono,
Uma etérea visão vem assentar-se
Junto ao meu leito aflito!
Anjo ou mulher? não sei. — Ah! se não fôsse
Um qual véu transparente,
Como que a alma pura ali se pinta
Ao través do semblante,
Eu a crera mulher... — E tentas, louco,
Recordar o passado,
Transformando o prazer, que desfrutaste,
Em lentas agonias?!

Visão, fatal visão, porque derramas
Sôbre o meu rosto pálido
A luz de um longo olhar, que amor exprime
E pede compaixão?
Porque teu coração exala uns fundos,
Magoados suspiros,
Que eu não escuto; mas que vejo e sinto
Nos teus lábios morrer?
Porque êsse gesto e mórbida postura
De macerado espírito,
Que vive entre aflições, que já nem sabe
Desfrutar um prazer?

Tu falas! tu que dizes? êste acento,
Esta voz melindrosa,
Noutros tempos ouvi, porém mais leda;
Era um hino d'amor.
A voz, que escuto, é magoada e triste,
— Harmonia celeste,
Que à noite vem nas asas do silêncio
Umedecer as faces
Do que enxerga outra vida além das nuvens.
Esta voz não é sua;
E' acorde talvez d'harpa celeste,
Caído sôbre a terra!

Balbucias uns sons, que eu mal percebo,
Doridos, compassados,
Fracos, mais fracos; — lágrimas despontam
Nos teus olhos brilhantes...

Choras! tu choras!... Para mim teus braços
Por força irresistível
Estendem-se, procuram-me; procuro-te
Em delírio afanoso.
Fatídico poder entre nós ambos
Ergueu alta barreira;
Êle te enlaça e prende... mal resistes...
Cedes enfim... acordo!

Acordo do meu sonho tormentoso,
E choro o meu sonhar!
E fecho os olhos, e de novo intento
O sonho reatar.
Embalde! porque a vida me tem prêso;
E eu sou escravo seu!
Acordado ou dormindo, é triste a vida
Dês que o amor se perdeu.
Há contudo prazer em nos lembrarmos
Da passada ventura,
Como o que educa flores vicejantes
Em triste sepultura.

EPICÉDIO.

Passa la bella donna e par che dorma.
TASSO.

Seu rosto pálido e belo
Já não tem vida nem côr!
Sôbre êle a morte descansa,
Envôlta 101 em baço palor.

Cerraram-se olhos tão puros,
Que tinham tanto fulgor;
Coração que tanto amava
Já hoje não sente amor.

Que o anjo belo da morte
A par dêsse anjo baixou!
Trocaram brandas palavras,
Que Deus sômente escudou.

Ventura, prazer, ledice
Duma outra vida contou;
E o anjo puro da terra
Prazer da terra enjeitou.

Depois co'as asas candentes
O formoso anjo do céu
Roçou-lhe a face mimosa,
Cobriu-lhe o rosto co'um véu.

Depois o corpo engraçado
Deixou a terra sem vida,
De ténue palor coberto,
— Verniz de estátua esquecida.

E bela assim, como um lírio
Murcho da sesta ao ardor,
Teve a inocência dos anjos,
Tendo o viver duma flor.

Foi breve! — mas a desgraça
A testa não lhe enrugou,
E aos pés do Deus que a criara
Alma inda virgem levou.

Sai da larva a borboleta,
Sai da rocha o diamante,
De um cadáver mudo e frio
Sai uma alma radiante.

Não choremos essa morte,
Não choremos casos tais;
Quando a terra perde um justo,
Conta um anjo o céu de mais.

SOFRIMENTO.

Meu Deus, Senhor meu Deus, o que há no mundo
Que não seja sofrer?
O homem nasce, e vive um só instante,
E sofre até morrer!

A flor ao menos, nesse breve espaço
Do seu doce viver,
Encanta os ares com celeste aroma,
Querida até morrer.

E' breve o romper d'alva, mas ao menos
Traz consigo prazer;
E o homem nasce e vive um só instante:
E sofre até morrer!

Meu peito de gemer já está cansado,
Meus olhos de chorar;
E eu sofro ainda, e já não posso alívio
Sequer no pranto achar!

Já farto de viver, em meia vida,
Quebrado pela dor,
Meus anos hei passado, uns após outros,
Sem paz e sem amor.

O amor que eu tanto amava do imo peito,
Que nunca pude achar,
Que embalde procurei, na flor, na planta,
No prado, e terra, e mar!

E agora o que sou eu? — Pálido espectro,
Que da campã fugiu;
Flor ceifada em botão; imagem triste
De um ente que existiu...

Não escutes, meu Deus, esta blasfêmia;
Perdão, Senhor, perdão!
Minha alma sinto ainda, — sinto, escuto
Bater-me o coração.

Quando roja meu corpo sôbre a terra,
Quando me aflige a dor,
Minha alma aos céus se eleva, como o incenso,
Como o aroma da flor.

E eu bendigo o teu nome eterno e santo,
Bendigo a minha dor,
Que vai além da terra aos céus infindos
Prender-me ao criador.

Bendigo o nome teu, que uma outra vida
Me fêz descortinar,
Uma outra vida, onde não há só trevas,
E nem há só penar.

VISÕES.

I.

PRODÍGIO.

Naquele instante em que vacila a mente
Do sono ao despertar, quando pejada
Vem doutros mundos de visões etéreas:
Quando sôbre a manhã surge brilhante
A luz da madrugada, — eu vi!... nem sonhos
Era a minha visão, real não era;
Mas tinha d'ambos o talvez. — Quem sabe?
Foi capricho ¹⁰² falaz da fantasia,
Ou foi certo aventar d'eras venturas?

A ira do Senhor baixou tremenda
Sôbre uma vasta capital! — em pedra
Tornou-se a gente impura. Muitos homens
Às portas ¹⁰³ férreas, largas, vi sentados.
Melhor do que um pintor ou statuário
A morte, que de súbito os colhera
No ardor, no afã da vida, conservou-lhes
A ação — partida em meio, com tal fôrça,
Que a mente seu malgrado a completava.
Um tinha os lábios entreabertos; outro
Parecia sorrir; mais longe aquê
Derramava um segrêdo, baixo, a mêdo,
Nos ouvidos do amigo; austero o guarda
Com o rosto carregado e barba hirsuta,
Nas mãos calosas sopesava a lança.
Dos mercadores na comprida rua
Passavam muitos compradores; — êste
Contava montes d'oiro; — à luz aquê
Expunha a sêde do Indostão, de Tiro
A púrpura brilhante, a damasquina
Custosa tela entretecida d'oiro.
Cortês sorrindo, o mercador gabava
As côres vivas, o tecido, o corpo
Do estôfo que vendia. Nos serralhos
Era o Eunuco imperfeito; das Mesquitas
Bradava à prece o Muezim...

— Num largo,
Fôfo e vasto divã sentado, um velho
Os versos lia do Alcorão; — só êle
Dentre tanto punir ficara ileso.

II.

A CRUZ.

Era um templo d'arábica estrutura,
Majestoso, elegante; — além das nuvens
Se entranhava nos céus sutil a agulha;
Sôbre o zimbório retumbante e vasto
Ondas e ondas de vapor cresciam.
Dentro corriam três compridas naves
Sôbre dois renques de colunas, onde
Baixos-relevos da sagrada história
Da base ao capitel se emaranhavam.
Ardia a luz na alâmpada sagrada;
No sagrado instrumento o som dormia.

Junto à cruz — da fachada egrégia pompa —
Muitos homens eu vi de tórvo aspecto;
Muitos outros, servis, com mão armada
Profundos golpes entalhavam nela.
Um daqueles no entanto assim falava:

“Quando esta humilde cruz rojar por terra,
“Levando a crença de Jesus consigo, ¹⁰⁴
“Nós outros, da verdade Sacerdotes,
“Nós Doutôres do mundo, nós Luzeiros
“Que desvendamos a impostura, o erro,
“A mentira sagaz, a crença louca,
“Entrada fácil da razão no templo
“Teremos todos; e de então no trono,
“Do néscio vulgo imparciais sob’ranos,
“Santos juizes da verdade santa,
“Pregaremos o justo, a paz, concórdia
“E os seus deveres que dimanam fáceis
“Do amor do lucro e do interêsse; todos —
“— Vassalos da razão, nossos vassalos —
“Um éden terreal farão do mundo.”

No entanto aos crebros golpes do machado
A cruz pendia oblíqua sôbre a terra.
Criando novas fôrças com tal vista,
Os operários mais freqüentes golpes
Repetem, vibram, continuam; — soa
Por tôda a parte o eco, — o som, mais longe,
Retumba, morre — e novamente ecoa.
Nisto a cruz — geme — estrala; um grito sobe
Uníssonos e geral!...

Como sois grande,
Senhor, Senhor meu Deus! — Eu vi ¹⁰⁵ morrendo
Os obreiros cair; e a cruz erguer-se,
Como aos raios do sol a flor mimosa
Que a raiva do tufão vergara insana.

III.

PASSAMENTO.

Era um quarto espaçoso; — ali se viam
Rojar no pavimento, há pouco, as sêdas,
Ricos tapêtes multicolor bordados,
E franjas complicadas dum céu d’ouro
Pendentes, — vastos rases narradores
De lenda pia ou de briosos feitos.
Mas de tanto luzir, de tanto ornato
Ora por mãos avaras depredado
O vasto d’área revelava aos olhos,
Tendo num canto escuro um leito apenas.
Do leito alguém rasgara o cortinado.
E da curva armação polida e bela
Aqui, ali, pendia a sêda em fios,
Bem como tranças de mulher formosa
Por sôbre o seio nu. — Ali no leito
Jazia um moribundo; em tórno os olhos
Cheios de pasmo e de terror volvia,
Bebendo pelos sôfregos ouvidos
Mal sentido rumor doutro aposento.
Confusas vozes, altercar ruidoso,
E o tinir de metal ouvia apenas!
Então por vêzes três no leito aflito
Erguer-se maquinou de raiva insano!
Por três vêzes caiu, gemendo, sôbre
O leito que da queda se sentia.

Da morte o cru torpor nos membros frios
Pouco e pouco s’espalha; mas teimoso
Da vida o amor debate-se nas ânsias
Dêsse passo fatal...

— Eis nisto à porta
Um Padre assoma, — dentre as mãos erguidas
Da hóstia santa resplendor luzia;
E palavras de paz, de amor, divinas,
Que nos lábios do justo Deus entorna,
Abundantes soltava. Longos anos
De piedoso sofrer o corpo enfermo
Alquebraram por fim; as cãs nevadas
Raras tremiam sôbre a testa, como
Tremia na garganta a voz cansada.
Dizia o bom do velho: — “Irmão, nas ânsias,
“No extremo agonizar da morte amiga
“Ergue os olhos ao céu; — do céu te venha
“Êsse divino amor, que só lá mora,
“Que filtra por nossa alma, que nos deixa
“Mais celeste prazer, mais doce arroubo,
“Do que a terra sói dar...” ¹⁰⁶

“Infames, tredos,
“Bufarinheiros de palavras, corvos
“De negro, feio agoiro, que evoaçam
“Com grito grasnador por sôbre o campo,
“Onde a peleja de reinar começa;
“Dizes-me *tu* — a mim! — a mim que ao foro
“Caminho inda hoje entre alas de clientes,
“Que só me visto de veludo e d’ouro,
“Enquanto vives de burel coberto.
“Co’os lábios sôbre o pó mordendo a terra!
“Dizes-me *tu* — a mim!...”

Ergueu-se... e o corpo
Caiu de fraco sôbre o leito; o velho
No entanto humilde orava, que alma santa
Do mal cabido insulto não se ofende.

Jeová, que entre miríadas
Vives de estrêlas formosas,
Que das flores melindrosas
Da terra — os anjos formaste;
Jeová, que pela água
Lustrar quiseste o Messias,
Que ao beato, ao santo Elias
Nas chamas purificaste;

Jeová, que a mente apuras
No fogo do sofrimento,
Que divino, alto portento
Deste fazer a ¹⁰⁷ Moisés,
Quando a negra rocha dura
Tocando co’a ténue vara,
Rebentou a linfa clara,
Lambendo-lhe mansa os pés;

Jeová, que eterno existes,
Cujo ser em si se encerra,
Que formaste o céu e a terra,
Que te chamas — o que é, ¹⁰⁸
— Faz, Senhor d’altos prodígios,
Com que a mente empedernida
Não se aparte desta vida
Sem sentir a santa fé.

E tu, Cristo, que sofreste
Martírios por nosso amor,
Tu que foste o Salvador,
Salva-o, Senhor, por quem és.

Dá que em palavras piedosas
Se derrame contristado,
Como o rochedo tocado
Pela vara de Moisés.

E o confuso rumor do outro aposento
Crescia mais e mais. — Do moribundo
Os cúpidos herdeiros dividiam
Por si a vasta herança; os torvos olhos
Iam de rosto a rosto, fuzilando
Ameaças de morte.

No entanto o velho exânime e sem forças
Curtia amargos transes, que avarento,
E tendo a vida inútil prêsá à terra
Com tôda a fôrça d'alma, — agora em ânsias
Sentia o hálito vital fugir-lhe,
E a terra abandoná-lo.

Estuava-lhe a dor no peito aflito!...
Só não chorava, que do pranto a fonte
Jazia extinta; mas pensava triste:
— Não tinha alguém que lhe cerrasse os olhos
Nem quem chorando lhe abrandasse o amargo
Do extremo agonizar.

E a mente, já medrosa, em feio quadro
Lhe pintava os seus feitos; — a vingança,
Que tão grande prazer lhe tinha sido,
Ora em martírios se tornava; a chusma
Dos homicídios seus crescia tórva,
E no leito o cercava.

Crença infantil! dizia; loucos, cegos
Prejuízos do vulgo; — e assim dizendo
Os vãos fantasmas repelir buscava.
Mas a crença infantil, os prejuízos
Do néscio vulgo, ríspidos tornavam,
Como inseto importuno.

Debalde por não ver cerrava os olhos,
Sôbre os olhos debalde as mãos cruzava,
Que as sombras nos ouvidos lhe falavam,
E mais distintas se pintavam n'alma
— Também, ¹⁰⁹ molesta, qual se pinta o corpo
Do espelho no polido.

E do seu passamento o caso infando
Narrava uma após outra, sôbre o peito
Mostrando o golpe fúnebre e cruento;
Sorvendo o fel da taça amarga o enfêrmo
Parecia sorrir!... era qual louco
Que sofre e um riso finge.

E das visões indo a fugir se arroja
De sôbre o leito delirante; as sombras
Voam sôbre êle, e em círculo se ordenam.
O moribundo a esta, a aquela, a tôdas
Volve o pávido rosto, no mover-se
Progressivo, incessante.

E prêsó ao duro embate da vertigem,
As mestas sombras ao redor com êle
Fugir sentia; o pavimento, a casa

Rápido rodava; a terra e tudo,
Como aos soluços dum vulcão tremendo,
As fôrças lhe tolhiam.

E o orgulhoso que feliz vivera,
Movendo a seu bom grado mil escravos,
Querendo a terra dominar co'um gesto;
Ora mesquinho, solitário e louco,
Face a face lutando com seus crimes,
Morria impenitente.

I V.

Era o vulto de um homem morto que afastando o stridário se ia erguer do túmulo para revelar alguns dos temerosos mistérios, que encerra a aparente quietação dos sepulcros.

O PRESBITERO.

O negrume da noite avulta; e cresce
Mais feia a escuridão
À luz da sacra pira que derrama
Frouxo e túbio clarão.

Calou-se o canto, a prece, — é mudo o templo;
Apenas fraco soa
Da tórre o bronze, que a noturna brisa
De rumores povoa.

Mas eis que de um sepulcro a pedra fria
S'ergue e sôbre outras cai.
Não se escuta rumor! — da campa livre
Medroso espectro sai.

O rosto ossificado em tórno volve,
Volve a suja caveira;
Do liso crânio os longos dedos varrem
A fúnebre poeira.

Mas inda inteiro o coração se via
Do peito nas cavernas,
Inda sangrento lágrimas chorava
De negro sangue eternas.

E caminhando, qual se move a sombra,
Ao órgão se assentou!
Já não dormem os sons, não dormem ecos...
— O triste assim cantou:

“Onde estás, meu amor, meus encantos,
Por quem só me pesava morrer,
Doce encanto que à ¹¹⁰ vida me prendes,
Que inda em morto me fazes sofrer?”

“Doce amor, minha vida no mundo,
Dêsse mundo em que parte serás;
Em que cismas, que pensas, que fazes,
Onde estás, meu amor, onde estás?”

“Ah! debalde na campa gelada
Fria morte me pôde deitar!
Foi debalde, — que eu sinto, que eu ardo;
Foi debalde, que eu amo a penar.

Ah! se eu triste no mundo pudesse
Como outrora viver, respirar...
Não soubera dizer-te os ardores
Que o sepulcro não pôde apagar.

Onde estás? — Já da morte o bafejo
Por teu rosto divino roçou;
Já na campa descansas finada,
Que o teu corpo sem vida tragou?

“Mas a morte não pôde impiedosa
Crua foice vibrar contra ti!
Ah! tu vives, que eu sinto, que eu soffro
Cruos ardores quais sempre soffri.

“E eu não posso o teu nome à noitinha
Entre as fôlhas saudoso cantar,
Nem seguir-te nas asas da brisa,
Nem teu sono de sonhos doirar.

“Nem lembrar-te os queridos instantes
Que a teu lado arroubado passei,
Sem cuidados de incerto futuro,
Só cuidadoso da vida que amei.

“Não te lembras da noite homicida
Em que um ferro meu peito varou,
Quando a fácil conversa de amôres
Teu marido cioso quebrou?!

“Desde então hei penado sòzinho,
Verte sangue meu peito — de então;
Pôde a morte acabar-me a existência,
Mas delir-me não pôde a paixão!

“Nosso adúltero afeto no mundo
Não se acaba; — assim quis o Senhor!
Não se acaba... — qu'importa? — hei gozado
Teus encantos gentis, teu amor.

“Por te amar outras fráguaes sofrera,
Outros transes e dor e penar;
Oh! poder que eu pudesse outra vida
E outro inferno sofrer por te amar!”

Mas da aurora já raiava
Macio e brando clarão;
Macia e branda a canção
Do negro espectro soava.

E medroso se colava
Ao órgão seu negro véu,
Que imiga não se ajuntava
Ao seu vulto a luz do céu.

Pouco a pouco se perdia
O negro espectro; a canção
Pouco a pouco enfraquecia,
Do dia ao ténue clarão: 111

Era o cantar um sóido
Fraco, incerto e duvidoso;
Era o vulto pavoroso
Duma sombra vão tremido.

A MORTE.

Dans sa douleur elle se trouvait malheureuse d'être
immortelle.

FÉNÉLON.

Da aurora vinha nascendo
O grato e belo clarão;
Eu sonhava! já mais brandos
Eram meus sonhos então.

Condensou-se o ar num ponto,
Cresceu o sutil vapor;
Vi formada uma beleza,
Cheia de encantos, de amor.

Mas na candura do rosto
Não se pintava o carmim;
Tinha um quê de cera junto
À nitidez do marfim.

— Quem és tu, visão celeste,
Belo Arcanjo do Senhor?
Respondeu-me: — Sou a Morte,
Cru fantasma de terror!

— Ah! lhe tornei: És a morte,
Tão formosa e tão cruel!
— Correndo o mundo sòzinha
No meu pálido corcel. — 112

Assim dizia — “Tu julgas
Que não tenho coração,
Que executo os meus deveres
Sem pesar, sem aflição?”

— Que inda em flor da vida arranco
Ao jovem, sem compaixão,
A donzela pudibunda
Ou ao longo tempo ancião?

— Oh! não, que eu soffro martírios
Do que faço aos mais soffrer,
Soffro dor de que outros morrem,
De que eu não posso morrer;

— Mas em parte a dor me cura
Um pensamento, que é meu, —
Lembro aos humanos que a terra
E' só passagem p'ra o céu.

— Faço ao triste erguer os olhos
Para a celeste mansão;
Em lábios que nunca oraram
Derramo pia oração.

— E' meu poder quem apura
Os vícios que a mente encerra,
Ao fogo da minha dor;
Sou quem prendo aos céus a terra,
Sou quem ligo a criatura 113
Ao ser do seu Criador.

— Mas qu'importa? Sem descanso
É-me forçoso marchar,
Abater impias frentes,
Réguas frentes decepar.

— Passar ao través dos homens
Como um vento abrasador:
Como entre o feno maduro
A foice do segador.

— E prostrar uma após outra
Geração e geração,
Como peste que só reina
Em meio da solidão." —

Desponta o sol radioso
Entre nuvens de carmim;
Cessa o canto pesaroso,
Como corda áurea de Lira, ¹¹⁴
Que se parte, que suspira
Dando um gemido sem fim.

O VATE.

NO ÁLBUM DE UM POETA.

Moi... j'aimerai ta victoire;
Pour mon coeur, ami de toute gloire,
Les triomphes d'autrui ne sont pas un affront.
Poète, j'eus toujours un chant pour les poètes,
Et jamais le laurier qui pare d'autres têtes
Ne jeta d'ombre sur mon front.

V. HUGO.

Vate! vate! que és tu? — Nos seus extremos
Fadou-te Deus um coração de amôres,
Fadou-te uma alma acesa borbulhando
Ardidos ¹¹⁵ pensamentos, como a lava
Que o gigante Vesúvio arroja às nuvens.

Vate! vate! que és tu? — Fôste ao princípio
Sacerdote e profeta;
Eram nos céus teus cantos uma prece,
Na terra um vaticínio.
E êle cantava então: — Jeová me disse,
Majestoso e terrível.

"Vês tu Jerusalém como orgulhosa
"Campeia entre as nações, como no Líbano
"Um cedro a cuja sombra a hissopo cresce?
"Breve a minha ira transformada em raios
"Sôbre ela cairá;
"Um fero vencedor dentro em seus muros
"Tributária a fará;
"E quando escravos seus filhos, sôbre pedra
"Pedra não ficará."

E os réprobos de saco se vestiam, ¹¹⁶
Em pó, em cinza envoltos; ¹¹⁷
E colocando co'a terra os torpes lábios,
E açoitando co'as mãos o peito imbele,
Senhor! Senhor! — clamavam.

E o vate entanto o pálido semblante
Meditabundo sôbre as mãos firmava,
Suplicando ao Senhor do interno d'alma.

Foram santos então. — Homero o mundo
Criou segunda vez, — o inferno o Dante, —
Milton o paraíso, — foram grandes!

E hoje!... em nosso exílio erramos tristes,
Mimosa esp'rança ao infeliz legando,
Maldizendo a soberba, o crime, os vícios;
E o infeliz se consola, e o grande treme.
Damos ao infante aqui do pão que temos,
E o manto além ao mísero raquitico;
Somos hoje Cristãos.

À MORTE PREMATURA

DA ILMA. SRA. D.

(No álbum de seu Irmão Dr. J. D. Lisboa Serra.)

Il semble que le ciel aux coeurs les plus magnanimes
Mesure plus de maux.

LAMARTINE.

Perfeita formosura em tenra idade
Qual flor, que antecipada foi colhida,
Murchada está da mão da sorte dura.

CAMÕES, *Soneto*.

Lá, bem longe daqui, em tarde amena,
Gozando a viração das frescas auras,
Que do Brasil os bosques brandamente
Faziam balançar, — e que espalhavam
No éter encantado odor, pureza —
Do que a rosa mais bela, — meiga e casta,
Como as virgens do sol,
Que de vêzes não foi ela pendente
Dos braços fraternais em meigo abraço;
Como mimosa flor prêsa, enlaçada
A tenro arbusto que a vergôntea débil
Lhe ampara docemente!...

E o Irmão que só nela se revia,
O Irmão que a adorava, qual se adora
Um mimo do Senhor;
Que a tinha por farol, confôrto e guia,
Os seus dias contava por encantos;
E as virtude co'os dias pleiteavam.
E ela morreu no viço de seus anos!...
E a lajem fria e muda dos sepulcros
Se fechou sôbre o ente esmorecido
Ao despontar de vida
Tão rica de esperanças e tão cheia
De formosura e graças!...

Campa! campal que de terror incutes!
Quanto êsse teu silêncio me horroriza!
E quanto se assemelha a tua calma
À ¹¹⁸ do cruel malvado que impassível
Contempla a sua vítima torcer-se
Em convulsões horríveis, desp'radas;
Cruas vascas da morte!...
Quem tão má te criou?

Tu que tragas o ente que esmorece
Ao despontar de vida
Tão rica de esperanças e tão cheia
De formosura e graças?!

O farol se apagou! a luz sumiu-se!
Como o fugaz clarão do meteoro,
Extinguiu-se a esperança; — e o malfadado

Sôbre a terra deserta em vão procura
Traços dessa que amou, que tanto o amara;
Da jovem companheira de seus brincos,
Pesares e alegrias.
Êle a procura!... o viajor pasmado
Nos campos de Pompéia, alonga a vista
Pela amplidão do praino,
Destroços e ruínas encontrando,
Onde esperava movimento e vida.

Não poder eu a trôco de meu sangue
Poupar-te dessas lágrimas metade!
Oh! poder que eu pudesse! — e almo sorriso,
Que tanto me compraz ver-te nos lábios,
Inda uma vez brilhasse!
E essa existência,
Que tão cara me é, ta visse eu leda,
É feliz como a vida dos Arcanjos!
Infeliz é quem chora: ela finou-se,
Porque os anjos à terra não pertencem;
Mas lá dos imortais sôbre os teus dias
A suspirada irmã vela incessante.

Vinde, cândidas rosas, açucenas,
Vinde, roxas saudades;
Orvalhai, tristes lágrimas, as c'roas,
Que hão de a campa adornar por mim depostas
Em holocausto à vítima da morte.
Inocência, pudor, beleza e graça
Com ela nessa campa adorneceram.
Anjo no coração, anjo no rosto,
Devera o amor chorar sôbre o teu seio,
Que não grinaldas fúnebres tecer-te;
Devera voz d'espôso acalentar-te
O sono da inocência, — não grosseira
Canção de trovador não conhecido.

Coimbra, Junho de 1841.

A MENDIGA.

Donnez:—

Et quand vous paraitrez devant le juge austère,
Vous direz: J'ai connu la pitié sur la terre,
Je puis la demander aux cieux!

TURQUETY.

I.

Eu sonhei durante a noite...
Que triste foi meu sonhar!
Era uma noite medonha,
Sem estrélas, sem luar.

E ao través do manto escuro
Das trevas, meus olhos viam
Triste mendiga formosa,
Qu'infortúnios consumiam.

Era uma pobre mendiga,
Porém cândida donzela;
Pudibunda, afável, doce,
Amorosa, e casta, e bela.

Vestia rotos andrajos,
Que o seu corpo mal cobriam;
Por vergonha os olhos dela
Sôbre ela se não volviã.

Pelas costas descobertas
Cortador o frio entrava;
Tinha fome e sêde, — e o pranto
Nos seus olhos borbullhava.

E qual vemos dos céus descendo rápido
Um fugaz meteoro, vi descendo
Um anjo do Senhor; — parou sôbre ela,
E mudo a contemplava. — Uma tristeza
Simpática, indizível pouco e pouco
Do anjo nas feições se foi pintando:
Qual tristeza de irmão que a irmã mais nova
Conhece enfêrma e chora. — Ela no peito
Menor sentiu a dor, e humilde orava.

II.

De um vasto edifício nas frias escadas
Eu vi-a sentada; — era um templo, diziam
Secreto concílio de sócios piedosos,
Que o bem tinha juntos, que bem só faziam.

Defronte um palácio soberbo se erguia,
E dêle partia confuso rumor:
— A dança girava, e a orquestra sonora
Cantava alegria, prazeres e amor.

E quando ao palácio um conviva chegava,
Rugindo se abria o ruidoso portão;
Eflúvios de incenso nos ares corriam
Da rua esteirada com vivo clarão.

E a triste mendiga ali 'stava ao relento,
Com fome, com frio, com sêde e com dor;
E eu vi o seu anjo, mais triste no aspecto,
Mais baço, mais turvo da glória o fulgor.

E à porta do vasto sombrio edifício
Um vulto chegou.
— Senhor, uma esmola! — bradou-lhe a mendiga:
E o vulto parou.

E rude no acento, no aspecto severo.
Lhe disse: — O teu nome? —
Tornou-lhe a mendiga: — Senhor, uma esmola.
Que eu morro de fome.

— Não dizes teu nome? — lhe torna o soberbo.
— Sou órfã, sòzinha;
Meu nome qu'importa, se eu soffro, se eu gemo,
Se eu choro mesquinha!

— Em ¹¹⁹ vis meretrizes não cabe êsse orgulho,
Tornou-lhe o Senhor,
Que à noite, nas trevas, contratam no crime,
Vendendo o pudor.

E à ¹²⁰ porta do templo — erguido à piedade
Com força batia;
Co' o pêso do insulto acrescido à ¹²⁰ crueza
A triste gemia.

III.

Ouvi depois um rodar que a todo o instante
 Mais distinto se ouvia; e logo um forte,
 Fascinador clarão por tôda a rua
 Se derramou soberbo. — Infundos pajens
 Ricas librés trajando, mil archotes
 Nos ares revolviam; — fortes, rápidos,
 Fumegantes corcêis, sorvendo a terra,
 Tiravam rica sege melindrosa.
 Sôbre a terra saltou airosa e bela
 A dona, em frente do festivo paço;
 E a mendiga bradou: — Senhora minha,
 Dai uma esmola, dai! — A voz dorida
 Volveu-se o rosto d'anjo, porém d'anjo
 Não era o coração; — foi-lhe importuno,
 Mais que importuno... da mesquinha o grito!
 E da mendiga o protetor celeste
 Parecia falar em favor dela;
 E a rica dona o escutava, como
 Se ouvisse a interna voz que dentro mora.
 E eu dizia também: — O' bela Dona,
 Dai-lhe uma esmola, dai; — de que vos serve
 Um óbulo mesquinho, que não pode
 Sequer um dixe ¹²¹ sem valor comprar-vos?
 Ah! bela como sois, que vos importam
 Custosas flores, com que ornais a frente?
 Para a salvar do vórtice do crime,
 O preço delas, de uma só, da coisa,
 Quem sem valor julgardes, é bastante.
 Sabeis? — Além da vida, além da morte,
 Quando deixardes o oiropel na campa,
 Quando subirdes do Senhor ao trono,
 Sem andrajos sequer, também mendiga,

Ali tereis as lágrimas do pobre,
 A bênção do afligido, a prece ardente
 Do que sofrendo vos bendisse, — ó Dona...

 Fechou-se a porta festival sôbre ela!
 E a donzela se ergueu, corou de pejo,
 Lançando os olhos pela rua escusa,
 E segura no andar, e firme, ¹²² à porta
 Do palácio bateu — entrou — sumiu-se.

E o anjo, como aflito sob um pêso,
 Um gemido soltou; era uma nota
 Melancólica e triste, — era um suspiro
 Mavioso de virgem, — um sóido
 Sutil, mimoso, como d'Harpa Eólia,
 Que a brisa da manhã roçou medrosa.

IV.

Dos muros ao través meus olhos viram
 Soberba roda de convivas, — todos
 Veludos, sêdas, e custosas galas
 Trajavam senhoris. — Reinava o jôgo
 Avaro e grave, leda e viva a dança
 Em vórtices girava, a orquestra doce
 Cantava oculta; condensados, bastos,
 Em redor do banquete estavam muitos.
 A mendiga ali estava, — não trajando
 Sujos farrapos, mas delgadas telas.
 Choviam brindes e canções e vivas
 À Deusa airosa do banquete; todos
 Um volver dos seus olhos, um sorriso,

Uma voz de ternura, um mímico, um gesto
 Cubiçavam rivais; — e ali com ela,
 Como um raio do sol por entre as nuvens
 Lá na quadra hibernal penetra a custo
 Quase sem vida, sem calor, sem fôrça,
 Menos brilhante vi seu anjo belo.
 Nos curtos lábios da feliz mendiga
 Passava rápido um sorriso às vèzes;
 Outras chorava, no volver do rosto,
 Na taça do prazer sorvendo o pranto.
 Encontradas paixões sentia o anjo:
 Parecia chorar co'o seu sorriso,
 Parecia sorrir co'o o chôro dela.

A ESCRAVA.

Oh bien qu'aucun bien ne peut rendre,
 Patrie, doux nom que l'exil fait comprendre!

MARINO FALIERO.

Oh! doce ¹²³ país de Congo,
 Doces terras dalém-mar!
 Oh! dias de sol formoso!
 Oh! noites d'almo luar!

Desertos de branca areia
 De vasta, imensa extensão,
 Onde livre corre a mente,
 Livre bate o coração!

Onde a leda caravana
 Rasga o caminho passando,
 Onde bem longe se escuta
 As vozes que vão cantando!

Onde longe inda se avista
 O turbante muçulmano,
 O Iatagã recurvado,
 Prêso à cinta do Africano!

Onde o sol na areia ardente
 Se espelha, como no mar;
 Oh! doces terras de Congo,
 Doces terras dalém-mar!

Quando a noite sôbre a terra
 Desenrolava o seu véu,
 Quando sequer uma estrêla
 Não se pintava no céu;

Quando só se ouvia o sôpro
 De mansa brisa fagueira,
 Eu o aguardava — sentada
 Debaixo da bananeira.

Um rochedo ao pé se erguia,
 Dêle à base uma corrente
 Despenhada sôbre pedras,
 Murmurava docemente.

E êle às vèzes me dizia:
 — Minha Alsgá, não tenhas mêdo;
 Vem comigo, vem sentar-te
 Sôbre o cimo do rochedo.

E eu respondia animosa:
— Irei contigo, onde fores! —
E tremendo e palpitando
Me cingia aos meus amôres.

Ele depois me tornava
Sôbre o rochedo — sorrindo:
— As águas desta corrente
Não vês como vão fugindo?

Tão depressa corre a vida,
Minha Alsgá; depois morrer
Só nos resta!... — Pois a vida
Seja instantes de prazer.

Os olhos em tórno volves
Espantados — Ah! também ¹²⁴
Arfa o teu peito ansiado!...
Acaso temes alguém?

Não reccies de ser vista,
Tudo agora jaz dormente;
Minha voz mesmo se perde
No fragor desta corrente.

Minha Alsgá, porque estremece? ¹²⁵
Porque me foges assim?
Não te partas, não me fujas,
Que a vida me fogue a mim!

Outro beijo acaso temes,
Expressão de amor ardente?
Quem o ouviu? — o som perdeu-se
No fragor desta corrente.

Assim praticando amigos
A aurora nos vinha achar!
Oh! doces terras de Congo,
Doces terras dalém-mar!

Do ríspido Senhor a voz irada,
Rábida soa,
Sem o pranto enxugar ¹²⁶ a triste escrava
Pávida voa.

Mas era em mora por cismar na terra,
Onde nascera,
Onde vivera tão ditosa, e onde
Morrer devera!

Sofreu tormentos, porque tinha um peito,
Qu'inda sentia;
Mísera escrava! no sofrer cruento,
Congo! dizia.

AO DR. JOÃO DUARTE LISBOA SERRA.

23 de Agosto.

Mais um pungir de acérrima saudade,
Mais um canto de lágrimas ardentes,
Oh! minha Harpa — oh! minha Harpa desditosa.

Escuta, ó meu amigo: da minha alma
Foi uma lira outrora o instrumento;
Cantava nela amor, prazer, venturas,
Até que um dia a morte inexorável
Triste pranto de irmão veio arrancar-te!
As lágrimas dos olhos me caíram,
E a minha lira emudeceu de mágoa!
Então aventei eu que a vida inteira
Do bardo era um perene sacerdotio
De lágrimas e dor; — tomei uma Harpa:
Na corda da aflição gemeu minha alma,
Foi meu primeiro canto um epicédio;
Minha alma batizou-se em pranto amargo,
Na frágua do sofrer purificou-se!
Lancei depois meus olhos sôbre o mundo,

Cantor do sofrimento e da amargura;
E vi que a dor aos homens circundava,
Como em roda da terra o mar se estreita;
Que apenas desfrutamos, — miserandos!
Desbotado prazer entre mil dores,
— Uma rosa entre espinhos aguçados,
Um ramo entre mil vagas combatido.

Voltou-se então p'ra Deus o meu esp'rito,
E a minha voz queixosa perguntou-lhe:
— Senhor, porque do nada me tiraste,
Ou porque a tua voz onipotente
Não fêz secar da minha vida a seve,
Quando eu era princípio e feto apenas?

Outra voz respondeu-me dentro d'alma:
— Ardam teus dias como o feno, — ou duresm
Como o fogo de tocha resinosa,
— Como rosa em jardim sejam brilhantes,
Ou baços como o cardo montesinho,
Não deixes de cantar, ó triste bardo. —

E as cordas da minha harpa — da primeira
À extrema — da maior à mais pequena,
Nas asas do tufão — entre perfumes,
Um cântico de amôres exaltaram
Ao trono do Senhor; — e eu disse às turbas:
— Ele nos faz gemer porque nos ama;
Vem o perdão nas lágrimas contritas,
Nas asas do sofrer desce a clemência;
Sôbre quem chora mais êle mais vela!
Seu amor divinal é como a lâmpada,
Na abóbada dum templo pendurada,
Mais luz filtrando em mais opacas trevas.

Eu o conheço: — o cântico do bardo
E' bálsamo ao que morre, — é lenitivo,
Mas doloroso, mas funéreo e triste
A quem lhe carpe infausto a morte crua.
Mas quando a alma do justo, espedaçando
O envólucro ¹²⁷ de lôdo, aos céus remonta,
Como estrada de luz correndo os astros,
Seguindo o som dos cânticos dos anjos
Que na presença do Senhor se elevam;
Choro.. também ¹²⁸ Jesus chorou a Lázaro!
Mas na excelsa visão que se me antolha
Bebo consolações, — minha alma anseia
A hora em que também ¹²⁸ há de asilar-se
No seio imenso do perdão do Eterno.

Chora amigo; porém quando sentires
O pranto nos teus olhos condensar-se,
Que já não pode mais banhar-te as faces,

Ergue os olhos ao céu, onde a luz mora,
 Onde o orvalho se cria, onde parece
 Que a tímida esperança nasce e habita.
 É se eu — feliz! — puder inda algum dia
 Ferir por teu respeito na minha harpa
 A leda corda onde o prazer palpita,
 A corda do prazer que ainda inteira,
 Que virgem de emoção inda conservo,
 Suspenderei minha harpa dalgum tronco
 Em of'renda à fortuna; — ali sòzinha,
 Tangida pelo sôpro só do vento,
 Há de mistério conversar co'a noite,
 De acorde estreme perfumando as brisas;
 Qual Harpa de Sião prêsa aos salgueiros
 Que não há de cantar a desventura,
 Tendo cantos gentis vibrado nela.

O DESTÊRRO DE UM POBRE VELHO.

Et dulces moriens reminiscitur Argos.
 VIRG.

O! schwer ist's, in der Fremde sterben unbewcint!
 SCHILLER.

A aurora vem despontando,
 Não tarda o sol a raiar;
 Cantam aves, — a natura
 Já começa a respirar.

Bem mansa na branca areia
 Onda queixosa murmura,
 Bem mansa aragem fagueira
 Entre a folhagem sussurra.

E' hora cheia de encantos,
 E' hora cheia de amor;
 A relva brilha enfeitada,
 Mais fresca se mostra a flor.

Esbelta joga a fragata,
 Como um corcel a nitrir;
 Suspensa a amarra tem prêsa,
 Suspensa, que vai partir.

Em demanda da fragata,
 Leve barco vem vogando;
 Nêle um velho cujas faces
 Mudo chôro está cortando.

Quem era o velho tão nobre,
 Que chorava,
 Por assim deixar seus lares,
 Que deixava?

“Ancião, porque te ausentas?
 Corres tu trás de ventura?
 Louco! a morte já vem perto.
 Tens aberta a sepultura.

“Louco velho, já não sentes
 Bater frouxo o coração?
 Oh! que o sentel — E' lei d'exílio
 A que o leva em tal sação!

“Não ver mais a cara pátria,
 Não ver mais o que deixava.
 Não ver nem filhos, nem filhas,
 Nem o casal, que habitava!...

“Oh! que é má pena de morte,
 A pena de proscricção;
 Traz dores que martirizam,
 Negra dor de coração!

“Pobre velho! — longe, longe
 Vás sustento mendigar;
 Tens de sofrer novas dores,
 Novos males que penar.

“Não t'há de valer a idade,
 Nem a dor tamanha e nobre;
 Tens de tragar vis afrontas,
 — Insultos que sofre o pobre!

“Nada acharás no degrêdo,
 Que fale dos filhos teus;
 Ninguém sente a dor do pobre...
 Só te fica a mão de Deus.

“O sol, que além vês raiando
 Entre nuvens de carmin,
 Noutros climas, noutras terras
 Não verás raiar assim.

“Não verás a rocha erguida,
 Onde t'ias assentar;
 Nem o som bem conhecido
 Do teu sino hás de escutar.

“Há de cair sôbre as ondas
 O pranto do teu sofrer,
 E nesse abismo salgado,
 Salgado, se há de perder.”

Já chegou junto à fragata,
 Já na escada se apoiou,
 Já com voz intercortada
 Último adeus soluçou.

Canta o nauta, e solta as velas
 Ao vento que o vai guiar;
 E a fragata mui veleira
 Vai fugindo sôbre o mar.

E o velho sempre em silêncio
 A calva testa dobrou,
 E pranto mais abundante
 O rosto senil cortou.

Inda se vê branca a vela
 Do navio, que partiu;
 Mais além — inda se avista!
 Mais além — já se sumiu!

O ORGULHOSO.

Eu o vi! — tremendo era no gesto,
 Terrível seu olhar;
 E o cenho ¹²⁹ carregado pretendia
 O globo dominar.

Tremendo era na voz, quando no peito
Fervia-lhe o rancor!
E aos demais homens, como um cedro à relva,
Se cria sup'rior.

E o pobre agricultor, junto a seus filhos,
Dentro do humilde lar,
Quisera, antes que os dêle, ver de um Tigre
Os olhos fuzilar:

Que a um filho seu talvez quisera o nobre
Para um Executor;
Ou para o leito infesto alguma filha
Do triste agricultor.

Quem ousaria resistir-lhe? — Apenas
Algum pobre ancião
Já sôbre o seu sepulcro, desejando
A morte e a salvação.

Alguns dias apenas decorreram;
E eis que êle se sumiu!
E a lajem dos sepulcros fria e muda
Sôbre êle já caiu.

E o bárbaro tropel dos que o serviam
Exulta com seu fim!
E a turba aplaude; e ninguém chora a morte
De homem tão ruim.

O COMETA.

AO SR. FRANCISCO SUTERO DOS REIS

Non est potestas, quae comparetur ei qui factus est
ut nullum timeret.

JOB.

Eis nos céus rutilando ígneo cometa!
A imensa cabeleira o espaço alastra,
E o núcleo, como um sol tingido em sangue,
Alvacentoz luzir verte agoireiro
Sôbre a pávida terra.

Poderosos do mundo, grandes, povo,
Dos lábios removi a taça ingente,
Que em vossas festas gira; eis que rutila
O sangüíneo cometa em céus infindos!...
Pobres mortais, — sois vermes!

O Senhor o formou terrível, grande;
Comô indócil corcel que morde o freio,
Retinha-o só a mão do Onipotente.
Alfim lhe disse: — Vai, Senhor dos Mundos,
Senhor do espaço infindo.

E qual louco temido, ardendo em fúria,
Que ao vento solta a coma desgrenhada,
E vai, néscio de si, livre de ferros,
De encontro às duras rochas, — tal progride¹³⁰
O cometa incansável.

Se na marcha veloz encontra um mundo,
O mundo em mil pedaços se converte;
Mil centelhas de luz brilham no espaço
A êsmo, como um tronco pelas vagas
Infrenes combatido.

Se junto doutro mundo acaso passa,
Consigo o arrastra e leva transformado;
A cauda portentosa o enlaça e prende,
E o astro vai com êle, como argueiro
Em turbilhão levado.

Como Leviatã perturba os mares,
Êle perturba o espaço; — como a lava,
Êle marcha incessante e sempre; — eterno,
Marcou-lhe largo giro a lei que o rege,
— Às vêzes¹³¹ o infinito.

Êle carece então da eternidade!
E aos homens diz — e majestoso e grande
Que jamais o verão; e passa, e longe
Se entranha em céus sem fim, como se perde
Um barco no horizonte!

O OIRO.

Oiro, — poder, encanto ou maravilha
Da nossa idade, — regedor da terra,
Que das honra e valor, virtude e fôrça,
Que tens ofertas, oblações e altares, —
Embora teu lovor cante na lira
Vendido Menestrel que pôde insano
Do grande à porta renegar seu gênio!
Outro, sim, que não eu. — Bardo sem nome,
Com pouco vivo; — sôbre a terra, à noite,
Meu corpo lanço, descansando a fronte
Num tronco ou pedra ou mal nascido arbusto.
Sou mais que um rei co'o meu dossel de nuvens
Que tem gravados cintilantes mundos!
Com a vista no céu percorro os astros,
Vagueia a minha mente além das nuvens,
Vagueia o meu pensar — alto, arrojado
Além de quanto o olhar nos céus alcança.

Então do meu Senhor me calma n'alma
D'amor ardente enlevos indizíveis;
Se tento às gentes redizer seu nome,
Queimadoras palavras se atropelam
Nos meus lábios; — profética harmonia
Meu peito anseia, e em borbotões se expande.
Grandes, Senhor, são tuas obras, grandes
Teus prodígios, teu poder imenso:
O pai ao filho o diz, um séc'lo a outro,
A terra ao céu, o tempo à eternidade!

Do mundo as ilusões, vaidade, engano,
Da vida a mesquinhez — prazer ou pranto —
Tudo êsse nome arrastra, prostra e some;
Como aos raios do sol desfeito o gelo,
Que em ondas corre no pendor do monte,
Precípite e ruidoso, — arbustos, troncos
Consigo no passar rompido leva.

A UM MENINO.

OFERECIDA À EXMA. SRA. D. M. L. L. V.

I.

Gentil, engraçado infante
 Nos teus jogos inconstante,
 Que tens tão belo semblante,
 Que vives sempre a brincar,
 — Dos teus brinquedos te esqueces
 À noitinha, — e te entristeces
 Como a bonina, — e adormeces.
 Adormeces a sonhar!

II.

Infante, serão as côres
 De várias, viçosas flores,
 Ou são da aurora os fulgores
 Que vêm ¹³² teus sonhos doirar?
 Foi de algum ente celeste,
 Que de luzeiros se veste,
 Ou da brisa é que aprendeste.
 Que aprendeste a suspirar?

III.

Tens no rosto afogueado
 Um qual retrato acabado
 De um sentir aventurado,
 Que te ri no coração;
 É talvez a voz mimosa
 De uma fada caprichosa,
 Que te promete amorosa
 Algum brilhante condão!

IV.

Ou porventura és contente,
 Porque no sonho, que mente,
 Fantasiaste inocente
 Algum dos brinquedos teus!..
 Senhor, tens bondade infinda!
 Fizeste a aurora bem linda,
 Criaste na vida ainda
 Um'outra aurora dos céus.

V.

O som da corrente pura,
 A folhagem que sussurra,
 Um acento de ternura,
 De ternura divinal;
 A indizível harmonia
 Dos astros no fim do dia,
 A voz que Memnon dizia,
 Que dizia matinal;

VI.

Nada disto tem o encanto,
 Nada disto pode tanto
 Como o risonho quebranto,

Divino — do seu dormir;
 Que nada há como a Donzela
 Pensativa, doce e bela,
 E a comparar-se com ela...
 Só de um infante o sorrir.

VII.

Mas de repente chorando
 Despertas do sono brando
 Assustado e soluçando...
 Foi uma revelação!
 Esta vida acerba e dura
 Por um dia de ventura
 Dá-nos anos de amargura
 E fráguas do coração.

VIII.

Só aquêles que da morte
 Sofreu o terrível corte,
 Não tem dores que suporte,
 Nem sonhos o acordarão:
 Gentil infante, engraçado,
 Que vives tão sem cuidado.
 Serás homem — mal pecado!
 Findará teu sonho então.

O PIRATA

(EPISÓDIO)

Nas asas breves do tempo
 Um ano e outro passou,
 E Lia sempre formosa
 Novos amôres tomou.

Novo amante mão de espôso,
 De mimos cheia, lh' of'rece;
 E bela, apesar de ingrata,
 Do que a amou Lia se esquece.

Do que a amou que longe pára,
 Do que a amou, que pensa nela,
 Pensando encontrar firmeza
 Em Lia, que era tão bela!

Nesse palácio deserto
 Já luzes se vêem luzir,
 Que vêm ¹³³ nas sêdas, nos vidros
 Cambiantes refletir.

Os ecos alegres soam,
 Soa ruidosa harmonia,
 Soam vozes de ternura,
 Sons de festa e d'alegria.

E qual ave que em silêncio
 A face do mar desflora,
 À noite bela fragata
 Chega ao pôrto, amaina, ancora.

Cai da pôpa e fere as ondas
Inquieta, esguia falua,
Que resvala sôbre as águas
Na esteira que traça a lua.

Já na vácuca praia toca;
Um vulto em terra saltou,
Que na longa escadaria
Pressago e tórvo enfiou.

Malfadado! por que aportas
A êste sítio fatal!
Queres o brilho aumentar
Das bodas do teu rival?

Não, que a vingança lhe range
Nos duros dentes cerrados,
Não, que a cabeça referve
Em maus projetos danados!

Não, que os seus olhos bem dizem
O que diz seu coração;
Terríveis, como um espelho,
Que retratasse um vulcão.

Não, que os lábios descorados
Vociferam seu rival;
Não, que a mão no peito aperta
Seu pontiagudo ¹³⁴ punhal.

Não, por Deus, que tais afrontas
Não as sói deixar impunes,
Quem tem ao lado um punhal,
Quem tem no peito ciúmes!

Subiu! — e viu com seus olhos
Ela a rir-se que dançava,
Folgando, infame! nos braços
Por que ¹³⁵ assim o assassinava.

E êle avançou mais avante,
E viu... o leito fatal!
E viu... e cheio de raiva
Cravou no meio o punhal.

E avançou... e à janela
Sòzinha a viu suspirar,
— Saudosa e bela encarando
A imensidade do mar.

Como se vira um espectro,
De repente ela fugiu!
Tal foge a corça nos bosques
Se leve rumor sentiu.

Que foi? — Quem sabe dizê-lo?
Foram vislumbres de dor;
Coração, que tem remorsos,
Sente contínuo terror!

Êle à janela chegou-se,
Horrível nada encontrou...
Sòmente, ao longe, nas sombras,
Sua fragata avistou.

Então pensou que no mundo
Nada mais de seu contava!
Nada mais que essa fragata!
Nada mais de quanto amava!

Nada mais!... que lh'importava
De no mundo só se achar?
Inda muito lhe ficava —
Água e céus e vento e mar.

Assim pensava, mas nisto
Descortina o seu rival,
Não visto; — a mão na cintura
Cingiu raivosa o punhal!

Mas pensou... — não, seja dela,
E tenha zelos como eu! —
Larga o punhal, e um retrato
Na destra mão estendeu.

Porém sentiu que inda tinha
Mais que branda compaixão;
Miserando! inda guardava
Seu amor no coração.

Infeliz! não foi culpada;
Foi culpa do fado meu!
Nada mais de pensar nela;
Finjamos que ela morreu.

Por entre a turba que alegre
No baile — a sorrir-se estava,
Mudo, triste, e pensativo
Surdamente se afastava.

De manhã — quando o sarau
Apagava o seu rumor,
Chegava Lia à ¹³⁶ janela,
Mais formosa de palor.

Chegou-se; — e além — no horizonte
Uma vela inda avistou;
E co'a mão trêmula e fria
O telescópio buscou!

Um pavilhão viu na pôpa,
Que tinha um globo pintado;
E no mastro da mezena
Um negro vulto encostado.

Eram chorosos seus olhos,
Os olhos seus enxugou;
E o telescópio de novo
Para essa vela apontou.

Quem era o vulto tão triste
Parece reconheceu;
Mas a vela no horizonte
Para sempre se perdeu.

A VILA MALDITA, CIDADE DE DEUS.

AO SEU QUERIDO E AFETUOSO AMIGO
A. T. DE CARVALHO LEAL.

Peccata peccavit Jerusalem, et propter ea instabilis
facta est; omnes qui glorificabant eam, spreverunt illum,
quia viderunt ignominiam ejus; ipsa autem gemens conversa
est retrorsum.

LAMENT.

I.

O imenso aposento a luz alaga
Com soberbo clarão,

E as mesas do banquete se devolvem
Pelo vasto salão;

E os instrumentos palpitantes soam
Frenética harmonia;

E o côro dos convivas se levanta
Pleno d'êbria alegria!

Ali se ostenta o nobre vicioso
Rebuçado em orgulho, — o rico infame,
Cheio de mesquinhez, — o envilecido,
Imundo pobre no seu manto envolto ¹³⁷
De misérias, torpeza e vilanias;
— A prostituta que alardeia os vícios,
Menosprezando a castidade e a honra,
Sem pejo, sem pudor, d'infâmia eivada.

E o livre ditirambo, a atroz blasfêmia,
Os cantos imorais, canções impúdicas, ¹³⁸
Gritos e orgia envôlta em negro manto
De fumo e vinho, — os ares aturdiavam;
E muito além, no meio d'alta noite,
Nos ecos, ruas, praças rebatiam.

I I.

Depois, ainda suja a bôca, as faces,
D'imundo vomitar,
Com vacilante pé calcando a terra
Os viras levantar.

A larga porta despedia em turmas
A noturna coorte;
Ouvia-se depois por tôda a parte
Gritos, horror de morte!

E ninguém vinha ao retinir de ferro,
Que assassinava;
Porque era dum valente o punhal nobre,
Que as leis ditava.

Outra vez a cair se emaranhavam
Da porta pelo umbral:
Tinham tintas de sangue a face, as vestes,
Em sangue tinto o punhal.

E vinha o sol manifestar horrores
Da noite derradeira;
E a morte vária revelava a fúria
Da turba carniceira.

E o sacrilego padre só vendia
O tûm'lo por dinheiro;
Vendia a terra aos mortos insepultos,
O vil interesseiro!

Ou lá ¹³⁹ ficavam, como pasto aos corvos,
Por sôbre a terra nua;
E ninguém de tal sorte se pesava,
Que ser podia a sua!

“E Deus maldisse a terra criminosa,
“Maldisse aos homens dela,
“Maldisse a cobardia dos escravos
“Dessa terra tão bela.”

I I I.

E a mortífera peste lutuosa
Do inferno rebentou,
E nas asas dos ventos pavorosa
Sôbre todos passou.

E o mancebo que via esperançoso
Longa vida futura,
Doido sentiu quebrar-lhe as esperanças
Pedra de sepultura.

E a donzela tão linda que vivia
Confiada no amor,
Entre os braços da mãe provou bem cedo
Da morte o dissabor.

E o trêmulo ancião qu'inda esperava
Morrer assim
Como um fruto maduro destacado
D'árvore enfim,

Sentiu a morte esvoaçar-lhe em tórno,
Como um bulcão,
Que afronta o nauta quando avista a terra
Da salvação.

Era deserta a vila, a casa, o templo —
Ar de morte soprou!
Mas a casa dos vis nos seus delírios
Ébria continuou!

“E Deus maldisse a terra criminosa,
“Maldisse os homens dela,
“Maldisse a cobardia dos escravos
“Dessa terra tão bela.”

I V.

Eis o aço da guerra lampeja,
Do fozoso corcel o nitrido,
Eis o brônzeo canhão que rouqueja,
Eis da morte represso o gemido.

Já se aprestam guerreiros luzentes,
Já se enfreiam corcéis belicosos,
Já mancebos se partem contentes,
Augurando a vitória briosos.

Brilha a raiva nos olhos; — nas faces
O interno rancor podes ler;
Eia, avante! — clamaram os bravos,
Eia, avante! — ou vencer ou morrer!

Eia, avante! — briosos corramos
Na peleja o imigo bater;
Crua morte na espada levamos!
Eia, avante! — ou vencer ou morrer!

Eis o aço da guerra lampeja,
Do corcel belicoso o nitrido,
Eis o brônzeo canhão que rouqueja
E da morte represso o gemido.

V.

E a selva vomitou homens sem conto
A ¹⁴⁰ voz do onipotente,
Como a neve hibernal que o sol derrete,
Engrossando a corrente.

E em redor dessa vila se estreitaram,
Cingidos d'armadura;
E a vila se doeu no íntimo seio
De tão acre amargura.

Mas os fortes bradaram: — Eia, avantel!
Prontos a batalhar;
Mas o braço e valor ante os imigos
Se vieram quebrar.

E um ano inteiro sem cessar lutaram,
Cheios de bizarria,
Como dois crocodilos que brigassem
Dum rio a primazia!

E renderam-se enfim, mas de famintos,
De sequiosos;
Valentes lidadores foram êles,
Se não briosos.

V I.

E o exército contrário entra rugindo
Na vila, que as suas portas lhe franqueia:
Rasteiro corre o incêndio e surdamente
O custoso edifício ataca e mina.
Eis que a chama roaz amostra as fendas
Das portas que se abrasam; descortina
O tôrvo olhar do vencedor — apenas —
Lá dentro o incêndio só, fora só trevas!
Urros de frenesi, de dor, de raiva
Escutam dos que, às súbitas colhidos,
Contra os muros em brasa se arremessam; 141
Dos que, perdido o tino, intentam loucos
Achar a salvação, e a morte encontram.
Lá dentro confusão, silêncio fora!
São carrascos aqui, vítimas dentro.
Geme o travejamento, estrala a pedra,
Cresce horror sôbre horror, desaba o teto,
E o fumo enegrecido se enovela
Co'o vértice sublime os céus roçando.
Como o vulcão que a lava arroja às nuvens,
Como ígnea coluna que da terra
Hiante rebentasse, — tal se eleva,
Tal sobe aos ares, tal se empina e cresce
A labareda portentosa; e baixa,
E desce à terra, e o edifício enrola,
E o sorve inteiro, qual se foram vagas
Que a dura rocha do alicerce abalam,
Que a enlaçam, como a preia, — e ao fundo pego
Levam, deixando o mar branco d'espuma.
No horror da noite, sibilando os ventos,
Línguas piramidais do atroz incêndio,
Fumosas pelas ruas estalando,
Tingem da côr do inferno a côr da noite,
Tingem da côr do sangue a côr do inferno!
— O ar são gritos, fumo o céu, e a terra fogo.

V I I.

E aquêles que inda são e imunes eram,
Os que a peste enjeitou,
Que fome e sêde e privações sofreram...
A espada decepou.

E a donzela tremeu, da mãe nos braços
Não salva ainda,
Que incitava os prazeres do soldado
A face linda.

E o fido amante, que de a ver tão bela
Sentiu prazer,
Sente martírios porque 142 a vê formosa
No seu morrer.

Coisa alguma escapou! — Já tudo é cinzas,
Tudo destruição:
A coluna, o palácio, a casa, o templo,
O templo da oração!

Meninos, homens e mulheres, — todos
Já rojam sôbre o pó;
Mas o Deus, o Deus bom já está vingado,
Por ela já sente dó.

E a vila d'outrora mais ruidosa,
Lá ressurgiu cidade;
Porque 143 o Deus da justiça, o das armadas,
O Deus é de bondade.

QUADRAS DA MINHA VIDA.

RECORDAÇÃO E DESEJO.

Ao meu bom amigo o Dr. A. Rêgo.

Sol chi non lascia eredità d'affetti
Poca gioia ha dell'urna.

FOSCOLO.

I.

Houve tempo que os meus olhos
Gostavam do sol brilhante,
E do negro véu da noite,
E da aurora cintilante.

Gostavam da branca nuvem
Em céu de azul espraiada,
Do terno gemer da fonte
Sôbre pedras despenhada.

Gostavam das vivas côres
De bela flor vicejante,
E da voz imensa e forte
Do verde bosque ondeante.

Inteira a natureza me sorria!
A luz brilhante, o sussurrar da brisa,
O verde bosque, o rosicler d'aurora,
Estrêlas, céus, e mar, e sol, e terra,
D'esperança e d'amor minha alma ardente,
De luz e de calor meu peito enchiam.
Inteira a natureza parecia
Meus mais fundos, mais íntimos desejos
Perscrutar e cumprir; — almo sorriso
Parecia enfeitar co'os seus encantos,
Com todo o seu amor compor, doirá-lo,
Porque os meus olhos deslumbrados vissem-no,
Porque minha alma de o sentir folgasse.

Oh! quadra tão feliz! — Se ouvia a brisa
 Nas fôlhas sussurrando, o som das águas,
 Dos bosques o rugir; — se os desejava,
 — O bosque, a brisa, a fôlha, o trepidante
 Das águas murmurar prestes ouvia.
 Se o sol doirava os céus, se a lua casta,
 Se as tímidas estrêlas cintilavam,
 Se a flor desabrochava envôlta ¹⁴⁴ em musgo,
 — Era a flor que eu amava, — eram estrêlas
 Meus amôres sômente, o sol brilhante,
 A lua merencória — os meus amôres!
 Oh! quadra tão feliz! — doce harmonia,
 Acôrdo estreme de vontade e fôrça,
 Que atava minha vida à natureza!
 Ela era para mim bem como a espôsa
 Recém-casada, púdica ¹⁴⁵ sorrindo;
 Alma de noiva — coração de virgem,
 Que a minha vida inteira abrilhantava!
 Quando um desejo me brotava n'alma,
 Ela o desejo meu satisfazia;
 E o quer que ela fizesse ou me dissesse,
 Êsse era o meu desejo, essa a voz minha,
 Êsse era o meu sentir do fundo d'alma,
 Expresso pela voz que eu mais amava.

I I.

Agora a flor que m'importa,
 Ou a brisa perfumada,
 Ou o som d'amiga fonte
 Sôbre pedras despenhada?

Que me importa a voz confusa
 Do bosque verde-frondoso,
 Que m'importa a branca lua,
 Que m'importa o sol formoso?

Que m'importa a nova aurora,
 Quando se pinta no céu;
 Que m'importa a feia noite,
 Quando desdobra o seu véu?

Estas cenas, que amei, já me não causam
 Nem dor e nem prazer! — Indiferente,
 Minha alma um só desejo não concebe,
 Nem vontade já tem!... Oh! Deus! quem pôde
 Do meu imaginar as puras asas
 Cercear, desprender-lhe as néveas plumas,
 Rojá-las sôbre o pó, calcá-las tristes?
 Perante a criação tão vasta e bela
 Minha alma é como a flor que pende murcha;
 E' qual profundo abismo: — embalde estrêlas
 Brilham no azul dos céus, embalde a noite
 Estende sôbre a terra o negro manto:
 Não pode a luz chegar ao fundo abismo,
 Nem pode a noite enegrecer-lhe a face;
 Não pode a luz à flor prestar mais brilho,
 Nem viço e nem frescor prestar-lhe a noite!

I I I.

Houve tempo em que os meus olhos
 Se extasiavam de ver
 Ágil donzela formosa
 Por entre flores correr.

Gostavam de um gesto brando,
 Que revelasse pudor;
 Gostavam de uns olhos negros,
 Que rutilassem de amor.

E gostavam meus ouvidos
 De uma voz — tôda harmonia, —
 Quer pesares exprimisse,
 Quer exprimisse alegria.

Era um prazer, que eu tinha, ver a virgem
 Indolente ou fugaz — alegre ou triste,
 Da vida a estreita senda desflorando
 Com pé ligeiro e ânimo tranqüilo;
 Impróvida e brilhante parecendo
 Seus dias desfolhar, uns após outros,
 Como fôlhas de rosa; — e no futuro —
 Ver luzir-lhe sômente a luz d'aurora.
 Era deleite e dor vê-la tão leda
 Do mundo as aflições, angústias, prantos
 Afrontar co'um sorriso; era um descanso
 Interno e fundo, que sentia a mente,
 Um quadro em que os meus olhos repousavam,
 Ver tanta formosura e tal pureza
 Em rosto de mulher com alma d'anjo!

I V.

Houve tempo em que os meus olhos
 Gostavam de lindo infante,
 Com a candura e sorriso
 Que adorna infantil semblante.

Gostavam do grave aspecto
 De majestoso ancião,
 Tendo nos lábios conselhos,
 Tendo amor no coração.

Um representa a inocência,
 Outro a verdade sem véu;
 Ambos tão puros, tão graves,
 Ambos tão perto do céu!

Infante e velho! — princípio e fim da vida! —
 Um entra neste mundo, outro sai dêle,
 Gozando ambos da aurora; — um sôbre a terra,
 E o outro lá nos céus. — O Deus, que é grande,
 Do pobre velho compensando as dores,
 O chama para si; o Deus clemente
 Sôbre a inocência de contínuo vela.
 Amei do velho o majestoso aspecto,
 Amei o infante que não tem segredos,
 Nem cobre o coração co'os folhos d'alma.
 Amei as doces vozes da inocência,
 A ríspida franqueza amei do velho,
 E as rígidias verdades mal sabidas,
 Só por lábios senis pronunciadas.

V.

Houve tempo, em que possível
 Eu julguei no mundo achar
 Dois amigos extremosos,
 Dois irmãos do meu pensar;

Amigos que compr'endessem
 Meu prazer e minha dor,
 Dos meus lábios o sorriso,
 Da minha alma o dissabor;

Amigos, cuja existência
Vivesse eu co' o meu viver:
Unidos sempre na vida,
Unidos — té no morrer.

Amizade! — união, virtude, encanto —
Consórcio do querer, de fôrça e d'alma —
Dos grandes sentimentos cá da terra
Talvez o mais recíproco, o mais fundo!
Quem há que diga: Eu sou feliz! — se acaso
Um amigo lhe falta? — um doce amigo,
Que sinta o seu prazer como êle o sente,
Que sofra a sua dor como êle a sofre?
Quando a ventura lhes sorri na vida,
Um a par doutro — ei-los lá vão felizes;
Quando um sente aflição, nos braços do outro
A aflição, que é só dum, carpindo juntos,
Encontra doce alívio o desditoso
No tesouro que encerra um peito amigo.
Cândido par de cisnes, vão roçando
A face azul do mar co' as níveas asas
Em deleite amoroso; — acalentados
Pelo sereno espreguiçar das ondas,
Aspirando perfumes mal sentidos,
Por vespertina aragem ¹⁴⁶ bafejados,
E' jôgo o seu viver; — porém se o vento
No frondoso arvoredor ruge ao longe,
Se o mar, batendo irado as êrmas praias,
Cruzadas vagas em novêlo enrola,
Com grito de terror o par candente
Sacode as níveas asas, bate-as, — fogem.

V I.

Houve tempo em que eu pedia
Uma mulher ao meu Deus,
Uma mulher que eu amasse,
Um dos belos anjos seus.

Em que eu a Deus só pedia
Com fervorosa oração
Um amor sincero e fundo,
Um amor do coração.

Qu'eu sentisse um peito amante
Contra o meu peito bater,
Sòmente um dia... sòmente!
E depois dêle morrer.

Amei! e o meu amor foi vida insana!
Um ardente anelar, cautério vivo,
Pôsto no coração, a remordê-lo.
Não tinha uma harmonia a natureza
Comparada a sua voz; não tinha côres
Formosas como as dela, — nem perfumes
Como êsse puro odor qu'ela esparzia
D'angélica pureza. — Meus ouvidos
O feiticeiro som dos meigos lábios
Ouviam com prazer; meus olhos vagos
De a ver não se cansavam; lábios d'homens
Não puderam dizer como eu a amava!

E achei que o amor mentia, e que o meu anjo
Era apenas mulher! chorei! deixei-a!
E aquêles, que eu amei co' o amor d'amigo,
A sorte, boa ou má, levou-mos longe,
Bem longe quando eu perto os carecia.

Concluí que a amizade era um fantasma,
Na velhice prudente — hábito apenas,
No jovem — doudejar; em mim lembrança;
Lembrança! — porém tal que a não trocara
Pelos gozos da terra, — meus prazeres
Foram só meus amigos, — meus amôres
Hão de ser neste mundo êles sòmente.

V I I.

Houve tempo em que eu sentia
Grave e solene aflição,
Quando ouvia junto ao morto
Cantar-se a triste oração.

Quando ouvia o sino escuro
Em sons pesados dobrar,
E os cantos do sacerdote
Erguidos junto do altar.

Quando via sôbre um corpo
A fria lousa cair;
Silêncio debaixo dela,
Sonhos talvez — e dormir.

Feliz quem dorme sob a lousa amiga,
Tépida talvez com o pranto amargo
Dos olhos da aflição; — se os mortos sentem,
Ou se almas têm ¹⁴⁷ amor aos seus despojos,
Certo dos pés do Eterno, entre a aleluia,
E o gôzo lá dos céus, e os coros d'anjos,
Hão de lembrar-se com prazer dos vivos,
Que choram sôbre a campa, onde já brota
O denso musgo, e já desponta a relva.

Lajem fria dos mortos! quem me dera
Gozar do teu descanso, ir asilar-me
Sob o teu santo horror, e nessas trevas
Do bulício do mundo ir esconder-me!
Oh! lajem dos sepulcros! quem me desse
No teu silêncio fundo asilo eterno!
Aí não pulsa o coração, nem sente
Martírios de viver quem já não vive.

H I N O S .

Singe dem Herrn mein Lied, und du, begeisterte Seele,
Werde ganz Jubel dem Gott, den alle Wesen bekennen!
WIELAND.

MESQUINHO TRIBUTO DE PROFUNDA AMIZADE AO
DR. J. D. LISBOA SERRA.

O MAR.

Frappé de ta grandeur farouche
Je tremble... est-ce bien toi, vieux lion que je touche,
Océan, terrible océan!
TURQUETY.

Oceano terrível, mar imenso
De vagas procelosas que se enrolam
Floridas rebentando em branca espuma
Num pólo e noutro pólo,

Enfim... enfim te vejo; enfim meus olhos
Na indômita cerviz trêmulos cravo,
E êsse rugido teu sanhudo e forte
Enfim medroso escuto!

Donde houveste, ó pélago revólto,
Êsse rugido teu? Em vão dos ventos
Corre o insano pegão lascando os troncos,
E do profundo abismo
Chamando à superfície infindas vagas,
Que avaro encerras no teu seio undoso;
Ao insano rugir dos ventos bravos
Sobressai teu rugido.
Em vão troveja horrisona tormenta;
Essa voz do trovão, que os céus abala,
Não cobre a tua voz. — Ah! donde a houveste,
Majestoso oceano?

O' mar, o teu rugido é um eco incerto
Da criadora voz, de que surgiste:
Seja, disse; e tu foste, e contra as rochas
As vagas compeliste.
E à noite, quando o céu é puro e limpo,
Teu chão tinges de azul, — tuas ondas correm
Por sôbre estrêlas mil; turvam-se os olhos
Entre dois céus brilhantes.

Da voz de Jeová um eco incerto
Julgo ser teu rugir; mas só, perene,
Imagem do infinito, retratando
As feitura de Deus.
Por isto, a sós contigo, a mente livre
Se eleva, aos céus remonta ardente, altiva,
E dêste lôdo terreal se apura,
Bem como o bronze ao fogo.
Férvida a Musa, co'os teus sons casada,
Glorifica o Senhor de sôbre os astros
Co'a fronte além dos céus, além das nuvens,
E co'os pés sôbre ti.

O que há mais forte do que tu? Se eriças ¹⁴⁸
A coma perigosa, a nau possante,
Extremo de artifício, em breve tempo
Se afunda e se aniquila.
Ês poderoso sem rival na terra;
Mas lá te vás quebrar num grão d'areia,
Tão forte contra os homens, tão sem fôrça
Contra coisa tão fraca!

Mas nesse instante que me está marcado,
Em que hei de esta prisão fugir p'ra sempre,
Irei tão alto, ó mar, que lá não chegue
Teu sonoro rugido.
Então mais forte do que tu, minha alma,
Desconhecendo o temor, o espaço, o tempo,
Quebrará num relance o círc'lo estreito
Do finito e dos céus!

Então, entre miríadas de estrêlas,
Cantando hinos d'amor nas harpas d'anjos,
Mais forte soará que as tuas vagas,
Mordendo a fulva areia;
Inda mais doce que o singelo canto
De merencória virgem, quando a noite
Ocupa a terra, — e do que a mansa brisa,
Que entre flores suspira.

IDÉIA DE DEUS.

Gross ist der Herr! Die Himmel ohne Zahl
Sind seine Wohnungen!
Seine Wagen die donnernden Gewölke,
Und Blitz sein Gespann.

KLEIST.

I.

À voz de Jeová infindos mundos
Se formaram do nada;
Rasgou-se o horror das trevas, fêz-se o dia,
E a noite foi criada.

Luziu no espaço a lua! sôbre a terra
Rouqueja o mar raivoso,
E as esferas nos céus ergueram hinos
Ao Deus prodigioso.

Hino de amor a criação, que soa
Eternal, incessante,
Da noite no remanso, no ruído
Do dia cintilante!

A morte, as aflições, o espaço, o tempo,
O que é para o Senhor?
Eterno, imenso, que lh'importa a sanha
Do tempo roedor?

Como um raio de luz, percorre o espaço,
E tudo nota e vê —
O argueiro, os mundos, o universo, o justo;
E o homem que não crê.

E êle que pode aniquilar os mundos,
Tão forte como êle é,
E vê e passa, e não castiga o crime,
Nem o ímpio sem fé!

Porém quando corrupto um povo inteiro
O Nome seu maldiz,
Quando só vive de vingança e roubos,
Julgando-se feliz;

Quando o ímpio comanda, quanto o justo
Sofre as penas do mal,
E as virgens sem pudor, e as mães sem honra,
E a justiça venal;

Ai da perversa, da nação maldita,
Cheia de ingratição,
Que há de ela mesma sujeitar seu colo
À justa punição.

Ou já terrível peste expande as asas,
Bem lenta a esvoaçar;
Vai de uns a outros, dos festins conviva,
Hóspede em todo o lar!

Ou já tórvo rugir da guerra acesa
Espalha a confusão;
E a espôsa, e a filha, de terror opresso,
Não sente o coração.

E o pai, e o espôso, no morrer cruento,
Vomita o fel raivoso;
— Milhões de insetos vis que um pé gigante
Enterra em chão lodoso.

E do povo corrupto um povo nasce
 Esperançoso e crente,
 Como do podre e carunchoso tronco
 Hástea forte e virente.

II.

Oh! como é grande o Senhor Deus, que os mundos
 Equilibra nos ares;
 Que vai do abismo aos céus, que susta as iras
 Do pélagos fremente,
 A cujo sôpro a máquina estrelada
 Vacila nos seus eixos,
 A cujo aceno os querubins se movem
 Humildes, respeitosos,
 Cujos poder, que é sem igual, excede
 A hipérbole arrojada!
 Oh! como é grande o Senhor Deus dos mundos,
 O Senhor dos prodígios.

III.

Ele mandou que o sol fôsse princípio,
 E razão de existência,
 Que fôsse a luz dos homens — ôlho eterno
 Da sua providência.

Mandou que a chuva refrescasse os membros,
 Refizesse o vigor
 Da terra hiante, do animal cansado
 Em praino abrasador.

Mandou que a brisa sussurrasse amiga,
 Roubando aroma à flor;
 Que os rochedos tivessem longa vida,
 E os homens grato amor!

Oh! como é grande e bom o Deus que manda
 Um sonho ao desgraçado,
 Que vive agrotado entre misérias,
 De ferros rodeado;

O Deus que manda ao infeliz que espere
 Na sua providência;
 Que o justo durma, descansado e forte
 Na sua consciência!

Que o assassino de contínuo vele,
 Que trema de morrer;
 Enquanto lá nos céus, o que foi morto,
 Desfruta outro viver!

Oh! como é grande o Senhor Deus, que rege
 A máquina estrelada,
 Que ao triste dá prazer; descanso e vida
 À mente atribulada!

O ROMPER D'ALVA.

Quand ta corde n'aurait qu'un son,
 Harpe fidèle, chante encore
 Le Dieu que ma jeunesse adore,
 Car c'est un hymne que son nom.

LAMARTINE.

Do vento o rijo sôpro as mansas ondas
 Varreu do imenso pego, — e o mar rugindo

As nuvens se elevou com fúria insana;
 Enoveladas vagas se arrojaram
 Ao céu co'a branca espuma!
 Raivando em vão se encontram soluçando
 Na base d'êrma rocha descalvada;
 Em vão de fúrias crescem, que se quebra
 A fôrça enorme do impotente orgulho
 Na rocha altiva ou na arenosa praia.
 Da tormenta o furor lhe acende os brios,
 Da tormenta o furor lh'enfreia as iras,
 Que em teimosos gemidos se descerram;
 Da quieta noite despertando os ecos
 Além, no vale humilde, onde não chega
 Seu sanhudo gemer, que o dia abafa.

Mas a brisa sussurrando
 A face do céu varreu,
 Tristes nuvens espalhando,
 Que a noite em ondas verteu.

Além, atrás da montanha,
 Branda luz se patenteia,
 Que d'alma a dor afugenta,
 Se dentro sentida anseia.

Branda luz, que afaga a vista,
 De que se ama o céu tingir,
 Quando entre o azul transparente
 Parece alegre sorrir;

Como és linda! — como dobras
 Da vida a fôrça e do amor!
 — Que também ¹⁴⁹ luz dentro d'alma
 Teu luzir encantador!

No teu ameno silêncio
 A tormenta se perdeu,
 E do mar a forte vida
 Nos abismos se escondeu!

Porque assim de novo agora
 Que o vento o não vem toldar,
 Parece que vai queixoso
 Mansamente a soluçar?

Porque as ramas do arvoredado,
 Bem como as ondas do mar,
 Sem correr sôpro de vento,
 Começam de murmurar?

Sôbre o tapiz d'alta relva,
 — Rocio da madrugada —
 Destila gôtas de orvalho
 A verde fôlha inclinada.

Renascida a natureza
 Parece sentir amor;
 Mais brilhante, mais viçosa
 O cálix levanta a flor.

Por entre as ramas ocultas,
 Docemente a gorjear,
 Acordam trinando as aves,
 Alegres, no seu trinar.

O arvoredado nessa língua
 Que diz, porque assim sussurra?
 Que diz o cantar das aves?
 Que diz o mar que murmura?

— Dizem um nome sublime,
O nome do que é Senhor,
Um nome que os anjos dizem,
O nome do Criador.

Também ¹⁵⁰ eu, Senhor, direi
Teu nome — do coração,
E ajuntarei o meu hino
Ao hino da criação.

Quando a dor meu peito acanha,
Quando me rala a aflicção,
Quando nem tenho na terra
Mesquinha consolação;

Tu, Senhor, do pêso insano
Livras meu peito arquejante,
Secas-me o pranto que os olhos
Vertendo estão abundante.

Tu pacificas minha alma,
Quando se rasga com pena,
Como a noite que se esconde
Na luz da manhã serena.

Tu és a luz do universo,
Tu és o ser criador,
Tu és o amor, és a vida,
Tu és meu Deus, meu Senhor.

Direi nas sombras da noite,
Direi ao romper da aurora:
— Tu és o Deus do universo,
O Deus que minha alma adora.

Também ¹⁵⁰ eu, Senhor, direi
Teu nome — do coração,
E ajuntarei o meu hino
Ao hino da criação.

A TARDE.

Ave Maria! blessed be the hour!
The time, the clime, the spot where I so oft
Have felt that moment in its fullest power...
Sink o'er the earth so beautiful and soft....

BYRON.

Oh tarde, oh bela tarde, oh meus amôres,
Mãe da meditação, meu doce encanto!
Os rogos da minha alma enfim ouviste,
E grato refrigerio vens trazer-lhe
No teu remansear prenhe de enlevos!
Enquanto de te ver gostam meus olhos,
Enquanto sinto a minha voz nos lábios,
Enquanto a morte me não rouba à vida,
Um hino em teu louvor minha alma exale,
Oh tarde, oh bela tarde, oh meus amôres!

I.

E' bela a noite, quando grave estende
Sobre a terra dormente o negro manto
De brilhantes estrélas recamado;

Mas nessa escuridão, nesse silêncio
Que ela consigo traz, há um quê de horrível
Que espanta e desespera e geme n'alma;
Um quê de triste que nos lembra a morte!
No romper d'alva há tanto amor, tal vida,
Há tantas côres, brilhantismo e pompa,
Que fascina, que atrai, que a amar convida;
Não pode suportá-la homem que sofre,
Órfãos de coração não podem vê-la.

Só tu, feliz, só tu, a todos prendes!
A mente, o coração, sentidos, olhos,
A ledice e a dor, o pranto e o riso,
Folgam de te avistar; — são teus, — és dêles.
Homem que sente dor folga contigo,
Homem que tem prazer folga de ver-te!
Contigo simpatizam, porque és bela,
Qu'és mãe de merencórios pensamentos,
Entre os céus e a terra êxtase doce,
Entre dor e prazer celeste arroubo.

II.

A brisa que murmura na folhagem,
As aves que pipitam docemente,
A estrêla que desponta, que rutila,
Com duvidosa luz ferindo os mares,
O sol que vai nas águas sepultar-se
Tingindo o azul dos céus de branco e d'oiro;
Perfumes, murmurar, vapores, brisa,
Estrélas, céus e mar, e sol e terra,
Tudo existe contigo, e tu és tudo.

III.

Homem que vive agro viver de côrte,
Indiferente olhar derrama a custo
Sobre os fulgores teus; — homem do mundo
Mal pode o desbotado pensamento
Revolver sobre o pó; mas nunca, oh nunca!
Há de elevar-se a Deus, e nunca há de êle
Na abóbada celeste ir pendurar-se,
Como de rósea flor pendente abelha.
Homem da natureza, êsse contemple
De púrpura tingir a luz que morre
As nuvens lá no ocaso vacilantes!
Há de vida melhor sentir no peito,
Sentir doce prazer sorrir-lhe n'alma,
E fonte de ternura inesgotável
Do fundo coração brotar-lhe em ondas.

Hora do pôr do sol! — hora fagueira,
Qu'encerras tanto amor, tristeza tanta!
Quem há que de te ver não sinta enlevos,
Quem há na terra que não sinta as fibras
Tôdas do coração pulsar-lhe amigas,
Quando dêsse teu manto as pardas franjas
Soltas, roçando a habitação dos homens?
Há i prazer tamanho que embriaga,
Há i prazer tão puro, que parece
Haver anjos dos céus com seus acordes
A mísera existência acalentado!

IV.

Sócia do forasteiro, tu, saudade,
Nesta hora os teus espinhos mais pungentes
Cravas no coração do que anda errante.

Só êle, o peregrino, onde acolher-se,
 Não tem tugúrio seu, nem pai, nem 'spôsa,
 Ninguém que o espere com sorrir nos lábios
 E paz no coração, — ninguém que estranhe,
 Que anseie aflito de o não ver consigo!
 Cravas então, saudade, os teus espinhos;
 E êles, tão pungentes, tão agudos,
 Varando o coração de um lado a outro,
 Nem trazem dor, nem desespero incitam;
 Mas remanso de dor, mas um suave
 Recordar do passado, — um quê de triste
 Que ri ao coração, chamando aos olhos,
 Tão espontâneo, tão fagueiro pranto,
 Que não fôra prazer não derramá-lo.

E quem — ah tão feliz! — quem peregrino
 Sôbre a terra não foi? Quem sempre há visto
 Sereno e brando deslizar-se o fumo
 Sôbre o teto dos seus; e sôbre os cumes
 Que os seus olhos hão visto à luz primeira
 Crescer branca neblina que se enrola,
 Como incenso que aos céus a terra envia?
 Tão feliz! quando a morte envôlta ¹⁵¹ em pranto
 Com gelado suor lh'enerva os membros,
 Procura inda outra mão co'a mão sem vida,
 E o extremo cintilar dos olhos baços,
 De um ente amado procurando os olhos,
 Sem prazer, mas sem dor, ali se apaga.
 O exilado! êsse não; tão só na vida,
 Como no passamento êrmo e sòzinho,
 Sente dores cruéis, torvos pesares
 Do leito aflito esvoaçar-lhe em tórno,
 Roçar-lhe o frio, o pálido semblante,
 E o instante derradeiro amargurar-lhe.
 Porém, no meu passar da vida à morte,
 Possa co'a extrema luz destes meus olhos
 Trocar último adeus com os teus fulgores!
 Ah! possa o teu alento perfumado,
 Do que na terra estimo, docemente
 Minha alma separar, e derramá-la
 Como um vago perfume aos pés do Eterno.

O TEMPLO.

....Jéhovah déploie autour de nos demeures
 Le linceul de la nuit, et la chaîne des heures
 Tombe anneau par anneau.

TURQUETY.

I.

Estou só neste mudo santuário,
 Eu só, com minha dor, com minhas penas!
 E o pranto nos meus olhos represado,
 Que nunca viu correr humana vista,
 Livrementemente o derramo aos pés de Cristo,
 Que também ¹⁵² suspirou, gemeu sòzinho,
 Que também padeceu sem ter confôrto,
 Como eu padeço, e soffro, e gemo, e choro.

Remorso não me punge a consciência,
 Vergonha não me tinge a côr do rosto,
 Nem crimes perpetrei; — porque assim choro?
 E direi eu por quê? — Antes meu berço,
 Que vagidos de infante vivedouro, ¹⁵³
 Os sons finais de um moribundo ouvisse!
 Que esperanças que eu tinha tão formosas,
 Que mimosos enlevos de ternura,

Não continha minha alma tôda amôres!
 Esperanças e amor, que é feito dêles?
 Um dia me roubava uma esperança,
 E sòzinho, uma e uma, me deixaram.
 Morreram tôdas, como fôlhas verdes
 Que em princípios do inverno o vento arranca.

E o amor! — podia eu senti-lo ao menos;
 Quando eu via a desdita de bem perto
 Co'um sorriso infernal no rosto squálido,
 Com fome e frio a tiritar demente,
 Acenando-me infausta, — quando vinda
 Minha hora já sentia, em que os meus lábios,
 Tremendo de vergonha, soluçassem
 Ao f'liz com que eu na rua deparasse,
 De mãos erguidas: Meu Senhor, piedade!
 Eis porque soffro assim, porque assim gemo,
 Porque meu rosto pálido se encova,
 Porque sòmente a dor me ri nos lábios,
 Porque meu coração já todo é cinzas.

Menti, Senhor, menti! — porque te adoro.
 No altar profano de beleza esquiva
 Não queimo incenso vão; — tu só me ocupas
 O coração, que eu fiz hóstia sagrada,
 Apuro de elevados sentimentos,
 Que o teu amor sòmente asilam, nutrem.
 Quando ao sopé da cruz me chego aflito,
 Sinto que o meu soffrer se vai mingando,
 Sinto meu coração arder em chamas,
 Arder meus lábios ao dizer teu nome.
 Assim a cada aurora, a cada noite,
 Virei consolações beber sedento
 Aos pés do meu Senhor; — virei meu peito
 Encher de religião, de amor, de fogo,
 Que além de infindos céus minha alma exalte.

II.

Quem me dera nas asas deste vento,
 Que agora tão saudoso aqui murmura,
 Agitando as cortinas, que me encobrem
 Do teu rosto o fulgor, que me não cegue,
 Subir além dos sóis, além das nuvens
 Ao teu trono, ó meu Deus; ou quem me desse
 Ser êste incenso que se arroja em ondas
 A subir, a crescer, em rôlo, em fumo,
 Até perder-se na amplidão dos ares!
 Não qu'ria aqui viver! — Quando eu padeço,
 Surdez fingida a minha voz responde;
 Não tenho voz de amor, que me console,
 Corre o meu pranto sôbre terra ingrata,
 E dor mortal meu coração fragoa.
 Só tu, Senhor, só tu, no meu deserto
 Escutas minha voz que te supplica;
 Só tu nutres minha alma de esperança;
 Só tu, ó meu Senhor, em mim derramas
 Torrentes de harmonia, que me abramas.
 Qual órgão, que ressoa mavioso,
 Quando segura mão lhe oprime as teclas,
 Assim minha alma, quando a ti se achega,
 Hinos de ardente amor desfere ¹⁵⁴ grata:
 E, quando mais serena, inda conserva
 Eflúvios dêsse canto, que me guia
 No caminho da vida áspero e duro.
 Assim por muito tempo reboando
 Vão no recinto do sagrado templo
 Sons, que o órgão soltou, que o ouvido escuta.

TE DEUM.

Nós, Senhor, nós te louvamos,
Nós, Senhor, te confessamos.

Senhor Deus Sabaó, três vêzes santo,
Imenso é o teu poder, tua fôrça imensa,
Teus prodígios sem conta; — e os céus e a terra
Teu ser e nome e glória preconizam.

E o arcanjo forte, e o serafim sem mancha,
E o côro dos profetas, e dos mártires
A turba eleita — a ti, Senhor, proclamam,
Senhor Deus Sabaó, três vêzes santo.

Na inocência do infante és tu quem falas;
A beleza, o pudor — és tu que as gravas
Nas faces da mulher, — és tu que ao velho
Prudência dás, — e o que verdade e fôrça
Nos puros lábios, do que é justo, imprimes.

És tu quem dás rumor à quieta noite,
És tu quem dás frescor à mansa brisa,
Quem dás fulgor ao raio, asas ao vento,
Quem na voz do trovão longe rouquejas.

És tu que do oceano à fúria insana
Pões limites e côbro, — és tu que a terra
No seu vôo equilibras, — quem dos astros
Governas a harmonia, como notas
Acordes, simultâneas, palpitando
Nas cordas d'Harpa do teu Rei Profeta,
Quando êle em teu louvor hinos soltava,
Qu'iam, cheios de amor, beijar teu sólio.

Santo! Santo! Santo! — teus prodígios
São grandes, como os astros, — são imensos,
Como areia delgada em quadra estiva.

E o arcanjo forte, e o serafim sem manchas,
E o côro dos profetas, e dos mártires
A turba eleita — a ti, Senhor, proclamam
Senhor Deus Sabaó, três vêzes grande.

ADEUS AOS MEUS AMIGOS DO MARANHÃO.

Meus Amigos, Adeus! Já no horizonte
O fulgor da manhã se empurplece:
É puro e branco o céu, — as ondas mansas,
— Favorável a brisa; — irei de novo
Sorver o ar puríssimo das ondas,
E na vasta amplidão dos céus e mares
De vago imaginar embriagar-me!
Meus Amigos, Adeus! — Verei fulgindo
A lua em campo azul, e o sol no ocaso
Tingir de fogo a implacidez das águas;
Verei hórridas trevas lento e lento
Descerem, como um crepe funerário
Em negro esquife, onde repoua a morte;
Verei a tempestade quando alarga
As negras asas de bulções, e as vagas
Soberbas encastela, esporeando
O curto bôjo de ligeiro barco,
Que geme, e rugue, e empina-se insofrido
Galgando os escarcéus, — bem larga esteira
De fósforo e de luz trás si deixando:

Generoso corcel, que sente as cruces
Agudas de teimosos acicates
Lacerarem-lhe rábidas o ventre.
Inda uma vez, Adeus! Curtos instantes
De inefável prazer — horas bem curtas
De ventura e de paz fruí convosco:
Oásis que encontrei no meu deserto,
Tépido vale entre fragosas serras
Virente deramado, foi a quadra
Da minha vida, que passei convosco.
Aqui de quanto amei, do que hei sofrido,
De tudo quanto almejo, espero, ou temo
Deslebrado vivi! — Oh! quem me dera
Que entre vós outros me alvejasse a fronte,
E que eu morresse entre vós! Mas fôrça oculta
Irresistível me persegue e impele.
Qual fôlha instável em ventoso estio
Do vento ao sôpro a esvoaçar sem custo;
Assim vou eu sem tino, — aqui pègadas
Mal firmes assentando — além pedaços
De mim mesmo deixando. Na floresta
O lasso viandante extraviado
Por todo o verde bosque estende os olhos,
E cansado esmorece, — cai, medita,
Respira mais de espaço, cobra alento,
E nas soidões ¹⁵⁵ de novo ei-lo se entranha.
Vestígios mal seguros sopra o vento,
Ou nivela-os a chuva, ou relva os cobre:
Talvez que fôlhas ásperas de arbusto
Mordam velos da túnica, e denotem
(Duvida o viajor que os vê com pasmo)
Que errante caminheiro ali passasse.

E eu parti! — Não chorei, que do meu pranto
A larga fonte jaz de há muito exausta;
Há muito que os meus olhos não gotejam
O repassado fel d'acre amargura;
E o pranto no meu peito represado
Em cinza o coração me há convertido.
É assim que um vulcão se torna fonte
De linfa amarga e quente; e a fonte em êrmo,
Onde não crescem profundas flores,
Nem tenras aves seus gorjeios soltam,
Nem triste viajor encontra abrigo.

Rasgado o coração de pena acerba,
Transido de aflições, cheio de mágoa,
Miserando parti! tal quando réprobo,
Adão, cobrindo os olhos co'as mãos ambas,
Em meio a sua dor só descobria
Do Arcanjo os candidíssimos vestidos,
E os lampejos da espada fulminante,
Que o Éden tão mimoso lhe vedava.
Porém quando algum dia o colorido
Das vivas ilusões, que inda conservo,
Sem fôrça esmorecer, — e as tão viçosas
Esp'ranças, que eu educo, se afundarem
Em mar de desenganos; — a desgraça
Do naufrágio da vida há de arrojarm-me
A praia tão querida, que ora deixo.
Tal parte o desterrado: um dia as vagas
Hão de os seus restos rejeitar na praia,
Donde tão novo se partira, e onde
Procura a cinza fria achar jazigo.

S E G U N D O S C A N T O S

P R Ó L O G O. 156

O volume de poesias que agora submeto às provas públicas, é dividido em duas partes. Nada direi sobre a primeira que não é senão a continuação dos *Primeiros Cantos*; é ainda o mesmo estilo, — o pensamento dominando em todo o verso, mas que seja menosprezada a metrificacão, — e a rima que naturalmente se lhe sujeita, — e o metro que se dobra em todos os sentidos, — e o verso que se acomoda a todos os tons como instrumento harmonioso, que sempre agrada, mesmo tangido por mãos inexperientes.

A segunda parte é um ensaio filosófico, — são sextilhas, em que adotei por meus a frase e o pensamento antigo, procurando tornar o estilo liso e fácil que não desagradasse aos ouvidos de hoje, e dar ao pensamento a côr forte e carregada daqueles tempos, em que a fé e a valentia eram as duas virtudes cardeais, ou antes as únicas virtudes. Coloquei-me no meio daquelas épocas de crenças rígidas e profundas — talvez de fanatismo, — e esforcei-me por simplificar o meu pensamento, por sentir como sentiam os homens de então, e por exprimi-los na linguagem que melhor os pode traduzir — a dos Trovadores, — linguagem simples mas severa, — rimada mas fácil, — harmoniosa e valente sem ser campanuda nem guindada. Variei o ritmo das sextilhas para que não cansasse; quis ver enfim que robustez e concisão havia nessa linguagem semiculta, que por vêzes nos parece dura e mal soante, e estreitar ¹⁵⁷ ainda mais, se fôr possível, as duas literaturas — Brasileira e Portuguesa, — que hão de ser duas, mas semelhantes ¹⁵⁸ e parecidas, como irmãs que descendem de um mesmo tronco e que trajam os mesmos vestidos, — embora os trajem por diversa maneira, com diverso gôsto, com outro porte, e graça diferente.

Sei que ao maior número dos meus leitores não agradará esta segunda parte: era essa a minha convicção, então quando a escrevia, e agora que a vou publicar. Escrevi-a contudo, porque aceito a inspiração quando e donde quer que ela me venha; — da imaginação ou da reflexão, — da natureza ou do estudo, — de um argueiro ou de uma crônica é-me indiferente: publico-as, se me agradam, rasgo-as, se me desprazem.

A aquêles ¹⁵⁹ críticos porém que se comprazem com o nascimento de um autor, que o seguem passo a ¹⁶⁰ passo durante a sua vida literária — animando-o pelo que nêle vêem de bom, reprovando o que lhes parece mau, franca e imparcialmente — sem amor como sem ódio, mas só pelo amor das artes, e talvez porque ¹⁶¹ lhes não desagradará ver a luta do autor que começa, — tenacidade do que porfia — a modéstia do que triunfa, — para êstes, digo, todo o volume é significativo — tôda a obra característica — todo o trabalho proveitoso.

Numeram os volumes, classificam as obras, apreciam o trabalho; — de tôdas as idéias formulam um só pensamento — de tôdas as côres formam um só quadro — de todos os traços uma só fisionomia. Quando pois aparece um novo volume de um autor qualquer, muito ou pouco conhecido, todo o seu trabalho é confrontá-lo. Se o pensamento se enerva, se as côres desbotam, se a fisionomia se decompõe, — a morte vem próxima; a árvore vingou e deixa de vingar, — cresceu e torna-se raquítica, — produziu e torna-se estéril. Mas se pelo contrário o pensamento se vai tornando mais firme como um nó que se aperta, — se o quadro reluz como que o retocassem de novo, — se a fisionomia se expande como que mostra ledice, e contentamento, — a vida será longa; a árvore vingou e continua a vingar, floresceu e dará novas flores, produziu e dará novos frutos.

Para êstes não será sem atrativo esta minha publicação, não como árvore de esperançosos frutos, mas como arbusto pouco conhecido, que na sazão das flores se metamorfoseia, que toma novo aspecto, e porventura agrada pela sua estranheza.

Sobre o título que dei à primeira parte, bem se vê que não é um verdadeiro título, mas um simples número: são hinos, visões, poesias líricas e americanas, composições diversas e variadas, que eu irei publicando enquanto merecerem o favor do público, se é que se dá o público destas coisas.

Quanto ao da segunda parte, só tenho a dizer que era minha intenção publicá-la com o pseudônimo de Frei Antão de Santa Maria de Neiva, cuja vida poderão ler os curiosos na *História de S. Domingos*, P. 2.^a, L. 3.^o, C. 4.^o. Mudei de resolução, conservando-lhe todavia o título, porque ¹⁶² sem êle muitas das sextilhas seriam ininteligíveis.

Rio de Janeiro. Fevereiro de 1848.

CONSOLAÇÃO NAS LÁGRIMAS.

Las lágrimas puras que entónces se vierten,
Acaso divierten,
En vez de doler.

ZORRILLA.

Como é belo à meia-noite
O azul do céu transparente.
Quando a esfera d'alva lua
Tôda se cala dormente,
Quando o mar tranqüilo e brando
Na areia chora fremente!

Como é belo êste silêncio
Da terra todo harmonia,
Que aos céus a mente arrebata
Cheia de meiga poesia!
Como é bela a luz que brilha
Do mar na viva ardência!
Êste pranto como é doce
Que entorna a melancolia!

Esta aragem como é branda
Que enruga a face do mar,
Que na terra passa e morre
Sem nas fôlhas sussurrar!
Os sons d'aéreo instrumento
Quisera agora escutar,
Quisera mágoas pungentes
Neste silêncio olvidar!

O azul do céu, nem da lua
A doce luz refletida,
Nem o mar beijando a praia,
Nem a terra adormecida,
Nem meigos sons, nem perfumes,
Nem a brisa mal sentida,
Nem quanto agrada e deleita,
Nem quanto embeleza a vida;

Nada é melhor que êste pranto
Em silêncio gotejado,
Meigo e doce, e pouco e pouco
Do coração despegado;
Não sôro de fel, mas santo
Frescor em peito chagado;
Não espremido entre dores,
Mas quase em prazer coado!

CANÇÃO.

Yo no soy más que un poeta,
Sin otro bien que mi lira.

ZORRILLA.

Tenho uma harpa religiosa,
Tôda inteira fabricada
De madeira preciosa
Sôbre o Líbano cortada.
Foi o Senhor quem ma deu,
De santas palmas coberta,
Que as notas suas concerta
Aos sons do saltério hebreu!

Tenho alaúde polido
Em que antigos Trovadores,
Em tom de guerra atrevido,
Cantavam trovas de amôres.
Mas chegando a Santa Cruz,
De volta do meu destêro,
Cortei-lhe as cordas de ferro,
Cordas de prata lhe pus.

Tenho também ¹⁶³ uma lira
De festões engrinaldada,
Onde minha alma afinada
Melindres d'amor suspira.
Nas grinaldas, nos festões,
Nas rosas com que s'inflora,
Goteja o orvalho da aurora
Dictamno ¹⁶⁴ dos corações.

Eis o que tenho, ó Donzela,
Só harpa, alaúde e lira;
Nem vejo sorte mais bela,
Nem coisa que lhe eu prefira.
Votei assim ao meu Deus
A minha harpa religiosa,
A ti a lira mimosa,
O grave alaúde aos meus!

LIRA.

Coeur sans amour est un jardin sans fleur.

L. HALEVY.

Se me queres a teus pés ajoelhado,
Ufano de me ver por ti rendido,
Ou já em mudas lágrimas banhado;
Volve, impiedosa,
Volve-me os olhos;
Basta uma vez!

Se me queres de rôjo sôbre a terra,
Beijando a fimbria dos vestidos teus,
Calando as queixas que meu peito encerra,
Diz-me, ingrata,
Diz-me: eu quero!
Basta uma vez!

Mas se antes folgas de me ouvir na lira
Louvor singelo dos amôres meus,
Por que minha alma há tanto em vão suspira;
Diz-me, ó bela,
Diz-me: eu te amo!
Basta uma vez!

AGORA E SEMPRE.

Pone me pigris ubi nulla campis
Arbor aestiva recreatur aura,
Dulce ridentem Lalagen amabo,
Dulce loquentem.

HORACIO. OD.

Ponham-me embora na crestada Líbia,
Ou lá nas zonas em que o gêlo mora,
Ali tua alma viverá comigo,
Ali teu nome!

Ponham-me em terras que leões só criam,
Nas altas serras que o condor habita;
Ali ainda viverá contigo
Minha alma ardente.

Faminto e triste na região deserta,
Co'os pés em sangue de esfarpada estilha,
Cortado o rosto de gelado vento,
Mádida a coma:

Ali aos urros do leão sedento,
Aos crebros gritos do condor alpestre,
Ardendo em chamas dêste amor sem termos,
Direi: Eu te amo!

Duros ferrolhos de prisão medonha
Escute embora sepultar-me em vida;
Embora sinta roxear-me os pulsos
Férreas algemas;

Embora malhas de tortura infame
Quebrem-me os ossos no medroso ecúleo; ¹⁶⁵
Agudos dentes de tenaz raivosa
Mordam-me as carnes:

Nas feias sombras de cruel masmorra,
Nos duros tratos da tortura bruta,
Quer só comigo, quer em meio às gentes,
Direi: Eu te amo!

Mas nunca o gêlo, nem a frágua ardente,
Nem brutas feras, nem crueza humana
Farão que eu sofra mais agudas dores,
Nem mais penadas!

Reclina-se outro em teu nevado seio,
Cinge-te o corpo em divinais carícias,
Beija-te o colo, beija-te o sorriso,
Goza-te e vive!

E eu no entanto estorço-me com dores! ¹⁶⁶
Praguejo o inferno que nos pôs tão longe,
Louco bravejo, mísero soluço...
Desejo e morro!

A VIRGEM.

— Tiene más de vaporosa sombra,
De inefable visión que de mujer.

ZORRILLA.

Linda virgem semelha ¹⁶⁷ a linda rosa
Que se abre ao romper d'alva;
Encapelam-se as pétalas mimosas,
Lacradas de pudor com rubro sêlo:
Cego mortal só lhe respira o incenso;
Mas dela a abelha extrai seu mel mais puro.

Seu nobre coração é como um templo,
Onde e só Deus habita;
Ali reina o mistério envolto ¹⁶⁸ em sombras,
E maga placidez envôlta em cantos:
Só vê isto o profano; mas o antiste
De Deus a sombra vê, e a voz lhe escuta.

É como um lago de mármoreo leito
Sua alma ingênua e bela:
No fundo não se enxerga o verde limo,
E a lisa face nos amostra os astros.
E onde o humilde pastor só vê luzeiros,
Os anjos lá dos céus contemplam mundos.

E se eu a vejo nos saraus ruidosos,
C'roadada de beleza,
E a sombra da tristeza irresistível
Tingir-lhe o rosto, e desbotar-lhe o riso;
Na mulher, que outros vêem, descubro o anjo,
Que as asas d'ouro, que perdeu, lamenta!

Então como que sinto arrebatá-me
Simpática atração!
Quisera doces carmes de ternura
Nas mais delgadas cordas da minha Harpa
Cantar-lhe, e assim dizer-lhe: "Um canto ao menos
O acerbo exílio teu torne mais brandito!"

Baldado empenho! Começado apenas,
Afrouxa-se-me o canto;
Debaixo dos meus dedos mal palpita
A corda melindrosa da minha Harpa;
E como em espaço, que até d'ar carece,
Tangida, o extremo som morre sem eco!

ROSA DO MAR!

Rosa, rosa de amor purpúrea e bela,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa!

GARRET.

Por uma praia arenosa,
Vagarosa
Divagava uma Donzela;
Dá largas ao pensamento,
Brinca o vento
Nos soltos cabelos dela.

Leve ruga no semblante
Vem num instante,
Que noutro instante se alisa;
Mais veloz que a sua idéia
Não volteia,
Não gira, não foge a brisa.

No virginal devaneio
Arfa o seio,
Pranto ao riso se mistura;
Doce rir dos céus encanto,
Leve pranto,
Que amargo não é, nem dura.

Nesse lugar solitário,
— Seu fadário. —
De ver o mar se recreia;
De o ver, à tarde, dormente,
Docemente
Suspirar na branca areia.

Agora, qual sempre usava,
Divagava
Em seu pensar embebida;
Tinha no seio uma rosa
Melindrosa,
De verde musgo vestida.

Ia a virgem descuidosa,
Quando a rosa
Do seio no chão lhe cai:
Vem um'onda bonançosa,
Qu'impiedosa
A flor consigo retrai.

A meiga flor sobrenada;
De agastada,
A virge' a não quer deixar!
Bóia a flor; a virgem bela,
Vai trás ela,
Rente, rente — à beira-mar.

Vem a onda bonançosa,
Vem a rosa;
Foge a onda, a flor também. ¹⁶⁹
Se a onda foge, a donzela
Vai sôbre ela!
Mas foge, se a onda vem.

Muitas vêzes enganada,
De enfadada
Não quer deixar de insistir;
Das vagas menos se espanta,
Nem com tanta
Presteza lhes quer fugir.

Nisto o mar que se encapela
A virgem bela
Recolhe e leva consigo;
Tão falaz em calmaria,
Como a fria
Polidez de um falso amigo.

Nas águas alguns instantes,
Flutuantes
Nadaram brancos vestidos:
Logo o mar todo bonança,
A praia cansa
Com monótonos latidos.

Um doce nome querido
Foi ouvido,
Ia a noite em mais de meia:
Tôda a praia perlustraram,
Nem acharam
Mais que a flor na branca areia.

O AMOR.

Amare amabam.

S. AGOST.

Amor! enlévo d'alma, arroubo, encanto
Desta existência mísera, onde existe?
Fino sentir ou mágico transporte,
(O quer que seja que nos leva a extremos,

Aos quais não basta a natureza humana;)
Simpática atração d'almas sinceras
Que unidas pelo amor, no amor se apuram,
Por quem suspiro, serás nome apenas?

A inútil chama ressecou meus lábios,
Mirrou-me o coração da vida em meio,
E à terra fêz baixar a mente errada
Que entre nuvens, amor, por ti bradava!
Não te pude encontrar! — em vão meus anos
No louco intento esperdicei; gelados,
Uns após outros a cair ¹⁷⁰ precipites
Na urna do passado os vi; eu triste,
Amor, por ti clamava; — e o meu deserto
Aos meus acentos reboava embalde.

Em vão meu coração por ti se fina,
Em vão minha alma te compr'ende e busca.
Em vão meus lábios sôfregos cubiçam
Libar a taça que aos mortais of'reces!
Dizem-na funda, inesgotável, meiga;
Enquanto a vejo rasa, amarga e dura!
Dizem-na bálsamo, eu veneno a sôrvo:
Prazer, doçura, — eu dor e fel encontro!

Dobrei-me às duras leis que me impuseste,
Curvei ao jugo teu meu colo humilde,
Feri-me aos teus ardentes passadores,
Prendi-me aos teus grilhões, rojei por terra...
E o lucro?... foram lágrimas perdidas,
Foi roxa cicatriz qu'inda conservo.
Desbotada a ilusão e a vida exausta!

Celeste emanção, gratos eflúvios
Das roseiras do céu; bater macio
Das asas auribranças dalgum anjo,
Que roça em noite amiga a nossa esfera,
Centelha e luz do sol que nunca morre;
És tudo, e mais do qu'isto: — és luz e vida,
Perfume, e vôo d'anjo mal sentido.
Peregrinas essências trescalando!..
Também ¹⁷¹ passas veloz, — breve te apagas,
Como duma ave a sombra fugitiva,
Desgarrada voando à flor de um lago!

SEMPRE ELA.

Per noctem quaesivi, quam diligit anima mea et non
inveni illam.

CANT. CANT.

Eu amo a doce virgem pensativa,
Em cujo rosto a palidez se pinta,
Como nos céus a matutina estrêla!
A dor lhe há desbotado a côr das faces,
E o sorriso que lhe roça os lábios
Murcha ledô sorrir nos lábios doutrem.

Tem um timbre de voz que n'alma ecoa,
Tem expressões d'angélica doçura,
E a mente do que as ouve, se perfuma
De amor profundo e de piedade santa,
E exala eflúvios dum odor suave
De aloés, de mirra ou de mais grato incenso.

E nessas horas, quando a mente aflita,
De dor oculta remordida, anseia
Desabrochar-se em confidência amiga,
"Neste mundo o que sou? — triste clamava;
"Pérsica envôlta ¹⁷² em pó, entre ruínas,
"Êrma e sôzinha a resolver-me em pranto!

"Flor desbotada em hâstea já roída,
"De cujo tronco as outras amarelas
"Já rojam sôbre o pó, já murchas pendem!
"E' sentir e sofrer a minha vida!"
Merencória dizia, erguendo os olhos
Aos céus dum claro azul, que lhes sorriam.

Nada o mudo alcion por sôbre os mares
E próximo a seu fim desata o canto;
A rosa do Sarão lá se despenha
Nas águas do Jordão: e como a rosa,
Como o cisne, do mar entre os perfumes,
Aos sons duma Harpa interna ela morria!

E como o pastor que avista a linda rosa
Nas águas da corrente, e como o nauta
Que vê, que escuta o cisne ir-se embalado
Sôbre as águas do mar, cantando a morte;
Eu também a segui — a rosa o cisne,
Que lá se foi sumir por clima estranho. ¹⁷³

E depois que os meus olhos a perderam,
Como se perde a estrêla em céus infindos,
Errei por sôbre as ondas do oceano,
Sentei-me à sombra das florestas virgens,
Procurando apagar a imagem dela,
Que tão inteira me ficara n'alma!

Embalde aos céus erguendo os olhos turvos
Meu astro procurei entre os mais astros,
Qu'outrora amiga sina me fadara!
Com brilho embaciado e lua incerta
Nos ares se perdeu antes do ocaso,
Deixando-me sem norte em mar d'angústias.

MIMOSA E BELA.

NUM ÁLBUM

De ano em ano se torna mais formosa.
E novo brilho, novas graças cria.

CALDAS.

I.

Tão bela és, tão mimosa,
Qual viçosa
Fresca rosa,
Que em serena madrugada,
Despontada,
Rorejada
Foi pelo orvalho do céu;
E a aurora que tudo esmalta,
Brilha reflexos de prata
No orvalho que ali prendeu.

II.

Quando um penar aflitivo,
Sem motivo,
D'improviso
Tua alma ocupa e entristece,
Que padece,
Que esmorece
Com aquêlo imaginar;
Aumenta a tua beleza
Lânguido véu de tristeza,
Palor de quem sabe amar.

III.

Assim murcha a sensitiva,
Sempre viva,
Sempre esquiva;
Assim perde o colorido
Por um toque irrefletido,
Mal sentido:
Assim vai o nenufar,
Como que sofre e tem mágoas,
Esconder-se em fundas águas,
Té que o sol torne a brilhar.

IV.

Mas também ¹⁷⁴ a flor brincada,
Perfumada,
Debruçada
Sôbre a tranqüilla corrente, ¹⁷⁵
Logo sente
Vir a enchente
Longe, longe a rouquejar,
Que a probrezinha desfolha,
Sem lhe deixar uma fôlha,
Sem deixá-la em seu lugar.

V.

Não consintas pois que as mágoas,
Como as águas,
Que das fragas
Furiosas vêm ¹⁷⁶ tombando,
Vão tomando,
Vão levando
A flor do teu coração!
Há na vida u'amor sômente,
Um só amor inocente,
Uma só firme paixão.

VI.

Sê antes flor bem-fadada,
Suspirada,
Bafejada
Pela brisa que a namora,
Pela frescura da aurora,
Que a colora:
À luz do sol se recreia,
E de noite se retrata
Da fonte na lisa prata,
Quando o céu de luz se arreia.

AS DUAS AMIGAS.

..... Vivamos juntas
 Num só lugar!
 Num só lugar, ou sejam mansos ares,
 Se ali te exaltas;
 Ou sejam campos, se é ali que a relva
 De pranto esmaltas.

V. HUGO. Trad.

Já vistas sôbre a flor de manso lago
 Duas aves brincando solitárias,
 Já pousadas na lisa superfície,
 Já levantando vôo?

Já vistas duas nuvens no horizonte,
 Brancas, orladas com listões de fogo,
 A deslumbrante alvura cambiando
 Ao pôr de sol estivo?

Já vistas duas lindas mariposas,
 Abrindo ao romper d'alva as longas asas,
 Onde reflete o sol, como em ¹⁷⁷ um prisma,
 Belas, garridas côres?

Nem as pombas que vagam solitárias,
 Nem as nuvens do ocaso, nem as vagas
 Borboletas gentis que adejam livres
 Em vale ajardinado: ¹⁷⁸

Tanto não prazem, como doces virgens,
 Airosas, belas, com sorrir singelo.
 Da vida negra e má duros abrolhos
 Impróvidas calcando.

Quanto há no mundo d'ilusões fagueiras,
 De perfume e de amor, guardam no peito,
 Quanto há de luz no céu mostram nos olhos,
 Quanto há de belo — n'alma.

Como um jardim seu coração se mostra,
 Seus olhos como um lago transparente,
 Sua alma como uma harpa harmoniosa,
 Seu peito como um templo!

Mas um fraco arruído espanta as aves,
 Uma brisa ligeira as nuvens rasga,
 E uma gôta de orvalho ensopa as asas
 Das leves mariposas.

Desgarradas voando as aves fogem,
 Dos castelos dos céus perdem-se as nuvens,
 Nem mais adejam borboletas vagas
 Sôbre o esmalte das flores.

Pois quem resiste ao perpassar do tempo?
 Depois que derramou grato perfume
 Sôbre as asas dos ventos que a bafejam,
 A flor também definha.

Mas um nobre sentir que se enraíza
 No peito da mulher, que menos ame,
 E' como essência preciosa e grata,
 Que se lacrou num vaso.

Repassa-o: depois embora o esgotem ¹⁷⁹
 Leves emanações, gratos eflúvios
 Há de eterno verter da mesma essência,
 Talvez porém mais doces.

SONHO.

Ah! frown not, sweet lady, unbend your soft brow,
 Nor deem me too happy in this!
 If I sin in my dream, I atone for it now,
 Thus doom'd but to gaze upon bliss.

BYRON.

Sonhava esta noite, Donzela formosa,
 Já quando as estrêlas tombavam no mar,
 Que eu via a meu lado uma esbelta figura
 Divina e mimosa....
 Sonhar é ventura;
 Deixai-me sonhar!

Divina e mimosa, co'um véu se cobria
 D'estrêlas fulgentes de brilho sem par;
 O rosto era vosso, era vossa a estatura,
 E o anjo dizia....
 Sonhar é ventura;
 Deixai-me sonhar!

E o anjo dizia co'um jeito celeste:
 "Afetos que em outro não pude encontrar
 "Por fim me renderam, — paixão lisa e pura,
 "Que tanto sofreste..." ¹⁸⁰
 Sonhar é ventura;
 Deixai-me sonhar!

"Pois tanto sofreste, não devo impiedosa
 "Fineza tão grande por fim mal pagar!"
 Eis sinto um abraço estreitar-me a cintura,
 E uns lábios de rosa...
 Sonhar é ventura;
 Deixai-me sonhar!

E uns lábios de rosa cobrirem-me a fronte
 Com tépidos beijos de férvido amar!
 Prazer tão subido após tanta amargura,
 Não sei como o contel!...
 Sonhar é ventura;
 Deixai-me sonhar!

Não sei como o conte! — nos lábios de rosa
 Vivi encantado sem ver, nem pensar,
 Enquanto apertava a ligeira cintura,
 Cintura mimosa....
 Sonhar é ventura;
 Deixai-me sonhar!

Cintura mimosa! — depois vos tecia
 Grinalda que a fronte vos fôsse adornar,
 E um cinto de amôres com broche esmaltado
 De meiga poesia!...
 Quem tão bem fadado
 Vivera a sonhar!

De meiga poesia, meu bem, minha amada,
 Já pago de quanto me fazeis penar,
 Então vos tangia descantes na lira,
 Na lira afinada!
 O sonho é mentira;
 Não quero sonhar!

SOLIDÃO.

Solo e pensoso i più deserti campi
Vo misurando, a passi tardi e lenti,
E gli occhi porto per fuggire intenti.
Ove vestigio human l'arena stampi.

PETRARCA. *Sonetti.*

Se queres saber o meio
Por que às vêzes me arrebatada
Nas asas do pensamento
A poesia tão grata;
Por que vejo nos meus sonhos
Tantos anjinhos dos céus;
Vem comigo, ó doce amada,
Que eu te direi os caminhos,
Donde se enxergam anjinhos,
Donde se trata com Deus.

Fujamos longe das vilas,
Das cidades populares,
Do vegetar entre as vagas
Destas côrtes enganosas;
Fujamos longe, bem longe,
Dêste viver cortesão!
Fujamos desta impureza,
Só vêes cordura por fora;
Mas nunca o vício que mora
Nas dobras do coração!

Fujamos! que nos importa
Rodar do carro que passa,
Esta orgulhosa vanglória,¹⁸¹
Que se resolve em fumaça?
Estas vozes, êstes gritos,
Êste viver a mentir?
Fujamos, que em tais lugares
Não há prazer inocente,
Só alegria que mente,
Só lábios que sabem rir!

Fujamos para o deserto;
Vivamos ali sòzinhos,¹⁸²
Sòzinhos, mas descuidados
Dêstes cuidados mesquinhos;
Tu o azul do espaço olhando
E eu só a rever-me em ti!
Quando depois nos tornarmos
À terra serena e calma,
Aqui acharei tua alma,
E tu me acharás aqui.

Ou corramos o oceano
Que d'imenso a vista cansa;
Dormirei no teu regaço
Quando o tempo fôr bonança,
Quando o batel fôr jogando
Em leve ondular sem fim.
Mas nos rancos da procela,¹⁸³
Nossos olhos encontrados,
Nossos braços enlaçados,¹⁸³
Hei de cantar-te, inda assim!

Ou se mais te praz, zombemos
Das setas que arroja a sorte;
Vivamos nas minhas selvas,
Nas minhas selvas do norte,
Que gemem nências sentidas
No seio da escuridão.

Não tem doçura o deserto,
Não têm harmonia os mares,
Como o rugir dos palmares
No correr da viração!

Tu verás como a luz brinca
Nas fôlhas de côr sombria;
Como o sol, pintor mimoso,
Seus accidentes varia;
Como é doce o romper d'alva,
Como é fagueiro o luar!
Como ali sente-se a vida
Melhor, mais viva, mais pura,
Naquela eterna verdura,
Naquele eterno gozar!

Vem comigo, oh! vem depressa,
Não se esgota a natureza;
Mas desbota-se a inocência,
Divina e santa pureza,
Que dá vida aos objetos,
Feituras da mão de Deus!
Vem comigo, ó doce amada,
Que são êstes os caminhos,
Donde eu enxergo os anjinhos,
Que tu vêes nos sonhos meus.

A UM POETA EXILADO.

Il accuse et son siècle, et ses chants, et sa lyre,
Et la coupe enivrante où, trompant son délire,
La gloire verse tant de fiel,
Et ses vœux, poursuivant des promesses funestes,
Et son coeur, et la Muse, et tous ces dons célestes,
Hélas! qui ne sont pas le ciel!

V. HUGO.

Também¹⁸⁴ vaguei, Cantor, por clima estranho,
Vi novos vales, novas serranias,
Vi novos astros sôbre mim luzindo;
E eu só! e eu triste!

Ao sereno Mondego, ao Doiro, ao Tejo
Pedi inspirações, — e o Doiro e o Tejo
Do mísero proscrito repetiram
Sentidos carmes.

Repetiu-mos o plácido Mondego;
Talvez em mais de um peito se gravaram,
Em mais de uns meigos lábios murmurados,
Talvez soaram.

Os filhos de Minerva, novos cisnes,
Que a fonte dos amôres meigos cria,
E alguns de Lísia sonorosos vates,
Sisudos mestres;

Ouvindo aquêlo canto agreste e rudo
Do selvagem guerreiro, — e a voz do piaga
Rugindo, como o vento na floresta,
Prenhe d'augúrios;

Benignos me olharam, e aos meus ensaios
Talvez sorriam; porém mais prendeu-me,
Quem sofrendo como eu, chorou comigo,¹⁸⁵
Quem me deu lágrimas!

Eu pois, que nesta vida hei aprendido
Só cantar e sofrer, não vejo embalde
Ao canto a dor unida, — e os repassados
Versos de pranto.

Do triste poleá choro a desdita,
Choro e digo entre mim: "Pobre Canário
Que fado mau cegou, porque soltasse
Mais doce canto;

Pobre Orfeu, nestes tempos mal nascido,
Atrás dum bem sonhado pelo mundo
A vagar com lira — um bem que os homens
Não podem dar-te!

Sequer ¹⁸⁶ esta lembrança a dor te abrande:
A vida é breve, e o teu cantar semelha ¹⁸⁷
Vagido fraco de menino enfêrmo,
Que Deus escuta."

PALINÓDIA.

O céu não te dotou de formosura,
De atrativo exterior, e a natureza
Teu peito inficionou co'a vil torpeza
D'ingrata condição falaz e impura!

BOCAGE.

Se só por vós, Senhora, corpo e alma,
Apesar da aversão que tenho ao crime,
Inteiro me embucei nos seus andrajos,
Em tremedal de vícios;

Se só por vós descri do que era nobre,
Porque envolto ¹⁸⁸ em torpeza imunda e feia,
As vestes da virtude immaculada
Rebolquei-as no lôdo;

Se só por vós persegue-me o remorso,
Que os dias da existência me consome,
E entre angústias cruéis minha alma anseia,
— Ludíbrio dos meus erros:

Consenti que a moral os seus direitos
Reivindique ¹⁸⁹ uma vez, e que a minha alma
Das lições que bebeu na pura infância
Uma hora se recorde!

Agora, agro censor, hão de os meus lábios,
Duras verdades trovejando em verso,
Fazer de vós, o que a razão não pôde,
— Mulher ou estátua!

Mentistes quando amor tínheis nos lábios,
Mentistes a compor meigos sorrisos,
Mentistes no olhar, na voz, no gesto...
Fôstes bem falsa!...

Falsa, como a mulher que em bruta orgia
Finge extremos de amor que ela não sente
E o rosto of'rece a ¹⁹⁰ ósculos vendidos,
Ao sigilo da infância.

Quantas vêzes, Senhora, não caístes
Humilhada, a ¹⁹⁰ meus pés, desfeita em pranto,
Chorando — e que choráveis? — a jurar-me...
— Que juráveis então?

Se pois sentistes compaixão amiga
A cair gôta a gôta dos meus lábios
No que eu supunha cicatriz recente,
E que era úlcera funda;

Se me vistes os olhos incendiados,
Sangrar-me o coração no peito aflito
Ao fel das vossas dores, que azedáveis
Co'o pranto refalsado: ¹⁹¹

Ouvi! — não éreis bela, — nem minha alma
Vos amou, que um modelo de virtudes,
— Um sublime ideal — amou sòmente;
Vós o não fôstes nunca.

Que uma alma como a vossa, já manchada,
Aos negros vícios mais que muito afeita,
Já feia, já corrupta, já sem brilho...
Amá-la eu, Senhora!

Deitar-me sob a copa traiçoeira,
Que ao longe espalha a sombra, o engano, a morte;
Recostar-me no seio onde outros dormem,
Que por ninguém palpita!

Beijar faces sem vida, onde se enxerga
Visgo nojento d'ósculos comprados;
Crer no que dizem olhos mentirosos,
Em prantos de loureira!

Antes curvar o colo envilecido
Ao jugo vil da escravidão nefanda;
Beijar humilde a mão que nos ofende,
Que nos cobre de opróbrio!

Antes, possesso d'imprudência estúpida,
Brincando remexer ¹⁹² no açafate,
Onde por baixo de mimosas flores,
O áspide se esconde!

Mas eu, nos meus acessos de delírio,
Voz importuna de contínuo ouvia,
Cá dentro em mim, a repr'ender-me sempre
De vos amar... tão pouco!

Assim o cego idólatra se culpa,
Nos espasmos d'ascética virtude,
De não amar assaz o vão fantasma,
De suas mãos feitura.

Porém se luz melhor de cima o aclara,
Cospe afronta e desdém, e à chama entrega
O cêpo vil, que não merece altares.
Nem d'ofrendas é digno!

Releva-se a imprudência feminina,
Inda um êrro, uma culpa se perdoa,
Se a desvaira a paixão, se amor a cega
No mar de escolhos cheio.

O Deus, que mais perdoa a quem mais ama,
Talvez da vida a negra mancha apaga
A quem as asas de algum anjo orvalha
De lágrimas contritas.

Mas não àquela, ¹⁹³ em cujo peito mora
Torpeza só, — onde o amor se cobre
De vícios — a nutrir-se d'impurezas,
Como vermes de lôdo.

Se porém te aproveita o meu conselho,
A quem, ¹⁹⁴ mais do que a mim, tens ofendido,
Que entre os risos do mundo, vê tua alma
E lê teus pensamentos;

Se não crês noutra vida além da morte,
Roga sequer a Deus, que te não rompa
À luz do sol divino da Justiça
A máscara d'enganos!

Que a rainha da terra inamalgável,
— A ¹⁹⁵ dura opinião — te não entregue,
Sòzinha, e nua, e d'irrisão coberta,
À popular vindita!

OS SUSPIROS.

Mucha pena ¿verdad? mucha amargura
Guardaba allá en sus senos escondida
A despedir-te el alma dolorida,
Hijo de su cariño y su ternura?

ROMEA.

Muitas vêzes tenho ouvido,
Como lânguidos gemidos,
Frouxos suspiros partidos
Dentre uns lábios de coral:
A fina tez lhes deslustram,
Bem como o alento que passa
Sôbre o candor duma taça
De transparente cristal.

Ouvido os tenho mil vêzes,
Do coração arrancados,
Sôbre lábios desmaiados
Sussurrando esvoaçar!
Como flor submarinha
Da funda gleba arrancada,
De vaga em vaga arrastada,
Correndo de mar em mar!

Ouvido os tenho mil vêzes,
Enquanto a lua fulgura,
Quando a virgem d'alma pura
Fita seus olhos no céu:
Notas de mundo longínquo
Repasadas de harmonia,
Diamante que alumia
A tela de um fino véu!

Tu, virgem, por que suspiras?
Quando suspiras que cismas?
Em que reflexões te abismas?
— Do passado ou do porvir;
Mas não tens *passado* ainda,
Tudo é flores no presente,
Brilha o porvir docemente,
Como do infante o sorrir.

Tu, virgem, ¹⁹⁶ por que suspiras?
— Murmura trépida a fonte,
De relva se cobre o monte,
As aves sabem cantar;
O ditoso tem sorrisos,
O desgraçado tem pranto,
A virgem tem mais encanto
No seu vago suspirar!

Suspirar, ó doce virgem,
E' da alma a voz primeira,
A expressão mais verdadeira
Da sina e do fado teu!
Vago, incerto, indefinido,
Tem um quê de inexplicável,
Como um desejo insondável,
Como um reflexo do céu.

Eu amo ouvir teus suspiros,
Ó doce virgem mimosa,
Como nota harmoniosa,
Como um cântico de amor;
Mais do que a flor entre as vagas
Sem destino flutuando,
Folgo de os ver expirando
Em lábios de rubra côr.

Mais que a longínqua harmonia,
Que o alento fraco, incerto,
Que o diamante coberto,
Cintilando almo fulgor;
Folgo de ouvir teus suspiros,
Ó doce virgem mimosa,
Como nota harmoniosa,
Como um cântico de amor!

QUEIXUMES.

I.

Onde estás, meu senhor, meus amôres?
A que terras — tão longes! — fugiste?
Onde agora teus dias se escoam?
Por que foi que de mim te partiste?

II.

Não te lembras! quando eu te rogava
Não te fôsses de mim tão asinha,
Prometeste-me breve ser minha
Tua vida, que o mar me roubava.

III.

Tão amigo do mar fôste sempre,
Porque ¹⁹⁷ amigos talvez não achastel
Nem carinhos, nem prantos te ameigam?
Nem por mim, que te amava, o deixaste?

IV.

Vejo além o lugar onde estava
Tua esbelta fragata ancorada,
Mal sofrida jogando afagada
Do galerno que amigo a chamava.

V.

Da partida era o fúnebre instante,
Breve instante de aflitos terrores,
Quando o mar traiçoeiro, inconstante,
Me roubava meus puros amôres!

VI.

Inda choro essa noite medonha,
 Longa noite de má despedida!
 Teu amor me deixaste nos braços,
 Nos teus braços levaste-me a vida!

VII.

Oh! cruel, que então foste comigo,
 Que te hei feito que punes-me assim?
 Teu navio que tantos levava,
 Não podia levar mais a mim?

VIII.

Mas a mim! — que importava que eu fôsse?
 Não me ouvira a tormenta chorar,
 E morrer me seria mais doce
 Junto a ti, — que o meu triste penar!

IX.

Junto a ti me era a vida bem cara,
 Oh! bem cara! — se ledo sorrias,
 Se pensavas sôzinho e profundo,
 Se agras dores contigo curtias;

X.

Eu te amava, senhor! — Nem podia
 Dentro em mim, convencer-me que fôsse
 Outra vida melhor, nem mais doce,
 Nem que o amor se acabasse algum dia!

XI.

Mas o mar tem lindezas que encantam,
 Tem lindezas, que o nauta namora,
 Também ¹⁹⁸ dizem que vozes descantam
 No silêncio pacato desta hora!

XII.

São de ninfas os mares peçados,
 Também ¹⁹⁸ dizem, que sabem magia.
 Que suscitam cruel calma-ria,
 Só d'em tórno dos seus namorados.

XIII.

Alta noite, bem perto, aparece,
 Como leiva juncada de flores,
 Ilha fértil em fáceis amôres,
 Onde o nauta da vida se esquece!

XIV.

Não te esqueças de mim! — Por Sevilha
 Quando o peito de branco marfim
 Perceberes na preta mantilha,
 Sombreado por leve carmim;

XV.

Quando vires passar a Andaluza
 Pelos montes, com ar majestoso,
 Decantando nas modas de que usa
 As loucuras do Cid amoroso;

XVI.

Quando vires a mole Odalisca
 De beleza e de extremos fadada,
 Respirando perfumes da Arábia,
 Em sericos ¹⁹⁹ tapizes deitada;

XVII.

Quando a vires co'a fronte bem cheia
 De riquezas, de graças ornada,
 Pelo andar do elefante embalada,
 Que alta escolta de eunucos rodeia;

XVIII.

Quando vires a Grega vagando
 Pelas Ilhas de Cós ou Megara,
 Em sua língua, tão doce, cantando
 Seus amôres que o Turco roubara;

XIX.

Quando a vires no Carro de Homero,
 Bela e grave e sisuda lavrando,
 Pelos montes melífluos do Himeto
 A parelha de bois aguilhando;

XX.

Não te esqueçam meus duros pesares,
 Não te esqueças por elas de mim.
 Não te esqueças de mim pelos mares,
 Não me esqueças na terra por fim!

XXI.

Se eu fôsse homem, também ²⁰⁰ desejara
 Percorrer êstes campos de prata,
 E êste mundo, na tua fragata,
 Co'uma esteira cingir d'onda amara.

XXII.

Qu'ria ver a andorinha coitada
 Nos meus mastros fugida poisar,
 E achar no convés abrigada,
 Quando o vento começa a reinar!

XXIII.

Ver o mar de toninhas coberto,
 Ver milhares de peixes brincar,
 Ver a vida nesse amplo deserto
 Mais valente, mais forte pular!

Oh! que o homem fôsse eu, mulher tu fôsses,
Ou fôsse tempestade ou calmaria,
Ou fôsse mar ou terra, Espanha ou Grécia,
Só de ti, só de ti me lembraria!

O mar suas ondas inconstante volve,
Sem que o seu curso e mesmo rumo leve,
Assim dos homens a paixão se move,
Falaz e vária, assim no peito ferve!

Meditados enganos sempre encobre
O mesmo que ao princípio ardente amava;
Oxalá não diga eu que me enganava,
Que teu peito julguei constante e nobre!

Oh! que o homem fôsse eu, mulher tu fôsses,
Ou fôsse tempestade ou calmaria,
Ou fôsse mar ou terra, Espanha ou Grécia,
Só de ti, só de ti me lembraria!

AO ANIVERSÁRIO DE UM CASAMENTO.

A MRS. A. N. V. DA G.

A filha d'Albion benvinda seja
Ao solo brasileiro!
Benvinda seja às margens florescentes
Dio Rio hospitaleiro!

Qu'importa que te acene a Pátria ao longe,
Que vejas incessante
As memórias, os templos, os palácios
Da Cidade gigante?

A pátria é onde quer a vida temos
Sem penar e sem dor;
Onde rostos amigos nos rodeiam,
Onde temos amor:

Onde vozes amigas nos consolam
Na nossa desventura,
Onde alguns olhos chorarão doridos
Na êrma sepultura;

A pátria é onde a vida temos prêsa:
Aqui também ²⁰¹ há sol!
Também a brisa corre fresca e leve
Da manhã no arrebol!

Aqui também a terra produz flores,
Também os céus têm côr;
Também mumura o rio, e corre a fonte,
E os astros têm fulgor!

Aqui também se arrelva o prado, o monte,
De mimoso tapiz;
Nas asas do silêncio desce a noite
Também sôbre o infeliz!

A filha d'Albion benvinda seja
Ao solo brasileiro;
Benvinda seja às margens florescentes
Do Rio hospitaleiro!

Compridos anos e folgados viva
Neste ditoso clima,
E veja a par ²⁰² dos filhos seus queridos
Crescer do espôso a estima!

Possa eu também do seu feliz consórcio
De novo em cada ano
Soltar um hino de amizade estreme,
Um canto mais que humano!

24 de Março.

CANTO INAUGURAL.

À MEMÓRIA DO CÔNEGO JANUÁRIO
DA CUNHA BARBOSA.

Onde essa voz ardente e sonora,
Essa voz que escutamos tantas vêzes,
Polida como a lâmina dum gládio,
Essa voz onde está?

No rosto popular severa e forte,
No púlpito serena, amiga e branda,
Pelas naves do templo reboava,
Como oração piedosa!

E a mão segura, e a frente audaciosa,
Onde um vulcão de idéias borbulhava,
E o generoso ardor de uma alma nobre
— Onde param também? ²⁰³

Novo Colombo audaz por novos mares,
A sonda em punho, os olhos nas estrêlas
Co'as brônzeas quilhas retalhando as vagas
Do inóspito elemento;

Porfioso e tenaz no duro empenho,
No manto do porvir bordava ufano,
Sob os troféus da liberdade sacra,
Os destinos da Pátria!

Noturno viajor que andou vagando
A noite inteira, a revolver-se em trevas,
Onde te fôste, quando o sol roxeia
Nuvens de um céu mais puro?

Secou-se a voz nas fauces ressequidas.
Parou sem fôrça o coração no peito,
Quando sòmente um pé firmava a custo
Na terra prometida!

E a mão cansada fraquejou... pendeu-lhe,
Inda a vejo pendente, sôbre as páginas
Da pátria história, onde gravou seu nome
Tarjado em letras d'oiro.

Pendeu-lhe... quando a mente escandecida
Talvez quadro maior lhe afigurava
Que a luta acerba do Titã brioso,
Última prole de Saturno.

Inveja Claudiano pincel válido,
Que nos retrata o cataclismo horrendo,
Que êle — poeta — não achou nos combros
Da ignívoma Tessália!

Inveja.. mas às formas do Gigante
Sorri-se o grande Homero; — e o cego Bardo
Da verdade Erin, entre os heróis famosos
Prazenteiro o recbe!

Dorme, ó lutador, que assaz lutaste!
Dorme agora no gélido sudário;
Foi duro o afã, aspérrima a contenda,
Será fundo o descanso.

Dorme, ó lutador, teu sono eterno;
Mas sôbre a lousa do sepulcro humilde,
Como na vida foi, surja o teu busto
Austero e glorioso.

Coluna inteira em combros derrocados
Rôlo encerado, que já beija as praias
Do remoto porvir, — seguro e salvo
Dos naufrágios dum século;

Dorme! — não serei eu quem te desperte,
Meus versos... não serão: — palmas sem graça
Ou pobre rama d'árvore funérea,
Piramidal cipreste.

São flores que desfolha sôbre um túmulo
Singelo, entre um rosal, quase fagueiro,
Piedosa mão de peregrino estranho,
Que ali passou acaso!

TABIRA.

DEDICATÓRIA AOS PERNAMBUCANOS.

Salve, terra formosa, ó Pernambuco,
Veneza Americana, transportada
Boiante sôbre as águas!
Amigo gênio te formou na Europa,
Gênio melhor te despertou sorrindo
À sombra dos coqueiros.

Salve, risonha terra! são teus montes
Arrelvados, inúmeros teus vales,
Cujas veias são rios!
Doces teus prados, tuas várzeas férteis,
Onde reluz o fruto sazonado
Entre o matiz das flores!

Outros, pátria d'heróis, teus feitos cantem,
E a bela história de colônia exaltem
E os nomes forasteiros;
Não eu, que nada almejo senão ver-vos,
Tu e Olinda, ambas vós, co'os olhos longos,
Espriados ²⁰⁴ no mar!

Ambas vós, sôbre tudo americanas,
Doces flores dos mares de Colombo,
Filhas do norte ardente!
Virgens irmãs, que vão de mãos travadas
Sorrirem d'incôcência à própria imagem,
Que luz em claro arroio.

Andei, por vós sômente, em vossas matas,
Colhendo agrestes flores na floresta,
Não respiradas nunca,
Singelas, como vós, — como vós, belas,
Enastrei-as em forma de grinalda
Fino, extremoso amante!

Não vivem muito as flores: são meus versos
Efêmeros como elas; côr sem brilho,
Ou perfume apagado,
Ou trino fraco d'ave matutina,
Ou eco de um baixel que passa ao longe
Com descante saudoso.

TABIRA.

(POESIA AMERICANA.)

*Les peaux rouges, plus nobles, mais plus infortunées
que les peaux noires, qui arriveront un jour à la liberté par
l'esclavage, n'ont d'autre recours que la mort, parce que leur
nature se refuse à la servitude.*

- x - x -

I.

E' Tabira guerreiro valente,
Cumpre as partes de chefe e soldado;
E' caudilho de tribo potente,
— Tobajaras ²⁰⁵ — o povo senhor!
Ninguém mais observa o tratado,
Ninguém menos de p'rigos se aterra,
Ninguém corre aos acenos da guerra
Mais depressa que o bom lidador!

II.

Seu viver é batalha aturada,
Dos contrários a traça aventando;
E' dispor a cilada arriscada,
Onde o imigo se venha meter!
Levam noites com êle sonhando
Potiguares, ²⁰⁶ que o viram de perto;
Potiguares, que asselam por certo
Que Tabira só sabe vencer!

III.

Mil enganos lhe têm já tecido,
Mil ciladas lhe têm preparado;
Mas Tabira, fatal, destemido,
Tem feitiço, ou encanto, ou condão!
Sempre o plano da guerra é frustrado,
Sempre o ²⁰⁷ bravo fronteiro aparece,
Que os enganos cruéis lhes destece,
Face a face, arco e setas na mão.

IV.

Já dos Lusos o trôço apoucado,
Paz firmando com êle traidora,
Dorme ileso na fé do tratado,
Que Tabira é valente e leal.
Sem Tabira dos Lusos que fôra?
Sem Tabira que os guarda e defende,
Que das pazes talvez se arrepende
Já feridas outrora em seu mal!

V.

Chefe stulto dum povo de bravos,
Mas que os piagas vitórias te fadem,
Hão de os teus, miserandos escravos,
Tais triunfos um dia chorar!
Caraíbas tais feitos aplaudem,
Mas sorrindo vos forjam cadeias,
E pesadas algemas, e peias,
Que traidores vos hão de lançar!

VI.

Chefe stólido, insano, imprudente,
Sangue e vida dos teus malbaratas?!
Míngua as fôrças da tribo potente,
Vencedora da raça Tupi!
Hão de os teus, acoçados nas matas
Mal feridos, sangrentos, ignavos,
Não podendo viver como escravos,
Dar o resto do sangue por ti!

VII.

Vivem homens de pel' côr da noite
Neste solo, que a vida embeleza;
Podem, servos, debaixo do açoite,
Nênias tristes da pátria cantar!
Mas o índio que a vida só preza
Por amor dos combates, e festas
Dos triunfos sangrentos, e sestas
Resguardadas do sol no palmar;

VIII.

Ocioso, indolente, vadio,
Ou ativo, incansável, fragueiro,
Já nas matas, no bosque erradio,
Já disposto a lutar, a vencer:
Ama as selvas, e o vento palreiro.
Ama a glória, ama a vida; mas antes
Que viver amargados instantes,
Quer e pode e bem sabe morrer!

IX.

Eia, avante! ó caudilho valente!
Potiguares lá vêm denodados:
Tão cerrado concurso de gente,
Ninguém viu nestas partes assim!
Poucos são, mas briosos soldados;
Não são homens de aspecto jocundo!
Restos são, mas são restos dum mundo;
Poucos são, mas soldados por fim!

X.

Os seus velhos disseram consigo,
Discutindo os motivos da guerra:
"E' Tabira — cruel, inimigo.
Já nem crê, renegado, em Tupã!"
Pés robustos lá batem na terra,
Pó ligeiro se expande nos ares.
Era noite! milhar de milhares
São armados, mal rompe a manhã.

XI.

Vêm soberbos, — o sol luz apenas!
Confiados, galhardos, lustrosos,
Vêm bizarros nas armas, nas penas,
Atrevidos no acento e na voz!
Um dentre êles, dos mais orgulhosos,
Sobe à pressa nas aspás dum monte;
Dali brada, postado defronte
De Tabira — com jeito feroz:

XII.

"O' Tabira, Tabira! aqui somos
A provar nossas fôrças contigo;
Dizes tu que vencidos já fomos!
Di-lo tu, não no diz mais ninguém.
Ora eu só a vós todos vos digo:
Sois cobardes, irmãos de Tabira!
Propagastes solene mentira,
Que vencer não sabemos também. 208

XIII.

"Para o vosso terreiro vos chamo,
Contra mim vinde todos, — sou forte:
Acorrei ao meu nobre reclamo!
Aqui sou, nem me parto daqui!
Vinde todos em densa coorte:
Travaremos combate sangrento,
Mas por fim do triunfo cruento
Direis vós, se fui eu quem menti."

XIV.

Disse o arauto: eis a turba ufanosa
Lhe responde, arco e setas brandindo,
Pés batidos, voz alta e ruidosa:
— Bem falado, ó guerreiro, mui bem!
Assim é; mas Tabira rugindo,
Ressentido de ofensas tamanhas,
O rancor mal encobre das sanhas,
Que não lava no sangue de alguém.

XV.

Raso outeiro ali perto se of'rece:
Vinga-o prestes, ardido, 209 açodado!...
Como leiva de pálida messe,
Já madura, tremendo no pé;
Todo o campo descobre ocupado
Por guerreiros, — no extremo horizonte
Não distingue 210 nas faldas do monte,
O que é gente, o que gente não é.

XVI.

Não se abala o preclaro guerreiro,
Do que vê seu valor não fraqueia;
Diz consigo: "Um só golpe certo
Vai de todo esta raça apagar!
Juntos são, mas são meus!" — Já vozeia;
Logo os seus lhe respondem gritando,
Tais rugidos, tais roncos soltando
Que aos seus próprios deveram turbar!

XVII.

Diz a fama que então de assustadas
Muitas aves que o espaço cruzavam,
De pavor subitâneo tomadas,
Descaíam pasmadas no chão:
Já com silvos e atitos voavam
Muitas outras, que o triste gemido
No conflito, abafado e sumido,
Talvez deram, — mas fraco, mas vão!

XVIII.

Eis que os arcos de longe se encurvam,
Eis que as setas aladas já voam,
Eis que os ares se cobrem, se turvam,
De frechados, de surdos que são.
Novos gritos mais altos reboam,
Entre as hostes se apaga o terreno,
Já tornado apoucado e pequeno,
Já coberto de mortos o chão!

XIX.

Peito a peito encontrados afoutos,
Braço a braço, travados briosos,
Fervem todos inquietos, revoltos,
Qu'indecisa ²¹¹ a vitória inda está.
Todos movem tacapes pesados;
Qual resvala, qual todo se enterra
No imigo que morde na terra,
Que sepulcro talvez lhe será.

XX.

“Mas Tabira! Tabira! que é dêle?
“Onde agora se esconde o pujante?”
— Não no vêdes?! — Tabira é aquêle
— Que sangrento, impiedoso lá vai!
— Vê-lo-eis andar sempre adiante,
— Larga esteira de mortos deixando
— Trás de si, como o raio cortando
— Ramos, troncos do bosque, onde cai. —

XXI.

“Foge! foge! leal Tobajara;
“Quantos arcos que em ti fazem mira?!”
— Muitos são; porém mêdos encara
— Face a face, quem é como eu sou!
Muitas setas cravejam Tabira:
Belo quadro! — mas vê-lo era horrível!
Porco-espim que sangrado e terrível
Duras cerdas raivando espetou!

XXII.

Tem um ôlho dum tiro frechado!
Quebra as setas que os passos lh'impedem,
É do rosto, em seu sangue lavado,
Frecha e ôlho arrebatada sem dó!
E aos imigos que o campo não cedem,
Ôlho e frecha mostrando extorquidos
Diz, em voz que mais eram rugidos:
— Basta, vis, por vencer-vos um só!

XXIII.

E com fúria tão grande arremetem,
Com despêgo tão nobre da vida;
Tantos golpes, tão fundos repetem,
Que senhores do campo já são!
Potiguares lá vão de fugida,
Inda à fera mais tôrva e bravía
Disputando guarida dum dia
No mais fundo do vasto sertão!

XXIV.

Potiguares, que a aurora risonha
Viu nação numerosa e potente,
Não já povo na tarde medonha,
Mas só restos dum povo infeliz!
Insepultos na terra inclemente
Muitos dormem; mas há quem lh'inveja
Essa morte do bravo em peleja,
Quem a vida do escravo maldiz!

XXV.

“Este o conto que os Índios contavam,
“A desoras, na trite senzala;
“Outros homens ali descansavam,
“Negra pel'; mas escravos também. ²¹²
“Não choravam; sòmente na fala
“Era um quê da tristeza que mora
“Dentro d'alma do homem que chora
“O passado e o presente que tem!”

HINOS.

A LUA.

Figlia del ciel, sei bella!
Me verrà notte ancor, che tu, tu stessa
Cadrai per sempre, e lascierai nel cielo
Il tuo azzurro sentier!

CESAROTTI.

Salve, ó Lua cândida,
Que trás dos altos montes
Erguendo a fronte pálida,
Dos negros horizontes
As sombras melancólicas
Vens ora afugentar!
Salve, ó astro fúlgido,
Que brilhas docemente,
Melhor que o lume trêmulo
D'estrela inquieta, ardente,
Melhor que o brilho esplêndido
Do sol ferindo o mar!

Salve, ó reflexo tênue
Da eterna luz preclara
Nas nossas noites hórridas;
Qual sol que em linfa clara
Desponta os raios vívidos,
Em tarja multicolor;
És como a virgem púdica, ²¹³
Que amor no peito encerra;
Mas só, mas solitária,
Vagando aqui na terra,
Triplifica ²¹⁴ o sêlo místico
Do não sabido amor!

Eu te amo, ó Lua cândida,
No giro sonolento,
E o teu cortejo mádido
De estrélas, e do vento
O sópro merencório,
Que à noite dá frescor.

Por teus influxos mágicos
Minha alma aos sons do canto
Revive; e os olhos úmidos
Gotejam triste pranto,
Que orvalha a chaga tépido,
Que míngua a antiga dor!

Em gélido sudário
De neve alvinitente,
Por terras vi longínquas,
Durante a noite algente,
A tua luz benéfica
Luzir meiga do céu.

Nos mares solitários
Também ²¹⁵ a vi! — nas vagas
Brincava o lume argênteo,
Cantava o nauta as magas
Canções, no voluntário,
Cansado exílio seu!

Também ²¹⁵ a vi na límpida
Corrente vagarosa;
Também ²¹⁵ nas densas árvores
De selva majestosa,
Coando os raios lúbricos
No lôbrego palmar.

E eu só e melancólico
Sentado ao pé da veia,
Que a deslizar-se tímida
Beijava a branca areia;
Ou já na sombra tétrica
Da mata secular;

Em devaneio plácido
Velava, enquanto via
Ao longe — os altos píncaros
Da negra serraia,
— Disformes atalaias,
Que sempre ali serão!

No rórido silêncio
Minha alma se exaltava;
E das visões fantásticas,
Que a lua desenhava,
Seguia os traços áureos,
Tremendo em negro chão!

Pensava ledó, impróvido,
Até que de repente
Da minha vida mísera
Se me antolhava à mente
A quadra breve e rápida
Do malfadado amor.

Então fugia atônito
O bosque, a selva, a fonte,
E as sombras, e o silêncio;
Bem como o cervo insonte,
Que às setas foge pávido
Do fero caçador!

Salve, ó astro fúlgido,
Que brilhas docemente,
Melhor que o lume trêmulo
D'estrela inquieta, ardente,
Melhor que o brilho esplêndido
Do sol ferindo o mar.

Eu te amo, ó Lua pálida,
Vagando em noite bela,
Rompendo as nuvens túrbidas
Da ríspida procela;
Eu te amo até nas lágrimas
Que fazes derramar.

A NOITE.

Noite, melhor que o dia, quem não te ama!
Quem não vive mais brando em teu regaço!

FILINTO.

Eu amo a noite solitária e muda,
Quando no vasto céu fitando os olhos,
Além do escuro, que lhe tinge a face,
Alcanço deslumbrado
Milhões de sóis a divagar no espaço,
Como em salas de esplêndido banquete
Mil tochas aromáticas ardendo
Entre nuvens d'incenso!

Eu amo a noite taciturna e quêda!
Amo a doce mudez que ela derrama,
E a fresca aragem pelas densas fôlhas
Do bosque murmurando:
Então, malgrado o véu que envolve ²¹⁶ a terra,
A vista do que vela enxerga mundos,
E apesar do silêncio, o ouvido escuta
Notas de etéreas harpas.

Eu amo a noite taciturna e quêda!
Então parece que da vida as fontes
Mais fáceis correm, mais sonoras soam,
Mais fundas se abrem;
Então parece que mais pura a brisa
Corre, — que então mais funda e leve a fonte
Mana, — e que os sons então mais doce e triste
Da música se espargem.

O peito aspira sôfrego ar de vida,
Que da terra não é; qual flor noturna,
Que bebe orvalho, êle se embebe e ensopa
Em êxtase de amor:
Mais direitas então, mais puras devem,
Calada a natureza, a terra e os homens,
Subir as orações aos pés do Eterno
Para afagar-lhe o trono!

Assim é que no templo majestoso
Reboa pela nave o som mais alto,
Quando o sacro instrumento quebra a augusta
Mudez do santuário;
Assim é que o incenso mais direito
Se eleva na capela que o resguarda,
E na chave da abóbada topando,
Como um dossel, se espriaia.

Eu amo a noite solitária e muda;
 Como formosa dona em régios paços,
 Trajando ao mesmo tempo luto e galas
 Majestosa e sentida;
 Se no dó atentais, de que se enluta,
 Certo sentis pesar de a ver tão triste;
 Se o rosto lhe fitais, sentis deleite
 De a ver tão bela e grave!

Considerai porém o nobre aspecto,
 E o porte, e o garbo senhoril e altivo,
 E as falas poucas, e o olhar sob'rano,
 E a frente levantada:
 No silêncio que a veste, adorna e honra,
 Conhecendo por fim quanto ela é grande;
 Com voz humilde a saudareis rainha,
 Curvado e respeitoso.

Eu amo a noite solitária e muda,
 Quando, bem como em salas de banquete
 Mil tochas aromáticas ardendo,
 Giram fúlgidos astros!
 Eu amo o leve odor que ela difunde,
 E o roante frescor caindo em pér'las,
 E a mágica mudez que tanto fala,
 E as sombras transparentes!

Oh! quando sôbre a terra ela se estende,
 Como em praia arenosa mansa vaga;
 Ou quando, como a flor dentre o seu musgo,
 A aurora desabrocha;
 Mais forte e pura a voz humana soa,
 E mais se acorda ao hino harmonioso,
 Que a natureza sem cessar repete,
 E Deus gostoso escuta.

A TEMPESTADE.

Fervescere faciet, quasi ollam profundum mare.
 JOB. 41,22.

I.

De côr azul brilhante o espaço imenso
 Cobre-se inteiro; o sol vivo luzindo
 Do bosque a verde coma esmalta e doira,
 E na corrente dardejando a ²¹⁷ prumo
 Cintila e fulge em lâminas doiradas.
 Tudo é luz, tudo vida, e tudo côres!
 Nos céus um ponto só negreja escuro!

Eis que das partes, onde o sol se esconde,
 Brilha um clarão fugaz pálido e breve:
 Outro vem após êle, inda outro, muitos;
 Sucedem-se freqüentes, — mais freqüentes,
 Assumem côr mais viva, — inda mais viva,
 E em breve espaço conquistando os ares
 Os horizontes co'o fulgir roxeiam.

Qual mancha d'óleo em tela acetinada
 Que os fios todos lhe repassa e embebe;
 Ou qual abutre do palácio aéreo
 Tombando acinte, — no descer sem asas
 Um ponto só, — até que em meia altura

Abrindo-as, paira majestoso e horrendo:
 Assim o negro ponto avulta e cresce,
 E a cúpula dos céus de côr medonha
 Tinge, e os céus alastra, e o espaço ocupa.
 A abóbada de trevas fabricada
 Descansa em capitéis de fogo ardente!

De quando em quando o vento na floresta
 Silva, ruge, e morre; e o vento ao longe
 Rouqueja, e brama, e cava-se empolado,
 E aos píncaros da rocha enegrecida
 De iroso e mal sofrido a espuma arroja!
 Raivoso turbilhão consigo arrastra
 O argueiro, a fôlha em vórtice espantoso;
 No vale arranca a flor, sacode os troncos,
 Na serra abala a rocha, e move as pedras,
 No mar os vagalhões incita e cruza.

II.

Os sons da tempestade ao longe escuto!
 Concentra a natureza os seus esforços
 Primeiro que entre em luta; não lampeja
 Invio fogo nos céus; não sopra o vento:
 E' tudo escuridão, silêncio e trevas!
 Sòmente o mar de soluçar não cessa,
 Nem de rugir as ramas buliçosas,
 Nem de soar confuso borborinho,
 Incompr'ensível, como que sem causa,
 Imenso como o eco de mil vozes
 No céu de extensa gruta repulsando.

Silêncio! perto vem a tempestade!
 Grávidas nuvens de fatais coriscos,
 Sem rumo, como nau em mar desfeito,
 Em muda escuridão negros fantasmas,
 Indistintos, sem forma, — ondulam, jogam.
 Logo poder oculto impele as nuvens,
 Atraem-se os castelos tenebrosos,
 Embatem-se nos ares, — brilha o raio,
 E o ronco do trovão após rimbomba!

III.

Ruge e brame, sublime tempestade!
 Desprende as asas do tufão que enfreias,
 Despega os elos do veloz corisco
 E as nuvens rasga em rúbidas crateras.
 Os fuzis da cadeia temerosa
 Desfaz e quebra; e o espaço e as nuvens
 Do teu açoite os látegos bramindo,
 Ocupem de pavor os céus e a terra.
 Ruge, e o teu poder mostra rugindo;
 Que assim por teus influxos mais me comoves,
 Que todo me eletrizas e me arroubas!

Qual foi Mazeppa no veloz ginete
 Por desertos, por sirtes arenosas
 Jungido e prêso e atônito levado;
 Assim minha alma sobe e vai contigo,
 E vinga os teus palácios mais subidos,
 Contempla os teus horrores, e dos astros
 No prazer, que lhe dá, tôda embebida,
 Malgrado teu horror, folga contigo!
 Parece que ali tem a régia c'roa
 Que o feliz condenado achou na Ucrânia. ²¹⁸
 Ruge, ruge embora, ó tempestade!

IV.

Enfim descendo a chuva copiosa
Nuvens, bulhões desfaz; os rios crescem,
De pérolas a relva se matiza,
O céu de puro azul todo se arreia,
Sorri-se a natureza, e o sol rutila!

V.

Assim, meu Deus, assim será no dia
Do final julgamento, quando o anjo
Soprar a trompa que desfez os muros
De Jericó soberba!

O mar sobrepujando os seus limites,
Com rancos temerosos, nunca ouvido,
Virá para sorver, com fúria brava,
Ilhas e continentes.

O sol, perdendo o brilho e a natureza,
Não luz, mas puro fogo, há de acender-se,
Como o fogo sagrado, que se prende
Nas cortinas do templo.

Os orbes dos seus eixos desmontados,
No abismo hão de cair com grande estrondo,
E, redomas de vidro, hão de partir-se
Em pedaços sem conto.

Do abismo as solidões hão de acordar-se!
Flamívomos vapores condensados,
Té nós, e além de nós, hão de elevar-se
Em pavoroso incêndio.

O ar há de acender-se, a terra em fogo
Tornar-se, como o ferro ardendo em frágua, 219
Coalhar-se o mar e em áspera secura
Converterem-se as ondas.

E nesta confusão de fumo e chamas,
Neste caos, que a mente mal alcança,
Quando nada existir de quanto existe,
Será vencida a morte.

Logo, a 220 um só dizer do Onipotente,
O pó segunda vez há de animar-se,
E os mortos, mal sofrendo a luz da vida,
Atônitos, pasmados;

Hão de erguer-se na campa, inteiros, vivos,
E como Adão, a tatear os membros,
Estranhos à 221 existência já vivida,
Perguntarão: Quem somos?

Então, Senhor, então, — tu o disseste —
Virás cheio de glória e majestade,
Em sólio de luzeiros resplendente,
E em celeste cortejo!

Virás, sol de justiça, em fins do mundo
Acalmar a procela, e quando aos mortos
Disseres tu, quem és, — lembrar-nos-emos,
Senhor, do que já fomos.

Feliz então quem só viveu contigo,
Quem n'âncora da fé prendeu sua alma,
Quem só em ti fundou sua esperança,
Pequeno e humilde!

Feliz então quem tua lei guardando,
Seus passos graduou nos teus caminhos;
Quem dia e noite revolveu consigo,
Como aplacar-te.

NOVOS CANTOS.

O HOMEM FORTE.

Impavidum ferient...
HORAT.

O modesto varão constante e justo
Pensa e medita nas lições dos sábios
E nos caminhos da justiça eterna
Gradua firme os passos.

O brilho da sua alma não marcia
A luz do sol, nem do carvão se tisma;
Morre pelo dever, austero e crente,
Confessando a virtude.

Pode a calúnia denegrir seus feitos,
Negar-lhe a inveja o mérito subido;
Pode em seu dano conspirar-se o mundo
E renegá-lo a pátria!

Tão modesto nos paços de Luculo, 222
Como encerrado no tonel do Grego,
Nem o transtorna a aragem da ventura,
Nem a desgraça o abate.

A tiranos preceitos não se humilha,
Ante o ferro do algoz não curva a fronte,
Não faz calar da consciência o grito,
Não nega os seus princípios.

Antes, seguro e firme e confiado
No tempo, vingador das injustiças,
Co'os pés na cadafalso e a vista erguida
Se mostra imperturbável.

Sofre mártir e expira! A pátria em tórno
Do seu sepulcro o chora, onde a virtude,
Afeita ao luto e à dor, de novo carpe
Do justo a flébil morte!

DIES IRAE.

Jaz o mundo corrupto! — a terra ingrata
Frutos de maldição produz sòmente;
E enquanto os homens ao mercado afluem,
Vazio o templo do Senhor se enluta,
Empoeira-se o altar, e pelas naves,
Gretadas, rôtas pela mão do tempo,
De cânticos e preces deslembradas,
A voz de Deus já não reboa imensa!

Tudo porém conserva o mesmo aspecto:
 O sol girando, e na aparência o mesmo,
 Do ano as quadras compassado alterna;
 E os astros, seus irmãos, gravitam sempre
 D'abóbada celeste. A terra é a mesma;
 As águas pelos vales se deslizam,
 Ou d'alpestres montanhas se despenham
 Co'os mesmos sons, co'a mesma queda: as brisas
 Inda conversam nos soturnos bosques;
 A mulher, a mais bela criatura,
 Nas suas próprias perfeições compraz-se,
 Como quando, no Edén, as pulcras formas
 Pasmou de ver representadas n'água,
 E de as ver se ufanou. Inda conserva
 O mesmo orgulho e inteligência o homem,
 O rei da criação, o deus criado,
 De quando vinham, por pedir-lhe os nomes,
 Cetáceos, aves e os reptis e aquelas
 Criaturas-montanhas, que passaram
 Entre Adão e Noé à flor da terra!

Tudo o mesmo se mostra; mas a alma,
 Esse mundo interior, esse outro templo,
 Onde gravara o próprio Deus seu nome,
 Como os templos de pedra, jaz sem lume,
 Jaz como o prédio a desfazer-se em ruínas,
 Onde um guarda solícito não mora,
 E entregue às ²²³ aves más, que em chilros pregam,
 Que ali na ausência do senhor imperam.
 Da divina bondade cheio o vaso
 Já transborda de cólera e justiça
 E o largo rio do perdão saudável,
 Que mais não corra, empece: ²²⁴ Santas águas
 Por cuja causa os séculos já viram,
 Sem justa punição, ofensas graves;
 Que o Senhor consentisse persistirem
 Os maus no mal, à espera d'emendá-los;
 Que triunfasse a malvadeza; e o crime,
 Vexando os bons, senhoreasse a terra.

Mas Deus, que fôra outrora pai clemente,
 Dando comêço ao reino da justiça,
 Em austero juiz se há convertido.
 Como um carro, que vai d'encontro ao abismo,
 Perfaz o sol precípito o seu giro,
 Indo a tocar a temerosa meta
 Prevista dos profetas. Um arcanjo
 Com mão robusta inda retém os elos
 Da cadeia do tempo, enquanto a outra
 Da vida o livro volumoso sela
 Com sete brônzeos selos. Deus ofeso
 Tira os olhos do mundo, e o mundo há sido!

Quem pudera pintar as discordâncias
 Em que labora a natureza! Crescem
 Da terra ígneos vapôres, sufocando
 O que respira, o que tem vida: os montes
 Em crateras se rasgam, que vomitam
 Fumo e lava incessante; o mar s'empola
 E em fúria ardendo, arroja aos altos cimos
 Cruzados vagalhões, qual se tentara
 Sorvertê-los; os ventos se contrastam!
 Novos prodígios, novos monstros surgem!
 O mar se torna em sangue, o sol em fogo,
 O Universo em mansão d'aflitas dores,

O homem sofre, blasfema e desespera,
 E vendo os mundos desabar precípite,
 Um grito solta d'horroroso transe,
 Como de nau, que em alto mar s'afunda
 E rola os restos n'amplidão das águas.

Satisfêz-se o Senhor. Que resta? — O caos,
 O horror, a confusão, o vulto enorme
 Do tempo, que escurece o fundo abismo,
 Onde por todo o sempre jaz cativo;
 E da morte o cadáver gigantesco
 Quase ocupando a superfície inteira
 Dum mar de chumbo, escuro e sem rumores.
 Da glória do Senhor um raio apenas,
 Lá dos confins do espaço despedido,
 Fere da morte o rosto macilento.
 De tudo quanto foi, é quanto existe! ²²⁵

 ESPERA!

Quem há no mundo que aflições não passe,
 Que dores não suporte?
 Mais ou menos d'angústias cabe a todos,
 A todos cabe a morte.

A vida é um fio negro d'amarguras
 E de longo sofrer;
 Semelha ²²⁶ a noite; mas fagueiros sonhos
 Podem de noite haver.

Por que então maldiremos êste mundo
 E a vida que vivemos,
 Se nos tornamos do Senhor mais dignos,
 Quanto mais dor sofremos?

Quantos cabelos temos, êle o sabe;
 Êle pode contar
 As fôlhas que há no bosque, os grãos d'areia
 Que sustentam o mar.

Como pois não será êle conosco
 No dia da aflição?
 Como não há de computar as dores
 Do nosso coração?

Como há de ver-nos, sem piedade, o rosto
 Coberto d'amargura:
 Êle, senhor e pai, confôrto e guia
 Da humana criatura?

Se o vento sopra, se se move a terra,
 Se iroso o mar flutua;
 Se o sol rutila, se as estrêlas brilham,
 Se gira a branca lua;

Deus o quis, Deus que mede a intensidade
 Da dor e da alegria,
 Que cada ser comporta — num momento
 D'arroubo ou d'agonia!

Embora pois a nossa vida corra
 Alheia da ventura!
 Além da terra há céus, e Deus protege
 A tôda criatura!

Viajor perdido na floresta à noite,
Assim vago na vida;
Mas sinto a voz que me dirige os passos
E a luz que me convida.

A SAUDADE.

Saudade, ó bela flor, quando te faltem
Coração ou jardim, onde tu cresças;
Vem, vem ter comigo;
Deixa os que te não seguem,
Terás em peito amigo
Lágrimas, que te reguem,
Espaço, em que floresças.

Das pègadas da ausência tu despontas,
Entre as memórias cresces do passado,
Quando um objeto amado,
Quando um lugar distante,
Noite e dia,
Nos enluta e apoquenta a fantasia.
Vem, ó Saudade, vem
A mim também
Consolar de gemidos suspirosos
E de partidos ais!
Oh! seja a punição dos insensíveis
Não te sentir jamais!

Propícia Deusa, e se não fôsse a esperança,
Deusa melhor da vida; qu'insensato,
A quem mitigas túrbidos pasares
Haverá tão ingrato
Que te não queime incenso em teus altares?
O presente o que é? — Breve momento
D'incômodo ou desgraça
Ou de prazer, que passa
Mais veloz que o ligeiro pensamento.
Véu escuro, ²²⁷
Que nem sempre a ilusão nos adelgaça,
Nos encobre os caminhos do futuro.
O que nos resta pois? — Resta a saudade,
Que dos passados dias
De mágoas e alegrias
Bálsamo santo extrai consolador!
Resta a saudade, que alimenta a vida
A luz do facho que adormenta a dor!

Hera do coração, memória dêle,
Ó Saudade, ó rainha do passado,
Semelhas ²²⁸ a romântica donzela
De roupas alvejantes
Nas ruínas de castelo levantado:
Grinaldas flutuantes,
Que das fendas brotaram,
Movem-se do nordeste
Ao sôpro agudo e frio;
Enquanto vendo-o ao longe o senhorio,
De posses decaído,
D'invernos alquebrado,
Recorda triste os anos que passaram!

Em que plagas inóspitas e duras
Não me tens sido companheira e amiga?
Em que hora, em que instante
De folga ou de fadiga
Já deixei de sentir o penetrante
Espinho teu, a repassar-me todo
Dum prazer melancólico e suave?

Pois nascês nos desertos da tristeza,
Ó Saudade, ó rainha do passado!
Quando te falte gleba, onde tu cresças,
Vem, vem ter comigo;
Deixa os que te não seguem,
Terás em peito amigo
Lágrimas, que te reguem,
Espaço, em que floresças!

Entra em meu coração, ocupa-o todo,
Fibra por fibra enlaça-te com êle,
Desce com êle à sepultura; e quando
Jazer eu na eternidade,
Minha flor, minha saudade,
Tu procura a aura celeste,
Rompe a terra, transforma-te em cipreste,
Qu'enlute o meu jazigo;
E ao meneio das ramas funerárias,
Meu derradeiro amigo,
Descanse morto quem viveu contigo.

NÃO ME DEIXES!

Debruçada nas águas dum regato
A flor dizia em vão
A corrente, onde bela se mirava....
"Ai, não me deixes, não!" ²²⁹

"Comigo fica ou leva-me contigo
"Dos mares à amplidão,
"Límpido ou turvo, te amarei constante;
"Mas não me deixes, não!"

E a corrente passava; novas águas
Após as outras vão;
E a flor sempre a dizer curva na fonte:
"Ai, não me deixes, não!"

E das águas que fogem incessantes
À eterna sucessão
Dizia sempre a flor e sempre embalde:
"Ai, não me deixes, não!"

Por fim desfalecida e a côr murchada,
Quase a lambar o chão,
Buscava inda a corrente por dizer-lhe
Que a não deixasse, não.

A corrente impiedosa a flor enleia,
Leva-a do seu torrão;
A afundar-se dizia a pobrezinha:
"Não me deixaste, não!"

ZULMIRA.

Sonhar-te eu na veiga de Granada,
Tapetada de flores e verdura,
Onde o Darro e Xenil no lento giro
Volvem a linfa pura.

Ali te vejo em leda comitiva
Dos gentis cavaleiros do oriente,
Quando, deposta a malha do combate,
Vestem da paz a sêda reluzente.

Ali te vejo num balcão sentada,
Grande preço da maura arquitetura,
Pejando as asas das noturnas brisas
Dum canto de ternura.

Ali te vejo, sim; mas mais me agrada
O que se m'afigura noutro instante,
Ver-te em vistosa tenda d'ouro e sêdas,
Levantada no dorso do elefante.

E em roda, ao largo, o séquito pomposo
D'eunucos a teu gesto vacilantes
Em cujas frentes negras se destacam
Alvíssimos turbantes.

E pergunto quem és? — Então me dizem
Ciosos de guardar o seu tesouro,
Nome tão doce aos lábios, que parece
Escrever-se em cetim com letras d'ouro.

A UMA POETISA.

— Donde vens, viajor? — — De longe venho.

— Que viste? — — Muitas terra. — E qual delas

Mais te soube agradar? — São tôdas belas;
Fundas recordações de tôdas tenho.

— E admiraste o quê? ²³⁰ — Ah! onde as flores
Cada vez a manhã tornam mais linda,
Onde gemeu Paraguaçu de amôres
E os ecos falam de Moema ainda;

Ali, Safo cristã, virgem formosa,
A vida aos sons da lira dulcifica:
D'escutar a sereia harmoniosa
Ou de vê-la, a vontade prêsa fica!

Bahia — 1852

ANGELINA.

E' gentil e linda e bela,
E eu sei que m'arrouba o vê-la
Tão divina:
A lira seus cantos cesse;
Mas minha alma não s'esquece
D'Angelina!

Outro louve os seus cabelos,
Cante a luz dos olhos belos
Que fascina;
E o leve sorrir donoso
Que irradia o rosto airoso
D'Angelina!

Os dotes diga que apura,
Quando em lânguida postura
Se reclina;
Que s'ergue, se acaso passa
Sussurro que aplaude a graça
D'Angelina!

Que de amor quando suspira
O bardo quebrara a lira,
De mofina;
Que jamais puderam ²³¹ cantos
Pintar ao vivo os encantos
D'Angelina.

Que da sua alma a pureza
Equipara-se à beleza
Peregrina;
Que amor seu trono tem pôsto
N'alma, no talhe e no rosto
D'Angelina.

Eu que não sei descrevê-la,
Só sei que me arrouba o vê-la
Tão divina;
A lira seus cantos cesse,
Mas minha alma não s'esquece
D'Angelina!

RÔLA.

Dês que amor me deu que eu lesse
Nos teus olhos minha sina,
Ando, como a peregrina
Rôla, que o espôso perdeu!
Seja noite ou seja dia,
Eu te procuro constante:
Vem, oh! vem, ó meu amante,
Tua sou e tu és meu!

Vem, oh vem, que por ti clamo;
Vem contentar meus desejos,
Vem fartar-me com teus beijos,
Vem saciar-me de amor!
Amo-te, quero-te, adoro-te,
Abraso-me quando em ti penso,
E em fogo voraz, intenso,
Anseio louca de amor!

Vem, que te chamo e te aguardo,
Vem apertar-me em teus braços,
Estreitar-me ²³² em doces laços,
Vem pousar no peito meu!
Que, se amor me deu que eu lesse
Nos teus olhos minha sina,
Ando, como a peregrina
Rôla, que o espôso perdeu.

AINDA UMA VEZ — ADEUS ! —

I.

Enfim te vejo! — enfim posso,
Curvado a teus pés, dizer-te,
Que não cessei de querer-te,
Pesar de quanto sofri.
Muito penei! Cruas ânsias,
Dos teus olhos afastado,
Houveram-me acabrunhado,
A não lembrar-me de ti!

II.

Dum mundo a outro impelido,
Derramei os meus lamentos
Nas surdas asas dos ventos,
Do mar na crespia cerviz!
Baldão, ludíbrio da sorte
Em terra estranha, entre gente,
Que alheios males não sente,
Nem se condói do infeliz!

III.

Louco, aflito, a saciar-me
D'agravar minha ferida,
Tomou-me tédio da vida,
Passos da morte senti;
Mas quase no passo extremo,
No último arcar da esp'rança,
Tu me vieste à lembrança:
Quis viver mais e vivi!

IV.

Vivi; pois Deus me guardava
Para êste lugar e hora!
Depois de tanto, senhora,
Ver-te e falar-te outra vez;
Rever-me em teu rosto amigo,
Pensar em quanto hei perdido,
E êste pranto dolorido
Deixar correr a teus pés.

V.

Mas que tens? Não me conheces?
De mim afastas teu rosto?
Pois tanto pôde o desgosto
Transformar o rosto meu?
Sei a aflição quanto pode,
Sei quanto ela desfigura,
E eu não vivi na ventura...
Olha-me bem, que sou eu!

VI.

Nenhuma voz me diriges!...
Julgas-te acaso ofendida?
Deste-me amor, e a vida
Que ma darias — bem sei;
Mas lembrem-te aquêles feros
Corações, que se meteram
Entre nós; e se venceram,
Mal sabes quanto lutei!

VII.

Oh! se lutei!... mas devera
Expor-te em pública praça,
Como um alvo à populaça,
Um alvo aos dictérios seus!
Devera, podia acaso
Tal sacrifício aceitar-te
Para no cabo pagar-te,
Meus dias unindo aos teus?

VIII.

Devera, sim; mas pensava,
Que de mim t'esquecerias,
Que, sem mim, alegres dias
T'esperavam; e em favor
De minhas preces, contava
Que o bom Deus me aceitaria
O meu quinhão de alegria
Pelo teu quinhão de dor!

IX.

Que me enganei, ora o vejo:
Nadam-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar;
Erro foi, mas não foi crime,
Não te esqueci, eu to juro:
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e glória por te amar!

X.

Tudo, tudo; e na miséria
Dum martirio prolongado,
Lento, cruel, disfarçado,
Que eu nem a ti confiei;
"Ela é feliz (me dizia)
"Seu descanso é obra minha."
Negou-me a sorte mesquinha...
Perdoa, que me enganei!

XI.

Tantos encantos me tinham,
Tanta ilusão me afagava
De noite, quando acordava,
De dia em sonhos talvez!
Tudo isso agora onde pára?
Onde a ilusão dos meus sonhos?
Tantos projetos risonhos,
Tudo êsse engano desfez!

XII.

Enganei-me!... — Horrendo caos
Nessas palavras se encerra,
Quando do engano, quem erra,
Não pode voltar atrás!
Amarga irrisão! reflete:
Quando eu gozar-te pudera,
Mártir quis ser, cuidei qu'era...
E um louco fui, nada mais!

XIII.

Louco, julguei adornar-me
Com palmas d'alta virtude!
Que tinha eu bronco e rude
Co'o que se chama ideal?
O meu eras tu, não outro;
Stava em deixar minha vida
Correr por ti conduzida,
Pura, na ausência do mal.

XIV.

Pensar eu que o teu destino
Ligado ao meu, outro fôra,
Pensar que te vejo agora,
Por culpa minha, infeliz;
Pensar que a tua ventura
Deus ab eterno a fizera,
No meu caminho a pusera..
E eu! eu fui que a não quis!

XV.

És doutro agora, e p'ra sempre!
Eu a misero destêro
Volto, chorando o meu êrro,
Quase descrendo dos céus!
Dói-te de mim, pois me encontras
Em tanta miséria pôsto,
Que a expressão dêste desgosto
Será um crime ante Deus!

XVI.

Dói-te de mim, que t'imploro
Perdão, a teus pés curvado;
Perdão!.. de não ter ousado
Viver contente e feliz!
Perdão da minha miséria,
Da dor que me rala o peito,
E se do mal que te hei feito,
Também do mal que me fiz!

XVII.

Adeus qu'eu parto, senhora;
Negou-me o fado inimigo
Passar a vida contigo,
Ter sepultura entre os meus;
Negou-me nesta hora extrema,
Por extrema despedida,
Ouvir-te a voz comovida
Soluçar um breve Adeus!

XVIII.

Lerás porém algum dia
Meus versos, d'alma arrancados,
D'amargo pranto banhados,
Com sangue escritos; — e então
Confio que te comovas,
Que a minha dor te apiade,
Que chores, não de saudade,
Nem de amor, — de paixão.

O SONO.

Nas horas da noite, se junto a meu leito
Houveres acaso, meu bem, de chegar,
Verás de repente que aspecto risonho
Que toma o meu sonho,
Se o vens bafejar!

O anjo, que ao sono preside tranqüilo,
Ao anjo da terra não ceda o lugar;
Mas deixe-o amoroso chegar-se ao meu leito,
Unir-me a seu peito,
D'amor ofegar.

As notas que exalam as harpas celestes,
Os gozos, que os anjos só podem gozar,
Talvez também frua, se ao meu peito unida
T'encontro, ó querida,
No meu acordar!

SE EU FÔSSE QUERIDO!

Se eu fôsse querido dum rosto formoso,
Se um peito extremoso — pudesse encontrar,
E uns lábios macios, que expiram amôres
E abrandam as dores — de alheio penar;

A tantos encantos minha alma rendida,
Votara-lhe a vida — que Deus me quis dar:
Constante a seu lado, seus sonhos divinos
Aos sons dos meus hinos — quisera embalar.

Depois, quando a morte viesse impiedosa
Da amante extremosa — meus dias privar,
De funda saudade minha alma rendida
Votara-lhe a vida — que Deus me quis dar.

A FLOR DO AMOR.

Já lento o passo, no cair da tarde,
Lá nos desertos d'abrasada areia,
Que o vento agita, porém não recreia,
Da caravana o condutor parou.
Armam-se à pressa tendas alvejantes,
Rumina plácido o frugal camelo;
Porém a nuvem d'árabes errantes
Se achega à prêsa, que de longe olhou.

E já, tomada a refeição noturna,
Junto a fogueira, que derrama vida,
Descansam todos da penosa lida
À voz canora, que o cantor alçou!
Confuso o ouvido um borbórinho alcança,
As armas toma o árabe prudente;
Mas logo pensa, rejeitando a lança:
"Foi o grunhido que o chacal soltou."

Ouvidos todo e curioso enlêvo,
Torna de novo a retomar seu pôsto;
Pela fogueira alumiado o rosto,
Bebendo as vozes que o cantor soltou;
Semelha ²³³ a terra, quando aberta em fendas
Da noite o orvalho sequiosa espera;
E o corcel árabe encostado às tendas
Os sons lhe escuta, e de os ouvir folgou.

“Algures cresce (o trovador cantava)
Sempre fresca e virente e sempre bela,
Por influxo e poder de maga estrêla,
Mimosa, pura e delicada flor!
Jazendo em sítio escuso e solitário,
Esforços é mister p’ra conhecê-la,
Que diz a forte lei do seu fadário
Que a não descubra acaso o viajor.

“Alva do albor dos lírios odorosos,
Tem a modéstia da violeta esquiva,
E o pronto retrair da sensitiva,
Que parece vestir-se de pudor!
Assim, à luz da cambiante aurora,
Mudando um pouco a resplendente alvura,
De uns toques de carmin s’esmalta e cora
A graciosa e pudibunda flor.

“Faz-se mais puro o ar, mais brando o clima,
Onde cresce; amenizam-se os lugares,
Tornam-se menos agros os pesares
E menos viva, e quase nula a dor;
Fresca e branda alcatifa o chão matiza,
Com doce murmúrio as águas correm,
E o leve sôpro do correr da brisa
Volúpia embebe em mágico frescor!

“Feliz aquêlo que a encontrou na vida,
Que onde ela nasce tímida e fagueira
Não s’enovela a mó d’atra poeira,
Tangida pelo súmiu’ abrasador!
Ali sorri-se oásis venturoso,
Qu’entre deleites o viver matiza,
E ao que vai triste, aflito e sem repouso
Chama a descanso do comprido error!

“Feliz e mais que se, perdido, achara
Confôrto e auxílio no catá, seu guia,
Que o leva a fonte perenal e fria
Onde se apaga o sitibundo ardor.
Tão feliz, qual talvez se o precedesse
Nos desertos a bênção do profeta,
Que por fanal noturno lhe acendesse
Maga estrêla de límpido fulgor.

“Ai! porém do que a vê, e a não conhece,
Do que a suspira em vão, e a em vão procura,
Ou que achando-a, desiste da ventura
Por não entrar no oásis sedutor.
Essa flor descoberta por acêrto
Nunca mais a verás! colhe, insensato,
Colhe abrolhos da vida no deserto;
Pois desprezaste a que produz o amor!”

Assim cantava o trovador; e todos
Ouvem-no com prazer de dor travado,
Que mais do que um talvez terá deixado
Atrás de si a pudibunda flor!
No entanto a nuvem d’árabes errantes
Chega-se à prêsa, que avistou de longe;
E dos corcéis, que alentam ofegantes,
Precede a marcha túrbido pavor!

E, nado o sol, aquêlo que passava
Pelos desertos d’abrasada areia,
Que o rubro sangue de cruor roxeia,
A um lado o rosto, pálido, voltou!
Ninguém as mortes lastimáveis chora,
Ninguém recolhe os restos insepultos,
E o mesmo orvalho, que goteja a aurora,
Sem borrifá-los, no areal ficou!

Quem saberá do seu destino agora?
Ninguém! Sòmente em climas apartados
Miseranda mulher lastima os fados
De filho ou espôso, que jamais tornou!
Talvez porém, trás de montões d’areia,
Nobre corcel sem cavaleiro assoma,
E alonga a vista, de pesares cheia,
Té onde a vida seu senhor deixou!

A SUA VOZ.

Por que ficasse a vida
Por o mundo em pedaços repartida.

CAMÕES. Canç. X.

Ouvi-a! A sua voz me despertava
Tudo quanto de bom conservo n’alma.
Retratado o pudor tinha ²³⁴ no rosto,
E um suave dizer, um timbre doce
De voz, uma piedade estreme e santa,
Que as mais profundas chagas amimava,
D’ambrosia e de mel lhe ungia os lábios.

Ouvi-a! A sua voz era mais branda,
Mais impressiva que o cantar das aves!
A aragem qu’entre flores se desliza
E mal remexe ²³⁵ a tímida folhagem,
A veia de cristal que triste soa,
O saudoso arrulhar de mansas pombas,
As próprias notas dum cantar longínquo
Ou de instrumento a conversar co’a noite,
Menos que a sua voz impressionavam!

Menos que a sua voz! — Os dois mais fortes,
Os dois mais puros sentimentos nossos
— A saudade e o amor, — as mais profundas
Das merencórias solidões da terra
— As florestas e o mar, — um cismar vago,
Um devaneio, uns ²³⁶ êxtases sem têrmo
D’alma perdida por um céu de amôres,
Tanto como a sua voz não arroubavam!

Tanto como a sua voz! — sòmente o foram
Dulces notas de místicos saltérios
Té nós de um astro em outro repetidas.
Foi isto o que senti, quando a escutava,
Fluente, harmoniosa, ²³⁷ discorrendo
Em prática singela, sôbre assuntos
Diversos, sôbre flores, menos belas
Do que o seu rosto, e céus, como ela, puros.
Mas quem na ouvira conversar de amôres
Trouxera n’alma como uma harpa eólia,
Dia e noite vibrando,
Como um cantar dos anjos
Do coração a estremecer-lhe as fibras!

SE SE MORRE DE AMOR!

Meere und Berge und Horizonte zwischen den Lieben-
en — aber die Seelen versetzen sich aus dem staubigen Kerker
nd treffen sich im Paradiese der Liebe.

SCHILLER. *Die Räuber.*

Se se morre de amor! — Não, não se morre,
Quando é fascinação que nos surprende
De ruidoso sarau entre os festejos;
Quando luzes, calor, orquestra e flores
Assomos de prazer nos raiam n'alma,
Que embelezada e sôlta em tal ambiente
No que ouve, e no que vê prazer alcança!

Simpáticas feições, cintura breve,
Graciosa postura, porte airoso,
Uma fita, uma flor entre os cabelos,
Um quê mal definido, acaso podem
Num engano d'amor arrebatá-los.
Mas isso amor não é; isso é delírio,
Devaneio, ilusão, que se esvaece
Ao som final da orquestra, ao derradeiro
Clarão, que as luzes no morrer despedem:
Se outro nome lhe dão, se amor o chamam,
D'amor igual ninguém sucumbe à perda.

Amor é vida; é ter constantemente
Alma, sentidos, coração — abertos,
Ao grande, ao belo; é ser capaz d'extremos,
D'altas virtudes, té capaz de crimes!
Compr'ender o infinito, a imensidade,
E a natureza e Deus; gostar dos campos,
D'aves, flores, murmúrios solitários;
Buscar tristeza, a soledade, o êrmo,
E ter o coração em riso e festa;
E à branda festa, ao riso da nossa alma
Fontes de pranto intercalar sem custo;
Conhecer o prazer e a desventura
No mesmo tempo, e ser no mesmo ponto
O ditoso, o misérrimo dos entes:
Isso é amor, e dêsse amor se morre!

Amar, e não saber, não ter coragem
Para dizer que amor que em nós sentimos;
Temer qu'olhos profanos nos devassem
O templo, onde a melhor porção da vida
Se concentra; onde avaros recatamos
Essa fonte de amor, êsses tesouros
Inesgotáveis, d'ilusões floridas;
Sentir, sem que se veja, a quem se adora,
Compr'ender, sem lhe ouvir, seus pensamentos,
Segui-la, sem poder fitar seus olhos,
Amá-la, sem ousar dizer que amamos,
E, temendo roçar os seus vestidos,
Arder por afogá-la em mil abraços:
Isso é amor, e dêsse amor se morre!

Se tal paixão porém enfim transborda,
Se tem na terra o galardão devido
Em recíproco afeto; e unidas, uma,
Dois sêres, duas vidas se procuram,
Entendem-se, confundem-se e penetram
Juntas — em puro céu d'êxtases puros:
Se logo a mão do fado as torna estranhas,
Se os duplica e separa, quando unidos
A mesma vida circulava em ambos;

Que será do que fica, e do que longe
Serve às borrascas de ludíbrio e escárnio? ²³⁸
Pode o raio num píncaro caindo,
Torná-lo dois, e o mar correr entre ambos;
Pode rachar o tronco levantado
E dois cimos depois verem-se erguidos,
Sinais mostrando da aliança antiga;
Dois corações porém, que juntos batem,
Que juntos vivem, — se os separam, morrem;
Ou se entre o próprio estrago inda vegetam,
Se aparência de vida, em mal, conservam;
Ânsias cruas resumem do proscrito,
Que busca achar no berço a sepultura!

Êsse, que sobrevive à ²³⁹ própria ruína,
Ao seu viver do coração, — às gratas
Ilusões, quando em leito solitário,
Entre as sombras da noite, em larga insônia,
Devaneando, a futurar venturas,
Mostra-se e brinca a apetejada imagem;
Êsse, que à dor tamanha não sucumbe,
Inveja a quem na sepultura encontra
Dos males seus o desejado têrmo!

A MORTE É VÁRIA.

(TRADUÇÃO)

A morte é vária e multiforme, e muda
De trajas e de máscaras mais vêzes
Qu'uma cansada atriz;
Nem sempre é, qual se pinta, o negro espectro
D'irônico sorriso e brancos dentes,
E d'hórrido cariz.

Nem todos seus vassallos são poeira
No ressalto de pedra adormecidos
Por sob as arcarias;
A pálida libré nem todos vestem,
Nem sôbre todos jaz murada a porta
Nas criptas sombrias!

Diversa a natureza é doutros mortos:
Nestes que a sânie e podridão consomem,
Vê-se o nada palpável;
Vê-se o enôjo, o horror, a sombra espêssa
E o esfaimado esquife, abrindo as fauces,
Qual monstro insaciável!

Cabe a outros porém que sem dor vemos
Passar, girar no turbilhão dos vivos,
De carne inda vestidos,
O nada inda encoberto; cabe a interna
Morte, que ninguém sabe, nem chora,
Nem mesmo os mais queridos!

Pois, se vamos a ver nos cemitérios ²⁴⁰
As campas, ou ilustres ou sem nome,
De mármore ou torrão;
Ou tenhamos ali amiga pálpebra,
Ou não, — do teixo à sombra descansada,
Quer choremos, quer não!

“Jazem” dizemos. Os nomes desaparecem
Sob a relva; o verme nesses olhos
Enreda a teia crua!
Por entre as pranchas do caixão despontam
Hirtos cabelos, e em pó funéreo envôlta
Branqueja a ossada nua.

Os herdeiros não temem que mais volte;
Esqueceram-no já: seus cães se lembram,
Soltando uivos de dor!
Acama-se a poeira em seus retratos:
Já não tem mais rivais, não tem amigos,
Nem ódios, nem amor!

Da morte o anjo, em lágrimas de pedra
Vemos sòzinho e mudo a pranteá-lo,
Estátua da aflicção:
A cova toma o corpo, o olvido o nome,
Tem por lençóis seis pés d'úmida terra....
Mortos, bem mortos são!

E dos olhos talvez se vos deslize
O pranto sôbre a relva, pelo orvalho
E chuva umedecida;
Que na triste mansão os regozije,
E por essa oblação enternecidos
Um resto achem de vida.

Mortos do coração ninguém os chora,
Ninguém, se a um destes vê, lhe diz piedoso:
“Seja o Senhor contigo.”
Curam do morto, lavam-lhe as feridas;
Mas a alma estala sem que alguém se doa,
Nem mesmo o mais amigo!

Há contudo pungentes agonias
Nunca sabidas, dores horrorosas
Mais do que se não crê;
Almas há que têm ²⁴¹ cruz e passamento,
Sem auréola d'ouro e a mulher pálida
E desgrenhada — ao pé.

SEXTILHAS DE FREI ANTÃO. ²⁴²

J'ai fait de ma chambre la cellule d'un cloître, j'ai béni
et sanctifié ma vie et ma pensée; j'ai raccourci ma vue et j'ai
éteint devant mes yeux les lumières de notre âge; j'ai fait mon
coeur plus simple, et l'ai baigné dans le bénitier de la foi
catholique; je me suis appris le parler enfantin du vieux
temps: et j'ai écrit!...

STELLO.

LOA DA PRINCEZA SANCTA.

Bom tempo foy o d'outr'ora
Quando o reyno era christão;
Quando nas guerras de mouros
Era o rey nosso pendão,
Quando as donas consumião
Seos teres em devação.

Dava o rey huma batalha,
Deos lhe acudia do céu;
Quantas terras que ganhava,
Dava ao Senhor que lhas deo,
E só em fazer mosteyros
Gastava muito do seo.

Se havia muitos Iffantes,
Torneyo não se fazia;
He esse o estilo de Frandres,
Onde anda muita heregia:
Para os armar cavalleiros
A armada se apercebia.

Chamava el-rey seos vassallos
E em côrtes logo os reunia:
Vinha o povo attencioso,
Vinha muita cleregia,
Vinha a nobreza do reyno,
Gente de muita valia.

Quando o rey tinha-los juntos
Começava a discursar:
“Os Iffantes já são homens,
Vou-me ás terras d'alem-mar
Armal-os hy cavalleiros;
Deos Senhor m'ha de ajudar.”

Não concluia o pujante
Rey — de assi lhes propor, ²⁴³
Clamavão todos em grita
Com vozes de muito ardor:
“Seremos nessa folgança,
Honra de nosso Senhor!”

E logo todos em sembra,
Todos gente mui de bem,
Na armada se agazalhavão,
Sem se pezar de ninguem;
E os Padres de Sam Domingos
Hião com elles tambem.

Hião, si, os bentos Padres:
E que assi fosse, he resão,
Que o sancto em guerras d'Igreja
Foy hum bom sancto christão:
Queimou a muitos hereges
No fogo da expiação!

Quando depois se tornava
Toda a frota pera cá,
Primeiro se perguntava,
“Que terras temos por lá?”
Quem em Deos tanto confia,
Sempre Deos por si terá.

El-rei tornava benino,
Como coisa natural:
“Temos Ceita, Arzilla ou Tangere,
“Conquistas de Portugal!”
E todos, a voz em grita,
Clamavão: real! real!

Bom tempo foy o d'outr'ora
Quando o reyno era christão,
Os moços davão-se á guerra,
As moças á devação:
Aquella terra de mouros
Vivia em muita afflicção.

Deo-nos Deos tantas victorias,
E tanto pera louvar,
Que os Padres de Sam Domingos
Já não sabião resar;
Todo-lo tempo era pouco
Pera louvores cantar!

Sendo tantas as batalhas,
Nem recontro se perdeo!
Aquelles Padres coitados
Não tinhão tempo de seo;
Levavão todo cantando
Louvores ao pay do céu.

Louvores ao pay do céu,
Que eu inda possa trovar,
Quando não vejo nos mares
Nossas quinas tremolar;
Mas somente o templo mudo,
Sem guarnimentos o altar!

Vejo os sinos apeados
Dos campanarios subtiz,
E a prata das sacristias,
Servida em misteres vis,
E ante os leões de Castella
Dobrada a Luza cerviz!

Cant'eu, em bem que sou Padre,
Digo ²⁴⁴ que sou Portuguez:
Arço de ver nossas coizas
Hirem todas ao revez,
Arço de ver nossa gente
Andar comnosco ao envez.

Mercê de Deos! minha vida
He vida de muita dura!
Vivo esquecido dos vivos
Na terra da desventura;
Vivo escrevendo e penando
N'um canto de cella escura.

Do meo velho breviario ²⁴⁵
Só deixarei a leitura
Pera escrever estes carmes,
Remedio á nossa amargura;
O corpo tenho alquebrado,
Vive minha alma em tristura.

Que armada de tantas velas,
Que armada he essa qu'hy vem?
Vem subindo Tejo acima,
Que fermosura que tem!
Nas praias se apinha o povo,
E as cobre todas porêm.

Dão signays as fortalezas,
Respondem signays de lá:
Vem el-rey victorioso!
Quem de gaudio se terá?
O mar he todo bonança,
O céu mui sereno está!

Oco bronze fumo e fogo
Já começa a despejar;
Acordão alegres echos
Os sinos a repicar;
Grita e folgança na terra,
Celeuma e grita no mar!

Vinde embora mui depressa, ²⁴⁶
Senhores da capital!
Vinde ver Affonso quinto,
Rey, senhor de Portugal;
Vem das terras africanas
Dar-vos festança real.

Nossos reys forão outr'ora
Fragueiros de condição;
Dormião quasi vestidos,
Espada nua na mão;
Nem repoisavão de noite
Sem fazer sua oração.

Empresa não commettião
Sem primeiro commungar,
Sem fazer voto á algum sancto
De tenção particular;
Porêm victorias houverão;
Que são muito de espantar!

Os vindouros esquecidos
Da protecção divinal,
Conhecerão os poderes
Da benção celestial,
Se contarem os mosteyros
Das terras de Portugal!

Nossas capellas que temos,
Nossos mosteyros custosos,
São obras sanctas de Sanctos,
Obras de reys mui piedosos;
São brados de pedra viva,
Que prégão feitos briosos.

Alguns já agora escarnecem
Dos templos edificados;
Dizem que foram mal gastos
Os bens com elles gastados:
Eu creio (Deos me perdôe)
Que são incréos disfarçados!

E mais prasmão dos feitos
De pedra, que Memphis tem,
Sem ter olhos pera Mafra,
Pera Batalha ou Belem!
Oh! se a estes conheceras,
Meo Frey Gil de Santarem!

N'aquella villa deserta
Ainda se me afigura
Ver elevar-se nas sombras
Tua válida estatura,
E ouvir a voz que intimava
Ao rey a sentença dura!

E mais a tacha que tinha
Era ser fraco, e não mais!
Tu, meo Sancto, que fizeras,
Se ouviras a estes tais,
Que nos assacão motejos
As nossas obras reais!

Mas vós, quem quer qu'isto lerdos, ²⁴⁷
 Revelai-me esta tardança;
 São achaques da velhice:
 Vivemos de lembrança
 E em longas fallas fazemos
 De tudo commemorança.

Já el-rey Affonso quinto
 Nas suas terras pojou:
 Alegre o povo o recebe,
 Alegre el-rey se mostrou:
 Abrio-se em alas vistosas,
 El-rey entre ellas passou.

Vem os muzicos troando
 Nos atabales guerreiros,
 Tangem outros istromentos
 Desses climas forasteiros,
 E traz elles vêm marchando,
 Passo a passo, os prisioneiros.

São elles mouros gigantes
 De bigodes retorcidos,
 Caminhão a passos lentos,
 Com sembrantes de atrevidos.
 Causa medo vêl-os tantos,
 Tam membrudos, tam crescidos!

São homens de fero aspeito,
 Homens de má condição,
 Que vivem na lei nojenta
 Do seo nojento alkorão,
 Que — vinho? nem querem vêl-o,
 Só por que o bebe hum christão!

Vêm as moiras depois delles,
 Rostos cobertos com véos;
 Bem que filhas d'Agarenos,
 São tambem filhas de Deos;
 Se forão christans ou freiras,
 Serião anjos dos céos.

Luzião os olhos dellas,
 Como pedras muito finas;
 Devião ser finas bruxas,
 Inda qu'erão bem meninas,
 Que estas moiras da mourama
 Nascem já bruxas cadimas! ²⁴⁸

Huma dellas que lá vinha
 Olhou-me á travez do véo!..
 Foy aquillo obra do demo,
 Quasi, quasi me rendeo!
 Pensei nella muitas vezes,
 Valerão-me anjos do céo!

Via as largas pantalonas,
 E o pesinho delicado...
 Como póde pensar nisto
 Hum pobre frade cançado,
 Hum padre da Observancia,
 Que sempre come pescado?!

Emfim, dizer quanto vimos
 Não cabe neste papel;
 Vinhão muitas alimarias,
 Como achadas a granel;
 Vinha o iffante brioso,
 Montado no seo corsel.

Vinhão pagens e varletes,
 Vinhão muitos escudeiros,
 Vinhão do sol abrazados
 Nossos robustos guerreiros;
 Vinha muita e boa gente,
 Muitos e bons cavalleiros!

A Princesa Dona Joanna
 Sahio dos Paços reais;
 Era moça, e muito airosa,
 E dona de partes tais,
 Que todos lhe qu'rião muito,
 Estranhos e naturais!

Foy requerida de muitos
 E muito grandes senhores,
 Por fama que della tinhão,
 E por copia de pintores.
 Que muitos vinhão de fóra
 Ao cheiro de seos louvores.

E diz-se d'hum rey de França,
 Ludovico, creio eu:
 Hum pobre frade mesquinho
 Só trata em coisas do céo;
 Sabe elle que muito sabe,
 Se a bem morrer aprendeo.

Pois diz-se do rey de França,
 O onzeno do nome seo,
 Que vendo hum retrato destes
 Pera si logo entendeo,
 Qu'era prodigio na terra
 Quem tanto tinha do céo.

E logo sem mais tardança
 Cahio, gíolhos no chão,
 No feltro traz arrelíquias,
 Assi uza hum rey cristão;
 O seo feltro poz diante,
 E fez hy sua oração!

Sahio a real Princeza,
 Sahio dos Paços reais
 Nos pulsos ricas pulseiras,
 Na fronte finos ramais;
 De longe seguem-lhe a trilha
 Muitos bons homens segrais.

Traçava hum mantéu vistoso
 Sobolas suas espaldas,
 E as largas roupas na cinta
 Prendia em muitas laçadas;
 Seos olhos valião tanto
 Como duas esmeraldas.

Tinha elevada estatura
E meneyo concertado,
Solto o cabelo em madeixas,
Pelas costas debruçado:
Cadeixo de fios d'oiro,
Franjas de templo sagrado.

Vinha assi a regia Dona,
Vinha muito pera ver:
O povo em si não cabia,
Quando a via, de prazer;
Era ella sancta ás occultas
E anjo no parecer!

Debaixo das telas finas
E dos brocados luzidos,
Trazia á raiz das carnes
Duros cilicios cozidos
E humas crinas muito agras,
Tudo extremos mui subidos.

Passava noites inteiras
No oratorio a rezar,
Dormia despois na pedra
Sem ninguem o suspeitar:
Extremos tais em princeza
Quem n'os ha de acreditar?

No dia de lava-pés
Ordenava ao seu Vedor,
Trazer-lhe doze mulheres;
E depois, com muita dor,
Chorando os pés lhes lavava,
Honra de nosso Senhor!

E depois de os ter lavado,
Não perdia a occasião,
Despedia a todas juntas
Com sua esmola na mão:
Dizia que era humildade,
E obra de devação.

E as mendigas prasmadas
Sahião de tal saber,
E perguntavão, quem era
Aquella sancta mulher?!
Mãos peccados que ella tinha
Só pera assi proceder!

O mesmo Vedor foy quem
Isto depois revelou,
Quando aquella humanidade
Em o Senhor descançou;
Dona Joanna era já morta,
Elle porém m'o contou.

Mas sendo tanto o resguardo
Que guardava em coisas tais,
Sabião algo os estranhos
Por muitos certos signais,
Que o ar he todo perfume,
Se a terra he toda rosais.

He coisa de maravilha
Que me faz scismar a mi,
Que as donas d'hoje pareçam
Huns camaféos d'alfini, ²⁴⁹
Não donas de carne e osso;
As donas d'outr'ora — si.

Hoje leigos de nonnada
(He lhes o demo caudel)
Praguejão a meza escaça
E as arestas do burel;
Querem mimos e regalos,
E jejuns a leite e mel.

Lá caminha Dona Joanna,
Regente de Portugal;
Traz sobre si muitas joias
Do thesouro paternal;
Deos lhe pôz graça divina
Sobre a graça natural.

Acostou-se a comitiva,
Muito senhora de si:
Perante el-rey se agiolha,
Disse-lhe el-rey: não assi!
E ao peito a cinge dizendo:
Não a meos pés, mas aqui! ²⁵⁰

“Sois hum bom pay, Senhor rey,
Tornou-lhe a sancta Princeza:
Eu que sou vassalla vossa
E filha por natureza,
Peço mercê como aquella,
Como esta peço fineza.”

Ficarão logo suspensos
Todolos que crão aly,
Ficarão como enleitados,
Enleio tal nunca vi!
Eis que a Princeza medrosa
Começa a propor assi.

El-rey não lhe respondera;
Que lhe havia responder?
Boa filha Deos lhe dera.
Que lhe havia defender?
Sorriu-se, o bom rey quizera
Muito por ella fazer.

A Princeza disse entonces:
“De alguns capitães antigos
Tenho lido, Senhor rey,
Que, vencidos os imigos,
Tornavão, a Deos fazendo
Sacrificios mui subidos.

“Vião as coisas melhores
Que dos seos reynos havião,
E logo lh'as offertavão;
E mercês tambem fazião,
No dia do seo triumpho
A los que justas pedião.

“Deslembrar a usança antiga
Fôra de grande estranheza;
Agora sobre maneira,
Perfeita tamanha empreza,
De tanto lustre aos do reyno,
De tal honra a vossa Alteza.

“Digo pois a vossa Alteza,
E digo com muita fé,
Deve a offerta ser tamanha
Quammanha foy a mercê,
Não do nobre rey pujante,
Mas do sancto rey qual he.

“A offerta que vós ²⁵¹ fizerdes,
Será mercê paternal:
Se quereis que corresponda
Ao favor celestial,
Deve ser coisa mui alta,
Deve ser coisa real.

“Ao Deos que vence as batalhas
Dai-lhe a filha muito amada;
Dai-lhe a só filha que tendes
Em tantos mimos criada:
Será a offerta bem quista
E do Senhor accitada.

“E eu a quem mais custou
De medos, esta jornada,
Que muitas noites orando
Passei em pranto banhada,
Sou eu, Senhor, quem vos peço
Ser a hostia a Deos votada.”

Que sancta que era a Princeza,
Que extremos de devação!
Nos sembrantes dos presentes
Vio-se, e não era razão,
Que a nenhum delles prazia
Deferir tal petição.

Sobr'esteve um pouco e mudo,
El-rey, por que muito a amava:
Aquelle dizer da filha
Todo o prazer lhe aguava,
Aquelle pedir sem dó
Todo o ser lhe transtornava.

Encostou-se ao hombro della
O pobre velho cançado,
Chorou o triunfo breve
E o prazer mal rematado,
Não como rey valeroso,
Mas como pay anojado.

El-rey depois mais tranquillo
Rompeo o silencio alfi';
E entre afflicto e satisfeito
Disse á filha: Seja assim!
Velhos guerreiros vi eu
Chorarem tambem aly.

Cant'eu perdido entre o vulgo
Não sei que tempo gastei,
Nem sei de mim que fizerão,
Nem tam pouco se chorei;
Foi traça da providencia:
Nisto commigo assentei.

Foy Jephté corajoso,
O forte rey de Judá;
Volta coberto de loiros,
Quem primeiro encontrará?
Sente a filha, torce o rosto...
Nada ao triste valerá.

Qual d'estes dois sacrificios
Soube a Deos mais agradar?
Vai a Hebreia constringida
Depor o collo no altar,
Vai a christã jubilosa!
São ambas pera pasmar.

Depois n'hum dia formoso,
Era no mez de Janeiro,
Houve huma scena vistosa
Dentro de hum pobre mosteyro;
Fundou-o Brites Leytoa,
Dona mui nobre d'Aveiro.

Huma princeza jurada,
Sobrinha d'altos Iffantes,
Filha de reys soberanos,
Senhora das mais pujantes,
Era a primeira figura,
Espantava os circumstantes.

Aly humilde e curvada,
Pezar de todos os seos,
Giolhos sobre o ladrilho
E as mãos erguidas aos céos,
Ouvi — exigua mortalha
Pedir polo amor de Deos.

Cantemos todos louvores,
Louvores ao Senhor Deos:
Os anjos digão seo nome,
Rostos cobertos com véos;
Leião-n'o os homens escripto
No liso campo dos céos.

Bom tempo foy o d'outrora
Quando o reyno era christão,
Quando nas guerras mouriscas
Era o rey nosso pendão,
Quando as donas consumião
Seos teres em devação.

“Isto escreveo Frei Antão
De vida mui alongada,
Nossa Senhora da Escada
O teve por Capellão.”

GULNARE E MUSTAPHÁ.

Deos Senhor foy quem nos céos
Pendurou milhões de estrellas,
Foy quem matisou a terra
De froles varias e bellas,
Quem ao mar por ser pujante
Areias deo por cancellas.

Mandou mais qu'arvoles fortes
Das sementes germinassem,
Que déssem froles mimosas,
Que perfumes trescalassem,
E mais fez que em tempo azado
As froles fructificassem.

Pois aquelle anjo das trevas,
Imigo da humanidade,
Nas arvoles poz carcoma,
Poz na frol muita ruindade,
Poz nos céos a nuvem negra,
Poz no mar a tempestade.

Nem só nas coisas terrenas
 Damna, e faz mal o tredor,
 A alma também por mil modos
 Tenta com geito e sabor,
 Que troca o prazer celeste
 Em penas d'eterna dor!

Mas não foy jamais que Deos
 Em tal feito consentisse,
 Senão porque suas posses
 O homem bem claro visse;
 Que sem elle fôra o mundo
 Maldade só e sandice.

Mas que mal ha hy na terra
 Que não venha pera bem?
 Os d'aqui desta amargura
 Dão coyta, e gloria porém;
 Dos outros que traz o demo
 Deos o remedio lá tem.

Do mal que me foy commigo
 Acontecido, al não sei,
 Senão que por amor d'elle
 Muito má vida levei,
 Que me dá coyta mui grave
 Do mal que me comportei.

Como já fiz penitencia,
 Ora farei confissão;
 Tal será, qual foy o escand'lo
 De que fui occasião:
 Não me tomem por modelo,
 Mas tomem de mi licção.

Não he pera honra minha,
 Mas pera honra dos céos,
 Que eu direi publicamente
 Os feios peccados meos;
 Toda a vergonha foy minha,
 Toda a honra cabe a Deos.

He uso assi na milicia
 Celeste, e mais na d'aqui:
 Dá batalha o cabo experto,
 Desses muitos que ha per hy;
 Toda a preza aos seos concede,
 Só lôa quer pera si.

A Princeza Dona Joanna
 Já vive dentro d'Aveiro;
 Comsigo trouxe os escravos,
 Que lhe trouxe o rey fragueiro;
 O que ás terras africanas
 Passou, e voltou primeiro.

Vierão aquelles feios
 Netos d'Agar, inda mal!
 Traçando vastas roupagens
 Á maneira oriental;
 Larga faxa na cintura,
 Na faxa largo punhal.

Era pasmo vel-os juntos
 Polas ruas passear,
 Passo á passo — graves, mudos,
 Com doairos d'espantar,
 Profundas rugas na fronte,
 Rugas de má meditar.

Levar traz si tanta gente
 Nunca a ninguem vi assi;
 Nem folias, nem cantares
 Vi com tal cauda apoz si,
 Bôdo, nem festa d'orago,
 Bufão, e nem bolati'. 252

Mas quem vio acaso as turbas
 Correrem traz algum bem?
 Vão todas apoz engodos,
 Apoz maldades também;
 Mas seguir a Deos por gosto
 Nem as vi, nem vio ninguem.

Com estes mouros descridos
 Vierão também aquellas
 Moiras, filhas da Mourama,
 Donas, creio, muito bellas;
 No trato e no galanteio
 Outras que tais Magdanellas.

Vinha também a menina,
 Aquella moira fatal,
 Que nas ruas de Lisboa
 Vi no cortejo real:
 Cortejo del-rey Affonso
 Vi-o eu, só por meo mal!

Quantas coisas que trazia,
 Nulla rem lhe estava mal;
 Dizião que tudo nella
 Tinha graça natural,
 Era coisa preciosa,
 Como coisa oriental.

Aquella abelha sem dardo,
 Aquella pomba sem fel
 Passava noites inteiras
 Tangendo n'hum arrabel,
 Coando vivas saudades
 Dos labios, em leite e mel.

E, alta noite, nas trevas
 Ouvindo na solidão
 Aquelle triste instrumento,
 Al não disseras, senão
 Que o mesmo demo voltado
 Era n'aquella feição.

Zagales porém da serra
 Mil vezes, no fim do dia,
 Polos montes não buscava
 A sua ovelha erradia;
 Mas no bordão apoiado,
 De si mesmo se esquecia.

Cant'eu vendido e prasmado
 De todos e mais de mi,
 Mil vezes fugi da cella,
 Té das matinas fugi,
 Mil vezes, durante a noite,
 Aquelle instrumento ouvi.

Mil vezes!... e não sei como
 Isto foy, que o não sentia,
 Quando mal me precatava,
 Dava commigo que ouvia
 Dilatar-se polos valles
 Aquella doce harmonia.

Assi todo embevecido
Bons sonhos que então sonhei,
Boas venturas que tive,
Bons scismares que scisme!
Esqueci-me de ser fradel!
Como isto foy, já não sei.

E se ás vezes me lembrava
Do juramento que dei,
Do encargo que me tomára,
E das vestes que eu tomei,
Chorava; e não sei bem como
Em pranto não me afundei.

Derramei n'aquellas brenhas
Cheio d'extranha afoiteza,
Palavras dadas ao vento
Com muito feia crimeza,
Contra mi e contra todos,
Contra toda a natureza.

Polas serras, polos matos,
Polas voltas dos caminhos
Rojei nas sarças mordentes
E nos cardos montesinhos,
Rasgando os brancos vestidos
N'aquellas matas d'espinhos.

E não sei, oh! não sei como
Todo eu não fiquei aly,
Como eu que por tantas vezes
Rosto nas rochas ferí,
Não perdi o ser de todo,
Nem siquer ensandeci.

Então ao Senhor clamava:
"Cegueira, Senhor, me dás!
Cinge-me os rins larga zona
De ferro, e bem me não traz;
Trago cilícios mordentes,
Usando burel mordaz.

"Abro e vejo o livro sancto,
E vejo que não sei ler!
Aquelles sanctos dictames
Já n'os não sei compr'hender;
Enojo occupa minha alma,
Hei pavor de me perder!"

Donde pois me vinha a mi
No proprio ²⁵³ bem ver o mal?
Conheci no meo exemplo,
Que m'era do ser fatal:
Senhor, teo sancto remedio
He triaga cordial.

Bem como o ferro na fragoa,
No soffrer a alma se apura,
Assi que disse eu commigo
Que a triaga tambem cura,
Quanto mais amarga e punge,
Poder de sua amargura.

Aquella negra peçonha
Lavrando foy pouco e pouco;
Rohia coyta d'amores
Miôlo cavado e ôco,
Já era o mal dentro d'alma,
E eu delle rendido e louco.

Dizião meos bentos Padres:
"Que he feito de Frei Antão?
Negra dor o tem por certo,
Negra dor de coração:
O demo o fez, porque visse
Turbada tal perfeição.

"Parece já de esquecido
Que nem de si tem lembrança!
A taboa se achega apenas,
Não toma a sua pitança;
Té nos officios divinos
Perdeo a sua trigança.

"Sahe á noite muitas vezes,
Diz o bom do Guardião:
Sahir á noite, á deshoras,
Certo não he devação:
Que faz de noite nas ruas
Hum padre, ou frade ou christão?"

Com tudo alguns dos mais velhos
Dizião: "Que ha hy de mal?
O quer que he que o perturba,
Coisa não he natural:
Deve ser condão divino
Ou graça celestial!

"Pois hum sancto como aquelle!
Quem he que o ha de tentar?"
Eis senão quando começa
Voz, não sei donde, a zoar
Que Frei Antão já não sabe
No seu rosairo rezar!

E o caso foy que hum noviço
Tirou-mo só de matreiro,
Tendo-o fechado comsigo
Por novena ou mez inteiro;
E eu d'outro me não provêra,
Sendo que tinha dinheiro!

Todos os meos defensores
Voltarão-se contra mi;
Dizião que era mal feito
Hum sancto mentir assi:
Seja-me Deos testemunha,
Nem sancto sou, nem menti.

Logo em Comunidade
Propoz-me o Provincial:
"Dizei *peccavi*, meo Padre,
Que vos ²⁵⁴ havedes tão mal,
Que não rezades as rosas
Da virgem celestial!"

Ouvido que foy por mi
Tão solemne mandamento,
Á mi, que primara sempre
Adentro do meu convento,
Não sei que pejo maldicto
Acorreo-me ao pensamento.

Não era feio o peccado,
Mas confessal-o; e assi
Fiquei de pavor tranzido,
Mal que tal preceito ouvi:
Homem não era de carne,
Montanha de pedra — si.

Torvado, calado e mudo
Nada não soube dizer;
Nem confessar meo peccado,
Nem ao menos responder:
Ficárão como suspensos
Os que erão aly a ver.

O grave Provincial
Rompe o silencio, e "Azinha
Trazci, disse elle, o hyssope,
Mais a benta caldeirinha;
Ver demo em corpo de frade
Coisa não he comezinha!"

Corre afanado o Sacrista
Pera a sua sacristia,
Traz prestes a caldeirinha
Banhada inteira na pia;
Rezava mil rezas suas,
Mil esconjuros dizia.

Do Sacrista amedrontado
Recebe o Provincial
O hyssope todo molhado,
Dizendo sacerdotal:
"Fugide, partes adversas,
Demonio, espirito do mal.

"E mais deixa a criatura
Por amor de quem Jezus
Soffreo marteyro affrontoso,
E morte vil n'huma cruz;
Em nome do Padre e Filho
E Espirito, que sempre luz!"

Ouvido aquelle exorcismo,
Cego de toda a razão,
Larguei-me do refeitorio,
Fugindo como hum ladrão:
Clamárão todos em grita:
"Chantou-se nelle o Legião!"

Enfiei os claustros todos,
Passei pola portaria,
Achei-me em logar, de noite,
Que eu mesmo não conhecia:
Os sons do arrabel mourisco
Somente daly se ouvia.

No entanto os Padres prudentes
Discursavão entre si,
Dizião dos esconjuros
Que mal eabião em mi,
Que era grande sacrilegio
Usarem commigo assi.

Ai! sacrilego era o homem
Que ao inferno se vendia,
Era o christão que adorava
As filhas da idolatria,
Que dentro em si tinha o Demo,
E o Demo em si não sentia;

Era o Padre que trocára
O amor de seo Senhor
Por amor d'huma Donzella,
Filha d'aquelle impostor,
Mafoma, falso propheta,
Mafoma, judêo tredor!

A princeza Dona Joanna
Mandou ao nosso Convento:
Qu'eu prestes vá ter com ella
Manda por seo mandamento;
Não quer demora, nem falta,
Negocio diz de momento.

Qual seja o negocio urgente
Não m'o diz a mensageira;
Não sabe coiza de certo,
Não dirá coiza certa:
O habito à pressa enfió,
Tomando-lhe a dianteira.

E logo, chamada á grade,
Veio a Princeza real:
"Meo Padre, disse-me entonces,
He fóra do natural
Qu'eu tenha escravos, e mouros,
Rainha de Portugal. 255

"Ide vós porêm chamal-os
Pera o rebanho christão;
Cazade-os vós muito embora,
Que bem dahy haverão:
Eu lhes darei corpo livre,
Deos Senhor a salvação."

Siquer huma só palavra
Não tive n'aquelle ensejo,
Sustou-m'a já na garganta
Não sei que mesquinho pejo;
Por confessar meo peccado
Em vão trabalho e forcejo.

Vergonha foy o que eu tive,
Vergonha que todos têm;
Ultimo fructo colhido
N'aquelles jardins do Eden;
O Demo o tocou primeiro:
Todo o seo mal dahy vem!

Como está no fundo lago
O verde limo acamado,
Assi deitado e mimoso
Brilha lustre avelludado;
Tal é aquella vergonha,
Que vem apoz o peccado.

Mas remechei nas raizes
Do limo que he tão viçoso,
E vereis como se prendem
No fundo impuro e lodoso:
Aly com ellas se abraça
O feio verme asqueroso!

Aly mil serpes occultas
Vivem, cruzando laçadas,
Muitos sapos bufadores,
Muitas rãs esverdinhas;
Humas coizas de má sina,
Outras coizas mal fadadas.

He força fallar a moira!
Disse commigo, e assi
Andava curtas passadas
Por não chegar; ai de mi!
Tem termo toda a jornada,
Cheguei! porque não morri?

Já d'aquelles outros mouros,
Tão feros, não se me dava;
Mas de suor de maleitas
O corpo se me banhava,
Quando d'aquella menina
Moirisca, me recordava.

Lançado em covil de feras
Foy o sancto Daniel,
Fui eu no covil lançado
D'aquella gente infiel;
Era elle experto em tais lutas,
Eu em tais lutas novel.

Entrei no quarto da moira
Leixando a mais gente vil,
Ardia doce perfume
Em transparente viril;
Sobre um bofete lavrado
Vi hum lavrado gomil.

Tinha o quarto huma só porta
Que hum reposteiro cobria,
E hum pano de seda verde
Sobre a estreita gelosia,
E mais hum denso tapete,
Que o som dos passos comia.

Trazia a moira mimosa
Vestes de branco setim
Entreteladas parece
De coiza de bocachim,
E humas largas pantalonas,
Respirando benjoim.

Trazia hum jubão mui justo
De seda azul anilado,
Com longas mangas perdidas,
De carmim todo forrado, ²⁵⁶
Como se fôra hum alfange,
Na cintura recurvado.

Coifa branca auri-bordada
A negra coma apertava;
Que doces anneis brincados
A negra como formava,
Quando por vezes no collo
De neve — se debruçava!

Sob as largas pantalonas
Hum pesinho delicado
Sahia nusinho e bello,
Mimoso e branco e nevado;
Em chapins dos mais pequenos
Parecia andar folgado.

Em cada hum dos seos dedinhos
Trazia a moira hum annel;
Meio deitada, á desleixo,
Tangia no arrabel;
Tangia-o com tanta graça,
Nem que fôra hum menestrel.

A letra que ella cantava
Era de lingoa algemia;
Era qual trinar das aves
As notas em que gemia
Saudades de longes terras
Em peregrina harmonia!

Era menina e formosa,
Nunca lhe vi sua igual!
Coiza assim tam primorosa
E tanto celestial,
Ou era filha dos anjos,
Ou filha do pay do mal.

Deos Senhor, entre luzeiros,
E o demo em sua cegueira,
Fazem quasi as mesmas coizas
Mas por diversa maneira;
O Demo como quem he,
Deos como luz verdadeira.

Pois este pôz a virtude
Entre afflicções dolorosas,
Qual frol de rosa entre espinhos;
Em ledices enganosas
Poz o demo o seu peccado,
Qual feia serpe entre rosas.

Quanto o sol mais se abaixava,
Tanto mais alto gemia
Aquella moira mimosa,
Que as suas magoas carpia:
He hora que espalha enlevos
A hora do fim do dia!

O passaro então das ramas,
Louvor a nosso Senhor!
Ultimo vôo desprega
E hum doce grito de amor;
Nas pennas esconde o bico,
Nem teme o visgo tredor.

As froles do sol viuvas
Definhão, só de tristura; ²⁵⁷
O mar soluçando geme,
Mais alto a fonte murmura,
Reina o silencio que falla,
Bafeja a doce frescura.

“Vistes vós meo bem amado,
(Dizia a filha d'Allah)
“Vistes vós meo bem amado,
“O meo senhor Mustaphá?
“Se o vistes, dizei-me onde!
“Por alma vossa, onde está?

“A noite o deixou fechado
“Portas a dentro do harem:
“Sorvia aquelles perfumes,
“Que lá d'Arabia nos vem;
“Trajava os reais vestidos,
“Que lhe cahião tão bem.

“Já era sobre-manhã
“Quando de mi se apartou;
“Seo negro corsel d'Arabia
“D'um pulo só cavalgou,
“E o sol que vinha raiando
“Lá na montanha o topou.

“Vio daly seos bons guerreiros,
“Em alas promptos estão;
“De fronte mal enxergava
“O troço do rey christão;
“Disse o crente musulmano:
“Allah m'os trouxe, meos são!

“Allah! lhes grita o guerreiro,
 “Respondem-lhe os seos: Allah!
 “Gritão Christãos: Sam Tiago!
 “E o meo senhor Mustaphá
 “Desceo então da montanha,
 “Que nunca mais subirá.

“Desceo elle da montanha
 “Qual rocha descommunal,
 “D’agudo cimo tombando,
 “Arrazando o pinheiral;
 “Mas a rocha em fundo valle
 “Faz-se pedaços, em mal!

“Desceo elle ao fundo valle,
 “Como o tufão queimador;
 “Polos christãos inimigos
 “Cortou sem pena e sem dor;
 “Raio d’esforço na guerra
 “Foy Mustaphá, meo Senhor!

“Mas o vento do dezerto
 “Depois de médas formar
 “Das areias que agglomera,
 “Onde he que vai acabar?
 “Mafoma e Allah que mo digão,
 “Que eu não sei senão chorar!

“Allah quebrou teo orgulho,
 “Meu bom senhor Mustaphá!
 “Allah quebrou teo orgulho,
 “Mas quando se acabará
 “Vida que vives de escravo,
 “Vida que levas tam má?

“Doces Huris do Propheta,
 “Lá do palacio de Allah,
 “Olhavão cá pera baixo
 “Só pera ver Mustaphá!
 “Guerreiro não foi como elle,
 “Como elle ninguem será.

“De ser elle o meu amado,
 “Ai que já fui bem feliz!
 “De ser elle o meo amado
 “Tinhão-me inveja as huris:
 “Ora não há quem m’inveja!
 “Foy Allah que assim o quiz.

“Ora não ha quem m’inveja!
 “Tenho no peito afflicção;
 “Escrava sou d’hum escravo,
 “Escravo d’hum vil christão!
 “Mesquinha, que ainda o amo;
 “Trago-o aqui no coração!”

Então pera junto della
 Cheguei-me sem ser sentido;
 Fallei-lhe em som cavernoso,
 Medonho e baixo no ouvido:
 ¿Por que assi amas o escravo?
 Disse eu, do meo mal vencido.

Foy certo o espirito malvado
 Quem pera ally me arrastou,
 Quem nos meos castos ouvidos
 Palavras tais derramou,
 Quem aos pés da moça moira
 O velho padre acurvou.

Era elle quem nos meos hombros
 Pezava co’o pezo seo,
 Quando a moira espavorida
 Do vasto leito se ergeo:
 Vendo-me ally de giolhos,
 Baixou de medrosa o véo.

O véo baixou de corrida,
 Mas antes seos olhos vi;
 Aquelles olhos fermosos
 Lavar-me o rosto senti,
 Tocar-me no fundo d’alma,
 Tirar-me todo de mi.

Luz que vi d’aquelles olhos!
 Ora bem se me afigura
 A lua rasgando as trevas
 Em meio de noite escura!
 Vi Diana, a caçadora,
 N’aquella hardida postura.

Mas a moira de repente
 Hum grito franzino dá!
 De mi se parte voando,
 ¿Senhor Deos, o que será?
 Volto prestes a cabeça...
 Vejo o mouro Mustaphá!

Em roda do seo pescoço
 A moira os braços prendeo;
 Arfa-lhe o peito açodado;
 Pera traz roja o seu véo,
 Off’rece o rosto mimoso
 Aos beijos d’aquelle incrível!

Era assi qual amorosa
 Hera que hum robre vingou;
 Ligou-se estreita com elle,
 Do tope se debruçou,
 Folha metteo pelas folhas,
 Vida com vida cazou.

“Gulnare, disse-lhe o mouro,
 Gulnare, meo doce amor,
 Melhor que a rosa da Persia,
 Que arabio incenso melhor,
 Frol dos jardins do propheta,
 Que dás mate a minha dor!”

Responde a moira mimosa:
 “Dizes bem, meo Mustaphá;
 O fogo chegou-se ao incenso,
 O incenso effluvios dará;
 O sol scintilla na rosa,
 A rosa resurgirá.”

Abelha, tornou-lhe o mouro,
 Que susurras de agastada;
 Herva, que as folhas constringes,
 De estranho corpo tocada;
 Quem tocou na minha abelha,
 Quem na herva delicada?

Ella entonces de malquista
 Deo-lhe d’olhos pera mi;
 Sancto Jezus! em que apertos
 N’aquelle ensejo me vi,
 Prendera-me força occulta,
 Foy porêem que não fugi!

Trazia o moiro atrevido
Adaga no boldrié;
Deixar a moiros com armas,
Gente de baixa ralé,
Em que escravos de Princeza,
He certo extranha mercê!

A mão no punho da adaga,
A passo, vem sobre mi;
Trinca as pontas do bigode,
Quais cerdas de javali;
A barba toda se erricha,
Que feio rosto lhe vi!

Os olhos que me lançou,
Jamais não vi seos iguais;
Devião ser puro fogo,
Senão faiscas fatais
D'aquelle sol do deserto,
Que abraza e funde areiais.

Negros olhos de panthera,
Luzindo em feia spelunca;
Olhos, que o gyro do ²⁵⁸ sangue
Nas veias demora e trunca;
Olhos cheios de carniça
E della não fartos nunca.

A mi chegou-se, inquirindo,
"Que vieste aqui fazer?"
Fiquei deslogo tremendo,
Sem lhe poder responder:
"Senhor, ... em nome do céu!..
Disse eu; que havia dizer?"

"Em nome das tres pessoas
"Da trindade, em huma só,
"Eu vos rógo, senhor mouro,
"Que siquer tenhades dó
"Da alma vossa arriscada,
"Já não do corpo, que he pó."

N'aquelle ensejo apertado
De sancto ardil me vali;
Lembrou-mo o exemplo sagrado
Da forte hebréa Judith!
Ser isso influxo divino
Sabendo fiquei daly.

Tornou-me o mouro descrido:
"E a mi que m'importa mais
"Que viver entre valentes,
"Em gozos ²⁵⁹ celestiais,
"Entre jardins prazenteiros,
"Entre fagueiros rosais?"

"Tu me fallas dos teos Deoses!
"Ha outros sem ser Allah?
"Allah, que o vôo dirige
"Do bemfasejo Kathá!
"Christão, dos teos falsos Deoses
"Bem pouco a mi se me dá.

"Digo-te eu, que elles não podem,
"Mais que digas que são trinos,
"Suster no ar do propheta
"Os sanctos restos divinos,
"Que a Meca chamão por anno
"Milhares de peregrinos."

Ouvindo aquellas blasfemias,
Senti arrojo dos céos;
Hia fallar, mas o mouro
Tornou-me: "Só Deos he Deos,
"E Mafoma o seo Propheta,
"Em que pêze isto aos incréos!

"O que penso, sem resguardo
"Dir-t'o-hei, christão, alfim;
"Não uza como vós outros,
"Mahometano Muezzin,
"Não vai á caza dos crentes,
"Não leva tenção ruim.

"Não rója, não, de giolhos
"Aos pés de christã donzella;
"Mas lá dentro da Mesquita
"Vive sempre e sempre vela,
"Ou do alto minarete
"Á prece os crentes appella.

"Portas á dentro do templo,
"Imagem da crença pura:
"Do ²⁶⁰ alto do minarete,
"A imagem d'Allah figura,
"Bradando incessante e sempre
"Aos homens, daquella altura."

"He assi entre vós outros,"
Tornei-lhe, "que entre nós não.
"Queremos em cada caza
"Hum templo de devação,
"Em cada peito hum sacrario,
"Hum padre em cada christão."

Sobresteve mudo e quedo,
E como que reflectia
O moiro, que me parece
A graça já presentia:
A graça que o céu nos manda,
Como orvalho em noite fria.

Mas não era inda chegado
Aquelle ensejo feliz,
Que passado curto prazo,
Severo o moiro me diz:
"O que Deos faz he bem feito:
"Mouro nasci, não me fiz!

"Deixemos pois tal assumpto,
"Delle não quero tratar;
"Ou antes dizei, bom Padre,
"Qu'hides carreira tomar,
"Adoptando novo ensino,
"Novo modo de pregar.

"Andai por essas estradas
"E dizei á vossa gente:
"A vós que mal vos hão feito
"O homens lá do oriente,
"Que vos livrãrão dos godos,
"E do servir inclemente?"

"As vossas artes que tendes
"Cujo as havedes? — de quem?
"Donde vêm ás vossas terras
"Campos de lavra que têm,
"E as torres acastelladas,
"E as mesquitas, donde vêm?"

“Quem nos vossos negros montes
 “As alcáçovas plantou,
 “Como candido turbante,
 “Que na frente se enrolou
 “De hum homem da côr da noite,
 “Que a Nubia ardente engendrou?

“Ou s'isto melhor te praz:
 “São obras de reys pujantes,
 “Tendas ricas e pomposas
 “No dorso dos elefantes;
 “C'roas de pedra lavrada
 “Na frente d'altos gigantes.”

Estes mouros na verdade
 Qu'esprito e graça que têm?
 Quando vos dizem mentiras,
 Sabem dize-las tão bem, ²⁶¹
 Que havemos de perdoar-lhes,
 E em cima querer-lhes bem.

Mas andão tanto enfrascados
 No seo maldicto alkorão,
 Que era de ser o primeiro
 A soffrer condemnação
 N'aquelle sancto concilio,
 Honra do nome christão.

Se d'algo me peza a mi,
 Hé só polos não ver mais;
 Fazião prompta justiça
 Destes e d'outros que tais:
 Ardião com seos authores
 Em bons applausos gerais.

Se delles houvesse agora,
 De que pró nos não seria?
 Vive tal livro entre gabos,
 Que ally no fogo arderia,
 Com pasmo de seos authores,
 Que os têm por coiza mui pia.

E d'outros que só por artes
 Fruem da voga que têm,
 Que não sei onde he seu preço,
 Nem donde apreço lhe vem,
 Senão por vias occultas,
 Que as não descobre ninguem!

Mas deixemos estas coisas,
 Que não são de boa avença!
 O livro que eu reprovára
 Por muito justa sentença
 Trouxera-me coyta grave
 Com mais grave malquerença.

Deixemos pois estas coisas;
 Bem qu'eu não saiba fallar,
 Senão com longos rodeios:
 (Vem-me o séstro de pregar)
 Quando me julgo no cabo,
 Mais longe estou de acabar.

“Mouro, n'aquella batalha”,
 Disse eu, “ouvidos me dá,
 “Quando o reyno teo perdeste,
 “Não chamaste por Allah?
 “Não te ouviu! — chama por Christo,
 “E Christo, Deos, te ouvirá.

“Vás as terras da Moirama,
 “Ou fiques em Portugal,
 “Senhor serás do teu corpo,
 “Vida terás natural:
 “Vê ²⁶² se Gulnare formosa
 “O teo propheta não val!

“A moira que não foy feita
 “Pera servir a senhor,
 “Que de bella e de mimosa,
 “Parece que o mesmo amor
 “O corpo tem de quebrar-lhe,
 “E de apagar-lhe o candor.

“A moira doce nascida,
 “Doce creada; perol
 “Que só sabe apavonar-se
 “Da manhã polo arrebol,
 “Não nos jardins destas partes,
 “Mas onde mais queima o sol.

“A moira bella e mimosa!
 “Avezinha pipitante,
 “Qu'ama ar puro, espaço livre,
 “É céu de cor deslumbrante,
 “Que o vôo fugaz desprega,
 “Quando o sol he mais brilhante!

“Ai! não guardes a vezinha
 “Dentro de estreita prisão,
 “Não mudes a frol mimosa,
 “Que bem está no seo torrão:
 “Vai ás terras da Moirama;
 “Se queres hir, sê christão.”

Huma lagrima brilhante,
 Como que a furto luzia
 Nos olhos da moça moira,
 Que o moço moiro cingia,
 Em que nada lhe dicesse, ²⁶³
 Muitas coisas lhe pedia.

Em que algo não lhe escutasse,
 O mouro bem compr'endia
 Que mudas fallas fallava
 O pranto que ella vertia:
 Saudades erão da Patria,
 Que o mouro em sonhos só via.

Como havia resistir-lhe,
 Se ella pedia chorando;
 Se o mal por que ella passava,
 Tambem 'stava elle passando;
 Se o bem, que lh'ella pedia,
 Lhe estava dentro fallando?

Mas quando os vi abraçados
 E aquelle amor entendi,
 Do effeito das minhas vozes
 Eu mesmo me arrependi;
 Cravei as unhas no peito,
 Pezar de morte senti.

Té cheguei a ter desejos
 De ouvir-lhes hum não revel,
 E que então a moça moira,
 E mais o mouro donzel
 Parassem no fundo inferno,
 Provassem, como eu, seo fel.

Mas n'hum coração sincero
Que poder que o pranto tem,
Quando no peito o sentimos,
Quando de huns olhos nos vem,
Que fôra morrer por elles
Prazer e mui grande bem!

Pedido tam gracioso
O mouro agreste rendeo;
De leixar o seu Mafoma
Logo desly prometteo,
Deixando a avença do demo,
E os ritos do culto seo!

Já me não sinto enleiado
Se o padre Adão manducou
Aquelle fructo do Eden;
Foy Eva quem lho offertou,
Eva, mulher e sozinha,
A qu'elle primeiro amou.

Mas quem tem visto mulheres,
E tem a sua mulher,
Ceder-lhe do seo proposto
Por mero condescender!
Se não he coisa do demo,
Não sinto o que possa ser.

Mas fez mais a linda moira!
Que sem me fazer pedido,
Entendi que por amores
Não devia andar perdido;
Quando por outro era amada,
Por outro della querido.

Hum pobre frade coitado
Bem sabe que nada tem
Nesta vida mal passada,
Onde quitou todo o bem;
Ninguem que vele por elle,
Sobre quem vele — ninguem!

Curar da may enfermada
Bem pode o homem segral;
Ha sempre casta donzella,
Que se dôa do seo mal;
O frade só, despojado
Vive do fôro humanal.

Viverão aquelles mouros
Depois desta occasião,
Muitos annos bem logrados,
Em amor e devação;
Louvor ao sancto baptismo!
Louvor ao nome christão!

Mas quando foy que nos veio
Aquella peste primeira,
Seta que o alvo attingia
De bem talhada e certa,
Chegou ao christão novato
Hora vital derradeira.

E a moira por este evento,
Cheia de muita afflicção,
Recolheo-se irmã noviça
No convento d'Azeitão,
Onde viveo muitos annos
Em aturada oração.

Madres d'aquelle convento
Dizem que a virão rezar,
Em extasis jubilosas,
Suspensa, erguida no ar;
Favor do esposo divino,
Milagres do muito amar!

Ouvindo aquelles extremos,
Commigo logo assentei
Que eu fôra hum pastor perdido,
Que nas sombras divaguei,
Té qu'hum ovelha esgarrada,
Mercê de Deos, encontrei!

E a moira que eu tanto amára,
Desly se me figurou
Candida lã d'ovelhinha,
Que a sarça agreste cardou;
Ficou na sarça prendida,
Ao vento se meneou.

E alguém que ally divagava,
Felpas de lã recolheo,
Bateo-as na fonte pura,
E em branca tela as teceo;
Depois no altar consagrado
Ao Senhor Deos off'receo.

A mão de Deos poderoso
Bem claro se vê então,
Quando o torpe ismaelita
Faz-se devoto christão:
Só elle hum bom diamante
Póde fazer do carvão.

Mudar o vicio em virtude,
E a fraqueza em valor,
E o calor em frescura,
E a frescura em calor,
E tudo assi por davante,
Só elle, que é Deos Senhor.

Louvor a Deos nas alturas!
E aos homens de bom talante
Na terra paz e ventura;
Paz e ventura constante,
Senão na vida que passa,
Na vida que sempre dura.

SOLÃO DO SENHOR REY DOM JOÃO.

Ora pois direi hum feito
Do senhor rey Dom João,
Segundo que foy do nome,
Primeiro na devação,
Primeiro mais que o primeiro,
Mais que nenhum rey christão.

Nem sempre rezar no côro,
Nem sempre velar convem;
He mister algum descanso,
Alguma folga tambem,
Entre o labor já passado
E o novo, que perto vem.

Ao duro mal que passamos
 Algum remedio he mister:
 E se a nenhum conhecemos,
 Que mais nos ha de valer
 Que recordar o passado
 E contos d'elle fazer?

He assi que no mar alto
 O cançado mareante
 Luta em vão contra a tormenta
 E contra o vento inconstante;
 Negras vagas se encapellão,
 Negra morte tem diante.

Quando n'aquelle deserto
 Languidos olhos estende,
 Vê mar que ferve revolto
 E chuva que o céu pende:
 Como deixou seu alvergue,
 O triste não comprehende!

Sembrão-lhe então formidaveis
 Os p'rigos que elle affrontou:
 Figura risonhos quadros
 Dos gozos que já gozou,
 Do que na terra o convida,
 Dos que na terra deixou.

Do que outrora foy passado
 E mais do que vai passando,
 Medonho e máo paralelo
 Vai o mesquinho traçando;
 Dôr de espinhos penetrantes
 O peito lhe está varando.

Dias lembrar já passados
 E já passada ventura,
 Quando o viver he tormento,
 Tormento que sempre dura,
 He certo desdita grande
 E muito grande amargura.

Mas vede o que val a vida!
 He aquella aventurada,
 Se dizemos verdadeiros:
 Houve hum dia, huma hora, hum nada,
 Não do pezar combatida,
 Mas do prazer bafejada.

Simelha quem pola calma
 O dia inteiro vagou,
 Depois no marco da estrada
 Cançado e triste quedou;
 Ally thesouro sem dono,
 Ventura sua, encontrou.

Era na sancta semana,
 Semana de devação!
 Com jejuns e penitencias
 Apresta-se o bom christão
 Pera os mysterios mais altos
 Da mais alta religião.

Quantas coizas que nos fallão
 N'aquelle passo sagrado
 D'aquelle homem divino,
 D'aquelle Deos humanado,
 Que por amor de seos filhos,
 Ingratos, foy maltratado!

Não foy por odio ou vingança,
 Mas por dinheiro trahido!
 Por hum homem refalsado,
 Por hum discip'lo querido;
 Trahido por meio infame!...
 Hum falso beijo vendido!

Foy mister por mór tormento,
 Que morresse polos seos!
 Entregue por hum eleito
 Nas garras dos Fariseos,
 Homem morreo polos homens,
 Morreo judeo por judeos.

C'roou a fronte sagrada
 C'roa d'espinhos tecida,
 Correrão dados infames
 Em taboa vil, denegrida;
 Em hastea foy rematada
 Tunica em sangue tingida.

Tormentos, baldões e mófa
 Quem mais do qu'elle soffreo?
 Quem mais comprido marteyro,
 Quem mais affronta e labéo?
 Tal foy que o homem divino
 O rosto ao calix torceo.

Tal foy que o Deos humanado
 Disse ao Deos, que era seu pay:
 "Senhor Deos, s'inda he possivel,
 Do vosso intento tornai;
 Este calix de amargura
 Dos labios meos affastai!"

Carpindo males alheios,
 Quantos não vemos per hy,
 Que nem siquer se recordão
 De quanto soffreo por si,
 Hum Deus na cruz affixado,
 Mil dores soffrendo ally!

Ante esta victima augusta
 Da mais feroz crueldade,
 Cala quanto o homem soffre,
 Quanto soffre a humanidade:
 Tormento não foy como elle,
 Não foy como ella impiedade.

E comtudo alguns increos
 E refalsados atheos,
 Guardão n'as extasis todas
 E mais os transportes seos,
 Pera Socrates que morre,
 Que não pola dor de hum deos!

E não vê a cega gente,
 Imiga de toda luz,
 Que longe que vai do Grego
 Ao Nazareno Jezus,
 E da masmorra ao calvario,
 E da cicuta a huma cruz!

E aos effeitos da morte
 Não attenderão tambem:
 Se emparelhamos ideas
 As coizas que corpo tem;
 Entre elles vai mór distancia,
 Que vai da Grecia á Belem.

Morre o Grego, e não dá fruticos;
Morre Jezus por nos dar
A ley do céu pera a terra;
Ley que só pôde lavar
O sangue do bom cordeiro
Dos falsos Deoses no altar.

Vivem algozes d'aquelle,
E huns homens apenas são;
Em quanto os algozes deste,
Em que povo de eleição,
Sumirão-se, como argueiro
Nas azas d'hum furacão.

Era na sancta semana,
Semana de devação:
Comsigo mesmo propunha
O senhor rey Dom João:
"Confessarei minhas culpas,
Que alem de rey sou christão.

"Ao Senhor, pay de nós todos,
Meos erros confessarei;
Que me dê força indomavel
Pera guardar minha ley,
Pera punir os culpados;
Que alem de christão, sou rey."

Azinha chamando hum pagem
Lhe diz, e lhe ordena assi:
"Hide aos Padres Dominicos
(Melhor lhes quero que a mi)
Dir-lhes-heis que sou lá prestes,
Que vou commungar ally."

Veio logo o mensageiro
Com a mensagem real;
Recado qu'el-rey lhe dera,
Dá elle ao Provincial.
"He certo mercê mui grande,
Responde, — tenho-a por tal."

Ao Padre Thomaz da Costa
Chama n'huma Ave-Maria;
Sabia o bom do Prelado
O muito qu'el-rey lhe qu'ria:
De tam lisongeiro acerto
Comsigo mesmo sorria.

Demais que o bom do Prelado
Dizia com bem justeza:
"Prazer aos Reis cá da terra,
Não he nenhuma vileza;
Praz a Deos que lhes prazamos,
Pois vem delle a realeza."

Apresta-se com trigança
Tudo quanto era mister:
Sabia o Padre Thomaz
Encargos do seo dever;
"Vergar colossos, dizia,
Quem tem posses de o poder?"

"Sob as mãos do jardineiro
Torto arbusto lá se ageita;
Mas onde existe essa força
Que hum rudo tronco sugeita,
Se a força he balda no tronco,
Se o tronco a força regeita?"

"Em bem do pastor sagrado,
Que por mercê divinal
Vive no ermo escondido,
Como hum singelo zagal;
Cúra pastor de pastores,
Não de pessoa real.

"He facil o seo encargo,
Pejo, nem dor lhe não traz;
Não he assi nos palacios,
Onde só vejo disfraz:
Vêm logo as razões de estado,
Inventos de Satanaz.

"Vêm logo as leys cá da terra
Contrapor-se ás leys dos céos:
Sêde christãos, reys senhores,
Ou então de todo incréos!
Leys dos homens não se cazão,
Não seguem ás leys de Deos.

"Não ligueis n'hum só consorcio
Terra feia e céu luzente:
Leys da terra a terra buscão,
Como a raiz da semente;
Leys do céu os céos procurão,
Como flor que o sol presente."

Era aly na pedra raza
O senhor rey Dom João;
Ante o velho sacerdote
Fazia a sua oração,
As mãos em cruz sobre o peito,
Giolhos postos no chão.

Armas que sempre cingia,
Todalas tinha despido;
Não tinha sedas, nem joias.
Mas peito d'aço batido:
Era qual homem vivente
Em ferrea prizão mettido.

Curva-se hum rey poderoso
Perante hum homem de pé;
Perante hum Padre coitado,
Que nada tem, nada he:
Licção profunda e subida,
Preceitos da nossa fé!

Portas á dentro do templo,
Onde Deos eterno habita,
Onde aquelle amor sem zelos
Somente os peitos agita,
Nas differenças do mundo
Fiel christão não cogita.

Foy assi na antiga Roma
Polas festas saturnais,
Folgavão, senhor e servo,
Como se forão iguais;
Mas o que lá foy licença,
Aqui são leys divinais:

Aqui são todos curvados,
Todos — o servo, o senhor;
Aquelles que a vida fruem,
E aquelles que só tem dôr;
Pobres, que almeirão a morte,
Ricos, que á morte hão pavor.

Nem he por vil comezaina,
Que ally reunidos estão;
Mas sim, porque a Deos importa
Que não haja distincção
Entre irmãos, no patrio abrigo,
Rezando a mesma oração.

Sóbe assi aquella prece
Da multidão apinhada,
Qual lisongeiro perfume
Das flores d'huma grinalda;
Tem huma odor, outra espinhos,
Outras tem côr, outras nada.

Era aly na pedra raza
O senhor rey Dom João;
Já disse as culpas que tinha,
Já fez a sua oração:
O Padre vai ministrar-lhe
A hostia da communhão.

Tem no rosto grave e serio
Expressão nobre e subida;
Maneiras cheias de brio
Em postura commedida,
Parece que vão mostrando
Quanto val o pão da vida.

Parece que mostra quanto
Por vil e baixo se tem,
Merecendo honra tamanha,
Que a não merece ninguem;
Dahy lhe vem ser humilde,
Nobreza dahy lhe vem.

Perfez-se o rito sagrado,
Vai ser dado o sacramento,
Principia el-rey — *confiteor*, —
Quando n'aquelle momento
Surge ao pé delle um guerreiro
De marcial hardimento.

Tinha feroz catadura,
Só aço e ferro vestia; ²⁶⁴
Polas grades da vizeira
Raios de luz despedia:
Medonho e fero apparato
Nas sombras da sacristia.

Era o rey brioso e forte,
Homem de muito valor,
Mas olhos lançou á espada
A furto!... seja o que for,
Não creio que homens d'aquelles
Possão jamais ter pavor.

Em voz carregada e forte
Assi começa o guerreiro:
“Em nome do Senhor Deos,
Meo Padre, aqui vos requeiro;
O senhor rey não commungue,
Pois que não he justiceiro.”

A hostia das mãos do Padre
Cahio do calix no fundo;
El-rey carrega os sobr'olhos...
Certo não era jocundo
Affrontar de rosto a rosto
As sanhas de João segundo.

Era então fresca a memoria
De hum caso máo, miserando:
De noite se ergueo a forca;
Mas quando o sol foy raiando,
Não vio ninguem mais a forca,
Nem mais ao duque Fernando!

Comtudo o bravo guerreiro
Sanhas do rey não quiz ver;
Não ha que lhe ponha embargos,
Nem que lhe possa empecer:
“Senhor, sou Padre Tavares!”
Fita-o el-rey sem querer.

Depois lhe diz (que tal nome
Quebrára a furia real):
“Em bem, meo bravo guerreiro!
Mas esse trem, de que val?
Somos em terras d'Hespanha,
Ou somos em Portugal?”

— “Senhor, não uzo brocados:
Vedes-me assi, e he razão,
Que havedes os meos haveres
Sem me deixardes, senão
Armas comidas no peito,
Armas gastadas na mão.

— “Fui ter ao vosso palacio,
Ninguem me não conheceo;
Quantos ally são comvosco,
Eu vos direi, senhor meo:
Nunca os eu vi nos combates,
Nunca na guerra os vi eu!

— “Voltei d'ally, protestando
Jamais não voltar ally;
Conheceis as minhas armas,
Se não conheceis a mi;
Vesti-me á modo de guerra,
Vim ter comvosco, — eis-me aqui!

— “As minhas alcaydarias
De Port'alegre ²⁶⁵ e Assumar,
Senhor rey, vós m'as tirastes,
O que se chama tirar;
Ficavão perto da raya,
Máo azo de guerrear.

— “Das minhas alcaydarias
Eu tinha as rendas reais;
As guerras já são passadas,
Porque ora m'as não tornais?
Mal cabe em reys a cubiça,
Senhor, se m'as cubiçais.

— “Nem porque o velho guerreiro
Já nada vos presta e val,
Vos deveis portar com elle,
Qual dono pouco leal,
Que o seo corsel de batalha
Despreza no almargeal.

— “Assi que, Senhor, vos digo
Que vos não peço mercê;
Aquillo que me he devido,
Só peço que se me dê! —”
Prouve ao rey aquelles ditos
E mais o geito que vê.

Depois a mão estendendo
Ao seo leal lidador:
"Nós vos faremos justiça,
Assi como justo for;
Tendes a nossa palavra,
Seja-vos ella penhor!"

Alegre o Padre Thomaz
O seo mister rematou;
Hostia tomada do calix
Aos labios do rey chegou,
El-rey d'hum copo doirado
Hum gole d'agoa tomou.

Mimoso tempo d'outrora
Qual nunca mais o verei,
Nem tam inteiros sugeitos,
Hum ao outro dando a ley:
No Paço o rey ao vassallo,
Na Igreja o vassallo ao rey!

SOLÃO DE GONÇALO HERMIGUEZ.

Não ha mais d'aquelle tempo,
Em que era tudo lhaneza!
Acções e vida e costumes
Desta gente portugueza,
Por tal geito se trocarão,
Que he hoje tudo impureza.

Não trato d'este ou d'aquelle,
Pois ha em tudo exeições;
Mas trato da grande lépra
Que vejo hy nos corações:
Desprêso do amor da gloria
E apêgo ás ruins tenções.

Outrora, sabeis vós como
Garboso Donzel se havia
Por captar nobres extremos
Da moça que requeria,
Sempre grave, honesto e brando,
Sempre uzando cortezia?

Não trescalava pivetes,
Fitas, nem laços comprava,
Nem toda a manhã divina
Seos enfeites concertava,
Nem nos chapins se revia,
Nem nos cabellos primava.

Não corria seca e meca
Traz de mimosa donzella,
Que nas ruas lobrigava;
E por ver mais perto a bella
Não hia ao templo sagrado,
Somente por amor della.

Nem as noites janeirinhas
Mais compridas e mais frias,
Levava mofino amante,
Por baixo das gelozias,
Desenfiando hum rosairo
De trovas e ninharias.

Jamais não foy esse o estilo
Do moço em armas novel,
Em que o experto dedilhasse
Na lyra do menestrel,
No tempo em que, não domada,
Lutava a gente infiel.

Por mais que amores amasse,
Por mais que fosse gentil,
Ninguem n'ó vira a deshoras,
Como homem de tenção vil,
Como hum ladrão que de medo
Vai passo e manso e subtil.

Não pedia manto ás sombras,
Nem ao silencio mercê,
Nem do sol se arreceiava,
Como homem que pouco vê,
Nem da lua appellidada
A casta, não sei porquê.

Mas antes no amphitheatro,
Coberto de espectadores,
Onde mais povo corria,
Mais bellas e justadores,
Na arena se apresentava
Com lettra e tenções d'amores.

No meio d'aquella chusma
D'arautos e passavantes,
Mantenedores do campo
Reys d'armas e circumstantes,
Feixes d'armas resplendentes,
Ondas de plumas brilhantes:

Entrava o novel guerreiro
No cerco dos justadores!
De alguma dona sizora
Na charpa trazia as cores;
Tinhão amores ás claras,
Por que erão nobres amores.

Silencio! que sôa a trompa,
A justa vai começar!
Entre si ferem mil lutas
Guerreiros a par e par:
Da lança feita pedaços
Voão estilhas ao ar.

Levão logo mão da espada;
Que feios golpes se dão!
Abolão-se capacetes,
Talhão-se arnezes; e a mão
Certeira ao travez da malha,
Vai direita ao coração.

Lá sôa de novo a trompa,
Proclama-se o vencedor,
Que aos pés da bella entre as bellas
O seo trophéo vem depor:
Ao mais valente a mais bella,
Ao mais gentil mais amor.

Era a ley — e até parece
De acordo co'a natureza,
Que se compraz no consorcio
Da força co'a gentileza;
Mais alma com mais coragem,
Mais brio com mais nobreza.

A abelha construe seos favos
Em troncos alevantados;
E eis a hera graciosa,
Que em abraços apertados
Não cinge mesquinho junco,
Mas carvalhos alentados.

Boa era a ley! — mas eu creio
Que lhe descubro hum senão;
Quem nos diz que o mais valente
Deva de ter mais razão,
Porque seja a sua dona
Como hum vaso d'eleição?

Seria coiza de ver-se,
E coiza de mui folgar,
Ver um dragão de mulher,
Chamada a bella sem par,
A pura força de espada,
Sem mais pôr, nem mais tirar!

He bella: e al não digais,
Sob pena d'hum fendente,
Que vem do céu, como hum raio,
Provar ao villão que mente,
Co'os dentes que tem na bocca,
Como hum perro maldizente!

Fosse o caso como fosse,
He certo que d'ahy vem
As nossas donas de agora,
Aquelle sestro que têm
De amarem a militança
Melhor do que a nenhum bem.

Qual não gosta de ser bella,
Ao menos de o parecer?
Em quanto muitas... Deos meo,
Eu me sei compadecer,
Soffro o mal que os outros passão,
Mais talvez que o meu soffrer.

Muitas ha hy, que eu conheço,
Que aqui na terra não são,
Senão porque as vós mandastes,
Meo Deos, por occasião
De tedio e nojo ao peccado,
E morte da tentação.

Té os moços, que as namorão,
Dirão no confessional,
Jurando por Deos eterno
E pola vida eternal,
Que se fallão d'elle e della,
He puro aleive e não al.

Vede pois qual não seria
O pasmo dessa donzella,
Proclamada ao meio dia
Fermosa como huma estrella,
Sem que houvesse ah y no mundo
Coiza melhor, nem mais bella!

Logo no fraco bestunto
Julgára, sem mais razão,
Que n'este mundo mesquinho
He tudo engano e buzão,
E té que a propria belleza
He coiza de convenção!

Era assi que n'outras eras
Garboso donzel se havia
Por captar nobres extremos
Da moça que requeria,
A ponta de fina espada
E arrojos de valentia.

No tempo de Alphonso Henriques,
Que foy nosso rey primeiro,
Havia na sua côrte,
Côrte de rey mui fragueiro,
Hum tal Gonçalo Hermiguez,
Destemido cavalleiro.

Era moço e mui donoso,
De mui boa nomeada:
Fiava el-rey muito d'elle,
E a raynha Mafalda
Folgava de ouvir-lhe os cantos
Aos sons da lyra afinada.

Portas a dentro do Paço
Não tinha nenhum rival
Em compor trovas mimosas;
E no campo e no arrayal
Não n'o havia mais valente,
Mais forte, nem mais leal.

Quanta sanha que elle tinha,
Votára a gente infiel,
Porque o pay lhe havião morto,
Era elle ainda novel;
Vel-os porém não podia,
Nem pintados no papel.

Era o mesmo ver a hum destes
E entrar logo em sanha tal,
Que era força ter mão d'elle,
Ou saltava-lhe ao gorjal
Pera torcer-lhe o gasnate,
Como se fôra hum pardal.

Mas se tinhão tento n'elle,
Era outro conto ruim!
Cahia ²⁶⁶ logo em desmaios,
Que era hum desmaio sem fim!
Dó era ver tal sugeito
Prostrado e defuncto assi.

Andava sempre occupado
Em perpetua correria
Polas terras do mourisco,
E muito mal lhes fazia:
Dava porém mór realce
Ao nome que já trazia.

Como fosse e os companheiros
Em hum saráo folgazão,
Lembrou-se que perto vinha
A noite de Sam João,
Azado ensejo de aos Mouros
Fazer-se affronta e lezão.

Cheio de bello hardimento,
Aquella nobre nobreza
Por amor de seos amores
Commette tam grande empreza,
Qual a de hir terras de Mouros
Com feros, ronco e braveza.

Qual apresta o seu ginete,
Qual a fita dependura
No collo nunca domado;
Qual a pesada armadura
Inverga, e ahy se recolhe,
Como em arce mui segura!

Qual a Deos por testemunha
Toma da sua tenção,
Qual aos pés da sua dona
Requer-lhe extremo condão,
Extremo volver dos olhos,
Extremo apertar da mão!

Qual desly toma algum nome
Por grito de accommetter,
Que nas lidas e pelejas
Saberá fazer valer!
Qual sente o nojo futuro,
Em mal, que lá vai morrer!

Mas nunca será que o rosto
Mostre o que n'alma lhe mora:
Quem vio a morte passar-lhe
De perto, já não descora
Por hum presagio funesto,
Sendo ella coiza d'huma hora.

Aquelles bons cavalleiros
Azinha promptos estão;
Lá se partem de Coimbra,
Montes alem já lá vão!
Ninguem vio mais escolhido,
Nem mais luzido esquadrao.

Entre elles por mais robusto
Gonçalo Hermiguez campeia;
Diz seo porte sublimado,
Que de nada se arreceia,
Mas antes que a todos repta,
De tanto que o collo alteia!

Caminho vão de Lisboa
Com todo apercebimento!
Não convem que se aprecatem
D'aquelle accommettimento
Mouros que vivem na regra
Do seo alkorão nojento!

Sabeis a regra qual seja?
He viver dentro do harem,
Dizendo mal do toicinho
E mais do vinho tambem,
Sem que lhe pêze este mundo,
Sem que lhe pêze ninguem!

He vegetar entre flores,
He viver vida folgada,
Aspirando incenso e odores
Em molleza effeminada,
Nem que fosse huma odalisca,
Ou mulher alambicada.

Pozerão todos a mira
Em Alcacere do Sal,
Covil de feras humanas,
Não de cordeiros curral;
Nó gordio do vil mourisco,
O ferro o corta, não al!

Os que por terra a demandão
Vão em procura d'almada,
Alcáçova dura e forte,
Em rijsa pedra assentada,
Como pedra preciosa
Em ferrea c'roa engastada.

Outros lá vão Tejo arriba!
Ó Tejo, quanto me he grata
Essa placida corrente,
Quando a lua se retrata,
Chovendo chuva de raios,
No teo chão de lisa prata!

Que doce que he teo remanso,
Quando manso o vento gyra,
Que nas folhas rumoreja,
E como que ally suspira
Melindres d'amor suave,
Que nem tangido na lyra!

Que arroubos que infiltras n'alma,
Quando vai ao som das agoas
Navegando o passageiro;
Já, se as tem, não sente as fragoas,
Que no peito a dôr derrama,
Como huma enchente de magoas!

Mas talvez dos cavos olhos
Polas faces a correr
Sinta o pranto represado
Polo seo muito soffrer:
Corra embora, qu'esse pranto
Dôr não he, senão prazer!

Que neste val' de amarguras,
Onde viemos penar,
Por cada dia hum marteyro
Por cada instante hum pezar,
He bem feliz quem só passa
Dores que fazem chorar!

Não sei ledice o que seja,
Nem o que seja prazer;
Nunca os senti n'esta vida,
Nem n'os posso conhecer;
Que não sou dos bemfadados,
E nunca o não hei de ser!

Mas o pranto extravasado
Não he quem nos dá morrer,
Nem quem o viço dos annos
Faz seccar e emmurcheçar;
He antes aquelle pranto
Que não sabemos verter.

Lá vão hindo Tejo acima,
Olhos longos polo mar,
Lá onde enchergão Lisboa
Com fogueiras de espantar;
Fogo accendido na terra
Sóbe em centelhas ao ar!

D'aquelles fogos accesos
Em roda os velhos estão,
E as donzellas feiticeiras
Com sorriso folgazão,
Cantando coytas de amores,
Quites de coytas então.

He a noite milagrosa
Do Bautista milagroso,
Té dos mouros da mourama
Havido por glorioso:
Folgão nobres e senhores,
Folga o villão descuidoso.

Horas de noite folgada
Não tardão, não têm vagar:
A noite assi do Bautista
Vai serena a escorregar,
Como areia da ampulheta,
Hum grão e outro a tombar!

Vai assi como o perfume
Respirado d'uma frol,
Que não vemos, mas sentimos;
Que sentimos no arrebol
Da manhã, que pola terra
Se espalha em antes do sol!

Vai assi como o rocio
De serena madrugada,
Rorejado gota a gota
De branca nuvem prenhada
Sobre o calice musgoso
De hum flor avelludada.

Vai assi, qual sóe prender-se,
Em quem de amores não cura,
Doce peçonha de amores:
Donzella de vida pura,
Quando ha temores de havel-o,
He qu'elle já não tem cura.

Do Alcacer as lindas filhas,
Já era nascida a aurora,
Pera ver uma corrida
Sahirão portas a fóra,
E mais pera colher flores,
Persuadidas da hora.

Logo sahidas no prado
Forão, qual sohem de ser
Mansas agoas d'hum regato
Em chão sem leito a correr,
Cada qual por seo caminho,
Cada qual a seo prazer!

Desly pulando e cantando
Vão nas matas de alecrim,
Colhem a rosa corada
E a branca flor do jasmim;
Brincão brinquedos contentes,
Folgão folguedos sem fim!

Oh! que festas! que alegrias!
Que arruido vai no prado!
Que bem cantado rimance,
Que soláo tãobém cantado!
Não têm as aves atito,
Nem gorgeio mais brincado!

Oh! que vozes melindrosas,
Que accentos encantadores
N'aquelle prazer d'huma hora!
As moças vão colher flores,
E os moços que vão com ellas ²⁶⁷
Vão lá por colher amores.

Eis nisto... estranho arruido!
Rouca trompa abala o ar;
Logo assomão cavalleiros
Com figuras de espantar:
Allah nos valha, mofinas!
Dizem moiras a chorar.

Allah! repetem n'os mouros,
Vendo o pendão protuguez;
E do alfange recurvado
Levão mão sem pavidez!
Feios golpes se preparão,
Outra folgança outra vez!

Retine o ferro no ferro,
Talhão-se cotas e arnezes;
O fino alfange mourisco
Abre o elmo aos portuguezes;
E a espada que bem degola,
Bem multiplica os revezes.

La chega o alarma á Cidade!
Lá vem mouros descancados
Em descancados ginetes:
Cavalleiros esforçados,
Que por Christo Deos pelejão,
Não têm de que ter cuidados.

Gonçalo Hermiguez, o cabo,
Avante! brada, e não al:
Brilha o valente nas lides,
Que ally não acha rival,
Aquelle cabo entre todos
Sanhudo e forte e fatal.

Maneja tam facilmente
O scu pesado montante,
Que Alcides com sua clava,
E nem o Titan gigante,
Serra a serra sobrepondo
Não tinha aquelle semblante.

Eilo vai per entre os mouros,
Abre cntre elles larga estrada;
Quem fica em prisão de guerra,
Quem lá foge em debandada!
Ficão moiras prisioneiras,
Mulheres — gente coitada!

Gonçalo Hermiguez em tanto
Vio que longe lhe fugia
Linda moira desmaiada,
Que hum moço mouro cingia,
Dando d'esporas ao bruto,
Que mais que o vento corria!

Vai sobre elles sem tardança:
Com quanto de arremeção
Matal-o tambem podera,
Certo o fizera, senão
Temesse que a moira bella
Morresse de sua mão.

Mais logo que foy com elle,
D'hum golpe que despedio,
Cerce o cortou pelo meio:
Golpe assi nunca se vio!
E a moira tomando em braços,
Azinha daly fugio.

Passou terrível com ella
 Por meio da gente fera;
 Quem no vira tam sanhudo,
 Leão raivoso dissera,
 Passando a travez dos homens
 Com a preza que fizera.

Eis nasce novo combate,
 Nova peleja maior!
 Muitos homens contra hum homem,
 Contra hum forte lutador;
 Mas hum só que a todos vence
 Em força, esforço, e valor!

Mal podia a mão sinistra
 Vibrar a sangrenta espada,
 Co'o pejo d'aquella moira
 Disputada e desmaiada,
 Cujo corpo em dois pendia,
 Como huma frexa quebrada.

Mas inda assi despedia
 Hum golpe e outro cruel:
 E de encontro á este, á aquelle
 Mandava o seo bom corsel,
 Que a turba multa alastrava
 Aos pés do nobre donzel.

Quando a ventura he incerta,
 Acerta em aventurar
 Quem a empreza disputada
 Tem desejos de acabar:
 Só elle demóra em terra,
 Que os seos já são sobre o mar!

Torce as redeas ao ginete,
 Larga carreira arrepia,
 Larga estrada co'o montante
 Por entre os mouros se abria,
 Despedia muitos golpes,
 Muitos estragos fazia.

Chega a praia, os seos avista; ²⁶⁸
 Mas os mouros perto vêm!
 Como isto vio, torce o rosto,
 Medonho como ninguem;
 Temem-se mouros de o verem;
 Párão, como elle, tambem!

Vão assi feros monteiros
 Traz d'hum urso mal sangrado,
 Que de repente a carreira
 Revira, e volta agastado:
 Parão monteiros ao vel-o
 Raivoso e mal assombrado.

E a fera d'aquelle pasmo,
 Sabendo, em seo bem, valer-se,
 Vai a passos descansados
 Em densa mata esconder-se,
 Sem temor da montaria,
 Sem dos monteiros temer-se.

Tal o forte Traga-mouros
 Salta dentro do baixel;
 Na praia ficão pasmados
 Mouros, do feito novel,
 Tamanho, que nem sonhado
 Foy jamais por menestrel.

E os companheiros aos ventos
 Desfraldão velas e panos,
 Deixando as praias tingidas
 Em sangue por muitos annos;
 Quantos bastem, porque chorem
 Seo dezar os musulmanos.

Aos alegres companheiros
 Disse o guerreiro feliz:
 "Das prezas, que nos fizemos,
 Quero tam só a que eu fiz,
 A moira que por seo nome
 Fatima em Turco se diz!"

Então aquelle seo canto
 Principiou a compor:
 Cant'eu, por vergonha minha,
 Em bem que o saiba de cór,
 Digo que sal lhe não acho,
 Nem sei de coiza pior.

Mas era o soláo por certo
 Aos tempos accomodado,
 Que de outro cantar não acho
 Que fosse mais decantado,
 Nem Figueiral Figueredo,
 Nem o Ficade coitado.

E a moira já bautizada
 Pertenceo ao lidador,
 Duas vezes conquistada
 Pelo donzel, seo senhor,
 Primeiro á força de espada,
 Depois á força de amor.

Era assi n'aquelle tempo
 Coiza sabida e seguida,
 Remanso depois da gloria,
 Descanço depois da lida,
 E a fé que espera e milita
 Nos actos todos da vida!

Vede vós quamanho ²⁶⁹ he o lucro,
 Que lucra a moira pagã,
 Desposando o cavalleiro,
 Tornada e feita christã;
 He vida e sangue de hum homem,
 Não de infieis barregã!

He como tropheo ganhado
 Em guerras de religião
 Por algum peito devoto,
 Que por sua devação
 Prometteo dependural-o
 Dentro de templo christão.

O canto aqui finaliso!
 Não devo d'hir por diante,
 Narrando casos da vida
 Per natureza inconstante,
 Trabalhos que sempre durão,
 Prazer que dura hum instante!

Foy o cabo dos amores
 A moça moira acabar
 E sobre hum covão aberto
 Hum homem posto a chorar,
 Hum homem de dó coberto,
 A carpir-se, a prantear!

ÚLTIMOS CANTOS.

Ao MEU CARO E SAUDOSO AMIGO o DR. ALEXANDRE TEÓFILO DE CARVALHO LEAL
OFERECENDO-LHE ÊSTE VOLUME DE POESIAS, QUANDO PELA PRIMEIRA
VEZ FORAM IMPRESSAS. 270

Eis os meus últimos cantos, o meu último volume de poesias sôltas, os últimos harpejos de uma lira, cujas cordas foram estalando, muitas aos balanços ásperos da desventura, e outras, talvez a maior parte, com as dores de um espírito enfêrmo, ²⁷¹ — fictícias, mas nem por isso menos agudas, — produzidas pela imaginação, como se a realidade já não fôsse por si bastante penosa, ou que o espírito, afeito a certa dose de sofrimento, se sobressaltasse de sentir menos pesada a costumada carga.

No meio de rudes trabalhos, de occupações estéreis, de cuidados pungentes, — inquieto do presente, incerto do futuro, derramando um olhar cheio de lágrimas e saudades sôbre o meu passado — percorri êste primeiro estádio da minha vida literária. Desejar e sofrer — eis tôda a minha vida neste período; e êstes desejos imensos, indizíveis, e nunca satisfeitos, — caprichosos como a imaginação, — vagos como o oceano, — e terríveis como a tempestade; e êstes sofrimentos de todos os dias, de todos os instantes, obscuros, implacáveis, renascentes, — ligados a minha existência, reconcentrados em minha alma, devorados comigo, umas vêzes me deixaram sem fôrça e sem coragem, e se reproduziram em pálidos reflexos do que eu sentia, ou me forçaram a procurar um alívio, uma distração no estudo, e a esquecer-me da realidade com as ficções do ideal.

Se as minhas pobres composições não foram inteiramente inúteis ao meu país; se algumas vêzes tive o maior prazer que me foi dado sentir — a mais lisonjeira recompensa a que poderia aspirar, — de as saber estimadas pelos homens de arte, daqueles, que segundo o poeta, porque a entendem, a estimam, e repetidas por aquela classe do povo, que só de cor as poderia ter aprendido, isto é, dos outros que a compreendem, porque a sentem, porque a adivinham — paguei bem caro esta momentânea celebridade com decepções profundas, com desenganos amargos, e com a lenta agonia de um martírio ignorado.

Melhor que ninguém o sabes: podes a teu grado sondar os arcanos da minha consciência, e não te será difícil descobrir o segrêdo das minhas tristes inspirações. Os meus primeiros, os meus últimos cantos são teus: o que sou, o que fôr, a ti o devo, — a ti, ao teu nobre coração, que durante os melhores anos da juventude bateu constantemente ao meu lado, — à ²⁷² aragem benfazeja da tua amizade solícita e desveçada, — a tua voz que me animava e consolava, — a tua inteligência que me vivificava — ao prodígio de duas índoles tão assimiladas, de duas almas tão irmãs, tão gêmeas, que uma delas rematava o pensamento apenas enunciado da outra, e aos sentimentos uníssonos de dous corações, que mutuamente se falavam, se interpretavam, se respondiam sem o auxílio de palavras. Duplicada a minha existência, não era muito que eu me sentisse com fôrças para abalançar-me a esta emprêsa; e agora que em parte a tenho concluído, é um dever de gratidão, um dever para que sou atraído por tôdas as potências da minha alma, escrever aqui o teu nome, como talvez seja o derradeiro que escreverei em minhas obras, o último que os meus lábios pronunciem, se nos paroxismos da morte se puder destacar inteiramente do meu coração.

Ser-me-ia doloroso não cumprir os teus desejos, — não satisfazer as esperanças, que em mim tinhas depositado, — não realizar a expectação da tua desinteressada amizade. Entrei na luta, e procurei disputar ao tempo uma fraca parcela da sua duração, não por amor do orgulho, nem por amor da glória; mas para que, depois da morte de ambos, uma só que fôsse das minhas produções sobrenadasse no olvido, e por mais uma geração estendesse a memória tua e minha. Assim passa a onda sôbre um navio que sobra, e atira a praias ²⁷³ desconhecidas os destroços de um mastro embrulhado nas vestes dos navegantes.

Entre na luta, e por mais algum tempo continuarei nela, variando apenas o sentido dos meus cantos. A fé e o entusiasmo, o óleo e o pábulo da lâmpada que alumia as composições do artista, vão-se-me esfriando dentro do peito; e eu o conheço e o sinto se pois ainda persisto nesta carreira, é por teu respeito: continuarei — até que, satisfeito dos meus esforços, me digas: basta! — Então, já to hei dito, voltarei gostoso à obscuridade, donde não devera ter saído, — e como um soldado desconhecido — contarei os meus triunfos pelas minhas feridas, voltando à habitação singela, onde me correram, não felizes, mas os primeiros dias da minha infância.

Minha alma não está comigo, não anda entre os nevoeiros dos Órgãos, envolta ²⁷⁴ em neblina, balouçada em castelos de nuvens, nem rouquejando na voz do trovão. Lá está ela! — lá está a espreguiçar-se nas vagas de S. Marcos, a rumorejar nas fôlhas dos mangues, a sussurar nos leques das palmeiras: lá está ela nos sítios que os meus olhos sempre viram, nas paisagens que eu amo, onde se avista a palmeira esbelta, o cajazeiro coberto de cipós, e o pau-d'arco coberto de flores amarelas. Ali sim, — ali está — desfeita em lágrimas nas fôlhas das bananeiras — desfeita em orvalho sôbre as nossas flores, desfeita em harmonia sôbre os nossos bosques, sôbre os nossos rios, sôbre os nossos mares, sôbre tudo que eu amo, e que em bem veja eu em breve! Aí, outra vez remoçado e vivificado de todos os anos que esperdicei, poderei enxugar ²⁷⁵ os meus vestidos, voltar aos gozos de uma vida ignorada, e do meu lar tranqüilo ver outros mais corajosos e mais felizes que eu afrontar as borrascas desencadeadas no oceano, que eu houver para sempre deixado atrás de mim.

Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1850.

A. GONÇALVES DIAS.

POESIAS AMERICANAS.

I.

O GIGANTE DE PEDRA. ²⁷⁶

O guerriers! ne laissez pas ma dépouille au corbeau!
Ensevelissez-moi parmi des monts sublimes,
Afin que l'étranger cherche, en voyant leurs cimes,
Quelle montagne est mon tombeau!

V. HUGO. *Le Géant.*

I.

Gigante orgulhoso, de fero semblante,
Num leito de pedra lá jaz a dormir!
Em duro granito repousa o gigante,
Que os raios sòmente puderam fundir.

Dormido atalaia no sêro empinado
Devera cuidadoso, sanhudo velar;
O raio passando o deixou fulminado,
E à aurora, que surge, não há de acordar!

Co'os braços no peito cruzados nervosos,
Mais alto que as nuvens, os céus a encarar,
Seu corpo se estende por montes frágiosos,
Seus pés sobranceiros se elevam do mar!

De lavas ardentes seus membros fundidos
Avultam imensos: só Deus poderá
Rebelde lançá-lo dos montes erguidos,
Curvados ao pêso, que sôbre lhe 'stá.

E o céu, e as estrêlas e os astros fulgentes
São velas, são tochas, são vivos brandões,
E o branco sudário são névoas algentes,
E o crepe, que o cobre, são negros bulcões.

Da noite, que surge, no manto fagueiro
Quis Deus que se erguesse, de junto a seus pés.
A cruz sempre viva do sul no cruzeiro,
Deitada nos braços do eterno Moisés.

Perfumam-no odores que as flores exalam,
Bafejam-no carmes de um hino de amor
Dos homens, dos brutos, das nuvens que estalam,
Dos ventos que rugem, do mar em furor.

II.

Banha o sol os horizontes,
Trepas os castelos dos céus,
Aclara serras e fontes,
Vigia os domínios seus:
Já descai p'ra o ocidente,
E em globo de fogo ardente
Vai-se no mar esconder;
E lá campeia o gigante,
Sem destorcer o semblante,
Imóvel, mudo a jazer!

Vem a noite após o dia,
Vem o silêncio, o frescor,
E a brisa leve e macia,
Que lhe suspira ao redor;
E da noite entre os negros,
Das estrêlas os fulgores
Brilham na face do mar:
Brilha a lua cintilante,
E sempre mudo o gigante,
Imóvel, sem acordar!

Depois outro sol desponta,
E outra noite também,
Outra lua que aos céus monta,
Outro sol que após lhe vem:
Após um dia outro dia,
Noite após noite sombria,
Após a luz o bulcão,
E sempre o duro gigante,
Imóvel, mudo, constante
Na calma e na cerração!

Corre o tempo fugidio,
Vem das águas a estação,
Após ela o quente estio;
E na calma do verão
Crescem fôlhas, vingam flores,
Entre galas e verdes
Sazonam-se frutos mil;
Cobrem-se os prados de relva,
Murmura o vento na selva,
Azulam-se os céus de anil!

Tornam prados a despir-se,
Tornam flores a murchar,
Tornam de novo a vestir-se,
Tornam depois a secar;
E como gôta filtrada
De uma abóbada escavada
Sempre, incessante a cair,
Tombam as horas e os dias,
Como fantasmas sombrias,
Nos abismos do porvir!

E no féretro de montes
Inconcusso, imóvel, fito,
Escurece os horizontes
O gigante de granito:
Com soberba indiferença
Sente extinta a antiga crença
Dos Tamoios, dos Pajés; ²⁷⁷
Nem vê que duras desgraças,
Que lutas de novas raças
Se lhe atropelam aos pés!

III.

E lá na montanha deitado dormido
Campeia o gigante! — nem pode acordar!
Cruzados os braços de ferro fundido,
A frente nas nuvens, e os pés sobre o mar!....

IV.

Viu primeiro os íncolas
Robustos, das florestas,
Batendo os arcos rígidos,
Traçando homéreas festas,
À luz dos fogos rútilos,
Aos sons do murmuré! ²⁷⁸
E em Guanabara esplêndida ²⁷⁹
As danças dos guerreiros,
E o guau cadente e vário ²⁸⁰
Dos moços prazenteiros,
E os cantos da vitória
Tangidos no boré.

E das igaras côncavas ²⁸¹
A frota aparelhada,
Vistosa e formosíssima
Cortando a undosa estrada,
Sabendo, mas que frágeis,
Os ventos contrastar:
E a caça leda e rápida
Por serras, por devesas,
E os cantos da janúbia ²⁸²
Junto às lenhas acesas,
Quando ²⁸³ o tapuia mísero
Seus feitos vai narrar!

E o germe da discórdia
Crescendo em duras brigas,
Ceifando os brios rústicos
Das tribos sempre amigas,
— Tamoi a raça antiga,
Feroz Tupinambá.

Lá vai a gente impróvida,
Nação vencida, imbele,
Buscando as matas ínvias,
Donde outra tribo a expele;
Jaz o pajé sem glória,
Sem glória o maracá.

Depois em naus flamívoras
Um trôço ardido ²⁸⁴ e forte,
Cobrinco os campos úmidos
De fumo, e sangue, e morte,
Traz dos reparos hórridos
D'altíssimo pavês:

E do sangrento pélagos
Em míseras ruínas
Surgir galhardas, límpidas
As portuguêsas quinas,
Murchos os lises cândidos
Do impróvido gaulês!

V.

Mudaram-se os tempos e a face da terra,
Cidades alastram o antigo paul;
Mas inda o gigante, que dorme na serra,
Se abraça ao imenso cruzeiro do sul.

Nas duras montanhas os membros gelados
Talhados a golpes de ignoto buril,
Descansa, ó gigante, que encerras os fados,
Que os términos guardas do vasto Brasil.

Porém se algum dia fortuna inconstante
Puder-nos a crença e a pátria acabar,
Arroja-te às ondas, ó duro gigante,
Inunda êstes montes, desloca êste mar!

II.

LEITO DE FÔLHAS VERDES.

Porque tardas, Jatir, que tanto a custo
À voz do meu amor moves teus passos?
Da noite a viração, movendo as fôlhas,
Já nos cimos do bosque rumoreja.

Eu sob a copa da mangueira altiva
Nosso leito gentil cobri zelosa
Com mimoso tapiz de fôlhas brandas,
Onde o frouxo luar brinca entre flores.

Do tamarindo a flor abriu-se, há pouco,
Já solta o bogari mais doce aroma!
Como prece de amor, como estas preces,
No silêncio da noite o bosque exala.

Brilha a lua no céu, brilham estrêlas,
Correm perfumes no correr da brisa,
A cujo influxo mágico respira-se
Um quebranto de amor, melhor que a vida!

A flor que desabrocha ao romper d'alva
Um só giro do sol, não mais, vegeta:
Eu sou aquela flor que espero ainda
Doce raio do sol que me dê vida.

Sejam vales ou montes, lago ou terra,
Onde quer que tu vás, ou dia ou noite,
Vai seguindo após ti meu pensamento;
Outro amor nunca tive: és meu, sou tua!

Meus olhos outros olhos nunca viram,
 Não sentiram meus lábios outros lábios,
 Nem outras mãos, Jatir, que não as tuas
 A arazóia na cinta me apertaram. 285

Do tamarindo a flor jaz entreaberta,
 Já solta o bogari mais doce aroma;
 Também meu coração, como estas flores,
 Melhor perfume ao pé da noite exala!

Não me escutas, Jatir! nem tardo acodes
 À voz do meu amor, que em vão te chama!
 Tupã! lá rompe o sol! do leito inútil
 A brisa da manhã sacuda as fôlhas!

III.

I-JUCA-PIRAMA. 286

I.

No meio das tabas 287 de amenos verdores,
 Cercadas de troncos — cobertos de flores,
 Alteiam-se os tetos d'altiva nação;
 São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,
 Temíveis na guerra, que em densas coortes
 Assombram das matas a imensa extensão.

São rudos, severos, sedentos de glória,
 Já prélios incitam, já cantam vitória,
 Já meigos atendem à voz do cantor:
 São todos Timbiras, 288 guerreiros valentes!
 Seu nome lá voa na bôca das gentes,
 Condão de prodígios, de glória e terror!

As tribos vizinhas, sem fôrças, sem brio,
 As armas quebrando, 289 lançando-as ao rio,
 O incenso aspiraram dos seus maracás:
 Medrosos das guerras que os fortes acendem,
 Custosos tributos ignavos lá rendem,
 Aos duros guerreiros sujeitos na paz.

No centro da taba se estende um terreiro,
 Onde ora se aduna o concílio guerreiro
 Da tribo senhora, das tribos servis:
 Os velhos sentados praticam d'outrora,
 E os moços inquietos, que a festa enamora,
 Derramam-se em tórno dum índio infeliz.

Quem é? — ninguém sabe: seu nome é ignoto,
 Sua tribo não diz: — de um povo remoto
 Descende por certo — dum povo gentil;
 Assim lá na Grécia ao escravo insulano
 Tornavam distinto do vil muçulmano
 As linhas corretas do nobre perfil.

Por casos de guerra caiu prisioneiro
 Nas mãos dos Timbiras: — no extenso terreiro
 Assola-se o teto, 290 que o teve em prisão;
 Convidam-se as tribos dos seus arredores,
 Cuidosos se incumbem do vaso das côres,
 Dos vários aprestos da honrosa função.

Acerva-se a lenha da vasta fogueira,
 Entesa-se a corda da embira 291 ligeira,
 Adorna-se a maça com penas gentis: 292
 A 293 custo, entre as vagas do povo da aldeia
 Caminha o Timbira, que a turba rodeia,
 Garboso nas plumas de vário matiz.

Entanto as mulheres com leda trigança,
 Afeitas ao rito da bárbara usança,
 O índio já querem cativo acabar:
 A coma lhe cortam, os membros lhe tingem,
 Brilhante enduape no corpo lhe cingem, 294
 Sombreira-lhe a frente gentil canitar. 295

II.

Em fundos vasos d'alvacenta argila
 Ferve o cauim;
 Enchem-se as copas, o prazer começa,
 Reina o festim.

O prisioneiro, cuja morte anseiam,
 Sentado está,
 O prisioneiro, que outro sol no ocaso
 Jamais verá!

A dura corda, que lhe enlaça o colo,
 Mostra-lhe o fim
 Da vida escura, que será mais breve
 Do que o festim!

Contudo os olhos d'ignóbil pranto
 Secos estão;
 Mudos os lábios não descerram queixas
 Do coração.

Mas um martírio, que encobrir não pode,
 Em rugas faz
 A mentirosa placidez do rosto
 Na frente audaz!

Que tens, guerreiro? Que temor te assalta
 No passo horrendo?
 Honra das tabas que nascer te viram,
 Folga morrendo.

Folga morrendo; porque além dos Andes
 Revive o forte,
 Que soube ufano contrastar os medos
 Da fria morte.

Rasteira grama, exposta ao sol, à chuva,
 Lá murcha e pende:
 Sòmente ao tronco, que devassa os ares,
 O raio ofende!

Que foi? Tupã mandou que êle caísse,
 Como viveu;
 E o caçador que o avistou prostrado
 Esmoreceu!

Que temes, ó guerreiro? Além dos Andes
 Revive o forte,
 Que soube ufano contrastar os médos
 Da fria morte.

III.

Em larga roda de novéis guerreiros
 Ledo caminha o festival Timbira,
 A quem do sacrifício cabe as honras.
 Na frente o canitar sacode em ondas,
 O enduape na cinta se embalança,
 Na destra mão sopesa a iverapeme,
 Orgulhoso e pujante. — Ao menor passo
 Colar d'alvo marfim, insígnia d'honra,
 Que lhe orna o colo e o peito, ruga e freme,
 Como que por feitiço não sabido
 Encantadas ali as almas grandes
 Dos vencidos Tapuias, inda chorem
 Serem glória e brasão d'ímgos feros.

"Eis-me aqui, diz ao índio prisioneiro;
 "Pois que fraco, e sem tribo, e sem família,
 "As nossas matas devassaste ousado,
 "Morrerás morte vil da mão de um forte."

Vem a terreiro o mísero contrário;
 Do colo à cinta a muçurana desce:
 "Dize-nos quem és, teus feitos canta,
 "Ou se mais te apraz, defende-te." Começa
 O índio, que ao redor derrama os olhos,
 Com triste voz que os ânimos comove.

IV.

Meu canto de morte,
 Guerreiros, ouvi:
 Sou filho das selvas,
 Nas selvas cresci;
 Guerreiros, descendo
 Da tribo tupi.

Da tribo pujante,
 Que agora anda errante
 Por fado inconstante,
 Guerreiros, nasci:
 Sou bravo, sou forte,
 Sou filho do Norte;
 Meu canto de morte,
 Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas,
 De tribos imigas,
 E as duras fadigas
 Da guerra provei;
 Nas ondas mendaces
 Senti pelas faces
 Os silvos fugaces
 Dos ventos que amei.

Andei longes terras,
 Lidei cruas guerras,
 Vaguei pelas serras
 Dos vis Aimorés;
 Vi lutas de bravos,
 Vi fortes — escravos!
 De estranhos ignavos
 Calcados aos pés.

E os campos talados,
 E os arcos quebrados,
 E os piagas coitados
 Já sem maracás;

E os meigos cantores,
 Servindo a senhores,
 Que vinham traidores,
 Com mostras de paz.

Aos golpes do imigo
 Meu último amigo,
 Sem lar, sem abrigo
 Caiu junto a mi!
 Com plácido rosto,
 Sereno e composto,
 O acerbo desgosto
 Comigo soufri.

Meu pai a meu lado
 Já cego e quebrado,
 De penas ralado,
 Firmava-se em mi:
 Nós ambos, mesquinhos,
 Por ínvios caminhos,
 Cobertos d'espinhos
 Chegamos aqui!

O velho no entanto
 Sofrendo já tanto
 De fome e quebranto,
 Só qu'ria morrer!
 Não mais me contenho,
 Nas matas me embrenho,
 Das frechas ²⁹⁶ que tenho
 Me quero valer.

Então, forasteiro,
 Caí prisioneiro
 De um trôço guerreiro
 Com que me encontrei:
 O cru dessorêgo
 Do pai fraco e cego,
 Enquanto não chego,
 Qual seja, — dizei!

Eu era o seu guia
 Na noite sombria,
 A só alegria
 Que Deus lhe deixou:
 Em mim se apoiava,
 Em mim se firmava,
 Em mim descansava,
 Que filho lhe sou.

Ao velho coitado
 De penas ralado,
 Já cego e quebrado,
 Que resta? — Morrer.
 Enquanto descreve
 O giro tão breve
 Da vida que teve,
 Deixai-me viver!

Não vil, não ignavo,
 Mas forte, mas bravo,
 Serei vosso escravo:
 Aqui virei ter.
 Guerreiros, não coro
 Do pranto que choro;
 Se a vida deploro,
 Também sei morrer.

V.

Soltai-o! — diz o chefe. Pasma a turba;
Os guerreiros murmuram: mal ouviram,
Nem pôde nunca um chefe dar tal ordem!
Brada segunda vez com voz mais alta,
Afrouxam-se as prisões, a embira cede,
A custo, sim; mas cede: o estranho é salvo.
— Timbira, diz o índio enternecido,
Sólto apenas dos nós que o seguravam:
És um guerreiro ilustre, um grande chefe,
Tu que assim do meu mal te comoveste,
Nem sofres que, transposta a natureza,
Com olhos onde a luz já não cintila,
Chore a morte do filho o pai cansado,
Que sòmente por seu na voz conhece.

— És livre; parte.

— E voltarei.

— Sim, voltarei, morto meu pai.

— Debalde.

— Não voltes!

E' bem feliz, se existe, em que não veja,
Que filho tem, qual chora: és livre; parte!
— Acaso tu supões que me acobardo,
Que receio morrer!

— És livre; parte!

— Ora não partirei; quero provar-te
Que um filho dos Tupis vive com honra,
E com honra maior, se acaso o vencem,
Da morte o passo glorioso afronta.

— Mentiste, que um Tupi não chora nunca,
E tu choraste!.. parte; não queremos
Com carne vil enfraquecer os fortes.

Sobresteve o Tupi: — arfando em ondas
O rebater do coração se ouvia
Precípite. — Do rosto afogueado
Gélidas bagas de suor corriam:
Talvez que o assaltava um pensamento...
Já não... que na enlutada fantasia,
Um pesar, um martírio ao mesmo tempo,
Do velho pai a moribunda imagem
Quase bradar-lhe ouvia: — Ingrato! ingrato!
Curvado o colo, taciturno e frio,
Espectro d'homem, penetrou no bosque!

VI.

— Filho meu, onde estás?

— Ao vosso lado;

Aqui vos trago provisões: tomai-as,
As vossas fôrças restaurai perdidas,
E a caminho, e já!

— Tardaste muito!

Não era nado o sol, quando partiste,
E frouxo o seu calor já sinto agora!

— Sim, demorei-me a divagar sem rumo,
Perdi-me nestas matas intrincadas,
Reaviei-me e tornei; mas urge o tempo;
Convém partir, e já!

— Que novos males

Nos resta de sofrer? — que novas dores,
Que outro fado pior Tupã nos guarda?
— As setas da aflição já se esgotaram,

Nem para novo golpe espaço intacto
Em nossos corpos resta.

— Mas tu tremes!

— Talvez do afã da caça...

— Oh filho caro!

Um quê misterioso aqui me fala,
Aqui no coração; piedosa fraude
Será por certo, que não mentes nunca!
Não conheces temor, e agora temes?
Vejo e sei: é Tupã que nos aflige,
E contra o seu querer não valem brios.
Partamos!... —

E com mão trêmula, incerta

Procura o filho, tateando as trevas
Da sua noite lúgubre e medonha.
Sentindo o acre odor das frescas tintas,
Uma idéia fatal correu-lhe à mente...
Do filho os membros gélidos apalpa,
E a dolorosa maciez das plumas
Conhece estremecendo: — foge, volta,
Encontra sob as mãos o duro crânio,
Despido então do natural ornato!...
Recua aflito e pávido, cobrindo
Às mãos ambas os olhos fulminados,
Como que teme ainda o triste velho
De ver, não mais cruel, porém mais clara,
Daquele exício grande a imagem viva
Ante os olhos do corpo afigurada.
Não era que a verdade conhecesse
Inteira e tão cruel qual tinha sido;
Mas que funesto azar correra o filho,
Ele o via; ele o tinha ali presente;
E era de repetir-se a cada instante.
A dor passada, a previsão futura
E o presente tão negro, ali os tinha;
Ali no coração se concentrava,
Era num ponto só, mas era a morte!

— Tu prisioneiro, tu?

— Vós o dissestes.

— Dos índios?

— Sim.

— De que nação?

— Timbiras.

— E a muçurana funeral rompeste,
Dos falsos manitôs quebraste a maça...
— Nada fiz.... aqui estou.

— Nada! —

Emudecem;

Curto instante depois prossegue o velho:
— Tu és valente, bem o sei; confessa,
Fizeste-o, certo, ou já não fôras vivo!

— Nada fiz; mas souberam da existência
De um pobre velho, que em mim só vivia...
— E depois?...

Eis-me aqui.

— Fica essa taba?

— Na direção do sol, quando transmonta.

— Longe?

— Não muito.

— Tens razão: partamos.

— E quereis ir?..

— Na direção do ocaso.

VII.

“Por amor de um triste velho,
Que ao termo fatal já chega,
Vós, guerreiros, concedestes
A vida a um prisioneiro.
Ação tão nobre vos honra,
Nem tão alta cortesia
Vi eu jamais praticada
Entre os Tupis, — e mais foram
Senhores em gentileza.

“Eu porém nunca vencido,
Nem nos combates por armas,
Nem por nobreza nos atos;
Aqui venho, e o filho trago.
Vós o dizeis prisioneiro,
Seja assim como dizeis;
Mandai vir a lenha, o fogo,
A maçã do sacrifício
E a muçurana ligeira:
Em tudo o rito se cumpra!
E quando eu fôr só na terra,
Certo acharei entre os vossos,
Que tão gentis se revelam,
Alguém que meus passos guie;
Alguém, que vendo o meu peito
Coberto de cicatrizes,
Tomando a vez de meu filho,
De haver-me por pai se ufane!”

Mas o chefe dos Timbiras,
Os sobrolhos encrespando,
Ao velho Tupi guerreiro
Responde com tôrvo acento:
— Nada farei do que dizes:
E' teu filho imbele e fraco!
Aviltaria o triunfo
Da mais guerreira das tribos
Derramar seu ignóbil sangue:
Ele chorou de cobarde;
Nós outros, fortes Timbiras,
Só de heróis fazemos pasto. —

Do velho Tupi guerreiro
A surda voz na garganta
Faz ouvir uns sons confusos,
Como os rugidos de um tigre.
Que pouco a pouco se assanha!

VIII.

“Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!
Possas tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Sêres prêsã de vis Aimorés.

“Possas tu, isolado na terra,
Sem arrimo e sem pátria vagando,
Rejeitado da morte na guerra,
Rejeitado dos homens na paz,
Ser das gentes o espectro execrado;
Não encontres amor nas mulheres,
Teus amigos, se amigos tiveres,
Tenham alma inconstante e falaz!

“Não encontres doçura no dia,
Nem as côres da aurora te ameiguem,
E entre as larvas da noite sombria
Nunca possas descanso gozar:
Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta ao sol, posta às chuvas e aos ventos,
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a frente pousar.

“Que a teus passos a relva se torre;
Murchem prados, a flor desfaleça,
E o regato que límpido corre,
Mais te acenda o vesano furor;
Suas águas depressa se tornem,
Ao contacto dos lábios sedentos,
Lago impuro de vermes nojentos,
Donde fujas com asco e terror!

“Sempre o céu, como um teto incendiado,
Creste e punja teus membros malditos
E o oceano de pó denegrado
Seja a terra ao ignavo tupi!
Miserável, faminto, sedento,
Manitôs lhe não falem nos sonhos,
E do horror os espectros medonhos
Traga sempre o cobarde após si.

“Um amigo não tenhas piedoso
Que o teu corpo na terra embalsame,
Pondo em vaso d'argila cuidadoso
Arco e frecha e tacape a teus pés!
Sê maldito, e sôzinho na terra;
Pois que a tanta vileza chegaste,
Que em presença da morte choraste,
Tu, cobarde, meu filho não és.”

IX.

Isto dizendo, o miserando velho
A quem Tupã tamanha dor, tal fado
Já nos confins da vida reservara,
Vai com trêmulo pé, com as mãos já frias
Da sua noite escura as densas trevas
Palpando. — Alarma! alarma! — O velho pára!
O grito que escutou é voz do filho,
Voz de guerra que ouviu já tantas vêzes
Noutra quadra melhor. — Alarma! alarma!
— Esse momento só vale apagar-lhe
Os tão compridos transes, as angústias,
Que o frio coração lhe atormentaram
De guerreiro e de pai: — vale, e de sobra.
Ele que em tanta dor se contivera,
Tomado pelo súbito contraste,
Desfaz-se agora em pranto copioso,
Que o exaurido coração remoça.

A taba se alborota, os golpes descem,
Gritos, imprecções profundas soam,
Emanhada a multidão braveja,
Revolve-se, enovela-se confusa,
E mais revôlta em mor furor se acende.
E os sons dos golpes que incessantes fervem,
Vozes, gemidos, estertor de morte
Vão longe pelas êrmas serranias
Da humana tempestade propagando
Quantas vagas de povo enfurecido
Contra um rochedo vivo se quebravam.

Era êle, o Tupi; nem fôra justo
Que a fama dos Tupis — o nome, a glória,
Aturado labor de tantos anos,
Derradeiro brasão da raça extinta,
De um jacto e por um só se aniquilasse.

— Basta! clama o chefe dos Timbiras,
— Basta, guerreiro illustre! assaz lutaste,
E para o sacrifício é mister fôrças. —

O guerreiro parou, caiu nos braços
Do velho pai, que o cinge contra o peito,
Com lágrimas de júbilo bradando:
“Este, sim, que é meu filho muito amado!
“E pois que o acho enfim, qual sempre o tive,
“Corram livres as lágrimas que choro,
“Estas lágrimas, sim, que não desonram.”

X.

Um velho Timbira, coberto de glória,
Guardou a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi!
E à noite, nas tabas, se alguém duvidava
Do que êle contava,
Dizia prudente: — “Meninos, eu vi!

“Eu vi o brioso no largo terreiro
Cantar prisioneiro
Seu canto de morte, que nunca esqueci:
Valente, como era, chorou sem ter pejo;
Parece que o vejo,
Que o tenho nest'hora diante de mi.

“Eu disse comigo: Que infâmia d'escravo!
Pois não, era um bravo;
Valente e brioso, como êle, não vi!
E à fé que vos digo: parece-me encanto
Que quem chorou tanto,
Tivesse a coragem que tinha o Tupi!”

Assim o Timbira, coberto de glória,
Guardava a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi.
E à noite nas tabas, se alguém duvidava
Do que êle contava,
Tornava prudente: “Meninos, eu vi!”

IV.

MARABÁ. 297

Eu vivo sòzinha; ninguém me procura!
Acaso feitura
Não sou de Tupá? 298
Se algum dentre os homens de mim não se esconde,

— Tu és, me responde,
— Tu és Marabá!

— Meus olhos são garços, são côr das safiras,
— Têm luz das estrêlas, têm 299 meigo brilhar;
— Imitam as nuvens de um céu anilado,
— As côres imitam das vagas do mar!

Se algum dos guerreiros não foge a meus passos:

“Teus olhos são garços,
Responde anojado; “mas és Marabá:
“Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,
“Uns olhos fulgentes,
“Bem pretos, retintos, não côr d'anajá!”

— E' alvo meu rosto da alvura dos lírios,
— Da côr das areias batidas do mar;
— As aves mais brancas, as conchas mais puras
— Não têm mais alvura, não têm 299 mais brilhar. —

Se ainda me escuta meus agros delírios:

“Ês alva de lírios,
Sorrindo responde; “mas és Marabá:
“Quero antes um rosto de jambo corado,
“Um rosto crestado
“Do sol do deserto, não flor de cajá.”

— Meu colo de leve se encurva engraçado,
— Como hâstea pendente do cactus 300 em flor;
— Mimosa, indolente, resvalo no prado,
— Como um soluçado suspiro de amor! —

“Eu amo a estatura flexível, ligeira,
“Qual duma palmeira,
Então me respondem; “tu és Marabá:
“Quero antes o colo da ema orgulhosa,
“Que pisa vaidosa,
“Que as flóreas campinas governa, onde está”.

— Meus loiros cabelos em ondas se anelam,
— O oiro mais puro não tem seu fulgor;
— As brisas nos bosques de os ver se enamoram,
— De os ver tão formosos como um beija-flor! 301

Mas êles respondem: “Teus longos cabelos,
“São loiros, são belos,
“Mas são anelados; tu és Marabá:
“Quero antes cabelos, bem lisos, corridos,
“Cabelos compridos,
“Não côr d'oiro fino, nem côr d'anajá.”

E as doces palavras que eu tinha cá dentro
A quem nas direi?
O ramo d'acácia na frente de um homem
Jamais cingirei:

Jamais um guerreiro da minha arazóia
Me desprenderá:
Eu vivo sòzinha, chorando mesquinha,
Que sou Marabá!

V.

CANÇÃO DO TAMOIO.

(NATALÍCIA).

I.

Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
E' luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só pode exaltar.

II.

Um dia vivemos!
O homem que é forte
Não teme da morte;
Só teme fugir;
No arco que entesa
Tem certa uma prêsa,
Quer ³⁰² seja tapuia,
Condor ou tapir.

III.

O forte, o cobarde
Seus feitos inveja
De o ver na peleja
Garboso e feroz;
E os tímidos velhos
Nos graves concelhos,
Curvadas as fronteas,
Escutam-lhe a voz!

IV.

Domina, se vive;
Se morre, descansa
Dos seus na lembrança.
Na voz do porvir.
Não cures da vida!
Sê bravo, sê forte!
Não fujas da morte,
Que a morte há de vir!

V.

E pois que és meu filho,
Meus brios reveste;
Tamoio nasceste,
Valente serás.
Sê duro guerreiro,
Robusto, fragueiro,
Brasão dos tamoios
Na guerra e na paz.

VI.

Teu grito de guerra
Retumbe aos ouvidos
D'imigos transidos
Por vil comoção;
E tremam d'ouvi-lo
Pior que o sibilo
Das setas ligeiras,
Pior que o trovão.

VII.

E a mãe nessas tabas,
Querendo calados
Os filhos criados
Na lei do terror;
Teu nome lhes diga,
Que a gente inimiga
Talvez não escute
Sem pranto, sem dor!

VIII.

Porém se a fortuna,
Traíndo teus passos,
Te arroja nos laços
Do imigo falaz!
Na última hora
Teus feitos memora,
Tranqüilo nos gestos,
Impávido, audaz.

IX.

E cai como o tronco
Do raio tocado,
Partido, rojado
Por larga extensão; ³⁰³
Assim morre o forte!
No passo da morte
Triunfa, conquista
Mais alto brasão.

X.

As armas ensaia,
Penetra na vida:
Pesada ou querida,
Viver é lutar.
Se o duro combate
Os fracos abate,
Aos fortes, aos bravos,
Só pode exaltar.

VI.

A MANGUEIRA.

Já viste cousa mais bela
Do que uma bela mangueira,
E a doce fruta amarela,
Sorrindo entre as fôlhas dela,
E a leve copa altaneira?
Já viste cousa mais bela
Do que uma bela mangueira?

Nos seus alegres verdores
Se embança o passarinho;
Todo é graça, todo amôres,
Decantando seus ardores
À beira do casto ninho:
Nos seus alegres verdores
Se embança o passarinho!

O cansado viandante
À sombra dela acha abrigo;
Traz-lhe a aragem sussurrante,
Que lhe passa no semblante,
Talvez o adeus dum amigo;
E o cansado viandante
À sombra dela acha abrigo.

A sombra que ela derrama
Tôdas as dores acalma;
Seja dor que o peito inflama,
Ou voraz, nociva chama
Que nos mora dentro d'alma,
A sombra que ela derrama
Tôdas as dores acalma.

O mancebo namorado
Para ela se encaminha;
Bate-lhe o peito açodado,
Quando chega o prazo dado,
Quando ao tronco se avizinha,
E o mancebo namorado
Para o tronco se encaminha.

Sob a copa deleitosa
Mil suspiros se entrelaçam,
E duma hora aventureosa
Guarda a prova a casca anosa
Nas cifras que ali se abraçam:
Sob a copa venturosa
Mil suspiros se entrelaçam.

Grata estação dos amôres,
Abrigo dos que o não têm, ³⁰⁴
Deixa-me ouvir teus cantores,
Admirar teus verdores;
Presta-me abrigo também,
Grata estação dos amôres,
Abrigo dos que o não têm! ³⁰⁴

A MÃE D'ÁGUA. ³⁰⁵

"Minha mãe, olha aqui dentro,
Olha a bela criatura,
Que dentro d'água se vê!
São d'ouro os longos cabelos,
Gentil a doce figura,
Airosa, leve a estatura;
Olha, vê no fundo d'água
Que bela moça não é!

"Minha mãe, no fundo d'água
Vê essa mulher tão bela!
O sorrir dos lábios dela,
Inda mais doce que o teu,
E' como a nuvem rosada,
Que no romper da alvorada,
Passa risonha no céu.

"Olha, mãe, olha depressa!
Inclina a leve cabeça
E nas mãozinhas resume
A fina trança mimosa,
E com pente de marfim!...
Olha agora que me avista
A bela moça formosa,
Como se fêz tôda rosa,
Tôda candura e jasmim!
Dize, mãe, dize: tu julgas
Que ela se ri para mim!

"São seus lábios entreabertos
Semelhantes ³⁰⁶ a romã;
Tem ares duma princesa,
E no entanto é tão medrosa!...
Inda mais que minha irmã.
Olha, mãe, sabes quem é
A bela moça formosa,
Que dentro d'água se vê?"

— Tem-te, meu filho; não olhes
Na funda, lisa corrente:
A imagem que te embeleza
E' mais do que uma princesa,
E' menos do que é a gente.

— Oh! quantas mães desgraçadas
Choram seus filhos perdidos!
Meu filho, sabes porquê?
Foi porque deram ouvidos
À leve sombra enganosa,
Que dentro d'água se vê.

— O seu sorriso é mentira,
Não é mais que sombra vã;
Não vale aquilo que eu valho,
Nem o que val tua irmã:
E' como a nuvem sem corpo,
De quando rompe a manhã.

— E' a mãe d'água traidora,
Que ilude os fáceis meninos,
Quando êles são pequeninos
E obedientes não são;
Olha, filho, não a escutes,
Filho do meu coração:
O seu sorriso é mentira,
E' terrível tentação. —

Junto ao rio cristalino
Brincava o ledo menino,
Molhando o pé;
O fresco humor o convida,
Menos que a imagem querida,
Que n'água vê.

Cauteloso de repente,
Ouve o conselho ³⁰⁷ prudente,
Que a mãe lhe dá;
Não é anjo, não é fada;
Mas uma bruxa malvada,
E cousa má.

Ela é quem rouba os meninos
Para os tragar pequeninos,
Ou mais talvez!
E para vingar-se n'água
Da causa de ³⁰⁸ tanta mágoa,
Remexe ³⁰⁹ os pés.

Turba a fonte num instante,
Já não vê o belo infante
A sombra vã,
E as brancas mãos delicadas
E as longas tranças douradas
Da sua irmã.

O menino arrependido
 Diz consigo entristecido:
 — Que mal fiz eu!
 Minha mãe, bem que indulgente,
 Só por não me ver contente,
 Me repr'endeu. ³¹⁰

Era figura tão bela!
 E que expressão tão singela,
 Que riso o seu!
 Oh! minha mãe certamente
 Só por não me ver contente,
 Me repr'endeu! —

Espreita, sim, mas duvida
 Que a bela imagem querida
 Torne a volver;
 E na fonte cristalina
 Para ver todo se inclina
 Se a pode ver!

Acha-se ainda turbada,
 E a bela moça agastada
 Não quer voltar;
 Sacode leve a cabeça,
 Enquanto o pranto começa
 A borbulhar.

E de triste e arrependido
 Diz consigo entristecido:
 — Que mal fiz eu!...
 — Leda ao ver-me parecia,
 — Era boa, e me sorria...
 — Que riso o seu!"

As águas no entanto de novo se aplacam,
 A lisa corrente se espelha outra vez;
 E a imagem querida no fundo aparece
 Com mil peixes vários brincando a seus pés.

Do colo uma charpa trazia pendente,
 Cortando-lhe o seio de brancos jasmims,
 Um íris nas côres, e as franjas bordadas
 De prata luzente, de vivos rubins.

Uma harpa a seu lado frisava a corrente,
 Gemendo queixosa da leve pressão,
 Como harpas etéreas, que as brisas conversam,
 Achando-as perdidas em mesta soidão.

Sentida, chorosa parece que estava,
 E o belo menino, sentado, a chorar
 "Perdoa, dizia-lhe, o mal que te hei feito;
 Por minha vontade não hei de tornar!"

A harpa dourada de súbito vibra,
 A charpa se agita do seio ao través;
 Das franjas garbosas as pedras refletem
 Infundos lúzeiros nos úmidos pés.

Os peixes pasmados de súbito param
 No fundo luzente de puro cristal;
 Fantásticos seres assomam às grutas
 Do nítido âmbar, do vivo coral!

Entanto o menino se curva e se inclina
 Por ver mais de perto a donosa visão;
 A mãe, longe dêle, dizia: — Meu filho,
 Não oiças, não vejas, que é má tentação. —

"Vem meu amigo, dizia
 A bela fada engraçada,
 Pulsando a harpa dourada:
 — Sou boa, não faço mal,
 Vem ver meus belos palácios,
 Meus domínios dilatados,
 Meus tesouros encantados
 No meu reino de cristal.

"Vem, te chamo: vê a linfa
 Como é bela e cristalina;
 Vê esta areia tão fina,
 Que mais que a neve seduz!
 Vem, verás como aqui dentro
 Brincam mil leves amôres,
 Como em listas multicores
 Do sol se desfaz a luz.

"Se não achas borboletas
 Nem as vagas mariposas,
 Que brincam por entre as rosas
 Do teu ameno jardim;
 Tens mil peixinhos brilhantes,
 Mais luzentes e mais belos
 Que o oiro dos meus cabelos,
 Que a nitidez do cetim."

Entanto o menino se curva e se inclina
 Por ver de mais perto a donosa visão;
 E a mãe, longe dêle, dizia: Meu ³¹¹ filho,
 Não oiças, não vejas, que é mã tentação.

"Vem, meu amigo, tornava
 A bela fada engraçada,
 Vem ver a minha morada,
 O meu reino de cristal:
 Não se sente a tempestade
 Na minha espaçosa gruta,
 Nem voz do trovão se escuta,
 Nem roncões do vendaval.

"Aqui, ao findar do dia,
 Tudo rápido se acende,
 E o meu palácio resplende
 De vivo, etéreo clarão.
 Mil figuras aparecem,
 Mil donzelas encantadas
 Com angélicas toadas
 De ameigar o coração.

"Quando passo, as brandas águas
 Por me ver passar se afastam,
 E mil estrélas se engastam
 Nas paredes do cristal.
 Surgem luzes multicores,
 Como dèsses pirilampos, ³¹²
 Que tu vês andar nos campos,
 Sem contudo fazer mal.

“Quando passo, mil sereias,
Deixando as grutas limosas,
Formam ledas, pressurosas
O meu séquito real:
Vem! dar-te-ei meus palácios,
Meus domínios dilatados,
Meus tesouros encantados
E o meu reino de cristal.”

Entanto o menino se curva e se inclina
Para a visão;
E a mãe lhe dizia: Não vejas, meu filho,
Que é tentação.

E o belo menino, dizendo consigo: —
Que bem fiz eu!
Por ver o tesouro gentil, engraçado,
Que já é seu:

Atira-se às águas: num grito medonho
A mão lastimável — Meu filho! — bradou:
Respondem-lhe os ecos; porém voz humana
Aos gritos da triste não torna: — aqui estou!

POESIAS DIVERSAS.

NÊNIA À MORTE SENTIDÍSSIMA DO SERENÍSSIMO
PRÍNCIPE IMPERIAL O SENHOR D. PEDRO.

A SUA MAJESTADE O IMPERADOR.

I.

Morreste, como a fôlha verde e linda,
Que não viu murcho o esmeraldino encanto;
Bem como um ai que melindroso finda,
Enquanto as faces não roreja o pranto!

Bem como a flor inda em botão cortada,
Enquanto aromas recendia pura;
Bem como a onda quando mal formada,
Nos brancos frisos do areal murmura!

Bem como a aurora tímida que morre,
Enquanto os céus de rosicler matiza;
Bem como o sôpro de ligeira brisa,
Que entre os olores da manhã discorre!

Mimosa esp'rança do Brasil, batendo
Às férreas portas da existência, viste
O mundo aflito e a humanidade triste
Seu negro fado e sua dor sofrendo!

Cheio de compaixão atrás voltaste
Do horrífico espetáculo, tapando
Com as asas do anjo o rosto brando,
E no seio do Eterno te asilaste.

Morreste! como aurora sem poente,
Como flor, que perfume inda exalava,
Como o sôpro da brisa recendente,
Como a onda, que apenas se formava!

Morreste! como a fôlha verde e bela
Num tronco forte a despontar louçã,
Não arrancada à sanha da procela,
Mas leve sôlta aos beijos da manhã.

Morreste! como lâmpada brilhante,
Inda virgem, sem dar mística luz;
Ou turíb'lo d'incenso crepitante,
Esquecido nos braços de uma cruz.

Morreste! e os anjos da eternal morada
Levaram entre palmas e capelas
Tua alma, como uma harpa não tocada,
Àquele, cujo trono é sôbre estrêlas.

Morreste! como aurora sem poente,
Como flor que perfume inda exalava,
Como o sôpro da brisa recendente,
Como a onda que apenas se formava.

Nenhum bulcão toldou a aurora maga,
Enquanto no horizonte apavonou-se,
A brisa em vendaval não transformou-se,
A fôlha em cinza, nem a onda em vaga.

II.

Não ouviste, ó belo anjinho, ³¹³
Na hora do passamento
Para abrandar teu tormento
Do berço teu ao redor,
Dos teus irmãos a falange
Com opas de luz brilhante,
Nas harpas de diamante
Cantar hosana ao Senhor?

Teu espírito inocente,
Tocado da luz divina,
Que a fraca mente ilumina
Dos resplendores de Deus,
Não anteviu outros gozos,
Não correu nos frouxos ares,
Não foi roçar nos palmares,
Nas rosas puras dos céus?

Viste-os, sim; porém voltando
Outra vez à vida escassa,
Tua alma triste esvoaça
Sôbre os teus restos mortais;
E entre os rostos que divisas,
Que a tua vida pranteiam,
Entre quantos te rodeiam,
Tu não enxergas ³¹⁴ teus pais!

Corres então a trazer-lhes
Nas meigas asas brilhantes
Dos teus últimos instantes
O teu alento final;
E em redor dêles choraste
De não ter deixado a vida,
Por extrema despedida,
Num amplexo paternal!

Vai, ó anjo, sobe, voa,
Deixa a terra ingrata e rude;
Vai onde mora a virtude,
E prêmio a inocência tem;
Mas nos divinos prazeres,
Mas no celeste cortejo,
Terás o materno beijo,
Não serás órfão também?

III.

Desprega tuas asas de côres suaves,
Adeja no espaço, procura o teu Deus:
O aroma das flores, o canto das aves,
O que há de mais puro se entranha nos céus.

Oh! fuge da terra: bem como a neblina
Que em rolos de neve, que espuma figura,
Mais frouxa, mais leve, na luz matutina,
Qual nuvem d'incenso, do céu se pendura.

Mas quando a balança dos nossos destinos,
Na grávida concha dos nossos pecados
Sumir-se no abismo — dos raios divinos
Os golpes apara nos contos dourados.

Não caia do Eterno a justa inclemência
No povo, que soube teu berço guardar;
Ampara-o nas asas da tua inocência,
Que os prantos de um anjo nos podem salvar.

Desdobra tuas asas de côres suaves,
Adeja no espaço, procura o teu Deus:
O aroma das flores, e o canto das aves
E o que há de mais puro se perde nos céus.

IV.

SENHOR, se na aflição que te consome,
Na dor imensa, que teu peito acanha,
Pode erguer-se do bardo a voz sentida
E aos teus soluços misturar seu pranto;
Se a dor do pai não absorve inteiro
O peito augusto do Monarca excelso,
Enxuga as tristes lágrimas que vertes!
Melhor, talvez, que o trono é ver chorando
Um povo inteiro em tórno de um sepulcro,
Um vácuo berço de seu pranto enchendo!
À sorte pois te curva e à lei daquele
(Envôlta ³¹⁵ em seus recônditos desígnios)
A quem aprouve nivelar, cortando
Co'o mesmo golpe as esperanças de ambos,
— A dor de um pai e as aflições de um povo! —

Janciro 10, de 1850.

OLHOS VERDES.

Eles verdes são:
E têm por usança,
Na côr esperança,
E nas obras não.

CAM., *Rim.*

São uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos de verde-mar,
Quando o tempo vai bonança;
Uns olhos côr de esperança,

Uns olhos por que morri;
Que ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Como duas esmeraldas,
Iguais na forma e na côr,
Têm ³¹⁶ luz mais branda e mais forte,
Diz uma — vida, outra — morte;
Uma — loucura, outra — amor.
Mas ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

São verdes da côr do prado,
Exprimem qualquer paixão,
Tão fâcilmente se inflamam,
Tão meigamente derramam
Fogo e luz do coração;
Mas ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

São uns olhos verdes, verdes,
Que podem também brilhar;
Não são de um verde embaçado,
Mas verdes da côr do prado,
Mas verdes da côr do mar.
Mas ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Como se lê num espelho, ³¹⁷
Pude ler nos olhos seus!
Os olhos mostram a alma,
Que as ondas postas em calma
Também refletem: os céus;
Mas ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Dizei vós, ó meus amigos,
Se vos perguntam por mi,
Que eu vivo só da lembrança
De uns olhos côr de esperança,
De uns olhos verdes que vi!
Que ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Dizei vós: Triste do bardo!
Deixou-se de amor finar!
Viu uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos da côr do mar:
Eram verdes sem esp'rança,
Davam amor sem amar!
Dizei-o vós, meus amigos,
Que ai de mi!
Não pertença mais à ³¹⁸ vida
Depois que os vi!

CUMPRIMENTO DE UM VOTO.

FEITO ÀS SENHORAS DE ITAPACORÁ, QUE
ABRILHANTARAM A FESTA DO ILMO. SR.
ANTÔNIO JOSÉ RODRIGUES TÔRRES.

Pôrto das Caixas — 25 de agosto 1850.

Se ao mísero cantor vos praz mandar-lhe
Cantar voltas de amor, a ³¹⁹ graça tanta
Será mudo o cantor, nem há de aos ecos
A cítara incivil falar de amôres?
Mandais, que sois, senhoras, minhas musas;
Quando a senhora manda, o escravo cumpre
E às súplicas da musa o vate cede!
Afinada por vós a lira humilde,
Já desafeita aos sons que o peito abrandam,
A nova esfera se remonta agora.
O frescor juvenil dos vossos anos,
E as, que vos ornam, deleitosas graças,
Hão de ameigar-lhe as cordas, perfumá-las,
Ditar-lhe os fáceis, inspirados carmes.

A estrêla, que fulge no céu anilado,
Com plácido brilho de noite s'inflama;
Na fonte e no prado
Reflexos luzentes esparge e derrama.

Nos ramos cobertos de ameno rocio
As aves descantam à luz da alvorada,
E a meiga toada
Repetem aos ecos do bosque sombrio.

Na gleba virente, do sol bafejada,
Recende perfumes a flor matutina,
Que à luz da alvorada
Ao sôpro da brisa de leve s'inclina.

A flor que trescala perfumes suaves,
A estrêla que brilha no céu anilado,
E o canto das aves,
Que soa no bosque virente e copado;

Se cantam, perfumam, despedem fulgores,
E' tal o seu fado: — vós sois qual são elas,
Sois como as estrêlas,
Na graça e no canto, sois aves, sois flores.

Como elas, pagai-vos de ver quão fugaces
Encurtam-se as horas de nosso viver,
De ver como as faces,
Que tendes em tórno, ressumbram prazer.

Êstes versos na mente sussurravam
Do vate, cuja lira merencória
Foi por vós de festões engrinaldada;
Por vós, cujo sorriso mavioso
Melhor perfume exala, do que as notas
Concertadas com arte; dai um riso
Dos vossos, um volver dos brandos olhos,
Aos alegres convivas; e um reflexo
Do vosso meigo olhar e brando riso
Venha morrer na lira do poeta,
Como do astro-rei, quando no ocaso
Doura no campo as fôlhas mais humildes.

LIRA QUEBRADA.

Ah! ya agostada
Siento mi juventud, mi faz marchita,
Y la profunda pena que me agita
Ruga mi frente de dolor nublada.

HEREDIA.

Pede cantos aos ledos passarinhos,
Pede clarão ao sol, perfume às flores,
Às brisas suspirar, murmúrio aos ventos,
Doces querelas ao correr das fontes;

E o sol, a ave, a flor, a brisa, os ventos
E as fontes que murmuram docemente,
Na festa da tua alma hão de seguir-te,
Como um som pelos ecos repetido.

Mas não peças à lira abandonada
Um alegre cantar, — já murchas pendem
As grinaldas gentis, de que a tocaram,
Donzéis louções enamoradas virgens.

Hoje mal partem roucos sons dos nervos,
Que amargo pranto distendeu sem custo;
Quem há que se não dói de ouvir cantados
Uns versos de prazer entre soluços?

Não peças pois um hino ao triste bardo!
Verde ramo duma árvore gigante
O raio no passar queimou-lhe o viço,
Deixando-o por escárnio ³²⁰ entre verdores.

Uma febre, um ardor nunca apagado,
Um querer sem motivo, um tédio à vida
Sem motivo também, — caprichos loucos,
Anelo doutro mundo e doutras coisas;

Desejar coisas vãs, viver de sonhos,
Correr após um bem logo esquecido,
Sentir amor e só topar frieza,
Cismar venturas e encontrar só dores;

Fizeram-me o que vês: não canto, soffro!
Lira quebrada, coração sem fôrças, ³²¹
De poético manto os vou cobrindo,
Por disfarçar desta arte o mal que passo.

Mas se inda tens prazer à luz da aurora,
Se te ameiga fitar longos instantes,
Sentada à beira-mar, na paz de um êrmo,
Uma flor, uma estrêla, os céus e as nuvens;

Pede cantos aos ledos passarinhos,
À brisa, ao vento, à fonte que murmura;
Mas não peças canções ao triste bardo,
A quem té para um ai já falta o alento.

A PASTÔRA.

Foram as trevas fugindo,
E luzindo
Nasce o sol sôbre o horizonte;
Quando a pastôra formosa
E mimosa
Já caminho vai do montel

A relva tenra e molhada,
Orvalhada,
Que de noite despontou,
Se levanta melindrosa,
Mais viçosa
Depois que o sol a afagou!

Nos ramos cantam, trinando
E saltando,
As aves seu casto amor;
Aqui, ali, cintilante
E brilhante
Desabrocha a linda flor.

E a pastorinha engraçada,
Bem fadada,
Na fresca manhã de abril,
Vai cantando maviosa,
E saudosa
Pensando no seu redil.

Para as serras do Gerez
Toca a rês,
Toca a rês, gentil pastôra;
Lá te aguarda o bom pastor,
Teu amor,
Que te chama encantadora.

Vai, pastôra, vai depressa,
Já começa
O sol no vale a brilhar;
Vai, que as tuas companheiras,
Galhofeiras,
Lá 'stão com êle a folgar!

Pela aldeia entre os pastôres
Vão rumores
De que tens uma rival,
Nessa Altéia, a tua antiga,
Doce amiga,
Que te quer hoje tão mal!

Tu não sabes que os amôres
São traidores,
Que o homem não sabe amar;
É que diz: Esta é mais bela;
Mas aquela
É que me sabe agradar!

Tenho d'Altéia receios,
Que tem meios
De prender um coração;
É viva, bela, engraçada,
Festejada
Nos cantares do serão.

Como a neve em seus lavôres,
Nos amôres
Que caprichosa não é!
Zomba dêle quando o topa,
E o provoca
De mil maneiras, à fé!

Té dizem — será mentira —
Que lhe atira
Seus motetes muita vez;
Dizem mais, que há prendas dadas
E trocadas:.....
Não sei; mas será talvez!

Triste de ti, se assim fôra,
O' pastôra,
Triste de ti sem amor!
Fôras alvo dos festejos,
Dos motejos,
E do canto mofador!

Cheia de pudico mêdo,
Ao folguedo
Do domingo festival,
Não irias, ó formosa,
Vergonhosa
Dos olhos duma rival!

Para as serras do Gerez
Toca a rês,
Toca a rês, gentil pastôra;
Lá te aguarda o bom pastor,
Teu amor,
Que te chama encantadora!

Gerez. ...

A INFÂNCIA.

A MILE J. PICOT.

I.

Belo raio do sol da existência,
Meninice fagueira e gentil,
Doce riso de pura inocência
Sempre adorne teu rosto infantil.

Sempre tenhas, anjinho ³²² inocente,
Quem se apresse a teus passos guiar,
É uma voz que o teu sono acalente,
É um sorriso no teu acordar.

Enlevada nos sonhos jucundos,
Voz etérea te venha falar,
E visão doutros céus, doutros mundos,
Venha amiga tua alma encantar.

Leda infância gentil! e quem não te ama?
Quem tão de pedra o coração não sente
Aos teus encantos meigos mais tranqüilo?
Quem não sente memórias doutras eras
Travarem-lhe da mente, ao recordar-se
Aquêlo gôzo puro e suavíssimo
De vida, que jamais não tem logrado?
Recordações de um mundo adormecido
Lá lhe estão dentro d'alma esvoaçando,
Como harpejos de música longínqua!
É a mente nos seus quadros embebida,
Por mágica ilusão enfeitada,
Como outrora, talvez sòmente veja
Na terra — um chão de flores estrelado,
E nos céus — outro chão de flores vivas!

II.

Afagada e bem-vinda e querida,
Travessuras cismando infantis,
Nos caminhos floridos da vida
Vai mimosa, imprudente e feliz!

E'-lhe a vida contínuo festejo,
Sonhos d'oiro só sabe sonhar,
Tôda ela um afã, um desejo
Doutros jogos contente brincar.

Puro riso o semblante lhe adorna,
Logo pranto começa a verter,
E depois outro riso lhe torna,
E depois outro pranto a correr.

Tão perto jaz a fonte da amargura
Da fonte do prazer! — porém tão doces
Essas lágrimas são! — tão abundantes,
Tão sem causa e simpáticas gotejam
Numa tez de carmim, num rosto belo!
Quem as vê, que sorrindo as não enxuga? ³²³
Mas não todo consumas o tesouro
Único e triste, que ao infeliz sobeja
Nas horas do sofrer; no tempo amargo,
No qual o rosto pálido se enruga,
E os olhos secos, áridos, chamejam,
Será talvez bem grato refrigerio
Uma lágrima só, em que arrancada
A fôrça da aflição dos seios d'alma.
Mas tu, feliz, sorri, enquanto a vida,
Como um rio entre flores, se desliza,
Macio, puro e recendendo aromas.

III.

Belo raio do sol da existência,
Flor da vida, mimosa e gentil,
Fonte pura de meiga inocência,
Leve gôzo da quadra infantil!

Quem fruir-te outra vez não deseja,
Quando vê sôbre a veiga formosa
A menina travessa e ruidosa,
Borboleta, que alegre doudeja?

A menina é uma flor de poesia,
Um composto de rosa e jasmim,
Um sorriso que Deus alumia,
Um amor de gentil serafim!

Folga e ri no comêço da existência,
Borboleta gentil! a flor dos vales,
Da noite à viração abrindo o cálix,
O puro orvalho da manhã te guarda;
Inda perfumes dá, que te embriagam;
Inda o sol quando aquece os vivos raios,
Nas asas multicores cintilando,
Com terno amor de pai, em tórno espargue
Pó sutil de rubins e de safiras.
Folga e ri no comêço da existência,
Humano serafim, que êsse perfume
São das asas do anjo, que s'impregnam
Dos aromas do céu; ³²⁴ quando atear-se,
Roaz fogo de vida começando,
Quanto havemos de Deus consome e apaga.

IV.

Porém tu, afagada e querida,
Com requebros donosos, gentis,
Vai contente caminho da vida,
Belo anjinho, ³²⁵ mimoso e feliz!

E do bardo a canção magoada,
Quando a possas um dia escutar,
Há de ser como rôta grinalda,
Que perfumes deixou de exalar!

E esta mão talvez seja sem vida,
E êste peito talvez sem calor,
E memória apagada e sumida,
Talvez seja a do triste cantor!

URGE O TEMPO.

Move incessante as asas incansáveis
O tempo fugitivo;
Atrás não volta!

A. DE GUSMAO.

Urge o tempo, os anos vão correndo,
Mudança eterna os seres afadiga!
O tronco, o arbusto, a fôlha, a flor, o espinho,
Quem vive, o que vegeta, vai tomando
Aspectos novos, nova forma, enquanto
Gira no espaço e se equilibra a terra.

Tudo se muda, tudo se transforma;
O espírito, porém, como centelha,
Que vai lavrando solapada e oculta,
Até que enfim se torna incêndio e chamas,
Quando rompe os andrajos morredouros,
Mais claro brilha, e aos céus consigo arrasta
Quanto sentiu, quanto sofreu na terra.

Tudo se muda aqui! sômente o afeto,
Que se gera e se nutre em almas grandes,
Não acaba, nem muda; vai crescendo,
Co' o tempo avulta, mais aumenta em fôrças,
E a própria morte o purifica e alinda.
Semelha ³²⁶ estátua erguida entre ruínas,
Firme na base, intacta, inda mais bela
Depois que o tempo a rodeou de estragos.

SÔBRE O TÚMULO DE UM MENINO.

25 de Outubro de 1848.

O invólucro de um anjo aqui descansa,
Alma do céu nascida entre amargores,
Como flor entre espinhos! ³²⁷ — tu, que passas,
Não perguntes quem foi. — Nuvem risonha,
Que um instante correu no mar da vida;
Romper da aurora que não teve o caso,
Realidade no céu, na terra um sonho!
Fresca rosa nas ondas da existência,
Levada à plaga eterna do infinito,
Como of'renda de amor ao Deus que o rege;
Não perguntes quem foi, não chores: passa.

MENINA E MOÇA.

Ma bienvenue au jour me rit dans tous les yeux!

CHENIER.

E' leda a flor que desponta
Sôbre o talo melindroso,
E o arrebento viçoso
Crescendo em flôreo tapiz;
E' doce o romper da aurora,
Doce a luz da madrugada,
Doce o luzir da alvorada,
Doce, mimoso e feliz!

E' bela a virgem risonha
Com seus músicos acentos,
Com seus virgens pensamentos
Com seus mimos infantis;
Como quanto enceta a vida,
Que à luz sorri da existência,
Que tem na sua inocência
Da mocidade o verniz.

Vinga a flor a pouco e pouco,
Cada vez mais bem querida,
Tem mais encantos, mais vida,
Tem mais brilho, mais fulgor:
De cada gôta de orvalho
Extrai celeste perfume,
E do sol no raio assume
Cada vez mais viva côr.

Assim à virgem mimosa,
Pouco e pouco, noite e dia,
Mais viva flor de poesia
Do rosto lhe tinge a côr;
E um anjo nos meigos sonhos,
Do seu peito na dormência
Derrama o odor da inocência,
Um doce raio de amor!

Porque tudo, quando nasce,
Seja a luz da madrugada,
Seja o romper da alvorada,
Seja a virgem, seja a flor;
Tem mais amor, tem mais vida,
Como celeste feitura,
Que sai melindrosa e pura
Dentre as mãos do criador.

28 de julho.

COMO EU TE AMO.

Como se ama o silêncio, a luz, o aroma,
O orvalho numa flor, nos céus a estrêla,
No largo mar a sombra de uma vela,
Que lá na extrema do horizonte assoma;

Como se ama o clarão da branca lua,
Da noite na mudez os sons da flauta,
As canções saudosíssimas do nauta,
Quando em mole vaivém a nau flutua;

Como se ama das aves o gemido,
Da noite as sombrãs e do dia as côres,
Um céu com luzes, um jardim com flores,
Um canto quase em lágrimas sumido;

Como se ama o crepúsculo da aurora,
A mansa viração que o bosque ondeia,
O sussurro da fonte que serpeia,
Uma imagem risonha e sedutora;

Como se ama o calor e a luz querida,
A harmonia, o frescor, os sons, os céus,
Silêncio, e côres, e perfume, e vida,
Os pais e a pátria e a virtude e a Deus: 328

Assim eu te amo, assim; mais do que podem
Dizer-to os lábios meus, — mais do que vale
Cantar a voz do trovador cansada:
O que é belo, o que é justo, santo e grande
Amo em ti. — Por tudo quanto sofro,
Por quanto já sofri, por quanto ainda
Me resta de sofrer, por tudo eu te amo.
O que espero, cobiço, almejo, ou temo
De ti, só de ti pende: oh! nunca saibas
Com quanto amor eu te amo, e de que fonte
Tão terna, quanto amarga o vou nutrindo!
Esta oculta paixão, que mal suspeitas,
Que não vês, não supões, nem te eu revelo,
Só pode no silêncio achar consôlo,
Na dor aumento, intérprete nas lágrimas.

De mim não saberás como te adoro;
Não te direi jamais,
Se te amo, e como, e a quanto extremo chega
Esta paixão voraz!

Se andas, sou o eco dos teus passos;
Da tua voz, se falas;
O murmúrio saudoso que responde
Ao suspiro que exalas.

No odor dos teus perfumes te procuro,
Tuas pegadas sigo;
Velo teus dias, te acompanho sempre,
E não me vês contigo!

Oculto e ignorado me desvelo
Por ti, que me não vês;
Aliso o teu caminho, esparjo flores,
Onde pisam teus pés.

Mesmo lendo êstes versos, que m'inspiras,
— Não pensa em mim, dirás:
Imagina-o, se o podes, que os meus lábios
Não to dirão jamais!

Sim, eu te amo; porém nunca
Saberás do meu amor;
A minha canção singela
Traíçoera não revela
O prêmio santo que anela
O sofrer do trovador!

Sim, eu te amo; porém nunca
Dos lábios meus saberás,
Que é fundo como a desgraça,
Que o pranto não adelgaça,
Leve, qual sombra que passa,
Ou como um sonho fugaz!

Aos meus lábios, aos meus olhos
Do silêncio imponho a lei;
Mas lá onde a dor se esquece,
Onde a luz nunca falece,
Onde o prazer sempre cresce,
Lá saberás se te amei!

E então dirás: "Objeto
Fui de santo e puro amor:
A sua canção singela,
Tudo agora me revela;
Já sei o prêmio que anela
O sofrer do trovador.

"Amou-me como se ama a luz querida,
Como se ama o silêncio, os sons, os céus,
Qual se amam côres e perfume e vida,
Os pais e a pátria, e a virtude e a Deus!"

AS DUAS COROAS.

Hermosa, en tu linda frente
El laurel sienta mejor,
Que con su regio esplendor
Corona de rey potente.

G. y S.

Há duas c'roas na terra,
Uma d'ouro cintilante
Com esmalte de diamante,
Na frente do que é senhor;
Outra modesta e singela,
C'roa de meiga poesia,
Que a frente ao vate alumia
Com a luz dum resplendor.

Ante a primeira se curvam
Os potentados da terra:
No bôjo, que a morte encerra,
Sôbre a líquida extensão,
Levam naus os seus ditames
Da peleja entre os horrores;
Vis escravos, crus senhores,
Preito e menagem lhe dão.

E quando o vate suspira
Sôbre esta terra maldita,
Ninguém a voz lhe acredita,
Mas riem dos cantos seus:
Os anjos, não; porque sabem
Que essa voz é verdadeira,
Que é dos homens a primeira,
Enquanto a outra é de Deus!

Se eu fôra rei, não te dera
Quinhão na régia amargura;
Nem te qu'ria, virgem pura,
Sentada sob o dossel,
Onde a dor tão viva anseia,
Tão cruel, tão funda late,
Como no peito que bate
Sob as dobras do burel.

Não te quisera no trono,
Onde a máscara do rosto,
Cobrindo o interno desgosto,
Ser alegre tem por lei;
Manda Deus, sim, que o rei chore;
Mas que chore ocultamente,
Porque, se o sobera a gente,
Ninguém quisera ser rei!

Mas o vate, quando sofre,
Modula em meigos acentos,
Seus doridos pensamentos,
A sua interna aflição;
E das lágrimas choradas
Extrai um bálsamo santo,
Que vale estancar o pranto
Nos olhos do seu irmão.

Se eu fôra rei, não quisera
Roubar-te à senda florida,
Onde corre doce a vida
No matutino arrebol;
Gozas o sôpro das brisas
E o leve aroma das flores,
E as nuvens, que mudam côres
No nascer, no pôr do sol.

Gozam disto as que repousam
Em tábuas de vis grabatos;
Não quem vive entre os ornatos
Dum trono d'ouro e marfim!
No sólito triste, sentada,
Não viras um rosto amigo,
Nem mais viveras contigo,
Fôras escrava — por fim!

Vive tu teu viver simples,
Mimosa e gentil donzela,
Dentre tôdas a mais bela,
Flor de candura e de amor!
C'roa melhor eu t'ofreço,
D'ouro não, mas de poesia,
C'roa que a frente alumia
Com a luz dum resplendor!

HARPEJOS.

Sweetest music!...

SHAKSPEARE.

Da noite no remanso
Minha alma se extasia,
E praz-me a sós comigo
Pensar na solidão;
Deixar arrebatarme
De vaga fantasia,
Deixar correr o pranto
Do fundo coração.

Tudo é silêncio harmônico
E doce amenidade,
E uma expansão suave
Do mais fino sentir;
Existo! e no passado
Só tenho uma saudade,
Desejos no presente,
Receios no porvir!

Como licor que mana
De cava, úmida rocha,
Que o sol nunca evapora,
Nem limpa amiga mão;
A dor que dentro sinto
Minha alma desabrocha;
Que livre o pranto corre
Da noite na soidão!

Atendo! ao longe escuto
Duma harpa os sons queixosos.
Atendo! e logo sinto
Minha alma se alegrar!
Atendo! são suspiros
De seres vaporosos,
Que mil imagens vagas
Me fazem recordar!

Tu que eras minha vida.
Que foste os meus amôres,
Imagem grata e bela
Dum tempo mais feliz,
Que tens, que assim chorosa
Suspiras entre as flores?
Teu sou, — do juramento
Me lembro, que te fiz.

Te vejo, te procuro,
Teus mudos passos sigo,
Enquanto, leve sombra,
Fugindo vais de mi!
Unido às notas da harpa
Percebo um som amigo,
Que me recorda o timbre
Da voz que já te ouvi!

Na brisa que soluça,
Na fonte que murmura,
Nas fôlhas que se movem
Da noite à viração,
Ainda escuto os ecos
Duma fugaz ventura,
Que assim me deixou triste
Em mesta solidão.

Prossegue, harpa ditosa,
Nas doces harmonias,
Que da minha alma sabes
A mágoa adormecer;
Prossegue! e a doce imagem
Dos meus primeiros dias
Veja eu ante os meus olhos
De novo aparecer!

Ai, foram como a virgem
Que em sítio solitário
Acaso um dia vimos
Sòzinha a divagar!
Memória benfazeja,
Que o gélido sudário,
Que a morte em nós estende,
Só vale desbotar.

TRISTE DO TROVADOR.

E ela era esbelta e bem proporcionada; sua alma era como a sensitiva, e suas palavras eram doces e tinham um perfume, que se não pode comparar.

(*Dois noites de luar.*)

E ela era como a rosa matutina
Formosa e bela,
Como a estréla que à noite ao mar se inclina,
Saúdosa era ela.

Seus olhos negros, vivos e rasgados,
Era delícias vê-los;
E co' a alvura do rosto contrastava
A côr dos seus cabelos.

Quando alguém lhe falava, então falava
Com voz macia,
Que triste dentro d'alma nos filtrava
Doce alegria.

E o seu timbre de voz movia as fibras
Do coração,
Como sons que a mudez da noite quebram
Na solidão.

Seu mais leve sentir patenteava
No rosto ameno;
Nuvenzinha da tarde, que se enxerga ³²⁹
Em céu sereno.

Topou-a acaso pensativa, errante,
O trovador:
"Feliz, disse êle, quem gozara os mimos
Do seu amor!"

E ela deu-lhe do seio uma saudade
Murcha, e no entanto bela;
E êle um culto votou, cismando extremos,
À pálida donzela.

Como fôsse, porém, breve a sua vida
Como uma flor,
Em breves dias era mudo e triste
O trovador.

Se alguma vez cantava, — então dizia
Ao seu anjo do céu, que lá morava,
Que de ter junto dêle só pedia
A vida sua, que tão êrma estava.

VELHICE E MOCIDADE.

Eu levo à sepultura, uns após outros,
A donzela gentil, o velho enfêrmo
E o mancebo que folga descansado
A sobra da ventura.

* * *

“Minha filha, mais depressa,
Mais depressa um pouco andemos,
E da aurora que desponta
Saudável frescor gozemos!

“Senta-me em baixo do chorão, que dobra
A verde rama sôbre a campa nua
De um ser de peito bom, de rosto belo,
Que foi minha mulher, que foi mãe tua!

“O sol, nascendo apenas, vem primeiro
Seus raios nessa campa dardejar,
E à cansada velhice é bem fagueiro
Êsses restos da vida desfrutar.”

Um cego e triste velho que tremia
À fôrça dos invernos que passaram,
À filha nova e bela, assim dizia,
À filha que os amôres cubiçaram.

E tinha o velho pai nos ombros dela
A mão crestada e morta e já rugosa,
E ela ao pai, solícita, extremosa,
Guiava com um anjo e alva e bela.

“Nem sempre o que ora vês teu pai tem sido,
Oh filha da minha alma, oh meu tesouro,
Também um tempo foi que entretecido
Tive o fio vital de sêda e d’oiro!

“Também meus olhos se espraíram ³³⁰ longe,
Pela vasta extensão destas campinas;
Também segui a tortuosa veia
Desta linda corrente que se perde
Além, por entre penhas;
E a esmeraldina côr, de que se arreja
A relva dêstes prados, destas brenhas,
Meus olhos juvenis encheu de gôzo,
Que agora os olhos teus também recreia!

“E que prazer tão grande! o sol nascia
Num mar de luz brilhante!
Levantava-se mais, brilhava, ardia,
No prado verdejante,
Na fonte e na devesa;
E o mundo e a natureza
De puro amor enchia!
Destoucavam-se os montes de neblina,
Que meiga e adelgada
Pendia, como um véu de gaza fina
Da celeste morada,
Quando num mar formoso o sol nascia!

“O mundo era então luz — hoje é só trevas!
O céu de puro azul via tingido,
Via a terra de côres adornada,
E na imensa extensão d’água salgada
Via a esteira de luz do sol luzido!

“Breve as horas passci de ser ditoso
Aqui, neste lugar, ledô escutando
Tão amável tua mãe, tão carinhosa,
Qu’instantes curtos me teceu falando!

“Hoje existo sômente porque existes,
Desfruto outro viver que não vivia,
Quando escutam-te a voz os meus ouvidos,
Como sons de celeste melodia.

“Oh fala, fala sempre. — E’ doce ao velho
Som d’argentina voz, que as fibras tôdas
Do semivivo coração abalam,
Como duma harpa antiga
As deslembadas cordas,
Que à mão experta e amiga
Do trovador, num canto alegre estalam.

“E’ doce ao solitário a voz de um anjo
Na sua solidão;
E ao velho pai a voz da casta filha,
Que fala ao coração.

“E’ doce, qual perfume matutino,
Que a flor exala,
Que pelo peito da mulher amante
S’interna e cala;

“E’ doce, como a luz que se derrama
Pela face do mar,
Quando brando luar, da noite amigo,
Vem nêle se espelhar.

“Fala, bem sei que amarga é tua vida,
Que amargo é teu penar;
No silêncio da noite tenho ouvido
Teu peito a soluçar!

“Oh fala, tu bem vês que se a tormenta
Tétrica soa, ³³¹
Ao ninho de seus pais o passarinho
Rápido voa.”

— Oh meu pai, como eu quisera
Meus pesares te esconder;
Mas tua filha, coitada,
Em breve tem de morrer!

— Sinto que alento me falta,
Que longe foge de mim;
Sinto minha alma rasgar-se
Por te deixar só assim;
Meu bom pai, como está breve
Da tua filha o triste fim!

— Alta noite, ouvi em sonhos,
A chamar-me um serafim;
Tinha alegria no rosto,
Mas chorava sôbre mim;
Meu bom pai, como está breve
Da tua filha o triste fim!

AS FLORES.

— E tu cá ficas sôzinho,
E tu cá ficas sem mim!
Oh que n'alma só me pesa
Por te deixar só assim;
Meu bom pai, que é já chegado
Da tua filha o triste fim!

E o velho, baixo falando,
Tristemente assim dizia:
“Já fui feliz, já fui novo,
Já fui cheio de alegria!

“Eu tive pais extremosos,
Irmãos que m'idolatraram,
Eu tive castos amôres,
Que antes de mim se acabaram!

“Eu tive tantos no mundo
Quantos se pode chorar;
Perdi todos, tudo; ai, triste,
Só eu não pude acabar!

“Ao sôpro da desventura
Só eu me não abalei,
Que a todos — novos e velhos —
À campá todos levei!

“Minha filha me restava!
Eu já fantasma impotente,
Sôbre os torrões tropeçava
Da cova aberta recente!

“Anjo de amor e bondade,
Porque me deixaste assim!
Tu morta, e na sepultura
Que eu tinha aberto p'ra mim!

“Deus, Senhor, quanto foi longo
O vaso em que fel traguei! ³³²
Findo o julguei; restam fezes,
As fezes esgotarci.”

E sôbre a rósea face, ora amarela,
A aurora sempre bela radiava,
E o pai, ancião, que a dor rasgava,
Cingia ao corpo seu o corpo dela.

Nem pranto nos seus olhos borbulhava,
E nem nos lábios seus a dor gemia,
E sua alma, qual vaso em calmaria,
Entre vida e morrer num ponto estava.

O beijo paternal, por fim, lhe estampa
Na filha, que prazeres só lhe dera;
E filha e pensamento — alguém dissera
Ter juntos sepultado a mesma campá!

Nos céus não tens, Senhor, bastantes anjos,
Porque ³³³ os venhas assim buscar à terra?
Brilhe a virtude, quando reina o crime,
O crime impune e vil, que às tontas erra.

Ao Snr. José Praxedes Pereira Pacheco, incansável Botânico-florista, a quem devemos a introdução no país das mais belas e curiosas espécies de flores, que jamais aqui se viram.

Simplex tributs du coeur, vos dons sont chaque jour
Offerts par l'amitié, hasardés par l'amour.

Les Jardins. — DELILLE.

Tu que com tanto afã, com tanto custo,
Estudando, inquirindo, e meditando,
De estranhos climas transplantaste aos nossos
As flores várias no matiz, nas formas,
Modesto horticultor, dos teus desvelos
Este só galardão recebe ao menos!
Recebe-o: também eu gosto das flores,
Folgo também de as ver num campo estreito
De estranhas terras revelando os mimos
E as galas doutros céus: — aqui perfumam
Nossos jardins de peregrina essência!
Melhoram-se talvez, que as não contristam
Raios tibios do sol, nem turvos ares,
Nem do inverno o furor lhes cresta o brilho.

Meigas flores gentis, quem vos não ama?
Em vós inspirações o bardo encontra,
Devaneios de amor a ingénua virgem,
A abelha o mel, a humanidade encantos,
Odores, nutrição, bálsamo e côres.
Meigas flores gentis, quem vos não ama?

Linda virgem no albor da vida incerta,
No meio das vivaces companheiras,
Em forma de capela as vai tecendo
Para cingir com ela a fronte e a coma,
Que os anos no passar não enrugaram,
Nem as cãs da velhice embranqueceram.
Resplendor d'innocência, onde casados
A açucena, e os jasmíns aos brancos lírios
Um só perfume grato aos céus envia;
Meiga c'roa d'angélica pureza,
Ornamento da vida — que se rompe
Ou quando os membros delicados vestem
O grosseiro burel da penitência,
Ou do noivado as galas! — lá se acaba ³³⁴
Por fim aos pés do tálamo ou num túmulo!
Meigas flores gentis, quem vos não ama?

Quantas vêzes, nas horas da ventura,
A falaz sensação dum peito ingrato
Não julgamos eterna, imensa, infinda!...
Ali nossos anelos se concentram,
Nossa vida ali jaz: — cifra-se inteira
Num brando volver d'olhos, num acento,
Que a ternura repassa, inspira, exala!
Um gemido, um suspiro, um ai, um gesto,
Valem tronos, e mais, — o mundo e a vida!
Mas esvai-se a paixão!... que fica? Apenas
Um saudoso lembrar d'eras passadas,
De cismadas venturas, não fruídas,
Às vêzes uma flor!... — Flor dos amôres.
Quando extinta a paixão, porque inda existes?
Espinhos de uma rosa emurchecida,
Porque sobreviveis às fôlhas dela?

Mais firme, mais leal, mais vivedoura
Que a volúvel paixão, a flor mimosa
Tal vez irrita a dor, tal vez ³³⁵ a acalma.
Emblemas do prazer, do sofrimento,
Mensageiras do amor ou da saudade,
Meigas flores gentis, quem vos não ama?

Geme a fresca odalisca entre ferrolhos,
Importuna presença a voz lhe tolhe
Do não piedoso eunuco; — e estátua negra
Respeitosa e cruel lhe espreita os gestos:
Chora a gusla mourisca ao som dos ferros,
Lastima-se a cadeia ao som dos passos,
E a humana flor definha entre as mais flores;
Mil ouvidos a voz lhe escutam sempre,
E cingidos de ferro, crus soldados
D'em tórno ³³⁶ ao mesto harém velam sanhudos!
Ruge, fero soldão! triplica ³³⁷ os bronzes
Da masmorra cruel: — a planta humilde,
E a escrava que recatas tão cioso,
Zombam dos feros teus! Muda e singela,
Ao través das prisões, dos teus soldados,
Passa a modesta flor! Vai noutro peito,
Mistérios não sabidos relatando,
Contar do infausto amor as provas duras,
Os martírios da ausência, as tristes lágrimas
Que chora — ao reiterar protestos novos!
Bem-fadadas do sol, do amor benquistas,
O orvalho as cria, as lágrimas as murcham:
Meigas flores gentis, quem vos não ama?

Quem tem o coração a amor propenso,
Quem sente a interna voz que dentro fala,
Delicado sentir dum brando peito,
Alma virgem que os homens não mancharam;
Quem sofre ou tem prazer, ou ama, ou espera
E vive e sente a vida, êsse vos ama:
Encantos da existência enquanto vivos,
Do revés, do triunfo companheiras,
No berço, no dossel, no mudo esquite,
Sempre amigas fiéis vos encontramos.
Meigas flores gentis, quem vos não ama?

Modesto horticultor, dos teus desvelos
Êste só galardão recebe ao menos;
Paga-te sequer de ver mais bela,
Mais vaidosa, melhor, do sol na terra,
A flor modesta, produção sublime
De estranhos climas transplantada ao nosso.

Rio, 29 de janeiro de 1849.

O QUE MAIS DÓI NA VIDA.

I cannot but remember such things were,
And were most dear to me.

SHAKESPEARE.

O que mais dói na vida não é ver-se
Mal pago um benefício,
Nem ouvir dura voz dos que nos devem
Agradecidos votos,
Nem ter as mãos mordidas pelo ingrato,
Que as devera beijar!
Não! o que mais dói não é do mundo
A sangrenta calúnia,
Nem ver como s'infama a ação mais nobre,

Os motivos mais justos,
Nem como se deslustra o melhor feito,
A mais alta façanha!

Não! o que mais dói não é sentir-se
As mãos dum ente amado
Nos espasmos da morte resfriadas,
E os olhos que se turvam,
E os membros que entorpecem pouco e pouco,
E o rosto que descora!

Não! não é o ouvir daqueles lábios,
Doces, tristes, compassivas,
Sobre o funéreo leito soluçadas
As palavras amigas,
Que tanto custa ouvir, que lembram tanto,
Que não s'esquecem nunca!

Não! não são as queixas amargadas
No triunfar da morte;
Que, se se apaga a luz da vida escassa,
Mais viva a luz rutila;
Luz da fé que não morre, luz que espanca
As trevas do sepulcro.

O que dói, mas de dor que não tem cura,
O que aflige, o que mata,
Mas de aflição cruel, de morte amara,
E' morrermos em vida
No peito da mulher que idolatramos,
No coração do amigo!

Amizade e amor! — laço de flores,
Que prende um breve instante
O ligeiro batel à curva margem
De terra hospitaleira;
Com tanto amor se enastra, e tão depressa,
E tão fácil se rompe!

A mais ligeira ondulação dos mares,
Ao mais ligeiro sôpro
Da viração — destrandam-se as grinaldas;
O baixel se afasta,
Veleja, foge, até que em plaga estranha
Naufragado soçobre!

Talvez permite Deus que tão depressa
Êstes laços se rompam,
Por que nos pese o mundo, e os seus enganos
Mais sem custo deixemos:
Sem custo assim a brisa arrasta a planta,
Que jaz sôlta na terra!

FLOR DE BELEZA.

Não vejas!... se a vires... — Eu sei porque o digo:
Tu morres de amor.

MACEDO.

Se fôsse rainha aquela
Em cuja frente singela,
Como em tela delicada
Luz da beleza o condão,
Fôras rainha adorada;
Mas rainha sedutora,
Que exige peitos numa hora,
E noutra hora adoração.

Fôras rainha! e ditosos
Teus vassallos extremosos,
Que a renderem-te seus peitos
Beijaram-te a nívea mão.
Pedes amor e respeitos!
Quem não ama a formosura,
Quem não respeita a candura
Dum sincero coração?

Mas antes que nos curvemos
Ante a beleza que vemos,
Tua angélica bondade
Conquista a nossa afeição:
Não és mulher, mas deidade,
Uma fada sedutora,
Que nos pede amor agora,
Logo mais — adoração.

Quando pois, cheia de graças,
Entre a turba alegre passas,
Entre a turba sequiosa
De beijar-te a nívea mão;
Dizem uns: quanto é formosa!
Eu, ³³⁸ porém, sei que és mais bela
Nos dotes da alma singela,
Nas prendas do coração.

Passa rápida a beleza,
Como flor que a natureza
Cria em jardim melindroso,
Ou num agreste torrão:
Passa como um som queixoso,
Como felizes instantes,
Como as juras dos amantes,
Como extremos da paixão.

Mas d'alma a vida é mais fina,
Exala essência divina,
Que avigora e fortifica
O dorido coração;
Morto o corpo, ainda fica,
Como em rosal arrancado,
Leve aroma derramado,
Dos espaços na extensão.

O ANJO DA HARMONIA.

Respira tanta doçura
O teu canto, que por certo
Abranda a penha mais dura.
BOCAGE.

Revela tanto amor, tão branda soa
A tua doce voz canora e pura,
Que o homem de a escutar sente no peito
Infiltrar-se-lhe um raio de ventura.

Solta-se a alma das prisões terrenas,
O mundo, a vida, o sofrimento esquece,
E embalada num éter deleitoso,
Como Alcion nas águas, adormece!

Da noite a placidez é menos grata
A quem sòzinho e taciturno vela,
Quando, perdido noutros mundos, nota
A meiga luz de fugitiva estrêla.

Sensações menos doces, menos vagas,
Desperta o barco leve, que se avista
Ao pôr do sol, na extrema do horizonte,
Quando num mar de luz nos foge à vista.

Das aves o cantar é menos fresco,
E' menos triste a fonte que serpeia,
Menos queixoso o mar, que enternecido,
Beija na praia a cintilante areia.

Vagas na terra, suspiroso arcanjo,
Derramando torrentes de harmonia
Sôbre as chagas mortais, — bálsamo santo
Que as mais profundas mágoas alivia.

Vagas na terra, merencória e bela;
Mas quando dêste mundo ao céu tornaes,
Juntarás teus terníssimos acentos
Aos puros sons dos místicos altares.

E os anjos na mansão das harmonias,
Encostados às harpas diamantinas,
Folgarão de te ouvir celestes carmes
Deduzidos em notas peregrinas.

E dirão: — Nunca às plagas do infinito
Subiu mais terna voz, mais fresca e pura!
Se o corpo é de mulher, sua alma é vaso,
Onde o incenso de Deus se afina e apura.

A HISTÓRIA.

The flow and ebb of each recurring age.
BYRON.

Triste lição de experiência deixam
Os evos no passar, e os mesmos atos
Renovados sem fim por muitos povos,
Sob nomes diversos se encadeiam:
Aqui, além, agora ou no passado,
Amor, dedicação, virtude e glória,
Baixeza, crime, infâmia se repetem,
Quer gravados no soco de uma estátua,
Quer em vil pelourinho memorados.
Eis a história! — rainha veneranda,
Trajando agora sêdas e veludos,
Depois vestindo um saco desprezível,
D'imunda cinza apolvilhada a fronte,
Se as virtudes do pobre não têm ³³⁹ preço,
Também dos vícios seus a nódoa exígua
Não conspurca as nações; mas ai dos grandes,
Que trilham senda errada, a cujo têrmo
Se levanta a barreira do sepulcro,
Onde se quebra a adulação sem fôrça.
Se virtuoso, as gerações passando
As cinzas lhe beijaram; se malvado,
Cospem-lhe afrontas na vaidosa campa,
Jamais de amigas lágrimas molhada.
E qual do Egito nos festins funéreos,
Maldizem bons e maus sua memória,
Lançando à face da real mumia ³⁴⁰
Dos crimes seus a lacrimosa história.
Talvez, porém, um infortúnio grande,
Um exemplo sublime de virtude,
Cobre dourada página, que aos olhos
Pranto consolador sem custo arranca.

Eis a história! um espelho do passado,
Fôlhas do livro eterno desdobradas
Aos olhos dos mortais; — aqui sem mancha,
Além golfeja sangue e sua crimes.
Tal foi, tal é: retrato desbotado,
Onde se mira a geração que passa,
Sem côr, sem vida, — e ao mesmo tempo espelho,
Que há de ser nova cópia à gente nova,
Como os anos aos anos se sucedam.
Ondas de mar sereno ou tormentoso,
As mesmas na aparência, que se quebram
Sôbre as d'areia flutuantes praias.

A CONCHA E A VIRGEM

Linda concha que passava,
Boiando por sôbre o mar,
Junto a uma rocha, onde estava
Triste donzela a pensar, ³⁴¹

Perguntou-lhe: — Virgem bela,
Que fazes no teu cismar?
— E tu, pergunta a donzela,
Que fazes no teu vagar?

Responde a concha: — Formada
Por estas águas do mar,
Sou pelas águas levada,
Nem sei onde vou parar!

Responde a virgem sentida,
Que estava triste a pensar:
— Eu também vago na vida,
Como tu vagas no mar!

— Vais duma a outra das vagas,
Eu dum a outro cismar;
Tu indolente divagas,
Eu sofro triste a cantar.

— Vais onde te leva a sorte,
Eu, onde me leva Deus:
Buscas a vida, — eu a morte;
Buscas a terra, — eu os céus!

SEI AMAR.

Amor amore.
Provérbio.

Sei amar com paixão ardente e fida,
Como o nauta ama a terra, como o cego
A luz do sol, como o ditoso a vida.

Sim, sei amar; porém do imenso pego
Duma existência mísera e cansada,
Quero uma hora, um instante de sossêgo.

Dera a vida a uma alma apaixonada,
A um peito de mulher que me entendesse,
Onde eu pousasse a fronte acabrunhada.

Porém, que fôsse minha, e que eu soubesse
Que os lábios que beijei são meus sômente,
Nem pensa em outro, nem de mim se esquece.

Nem vai de pronto derramar demente
Noutros ouvidos a palavra, o acento,
Que em êxtase de amor criei fervente.

Nem corre o seu volátil pensamento,
Quando falo, a pensar noutros amôres,
Noutra voz, noutros sons, noutro momento.

Demais, acostumado a teus rigores,
Não me queixo, bem vês, mas despedaço
A prisão vil, embora oculta em flores.

Se entro furtivo, onde outro mais de espaço
Como senhor campeia — ao mais querido
Cedo ³⁴² o ingresso, ao mais ditoso o passo.

Não me contenta um coração partido,
Um só amor que a dous pertence, — um peito,
Que bate por dous homens, fermentido.

Se eu único não sou, — vil, não aceito
Ser segundo em amor, — inteiro é nobre,
Vale um trono; — partido, é dom tão pobre,
Qu'eu pobre, como sou, de altivo enjeito.

AMANHÃ.

Amanhã! — é o sol que desponta,
E' a aurora de róseo fulgor,
E' o pomba que passa e que estampa
Leve sombra de um lago na flor.

Amanhã! — é a fôlha orvalhada,
E' a rôla a carpir-se de dor,
E' da brisa o suspiro, — é das aves
Ledo canto, — é da fonte o frescor.

Amanhã! — são acasos da sorte;
O queixume, o prazer, o amor,
O triunfo que a vida nos doura,
Ou a morte de baço palor.

Amanhã! — é o vento que ruge,
A procêla d'horrendo fragor,
E' a vida no peito mirrada,
Mal soltando um alento de dor.

Amanhã! — é a fôlha pendida,
E' a fonte sem meigo frescor,
São as aves sem canto, são bosques
Já sem fôlhas, e o sol sem calor.

Amanhã! — são acasos da sorte!
E' a vida no seu amargor,
Amanhã! — o triunfo, ou a morte;
Amanhã! — o prazer, ou a dor!

Amanhã! — o que val', se hoje existes!
Folga e ri de prazer e de amor;
Hoje o dia nos cabe e nos toca,
De amanhã Deus sômente é Senhor!

POR UM AI.

Se me queres ver rendido,
De joelhos, a teus pés,
Por um olhar que me deites,
Por um só ai que me dê;

Se queres ver o meu peito
Rugindo como um vulcão,
Estourar, arder em chamas,
Ferver de amor e paixão;

Se me queres ver sujeito,
Curvado e prêso à tua lei,
Mais humilde que um escravo,
Mais orgulhoso que um rei;

Meus olhos sôbre os teus olhos,
Meu coração a teus pés;
Por um olhar que me deites,
Por um só ai que me dê:

Oiça, feliz, dos teus lábios
Esta só palavra — amor! —
Estrêla cortando os ares,
Abelha sôbre uma flor.

Então verás dos meus olhos,
Que o pesar me não cegou,
Rebentarem de alegria
Prantos, que a dor estancou;

Então verás o meu peito
Como outra vez se incendia:
Era a fôlha verde e fresca,
Onde o sol se refletia!

Murcha e triste pende agora;
Caiu, jaz sôlta, está só:
Exposta ao fogo, arde em chamas,
— Deixai-a, desfaz-se em pó!

Hei de sentir outra vida,
Outra vez meu coração
Escutarei palpitando
De amor, de fogo e paixão.

Lascado tronco sem graça,
Tal fui, tal me vês agora!
Mas venha o orvalho celeste,
Venha o bafejo da aurora;

Venha um raio de alegria
Dar-lhe às raízes calor;
Revive de novo, e brota
Fôlhas, galhos e verdor.

Do cimo erguido e copado
Outra vez se dependuram
Mil flores, — ali mil aves
Nos seus gorjeios se apuram.

Não quero palavras falsas,
Não quero um olhar que minta,
Nenhum suspiro fingido,
Nem voz que o peito não sinta.

Basta-me um gesto, um aceno,
Uma só prova, — e verás
Minha alma, prêsa em teus lábios,
Como de amor se desfaz!

Ver-me-ás rendido e sujeito,
Cativo e prêso à tua lei,
Mais humilde que um escravo,
Mais orgulhoso que um rei!

PROTESTO.

IMITAÇÃO DE UMA POESIA JAVANESA.

Ainda quando os homens te odiassem,
E anát'ma contra ti bradasse o mundo,
Por ti sentira amor, te amara sempre,
Te amara eternamente.

Este afeto jamais há de alterar-se;
Embora gêmeos sóis ardam no espaço,
Ou gêmeas noites, em cegueira eterna,
Me roubem o prazer de ver teus olhos.

Entranha-te na terra, hei de afundar-me;
Passa ao través do fogo, irei contigo;
Aos céus remonta, hei de seguir-te sempre,
Ver-me-ás sempre a teu lado.

De ti não pode a fôrça desprender-me,
Nem separar-me o fado. Em ti só vivo;
E quem dos dias teus souber o têrmo,
Que a vida me deixou também conheça.

Quando nas asas da esperança corro,
Onde me acenas, onde amor me aguarda,
Parece-me que vôo aos ledos campos,
Onde a esperança mora.

Não há que possa comparar-se aos êxtases, ³⁴³
Que tanto ao vivo meu amor revelam;
Um gesto, um som dos lábios teus mimosos
Mil vêzes na minha alma se repete.

Quer irritada contra mim te mostres,
Quer do teu seio irosa me repilas, ³⁴⁴
Teu rosto na minha alma se retrata,
E eu te amo sempre!

Quer durma, quer descanse, ou vele ou sofra,
Em tudo quanto sinto, em quanto vejo,
Risonha tua imagem me aparece,
E eu julgo sempre que te falo e escuto.

Seja eu longe da pátria infindas léguas,
A distância de um mundo entre nós corra,
Enquanto além divago, prêso fica
Meu coração contigo.

Se pois souberes que os meus dias findam,
Não creias que o destino inexorável
Mos corta — antes me tem, antes me julga
Morto por ti de amôres!

FADÁRIO.

Procura o imã sempre
Do pólo a firme estrêla,
De viva luz o inseto
Se deixa embelezar;
E a nave contrastada
Das fúrias da procela,
Procura amigo pôrto,
No qual possa ancorar.

O imã sou constante,
A nave combatida,
O inseto encandeado
Com fúlgido clarão;
E tu — a minha estrêla,
A luz da minha vida,
O pôrto que me acena
Por entre a cerração.

Assim, por desgostar-me,
Severa no semblante,
No olhar, na voz — de balde
Me oprime o teu rigor;
Se fujo dos teus olhos,
Se mostro-me inconstante,
Na ausência e no destêrro
Me vai crescendo o amor!

Assim o inseto volta
À luz que o já queimara,
E o imã na tormenta
Procura o norte seu;
Assim a nave rôta,
Que o vento contrastara,
Entrando o pôrto, esquece
Que males já sofreu.

Debalde, pois, tua alma,
Que a minha dor enxerga, ³⁴⁵
Se mostra áspera e dura
À voz do meu penar;
Aquêl verde ramo,
Que facilmente verga,
Resiste ao pêso, enquanto
Não torna ao seu lugar.

Se, pois, te irrita e cansa
De o ver revel contigo,
Do tronco seu virente
Separa-o de uma vez:
Mais qu'êl venturoso
Me julgo, se consigo
Morrer vendo os teus olhos,
Cair junto a teus pés.

Mas, inda assim, não creias,
Se finda o meu tormento,
Que nem lembrança minha
Terás de conservar; ³⁴⁶
A nave, que não toca
No pôrto a salvamento,
Talvez os rotos mastros
Atira à beira-mar.

Assim quando jazendo
Me achar na campa fria,
Talvez tenhas remorsos
Da tua ingratidão;
Talvez que por mim sintas
Alguma simpatia;
Que em lágrimas desfeita
Me dê amor então.

O ASSASSINO.

Pero una sola lágrima, un gemido
Sobre sus restos a ofrecer no van,
Que es sudario d'infames el olvido...
Bien con su nombre en su sepulcro están!
ZORRILLA.

Ei-lo! seu rosto pálido se encova;
Incerto, mais que os vãos dum morcego,
Seu andar, ora lento, ora apressado,
Profunda agitação revela aos olhos.

Crespos os cenhos, enrugada a fronte,
Semelha ³⁴⁷ luz de tocha mortuária
A luz que os olhos seus despedem torvos.
Há momentos em que seu rosto fero
De tal arte s'enruga e se transtorna,
Que os seus próprios amigos o fugiram
E a própria mãe temera uni-lo ao seio!
Quando os lábios descerra, só murmura
Frases, cujo sentido não se alcança,
Ou blasfêmias a Deus, que o sofre em vida!
O que amou noutro tempo, agora odeia;
Despreza o que estimou, evita, fuge
Quanto afanoso procurava outrora; ³⁴⁸
Receia a luz do sol, da noite as trevas,
A voz do crime, da inocência o grito!

A cólera de Deus caiu tremenda
Sôbre o seu peito, e o coração lhe oprime,
De cuja interna chaga em jorros salta
O sangue e a podridão: horrendo e fero,
A vítima das fúrias do remorso,
Terrível e cobarde, e ao mesmo tempo
Rebelde contra a mão, que o vexa e pune,
Enquanto a Deus maldiz, blasfema, irrita,
Duma voz, duma sombra se amedronta.

Não pode suportar seus pensamentos
A sós consigo, e aborrecendo os homens,
De os ver e de os não ver sofre martírios.
Na cidade, suspeita espôsa, amigos,
A mãe e os filhos; — um terror, um pasmo,
Cuja causa recôndita se ignora,
Na voz, no rosto e gesto o denunciavam
Como escravo do crime ou da miséria.

No êrmo a própria voz o sobressalta!
O som dos passos, do seu corpo a sombra,
Das fontes o correr por entre as pedras,
Da brisa o suspirar por entre as fôlhas,
Quanto vê, quanto escuta o intimidada.
Minaz lhe brada a natureza inteira,
Soluça um nome, que lhe eriça ³⁴⁹ a coma
E o frio do terror lh'immerge n'alma.

O mar nas ondas crêspas, que se enrolam,
Batidas pelo açoite da procela,
Troveja o mesmo nome; as vagas dizem-no,
Quando passam, cuspidinho o semblante;
É Deus, o próprio Deus no espaço o grava
Nos fuzis que os relâmpagos centelham.

Tem pavor, quando sonha e quando vela.
Deixando o leito em seu suor banhado,
No silêncio da noite — a ³⁵⁰ horas mortas,
Levanta-se medonho à voz do crime!
Nas mãos convulsas um punhal apertado
E a lâmina buída e os olhos torvos
Agoureiro clarão despedem juntos.
Soltando roucos sons com voz sumida,
Apalpa cauteloso as densas trevas,
E vai... caminha... atende... de repente
Apunhala um fantasma! — solta um grito,
Larga o punhal, convulso e arrepiado!
Num ferrêto de sangue lê seu fado,
Um ferrêto, que a dor não ³⁵¹ desfaz nunca,
Nem lava o pranto, nem consome o tempo.
Miserável, provando o fel da morte,
Ante o passo medonho se horroriza;
Odeia o mundo que fugir não pode,
Rejeita a religião que o não consola,
Odeia e teme a Deus, — teme a justiça
De quem na frente vil do fraticida
Nódoa eterna gravou do crime infando.

A UNS ANOS.

14 — *Janeiro.*

No segrêdo da larva delicada
A borboleta mora,
Antes que veja a luz, que estenda as asas,
Que surja fora!

A flor, antes de abrir-se, se recata;
No botão se resume,
Antes que mostre o colorido esmalte,
Que espalhe o seu perfume.

E a flor e a borboleta, após a aurora
Breve — da curta vida,
Encontram nas manhãs da primavera
A luz do sol querida.

De graças cheia, a delicada virgem
Da vida no verdor,
Semelha a borboleta melindrosa,
Semelha a linda flor.

Tudo se alegra e ri em tórno dela,
Tudo respira amor,
Que é a virgem formosa semelhante
A borboleta e à flor.

Mas para estas o sol breve se esconde,
Passam prestes os dias;
Enquanto a cada sol e nova quadra
Tu novas graças crias!

QUANDO NAS HORAS.

And dost thou ask, what secret woe
I bear, corroding joy and youth?
And wilt thou vainly seek to know
A pang e'en thou must fail to soothe?

BYRON.

I.

Quando nas horas que contigo passo,
Do amor mais casto, do mais doce enlêvo,
Sentindo um raio d'esperança amiga,
Que as densas trevas da minha alma aclara;

Teus meigos olhos sôbre os meus se fitam,
Sorvo o perfume que tua alma exala,
Gozo o sorriso que os teus lábios vertem
E as doces notas que o prazer m'entranham;

Tu me perguntas por que um riso amargo,
Fúnebre e triste me descora os lábios;
Por que uma nuvem de pesares grávida
Tolda o meu rosto;

Por que um suspiro de abafada angústia,
Um ai do peito, que exalar não ousa,
O meigo encanto dos teus sonhos quebra
Num breve instante!

Raio de amor, que sôbre mim resplendes,
Ou sol que bates num profundo abismo,
E a verde-negra superfície tinges
De côr chumbada com reflexos d'oiro;

Se vês luzente a superfície amiga,
E à luz que espalha aclarar-se o abismo,
Sol benfazejo, que te importam fezes,
Se lá no fundo adormecidas jazem?

Talvez se as viras, encobrando os olhos,
De horror fugindo ao temeroso aspecto,
Os brandos lumes, donde amor distilas
Breve apagaras.

Não me perguntes por que sofro triste,
Por que da morte o negro espectro invoco,
Por que, cansado desta vida, almejo
A paz dos túmulos.

Nem ver procures a cratera hiante
Do peito meu, qu'inda fume em cinzas,
Do peito meu, onde cruéis travaram
Pleitos, não crimes, mas paixões que abrasam.

Dá que nas horas que contigo passo
Do amor mais casto e do mais doce enlêvo,
Durma o passado e do porvir m'esqueça,
E o meu presente de te amar se ameigue.

II.

Se algum suspiro de abafada angústia,
Se um ai do peito que exalar não ousa,
O meigo encanto dos teus sonhos quebra;
Tu me perdoa.

Cansado e triste de viver sofrendo,
Da morte amiga o negro espectro invoco,
Afiz-me às ³⁵² dores, e só tôrva idéia
Me apraz agora.

Talvez na pedra dum sepulcro frio
Melhor folgara de me ver deitado,
Sentir nos olhos estancado o pranto
E amodorrado o padecer no peito.

Talvez folgada minha sombra triste,
Vagando em tórno duma campã lisa,
De ver-te as formas, de contar teus passos,
E de escutar tua oração piedosa.

Talvez folgara, quando pranto amargo
Dos olhos teus me rorejasse a campã,
Dos meigos lábios, onde amor temperas,
Meu nome ouvindo!

Oh! sim, folgara de sentir a brisa,
Correndo em tórno ao moimento meu,
E tu sòzinha no sepulcro humilde,
Guardando os tristes deslembados ossos!

Junto ao meu corpo guardarei teu leito,
Onde os teus restos junto aos meus descansem;
E o mesmo sol, e a mesma lua e brisa
Juntos nos vejam.

E quando o anjo espedaçar as campãs
Ao som da trompa de fragor horrendo,
Que há de o letargo despertar dos mortos
Na vida eterna;

Primeiro em ti se fitarão meus olhos:
Hei de alegrar-me de te ver comigo,
E as nossas almas subirão reunidas
À eterna face do juiz superno.

E dêste amor, por que ambos nós passamos,
O galardão lhe pediremos ambos,
Viver unidos na mansão dos justos,
Ou nos tormentos da eternal geena!

III.

No entanto a vida suportar já devo,
Sofrer o pêso da existência inglória,
E revolvendo o coração chagado,
Nos seus estragos numerar meus dias.

Na terra existo, como um som queixoso,
Um eco surdo, que entre as fragas dorme,
Ou como a fonte, que entre as pedras corre,
Ou como a fôlha sob os pés calcada.

Uma alma em pena, que procura os restos
Não sepultados, — uma flor que murcha,
Duma harpa a corda, que por fim rebenta,
Ou luz que morre.

Prazer não acho de avistar a ³⁵³ lua
Pálida e bela na soidão do espaço;
Nem vivos astros, nem perfumes gratos
Me dão consôlo.

Nada percebo nos confusos roncões
Do mar, que bate as solitárias praias;
Nem nos gemidos da frondosa selva,
Que o sôpro amigo de uma aragem move.

Conviva infausto dum festim, que odeio,
Às próprias galas que vaidosa ostenta
A natureza — não se ri minha alma,
Nem de as notar meu coração se alegre.

E sinto o mesmo que sentira o frio,
Mudo cadáver dos festins do Egipto,
Se ver pudesse, contemplando o nada
Das vãs grandezas.

Mas já que os olhos sôbre mim pousaste,
Teus meigos olhos, donde o amor lampeja;
Pois que os teus lábios para mim se abriram,
Teus meigos lábios;

Já que o perfume da tua alma d'anjo
Embalsamou-me o coração de aromas;
Já que os prazeres da eternal morada
De longe, em sonhos, antevi contigo:

Já posso a vida suportar, já devo
Sofrer o pêso da existência inútil;
Já do passado e do porvir me esqueço,
E o meu presente de te amar se ameiga.

RETRATAÇÃO. 354

Son reo, non mi difendo;
Puniscimi, se vuoi!

METASTASIO.

Perdoa as duras frases que me ouviste:
Vê que inda sangra o coração ferido,
Vê que inda luta moribundo em ânsias
Entre as garras da morte.

Sim, eu devera moderar meu pranto,
Sofrear minhas iras vingativas,
Deixar que as minhas lágrimas corressem
Dentro do peito em chaga.

Sim, eu devera confranger meus lábios,
Mordê-los té que o sangue espadanasse,
Afogar na garganta a ultriz sentença,
Apagá-la em meu sangue.

Sim, eu devera comprimir meu peito,
Conter meu coração, que não pulsasse,
Apagado volcão, que inda fumega,
Que faz, que jorra cinzas?

Que m'importava a mim teu fingimento,
Se uma hora fui feliz quando te amava,
Se ideei breve sonho de venturas,
Dormindo ³⁵⁵ em teu regaço;

Luz mimosa de amor, que te apagaste,
Ou gôta pura de cristal luzente
Filtrando os poros de uma rocha a custo,
Caída em negro abismo!

Devera pois meu pranto borrifar-te
Amigo e benfazejo, como aljófar
De branco orvalho em pérolas tornado
Num cálice de flor;

Não converter-se em pedras de saraiva,
Em chuva de granizo fulminante,
Que em chão de morte as pétalas viçosas
Desfolhasse entreabertas.

Feliz o doce poeta,
Cuja lira sonora
Ressoa como a queixosa,
Trépida fonte a correr;
Que só tem palavras meigas,
Brandos ais, brandos acentos,
Cuja dor, cujos tormentos
Sabe-os no peito esconder!

Feliz o doce poeta,
Que não andou em procura
De terrena formosura,
Nem as graças lhe notou!
Que lhe não deu sua lira,
Que lhe não deu seus cantares,
Que lhe não deu seus pesares,
Nem junto dela quedou!

Antes na mente escaldada
Forma um composto divino
De algum ente peregrino,
De algum dos filhos dos céus;
E ante essa imagem criada,
Que vê sempre noite e dia,
Dobra as leis da fantasia,
Acurva os desejos seus.

E' dela quando se carpe,
E' dela quando suspira,
E' dela quando na lira
Entoa um canto feliz:
Dela acordado ou dormido,
Dela na vida ou na morte,
Tenha alegre ou triste sorte,
Seja Laura ou Beatriz!

Que talvez a doce imagem,
A cismada fantasia
Há de o poeta algum dia
Junto de Deus encontrar;
E que havendo-a produzido ³⁵⁶
Antes do mundo formado,
Dê-lhe um sonhar acordado
Por um viver a sonhar!

ANELO.

No lago interior dum peito virgem,
Que os ventos das paixões não agitaram,
Hei de em cifras de amor gravar meu nome,
Onde as nuvens do céu desenham côres.

Nos meigos olhos, que embeleza o mundo,
De corrosivas lágrimas enxutos,
Meu pensamento gravarei num beijo,
Onde as luzes do céu refletem brilhos.

Em sua alma, onde uma harpa melindrosa
Noite e dia seus cânticos afina,
Hei de a vida entornar em doces carmes,
Onde imagens do céu sòmente brilham.

Que outra c'roa melhor, que outra mais pura,
Que uma c'roa d'amor em frente virgem?!
Não pesa sôbre a fronte, não esmaga,
Não punge o coração, — é tôda amôres!

Que outra c'roa melhor, que outra mais bela
Que a auréola, que Deus concede aos vates?
Com sorriso de amor, talvez com pranto,
Cede-a o vate à mulher, que mais o inspira!

E ta cedo, eu ta dou! C'rôo-te imagem
Resplendente, invejada entre as mulheres;
Um beijo só de amor tu me concedas,
Um suspiro sequer do peito exales.

QUE ME PEDES.

Tu pedes-me um canto na lira de amôres,
Um canto singelo de meigo trovar?!
Um canto fagueiro já — triste — não pode
Na lira do triste fazer-se escutar.

Outrora, coberto meu leito de flores,
Um canto singelo já soube trovar;
Mas hoje na lira, que o pranto umedece,
As notas d'outrora não posso encontrar!

Outrora os ardores que eu tinha no peito
Em cantos singelos podia trovar;
Mas hoje, sofrendo, como hei de sorrir-me,
Mas hoje, traído, como hei de cantar?

Não peças ao bardo, que aflito suspira,
Uns cantos alegres de meigo trovar;
A lira quebrada só restam gemidos,
Ao bardo traído só resta chorar.

O CIÚME.

Oh! quanta graça e formosura adorna
Teu rosto eloqüente e vivo!
Se a sombra de um sorrir te afrouxa os lábios,
Prestes outro sorrir dos meus rebenta;
Se vejo os olhos teus, que chorar tentam,
Debalde o pranto meu represso engulo;
Se do teu rosto as rosas se esvaecem,
Eu sinto de temor bater meu peito;
E quando os olhos teus nos meus se fitam,
Nem pesares, nem dores me dominam;
Mas sinto que o meu peito se enternece,
Sinto o meu coração bater mais livre,
Sinto o sorriso, que me ri nos lábios,
Sinto o prazer, que me transluz no rosto,
Sinto delícias n'alma!

Quanta beleza tens! — quer dessas graças,
Que o amor inveja — num sarau brilhante
No meio de belezas, que suplantas,
Prazer e galas de as mostrar ressumbres;
Quer estejas sòzinha e pensativa,
Quer viva e folgazã prazer incites:

Ou num corcel ³⁵⁷ em páramos extensos,
Correndo afoita e louca, e o pé mimoso
Da carreira no afã por sob as vestes
Transparecer deixando;

Ou balançada num ligeiro barco,
Que de um lago tranqüilo as águas frisa,
Soltando a voz às brisas namoradas,
Que de te ouvir suspiram;

Ou numa bronca penha descalvada
O mar e os céus contemples pensativa,
E as rédeas sôltas do pensar divagues
Nos campos do infinito;

És sempre bela: já teus olhos brilhem
Luz que fascina, ou mórbidos reflexos,
Teus lábios entreabertos sempre exalam
Calor, que incêndio ateia.

Oh! que bela tu és, quando assentada
No teu balcão, ao refulgir da lua,
Manso te apoias em coxins de sêda,
E o belo azul dos céus triste encarando
Pensas em Deus, — talvez no teu futuro,
Talvez nos teus pesares, — que na fonte
De linfa pura, cristalina e fresca, ³⁵⁸
Aquática serpente usa ocultar-se.
Mas como és bela assim! co'a mão sem fôrça
Tirando sons perdidos, sons que encantam,
Sons qu'infundem prazer, sons d'harpa tristes!
Mas como és bela assim! — quando o teu peito
Entre a gaza sutil de leve ondeia!
Como a onda do mar pausada e fraca
Se abaixa, e empola, e mais e mais se achega
À doce praia, onde os seus ais se quebram;
Assim teu peito bate, e nos teus lábios
Do extremo palpitar morre um suspiro.
Como d'harpa afinada a corda soa,
Mal desfere seus sons outro instrumento;
Assim também minha alma se entristece,
Assim também meu peito arqueja e pula!

Eis porque amor me liga aos teus destinos,
Porque sou teu escravo, — bem que saiba
Que se a tua alma a beleza
Tem de um anjo, ³⁵⁹ a formosura,
Não tens de um anjo a candura,
Nem tens dêle a singeleza!

Eis porque ardo por ti, porque padeço
Do inferno crus tormentos; ³⁶⁰
Porque dos zelos o fel mancha minha alma
De negros pensamentos!

Mas que importa êste amor que me consome?
Eu quero sentir dor;
Quero lábios que entornem nos meus lábios
Alento escaldador!

Quero fogo sentir contra o meu peito,
Quero um corpo cingir que eu sinta arder,
Quero beijos só teus, carícias tuas,
Que dão morrer!

Que importa ao edifício que cintila,
De roaz fogo tomado,
Se por um raio abrasado
Ou por ignóbil favila?

E' sempre ardor, sempre fogo,
Sempre d'incêndio o clarão,
Sempre o amor que estua e ferve
Como um gigante vulcão.

A NUVEM DOIRADA.

(NUM ÁLBUM)

A nuvem doirada se espraia ³⁶¹ no ocaso,
Roçando co'as franjas o trono de Deus;
A águia arrojada seus vôos levanta,
Traçando caminhos nos campos dos céus!

Exala perfumes a flor do deserto,
Embora dos ventos o sôpro fatal
Embrace-lhe as côres, — e o mar orgulhoso
Suspira queixoso — no extenso areal.

E os bardos mimosos nos cantos singelos
Imitam as nuvens no incerto vagar:
Vão sós como as águias, — exalam perfumes,
Suspiram queixumes — das vagas do mar.

Por isso quem ama, quem sente no peito
Cantar-lhe das líras a lira melhor, ³⁶²
Os carmes lhes ouve, que os bardos só cantam
Saudades, perfumes, enlevos e amor!

SONHO DE VIRGEM.

A D. A. C. G. A.

I.

Que sonha a donzela,
Tão vaga, tão linda,
Benquista e benvinda
Na terra e no céu?
Que cisma? que pensa?
Que faz? que medita,
Que o seio lhe agita
Tão bravo escarcéu?

Que faz a donzela,
Se lágrimas quentes
Das faces ardentes
Lhe queimam a tez?
Que sonha a donzela,
Se um riso fagueiro,
Donoso e ligeiro
Nos lábios lhe vês?

Que faz a donzela,
Que cisma, ou medita?
Talvez lá cogita
Fruir algum bem;
Então porque chora?
Se curte agras dores
D'ingratos amôres,
O riso a que vem?

Semelha a donzela,
Que ri-se e que chora,
À límpida aurora,
Que orvalha dos céus;
Não luz mais brilhante,
Não chora mais prantos,
Não tem mais encantos,
Que um riso dos seus.

II.

Quem me dera saber quais são teus sonhos,
Aventar teus angélicos desejos,
Saber de quantas ledas fantasias,
De quantos melindrosos pensamentos
Um suspiro se nutre, um ai se gera.
Virgem, virgem de amor, que vais boiando
À flor da vida, como rósea fôlha,
Que aragem branda sacudiu nas águas;
Que gênio bom a mágica vergasta
Em trôco de um sorriso te concede?
Que poderosa fada te embalsama
A vida e os sonhos? — que celeste arcanjo
Embalá, agita as criações que idéias,
Como em raio do sol dourados átomos
Com que invisível ser brincar parece!
Virgem, virgem de amor, quais são teus sonhos?

III.

Talvez quando o sol nasce, lá divisas
Na líquida extensão do mar salgado
Correr com mansas brisas
Um ligeiro batel aparelhado.

As velas de cetim brancas de neve
Rutilam dentre as flâmulas e côres,
E o barco airoso e leve
Nos remos voga de gentis amôres.

Não formam rijos sons celeuma dura,
Nem a companha entre bulções desmaia;
Aragem fresca e pura
Doces carmes de amor conduz à praia.

Sonhas talvez nas orlas do ocidente,
De um regato sentada à branda margem,
Ver surgir de repente
De uma cidade a caprichosa imagem!

Soberbas construções fantasiando,
Vês agulhas sutis cortando os céus,
E a luz do sol doirando
Rútilos tetos, altos coruchéus.

Sonhas talvez palácios encantados,
Espaçosos jardins, fontes de prata,
Vergéis de sombra grata,
Onde a alma folga, isenta de cuidados.

Sonhas talvez, mas inocente Armida,
Passar a fácil quadra dos amôres,
Tendo em laço de flores
Prêso de quem mais amas peito e vida!

IV.

Quem me dera saber quais são teus sonhos?
Aventar teus mais íntimos desejos,
E ser o gênio bom que tos cumprisse!

V.

Nem só prazeres medita,
Nem só pensa em belas flores;
Muitas há que almejam dores,
Como outras buscam amor:
E' que as punge atra amargura,
Que o peito anseia e fatiga;
E' sêde que só mitiga
Talvez aflicção maior.

Quase gozam, quando vertem
Um pranto cansado e lento;
Quando um comprido tormento
Lhes derrete o coração:
Não é martírio de sangue,
Como nas eras passadas;
Mas há lágrimas choradas,
Que também martírio são.

Há dores que melhor ralam
Que provas d'água ou de fogo,
Que ver apinhado o povo
Num banquete canibal;
Que sentir no anfitatro
As vivas carnes rasgadas
Pelas prêsas navalhadas
De um fero lôbo cervical.

VI.

Quem me dera saber quais são teus sonhos,
Aventar teus mais fundos pensamentos,
E ser o gênio bom que tos cumprisse,
Quando fôssem de amor teus meigos sonhos!

VII.

Mas donde mana essa fonte
De inexplicável ternura,
Que os golpes da desventura
Não podem nunca estancar;
Essa vida tôda extremos,
Esse ardor de todo o instante,
Esse amor sempre constante,
Que nunca se vê minguar?

Quisera, virgem donosa,
Saber a origem divina
Dessa fonte peregrina
De tanta luz e calor;
Então pudera em meus cantos ³⁶³
Tratar dos teus meigos sonhos,
Formar uns quadros risonhos
De quanto sentes de amor.

Roubando as côres do Íris,
Das estrêlas os fulgores,
O aroma que têm ³⁶⁴ as flores,
O vago que tem o mar;
Talvez pudera os mistérios,
As douradas fantasias,
As singelas alegrias
Dum peito virgem cantar.

MEU ANJO, ESCUTA.

Le mal dont j'ai souffert s'est enfui comme un rêve,
Je n'en puis comparer le lointain souvenir
Qu'à ces brouillards légers que l'aurore soulève
Et qu'avec la rosée on voit s'évanouir.

MUSSET.

Meu anjo, escuta: quando junto à noite
Perpassa a brisa pelo rosto teu,
Como suspiro que um menino exala;
Na voz da brisa quem murmura e fala
Brando queixume, que tão triste cala
No peito teu?
Sou eu, sou eu, sou eu!

Quando tu sentes lutuosa imagem
D'aflito pranto com sombrio véu,
Rasgado o peito por acerbos dores;
Quem murcha as flores
Do brando sonho? — Quem te pinta amôres
Dum puro céu?
Sou eu, sou eu, sou eu!

Se alguém te acorda do celeste arroubo,
Na amenidade do silêncio teu,
Quando tua alma noutros mundos erra,
Se alguém descerra
Ao lado teu
Fracos suspiro que no peito encerra;
Sou eu, sou eu, sou eu!

Se alguém se aflige de te ver chorosa,
Se alguém se alegra co'um sorriso teu,
Se alguém suspira de te ver formosa
O mar e a terra a enamorar e o céu;
Se alguém define
Por amor teu,
Sou eu, sou eu, sou eu!

OS BEIJOS.

Amo uns suspiros quebrados
Sôbre uns lábios nacarados
A gemer, a soluçar;
Como a onda bonançosa,
Que numa praia arenosa
Vem tristemente expirar!

Amo ouvir uma voz pura,
Uns acentos de ternura,
Que trazem vida e calor;
Que se derramam a mêdo,
Como temendo o segrêdo
Revelar do oculto amor!

Amo a lágrima que chora
Terna virgem que descora,
Prêsa d'interna aflição;
Amo um riso, um gesto vivo,
Um olhar honesto, esquivo,
Que alvoroça o coração.

Porém mais que o olhar honesto,
Mais que o riso e brando gesto,
Mais do que o pranto a correr,
Mais que a voz, quando amor jura,
Que um suspiro de ternura,
Que vem aos lábios morrer;

Amo o leve som de um beijo,
Quando rompe o véu do pejo,
Mal sentido a murmurar:
E' viva flor de esperança,
Que nos promete bonança,
Como a flor do nenufar. ³⁶⁵

Mente o olhar, mesmo em donzela,
Mente a voz que amor assela,
Mente o riso, mente a dor;
Mente o cansado desejo;
Só não mente o som de um beijo,
Primícias de um longo amor!

Beijos que são? Duas vidas,
São duas almas unidas,
Que o mesmo fogo consume:
São laço estreito de amôres;
Porque são os lábios flores
De que os beijos são perfume!

Beijos que são? — Ai do peito,
Sêlo breve, laço estreito
Dum cansado bem querer;
Saibo dos gozos divinos,
Que nos lábios femininos
Quis Deus bondoso verter.

Já por feliz me tivera,
Triste de mim! se eu pudera
Dizer o que os beijos são:
Sei que inspiram luz e calma,
Sei que dão remanso à alma,
Que trazem fogo à ³⁶⁶ paixão.

Sei que são flor de esperança, ³⁶⁷
Que nos prometem bonança,
Como a flor do nenufar:
Quem fruiu um ledos beijo,
Ter não pode outro desejo,
Nada já pode gozar.

Sei que dêles não se esquece
Triste velho, que esmorece
À míngua de coração:
Viva estrêla em noite escura,
Viva brasa em cinza pura,
Em neve algente um vulcão.

Sei que fruí-los uma hora
De ventura sedutora,
E' subir em vida aos céus,
E' fugir da vida escassa,
Roubar ao tempo que passa
Um dos momentos de Deus.

Sei que são flor de esperança,
Que nos prometem bonança,
Como a flor do nenufar!
Quem os fruiu, o que espera?
Já gozou, já não tem era,
Já não tem mais que esperar.

DESESPERANÇA.

Antes d'espírar el dia,
Vi morir a mi esperanza.

ZARATE.

Que m'importa do mundo a inclemência
E esta vida cruel, amargada?
Dês que os olhos abri à existência
Um vislumbre de amor não achei!
Nem uma hora tranqüila e fadada,
Nem um gozo me foi lenitivo;
Mas no mundo maldito, em que vivo,
Quantas ânsias, meu Deus, não provei!

Já bastante lutei com meu fado!
Quando outrora corri descuidoso
Trás de um bem, não real, mas sonhado,
Transbordava de sonhos gentis:
Eu julgava que a um peito brioso
Ou que a uma alma, que fácil s'inflama
Por virtudes, por glória, ou por fama,
Era fácil aqui ser feliz.

Via o mundo ao través dos meus prantos
A sorrir-se p'ra mim caroável,
Refletindo celestes encantos,
Que era visto dum prisma ao través:
Hoje trevas em manto palpável
Me circundam, — nem já por acêrto
Vejo triste nos prantos, que verto,
Luz do céu refletida outra vez!

Que me resta na terra? — Estas flores,
Afagadas no sôpro da brisa,
Disputando do sol os fulgores,
Balançadas no débil hastil!
Estas fontes de prata, que frisa
Brando vento, — estas nuvens brilhantes,
Estas selvas sem fim, sussurrantes,
Estes céus do gigante Brasil;

Nada já me renova a esperança,
Que jaz morta, qual flor ressequida;
Só me resta a querida lembrança
Que o martírio se acaba nos céus:
Foge pois, ó minha alma, da vida;
Foge, fuge da vida mesquinha,
Leva tímida esp'rança, caminha,
Té parar na presença de Deus!

Qu'êstes gozos de etéreos prazeres,
Que esta fonte de luz que ilumina,
Que êstes vagos fantasmas de sêres,
Que cismando só posso enxergar;
Que os amôres de essência divina,
Que eu concebo e procuro e não vejo,
Que êste fundo e cansado desejo,
Deus sômente tos pode fartar.

Vai assim a medrosa donzela,
Pura e casta na ingênua beleza,
Buscar luz à remota capela,
Branca cera na pálida mão:
Tudo é sombra, silêncio e tristeza!
Mas ao toque do fogo sagrado,
Arde em chamas o círio apagado,
Já rutila brilhante clarão.

SE QUERES QUE EU SONHE.

Sur mon front, où peut-être s'achève
Un songe noir qui trop longtemps dura,
Que ton regard comme un astre se lève,
Soudain mon rêve
Rayonnera.

V. HUGO.

Tu queres que eu sonhe! — que ao menos dormido
Conheça alegrias, desfrute prazeres,
Que nunca provei;
Que ao menos nas asas de um sonho mentido
Perdido — arroubado, também diga: amei!

Tu queres que eu sonhe! — não sabes que a vida
Me corre penosa, — que amarga por vêzes
A própria ilusão!
No pálido riso duma alma afligida,
Qu'envida ³⁶⁸ — ser leda, que dores não vão!

Se o pranto, que os olhos cansados inflama,
Nos olhos de estranhos simpático brilha;
Mais agro penar
Do triste o sorriso nos peitos derrama,
Se a chama — revela, que almeja ocultar.

Sonhando, percebo na mente agitada
Um mar sem limites, areias fundidas
Aos raios do sol;
E um marco não vejo perdido na estrada
Cansada, — não vejo longinquo farol!

E queres qu'eu sonhe! — Nas águas revôltas
O nauta, ludíbrio d'horrenda procela,
Se pode dormir,
As vagas cruzadas, em sustos envôltas, ³⁶⁹
Às ³⁷⁰ sôltas — escuta raiosas bramir.

Talvez porém sonha que as ondas mendaces
O levam domadas à terra querida,
Qu'entrou em seus lares!...
E triste desperta, que os ventos fugaces
Nas faces — a espuma lhe atiram dos mares.

Se queres que eu sonhe, — que alguma alegria
Dormido conheça, — que frua prazeres
Dum plácido amor;
Vem tu como estrêla da noite sombria,
Que enfia — seus raios das selvas no horror,

Brilhar nos meus sonhos. — Então sossegado,
Cismando prazeres, que n'alma s'entranham, ³⁷¹
Dum riso dos teus
Coberto o meu rosto, — fugira o meu fado
Quebrado — aos encantos de um anjo dos céus.

Vem junto ao meu leito, quando eu fôr dormido,
Que eu sinta os perfumes que exalas passando;
 Não sofro — direi:
E ao menos nas asas de um sonho mentido,
Perdido — arroubado, talvez diga: — amei! —

O BAILE.

Sonemos gozando
Fortuna tan vana,
Y el sol de manana
Que vea al salir
Que al son de la orquesta
Danzando en la fiesta,
No es carga funesta
La vida feliz.

ZORRILLA.

As salas vão-se enchendo, as luzes brilham
Nos prismas de cristal repercutidas,
 Enquanto as flores
Dos bufetes nas jarras coloridas
 Acres odores
Soltam; ao mar de luzes misturando
D'inocente perfume outro mar brando.
Com requebros e amor gentis donzelas,
 Em riso e festa,
 Medindo os passos
 Aos sons da orquestra,
 Pendem dos braços
Do namorado, lépido galã!
Esta risonha, aquela pensativa,
Outra menos esquiva,
Atenta às vozes, que o prazer lhe entranham,
 E à frase cortês,
Que lhe entorna a lisonja nos ouvidos
 Vão descuidosas,
 Nos lábios risos,
 Nas faces rosas,
Dando fé a protestos fementidos.

Triunfo às belas! o prazer começa:
Correm nas taças os vinhos espumosos,
 Gratos licores;
Tangida pela mão dos Trovadores
Desfaz-se a lira em sons melódiosos,
 Em cânticos de amôres.
Soltam mais viva luz as brancas velas,
 Melhor perfume as flores.
Ativa-se o prazer; triunfo às belas!

Aqui, ali, além, mil rostos meigos, ³⁷²
Da valsa ao giro rápido se mostram,
De gemas enastrados os cabelos;
 E o peito que anelante
 Palpita entumecido
Nas ondas do prazer ebrifestante,
 Dum leve colorido
 Banha o semblante,
Que mais e mais co'a noite se enrubece:
Triunfo às belas, — o prazer recresce!

Perdido entanto neste mar de luzes,
Mar de amor, de perfumes, que me inunda,
 Contemplo indiferente
 Quanto em redor diviso;
E entre tanto ruído e tanta gente,

Nem um sorriso
Verdadeiro, inocente!
Nem um sincero raio de alegria,
Nem um peito contente
Neste mar de perfumes e harmonia!

Então digo entre mim: — Talvez aquela,
 Que tem melhores côres,
 Que mais leda se mostra,
Que mais feliz no gesto se revela,
 Sente mais finas dores;
 O íntimo desgosto,
 A febre que a devora
 Lhe dá calor ao rosto,
 E no silêncio chora, ³⁷³
Prêsa de uma aflição devoradora.

Uma tristeza funda, inexprimível
 O coração me anseia;
E triste e solitário num recanto,
Nunca mais solitário, nem mais triste
Do que entre a multidão que me rodeia,
Não encontro maior, mais doce encanto
Que deixar-me arrastar por uma idéia,
 Que me avassala a mente.
 Que m' importa esta gente,
Estes rostos que vejo e não conheço,
E o riso a que mil outros dão aprêço?
 Esta fingida alegria,
 Esta ventura que mente,
Que serão delas ao romper do dia?
Destas virgens louças as mais mimosas
Mortas serão talvez antes que murchem
Do branco rosto as encarnadas rosas!
Grinaldas festivas, que a morte espalha
 No lúgubre terreiro;
 O pó as enxovalha,
Murchas aos pés do esquálido coveiro!

DESALENTO.

Without a hope in life.
CRABBE.

Nascer, lutar, sofrer! — eis tôda a vida:
D'esperança e de amor um raio breve
 Se mistura e confunde
As cruas dores dum viver cansado,
Como raio fugaz que luz nas trevas
 Para as tornar mais feias!

Da verde infância os sonhos melindrosos,
Nobres aspirações da juventude,
 Amor de glória estulto,
Com que mais alto a mente se extasia;
São vãos fantasmas, que produz a febre,
 São ilusões que mentem!

São as fôlhas virentes arrancadas
Dum arbusto viçoso, antes que brotem
 Da primavera as flores;
A penugem que nasce antes das asas,
Um estéril botão, que não dá flores,
 Ou flor que não dá frutos!

Foge, mancebo, lá te espreita o mundo!
 Como areias dum páramo deserto,
 Ressequido, abrasado;
 Provoca o teu sofrer, teu pranto espreita,
 Sedento almeja as lágrimas, qu'entornas
 Nos areais da vida.

S'inda tens coração, hão de esmagar-te;
 As setas da calúnia irão cravar-to
 Na parte mais sensível:
 Se tens alma, se elétrico palpitas
 De pátria e de virtude aos nomes santos,
 Foge outra vez ao mundo.

Não queiras, num acesso doloroso,
 As mãos ambas ferindo o peito crédulo
 Exclamar delirante:

"Minha pátria onde está? — Onde êstes homens,
 "Que a par de meus irmãos amar devera,
 "Da mesma pátria filhos?"

"E a virtude também, onde hei da achá-la?
 "Se é mais que nome vão, onde é que existe?
 "Onde é que se pratica?"

"Se os modernos Catões a graça esmolam
 "Do rei — ou, cortesão da populaça,
 "Rojam por terra ignóbeis!"

"Se a mão do poderoso, a mão dourada
 "Do crime impune — esbofeteia as faces
 "Do homem vil, que a beijal!
 "Oh! meus irmãos não são, não são os filhos
 "Desta pátria, que eu amo; — torce o rosto
 "De os ver a humanidade."

Despe-se a vida então dos seus encantos,
 E o homem na lembrança revivendo
 O percorrido estádio,
 Tem por marcos de estrada o monumento,
 Com que os mais fortes laços se desatam,
 — A pirâmide e a campa!

Do sonho juvenil murchas as côres,
 Sem ilusões, sem fé — nublado, escuro
 O presente e o porvir,
 No crepe d'abortadas esperanças
 S'envolve ³⁷⁴ — os olhos tesos no sepulcro,
 A tarda morte aguarda!

Mas eu, qual viajor, vago perdido
 Pela face da terra! — amigo lume
 Não me convida ao longe;
 E ao sentar-me na mesa dos estranhos,
 Digo: — longe serei antes do ocaso; —
 E a divagar prossigo.

Mal aceito conviva me despeço!..
 As calúnias que sofro, a dor que passo,
 Não me ferem profundas;
 Bem como a rôla, que das matas desce,
 E nas asas recebe o pó da estrada,
 Que voando sacode.

Minha hora derradeira soe em breve,
 A só esperança que aos mortais não falha!
 Morrerei tranqüilo;
 Bem como a ave, ao pôr do sol, deitando
 Debaxo d'asa a tímida cabeça,
 Da noite o sono aguarda.

A QUEDA DE SATANAZ.

(TRADUÇÃO).

Eis que tomba da abóbada celeste
 O arcanjo audaz, o serafim manchado,
 Desenrolando o corpo volumoso,
 Despenhado precípite, — qual mundo
 Dos eixos arrancado, — como um vivo
 Dos céus fragmento enorme, ei-lo caindo!
 Caía lá daqueles céus brilhantes,
 Donde inda seus iguais lançavam raios;
 Caía! — e a cerviz no espaço ardendo
 As esferas dos sóis de côr de sangue,
 Passando, avermelhava.

Ei-lo, o maldito, o arcanjo da blasfêmia,
 Rival do criador! — té o imo peito
 Pelas frechas da anátima ³⁷⁵ varado,
 Como num turbilhão, desce rodando;
 Ondas dum mar de fogo o vem cercando,
 E êle oculta a cabeça,
 Como que procurasse
 Nas entranhas da noite
 Esconder seu desdoiro.

Clamavam — longe — os mundos com voz forte:
 "Que insensato! onde vai? Nesse arrojado,
 Frenético voar, que vento o impele,
 Que de astro em astro vai, dum céu em outro?
 Vêde como é sombrio!

Oh! quão outro que está daquele arcanjo
 De tão belo semblante,
 Lúcifer radiante,

Cujo sópro era como o romper d'alva,
 Que as portas da manhã nos céus abria,
 Trazendo consigo a aurora,
 Que o seu alento acendia!
 Acaso o reconheceste?

Era ontem brilhante, novo e belo;
 E hoje é feio e nu e descalvado,
 Nas asas da tormenta balouçado,
 Nas asas dos bulcões;
 E os seus olhos fulminados
 Já sem pupilas fumegam,
 Quais crateras de vulcões!"

O arcanjo os escutava, ameaçando-os
 Co'olhar fulminante;
 Que cheio d'ímpio orgulho já sentia
 Uma c'roa de rei cingir-lhe a fronte.
 Todos os astros que no espaço giram
 Seus olhos d'irritados fascinavam;
 E os astros todos de terror tremiam,
 Saudando a coruscante realeza.
 E já os céus sem fim, estrêlas, mundos
 Trás dêle se perderam;

E nas profundas solidões do espaço
 O arcanjo abandonado apenas via
 A noite, e sempre a noite!

Tem mêdo, olha, procura.... — Um astro! um
 [astro!]

Transviado nos céus! — O arcanjo o avista!
 Estende a mão convulsa arrependendo-o:
 Segura, arrasta-o, e dum só pulo ardido ³⁷⁶
 Trá-lo potente ao limiar do inferno,
 Alentando açodado.

O errante cometa duas vèzes
 Ao tetro boqueirão levou consigo,
 E duas vèzes, como um negro abutre,
 Lutando corpo a corpo, de cansaço
 Sentiu-se esmorecer.
 Duas vèzes também o astro vítima,
 Suplicando medroso, as ígneas asas
 Bateu, sublime grito aos céus mandando.
 O nome do Senhor por duas vèzes
 O rebelde venceu, — êle sòzinho
 Caiu no fundo abismo.

CANÇÃO DE BUG-JARGAL.

(TRADUÇÃO).

Maria, porque me foges,
 Porque me foges, donzela?
 Minha voz! o que tem ela,
 Que te faz estremecer? ³⁷⁷
 Tão temível sou acaso?
 Sei amar, cantar, sofrer.

E quando ao través dos troncos
 Descubro d'altos coqueiros,
 Junto às ³⁷⁸ margens dos ribeiros,
 A sombra tua a vagar;
 Julgo ver passar um anjo,
 Que os meus olhos faz cegar.

E dos lábios teus se escuto
 Deslizar-se a voz, Maria,
 Cheio de estranha harmonia
 Pulsa o peito meu queixoso,
 Que mistura aos teus acentos,
 Tênuê suspiro afanoso.

Tua voz! eu quero ouvir-ta
 Mais do que as aves cantando,
 Que vêm ³⁷⁹ da terra voando,
 Em que eu a vida provei;
 Da terra onde eu era livre,
 Da terra onde eu era rei!

Liberdade e realza,
 Hei de perder da lembrança;
 Família, dever, vingança...
 Té a vingança m'esquece,
 Fruto amargo e deleitoso,
 Que tão tarde amadurece!

Ês, Maria, qual palmeira,
 Altiua, esbelta, engraçada,
 No tronco seu balançada
 Por leve brisa fagueira;
 No teu amante a rever-te,
 Como na fonte a palmeira.

Mas não sabes? — Do deserto
 A tempestade valente
 Corre às ³⁸⁰ vèzes de repente
 Por acabar apressada
 Com seu hálito de fogo
 A palmeira, a fonte amada!

E a fonte já mais não corre!
 Sente a verdura sumir-se
 A palmeira, e contrair-se
 A palma sua ao redor,
 Que de cabelos dava ares,
 De c'roa tendo o 'splendor.

D'Hispaniola, ³⁸¹ ó branca filha,
 Teme por teu coração;
 Teme a fôrça do vulcão
 Que vai breve rebentar!
 Que, depois, amplo deserto
 Só poderás contemplar!

Talvez que então te arrependas
 De me haveres desdenhado,
 Porque houveras encontrado
 Salvação no meu amor;
 Como o catá leva à fonte
 O sedento viajor.

Porque assim tu me desdenhas,
 Não, Maria, não o sei;
 Que dentre as fronteas humanas,
 Entre as fronteas soberanas,
 Levanto a fronte; sou rei.

Sou prêto, sim, tu és branca;
 Mas qu'importa? Junto ao dia
 A noite o poente cria
 E cria a aurora também,
 Que mais luzentes belezas,
 Mais doces do que ambos tem.

AGAR NO DESERTO.

*Et abiit, seditque e regione procul quantum potest arcus
 jacere: dixit enim: non videbo morientem puerum: et sedens
 contra, levavit vocem suam et flevit.*

Gênesis, cap. 21, 16.

Pálido o rosto e queimado
 Pelo sol do Egito ardente,
 Saía a escrava inocente
 Co' o filho inocente ao lado
 Da tenda patriarcal.
 A pobrezinha chorava!
 Alguns pães e um frasco d'água
 E um peito cheio de mágoa!...
 Vê, contempla, ó triste escrava,
 Teu sepulcro no arcal.

Abraão se compadece;
 Mas debalde o solicita
 Piedade santa, — de aflita
 Sem queixar-se, lhe obedece
 A triste escrava do amor.
 Quisera talvez detê-la...
 Porém quê? — Sara ³⁸² lh'implora,
 Deus lhe ordena: — vai-te embora,
 Vai-te, escrava; e a tua estrêla
 Te depare outro senhor.

O sol brilhante nascia
 Sôbre as tendas alvejantes;
 E noutros pontos distantes
 Combros d'areia feria,
 Outrora leito dum mar;
 Esse caminho procura,
 Que nas ondas do deserto
 Talvez ache por acêrto
 Pátria, abrigo, amor, ventura
 A prole infausta d'Agar.

Vai, caminha; mas ao passo
 Que no deserto s'entranha,
 Arde o sol com fúria estranha,
 Racha a areia o pé descalço,
 Cresta o vento os lábios seus;
 E ao lado o filho inocente
 Soltava tristes gemidos,
 Co'os olhos umedecidos
 Fitando a mãe ternamente,
 Que os olhos tinha nos céus!

Procura terras do Egito;
 Porém debalde as procura:
 Vai a triste, sem ventura,
 Lento o passo, o rosto aflito,
 Pela inculta Bersabé.
 Seu Ismael desfalece;
 No deserto imenso, adusto,
 Não enxerga ³⁸³ um só arbusto:
 Jeová dêles s'esquece!
 Cresce a dor, e minguá a fé.

Pede sombra o triste infante:
 Não há sombra, — água suplica;
 Exaurido o vaso fica,
 Pede mais d'istante a instante....
 Pobre escrava, oh! quanto dó!
 Pudesses rasgar as veias,
 Tornar águas inocentes
 Tuas lágrimas ardentes;
 Mas só vês dum lado areias,
 D'outro lado areias só.

Pois não há quem o proteja,
 Diz a escrava lá consigo,
 Vendo o fado seu imigo,
 Meu filho morrer não veja,
 Bem qu'eu tenha de morrer.
 A um tiro d'arco distante
 Se arrasta com lento passo,
 Tomba o corpo enfêrmo ³⁸⁴ e lasso,
 E amargo pranto abundante
 Deixa dos olhos correr.

Deus porém ouvira a prece
 Da escrava, da mãe coitada,
 E da celeste morada
 Librado um arcanjo desce
 Nas asas da compaixão.
 Expira em tórno ar de vida,
 Um aroma deleitoso,
 E num sonho aventuroso
 Agar seus males olvida,
 Olvida a sua aflição.

Dorme e sonha, ó triste escrava,
 Deus senhor sôbre ti vela!
 Dorme e sonha: — a tua estrêla
 Nasce como um romper d'alva
 Sôbre os netos d'Ismael.
 Esquece a sorte mesquinha,
 Que te vexa, — esquece tudo;
 Deus senhor é teu escudo;
 Já não és serva, és rainha
 Doutro reino d'Israel.

Como quando elevados nas alturas
 Descobrimos incógnitas paisagens,
 Densas florestas, áridas planuras
 E de rios caudais virentes margens;

Assim da vida o sonho te arrebatá,
 Rasgando o véu do tempo e do infinito,
 E uma cena vistosa te retrata,
 Que vai da Arábia ao portentoso Egito.

Vê como o filho teu, feroz guerreiro,
 Nos prainos do deserto eleva as tendas,
 E, pôsto a seus irmãos sempre fronteiro,
 Provoca e trama aspérrimas contendás!

São doze os filhos — doze reis potentes —
 Com êles Ismael tudo avassalá;
 Sua espada é a lei das outras gentes,
 Seus decretos os campos da batalhá.

A sorte seus desígnios favoneia,
 Segue seus passos a benção ³⁸⁵ divina,
 Povoá-se Farã, surge d'areia
 De Meca o templo, os paços de Medina.

Crescem, dominam: largo reino ingente
 Mesquinha habitação presta a seus netos,
 Covertida em nação a grei potente,
 Que oprime a cerviz móbil dos desertos.

Mas entre os filhos seus de nomeada,
 Sup'rior dos heróis à grande altura,
 Na sinistra o alcorão, na destra a espada,
 A efígie tórva de Maomé fulgura.

Curva-se a Arábia entanto, a Palestina
 À sua lei, da Pérsia o reino antigo;
 Escutam Ásia e África a doutrina
 Do embusteiro que em Meca achou jazigo:

Mensageiro divino se declara
 Aquêlo que iludido o mundo adora;
 Agar é mãc, — pela vergôn-tea cara,
 Entre orgulhosa e triste, a Deus implora.

Pecou; porém da glória que o circunda
 A roxa luz, que o meteoro inita,
 De vivo resplendor a fronte inunda,
 Comove o peito à ³⁸⁶ mísera proscrita.

Curvado ao jugo seu todo o oriente,
 Inda cubiça a Europa o Ismaelita;
 E em frente à cruz, o pálido crescente
 Aparece nas tórres da mesquita.

Oh! quanto humano sangue derramado!
Que de prantos e lágrimas vertidas!
Entre irmãos o combate é porfiado,
A raiva intensa, as lutas mal feridas.

De avistar êsse quadro tão medonho,
Embora no porvir todo escondido,
A escrava tenta orar; porém no sonho
Resume a prece em lânguido gemido.

Geme de ver em fúria carniceira
A espôsa de Maomé desrespeitada,
E do seu genro a dinastia inteira
Por duro azar de guerra contrastada.

Sucedem-se os Omíades valentes; 387
Do seu último rei, oh dor! se coalha
O sangue na mesquita: entre essas gentes
Vinga o punhal a sorte da batalha.

O vencedor então, não poucas vêzes,
Chegando à bôca a taca corrompida,
Exp'rimenta os tristíssimos reveses,
De quem sôbre os troféus exala a vida!

Tudo é silêncio e luto: — um só evita
O negro olvido, — ao templo da memória
Voa Al-Reschid, — unindo à glória avita
O louro da ciência e o da vitória.

Com seu vizir à noite, pelas ruas
Escuta dos estranhos mercadores
A glória doutros reis, menor que as suas,
E espreita do seu povo ocultas dores!

Se ouviu a narração duma desgraça,
Se o pobre vê curvado à 388 prepotência,
Se o convidam a entrar, quando êle passa,
No abrigo do infortúnio e da inocência,

Entrou e viu! mas o fulgor crastino 389
Ri-se mais brando aos peitos soffredores;
Passa o rei, como orvalho matutino,
E, por onde passou, recendem 390 flores!

Mudado o sonho, a fugitiva escrava
Estranhos povos nota, estranhas terras,
Que o Darro ensopa e o Guadalete lava,
Nadando em sangue de cruentas guerras.

Quem foi que as altas portas
Abriu d'Espanha aos mouros;
Que pôs os verdes louros,
Dos reis gôdos conquista,
As plantas do infiel?

De tantos males causa
Tu foste, ó rei Rodrigo,
Tornando infesto, imigo,
O nobre conde, outrora
Vassalo teu fiel.

Debalde o afeto encobres
Do refalsado peito,
Se vais furtivo ao leito
Da virgem, que se mostra
Rebelde ao teu amor:
Qu'ês gôdo e rei t'esqueces!
E o nobre ressentido
Da ofensa que há sofrido,
No teu exemplo aprende
A ser também 391 traidor.

Enquanto pois devassas,
Com torpes pensamentos,
Os régios aposentos
Da nobre moça, — a c'roa
Te cai da frente ao chão;
E o pai, que a afronta punge,
Turbado, ardendo em ira,
Aos pés do mouro a atira.
O rei, que planta crimes,
Recolha vil traição.

Sus, ó rei, às armas!
Empunha a larga espada,
E a frente sombreada
Co'o negro elmo — deixa
Tingir-se em nobre pó:
D'encontro às 392 alas densas
Do bárbaro inimigo
Debalde, ó rei Rodrigo,
Te arrojas! — vence a 393 fôrça,
Foges vencido e só!

Vai só; mas ocultando
No manto dum soldado
O rosto demudado,
Enquanto passa o campo,
Escasso leito aos seus:
Ai! triste rei caído!
Na solitária ermida,
Que abriga a inútil vida,
No pó colada a frente,
Lembra-te enfim de Deus.

Lembrem-te os muitos erros
E o crime grave, enquanto
As mães gôdas em pranto
O nome teu maldizem,
E ao céu clamando estão.
Enquanto pela Ibéria
O árabe audaz e forte 394
Espalha o susto, a morte,
Por onde quer que solta
Ao vento o seu pendão.

Passam avante, calcam
Dos Pireneus as serras,
Levando cruas guerras
Ao dilatado império
Do intrépido gaulês.
Debalde o grande Carlos
Opõe-se-lhes, — que a história
Nos traz inda à memória
Dos tristes Roncesvales
O mísero revés.

Porém do largo império
De Córdoba e Granada
A c'roa cai pesada
Na frente amolecida
Do moço Boabdil.
O fraco teme os ecos
Ouvir da acesa guerra,
E perde a nobre terra
Ganhada em mil batalhas
Com pranto feminil.

Depois, inda outros quadros
Enxerga no futuro;
Mas é um ponto escuro,
São formas vagas, postas
Em duvidosa luz.
Já naves são, já hostes,
Tropel de vária gente,
Que parte do ocidente,
Em cujos peitos brilha
De Cristo a roxa cruz.

Agar enfim acorda!
Sustendo o filho caro,
Pelo deserto avaro ³⁹⁵
S'entranha novamente,
Mais sôlto o coração.
Parece que já sente
No rosto ao belo infante
A glória radiante,
Que espera os descendentes
Da forte geração.

E como Deus lhe há dito,
Seus filhos são guerreiros,
Que a seus irmãos fronteiros
Cruentos prélios movem:
Temidos são; porém
As filhas d'esses bravos, ³⁹⁶
Da vida sequestradas,
Escravas são coitadas,
Que da materna origem
Recordam-se no Harém.

Vai, caminha, oh triste escrava,
Deus Senhor sôbre ti vela;
Vai, caminha: a tua estrêla
Nasce como um romper d'alva
Sôbre os netos d'Ismael.
Esquece a sorte mesquinha
Que te vexa, esquece tudo,
Deus Senhor é teu escudo:
— Já não és serva, és rainha
Doutro reino d'Israel.

HINO.

O MEU SEPULCRO.

E'lève-toi, mon âme, au-dessus de toi-même,
Voici l'épreuve de ta foi!
Que l'impie, assistant à ton heure suprême,
Ne dise pas: Voyez, il tremble comme moi!

LAMARTINE — *Harmonies.*

Quando, os olhos cerrando à luz da vida,
O extremo adeus soltar às esperanças,
Que na terra nos guiam, nos confortam
E espaçam do porvir a senda estreita;
Quando, isento de míseros cuidados,
Disser adeus às ilusões douradas,
Mas com elas também às dores cruas
Da existência — aos espinhos pontiagudos,
Com que a verdade o coração nos roça;
Quando tocada não sentir minha alma
Da luz, dos sons, das côres, das magias,
Que a natureza pródiga derrama
No regaço da terra — mais ditoso
Serei acaso então? — Quando o meu corpo
À terra, mãe comum, pedindo abrigo
Dos sepulcros no vale em paz descansa;
Hei de ser mais feliz porque mo cobre
Pomposo mausoléu, em vez da pedra
Sem nome, em vez do túmulo de céspedes,
Que s'ergue junto à estrada, e ao viandante,
Ao que ali passa, uma oração suplica?
Oh! não! — ao encalmado é grata a sombra;
Grato descanso aos membros fatigados
Presta igualmente a relva das campinas
E os torrões pelo sol enrijecidos.
Como o trabalhador que a sesta aguarda,
O meu têrmo fatal sem mêdo espero!
Eu então pedirei silêncio à morte,
E fresca sombra à sepultura humilde,
Que me receba, — e a cuja superfície
Morrã sem eco da existência as vagas.

Humilde seja embora! Que m'importa
Que a mão d'hábil artista me não talhe
Mentiroso epitáfio em prêto mármore!
O moimento faustoso, que se erige,
Arranco da vaidade, sôbre a campa
De um corpo transitório, acaso empece
Aos que ali pascem, vermes esfaimados
De roerem-lhe as vísceras?! — Solenes
São da campa os mistérios; mas terrível
E' da morte a rasoura, que nivela
O rico ao pobre, e os berços diferentes
Torna um féretro, um leito de Procusto,
Capaz de quanta dor os homens sofrem:
Tão depressa o cadáver se corrompe
Nas amplas dobras do veludo envolto, ³⁹⁷
Como embrulhado na mortalha exígua,
Que a religiosa caridade amiga,
O pudor dos sepulcros venerando,
Lança do pobre aos restos desprezados.

Os felizes do mundo, acobardados
 Ante a imagem da morte, que os assalta,
 Temem deixar a terra, onde tranqüila,
 Quase livre de dor, entre delícias,
 Como um rio caudal lhes corre a vida.
 Horrorizam-se tímidos, — suplicam
 À cruel, que os não leve, que os não roube
 À senda matizada, onde os seus passos
 Deslizam-se macios — às carícias
 Dum scio, que lhes presta brando encôsto.
 O fio da esperança os liga forte
 A um corpo que declina, como os lios
 De enredança tenaz prendida à copa
 Duma árvore comida: amedrontados,
 Como das fauces negras dum abismo,
 Do pavoroso túmulo recuam.

Mas eu, que vago sôlto, como a fôlha,
 Como o fumo sutil; que não limito
 Nos términos da terra os meus desejos,
 Folgo de ver os renques dos sepulcros
 No chão da morte largamente esparsos!
 Quase me alegra vê-los. Tal no exílio
 Contempla à beira-mar o degradado
 Devolverem-se as vagas, — e saudoso
 Da pátria sua tão distante — as conta;
 Uma por uma as interroga, e pensa
 Qual daquelas será que o leve e atire,
 Náufrago embora e semimorto, às praias,
 Por que ³⁹⁸ choram seus olhos. — No destêrro
 Me contemplo também, — como êle, choro
 A pátria, o ímã dos meus sonhos gratos.
 Abra-se funda a cova ante os meus passos:
 Um só dêles da morte me separe!..
 E êsse passo andarei, como quem pisa,
 Depois de viajar remotos climas,
 O pátrio solo, e as auras perfumadas
 Do bosque, amigo seu na leda infância,
 Bebe de novo, e de as gozar se aplaude.

Hora do passamento! és da existência
 O momento mais santo, o mais solene:
 Assim o rubro sol, quando no ocaso
 Em turbilhões de púrpura se afunda,
 Nos morredouros, despontados raios
 Saudoso, extremo adeus à terra envia.
 Tal o espôso se aparta suspiroso
 E nas asas da brisa manda um beijo
 À espôsa, que de o ver partir se enluta,
 Rôla que vaga na amplidão das selvas.

Cheio de melancólica incerteza,
 Dir-te-ei: bem-vinda, — ó morte! quando os olhos

Voltar atrás na percorrida estrada;
 E chorarei talvez, como quem deixa
 O cárcere medonho, onde engastada
 Nas escarnas da dor gemeu sua alma
 Largos anos de antigo sofrimento;
 O cárcer qu'inda as lágrimas lhe verte
 Das úmidas paredes, cujos ecos
 Inda parecem, na soidão da noite,
 Repetir seus tristíssimos acentos.

Oh! quão formosa a vida se revela
 A quem já bate às ³⁹⁹ portas do infinito,
 Encostado aos umbrais da eternidade,
 A vez extrema contemplando o mundo!

A fôlha já mirrada, a pedra sôlta,
 A flor agreste, a fonte que murmura
 E as cantoras do céu, as ledas aves
 De variado esmalte, e as suspirosas
 Brisas da noite e as do romper da aurora,
 A estrêla, o sol, o mar, o céu, a terra,
 A planta, os animais, tudo então vive,
 Tudo conosco simpatiza, — tudo,
 Como orquestra afinada por nossa alma,
 Acorde aos nossos sentimentos vibra,
 Revelando ao que morre os fins da vida.
 Dali melhor compr'ende-se a existência,
 Mais vasta perspectiva se desdobra
 Ante os olhos, que a extrema vez lampejam:
 E as cenas que a ilusão junca de flores,
 Que o desejo nos mostra, que nos pinta
 Cubiçoso, irisante, — que a esperança
 Fugaz de vários modos nos matiza;
 Glória, ambição, prazer, falaz ventura,
 Tudo se olvida e apaga — semelhante
 À fugitiva estrêla ou clarão breve
 Dum relâmpago estivo, que um momento
 Se mostra e fulge, logo imerso em trevas.

Que importa que eu não tenha uma só c'roa,
 Um mirrado laurel, uma só fôlha,
 Que às novas gerações diga o meu nome
 E solicite as atenções futuras?
 Sou como o passarinho, quando passa
 À flor de um lago e a sombra vacilante
 No líquido cristal debalde estampa.
 Ou semelhante ao viajor que bate
 Da vida a estrada pulvurenta, ⁴⁰⁰ e nota
 Como os seus rastos mal impressos cobre
 O pó que de seus passos se levanta.
 Ah! que dos louros me não dói a ausência
 Mas de lágrimas, sim, que me orvalhassem
 A sepultura humilde, — a ⁴⁰¹ cujas gôtas
 Meus ossos de prazer estremecidos
 De as sentir se alegrassem... — mas em trôco
 Dessa pia oblação, que tantas vezes
 Mente ao finado, que as espera eterno,
 As lágrimas terei da noite fria,
 O fresco humor da chuva, que me eduquem
 A agreste flor, que a natureza obriga
 A despontar na solitária campa.
 Ninguém virá com titubantes passos
 E os olhos lacrimosos, procurando
 O meu jazigo; e em falta de epitáfio,
 “Êle aqui jaz!” o coração lhe diga,
 E ali se curve então, fundos suspiros
 Dando aos ecos do fúnebre recinto,
 Envoltos ⁴⁰² na oração que alegra os mortos.
 Certo, ninguém virá; porém tampouco
 Ouvirei maldições, onde escondido,
 Já pasto aos vermes, jazerá meu corpo.
 Se deixo sôbre a terra alguma ofensa,
 Se alguma vida exacerbei, se acaso
 Alguma simples flor trilhei passando;
 Essas, depois d'eu morto, convertidos
 Os ódios em piedade — “Em paz descansa”
 Dirão ante o meu túmulo, e voltando
 A um lado o rosto, — deixarão dos olhos
 Compassiva uma lágrima fugir-lhes!

Tu, Senhor, tu, meu Deus, tu me recebe
 Na tua santa glória: alarga as asas
 Do teu santo perdão, que ao teu conspecto
 Humilhado me sinto, como a grama,
 Que o pé do viajor sem custo abate.
 A ti volvo, ó Senhor, — bem como o filho
 Que ao sôpro de paixões soltando as velas
 Da juventude ardente, foge ao teto
 E ao lar paterno, onde por fim se acolhe
 Consumido o tesouro da inocência,
 Com rubor dos andrajos da pobreza,
 Que o vexa, — para ver do pai o rosto,
 Para escutar-lhe a voz, embora tenha
 Sôbre a cabeça a maldição pendente.

SAUDADES.

A MINHA IRMÃ.

J. A. de M.

I.

Eras criança ainda; mas teu rosto
 De ver-me ao lado teu se espanjava
 À luz fugaz de um infantil sorriso!
 Eras criança ainda; mas teus olhos
 De uma brandura angélica, indizível,
 De simpáticas lágrimas turbavam-se
 Ao ver-me o aspecto merencório e triste;
 E amigo refrigerio me sopravam,
 Um bálsamo divino sôbre as chagas
 Do coração, que a dor me espedaçava!
 A luz de uma razão que desabrocha,
 As leves graças, que a inocência adornam,
 Os infantis requiebro, as meiguices
 De uma alma ingênua e pura — em ti brilhavam.
 Eu, gasto pela dor antes de tempo,
 Conhecendo por ti o que era a infância,
 Remoçava de ver teu rosto belo.
 Pouco era vê-lo! — em ti me transformava;
 Bebendo a tua vida em longos tragos,
 Todo o teu ser em mim se transfundia:
 Meu era o teu viver, sem que o soubesses,
 Tua inocência, tuas graças minhas:
 Não, não era ditoso em tais momentos,
 Mas de que era infeliz me deslembrava!

Tinhas sôbre mim poder imenso,
 Indizível condão, e o não sabias!
 Assim da tarde a brisa corre à terra,
 Embalsamando o ar e o céu de aromas:
 Enreda-se entre flores suspirosa,
 Geme entre as flores que o luar prateia,
 E não sabe, e não vê, quantos queixumes
 Apaga — quantas mágoas alivia!
 Assim, durante a noite, o passarinho
 Em moita de jasmims derrama oculto
 Merencórias canções nos mansos ares;
 E não sabe, o feliz, de quantos olhos
 Tristes, mas doces lágrimas, arranca!

II.

Perderam-te os meus olhos um momento!
 E na volta o meu rosto transtornado,
 As vestes ltuosas, que eu trajava,
 O mudo, amargo pranto que eu vertia,
 Anúncio triste foi de uma desdita,
 Qual jamais sentirás: teus tenros anos
 Pouparam-te essa dor, que não tem nome.
 De quando sôbre as bordas de um sepulcro
 Anseia um filho, e nas feições queridas
 Dum pai, dum conselheiro, dum amigo
 O sêlo eterno vai gravando a morte!
 Escutei suas últimas palavras,
 Repassado de dor! — junto ao seu leito,
 De joelhos, em lágrimas banhado,
 Recebi os seus últimos suspiros.
 E a luz funérea e triste que lançaram
 Seus olhos turvos ao partir da vida
 De pálido clarão cobriu meu rosto,
 No meu amargo pranto refletindo
 O cansado porvir que me aguardava!

Tu nada viste, não; mas só de ver-me,
 Flor que sorrias ao nascer da aurora
 No denso musgo dos teus verdes anos,
 A procela iminente pressentiste,
 Curvaste o leve hastil, e sôbre a terra
 Da noite o puro aljôfar derramaste.

III.

O encanto se quebrara! — duros fados
 Inda outra vez de ti me separavam.
 Assim dois ramos verdes juntos crescem
 Num mesmo tronco; mas se o raio os toca,
 Lascado o mais robusto cai sem graça
 De rôjo sôbre o chão, enquanto o outro
 Da primavera as galas pavoneia!
 Já não há quem de novo uni-los possa,
 Quem os force a vingar e a florir juntos!

Parti, dizendo adeus à minha infância,
 Aos sítios que eu amei, aos rostos caros,
 Que eu já no berço conheci, — àqueles
 De quem, malgrado ⁴⁰³ a ausência, o tempo, a morte
 E a incerteza cruel do meu destino,
 Não me posso lembrar sem ter saudades,
 Sem que aos meus olhos lágrimas despontem.
 Parti! sulquei as vagas do oceano;
 Nas horas melancólicas da tarde,
 Volvendo atrás o coração e o rosto,
 Onde o sol, onde a esp'rança me ficava,
 Misturei meus tristíssimos gemidos
 Aos sibilos dos ventos nas enxárcias!

Revolvido e cavado o negro abismo,
 Rugia indômito a meus pés: sorvia
 No fragor da procela os meus soluços.
 Vago triste e sòzinho sôbre os mares,
 — Dizia eu entre mim, — na companhia
 De crestados, de ríspidos marujos,

Mais duros que o seu côncavo madeiro!
 Ave educada nas floridas selvas,
 Vim da praia beijar a fina areia.
 Subitâneo tufão arrebatou-me,
 Perdi a verde relva, o brando ninho,
 Nem jamais casarei doces gorjeios
 Ao saudoso rugir dos meus palmares;
 Porém a branca angélica mimosa,
 Com seu candor enamorando as águas,
 Floresce ⁴⁰⁴ às margens do meu pátrio rio.

I V.

Largo espaço de terras estrangeiras
 E de climas inhóspitos e duros
 Interpôs-se entre nós! — Ao ver nublado
 Um céu d'inverno e as árvores sem fôlhas,
 De neve as altas serras branqueadas,
 E entre esta natureza fria e morta
 A espaços derramados ⁴⁰⁵ pelos vales
 Triste oliveira, ou fúnebre cipreste,
 Arrasados de lágrimas os olhos,
 Segui no pensamento as andorinhas,
 Nos invejados vôos! — procuravam,
 Como eu também nos sonhos que mentiam,
 A terra que um sol cálido vigora,
 E em frouxa languidez estende os nervos.
 Pátria da luz, das flores! — nunca eu veja
 O sol, que adoro tanto, ir afundar-se
 Nestes da Europa revoltosos mares;
 Nem tibia lua, envôlta ⁴⁰⁶ em nuvens densas,
 Luzindo mortuária sôbre os campos
 De frios suis queimados. — Ai! dizia,
 Ai daquele que um fado aventureiro,
 Qual destrôço de misero naufrágio,
 A longínqua e remota plaga arroja!
 Ai daquele que em terras estrangeiras
 Corta nas asas do desejo o espaço,
 Enquanto a realidade o vexa em tórno
 E opresso o coração de dor estala!
 Onde a pedra, onde o seio em que descansa?
 Que arbusto há de prestar-lhe grata sombra
 E olentes flores derramar co'a brisa
 Na fronte encandecida? Peregrino,
 Em tôda a parte forasteiro o chamam!
 Insensível à ⁴⁰⁷ dor, na sua marcha,
 Não, não atende ao tórmo da jornada;
 Mas volta atrás o rosto, — e entre as sombras
 Confusas do horizonte — enxerga ⁴⁰⁸ apenas
 O débil fio da esperança têso,
 E da ingrata distância adelgaçado!

E todavia amei! pude um momento
 Ver perto a doce imagem debruçada
 Nas águas do Mondego, — ouvir-lhe um terno
 Suspiro do imo peito, mais ameno,
 Mais saudoso que as auras encantadas,
 Que entre os seus salgueirais moram loquaces!
 Foi um momento só! — talvez agora
 Nas mesmas águas se repete imagem
 Dos meus sonhos de então! — talvez a brisa,
 Nas fôlhas dos salgueiros murmurando,
 Meu nome junto ao seu repete aos ecos,
 Que eu, triste e longe dela, escuto ainda!

Sim, amei; fôsse embora um só momento!
 Meu sangue, requeimado ao sol dos trópicos,
 Em vivas labaredas conflagrou-se.
 Feliz naquele incêndio ardeu minha alma,
 Um ano, talvez mais! Qual foi primeiro
 A soltar, a romper tão doces laços
 Não pudera dizê-lo, em que o quisesse.
 Tão louco estava então, — dores tão cruas,
 Mágoas tantas depois me acabrunharam,
 Que dêsse meu passado extinta a idéia,
 Deixou-me apenas um sofrer confuso,
 Como quem de um mau sonho se recorda!
 Assim, depois de arder um denso bosque
 Dos ventos à ⁴⁰⁹ mercê revoa a cinza
 Num páramo deserto! Nada resta;
 Nem sequer a vereda solitária,
 A cuja extremidade o amor velava!

V.

Rotos na infância os laços de família,
 Os fados me vedavam reatá-los,
 Ter a meu lado uma consorte amada,
 Rever-me na afeição dos filhos caros,
 Viver nêles, curar do seu futuro
 E neste empenho consumir meus dias;
 Mas ao menos, pensava, — ser-me-á dado
 Amimar e sustar nos meus joelhos
 Da minha irmã querida a tenra prole,
 Incliná-la à ⁴¹⁰ piedade, e ao relatar-lhe
 Os sucessos da minha vida errante,
 Inocular-lhe o dom fatal das lágrimas!
 Essa mesma esperança não me ilude;
 Ave educada nas floridas selvas,
 Um tufão me expeliu do pátrio ninho.
 As tardes dos meus dias borrascosos
 Não terei de passar, sentado à porta
 Do abrigo de meus pais, — nem longe dêle,
 Verei tranqüilo aproximar-se o inverno,
 E pôr do sol dos meus cansados anos!

OS TIMBIRAS.

Os Tymbiras. / Poema Americano / por / A. Gonç
 alves Dias. / Leipzig: / F. A. Brockhaus. / 1857. /

À MAJESTADE DO MUITO ALTO E MUITO PODEROSO
 PRÍNCIPE O SENHOR D. PEDRO II IMPERADOR CONS-
 TITUCIONAL E DEFENSOR PERPÉTUO DO BRASIL

INTRODUÇÃO.

Os ritos semibárbaros dos Piagas,
 Cultores de Tupã, e a terra virgem
 Onde como dum trono, enfim se abriram
 Da cruz de Cristo os piedosos braços;
 As festas, e batalhas mal sangradas
 Do povo Americano, agora extinto,
 Hei de cantar na lira. — Evoco a sombra
 Do selvagem guerreiro!... Tórvo o aspecto,
 Severo e quase mudo, a lentos passos,
 Caminha incerto, — o bipartido arco
 Nas mãos sustenta, e dos despidos ombros

Pende-lhe a rôta aljava... as entornadas,
Agora inúteis setas, vão mostrando
A marcha triste e os passos mal seguros
De quem, na terra de seus pais, embalde
Procura asilo, e foge o humano trato.

Quem pudera, guerreiro, nos seus cantos
A voz dos piagas teus um só momento
Repetir; essa voz que nas montanhas
Valente retumbava, e dentro d'alma
Vos ia derramando arrôjo e brios,
Melhor que taças de cauim fortíssimo?!
Outra vez a chapada e o bosque ouviram
Dos filhos de Tupã a voz e os feitos
E as pocemas de morte, levantadas
Dentro do circo, onde o fatal delito
Expia o malfadado prisioneiro,
Qu'enxerga ⁴¹¹ a maça e sente a mussurana
Cingir-lhe os rins a enodoar-lhe o corpo:
E só de os escutar mais forte acento
Haveriam de achar nos seus refolhos
O monte e a selva e novamente os ecos.

Como os sons do boré, soa o meu canto
Sagrado ao rudo povo americano:
Quem quer que a natureza estima e preza
É gosta ouvir as empoladas vagas
Bater gemendo as cavas penedias,
E o negro bosque sussurrando ao longe —
Escute-me. — Cantor modesto e humilde,
A fronte não cingi de mirto e louro,
Antes de verde rama engrinaldei-a,
D'agrestes flores enfeitando a lira;
Não me assentei nos cimos do Parnaso,
Nem vi correr a linfa da Castália.
Cantor das selvas, entre bravas matas
Áspero tronco da palmeira escolho.
Unido a êle soltarei meu canto,
Enquanto o vento nos palmares zune,
Rugindo os longos encontrados leques.

Nem só me escutareis fereza e mortes:
As lágrimas do orvalho porventura
Da minha lira distendendo as cordas,
Hão de em parte ameigar e embrandecê-las.
Talvez o lenhador quando acomete
O tronco d'alto cedro corpulento,
Vem-lhe tingido o fio da segure
De puro mel, que abelhas fabricaram;
Talvez também nas fôlhas qu'engrinaldo ⁴¹²
A acácia branca o seu candor derrame
E a flor do sassafráz se estrele amiga.

CANTO PRIMEIRO.

Sentado em sítio escuso descansava
Dos Timbiras o chefe em tronco anoso,
Itajuba, o valente, o destemido
Acoçador das feras, o guerreiro
Fabricador das incansáveis lutas.
Seu pai, chefe também, também Timbira,
Chamava-se o Jaguar: dêle era fama
Que os musculosos membros repeliam
A frecha sibilante, e que o seu crânio ⁴¹³
Da maça aos tesos golpes não cedia.

Cria-se... e em que não cré o povo estulto?
Que um velho piaga na espelunca horrenda
Aquêlê encanto, inútil num cadáver,
Tirara ao pai defunto, e ao filho vivo
Inteiro o transmitira: é certo ao menos
Que durante uma noite juntos foram
O moço e o velho e o pálido cadáver.

Mas acertando um dia estar oculto
Num denso tabocal, onde perdera
Traços de fera, que rever cuidava,
Seta ligeira atravessou-lhe um braço.
Mão d'imigo traidor a disparara,
Ou fôra algum dos seus, que receoso
Do mal causado, emudeceu prudente.

Relata o caso, irrefletido, o chefe.
Mal crido foi! — por abonar seu dito,
Redobra d'imprudência, — mostra aos olhos
A traiçoeira frecha, o braço e o sangue.
A fama voa, as tribos inimigas
Adunam-se, amotinam-se os guerreiros
E as bôcas dizem: o Timbira é morto!
Outras emendam: Mal ferido sangra!
Do nome do Itajuba se despega
O medo, — um só desastre venha, e logo
Êsse encanto vai prestes converter-se
Em riso e farsa das nações vizinhas!
Os manitós, que moram pendurados
Nas tabas d'Itajuba, que as protejam:
O terror do seu nome já não vale,
Já defensão não é dos seus guerreiros!

Dos Gamelas um chefe destemido,
Cioso d'alcançar renome e glória,
Vencendo a fama, que os sertões enchia,
Saiu primeiro a campo, armado e forte,
Guedelha e ronco dos sertões imensos,
Guerreiros mil e mil vinham trás êle,
Cobrindo os montes e juncando as matas.
Com pejado carcaz de ervadas setas
Tingidas ⁴¹⁴ d'urucu, segundo a usança
Bárbara e fera, desgarrados gritos
Davam no meio das canções de guerra.

Chegou, e fêz saber que era chegado
O rei das selvas a propor combate
Dos Timbiras ao chefe. — “A nós só caiba
(Disse êle) a honra e a glória; entre nós ambos
Decida-se a questão do esforço e brios.
Êstes, que vês, impávidos guerreiros,
São meus, que me obedecem; se me vences,
São teus; se és o vencido, os teus me sigam:
Aceita ou foge, que a vitória é minha.”

Não fugirei, responde-lhe Itajuba,
Que os homens, meus iguais, encaram fito
O sol brilhante, e os não deslumbra o raio.

“Serás, pois que me afrontas, torna o bárbaro,
Do meu valor troféu, — e da vitória,
Qu'hei de certo ⁴¹⁵ alcançar, despôjo opimo.
Nas tabas em que habito ora as mulheres
Tecem da sapucaia as longas cordas,
Que os pulsos teus não de arrochar-te em breve;
E tu vil, e tu prêso, e tu coberto
D'escárnio ⁴¹⁶ e d'irrisão! — Cheio de glória,
Além dos Andes voará meu nome!”

O filho de Jaguar sorriu-se a furto:
Assim o pai sorri ao filho imberbe,
Que, desprezado o arco seu pequeno,
Talhado para aquelas mãos sem fôrças,
Tenta doutro maior curvar as pontas,
Que vêzes três o mede em tôda a altura!

Travaram luta fera os dois guerreiros.
Primeiro ambos de longe as setas vibram;
Amigos manitôs, que ambos protegem,
Nos ares as desgarram. Do Gamela
Entrou a frecha trêmula num tronco
E só parou no cerne; a do Timbira,
Ciciando veloz, fugiu mais longe,
Roçando apenas os frondosos cimos.
Encontram-se os Tacapes, lá se partem;
Ambos o punho inútil rejeitando,
Estreitam-se valentes: braço a braço,
Alentando açodados, peito a peito,
Revolvem fundo a terra aos pés, e ao longe
Rouqueja o peito arfado um som confuso.

Cena vistosa! quadro aparatoso!
Guerreiros velhos, à vitória afeitos,
Tamanhos campeões vendo n'arena,
E a luta horrível de terror transidos.
Qual daqueles heróis há de primeiro
Sentir o egrégio esforço abandoná-lo?
Perguntam; mas não há quem lhes responda.

São ambos fortes: o Timbira ardido, ⁴¹⁷
Esbelto como o tronco da palmeira,
Flexível como a frecha bem talhada.
Ostenta-se robusto o rei das selvas;
Seu corpo musculoso, imenso e forte
É como rocha enorme, que desaba
De serra altiva, e cai no vale inteira.
Não vale humana força desprendê-la
Dali, onde ela está: fugaz corisco
Bate-lhe a calva frente sem parti-la.

Separam-se os guerreiros um do outro,
Foi dum o pensamento, — a ação foi d'ambos.
Ambos arquejam; descoberto o peito
Arfa, estua, eleva-se, comprime-se,
E o ar em ondas sôfregos respiram.
Cada qual, mais pasmado que medroso,
Se estranha a fôrça que no outro encontra,
A mal cuidada resistência o irrita.
Itajuba! Itajuba! — os seus exclamam.
Guerreiro, tal como êle, se descora
Um só momento, é dar-se por vencido.
O filho de Jaguar voltou-se rápido.
Donde essa voz partiu? quem no aguilhoa?
Raiva de tigre anuviou-lhe o rosto
E os olhos côr de sangue irados pulam.

“A tua vida a minha glória insulta!
Grita ao rival, e já de mais viveste.”
Disse, e como o condor, descendo a prumo
Dos astros, sôbre o lhama descuidoso,
Pávido o prende nas torcidas garras,
E sobe audaz onde não chega o raio...
Voa Itajuba sôbre o rei das selvas,
Cinge-o nos braços, contra si o aperta
Com fôrça incrível: o colosso verga,
Inclina-se, desaba, cai de chôfre,
E o pó levanta e atroa forte os ecos.
Assim cai na floresta um tronco anoso,
E o som da queda se propaga ao longe!

O fero vencedor um pé alçando,
Morre! — lhe brada — e o nome teu contigo!
O pé desceu, batendo a arca do peito
Do exânime vencido: os olhos turvos,
Levou, a extrema vez, o desditoso
Àqueles céus d'azul, àquelas matas,
Doce cobertas de verdura e flores!

Depois, erguendo o esquálido cadáver
Sôbre a cabeça, horrivelmente belo,
Aos seus o mostra ensagüentado e torpe;
Então por vêzes três o horrendo grito
Do triunfo soltou; e os seus três vêzes
O mesmo grito em côro repetiram.
Aquela massa enfim voa nos ares;
Porém na destra do feliz guerreiro
Dividem-se entre os dedos as melenas,
De cujo crânio ⁴¹⁸ marejava o sangue!

Transbordando ufanía do successo
Inda recente, recordava as fases
Orgulhoso o guerreiro! Ainda escuta
A dura voz, inda a figura avista
Dêsse, que ousou atravessar-lhe as sanhas:
Lembra-se! e da lembrança grato enlêvo
Lhe coa n'alma em fogo: longos olhos,
Enquanto assim medita, vai levando
Por onde o céu e as selvas se confundem,
Por onde o rio em tortuosos giros,
Queixoso lambe as empedradas margens.
Assim o jugo seu não escorjassem
Tredos Gamelas co' ⁴¹⁹ a noturna fuga!
Pérfidos! o herói jurou vingar-se;
Tremei! qu'há de o valente debelar-vos!
E enquanto segue o céu, e o rio, e as selvas,
Crescem-lhe brios, fôrça, — alteia o colo,
Fita orgulhoso a terra, onde não acha,
Nem crê achar quem lhe resista; eis nisto
Reconhece um dos seus, que pressuroso
Corre a encontrá-lo, — rápido caminha;
Porém d'istante a instante, d'enfiado
Volta o pávido rosto, onde se pinta
O susto vil, que denuncia o fraco.

“Ô filho de Jaguar — de longe brada,
Neste apêto nos vale, — ei-los se avançam
Pujantes contra nós, tão bastos, tantos,
Como enredados troncos na floresta.” ⁴²⁰

Tu sempre tremes, Jurucei, tornou-lhe
Com voz tranqüila e majestosa o chefe.
O mel, que em falas sem cessar distilas,
Tolhe-te o esforço e te enfraquece a vista:
Amigos são talvez, amigas tribos,
Algum chefe, que tem conosco as armas,
Em sinal d'aliança, espedaçado:
Vem talvez festejar o meu triunfo,
E os seus cantores celebrar meu nome.

“Não! não! ouvi o som triste e sonoro
Das igaras, rompendo a custo as águas,
Dos remos manejados a compasso,
E os sons guerreiros do boré, e os cantos
Do combate; parece, d'irritado,
Tão grande pêsso agora a flor lhe corta,
Que o rio vai sorver as altas margens.”

E são Gamelas? — perguntou-lhe o chefe.
 “Vi-os, tornou-lhe Jurucei, — são êles!”
 O chefe dos Timbiras dentro d'alma
 Sentiu ódio e vingança remordê-lo.
 Rugiu a tempestade, mas lá dentro;
 Cá fora retumbou, mas quase extinta.
 Começa então com voz cavada e surda: 421

Irás tu, Jurucei, por mim dizer-lhes:
 Itajuba, o valente, o rei da guerra,
 Fabricador das incansáveis lutas,
 Enquanto a maça não sopesa, enquanto
 Dormem-lhe as setas no carcaz imóveis,
 Ofrece-vos liança e paz; — não ama,
 Tigre repleto, espedaçar mais prêsas,
 Nem quer dos vossos derramar mais sangue.
 Três grandes Tabas, onde heróis pululam,
 Tantos e mais que vós, tanto e mais bravos,
 Caidas a seus pés, a voz lhe escutam.
 Vós outros, atendei, — cortai nas matas
 Troncos robustos e frondosas palmas,
 E construí cabanas, — onde o corpo
 Caiu do rei das selvas, — onde o sangue
 Daquele herói, vossa perfídia atesta.
 Aquela briga enfim de dois, tamanhos,
 Sinalai; porque 422 estranho caminheiro,
 Amigas vendo e juntas nossas tabas,
 E a fé, que usais guardar, sabendo, exclamem:
 Vejo um povo de heróis e um grande chefe!”

Disse: e vingando o cimo d'alto monte,
 Que em roda largo espaço dominava, 423
 O atoador membi soprou com fôrça.
 O tronco, o arbusto, a moita, a rocha, a pedra,
 Convertem-se em guerreiros; — mais depressa,
 Quando soa o clarim, núncio de guerra,
 Não sopra, e escava a terra, e o ar divide
 Co'as crinas flutuantes, o ginete,
 Impávido, orgulhoso, em campo aberto.

Da montanha Itajuba os vê sorrindo,
 Galgando vales, combros, serranias,
 Coalhando o ar e o céu de feios gritos.
 E folga, por que os vê correr tão prestes
 Aos sons do cavo búzio conhecido,
 Já tantas vêzes repetidos antes
 Por vales e por serras; já não pode
 Numerá-los, de tantos que se apinham;
 Mas, vendo-os, reconhece o vulto e as armas
 Dos seus: “Tupã sorri-se lá dos astros,
 Diz o chefe entre si, — lá, descuidosos
 Das folganças de Ibaque, heróis timbiras
 Contemplam-me, das nuvens debruçados:
 E porventura de lhes ser eu filho
 Enlevam-se, e repetem, não sem glória,
 Os seus cantores d'Itajuba o nome.” 424

Vem primeiro Jucá de fero aspecto.
 Duma onça bicolor cai-lhe na fronte
 A pel' vistosa; sob as hirtas cerdas,
 Como sorrindo, alvejam brancos dentes,
 E nas vazias órbitas lampejam
 Dois olhos, fulvos, maus. — No bosque, um dia,
 A traiçoeira fera a cauda enrosca
 E mira nêle o pulo: do tacepe
 Jucá desprende o golpe, e furta o corpo:
 Onde estavam seus pés, as duras garras
 Encravam-se enganadas, e onde as garras
 Morderam, beija a terra a fera exangue
 E, morta, ao vencedor tributa um nome.

Vem depois Jacaré, senhor dos rios,
 Ita-roca indomável, — Catucaba,
 Primeiro sempre no combate, — o forte
 Juçarana, — Poti ligeiro e destro,
 O tardo Japeguá, — o sempre aflito
 Piaíba, que espíritos perseguem:
 Mojacá, Mopereba, irmãos nas armas,
 Sempre unidos; ninguém não foi como êles!
 Lagos de sangue derramaram juntos;
 Filhos e pais e mães d'imigas tabas
 Odeiam-nos chorando, e a glória d'ambos,
 Assim chorada, mais e mais se exalta:
 Çamotim, Pirajá, e outros infindos,
 Heróis também, aos quais faltou sòmente
 Nação menor, menos guerreira tribo.

Japi, o atirador, quando escutava
 Os sons guerreiros do membi troante,
 Na tesa corda a frecha embebe inteira,
 E mira um javali que os alvos dentes,
 Navalhados, remove; pára, escuta...
 Volvem-lhe os mesmos sons: bate-lhe o peito,
 Os olhos pulam, — solta horrendo grito,
 Arranca e roça a fera!... a fera atônita,
 Aterrada, transida, treme, eriça 425
 As duras cerdas; tiritante, pávida,
 Esgazcando os olhos fascinados,
 Recua: um tronco só lhe embarga os passos.
 Por longo trato, de si mesma alheia,
 Demora-se, lembrada: a custo o sangue
 Volve de novo ao costumado giro,
 Enquanto o vulto horrendo se recorda!

“Mas onde está Jatir? pergunta o chefe,
 Que de balde o procura entre os que o cercam:
 Jatir, dos olhos negros, que me luzem,
 Melhor que o sol nascendo, dentro d'alma;
 Jatir, que aos chefes todos anteponho,
 Cuja bravura e temerário arrôjo
 Folgo em reger e moderar nos prélios;
 Êsse, porque não vem, quando vós vindes?”

— Corre Jatir no bosque, diz um chefe,
 Bem sabes como: acinte se desgarrá
 Dos nossos, — anda só, talvez sem armas,
 Talvez bem longe; acôrdo nêle é certo,
 Creio, de nos tachar assim de fracos! —

Pai de Jatir, Ogib, entrara em anos;
 Grosseiro cedro mal lhe firma os passos,
 Os olhos pouco vêem; mas de conselho
 Valioso e prestante. Ali, mil vêzes,
 Havia com prudência temperado
 O juvenil ardor dos seus, que o ouviam.
 Alheio agora da prudência, escuta
 A voz que o filho amado lhe crimina.
 Sopra-lhe o dizer acre a cinza quente,
 Viva, acesa, antes brasa, — o amor paterno:
 Amor inda tão forte na velhice,
 Como no dia venturoso, quando
 Cendi, que os olhos seus só viram bela,
 Sorrindo luz de amor dos meigos olhos,
 Carinhosa lho deu; quando na rêde
 Ouviã com prazer as ledas vozes
 Dos companheiros seus, — e quando absorto,
 Olhos pregados no gentil menino,
 Bem longas horas, sim, porém bem doces
 Levou cismando aventuradas sinas.

Ali o tinha, ali meigo e risonho
 Aquêles tenros braços levantava;
 Aquêles olhos lípidos se abriam
 A luz da vida: cândido sorriso,
 Como o sorrir da flor no romper d'alva,
 Radiava-lhe o rosto: quem julgara,
 Quem pudera aventar, supor ao menos
 Haverem de apertar-se aquêles braços
 Tão mimosos, um dia, contra o peito
 Arquejante e cansado, — e aquêles olhos
 Verterem pranto amargo em soledade?
 Incrível — porém lágrimas cresceram-lhe
 Dos olhos, — lá tombou-lhe uma, das faces
 No filho, em cujo rosto um beijo a enxuga.

Agora, Ogib, alheio da prudência,
 Que ensina, imputações tão más ouvindo
 Contra o filho querido, acre responde.

“São torpes os anuns que em bandos folgam,
 São maus os caititus, ⁴²⁶ que em varas pascem.
 Sômente o sabiá geme sôzinho,
 E sôzinho o Condor aos céus remonta.
 Folga Jatir de só viver consigo:
 Em bem, que tens agora que dizer-lhe?
 Esmaga o seu tacape a quem vos prende,
 A quem vos dana, afoga entre os seus braços,
 E em quem vos acomete, emprega as setas.
 Fraco! não temes já que te não falte
 O primeiro entre vós, Jatir, meu filho?”

Despeitoso Itajuba, ouvindo um nome,
 Embora o de Jatir, apregoadado
 Melhor, maior que o seu, a testa enruga
 E diz severo aos dois qu'inda argumentam: ⁴²⁷

Mais respeito, mancebo, ao sábio velho,
 Qu'éramos nós crianças, manejala
 A seta e o arco em defesa dos nossos.
 Tu, velho, mais prudência. Entre nós todos
 O primeiro sou eu: Jatir, teu filho,
 É forte e bravo; porém novo. Eu mesmo
 Gabo-lhe o porte e a gentileza; e aos feitos
 Novéis aplaudo: bem maneja o arco,
 Vibra certa a frecha; mas... (Sorrindo
 Prossegue) afora dêle inda há quem saiba
 Mover tão bem as armas, e nos braços
 Robustos, afogar fortes guerreiros.
 Jatir virá, senão... serei convosco,
 (Disse voltado para os seus, que o cercam)
 E bem sabeis que vos não falto eu nunca.

Altercam êles nas ruidosas tabas,
 Enquanto Juruçei com pé ligeiro
 Caminha: as aves docemente atitam,
 De ramo em ramo — docemente o bosque
 A mêdo rumoreja, — a mêdo o rio ⁴²⁸
 Escoa-se e murmura: um borborinho,
 Confuso se propaga, — um raio incerto
 Dilata-se do sol doirando o ocaso.
 Último som que morre, último raio
 De luz, que treme incerta, quantos entes
 Oh! quantos! hão de ver a luz de novo
 E o romper d'alva, e os céus, e a natureza
 Risonha e fresca, — e os sons, e os ledos cantos
 Ouvir das aves tímidas no bosque
 Outra vez ao surgir da nova aurora?!

CANTO SEGUNDO.

Desdobra-se da noite o manto escuro:
 Leve brisa sutil pela floresta
 Enreda-se e murmura, — amplo silêncio
 Reina por fim. Nem saberás tu como
 Essa imagem da morte é triste e tôrva,
 Se nunca, a sós contigo, a pressentiste
 Longe dêste zunir da turba inquieta.
 No êrmo, sim; procura o êrmo e as selvas...
 Escuta o som final, o extremo alento,
 Que exala em fins do dia a natureza!
 O pensamento, que incessante voa,
 Vai do som à mudez, da luz às sombras
 E da terra sem flor, ao céu sem astro.
 Semelha ⁴²⁹ a fraca luz, qu'inda vacila
 Quando, em ledos sarau, o extremo acorde
 No deserto salão geme, e se apaga!

Era pujante o chefe dos Timbiras,
 Sem conto seus guerreiros, três as tabas,
 Opimas, — uma e uma derramadas
 Em giro, como dança dos guerreiros.
 Quem não folgara de as achar nas matas!
 Três flores em três hastes diferentes
 Num mesmo tronco, — três irmãs formosas
 Por um laço de amor ali prendidas
 No êrmo; mas vivendo aventuradas?
 Deu-lhes assento o herói entre dois montes,
 Em chã copada de frondosos bosques.
 Ali o cajazeiro as perfumava,
 O cajueiro, na estação das flores,
 De vivo sangue marchetava as fôlhas:
 As mangas, curvas à feição de um arco,
 Beijavam-lhes o teto; a sapucaia
 Lambia a terra, — em graciosos laços
 Doces maracujás de espessas ramas
 Sorriam-se pendentes; o pau d'arco
 Fabricava um dossel de cróceas flores,
 E as parasitas de matiz brilhante
 A úsnea das palmeiras estrelavam!

Quadro risonho e grande, em que não fôsse
 Em granito ou em mármore talhado!
 Nem palácios, nem tôrres avistaras,
 Nem castelos que os anos vão comendo,
 Nem grimpas, nem zimbórios, nem feitas
 Em pedra, que os humanos tanto exaltam!
 Rudas palhoças só! que mais carece
 Quem há de ter sômente um sol de vida,
 Jazendo negro pó antes do ocaso?
 Que mais? Tão bem a dor há de sentar-se
 E a morte revoar tão sôlta em gritos
 Ali, como nos átrios dos senhores.
 Tão bem a compaixão há de cobrir-se
 De dó, limpando as lágrimas do aflito.
 Incerteza voraz, tímida esp'rança,
 Desejo, inquietação também lá moram:
 Que sobra pois em nós, que falta nêles?

De Itajuba separam-se os guerreiros;
 Mudos, às portas das sombrias tabas,
 Imóveis, nem que fôssem duros troncos,
 Pensativos meditam: Já da guerra
 Nada receiam que Itajuba os manda:
 O encanto, os manitôs inda o protegem,
 Vela Tupã sôbre êle, e os santos piagas
 Comprida série de floridas quadras

Ver lhe asseguram: nem de há pouco a luta,
Melhor disseras de renome ensejo,
Os desmentiu, que nunca os piagas mentem.
Mêdo, certo, não têm; são todos bravos!
Porque meditam pois? Também não sabem!

Sai o piaga no entanto da caverna,
Que nunca humanos olhos penetraram;
Com ligeiro cendal os rins aperta,
Cocar de escuras plumas se debruça
Da frente, em que se enxerga em fundas rugas
O tenaz pensamento afigurado.
Cercam-lhe os pulsos cascavéis loquazes,
Respondem outros, no tripúdio sacro,
Dos pés. Vem majestoso, e grave, e cheio
Do Deus, que o peito seu, tão fraco, habita.
E enquanto o fumo lhe volteia em tórno,
Como neblina em tórno ao sol que nasce,
Ruidoso maracá nas mãos sustenta,
Solta do sacro rito os sons cadentes.

“Visita-nos Tupã, quando dormimos,
É só por seu querer que então sonhamos;
Escute-me Tupã! Sôbre vós outros,
Poder do maracá por mim tangido,
Os sonhos desçam, quando o orvalho desce.

“O poder de Anhangá cresce co'a noite;
Solta de noite o mau seus maus ministros:
Caraiibes na floresta acendem
A falsa luz, que o caçador transvia.
Caraiibes enganosas formas
Dão-nos aos sonhos, quando nós sonhamos.
Poder do fumo, que lhes quebra o encanto,
De vós se partam; mas Tupã vos olhe,
Descendo os sonhos, quando o orvalho desce.

“Tristonhos pios a acauã desata,
Quando ao guerreiro prognostica males;
Tristonhos bandos de urubus vorazes
Os sonhos turbam das vencidas hostes:
Cheios de mêdo os manitôs desertam
As tabas mudas, que hão de ser calcadas,
Já cinza fria, pelo imigo fero.
Não fujam Manitôs as nossas tabas!
Urubus, acauãs nos vossos sonhos,
Virtude e fôrça dêste meu tripúdio,
Não se vos pintem; mas Tupã vos olhe
Descendo os sonhos, quando o orvalho desce!

“O sonho e a vida são dois galhos gêmeos;
São dois irmãos que um laço amigo aperta:
A noite é o laço; mas Tupã é o tronco
E a seve e o sangue que circula em ambos.
Vive melhor quem da existência ignaro,
Na paz da noite, novas fôrças cria.
O louco vive com afêrro, enquanto
N'alma lhe ondeiam do delírio as sombras,
De vida espúrias; Deus porém lhas rompe,
E na loucura do porvir nos fala!
Tupã vos olhe, e sôbre vós do Ibaque
Os sonhos desçam, quando o orvalho desce.”

Assim cantava o piaga merencório,
Tangia o maracá, dançava em roda
Dos guerreiros: pudera ouvido atento

Os sons finais da lúgubre toada
Na plácida mudez da noite amiga
De longe, em côro ouvir: “Sôbre nós outros
Os sonhos desçam, quando o orvalho desce.”

Calou-se o piaga, já descansam todos!
Almo Tupã os comunique em sonhos,
E os que sabem tão bem vencer batalhas,
Quando acordados malbaratam golpes,
Saibam dormidos figurar triunfos!

Mas que medita o chefe dos Timbiras?
Bosqueja porventura ardis ⁴³⁰ de guerra,
Fabrica e enreda as ásperas ciladas,
E a olhos nus do pensamento enxerga
Desfeita em sangue revolver-se em gritos
Morte pávida e má?! ou sente e avista,
Escandecida a mente, o Deus da guerra
Impávido Aresqui, sanhudo e forte,
Calcar aos pés cadáveres sem conto,
Na destra ingente sacudindo a maça,
Donde certa como o raio, desce
A morte, e banha-se orgulhosa — em sangue?

Al sente o bravo; outro pensar o ocupa!
Nem Aresqui, nem sangue se lhe antolha,
Nem resolve consigo ardis ⁴³⁰ de guerra,
Nem combates, nem lágrimas medita:
Sentiu-calar-lhe n'alma um sentimento
Gelado e mudo, como o véu da noite.
Jatir, dos olhos negros, onde pára?
Que faz? que lida? ou que fortuna corre?
Três sóis já são passados: quanto espaço,
Quanto azar não correu nos amplos bosques
O impróvido mancebo aventureiro?
Ali na relva a cascavel se esconde,
Ali, das ramas debruçado, o tigre
Aferra traiçoeiro a prêsa incauta!
Reserva-lhe Tupã mais fama e glória,
E voz amiga de cantor suave
C'os altos feitos lhe embalsame o nome!

Assim discorre o chefe, que em nodoso
Tronco rudo-lavrado se recosta:
Não tem poder a noite em seus sentidos,
Que a mesma idéia de contínuo volvem.
Vela e treme nos tetos da cabana
A baça luz das resinosas tochas,
Acras perfumes recendendo; — alastram
De rubins côr de brasa a flor do rio!

“Ouvira com prazer um triste canto,
Diz lá consigo; um canto merencório,
Que êste presságio fúnebre espancasse.
Bem sinto um não sei quê aferventar-se-me
Nos olhos, que vai prestes expandir-se:
Não sei chorar, bem sei; mas fôra grato,
Talvez bem grato! à noite, e a sós comigo,
Sentir macias lágrimas correndo.
O talo agreste de um cipó sem graça
Verte compridas lágrimas cortado;
O tronco do cajá desfaz-se em goma,
Suspira o vento, o passarinho canta,
O homem chora! eu só, mais desditoso,
Invejo o passarinho, o tronco, o arbusto,
E quem, feliz, de lágrimas se paga.”

Longo espaço depois falou consigo,
Mudo e sombrio: "Sabiá das matas,
Croá (diz êle ao filho d'Iandiroba),
As mais canoras aves, as mais tristes
No bosque, a suspirar contigo aprendam.
Canta, pois que trocara de bom grado
Os altos feitos pelos doces carmes
Quem quer que os escutou, mesmo Itajuba." 431

Emudeceu: na taba quase escura,
Com pé alterno a dança vagarosa,
Aos sons do maracá, traçava os passos.

"Flor de beleza, luz de amor, Coema,
Murmurava o cantor, onde te fôste,
Tão doce e bela, quando o sol raiava?
Coema, quanto amor que nos deixaste! 432
Eras tão meiga, teu sorrir tão brando,
Tão macios teus olhos! teus acentos
Cantar perene, tua voz gorjeios,
Tuas palavras mel! O romper d'alva,
Se encantos punha a par dos teus encantos,
Tentava embalde pleitear contigo!
Não tinha a ema porte mais soberbo,
Nem com mais graça recurvava o colo!
Coema, luz de amor, onde te fôste?

"Amava-te o melhor, o mais guerreiro
Dentre nós: elegeu-te companheira,
A ti sômente, que só tu achavas
Sorriso e graça na presença dêle.
Flor, que nasceste no musgoso cedro,
Cobravas páreas de abundante seiva,
Tinhas abrigo e proteção das ramas....
Que vendaval te despegou do tronco,
E ao longe, em pó, te esperdiçou no vale?
Coema, luz de amor, flor de beleza,
Onde te fôste, quando o sol raiava?

"Anhangá rebocou estreita igara
Contra a corrente: Orapacém vem nela,
Orapacém, Tupinambá famoso.
Conta prodígios duma raça estranha,
Tão alva como o dia, quando nasce,
Ou como a areia cândida e luzente,
Que ás águas dum regato sempre lavam.
Raça, a quem os raios prontos servem,
E o trovão e o relâmpago acompanham.
Já de Orapacém os mais guerreiros
Mordem o pó, e as tabas feitas cinza
Clamam vingança em vão contra os estranhos,
Talvez doutros estranhos perseguidos,
Em punição talvez d'atroz delito.
Orapacém, fugindo, brada sempre:
Mair! Mair! Tupã — Terror que mostra,
Brados que solta, e as derrocadas tabas,
Desde Tapuitapera alto proclamam
Do vencedor a indômita pujança.
Ai! não viesse nunca às 433 nossas tabas
O tapuia mendaz, que os bravos feitos
Narrava do Mair; nunca os ouviras,
Flor de beleza, luz de amor, Coema!

"A cega desventura, nunca ouvida,
Nos move à compaixão: prestes corremos
Com ledo gasalhado a restaurá-los
Da vil dureza do seu fado: dormem
Nas nossas rêdes, diligentes 434 vamos

Colhêr-lhes frutos, — descansados folgam
Nas nossas tabas: Itajuba mesmo
Of'rece abrigo ao palrador tapuia!
Hóspedes são, nos diz; Tupã os manda:
Os filhos de Tupã serão bem-vindos,
Onde Itajuba impera! — Ai que não eram,
Nem filhos de Tupã, nem gratos hóspedes
Os vis que o rio, a custo, nos trouxera;
Antes dolosa resfriada serpe
Que ao nosso lar criou vida e peçonha.
Quem nunca os vira! porém tu, Coema,
Leda avezinha, que adejavas livre,
Asas da côr da prata ao sol abrindo,
A serpente cruel por que fitaste,
Se já do olhado mau sentias pejo?!

"Ouvimos, uma vez, da noite em meio,
Voz de aflita mulher pedir socorro
E em tom sumido lastimar-se ao longe.
Orapacém! — bradou feroz três vêzes
O filho de Jaguar: clamou de balde.
Sômente acode o eco à voz irada,
Quando êle o malfeitor no instinto enxerga.
Em sanhas rompe o chefe hospitaleiro,
E tenta com afã chegar ao têrmo,
Donde as querelas míseras partiam.
Chegou — já tarde! — nós, mais tardos inda,
Assistimos ao súbito espetáculo!

"Queimam-se raros fogos nas desertas
Margens do rio, quase imerso em trevas:
Afadigados no labor noturno,
Os traiçoeiros hóspedes caminham,
Pejando à pressa as côncavas igaras.
Longe, Coema, a doce flor dos bosques,
Com voz de embrandecer duros penhascos,
Suplica e roja em vão aos pés do fero,
Caviloso tapuia! Não resiste
Ao fogo da paixão, que dentro lavra,
O bárbaro, que a viu, que a vê tão bela!

"Vai arrastá-la, — quando sente uns passos
Rápidos, breves, — volta-se: — Itajuba!
Grita; e os seus, medrosos, receando
A perigosa luz, os fogos matam.
Mas, no extremo clarão que êles soltaram,
Viu-se Itajuba com seu arco em punho,
Calculando a distância, a fôrça e o tiro:
Era grande a distância, a fôrça imensa..."

"E a raiva incrível, continua o chefe,
A antiga cicatriz sentindo abrir-se!
Ficou-me o arco em dois nas mãos partido,
E a frecha vil caiu-me aos pés sem fôrça."
E assim dizendo nos cerrados punhos
De novo pensativo a frente oprime.

"Sim, tornava o Cantor, imenso e forte
Devera o arco ser, que entre nós todos
Só um achou, que lhe vergasse as pontas,
Quando Jaguar morreu! — partiu-se o arco!
Depois ouviu-se um grito, após ruído,
Que as águas fazem no tombar de um corpo;
Depois — silêncio e trevas..." 435

"Nessas trevas,
Replicava Itajuba, — inteira a noite,
Louco vaguei, corri d'encontro às 436 rochas,
Meu corpo lacerei nos espinheiros,

Mordi sem tino a terra já cansado:
Soluçavam porém meus frouxos lábios
O nome dela tão querido, e o nome...
Aos vis Tupinambás nunca os eu veja,
Ou morra, antes de mim, meu nome e glória
Se os não hei de punir ao recordar-me
A aurora infausta que me trouxe aos olhos
O cadáver..." Parou, que a estreita gorja
Recusa aos cavos sons prestar acento.

"Descansa agora o pálido cadáver
(Continua o cantor) junto à ⁴³⁶ corrente
Do regato, que volve areias d'ouro.
Ali agrestes flores lhe matizam
O modesto sepulcro, — aves canoras
Descantam tristes nêneas ao compasso
Das águas, que também nêneas soluçam.

"Suspirada Coema, em paz descansa
No teu florido e fúnebre jazigo;
Mas quando a noite dominar no espaço,
Quando a lua coar úmidos raios
Por entre as densas, buliçosas ramas,
Da cândida neblina veste as formas,
E vem no bosque suspirar co'a brisa:
Ao guerreiro, que dorme, inspira sonhos,
E à virgem, que adormece, amor inspira."

Calou-se; o maracá rugiu de novo
A extrema vez, e jaz emudecido.
Mas no remanso do silêncio e trevas,
Como débil vagido, escutarias
Queixosa voz, que repetia em sonhos:
"Veste, Coema, as formas da neblina,
Ou vem nos raios trêmulos da lua
Cantar, viver e suspirar comigo."

Ogib, o velho, pai do aventureiro
Jatir, não dorme nos vazios tetos;
Do filho ausente prendem-no cuidados;
Vela cansado e triste o pai coitado,
Lembrando-se desastres que passaram
Impróvidos, no bosque pernoitando.
E vela, — e a mente aflita mais se enluta,
Quanto mais cresce a noite e as trevas crescem!

Já tarde, sente uns passos apressados,
Medindo a taba escura; o velho treme,
Estende a mão convulsa, e roça um corpo
Molhado e tiritante: a voz lhe falta...
Atende largo espaço, até que escuta
A voz do sempre aflito Piaíba,
Ao pé do fogo extinto lastimar-se: ⁴³⁷

"O louco Piaíba, a noite inteira,
Andou nas matas; miserando sofre;
O corpo tem aberto em fundas chagas,
E o orvalho gotejou fogo sobre elas:
Como o verme na fruta, um Deus maligno
Lhe mora na cabeça, oh! quanto sofre!

"Enquanto o velho Ogib está dormindo,
Vou-me aquecer;
O fogo é bom, o fogo aquece muito;
Tira o sofrer.

Enquanto o velho dorme, não me expulsa
D'ao pé do lar;
Dou-lhe a mensagem, que me deu a morte,
Quando acordar!
Eu vi a morte; vi-a bem de perto
Em hora má!
Vi-a de perto, não me quis consigo,
Por ser tão má.
Só não tem coração, dizem os velhos,
E é bem de ver;
Que, se o tivera, me daria a morte,
Que é meu querer.
Não quis matar-me; mas é bem formosa;
Eu vi-a bem:
É como a virgem, que não tem amôres,
Nem ódios tem.
O fogo é bom, o fogo aquece muito,
Quero-lhe bem!"

Remexe, assim dizendo, as frias cinzas
E mais e mais conchega-se ao borralho.
O velho entanto, erguido a meio corpo
Na rêde, escuta pávido, e tiritita
De frio e mêdo, — quase igual delírio
Castiga-lhe as idéias transtornadas. ⁴³⁸

"Já me não lembra o que me disse a morte!...
Ah! sim, já sei!
— Junto ao sepulcro da fiel Coema,
Ali serei:
Ogib emprazo, que a falar me venha
Ao anoitecer! —
O velho Ogib há de ficar contente
Co'o meu dizer;
Talvez que o velho, que viveu já muito,
Queira morrer!"

Emudeceu: alfim tornou mais brando: ⁴³⁹

"Mas dizem que a morte procura mancebos;
Porém tal não é:
Que colhe as florinhas abertas de fresco
E os frutos no pé?!...
Não, não, que só ama sem fôlhas as flores,
E sem perfeição;
E os frutos perdidos, que apanha gulosa, ⁴⁴⁰
Caídos no chão.
Também me não lembra que tempo hei vivido,
Nem por que razão
Da morte me queixo, que vejo, e não vê-me,
Tão sem compaixão."

As ânsias não vencendo, que o soçobram, ⁴⁴¹
Salta da curva rêde Ogib aflito;
Trêmulos as trevas apalpando, topa,
E roja miserando aos pés do louco.

"Oh! dize-me, se a viste, e se em tua alma
Algum sentir humano inda se aninha,
Jatir, que é feito dêle? Disse a morte
Haver-me cubiçado o moço imberbe,
A cara luz dos meus cansados olhos?
Oh dize-o! ⁴⁴² Assim o espírito inimigo
Folgados anos respirar te deixe!"

O louco ouviu nas trevas os soluços
Do velho, mas seus olhos nada alcançam:
Pasma, e de novo o seu cantar começa:
“Enquanto o velho dorme, não me expulsa
D’ao pé do lar.”

— “Mas expulsei-te eu nunca?
Tornava Ogib a desfazer-se em pranto,
Em ânsias de transido desespêro.
Bem sei que um Deus te mora dentro d’alma;
E nunca houvera Ogib de espancar-te
Do lar, onde Tupã é venerado.
Mas fala! oh! fala, uma só vez repete-o:
Vagaste à noite nas sombrias matas...”

“Silêncio! brada o louco: não escutas?!
E pára, como ouvindo uns sons longínquos.
Depois prossegue: Piaíba ⁴⁴³ o louco
Errou de noite nas sombrias matas;
O corpo tem aberto em fundas chagas,
E o orvalho gotejou fogo sôbre elas.
Geme e sofre e sente fome e frio,
Nem há quem de seus males se condoa.
Oh! tenho frio! o fogo é bom, e aquece,
Quero-lhe bem!”

“Tupã, que tudo podes,
Orava Ogib em lágrimas desfeito,
A vida inútil do cansado velho
Toma, se a queres; mas que eu veja em vida
Meu filho, e só depois me colha a morte.”

CANTO TERCEIRO.

Era a hora em que a flor balança o cálix
Aos doces beijos da serena brisa,
Quando a ema soberba alteia o colo,
Roçando apenas o matiz relvoso;
Quando o sol vem doirando os altos montes,
E as ledas aves à porfia trinam,
E a verde coma dos frondosos cerros
Move o perfume, que embalsama os ares;
Quando a corrente meio oculta soa
De sob o denso véu da parda névoa;
Quando nos panos das mais brancas nuvens
Desenha a aurora melindrosos quadros
Gentis ⁴⁴⁴ orlados com listões de fogo;
Quando o vivo carmim do esbelto cáctus
Refulge a ⁴⁴⁵ mêdo abrilhantado esmalte,
Doce poeira de aljofradas gôtas,
Ou pó sutil de pérolas desfeitas.

Era a hora gentil, filha de amôres,
Era o nascer do sol, libando as meigas,
Risonhas faces da luzente aurora!
Era o canto e o perfume, a luz e a vida,
Uma só coisa e muitas, — melhor face
Da sempre vária e bela natureza:
Um quadro antigo, que já vimos todos,
Que todos com prazer vemos de novo.

Ama o filho do bosque contemplar-te,
Risonha aurora, — ama acordar contigo;
Ama espreitar nos céus a luz que nasce,
Ou rósea ou branca, já carmim, já fogo,
Já tímidos reflexos, já torrentes
De luz, que fere oblíqua os altos cimos.

Amavam contemplar-te os de Itajuba
Impávidos guerreiros, quando as tabas
Imensas, que Jaguar fundou primeiro
Cresciam, como crescem gigantescos
Cedros nas matas, prolongando a sombra
Longe nos vales, — e na copa excelsa
Do sol estivo os abrasados raios
Parando em vasto leito de esmeraldas.

As três formosas tabas de Itajuba
Já foram como os cedros gigantescos
Da corrente empedrada: ⁴⁴⁶ hoje acamados
Fósseis que dormem sob a térrea crusta,
Que os homens e as nações por fim sepultam
No bôjo imenso! — Chame-lhe progresso
Quem do extermínio secular se ufana;
Eu modesto cantor do povo extinto
Chorarei nos vastíssimos sepulcros,
Que vão do mar ao Andes, e do Prata
Ao largo e doce mar das Amazonas.
Ali me sentarei meditabundo
Em sítio, onde não oiçam meus ouvidos
Os sons freqüentes d’européus machados
Por mãos de escravos Afros manejados:
Nem veja as matas arrasar, e os troncos,
Onde chorando a preciosa goma,
Resina virtuosa e grato incenso
A nossa incúria grande eterno asselam;
Em sítio onde os meus olhos não descubram
Triste arremêdo de longínquas terras.
Aos crimes das nações Deus não perdoa;
Do pai aos filhos e do filho aos netos,
Porque ⁴⁴⁷ um dêles de todo apague a culpa,
Virá correndo a maldição — continua,
Como fuzis de uma cadeia eterna.
Virão nas nossas festas mais solenes
Miríadas de sombras miserandas, ⁴⁴⁸
Escarnecendo, secar o nosso orgulho
De nação; mas nação que tem por base
Os frios ossos da nação senhora,
E por cimento a cinza profanada
Dos mortos, amassada aos pés de escravos.
Não me deslumbra a luz da velha Europa;
Há de apagar-se, mas que inunde agora:
E nós!... sucamos leite mau na infância,
Foi corrompido o ar que respiramos,
Havemos de acabar talvez primeiro.

América infeliz! — que bem sabia,
Quem te criou tão bela e tão sòzinha,
Dos teus destinos maus! Grande e sublime
Corres de pólo a pólo entre os dois mares
Máximos do globo: anos da infância
Contavas tu por séculos! que vida
Não fôra a tua na sazão das flores!
Que majestosos frutos, na velhice,
Não deras tu, filha melhor do Eterno;
América infeliz, já tão ditosa
Antes que o mar e os ventos não trouxessem
A nós o ferro e os cascavéis da Europa?!
Velho tutor e avaro cubiçou-te,
Desvalida pupila, a herança pingue
E o brilho e os dotes da sem par beleza!
Cedeste, fraca; e entrelaçastes os anos
Da mocidade em flor — às câs e à vida
Do velho, que já pende e já declina
Do leito conjugal imerecido
À campá, onde talvez cuida encontrar-te!

Tu, filho de Jaguar, guerreiro illustre,
 E os teus, de que então vos ocupáveis,
 Quando nos vossos mares alinhadas
 As naus de Holanda, os galeões de Espanha,
 As fragatas de França, e as caravelas
 E portuguezas naus se abalroavam,
 Retalhando entre si vosso domínio,
 Qual se vosso não fôra? Ardia o prélio,
 Fervia o mar em fogo à meia-noite, ⁴⁴⁹
 Nuvem de espêsso fumo condensado
 Toldava astros e céus; e o mar e os montes
 Acordavam rugindo aos sons troantes
 Da insólita peleja! — Vós, guerreiros,
 Vós, que fazíeis, quando a espavorida,
 Fera bravia procurava asilo
 Nas fundas matas, e na praia o monstro
 Marinho, a quem o mar, já não seguro
 Reparo contra a fôrça e indústria humana,
 Lançava alheio e pávido na areia?
 Agudas setas, válidos tacapes
 Fabricavam talvez!... ai não... capelas,
 Capelas enastravam para ornato
 Do vencedor; — grinaldas penduravam
 Dos alindados tetos, porque ⁴⁵⁰ vissem
 Os forasteiros, que os paternos ossos
 Deixando atrás, sem manitôs vagavam,
 Os filhos de Tupã como os hospedam
 Na terra, a que Tupã não dera ferros!

Rompia a fresca aurora, rutilando
 Sinais de um dia límpido e sereno.
 Então vinham saindo os de Itajuba
 Fortes guerreiros a contar os sonhos
 Com que Tupã amigo os bafejara,
 Quando as estrélas páldas tombavam,
 Já de clarão maior esmorecidas.
 Vinham ledos ou tristes na aparência,
 Timoratos ou cheios de ardimento, ⁴⁵¹
 Como o futuro evento se espelhava
 Nos sonhos, bons ou maus; mas acordá-los
 Disparatados, e o melhor de tantos
 Coligir, era missão mais alta.
 Não fôsse o piaga intérprete divino,
 Nem os seus olhos penetrantes vissem
 O porvir, ao través do véu do tempo,
 Como ao través do corpo a mente enxergam; ⁴⁵²
 Não fôsse, e quem há i que se afoutasse
 Em campo de batalha a expor a vida,
 A vida nossa tão querida, e tanto
 Da flor a vida breve semelhando: ⁴⁵³
 Roaz inseto a vai traçando em giro,
 Nem mais revive uma só vez cortada!

Mande porém Tupã seus gratos filhos,
 Rogados sonhos, que os decifra o piaga:
 E Tupã, de benigno os influi sempre
 Em vesp'ras de batalha, como as chuvas
 Descem, quando a terra humores pede,
 Ou como, em sazão própria, brotam flores.

Postam-se em forma de crescente os bravos:
 Ávida turba mulheril no entanto
 O rito sacro impaciente aguarda.
 Brincam na relva os folgazões meninos,
 Enquanto, os mais crescidos, contemplando

O aparato elétrico das armas,
 Enlevam-se; e, mordidos pela inveja,
 Discorrem lá consigo: Quando havemos,
 Nós outros, d'empunhar daqueles arcos,
 E quando levaremos de vencida
 As hostes vis do pérfido Gamela!

Vem por fim Itajuba. O piaga austero,
 Volvendo o maracá nas mãos mirradas,
 Pergunta: "Foi o espírito convosco;
 O espírito da fôrça, e os ledos sonhos,
 Ministros de Tupã, núncios da glória?"
 — Sim, foram, lhe respondem, ledos sonhos,
 Correios de Tupã; mas o mais claro,
 É duro nó que o piaga só desata.
 "Dizei-os pois que vos escuta o piaga."
 Disse, e maneja o maracá: das bôcas
 Do mistério divino, em puros flocos
 De neve, o fumo em borbotões golfeja.

Diz um que ⁴⁵⁴, divagando em matas virgens,
 Sentira a luz fugir-lhe de repente
 Dos olhos, — se não foi que a natureza,
 Por mágico feitiço transtornada,
 Vestia por si mesma novas galas
 E aspectos novos, — nem as elegantes,
 Viçosas trepadeiras, nem as rêdes
 Agrestes do cipó já divisava.
 Em lugar da floresta, uma clareira
 Relvosa descobria, em vez das árvores
 Tão altas, de que havia pouco o bosque
 Parecia ufanar-se, — um tronco apenas,
 Mas tronco tal que os resumia a todos.

Ali sòzinho o tronco agigantado
 Luxuriava em fôlhas verde-negras,
 Em flores côr de sangue, e na abundância
 Dos frutos, como nunca os viu nas matas;
 Tão alvos como a flor do mamãozeiro,
 De macia penugem debruados.

"Estático de os ver ali tão belos
 Tais frutos, que eu algures nunca vira,
 O bárbaro dizia, fui colhendo
 O melhor, porque ⁴⁵⁵ o visse de mais perto.
 Pesar de não saber se era salubre,
 Ansiava gostá-lo, e em dura lida
 Lutava o meu desejo co'a prudência.
 Venceu aquê! ai não vencesse nunca!
 Nunca, ludíbrio vão dos meus desejos,
 Mordessem-no meus lábios ressequidos.
 Contá-lo me arrepiava! — Mal o toco,
 Força-me a rejeitá-lo um quê de oculto,
 Que os nervos me estremece: a causa inquiri...
 Eis que uma cobra, uma coral, de dentro
 Desdobra o corpo lúbrico, e em três voltas,
 Mal grata armila, me circunda o braço.
 Da vista e do contacto horrorizado,
 Sacudo o estranho ornato; em vão me agito:
 Com quanto mais afã tento livrar-me,
 Mais apertado o sinto. — Nisto acordo,
 Úmido o corpo e fatigado, e a mente
 Molesta ainda do combate inglório.
 O que é, não sei; tu sabes tudo, ó piaga:
 Há i talvez razão que eu não alcanço,
 Que certo isto não é sonhar batalhas."

"Haja sentido oculto no teu sonho,
(Diz ao guerreiro o piaga) eu, que levanto
O véu do tempo, e aos mortais o mostro,
Dir-to-ei por certo; mas eu creio e tenho
Que algum gênio turbou-te a fantasia,
Talvez angüera de traidor Gamela;
Que os Gamelas são pérfidos em morte,
Como em vida." ⁴⁵⁶ — Assim é, diz Itajuba.

Outro sonhou caçadas abundantes,
Temíveis caititus, ⁴⁵⁷ pacas ligeiras,
Coatis e jabotins, — té onça e tigres,
Tudo em rimas, em feixes; ⁴⁵⁸ outro em sonhos
Nada disto enxergou; porém cardumes
De peixes vários, que o timbó prestante
Trazia quase à ⁴⁵⁹ mão, se não fechados
Em mondés espaçosos! — gáudio imenso!
De os ver ali raivando na estacada
Tão grandes serubins, trauíras tantas,
Ou boiando sem tino à flor das águas!

"Outros não viram nem mondés, nem peixes,
Nem aves, nem quadrúpedes; mas grandes
Çamotins transbordando argêntea espuma
Do fervente cauim; e por três noites
Girar em roda a taça do banquete,
Enquanto cada qual memora em cantos
Os feitos próprios: reina o guau, que passa
Dêstes àqueles com cadência alterna.

"O piaga exulta! Eu vos auguro, ó bravos
Do herói Timbira (clama entusiasta)
Leda vitória! Nunca em nossas tabas
Haverá de correr melhor folgança,
Nem ganhareis jamais honra tamanha.
Bem sabeis como é de uso entre os que vencem
Festejar o triunfo: o canto e a dança
Marcham de par, — banquetes se preparam,
E a glória da nação mais alta brilha!
Oh! nunca sôbre as tabas de Itajuba
Haverá de nascer mais grata aurora!"

Soam festivos gritos, e as pocemas
Dos guerreiros, que sôfregos escutam
Do piaga os ditos, e o feliz augúrio
Da próxima vitória. Não dissera,
Quem quer que fôsse estranho aos usos dêles,
Senão que por aquela densa pinha
De vulgo, se espalhara a fausta nova
De gloriosa ação já consumada,
Que os seus, validos da vitória, obraram.

Entanto Japeguá pôsto de parte,
Enquanto lavra em todos o contágio
Da glória e do prazer, — bem claro mostra
No rosto descontente o que medita.
"Prazer que em altos gritos se propala,
Discorre lá consigo o Americano,
É como a chama rápida correndo
Nas fôlhas da pindoba: é falso e breve!"

Atenta nêle o chefe dos Timbiras,
Como que interno, igual pressentimento
Rejeita, seu malgrado, a voz do piaga.
"Que pensa Japeguá? Acaso em sonhos
Tremendo e tórvo se lhe antolha o êxito
Da batalha? ou seja, ou não conosco.
Que tarda em nos dizer seu pensamento?"

"Eu vi," diz Japeguá (e assim dizendo,
Sacode vêzes três a fronte adusta,
Onde gravara da prudência o sêlo
Contínuo meditar). "Vi altos combros
De mortos já polutos, — vi lagoas
Brutas de sangue impuro e negrejante;
Vi setas e carcaz espedaçados,
Tacapes adentados, ou partidos
Ou já sem fio! — vi..." Eis Catucaba
Mal sofrido intervém, interrompendo
A narração do sonhador de males.
Bravo e ardido ⁴⁶⁰ como é, nunca a prudência
Lhe foi virtude, nem por tal a aceita.
Nunca o membi guerreiro em seus ouvidos
Troou medonho, inóspito combate,
Que às ⁴⁶¹ armas não corresse o valeroso,
Intrepido soldado; mais que tudo
Amava a luta, o sangue, vascas, transe,
Convulsos arrepios, altos gritos
Do vencedor, imprecações sumidas
Do que, vencido, jaz no pó sem glória.
Sim, ama e quer o tráfego das armas
Talvez melhor que a si; nem mais risonha
Imagem se lhe antolha, nem há coisa
Que tenha em mais aprêço ou mais cubice.
O p'riço mesmo, o leite dos combates,
(Cauim das almas fortes o chamava)
Era sorte e condão que o eletrizava:
Um p'riço que aventasse era feitiço,
Que em delírio de febre o transtornava.
Fanático de si, ébrio de glória,
Lá se arrojava intrépido e brioso,
Onde pior, onde mais negro o via.

Não eram dois na esquadra de Itajuba
De gênios em mais pontos encontrados:
Por isso em luta sempre. Catucaba,
Fragueiro, inquieto, sempre aventureiro,
Em cata de mais glória e mais renome,
Sempre à mira de encontros arriscados,
Sempre o arco na mão, sempre embebida
Na corda tês a frecha equilibrada.
Ninguém mais sôlto em vozes, mais galhardo
No guerreiro desplante, ou que mostrasse
Atrevido e soberbo e forte em campo
Quer pujança maior, quer mais orgulho.

Japeguá, corajoso, mas prudente,
Evitava o conflito; via o risco,
Media o seu poder e as posses dêle
E o azar da luta e descansava em ócio.
Sua própria indolência revelava
Ânimo grande e não vulgar coragem.
Se fôsse lá nos páramos da Líbia,
Deitado à sombra da árvore gigante
O leão da Numídia bem pudera
Trilhar por junto dêle os movediços
Combros de areia, — amedrontando os ares
Com aquêles bramir agreste e rudo,
Que as feras sem terror ouvir não sabem.
O índio ouvira impávido o rugido,
Sem que o terror lhe destingisse as faces;
E ao rei dos animais voltando o rosto,
Sômente porque mais a jeito ⁴⁶² o visse,
Viram ambos, sombrios, majestosos,
Contemplarem-se a ⁴⁶³ espaço, destemidos;

D'estraneza o leão os seus rugidos
Na gorja sufocar, e a nobre cauda,
Entre mêdos e assomos de ardimento, ⁴⁶⁴
Mover de leve e irresoluto aos ventos!

Um — era a luz fugaz fácil prendida
Nas plumas do algodão: luz que deslumbra
E que em breve amortece: outro — fásca,
Que, ⁴⁶⁵ surda, pouco e pouco vai lavrando
Não vista e não sentida té que surge
Dum jacto só, tornada incêndio e fumo.

“Que viste, diz-lhe o êmulo brioso,
Só coalheiras de sangue inficionado,
Só tacapes e setas bipartidas,
E corpos já corruptos?! Eia, ó fraco,
Embora em ócio ignavo aqui descanses,
E nos misteres feminis te adestres!
Ninguém te chama à vida dos combates,
Não te almeja ninguém por companheiro,
Nem há de o sonho teu acobardar-nos.
É certo que haverá mortos sem conto,
Mas não seremos nós; — setas partidas,
As nossas, não; tacapes amolgados...
Mas os nossos verás mais bem talhantes,
Quando houverem partido imigos crânios. ⁴⁶⁶

“Herói, não em façanhas, mas nos ditos,
Lidador que a vileza d'alma encobres
Com frases descorteses, — já te viram,
Pendentes braço e armas, contemplando
Os feitos meus, pesar que sou cobarde.
Essa infame tarefa que me incumbes,
É minha, sim; mas por diverso modo:
Não ministro cauim às ⁴⁶⁷ vossas festas;
Mas na refrega o meu trabalho é vosso.
Da batalha no campo achais defuntos,
Vossa glória e brasão, corpos sem conto,
Cujas feridas largas e profundas,
De largas e profundas, denunciam
A mão que as sói fazer com tanto cfeito.
Não tenho espaço, onde recolha os ossos,
Não tenho cinto, onde pendure os crânios, ⁴⁶⁸
Nem colar onde caibam tantos dentes,
De quantos venci já; por isso inteiros
Lá vo-los deixo, heróis; e vós lá ides,
Em que me não queirais por companheiro, ⁴⁶⁹
Rivais dos urubus, fortes guerreiros,
Fácil triunfo conquistar nas trevas,
Aos vorazes tatus roubando a prêsa.”

Calou-se... e o vulgo rosna em tórno d'ambos,
Dêste ou daquele herói tomando as partes.
“Pois ⁴⁷⁰ quê?... há de ficar tamanha afronta
Impune, e não haveis levar das armas,
Porque ⁴⁷¹ o sangue a desbote e apague inteira?”

Diziam, — e a tais ditos mais fermenta
A raiva em ambos; fazem-lhes terreiro,
Já verga o arco, já se entesa a corda,
Já batem pés no solo pulvurento:
Correra o sangue de um, talvez o de ambos,
Que sôbre os dois a morte abriera as asas!

Silêncio! brada o chefe dos Timbiras,
Interposto severo em meio de ambos;
De um lado e outro a turba circunfusa
Emudece, — divide-as largo espaço,

De cujo centro gira os torvos olhos
O herói, e só de olhar lhe estende as raia.
Assim de altivo pincarado descamba
Enorme rocha, obstruindo o leito
De um rio caudaloso: as fundas águas,
Latindo em vão na rocha volumosa,
Separam-se, cavando novos leitões,
Enquanto o antigo se resseca e abrasa.

Silêncio, disse; e em tórno os olhos gira,
Fúlgidos, negros: orgulhosas fronte,
Que aos golpes do tacape não se dobram
Em tórno sôbre o peito vão caindo
Uma após outra: altivo um só apenas
Rebelde arrosta o olhar! — rápido golpe,
Rápido e forte, como o raio, o prostra
Na arena em sangue! Mosqueado tigre,
Se cai no meio de preás medrosos,
Talvez no primo impulso algum aferra;
Mas vê que foge a turba espavorida,
Vulgacho imbele! — ao mísero que prende
E torce ainda nas compridas garras,
Longe, sem vida, desdenhoso o arroja.

Assim o herói. Por longo trato mudo,
Soberbo e grande alfim mostrando o rio,
Quedou sem mais dizer; o rio ao longe
As águas, como sempre, majestosas
Na gorja das montanhas derramava,
Caudal, imenso. “Trás daqueles montes,
Diz Itajuba, não sabeis quem seja?
Afronta e nome vil haja o guerreiro,
Que ousa lutar ferir, travar discórdias,
Quando o imigo boré tão perto soa.”

Acorre o piaga em meio do conflito ⁴⁷²
“Prudência, ó filho de Jaguar, exclama;
Nem mais sangue timbira se derrame,
Que já não basta por pagar-nos dêste,
Que derramaste, quanto houver nas veias
Dos pérfidos Camelas. O que ouviste,
Que o forte Japeguá diz ter sonhado,
Assela o que Tupã me está dizendo
Cá dentro em mim nos decifrados sonhos,
Depois que os funestou propinquo sangue.”

“Devoto Piaga (Mojacá prossegue)
Que vida austera e penitente vives
Dos rochedos na lapa venerada,
Tu, dos gênios do Ibaque bem fadado,
Tu face a face com Tupã praticas
E vês nos sonhos meus melhor qu'eu mesmo.
Escuta, e dize, ó venerando piaga,
(Benévolo Tupã teus ditos oiça)
Angüera mau turbou-te a fantasia,
Aflito Mojacá, teu sonho mente.”

Palavras tais no índio circunspecto,
Cujos lábios em vão nunca se abriram;
Guerreiro, cujos sonhos nunca foram,
Nem mesmo em risco estreito, pavorosos;
No vulgo frio horror vão trescalando,
Que entre a crença do piaga, e a deferência
Devida a tanto herói flutua incerta.

"Eu vi, diz êle, vi em taba imiga
Guerreiro, como vós, comando e hirsuto!
A corda estreita ⁴⁷³ do cruento rito
Os rins lhe aperta: a dura tangapema
Sobrestá-lhe fatal; — cantos se entoam
E a turba dançatriz em tórno gira.
Sonho não foi, que o vi, como vos vejo;
Mas não vos direi já quem fôsse o triste!
Se visseis, como eu vi, a fronte altiva,
O olhar soberbo, — aquela fôrça grande,
Aquêlê riso desdenhoso e fundo...
Talvez um só, nenhum talvez se encontre,
Que seja para estar no passo horrendo
Tão seguro de si, tão descansado!"

Acaso um tronco volumoso e tósco
De escamas fortes entre si travadas
Ali perto jazia. Ogib, o velho,
Pai do errante Jatir ali sentou-se,
Ali triste pensava, até que o sonho
Do aflito Mojacá veio acordá-lo.
"Tupã! que mal te fiz, que assim me colha
Do teu furor a seta envenenada?
Com voz chorosa e trêmula clamava.
Escuto os gabos que só cabem nêle,
Vejo e conheço o costumado ornato
Do filho meu querido! isto que fôra,
A quem tão infeliz como eu não fôsse,
Ventura grande, me constringe o peito!
Conheço o filho meu no que disseste, ⁴⁷⁴
Guerreiro, como a flor pelo perfume,
Como o espôso conhece a grata espôsa
Pelas usadas plumas de arazóia,
Que entre as fôlhas do bosque a espaços brilha.
Ai! nunca brilhe a flor, se hão de roê-la
Insetos; nunca vague a linda espôsa
No bosque, se hão de as feras devorá-la!"

A dor que mostra o velho em todo o aspecto,
Nas vozes por soluços atalhadas,
Nas lágrimas que chora, os move a todos
A triste compaixão; mas mais àquele,
Que, antes do pobre pai, já todo angústias,
Da própria narração se enternecia.
As ⁴⁷⁵ querelas de Ogib volta o rosto
O fatal sonhador, — que, seu malgrado,
As setas da aflicção tendo cravado
Nas entranhas de um pai, quer logo o suco,
Fresco e saudável, do louvor, na chaga
Verter-lhe, donde o sangue em jorros salta.

"Tal era, tão impávido (prosegue,
Fitando o velho Ogib) o seu desplante
Qual foi o de Jatir naquele dia,
Quando, novel nas artes do guerreiro,
Circundado se viu à nossa vista
D'imiga multidão: todos o vimos;
Todos da clara estirpe deslembrados,
Clamamos tristes, pávidos: "É morto!"
Êle porém que o arco usar não pode.
O válido tacape desprendendo,
Sacode-o, vibra-o: fere, prostra e mata
A êste, àquele; e em volumosos feixes
Acerva a turba vil, lucrando um nome.
Tapir, caudilho seu, que não suporta
Que um homem só e quase inerte, o cubra
De tamanho labéu, altivo brada:

"Cede-me, estulto, cede ao meu tacape
Que nunca ameaçou ninguém de balde."
È assim dizendo vibra crebros golpes,
Co' ⁴⁷⁶ a bruta fôlha retalhando os ares!
Um coiro de tapir, em vez de escudo,
Rijo e piloso lhe guardava os membros.
Jatir, do arco seu curvando as pontas,
Sacode a seta fina e sibilante,
Que vara o couro e o corpo e surge fora.
Tomba de chôfre o índio, e o som da queda
Remata o som que a voz não rematara.
Vista a pel' do tapir, que o resguardava,
Japi, mesmo Japi lhe inveja o tiro."

Todo o campo se aflige, todos clamam: ⁴⁷⁷
"Jatir, Jatir! o forte entre os mais fortes."
Ordem não há; mulheres e meninos
Baralham-se em tropel: o planto, ⁴⁷⁸ os gritos
Confundem-se: do velho Ogib entanto
Mal se percebe a voz "Jatir" gritando.

Itajuba por fim silêncio impondo
À turba mulheril, e à dos guerreiros
Mesta batalha: "Consultemos, disse,
Consultemos o piaga: às ⁴⁷⁹ vêzes pode
O santo velho, serenando o ibaqué
Amigo bom tornar o Deus malquisto."

"Mas ⁴⁸⁰ ora não! — responde o piaga iroso.
Só quando ruge a negra tempestade,
Só quando a fúria d'Anhangá fuzila
Raios do escuro céu na terra aflita
Do piaga vos lembrais? Tarda lembrança,
Tarda e fatal, guerreiros! Quantas vêzes
Não fui, eu mesmo, nos terreiros vossos
Fincar o santo maracá? Debalde,
Debalde o fui, que à noite o achava sempre
Sem ofertas, que aos Deuses tanto prazem!
Nu e despido o vi, como ora o vêdes,
(È assim dizendo mostra o sacrossanto
Mistério, que de irado pareceu-lhes
Soltar mais rouco som no seu rugido)
Quem de vós se lembrou que o santo Piaga
Na lapa dos rochedos se mirrava
À pura míngua? Só Tupã, que ao velho ⁴⁸¹
Deu não sentir os dentes aguçados
Da fome, que por dentro o remordia,
È mais cruel, passada entre os seus filhos!"

"Cegou-nos ⁴⁸² Anhangá, diz Itajuba,
Fincado o maracá nos meus terreiros,
Cegou-nos certo! — nunca o vi sem honras!
Que se o vira, bom piaga... oh! não se diga
Que um homem só, dos meus, perece à míngua,
(Quem quer que seja, quanto mais um Piaga)
Quando campeiam tantos homens d'arco
Nas tabas de Itajuba, — tantas donas
Na cultura dos campos adestradas.
Hoje mesmo farei que ao antro escuro
Caminhem tantos dons, tantas ofertas,
Que o teu santo mistério há de por fôrça,
Quer o queiras, quer não, dormir sôbre elas!"

"Talvez a rica ofrenda aplaca os Deuses,
È saudável conselho a noite inspira!"
Disse e sem mais dizer se acolhe à gruta.

“A 483 caça, ó meus guerreiros, brada o chefe:
Ledas donzelas ao cauim se apliquem,
Os meninos à pesca, à roça as donas,
Eia!” 484 — Ferve o labor, reina o tumulto,
Que quase tanto val como a alegria,
Ou antes, só prazer que o povo gosta.

Já deslembados do que ausente choram
(Favor das turbas que tão leve passas!)
Ledos no peito, ledos na aparência
Todos se incumbem da tarefa usada.

Trabalho no prazer, prazer que moras
Dentro de tanto afã! festa que nasce
Sob auspícios tão maus, possa algum gênio,
Possa Tupã sorrir-te carinhoso,
E das alturas condoer-se amigo
Do triste, órfão de amor, e pai sem filho!

CANTO QUARTO.

Bem-vindo seja o fausto mensageiro,
O melífluo Timbira, cujos lábios
Distilam sons mais doces do que os favos,
Que errado caçador na brenha inculta
Porventura topou! Hóspede amigo,
Ledo núncio de paz, que o território
Pisou de imigas hostes, quando a aurora
Despontava nos céus — bem-vindo seja!
Não luz mais brando e grato o romper d'alva
Que o teu sereno aspecto; nem mais doce
A fresca brisa da manhã ciciza
Pela selvosa encosta, que a mensagem
Que o chefe imigo e fero anseja ouvir-te.
Melífluo Juruçei, bem-vindo sejas
Dos Gamelas ao chefe, Gurupema,
Senhor dos arcos, quebrador das setas,
Das selvas rei, filho de Icrá valente.

Assim consigo as hostes do Gamela:
Consigo só, que a usada gravidade
Já na garganta, a voz lhes retardava.
Não veio Juruçei? Pôsto de frente,
Arco e frecha na mão feito pedaços,
Certo sinal do respeitoso encargo,
Por terra não lançou? — Que pois augura
Tal vinda, a não ser que o audaz Timbira
Melhor conselho toma; e porventura
De Gurupema receando as forças,
Amiga paz lhe of'rece, e em sinal dela
Do vencido Gamela o corpo entrega?!
Em bem! que a tórva sombra vagarosa
Do outrora chefe seu há de aplacar-se,
Ouvindo a mesta voz das carpideiras,
E vendo no sarcófago depostas
As armas, que no ibaque hão de servir-lhe,
E junto ao corpo, que foi seu, as plumas,
Enquanto vivo, insígnias do mando.
Embora ostente o chefe dos Timbiras
O ganhado troféu; embora à cinta
Ufano prenda o gadelhudo crânio, 485
Aberto em c'roa, do infeliz Gamela.
Embora; mas porém amigas quedem
Do Timbira e Gamela as grandes tabas;
E largo em roda na floresta imperem,
Que o mundo em pêsso, unidas, afrontaram!

Nascia a aurora: do Gamela as hostes
Em pé, na praia, o mensageiro aguardam
Sisudos, graves. Um caudal regato,
Cujo branco areal a prata imita,
Serenos ali volvia as mansas águas,
Como que triste de as levar ao rio,
Que ao mar conduz a rápida torrente
Por entre a selva umbrosa e broncas penhas.
Esta a praia! — em redor troncos gigantes,
Que a folhagem no rio debruçavam,
Onde beber frescor os galhos vinham,
Luxuriando em viço! — penduradas
Trepadeiras gentis 486 da coma excelsa,
Estrelando do bosque o verde manto
Aqui, ali, de flores cintilantes,
Meneavam-se ao vento, como fitas,
De que se enastra a coma a virgem bela.
Era um prado, uma várzea, um taboleiro
Com mimoso tapiz de várias flores,
Agrestes, sim, mas belas. Gênio amigo
Chegou-lhe só a mágica vergasta!
Ei-las a prumo ao longo da corrente
Com requebros louções a enamorá-la!

A nós de embira aos troncos amarradas
Quase igaras sem conto figuravam
Ousada ponte no correr das águas
Por fôrça mais qu'humana trabalhada.

Vê-as e pasma Juruçei, notando
O imigo poderio, e seu malgrado
Vai lá consigo mesmo discorrendo:
“Muitos e fortes são nossos guerreiros;
Muitos, certo, e as nossas tabas fortes,
Itajuba invencível; mas da guerra
É sempre incerto o azar e sempre vário!
E... quem sabe? talvez... mas nunca, oh! nunca!
Itajuba! Itajuba! — onde há no mundo
Posses que valham contrastar seu nome?
Onde a seta que valha derribá-lo,
E a tribo ou povo que os Timbiras vençam?!”

Entre as hostes que a si tinha fronteiras
Penetra! — tão galhardo era o seu gesto,
Tão sereno e guerreiro o seu desplante,
Que os Gamelas em si também 487 disseram:
— “Missão de paz o traga, que se os outros
São tão feros assim, Tupã nos valha,
Sim, Tupã; que o não pode o rei das selvas!”

Hospedagem sincera entanto of'recem
A quem talvez não tardará buscá-los
Com fina seta no leal combate.
Às igaras o levam pressurosos,
Servem-lhe o piraquém na guerra usado,
E os loiros dons do colmeal agreste;
Servem-lhe amigos suculento pasto
Em banquete frugal; servem-lhe taças
(A ver se mais que a fome o instiga a sêde)
De espumoso cauim, — taças pesadas
Na funda noz da sapucaia abertas.
Sem temor o timbira vai provando
O mel, o piraquém, as iguarias;
Mas dos vinhos coíbe-se prudente.

Em remoto lugar forma conselho
 O rei das selvas, Gurupema, enquanto
 Restaura o mensageiro os lassos membros.
 Chama primeiro Caba-oçu valente;
 As ríspidas melenas corredias
 Cortam-lhe o rosto, — pendem-lhe nas costas,
 Hirtas e lisas, como o junco em feixes
 Acamados no leito ressequido
 D'invernosa corrente. O rosto feio
 Aqui, ali, negreja manchas negras
 Como da bananeira a larga fôlha,
 Colhida ao romper d'alva, qu'uma ⁴⁸⁸ virgem
 Nas mãos lascivas machucou brincando.

Valente é Caba-oçu; mas sem piedade!
 Como sedenta fera almeja sangue
 E de malvada ação cruel se paga.
 Apressou em combate um seu contrário,
 Que mais imigo tinha entre os imigos:
 Da guerra os duros vínculos lançou-lhe
 E a ⁴⁸⁹ terreiro o chamou, como é de usança
 Para o triunfo bélico adornado.
 Fizeram-lhe terreiro os mais d'em tórno:
 Êle do sacrifício empunha a maça,
 Impropérios assaca, vibra o golpe,
 E antes que tombe o corpo, aferra os dentes
 No crânio ⁴⁹⁰ fulminado: jorra o sangue
 No rosto, e em gorgolhões se expande o cérebro,
 Que a fera humana rábida mastiga!
 E enquanto limpa à desgrenhada coma
 Do servo pasto o esqualido sobejo,
 Bárbaras hostes do Gamela torcem,
 A ⁴⁹¹ tanto horror, o transtornado rosto.

Vem Jepiaba, o forte entre os mais fortes,
 Taiatu, Taiatinga, Nupançaba,
 Tucura o ágil, Cravatá scmbrio,
 Andira, o sonhador de agouros tristes,
 Que êle é primeiro a desmentir co'as armas,
 Pirera que jamais não foi vencido,
 Itapeba, rival de Gurupema,
 Oquena, que por si vale mil arcos,
 Escudo e defesa dos seus que ampara;
 E outros, e muitos outros, cuja morte
 Não foi sem glória no cantar dos bardos.

Guerreiros! Gurupema assim começa,
 Antes de ouvir o mensageiro estranho
 Consultar-vos me é fôrça; a nós incumbe
 Vingiar do rei da selva a morte indigna.
 Do que morreu, em que lhe seja eu filho,
 Estende-se o desar sôbre nós todos,
 E a todos nós da gloriosa herança
 Compete o desagravo. Se nos busca
 O filho de Jaguar, é que nos teme;
 A nossa fúria porventura intenta
 Voltar a mais amigo sentimento.
 Talvez do vosso chefe o corpo e as armas
 Com larga pompa nos envia agora:
 Basta-vos isto?

Guerra! guerra! exclamam.

Notai porém quanto é pujante o chefe,
 Que os Timbiras dirige. Sempre o segue
 Fácil vitória, e mesmo antes da luta
 As galas triunfais dispõe seguro.

“Embora, dizem uns; ⁴⁹² outros murmuram,
 Que de tão grande herói qualquer que seja
 A oferta expiatória, em bem, se aceite.
 Outros porém, e a maior parte, incertos
 Vacilam no conselho. A injúria é grande,
 Bem fundo a sentem, mas bem grande é o risco.

“Se o orgulho desce a ponto no Timbira,
 Que pazes nos propõe, diz Itapeba
 Com dura voz e cavernoso acento,
 Já está vencido! Alguém pensa o contrário
 (E com despeito a Gurupema encara)
 Alguém, não eu! Se havemos de barato
 Dar-lhe a vitória, humildes aceitando
 O triste câmbio (a idéia só me irrita)
 De um morto por um arco tão valente,
 Aqui as armas vis faço pedaços
 Em breve trato, e vou-me a ter com êsse,
 Que sabe leis ditar, mesmo vencido!”

Como tormenta, que rouqueja ao longe
 E som confuso espalha em surdos ecos;
 Como rápida frecha corta os ares,
 Já perto soa, já mais perto brame,
 Já sobranceira enfim roncando estala:
 Nasce fraco rumor que logo cresce,
 Avulta, ruge, horrissono rimbomba. ⁴⁹³
 Oquena! Oquena! o herói nunca vencido,
 Com voz troante e procelosa exclama,
 Dominando o rumor, que longe ecoa: ⁴⁹⁴

“Fujam tímidas aves aos lampejos
 Do raio abrasador, — medrosas fujam!
 Mas não será que o herói se acanhe ao vê-los!
 Itapeba, só nós somos guerreiros;
 Só nós, que a olhos nus fitando o raio,
 Da glória a senda estreita a par ⁴⁹⁵ trilhamos.
 Tens em mim quanto sou e quanto valho,
 Armas e braço enfim!”

Eis rompe a densa
 Turba que d'em tórno d'Itapeba
 Formidável barreira alevantava.

Quadro pasmoso! os dois de mãos travadas,
 Sereno o aspecto, plácido o semblante,
 À fúria popular se apresentavam
 De constância e valor sômente armados.
 Eram escolhos gêmeos, empinados,
 Que a fúria de um vulcão ergueu nos mares.
 Eterno ali serão co'os pés no abismo,
 Co'os ⁴⁹⁶ negros cimos devassando as nuvens,
 Se outra fôrça maior os não afunda.
 Ruge embalde o tufão, embalde as vagas
 Do fundo pego à flor do mar borbulham!

Estranha a turba, e pasma o desusado
 Arrôjo, que jamais assim não viram!
 Mas mais que todos Caba-oçu valente
 Enleva-se da ação que o maravilha;
 E de nobre furor tomado e cheio,
 Clama altivo: ⁴⁹⁷ “Eu também serei convosco,
 Eu também, que a só mercê vos peço
 De haver às mãos o pérfido Timbira.
 Seja, o que mais lhe apraz, invulnerável,
 Que d'armas não careço por vencê-lo,
 Aqui o tenho, — aqui comigo o aperto,

Estreitamente o aperto nestes braços
(E os braços mostra e os peitos musculosos)
Há de medir a terra já vencido,
E orgulho e vida perderá co'o sangue,
Arrã soprada, que um menino espoca!"

E bate o chão, e o pé na areia enterra,
Orgulhoso e robusto: o vulgo aplaude,
De prazer e rancor soltando gritos
Tão altos, tais, como se ali tivera
Aos pés, rendido e morto o herói Timbira.

Por entre os alvos dentes que branquejam,
Ri-se o prazer nos lábios do Gamela.
Ao rosto a côr lhe sobe, aos olhos chega
Fugaz clarão da raiva que aos Timbiras
Votou de há muito, e mais que tudo ao chefe,
Que o espólio paternal mostra vaidoso.

Com gesto senhoril silêncio impondo
Alegre aos três a mão calosa of'rece,
Rompendo nestas vozes: "Desde quando
Cabe ao soldado pleitear combates
E ao chefe em ócio vil viver seguro? 498
Guerreiros sois, que os atos bem no provam;
Mas se vos não apraz ter-me por chefe,
Guerreiro também 499 sou, e onde se ajuntam
Guerreiros, hão de haver lugar os bravos!
Serei convosco", 500 — disse. E aos três se passa.

Soam batidos arcos, rompem gritos
Do festivo prazer, sobe de ponto
O ruidoso aplaudir. Só Itapeba,
Que ao seu rival deu azo de triunfo,
Mal satisfeito e quase irado rosna.

Um Tapuia, guerreiro adventício,
Filhado acaso à tribo dos Gamelas,
Pede atenção, — prestam-lhe ouvidos todos.
Estranho é certo; porém longa vida
A velhice robusta lhe autoriza.
Muito há visto, sofreu muitos reveses,
Longas terras correu, aprendeu muito;
Mas quem é, donde vem, qual é seu nome?
Ninguém o sabe: êle o não disse nunca.
Que vida teve, a que nação pertence,
Que azar o trouxe à tribo dos Gamelas?
Ignora-se também. Nem mesmo o chefe
Perguntar-lho se atreve. É forte, é sábio,
É velho e experiente, o mais que importa?
Chamem-lhe o forasteiro, é quanto basta.
Se à caça os aconselha, a caça abunda;
Se à pesca, os rios cobrem-se de peixes;
Se à guerra, ai da nação que êle indigita!
Valem seus ditos mais que valem sonhos,
E acerta mais que os piagas nos conselhos.

"Mancebo (assim diz êle a Gurupema)
Já vi o que por vós não será visto,
Imensas tabas, bárbaros imigos,
Como nunca os vereis; andei já tanto,
Que o não fareis, andando a vida inteira!
Estranhos casos vi, chefes pujantes!
Tabira, o rei dos bravos Tobajaras,

Alquindar, que talvez já não exista,
Iperu, Jepipó de Mambucaba,
E Coniã, rei dos festins guerreiros;
E outros, e outros mais. Pois eu vos digo,
Ação, que eu saiba, de tão grandes Cabos,
Como a vossa não foi, — nem tal façanha
Fizeram nunca, e sei que foram grandes!
Itapeba entre os seus não encontraras,
Que não pagasse com seu sangue o arrôjo
De tanto às 501 claras pôr-se-lhes contrário.
Mas quem do humano sangue derramado
Porventura se peja? — em que lugares
A glória da peleja horror infunde?
Ninguém, nenhures, ou somente aonde,
Ou só aquêle 502 que já viu tingidas
Cruas vagas de sangue; e os turvos rios
Mortos por tributo ao mar volvendo.
Vi-as eu, inda novo; mas tal vista
Do humano sangue saciou-me a sêde.
Ouvi-me, Gurupema, ouvi-me todos:
Da sua tentativa o rei da selvas
Teve por prêmio o lacrimoso evento:
E era chefe brioso e bom soldado!
Só não pôde sofrer que alguém dissesse 503
Haver outro maior tão perto dêle!
A vaidade o cegou! ardida 504 emprêsa
Cometeu, mas por si: de fora, e longe
Os seus o viram deslindar seu pleito.
Vencido foi... a vossa lei de guerra,
Bárbara, sim, mas lei, — dava ao Timbira
Usar, como êle usou, do seu triunfo.
A que pois fabricar novos combates?
Por que empreendê-los nós, quando mais justos
Os Timbiras talvez mover puderam?
Que vos importa a vós vencer batalhas?
Tendes rios piscosos, fundas matas,
Inúmeros guerreiros, tabas fortes;
Que mais vos é mister? Tupã é grande:
De um lado o mar se estende sem limites,
Pingues florestas doutro lado correm
Sem limites também. Quantas igaras,
Quantos arcos houvermos, nas florestas,
No mar, nos rios caberão às largas:
Por que então batalhar? porque insensatos,
Buscando o inútil, necessário aos outros,
Sangue e vida arriscar em néscias lutas?
Se o filho de Jaguar trazer-nos manda
Do chefe desditoso o frio corpo,
Aceite-se... se não... voltemos sempre,
Ou com êle, ou sem êle, às nossas tabas,
As nossas tabas mudas, lacrimosas,
Que hão de certo enlutar nossos guerreiros,
Quer vencedores voltem, quer vencidos."

Do forasteiro, que tão sôlto fala
E tão livre argumenta, Gurupema
Pesa a prudente voz, e alfim responde:
"Tupã decidirá." — Oh! não decide,
(Como consigo diz o forasteiro)
Não decide Tupã humanos casos,
Quando imprudente e cego o homem corre
D'encontro ao fado seu: não valem sonhos,
Nem da prudência meditado aviso
Do atalho infausto a desviar-lhe os passos!"

O chefe dos Gamelas não responde;
Vai pensativo demandando a praia,
Onde o Timbira mensageiro o aguarda.

Reina o silêncio, sentam-se na arena,
 Jurucei, Gurupema e os mais com êles.
 Amiga recepção, — ali não viras
 Nem pompa oriental, nem galas ricas,
 Nem armados salões, nem côrte egrégia,
 Nem régios paços, nem caçoilas fundas,
 Onde a cheirosa goma se derrete.
 Era tudo singelo, simples tudo,
 Na carência do ornato — o grande, o belo,
 Na própria singeleza a majestade.
 Era a terra o palácio, as nuvens teto,
 Colunatas os troncos gigantescos,
 Balcões os montes, pavimento a relva,
 Candelabros a lua, o sol e os astros.

Lá estão na branca areia descansados.
 Como festiva taça num banquete,
 O cachimbo ⁵⁰⁵ de paz, correndo em roda,
 De fumo adelgado cobre os ares.
 Almejam, sim, ouvir o mensageiro,
 E mudos são contudo: não dissera,
 Quem quer que os visse ali tão descuidosos,
 Quer ardor inquieto e fundo os ansiava.

O forte Gurupema alfim começa
 Após côngruo silêncio, em voz pausada:
 Saúde ao núncio do Timbira! disse.
 Tornou-lhe Jurucei: “Paz aos Gamelas,
 Renome e glória ao chefe seu preclaro!” ⁵⁰⁶
 — A que vens pois? Nós te escutamos: fala.
 “Todos vós, que me ouvis, vistas boiantes,
 A ⁵⁰⁷ mercê da corrente, o arco e as setas
 Feitas pedaços, por mim mesmo inúteis.”

“E de to ver folguei; mas quero eu mesmo
 Ouvir dos lábios teus quanto imagino.
 Acata-me Itajuba, e de medroso
 Tenta poupar aos seus tristeza e luto?
 A flor das Tabas suas talvez manda
 Trazer-me o corpo e as armas do Gamela,
 Vencido, em mal, no desleal combate!
 Pois seja, que talvez não queira eu sangue;
 E do justo furor quebrando as setas...
 Mas dize-o tu primeiro... Nada temas;
 É sagrado entre nós guerreiro inerme,
 E mais sagrado o mensageiro estranho.”

Treme de pasmo e cólera o Timbira,
 Ao ouvir tal discurso. — Mais surprêso
 Não fica o pescador, que mariscando
 Vai na maré vazante, quando avista
 Envolto em lôdo um tubarão na praia,
 Que reputa sem vida; passa rente,
 E co' as malhas da rêde acaso o açoita
 E a desleixo: — feroz o monstro acorda,
 E escancarando as fauces mostra nelas
 Em sete filas alinhada a morte!
 Tal ficou Jurucei, — não de receio,
 Mas de surprêsa atônito; — o contrário,
 Que de o ver merencório não se agasta,
 A que proponha o seu encargo o anima.

“Não ignavo temor a voz me embarga;
 Emudeço de ver quão mal conheces
 Do filho de Jaguar os altos brios!

Esta a mensagem que por mim vos manda:
 Três grandes tabas, onde heróis pululam,
 Tantos e mais que vós, tanto e mais bravos,
 Caídas a seus pés a voz lhe escutam.
 Não quer dos vossos derramar mais sangue:
 Tigre cevado em carnes palpitantes,
 Rejeita a fácil prêsa; nem o tenta
 De perjuros haver troféus sem glória.
 Enquanto pois a maça não sopesa, ⁵⁰⁸
 Enquanto no carcaz dormem-lhe as setas
 Imóveis — atendei! — cortai no bosque
 Troncos robustos e frondosas palmas
 E novas tabas construí no campo,
 Onde o corpo caiu do rei das selvas,
 Onde empastado inda enrubesce ⁵⁰⁹ a terra
 Sangue daquele herói que vos infama!
 Aquela briga enfim de dois, tamanhos, ⁵¹⁰
 Sinalai; porque estranho caminheiro
 Amigas vendo e juntas nossas tabas,
 E a fé que usais guardar, sabendo, exclame:
 Vejo um povo de heróis, e um grande chefe!”

Enquanto escuta o mensageiro estranho,
 Gurupema, talvez sem que o sentisse,
 Vai pouco e pouco erguendo o corpo inteiro.
 A baça côr do rosto é sempre a mesma,
 O mesmo o aspecto, — a válida postura
 A quem de longe o vê, sòmente indica
 Vigor descomunal, e a gravidade
 Que os próprios Índios por incrível notam.
 Era uma estátua, exceto só nos olhos,
 Que por entre as em vão caídas pálpebras
 Clarão funéreo derramava em tórno.

“Quero ver que valor mostras nas armas,
 (Diz ao Timbira, que a resposta aguarda)
 Tu que arrogante, em frases descorteses,
 Guerra declaras, quando paz of'reces.
 Quebraste o arco teu quando chegaste,
 O meu te of'reço! O quebrador dos arcos
 Nos dons por certo liberal se mostra,
 Quando o seu arco of'rece: julga e pasma!”

E o arco empunha! outro não foi como êle!
 Artífice de nome em seus lavôres
 Mais de um ano gastara em fabricá-lo.
 As pontas levemente recurvadas
 Cabeças de bicéfala serpente
 Figuravam, — iguais no pêso e forma:
 Melhor que nenhum outro equilibrado,
 Lavrados os desenhos com tal arte,
 Que sem tirar-lhe a fôrça, mais flexível,
 Mais pesado o tornavam com mais graça.

Do pejado carcaz tira uma seta,
 Na corda a ajeita, — o arco entesa e curva,
 Atira, — soa a corda, a frecha voa
 Com silvos de serpente. Sôbre a copa
 Duma árvore frondosa descansava
 Há pouco um cenembi, — frechado agora
 Despenha-se no rio, sopra iroso,
 A cortante serrilha embora eriça, ⁵¹¹
 Co'a dura cauda embora açoita as águas;
 A corrente o conduz, e em breve trato
 O hastil da frecha sobrenada a prumo. ⁵¹²

Pudera Jurucei, alçando o braço,
Poupar ação tão baixa àqueles bosques,
Onde os guerreiros de Itajuba imperam.
Imóvel, mudo contemplou no rio
De chôfre o cenembi cair frechado,
Lutar co'a morte, ensangüentando as águas,
Desparecer, — a voz por fim levanta:

“Ó rei das selvas, Gurupema, escuta:
Tu, que medroso em face d'Itajuba
Não ousaras tocar o pó que o vento
Nas fôlhas dos seus bosques deposita;
Senhor das selvas, que de longe o insultas,
Porque ⁵¹³ me vês aqui sôzinho e fraco,
Fraco e sem armas, onde armado imperas;
Senhor das selvas (que antes frecha acesa
Sôbre os tetos houvesse arrojado,
Onde as mulheres tens e os filhos caros)
Nunca miraste um alvo mais funesto
Nem tiro mais fatal vibraste nunca. ⁵¹⁴
Com lágrimas de sangue hás de chorá-lo,
Maldizendo o lugar, o ensejo, o dia,
O braço, a fôrça, o ânimo, o conselho
Do delito infeliz que vai perder-te!
Eu, sôzinho entre os teus que me rodeiam,
Sem armas, entre as armas que descubro,
Sem mêdo, entre os medrosos que me cercam,
Em tanta solidão seguro e ousado,
Rosto a rosto contigo, e no teu campo,
Digo-te, ó Gurupema, ó rei das selvas,
Que és vil, qu'és fraco!” ⁵¹⁵

Sibilante frecha

Rompe da turba-multa e crava o braço
Do ousado Jurucei, qu'inda falava.

“É seguro entre vós guerreiro inermes,
E mais seguro o mensageiro estranho!
Disse com riso mofador nos lábios.
Aceito o arco, ó chefe, e a treda frecha,
Que vos hei de tornar, ultriz da ofensa
Infame, que Aimorés nunca sonharam!
Ide, correi, quem vos impede a marcha?
Vingai esta corrente, não mui longe
Os Timbiras estão! — Voltaí da empresa
Com êste feito heróico rematado;
Fugi, se vos apraz; fugi, cobardes!
Vida por gôta pagareis meu sangue;
Por onde quer que fôrdes de fugida
Vai o fero Itajuba perseguir-vos
Por água ou terra, ou campos, ou florestas;
Tremei!...” ⁵¹⁵

E como o raio em noite escura
Cegou, desapareceu! De timorato
Procura Gurupema o autor do crime,
E autor lhe não descobre; inquire... embalde!
Ninguém foi, ninguém sabe, e todos viram.

OUTRAS POESIAS. 516

FANTASMAS. 517

There are more things in heaven and earth, Horatio,
Than are dreamt of in your philosophy.

Hamlet.

Ia a lua pelos ares
Docemente equilibrada,
Qual linda concha embalada
Pela corrente dos mares.

Era tudo amor; — dormente
Era a mesta solidão, —
Porém eis que de repente
Corre de vento um pegão.

Morrendo a luz feiticeira
Morre o brilhante do céu,
Que da lua a face inteira
Cobre denso, opaco véu.

Das trevas o véu rasgando
Fuzila breve clarão,
No escuro espaço rolando
Rouqueja horrível trovão.

Ruge ao longe o mar raivoso,
Perto — o vento no arvoredos;
No cemitério medroso
Surgem fantasmas de mêdo.

Passando ao través dos muros,
Que do mundo os separava,
Penetram no templo escuro:
Mudo e triste o templo estava.

Do templo nas paredes caminhavam
As mestas sombras dos que foram; outros,
Como que da vigília se pesassem,
Nos ossos mal seguros se arrastavam.

Como sôbre as couceiras se revolvem
As portas emperradas, tal do templo
As frias pedras sepulcrais se dobram.
Finados mil e mil das campas surgem,
Incertas sombras pelos ares voam,
Amalgama-se o pó formando nuvens,
E as nuvens pairam n'amplidão sagrada.
Só um sepulcro permanece inteiro,
E um espectro ao pé dêle; — os longos dedos
Correndo pela testa, tremebundo
Carrega sôbre a turba o rosto irado.

“Não poder descansar! — dizia o triste —
“Não poder descansar! — Era êste um grito
D'interno sofrimento amargo e duro.
“Ó Morte enganadora, que eu julgava
“O infinito visão, — além dos mundos
“Outro mundo não via, — além da vida
“Minha alma apenas descobria... o nada.
“De que nos serve o teu poder, traidora?
“Se a vida tiras, mais penosa a tornas;
“Se tiras o sofrer, mais delicado,
“Mais apurado, mais sutil, mais fundo
“Fazes, cruel, brotar do horror da campa.

"Estólido que eu fui! — da terra filho,
 "Julguei-me prêso à terra, prêso ao nada,
 "Julguei-me sem porvir além da vida,
 "Sem acerbo penar na campa acerba!"

Como sentisse a sepultura intacta,
 Raivoso empurra a pedra, que serena
 Sôbre outras pedras se desliza fácil,
 Como o barco veloz cortando as ondas,
 Que a mão calosa do barqueiro impele.

Ah! certo, eu vi! — um pútrido cadáver,
 Amarelento, ensangüentado e feio,
 Pávido erguer-se no sudário envolto.
 Volveu pasmado em tórno os olhos turvos,
 E as pupilas sem luz que estranham, sentem
 Agudíssima dor da luz mal vista
 Da alâmpada velada. — Nos ouvidos
 Mesmo dos mortos o bulício incerto
 Com hórrido fragor rimbomba, estoura!

— Não julguei acordar! — disse afligido.
 Mas do finado, que o chamara à vida,
 Correu nos lábios mofador sorriso:
 "Não julgaste acordar, insano?! — a mente
 "Perdida não sentiste além dos ares
 "Voar além dos céus, além das nuvens?"
 Dizia o espectro: — "Insano, tu cobriste-a
 "De lôdo terral, cortaste as asas
 "Dêsse amigo adejar, de prece amiga
 "Que vai, que sobe, perfumado incenso,
 "Beijar do eterno ser o trono excelso."

Eis do recém-finado a voz rebrama
 No recinto do templo; — estoura e ferve
 No estreito espaço da garganta, como
 Neve que o sol derrete, que nas orlas
 Do raso leito de regato humilde
 Rebenta em borbulhões de argêntea espuma.

"Nas trevas, Senhor Deus, direi teu nome,
 "Cantarei teus louvores do sepulcro,
 "Cantarei teu poder dentre a gelada
 "Mortalha funeral, e sempre e eterno.
 "Senhor Deus, Senhor Deus, quando os meus lábios
 "Se ressequirem teu louvor cantando,
 "Quando rouco meu peito arfar cansado,
 "Minha alma, além dos sóis voando afoita,
 "Irá, Senhor meu Deus, beijar-te as plantas,
 "Nutrir-se palpitante da tua glória
 "E à luz do teu fulgor, do teu conspecto
 "Derramar-se queixosa e aflita..."

— É tarde!

O espectro lhe bradou. — Misericórdia! —
 Clamava a triste sombra que aterrada
 Procurava juntar as mãos rebeldes.
 Foi de balde o querer; de balde as fôrças
 Concentra o miserando por juntá-las;
 De balde intenta orar! — a voz lhe falta,
 Do mutilado tronco os braços fogem,
 Fogem do templo na amplidão perdidos.
 Mútua fôrça os atrai, mútua os repele,
 Fatídico poder os leva a ambos,
 E alonga o templo mais e mais com êles.
 Dos ares a soidão quebrando irado
 Da tórre soa o sino; o som d'agoiros
 Estoura — ruge — vibra — míngua e morre.

Rápida foge a multidão dos mestos,
 Sem arruído, sem rumor, — qual fumo
 Levíssimo e sutil que se desenha
 Ao reflexo da luz nos brancos muros.

LÁGRIMAS SEM DOR — E DOR COM
 LÁGRIMAS. 318

Sumiu-se além o sol envolto em raios,
 E do lado fronteiro a branca lua
 Levanta a fronte pálida entre montes,
 E nas águas do límpido regato
 Estampa a face inteira.

E eu irei sentar-me junto às margens
 Do límpido regato;
 Irei cismar sôzinho, a sós co'a noite,
 Nas minhas penas cruas.

Quero sentir da tarde o fresco orvalho
 Nos meus cabelos;
 Quero escutar nas fôlhas o sussurro
 Da mansa brisa;

Quero escutar o som da linfa clara
 Por sôbre as pedras;
 Quero escutar do pássaro o gemido
 De sob as ramas;

Quero vê-la também, que há tempos ando
 Cismando nela;
 Que, há tempos, sempre a encontro triste e muda
 Junto à ribeira.

Ei-la sentada ali entre os salgueiros,
 Pálida a fronte,
 Loiros cabelos sôbre testa ebúrnea,
 Cândida a veste.

Anjo — encanto — mulher, que és tu na terra?
 Quem n'alma te gravou cismar tão triste?
 Tão triste palidez quem te há gravado
 No semblante formoso?

Oh! se minha alma aflita inda prazeres
 Sentir pudesse, — se inda amar amasse,
 Se os meus olhos pisados não vertessem
 A fio agra corrente;

Anjo — encanto — mulher, fôras meu nume,
 Fôras meu sangue, meu prazer, minha alma,
 Minha estrêla de amor, meu anjo e vida,
 Pensamento e querer.

Na flor da mocidade, quando a vida
 Por entre flores, recendendo aromas,
 Risonha e festival, sem mêdo corre
 D'agoireiro futuro;

Porque em vez de nutrir brandos amôres
 Definhas sem brilhar em festa, em jogos,
 Sem um meigo sorrir nos curtos lábios,
 Sem côr nas alvas faces?

Anjo — encanto — mulher, porque o teu pranto
Corre agora espontâneo sôbre as águas
Do límpido regato, como lágrimas
De Náiaide gentil?

Porque choras assim? — Traída amante
Vens de enganado amor as penas cruas
Curtir na soledade?

Mas quem tão negro feito perpetrara?
Quem há que se os teus olhos lhe sorrissem,
Não morrera de amôres?

Não o fizera, não, — que tal façanha
Não a faz coração d'homem, que sente,
Que vê tais graças;
Que visse uma só vez, qual vejo agora,
Co'as estrêlas do céu pleitear brilho
Teus olhos tão mimosos.

Morreu-te acaso a mãe! — Êrma e sòzinha,
Vens d'amor filial durante a noite
Pagar tributo amargo?
Mas ci-la que ali vem terna, ansiada,
Por te ver, por te ouvir, por êsse pranto
Secar co'um doce beijo.

Ah! chora sempre e sempre; — corre o pranto
Espontâneo e fagueiro nessa idade,
Como orvalho da noite;
Enquanto o mau blasfema o bom soluça;
Alma do céu folga em chorar sòzinha
Neste exílio da terra.

Ah! chora sempre e sempre, que êsse pranto
No seio maternal hoje se entorna,
Que não em terra sáfara;
Doido por muito amar, por ser amado,
Gentil mancebo, há de amanhã sorver-to
Num ósculo de amor.

Mas eu quando em silêncio as fontes abro
Dêste meu coração, embalde os lábios
Donzela ou mãe soluçam;
Pelo meu rosto em fio se desliza
Meu triste pranto, e alvíssimo se expande
Na pedra dum sepulcro.

MISERRIMUS. 519

Quando o inverno chegou, — por sôbre a terra
O robre secular espalha a coma,
Que o rábido tufão cortou de morte.
Despida e nua jaz a flor mimosa,
Agora hástrea sômente; e o sol brilhante
Despede a custo a luz que mal penetra
As nuvens trovejadas que o circundam.

Mas o inverno passou! — De novo assume
Virente rama o robre gigantesco,
A flor formosa e bela vem brotando,
E o sol, rei do horizonte, já rutila
Em céu de puro azul auribrilhante.

Mas quando o desengano, qual tormenta
Que por desertos só valente reina,
Do quente coração arranca, esmaga
Esp'ranças, que o amor esfeitiçava,
Em vão a natureza ufana brilha,
Em vão de puro orvalho a flor se arreia,
Em vão dardeja o sol seus quentes raios,
Em vão!... que o coração jaz frio e murcho,
E não mais viverá! — que a alma sentida
Conhece que o amor é só mentira,
Que é mentira o prazer, mentira tudo!

Um dia apareceu um recém-nado,
Como a concha que o mar à praia arroja,
Cresceu; — qual cresce a planta em terra inculta.
Que ninguém educou; — a chuva apenas.
Infante — viu de roda sepulturas,
Em que não atentou; — sonhos mimosos,
Acordado ou dormindo, lhe doiravam
A infância leve, d'innocência rica.
Viu belo o ar, e terra, e céus, e mares,
Viu bela a natureza, como a noiva
Sorrindo em breve dia de noivado!
Então sentiu brotarem na sua alma
Sonhos de puro amor, sonhos de glória;
Sentiu no peito um mundo de esperanças,
Sentiu a fôrça em si — patente o mundo.
Forte se levantou! correu fogoso,
E qual águia que nas asas se equilibra,
Começou a trilhar da vida a senda.
Um monte além topou; mais vagaroso
Subiu, — vingou mais lento! — Inda mais outro
Colossal — descalvado — íngreme e liso,
Costeou, mas cansou, que era sòzinho!
Sentou-se, e mudo, e fraco, e pensativo,
À borda do caminho; e sôbre o peito
A cabeça inclinou, cruzando os braços.
Minha mãe! — soluçou; e um eco ao longe
Minha mãe! — respondeu. — Sentiu que a fome
Dolorosa as entranhas lhe apertava,
E sêde intensa a ressequir-lhe as fauces;
Fome e sêde curtiu como num sonho.
Do rosto nas maçãs descoloridas
— Filtro do coração — sentiu que o pranto
Ardente escorregava a tez queimando.
Muda era a sua dor, — d'homem que sofre,
Que chora isento de vergonha ou crime.
Encontrou mais além no seu caminho,
Bela na sua dor, sòzinha e fraca,
Figura virginal que ali jazia.
Esqueceu-se de si pensando nela;
Nova fôrça criou, — novo incentivo,
Coragem nova o seu amor criou-lhe.
Lavou-lhe os curtos pés, contra o seu peito
Do frio a protegeu, — tomou nos braços
A carga tão mimosa! — E ela co'os olhos,
Que o amor vendava um pouco, agradecia.
E ela pôde viver; — disse que o amava,
Que era o seu coração dêle — e só dêle: —
Disse, e mais que uma vez, com peito e lábios
No peito e lábios dêle; — era mentira!

E êle o conheceu! por precipícios
Descrido se arrojou, sentindo a morte,
Seu berço entre sepulcros procurando.

Aqui — ali — além — eram sepulcros;
E o nome de sua mãe, sequer não pode
Dos nomes conhecer de tantos mortos.

E só no seu morrer, qual só na vida,
Na terra se estendeu; nem dor, nem pranto
Tinha no coração que era já morto!

E alguém, que ali passou, vendo um cadáver
De sânie e podridão comido e sujo,
Co' o pé num fôss o revolveu; — e terra
Caída acaso o sepultou p'ra sempre.

Amizade! — ilusão que os anos somem;
Amor! — um nome só, bem como o nada,
A dor no coração, delícias n'alma,
Nos lábios o prazer, nos olhos pranto
— Tudo é vão, tudo é vão, exceto a morte.

O DONZEL. 520

Onde vais, ó cavaleiro?
— Ver quem de amor me matou.
— Vês este cadáver? — Vejo.
— E vais à entrevista? — Vou.

FREIRE DE SERPA.

I.

Já tremula sôbre o ocaso
Do sol o disco fulgente:
Já se ergueu a lua inteira
Lá das partes do oriente;
Ergueu-se a brisa fagueira,
Ergueu-se a voz da corrente.

Ergueu-se tênue e macio
Perfume de linda flor;
Ergueram as densas matas
O seu leve arfar de amor;
Ergueu a voz do oceano
O seu hino ao Criador.

II.

Eis que donoso mancebo
Que brancas telas vestia,
Por senda patente e clara
Em seu ginete corria.

Não vê no trépido ocaso
Do sol o disco fulgente,
Nem da lua alvinitente
O deleitoso fulgor;
Não escuta o arfar dos bosques,
Nem das aves o carpido,
Nem das vagas o rugido,
Nem da tarde almo frescor
Sentir pode! — Corre a brisa,
Ouve-se estranha harmonia;
Mas na acesa fantasia
Ferve inquieto, imenso amor!

III.

Praticando noutros tempos
Alguns velhos encontrou:
Louco! louco! — murmuraram.
Sorriu-se o moço e passou.

Velhos que a vida viveram,
Que já não sabem viver,
Que sôbre a terra dos vivos
Não têm de que ter prazer,

Uns aos outros se perguntam,
Quando em paz descansarão!
Já vivestes vossa vida,
Já não tendes coração!

Tendes o corpo alquebrado,
Tendes morto o coração,
Tendes a alma desmaiada,
Nem sentis uma afeição.

Afeição, ledice, amôres...
Sôbre as cãs não vingam o amor,
Como sôbre a rocha dura
Não cresce mimosa flor.

IV.

Mais além — gentis donzelas
Brincando se divertiam,
Embebidas nos folgares
Lúbricas danças teciam.

— Onde vais, gentil mancebo,
— Nesse correr afanoso?
— Onde vais? detém-te, espera!
— Não nos fujas pressuroso!

“Vou-me longe inda esta noite,
“Vou rever os meus amôres;
“Já de mais hei sopeado
“Meu desejo e meus ardores.

“A vossa vida é ventura,
“Vosso sorriso inocência,
“Vossa alma formosa e pura
“Não sofre de crua ausência!

“Vosso amor, e só desejo
“É o sorriso da aurora,
“O arbusto, e a flor do prado,
“E a corrente sonora.” 521

Disse e passou: eis renascem
Leves danças na claraira,
Ledos gritos pelo bosque,
Leda cena feiticeira!

V.

E não pára, e prossegue, e devora
Tôda a senda o fogoso corcel; 522
Aos reflexos da lua brilhante
Vê-se o vulto do nobre Donzel.

Entrevê-se os vestidos luzentes,
Entrevê-se o corcel a fugir;
Aos reflexos da lua brilhante
Vê-se a pluma da gorra luzir!

Que lh'importa que a noite o convide
A sereno e tranqüilo pensar?
Que lh'importa o frondoso arvoredado,
Que lh'importa agoureiro piar?

Que lh'importa a beleza da terra,
Que lh'importam estrêlas ou mar?
Que lh'importa? — o mancebo não pode
Mais que a ela no mundo enxergar.

Ela é pura, é celeste, é mimosa,
É feitiço do nobre Donzel;
Ela o ama, assim disse, ela o espera...
Ledo o moço esporeia o corcel!

Temerário, onde vais pressuroso,
Por que buscas na terra prazer?
Insensato, prazer neste mundo...
Só no triste que almeja morrer!

Porque ⁵²³ afetos, ledice e ventura,
Porque extremos de acesa paixão,
São delírios que o tempo consome,
São caprichos de amarga ilusão!

É veneno de flor que não cheira,
Que a existência amargura cruel!...
Esta vida é festejo de amôres,
É de flores — clamava o Donzel!

E não pára, e prossegue, e devora ⁵²⁴
Tôda a senda, e se apeia, — inda mal!
Eis um vulto, ei-lo corre — já sente
Penetrar-lhe no peito um punhal!

Nesse instante de acerba agonia,
Nesse instante de louca paixão,
Nesse instante... pesou-se de extremos
Tão mal pagos, de tanta traição.

VI.

Virgem! virgem! que o amor recompensas
Por tal arte, tão dura e cruel,
Nunca sintas amor em tua vida, ⁵²⁵
Nunca extremos de nobre Donzel!

Nunca escutes a meiga linguagem
De sincera, infinita paixão;
E nas vascas da morte impiedosa
Do que estimas te colha a traição! ⁵²⁶

HARMONIAS. ⁵²⁷

PRIMEIRA VOZ.

Quando da noite o denso véu se estende,
E a lua pálida entre nuvens gira,
E dentre as fôlhas uma voz suspira
Que diz prazer e doce amor acende;

Ao par amante, que inocente vaga,
Sou eu quem prendo em derretido enleio:
— Secura ou fogo, ardente devaneio
Que dá morte à ⁵²⁸ paixão, que sempre afaga.

Sou eu que às fôlhas dou verter frescura,
Que falo amôres no correr da brisa,
Que deslusto a paixão sincera e lisa
Aos torpes beijos da lascívia impura.

SEGUNDA VOZ.

Eu porém no peito amante
Sou quem fomento a paixão,
Amor na virgem mimosa,
No jovem dedicação.

Quem lhes ponho risos n'alma,
Quem falo nos sonhos seus,
Prazeres envergonhados
— Tão puros, como nos céus.

Dou-lhes palavras sublimes
Nunca ouvidas por ninguém,
E gozos nunca fruídos,
E prantos que fazem bem.

Dou-lhes extremos e arrojos,
Talvez subida amargura,
Donde sai o amor provado
À prova da desventura.

PRIMEIRA VOZ.

E eu dessa paixão nobre e singela,
Ao meigo jovem, que de amor doudeja,
Dou-lhe fastio, que nem mais deseja
Que apagar seu amor nos braços dela.

Eu os conduzo mais falaz que humano,
Ela adornada de beleza e flores,
Êle mal sufocando seus ardores,
Ao tempo, onde os espera o desengano!

Satisfeita a paixão, vem logo o frio,
O gêlo que lhes lavra em todo o peito;
Já se nota um defeito, e outro defeito,
Já cresce em ambos o pesar tardio!

SEGUNDA VOZ.

Talvez ambos se arrependem,
Talvez se nota o defeito,
Tardo pesar que não dura
Talvez lavra em todo o peito;
Mas soando a desventura
Dar-lhes-ei nova paixão,
— Centelha viva, não cinza
Na frágua do coração.

Sou eu que o sono afugento
Quando vela a casta espôsa
Junto ao leito, onde repousa
O espôso que mal padece;
Quisera ser em vez dêle,
Quando a morte o ameaça;
Té de si mesma se esquece,
Té de quanto sofre e passa.

PRIMEIRA VOZ.

Vela meigo-sorrindo a casta espôsa,
Vela no leito, onde ⁵²⁹ a aflição descansa,
Mas talvez lhe sugiro uma lembrança
Triste, importuna que expulsar não ousa.

Se compõe um sorriso honesto e brando,
Se ameiga a voz, a doce coma esparsa,
Sorriso e voz fino punhal disfarça,
Que vai no peito incauto a furto ⁵³⁰ entrando.

Ah! quantas vêzes! quantas! não transuda
O leito conjugal banhado em sangue,
E êle ou ela, atraído, exangue,
Já quase morto, a traição vil desnuda?!

SEGUNDA VOZ.

Talvez ciumenta espôsa,
Talvez cioso marido,
Irado, o punhal buído
Levanta... mas nesse instante
Mostro-lhe o meigo semblante
Do filho seu que descansa,
Como que o sono lhe traga
Sonhos que traz na lembrança.

A tal vista se entenece,
A suposta injúria esquece,
A coragem lhe falece,
E o punhal lhe cai da mão;
E onde o ferro traiçoeiro
Devera d'entrar primeiro,
Beijando por derradeiro
Pede chorando o perdão.

O BARDO. ⁵³¹

(VISÃO.)

Must all the finer thoughts, the thrilling sense,
The electric blood which their arteries run,
Their body's self-tuned soul with the intense
Feeling of that which is, and fancy of
That which should be, to such a recompense
Conduct? Shall their bright plumage on the rough
Storm be still scatter'd? — Yes, and it must be!

BYRON.

Era uma sala de rei comprida e larga
De primores vestida. — Nos tapêtes
Hábil artista desenhara a história
Dos anos decorridos; — das janelas
Pendia a sêda multicolor, — rojavam
No liso pavimento as franjas d'oiro
Do brilhante espaldar. — Sentado nela
O rei, já velho, em roda de ministros
Num canto do salão retinha os olhos.
Segui-lhe a vista, e vi... Era um mancebo
Modesto e belo; tinha um quê nos olhos
De pudor virginal, de meigo encanto,
Que prendia a atenção. — Em pé, cruzadas
Sobre uma harpa singela as mãos nevadas
Em voz segura e baixa ao rei falava: ⁵³²
"Por isto, senhor rei, vim ter convosco!..."

Isto apenas lhe ouvi; sutil sorriso
Do monarca passou nos roxos lábios,
Que hipócrita e sarcástico dizia:
— Que vos posso eu fazer? — Sois bardo! — Às ⁵³³
[vêzes

Quando êste encargo de reinar me deixa
Mais livre respirar, — sôbre mil praças
Dêste palácio meu lançando os olhos,
O doce canto da vossa harpa escuto,
E o longo aplauso palpitante, e os ecos
Do forte sussurrar de amor, de enlevos,
Que a turba eleva com prazer... Auxílios
Não vos posso prestar, que o erário tenho
Exausto e pobre! —

"Oh! nem de mim vos falo,
Nem por mim, rei senhor! — Que vos hei dito?
Que a moral, crença, e fé, e amor dos povos
São altos fustes, que têm mão do trono. ⁵³⁴
Sois dêste o criador, porém daqueles
Incumbe o lustre a nós. Se a nossa vida
Nisto gastamos, se mais crente o povo
Depois de nós a nosso exemplo fica,
Ê justo, senhor rei, que o trono cure
De quem sôbre êle de contínuo vela.
Somos do mundo sem saber do mundo;
Aproveu ao senhor Deus lançar-nos nêle,
Sem vida para nós, com tanta vida,
Com tanta fôrça de querer p'ra os outros.

Não sabemos ganhar! — Com fome ou frio,
Lemos o nome do Senhor nos astros;
Sonhamos ilusões, lançando os olhos
Sobre a terra florida, ou sôbre o campo
Liso, imenso dos céus, — vagando sempre
Do passado ao futuro! — Somos loucos,
Bem loucos, senhor rei! — Enquanto a vida
Em proceloso mar corre sem têrmo,
Até que a morte um dia nos afunde
Cantamos sempre; nem de auxilio estranho
Havemos de mister, que o melhor canto
De soluços e lágrimas se embebe! —
Mas se hospícios haveis para os que sofrem,
Nós sofremos também, — também ⁵³⁵ mendigos,
Trocamos, como outrora o velho Homero,
Celestes carnes por um pão de azima!" ⁵³⁶

— Falais do mundo sem saber do mundo,
E do vosso mister sem saber dêle, ⁵³⁷
Tornou-lhe o rei com rosto carregado.
Sou injusto e cruel!... vós o dissestes!
Mas quem sois? — que fazeis? — Ao povo estulto
Co'a branda lira efeminais; no canto
Vil peçonha entornais em néscias mentes;
De perversa moral lições na cena
Dais em verso pomposo; — loucos, cegos,
Profetas vos dizeis... — Meu trono acaso
Sustentas tu co'a lira? — Se o sustentas,
Retira o braço, quero-o ver por terra,
Quero crer na tua crença; e se és profeta,
Eu to suplico, do porvir me fala! —

Como de sob os pés vos foge o bando
De sussurrantes passarinhos, quando
Pensativo calcais na densa mata
As sêcas fôlhas, rugidoras, sôltas;
Como sobem confusas, pipilantes,
Ouvindo o estranho som que as amedrontam,
Da Harpa as notas soam, vibram, fogem:
Lá se perdem nos ares, lá renascem,
Já de novo ressoam, como abelhas, ⁵³⁸
Que sôbre vivas flores descansadas,
Quase filhas do sol, se erguem ruidosas.

(Ano de 1839)

“Reis da terra, o que sois? Oh! quase um nada,
Em mãos de infantes caprichosos ⁵³⁹ — brinco,
Autômatos de orgulho, atores tristes
Em público tablado:

Um que em dia aziago entre os clamores
Da multidão falaz entrou no templo;
Erã o templo adornado, — ali soldados,
Ali densos convivas,

Resplandecente d’oiro, e sêda, e jóias;
Ali morno silêncio qual precede
Da batalha o fragor — troava o sino,
E foi c’roado... escravo!

“Mas ⁵⁴⁰ quando o Senhor Deus um bardo cria,
Funde-lhe a mente de trovões, de raios,
De nobre fogo lh’incendeia ⁵⁴¹ o peito
De cólera e de amor!

E o manda sôbre a terra ingrata e nua,
Que voe sôbre os astros, que a sentença,
Que Baltasar temeu, grave nos muros
D’impudico festim!

Que suspire, que gema, que soluçe,
Que se lembre dos céus cantando a terra,
Que um amigo não tenha, ⁵⁴² que a sua vida
É sofrer e cantar!

“Mas ai do triste que não sente enlevos
De ouvir um doce canto ao som da lira:
Mas ai do rei, que não suspira aflito
De aflito suspirar!

Mas ai do triste rei! que nunca o bardo
Nos versos divinais ⁵⁴³ dirá seus feitos,
Nem o seu nome se lerá na pedra
De gelado sepulcro.

Vai com êle a lisonja à ⁵⁴⁴ sepultura,
Com êle o seu palácio irá por terra,
Não será pedra sôbre pedra. ⁵⁴⁵
Inteira a mole cairá!”

Calou-se mas cupriu-se o vaticínio:
Morreu sem nome o rei, — a mole inteira
Por terra jaz — uma coluna atesta
Seu primeiro esplendor.

Que é do bardo porém? — Ninguém pergunta:

O modesto pastor que a dura calma
Passou à ⁵⁴⁶ sombra da frondosa copa,
Quando sem graça a vê, pergunta acaso
Que impiedoso tufão levou-lhe as fôlhas?
A virgem que em passeios solitários
Respira o aroma de uma flor singela,
Pergunta acaso no verão torrado

Se a melindrosa flor ainda existe,
Ou existindo, em que lugar se esconde?
Assim do bardo os feiticeiros versos!
Ressoam, como nota harmoniosa,
Como suspiro d’innocente virgem
Na placidez da noite adormecida;
Ressoam, mas também ⁵⁴⁷ se extinguem prestes,
Como nota de uma harpa vaporosa,
Como o perfume que uma flor exala,
Como o suspiro que uma virgem solta!

— Le crime est immortel!
— Ainsi que le remords.

A. BARBIER.

I.

Que feios sons de surda e rouca trompa!
Ecoa a brônzea tuba as duras vozes,
Que hão de os vales cobrir de miserandos,
Insepultos guerreiros!

Sôbre as cordas da tua Harpa
Pousa, ó Musa, a nívea mão,
Que com tais sons se não casam
Os sons do teu coração!

Que triste soluçar, que triste pranto,
Que amargas queixas, que doridas preces!
Penosas vascas de sangrenta morte
No extremo agonizar!

Musa minha desditosa,
Dos cabelos despe o loiro,
Da tua Harpa malfadada
Despedaça as cordas d’oiro!

Ó ⁵⁴⁹ Musa, Musa minha! os sons que ouviste
Foi perpassar dos teus, — dos teus que amavas,
Agora sombras vãs, que inultas vagam
A desoras na terra!

Do mísero Cantor que êles amaram,
Talvez em vida, — possa agora ao menos
O triste canto, a suspirada nênia
Simpático aplacá-las!

Fôste até qui linfa pura
Que mansamente serpeia,
Entre flores e verdura, ⁵⁵⁰
Por sôbre um leito d’areia.

E o sol do inverno derreteu-lhe a neve
Lá da nascente;
Eis o regato que já corre undoso,
Como a torrente!

Acorda, acorda, ó ⁵⁵¹ Musa! assaz cantaste
Teu doce amor,
Serena, em ócio, como ao pé da fonte
Descansa a flor.

II.

Como, quando o vulcão prepara a lava
Nas entranhas da terra, e à noite lança,
Pela sangrenta rúbida cratera,
Mais viva chama em turbilhão de fumo;
Encandece-se o ar, cala-se a terra,
Nem gira a brisa, ou só tufão de vento
Com hórrido fragor sacode os troncos:
Assim também, ⁵⁵² quando abafadas rosnam
Sanhas do povo, antes que em fúrias rompam,
Propaga-se confuso borborinho,
Cresce a agitação naquele e neste,
E um quê de febre lhe transtorna o siso.

Trêmulos todos, homens e mulheres,
 Infantes e anciãos — de mãos travadas,
 Turvado o rosto, os olhos lacrimosos,
 Lá vão terras do exílio demandando!
 Um passo apenas dão, que os alumia
 Do vulcão popular a lava ardente.
 Sob os trépidos pés soluça a terra,
 Sobre as cabeças pávidas volteia
 Ou rocha em brasa, ou condensada nuvem
 De pó desfeito, que resseca os ares.
 E dentre aquêlo fumo e aquelas chamas,
 Naquele horror e mêdo, estátuas vivas,
 Sinistro lampear d'armas descobrem:
 Descubrem longe os tetos abrasados,
 A pouco e pouco esmorecendo em cinzas;
 Escutam gritos de uma voz querida,
 De um ser que expira, e que em socorro os chama!
 E ali pregados no terreno ingrato
 Nem da morte impiedosa fugir sabem,
 Nem fôrça têm ⁵⁵³ que lhes escude a vida.
 São ali sem ação, sem voz, sem fôrça
 Como que má sezão ⁵⁵⁴ lhes tolhe os membros,
 Ou que os sufoca horrível pesadelo.
 Mudos, fracos, sem luta os colhe a morte;
 E nus, sangrentos, insepultos jazem!

III.

Túrbida reina a bacanal de sangue!
 E rei do atroz festim, brinco do vulgo,
 Um só campeia! um só, que mal se achega
 A lauta mesa, onde se enfrasca o vulgo
 De carniça e ralé, tocando apenas
 O sangue e o vinho, que alimenta o bródio;
 Derruba-o logo a popular vindita, ⁵⁵⁵
 E folga ultriz em tórno aos vis despojos,
 Que nem de amigas lágrimas se molham,
 Nem de talhadas lápidas se cobrem.

IV.

Malditos sejais vós! malditos sempre
 Na terra, inferno e céus! — No altar de Cristo,
 Outra vez a ⁵⁵⁶ paixões sacrificado,
 Ímpios sem crença, e precisando tê-la,
 Assentastes um ídolo doirado
 Em pedestal de moveðiça areia;
 Uma estátua incensastes — culto infame! —
 Da política, sórdida manceba
 Que aos vestidos, outrora reluzentes,
 Os andrajos cerziu da vil miséria!
 No antropófago altar, mádido, impuro
 Em holocausto correu d'hóstia inocente
 Humano sangue, fumegante e rubro.
 Insensível à dor, ⁵⁵⁷ ao pranto, às preces,
 Insensível às ⁵⁵⁸ câs, à verde infância,
 Tudo sorveu a rábida quadrilha!
 A treda mente maquinou suplicios,
 Torpe vingança! meditou cruenta
 Nos requintes da dor ébria fartar-se,
 E lascívia imoral dos lábios dêles
 Em fronte virginais cuspiu veneno.
 Afrontas caíam sobre tanta infâmia!
 E se a vergonha vos não tinge o rosto,
 Tinja o rosto do ancião, do infante
 Que em qualquer parte vos roçar fugindo!
 Da consciência a voz dentro vos punja,

Timorato pavor vos encha o peito,
 E farpado punhal a cada instante
 Sintais no coração fundo morder-vos.
 Dos que matastes se vos mostre em sonhos
 A chusma triste, suplicante, inerme...
 Sereis clementes... mas que a mão rebelde
 Brandindo mil punhais lhes corte a vida;
 E que então vossos lábios confrangidos
 Se descerrem sorrindo! — cru sorriso
 Entre dor e prazer, — qu'então vos prendam
 A ⁵⁵⁹ poste vergonhoso, e que a mentira
 O vosso instante derradeiro infame!
 Bradem: Não fomos nós! — e a turba exclame:
 Covardes, fôstes vós! — e no seu poste
 De vaías e baldões cobertos morram.

V.

Mas cantar tão cruel e tão feio,
 Onde parte soando ruidoso?
 Da minha Harpa nas cordas quem veio
 Sons tão rudes, tão roucos tirar?
 Pode acaso o cristão impiedoso
 Do que sofre avivar o tormento,
 Pode acaso dizer-lhe cruento:
 Teu suplicio não quero acabar?

Pode acaso com tórva alegria
 Sobre os restos do triste finado
 Levantar a cruel voz impia:
 Homicida feroz, maldição?
 Não tem êle sequer um pecado?
 Como pois poderá penitente
 Exclamar noutra vida: Ó clemente
 Senhor Deus, tem de mim compaixão?

Réu não sou da cruel impiedade,
 Bem que o sangue por êles vertido
 Fôsse meu; bem que amarga saudade
 Sinta eu dêses, que a morte ceifou!
 Não irei ao sepulcro esquecido
 Insultar o mesquinho finado;
 Miserando! foi duro o seu fado,
 Que um amigo sequer não deixou!

Mas as vítimas tristes, cruentas,
 Que hoje dormem na campa florida
 Nas funéreas mortalhas sangrentas
 Envolvidas, ⁵⁶⁰ irei visitar:
 Lindas flores na aurora da vida!
 Murchas flores p'ra terra inclinadas!
 Ah! por tôdas no pó desfolhadas
 Ao Senhor compassivo hei de orar!

VI.

E como aparecem num sonho ditoso
 Fantásticas formas, composto formoso
 Da noite que morre e do sol a raiar; ⁵⁶¹
 Eu vi muitas sombras, com ar magoado
 Chorando e passando: eu estava acordado,
 E vi; mas par'ceu-me que estava a sonhar!

Passavam mostrando no peito a ferida,
 E a celeste ventura no rosto envolvida ⁵⁶²
 Se lia da morte ao cruel padecer!
 E desta e daquela, de quantas eu via
 O nome, as feições e a voz conhecia!...
 Meu peito arquejava co'o interno sofrer.

Com triste sorriso nos lábios pousado,
Chamavam-me tôdas ao tûm'lo gelado,
E à paz dos sepulcros, e à vida do céu!
Ó anjos, sofrestes martírio ansiado;
Ao céu remontastes, ficastes ao lado
Do mártir divino que à terra desceu;

Como hei de seguir-vos no etéreo caminho,
Se prêso a esta vida, cansado e mesquinho,
O meu longo martírio não posso acabar?
Não posso seguir-vos, mas vós, meus amôres,
Da noite nas sombras, do sol nos fulgores
Ah! vinde meus sonhos de flores juncar.

LENDA DE SAM GONÇALO. 563

Agora de hum grande Sancto
Embora lhe cabe a vez;
Bom Sancto foy Sam Gonçalo,
Pezar que foy Portuguez, 564
Que sanctos ditos que disse!
Que sanctas obras que fez!

Bom tempo foy o d'outrora!
Não lhe quero outra resão:
Criava a terra gigantes,
Havia Sanctos então,
Havia paz e liança
Nos reys do reyno christão.

He coisa de maravilha
E de louvar o Senhor,
Ver na terra homens d'aquelles
De tanto esforço e valor,
Como Gonçalo da Maya
Ou Gyraldes sem pavor!

Mas destes tratar não quero,
Que são mui perto de nós;
D' outros digo tam pujantes
E de aspecto tam feroz,
Que hum sancto martyr trincavão,
Como quem trinca huma noz.

Quando a fé 'stava mais pura
Melhor se mostrava Deos;
Rézão disto as Escrituras,
Escuza pois ditos meos:
Começa do fim ditoso
Dos sete irmãos Machabeos.

Nada conta o livro sancto
Do rey que se ouve assi,
O corpo nos não descreve;
Mas eu tenho pera mi,
Que devia ser taludo,
Como huns cafres que já vi!

Que sete irmãos como aquelles,
Cada qual como hum Sansão.
Não he coisa que por brinco
Se frite n'hum cangirão,
Que se retalhe em fatias
Delgadas, como de pão.

Mas Deos que lhes deparava
Em sua alta providencia
Tal fereza nos algozes,
Dava-lhes tal paciencia,
Que havião em pouco o trato,
Havendo o trato em clemencia.

Hoje d'aquella virtude
Só a licção nos ficou;
O tempo nos foy comendo
O corpo, que assi leixou,
E té no espirito roido
De vez a fé desbotou.

Não pasmo disto, mas antes
De ver em povo d'increos,
Quem tema o fogo devino,
Quem torne a caza de Deos,
Quando o pasmoso cometa
Alarga as azas nos céos.

Cegos! se todos fosseis
Criados na escuridade,
Que farieis lobrigando
Deste sol a claridade,
Deste sol que sempre luze,
E pera vós 565 luze embalde?

Como insectos esmagados,
Alastrando longe o chão,
Tontos de pasmo e de medo
Ficarieis vós então,
Os olhos do corpo cegos,
Mas dentro d'alma o clarão.

E ainda mais — ¿que farieis
Vendo aquelle sol divino,
Que cega os olhos do espirito,
Como de corpo franzino,
Se vendo este, q'inda he terra,
Ficades tontos, sem tino?

Antes, Senhor, que me esqueça
Quanto fisestes por mi,
Lavai-me dos meos pecados,
Que eu como gallas vesti, 566
Levai-me desta amargura,
Levai-me, Senhor, daqui!

Levai-me, si, que eu não veja,
Mal de mi! com tanta dor
Vossos preceitos divinos,
Vossa doutrina d'amor
Trocada em uzos de feros,
Na religião do terror!

Mas se isto vos não mereço,
Já vos não peço, senão
Que eu veja da minha vida
Extinto e cego o clarão,
Antes que eu veja maldicta
Esta mesma religião.

Antes que eu veja crianças
Pregarem ás cans nevadas,
A correr de noite as ruas
Com folias e toadas,
Por ver azas de cometa
Immensamente alongadas.

Cant'eu, de mi o confesso,
São veloces caminheiros,
Que por ordem lá de cima,
De más novas mensageiros,
Vão batendo d'astro em astro,
Como divinos romeiros.

Se comtudo hum Portuguez
Al dos cometas sentir,
Se esta desgraça presente
Nelles não vio reluzir,
Dir-lhe-hei que elle não sente
O dó de Alcacer-quivir.

Dir-lhe-hei... mas nada digo!
Eu alquebrado ancião
Hei mister sancto descanso
Pera a minha devação:
Sei que ser Portuguez hoje
He crime d'alta treição.

Agora torno ao meu Sancto;
A lenda aqui principia:
Dai-me, ó Sancto milagroso,
Ajuda em tenção tam pia,
Que hum Sancto, mesmo por ende,
Deve de usar cortezia.

Frei Sam Gonçalo era Abbade
De Sam Payo na Abbadia;
Era mancebo nos annos,
Mas como sancto vivia;
Com toda a renda que tinha
Aos pobres seos acudia.

Era pingue o beneficio,
Bons benesses que elle tinha!
Bons portuguezes antigos, ⁵⁶⁷
Boa prata comezinha!
Já disse não vejo ha muito,...
Deve ser cegueira minha.

Cegueira, si; que se o reyno
Era rico de pobreza,
Cavados tantos thesoiros
Em cada huma fortaleza,
Tanto arcaz de feição moura
Cheios de tanta riqueza;

Porque então não vejo agora
Senão grosseiros ceitis,
E esses mesmos não tantos
Que se messão por candis,
Ou então pezos d'Hespanha,
Só bem accetos por vis?

Mas he tal nossa mofina
Que na minha sacristia,
Sommados todos no cabo
Os frutos de cada dia,
Não dão pera o oleo sancto,
Que a may de Deos alumia!

He certo miseria grande,
E muito grande extranheza,
Que o povo leixe que os frades

Corrão com toda a despeza,
Elles coitados que vivem
Em mais que parca estreiteza!

Mas Deos he o sancto dos sanctos,
Elle nos hade acudir;
Assi fôra eu Sam Gonçalo,
Que logo faria vir
Brocados d'altos recamos
Pera a Senhora vestir.

E huns paramentos ricos,
Como nunca os vio ninguem;
E lampada como aquella
Que em Bemfica os Padres têm,
Huns castiçais de pé alto,
Humas galhetas tambem.

Mas do Sancto Sam Gonçalo
Era outra a devação;
Todolo prôe dava aos pobres
Com tam largo coração,
Que não tomavam um adarme
De quanto tinha na mão.

Vivia como se fôra
Dos seos pobres dispenseiro,
Tudo com elles gastava,
Que não somente dinheiro;
Fiava que Deos iria
Compondo o seo mealheiro.

Trazia guerra travada
Co'o Demo, que o não deixava,
Os acicates da carne
Com jejuns os despontava;
E tinha tam sancta vida,
Que Deos o communicava.

Isto não he coiza nova,
Antes coiza mui provada,
Que Deos não quer ser vencido
Em cortezia extremada;
Seja a prova aquelles Monges
Do dezerto da Thebaida;

Que se forão commettidos
Do inimigo malino,
Vestido em pel' d'alimaria,
Como de um urso ferino,
Tam bem do céu, como orvalho,
Lhes vinha o favor divino.

Mas se hum incréo me pergunta
Por que hoje disse não ha:
Pergunto: — por que o dezerto
Flores, nem fructos não dá?
Por que não corre a corrente,
Se a fonte exaurida está?

O céu he sempre benino,
Agua não leixa de haver;
Se a terra pois não produce,
Se a fonte não quer correr,
He terra, he fonte damnada;
Penso que al não póde ser.

Ora huma noite que o Sancto
Rezava as suas matinas,
Ouvio huns doces acordes
Como das harpas divinas,
Que os anjos tangem cantando
Louvor ás pessoas trinas.

D'aquelle mar d'harmonia
Voz que não era daqui, 568
Despega-se, e diz ao Sancto:
— Gonçalo, que fazes hy?
“ Oro, Senhor, lhe responde,
“Por todos e mais por mi!”

“He muito, a voz lhe tornava.
He muito, mais tudo não;
Faze-te prestes romeyro,
Toma a vieira, o bordão,
Esmola polas estradas,
Caminho recto a Sião.

“Passem no monte Oliveto
As cabras do Galaath;
Retumba no templo agosto
A voz medonha de — Allah; —
Ferve aly muita aravia,
Muito homizio vai lá.

“Se entre os máos hum bom existe,
Poupa Deos a quantos são;
Porém carreira arrepia:
Caminho vai de Sião,
Na boca o nome divino,
Minguada esmola na mão.”

O bom sancto alvoroçado
Apresta-se com trigança:
Cumpre divino preceito,
Só nelle tem confiança,
Que vagar por longes terras
Prazer não he, mas provança.

He nada o trem d'hum romeyro;
O Sancto se apresta azinha,
Chama hum parente lidimo,
Portas a dentro o mantinha;
E entrega-lhe o seu rebanho
Com as ovelhas que tinha.

Dá-lhe a prebenda avultada,
E os mais benesses tambem,
Tudo com termos polidos,
Ou só de hum sancto, ou de quem
Só quer da vida o marteyro
E os premios que Deos lá tem.

E mui leal lhe encomenda
Seos pobres por derradeiro:
Ora lá vai caminhando
Aquelle sancto romeyro,
Pedindo a Deos em sua alma
Que lhe depare o marteyro!

Que acção que trescala a graça!
Que façanha peregrina!
Deixar o esposo prelado

A sua esposa divina,
E andar caminho da vida,
Vivendo vida mofina!

Á aquelles pobres, seos filhos,
Em vida seos bens legou!
Que mais fez aquelle Padre,
Que o livro sancto louvou,
Que ao filho dá bondadoso
De quanto, em bem, lhe ficou?

Quem ha hy que hoje se arrisque
A perfazer tal empreza?
Aquelle ardor atrevido,
Aquelle sancta affoiteza
Foy timbre d'homens antigos,
Homens de lhana rudeza.

Não hoje, que o homem nasce
Franzino e fraco, inda mall!
Sem forças pera a virtude;
Só com valor infernal,
Pera as torpezas do crime
E pera o vicio carnal.

Não hoje, quando o pecado
Uza de tanto disfraz,
Que só por artes malinas
E manhas de Satanaz,
Póde o homem fazer tanto,
Como hoje em dia se faz!

Já vi em caza de hum rico
Tal meza com tal guizado,
Com cheiro tam penetrante
E adubo tam concertado...
Eu creio que só da vista
Ficava o jejum quebrado.

E vi tambem humas camas...
Dellas não quero tratar:
Cahi na conta que o Demo
Foy só quem n'as pôde armar:
Senti vertigens de somno,
Sem o poder dominar.

Fugi do engodo malino
Clamando por Deos Jezus,
Na boca o sancto exorcismo,
Na fronte o signal da cruz,
Braços crusados no peito,
Fronte mettida em capuz.

Então acabei commigo
De crer no que disse Deos
Ao bando dos seus discip'los
E á turba dos phariseos,
Não ser azado que hum rico
Possua o reyno dos ceos.

E entrando na minha cella,
Vista a penuria que eu vi:
Clamei que Deos fôra grande
E muito bom pera mi;
Qu'esta pobreza em que vivo,
Certo, lh'a não mereci.

Partira pois Sam Gonçalo,
Partira, mas não sem dor:
No seo amado rebanho
Leixando, em vez de pastor,
Aquelle falso parente,
Que foy hum lobo tredor.

Olhos outrora do falso
Baixados humildemente;
Ditos e fallas de sancto,
Meneyo e gesto consente,
Fizerão-no ter por sancto:
Julgava assi toda a gente.

Aleive não ha que dure,
Sem que se descubra alfim;
Logo de posse do bollo
Mostrou-se o villão ruim;
Mostrou-se, qual sempre fôra,
Padre não já, mais chatim.

Intruso que não rezava
Nem siquer seo breviairo;
Gastava dos bens dos pobres
Com boa sombra e doairo,
Pera si com mãos de rico,
Pera os outros — de usurairo.

Gastava em mulas possantes,
Em caça de altaneria,
Em ter matilha adextrada
E bem provida ucharia,
Em ter vestidos mui finos
Barrados de pedraria.

Trem real como elle tinha,
Por certo o não vio ninguem:
Cavallos de boa raça,
Falcões, açores tambem,
Criados e meza larga,
Como hoje aqui poucos têm!

Quando sahia a passeio
Todo garboso e lusido,
Ninguem diria ser Padre,
Senão duque esclarecido,
Ou senhor d'altos estados,
Ou infanção destemido.

Que o seo ginete mandava
Com tal arte e bizzarria,
Que ao passar no povoado
Donas de muita valia,
Lindos olhos concertavão
Nas grades da gelozia.

E muitas vezes passando
Junto á mourisca seteira,
Morrer aos pés do ginete
Vinha a seta mui certa,ira,
Com letra e primor de amores,
De amores máus mensageira.

Assi vivia este abbade,
Em quanto que o verdadeiro,
Sem lar, sem tecto, sem meza,
Como pobre forasteiro,
Vagava por longes terras,
Vivendo com hum romeyro.

Muitos annos são passados,
(Diz catorze a tradicção)
Quando o divino romeyro,
Feita a sua devação,
Torna do bento sepulcro,
Gasto e quebrado ancião.

Alva e rara cabelleira,
Como ⁵⁶⁹ prata, reluzia,
Rosto de rugas cortado,
Barba que ao peito descia:
Homem de carne não era,
Senão pura notomia.

Dos annos e da molestia
O corpo todo alquebrado,
Nos trajes pouco luzido,
Ou roto ou mal concertado;
Á porta do novo abbade
Batia o velho prelado.

Ergueo em voz já sumida
Hum triste e piedoso brado,
Pedindo magra pitança
Com modesto gazalhado,
Que vem o pobre romeyro
Morto de fome e cançado.

Aquelle pio reclamo
Acode medonho cão,
A cauda enrosca, e d'hum salto
Investe ao sancto ancião;
Rompe-lhe os rotos andrajos,
E arranca-lhe o seu bordão.

Acode o dono soberbo
Disendo: Vai-te mendigo!
"Senhor, retrucava o Sancto,
"Primeiro ouviu o que digo:
"Morro de fome e cansaço,
"Não tenho lar, nem abrigo!"

— Não me praz ouvir-te agora,
Tornava o abbade indino,
Mais que depressa esquecido
Que a opa do perigrino
Ou que a murça do romeyro
Esconde hum ente divino.

— Sei, dizia, que na capa
De piedoso romeyro,
Vem gente de feio trato
E muito vil calaceiro:
Bem he de crer, como eu creio,
Que és delles — por derradeiro.

— Desse teo rosto medonho,
Que boas novas não traz,
Digo que o vi nos milhanos
Das serras de Monsarraz;
És predador das estradas:
Juro por Sam Satanaz! —

Ouvido que foy tal nome,
Como de sancto christão,
Ao sancto abbade romeyro
Cahio-lhe o rosto no chão!
Dor que lh'entrara no peito,
Ficou-lhe no coração.

Que se elle era assi tratado,
Elle, vigario e senhor,
Que não seria dos pobres,
Que em vez de terem pastor,
Tinhão por guarda e vigia
Faminto lobo tredor.

O sancto ficou penado
E cheio de contricção,
Que ao seu parente talvez
Foy meio de perdição,
E ao seo rebanho de magoa,
E a si de muita afflicção.

Alfim tornado do espanto,
Disse severo de si,
Com voz e tom d'agastado:
"Gonçalo sou, eis-me aqui!
"Venho ora tomar-vos contas
"Do que fisestes por mi!"

As frias mãos escarnadas
No seo bordão ajuntou:
Espera resposta delle,
Rosto nas mãos inclinou:
Prosegue; fundo suspiro
Do peito o velho arrancou.

"Certo que as vossas palavras
"Mal dizem com o que dissestes,
"Quando de vós me apartei;
"Co' o que vós ⁵⁷⁰ me promettestes,
"Co' as licções que vos eu dei,
"Com a fé que me vós déstes!

"Dissestes: na tua ausencia,
"(Disseste-lo em hora má)
"Qual quer das tuas ovelhas
"Em mi abrigo achará;
"Qual quer dos pobres que leixas
"Aqui mantido será.

"Ora eis-me aqui!... e a mim proprio
"Negas hum pouco de pão,
"Que só he de ser negado
"Ou a precito ou a cão;
"Negas-me té gazalhado,
"E o fogo do meu fogão!

"Levar daqui! sou Gonçalo;
"Dá-me pois o meu logar,
"Dá-me as ovelhas coitadas,
"Que eu não devera leixar,
"Dá-me..." — Não pôde o Sancto,
Não pôde, não, rematar!

Sobre a frente, calva e núa
Vio descer grave pancada;
A testa de romania
Ficou em sangue lavada;
Aquelle sangue bemdito
Regou a terra damnada.

Certo que os anjos no inferno
Sentirão muito prazer,
Vendo aquelle máo prelado

Acção tam vil commetter,
E Sancto tal affrontado,
Sem Deos lhe poder valer.

Mas o Sancto milagroso
Que pôde tornar do pão,
Já não digo azima ⁵⁷¹ feia,
Senão massa de carvão
Triste, negro e inficionado,
Que nem era pera cão;

Que moveo rochedo enorme
Junto á ponte d'Amarante,
Chegando-lhe hum dedo apenas,
Como se fôra gigante;
Rocha que esforços baldára
De muita gente possante:

Que fez elle?... oh! nada fez!
Disse: "Deos o quer assi;
Sou eu creatura sua,
Bem he que elle mande em mi;
Não seja feito o que eu quero,
Mas o seu talante — si.

"É vossa a força que eu tenho,
Disse elle: em uzo a não puz,
Que tambem sobre o calvario,
Vós, Senhor meo, bom Jezus,
Nem o calvario afundastes,
Nem sovertestes a cruz.

"Porque se eu, filho do barro,
Ser mesquinho, ou verme, ou nada,
Tenho em mi força divina
He pera ser empregada
No que he mister, porque seja
A gloria vossa exaltada."

Assi discorria o Sancto
No seu profundo juizo;
Ora descança no meio
Das glorias do paraizo:
Louvor a Deos! — e com isto
A lenda aqui finalizo.

Conto as coizas como forão,
Não como devião ser;
Hum Sancto, mesmo porende,
Merece menos soffrer:
Julgo assi: Digão-n'os sabios
Qual he o seo parecer.

Cant'eu — sabença da terra
Tenho por coiza ruim,
Que serve só pera gloria,
Que he só vangloria; e assi
Que como he coiza de orgulho,
No fundo inferno tem fim!

O homem que for prudente
Só pelos frades se reja;
Creia no Papa e nas Bullas,
E na sancta Madre Igreja:
O mais he coiza de fumo,
Não sei de quem valor seja.

Que reze o sancto rozairo,
Dou de conselho tambem;
Que assi viverá na gloria,
E vive-se lá mui bem,
Cantando hozannas eternos
Por tempos sem fim: *amen.*

ANÁLIA. 572

POEMETO.

A vida do homem com todos os seus projetos se eleva como
uma torre cuja coroa é a morte.

S. PIERRE.

CANTO PRIMEIRO.

Noite propícia aos tímidos amantes,
Consolação dos tristes que suspiram,
Que não podem sofrer do sol os raios,
Esse manto de estrêlas não recolhas,
Que os olhos chama aos céus, e a Deus a mente
E em plácido remanso a dor abranda
De quem maior alívio não procura
Que sentir sempre aberta a chaga antiga.
Noite não era já, não era dia;
Porém a fresca, matutina brisa
Começava a correr, prenhe de aromas,
Por entre as verdes fôlhas dos olmeiros,
Como o suspiro que remata o sono
De uma virgem que dorme. Dentre as ramas
Em desafio as aves entornavam
As notas várias do seu hino eterno,
A cujos sons a natureza acorda
E o coração se alegra; da neblina
Os densos rolos — dos profundos vales
E dos cimos erguidos — procuravam,
Atraídos do sol, mais alta esfera!

Anália, oh bela filha dos amôres,
Porque tremes assim? porque t'encobres?
Porque essa palidez? êsse agitado
Pulsar do seio, êsses modestos olhos,
Perlustrando em redor té onde alcançam?
Ninguém te espreita ou vê; ninguém te segue:
Sob o avito solar descansam todos,
Teu nobre e velho pai te crê dormida!
E tu do leito virginal te ergueste,
Quando a noturna alâmpada brilhava
Incerta, frouxa luz nas brancas telas,
Como nos brancos muros de um mosteiro
Estampa a lua os pálidos reflexos.
"Anália!" oculta voz entre suspiros
Duvidosa murmura: volta o rosto
A donzela gentil, descora, treme,
Vacila, cai nos braços de um mancebo,
Qual palha sôbre o alambre, ou como fibra
De magnética fôrça comovida!
Não tem voz, não tem côr, — pálida rosa
Semelha num jardim cortada há pouco!

Quem pudesse acabar entre os delíquios
De um puro e doce amor! — fazer pedaços
Desta vida misérrima as cadeias,
Morrer primeiro que se esgote a fonte
Duma ilusão doirada, — e entre suspiros,
Entre as notas de um ai mal rematado,
Chegar de Deus ao trono, como um canto,
Que a brisa leva ao céu entre perfumes!

Mal distintas palavras murmuraram:
Não voz, porém acentos mal formados,
Quase grito e rugidos, que passavam
De um peito a outro sem roçar nos lábios;
Frases do coração que ao destacar-se
Levavam após si o melhor dêle.
Aquela tempestade enfim se amaina,
Já menos fortes sensações tão vivas
Podem têmos achar com que s'exprimam.

— "Não sentes, doce bem, quanto é penoso
Lutar em vão co'a sorte? — quanto punge
O prazer que fruir nos fôra dado,
E não fruído se converte em penas!
Pensar que a minha vida, a sós contigo,
Decorrera feliz, tranqüila e pura!
Sentir que êste desejo assim nutrido
Há de esvaír-se, e não mui tarde, um dia,
Como ao romper do sol se esvai a sombra!
É vida de mártírios que enlouquecem,
D' ansiedade, que mata! — Oh muito amada,
Luz desta alma, que a dor me vai gastando,
Como viver sem ti num êrmo triste,
Sem qu'eu te escute a voz, sem que os teus olhos
Me falem da tua alma a cada instante?
Nunca t'eu vira, nem me viras nunca,
Menos agra talvez nos fôsse a vida."

Com voz que os seios d'alma penetrava
Respondia a donzela: — "O fado às vêzes
Cansa de ser cruel! — Quem sabe? — Um dia
Êste pesar será, que ora passamos,
Grato de ser lembrado: espera ainda."
— "Espero, — oh! inda espero; mas a esp'rança,
Ao passo que meus dias se devolvem,
De tanto se alongar me vai fugindo.
Rico e nobre é teu pai; seus feitos voam
De bôca em bôca — em longa série illustre,
Não denegrida, não cortada: o orgulho
De rico e d'infanção, que tanto o exalta,
Ergueu alta barreira entre nós ambos."

— "Qu'importa! o nosso amor é mais valente:
Iremos ambos a seus pés lançar-nos,
Dizer que a nossa vida pende agora
Do nosso amor. — Há de escutar-me afável,
A mim que mais que a vida estima e preza,
Último alívio dos seus curtos dias."
Eis nisto sobrevém o pai turbado,
A quem roaz suspeita rouba o sono;
Mal vê o arrôjo do mancebo, e a filha,
Que mancha os seus braços, prorrompe irado:

— "Mal haja o vil, o sedutor corrupto,
Que tantos anos de honradez deslustra,
Cobrinha a virgem de vergonha; e ao velho
D'opróbrio e negra infâmia!" Assim dizendo,
Leva a trêmula mão da clara espada.
Lampeja o aço aos olhos do mancebo,

Que sôbre o peito inerme cruza os braços,
 E não descora, nem recua: a virgem,
 Que um amável terror empalidece,
 Cobrindo com seu corpo o corpo dêle,
 Não teme a fôlha trêmula, que oscila
 Na mão que os muitos anos já cansaram.
 A vida of'rece a quem lhe dera a vida,
 Que a amava tanto! — seu amor confessa,
 Fineza dêle, que a vencera amando,
 Extremos de ambos que viver não podem,
 Não sabem desunidos. Rude o velho
 Medita e cisma, e conhecer intenta
 O amor do jovem; quer talvez prová-lo,
 Talvez do estranho arrôjo quer puni-lo.
 Ergue-se perto um monte de granito
 Altivo, colossal, — no cimo erguido
 Nenhuma flor brotou, nenhum arbusto
 Prestou-lhe grata sombra, onde asilado
 Canoro rouxinol soltasse o canto.
 Com gesto brusco e breve o mostra ao jovem,
 E diz-lhe em voz, donde o furor transpira:
 — “Se dêste monte o píncaro vingares,
 Tendo nos braços a mulher que adoras,
 Sem que descanses...” — “Se o vingar?...” — É tua;
 Mas ai de ti, ai dela, se esmoreces,
 Se a oferta iludes, se tua alma fraca
 Aos teus desejos inferior se mostra!...”

É tua! — Estas palavras no mancebo
 Coaram grato enleio; — gôta amiga
 D'orvalho no Saará, clarão nas trevas,
 Brando calor nos pólos. — “Minha! minha!”
 Como louco bradava, e nos seus braços
 Tomou, correndo, a virgem delicada!

CANTO SEGUNDO.

Oh! que ditoso par! os corpos de ambos,
 Que o amor ligara, estreitamente unidos,
 Lá vão, como um só vulto, indivisíveis.
 Prende o mancebo nos nervosos braços
 O leve corpo dela, doce, eúrneo,
 Elástico e tão meigo!... Oh! que não possa
 Linguagem d'homem retratar ao vivo
 O arroubo estreme, os êxtases divinos,
 De quando a vez primeira, entre delíquios,
 Unimos contra o peito, arfando ardente,
 Uns peitos que se elevam, que se abatem,
 Que suspiram por nós! — Os olhos d'ambos
 Cintilavam de amor! hálito ardente
 Crestava os lábios d'ambos, derramando
 Mais do que vida, do que amor, nas faces
 Que em vivo fogo ardiam. Amorosa,
 Porque mais leve se tornasse, a virgem,
 Lançando ao colo dêle os niveos braços,
 Meia suspensa lhe dizia:

— “Amado,

Não tenhas nímio ardor; sê mais prudente,
 Calcula os passos, mede-os; ouço as pedras
 Rolar-te sob os pés: mais vagaroso
 Caminha; — a queda é morte, o afã, a pressa
 Quebra o arrôjo, enfraquece: — alcantilado
 É dêste monte o cume, — falta muito.
 E do rosto o suor te corre em fios.”

— “Não sabes! por te amar daria a vida,
 Até a gôta extrema, que em meu peito,
 Qu'inda em meu coração girar sentisse;
 E quando a própria vida me faltara,
 Minha alma, e o que me espera além da morte,
 Daria por te amar. — É fraca a prova
 De sofrer doce pêso algumas horas
 Por viver em delícias longos anos.”

Anima-se, prossegue mais brioso,
 Sorvendo sob os pés a senda ingrata.
 Imensa multidão, a quem tal caso
 Ali reúne, e tem como suspensa,
 Aplauda entusiasta, brada, clama,
 Da base da montanha... — infindos rogos
 Eleva, exalta ao céu: — “Coragem!” grita;
 “Gentil mancebo, alento!” Fraca, incerta,
 Chegava ao par amante a voz ruidosa,
 O mancebo feliz todo se embebe
 No futuro gozar dos seus amôres.
 Bagas e bagas de suor cresciam
 No fronte afoqueada: o rosto aceso
 Ao desejado fim dos seus trabalhos
 Volvia: a casta virgem, desprendendo
 A loura trança, avelutada e longa,
 Tentou limpar-lhe o rosto: mal sentira
 A fragrância, o contacto, o sangue em ondas
 Correu-lhe ao coração, — a côr das faces
 Sumiu-se de relance. — “Sofres! sofres!”
 Inquieta a virgem perguntava. O triste
 Começou de correr com novo alento.
 — “A trança, a loura trança me eletriza,
 Requeima o sangue e a pele, inflama e cega!
 Querida, amada, mais que tudo amada,
 Luz da minha alma, norte meu, feitiço
 Desta existência, que sem ti é morte,
 Oh! não queiras, por Deus, tirar-me as fôrças!”

Bradava assim, correndo; já mais fraco,
 Inda mais fraco sente-se, — caminha.
 — “Ouves?” a bela virgem lhe dizia;
 “Quando assentares que vencer não podes
 Esta íngreme costeira, não mo digas;
 Porém ao fundo abismo negrejante,
 Que a nossos pés terrífico se cava,
 Leva-me, por Deus, prêsna em teus braços,
 E esta vida contigo ali se acabe.”

— “Que falas em morrer, tão nova ainda!”
 Soluçava o mancebo!” “Oh! não, mais dias
 Nos restam, mais felizes, — outros anos,
 Outros tempos de amor, que êstes não sejam.”
 Já se apressa, já corre! — O povo amigo
 — “Coragem!” com mais fôrça lhe gritava.
 Açodado correu por longo espaço,
 Saltando d'âsp'ra senda as pedras sôltas;
 Porém, do afã, por fim, quase vencido,
 Com voz, louca de amor, bradava o triste:

— “Oh! como é doce êste romper da aurora!
 A brisa da manhã, como é suave!
 Seca-me as bagas de suor do rosto,
 Umedece-me os lábios ressequidos,
 E outra vida melhor m'influi no peito.”

E após instantes, prosseguiu mais baixo:
— “Quebrou-me êste lutar co’a sorte ingrata,
Quase vencido arquejo, os membros lassos
Movo a custo arrastados; mas espero...
Oh! inda espero de chamar-te minha,
De haver-te em prêmio dêste afã penoso!”

Volvendo ao cimo da montanha os olhos,
Murmurava a donzela: — “Oh! Deus, tão alta!”

— “Bem alta, sim, porém vingá-la é fôrça:
O amor é forte e compassivo; os brios,
De que preciso, mos dará; mas dize,
Dize-me tu que serás minha, tudo
Que eu perderei, que eu lucrarei contigo,
E certo vencerei; — dize-me as doces,
Meigas frases de amor com que eu soía
Esquecer-me da vida agra e pesada,
Qu’hei passado sem ti: que em te escutando
Esta fadiga esquecerei, lembrado
Do que me resta de prazer, de enlevos,
D’almas venturas a fruir ditoso.
Assim, assim; crava nos meus teus olhos,
Teus lindos olhos de um azul tão puro,
Como a cerúlea côr do céu, das ondas,
Por noite estiva e bela. Da tua alma
Leio nêles a tímida esperança,
E como êles espero. — Um beijo, um beijo!
Êsse macio dos teus lábios causa
Frenesi que transporta, que enlouquece!
Guarda-os por ora, — êles sufocam, roubam
O alento, a razão, — como um cautério
De fogo, inflamam, — o ardor, a vida,
Que prestam, — são delírio, raiva insana,
E nutrem como a febre!”

Eis que o mancebo
Os passos multiplica nessa estrada,
Que mais se estreita, empina e cresce.
Enfim desapareceu! não tôda, resta
Curta distância, que vencer é fácil;
Fácil, mas a membros não cansados,
Não exauridos de vigor, em luta
Perigosa e vital. — “Meu Deus, não posso!”
Murmurava entre si, a mêdo, e quase
Reflexo interior do pensamento.
— “Um passo mais!” bradava-lhe a donzela,
Em ânsias de transido desespêro.
“Hesitas! desfaleces! pois morramos!
Plácido asilo a campa nos of’rece,
Da morte o estreito umbral passemos juntos.”
Frequêntes sons, agudos, nos ouvidos
Sente o mancebo, — transtornado o rosto,
Mal firme sôbre os pés, semelha o tronco
Nutante, cerceado, que procura
O cimo undoso equilibrar nos ares.
Nada ouviu, nada viu, — nem mesmo o pranto,
O adeus extremo soluçado à vida
Risonha e bela e súbito cortada,
Quase ao romper da aurora. O pranto ardente
Caiu no peito do mancebo: — “Choras!
Tenho os olhos vendados, mas sentido
Hei sôbre o peito um requeimar de fogo;
Choras, tu choras!”

Delirante o moço
De um pulo ardido vinga o resto infando
Da senda malfadada: — “Ês minha! és minha!”
Clama em delírio, mas a morte o colhe,
E dentre os braços da que amava, o arranca!

Caiu gemendo; a mísera donzela,
— “Oh! vinde! socorrei-me!” repetia;
“Oh! vinde, que êle expira!” A turba entanto
Enchia os ares de aplaudir ruidoso.
— “Socorrei-me!” bradava enlouquecida;
Bradava a turba: — “A noiva, a bela noiva!
Oh! como os cabelos esparzidos
C’o resplendor do sol pleiteiam brilho?!
Ê bela, ardido o noivo, ambos felizes!”

Lindas capelas de mimosas flores
Fabricavam no entanto — um padre chamam,
Porque em laço de amor juntasse a ambos;
Mas as capelas definharam tristes
Em lutuoso esquife, — a mesma campa
Sorveu — leito nefasto — os dois amantes!

Sòmente o velho pai do nobre orgulho
No entêrro filial o arranco extremo
Soltar medita, transformado em pompa.
Não querendo feliz a filha em vida,
Ao menos quer no mármore brunido
Mostrar poder, nobreza, e o esquartelado
Lutuoso brasão em campo negro.

CAXIAS. 573

AO ANIVERSÁRIO DA SUA INDEPENDÊNCIA.

1 DE AGÔSTO.

Caxias, bela flor, lírio dos vales,
Gentil senhora de mimosos campos,
Como por tantos anos fôste escrava,
Como a indócil cerviz curvaste ao jugo?
Oh! como longos anos insofríveis,
Rainha altiva, destoucada e bela,
Rojaste aos pés de um régulo soberbo?
À míngua definhaste em negro cárcer,
Onde um raio de sol não penetrava;
Em masmorra cruel, donde não vias
Cintilar o clarão d’amiga estrêla...
Oh! não, que a luz da esp’rança tinhas n’alma,
E o sol da liberdade um dia viste,
De glória e de fulgor resplandecente,
Em céus sem nuvens no horizonte erguido.

Eis o som do tambor atroa os vales,
O clangor da trombeta, os sons das armas,
A terra abalam, despertando os ecos.
— Eia! oh bravos, erguei-vos, — à peleja,
À fome, à sêde, às privações, — erguei-vos!
Tu, Caxias, acorda, — tu, rainha,
Lâmina d’ aço puro, envôlta em ferro
Ao sol refulgirás; — flor que esmoreces
À mingua d’ar, em cárcere de vidro,
Em ar mais livre cobrarás alento,
Graça, vida e frescor da liberdade.

Antemural do lusitano arrôjo,
Último abrigo seu, — feros soldados,
Veteranas coortes nos teus montes
Cravam bélicas tendas! — Um guerreiro,
O nobre Fidié, que a antiga espada

Do valor português empunha ardido,
No seu mando as retém: de balde, ó forte,
Expões teus dias! teu esforço inútil
Não susta o sol no rápido declive,
Que imerge aquém dos Andes orgulhosos
D'África e d'Ásia os desbotados louros!

Eia! — o brônzeo canhão rouqueja, estoura,
Ribomba o férreo som dum eco em outro,
Nuvens de fumo e pó lá se condensam...
Correi, bravos, correi!... mas tu és livre,
És livre como o arbusto dos teus prados,
Livre como o condor que aos céus se arroja;
És livre! — mas na acesa fantasia
Debuxava-me o espírito exaltado
Fráguas cruas de morte, o horror da guerra
Descobrir, contemplar. — Oh! fôra belo
Arriscar a existência em pró da pátria,
Regar de rubro sangue o pátrio solo,
E sangue e vida abandonar por ela.

Longe, delírios vãos, longe, fantasmas
De ardor febricitante!
A glória dêste dia comparar-se
Pode acaso visão, delírio, ou sonho?
Ao fausto aniversário
Da nossa independência?
Aclamações altíssimas
Corram nos ares da imortal Caxias:
Seja padrão de glória entre nós outros
Santificada aurora,
Que os vis grilhões de escravos viu partidos.

A HARMONIA. 574

I.

Os cantos cantados
Na eterna cidade
À só potestade
Da terra e dos céus,
São ledos concertos
D'infinda alegria;
Mas essa harmonia
Dos filhos de Deus
— Quem ouve? — Os arcanjos,
Que ao rei dos senhores
Entoam louvores,
Que vivem de amar.

II.

E o giro perene
Dos astros, dos mundos
Dos eixos profundos
No eterno volver;
Do caos medonho
A triste harmonia,
Da noite sombria
No eterno jazer,
— Quem ouve? — Os arcanjos
Que os astros regulam,
Que as notas modulam
Do eterno girar.

III.

E as aves trinando,
E as feras rugindo,
E os ventos zunindo
Da noite no horror,
Também são concertos;
Mas êsses rugidos
E tristes gemidos
E incerto rumor,
— Quem ouve? — O poeta
Que imita e suspira
Nas cordas da lira
Mais doce cantar.

IV.

E as iras medonhas
Do mar alterado,
Ou manso e quebrado
Sem rumo a vagar,
Também são concertos;
Mas essa harmonia
De tanta poesia,
Quem sabe escutar!
— Quem sabe? — O poeta
Que os tristes gemidos
Concerta aos rugidos
Das vagas do mar.

V.

E os meigos acentos
Duma alma afinada
E a voz repassada
D'interno chorar,
Também são concertos;
Mas essa harmonia,
Que Deus nos envia
No alheio penar,
Quem sente? — quem sofre,
Que a dor embriaga,
Que triste se paga
D'interno pesar.

VI.

Se a meiga harmonia
Do céu vem à terra,
Um cântico encerra
De glória e de amor;
Mas quando remonta,
Dos homens, das aves,
Das brisas suaves,
Do mar em furor,
São tímidas queixas,
Que aflitas murmuram,
Que o trono procuram,
Do seu criador.

A TEMPESTADE. 575

Quem porfiar contigo... ousara
Da glória o poderio;
Tu que fazes gemer pendido o cedro,
Turbar-se o claro rio?

A. HERCULANO.

Um raio
Fulgura
No espaço
Esparso,
De luz;
E trêmulo
E puro
Se aviva,
S'esquiva,
Rutila,
Seduz!

Vem a aurora
Pressurosa,
Côr de rosa,
Que se cora
De carmim;
A seus raios
As estrêlas,
Que eram belas,
Têm desmaios,
Já por fim.

O sol desponta
Lá no horizonte,
Doirando a fonte,
E o prado e o monte
E o céu e o mar;
E um manto belo
De vivas côres
Adorna as flores,
Que entre verdores
Se vê brilhar.

Um ponto aparece,
Que o dia entristece,
O céu, onde cresce,
De negro a tingir;
Oh! vêde a procela
Infrene, mas bela,
No ar s'encapela
Já pronta a rugir!

Não solta a voz canora
No bosque o vate alado,
Que um canto d'inspirado
Tem sempre a cada aurora;
É mudo quanto habita
Da terra n'amplidão.
A coma então luzente
Se agita do arvoredado,
E o vate um canto a mêdo
Desfere lentamente,
Sentindo opresso o peito
De tanta inspiração.

Fogem do vento que ruger
As nuvens aurinevadas,
Como ovelhas assustadas
Dum fero lobo cervical;

Estilham-se como as velas
Que no alto mar apanha,
Ardendo na usada sanha,
Subitâneo vendaval.

Bem como serpentes que o frio
Em nós emaranha, — salgadas
As ondas s'estanham, pesadas
Batendo no frouxo areal.
Disseras que viras vagando
Nas furnas do céu entreabertas
Que mudas fuzilam, — incertas
Fantasmas do gênio do mal!

E no túrgido ocaso se avista
Entre a cinza que o céu apolvilha,
Um clarão momentâneo que brilha,
Sem das nuvens o seio rasgar;
Logo um raio cintila e mais outro,
Ainda outro veloz, fascinante,
Qual centelha que em rápido instante
Se converte d'incêndios em mar.

Um som longínquo cavernoso e ouco
Rouqueja, e n'amplidão do espaço morre;
Eis outro inda mais perto, inda mais rouco,
Que alpestres cimos mais veloz percorre,
Troveja, estoura, atroa; e dentro em pouco
Do Norte ao Sul, — dum ponto a outro corre:
Devorador incêndio alastra os ares,
Enquanto a noite pesa sôbre os mares.

Nos últimos cimos dos montes erguidos
Já silva, já ruge do vento o pegão;
Estorcem-se os leques dos verdes palmares,
Volteiam, rebramam, doudejam nos ares,
Até que lascados baqueiam no chão.

Remexe-se a copa dos troncos altivos,
Transtorna-se, tolda, baqueia também;
E o vento, que as rochas abala no cêrro,
Os troncos enlaça nas asas de ferro,
E atira-os raivoso dos montes além.

Da nuvem densa, que no espaço ondeia,
Rasga-se o negro bôjo carregado,
E enquanto a luz do raio o sol roxeia,
Onde parece à terra estar colado,
Da chuva, que os sentidos nos enleia,
O forte pêso em turbilhão mudado,
Das ruínas completa o grande estrago,
Parecendo mudar a terra em lago.

Inda ronca o trovão retumbante,
Inda o raio fuzila no espaço,
E o corisco num rápido instante
Brilha, fulge, rutila, e fugiu.
Mas se à terra desceu, mirra o tronco,
Cega o triste que iroso ameaça,
E o penedo, que as nuvens devassa,
Como tronco sem viço partiu.

Deixando a palhoça singela,
Humilde labor da pobreza,
Da nossa vaidosa grandeza,
Nivela os fastígios sem dó;
E os templos e as grimpas soberbas,
Palácio ou mesquista preclara,
Que a foice do tempo poupara,
Em breves momentos é pó.

Cresce a chuva, os rios crescem,
 Pobres regatos s'empolam,
 E nas turvas ondas rolam
 Grossos troncos a boiar!
 O córrego, qu'inda há pouco
 No torrado leito ardia,
 É já torrente bravia,
 Que da praia arreda o mar.

Mas ai do desditoso,
 Que viu crescer a enchente
 E desce descuidoso
 Ao vale, quando sente
 Crescer dum lado e doutro
 O mar da aluvião!
 Os troncos arrancados
 Sem rumo vão boiantes;
 E os tetos arrasados,
 Inteiros, flutuantes,
 Dão antes crua morte,
 Que asilo e proteção!

Porém no ocidente
 S'ergue de repente
 O arco luzente,
 De Deus o farol;
 Sucedem-se as côres,
 Qu'imitam as flores,
 Que sembram primores
 Dum novo arrebol.

Nas águas pouosa;
 E a base viva
 De luz esquiva,
 E a curva altiva
 Sublima ao céu;
 Inda outro arqueia,
 Mais desbotado,
 Quase apagado,
 Como embotado
 De ténue véu.

Tal a chuva
 Transparece,
 Quando desce
 É ainda vê-se
 O sol luzir;
 Como a virgem,
 Que numa hora
 Ri-se e cora,
 Depois chora
 E torna a rir.

A fôlha
 Luzente
 Do orvalho
 Nitente
 A gôta
 Retrai:
 Vacila,
 Palpita;
 Mais grossa,
 Hesita,
 E treme
 E cai.

VERSOS PÓSTUMOS. 576

Entusiasmo ardente m'arrebate; 577
 Eleve-se o meu estro, e a minha lira,
 Que obscura até 'qui, gemia opressa
 Sob o pêso d'angústias, só ressoe
 Com sons festivos, ecos de meu peito.
 — Peito, que há pouco frio, agora 578 pulsa
 Fogoso, e se dilata, qual o incêndio,
 Que de centelha apenas duvidosa
 Erguido num momento abrasa os bosques.
 Um viva meu s'eleve, e se misture
 A tantos vivas vossos, penetrados
 — D'esperança, d'amor, d'entusiasmo! —...
 Também um voto meu! que em prol do Povo
 Independente já, malgrado a infância,
 De Deus se eleve ao trono, como a prece
 Humilde, e ardente d'amoroso filho,
 Que a ventura do Pai suplica a mêdo.
 Atente Deus propício nesse voto,
 De ventura, e de paz p'ra o novo Império,
 De ventura, e de paz para o Monarca,
 Que tão jovem no sólio toma assento,
 A disfarçado pêso sotoposto
 D'áurea c'roa te sujeite um povo inteiro. —
 Mancebo! tuas mãos vão calejar-se
 Em soffrear as iras do teu povo! 579
 Tu gemerás c'o pêso do teu cetro 580
 E os teus te invejarão a tua sorte!
 Feliz!, se no declive de teus anos
 O encontrares então moral, e puro —
 Feliz — que passarás à eternidade!
 E, qual o sol brilhante ao meio-dia,
 Que depois de manhã escura, e feia,
 Ressentia de noite trovejada,
 E nuvens carregadas prometendo,
 Acesos raios majestosos vibra.
 Tal o Brasil de paz em Céu dourado
 Da glória no zenith 581 tocando altivo,
 Pasma difundirá no mundo inteiro.

1841.

A ESMERALDA.

Vêde a soberba divinal criatura
 Na *Côrte dos Milagres* milagrosa!
 A caterva brutal estrepitosa
 Estranha e pasma tão gentil figura.

Encobre a peregrina formosura,
 Tão estranha de si — tão graciosa,
 A mente inda mais bela e mais formosa,
 E inda mais pura do que a neve pura.

Ao ver a cortesã face mentida
 Dêsse que te salvou, que tanto amaste,
 Perdeste o coração — perdeste a vida.

Não quebrou teu amor cruel tortura,
 Com êle inda no cárcere cismaste,
 Foi dêle o teu pensar na morte escura.

Coimbra — 1844.

A CLÁUDIO FROLLO.

Na mente renegando o altar sagrado
 Por seguires do século a demência,
 Quiseste consumir tua existência
 Em busca do segrêdo em vão buscado.

Já hoje tens o rosto descorado
 Nas vigílias da acesa inteligência,
 Que intentaste, rival da Providência,
 Do saber divinal fazer achado.

Esse raio do sol, tua obra d'oiro,
 O sábio — já o vês — produz o amor —
 O amor, coisa melhor que o teu tesoiro,

O amor — a só ventura dos humanos,
 Prazer celestial — ardente flor,
 Que não pousa nas cãs dos tardos anos.

Coimbra — 1844.

AO QUASÍMODO.

A disforme ⁵⁸² cabeça lhe descia
 Entre dois ocos montes; na achatada
 Fronte por fulva coma sombreada
 Um ôlho de ciclope aparecia.

Um tetraedro por nariz trazia,
 E da nojenta bôca desdentada
 Por entre a dentadura feia e usada
 Bem raro a rouca voz se desprendia.

Tinha braços e pernas mui calosos,
 Era todo seu corpo um calo inteiro,
 Um composto de calos monstruosos!

E dêle se dizia: É vesgo infame,
 Corcunda — torto e coxo e feiticeiro,
 Sincero atroador de *Notre-Dame*.

Coimbra — 1844.

A NOTRE-DAME DE V. HUGO.

Satanás passeando — veio um dia
 Ao mundo sublunar e viu criada
 A formosa Esmeralda — doce fada,
 Vivo sonho de viva fantasia.

Ora o diabo tem queda p'ra a ironia.
 — Hei de pregar, disse êle, caçoada ⁵⁸³
 No padre eterno, que não sabe nada,
 Se não sabe o que é bom em poesia.

Falou desta maneira o Sr. Diabo,
 Escoucinhando no ar como um jumento,
 Coçando a fula orelha e alçando o rabo.

E foi o resultado dêste evento
 Parir ao Quasimodo ⁵⁸⁴ — que no cabo
 C'o anjo do Senhor fêz casamento.

Pitões — 15 de Setembro de 1844.

EPISTOLA.

DESCRIBÇÃO DE PITÕES.

Ao Pinheiro imortal — ao doce filho
 Da cândida Minerva, que de loiros
 Tem um ramo abichado ⁵⁸⁵ pequenino
 Neste ano — todo em férias engrolado,
 Envio meu saudar — meu canto envio.

Queres vir-te sepultar
 Numa terra malfadada
 Onde não há que gozar
 A não ser triste queijada
 Que é pior que o rosalgar?

Quem disto se agradaará?
 Dêste abôrto da natura,
 E do que se faz por cá
 Vou-te fazer a pintura,
 E se te agrada, vem já.

Em sinal de religião,
 Conquanto com grande mágoa
 Êste bom Povo Cristão
 Resolveu não chegar água
 Nem aos pés — nem ao carão.

Da língua lusa coitada
 E do imundo galego
 Fazem tal moxinifada
 De que tu terias mêdo
 Sem poderes pescar nada.

Pelas ruas mansamente
 Passeia o novilho, a vaca,
 E durante a noite algente
 Pela serra o lôbo ataca
 A um cristão civilmente.

Que êrro tão saliente
 Da extraviada natura!
 Que a gente fuja da gente,
 E que o lôbo mais prudente
 Ame tanto a criatura!

E aqui o vinho é tal,
 Quando o há, que é alcatrão,
 E Baco dá-se tão mal
 Que aos da sua devoção
 Faz ter jejum natural.

E a Deusa Poesia
 De tisonada rubra tez
 Levanta a cabeça fria
 Dentre as caldas do Gerez,
 Que é do povo a simpatia.

O Deus Apolo é baldado,
 Não têm ⁵⁸⁶ seus raios calor,
 Não há'qui verão torrado,
 Porém o inverno gelado
 Domina como senhor.

E chove tanta geada
 Durante a fria estação,
 Que se não pode ver nada,
 Nem se pode ter entrada
 Em qualquer habitação.

Cobre a terra a neve dura,
Corre o ar frio que estafa,
E do cólmo à dependura
Caída neve — figura
Imensa gruta de Staffa!

Não reinam fados também
Neste Pitões — tão amigo,
Que amigo não tem ninguém,
Não me lembra mais — que digo,
E se isto te agrada vem.

Estás aqui — estás na Galiza,
Isto vai — em note bem;
E quem de carne precisa
Come enfumado presunto
Ou mata em casa e faz bem.

Pitões — Setembro de 1844.

EPIGRAMA.

A UM ACADÊMICO DA ESCOLA MÉDICO-CIRÚRGICA
DO PÓRTO.

Olha, doutor, a poesia
É donzela melindrosa
Que aborrece a mal cheirosa
— A nojenta anatomia.

Pôrto — 1 d'Outubro de 1844.

NO ÁLBUM DE MEU AMIGO
JOSÉ HERMENEGILDO XAVIER DE MORAIS.

Pelo monte agreste e duro
Vai a ovelhinha coitada,
E da lã mais alva e fina
A porção mais delicada
Ali fica entre as giestas,
Entre o tojo cardador.
Tal o homem vai deixando
Prêso em laço feiticeiro
Seu pensar — seu peito — e alma,
Mas no instante derradeiro
Lá se parte mutilada, ⁵⁸⁷
Pungida — d'acerba dor.

A nossa idade não pensa
No porvir — na sepultura;
A ⁵⁸⁸ vida se liga, como
Se fôra eterna a ventura,
Como se ao pó ter a mente
Devesse profundo amor.
Mas na velhice prudente,
Em cismando no passado, ⁵⁸⁹
Quê? dizemos — pois eu velho,
Já sôbre a campá inclinado,
Como sôfrego respiro
Do que foi na murcha flor?

Ó velho, sabes porque
Noutros tempos — tua mente
Por tudo que era criado
Nobre amor sentiu ardente,
Porque amou do mar as vagas,
E as fôlhas da linda flor?
Foi porque ainda recente
Na dura escola da vida
De amôres se alimentava:
Era alma — há pouco — saída
Formosa, cândida e pura,
Dentre as mãos do Criador.

E nós inda em nossa pátria
Longe — longe — viveremos,
Mesmo ali — agra saudade
Um do outro curtiremos;
Mas acaso pôde a ausência
Nossa amizade quebrar?!
Não o creio — que mais bela
Se fará de dia em dia —
Como suave perfume,
Como celeste harmonia,
Que no silêncio da noite
Nós gostamos de escutar.

É tudo pois sofrimento,
Tudo penar nesta vida,
Tudo o talvez ansiado —
Martírio d'alma afligida?
Pois o riso acaba em choro
E o prazer em aflição?
Assim é — só dura o pranto
Corrosivo — amargo — e lento,
Dura o pesar dentro d'alma,
Dentro dela o sofrimento,
Como a lava sempre estua,
Sempre ferve — no vulcão.

Pitões — 1 d'Outubro de 1844

ORGULHO E AVAREZA.

Vêde o inculto novilho em liso plaino!
Orgulhoso senhor de vastos campos
Troa irado e feroso,
E o bosque atroa e o pó sutil expande ⁵⁹⁰
Com as unhas bipartidas — e nos troncos
Ensaia os fortes galhos.

Embalde o afago o agricultor que o chama,
Embalde esconde o jugo poderoso;
Ele pára — e recua —
Dos olhos — côr de sangue — as iras pulam
Que a indômita cerviz não sói curvar-se
A mansa voz traidora.

Assim, fui eu também no albor da vida
Orgulhoso, como êle, e forte d'alma
Dizia eu entre mim: "Que fôrça humana
Há i capaz de me vergar escravo?
Que braço — que poder — ou que potência
Neste mundo, em que eu sou — pode curvar-me,
E assentar-me no colo o jugo escravo?"

Ninguém — ninguém o pode! Assim na terra
 Hei de a vida passar co'a fronte erguida
 A todos ⁵⁹¹ sup'rior — maior que os grandes
 Hei de entre êles sentar-me ébrios na vida,
 Hei de sentar-me — e crente — e bardo — n'harpa
 Cantando o nome do Senhor, que pune,
 Da vida nos festins cantando a morte.

Foi Deus — que me puniu — acaso o orgulho
 Em nós pode caber — em nós abortos
 De incompleta feitura — uns quase vermes
 Que sôbre a lama — e pó — nos arrastamos?
 Foi Deus que me puniu: co'a fronte baixa,
 Coberto o rosto de vergonha — e tímido
 Como aos pés do senhor um vil escravo
 Subi de um rico a escada — suplicante.
 Vilão mesquinho! dentre os frouxos lábios
 Sorriso frouxo despontou; — e a testa
 Baixa, e curva, e calva, e as faces
 Cheias de ruga — de palor, — e o rosto
 Vidrado — e baço — eram ruim composto
 D'avarento feliz.... c'os pés no féretro.

Teu nome — não direi — que fôra eterno....
 Fôste sem êle em vida, em morte — o sejas!

Ah! que se eu não quebrei naquele instante
 A minha harpa — inda então desconhecida —
 Foi porque ainda queria confessar-te,
 Ó meu Deus — que foi grande o teu castigo,
 Foi porque ainda queria ao mundo inteiro
 Por mor vergonha minha — confessar-me
 Baixo — infame — e vil — quando essa escada
 Do avarento subi! — que não esmola,
 Mas um favor pedindo!

Pitões — 5 de Novembro de 1844

AUSÊNCIA.

Se triste a minha vida decorria
 Bem junto ao lado teu, que eu tanto amava,
 Ouvindo a tua voz que me encantava,
 Teu doce suspirar que me prendia,

Que mais triste não sou, do que soía,
 Nos solitários dias que ora passo!
 Meu anjo, meu amor, a fantasia
 Finge o teu rosto em vão no etéreo espaço!

Nesta ausência — que a morte me retrata —
 Vejo sempre o teu rosto tão formoso
 Que a pureza dos anjos cobre, esmalta
 Como luzindo em templo majestoso!

Ês belíssima assim — como a pintura
 Que Rafael nos céus desenharia,
 Querendo idealizar-te a formosura. ⁵⁹²

Mas tão grata visão não me extasia;
 Que, se brada minha alma pela tua,
 Fica sempre pintura e muda e fria...

Então bravejo contra a sorte crua
 Que tão longe de ti pôs meu tormento,
 E minha alma de paz despida e nua.

Que mais longe de ti — meu pensamento
 Mais luto veste e vive como o inferno
 Na hora do penoso passamento.

Como é triste a minha vida,
 Como é triste o meu penar,
 Como é triste andar no mundo
 Qual fantasma — a tropeçar!

Como é triste o céu sem luzes
 Depois que a lua ⁵⁹³ brilhou.
 É bem triste o dia de hoje,
 Foi bem triste o que passou.

Definha — emurchece e morre
 O meu pobre coração,
 Como a flor durante a calma
 Do bem calmoso verão.

Se o sono me fecha os olhos,
 Da saudade — o pavoroso
 Fantasma consumidor —
 Torna-me o sono penoso.

Ah! quero sonhar contigo,
 Quero ter meu coração
 Como no céu uma estrêla,
 Como a fresca viração.

Quero ouvir a tua voz
 Que me diga: — És meu amor!
 Qu' enxerte dentro em meu peito
 Da esperança a bela flor,
 Que me entorne dentro d'alma
 Alento consolador.

Quanto eu seria feliz
 Se me pudesse esquecer
 Que fôra tirar-te a vida
 Doar-te o meu padecer!
 Mas vive feliz — e alegre
 Que eu triste bem sei morrer.

Pitões — Dezembro de 1844.

VISÕES.

I

O ÍNDIO.

E noutro quadro da minha alma os olhos
 Mais distinta visão me figuraram.
 Pareceu-me voar por sôbre montes,
 Por sôbre altivas matas seculares,
 Por sôbre ínvios desertos — onde o tigre
 Perdendo o faro da spelunca, os ventos
 Inquire — e anda e ruge e se extravia!

E eu voava docemente, como
 Vaga doce no céu a lua amiga,
 E pareceu-me acordar! — Uma clareira
 Se estendia a ⁵⁹⁴ meus pés; meus olhos débeis
 Desafeitos da luz — volvi medroso
 Em tórno — em busca de uma esperança: embalde!
 Que eu só, no bosque, no rugir das fôlhas,
 Na vaga ondulação que rumoreja,
 Da brisa ao sôpro — entre folhagem espessa
 Casos de feio azar me futurava.

Mas de repente se me oferece aos olhos
Um vulto quase nu — deitado ao longo
Sobre o verde tapiz de relva e flores;
Tinha os olhos no céu — cruzados tinha
Os braços sobre o peito hercúleo e largo:
Era um jovem tupi — galhardo e nobre,
De presença gentil — e tinha aquilo
Nos olhos negros e no rosto franco
Que a não vulgar estirpe indica e nota.

Salve! lhe disse ao Índio. Ele sisudo
No idioma vulgar tornou-me: — Salve!
— Sois Índio, prossegui. — “Sou Índio”, ⁵⁹⁵ disse.
— E donde houveste êsse falar tão puro?
Sentando-me inquiri. Nos olhos dêle
Breve clarão luziu de escárnio ⁵⁹⁶ e de ira.
“Homens de branca pel’ são como as gralhas;
Perguntam — falam sempre e sempre, e tornam
Sem pausa, e tanto que me fôra pasmo
Vencê-los a mulher que eterno fala!” ⁵⁹⁷

O CANTOR.

Não me colhas rancor, Tupi — falei-te
Porque o acento que soar não usa
Na voz de teus irmãos — me encheu de assombro.

O ÍNDIO.

Daqui há muitos sóis — vivi! — Há muito
Que êsse tempo passou, que mais não volte!

O CANTOR.

Perdoa o meu falar — que de mor pasmo
O peito me povoa! Que viveste
Outra vida melhor para voltares
Ao teu viver primeiro — mal pensaste!
Não somos nós irmãos — a tua pátria
Não é a pátria minha? Ali marcada
Não tinhas outra vida — outro futuro?

O ÍNDIO.

Ês dos grandes também — tu que assim falas,
Dêsses que aos Índios têm ⁵⁹⁸ no rol de escravos?
Irônico sorrindo me inquiria.

O CANTOR.

Oh! não — sou como tu — tenho na terra
Livre o passo — tenho a mente livre —
Tenho a imensa extensão dos céus, dos mares,
E o verde escuro das compridas matas,
E a fonte e o rio — e o bosque — e a terra — e tudo
Que a vista alcança e vê — tudo que a mente
Ardente poetiza além do espaço.

O ÍNDIO.

Ês acaso Tupã? bradou-me o Índio.

O CANTOR.

Não, não sou Tupã — Cantor me chamam.

O ÍNDIO.

“Em ⁵⁹⁹ verdade és Cantor, és dêsses meigos
Filhos do sol, amigos do silêncio,
Aos quais almo Tupã visita em sonhos.
Ah! vem, Cantor, sentar-te a ⁶⁰⁰ sós comigo,
Falemos doutros tempos — doutras coisas,
Que a voz dos teus de melhor grado escuto,
Do que o fagueiro sussurrar da brisa,
De tarde ou de manhã — por entre as flores!
Ah! feliz o cantor! quando êle fala
A voz dos Manitôs ⁶⁰¹ se escuta, e a língua
De nossos pais, que além dos Andes moram.
A Tribo dos tupis — também num tempo
Foi rica de cantores, que ora o povo
Luta contra Anhangá — prófugo e fraco,
E mais que feitos — ou vitórias cisma
A fuga do vencido sem combate!...
Já cantores não tem — nem ter precisa,
Que, deves de o saber, não solta o canto
O terno sabiá — nos ermos onde
O fúnebre urubu desata o grasno;
Mas entre as flores da amorosa acácia,
Derramando o trinado entre perfumes,
Compraz-se — amigo e mavioso...” O Índio
Co’a fronte baixa emudeceu — tornando
Após instantes com mais triste acento,
Como o que sente dor — mas d’al pratica.

“Foi meu pai dos Tupis — último chefe,
E quando o búzio atoador soprava
Três mil guerreiros concorriam prestes
Ao guerreiro festim! — Ora num dia
De mau agoiro e trovejado — ouviu-se
Um rouco estrondo — que do ocaso vinha:
Não era a raiva do tufão, que açoita
E prostra — e lasca os troncos — nem dos ventos
Era o bravo lutar co’as êrmas praias,
Nem a voz do trovão — que rola forte
No vasto imenso espaço: — era um ribombo
Que fazia tremer os pés na terra
Como sobre o batel cortando as águas.
— Fomos aos Piagas, perguntar que males
Nos futurava o arcano — embalde o fomos!
Disseram todos não poder sondá-lo,
Mas que era augúrio de tremer — o augúrio
Que sobrestava ao seu saber divino!
No entanto — um dêles — ancião, pintava
Outro mistério estranho sobre a areia,
E aos sons do maracá cantando disse,
Lançando raios no volver dos olhos,
Figurando o trovão na voz troante: ⁶⁰²

Treme — ó povo Tupi — já não és povo
Eleito de Tupã,
Sumiu-se o teu poder como uma sombra
No luzir da manhã.

Não vês que ao fero Deus do mal cultivava
A tribo Cramecrã?
Por êste novo culto não trocaste
Tu mesmo ao Deus Tupã?

Não vês que vida efeminada e mole
Vive o Tupinambá,
Na tribo Cramecrã buscando espôsa
— Na tribo d’Anhangá?

Não vês que negra infâmia cinge a tribo
 Dos tredos Aimorés,
 Que aos rios fogem por fugir aos fortes
 Dentes dos jacarés?

Tupã não vos quer ver — que vos fizestes
 Escravos d'Anhangál
 Treme, nação Tupi: — soluça, geme,
 Povo que foi já!

Mas um dia virá, bem longe d'hoje,
 E os teus livres serão:
 Mas êsse dia — não verás, ó povo,
 Teus filhos — também não!

Disse o Piaga e morreu!" Tornara o Índio
 Depois de um breve descansar arfado!
 "Ah! bem feliz é o que, morrendo, evita
 Ouvir a voz dos seus — gemendo — escravos...
 Adeus, Cantor — adeus! que a minha pátria
 Não é a tua, não — mas êste vasto
 Frondoso praino — êstes vestidos serros,
 E o imenso azul dos céus. — E a minha vida
 É ver a nuvem cambiando côres,
 E os cabelos do sol por sôbre a terra,
 E tranqüilo escutar o ledô sôpro
 Da brisa que murmura — e o som das águas
 Trépido sôbre as pedras — o confuso
 Rumorejar das matas — o contínuo
 Pavoroso lutar co'as bravas feras!"

Eis nisto um tigre na floresta ruger,
 O Índio atento escuta — e logo — a senda
 Precípita invade — e vai sôbre êle.

Pitões — 25 de Dezembro de 1844.

II

O SATÉLITE.

Era uma noite de luar formosa —
 Das belas noites do Brasil; mil astros
 O meigo azul dos céus brilhando arreiam;
 Vai a vista perdida além das nuvens,
 E cansada se volve sôbre a terra;
 Pela imensa extensão do verde-escuro
 Vasto praino frondoso se derrama —
 Vê sôbre as fôlhãs o luar dormente,
 Melancólico e puro — não sussurra
 Da noite a viração — não ruger o tigre.
 Vai a noite calada — ao longe apenas
 Trépida veia de cristal murmura.

Nesta doce mudez, neste silêncio
 Mais grato aroma a flor agreste exala —
 Vaga a mente mais livre, e pensamentos
 Mais singelos, mais puros, mais sublimes
 Nutre mimosa — e êste enlêvo d'alma
 Sobe ao trono do Senhor — qual sobe
 O perfumado incenso — o grato eflúvio

D'hino piedoso que no templo ecoa.
 O crime é cego e surdo — êle, só êle,
 Tais encantos não vê, não sente enlevos.
 Consigo do Senhor avilta as obras,
 E a alma enegrecida, e suja e feia,
 Como os restos de uma harpa harmoniosa
 Sôbre o pó terreal manchando arrastra.

Vai sob a mata um cavaleiro, e deixa
 — Pensativo que vai! — pender as rédeas
 Do seu corcel ⁶⁰³ que se embalançam livres,
 Roçando o peito eqüino. — Cavaleiro,
 Que negro fado é o teu que a tais desoras
 Te obriga a viajar? — Talvez que um tigre
 Saltando sôbre ti co'as férreas unhas
 Te aferre os dentes — e ao teu rubro sangue
 Misture a espuma das sangüíneas fauces.
 Oh! que homem és tu? donde vieste?
 Tu que sem armas por aqui viajas,
 Por sítios, — onde vela de contínuo
 O crime infesto — a sórdida vingança?
 Assim vais, porque imigos ⁶⁰⁴ não conheces?
 Mas tu não sabes que é perdida a conta
 Dêsses que assim viviam, que morreram
 Às mãos cobardes do assassino — quando
 Talvez julgassem de abraçar amigos?
 Tu pensas?... Em que pensas?... Na tua casa
 Risonha e festiva — num êrmo oculta;
 Pensas na cara espôsa que te aguarda,
 Ou nos teus filhos — teu pensar contínuo?
 Ou no rico vilão — a quem tua alma
 Altiva, e nova e grande — há pouco irada
 Fêz humilde vergar? Ah! néscio! néscio!
 A mente do que é vil inveja à nobre;
 A inveja do que é vil ou mancha ou mata.
 Quebrou-se a estrada aqui — o cavaleiro
 Vai dando volta — e sente-se ferido.
 Varou-lhe o coração a bala infame,
 E o ôco ⁶⁰⁵ som tocou — e a chama breve
 Nos olhos — turvos, baços — nos ouvidos —
 Cheios de um longo retinir confuso.

Corria a noite em meio — a lua a pino
 Um raio seu de amor por entre as ramas
 Enfiava custoso — o morto e o vivo
 Quais dois amigos — que um só leito encerra —
 Dormiam juntos! O corcel mais longe,
 Do sangue indo a fugir — tosava a relva,
 Co'ô freio acanhador — rasgando a terra.

Pitões — 1844.

NO ALBUM DE MEU AMIGO
 ANTÔNIO CARDOSO AVELINO.

Como sentimos no peito
 Penosa melancolia,
 Quando o sol vai sôbre o ocaso,
 Quando morre um belo dia,
 Tal é a saudade amarga
 Que eu sinto por te deixar.

Será eterna? quem sabe!
Escuto o mar que rouqueja, ⁶⁰⁶
Sobre a extrema do horizonte
Vejo a nuvem, que negreja,
E as ondas, que bravas lutam,
E a imensa extensão do mar.

Nesta vida transitória
Onde tudo é passageiro, ⁶⁰⁶
Quem soluça o Adeus de um dia
Não soluça o derradeiro?
O real que há neste mundo
É sofrer, penar, morrer.
Vou-me pois de ti saudoso,
Vou rever a minha terra,
Esperanças dum futuro
Brilhante, meu peito encerra:
Mas que dores lá me esperam?
Mas o que hei de lá sofrer?

E quando triste pensares
Na nossa pura amizade
Que nunca sofreu desconto,
Certo que a triste saudade
Na tua alma bela e pura
Seus espinhos gravará.
Mas passe um lustro — se o acaso
Nos levar a ⁶⁰⁷ estranha gente,
Se em mim primeiro atentares
Não cuidadoso — indiferente
Farás a cruel pergunta:
¿Este homem — quem será?

Esse homem — foi tua alma,
Foi dêle o teu pensamento,
Tua foi sua alegria,
Dêle foi o teu tormento,
Chorastes ambos pensando
Na longa separação.
Fôstes amigos sinceros,
Extremos ambos cismastes. ⁶⁰⁸
Foi êle — que te amou tanto,
Foi a quem tanto amastes,
Que de ti — tão longe vive, ⁶⁰⁹
Tão perto — no coração!

Pôrto — Janeiro de 1845.

À RESTAURAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL E AO
NASCIMENTO DO HERDEIRO PRESUNTIVO.

Acorda — acorda — ó Vate! — Eis que a alegria
Do profundo cismar vem distrair-te,
E — cheio de prazer — em meio às turbas
Palpitanes de amor — arremessar-te.
Exulta, ó Vate, exulta! ergue o teu canto,
Esse teu canto recendendo aromas, ⁶¹⁰
Serenos — como a brisa, e tão suave,
Como orvalho do céu.

Não vês? — Se a grande enchente arrasa o leito
Do mesquinho regato — as ondas fervem
Contra a riba impotente, e longe cobrem
A esmeraldina côr dos vastos campos!

O terno sabiá desata o canto, ⁶¹⁰
Apenas o sentir lhe aperta e oprime
O estreito coração. — Exulta, ó Vate!
É tempo — acorda — o teu cantar desfere
Como a enchente — profundo; e meigo, como
Trinar do sabiá!

Anos e anos padeceu mesquinho
O Rio Grande — uma província inteira
Aparelhada de horror — tristeza — e luto —
Envôlta em maldições — envôlta ⁶¹¹ em pranto!
Ali — negra discórdia — o facho aceso
Vibrou sanguinolenta; ali sentou-se,
E soberba reinou por longo espaço.
A raiva se ateou; quem tinha braço
E espada que vibrar, vibrava a espada —
Quem tinha dores que sofrer — sofreu-as,
Quem olhos tinha que vertessem pranto,
Pranto amargo verteu! — Assim cansou-se
O braço — e o coração; mais pura a vista,
Porque ⁶¹² se adelgacava o véu das lágrimas,
Quando pode enxergar — descortinava...
O quê? — destruição — incêndios — mortes!
Ruínas fumegantes... — Com tal vista
Criou a nova dor lágrimas novas —
Criaram nova fôrça arfados peitos
Que há tantos anos de sofrer viviam!

Então por sobre os combros derrocados,
Por sobre os feixes d'armas bipartidas,
Entre montões — de extintos insepultos —
Errava o incerto pé da mãe, da espôsa —
Tremendo de encontrar feições queridas
Na face envôlta ⁶¹³ em pó — colada ao sangue!
Aqui chorava a filha, e contra o peito
Mil e mil vêzes apertava o exangue
Paterno rosto de palor tingido,
Na delirante dor julgando-o vivo.

E a espada caiu do braço armado,
E o canhão não soou rugir de morte,
Eram todos irmãos — sofriam todos!

Nós, Caxienses, nós — também sofremos,
De fraterno lidar o fel amargo
Provado hemos também. — Assim mais leda,
— Irmãos na mesma dor — será nossa alma —
Mais intenso o prazer, mais alto os vivas.

Mas vêde! Como o sol, brilhante e claro
No frescor da manhã — doirando as nuvens, ⁶¹⁴
A prole de Bragança — ei-la que nasce,
E a discórdia civil — raivando ulula,
E o civil batalhar soberbo — infrene
O extremo arranco soluçou raivoso.

Acorda! acorda! — ó Vate; eis que a alegria
Do profundo cismar vem despertar-te,
E cheio de prazer — em meio às turbas
Palpitanes de amor — arremessar-te.

Caxias — 9 de Maio de 1845

AO ANIVERSÁRIO DA INDEPENDÊNCIA
DO MARANHÃO.

Avante! avante! ó Bravos. — Do Ipiranga
Soou do nobre peito altivo grito,
— Independência ou Morte! — Heróico brado
De sublime sentir, que nobres sentem,
Por vis não compreendido; um Povo inteiro,
Unísono responde — à voz excelsa —
Ruidoso e forte — Independência ou Morte!

Arrochados grilhões suporte o escravo,
Não desponte sequer nos lábios dêle
A prece humilde do que implora a vida,
Suporte afrontas vis — o ente infame
Às injúrias, baldões, escárnio afeito,
Em cujas faces o pudor não brilha,
Em cujas veias já não gira o sangue,
Em cujos lábios não borbulham vozes
De raiva — de rancor — d'honra ofendida.
Mas o que tal não fôr — o que no peito
Sente gravado em firmes caracteres
— Amor e Pátria — e Liberdade e Honra —
Sopese a lança e leve a mão da espada,
E venha a ⁶¹⁵ campo apercebido em guerra.

A Pátria chama aos seus — ou morte ou vida,
Ou luz ou trevas da batalha pende —
Liberdade ou morrer! Avante! ó Bravos.
É grato ao Lidador a lide acesa,
O pó do campo — o estrépito das armas,
Da bala o sibilar; — fértil o sangue
Do que procura a liberdade santa,
Honrosa a morte que liberta a Pátria.
A Pátria chama aos seus. — Maldito o filho
Que ao prantear da mãe não verte pranto,
Maldito o cidadão — que não tem braços,
Sangue nem coração, que tributar-lhe
Quando ela em dia aflito — aos seus convoca.

Terras do Maranhão — terras ditosas,
De galas, de primores revestida,
Que o avaro Holandês tanto almejava; ⁶¹⁶
A bela França cubiçou teus mimos,
E ufanas de se ver sôbre os teus mares
As flores três de lírios — assumiram
Fulgor mais vivo — no teu céu brilhante!
E as quinas que ⁶¹⁷ de ver o fero aspecto
Do negro Adamastor — quase temeram —
No cabo das procelas combatido —
Amavam pelos ares deslizar-se
Da tua mansa brisa ao leve sôpro,
Como depois de um sonho tormentoso
Ama o triste acordar à luz da aurora.

Terras do Maranhão — terras viçosas!
E o estrangeiro há de colhêr teus frutos,
Calcar-te o solo — espedaçar-te as flores,
E tu êrma serás — escrava e muda,
E tu sem filhos — sem valor — sem alma.
Oh! não — que o brado excelso do Ipiranga
Elétrico voou por montes — vales —
Do mar nos altos Andes repulsando
Do Prata às férteis margens do Amazonas.

E êsse brado passou! — depois silêncio,
Depois lidar aceso — mortes — prantos,
E a alegria por fim, que a tôrva morte
Aflições e prazer remata em breve.

Mas do tempo que foi — que resta agora?
Memória apenas — recordar de males,
Suave, quando o tempo os tem quebrado.
Agora resta amor ao pátrio solo,
Amor à liberdade — à Independência
Do Brasileiro Império em mundo novo,
Erguido em verdes prainos vicejantes:
Agora — amor à prole de Bragança,
A Pedro — Imperador.

Caxias 618 — 28 de Julho de 1845.

HINO AO DIA 28 DE JULHO.
(PARA SER CANTADO).

Fomos servos — noutros tempos,
Curvados à prepotência;
De estrangeiros soberanos
Mendigamos a clemência.

Diziam que a liberdade
Nos podia ser fatal
Como nas mãos de um menino
Buído e fino punhal.

Diziam que nossos olhos
Afeitos à escuridão
Suportar não poderiam
Da liberdade o clarão.

E nós — Homens — Brasileiros,
Nós sujeitos — nós curvados,
Fomos servos largos anos,
Largos anos — negregados!

Mas enfim lá do Ipiranga
Altivo grito soou:
Somos livres — longe o eco
Somos livres — reboou.

Êsse grito — foi princípio
De existência vigorosa,
Como incêndio erguido em breve
De centelha duvidosa.

Êsse grito foi em todos
Um só braço, um só querer,
Voz de mil vozes acordes:
Independência ou morrer.

E do norte ao sul — do ocaso
Do sol até ao nascer
Festivo grito responde:
Independência ou morrer.

E a liberdade,
Essa donzela
Cândida e bela
Filha dos céus,
Entre nós outros
Sem crua guerra
Desceu à terra
Das mãos de Deus.

Já somos livres,
 Oh! não cismemos
 Do que sofremos
 Em nos vingar.
 Irmãos — amigos
 Todos sejamos,
 Que respiramos
 O mesmo ar.

Pois que seguimos
 O mesmo norte
 Co'a mesma sorte,
 Co'o mesmo azar,
 Maldito aquê
 Que ousar primeiro
 O nó fagueiro
 Despedaçar.

Caxias 619 — 1845.

Pavorosa,
 Que não goza
 Dêste mundo
 Senão quando
 Escuta o grito
 Miserando
 E profundo
 De um aflito
 Sem delito,
 Que geme,
 E suspira,
 E delira
 Em masmorra
 Cruel.

Caxias — 1 d'agosto de 1845.

A CERTA AUTORIDADE QUE AMEAÇOU OS
 MÚSICOS POR TEREM TOCADO NO ANIVERSÁRIO
 DA INDEPENDÊNCIA DE CAXIAS.

Eu julguei que o fausto dia
 Desta nossa independência
 Merecesse mais clemência,
 Quando não simpatia,
 Desta nossa fidalguia
 De Caxias!
 Mas por minha alma que não,
 E não sei
 Por que pecados;
 Mas é certo que um coitado
 Coronel
 Presunçoso,
 E medroso,
 E cruel,

Que só sabe pintar letras,
 Ordenou à nossa orquestra
 De ser muda neste dia,
 Ou do contrário a faria
 Recrutar,
 Ou tocar

Nas masmorras do quartel!
 Certamente
 Nunca vi
 Bentevi
 Tão demente!

Pois, coronel tresloucado,
 Queres meter na enxovia
 Os filhos da Melodia,
 Só por haverem tocado
 Em tão majestoso dia?
 Não o creio — mas parece
 Que ouvi-los te aborrece,
 Que ouvi-los te não recreia,
 Ou que amigo, ou que parente,
 Amado mui ternamente
 Tens prêso lá na cadeia.
 Realmente,
 Coronel,
 Tens uma alma
 Bem cruel,
 Tens uma alma

TRISTES RECORDAÇÕES!

Meus amigos d'infância, onde são êles?
 Digo em redor de mim volvendo os olhos.
 Asinha mos roubaram
 A fortuna — ambição — prazer ou glória,
 Longe — bem longe são; eu no meu êrmo
 Procuro-os, mas embalde!

E a ventura se me foi, qual linfa
 Que se escoa das mãos sem ter molhado
 Os lábios ressequidos,
 Foi como o viajor que à grata sombra
 Se abriga da palmeira — onde seus passos
 Não mais o guiarão.

E essa que tanto amei — que amou-me tanto,
 Cuja presença me escaldava a mente,
 Cuja voz me encantava,
 Cujo silêncio me falava n'alma,
 Essa mulher — tão terna — e amante, e pura,
 Essa mulher deixei-a!...

Deixei-a por não dar-lhe em recompensa
 Um tálamo de espinhos — uma taça
 De fel e de amargores.
 Deixei-a porque horrível é meu fado,
 Minha vida penada, e eu não quisera
 Assassiná-la comigo.

E agora, que me importa que a flor brilhe,
 Que o sol nos céus — splêndido cintile,
 O mundo que m'importa;
 Certo que a flor não me dará, que eu espere,
 Nem o sol novo amor — nem o universo
 Me pode dar ventura!

Serei julgado ingrato — e logo o tempo
 Da mente dela — varrerá meu nome,
 Dos seus olhos meu rosto;
 Eu porém guardarei — o que era d'ambos
 — A lembrança de amor tão malogrado,
 Minha vida na terra.

E quando a morte rematar meus dias,
 Nesse instante em que a alma tudo esquece
 Dela me lembrarei:
 Foi ela quem me deu algum alívio,
 Dela a ventura que fruí na terra,
 Dela — vida e morrer.

É triste a vida do homem descuidoso,
Que vive só na terra — e nunca eleva
O pensamento aos céus;
Porque a vida é breve como flor da terra,
Só a esperança que o infinito almeja
Não pode perecer.

Caxias — 9 de Agosto de 1845,
às 3 horas da manhã.

AO ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DE S. M. I.

.... heroum laudes et facta parentis
..... legis
Aspice venturo laetentur ut omnia soeclo.

VERG. Egl. IV.

Pudesse eu, triste vate, semelhando ⁶²⁰
O ronco do trovão, que ruge irado,
Alçar — entusiasta — ingente brado
Dum pólo — noutro pólo, repulsando.

Pudesse, além das nuvens remontando,
De mil astros brilhantes rodeado,
Derramar — sôbre o globo eletrizado
Seu nome, entre mil nomes fulgurando.

Pudesse — a um brado tal o doce encanto
Juntar de um terno cisne moribundo
Que o alento final transforma em canto.

Teu nome, sem cessar, dissera ao mundo,
Tu que és nosso Paládio Sacrossanto,
Augusto Imperador — Pedro Segundo.

Caxias — 2 de Dezembro de 1845.

VOLTAS E MOTES GLOSADOS.

I

*Não posso dizer que não,
Não posso dizer que sim.*

VOLTA.

Senhora, pois que podeis
Dizer que não, ou que sim,
A ambos não magoeis:
Dizei — *sim*, mas não a êle;
Dizei — *não*, mas não a mim. ⁶²¹

OUTRA VOLTA.

Senhora, que amor é êsse,
Ou que nova sem-razão!
Que se eu vos pergunto — *sim*?
Respondeis-me sempre — *não*!

Senhora, é isso paixão?
Oh! que o é, mas não por mim;
Que quando vós dizeis — *sim*,
Um *não* quisera eu então!

Já nem sei que bem vos queira,
Nem que mais querer vos possa;
Sêde antes vossa que dêle,
Sêde antes minha que vossa.

Rio, 24 d'Outubro de 1846.

II

*Não posso dizer que não,
Não posso dizer que sim.*

GLOSA.

Dizem que o amor é vendado,
Que tem feros passadores,
Com que aos próprios servidores
Tem por vêzes desgraçado:
Porque hei de ter êsse fado,
Que tem sempre a dor por fim?
Amais ao amor, não a mim;
Pois se a êle só amais,
Por mais que vós me digais,
“Não posso dizer que sim”.

Não posso... e bem desditosa!
Conheço que a só ventura
Que desfruta a criatura,
Vem duma afeição mimosa:
Eu que sou bem extremosa,
Que já sinto a ingratidão,
Vou sofrendo esta paixão:
Se sois meu por amor dela,
Eu que amo a vós, não a ela,
“Não posso dizer que não”.

Assim vivo descontente
Sem saber o que farei,
Nem sequer ao menos sei
O que seja mais prudente
Com êste fado inclemente
Qual será meu pensamento.
Dizer-vos: *não*; é tormento;
Dizer-vos — *sim* — é loucura!
Assim que, já sem ventura
Vivo neste sofrimento.

Fôra brando o meu viver
A não vos ter conhecido.
Porque então um bem perdido
Não me fizera sofrer.
Dizei-me o que hei de dizer;
Brada-me *sim* a paixão,
Minha alma grita-me *não*:
Nesta dura alternativa
Sinto dor sempre tão viva,
Que merece compaixão.

Rio — 1 de novembro de 1846.

PERGUNTA.

Quisera eu saber notícias
A ⁶²² respeito de um tal *sim*,
Que foi numa volta, aonde
Devera não ir sem mim.

6 de Novembro de 1846.

III

*Não quisera ser tão firme,
Para ser mais venturosa.
O que outras ganham por falsas
Perco eu por ser constante.*

GLOSA.

E' porventura razão
Que aquelas que são volúveis
Tenham, sós, indissolúveis
Amôres por galardão?
Assim pois minha paixão
(Que se queira Deus ouvir-me)
Nunca tem de permitir-me
Gozar sequer um instante
O prêmio de eu ser constante,
"Não quisera ser tão firme."

Bem me diz o coração
Que a constância cansa a ingratos
De volúveis nunca fartos,
(Que volúveis tôdas são);
Sentir constante paixão
E' de uma alma melindrosa,
Mas a mulher que é formosa,
Que em amôres se retrata,
Oh! não é falsa! é cordata
"Para ser mais venturosa."

É bom de ser inconstante;
Ama a lua ao sol esquivo,
Ama a flor ao fugitivo
Vento que sopra um instante.
Assim tu, alma constante,
Quando as asas despedaças
Dò amor, que jamais de lassas
Se não poderão mover,
Ignara — queres perder
"O que outras ganham por falsas."

Só me queixarei de mim, ⁶²³
Se ora soffro o meu sofrer;
Porque nunca quis eu ser,
Ou fingir que eu era assim.
Perderei, Senhor, por fim
O meu amor tão brilhante,
Muito embora nova amante
Dêsse amor, que despedaças,
Lucre retalhos por falsas,
"Perca eu por ser constante."

Rio de Janeiro — 1846.

IV

*Finos cabelos prenderam
Pulsos que ferros quebraram.*

GLOSA.

A ⁶²⁴ Alcides, de quem tremeram
Feros gigantes outrora,
D'Onfale — altiva senhora —
"Finos cabelos prenderam":
Esta a razão, que nos deram,

Mas se heróis no chão rojaram,
Dir-vos-ei que os não prostraram
Finos cabelos; mas antes
Renderam provas constantes
"Pulsos que ferros quebraram."

1846.

V

*Não sou fera, sou humana!
Sinto amor e sei amar!*

VOLTA.

Dizeis vós que não sois fera,
E certo mereceis fé;
Que o vosso rosto formoso
Rosto de fera não é.

Mas dizeis que sois humana!
Qu'importa que seja assim,
Se humana sois para outros,
Desumana para mim!

Sentis amor! bem o creio:
Tem perfume a linda flor,
Ledas aves têm ⁶²⁵ gorjeios,
Mulher bela tem amor.

Mas a flor só tem perfume;
Só sabe a ave cantar;
Sois como a flor, como a ave,
Sabereis acaso amar?

AO ANIVERSÁRIO DE D. F. S. R.

Quem se atreve a cantar hinos à flor
No denso musgo do botão fechada!
Ou leda e viva, e rutilando em côres,
Imersa ⁶²⁶ em luz, e de prazer banhada!

Quem se arroja a cantar hinos aos anjos
Num dos anos sem fim da eternidade,
Se o seu viver é poesia e cantos,
Ledice, amor e luz, e amenidade?

Nem anjos, nem a flor nos pedem versos,
Que sendo o seu viver tão só poesia,
Um hino eterno, melindroso e belo,
Sòmente bem cantá-los poderia.

Não basta, não, terrena melodia,
Nem rudo canto pouco duradoiro,
Nem voz de trovador — cansada e fria,
Nem lira de marfim cravada d'oiro.

Não tenho voz de trovador sonora,
Nem d'oiro a lira ebúrnea cravejada,
Nem vos canto, Senhora; só vos digo,
Que sois di'na de ser melhor cantada.

Rio de Janeiro — 1 de maio de 1847.

SONETOS.

Baixel veloz, que ao úmido elemento
A voz do nauta experto afoito entrega,
Demora o curso teu, perto navega
Da terra onde me fica o pensamento!

Enquanto vais cortando o salso argento,
Desta praia feliz não se desprega
(Meus olhos, não, que amargo pranto os rega)
Minha alma, sim, e o amor que é meu tormento.

Baixel, que vais fugindo despiedado,
Sem temor dos contrastes da procela,
Volta ao menos, qual vais tão apressado.

Encontre-a eu gentil, mimosa e bela!
E o pranto qu'ora verto amargurado,
Possas eu verter então nos lábios dela!

Rio de Janeiro — 17 de Junho de 1847.

Doce Amor — a sorrir-se brandamente
Em sonhos me falou com tal brandura,
Que eu só de o escutar vida mais pura
Senti coar-me n'alma fundamente.

Depois tornou-se o tredo fogo ardente
Que o instante, o ano, a vida me tortura.
Bem longe de gozar tanta ventura, ⁶²⁷
Cresta-me o rosto agora o pranto quente.

Homem, se homem és no sentimento,
Não zombes, não, de mim tão desditosa,
Nem seja o teu alívio o meu tormento.

Deixa-me a teus pés cair chorosa,
Soltar no extremo pranto o extremo alento,
Que eu morrendo a teus pés serei ditosa.

Rio de Janeiro — 6 de novembro de 1847.

Apenas oiço dar Ave-Maria,
Quer seja tempo bom, quer trovoada,
Lá vou eu nesta vida malograda
Ao pão-nosso, que espero em cada dia!

De crianças me assalta uma algarvia,
E a velha a pespegar-me aparelhada
Contos da eterna sedução malvada
Da quadrilha de heróis que a perseguia!

O campo de Santa Ana atravessando,
— Meu Deus, isto é ⁶²⁸ que é não ter miolo! —
Para ver uns nenês que estão mamando!

Vê por fim se me dás ou não do bôlo: ⁶²⁹
Se sim, nada direi; se não, bradando
Jurarei terra e céus não ser mais tolo!

Rio de Janeiro — 1848.

Pensas tu, bela Anarda, que os poetas
Vivem d'ar, de perfumes, d'ambrosia,
Que vagando por mares d'harmonia
São melhores que as próprias borboletas?

Não creias que êles sejam tão patetas,
Isso é bom, muito bom mas em poesia,
São contos com que a velha o sono cria
No menino que engorda a comer petas!

Talvez mesmo que algum dêesses brejeiros
Te diga que assim é, que os dessa gente
Não são lá dos heróis mais verdadeiros.

Eu que sou pecador, — que indiferente
Não me julgo ao que toca aos meus parceiros,
Julgo um beijo sem fim cousa excelente.

Rio de Janeiro — 1848.

Ando abaixo, ando acima, e sempre às solas,
Afronto a tempestade, o vento, o frio,
Qual se fôra ambulante corropio,
Seguindo o exemplo enfim de outros patolas.

Do meu engenho e arte gasto as molas
Em suspiros quebrar que à luz envio;
E, já por teima só, render porfio
A cabeça, por quem rompo as solas.

E a amo, ela me adora com loucura,
Di-lo ao menos; se a beijo não se espanta;
Paga-mo até; se insisto... adeus ternura!

Do matrimônio a estátua se levanta,
Negro espectro! ela torna-se brandura,
Eu a imagem do horror que me aquebranta.

Rio de Janeiro — 28 de Setembro de 1848

A VIDA. 630

NO ALBUM DO ILMO. SR. A. F. COLIN.

Não existe o passado, pois só deixa
Triste recordação, que n'alma escreve;
Cobre-nos o porvir o véu do tempo,
Onde apenas cintila esp'rança breve.

Só existe o presente, mas inquieto,
Mas a fugir-nos preparado e pronto;
É pois a vida em seu mistério estranho
Uma saudade, uma esperança, um ponto!

Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 1848.

À PARTIDA DA ATRIZ.

SAUDADES DE UM DILETANTE À SNRA. C. MEREIA.

Os filhos de S. Pedro a ausência dura
Longo tempo escrevendo memoraram,
E por lembrança em tímida brochura
As grinaldas tecidas transformaram;
O nome lhe puseram sem ventura
Dos triunfos da atriz que já passaram:
Que fresco o livro tal! que frescas flores:
Versos sem graça, palmas sem verdores!

PARÓDIA DE CAMÕES.

— “Que tanta tristeza é esta?”
 “Não sabeis o que há de novo!
 “Anda aflito todo o povo...”
 — “Santo Deus! por que razão?!” 631

“Aquela boa menina
 Pequeninina,
 A Merea sedutora
 Vai-se embora
 Mar em fora...”

— “Santo Deus, por que razão?” 631
 “Nem eu, nem ela o sabe;
 São cousas de bastidores;
 Choveram versos e flores,
 Foi solene mangação!
 Porém a doce menina

Pequenina,
 A Merea sedutora
 Vai-se embora
 Mar em fora,
 Santo Deus! sem ter razão!”

“São Pedro que adivinhara
 Os manejos da menina,
 Cinco contos lhe ofertara
 Pela sua voz divina,
 Cinco contos! — passa fora!

A Merea sedutora
 Vai-se embora
 Mar em fora:
 Sim, senhores: vai-se embora,
 Porque não”?

Cinco contos! bagatela!
 Qualquer ministro de estado
 Talvez outro tanto tem;
 E do mesquinho ordenado
 Nunca lhe coalha vintém!

Pois passem bem, que a menina
 Pequeninina,
 A Merea sedutora
 Vai-se embora
 Mar em fora!
 Sim, senhores, vai-se embora!
 Tem razão.

Pois uma artista que tem
 Bilhetes que repartir,
 E vestidos de veludo
 Que vestir;
 Tendo multas, tendo ensaios
 Com mantilhas de cetim!...
 É de rir?...
 Cinco contos! essa é boa!
 Mais vale cantar à-toa, 632
 Que jamais cantar assim:
 Pois passem bem, que a menina

Pequenina,
 A Merea sedutora
 Vai-se embora
 Mar em fora,
 Sim, senhores, vai-se embora,
 Porque não?!

São Pedro, triste porteiro,
 Das pobres economias
 Não pode partir fatias
 Tão grandes, de pão de ló,

Porém a áurea menina
 Pequeninina
 Nem de um santo quer ter dó.
 “Adeus, lhe diz, sou cantora,
 “Sedutora, 633
 “Vou-me embora;
 “Mas vós me dareis razão.

“Bem sabeis, porteiro amigo,
 “Minha mãe mora comigo,
 “E meu padraço também. 634
 “Sou menor...” (E bem se via
 Que a menina não mentia
 Quando menor se dizia:
 Era menor que ninguém!)
 “Bem vêdes que sou menina,

Pequenina:
 “Adeus, meu guarda-portão!
 “Bem sabeis que sou cantora
 “Sedutora,
 “Vou-me embora;
 “Mas vós me dareis razão.”

— “Dar-vos razão! grita o santo:
 Quem foi que êste mundo fêz?
 Não fostes 635 vós, Deus prudente?
 Quando três quartos de gente
 Pedo ordenado de três!
 Bem sei eu que uma menina,
 Pequeninina,
 Tem razão em a não ter;
 Mas se a vós, minha cantora
 Sedutora,
 São Pedro vos manda embora,
 Com São Pedro, inda alguma hora
 Vireis de certo aqui ter.” —

HINO DOS REIS MAGOS.

Entre pobreza e miséria,
 Em singela habitação
 É nascido o Deus-Menino
 Para a nossa salvação.

Povos e reis, adorai-o,
 É nascido o Redentor:
 Vem viver, sofrer na terra,
 Vem morrer por nosso amor.

Deixou a côrte celeste
 E as galas ricas dos céus,
 Quem entre os homens é Homem,
 Quem entre os anjos é Deus.

Povos e reis, adorai-o, &.

Lá das partes do Oriente,
 Deixando os domínios seus,
 Vêm 636 os Magos pôr as c'roas
 Aos pés do Menino-Deus.

Povos e reis, adorai-o, &.

Vêm ⁶³⁶ of'recer os presentes
Que a Arábia Feliz produz.
Louvor a Deus nas alturas,
Louvor na terra a Jesus.

Povos e reis, adorai-o, &.

Estrêla — janeiro de 1850.

A VIOLETA.

(NO ÁLBUM DE A. G. O. C.)

Mulheres há que à rosa semelhantes ⁶³⁷
Das suas louçanias fazem gala;
São gentis! — elas próprias o conhecem,
E sabem que outra flor as não iguala.

Outras como a açucena campesina
Menos vaidosas são; porém mais belas:
Da brisa ao sôpro entregam-se inocentes
Que vem dos céus por conversar com elas.

Aquela na garbosa formosura,
Nos espinhos, que a cercam, se confia:
Esta armada de púdica ⁶³⁸ inocência
Evita o sol estivo e a noite fria.

Tu, que a modesta violeta imitas,
Te escondes no silêncio da folhagem,
No abrigo do pudor misterioso
Que teme o sol e o bafejar da aragem.

Aquela no perfume se revela,
Tu nas singelas graças que revestes:
Ocultas ambas — sem as ver sentimos
O aroma puro dos jardins celestes.

Rio de Janeiro — 1851.

AO CASAMENTO DA FILHA DO SR. NORRIS.

São felizes os laços que amor trama,
E que abençoa Deus;
Que têm ⁶³⁹ na mulher a delicada origem,
E uma c'roa nos céus!

Dizem na terra os homens, quando os vêem:
— Que aventureados são!
Enquanto das alturas cai sôbre êles
A celeste benção, ⁶⁴⁰

São dois numa só alma, duas flores
Prêsas numa haste só,
Duas aves que vagam pelo espaço
Sem ver terreno pó.

Dois navios que juntos — de conserva,
Cortam o salso mar,
Dois cisnes que à flor de um manso lago
São vistos a brincar.

Ail nunca as águas dêsse lago tolde
Raivoso furacão,
Nem se desgarrem pelo undoso espaço
As naus que juntas vão.

Como festivos se partiram, cheguem
Venturosos também
À mansão, onde o órfão tem família,
E o triste risos tem;

Ao lugar onde os laços de amor puro
Ledo abençoa Deus,
Onde as plantas da terra se convertem
No perfume dos céus.

Entanto os homens, quando passem, digam:
— Que aventureados são!
E dos espaços sôbre vós se entorne
A celeste benção. ⁶⁴¹

Rio de Janeiro — 1 de março de 1851.

CONSENTE-ME ESCREVER AQUI MEU NOME!

Ao teu livro uma página roubando,
Consente-me escrever aqui meu nome.
É talvez quanto resta de um amigo,
Quando a terra o seu corpo já consome.

Isto apenas! que o homem — frágil barro,
A vida frui apenas um momento,
Bem feliz quando lega uma saudade,
Ou deixa atrás de si um pensamento!

Vive tu, vive feliz, enquanto
O meu destino sigo caprichoso.
Fará tua ventura a de um amigo,
E a dita de ambos me fará ditoso.

Rio de Janeiro — 17 de março de 1851.

NO ÁLBUM DE D. LUÍSA AMAT.

Amizade — amor! laço de flores
Que prende um breve instante
O ligeiro batel à curva margem
Da terra hospitaleira;
Com tanto amor se enastra, e tão depressa,
E tão fácil se rompe!

À mais ligeira ondulação dos mares,
Ao mais ligeiro sôpro
D'escassa brisa — destrançam-se as grinaldas;
O baixel se afasta,
Veleja, foge, até que em plaga estranha
Naufragado soçobre!

Talvez permita Deus, que tão depressa
Êstes laços se rompam,
P rque ⁶⁴² nos pese a vida, e os seus enganos
Mais sem custa deixemos:
Sem custo assim a brisa arrasta a fôlha,
Que jaz sôlta na terra!

Rio de Janeiro — 1852.

TU NÃO QUERES LIGAR-TE COMIGO.

Tu não queres ligar-te comigo,
Que me fôsses mulher t'infamara!...
É tua casa no sangue tão clara,
Que eu me honrasse de unir-me contigo?!

És acaso tão pura lindeza,
Que eu não possa tua mão apertar?...
Mas teus olhos com menos pureza
Outros olhos já vi afagar!

E êsses lábios que jura de espôsa
Para mim não darias no altar,
Nesses lábios alguém já não ousa
Algum beijo de amor estampar?

Já me ouviste falando de amôres,
Um carinho dos teus mendigar?
Já me ouviste cantar dissabores
Que o amor me fizesse passar?

Pobre louca, que o orgulho atormenta,
Despe a bronca vaidade que tens,
Nem a mim teu amor me contenta,
Nem me ferem teus falsos desdêns!

Sei amar, mas a ti!... não soubera;
Sei sofrer, mas por ti... também não;
De te amar nenhum gôsto tivera,
De perder-te — nenhuma aflição!

O meu nome que enjeitas vaidosa,
Que de illustres avós não herdei,
Cobre ao menos pobreza orgulhosa,
Que eu contigo jamais partirei!

Não te assuste êsse fado tristonho,
Não te deixes vencer da aflição,
Vive em paz!... que eu não quero, não sonho,
Ter a posse do teu coração.

Mas se acaso uma sorte medonha
Violentar-me por ti a dar ais!
Possa ao menos morrer de vergonha,
Quem de amor não morrera jamais!

Bahia — Maio de 1852

AS ARTES SÃO IRMÃS.

As artes são irmãs, e os seus cultores
Do fogo criador nas mesmas chamas,
Perante o mesmo altar, coroam-se, ardendo.
A mesma inspiração, que acende o estro,
Guia a mão do pintor quando debuxa ⁶⁴³
Do rosto nas feições o brilho interno,
Dá linguagem sublime à estátua muda,
Ou lânguida na lira se transforma
Em sons cadentes, que derramam n'alma
Idéias do prazer — do mal no olvido!
O mesmo entusiasmo as vivifica,
São iguais, são irmãs no amor do belo!

4 de Junho de 1852.

NO ÁLBUM DE D. AMÉRICA P. R. LOPES.

Bela flor que despontaste
Junto à margem do meu rio;
Que viço e graça criaste
Ao desfrutar o cicio
Duma aragem tropical;
Quem foi que dos pátrios climas
Te transportou — melindrosa:
Se aqui levemente inclinas
A fronte bem como a rosa
Longe da gleba natal!

Como tu peregrinando
Choro a pátria dos meus sonhos,
Aves que folgam em bando,
E aquêles bosques risonhos
Cobertos de fruto e flor;
Mas tu, anjo e flor, desterra
Êsse véu d'agra tristeza.
Floresce a flor, onde há terra,
Cintila e cresce a beleza
Onde há céus, e vida, e amor.

FRAGMENTO.

Quando a morte nos colhe, o que nos resta
A não ser das virtudes grato aroma?
Então àquele tronco semelhamos, ⁶⁴⁴
Que o ferro abriu, a desfazer-se em goma.

Se no fogo se abrasa, se enovela
O odor incenso, remontando aos céus,
— Perfume grato de oblação terreste
Que nas alturas abençoa Deus.

ESTÂNCIAS.

I

O nosso índio errante vaga;
Mas por onde quer que vá,
Os ossos dos seus carrega;
Por isso onde quer que chega
Da vida n'amplo deserto,
Como que a pátria tem perto,
Nunca dos seus longe está!

II

Tem para si que a poeira
Daquele que choram morto,
Quando a alma já descansa
Da eternidade no pôrto,
Nenhures está melhor
Do que na urna grosseira
Que a cada momento enxergam, ⁶⁴⁵
Que de instante a instante regam
Com seu prantear de amor!

III

Ando como êle incessante,
Forasteiro, vago, errante,
Sem próprio abrigo, sem lar,
Sem ter uma voz amiga
Que em minha aflição me diga
Dessas palavras que fazem
A dor no peito abrandar!

E sei que morreste, filha!
Sei que a dor de te perder
Enquanto eu fôr vivo, nunca,
Nunca se há de esvaecer!

Mas qual teu jazigo? e onde
Jazem teus restos mortais?...
Êsse lugar que te esconde,
Não vi: — não verei jamais!

IV

Não sei se aí nasce a relva,
Se algum arbusto s'inflora
A cada nova estação;
Se a cada nascer da aurora
O orvalho lágrimas chora
Sôbre êsse humilde torrão!
Se aí nasce o triste goivo,
Ou só espinhos e abrolhos,
Ou se também de alguns olhos
Recebes pia oblação.

V

Sei que o pranto, que se verte
Longe do morto, não basta:
Ê pranto que a dor não gasta,
Que nenhum alívio traz!
Sei que ao partir-me da vida,
Minha alma andarâ perdida
Para saber onde estás!

VI

Irei beijar teu sepulcro,
Chorar meu último adeus,
Depois, remontando aos céus,
Direi a Deus: "Aqui estou!"
Tu, dentre o côro dos anjos,
— Dos Serafins resplendentes —
Então — as asas candentes,
Que a vida não maculou,
Desprega! — e meiga, humilhada,
Ao trono do Eterno vai,
E na linguagem dos anjos,
Dize a Jesus: "Ê meu pai!"

VII

Êle humanou-se! — quis ser
Filho também de mulher;
Mas d'homem, não; porque os céus
Não têm ⁶⁴⁶ espaço bastante
Para um homem — pai de Deus!

VIII

Bem sabe êle quanta glória
Sente o pai, que um anjo tem!
Julgará que, pois perdida
Teve uma filha na vida,
Não a perca lá também!

Manaus — 1.º de Maio de 1861.

QUE COUSA É UM MINISTRO.

I

O Ministro é a fênix que renasce
Das cinzas de outro, que lhe a vez cedeu:
Nasce num dia como o sol que nasce,
Morre numa hora como vil sandeu!

Se nódoas tem, uma excelência as caia;
Mortal sublime, que não sabe rir,
Do vulgo inglório não pertence à laia,
Darâ conselhos, se se lhe pedir!

Um bípede de pasta, não de barro,
Nos pés se firma por favor de Deus!
Dois fardas-rôtas trotam trás do carro
Em ruços magros como dois lebréus. ⁶⁴⁷

Agora, sim: temos a pátria salva,
Não fará êste o que já o outro fêz!
Grande estadista! basta ver-lhe a calva,
D'homem assim não há dizer — talvez!

Vêde-lhe a pasta, que de cheia estala
Só de projetos que farão feliz
A pátria ingrata, que seus feitos cala,
Ou mais que ingrata, o nome seu maldiz!

Vêde-lhe o saco — carga de um jumento,
Com borlas d'ouro e verde! — No costal,
Castigo do ordenança, lê-se atento
Projetos mil! secretaria tal!

Cansai-vos pois! — Quem veste aquela farda
Há de fazer o que mui bem quiser!
Vem-lhe com ela uma sabença em barda!
Por isso acerta, quando Deus lá quer!

Se lhe lanças baldões na própria cara
Diz alguém que o defenda, e chega a si
Com intrínseco amor a pasta cara,
E exclama: "ó pátria, morrerei por ti!"

Ó Codros, Cúrsios, Fábios, Cincinatos,
Carunchosos heróis da antiga história,
Vinde-me aqui, e ponde-vos de rastos
Junto dêste que vence a qualquer glória!

Pois que faríeis vós? Verter do peito
O melhor sangue... pela pátria acabar!...
Imbecis! — pois mais vale com proveito
Da pátria à custa a vida flautear!

Ou se não, vêde-me êste que anafado,
Nédio, de cara alegre, ânimo audaz,
Faz de si quando quer um deputado,
Ministro quando quer! Mas que mal faz?

Notas-lhe a frente de cuidados cheia,
Nuvens e nuvens vêdes i passar,
Como na praia turbilhões de areia,
Como em tormenta os vagalhões no mar!

Grande homem! dize: que temor te afronta?
A nau do Estado salvarás talvez!...
Qual nau do Estado?! é a horrorosa conta
Dos ruços magros, que alugou por mês!

II

Basta enfim, que é mortal feito com pasta,
Fardado, com tetéias, com galão!
Trata-se de comer — nada lhe basta;
Mas dizem que é sujeito à indigestão!

Trata-se de falar!... Aplauda-o junta,
Em pêso a maioria, — homem feliz!
Mais modesto que o Grego não pergunta,
Tem a certeza de que asneira diz!

Trata-se de escrever!... Vêde em que espaço
Fôlhas e fôlhas de papel encheu!
Cem vêzes mil em ruim papel de almoço
Soberbo assina o nome illustre seu!

Mas num dia nefasto, a turba-multa
Irosa vai-se à estátua do imortal,
Com duro esparto o illustre colo insulta
Té dar com êle em fundo lodaçal!

Logo, farda, florete, pendrucalhos
Vão para um canto a criar môfo lá!
Limpa-se o carro! pensam-se os cavalos,
Memento, homo! 648 — Está bem morto já!

Mesmo os sendeiros dos dois fardas-rôtas,
Na rua empacam, sem querer seguir!
Debalde os tosam co'o tacão das botas,
Deitam na rua a papelada: é rir!

Agora, pois, que não há dessa gente,
Vão nossas cousas caminhar a sós!...
Mas que poeira vê-se de repente
Lá no horizonte em direitura a nós!?

Inda um ministro!.. grande Deus bendito!
Doirado d'inda agora, e fresco, e assim
Vem tão contente de se ver bonito,
No olhar parece que vos diz... Eu sim!

Eia, depressa! meus dois fardas-rôtas,
Toca de novo pasta e saco a encher,
Dá-lhe que dá-lhe co'o tacão das botas
Trás do ministro largando a correr!

E ei-lo que passa o homem doutro barro!
Que tem dois pés, mas por favor dos céus!
E os dois fardas-rôtas lá vão trás do carro,
Nos rocins magros, como dois lebréus!

III

Bípede, sim; mas a cair de bruços,
Não poderia ter-se em pé jamais. 649
Por isso marcham na vanguarda os ruços,
Sem terem culpa, pobres animais!

Dizem também, 650 mas não o dou por certo,
Que um dêsses lesmas, já assim falou —
Foi um discurso de zurrar aberto,
Do senado um taquígrafo o tomou: 651

“Ó tu que tens de humano o gesto e o peito,
Se de humano é matar um bicho 652 feio
Só porque o costado tem sujeito
A quem lhe soube pôr o sujo arreio,
A estas mataduras tem respeito, 653
Pois te não move a rigidez do freio!

“Põe-me onde se use tôda a crueldade,
Entre leões e tigres, e verei
Se nêles achar posso a piedade,
Que em peito de ministros não achei!
Ali co'amor intri'seco e vontade
No capim por que morro, viverei!

“Pois de algum deputado a resistência
Sabes domar, sem ser com fogo ou ferro,
Sabe também dar vida com clemência
A quem para perdê-la não fêz êrro.”

Mais ia por diante o monstro horrendo
Com o sermão, que ninguém lhe encomendara, 654
Quando inimiga mão lhe foi batendo
Com o chicote estalador na cara!

Manaus — Maio de 1861.

OH! QUE ACORDAR!

Se o que somos, se o que temos sofrido
Não fôsse mais que um sonho!
A despedida sem adeus, a ausência,
O destêrro medonho!

O viver sem família, sem ventura,
Sem esperanças mais...
Êste penar eterno, êste sofrer sem crime,
Êste descrer dos mais;

E aquêle ver-te qual t'eu vi, co'o pranto
Nos olhos a brilhar,
E nos lábios sorrisos porque 655 vias
Qual era o meu penar!

Se êsse fingir que a vida te esgotava
Do pobre coração,
Se tudo fôsse um pesadelo horrível,
Um sonho vão;

Se outra vez amanhã meiga sorrindo
Me viesses contar
Teu sonho mau, durante a noite, e o ledo
Venturoso acordar!

E que de ver-te se me fôsse d'alma
D'angústia o sentimento,
Como visão noturna, como um traço n'água,
Nuvem que tange o vento!

Se em nossos peitos desses caos surgissem
Os êxtases de amor,
Como aves mil, que no romper do dia
Voam de um ramo em flor!

E a vida entre nós franca! o amor possível,
E o paraíso ali!
Oh! que acordar!... Venham dizer-me agora
Depois do que sofri,

Que o mundo é vasto, que não devo amar-te,
Que renuncie a ti!
Fazei-o vós, se sois capaz de tanto....
Não o peçais de mi.

Qual o horrendo porvir que após nos guarda
Não o sabeis, eu sei!
É ser morto por dentro, é dizer d'alma
Jamais feliz serei!

É criar tédio à vida! — um só receio
Ter-se — que seja eterno
Este viver, êste descrer de tudo,
Êste pensar do inferno!

Manaus — 30 de Maio de 1861.

SE MUITO SOFRI JÁ, NÃO MO PERGUNTÉS.

Se muito sofri já, se ainda soffro
Por teu amor?!
Não mo perguntes! que do inferno a vida
Não é pior!...

Eu! vegetar da terra entre os felizes!
Que faço aqui?
Sonhos de amor, de glória, — lá se foram
Atrás de ti!

A ver se encontro d'esperança um raio
Olho em redor,
E nada vejo, e mais profunda sinto
No peito a dor!

Que faço aqui? Dias cansados, anos
Sem fim — durar!
Depois que te perdi, viver ainda,
Viver! pensar!...

Eu, não! Quem fôr feliz que preze a vida,
Tema perdê-la!
Por mim não tenho horror, nem tédio à morte,
Clamo por ela!

Bendita seja pois a que mandada
Me fôr — por Deus.
Matar-me, não; que quero ver-te ainda
Feliz nos céus!

Mas no pego da dor, em que me abismo,
— Nesta aflicção
Negra como a do cego que na estrada
Esmola o pão!

Como a do viajor que pelas trevas
Sem tino vai,
E, errado o trilho, se embrenhou nas matas,
Nem delas sai!

Neste viver soffrendo, errante, louco,
Miseró Jô,
Que amigos e inimigos à porfia
Pungem sem dó!

As vêzes, da amargura no remanso,
Ao Criador
Minha alma eleva cânticos de graças,
Hinos de amor!

Que se estivesse em mim renascer hoje,
Sofrer o que soffri...
Eu quisera viver para ainda amar-te
E amado ser por ti!

Manaus — 16 de Junho de 1861.

NO JARDIM!

Lembra-te o Jardim, querida!
Lembra-te ainda da vida
Aquella quadra florida,
Que ali passamos então!...
— Duas salas, um terraço,
Poucas flores, muito espaço,
Muita luz; mas a melhor,
— A flor do teu coração,
A luz do teu santo amor!

Não tinha a casa pintura,
O chão não tinha cultura:
Paredes nuas, ladrilho,
Tudo singelo, sem brilho...
Ninguém diria a ventura
Que ali se pudera achar!
É porque ninguém sabia
Que tu ali vinhas ter
A cada romper do dia
Como um raio de alegria!
É que o sol no seu morrer
Seus raios ali mandava,
Como que nos céus fixava
A história do amanhecer!
— Que o ciclo da nossa vida
Da terra oscilava aos céus,⁶⁵⁶
Na luz do amor teu, querida,
Na luz mandada por Deus!

E depois, se vinha a noite,
Fôsem trevas ou luar,
— Como em sonhos prazenteiros,
Como em mágicos luzeiros,
Do infinito pelos campos
Se ia minha alma a vagar!
— São menos os pirilampos
No bosque — à noite! — as estrêlas
Nem tantas são, nem tão belas
Como os doces devancios,
Descjos, temor, receios,
Daquelle ameno cismar!

Vivia! estava desperto!
 Eu contigo me entretinha;
 Tu ali estavas — bem perto,
 A voz te ouvia que vinha
 De amor minha alma inundar!
 Mais formoso que tal sonho
 Era só meu acordar,
 Vendo teu rosto risonho,
 Vendo nêle do meu sonho
 A imagem se desenhar!
 — Ouvindo-te a voz macia
 Baixinho pronunciar
 Frases de amor, de poesia,
 Que ninguém pudera achar!

Crê-me! a infanta portugêsa,
 De Inglaterra a princesa,
 Laura, Elvira, Beatriz.
 Nos cantos de ilustres bardos
 Só — foram grandes: tu, não!
 Distinta por natureza,
 No sentimento rainha,
 A poesia te vinha
 Sublime, estreme, feliz,
 Traduzida em gesto brando,
 Ou d'alma plena brotando
 Do abundante coração,
 Ampla, caudal como um rio,
 Como pérolas em fio
 A granizarem no chão!

Aquelas vivem eterno
 Na história do seu amor!
 Em trono de luz sentadas,
 C'roadas de resplendor!

Mas, quem dirá o que foste!
 O que és ainda — talvez!
 Se estas pobres fôlhas sôltas
 Nem chegarão a teus pés?!

Manaus — 17 de Junho de 1861.

A BAUNILHA.

Vês como aquela baunilha
 Do tronco rugoso e feio
 Da palmeira — em doce enleio
 Se prendeu!

Como as raízes meteu
 Da úsnea no musgo raro,
 Como as fôlhas — verde-claro —
 Espalmou!

Como as bagas pendurou
 Lá de cima! como enleva
 O rio, o arvoredado, a relva
 Nos odores,

Que inspiram falas de amôres!
 Dá-lhe o tronco — apoio, abrigo,
 Dá-lhe ela — perfume amigo,
 Graça e olor!

E no consórcio de amor
 — Nesse divino existir —
 Que os prende, vai-lhes a vida,
 De uma só seiva nutrida,
 Cada vez mais a subir!

Se o verme a raiz lhe ataca,
 Se o raio o cimo lhe ofende,
 Cai a palmeira, e contudo
 Inda a baunilha recende! ⁶⁵⁷

Um dia só! — que mais tarde,
 Exausta a fonte do amor,
 Também a baunilha perde
 Vida, graça, encanto, olor!

Eu sou da palmeira o tronco,
 Tu — a baunilha serás!
 Se sofro, sofres comigo,
 Se morro — virás atrás!

Ai! que por isso, querida,
 Tenho aprendido a sofrer!
 Porque sei que a minha vida
 É também o teu viver.

Manaus — 17 de Junho de 1861.

SE TE AMO, NÃO SEI!

Amar! se te amo, não sei.
 Oiço aí pronunciar
 Essa palavra de modo
 Que não sei o que é amar.

Se amar, é sonhar contigo,
 Se é pensar, velando, em ti,
 Se é ter-te n'alma presente
 Todo esquecido de mi!

Se é cubiçar-te, querer-te
 Como uma bênção dos céus
 A ti sòmente na terra
 Como lá em cima a Deus;

Se é dar a vida, o futuro,
 Para dizer que te amei: ⁶⁵⁸
 Amo; porém se te amo
 Como oiço dizer, — não sei.

Sei que se um gênio bom me aparecesse
 E tronos, glórias, ilusões floridas,
 E os tesouros da terra me oferecesse
 E as riquezas que o mar tem escondidas;

E do outro lado — a ti sòmente, — e o gôzo
 Efêmero e precário — e após a morte;
 E me dissesse: “Escolhe” — oh! jubiloso,
 Exclamara, senhor da minha sorte! —

“Que tesouro ⁶⁵⁹ na terra há i que a iguale?
Quero-a mil vêzes, de joelhos — sim!
Bendita a vida que tal preço vale,
E que merece de acabar assim!”

Manaus — 25 de Junho de 1861.

COMO! ÉS TU?

Como! és tu?! essa grinalda
De flores de laranjeira!...
Branco véu, nuvem ligeira
Sôbre o teu rosto a ondear!
Pálida, pálida a fronte
E os olhos quase a chorar!

És tu! bem vejo... não fales!
Cala-te! já sei o que é!
A mão vais dar, vida e fé
A outro!.. Vais te casar.
Pálida, pálida a fronte,
Olhos em pranto a nadar!

E vais! e és tu mesma? — e vais!...
Fui eu quem te dei o exemplo...
Sei que te aguardam no templo,
Deixa-me aqui a chorar:
Fazes sòmente o que fiz,
Não fazes mais que imitar!

Mas eu quis ver-te feliz,
Não dar-te exemplo!... pensava
Que ileso e firme ficava
O teu amor — a guardar
A fé, que eu mesmo, insensato!
Fui o primeiro a quebrar!

Contradições d'alma humana!
Fui, sim, quem te dei o exemplo,
Isso quis, e ora contemplo
Essa grinalda — a chorar,
A fronte pálida, pálida,
E o branco véu a ondular!

E há de o mundo inda algum dia
Do olvido o véu tenebroso
Estender por tanto gôzo,
Tanto crer, tanto esperar!
Vai que te aguardam: já tardas:
Deixa-me aqui a chorar!

Vai! e que os anjos derramem
Sôbre ti flores, venturas,
Que as alegrias mais puras
Floresçam ⁶⁶⁰ dos passos teus:
E que entres na casa estranha
Como uma bênção dos céus!

Que a fortuna — de veludos
Alcatife os teus caminhos,
Que o orvalho dos teus carinhos
A êsse faça feliz
Com quem te casas — que te ame
Como te amei e te quis!

Porém procura esquecer-te, ⁶⁶¹
Das venturas no regaço,
De mim, dos votos que faço,
De quanto pedi aos céus
Ver êste dia... mas choro!
Vai! sê feliz! adeus!

Manaus — 25 de Junho de 1861.

REVELAÇÃO. ⁶⁶²

Quem é maior do que os Anjos,
Mais radiante que a luz?
Quem amar Deus nos ensina,
Na doutrina mais divina?

JESUS!

Tecem coroas de glórias
As alvoradas do dia,
Enaltecem-na os Arcanjos
Em divina melodia?

MARIA!

Quem soube honrar o trabalho,
A paciência, a humanidade,
Ensinando a humildade
E em Deus despertar a fé?

JOSÉ!

Seja, pois, esta trindade,
Vosso guia e vosso norte,
Não receies os horrores,
Que se nos pintam da morte,
Se os invocardes com fé:
Jesus, Maria, José!

(Sem data.)

A MINHA ROSA.

A mim! foi a mim que o ouviste?
Eu! — chamá-la minha rosa!...
De certo que é bem formosa,
Entre criança e mulher!
Se a vejo tão jovem inda,
Tão simples, tão meiga e linda,
Da vida no rosicler;

Podia chamá-la — rosa,
De musgo ou de Alexandria,
Rosa de amor, de poesia,
Mais lhe não dava que o seu;
Porque se essa flor mimosa,
Já chegaste ao seu retrato,
Havias ver como a rosa
De repente esmoreceu!

Porém teu amor, querida,
Teu amor que é minha vida,
Que é meu cismar, que é só meu;
Esse que te faz formosa
Entre tôdas as mulheres,
Onde achá-lo?! — Minha rosa....
Minha és tu!.. como sou teu.

Não nego que é meiga e linda,
Entre mulher e criança,
Tão jovem, tão meiga, e ainda
Da vida no roscicler;
Mas tu vales mais do que ela,
Não conheces bem teu preço,
Acho-te muito mais bela,
Como és, — entre anjo e mulher.

CIÚMES.

Ciúmes! Pois tens ciúmes!
Porquê?! — porque a ⁶⁶³ esta, àquela
Contemplo e digo que é bela,
Ciúmes daí te vêm? ⁶⁶⁴

Mas sabe! — desde que te amo,
Tudo me agrada e recreia!
Tenho esta vida tão cheia,
Sinto que vivo tão bem!

Que tudo me arrouba e enleva,
Mar e terra, nuvens, céus,
Estrêla, flor, planta e relva,
Tudo quanto vem de Deus,
Quanto nos olhos reluz,
Quanto o mundo exterior
Do belo em formas traduz;
Quanto um peito amante cisma
Vejo eu ao través da luz,
Ao través do claro prisma
Do teu santo, imenso amor!

Amo tudo quanto sinto,
Quanto a minha vista vê;
Teu reflexo vejo em tudo,
E tens ciúmes!... Porquê?!

Como se vêem pinturas,
Estátuas belas, — assi
Vejo-as também. Formosuras
Sejam, que eu só amo a ti!

Há três amôres, querida.
O amor da terra — vulgar,
Outro em região mais subida,
Mais inda fácil de achar.
— Outro por fim a pairar
Longe do mundo e da vida,
Em luz de mais clara esfera,
Sem borrascas, sem negrumes,
Ali já não há ciúmes;
O teu julguei que assim era!

Vês tu? — É como quem sobe
Altivo monte. Primeiro
Vê formar-se o nevoeiro,
Vê-o da terra a surgir!

Mais alto sobe! — Das nuvens
Vê os castelos formados,
Torvos, feios, trovejados,
E a tempestade a rugir,
E a terra como sumida
E os céus como a luz roubados!
Convém mais alto subir,
Muito mais alto, querida!
Mais alto, que de lá vês
Os céus sem nuvens — por cima --
E a tempestade a teus pés.

Ali já não há negrumes,
O dia ali não tem véus;
Ai! só na terra há ciúmes,
E o teu amor é dos céus.

TENS MAIS POESIA.

Que te direi?! — Em ti mesma
Lê;
Que aí melhor poesia,
Crê,
Hás de achar que em versos meus.

Poesia que vem d'alma,
Fé
Que a vida ilumina e doura
Té
Que vai se prender a Deus.

É tal a tua poesia,
É
Qual de flor mimosa e oculta
Pé
Que em densa moita se cria!

Respira-lhe o doce aroma
Quem
Passa ali, nem sabe donde
Vem
O aroma que todo o arrouba!

POEMA AMERICANO.

FRAGMENTO.

Fértil a terra produzia outrora
Deleitosa abundância: em tôda a quadra
Lourejava o caju, pendia o milho
Das verdes hastes — uberosas glebas
Aqui, ali, rachavam-se, mostrando
A macaxeira, o aipi — da vida esp'rança.
Piscoso o rio, as margens povoadas,
Pingue a floresta, semelhante à fera
Que ao recém-nado filho as têtas duras

Cópia de leite incômodo apresenta,
Tal se mostrava a natureza — outrora.
Foi isso outrora — o homem de insensato
Do bem que tinha desgostou-se em breve,
Novo prazer buscando em males novos!

Eis qu'entre os de Tupã filhos revoltos,
Prodígio estranho — de melenas brancas.
Alvo o semblante, venerando o aspecto,
Forasteiro ancião se mostra súbito;
Mas válido e robusto envelhecera
Como envelhece o ipé. Deram-lhe os anos
Mais cerne ao tronco — majestade às ramas.

Traz mau conselho a frouxidão do ócio,
O velho assim se exprime: os dons do Ibaque,
São do Ibaque outra vez, já não são vossos;
Mas tendes franca a terra, livre a escolha
Da sorte (eu vo-la dou) que mais vos praza,
Podeis rasgar-lhe o seio, fecundá-la
Com ímprobo trabalho: as louras messes,
Que ora vicejam, sós virão a custo ⁶⁶⁵
Do parco agricultor em prêmio à lide;
Talvez porém malsazonadas murchem,
Ou no verdor das fôlhas mentirosas
Poreis esp'rança vã de larga ceifa.

Detém-se o velho aqui — turvos semblantes
Contempla em tórno a si; porém mais turvos
Nota que são depois que a voz lhe ouviram.
Loucos, que rejeitais de um Deus a oferta,
Mal sabeis quanto é grato ver a planta
Crescer, vingar à fôrça de cuidados,
Hoje verde e viçosa — amanhã triste
E murcha um pouco — já retoma o viço,
Alarga os ramos — copa-se frondosa,
Matiza-se de flores que embalsamam,
E enfim de frutos carregada verga.

Outra sorte quereis? prossegue o velho,
Outra sorte vos dou. — Quereis na vida
Aspérrima e cruel de aceses prélios
A terra conquistar, e em duras festas,
Enquanto os hinos da vitória soam,
Com langor celebrar cruentas lutas?
Guerra quereis enfim? — “Queremos guerra.
E da terra o labor ingrato e duro
A turba mulheril fique e se guarde.”

— Guerras tereis, lhes torna merencório,
Sem descanso as tereis; e nisto arroja
No solo pulvurento a bruta maça.
Com arma igual sereis nunca vencidos —
Disse; mas ai de vós — de vossos netos,
Dos últimos vindouros, se rebentam
Discórdias entre irmãos. — Tristes! se acaso
Não pondes côbro ao mal! Há de o contágio
Lavrado por todos vós — té que vos faça,
Dominados de atroz vingança infausta,
A estranhos fins servir em dano próprio!

Mal atendem aos últimos conselhos —
“À guerra! à guerra, amigos — todos bradam,
Nesse viver de aspérrimas contendidas
Fama, troféus se lucra, e nome ilustre.”

Dizem, fazem-no assi, prestam-lhes armas
O mar, o rio, as árvores e arbustos,
Nem lhas refusa a planta, o rude galho
Pasma de ver-se unido à dura pedra,
Fácil por mãos robustas manejado.
Guarda-os o couro do tapir — a forte escama
Do jacaré sanhudo — a arraia, o peixe
A farpoadá seta lhes aguçam,
Fibras do gravatá vergam sem custo
Do ipé e da braúna os arcos duros,
Arma-os a canarana e a voragica,
E ervada de finíssimo veneno
Nas plumas dos voláteis silva a morte.

Na posse do tacape lhes foi dada
Da terra a posse — invadem conquistando,
Imperam, mas de sangue se embriagam,
E o bravo outrora, hoje cruel se chama!
Que vale resistir-lhes? — Tudo cede,
Tudo ao seu poder se acurva e humilha.
Férteis ilhas perdidas no oceano
Do seu nome se chamam: foi de balde
O trato que as divide — infindas hostes
Para defesa armadas — brandos ventos
Os levam — no fronteiro continente
Surgem, tranqüilo o mar, na estranha igara.
Já senhores, nas tabas opulentas
Folgam de ouvir mesclados dialetos,
Estranhos sons na feminil loqüela.

Águas da corrente assoberbada
Pela fúria do inverno, que vencendo
Com ímpeto fremente as altas margens,
Árvores prostram, selvas de liames
Boiantes após si ao pego arrastam —
Novos leitões forçando,
Tal dos heróis a fúria se revela;
Mas ai dos malfadados, que já travam
Combates entre si! — Um Deus, que vale? ⁶⁶⁶
Que prestam seus avisos, quando o ódio
Crava raiz na terra ensangüentada,
E à vingança o guerreiro excita e impele?

Qual fôsse a causa da fatal zizânia,
Lembrai-ma vós, espíritos beni'nos,
Que na voz da acauã gemeis sentidos.
Ai, ⁶⁶⁷ nesse mesto canto inda suspiram
Almas fortes de heróis, — inda lamentam
Da discórdia os fatais e ruins efeitos,
Da selva as ramas fremem compassivas
Nos ecos murmurosos — nós, seus netos,
Prestamos surdo ouvido à voz plangente. ⁶⁶⁸

Crangé, filho de Imbé, guerreiro ilustre,
De ser dos chefes o maior s'ufana,
Graças à turba infinda que o rodeia.
Mais rico de troféus — Taoba ostenta
Colar que cinco vêzes sôbre o peito
Frouxo e às largas lhe cai, e a lunar forma
Cinco vêzes crescendo multiplica:
Rico de igarités, de remos fortes,
Que a seu querer do mar as ondas rasgam,
D'espalhar o espanto, e o susto e a morte

Ao longe se contenta — a ⁶⁶⁹ uma ilha e à outra,
Do seu nome o terror levam as ondas.
Crangé propõe-lhe um dia: “Ilustre chefe
D'igarités sem conto — eu de soldados
Cópia infinda governo — nossas forças
Unamos pois, e os maracás se ajuntem,
A ti e a mim cabendo igual império,
Em firme, eterna aliança; e como o vento
Quando revólto nestas ilhas sopra,
Vamos à terra oposta, ali teu nome,
Guerreiro ilustre, e o de Crangé se escutem!” ⁶⁷⁰

Taoba aceita, inúmeras igaras
Rasgam do mar o seio entumecido,
Três sóis — e ao quarto sol a fôfa espuma
Cospem de Marajó nas brancas praias.

Grato descanso após penosa lida
Presta-lhes amiga terra, — ovantes folgam
De ver, examinar, correr a praia,
Frutos colhêr, a discutir quais sejam
Da terra inculta os incolos; que sorte
Lhes oculta o porvir. Taoba entanto
Vai só — quase sem armas — ínvias matas
No ardor que cego o arrasta prescrutando. ⁶⁷¹

Súbito os bosques rasgam-se — aparece
Ao longe o mar — e próxima arenosa
Branca praia cintila ao sol do ocaso,
E aqui, além, dos muricis nas moitas
Em juvenil folguedo descuidadas
Brincam donzelas mil; a mais airosa, ⁶⁷²
Meigo feitiço d'olhos que surprende
Vontade e corações — por anos quinze
Escassos, vira em flor o cajueiro,
Nasceu com ela o juçaral no brejo,
Mal no porte gentil e airoso a iguala,
Mas fruto inda não deu, inda não tinge
De roxa e viva côr os longos cachos. ⁶⁷³

Tolhida pela súbita presença
Do bárbaro guerreiro — desfalece,
Desmaia a triste, qual se horrendo tigre
Tivesse em frente a represar-lhe a vida
No coração. Taoba, que mal pensa,
Por quanto lhe revolve e agita o seio,
Ter ante os olhos seus humana forma,
Quem seja inquire e de que pais nascida.
Da sação de terror tornada apenas, ⁶⁷⁴
A mísera responde: — “Não conheço,
Bendiga-me Tupã, nem pai nem tribo,
A mim tapera os cariris me chamam.”

— “Tapera a ti?! já não no és, se o fôste;
Nas surdas tabas a andorinha folga
Prendendo os ninhos seus aos ermos tetos,
Mas tu, que para adôrno do guerreiro
Nasceste, ⁶⁷⁵ ave gentil, guará soberbo,
Virás comigo — onde Peri mimosa,
Na idade igual a ti — talvez mais bela,
Noiva de seu bom pai te abraça amiga.
Pasmados te contemplem meus guerreiros
O rosto e o porte, — a minha escolha aplaudam,
E de Taoba o xerimbabo invejem!” —
Disse e não mais, travando-lhe do braço.
Ela, qual mimosa sensitiva,
Desmaia ao toque rude; êle a sopesa
E nem lhe sente o pês, recorrendo

A nota senda, qual jaguar sanhudo
Que ao antro leva a corça esmorecida —
Pasto abundante à fome que o devora.

Prêsa infeliz! funesto encontro aquêle,
Mal entra no arraial, vendo-a tão bela
Rudos e feros os corações se enlevam,
Porém de Imbé com mais violência a chama
Se lhe ateia no peito — tudo olvida,
Cedendo ao impulso de fatais desejos,
A emprêsa começada, a própria glória,
Guerras, conquistas — tudo — desde essa hora,
Daquele ser na posse os seus anelos
Concentra; e fora dêle o mundo é nada.

“Dêsse mimoso achado em câmbio aceita,
Venturoso Taoba, o arco, as setas,
Armas, troféus de Imbé — e os seus guerreiros
Sigam do teu cocar mescladas plumas,
Benquistas da ventura: eu dessa jóia
Contente e pago, às pátrias ilhas volvo.”

“Verde nefrito achei, lhe diz Taoba,
Que me podes tu dar da pedra em trôco?
Se doutrem fôra, — eu pola haver servira
Quantos anos do ipé têm ⁶⁷⁶ visto as flores.
Trocá-la não — dá-la tampouco — é minha.
Com zêlo a guardarei — feitiço e risos
Do triste alvergue meu — depois que a morte
Órfã minha Peri deixou comigo.” —

“Dá-ma, lhe diz Imbé: cabe a mais bela
Ao mais valente, e a ninguém cedo — o sabes!...”

— “Exceto a mim sòmente”, — lhe replica
O selvagem guerreiro alçando a fronte,
E a voz ao gesto; freme-lhe no peito
O ominoso colar!.....
.....

AO GRANDE LITERATO HOMEOPÁTICO
DR. VELUDO.

Dizem que o velho Diógenes
De novo ao mundo voltou
Com sua lanterna acesa,
E a Guanabara chegou. ⁶⁷⁷

“Quem é, pergunta êle, aqui
Um doutor pilha-bonito,
Panegirista *quand-même*
De Frei Bernardo de Brito?”

— “*Ecce homo!*” — lhe dizem.
“Doutor.... aquilo? — “Oh se é!
Faz plágios, copia, imprime
Volumes que ninguém lê.

“É o moderno Tostado,
E em finanças não Zote,
Grande home' em tudo e por tudo,
In utroque, utraque, utroque!”

“*Eureka!* interrompe o Grego;
Dava p'ra o ver uma perna!
Achei um asno às direitas,
Posso apagar a lanterna.”

AO DOUTOR DOS MANUSCRITOS.

PETIÇÃO.

Senhor! umas pobres traças
 Dos fundos do Garnier,
 Que lá estavam certo dia,
 Quando sua senhoria
 Lá foi fazer não sei quê,
 Maldizem sua má sina
 Ao lembrar seus doutos ditos
 De ir vender seus manuscritos
 Ao imperador da China;
 E isto... oh vergonha! oh! dor!

Porque de quantos governos
 Há neste mundo de Cristo,
 O nosso, já está bem visto,
 Que é de todos o pior.

Pois as sobreditas traças,
 Com o respeito devido,
 Lhe pedem seja servido
 Revogar tais ameaças,
 Atendendo ao seu direito,
 Que humildes passam a expor!

D'abord, parece mal feito
 Que um tão inteiro sujeito,
 Como é vossa senhoria,
 Homeopata e doutor,
 Honra e glória da Bahia,
 E brasileiro como é,
 Revele dêsses segredos,
 Que nos dão sustos e mêdos,
 Em casa do Garnier!

Eis que França e Inglaterra
 E americanos também
 Ligam-se e em larga súcia
 Por mar em fora lá vêm ⁶⁷⁸
 A esta terra de mouros,
 E perguntam: "Quem os tem
 Êsses divinos tesouros?
 Venha aqui o doutor Plágio
 A no-los vender... *God-Dam!*"
 E apenas aqui chegados,
 Ficam todos endiabrados,
 E soco velho, armas, fogo,
 Murros e queixos quebrados,
 Guerra e sangueiras fatais...
 E de tantos males causa
 Sereis, ó Marcos Mirais!
 Mas se isto não acontece, ⁶⁷⁹
 Estas muitas suplicantes
 Não podem sofrer caladas
 Epigramas fulminantes
 Contra êste pobre govêrno!
 É um govêrno paterno,
 Senhor doutor, — pai e amigo
 Do povo traça — modêlo
 De quantos governos há!
 Pois qual outro ajuntará
 Com cuidados incessantes
 Essa imensa papclada,
 Que é pasto, cama e morada

Destas cujas suplicantes?!
 E eis as razões por que
 (Fora mil outras razões
 Que ofendem a cortesia)
 Parecem indiscrições
 O que vossa senhoria
 Disse ao senhor Garnier.

D. EMÍLIA.

Já mimosas as flores desabroçam,
 Já mais ledos os pássaros gorjeiam;
 Mas nem aves nem flores
 Nos dizem sós que a Primavera chega,
 Que já freme na fôlha envilecida
 Do inverno aos crus rigores.

Que também tu, Musa gentil, despertas!
 Aura d'amor sussurra-te na lira
 Dulcíssima canção!
 Ridente arbusto, quando o vento o agita
 Do perfumado orvalho de mil flores
 Cobre e matiza o chão.

Canta, Musa gentil, que a poesia
 Nos lábios da mulher soa mais doce,
 Mais espontânea vem
 No albor da vida: em coração de virgem,
 Que sonha amor e d'ilusões se nutre,
 Seu próprio ninho tem.

Canta, Musa gentil! Há nos teus versos
 Um mimo tal que a pátria nos recorda,
 Que enternece, que apraz
 Como o pudor da sensitiva, a queixa
 Da casuarina, da baunilha o aroma,
 O olor do sassafráz!

O céu faz dom da lira aos que mais ama.
 Feliz quem pode a dor lenir cantando,
 Mas inda mais feliz
 Quem da existência os arrebois, com ela,
 Dissolve nas mil faces dêsse prisma
 Que vida e amor se diz.

Canta, e verás que aceitos são teus cantos,
 Verás também que mesmo entre soluços
 Aplaudem-te os mesquinhos!
 De rosas festivos cingem-te a fronte,
 Invejam-te! mas tu no entanto sofres,
 Que há nessa c'roa espinhos!

Qu'importa? Na miséria dêste mundo
 À dor, que surda lavra por nossa alma,
 O rosto mal condiz!
 Estala o coração, riem-se os lábios!
 Invejam-te?... Pois bem! Ser invejada
 É quase ser feliz!

Lisboa — 22 de Fevereiro de 1864.

É ALEGRE A FLOR QUE BROTA.

É alegre a flor que brota
Sôbre o talo melindroso,
E o arrebento viçoso
Crescendo em flôreo tapiz:
É doce o romper da aurora,
Doce a luz da madrugada,
Doce o luzir da alvorada,
Doce, mimoso e feliz.

É bela a virgem risonha
Com seus músicos acentos,
Com seus virgens pensamentos,
Com seus mimos infantis.
Como quanto enceta ⁶⁸⁰ a vida,
Que à luz sorri da existência,
Que tem na sua inocência
Da mocidade o verniz.

Vinga a flor a pouco e pouco,
Cada vez mais bem querida,
Tem mais encantos, mais vida,
Tem mais brilho, mais fulgor.
De cada gôta de orvalho
Extrai celeste perfume,
E do sol num raio assume
Cada vez mais viva côr.

Assim à virgem risonha
Pouco a pouco, noite e dia,
Mais viva flor de poesia
Do rosto sente na côr;
E um anjo nos meigos sonhos
No peito — da sua essência —
Derrama o odor da inocência
— Um doce raio de amor.

Porque tudo quanto nasce,
Seja a luz da madrugada,
Seja o romper da alvorada,
Seja a virgem, seja a flor,
Tem mais amor, tem mais vida,
Como recente feita,
Caindo formosa e pura
Dentre as mãos do Criador.

Lisboa — 1864.

SEU NOME.

(IMITAÇÃO).

O som do nome seu é doce aos lábios,
Macio se desliza e flui risonho,
Como entre flores um regato corre,
Como entre as faces de pulido prisma
A luz ostenta um íris luminoso.

É como a aurora boreal seu nome,
Como êsses meteoros, que em uma noite
De sereno luar, cortando as nuvens,
Deixam nelas um traço de luz branca,
Qu'afaga os olhos, e o prazer semelha!

É como a luz do sol, como o perfume
De missiva d'amor, ou semelhante ⁶⁸¹
Ao silêncio da noite, à luz do dia,
Ao pipitar dos pássaros no bosque,
Ao murmurar da fonte em quadra estiva.

E' da cidade eterna o nome santo,
E' o meu talismã, é o meu nume,
O astro, a glória, o símbolo, o segrêdo
Desta vida cansada, o sol dos pólos
Bordando os céus num círculo de fogo!

Seu nome só direi nalgum momento
D'extrema dor, como em baixel que afunda
Em alto mar, em noite tormentosa,
Ou nos últimos bocejos da existência.

O seu nome é a luz, o amor, a vida,
A felicidade, o paraíso, o signo
Do rei que desfazia encantamentos,
— O signo dos milagres e prodígios
E' o seu nome; pois que a amei, e vivo!

Lisboa — 1864

AMOR DE ÁRABE.

De cava rocha musgosa
Serena fonte caía,
Caía por entre pedras,
Por entre flores corria.

A essa fonte querida,
Amor do seu coração,
Vinha, sempre, à tarde, a jovem
Bela filha do Sultão.

E sempre junto da fonte
Via ela de cada vez
Um moço d'olhos ardentes,
Coberto de palidez.

Um dia — não se conteve;
Vai-se-lhe a êle veloz: ⁶⁸²
"Dize quem és, eu to ordeno,
Que estás aqui sempre a sós."

— Escravo sou — diz-lhe o moço,
E mais e mais perde a côr;
— Sou duma tribo d'Arábia
Que morre, em sentindo amor. —

MINHA TERRA!

Quanto é grato em terra estranha,
Sob um céu menos querido,
Entre feições estrangeiras,
Ver um rosto conhecido;

Ouvir a pátria linguagem
Do berço balbuciada,
Recordar sabidos casos
Saudosos — da terra amada!

E em tristes serões d'inverno,
Tendo a face contra o lar,
Lembrar o sol que já vimos,
E o nosso ameno luar!

Certo é grato; mais sentido ⁶⁸³
Se nos bate o coração,
Que para a pátria nos voa,
P'ra onde os nossos estão!

Depois de girar no mundo
Como barco em crêspo mar,
Amiga praia nos chama
Lá no horizonte a brilhar.

E vendo os vales e os montes
E a pátria que Deus nos deu,
Possamos dizer contentes:
Tudo isto que vejo é meu!

Meu êste sol que me aclara,
Minha esta brisa, êstes céus;
Estas praias, bosques, fontes,
Eu os conheço — são meus!

Mais os amo quando volte,
Pois do que por fora vi,
A mais querer minha terra,
E minha gente aprendi.

Paris — 1864.

POESIAS TRADUZIDAS. ⁶⁸⁴

A TRISTE FLOR.

(VICTOR HUGO)

A linda borboleta alibrilhante
A flor dizia assim:
Que diferentes somos! Vês que eu fico,
E tu foges de mim!

Nós vivemos contudo sem os homens,
Sem êles nos amamos,
E ambas formosas, ambas flores, dizem
Que nós nos semelhamos. ⁶⁸⁵

Mas o ar te conduz!.. e eu fico prêsa!..
Que fado o meu!
Com meu perfume antes soprar quisera
No céu — o vôo teu.

Mas não, que longe vais!.. por entre as flores
Me vais fugindo.
E eu fico a ver-me a sombra que na terra
Se está bulindo.

Vais e voltas e foges para longe
Mais caprichosa:
Assim m'encontras sempre a cada aurora
Tôda chorosa.

Ah! porque d'ora avante ⁶⁸⁶ não soframos
Mágoas cruas,
Como eu, cria raiz, — ou presta-me asas,
Como as tuas.

Ou rosa ou borboleta, — a morte cedo
Nos vem buscar,
Não a esperemos, não: vivamos juntas
Num só lugar.

Num só lugar, ou sejam mansos ares,
Se ali te exaltas;
Ou sejam campos, se é ali que a relva
De pranto esmaltas!

Não importa o lugar! — o quer que sejas,
Alento ou côr,
Ou corola orvalhada, ou borboleta,
Ou asa ou flor.

Vivamos juntas, onde mais te agrade:
Pouco importa o lugar:
Que ou seja terra ou céu, estando juntas,
Nos havemos de amar.

PROFECIA DO TEJO.

(TRAD. DO ESPANHOL)

Folgava el-rei Rodrigo
Com a formosa Cava — na ribeira
Do Padre Tejo amigo!
O rio — a sobranceira
Frente eleva, e lhe diz desta maneira: ⁶⁸⁷

“Em hora infausta gozes
Do roubo injusto, ó rei! que o arruído
Escuto já, e as vozes
E as armas e o bramido
De Marte, — de furor e armas cingido!

“Ah! quanto essa alegria
De prantos está cheia!... E essa formosa
(Nascida em triste dia),
A Espanha, ai! quão custosa!
Quanto ao cetro dos Gôdos lastimosa!

“Chamas, e luto e guerras,
Mortes e assolções e duros males
Nos braços teus encerras!
Trabalhos imortais
A ti, e a teus vassallos naturais;

“Aos que em Constantina
Rompem o fértil solo, — a quantos banha
O Ebro, e à vizinha
Sansuenha, e à Lusitânia
E a tôda triste e dilatada Espanha!

“Já lá de Cádiz chama
O injuriado Conde (que à vingança
Atende, e não à fama)
A bárbara pujança
De quem para teu mal não tem tardança!

“Ouve que o céu já toca
Com temeroso som a trompa fera,
Que em África convoca
Os moiros à bandeira,
Que livre ao ar desdobra-se ligeira!

“A lança já maneja
O árabe cruel, e fere os ventos,
Incitando à peleja
Inumeráveis centos
D'esquadras juntas em alguns momentos!

“A gente cobre o solo!
Já debaixo das velas desaparece
O mar, — a voz ao pólo
Confusa e vária cresce:
O pó encobre o dia e o escurece!

“Ai, que já pressurosos
Sobem as largas naus! — ai que já tendem
Os braços vigorosos
Aos remos, — e já rendem
Os crespos mares, que robustos fendem!

“O Éolo direito
De pôpa enfuna a vela; e larga entrada
D'Hércules pelo estreito,
Em hora malfadada,
O grão Padre Netuno of'rece à armada.

“Ai, triste! inda te prende
O regaço ominoso?! — nem chamado
Ao grande mal que pende
Acodes! — Pois tomado
Não vês o pôrto a Hércules sagrado?!

“Oh! corre sem demora!
Desce da serra altiva, ocupa o plano:
Não perdoes à espora,
Foge ao ócio tirano,
Qu'ora convém brandir o ferro insano!

“Ai! quão dura fadiga!
Ai! quanto de suor vê-se iminente
A quem veste loriga,
Ao infante valente,
Aos homens e aos cavalos juntamente!

“E tu, Betis divino,
De sangue alheio e teu todo manchado,
Quanto ao mar vizinho
Vais dar d'elmo quebrado,
Quanto corpo de nobres destróçado!

“O furibundo Marte
Cinco vêzes as sortes desordena,
Iguais de parte a parte:
Na sexta, ai! te condena,
Ó cara pátria, a dura e servil pena!”

TENS JÓIAS E DIAMANTES.

(HEINE)

Tens jóias e diamantes,
Quais não têm tuas rivais,
Tens os mais belos dos olhos....
Amor, que desejas mais?

E sôbre êsses olhos belos
Já de carmes imortais
Tenho composto volumes....
Amor, que desejas mais?!

E com êsses olhos belos,
Até não quereses mais,
Tens-me pôsto à dependura....
Amor, que desejas mais?!

—
VEM, Ó BELA GONDOLEIRA.

(HEINE)

Vem, ó bela gondoleira!
Ferra a vela, — junto a mim
Te assenta.... — Quero as mãos dadas,
E conversemos assim.

Põe no meu peito a cabeça,
Não tens de que rechar,
Que sem temor, cada dia,
Te fias do crêspo mar!

Minha alma semelha o pego,
Tem maré, tormenta e onda;
Mas finas perlas encontra
Nos seus abismos a sonda.

—
NÃO TE DIZ MEU ROSTO PÁLIDO.

(HEINE)

Não te diz meu rosto pálido
Que eu morro de amor por ti?!...
Queres que a bôca o proclame,
Quebre orgulhosa por si!..

Oh! que esta bôca mal sabe
Beijar, sorrisos compor,
Dizer sardônicos ditos
Enquanto eu morro de dor!

—
TENHO VENENO NOS VERSOS.

(HEINE)

Tenho veneno nos versos!....
Pois que menos pode ser?
Era eu quase uma criança,
Quando mo deste a beber.

Tenho veneno nos versos!...
 Pois seja: veneno têm.
 Também tenho serpes n'alma
 E a ti, amada, também.

Tu, meu anjo fiel, desce do Empíreo:
 Traz-me a c'roa do triunfo egrégio!
 Será mais doce o ar por ti movido,
 Mais breve ao céu m'exalçarei contigo!

AMBOS SE AMAVAM!...

(HEINE)

Ambos se amavam, contudo
 Nenhum ao outro o dizia,
 Viam-se como inimigos!...
 E um por outro morria.

Separam-se enfim!... nos sonhos
 Talvez um ao outro via;
 Já tinham morrido n'alma...
 Nenhum do outro o sabia!

LÍRIO E ROSA.

(HERDER)

De amor ó rosa, ó lírio da inocência,
 Como belas irmãs vos vejo unidas,
 Mas quanto sois diversas!

Tu, da inocência flor, tens própria c'roa!
 Sem adorno de flores, n'hástea nua,
 Te susténs a ti mesma.

Tu co'o sangue do amor tingida, ó rosa,
 De seus farpões cruéis rasgado o seio,
 Mostras em tórno espinhos!

FORTIFICA-ME, Ó DEUS!

(TRAD. DO ALEMÃO)

Fortifica-me, ó Deus, por tuas chagas
 Fundas de morte, quando a venturosa
 Doce hora, que do céu nos mostra as palmas,
 Ao meu leito de morte te aproxime.

Tu, me bafeja então co'as mansas asas,
 Sossegado descanso! — Espectros feios
 Dos meus pecados maus, fugi, parti-vos
 Do leito da aflição, onde cansado ⁶⁸⁹
 Meu turvo olhar em lágrimas se apague!

Quem desta vida inquieta já transido
 À ridente mansão fôsse convosco!
 Quem já convosco ajoelhado, ó anjos,
 De Cristo redentor beijasse o trono!

A CAMISA ENCANTADA.

(UHLAND)

“Tenho d'ir-me aos combates, filha cara,
 “E o influxo dos astros me é contrário;
 “Por isso um encantado vestuário
 “Tu, virgem, co'a mão débil me prepara.”

— Como é, pai meu, que vestes de batalhas
 — De mim, fraca mocinha, te prometes?
 — Aço não sei bater, não forjo malhas,
 — Apenas fio e teço em meus retretes. —

“Sim, fia; mas na santa noite seja;
 “Dedica a trama ao inferno, e, quando urdida,
 “Longa camisa talha-me e comprida,
 “Que nos sangrentos prélios me proteja.”

Na noite santa, à lua cheia, cedo
 Ei-la sòzinha a trabalhar, e logo
 “Seja em nome do inferno!” diz a ⁶⁹⁰ mêdo,
 E o fuso gira em círculos de fogo.

Já, sentada ao tear, o fio atira
 Ao ordume fatal, — tempo não sobra:
 Murmuroso o tear silva e respira,
 Qual se demônios dessem pressa à obra!

As hostes prestes são; delas na frente,
 O duque em traje singular campeia,
 Em opa longa, larga, alvinitente,
 D'imagens vãs, d'estranhos signos cheia.

Como ante um 'spectro, o imigo cede o passo,
 Não se lhe atreve alguém, ninguém o afronta;
 Contra êle não tem fôrça o melhor aço,
 A mais aguda seta se desponta.

Eis que um donzel em frente dêle pula!
 — Alto, assassino, diz: além não passas!
 — Já não te valerão do inferno as traças,
 — Desfez-se o encanto, — essa obra negra é nula.—

Ardem os dois em fúria carniceira;
 Rasga-se a opa ao duque: tinge o chão
 Seu sangue, — volvem-se ambos na poeira
 E um do outro amaldiçoa a mão!

Escuta a filha o lamentoso evento:
 “Aonde o duque jaz, êsse homem forte?”
 Descobre os dois a porfiar co’a morte,
 E vendo-os solta horrífico lamento.

“Filha, és tu?! desgraçada criatura!
 “Como o traidor vestido me teceste?
 “Pois d’invocar o inferno te esqueceste,
 “Ou já não tinhas mão de virgem pura?”

— Sim, o inferno invoquei; mas já não era
 — Virgem, quem teceu teu vestuário;
 — Êsse, que ao lado tens, me conhecera...
 — O que fiz, ai de mim! foi teu sudário. —

O AMÉM DAS PEDRAS.

(KOSEGARTEN)

Bem que de velho e cego, o santo Beda
 De pregar não cessava a alegre nova.
 Por cidades, aldeias, povoados
 Ia por mão de um moço o pio velho
 Com fogo e zêlo juvenil pregando.

Eis de uma vez o moço a um vale o guia
 De grandes pedras sôltas semeado;
 Mais leviano, que mau, então lhe fala:
 “Reverendo senhor, aqui reunidos
 “Stão muitos homens do sermão à espera.”
 Ergue-se o bom do velho incontinente,
 Escolhe um texto logo, explana-o, aplica-o,
 Ameaça, consola, exorta, anima
 Com tanto zêlo e devoção, que as lágrimas
 Caem-lhe em fios pelas brancas barbas.

Quando êle concluindo, o Padre-Nosso,
 Qual convém, recitava, proferindo:
 “Teu é o reino, Senhor, é tua a glória,
 “Bendito o nome teu seja p’ra sempre!”
 Eis que em redor no vale infindas vozes:
 — Amém, bendito Padre, amém! — respondem.

De remorso e pavor tomado o moço
 Ajoelha e confessa a culpa grave!
 “Filho, torna-lhe o velho, pois não leste:
 “Hão de as pedras falar, se os homens calam? ⁶⁹¹
 “Nem mais, para o futuro, ó filho, zombes
 “Da palavra de Deus! Ê forte, e viva,
 “E mais que um gládio de dois gumes corta
 “Essa palavra; e se, para afrontá-la
 “Humanos corações se empedernissem,
 “Pedras em corações se converteram.”

SONETO.

(ROLLI)

— Dize-me tu, pastorzinho,
 Se aqui estás desde manhã,
 Viste passar, — sabes onde
 Está minha Egéria louçã?

“Anda aqui o seu rebanho,
 Mas há pouco, além, eu vi-a,
 Tão certo que por sinal
 Seu cordeirinho a seguia.

— Ia só com seu cordeiro?
 “Não, — ia mais um pastor.”
 — Era Sílvio? — “Êsse mesmo;

“Mas que tens? Mudas de côr!”
 — Feliz de ti, pastorzinho:
 Não sabes o que é amor. —

SÔBOLOS RIOS.

(LOPE DA VEGA)

Junto às margens dos rios,
 De Babilônia — a descantar, ⁶⁹² sentados,
 Passados desvarios,
 Escravos, afligidos e cansados,
 Choramos ternamente
 Com a memória de Sião ausente.

Os doces instrumentos,
 Que o Senhor das batalhas lá louvaram
 Em tempos mais contentes,
 E que nossas vitórias celebraram, ⁶⁹³
 Quando presos ficamos,
 Aos salgueiros estranhos penduramos.

Nossos donos, por dita,
 Ou por curiosidade, ou por vingança,
 Ou porque em tal desdita
 Também piedade ao vencedor alcança:
 “Cantai, cantai” disseram;
 Com que mais nossas lágrimas cresceram.

E os que conduziam
 Cativos — nossos filhos e mulheres,
 Os hinos nos pediam,
 Que aumentavam por lá nossos prazeres,
 E, em casos tão adversos,
 Os cantos de Sião, os tristes versos!

Mas em resposta, nós
 A ⁶⁹⁴ seus rogos, chorando, respondemos:
 “Como pretendes vós
 Que a rojar ferros, míseros cantemos
 Nesta infeliz cadeia,
 Versos da pátria amada em terra alheia?

“Se de ti me olvidar,
Doce Jerusalém, agora ou logo,
E de ti longe cantar,
Mirre-se, pois cedeu à fôrça ou rôgo,
A mão que as cordas toca,
Quando tal sorte lágrimas provoca.

“E se, cantando, der
Sinal de que perdi tôda a memória,
Enquanto assim viver,
Cidade santa, ausente dessa glória,
A língua se me apegue
Na garganta, e respirar me negue.

“Nem justo é que se diga
Que eu possa haver jamais contentamento
Entre gente inimiga:
Antes prefiro a todo o sentimento,
E até à ⁶⁹⁵ vida cara
Ver-te feliz, Jerusalém preclara!

“No entanto, ó rei divino,
O castigo prepara ao Idumeu,
Que sendo-nos vizinho,
Não acudiu-nos, — antes ao Caldeu
Auxiliou, no dia ⁶⁹⁶
Em que a triste cidade nos rendia.

“E com voz arrogante,
Mostrando em nosso mal seu ódio injusto,
Ia a bradar diante:
— Arrasai, destruí, sem dó, sem susto;
Nem deixe a vossa espada
Pedra, que torne a ser edificada!

“Tu, Babilônia, agora
Triunfa!... Deus marcará o dia!
Abençoada a hora
Em que pagues tão bárbara ousadia;
Ditoso quem viver,
E o capitão, que tal vingança houver!

“E qual já nos fizestes,
Das mães os tenros filhos arrancando,
Hão de fazer a êstes
Que tendes caros, — hão de, os pais olhando,
Travar das louras tranças,
Para arrojá-los contra agudas lanças.”

O ANJO DOS OLHOS NEGROS.

(EMÍLIO ADET)

Quando o sono me pesa nos olhos,
Revoar sinto em tórno de mim
Vaga sombra, que ameiça os meus sonhos —
Talvez forma de algum serafim.

Tôda a noite um adejo suave
Me acalenta com meigo frescor:
Vem, meu anjo dos cílios retintos,
Vem levar-me nas asas do amor.

Passo a noite, se acaso repouso,
Sempre a ver-te nos meus sonhos d'oiro —
Alva a tez, breve a bôca rosada,
Sob o véu escondido um tesouro.

Numa rêde de encantos me prendes
Com grinaldas de místico olor:
Vem, meu anjo dos cílios retintos,
Vem levar-me nas asas do amor.

Bela fada que doiras meus sonhos,
Que simpática a vida me fêz,
Já não és ilusão mentirosa,
Eu te vejo acordando talvez.

Belo anjo de uma alma celeste,
Que és resumo de graça e pudor:
Vem, meu anjo dos cílios retintos,
Vem, m'arrouba d'extremos de amor.

FRAGMENTO DA *DIVINA COMÊDIA*.

Purgatório — Canto VI.

.....
Mostrar-vos um atalho talvez possa
O Espírito que vês — além sentado
Com os olhos sôbre nós. — Assim Vergílio ⁶⁹⁷
E nós ao pé do Espírito — chegamos.
Oh! como eras ali — alma lombarda,
No rosto — desdenhosa — e altiva — tanto
Como dos olhos no volver — tardia!
Viu-nos sem pasmo — majestosa e muda —
Deixando-nos passar nos encarava
Semelhante ⁶⁹⁸ ao Leão, que em paz descansa.
Pedi-lhe o guia meu, que nos dissesse
De subir o rochedo a melhor via.
Foi muda ao responder — mas perguntou-nos
Qual era a nossa pátria, e os nossos nomes,
E o meu doce Vergílio — começava:
Em Mântua... e a sombra comovida e alegre
Ergue-se do lugar — em que era dantes —
Clamando: Ó Mantuano — eu sou Sordelo,
Da tua pátria sou. — De pátria ao nome,
Nela pensando, se abraçaram ledos.
Itália — Itália — do sofrer albergio,
Frágil batel em vagas tormentosas,
Sem pilôto — e sem leme — ó serva Itália,

Não dona de províncias — não rainha,
 Mas tributária vil — mas prostituta,
 Não ouviste? a gentil alma penada
 Afeita aos pátrios sons — afeita à doce
 Concórdia já passada — ergueu-se prestes
 Porque ⁶⁹⁹ abraçasse — da sua pátria ao filho —
 E hoje os teus que vivem — mútua guerra
 Se fazem — dos que encerra o mesmo valo
 Um cruamente despedaça o outro.
 Sôbre o teu litoral — os olhos baços
 Mísera estende — no teu seio os fixa
 E um só recanto — não verás pacífico!

.....
 Ó Alberto, alemão, que a abandonaste

Justa punição dos céus descendo
 Caia sôbre os teus — e tal seja ela
 Que o rei, teu sucessor, tema imitar-te!
 Pois que tu e teu pai — haveis querido,
 Por quererdes reinar — além dos Alpes,
 Que do Império o Jardim ficasse inculto;
 Ora vem ver Montechi e Cappelletti,
 Monaldi e Philippeschi — divididos —
 Que são escravos — ou que temem sê-lo;
 Verás, como te chora a tua Roma
 Viúva e triste e só — de noite e dia
 Entre amargos soluços repetindo:
 Ó César meu, porque de mim te fôste?!
 E vendo por que modo a gente se ama,
 Ou sente compaixão — ou tem vergonha
 Da imerecida fama — e do teu nome.
 E se lícito me é, Senhor superno
 Que sofreste por nós cruel martírio —
 Porque de sôbre nós tiraste os olhos?
 Ou porventura no profundo abismo
 Do teu alto pensar — melhor futuro
 A nós mortais oculto nos preparas?
 Que as províncias da Itália — já se encheram,
 Já fervem, já transbordam de tiranos,
 Que altos Marcelos — de vilões se fazem.

E tu — Florença minha — sê contente
 Com teu povo sutil — que a ti não chega
 Da mente o mau errar — pois não és rica,
 Pois não gozas de paz — pois não tens fastos
 Com que aos incréd'los provarias isto?
 Lacedemônia, Sparta — e Roma e tôdas
 Do bom viver civil — profícuas mães —
 Não o foram menos — do que o és agora?
 Menos o foram — do que tu, que forjas
 Decretos tão sutis — que a meio Outubro
 Não chegam — se em Setembro os fabricaste.
 No tempo ainda lembrado ah! quantas vêzes —

De costumes — de leis — d'ofícios — d'usos —
 Não tens refeito — e feito — e renovado?
 És tal — que és semelhante àquela enférma
 Que sôbre o leito aflito — se revolve,
 E só com o se mudar — de dores muda.

POSSÊIDON. 700

(HEINE)

Sôbre o mar que sem fim se desdobrava
 Tremia a luz do sol; no pôrto, ao longe
 Branquejava o navio
 Que transportar me deveria à Pátria.

Não era o vento de feição. Tranquilo
 Sentava-me eu nas dunas alvejantes
 Na solitária praia
 A ler os cantos da Odisséia, os carmes
 Antigos, mas eternamente belos
 D'imortal juventude, e dessas fôlhas
 Do salitre das ondas salpicadas
 Subia-me risonho
 O hálito dos Deuses,
 A primavera esplêndida da vida,
 E do Helas o céu resplandecente.

Meu nobre coração acompanhava
 Nos seus errores e aflições o filho
 Prudente de Laerte; ⁷⁰¹ de tristezas
 Cortado, e cabisbaixo, junto dêle,
 No lar hospitaleiro,
 Onde as rainhas púrpura fiavam,
 Sentava-me, ajudando-o nas mentiras,
 E a esquivar ditoso
 Braços de ninfas, covas de gigantes
 Acompanhava-o na ciméria noite
 Por entre tempestades e naufrágios,
 E sofria misérias indizíveis!

E suspirei: — Quanto és cruel, Possêidon!
 Tremenda é tua cólera!
 E a mim próprio me anseia
 O meu retôrno à Pátria!

Mal proferira estas palavras, quando
 O mar de luz espuma,
 E dentre as brancas ondas vai surgindo
 Do Deus do mar a fronte
 C'roada de caniços,
 E diz-me zombeteiro:

De mim nada receies, poetastro,
Em caso algum injuriar desejo
O teu pobre chaveco,
Nem ansiar teus preciosos dias
Com balanços por demais medonhos;
Pois tu, meu bom poeta,
Nunca contra ti me encheste d'ira,
Nem uma tôrre só, nem a somenos
De Príamo aluístes,
Nem trepaste de Tróia os sacros muros,
Nem um só cabelinho sapecaste
Dos cílios de meu filho Polifemo,

E nunca sobretudo protegeu-te 702
Rica de bons conselhos
Palas Atene, Deusa da Prudência!

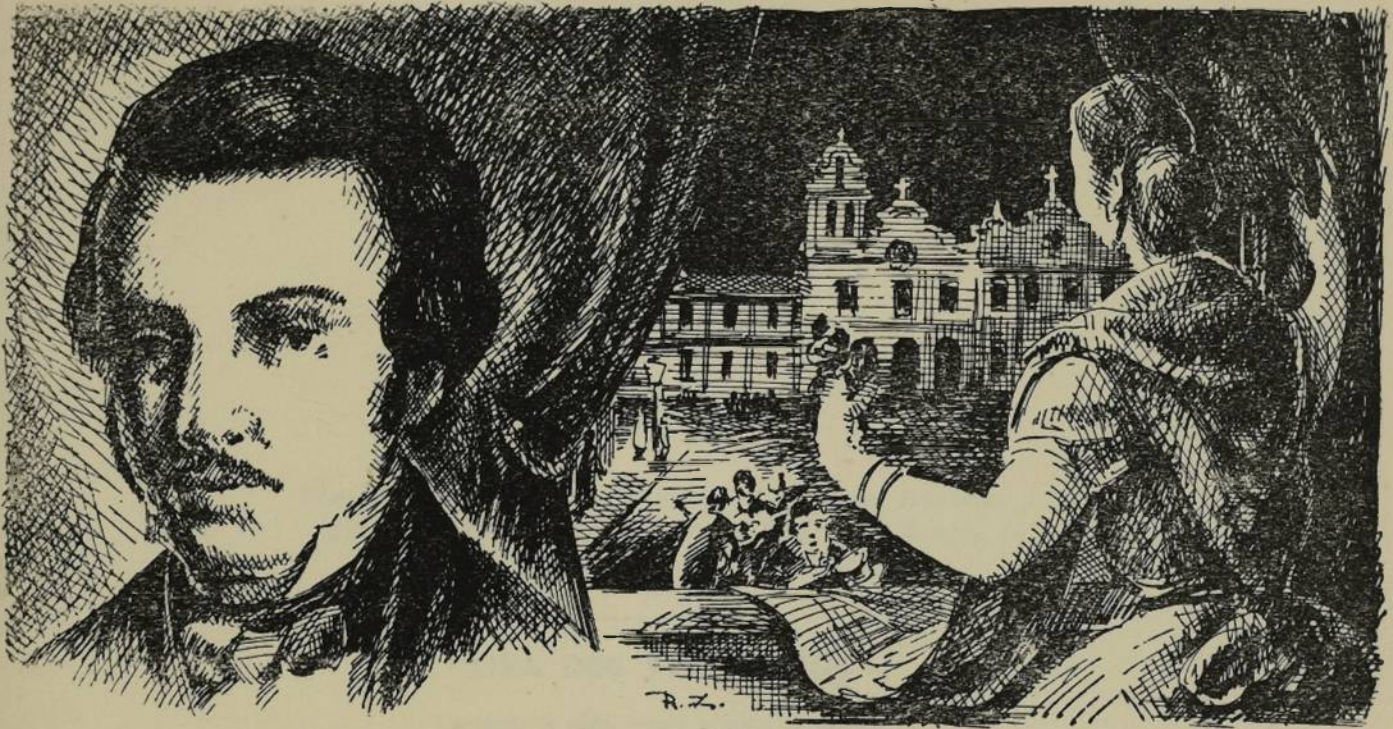
Assim falou Possêidon,
E assim falando se afundou nos mares;
Mas às grosseiras chufas do marujo
Por debaixo das ondas
Anfitrite, a divina regateira,
E as párvoas filhas de Nereu — se riram!

Lisboa, 3 de Maio de 1864





Alvares de Azevedo



— Foi poeta — sonhou — e amou na vida. — ...

MANOEL ANTÔNIO ÁLVARES DE AZEVEDO — Nasceu na cidade de São Paulo, em 12 de setembro de 1831. Aos dois anos foi levado para o Rio de Janeiro onde fez quase a totalidade de seus estudos primários e secundários, bacharelando-se no Colégio de Pedro II, em 1847. No ano seguinte matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo. Quatro anos acadêmicos foram de fecunda atividade literária, de invulgar aplicação aos estudos e de alguns atos de estúrdia e boêmia, muito do gosto de sua geração, impregnada de ceticismo e de desesperação byroniana. No começo de 1852 (5 de abril), acometido de um mal súbito (enterite, com perfuração do intestino, resultante de uma operação a que fôra submetido quarenta dias antes) veio a falecer. Álvares de Azevedo aparece em nosso romantismo quase ao mesmo tempo que Gonçalves Dias. A publicação póstuma de sua melhor obra poética, *Lira dos vinte anos* (1853), deu-lhe imediata glória nacional. Em 1862 publicam-se suas obras completas (ed. B. L. Garnier). O tempo só tem aumentado o prestígio dêste extraordinário poeta de vinte anos. O melhor de sua produção literária nasceu dos momentos de crise moral e de imaginação no campo do epicurismo e do fantástico.

POESIAS

Poesias / de / Manoel / Antonio Alvares de Azevedo. /
Rio de Janeiro / Typ. Americana, de J. J. da Rocha, /
Rua da Alfandega n. 210. / 1853.

LIRA DOS VINTE ANOS.

Cantando a vida, como o cisne a morte.

BOCAGE.

Dieu, amour et poésie sont les trois mots
que je voudrais seuls graver sur ma
pierre, si je mérite une pierre.

LAMARTINE.

ÃO os primeiros cantos de um pobre poeta. Desculpai-os. As primeiras vozes do sabiá não têm ⁷⁰³ a doçura dos seus cânticos de amor.

É uma lira, mas sem cordas: uma primavera, mas sem flores, uma coroa de fôlhas, mas sem viço.

Cantos ⁷⁰⁴ espontâneos do coração, vibrações doridas da lira interna que agitava um sonho, notas que o vento levou, — como isso dou a lume essas harmonias.

São as páginas despedaçadas de um livro não lido....

E agora que despi a minha musa saudosa dos véus do mistério do meu amor e da minha solidão, agora que ela vai seminua e tímida por entre vós, derramar em vossas almas os últimos perfumes de seu coração — ó meus amigos, recebei-a no peito, e amai-a como o consôlo que foi de uma alma esperançosa, que depunha fé na poesia e no amor — êsses dous raios luminosos do coração de Deus. ⁷⁰⁵

Se a terra é adorada, a mãe não é mais digna de
veneração.

Digest of hindu law.

Como as flores de uma árvore silvestre
Se esfolham sôbre a leiva que deu vida

A seus ramos sem fruto,
Ó minha doce mãe, sôbre teu seio
Deixa que dessa pálida coroa

Das minhas fantasias
Eu desfolhe também, frias, sem cheiro,
Flores da minha vida, murchas flores
Que só orvalha o pranto!

PRIMEIRA PARTE DA LIRA DOS VINTE ANOS

NO MAR.

Les étoiles s'allument au ciel, et la brise du soir erre
doucelement parmi les fleurs: rêvez, chantez et soupirez.

GEORGE SAND.

Era de noite — dormias,
Do sonho nas melodias,
Ao fresco da viração;

Embalada na falua,
Ao frio clarão da lua,
Aos ais do meu coração!

Ah! que véu de palidez
Da langue face na tez!
Como teus seios revoltos
Te palpitavam sonhando!
Como eu cismava beijando
Teus negros cabelos soltos!

Sonhavas? — eu não dormia;
A minh'alma se embebia
Em tua alma pensativa!
E tremias, bela amante,
A meus beijos, semelhante
Às fôlhas da sensitiva!

E que noite! que luar!
E que ardentias no mar!
E que perfumes no vento!
Que vida que se bebia
Na noite que parecia
Suspirar de sentimento!

Minha rôla, ó minha flor,
Ó madressilva de amor!
Como eras saudosa então!
Como pálida sorrias
E no meu peito dormias
Aos ais do meu coração!

E que noite! que luar!
Como a brisa a soluçar
Se desmaiava de amor!
Como tôda evaporava
Perfumes que respirava
Nas laranjeiras em flor!

Suspiravas? que suspiro!
Ai que ainda me deliro
Sonhando a imagem tua
Ao fresco da viração, 706
Aos ais do meu coração,
Embalada na falua!

Como virgem que desmaia, 706
Dormia a onda na praia!
Tua alma de sonhos cheia
Era tão pura, dormente,
Como a vaga transparente
Sobre seu leito de areia!

Era de noite — dormias,
Do sonho nas melodias,
Ao fresco da viração;
Embalada na falua, 706
Ao frio clarão da lua,
Aos ais do meu coração!

SONHANDO.

Hier, la nuit d'été que nous prêtait ses voiles,
Était digne de toi, tant elle avait d'étoiles!

V. HUGO.

Na praia deserta que a lua branqueia, 707
Que mimo! que rosa, que filha de Deus!
Tão pálida — ao vê-la meu ser devaneia,
Sufoco nos lábios os hálitos meus!

Não corras na areia,
Não corras assim!
Donzela, onde vais?
Tem pena de mim!

A praia é tão longa! e a onda bravia
As roupas de gaza te molha de escuma;
De noite — aos serenos — a areia é tão fria,
Tão úmido o vento que os ares perfuma!
Fês tão doentia!
Não corras assim!
Donzela, onde vais?
Tem pena de mim!

A brisa teus negros cabelos soltou,
O orvalho da face te esfria o suor;
Teus seios palpitam — a brisa os roçou,
Beijou-os, suspira, desmaia de amor!
Teu pé tropeçou....
Não corras assim!
Donzela, onde vais?
Tem pena de mim!

E o pálido mimo da minha paixão
Num longo soluço tremeu e parou;
Sentou-se na praia; sôzinha no chão
A mão regelada no colo pousou!
Que tens, coração,
Que tremes assim?
Cansaste, donzela?
Tem pena de mim!

Deitou-se na areia que a vaga molhou.
Imóvel e branca na praia dormia;
Mas nem os seus olhos o sono fechou
E nem o seu colo de neve tremia.
O seio gelou?....
Não durmas assim!
Ó pálida fria,
Tem pena de mim!

Dormia — na frente que níveo suar!
Que mão regelada no lânguido peito!
Não era mais alvo seu leito do mar,
Não era mais frio seu gélido leito!
Nem um rressonar!....
Não durmas assim!
Ó pálida fria,
Tem pena de mim!

Aqui no meu peito vem antes sonhar
Nos longos suspiros do meu coração:
Eu quero em meus lábios teu seio aquecer,
Teu colo, essas faces, e a gélida mão!
Não durmas no mar!
Não durmas assim.
Estátua sem vida,
Tem pena de mim!

E a vaga crescia seu corpo banhando,
As cândidas formas movendo de leve!
E eu vi-a suave nas águas boiando
Com soltos cabelos nas roupas de neve!

Nas vagas sonhando
 Não durmas assim;
 Donzela, onde vais?
 Tem pena de mim!

E a imagem da virgem nas águas do mar
 Brilhava tão branca no límpido véu!
 Nem mais transparente luzia o luar
 No ambiente sem nuvens da noite do céu!
 Nas águas do mar
 Não durmas assim!
 Não morras, donzela,
 Espera por mim!

CISMAR.

Fala-me, anjo de luz! és glorioso
 A minha vista na janela à noite,
 Como divino alado mensageiro
 Ao ebrioso olhar dos frouxos olhos
 Do homem que se ajoelha para vê-lo
 Quando resvala em preguiçosas nuvens
 Ou navega no seio do ar da noite.

Romcu.

Ai! quando de noite, sòzinha à janela,
 Co'a face na mão eu te vejo ao luar,
 Porque, suspirando, tu sonhas, donzela?
 A noite vai bela,
 E a vista desmaia
 Ao longe na praia
 Do mar!

Por que essa lágrima orvalha-te os dedos,
 Como água da chuva a cheiroso jasmim?
 Na cisma que anjinho te conta segredos?
 Que pálidos mêdos?
 Suave morena,
 Acaso tens pena
 De mim?

Donzela sombria, na brisa não sentes
 A dor que um suspiro em meus lábios tremeu?
 E a noite, que inspira no seio dos entes
 Os sonhos ardentes,
 Não diz-te que a voz
 Que fala-te a sós
 Sou eu?

Acorda! não durmas da cisma no véu!
 Amemos, vivamos, que amor é sonhar!
 Um beijo, donzela! Não ouves? no céu
 A brisa gemeu....
 As vagas murmuram...
 As fôlhas sussurram:
 Amar!

AI JESUS!

Ai Jesus! não vês que gemo,
 Que desmaio de paixão
 Pelos teus olhos azuis?
 Que empalideço, que tremo,
 Que me expira o coração?
 Ai Jesus!

Que por um olhar, donzela,
 Eu poderia morrer
 Dos teus olhos pela luz?
 Que mortel! que morte bela!
 Antes seria viver!
 Ai Jesus!

Que por um beijo perdido
 Eu de gôzo morreria
 Em teus niveos seios nus?
 Que no occano dum gemido
 Minh'alma se afogaria?
 Ai Jesus!

ANJINHO.

And from her fresh and unpolluted flesh
 May violets spring!

Hamlet.

Não chorem! que não morreu!
 Era um anjinho do céu
 Que um outro anjinho chamou!
 Era uma luz peregrina,
 Era uma estrêla divina
 Que ao firmamento voou!

Pobre criança! dormia:
 A beleza reluzia
 No carmim da face dela!
 Tinha uns olhos que choravam,
 Tinha uns risos que encantavam!
 Ai meu Deus! era tão bela!

Um anjo d'asas azuis,
 Todo vestido de luz,
 Sussurrou-lhe num segrêdo
 Os mistérios de outra vida!
 E a criança adormecida
 Sorria de se ir tão cedo!

Tão cedo! que ainda o mundo
 O lábio visguento, imundo,
 Lhe não passara na roupa!
 Que só o vento do céu
 Batia do barco seu
 As velas d'ouro da poupa! 708

Tão cedo! que o vestuário
 Levou do anjo solitário
 Que velava seu dormir!
 Que lhe beijava risonho
 É essa florzinha no sonho
 Tôda orvalhava no abrir!

Não chorem! lembro-me ainda
 Como a criança era linda
 No frio da facezinha!
 Com seus lábios azulados,
 Com os seus olhos vidrados
 Como de morta andorinha!

Pobrezinho! o que sofreu!
 Como convulso tremeu
 Na febre dessa agonia!
 Nem gemia o anjo lindo,
 Só os olhos expandindo
 Olhar alguém parecia!

Era um canto de esperança
Que embalava essa criança?
Alguma estrêla perdida,
Do céu c'roadada donzela,
Tôda a chorar-se por ela
Que a chamava doutra vida?

Não chorem, que não morreu!
Que era um anjinho do céu
Que um outro anjinho chamou!
Era uma luz peregrina,
Era uma estrêla divina
Que ao firmamento voou!

Era uma alma que dormia
Da noite na ventania,
E que uma fada acordou!
Era uma flor de palmeira
Que um céu d'inverno murchou!

Não chores, abandonada
Pela rosa perfumada!
Tendo no lábio um sorriso
Ela foi-se mergulhar
— Como pérola no mar —
Nos sonhos do paraíso!

Não chores! chora o jardim
Quando murchado o jasmim
Sôbre o seio lhe pendeu?
E pranteia a noite bela
Pelo astro, pela donzela
Morta na terra ou no céu?

Choram as flores no afã,
Quando a ave da manhã
Estremece, cai, esfria?
Chora a onda quando vê
A boiar uma irerê
Morta ao sol do meio-dia?

Não chores! que não morreu!
Era um anjinho do céu
Que um outro anjinho chamou!
Era uma luz peregrina,
Era uma estrêla divina
Que ao firmamento voou!

ANJOS DO MAR.

As ondas são anjos que dormem no mar,
Que tremem, palpitam, banhados de luz...
São anjos que dormem, a rir e sonhar
E em leito d'escuma revolvem-se nus!

E quando de noite vem pálida a lua
Seus raios incertos tremer, pratear,
E a trança luzente da nuvem flutua,
As ondas são anjos que dormem no mar!

Que dormem, que sonham — e o vento dos céus
Vem tépido à noite nos seios beijar!
São meigos anjinhos, são filhos de Deus,
Que ao fresco se embalam do seio do mar!

E quando nas águas os ventos suspiram, 709
São puros fervores de ventos e mar:
São beijos que queimam... e as noites deliram,
E os pobres anjinhos estão a chorar!

Ai! quando tu sentes dos mares na flor
Os ventos e vagas gemer, palpitar,
Porque não consentes, num beijo de amor,
Que eu diga-te os sonhos dos anjos do mar?

I.

Tenho um seio que delira
Como as tuas harmonias!
Que treme quando suspira,
Que geme como gemias!

II.

Tenho músicas ardentes,
Ais do meu amor insano,
Que palpitam mais dormentes
Do que os sons do teu piano!

III.

Tenho cordas argentinas
Que a noite faz acordar,
Como as nuvens peregrinas
Das gaivotas do alto mar!

IV.

Como a teus dedos lindinhos
O teu piano gemeu,
Vibra-me o seio aos dedinhos
Dos anjos loiros do céu!

V.

Vibra à noite no mistério,
Se o banha o frouxo luar,
Se passa teu rosto aéreo 710
No vaporoso sonhar!

VI.

Como tremem teus dedinhos
O saudoso piano teu,
Vibram-me n'alma os anjinhos,
Os anjos louros do céu!

A CANTIGA DO SERTANEJO.

Love me and leave me not.

SHAKESPEARE. *Merch. of Venice.*

Donzela! se tu quiseras
Ser a flor das primaveras
Que tenho no coração!
E se ouviras o desejo
Do amoroso sertanejo
Que descora de paixão!

Se tu viesses comigo
Das serras ao desabrigo
Aprender o que é amar
— Ouvi-lo no frio vento,
Das aves no sentimento,
Nas águas e no luar!

— Ouvi-lo nessa viola,
Onde a modinha espanhola
Sabe carpir e gemer!
Que pelas horas perdidas
Tem cantigas doloridas,
Muito amor! muito doer!...

Pobre amor! o sertanejo
Tem apenas seu desejo
E as noites belas do vall!
Só — o ponche adamascado,
O trabuco prateado
E o ferro de seu punhal!

E tem — as lendas antigas
E as desmaiadas cantigas
Que fazem de amor gemer!
E nas noites indolentes
Bebe cânticos ardentes
Que fazem estremecer!

Tem mais — na selva sombria
Das florestas a harmonia,
Onde passa a voz de Deus,
E nos relentos ⁷¹¹ da serra
Pernoita na sua terra,
No leito dos sonhos seus!

Se tu viesses, donzela,
Verias que a vida é bela
No deserto do sertão!
Lá têm ⁷¹² mais aromas as flores
E mais amor os amôres
Que falam no coração!

Se viesses inocente
Adormecer docemente
À noite no peito meu!
E se quisesses comigo
Vir sonhar no desabrigo
Com os anjinhos do céu!

É doce na minha terra
Andar, cismando, na serra
Cheia de aroma e de luz,
Sentindo tôdas as flores,
Bebendo amor nos amôres
Das borboletas azuis!

Os veados da campina
Na lagoa, entre a neblina,
São tão lindos a beber!
Da torrente nas coroas
Ao deslizar das canoas
É tão doce adormecer!

Ah! ⁷¹³ se viesses, donzela,
Verias que a vida é bela
No silêncio do sertão!
Ah! morena! se quiseras
Ser a flor das primaveras
Que tenho no coração!

Junto às águas da torrente
Sonharias indolente
Como num seio d'irmã!
— Sôbre o leito de verduras
O beijo das criaturas
Suspira com mais afã!

E da noitinha as aragens
Bebem nas flores selvagens
Efluviosa fresquidão!
Os olhos têm ⁷¹⁴ mais ternura,
E os ais da formosura
Se embebem no coração!

E na caverna sombria
Tem um ai mais harmonia
E mais fogo o suspirar!
Mais fervoroso o desejo
Vai sôbre os lábios num beijo
Enlouquecer, desmaiar!

E da noite nas ternuras
A paixão tem mais venturas
E fala com mais ardor!
E os perfumes, o luar,
E as aves a suspirar,
Tudo canta e diz amor!

Ah! vem! amemos! vivamos!
O enlêvo do amor bebamos
Nos perfumes do sertão!
Ah! virgem, se tu quiseras
Ser a flor das primaveras
Que tenho no coração!...

Dreams! dreams! dreams!

W. COWPER.

Quando à noite no leito perfumado
Lânguida fronte no sonhar reclinas,
No vapor da ilusão porque te orvalha
Pranto de amor as pálpebras divinas?

E, quando eu te contemplo adormecida
Sôlto o cabelo no suave leito,
Porque um suspiro tépido ressona
E desmaia suavíssimo em teu peito?

Virgem do meu amor, o beijo a furto
Que pouso em tua face adormecida
Não te lembra no peito os meus amôres
E a febre do sonhar de minha vida?

Dorme, ó anjo de amor! no teu silêncio
O meu peito se afoga de ternura
E sinto que o porvir não vale um beijo
E o céu um teu suspiro de ventura!

Um beijo divinal que acende as veias,
Que de encantos os olhos ilumina,
Colhido a mêdo como flor da noite
Do teu lábio na rosa purpurina,

E um volver de teus olhos transparentes,
Um olhar dessa pálpebra sombria,
Talvez pudessem reviver-me n'alma
As santas ilusões de que eu vivia!

O POETA.

Un souvenir heureux est peut-être sur terre
Plus vrai que le bonheur!

A. DE MUSSET.

Era uma noite — eu dormia
E nos meus sonhos revia
As ilusões que sonhei!
E no meu lado senti...
Meu Deus! porque não morri?
Porque do sono acordei?

No meu leito — adormecida,
Palpitante e abatida,
A amante de meu amor!
Os cabelos recendendo
Nas minhas faces correndo
Como o luar numa flor!

Senti-lhe o colo cheiroso
Arquejando sequioso;
E nos lábios, que entr'abria
Lânguida respiração,
Um sonho do coração
Que suspirando morria!

Não era um sonho mentido;
Meu coração iludido
O sentiu e não sonhou:
E sentiu que se perdia
Numa dor que não sabia...
Nem ao menos a beijou!

Soluçou o peito ardente,
Sentiu que a alma demente
Lhe desmaiava a tremer:
Embriagou-se de enleio,
No sono daquele seio
Pensou que ele ia morrer!

Que divino pensamento,
Que vida num só momento
Dentro do peito sentiu...
Não sei... Dorme no passado
Meu pobre sonho doirado...
Esperança que mentiu!

Sabem as noites do céu
E as luas brancas sem véu
As lágrimas que eu chorei!
Contem do vale as florinhas
Esse amor das noites minhas!
Elas sim... eu não direi!

E se eu tremendo, senhora,
Viesses pálido agora
Lembrar-vos o sonho meu,
Com a fronte descorada
E com a voz sufocada
Dizer-vos baixo — Sou eu!

Sou eu! que não esqueci
A noite que não dormi,
Que não foi uma ilusão!
Sou eu que sinto morrer
A esperança de viver...
Que o sinto no coração! —

Riríeis das esperanças,
Das minhas loucas lembranças,
Que me desmaiavam assim?
Ou então, de noite, a medo
Chorariéis em segredo
Uma lágrima por mim?

Dorme, meu coração! em paz esquece
Tudo, tudo que amaste neste mundo!
Sonho falaz de tímida esperança
Não interrompa teu dormir profundo!

Tradução do Dr. Otaviano.

Fui um doudo em sonhar tantos amôres,
Que loucura, meu Deus!
Em expandir-lhe aos pés, pobre insensato,
Todos os sonhos meus!

E ela, triste mulher, ela tão bela,
Dos seus anos na flor,
Porque havia sagrar pelos meus sonhos
Um suspiro de amor?

Um beijo — um beijo só! eu não pedia
Senão um beijo seu,
E nas horas do amor e do silêncio
Juntá-la ao peito meu!

Foi mais uma ilusão! de minha fronte
Rosa que desbotou,
Uma estréla de vida e de futuro
Que riu... e desmaiou!

Meu triste coração, é tempo, dorme,
Dorme no peito meu!
Do último sonho despertei, e n'alma
Tudo! tudo morreu!

Meu Deus! porque sonhei, e assim por ela
Perdi a noite ardente,
Se devia acordar dessa esperança,
E o sonho era demente?...!

Eu nada lhe pedi — ousei apenas
Junto dela — à noitinha
Nos meus delírios apertar tremendo
A sua mão na minha!

Adeus, pobre mulher! no meu silêncio
Sinto que morrerei...
Se rias desse amor que te votava,
Deus sabe se te amei!

Se te amei! se minha alma só queria
Pela tua viver,
No silêncio do amor e da ventura
Nos teus lábios morrer!

Mas vota ao menos no lembrar saudoso
Um ai ao sonhador...
Deus sabe se te amei!... Não te maldigo,
Maldigo o meu amor!...

Mas não... inda uma vez... Não posso ainda
Dizer o eterno adeus
E a sangue-frio renegar dos sonhos
E blasfemar de Deus!

Oh! fala-me de amor — eu ⁷¹⁵ quero crer-te
Um momento sequer!
E esperar na ventura e nos amôres,
Num olhar de mulher!

Só um olhar por compaixão te peço,
Um olhar, mas bem lânguido, bem terno.
.....
Quero um olhar que me arrebate o siso,
Me queime o sangue, m'escureça os olhos.
Me torne delirante!

ALMEIDA FREITAS.

Sur votre main jamais votre front ne se pose,
Brûlant, chargé d'ennuis, ne pouvant soutenir
Le poids d'un douloureux et cruel souvenir;
Votre coeur virginal en lui-même repose.

TH. GAUTIER.

Ricorditi di me.....

DANTE. *Purgatório.*

Quando falo contigo, no meu peito
Esquece-me esta dor que me consome:
Talvez corre o prazer nas fibras d'alma:
E eu ousa ainda murmurar teu nome!

Que existência, mulher! se tu souberas
A dor de coração do teu amante,
E os ais que pela noite, no silêncio,
Arquejam no seu peito delirante!

E quanto sofre e padeceu, e a febre
Como seus lábios desbotou na vida,
E sua alma cansou na dor convulsa
E adormeceu na cinza consumida!

Talvez terias dó da mágoa insana
Que minh'alma votou ao desalento,
E consentira a virgem dos amôres
Descansar-me no seio um só momento!

Sou um doudo talvez de assim amar-te,
De murchar minha vida no delírio...
Se nos sonhos de amor nunca tremeste
Sonhando meu amor e meu martírio!

— E não pude, febril e de joelhos,
Com a mente abrasada e consumida,
Contar-te as esperanças do meu peito
E as doces ilusões de minha vida!

Oh! quando eu te fitei, sedento e louco,
Teu olhar que meus sonhos alumia,
Eu não sei se era vida o que minh'alma
Enlevava de amor e adormecia!

Oh! nunca em fogo teu ardente seio
A meu peito juntei que amor definha;
A furto apenas eu senti medrosa
Tua gélida mão tremer na minha!...

Tem pena, anjo de Deus! deixa que eu sinta
Num beijo esta minh'alma enlouquecer
E que eu viva de amor nos teus joelhos,
E morra no teu seio o meu viver!

Sou um doudo, meu Deus! mas no meu peito
Tu sabes se uma dor, se uma lembrança
Não queria calar-se a um beijo dela,
Nos seios dessa pálida criança!

Se num lânguido olhar, no véu do gôzo
Os olhos de Espanhola a furto abrindo
Eu não tremia — o coração ardente
No peito exausto remoçar sentindo!

Se no momento efêmero e divino
Em que a virgem pranteia desmaiando
E a c'roa virginal a noiva esfolha,
Eu queria a seus pés morrer chorando!

Adeus! rasgou-se a página saudosa
Que teu porvir de amor no meu fundia,
Gelou-se no meu sangue moribundo
Essa gôta final de que eu vivia!

Adeus, anjo de amor! tu não mentiste!
Foi minha essa ilusão, e o sonho ardente:
Sinto que morrerei... tu dorme e sonha
No amor dos anjos, pálida inocente!

Mas um ⁷¹⁶ dia... se a nódoa da existência
Murchar teu cálice orvalhoso e cheio,
Flor que não respirei, que amei sonhando,
Tem saudades de mim, que eu te pranteio!

NA MINHA TERRA.

Laisse-toi donc aimer! Oh! l'amour c'est la vie.
C'est tout ce qu'on regrette et tout ce qu'on envie,
Quand on voit sa jeunesse au couchant décliner.
.....
La beauté c'est le front, l'amour c'est la couronne,
Laisse-toi couronner!

V. HUGO

I.

Amo o vento da noite sussurrante
A tremer nos pinheiros
E a cantiga do pobre caminhante
No rancho dos tropeiros;

E os monótonos sons de uma viola
No tardio verão,
E a estrada que além se desenrola
No véu da escuridão;

A restinga d'areia onde rebenta
O oceano a bramir,
Onde a lua na praia macilenta
Veni pálida luzir;

E a névoa e flores e o doce ar cheiroso
Do amanhecer na serra,
E o céu azul e o manto nebuloso
Do céu de minha terra;

E o longo vale de florinhas cheio
E a névoa que desceu,
Como véu de donzela em branco seio,
As ⁷¹⁷ estrélas do céu.

I I.

Não é mais bela, não, a argêntea praia
Que beija o mar do sul,
Onde eterno perfume a flor desmaia
E o céu é sempre azul;

Onde os serros fantásticos roxeiam
Nas tardes de verão
E os suspiros nos lábios incendiam
E pulsa o coração!

Sonho da vida que doirou e azula
A fada dos amôres,
Onde a mangueira ao vento que tremula
Sacode as brancas flores,

E é saudoso viver nessa dormência
Do lânguido sentir,
Nos enganos suaves da existência
Sentindo-se dormir;

Mais formosa ⁷¹⁸ não é: não doire embora
O verão tropical
Com seus rubores a alvacenta aurora
Da montanha natal,

Nem tão doirada se levante a lua
Pela noite do céu,
Mas venha triste, pensativa — e nua
Do prateado véu —

Que me importa? se as tardes purpurinas
E as auroras dali
Não deram luz às diáfanas cortinas
Do leito onde eu nasci?

Se adormeço tranqüilo no teu seio
E perfuma-se a flor
Que Deus abriu no peito do poeta,
Gotejante de amor?

Minha terra sombria, és sempre bela,
Inda pálida a vida
Como o sono inocente da donzela
No deserto dormida!

No italiano céu nem mais suaves
São da noite os amôres,
Não tem mais fogo o cântico das aves
Nem o vale mais flores!

I I I.

Quando o gênio da noite vaporosa
Pela encosta bravia
Na laranjeira em flor tôda orvalhosa
De aroma se inebria,

No luar junto à sombra recendente
De um arvoredado em flor,
Que saudades e amor que influi na mente
Da montanha o frescor!

E quando à noite no luar saudoso
Minha pálida amante
Ergue seus olhos úmidos de gôzo,
E o lábio palpitante....

Cheia da argêntea luz do firmamento
Orando por seu Deus,
Então... eu curvo a fronte ao sentimento
Sôbre os joelhos seus....

E quando sua voz entre harmonias
Sufoca-se de amor,
E dobra a fronte bela de magias
Como pálida flor,

E a alma pura nos seus olhos brilha
Em desmaiado véu,
Como de um anjo na cheirosa trilha
Respiro o amor do céu!

Melhor a viração uma per uma
Vem as fôlhas tremer,
E a floresta saudosa se perfuma
Da noite no morrer...

E eu amo as flores e o doce ar mimoso
Do amanhecer da serra
E o céu azul e o manto nebuloso
Do céu da minha terra!

ITÁLIA.

AO MEU AMIGO O CONDE DE FÉ.

Veder Napoli e poi morir.

I.

Lá na terra da vida e dos amôres
Eu podia viver inda um momento;
Adormecer ao sol da primavera
Sôbre o colo das virgens de Sorrento!

Eu podia viver — e porventura
Nos luares do amor amar a vida;
Dilatar-se minh'alma como o seio
Do pálido Romeu na despedida!

Eu podia na sombra dos amôres
Tremor num beijo o coração sedento:
Nos seios da donzela delirante
Eu podia viver inda um momento!

Ó Anjo de meu Deus! se nos meus sonhos
Não mentia o reflexo da ventura,
E se Deus me fadou nesta existência
Um instante de enlêvo e de ternura,

Lá entre os laranjais, entre os loureiros,
Lá onde a noite seu aroma espalha
Nas longas praias onde o mar suspira,
Minha alma exalarei no céu da Itália!

Ver a Itália e morrer!... Entre meus sonhos
Eu vejo-a de volúpia adormecida:
Nas tardes vaporentas se perfuma
E dorme à noite na ilusão da vida!

E, se eu devo expirar nos meus amôres,
Nuns olhos de mulher amor bebendo,
Seja aos pés da morena Italiana,
Ouvindo-a suspirar, inda morrendo.

Lá na terra da vida e dos amôres
Eu podia viver inda um momento,
Adormecer ao sol da primavera
Sôbre o colo das virgens de Sorrento!

II.

A Itália! sempre a Itália delirante!
E os ardentes saraus, e as noites belas!
A Itália do prazer, do amor insano,
Do sonho fervoroso das donzelas!

E a gôndola sombria resvalando
Cheia de amor, de cânticos, de flores,
E a vaga que suspira à meia-noite
Embalando o mistério dos amôres!

Ama-te o sol, ó terra da harmonia,
Do Levante na brisa te perfumas:
Nas praias de ventura e primavera
Vai o mar estender seu véu d'escumas!

Vai a lua sedenta e vagabunda
O teu berço banhar na luz saudosa,
As tuas noites estrelar de sonhos
E beijar-te na frente vaporosa!

Pátria do meu amor! terra das glórias
Que o gênio consagrou, que sonha o povo,
Agora que murcharam teus loureiros
Fôra doce em teu seio amar de novo:

Amar tuas montanhas e as torrentes
E êsse mar onde bóia alcion dormindo,
Onde as ilhas se azulam no ocidente,
Como nuvens à tarde se esvaindo;

Aonde à noite o pescador moreno
Pela baía no batel se escoo,
E murmurando, nas canções de Armida,
Treme aos fogos errantes da canoa;

Onde amou Rafael, onde sonhava
No seio ardente da mulher divina,
E talvez desmaiou no teu perfume
E suspirou com êle a Fornarina!

E juntos, ao luar, num beijo errante
Desfolhavam os sonhos da ventura,
E bebiam na lua e no silêncio
Os eflúvios de tua formosura!

Ó Anjo do meu Deus, se nos meus sonhos
A promessa do amor me não mentia,
Concede um pouco ao infeliz poeta
Uma hora da ilusão que o embebia!

Concede ao sonhador, que tão sòmente
Entre delírios palpitou d'enleio,
Numa hora de paixão e de harmonia
Dessa Itália do amor morrer no seio!

Oh! na terra da vida e dos amôres
Eu podia sonhar inda um momento,
Nos seios da donzela delirante
Apertar o meu peito macilento!

Maio, 1851. — S. Paulo

A T....

No amor basta uma noite para fazer de um homem um Deus.
PROPÉRCIO.

Amoroso palor meu rosto inunda,
Mórbida languidez me banha os olhos,
Ardem sem sono as pálpebras doridas,
Convulsivo tremor meu corpo vibra:
Quanto sofro por ti! Nas longas noites
Adoeço de amor e de desejo
E nos meus sonhos desmaiando passa
A imagem voluptuosa da ventura....
Eu sinto-a de paixão encher a brisa,
Embalsamar a noite e o céu sem nuvens,
E ela mesma suave descorando
Os alvacentos véus soltar do colo,
Cheirosas flores desparzir sorrindo
Da mágica cintura.

Sinto na frente pétalas de flores,
Sinto-as nos lábios e de amor suspiro.
Mas flores e perfumes embriagam,
E no fogo da febre, e em meu delírio
Embebem na minh'alma enamorada
Delicioso veneno.

Estrêla de mistério, em tua frente
Os céus revela, e mostra-me na terra,
Como um anjo que dorme, a tua imagem
E teus encantos onde amor estende
Nessa morena tez a côr de rosa.
Meu amor, minha vida, eu sofro tanto!
O fogo de teus olhos me fascina,
O languor de teus olhos me enlanguesce, 719
Cada suspiro que te abala o seio
Vem no meu peito enlouquecer minh'alma!

Ah! vem, pálida virgem, se tens pena
De quem morre por ti, e morre amando,
Dá vida em teu alento à minha vida,
Une nos lábios meus minh'alma à tua!
Eu quero ao pé de ti sentir o mundo
Na tua alma infantil; na tua frente
Beijar a luz de Deus; nos teus suspiros
Sentir as virações do paraíso;
E a teus pés, de joelhos, crer ainda

Que não mente o amor que um anjo inspira,
Que eu posso na tua alma ser ditoso,
Beijar-te nos cabelos soluçando
E no teu seio ser feliz morrendo!

Dezembro, 1851.

CREPÚSCULO DO MAR.

Que rêves-tu plus beau sur ces lointaines plages
Que cette chaste mer qui baigne nos rivages?
Que ces mornes couverts de bois silencieux,
Autels d'où nos parfums s'élèvent dans les cieux?

LAMARTINE.

No céu brilhante do poente em fogo
Com auréola ardente o sol dormia:
Do mar doirado nas vermelhas ondas
Purpúreo se escondia.

Como da noite o bafo sôbre as águas
Que o reflexo da tarde incendiava,
Só a idéia de Deus e do infinito
No oceano boiava!

Como é doce viver nas longas praias
Nestas ondas e sol e ventania!
Como ao triste cismar encanto aéreo
Nas sombras preludia!

O painel luminoso do horizonte
Como as cândidas sombras alumia
Dos fantasmas de amor que nós amamos
Na ventura de um dia!

Como voltam gemendo e nebulosas,
Branças as roupas, desmaiado o seio,
Inda uma vez a murmurar nos sonhos
As palavras do enleio!...

Aqui nas praias onde o mar rebenta
E a espuma no morrer os seios rola,
Virei sentar-me no silêncio puro
Que o meu peito consola!

Sonharei — lá enquanto, no crepúsculo,
Como um globo de fogo o sol se abisma
E o céu lampeja no clarão medonho
De negro cataclisma;

Enquanto a ventania se levanta
E no ocidente o arrebol se ateia
No cinábrio do empíreo derramando
A nuvem que roxeia...

Hora solene das idéias santas
Que embala o sonhador nas fantasias,
Quando a taça do amor embebe os lábios
Do anjo das utopias!

Oceano de Deus! Que moribundo,
Do nauta na canção que voz perdida
Tão triste suspirou nas tuas ondas
Como um adeus à vida?

Que nau cheia de glória e d'esperanças,
Floreada ao vento a rúbida bandeira,
Na luz do incêndio rebentou bramindo
Na vaga sobranceira?

Porque ao sol da manhã, e ao ar da noite
Essa triste canção, eterna, escura
Como um treno de sombra e de agonia,
Nos teus lábios murmura?

É vermelho de sangue o céu da noite
Que na luz do crepúsculo se banha:
Que planeta do céu do rôto seio
Golfeja luz tamanha?

Que mundo em fogo foi bater correndo
Ao peito de outro mundo — e uma torrente
De medonho clarão rasgou no éter
E jorra sangue ardente?

Onde as nuvens do céu voam dormindo, ⁷²⁰
Que doirada mansão de aves divinas
Num véu purpúreo se enlutou rolando
Ao vento das ruínas?

CREPÚSCULO DAS MONTANHAS.

Pálida estrêla, casto olhar da noite, diamante luminoso
na fronte azul do crepúsculo, o que vês na planície?

OSSIAN.

I.

Além serpeia o dorso pardacento
Da longa serrania,
Rubro flameia o véu sanguinolento
Da tarde na agonia.

No cinéreo vapor o céu desbota
Num azulado incerto;
No ar se afoga ⁷²¹ desmaiando a nota
Do sino do deserto.

Vim alentar meu coração saudosos
No vento das campinas,
Enquanto nesse manto lutuoso
Pálida te reclinas,

E morre em teu silêncio, ó tarde bela,
Das fôlhas o rumor
E late o pardo cão que os passos vela
Do tardio pastor!

II.

Pálida estrêla! o canto do crepúsculo
Acorda-te no céu:
Ergue-te nua na floresta morta
Do teu doirado véu!

Ergue-te! eu vim por ti e pela tarde
Pelos campos errar,
Sentir o vento, respirando a vida,
E livre suspirar.

E' mais puro o perfume das montanhas
Da tarde no cair:
Quando o vento da noite ruge as fôlhas,
É doce o teu luzir!

Estrêla do pastor no véu doirado
Acorda-te na serra,
Inda mais bela no azulado fogo
Do céu da minha terra!

III.

Estrêla d'oiro, no purpúreo leito
Da irmã da noite, branca e peregrina
No firmamento azul derramas dia
Que as almas ilumina!

Abre o seio de pérola, transpira
Esse raio de luz que a mente inflama!
Esse raio de amor que ungiu meus lábios
No meu peito derrama!

IV.

Lo bel pianeta che ad amar conforta
Faceva tutto rider l'oriente.

DANTE. *Purgatório.*

Estrelinhas azuis do céu vermelho,
Lágrimas d'oiro sôbre o véu da tarde,
Que olhar celeste em pálpebra divina
Vos derramou tremendo?

Quem à tarde, crisólitas ardentes,
Estrêlas brancas, vos sagrou saudosas
Da frente dela na azulada c'roa
Como auréola viva?

Foram anjos de amor que vagabundos
Com saudades do céu vagam gemendo
E as lágrimas de fogo dos amôres
Sôbre as nuvens pranteiam?

Criaturas da sombra e do mistério,
Ou no purpúreo céu doireis a tarde,
Ou pela noite cintileis medrosas,
Estrêlas, eu vos amo!

E quando exausto o coração no peito
Do amor nas ilusões espera e dorme,
Diáfanos vindes lhe doirar na mente
A sombra da esperança!

Oh! quando o pobre sonhador medita
Do vale fresco no orvalhado leito,
Inveja às águias o perdido vôo,
Para banhar-se no perfume etéreo,
E nessa argêntea luz, no mar de amôres
Onde entre sonhos e luar divino
A mão eterna vos lançou no espaço,
Respirar e viver!

DESALENTO.

Porque havieis passar tão doces dias?

A. F. DE SERPA PIMENTEL.

Feliz daquele que no livro d'alma
Não tem fôlhas escritas,
E nem saudade amarga, arrependida,
Nem lágrimas malditas!

Feliz daquele que de um anjo as tranças ⁷²²
Não respirou sequer.
E nem bebeu eflúvios descorado
Numa voz de mulher!

E não sentiu a mão cheirosa e branca
Perdida em seus cabelos,
Nem resvalou do sonho deleitoso
A reais pesadelos!

Quem nunca te beijou, flor dos amôres,
Flor do meu coração,
E não pediu frescor, febril e insano,
Da noite à viração!

Ah! feliz quem dormiu no colo ardente
Da huri dos amôres,
Que sôfrego bebeu o orvalho santo
Das perfumadas flores,

E pôde vê-la morta ou esquecida
Dos longos beijos seus,
Sem blasfemar das ilusões mais puras
E sem rir-se de Deus!

Mas, nesse doloroso sofrimento
Do pobre peito meu,
Sentir no coração que à dor da vida
A esperança morreu!...

Que me resta, meu Deus?! aos meus suspiros
Nem geme a viração,
E dentro — no deserto do meu peito
Não dorme o coração!

PÁLIDA INOCÊNCIA.

Cette image du ciel — innocence et beauté!

LAMARTINE.

Porque, pálida inocência,
Os teus olhos em dormência
A mêdo lanças em mim?
No apêrto de minha mão
Que sonho do coração
Tremeu-te os seios assim?

E tuas falas divinas
Em que amor lânguida afinas,
Em que lânguido sonhar?
E dormindo sem receio
Porque geme no teu seio
Ansioso suspirar?

Inocência! quem dissera
De tua azul primavera
As tuas brisas de amor!
Oh! quem teus lábios sentira
E que trêmulo te abri
Dos sonhos a tua flor!

Quem ⁷²³ te dera esperança
De tua alma de criança,
Que perfuma teu dormir!
Quem dos sonhos te acordasse
Que num beijo t'embalasse
Desmaiada no sentir!

Quem te amasse! e um momento
Respirando o teu alento
Recendesse os lábios seus!
Quem lera, divina e bela,
Teu romance de donzela
Cheio de amor e de Deus!

SONETO.

Pálida à luz da lâmpada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ela dormia!

Era a virgem do mar, na espuma fria
Pela maré das águas embalada!
Era um anjo entre nuvens d'alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bela! o seio palpitando...
Negros olhos as pálpebras abrindo...
Formas nuas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti — as noites eu velei chorando,
Por ti — nos sonhos morrerei sorrindo!

ANIMA MEA.

E como a vida é bela e doce e amável!
Não presta o espinhal a sombra ao leito
Do pastor do rebanho vagaroso,
Melhor que as sêdas do lençol noturno
Onde o pávido rei dormir não pode?

SHAKESPEARE. Henr. VI, 3.^a p.

Quando nas sestras do verão saudoso
A sombra cai nos laranjais do vale
Onde o vento adormece e se perfuma,
E os raios d'ouro, cintilando vivos,
Como chuva encantada se gotejam
Nas fôlhas do arvoredado recendente,
Parece que de afã dorme a natura,
E as aves silenciosas se mergulham
No grato asilo da cheirosa sombra.

E que silêncio então pelas campinas!
A flor aberta na manhã mimosa,
E que os estos do sol d'estio murcham,
Cerra as fôlhas doridas e procura
Da grama no frescor doentio leito.
E' doce então das fôlhas no silêncio
Penetrar o mistério da floresta,
Ou reclinado à sombra da mangueira
Um momento dormir, sonhar um pouco!
Ninguém que turve os sonhos de mancebo,
Ninguém que o indolente adormecido
Roube das ilusões que o acalentam
E do mole dormir o chame à vida!

E é tão doce dormir! é tão suave
Da modorra no colo embalsamado
Um momento tranqüilo deslizar-se!
Criaturas de Deus se peregrinam
Invisíveis na terra, consolando
As almas que padecem, certamente
E' um anjo de Deus que toma ao seio
A frente do poeta que descansa!

Ó florestas! ó relva amolecida,
A cuja sombra, em cujo doce leito
É tão macio descansar nos sonhos!
Arvoredos do vale! derramai-me
Sobre o corpo estendido na indolência
O tépido frescor e o doce aroma!
E quando o vento vos tremer nos ramos
E sacudir-vos as abertas flores
Em chuva perfumada, concedei-me
Que encham meu leito, minha face, a relva
Onde o mole dormir a amor convida!

E tu, Ilná, vem pois: deixa em teu colo
Descanse teu poeta: é tão divino
Sorver as ilusões dos sonhos ledos
Sentindo à brisa teus cabelos soltos
Meu rosto encherem de perfume e gôzo!

Tudo dorme, não vês? dorme comigo,
Pousa na minha tua face bela
E o pálido cetim da tez morena...
Fecha teus olhos lânguidos... no sono
Quero sentir os tímidos suspiros,
No teu seio arquejar, morrer nos lábios
E no sono teu braço me enlaçando!

Ó minha noiva, minha doce virgem,
No regaço da bela natureza,
Anjo de amor, reclina-te e descansa!
Neste berço de flores tua vida
Límpida e pura correrá na sombra,
Como gôta de mel em cálix branco
Da flor das selvas que ninguém respira.

Além, nas árvores tranqüilas
Uma voz acordou como um suspiro.
São ais sentidos de amorosa rôla
Que nos beijos de amor palpita e geme?
Ah! nem tão doce a rôla suspirando
Modula seus gemidos namorados,
Não trina assim tão longa e molemente.
Em argentinas pérolas o canto
Se exala como as notas expirantes
De uma alma de mulher que chora e canta...

E' a voz do sabiá: êle dormia
 Ebrioso de harmonia e se embalava
 No silêncio, na brisa e nos eflúvios
 Das flores de laranja... Ilná, ouviste?
 É o canto saudoso da esperança,
 É dos nossos amôres a cantiga
 Que o aroma que exalam teus cabelos,
 Tua lânguida voz talvez lhe inspiram!

Vem, Ilná: dá-me um beijo — adormeçamos.
 A cantilena do sabiá sombrio
 Encanta as ilusões, afaga o sono...
 Oh! minha pensativa — descuidosa,
 Eu sinto a vida bela em teu regaço,
 Sinto-a bela nas horas do silêncio
 Quando em teu colo me reclino e durmo,
 É ainda os sonhos meus vivem contigo!

Ah! vem, ó minha Ilná: sei harmonias
 Que a noite ensina ao violão saudoso
 É que a lua do mar influi na mente;
 E quando eu vibro as cordas tremulosas,
 Como alma de donzela que respira,
 Coa nas vibrações tanta saudade,
 Tanto sonho de amor esvaecido,
 Que o terno coração acorda e geme,
 E os lábios do poeta inda suspiram!

Anjo do meu amor! se os ais da virgem
 Têm doçuras, têm ⁷²⁴ lágrimas divinas,
 É quando no silêncio, e no mistério
 Sôbre o peito do amante se derramam
 No sufocado alento os moles cantos,
 Cantos de amor, de sêde e d'esperanças
 Que nos lábios febris afoga um beijo!

Ouves, Ilná? meu violão palpita:
 Quero lembrar um cântico de amôres;
 Fôra doce ao poeta, ao teu amante
 Nos ais ardentes das maviosas fibras
 Ouvir os teus alentos de mistura,
 E as moles vibrações da cantilena
 Êste meu peito remoçar um pouco!
 Virgem do meu amor, vem dar-me ainda
 Um beijo! — um beijo longo transbordando
 De mocidade e vida, e nos meus sonhos
 Minh'alma acordará — o sôpro errante
 Da alma da virgem tremerá meus seios
 E a doce aspiração dos meus amôres
 No condão da harmonia há de embalar-se!

A HARMONIA.

Meu Deus! se às vêzes na passada vida
 Eu tive sensações que emudeciam
 Essa descrença ⁷²⁵ que me dói na vida,
 E, como orvalho que a manhã vapora,
 Em seus raios de luz a Deus me erguiam,
 Foi quando às vêzes a modinha doce
 Ao sol de minha terra me embalava,
 E quando as árias de Bellini pálido
 Em lábios de Italiana estremeciam!

Oh! Santa Malibran! fôra tão doce
 Pelas noites suaves do silêncio
 Nas lágrimas de amor, nos teus suspiros,
 Na agonia de um beijo, ouvir gemendo
 Entre meus sonhos tua voz divina!

Oh! Paganini! quando moribundo
 Inda a rabeca ao peito comprimias,
 Se o hálito de Deus, essa alma d'anjo
 Que das fibras do peito cavernoso
 Arquejava nas cordas entornando
 Murmúrios d'esperança e de ventura,
 Se a alma de teu viver roçou passando
 Nalgum lábio sedento de poesia,
 Numa alma de mulher adormecida,
 Se algum seio tremeu a concebê-lo,
 Êsse alento de vida e de futuro,
 Foi o teu seio, Malibran divina!

Ah! se nunca te ouvi, se teus suspiros,
Desdêmona sentida e moribunda,
 Nunca pude beber no teu exílio,
 Nos sonhos virginais senti ao menos
 Tua pálida sombra vaporosa
 Nesta frente que a febre incandescera
 Depor um beijo, suspirar passando!

Meu Deus! e outrora se um momento a vida
 De poesia orvalhou meus pobres sonhos
 Foi nuns suspiros de mulher saudosa,
 Foi abatida, a forma desmaiada,
 Uma pobre infeliz que descorando
 Fazia os prantos meus correr-me aos olhos!

Pobre! pobre mulher! êsses mancebos
 Que choravam por ti quando gemias,
 Quando sentias a tua alma ardente
 No canto esvaecer, pálida e bela,
 E teu lábio afogar entre harmonia
 — Almas que de tua alma se nutriam,
 Que davam-te seus sonhos, e amorosas
 Desfolhavam-te aos pés a flor da vida,
 Ai quantas não sentiste palpitantes,
 Nem ousando beijar teu véu d'espôsa,
 Nas longas noites nem sonhar contigo!

E hoje riem de ti! da criatura
 Que insana profanou as asas brancas,
 Que num riso sem dó, uma per uma,
 Na torrente fatal soltava rindo,
 E as sentia boiando solitárias,
 As flores da coroa, como Ofélia!...
 Que iludida de amor vendeu a glória
 E deu seu colo nu a beijo impuro...
 Êles riem de ti — mas eu, coitada,
 Pranteio teu viver e te perdôo!

Fada branca de amor, que sina escura
 Manchou no teu regaço as roupas santas?
 Porque deixavas encostada ao seio
 A cabeça febril do libertino?
 Porque descias das regiões doiradas
 E lançavas ao mar a rôta lira
 Para vibrar tua alma em lábios dêle?
 Porque fôste gemer na orgia ardente
 A santa inspiração de teus poetas,
 Perder teu coração em vis amôres?
 Anjo branco de Deus, que sina escura
 Manchou no teu regaço as roupas santas?

Pálida Italiana! hoje esquecida,
 O escárnio ⁷²⁶ do plebeu murchou teus louros:
 Tua voz se cansou nos ditirambos,
 E tu não voltas com as mãos na lira
 Vibrar nos corações as cordas virgens
 E ao gênio adormecido em nossas almas
 Na frente desfolhar tuas coroas!...

VIDA.

Oh! laissez-moi t'aimer pour que j'aime la vie!
 Pour ne point au bonheur dire un dernier adieu,
 Pour ne point blasphémer les biens que l'homme envie
 Et pour ne pas douter de Dieu!

ALEX. DUMAS.

I.

Oh! fala-me de ti! eu quero ouvir-te
 Murmurar teu amor:
 E nos teus lábios perfumar do peito
 Minha pálida flor.

De tua letra nas queridas fôlhas
 Eu sinto-me viver,
 E as páginas do amor sobre meu peito
 Fazem-me estremecer!

E, quando à noite delirante durmo,
 Deito-as no peito meu:
 Nos delíquios de amor, ó minha amante,
 Eu sonho o seio teu,

A alma que as inspirou, que lhes deu vida
 E o fogo da paixão,
 E derramou as notas doloridas
 Do virgem coração!

Eu quero-as no meu peito, como sonho
 Teu seio de donzela,
 Para sonhar contigo o céu mais puro
 E a esperança mais bela!

II.

A nós a vida em flor, a doce vida
 Recendente de amor!
 Cheia de sonhos, ⁷²⁷ d'esperança e beijos
 E pálido languor!

A tua alma infantil junto da minha
 No fervor do desejo,
 Nossos lábios ardentes descorando
 Comprimidos num beijo,

E as noites belas de luar, e a febre
 Da vida juvenil,
 E este amor que sonhei, que só me alenta
 No teu colo infantil!

III.

Vem comigo ao luar — amemos juntos
 Neste vale tranqüilo,
 De abertas flores e caídas fôlhas
 No perfumado asilo.

Aqui somente a rôla da floresta
 Da sesta no calor
 O tremer sentirá dos longos beijos
 E verá teu palor.

À noite encostarei a minha frente
 No virgem colo teu;
 Terei por leito o vale dos amôres,
 Por tenda o azul do céu!

E terei tua imagem mais formosa
 Nas vigílias do val:
 Será da vida meu suave aroma
 Teu lírio virginal.

IV.

Que importa que o anátema do mundo
 Se eleve contra nós,
 Se é bela a vida num amor imenso
 Na solidão — a sós?

Se nós teremos o cair da tarde
 E o frescor da manhã:
 E tu és minha mãe, e meus amôres
 E minh'alma de irmã?

Se teremos a sombra onde se esfolham
 As flores do retiro —
 E a vida além de ti — a vida inglória —
 Não me vale um suspiro?

Bate a vida melhor dentro do peito
 Do campo na tristeza
 E o aroma vital, ali, do seio
 Derrama a natureza:

E, aonde as flores no deserto dormem
 Com mais viço e frescor,
 Abre linda também a flor da vida
 Da lua no palor.

C....

Oh! não tremas! que este olhar, este abraço te
 digam o que é inefável — abandonar-se sem receio,
 inebriar-se de uma voluptuosidade que deve ser eterna

GOETHE. *Faust*.

Sim — coroemos as noites
 Com as rosas do himeneu;
 Entre flores de laranja
 Serás minha e serei teu!

Sim — quero em leito de flores
 Tuas mão dentro das minhas....
 Mas os círios dos amôres
 Sejam só as estrelinhas.

Por incenso os teus perfumes,
Suspiros por oração,
E por lágrimas, sòmente
As lágrimas da paixão!

Dos véus da noiva só tenhas
Dos cílios o negro véu;
Basta do colo o cetim
Para as Madonas do céu!

Eu soltarei-te os cabelos...
Quero em teu colo sonhar!
Hei de embalar-te... do leito
Seja lâmpada o luar!

Sim — coroemos as noites
Da laranjeira co'a flor;
Adormeçamos num templo,
Mas seja o templo do amor.

É doce amar como os anjos
Da ventura no himeneu:
Minha noiva, ou minh'amante
Vem dormir no peito meu!

Dá-me um beijo — abre teus olhos
Por entre êsse úmido véu:
Se na terra és minha amante,
És a minha alma no céu!

NO TÚMULO DO MEU AMIGO JOÃO BATISTA
DA SILVA PEREIRA JÚNIOR.

EPITÁFIO.

Perdão, meu Deus, se a túnica da vida
Insano profanei-a nos amôres!
Se a coroa dos sonhos perfumados
Eu próprio desfolhei as róseas flores!

No vaso impuro corrompeu-se o néctar,
A argila da existência desbotou-me!
O sol de tua glória abriu-me as pálpebras,
Da nódoa das paixões purificou-me!

E quantos sonhos na ilusão da vida,
Quanta esperança no futuro ainda!
Tudo calou-se pela noite eterna...
E eu vago errante e só na treva infinda...

Alma em fogo, sedenta de infinito,
Num mundo de visões o vôo abrindo,
Como o vento do mar no céu noturno
Entre as nuvens de Deus passei dormindo!

A vida é noite: o sol tem véu de sangue:
Tacteia a sombra a geração descrida...
Acorda-te, mortal! é no sepulcro
Que a larva humana se desperta à vida!

Quando as harpas do peito a morte estala,
Um treno de pavor soluça e voa:
E a nota divinal que rompe as fibras
Nas dulias angélicas ecoa!

O PASTOR MORIBUNDO.

CANTIGA DE VIOLA.

A existência dolorida
Cansa em meu peito: eu bem sei
Que morrerei!
Contudo da minha vida
Podia alentar-se a flor
No teu amor!

Do coração nos refolhos
Solta um ai! num teu suspiro
Eu respiro!
Mas fita ao menos teus olhos
Sôbre os meus: eu quero-os ver
Para morrer!

Guarda contigo a viola
Onde teus olhos cantei...
E suspirei!
Só a idéia me consola
Que morro como vivi...
Morro por ti!

Se um dia tu'alma pura
Tiver saudades de mim,
Meu serafim!
Talvez notas de ternura —
Inspirem o doudo amor
Do trovador!

TARDE DE VERÃO.

Viens!
Que l'arbre pénétré de parfums et de chants,
.....
Et l'ombre et le soleil, et l'onde et la verdure,
Et le rayonnement de toute la nature
Fassent épanouir comme une double fleur
La beauté sur ton front, et l'amour dans ton coeur!

V. HUGO.

Como cheirosa e doce a tarde expira!
De amor e luz inunda a praia bela:
E o sol já roxo e trêmulo desdobra
Um íris furta-côr na fronte dela.

Deixai que eu morra só! enquanto o fogo
Da última febre dentro em mim vacila,
Não venham ilusões chamar-me à vida,
De saudades banhar a hora tranqüila!

Meu Deus! que eu morra em paz! não me coroem
De flores infecundas a agonia!
Oh! não doire o sonhar do moribundo
Lisonjeiro pincel da fantasia!

Exaurido de dor e d'esperança
Posso aqui respirar mais livremente,
Sentir ao vento dilatar-se a vida,
Como a flor da lagoa transparente!

Se ela estivesse aqui! no vale agora
Cai doce a brisa morna desmaiando:
Nos murmúrios do mar fôra tão doce
Da tarde no palor viver amando!

Uni-la ao peito meu — nos lábios dela
Respirar uma vez, cobrando alento;
À divina visão de seus amôres
Acordar o meu peito inda um momento!

Fulgura a minha amante entre meus sonhos,
Como a estrêla do mar nas águas brilha;
Bebe à noite o favônio em seus cabelos
Mais suave o aroma que a baunilha.

Se ela estivesse aqui! jamais tão doce
O crepúsculo o céu embelecera,
E a tarde de verão fôra mais bela
Brilhando sôbre a sua primavera!

Da lânguida pupila de seus olhos
Num olhar a desdém entorna amôres,
Como à brisa vernal na relva mole
O pessegueiro em flor derrama flores.

Árvore florescente desta vida,
Que amor, beleza, e mocidade encantam,
Derrama no meu seio as tuas flores
Onde as aves do céu à noite cantam!

Vem! a areia do mar cobri de flores,
Perfumei de jasmíns teu doce leito;
Podes suave, ó ⁷²⁸ noiva do poeta,
Suspirosa dormir sôbre meu peito!

Não tardes, minha vida! no crepúsculo
Ave da noite me acompanha a lira...
É um canto de amor... Meu Deus! que sonhos!
Era ainda ilusão — era mentira!

TARDE DE OUTONO.

Un souvenir heureux est peut-être sur terre
Plus vrai que le bonheur.

ALF. DE MUSSET.

O POETA.

Oh! musa, porque vieste,
E contigo me trouxeste
A vagar na solidão?
Tu não sabes que a lembrança
De meus anos de esperança
Aqui fala ao coração?

A SAUDADE.

De um puro amor a lânguida saudade
É doce como a lágrima perdida
Que banha no cismar um rosto virgem.
Volta o rosto ao passado, e chora a vida.

O POETA.

Não sabes o quanto dói
Uma lembrança que rói
A fibra que adormeceu?...
Foi neste vale que amei,
Que a primavera sonhei,
Aqui minha alma viveu.

A SAUDADE.

Pálidos sonhos do passado morto
É doce reviver mesmo chorando.
A alma refaz-se pura. Um vento aéreo
Parece que de amor nos vai roubando.

O POETA.

Eu vejo ainda a janela
Onde à tarde junto dela
Eu lia versos de amor...
Como eu vivia d'enleio
No bater daquele seio,
Naquele aroma de flor!

Creio vê-la inda formosa,
Nos cabelos uma rosa,
De leve a janela abrir...
Tão bela, meu Deus, tão bela!
Porque amei tanto, donzela,
Se devias me trair?

A SAUDADE.

A casa está deserta. A parasita
Das paredes estala a negra côr.
Os aposentos o ervaçal povoa.
A porta é franca... Entremos, trovador!

O POETA.

Derramai-vos, prantos meus!
Dai-me prantos, ó meu Deus!
Eu quero chorar aqui!
Em que sonhos de ebriedade
No arrebol da mocidade
Eu nesta sombra dormi!

Passado, porque murchaste?
Ventura, porque passaste
Degenerando em saudade?
Do estio secou-se a fonte,
Só ficou na minha frente
A febre da mocidade.

A SAUDADE.

Sonha, poeta, sonha! Ali sentado
No tôsko assento da janela antiga,
Apóia sôbre a mão a face pálida,
Sorrindo — dos amôres à cantiga.

O POETA.

Minha alma triste se enluta,
Quando a voz interna escuta
Que blasfema da esperança.
Aqui tudo se perdeu,
Minha pureza morreu
Como o enlêvo de criança!

Ali, amante ditoso,
Delirante, suspiroso,
Eflúvios dela sorvi.
No seu colo eu me deitava...
E ela tão doce cantava!
De amor e canto vivi!

Na sombra dêste arvoredor
Oh! quantas vêzes a mêdo
Nossos lábios se tocaram!
E os seios onde gemia
Uma voz que *amor* dizia,
Desmaiando me apertaram!

Foi doce nos braços teus,
Meu anjo belo de Deus,
Um instante do viver!
Tão doce, que em mim sentia
Que minh'alma se esvaía
E eu pensava ali morrer!

A SAUDADE.

É berço de mistério e d'harmonia
Seio mimoso de adorada amante.
A alma bebe nos sons que amor suspira
A voz, a doce voz de uma alma errante.

Tingem-se os olhos de amorosa sombra,
Os lábios convulsivos estremeçam,
E a vida foge ao peito... apenas tinge
As faces que de amor empalideçam.

Parece então que o agitar do gôzo
Nossos lábios atrai a um bem divino:
Da amante o beijo é puro como as flores
E a voz dela é um hino.

Dizei-o vós, dizei, ternos amantes,
Almas ardentes que a paixão palpita,
Dizei essa emoção que o peito gela
E os frios nervos num espasmo agita.

Vinte anos! como tens doirados sonhos!
E como a névoa de falaz ventura
Que se estende nos olhos do poeta
Doira a amante de nova formosura!

O POETA.

Que gemer! não me enganava! ⁷²⁹
Era o anjo que velava
Minha casta solidão?
São minhas noites gozadas,
As venturas tão choradas
Que vibram meu coração?

É tarde, amôres, é tarde;
Uma centelha não arde
Na cinza dos seios meus...
Por ela tanto chorei,
Que mancebo morrerei...
Adeus, amôres, adeus!

.....
.....

CANTIGA.

I.

Em um castelo doirado
Dorme encantada donzela;
Nasceu — e vive dormindo
— Dorme tudo junto dela.

Adormeceu-a sonhando
Um feiticeiro condão,
E dormem no seio dela
As rosas do coração.

Dorme a lâmpada argentina
Defronte do leito seu:
Noite a noite a lua triste
Dorme pálida no céu.

Voam os sonhos errantes
Do leito sob o dossel, ⁷³⁰
E suspiram no alaúde
As notas do menestrel.

E no castelo, sòzinha,
Dorme encantada donzela:
Nasceu — e vive dormindo
— Dorme tudo junto dela.

Dormem cheirosas abrindo
As roseiras em botão,
E dormem no seio dela
As rosas do coração!

II.

A donzela adormecida
É a tua alma santinha,
Que não sonha nas saudades
E nos amôres da minha

— Nos meus amôres que velam
Debaixo do teu dossel, ⁷³⁰
E suspiram no alaúde
As notas do menestrel!

Acorda, minha donzela!
Foi-se a lua — eis a manhã
E nos céus da primavera
A aurora é tua irmã!

Abriram no vale as flores
Sorrindo na fresquidão:
Entre as rosas da campina
Abram-se as do coração.

Acorda, minha donzela,
Soltemos da infância o véu...
Se nós morrermos, num beijo,
Acordaremos no céu!

SAUDADES. 731

'T is vain to struggle — let me perish young!

BYRON.

Foi por ti que num sonho de ventura
A flor da mocidade consumi,
E às primaveras digo adeus tão cedo
E na idade do amor envelheci!

Vinte anos! derramei-os gôta a gôta
Num abismo de dor e esquecimento...
De fogosas visões nutri meu peito...
Vinte anos!... não vivi um só momento!

Contudo no passado uma esperança
Tanto amor e ventura prometia,
E uma virgem tão doce, tão divina
Nos sonhos junto a mim adormecia!...
.....

Quando eu lia com ela — e no romance
Suspirava melhor ardente nota,
E Jocelyn sonhava com Laurence
Ou Werther se morria por Carlota,

Eu sentia a tremer, a transluzir-lhe
Nos olhos negros a alma inocentinha,
E uma furtiva lágrima rolando
Da face dela umedecer a minha!

E quantas vêzes o luar tardio
Não viu nossos amôres inocentes?
Não embalou-se da morena virgem
No suspirar, nos cânticos ardentes?

E quantas vêzes não dormi sonhando
Eterno amor, eternas as venturas,
E que o céu ia abrir-se, e entre os anjos
Eu ia me acordar em noites puras?

Foi êsse o amor primeiro — requeimou-me
As artérias febris de juventude,
Acordou-me dos sonhos da existência
Na harmonia primeira do alaúde!
.....

Meu Deus! e quantas eu amei!... Contudo
Das noites voluptuosas da existência
Só restam-me saudades dessas horas
Que iluminou tua alma d'inocência!

Foram três noites só... três noites belas
De lua e de verão, no val saudoso...
Que eu pensava existir... sentindo o peito
Sobre teu coração morrer de gôzo!

E por três noites padeci três anos,
Na vida cheia de saudade infinda...
Três anos de esperança e de martírio...
Três anos de sofrer — e espero ainda!

A ti se ergueram meus doridos versos,
Reflexos sem calor de um sol intenso:
Votei-os à imagem dos amôres
P'ra velá-la nos sonhos como incenso!

Eu sonhei tanto amor, tantas venturas,
Tantas noites de febre e d'esperança!
Mas hoje o coração desbota, esfria,
E do peito no túmulo descansa!

Pálida sombra dos amôres santos,
Passa, quando eu morrer, no meu jazigo:
Ajoelha-te ao luar e canta um pouco,
E lá na morte eu sonharei contigo!

12 de setembro, 1851.

ESPERANÇAS.

Oh! si elle m'eût aimé!

ALF. DE VIGNY. *Chatterton.*

Se a ilusão de minh'alma foi mentida,
E, leviana, da árvore da vida
As flores desbotei;

Se por sonhos do amor de uma donzela
Imolei meu porvir, e o ser por ela
Em prantos esgotei;

Se a alma consumi na dor que mata,
E banhei de uma lágrima insensata
A última esperança,

Oh! não me odeies, não! eu te amo ainda,
Como dos mares pela noite infinda
A estrêla da bonança!

Como nas fôlhas do Missal do templo,
Os mistérios de Deus em ti contemplo
E na tu'alma os sinto!

Às vêzes, delirante, se eu maldigo
As esperanças que sonhei contigo,
Perdoa-me, que minto!

Oh! não me odeies, não! eu te amo ainda,
Como do peito a aspiração infinda
Que me influi o viver,

E como a nuvem de azulado incenso;
Como eu amo êsse afeto único, imenso
Que me fará morrer!

Rompeste a alva túnica luzente
Que eu doirava por ti de amor demente
E aromei de abusões....

Deste-me em trôco lágrimas acérrimas...
Ah! que morreram a sangrar misérrimas
As minhas ilusões!

Nos encantos das fadas da ventura
Podes dormir ao sol da formosura
Sempre bela e feliz;

Irmã dos anjos, sonharei contigo:
A alma a quem negaste o último abrigo
Chora... não te maldiz!

Chora — e sonha — e espera: a negra sina
Talvez no céu se apague em purpurina
Alvorada de amor...

E eu acorde no céu num teu abraço:
E repouse tremendo em teu regaço
Teu pobre sonhador!

VIRGEM MORTA.

Oh! make her a grave where the sun beams rest,
When they promise a glorious morrow!
They'll shine o'er sleep, like a smile from the West,
From her own lov'd island of sorrow.

TH. MOORE. (732)

Lá bem na extrema da floresta virgem,
Onde na praia em flor o mar suspira,
E, quando geme a brisa do crepúsculo,
Mais poesia do arrebol transpira;

Nas horas em que a tarde moribunda
As nuvens roxas desmaiando corta,
No leito mole da molhada areia
Manso repousem a beleza morta.

Irmã chorosa a suspirar desfolhe
No seu dormir da laranjeira as flores,
Vistam-na de cetim, e o véu de noiva
Lhe desdobrem da face nos palores.

Vagueie em tórno, de saudosas virgens,
Errando à noite, a lamentosa turma;
Nos cânticos de amor e de saudade
Junto às ondas do mar a virgem durma.

A brisa da saudade suspirando
Aí na tarde misteriosa e bela,
Entregarei as cordas do alaúde
E irei meus sonhos prantear por ela!

Quero eu mesmo de rosa o leito encher-lhe
E de amorosos prantos perfumá-la,
E a essência dos cânticos divinos,
No túmulo da virgem, derramá-la.

Que importa que ela durma descorada,
E velasse o palor a côr do pejo?
Quero a delícia que o amor sonhava,
Nos lábios dela pressentir num beijo.

Desbotada coroa do poeta,
Foi ela mesma quem prendeu-te flores...
Ungiu-as nos sacrário de seu peito
Inda virgem do alento dos amôres...

Na minha frente riu de ti passando
Dos sepulcros o vento peregrino...
Irei eu mesmo desfolhar-te agora
Da frente dela no palor divino!...

E contudo eu sonhava! e pressuroso
Da esperança o licor sorvi sedento!
Ah! que tudo passou! só tenho agora
O sorriso de um anjo macilento!

Ó minha amante, minha doce virgem,
Eu não te profanei, e dormes pura:
No sono do mistério, qual na vida,
Podes sonhar apenas na ventura.

Bem cedo ao menos eu serei contigo
— Na dor do coração a morte leio...
Poderei amanhã, talvez, meus lábios
Da irmã dos anjos encostar no seio...

E tu, vida que amei! pelos teus vales
Com ela sonharei eternamente,
Nas noites junto ao mar, e no silêncio,
Que das notas enchi da lira ardente!...

Dorme ali minha paz, minha esperança,
Minha sina de amor morreu com ela,
E o gênio do poeta, lira eólia
Que tremia ao alento da donzela!

Qu'esperanças, meu Deus! E o mundo agora
Se inunda em tanto sol no céu da tarde!
Acorda, coração!... Mas no meu peito
Lábio de morte murmurou — É tarde!

É tarde! e quando o peito estremecia
Sentir-me abandonado e moribundo!
É tarde! é tarde! ó ilusões da vida,
Morreu com ela da esperança o mundo!...

No leito virginal de minha noiva
Quero, nas sombras do verão da vida,
Prantear os meus únicos amôres,
Das minhas noites a visão perdida!

Quero ali, ao luar, sentir passando
Por alta noite a viração marinha,
E ouvir, bem junto às flores do sepulcro,
Os sonhos de sua alma inocentinha.

E quando a mágoa devorar meu peito,
E quando eu morra de esperar por ela,
Deixai que eu durma ali e que descanse,
Na morte ao menos, junto ao seio dela!

HINOS DO PROFETA. 733

UM CANTO DO SÉCULO.

Spiritus meus attenuabitur, dies mei breviabuntur, et
solum mihi superest sepulchrum...

Jó.

Debalde nos meus sonhos de ventura
Tento alentar minha esperança morta
E volto-me ao porvir;
A minha alma só canta a sepultura,
E nem última ilusão beija e conforta
Meu suarento dormir...

Debalde! que exauriu-se o desalento:
A flor que aos lábios meus um anjo dera
Mirrou na solidão...
Do meu inverno pelo céu nevoento
Não se levantará nem primavera
Nem raio de verão!

Invejo as flores que murchando morrem,
E as aves que desmaiam-se cantando
E expiram sem sofrer...
As minhas veias inda ardentes correm,
E na febre da vida agonizando
Eu me sinto morrer!

Tenho febre — meu cérebro transborda...
 Eu morrerei mancebo, inda sonhando
 Da esperança o fulgor!
 Oh! cantemos ainda! a última corda
 Inda palpita... morrerei cantando
 O meu hino de amor!

Meu sonho foi a glória dos valentes,
 De um nome de guerreiro a eternidade
 Nos hinos seculares:
 Foi nas praças, de sangue ainda quentes,
 Desdobrar o pendão da liberdade
 Nas frentes populares!

Meu amor foi a verde laranjeira
 Cheia de sombra, à noite abrindo as flores
 Melhor que ao meio-dia; ⁷³⁴
 A várzea longa — a lua forasteira
 Que pálida como eu, sonhando amôres,
 De névoa se cobria.

Meu amor foi o sol que madrugava,
 O canto matinal dos passarinhos
 E a rosa predileta...
 Fui um louco, meu Deus! quando tentava
 Descorado e febril manchar nos vinhos
 Meus louros de poeta!

Meu amor foi o sonho dos poetas
 — O belo — o gênio — de um porvir liberto
 A sagrada utopia.
 E à noite pranteei como os profetas,
 Dei lágrimas de sangue no deserto
 Dos povos à agonia!

Meu amor!... foi a mãe que me alentava,
 Que viveu e esperou por minha vida
 E pranteia por mim...
 E a sombra solitária que eu sonhava
 Lânguida como vibração perdida
 De rôto bandolim...

E agora o único amor... o amor eterno
 Que no fundo do peito aqui murmura
 E acende os sonhos meus,
 Que lança algum luar no meu inverno,
 Que minha vida no penar apura, ⁷³⁵
 É o amor de meu Deus!

É só no eflúvio dêsse amor imenso
 Que a alma derrama as emoções cativas
 Em suspiros sem dor:
 E no vapor do consagrado incenso
 Que as sombras da esperança redivivas
 Nos beijam o palor!

Eu vaguei pela vida sem conforto,
 Esperei minha amante noite e dia
 E o ideal não veio...
 Farto de vida, breve serei morto...
 Não poderei ao menos na agonia
 Descansar-lhe no seio!

Passei como Don Juan entre as donzelas,
 Suspirei as canções mais doloridas
 E ninguém me escutou...
 Oh! nunca à virgem flor das faces belas
 Sorvi o mel, nas longas despedidas...
 Meu Deus! ninguém me amou!

Vivi na solidão — odeio o mundo,
 E no orgulho embuicei meu rosto pálido
 Como um astro nublado...
 Ri-me da vida — lupanar imundo
 Onde se volve o libertino esquálido
 Na treva... profanado!

Quantos hei visto desbotarem frios, ⁷³⁶
 Manchados de embriaguez da orgia em meio
 Nas infâmias do vício!
 E quantos morrerão inda sombrios
 Sem remorso dos negros devaneios...
 Sentindo o precipício!

Quanta alma pura, e virgem menestrel
 Que adormeceu no tremedal sem fundo,
 No lôdo se manchou!
 Que liras estaladas no bordel!
 E que poetas que perdeu o mundo
 Em Bocage e Marlowe!

Morrer! ali na sombra — na taverna
 A alma que em si continha um canto aéreo ⁷³⁷
 No peito solitário!
 Sublime como a nota obscura, eterna,
 Que o bronze vibra em noites de mistério
 No escuro campanário!

Ó meus amigos, deve ser terrível
 Sôbre as tábuas imundas, inda ebrioso,
 Na solidão morrer!
 Sentir as sombras dessa noite horrível
 Surgirem dentre o leito pavoroso...
 Sem um Deus para crer!

Sentir que a alma, desbotado lírio,
 Dum mundo ignoto vagará chorando
 Na treva mais escura...
 E o cadáver sem lágrima, sem círio,
 Na calçada da rua, desbotando,
 Não terá sepultura!

Perdoa-lhes, meu Deus! o sol da vida
 Nas artérias inflama o sangue em lava
 E o cérebro varia...
 O século na vaga enfurecida
 Mergulha a geração que se acordava...
 E nuta de agonia!

São tristes dêste século os destinos!
 Seiva ⁷³⁸ mortal as flores que despontam
 Infecta em seu abrir —
 E o cadafalso e a voz dos Girondinos
 Não falam mais na glória e não apontam
 A aurora do porvir!

Fôra belo talvez, em pé, de novo
 Como Byron surgir — ou na tormenta
 O homem de Waterloo:
 Com sua idéia iluminar um povo,
 Como o trovão da nuvem que rebenta
 E o raio derramou!

Fôra belo talvez sentir no crânio ⁷³⁹
 A alma de Goethe, e resumir na fibra
 Milton, Homero e Dante
 — Sonhar-se num delírio momentâneo
 A alma da criação e o som que vibra
 A terra palpitante!

Mas ah! o viajor nos cemitérios
Nessas nuas caveiras não escuta
Vossas almas errantes...
Do estandarte medonho nos impérios
A morte, leviana prostituta,
Não distingue os amantes!

Eu, pobre sonhador — eu, terra inculta
Onde não fecundou-se uma semente,
Convosco dormirei:
E dentre nós a multidão estulta
Não vos distinguirá a fronte ardente
Do crânio que animei...

Ó morte! a que mistério me destinas?
Esse átomo de luz que inda me alenta,
Quando o corpo morrer,
Voltará amanhã aziagas sinas
Na terra numa face macilenta
Esperar e sofrer?

Meu Deus! antes, meu Deus! que uma outra vida,
Com teu braço eternal meu ser esmaga
E minha alma aniquila:
A estrêla de verão no céu perdida
Também às vèzes teu alento apaga
Numa noite tranqüila!...

LÁGRIMAS DE SANGUE.

Taedet animam meam vitae meae.
Jó.

Ao pé das aras no clarão dos círios
Eu te devera consagrar meus dias;
Perdão, meu Deus! perdão
Se neguei meu Senhor nos meus delírios
E um canto de enganosas melodias
Levou meu coração!

Só tu, só tu podias no meu peito
Fartar de imenso amor e luz infinda
E uma saudade calma;
Ao sol de tua fé doirar meu leito
E de fulgores inundar ainda
A aurora na minh'alma.

Pela treva do espírito lancei-me,
Das esperanças suicidei-me rindo...
Sufoquei-as sem dó.
No vale dos cadáveres sentei-me
E minhas flores semeei sorrindo
Dos túmulos no pó.

Indolente Vestal, deixei no templo
A pira se apagar — na noite escura
O meu gênio descreu.
Voltei-me para a vida... só contemplo
A cinza da ilusão que ali murmura:
Morre! — tudo morreu!

Cinzas, cinzas... Meu Deus! só tu podias
À alma que se perdeu bradar de novo:
Ressurge-te ao amor!
Macilento, das minhas agonias
Eu deixaria as multidões do povo
Para amar o Senhor!

Do leito aonde o vício acalentou-me
O meu primeiro amor fugiu chorando...
Pobre virgem de Deus!
Um vendaval sem norte arrebatou-me, ⁷⁴⁰
Acordei-me na treva... profanando
Os puros sonhos meus!

Oh! se eu pudesse amar!... — É impossível! —
Mão fatal escreveu na minha vida;
A dor me envelheceu.
O desespêro pálido, impassível
Agoirou minha aurora entristecida,
De meu astro descreu.

Oh! se eu pudesse amar! Mas não: agora
Que a dor emurcheceu meus breves dias,
Quero na cruz sanguenta
Derramá-los na lágrima que implora,
Que mendiga perdão pela agonia
Da noite lutulenta!

Quero na solidão — nas êrmas grutas
A tua sombra procurar chorando
Com meu olhar incerto:
As pálpebras doridas nunca enxutas
Queimarei... teus fantasmas invocando
No vento do deserto.

De meus dias a lâmpada se apaga:
Roeram meu viver mortais venenos;
Curvo-me ao vento forte.
Teu fúnebre clarão que a noite alaga,
Como a estrêla oriental me guie ao menos
Té o vale da morte!

No mar dos vivos o cadáver bóia
— A lua é descorada como um crânio,
Êste sol não reluz:
Quando na morte a pálpebra se engóia,
O anjo se acorda em nós — e subitâneo
Voa ao mundo da luz!

Do val de Josafá pelas gargantas
Uiva na treva o temporal sem norte
E os fantasmas murmuram...
Irei deitar-me nessas trevas santas,
Banhar-me na friez lustral da morte
Onde as almas se apuram!

Mordendo as clinas do corcel ⁷⁴¹ da sombra,
Sufocado, arquejante passarei
Na noite do infinito.
Ouvirei essa voz que a treva assombra,
Dos lábios de minh'alma entornarei
O meu cântico aflito!

Flores cheias de aroma e de alegria,
Porque na primavera abrir cheirosas
E orvalhar-vos abrindo?
As torrentes da morte vêm ⁷⁴² sombrias,
Hão de amanhã nas águas tenebrosas
Vos rebentar bramindo.

Morrer! morrer! É voz das sepulturas!
 Como a lua nas salas festivas
 A morte em nós se estampa!
 E os pobres sonhadores de venturas
 Roxeiãmanhã nos funerais
 E vão rolar na campa!

Que vale a glória, a saudação que enleva
 Dos hinos triunfais na ardente nota,
 E as turbas devaneia?
 Tudo isso é vão, e cala-se na treva
 — Tudo é vão, como em lábios de idiota
 Cantiga sem idéia.

Que importa? quando a morte se descarna,
 A esperança do céu flutua e brilha
 Do túmulo no leito:
 O sepulcro é o ventre onde se encarna
 Um verbo divinal que Deus perfilha
 E abisma no seu peito!

Não chorem! que essa lágrima profunda
 Ao cadáver sem luz não dá conforto...
 Não o acorda um momento!
 Quando a treva medonha o peito inunda,
 Derrama-se nas pálpebras do morto
 Luar de esquecimento!

Caminha no deserto a caravana,
 Numa noite sem lua arqueja e chora...
 O termo... é um sigilo!
 O meu peito cansou da vida insana;
 Da cruz à sombra, junto aos meus, agora
 Eu dormirei tranqüilo!

Dorme ali muito amor... muitas amantes,
 Donzelas puras que eu sonhei chorando
 E vi adormecer.
 Ouço da terra cânticos errantes,
 E as almas saudosas suspirando,
 Que falam em morrer...

Aqui dormem sagradas esperanças,
 Almas sublimes que o amor erguia...
 E gelaram tão cedo!
 Meu pobre sonhador! aí descansas,
 Coração que a existência consumia
 E roeu em segredo!...

Quando o trovão romper as sepulturas,
 Os crânios confundidos acordando
 No lôdo tremerão.
 No lôdo pelas tenebras impuras
 Os ossos estalados tiritando
 Dos vales surgirão!

Como rugindo a chama encarcerada
 Dos negros flancos do volcão rebenta
 Golfejando nos céus,
 Entre nuvem ardente e trovejada
 Minh'alma se erguerá, fria, sangrenta,
 Ao trono de meu Deus....

Perdoa, meu Senhor! O errante crente
 Nos desesperos em que a mente abrasas
 Não o arrojés p'lo crime!
 Se eu fui um anjo que descreu demente
 E no oceano do mal rompeu as asas,
 Perdão! arrependi-me!

A TEMPESTADE.

(Fragmento.)

Profeta escarnecido pelas turbas
 Disse-lhes, rindo, adeus!
 Vim adorar na serrania escura
 A sombra de meu Deus!

O céu enegreceu — lá no ocidente
 Rubro o sol se apagou
 E galopa o corcel ⁷⁴³ da tempestade
 Nas nuvens que rasgou!

Da gruta negra a catarata rola,
 Alaga a serra bronca,
 Esbarra pelo abismo, escuma uivando
 E pelas trevas ronca.

O chão nu e escaldado ⁷⁴⁴ p'las torrentes
 Trêmulo se fendeu —
 Da serrania a lomba escaveirada
 O raio enegreceu.

Cede a floresta ao arquejar fremente
 Do rijo temporal,
 Ribomba e rola o raio — nos abismos
 Sibila o vendaval.

Nas trevas o relâmpago fascina,
 A selva se incendieia;
 Chuva de fogo pelas serras hirtas
 Fantástica serpeia.....

Amo a voz da tempestade,
Porque agita o coração,
E o espírito inflamado
Abre as asas no trovão!

A minh'alma se devora
Na vida morta e tranqüila...
Quero sentir emoções,
Ver o raio que vacila!

Enquanto as raças medrosas
Banham de prantos o chão,
Eu quero erguer-me na treva,
Saudar glorioso o trovão!

Jeová! derrama em chuva
Os teus raios incendidos,
Tua voz na tempestade
Reboa nos meus ouvidos!

É quando as nuvens ribombam
E a selva medonha está, ⁷⁴⁵
Que no relâmpago surge
A face de Jeová!

A tuba da tempestade
Rouqueja nos longos céus,
De joelhos na montanha
Espero agora meu Deus!

O caminho rasgou-se. — Mil torrentes
Rebentam bravejando,
Rodam na espuma as rochas gigantescas
Pelo abismo tombando.

Como em noite do caos, os elementos
Incandescentes lutam.
— Negra a terra — o céu rubro — o mar vozeia
E as florestas escutam....

Tudo se escureceu — e pela treva
No chão sem sepultura
Os mortos se revolvem tiritando
À longa noite escura.

.....

Profeta escarnecido pelas turbas
Disse-lhes rindo, adeus!
Vim fitar ao clarão da tempestade
A sombra de meu Deus!

LEMBRANÇA DE MORRER.

No more! o never more!

SHELLEY.

Quando em meu peito rebentar-se a fibra
Que o espírito enlaça à dor vivente,
Não derramem por mim nem uma lágrima
Em pálpebra demente.

E nem desfolhem na matéria impura
A flor do vale que adormece ao vento:
Não quero que uma nota de alegria
Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
— Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro;

Como o destêro de minh'alma errante,
Onde fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade — é dêsse tempos
Que amorosa ilusão embelecia.

Só levo uma saudade — é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai... de meus únicos amigos,
Poucos — bem poucos — e que não zombavam
Quando, ⁷⁴⁶ em noite de febre endoudecido,
Minhas pálidas crenças duvidavam. ⁷⁴⁷

Se uma lágrima as pálpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda
É pela virgem que sonhei... que nunca
Aos lábios me encostou a face linda!

Só tu à mocidade sonhadora
Do pálido poeta deste flores...
Se viveu, foi por ti! e de esperança
De na vida gozar de teus amôres.

Beijarei a verdade santa e nua,
Verei cristalizar-se o sonho amigo...
Ó minha virgem dos errantes sonhos,
Filha do céu, eu vou amar contigo!

Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
À sombra de uma cruz, e escrevam nela:
— Foi poeta — sonhou — e amou na vida. —

Sombras do vale, noites da montanha
Que minh'alma cantou e amava tanto,
Protegei o meu corpo abandonado,
E no silêncio derramai-lhe canto!

Mas quando preludia ave d'aurora
E quando à meia-noite o céu repousa,
Arvoredos do bosque, abri os ramos...
Deixai a lua prantear-me a lousa! ⁷⁴⁸

SEGUNDA PARTE DA LIRA DOS VINTE ANOS.

PREFÁCIO.

Cuidado, leitor, ao voltar esta página!

Aqui dissipa-se o mundo visionário e platônico. Vamos entrar num mundo novo, terra fantástica, verdadeira ilha Baratária de D. Quichote, onde Sancho é rei, e vivem Panúrgio, sir John Falstaff, Bardolph, Figaro e o Sganarello de D. João Tenório: — a pátria dos sonhos de Cervantes e Shakspeare.

Quase que depois de Ariel esbarramos em Caliban.

A razão é simples. E' que a unidade dêste livro funda-se numa binomia. Duas almas que moram nas cavernas de um cérebro pouco mais ou menos de poeta escreveram êste livro, verdadeira medalha de duas faces.

Demais, perdoem-me os poetas do tempo, isto aqui é um tema, senão mais novo, menos esgotado ao menos que o sentimentalismo tão *fashionable* desde Werther e René.

Por um espírito de contradição, quando os homens se vêem inundados de páginas amorosas, preferem um conto de Boccaccio, uma caricatura de Rabelais, uma cena de Falstaff no *Henrique IV* de Shakspeare, um provérbio fantástico daquele *polisson* Alfredo de Musset, a tôdas as ternuras elegíacas dessa poesia de arremêdo que anda na moda, e reduz as moedas de oiro sem liga dos grandes poetas ao trôco de cobre, divisível até ao extremo, dos liliputianos poetastros. Antes da Quaresma há o Carnaval.

Há uma crise nos séculos como nos homens. E' quando a poesia cegou deslumbrada de fitar-se no misticismo, e caiu do céu sentindo exaustas as suas asas de oiro.

O poeta acorda na terra. Demais, o poeta é homem, *Homo sum*, como dizia o célebre Romano. Vê, ouve, sente e, o que é mais, sonha de noite as belas visões palpáveis de acordado. Tem nervos, tem fibra e tem artérias — isto é, antes e depois de ser um ente idealista, é um ente que tem corpo. E, digam o que quiserem, sem êsses elementos, que sou o primeiro a reconhecer muito prosaicos, não há poesia.

O que acontece? Na exaustão causada pelo sentimentalismo, a alma ainda trêmula e ressoante da febre do sangue, a alma que ama e canta porque sua vida é amor e canto, o que pode senão fazer o poema dos amôres da vida real? Poema talvez novo, mas que encerra em si muita verdade e muita natureza, e que sem ser obsceno pode ser erótico sem ser monótono. Digam e creiam o que quiserem. Todo o vaporoso da visão abstrata não interessa tanto como a realidade formosa da bela mulher a quem amamos.

O poema então começa pelos últimos crepúsculos do misticismo brilhando sôbre a vida como a tarde sôbre a terra. A poesia puríssima banha com seu reflexo ideal a beleza sensível e nua.

Depois a doença da vida, que não dá ao mundo objetivo côres tão azuladas como o nome britânico de *blue devils*, descarna e injeta de fel cada vez mais o coração. Nos mesmos lábios onde suspirava a monodia amorosa, vem a sátira que morde.

E' assim. Depois dos poemas épicos Homero escreveu o poema irônico. Goethe depois de *Werther* criou o *Faust*. Depois de *Parisina* e o *Giaour* de Byron vem o *Cain* e *Don Juan* — *Don Juan* que começa como *Cain* pelo amor, e acaba como êle pela descrença venenosa e sarcástica.

Agora basta.

Ficarás tão adiantado agora, meu leitor, como se não lesse essas páginas, destinadas a não ser lidas. Deus me perdoe! assim é tudo! até os prefácios!

UM CADÁVER DE POETA.

Levem ao tumulto aquêlle que parece um cadáver! Tu não pesaste sôbre a terra: a terra te seja leve!

L. UHLAND.

I.

De tanta inspiração e tanta vida
Que os nervos convulsivos inflamava
E ardia sem conforto...
O que resta? uma sombra esvaciada,
Um triste que sem mãe agonizava...
Resta um poeta morto!

Morrer! e resvalar na sepultura,
Frias na frente as ilusões — no peito
Quebrado o coração!
Nem saudades levar da vida impura
Onde arquejou de fome... sem um leito!
Em treva e solidão!

Tu foste como o sol; tu parecias
Ter na aurora da vida a eternidade
Na larga frente escrita...
Porém não voltarás como surgias!
Apagou-se teu sol da mocidade
Numa treva maldita!

Tua estrêla mentiu. E do fadário
De tua vida a página primeira
Na tumba se rasgou...
Pobre gênio de Deus, nem um sudário!
Nem túmulo nem cruz! como a caveira
Que um lôbo devorou!...

II.

Morreu um trovador — morreu de fome.
Acharam-no deitado no caminho:
Tão doce era o semblante! Sôbre os lábios
Flutuava-lhe um riso esperançoso.
E o morto parecia adormecido.

Ninguém ao peito recostou-lhe a frente
Nas horas da agonia! Nem um beijo
Em bôca de mulher! nem mão amiga
Fechou ao trovador os tristes olhos!
Ninguém chorou por êle... No seu peito
Não havia colar nem bolsa d'ouro;
Tinha até seu punhal um férreo punho...
Pobretão! não valia a sepultura!

Todos o viam e passavam todos.
Contudo era bem morto desde a aurora.
Ninguém lançou-lhe junto ao corpo imóvel
Um ceartil ⁷⁴⁹ para a cova!... nem sudário!

O mundo tem razão, sisudo pensa,
E a turba tem um cérebro sublime!
De que vale um poeta — um pobre louco
Que leva os dias a sonhar — insano
Amante de utopias e virtudes
E, num tempo sem Deus, ainda crente?

A poesia é de certo uma loucura;
Sêneca o disse, um homem de renome.
É um defeito no cérebro... Que doidos!
É um grande favor, é muita esmola
Dizer-lhes *bravo!* à inspiração divina,
E, quando tremem de miséria e fome,
Dar-lhes um leito no hospital dos loucos...
Quando é gelada a frente sonhadora,
Por que há de o vivo que despreza rimas
Cansar os braços arrastando um morto,
Ou pagar os salários do cozeiro?
A bolsa esvaziar por um misérrimo,
Quando a emprega melhor em lôdo e vício!
E que venham aí falar-me em Tasso!
Culpar Afonso d'Est — um soberano! —
Por não lhe dar a mão da irmã fidalga!
Um poeta é um poeta — apenas isso:
Procure para amar as poetisas!
Se na França a princesa Margarida,
De Francisco primeiro irmã formosa,
Ao poeta Alain Chartier adormecido
Deu nos lábios um beijo, é que esta moça,
Apesar de princesa, era uma douda,
E a prova é que também rondós fazia.
Se Riccio o trovador obteve amôres
— Novela até bastante duvidosa —
Dessa Maria Stuart formosíssima,
E' que ela — sabe-o Deus! — fêz tanta asneira,
Que não admira que a um poeta amasse!

Por isso adoro o libertino Horácio.
Namorou algum dia uma parenta
Do patrono Mecenas? Parasita,
Só pedia dinheiro — no triclinio
Bebia vinho bom — e não vivia
Fazendo versos às irmãs de Augusto.

E quem era Camões? Por ter perdido
Um olho na batalha e ser valente,
As ⁷⁵⁰ esmolos valeu. Mas quanto ao resto,
Por fazer umas trovas de vadio,
Deveriam lhe dar, além de glória,
— E essa deram-lhe à farta — algum bispado,
Alguma dessas gordas sinecuras
Que se davam a idiotas fidalguias?

Deixem-se de visões, queimem-se os versos.
O mundo não avança por cantigas.
Creiam do povilêu os trovadores
Que um poeta não val meia princesa.
Um poema contudo, bem escrito,
Bem limado e bem cheio de tetéias,
Nas horas do café lido fumando,
Ou no campo, na sombra do arvoredado,
Quando se quer dormir e não há sono,
Tem o mesmo valor que a dormideira.

Mas não passe dali do vate a mente.
Tudo o mais são orgulhos, são loucuras!
Faublas tem mais leitores do que Homero.....
Um poeta no mundo tem apenas
O valor de um canário de gaiola...
E' prazer de um momento, é mero luxo.
Contente-se em traçar nas fôlhas brancas
De um *Album* da moda umas quadrinhas.
Nem faça apelações para o futuro.
O homem é sempre o homem. Tem juízo:
Desde que o mundo é mundo assim cogita.

Nem há negá-lo — não há doce lira
Nem sangue de poeta ou alma virgem
Que valha o talismã que no oiro vibra!
Nem músicas nem santas harmonias
Igualam o condão, êsse eletrismo,
A ardente vibração do som metálico....

Meu Deus! e assim fizeste a criatura?
Amassaste no lôdo o peito humano?
Ó poetas, silêncio! é êste o homem?
A feitura de Deus! a imagem dêle!
O rei da criação!...

Que verme infame!

Não Deus, porém Satã no peito vácuo
Uma corda prendeu-te — o egoísmo!
Oh! miséria, meu Deus! e que miséria!

III.

Passou El-Rei ali com seus fidalgos.
Iam a degolar uns insolentes
Que ousaram murmurar da infâmia régia,
Das nódoas de uma vida libertina!
Iam em grande gala. O Rei cismava
Na glória de espetar no pelourinho
A cabeça de um pobre degolado.
Era um rei *bon-vivant*, e rei devoto;
E, como Luís XI, ao lado tinha
O bôbo, o capelão... e seu carrasco.

O cavalo do Rei, sentindo o morto,
Trêmulo de terror parou nitrindo.
Deu d'esporas leviano o cavaleiro
E disse ao capelão:

“E não enterram
Êsse homem que apodrece, e no caminho
Assusta-me o corcel?” ⁷⁵¹

Depois voltou-se
E disse ao camarista de semana:
“Conheces o defunto? Era inda moço.
Faria ⁷⁵² certamente um bom soldado.
A figura é esbelta! Forte pena!
Podia bem servir para um lacaio”.

Descoberto, ⁷⁵³ o faceiro fidalgote
Responde-lhe fazendo a cortesia:
“Pelas tripas do Papa! eu não me engano,
Leve-me Satanás se êste defunto
Ontem não era o trovador Tancredo!”

“Tancredo!” murmurou erguendo os óculos
Um anfíbio, um barbaças truanesco,
Alma de Triboulet, que além de bôbo
Era o vate da côrte — bem nutrido,
Farto de sangue, mas de veia pobre,
Caídos beiços, volumoso abdómen,
Grisalha cabeleira esparramada,
Tremendo narigão, mas testa curta;
Em suma um glosador de sobremesas,

“Tancredo! — repetiu imaginando —
Um asno! só cantava para o povo!
Uma língua de fel, um insolente!
Orgulho desmedido... e quanto aos versos
Morava como um sapo n'água doce...
Não sabia fazer um trocadilho....”

O rei passou — com êle a companhia.
Só ficou rressupino e macilento
Da estrada em meio o trovador defunto.

IV.

Ia caindo o sol. Bem reclinado
No vagaroso côche madornando,
Depois de bem jantar fazendo a sesta,
Roncava um nédio, um barrigudo frade:
Bochechas e nariz, em cima uns óculos,
Vermelho solidéu... enfim um bispo,
E um bispo, senhor Deus! da idade média,
Em que os bispos — como hoje e mais ainda —
Sob o pêso da cruz bem rubicundos,
Dormindo bem, e a regalar bebendo,
Sabiam engordar na sinecura;
Papudos santarrões, depois da Missa
Lançando ao povo a bênção — por dinheiro!

O cocheiro ia bêbado por certo;
Os cavalos tocou p'lo bom caminho
Mesmo em cima das pernas do cadáver.
Refugou a parelha, mas o sota
— Que ao sol da glória episcopal enchia
De orgulho e de insolência o couro inerte,
Cuspindo o povilêu, como um fidalgo —
Que em falta de miolo tinha vinho
Na cabeça devassa, deu de esporas:
Como passara sôbre a vil carniça
Relêu de corvos negros — foi por cima...
Mas desgraça! maldito aquêle morto!
Desgraça!... não porque pisasse o côche
Aquêles magros ossos, mas a roda
Na humana resistência deu estalo...
E acorda o fradalhão...

“O que sucede?
— Pergunta bocejando: — é algum bêbado?
Em que bicho pisaram?”

“Senhor bispo,” ⁷⁵⁴
Diz o servo da Igreja, o bom cocheiro
Ao vigário de Cristo, ao santo Apóstolo
Isto é — dessa fidalga raça nova
Que não anda de pé como S. Pedro,
Nem estafa os corcéis ⁷⁵⁵ de S. Francisco:
“Perdoe Vossa Excelência Eminentíssima;
E' um pobre diabo de poeta,
Um homem sem miolo e sem barriga
Que lembrou-se de vir morrer na estrada!”

“Abrenúncio! — rouqueja o Santo Bispo —
Leve o Diabo essa tribo de boêmios!
Não há tanto lugar onde se morra?
Maldita gente! inda persegue os Santos
Depois que o Diabo a leva!...”

E foi caminho.

Leve-te Deus! Apóstolo da crença,
Da esperança e da santa caridade!
Tu, sim, és religioso e nos altares
Vem cada sacristão, e cada monge
Agitar a teus pés o seu turíbulo!
E o sangue do Senhor no cálix d'oiro
Da turba na oração te banha os lábios....

Leve-te Deus, Apóstolo da crença!
Sem padres como tu que fôra o mundo?
E' por ti que o altar apóia o trono!
E teu olhar que fertiliza os vales
Fecunda a vinha santa do Messias!

Leve-te Deus... ou leve-te o Demônio!

V.

Caiu a noite, do azulado manto,
Como gôtas de orvalho, sacudindo
Estrêlas cintilantes. — Veio a lua
Banhando de tristeza o céu noturno:
Derrama aos corações melancolia,
Derrama no ar cheiroso molemente
Cerúlea chama, dia incerto e pálido
Que ao lado da floresta junta as sombras
É lança pelas águas da campina
Alvacentos clarões que as flores bebem.
A galope, de volta do noivado,
Passa o Conde Solfier, e a noiva Elfrida.
Seguem fidalgos que o sarau reclama.

ELFRIDA.

— Não vês, Solfier, ali da estrada em meio
Um defunto estendido? —

SOLFIER.

— Ó minha Elfrida,

Voltemos dêsse lado: outro caminho
Se dirige ao castelo. É mau agouro
Por um morto passar em noites destas.

Mas Elfrida aproxima o seu cavalo.

ELFRIDA.

— Tancredo!... vêde! é o trovador Tancredo!
Coitado! assim morrer! um pobre moço!
Sem mãe e sem irmã! E não o enterram?
Neste mundo não teve um só amigo? —

“Ninguém, senhora! — respondeu da sombra
Uma dorida voz: — Eu vim, há pouco,
Ao saber que do povo no abandono
Jazia como um cão. Eu vim, e eu mesmo
Cavei junto do lago a cova impura”.

ELFRIDA.

— Tendes um coração. Tomai, mancebo,
Tomai essa pulseira... Em ouro e jóias
Tem bastante p'ra erguer-lhe um monumento,
E para longas missas lhe dizerem
Pelo repouso d'alma... —

O moço riu-se.

O DESCONHECIDO.

— Obrigado. Guardai as vossas jóias.
Tancredo o trovador morreu de fome;
Passaram-lhe no corpo frio e morto,
Salpicaram de lódo a face dêle,
Talvez cuspissem nesta frente santa

Cheia outrora de eternas fantasias,
De idéias a valer um mundo inteiro!...
Porque lançar esmolas ao cadáver?
Leva-as, fidalga — tuas jóias belas!
O orgulho do plebeu as vê sorrindo.
Missas... bem sabe Deus se neste mundo
Gemeu alma tão pura como a dêle!
Foi um anjo, e murchou-se como as flores,
Morreu sorrindo como as virgens morrem!
Alma doce que os homens enjeitaram,
Lírio que profanou a turba imunda,
Oh! não te mancharei nem a lembrança
Com o óbolo dos ricos! Pobre corpo,
És o templo deserto, onde habitava
O Deus que em ti sofreu por um momento!
Dorme, pobre Tancredo! eu tenho braços:
Na cova negra dormirás tranqüilo...
Tu repousas ao menos!..... —

No entanto sofrendo a custo a raiva,
Mordendo os lábios de soberba e fúria,
Solfier da bainha arranca a espada,
Avança ao moço e brada-lhe:

“Insolente!

Cala-te, doudo! Cala-te, mendigo!
Não vês quem te falou? Curva o joelho,
Tira o gorro, vilão!”

O DESCONHECIDO.

— Tu vês: não tremo.

Tu não vales o vento que salpica
Tua frente de pó. Porque és fidalgo,
Não sabes que um punhal vale uma espada
Dentro do coração? —

Mas logo Elfrida:

“Acalma-te, Solfier! O triste moço
Desespera, blasfema e não me insulta.
Perdoa-me também, mancebo triste;
Não pensei ofender tamanho orgulho.
Tua mágoa respeito. Só te imploro
Que sôbre a frente ao trovador desfolhes
Essas flores, as flores do noivado
De uma triste mulher... E quanto às jóias,
Lança-as no lago... Mas quem és? teu nome?”

O DESCONHECIDO.

— Quem sou? um doudo, uma alma de insensato,
Que Deus maldisse e que Satã devora;
Um corpo moribundo em que se nutre
Uma centelha de pungente fogo,
Um raio divinal que dói e mata,
Que doira as nuvens e amortalha a terra!...
Uma alma como o pó em que se pisa;
Um bastardo de Deus, um vagabundo
A que o gênio gravou na frente — anátema!
Dêsses que a turba com o dedo aponta...
Mas não; não hei de sê-lo! eu juro n'alma,
Pela caveira, pelas negras cinzas
De minha mãe o juro... agora há pouco
Junto de um morto reneguei do gênio,
Quebrei a lira à pedra de um sepulcro...
Eu era um trovador, sou um mendigo.... —

Ergueu do chão a dádiva d'Elfrida;
 Roçou as flores aos trementes lábios;
 Beijou-as. Sôbre o peito de Tancredo
 Pousou-as lentamente...

— Em nome dêle,

Agradeço estas flores do teu seio,
 Anjo que sôbre um túmulo desfolhas
 Tuas últimas flores de donzela! —

Depois vibrou na lira estranhas mágoas,
 Carpiu à longa noite escuras nêneas,
 Cantou: banhou de lágrimas o morto.

De repente parou — vibrou a lira
 Co'as mãos iradas trêmulas... e as cordas
 Uma per uma rebentou cantando...
 Tinha fogo no crânio, e sufocava.
 Passou a fria mão nas fontes úmidas,
 Abriu a mêdo os lábios convulsivos,
 Sorriu de desespêro — e sempre rindo
 Quebrou as jóias e as lançou no abismo...

V I.

No outro dia, na borda do caminho,
 Deitado ao pé de um fôssô aberto apenas, ⁷⁵⁶
 Viu-se um mancebo loiro que morria...
 Semblante feminino, e formas dêbeis,
 Mas nos palores da espaçosa fronte
 Uma sombria dor cavara sulcos.
 Corria sôbre os lábios alvacentos
 Uma leve umidez, um lô d'escuma,
 E seus dentes a raiva constringira...
 Tinha os punhos cerrados... Sôbre o peito
 Acharam letras de uma língua estranha...
 E um vidro sem licor... fôra veneno!...

Ninguém o conheceu; mas conta o povo
 Que, ao lançá-lo no túmulo, o coveiro
 Quis roubar-lhe o gibão — despiu o moço...
 E viu... talvez é falso... níveos seios...
 Um corpo de mulher de formas puras...

V I I.

Na tumba dormem os mistérios d'ambos;
 Da morte o negro véu não há erguê-lo!
 Romance obscuro de paixões ignotas,
 Poema d'esperança e desventura,
 Quando a aurora mais bela os encantava,
 Talvez rompeu-se no sepulcro dêles!
 Não pode o bardo revelar segredos
 Que levaram ao céu as ternas sombras;
 Desfolha apenas nessas fronteiras puras
 Da extrema inspiração as flores murchas...

FRAGMENTO.

La chaise où je m'assieds, la natte où je me couche,
 La table où je t'écris,

 Mes gros souliers ferrés, mon bâton, mon chapeau,
 Mes livres pêle-mêle entassés sur leur planche

 De cet espace étroit sont tout l'ameublement.

LAMARTINE. *Jocelyn.*

I.

Ossian o bardo é triste como a sombra
 Que seus cantos povoa. O Lamartine
 E' monótono e belo como a noite,
 Como a lua no mar e o som das ondas...
 Mas pranteia uma eterna monodia,
 Tem na lira do gênio uma só corda,
 Fibra de amor e Deus que um sôpro agita:
 Se desmaia de amor a Deus se volta,
 Se pranteia por Deus de amor suspira.
 Basta de Shakspeare. Vem tu agora,
 Fantástico alemão, poeta ardente
 Que ilumina o clarão das gôtas pálidas
 Do nobre Johannisberg! Nos teus romances
 Meu coração deleita-se... Contudo
 Parece-me que vou perdendo o gôsto,
 Vou ficando *blasé*, passeio os dias
 Pelo meu corredor, sem companheiro,
 Sem ler, nem poetar. Vivo fumando.

Minha casa não tem menores névoas
 Que as dêste céu d'inverno... Solitário
 Passo as noites aqui e os dias longos;
 Dei-me agora ao charuto em corpo e alma;
 Debalde ali de um canto um beijo implora,
 Como a beleza que o Sultão despreza,
 Meu cachimbo alemão abandonado!
 Não passeio a cavalo e não namoro;
 Odeio o *lasquet*... ⁷⁵⁸ Palavra d'honra!
 Se assim me continuam por dois meses
 Os diabos azuis nos frouxos membros,
 Dou na Praia Vermelha ou no Parnaso. ⁷⁵⁹

I I.

Enchi o meu salão de mil figuras.
 Aqui voa um cavalo no galope,
 Um roxo *dominó* as costas volta
 A um cavaleiro de alemães bigodes,
 Um prêto beberrão sôbre uma pipa,
 Aos grossos beijos a garrafa aberta...
 Ao longo das paredes se derramam
 Extintas inscrições de versos mortos,
 E mortos ao nascer... Ali na alcova
 Em águas negras se levanta a ilha
 Romântica, sombria à flor das ondas
 De um rio que se perde na floresta...
 Um sonho de mancebo e de poeta,
 El-Dorado de amor que a mente cria
 Como um Éden de noites deleitosas...
 Era ali que eu podia no silêncio
 Junto de um anjo... Além o romantismo!
 Borra adiante folgaz caricatura
 Com tinta de escrever e pó vermelho

A gorda face, o volumoso abdómen,
E a grossa penca do nariz purpúreo
Do alegre vendilhão entre botelhas
Metido num tonel... Na minha cômoda
Meio encetado o copo inda verbera
As águas d'oiro do *Cognac* fogoso.
Negreja ao pé narcótica botelha
Que da essência de flores de laranja
Guarda o licor que nectariza os nervos.
Ali mistura-se o charuto Havano
Ao mesquinho cigarro e ao meu cachimbo.
A mesa escura cambaleia ao pêso
Do titânio ⁷⁶⁰ *Digesto*, e ao lado dêle
Childe-Harold entreaberto ou Lamartine
Mostra que o romantismo se descuida
E que a poesia sobrenada sempre
Ao pesadelo clássico do estudo.

III.

Reina a desordem pela sala antiga,
Desce a teia de aranha as bambinelas
A estante pulverenta. A roupa, os livros
Sobre as cadeiras poucas se confundem.
Marca a fôlha do *Faust* um colarinho
E Alfredo de Musset encobre às vêzes
De Guerreiro ou Valasco um texto obscuro.
Como outrora do mundo os elementos
Pela treva jogando cambalhotas,
Meu quarto, mundo em caos, espera um *Fiat!*

IV.

Na minha sala três retratos pendem.
Ali Victor Hugo. Na larga frente
Erguidos luzem os cabelos loiros
Como c'roa soberba. Homem sublime,
O poeta de Deus e amôres puros
Que sonhou Triboulet, Marion Delorme
E Esmeralda a Cigana... e diz a crônica
Que foi aos tribunais parar um dia
Por amar as mulheres dos amigos
E adúlteros fazer *romances vivos*.

V.

Aquêlé é Lamennais — o bardo santo,
Cabeça de profeta, unguido crente,
Alma de fogo na mundana argila
Que as harpas de Sion vibrou na sombra,
Pela noite do século chamando
A Deus e à liberdade as loucas turbas.
Por êle a George Sand morreu de amôres,
E dizem que... Defronte, aquêlé moço
Pálido, pensativo, a frente erguida,
Olhar de Bonaparte em face Austríaca,
Foi do homem secular as esperanças.
No berço imperial um céu de Agôsto
Nos cantos de triunfo despertou-o...
As águias de Wagram e de Marengo
Abriam flamejando as longas asas
Impregnadas do fumo dos combates,
Na púrpura dos Césares, guardando-o.
E o gênio do futuro parecia
Predestiná-lo à glória. A história dêle?
Resta um crânio nas urnas do estrangeiro...
Um loureiro sem flores nem sementes...

E um passado de lágrimas... A terra
Tremeu ao sepultar-se o Rei de Roma.
Pode o mundo chorar sua agonia
E os louros de seu pai na frente dêle
Infecundos depor... Estrêla morta,
Só pode o menestrel sagrar-te prantos!

VI.

Junto a meu leito, com as mãos unidas,
Olhos fitos no céu, cabelos soltos,
Pálida sombra de mulher formosa
Entre nuvens azuis pranteia orando.
E' um retrato talvez. Naquele seio
Porventura sonhei doiradas noites:
Talvez sonhando desatei sorrindo
Alguma vez nos ombros perfumados
Êsses cabelos negros, e em delíquio
Nos lábios dela suspirei tremendo.
Foi-se minha visão. E resta agora
Aquela vaga sombra na parede
— Fantasma de carvão e pó cerúleo,
Tão vaga, tão extinta e fumarenta
Como de um sonho o recordar incerto.

VII.

Em frente do meu leito, em negro quadro
A minha amante dorme. E' uma estampa
De bela adormecida. A rósea face
Parece em visos de um amor lascivo
De fogos vagabundos acender-se...
E com a nívea mão recata o seio...
Oh! quantas vêzes, ideal mimoso,
Não encheste minh'alma de ventura,
Quando louco, sedento e arquejante,
Meus tristes lábios imprimir ardentes
No poento vidro que te guarda o sono!

VIII.

O pobre leito meu desfeito ainda
A febre aponta da noturna insônia.
Aqui lânguido a noite debati-me
Em vãos delírios anelando um beijo...
E a donzela ideal nos róseos lábios,
No doce berço do moreno seio
Minha vida embalou estremecendo...
Foram sonhos contudo. A minha vida
Se esgota em ilusões. E quando a fada
Que diviniza meu pensar ardente
Um instante em seus braços me descansa
E roça a mêdo em meus ardentes lábios
Um beijo que de amor me turva os olhos,
Me ateia o sangue, me enlanguesce ⁷⁶¹ a frente,
Um espírito negro me desperta,
O encanto do meu sonho se evapora
E das nuvens de nácar da ventura
Rolo tremendo à solidão da vida!

IX.

Oh! ter vinte anos sem gozar de leve
A ventura de uma alma de donzela!
E sem na vida ter sentido nunca
Na suave atração de um róseo corpo
Meus olhos turvos se fechar de gôzo!

Oh! nos meus sonhos, pelas noites minhas
 Passam tantas visões sôbre meu peito!
 Palor de febre meu semblante cobre,
 Bate meu coração com tanto fogo!
 Um doce nome os lábios meus suspiram,
 Um nome de mulher... e vejo lânguida
 No véu suave de amorosas sombras
 Seminua, abatida, a mão no seio,
 Perfumada visão romper a nuvem,
 Sentar-se junto a mim, nas minhas pálpebras
 O alento fresco e leve como a vida
 Passar delicioso... Que delírios!
 Acordo palpitante... inda a procuro;
 Embalde a chamo, embalde as minhas lágrimas
 Banham meus olhos, e suspiro e gemo...
 Imploro uma ilusão... tudo é silêncio!
 Só o leito deserto, a sala muda!
 Amorosa visão, mulher dos sonhos,
 Eu sou tão infeliz, eu sofro tanto!
 Nunca virás iluminar meu peito
 Com um raio de luz desses teus olhos?

X.

Meu pobre leito! eu amo-te contudo!

Aqui levei sonhando noites belas;
 As longas horas olvidei libando
 Ardentes gôtas de licor doirado,
 Esqueci-as no fumo, na leitura
 Das páginas lascivas do romance...

Meu leito juvenil, da minha vida
 És a página d'oiro. Em teu asilo
 Eu sonho-me poeta, e sou ditoso,
 E a mente errante devaneia em mundos
 Que esmalta a fantasia! Oh! quantas vêzes
 Do levante no sol entre odaliscas
 Momentos não passei que valem vidas!
 Quanta música ouvi que me encantava!
 Quantas virgens amei! que Margaridas,
 Que Elviras saudosas e Clarissas
 Mais trêmulo que Faust eu não beijava,
 Mais feliz que Dom Juan e Lovelace
 Não apertei ao peito desmaiando!

Ó meus sonhos de amor e mocidade,
 Porque ser tão formosos, se devíeis
 Me abandonar tão cedo... e eu acordava
 Arquejando a beijar meu travesseiro?

X I.

Junto do leito meus poetas dormem
 — O Dante, a Bíblia, Shakspeare e Byron —
 Na mesa confundidos. Junto dêles
 Meu velho candieiro se espreguiça
 E parece pedir a formatura.
 Ó meu amigo, ó velador noturno,
 Tu não me abandonaste nas vigílias,
 Quer eu perdesse a noite sôbre os livros,
 Quer, sentado no leito, pensativo

Relesse as minhas cartas de namôro!
 Quero-te muito bem, ó meu comparsa
 Nas doudas cenas de meu drama obscuro!
 E num dia de *spleen*, vindo a pachorra,
 Hei de evocar-te num poema heróico
 Na rima de Camões e de Ariosto
 Como padrão às lâmpadas futuras!

X I I.

Aqui sôbre esta mesa junto ao leito
 Em caixa negra dous retratos guardo.
 Não os profanem indiscretas vistas.
 Eu beijo-os cada noite: neste exílio
 Venero-os juntos e os prefiro unidos
 — Meu pai e minha mãe. — Se acaso um dia
 Na minha solidão me acharem morto,
 Não os abra ninguém. Sôbre meu peito
 Lancem-os em meu túmulo. Mais doce
 Será certo o dormir da noite negra
 Tendo no peito essas imagens puras.

X I I I.

Havia uma outra imagem que eu sonhava
 No meu peito na vida e no sepulcro.
 Mas ela não o quis... rompeu a tela
 Onde eu pintara meus doirados sonhos.
 Se posso no viver sonhar com ela,
 Essa trança ⁷⁶² beijar de seus cabelos
 E essas violetas inodoras, murchas,
 Nos lábios frios comprimir chorando,
 Não poderei na sepultura, ao menos,
 Sua imagem divina ter no peito.

X I V.

Parece que chorei... Sinto na face
 Uma perdida lágrima rolando...
 Satã leve a tristeza! Olá, meu pajem,
 Derrama no meu copo as gôtas últimas
 Dessa garrafa negra...

Eia! bebamos!

És o sangue do gênio, o puro néctar
 Que as almas de poeta diviniza,
 O condão que abre o mundo das magias!
 Vem, fogoso *Cognac!* É só contigo
 Que sinto-me viver. Inda palpito,
 Quando os eflúvios dessas gôtas áureas
 Filtram no sangue meu correndo a vida,
 Vibram-me os nervos e as artérias queimam,
 Os meus olhos ardentes se escurecem
 E no cérebro passam delirosos
 Assomos de poesia... Dentre a sombra
 Vejo num leito d'oiro a imagem dela
 Palpitante, que dorme e que suspira,
 Que seus braços me estende...

Eu me esquecia:

Faz-se noite; traz fogo e dous charutos
 E na mesa do estudo acende a lâmpada...

BOÊMIOS.

ATO DE UMA COMÉDIA NÃO ESCRITA.

Totus mundus agit histrionem.

Provérbio do tempo de SHAKSPEARE.

A cena passa-se na Itália no século XVI. Uma rua escura e deserta. Alta noite. Numa esquina uma imagem de Madona em seu nicho alumado por uma lâmpada.

PUFF dorme no chão abraçando uma garrafa. NINI entra tocando guitarra. Dão 3 horas. 763.

NINI.

Olá! que fazes, Puff? dormes na rua?

PUFF, acordando.

Não durmo... Penso.

NINI.

Estás enamorado

E deitado na pedra acaso esperas
O abrir de uma janela? Estás cioso
E co'a botelha em vez de durindana
Aguardas o rival?

PUFF.

Ceei à farta

Na taverna do Sapo e das Três-Cobras.
Faço o quilo; ao repouso me abandono.
Como o Papa Alexandre ou como um Turco,
Me entrego ao *far niente* e bem a gôsto
Descanso na calçada imaginando.

NINI.

Embalde quis dormir. Na minha mente
Fermenta um mundo novo que desperta.
Escuta, Puff: eu sinto no meu crânio
Como em seio de mãe um feto vivo.
Na minha insônia vela o pensamento.
Os poetas passados e futuros
Vou todos ofuscar.... Aqui no cérebro
Tenho um grande poema. Hei de escrevê-lo,
É certa a glória minha!

PUFF.

A idéia é boa:

Toma dez bebedeiras — são dez cantos.
Quanto a mim tenho fé que a poesia
Dorme dentro do vinho. Os bons poetas
Para ser imortais beberam muito.

NINI.

Não rias. Minha idéia é nova e bela.
A Musa me votou a eterna glória.
Não me engano, meu Puff, enquanto sonho:
Se aos poetas divinos Deus concede

Um céu mais glorioso, ali com Tasso,
Com Dante e Ariosto eu hei de ver-me.
Se eu fizer um poema, certamente
No Panteon da fama cem estátuas
Cantarão aos vindouros o meu gênio!

PUFF.

Em estátua, meu Nini! Estás zombando!
É impossível que saias parecido.
Que mármore daria a côr vermelha
Dêste imenso nariz, destas melenas?

NINI.

Estás bêbado, Puff. Tresandas vinho.

PUFF.

O vinho! és uma bêsta; só um parvo
Pode a beleza desmentir do vinho.
Tu nunca leste o Cântico dos Cânticos
Onde o rei Salomão, como elogio,
Dizia à noiva: — *Pulchriora sunt
Ubera tua vino!*

NINI.

És sempre um bôbo.

PUFF.

E tu és sempre êsse nariz vermelho
Que ainda aqui na treva desta rua
Flameja ao pé de mim. Quando te vejo,
Penso que estou na Igreja ouvindo Missa
Dita por Cardeal.

NINI.

És um devasso.

PUFF.

Respondo-te sòmente o que dizia
Sir John Falstaff, da noite o cavaleiro:
"Se Adão pecou no estado de inocência,
Que muito é que nos dias da impureza
Peque o mísero Puff?" Tu bem o sabes:
Tôda a fragilidade vem da carne,
E na carne se eu tanto excedo os outros,
Vícios não devem meus causar espanto.
Minha alma dorme em treva completíssima
Pela minha descrença... E tu, maldito,
Porque sempre não vens esclarecer-me
Com êsse teu farol aceso sempre,
Cavaleiro da lâmpada vermelha,
Às trevas de minh'alma?

NINI.

Que leproso!

PUFF.

Sou um homem de pêso. Entendo a vida;
Tenho muito miolo, e a prova disto
É que não sou poeta nem filósofo,
E gosto de beber, como Panúrgio.
Se tu fosses tonel, como pareces,
Eu te bebera agora de um só trago.

NÍNI.
Quero-te bem contudo. Amigos velhos, ⁷⁶⁴
Deixemo-nos de histórias. Meu poema...

PUFF.
Se falas em poema, eu logo durmo.

NÍNI.
Uma vez era um rei...

PUFF.
Não vês? eu ronco.

NÍNI.
Quero a ti dedicar minha obra-prima;
Irás junto comigo à eternidade.
Teu retrato porei no frontispício.
Meu poema será uma coroa
Que as nossas frentes engrinalde juntas.

PUFF.
Pensei-te menos doudo. O teu poema
Seria uma sublime carapuça.
Mas, já que sonhas tanto, olha, meu Níni,
Tu precisas de um saco.

NÍNI.
Impertinente!

PUFF.
Dá-me aqui tua mão. Sabes, amigo?
Passei ontem o dia de namôro;
Minhas paixões votei à nova espôsa
Do velho Conde que ali mora em frente.
Estou adiantado nos amôres.
A cozinheira, outrora minha amante,
Meus passos guia, meus suspiros leva.
Mas preciso com pressa de um sonêto.
Prometes-me fazê-lo?

NÍNI.
Se me ouvires
Recitar meu poema...

PUFF.
Eu me resigno.
Declama teu sermão, como um vigário.
Mas o sono ao rebanho se permite?

(*Entra um criado correndo.*)

Roa-me o diabo as tripas, se não vejo
Ali correr com pernas de cabrita
O criado do cônego Tansoni.

NÍNI.
Onde vais, Gambioletto?

GAMBIOLETTA.
Vou à pressa
Ao doutor Fossuário.

PUFF.
Acaso agora
O carrasco fugiu?

NÍNI.
Quem agoniza?

GAMBIOLETTA.
O Reverendo e Santo Sr. Cônego,
Deitando-se a dormir depois da ceia
No colo de Madona la Zaffeta,
Uma dores sentiu pela barriga,
Caiu estrebuchando ⁷⁶⁵ sôbre a sala...
Morre de apoplexia.

NÍNI.
O diabo o leve!

GAMBIOLETTA.
E o médico, Srs.!

(*Sai correndo.*)

PUFF.
Venturoso!
Sempre é Cônego... Níni, *dulce et decus*
Pro patria mori... É doce e glorioso
Morrer de apoplexia! Quem me dera
Morrer depois da ceia, de repente!
Não vem o confessor contar novelas,
Não soam cantos fúnebres em tórno,
Nem se força o medroso moribundo
A rezar, quando só dormir quisera!
Venturosos os Cônegos e os Bispos,
E os papudos Abades dos conventos!
Êles podem morrer de apoplexia!
E se morrem ⁷⁶⁶ pensando — coisa nova! —
Quem nunca no viver cansou-se nisso;
Se êles morrem pensando, ante seus olhos,
No momento final sem ter pavores,
Inda corre a visão da bela mesa!
A não morrer-se como o velho Píndaro,
Cantando, sôbre o seio amorenado
De sua amante Grega, oh! quem me dera
Cair morto no chão, beijando ainda
A botelha divina!

NÍNI.
Que maluco!
A estas horas da noite, assim no escuro
Não temes de lembrar-te de defuntos?
Beijarias até uma caveira,
Se espumante o Madeira ali corresse!

PUFF.
Os cálices doirados são mais belos;
Inda porém mais doce é nos beicinhos
Da bela moça que sorrindo bebe
Libar mais terno o saibo dos licores....
Eu prefiro beijar a tua amante.

NINI.

Tens mêdo de defuntos?

PUFF.

Um bocado.
Sinto que não nasci para coveiro.
Contudo, no domingo, à meia-noite...
Pela fôrca passei, vi nas alturas,
Do luar sem vapor à luz formosa,
Um vilão pendurado. Era tão feio!
A língua um palmo fora, sôbre o peito,
Os olhos espantados, bôca lívida,
Sôbre a cabeça dêle estava um corvo...
O morto estava nu, pois o carrasco
Despindo os mortos dá vestido aos filhos,
E deixa à noite o padecente à fresca.
Eu senti pelo corpo uns arrepios...
Mas depois veio o ânimo... trepei-me
Pela escada da fôrca, fui acima,
E pintei uns bigodes no enforcado.

NINI.

Bravo como um Vampiro!

PUFF.

Oh! antes d'ontem
Passei pelos telhados sem ter mêdo,
Para evitar um pátio ⁷⁶⁷ onde velava
Um cão — que enorme cão! — subindo ao quarto
Onde dorme Rosina Belvidera.

NINI.

Ousaste ao Cardeal depor na fronte
Tão pesada coroa?

PUFF.

A mitra cobre.
Dizem que a santidade lava tudo;
Depois... o Cardeal estava bêbado....
A propósito, sabes dos amôres
Do capitão Tybald? O tal maroto
Não sei de que milagres tem segrêdo
Que deu volta à cabeça da rainha.

NINI.

Por isso o pobre Rei anda tão triste!

PUFF.

Spadaro, o fidalgote barba-ruiva,
Contou-me que espiando p'la janela
Do quarto da rainha os viu... Caluda!

NINI.

E o Rei que faz? Não tem lá na cozinha
Algum pau de vassoura ou um chicote?

PUFF.

El-Rei Nosso Senhor então ceava.

NINI.

Santo Rei!

PUFF.

E demais é bem sabido
Que El-Rei só reina à mesa e nas caçadas.

NINI.

Nunca perde um veado quando atira.

PUFF.

Êle caça veados! Má fortuna!
Não o cacem também pela ramagem!

NINI.

Com língua tão comprida e viperina
Irás parar na fôrca.

PUFF.

Nini, escuta.

Assisti esta noite a um pagode
Na taverna do Sapo e das três Cobras.
Era já lusco-fusco, e eu entrando
Dou com Frei São José e Frei Gregório,
O Prior do convento dos Bernardos
E mais uns dous ou três que só conheço
De ver pelas esquinas se encostando,
Ou dormidos na rua a sono sólto...

Que soberbo painel! Faze uma idéia!
Um banquete! fartura! que presuntos!
Que tostados leitões que recendiam!
Numa enorme caldeira enormes peixes,
Recheados capões fervendo ainda,
Perus, *olhas podridas*, costeletas...
Esgotara o talento a cozinheira!
Abertos garrafões; garrafas cheias;
Vinho em copos imensos transbordando;
Na toalha, já suja, debruçados
Aquêles religiosos cachaçudos
De bôca aberta e de embotados olhos.
Gastrônomos! ali é que se via
Que é ciência comer, e como um frade
Goza pelo nariz e pelos olhos,
Pelas mãos, pela bôca, e faz focinho
E bate a língua ao paladar gostoso
Ao celeste sabor de um bom pedaço!

Depois! era bonito! Frei Gregório
Co'a bôca de gordura reluzente,
Farto de vinho, esquece o reumatismo,
Esquece a erisipela já sem cura,
Canta rondós e dança a tarantela...
Arrasta-se caindo e se babando
Aos pés da taverneira. De joelhos
Faz-lhe a côrte cantando o *Miserere*,
Principia sermões, engrola textos,
E a gorda mão estende ao nédio seio
Da bela mocetona... a mão lhe beija,
A mão que o cetro cinge de vassoura...
Chora, soluça e cai, estende os braços,
Ainda a chama, e cantochão entoa...

Era de rir! os velhos amorosos,
Uns de joelhos no chão, outros cantando
Estendidos na mesa entre os despojos,
Outros beijando a moça, outros dormindo.
Ela no meio deslambida e fresca
Excita-os mutuamente e os rivaliza,
Passa-lhes pelo queixo a mão gorducha...

Corre o Prior a sôco um Barbadinho,
Atracam-se, blasfemam, esconjuram,
Um agarra na barba do contrário,
Outro tenta apertar o papo alheio...

Abraçam-se na luta os dous volumes
E rolam como pipas. No oceano
Assim duas baleias ciumentas
Atracam-se na luta... Que risadas!
Que risadas, meu Deus! arrebrandando
Soltou o pobre Puff vendo a comédia!

NINI.

Ouve agora o poema...

PUFF.

Espera um pouco.
A taverna do canto não se fecha.
Está aberta. Compra uma garrafa...
Bom vinho... tu bem sabes! Tenho a goela
Fidalga como um rei. Não tenho dúvida:
Mentiu a minha mãe quando contou-me
Que nasci de um prosaico matrimônio...
Eu filho de escrivão!... Para criar-me
Era — senão um Rei — preciso um Bispo!

NINI.

(*Vai à taverna e volta.*)

Eis aqui uma bela empada fria,
Uma garrafa e copo.

PUFF (*quebrando o copo*).

O Demo o leve!
Eu sou como Diógenes. Só quero
Aquilo sem o que viver não posso.
Deitado nesta laje, preguiçoso,
Olhando a lua, beijo esta garrafa,
E o mundo para mim é como um sonho.
Creio até que teu ventre desmedido
Como escura caverna vai abrir-se,
Mostrando-me no seio iluminado
Panoramas de harém, Sultanas lindas
E longas prateleiras de bom vinho!

NINI.

Dou começo ao poema. Escuta um pouco.

I.

“Havia um rei, numa ilha solitária,
Um rei valente, cavaleiro e belo.
O rei tinha um irmão. — Era um mancebo
Pálido, pensativo. A sua vida
Era nas serras divagar cismando,
Sentar-se junto ao mar, dormir no bosque
Ou vibrar no alaúde os seus gemidos.

II.

Vagabundo uma vez junto das ondas
O Príncipe encontrou na areia fria
Uma branca donzela desmaiada,
Que um naufrágio na praia arremessara.
Revelavam-lhe as roupas gotejantes
O belo talhe níveo, o melindroso
Das bem moldadas formas. — O mancebo
Nos braços a tomou, e foi com ela
Esconder-se no bosque.

Quando a bela
Suspirando acordou, o belo Príncipe
Aos pés dela velava de joelhos.

Amaram-se. É a vida. Eles viveram
Dêsse desmaio que dá corpo aos sonhos,
Que realiza visões e aroma a vida
Na sua primavera. A lua pálida,
As sombras da floresta, e dentre a sombra
As aves amorosas que suspiram
Viram aquelas fronteiras namoradas,
Ouviram sufocando-se num beijo
Suspiros que o deleite evaporava.

III.

O Rei tinha um truão. O caso é visto;
É muito natural. — Se reis sombrios
Gostam de bobos na doirada côrte,
Não admira de certo que um risonho
Em vez de capelão tivesse um bôbo.

Loriolo — o truão do Rei — acaso
Um dia atravessando p'la floresta,
Foi dar numa cabana de folhagens.
Ninguém estava ali, porém num leito
De brandas fôlhas e cheirosas flores
Ele viu estendidas roupas alvas
— E roupas de mulher! — e junto um gorro,
Que pelas jóias e flutuantes plumas
E pela firma no veludo negro
Denunciava o Príncipe.

Loriolo,

Apesar de na côrte ser um Bôbo,
Não era um zote. Foi-se remoendo,
Jurou dar com a história dos namoros,
E para andar melhor em tal caminho,
Ele que adivinhava ⁷⁶⁸ que as Américas
Sem proteção de rei ninguém descobre,
Madrugou muito cedo — inda era escuro —
E convidou El-Rei para o passeio.

IV.

Ora, por uma triste desventura,
O rei entrando na Cabana Verde
Achou só a mulher. — Adormecida
No desalinho descuidoso e belo
Com que elas dormem, soltos os cabelos,
A face sôbre a mão, e os seios lindos
Batendo à sôlta na macia tela
Da roupa de dormir que os modelava...
Não digo mais....

Loriolo pôs-se à espreita.
O Rei de leve despertou a bela,
Acordou-a num beijo...

V.

A linda moça
Se havia ali raivosa apunhalar-se,
Fazer espalhafato e gritaria,
Por um capricho, voluptuoso assomo,
Entregou-se ao amor do Rei....

VI.

“Maldito!”

Bradou-lhe à porta um vulto macilento.
“Maldito! meu irmão, aquela moça
É minha, minha só, é minha amante
E minha espôsa fôra....”

O Rei sorrindo

Lhe estende a régia mão e diz alegre:
“A culpa é tua. Eu disto não sabia;
Se do teu casamento me falasses,
Eu respeitara tua.....”

“Basta, infame!

Não acrescentes zombaria ao crime.
Hei de punir-te. É solitário o bosque;
Aqui não és um rei, porém um homem,
Um vil em cujo sangue hei de lavar-me.
Oh! sangue! quero sangue! eu tenho sêde!”

VII.

Despiu tremendo a reluzente espada.
O mesmo fêz o Rei. — Lutaram ambos.
Feminae sacra fames, quantum pectora
Mortalia cogis! E embalde a moça,
Ajoelhando seminua e pálida,
Vinha chorando, mais gentil no pranto,
Entre as espadas se lançar gemendo.
Embalde! Longo tempo encarniçado
A peleja durou... Enfim caíram...
Rolaram ambos trespassados, frios,
E, na treva de morte que os ⁷⁶⁹ cegava,
Inda alongando os braços convulsivos
Que avermelhava o fraticida sangue,
Procurando no sangue o inimigo! ⁷⁷⁰

VIII.

O Bôbo fêz as covas. Na montanha
Enterrou os irmãos. — E quanto à moça,
Pelo braço a tomou chorosa e fria,
Foi ao paço, e na gótica varanda,
De coroa real e longo manto,
Falou à plebe, prometeu franquezas,
Impostos levantar e dar torneios.
— Falou aos guardas: prometeu-lhes vinho.
— Falou à fidalguia, mas no ouvido,
E prometeu-lhe consentir nos vícios
E depressa fazer uma lei nova
Pela qual, se um fidalgo assassinasse
Algum torpe vilão, ficasse impune
E nem pagasse mais a vil quantia
Que era pena do crime — e alto disse
Que havia conquistar países novos.

IX.

A história infelizmente é muito vista.
Não sou original! E' uma desgraça!
Mas prefiro o caráter verdadeiro
De trovador cronista. —

Loriolo

Trocou de guizo o boné sonoro
— Muito leve chapéu! — pela coroa...
Só teve uma desgraça o Rei novato:
Foi que um dia fugiu-lhe do palácio
A tal moça volante nos amôres.

X.

Muitos anos passaram. Loriolo
Era um sublime rei. De rei a bôbo
Já tantos têm ⁷⁷¹ caído! Não admira
Que um Bôbo sendo Rei primasse tanto.
Governava tão bem como governam
Os reis de sangue azul e raça antiga.
Demais gastava pouco, e, se não fôsse
Seu amor pelas alvas formosuras,
De certo que na lista dos monarcas
Ele ficava sendo o Rei Sovina.
Enfim era um Monarca de mão cheia.
Tinha só um defeito — vendo sangue
Tinha frio no ventre; e desmaiava
Ao luzir de uma espada... era nervoso!
Ninguém falava nisso. — Até a giba,
A figura de anão, a pele escura,
Aquela bôca negra escancarada
(E que nem dentes amarelos tinha
P'ra ser de Adamastor), as gâmbias finas,
Eram tipo dos quadros dos pintores.
Se pintavam Adônis ou Cupido,
Copiavam o Rei em corpo inteiro.
E o oiro das moedas, que trazia
A ventosa bochecha, os beiços grossos,
O porcino perfil e a cabeleira,
Era beijado com fervor e culto.

XI.

Loriolo envelhecia entre os aplausos,
Dando a mão a beijar à fidalguia.
Demais um sabichão fizera um livro
Em vinte e tantos volumões in-fólio,
Obra cheia de mapas e figuras
Em que provava que por linha reta
De Hércules descendia Loriolo
E portanto de Júpiter Tonante.
E apresentou as certidões em cópia
De óbito e nascimento e batistério,
E até de casamento, e para prova
De que nas veias puras do Monarca
Não correria a mais leve bastardia.
É inútil dizer que os tais volumes
Nada contavam sôbre o Pai, porqueiro
Como o do Santo Papa Sixto Quinto,
E sôbre a mãe do Rei, a velha Mória
Que vendera perus, Deus sabe o resto!
Nos tempos folgazões da mocidade!

XII.

Um dia o reino cem navios tocam.
São piratas do Norte! são Normandos!
Infrene multidão nas praias corre,
Levando tudo a ferro... até os frades.
Matam, queimam, saqueiam, furtam moças.
E a infrene turba corre até aos paços.

XIII.

Enquanto vem a campo a fidalguia
Armada *pied en cap*, espada em punho,
Loriolo, sem fala, nos apertos
Nas adegas se esconde.

Embalde o chamam,
Embalde corre voz que dos Normandos
Emissário de paz o Rei procura.
El-Rei suou de susto a roupa inteira.
Nem era de admirar, que a Reis e povo,
Como ao bicho-da-sêda a trovoada,
Camisas de onze varas apavoram
E fazem frio a aparições de fôrca. 772

XIV.

Um soldado Normando que buscava
Nas adegas reais alguma pinga,
Metete a verruma numa velha pipa.
Um grito sai dali, mas não licores.
O soldado feroz destampa o nicho;
Agarra um vulto dentro, mas sômente
Sente nas mãos vazia cabeleira...
Desembainha a tôrva durindana.
Nas cavernas da pipa, e nas cavernas
Do coração do Rei reboa o golpe.
Estala-se o tonel de meio a meio.
Entretanto o bom Rei que não falava,
Sujo da lia da ruinosa pipa,
Mais morto do que vivo (já pensando
Que seu reino acabava num espêto
Como o reino do galo), às cambalhotas
Rola aos pés do soldado, chora e treme,
Gagueja de pavor nos calafrios
E pelo amor de Deus perdão implora.

XV.

O soldado, maroto e bom gaiato,
Agarra às costas o real trambolho,
Como um vilão que à feira leva um porco,
E no meio do pátio, entre os despojos,
De pernas para o ar e cara suja
Atira o Bôbo...

— El-Rei! clama um fidalgo.

XVI.

Porém o Rei não fala... Sua e treme.
“Singofredo o pirata aqui me envia.
(Diz ao Rei o pacífico Mercúrio,
O Arauto de paz que vem de bordo:) —
Eu venho aqui propor-vos um tratado.
Por direito de espada e por herança
Singofredo é senhor dêstes países.
Ele vem reclamar sua coroa.
Se o Rei não se opuser, não corre sangue;
Senão hão de fazê-lo em sarrabulho,
Puxado 773 p'lo nariz o encher de lôdo
E espetar-lhe a careta sôbre um mastro.
Singofredo o feroz exige apenas
Que o Rei deixando o cetro dêste reino
Seja sempre na côrte Rei da Lua.
Loriolo virá ao seu caminho
Trajando seu gibão amarelado
Com remendos de côr, e campainhas,
Meias roxas e gorro afunilado”.

XVII.

Loriolo suspira. O povo espera.
Pela face do Bôbo corre a furto
Uma lágrima trêmula. — É desgraça
Tendo subido a Rei voltar...

Nem ousa
O nome proferir de sua infâmia.

De repente uma idéia o ilumina...
Deu uma das antigas gargalhadas,
Inda em trajas de rei graceja e pula.

Foi uma dança cômica, fantástica,
Um riso que doía — tão gelado
Coava ao coração!... Estava doudo...
Dançou a gargalhar... caiu exausto,
Caiu sem movimento sôbre o lôdo...
Escutaram-lhe o peito. Estava morto.

Ora o pirata, o invasor Normando,
Era filho da nossa conhecida,
Que, pôsto não pudesse com acêrto
Dizer quem era o pai de seu boêmio,
Afirmava contudo afoutamente
Que, em todo o caso, tinha jus ao trono.

Reina pela cidade a bebedeira,
E bebendo à saude do bastardo
O Bôbo que foi rei ninguém sepulta...”

Bem vês, amigo Puff, que neste conto
Em poucos versos digo histórias longas:
— Amôres, mortes, e no trono um bôbo
E sôbre o lôdo um rei que não se enterra. —
Muito embora a mulher as roupas façam,
Eu provo que o burel não faz o monge,
E um bôbo é sempre um bôbo. Mostro ainda
De meu estro no vário cosmorama
Um rei que numa pipa o trono perde,
E um bastardo que o pai dizer não pode
E em nome de dous pais, ambos em dúvida,
Vem na sangueira reclamar seu nome.

Um outro só com isso dera a lume
Um poema em dez cantos. Sou conciso;
Não ousa tanto: dou sômente idéias,
Esboço aqui apenas meu enrêdo.

Mas... Puff! olá, meu Puff! Estás dormindo,
Prosaico beberrão! Acorda um pouco!
Bebeu todo o meu vinho — a empada foi-se...
Não resta-me esperança! Este demônio
De um poeta como eu nem vale um murro!

UM HOMEM DA PLATÉIA (*interrompendo*).

Silêncio! fora a peça! que massada!
Até o ponto dorme a sono sôlto!

*Levanta-se o pano até o meio. Passa por de-
baixo e vem até a rampa o*

PRÓLOGO,

*velho de cabeça calva, camisola branca, carapuça
frigia coroada de louros. Tem um ramo de oli-
veira na mão. Faz as cortesias do estilo e fala:*

Dom Quixote! ⁷⁷⁴ sublime criatura!
 Tu sim foste leal e cavaleiro,
 O último herói, o paladim extremo
 De Castela e do mundo. Se teu cérebro
 Toldou-se na loucura, a tua insânia
 Vale mais do que o siso destes séculos
 Em que a Infâmia, Dagon cheio de lôdo,
 Recibe as orações, mirras e flores,
 E a louca multidão renega o Cristo!
 Tua loucura revelava brio.
 No triste livro do imortal Cervantes
 Não posso crer um insolente escárnio
 Do Cavaleiro andante aos nobres sonhos,
 Ao fildalgo da Mancha — cuja nódoa
 Foi só ter crido em Deus e amado os homens,
 E votado seu braço aos oprimidos.
 Aquelas fôlhas não me causam riso,
 Mas desgosto profundo e tédio à vida.
 Soldado e trovador, era impossível
 Que Cervantes manchasse um valeroso
 Em vil caricatura, e desse à turba,
 Como prêsã de escárnio e de vergonha,
 Esse homem que à virtude, amor e cantos
 Abria o coração!....

Estas idéias

Servem para desculpa do poeta.
 Apesar de bom moço o autor da peça
 Tem uns laivos talvez de Dom Quixote.
 E nestes tempos de verdade e prosa
 — Sem Gigantes, sem Mágicos medonhos
 Que velavam nas tórreres encantadas
 As donzelas dormidas por cem anos —
 Do seu imaginar esgrime as sombras
 E dá botes de lança nos moinhos.

Mas não escreve sátiras: — apenas
 Na idade das visões — dá corpo aos sonhos.
 Faz trovas, e não talha carapuças.
 Nem rebuça no véu do mundo antigo,
 P'ra realce maior, presentes vícios.
 Não segue a Juvenal, e não embebe
 Em venenoso fel a pena escura
 Para nódoas pintar no manto alheio.

O tempo em que se passa agora a cena
 É o século dos Bórgias. O Ariosto
 Depôs na frente a Rafael gelado
 Sua c'roa divina, e o segue ao túmulo.

Ticiano inda vive. O rei da turba
 É um gênio maldito — o Aretino
 Que vende a alma e prostitui as crenças.
 Aretino! essa incrível criatura,
 Poeta sem pudor, onda de lôdo
 Em que do gênio profanou-se a pérola...
 Vaso d'oiro que um óxido sem cura
 Azinhavrou de morte... homem terrível
 Que tudo profanou co'as mãos imundas,
 Que latiu como um cão mordendo um século,
 E, como diz um epitáfio antigo,
 Só em Deus não mordeu, porque o não vira.
 Como êle, foi devasso todo o século.
 Os contos ⁷⁷⁵ de Boccaccio e de Brantôme
 São mais puros que a história desses tempos.
 Tasso enlouquece. O *Rei que se diverte*
 — O herói de Marignan e de Pavia
 Que num vidro escrevera do palácio
 "*Femme souvent varie*", mas leviano

Com mais amantes que um Sultão vivia,
 Mandava ao Aretino amáveis letras,
 Um colar d'oiro com sangrentas línguas,
 E dava-lhe pensões. O Vaticano
 Viu o Papa beijando aquela frente.
 Carlos V o nomeia cavaleiro,
 Abraça-o e — inda mais — lhe manda escudos
 O Duque João Médicis o adora,
 Dorme com êle a par no mesmo leito.
 É um tempo de agonias. A arte pálida,
 Suarenta, moribunda, desespera
 E aguarda o funeral de Miguel Ângelo
 Para com êle abandonar o mundo
 E angélica ⁷⁷⁶ voltar ao céu dos Anjos.

Agora basta. Revelei minh'alma.
 A cena descrevi onde correrá
 Inteira uma comédia em vez de um ato,
 Se o poeta, mais forte, se atrevesse
 A erguer nos versos a medonha sombra
 Da loucura fatal do mundo inteiro.

Boas noites, platéia e camarotes;
 O ponto já me diz que deixe o campo.
 O primeiro galã todo empoado,
 Cheio de vermelhão, já dentro fala:
 Estão cheios de luz os bastidores.

Uma última palavra: o autor da peça,
 Puxando-me da túnica romana,
 Diz-me da cena que eu avise às Damas
 Que desta feita os sais não são precisos;
 Não há de sarrabulho haver no palco.
 É uma peça clássica. O perigo
 Que pode ter lugar é vir o sono;
 Mas dormir é tão bom, que certamente
 Ninguém por esse dom fará barulho.

O assunto da Comédia e do Poema
 Era digno sem dúvida, Senhores,
 De uma pena melhor; mas desta feita
 Não fala Shakspeare nem Gil Vicente,
 O poeta é novato, mas promete.
 Pôsto que seja um homem barrigudo
 E tenha por Talia o seu cachimbo,
 Merece aplausos e merece glória.

SPLEEN E CHARUTOS.

I.

SOLIDÃO.

Nas nuvens côr de cinza do horizonte
 A lua amarelada a face embuça;
 Parece que tem frio, e no seu leito
 Deitou, para dormir, a carapuça.

Ergueu-se, vem da noite a vagabunda
 Sem chale, sem camisa e sem mantilha,
 Vem nua e bela procurar amantes;
 É douda por amor da noite a filha.

As nuvens são uns frades de joelhos,
Rezam adormecendo no oratório;
Todos têm ⁷⁷⁷ o capuz e bons narizes,
E parecem sonhar o refeitório.

As árvores prateiam-se na praia,
Qual de uma fada os mágicos retiros....
Ó lua, as doces brisas que sussurram
Coam dos lábios teus como suspiros!

Falando ao coração que nota aérea
Dêste céu, destas águas se desata?
Canta assim algum gênio adormecido
Das ondas mortas no lençol de prata?

Minha alma tenebrosa se entristece,
É muda como sala mortuária....
Deito-me só e triste, e sem ter fome
Vejo na mesa a ceia solitária.

Ó lua, ó lua bela dos amôres, ⁷⁷⁸
Se tu és moça e tens um peito amigo,
Não me deixes assim dormir solteiro,
A meia-noite vem cear comigo!

II.

MEU ANJO.

Meu anjo tem o encanto, a maravilha
Da espontânea canção dos passarinhos;
Tem os seios tão alvos, tão macios
Como o pêlo sedoso dos arminhos.

Triste de noite na janela a vejo
E de seus lábios o gemido escuto.
E' leve a criatura vaporosa
Como a frouxa fumaça de um charuto.

Parece até que sôbre a fronte angélica ⁷⁷⁹
Um anjo lhe depôs coroa e nimbo....
Formosa a vejo assim entre meus sonhos
Mais bela no vapor do meu cachimbo.

Como o vinho espanhol, um beijo dela
Entorna ao sangue a luz do paraíso.
Dá morte num desdém, num beijo vida,
E celestes desmaios num sorriso!

Mas quis a minha sina que seu peito
Não batesse por mim nem um minuto,
E que ela fôsse leviana e bela
Como a leve fumaça de um charuto!

III.

VAGABUNDO.

Eat, drink and love; what can the rest avail us?

BYRON. *Don Juan.*

Eu durmo e vivo ao sol como um cigano,
Fumando meu cigarro vaporoso;
Nas noites de verão namoro estrêlas;
Sou pobre, sou mendigo, e sou ditoso!

Ando rôto, sem bolsos nem dinheiro;
Mas tenho na viola uma riqueza:
Canto à lua de noite serenatas,
E quem vive de amor não tem pobreza.

Não invejo ninguém, nem ouço a raiva
Nas cavernas do peito, sufocante,
Quando à noite na treva em mim se entornam
Os reflexos do baile fascinante.

Namoro e sou feliz nos meus amôres;
Sou garboso e rapaz... Uma criada
Abrasada de amor por um sonêto
Já um beijo me deu subindo a escada....

Oito dias lá vão que ando cismado
Na donzela que ali defronte mora.
Ela ao ver-me sorri tão docemente!
Desconfio que a moça me namora!..

Tenho por meu palácio as longas ruas;
Passeio a gôsto e durmo sem temores;
Quando bebo, sou rei como um poeta,
E o vinho faz sonhar com os amôres.

O degrau das igrejas é meu trono,
Minha pátria é o vento que respiro,
Minha mãe é a lua macilenta,
E a preguiça a mulher por quem suspiro.

Escrevo na parede as minhas rimas,
De painéis a carvão adorno a rua;
Como as aves do céu e as flores puras
Abro meu peito ao sol e durmo à lua.

Sinto-me um coração de lazzaroni;
Sou filho do calor, odeio o frio;
Não creio no diabo nem nos santos...
Rezo a Nossa Senhora, e sou vadio!

Ora, se por aí alguma bela
Bem doirada e amante da preguiça
Quiser a nívela mão unir à minha
Há de achar-me na Sé, domingo, à Missa.

IV.

A LAGARTIXA.

A lagartixa ao sol ardente vive
E fazendo verão o corpo espicha:
O clarão de teus olhos me dá vida,
Tu és o sol e eu sou a lagartixa.

Amo-te como o vinho e como o sono,
Tu és meu copo e amoroso leite....
Mas teu néctar de amor jamais se esgota,
Travesseiro não há como teu peito.

Posso agora viver: para coroas
Não preciso no prado colhêr flores;
Engrinaldo melhor a minha fronte
Nas rosas mais gentis de teus amôres.

Vale todo um harém a minha bela,
Em fazer-me ditoso ela capricha;
Vivo ao sol de seus olhos namorados,
Como ao sol de verão a lagartixa.

V.

LUAR DE VERÃO.

O que vês, trovador? — Eu vejo a lua
Que sem lavor a face ali passeia;
No azul do firmamento inda é mais pálida
Que em cinzas do fogão uma candeia.

O que vês, trovador? — No esguio tronco
Vejo erguer-se o chinó de uma noqueira...
Além se entorna a luz sôbre um rochedo
Tão liso como um pau-de-cabeleira.

Nas praias lisas a maré enchente
S'espraia cintilante d'ardentia...
Em vez de aromas as doiradas ondas
Respiram efluviosa maresia!

O que vês, trovador? — No céu formoso
Ao sôpro dos favônios feiticeiros
Eu vejo — e tremo de paixão ao vê-las —
As nuvens a dormir, como carneiros.

E vejo além, na sombra do horizonte,
Como viúva moça envôlta em luto,
Brilhando em nuvem negra estrêla viva
Como na treva a ponta de um charuto.

Teu romantismo bebo, ó minha lua,
A teus raios divinos me abandono,
Torno-me vaporoso, e só de ver-te
Eu sinto os lábios meus se abrir de sono.

VI.

O POETA MORIBUNDO.

Poetas! amanhã ao meu cadáver
Minha tripa cortai mais sonora!...
Façam dela uma corda, e cantem nela
Os amôres da vida esperançosa!

Cantem êsse verão que me alentava...
O aroma dos currais, o bezerrinho,
As aves que na sombra suspiravam,
E os sapos que cantavam no caminho!

Coração, porque tremes? Se esta lira
Nas minhas mãos sem força desafina,
Enquanto ao cemitério não te levam,
Casa no marimbau a alma divina!

Eu morro qual nas mãos da cozinheira
O marreco piando na agonia...
Como o cisne de outrora... que gemendo
Entre os hinos de amor se enternecia.

Coração, porque tremes? Vejo a morte,
Ali vem lazarenta e desdentada...
Que noiva!.. E devo então dormir com ela?...
Se ela ao menos dormisse mascarada!

Que ruínas! que amor petrificado!
Tão antediluviano e gigantesco!
Ora, façam idéia que ternuras
Terá essa lagarta posta ao fresco!

Antes mil vêzes que dormir com ela,
Que dessa fúria o gôzo, amor eterno...
Se ali não há também amor de velha,
Dêem-me as caldeiras do terceiro Inferno!

No inferno estão suavíssimas belezas,
Cleópatras, Helenas, Eleonoras;
Lá se namora em boa companhia,
Não pode haver inferno com Senhoras!

Se é verdade que os homens gozadores,
Amigos de no vinho ter consolos,
Foram com Satanás fazer colônia,
Antes lá que do Céu sofrer os tolos! —

Ora! e forcem um'alma qual a minha
Que no altar sacrifica ao Deus-Preguiça
A cantar ladainha eternamente
E por mil anos ajudar a Missa!

É ELA! É ELA! É ELA! É ELA!

É ela! é ela! — murmurei tremendo,
E o eco ao longe murmurou — é ela!
Eu a vi — minha fada aérea e pura —
A minha lavadeira na janela!

Dessas águas-furtadas onde eu moro
Eu a vejo estendendo no telhado
Os vestidos de chita, as saias brancas;
Eu a vejo e suspiro enamorado!

Esta noite eu ousei mais atrevido
Nas telhas que estavalam nos meus passos
Ir espiar seu venturoso sono,
Vê-la mais bela de Morfeu nos braços!

Como dormia! que profundo sono!...
Tinha na mão o ferro do engomado...
Como roncava maviosa e pura!...
Quase caí na rua desmaiado!

Afastei a janela, entrei medroso:
Palpitava-lhe o seio adormecido...
Fui beijá-la... roubei do seio dela
Um bilhete que estava ali metido...

Oh! de certo... (pensei) é doce página
Onde a alma derramou gentis amôres;
São versos dela... que amanhã de certo
Ela me enviará cheios de flores...

Tremi de febre! Venturosa fôlha!
Quem pousasse contigo neste seio!
Como Otelo beijando a sua espôsa,
Eu beijei-a a tremer de devaneio...

E' ela! é ela! — repeti tremendo;
Mas cantou nesse instante uma coruja...
Abri cioso a página secreta...
Oh! meu Deus! era um rol de roupa suja!

Mas se Werther morreu por ver Carlota
Dando pão com manteiga às criancinhas,
Se achou-a assim mais bela, — eu mais te adoro
Sonhando-te a lavar as camisinhas!

E' ela! é ela! meu amor, minh'alma,
A Laura, a Beatriz que o céu revela...
E' ela! é ela! — murmurei tremendo,
E o eco ao longe suspirou — é ela! — 780

SONETO. 781

Um mancebo no jôgo se descora,
Outro bêbado passa noite e dia,
Um tôlo pela valsa viveria,
Um passeia a cavalo, outro namora.

Um outro que uma sina má devora
Faz das vidas alheias zombaria,
Outro toma rapé, um outro espia...
Quantos moços perdidos vejo agora!

Oh! não proibam pois ao meu retiro
Do pensamento ao merencório luto
A fumaça gentil por que suspiro.

Numa fumaça o canto d'alma escuto....
Um aroma balsâmico respiro,
Oh! deixai-me fumar o meu charuto!

SONETO.

Ao sol do meio-dia eu vi dormindo
Na calçada da rua um marinheiro,
Roncava a todo o pano o tal brejeiro
Do vinho nos vapores se expandindo!

Além um Espanhol eu vi sorrindo
Saboreando um cigarro feiticeiro,
Enchia de fumaça o quarto inteiro.
Parecia de gôsto se esvaindo!

Mais longe estava um pobretão careca
De uma esquina lodosa no retiro
Enlevado tocando uma rabeça!

Venturosa indolência! não deliro
Se morro de preguiça... o mais é seca!
Desta vida o que mais vale um suspiro?

Tôda aquela mulher tem a pureza 782
Que exala o jasmineiro no perfume,
Lampeja seu olhar, nos olhos negros
Como em noite d'escuro um vagalume.... 783

Que suave moreno o de seu rosto!
A alma parece que seu corpo inflama. 784
Ilude até que sôbre os lábios dela
Na côr vermelha tem errante chama.... 785

E quem dirá, meu Deus! que a lira d'alma
Ali não tem um som — nem de falsete!
E sob a imagem de aparente fogo
E' frio o coração como um sorvete!

O CÔNEGO FILIPE.

O cônego Filipe! Ó nome eterno!
Cinzas ilustres que da terra escura
Fazeis rir nos ciprestes as corujas!
Porque 786 tão pobre lira o céu doou-me
Que não consinta meu inglório gênio
Em vasto e heróico poema decantar-te?

Voltemos ao assunto. A minha musa
Como um falado Imperador Romano
Distrai-se às vêzes apanhando môscas.
Por estradas mais longas ando sempre.
Com o cônego ilustre me pareço,
Quando êle já sentia vir o sono,
Para poupar caminho 787 até a vela,
Sôbre a vela atirava a carapuça.
Então no escuro, em camisola branca
Ia apalpando procurar na sala —
Para o queijo flamengo da careca 788
Dos defluxos guardar — o negro saco.

À ordem, Musa! Canta agora como
O poeta Ali-Moon no harém entrando
Como um poeta que enamora a lua,
Ou que beija uma estátua de alabastro,
Suando de calor... de sol e amôres...
Cantava no alaúde enamorado,
E como êle saiu-se do namôro.
Assunto bem moral, digno de prêmio,
E interessante como um catecismo, 789
Que tem ares até de ladainha!

Quem não sonhou a terra do Levante?
As noites do Oriente, o mar, as brisas,
Tôda aquela suave natureza
Que amorosa suspira e encanta os olhos?

Principio no harém. Não é tão novo.
Mas esta vida é sempre deleitosa.
As almas d'homem ao harém se voltam —
Ser um dia sultão quem não deseja?

Quem não quisera das sombrias fôlhas
Nas horas do calor, junto do lago, 790
As odaliscas espreitar no banho
E mais bela a sultana entre as formosas?

Mas ah! o plágio nem perdão merece!
Digam — pega ladrão! — Confesso o crime,
Não é Ovídio só que imito e sonho,
Quando pinta Acteon fitando os olhos
Nas formas nuas de Diana virgem!
Não! embora eu aqui não fale em ninfas,
Essa idéia é do cônego Filipe!

TERZA RIMA.

E' belo de entre a cinza ver ardendo
Nas mãos do fumador um bom cigarro,
Sentir o fumo em névoas recendendo,

Do cachimbo alemão no louro barro
Ver a chama vermelha estremecendo
E até... perdoem... respirar-lhe o sarro!

Porém o que há mais doce nesta vida,
O que das mágoas desvanece o luto
E dá som a uma alma empobrecida,
Palavra d'honra, és tu, ó meu charuto!

RELÓGIOS E BEIJOS

— TRADUZIDO DE HENRIQUE HEINE —

Quem os relógios inventou? De certo
Algum homem sombrio e friorento.
Numa noite de inverno tristemente
Sentado na lareira êle cismava
Ouvindo os ratos a roer na alcova
E o palpar monótono do pulso.

Quem o beijo inventou? Foi lábio ardente,
Foi bôca venturosa, que vivia
Sem um cuidado mais que dar beijinhos.
Era no mês de maio. As flores cândidas
A mil abriam sôbre a terra verde.
O sol brilhou mais vivo em céu d'esmalte
E cantaram mais doce os passarinhos.

NAMÔRO A CAVALO

Eu moro em Catumbi. Mas a desgraça
Que rege minha vida malfadada
Pôs lá no fim da rua do Catete
A minha Dulcinéia namorada.

Alugo (três mil réis) por uma tarde
Um cavalo de trote (que esparrela!)
Só para erguer meus olhos suspirando
À ⁷⁹¹ minha namorada na janela....

Todo o meu ordenado vai-se em flores
E em lindas fôlhas de papel bordado
Onde eu escrevo trêmulo, amoroso, ⁷⁹²
Algum verso bonito.... mas furtado.

Morro pela menina, junto dela
Nem ousou suspirar de acanhamento....
Se ela quisesse eu acabava a história
Como tôda a Comédia — em casamento.

Ontem tinha chovido.... que desgraça!
Eu ia a trote inglês ardendo em chama,
Mas lá vai senão quando uma carroça
Minhas roupas tafuis encheu de lama....

Eu não desanimei. Se Dom Quixote
No Rocinante erguendo a larga espada
Nunca voltou de mêdo, eu, mais valente, ⁷⁹³
Fui mesmo sujo ver a namorada....

Mas eis que no passar pelo sobrado
Onde habita nas lojas minha bela
Por ver-me tão lodoso ela irritada
Bateu-me sôbre as ventas a janela....

O cavalo ignorante de namoros
Entre dentes tomou a bofetada,
Arripia-se, pula, e dá-me um tombo
Com pernas para o ar, sôbre a calçada....

Dei ao diabo os namoros. Escovado
Meu chapéu que sofrera no pagode
Dei de pernas corrido e cabisbaixo
E berrando de raiva como um bode.

Circunstância agravante. A calça inglesa
Rasgou-se no cair de meio a meio,
O sangue pelas ventas me corria
Em paga do amoroso devaneio!...

O EDITOR

— A poesia transcrita é de Torquato,
Dêsse pobre poeta enamorado
Pelos encantos de Leonora esquiua,
Copiei-a do próprio manuscrito
E para prova da verdade pura
Dêste prólogo meu, basta que eu diga
Que a letra era um garrancho indecifrável,
Mistura de borrões e linhas tortas. ⁷⁹⁴
Trouxe-me do Arquivo lá da lua
E decifrou-me familiar demônio.
Demais — infelizmente é bem verdade
Que Tasso lastimou-se da penúria
De não ter um ceutil para a candeia.

Provo com isso que do mundo todo
O sol é êste Deus indefinível,
Ouro, prata, papel, ou mesmo cobre,
Mais santo do que os Papas — o dinheiro!

Byron no seu *Don Juan* votou-lhe cantos,
Filinto Elíseo e Tolentino o sonham,
Foi o Deus de Bocage e d'Aretino,
Aretino, essa incrível criatura
Lívica e tenebrosa, impura e bela,
Sublime... e sem pudor, onda de lôdo.
Em que do gênio profanou-se a pérola,
Vaso d'ouro que um óxido terrível
Envenenou de morte, alma poeta
Que tudo profanou com as mãos imundas,
E latiu como um cão mordendo um século...

.....
Quem não ama o dinheiro? Não me engano
Se creio que Satã à noite veio
Aos ouvidos de Adão adormecido
Na sua hora primeira, murmurar-lhe
Essa palavra mágica da vida,
Que vibra musical em todo o mundo.

Se houvesse o Deus-vintém no Paraíso
Eva não se tentava pelas frutas,
Pela rubra maçã não se perdera;
Preferira de certo o louro amante
Que tine tão suave e é tão macio!

Se não faltasse o tempo a meus trabalhos
Eu mostraria quanto o povo mente
Quando diz — que a poesia enjeita, odeia
As moedinhas doiradas. — E' mentira!

Desde Homero (que até pedia cobre),
Virgílio, Horácio, Calderon, Racine,
Boileau e o fabuleiro Lafontaine
E tantos que melhor de certo fôra
Dos poetas copiar algum catálogo,
Todos a mil e mil por êle vivem,
E alguns chegaram a morrer por êle!
Eu só peço licença de fazer-vos
Uma simples pergunta. Na gaveta
Se Camões visse o brilho do dinheiro —
Malfilâtre, Gilbert, o altivo Chatterton
Se o tivessem nas rôtas algibeiras
Acaso blasfemando morreriam?

DINHEIRO

Oh! argent! Avec toi on est beau, jeune, adoré; on
a consideration, honneurs, qualités, vertus. Quand on n'a
point d'argent, on est dans la dépendance de toutes ces
choses et de tout le monde.

CHATEAUBRIAND.

Sem êle não há cova — quem enterra
Assim grátis, *a Deo?* ⁷⁹⁵ O batizado
Também custa dinheiro. Quem namora
Sem pagar as pratinhas ao Mercúrio?
Demais, as Danais ⁷⁹⁶ também o adoram.
Quem imprime seus versos, quem passeia,
Quem sobe a Deputado, até Ministro,
Quem é mesmo Eleitor, embora sábio,
Embora gênio, talentosa frente,
Alma Romana, se não tem dinheiro?
Fora a canalha de vazios bolsos! ⁷⁹⁷
O mundo é para todos.... Certamente,
Assim o disse ⁷⁹⁸ Deus — mas êsse texto
Explica-se melhor e doutro modo.
Houve um erro de imprensa no Evangelho:
O mundo é um festim — concordo nisso,
Mas não entra ninguém sem ter as louras.

MINHA DESGRAÇA

Minha desgraça, não, não é ser poeta,
Nem na terra de amor não ter um eco,
E meu anjo de Deus, o meu planeta
Tratar-me como trata-se um boneco....

Não é andar de cotovelos rotos,
Ter duro como pedra o travesseiro....
Eu sei.... O mundo é um lodaçal perdido
Cujo sol (quem mo dera!) é o dinheiro....

Minha desgraça, ó cândida donzela,
O que faz que o meu peito assim blasfema,
E' ter para escrever todo um poema,
E não ter um vintém para uma vela.

TERCEIRA PARTE DA LIRA DOS
VINTE ANOS. ⁷⁹⁹

MEU DESEJO

Meu desejo? era ser a luva branca
Que essa tua gentil mãozinha aperta:
A camélia que murcha no teu seio, ⁸⁰⁰
O anjo que por te ver do céu deserta....

Meu desejo? era ser o sapatinho
Que teu mimoso pé no baile encerra....
A esperança que sonhas no futuro,
As saudades que tens aqui na terra....

Meu desejo? era ser o cortinado
Que não conta os mistérios do teu leito;
Era de teu colar ⁸⁰¹ de negra sêda
Ser a cruz com que dormes sôbre o peito.

Meu desejo? era ser o teu espelho
Que mais bela te vê quando deslaças
Do baile as roupas de escomilha e flores
E mira-te amoroso as nuas graças!

Meu desejo? era ser dêsse teu leito
De cambraia o lençol, o travesseiro
Com que velas o seio, onde repousas,
Sôlto o cabelo, o rosto feiticeiro....

Meu desejo? era ser a voz da terra
Que da estrêla do céu ouvisse amor!
Ser o amante que sonhas, que desejas
Nas cismas encantadas de languor!

PORQUE MENTIAS? ⁸⁰²

Porque mentias leviana e bela?
Si minha face pálida sentias
Queimada pela febre, ⁸⁰³ e se minha vida
Tu vias desmaiar, porque mentias?

Acordei da ilusão, a sós morrendo ⁸⁰⁴
Sinto na mocidade as agonias.
Por tua causa desespero e morro....
Leviana sem dó, porque mentias?

Sabe Deus se te amei! sabem as noites
Essa dor que alentei, que tu nutrias!
Sabe êsse pobre coração que treme ⁸⁰⁵
Que a esperança perdeu porque mentias!

Vê minha palidez — a febre lenta, ⁸⁰⁶
Êsse fogo das pálpebras sombrias....
Pousa a mão no meu peito! Eu morro! eu morro!
Leviana sem dó, porque mentias?

AMOR

Quand la mort est si belle,
Il est doux de mourir.

V. HUGO

Amemos! quero de amor
Viver no teu coração!
Sofrer e amar essa dor
Que desmaia de paixão!
Na tua alma, em teus encantos
E na tua palidez
E nos teus ardentes prantos
Suspirar de languidez!

Quero em teus lábios beber
Os teus amôres do céu,
Quero em teu seio morrer
No enlêvo do seio teu!
Quero viver d'esperança,
Quero tremer e sentir!
Na tua cheirosa trança
Quero sonhar e dormir!

Vem, anjo, minha donzela,
Minha alma, meu coração!
Que noite, que noite bela!
Como é doce a viração!
E entre os suspiros do vento
Da noite ao mole frescor
Quero viver um momento,
Morrer contigo de amor!

FANTASIA.

Quanti dolci pensier, quanto disio!

DANTE.

C'est alors que ma voix
Murmure un nom tout bas... c'est alors que le vois
M'apparaître à demi, jeune, voluptueuse,
Sur ma couche penchée une femme amoureuse!

.....
.....

Oh! toi que j'ai rêvée,
Femme à mes longs baisers si souvent enlevée,
Ne viendras-tu jamais?

CH. DOVALLE.

À 807 noite sonhei contigo,
E o sonho cruel maldigo
Que me deu tanta ventura.
Uma estrelinha que vaga
Em céu de inverno e se apaga
Faz a noite mais escura!

Eu sonhava que sentia
Tua voz que estremecia
Nos meus beijos se afogar!
Que teu rosto descorava,
E teu seio palpitava,
E eu te via a desmaiar!

Que eu te beijava tremendo,
Que teu rosto enfebreando
Desmaiava a palidez!
Tanto amor tua alma enchia
E tanto fogo morria
Dos olhos na languidez!

E depois... dos meus abraços,
Tu caíste abrindo os braços
Gélida — dos lábios meus...
Tu parecias dormir,
Mas de balde eu quis ouvir
O alento dos seios teus...

E uma voz, uma harmonia
No teu lábio que dormia
Desconhecida acordou;
Falava em tanta ventura,
Tantas notas de ternura
No meu peito derramou!

O sóido harmonioso
Falava em noites de gôzo
Como nunca eu as senti,
Tinha músicas suaves
Como no canto das aves
De manhã eu nunca ouvi!

Parecia que no peito
Nesse quebranto desfeito
Se esvaía o coração.
Que meu olhar se apagava,
Que minhas veias paravam,
E eu morria de paixão...

E depois... num santuário,
Junto do altar solitário, ⁸⁰⁸
Perto de ti me senti,
Dormias junto de mim...
E um anjo disse ⁸⁰⁹ assim:
"Pobres amantes, dormil!"

Tu eras inda mais bela —
O teu leito de donzela
Era coberto de flores...
Tua fronte empalecida,
Frouxa a pálpebra descida,
Meu Deus! que frio palor!...

Dei-te um beijo — despertaste,
Teus cabelos afastaste
Fitando os olhos em mim...
Que doce olhar de ternura!
Eu só queria a ventura
De um olhar suave assim!

Eu dei-te um beijo, sorrindo
Tremeste os lábios abrindo,
Repousaste ao peito meu...
E senti nuvens cheirosas,
Ouvi liras suspirarem,
Rompeu-se a névoa... era o céu!...

Caía chuva de flores
E luminosos vapores
Davam azulada luz...
E eu acordei... que delírio!
Eu sonho findo o martírio
E acordo pregado à cruz!

LÁGRIMAS DA VIDA

On pouvait à vingt ans le clouer dans la bière
— Cadavre sans illusions....

THÉOPH. GAUTIER.

Je me suis assis en blasphémant sur le bord du chemin.
Et je me suis dit: je n'irai pas plus loin. Mais je suis
bien jeune encore pour mourir, n'est-ce pas, Jane?

GEORGE SAND, *Aldo*.

Si tu souberas que lembrança amarga,
Que pensamentos desflorou meus dias,
Oh! tu não creras meu sorrir leviano
Nem minhas insensatas alegrias!

Quando junto de ti eu sinto às vêzes
Em doce enleio desvairar-me o siso,
Nos meus olhos incertos sinto lágrimas....
Mas da lágrima em trôco eu temo um riso!

O meu peito era um templo — ergui nas aras
Tua imagem que a sombra perfumava....
Mas ah! emurcheceste as minhas flores,
Apagaste a ilusão que aviventava!

E por te amar, por teu desdém — perdi-me....
Tresnoitei-me nas orgias macilento,
Brindei blasfemo ao vício e da minh'alma
Tentei me suicidar no esquecimento!

Como um corcel ⁸¹⁰ abate-se na sombra
A minha crença agoniza e desespera....
O peito e lira se estalaram juntos,
E morro sem ter tido primavera!

Como o perfume de uma flor aberta
Da manhã entre as nuvens se mistura,
A minh'alma podia em teus amôres
Como um anjo de Deus sonhar ventura!

Não peço o teu amor.... eu quero apenas
A flor que beijas para a ter no seio,
E teus cabelos respirar medroso
E a teus joelhos suspirar d'enleio!

E quando eu durmo, e o coração ainda
Procura na ilusão a tua lembrança,
Anjo da vida passa nos meus sonhos
E meus lábios orvalha de esperança!

SONETO

Os quinze anos de uma alma transparente,
O cabelo castanho, a face pura,
Uns olhos onde pinta-se a candura
De um coração que dorme, inda inocente.

Um seio que estremece de repente
Do mimoso vestido na brancura,
A linda mão na mágica cintura,
E uma voz que inebria docemente.

Um sorriso tão angélico! tão santo!
E nos olhos azuis cheios de vida
Lânguido véu de involuntário pranto!

E' êsse o talismã, é essa a Armida, ⁸¹¹
O condão de meus últimos encantos,
A visão de minha alma distraída!

LEMBRANÇA DOS QUINZE ANOS

Et pourtant sans plaisir je dépense la vie;
Et souvent quand, pour moi, les heures de la nuit
S'écoulent sans sommeil, sans songe, sans bruit,
Il passe dans mon coeur de brillantes pensées,
D'invincibles désirs, de fougues insensées!

CH. DOVALLE.

...Heureux qui, dès les premiers ans,
A senti de son sang, dans ses veines stagnantes,
Couleur d'un pas égal les ondes languissantes;
Dont les désirs jamais n'ont troublé la raison;
Pour qui les yeux n'ont point de suave poison.

ANDRÉ CHÉNIER.

Nos meus quinze anos eu sofria tanto!
Agora enfim meu padecer descansa;
Minha alma emudeceu — na noite dela
Adormeceu a pálida esperança!

Já não sinto ambições, e se esvaíram
As vagas formas, a visão confusa
De meus dias de amor — nem doces voltam
Os sons aéreos ⁸¹² da divina Musa!

Porventura é melhor as brandas fibras
Embotadas sentir nessa dormência....
E viver esta vida.... e na modorra
Repousar-se na sombra da existência!

E que noites de sôfrego desejo!
Que pressentir de uma volúpia ardente!
Que noites de esperança e desespero!
E que fogo no sangue incandescente!

Minha alma juvenil era uma lira,
Que ao menor bafejar estremecia....
A triste decepção rompeu-lhe as cordas....
Só vibra num prelúdio d'agonia!

Quanto, quanto sonhei! como velava
Cheio de febre, ansioso de ternuras!
Como era virgem o meu lábio ardente!
A alma tão santa — as emoções tão puras!

Como o peito sedento palpitava
Ao roçar de um vestido, à voz divina
De uma pálida virgem! — ao murmúrio
De uns passos de mulher pela campina!

E como t'esperei, anjo dos sonhos,
Ideal de mulher que me sorrias,
E me beijando nesta fronte pálida
A um mundo belo de ilusões me erguias!

O meu peito era um eco de murmúrios....
De delírio vivi como os insanos!
Nos meus quinze anos eu sofria tanto!
Ardi ao fogo dos primeiros anos!

Agora vivo no deserto d'alma.
Um mundo de saudade aí dormita.
Não o quero acordar... oh! não ressurjam
Aqueles sombras na minh'alma aflita!

Mas porque ⁸¹³ volves os teus olhos negros
Tão langues sôbre mim? Inhá, suspiras?
Porque ⁸¹⁴ derramas tanto amor nos olhos?
Eu não posso te amar e tu deliras.

Também a aurora tem neblina e sombras,
E há vozes que emudece a desventura,
Há flores em botão que se desfolham,
E a alma também morre prematura.

Repousa no meu peito o meu passado,
Minh'alma adormeceu por um momento....
Sou a flor sem perfume em sol d'inverno....
Uma lousa que encerra?... o esquecimento!...

Não me fales de amor... um teu suspiro
Tantos sonhos no peito me desperta!...
Sinto-me reviver, e como outrora
Beijo tremendo uma visão incerta....

Ah! quando as belas esperanças murcham
E o gênio dorme, e a vida desencanta,
D'almas estéreis a ironia amarga
E a morte sôbre os sonhos se levanta,

Embora fundo o sono do descrido
E o silêncio do peito e seu retiro,
Inda pode inflamar muitos amôres
O sussurro de um lânguido suspiro!

MEU SONHO

EU

Cavaleiro das armas escuras,
Onde vais pelas trevas impuras
Com a espada sangüenta na mão?
Porque ⁸¹⁴ brilham teus olhos ardentes
E gemidos nos lábios frementes
Vertem fogo do teu coração?

Cavaleiro, quem és? o remorso?
Do corcel ⁸¹⁵ te debruças no dorso....
E galopas do vale através...
Oh! da estrada acordando as poeiras
Não escutas gritar as caveiras
E morder-te o fantasma nos pés? ⁸¹⁶

Onde vais pelas trevas impuras,
Cavaleiro das armas escuras,
Macilento qual morto na tumba?...
Tu escutas.... Na longa montanha
Um tropel teu galope acompanha?
E um clamor de vingança retumba?

Cavaleiro, quem és? — que mistério,
Quem te força da morte no império
Pela noite assombrada a vagar?

O FANTASMA

Sou o sonho de tua esperança,
Tua febre que nunca descansa,
O delírio que te há de matar!...

TRINDADE ⁸¹⁷

A *vida* é uma planta misteriosa
Cheia d'espinhos, negra de amarguras,
Onde só abrem duas flores puras,
— Poesia e amor... ⁸¹⁸

E a *mulher*... é a nota suspirosa
Que treme d'alma a corda estremecida,
— E' fada que nos leva além da vida
Pálidos de languor!

A *poesia* é a luz da mocidade —
O amor é o poema dos sentidos, ⁸¹⁹
A febre dos momentos não dormidos
E o sonhar da ventura...

Volta, sonhos de amor e de saudade!
Quero ainda sentir arder-me o sangue,
Os olhos turvos, ⁸²⁰ o meu peito langue
E morrer de ternura!

SONÊTO

Já da morte o palor me cobre o rosto, ⁸²¹
Nos lábios meus o alento desfalece,
Surda agonia o coração fenece,
E devora meu ser mortal desgôsto!

Do leito embalde no macio encôsto
Tento o sono reter!... já esmorece
O corpo exausto que o repouso esquece...
Eis o estado em que a mágoa me tem pôsto!

O adeus, o teu adeus, minha saudade,
Fazem que insano do viver me prive
E tenha os olhos meus na escuridade.

Dá-me a esperança com que o ser mantive!
Volve ao amante os olhos por piedade,
Olhos por quem viveu quem já não vive!

MINHA AMANTE

Coração de mulher qual Filomela,
E' todo amor e canto ao pé da noite.

JOAO DE LEMOS.

Fulcite me floribus... quia amore langueo.

Cant. Cantorum.

Ah! volta inda uma vez! foi só contigo
Que à noite, de ventura eu desmaiava,
E só nos lábios teus eu me embebia
De volúpias divinas!

Volta, minha ventura! eu tenho sêde
Dêsses beijos ardentes que os suspiros
Ofegando interrompem! Quantas noites
Fui ditoso contigo!

E quantas vêzes te embalei tremendo
Sôbre os joelhos meus! Quanto amorosa
Unindo à minha tua face pálida
De amor e febre ardias!

Oh! volta ainda uma vez! ergue-se a lua
Formosa como dantes, é bem noite,
Na minha solidão brilha de novo,
Estrêla de minh'alma!

Desmaio-me de amor, descoro e tremo,
Morno suor me banha o peito langue,
Meu olhar se escurece e eu te procuro
Com os lábios sedentos!

Oh! quem pudera sempre em teus amôres
Sôbre teu seio perfumar seus dias,
Beijar a tua frente, e em teus cabelos
Respirar ebrioso!

És a coroa de meus breves anos,
És a corda de amor de íntima lira,
O canto ignoto, que me enleva em sonhos
De saudosas ternuras!

E tu és como a lua: inda és mais bela
Quando a sombra nos vales se derrama,
Astro misterioso à meia-noite
Te revela a minh'alma.

Oh! minha lira, ó viração noturna,
Flores, sombras do vale, à minha amante
Dizei-lhe que esta noite de desejo
E de ternuras morro!

DESPEDIDAS À...

Se entrares, ó meu anjo, alguma vez
Na solidão onde eu sonhava em ti,
Ah! vota uma saudade aos bclos dias
Que a teus joelhos pálido vivi!

Adeus, minh'alma, adeus! eu vou chorando...
Sinto o peito doer na despedida...
Sem ti o mundo é um deserto escuro
E tu és minha vida...

Só por teus olhos eu viver podia
E por teu coração amar e crer, ⁸²²
Em teus braços minha alma unir à tua
E em teu seio morrer!

Mas se o fado me afasta da ventura,
Levo no coração a tua imagem...
De noite mandarei-te os meus suspiros
No murmúrio da aragem!

Quando a noite vier saudosa e pura,
Contempla a estrêla do pastor nos céus,
Quando a ela eu volver o olhar em prantos
Verei os olhos teus!

Mas antes de partir, antes que a vida
Se afogue numa lágrima de dor,
Consente que em teus lábios num só beijo
Eu suspire de amor!

Sonhei muito! sonhei noites ardentes
Tua bôca beijar eu o primeiro! ⁸²³
A ventura negou-me... até mesmo
O beijo derradeiro!

Só contigo eu podia ser ditoso, ⁸²⁴
Em teus olhos sentir os lábios meus!
Eu morro de ciúme e de saudade;
Adeus, meu anjo, adeus!

PANTEÍSMO

MEDITAÇÃO

O dia descobre a terra: a noite descortina ⁸²⁵ os céus.
MARQUÊS DE MARICA.

Eu creio, amigo, que a existência inteira
E' um mistério talvez; — mas n'alma sinto
De noite e dia respirando flores,
Sentindo as brisas, recordando aromas
E êsses ais que ao silêncio a ⁸²⁶ sombra exala
E enchem o coração de ignota pena
Como a íntima voz de um ser amigo,
Que essas tardes e brisas, êsse mundo
Que na frente do moço entorna flores,
Que harmonias embebem-lhe no seio —
Têm ⁸²⁷ uma alma também que vive e sente...

A natureza bela e sempre virgem
Com suas galas gentis na fresca aurora,
Com suas mágoas na tarde escura e fria,
E essa melancolia e morbidez
Que nos eflúvios do luar ressumbra —
Não é apenas uma lira muda
Onde as mãos do poeta acordam hinos
E a alma do sonhador lembranças vibra...

Por essas fibras da natura viva, ⁸²⁸
Nessas fôlhas e vagas, nesses astros,
Nessa mágica luz que me deslumbra
E enche de fantasia até meus sonhos —
Palpita porventura um almo sôpro,
Espírito do céu que as reanima,
E talvez lhes murmura em horas mortas
Êstes sons de mistério e de saudade,
Que lá no coração repercutidos
O gênio acordam que enlanguesce ⁸²⁹ e canta!

Eu o creio, Luís, também às flores
Entre o perfume vela uma alma pura,
Também o sôpro dos divinos anjos
Anima essas corolas cetinosas,
No murmúrio das águas no deserto,
Na voz perdida, no dolente canto
Da ave de arribação das águas verdes,
No gemido das fôlhas na floresta,
Nos ecos de montanha, no arruído
Das fôlhas sêcas que estremece o Outono,
Há lamentos sentidos, como prantos
Que exala a pena de subida mágoa...

E Deus! — eu creio nêlo como a alma
 Que pensa e ama nessas almas tôdas,
 Que as ergue para o céu, e que lhes verte,
 Como orvalho noturno em seus ardores,
 O amor, sombra do céu, reflexo puro
 Da auréola das virgens de seu peito!
 Essa terra, êsse mundo, o céu e as ondas,
 Flores, donzelas, essas almas cândidas
 Beija-as o senhor Deus na fronte límpida,
 Arreia-as ⁸³⁰ de pureza e amor sem nódoa...
 E à flor dá a ventura das auroras,
 Os amôres do vento que suspira,
 Ao mar a viração, o céu às aves,
 Saudades à alcion, sonhos à virgem,
 E ao homem pensativo e taciturno
 A criatura pálida que chora —
 Essa flor que inda murcha tem perfumes,
 Êsse momento que suaviza os lábios, ⁸³¹
 Que eterniza na vida um céu de enleio...
 O amor primeiro das donzelas tristes.

São idéias talvez... Embora rian:
 Homens sem alma, estéreis criaturas:
 Não posso desamar as utopias,
 Ouvir e amar à noite entre as palmeiras ⁸³²
 Na varanda ao luar o som das vagas,
 Beijar nos lábios uma flor que murcha,
 E crer em Deus como alma animadora
 Que não criou sômente a natureza,
 Mas que ainda a relenta ⁸³³ em seu bafejo
 Ainda influi-lhe no sequioso seio
 De amor e vida a eternal centelha!

Por isso, ó meu amigo, à meia-noite
 Eu deito-me na relva umedecida,
 Contemplo o azul do céu, amo as estrêlas,
 Respiro aromas, e o arquejante peito
 Parece remoçar em tanta vida,
 Parece-me alentar-se em tanta mágoa,
 Tanta melancolia, e nos meus sonhos,
 Filho de amor e Deus, eu amo e creio!

DESÂNIMO

Estou agora triste. Há nesta vida
 Páginas tórvas que se não apagam,
 Nódoas que não se lavam... se esquecê-las
 De todo não é dado a quem padece,
 Ao menos resta ao sonhador consôlo
 No imaginar dos sonhos de mancebo!

Oh! voltaí uma vez! eu sofro tanto!
 Meus sonhos, ⁸³⁴ consolai-me! distraí-me!
 Anjos das ilusões, as asas brancas
 As névoas puras, que outro sol matiza,
 Abri ante meus olhos que abraçiam
 E lágrimas não têm que a dor do peito
 Transbordem um momento...

E, tu, imagem,

Ilusão de mulher, querido sonho,
 Na hora derradeira, vem sentar-te,
 Pensativa, saudosa, no meu leito!

O que sofres? que dor desconhecida
 Inunda de palor teu rosto virgem?
 Porque ⁸³⁵ tu'alma dobra taciturna
 Como um lírio a um bafo d'infortúnio?
 Porque ⁸³⁵ tão melancólica suspiras?

Ilusão, ideal — a ⁸³⁶ ti meus sonhos
 Como os cantos a Deus se erguem gemendo!
 Por ti meu pobre coração palpita.
 Eu sofro tanto! meus exaustos dias
 Não sei por que logo ao nascer manchou-os
 De negra profecia um Deus irado.
 Outros meu fado invejam... Que loucura!
 Que valem as ridículas vaidades
 De uma vida opulenta, os falsos mimos
 De gente que não ama? Até o gênio
 Que Deus lançou-me à doentia fronte,
 Qual semente perdida num rochedo,
 Tudo isso que vale, se padeço!

Nessas horas talvez em mim não pensas —
 Pousas sombria a desmaiada face
 Na doce mão, e pendes-te sonhando
 No teu mundo ideal da fantasia...
 Se meu orgulho, que fraqueia agora,
 Pudesse crer que ao pobre desditoso
 Sangravas uma idéia, uma saudade —
 Eu seria um instante venturoso!...

Mas não... ali no baile fascinante,
 Na alegria brutal da noite ardente,
 No sorriso ebrioso e tresloucado
 Daqueles homens que p'ra rir um pouco
 Encobrem sob a máscara o semblante,
 Tu não pensas em mim. Na tua idéia
 Se minha imagem retratou-se um dia
 Foi como a estrêla peregrina e pálida
 Sôbre a face de um lago....

O LENÇO DELA

Quando a primeira vez, da minha terra
 Deixei as noites de amoroso encanto, ⁸³⁷
 A minha doce amante suspirando
 Volveu-me os olhos úmidos de pranto.

Um romance cantou de despedida,
 Mas a saudade amortecia o canto!
 Lágrimas enxugou nos olhos belos...
 E deu-me o lenço que molhava o pranto.

Quantos anos contudo já passaram!
 Não olvido porém amor tão santo!
 Guardo ainda num cofre perfumado
 O lenço dela que molhava o pranto....

Nunca mais a encontrei na minha vida,
 Eu contudo, meu Deus, amava-a tanto!
 Oh! quando eu morra estendam no meu rosto
 O lenço que eu banhei também de pranto!

PÁLIDA IMAGEM

J'ai cru que j'oublierais; mais j'avais mal sondé
Les abîmes du cœur que remplit un seul rêve:
Le souvenir est là, le souvenir se lève!
Flot toujours renaissant et toujours débordé.

TURQUETY.

No delírio da ardente mocidade
Por tua imagem pálida vivi!
A flor do ⁸³⁸ coração do amor dos anjos
Orvalhei-a por ti!

O expirar de teu canto lamentoso
Sobre teus lábios que o palor cobria,
Minhas noites de lágrimas ardentes
E de sonhos enchia!

Foi por ti que eu pensei que a vida inteira
Não valia uma lágrima — siquer,
Senão num beijo trêmulo de noite...
Num olhar de mulher!

Mesmo nas horas de um amor insano,
Quando em meus braços outro seio ardia,
A tua imagem pálida passando
A minh'alma perdia.

Sempre e sempre teu rosto — as negras tranças, ⁸³⁹
Tua alma nos teus olhos se expandindo
E o colo de cetim que pulsa e geme
E teus lábios sorrindo!

Nas longas horas do sonhar da noite
No teu peito eu sonhava que dormia;
Pousa em meu coração a mão de neve...
Treme... como tremia

Como palpita agora se afagando
Na morna languidez do teu olhar;
Assim viveu e morrerá sonhando
Em teus seios amar!

Si a vida é lírio que a paixão desflora,
Meu lírio virginal eu conservei;
Somente no passado tive sonhos
E outrora nunca amei!

Foi por ti que na ardente mocidade
Por uma imagem pálida vivi!
E a flor do coração no amor dos anjos
Orvalhei... só por ti!

SEIO DE VIRGEM

Quand on te voit, il vient à maints
Une envie dedans les mains
De te tâter, de te tenir....

CLÉMENT MAROT.

O que eu sonho noite e dia
O que me dá poesia
E me torna a vida bela,
O que num brando roçar
Faz meu peito se agitar,
E' o teu seio, donzela!

Oh! quem pintara o cetim
Dêses limões de marfim,
Os leves cerúleos veios,
Na brancura deslunbrante
E o tremido de teus seios?

Quando os vejo, de paixão
Sinto pruridos na mão
De os apalpar e conter...
Sorraste do meu desejo?
Loucura! bastava um beijo
Para nêles se morrer!

Minhas ternuras, donzela,
Votei-as ⁸⁴⁰ à forma bela
Daqueles frutos de neve...
Aí duas cândidas flores
Que o pressentir dos amôres
Faz palpitem de leve.

Mimosos seios, mimosos,
Que dizem voluptuosos:
"Amai-nos, poetas, amai!
"Que misteriosas venturas
"Dormem nessas rosas puras
E se acordarão num ai!"

Que lírio, que nivea rosa,
Ou camélia cetinosa
Tem uma brancura assim?
Que flor da terra ou do céu,
Que valha do seio teu
Êsse morango ou rubim?

Quantos encantos sonhados
Sinto estremecer velados
Por teu cândido vestido!
Sem ver teu seio, donzela,
Suas delícias revela
O poeta embevecido!

Donzela, feliz do amante
Que teu seio palpitante
Seio d'espôsa fizer!
Que dessa forma tão pura
Fizer com mais formosura
Seio de bela mulher!

Feliz de mim... porém não!
Repouse teu coração
Da pureza no rosal!
Tenho eu no peito um aroma
Que valha a rosa que assoma
No teu seio virginal?...

MINHA MUSA

Minha musa é a lembrança
Dos sonhos em que eu vivi,
E' de uns lábios a esperança
E a saudade que eu nutri!
E' a crença que alentei,
As luas belas que amei,
E os olhos por quem morri!

Os meus cantos de saudade
São amôres que eu chorei:
São lírios da mocidade
Que murcham porque ⁸⁴¹ te amei!
As minhas notas ardentes
São as lágrimas dementes
Que em teu seio derramei!

Do meu Outono os desfolhos,
Os astros do teu verão,
A languidez de teus olhos
Inspiram minha canção.
Sou poeta porque ⁸⁴¹ és bela,
Tenho em teus olhos, donzela,
A Musa do coração!

Se na lira voluptuosa
Entre as fibras que estalei
Um dia atei uma rosa
Cujo aroma respirei,
Foi nas noites de ventura
Quando em tua formosura
Meus lábios embriaguei!

E se tu queres, donzela,
Sentir minh'alma vibrar,
Solta essa trança ⁸⁴² tão bela.
Quero nela suspirar!
Descansa-me no teu seio.
Ouvirás no devaneio
A minha lira cantar.

MALVA-MAÇÃ

A P . . .

De teus seios tão mimosos
Quem gozasse o talismã!
Quem ali deitasse a fronte
Cheia de amoroso alã!
E quem nêle respirasse
A tua malva-maçã!

Dá-me essa fôlha cheirosa
Que treme no seio teu!
Dá-me a fôlha.. hei de beijá-la
Sedenta no lábio meu:
Não vês que o calor do seio
Tua malva emurcheceu...

A pobrezinha em teu colo
Tantos amôres gozou,
Viveu em tanto perfume
Que de enlevos expirou!
Quem pudesse no teu seio
Morrer como ele murchou!

Teu cabelo me inebria,
Teu ardente olhar seduz;
A flor de teus olhos negros
De tua alma raia à luz,
E sinto nos lábios teus
Fogo do céu que transluz!

O teu seio que estremece
Enlanguesce-me ⁸⁴³ de gozo.
Há um *quê* de tão suave
No colo voluptuoso,
Que num trêmulo delíquio
Faz-me sonhar venturoso!

Descansar nesses teus braços
Fôra angélica ventura:
Fôra morrer — nos teus lábios
Aspirar tua alma pura!
Fôra ser Deus dar-te um beijo
Na divina formosura!

Mas o que eu peço, donzela,
Meus amôres, não é tanto!
Basta-me a flor do seio
Para que eu viva no encanto,
E em noites enamoradas
Eu verta amoroso pranto!

Oh! virgem dos meus amôres,
Dá-me essa fôlha singela!
Quero sentir teu perfume
Nos doces aromas dela...
E nessa malva-maçã
Sonhar teu seio, donzela!

Uma fôlha assim perdida
De um seio virgem no afã
Acorda ignotas doçuras
Com divino talismã!
Dá-me do seio esta fôlha
— A tua malva-maçã!

Quero apertá-la a meu peito
E beijá-la com ternura...
Dormir com ela nos lábios
Dêsse aroma na frescura...
Beijando-a sonhar contigo
E desmaiar de ventura!

A fôlha que tens no seio
De joelhos pedirei...
Se posso viver sem ela
Não o creio!... oh! eu não sei!...
Dá-ma pelo amor de Deus,
Que sem ela morrerrei!...

Pelas estrêlas da noite,
Pelas brisas da manhã,
Por teus amôres mais puros,
Pelo amor de tua irmã,
Dá-me essa fôlha cheirosa,
— A tua malva-maçã!

PENSAMENTOS DELA

Talvez à noite quando a hora finda
Em que eu vivo de tua formosura, ⁸⁴⁴
Vendo em teus olhos, nessa face linda
A sombra de meu anjo da ventura,
Tu sorrias de mim por que ⁸⁴⁵ não ousou
Leve turbar teu virginal repouso,
A murmurar ternura.

Eu sei. Entre minha alma e tua aurora
Murmura meu gelado coração.
Meu enrêdo morreu. Sou triste agora,
Estrêla morta em noite de verão!
Prefiro amar-te bela no segrêdo!
Se fôras minha tu verias cedo
Morrer tua ilusão!

Eu não sou ⁸⁴⁶ o ideal, alma celeste,
Vida pura de lábios recedentes
Que teu imaginar de encantos veste
E sonhas nos teus seios inocentes.
Flor que vives de aromas e luar,
Oh! nunca possas ler do meu penar
As páginas ardentes!

Se em cânticos de amor a minha fronte
Engrinaldo por ti, amor cantando,
Com as rosas que amava Anacreonte, ⁸⁴⁷
E' que — alma dormida — palpitando
No raio de teus olhos se ilumina,
Em ti respira inspiração divina
E ela sonha cantando!

Não a acordes contudo. A vida nela
Como a ave no mar suspira e cai....
Às ⁸⁴⁸ vêzes teu alento de donzela
Sôbre teus lábios o morrer de um ai,
Na magia de fada, num instante
Estremecem-na, embalam-na expirante
E lhe dizem: "sonhai!"

Mas quando o teu amante fôsse espôso —
E tu, sequiosa e lânguida de amor,
O embalasses no seio voluptuoso
E o beijasses dos lábios no calor,
Quando tremesses mais, não te doera
Sentir que nesse peito que vivera
Murchou a vida em flor?

POR MIM?

Teu negros olhos uma vez fitando
Senti que luz mais branda os acendia,
Pálida de languor, eu vi-te olhando —
Mulher do meu amor, meu serafim,
Êsse amor que em teus olhos refletia....
Talvez! — era por mim?

Pendeste, suspirando, a face pura,
Morreu nos lábios teus um ai perdido....
Tão êbrio de paixão e de ventura!
Mulher de meu amor, meu serafim,
Por quem era o suspiro amortecido?
Suspiravas por mim?

Mas.... eu sei!.... ai de mim? Eu vi na dança
Um olhar que em teus olhos se fitava....
Ouvi outro suspiro.... d'esperança!
Mulher do meu amor, meu serafim,
Teu olhar, teu suspiro que matava....
Oh! não eram por mim!

LÉLIA 849

Passou talvez ao alvejar da lua,
Como incerta visão na praia fria: ⁸⁵⁰
Mas o vento do mar não escutou-lhe
Uma voz a seu Deus!... ela não cria! ⁸⁵¹

Uma noite aos murmúrios do piano
Pálida misturou um canto aéreo.... ⁸⁵²
Parecia de amor tremer-lhe a vida
Revelando nos lábios um mistério!

Porém quando expirou a voz nos lábios
Ergueu sem pranto a fronte descorada,
Pousou a fria mão no seio imóvel, ⁸⁵³
Sentou-se no divã.... sempre gelada!

Passou talvez do cemitério à sombra, ⁸⁵³
Mas nunca numa cruz deixou seu ramo;
Ninguém se lembra de lhe ter ouvido
Numa febre de amor dizer: "eu amo!"

Não chora por ninguém.... e quando à noite
Lhe beija o sono as pálpebras sombrias,
Não procura seu anjo à cabeceira
E não tem orações, mas ironias! ⁸⁵⁴

Nunca na terra uma alma de poeta
Chorosa, palpitante e gemebunda
Achou nessa mulher um hino d'alma
E uma flor para a fronte moribunda.

Lira sem cordas não vibrou d'enlêvo:
As notas puras da paixão ignora,
Não teve nunca n'alma adormecida
O fogo que inebria e que devora!

Descrê. Derrama fel em cada riso —
Alma estéril não sonha uma utopia....
Anjo maldito salpicou veneno
Nos lábios que tressuam de ironia.

E' formosa contudo. Há nessa imagem
No silêncio da estátua alabastrina
Como um anjo perdido que ressumbra
Nos olhos negros da mulher divina.

Há nesse ardente olhar que gela e vibra,
Na voz que faz tremer e que apaixonona
O gênio de Satã que transverbera,
E o languor pensativo da Madona!

E' formosa, meu Deus! Desde que a vi
Na minha alma suspira a sombra dela,
E sinto que podia nessa vida
Num seu lânguido olhar morrer por ela.

MORENA

O' Teresa, um outro beijo! e abandona-me a meus sonhos
e a meus suaves delírios.

JACOPO ORTIS.

E' loucura, meu anjo, é loucura
Os amôres por anjos.... eu sei!
Foram sonhos, foi louca ternura
Êsse amor que a teus pés derramei!

Quando a fronte requeima e delira,
Quando o lábio desbota de amor,
Quando as cordas rebentam na lira
Que palpita no seio ao cantor,

Quando a vida nas dores é morta, ⁸⁵⁵
Ter amôres nos sonhos é crime?
E' loucura: eu o sei! mas que importa?
Ai! morena! és tão bela!... perdi-me!

Quando tudo, na insônia do leito,
No delírio de amor devaneia
E no fundo do trêmulo peito
Fogo lento no sangue se ateia;

Quando a vida nos prantos se escoa,
Não merece o amante perdão?
Ai! morena! és tão bela! perdoa!
Foi um sonho do meu coração!

Foi um sonho... não cores de pejo!
Foi um sonho tão puro!... ai de mim!
Mal gozei-lhe as frescuras de um beijo!
Ai! não cores, não cores assim!

Não suspires! porque ⁸⁵⁶ suspirar?
Quando o vento num lírio soluça,
E desmaia no longo beijar,
E ofegante de amor se debruça,

Quando a vida lhe foge, lhe treme,
Pobre vida do seu coração,
Essa flor que o ouvira, que geme,
Não lhe dera no seio o perdão?

Mas não cores! se queres, afogo
No meu seio o fegoso anelar!
Calarei meus suspiros de fogo
E esse amor que me há de matar!

Morrerei, ó morena, em segrêdo!
Um perdido na terra sou eu!
Ai! teu sonho não morra tão cedo
Como a vida em meu peito morreu!

12 DE SETEMBRO

I

O sol oriental brilha nas nuvens,
Mais docemente a viração murmura
E mais doce no vale a primavera
Saúdosa e juvenil e tôda em rosa
 Como os ramos sem fôlhas
 Do pessegueiro em flor.

Ergue-te, minha noiva, ó natureza!
Somos sós — eu e tu: — acorda e canta
 No dia de meus anos!

II

Debalde nos meus sonhos de ventura
Tento alentar minha esperança morta
 E volto-me ao porvir...
A minha alma só canta a sepultura —
E nem última ilusão beija e conforta
 Meu ardente dormir...

III

Tenho febre — meu cérebro transborda,
Eu morrerei mancebo — inda sonhando
 Da esperança o fulgor.
Oh! cantemos inda: a última corda
Treme na lira... morrerei cantando
 O meu único amor!

IV

Meu amor foi o sol que madrugava
O canto matinal da cotovia
 E a rosa predileta...
Fui um louco, meu Deus, quando tentava
Descorado e febril nodoar na orgia
 Os sonhos de poeta...

V

Meu amor foi a verde laranjeira
Que ao luar orvalhoso entreabre as flores
 Melhor que ao meio-dia
As campinas — a lua forasteira,
Que triste, como eu sou, sonhando amôres
 Se embebe de harmonia. —

VI

Meu amor foi a mãe ⁸⁵⁷ que me alentava,
Que viveu e esperou por minha vida,
 E pranteia por mim... ⁸⁵⁸
E a sombra solitária que eu sonhava
Lânguida como vibração perdida
 De rôto bandolim...

VII

Eu vaguei pela vida sem confôrto,
Esperei o meu anjo noite e dia
 E o ideal não veio...
Farto de vida, breve serei morto...
Não poderei ao menos na agonia
 Descansar-lhe no seio...

VIII

Passei como Don Juan entre as donzelas,
Suspirei as canções mais doloridas
 E ninguém me escutou...
Oh! nunca à virgem flor das faces belas
Sorvi o mel nas longas despedidas...
 Meu Deus! ninguém me amou!

IX

Vivi na solidão — odeio o mundo
E no orgulho embuicei meu rosto pálido
 Como um astro na treva...
Senti a vida um lupanar imundo —
Se acorda o triste profanado, esquálido
 — A morte fria o leva...

X

E quantos vivos não caíram frios,
Manchados de embriaguez da ⁸⁵⁹ orgia em meio
 Nas infâmias do vício!
E quantos morreram inda sombrios
Sem remorsos dos loucos devaneios...
 — Sentindo o precipício!

X I

Perdoa-lhes, meu Deus! o sol da vida
 Nas artérias ateia o sangue em lava
 E o cérebro varia...
 O século na vaga enfurecida
 Levou a geração que se acordava...
 E nuta de agonia...

X I I

São tristes dêste século os destinos!
 Seiva ⁸⁶⁰ mortal as flores que despontam
 Infecta em seu abrir —
 E o cadafalso e a voz dos Girondinos
 Não falam mais na glória e não apontam
 A aurora do porvir!

X I I I

Fôra belo talvez em pé, de novo
 Como Byron surgir, ou na tormenta
 O herói de Waterloo
 Com sua idéia iluminar um povo,
 Como o trovão nas nuvens que rebenta
 E o raio derramou!

X I V

Fôra belo talvez sentir no crânio
 A alma de Goethe, e reunir na fibra
 Byron, Homero e Dante;
 Sonhar-se num delírio momentâneo
 A alma da criação, e o som que vibra
 A terra palpitante...

X V

Mas ah! o viajor nos cemitérios
 Nessas nuas caveiras não escuta
 Vossas almas errantes,
 Do estandarte da sombra nos impérios
 A morte — como a torpe prostituta —
 Não distingue os amantes.

X V I

Eu pobre sonhador — em terra inculta
 Onde não fecundou-se uma semente
 Convosco dormirei,
 E dentre nós a multidão estulta
 Não vos distinguirá a fronte ardente
 Do crânio que animei...

X V I I

Oh! morte! a que mistério me destinás?
 Esse átomo de luz que inda me alenta,
 Quando o corpo morrer —
 Voltará amanhã — aziagas sinas
 Da terra sôbre a face macilenta
 Esperar e sofrer?

X V I I I

Meu Deus, antes — meu Deus — que uma outra vida
 Com teu sôpro eternal meu ser esmaga
 E minha alma aniquila...
 A estrêla de verão no céu perdida
 Também às vêzes teu alento apaga
 Numa noite tranqüila!...

SOMBRA DE D. JUAN

A dream that was not at all a dream.

LORD BYRON, *Darkness*.

I

Cerraste enfim as pálpebras sombrias
 E a fronte esverdeou da morte à sombra
 Como lâmpada exausta!
 E agora no silêncio do sepulcro
 Sonhas o amor — os seios de alabastro
 Das lânguidas amantes?

E Haidéia virgem pela praia errando
 Aos murmúrios do mar que lhe suspira
 Como incógnito desejo —
 Te sussurra delícias vaporosas,
 E o formoso estrangeiro adormecido
 Entrebeija tremendo?

Ou a pálida fronte libertina
 Relembra a tez, o talhe voluptuoso
 Da Oriental seminua?
 Ou o vento da noite em teus cabelos
 Sussurra, lembra do passado as nódoas
 No túmulo sem letras?

Ergue-te, libertino! eu não te acordo
 Porque ⁸⁶¹ nas orgias te avermelha a face
 Que morte amarelou...
 Nem pelo jôgo, e noites delirantes,
 Nem do ouro a febre, e da perdida os lábios
 E a convulsão noturna!

Não, belo Espanhol! Venho sentar-me
 À borda do teu leito, porque ⁸⁶² febre
 Minha insônia devora;
 Porque não durmo quando o sonho passa
 E do passado o manto profanado
 Me roça pela face!

Quero na sombra conversar contigo,
 Quero me digas tuas noites breves:
 As febres e as donzelas
 Que ao fogo do viver murchaste ao peito!
 Ergue-te um pouco da mortalha branca,
 Acorda-te, Don Juan!

Contigo velarei: do teu sudário
 Nas dobras negras deporei a fronte,
 Como um colo de mãe:
 E como leviano peregrino
 Da vida as águas saudarei sorrindo
 Na extrema ⁸⁶³ do infinito!

E quando a ironia regelar-se
 E a morte me azular os lábios frios
 E o peito emudecer,
 No vinho queimador, no golo extremo, ⁸⁶⁴
 Num riso — à vida brindarei zombando
 E dormirei contigo!

I I

Mas não: não veio na mortalha envolto
Don Juan seminu com rir descrito
Zombando do passado —
Só além — onde as fôlhas alvejavam,
Ao luar que banhava o cemitério
Vi um vulto na sombra.

Cantava: ao peito o bandolim saudoso
Apertava: qual nu e perfumado
A Madona seu filho;
E a voz do bandolim se repassava,
Mais languidez bebia ressoando
No cavernoso peito.

Do *sombrero* despiu a fronte pálida,
Ergueu à lua a palidez do rosto
Que lágrimas enchiam...
Cantava: eu o escutei... amei-lhe o canto,
Com êle suspirei, chorei com êle —
— O vulto era Don Juan!...

I I I

A CANÇÃO DE DON JUAN

“Ó faces morenas! ó lábios de flor,
Ouvi-me a guitarra que trina louçã,
Eu trago meu peito, meus beijos de amor,
Ó lábios de flor,
Eu sou D. Juan!

“Nas brisas da noite, no frouxo luar,
Nos beijos do vento, na fresca manhã,
Dizei-me: não viste num sonho passar,
No frouxo luar, ⁸⁶⁵
Febril — Don Juan?

“Acordem, acordem, ó minhas donzelas!
A brisa nas águas lateja de afã!
Meus lábios têm ⁸⁶⁶ fogo e as noites são belas,
Ó minhas donzelas,
Eu sou Don Juan!

“Ai! nunca sentistes o amor d’Espanhol!
Nos lábios mimosos de flor de romã
Os beijos que queimam no fogo do sol!
Eu sou o Espanhol:
Eu sou Don Juan!

“Que amor, que sonhos no febril passado!
Que tantas ilusões no amor ardente!
E que pálidas faces de donzela
Que por mim desmaiaram docemente!

“Eu era o vendaval que às flores puras
Do amor nas manhãs o lábio abria!
Se murchei-as depois — é que espadaça
As flores da montanha a ventania!

“E tão belas, meu Deus! e as níveas pérolas
Mergulhei-as no lôdo uma per uma, ⁸⁶⁷
De meus sonhos de amor nada me resta!
Em negras ondas só vermelha espuma!

“Anjos que desflorei! que desmaiados
Na torrente lancei do lupanar!
Crianças que dormiam no meu peito
E acordaram da mágoa ao soluçar!

“E não tremem as fôlhas no sussurro,
E as almas não palpitam-se de afã, ⁸⁶⁸
Quando entre a chuva rebuçado passa
Saciado de beijos Don Juan?”

I V

Como virgem que sente esmorecer
Num hálito de amor a vida bela,
Que desmaia, que treme:
Como virgem nas lentas agonias
Os seus olhos azuis aos céus erguendo
Co’as mãos níveas no seio...

Presentindo que o sangue lhe resfria
E que nas faces pálidas a beija
O anjo da agonia...
Exala ainda o canto harmonioso...
Casuarina ⁸⁶⁹ pendida onde sussurra
O anoitecer da vida!

Assim nos lábios e nas cordas meigas
Do palpitante bandolim a mágoa
Gemia como vento,
Como o cisme que bóia, que se perde... ⁸⁷⁰
Na lagoa da morte geme ainda
O cântico saudoso!

Mas depois no silêncio uma risada
Convulsiva arquejou... rompeu as cordas
Das ternas assonias,
Rompeu-as e sem dó... e noutras fibras
Corria os dedos descuidoso e frio
Salpicando-as d’escárnio...

V

“Os homens semelham as modas de um dia,
E’ velha e passada
A roupa manchada:
Porém quem diria
Que é moda de um dia,
Que é velho Don Juan?!

“Os anos que passem nos negros cabelos:
Branqueiem de neve
As c’roas que teve!
Dizei, anjos belos
De negros cabelos, ⁸⁷¹
Se é velho Don Juan!

“E quando no seio das trêmulas belas
De noite suspira
E nuda e delíra
Que digam pois elas
As trêmulas belas
Se é velho Don Juan!

“Que o diga a Sultana, a violenta Espanhola, ⁸⁷¹
A loura Alemã
E a Grega ⁸⁷² louçã!
Que o diga a Espanhola
Que a noite consola,
Se é velho Don Juan!

“.....”

VI

Era longa a canção... Cantou, e o vento
 Nos ciprestes com êle escorrecia! ⁸⁷³
 Pendeu a fronte — os lábios
 Emudeceram como cala o vento
 Do trópico na podre calmaria...
 Cismava Don Juan.

NA VÁRZEA

Como é bela a manhã! Como entre a névoa
 A cidade sombria ao sol clareia
 E o manto dos pinheiros se aveluda!
 E o orvalho goteja dos coqueiros
 E dos vales o aroma acorda o pássaro,
 E o fogo corcel ⁸⁷⁴ no campo aberto
 Sorve d'alva o frescor, sacode as clímas,
 Respira na amplidão, no orvalho rola,
 Cobre em leito de fôlhas novo alento
 E galopa nitrindo!

Agora que a manhã é fresca e branca
 E o campo solitário e o val se arreja, ⁸⁷⁵
 Ó meu amigo, passeiemos juntos
 Na várzea que do rio as águas negras
 Umedecem fecundas:

O campo é só — na chácara florida
 Dorme o homem do vale, e no convento
 Cintila a ⁸⁷⁶ mêmô a lâmpada da virgem,
 Que pálidas vestais no altar acendem!

Tudo acorda, meu Deus, nessas campinas! ⁸⁷⁷
 Os cantos do Senhor erguem-se em nuvens
 Como o perfume que evapora ⁸⁷⁸ o leito
 Do lírio virginal!

Acorda-te, ó amigo — quando brilha
 Em tôda a natureza tanto encanto,
 Tanta magia pelo céu flutua
 E chovem sôbre os vales harmonias —
 E' descrever do Senhor dormir no tédio,
 E' renegar das santas maravilhas
 O ardente coração não expandir-se,
 E a alma não jubilar dentro do peito!

Lá onde mais suave entre os coqueiros
 O vento da manhã nas casuarinas ⁸⁷⁹
 Cicia mais ardente suspirando,
 Como de noite no pinhal sombrio
 Aéreo ⁸⁸⁰ canto de não vista sombra,
 Que enche o ar de tristeza e amor transpira,
 Lá onde o rio molemente chora
 Nas campinas em flor e rola triste —
 Alveja à sombra habitação ditosa,
 Coroa os frisos da janela verde ⁸⁸¹
 A trepadeira em flor do jasmineiro
 E pelo muro se avermelha a rosa.
 Ali quando a manhã acorda a bela —
 A bela que eu sonhei nos meus amôres,
 Ao primeiro calor do sol d'aurora

Entorna-se da flor o doce aroma,
 Inda mais doce em matutino orvalho,
 — Nas tranças ⁸⁸² negras da donzela pálida,
 Mais bela que o diamante se aveluda
 Camélia fresca, inda em botão, tingida
 De neve e de coral — no seio dela
 Não reluz o colar — em negro fio
 A cruz da infância melhor guarda o seio
 Que o amor virginal beija tremendo
 E os ais do coração melhor perfuma...

Vem comigo, mancebo — aqui sentemo-nos:
 Ela dorme: a janela inda cerrada
 Se encheu de rosas e jasmins à noite,
 E as flores virgens com o aberto seio
 Um beijo da donzela ainda imploram.

Mais doce o canto foge de mistura
 Co'as doces notas do violão divino,
 Anjo da vida te verteu nos lábios
 O mel dos serafins que a voz serena
 Que a transborda de encanto e de harmonia
 E faz ao eco sem pulsar meu peito!

Suspire o violão: nos seus lamentos
 Murmura essa canção dos meus amôres,
 Que êste peito sangrento lhe votara,
 Quando a seus pés ardente a fantasia
 Em doce engano derramei minh'alma!

Quando a brisa seus ais melhor afina,
 Quando a fruta no mar branda suspira, ⁸⁸³
 Com mais encanto as fôlhas do salgueiro
 Debruçam-se nas águas solitárias,
 E deixam gôta a gôta no argênteo orvalho
 Como prantos nas fôlhas deslizar-se.

Quando a voz de cantor perder-se à noite
 Na margem da torrente ou nas campinas,
 Ou no umbroso jardim que flores cobrem —
 Mais doce a noite pelo céu vagueia,
 Melhor florescem as noturnas flores,
 E o seio da mulher, que a noite embala
 Pulsa quente e febril com mais ternura!

Se o anjo de meus tímidos amôres
 Pudesse ouvir-te os cândidos suspiros
 Que a minha dor de amante lhe revelam!
 Se ela acordasse, nos cabelos soltos
 Inda o semblante sonolento e pálido
 E o seio seminu e os ombros níveos
 E as trêmulas mãos cobrindo o seio...
 Se esta janela num instante abrisse
 A fada da ventura — embora apenas
 Um instante... um só... Meus pobres sonhos
 Como saudosos vos murchais sedentos!
 Flores do mar que um triste vagabundo
 Arrancou de seu leito umedecido,
 E grosseiro apertou nas mãos ardentes...
 Eu morro de saudade e só me nutre ⁸⁸⁴
 Inda nas tristes, desbotadas veias
 O sangue do passado e da esperança!

OH! NÃO MALDIGAM!

Oh! não maldigam o mancebo exausto
Que nas orgias gastou o peito insano,
Que foi ao lupanar pedir um leito
Onde a sêde febril lhe adormecesse!

Não podia dormir! nas longas noites
Pediú ao vício os beijos de veneno:
E amou a saturnal, o vinho, o jôgo
E a convulsão nos seios da perda!

Misérrimo! não creu!... Não o maldigam,
Se uma sina fatal o arrebatava:
Se na torrente das paixões dormindo
Foi naufragar nas solidões do crime.

Oh! não maldigam o mancebo exausto
Que no vício embalou, a rir, os sonhos
Que lhe manchou as perfumadas tranças 885
Nos travesseiros da mulher sem brio!

Se êle poeta nodou seus lábios
E' que fervia um coração de fogo,
E da matéria a convulsão impura
A voz do coração emudecia!

E quando p'la manhã da longa insônia
Do leito profanado êle se erguia
Sentindo a brisa lhe beijar no rosto
E a febre arrefecer nos roxos 886 lábios;

E o corpo adormecia e repousava
Na serenada relva da campina,
E as aves da manhã em tórno dêle
Os sonhos do poeta acalentavam;

Vinha um anjo de amor uni-lo ao peito,
Vinha uma nuvem derramar-lhe a sombra,
E a alma que chorava a infâmia dêle
Secava o pranto e suspirava ainda!

ADEUS, MEUS SONHOS!

Adeus, meus sonhos, eu pranteio e morro!
Não levo da existência uma saudade!
E a tanta vida que meu peito enchia
Morreu na minha triste mocidade!

Misérrimo! votei meus pobres dias
À sina douda de um amor sem fruto,
E 887 minha alma na treva agora dorme
Como um olhar que a morte envolve em luto.

Que me resta, meu Deus? morra comigo
A estrêla de meus cândidos amôres
Já que não levo no meu peito morto
Um punhado sequer de murchas flores!

PÁGINA RÔTA

Et pourtant que le parfum d'un pur amour est suave!
GEORGE SAND.

Meu pobre coração que estremecias,
Suspira a desmaiar no peito meu:
Para enchê-lo de amor, tu bem sabias, 888
Bastava um beijo teu!

Como o vale nas brisas se acalenta,
O triste coração no amor dormia;
Na saudade, na lua macilenta
Sequioso ar bebia!

Se nos sonhos da noite se embalava
Sem um gemido, sem um ai sequer,
E' que o leite da vida êle sonhava
Num seio de mulher!

Se abriu tremendo os íntimos refolhos,
Se junto de teu seio êle tremia,
E' que lia ventura nos teus olhos,
E que dêles vivia!

Via o futuro em mágicos espelhos,
Tua bela visão o enfeitiçava,
Sonhava adormecer nos teus joelhos... 889
Tanto enlêvo sonhava!

Via nos sonhos dêle a tua imagem
Que de beijos de amor o recendia:
E de noite nos hábitos da aragem
Teu alento sentia!

Ó pálida mulher! se negra sina
Meu berço abandonado me embalou,
Não te rias da sêde peregrina
Dessa alma que te amou.

Que sonhava em teus lábios de ternura
Das noites do passado se esquecer;
Ter um leito suave de ventura...
E amor... onde morrer!

POESIAS DIVERSAS. 890

GLÓRIA MORIBUNDA.

Une fille de joie attendait sur la borne.
THÉOPH. GAUTIER.

I.

E' uma visão medonha uma caveira?
Não tremas de pavor, ergue-a do lôdo.
Foi a cabeça ardente de um poeta,
Outrora à sombra dos cabelos loiros.
Quando o reflexo do viver fogueiro
Ali dentro animava o pensamento,
Esta fronte era bela. Aqui nas faces
Formosa palidez cobria o rosto;
Nessas órbitas — ôcas, denegridas! —
Como era puro seu olhar sombrio!

Agora tudo é cinza. Resta apenas
A caveira que a alma em si guardava,
Como a concha no mar encerra a pérola,
Como a caçoula a mirra incandescente.

Tu outrora talvez desses-lhe um beijo;
Porque repugnas levantá-la agora?
Olha-a comigo! Que espaçosa fronte! ⁸⁹¹
Quanta vida ali dentro fermentava,
Como a seiva ⁸⁹² nos ramos do arvoredol
E a sede em fogo das idéias vivas
Onde está? onde foi? Essa alma errante
Que um dia no viver passou cantando,
Como canta na treva um vagabundo,
Perdeu-se acaso no sombrio vento,
Como noturna lâmpada apagou-se?
E a centelha da vida, o eletrismo
Que as fibras tremulantes agitava
Morreu para animar futuras vidas?

Sorris? eu sou um louco. As utopias,
Os sonhos da ciência nada valem.
A vida é um escárnio sem sentido,
Comédia infame que ensangüenta o lôdo.
Há talvez um segrêdo que ela esconde;
Mas êsse a morte o sabe e o não revela.
Os túmulos são mudos como o vácuo.
Desde a primeira dor sôbre um cadáver,
Quando a primeira mãe entre soluços
Do filho morto os membros apertava
Ao ofegante seio, o peito humano
Caiu tremendo interrogando o túmulo...
E a terra sepulcral não respondia.

Levanta-me do chão essa caveira!
Vou cantar-te uma página da vida
De uma alma que penou, e já descansa.

I I.

— Por quem esperas trêmula a desoras,
Mulher da noite, na deserta rua?
A miséria venceu os teus orgulhos,
E vens na treva contratar teu leito?
Vem pois. És bela. Tens no rosto frio
A imagem das Madonas descoradas.
Vagabunda de amor, és bela e pálida.
Será doce em teu seio de morena
Um momento sentir os meus suspiros
Estuantes nos lábios doloridos.
Se inda podes amar, ergue-te ainda,
Une teu peito ao meu, pálida sombra! —

I I I.

Era uma frente olímpica e sombria,
Nua ao vento da noite que agitava
As loiras ondas do cabelo sôlto;
Cabeça de poeta e libertino
Que fogo incerto de embriaguez corava.
Na frente a palidez, no olhar aceso
O lume errante de uma febre insana.

I V.

— Mancebo, quem és tu?

— Que importa o nome?

Um poeta de santas harmonias
Que a Musa obscena do bordel profana.

Na aparição balsâmica dos anjos
Porventura enleveei a mocidade.
Das virgens no cheiroso travesseiro
Porventura dormi... Meu Deus! que sonhos!
Em seios que a inocência adormecia
Repousei minha fronte embevecida.
Amei, mulher! amei!

Que sêde intensa!

Secou-se-me a torrente do deserto
Que as fôlhas de frescura borrifava.
Tudo! tudo passou... Amei... Embora!
Quero agora dormir nos teus joelhos.
Nessa esponja da vida inda uma gôta
Talvez reste a meus lábios anelantes
Que me dê um assomo de ventura
E um leito onde morrer amando ainda.

E que vida, mulher! que dor profunda,
Faminta como um verme aqui no peito!
Murcha desfaleceu a flor da vida
E cedo morrerá... E vós, meus anjos,
Ó Virgem Santa, que eu amei, na lira
A quem votei meu canto delirioso;
Amantes que eu sonhei, que eu amaria
Com todo o fogo juvenil que ainda
Me abrasa o coração, porque fugistes,
Branças sombras, do céu das esperanças?

Oh! riamos da vida! tudo mente!
Os meus versos gotejem de ironias!
Êsse mundo sem fé merece prantos?
À orgia! na saturnal entre a loucura
Derrama o vinho sono e esquecimento.
Vinde, belezas que a volúpia inflama!
Bebamos juntos... Cantarei de novo:
A minha alma nas asas do improvisado,
Como as aves do céu, voe cantando...
Todos caíram ébrios?... só eu resto?
Embora! em minha ⁸⁹³ mão a lira pulsa,
Meu peito bate, a inspiração agora
Cânticos imortais ao lábio inspira.
Voai ao céu — não morrereis, meus cantos!

V.

A glória! a glória! meu amor foi ela,
Foi meu Deus, o meu sangue... até meu gênio...
E agora!... Além os sonhos desta vida!
Quando eu morrer, meus versos incendeiem!
Apague-se meu nome — e ao cadáver
Nem lágrimas nem cruz o mundo vote.
Sou um ímpio (disseram-no!) pois deixem-me
Descansar no sepulcro!

Porque choras,

Descorada mulher? Sabes acaso
Quem é o triste, o malfadado obscuro
Que delira e desvaira aqui na treva
E tuas mãos aperta convulsivo?
Eu não te posso amar. Meu peito morto
E' como a rocha que o oceano bate
E branqueia de escuma — ali não pode
Medrar a flor cheirosa dos enlevos...
Teu amor... Eu descri até dos sonhos...
Demais dentro em tua alma eu vejo trevas,
Uma estrêla de Deus não a ilumina.
Quem pudera nas ondas do passado,
Ditoso pescador, erguer no lôdo
O ramo de coral de teus amôres?

VI.

Amei! amei! no sonho, nas vigílias
 Esse nome gemi que eu adorava!
 Votei amor a tudo quanto é belo!
 Escuta... A rua é quêda. A noite escura
 E' negra como um túmulo. Durmamos
 No leito dos amôres do perdido.
 Vês? nem lua no céu!... tudo é medonho!
 Nem estrêla de luz!... — Silêncio! Embora!
 Escuta, anjo da noite! no meu peito
 Não ouves palpitar o som da vida?
 Deixa encostar meus lábios incendidos
 No teu seio que bate. Vem, meu anjo!
 A alma da formosura é sempre virgem!
 Minha virgem — irmã — meu Deus! contigo
 Oh! deixa-me viver! Eu sinto bela
 A tua alma acordando refletir-te
 Nesses olhos tão negros d'Espanhola.
 Quero amar e viver — sonhar — em fogo
 Meus frouxos dias exaurir num beijo,
 Derramar a teus pés os meus amôres,
 Minhas santas canções a ti erguê-las,
 A ti, e só a ti! —

VII.

— Que tens? desmaiias?
 Que tens, mancebo?
 — Nada. É cedo ainda.
 Não é ela inda não. Chamei por ela...
 Foi em vão... delirei...
 — Por quem?
 — A morte.
 — Morrer! pobre de ti, ó meu poeta!
 — Se a morte é sofrimento, eu soffro tanto,
 Que a mudança do mal será consôlo;
 Se a morte é sono, meu cansado corpo
 No descanso eternal deixai que durma.
 — Eu também soffro... mas a morte assusta.
 Eu mísera mulher nas amarguras
 Descorei e perdi a formosura.
 No amor impuro profanei minh'alma...
 E nesta vida não amei contudo!
 Não sou a virgem melindrosa e casta
 Que nos sonhos da infância os anjos beijam
 E entre as rosas da noite adormecera
 Tão pura como a noite e como as flores;
 Mas na minh'alma dorme amor ainda.
 Levanta-me, poeta, dos abismos
 Até ao puro sol do amor dos anjos!
 Ó minha vida, minha vida pura,
 Porque foram tão breves da inocência
 Das crenças virginais os belos dias?
 Chamei por Deus em vão. Sôbre meu leito
 Em vez do anjo do céu senti gelada
 Sombra desconhecida vir sentar-se,
 Em beijos frios roxear meus lábios,
 Em abraços de morte unir-me ao seio.
 Douda! chamei por Deus! a meu reclamo
 Veio o tórvo Satã... Oh! não maldigas
 A mísera que os seios inocentes
 Entregou sem pudor a mãos impuras:
 Eram taças de Deus... eu bem sabia!
 Mas todo o pesadelo do passado
 Foi uma horrenda sina... tudo aquilo
 Escrevera Satã... —

VIII.

— Fatalidade!
 E' pois a voz unânime dos mundos,
 Das longas gerações que se agonizam,
 Que sobe aos pés do Eterno como incenso?
 Serás tu como os bonzos te fingiram?
 Sublime Criador, porque enjeitaste
 A pobre criação? porque a fizeste
 Da argila mais impura e negro lôdo,
 E a lançaste nas trevas errabunda
 Co'a palidez na frente como anátema,
 Qual lança a borboleta a raça d'oiro
 No pântano e no sangue?

Tudo é sina:
 O crime é um destino — o gênio, a glória
 São palavras mentidas — a virtude
 E' a máscara vil que o vício cobre.
 O egoísmo! eis a voz da humanidade.
 Fôste sublime, Criador dos mundos!

IX.

Tudo morre, meu Deus! No mundo exausto
 Bastardas gerações vagam descritas.
 E a arte se vendeu, essa arte santa
 Que orava de joelhos e vertia
 O seu raio de luz e amor no povo,
 E o gênio soluçando e moribundo
 Olvidou-se da vida e do futuro
 E blasfema lutando na agonia.
 Agonia de morte! Só em tórno
 No leito do morrer as almas gemem.
 E o fantasma da morte gela tudo.
 Porque um ardente amor não mais suspira
 Notas do coração pelo silêncio
 Da noite enamorada? A chama pura
 Porque das almas se apagou nas cinzas?
 E a lira do poeta, se murmura
 As ilusões de um mundo visionário,
 Porque estala tão cedo? Vagabundo
 Adormeci das árvores na sombra
 E nos campos em flor errei sonhando, ⁸⁹⁴
 Coroando-me dos lírios da alvorada.
 Árvore prateada da esperança,
 Sombra das ilusões, ó vida bela
 E sempre bela, e no morrer ainda,
 Porque pousei a frente sôbre a relva
 À sombra vossa, delirante um dia?

Oh! que morro também! na noite d'alma
 Sinto-o no peito que um ardor consome,
 No meu gênio que apaga-se nas orgias,
 Que foge ao ⁸⁹⁵ mundo, e o sepulcro teme...
 Exilei-me dos homens blasfemando,
 Concentrei-me no fundo desespêro,
 E exausto de esperança e zombarias
 Como um corpo no túmulo lancei-me,
 Suicida da fé, no vício impuro.

X.

E o mundo? não me entende. Para as turbas
 Eu sou um doudo que se aponta ao dedo.
 A glória é essa. P'ra viver um dia
 Troquei o manto de cantor divino
 Pelas roupas do insano. — Os sons profundos

Ninguém os aplaudia sôbre a terra.
 Para um pouco de pão ganhar da turba,
 Como teu corpo no bordel profanas,
 — Fiz mais ainda! — prostituí meu gênio.
 Oh! ditoso Filinto! êle sim pôde
 Na miséria guardar seu gênio puro;
 Nunca infame beijou a mão dos grandes:
 Morreu como Camões, morreu sem nódoa!
 Mas eu! A voz do vício arrebatou-me,
 Fascinou-me da infâmia o reverbero... 896
 Maldições sôbre mim! Abre-te, ó campá!
 Ali obscuro dormirei na treva....

X I.

Ó santa inspiração! fada noturna,
 Porque a fronte não beijas do poeta?
 Porque não lhe descansas nos cabelos
 A coroa dos sonhos, e rebentam-lhe
 Entre as lívidas mãos uma per uma
 As cordas da alaúde no vibrá-las?
 Ó santa inspiração! porque nas sombras
 Não escuta o poeta à meia-noite
 Os sons perdidos da harmonia santa
 Que o pobre coração de amor lhe enchiam?

Eu fui à noite da taverna à mesa
 Bater meu copo à taça do bandido,
 Na louca saturnal beber com êle,
 Ouvir-lhe os cantos da sangrenta vida
 E as lendas de punhal e morticínio.
 De vinho e febre pálido deitei-me
 Sôbre o leito venal de uma perdida...
 Comprimi-a no meu exausto peito,
 Falei-lhe em meu amor, contei-lhe sonhos,
 Do meu passado a flor, as glórias murchas
 E os longos beijos da primeira amante...

Amor! amor! meu sonho de mancebo!
 Minha sêde! meu canto de saudade!
 Amor! Meu coração, lábios e vida
 A ti, sol do viver, erguem-se ainda,
 E a ti, sol do viver, erguem-se embalde!

Ouvi, ouvi no leito da miséria
 A pálida mulher junto a meu peito
 Contar-me seus amôres que passaram,
 Falar-me de purezas, d'esperanças....
 E soluçava a triste, e ardentes, longas,
 As lágrimas em fio deslizando
 Eu vi caindo sôbre o seio dela...
 Oh! suas emoções, úmidos beijos,
 Dos seios o tremor, aquêles prantos,
 E os ofegantes ais... eram mentira!....

X I I.

Ah! vem, alma sombria que pranteias.
 Por quem choras? Por mim? Em vez de prantos
 Deixa-me suspirar a teus joelhos.
 Tu sim és pura. Os anjos da inocência
 Poderiam amar sôbre teu seio.
 Aperta minha mão! Senta-te um pouco
 Bem unida a minha alma em teus 897 joelhos;
 Assim parece que um abraço aperta
 Nossas almas que sofrem. Revivamos!
 O passado é um sonho — o mundo é largo,
 Fugiremos à 898 pátria. Iremos longe
 Habitar num deserto. No meu peito

Eu tenho amôres para encher de encantos
 Uma alma de mulher... Porque sorriste?
 Sou um louco. Maldita a fôlha negra
 Em que Deus escreveu a minha sina...
 Maldita minha mãe, que entre os joelhos
 Não soubeste apertar, quando eu nascia,
 O meu corpo infantil! Maldita!....

X I I I.

Escuta: 899

Sinto uma voz no peito que suspira.
 E' a alma do poeta que desperta
 E canta como as aves acordando.
 Oh! cantemos! até que a morte fria
 Gele nos lábios meus o último canto!
 Um cântico de amor, ó minha lira!
 Anália! Armia! aparições formosas!
 Eu amei sôbre a terra as vossas sombras.
 O ideal que vos anima e eu buscava,
 Vive apenas no céu! vou entre os anjos,
 Entre os braços da morte amar com êles! —

X I V.

O poeta a tremer caiu no lôdo.
 A perdida tomou-lhe a fronte branca,
 Pô-la ao colo — era lívida — inda o fogo
 Lá dentro vacilava agonizando,
 Como flutua a claridão da lâmpada
 Apagando-se ao vento.

E quando a aurora

Nos céus de nácar acordava o dia,
 E nas nuvens azuis o sol purpúreo
 Se embalava no eflúvio de ventura
 Das flores que se abriam, dos perfumes,
 Da brisa morna que tremia as fôlhas,
 Macilenta a mulher no chão da rua
 Sentada, a fronte curva, sôbre os seios
 Embalava cantando aquêle morto.

Na manta o encobriu. Medrosa a furto
 A infeliz o beijou — o pobre amante
 Que uma só noite pernitoitou com ela
 Para aos pés lhe morrer — e sem ao menos
 Nas faces dela estremecer um beijo.
 Alguém que ali passou, vendo-a tão pálida
 Sentada sôbre a laje, e tão ardente,
 Chegou ao pé — ergueu ao malfadado
 A manta.

Como súbito acordando

Disse a moça a tremer:

— Deixa-o agora.

Êle penou de febre tôda a noite,
 Deitou-se descansando sôbre o leito...
 Oh! deixa-mo dormir.

— Mulher, no peito

Sabes quem te dormiu?

— “Que importa o nome?”

Assim falava-me...

— Ai de ti, misérrima!

Um poeta morreu. Fronte divina,
 Alma cheia de sol, fronte sublime
 Que de um anjo devcra no regaço
 Amorosa viver... Morreu Bocage! —

NO ÁLBUM DA EXMA. SRA. D. O. ...

Era uma flor a embalsamar-me a vida,
Era um astro a doirar meu firmamento,
Era um ser ideado em sonhos d'ouro
Angélico ⁹⁰⁰ a sorrir ao meu tormento;

E essa flor, e êsse anjo, e essa estrêla
De límpido fulgor tão peregrina
Êreis vós tão sòmente que eu sonhara
Qual anjo melancólica e divina; ⁹⁰¹

E sentimento foi que não tem nome,
Que não é — não — amor, nem amizade,
Afeto que se sente e não se exprime,
Mas olente do odor da castidade;

E êsse meu sentir nasceu bem santo
Como vós repassado de pureza
E bem cândido vive, bem suave
Como da lua a mórbida tristeza!

PEDRO IVO ⁹⁰²

Tristes coroas, sob as quais às vêzes
Está gravada uma inscrição d'infâmia!

ALEXANDRE HERCULANO.

Perdoai-lhe, Senhor! êle era um bravo!
Fazia as faces descorar do escravo
Quando ao sol da batalha a frente erguia,
E o corcel ⁹⁰³ gotejante de suor
Entre sangue e cadáveres corria!
O gênio das pelepas parecia....
Perdoai-lhe, Senhor!

Onde mais vivo em peito mais valente
Num coração mais livre o sangue ardente
Ao fervor desta América bulhava?
Era um leão sangrento que rugia:
Da guerra nos clarins se embriagava —
E vossa gente — pálida recuava
Quando êle aparecia!

Era filho do povo — o sangue ardente
As faces lhe assomava incandescente
Quando cismava do Brasil na sina....
Ontem — era o estrangeiro que zombava,
Amanhã — era a lâmina assassina,
No cadafalso a vil carnificina
Que em sangue jubilava!

Era medonho o rubro pesadelo!
Mas nas fronteiras venais do gênio o sêlo
Gravaria o anátoma da história!
Dos filhos da nação a rubra espada
No sangue impuro da facção inglória
Lavaría dos livres na vitória
A mancha profanada!

A frente envolta em fôlhas de loureiro
Não a escondemos, não!... Era um guerreiro!
Despiu por uma idéia a sua espada!
Alma cheia de fogo e mocidade,
Que ante a fúria dos reis não se acobarda,
Sonhava nesta geração bastarda
Glórias.... e liberdade!

Tinha sede de vida e de futuro;
Da liberdade ao sol curvou-se puro
E beijou-lhe a bandeira sublinhada:
Amou-a como a Deus, e mais que a vida!
Perdão para essa frente laureada!
Não lanceis à matilha ensangüentada
A águia nunca vencida!

Perdoai-lhe, Senhor! Quando na história
Vêdes os reis se coroar de glória
Não é quando no sangue os tronos lavam
E envoltos no seu manto prostituto
Olvidam-se das glórias que sonhavam!
Para êsses — maldição! que o leito cavam
Em lodaçal corrupto!

Nem sangue de Ratcliffe ⁹⁰⁴ o fogo apaga
Que as fronte populares embriaga,
Nem do herói a cabeça decepada, ⁹⁰⁵
Imunda, envolta em pó, no chão da praça,
Contraída, amarela, ensangüentada,
Assusta a multidão que ardente brada
E tronos despedaça!

O cadáver sem bênçãos, insepulto,
Lançado aos corvos do ervaçal inculto,
A frente varonil do fuzilado
Ao sono imperial co'os lábios frios
Podem passar no escárnio desbotado —
Ensangüentar-te a sêda ao cortinado
E rir-te aos calafrios!

Não escuteis essa facção impia
Que vos repete a sua rebeldia....
Como o verme no chão da tumba escura
Convulsa-se da treva no mistério:
Como o vento do inferno em água impura
Com a bôca maldita vos murmura:
"Morra! salvai o império!"

Sim, o império salvai! mas não com sangue!
Vêde — a pátria debruça o peito exangue
Onde essa turba corvejou, cevou-se!
Nas glórias, no passado êles cuspiram!
Vêde — a pátria ao Bretão ajoelhou-se,
Beijou-lhe os pés, no lôdo mergulhou-se!
Êles a prostituíram!

Malditos! do presente na ruína
Como torpe, despida Messalina
Aos apertos infames do estrangeiro
Traficam dessa mãe que os embalou!
Almas descritas do sonhar primeiro
Venderiam o beijo derradeiro
Da virgem que os amou!

Perdoai-lhe, Senhor! nunca vencido,
Se em ferros o lançaram foi traído!
Como o Árabe além no seu deserto,
Como o cervo no páramo das relvas, ⁹⁰⁶
Ninguém os trilhos lhe seguira ao perto
No murmúrio das selvas!

Perdão! por vosso pai! que era valente,
Que se batia ao sol co'a face ardente,
Rei — e bravo também! e cavaleiro!
Que da espada na guerra a luz sabia
E ao troar dos canhões entumescia ⁹⁰⁷
O peito de guerreiro!

Perdão, por vossa mãe! por vossa glória!
 Pelo vosso porvir e nossa história!
 Não mancheis vossos louros do futuro!
 Nem lisonjeiro incenso a nódoa exime!
 Lava-se o poluir de um leito impuro —
 Lava-se a palidez do vício escuro —
 Mas não lava-se um crime!

Rio de Janeiro. Novembro de 1850.

À MINHA MÃE. 908

És tu, alma divina, essa Madona
 Que nos embala na manhã da vida,
 Que ao amor indolente se abandona
 E beija uma criança adormecida;

No leito solitário és tu quem vela
 Trêmulo o coração que a dor anseia,
 Nos ais do sofrimento inda mais bela
 Pranteando sôbre uma alma que pranteia;

E se pálida sonhas na ventura
 O afeto virginal, da glória o brilho,
 Dos sonhos no luar, a mente pura
 Só delira ambições pelo teu filho!

Pensa em mim, como em ti saudoso penso,
 Quando a lua no mar se vai doirando:
 Pensamento de mãe é como o incenso
 Que os anjos do Senhor beijam passando.

Criatura de Deus, ó mãe saudosa,
 No silêncio da noite e no retiro
 A ti voa minh'alma esperançosa
 E do pálido peito o meu suspiro!

Oh! ver meus sonhos se mirar ainda
 De teus sonhos nos mágicos espelhos!
 Viver por ti de uma esperança infinda
 E sagrar meu porvir nos teus joelhos!

E sentir que essa brisa que murmura
 As saudades da mãe bebeu passando!
 E adormecer de novo na ventura
 Aos sonhos d'ouro o coração voltando!

Ah! se eu não posso respirar no vento,
 Que adormece no vale das campinas,
 A saudade de mãe no desalento,
 E o perfume das lágrimas divinas,

Ide ao menos, de amor meus pobres cantos,
 No dia festival em que ela chora,
 Com ela suspirar nos doces prantos,
 Dizer-lhe que também eu sofro agora!

Se a estrêla d'alva, a pérola do dia,
 Que vê o pranto que meu rosto inunda,
 Meus ais na solidão lhe não confia
 E não lhe conta minha dor profunda,

Que a flor do peito desbotou na vida
 E o orvalho da febre requeimou-a;
 Que nos lábios da mãe na despedida
 O perfume do céu abandonou-a!...

Mas não irei turvar as alegrias
 E o júbilo da noite sussurrante,
 Só porque a mágoa desnudou meus dias,
 E zombou de meus sonhos delirantes.

Tu bem sabes, meu Deus! eu só quisera
 Um momento sequer lhe encher de flores,
 Contar-lhe que não finda a primavera,
 A doirada estação dos meus amôres;

Desfolhando da pálida coroa
 Do amor do filho a perfumada flor
 Na mão que o embalou, que o abençoa,
 Uma saudosa lágrima depor!

Sufocando a saudade que delira
 E que as noites sombrias me consome,
 O nome dela perfumar na lira,
 De amor e sonhos coroar seu nome!...

SONETO.

Passei ontem a noite junto dela.
 Do camarote a divisão se erguia
 Apenas entre nós — e eu vivia
 No doce alento dessa virgem bela....

Tanto amor, tanto fogo se revela
 Naqueles olhos negros! só a via!
 Música mais do céu, mais harmonia
 Aspirando nessa alma de donzela!

Como era doce aquêlê seio arfando!
 Nos lábios que sorriso feiticeiro!
 daquelas horas lembro-me chorando!

Mas o que é triste e dói ao mundo inteiro
 E' sentir todo o seio palpitando....
 Cheio de amôres! e dormir solteiro!

TERESA.

Je l'ayme tant que je n'ose l'aymer.

CLÉMENT MAROT.

Quando junto de mim Teresa dorme,
 Escuto o seio dela docemente:
 Exalam-se dali notas aéreas,
 Não sei que de amoroso e de inocente!

Coração virginal é um alaúde
 Que dorme no silêncio e no retiro....
 Basta o roçar das mãos do terno amante,
 Para exalar suavíssimo suspiro!

Nas almas em botão, nesse crepúsculo
 Que da infante e da flor abre a corola,
 Murmuram leve os trêmulos sentidos,
 Como ao sôpro do vento uma viola.

Diz — amor! — essa voz da lira interna,
E' suspiro de flor que o vento agita,
Vagos desejos, ânsia de ternura,
Uma brisa de aurora que palpita.

Como dorme inocente esta criança!
Qual flor que abriu de noite o níveo seio,
E se entrega da aragem aos amôres,
Nos meus braços dormita sem receio.

O que eu adoro em ti é no teu rosto
O angélico ⁹⁰⁹ perfume da pureza;
São teus quinze anos numa frente santa
O que eu adoro em ti, minha Teresa!

São os loiros anéis de teus cabelos,
O esmêro da cintura pequenina,
Da face a rosa viva, e de teus olhos
A safira que a alma te ilumina!

E' tua forma aérea e duvidosa
— Pudor d'infante e virginal enleio;
Corpo suave que nas roupas brancas
Revela apenas que desponta o seio.

Eu sei, mimosa, que tu és um anjo
E vives de sonhar, como as Ondinas,
E és triste como a rôla, e quando dormes
Do peito exalas músicas divinas!

Ah! perdoa êste beijo! eu te amo tanto!
Eu vivo de tua alma na fragrância...
Deixa abrir-te num beijo as flores d'alma,
Deixa-me respirar na tua infância!

Não acordes tão cedo! enquanto dormes
Eu posso dar-te beijos em segrêdo...
Mas, quando nos teus olhos raia a vida,
Não ouse te fitar... eu tenho mêdo!

Enquanto dormes, eu te sonho amante,
Irmã de serafins, doce donzela;
Sou teu noivo... respiro em teus cabelos
E teu seio venturas me revela...

Deliro... junto a mim eu creio ouvir-te
O seio a suspirar, teu ai mais brando,
Pouso os lábios nos teus; no teu alento
Volta minha pureza suspirando!

Teu amor como o sol apura e nutre;
Exala fresquidão e doce brisa;
E' uma gôta do céu que aroma os lábios
E o peito regenera e suaviza.

Quanta inocência dorme ali com ela!
Anjo desta criança, me perdoa!
Estende em minha amante as asas brancas,
A infância no meu beijo abandonou-a!

AO MEU AMIGO J. F. MOREIRA NO DIA DO
ENTÉRRO DE SEU IRMÃO.

A vida é uma comédia sem sentido,
Uma história de sangue e de poeira,
Um deserto sem luz...
A escara de uma lava em crânio ardido...
E depois sôbre o lôdo... uma caveira,
Uns ossos e uma cruz!

Parece que uma atroz fatalidade
A mente insana no porvir alenta
E zomba da iludida!
O frio vendaval da eternidade
Apaga sôbre a frente macilenta
A lâmpada da vida.

Não digas, coração, que a alma descansa
Quando as idéias no prazer enfurda
O escárnio zombeteiro...
Que loucura!... amanhã o peito cansa...
Resta um entêrro... e uma reza surda...
E depois... o coveiro!

Fermente a seiva ⁹¹⁰ juvenil no peito,
Vele o talento numa frente santa
Que o gênio empalidece...
Embalde! à noite, ao pé de cada leito
O fantasma terrível se levanta...
E seu bafo entorpece!

E contudo essa morte é um segrêdo
Que gela as mãos do trovador na lira
E escarnece da crença;
Um pesadelo — uma visão de mêdo...
Verdade que parece uma mentira
E inocula a descrença!

E quem sabe? é a dúvida medonha!
Quem os véus arregaça do infinito
E os túmulos destampa?
Quem, quando dorme, ou vela, ou quando sonha,
Ouviu revelações no horrendo grito
A rebentar da campa?

E quem sabe? é a dúvida terrível:
E' a larva que aos lábios nos aperta
Entreabrindo o sudário!
A realidade é um pesadelo incrível!
Semelha um sonho a lápida deserta
E o leito mortuário!

E quando acordarão os que dormitam?
Quando estas cinzas se erguerão tremendo
Em nuvens se expandindo?
Perguntai-o aos ciprestes que se agitam,
Ao vento pela treva se escondendo, ⁹¹¹
Nas ruínas bramindo!

E contudo parece um desvario,
Blasfêmia atroz o cântico atrevido
Que rugem os ateus; ⁹¹²
Sem a sombra de Deus é tão vazio
O mundo — cemitério envilecido!...
Oh! creiamos em Deus!

Creiamos, sim, ao menos para a vida
 Não mergulhar-se numa noite escura...
 E não enlouquecer...
 Utopia ou verdade, a alma perdida
 Precisa de uma idéia eterna e pura
 — Deus e Céu... para crer!

Consola-te! nós somos condenados
 A noite da amargura: o vento norte
 Nossos faróis apaga...
 Iremos todos, pobres naufragados,
 Frios rolar no litoral — da morte, 913
 Repelidos da vaga!

S. Paulo, 2 de Novembro, 1851

SONETO.

Perdoa-me, visão dos meus amôres,
 Se a ti ergui meus olhos suspirando!...
 Se eu pensava num beijo desmaiando
 Gozar contigo uma estação de flores!

De minhas faces os mortais palores,
 Minha febre noturna delirando,
 Meus ais, meus tristes ais vão revelando
 Que peno e morro de amorosas dores....

Morro, morro por ti! na minha aurora
 A dor do coração, a dor mais forte,
 A dor de um desengano me devora...

Sem que última esperança me conforte,
 Eu — que outrora vivia! — eu sinto agora
 Morte no coração, nos olhos morte!

A MINHA ESTEIRA. 914

Aqui do vale respirando à sombra
 Passo cantando a mocidade inteira... 915
 Escuto no arvoredo os passarinhos
 E durmo venturoso em minha esteira.

Respiro o vento, e vivo de perfumes
 No murmúrio das folhas da mangueira;
 Nas noites de luar aqui descanso
 E a lua enche de amor a minha esteira.

Aqui mais bela junto a mim se deita
 Cantando a minha amante feiticeira;
 Sou feliz como as ternas andorinhas
 E meu leito de amor é minha esteira!

Nem o Árabe Califa, adormecendo
 Nos braços voluptuosos da estrangeira,
 Foi no amor da Sultana mais ditoso
 Que o poeta que sonha em sua esteira!

Aqui do vale respirando à sombra
 Passo cantando a mocidade inteira;
 Vivo de amôres; morrerei sonhando
 Estendido ao luar na minha esteira! 916

SONETO. 917

Oh! páginas da vida que eu amava,
 Rompei-vos! nunca mais! tão desgraçado!...
 Ardei lembranças doces do passado!
 Quero rir-me de tudo que eu amava!

E que doudo que eu fui! como eu pensava
 Em mãe, amor de irmã! em sossegado
 Adormecer na vida acalentado
 Pelos lábios que eu tímido beijava!

Embora — é meu destino. Em treva densa
 Dentro do peito a existência finda...
 Pressinto a morte na fatal doença!...

A mim a solidão da noite infinda!
 Possa dormir o trovador sem crença...
 Perdoa, minha mãe — eu te amo ainda!

SE EU MORRESSE AMANHÃ!

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
 Fechar meus olhos minha triste irmã;
 Minha mãe de saudades morreria
 Se eu morresse amanhã!

Quanta glória pressinto em meu futuro!
 Que aurora de porvir e que manhã!
 Eu perdera chorando essas coroas
 Se eu morresse amanhã!

Que sol! que céu azul! que doce n'alva
 Acorda a natureza mais louçã!
 Não me batera tanto amor no peito
 Se eu morresse amanhã!

Mas essa dor da vida que devora
 A ânsia de glória, o dolorido afã...
 A dor no peito emudecera ao menos
 Se eu morresse amanhã!

O POEMA DO FRADE. 918

DON JUAN.

Ce que je crois?

SGANARELLE.

Oui.

DON JUAN.

Je crois que deux et deux sont quatre, Sganarelle,
 et que quatre et quatre sont huit.

MOLIÈRE.

CANTO PRIMEIRO.

Man being reasonable must get drunk
 The best of life is intoxication....

Don Juan.

I

Eia! acorde-se a glória aos meus lamentos
 Com as faces de sangue salpicadas!
 Tremam nos cantos meus da lide aos ventos
 As gotejantes lúcidas espadas!

Revolvam-se raivando macilentos
Os cavaleiros das nações passadas!
Brilhem as multidões ao sol ardente
Com as nuvens douradas do poente!

II

Nessas lívidas mãos rompa-se a lira!
Além canções cheirosas como o nardo
Que nos festins da noite o vinho inspira!
Não vêdes que da guerra aos sonhos ardo?
Não vêdes que meu cérebro delira
E arqueja em fogo o coração do bardo,
E como um rei trocara o meu laurel,
Meu reino — por um ferro e um corcel? 919

III

Como das grutas de Fingal na bruma
Do norte a ventania se derrama;
Como roda o tufão no mar que espuma, 920
Como a cratera do vulcão se inflama,
Como a nuvem de fogo no ar se apruma, 921
Assim no peito meu o estro em chama
Agita-me, afogueia o peito langue
E como as águias, só anela sangue!

IV

Mas em que mar cavado eu me perdia!
De errante pescador leve canoa,
Que rajada nas águas te impelia
Por entre essa tormenta que reboa?
Minha alma é um balão: na calmaria
Bóia placido no ar, gentil se escoo, 921
Embala-se voando molemente
Mas teme a trovoada que o rebente!

V

Olá, sofreia-te, corcel selvagem! 922
Porque banhas-te em sangue entre a peleja
E nos espinhos roças da folhagem?
Não vês o tressuar que te poreja
No abafado calor dessa bafagem?
Não sentes que a peituga te lateja?
E a onda louca da sangüenta raiva
As tuas crinas cândidas enlaiva?

VI

Além! além! e tu, lira mimosa,
— Que do lago nas selvas esquecida
Eu votei a uma fada vaporosa
Que nas fôlhas estende-se dormida, —
Vem, minha lira, canta-me saudosa
Alguma nênia pálida, sentida, 923
Algum sonho que as fôlhas balouçando
Te gemesse nas cordas expirando!

VII

Ou enquanto meu cálice transborda
Coralino licor, e um puro Havana
Sonhos da vida no vapor me acorda,
Venha o rosto gentil da Sevilhana,

Ou d'harpa aérea 924 tenteando a corda...
Ao luar a lasciva Italiana
Co'as roupas de veludo desatadas
E a madeixa em torrentes perfumadas.

VIII

Quero a orgia que à noite desvaria
Quando fresco o luar no céu flutua
É a vaga se prateia de ardential!
Perfumes, flores, a vertigem sua
Vertendo no festim que me inebria!
Lasciva dança voluptuosa e nua
Nas rosas que desfolho trepidando!
Pajens louros as taças 925 coroando!...

IX

E as roupas onde o seio transparece,
As formas cristalinas desenhando, 926
Colos onde o suor límpido desce
Nos seios como pérolas rolando,
E as trêmulas madeixas ondeando,
E a valsa que se agita e que resvala
E entre perfumes lúbricos se embala.

X

Trovas cheias de amor, que afogam beijos
E o afã a ondular os niveos seios,
O colar que na alvura se paleja;
E o olhar que enlanguesce 927 nos enleios;
Vestes sôltas ao fogo dos desejos
E respirando os lábios desvaneios;
Amantes e o Xerez em taças belas
E a embriaguez mais louca em meio delas!

XI

E após ébrio de amor no frouxo leito
Entre os aromas de esfolhadas flores
Quero dormir co'a loura peito a peito,
No lábio o lábio dela — as vivas côres
Quero-as ver desmaiar num ai desfeito!
Amá-la no luar, viver de amôres!
Ó noite! da ilusão que a vida esquece
Que mais doce tremor nos enlanguesce? 928

XII

Amo nas tardes de verão correndo
A viração dos laranjais em flor,
Na praia solitária, a sós gemendo, 929
A pensativa lânguida o palor
Entre as mãos melindrosas escondendo!
Amo no baile a incendida côr
Da donzela na dança estremecida
Como uma borboleta à luz da vida!

XIII

Mas eu amo inda mais sentir no seio
A alma cheia de febre e de esperanças,
E a tímida donzela de receio
Pender a fronte nas cheirosas tranças;
Amo inda mais no lábio ardente e cheio
De amor que passa e aroma-lhe as lembranças,
— E quando o olhar afoga-se em desejo —
Implorar ilusões, pedir um beijo!

XIV

Escutai-me, leitor, a minha história,
E' fantasia sim, porém amei-a.
Sonhei-a em sua palidez marmórea
Como a ninfa que volve-se na arcaia
Co'os lindos seios nus... Não sonho glória;
Escrevi porque ⁹³⁰ a alma tinha cheia
— Numa insônia que o spleen entristecia —
De vibrações convulsas de ironia!

XV

Mas não vos pedirei perdão contudo:
Si não gostais desta canção sombria ⁹³¹
Não penseis que me enterre em longo estudo
Por vossa alma faltar de outra harmonia!
Se vario no verso e idéias mudo
E' que assim me desliza a fantasia...
Mas a crítica, não... eu rio dela...
Prefiro a inspiração de noite bela!

XVI

A crítica é uma bela desgraçada
Que nada cria nem jamais criara;
Tem entranhas de areia regelada:
E' a espôsa de Abrão, a pobre Sara
Que nunca foi por Anjo fecundada:
Qual a mãe que por ela assassinara
Por sua inveja e vil desesperança
Dos mais santos amôres a criança!

XVII

O meu imaginar é um navio
Que entre as brisas da noite se perfuma,
Que à plácida monção do morno estio
Resvala pelo mar à flor da escuma!
E da noite no fresco e no arrepio
Das vagas a gemer uma per uma
Sobre a quilha que lânguida se escoa
Os marinheiros vão dormir na proa.

XVIII

E dorme o capitão: e dorme e sonha
Aos fumos do charuto recendente, ⁹³²
E do rum nos vapores vem risonha
Nas cismas lhe dançar alegremente,
Esquecer-lhe a viagem enfadonha
A Andaluza gentil de lábio ardente:
E embala-se em monótono descante
Sonhando os seios da morena amante!

XIX

O marujo a dormir no chão imundo
Sonha o riso da nédia taverneira,
Da terra a folga, o vinho rubicundo
E nas mesas da tasca a bebedeira!
Ai! coitados de nós! todo êsse mundo
Não vale do sonhar a huri faceira!
— Diz-lo o nauta no mar, o rei no trono:
Da vida tudo o mais não val o sono!

XX

E que durmam! se a lânguida ventura
No regaço cheiroso os adormece!
E que durmam! se é muito fresca e pura
A noite de sonhar que a vida esquece!

E se quando se dorme nódoa impura
Nem os lírios do amor amarelece,
E a estrêla não mergulha-se na treva...
Assim meu pensamento — um sonho o leva!

XXI

Quando a lágrima sinto que tressua
Numa pálpebra roxa e desbotada,
Então minha alma tem na lira sua
Uma corda por ela perfumada!
E quando eu amo ao clarão da lua
Num olhar de morena desmaiada
E o lábio em sêde férvida me inflama,
O meu peito canções de amor derrama!

XXII

Quando gelou-se moribundo o peito
Que um amor insensato consumia
No deserto lodaçal, em frio leito,
Houve por êle o ai de uma harmonia:
Num coração às lágrimas afeito,
Um adeus à flor que se perdia,
Um adeus à lembrança do passado!
Uma saudade em chão abandonado!

XXIII

Frouxo o verso talvez, pálida a rima
Por êstes meus delírios cambeteia, ⁹³³
Porém odeio o pó que deixa a lima
E o tedioso emendar que gela a veia!
Quanto a mim é o fogo quem anima
De uma estância o calor: quando formei-a, ⁹³⁴
Se a estátua não saiu como pretendo:
Quebro-a — mas nunca seu metal emendo.

XXIV

Meu herói é um moço preguiçoso
Que viveu e bebia porventura
Como vós, meu leitor... se era formoso
Ao certo não o sei. Em mesa impura
Esgotara com lábio fervoroso
Como vós e como eu a taça escura.
Era pálido sim... mas não d'estudo:
No mais... era um devasso e disse ⁹³⁵ tudo!

XXV

Dizer que era poeta — é cousa velha:
No século da luz assim é todo
O que herói de novelas assemelha.
Vemos agora a poesia a rôdo! ⁹³⁶
Nem há nos botequins face vermelha,
Amarelo caixeiro, alma de lôdo,
Nem Bocage d'esquina, vate imundo,
Que não se creia um Dante vagabundo!

XXVI

O meu não era assim: não se imprimia,
Nem versos no teatro declamava!
Só quando o fogo do licor corria
Da frente no palor que avermelhava,
Com as convulsas mãos a taça enchia.
Então a inspiração lhe afervorava
E do vinho no eflúvio e nos ressábios
Vinha o fogo do gênio à flor dos lábios!

XXVII

Se era nobre ou plebeu, ou rico ou pobre
 Não direi-vos também: que importa o manto
 Se é belo o cavaleiro que êle cobre?
 E que importa o passado, um nome santo
 De pútridos avós? plebeu ou nobre
 Sòmente a raiva lhe acordava o pranto.
 Embuçada no orgulho a fronte erguia
 E do povo e dos reis escarnecia!

XXVIII

Não se lançara nas plebéias lutas,
 Nem nas falanges do passado herdeiras,
 No turbilhão das multidões hirsutas,
 Não se enlaivou da pátria nas sangueiras,
 Nem da praça no pó das vis disputas! ⁹³⁷
 Sonhava sim em tradições guerreiras,
 Nos cânticos de bardo sublimado....
 Mas nas épicas sombras do passado.

XXIX

O presente julgava um mar de lama
 Onde vis ambições se debatiam, ⁹³⁸
 Ruína imunda que lambera a chama:
 Cadáver que aves fétidas roíam!
 Tudo sentiu venal! e ingrata a fama!
 Como torrentes trépidas corriam
 As glórias, tradições, coroas sôltas
 De um mar de infâmias às marés revôltas!

XXX

Não quisera mirar a face bela
 Nesse espelho de lôdo ensangüentado!
 A embriaguez preferia: em meio dela
 Não viriam cuspir-lhe o seu passado!
 Como em nevoento mar perdida vela
 Nos vapores do vinho assombreado
 Preferia das noites na demência
 Boiar (como um cadáver!) na existência!

XXXI

Uma vez o escutei: todos dormiam —
 Junto à mesa deserta e quase escura:
 Lembranças do passado lhe volviam;
 Não podia dormir! Na festa impura
 Fôra afogar escárnios que doíam....
 Não o pôde: dos lábios na amargura
 Ouvi-lhe um murmurar.... Eram sentidas
 Agonias das noites consumidas!

XXXII

Olvidei a canção: só lembro dela
 Que d'alma a languidez a estremecia:
 Como um anjo num sonho de donzela
 Sôbre o peito a guitarra lhe gemia!
 E quando à frouxa lua, da janela,
 Cheia a face de lágrimas erguia,
 Como as brisas do amor lhe palpitavam
 Os lábios no palor que bafejavam!

XXXIII

Amar, beber, dormir, eis o que amava:
 Perfumava de amor a vida inteira,
 Como o cantor de Don Juan pensava
 Que é da vida o melhor a bebedeira....

E a sua filosofia executava....
 Como Alfredo Musset, a tanta asneira
 Acrescento porém.... juro o que digo!
 Não se parece Jônatas comigo.

XXXIV

Prometi um poema, e nesse dia
 Em que a tanto obriguei a minha idêia
 Não prometi por certo a biografia
 Do sublime cantor desta Epopéia.
 Consagro a outro fim minha harmonia....
 Por favor cantarei nesta Odisséia
 De Jônatas a glória não sabida....
 Mas não quero contar a minha vida.

XXXV

Basta! foi longo o prólogo! confesso!
 Mas é preciso à casa uma fachada,
 À frente da mulher um aderêço,
 No muro um lampião à torta escada!
 E agora dêsse canto me despeço
 Com a face de lágrimas banhada,
 Qual o moço Don Juan no enjôo rola
 Chorando sôbre a carta da Espanhola. ⁹³⁹

CANTO SEGUNDO

And her head droo'd as when the lily lies
 O'er charged with rain.

Don Juan.

I

Dorme! ao colo do amor, pálido amante,
 Repousa, sonhador, nos lábios dela!
 Qual em seio de mãe, febril infante!
 No olhar, nos lábios da infantil donzela
 Inebria teu seio palpitante!
 O murmúrio do amor em forma bela
 Tem doçuras que esmaiam no desejo
 Dos sonhos ao vapor, na onda de um beijo!

II

Que importa a perdição manchasse um dia
 A alvura virginal das roupas santas
 E o mundo a êsse corpo que tremia
 Rompesse o véu que tímido alevantas?
 E à noite lhe pousasse a fronte fria
 Nesse leito em que trêmulo te encantas
 E ao bafejo venal murchasse flores,
 Flores que abriam a infantis amôres?

III

Que importa? se o amor teu rosto beija,
 Se a beijas nua e sôbre o peito dela
 Teu peito juvenil ama e lateja!
 Se tua langue palidez revela
 Que tua alma febril sonha e deseja
 Desmaiar-lhe de amor, gemer com ela,
 Êbrio de vida, a soluçar d'enleio,
 Pálido sonhador morrer-lhe ao seio!

IV

Que importa o mundo além? teu mundo é êsse
Onde na vida o coração te alegra!
Teu mundo é o serafim que às noites desce
E que lava no amor a mancha negra! ⁹⁴⁰
É a névoa de luz onde não lê-se
Escrita à porta vil a infame regra
Que assinala o bordel à mão poluta
E diz nas letras fundas — prostituta!

V

A essa pobre mulher na fronte bela
Anátema escreveu a turba fria!
Banhe o remorso o travesseiro dela,
Corram-lhe a mil da pálpebra sombria
Prantos do coração, não há erguê-la
A eterna maldição. E quem diria
A solitária dor, da noite ao manto
Que lavra o seio à cortesã em pranto?

VI

Ah! Madalenas míseras! ardentes
Quantos olhos azuis se não inundam
Nos transe do prazer em prantos quentes
Quando os seios febris em ais abundam,
Que o amante nos ósculos trementes
Crê sonhos que do amor no mar se afundam!
Que suspiros no beijo que delira
Que são lágrimas só! que são mentira!

VII

E quantas vêzes na cheirosa sêda
Da longa trança ⁹⁴¹ desatada, sôlta,
Onde o moço de gozos embebeda
A fronte à febre juvenil revôlta;
Quando a vida, o frescor, a imagem leda
De esp'rança que morreu ao leito volta;
As lágrimas na dor ferventes correm...
Como em céu de verão estrêlas morrem?

VIII

Ah! não chores! que valem perfumadas
Do Oriente as manhãs e céus e lua
E a natureza a vir entre alvoradas
E a láurea do porvir que sangue sua,
O val deserto, as noites estreladas
Quando lânguida a vida em ais flutua!
Quando um suspiro as lágrimas apaga
E o lábio treme, e em beijos se embriaga?

IX

Amar uma perdida! que loucura!
Mas tão bela! que seio de Madona!
Nunca amara tão nívea criatura
Como aquela mulher que ali rressona!
.....
A lâmpada no leito que murmura
Sôbre a amante que nua se abandona,
Envôlta nos seus lúcidos cabelos
Semelha um querubim, pálido ao vê-los!
.....

X

Era alta noite. Jônatas saíra —
Precisava frescor — enfebrejada
A fronte na descrença sucumbira.
Maldizia no tédio a negra vida,
Até as ilusões que êle sentira!
Curvava a testa mórbida, abatida,
Sempre sedento, sempre libertino,
Blasfemando do amor e do destino!

XI

Êle viu — não foi sonho — era sentada
À sombra, no balcão de uma janela
Angélica mulher: luz embaçada
De um estrelado céu nas faces dela
Branqueava-lhe a face descorada
E os seios níveos que o cetim revela...
Além imagens vãs! a oitava finda:
Só posso vos dizer, que ela era linda.

XII

Nem tão aérea ⁹⁴² Jocelyn passando
Vira Laurence pálida, abatida.
Nem tão bela a sentira suspirando
Abafando a saudade emurchecida!
Com a face na mão — muda, cismando
Tão branca era a gentil desconhecida!
Nos cabelos a noite recendia!
Era tão bela assim... e ela dormia!

XIII

Esperavam alguém? A porta aberta
Bem essa idéa despertar podia.
Entrou. Do lampião a luz incerta
Entre as sombras alentos exauria...
Êle subiu — a sala era deserta.
Passando p'la cabeça a mão — sentia
Não sei que atropelar de mil idéias,
Que frio ignoto a comprimir-lhes as veias.

XIV

E que cisma! que insano devaneio
Na mente exausta repassar-lhe vinha!
Do vício e do bordel tinha receio?
Volvia à fé que desbotado tinha?
Doía-lhe ao coração de um torpe enleio
— Como no lôdo as asas a andorinha —
Do leito profanado às sombras densas
Um per uma ter manchado as crenças?

XV

Não! revoava-lhe um outro pensamento,
Mais duro e positivo e verdadeiro:
A idéa do devasso macilento
Lhe doía no cérebro altaneiro...
Pensava que amanhã o seu sustento
Findaria por míngua de dinheiro...
Poucas moedas viu na bôlsa finda...
Porém bastantes para amar ainda!

XVI

Amar! amar e sempre! eternamente!
 Como da infância os trêmulos desejos!
 Amar, porque a alma se alimente
 Na seiva ⁹⁴³ do prazer que manam beijos!
 Amar! como aos crepúsculos do Oriente
 A sultana das noites aos bafejos!
 Amar! porque ⁹⁴⁴ das convulsões do peito
 A hora mais divinal se esvai no leito!

XVII

Amar! porque ⁹⁴⁴ esta vida se desfolha
 Entre aromas no lábio que desmaia!
 E seu orvalho o coração nos molha
 Como a espuma do mar a fria praia!
 E treme-se ao prazer, qual treme a fôlha
 Quando influxo vital o amor espraia!
 Quando o êxtase ao espasmo preludia
 E o peito arqueja e a bôca balbucia!

XVIII

Amara esta noite: e quando exausto
 Acordasse amanhã — como um mendigo
 Levara a vida, peregrino infausto,
 Dos relentos ⁹⁴⁵ da noite ao desabrigo...
 — Ai! do ardente prazer quando holocausto
 Nas aras tremeleou o fogo amigo,
 E só restam as cinzas da fogueira,
 Que importa a cinza fria, a vil poeira?

XIX

Misérrimos de nós! nossa existência
 O *hoje* abrange só, vermes de um dia!
 Ontem foi de um anelo a impaciência
 Um desejo fogoso que incendia!
 E que importa amanhã seja a inclemência
 À intempérie do ar, à noite fria?
 Peregrinos! no barco adormecemos!
 Em mar desconhecido navegamos!

XX

O mancebo passou um reposteiro
 De purpúreo veludo arregaçando,
 Passou, bem como passa o caminheiro
 Da floresta os folhedos afastando...
 Entrou lento na sala o estrangeiro...
 Tinha um riso nos lábios deslizando...
 Na sacada onde o vento se expandia
 Cãndida e bela mulher aí dormia!

XXI

Ele chegou-lhe ao pé: era tão pura,
 Que de leve osculou-lhe a fronte nua!
 Era uma estátua de marmórea alvura!
 Melancólica e bela como a lua:
 E tão bela a madeixa a sombra escura
 Derramando-lhe ao colo que flutua!
 Leve passou a mão no seu cabelo
 E ternamente murmurou — Consuelo! —

XXII

Consuelo despertou (era o seu nome)
 E tão doceolveu os olhos santos,
 Que êle sentiu que a febre que consome
 Humano imaginar em sonhos tantos,
 Que delira coroas e renome,
 Desmaia da mulher ante os encantos,
 Quando entreabre-se o peito ao ar da vida
 — Como ao sol do verão romã partida!

XXIII

Do mais eu nada sei. Senti sômente
 À ⁹⁴⁶ noite duas almas suspirando:
 Ouvi na brisa um hálito fremente,
 Qual de um seio em prazer se dilatando:
 Ouvi a jura efêmera, demente
 Passar como um suspiro desmaiando,
 Vi a lua celeste e vagarosa
 Num leito derramar a luz saudosa!

XXIV

Depois o véu do leito estremecendo
 Vi duas criaturas soerguidas
 Como dois anjos, pálidas gemendo!
 Invocavam as virgens consumidas
 Em desejos de amor, a Deus se erguendo:
 As fôlhas que se beijam recendidas,
 Que palpitam à luz, e em fogo lento
 Murcham de gôzo ao hálito do vento!

XXV

Místico beijo se escoou sentido
 Como de pombos cãndidos que adejam
 O sussurro do vôo estremecido!
 E sôbre os peitos que febris latejam
 Sufocava-se o tímido gemido
 Como donzelas que de amor se beijam!
 Almas cheias de vida! pareciam
 Que as vidas numa vida confundiam!

XXVI

D'aurora a doce luz, as brisas calmas
 A lhes passar nos úmidos cabelos
 Era o sôpro de Deus! As duas almas
 De suave himeneu nos doces elos
 Tremiam como no deserto as palmas
 Quando à noite nos cachos amarelos,
 Entre os florões o vento ⁹⁴⁷ perfumado
 Do pólen lhes derrama o pó doirado!

XXVII

Si quereis, meu leitor, saber agora
 O que a isto seguiu-se — eu não o digo,
 Porque ⁹⁴⁸ senão minha leitora cora:
 E obro nisto por certo qual amigo:
 E também porque a musa me descora
 Quando nestas visões a idéia sigo.
 Demais findou-se de licor meu copo,
 E a sêco poetar jamais eu topo!

XXVIII

Importa-vos porém saber que a cena
Que descrevi primeiro neste Canto
Veio desta ao depois. — A Madalena
Por quem ali eu desatei em pranto
Foi a presente criatura amena,
Que, certo, é digna que eu fizesse tanto!
É pois que a meus heróis Morfeu namora
Também cansado vou dormir agora!

CANTO TERCEIRO

O' gracioso primor de natureza
Atrativa, donosa variedade!
Que tudo quanto tocas formoscias!

FIL. ELÍSIO.

I

De certo o Criador na tal semana
Em que o mundo surgiu da escuridade
E sôbre o mundo a luz e a raça humana,
Por lei estab'leceu a variedade, ⁹⁴⁹
Teve muita razão: com todo o siso
Atesto que mostrou muito juízo.

II

Bofé! que se uma atroz monotonia
De um elemento a vida compusera,
O homem até morrer bocejaria,
E em morna estupidez se embrutecera.
Quanto a mim, eu adoro a variedade
E amo até no verão a tempestade!

III

Por gostar das galhofas da comédia
Da alegria folgaz de Molière,
Nem por isso me esqueço da tragédia
E desamo o sombrio *Miserere!* ⁹⁵⁰
Quando Hamleto findou sua agonia
Do Falstaff *bon-vivant* vinha a folia!

IV

Acho belo o Oceano quando vôo
Pelo seu verde-mar num barco à vela,
Porém odeio as aflições do enjão
E o vento do alto mar que me regela...
Amo a lua no mar e o mar sem lua,
Astarte vaporosa e Lolah nua.

V

Como varia o vento — o céu — o dia,
Como estrélas e nuvens e mulheres,
Pela regra geral de todos sêres, ⁹⁵¹
Minha lira também seus tons varia,
E sem fazer esforço ou maravilha
Troca as rimas da oitava p'la sextilha.

VI

E agora tem lugar duas palavras
Que o autor mostrem nu dêste poema:
Quem o arado levou por essas lavras...
O marujo que nesse bote rema...
Falemos sem rodeio e com verdade:
Êsse livro escreveu um pobre fradc.

VII

Um frade! no convento envelheci-me,
Do mundo ao lôdo fui viver bem longe,
Nem minha fronte rebucei no crime!
Mas apesar das orações do monge
Gosto assaz do prazer, gosto do vinho,
Na ceia faço inveja a um barbadinho.

VIII

Lancei-me ao desviver: gastei inteira
Na insânia das paixões a minha vida.
Qual da espuma o fervor na cachoeira
Quebrei os sonhos meus n'alma descrida.
É do meio do mundo prostituto
Só amôres guardei ao meu charuto!

IX

E que viva o fumar que preludia
As visões da cabeça perfumada!
E que viva o charuto regalia!
Viva a trêmula nuvem azulada,
Onde s'embala a virgem vaporosa!
Viva a fumaça lânguida e cheirosa!

X

Cante o bardo febril e macilento
Hinos de sangue ao povilêu corrupto,
Embriague-se na dor do passamento,
Cubra a fronte de pó e traje luto:
Que eu minha harpa votei ao esquecimento:
Só peço inspirações ao meu charuto!

XI

Oh! meu Deus! como é belo entre a fumaça
No delicioso véu que as anuvia ⁹⁵²
Ver as formas lascivas da donzela
Entre o véu transparente que esvoaça,
Nadando nesse vaporoso dia, ⁹⁵³
Bailando nua, voluptuosa e bela!

XII

E como é belo no perfume aéreo ⁹⁵⁴
Sentir morno suor do abatimento
Pelas lânguidas faces orvalhar!
Como é doce nas cismas do mistério
Sentir como um alcion à flor do mar
As lembranças boiar ⁹⁵⁵ no esquecimento!

XIII

E quando os lábios o charuto finda
E a lânguida visão num beijo passa,
E o perfume os cabelos nos repassa,
Como é belo no azul da nuvem linda
Entre vapores madornar, e ainda
À vida renascer noutra fumaça!

XIV

E' belo ao fresco da relvosa espalda
Os serenos beber à flor pendente.
Do Reno o vinho em taças d'esmeralda
E sôbre o campo adormecer contente!
E' bela a noite que a volúpia esca!da
E acorda aos seios um suspiro ardente!

XV

E' belo o escumar da catadupa,
A margem verde que a torrente ocupe,
Beijar na sombra o colo palpitante
Que ofega e bate à descorada amante...
E de um corcel ⁹⁵⁶ à trêmula garupa
Correr a mão ao pêlo gotejante!

XVI

Mas nem o Johannisberg, úmidas flores,
A relva fôfa da campina verde,
E a noite que vem quente de amôres
E a torrente do val que além se perde,
Nem o seio que nuta e que se inflama
Desmaia o tédio meu que o spleen derrama!

XVII

E o amor muita vez aos lábios mente:
Tem côres de maçã — e dentro infecta,
E cinza aos lábios deixa-nos sòmente!
Além o seio, o coração corrupto
Que desmentem os sonhos do poeta!
Só tu não mentes não, ó meu charuto!

XVIII

Só tu és sempre belo como a lua
E sempre virginal e perfumado,
És o lírio do céu nunca murchado!
Como a virgem de amor, cândida e nua,
Evaporas no aroma essa alma tua
E tens um lábio nunca profanado!

XIX

Só tu não mentes, não! e tu sòmente
Na taça da ilusão não deixas lia!
E quando a mesma realidade mente, ⁹⁵⁷
Quando a virgem, a fé, de noite e dia
Veremos amanhã que ontem mentia,
Inda contigo dormirei contente!

XX

Porque ⁹⁵⁸ nessa ilusão que a amar convida
Revelas a morena adormecida
A quem banha palor os doces traços,
Trêmulo o seio, a pálpebra abatida!
E sinto em teu vapor anjos da vida
Entre as nuvens tremendo os róseos braços!

XXI

Meu charuto caiu, ei-lo se esfria:
Além nas ondas vi-o mergulhar,
Como o sol no crepúsculo do dia,
Como um cadáver arrojado ao mar!
Misérrimo! só resta cinza fria!
No céu da vida estrêla a desmaiar!

XXII

Tua vida apagou-se e eu perdi-te!
Vai, conta às ninfas o meu mal tamanho!
Nos lábios de Netuno ou de Anfitrite
Descreve minha dor, minha agonia,
Meu íntimo sofrer quando eu te via —
Como Safo — morrer tomando um banho.

XXIII

E vós bardos nutridos de amargura
Que de prantos banhais a lira santa,
Se ainda o peito não trazeis corrupto,
Vinde chorar a minha desventura
Que no frio pavor de mágoa tanta
Veio até apagar o meu charuto!

XXIV

Eu não rio-me, não! a voz do peito
Nos versos meus inânida se exala!
E quantas vêzes quando em ai desfeito,
Como uma fibra que no peito estala,
A mente de tristezas nos repassa...
Não desvanece tudo uma fumaça?

XXV

E quantas vêzes no cismar perdido
No seio o cancro dói de uma saudade,
E alento das internas agonias
Nas cordas de alaúde enternecido
Não anseia, não arfa de ansiedade
Que esvai-se em teu vapor em melodias?

XXVI

E então qual geme a rôla de mistura
O arroio molemente, co'as areias,
E qual se escoa pelas mornas veias
Os hálitos vernais da formosura,
— Como nas cordas de harmonia cheias
A mêdo uma infantil canção murmura!

XXVII

E nos lábios derrama-se a lembrança,
Do passado o sorrir nos prantos d'hoje!
Cobre-me o coração a vaga mansa
De uma saudade que suspira e foge!
E lembro às vêzes o palor da vida
Do gélido cadáver do suicida!

XXVIII

E' o canto dos lânguidos amôres
Perdido como o céu na escuridade:
Do íntimo seio peregrinas flores
Abertas ao sereno da saudade.
Mas triste — como a dor em rosto insano...
Como a noite nos ermos do Oceano!

XXIX

Ah! quando enfim a lâmpada apagou-se
Do leito sepulcral na pedra fria,
Quando a palmeira ao florescer murchou-se
É a ave d'ouro que do sol vivia
Caiu morta na relva recendida,
Gotejante das lágrimas da vida!

XXX

E tudo se acabou! e terra escura
Cobriu-te a face roxa desbotada,
E tu fôste da cal na sepultura
Sufocar-te nas tênebras do nada.
Agora sim virei — e solitário —
Na solidão chorar o teu fadário!

XXXI

Virei tecer de moribundas flores
A pálida coroa do finado,
Lembrá-los, reviver os teus ardores
E as puras ilusões do teu passado!
Quero chorar meu desgraçado amigo,
Na lousa tua inda sonhar contigo!

XXXII

Ah! quando as noites num viver perdido
Iam-me longas anelando amôres,
Do teu peito no sonho recendido,
Como cisne a boiar entre vapores,
Vinha sorrir-te loura e perfumada
A angélica visão de tua amada!

XXXIII

Poeta! eras feliz — a mão divina
Quando passa na fronte sublimada
Os seus lânguidos olhos ilumina,
E ante uma sombra de mulher amada
Revela os hinos, que murmura o vento,
E sussurra à donzela o sentimento!

XXXIV

E no Oceano do amor entre harmonia
Da tarde a languidez embala os sonhos
E perfuma o palor ao róseo dia
Entre as canções dos serafins risonhos!
Ao poeta orvalhos das cecéns mais puras!
A êle — a taça das místicas venturas!

XXXV

Senhor! foi belo o sonho da esperança!
E quem sentiu-as, impressões, tamanhas,
Tantas lágrimas deu a uma lembrança?
Noites e luas, brisas das montanhas,
E vós, flores do val, pálidas flores.
Não lembrais a canção de seus amôres?

XXXVI

Não ouvíeis do lábio as melodias
Que vibrava a paixão? não as ouvíeis?
No murmurar das moles assonias
Amorosos eflúvios não sorvíeis?
Não arfáveis também, pálidas flores,
A trêmula canção dos seus amôres?

XXXVII

E que sonhos de amor que amou na vida!
Perguntai-o à estrêla que divaga,
Ao vento na lagoa adormecida,
Ao círio que no túmulo se apaga,
Perguntai-o da insônia aos arrepios,
De Werther o suicida aos lábios frios!

XXXVIII

Era só ela seu pensar — por ela
Do porvir esqueceram-lhe vitórias,
E pelo amor da cândida donzela

Rira d'escárnio ao laurel das glórias!
Como uma taça onde o fervor transborda
Tinha na harpa do gênio uma só corda.

XXXIX

Era um seio de neve... o brilho langue
De uns olhos onde o azul se umedecia:
Da face no rubor tépido o sangue...
Onde o lábio sonhava e se embebia
Num êxtase de amor — no ébrio desejo
De vida e alma lhe votar num beijo!

XL

E o anjo? não o amou? quando êle em fogo
Ardente a fronte pálida pendia,
E como um ai de solitário afôgo
O peito sufocado lhe gemia,
Não bateu-lhe jamais qual numa lira
Êsse vento de amor que nos delira?

XLI

Era uma estátua — sim: um deus a erguera
Num rir d'escárnio e dó — de lôdo cheia,
Nem sol de amor e peito lhe acendera,
O morto coração era de areia!
Como o céu, nos crepúsculos do dia,
No vapor da vaidade ela dormia!

XLII

Porque ⁹⁵⁹ tanto sonhar? tão belas flores
No esmêro lhe sagrar dentro do peito?
Anátema! ela riu-se dos amôres:
Que mulher! não sentiu em ai desfeito
Êsse alento de bôca enfebrecida
De um beijo no calor perdendo a vida!

XLIII

Desgraçado! a insônia do martírio
O cérebro lavoso delirou-te!
E o vórtice das águas do delírio
Das insônias da febre ao sol queimou-te!
Fôste afogar as ilusões da vida
Na taça de mistério do suicida!

XLIV

“Quando a morte nos dentes nos rompera
“As taças do viver, quem discrimina ⁹⁶⁰
“Do sábio ou do insensato qual a sina?
“Se quem tôda a bebeu qual Deus a enchera,
“Ou quem a rejeitou — enfrebrecida
“Da morte aos sonhos imolando a vida?” ⁹⁶¹

XLV

Tens razão, Jocelyn! e ao Deus perfeito
Porventura dirão êsses perdidos
Que vão da morte se esconder no leito:
Porque ⁹⁶² as aspirações, os ais sentidos,
E alma em fogo ao céu um sonho erguia
E o sonho a enlevou... se êle mentia?...

XLVI

Não te maldigam pois! Ignora o mundo
O que dói êsse verme da desgraça:
E da irrisão ⁹⁶³ maldita o corvo imundo
Que no escárnio do fel nos despedaça!
Não sabem não — de Prometeu no leito
O sangue e dor que rolam-nos ⁹⁶⁴ do peito!

XLVII

Mas eu sei: que senti o amor ardente
Convulsivo bater num peito exausto!
Sei: que senti a lágrima tremente
Como na insana palidez o Fausto! ⁹⁶⁵
Quando o sono fugia às noites minhas
Como às nuvens do inverno as andorinhas.

XLVIII

Bebi-a essa tristeza, essa doença
Que nos escalda lágrimas sombrias,
Que nos revolve sós na vaga imensa
Do Oceano das internas agonias!
Que empalidece a face e morte lenta
Nos estampa na fronte macilenta.

XLIX

Ah! virgem das canções, entre vapores
Ês pura e bela sim, porém teus lábios
Me fazem delirar como licores
Que afervoram-nos tépidos ressábios!
Quando em teu colo vou deitar-me agora
Teu palpitar as faces me descora!

L

E cedo morrerei: sinto-o, nas veias
O meu sangue se escoo vagaroso
Como um rio que seca nas areias,
Como donzela, que desmaia em gôzo!
Teus lábios, fada minha, me queimaram, ⁹⁶⁶
E as lânguidas artérias me esgotaram!

LI

Mas que importa nas sombras da existência
Se mentiu-me o sonhar quando eu sentia
Um dos pálidos anjos de inocência
Pousar-me a face ao peito que gemia,
Se num sonho de amor, em noite bela
Nos suspiros do mar amei com ela!

LII

Era uma lua pálida e sombria
Que seu leito nas ondas embalava:
Na mão de neve a face lhe pendia,
E nos sonhos a virgem se enlevava!
E, que estrêlas no céu! e que ardentia!
Que perfume seu véu estremecia!

LIII

E que sonhos, meu Deus! e que ventura!
E que vento de amôres palpitava
Na escuma do batel a vaga pura
E lascivos suspiros lhe arrullhava!...
E em tórno mar e céu — a noite bela,
Nos meus braços a inânida donzela!

LIV

Ah! virgem das canções, aos brancos lírios
Porque ⁹⁶⁷ tão cedo me chover na infância
O mágico sereno dos delírios
Que adormece, embalsama na fragrância?
E do amor entre os lânguidos conselhos
Minha fronte embalar nos teus joelhos?

LV

Porque ⁹⁶⁷ tão cedo o vinho da harmonia
Nos beiços infantis correu-me aos sonhos,
Entornou-me essa nuvem que inebria,
Que gela o riso aos lábios meus risonhos?
Tão quêdo o sono meu, porque ⁹⁶⁸ turvá-lo,
E de ilusões esplêndidas povoá-lo?

LVI

E tão cedo! porque encher meu leito
Destas sombras suaves, delirantes?
E na harpa adormecida de meu peito
Suspirarem-me sons tão ofegantes?
E porque ⁹⁶⁹ não deixar o meu sentir
Da infância d'oiro nos frouxéis dormir?

LVII

E assim eu morrerei: co'a sêde ainda
Amargosa no lábio ressecado!
Cansando os olhos na extensão infinda,
Perguntando se a crença do passado
Também verei no lôdo revolvida....
E como tu sufocarei a vida!...

LVIII

E quem sabe? é a dúvida do Hamleto
E o — ser e o não ser — que toma o passo:
O mundo é lodaçal, é leito infecto,
E a turba é sempre a que se riu do Tasso!
Mas o que é o morrer? e a sepultura
Que mistérios contém na noite escura?

LIX

Ah! mistérios! não rias, ceticismo,
Do agoureiro terror que a morte fria
Do banho do cadáver no batismo
Os regelados nervos arripia!
Sono de chumbo, tálamo de terra,
Que nódoa negra teu sudário encerra?

LX

E tu dormes, suicida?... E à noite infinda
Que sonhos roçam-te o livor sombrio?
A mágica visão te passa ainda
Com a urna dêsse amor que te mentiu?
Inda sorves nas ávidas lembranças
O perfume de amor das loiras tranças? ⁹⁷⁰

L X I

E o pai, não sonhas nêle?... e as cãs tão puras
Daquela que embalou teu berço infausto,
E na mágoa das suas desventuras
Nem te pôde beijar o corpo exausto?
Misérrima anciã! que só vivia
Por ti — e por ti desce à noite fria!

L X I I

E o filho? essa criança que palpita
Nos seios que um insano amor consome,
Que profanado amor gerou maldita,
Que virá amanhã pedir seu nome!
E que não saberá que sepultura
Guarda o pai e o segrêdo em terra impura!

L X I I I

E a pátria que entre as lágrimas d'escrava
Co'a face bela gélida, pendida,
Salpicada de lôdo em ti sonhava
Como o sol da manhã de uma outra vida?
A pátria! que a infâmia prostituta
Tenta vender no lupanar poluta!

L X I V

E não erguem-te aí os gritos dela?
Não vês que a forçam, que seus lábios tapam?
E, desgrenhada, rompem-lhe à donzela
Os vestidos que às ⁹⁷¹ frias mãos se escapam?
Não ouves o tinir de vil dinheiro
E a lúbrica risada do estrangeiro?

L X V

Dorme pois, desgraçado! no futuro
Além — no meu viver — quando a minh'alma
Cândida se despir do manto impuro:
E quando a noite que o sofrer acalma
Nas pálpebras pesar-me o sono amigo
Do — nada — ao leito irei dormir contigo!

L X V I

Onde vou? onde vou? Oh! quão diversos
Do meu trilho meus passos desvariavam!
Onde correis, meus desgraçados versos!
A tempo os açaimel! onde corriam!
No fantástico pó que êles pisavam
Entre nuvens ardentes galopavam!

L X V I I

Além, minhas canções! além as flores
Que essa nênia saudosa n'alma abria!
Quero cismar o canto dos amôres
E do amor a confusa melodia!
Ouvi! quero sonhar! quero senti-las
Visões do céu nas ilusões tranqüilas!

L X V I I I

Harmonias de amor!... é tarde! é tarde!
Vejo a morte num peito que se engóia....
Da saudade o chorar, que os olhos arde.....

E além um corpo que nas águas bóia!
Um cadáver! um rosto ⁹⁷² corrompido
Que até fôra da mãe desconhecido!

L X I X

O cadáver na praia se estendia
Enjeitado p'lo mar: — as roupas úmidas
— O cabelo a correr de areia fria —
As faces roxas, — mãos geladas, túmidas —
Mais alvo ainda que Don Juan dormido,
De fome, sede e frio embranquecido!

L X X

Porém não vinha Oriental donzela, ⁹⁷³
Envolto o colo em pérolas, correndo,
Nos ombros nêvos a madeixa bela,
Que o mimoso Espanhol na praia vendo
E ao vê-lo nu e pálido, ao relento, ⁹⁷⁴
Beijou a face ao belo macilento!

L X X I

Com o seio a bater em sêda incerta
Não veio Haidéia, não, ao naufragado.
Ninguém passou: a praia era deserta,
E o mar adormecia sossegado,
Só a maré que as ondas tremulava
A nênia à podridão lhe rouquejava!

L X X I I

“Oh! quando os hinos virginais da lira,
E as delícias do amor, que a noite ouvia,
E as harpas do porvir que nos sorrira
E a esperança e os anjos da harmonia,
E o esplêndido sol — se esvaecerem....
E as convulsões do peito arrefecerem....

L X X I I I

“E o cadáver lançado em chão d'areia
Não ter o belo abraço derradeiro,
Nem amante a chorar, que a mágoa anseia,
Nem o *adeus!* do poento caminheiro!
E ninguém lhe escutar essa tristeza
Que do túmulo exala a natureza....” ⁹⁷⁵

L X X I V

Deve n'alma doer. deve ser duro
Êsse abandono ao pobre malfadado!...
E nem sentir no seu lençol impuro
A lágrima a cair de um rosto amado,
E sôbre êle da noite à monodia,
A amante confundir sua agonia....

L X X V

E quem sabe? nos lábios amarelos
Do morto não desliram-se lembranças?
E o verme nos seus úmidos cabelos
Não ri — mortas com êle — às esperanças?
E ao peito nessa névoa do dormir,
Pode inteiro calar-se-lhe o sentir?

LXXVI

E quem sabe? é dormir... e tão somente
— E' o sono que as pálpebras lhe chumba?
E êle não sente a lágrima demente
Que orvalha de saudade a fria tumba?
E se alma foge à podridão impura,
Nunca lhe vem gemer na sepultura?

LXXVII

Nunca chora no pó que ela acordara,
Onde ela derramou a luz etérea,
O crânio que incendeu, que afervorara, 976
Que lavara do lôdo na matéria —
O corpo que a seu hálito tremia
Que a essência de Deus nela bebia?

LXXVIII

Alta noite porém: eu não sonhava...
Achegava-se a luz de uma lanterna,
E cândida mulher se debruçava...
E nos lábios a voz chorava terna
Em dorida canção, cortada e rouca
Dizia à treva o padecer da louca!

LXXIX

A louca!... ao vê-lo aí enlouquecera
Junto ao amante a mísera Consuelo:
Das flores da restinga entretecera
A coroa da frente no cabelo.
Ria, ria porém com dor tamanha!
Como a onda do mar que os pés lhe banha....

LXXX

Pôs ao colo o cadáver: repassou-lhe
Por sôbre a frente a mão que estremeceia,
E nos cansados braços embalou-lhe
A cabeça qu'inda ontem lhe fervia...
E cantava beijando os lábios dêle...
Coitada! adormeceu pensando nêle!

LXXXI

Por que era morto aí o libertino
Jônatas o cantor da vida impura,
Não o posso explicar ao peregrino.
Creio a morte porém caverna escura,
Mais fria que o deserto cemitério —
Onde o corpo resvala no mistério.

LXXXII

Sôbre o túmulo pois os braços cruzo
E dobro tiritando os meus joelhos!
Não sacudo à mortalha o pó escuro
E nem leio da campa nos espelhos...
Da morte no fatal despenhadeiro
Desfolho apenas uma flor sem cheiro!

CANTO QUARTO

EMILIA.

Dead! dead!
.....

OTHELLO.

She turned to folly and she was a whore.

Othello.

FALSTAFF.

'S blood! I am as melancholy as a gib cat, or a
lugged bear.

PRINCE HENRY.

Or an old lion, or a lover's lute.

First part of Henry IV.

I come no more to make you laugh....
.....
.....Those that can pity here
May if they think it well let fall a tear,
The subject will deserve it.

SHAKSPEARE, *King Henry VIII*; prol.

I

Porque 977 és tão bela, ó pálida Consuelo?
Porque 977 és tão bela assim nas noites minhas,
E as ondas do teu lânguido cabelo
M'embriagam de perfume — e as puras linhas
Das faces, do teu colo voluptuoso
O coração afogam-me de gôzo?

II

Foram sonhos, mulher! porém na sombra
Eu te via febril e delirante,
Como dormida dos haréns na alfombra
Dos amôres do Oriente a bela amante!
Como em sonhos eu senti a vida
Na lousa de minh'alma ressurgida!

III

Que amôres insensatos! que delírios 978
Me acenderam as fontes consumidas!
Era no sono o perfumar dos lírios,
Era o vinho das orgias desabridas!
Era a febre, o tremor, o beijo ardente...
— Como nas rochas bate o mar fremente!

IV

Mulher! e quem te não sonhara um dia
No mórbido palor das faces tuas,
Dos olhos nesse fogo que inebria,
As formas alvas, transparentes, nuas,
E êsse teu colo em palpitar desfeito,
Os véus macios a tremer do leito?

V

E quem te não sonhou? dêsses perdidos
Que o gênio a suspirar beijou em fogo;
Poetas que de amor enfebrecidos 979
Se volvem das paixões no desafôgo?
Em cujas noites se perfuma o vento
Das lágrimas do amor no sentimento?

VI

Mulher! e quem és tu? que mão divina
O teu sono quebrou de um céu de amôres?
Que fada loura; que suave ondina
Deu-te o olhar de lânguidos fulgores?
Que flor do mar se abriu morna d'enleio
Para assim te alvejar no terno seio?

VII

Fôra a vida viver em sonho — incerta —
— Como embebida a mente nos alouras ⁹⁸⁰
No eflúvio fresco de magnólia aberta —
Amar-te de joelho! as formas puras,
Beijar-te as alvas mãos, o colo belo,
Beijar-te a face, ó pálida Consuelo!

VIII

Fôra viver, como em um sonho, a vida
Ao sentir-te a nuez do níveo seio,
Ao apertar-te lânguida, abatida,
Com êsses lábios a queimar de enleio!
Num beijo teu os sonhos esquecer,
Em teus lábios inânidos morrer!

IX

És muito bela sim! anjo agoureiro
Como estátua de amor ergueu-te um dia!
Talvez sonhou contigo êsse estrangeiro —
O bardo altivo de canção sombria!
E por ti viverei... que me revela
Porvir de gozos tua imagem bela!

X

Vem, rainha da noite! quero amar-te
Com os lábios molhados nos licores,
No teu seio de fogo derramar-te
A mística ilusão dos meus amôres!
Ah! vem, repousa, embala-te em meus braços,
Quero viver, morrer nos teus abraços!
.....

XI

Ela dormia: a rosa desmaiada,
Que a noite serenou, nem é tão pura,
Nos moles véus da névoa mergulhada!
Dos sonhos no frescor, na santa alvura
Era mais bela que de luz divina
A palidez em nuvem peregrina.

XII

E tão pálida e bela! semi-nua —
As pálpebras do sono em véu sombrio,
Lânguida como vagarosa lua
Quando voga no mar de um céu d'estio,
É o seio palpitante como a vaga
Que a praia da soidão de noite alaga!

XIII

Do cabelo nas ondas a donzela
— Inda mais alva a face — adormecia:
Que fria morbidez nas faces dela!
Rosa que as fôlhas cândidas despia
Dos amôres do vento nos delírios,
No frio orvalho de prateados lírios!

XIV

Oh! sonhava talvez! vi-as tremendo,
— Qual de colar em seio voluptuoso,
Pérolas sôltas — lágrimas correndo!
E nos seus lábios como som mimoso
De arroio d'água límpida ao bafejo
Os ais tremiam ao cismar de um beijo! —

XV

Era o vento da noite que passava
Da magnólia a pender no mole seio?
Criatura de amor que ao sono em meio
Vaporosos suspiros emanava?
Era a lua que inânida gemia
Quando entre nuvens pálidas se erguia?

XVI

Que pensamento, que desejo incerto,
Que saudades e amor a palpitavam?
Flores ou anjos, nuvens do deserto
Entre a névoa dos sonhos que a roçavam?
Ou da Julieta pálido, risonho
Por seu belo Romeu ardia em sonho?

XVII

Ela dorme. Silêncio! ó noite bela!
Fresco e perfume só derrame o vento
Nos cabelos da lânguida donzela!
E da noite ao frescor o sangue lento
Corra nas suas azuladas veias
Como a onda no mar sôbre as areias!

XVIII

Mas ah! minhas visões! num céu escuro,
Nas trevas minha nuvem dissipou-se:
A capela viçosa do futuro
No outono da desgraça amarelou-se.
Solitário fiquei nos sonhos meus...
Às ilusões só resta-me um — adeus! —

XIX

Adeus! — é o prantear do marinheiro
À pátria que desmaia em mar doirado!
Aos ais do peito gotejar primeiro
Da lágrima nas faces do soldado,
Aos abraços da mãe que geme e chora
E aos gemidos da amante que o demora!

XX

Suspiros de Romeu na despedida,
A sua Julieta desmaiada!
Blasfêmias do Rei Lear, beijo sem vida
Nos lábios de Cordélia inanimada!
E' a mágoa da dor que afoga, oprime
E na agonia faz sonhar no crime!

XXI

Sonhar-te, Consuelo, em minha noute,
Em teus prantos, o peito suspiroso,
E sentir que nos seios estalou-te
Essa fibra gentil que acende o gôzo,
Que fala aos olhos, no hálito suspira,
E nos transeis do amor num beijo expira,

X X I I

Esse raio do Edén, de flor divina
Emanação balsâmica e celeste,
Reflexo de uma lâmpada argentina
Que êsse lôdo mortal de luz reveste,
Que em nós vive, em nós ama e sonha e sente,
E que chama-se a alma do vivente!

X X I I I

Sentir-te no morrer volver sombria
— Tateando o negro chão — os olhos baços,
Os olhos que a paixão de pranto enchia!
Ver-te depois, convulsa erguendo os braços,
Ansiando no estertor, na praia fria
Arquejar e torcer-te de agonia!

X X I V

.....
.....
.....
.....
..... e par che dorma!

Tasso.

X X V

Nunca a viste na lúbrica nueza
A brisa enlouquecendo de beleza,
Sôlto o cabelo, o róseo véu desfeito,
Trêmula como do himeneu no peito
Noiva cheia de amor, de *morbidezza*
Aos longos beijos no convulso leito?

X X V I

Tarde! quem não te amou, minha sultana?
Quem tão árido eivou a mente insana
Em claustro que os alentos assassina,
Quem não te amasse em nuvem purpurina,
Como ardente de amor a Americana
Que pálida, entre flores se reclina?

X X V I I

E sempre virginal e vaporosa
Pensativa de amor, voluptuosa!
Sorrindo às virações que te bafejam,
A ⁹⁸¹ claridão das nuvens que lampejam,
A lua, à pomba, à selva suspirosa,
As flores que na morte se entrebeijam!

X X V I I I

Que te importa que as raças dêste mundo
Blasfemando as canções que a Deus ergueram
Vaguem no tédio, em lodaçal imundo,
Onde as brisas de Deus se corromperam,
Onde amor crepuscula moribundo,
E os anjos d'esperanças se perderam?

X X I X

Como és fresca no céu, entre fulgores
Na túnica de rosa transparente,
Mística rosa abrindo ao sol de amôres
Que anjo te embala a fronte recendente,
Quando a estrêla da noite vem ardente
Doirar o teu palácio de vapores?

X X X

Ai dorme! o sonho na cheirosa vida
Para ti é bromélia umedecida,
Sempre cheia de chuva e de frescores!

Para nós... é a gaivota que esvoaça,
Vagabundo batel que ao longe passa...
Irrefletido beijo entre amargores!

X X X I

Tu és a fada que os verões tempera,
Raio de luz da eterna primavera!
És o sonho da flor, o amar da brisa,
És o néctar que a taça purpuriza
Do triste sonhador que ainda espera
E nos vapores do viver desliza!

X X X I I

Acorda-te, ó poeta macilento!
Acorda-te, meu peito, ao sentimento,
Revive as esperanças que nutrias,
Refresca a mêdo as pálpebras sombrias,
Bebe seiva ⁹⁸² de vida nesse vento,
E dorme como o sol entre harmonias!

X X X I I I

Acorda-te, meu peito moribundo,
As visões juvenis de um outro mundo!
Sonha! mas não blasfemes do destino
Quando amanhã topar o peregrino
Teu crânio lívido, amarelo, imundo...
Teu cadáver no lôdo ressupino!

X X X I V

Se o nada não engole a criatura,
Se inda sente o *não ser* da sepultura,
Se além arqueja o despêro errante,
Se há uma eternidade delirante,
E dói sentir morder na carne impura
O verme da saudade devorante!

X X X V

Tarde! quando eu morrer, e desprezado
Ao corvo dêem meu corpo desbotado,
Derrama sôbre mim teus mornos estos!
Talvez reviva o fogo do passado
Nas fibras rôtas, nos infaustos restos
Do cadáver no campo abandonado!

.....

CANTO QUINTO

I

Era uma tarde — mas a chuva fria
Dos úmidos ciprestes gotejava,
Além no céu escuro o sol morria
Como rola na terra a rubra lava,
E o vento além no farfalhar funéreo
Gemia no ervaçal do cemitério!

I I

Era o campo onde brota a erva inculta
Sôbre o corpo do ancião e da donzela,
Aonde o verme a forma nivea insulta
E o mármore dos seios amarela!
E aonde ao apagar de uma esperança
Dos amigos enterra-se a lembrança!

III

E' o campo da morte — aí gemidos
 Não busques, solitário: fuge o mundo,
 Os miasmas da campa, os ais sentidos
 Vai antes sufocar num peito imundo!
 Filho da dor! para esquecer a vida,
 Bastam os seios da mulher perdida!

IV

Ninguém que vá chorar! ninguém! a campa
 E' solitária e muda. — O apodrecido
 Se volve no mistério... Só se estampa
 A lua no seu túmulo esquecido!
 E nem filhos — nem mãe!... Da dor no cúmulo
 O homem no lupanar esquece o túmulo!

V

Por entre as sombras uma luz espanca
 A treva que no chão o véu repassa...
 Roça nas fôlhas uma forma branca...
 No sombrio ervaçal um vulto passa.
 Como de ave agoureira o longo pio
 Escutou-se um gemer no campo frio.

VI

Quem geme?... errante cão que a lousa escarva
 Para cevar em podridão a fome?
 Ou sob a cova se debruça a larva,
 A sombra que uma eterna dor consome?
 Era um morto no túmulo acordando,
 Ou corvo negro no dormir grasnando?

VII

Era um canto sombrio — era coveiro
 Que nas urzes, cantando, um fôssco abria:
 E no lábio o sarcasmo zombeteiro
 Na cantiga fatal estremecia!
 Cantava e ria — e contração nervosa
 Agitava-lhe a bôca tremulosa.

VIII

Os monótonos sons da cantilena
 Corriam doces como essência pura:
 Era o canto de amor — a voz serena.
 Mas aí, junto ao lar da sepultura,
 Dessa bôca nervosa na ironia,
 D'alma nos seios a canção doía!

IX

E cantava — também o marinheiro
 Canta e sonha Albion se a vaga uiva:
 Se lhe escuma no rosto sobranceiro
 E molha em flocos a melena ruiva!
 Também dos brancos seios que desbotam,
 Da virgem que morreu, violetas brotam!

X

Era moço: mas já envelhecido
 No avezado calcar na terra sôlta
 Do cadáver o ventre entumecido,
 Sem pela frente lívido e revôlta
 Sentir a fria mão do passamento
 Fria, tocar-lhe o rosto macilento!

XI

Era um fôssco que abria — eterno leito
 A um cadáver de mais. Quando o sentiu
 Profundo e longo — do caixão estreito
 No sudário tomou um corpo frio...
 Ia lançá-lo... As nuvens se entreabriram,
 Frouxos os raios do luar sorriram...

XII

Deu no corpo o luar. Era alva imagem
 Reflexo branco de mulher divina!
 As tranças ⁹⁸³ negras à noturna aragem
 Tremiam como um lírio que se inclina!
 Tão bela! parecia adormecida!...
 Era o sono... porém não o da vida!

XIII

Assim a noiva de Romeu dormia —
 A pálida Julieta regelada —
 Quando nos lábios, nessa face fria
 Ele sonhava os beijos d'alvorada,
 Das noites breves o celeste encanto,
 O ai da ventura, o amoroso pranto!

XIV

Era tão bela! a palidez sorria!
 E a forma feminil tão alvacenta
 No diáfano véu transparecia!
 Pendeu o homem da morte macilenta
 A cabeça no peito — em vil desejo
 Longo, mui longo profanou-lhe um beijo!

XV

"Tão formosa e morrer!" e murmurando
 O coveiro deitou-a na jazida:
 Encobriu-a de cal... e sussurrando
 Da noite à sombra uma canção descrida,
 Erguendo na mão pálida a lanterna
 Foi da morte olvidar-se na taverna!

XVI

E' sombrio, confesso-vos, meu canto:
 E obscuro demais, o que é defeito!
 Mas é um sonho apenas que recanto, ⁹⁸⁴
 Que em noite longa me gelou no leito —
 Sonho de febre, insano pesadelo
 Que à frente me deixou pálido sêlo!

XVII

Não teve o Dante mágoa mais profunda
 Quando na sombra ergueu o condenado, ⁹⁸⁵
 De um crânio carcomido a bôca imunda
 E enxugou-a em cabelo ensangüentado:
 E contou sua lívida vingança
 Na mansão da eternal desesperança!

XVIII

Nem mais estremeceu quando o passado
 Do túmulo na sânie revivia...
 Quando o velho rugindo sufocado
 De fome e raiva ainda se torcia...
 Como quando as crianças se mordiam,
 E ardentes, moribundas, pão! pediam!

XIX

Quando contou as noites regeladas
E o ar da podridão... e a fome impura
Saciando nas carnes desnervadas
De seus filhos... de sua criatura!
Como a pantera emagrecida come
Os filhos mortos ⁹⁸⁶ p'ra cevar a fome!

XX

Acordei ao tremer de calafrios
Com o peito de mágoas transbordando;
Enxuguei com a mão suores frios
Que sentia na face porejando!
É um dia o pesadelo que eu sentira
Mesclou-se aos moles sons de minha lira.

XXI

Mesclou-se como ao vinho um ditirambo,
Ao farfalhar de Pança ⁹⁸⁷ um velho adágio,
Às alvas flores se mistura o jambo
É um ósculo de amor em um naufrágio.
— Creio que vou dizer alguma asneira... —
Como o nome de Deus à bebedeira!

XXII

Escrevi o meu sonho. Nas estâncias
Há lágrimas e beijos e ironias,
Como de noite muda nas fragrâncias
Perde-se um ai de ignotas agonias!
Tudo é assim — no sonho o pesadelo,
— Em almas de Madona quanto gelo!

XXIII

E' assim o viver. Por noite bela
Não durmas ao relento na janela
Contemplando o luar e o mar dormente.
Poderá apanhar-te de repente
Fria constipação, febre amarela,
Ou alguma prosaica dor num dente!

XXIV

Vai, co'a mão sôbre o peito macilento
Curvado como um velho peregrino,
Vai, tu que sofres, implorar — sedento
Um remédio de amor a teu destino!...
Um doutor sanará o teu tormento
Com três chúcaras d'óleo de ricino!

XXV

Eu vi, eu vi um tipo de Madona
Que os ares perfumava de beleza:
Que suave mulher! ah! não ressona
Uma virgem de Deus com tal pureza!
Era um lago a dormir... na flor sereno!
Porém sua água azul tinha veneno!

XXVI

E agora — boa noite! eu me despeço
Desta vez para sempre do poema:
Como soberbo sou, perdões não peço.
Mas como sou chorão, deixai que gema,
Que dê largas a est'alma entumecida
Na dor de tão solene despedida!

XXVII

Que prantos! que suspiros sufocados!
Se eu gostasse dos versos eloqüentes,
Como eu descreveria bem rimados
Do meu peito os anélitos frementes!
Porém nos seios eu sufoco tudo,
Porque ⁹⁸⁸ da mágoa o serafim é mudo.

XXVIII

Silêncio, coração que a dor inflama!
Além do escárnio, sons! quero o meu leito
Das lágrimas banhar que a dor derrama!
Quero chorar! quero chorar! meu peito!
Dizer adeus ao sonho que eu sentira,
Sem profanar as ilusões na lira!

XXIX

Eu não as profanei! guardo-as sentidas
Nas longas noites do cismar aéreo,
Guardo-as na esperança, nas doridas
Horas que amor perfuma de mistério!
Sem remorso, nem dor, aos sonhos meus
Eu posso ainda murmurar — adeus!

XXX

Ah! que na lira se arrebente a corda
Quando profana mão os sons lhe acorda!
É o pobre sonhador a fantasia, ⁹⁸⁹
O sonho que ama e beija noite e dia
Não saiba traduzir, quando transborda
Seu peito dos alentos da harmonia!

XXXI

Que não possa gemer a voz saudosa
Como o sôpro dos ventos avendiços,
Como a noite que exala-se amorosa!
Como o gemer dos ramos dobradiços!
Para exprimir os pensamentos meus
Nos cantos melancólicos do adeus!

XXXII

Adeus!... é renunciar numa agonia
A esperança que ainda nos palpita;
Sentir que os olhos cegam-se, que esfria
O coração na lágrima maldita!
Que inteiriçam as mãos, e a alma aflita
Como Agar no deserto era ⁹⁹⁰ sombria!

XXXIII

Sentir que tudo em nós se gela e chora,
E o coração de lágrimas se vela!
E a natureza além revive agora,
E a existência por viver, mais bela
Novas delícias, novo amor revela
Do luzente porvir na roxa aurora!

XXXIV

Sentir que se era poeta... à brisa errante
Bebendo eflúvios que ninguém respira,
Pressentindo à donzela palpitante
Os enlevos, os ais, e o sonho amante
Que nos brisa ⁹⁹¹ no berço sussurrante,
E o perfume que a música transpira!

XXXV

Adeus! é uma gôta de mistério
Que Deus nos orvalhou como sereno!
E' a dor voluptuosa — o bafo aéreo ⁹⁹²
Que derrama perfumes e veneno!
E' a cisma que rola, que resvala, ⁹⁹³
Que os pensamentos no desejo embala!

XXXVI

Saibo do céu que aviva na lembrança
Que é um filho de Deus o moribundo
A quem se fana a tímida esperança!
Que é dos anjos irmão e que é no fundo
Do Oceano do viver, que o vagabundo
A pérola do amor talvez alcança.

XXXVII

E' as crenças sentir uma per uma
Que se adormecem... e o batel da vida
No Oceano escuro cobre-se d'escuma
E se afunda no mar... e dolorida
A alma do marinheiro empalecida
Ao arrebol da morte se perfuma!

XXXVIII

Adeus! tudo que amei! o vento frio
Sôbre as ondas revôltas me arrebatava,
Além a terra perde-se... o navio
Trilha nos mares sôbre um chão de prata!
Adeus! tudo que amei, que me retrata
Inda a saudade ao terno desvario!

XXXIX

Meu céu! minhas montanhas verdejantes!
Cetim azul da lânguida baía!
Manhãs cheias de brisas sussurrantes,
Noites cheias de estrêlas e ardential!
Oh! noite de luar! oh! melodias
Que nas fôlhas gemeis, ventos errantes!

XL

Vales cheirosos onde a infância minha
Virgem peregrinou entre mil sonhos!
Noites, luas, estrêlas da noitinha
Que os lábios entreabristes-me risonhos,
E orvalháveis de morno sentimento
A aberta flor do coração sedento!

XLI

Silêncio que eu amei, que eu procurava
Na varanda romântica e sombria,
Sorvendo dentro em mim ar que sentia
Na fresca viração que se acordava!
Suspirando a cismar nessa atonia
Que de amor minhas pálpebras banhava!

XLII

Sôbre as colunas o luar batendo
E nas palmeiras úmidas tremendo
Filtrava-me sossêgo, e o mole engano
Em que se abisma o pensamento insano,
Que empalece da noite os sons bebendo
E harmonias escuta no Oceano!

XLIII

E vós, águas do mar, que me embalava
Ao som dos remos da gentil falua!
Onde a frente de escumas se banhava,
E à morta luz da vagabunda lua
Cismava como a nuvem que flutua
Do escravo à nênia estranha que soava!

XLIV

Oh! minha terra! oh! tarde recendente
Que embalsamando vens com teus cabelos
Derramados à luz! Ó sol ardente
Como os lábios do amor! luazes belos
Como das flores de laranja o cheiro
Que perfumam da noiva o travesseiro!

XLV

E adeus, vós que eu amei, que inda sentidas
As ilusões me acordam na tristeza!
Que inda choro nas minhas despedidas!
Belas dos sonhos! anjos de beleza!
Morenas a quem banha a morbidez!
Como as rosas da noiva empalecidas!

XLVI

Ai! ⁹⁹⁴ todos vos sonhei! cândidos seios
Onde amor pranteava delirante!
Onde gemera em derretido enleio
Como em seios de mãe sedento infante!
Águas místicas aonde estrêlas santas
Deixaram trilhos das argêntas plantas!

XLVII

Como o triste Alcion vagueia errante
Nas frias primaveras do Oceano
E ama as alvas, a noite sussurrante,
Tardes, ondas e sol e leviano
Na leviana afeição embriaga insano
A existência nos seios o inconstante:

XLVIII

Eu todos vos amei! cri no mistério
Que o libertino Don Juan levava,
Nas noites profanadas do adultério,
Quando a alma sedenta evaporava!
E a vida como um alaúde aéreo ⁹⁹⁵
A todos os alentos entregava!

XLIX

Terra do amor! ó minha mãe! na vida
Se o fado me levar em mágoa lenta —
Sempre nesta saudade esmorecida
Que de tristes lembranças se alimenta! —
Na morte a minha frente macilenta,
Inda a ti volverei qual flor à vida!

L

Viverei do que foi — dos sonhos meus! —
Da seiva ⁹⁹⁶ do passado hei de essa flor
Regar das quentes lágrimas do amor!
E quando a luz apague-se nos céus
E o frio coração à dor sucumba
Inda murmurarei — adeus! — da tumba!

O CONDE LOPO

O / Conde Lopo / Poema / (Inedito) / por / M. A. Alvares de Azevedo / Rio de Janeiro / Typ. G. Leuzinger & Filhos Rua d'Ouvidor 31 / 1886 /

Les poètes sont ainsi. Leur plus beau poème est celui qu'ils n'ont pas écrit; ils emportent dans la bière plus de poèmes qu'ils n'en laissent dans leur bibliothèque

— J'emporterai mon poème avec moi.

— Et moi le mien — Qui n'en a fait un dans sa vie? Qui est assez heureux ou assez malheureux pour n'avoir composé le sien dans sa tête ou dans son coeur?...

TH. GAUTIER

PREFÁCIO.

O fim da poesia é o *belo*.

Belo material, belo moral; do belo por assim dizer mimoso, até êsse belo arrebatador que se chama sublime — desde o belo cálix da flor alvazinha a branquear ao bando de irerês marinhas deslizando garrido na safira das águas — como a nuvenzinha irisada da tarde na limpidez do céu — até ao belo da catarata mugidora a despenhar-se das quebradas negras da montanha, em lençóis d'água, e a bramir lá em baixo no despenhadeiro com suas vagas de escuma — desde o belo da estátua de mármore da Vênus Calipígia até ao belo do Júpiter Capitolino, desde a estrêla até ao rugir do trovão, — sempre é o belo — Pois o que é o sublime senão o grau mais ardente do belo?...

O fim da poesia é portanto o belo ou, se melhor se quiser, — a poesia é o belo. —

A missão do poeta é pois o apostolado da beleza, o dever de esfolhar coroas sobre tôdas as quadras da vida, enfeitá-las, enfeitiçá-las; e aí dêsses jardins da natureza colhêr as flores perfumosas da capela de sua lira, de sua harpa de trovador.

Como as aves do céu, como as flores da selva, como os clarões das noites, é sua missão dar cantos, perfumes, fulgores — espalhar recendências, derramá-lo gôta a gôta êsse vaso de bálsamo que se chama a alma — como a Madalena — para perfumar essa passagem na terra que se chama — a vida. —

Assim pois o mérito ou demérito de um poema é — *ser ou não belo*.

Pode-se perdoar ao Triboulet do *Rei diverte-se* — êsse sangrento epigrama de um poeta sublime, aba de manto de veludo reluzente de pedrarias rôta pela mão do gênio, mostrando quanto de infame lá embaixo se escondia — pode-se pois perdoar a Triboulet sua vida à frente da sua agonia, e ante aquela cabeça de homem estalada nas pedras da calçada esquecer os remoques infames do truão — mas nem por isso a peça deixa de ser imoral.

Qual é a *imoralidade* de uma peça?

Não é a apresentação de quadros contra a moral?

E constituirão alguma cena edificante, algum quadro digno das santíssimas paredes de uma Igreja essas duas cenas do rei-sedutor com a donzela enganada — o estupro, uma, e a outra o sacrifício dela por aquêle que ora dorme nos braços da barregã das ruas?

Não é êsse o lugar para sustentar teorias de *moralidade*. — O que dissemos do *Rei diverte-se* diríamos de *Marion Delorme* ⁹⁹⁷ — citaríamos essa cena em que ela entra com as faces ainda ardentes e avermelhadas dos beijos — no último ato, — o mesmo de *Ruy Blas*, o mesmo em geral do teatro e até

dessa obra sublime do cantor das *Orientais* — *Nossa Senhora de Paris* — vasta e sombria concepção como a catedral gótica avultando negra na escuridão da noite avermelhada pela luz dos fachos sacudidos, — no ataque dos Boêmios — idéia imensa, jóia de facetas tão diversas, fresco giganteu da imaginação de Miguel Ângelo, — onde de um lado do quadro dança a ligeira e suave Zíngara com os crespos soltos ⁹⁹⁸ nos ombros morenos, batendo o seu adufe, e enlevado de tão bela feiticeira nos passos leves, a vista do belo capitão, a mirá-la de cima do feroso ginete com olhos acesos de volúpia — e lá de cima da torre prêso, pelas mãos convulsas, à pedra das frestas, o monge lívido com os olhos em fogo e os dentes cerrados, imóvel e terrível como o jaguar do Oriente com os olhos na preia, — essa *Nossa Senhora de Paris*, enfim, ora clara e bela como as vidraças multicores das ogivas rendadas, ora ligeira como as colunas delgadas de mármore branco, ora sonora e ruidosa, alegre e bacante, ébria de orgias como êsse monge entalhado no portal da catedral de Maiença; ora voluptuosa e lasciva como os beijos da Cigana desatada nos braços de Febo na taverna das bordas do Sena — mas no meio dessas flores, desses cantos de orgia, dêsse frêmito de beijos em lábios sôfregos — dêsse ansiar de colos apertados — lá surde tôrva como uma djim na crença oriental — como uma serpente junto da mangueira onde descantam as aves, como a fera de olhos de fogo junto da relva onde dorme a criança perdida, essa sublime e medonha figura de monge, êsse homem cuja história, cuja crença, cuja esperança — era uma palavra *ANATKII* — Cláudio Frollo!...

Se há poeta francês a que votemos decidida afeição por suas obras, a quem rendamos dos fundos d'alma culto como é de render-se ao gênio — é êsse mancebo louro, de olhos límpidos e azuis, sonhador de pesadelos onde sorri satânico e infernal sempre na forma incarnada de gênio do mal — quer seja Han d'Islândia o bebedor de sangue e água do mar, ou Habibrah o anão, ou Triboulet o bufão, em oposição a essas cândidas criaturas de Esmeralda e Branca, Ethel e Maria Neubourg. ⁹⁹⁹

Como eu dizia, pois, acho cá de mim para mim que o fim não torna moral uma obra da qual cada capítulo seja imoral. — Assim acabasse Byron o seu *Don Juan*, êsse primor da palhêta multicolor do Bretão sarcástico e desesperançado, fazendo eremita com barbas a caírem-lhe longas sôbre o peito e as faces ressequidas pelos jejuns, êsse tão invejado gozador da vida que não se poderia dar como nenhum modelo de moral em ação sua Odisséia — brilhante, porém sumamente imoral. E' a razão por que ¹⁰⁰⁰ não achamos a moralidade do nebuloso *Faust* do poeta Alemão, dêsse gênio sublime representante e chefe da literatura nova — da escola romântica, como a chamam, tal qual se acha ela instituída — apesar da apoteose da última página....

Eis aí pois a primeira razão.

Quanto à segunda — foi *porque não quis*.

E que ladrem critiqueiros — Que importam êles?

Pobres mulheres estêreis que com olhos chamejando de inveja devoram as crias rosadas das outras — Serpes rojadoras e impotentes a insultarem os vôos das águias que vão perder-se nas nuvens, que importam êles? Há de a mulher esmagar seu filho entre os joelhos pelas invejas delas, há de a águia desvairar-se do vôo só porque a víbora vomitou-lhe a bava do insulto? Não! ei-la se pendente com as asas abertas, a rainha dos ares — que lhe importam sarcasmos do verme estúpido? Ri dêles, e se baixa-se a ouvi-lo é para esmagá-lo. A sátira de Byron e o fundo do painel do Caravaggio fizeram-lhes justiça a essas audácias loucas.

Qual Homero que não tivesse o seu Zoilo?

Qual poeta grande ou pequeno que não tivesse um desses escrevedores de regras, *La Harpes* assobiados nos teatros, pífiros rimadores, como dizia Gilbert, *tombés de chûte en chûte au throne académique*, que lhes profanassem os sonhos?

E pois consolar-me-ei de ótima mente com as críticas. — Se os grandes as ouvirem, porque queixar-me? Não é dos jasmineiros chamar os reptis? Não é das doçuras chamar os insetos?

A missão do poeta como eu disse no começar êsse preambulo é o *belo*.

Assim pois — o único juízo de que damos ao leitor competência sobre êsses versos soltos e rimados que aí vão, é sobre sua beleza ou não.

Se achá-los conforme com o fim da poesia — bom será — Senão.....

Poucas coisas há aí no mundo que olhadas de certo modo não tenham o seu *quê* de poético: se ainda aí há tanta flor solteira de poeta — é que êle ainda virá, o seu vate, para descantar-lhe as belezas.

A vós — clássicos como Horácio, Anacreonte e Ovídio, e a vós Românticos como Byron — perguntarei, das noites de gôzo monstruoso das lupercais, das orgias e turtólias da Grécia e de Roma, dêsses cantos infames que marearam as liras dos três poetas da antiguidade que entre tantos aí cito, não por falta, porque fôra-me fácil incluir nêles o casto Vergílio ¹⁰⁰¹ com sua *Écloga de Aléxis*, e Tibulo com seus hinos ternos ao mancebo formoso de seus amôres, cândido como os fulgores da Latônia lua ¹⁰⁰² — dêsses meus cantos seja-lhes cena o salão do banquete, com o seu refulgir de copos cheios de licores e sua música de loucas alegrias e alegres amôres, sobre chão cheiroso de rosas, respirando o ar volúpias e lascívias — quais mais imorais, quais menos puros?

Não falarei de Byron. — Repito, não é essa uma obra de Moral, e para mim que quando leio é para apreciar o belo da imaginação do poeta, *Don Juan* é um primor.

A razão por que ¹⁰⁰³ comparei os Cantos do meu poema à devassidão dos poetas clássicos foi unicamente para lembrar que há uma diferença entre o imoral e o torpe.

O imoral pode ser belo — As visões nuas do juízo derradeiro de Miguel Ângelo — *Antony, Ângela, Teresa*, quase todo o teatro enfim, quase tôdas as obras de Alexandre Dumas são imorais. — Aquela alma de poeta quem negará contudo glórias e louros? quem poderá não achar belas essas páginas do romancista-rei do século?

Jacques Rolla e Franz.

Eis aí pois — *Antony* é belo — mas algumas odes imorais de Horácio, não o são. — Se tem seu *quê* de belo o Aléxis do cantor da *Eneida*, se os amôres de Ovídio são tão cheios de beleza — às vêzes outros quando essa alma de poeta desce à torpeza, como o cisne branco atolado no charco do pantanal, nem há lê-los, êsses cantos prostituídos!

Do sublime ao ridículo há um passo, disse um grande pensador e um grande guerreiro — do imoral ao torpe também vai um passo.

Dos cantos de Byron, ardentes como o tremor do enlêvo no sorver dos beijos — vai um passo talvez a êsses poemas infames, corrompidos e corruptores imputados ao grande sonetista de Portugal. — Mas êsse passo é por sobre um abismo.

O que ali era belo — aqui nada tem disso — foi um passo somente, mas foi uma queda da montanha esmeraldina e purpúrea de rosas ao paul do brejo. Foi um passo sim — mas um passo do sêrro ao precipício de entulho e lôdo onde só habitam os vermes da podridão.

O belo manifesta-se por três diversos modos, por três fontes, o que faz dizer que há três espécies de *belo*.

Outros mais ilustrados poderão achar defeituosa minha classificação — é contudo a que adoto em falta de melhor. — Belo ideal, belo sentimental, e belo material.

Diga-se o que se quiser — nem em Homero nem em Vergílio, ¹⁰⁰⁴ em uma palavra em nenhum dos poetas antigos aparece a primeira classe que apresentamos.

Dizem os poetas idealistas que isso pende de duas causas — da filosofia e das tendências do clima voluptuoso das terras do Sul.

Não é nosso empenho tratar disso.

Talvez o sol oriental chame os homens à realidade, e a bruma e as nuvens cinzentas dos luaires boreais levem-no ao idealismo. — Seja como quiserem.

A literatura Européia, humilde discipula dessa velha arrebecada de Horácio, dessa lira acostumada a soltar suas notas amorosas no trepidar das saturnais de Roma a Sibarita, dessa lira que deixara as

entesadas cordas metálicas dos tempos épicos para nos soltos nervos, no acompanhamento das flautas lídias e dos plectros cretenses, transpirar aromas de banquete, levaram-na em França as orgias da regência e do reinado de Luís XV ao último aperfeiçoamento da imoralidade.

O blasfemo cantor da guerra dos deuses levou o materialismo poético até aonde Horácio — o vate das orgias romanas regadas dos vinhos de Falerno e Massico — nem se atrevera a pensá-lo.

A culpa é da filosofia materialista do século!

A revolução Francesa levou consigo êsse cortejo de bacantes lânguidas e ébrias, com seus brindes de gôzo e seus beijos de lábios de brasa — essa carrieta morna e voluptuária de Téspis a que sucedera fria e sangrenta a carrêta dos Girondinos. Com a renascença da poesia em França houve então uma reacção total, de Zênite a Nadir, sôbre a poesia.

Em lugar da poesia dos olhares trêmulos de gôsto, dos seios quentes, ansiosos, a se elevarem em suspiros afogados, em lugar dos contornos das linhas ondeantes, do esmêro das cadeiras arredondadas e das pernas cheias, macias e róseas como a flor de Vênus, dessas ninfas meio deitadas, os membros de madrepêrola, com a cabeça sôbre um braço arredondado e lácteo, e de cabelos soltos em chuva sôbre o aveludado das costas nuas, Antílope ou Clítias nos requebros voluptuários do sono à sombra das florestas, que o cinzel dos estatuários antigos, os lascivos pincéis de Zéuxis e Fídias, os versos dos poetas pagãos traduziram a êsses homens novos, — veio a poesia nebulosa e Ossiânica, — em lugar das roupas roçagantes, das trêmulas sêdas Séricas, das transparentes escomilhas purpúreas de Cós, perfumadas de nardo Assírio e dos incensos da Arábia escrava — vieram os longos véus brancos, as criaturas dos poetas se transformaram em névoas, deixaram a terra com suas belezas ardentes para irem sonhar à lua, um anjo, uma Sílfide em cada neblina alvacenta pousada nas ramagens das florestas — em lugar dêsses bosques falantes povoados de Dríadas, onde cada gemido de brisa parecia um anelo de ninfa, onde cada sussurro das linfas do rio era o chamado de uma bela criatura por algum Hílas formoso, vieram os ciprestes esguios e escuros, com suas sombras alongadas, movendo-se com a lividez sepulcral das luzes da lua, e além, nas sombras, as formas incertas das virgens chorosas dos bardos boreais.

Foi uma terrível reacção. Os poetas modernos riam-se dos antigos por terem misturado a teogonia pagã com a teologia cristã, culpavam o Homero português por essa mistura de Afrodite ¹⁰⁰⁵ e a Virgem Maria, Mercúrio e Jeová; e contudo acharam muito bonito misturarem-se os anjos do Livro das crenças sagradas com as Sílfides, os Gnomos, Elfos, Gigantes e anãos, ¹⁰⁰⁶ dos sonhos dos poetas rúnicos do Norte, as tradições Bíblicas dos serafins com as superstições não menos pagãs que as romanas e gregas, dos clãs de Morven e Erin, e dos caçadores de focas e ursos, ¹⁰⁰⁷ dos gelos dessa Islândia de pescadores que se estendera à Groenlândia, ¹⁰⁰⁸ e da tríplice Escandinávia.

Iamos-nos desviando das teses da nossa classificação. — Voltemos a elas. Vimos pois como appareceu a poesia do belo ideal, com suas visões vaporosas e nevoentas, com seus anjos de cabelos loiros desmaiados e rostos ovais, com olhos azuis-lânguidos e uma lágrima sempre nas faces e um sorriso triste nos lábios descorados — e seus silfos aéreos, ¹⁰⁰⁹ seus Triblys vagabundos e galhofeiros, seus Gobelinos de asas de borboleta, e seus duendes malignos vagando nos paus para desviar e perder os viajantes.

A poesia do belo sentimental é para nós a mais bela: são êsses hinos que exalam-se do coração como os perfumes da redoma quebrada de cristal onde se guarda o bálsamo, como o aroma das flores abertas ao Sol — é o coração enternecido e embalado ao som dos cantos, desfeito em harmonias, aves côr de neve voando em céu de sonhos.

Porém se somos tão apaixonados dêsse belo, se o achamos talvez o mais doce de todos três, contudo não somos daqueles que deixam o belo material.

O que ha aí de mais poético do que uma mulher bela, com os cabelos soltos entrelaçados de flores e pérolas, e dentre as roupas meio abertas o colo de chamalote branco a lhe ondear com reflexos de cetim, com os lábios rosados entreabertos num sorriso, mostrando como grãos ¹⁰¹⁰ de uma romã verde os dentes tão alvos, tão prateados que melhor os disséreis pérolas?

E ante um dêsses olhares de úmido fulgor, de uma pupila lânguida de eflúvios de gôzo, ante um dêsses volveres de enfeitiçado condão de uns olhos negros cheios de amor, prometendo amor, quem há aí que não sinta a alma no peito estremecida, anelante, desmaiando de anseios, sequiosa de orvalhos de beijos, e a correr-lhe nas veias o sangue com ardor mais suave, os olhos enfraquecidos de uma nuvem de prazer, sem luz, sem côr, sem vida, embriagados de enleio, — e os lábios imóveis, entreabertos, sem

hálito, — quem há que não a sinta a sua alma exânime, esvaecida, quase morta num suspiro, nessa morte, na expressão de Bocage — “de uns brancos olhos desmaiados, morte, morte de amor, melhor que a vida”?

E há na terra sensação de belo mais forte, mais cheia de poesia que essa?

Porém como os perfumes das flores são mais belos quando misturados no ramilhete que traz no colo voluptuoso a donairosa donzela no baile, como as côres são mais belas quando bem combinadas no iris do céu, ou nesses matizes dos crepúsculos de outono e verão, e os sons são mais doces ao ouvido quando reunidos na orquestra, combinados com arte e gosto nessas peças de Bellini e Donizetti, assim também mais se lhes realça o valor a êsses três gêneros de belo, quando se reúnem num objeto.

É êsse, ou pretende sê-lo ao menos, o fim da poesia romântica.

Talvez se notasse não ter eu nesses três gêneros de belo falado do belo-sublime, ter corrido das cordas da prima do violão em diante parando no bordão. — Fi-lo de propósito.

Há dous gêneros de belo — Há o belo doce e meigo, o belo pròpriamente dito — e êsse outro mais alto — o sublime.

A águia no seu ninho afagando as suas avezinhas, carregando-as nas antenas poderosas das asas, beijando-as, aquecendo-a ao peito — eis o belo da primeira divisão, o belo meigo e doce; — mas suba a águia a perder-se nas imensidades do céu nubloso, entre o rugir sôlto dos ventos e o rouquejar precursor ¹⁰¹¹ da borrasca, ou lance-se ela de lá ao seu ninho atacado, vejam-na lutar com garras e bico, lutar até morrer, vejam-na com as asas molhadas de sangue e a cabeça abatida, os olhos já vidrados cobrir ainda suas crias, e morrer ainda amparando-as como um escudo — eis aí o sublime.

Agora quereis ver o sublime ideal, o sublime sentimental e o sublime material?

Abri as fôlhas do Livro Santo, nos Sálmos, nos Trensos, ou nas Profecias, ou nas Lamentações de Jó sôbre o primeiro — vêde aí a imagem de Jeová, nesses sonhos tenebrosos e sombrios dos poetas da Judéia, êsses velhos profetas de frente altiva, e calvas coroadas de cãs prateadas, ouvi a voz trovejadora do Deus do Sinai, e depois dizei-me, sentistes já emoção mais forte vibrar-vos as fibras tôdas da harpa de vossa alma abalar-vos com um choque tão poderoso como o da pilha Voltaica?

Eis o sublime ideal — mais belo mil vêzes, mais elevado e mais forte que tôdas essas visões do bardo sublime das montanhas brumosas dos Highlands.

Quereis ver o sublime sentimental? Vinde comigo — dai-me a mão. — A noite vai tenebrosa, e a ventania se levanta rija nas montanhas, o céu de espaço a espaço se entreabre alumando com vislumbres de clarões ondeantes de incêndio a terra convulsada. — Vêdes aquêle monte de crista negra, escalvada e nua? A luz do relâmpago da tormenta não vistes ali a forma de um cadáver pregada a um madeiro? Nos intervalos do trovão não ouvistes soluços que exalaram-se ¹⁰¹² de ao pé? Ide lá, ide sorrindo que eu não ousara lá ir, tanto é solene o sacrifício que lá se consuma. — Ide e perguntai a essas mulheres por que ¹⁰¹³ choram, por que gemem, por que lhes estala o peito em soluços no ansiar atropelado do coração. Ide, ainda é tempo e cada som quebrado da garganta do agonizante da cruz, cada convulsar de uma angústia intensa dessas pobres mulheres que abraçam o madeiro repassado de sangue e lágrimas, dir-vos-á mais do que eu vos pudera dizer.

Eis aí o sublime sentimental.

Cada suspiro de uma daquelas formas brancas e desgrenhadas, cada voz soluçada por aquela trindade santa de mártires dir-vos-á o que palavras não sabem resumbrar.

E o sublime material, — dizei, nunca o sentistes no estalar das florestas sob o pêsso gigante do bulcão, no nutar das vagas hirtas e verde-negras que o braço da tormenta eleva e atira em lençóis de ferve-doura escuma, no cheiro abafador e sulfúreo dos ares cortados pelo raio? Dizei, nunca assististes a um dêsses dramas da natureza em que o vento infrene luta com o mar que esbraveia, e o mar parece querer invadir nuvens e terras, que o raio afogueia? Essa cena tremebunda do dia final, tão sublime sempre, apesar de tão vista, tão abaladora ainda no descrever dos cantos soltos dos poetas, quando não há um só que com a lembrança dela não estremecesse as cordas de ferro de sua harpa?

FRONTISPÍCIO

Qui peut dire les rêves du poète avant qu'il se soit
refroidi à nous les raconter?

G. SAND.

O POEMA DE UM LOUCO

There is something which I dread
It is a dark, a fearful thing.

.....
.....
That thought comes o'er me in the hour
Of grief, of sickness, of sadness
'Tis not the dread of death! 'tis more
— It is the dread of madness.

LUCRETIA DAVIDSON.

I

Foi poeta: cantou, o estro em fogo
Crestou-lhe o peito, devorou seus dias
E a febre ardente desbotou-lhe a fronte
Em dores sós, em delirar insano.

Foi poeta: cantou, sonhou: a vida
Canto e sonhos lhe foi. Amor e glória
Com asas brancas viu sorrindo em vôos.
Foi-lhe vida sonhar: e ardentes sonhos
A fronte lhe acenderam, lhe estrelaram
Mágico da existência o firmamento.

Cantou, sonhou — amou: cantos e sonhos
Em amor converteu-os. De joelhos
Em fundo enlêvo êle esperou baixasse
Alguna luz do céu, que amor dissesse 1014 —

Anjo ou mulher! embora que êle a amara
C'o 1015 fogo queimador que o consumia
Com o amor de poeta que o matava!
Anjo ou mulher — embora! e em longas preces
Noite e dia o esperou — Mísero! embalde.

Sonhou — amou — cantou: em loucos versos
Evaporou a vida absorta em sonhos —
E debalde! ninguém chorou-lhe os prantos
Que sôbre as mortas ilusões já findas
Pálido derramara —

Amou! E um peito
Junto ao seu não ouviu bater consoante
C'os amôres do seu! Ninguém amou-o
E nem as mágoas lhe afogou num beijo! —

E morreu sem amor — Bateu-lhe embalde
O pobre coração em loucas ânsias.
Passou ignoto, solitário e triste
Entre os anjos do amor, só viu-lhes risos
Em braços doutros — e invejosa mágoa
Essa alheia ventura só lhe trouxe.
Nunca a mão dêle de uma fronte branca
A alva coroa fêz cair da virgem —
Jovem, solteiro, sem consórcio d'alma
Entre as rosas da vida — mas nenhuma
Nem deu-lhe um riso — nem do moço pálido
No imo d'alma guardou uma saudade!

Mas se à terra saudades não deixara
Não levou-as também — do peito o orgulho
Que ninguém quis amar, ninguém amou.
— Foi-lhe quimera o amor, não mais lembrou-o,
Tentou-o ao menos. — E que importa um morto? —
Doido é quem geme em lagrimar estéril —
Quando o luto findou e alegre o baile
Corre entre flores no valsar, quem lembra
O defunto que é podre no jazigo?...
— Morrera-lhe o sonhar — porque chorá-lo?

E morreu sem amor! E êle contudo
Tinha no peito tanto amor e vida!
Alma de sonhos, tão ardentes, cheia!
E anelante do amor do peito — em outro
Em horas ternas efundir em beijos!

E às vêzes quando a fronte pela febre
Pesada e quente sôbre as mãos firmava,
Quando êsse delirar febril da insônia
Em vertigens travava de sua alma,
Um negro pensamento lhe passava
Como um fuzil no cérebro fervente.
E pensava dos loucos no delírio,
Na escura treva da vertigem tonta;
Temia — a morte não — mas — a loucura.

Oh! livra-se o Senhor que após das mágoas
Que o seio lhe hão crestado em agonias
Da doudice viesse a névoa escura
Mergulhar-lhe o espírito! —

Antes, antes
Da agonia mortal o torpor gélido!
Antes a morte fria — o cemitério
Êrmo e isolado, com seu chão de lousas,
Antes o sono do úmido jazigo...

.....
.....
Meu Deus! e após de tanto sofrimento,
De tantas baldas lágrimas vertidas,
De tanto fel bebido em taça amarga,
De plebe estulta no hospital ser inda
Triste ludíbrio de insolente escárnio!

Foi poeta — cantou — sonhou. — Mas hoje
Era-lhe morta a inspiração no peito,
Fugira a poesia, a insônia sua
Seca das lágrimas a esponja nêle. —

II

O poeta enlouqueceu — A alma sublime
Perdera o siso — Como uma águia em trevas
— Tropeçava e caía — Pobre moço!
Foi-lhe palácio o hospital, a êsse
Cuja fronte era um trono à poesia!

III

Ei-lo nas palhas do seu duro leito,
Lívido e frio co'um sorriso idiota
A arregaçar-lhe o ressequido lábio,
Desvairado o olhar — de olheiras roxas —
Com empanada luz no fundo escuro,
E entre o sorrir dos lábios lhe parava
Nas sêcas faces derradeira lágrima.
Hirsutas as melenas, negras, ásperas

Caíam-lhe na frente. — O movimento
Abrira-lhe a camisa. Ao magro peito
Os ossos se contavam a mostrarem
Dos cáusticos ainda as queimaduras.

Velava um guarda junto dêle como
De brava fera na gaiola aos pulos
A rugir, movimentos se vigiam.

IV

Extenuado das lutas arquejava
Esse fantasma de homem sôbre o leito.
Súbito estremeceu, ficou mais alvo, ¹⁰¹⁶
Inteiriçado se estendeu convulso.
Mas breve foi-lhe a convulsão; quebrado
Um aflito soluço na garganta
Lhe rouquejou — o derradeiro — e o frio
Da noite extrema endureceu-lhe os membros.

V

Veio depois da caridosa casa
Algum homem talvez — Pô-lo nos ombros
E em mal cavada cova donde os ossos,
Desenterrados do primeiro dono
Dêsse leito de lôdo o chão juncavam,
Atiraram-lhe o corpo brutalmente,
Das cavernas do peito lhe estalando
Os calcinados ossos — uns punhados
De terra apodrecida — obra mui pia,
Lar de misericórdia certo é êsse
Onde tal se pratica. — A eterna bênção
De inteiras gerações no andar dos séculos
Desça sôbre êsses benefazejos tetos!...

VI

Por sôbre as palhas do colchão do louco
Achou-se um livro. — Mal escritas letras,
Ninguém soube entender — Então eu vi-o,
Levado apenas de curioso instinto
Livrei-o à destruição. — Chegando à casa
Abri-o e pus-me a decifrar-lhe o escrito.

Era um grosso caderno. As tôscas linhas
Eram versos. — Nem título escrevera
Na frente ao livro seu cantor ignoto. —
Nem seu nome sequer! — Muita leitura
Mostravam nódoas que imprimiram nêle
As mãos sujas do louco. — A letra às vêzes
Embranquecida descoraram gôtas
De copiosas lágrimas. O morto
Talvez gravasse aí idéias caras
Do passado da vida! Fôsse embora
Qual a razão — as lágrimas caídas
Nas fôlhas do papel vi-as no livro.

VII

Foi-me insana tarefa o decifrá-las
As mal escritas linhas. — Parecia
Que se esmerara por fazer difícil
Sua leitura o autor. — Algumas vêzes

Substituí versos meus a linhas dêle
Que eu não soubera traduzir. — Contudo,
Por querê-lo não fiz — e a muitas outras
Embora achasse mal torneado o verso
E sôlto o estilo em liberdade extrema,
Não quis levar-lhes minha mão profana
Dos sonhos dêle às expressões selvagens
De inspiração febril. Pus-lhe igual título —
Do Conde Lopo o nome: o herói do canto
O confessava o trovador anônimo.

VIII

Não maldigam o fel dos cantos dêle!
Foi um Tasso sem risos de Leonora!
E pois descreu — e pois maldisse tudo
No catre do hospital, na luz escassa —
A vida e os sonhos e esperanças belas!

Co'a negra dor simpatizei do louco,
Com seu cantar de coração dorido,
E amei-lhe essa altivez d'alma quebrada
Que lhe ressumbra no poetar amargo.

PRIMEIRA PÁGINA

Mes vers sont les tombeaux tout brodés de sculptures,
Ils cachent un cadavre, et sous leurs fioritures,
Ils pleurent bien souvent en paraissant chanter.

THÉOPH. GAUTIER.

I

Do campo santo onde o letargo dormem
Fundo e sem fim os que viventes foram,
No silêncio das sombras — estendida
Jaz muito lousa enegrecida e úmida,
Por cujas físgas escorrega o musgo
E a cicuta das ruínas.

II

O peregrino vagador dos ermos,
Entre essas tôdas nunca viste, mudo,
Sem letra em cima, sem sequer madeiro
De simples cruz que te dissesse o dia
Em que a morte levou êsse que i dorme,
Coberta do ervaçal tôsco lajedo?

III

Repousa aqui muita ilusão desfeita,
Muita áurea nuvem arrarada em chuva
E muita flor pulverizada em cinza.
Como outros d'homens são — de sonhos d'alma
De lembranças da vida, é êste um túmulo.

IV

E como a laje que a indiscretas vistas
Guarda o segrédo seu em treva espessa,
Que não há vê-lo — Como as pedras negras
Onde calou seu erguedor um nome
P'ra que o mistério seu não venham lê-lo
Na página de pedra do sepulcro,
Quando na solidão das horas mortas
Virem-no erguer-se dêsse chão ervoso
Com olhos cegos do inundar das lágrimas;

Assim meu livro deixá-lo-ei sem firma.
 Leiam-no embora curiosas vistas
 Que estudam o sofrer com almas frias!
 Vejam a autópsia d'agonia funda
 Que o peito me lavrou. — Enquanto ao nome
 Do padecente, para que sabê-lo?

V

E só eu poderei nas érmãs horas
 Molhar-lhe em pranto as páginas — bem como
 Ao cadáver que rói a cal no fôssô
 O único sabedor da história dêle.

A

D.

O. A.

PRIMEIRA PARTE

CANTOS I e II

Eat, drink and love: what can the rest avail us?
 BYRON. *Don Juan*.

OUVERTURA

Sê bem-vinda minha amada,
 Tôda em perfumes banhada,
 Tôda alegria e frescor;
 Quero cingir-te em abraço,
 E depois no teu regaço
 Adormeça o Trovador.

JOAO DE LEMOS.

OUVERTURA

(SINFONIA)

Tremem as fôlhas no correr da aragem
 Com seus perfumes enlevando mágoas,
 E à noite bela sonharei cantando
 Como o cisne das águas.

Cala-te, louco bardo! é doce a vida!
 — E em que delírios d'alma imaginaras
 Um céu mais límpido, um luar mais puro?...
 Poeta, onde os sonharas?

Que visão bela de enevoadas formas,
 De romântica face entristecida
 Que valha o riso que perfuma os lábios
 Do meu anjo da vida?

De loucos sonhos que ternuras ébrias
 Que valham-lhe o tremor do nível seio
 E o amortecido olhar, úmido, lânguido
 De feiticeiro enleio?

Amemos! que na terra a vida é o gôzo!
 Ternuras n'alma, embriaguez nos lábios
 Sorria o coração! que importa o escárnio
 Da voz fria dos sábios?

Gema no campo em que apodrecem mortos.
 Da treva o sonhador, falando aos ventos
 Durma co'a face em lágrimas na terra
 Que nem lhe ouve os lamentos.

Que eu a vida amarei, hei de cantar-lhe
 Entre os beijos de lânguida donzela,
 Na fronte rosas, com a taça em punho
 Doces mistérios dela.

O fresco do luar vertigens varre,
 Idéias de suicídio em negra mente.
 Vem pois comigo — sonharemos juntos
 Cantando alegremente.

II

A GEORGE SAND

1

Lélia ou Consuelo? Espírito de Byron
 Em formas belas de mulher ardente,
 Alma de brasa a estremecer contornos
 De voluptuosos, arquejantes seios,
 Voz de mágico cisne em róseos lábios
 Que vivos acendeu da orgia a febre,
 Gênio sublime d'ideais romances
 Cheios de sangue e de blasfêmia acerba,
 Como essa tela do pintor flamengo
 De sombrios painéis — Rembrandt ¹⁰¹⁷ o pálido
 — Onde no claro escuro em ar trevoso
 Áurea réstia ¹⁰¹⁸ de luz descai na frente
 De cândida visão.

Mulher sublime

De poemas infernais, d'alma descrida
 Em corpo etéreo — Jorge Sand, na terra
 Que peito d'homem que te lesse os cantos
 É alma de poeta que entender pudesse
 Do teu sonhar as harmonias — negras
 Como no escuro temporal o vento
 A ulular nos pinheirais quebrados,
 Nas ribas negras onde o mar rebenta
 Num grito de agonias, oh! e que alma
 Que não sonhasse-te, em ardentes sonhos,
 Sequer sentir o ardor d'esses teus lábios,
 Dos olhos teus de cintilar soberbo,
 De viva inspiração e anelos ígneos,
 E teu seio a ansiar com ondas turvas
 No além do alto mar, por sob o dêle,
 Mulher! qual d'esses pálidos mancebos
 D'almas de lavas que o condão do gênio ¹⁰¹⁹
 Trazem escrito na descôr sombria
 Da frente erguida — corações que enleva
 O talismã de arrebatada idéia —
 Que de joelhos no fervor do anelo
 Co'os olhos cegos do orvalho das lágrimas
 Os lábios trêmulos e a voz cortada
 Não te sonhasse amôres?

2

Fada ou mulher, anjo ou demônio, és bela!
Que eu daqui te sonhei huri do Oriente
De langue olhar e abrasadores lábios
E seio abalador de enlace ardente!

E pois que a sina me vedou venturas
No peito viverei co'a imagem dela!
D'irresistível talismã és deusa,
Fada ou mulher, anjo ou demônio, és bela!

3

Tem sons que abalam trêmulas as fibras
Tôdas do hiante coração, tua harpa.
Tens olhares que vibram como raios
Clareando a escuridão, — p'lo peito a dentro
Êsses teus olhos de divino fogo —
O correr da torrente em brancas ondas
De fervedoura espuma, tens no colo
Quando nas horas do prazer se agita
E em suspiros desfeitos morre e mata!

4

Vem! Rainha da noite, eu quero amar-te
Co'os rubros lábios úmidos de vinho!
Trêmula em vida quero-te mais longe
Êsse olhar que inebria,
E que não rende essa embriaguez dos risos
Ao som de cantos o passar de um beijo —
Nos lábios fogo, o coração sedento
No sussurrar da Orgia?

5

E pois que o meu desejo é na loucura —
Vem, ó pálda bela, ¹⁰²⁰
Quero-te os beijos de mais alma e fogo...
E hei de amar-te por ela...

III

1

Vem, ó Valquíria, vem co'as faces róseas
Da febre do prazer! transborde a taça
Os líquidos rubins de doces vinhos!
Bebe, primeiro! pouza os lisos lábios
Nas bordas do cristal! Fiquem mais doces
Co'aroma de teu hálito de fada —
O Siciliano primoroso néctar. —
Dá-mo agora — beberei-te um brinde!
Onde minha guitarra? dêem-ma, eu quero
Um cântico dizer, ébrio de amôres!

Pouza-me a neve de teu braço em tórno
Do colo meu, no meu olhar se fixem
Lânguidos, mui lânguidos, bem cheios
De feiticeiro enlouquecer teus olhos!

Que rosas abertas em fresca manhã
Molhadas da noite, de face lasciva —
Que valham-te o nácar de ninfa louçã
Que a bôca te aviva?

E quando na terra soa Ave Maria,
Que estrêla nascendo do céu no azular,
Que nuvem morrendo na vaga sombria
Que valha-te o olhar?

De Tasso ou de Dante que glória, que loiros,
Que amôres, que sonhos de alhearem o siso,
De uns seios de neve que argênteos tesoiros
Que valham-te um riso?

Que sílfides, que anjos fingidos nos sonhos
De uma alma de poeta num férvido ansejo
Que valham-te um beijo?

.....

2

Vem, pois, minha sultana! a noite é bela!
Corre a lua no céu entre perfumes,
Tudo fala de amôres, o ar, as sombras
Das fôlhas ao luar, e o azul das águas.
Amemo-nos portanto — a noite é bela!
Mais bela a tornem nossos longos beijos —
Vem pois — formosa, que o Sultão escravo
Pede-te ansioso um'hora de volúpia.

3

Co'a face bela no meu quente seio
Que fazes, muda assim? dormes, Sultana?
Fraqueou-te o vinho, de cansada — a mente
E dormes da embriaguez imensa idéia
Dos têrmos do viver?

Oh! como és bela!

Dormida assim com entreabertos lábios,
Como rubins de uma romã partida
Pelo estalar da madurez — purpúreos,
Chamando beijos no sonhar da vida?

4

Dorme, ó anjo de amor, teu quêdo sono
Pelo ansiar de meu peito acalentada;
Maus sonhos não virão pouzar-te n'alma
Em dor de coração! Tépidas a aragem
Fagueira corre nas abertas flores.
Um raio de luar por entre os vidros,
Da janela coado vem pouzar-te
Sôbre a fronte nevada — dorme! e entanto
Nesses teus lábios que um sorrir descerra
Como rosa à manhã, purpúreos, breves,
Eu sonharei uns visos de ventura,
E cá dentro do peito a dor da vida
Também me dormirá! dorme, meu anjo!
Hei de afagar-te o sono, hei de dourá-lo
Como hinos mui sentidos, muito d'alma.

Dorme, ó anjo de amor, teu quêdo sono
 Aqui no peito meu! dorme que eu velo!
 Cerrem-se tuas pálpebras de jaspe!
 Em mole ressonar arfe-te o colo!
 Que os suspiros que exalam-se-te nos lábios
 Esse dos seios teus tremor suave
 Sonhe meu coração, e uma lágrima
 De gôzo role-me do ardido cérebro
 Que a dor na solidão me tem crestado!
 Além a brisa as casuarinas ¹⁰²¹ freme,
 Gemedoras suspiram as ramagens
 Num lânguido soar — a lua frouxa
 A face te clareia — tudo dorme,
 Tudo é silêncio em tórno! só eu velo, ¹⁰²²
 Só eu — junto de ti. — Dorme, dorme,
 Que vela-te o cantor a hora dos sonhos!

CANTO I

VIDA DA NOITE

And none did love him.

Childe Harold.

CANTO I

I

SONETO

Um beijo ainda! os lábios teus, donzela,
 Nos meus se pousem — junto de teu seio
 Que treme-te e palpita em doce enleio
 Beba eu o amor que teu olhar revela. —

Vem ainda uma vez! és pura e bela,
 Arfa-te o seio, amor n'olhos te leio...
 Que importa o mais? vem, ¹⁰²³ anjo, sem receio!
 Um beijo em tua face! ind'outro nela!

Aperta-me ao teu colo — assim — um beijo
 Dêsses em que ao céu um'alma se transporta!...
 — “E o mundo?...”

— “Um louco.

— “E o crime?

— “Só te vejo.

— “Mas quando a vida em nós gelou-se morta

— “E o inferno?...”

— “Contigo eu o desejo.

— “E Deus?

— “Meu Deus és tu. ¹⁰²⁴

— “E o céu?

— “Que importa!

II

Quero-te um beijo mais! que num só beijo
 Exala-se uma vida em uns risonhos
 Cismar gozos — e o lábio teu me abrasa, ¹⁰²⁵
 Me prende e mata o coração em sonhos!

Deixa que a fronte eu pouse-te no seio!
 — E' mole o sono em tão suave leito
 E alma esquecida do sofrer, se embebe
 E dorme em paz sem leve dor no peito!

III

Úmido olhar de enlanguescidos olhos
 Furtiva lágrima enevada dentre
 O véu dos cílios que o pudor abaixa,
 Intenso beijo ao frêmito dos lábios
 E um seio que palpita e em ais se afoga
 Sob peito ardente — eis a única ventura
 Real e santa —

E o que mais na terra, ¹⁰²⁶

O que mais de ilusões, que como a névoa
 Do desengano o sol esvai e apaga,
 Mentidos risos que perfumam alma.
 Em sonhos ébrios que o acordar esmaga
 E do fel rega de um chorar que queima,
 Que mais da vida ao coração sofrido
 De saudade de fel merece lágrimas?

I

Era um quarto suntuoso; o chão rojavam
 Lúcidas telas de aveludadas sêdas
 Do Pérsico tapête. — Luz o mármore
 No lavor dos portais — quando engrinaldam
 Com cheirosos festões de novas flores.

O aberto reposteiro deixa a vista
 Pela varanda a lua desvairar-se
 Té que perde-se além entre os matizes
 De viçosos jardins. —

E' noite, é bela,

E as pilastras branqueia a brisa fria.
 P'los bordados reflexos do damasco
 E das grinaldas ao olor influem-se
 O do ar cheiroso do luar tardio.

.....

II

Em rico leito, no veludo negro
 Embuçado do manto palideja
 De uma sinistra morbidez eivada
 A fronte alta do Conde, os olhos negros
 Que das olheiras no azul se afundam
 Sinalam noite perpassada em gozos.
 Tem a fronte na mão e mudo pensa.
 Sentada às bordas do macio leito
 Uma bela mulher —

Inda lhe luta

Das faces na descor desfeita rosa;
 Sorri suave. — Em ondas os cabelos
 Correm-lhe negros nos nevados ombros
 E no colo de jaspe — a mão mimosa
 Pousa na do mancebo — e os olhos nêle. —
 Disséreis uma estátua, imóvel, bela
 Como da Grécia as pétreas criaturas;
 Nunca uma Vênus de adestrado scopro
 Saiu tão alva assim — oh! nunca um talhe
 Em transparentes roupas mal velado,
 Nunca tão lisas desvestidas formas
 Tiveram vida assim — e a mente ardida
 Do moço Rafael a Fornarina
 Com tal vida de côres nunca pôde
 Dentre seus sonhos desenhar na tela,
 E ao mundo revelar imos segredos
 Do seu vivo ideal.

Oh! que se a visse
 Dir-te-ia o coração — vê-la é amá-la!

III

E nunca ouviste, por aí, na vida,
Falar de umas mulheres que a flor d'alma
Prostituem por ouro? nunca o peito
Abalou-te um rugir ouvindo os cantos
De tanta perdição? —

Mas talvez viste
Um dia à porta — ao bruxulear da tarde
C'os seios descobertos vir sentar-se
C'um forçado sorrir nos secos lábios
Do abjecto lupanar à porta infame
Desgrenhada mulher.

E então o nojo
Quiçá do peito teu apoderou-se...
Pois essas vis que a perdição enloda
Em charco apodrecido — e a êsse nome
De vendida mulher — de prostituta
Ligaste o nojo e o desprêzo — apenas.

Porém se a meretriz visses tu bela
Como os anjos de Deus e à luz das noites
Em estrelado céu, rósea sorrindo
Qual cravo entre rubins vazando orvalho —
A não amá-la e o coração inteiro
Não vazares-lho aos pés como áureo vaso
De essência preciosa — ao menos n'alma,
Não doera-te uma fibra, e compassiva
Não te caíra aos lábios uma lágrima
Num soluçar quebrado?

IV

Era pois a mulher uma perdida, ¹⁰²⁷
O mancebo um poeta — alma quebrada
Em fráguas do sonhar — que fôra às noites
De gôzo queimador pedir repouso
Para a fronte febril. Amara as orgias
Pois das taças à luz, ao som de cantos
Como as amava o grande-rei de Byron
(O mestre do viver — Sardanapalo —)
Entre flores e beijos e perfumes
— Três cousas em que cifra-se a ventura
Que não de louco sonhador — na terra —
Dormia às vèzes embalado e quèdo
No peito seu o recordar dos sonhos —
Na mente a dúvida e o fel nos lábios.

Chamaram-no talvez pródigo e louco
De orgias vivedor — e perdulário —
Virtuosos do mundo...

Ele era rico —
Nas abertas gavetas às mãos cheias
Tirava o ouro. —
Amigos — não os tinha
Como o Childe de Byron — mas ainda
Desgosto amargo do viver — tão fundo
Não lhe roera o coração — ainda,
Embora êle o calasse, adormecidas
Eram-lhe n'alma, apenas, essas fibras
Que estremecem de amor. —

Se o fel do escárnio
Os desvairados lábios lhe secava, ¹⁰²⁸
Se a ironia passava-lhe contínua
Nas frias expressões — não é que gèlo
Jazesse nêle o coração — nem que êle
Fôsse como Timon de Atenas — êsse
Misanthropo dos bosques —

Não! que viram

Os penhascos do mar quando a desoras
Por escuro luar vagava — o crino
Do silêncio das noites isentando, —
O pálido estrangeiro as faces cheias
De queimadoras lágrimas... e o peito
Quase em soluços a estalar co'a destra
Comprimir arquejando...

E pois que digam
O que quiserem. — Mau ou bom o chamem,
Espírito perdido — arrebatado
Pela imaginação como o Profeta
No carro chamejante — ou mesmo chamem
Alma louca varrida... isso que importa?

V

Era êle rico pois — nascera nobre
Mas como poucos nascem, nobre n'alma
E por velhos brasões d'encoscorados
Pergaminhos que os tempos apagaram.
Porque a pátria deixou, mudando o nome, ¹⁰²⁹
Ninguém soube dizer-mo. — A côr dos olhos
E dos negros cabelos anelados,
A doçura da voz, ríspida às vèzes,
— Poucas é certo — e o nariz delgado
E de talhe aquilino — o abrir dos lábios
— Mil outras cousas que ninguém define.
Dizem-no filho de um ardente clima, ¹⁰³⁰
Quiçá do sol d'Espanha; — bem irmanam
Suas feições co'as das valentes raças
Dos cavalheiros Árabes fundidas
No sangue Visigodo. — Mas de certo
Eu nada afirmarei — e pois ignoto
Do meu poema o nobre herói desenho.

VI

Ergueu-se a linda, a lânguida mulher,
Uma e uma vibrou as cordas áureas
Da harpa melodiosa, e co'a mão breve
As madeixas lançou por sôbre as costas
Que mais alvas ficaram p'lo negrume
Das reluzentes, copiosas ondas. —
.....
Cantou; — da noite adormecidos ecos
Da viração nas asas ressoaram
O harmônico languor dos lábios dela.

VII

Era um cantar de delirante gôzo —
Em deleites uma alma a transbordar-se
P'las sôltas cordas d'harpa estremecida
Num único tremor; eram delícias
De mavioso trovar, às vèzes, lânguido —
Era um som feiticeiro que prendia, ¹⁰³¹
Era de gôzo embevecida, cheia
A vida a palpitar, alma a partir-se
Numa harmonia, numa voz fugindo.

Porém às vèzes férvidas vibravam
Sob os dedos de neve as duras cordas,
E indômito rugir corria livre
Como a brisa do mar nas crêspas vagas —
Ou noroeste que balança as árvores
Em fantástica dança, e voa envolto

Em seu manto de pó zunindo bravo,
 Varrendo da floresta as verdes fôlhas 1032

 Pendeu a face — suspirou — calou-lhe
 No descerrado lábio a voz aérea — 1033
 E a fronte envôlta nos cabelos negros
 Pousou na trave de sua harpa muda.

VIII

Disse-lhe o moço entre um sorrir:
 “Que cisma
 Minha bela? O sóido então gelou-te 1034
 Das cordas no pulsar? que idéia veio
 Tua mente enlevar, roubar, levá-la
 No seu vôo sem fim junto com ela,
 — Como a nuvem no Céu, que enlaça e prende
 Uma outra — e voa, aos desabridos ventos
 Abrindo as largas asas no horizonte? 1035

“Choras! Longa uma lágrima te corre
 No carmesim das faces... Porque choras?
 Lembrou-te acaso o descantar do gôzo
 Algum primeiro — quase findo sonho
 De sacrossanto viso?

“Porque olhas-me assim? porque te oscila
 No veludo dos olhos uma lágrima?

“Porque olhas-me assim? Gemes, suspiras?
 Sonhaste acaso meu amor?”

— “Sonhei-o
 “E sonho foi do coração”.
 — “Esquece-o
 Que foi mentido sonho, idéia louca
 Que negra te pousou na flor dos seios.

“Ouve — corri a vida em longas dores.
 A desoras vaguei nos mares negros
 Da noite à escuridão abrindo as velas
 Do rápido batel — fitei sòzinho
 Da proa solitária o céu e os mares
 E os rochedos de além — nem alga ou lenho,
 Nem afastada luz, nem vulto branco
 Nas rochas e no mar — nem um luzido
 De desmaiada estrêla em céus de tinta!
 Tudo deserto — terra e céu — sombrios
 Como o meu coração, mudez e trevas.

“Não amou-me ninguém! deixaram que
 Mirrasse uma existência em sonhos gasta!
 Não amou-me ninguém! nem veio quem
 As minhas mágoas soluçasse — Basta!

“Muito pranto chorei e cada gôta
 Ao tombar-me no seio endureceu-mo!
 Muito soluço de agonia insone
 Espedaçou-me o peito! — E longa vida,
 Em breve espaço me correu! — bem longa!
 E se os cabelos não branquearam todos
 No ardor febril da fronte — aqui no peito
 Gelou de velho o coração já rôto.

“Não chores — bem o vês — não posso amar-te!

“E andei por êsse mundo a sós co’a mágoa
 A doer-me nos seios como um cancro.
 Descri; — pálido riso desmaiado
 Franziu-me os lábios que estalara a febre.

“Ninguém quisera amar-me — e endurecida
 A alma se me cerrou da vida aos sonhos.

“E aí na vida quantas, quantas vêzes
 Eu não vi esvaecer-se descorada
 Em meus beijos de fogo a imagem rápida
 Dos meus sonhos do céu — e após ao sonho
 À visão doce suceder gelada
 Triste realidade? — que em meus braços
 O anjo tornava-se mulher — e apenas
 A minha Deusa — esvaecida nuvem.

“Descri — como eu te disse — e quando veio
 Uma alma virgem p’ra vazar na minha
 Seus tesouros de amor e de carícias,
 Irmã de meu sentir — desconheci-a,
 Matei-lhe a flor do sonho — e ri-me dela.

“E quantas flores desmaiadas, frias,
 Não caíram-me aos pés, sem côr, nem vida!
 Como rosa que o vento desflorara!
 Quanta alma bela no íntimo do seio
 Anelante e ardente como o estio
 Não gelou meu sorrir? Eu ri-me delas
 Com escárnio de fel — e tristes, pálidas
 Morreram como pombas — como flores
 Que um louco esperdiçou. — E não chorei-as
 Nem choro-as hoje que melhor lhes fôra
 O amor dos serafins... pois eram santas!
 “E pois tu vês, mulher, não posso amar-te!
 O sentimento cândido não posso
 Dar-to, bela — mirrou-mo aqui no peito
 O gélido sarcasmo e o fel do escárnio”.

Tomou-a pela mão — junto com ela
 Caminhou por salões iluminados,
 Tapetados de flores. — Traja roupas
 De arroxeadado 1036 veludo — e quando o manto
 No movimento se lh’entreabre, ao peito
 Sob a cambraia da camisa leve
 No livre respirar, se lêem anseios.

 Rumor confuso nos salões ressoa
 Em brindes de festim, em gargalhadas
 De gargantas de neve e frescos lábios.

Do reposteiro de damasco afasta,
O lavrado matiz de rósea sêda
A mão alva do Conde. — Ele e a moça
Entraram ambos com geral aplauso
Dos corados convivas.

Soam brindes,

Reboam nas abóbadas das salas,
Mil saúdes ao Conde e à bela dama.

.....
Coberta a frente de cheirosa c'roa
De madressilvas e jasmims tecida,
Com a taça na mão e olhar em fogo
Um mancebo se ergueu. Correm-lhe soltos
Sob os perfumes da grinalda airosa
Anéis castanhos refulgindo às luzes
Dos lustres de cristal — a frente larga
De candidez de neve, inda mais bela
Por sob as flores resplendendo erguida —
Tem altivez no olhar, risos nos lábios,
E doce a voz no traduzir idéias.

1

“Deusa da noite, perfumada ninfa,
De estremecido colo e olhos belos,
Salve! formosa de ademã sereno
E na hora dos beijos, dos amôres
E o seio a palpitar em terno enleio
Do vinho no vapor, vague-me em sonhos
Na mente o devaneio!

2

Inteira a vida hei de sagrar-te, ó bela,
Cantos de religião só tu me inspiras!
Que importam côres de arrebois sem nuvens?
Se eu vivo apenas quando tu deliras
E hei de rir e beber cantando à noite. 1037
Quero essa vida perpassá-la em flores!
Quero o alaúde perfumado em rosas.

3

Qu'importa àquele que exalou nas noites
De blasfêmia febril o ardor dos lábios
Vaporoso sonhar, versos insípidos,
De sonhos juvenis mornos ressábios?
E quando a morte me estender gelado,
O sono irei dormir da noite imensa,
E se sonhar — hão de sorrir-me idéias
De gôzo à treva densa.

4

E lá me estendam no torrão do campo
— Mas sem soluços, nem pranteadas dores —
Co'as frescas rosas do festim na frente
Ainda turva ao saibo dos licores!
Na lájea negra que pesar-me ao corpo
Nenhuma letra cravem, ignorada
No seu leito de pedra — minha vida
Durma o sono do nada.

5

Sòmente às vêzes sôbre a fria lousa
Ruidosa passe a delirante orgia!
Se mortos sentem — o rumor dos brindes,
Dos beijos o estalar, louca alegria
Hão de me ao peito despertar lembranças
De vida gasta em risos de mulher!...
E aí que mais que valha uma saudade,
Um suspiro sequer?”

.....
E alegra-se o festim na vozeria
Da infrene bacanal. Alaga os peitos
Estremecida embriaguez suave —
E' mais lânguido o olhar quando licores
A idéia enleiam da mulher formosa.
E' mais tremido o seio quando o aperta
Uma trêmula mão, quando disfarces
O anelo do gozar desfaz em risos.

Vai louca a festa, os cantos se desatam
Cheios de febre, de anelar ardente,
Cheiram mais os perfumes. — São mais belas
Co'as faces vivas, e os cabelos soltos
Cobrindo a neve ao colo, e a rosa ao ombro,
São mais lindas assim com olhos turvos
E lábios anelantes — as belezas.

.....
Soam vozes na rua, cantos roucos
Falam de morte e de agonia extrema.
Fúnebre lividez de tochas plácidas
E confuso murmúrio — e passos lentos
Soando nas calçadas — o cortejo
Negro d'em tórno de um caixão aberto
E dentro branco e frio como mármore
Coberto do sudário, as mãos unidas
Onde o peito bateu — mas hoje é mudo,
As pálpebras grudadas — a figura
Alongada p'la morte — vai deitado
No apêrto do ataúde um corpo d'homem.

.....
Chegaram todos à janela a vê-lo
Com rir blasfemo sôbre os ímpios lábios,
E a todos regelou no louco cérebro
A embriaguez da orgia o saimento
E o medonho clarão que leva à cova
Aquêlo que morreu...

Só um mais louco
Quis reprimir o sentimento fundo —
— “Um entêrro! que admira? nunca vistes
Gelar-se ao homem o calor da vida?
Deixai o morto que se estire longo
Pelo lençol da cal que fria o enlaiva.
Morreu! que importa mais? matéria apenas!
Ei-lo só podridão. Porque gelar-vos,
E os cálices vermelhos sôbre a mesa
Nas horas do festim, deixá-los virgens?
Eia, mancebos, empunhai as taças!
Um brinde, um brinde, a êsse que dormiu
Sono fundo da morte em leito frio!
Um brinde à hora dos torpores úmidos!
À morte! aos mortos!”

AGONIA NO CALVÁRIO.

Vos omnes qui transitis per viam, attendite et videte
si est dolor sicut dolor meus.

JEREMIAS.

I

Escura a tarde e fria — o vento rijo
Correndo pelos ares, ¹⁰³⁸
Pelo céu negro o vendaval ressoa
Uivando nos palmares.
E afogueado listão de luz sangüenta
A bruxulear incerto,
Além pouso nos longes do horizonte
Nos prainos do deserto.
E o livor ¹⁰³⁹ no relâmpago azulado
Lá brilha e morre além
No rápido ondular branqueando os tetos
Da ímpia Jerusalém.

II

Além — um monte desrelvado e êrmo, ¹⁰⁴⁰
Frio como um sudário!
E em tórno cruces, podridão, caveiras,
Sem túmulo — o Calvário!

III

E numa cruz pesada, áspera e dura, ¹⁰⁴⁰
Um corpo frio e pálido!
Sangue negro em suor corre-lhe os membros,
Prantos o rosto esqualido —
E os longos negros crespos ¹⁰⁴¹ — que a poeira
Das ruas polvilhara
D'espinhos — com irônico diadema
A turba coroa!

IV

Junto ao madeiro — e arrosada em prantos
No véu d'ouro das tranças envolvida —
Pálida a rosa que lhe ornava as faces,
Desmaiado o azul do olhar sem vida
Que ardente pranto cega —
Lá está Madalena — a flor impura
Que o sôpro do Senhor tornara santa!
E essa outra de joelhos, quem é ela
Que o rosto oculta sob a negra manta
E o chão de pranto rega?
Silêncio! a mãe de Deus é quem lá chora!
Olhos cansados do prantear alçando,
Ansiosa por ouvir a voz suave
Que em suspiros se corta — ainda orando
Pelo povo infiel!
Oh! santa Virgem! flor que hálito infame
Do mundo não manchou! Santa Maria
Das virgens d'Israel o anjo mais belo!
Porque te afoga assim mar de agonia
A alma cheia de fel?

V

E ela inda lá está, imóvel, triste,
Pálida, em mudos prantos,
Fervem-lhe os olhos solitárias lágrimas
Ao ver que êsses encantos
Do filho amado, lívido, sangrento,
A morte os desbotou!

Oh! qual há coração que dizer possa
Quanto ela chorou?
Oh! qual alma, senão de mãe, entende
Do pranto êsse gemido,
Que lhe queimava os desluzidos lábios
E o suspiro doído
Que o seio lhe estalava em férreas ânsias?
O' doce mãe de Deus!
Perdoa ao ímpio que chorar não pode
Ao ver os prantos teus!

VI

Tôda a noite lá 'stêve — ouviu-os todos
Queimadores suspiros exalados
Dos roxos lábios do divino mártir.
No estranhar de agonizantes ânsias
Ouviu-os todos e a cada um gemido
No imo seio estalava-lhe uma fibra,
E rápida nas faces lhe escorria
Ardente lágrima — e a noite tôda,
Sem o vento sentir que as asas frias
Pairava negras pelo ar toldado,
E a gelada saraiva e os relâmpagos
Com luz de inferno desbotando os muros
Da cidade culpada — a noite tôda
Lá jazeu ao relento — e em tórno dela
O braço do Senhor quebrara as campas,
E os lívidos fantasmas à luz crebra
Do fuzil infernal vagueavam torvos
Nas mortalhas sangrentas embuçados!

E a noite tôda — em lágrimas passara,
Em duras preces a penar em dores
Que em durso morso ¹⁰⁴² descarnavam fibras
Do corpo nu, de regelado sangue!
Que os olhos baços lá da cruz infame
Com descerrada bôca e a fronte pensa
Rasgada pelas pontas dos espinhos
Do zombador diadema do martírio!

VII

E o vento soluçava regemendo
Nas rôtas fôlhas do palmar bravio!
E com prantos de leão em roucas vozes
Carpidor — o trovão bramava negro —
E a terra convulsada estremecia,
E o som dos ventos e o troar das nuvens,
E o convulsar do terremoto ao longe
Eram ao mundo d'agonia um treno
De negro desespêro em frios lábios!

VIII

E Madalena nas madeixas úmidas
Repassadas de pranto, o rosto frio
Envolvia gemendo — e quando os olhos
À cruz erguia, às vêzes, vendo o corpo
Da criatura divina, dêsse outrora
Tão formoso Jesus — cortado e frio
E úmido todo de suor de sangue,
E os olhos frios — já vidrados — fixos
Onde gelaram lágrimas, alçados,
À escuridão do céu, ora baixados
À cidade maldita — Madalena
Gemebunda, em soluços afogada,
Tremia e ardentes olhos lhe queimava
Um pranto de cegar — em nuvem rubra!

IX

E às vèzes o relâmpago das cintas
Do deserto alvejando
No calvo cêrro iluminava as cruces
E as mulheres chorando!
E era medonha a lividez das faces
Na agonia da cruz!
E essas estátuas de mulher, marmóreas,
Branqueadas da luz!

X

Em afogado soluço um ai quebrado
Da aberta bôca do divino mártir
Com a vida fugia!
E a última voz no derradeiro alento
Pelos algozes e descrida gente
Perdão ao Pai pedia...

XI

E lá ficaram elas tôda a noite
No horror das trevas, no gemer dos ventos...

E às vèzes uma gôta despegava-se
De sangue — do cadáver e escorria
Pelo áspero madeiro umedecido,
E as fronte rociava ¹⁰⁴³ em frio orvalho
Dessas duas mulheres lá sòzinhas —.

CANTO II

FEBRE

You are merry, mylord.
Who; I?
Ay, my lord,
Oh your only gig-maker. What
should a man do, but he merry?...

SHAKESPEARE.

CANTO II

I

Hark! the lute.
The lyre, the timbrel, the lascivious twinklings or beeling
instruments, the softening voices of women.

BYRON — *Sardanapalus*.

I

Corre alta a noite. E no auge vai a orgia;
Do mar na escuridão se abisma a lua
A pratear as águas que alumia.
Perfumes, flores, a vertigem sua
Nos salões a espalhar — reina em folia
Lasciva a dança, voluptuosa e nua —
Nos floridos tapêtes se agitando
— Servos na mesa as taças coroando.

Leves roupas que o corpo transparece,
As róseas formas quase a nu mostrando,
Úmidos colos do suor que desce

Por alabastro que olhos vai matando —
Das rêdes d'oiro qual Ceréia messe
As sôltas louras tranças transbordando,
Ou longos crespos negros ¹⁰⁴⁴ no andar leve,
Ondulando nos ombros côr de neve.

Cantos doces de amor que afogam beijos
D'ardentes lábios — e nevados seios
Rociados de suor tremendo ansejos,
Lânguidos olhos transbordando enleios,
Vestês sôltas no ardor d'êbrios desejos,
Abertos lábios a matar receios —
Mulheres e a embriaguez das taças belas
Que não há a escolher a melhor delas.

.....
E após êbrio de vinho e amor num leito
Mole e juncado de macias flores
Jazer com a mais querida — peito a peito
No lábio o lábio dela — as vivas côres
Ver desmaiar-lhe num beijar desfeito,
No seio dela respirar amôres...
Vida, ó mádido sonho, de teus gozos
Quais mais fortes, mais longos, mais formosos?!

II

“Eu amo em luzes sem fim
O deslumbrante festim;
Uma voz a descantar
Por uns lábios de grenalda;
Nas fronte róseas grinalda —
— Cheias taças d'esmeralda
De Johannisberg a brilhar!

“E entre requebros da dança
Quando o peito ofega e cansa
Da valsa ao longe soar,
E o chão lastra-se de flores
Dos beijos entre os ardores
Sorver do vinho os fervores
Do cristal a transbordar!

“E eu amo ter nos meus braços ¹⁰⁴⁵
Em voluptuosos abraços
Uma lânguida mulher!
Beber-lhe os trêmulos beijos,
Vê-la mórbida em ansejos,
Quase morta de desejos,
O colo arfar-lhe e tremer.

“Amo em vertigens da mente
Sentir a mágoa dormente
No imo d'alma arrefecer...
Eu amo a louca alegria, ¹⁰⁴⁶
Danças, cantos e folia,
E num beijo que incbria
Vinho e amor — de amor morrer!”

III

Com a taça na mão e a fronte alçada
D'entusiasmo febril, co'as faces vivas
De báquico rubor cantou um jovem
Essa canção de orgia. — Era formoso
C'os olhos negros cintilando ardentes
Dentre as pálpebras; nos lábios,
Que o fogo dos licores lhe crestara, ¹⁰⁴⁷
Nadava-lhe um sorrir — a fronte pálida
Descoberta, alvejava-lhe sem rugas,

Como o seio de um lago — era formoso
Com o negro bigode a sombrear-lhe
Dos lábios o vermelho!

Atentos, fixos

Pousava os olhos negros no mancebo
Cândida forma de mulher — sorria,
E o descerrado purpurear dos lábios
Mostrava lindas feiticeiras pérolas
De úmido reluzir; — as ondas negras
Dos cabelos prendiam-lhe luzentes
Límpidos fios de diamantes trêmulos,
Brilhando multicores, como estrêlas
Em noite de verão — co'as mãos unidas
Olhava p'ra o mancebo e nuns olhares
Mui lânguidos, a vida parecia
Em gôzo, inteira lhe expirar no peito —
Bem como a sol dourado o seio aberto
Arfar-lhe patenteia em seus languores
Perfumosa e suave a flor sedenta.

I V

Adormeceu-lhe, num cansado beijo
Inda abertos os lábios, no seu peito
Ao mancebo cantor a moça bela. —
E ela era triste; e a lividez firmava
Pesada e quente sôbre a mão — voltara-lhe
A mente e infindo lembrar de agravos. ¹⁰⁴⁸

“O corpo de suicida desalmado!
Quanta alma a transbordar de unção poética
Ansiosa e cheia de um amor, na terra
Não estalou-se com o ar do mundo
Como o férreo vibrar de uma harpa as cordas!

Amizade! onde a viste? foi acaso
No escuro cemitério de joelhos
Sôbre o torrão que abriu a pá de fresco,
A regá-lo de lágrimas?

Mentira!

Do campo frio a relva se umedece
Do orvalho e chuva e do urinar do negro
Tarpí-alo ¹⁰⁴⁹ morcego e dos imundos
Frios reptis que passam lá — e apenas!

Não peças-me êses cantos — que é loucura!
Pede antes ao ciumento um riso terno,
Ao desprezado um descantar alegre,
Aos tigres um trinar, ao rouco abutre
Cevado em corrupção os ais da rôla.”

Calou-se — em tórno emudeceram todos.

V

Olhou-os e sorriu — todo o desprezo
Que um olhar conter pode êle lançou-o
A êses dormidos ébrios parasitas. —

Mais feliz que Timon — não fôra nênia
P'ra crer-lhes no dizer — rira-se dêles
Ao ouvi-los jurar — sentir infindo
Fundíssima afeição de eterna dura...

V I

Fôra-se há muito a lua — mas a noite
O cintilar do céu tornara clara
De límpido fulgor — caído o manto
— Com as dobras na mão saíra-se êle,
O Conde Lopo a passar ao fresco
Do ar livre dos campos.

O silêncio

Se em derredor quebrava o som da aragem
Ou o acordado pássaro fugindo
Nos ramos sussurrantes — ou ao longe
Às vêzes o estridor rouco dos galos
A perturbar o sono ao fiel guarda
Do quedado casal — o cão doméstico.

“No estremecer da orgia fui sentar-me
Vivendo enlevos nos olhares úmidos
E nos tremidos seios de mulheres
Anelantes de gôzo — a ouvir os beijos,
Sorvendo os lábios que o Xerez molhava
Com orvalho rubíneo — os ares cheios
De luz, cantos e odor — o soalho róseo
Das coroas de flores por mãos trêmulas
Sôltas das frentes no ferver do enlace! —
E nada me escaldou por muito a fronte
Rápida — a embriaguez, a idéia funda
Do meu fundo pensar de si varria!

“Não mais! não mais! prostituí meus lábios
Em frios beijos de mulher sem alma.
Cortei eu mesmo o fio da ventura
Que derradeiro ao céu prendia-me inda,
Em lascívias de olhar exalei tôda
Uma ardente poesia d'alma virgem!
Ardor e vida — e sonhos que eu criava
Nos refolhos do peito e uma e uma
Da crença e do amor mirrara as flores!

“Não mais! as luzes trêmulas da festa ¹⁰⁵⁰
Quando envôltas no chão cansadas jazem
Moças e flores — e repletos dormem
De amor e vinho — como cães — os ébrios,
Descorados convivas, negros sonos —
Quando a mesa é deserta e úmida tinge-se
A toalha do festim de nódoas rubras
Dos copos derramados — quando os lustres
À luz da madrugada oscilam pálidos;
Então cansado adormecer se pode,
Meu doente coração. — Quedou-se um pouco
Aqui no fundo d'alma a dor infinda
E êsse ardor, que em suspiros me queimava
Os beijos meus, arrefeceu-me n'alma
Que o vinho embrutecera... E após gelou-se!
Gelou-se! e hoje ao despertar do sono,
Inânime e cansada — as faces pálidas —
E sem um sonho já nas noites d'alma,
Sem já uma esperança perfumada,
Qual um morto me achei!

“Não mais, ¹⁰⁵¹ minh'alma!

Descerremos à vida êsse meu peito
Qual flor à viração — talvez que ainda
Alguma brisa fresca perpassando
Co'as faces cândidas me roce a fronte
E alguma perla que o rocío ¹⁰⁵² nela
Deixasse acaso — aqui me chova n'alma!

“Ainda uma vez! abre-te minh'alma,
Como a silvestre flor do escuro brejo.
Quanta estrêla no céu! à fresca noite
Prateia-se a coroa; o campo é verde;
Desmaiado sorri o azul do empíreo.
Eia! ainda uma vez! do monte as flores
Pesadas pendem c'os serenos frios.
Ao ar da vida entreabre-te, meu peito!
Talvez a ¹⁰⁵³ alguma sílfide passando,
Vestindo névoas, que banhou no lago
As neves do seu corpo donairoso —
Acorde compaixão a chaga tua!
Talvez que num roçar da mão finíssima
A tu'alma se acorde inda à ventura
Teu duvidar se vá!

Abre teus seios

Minh'alma! A noite é pura, — amôres fala,
A aragem fresca — tudo dorme em roda.
— Talvez possas chorar!... E é tão doce
Tépida lágrima verter agora!
Talvez desperte a lágrima no peito
Um sonho melancólico! Inda triste
E' tão doce sonhar!

“Sonhar idéias ¹⁰⁵⁴

Deliradas além! além! meus prantos!
Porque mais chorarei? pudera acaso
Um cadáver se erguer? morreu-me o peito, ¹⁰⁵⁵
Não mais se acordará — e pois que durma
O eterno ressonar aí — e quando
Gelar-me de uma vez o ardor do peito
Que envolto no sudário do sepulcro
Sem sonhos, sem lembranças, nem saudades,
Repouse para sempre!”

Na relva se estendeu no manto envolto
Co'a cabeça a cobrir — talvez o corpo
Pesado lhe dormia...

O pobre moço

Falou, mas desvairou. — Sabeis, que' o vistes
Com a taça nos lábios, ledos brindes
Lhe fizeram sorver em largos tragos
Muito vinho Madeira. — Mas preciso
Dir-vos-ei — êle estava um tanto alegre...
Não direi — que vertigens o levavam
Por idear sombrio; — as beberagens
Lhe geraram na mente muitas larvas...
Estava um tanto bêbado — a palavra
Se é poética não sei — é expressiva
— E tanto basta — sabeis pois — de tonto
(Mas pouco) — apenas lhe vagueava o siso.

SEGUNDA PARTE

CANTOS III e IV

Our life is twofold.

Sonhar! em ilusões a mergulhar-se
Como no verde azul do mar o Eider
Do colo a candidez,
Como nas luzes do coral da tarde
O astro do anoitecer — um'alma inteira
Em doce embriaguez,
E após do aroma embalador dos lírios
Das névoas do luar, das sombras trêmulas
Dos risos de anjo belo —
O estrebuchar da convulsão e o peito
Arfando sob o enlace do demônio
Febril do pesadelo!

INVOCAÇÃO

VARIAÇÕES EM TÔDAS AS CORDAS

I

Alma de fogo, coração de lavas,
Misterioso Bretão de ardentes sonhos
Minha musa serás — poeta altivo
Das brumas de Albion, fronte acendida
Em túrbido ferver! — a ti portanto,
Errante trovador d'alma sombria,
Do meu poema os delirantes versos!

II

Fôste poeta, Byron! a onda uivando
Embalou-te o cismar — e ao som dos ventos
Das selváticas fibras de tua harpa
Exalou-se o rugir entre lamentos!

III

De infrene inspiração a voz ardente
Como o galope do corcel da Ucrânia
Em corrente febril que alaga o peito
A quem não rouba o coração — ao ler-te?
Fôste Ariosto no correr dos versos,
Fôste Dante no canto tenebroso,
Camões no amor e Tasso na doçura,
Fôste poeta, Byron!
Foi-te a imaginação rápida nuvem
Que arrasta o vento no rugir medonho —
Foi-te a alma uma caudal a despenhar-se
Das rochas negras em mugido imenso.
Lêste no seio, ao coração, o inferno,
Como teu Manfred desfraldando à noite
O escurecido véu. — E riste, Byron,
Que do mundo o fingir merece apenas
Negro sarcasmo em lábios de poeta.
Fôste poeta, Byron!

IV

A ti meu canto pois — cantor das mágoas
De profunda agonia! — a ti meus hinos,
Poeta da tormenta — alma dormida
Ao som do uivar das feras do oceano,
Bardo sublime das Britânicas brumas!

1

Foi-te férreo o viver — enigma a todos
 Foi o teu coração!
 Da frente no palor fervente em lavas
 Um gênio ardente e fundo:
 O mundo não te amou e riste dêle
 — Poeta — o que era-te o mundo?
 Fôste, Manfred, sonhar nas serras êrmas
 Entre os tufões da noite —
 E em teu Jungfrau — a mão da realidade
 As ilusões quebrou-te!
 Como um gênio perdido — em rochas negras
 Paraste à beira-mar
 Do escuro céu falando às nuvens, — sôlto
 O negro manto ao ar!

O mar bramiu-te o hino da borrasca
 E em pé — no peito os braços —
 O riso irônico — vinha o azul relâmpago
 T'esclarecer a espaços.
 A frente nua o rorejar da noite
 Frio — te unedecia
 E acima o céu — e além o mar te olhava
 C'os olhos da ardentia!

2

As volúpias da noite descoraram-te
 A frente enfebrecida
 Em vinho e beijos — afogaste em gôzo
 Os teus sonhos da vida.
 E sempre sem amor, vagaste sempre
 Pálido Dom João!
 Sem alma que entendesse a dor que o peito
 Te fizera em volcão!

3

Da absorta mente os sonhos te quebrava
 Do mundo o sussurrar.
 E fôste livre refazer teu peito
 Ao ar livre do mar.
 E quando o barco d'alta noite aos ventos
 Entre as vagas corria
 E d'astro incerto o alvor te prateava
 A palidez sombria,
 Era-te amor o pleitear das águas
 Nos rochedos cavados —
 E amargo te franzia um rir de gôzo
 Os lábios descorados!
 E amaste o vendaval, que as fôlhas trêmulas
 Das florestas varria —
 E o mar — alto a rugir — que a ouvi-lo, a frente
 Altiva se te erguia!
 E amaste negro o céu, — o mar — a noite
 E entre a noite — o trovão.
 Num crânio zombador brindaste aos mortos, 1056
 Cantor da destruição!

4

E um dia as faces desbotou-te a morte
 De alvor, frio e letal —
 Deram-te em prêsa aos vermes — Mas que importa
 Se é teu nome imortal?

Se fôste sobranceiro na peleja
 Como o fôras nos cantos —
 Se o grego litoral e o mar que o banha
 Por ti beberam prantos? —
 Se do levante as virações correndo
 Nos mares orientais
 Deram-te nêrias no sussurro trêmulo,
 Byron, se o nome teu lembra um espírito
 Das glórias decaído,
 E fêz-te o coração os teus poemas
 De coração perdido,
 Se co'a dor de teus hinos simpatizam
 Duma alma os turvos imos
 E o teu sarcasmo queimador consola
 E contigo sorrimos?

5

Vem, pois, poeta amargo da descrença,
 Meu Lara vagabundo —
 E co'a taça na mão e o fel nos lábios
 Zombaremos do mundo!

CANTO III

FLORES DO LUAR

Branças no céu acendem-se as estrêlas,
 Doce a aragem perde-se entre as flores — 1057
 Sonha! canta! e suspira, ó meu poeta!

Aldo (De G. SAND).

PRELÚDIOS

Dreams! dreams! dreams!

W. COWPER.

Eu sonhei tanto amor e tanta glória!
 A minha frente de lauréis cingida
 E uma auréola de luz, sublimes versos, 1058
 Amôres e ventura aqui na vida!

E ela, o anjo do céu que eu sonhei tanto,
 Ela junto de mim sorrindo amôres!
 Aérea ¹⁰⁵⁹ música a soar — balsâmicos
 Os ares de mil flores!

E ela, o anjo do céu que sonhei tanto,
 A contar-me seus sonhos de outra vida —
 Nós dous sòzinhos em viver deserto
 Com alma a tudo mais ensurdecida!

CANTO III

E ela perto de mim, longe do mundo,
Em campinas de flores junto a um lago;
E ela perto de mim, no céu, nos sonhos,
Na vida — em beijo mago!

Que belos sonhos! que de amôres santos! 1060
Que êstases mágicos em que eu vivi!
E êsse amor de visões, de reza e lágrimas
Minha vida de sonhos, — só por ti!

Quanto, quanto te ame! olha-me a face
Queimada pelos prantos que eu verti!
Vê o meu peito que matou-se em sonhos, 1061
Anjo ou mulher! — por ti.

Oh! desce lá do céu, anjo da vida
Só visto em sonhos, só amado em prantos!
E tu serás na terra — aqui — minh'alma,
Em meu penar meus últimos encantos!

E em troca do teu céu dar-te-ei meu peito, 1062
Amor e sonhos de que só vivi!
Poeta — acordarei meus hinos d'alma
Os mais ternos — por ti!

E eu sonhei tanto amor e tanta glória!
Tantas visões de pensativas belas,
E tanto olhar de languidez divina,
E tanto amor de pálidas donzelas!

No azul dos olhos entrevi-te lágrimas,
Da frente na descór sonhei-te dores,
E nos palpites de teu colo d'anjo
Sentir — como das flores...

Oh! descesses do céu que eu fôra vate
Como nem Dante nem Camões sonharam!
Soberba a frente sobranceira erguida
Glórias e nobres louros me ensombraram!

Dos serafins nem os amôres puros
Êsse igualam que n'alma eu acendi,
E amor — sonhos — a vida — a eternidade, 1063
Tudo! tudo por ti!

Oh! desce lá do céu e hei de amar-te,
Ser teu como nem sonha-se na vida!
Com alma e vida inteira e de joelhos
Com a mente de amor endoudecida!

E se é mister que eu morra, diz-m'ó anjo!
E quebro a vida que por ti vivi!
Se é preciso penar venha a tortura,
O inferno — só por ti!

E eu sonhei tanto amor e tanta glória!
Beijos de puros talismãs tão cheios,
Tantos lauréis de menestrel sublime
E a vida exausta num cismar enleios!

Eram sonhos... não mais! — Porém embora!
Sonho é sempre o prazer, sempre mentira!
E pois sonhemos té que estalem tôdas
Fibras do coração, cordas da lira!

I

Balança-se no céu como dormida,
Vertendo chuva de clarões fulgentes,
Pálida a lua no dossel 1064 argênteo
Das lípidas estrêlas — qual na fronte
De formosa rainha cintilante
Furta-côres diadema adamantino!
Véu de noiva, a prender, sôlto a cair-lhe
Em flores de lavor no mago colo.
Canta a brisa no vale enflorescido
E estendida na vaga transparente
Do manso córrego de areias d'ouro
Parece suspirar. —
Ninguém nos campos — tão sômente um vulto
Do lago às margens — num baixel imóvel
Do felpudo gibão na lâ envolto
Bom sono a ressonar.

E em cada fôlha do arrelvado plaino
Da noite na umidade mira a lua
Um pálido fulgor; em cada volta
Do encrespado arroio, em cada ruga,
Do seio manso que estremece a brisa
— Com seus beijos — do lago adormecido
Uma fita de prata se desdobra...
E a água do lago que se move leve
Ao quebrar-se no barco se branqueia
De prateado ferver —
Que noite bela!

II

Eu amo a lua pálida passando
Na fulgência do céu por entre alvares
Qual entre névoas
De assombrado jardim — desliza, envolto
Em roupas níveas, um fantasma à noite!
Alma de virgem, no dizer do povo,
Voltando sempre ao descair das sombras
Cândida e fria com os lábios alvos
Estremecidos num falar mimoso,
As sombras desflorando aérea 1065 e leve.

Eu amo a lua pálida, sòzinha
A s'escoar entre a mudez dos astros
Aqui e ali oculta em véu de névoas
Que o hálito das brisas adelgaçam,
Melancólica sempre — qual sentada
No solitário barbacã 1066 de pedra
Do gótico torreão, loura donzela
Saudades a cismar, ouvindo ao longe
De erradio cantor as trovas sôltas
Que a viração da noite 1067 esvai, confunde,
Co'os suspiros do vale. —

Eu amo a lua pálida nascendo
Ou morrendo no mar, listando as vagas
D'áuri-argênteo clarão — ou entre as fôlhas
Da floresta sombria s'escondendo
Partindo — sem adeus e sem saudade.

Eu amo a lua pálida, alta noite,
Quando tudo é silêncio — e desgarrado
Vago dos campos na mudez, sôzinho,
Ao lânguido palor das luzes dela;
Sentindo o peito se enlevar sorvendo
Os hálitos da aragem que me envolve
Como braços de virgem: — Amo a lua...
Alvíssima passando entre o silêncio
Na fulgência do céu límpido e claro
Semeado d'estrêlas!

III

Além, lá muito além, na cumiada
De um monte que o luar de luzes banha
Alveja um vulto — a face lhe esclarece
A estremecida luz da lua a pino.
No negro dos cabelos lhe reluzem
Pérolas de sereno — a face pálida
À lua pálida se volve absorto
Em profundo cismar!

Que alma de trovador foi lá sentar-se
Nas rochas da montanha êrma e varrida
Pelos caudais do tormentoso inverno,
Na pedra nua onde não brotam verdes?
D'erguida, sobranceira forma altiva
Destacando-se à luz do céu — da lira
Pulsando a fibra mais sublime e agreste
Que alma de trovador?

IV

Passo a passo desceu — no céu os olhos
Entre as cordas do aspérrimo penhasco
Do monte o sonhador — O Conde Lopo.

De cada flor que ao pé se debruçava
Cheirosa e pura a estremecer molhada
Do trilho seu — cortava, e a reunia
Ao ramalhete de selvagens flores
Que guardava no peito. —

E além das sombras

Do arvoredado sombrio branqueava
Nebulosa visão de aéreas ¹⁰⁶⁸ formas
Como visão de cérebro — poeta
Em sonho incerto, imaginado apenas. —
Ela se adiantou — mostrou-a a lua
Cândida aparição de níveos ombros
Que alagam, doiram, ondeadas tranças
Do áureo — sôlto cabelo: tênue e leve
Co'os encruzados braços côr de jaspe
Postos sôbre o ansiar dos seios virgens
Que elevam-se, arfam, só o alvor das roupas
Das estrêlas à luz, no céu da noite
Fitando a lua — junto a um lago argênteo
Imóvel como estátua. —

Viu-a o Conde

E os esvaecidos sonhos lhe adejaram
De romântico amor em tórno à mente
Uns amôres de sílfide mui ternos
Muito cheios do céu, sonhou gozá-los —
Sonhou a aparição um anjo níveo
Que baixara do Éden — num suspiro
Essas vozes soltou —

“Ah! no que cismas,
Serafim do luar? Teus lábios puros
Como o rubor do anêmona ¹⁰⁶⁹ entreaberto

Em manhã de verão, porque descerra-os,
Tristíssimo sorrir, que o alvor enfeita
De teus dentes de pérola? em que cismas?

“Pensas acaso no morrer da lua
Que além se esconde e argenta as fôlhas negras
Dos silvosos cabeços da montanha?
Bem como ela a morrer caindo em leito
De névoas suavíssimas, acaso
Morreu-te n'alma uma ilusão criada
Com teu amor de virgem? algum sonho
Mui querido e sonhado entre sorrisos
E perfumes de flores?

“Em que cismas, ¹⁰⁷⁰

Cândida aparição, pousando imóvel
Da úmida relva na folhagem fria,
Como um tapiz macio os pés mimosos;
Como estátua de jaspe refletida
No azul das águas, que o fulgor semeia
Das estrêlas do céu e dos extremos
Raios de luz da morrediça lua
Co'um tremido luzir de alvor de prata?

“E no que cismas, anjo meu?

A vida

Vês-latôda poesia, danças, flores,
A nuvem do arrebol leva-te em sonhos
No cheiroso regaço adormecida.
Sôzinha à noite pelo céu vagueias
Quando sem nuvens o luar desliza
Com tua harpa na mão. —

Anjos sômente

E a estrêla a cintilar ouvem-te os cantos
Que os lábios te evaporam. — Só as brisas
E os sussurros da vaga te acompanham
E de tardio barco, o remo às vêzes,
A desoras quebrando as águas lisas
Da noite na mudez. — Aos pés te dormem
As cidades que o som do oceano embala.
Em mar de prata negro promontório
Aqui e além, da lua embranquecido.
E tudo dorme — nas folhagens úmidas
Que o orvalho de aljôfares branqueara
As aves sonham... E visão suave
Com tua harpa na mão voas cantando.

“E no que pensas, anjo meu? Se a vida
Pode ser mel aos lábios cá na terra,
A quem mais do ¹⁰⁷¹ que a ti? Aéreas vozes
Falam-te as flores — a linguagem terna
Das aves da soidão é-te uma língua
Que tu entendes só — e cada estrêla
Que te fita do céu fala-te, e n'alma
Decifras-lhe o falar — e os raios úmidos
Do seu virgem luzir c'roam-te a fronte.

“E no que cismas? viste aí na terra
Alguma face pálida embebida
Em amargo pensar que te acordasse
Do amor no seio teu alguma fibra?
Amaste? amas acaso? Oh! então chora!
Oh! muitas, muitas lágrimas te corram
Nas faces descoradas pela mágoa!
No aberto lábio teu, quebrem-se e morram
Tristíssimos suspiros! — Chora! chora!

“Ah! não deixes que amor de impura chama
Com seu febril queimar te mate as rosas
Que luzem-te nas faces! Nunca uns lábios
Num beijo a delirar murchem-te as flores
Alvíssimas da c’roa de candura
Que a mão de Deus te perfumou na fronte!

“Não te deixes amar de amor infame —
Não te deixes amar! Sê anjo sempre!
Virgem e casta em teu sonhar sem mancha!
Guarda-te como a flor aberta n’água
De regato mimoso d’orlas verdes —
Como estrêla no esmalte a luzir trêmula
Do céu d’estio —

Nos teus sonhos, dorme!
Em roxas nuvens d’illusão sorrindo
Olhe-te sempre o teu porvir! Não queiras,
Não te deixes amar, que amor na terra
E’ sonho falso e vão — que amor é como
Áureo sol de verão que estala os vínculos
Da virgindade à flor — abre-a, perfuma-a,
Beija-lhe o seio róseo — e a flor coitada
Adormece em volúpias embebida
Dêsses beijos de amor... e treme, e tôda
Abalam-se-lhe n’alma as tênues fibras!
“E ¹⁰⁷² demora-se após e pende a fronte
Voltada para o chão, murcha-se e morre...
E uma e uma empalecidas ¹⁰⁷³ pétalas
Do regaço lhe caem, como esp’ranças
Fugindo ao infeliz — e ao sol que importa
Que inteira a flor se desfolhasse pálida
Dos seus beijos no ardor?..

“E no que cismas, ¹⁰⁷⁴
Meu anjo d’oiro? porque assim imóvel
Do teu olhar o azul nos céus parado
Com as estrêlas conversar parece?
Sonhar, enlevos, na mudez do campo
Da noite no regaço, porque vieste?
Porque êsse meigo, lânguido suspiro
Dos seios de cristal fugiu-te aos lábios
Perfumoso morrer?
Da noite às nevoas à solidão calada
Cantando arcanos de escondidas mágoas?”

V

A visão não falou — Levou os passos
Para o moço poeta, a mão divina
Na mão dêle depôs — disse baixinho
Aos seus ouvidos murmuradas vozes.
O que foi eu não sei — E foram-se ambos
Do lago à borda do baixel escuro
Ao dormido patrão — êle acordou-se...

LOPO

Solta a barca, patrão! A noite é bela, ¹⁰⁷⁵
Quero me ir deslizar por êsse vidro
Do lago adormecido. — Quanto à paga,
Não trago bôlsa — Êsse colar contudo
Vale dinheiro qual jamais contaste —
Toma-o.

BARQUEIRO

Mas se o colar é tão precioso
— Rica é a pedraria reluzente
Como a Vênus da noite — recebê-lo
Hei eu mêdo, Senhor, porque d’inveja
Não digam que o roubei.

LOPO

O conde Lopo
Dize — foi quem to deu. —

BARQUEIRO

O Conde Lopo!
Êsse mancebo pálido que a vida
Leva alegre em festins, ardendo em noites
O herdado cabedal?

LOPO

Cala-te! E’ êle.

E o barco escorregou por sôbre as águas
Como a gavota branca no mar alto.

VI

Oh! quem dissera o exprimir imenso
Do fixo e mudo olhar, que a êles ambos
Em um enleio só — arrebatava?
Quem na aridez das línguas traduzisse
O quanto devaneio lhes corria
Então na idéia d’ouro da ventura?
Quem definisse o estremecer mimoso
Das mãos da virgem alva nas mãos dêle,
E o condão do sorrir nos lisos lábios
Da nívea criatura pensativa?

Fundira-se-lhe o gêlo da descrença
No peito ao Conde Lopo ao sol dos olhos
Do anjo enternecido — a febre intensa
Que lhe roía o desvairado cérebro
Plácida lhe calmou — no peito exausto
Os pulmões livremente lhe arquejaram!...

Fundira-se-lhe o gêlo da descrença!
Amava — e amar é crer — já não pensava
Nessas fugidas illusões mentidas
Que em chumbo ardente lhe tornaram a alma.
É cria pois e ansioso respirava
Pelos sôfregos lábios o ar da vida —
Pareceu-lhe que a noite era mais bela, ¹⁰⁷⁶
Mais cintilante o céu — mais doce o bafo
Das aragens do ar girando em volta. —
De novo parecia-lhe que a vida
Começava a viver — tudo era gôzo,
Tudo amor junto dela — o ar do lago,
O véu da névoa a repousar nas águas,

O azulejar do empíreo dentre os ramos
Do arvoredado ciciador da margem,
E esse silêncio que de noite estende-se
Pelas várzeas dormentes, só quebrado
Pelo escoar da brisa — em cada fôlha
A murmurar um som de canto aéreo...
Oh! tudo era tão belo! a alma — poeta
Num canto lhe acordou também ness'hora
E as campinas atentas o escutaram.

Qual êle foi não o direi — não podem
Pálidas rimas traduzir enlevos
D'alma divinizada. — Só os anjos
Co'a voz suave no frescor do empíreo
Sabem hinos assim soar nos lábios!

Era um cantar como êsse que nos sonhos
Ressoa às vêzes no arroubado ouvido,
Poetizado em não sabidos metros
Dos homens cá na terra... só os ecos
Do verde Paraíso onde a ventura
Assim lhe deslizou dizer puderam
Quanto era o enfeitigar cheio d'encantos
D'enlevada magia!

Em que mar d'ilusões não divagou-lhe
Em êbrios cantos que exalou sentida
A sua transbordada fantasia!
Que sonhos de poeta d'alta frente,
Envôlta em louros — em visão querida
De ardente poesia

Como as nuvens do céu regadas d'ouro
Lhe não devanearam no delírio?
Em gôzo — aberta a tremular-lhe vida,
Num quebranto a sorrir nos lábios sôfregos
Era alma em flores divagar perdida
Tendo no seio o empíreo!

Oh! que sonhos! que sonhos! que delícias!
Trêmulo o coração a derreter-se
Em quebrantos do céu! tépido o peito
Com a aragem dos sonhos! que harmonias! 1077
Que delícia, meu Deus! d'embevecer-se
A cismá-la, desfeito
Em amor, em desejo, em mil ternuras
O cérebro embalado e delirante!
Que cântico de amor! (anjos que o ouviram
Foram contá-lo ao crisocal 1078 da tarde
De nuvens côr de rosa — e elas sorriram!...)
— Que vida num instante!

Oh! que anjo de asas brancas nessa hora
Que lhe pousasse em frente e não sentisse
Umedecer-lhe o azul dos olhos límpidos
Uma suave lágrima
A ouvir-lhe a melodia — e n'alva frente
Sob véu de palidez lhe não sonhasse
Uma alma arder-lhe em borbotões de gênio,

Ansiando apenas perfumar um seio
De sílfide do céu co'essa fragrância 1079
Que sentia de mais dentro do peito;
Ver um lânguido olhar de fixos olhos
Sob o véu leve dos dourados cílios
Parado sôbre o seu, e co'as mãos postas
Co'os joelhos nos chão amá-la e a ver-lhe
Mil e mil vêzes o candor — à bela
Imagem lá do céu — morrer de anelos!
.....

VII

À sílfide correu nos róseos lábios
Em mágico adejar um riso doce —
E o trovador sentiu todo embeber-se
O fundo peito nesse mel de um riso.

Tomou-lhe a harpa das mãos, os dedos níveos
Sôbre ela deslizou nas cordas d'ouro
E no melódico soar das fibras
E das brisas do ar soltou dos lábios
Um canto como soem alta noite
Em êrmo descampado aonde as árvores
Em cada fôlha acendem um luzeiro
De côr esmeraldina, as fadas louras
Com transparentes roupas — balançando-se
Co'as verdes asas do luar nos raios
Entre o sorrir das feiticieras danças
Que não há a homem vê-las, como soem
Então as fadas descantam alegres
Os seus gorjeios mágicos — durou-lhe
Longo o soído nos floridos lábios.

A água do lago azul calou-se a ouvi-la,
As ramagens das ribas se estenderam,
As alvas nuvens se baixaram leves
E a brisa emudeceu para escutá-la.
.....

E num rapto de gôzo cega a vista
Que lágrimas turvavam — o mancebo
De joelhos a ouvia —
Nem um palpite no elevar do peito,
Nem um arfar ao soluçar dos lábios
Abafado fugia!
.....

VIII

Foi um sonho — não mais — e como um sonho
Súbito esvaeceu-se a forma aérea 1080
Da branca aparição — risos e cantos,
Tudo isso se findou bem como a névoa
Aos clarões da manhã... a bela imagem
A estátua bela do seu lago d'alma
Fugiu-lhe... Foi um sonho, mas qu'importa?
Embora fôsse num mentido gôzo
Se o peito lhe gozou, se inda por pouco
O pulmão respirou-lhe um ar mais puro
Que o da peste da terra — um ar d'influxos
Doces como o do céu?

CANTO IV
FANTASMAGORIAS

Perhaps that skull so horrid to view
Was some fair maid's...
These hollow sockets two bright orbs contained
Where the loves sported and in triumph reigned
Here glow'd the lips; there white as Turian stone
The teeth disposed in beauteous order shone...

MOORE (*of Cornwall*).

How now, Horatio? you tremble, and look pale:
Is not this something more than fantasy?
What think you of it?

Hamlet — Act. I.

CANTO IV

A change came on the spirit of my dream.

BYRON.

Away! Away!

B. MAZEPPA. 1081

I

E o sonho transformou-se-lhe —

Corria

Num rápido corcel ¹⁰⁸² cuja brancura
Reluzia nas trevas, entre a densa
Ecuridão da noite, como fósforo,
Como um fulgir de sêda tremulante.

Dos olhos do corcel ¹⁰⁸² partiam lumes
De vermelho fulgor; as largas ventas
Fumavam ressoando — As longas clinas
Sôltas ao vento, floreadas, trêmulas
Refulgiam nas tenebras, mas pálidas
Como um perfil de morto. — E êle corria
A largo galopar faiscando as pedras
Com centelhas de fogo — e o pó em tórno
Como uma nuvem lhe seguia o rasto,
Trazendo ao fantasiar idéias tórvas
De espíritos dormidos no caminho,
Que o piso férreo do cavalo fôra
Do sono despertar, e como lóbos
Nos gelos da Sarmácia — enfurecidos
Seguem-lhe os passos rápidos — uivando!

II

E o ginete corria sem cansaço
Sem que morno suor do branco pêlo
Gotejasse sequer — mas frio sempre!
Tão frio que o mancebo quando às vêzes
No insano galopar chegava às curvas
P'ra segurar-se nêle — pelos ossos
Sentia gêlo lhe escorrer...

E sempre

O lívido corcel ¹⁰⁸³ por entre as sombras
Saltando os precipícios — como um gamo
A escalar rochedos — como uma ave
Na infinda rapidez cortando os ares

— E como o vento a ultrapassar ligeiro
Montes e vales — como um pétrel n'água
Do Oceano frio a galopar tão rápido
Como no praino dos compridos vales.

III

E a cada volta vinha um companheiro
Com êle emparelhar — d'alvor luzente
E juntos caminhavam em fileira
Em louco disparar saltando os rios,
E fuzilando no passar as rochas
Dos alvos dorsos dos escuros serros.

IV

Era num largo deservado campo —
Perde-se a vista sem lhe achar limites —
Aqui e ali — nos montes — cada píncaro
Tinha um rubro volcão por c'roa régia
A cingir-lhe o cabeçaço — clarão feio
De sangüíneo fulgir treme nos ares
Ofuscador; — e o céu além é negro
De túrbido esfumar. —

Compridas horas

Correram pelo campo entre as foguciras
Que a mão do inferno colocou no tópo
Dos negros serros nus — e a tropa cresce
Dos rápidos corcéis varrendo o espaço
Em infinda fileira. — O olhar não pode
Quantos sejam dizer; que o têrmo perde-se
De cada lado no estridor dos passos
E na alvura das sombras que cavalgam
Os tétricos corcéis. ¹⁰⁸⁴

E sempre e sempre

Como se Deus ou se Satã dissesse-lhes:
“Correi sem mais parar!” — os gigantescos
Lívidos animais voam ao longe
O espaço a devorar co'os largos membros...

Parecia êsse um cavalgar de mortos, ¹⁰⁸⁵
Tanto era o silêncio — Os cavaleiros
Dos pálidos cavalos envolviam
Longos brancos vestidos, que a violência
Da corrida arrastava longe dêles.
Comprido denso véu lhes encobria
(Bem como o lenço que se lança à face
Daquele que morreu e jaz na cova
Antes da cal o vulto embranquecer-lhe)
As formas do semblante, mas o vento
Que as dobras lhe fixava sôbre o rosto
Só descarnados ossos desenhava,
Como saliências de caveira sêca
N'alvura dêsse véu. —

Os cavaleiros

Eram — certo — fantasmas — que um mau cheiro
Como de sepulturas baforava
As ¹⁰⁸⁶ faces do mancebo. —

V

Era num campo

Cujo verdor luzia como as côres —
Do sol transparecendo entre esmeraldas
Saía a luz das côres da campina;
E nem se via o céu — dossel ¹⁰⁸⁷ imenso

De flóreas trepadeiras enlaçadas
 Inteiro o encobria, salvo — às vèzes
 Em alguns intervalos dessa tenda
 De floridos verdumes: — E dentr'essas
 Abertas — se estendia o céu corado
 Com reluzir de fogo em denso esmalte.
 As estrêlas pendiam, fracas, trêmulas,
 E mortas no rubor do céu — ou vivas
 Semelhavam carbúnculos vermelhos —
 Olhos de serpe lá de cima olhando
 O cintilar do vale! —

Ao Conde Lopo
 Pouco medroso embora e cavaleiro
 A montaria desprazia um tanto —
 Ésse correr em animais de gêlo
 Assombrava-o um pouco e mais ainda
 A muda companhia que levava.

O vento frio em frente lhe soprando
 Parecia arrancar-lhe à frente os crespos. 1088
 Mal podia pensar, — o nunca findo
 Disparar dos cavalos lhe tolhia
 A voz nos lábios — e demais quando êle
 Quisesse conversar, ninguém lhe ouvira
 E não lhe respondera — Que os fantasmas
 Imóveis nos selins bem semelhavam
 A não serem de pedra, serem mudos —
 Calou-se êle portanto. Nem por isso
 Em sossêgo maior julgou a mente.

Desabrido voava (que êsse passo
 Nada tinha de andar nem de corrida)
 Sempre o frio corcel! 1089 Quis atirar-se
 Abaixo dêle — e se estender na estrada
 A descansar fadigas — mas a altura
 Do monstruoso animal tornou-lhe árdua
 A arriscada descida. E além disso
 Voltando a face à pálida garupa
 Do maldito demônio viu ao longe,
 À esmeraldina luz e ao fusco brilho
 Do campo que tremia, inda outras filas
 Das vistas no perder seguirem rápidas
 A primeira em que êl'ia. — Era pois árduo
 E arriscado descer — talvez pisassem-no
 As rápidas parelhas que atrás vinham —
 Ou lhe tostasse as fatigadas costas
 A alta relva que em fogo parecia.

VI

Absorto no pensar — A fera infrene,
 Que como o Ucrânio potro de Mazeppa,
 O arrebatava tanto pelos ares
 Aos verdes o arrojou. —

Caiu em terra
 Atordoado — 1090 o moço mal-caído
 Co'a idéia turva a lhe voltar na mente
 Em ébria contradança — qual de inglêses
 No frenesi de um baile, o acanhamento
 Pelo ponche à romana esvaecido,
 Vão as ruivas Myladies requebradas
 Desfeitas em momices. — Tudo em tórno
 Parecia mover-se em roda viva
 Como a volta afinal de longa dança
 Dos gnomos careteiros nas liseiras

De assombrada floresta... E sôbre o peito
 Sentia êle pesarem — como pedras
 Roladas por demônios — os cavalos
 Correndo a galopar — e lhe estrugiam
 As estaladas frias gargalhadas
 Dos cobertos fantasmas cavaleiros
 No ouvido atordoado. —

Longas horas
 Gastou para passar a turba-multa
 Dos cavalos gigantes — Mal volvia-se
 Para um lado o mancebo e vinha um sôlto
 Desenfreado bruto desvairado
 A passar-lhe por cima — Nas vertigens
 Da idéia a intensidade desmaiou-lhe.
 E êle jazeu no chão sem movimento,
 Como um cadáver não, pois lhe era quente
 Ainda o coração, mas como um bêbado
 Estendido na quina enlameada
 De tortuoso beco — bem dormido.

VII

Sentiu êle que as pernas lhe puxavam
 Com um saco p'la bôca — o corpo todo
 Parecia-lhe cobrirem — grãos de chumbo
 Que andassem sobre pés como besouros.
 Abriu os olhos turvos — viu em tórno
 Um batalhão de folgazões espíritos, 1091
 Diabinhos pigmeus d'olhos brilhantes
 Como faíscas de fogueira acesa
 Por noite de S. João — ou qualquer outra.

Ergueu-se maldizendo a noite aziaga
 O atropelado moço e com a capa
 O encarniçado *batalhão-duende*
 Pretendeu afastar, mas vinham sempre
 Trepando-lhe no manto os tais gaiatos.
 Azoado p'los brincões dos galhofeiros
 Atirou-lhes a capa — Uma risada
 Aguda restrugiu de mil formada.

VIII

Era longe — Num campo branqueado
 Da geada da noite era sentado
 Junto a um aberto fôssco, tiritando
 A bater as queixadas pelo frio,
 Que mal resguarda-lhe o lençol roído
 Do manchado sudário — alvo fantasma.

Era bem limpa a noite — o céu enchiam
 Desmaiadas estrêlas de luz baça
 Alvejando por entre a baixa névoa
 Estendida no campo —

E como sôlto no ar desabrigado
 Frio vento hibernal com lábios gélicos
 Que dão beijos de mármore!

Ao mancebo
 Co'os membros pelo frio inteiriçados
 Estremeciam na medula os ossos.
 Sentia as carnes lhe arrepiar o frio
 E um secreto temor. —

A voz do vulto
 Sentado no seu fôssco veio dar-lhe
 Razão a seu terror. —

O FANTASMA

Olá, amigo,
Sentes frio também? Certo é que o vento
Corre bem rijo aí por êsse campo —
E geada vai na terra como orvalho!
Egoísmo foi decerto aqui marcarem
Lugar p'ra cemitério. Melhor fôra
— Não o pensas assim? — darem-nos leitos
Nos muros das Igrejas. — Lá ao menos
Se a cal tem umidez, não sopra o vento
E não roçam na ossada assim gelada
Entumecidos vermes que a frieza
Da noite regelou. Não pensas, dize, ¹⁰⁹²
Meu forasteiro, assim?

E porque vagas
Por alta noite aí correndo os montes?
Tomas acaso o ar da noite fria
Como receita médica?

Na vida —
Na outra que eu vivi — tinha eu riqueza
Bastante p'ra comprar colchões de penas
E felpudas cobertas pelo inverno,
Quando eu vivia no país da pátria.
Mas causava-me tédio o frio e a bruma
E fui terras correr. — Amei, nos mares
Nas noites mornas de verão, na proa
Solitária do barco adormecer-me —
— Aquelas brisas tépidas correndo
No ar se espreguiçando me agradavam.

Vivi na Itália em doce *far niente*
Sempre em braços de amor — lugar que sabes
E' de grato calor. — Como to digo
Amei sempre o calor. — Quer do Oriente
Sentindo a languidez amolecer-me
Os frouxos membros no divã macio
Com a face num colo voluptuoso
De Georgiana de ademãs ardentes.
Era num seio ao pêso resistente
Da cabeça pesada — adormecer-me.
Amei sempre o calor! — No céu da Grécia
O que mais me agradava era essa ardência
Do sol oriental. —

E se não fôssem
Umás velhas que em negras bruxarias
Vêm ¹⁰⁹³ às vèzes vagar por êsses ermos,
De crânios infantis roendo os ossos
De fresco sepultados, — eu de certo
Gelaria de frio entorpecido
Como a água empedernida da montanha.

Hoje vieram elas — mas tão feias
No hediondo sorrir que lhes abria
Os lábios negros amostrando as covas
Das gengivas desertas — eu achei-as...
E demais eram tantos os defuntos, ¹⁰⁹⁴
Alguns ainda com os restos fétidos
Das carnes sôbre os ossos — apinhados
Junto do fogo das medonhas bruxas —
Que preferi gelar — à noite ao frio
E às rajadas do Norte inteiriçado
Do que lá me sentar. —

Olá, mancebo!
Já não me escutas mais? Quando era eu rico
Pudera dar-te hospitalidade quente

Em quarto agasalhado — aqui apenas
Tenho um grabato de tijolos frios
Com cortinas de pedra — se quiseres
Dormir hoje comigo, aceita a oferta”.

I X

Era essa a alma de um valente nauta
Que as névoas da Inglaterra logo ao berço
Saudara como pátria. — Quanto ao nome
Fôra-lhe: Trelawney. — Longas viagens
O levaram com Byron. — E o conviva
Das orgias febris do Lord sombrio
Lá jazia a gelar no cemitério. —

X

O Conde Lopo abotoara ao peito
As roupas que vestia. — O humor sombrio
Que a vida lhe esfriava — o spleen que sempre
Que o tédio o entristecia lhe fizera
Luto sempre trajar. — Vestia negro
Pois o Conde tristonho — Abotoara
— Como eu dizia — o nosso herói ao peito
As roupagens escuras. — Caminhava
E nessa distração que a idéia sempre
Lhe fazia vaguear sem rumo fixo,
Como barco sem leme entregue aos ventos
Com as velas abertas — como a grimpa
Que a inconstante brisa agita, varre
No caprichoso sôpro — já nem pensa —
No fantasma de há pouco e nem no frio
Que lhe estremece os membros. —

X I

Caminhava
O Conde distraído — e em sua marcha
Topou uma parede. — Despertado
Do negro meditar olhou em tórno,
Viu tudo escuridão. — Co'a mão gelada
Os muros apalpou: sentiu-os ásperos
De salientes relevos enredados —
Desviou-se e bateu numa coluna.
Recolhendo-se na mente imaginava
Que entrara sem saber nalgum palácio
— Se era de reis ou templo — não podia
Explicá-lo êle então. —

Souo nas trevas
Nos gemedores sinos meia-noite!
Era pois uma Igreja. — Orientando-se
Pelo correr do muro acompanhou-se.

X I I

Pouco e pouco êle via esclarear-se
Ao longe o fim de um corredor. — Seguindo
A luz que pelas frestas da cerrada
Porta ¹⁰⁹⁵ brilhava pálida — no têrmo
Do longo corredor fôra êle sempre.

Chegou à porta — repeliu-a. Entrando
Os olhos estendeu em tórno. — Lívidos
Sentados num festim viu alvas sombras
De esqueletos co'os crânios embuçados
Na alvura das mortalhas. — A uma frente

Cingia o ouro de real coroa, 1096
A outros um diadema a entrelaçar-se
Nos cabelos roídos, ressecados
A correrem-lhe o tórax demudado
Pelo dente dos vermes. —

Dentre todos

Com mofador sorriso na caveira
Mirrada c'roa de secados louros
Na larga frente a circundar-lhe o crânio,
Nos finos ossos dos escuros braços
O queixo a repousar, sobressaía
Um fantasma de pé — na mão direita
Não tinha a taça — não — tinha-a vazia;
E olhava-os com dó êsses convivas — 1097
Reis per nascença ou pelo gume d'acha
Em combate feroz — que aí sentavam-se
Com o poeta à mesa. —

O Conde Lopo

Olhou-os todos e sorriu. — Estranha
Era de certo a cena, mas à mente
Gasta a volver monótona existência
Agradou-lhe o fantástico banquete.

Tomou na mesa coroada taça
De vermelho licor láuri-ornado
Pensativo fantasma — o Conde Lopo
Nos lábios a sentiu. — Mas era fria
Como os beijos de um morto — e o denso vinho
Deu-lhe no paladar sabor de sangue!

Repeliu. — Caiu no chão de pedra
A taça derramada — um longo grito
No lajedo soou como um soluço
D'agonia final, quando nos lábios
Num último tremor gela-se a vida. —

Um fantasma de cão que adormecera
Da mesa do festim roendo os ossos
Que os convivas lhe davam despertou-se,
E os descarnados ossos das queixadas
No líquido molhou, bebendo sófrego
O vinho dos finados.

O mancebo

Cada vez mais atônito jazia —
Era em verdade pavorosa a cena!
Tão gélidas risadas nunca ouviram
Ouvidos de mortais, nem mesmo quando
Co'um duro rir se deita o pesadelo
No peito do que dorme. —

E êsses olhares

Fuzilando do fundo pardo-escuro
Dessas caveiras nuas, essas vozes
Agudas como o retinir do aço
A zunirem fatais — essa bebida
De sangue rubro em nodoadas páteras —
Tudo isso um calafrio lhe acordava
Pelo gélido suar das carnes úmidas!

XIII

Continuava a conversa dos convivas
E os brindes loucos das geladas vozes.

UM FANTASMA

— “Eia! 1098 meu poeta! nos teus braços hoje
Hei de ébria adormecer! Cavado fundo
Foi-me em jaspe o sepulcro — e lá tiritio.
Vem pois comigo, num abraço unidos,
Menos gelada a solitária pedra
Porventura será — bem ébria e louca
Dos ossos no tremor irá-te a noite.
Lembra-me ainda, muita voz mentida,
Muito suspiro falso, muito beijo
Que hei de te dar co'os descarnados lábios.

Vem, pois, durmamos num amplexo juntos
Formando um corpo só — tôda a lascívia
Que dous cadáveres gozar puderem
No limbo da mortalha, hemos gastá-la
Té esgotar-se a fôrça em nossos peitos.
Que pensas, meu poeta, que sombrio
Nem respondes sequer? —”

.....

Era um fantasma

De macilento crânio enegrecido
Aqui e ali por fios de cabelos. 1099
Tinha na frente a reluzir — embora
O empanasse a podridão na tumba —
Um diadema d'oiro. — O tenebroso
Fantasma pensador que dera ao Conde
A taça rósea de licor sangüíneo
Na caveira um sorrir, ergueu a frente
Enramada de louros ressequidos
E respondeu-lhe em zombeteiro escárnio:

“O que eu pensava? Na verdade a idéia
Que me levava a mente era bem digna
De tu ma perguntares. — Eu dizia
Que tu — outrora barregã — rainha,
Caprichosa mulher de ardentes gozos,
Prostituta, sentaras-te num trono;
E davas como leito aos favoritos
Teus tálamos doirados e macios.

“Hoje te apodreceu a rósea carne
Que os ossos te cobria, e eis-te aí nua
Como nunca te viram teus amantes.
Eis-te aí nua prostituída ao verme
Que só te morde com seus agros beijos
O alvo lugar onde em cetim macio
Dos seios tanta frente repousara
No ébrio tremor de enlouquecido gôzo.

Eis aí pois, rainha, o que eu pensava,
Idéia singular, não o confessas?
Prostituta real o amor lascivo
De um voluptuoso rei alçou-te ao leito
E do tálamo ao trono — hoje, coitada!
Só o verme te quer quando nas covas
Não acha sânie onde perpasse os lábios
E p'ra fome iludir morde-te o fêmur!” 1100

Confusa ressoou em tórno em risos
Ruidosa vozeria dos fantasmas. 1101
Era tanto o estridor que reboava
Nas côncavas abóbadas das salas
Que Lopo nada ouvia...

Voz aguda
Como tigre a uivar cobriu as outras.

“A dança! à dança!”

“A dança, à dança” — todos

Em côro repetiram — longo círculo
Dadas as frias mãos formaram todos
Em tórno ao Conde Lopo — com tal fôrça
Ante êle a voltear — que só lhe ouvia
O confuso tropear rangendo a pedra,
E o frio rir e o retinir dos ossos!

O círculo infernal com fôrça infinda
Corria como em vórtices a tromba
Sôbre as águas do mar sorvendo vagas
— Bebedeiro de nuvens. —

A vertigem

Do Conde se apossou — Também volvia
No geral turbilhão

..... As coloridas
Vidraças multicores reluziam

Com luz escassa, como sói em horas
Em que a aurora vai sair nos montes.

E como trevas que dissipa o brilho
Do avermelhado facho — ou como um bando
De negros corvos que o ruído acorda
Na escuridão do campo e as longas asas
Abrindo com estridor em tórva nuvem
Vai desfazer-se no azul celeste —
A êsse raio primeiro os esqueletos
Sem um leve falar se dissiparam. —

E ouviu-se em tórno o estrondar das lajes
Caindo sôbre as entreabertas bôcas
Dos fétidos sepulcros. —

Era um sonho

Como o outro já fôra — sôbre as relvas
Da úmida campina onde dormia
O poeta a sonhar — êle voltou-se
Inda ansiado do passado pêso.

Com o abalo de mão mimosa e nívea
Que como a luz que as tenebras espanca —
Como anjo de fulgor clareando sombras,
Lhe vinha dissipar o ansiado sono
E o abafado respirar pesado
Do toldado vapor do pesadelo...

TERCEIRA PARTE

CANTOS V, VI, VII e VIII

And thou fresh breaking Day, and you, ye Mountains,
Why are ye beautiful? I cannot love ye!

BYRON — *Manfred*.

CANTO V

NO MAR

And now Childe Harold was sore sick at heart,
And from his fellow bacchanals would flee; 1102

.....
.....
And from his native land resolved to go,
And visit scorching climes beyond the sea;
With pleasure drugg'd, he almost long'd for woe,
And e'en for change of scene would seek the shades below.

Childe Harold, I — VI.

CANTO V

.....
But I, who am of lighter mood,
Will laugh to flee away.

(*Childe Harold*).

I

Além se azulam no matiz fundidas
Da luz crepuscular as serras últimas
Da terra que se perde no Oceano.

Co'as velas brancas pelo vento cheias
Das águas no embater garrido joga
Um leve brigue a esvoaçar ligeiro
Como uma ave do mar. —

Entre o sussurro

Do rápido batel, na vozeria
Dos marinheiros desfraldando as velas,
Na stirpe sêca de enfesado arbusto
Brotado no alcantil ao ar das águas
Repousando do vôo — ou como a nuvem
Que do alto mar se vê a deslizar-se
Branca de neve no horizonte imenso,
Entre o sussurro pois e a vozeria
Do rápido batel, co'a mão na face
Os viajantes, com molhados olhos
Cheios de prantos se alongavam inda
Nesse listão azul que o leme às vezes

Do barco no jogar, galgando vagas
 No céu fulgente do arrebol da tarde
 Mal distinto se via. — Outros mais fracos
 Entre as vertigens do pesado enjôo
 Na amurada do brigue se arrimavam
 Com os olhos no mar (longe contudo
 De poético idear que lhe inspirasse
 O verde mar dourado pela tarde
 Entre vagas d'escuma enfurecido
 Atirando-se às costas, negras, longas,
 Do brigue voador) — co'a face pálida
 Em gélido suor banhada tôda
 Lançando *carga ao mar*, como zombando
 Dizem homens de barco.

II

E lá na proa,
 Com um braço no peito e as duras cordas
 A prender-se com o outro, um vulto imóvel
 Volta às vêzes para o lado aonde
 Desparecera a terra — mas sem lágrimas,
 Sem gemido sequer que lhe tremesse
 Do lábio a superfície. — O jogar louco
 Do batel a bom vento discorrendo, ¹¹⁰³
 Cortando um sulco de fervente escuma
 Com a pontuda proa — o embalava.

E êle sorria quando ouvia em tórno
 Abalado do choque algum novato
 Agarrando-se a um cabo ir estender-se
 Nas pranchas do convés — por entre o estrondo
 De objetos que rolavam de mistura
 Co'os mal caídos de tonteados passos.

III

E cada vez que no jogar do brigue
 A proa se elevava — a frente altiva
 Alegre se lhe erguia purpurada
 P'los adeuses do sol —
 Imóvel, mudo,
 Movia os lábios como se quisesse
 Abri-los p'ra falar. — A mente dêle
 Embebida no doce dessas horas
 Em que a meio no mar esconde rubra
 A ardente face o sol — lhe ia bem longe
 Do navio e do mar — pensava e um canto
 Gerado n'alma lhe tremia aos lábios.

A ouvir-lhe o rebramir e os uivos soltos
 Como um tropel de monstruosas feras
 A erguer-se espumando, bramidoras
 Do fuzilar com afogueadas côres —
 Os cabeços envoltos. —

Nos cantos de leão do mar bravio
 Sulcado pelo raio em listas rubras —
 Rasgando o seio ao tresloucar dos ventos;
 — No abafador bafejo da tormenta
 Ao livor dos relâmpagos — sem junto
 Ter um peito de fraco a desfazer-se
 Em estúpidas lágrimas — que doce
 Que me fôra morrer!

Sem ¹¹⁰⁴ letras — embora — que tûmulo imenso
 O meu não seria no bôjo do mar!
 Que fúnebres cantos nas vascas da morte
 Ouviria gigantes da vaga no uivar!

IV

Descera a noite tenebrosa e fria
 Sôbre o navio a navegar entregue
 Ao hálito dos ventos, embalado
 Nos embates do mar — atrás deixando
 De prateada escuma lista branca
 De luzente ardentia.

E sôbre cabos encostado ao mastro,
 Nas dobras negras de amplo manto envolto,
 Ressonava o sombrio viajante
 Que víramos cismando ali sòzinho
 Ao embuçar-se o sol em sombras negras
 Na escuridão do mar.

Do leitor certo o atilado senso
 Adivinhou ¹¹⁰⁵ quem era o pensativo —
 Sagaz embora não lhe pode a mente
 Seguir a adivinhação. — Direi portanto
 Breve como até aí — o que embarcara
 Longe do lar o Conde. —

V

Vimos como no braço adormecera
 Do Conde, no festim, a moça bela,
 Com as cerradas cristalinas pálpebras
 Imagens leves a lembrar de arcanjos
 Dormidos sôbre nuvens. — O mancebo
 Ao livrar dos lânguidos abraços
 Da fada adormecida, lhe pousara
 A face sôbre a mesa, sôbre a sêda
 De uma almofada do divã da sala.
 Deixara-a êle assim — A alma descrida
 Pensou-lhe que o dormir à moça fôra
 Tão macio — talvez mais inda — posta
 Sôbre um coxim que sôbre o peito dêle. —
 Demais — vira-a libar por tantas vêzes
 Em brinde a êle o cálice purpúreo
 De vívidos licores, cheio a ponto
 De derramar-se em coralinos fios,
 Que lhe supunha bem profundo o sono.

VI

Nos candelabros, nos cristais dos lustres,
 Esmoreciam pálidas as luzes
 E em tórno jazem todos sepultados
 Em pesado letargo. — Quem nas mesas,
 Quem nos moles tapêtes do soalho,
 Quem do terraço nos marmóreos bancos,
 Dormiam todos pois. — E além os ares
 Co'ô dia clareavam, às montanhas
 Purpuream-se os verdes, nas campinas
 Das urzes no ervaçal, nas verdes balsas
 Rosicler da manhã tinge de rosas.

E lá nas sombras que a alvorada açouta
Inda uma estrêla brilha, uma sòmente
Como na despedida o lindo bando
De donzelas se aparta, e uma inda fica
Com olhos úmidos fitando o que ela
Tão bem querera...

A estrêla d'alva ainda

Por um pouco brilhou no descorado
Azul do céu da noite, ei-la branqueia,
Perde os luzidos mil, e pouco e pouco
— Como donzela a que desmaiam côres
No rosto frio, e a vida se evapora
Dentre uns gelados desc'loridos lábios —
Apaga-se no céu — e entre a alegria
Dos cantos da manhã, doida n'alma
Se esvai no azul celeste.

Clareia-se o salão — é dia — a brisa
Frescumes coa nas tremidas sêdas
Do ondante reposteiro — E ainda em tórno
Dormem turvo rressonar ruidoso.
Tudo — oh! não! lá despertou co'o brilho
Da matutina luz a nossa bela.
Acorda e seu primeiro olhar procura
O olhar do Conde. — Não o viu — Ergueu-se
Com a tristeza n'alma e o peito cheio
De atro temor — pressentimento quase.

Ergueu-se — um por um corre êsses rostos
De ébrios — dormidos — pálidos convivas,
E todos perpassou co'a face pasma. —

E saiu pelos campos — O costume
Sabia-o ela do sombrio moço,
D'ir-se às noites pedir repouso à febre
Sob orvalhos do céu. — E solitária
Disséreis essa pálida donzela
De romântica dor que o vate lísió 1106
Sonhou ensandecida pela mágoa.
Nas negras tranças que soltara o vento
E o roçar das ramagens — uma rosa
De fria candidez inda a sorrir-lhe,
Mas morta e fria como o rir que a ela
Gélido sôbre os lábios se pousara.
E o cetim que guardava-lhe as mimosas
Plantas — dos seixos da áspera vereda
Rotos nos espinhais se destingia
Das alvuras de neve pelo sangue
Dos mal feridos pés em róseo orvalho
Que regelava a umidez da ervagem.

La pálida e cândida — e absorta
Num profundo idear — não lhe doíam
As ramas que o alvo colo lhe batiam
No rápido correr! — Pálida e cândida
Com os seios a arquejar e os olhos fitos
De desmaiado cinto — azul envoltos
Que mais tristonha e pálida a tornava,
C'os cabelos soltos pelos ombros
Cândido serafim assemelhava,
Anjo inocente que o embaciar do sôpro
Não pôde d'homens empanar ainda
No vítreo coração — e o peito cheio
De afogadoras mágoas vai correndo
Em aflito tristor.

Depois de muito desvairar-se à toa
Pelos molhados ervaçais viu ela
Um manto negro sôbre o chão lançado.
Chegou-lhe ao perto — p'ra tomá-lo e vê-lo
Se era acaso o do Conde. — Levantou-o
E viu ansiado a revolver-se em sonhos
Qual sob um pêso abafador aquêlo
Que tanto tempo embalde procurara...

VII

O dia se passou e o dia inteiro
Doiram-se as mesas no ansiar do jôgo:
Soa o tinir das moedas, pressurosos
Jogam mancebos com olhar ardente
E face avermelhada. — Só o Conde
Pálido e frio permanece à mesa
Ou ganhe ou perca — em turbilhão luzente
Os montes d'ouro chame a si do centro
Ou a bôlsa esvazie sôbre o verde
Da alcatifa da mesa, nem um riso
D'ansioso prazer lhe acende os olhos,
Nem um ranger dentre cerrados dentes
De invejoso sofrer a confranger-lhe
A fronte pálida com fundos sulcos;
Ou propícia ou avêssa lhe sorria
Amôres ou escárnios a fortuna. —
Homem que já no amor jogou as ditas
Mores do coração; que entre os rugidos
Do mar nunca tremeu, e pouco à vida
Dá de amor e esperança, que lhe importam
Luzidos de metal, se falsos gozos
Que êle lhe faz nascer nem lhe adormentam
Cancros do coração?

E pois a perda
Nem os lucros lhe davam mais abalo
Que o embater das vagas ao penhasco
Que o tempo enegreceu...

Pálido e frio
Seguia o Conde com atentos olhos
A ressaca do jôgo, sem anelos. —
E quando a noite veio e as mesas verdes
Se esclareceram co'o luzir dos lustres
Perdera o Conde uma fortuna imensa,
À vista parte — e parte sob palavra.

“Último lance”? — disse — “os meus palácios
Contra isso tudo que eu perdi — quereis-lo”?

Hesitaram parceiros, tão de louco
A aposta parecia — e o Conde Lopo
Ouviu um arquejar, e uma lágrima
Quente cair-lhe sôbre a mão.

Voltou-se. 1107

Era a pálida Inês, a pobre moça
Dos amôres da noite — o primoroso
Anjo da orgia, criatura bela
Que o dia inteiro o delirar do jôgo
E o abismar-se da fortuna inteira
Do Conde Lopo vira, embranquecida
A púrpura da face, o olhar parado
E descorados os abertos lábios. —

“Conde! por Deus, por nosso amor, se acaso
À coitada da Inês guardaste n'alma
Um resquício de amor, não precipites
Tua fortuna assim! — Conde, não jôgues
Este lance terrível! —”

— “Inês, cala-te.

Se ganhar, ganharei o que hei perdido
E como dantes ficarei. — Perdendo, 1108
Já que tanto existi em luxo imerso,
Irei também exp'imentar o gôsto
Do pão d'ázimo

Tudo perdeu êle

Voltou-se e viu Inês, banhada em prantos,
Co'os joelhos de neve em chão de terra
Com os olhos em lágrimas. —

“Que queres?

Inês, tu sabes, eu tornei-me pobre:
O Conde Lopo já morreu — eu hoje
Sou um pobre vivente sem amigos,
Sem travesseiro ao menos para a frente,
Que não as lajes de enlameadas ruas.
Tu és formosa, Inês, talvez encontres
Algum rico fidalgo que te queira. —
Podes ser venturosa ainda... Choras?
Tu bem sabes, Inês, fôra egoísmo
Do desgraçado associar-te à sina
Árida e êrma da miséria sua.” 1109

INÊS

Ah! Conde, Conde! que tão mal me entendes!
Escuta-me, eu te amei! Sob êsse gêlo
De tu'alma de fel eu te sonhava
Uma flor virgem que ninguém soubera
Com desvelados 1110 mimos perfumosa
Em beijos entreabrir. — Conde, eu amei-te —
E a ti só nesta vida... Que me importam
Prazeres de riqueza, luxo e sêdas,
Se eu te sonhar em horas, alta noite,
Co'as fauces ressequidas pela fome?
Que importa a vida delirada, tépida
Para mim, se eu pensar-te entregue ao frio
No marco do caminho...

CONDE

Minha sina
E' um mistério — como o mar — profundo;
Fôra de loucos intentar erguer-lhe
O véu que ma sombreia. — Inês, és bela,
Sorri-te ainda gôzo aqui na vida.

À vida errante que me resta agora
Não te venhas unir — talvez que ainda
Tua resolução fraqueie exausta
E arrependas-te então... Quando me viste
P'la primeira vez, ao ver-me sôbre a face
Êsse frio palor, nunca pensaste
Que não de orgias, mas de causa interna
Me vinha essa descór? quando dormias
Junto de mim, junto a meu peito, nunca
Me ouviste em sonhos com a voz tremenda
Gemedora a queixar-se? então na mente
Não te lembraste que um mistério havia
Incógnito segrêdo, negro e fundo
Como o despenhadeiro dos abismos
Onde — de longe — rugidora soa,
Ao som d'água na pedra, a voz da fera?

A minha vida, Inês, é um mistério!
Ai de ti se pudesses decifrar-lhe
Uma sombra sequer — que então fugiras
Dos braços meus, espavorida e fria.

Queres ligar a tua sina à minha?
Pobre pomba que anseia amor das águias!
Gazela meiga que os afetos pede
Da onça dos juncais! —

Continuou o Conde
Como antes seu andar. Pálida, atônita,
Caída nos joelhos ela ainda
Por muito tempo lhe seguiu co'a vista
Os passos sempre iguais. —

E parecia
Uma estátua de pedra que se erguesse
De sôbre um túmulo. — No andar pausado
Idéia negra lhe turvava os sonhos;
E caminhava sempre, a fronte pálida
Num véu sombrio de pensar envôlta
Com esgares no olhar.

Talvez, quem sabe?
Lembrança rubra de passado crime
Com sangrento zombar lhe ria amarga
Sarcástica no peito. — O Conde Lopo
Ninguém o conhecia — era um mistério
Sua passada vida — negro abismo
O seu imaginar — ninguém pudera
Obter-lhe história dos transatos anos.
A frieza do olhar ninguém lha vira
Escaldar uma lágrima fervendo
A tombar-lhe nas faces. — Não, que ao moço
Como ao Childe de Byron a altiveza
Lha gelara nas pálpebras...

Dos lábios
Sòmente às vêzes quando o vinho a fronte
Lhe enturvava de sono — e êle dormia
Co'a taça inda na mão — no pesadelo
Um gemido saía-lhe quebrado
Das cavernas do seio — mal ouvido
Nome soava que o arquejar cobria —
Do fundo ressonar. — A vida dêle
Era um mistério negro — um mar sem fundo
E assim o seu pensar em que abismado
A alma lhe escurecia...

VIII

Vai escura

Gaindo úmida a noite; o céu se alastra
De nuvens negras aqui e ali abertas,
No seu escassear mostrando brilhos
De perdidas estrêlas. — Sopra o vento,
E rápidas as nuvens vão correndo
Em escura cadeia; o mar na praia
Soluça e quebra-se como um gemido.

Que triste que é ouvir correr os ventos
Na escuridão dos palmeirais da serra!
Que triste que é o arfar das rôtas vagas
Nos abrolhos da costa em noite negra!
E o céu, sem um fulgor de estrêla amiga,
A terra sem um som que não as vozes
Dos ventos e do mar entre silêncio
Que apenas turba o acariciar da onça
Aos famulentos filhos na floresta.....

Soam as pedras do caminho escuro
Ao veloz galopar faiscando os seixos
Os passos de um ginete. — Ei-lo que estaca
Açaimado do frio, junto à praia.
Copiosa espuma de mar lhe alveja
A reluzente escuridão do pêlo;
Respira ardente, porém não cansado —
As clinas longas sacudindo ansioso
Ao vento que do mar se eleva fresco.

Embuçado no manto, apeou-se dêle
Um vulto negro. — Com as rédeas sôltas
O cavalo deixou — que espera imóvel;
Que o filho dos desertos não precisa,
Generoso, como é, de mais que a ordem
Do nobre cavaleiro. —

Encaminhou-se

O vulto a um alcantil. — Ei-lo parado
Com os braços no peito e o manto sôlto,
Aos caprichos do vento tremulando.

Ei-la alveja no céu a flor das noites,
Magnólia alva que abriu — a argêntea lua
Dentre o manto das nuvens olha cândida
Para a terra dormida ao som dos mares.
E' negro o mais do céu — correndo feias
As sombras o escurecem — outras vêzes
Luz-lhes em meio aparecendo nívea
Em breve fundo azul, como uma pérola
No cobalto vivo do mar.

Co'os olhos nela

Vê-la a fulgir e se afundar em trevas
O vulto imóvel do penhasco negro.
Ruge-lhe em baixo o mar, quebrado, altivo,
Em férvidas espumas, saraivando-lhe
Do amargo chuveisquero as roupas negras.

A luz da lua que sorriu suave
Limpa de nuvens no azular do empíreo
Vê-se belo o mancebo ali da praia.
Louros lhe correm pela roupa escura
Anelados cabelos, transbordados
Do espêso gorro de veludo negro;
Tinge-lhe a face palidez — gelada
Como o sorrir dos entreabertos lábios.

Ao ver-lhe o fino das feições mimosas
Disséreis uma virgem — dessas alvas
Visões aéreas ¹¹¹¹ que transluzem breves
No delírio dos sonhos — era belo
O pálido mancebo. — Qual pudera
Coração da donzela não render-se
Dos seus olhos de azul às côres lânguidas,
Qual não sonhara em devaneios doces
Roçar-lhe a rosa dos purpúreos lábios,
Sequer em leve beijo? Idéia era essa
Que de vencida levaria a todos
A não deixar de crê-la... E êle contudo
Tinha nas faces lágrimas de fogo!
Arquejava-lhe o peito... e agros gemidos
Da dor no soluçar vinham quebrar-se
Nos lábios que febris lhe estremeciam!

Não falava porém. Dores há fundas
Que a voz embargam no exprimir dos lábios!
Um nome apenas de mulher às vêzes
Nos lábios murmurado lhe passava.

Como levado por idéia firme
O rosto serenou — as quentes lágrimas
Não lhe correram mais p'las brancas faces.
Sòmente um riso lhe franzia frio
De sombrio pesar a flor dos lábios,
Negro como o sorrir do desespêro.

Lançou por terra o manto e o gorro escuro —
Voltou ao seu corcel, ¹¹¹² convulso os braços
Ao pescoço apertou-lhe e pranto os olhos
Umedeceu-lhe uma vez mais. —

“Coitado! ¹¹¹³

Meu amigo foi êle — aqui na terra
Foi-me êle só — ninguém, ninguém amou-me, ¹¹¹⁴
Pois ela! ela... a quem eu... Além lembranças
De mentida esperança, doudos sonhos
De traidora ilusão!... Pudera amá-la!
Havia erguer-lhe um santo altar no peito!
Que amôres que eu lhe dera!...

Prantos, prantos,

Além!... não quero mais chorar! secai-vos! ¹¹¹⁵
E porque chorarei?...”

Que idéias negras

Volvi no idear não sei dizê-lo.
Não falou mais...

Encaminhou-se às rochas

Erguidas beira-mar, galgou de tôdas
A que mais sobranceira negrejava
Coroadas de cardos e anãs plantas.

A lua esclareceu-se, um vulto negro
Do rochedo caiu. — Soou nas vagas
O ruidoso fragor de rude pêso
Batendo n'água — e azul o mar fechou-se
Sôbre o corpo do moço como a pedra
Que cobre ao fôssô o abafado leito.....

Ouviu-se n'água um ciciar bem como
O do nadar de monstruoso peixe —
E após um corpo negro deslizou-se
Sulcando as vagas. —
Era uma canoa —
Ouvira o homem que a regia estrondo
Dêsse tombar no mar — rápido o barco
A êsse lugar chegou. — Viu debater-se
Em convulsa agonia de afogado
O suicida desperto à voz do instinto
Ansiando viver. — Lançou-se às águas. —
Breve reapareceu nadando, prêso
Pelos cabelos louros desmaiado
O formoso mancebo. — Nesse tempo
Levado p'la ressaca o barco dêle
Na areia encalhava, e êle sentia
Lhe enfraquecerem já os lassos membros
No porfiado lutar com o Oceano
Para salvar-lhe a prêsa. — Último esforço
Do afouto nadador levou-os ambos
À praia — um vivo — e um gelado corpo.

CANTO VI

..... "In faith t'was strange, t'was passing strange;
"T'was pitiful, t'was wondrous pitiful..

SHAKESPEARE.

Mulher, mulher, que és tu? mentira ou sonho,
Uma palavra, fugidia sombra,
Criaram-te poetas, teu fantasma
Dorme no céu talvez — Pensei-o às vèzes
Em minhas nuvens a correr em sonhos!
Doudo que eu fui de assim baixar-me à terra
Para a visão do imaginar buscá-la.

Aldo (De GEORGE SAND.

Trad. do A.).

PRELÚDIOS

Amôres e glórias!... sonhei-vos! e quanto!
Que digam as nuvens do frouxo luar
As vèzes que viram-me em cismas de — pranto
As faces molhar!

Que sonhos! que sonhos! que eu tive acordado!
Que olhares — que beijos, que vôos ao céu!
Que ansiados apertos de um seio nevado
Batendo no meu!

Que sonhos! que ansios! que luz no porvir!
Que flores na vida! que aéreas ¹¹¹⁶ visões!
Que lábios abertos, em flor, num sorrir!
Meu Deus! que ilusões!

Que tanto perfume que mal me cabia
Nos vasos do seio! que virgens amôres,
Que sonhos fulgentes de terna poesia,
Que céu! que ar! que flores!

E essa alma de sonhos tão ébria — tão cheia.
Na terra não quis amar-ma — ninguém!
Os peitos que amei, achei-os de areia
— Que pulso não tem!

E pois a alma crente dos cantos de amor
Gelou para o mundo, e riu, e descreu!
Sômente uma lágrima da face a descor
Quente — umedeceu!

Porém uma só! mais! e paguei
Os risos com risos e o gêlo com fel.
Dos elos do mundo co'as plantas quebrei
O último anel.

E hoje é meu sonho na sombra habitar
Dos montes silvosos. — Ouvir — só o vento
Das aves da selva o agudo lamento
Das feras o uivar...

E ver só o céu — azul dentre o verde
Das densas folhagens — sem nódoa, sem véu, ¹¹¹⁷
E o mar reluzente que ao longe se perde
Nas sêdas do céu!

Viver lá sòzinho co'os ventos e as flores
Sem ver cá da terra um falso sorrir,
E à noite, ao luar, nos moles verdores
Das gramas dormir. ¹¹¹⁸

Serei solitário na selva esquecido
Dos falsos do mundo entre aves e feras
A ouvir dentre as fôlhas o surdo rugido
Das ruivas panteras.

I

Era silvestre rosa friazinha
E pálida — e gelada, ¹¹¹⁹
Pendida a refletir na flor das águas
A face desmaiada!

Em triste palidez esmorecida
No campo êrmo e sòzinha, ¹¹¹⁹
Exausta de viver, já sem aroma, ¹¹¹⁹
Sem amôres que tinha.

A falar-nos do céu, e em morte doce
Lá d'alma angustiada
E branca tôda, e aberta ao frio e ao vento
De noite de geadas.

Absorta em seu sofrer, trêmula à brisa
Que o seio lhe gelara
E mudo o vale que um nevoeiro frio
Como um lençol branqueara —

Parecendo exalar a fraca vida
Em gêmido cansado;
De uma descor letal, mas tão suave
Que eu a vi ajoelhado. ¹¹²⁰

E nela era uma pér'la de sereno
 Docemente tremida,
 — Doído pranto de saudade amarga
 Em face enfebrecida!

E era qual virgem morta em fins de um baile
 Cândido o lábio frio
 Alegre inda a sorrir — que o anjo pálido
 P'la manhã extinguiu!

Vestindo branco, n'alva fronte rosas,
 No seio inda uma flor
 Que da valsa ao findar sentiu a face
 Esfriar-lhe o palor.

E era qual astro que antes de sumir-se
 Trás do véu da nebrina
 Ou afogar-se em luz nascendo a Aurora
 Em onda purpurina

Ainda verte empalecido raio ¹¹²¹
 De tão suave encanto,
 E êle tão triste que parece — ao vê-lo
 Umedecido em pranto.

E era qual andorinha amortecendo-se
 De saudades e amôres, ¹¹²²
 Muda e silenciosa imersa em mágoas,
 Em um mar de amargores.

Era uma rosa desluzida e pálida,
 Tão alvazinha e fria,
 De um languor tão aéreo — tão suave,
 Se chorar parecia

A pensar em morrer chorando a vida,
 Que tão mísera a fêz,
 Com a face no chão, n'alma a tristeza
 — De morta palidez —

Que eu senti de meus olhos escoar-se ¹¹²¹
 Uma lágrima ao vê-la;
 Ante ela m'ajoelhei, amei-a em prantos
 E em prantos sonhei nela. —

No outro dia eu voltei. Era êrma a planta
 E mirrada e sem côr, desfeita a rosa,
 — O vento a desfolhara.
 E ao vê-la assim — chorei lágrimas longas —
 Todo um porvir de amôres e esperanças
 A sós m'abandonava!

II

Além a alegoria! era uma moça
 Linda embora — perdida em gôzo infame,
 Um anjo que cortou as asas brancas
 E atirou-as ao mar.

Foi uma flor que prostituiu seu brilho,
 Que da brisa enjeitou amôres puros
 P'lo beijar ébrio da noturna orgia
 No chão do lupanar.

III

Amei-a! e muito! — Disse-lhe perfumes
 Que no santuário d'alma eu lhe queimara; ¹¹²³
 Contei-lhe sonhos. — Coração e vida
 Dera tudo por ela;

Rojei-me aos joelhos seus, falei-lhe em prantos
 Com o peito a soluçar e a voz cortada
 E riu deitando-me inclemente olhar!
 Nem lamentou-me a bela!

E a rosa que aos meus tímidos amôres
 Do coração aos desvelados ¹¹²⁴ mimos
 De extremoso querer negara — a virgem
 Deu-a que não a amor.

Deixou-me ao peito o coração sem fibras,
 À lira as cordas estaladas, mudas,
 E foi vendê-las, as nevadas formas,
 No leito do impudor!

IV

Fada no rosto, serafim no riso
 De lábio coralino!
 Visão de trovador na forma cândida,
 Huri no olhar divino!

E tão infame! lírio aberto em lódos,
 Água argêntea — corrupta
 Pelos charcos do pântano — tão bela
 Meu Deus! — e prostituta!

Tão puro lábio a acordar no peito
 A embriaguez do desejo,
 Mas que o pousar de libertinas noutes
 Nodou em torpe beijo!

Tão níveo o scio — mas cansado e exausto
 Da convulsão da orgia —
 Luz-te nas faces palidez romântica
 — E dentro... a alma é fria.

Oh! quem te visse sôbre a mão dornida
 A face descorada
 E não te cresse uma visão de neve
 Ao luar deslizada?

E quem te visse assim com teus cabelos
 Esparsos te ondeando
 P'los brancos ombros nus e não te cresse
 Anjo em sonhos passando?

Mas olhos dêle se afundar pudessem
 Esse profundo mar
 Que chamam coração, e êle te lesse
 Estátua, o idear —

E visse lôdo o coração da imagem,
Veneno e beijo impuro
Que do louco ansejou no peito ardido
Em sonhos de futuro.

Diz que desprêzo, que cuspir nas faces
Impuras — te bastara, ¹¹²⁵
Que valesse a ilusão que tua infâmia
No peito lhe matara?

.....
Tão bela! e tão perdida! Albor de estrêla
Em lagoa corrupta —
Na face um anjo, n'alma lôdo — a um tempo
Sílfide e prostituta!

CANTO VII

I

Voltemos ao poema. — O Conde Lopo
No seu devanear sentira a areia
Das praias lhe estalar por sob as plantas;
Como que despertou então das cismas —
Olhou em tórno. — A tarde descaía
Auripurpúrea sob céus de outono.
Era doirada a luz, lustrando as vagas
Com reflexos de fogo auriluzente. —
Nas ramagens das árvores coada
Entre oiro e rosa a luz estremecia.
As serras do horizonte em púrpura parecem
D'azul-róseo crisol sob céus d'oiro.

Tinham mais cheiro os campos — e nas fôlhas
Dos arvoredos beira-mar brincava
Tépida a viração. — Era a hora bela
Fadada aos sonhos do porvir: — Venturas
Quem não sonha-as então entre essas côres
Do matizado céu rindo feitiços
À terra enfiorecida, e ao mar corado
Como clarão bruxulcador da tarde
Do furta-côres áuri-azul celeste?
Quem não sente também encher-se o peito
Ao ver as rosas do poente aceso
Roxeadas ¹¹²⁶ murcharem nos escuros
Do véu de sombras que lhes cobre as galas?
E essas nuvens luzentes deslizadas
Em mar de anil, como castelos áureos
De errantes ilhas onde riem Armidas
Cobrirem-se de negro, e em mágoa e luto
No escuro anoitecer morrerem pálidas?
E quem não sente então em vaga mansa
Lago de sonhos o inundar e meiga
Flor de melancolia abrir-lhe n'alma
Com pálido sorrir — de aroma triste
Mas de encantos tão cheia?

Faz-se — noite

E o cume — além — dos denegridos serros
Alveja um raio da nascente lua —
Inda a luzir como um crescente d'oiro
Ei-la que s'ergue e pouco a pouco sobe
Como um orbe de prata, já perdido
O primeiro doirar — ei-la clareia
O mar e os campos, e as folhagens verdes

Reluzem como d'árvores de prata
Úmidas fôlhas nas sonhadas vistas
De mil e uma noites ¹¹²⁷ em contos Árabes.

O Conde Lopo os olhos divagava
Sôbre tanto fulgor; sentia gôzo
Passar-lhe n'alma num correr suave,
Como dos ventos no mar alto, quando
Traz a brisa do mar odor de flores

E perfumes de terra; — inda mentido
O sentir seja que embriaga o peito
Com encanto falaz que doce, que alma
E' abrir-se-lhe então semeando eflúvios
No livre respirar dêsse ar mais puro!

E pois o coração lhe tremulava
Alegre palpar em gôzo doce,
Como bandeira branca à brisa sôlta
Floreada a correr batendo alegre.

Era deserta a praia — entre uns rochedos
Viu amarrada uma canoa leve, ¹¹²⁸
Barco gentil de pescador. — O Conde
Amava o andar nas águas. A barquinha
Sem dono parecia, o curso breve
Pretendia fazer e pois entrou-lhe
No umedecido bôjo — a mão ligeira
Soltou a amarra e com a pá do remo
Como um leviano cisne, o barco leve
Arfando deslizou na flor das águas
A rebentar escumas, na ardentia
Do mar da noite prateando sulcos.

II

O Conde êsse pois era que o mancebo
— O suicida formoso — salvar fôra.

III

Chegaram pois à praia, êle e o mancebo
As roupas d'ambos gotejantes, cheias,
Das areias da riba —

O moço louro

Pálido como Don Juan lançado
Pela vaga da praia — na Odisséia
Dêsse guerreiro — trovador errante,
Que à Grécia amou o mármore das ruínas
E foi as flores orientais colhêr
P'las ilhas do Mar Jônio as cordas áureas
Para com elas perfumar da lira —
Co'a fria palidez das faces mortas
Parecia afogado. — Só a Haidéia
Faltava para o Don Juan formoso;
Porém não veio oriental donzela
Envôlta em raras pérolas, e soltos
Cobrindo as costas os cabelos negros,
Com o roupão de cachemira aberto,
Da musselina sob o véu cioso

Mostrando as ânsias dos nevados pomos,
Com lábios virgens num sorriso abertos.
Não veio pois ninguém, e assim o Fado
Poupou-me o ter de abandonar a pena
Para embeber-me no idear dos sonhos
Que frios versos exprimir não podem —
Que não de alma de Byron.

A alva filha
Do pirata descrito e a grega serva, ¹¹²⁹
A discreta Zoé, supria o Conde
E — êsse brioso corcel ¹¹³⁰ de negro lustro
Escorrendo suor d'impaciência
Que co'a rédea ao pescoço aí ficara
Na pedregosa solitária praia
Esperando o senhor. —

Em breve o moço
Aos cuidados do Conde despertara.
Vendo-se à vida revolvido, aflito
Cerrou os punhos e o ranger dos dentes
Mostrou-lhe a aflição. Calmou-o o Conde —
Cético embora, consolou-lhe as mágoas —
Com palavras tentou, como êsses padres
Do agonizante à cabeceira dizem
O decorado sermonar; falou-lhe
Em consolos da esperança, em céus abertos,
De olhares de donzela — até na vida
Dos preguiçosos frades, na mentira
De repousar na religião profunda
Dos mosteiros de hoje... o que mais disse
Nem eu dizê-lo sei. — Lá dentro d'alma
Ria de certo o Conde recordando
De alguma confissão, conselhos frios,
Batidas expressões que entre bocejos
Em tédio confessional diário escuta
De sacerdote que avezou de há muito
Exemplo e hipocrisia a ditos vácuos.

Quem o ouvisse contudo pensaria
Todo o calor de convicção ness'alma,
Que tais cousas dizia talvez mesmo
Ao ardente exprimir dobrassem nêle
— Falto de outros ouvidos — os sentimentos
De profundo descreer. — E jesuítas
Certo que o bradar se ouvir pudessem
Angariá-lo ¹¹³¹ haviam para frade,
Convencedor de turbas, visionário,
De hipócritas virtudes — como os outros.

IV

Não, o mancebo que lançara à morte ¹¹³²
No marulhar das vagas o desespero
Se longo o sono não lhe houvesse turvo
Do cérebro travado tanto tempo
Dormiria de certo. Mas agora
Ao pregador achou melhor pagar-lhe
Por conselho os conselhos — e portanto
Disse-lhe há pouco a moessa que faziam-lhe
Consolos de palavras. — Riu-se o Conde
Se era de escárnio dos conselhos mornos
De tediosos monges, — ironia
Portanto essas palavras dêsse jovem
De orgias vivedor do vinho e gôzo
Tão amante e da vida tão descrito
A zombar dela com sarcasmos sempre
Como da prostituta vil e podre

O menino das ruas que ri dela
E a desama e lhe dá só apedrejos,
Eu não o afirmarei — Contudo o creio.

V

Então abriu-lhe o coração o Conde;
Mostrou-lhe a chaga a lhe sangrar, inteira
Que trazia no peito a alma descrida;
Odiava a vida renegando os risos —
E a ironia lhe voltou aos lábios
Atroz, acerbo, do viver, dos homens,
A rir desprezadora. — A mágoa funda,
Desgosto do existir que mal cobriam
Volúpias d'alta noite, ao som dos beijos,
Dormidas horas com mulher que o peito
Gasto nem faz um palpar de gôzo
Do saciado coração nos trêmulos
Anelos da matéria em febre infame.
E loucas convulsões de torpes ansias
Mostrou-lhas num sorrir, deu-lhas patentes
Do gélido sarcasmo em negras falas.
Como o Szaffie do romancista amargo
— Do fuzilado ao filho — convidou-o
Sua vida a viver, a ir com êle
Pelas terras do mundo a rir-lhe a insânia.

O MANCEBO

Para quê? Se morreu aqui na terra
A minha última flor — se nada espero
E não quero viver sem esperanças
E morrerei portanto?! — O salvamento
Que me deste mal te haja — foi-te baldo
O esforço do nada! Hoje o suicídio
E' o único desejo meu — a morte,
Derradeira das minhas esperanças.
Que importa o gôzo do sofrer dos homens,
De ouvir-lhes o gemer quebrado em lábios
Nas horas de agonia! — Sofri muito!
Nem alegrias nem penar de angústias
Há aí na terra que me adoce as penas.
E morrerei portanto — o mar é fundo — ¹¹³³
Guardar-me-á o segrêdo. — A dor intensa
Que assim me quebra todo o apêgo à vida
Não hão de homens sabê-la!

Bem dormido

Descansarei na terra — aonde as vagas
Encalharem-me os restos corrompidos.
Não irão lágrimas de amante falsa
O corpo me orvalhar; não hei de ouvi-las
Queixas de hipocrisia em bôcas ímpias
A profanarem a mudez sagrada
Do aposento dos mortos — nem cabelos,
De fingido prantear umedecidos
No pérfidio roçar de infames lábios,
Hão de correr-me pelo rosto frio,
No féretro nas horas de partida
Na extrema despedida!

Disseste — a mágoa

Roeu-te inteira o coração — afetos
Foram-te d'alma p'lo sorrir das flores —
E falas-me em viver? Covarde, sentes
Desfalecer-te ante o gelar da campa?
Tremes transes da morte?

CONDE LOPO

Rio dela

Como rio da vida, e disso tudo
Que ainda amas, mancebo, sem que o penses!
Talvez traído no mais puro afeto
Vens a vida cortar p'lo desespero
De pérfida traição... Pobre mancebo!
Viesses agora essa perjura ingrata, ¹¹³⁴
Viesses com suas lágrimas ardentes,
Mentirosas embora, a encher-lhe as faces,
Que havias de prostrar-te aí n'areia
E adorá-la e pedir-lhe perdão inda!

Também muito chorei: e fui à noite
Nas sombras do nevoeiro arfar as mágoas
Pedindo ao fresco do gear calmasse
A febre devorante das insônias!
Fui infeliz — Sofri — Férrea desgraça
O coração mo espremeu em vascas
De delirante dor. Sofri, mancebo,
Como pode sofrer um peito de homem!
Se não morri foi porque a dor não mata!
Se não lancei-me ao mar foi que aventuras
De desvairada vida me levaram
Aí, por êsse mundo, como o errante
Hebreu do mito da idade média.
Tudo em vida tentei! Rico, em orgias
Parte esbanjei de amontoados cofres
Pejados d'oiro que os avós me herdaram.
Parte o jôgo levou-me. Ontem ainda
Eu possuía milhões — mas hoje apenas
Um miserável sou, que se os andrajos
De mendigo não traz e não se prostra
Ao caminheiro a perpassar na estrada,
E' que n'alma lhe sobra inda riqueza
De indomável orgulho. — A vida tôda
Sci-lhe pêso e valor — Passei-a inteira,
Senti uma por uma as flores dela.
Da mancenilha venenosa à sombra
Deitei-me e adormeci, e as flores tôdas
Eram mentidas — mancenilha apenas!...
Ou então frias como ao lago à noite,
Insípidas papoulas côr de rosa,
Estrélas de teatro, nuvens belas
Cá dos longes da terra; mas ao perto
Água em chuviros frios condensada,
Exalações dos pântanos, pousadas
Nas alturas de além, de um céu mentido.
Em lugar de matarem-me e dar à terra
Ou às águas de um lago um corpo frio
Para os vermes, os peixes ou abutres,
Preferi continuar a vida ainda.
Porquê? eu nem o sei... Mancebo, escuta —
Ainda és moço, sobra-te no peito
Muito fogo de vida. — Ensaia os gozos, ¹¹³⁵
O enfebrece da embriaguez das festas,
Os beijos de mulher nas faces róseas,
De Siracusa o néctar, vinhos gregos
Em coroadas cristalinas taças!
Talvez que possas tu voltar ainda
Ao amor, à vida; com ardência pura
Se não puder-lo ser, com ânsia ao menos. —
E' uma receita como qualquer outra,
Prática dura de lidar com mágoas
Me deu êsse saber. — Ensaia ao menos! —"
.....

Levantou-se o mancebo — a mão do Conde
Tomou, e caminhando pela praia
De brancas penhas erriçada, cheia
De cardos e aloés, ¹¹³⁶ pausado o moço
Contou-lhe a história da passada vida,
Horas de sonhos que o desgosto e o pranto
E apenas — ao depois seguiram. — Era
Êsse um romance como os outros todos,
Cheio de amor e de paixões duma alma
De virgem anelar, dourada ainda.
Contos de amor, de mal extinta chama
Quem inda os não ouviu? Fôra mui longo
Contar o que êle disse ao Conde Lopo —
Em pouco se resume essa novela:
Amara e às juras lhe sorria a imagem
De uma deusa na terra — ouviu-lhe as falas
Ao louro moço, que poema d'alma
Tão moça ainda, foi sacrar-lha inteira
Em devaneios de ideador, às plantas
Dessa amada mulher. — Eram delícias
A clarear-lhe a mente, a luz, as nuvens,
A terra e a vida, o mar, o céu, as flores
Tudo amava por ela, só por ela!
Era-lhe a bela sua estréla argêntea,
A sua flor azul crescida às bordas
Dos espelhos do arroio, horrificada
De pérolas de espuma — era-lhe a bela
Sua brisa da noite; sons que ouvia
De enlevadora música; falavam
Dela e dos risos dela. Era-lhe a vida,
Pois, ao pobre mancebo, amor insano
Mas suave como o rosicler das alvas
De tépida estação.

E após de tantos,
De tão doirados sonhos do iludido, ¹¹³⁷
Alheado imaginar, que lhe restara?
E pois ess'alma d'ilusões desfeita
Desentendida p'lo gelado peito
Dessa que tanto amou cerrou-se em trevas
E vertigem insana apoderou-se
Do cérebro cansado em doudos prantos...
.....

VI

Cada palavra que dizia o moço
Ao Conde Lopo no amargo peito
Sorria alegre o coração de orgulho.
Adivinhara ¹¹³⁸ o descredor a mágoa
Que derrubara ao mar, cheio de vida
O mancebo gentil. — Desencontrados
Corriam-lhe contudo os sentimentos:
Nas idéias do cérebro — pensava
Com dó nesse infeliz; alma-poeta, ¹¹³⁹
Ébria imaginação de virgem terna;
Pobre mancebo debulhado em lágrimas!
Com o peito a estalar-se entre volúpias,
E ao mesmo tempo a imagem dessa ingrata
De fel o enchia, a imaginar a insânia
Dessa louca donzela que tesouros
De tão suave amor menosprezava
E tanta flama arrefecer deixava
Na frialdade d'água!

Finda a história
Cobriu a face com as mãos o triste,
E desatou em prantos, apoiando
Do Conde Lopo sôbre o ombro a fronte.

VII

CONDE LOPO

Mancebo, ¹¹⁴⁰ inda não disse a um peito d'homem
— Amigo te serei — isso de há muito. —
Hoje to digo — a amizade queres
De um homem que sofreu?

O MOÇO LOURO

Sou teu amigo.

Teu nome?

O CONDE

O Conde Lopo, foi-mo.

Hoje — Ricardo — o — menestrel me chamo.
Nasci poeta, tirarei pois vida
Dos cantos meus. — Agora qual teu nome?
— Cavaleiro Gastão — Meu pai é nobre.
Dado à marinha, êle cingiu de louros
Nas pelepas navais, ganhos à espada,
O brasão nobre do feudal castelo.
Segui-lhe a vida. — Cavalheiro dei-me
Aos amôres do mar. — O amor da ingrata,
Dessa fria mulher me demorara
Aqui, longe da pátria em ócio infame,
Esquecido de glórias. — Embriagado
De dor e ciúme quis morrer. — Vieste
Então, amigo meu. — Viverei ainda,
Pois o queres, se a vida tem requebros
P'ra o desprezado peito sem venturas
Mal amado amator. —

Sorriu o Conde

Com amigo sorrir, travou-lhe franco
Da destra ao cavaleiro.

CAVALEIRO GASTÃO

Conde Lopo —

Estás pobre, disseste. Vem comigo, ¹¹⁴¹
Tenho pousada, dar-te-ei abrigo.
O que tenho terás.

CONDE LOPO

Eu to agradeço —

Disse o soberbo Conde — vim num barco
Que eu aluguei de uma pescador na praia,
Que além da esquerda fica. Hospitaleiro
O bom do velho ofereceu-me pouso —
P'ra lá volvo-me.

CAVALEIRO

Adeus, pois. Se ainda

Quiseres-me encontrar, junto à cidade, ¹¹⁴²
Ao entrar na floresta há uma quinta
Entre verdores a alvejar; ondeia-lhe
Um lago ao pé. — A qualquer diz
— Cavaleiro Gastão — e hão de ensinar-te
O caminho que leva à minha casa.

Despediram-se. — Apartam-se os dous moços.
Volta no seu corcel ¹¹⁴³ o cavaleiro. —
O Conde Lopo — aonde foi ter êle?
Que n'água não se ouviu o som do barco
A resvalar quebrando a onda em sulcos
Do mar que infindo a soluçar rebenta
Nos areais da riba? —

Num penhasco

No manto negro se envolveu deitado. —
Dormia? quem dissera-o? a alma dêle
Não havia o sondá-la. — Abertos olhos
Fixava êle no céu. — Escuras nuvens,
E frio chuvisqueiro e o vento rijo
Levantado do mar — e a luz às vêzes
No escurecido céu de um meteoro
Entre as nuvens caído — pareciam
Ameaçar tormenta. O Conde Lopo
Com a face na mão, olhando as trevas
Estendido na rocha ali se mostra.

CANTO VIII ¹¹⁴⁴

UM TÚMULO ABERTO

Combien de fois avez-vous aimé?

Antony.

Demandez à un cadavre combien de fois il a vécu...

ALEX. DUMAS.

CANTO VIII

E' fria a noite no areal das costas
Quando é sem luz o céu entre negrumes
E de a escuridão avultam negras
As rochas onde uivando o mar estala.

E' fria a noite quando o Norte escuro
Das águas no estendal repousa frio.
E as areias da praia se umedecem
Das escumas que a vaga irada cospe.

Escura a noite vai. Dous negros vultos
Por sôbre a areia que no escuro alveja
Sombrios passam como feias nuvens
Par a par escorrendo em fundo lívido.

.....
Além na areia arremessara ¹¹⁴⁵ frio
O fluxo da maré — deixado em sêco
Um estendido corpo. Os vultos negros
Ao irem-lhe de ao pé paravam vendo-o.
Era um cadáver, mas ninguém pudera
Decifrar-lhe as feições, tão corrompido.
Aí o lançara o mar, desfeito e podre.
O louro cavaleiro (pois era êle
E o Conde Lopo, êsse outro, que aí vinham)
Passeando na praia ao companheiro
Falou assim:

Misteriosos fados

Dêsse cadáver, ¹¹⁴⁶ quem dissera-o? Triste
Suicidou-se talvez — quiçá covarde
Um assassino o arremessou às águas...
Negros arcanos encoberta a ¹¹⁴⁷ morte.
Fôra uma história singular a dêle
Se volvessem finados a contá-la.

O CONDE

Já muitas vêzes encarei semblantes
Que a morte inteiriçava e ouvi gemidos
Na aflição de um soluço em lábios frios,
Turvados se quebrar...

O CAVALEIRO

Entre a peleja
Nos combates do mar à luz do incêndio
Muitos eu vi também, ¹¹⁴⁸ mas então a alma
O perfume das trovas vertiginava
Em feroz alegria entre as bombardas
Quando brame o canhão e as naus se abalam
No móvel chão do mar, então delira
Ardente o imaginar e agrada o sangue
Ao resfolgar dos arcos.

Porém quando
Fora do chão vermelho do combate
Vejo trazido p'la maré boiando
Amarelo cadáver, sinto o peito
Confrangir-me o horror e então ignoto
Frio sentir no coração me passa.

CONDE

Pois eu, mancebo, já os vi gelados
P'lo frio do punhal juncando a terra! —
Minha história, donzel, é cheia dêles
Como um sombrio pesadelo. — A idéia
Não te pintara mais escuro que ela
Um medonho romance. — E' um mistério
Que tremeras, mancebo, de escutá-lo,
Alumiado de clarões de mortes, ¹¹⁴⁹
Cheio de brilho de punhais — o solo
De sangue roxeado — e além — no fundo,
Estira-se o cadáver sôbre a terra...

CAVALEIRO

Conde, vosso descrer, vossas palavras,
Me revelam que uma história negra
Vos doía no passado. — D'indiscreto
Cri dar-vos mostras de querer sabê-lo
Êsse vosso segrêdo — e pois calei-me.
Quando após do banquete adormecíeis
Vi agitados sonhos vos travarem
Do imaginar pela sulcada fronte.
Sofreste, Conde! — Se a amizade pura
Crês — na do peito meu, contai-me os fatos
Dêsses passados peregrinos dias,
Dêssas horas de sangue. — Atro mistério
Abafa o peito se o recalca aí dentro
Desconfiança d'homem. — Se indiscreto
Meu pedido julgais — se êsse passado
Juramento ou querer, faz-vos mistério
Para olhares profanos; se uma causa
Enfim deverdes, Conde, de ocultar — calai-mo
Que não me ofenderei —".

O que passou-se

No cérebro do Conde a tais escutas
E' difícil dizer. — Calou-se. — Apenas
Frio sorriso lhe franziu os lábios. —
Satânico porém como a tormenta
Que lhe lastrava p'las cavernas d'alma, ¹¹⁵⁰
A lhe bramir lá dentro.

O CONDE

Cavaleiro,
De um castelo feudal na tôrre negra
Do perpassar do tempo, nasci nobre. —
O ar de Itália perfumou-me o berço
Com seus eloendros e cheirosas murtas.
Nas fraldas do Apenino em rochas negras
De pico inacessível por um lado,
Por outro unido à verdejante serra,
De meu pai — nobre Conde — se assentava
O invencível solar. — Disséreis ninho
D'água voadora na garganta escura
De um sêro não trilhado por humanos: —
Lá de cima o olhar corria livre
Os campos da Toscana. — Essa morada
Fizera meus avós reis dos terrenos
Que à vista se estendiam — reis de fato
Se de direito não. — Mas brando jugo
Era aos servos da baixa da planície
Cultivadores das amenas várzeas
Que devassavam os potentes donos
Do soberbo castelo das montanhas.
Correu-me a infância aí alegre e bela
Como a rosa levada p'la corrente
Do rio d'águas vítreas, como as garças
Nadando brancas, deslizando abertas
Ao vento asas de sêda, ou em Veneza
A luz que nas vidraças respandece
Das casarias do canal, ou antes
Aos clarões do luar, — aí tão belos;
Resvala a gôndola ao correr das águas
Do barqueiro aos descantes melancólicos.
Assim era-me a infância — ora a açucena,
No vale aberta, debruçada n'água
Que vivia a amar, ora era a nuvem
Com seu dossel ¹¹⁵¹ de rosa onde eu sonhava
Uns palácios doirados, ora a pomba
Branca a poisar-me sôbre a mão, sorrindo
Entre os suspiros seus, ora doirada
Uma azul borboleta que eu seguia
Por entre as fôlhas úmidas do parque.

Mas a infância passou; bem como passa
O arrebol da manhã e vem a ardência
Do meridiano sol. —

Um dia, às horas ¹¹⁵²
Que desperta no Céu a madrugada,
No meu cavalo eu percorria os campos,
Nesses sonhos imerso que aos mancebos
Embalam tanto a mente. Ouvi uns passos
Como o tropear de algum ginete — e cedo
Num cândido corcel ¹¹⁵³ eu vi montada
De azulado vestido e longas roupas
Uma alegre donzela — galopando.
O garrido corcel, as brancas sêdas
Das clinas reluzentes sacudia....
Cada vez mais de mim se aproximava.

Pude-lhe então melhor notar as formas.
A amazona sedutora e bela
Era uma rósea virgem fresca e pura
Como a sultana do rosal. — Os crespos ¹¹⁵⁴
Que o movimento do corcel ¹¹⁵⁵ soltara
Desfeitos lhe caíam sôbre o colo
De transparente neve, reluzindo
Sob as abas azuis, a pluma trêmula
Meio — caía do chapéu mimoso.

Na mão esquerda as rédeas segurava,
 Noutra um ramo de flores. — Quanto às faces
 Rosava-as o prazer e da corrida
 Talvez a agitação. — Quando passou
 Junto a mim o corcel, ¹¹⁵⁶ caiu-lhe o ramo;
 Quis ela demorar-se, mas o fogo
 Do brioso ginete arrebatou-a —
 Embalde a nívea mão tentou-lhe as rédeas
 Por um pouco sustar, corria sempre!

Com a mente cheia ainda dessa imagem
 Que assim tão bela me corraera adiante,
 Eu perguntei-me se visão não era
 Isso tudo que eu vira. O lindo ramo
 Levantei-o do chão. Eram violetas
 As flores dela, entre elas reluzia
 Uma branca rosinha. Tive idéia
 De a donzela ir levá-lo, e assim ainda
 Mais uma vez podê-la ver. — A rédea
 Ao cavalo soltei e disparado
 A todo o galopar corri p'los campos,
 Saltando os valos e o espinhal das cêrcas.

.....
 No cimo de um outeiro a forma bela
 Azul lhe divisei a destacar-se
 Sôbre o oiro do céu da madrugada. ¹¹⁵⁷
 O ar da brisa lhe agitava os crespos ¹¹⁵⁸
 De castanho fulgor. — E ela imóvel
 Parecia esperar. Todo embebido
 Nessa visão do céu correu-me breve
 O caminho até ela. — Um sentimento
 Que até hoje ignorara me acordava
 Em frêmitos no seio. — À bela moça
 As flores entreguei. — Ela sorriu-me
 E no sorriso carmesim ficaram
 As rosas do semblante dela.

Mudos

Nós ficamos assim, nem eu ousava
 Uma palavra lhe dizer, nem ela
 Os olhos baixos levantar.
 Confusa
 Murmurou ela, enfim. — Eu agradeço
 Vosso obséquio, Senhor. — Mas, cavaleiro,
 Tenho um outro a pedir-vos. — Por acaso
 Do solar da montanha qual a estrada
 E' dessas duas que de além se cruzam,
 Sabereis me dizer? —

“Sou do castelo,

Formosa dama, ser-me-á ventura
 P'los desvios da estrada ser-vos guia.”
 Nada me respondeu. Partimos ambos,
 Porém sem galopar. Co'a rédea ao colo
 Andava meu corcel ¹¹⁵⁹ a par do dela. —
 De tantas cousas que eu sentira n'alma
 Nada podia-lhe dizer. Olhava-a
 E ao vê-la me sorria a idéia n'alma!
 Doce e breve nos foi êsse trajeto —
 Cedo chegamos ao portão dos muros.

.....
 Ai nos apeamos. — A donzela
 Disse queria que chegassem todos
 P'ra com êles entrar. — Deixara-os ela
 Por seu prazer de galopar ao fresco
 Da madrugada azul que em céus tão puros
 Sem véu de neve se arraiava leda
 De matizes purpúreos. As folhagens

Lustrosas de rocio, as flores pensas
 Sob o pesar do orvalho e a aura suave
 As verduras do campo, amava-as ela
 Sôzinha a discorrer. — O peito virgem
 Lhe ansiava mais sereno entre os frescores
 Dessas almas saudosas.

Chegou breve

A reunir-se com ela a companhia.
 “Meu pai”, disse ela a um garboso velho,
 “Um cavaleiro aqui vos apresento
 “Que ensinou-me o caminho do castelo —
 “Agradecei-lho.”

No castelo entramos

Em alegres conversas. Ao saberem
 Quem eu era, por meu pai, maiores
 Favores recebi de todos êles. —
 Não há contar-vos que prazer, que encanto,
 Êsse dia gravou-me na memória.

.....
 Primores de pincel nunca igualaram
 A perfeição da formosura dela.
 Quadros de Rafael ou de Ticiano
 Nem chegavam-lhe aos pés. — Se brilha nêles
 O ardente colorido em róseas formas, ¹¹⁶⁰
 Fôra essa vida, êsse olhar de chama ardente
 Que me queimava n'alma — essa frescura
 Do lábio aberto patenteando pérolas
 De feiticeira alvura. — Quando à noite
 Volvem-me às vêzes encantados sonhos, ¹¹⁶¹
 E' bela assim que ma desenha a mente,
 Em sombras d'oiro, d'azuladas roupas,
 E a pluma branca a lhe prender no colo ¹¹⁶²
 Os desfolhados tremulantes flocos.
 Êsses anéis desfeitos, onde a brisa
 Ia aromas beber, e êsses olhares
 De límpido fulgor e negras tintas,
 E o castanho das tranças reluzindo
 Com reflexo doirado e a fronte e os lábios
 E a face cheia de rubor, tão bela
 Como eu sei-a sonhar, mas não dizê-lo.

.....
 Aí parou o Conde. — Longo tempo
 Ficou imerso numa idéia, imóvel,
 Com os olhos no céu —

Amei-a e ela, ¹¹⁶³

O anjo, amou-me também. — Corações puros
 De amor, dos mesmos sonhos embebidos
 Juraram mútuo amor....

Oh! quantas vêzes

Enquanto aos outros distraía a festa
 Não vaguei pelo campo, a sós com ela!
 Oh! quantas vêzes não lhe disse falas
 De profundo sentir! E ela sorria.....
 Mais apertadas mãos, o olhar mais terno, ¹¹⁶⁴
 Voltávamos ao baile.

Amei-a, amou-me!

Foram duas pérolas no amor fundidas
 Numa pérola só, foram dois anjos
 Unidos lá no céu. Numa só nuvem
 Duas nuvens ligadas lá no empíreo —
 Nossos dois corações eram tão puros!
 Os nossos olhos um aberto livro
 Onde ambos liam sentimentos mútuos,
 Eram um lago de cristal tão claro

Que d'água a limpidez mostrava ao fundo
A areia argêntea dos corais purpúreos.

Um dia separamo-nos mais tristes, 1165
Em pranto os olhos. — Mas amarga e longa
Foi essa despedida — então pressago
Parece o coração nos futurava
As nuvens do porvir....

Parti. As ordens
De meu pai o queriam. — Quanta lágrima
Banhou-me os olhos ao deixar a casa
Onde primeira a viração brincara
Em tórno ao berço meu. Esse castelo
Erguido no alcantil em fundo verde
De florestas luzentes — e mais alto
Lá no horizonte a reatarem-se 1166 alvos
Dos Apeninos os nevados cumes.
Quando tudo isso que eu amara tanto
Perdi de vista e quando o nevoeiro
Senti lá do horizonte desmaiado
Perder-se a terra dessa bela pátria
E aos montes verdes da risonha Itália
O perdido arrular de infindas águas
A confundir-se com o céu — é fácil
A ti que a pátria pelo mar trocaste
Dentro do peito imaginar. Três anos
Correram-me em viagens. Vi a França, 1167
D'Alemanha corri as frias terras,
Vi a Espanha, a Itália do Ocidente,
Com seus campos de vinhas, e Sevilla
A mirar-se louçã no azul das águas.
Fôra-me longo descrever-te a história
Dêsse meu viajar, dizer-te casos
De aventuras de então. —

Estava em Cádiz
Quando uma carta recebi da pátria —
Falecera meu pai.

Eu me esquecera
De vos contar que tinha mais idoso
Um irmão. — O castelo era, pois, dêle;
Longa a ausência, porém, lhe parecia
E saudades de mãe que eu lá deixara;
Por letras dêle desejavam breve
Volta minha ao solar. — A minha vida
Fôra té i um sonho — e um só desejo —
Vê-la ainda uma vez, poder-lhe ainda
Ouvir-lhe a doce voz e repetir-lhe
De joelhos — eu te amo. Era essa idéia
De meus dias e noites. Minha vida
Era beijar um ressequido ramo
Que ao despedir-me ela pusera ao peito.
Retrato dela não o tinha — embora!
Que era-me ela gravada aí no seio
Com tanta vida e côres que sobejo
Me fôra um'outra imagem. Madalena —
Chamava-se ela assim, — ela sômente...
Nos saudosos sonhos me alentava. 1168

Voltei pois: cada dia eu maldizia
Do meu barco o vagar; embora sempre
D'aura favorecido velejasse
Como um açor a esvoaçar garrido
O ligeiro navio...

Era uma tarde —
Parece-me inda vê-la — A aragem pura
Mais tépida sussurrou-nos pela pôpa.

Ia límpido o mar; arfava o barco
Ao flácido embater das mansas vagas
Cortando escumas com aguda proa;
As velas cheias resvalando alegre
Das águas pelo azul. Eis o gajeiro
Do alto dos mastarêus bradou-nos - "Terra!" 1169

Além, lá no Oriente acalorado
P'lo róseo cinto do arrebol rosado
Como caída nuvem, ou qual alvo
Goelando do mar a adormecer nas águas,
Uma cinzenta lista se levanta
Nos longes do horizonte... Era a Itália.

Ao chegar ao castelo idéia turva
De segregado presentir me vinha
O espírito enervar. — Escura a noite
Se desdobrara nos calados campos —
Mas que importava? s'eu sabia a estrada,
Se os olhos vagos eu volver pudesse
A êsse castelo donde há tanto tempo
Inda n'infância, meus sonhos todos
Em amor se tornassem?

Alegria

Da surpresa dos servos, das carícias
De meu irmão... e minha mãe e amôres
Da virgem dos meus sonhos... esperanças
Inda a lutar-me co'a idéia amarga
Do coração pressago, distraíam-me.

Havia festa no solar antigo:
Os vidros das janelas reluziam
Como olhares de fogo, devassando
Dos campos a amplidão. Vão mil rumores
Aí dentro ao castelo. Riem, dançam,
E o silêncio da noite quebram músicas
Ressoando na montanha...

Ia alta noite
Quando ao castelo entrei. — Um velho servo
À porta conheceu-me. — "Vinde, vinde",
O bom velho bradou — "o cavaleiro
Dom Lúcio, ei-lo de volta". Quis embalde
Perguntas lhe fazer, o velho em lágrimas
Só sabia me olhar, juntar ao peito
Meus trêmulos joelhos. — Acudiram
Dos salões cavaleiros — é sabida
A bem aceita nova. — O irmão e agora
Minha tão boa mãe beijam-me e abraçam-me.
— Mas ela? —

Entrei — embora lhes notasse
Que impróprios trajes meus eram p'ra o baile.
Não quiseram m'ouvir —

O irmão deixou-me
Mas em breve tornou. P'la mão trazia
Uma virgem de branco, o véu de rendas
Da coroa de rosas brancas pende-lhe
Caído sôbre a face — a mão lhe treme
Na mão de meu irmão.

Velada embora
O coração ma conheceu — tremeu-me
E desvairou-me o cérebro — A donzela, 1170
A Madalena dos sonhos meus — o anjo
Do saudoso lembrar...

O IRMÃO

— Irmã te seja

Essa meiga donzela. — Porque tremes, ¹¹⁷¹
O' minha noiva, assim? Ele há de amar-te,
Tem bom coração —

Ergueu-lhe a renda

De véu branco —

Fitei-a. Era ela mesma,

Mas pálida e a tremer, o rosto frio
E os lábios descorados...

Despertei-me

Do desvairar da mente. Cortejei-a. ¹¹⁷²

.....
"Amam-se! E ela traiu-me! — Ela tão bela
Que eu nunca o pensaria... Anjos mentidos!
.....

Que importa? Partirei — amem-se — vivam
Em ditoso gozar, — sejam felizes.

Embora eu sofra, e meu penar qu'importa?

Amanhã partirei... porque não hoje?

Porque não partirei agora mesmo?

Hei de esquecê-la, tentá-lo-ei ao menos

Se vivo o não puder, há de trazer-mo

O sono de olvido êsse punhal...

Partamos...

Seja-me um pesadelo êsse presente —

Um sonho o meu passado — O mar agora

Sobeja aos meus amôres. —

Pobre louco!

Sonhaste um peito de mulher constante

Em firme e terno amor... Mil vêzes louco!

Nada me resta enfim! Eis-me lançado
Deserto à vida. — Nada mais ficou-me!
Morreram tôdas as esperanças d'alma
Ao pobre sonhador... Que noite horrível!
Sinto ar faltar-me! Ferve-me a cabeça!
Que febre ardente!.. e ainda não é ela, ¹¹⁷³
Ela! a morte!

Que noite amaldiçoada!

Como correu-me lenta!... Deram horas —

Mas eu nem pude ouvi-las... Escutei

Passos e vozes; músicas ressoam...

Que tormento infernal! Lá passam... *ela*, ¹¹⁷⁴

Ela a pérfida vil... Meu Deus! piedade!

Eis-me aqui de joelhos, oh! piedade!

Tirai-me essa tortura dante os olhos —

Êsse inferno aqui d'alma...

Eu ouço passos

Aí vêm — Levantemo-nos... Se acaso

Alguém me visse assim, que amargo escárnio!

Haviam rir de mim!... Mas ninguém viu-me.

Enxuguem-se essas lágrimas... Não quero, ¹¹⁷⁵

Não quero mais chorar. Mas se ela ouviu?

Oh! porque gemo assim? porque soluço?

Cale-se o peito meu! estale embora!"

Em loucos turbilhões assim idéias
Me levaram em trépido delírio.
Foi a hora acerba de agonias longas
Essa que aí passei pensando nela —
Té na morte pensei — olhei o ferro
De aço reluzente que apertava trêmula
Minha destra convulsa e fria — cri-me,
Que eu achara o segrêdo do repouso...

Que idéias várias de correr ardente
Como o zig-zag ¹¹⁷⁶ do raio perpassavam
Nestes instantes de loucura, agora
Não pudera eu dizê-lo — O suicídio
Foi-me último desejo — Imaginei-me
Quando ouvissem tombar meu corpo frio,
Quando eu jazesse aí sôbre o soalho
Já sem respiração no rôto peito,
No rosto sem calor, lívido e frio
E no peito sangrento mergulhada
A lâmina de ferro ainda — do estrondo
Correndo todos do castelo, os donos
F *ela* com êles — e o remorso intenso
Que lhe plantara aí no seio pérfido
Meu lívido cadáver — e o tardio
Baldado arrependimento! — Idéias negras
Me riam na vingança! — Soaram passos
E o roçar de vestidos nas paredes
Do escuro, estreito corredor. — Calmei-me,
Calei o peito meu — nem ânsia ou lágrima,
Nem soluço ou tremor — nada! Ardente
Quedou-me o coração. —

Mancebo, escuta!

A olhos profanos a secreta mágoa
Não vás mostrá-la, não. — Hão de rir dela,
Hão de zombar-te às falas! Fecha-a antes
A chaga de teu peito co'as mãos ambas,
Cobre-lhe a cicatriz — nem lhe transude
Gôta de suor ou sangue — ...

Soaram passos ¹¹⁷⁷ —

Alguém entrou. Eu me voltei — era ela!

EU

"Vós, Senhora Condêssa!"

E ela pálida, ¹¹⁷⁸

Abatida e sem côr e os olhos mortos
E os lábios descorados, os cabelos
Co'as flores inda do noivado infame,
Da rôta c'roa entrelaçados — alva
Como estátua sem vida! —

Ela calou-se —

Ou que a voz na garganta lhe gelasse,

Ou temesse falar — enfim me disse:

— "Lúcio — porque, como antes, Madalena
Não me chamas sequer?" —

EU

Madalena

P'ra mim morta é de há muito. — Foi um sonho
Cheio de flores e clarões etéreos.
Mas não há sonho sem ter fim, só dêsse
Eu vo-lo juro, nobre Dama, foi-mo
Tenebroso e horrível como o inferno!

Vieste, ¹¹⁷⁹ Madalena — eu to agradeço...
Perdão se vos chamei por êsse nome
Do anjo que outrora amei, da virgem pura
Que não mentiu falaz...

Agradeço-vos, ¹¹⁸⁰

Senhora Condêssa, o terdes vindo.
Ainda há pouco eu desejei falar-vos,
Dizer ainda uma vez *adeus!* a essa
Dos sonhos de mancebo — inda antes...
De morrer!

ELA

Oh! morrer! Lúcio, tão moço...

EU

Há uma hora, senhora, era eu ditoso.
Com ardências de moço galopava
Para encurtar estradas, anelante
De ver-vos, de tornar a ver ainda
A Madalena do passado. —

ELA

Lúcio...

EU

Oh! não me interrompais. — Deixai que eu fale.
Será curto o viver do desgraçado.
Deixai-o pois que êle evapore em queixas
O último alento do existir...

Eu vinha

Então rico de vida e d'esperanças, ¹¹⁸¹
Além no têrmo de viajar sorria
Ao pobre peito meu doirada ¹¹⁸² cisma!
Quem me falasse então de morte e inferno
Eu chamara-o de louco...

Porém quando

Neste castelo entrei, neste palácio,
Que tanto tempo foi-me um céu da vida,
Cheio de amor e sonhos; oh! maldito! ¹¹⁸³
Oh! maldito mil vêzes êsse instante!
Selara o inferno aqui quebradas juras
D'alma infame e sem fé...

Perdão, senhora;

Tudo isso há uma hora foi — e cada instante
Decorrido de então parece à alma
Um delírio mais negro...

Oh! antes isso!

A loucura mil vêzes! — São felizes,
Dizem ao menos, êsses que a doudice
De algum passado recordar desvia.

Na verdade morrer tão moço... é duro!
Mas qu'importa? nasci em dia aziago —
Astro de maldição clareou-me o berço
E demônios no inferno me saudarão
Com escárnio ao morrer...

Sofrer, na fronte

O fado m'escreveu! Morrer, tão moço, ¹¹⁸⁴
Como isso é duro! — Porém mais ainda
E' sofrer o que sofro — e o pobre louco
Imaginar-se que ninguém na vida
Quando na tumba rebolcar-lhe o corpo
Há de ainda ficar a dar-lhe prantos
Ao passado cruel! Ninguém! Ainda
E' essa idéia que a mulher, o anjo
Que o pobre tanto amou — há de sorrir-lhe
Riso de infame escárnio sôbre a campa!...

.....
Oh! Madalena — escuta, aí na vida
Como a ti nada amei! ouve-me e seja
Castigo à tua ingratidão a história
Do meu puro sentir! Oh! Madalena, ¹¹⁸⁵
Nunca os anjos no céu assim amaram!
Era um amor que me queimava o peito,
Que matava-me os sonhos, era um afeto
Sonhado de joelhos, entre prantos,
Oh! Madalena, ¹¹⁸⁶ que eu sentia imenso!
Que amôres, que te dei! que sonhos magos
Que sagrei-te no seio! Que aras santas
Que perfumei-te de poesia e flores,
Cada hora, cada instante, noite e dia,
Nas terras e no mar, à luz dos astros,
No meu passado a te rever a imagem,
Sonhos a recordar, depois amôres
Que tão breve correram! Madalena,
Que amôres que te dei votados no íntimo
De uma alma pura!...

E vós sabeis, senhora,
Quem foi essa mulher, essa perjura
Madalena sem alma?...

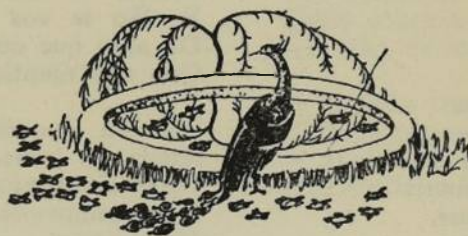
—————
Cavaleiro,

Um beijo dela me calou o insulto.
Ela chorava, e gemebunda a face,
Eu lhe inundava a negridão das tranças... ¹¹⁸⁷
De uma alma pura!...

Foi fraco Lúcio!

Perdoem-lhe a traição — antes ainda
Que desculpasse a ela. E o amor que outrora
Era tão puro — se verteu em crime!

.....
—————





Casimiro de Abreu



Minh'alma é triste como a flor que morre...

CASIMIRO JOSÉ MARQUES DE ABREU — (Indaiaçu, 1839 — Indaiaçu, 1860). Fêz parte dos estudos secundários em Nova Friburgo. Com o curso de Humanidades incompleto, começou a trabalhar no comércio (Rio, 1852). Em 1853 vai para Lisboa, onde passou cinco anos a adquirir prática comercial e onde escreveu grande parte de sua obra. Regressa ao Rio (1857) e se emprega numa casa de Consignações. Em 1859 publica suas *Primaveras*, onde reúne o que reputa o melhor de sua produção poética. Tuberculoso, morre com vinte e dois anos incompletos na fazenda de Indaiaçu.

É dos poetas mais populares do nosso romantismo. Conhecedor de técnica versificatória e dos recursos do verso melódico, cultivou sobretudo dois temas românticos: o amor e a saudade. Em vida publicou apenas duas obras: *Camões e o Jau* (drama, Lisboa, 1856) e *Primaveras* (poesias, Rio, 1859). Pòstumamente tem saído o restante de sua obra: *Livro Negro* (poesias elegíacas), *A Virgem Loura*, *Camila* e *Carolina* (ensaios novelescos).

PRIMAVERAS 1188

As/ Primaveras/ de/ Casimiro J. M. de Abreu/
Natural da Provincia do Rio de Janeiro/ 1855-1858/
Rio de Janeiro/ Typ. de Paula Brito/ 1859.

A
F. OTAVIANO.



São as flores das minhas primaveras
Rebentadas à sombra dos coqueiros.

TEIXEIRA DE MELO. — *Sombras e Sonhos.*

M dia — além dos Órgãos, na poética Friburgo — isolado dos meus companheiros de estudo, tive saudades da casa paterna e chorei.

Era de tarde; o crepúsculo descia sôbre a crista das montanhas e a natureza como que se recolhia para entoar o cântico da noite; as sombras estendiam-se pelo leito dos vales e o silêncio tornava mais solene a voz melancólica do cair das cachoeiras. Era a hora da *merenda* em nossa casa e pareceu-me ouvir o eco das risadas infantis de minha mana pequena! As lágrimas correram e fiz os primeiros versos da minha vida, que intitulei —

As Ave-Maria: — a saudade havia sido a minha primeira musa.

Era um canto simples e natural como o dos passarinhos, e para possuí-lo hoje eu dera em troca êste volume inútil, que nem conserva ao menos o sabor virginal daqueles prelúdios!

Depois, mais tarde, nas ribas pitorescas do Douro ou nas várzeas do Tejo, tive saudades do meu ninho das florestas e cantei; a nostalgia me apagava a vida e as veigas risonhas do Minho não tinham a beleza majestosa dos sertões.

Eu era entusiasta então e escrevia muito, porque me embalava à sombra duma esperança que nunca pude ver realizada. Numa hora de desalento rasguei muitas dessas páginas cândidas e quase que pedi o bálsamo da sepultura para as úlceras recentes do coração; é que as primeiras ilusões da vida, atertas de noite — caem pela manhã como as flores cheirosas das laranjeiras!

Flores e estrêlas, murmúrios da terra e mistérios do céu, sonhos de virgem e risos de criança, tudo o que é belo e tudo o que é grande, veio por seu turno debruçar-se sôbre o espelho mágico da minha alma e aí estampar a sua imagem fugitiva. Se nessa coleção d'imagens predomina o perfil gracioso duma virgem, facilmente s'explica: — era a filha do céu que vinha vibrar o alaúde adormecido do pobre filho do sertão.

Rico ou pobre, contraditório ou não, êste livro fêz-se por si, naturalmente, sem esforço, 1189 e os cantos saíram conforme as circunstâncias e os lugares os iam despertando. Um dia a pasta pejada de

tanto papel pedia que se lhe desse um destino qualquer, e foi então que resolvi a publicação das — Primaveras; depois separei muitos cantos sombrios, guardei outros que constituem o meu — livro íntimo — e no fim de mudanças infinitas e caprichosas, pude ver o volume completo e o entrego hoje sem receio e sem pretensões.

Todos aí acharão cantigas de criança, trovas de mancebo, e raríssimos lampejos de reflexão e de estudo: é o coração que se espria sôbre o eterno tema do amor e que soletra o seu poema misterioso ao luar melancólico das nossas noites.

Meu Deus! que se há de escrever aos vinte anos, quando a alma conserva ainda um pouco da crença e da virgindade do berço? Eu creio que sempre há tempo de sermos *homem sério* e de preferirmos uma moeda de cobre a uma página de Lamartine.

De certo, tudo isso são ensaios; a mocidade palpita, e na sêde que a devora decepa os louros inda verdes, e antes de tempo quer ajustar as cordas do instrumento, que só a madureza da idade e o trato dos mestres poderão temperar.

O filho dos trópicos deve escrever numa linguagem — pròpriamente sua — lânguida como êle, quente como o sol que a abrasa, grande e misteriosa como as suas matas seculares; o beijo apaixonado das Celutas deve inspirar epopéias como a dos — Timbiras — e acordar os ¹¹⁹⁰ Renés enfatiados do desalento que os mata. Até então, até seguirmos o vôo arrojado do poeta de — I-Juca-Pirama — nós, cantores novéis, somos as vozes secundárias que se perdem no conjunto duma grande orquestra; há o único mérito de não ficarmos calados.

Assim, as minhas — Primaveras — não passam dum ramalhete das flores próprias da estação, — flores que o vento esfolhará amanhã, e que apenas valem como promessa dos frutos do outono.

Rio — 20 de Agôsto — 1859.

CASIMIRO DE ABREU.

A

Falo a ti — doce virgem dos meus sonhos,
Visão dourada dum cismar tão puro,
Que sorrias por noites de vigília
Entre as rosas gentis do meu futuro.

Tu m'inspiraste, oh musa do silêncio,
Mimosa flor da lânguida saudade!
Por ti correu meu estro ardente e louco
Nos verdores febris da mocidade.

Tu vinhas pelas horas das tristezas
Sôbre o meu ombro debruçar-te a mêdo,
A dizer-me baixinho mil cantigas,
Como vozes sutis dalgum segrêdo!

Por ti eu me embarquei, cantando e rindo,
— Marinheiro de amor — no batel curvo,
Rasgando afouto em hinos d'esperança
As ondas verde-azuis dum mar que é turvo.

Por ti corri sedento atrás da glória;
Por ti queimei-me cedo em seus fulgores;
Queria de harmonia encher-te a vida,
Palmas na frente — no regaço flores!

Tu, que fôste a vestal dos sonhos d'ouro,
O anjo tutelar dos meus anelos,
Estende sôbre mim as asas brancas...
Desenrola os anéis dos teus cabelos!

Muito gêlo, meu Deus, crestou-me as galas!
Muito vento do sul varreu-me as flores!
Ai de mim — se o relento de teus risos
Não molhasse o jardim dos meus amôres!

Não t'esqueças de mim! Eu tenho o peito
De santas ilusões, de crenças cheio!
— Guarda os cantos do louco sertanejo
No leito virginal que tens no seio.

Podes ler o *meu livro*: — adoro a infância,
Deixo a esmola na enxêrga do mendigo,
Creio em Deus, amo a pátria, e em noites lindas
Minh'alma — aberta em flor — sonha contigo.

Se entre as rosas das minhas — Primaveras —
Houver rosas gentis, de espinhos nuas;
Se o futuro atirar-me algumas palmas ¹¹⁹¹
As palmas do cantor — são tôdas tuas!

Agôsto 20 — 1859.

C.

La vie du vulgaire n'est qu'un vague et sourd murmure
du coeur; la vie de l'homme sensible est un cri; la vie du
poète est un chant!

Lamartine.

LIVRO PRIMEIRO

Heureux ceux qui n'ont point vu la fumée des fêtes
de l'étranger, et que ne se sont assis qu'aux festins de leurs
pères!

Chateaubriand.

I

CANÇÃO DO EXÍLIO.

Oh! mon pays sera mes amours
Toujours.

Chateaubriand.

Eu nasci além dos mares:
Os meus lares,
Meus amôres ficam lá!
— Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Suspiros o sabiá!

Oh! 1192 que céu, que terra aquela,
Rica e bela
Como o céu de claro anil!
Que seiva, que luz, que galas,
Não exalas, 1193
Não exalas, meu Brasil!

Oh! que saudades tamanhas
Das montanhas,
Daqueles campos natais!
Daquele céu de safira
Que se mira,
Que se mira nos cristais!

Não amo a terra do exílio,
Sou bom filho,
Quero a pátria, o meu país,
Quero a terra das mangueiras
E as palmeiras,
E as palmeiras tão gentis!

Como a ave dos palmares
Pelos ares
Fugindo do caçador;
Eu vivo longe do ninho,
Sem carinho,
Sem carinho e sem amor!

Debalde eu olho e procuro...
Tudo escuro
Só vejo em roda de mim!
Falta a luz do lar paterno
Doce e terno,
Doce e terno para mim.

Distante do solo amado
— Desterrado —
A vida não é feliz.
Nessa eterna primavera
Quem me dera,
Quem me dera o meu país!

Lisboa — 1855.

II

MINHA TERRA.

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.

G. Dias.

Todos cantam sua terra,
Também vou cantar a minha,
Nas débeis cordas da lira
Hei de fazê-la rainha;
— Hei de dar-lhe a realeza
Nesse trono de beleza
Em que a mão da natureza
Esmerou-se em quanto tinha.

Correi pr'as bandas do sul:
Debaixo dum céu de anil
Encontrareis o gigante
Santa Cruz, hoje Brasil;
— E' uma terra de amôres
Alcatifada de flores,
Onde a brisa fala amôres
Nas belas tardes de Abril.

Tem tantas belezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
— E' uma terra encantada
Mimoso jardim de fada —
Do mundo todo invejada,
Que o mundo não tem igual.

Não, não tem, que Deus fadou-a
Dentre tôdas — a primeira:
Deu-lhe êsse campos bordados,
Deu-lhe os leques da palmeira,
E a borboleta que adeja
Sobre as flores que ela beija,
Quando o vento rumoreja
Na folhagem da mangueira.

E' um país majestoso
Essa terra de Tupá,
Desd'o Amazonas ao Prata,
Do Rio Grande ao Pará!
— Tem serranias gigantes
E tem bosques verdejantes
Que repetem incessantes
Os cantos do sabiá.

Ao lado da cachoeira,
Que se despenha fremente,
Dos galhos da sapucaia
Nas horas do sol ardente,

Sôbre um solo d'açucenas,
Suspensa a rêde de penas
Ali nas tardes amenas
Se embala o índio indolente.

Foi ali que noutro tempo
A sombra do cajazeiro
Soltava seus doces carmes
O Petrarca brasileiro;
E a bela que o escutava
Um sorriso deslizava
Para o bardo que pulsava
Seu alaúde fagueiro.

Quando Dirceu e Marília
Em terníssimos enleios
Se beijavam com ternura
Em celestes devaneios;
Da selva o vate inspirado,
O sabiá namorado,
Na laranjeira pousado
Soltava ternos gorjeios.

Foi ali, foi no Ipiranga,
Que com tôda a majestade
Rompeu de lábios augustos
O brado da liberdade;
Aquela voz soberana
Vooou na plaga indiana
Desde o palácio à choupana,
Desde a floresta à cidade!

Um povo ergueu-se cantando
— Mancebos e anciãos —
E, filhos da mesma terra,
Alegres deram-se as mãos;
Foi belo ver êsse povo
Em suas glórias tão novo,
Bradando cheio de fogo:
— Portugal! somos irmãos!

Quando nasci, êsse brado
Já não soava na serra
Nem os ecos da montanha
Ao longe diziam — guerra!
Mas não sei o que sentia
Quando, a sós, eu repetia
Cheio de nobre ousadia
O nome da minha terra!

Se brasileiro eu nasci
Brasileiro hei de morrer,
Que um filho daquelas matas
Ama o céu que o viu nascer;
Chora, sim, porque tem prantos,
E são sentidos e santos
Se chora pelos encantos
Que nunca mais há de ver.

Chora, sim, como suspiro
Por êsse campos que eu amo,
Pelas mangueiras copadas
E o canto do gaturamo;
Pelo rio caudaloso,
Pelo prado tão relvoso,
E pelo tiê formoso
Da goiabeira no ramo!

Quis cantar a minha terra,
Mas não pode mais a lira;
Que outro filho das montanhas
O mesmo canto desfira,
Que o proscrito, o desterrado,
De ternos prantos banhado,
De saudades torturado,
Em vez de cantar — suspira!

Tem tantas belezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
— E' uma terra de amôres
Alcatifada de flores
Onde a brisa em seus rumores
Murmura: — não tem rival!

Lisboa — 1856.

III

SAUDADES.

Nas horas mortas da noite
Como é doce o meditar
Quando as estrêlas cintilam
Nas ondas quietas do mar;
Quando a lua majestosa
Surgindo linda e formosa,
Como donzela vaidosa
Nas águas se vai mirar!

Nessas horas de silêncio,
De tristezas e de amor,
Eu gosto de ouvir ao longe,
Cheio de mágoa e de dor,
O sino do campanário
Que fala tão solitário
Com êsse som mortuário
Que nos enche de pavor.

Então — proscrito e sòzinho —
Eu solto aos ecos da serra
Suspiros dessa saudade
Que no meu peito se encerra.
Êsses prantos de amargores
São prantos cheios de dores:
— Saudades — dos meus amôres,
— Saudades — da minha terra!

.... 1856.

IV

CANÇÃO DO EXÍLIO. 1194

Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
Cantar o sabiá!

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
Respirando este ar;
Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo
Os gozos do meu lar!

O país estrangeiro mais belezas
Do que a pátria ¹¹⁹⁵ não tem;
E este mundo não val um só dos beijos
Tão doces duma mãe!

Dá-me os sítios gentis onde eu brincava
Lá na quadra infantil;
Dá que eu veja uma vez o céu da pátria,
O céu do meu Brasil!

Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
Meu Deus! não seja já!
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
Cantar o sabiá!

Quero ver esse céu da minha terra
Tão lindo e tão azul!
E a nuvem côr de rosa que passava
Correndo lá do sul!

Quero dormir à sombra dos coqueiros,
As fôlhas por dossel;
E ver se apanho a borboleta branca,
Que voa no vergel!

Quero sentar-me à beira do riacho
Das tardes ao cair,
E sòzinho cismando no crepúsculo
Os sonhos do porvir!

Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
A voz do sabiá!

Quero morrer cercado dos perfumes
Dum clima tropical,
E sentir, expirando, as harmonias
Do meu berço natal!

Minha campa será entre as mangueiras, ¹¹⁹⁶
Banhada do luar,
E eu contente dormirei tranqüilo
A sombra do meu lar!

As cachoeiras chorarão sentidas
Porque cedo morri,
E eu sonho no sepulcro os meus amôres
Na terra onde nasci!

Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
Cantar o sabiá!

Lisboa — 1857.

V

MINHA MÃE.

Oh! l'amour d'une mère! — amour que nul n'oublie!

V. Hugo.

Da pátria formosa distante e saudoso,
Chorando e gemendo meus cantos de dor,
Eu guardo no peito a imagem querida
Do mais verdadeiro, do mais santo amor:
— Minha Mãe! —

Nas horas caladas das noites d'estio
Sentado sòzinho co'a face na mão,
Eu choro e soluço por quem me chamava
— "Oh filho querido do meu coração!" —
— Minha Mãe! —

No berço, pendente dos ramos floridos, ¹¹⁹⁷
Em que eu pequenino feliz dormitava:
Quem é que esse berço com todo o cuidado
Cantando cantigas alegre embalava?
— Minha Mãe! —

De noite, alta noite, quando eu já dormia
Sonhando esses sonhos dos anjos dos céus,
Quem é que meus lábios dormentes roçava,
Qual anjo da guarda, qual sôpro de Deus?
— Minha Mãe! —

Feliz o bom filho que pode contente
Na casa paterna de noite e de dia
Sentir as carícias do anjo de amôres,
Da estrêla brilhante que a vida nos guia!
— Uma Mãe! —

Por isso eu agora na terra do exílio,
Sentado sòzinho co'a face na mão,
Suspiro e soluço por quem me chamava:
— "Oh filho querido do meu coração!" —
— Minha Mãe! —

Lisboa — 1855.

VI

ROSA MURCHA.

Esta rosa desbotada
Já tantas vèzes beijada,
Pálido emblema de amor;
E' uma fôlha caída
Do livro da minha vida,
Um canto imenso de dor!

.....
Há que tempos! Bem me lembro...
Foi num dia de Novembro:
Deixava a terra natal,
A minha pátria tão cara,
O meu lindo Guanabara,
Em busca de Portugal.

Na hora da despedida
Tão cruel e tão sentida
P'ra quem sai do lar fagueiro;
Duma lágrima orvalhada,
Esta rosa foi-me dada
Ao som dum beijo primeiro.

Deixava a pátria, é verdade,
Ia morrer de saudade
Noutros climas, noutras plagas;
Mas tinha orações ferventes
Duns lábios inda inocentes
Enquanto cortasse as vagas.

E hoje, e hoje, meu Deus?!
— Hei de ir junto aos mausoléus
No fundo dos cemitérios,
E ao baço clarão da lua
Da campa na pedra nua
Interrogar os mistérios!

Carpir o lírio pendido
Pelo vento desabrido...
Da divindade aos arcanos
Dobrando a fronte saudosa,
Chorar a virgem formosa
Morta na flor dos anos!

Era um anjo! Foi p'ro céu
Envôlta em místico véu
Nas asas dum querubim;
Já dorme o sono profundo,
E despediu-se do mundo
Pensando talvez em mim!

.....
Oh! esta flor desbotada,
Já tantas vêzes beijada,
Que de mistérios não tem!
Em troca do seu perfume
Quanta saudade resume
E quantos prantos também!

Lisboa — 1855.

VII

JURITI.

Na minha terra, no bulir do mato,
A juriti suspira;
E como o arrulo dos gentis amôres,
São os meus cantos de secretas dores
No chorar da lira.

De tarde a pomba vem gemer sentida
À beira do caminho;
— Talvez perdida na floresta ingente —
A triste geme nessa voz plangente
Saudades do seu ninho.

Sou como o pomba e como as vozes dela
E' triste o meu cantar;
— Flor dos trópicos — cá na Europa fria
Eu definho, chorando noite e dia
Saudades do meu lar.

A juriti suspira sôbre as fôlhas sêcas
Seu canto de saudade;
Hino de angústia, férvido lamento,
Um poema de amor e sentimento,
Um grito d'orfandade!

Depois... o caçador chega cantando,
À pomba faz o tiro...
A bala acerta e ela cai de bruços,
E a voz lhe morre nos gentis soluços,
No final suspiro.

E como o caçador, a morte em breve
Levar-me-á consigo;
E descuidado, no sorrir da vida,
Irei sôzinho, a voz desfalecida,
Dormir no meu jazigo.

E — morta — a pomba nunca mais suspira
À beira do caminho;
E como a juriti, — longe dos lares —
Nunca mais chorarei nos meus cantares
Saudades do meu ninho!

Lisboa — 1857.

VIII

MEUS OITO ANOS.

Oh! souvenirs! printemps! aurores!
V. Hugo.

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
— Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é — lago sereno,
O céu — um manto azulado,
O mundo — um sonho dourado,
A vida — um hino d'amor!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
— Pés descalços, braços nus —
Correndo pelas campinas
À roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos
Ia colhêr as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

.....

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
— Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Lisboa — 1857.

I X

NO ÁLBUM DE J. C. M.

Nestas fôlhas perfumadas
Pelas rosas desfolhadas
Dêsses cantos de amizade,
Permite que venha agora
Quem longe da pátria chora
Bem triste gravar: — saudade!

Lisboa.

X

NO LAR.

Terra da minha pátria, abre-me o seio
Na morte — ao menos

Garrett.

I.

Longe da pátria, sob um céu diverso
Onde o sol como aqui tanto não arde,
Chorei saudades do meu lar querido
— Ave sem ninho que suspira à tarde. —

No mar — de noite — solitário e triste
Fitando os lumes que no céu tremiam,
Ávido e louco nos meus sonhos d'alma
Folguei nos campos que meus olhos viam.

Era pátria e família e vida e tudo,
Glória, amôres, mocidade e crença,
E, todo em choros, vim beijar as praias
Por que ¹¹⁹⁸ chorara nessa longa ausência.

Eis-me na pátria, no país das flores,
— O filho pródigo a seus lares volve,
E concertando as suas vestes rôtas,
O seu passado com prazer revolve!

Eis meu lar, minha casa, meus amôres,
A terra onde nasci, meu teto amigo,
A gruta, a sombra, a solidão, o rio
Onde o amor me nasceu — cresceu comigo.

Os mesmos campos que eu deixei criança,
Árvores novas... tanta flor no prado!...
Oh! como és linda, minha terra d'alma,
— Noiva enfeitada para o seu noivado! —

Foi aqui, foi ali, além... mais longe,
Que eu sentei-me a chorar no fim do dia;
— Lá vejo o atalho que vai dar na várzea...
Lá o barranco por onde eu subia!...

Acho agora mais sêca a cachoeira
Onde banhei-me no infantil cansaço...
— Como está velho o laranjal tamanho
Onde eu caçava o sanhaço a laço!...

Como eu me lembro dos meus dias puros!
Nada m'esquece —... e esquecer quem há de?...
— Cada pedra que eu palpo, ou tronco, ou fôlha,
Fala-me ainda dessa doce idade!

Eu me remoço recordando a infância,
E tanto a vida me palpita agora
Que eu dera oh! Deus! a mocidade inteira
Por um só dia do viver d'outrora!

E a casa?... as salas, êstes móvcis... tudo,
O crucifixo pendurado ao muro...
O quarto do oratório... a sala grande
Onde eu temia penetrar no escuro!...

E ali... naquele canto... o berço armado!
E minha mana, tão gentil, dormindo!
E mamãe a contar-me histórias lindas
Quando eu chorava e a beijava rindo!

Oh! primavera! oh! minha mãe querida!
Oh! mana! — anjinho que eu amei com ânsia —
Vinde ver-me, em soluços — de joelhos —
Beijando em choros êste pó da infância!

II.

Meu Deus! eu chorei tanto lá no exílio!
Tanta dor me cortou a voz sentida,
Que agora neste gôzo de proscrito
Chora minh'alma e me sucumbe a vida!

Quero amor! quero vida! e longa e bela
Que eu, Senhor! não vivi — dormi apenas!
Minh'alma que s'expande e se entumece
Despe o seu luto nas canções amenas.

Que sêde que eu sentia nessas noites!
Quanto beijo roçou-me os lábios quentes!
E, pálido, acordava no meu leito
— Sôzinho — e órfão das visões ardentes!

Quero amor! quero vida! aqui, na sombra,
No silêncio e na voz desta natura;
— Da primavera de minh'alma os cantos
Caso co'as flores da estação mais pura.

Quero amor! quero vida! os lábios ardem...
Preciso as dores dum sentir profundo!
— Sôfrego a taça esgotarei dum trago
Embora a morte vá topar no fundo.

Quero amor! quero vida! Um rosto virgem,
— Alma de arcanjo que me fale amôres,
Que ria e chore, que suspire e gema
E doure a vida sôbre um chão de flores.

Quero amor! quero amor! — Uns dedos brancos
Que passem a brincar nos meus cabelos;
Rosto lindo de fada vaporosa
Que dê-me vida e que me mate em zelos!

Oh! céu de minha terra — azul sem mancha —
Oh! sol de fogo que me queima a fronte,
Nuvens douradas que correis no ocaso,
Névoas da tarde que cobris o monte;

Perfumes da floresta, vozes doces,
Mansa lagoa que o luar prateia,
Claros riachos, cachoeiras altas,
Ondas tranqüilas que morreis na areia;

Aves dos bosques, brisas das montanhas,
Bentevis do campo, sabiás da praia,
— Cantai, correi, brilhai — minh'alma em ânsias
Treme de gozo e de prazer desmaia!

Flores, perfumes, solidões, gorjeios,
Amor, ternura — modulai-me a lira!
— Seja um poema êste ferver de idéias
Que a mente cala e o coração suspira.

Oh! mocidade! bem te sinto e vejo!
De amor e vida me transborda ¹¹⁹⁹ o peito...
— Basta-me um ano!.. e depois... na sombra..
Onde tive o berço quero ter meu leito!

Eu canto, eu choro, eu rio, e grato e louco
Nos pobres hinos te bendigo, oh! Deus!
Deste-me os gozos do meu lar querido...
Bendito sejas! — vou viver c'os meus!

Indaiçu — 1857.

XI

BRASILIANAS.

MORENINHA.

Moreninha, Moreninha,
Tu és do campo a rainha,
Tu és senhora de mim;
Tu matas todos d'amôres,
Faceira, vendendo as flores
Que colhes no teu jardim.

Quando tu passas n'aldeia
Diz o povo à bôca cheia:
— “Mulher mais linda não há!
“Ai vejam como é bonita
“Co'as tranças prêsas na fita,
“Co'as flores no samburá!” ¹²⁰⁰ —

Tu és meiga, és inocente
Como a rôla que contente
Voa e folga no rosal;
Envôlta nas simples galas,
Na voz, no riso, nas falas,
Morena — não tens rival!

Tu, ontem, vinhas do monte
E paraste ao pé da fonte
À fresca sombra do til;
Regando as flores sôzinha,
Nem tu sabes, Moreninha,
O quanto achei-te gentil!

Depois segui-te calado
Como o pássaro esfaimado
Vai seguindo a juriti;
Mas tão pura ias brincando,
Pelas pedrinhas saltando,
Que eu tive pena de ti!

E disse então: — Moreninha,
Se um dia tu fôres minha,
Que amor, que amor não terás!
Eu dou-te noites de rosas
Cantando canções formosas
Ao som dos meus ternos ais.

Morena, minha sereia,
Tu és a rosa da aldeia,
Mulher mais linda não há;
Ninguém t'igualava ou t'imitava
Co'as tranças prêsas na fita,
Co'as flores no samburá!

Tu és a deusa da praça,
E todo o homem que passa
Apenas viu-te... parou!
Segue depois seu caminho
Mas vai calado e sôzinho
Porque ¹²⁰¹ sua alma ficou!

Tu és bela, Moreninha,
Sentada em tua banquinha
Cercada de todos nós;
Rufando alegre o pandeiro,
Como a ave no espinheiro
Tu soltas também a voz:

— “Oh! quem me compra estas flores?
“São lindas como os amôres,
“Tão belas não há assim;
“Foram banhadas de orvalho,
“São flores do meu serralho,
“Colhi-as no meu jardim.” —

Morena, minha Morena,
És bela, mas não tens pena
De quem morre de paixão!
— Tu vendes flores singelas
E guardas as flores belas,
As rosas do coração?!..

Moreninha, Moreninha,
Tu és das belas rainha,
Mas nos amôres és má;
— Como tu ficas bonita
Co'as tranças prêsas na fita,
Co'as flores no samburá!

Eu disse então: — “Meus amôres,
“Deixa mirar tuas flores,
“Deixa perfumes sentir!”
Mas naquele doce enleio,
Em vez das flores, no seio,
No seio te fui bulir!

Como nuvem desmaiada
Se tinge de madrugada
Ao doce albor da manhã;
Assim ficaste, querida,
A face em pejo acendida,
Vermelha como a romã!

Tu fugiste, feiticeira,
E de certo mais ligeira
Qualquer gazela não é;
Tu ias de saia curta...
Saltando a moita de murta
Mostraste, mostraste o pé!

Ai! Morena, ai! meus amôres,
Eu quero comprar-te as flores,
Mas dá-me um beijo também;
Que importam rosas do prado
Sem o sorriso engraçado
Que a tua boquinha tem?...

Apenas vi-te, sercia,
Chamei-te — rosa da aldeia —
Como mais linda não há.
— Jesus! Como eras bonita
Co'as tranças prêsas na fita,
Co'as flores no samburá!

Indaiaçu — 1857.

XII

NA RÊDE.

Nas horas ardentes do pino do dia
Aos bosques corri;
E qual linda imagem dos castos amôres,
Dormindo e sonhando cercada de flores
Nos bosques a vi!

Dormia deitada na rêde de penas
— O céu por dossel,
De leve embalada no quieto balanço
Qual nauta cismando num lago bem manso
Num leve batel!

Dormia e sonhava — no rosto serena
Qual um serafim;
Os cílios pendidos nos olhos tão belos,
E a brisa brincando nos soltos cabelos
De fino cetim!

Dormia e sonhava — formosa embebida
No doce sonhar,
E doce e sereno num mágico anseio
Debaixo das roupas batia-lhe o seio
No seu palpar!

Dormia e sonhava — a bôca entreaberta, ¹²⁰²
O lábio a sorrir;
No peito cruzados os braços dormentes,
Compridos e lisos quais brancas serpentes
No colo a dormir!

Dormia e sonhava — no sonho de amôres
Chamava por mim,
E a voz suspirosa nos lábios morria
Tão terna e tão meiga qual vaga harmonia
De algum bandolim!

Dormia e sonhava — de manso cheguei-me
Sem leve rumor;
Pendi-me tremendo e qual fraco vagido,
Qual sôpro da brisa, baixinho ao ouvido
Falei-lhe de amor!

Ao hálito ardente o peito palpita...
Mas sem despertar;
E como nas ânsias dum sonho que é lindo,
A virgem na rêde corando e sorrindo...
Beijou-me — a sonhar!

Junho — 1858.

XIII

A VOZ DO RIO.

NUM ÁLBUM.

Nosso sol é de fogo, o campo é verde,
O mar é manso, nosso céu azul!
— Ai! porque deixas este pátrio ninho
Pelas friezas dos vergéis do sul?

Lá nessa terra onde o Guaíba chora
Não são as noites, como aqui, formosas,
E as duras asas do pampeiro iroso
Quebra as tulipas e desfolha as rosas.

A lua é doce, nosso mar tranqüilo,
Mais leve a brisa, nosso céu azul!...
— Tupá! quem troca pelo pátrio ninho
As ventanias do vergéis do sul?!

Lá novos campos outros campos ligam
E a vista fraca na extensão se perde!
E tu sòzinho viverás no exílio
— Garça perdida nesse mar que é verde! —

Nossas campinas como doces noivas
Vivem c'os montes sob o céu azul!
— Há vida e amôres neste pátrio ninho
Mais rico e belo que os vergéis do sul!

Essas palmeiras não têm ¹²⁰³ tantos leques,
O sol das Pampas mareou seu brilho,
Nem cresce o tronco que susteve um dia
O berço lindo em que dormiu teu filho!

Nossas florestas sacudindo os galhos
Tocam c'os braços êste céu azul!...
— Se tudo é grande neste pátrio ninho
Porque deixá-lo p'ra viver no sul?!

Embora digas: — essa terra fria
Merece amôres, é irmã da minha —
Quem dar-te pode êste calor do ninho,
A luz suave que o teu berço tinha?!

Eu — Guanabara — no meu longo espelho
Reflico as nuvens dêste céu azul;
— O' minha filha! acalentei-te o sono,
Porque me deixas p'ra viver no sul?!

Lá, quando a terra s'embuçar nas sombras
E o sol medroso s'esconder nas águas,
Teu pensamento, como o sol que morre,
Há de cismando mergulhar-se em mágoas!

Mas se forçoso t'é deixar a pátria
Pelas friezas dos vergéis do sul,
O' minha filha! não t'esqueças nunca
Destas montanhas, dêste céu azul.

Tupá bondoso te derrame graças,
Doce ventura te bafeje e siga,
E nos meus braços — ao voltar do exílio —
Saudando o berço que teu lábio diga:

“Volvo contente para o pátrio ninho,
“Deixei sorrindo êsses vergéis do sul;
“Tinha saudades dêste sol de fogo...
“Não deixo mais êste meu céu azul!...” 1204

Rio — 1858.

X I V

SETE DE SETEMBRO.

A D. PEDRO II.

I.

Foi um dia de glória! — O povo altivo
Trocou sorrindo as vozes de cativo
Pelo cantar das festas!
O leão indomável do deserto
Bramiu soberbo, dos grilhões liberto,
No meio das florestas!

Lá no Ipiranga do Brasil o Marte
Enrolado nas dobras do estandarte
Erguia o agosto porte;
Cercada a frente dos lauréis da glória
Soltou tremendo o brado da vitória:
— Independência ou morte!

O santo amor dos corações ardentes
Achou eco no peito dos valentes
No campo e na cidade;
E nos salões — do pescador nos lares,
Livres soaram hinos populares
A voz da liberdade!

I I.

Anos correram; — no torrão fecundo
Ao sol de fogo dêste novo-mundo
A semente brotou;
E franca e leda, a geração nascente
A copa ativa da árvore frondente
Segura se abrigou!

A ¹²⁰⁵ roda da bandeira sacrossanta
Um povo esperançoso se levanta
Infante e a sorrir!
A nação do letargo se desperta,
E — livre — marcha pela estrada aberta
As glórias do porvir!

O país, na alegria todo imerso,
Velava atento à roda só dum berço..
Era o vosso, Senhor!
Vós do tronco feliz doce renôvo,
Vêde agora, Senhor, na voz do povo
Quão grande é seu amor!

Rio — 1858

X V

CÂNTICOS.

POESIA E AMOR.

A tarde que expira,
A flor que suspira,
O canto da lira,
Da lua o clarão;
Dos mares na raia
A luz que desmaia,
E as ondas na praia
Lambendo-lhe o chão;

Da noite a harmonia
Melhor que a do dia,
E a viva ardentia
Das águas do mar;
A virgem incauta,
As vozes da flauta,
E o canto do nauta
Chorando o seu lar;

Os trêmulos lumes,
Da fonte os queixumes,
E os meigos perfumes
Que solta o vergel;
As noites brilhantes,
E os doces instantes
Dos noivos amantes
Na lua-de-mel;

Do templo nas naves
As notas suaves,
E o trino das aves
Saudando o arrebol;
As tardes estivas,
E as rosas lascivas
Erguendo-se altivas
Aos raios do sol;

A gôta de orvalho
Tremendo no galho
Do velho carvalho,
Nas fôlhas do ingyá;
O bater do seio,
Dos bosques no meio
O doce gorjeio
Dalgum sabiá;

A órfã que chora,
A flor que se cora
Aos raios da aurora,
No albor da manhã;
Os sonhos eternos,
Os gozos mais ternos,
Os beijos maternos
E as vozes de irmã;

O sino da tórre
Carpindo quem morre,
E o rio que corre
Banhando o chorão;
O triste que vela
Cantando à donzela
A trova singela
Do seu coração;

A luz da alvorada,
E a nuvem dourada
Qual berço de fada
Num céu todo azul;
No lago e nos brejos
Os férvidos beijos
E os loucos bafejos
Das brisas do sul;

Tôda essa ternura
Que a rica natura
Soletra e murmura
Nos hálitos seus,
Da terra os encantos,
Das noites os prantos,
São hinos, são cantos
Que sobem a Deus!

Os trêmulos lumes,
Da veiga os perfumes,
Da fonte os queixumes,
Dos prados a flor,
Do mar a ardentia,
Da noite a harmonia,
Tudo isso é — poesia!
Tudo isso é — amor!

Indaiçu — 1857.

XVI

ORAÇÕES.

A ***

A alma, como o incenso, ao céu s'eleva
Da férvida oração nas asas puras,
E Deus recebe como um longo hosana
O cântico de amor das criaturas.

Do trono d'ouro que circundam anjos
Sorrindo ao mundo a Virgem-Mãe s'inclina
Ouvindo as vozes d'innocência bela
Dos lábios virginais duma menina.

Da tarde morta o murmurar se cala
Ante a prece infantil, que sobe e voa
Fresca e serena qual perfume doce
Das frescas rosas de gentil coroa.

As doces falas de tua alma santa
Valem mais do que eu valho, ¹²⁰⁶ oh! querubim!
Quando rezares por teu mano, à noite,
Não t'esqueças — também ¹²⁰⁷ reza por mim!

Rio — 1858.

XVII

BÁLSAMO.

Eu vi-a lacrimosa sôbre as pedras
Rojar-se essa mulher que a dor ferira!
A morte lhe roubara dum só golpe
Marido e filho, encaneceu-lhe a fronte,
E deixou-a sôzinha e desgrehada
— Estátua da aflição aos pés dum túmulo! —
O esqúalido coveiro p'ra dois corpos
Ergueu a mesma enxada, e nessa noite
A mesma cova os teve!

E a mãe chorava,
E mais alto que o chôro erguia as vozes!

.....

No entanto o sacerdote — fronte branca
Pelo gêlo dos anos — a seu lado
Tentava consolá-la.

A mãe aflita
Sublime dêsse belo desespero
As vozes não lhe ouvia; a dor suprema
Toldava-lhe a razão no duro trance.

“Oh! padre! — disse a pobre s'estorcendo
Co'a voz cortada dos soluços d'alma —
“Onde o bálsamo, as falas d'esperança,
“O alivio à minha dor?!”

Grave e solene,
O padre não falou — mostrou-lhe o céu!

Rio — 1858.

XVIII

DEUS!

Eu me lembro! eu me lembro! — Era pequeno
E brincava na praia; o mar bramia
E, ¹²⁰⁸ erguendo o dorso altivo, sacudia
A branca escuma para o céu sereno.

E eu disse a minha mãe nesse momento:
“Que dura orquestra! Que furor insano!
“Que pode haver maior do que o oceano,
“Ou que seja mais forte do que o vento?!” —

Minha mãe a sorrir olhou p'r'os céus
E respondeu: — “Um ¹²⁰⁹ Ser que nós não vemos
“E’ maior do que o mar que nós tememos,
“Mais forte que o tufão! meu filho, é — Deus!” —

Dezembro — 1858.

LIVRO SEGUNDO.

La chanson la plus charmante
Est la chanson des amours!

V. Hugo.

XIX

PRIMAVERAS.

Primavera! juventud del anno,
Mocidad! primavera della vita.

Metastásio.

I.

A primavera é a estação dos risos,
Deus fita o mundo com celeste afago,
Tremem as fôlhas e palpita o lago
Da brisa louca aos amorosos frisos.

Na primavera tudo é viço e gala,
Trinam as aves a canção de amôres,
E doce e bela no tapiz das flores
Melhor perfume a violeta exala.

Na primavera tudo é riso e festa,
Brotam aromas do vergel florido,
E o ramo verde de manhã colhido
Enfeita a frente da aldeã modesta.

A natureza se desperta rindo,
Um hino imenso a criação modula,
Canta a calhandra, a juriti arrula,
O mar é calmo porque o céu é lindo.

Alegre e verde se balança o galho,
Suspira a fonte na linguagem meiga,
Murmura a brisa: — Como é linda a veiga!
Responde a rosa: — Como é doce o orvalho!

II.

Mas como às vêzes sôbre o céu sereno
Corre uma nuvem que a tormenta guia,
Também a lira alguma vez sombria
Solta gemendo de amargura um treno.

São flores murchas; — o jasmim fenece,
Mas bafejado s’erguerá de novo
Bem como o galho do gentil renôvo
Durante a noite, quando o orvalho desce.

Se um canto amargo de ironia cheio
Treme nos lábios do cantor mancebo,
Em breve a virgem do seu casto enlêvo
Dá-lhe um sorriso e lhe entumece o seio. ¹²¹⁰

Na primavera — na manhã da vida —
Deus às tristezas o sorriso enlaça,
E a tempestade se dissipa e passa
À voz mimosa da mulher querida.

Na mocidade, na estação fogosa,
Ama-se a vida — a mocidade é crença,
E a alma virgem nesta festa imensa
Canta, palpita, s’extasia e goza.

1.º de Julho — 1858.

XX

CENA ÍNTIMA.

Como estás hoje zangada
E como olhas despeitada
Só p’ra mim!
— Ora diz-me: êsses queixumes,
Êsses injustos ciúmes
Não têm ¹²¹¹ fim?

Que pequei eu bem conheço,
Mas castigo não mereço
Por pecar;
Pois tu queres chamar crime
Render-se à chama sublime
Dum olhar!

Porventura te esqueceste
Quando de amor me perdeste
Num sorrir?
Agora em cólera imensa
Já queres dar a sentença
Sem me ouvir!

E depois, se eu te repito
Que nesse instante maldito
— Sem querer —
Arrastado por magia
Mil torrentes de poesia
Fui beber!

Eram uns olhos escuros
Muito belos, muito puros,
Como os teus!
Uns olhos assim tão lindos
Mostrando gozos infindos,
Só dos céus!

Quando os vi fulgindo tanto
Senti no peito um encanto
Que não sei!
Juro falar-te a verdade...
Foi de certo — sem vontade —
Que eu pequei!

Mas hoje, minha querida,
Eu dera até esta vida
P’ra poupar
Essas lágrimas queixosas,
Que as tuas faces mimosas
Vêm molhar!

Sabe ainda ser clemente,
Perdoa um erro inocente, ¹²¹²
Minha flor!
Seja grande embora o crime,
O perdão sempre é sublime, ¹²¹³
Meu amor!

Mas se queres com maldade
Castigar quem — sem vontade —
Só pecou;
Olha, linda, eu não me queixo,
A teus pés cair-me deixo...
Aqui 'stou!

Mas se me deste, formosa,
De amor na taça mimosa
Doce mel;
Ai! deixa que peça agora
Esses extremos d'outrora
O infiel:

Prende-me... nesses teus braços
Em doces, longos abraços
Com paixão;
Ordena com gesto altivo...
Que te beije este cativo
Essa mão!

Mata-me sim... de ventura,
Com mil beijos de ternura
Sem ter dó,
Que eu prometo, anjo querido,
Não desprender um gemido,
Nem um só!

X X I

JURAMENTO.

Tu dizes, oh Mariquinhas, ¹²¹⁴
Que não crês nas juras minhas,
Que nunca cumpridas são!
Mas se eu não te jurei nada,
Como há de tu, estouvada,
Saber se eu as cumpro ou não?!

Tu dizes que eu sempre minto,
Que protesto o que não sinto,
Que todo o poeta é vário,
Que é borboleta inconstante;
Mas agora, neste instante,
Eu vou provar-te o contrário.

Vem cá, sentada a meu lado
Com esse rosto adorado
Brilhante de sentimento,
Ao colo o braço cingido,
Olhar no meu embebido,
Escuta o meu juramento.

Espera: — inclina essa frente...
Assim! — Pareces no monte
Alvo lírio debruçado!
— Agora, se em mim te fias,
Fica séria, não te rias,
O juramento é sagrado:

— Eu juro sôbre estas tranças,
“E pelas chamas que lanças
“Dêses teus olhos divinos;
“Eu juro, minha inocente,
“Embalar-te docemente
“Ao som dos mais ternos hinos!

“Pelos ondas, pelas flores,
“Que se estremecem de amôres
“Da brisa ao sôpro lascivo;
“Eu juro, por minha vida,
“Deitar-me a teus pés, querida, ¹²¹⁵
“Humilde como um cativo!

“Pelos lírios, pelas rosas,
“Pelos estrêlas formosas,
“Pelo sol que brilha agora,
“— Eu juro dar-te, Maria,
“Quarenta beijos por dia
“E dez abraços por hora!”

O juramento está feito,
Foi dito co'a mão no peito
Apontado ao coração:
E agora — por vida minha,
Tu verás, ¹²¹⁶ oh! moreninha,
Tu verás se o cumpro ou não!..

Rio — 1857.

X X I I

PERFUMES E AMOR.

NA PRIMEIRA FÔLHA DUM ÁLBUM.

A flor mimosa que abrilhanta o prado
Ao sol nascente vai pedir fulgor;
E o sol, abrindo da açucena as fôlhas,
Dá-lhe perfumes — e não nega amor.

Eu que não tenho, como o sol, seus raios,
Embora sinta nesta fronte ardor,
Sempre quisera ao encetar teu álbum
Dar-lhe perfumes — desejar-lhe amor.

Meu Deus! nas fôlhas dêste livro puro
Não manche o pranto da inocência o alvor,
Mas cada canto que cair dos lábios
Traga perfumes — e murmure amor.

Aqui se junte, qual num ramo santo,
Do nardo o aroma e da camélia a côr,
E possa a virgem, percorrendo as fôlhas,
Sorver perfumes — respirar amor.

Encontre a bela, caprichosa sempre,
Nos ternos hinos d'infantil frescor
Entrelaçados na grinalda amiga
Doces perfumes — e celeste amor.

“Talvez que diga, recordando tarde
O doce anelo do feliz cantor:
— “Meu Deus! nas fôlhas do meu livro d'alma
Sobram perfumes — e não falta amor!”

Junho — 1858.

XXIII

SEGREDOS.

Eu tenho uns amôres — quem é que os não tinha
Nos tempos antigos? — Amar não faz mal;
As almas que sentem paixão como a minha
Que digam, que falem em regra geral.

— A flor dos meus sonhos é moça e bonita
Qual flor entr'aberta do dia ao raiar,
Mas onde ela mora, que casa ela habita,
Não quero, não posso, não devo contar!

Seu rosto é formoso, seu talhe elegante,
Seus lábios de rosa, a fala é de mel,
As tranças compridas, qual livre bacante,
O pé de criança, cintura de anel;

— Os olhos rasgados são côr das safiras, ¹²¹⁷
Serenos e puros, azuis como o mar;
Se falam sinceros, se pregam mentiras,
Não quero, não posso, não devo contar!

Oh! ontem no baile com ela valsando
Senti as delícias dos anjos do céu!
Na dança ligeira qual silfo voando
Caiu-lhe do rosto seu cândido véu!

— Que noite e que baile! — Seu hálito virgem
Queimava-me as faces no louco valsar,
As falas sentidas que os olhos falavam
Não posso, não quero, não devo contar!

Depois indolente firmou-se em meu braço,
Fugimos das salas, do mundo talvez!
Inda era mais bela rendida ao cansaço, ¹²¹⁸
Morrendo de amôres em tal languidez!

— Que noite e que festa! e que lânguido rosto
Banhado ao reflexo do branco luar!
A neve do colo e as ondas dos seios
Não quero, não posso, não devo contar!

A noite é sublime! — Tem longos queixumes,
Mistérios profundos que eu mesmo não sei:
Do mar os gemidos, do prado os perfumes,
De amor me mataram, de amor suspirei!

— Agora eu vos juro... Palavra! — não minto!
Ouvi-a formosa também suspirar;
Os doces suspiros que os ecos ouviram
Não quero, não posso, não devo contar!

Então nesse instante nas águas do rio
Passava uma barca, e o bom remador
Cantava na flauta: — “Nas noites d'estio
O céu tem estrêlas, o mar tem amor!” —

— E a voz maviosa do bom gondoleiro
Repete cantando: — “viver é amar!” —
Se os peitos respondem à voz do barqueiro...
Não quero, não posso, não devo contar!

Trememos de mêdo... a bôca emudece
Mas sentem-se os pulos do meu coração!
Seu seio nevado de amor se entumece...
E os lábios se tocam no ardor da paixão!

— Depois... mas já vejo que vós, meus senhores,
Com fina malícia quereis me enganar.
Aqui faço ponto; — segredos de amôres
Não quero, não posso, não devo contar!

Rio — 1857.

XXIV

CLARA.

Não sabes, Clara, ¹²¹⁹ que pena
Eu teria se — morena
Tu fôsses em vez de *clara*!
Talvez... Quem sabe?... não digo...
Mas refletindo comigo
Talvez nem tanto te amara!

A tua côr é mimosa,
Brilha mais da face a rosa,
Tem mais graça a bôca breve.
O teu sorriso é delírio...
És alva da côr do lírio,
És *clara* da côr da neve!

A morena é predileta,
Mas a *clara* é do poeta:
Assim se pintam arcanjos.
Qualquer, encantos encerra,
Mas a morena é da terra
Enquanto a *clara* é dos anjos!

Mulher morena é ardente:
Prende o amante demente
Nos fios do seu cabelo;
— A *clara* é sempre mais fria,
Mas dá-me licença um dia
Que eu vou arder no teu gêlo!

A côr morena é bonita,
Mas nada, nada te imita
Nem mesmo sequer de leve.
— O teu sorriso é delírio...
És alva da côr do lírio,
És *clara* da côr da neve!

Rio — 1858.

XXV

A VALSA.

A M. ***

Tu, ontem,
Na dança
Que cansa,
Voavas
Co'as faces
Em rosas
Formosas
De vivo,
Lascivo
Carmim;
Na valsa
Tão falsa,
Corrias,
Fugias,
Ardente,
Contente,
Tranqüila,
Serena,
Sem pena
De mim!

Quem dera
 Que sintas
 As dores
 De amôres
 Que louco
 Senti!
 Quem dera
 Que sintas!..
 — Não negues,
 Não mintas...
 — Eu vi!...

Valsavas:
 — Teus belos
 Cabelos,
 Já soltos,
 Revoltos,
 Saltavam,
 Voavam,
 Brincavam
 No colo
 Que é meu;
 E os olhos
 Escuros
 Tão puros,
 Os olhos
 Perjuros
 Volvias,
 Tremias,
 Sorrias
 P'ra outro
 Não eu!

Quem dera
 Que sintas
 As dores
 De amôres
 Que louco
 Senti!
 Que dera
 Que sintas!..
 — Não negues,
 Não mintas...
 — Eu vi!...

Meu Deus!
 Eras bela
 Donzela,
 Valsando,
 Sorrindo,
 Fugindo,
 Qual silfo
 Risonho
 Que em sonho
 Nos vem! ¹²²⁰
 Mas esse
 Sorriso
 Tão liso
 Que tinhas
 Nos lábios
 De rosa,
 Formosa,
 Tu davas,
 Mandavas
 A quem?!

Quem dera
 Que sintas
 As dores
 De amôres
 Que louco
 Senti!
 Quem dera
 Que sintas!..
 — Não negues,
 Não mintas...
 — Eu vi!...

Calado,
 Sòzinho,
 Mesquinho,
 Em zelos
 Ardendo,
 Eu vi-te
 Correndo
 Tão falsa
 Na valsa
 Veloz!
 Eu triste
 Vi tudo!
 Mas mudo
 Não tive
 Nas galas
 Das salas,
 Nem falas,
 Nem cantos,
 Nem prantos, ¹²²¹
 Nem voz!

Quem dera
 Que sintas
 As dores
 De amôres
 Que louco
 Senti!
 Quem dera
 Que sintas!..
 — Não negues,
 Não mintas...
 — Eu vi!...

Na valsa
 Cansaste;
 Ficaste
 Prostrada,
 Turbada!
 Pensavas,
 Cismavas,
 E estavas
 Tão pálida
 Então;
 Qual pálida
 Rosa
 Mimosa
 No vale
 Do vento
 Cruento
 Batida,
 Caída
 Sem vida
 No chão!

Quem dera
 Que sintas
 As dores

De amôres
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!..
— Não negues,
Não mintas...
— Eu vi!...

Rio — 1858.

X X V I

BORBOLETA.

Borboleta dos amôres,
Como a outra sôbre as flores,
Porque és volúvel assim?
Porque deixas, caprichosa,
Porque deixas tu a rosa
E vais beijar o jasmim?

Pois essa alma é tão sedenta
Que um só amor não contenta
E louca quer variar?
Se já tens amôres belos,
P'ra que vais dar teus desvelos
Aos goivos da beira-mar?

Não sabes que a flor traída
Na débil haste pendida
Em breve murcha será?
Que de ciúmes fenece
E nunca mais estremece
Aos beijos que a brisa dá?...

Borboleta dos amôres,
Como a outra sôbre as flores,
Porque és volúvel assim?
Porque deixas, caprichosa,
Porque deixas tu a rosa
E vais beijar o jasmim?!

Tu vês a flor da campina,
E bela e terna e divina,
Tu dás-lhe o que essa alma tem;
Depois, passado o delírio,
Esqueces o pobre lírio
Em troca duma cecém!

Mas tu não sabes, louquinha,
Que a flor que pobre definha
Merece mais compaixão?
Que a desgraçada precisa,
Como do sôpro da brisa,
Os ais do teu coração?

Borboleta dos amôres,
Como a outra sôbre as flores,
Porque és volúvel assim?
Porque deixas, caprichosa,
Porque deixas tu a rosa
E vais beijar o jasmim?!

Se a borboleta dourada
Esquece a rosa encarnada
Em troca duma outra flor;
Ela — a triste, molemente
Pendida sôbre a corrente,
Falece à mingua d'amor.

Tu também, ¹²²²minha inconstante,
Tens tido mais dum amante
E nunca amaste a um só!
Eles morrem de saudade,
Mas tu na *variedade*
Vais vivendo e não tens dó!

Ail és muito caprichosa!
Sem pena deixas a rosa
E vais beijar outras flores;
Esqueces os que te amam...
Por isso todos te chamam:
— Borboleta dos amôres!

Rio — 1858.

X X V I I

QUANDO TU CHORAS.

Quando tu choras, meu amor, teu rosto
Brilha formoso com mais doce encanto,
E as leves sombras de infantil desgosto
Tornam mais belo o cristalino pranto.

Oh! nessa idade da paixão lasciva, ¹²²³
Como o prazer, é o chorar preciso:
Mas breve passa — qual a chuva estiva —
E quase ao pranto se mistura o riso.

E' doce o pranto de gentil donzela,
E' sempre belo quando a virgem chora:
— Semelha a rosa pudibunda e bela
Tôda banhada do orvalhar da aurora.

Da noite o pranto, que tão pouco dura,
Brilha nas fôlhas como um rir celeste,
E a mesma gôta transparente e pura
Treme na relva que a campina veste.

Depois o sol, como sultão brilhante,
De luz inunda o seu gentil serralho,
E às flores tôdas — tão feliz amante! —
Cioso sorve o matutino orvalho.

Assim, se choras, inda és mais formosa,
Brilha teu rosto com mais doce encanto:
— Serei o sol e tu serás a rosa...
Chora, meu anjo, — beberei teu pranto!

Rio — 1858.

X X V I I I

CANTO DE AMOR.

A M. ***

I.

Eu vi-a e minha alma antes de vê-la
Sonhara-a linda como agora a vi;
Nos puros olhos e na face bela,
Dos meus sonhos a virgem conheci.

Era a mesma expressão, o mesmo rosto,
Os mesmos olhos só nadando em luz,
E uns doces longes, como dum desgosto,
Toldando a frente que de amor seduz!

E seu talhe era o mesmo, esbelto, airoso
Como a palmeira que se ergue ao ar,
Como a tulipa ao pôr-do-sol saudoso,
Mole vergando à viração do mar.

Era a mesma visão que eu dantes via,
Quando a minha alma transbordava em fé;
E nesta eu creio como na outra eu cria,
Porque é a mesma visão, bem sei que é!

No silêncio da noite a virgem vinha
Sôltas as tranças junto a mim dormir;
E era bela, meu Deus, assim sòzinha
No seu sono d'infante inda a sorrir!...

I I.

Vi-a e não vi-a! Foi num só segundo,
Tal como a brisa ao perpassar na flor,
Mas nesse instante resumi um mundo
De sonhos de ouro e de encantado amor.

O seu olhar não me cobriu d'afago,
E minha imagem nem sequer guardou,
Qual se reflete sôbre a flor dum lago
A branca nuvem que no céu passou.

A sua vista esparecendo vaga,
Quase indolente, não me viu, ai, não!
Mas eu que sinto tão profunda a chaga
Ainda a vejo como a vi então.

Que rosto d'anjo, qual estátua antiga
No altar erguida, já caído o véu!
Que olhar de fogo, que a paixão instiga!
Que níveo colo prometendo um céu! 1224

Vi-a e amei-a, que a minha alma ardente
Em longos sonhos a sonhara assim;
O ideal sublime, que eu criei na mente,
Que em vão buscava e que encontrei por fim!

I I I.

P'ra ti, formosa, o meu sonhar de louco
E o dom fatal, que desde o berço é meu;
Mas se os cantos da lira achares pouco,
Pede-me a vida, porque tudo é teu.

Se queres culto — como um crente adoro,
Se preito queres — eu te caio aos pés,
Se rires — rio, se chorares — choro,
E bebo o pranto que banhar-te a tez.

Dá-me em teus lábios um sorrir fagueiro,
E dêsses olhos um volver, um só;
E verás que meu estro, hoje rasteiro,
Cantando amôres s'erguerá do pó!

Vem reclinar-te, como a flor pendida,
Sôbre êste peito cuja voz calei:
Pede-me um beijo... e tu terás, querida,
Tôda a paixão que para ti guardei.

Do morto peito vem turbar a calma,
Virgem, terás o que ninguém te dá;
Em delírios d'amor dou-te a minha alma,
Na terra, a vida, a eternidade — lá!

I V.

Se tu, oh linda, em chama igual te abrasas,
Oh! não me tardes, não me tardes, — vem!
Da fantasia nas douradas asas
Nós viveremos noutro mundo — além!

De belos sonhos nosso amor povôo,
Vida bebendo nos olhares teus;
E como a garça que levanta o vôo,
Minha alma em hinos falará com Deus!

Juntas, unidas num estreito abraço,
As nossas almas uma só serão;
E a fronte enfêrma sôbre o teu regaço
Criará poemas d'imortal paixão!

Oh! vem, formosa, meu amor é santo,
E' grande e belo como é grande o mar,
E doce e triste como d'harpa um canto
Na corda extrema que já vai quebrar!

Oh! vem depressa, minha vida foge...
Sou como o lírio que já murcho cai!
Ampara o lírio que inda é tempo hoje!
Orvalha o lírio que morrendo vai!...

Rio — 1858.

X X I X

VIOLETA.

Sempre teu lábio severo
Me chama de borboleta!
— Se eu deixo as rosas do prado
E' só por ti — violeta!

Tu és formosa e modesta,
As outras são tão vaidosas!
Embora vivas na sombra
Amo-te mais do que às rosas.

A borboleta travêssa
Vive de sol e de flores...
— Eu quero o sol de teus olhos,
O néctar dos teus amôres!

Cativo de teu perfume
Não mais serei borboleta;
— Deixa eu dormir no teu seio,
Dá-me o teu mel — violeta!

4 de Abril.

X X X

O QUÊ?

Em que cismas, poeta? Que saudades
Te adormecem na mágica fragrância
Das rosas do passado já pendidas?
Nos sonhos d'alma que te lembra?
— A infância!

Que sombra, que fantasma vem banhado
No doce eflúvio dessa quadra linda?
E a mente a folhear os dias idos
Que nome te recorda agora?
— Arinda!

Mas se passa essa quadra, fugitiva,
Qual no horizonte solitária vela,
Porque cismar na vida e no passado?
E de quem são essas saudades?
— Dela!

E se a virgem viesse agora mesmo
Surgindo bela qual visão de amôres,
Tu, p'ra saudá-la bem do imo d'alma, ¹²²⁵
Diz-me, poeta — o que escolhias?
— Flores.

E se ela, farta dos aromas doces
Que tem achado nos jardins divinos,
Tão caprichosa machucasse as rosas...
Diz-me, meu louco, o que mais tinhas?
— Hinos!

E se, teimosa, rejeitando a lira,
A fronte virgem para ti pendida,
Dum beijo a paga te pedisse altiva...
O que lhe davas, meu poeta?
— A vida!
Rio — 1858.

X X X I

SONHOS DE VIRGEM.

A M. ***

I.

Que sonhas, virgem, nos sonhos
Que à mente te vêm ¹²²⁶ risonhos
Na primavera inda em flor?
No celeste devaneio,
No doce bater do seio,
Que sonhas, ¹²²⁷ virgem? — amor?

Que céus, que jardins, que flores,
Que longos cantos de amôres
Nos lindos sonhos te vêm? ¹²²⁶
E quando a mente delira,
E quando o peito suspira,
Suspira o peito — por quem?

Sonhando mesmo acordada,
Pendida a fronte adorada
Num cismar vago e sem fim;
Do olhar o fogo tão vivo,
A voz, o riso lascivo,
O pensamento é — por mim?!

I I.

Quando tu dormes tranqüila,
Cerrada a negra pupila
E o lábio doce a sorrir;
Então o sonho dourado
Nas dobras do cortinado
Vem esmaltar teu dormir!

Oh! sonha! — Feliz a idade
Das rosas da virgindade,
Dos sonhos do coração!
— Puro vergel de açucenas
Ou lago d'águas serenas
Que estremece à viração!

Feliz! Feliz quem pudera
Colhêr-te na primavera
De galas rica e louçã!
Feliz, ¹²²⁸ oh! flor dos amôres,
Quem te beber os odores
Nos orvalhos da manhã!

Rio — 1858.

X X X I I

ASSIMI

A M. ***

Viste o lírio da campina?
Lá s'inclina
E murcho no hastil pendeu!
— Viste o lírio da campina?
Pois, divina,
Como o lírio assim sou eu!

Nunca ouviste a voz da flauta,
A dor do nauta
Suspirando no alto mar?
— Nunca ouviste a voz da flauta?
Como o nauta
E' tão triste o meu cantar!

Não viste a rôla sem ninho
No caminho
Gemendo, se a noite vem?
— Não viste a rôla sem ninho?
Pois, anjinho,
Assim eu gemo, também!

Não viste a barca perdida,
Sacudida
Nas asas dalgum tufão?
— Não viste a barca fendida?
Pois, querida, ¹²²⁹
Assim vai meu coração!

Rio — 1858.

XXXIII

QUANDO?!...

Não era belo, Maria,
Aquêlo tempo de amôres,
Quando o mundo nos sorria,
Quando a terra era só flores
Da vida na primavera?
— Era!

Não tinha o prado mais rosas,
O sabiá mais gorjeios,
O céu mais nuvens formosas,
E mais puros devaneios
A tua alma inocentinha?
— Tinha!

E como achavas, Maria,
Aquêles doces instantes
De poética harmonia
Em que as brisas doudejantes
Folgavam nos teus cabelos?
— Belos!

Como tremias, ¹²³⁰ oh! vida,
Se em mim os olhos fitavas!
Como eras linda, querida,
Quando d'amor suspiravas
Naquela encantada aurora!
— Ora!

E diz-me: não te recordas
— Debaixo do cajueiro —
Lá da lagoa nas bordas
Aquêlo beijo primeiro?
Ia o dia já findando...
— Quando?!...

Rio — 1858.

XXXIV

SEMPRE SONHOS!...

Se eu tivesse, meu Deus, santos amôres,
Eu m'erguera cantando essa paixão,
E atirara p'ra longe — sem saudade —
Este véu que me cobre a mocidade
De tanta escuridão!

Eu que sou como o cardo do rochedo
Quase morto dos ventos ao rigor,
Encontrara de novo a minha vida,
O sol da primavera e a luz perdida,
Nos braços dêsse amor!

Minha frente, que pende sofredora, ¹²³¹
Acharia, meu Deus, inspirações,
E o fogo que queimou Gilbert e Dante
Correria mais puro e mais constante
Na lira das canções!

No mundo tão gentil dos devaneios
Minh'alma mais feliz saudara a luz,
E apagara, Senhor, num beijo puro
A dor imensa da perda do futuro
Que à morte me conduz.

Por ela eu deixaria a voz das turbas
E esta ânsia infeliz de glória vã;
Na vida que nos corre tão sombria
Eu seria, meu Deus, seu doce guia,
E ela — minha irmã!

Eu velara, Senhor, pelos seus dias,
Como a mãe vela o filho que dormiu:
Se um dia ela soltasse um só gemido,
Eu iria saber porque ferido
Seu seio assim buliu!

Como à sombra das árvores da pátria
S'embala a doce filha dos tupis,
A ¹²³² sombra da ventura e da esperança
Embalara, meu Deus, essa criança
Nos cantos juvenis!

Como o nauta olha o céu de primavera,
Eu, sentado a seus pés, ébrio de amor,
Espreitara tremendo no seu rosto
A sombra fugitiva dum desgosto,
A nuvem duma dor!

Eu lhe iria mostrar nos hinos d'alma
Outro mundo, outro céu, outros vergéis;
Nossa vida seria um doce afago,
Nós — dois cisnes vogando em manso lago,
— Amor — nossos batéis!

Se eu tivesse, meu Deus, santos amôres,
Eu deixara êste amor da glória vã;
Nesse mundo de luz, doce e risonho,
A pudibunda virgem do meu sonho
Seria minha irmã!

.... — 1858.

XXXV

O QUE É — SIMPATIA.

A UMA MENINA.

Simpatia — é o sentimento
Que nasce num só momento,
Sincero, no coração;
São dois olhares acesos
Bem juntos, unidos, presos
Numa mágica atração.

Simpatia — são dois galhos
Banhados de bons orvalhos
Nas mangueiras do jardim;
Bem longe às vèzes nascidos,
Mas que se juntam crescidos
E que se abraçam por fim.

São duas almas bem gêmeas
Que riem no mesmo riso,
Que choram nos mesmos ais;
São vozes de dois amantes,
Duas liras semelhantes,
Ou dois poemas iguais.

Simpatia — meu anjinho,
E' o canto do passarinho,
E' o doce aroma da flor;
São nuvens dum céu d'Agôsto,
E' o que m'inspira teu rosto...
— Simpatia — é — quase amor!

Indaiçu — 1857.

X X X V I

PALAVRAS NO MAR.

Se eu fôsse amado!...
Se um rosto virgem
Doce vertigem
Me desse ¹²³³ n'alma
Turbando a calma
Que me enlanguede!...
Oh! se eu pudesse
Hoje — sequer —
Fartar desejos
Nos longos beijos
Duma mulher!...
Se o peito morto
Doce confôrto
Sentisse agora
Na sua dor;
Talvez nest'hora
Viver quisera
Na primavera
De casto amor!
Então minh'alma,
Turbada a calma,
— Harpa vibrada
Por mão de fada —
Como a calhandra
Saúda o dia,
Em meigos cantos
Se exalaria
Na melodia
Dos sonhos meus;
E louca e terna
Nessa vertigem
Amara a virgem
Cantando a Deus!...

Avon — 1857.

X X X V I I

PEPITA.

A toi! toujours à toi!
V. Hugo.

Minh'alma é mundo virge' — ilha perdida —
Em lagos de cristais;
Vem, Pepita, — Colombo dos amôres, —
Vem descobri-lo, no país das flores
Sultana reinarás!

Eu serei teu vassalo e teu cativo
Nas terras onde és rei;
A ¹²³⁴ sombra dos bambus vem tu ser minha;
Teu reinado de amor, doce rainha,
Na lira cantarei.

Minh'alma é como o pombo inda sem penas
Sòzinho a pipilar;
— Vem tu, Pepita, visitá-lo ao ninho;
As asas a bater, o passarinho
Contigo irá voar.

Minh'alma é como a rocha tôda estéril
Nos plainos do Sará;
Vem tu — fada de amor — dar-lhe co'a vara...
— Qual do penedo que Moisés tocara
O jôrro saltará.

Minh'alma é um livro lindo, encadernado,
Co'as fôlhas em cetim;
— Vem tu, Pepita, soletrá-lo um dia...
Tem poemas de amor, tem melodia
Em cânticos sem fim!

Minh'alma é o batel prendido à margem
Sem leme, em ócio vil;
— Vem soltá-lo, Pepita, e correremos
— Sôltas as velas — desprezando remos,
Que o mar é todo anil.

Minh'alma é um jardim oculto em sombras
Co'as flores em botão;
— Vem ser da primavera o sôpro louco,
Vem tu, Pepita, bafejar-me um pouco
Que as rosas abrirão.

O mundo em que eu habito tem mais sonhos,
A vida mais prazer;
— Vem, Pepita, das tardes no remanso,
Da rêde dos amôres no balanço
Comigo adormecer.

Oh! vem! eu sou a flor aberta à noite
Pendida no arrebol!
Dá-me um carinho dessa voz lasciva,
E a flor pendida s'erguerá mais viva
Aos raios dêsse sol!

Bem vês, sou como a planta que definha
Torrada do calor.
— Dá-me o riso feliz em vez da mágoa...
O lírio morto quer a gôta d'água,
— Eu quero o teu amor!

Rio — 1858.

X X X V I I I

VISÃO.

Uma noite, meu Deus, que noite aquela!
Por entre as galas, no fervor da dança,
Vi passar, qual num sonho vaporoso,
O rosto virginal duma criança.

Sorri-me; — era o sonho de minh'alma
Êsse riso infantil que o lábio tinha:
— Talvez que essa alma dos amôres puros
Pudesse um dia conversar co'a minha!

Eu olhei, ela olhou... doce mistério!
Minh'alma despertou-se à luz da vida,
E as vozes duma lira e dum piano
Juntas se uniram na canção querida.

Depois eu indolente descuidei-me
Da planta nova dos gentis amôres,
E a criança, correndo pela vida,
Foi colhêr nos jardins mais lindas flores.

Não voltou; — talvez ela adormecesse
Junto à fonte, deitada na verdura,
E — sonhando — a criança se recorde
Do moço que ela viu e que a procura!

Corri pelas campinas noite e dia
Atrás do berço d'ouro dessa fada;
Rasguei-me nos espinhos do caminho...
Cansei-me a procurar e não vi nada!

Agora como um louco eu fito as turbas
Sempre a ver se descubro a face linda...
— Os outros a sorrir passam cantando,
Só eu a suspirar procuro ainda!...

Onde foste, visão dos meus amôres!
Minh'alma sem te ver louca suspira!
— Nunca mais unirás, sombra encantada,
O som do teu piano à voz da lira?!...

Setembro — 1858.

XXXIX

QUEIXUMES.

Olho e vejo... tudo é gala,
Tudo canta e tudo fala,
Só minh'alma
Não se acalma,
Muda e triste não se ri!
Minha mente já delira,
E meu peito só suspira
Por ti! Por ti!

Ai! quem me dera essa vida
Tão bela e doce vivida
Nos meus lares
Sem pesares
No sossêgo só dali!
Não tinha-te visto as tranças,
Nem rasgado as esperanças
Por ti! Por ti!

Perdi as flores da idade,
E na flor da mocidade
E' meu canto
— Todo pranto —
Qual a voz da juriti!
No teu sorriso embebido
Deixei meu sonho querido
Por ti! Por ti!

Ai! se eu pudesse, formosa,
Roçar-te os lábios de rosa
Como às flores
— Seus amôres —
Faz o louco colibri;
Esta minh'alma nos hinos
Erguera cantos divinos
Por ti! Por ti!

Ai! assim viver não posso!
Morrerei, meu Deus, bem moço,
— Qual n'aurora
Que descora,
Desfolhado bogari;
Mas lá da campa na beira
Será a voz derradeira
Por ti! Por ti!

Ai! não m'esqueças já morto!
À minh'alma dá confôrto,
Diz na lousa:
— "Ele repousa,
"Coitado! descansa aqui!" —
Ai! não t'esqueças, senhora,
Da flor pendida n'aurora
Por ti! Por ti!...

Junho — 1858.

XI.

AMOR E MÊDO.

* * *

I.

Quando ¹²³⁵ eu te fujo e me desvio cauto
Da luz de fogo que te cerca, oh! bela,
Contigo dizes, suspirando amôres:
"— Meu Deus! que gêlo, que frieza aquela!"

Como te enganas! meu amor é chama
Que se alimenta no voraz segrêdo,
E se te fujo é que te adoro louco...
És bela — eu moço; tens amor — eu mêdo!... ¹²³⁶

Tenho mêdo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silêncio ou vozes,
Das fôlhas sêcas, do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.

O véu da noite me atormenta em dores,
A luz da aurora me entumece ¹²³⁷ os seios,
E ao vento fresco do cair das tardes
Eu me estremeço de cruéis receios.

E' que êsse vento que na várzea — ao longe,
Do côlmo o fumo caprichoso ondeia,
Soprando um dia tornaria incêndio
A chama viva que teu riso ateia!

Ai! se abrasado crepitasse o cedro,
Cedendo ao raio que a tormenta envia,
Diz: — que seria da plantinha humilde
Que à sombra dêle tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao tronco
Torrara a planta qual queimara o galho,
E a pobre nunca reviver pudera, ¹²³⁸
Chovesse embora paternal orvalho!

I I.

Ai! se eu te visse no calor da sesta,
A mão tremente no calor das tuas,
Amarrotado o teu vestido branco,
Soltos cabelos nas espáduas nuas!...

Ai! se eu te visse, Madalena pura,
Sôbre o veludo reclinada a meio,
Olhos cerrados na volúpia doce,
Os braços frouxos — palpitante o seio!...

Ai! se eu te visse em languidez sublime,
Na face as rosas virginais do pejo,
Trêmula a fala a protestar baixinho...
Vermelha a bôca, soluçando um beijo!...

Diz: — que seria da pureza d'anjo,
Das vestes alvas, do candor das asas?
— Tu te queimaras, a pisar descalça,
— Criança louca, — sôbre um chão de brasas!

No fogo vivo eu me abrasara inteiro!
Ébrio e sedento na fugaz vertigem
Vil, machucara com meu dedo impuro
As pobres flores da grinalda virgem!

Vampiro infame, eu sorveria em beijos
Tôda a inocência que teu lábio encerra,
E tu serias no lascivo abraço
Anjo enlodado nos paus da terra.

Depois... desperta no febril delírio,
— Olhos pisados — como um vão lamento,
Tu perguntaras: — qu'ê da minha c'roa?...
Eu te diria: — desfolhou-a o vento!...

Oh! não me chames coração de gelo!
Bem vês: traí-me no fatal segrêdo.
Se de ti fujo é que te adoro e muito,
Ês bela — eu moço; tens amor, eu — mêdo!...

Outubro — 1858.

X L I

PERDÃO!

I.

Choraste?! — E a face mimosa
Perdeu as côres da rosa
E o seio todo tremeu?!
Choraste, pomba adorada?!
E a lágrima cristalina
Banhou-te a face divina
E a bela frente inspirada
Pálida e triste pendeu?!

Choraste?! — E longe não pude
Sorver-te a lágrima pura
Que banhou-te a formosura!
Ouvir-te a voz de alaúde
A lamentar-se sentida!
Humilde cair-te aos pés,
Ofrecer-te esta vida
No sacrifício mais santo,
Para poupar êsse pranto
Que te rolou sôbre a tez!

Choraste?! — De envergonhada,
No teu pudor ofendida,
Porque minh'alma atrevida
No seu palácio de fada,
— No sonhar da fantasia —
Ardeu em loucos desejos,
Ousou cobrir-te de beijos
E quis manchar-te na orgia!

I I.

Perdão p'r'o pobre demente
Culpado, sim, — inocente —
Que se te amou, foi demais!
Perdão p'ra mim que não pude
Calar a voz do alaúde,
Nem comprimir os meus ais!

Perdão, ¹²³⁹ oh! flor dos amôres,
Se quis manchar-te os verdores,
Se quis tirar-te do hastil!
— Na voz que a paixão resume
Tentei sorver-te o perfume...
E fui covarde e fui vil!...

I I I.

Eu sei, devera sòzinho
Sofrer comigo o tormento
E na dor do pensamento
Devorar essa agonia!
— Devera, sedento algoz,
Em vez de sonhos felizes,
Cortar no peito as raízes
Dêsse amor, e tão descrido
Dos hinos matar-lhe a voz!
— Devera, pobre fingido,
Tendo n'alma atroz desgôsto,
Mostrar sorrisos no rosto,
Em vez de mágoas — prazer,
E mudo e triste e penando,
Como um perdido te amando,
Sentir, calar-me e — morrer!

Não pude! — A mente fervia,
O coração transbordava, ¹²⁴⁰
Interna voz me falava,
E louco ouvindo a harmonia
Que a alma continha em si,
Soltei na febre o meu canto
E do delírio no pranto
Morri de amôres — por ti!

I V.

Perdão! se fui desvairado
 Manchar-te a flor d'innocência,
 E do meu canto n'ardência
 Ferir-te no coração!
 — Será enorme o pecado,
 Mas tremenda a expiação
 Se me deres por sentença
 Da tua alma a indiferença,
 Do teu lábio a maldição!...

Perdão, senhora!... Perdão!...

Junho — 1858

X L I I

MOCIDADE.

Ninon, Ninon, que fais tu de la vie?
 L'heure s'enfuit, le jour succède au jour.
 Rose ce soir, demain flétrie,
 Comment vis-tu, toi qui n'as pas d'amour?!

Musset.

Doce filha da lânguida tristeza, ¹²⁴¹
 Ergue a fronte pendida — o sol fulgura!
 Quando a terra sorri-se e o mar suspira
 Porque te banha o rosto essa amargura?!

Porque chorar quando a natura é risos,
 Quando no prado a primavera é flores?
 — Não foge a rosa quando o sol a busca, ¹²⁴²
 Antes se abrasa nos gentis fulgores.

Não! — Viver é amar, é ter um dia
 Um amigo, uma mão que nos afague;
 Uma voz que nos diga os seus queixumes,
 Que as nossas mágoas com amor apague.

A vida é um deserto aborrecido
 Sem sombra doce, ou viração calmante;
 — Amor — é a fonte que nasceu nas pedras
 E mata a sede à caravana errante.

Amai-vos! — disse Deus criando o mundo,
 Amemos! — disse Adão no paraíso,
 Amor! — murmura o mar nos seus queixumes,
 Amor! — repete a terra num sorriso!

Doce filha da lânguida tristeza, ¹²⁴³
 Tua alma a suspirar de amor definha...
 — Abre os olhos gentis à luz da vida,
 Vem ouvir no silêncio a voz da minha!

Amemos! Este mundo é tão tristonho!
 A vida, como um sonho — brilha e passa;
 Porque não havemos p'ra acalmar as dores
 Chegar aos lábios o licor da taça?

O mundo! o mundo! — E que te importa o mundo?
 — Velho invejoso, a resmungar baixinho!
 Nada perturba a paz serena e doce
 Que as rôlas gozam no seu casto ninho.

Amemos! — tudo vive e tudo canta...
 Cantemos! seja a vida — hinos e flores;
 De azul se veste o céu... vistamos ambos
 O manto perfumado dos amôres.

Doce filha da lânguida tristeza, ¹²⁴⁴
 Ergue a fronte pendida — o sol fulgura!
 — Como a flor indolente da campina
 Abre ao sol da paixão tua alma pura!

Setembro — 1858.

X L I I I

NOIVADO.

Filha do céu — oh flor das esperanças,
 Eu sinto um mundo no bater do peito!
 Quando a lua brilhar num céu sem nuvens
 Desfolha rosas no virgíneo leito.

Nas horas do silêncio inda és mais bela!
 Banhada do luar, num vago anseio,
 Os negros olhos de volúpia mortos, ¹²⁴⁵
 Por sob a gaze te estremece o seio!

Vem! a noite é linda, o mar é calmo,
 Dorme a floresta — meu amor só, vela;
 Suspira a fonte e minha voz sentida
 E' doce e triste como as vozes dela.

Qual eco fraco de amorosa queixa
 Perpassa a brisa na magnólia verde,
 E o som magoado do tremer das fôlhas
 Longe — bem longe — de vagar se perde.

Que céu tão puro! que silêncio augusto!
 Que aromas doces! que natura esta!
 Cansada a terra adormeceu sorrindo
 Bem como a virgem no cair da sesta!

Vem! tudo é tranqüilo, a terra dorme,
 Bebe o sereno o lírio do valado...
 — Sòzinhos, sôbre a relva da campina,
 Que belo que será nosso noivado!

Tu dormirás ao som dos meus cantares, ¹²⁴⁶
 Oh! filha do sertão! sôbre o meu peito.
 O moço triste, o sonhador mancebo
 Desfolha rosas no teu casto leito.

... — 1858.

X L I V

DE JOELHOS.

Qual reza o irmão pelas irmãs queridas,
 Ou a mãe que sofre pela filha bela,
 Eu — de joelhos — com as mãos erguidas,
 Suplico ao céu a felicidade dela.

— “Senhor meu Deus, que sois clemente e justo,
Que dais voz às brisas e perfume à rosa,
Oh! protegei-a com o manto augusto
A doce virgem que sorri medrosa!

Lançai os olhos sôbre a linda filha,
Dai-lhe o sossêgo no seu casto ninho,
E da vereda que seu pé já trilha
Tirai a pedra e desviai o espinho!

Senhor! livrai-a da rajada dura
A flor mimosa que desponta agora;
Deitai-lhe orvalho na corola pura,
Dai-lhe bafejos, prolongai-lhe a aurora!

A doce virgem como a tenra planta
Nunca floresce sôbre terra ingrata;
— Bem como a rôla — qualquer fôlha a espanta,
— Bem como o lírio — qualquer vento a mata.

Ela é a rôla que a floresta cria,
Ela é o lírio que a manhã descerra...
Senhor, amai-a! — a sua voz macia
Como a das aves, a inocência encerra!

Sua alma pura na novel vertigem
Pede ao amor o seu futuro inteiro...
— Senhor! ouvi o suspirar da virgem,
Dourai-lhe os sonhos no sonhar primeiro!

A mocidade, como a deusa antiga,
Na frente virgem lhe derrama flores...
— Abri-lhe as rosas da grinalda amiga,
Na mocidade derramai-lhe amôres!

Cercai-a sempre de bondade terna,
Lançai orvalho sôbre a flor querida;
Fazei-lhe, ¹²⁴⁷ oh Deus! a primavera eterna,
Dai-lhe bafejos — prolongai-lhe a vida!

Depois — de joelhos — eu direi: ¹²⁴⁸ sois justo,
Senhor! mil graças eu vos rendo agora!
Vós protegestes com o manto augusto
A doce virgem que a minh'alma adora! —

Dezembro — 1858.

LIVRO TERCEIRO.

Nascer, lutar, sofrer — eis tôda a vida! ¹²⁴⁹

Gonçalves Dias.

X L V

TRÊS CANTOS.

Quando se brinca contente
Ao despontar da existência
Nos folguedos de inocência,
Nos delírios de criança;
A alma, que desabrocha
Alegre, cândida e pura —
Nessa contínua ventura
E' tôda um hino: — esperança!

Depois... na quadra ditosa,
Nos dias da juventude,
Quando o peito é um alaúde,
E que a fronte tem calor;
A alma que então se expande
Ardente, fogosa e bela —
Idolatrando a donzela
Solettra em trovas: — amor!

Mas quando a crença se esgota
Na taça dos desenganos,
E o lento correr dos anos
Envenena a mocidade;
Então a alma cansada
Dos belos sonhos despida,
Chorando a passada vida —
Só tem um canto: — saudade!

Fevereiro — 1858.

X L V I

ILUSÃO.

Quando o astro do dia desmaia
Só brilhando com pálido lume,
E que a onda que brinca na praia
No murmúrio solettra um queixume;

Quando a brisa da tarde respira
O perfume das rosas do prado,
E que a fonte do vale suspira
Como o nauta da pátria afastado;

Quando o bronze da tôrre da aldeia
Seus gemidos aos ecos envia,
E que o peito que em mágoas anseia
Bebe louco essa grave harmonia;

Quando a terra, da vida cansada,
Adormece num leito de flores
Qual donzela formosa embalada
Pelos cantos dos seus trovadores;

Eu de pé sôbre as rochas erguidas
Sinto o pranto que manso desliza
E repito essas queixas sentidas
Que murmuram as ondas co'a brisa.

E' então que a minha alma dormente
Duma vaga tristeza se inunda,
E que um rosto formoso, inocente,
Me desperta saudade profunda.

Julgo ver sôbre o mar sossegado
Um navio nas sombras fugindo,
E na pôpa êsse rosto adorado
Entre prantos p'ra mim se sorrindo!

Compreendo êsse amargo sorriso,
Sôbre as ondas correr eu quisera...
E de pé sôbre a rocha, indeciso,
Eu lhe brado: — não fuja, — espera!

Mas o vento já leva ligeiro
 Esse sonho querido dum dia,
 Essa virgem de rosto fagueiro,
 Esse rosto de tanta poesia!...

E depois... quando a lua ilumina
 O horizonte com luz prateada,
 Julgo ver essa fronte divina
 Sôbre as vagas cismando, inclinada!

E depois... vejo uns olhos ardentes
 Em delírio nos meus se fitando,
 E uma voz em acentos plangentes
 Vem de longe um — adeus — soluçando!

.....
 Ilusão!... que a minha alma, coitada,
 De ilusões hoje em dia é que vive;
 E' chorando uma glória passada,
 E' carpindo uns amôres que eu tive!

Lisboa — 1856.

XLVII

SONHANDO.

Um dia, oh linda, embalada
 Ao canto do gondoleiro,
 Adormeceste inocente
 No teu delírio primeiro,
 — Por leito o berço das ondas,
 Meu colo por travesseiro!

Eu, pensativo, cismava
 Nalgum remoto desgosto,
 Avivado na tristeza
 Que a tarde tem, ao sol-pôsto,
 E ora mirava as nuvens,
 Ora fitava teu rosto.

Sonhavas então, querida,
 E prêsa de vago anseio
 Debaixo das roupas brancas
 Senti bater o teu seio,
 E meu nome num soluço
 À flor dos lábios te veio!

Tremeste como a tulipa
 Batida do vento frio...
 Suspiraste como a fôlha
 Da brisa ao doce cício...
 E abriste os olhos sorrindo
 Às águas quietas do rio!

Depois — uma vez — sentados
 Sob a copa do arvoredor,
 Falei-te dêsse soluço
 Que os lábios abriu-te a mêdo...
 — Mas tu, fugindo, guardaste
 Daquele sonho o segrêdo!...

Agosto — 1858.

XLVIII

LEMBRANÇA.

NUM ÁLBUM.

Como o triste marinheiro
 Deixa em terra uma *lembrança*,
 Levando n'alma a esperança
 E a saudade que consome,
 Assim nas fôlhas do álbum
 Eu deixo meu pobre nome.

E se nas ondas da vida
 Minha barca fôr fendida
 E meu corpo espedaçado,
 Ao ler o canto sentido
 Do pobre nauta perdido
 Teus lábios dirão: — coitado!

Junho — 1858

XLIX

O BAILE!

Se junto de mim te vejo
 Abre-te a bôca um bocejo,
 Só pelo baile suspiras!
 Deixas amor — pelas galas,
 E vais ouvir pelas salas
 Essas douradas mentiras!

Tens razão! Mais valem risos
 Fingidos, dêsse Narcisos
 — Bonecos que a moda enfeita —
 Do que a voz sincera e rude
 De quem, prezando a virtude,
 Os atavios rejeita.

Tens razão! — Valsa, donzela,
 A mocidade é tão bela,
 E a vida dura tão pouco!
 No borbórinho das salas,
 Cercada de amor e galas,
 Sê tu feliz — eu sou louco!

E quando eu seja dormido
 Sem luz, sem voz, sem gemido,
 No sono que a dor conforta;
 Ao concertar tuas tranças
 No meio das contradanças
 Diz tu sorrindo: — “Qu'importa?..

“Era um louco, em noites belas
 “Vinha fitar as estrêlas
 “Nas praias, co'a fronte nua!
 “Chorava canções sentidas
 “E ficava horas perdidas
 “Sòzinho, mirando a lua!

“Tremia quando falava
 “E — pobre tonto — chamava
 “O baile — alegrias falsas!
 “— Eu gosto mais dessas falas
 “Que me murmuram nas salas
 “No ritornelo das valsas. —”

Tens razão! — Valsa, donzela,
A mocidade é tão bela
E a vida dura tão pouco!
P'ra que fêz Deus as mulheres,
P'ra que há na vida prazeres?
Tu tens razão... eu sou louco!

Sim, valsa, é doce a alegria,
Mas ai! que eu não veja um dia
No meio de tantas galas —
Dos prazeres na vertigem,
A tua coroa de virgem
Rolando no pó das salas!...

Julho — 1858.

L

MINH'ALMA É TRISTE.

Mon coeur est plein — je veux pleurer!

Lamartine.

I.

Minh'alma é triste como a rôla aflita
Que o bosque acorda desde o albor da aurora,
E em doce arrulo que o soluço imita
O morto espôso gemedora chora.

E, como a rôla que perdeu o espôso,
Minh'alma chora as ilusões perdidas,
E no seu livro de fanado gôzo
Relê as fôlhas que já foram lidas.

E como notas de chorosa endeixa ¹²⁵⁰
Seu pobre canto com a dor desmaia,
E seus gemidos são iguais à queixa
Que a vaga solta quando beija a praia.

Como a criança que banhada em prantos
Procura o brinco que levou-lhe o rio,
Minh'alma quer ressuscitar nos cantos
Um só dos lírios que murchou o estio.

Dizem que há gozos nas mundanas galas,
Mas eu não sei em que o prazer consiste.
— Ou só no campo, ou no rumor das salas,
Não sei porque — mas a minh'alma é triste!

II.

Minh'alma é triste como a voz do sino
Carpindo o morto sôbre a laje fria;
E doce e grave qual no templo um hino,
Ou como a prece ao desmaiar do dia.

Se passa um bote com as velas sôltas,
Minh'alma o segue n'amplidão dos mares;
E longas horas acompanha as voltas
Das andorinhas recortando os ares.

As vêzes, louca, num cismar perdida,
Minh'alma triste vai vagando à toa,
Bem como a fôlha que do sul batida
Bóia nas águas de gentil lagoa!

E como a rôla que em sentida queixa
O bosque acorda desde o albor da aurora,
Minh'alma em notas de chorosa endeixa ¹²⁵¹
Lamenta os sonhos que já tive outrora.

Dizem que há gozos no correr dos anos!...
Só eu não sei em que o prazer consiste.
— Pobre ludíbrio de cruéis enganos,
Perdi os risos — a minh'alma é triste!

III.

Minh'alma é triste como a flor que morre
Pendida à beira do riacho ingrato;
Nem beijos dá-lhe a viração que corre,
Nem doce canto o sabiá do mato!

E como a flor que solitária pende
Sem ter carícias no voar da brisa,
Minh'alma murcha, mas ninguém entende
Que a pobrezinha só de amor precisa!

Amei outrora com amor bem santo
Os negros olhos de gentil donzela,
Mas dessa frente de sublime encanto
Outro tirou a virginal capela.

Oh! quantas vêzes a preendi nos braços!
Que o diga e fale o laranjal florido!
Se mão de ferro espedaçou dois laços
Ambos choramos mas num só gemido!

Dizem que há gozos no viver d'amôres,
Só eu não sei em que o prazer consiste!
— Eu vejo o mundo na estação das flores...
Tudo sorri — mas a minh'alma é triste!

IV.

Minh'alma é triste como o grito agudo
Das arapongas no sertão deserto;
E como o nauta sôbre o mar sanhudo,
Longe da praia que julgou tão perto!

A mocidade no sonhar florida
Em mim foi beijo de lasciva virgem:
— Pulava o sangue e me fervia a vida,
Ardendo a frente em bacanal vertigem.

De tanto fogo tinha a mente cheia!...
No afã da glória me atirei com ânsia...
E, perto ou longe, quis beijar a s'reia
Que em doce canto me atraiu na infância.

Ai! loucos sonhos de mancebo ardente!
Espr'anças altas... Ei-las já tão rasas!...
— Pombo selvagem, quis voar contente...
Feriu-me a bala no bater das asas!

Dizem que há gozos no correr da vida...
Só eu não sei em que o prazer consiste!
— No amor, na glória, na mundana lida,
Foram-se as flores — a minh'alma é triste!

Março 12. — 1858.

L I

PALAVRAS A ALGUÉM.

Tu folgas travêssa e louca
Sem ouvires meu lamento,
Sonhas jardins d'esmeralda
Nesse virgem pensamento,
Mas olha que essa grinalda
Bem pode murchá-la o vento!

Ai que louca! abriste o livro
Da minh'alma, livro santo,
Escrito em noites d'angústia,
Regado com muito pranto,
E... quase rasgaste as fôlhas
Sem entenderes o canto!

Agora corres nos charcos
Em vez das alvas areias!..
Deleita-te a voz fingida
Dessas formosas sereias...
Mas eu te falo e te aviso:
— "Olha que tu te enlameias!" —

Tu és a pomba inocente,
Eu sou teu anjo-da-guarda,
Devo dizer-te baixinho:
— "Olha que a morte não tarda!
"Mariposa dos amôres, 1252
"Deixa a luz, embora arda.

"A chama seduz e brilha
— "Qual diamante entre as gazas —
"E tu no fogo maldito
"Tão descuidosa te abrasas!
"Mariposa, mariposa,
"Tu vais queimar tuas asas!"

Conchinha das lisas praias, 1253
Nasceste em alvas areias,
Não corras tu para os charcos
Arrebatada nas cheias!..
— Os teus vestidos são brancos...
Olha que tu te enlameias!...

... — 1858.

L I I

FÔLHA NEGRA.

Sinhá,
Um outro mancebo
Alegre, poeta e crente,
Soltara um canto fervente
De amor talvez! — de alegria,
E aqui nas fôlhas do livro
Deixara — amor e poesia.

Mas eu que não tenho risos
Nem alegrias tampouco,
Nem sinto êsse fogo louco
Que a mocidade consome,
Nas brancas fôlhas do livro
Só posso deixar meu nome!

E' triste como um gemido,
E' vago como um lamento;
— Queixume que solta o vento
Nas pedras duma ruína
Na hora em que o sol se apaga
E quando o lírio s'inclina!...

Grito de angústia do pobre
Que sôbre as águas se afoga,
Cadáver que bóia e voga
Longe da praia querida,
Grito de quem n'agonia
— Já morto — se apega à vida!

Vozes de flauta longíqua
Que as nossas mágoas aviva,
Soluço da patativa,
Queixume do mar que rola,
Cantiga em noite de lua
Cantada ao som da viola!...

Saudades do pegureiro
Que chora o seu lar amado,
— Calado e só — recostado
Na pedra dalgum caminho...
Canção de santa doçura
Da mãe que embara o filhinho!...

Meu nome!... E' simples e pobre
Mas é sombrio e traz dores,
— Grinalda de murchas flores
Que o sol queima e não consome...
— Sinhá!... das fôlhas do livro
E' bom tirar o meu nome!...

Setembro — 1858.

L I I I

À MORTE DE AFONSO DE A. COUTINHO

MESSEDER.

ESTUDANTE DA ESCOLA CENTRAL.

Who hath not lost a friend?...

M.

E' triste ver a flor que desabrocha
Ou quer no prado, ou na deserta rocha,
Pender no fraco hastil!
E' bem triste dos anos nos verdores
Morrer mancebo, no brotar das flores,
Na quadra juvenil!

Meu Deus! tu que és tão bom e tão clemente,
P'ra que apagas, Senhor, a chama ardente
Num crânio 1254 de volcão?
P'ra que poupas o cedro já vetusto
E, sem dó, vais ferir o pobre arbusto
Às vêzes no embrião?!...

Pois não fôra melhor vivesse a planta
Cujos perfumes a solidão encanta
No sossêgo do val?...
— Não veríamos nós neste martírio
Desfalecer tão belo o pobre lírio
Pendido ao vendaval!

Pobre mancebo! Nesse peito nobre
E nessa frente que o sepulcro cobre
Era fundo o sentir!
Agora solitário tu descansas,
E contigo êsse mundo de esperanças
Tão rico de porvir!

Oh! lamentemos essa pura estrêla
Sumida, como no horizonte a vela
Nas névoas da manhã!
A sepultura foi há pouco aberta...
Mas o dormente já se não desperta
A voz de sua irmã!

E' mudo aquêlo a quem irmão chamamos,
E a mão que tantas vêzes apertamos
Agora é fria já!
Não mais nos *bancos* êsse rosto amigo
Hoje escondido no fatal jazigo
Conosco sorrirá!

Mancebo, atrás da glória que sorria,
Sonhou grandezas para a pátria um dia,
E a ela os sonhos deu;
Mártir do estudo, na ciência ingrata
Bebeu nos livros êsse fel que mata
E pobre adormeceu!

Era bem cedo! — na manhã da vida
Chegar não pôde à terra prometida
Que ao longe lhe sorriu!
Embora desta estrada nos espinhos
Feliz tivesse os maternais carinhos,
Cansado sucumbiu!

Era bem cedo! — Tanta glória ainda
O esperava, meu Deus, na aurora linda
Que a vida lhe dourou!
Pobre mancebo! no fervor dessa alma
Ao colhêr do futuro a verde palma
Na cova tropeçou!

Dorme pois! Sôbre a campa mal cerrada,
Nós que sabemos que esta vida é nada
Choramos um irmão;
E d'envolta c'os prantos da amizade
Aqui trazemos, nos goivos da saudade,
As vozes da oração!

Eu que fui teu amigo inda na infância,
Quando as almas das rosas na fragrância
Bendizem só a Deus —
Hoje venho nas cordas do alaúde
Sentido e grave, à beira do ataúde
Dizer-te o extremo adeus!

Descansa! se no céu há luz mais pura,
De certo gozarás nessa ventura
Do justo a placidez!
Se há doces sonhos no viver celeste,
Dorme tranqüilo à sombra do cipreste...
— Não tarda a minha vez!

Maio — 1858

L I V

BERÇO E TÚMULO.

No ÁLBUM DUMA MENINA.

Trago-te flores no meu canto amigo
— Pobre grinalda com prazer tecida —
E — todo amôres — deposito um beijo
Na frente pura em que desponta a vida.

E' cedo ainda! — quando moça fôres
E percorreres dêste livro os cantos,
Talvez que eu durma solitário e mudo
— Lírio pendido a que ninguém deu prantos! —

Então, meu anjo, compassiva e meiga
Depõe-me um goivo sôbre a cruz singela,
E nesse ramo que o sepulcro implora
Paga-me as rosas desta infância bela!

Junho — 1858.

L V

INFÂNCIA.

* * *

O' anjo da loura trança,
Que esperança
Nos traz a brisa do sul!
— Correm brisas das montanhas...
Vê se apanhas
A borboleta de azul!...

O' anjo da loura trança,
És criança,
A vida começa a rir.
— Vive e folga descansada,
Descuidada
Das tristezas do porvir.

O' anjo da loura trança,
Não descansa
A primavera inda em flor;
Por isso aproveita a aurora
Pois agora
Tudo é riso e tudo amor.

O' anjo da loura trança,
A dor lança
Em nossa alma agro descrer.
— Que não encontres na vida, ¹²⁵⁵
Flor querida,
Senão contínuo prazer.

O' anjo da loura trança,
A onda é mansa, ¹²⁵⁶
O céu é lindo dossel;
E sôbre o mar tão dormente,
Docemente
Deixa correr teu batel.

O' anjo da loura trança,
 Que esperança
 Nos traz a brisa do sull..
 — Correm brisas das montanhas...
 Vê se apanhas
 A borboleta de azul!...

Rio — 1858.

LVI

A UMA PLATÉIA.

* *

O cedro foi planta um dia,
 Viço e fôrça o arbusto cria,
 Da vergôntea nasce o galho;
 E a flor p'ra ter mais vida,
 Para ser — rosa querida —
 Carece as gôtas de orvalho.

Com o talento é o mesmo:
 Quando tímido êle adeja
 — Qual ave que se espanija —
 Como a flor, também precisa
 Em vez do sôpro da brisa
 O sôpro da simpatia
 Que lhe adoce os amargores,
 Para em horas de cansaço
 Na estrada que vai trilhando
 Encontrar de quando em quando
 Por entre os espinhos — flores.

E vós que acabais de ouvi-lo
 A suspirar nesse trilo
 No seu gorjeio primeiro;
 Vós, que viste' o seu comêço, ¹²⁵⁷
 Dai-lhe essas palmas de aprêço
 Que é artista e... brasileiro!

Setembro — 1858.

LVII

NO TÚMULO DUM MENINO.

Um anjo dorme aqui; na aurora apenas,
 Disse adeus ao brilhar das açucenas
 Sem ter da vida alevantado o véu.
 — Rosa tocada do cruel granizo —
 Cedo finou-se e no infantil sorriso
 Passou do berço p'ra brincar no céu!

Maio — 1858.

LVIII

A J. J. C. MACEDO-JÚNIOR.

Poète, prends ta lyre; aigle, ouvre ta jeune aile;
 Étoile, étoile, lève-toi!

V. Hugo.

Como o índio a saudar o sol nascente,
 Co'o sorriso nos lábios, franco e ledó
 Aperto a tua mão:
 Cantor das açucenas, cré-me agora,
 Êste canto que a lira balbucia
 E' pobre, mas de irmão!

Quando se sente como eu sinto e sofro,
 A mente ferve e o coração palpita
 De glórias e de amor:
 Se ouço Artur ao piano eu me extasio,
 Mas ouvindo teus hinos me arrebató
 E pasmo ante o cantor!

Na juventude, no florir dos anos,
 Não sei que vozes nos entornam n'alma
 Canções de querubim!
 Uns perdem, como eu, cedo os verdóres,
 Mas outros crescem no primor das graças
 E tu serás assim!

Oh! mocidade! como és bela e rica!
 Hinos de amôres neste séc'lo bruto!
 Louvor ao menestrel!
 Palmas a ti, cantor das açucenas!
 Quatorze primaveras nessa frente
 Semelham-te um laurel!

Quando tão moço, no raiar da vida,
 Já doce cantas como o doce aroma
 Das lânguidas cecéns,
 Podes, criança, erguer a frente altiva!
 Como André-Chénier, no crânio ¹²⁵⁸ agosto
 Alguma cousa tens!

Não desmintas, irmão, êste profeta,
 Sibarita indolente, sôbre rosas
 Não queiras tu dormir,
 Se ao longe já te brilha amiga estrêla
 Aproveita o talento — estuda e pensa —
 E' belo o teu porvir!

Não faças como nós; na infância apenas
 Solta, poeta, o gorjear de amôres, ¹²⁵⁹
 Que é doce o teu cantar.
 Seja a vida p'ra ti só riso e galas
 E adormeças a cismar quimeras
 Da noite no luar.

Não faças como nós; não desças louco
 A buscar sensações na bruta orgia
 Das longas saturnais;
 Se a lama impura salpicar-te as penas,
 Sacode as asas, ¹²⁶⁰ minha pomba casta,
 E foge dos pardais.

Não manches, ¹²⁶¹ meu poeta, as vestes brancas
 No mundo infame; mira-se a grinalda
 E vão-se as ilusões!
 A crença se desbota e o nauta chora
 Desanimado no vai-vem teimoso
 Dos grossos vagalhões!

Foge do canto da gentil sereia
 Que engana com sorriso de feitiços
 — Tão pálida Raquel!
 Não encostes na taça os lábios sôfregos...
 O vaso queima e beberás nos risos
 Da amargura o fell!

Conserva na tua alma a virgindade,
 E tenha o coração na rica aurora
 Das rosas o matiz;
 Se a donzela cuspir nos teus amôres
 Chora perdida essa ilusão primeira...
 Mas vive e sê feliz!

Se a dor fôr grande não te vergues fraco,
 Oh! não escondas no sepulcro a fronte
 Aos raios dêste sol;
 Não vás como Azevedo — o pobre gênio —
 Embrulhar-te sem dó na flor dos anos
 Da morte no lençol!

Vive e canta e ama esta natura,
 A pátria; o céu azul, o mar sereno,
 A veiga que seduz;
 E possa, meu poeta, ¹²⁶² essa existência
 Ser um lindo vergel todo banhado
 De aromas e de luz!

Oh! canta e canta sempre! êsses teus hinos, ¹²⁶³
 Eu sei, terão no céu ecos mais santos
 Que a terra não dará;
 Oh! canta! é doce ao triste que soluça
 Ouvir saudoso no cair da tarde
 A voz do sabiá!

Canta! e que teus hinos d'esperança
 Despertem dêste mundo de misérias
 A estúpida mudez;
 E dos prelúdios dessa lira ingênua
 Em poucos anos surgirá brilhante
 Millevoye — talvez!

Maio — 1858.

L I X

UMA HISTÓRIA.

A brisa dizia à rosa:
 — “Dá, formosa,
 Dá-me, linda, o teu amor;
 Deixa eu dormir no teu seio
 Sem receio,
 Sem receio, ¹²⁶⁴ minha flor!

De tarde virei da selva
 Sôbre a relva
 Os meus suspiros te dar;
 E de noite na corrente
 Mansamente, ¹²⁶⁵
 Mansamente te embalar!” —

E a rosa dizia à brisa:
 — “Não precisa
 Meu seio dos beijos teus;
 Não te adoro... és inconstante...
 Outro amante,
 Outro amante aos sonhos meus!

Tu passas de noite e dia
 Sem poesia
 A repetir-me os teus ais;
 Não te adoro... quero o Norte
 Que é mais forte,
 Que é mais forte e eu amo mais!” —

No outro dia a pobre rosa
 Tão vaidosa
 No hastil se debruçou;
 Pobre dela! — Teve a morte
 Porque o Norte, ¹²⁶⁶
 Porque o Norte a desfolhou!...

Novembro — 1858.

L X

NO LEITO.

M ***

Se eu morresse amanhã!

A. de Azevedo.

I.

Eu soffro; — o corpo padece
 E minh'alma se estremece
 Ouvindo o dobrar dum sino!
 Quem sabe? — A vida fenece
 Como a lâmpada no templo
 Ou como a nota dum hino!

A febre me queima a fronte
 E dos túmulos a aragem
 Roçou-me a pálida face;
 Mas no delírio e na febre
 Sempre teu rosto contemplo,
 E serena a tua imagem
 Vela à minha cabeceira,
 Rodeada de poesia,
 Tão bela como no dia
 Em que vi-te a vez primeira!

Teu riso a febre me acalma;
 — Ergue-se viva a minh'alma
 Sorvendo a vida em teus lábios
 Como o saibo dos licores,
 E na voz, que é tôda amôres,
 Como um bálsamo bendito,
 Ouvindo-a, eu pobre palpito,
 Sou feliz e esqueço as dores.

I I.

Se a morte colhêr-me em breve,
Pede ao vento que te leve
O meu suspiro final;
— Será queixoso e sentido,
Como da rôla o gemido
Nas moitas do laranjal.

Quisera a vida mais longa
Se mais longa Deus ma dera,
Porque é linda a primavera,
Porque é doce êste arrebol,
Porque é linda a flor dos anos
Banhada da luz do sol!
Mas se Deus cortar-me os dias
No meio das melodias,
Dos sonhos da mocidade,
Minh'alma tranqüila e pura
À beira da sepultura
Sorrirá à eternidade.

Tenho pena... sou tão moço!
A vida tem tanto enlêvo!
Oh! que saudades que levo
De tudo que eu tanto ame!
— Adeus, ¹²⁶⁷ oh! sonhos dourados,
Adeus, oh! noites formosas,
Adeus, futuro de rosas
Que nos meus sonhos criei!

Ao menos, nesse momento
Em que o letargo nos vem
Na hora do passamento,
No suspirar da agonia
Terei a frente já fria
No colo de minha mãe!

.....

I I I.

Mas eu bendigo estas dores,
Mas eu abenço o leito
Que tantas mágoas me dá,
Se me jurares, querida,
Que meu nome no teu peito
Morto embora — viverá!
— Que às vêzes na cruz singela
Tu irás pálida e bela
Desfolhar uma saudade!

— Que de noite, ao teu piano,
Na voz que a paixão desata,
Chorarás a — Traviata
Que eu dantes amava tanto
Nas ânsias do meu amor!
— E que darás compassiva
Uma gôta do teu pranto
À memória morta ou viva
Do teu pobre sonhador!

Bendita, bendita sejas,
Se nas notas benfazejas
Tua alma falar co'a minha
Nessa linguagem do céu
Que o pensamento adivinha!
Eu — o filho da poesia —

Dormirei no meu sepulcro,
Embalado em harmonia
Ao som do piano teu!

I V.

Que tem a morte de feia?!
— Branca virgem dos amôres,
Toucada de murchas flores,
Um longo sono nos traz;
E o triste que em dor anseia
— Talvez morto de cansaço —
Vai dormir no seu regaço
Como num claustro de paz!

Oh! virgem das sepulturas,
Teu beijo mata as venturas
Da terra, mas rasga o véu
Que a eternidade nos vela;
E nós — os filhos do êrro —
Libertos dêste destêrro,
Vamos contigo, donzela,
No branco leito de pedra,
Onde a miséria não medra,
Sonhar os sonhos do céu!...

Há tantas rosas nas campas!
Tanta rama nos ciprestes!
Tanta dor nas brancas vestes!
Tanta doçura ao luar!
— Que ali o morto poeta
Nos seus íntimos segredos,
À sombra dos arvoredos
Pode viver a sonhar!

V.

Assim, — se amanhã, se logo,
Sentires na face amada
Passar um sôpro de fogo
Que te queime o coração,
E uma mão fria e gelada
Comprimir a tua mão
Frisando os cabelos teus;
— Não tenhas tu vãos temores,
Pois é minh'alma, querida,
Que ao desprender-se da vida
— Tôda saudade e amôres —
Vai dizer-te o extremo — adeus!...

Agôsto — 1858.

L X I

POIS NÃO É?!

Ver cair o cedro anoso
Que campeava na serra,
Ver frio baixar à terra
O pobre velho bondoso
Que procurando repouso
Tropeçou na sepultura;
E' triste, sim, é verdade,
Mas não tão grande a saudade
Nem a dor tão funda e dura,
Pois que ao velho e ao cedro altivo
Partido à voz da procela,
No mundo — jardim lascivo —
A vida foi longa e bela.

Mas ver a rosa do prado
Que a aurora deu côr e vida, 1268
De manhã — flor do valado,
De tarde — rosa pendida!...

Mas ver a pobre mangueira
Na primavera primeira
Crescendo tôda enfeitada
De fôlhas, perfume e flor,
Ouvindo o canto de amor
No sôpro da viração;
Mas vê-la depois lascada
Em duas cair no chão!...

Mas ver o pobre mancebo
Em quem a seiva reluz,
No sonho cândido e puro, 1269
Nas glórias do seu futuro
Dourando a vida de luz;
Mas vê-lo quando a sua alma
Ao som d'ignota harmonia
Se derramava em poesia;
Quando junto da donzela
— Cativo dos olhos dela —
Na voz que baluciava
De amôres falava a mêdo;
Quando o peito transbordava
De crenças, de amor, de fé,
Vê-lo finar-se tão cedo,
Como as vozes dum segrêdo...
E' dor de mais — pois não é?!...
Indaiaçu — 1857.

L X I I

NA ESTRADA.

CENA CONTEMPORÂNEA.

Eu vi o pobre velho esfarrapado
— Cabeça branca — sentado pensativo
Dum carvalho ao pé;
Esmolava na pedra dum caminho,
Sem família, sem pão, sem lar, sem ninho,
E rico só de fé!

Era de tarde; ao toque do mosteiro
Seu lábio a murmurar rezava baixo,
— Ao lado o seu bordão;
E o sol, no raio extremo, lhe dourava
Sôbre a fronte senil a dupla c'roa
De pobre e de ancião!

E o *homem de metal* vinha sorrindo
Contando ao companheiro os gordos lucros
Na usura de judeus;
O mendigo estendeu a mão mirrada,
E pediu-lhe na voz entrecortada:
— Uma esmola, por Deus!

O *homem de metal* embevecido
Em sonhos de milhões, por junto à pedra, 1270
Sem responder, passou!
O pobre recolheu a mão vazia...
O anjo tutelar velou seu rosto
Mas — Satanás folgou!

Rio — 1858.

L X I I I

NO JARDIM.

CENA DOMÉSTICA.

Tête sacrée! enfant aux cheveux blonds!

V. Hugo

Ela estava sentada em meus joelhos
E brincava comigo — o anjo louro,
E passando as mãozinhas no meu rosto
Sacudia rindo os seus cabelos d'ouro.

E eu, fitando-a, abençoava a vida!
Feliz sorvia nesse olhar suave
Todo o perfume dessa flor da infância,
Ouvia alegre o gazear dessa ave!

Depois, a borboleta da campina
Tôda azul — como os olhos grandes dela —
A doudejar gentil passou bem junto
E beijou-lhe da face a rosa bela.

— Oh! como é linda! disse o louro anjinho
No doce acento da virgínea fala —
Mamãe me ralha se eu ficar cansada
Mas — dizia a correr — hei de apanhá-la! —

Eu segui-a chamando-a, e ela rindo
Mais corria gentil por entre as flores,
E a — flor dos ares — abaixando o vôo
Mostrava as asas de brilhantes côres.

Iam, vinham, à roda das acácias,
Brincavam no rosal, nas violetas,
E eu de longe dizia: — Que doidinhas!
Meu Deus! meu Deus! são duas borboletas!... —
Dezembro — 1858.

L X I V

RISOS.

Ri, criança, a vida é curta,
O sonho dura um instante.
Depois... o cipreste esguio
Mostra a cova ao viandante!

A vida é triste — quem nega?
— Nem vale a pena dizê-lo.
Deus a parte entre seus dedos
Qual um fio de cabelo!

Como o dia, a nossa vida
Na aurora é — tôda venturas,
De tarde — doce tristeza,
De noite — sombras escuras!

A velhice tem gemidos,
— A dor das visões passadas —
A mocidade — queixumes,
Só a infância tem risadas!

Ri, criança, a vida é curta,
O sonho dura um instante.
Depois... o cipreste esguio
Mostra a cova ao viandante!

Rio — 1858.

LIVRO NEGRO.

HORAS TRISTES.

I.

Eu sinto que esta vida já me foge
Qual d'harpa o som final,
E não tenho, como o naufrago nas ondas, 1271
Nas trevas um fanal!

Eu sofro e esta dor que me atormenta
E' um suplicio atroz!
E p'ra contá-la falta à lira cordas
E aos lábios meus a voz!

As vêzes, no silêncio da minh'alma,
Da noite na mudez,
Eu crio na cabeça mil fantasmas
Que aniquilo outra vez!

Dói-me inda a bôca que queimei sedento
Nas esponjas de fel,
E agora sinto no bulhar da mente
A tôrre de Babel!

Sou triste como o pai que as belas filhas
Viu lânguidas morrer,
E já não pousam no meu rosto pálido
Os risos do prazer!

E contudo, meu Deus! eu sou bem moço,
Devera só me rir,
E ter fé e ter crença nos amôres,
Na glória e no porvir!

Eu devera folgar nesta natura
De flores e de luz,
E, mancebo, voltar-me p'r'o futuro, 1272
Estrêla que seduz!

Agora em vez dos hinos d'esperança,
Dos cantos juvenis,
Tenho a sátira pungente, o riso amargo,
O canto que maldiz!

Os outros, — os felizes dêste mundo,
Deleitam-se em saraus;
Eu solitário sofro e odeio os homens,
P'ra mim são todos maus!

Eu olho e vejo... — a veiga é de esmeralda,
O céu é todo azul.
Tudo canta e sorri... só na minh'alma
O lôdo dum paul!

Mas se ela — a linda filha do meu sonho,
A pálida mulher
Das minhas fantasias, dos seus lábios
Um riso, um só me der;

Se a doce virgem pensativa e bela,
— A pudica vestal
Que eu criei numa noite de delírio
Ao som da saturnal;

Se ela vier enternecida e meiga
Sentar-se junto a mim;
Se eu ouvir sua voz mais doce e terna
Que um doce bandolim;

Se o seu lábio afagar a minha fronte
— Tão férvido volcão!
E murmurar baixinho ao meu ouvido
As falas da paixão;

Se cair desmaiada nos meus braços
Morrendo em languidez,
De certo remoçado, alegre e louco
Sentira-me talvez!...

Talvez que eu encontrasse as alegrias
Dos tempos que lá vão,
E afogasse na luz da nova aurora
A dor do coração!

Talvez que nos meus lábios desmaiados
Brilhasse o seu sorrir,
E de novo, meu Deus, tivesse crença
Na glória e no porvir!

Talvez minh'alma ressurgisse bela
Aos raios dêsse sol,
E nas cordas da lira seus gorjeios
Trinasse um rouxinol!

Talvez então que eu me pegasse à vida
Com ânsia e com ardor,
E pudesse aspirando os seus perfumes
Viver do seu amor!

P'ra ela então seria a minha vida,
A glória, os sonhos meus;
E dissera chorando arrependido:
— Bendito seja Deus! —

Abril — 1858.

DORES.

I I.

Há dores fundas, agonias lentas,
Dramas pungentes que ninguém consola,
Ou suspeita sequer!
Mágoas maiores do que a dor dum dia,
Do que a morte bebida em taça morna
De lábios de mulher!

Doces falas de amor que o vento espalha,
Juras sentidas de constância eterna
Quebradas ao nascer;
Perfídia e olvido ¹²⁷³ de passados beijos...
São dores essas que o tempo cicatriza
Dos anos no volver.

Se a donzela infiel nos rasga as fôlhas
Do livro d'alma, magoado e triste
Suspira o coração;
Mas depois outros olhos nos cativam,
E loucos vamos em delírios novos
Arder noutra paixão.

Amor é o rio claro das delícias
Que atravessa o deserto, a veiga, o prado,
É o mundo todo o tem!
Que importa ao viajor que a sêde abrasa,
Que quer banhar-se nessas águas claras,
Ser aqui ou além?

A veia corre, a fonte não se estanca,
E as verdes margens não se crestam nunca
Na calma dos verões;
Ou quer na primavera, ou quer no inverno,
No doce anseio do bulir das ondas
Palpitam corações.

Não! a dor sem cura, a dor que mata,
É, moço ainda, e perceber na mente
A dúvida a sorrir!
E' a perda dura dum futuro inteiro
E o desfolhar sentido das gentis coroas,
Dos sonhos do porvir!

E' ver que nos arrancam uma a uma
Das asas do talento as penas de ouro,
Que voam para Deus!
E' ver que nos apagam d'alma as crenças
E que profanam o que santo temos
Co' o riso dos ateus!

E' assistir ao desabar tremendo,
Num mesmo dia, d'ilusões douradas,
Tão cândidas de fé!
E' ver sem dó a vocação torcida
Por quem devera dar-lhe alento e vida
E respeitá-la até!

E' viver, flor nascida nas montanhas,
Para aclimar-se, apertada numa estufa
À falta de ar e luz!
E' viver, tendo n'alma o desalento,
Sem um queixume, a disfarçar as dores
Carregando a cruz!

Oh! ninguém sabe como a dor é funda,
Quanto pranto s'engole e quanta angústia ¹²⁷⁴
A alma nos desfaz!
Horas há em que a voz quase blasfema...
E o suicídio nos acena ao longe
Nas longas saturnais!

Definha-se a existência a pouco e pouco,
E ao lábio descorado o riso franco
Qual dantes, já não vem;
Um véu nos cobre de mortal tristeza,
E a alma em luto, despida dos encantos,
Amor nem sonhos tem!

Murcha-se o viço do verdor dos anos,
Dorme-se moço e despertamos velho,
Sem fogo para amar!
E a fronte jovem que o pesar sombrea
Vai, reclinada sôbre um colo impuro,
Dormir no lupanar!

Ergue-se a taça do festim da orgia,
Gasta-se a vida em noites de luxúria
No leito dos bordéis,
E o veneno se sorve a longos tragos
Nos seios brancos e nos lábios frios
Das lânguidas Frinés!

Esquecimento! — mortalha para as dores —
Aqui na terra é a embriaguez do gôzo,
A febre do prazer:
A dor se afoga no fervor dos vinhos,
E no regaço das Marcôs modernas
E' doce então morrer!

Depois o mundo diz: — Que libertino!
A folgar no delírio dos alcouces
As asas empanou! —
Como se êle, algoz das esperanças,
As crenças infantis e a vida d'alma
Não fôsse quem matou!...

Oh! há dores tão fundas como o abismo,
Dramas pungentes que ninguém consola
Ou suspeita sequer!
Dores na sombra, sem carícias d'anjo,
Sem voz de amigo, sem palavras doces,
Sem beijos de mulher!...

Rio — 1858.

I I I.

Pobre criança que te afliges tanto
Porque sou triste e se chorar me vês,
E que borrifas com teu doce pranto
Meus pobres hinos sem calor, talvez;

Deus te abençoe, querubim formoso,
Branca açucena que o paul brotou!
Teu pranto é gôta de celeste gôzo
Na úlcera funda que ninguém curou.

Pálido e mudo e do caminho em meio
Sentei-me à sombra sofredor e só!
Do choro a baga umedeceu-me o seio,
Da estrada a gente me cobriu de pó!

Meus tristes cantos, comecei chorando,
Santas endechas, ¹²⁷⁵ doloridos ais...
E a turba andava! Só de vez em quando
Lânguido rosto se volvia atrás!

E a louca turba que passou sorrindo
Julgava um hino o que eu chamava um ai!
Alguém murmura: — Como o canto é lindo! —
Sorri-se um pouco e caminhando vai!

Bendito sejas, querubim de amôres,
Branca açucena que o paul brotou!
Teu pranto é gôta que mitiga as dores
Da úlcera funda que ninguém curou!

Há na minh'alma alguma cousa vago,
Desejos, ânsias, que explicar não sei:
Talvez — desejos — dalgum lindo lago,
— Ansias — dum mundo com que já sonhei!...

E eu sofro, oh anjo; na cruel vigília
O pensamento inda redobra a dor,
E passa linda do meu sonho a filha, ¹²⁷⁶
Sôltas as tranças a morrer de amor!

E louco a sigo por desertos mares,
Por doces veigas, por um céu de azul;
Pouso com ela nos gentis palmares
À beira d'água, nos vergéis do sul!...

E a virgem foge... — e a visão se perde
Por outros climas, noutra céu de luz;
E eu — desperto do meu sonho verde —
Acordo e choro carregando a cruz!

Pobre poeta! na manhã da vida
Nem flores tenho, nem prazer também!
— Rôto mendigo que não tem guarida —
Tímido espreito quando a noite vem!

Bendito sejas, querubim de amôres,
Branca açucena que o paul brotou!
Teu doce pranto me acalenta as dores
Da úlcera funda que ninguém curou!

A minha vida era areal despido
De relva e flor e na estação louçã!
Tu foste o lírio que nasceu, querido,
Entre a neblina de gentil manhã.

Em ondas mortas meu batel dormia,
Chorava o pano a viração sutil,
Mas veio o vento no correr do dia
E, leve, o bote resvalou no anil.

Eu era a flor do escalavrado galho
Que a tempestade no passar quebrou;
Tu foste a gôta de bendito orvalho
E a flor pendida a reviver tornou.

Teu rosto puro restitui-me a calma,
Ergue-me as crenças, que já vejo em pé;
E teus olhares me derramam n'alma
Doces consolos e orações de fé.

Não serei triste; se te ouvir a fala
Tremo e palpito como treme o mar,
E a nota doce que teu lábio exala
Virá sentida ao coração parar.

Suspense e mudo no mais casto enlévo
Direi meus hinos c'os suspiros teus,
E a ti, meu anjo, a quem a vida devo
Hei-de adorar-te como adoro a Deus!

... — 1858.

FRAGMENTO.

I V.

.....
O mundo é uma mentira, a glória — fumo,
A morte — um beijo, e esta vida um sonho
Pesado ou doce, que s'esvai na campa!

O homem nasce, cresce, alegre e crente
Entra no mundo c'o sorrir nos lábios,
Traz os perfumes que lhe dera o berço,
Veste-se belo d'ilusões douradas,
Canta, suspira, crê, sente esperanças,
E um dia o vendaval do desengano
Varre-lhe as flores do jardim da vida
E nu das vestes que lhe dera o berço
Treme de frio ao vento do infortúnio!
Depois — louco sublime — êle se engana,
Tenta enganar-se p'ra curar as mágoas,
Cria fantasmas na cabeça em fogo,
De novo atira o seu batel nas ondas,
Trabalha, luta e se afadiga em balde
Até que a morte lhe desmancha os sonhos.
Pobre insensato — quer achar por fôrça
Pérola fina em lodaçal ¹²⁷⁷ imundo!
— Menino louro que se cansa e mata
Atrás da borboleta que travêssa
Nas moitas do mangal voa e se perde!..

.....
.....
Dezembro — 1858

ANJO!

M.

V.

Sub umbra alarum tuarum.

Eu era a flor desfolhada
Dos vendavais ao correr;
Tu foste a gôta dourada
E o lírio pôde viver.

Poeta, dormia pálido
 No meu sepulcro, bem só;
 Tu disseste: — Ergue-te, ¹²⁷⁸ Lázaro! —
 E o morto surgiu do pó!

Eu era sombrio e triste...
 Contente minh'alma é;
 Eu duvidava... sorriste,
 Já no amar tenho fé.

A frente que ardia em brasas
 A seus delírios pôs fim
 Sentindo o roçar das asas,
 O sôpro dum querubim.

Um anjo veio e deu vida
 Ao peito de amôres nu:
 Minh'alma agora remida
 Adora o anjo — que és tu!

Julho — 1858.

ÚLTIMA FÔLHA.

VI.

Meu Deus! Meu Pai! Se o filho da desgraça
 Tem jus um dia ao galardão remoto,
 Ouve estas preces e me cumpre o voto
 — A mim que bebo do absinto a taça!

— “Feliz serás se como eu sofreres,
 “Dar-te-ei o céu em recompensa ao pranto” —
 Vós o dissestes. ¹²⁷⁹ — E eu padeço tanto!...
 Que novos transes preparar me queres?

Tudo me roubam meus cruéis tiranos:
 Amor, família, felicidade, tudo!...
 Palmas da glória, meus lauréis do estudo,
 Fogo do gênio, aspiração dos anos!...

Mas o teu filho já se não rebela
 Por tal castigo, pelas mágoas duras;
 — Minh'alma of'reço às provações futuras...
 Venha o martírio... mas — perdão p'ra *ela!*...

A doce virgem se assemelha às flores...
 O vento a quebra no seu verde ninho.
 — Velai ao menos pelo pobre anjinho,
 — Pagai-lhe em gozo o que me dais em dores!

Maio — 6.

POESIAS AVULSAS. 1280

A AMIZADE 1281

A ***

Já farto da vida dos anos na flor,
 O peito me rala pungente saudade;
 Traído nas crenças, traído no amor,
 Meu canto recebe, ¹²⁸² celeste amizade.

Poeta e amante, eu um mundo sonhei
 Repleto de gozos, um mundo ideal,
 Quando terna outrora a mulher que eu amei
 A mim me jurara ser sempre leal.

O' tu, ¹²⁸³ meu amigo, permite que um pouco
 A frente recline num peito d'irmão;
 Enxuga, se podes, o pranto do louco
 Que em paga de afetos só teve a traição!

Em tempos felizes, num dia formoso,
 Na relva sentados, bem juntos, unidos,
 No peito encostado seu rosto mimoso
 A ingrata me dava sorrisos... fingidos!

Ai! crente eu beijava seus lábios corados
 Com beijos ardentes, com beijos de amor,
 E Laura jurava que quando apartados
 Viver não queria, morreria de dor!

Partir foi preciso... abracei-a chorando...
 E Laura chorou!... eu de dor soluçei...
 Mas tempos depois que contente voltando
 Julgava beijá-la, já não a encontrei!

Mulher enganosa, quebraste essas juras
 Que em prantos me deste diante de Deus!
 Mas tu não te lembras que as faces impuras,
 Que os lábios corados roçaram os meus?!...

Poeta e amante eu um mundo sonhei
 Repleto de gozos, um mundo ideal...
 Fugiram os sonhos que eu tanto afaguei,
 Como flor tombada por um vendaval!

Errante vagando por vales sombrios
 Co'a mente em delírio, em cruel ansiedade;
 A morte buscando nas águas dos rios,
 Me disse uma voz: inda resta a amizade!

“Esquece êsse fogo, êsse amor, um delírio
 “Que aqui te cavava profundo jazigo;
 “Ao mundo de novo, termina o martírio,
 “A frente reclina num peito de amigo”.

— Ao mundo voltei, esqueci os amôres
 No peito apagando uma forte paixão;
 Agora a amizade mitiga-me as dores,
 Sê tu meu amigo, serei teu irmão!

Agosto — 1855.

ELISA 1284

O rouxinol
 Que na balseira
 Do rio à beira,
 Canção fagueira
 Que tão bem soa,
 Cadente entoa
 Ao pôr do sol
 E no arrebol
 Duma manhã
 Fresca e louçã;
 No doce canto
 Cheio d'encanto
 Que eu amo tanto
 Soletra — Elisa.
 E a mansa brisa
 Que beija as flores
 Falando amôres,
 E seus odores
 Trazer-nos vem,
 Diz-me também
 Mas muito a mêdo,
 Quase em segrêdo,
 Que — Elisa é bela.
 E mesmo a estrêla
 Que em noite escura
 No céu fulgura
 Radiante e pura,
 Dizer parece
 Na fala muda
 Que daquele anjo,
 A voz d'arcanjo
 Maviosa canta
 Beleza tanta.
 Também espanta
 Que a mesma rosa
 Que é tão vaidosa,
 Conheça enfiin
 Coradas rosas
 Bem melindrosas,
 Muitas, infindas,
 Nas faces lindas
 Dum serafim!
 E a corrente
 Que brandamente,
 Quase indolente,
 Por sôbre o prado
 Bem matizado
 Já se desliza...
 Murmura — Elisa.
 E o quieto lago,
 Espelho mago
 Que com afago
 Da branca lua

A fronte nua
 Mostra na sua
 Face tão lisa,
 Retrata — Elisa.
 E minha lira
 Também suspira
 Por — Elisa — bela,
 Dos olhos dela
 Por um volver;
 Em seus sorrisos
 Mil paraísos
 Eu sonho ver.

.....

Aos pés dum anjo
 Um homem chora,
 Perdão implora...
 Ria-se o mundo,
 Ria-se — embora,
 E' a mulher
 Que o poeta adora.
 Dá-lhe seus cantos,
 Risos e prantos,
 E uma alma ardente.

Quando eu morrer
 Da minha campa
 Na pedra lisa,
 O' venha a brisa
 Dizer — Elisa! —
 Que venha ela,
 Meiga donzela,
 Triste e chorosa
 Dizer saudosa
 Em voz sentida:
 — Aqui descansa
 O meu cantor. —
 Talvez que então
 Pela sua dor
 Chamado à vida,
 Repita — amor!

Outubro — 1855.

LEMBRAS-TE ? 1285

Diz-me, ¹²⁸⁶ Júlia, não te lembras
 Da nossa aurora de amor,
 Daquele beijo primeiro
 Dado com tanto temor;
 Palavras apaixonadas
 De beijos entrecortadas,
 E tuas faces coradas
 De virgindade e pudor?...

Como era belo êsse tempo
Em que tudo nos sorria!
Os campos tinham mais vida,
As tardes mais poesia,
As noites eram formosas,
As brisas voluptuosas,
O jardim tinha mais rosas,
O bosque mais harmonia!

Os dias eram mais curtos,
As horas... essas fugiam,
Os regatos murmuravam,
As fontes já não gemiam;
O porvir era brilhante,
De sonhos, embriagante,
E lá na praia distante
As mesmas ondas dormiam!

Era vida, mocidade,
Era amor, era ternura,
Em cada hora — uma esperança,
Cada dia — uma ventura,
Cada rosa — uma ilusão;
Nos lábios — uma canção,
Aqui no peito — um vulcão,
Em ti, ¹²⁸⁷ Júlia, — a formosura!

Mas diz-me: tu não te lembras
Daquela tarde de Abril
Em que eu mirava gostoso
Êsse teu rosto gentil?
Daquela tarde formosa
Em que a brisa era amorosa,
Em que a fonte era saudosa,
Em que o céu era d'anil?...

Num jardim todo florido
No mesmo banco sentados,
Não te lembras dos olhares
Ardentes, apaixonados?
Como eu sorvia anelante,
Quase louco, delirante
O sorrir interessante
De teus lábios tão corados?...

Os teus olhos eram — chamas,
A tua boca — um portento,
As tuas faces — mimosas,
Tua expressão — sentimento;
Eu olhava extasiado,
Eu sofria calado
Êsse sentir abrasado,
Êsse amor que era — tormento!

Os olhos então falavam
Uma sublime linguagem,
Modulada pelas queixas
Que soltava a branda aragem,
Embalando docemente
Ora as águas da corrente,
Ora uma rosa indolente,
Ora do choupo a folhagem.

Pouco a pouco embriagado
Dos teus olhos no fulgor,
Uni meus lábios aos teus
Que abrasavam de calor.

Como coraste de pejo
Ao matar êsse desejo...
Como foi longo êsse beijo,
Primeiro beijo de amor!...

.....
.....

Diz-me, ¹²⁸⁸ Júlia, não te lembras
Daquela tarde de Abril
Em que eu mirava gostoso
Êsse teu rosto gentil?...
Daquela tarde formosa
Em que a brisa era amorosa,
Em que a fonte era saudosa,
Em que o céu era d'anil?...

Março — 1856.

A ROSA 1289

Como ostentas sedução!
Oh! como és linda e formosa,
Como és bela e caprichosa, ¹²⁹⁰
Minha florinha mimosa
Em tão virginal botão!
Sôbre as águas da corrente
Que murmura mansamente,
Como te inclinas contente
Ao sôpro da viração!
O teu perfume tão brando
O ares embalsamando,
De gozo embriagando, ¹²⁹¹
Como fala ao coração!
Oh! como falas de amor, ¹²⁹²
Mimosa, purpúrea flor!
Mas eu não te colho, ¹²⁹³ não!...
Quando te vir outra vez,
Amanhã mesmo — talvez,
Já não inspires ¹²⁹⁴ paixão.
Já estarás desbotada,
Pálida, murcha, coitada,
Com tua frente inclinada,
Com tuas fôlhas no chão!...
E eu direi: ela vivia...
Longa vida prometia
Essa rainha dum dia; ¹²⁹⁵
Depois veio o furacão
E ai! deixou-a caída,
De suas galas despida,
Sem brilho, sem côr, sem vida!...
— Uma rosa, uma ilusão.

Abril 2, 1856.

SUSPIROS 1296

À minha terra formosa
Que eu amo do coração,
Quero enviar uns suspiros
Nas asas da viração.

Corre, 1297 brisa, pressurosa
Sobre esses plainos de anil,
Vai brincar pelas campinas,
Pelos vergéis do Brasil.

Lá verás um céu mui lindo
Como tão lindo não há;
Lá ouvirás os gorjeios, 1298
Os cantos do sabiá.

Lá verás belas palmeiras,
Lindas flores com perfumes,
O regato que murmura,
A fonte que diz queixumes.

Lá verás a minha bela
Sentada no seu jardim,
Na mão encostada a face,
Saudosa, pensando em mim.

O' brisa linda e travessa,
No teu mais doce bafejo
Em seus lábios côr de rosa
Bem de manso, dá-lhe um beijo.

Se uma lágrima furtiva
Nos olhos lhe balouçar...
Traz-me esse pranto d'amor,
Que quem chora, sabe amar.

Diz-lhe que o amante fiel
Só por ela suspirava,
E que nas brisas da tarde
Seus suspiros enviava.

Diz-lhe que o filho extremoso
O mesmo afeto inda tem,
E que contrito e fervente
Orava por sua mãe.

Diz-lhe que o pobre proscrito,
Da noute na majestade,
Chorava por sua terra
Longos prantos de saudade.

Diz-lhe que o triste poeta
Cantava cantos de dor,
Que sua lira gemendo
Dizia: — Brasil e amor! —

Abril — 1856.

A VIDA 1299

Nunca vistes uma rosa
Primeiro abrindo mimosa
O seu botão purpurino,
Mostrando depois vaidosa
Aos vivos raios do sol
Do rocio matutino
Essas gôtas tão brilhantes
Que semelham diamantes?

Não vistes depois a rosa
Tôda garrida e louçã,
De Abril em fresca manhã
Pompeando lindas côres,
Pelo zéfiro embalada,
Sobre a linfa debruçada,
Formosa falando amôres?

Não vistes depois à tarde
E quando o sol já não arde,
Como a flor está tão triste
Co'a bela frente pendente
E como a tépida aragem
Que sussurra na folhagem
A vem beijar docemente?

E depois, no outro dia,
Essa flor que se sorria
Cheia de graça e de vida,
Não a vistes vós pendida
Co'a viva côr já perdida,
E que a brisa caprichosa
Dessa tão pálida rosa
Uma a uma as fôlhas tôdas
As arrancava sorrindo,
E no regato sonoro
Assim as ia lançando,
E que essas fôlhas boiando,
Com a corrente fugindo,
Lá ao longe se perdiam?...

Olhai, assim é a vida!
Na infância somos felizes,
Temos da rosa os matizes
Quando se abre em botão;
E as puras gôtas de orvalho
Que a rosa no seio tem,
Não sabeis vós que elas são
Os prantos de nossa mãe
Que caem silenciosos,
Eloqüentes, amorosos,
Quando no berço deitados,
Com nossos olhos cerrados,
Ela nos vem contemplar
Como um anjo que o bom Deus
Enviasse lá dos céus
Para o nosso sono velar?...

A nossa infância querida
— A primavera da vida,
Quando alegres e contentes,
Descuidosos, inocentes,
Nós saltamos as correntes,
Nós trepamos as colinas,
Nós corremos pelo prado
Colhendo as frescas boninas
Que vegetam no valado,
Comparai-a vós à rosa
Corada e bela a florir
Quando as auras vespertinas
D'afagos a vêm ¹³⁰⁰ cobrir.

Êsse sol que anima a flor
De tarde no vale ameno
Por entre os choupos anosos,
E' êsse brilho sereno
Cheio de mago fulgor
Dos olhos negros formosos
Da virgem de nossos sonhos,
Quando seus lábios risonhos

Nos dizem falas d'amor,
E as fôlhas que a rosa deixa
Do seu seio desprendidas,
São as nossas ilusões
Que pouco a pouco perdidas,
Vão uma a uma caindo
E na corrente dos anos
Coitadas, vão-se sumindo!

Assim como a linda rosa
Murcha e cai no seu rosal
Não resistindo — mimosa, 1301
Ao sôpro do vendaval,
A vida também se extingue
Quando estala o coração
Pela perda duns amôres...
— A derradeira ilusão!...

OS MEUS SONHOS 1302

I

Como era belo êsse tempo
De tão doces ilusões,
De tardes belas, amenas,
De noites sempre serenas,
De estrêlas vivas e puras;
Quadra de riso e de flores
Em que eu sonhava venturas,
Em que eu cuidava de amôres

Ah! minha infância saudosa,
Que me mostravas à mente
Nesse viver inocente,
Tão verdejante e florida
A longa estrada da vida
Que é tôda, tôda escabrosa!
E eu, inexperta criança,
Que tinha fé no porvir
Por ver o mar em bonança
E minha mãe a sorrir!...
E julguei que era verdade!
E acreditava nos sonhos
Feiticeiros e risonhos!...

Ilusões da mocidade
Cheias de terna magia,
Nascem doiradas e belas
Como o fulgor das estrêlas...
E morrem no mesmo dia!...

II

Sonhei que o mundo era um prado
Lindo, lindo, matizado
Das flores do meu jardim;
Sonhei a vida uma estrada
De gozos entrelaçada,
De gozos que não têm 1303 fim.

Esses sonhos de magia
Criei-os na fantasia
À meiga luz do luar,
E quando conta segredos
Na rama dos arvoredos
A brisa que beija o mar.
Sonhei-os assim brilhantes
Naqueles doces instantes
De silêncio e de oração;
Quando as estrêlas seduzem,
E quando os lábios traduzem
As vozes do coração.

Sôbre o peito reclinada
Eu tinha a fronte inspirada
Duma formosa mulher,
E fraco um raio da lua
Beijando-lhe a face nua
Dava-lhe brilho e poder.

De certo a lua serena
Um rosto como o de Helena
Nunca, nunca iluminou;
E nunca ouvirei na vida
Voz mais terna e mais sentida
Dizer-me: — sou tua, sou!

Numa noite mui fagueira,
Como visão prazenteira,
Por entre beijos de amor
Eu vi surgir uma estrêla
Linda, linda, muito bela,
Com doce e meigo fulgor.

Na perdida fantasia,
De luz, de amor, d'alegria
Abrilhantei o porvir,
E segui qual mariposa
Aquela chama formosa
Que eu via ao longe luzir!

III

Mentira, tudo mentira!
Os meus sonhos... ilusões!
As cordas da minha lira
Já não soletram canções,
A mente já não delira,
E se louco num momento
Revolvo no pensamento
Êsse passado de amôres...
Se triste o peito suspira...
Eu ouço um eco da terra
Bradar-me com voz que aterra:
— Mentira, tudo mentira!

Foram sonhos. Eram lindos,
Eram lindos... mas passaram!
E desses sonhos já findos
Só lembranças me ficaram.
Só lembranças bem saudosas
Dessas noites tão formosas
Em que os sonhos despontaram,
Só lembranças desses sonhos,
Desses sonhos que passaram!...

Hoje vivo, se é que é vida
Andar co'a fronte pendida
Calado e triste a cismar; 1304
E nessa imensa tristeza
Nessas horas d'incerteza
Em que adormece o luar,
Em que tôda a natureza

E' silêncio, amor e paz, 1305
Eu sinto a alma saudosa
Perguntar com voz queixosa:
— Lindos sonhos, onde estais?!
Então um eco medonho
Responde por cada sonho
C'um gemido... e nada mais!

A minha sina cumpriu-se,
A sina que Deus me deu!
O eco responde triste:
A linda estrêla — sumiu-se!
A tua Helena — morreu!

DESEJOS 1306

Se eu soubesse que no mundo
Existia um coração,
Que só por mim palpitasse
De amor em terna expansão;
Do peito calara as mágoas,
Bem feliz eu era então!

Se essa mulher fôsse linda
Como os anjos lindos são,
Se tivesse quinze anos,
Se fôsse rosa em botão,
Se inda brincasse inocente
Descuidosa no gazão;

Se tivesse a tez morena,
Os olhos com expressão,
Negros, negros, que matassem,
Que morressem de paixão,
Impondo sempre tiranos
Um jugo de sedução;

Se as tranças fôssem escuras,
Lá castanhas é que não,
E que caíssem formosas
Ao sôpro da viração,
Sobre uns ombros torneados,
Em amável confusão;

Se a fronte pura e serena
Brilhasse d'inspiração,
Se o tronco fôsse flexível
Como a rama do chorão,
Se tivesse os lábios rubros,
Pé pequeno e linda mão;

Se a voz fôsse harmoniosa
Como d'harpa a vibração,
Suave como a da rôla
Que geme na solidão,
Apaixonada e sentida
Como do bardo a canção;

E se o peito lhe ondulasse
Em suave ondulação,
Ocultando em brancas vestes
Na mais branda comoção
Tesouros de seios virgens,
Dois pomos de tentação;

E se essa mulher formosa
Que me aparece em visão,
Possuisse uma alma ardente,
Fôsse de amor um vulcão;
Por ela tudo daria...
— A vida, o céu, a razão!

MEU LIVRO NEGRO 1307

A GONÇALVES BRAGA

I

Eu sei que é santo e bom e de almas grandes
Dar às glórias um hino, a Deus um canto.
Ao culpado perdão;
Dar ao vício conselho, ao cego luzes,
À velhice respeito, arrimo à infância
E aos mendigos o pão!

Obrigado! obrigado! eu beijo a esmola
Do teu canto de fé! Mas não te iludas,
Não te posso seguir.
Eu me assento nas pedras do caminho
E pergunto aos que passam: — "Inda é longe,
Muito longe o porvir?"

Obrigado! obrigado! tu respondes,
E queres que eu descubra no horizonte
O que é nuvem talvez!
Obrigado, cantor! rico de crenças,
Que repartes comigo os teus vestidos,
P'ra cobrir-me a nudez!

Levanto à pressa a tenda do descanso,
E, como não prossigo, eu te convido
A porta do meu lar;
Depois que eu te disser a lenda triste
Do meu livro sem luz, do — Livro Negro —
Tu podes caminhar.

II

Escuta: — Tu que tens na voz perfumes,
Chamas sempre ao meu canto — primaveras,
Aos goivos — um jardim!
— Talvez que na charneca, por descuido,
Entre os juncos brotasse à beira d'água
O tronco dum jasmim!

É verdade, na mente deslumbrada,
Borbulhou noutro tempo alguma cousa
De vago e de ideal!
Eram centelhas! mas dormindo às sôltas,
Eu deixei consumir-se o fogo santo
— Estúpida vestal!

Agora em vão procuro aquêles cantos,
As rosas do jardim e o sonho amigo
Que tanto me embalou!
A minha alma, deserta de esperanças,
Já não pode sonhar! Meu Deus, é tarde!
A vida já passou!

P'ra mim, que me perdi no desencanto,
Não tem o pátrio céu estrêlas vivas,
Nem lírios as manhãs.
Eu por cada ilusão vivi dez anos!
O fruto da ilusão nasceu precoce...
Sou moço e tenho cãs!

Ai! bem cedo o tufão despiu-me os galhos!
E os galhos todos nus ao céu se elevam
Na súplica de dó!
No campo a primavera estende os mimos,
Tudo é verde no monte e na colina...
Mais ai! no inverno eu só!

Na testa trago a ruga prematura,
E do lábio na prega desdenhosa
Não há ódio, mas fel!
— Ruínas dum castelo não completo,
Aqui descobro um trôço de coluna,
— Mais longe um capitel!

Houve galas contudo no edifício
Em dias venturosos de banquetes,
Por noites de festim!
As ogivas tremiam com mil luzes,
O parque tinha caça, a sala — amôres,
Perfumes — o jardim!

Cuspiram-me na frente e na grinalda,
Vergaram-me a cabeça ao despotismo,
Às garras da opressão;
E ao contacto do mármore e do gêlo
A lira emudeceu, penderam flores,
Extinguiu-se o vulcão!

Por cada canto eu tive ofensas duras,
Pelos sonhos — o escárnio que apunhala,
Insultos por cantar!
Deitaram-me na taça o fel que amarga,
Mas a raça dos vis campeia impune
Porque eu sei perdoar!

Obrigado! obrigado! E' doce ao menos
Receber na desgraça o apêto amigo
Do braço fraternal!
A lágrima a cair se muda em riso,
E pode a mão tecer na corda frouxa
Um hino festival!

Feliz, tu que me acenas p'r'o futuro
— Na frente a inspiração, nas mãos a lira,
E no teu peito o ardor!
Adeus! eu não te sigo, é longa a estrada,
Assusta-me a tormenta e a noite escura...
Sou fraco lutador!

Podes ir; eu te abraço e te abenço!
Volta e traze contigo as verdes palmas
Que o futuro te der;
Adeus! eu não te sigo... eu não perjuro...
A glória é uma mulher, e tu bem sabes
Eu amo outra mulher!

A glória, quanto a mim, é a Messalina
Que vende sem pudor a face e os beijos
Na praça, à luz do sol!
Ama um dia e abandona o favorito
No leito do hospital, por cama — a vala,
Por mortalha — o lençol!

Não quero a glória, não! a glória mente,
O fogo queima, a cicatriz não fecha,
E sangra o coração!...
Não quero a glória: — eu peço ao céu sossêgo,
Um bocado de amor, flores no campo,
E um ninho no sertão.

Lá eu posso viver na sombra escura,
Cercado das acácias perfumadas,
Sòzinho e bem feliz!
Por noites de luar o sertanejo
Suspira na guitarra cantilenas
Que a lira nunca diz!

Há tristezas no chôro das cascatas,
Há mistérios nas vozes das florestas,
Há silfos pelos céus!
E a mente embevecida, absorta e pasma,
Em voz baixa ergue os hinos de ventura,
E baixo adora a Deus!

Da mulher adorada a frente santa
Sentira no sagrado dos colóquios
Como é fundo o sentir!
Do seu amor — que é pérola sem preço —
Eu farei meu presente e meu passado,
Meu sonho e meu porvir!

A vida no deserto é lago plácido,
No mar raivoso que sacode a escuma
E que sepulta a nau!
— Eu lá serei feliz; das murchas palmas
Apenas guardarei lembrança vaga,
Como de um sonho mau.

Creio em Deus, e meu lábio inda murmura
Essa mesma oração rezada à noite
Pela quadra infantil;
Beijo a mão que embalou meu berço quente,
Creio no amigo; sei que o amor é santo
E sei que a glória é vil!

.....
Bem vês, eu não me animo às vozes tuas!
Ai! é tarde, cantor! não posso... é tarde,
Não me embala a ilusão!
Retomo a lira, balbucio um canto,
Sacudo o gêlo p'ra dizer-te d'alma:
"Oh! obrigado, irmão!"

III

Eu da porta da tenda te abenço!
Podes ir, bom romeiro do progresso...
Eu deito-me a dormir!
O caminho tem neve, o lar tem fogo,
— Oh! o amor da mulher por quem se chora
Vale mais que o porvir!

1859.

—————
A J... 1308

Minh'alma dorme, indolente
A tudo ¹³⁰⁹ o que é grande e belo.
Ai! não sei que pesadelo
Assim me pousou na mente!
Debalde agora procuro
Os sonhos do meu futuro
De amor e glória tão cheios,
Na quadra dos devaneios
E das longas ilusões!

Mas se dócil a teus dedos
O teu piano palpita,
Se derramas teus segredos
Nessa harmonia infinita,
Nessa queixa vaga e incerta,
Então minh'alma — desperta
Dêsse fatal pesadelo —
Sacode o manto de gêlo,
Banha-se em novo fulgor,
Ama a luz que o sol exala,
E em cada nota que fala
Solettra um hino de amor!

Mas se também indolente
O teu piano se cala,
Minh'alma é só languidez.
— Como a criança dormente,
Que os olhos súbito abrija,
Queixosa e triste suspira,
E — sem ti — dorme outra vez!

1859.

À J. 1310

A tua voz vem d'alma, fresca e pura
Como um bafo de infante adormecido:
Se cantas — dás um raio de ventura,
Se choras — tudo chora ao teu gemido!

Quando me deixas, longo tempo ainda
Ouço-te a fala — música divina,
Que sai sorrindo dessa bôca linda,
Harpa mimosa que só Deus afina.

A tua voz me alegre e me embriaga;
Assim a brisa, de perfumes rica,
Sussurra nos rosais, suspira e afaga...
Passa, é verdade; mas o aroma fica.

Janeiro, 1860.

—————
ONTEM À NOUTE 1311

Ontem — sòzinhos — eu e tu, sentados,
Nos contemplamos, quando a noute veio:
Queixosa e mansa a viração dos prados
Beijava o rosto e te afagava o seio,
Que palpitava como — ao longe — o mar,
E lá no céu êsses rubins pregados
Brilhavam menos, que teu vivo olhar!

Co'a mão nas minhas, no silêncio augusto,
Tu me falavas sem mentido susto,
E nunca a virgem, que a paixão revela, ¹³¹²
Passou-me em sonhos tão formosa assim!
Vendo a noute pura, e vendo a ti tão bela,
Eu disse aos astros: — dai o céu a ela!
Disse a teus olhos: — dai amor p'ra mim!

—————
NO ÁLBUM DE NICOLAU VICENTE
PEREIRA 1313

Tudo muda com os anos:
A dor — em doce saudade,
Na velhice — a mocidade,
A crença — nos desenganos!
— Tudo se gasta e se afeia,
Tudo desmaia e se apaga
Como um nome sôbre a areia
Quando cresce e corre a vaga.

Feliz quem guarda as memórias,
As lembranças mais queridas,
No livro d'alma esculpidas,
Gravadas fundas em si!
— Essas duram; mas que vale
Um nome desconhecido,
Se há de ser logo esquecido
O nome que eu deixo aqui? ¹³¹⁴

1860.

A FAUSTINO XAVIER DE NOVAIS 1315

Bem-vindo sejas, poeta,
A estas praias brasileiras!
Na pátria das bananeiras
As glórias não são de mais:
Bem-vindo o filho do Douro!
A terra das harmonias,
Que tem Magalhães e Dias,
Bem pode saudar Novais.

Vieste a tempo, poeta,
Trazer-nos o sal da graça,
Pois c'os terrores da praça
Andava a gente a fugir:
Agora calmando o mêdo,
E ao bom humor dando largas,
A comprimir as ilhargas
Agora vão todos rir.

Entre todos os paquetes
Que o velho mundo nos manda,
Eu sustento sem demanda
Tamar foi o mais feliz:
Os outros trazem cebolas,
Vinho em pipas, trapalhadas,
Este trouxe *gargalhadas*,
Sem ser fazenda em barris.

Venha a sátira mordente,
Brilhe viva a tua veia,
Já que a cidade está cheia
Dêsses eternos *Manéis*:
Os barões andam às dúzias,
Como os frades nos conventos,
Comendadores aos centos,
Viscondes a pontapés.

Aproveita êstes bons tipos,
Há-os aqui com fartura,
E salte a caricatura
Nos traços do teu pincel:
Ou quer na prosa ou no verso,
Dá-lhes bem severo ensino,
Ressuscita o Tolentino,
Embeleza o teu laurel.

Pinta êste Rio num quadro,
As letras falsas dum lado,
As discussões do senado,
As quebras, os trambulhões;
Mascates roubando moças,
E lá no fundo da tela
Desenha a febre amarela,
Vida e morte aos cachações.

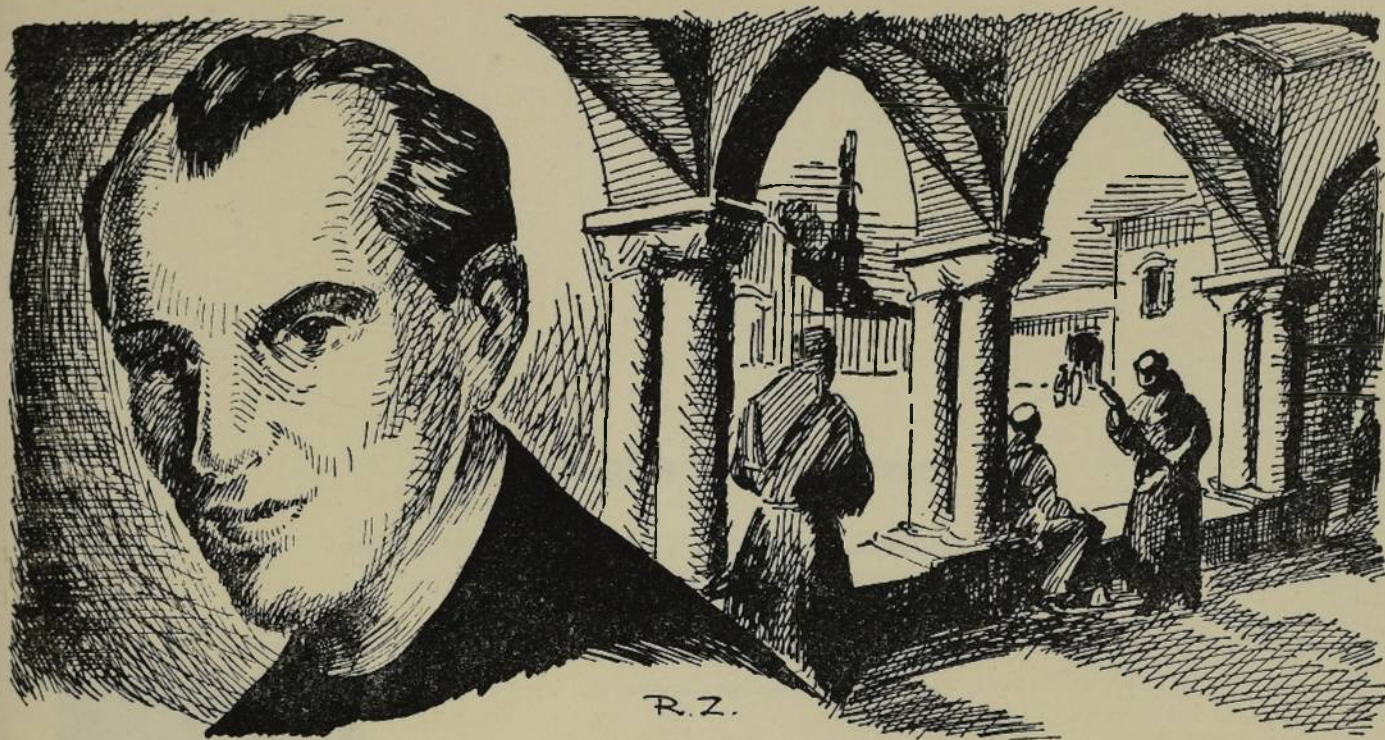
Oh! canta! o povo te aplaude,
E os louros p'ra ti são certos!
Acharás braços abertos
No meu paterno torrão:
Se és português lá na Europa,
Aqui, vivendo conosco
Debaixo do côlmo tôsko,
Aqui serás nosso irmão!

Bem-vindo, bem-vindo sejas
A estas praias brasileiras!
Na pátria das bananeiras
As glórias não são de mais.
Bem-vindo o filho do Douro!
A terra das harmonias,
Que tem Magalhães e Dias,
Bem pode saudar Novais.





Junqueira Freire



Ai — claustros, claustros! — se falar podésseis...

LUÍS JOSÉ JUNQUEIRA FREIRE — Nasceu em Salvador, em 31 de dezembro de 1832. Fêz os estudos secundários no Liceu Provincial de sua cidade. Em 1851 uma crise moral levou-o a procurar paz de espírito no seio da Ordem Beneditina, onde tomou o nome religioso — Frei Luís de Santa Escolástica Junqueira Freire. Em 1854, nova crise moral levou-o a pedir o Breve de secularização perpétua, não estando ainda iniciado em Ordens. Em 1855, pouco antes de morrer (cardíaco), vê publicadas as suas *Inspirações do claustro* (Bahia, 1855). Morre em 24 de junho de 1855. Pòstumamente saíram suas *Obras poéticas*, em dois tomos: I — *Inspirações do claustro*, e II — *Contradições poéticas* (Rio de Janeiro, Garnier, s. d.). Poeta de valor, admirado por espíritos como Antero de Quental, inspirou-se sobretudo nas suas tragédias morais.

INSPIRAÇÕES DO CLAUSTRO.

Inspirações/ do/ Claustro./ Por/ Junqueira-Freire./ Bahia/
Typographia de Camillo de Lellis Masson & Cia./
Largo de Santa Barbara n. 2./ 1855/



O que entenderdes 1316 que é útil, podeis sem receio publicá-lo.

COURIER.

natureza desta publicação exige de si algumas palavras de explicação. Este prólogo é filho da necessidade tão somente. Longe de mim a vaidade dos discursos ociosos.

As poesias presentes agradarão a bem poucos: agradarão apenas a algumas almas fortes, que não puderam ainda ser eivadas nem do cancro do ceticismo, nem da mania do misticismo: agradarão apenas a alguns homens completamente livres, que não sujeitaram-se ainda, sinão às luzes da razão. Ora, êstes homens são bem raros na sociedade atual, porque a hi-

pérbole dos sistemas e das crenças traz em si não sei que talismã, que arrasta todos os espíritos, por bem formados que sejam. O ecletismo nas opiniões, que não são essencialmente filosóficas, repugna ainda aos ânimos, e é crismado de absurdo.

Eu tenho, portanto, a maioria dos homens por meus inimigos.

Pela mão indizível da Providência fui arrojado há três anos para o coração do claustro. Por essa inclassificável ação, de que hoje me espanto, tive as bênçãos de uns e os escárnios ¹³¹⁷ de outros. Eram ainda os homens místicos e os céticos que louvavam-me ou vituperavam-me. Pela mão invisível da Providência fui arrojado outra vez para o torvelinho da sociedade. Por isso tive a maldição de quase todos. Eram ainda os místicos, que não pejavam-se de cantar a palinódia dos louvores, que me haviam magnificamente dispensado, — eram os céticos, que compunham dêste acontecimento um marciálico epigrama.

Hoje, entretanto, venho oferecer ao público o complemento de meus pensamentos durante meu triênio claustral.

Serei recebido pelos mesmos homens: — portanto, muito mal.

Não importa.

Nos países eminentemente ilustrados não aguarda-se mais pelo juízo da posteridade. Vivendo-se, goza-se já do nome, que antigamente depositava-se nas aras misteriosas do porvir. No Brasil, porém, não é ainda assim. Eu tenho, — graças a Deus, — o consôlo de poder esperar pelo futuro em minha pátria!

Neste sonho sedativo da consciência, — seja uma ilusão embora, — adormecerei tranqüilo.

Entretanto, — fervam os pensamentos da paixão. Os escritos poéticos, que apresento, não foram formados em delírio. Entusiasma da raiva! — que tenho eu contigo?

A hora da inspiração é um mistério de luz que passa inapercebível. Contudo, eu tenho consciência de que, por mais etéreo que seja aquêlê momento, cantei tão sòmente o que o imperativo da razão inspirava-me como justo. Não excluí, na verdade, o sentimento nestas composições a que presidia a solidão, porque ninguém o pode, — mas também não sou cabalmente um poeta. Há em mim alguma cousa de menos para completar o anjo das harmonias terrestre. Há, porventura, a reflexão gelada de Montaigne, que apaga os ímpetos, que mata às vêzes a mesma sublimidade. Klopstok, eu não posso acompanhar teus vôos!

Pelo lado da arte, meus versos, segundo me parece, aspiram a casar-se com a prosa medida dos antigos.

Sabe-se que os latinos modulavam os períodos do discurso. Sabe-se que os italianos, em seu século clássico, imitaram miudamente aquêles, de quem tinham herdado a literatura. Sabe-se que os primeiros escritores portugêses cadenciavam igualmente suas construções. Sabe-se que, atingindo a música prosaica a uma perfeição absurda, desterrou-se completamente do discurso todo o artifício. A versificação triunfou sôbre as ruínas da prosa. Bocage deixa de ser poeta, para ser músico. A prosa tinha expirado.

Começa-se então a procurar um acôrdo. O módulo dos latinos, estudado e seguido pelos italianos, quase aperfeiçoado pelos portugêses, tinha algum tanto de justo e de belo. A prosa recobrou os seus direitos.

Tudo isto traz consigo algumas perguntas necessárias:

Até onde irá a melodia da prosa? Será a prosa um dia tão acabada de melodia, de ritmo, de harmonia mesma, que venha a ser inútil a música da forma poética? Chegará um dia a literatura a um tal grau, que distinga a prosa e a poesia tão sòmente pelo nuance dos pensamentos? Nascerá um dia destas duas expressões mais ou menos belas uma forma intermediária, que espose tanto da singeleza da prosa, quanto do artifício da versificação? Será o futuro o mesmo que o passado, — e a prosa, em um círculo constantemente vicioso, voltará para a poesia, e a poesia de novo para a prosa? O Telêmaco de Fenelon, os Mártires de Chateaubriand, os Dramas modernos, os Romances mesmos de agora, que são porventura arremedos de epopéias, não se levantam, como brados majestosos, contra esta última hipótese? Teremos de viver continuamente no giro desesperador que descreveu o Eclesiastes? O que foi será o mesmo que há de ser em tôda a sua amplitude, — ou aquêlê axioma sagrado admite restrições? Meu Deus! o vosso Cristo, descendo de vosso eterno e fecundo seio, não trouxe à humanidade alguma idéia nova, algum fato que inda não tivesse sido?

Presentemente, — cuido eu, — nem uma resposta pode dar-se a estas questões, sinão uma dúvida. Pois bem: — meus versos representam esta hesitação, segundo penso. Procuram, a pesar meu, a naturalidade da prosa, e receiam desprezar completamente a cadência bocageana. ¹³¹⁸

Além disto, a quem canta pela razão, e pouco talvez pelo sentimento, esta forma singela, quase não trabalhada, porventura mais severa, é que melhor lhe pode convir.

O aspecto social, que parecem ter estas composições, obrigam-me ainda a não finalizar de súbito êste prólogo.

O que cantas? — perguntar-me-ão.

O que podia eu cantar, encerrado ¹³¹⁹ nas muralhas solitárias de um claustro, ouvindo a cada hora os toques continuados de um sino que chama à oração, vendo uma turma de homens com vestidos talaes negros, que levavam-me à recordação dos costumes dos tempos antigos, passeando sempre sôbre um chão povoado de sepulcros, conversando com o silêncio do dia e a solidão da noute?

Cantei o monge e a morte.

Cantei o monge, porque êle sofre, — sofre muito.

Cantei o monge, porque ¹³²⁰ o mundo o despreza. Cantei o monge, porque êle é hoje uma cousa inútil e ociosa, em consequência de suas instituições anacrônicas. Cantei o monge, porque ¹³²⁰ êle não tem culpa de ser mau, nem pode por si só ser bom. Cantei o monge, porque ¹³²⁰ êle poderia ser uma personagem quase necessária, dando-se-lhe as leis comuns da humanidade.

Cantei o monge, porque ¹³²⁰ êle é infeliz. Cantei o monge, porque ¹³²⁰ êle é escravo, não da cruz, mas do arbítrio estúpido de outro homem. Cantei o monge, porque ¹³²⁰ não há ninguém, que se ocupe de cantá-lo.

E por isso que cantei o monge, cantei também a morte. É ela o epílogo mais belo de sua vida: é seu único triunfo.

Na verdade, ao homem sincero amante de sua pátria, dói-lhe dentro da alma ver tanta gente estacionada, sem nada fazer, podendo produzir tanto bem. Não! a caridade que o Cristo ensinou, ¹³²¹ não é egoísta: — imagem real do pelicano, que arranca o coração para dá-lo aos filhos!

Muitos, a quem tomam o cuidado de chamar — ímpios, — censuram o monge no monge. Eu deploro-o sòmente, porque ¹³²² êle não é criminoso. A instituição, a instituição é que, depois de lhe tirar o trabalho, hoje em dia já não preciso, de rotear montanhas, não lhe forneceu outro qualquer em ordem às necessidades da época, mas antes convidou-o a uma espécie de ócio, no qual êle não pode ser mais, que mau e desgraçado.

Eu falo com o coração entre as mãos acêrca de tôdas essas cousas, — de todos êsses padecimentos,

Quorum pars magna fui.

Como êsse Enéias, desenhado pela imaginação de Virgílio, saindo do boqueirão das chamas, que ainda lavram, posso, — graças a Deus! — falar de Tróia, sem correr seus riscos.

Oh monges, — feitos assim como estais, constituídos dêste modo, — que sois mais que estas árvores infrutíferas, de que fala o evangelho, que não servem, sinão para o fogo?

Si o homem Deus passasse por vós, como passou pela figueira estéril, não vos destruiria pela raiz, com o raio fulminante da maldição eterna?

Sêde jesuítas, como sois, sêde-o: mas sêde-o também, como os Anchietas, ¹³²³ os Nóbregas, os Vieiras. Por que não?

Olhai: — aí estão nossos sertões, nossas florestas seculares, sombreando imenso gentio, acobertando ¹³²⁴ um culto infame, defendendo bárbaros costumes, balouçando de terror e de esperança. Ide, apóstolos do Unigênito do Eterno, atirai-vos a essas matas, pregai o evangelho, civilizai! Não é esta a vossa missão?

A civilização do mundo ainda carece de vós. Os Tomés ainda são necessários.

Ide, atletas da caridade, marchai para a conquista do pensamento cristão. Que vos falta? Vosso mestre vos enviava ¹³²⁵ às nações — munidos tão sòmente da palavra.

Os Nóbregas não tinham mais do que vós, — e nós, — não nos envergonhamos, ¹³²⁶ — fomos civilizados por êles.

Eis aqui por que a memória dos filhos de Loiola me é cara, eis aqui por que eu os canto também a êles, pelo que fizeram, — como vos canto a vós, pelo que podíeis fazer.

Cometeram erros, êles: mas não é um dos axiomas da história — que os que empreendem ¹³²⁷ grandes cousas, cometam igualmente grandes erros?

Por essas convicções, — não escureço, — achar-me-ão sem dúvida em contradição nos meus cantares.

Meditai, porém, examinai o fundo, e lá encontrareis ¹³²⁸ a unidade, o foco, o centro, o princípio da luz, embora o prisma represente raios de diversas côres.

O século passado para mim é sempre um século magnânimo de crimes: mas nem um século escoou-se debalde no percorrer dos tempos: o século passado é também um século inteligente e progressista. Remontando-me algumas vêzes ao seio dêle, eu, com a alma fundida na educação do século dezenove, arripio-me de horror, e canto a caridade cristã, que lá encontro ¹³²⁹ menoscabada. Procuo então revestir-me com os ademães dos homens católicos daquela época, esqueço-me exteriormente de mim, detesto-lhe a moda absurda de impiedade, e maldigo aquêle círculo de ferro, em que circunscreveu-se aquêl período de torpeza. Os meus — Claustros — e algumas composições mais assumiram esta côr. Quando, porém, limito-me ao meio-século, em que tenho aparecido, e deparo com tudo o que me cerca, digo: — Respeitemos nossos pais. — Si êles olharam para a caridade cristã, para a fé evangélica, como para estátuas de irrisão, — collocaram todavia em um altar a liberdade. A liberdade também é filha do Cristo. O meu poemeto — O monge — representa principalmente êste estado.

Eis aí, pois, a definição de meu trabalho. Julgai-o por essa maneira, — e sêde rigorosos, sim, — porém justos.

A despeito de tôda esta minha confissão, eu sinto, como por instinto, que muitos, lendo êste livro segundo seus próprios gostos, e não segundo o espírito que por todo êle domina, dirão que é uma coleção de orações e blasfêmias. Não! eu não direi isto. Lembrarei sòmente que esta é a obra de um jovem educado no seio de uma corporação religiosa. É esta tôda a minha apologia.

Não posso concluir êste prólogo sem cumprir com o dever sagrado de agradecimento para com o Rvm. Sr. cônego José Joaquim da Fonseca Lima, e padre mestre Domingos José de Brito, pelas lisonjeiras expressões de animação e benevolência, que me dirigiram por vêzes nas colunas do *Noticiador Católico*. O ilustrado publicista Sr. José Pedro Xavier Pinheiro é também para comigo credor de muita estima e gratidão, pelo modo distinto e acoroçador, com que tratou-me em sua *Revista* no periódico *Justiça*. O Sr. Dr. Ricardo Gumbleton Dunt penhorou-me igualmente com as palavras de alento, que dispensou largamente comigo, na *Aurora Paulistana*. Julgo preencher um compromisso bem difícil, estampando nesta página a abundância de minha gratidão, muito mais ainda quando os liames da amizade não me estreitam a nem um dêles.

PORQUE CANTO?

Vai e clama.

(Palavra do Senhor a Jeremias)

Porque se me extasia a mente às vêzes,
E vaga, e vaga, alígera e perdida,
Pelas soidões do firmamento etéreo,
Bem como o serafim que esguarda os mundos,
Livre os celestes páramos percorre?
Porque penetra, às vêzes arrojada,
Nos mistérios recônditos do Eterno,
E tôda entorna-se ¹³³⁰ a seus pés, — bem como
O alabastro de nardo aos pés do Cristo?
Porque se abraça em incorpóreo amplexo
Co'os angélicos sêres de além-astros,
É, como a chave das eternas portas,
Abre os tesouros do poder do Altíssimo,
E nêles bebe inexauríveis gozos?

Porque Deus — substância eterna —
Donde minh'alma baixou,
Quer às vêzes que ela suba
Às delícias, que deixou.

Porque se me extasia a mente às vêzes,
E por entre delíquios exaltados,
Desce às fatais, exteriores trevas,
Aos insondáveis boqueirões do inferno,
Bem como o anjo da suberba outrora
Pela invisível destra fulminado?
Porque prova um prazer terrível, forte,
Em ver a imagem dêsse horror tremendo,
Em ver a face dêsse caos torvado,
Em ver o orgulho do pecado infindo?
Porque no fundo da geena ardente
Sentir procura as emoções mais bárbaras,
Gostar deseja sensações de fogo,
Como procura a fátua mariposa
Chamas de luz, que há de, talvez, queimá-la?

Porque Deus também às vêzes
Para os abismos nos lança,
Para vermos seus castigos,
Seus tesouros de vingança!

Porque se me extasia a mente às vêzes,
E sente em si um vácuo desmedido,
Uma infinita inanição ignota,
Como talvez o espaço, o qual se estende,
Se derrama e se perde a nossos olhos?

Porque procura — sequiosa, arfando —
Encher êsse vazio indefinível,
Qual para lábios tórridos, queimados,
Enche-se um cálix de cristal suave?
Porque procura um coração estranho,
Qualquer embora, — mas que o seu não seja,
Para nêle fundir-se inteiro, inteiro,
Como vários metais de várias sortes
Ao mesmo fogo, idênticos se ligam?

Porque Deus — saber eterno —
Tais a nós nos quis formar:
Quis a era unida ao tronco,
Quis a terra unida ao mar.

Porque se me extasia a mente às vêzes,
E vaga pelo mundo, e julga os homens,
Qual severo juiz, e os escarnece,
É compondo um sarcasmo às frases suas
Com o riso de Demócrito os insulta?
Porque descrê das afecções, que mostram,
Francos, singelos, como o rir do infante?
Porque despreza um coração de amigo,
Que o foi por tempos, na aparência ao menos,
E falsário, traidor, demônio o chama,
Por um assomo de suspeita ou cólera?
Porque da criação blasfema às vêzes,
E tem por maus os sentimentos de homem,
E a natureza dos mortais exprobra
Ante o Senhor, que no-la deu tão justa?

Porque Deus também às vêzes
O braço de nós retira,
Para vermos os perigos,
Em que noss'alma se atira!

Porque se me extasia a mente às vêzes,
E num enlêvo ¹³³¹ mentiroso sonha,
E dá no seio de um prazer sem têrmos,
Esbarrando no amor, como na imagem
Da ventura maior que o mundo oferta?
Porque se abraça neste amor terrestre,
E as emoções mais físicas apura,
E as quer, e as busca, e tresloucado as ama
Co'a mesma devoção, que aos céus dedica?
Porque em tal modo o espírito embrutece, ¹³³²
E vai sua alma estúpida tornando,
Que às plantas da mulher, que dêle zomba,
Chega a prostrar-se, e jura-lhe perverso
Paixão eterna, além da campa; — e o corpo
Dar ao martírio por amor promete?

Porque Deus deixa a matéria
Ter também sua vitória,
Para que, — quando a alma vença, —
Brilhe maior sua glória!

Porque se me extasia a mente às vêzes,
— E quanto fui beber no céu, no inferno,
No mundo, em tudo, que medito ou vejo,
Por meus lábios de vate se derrama
Em torrentes de harmônica linguagem?

Porque Deus pôs em meu peito
Um tesouro de harmonia:
Deu-me a sina de seus anjos,
Deu-me o dom da poesia.

Cantarei o céu, o inferno,
O mundo, — o que me aprouver:
Cantarei a Deus, o homem,
Os amôres da mulher:
Cantarei, enquanto vivo,
Porque Deus assim o quer!

O REMORSO DA INOCENTE.

A MINHA IRMÃ MARIA AUGUSTA.

Alma de serafim, prenda do Eterno,
Ai! quem te despenhou do céu à terra?

I.

Pelo sinete do crime
Não é que está desbotada.
Não chora. Suspira apenas,
Por seus ais entrecortada.

Tristezinha corre os claustros,
Tristezinha a suspirar,
Vai junto à lousa das freiras
Ajoelhar-se a rezar.

Reza orações de finados,
Reza a seu anjo da guarda:
E da flor dos lábios dêle
Perdão aos erros aguarda.

Não sabe o nome dos crimes,
As paixões não dobra o dorso.
Mas naquele peito ingênuo
Mora inquieto um remorso!

Como relíquias sagradas,
Conserva os primores seus.
Mas dói-lhe não ser ainda
Tôda, tôda — só de Deus.

II.

Ei-lo, o remorso da virgem,
O remorso da inocência,
Que, como a idéia do Eterno,
Ameiga na consciência.

Rezou, rezou fervorosa,
Beijando seu relicário.
Arfou, — qual luz matutina
Tremendo no alampadário.

E um sorriso ¹³³³ descorado
Descerrou-lhe lábio e lábio,
Como o palor que desenha
A fronte vasta do sábio.

Beijou a laje da campa,
— Da campa, que há de ser dela.
E vai cismar merencória
Na gelosia da cela.

Por simpleza arreceando
Que algum fantasma não venha,
A correr, aos ares dava
Suas vestes de estamemha.

Que as trevas do claustro e as tumbas
Bafejam temor sagrado.
E as virgens sempre imaginam
Erguer-se um morto a seu lado.

III.

Cisma a virgem mansamente
Em pensamentos do céu,
Mais cândida que as rolinhas,
Mais cândida que seu véu.

E cismava: — Ai! que eu não seja
Tão pura no meu amor:
Tão pura — como êste raio
Da lâmpada do Senhor! —

E cismava: — Ai! que eu não seja
Já para Deus menos bela,
Como a bonina que murcha,
Que eu arranco da capela! —

E cismava: — Ai! que eu não tenha
Um crime, sem eu saber!
Qual será? — Ontem de noite
Eu não pude adormecer! —

E cismava: — Ai! que eu não seja
Menos linda ao meu Senhor!
Já hoje eu corri do claustro:
Dos mortos tive temor... —

E cismava: — Ai! que eu não seja
Ré de um crime que eu não sei,
Bem como o inseto escondido
Na rosa qu'ontem cortei! —

Ei-la, a cisma da donzela,
Da filha da solidão.
Ei-lo, o remorso que esconde
Nas dobras do coração.

I V.

O remorso do malvado
E' desespêro e loucura,
E a reminiscência dêle
O coração lhe tortura.

Mas o remorso da virgem
Lhe cala na consciência,
Como a placidez do justo,
Como a visão da inocência. 1334

PEDIDO.

Não é verdade que possa-se bem escrever, quando se sofre.
(CHATEAUBRIAND).

Belo jovem, tu vagueias
Por campinas de esmeralda.
Adormentas sôbre as flores
O doce amor que te escalda.

Ainda o céu te aparece
Vasta abóbada de anil.
A teus olhos não há nuvem
Nem furacão, nem fuzil.

Inda levantas os olhos
À tua estrêla feliz,
Lês cada noute em seus raios
Mil esperanças gentis.

Depois das visões ditosas
De teu dourado dormir,
Acordas falando amôres
Com prazenteiro sorrir. 1335

Ao ardor meridiano
Ouvem-te ainda cantar.
Não vês a mágoa estampada
Na face crepuscular.

Pela escada da ventura
Sobes cad'hora um degrau.
Tua existência mimosa
E' um contínuo sarau.

Belo jovem, — no teu peito
Não tocou a mão da dor.
Teu espírito inocente
Pode bem pensar de amor.

Belo jovem, — só tu podes
Co'os sentimentos na mão,
Falar palavras ardentes,
Labaredas de paixão.

Eu que tenho lutado contra a vida,
Bebido noutro cálice de dores,
Jovem! — não posso meditar doçuras,
Cantar ternos amôres.

Eu que nunca senti nos olhos d'alma
O traspasar dos olhos da donzela,
Jovem! — não posso te pintar ardores
Que não senti por ela.

E si eu quisera, disfarçando angústias,
Cantar suave a tua bela Armia,
Jovem! — de todos eu teria em paga
Um riso de ironia.

MEDITAÇÃO. 1336

Isto pensava, isto escrevo: isto tinha n'alma, isto vai
no papel: que doutro modo não sei escrever.

(GARRET).

I.

Gosto de meditar de noute, às vêzes,
Como um infante,
Espasmado no olhar, fitando o corpo,
Que tem diante.

Gosto de meditar de dia, às vêzes,
Como o ancião,
A quem idéias se erguem do passado
Em borbulhão.

O infante, o ancião! — os dous extremos
Da existência:
Um à vida, outro à morte, iguais amostram
Igual tendência.

Este é planta mimosa, delicada,
Esperançosa:
Aqueloutro hasteada e quase murcha,
Colhida rosa.

Este promete e cheiro e viço e ramas,
Flores ao cento;
Aqueloutro esgalhar espera as fôlhas
A certo vento.

E muita vez o sol cresta a plantinha,
Denuda e mata:
E vinga a planta antiga, — e quase morta
Revive intacta.

O velho então é como o infante estúpido,
Que nasce agora:
Magina mil visões: sem causa ri-se,
Sem causa chora.

Si fui infante estúpido e pasmado,
Adulto louco:
Si hei de ser velho, sem sentir, sem alma,
Daqui a pouco, 1337

Antes quisera ser infante, — quase
Sem sensações:
Não fôra ao menos côncio de remorsos,
Nem decepções.

Fôsse por tôda a vida infante néscio,
Sem consciência:
Morresse alfim apenas circunscrito
Em minha essência.

I I.

Por que ¹³³⁸ e para que rompeu meu corpo
Do embrião?
Que melhor que não fôra me abafasse
A compressão?

Fôra melhor. E o ôlho vil do hipócrita
Não me veria: ¹³³⁹
Franzindo-me o nariz atrás das costas,
Não se riria.

Fôra melhor. E a seiva de amargores
Não me coara,
E a precoce estação das dores inda
Não me chegara.

Fôra melhor. E o estigma da tristeza
Não me selara.
Melancólica ronha os rins sensíveis
Não mos gastara.

O coração não fôra um grosso livro
De negras laudas.
Não me açoutara a hidra dos remorsos
Co'as férreas caudas.

Não me fôra sem flores a existência
Contínuo inverno.
Não me fôra êste mundo um campo estéril,
Páramo eterno.

Onde só nascem, crescem e vicejam
Males sem conto.
Donde se ceifa antecipado pranto,
Enôjo pronto.

Por que e para que rompeu meu corpo
Do embrião?
Pela miséria, e para a morte interna
Do coração!

E o Deus, que tem por escabêlo nuvens
De ouro e marfim,
De ofendido, parece deslembrado,
— Triste! — de mim!

Deus! para que tiraste-me do imo
Do embrião?
P'ra vida de minha alma, — ou para a morte
Do coração?

I I I.

Oh! morra o coração, — germe fecundo
De mil tormentos.
Desfaleçam-lhe as fibras, — espedacem-se
Os filamentos.

Isenta ¹³⁴⁰ de paixões, — de amor, ou ódio,
Surja a razão.
Não obedeça escrava aos sentimentos
Do coração.

Torne-se o coração lâmpada extinta,
Cinza no lar.
E deixe que a razão veleje livre
Em largo mar.

Creia num Deus, — e dos dulçores goze
De almo ascetismo.
Não mais lhe roa as vísceras o cancro
Do ceticismo.

A dúvida infernal, batendo as asas,
Perdendo as côres,
Precipite-se súbito nas chamas
Exteriores.

Sepulte-se a descrença em negras trevas
De negro inferno.
Creia a razão convicta nas justiças
Do Deus eterno.

Sim: o viburno pequenino, humilde
No prado agreste,
Vegeta ao pé da realeza enfática
De alto cipreste.

E Deus, que vivifica o alvar pinheiro
E a tenra planta:
Que os suberbos calcina, e que os humildes
Do pó levanta:

De minha vil baixez, como os homens,
Ah! — não se peja;
Que êle mão-cheia de mil dons em todos
Largo despeja.

Mas si té'qui parece deslembrado,
Triste! — de mim:
Si não manda aguardar minh'alma dúbia
Um querubim:

Si nunca se lembrar que um ente existe
Nessa amargura,
Melhor não fôra me gelasse o sangue
A morte dura?

Em sala, onde mil luzes por mil lâmpadas
Reparte o gás,
Delas a mais pequena que se apague
Que mal que faz?

I V.

Qual rápido relâmpago no espaço
Sói discorrer,
Tal, sem deixar pegadas de seu vôo,
Foge o prazer.

Foge o prazer como a andorinha leve
Os ares corta:
Como o primeiro feto — esp'ranças suas —
A espôsa aborta.

Foge o prazer, qual seta que dispara ¹³⁴¹
Índio sagaz:
Qual no deserto a voz, que um eco apenas
Nos vales faz.

Ali — bem vejo — ali pompeia esplêndida
A cena aberta,
E da platéia os vácuos atacados
O povo aperta.

Jubilosas menções, palmas soantes
Rompem, murmuram.
Melíflua orquestra, tímpanos sonoros
A dor lhes curam.

Os vates das paixões enamorados, ¹³⁴²
Como possessos,
Trovam, filtrando em todos o requinte
De seus acessos.

Fugazes fadas no ademã fantástico
Cisnes gorjeiam.
Depois, prendendo-se a audição aos cantos,
Todos pranteiam.

Arrebatam-se as almas, — magnetizam-se
Os sentimentos.
Mudam de sua ação inda os mais frígidos
Temperamentos.

Letargia fatal! — ao outro dia
Calmos acordam.
E, sonâmbulos quase, — aéreas ¹³⁴³ formas
Só lhes recordam.

A miséria da vida se lhes mostra
Então real.
Catam novos prazeres: nem um dêles
De mais lhes val.

Qual rápido relâmpago no espaço
Sói discorrer,
Tal, sem deixar pegadas de seu vôo.
Foge o prazer.

V.

Hora da noute, — hora solene e sacra
À reflexão:
Quando do mesmo sono o pobre e o rico
Dormindo estão.

Gosto de vós, sombras da noute quêda,
Morte do dia,
Que me amparais dos cálidos esgares
Da hipocrisia.

Posso então retrair-me em minha essência,
Viver comigo.
Não me rodeia do traidor a máscara
Com côr de amigo.

Profundo o olhar do hipócrita, — profundo
Como o oceano.
Na retina lhe luz das trevas cegas
O anjo insano.

Sorri também. — Este sorriso ¹³⁴⁴ estrídulo,
Oh ente vil,
Por dá-lo mesmo assim fazes, empregas ¹³⁴⁵
Esforços mil!

Sorri também: e seu sorriso ¹³⁴⁶ — escárnio
Da natureza.
Seu sorriso — um prelúdio concebido
De malvadeza.

Quanta vez viração tépida e fresca
Serena os ares,
E. procela depois revolta horrenda
Terras e mares!

Quanta vez mil delícias lá desmancha
Vaivém da sorte!
Quanta vez o prazer da vida incauta
Precede à morte!

Assim sorri o hipócrita um sorriso
De fúria má.
Mentiras, manhas ímpias seu demônio
Grato lhe dá.

Hipócrita, que pisas o palácio
E a palhoça e a cela,
Deixa de teus furores esquecida
Uma parcela.

Não me toques na orla dos vestidos
Co'a férrea mão:
Deixa-me entregue ¹³⁴⁷ na soidão da noute
À reflexão.

17 de novembro de 1851

O APÓSTOLO ENTRE AS GENTES.

A ANTÔNIO GONÇALVES DIAS. ¹³⁴⁸

— Fôste ao princípio
Sacerdote e profeta:
Eram nos céus teus cantos uma prece,
Na terra um vaticínio.

(GONÇALVES DIAS).

I.

Como o brado do anátema gravado
Sôbre a frente do réprobo, — nas terras
Pejado de baldões, envilecido ¹³⁴⁹
Pelos filhos dos homens, que o repelem,
Que não concebem a grandeza d'alma,
Que não escutam o pulsar dos peitos,
Que não atingem ao sublime e ao santo,
— O ministro de Deus, — entregue ¹³⁵⁰ ao mundo,
A senda do viver percorre breve,
Como o rocio, que no albor do dia
Salpica as flores, e ao calor se estanca.
E dorme o eterno sono em campa escura,
Plácido, — como o espírito do justo:
E inda no olvido dessa mesma campa
Penetra o riso mofador dos homens,
E o motejo do cáldo filósofo,
Presumido de si, — como a ignorância,
Que lhe preside aos erros e aos sofismas.
— Nem se queixa: — que é findo o seu martírio.
Única herança, que ao nascer lhe coube!

II.

O varão do Senhor, — Moisés, o justo,
Pulsou primeiro os nervos do saltério. ¹³⁵¹
E o estro virgem ressumbrou-lhe aos lábios,
Como a torrente, — impetuoso e santo.
Subiu aos céus, nas asas dos arcanjos,
Um hino a Deus, que lhe acendera a mente.
E o tipo então de sua onipotência
Ao ser finito transmitiu-se. — O povo
Ouviu na terra a incógnita linguagem,
— A linguagem do Eterno. Ouviu-a extático
O mundo inteiro, no estupor do espanto,
Como a explosão volcânica primeira.
Estreme que era o fogo do profeta,
E a voz e os olhos e o acento e o cenho!
Justiça do Senhor! — Após os tergos
Sepultado o cavalo e o cavaleiro
Nas águas do mar-rubro: — e dante os olhos
fesses vergéis da intacta Palestina,
Prometendo delícias suavísimas,
Como os olhos da noiva espreguiçados
Nas expansivas, rútilas pupilas
Do paraninfo, que lhe assiste às bôdas
Ao mando do Senhor, e à noute e ao toro
Lhe profetiza trêfegos amôres.
Esses sublimes alcantis e cerros,
Donde desciam por quebradas trêmulas,
Lambendo os troncos de copudos cedros,
Beijando as hâstecas de mimosas flores,
Entre os convulsos sílices de gemas,
De mel e leite os trépidos arroios.

Oh Palestina, oh virgem dos mistérios!
Quem assentado em teus alpestres píncaros,
Sentindo o vendaval soprar-lhe a grenha,
E o cedro secular rompendo as nuvens,
Como um gigante, — e ao sopé dos montes
O rio a murmurar, como a donzela
Junto do amante a desfazer-se em queixas,
E ao longe a voz dos vagalhões bramindo
Horrenda mais que a confusão do inferno,
— Quem poderá deixar de ser poeta
Ao menos uma vez, — oh pátria de anjos,
Oh Palestina, oh virgem dos mistérios!

III.

Ali foi educado, entre as palmeiras
E o cedro e o múrmur do regato e as penhas
E o rugido dos mares e as procelas,
— O gênio entusiástico do apóstolo.
Ele entre as tribos assomou severo
As portas de Sion, co'a voz constante,
Com o rugido do leão das selvas.
Vinha vestido de sinistro sacco,
E predizia a vinda do Homem-santo,
Do máximo dos vates: — mas as tribos,
As ímpias tribos, e os rabis fanáticos
Escarneceram do pregão do apóstolo,
Escarneceram do poder do Eterno.

IV.

Ele descreu dos homens e da terra,
E, ¹³⁵² para alçar mais livre aos céus os olhos,
Subiu também aos coruchéus altivos
Das colunas do Egito, que campeiam
Aqui, ali, a recontar às eras
Em seus gastos labores hieroglíficos
A vaidade dos reis e a falsa crença.
Em derredor o viajor parava,
Fixava nêle os curiosos olhos,
E tremia de ouvir-lhe a voz profética.
E em tórno à frente lhe brilhava um disco
De fogo mais que santo, — como alquando
Moisés descendo do Sinai co'as tábuas.
Mas os homens alfim o escarneceram,
Escarneceram do pregão do apóstolo,
Escarneceram do poder do Eterno.

V.

Ele escondeu-se na soidão das lapas,
Nas desertas montanhas do Cassino,
Fugindo Roma, — a dona dos triunfos,
Roma, — a senhora das nações da terra,
E os bailes dela e as cívicas delícias
E os áulicos salões, onde reinavam
A mentira, a traição, o vício, e o crime,
Disfarçados nos risos dos hipócritas,
Nos ademães dos cortesãos imundos.
Ele escondeu-se. — E os homens o seguiram,
E o viram co'a cabeça reclinada
Em pedra rígida, — e deitado em tálamo
De urtigas. — Mas alfim o escarneceram,
Escarneceram do pregão do apóstolo,
Escarneceram do poder do Eterno.

VI.

Hoje, porém, êle não mais assoma
Severo e forte às portas da cidade,
Como o bramido do leão das selvas.
Não mais remonta aos coruchéus altivos
Das colunas do Egito hieroglífico,
Co'o disco em tórno do semblante aceso.
Não mais asila-se ao deserto e às lapas,
Não foge Roma, — a dona dos triunfos,
Roma, — a senhora das nações da terra.
Mas os filhos dos homens o escarnecem,
Inda escarnecem do pregão do apóstolo,
Inda escarnecem do poder do Eterno.

VII.

Oh destinos do céu! — porque não somos
Ainda agora os índios das florestas?
Porque degenerado em nossas veias
Gira tão raro o sangue do Tamoio?
Porque êsse fogo irrequieto e vívido,
Como o corisco a recortar o éter,
— Porque êsse fogo, que acendia os olhos,
E o peito imenso do Tupi guerreiro,
Nos olhos e no peito de seus filhos
Estanque e frio e gélido volveu-se?

Bárbaros eram. — Mas em ranchos longos,
 Nos tejupás pendido das embiras ¹³⁵³
 Desamparando o vibrador tacape,
 E meneando os colos enlaçados ¹³⁵⁴
 Das correntes das pérolas do rio,
 E assuberbando as pequeninas testas
 Co'o variegado canitar nutante,
 E cingindo ao redor do esbelto corpo
 As multicores lindas arazóias,
 Das araras à púrpura roubadas,
 — Demandavam as ocas tenebrosas
 Dos severos e ascéticos piagas.
 E os consultavam nas empresas ¹³⁵⁵ árduas,
 E decoravam seus orác'los santos,
 E decantavam seus poemas místicos,
 Como o primeiro beijo da donzela
 Dado furtivo entre o amor e o pejo
 Nos lábios caldos do donzel, que a vida
 Expandir-se-lhe sente em moles pulsos.
 — Oh! que não somos os briosos tapes,
 Filhos da virgem da guerreira América!

Era o supremo Deus onipotente
 Tupá — o sábio autor da linda lua,
 Do sol vermelho e das montanhas de ouro
 E dos búzios marinhos, e dos cardos
 Que o viajor nos arcaís saciam,
 E do azulado beija-flor das veigas
 Que trebelha, brinca ¹³⁵⁶ entre os arbustos
 Como os descjas sôfregos do amante.

Que tinha? — Deus é Deus! — vozes não
 [mudam
 O ser do Eterno — idêntico, — imutável,
 Nos planetas do céu — si mundos fôrem —
 Ou só na terra, si ela é só no imenso.
 Jeová, que expedia o arcanjo etéreo
 Em vante dos exércitos hebraicos
 Co'o facho aceso em fogo inextinguível:
 Brama, que transmitiu a luz celeste,
 E o puro espírito e a energia e a forma,
 De que é princípio, — aos fabulosos índios:
 Théos, que deu aos Gregos mitológicos
 Um vasto olimpo arcado de miríadas
 De lindos deuses, — símbolos dos gostos:
 Tupá, que engendra ¹³⁵⁷ no infinito espaço
 O trovão co'os bulções vertiginosos
 E os chuueiros de pedra e o raio e a morte:
 — Tudo é Deus, tudo é Deus! — o mais são nomes.

V I I I .

Nos áditos do místico pagode
 O ministro de Brama aspira incensos.
 O áugure de Théos, assentado
 Na trípode tremente, auspícios canta.
 O piaga de Tupá, severo e casto,
 Nas ocas tece os versos dos oráculos.
 E o sacerdote do Senhor, — sôzinho, —

Coberto ¹³⁵⁸ de baldões a par do réprobo,
 Ante o mundo ao martírio o colo curva,
 E aos céus cantando um hino sacrossanto,
 Como as notas finais do órgão do templo,
 Confessa a Deus, e — confessando — morre.

O JESUÍTA.

(SÉCULO XVIII.)

Deus é que dirige estas cousas: êle permite que existam imperadores e algozes para que hajam santos e mártires: êle eleva os impérios para que haja lágrimas, castiga para regenerar.

LACORDAIRE.

Era longe — bem longe: e eu vim primeiro
 Cindindo as ondas dêsse mar profundo.
 E por amor da Cruz vaguei sôzinho
 Nas invias matas dêsse novo mundo.

O tamoio gentil ervava as setas,
 Quando pelos vergéis, tão seus, me via:
 E co'os olhos fosfóricos ardendo
 A taquara fatal a mim tendia.

E tendia a taquara, — mas ao ver-me
 Quão sem temor e quão inerme estava,
 Trocando em doce o seu olhar feroso,
 O arco e a seta pelo chão rojava.

De mim as tribos bárbaras, indômitas,
 De mim o verbo do evangelho ouviram.
 E ergui a cruz nos píncaros dos montes,
 E após o verbo os povos me seguiram!

Eu disse às tribos: — Tôdas vós sois ricas,
 — Que o ouro e a prata o solo vosso esmalta.
 Sois ricas tribos, — mas não sois felizes,
 Porque uma crença de um só Deus vos falta.

E eu dei às tribos uma crença doce,
 Qual uma chuva de maná celeste:
 E as tribos foram desde então felizes,
 Qual flor pomposa que os jardins reveste.

E quando os reis da terra se esqueceram
 Das tribos dadas a seu cetro forte,
 Eu levantei-me, e disse aos reis da terra,
 — O povo geme: transmudai-lhe a sorte. —

Eternos templos eu ergui sôzinho,
 Eternos como a duração da terra.
 E sôzinho sagrei altares tantos
 Ao Deus que aos ímpios c'o trovão aterra.

Eu dei às tribos uma crença doce,
 Eu levantei alcáceres eternos.
 Deram-me os homens proscricção e morte,
 Deram-me em prêmio as fezes dos infernos.

A FLOR MURCHA DO ALTAR.

A PEDIDO DE FR. FRANCISCO DA NATIVIDADE

CARNEIRO DA CUNHA.

— Quem não sabe ser Erasmo é que deve pensar em ser Bispo.

LA BRUYÈRE.

I.

Está murcha: — assim nos foge
A brisa que corre agora.
Está murcha: — assim o fumo
Cresce, cresce, — e se evapora.
Está murcha: — assim o dia
Em raios afoga a aurora.

Está murcha: — assim a morte
Do mundo as glórias desfaz:
Assim um' hora de gôsto
Mil horas de dores traz:
Assim o dia desmancha
Os sonhos que a noute faz.

Está murcha... Ainda agora
— Eu a vi — não era assim.
Era linda, era viçosa,
Acesa como o rubim.
Reinava, como a rainha,
Sôbre as flores do jardim.

II.

Foi a donzela mimosa,
Foi passear entre as flores.
Foi conversar co'as roseiras,
Foi-lhes contar seus amôres,
Julgando que sôbre as rosas
Não se reclinam traidores.

Ela foi c'os pés formosos
Deixando mimoso rastro,
Qual no céu passou de noute,
Correndo, fulgindo, um astro.
E esta rosa foi cortada
Com seus dedos de alabastro.

A rosa ficou mais bela
Naquela virgínea mão.
Encheu de perfume os ares,
Talvez com mais expansão.
Mas a virgem teve pena
De pô-la em seu coração.

Entrou no templo a donzela
Coberta ¹³⁵⁹ co'o véu de renda.
— Teme que aos olhos dos homens
Sua modéstia se ofenda:
Como a cortina das aras,
Que aos ímpios se não desvende.

Leva a modéstia na frente,
Leva no peito a oração,
Leva seu livro dourado,
Leva pura devoção;
Leva a rosa, — a linda rosa
Nos dedos da breve mão.

Rezou: — e depois ergueu-se,
Dirigiu-se ao santuário,
Modesta, — qual sua prece,
Qual a luz do alampadário:
É depôs a linda rosa
Ao pé do santo Calvário.

III.

Os anjos depois vieram,
Respiraram sôbre a flor.
A flor cobrou mais beleza,
Mais gala e mais esplendor.
Ali ao pé do calvário
Deu mais expansivo odor.

Ali parecia aos olhos
Crescer, crescer... Mas agora?
Agora murcha — tão murcha —
Não tem a gala de outrora.
— Assim o fumo do teto
Cresce, cresce, — e se evapora.

Assim as horas do tempo
Correndo, correndo vão.
Assim passou inda há pouco
O matutino clarão.
Assim ontem fôste infante,
Assim hoje és ancião.

Murcha, murcha! — não expande
Jamais seu odor intenso.
Há de secar — feliz dela —
Junto à Cruz do Deus imenso.
Há de aspirar sôbre as aras
O cheiro do grato incenso.

Feliz! — seu leito de morte,
Sôbre as aras, ela tem.
A prece que vai ao céu,
Sôbr'ela primeiro vem.
A mirra que a Deus incensa,
Incensa a ela também.

(1853).

O INCENSO DO ALTAR.

I.

Os sons do fácil órgão:
A voz dos corifeus:
As orações dos crentes:
O susto dos ateus:
Tudo apregoa e prova:
— Aqui domina Deus! —

Silencioso estêve,
 Há pouco, — o santuário:
 Qual a mudez, que guarda
 Jazigo mortuário:
 Qual o terror do nauta
 Em mar tumultuário.

As almas dos finados
 Erguiam-se do pó:
 Chocando-se torvadas,
 Cruzando as naves só:
 Contando às colunatas
 As ânsias de seu dó.

Fugiram já, — fugiram
 Dos sacros penetrais:
 Qual foge de repente,
 Da mente dos mortais,
 Do mal a triste idéia
 Com a dos bens reais.

Purificou-se o éter:
 Espectros mais não há.
 Sôbr'eles cai a campã,
 E um ôco baque dá.
 Sumiram-se no abismo:
 Deus não nos ouve já.

II.

Agora entoa ¹³⁶⁰ o côro
 Hinos de compunção.
 Levanta a voz dos crentes
 Altívola oração.
 Ateu! — medita: é tempo
 De ainda haver perdão.

Não te comovem a alma
 Os cantos dos cristãos?
 As notas, que produzem
 Do organista as mãos?
 As notas, que percorrem
 Do templo pelos vãos?

Nem das nuvens de incenso
 O quente recender? ¹³⁶¹
 Que vão, nas mãos das auras,
 No teto esvaecer?
 — Ímpio! tu não tens alma,
 Ou não na queres ter?

Vê como sobe o incenso,
 Quais globos de um bulcão.
 Vê como cresce a reza,
 Quais lavas de um volcão.
 Vê como encanta ¹³⁶² a orquestra,
 Qual voz de um furacão.

Vê tanto entusiasmo
 Na face dêsses crentes.
 Vê tanta confiança
 Em almas tão tementes.
 Vê tanta fé em Deus,
 — No Deus que não consentes!

Si não te mente, oh ímpio,
 Esse sistema teu:
 Si não é como o riso
 De ambíguo fariseu:
 Como o falar do hipócrita,
 Que também é ateu:

Que inferno de torturas
 A mente não te coa!
 Ao doce som do órgão,
 Que pelos vãos reboa!
 Aos cânticos sagrados,
 Que o povo e o côro entoa! ¹³⁶³

Às preces do ministro,
 Que ao Cristo, por ti, ora!
 À face dêsse templo,
 Que os lábios te descora!
 Qu'ao Deus, — que negas, ímpio, —
 E louva e reza e adora!

Compunge-te — e conhece
 De Deus a justa mão.
 Vem comungar do cálix
 Dos gozos do cristão;
 Que sentirás arroubos,
 Que terás alma então!

Vê como sobe o incenso,
 Quais globos de um bulcão!
 E pelo teto rompe,
 Quais lavas de um vulcão!
 E aos céus leva a fragrância, ¹³⁶⁴
 — Veloz, qual um pegão!

Vê como sobe o incenso,
 Que aromatiza o altar:
 Suave, — qual a brisa
 Entre o fervor do mar:
 Suave, — qual dos anjos
 O doce respirar.

III.

Ai! — praza a Deus que breve,
 Tão breve como a flor,
 Ardendo o incenso, — ardendo,
 Qual virginal rubor,
 Transponha aos céus a alma
 Do triste trovador!

O MISANTROPO.

Ao MEU AMIGO LUPÉRCIO GAHAGEM CHAMPLONI.

I.

Debalde procuro
 O campo, as florestas:
 Imagens funestas
 Me seguem té lá.
 Nas lapas, nas rochas,
 Debaixo da terra,
 Um busto me aterra,
 Um homem está.

Co'os olhos brilhantes,
Co'as faces formosas,
Co'os lábios de rosas,
Sorri-se ¹³⁶⁵ p'ra mim.
Debalde lhe amostro
Medonho o semblante:
Co'um gesto galante
Responde que — sim.

Na areia da fonte,
Nas urnas do rio,
Meu rosto sombrio
Se encontra ¹³⁶⁶ co'o seu.
Ajunta seus lábios,
Bebendo comigo,
— Fatal inimigo
Que o fado me deu.

Correndo assombrado
Do vulto gravoso,
Veloz, pressuroso,
Demando a soidão.
Mas, inda correndo,
Si volto co'os olhos,
Encontro ¹³⁶⁷ os sobrolhos,
Da eterna visão.

E sempre a sorrir-se, ¹³⁶⁸
Qual moça inocente,
Co'um modo contente
Dizendo-me adeus.
Renego-te, oh anjo
Fatal, sempiterno,
Ou venhas do inferno,
Ou venhas de Deus!

II.

Nos raios da aurora,
Nos trinos das aves,
Nas brisas suaves,
Na voz da manhã,
Em pé, sôbre os montes,
Co' um brado que aterra,
Maldigo essa terra
Tão ampla, tão vã.

Os homens odeio,
Com ódio profundo,
Com ódio, que o mundo
Não pode entender. ¹³⁶⁹
Então, quanto quero,
Derramo do peito
O fel, que, desfeito,
Não posso conter.

E clamo em discursos,
Em odes atrozes,
E os brutos ferozes
Me temem de ouvir.
Dos raios, que atiro,
Feridas as selvas,
De fôlhas, de relvas
Se fazem despir.

Maldigo as estrêlas,
As nuvens, a aurora,
A queixa sonora
Das aves do céu.
Maldigo êsse encanto ¹³⁷⁰
Que abismos encobre,
— Mulher que se cobre
Co'as dobras de um véu.

Maldigo a ciência
Que os homens tortura,
— Formosa loucura
De face louçã;
Procela da insânia,
Pegão de sofismas,
Montanhas de prismas,
Figura de Pã.

Maldigo a virtude
Instável cad'hora,
Demócrito agora,
Agora Catão:
Fantasma versátil,
Estranho, não visto,
Que ri-se no Cristo,
Que chora em João.

Sedento da raiva
Que nunca me finda,
Mais válido ainda
Maldigo meus pais.
Depois, elevando
A vista ao superno,
Maldigo do Eterno,
Por ser dos mortais.

III.

E sempre êsse busto
De homem que odeio,
Me vem, sem receio,
Constante, escutar.
E a cada discurso,
Que franco improviso,
Responde co' um riso,
E põe-se a calar.

No seio das rochas
Debalde me amparo,
Que sempre o deparo
Co' um riso dos seus.
Castigo infinito,
Tantálico, eterno,
Que veio do inferno
Por ordem de Deus!

Em cima da rocha
Me assento ferino
Com gesto assassino
Buindo um punhal.
Mas êle desata,
Deixando-me em pasmo,
Com rude sarcasmo,
Risada brutal.

E corro demente
 Por ínvias devesas,
 Co'as faces acesas,
 Co' o ferro na mão.
 E o busto sinistro
 Recua voando,
 De frente me olhando
 Co' um riso brincão.

E sempre a sorrir-se, ¹³⁷¹
 Qual moça inocente,
 Co' um modo contente
 Dizendo-me adeus!
 Castigo infinito,
 Tantálico, eterno,
 Que veio do inferno
 Por ordem de Deus!

A ÓRFÃ NA COSTURA.

Ela lhe ensinou ¹³⁷² a levantar suas mãos puras e inocentes para o céu, a dirigir seus primeiros olhares a seu Criador.

(FLÉCHIER).

Minha mãe era bonita,
 Era tôda a minha dita,
 Era todo o meu amor.
 Seu cabelo era tão louro,
 Que nem uma fita de ouro
 Tinha tamanho esplendor.

Suas madeixas luzidas
 Lhe caíam tão compridas, ¹³⁷³
 Que vinham-lhe os pés beijar.
 Quando ouvia as minhas queixas,
 Em suas áureas madeixas
 Ela vinha me embrulhar. ¹³⁷⁴

Também quando tôda fria
 A minha alma estremecia,
 Quando ausente estava o sol,
 Os seus cabelos compridos, ¹³⁷⁵
 Como fios aquecidos,
 Serviam-me de lençol.

Minha mãe era bonita,
 Era tôda a minha dita,
 Era todo o meu amor.
 Seus olhos eram suaves,
 Como o gorjeio das aves
 Sôbre a choça do pastor.

Minha mãe era mui bela,
 — Eu me lembro tanto dela,
 De tudo quanto era seu!
 Tenho em meu peito guardadas
 Suas palavras sagradas
 Co'os risos que ela me deu.

Os meus passos vacilantes
 Foram por largos instantes,
 Ensinados ¹³⁷⁶ pelos seus.
 Os meus lábios mudos, quedos
 Abertos pelos seus dedos,
 Pronunciaram-me: — Deus!

Mais tarde — quando acordava
 Quando a aurora despontava,
 Erguia-me sua mão.
 Falando pela voz dela,
 Eu repetia singela
 Uma formosa oração.

Minha mãe era mui bela,
 — Eu me lembro tanto dela,
 De tudo quanto era seu!
 Minha mãe era bonita,
 Era tôda a minha dita,
 Era tudo e tudo meu.

Êstes pontos que eu imprimo,
 Estas quadrinhas que eu rimo,
 Foi ela que me ensinou. ¹³⁷⁷
 As vozes que eu pronuncio,
 Os cantos que eu balbucio,
 Foi ela que mos formou.

Minha mãe! — diz-me esta vida,
 Diz-me também esta lida,
 Êste retroz, esta lâ:
 Minha mãe! — diz-me êste canto,
 Minha mãe! — diz-me êste pranto,
 — Tudo me diz: — minha mãe! —

Minha mãe era mui bela,
 — Eu me lembro tanto dela,
 De tudo quanto era seu!
 Minha mãe era bonita,
 Era tôda a minha dita,
 Era tudo e tudo meu.

MEU FILHO NO CLAUSTRO.

CANÇÃO MATERNA.

Eu não sou tua mãe que te preza?
 Tu não vês meus cuidados maternos?
 E me escondes as dores que sentes?
 Não sei eu teus desgostos internos?

Eu te disse, meu filho, eu te disse
 Que jamais te apartasses de mim.
 Tu quiseste, meu filho, tu fôste,
 Tu agora padeces assim.

Tu deixaste meu seio materno,
 Tu deixaste teu pai tão doente!
 Vê teu pai, como, gasto de angústias,
 Chora e geme — perdido e demente.

Tu deixaste os lugares da infância,
 Mais as flores do nosso jardim.
 Já não brotam, não cheiram as flores,
 Já não deitam perfumes assim.

Já não deitam botões as rosciras,
 Já não deitam sequer uma flor.
 Elas sentem, percebem — coitadas —
 Que perderam também seu cultor.

Eu beijei teu fantil jasmineiro,
E pedi-lhe em teu nome um jasmim,
Veio a brisa, moveu-lhe a folhagem.
Percebi que negava-mo assim.

Tuas plantas bem sabem — coitadas —
Que perderam seu lindo cultor.
Elas sabem também que tu vives
Sepultado no abismo da dor.

Teu presente, meu filho, é tão triste!
Que será teu futuro e teu fim?
E quem ¹³⁷⁸ pode esperar mais horrores
Quem começa com tantos assim!

Tu quiseste ser monge, tu foste,
Tu saíste da casa paterna.
Insultaste os maternos pedidos,
Mais a queixa infantil e fraterna.

Teus irmãos levantaram mil vozes
Com seus lábios de ardente rubim.
E clamaram, — coitados — chorando,
Que não há, como o teu, gênio assim!

Tu cortaste os anéis dos cabelos,
— Teus cabelos, que eu tanto estimava.
Eu por êles chorei... tu sorríste, ¹³⁷⁹
Tu mais fero que a fera mais brava!

Eu por êles chorei: — que êles eram
Lindos fios de prêto cetim.
Para seus tua irmã os queria,
Que os não tinha tão belos assim.

As mãozinhas da irmã que te chora
Teus cabelos, brincando, alisavam.
Quantas vêzes meus lábios sedentos
Teus cabelos, meu filho, beijavam!

Hoje — que é de teus lindos cabelos,
Tão corridos, qual prêto cetim?
Hoje tens desnuda a cabeça,
— E que frio não sentes assim?

Mas eu tive coragem p'ra ver-te
Adornado de crepe feral.
E te vi revestido a cadáver,
Como a face do gênio do mal.

Eu a Deus perguntei: — Pois ao mundo
Para as dores sòmente é que eu vim?
Para ver e sentir que meu filho
Dá-me tantos martírios assim?

Nos degraus dos altares ao longo
Te prostraste co'a face no chão.
E juraste ao Eterno ante os homens
Que meu filho não eras mais não.

Blasfemei nesse instante do Cristo
Nos assomos do meu frenesim.
— Os amôres de pai não são nada,
Os extremos de mãe são assim!

Blasfemei dêsse Deus que arrancava
De meus braços meu filho querido:
Que despia-lhe os trajos de sêda,
Para dar-lhe um funéreo vestido.

Blasfemei dêsse Deus que lhe impunha
Férreos votos, eternos, sem fim:
Que seus filhos por vítimas conta:
Que quer tantos martírios assim!

E' mentira. Essa lei violenta
Não foi feita por Nosso Senhor.
Nosso Deus não nos prende com ferros,
Mas com laços de dócil amor.

Não inveja da mãe os prazeres,
Como rosas ornando o festim.
Não lhe dá inocentes filhinhos,
Para em vida arrancar-lhos assim.

Blasfemei! — e no reino das chamas
Dos demônios ouviu-me a coorte:
E rompeu numa horrível orquestra,
Digna festa dos filhos da morte!

A minh'alma riscou-a em seu livro
De meu Deus o cruel querubim.
Não faz mal: foi por ti que perdi-a.
Oxalá que eu ganhasse-te assim!

Mas tormentos oprimem teu peito
Mais terríveis talvez que êste inferno.
Sim: tu sofres, — eu sei, — mais angústias
Do que sofre meu peito materno.

Já não brinca o prazer em teus olhos
Mais travessos, que vivo delfim,
As tristezas, que afeiam teu rosto,
Não há delas nos homens assim.

Não me escondas, meu filho, estas penas,
De pesares comuns não me prives.
Eu bem sei que sem mim — entre estranhos —
E' difícil a vida que vives.

Vem, descerra, meu filho, êstes lábios,
Onde vi transpirar-te o carmim.
Fôste ingrato, é verdade: mas sabe
Que eu te estimo, meu filho, inda assim.

Entre a febre teu pai se revolve
Nesse leito que outrora foi teu.
Grita, clama, tateia, procura
Só por ti — primogênito seu.

Fôste ingrato! — deixaste teus lares,
Teus irmãos, mais teu pai, mais a mim.
Tu quiseste ser monge, — meu filho,
Tu agora padeces assim!

MILTON. 1380

Ao JOVEM POETA ODORICO OTÁVIO ODILON.

Fôra devida ao gênio outra homenagem:
Mas a ofrenda do pobre agrada ao sábio.

Lá vai Milton, lá vai. Fátuos inglêses,
Dobrai a curva ante o moderno Homero.
Nos campos de Albion, tremente e cego,
Inda tateia inspirações e carmes.
Vêde-o: — cansado lá se arrima à espôsa,
Que num abraço lhe sustenta o corpo.
Lá vai Milton, lá vai. Fátuos inglêses,
Dobrai a curva ante o moderno Homero.

Co'a pupila sem luz procura embalde
Fitar o sol, onde um arcanjo habita.
Vate divino, — êle enxergara ¹³⁸¹ outrora
Nos raios dêste sol descendo os anjos.
Num de seus raios êle ainda espera
Que um anjo venha, e lhe esclareça a vista.
Lá vai Milton, lá vai. Fátuos inglêses,
Dobrai a curva ante o moderno Homero.

Em vão a filha que escreveu-lhe os cantos
Dirige os olhos do cantor do Empíreo.
Em vão a incerta e trêmula retina
Crava-se imóvel no luzente raio.
Não mais o anjo, que êle vira outrora,
Desliza lá do sol, baixando à terra.
Lá vai Milton, lá vai. Fátuos inglêses,
Dobrai a curva ante o moderno Homero.

Não mais o Éden, como dantes, flore,
Não mais o cedro vai topar co'as nuvens.
Não mais o homem, pelos prados livre,
Medita Deus, medita amor, — e dorme.
Não mais essa mulher perfeita e nua
Sonha inocências, e inocências fala.
Lá vai Milton, lá vai. Fátuos inglêses,
Dobrai a curva ante o moderno Homero.

Milton, Milton não vê o céu que canta,
Não vê a terra cujas côres pinta.
A espôsa, a espôsa é-lhe invisível mesmo:
Só pelo espinho reconhece a rosa.
Chora entre os cantos, rouxinol celeste:
Só pelos prantos reconhece os olhos.
Lá vai Milton, lá vai. Fátuos inglêses,
Dobrai a curva ante o moderno Homero.

Mesmo entre prantos mavioso canta
O céu e a terra e o lôbrego do inferno.
Abrem-lhe Homero as alvas mãos da espôsa.
Vai-lhe a filhinha transcrevendo os carmes.
Em meio do labor correm-lhe as lágrimas,
Que a espôsa e a filha enxugam-lhe ¹³⁸² com
[ósculos.

Lá vai Milton, lá vai. Fátuos inglêses,
Dobrai a curva ante o moderno Homero.

Dorme depois, — e no dormir ressonha
Co'os lindos anjos, que pensou de dia.
Antes do sol acorda, — e vai co'a espôsa
Ao som de cantos despertar a aurora.
E sempre espera que num raio acaso
Desça algum anjo e lhe ilumine a vista.
Lá vai Milton, lá vai. Fátuos inglêses,
Dobrai a curva ante o moderno Homero.

Cromwell no sólio venerou tal homem.
Depois um déspota acatou-lhe o orgulho.
Pobre inda é livre, — como cego e velho
Inda tateia inspirações e carmes.
Limpa-lhe a filha as lágrimas com ósculos.
Sustém-lhe o corpo co' um abraço a espôsa.
Lá vai Milton, lá vai. Fátuos inglêses,
Dobrai a curva ante o moderno Homero.

POBRE E SUBERBO.

— A pobreza orgulhosa explica o cinismo de muita gente.

(MARQUÊS DE MARICA).

I.

Ali naquele alvergue derrocado
Pela sanha do norte
Um velho existe, — que libara um dia
Os ósculos da sorte.

As portas lhe bateram os prazeres
Dourados de ventura.
Sorriam-lhe os amôres encantados,
Sorriso de doçura. ¹³⁸³

Infindo pelotão de amigos nobres
Subia-lhe as escadas.
Co' esgares de paixão lhe olhavam ternas
As damas afetadas.

Tocou-lhe um dia na intonada fronte
O dedo da desgraça.
E, qual fumo disperso pelos ares,
Seu fastígio esvoaça.

Despareceu, — qual vento, a chusma inúmera
De tanto e tanto amigo.
E os filhinhos ao peito, a espôsa ao lado,
— Chorava sem abrigo.

Dominando a montanha, — ontem viçava
Pinheiro alevantado.
Rugiu de madrugada o sul teimoso:
Ei-lo no chão prostrado!

Talvez da providência a mão piedosa
Mostrou-lhe esta choupana.
Pelo aceno de Deus talvez a alçaram
O colmo e a agreste cana.

II.

Vegeta o velho ali. Si dorme, — acorda-o
Dos filhos o lamento.
Si acorda, — escuta a espôsa repassada
De dor, fome e tormento.

Muito cedo a cabeça encaneceu-lhe ¹³⁸⁴
Miséria e dissabor.
Não sabe trabalhar: — estava afeito
À paz, ao sono e amor.

Problema incrível lhe parece ao menos
Tão veloz decadência.
E não sabe suster o azar da sorte
Com constância e prudência.

E não sabe buscar, — de tonto e fátuo,
Em Deus consolação.
E não sabe incensar os pés do Eterno
Co' os fumos da oração.

III.

Ontem de tarde ergueu-se. — A espôsa e os filhos
Em tórno se ajuntaram;
E, como ecoa um frêmito de espectros,
— *Fome, fome!* — gritaram.

E pegou do bordão: — qual temulento,
Foi caminho d'aldeia.
Pedinchando, — era um grande que imperava
Com voz ingente e cheia.

O passageiro olhou-lhe os vis andrajos
E o sobreceño horrível.
Meneou-lhe a cabeça, — e escarneceu-lhe
A nobreza risível.

Avezado a mandar — um potentado
Não deve pedir nunca;
Embora os rins sensíveis lhe comprima
A mão da fome adunca.

Chamam-lhe a isso nesse mundo os homens
— *Constância e pundonor.* —
E, dos nomes co' a côr, cuidam que apagam
Da suberbia a côr.

IV.

O velhinho voltou: — injusto e testo
Maldiz o céu e a terra.
E torrentes de afrontas e blasfêmias
Do peito desencerra. 1385

Assim como um tirano, que aguardava
Da turba a sujeição;
Mal-sofrido se assanha, quando escuta
Ao seu ditame um "não".

E grave entrou no alvergue: — os olhos torvos,
A catadura má.
I vai falar, — e a voz, que a raiva engasga, 1386
Rouco mugido dá.

Nos olhos lhe adivinham os filhinhos
O bem, ou mal, que traz.
Fisionomistas por preciso instinto
A natureza os faz.

E a mãe co' os filhos um funéreo pranto
Então do peito arrancam.
Só não chorava o velho, — que co'a raiva
As lágrimas se estancam.

Pranto e pranto de morte alevantaram
Os filhos, — recordando
Que sustento malsão, — erva dos campos
Ainda irão catando.

V.

Ai! — que entrasse do pobre na guarida
Benfeitor generoso,
Que na tripeça lhe deixasse adrede
Montão de ouro abundoso!

Vê-lo-ias — o velho, remoçado,
Desamparar a choça;
Na ventura olvidar essa tristeza,
Que o coração lhe roça.

Tal em lindo jardim roseira débil,
Que o inverno desnudara,
Na primavera já pimpolha ovante,
Como si não murchara.

Porém talvez ao benfeitor nas costas
Embebera 1387 um punhal:
Ou em dourada taça propinara-lhe
Um tóxico fatal.

Sôbre suberbo, — ingrato! Ei-la do velho
Inteira a apologia.
Hão de sê-lo também os inocentes
Filhinhos que êle cria.

Os leõezinhos dos leões aprendem
Sanha e sêde de sangue:
Vão gostando de ver os pais sedentos
Tragar a preia exangue.

E — raríssimo caso, — que entre os trances
E os sofrimentos seus,
Uma só vez os lábios do velhinho
Não invocaram Deus!

O nome do que só, — de seu espírito
Deu alma aos céus e à terra,
Quem sabe si no peito o velho, tímido,
— Como um tesouro, o encerra? 1388

Ou nado em ouro e pér'las, — e educado
Em luzido salão,
Porventura seus pais não lhe ensinaram 1389
Siquer uma oração!

Ai! — que vida o velhinho irá vivendo,
— Que vida de miséria,
Té que se lhe desprenda o lasso espírito
Das peias da matéria!

VI.

Mancebos, que passais, — deixai o velho
Viver na paz da morte:
Que um dia êle já foi, — como vós outros,
Rico dos dons da sorte.

Mancebos, que passais, — deixai o velho
Chorar ao pé da porta.
Não no insulteis, — já que a desgraça dêle
Tão pouco vos importa.

Sêde, oh jovens brincões, — mais generosos,
— E não no escarneçais.
Mas 1390 antes venerai nas câs do velho
As câs de vossos pais.

Bem vêde-lo transido. — A magra fome
As vísceras lhe esfola.
Não lhe olheis a arrogância, — oh bons mancebos,
Mas dai, — dai-lhe uma esmola.

1851.

OS CLAUSTROS.

(SÉCULO XVIII).

A FREI ARSÊNIO DA NATIVIDADE MOURA.

Tu, que sabes chorar a crença exangue,
— Crente! — desamarás os ais de um crente?

I.

Dorme, dorme teu sono, oh vã cidade,
Dorme teu sono sensual e podre:
Que as estrélas e a lua, — de ofendidas,
O inútil brilho em negro véu trocaram.
Carranca enorme de chumbadas nuvens
A côr dos céus trocou na côr do abismo.
E' noite: e noite de pavor é ela,
Sacra aos mistérios de esquecidos túmulos.
Sòzinho o bardo aqui, — co'a noite e as trevas!
Só êle aqui: — que o mundo é morto agora
Nos braços do letargo, — irmão do nada.

Só êle aqui co' as campas dos finados
Na latidão dos claustros solitários,
Que apontando co' o índice da morte
Aos carcomidos dísticos das lápidas,
Sorrindo-se, ¹³⁹¹ lhe solvem o problema,
— Árduo problema, — do que monta o mundo
E a vida e os homens e a vaidade dêles.
Que aí não haja uma alma, qual a sua,
Que ria-se da guerra e paz do mundo,
— Ai! que difere a paz da guerra dêle? —
E, — qual vigia no arraial do exército,
A noute vele entre o dormir das armas,
E a sós co'o trovador, co'os seus enlevos ¹³⁹²
Venha, arroubada, comungar dos saibos
Do absíntio amaro, — que chamaram — vida?

Não: sòzinho — é melhor. Sòzinho o cisne
No vazio dos céus mais livre adeja.

Aqui não há mister de alma bastarda,
Impura, — como os vermes do sepulcro, —
Que lhe imole a inocência dos pensares,
Quando na mente se fermentam inda
Tumultuosos, — qual do ninho escasso
O bando das alcíones garridas
Despreza o vôo pelo vão dos ares.
Aqui não há mister de alma bastarda,
Que as emoções mais íntimas lhe insulte,
Antes que saltem as idéias fora
Do cérebro, que apenas as continha,
De pequenino, — e pelos lábios francos
Em simples forma rápidas ressumbrem:
Tal ao sereno exposta, — inteira a noute,
Ânfora cheia do licor mais puro,
Lá por antemanhã, fervendo ao frio,
— Aventou com fragor, — e a linfa clara
Se expandiu pelo chão, que a foi sorvendo.

Essa abstração de espírito quimérica,
Esse suposto coração de amigo,
Existe algures? — Morará no peito
Da pombinha, que afaga entre os arrulhos
A coleira do espôso, — e abandonada,
Deixando-o no pombal beijando os filhos,
Deita a correr trás os casais vizinhos?
— Ou morará, talvez, no adunco bico
Do pelicano, que estrangula as vísceras
Para dar a beber seu sangue aos filhos,
E sendo adultos, desconhece-os todos?
— Êste ser ideal, tipo dos anjos —
Quem concebeu-o, escarneceu dos homens, ¹³⁹³
Ou foi um parto de traição dos incubos
Para mais tratar a mente aos vivos,
Desesperar, — ganhar a si mais almas.
Si é certo que existe um tal fantasma,
— Ou vive lá com Deus, além dos mundos,
Ou foi tolhido ao bardo igual tesouro. —

Antes sòzinho ser. Si num despenho,
De ignorante, cair, — nêle pereça
De vez p'ra sempre. Assim lascado o seixo
Das penedias da fragosa costa
Com ruído sonoro ao mar descendo
Do gravitar nas asas necessárias,
As vagas perfurando, — achou no pego
E paz e olvido e sepultura eterna:
— Não no arranques de lá, braço de ferro,
Para dar-lhe depois em trôco a morte,
— E que morte? — o morrer do renegado! —
No amargo travo da traição primeiro,
Depois no ecúleo de calúnia torpe,
No vasquejar, alfim, do desespero.

II.

Também agora o céu está despido
Dos astros seus. — Nuvens de cinza o toldam,
E os amigos da noute o desamparam.
Também agora os claustros estão mudos,
E parecem dormir um sono eterno,
Quais solitários páramos infindos,
Onde não há ouvir humano acento.
E' tudo morte: — e só de quando em quando
Quebra um tufão das naves a calada,
E vem dizer que a natureza vive.

Oh quanta e quanta vez nestas desoras
Não viram elas levantar-se os monges,
A transitar nos vácuos corredores,
— Como de meigas turturinas aves
Compacto bando a revoar nos ares, —
Recatados e tímidos e graves,
Murmurando baixinho um salmo lindo.

A cantar do Senhor as maravilhas!
Quanta vez em silêncio respeitoso
Não ouviram tôda grave e doce,
— Grave como o pensar de ancião idoso,
Doce como o falar de virgem pura, —
De hinos e salmos e canções proféticas,
Perdendo os ecos na expansão dos ares,
Subindo em fumos à mansão do Eterno?
Hoj'em dia — esqueleto do deserto, —
Que mais há i? — o túmulo do nada!

Agora só na negridão das rochas,
Um talismã risível meneando,
Algum aluno, que sobeja ainda,
Do fanatismo do caduco Egito,
Evocando os espíritos do inferno
Nas extorsões do lívido semblante,
— Murmurará ensalmos de demônios.
Quem se erguerá do marroquino leito,
Abroquelado de oração piedosa,
— Bem como invicto campeão da pátria
Que a pátria vinga ao abraçar ¹³⁹⁴ do escudo, —
Para aplicar um valioso antídoto
As sinistras tenções do anjo das trevas,
E debelar-lhe os cálculos de sangue?
— Nem um sequer! — os claustros estão quedos,
Como os sepulcros negros, que os povoam,
Como as colunas alvas, que os sustentam,
— E nem um estalar de órgão saudoso
Na terra um hino a Jcová desfere. ¹³⁹⁵

Eles, depois — os cenobitas pios —
Também nas asas de orações devotas
Baixavam à rudeza destas claustras,
E um responso feral e difundido,
Qual expansivo recender ¹³⁹⁶ de rosas,
Caía sôbre a campã dos finados,
E do pecado lhes roubava a pena.
Então — óleo de unção — a reza santa,
Em lábios puros, — quais candentes brasas, —
Fervendo, — deslizava enternecida. ¹³⁹⁷
Hoje — que resta do fervor antigo?
— Pálidas preces, a desleixo, e mornas,
Bem como a voz do indiferente hipócrita,
Calam na laje, e ficam sepultadas.

III.

Modesto velho de mais longes eras,
— Modesto como os olhos da donzela, —
Assentado ao luar a sós comigo
Nos degraus do vestibulo da igreja,
Fazendo prantos, me contou que houvera
Arvorado acolá junto do alpendre
O dorido suplício do Deus-Homem.
Os monges co'os devotos, — co'as velhinhas,
E as trementes velhinhas conduzindo
Pela mão os netinhos inocentes,
— Vinham beijar-lhe o pé, todos os dias,
Recitar-lhe uma antifona eloqüente,
A qual, a humanas ouças passageira,
Vistosa aos anjos e formosa ao Eterno,
Lá no tope da cruz resplendecia,
— Como cheiroso e lindo ramallete
De mil corimbos de distintas flores
Tecido pelas mãos alfeninadas
Das meninas donosas da campina.
Hoje — que é dela — a cruz? — era um escândalo,
Era, — inda mais, — um fanatismo estúpido,
Era vergonha aos sábios dêste século,
— E foi calcada aos pés, lançada ao fogo!

O velho viu ainda a cruz do alpendre,
— Teve êsse gôzo: — inda abraçou-lhe as travas.
E quando os maus e os ímpios, quais possessos,
Entre sanha e blasfêmia a espedaçavam,
— Êle os olhou choroso e compassivo.
E alçando aos montes os quebrados olhos

Pediu a Deus inspiração, — incerto
No que faria então. E após um breve
Fitar nos céus e meditar consigo,
Perdão balbuciou sôbre os sacrílegos,
E quêdo foi dormir na crença sua.
Êle escutou também, uns dias antes,
— Qual voz do Eterno ensurdecendo ¹³⁹⁸ as vagas,
O salmear dos monges alta noute,
Que lhe acordou do sono, que dormia,
— Desceu do leito e foi rezar nas contas.
Cuidoso alevantou-se ao romper d'alva,
No solitário templo entrou, — benzendo-se, —
Encostou-se ¹³⁹⁹ ao festão de uma coluna
Co'os olhos no portão da sacristia.
Esperava que a mão e a voz do preste,
— Bem como unção divina derramada
Na cabeça do rei pelo profeta, —
Por entre o incenso da oblação mais santa
Lhe abençoasse a encanecida ¹⁴⁰⁰ fronte.
Esperou, esperou. Não mais os monges
Ouvuiu descer a lisa escadaria,
Nem subir os degraus das aras santas.
Qual vaporosa nuvem no horizonte
Pela sanha dos nortes impelida,
— Despareceram num relance. — E' morto
Nos claustros o pudor, no templo o canto.
E o bom do velho soçobrado e tímido,
— Como si a vista e o siso lhe torvasse
O súbito clarão de um raio ao perto,
Tornou aos lares, — foi narrá-lo à espôsa,
E pelos olhos deslizando ¹⁴⁰¹ o pranto
As faces lhes encheu, — como o oceano!

E os monges — onde iriam? — Os que unidos,
Como nos céus os anjos entre os anjos,
Na paz das celas, na soidão dos claustros,
Não sabiam viver, sinão consigo,
— Ódio dos povos em países bárbaros,
Escárnio das nações, — hoje divagam
A vastidão do mundo — e seus erros.

E vós que do solar benquistos dêles
Os expelistes, — lhes tolhendo a pátria,
E nela o resguardar a muda crença,
E o sossêgo da vida e os pais e amigos,
— Vencestes. — Triunfai, entes descritos!
Êsse monstro do inferno — êsse homicida
Ri-se co'o sangue da imolada vítima.
Vossa vitória é tal: — folgai com ela.
Folgai enquanto é tempo, — enquanto a morte
Os vermes seus não ceva à custa vossa:
Enquanto os anjos de Lusbel treitentos
Não vos arrojam de uma vez p'ra sempre
As eternas, exteriores chamas;
Onde não há mais luz que o caos das trevas,
Onde não há mais paz que o desespero,
Onde não há mais couto que a geena,
Onde não há mais redenção que o inferno!

IV.

Feliz e vêzes mil feliz aquêle,
Que nos braços de irmãos, nos ósc'los dêles
Deu aqui seu arranco derradeiro!
Que em mortuária procissão solene
Desceu de lá da pequenina cela,
E veio aqui jazer entre os finados

Sob a campa deserta há tanto século!
E, ao romper d'alva uma oração formosa
Caía, — como o gotejar do orvalho, —
Na laje, — e vinha lhe ameigar as penas.

E os filhos dos altares, deserdados,
Hoje depararão um só no mundo,
Que a sêca pedra do sepulcro ignoto
Vá borrifar co'a lágrima da prece?
Meu Deus! — não há siquer uma alma pia! —
Filósofos — cristãos, si o bem fizeram,
Não antolhavam recompensa dêle.
O prêmio e a c'roa e a glória a seus martírios
Deus lhos guarda nos céus, entre os arcanjos.

Já lá passaram as virtudes dêles,
Como chuva de ouro em dia breve.
Porém as vastas colunatas góticas
Dêsse edifício gigantesco e excelso
Sobejarão ¹⁴⁰² para atestar às eras,
Com brado eterno, — os benefícios dêles.

Nossos pios avós chamando os netos
Ao adro do casal, — e os reclinando
Por sôbre a grama, no luar de prata,
E em tórno as netas dedilhando os bilros
Nas almofadas, — ou girando o fuso,
Entre longo serão, — lhes vão contando
As lendas, que da bôca autorizada
Dos pais beberam: — recitando a história
Dêsses heróicos mártires da crença,
Que os velhos guardam a-la-par da vida,
— Como na mente casta a virgem ama
O fagueiro sonhar do amor primeiro,
— Assim dos justos a memória vive
No recordar das gerações passadas,
Como a nauta conserva o ensejo augusto
Da salvação nas vascas do naufrágio.

V.

Quando êste séc'lo de egoísmo e vícios,
Entre o rugido e o horror do passamento
Derradeiro, ansiar, — bem como o dia
Cede, morrendo, ao trêmulo crepúsculo,
E o crepúsculo à noute, — então que herança
Que legará nas vésperas da morte
Aos filhos seus, — aos séculos por vir?
E qual será seu testamento? — Oh! êsse,
— Obra de sangue e parto dos infernos, —
Há de selá-lo o anjo dos terrores!
E só três nomes conterà: — três nomes
Que hão de no mundo reboar malditos,
Como o trovão arrebetando os pólos.
Em férreas letras hão de ler-lhe os filhos:
FATUIDADE E SACRILÉGIO E SANGUE!
Os netos do futuro, — os nossos netos
Hão de amaldiçoar com mão de fogo
Aos livres do presente, — e ao patrimônio
De infâmia, que os avós lhes assinamos.

VI.

Eu, entretanto, — o bardo, que não vivo,
Mas duro apenas nessa férrea idade,
A qual minha não é, — como do nauta
Não são as vagas, que singrando trilha, —

Nessa idade vilã, — pela qual passo,
Como a fumaça que o galerno extingue,
Eu me consolo. — Do cantor mesquinho,
Q' aos homens não, a Deus ergue seus hinos,
— Na bastecida turma dos poetas,
Que os tronos, os saraus, o amor celebram,
Qual o pranto se esquece entre delícias,
— Assim dêle também, — vate dos lutos, —
Há de memória se perder. — Ao menos
Que ninguém saiba a envilecida ¹⁴⁰³ pátria,
Que o abortou, para que visse acinte
Sua miséria e dó: — torrão estéril,
Onde emurchece ¹⁴⁰⁴ o inocente e o justo,
Como a roseira em tremedal plantada,
E o mau e o ímpio a florescer ¹⁴⁰⁵ nas hásteas,
Como o cedro alteando o cimo às nuvens.

Que ninguém saiba o século maldito,
Que o viu — nas urzes, pulular da túnica,
Que o viu — nas urzes, vegetar do tronco,
Que o viu — nas urzes, definhar das ramas.

Ei-lo o final tesouro de ventura,
Que a par da salvação — ansia o bardo,
— Misérrimo! — que já não mais amima
Na terra um sonho de bonança e glória:
A quem os lábios rubros da esperança
Não mais sorriem seu sorrir ¹⁴⁰⁶ de graças.

Não: — que lhe sobra uma esperança: — o
[túmulo!
— Similhante à bonina das campinas,
Que, abrindo o cálix, entre nova e murcha,
Saúda a tarde e profetiza a noute,
E a morte sua ao avançar do dia.
Ei-la a flor derradeira de ventura,
Que produz, moribunda, a débil árvore
Dos enlevos ¹⁴⁰⁷ do bardo, — melancólica,
Como o silêncio e a negridão dos claustros.

VII.

Ai — claustros, claustros! — si falar pudésseis
Aos séculos por vir — que testemunho, ¹⁴⁰⁸
Que não daríeis, das virtudes altas
Dêsses heróis, que um dia vos alçaram!
Materiais de pedernal, — sois mudos!
Não podeis levantar um brado ingente
Para fazer ouvir ao mundo inteiro
A defesa de vossos fundadores
Caluniados, pobres e proscritos!

Sim: foram maus: — muito de mais amaram,
Com puro amor, — religião e pátria.
Sim: foram maus: — obedeceram, livres,
No mundo a Deus, — na pátria a seu monarca,
Sem rojarem-se às plantas enlodadas ¹⁴⁰⁹
De usurpadores, nem vilões tiranos.
Sim: foram maus: — compreenderam, sábios,
O espírito sublime do evangelho,
— Da majestade dessa crença nova,
A qual, — na voz e nas ações do Verbo —
Co'a regeneração, — nos deu profusa
— Dons não gostados pelo velho mundo, —
— *A liberdade co'o saber gozá-la,*
E a caridade e o igualar os homens.

VIII.

Oh perseguidos mártires da crença
De nossos pais! — eu, pequenino bardo,
Sentei-me ao pé dos túmulos dos vossos,
Arredio dos vivos, e cortado
Vos mando meu saudar por entre angústias!

IX.

E vós outros, — oh sábios dêste século,
Talvez agora, — entre o dormir torvado, —
Sonhais na perdição dos servos crentes,
Dos servos do Senhor, que restam inda.
Adejando co' as asas estanhadas
Por sôbre o leito cômodo e felpudo
Os enviados ¹⁴¹⁰ de Lusbel vos pintam,
— Como num quadro enérgico e falante
Da ceifadora guerra e seus horrores, —
Vários desenhos de maldade vária
Contra a mal firme fé da Cruz divina.

X.

Sim: — quereis reformar, oh filantropos,
A natureza e a índole dos homens,
E o sentimento inato e a fé co'a crença,
— Que em vosso vago e tímido vasconço
Nomeais — *ignorância e prejuízo*. —
Reformai, reformai: — mas os fenômenos
Das mãos do Eterno penderão, quais dantes.
No aceno d'Ele as leis da natureza
Se librarão, — como nos dedos destros
Do menestrel as notas do saltério. ¹⁴¹¹
E surdo a vosso mando presunçoso
O trovão rugirá — tremendo os ímpios.
O raio baixará queimando o éter,
Por sôbre o ovante vértice do hipócrita,
Ao prasme do que rege os céus e a terra.
E como Deus os quis na mente excelsa,
Tais os homens serão, — até que um dia
Na voz dos querubins disser — *não quero!* —
Para levar ao cabo a vossa emprêsa, ¹⁴¹²
Torná-la digna do pensar de um sábio,
E' preciso sustar as leis constantes,
Que o mundo em seu volver resguarda inteiras,
Como o pobre cristão na mente adora
Do benfeitor, que o arrancou do abismo,
A voz e o riso e o apertar da destra,
Quando, modesto, lhe fugiu dos olhos
— Anjo de luz entre o terror das trevas.
Malgrado vosso, — a onipotência d'Ele
Será provada na impotência vossa,
Como entre os dedos de afanoso artífice
No crisol, que não mente, o ouro impuro.
Mudai, — si podeis tanto, — a natureza,
Arrematai perfeita a obra vossa,
Arrebatai das mãos de Deus o cetro,
— E cantareis vitória, — oh filantropos!

XI.

Talvez eu tenha de sobrar ainda
Para ver o remate iníquo e torpe
Dos planos sestros que maquina o ímpio.
Vê-lo-ei arrojar-se, blasfemando,
Como as hostes na sanha da matança,
Às clausuras da paz do eremitério,
— Sêlo da contrição dos meus e minha:
Entrar, fulo de raiva, o sacro templo,
— Qual suberbo invasor de alheios muros, —
Combalir, derribar a cruz das aras,
— Penhor, que herdamos de mais longes eras,
Da fé de nossos simplices maiores,
— Testamento da crença assinalado
Co' o sangue dêles, em cachões jorrado,
Como precipitosa catadupa,
Cristais golfando, — vastas chãs alaga!

XII.

Oh! — si rolar por terra a cruz do claustro,
Expire o bardo seu nos braços dela!
Mas ai de vós, — varões da nova idade.
Mais sábios do que Deus, mais fortes que êle!
Tramai, tramai co'a fúria dos demônios,
Tramai contra o Senhor e os crentes nêle;
Balda loucura; — a cruz espezinhada
Há de erguer-se maior noutro calvário!

1851.

SÓROR ÂNGELA.

(ERA DE 1823.)

CANÇÃO DEDICADA ÀS VIRGENS DA SOLEDADE.

Com fervor os guerreiros vitoriosos
As de primor subido, ufanos, colhem,
Capelas imurcháveis, ¹⁴¹³ em que noutes
Lidaste, e inteiro um dia, Ângela egrégia.

PARAGUAÇU.

Foi Deus — e não outrem — que os braços dos
[nossos
Regeu no conflito, — regeu na vitória.
Foi Deus — e não outrem! bendito o seu nome,
Que aos nossos deu honra, deu fama, deu glória!

Capelas formemos das vestes das aves,
Das penas das lindas araras rubentes.
Capelas formemos p'ra as frentes sublimes
Dos nossos guerreiros, dos nossos valentes.

E os nossos valentes por Deus, — pela pátria
Façanhas obraram de eterna memória.
Foi Deus que inspirou-as: — bendito o seu nome,
Que aos nossos deu honra, deu fama, deu glória!

Capelas formemos das fôlhas da pátria,
Das fôlhas virentes do quente café...
— Que cachos ¹⁴¹⁴ tão rubros, que flores tão alvas,
Que as virgens colheram-lhe agora do pé!

Irmãs, trabalhemos, concordes e sempre
Durante esta vida fictícia, — illusória.
Deus ama, Deus manda, Deus benze o trabalho,
Deus paga o trabalho co'os prêmios da glória.

Os jovens guerreiros entrando em triunfo
As testas adornem co'as nossas capelas.
As nossas capelas são verdes, bem verdes,
São feitas por dedos de castas donzelas.

Os jovens guerreiros que venham cingidos
Das fôlhas da pátria, — da pátria vanglória.
— Que venham ao templo do Deus infinito,
Que deu-lhes triunfos e cantos de glória.

Ao templo, oh guerreiros! — ao templo do Eterno,
Que aos povos oprimidos liberta num dia!
Joelhos em terra! — que vão nossas vozes
Unir-se co'as vossas em doce harmonia!

Louvores Aquele que humilha os senhores,
Que os servos humildes levanta da escória:
Que os cetros arranca de altivos monarcas,
Que ao povo escolhido deu honra, deu glória!

O Deus das batalhas nos dias antigos
Viu servos seus filhos, — e servos de estranhos:
Viu servos seus filhos, — olhou seu opróbrio,
Olhou-os carpindo seus males tamanhos.

E o Deus das batalhas fechou seus inimigos
Em urna insondável, marítima, equórea!
— Louvores, guerreiros! ao Deus das batalhas,
Que deu-vos triunfos e cantos de glória! —

— Assim nós diremos aos nossos guerreiros,
Quando eles entrarem nos templos sagrados.
Hosana, oh donzelas! — o Cristo remiu-nos:
Não mais nossos templos serão profanados!

A face medonha dos bárbaros crimes
Não mais será vista na brásila história.
Os crimes fugiram c'os homens da guerra,
Na pátria ficou-nos o cetro da glória. ¹⁴¹⁵

Por arcos de fôlhas e flores da pátria
Os nossos guerreiros terão de passar.
E nós, das janelas mais altas do côro,
Mais flores havemos sôbr'êles jogar.

Não somos romanos: — troféus não erguemos,
Nem louros, nem pompas de fútil vanglória:
Só fôlhas da pátria — cafés e pitangas —
Tais são nossos arcos, — tal é nossa glória!

A pátria saudemos! — e o nome de pátria
Juntemos, guerreiros, ao nome de Deus.
Não sentem, não sabem, não dizem tal nome
Os ímpios sòmente, — sòmente os ateus!

Irmãs, trabalhemos: — formemos capelas
P'ra as testas dos filhos da nobre vitória.
— Também seus triunfos, seus cantos são nossos,
Também nos pertence metade da glória!

A FREIRA.

Crescei e multiplicai-vos.

(PALAVRA DE DEUS).

Eu jovem freira, bem triste choro
Aqui cosida co'a cruz de Deus.
Aqui sòzinha, ninguém não sabe
Dos meus desejos, dos males meus.

Qual no deserto se praz a rôla,
Cuidam que a freira seja feliz.
E a pobre freira, dentro da cela,
Ninguém não sabe que se maldiz.

Enquanto a vida não se desdobra,
E apenas rompe, róseo botão,
A freira insone prateia de astros,
Povoa de anjos sua soidão.

Uma palavra que ela profere
E' sempre um ente que ela criou.
Uma florzinha que colhe acaso
E' uma amiga que ela encontrou. ¹⁴¹⁶

Conversa à noute co'a estrêla vésper,
Ama o opaco de seu clarão.
E sente chamas que julga dores,
E o peito aperta co'a nívea mão.

Ela não sabe que a estrêla vésper
Influi nas almas lascivo ardor:
Que, não sem causa, no tempo antigo,
A estrêla vésper chamou-se — Amor.

A estrêla vésper produz nas virgens
Estranho incêndio, volcão fatal:
Quer seja freira — do Cristo filha,
Quer seja antiga pagã vestal.

A estrêla vésper... Fugi, meninas,
Fugi dos raios do seu candor.
A estrêla vésper influi volúpia,
A estrêla vésper chama-se — Amor.

E a casta freira, co'a mão na face,
Por longas horas demora ali.
É os tredos raios da estrêla vésper
Ela inocente recebe em si.

E quando o sino tocou matinas,
Ela tremia de seu fragor.
E a pobre moça — da vez primeira —
Das rezas quase sentia horror.

E os olhos dela ficaram meigos,
Como quem sofre doce pesar.
Não mais pulavam, delfins nas ondas,
E mal podiam brando oscilar.

E os lábios dela — cravina há pouco —
Não mais vestiam carmínea côr.
E só nas faces lhe assomam rosas,
Mas não são rosas de almo pudor.

Então a freira em vão se abraça,
Em vão se cose co'a cruz de Deus.
Então a freira procura em tudo
A causa, o alívio dos males seus.

Mas ela o sabe. Não é o Cristo
De que ela espera algum sinal.
O Cristo deu-nos remido o mundo:
E o bem que há nêle supera o mal.

O mundo, o mundo... eu freira aflita,
Eu vejo o mundo... como é gentil!
Ah! eu preciso dessa palavra
Que arrasta os homens aos mil e aos mil!

Palavra imensa, divina e santa,
Que inspira aos homens tanto labor!
Palavra fértil, fecunda e grande,
Mistério, influxo, talvez, de amor!

Porém as velhas, que me aconselham,
E que se dizem cheias de Deus,
Clamam, — não cessam — clamam que o mundo
E' todo feito de vãos ateus.

Mas ah! quem sente chamas no peito
Por uma bela palavra só:
Quem à porfia corre por ela,
Rompendo globos de grosso pó:

Quem verte prantos na mão do pobre,
Que a Deus e à sorte reproches dá:
Quem trava o braço de outrem, que passa,
Temendo o abismo, que vê mais lá:

Quem toma ao seio mulher, que firme
No seio dêle deixa o pudor:
Quem entre beijos lhe ensina ¹⁴¹⁷ aos lábios
Caudais palavras de áureo licor:

Ah! não, não pode — como elas dizem —
Ser insensível, ser vão ateu.
O ateu não sente, não verte prantos.
O amor não entra no peito seu.

O mundo, o mundo... eu freira aflita,
Eu vejo o mundo... como é gentil!
Não, não lhe enxergo ¹⁴¹⁸ aberto o abismo.
Tu mentes, mentes, alma senil!

Sim: velhas santas, velhas ufanas,
Que vos dizeis cheias de Deus,
Não! — êste mundo que Deus remiu
Não é composto de vãos ateus.

O mundo, o mundo... eu freira aflita,
Eu vejo o mundo... como é gentil!
Mas eu fechada na estéril cela
Existo prêsna num ócio vil!

Aos mornos raios da estrêla vésper
Minha inocência tôda perdi.
Inteiras noutes de acerba cisma
Eu, néscia amante, passei ali.

A estrêla vésper tem certos raios
Que traiçoeiros voltam p'ra lá.
Fugi, meninas, da estrêla vésper,
Temei dos gostos que ela vos dá.

Há certos raios da estrêla vésper
Que são vampiros de argêntea côr:
De nossos lábios — com vítreos beijos —
Extraem, sugam todo o rubor.

Aos mornos raios da estrêla vésper
Minha inocência tôda perdi.
Mas a inocência, que sai da infância,
Ai! não se perde sòmente ali!

A estrêla vésper, ânfora sôlta,
Bóia de prata em mar de anil,
Clama incansável — Amai, donzelas, —
E as fibras lavra flama sutil.

Então lá dentro da aflita virgem
Salta um desejo, ferve um pesar.
Tenta um alívio, acha uma angústia,
Linha em brasido, volcão no mar.

Mas a inocência que a moça imola
No altar sagrado de um peito igual,
Mata o desejo, forma o remanso,
Oferta um gôzo sempre real.

Quando a virgínea côr se esvaece,
Murcho o carmíneo, róseo botão,
A estrêla vésper que fêz o estrago,
A estrêla vésper não basta não.

O mundo, o mundo... eu freira aflita,
Eu vejo o mundo... como é gentil!
Não, não lhe enxergo ¹⁴¹⁹ aberto o abismo,
Não lhe deparo volcões aos mil.

O mundo, o mundo... só nêle eu posso
Achar a parte a quem faltei.
Eu devo, eu devo pagar ao homem
Êsse pedaço que lhe arranquei.

Seu coração — nobre fragmento —
Sente um vazio, que há de doer.
Mesmo sua alma geme incompleta.
Quase roubei-lhe todo o seu ser.

O paraninfo — anjo o mais belo, —
Anjo das núpcias, feito por Deus,
Por Deus guiado, conduz as virgens
Para os pedaços que são mais seus.

Leva-me, ¹⁴²⁰ oh anjo, — que é tempo: — eu quero
Achar a parte a quem faltei.
Eu devo, eu devo pagar ao homem
Êsse pedaço que lhe arranquei.

Ao mundo, ao mundo... Leva-me, oh anjo.
Abre estas asas: vou sôbre ti.
Interno impulso me diz, meu anjo,
Que não vás longe, — que basta ali.

Minha sangüínea côr se esvaece,
Perdi as rosas de almo pudor.
A estrêla vésper — com vítreos beijos —
Sugou-me aos lábios todo o rubor.

Leva-me, oh anjo. Tenho no peito
Que me trasborda — vasta porção.
À estrêla vésper que fêz-me o estrago,
Nem cruz, nem claustro, não bastam não.

A DEVOTA.

A suma perfeição consiste em vagar o espírito para Deus.

(S. TOMAS).

Que rezas, que rezas, — tremendo co' os lábios,
Co'a baça pupila nas córneas imota?
Batendo nos peitos co' as mãos descarnadas,
Co'as mãos no rosário, — velhinha devota?

Coitada da velha, — que ou sinta pesares,
Ou sinta dulçores, não sabe chorar!
Que o sorvo da vida, — de acéticos travos,
O pranto nos olhos lho pôde estancar!

Agora só reza nas contas benditas,
Só reza contrita, — que pode mais al?
Que o tempo, que as rugas, que os anos que foram,
Contínuo lhe falam da lousa final.

Que a vida, que vivem os homens na terra,
E' sonho, que a infância sonhou, a cismar.
Feliz quem mais soube dormir êste sono,
Quem soube êste sonho mais longo sonhar!

Ai! — quem me pudera sondar os arcanos
Do peito da velha! — Que rica scara,
Que messe tão vasta de tanta verdade,
Que o jovem não sega, não rega, não ara!

Qual vôo do tempo nas asas das eras,
Tal é da ciência do velho o condão:
Que quantos mais dias de vida lhe escorrem, ¹⁴²¹
Mais largas verdades crescendo lhe vão.

Velhinha, — é tão noute! — no chão do cruzeiro
Que rezas, — sustendo dos nortes o açoute?
Oh — não te arreceias das ruas desertas,
Oh — não te amedrontam as larvas da noute?

Não sentes, devota, — pressões nem arfagens,
Quais vagas dos mares, — no peito torpente?
O mau sobreceño da morta velhice
Torrou-te os sentidos desta alma fervente?

Oh—sim:—como a estrada que os séc'los trilharam,
Está calejado teu bom coração:
E das penedias na sílice alpestre
Tornou-se-te a tua senil sensação.

Que braço tão forte de ferro abismou-te
Das penas no fogo, — dos males no fundo?
Quem nesta tristura, — volcão que devora, —
Quem nesta tristura lançou-te? — êste mundo!

Por isso ao cruzeiro levantas os olhos,
Co'a baça pupila nas córneas imota:
Por isso acarinhas um só pensamento,
— A imagem do Eterno, — velhinha devota!

A imagem do Eterno, — qual canto brasido,
Qual tocha das aras, — te brilha no aspeito.
A imagem do Eterno, — que o mundo repele,
Adora, — qual mimo de amôres, no peito.

E o chão do cruzeiro co'os nortes, que zunem,
Soprando os cabelos da velha tremente:
E a noute co'as larvas medonhas, — tão feias,
E o éter cerrado de névoa sômente:

E as aves noturnas co'os cantos de agouro,
Nos vãos do cruzeiro, — nos seus coruchéus:
Lhe falam de um Ente, — que os homens esquecem,
Lhe falam na terra de um Deus que há nos céus!

Oh — beija fervente mil vêzes, velhinha,
Sim, — beija os emblemas de teu relicário.
Recita, — tremendo, recita essas rezas,
Correndo nos dedos o grosso rosário.

E vós — oh donzelas gabadas de lindas,
Que tanto vos rides da velha — coitada?
Deixai-a que suas camáldulas gire,
No frio ladrilho da cruz assentada.

E' calvo o cruzeiro, — tão alto, tão alvo,
Qual de caramelos lucente alcantil:
E' como um espectro: — fugi, oh donzelas,
Do espectro, que topa co'o arco de anil!

E todo êste quadro de horrenda poesia,
De assombros, — não trava de seu coração.
Sua alma não teme fantásticos trasgos,
Sustida nas asas de linda oração.

E' seu gôzo todo: — prostrar-se nas lajes,
Nas lajes marmóreas daquele calvário:
Liberta das vistas vipérias do mundo
Rezar mais devota no bento rosário.

Um dia, — era jovem, mimosa dos homens, —
Os homens lhe deram um trono real.
Mas hoje, — velhinha, — co'os pés do cruzeiro
Se abraça contrita, — que pode mais al?

FREI BASTOS.

Anjo de luz, porque te despenhaste no inferno? — A história escrevia o teu nome na página das bênçãos: tu mesmo o riscaste, e o fôste escrever na página das maldições.

(ALEXANDRE HERCULANO.)

Porque te afogas, Bossuet brasílio, ¹⁴²²
No imundo pego da lascívia impura?
Porque teus louros triunfais nodoas
Co'as roxas fezes do azedado vinho?
Porque contínuo tua glória assopras
Nos leves bafos do charuto ardendo?
Porque te afogas, Bossuet brasílio,
No imundo pego da ¹⁴²³ lascívia impura?

Desces do altar à crápula homicida,
Sobes da crápula aos fulmíneos púlpitos.
Ali teu brado lisonjeia os vícios,
Aqui atroa, apavorando os crimes.
E os lábios rubros dos femíneos beijos
Disparam ¹⁴²⁴ raios que as paixões aterram.
Porque te afogas, Bossuet brasílio,
No imundo pego da lascívia impura?

No alcouce infame que assassina o gênio
As horas passas que a ciência chora.
No fôfo leito que os instantes mancham
Os céus insultas co'o burel que estendes.
Nos torpes versos que o prazer te inspira
O inferno evocas, — e os demônios brincam.
Porque te afogas, Bossuet brasílio,
No imundo pego da lascívia impura?

Para as canções que celebraram Milton
Deu-te o Senhor poética ardentia.
Para êsses dons que Bossuet vestiram
Deu-te o Senhor o fúlmen da eloquência.
Duas coroas te entrançava ¹⁴²⁵ a glória:
Duas coroas desmanchou teu gênio.
Porque te afogas, Bossuet brasílio,
No imundo pego da lascívia impura?

Lá sôbre os astros Bossuet te amava,
Ao escutar-te os êxtases ¹⁴²⁶ primeiros.
Tirava o resplendor da argêntea fronte,
Donde a Turenne a convicção partira.
Ia c'roar a testa igual à dêle,
Que o novo mundo produzia quase.
Porque te afogas, Bossuet brasílio,
No imundo pego da lascívia impura?

O cego de Albion também te olhava
Co'os novos olhos que no céu lhe deram.
Êle esperava — e os serafins com êle —
Um Paraíso incógnito, mais belo.
Depois, te achando sepultado em lama,
A Lamartine reservou seus louros.
Porque te afogas, Bossuet brasílio,
No imundo pego da lascívia impura?

Ah! Bossuet sôbre as estrêlas pára.
Quanto é difícil a subida aos montes!
Voltaire abriu um boqueirão na terra.
Oh! como é fácil o pendor do abismo!
Mas tu subiste a Bossuet um tempo,
E ao mesmo tempo té Voltaire descias.
Porque te afogas, Bossuet brasílio,
No imundo pego da lascívia impura?

Salve, poeta, que teus vícios cantas,
Que a noute e a plebe e a crápula desejam!
Salve, orador, que os púlpitos respeitam,
Que anátemas irônicos desferes!
Mescla atrevida de sublime e baixo,
Bossuet com Voltaire, três vêzes salve!
Salve por mim, — oh malfadado gênio,
Onde as cidades nem os claustros cabem!
Tu, poeta, orador, — porque te afogas
No imundo pego da lascívia impura?

O RENEGADO. ¹⁴²⁷

CANÇÃO DO JUDEU.

I.

Vai, ímpio bastardo,
Vai, monstro sem crença!
E' vasta, é imensa
A estrada que vês.
Pendida se inclina
Por lúbrica esteira,
Suave ladeira
P'ra as chamas, talvez.

Teu pai te renega
Na voz do profeta
Co'a bôca repleta
De atroz maldição.
Coberto ¹⁴²⁸ de cinza,
Co'o saco vestido,
Com pranto dorido
Se prostra no chão.

A mãe, que te amava
Com tanta ardentia,
Maldiz de teu dia
Co'os carmes de Jó.
Hebréia formosa,
De rosto engraçado, ¹⁴²⁹
Por ti, malfadado,
Se cobre de dó.

Com pena de ferro
Teu nome riscado
Do livro sagrado,
Da lei de Moisés!
Teu nome famoso,
Das tribos querido,
Agora espremido ¹⁴³⁰
Debaixo dos pés!

Oh tu, desgraçado,
Mesquinho perjuro,
Que abraças impuro
Uns erros fatais!
Que ensino ¹⁴³¹ a teus filhos,
Que exemplo que legas!
Na lei que renegas,
Renegas teus pais!

II.

Talvez mais que os nossos,
Irás vagabundo
De rastros no mundo
Sem têrmo, sem fim!
Nas selvas, nas côrtes
Os homens com gôsto
Lerão em teu rosto
Sinal de Caim.

Na jura que quebras,
No crime que atentas,
Excitas, aumentas
Dos nossos a dor.

Pisando nas tábuas,
Que foram-te entregues, 1432
Afrontas, persegues
Ao mesmo Senhor.

III.

Outrora no Egito
Nascemos escravos,
Valentes e bravos,
Sofrendo sem dó.
Contentes nos tratos,
Vivendo em penúria,
Cuspimos na fúria
Do mau Faraó.

Depois nos erguemos
No meio da praça,
Em rude ameaça
Batendo co'os pés.
E o rei por dez vêzes
Tremeu contemplando
Um Deus pelejando
Na mão de Moisés.

Depois nossos crimes,
Qual chuva de setas,
Malgrado aos profetas,
Encheram o ar.
Castigo do Eterno,
Sentimos na frente
O alfange furente
De Salmanazar.

E o campo três vêzes
Vestiu-se de ossadas,
Ao longo espalhadas
Por Nabuzardan.
E, farto de crimes,
Tornou-se demônio
O rei babilônio,
Progênie de Can.

Sofrendo, esperamos,
Dos tempos no giro,
O nome de Ciro,
Sorriso 1433 de Deus.
Previsto, ansiado
Na voz do vidente,
Chegou de repente,
Livrando os hebreus.

Ao jugo dos Gregos
Curvando-nos quase,
Beijamos a base
Do ídolo Amon.
Depois adoramos
Co' um mêdo mais feio
O monstro que veio
De lá de Escalon.

Não basta, não farta
Ao céu irritado
O sangue espalhado
Dos bons Macabeus.

Não basta que Tito,
Que Roma viessem,
Que até desfizessem
O templo de Deus.

Errantes, dispersos,
— Castigo que pasma! —
Andamos fantasmas
Por tôda a nação.
Há mais de mil anos
Sofremos calados
Por crimes passados
De abominação.

E vamos correndo,
Correndo na terra
De encontro 1434 co'a guerra
Terrível, cruel.
E vamos correndo,
Nós povo escolhido,
Nós povo querido
Do Deus de Israel.

Ah! foram mui grandes
Os erros passados,
Os altos pecados
Do povo imortal!
A voz dos profetas
Perpétua se cala:
Não clama, não fala
Nem mesmo de mal.

Do vate dos trenos,
Do filho de Helcia
A crua elegia
Faria-nos bem.
Choráramos juntos
Com santa saudade
A vídua cidade
De Jerusalém.

Mas sempre nas eras
Paternas que lemos,
Lutamos, vencemos
As perseguições.
Talvez que bem cedo
Tenhamos completas
Dos nossos profetas
As áureas visões.

E agora no mundo,
De há tanto previsto,
Assome êsse Cristo,
Messias real.
E ajunte num ponto
Com frases de brasas
Debaixo das asas
O povo imortal.

E venha co' um cetro
Mais belo, mais novo
Tirar o seu povo
Do abismo de dó.
E cumpra-se à letra
O carne jucundo
Que, já moribundo,
Nos disse Jacó.

I V.

E agora meu filho,
 Nas tábuas cuspindo,
 Nos deixa, sorrindo, ¹⁴³⁵
 — Meu filho! que dor!
 E vai treloucado
 Seguindo, adorando
 Um ídolo infando,
 Um Cristo impostor.

Escuta, meu filho,
 O brado materno,
 E ao rosto paterno,
 Vem, tira-lhe o dó.
 Si o Cristo que abraças
 Não fôra loucura,
 Seria impostura
 A voz de Jacó.

O Cristo que abraças,
 Os erros que arrogas,
 Por mil sinagogas
 Danados estão.
 Há mais de mil anos
 Que são reprovados
 Por sábios sagrados
 Da crença de Abraão.

Têm sido julgados
 Por santos doutores, ¹⁴³⁶
 Profundos leitores
 Da lei de Moisés.
 E os nossos rabinos,
 Co'a raiva do velho,
 O falso evangelho
 Pisaram aos pés.

Escuta, meu filho,
 O brado materno,
 E ao rosto paterno,
 Vem, tira-lhe o dó.
 O Cristo dos nossos
 Não vem perseguir-nos,
 Vem antes unir-nos
 Num povo, num só.

Ah! volta, meu filho,
 A mãe que te chora,
 Ao pai que te adora,
 Que geme por ti.
 Ah! entra de novo
 No nosso conjunto,
 E canta compunto
 Os ais de Davi.

V.

Mas ah! renegado,
 Bastardo, descrente,
 Mais ímpio que a mente
 Do ímpio Caim!
 Riscou-se, apagou-se
 Teu nome execrado
 Em pleno, sagrado,
 Geral Sinedrim.

Ah! réprobo infame,
 Nem mesmo compunto,
 No nosso conjunto
 Não podes entrar!
 Já leio em teu rosto
 O estigma candente,
 Que te há de na frente
 Perpétuo ficar.

Nem pátria conservas,
 Nem nome paterno,
 E o povo do Eterno
 Teu povo não é.
 Vai, ímpio! — e que, ao ires,
 Em meio à viagem,
 Te engula ¹⁴³⁷ a voragem
 Que abriu-se a Coré.

O MONGE. ¹⁴³⁸

(SÉCULO XIX).

I.

Do embate aos sinos, pelos vãos da tôrre,
 Noturnas aves correm. Surdo dôbro
 Era quase seu choque incerto e vago
 Nos ocos bronzes. A soidão profunda
 Aumentava o pavor, crescendo a noute.
 Ali a mente, em êxtases prendida,
 Prolongava êstes sons, pensando nêles.

Ninguém vivia: a profundez do sono
 Tinha co'os mortos irmanado os vivos.

Eu te saúdo, viração da noute,
 Frescor suave e triste! As tuas penas
 São duras setas de gelado ferro,
 Que, os cabelos riçando, entra por êles,
 E nulifica o cérebro, passando,
 E vai ao coração que pensa angústias.
 Fácil não toca a neve aqui no peito.
 Não toca? — Sim: mas não enrija ¹⁴³⁹ as fibras,
 Mas não extingue o sentimento nunca.
 Vem recolher-se aqui, fugindo ao gêlo,
 Inteiro, inteiro espírito, — de fraco.
 Eu te saúdo, viração da noute!
 Que som me trazes de pesados passos,
 Quebrando esta soidão! Nestas desoras
 Podem viver sòmente o louco e o vate.

Não! nem um dêles. Viração da noute,
 Transporta-me seu nome. O louco e o vate
 Não amam só as trevas e o silêncio.
 Também o desgraçado estima a noute.

II.

Bela aragem da noute! uns lábios de anjos
 Não é que te respiram? Teus anelos
 Não são de um gênio bom que Deus nos manda?
 O teu sereno arfar alembra aos homens
 Quase um gôzo do céu. Lá noutras eras
 Alguém sentiu-te assim, desfez-se em lágrimas,
 Pensou poeta e plácido em teu seio,

Sôbre teu dorso esperdiçou seus males,
 Consolou-se talvez, — e crente e altivo
 Chamou-te quase um Deus. — Mentiu-te ao todo?
 Donde o consôlo que nas asas libras
 Tácito e santo assim, descer-nos pode,
 Sinão de lá do céu? Dentro em minh'alma
 Eu sinto, eu sinto o impulso de adorar-te
 Sê minha musa, oh viração da noute!

Leva-me, pois, extasiado e livre
 Aos lares do infeliz. Si alguém se queixa,
 Quero co'os dêle compartilhar meus males.

III.

Vejo uma cruz: entrelaçado nela
 Férreo cilício com sangüíneas manchas.
 O livro do cristão na tôsca mesa
 Os queixumes de Jó mostrava aos olhos.
 Esplêndidas de pranto as próprias letras
 Estavam inda, — e a página molhada
 Das torrentes de dor de alguém que leu-a
 Quase por si imprecações falava,
 Quase bramia, ao ver-se. A luz, tremendo,
 De espaço a espaço a crepitar, gemia,
 Como entendendo ¹⁴⁴⁰ a voz que enchia outrora
 De maldições, de lágrimas, de preces
 Os campos de Hus.

Oh plaga que geraste
 Uma alma pura de poeta e de anjo,
 Salve por mim! Tu pelo Eterno foste
 Abençoada um dia, antes que livre
 A mão de Satanás te ardesse a terra.
 Segunda vez abençoou-te o Eterno,
 E deste a grama e o cipariso ¹⁴⁴¹ e as flores.
 Por mim, solo imortal, três vêzes salve!

Talvez pensava assim, cruzando a cela,
 Extasiado, um monge. Eu vi seu rosto,
 E li seu coração, seu pensamento.
 Eram-lhe as faces maceradas, lívidas
 Com os livores da dor. Forçados sulcos
 Cavou-lhe fundo o percorrer do pranto.
 Não foi o tempo que encolheu seus visos.
 De enorme vastidão — dos Gregos cópia —
 Parecia-lhe o cérebro um gravame,
 Que apenas sustentava. Os cílios grossos
 Dos olhos o fuzil lhe escureciam,
 Mais do que a nuvem que não cobre o raio,

E passeava em rápidas pegadas,
 Falando às vêzes, e parando a instantes.

IV.

Cristo — exclamou — tu padeceste um dia
 Quanto, milhões de séculos vivendo,
 Não podia sofrer sòmente um homem:
 Porém remiste a humanidade inteira.
 Eu, parte dela, sou remido, — e soffro
 Debaixo de teu nome. O meu martírio,
 Férreo fantasma que pesado marcha
 Co' o vagar do que vai degrau da fôrça
 Que mãos de infames lá no céu prenderam,
 E' vão, é vão. O sangue, que destilo
 Gôta por gôta das rasgadas veias,
 Cai inútil no chão. Regada dêle
 A linda ervinha, horripilando, expira.

Eu mesmo, eu vejo arrepiar-se a terra,
 Si um golfada dêste sangue a ensopa. ¹⁴⁴²
 Tudo reprova o sacrifício estéril!

Deus! teu filho deixou teu seio eterno
 Para salvar a humanidade, — e eu soffro
 Debaixo de teu nome inúteis penas!

Déspotas d'alma, déspotas do peito
 Sujcitaram à dor, à raiva, ao crime
 Os simplices do Cristo. A natureza,
 Norma por Deus nos corações plantada
 Aquém e além da vida, em rudos tratos,
 — Não, não morreu, — mas transformou-se ao
 [todo.

Nas praças de Sião, montões de povo
 De vário modo entre clamor seguiam
 O herói da redenção. Falando aos homens
 Co' êsse estilo aos Demóstenes ignoto,
 Pronunciou uma palavra, — e as selvas,
 As solidões, os leoninos antros
 Pareceram gemer co' o pêso de homens.
 As cidades cristãs, co'a mão na face,
 Com redomas de sangue em tórno aos olhos,
 O flébil grito de Raquel sem filhos
 Levantaram de novo. Órfãs mesquinhas
 Aos altos da montanha em ânsias sobem.
 Clamam de lá pelo cantor dos trenos.
 Cansam em breve, — e descansar procuram
 Sôbre o tronco do cedro. O espectro negro...
 Seu nome — ASSOLAÇÃO — ... co'a imensa mole
 Surgiu de um boqueirão que abriu o inferno.
 Seu colo reclinou lá no oriente,
 E co'a ponta de um pé bateu no ocase,
 Onde inclinado o sol tremeu três horas.
 E as cidades cristãs, co'a mão na face,
 Com redomas de sangue em tórno aos olhos,
 Espavoridas, por seus filhos clamam,
 — Clamam, fugindo e lamentando embalde.

Voltai, voltai das solidões, das selvas,
 Piedosos cristãos. Alguém mentiu-vos,
 Alguém vos disse o que não disse o Cristo.
 Deus não é misantropo: estima a todos,
 Como outrora os formou nos campos de Ásia.

Por seus dedos miríficos formado
 Foi a família o molde do universo.
 Conselho aos anjos — não liame eterno —
 Foi do Cristo a palavra. Ímpios devotos,
 Piores que os ateus, mancharam tudo.
 Té com seu Deus hipócritas sofismam.
 Deus não é misantropo: estima os homens,
 Como outrora os formou nos campos de Ásia.

— Não sofismamos, não. Essa palavra
 Lêde-a no livro eterno: intacta existe.
 Ninguém, ninguém pôde aumentar-lhe um ápice.
 São imutáveis sempre as letras dêle.
 Lêde outra vez, e meditai mais sério,
 E depois concluí. —

Sim! que eu conclua
 O opróbrio a vós ou a blasfêmia ao Cristo!
 Oh! que infames que sois! Co'a face em risos
 Podeis guardar tão atro fel no peito!
 Quereis a conclusão? tomai-a, hipócritas,
 Tomai-a em mim.

Não vêdes nos meus olhos
Fervendo a insânia? — e exasperado o monge
Té o meio da fronte alçava os cílios. —
Não vêdes manchas de livor de ferro
No côncavo das faces, onde outrora
Pintou-me a natureza ardentes rosas?
Não ouvis minha voz? profunda e rouca,
Como encontrando ¹⁴⁴³ espedaçados órgãos,
No peito forma-se e lá mesmo expira.
Quereis saber a causa? ouvi-me, hipócritas.

V.

Em bagas de suor banhado o rosto
Estava ao monge. Os encrespados ¹⁴⁴⁴ cílios
Ora emendavam-se ao topete acima,
Ora desciam ocultando os olhos,
Como dous fochos móveis, suspêndidos
Na vastidão da palidez da fronte
Por uma oculta linha. As mãos, o corpo
Treniam... que abismei-me!

Estanque e mudo

Algum tempo ficou. Depois olhando
Em derredor de si, qual ante o povo
Lá na tribuna o orador prepara,
Para romper, os ademães co'a idéia,
Abriu de novo os ressequidos lábios
Co' um gesto que punhal cortou-me as fibras.

Antes de abrir-se-me a paixão no peito,
Quando em botão as afecções me estavam,
Fui arrojado aos cárceres eternos.
Inda incerta a razão, tímida e néscia,
Balbuciava apenas. Tenra infante
Pronunciava, arremedando os homens,
Qualquer primeira voz que ouvia acaso:
Perdido viajor, no campo à noute
Ao longe divisando a luz que a terra
De seus hálitos pútridos acende,
Lá vai, lá corre em ânsia após ela,
E chega, e topa co'a ilusão, co'o nada.
Fantasia infantil era-me tudo.
Julgava o pirilampo estrêla em terra,
Anjos do mar a rútila ardentia,
Palácio de ouro o sol, estôfo as nuvens,
Mágica fada a virgem que eu amava,
Que eu temia depois, fugindo dela
Co'o peito aceso de paixões ignotas,
Que parecia-me aguçadas dores, ¹⁴⁴⁵
Tanto que eu cria na justiça humana,
Tanto que eu respeitava a Deus e aos velhos!
E um velho... um velho... — atroador remorso,
Si és um suplicio, vingame daquele, —
Um velho me falou. Qual no deserto,
Querendo Satanás tentar ao Cristo,
Subindo ao alto, lhe amostrava o mundo,
Tal sequioso me agarrara o velho
Para apontar-me ao céu. Depois tremendo
— Ímpio! nem o porvir falta ao remorso, —
Mostrou-me o templo, ¹⁴⁴⁶ não — mostrou-me hor-
[rendo
Um edificio negro, erguido e vasto,
Manchando o azul do céu.

Que vês, infante?

Ele mo perguntou.

Que vejo? — aquela
Pasta de lama escurecendo os ares.

Amas o céu?

E por que não, bom velho?
Não é tão belo o céu? O anil que o pinta
Não é melhor de perto? A estrêla d'alva,
Que vem correndo assim antes da aurora,
Não é, talvez, um pássaro de prata,
Que eu poderei prender, chegando a êle?
Não é um berço tão bonito a lua,
Que sempre, e sem que pare, embala ¹⁴⁴⁷ a infantes!
Não posso um dia, de manhã, sòzinho,
Sem acordar ninguém, chegar-lhe à beira,
Algumas gôtas aparar de orvalho,
Lavar-lhe aquelas nódoas, — e mais bela
Torná-la depois disto? — Ah velho, escuta:
Eu quero o céu: mas dizem que p'ra tê-lo
E' preciso morrer?

Pobre inocente,
Não é preciso, não. Querê-lo basta,
Querer sòmente e entrar. Não vês, infante?
Vai-se p'ra lá por terra: — a porta dêle
Ei-la visível acolá bem franca.

Tão feia, velho? — a porta dêle — aquela
Pasta de lama escurecendo os ares?

Por fora, infante...

E, velho, é só por fora?
Mas ah! por fora eu vejo o céu tão lindo!

E tôda a tarde me chamava o velho,
E me apontava o céu, — qual no deserto,
Querendo Satanás tentar ao Cristo,
Subindo ao alto lhe amostrava o mundo.

E acostumou-me: — e eu já chamava aquela
Pasta de lama escurecendo os ares
Co'o nome, oh! sim, de céu. Infante ainda
Blasfemei, blasfemei co'os lábios do ímpio.

Tu foste criminoso, ó velho indigno,
De meus nefandos obrigados atos.
Es réu, és réu. — Atroador remorso,
Si és um suplicio, vingame daquele.

VI.

Tu, anjo aterrador, que o sono travas ¹⁴⁴⁸
Do mau, que apenas adormece, e acorda
Ânxio, torvado nas visões que inspiras,
À minha justa voz das trevas surge,
Corre, vem com teu séquito de fúrias,
Tu, ministro das cóleras do Eterno.
Povoa o leito seu de horríveis serpes,
De visões, de tortor: — vingame dêle.

Basta-lhe só na vida êste castigo,
O mais tenha-o depois no inferno mesmo.

E vim depois, — e num furor sagrado,
Louco religioso, entrei num templo.
Com lágrimas de amor — devota insânia! —
Prostrei-me soluçando aos pés das aras,
No jaspe dos degraus. Ali co'o choque
Do corpo ardente em flamas de delírio

Sôbre o frio do chão, senti... Quem pode
 Verter êsse mistério em língua de homem?
 Não! ali, sem ação, caído ao longo,
 Não, não morri. Minh'alma tão sômente
 Sem idéias parou: pensar não pôde.
 Sumiu-se, aéreo pó, a inteligência.
 Ficou-me o coração fervendo em sangue,
 Volcão represso, — e congelado o corpo
 Unido ali co'a pedra. Estátua em terra,
 Ídolo gêsseo que do altar caíra,
 Não sei que mundo foi, não sei que abismo
 Que confuso habitei. Súbito estrala
 Funéreo canto que evocou-me à vida,
 Dizendo — morto — em destroçadas vozes.
 Depois alguma destra ergueu-me o corpo,
 E vi... Não sei que vi... Cegou-me os olhos

O vítreo grosso das sangüíneas lágrimas.
 Pulvérea sombra de sutil memória
 Faz-me pensar que li. Prece ou contrato
 Não sei que foi. Um juramento eterno
 Fiz ao Senhor sôbre os altares dêle?
 Não lembra-me, não sei. Sômente o dizem
 Estranhos homens, de negror vestidos,
 — Homens? quem sabe si demônios eram?
 Serafins infernais, do inferno falam,
 E seu irmão, satânicos, me chamam!
 Co'a voz tremenda, ameaçando as fúrias,
 Dizem que fiz um imortal protesto,
 Que há de seguir-me ao céu que ouviu-me as vozes,
 Que há de seguir-me aos penetrais do abismo.
 Clamam — infames! — que co'as próprias unhas
 Rasguei, abri o coração ao Cristo,
 E com seu sangue borrifei meus lábios,
 E com seu sangue sigilei meu pacto,

Quando, esgotada essa visão terrível,
 Visão que a dor me realiza e a raiva,
 Olhei-me a mim, desconheci-me quase.
 E' bem real, ¹⁴⁴⁹ Pitágoras, teu sonho!
 O Dêmon que inspirava-te era um anjo.
 Dos arcanos do céu alguns tiveste.
 As almas dos mortais transmigram, passam
 De corpo em corpo, ou duma essência em outra.
 Corpo nem alma os mesmos me ficaram.
 Homem que fui não sou. Meu ser, meu todo
 Fugiu-me, esvaeceu-se, transformou-se.
 Vivo, mas acabei meu ser primeiro.
 Lábil reminiscência inda me antolha
 Fugazes sombras da passada vida.
 Para maior suplicio, aqui num quadro
 Êsses dous tempos comparados vejo
 Ante mim sempre, que os refuso embalde.

Eu te creio, Pitágoras, nos sonhos!
 As almas dos mortais transmigram, passam
 De corpo em corpo, ou duma essência em outra.

Si eu não morri, sou trânsfuga da vida.
 Dista, dista de mim minh'alma antiga.

A toga férrea que estreitou-me os artos,
 Como azinhavre devorou-me as carnes.
 Osso, esqueleto, pelas fibras prêso,
 Vou caminhando, — e caminhando rinjo.
 Folga, Loiola: — eu preenchi teu mando.
 Até te entrego ¹⁴⁵⁰ o teu supérfluo "quase."
 Eu sou cadáver, sou! — Olha-me e julga.

E' pouco ainda êste sofrer tão duro
 Feito por vós, hipócritas sagrados?
 Não basta aqui a conclusão das dores?
 Vossos troféus, que em lágrimas se ensopam, ¹⁴⁵¹
 Enegrecidos, úmidos de sangue,
 Cruor gotejam dos rasgados peitos,
 Que lancinados dos seus topes pendem,
 — E a glória vossa não se farta iniqua,
 E não vos pode encher vítima tanta?
 Polifemos cruéis, milformes hidras,
 Monstros piores que os horríveis monstros
 Que a mão de Homero bosquejava a mêdo,
 Portentos de terror — quereis mais pasto?
 Pois sim! — Abri as leoninas garras,
 E destampai vosso infernal sarcasmo!
 De vosso instinto a furiosa insânia
 Vou talvez saciá-la. Ouvi-me ainda.

VII.

Marmóreo cárcere apertou-me os ossos
 Carcomidos, esqualidos, sem forma,
 — E o dom que extrema os animais e os homens
 Aqui perdi-o. Oh tu, filho do Eterno,
 Ouve meu brado acrisolado e puro
 No lar do coração — que aflito o amaste!
 Uma palavra te pulou dos lábios,
 Gládio de fogo, onipotente e santa,
 — E nela voa a liberdade aos povos.
 Uma palavra também salta em chamas,
 Gládio de sulfú, peçonhenta e grande,
 Dêsse rival que Tântalo te emula,
 — E nela voa a escravidão aos povos.
 Filho do Eterno que impossíveis podes,
 Té quando em burla deixarás teu reino?
 Cai debaixo do inferno o mesmo Empíreo!
 Deus! em teu nome Satanás impera!
 Aqui nos claustros os demônios moram,
 — E o monge verga ao desespero o colo,
 E julga mão divina a mão que o toca,
 E blasfema do Cristo, e as aras cospe,
 E a cruz e a Bíblia entre delírios pisa.
 A crença augusta que no peito aperta,
 Que no leite materno haurira infante,
 Que nos cristais da dor sair procura,
 Disse — Sois livres — indistinta aos homens,
 E diz ao monge — Escravo! — E o monge insano
 Pisa mais uma vez a cruz e a Bíblia.

Tal o furor que a escravidão excita!

Tal sou, tal é o monge, — ente não-homem
 A quem privou-se a liberdade, — e nela
 Privada topa a consciência em nada.
 O crime e a raiva no seu peito habitam.
 Cobrem-lhe a face máscaras de louça,
 Onde um sorriso ¹⁴⁵² angélico se imprime
 Nos templos e nas praças. Em sua alma
 Contínuo instigações malvadas fervem.

Que celerados, ¹⁴⁵³ espantosos planos
 Não têm nascido aqui! Frontais anosos,
 Tetos sombrios, seculares muros,
 Respondei-me, falai. Em vosso espaço
 Co'o dia emenda-se a mudez da noute.
 Oh! quanto prova êste silêncio eterno!
 Si eu fôra ao mundo arremessado acaso,

Em qualquer pólo, no torrão, no gêlo,
A estas horas meditara em crimes?
Blasfemara de Deus perante a lua,
Cujo orvalho me queima? O leito, o sono
Ser-me-ia travado à meia-noute?

Mais aflitivo que o lavor de escravo,
Ócio infamante, eu te renego embalde!
Geram-se os vícios em teu mole scio,
E te beijando, e te cingindo o colo,
Boceja, estira-se a lascívia, — e dorme.
Trucida as almas solidão forçada,
Barbariza, asselvaja. As pandas asas
Bate a virtude, e nas famílias pouasa.
Tenra plantinha, nos desertos nasce
Um certo amor que abandonado expira,
Ou torrentes de tóxicos dimana.
Aqui o coração se volve em raio,
Os ossos em punhais, a mente em fúria.
Aqui em fel a inspiração se embebe. ¹⁴⁵⁴
Aqui de opróbrio a candidez se mancha.
Aqui converte-se a virtude em crime.

Mas ah! lá chama às orações o sino!
Um sacrilégio mais! Senhor! perdoa!
Vou emendar imprecações com salmos.
Vai em teu templo reboar meu brado,
Que aos céus não sobe, cavernoso e rouco.
Minha voz, minha voz conspurca as aras,
Irônica e gelada. Em atro cofre
Ardem-me dentro renegados gritos.
Cada palpito maldições me clama.
Blasfêmia pulsam-me as artérias tôdas.

Senhor! eu não sou réu, — tu bem o sabes, —
De sacrilégio tal! Perdoa ao ímpio,
— Ao ímpio feito por mais ímpios que êle.

Agora ride, hipócritas sagrados!
Eis aqui vossa obra. Algozes, vêde-a!
E' cruel, como vós; mirai-vos nela.
Não mais clameis que edificou-a o Cristo.
Contumélia infernal! — Senhor! teu filho
Fôra teu filho, si criasse os males?

VIII.

Na tôrre havia-se calado o sino,
E o eco apenas ressoava ao longe. ¹⁴⁵⁵
Também o monge emudeceu com êle,
Fechou a cela, e caminhou soturno
Pelos naves afora. Um som compresso,
Quase carpido, na abafada cela,
Ficou ainda a refletir-lhe as vozes.

E eu ali, embevecido ¹⁴⁵⁶ em ânsias,
Fiquei chorando, — e lamentei-lhe a sorte.
Aos montes do Senhor ergui meus olhos,
E disse uma oração. Rezando ainda,
Senti nas veias afluír-me a calma,
— E cri que o monge a conseguiu comigo.

Inda corria a viração da noute
Com fresca madidez. Pedi-lhe as asas,
E fui saudoso a meditar meus carmes.

O APÓSTATA.

CANÇÃO DO CATÓLICO.

Não sentes por sôbre a face,
Como um raio inopinado,
Esse anátema sagrado,
Essa férrea excomunhão?
Não sentes a espada nua
De Roma no teu semblante,
De Roma, — eterno gigante,
Sustendo infernos na mão?

Ah! triste, perjuro infame,
Que esqueces êsse legado,
Santa herança do passado,
Santa crença de Jesus!
Que a negras voragens desces,
E julgas que ao céu te elevas!
Que por turbilhões de trevas
Trocas um reino de luz!

Ah! triste, que te abismaste
Num precipício insondável
Com êsse orgulho execrável
Que Lusbel inspira aos seus!
Que duas vêzes perdeste
Esse domínio sagrado,
Paraíso resgatado
Co'o sangue puro de Deus!

Ah! triste, que espedaçaste,
Com sacrilégio altanado,
O juramento prestado
Junto à fonte batismal!
Co'o perjúrio que fizeste,
Tu, infante estremecido,
Cravaste um punhal buído
No coração paternal!

Ah! triste, que te desgarras,
De queda em queda passando,
Como do monte rolando
Costuma a pedrinha vir.
Ah! onde, cristão perjuro,
Parará teu baque infindo?
Ou irás sempre caindo
De um em outro nadir?

Ah! triste, que insano clamas,
Com teus sofismas cruentos,
Que de livres pensamentos
Precisa o espírito teu!
E com Lutero te abraças,
Tu, apóstata ignorante,
Na convicção protestante,
Prelúdio certo do ateu!

Vai, apóstata, perjuro,
Com êsse raio gravado,
Esse anátema sagrado,
Essa férrea excomunhão!
Não sentes a espada nua
De Roma no teu semblante,
De Roma, — eterno gigante,
Sustendo infernos na mão?

O CONVERSO. 1457

CANÇÃO DO LIBERTINO.

Templo, abismo de Deus, abre-me o seio.
Quero arrojar-me a dédalos de trevas,
A dédalos de luz. Precisam homens
Dêsses mistérios que a razão fascinam.
Ainda que depois se cerre em noute,
A face de um crepúsculo me agrada.
Templo, abismo de Deus, abre-me o seio.

Salve, Religião, sublime idéia,
Que tanto encantas ¹⁴⁵⁸ feiticeira as almas!
Sôbre teu inventor mil bênçãos caíam!
Profeta do Senhor! seja o teu nome
Ainda além dos séculos bendito!
Deste numa ilusão um gozo aos homens.
Templo, abismo de Deus, abre-me o seio.

Em meu orgulho esmigalhei-te insano,
Pisei-te aos pés, encantadora ¹⁴⁵⁹ crença!
Julguei achar na liberdade um muro.
Achei poeira, mais que a tua, etérea.
Tu, minha crença, tu sômente és firme.
Espancas um remorso aos pés de um padre.
Templo, abismo de Deus, abre-me o seio.

Mil santos teus, co'os corações de fora,
Aos repulsos de Deus consolam mesmo.
Sempre seguro estou co'a crença minha.
Tenho, em falta de Deus, quem chame ainda.
Com áureos serafins, gentis arcanjos,
Tu, minha crença, os erros me rodeias.
Templo, abismo de Deus, abre-me o seio.

Levado em turbilhões de excelsos crimes,
Té 'gora estive em báratos de inferno.
Não me lembra o que vi: mas sei que errava
Por lagoas de asfalto, ares de enxôfre.
Tu, de lá me arrancaste. oh crença minha.
Mais belos são teus insondáveis erros!
Templo, abismo de Deus, abre-me o seio.

Sou cristão outra vez: sou teu: venceste.
Quero arrojar-me a dédalos de trevas,
A dédalos de luz. Precisam homens
Dêsses mistérios que a razão fascinam.
Ainda que depois se cerre em noute,
A face de um crepúsculo me agrada.
Templo, abismo de Deus, abre-me o seio.

ELA.

Eu lhe queria tanto, quanto os desgraçados querem aos
que os estimam.

(EUGENIO SUE.)

Eu sei, virgem, que em teu peito inócua
Tenho palpites, lá. Sei que tua alma
Ficou pensando co'as idéias altas,
Que te inspirei profundo.

Inda em teus olhos reconheço ao longe
Todo o meu pensamento. Alto gravado
Em tua mente a minha mente existe.
Pertences-me p'ra sempre.

Rasguei-te, sim, do coração mais imo
Um véu cerrado de inocência fátua.
Mas não te nodoei: quis que ficasses
Casta assim mesma, — e sábia.

Tal na floresta a cândida pombinha
Penetra o ninho do amoroso pombo:
E como dantes, nos rosais florentes,
Vai arrulando ainda.

Não, não temo de ti. O amor que sentes
Não é da terra não, — nem segue o corpo.
O amor que sentes nem contigo expira.
E' mais que imorredouro.

Hás de amar-me na terra, — e além dos astros.
Eu te ensinei ¹⁴⁶⁰ um sentimento eterno.
Malgrado a mim, a ti, ao mundo, aos anjos,
Oh! há de amar-me sempre!

Não te forcei, nem te prenda com ferros.
Tua vontade é, como dantes, livre.
Mas voluntária nem coacta podes
Amar a outro amante.

Um vate, um vate coligou-te aos seios.
Tu deste-lhe o perfume de teus lábios.
O nó do abraço te estreitou seu corpo.
O mais foi um poema.

Tu recebeste os hálitos de um vate.
Tu lhe bebeste a inspiração aos tragos.
O fogo que do céu lhe desce em línguas,
Mulher! também ardeu-te.

Para os homens de Deus fôste sagrada.
Pudeste ser-lhes dos mistérios cônsua.
Ês, oh vestal, a cúmplice divina
Dos celestes oráculos.

Estás agora iniciada eterno.
Amaste-me: eu te quis. Julguei-te digna
De seres-me a Sibila de meus cantos,
O anjo de meus versos.

Hás de amar-me na terra, — e além dos astros.
Eu te ensinei ¹⁴⁶¹ um sentimento eterno.
Malgrado a mim, a ti, ao mundo, aos anjos,
Oh! há de amar-me sempre!

Eu sei que um negro, espantador fantasma
Co'as asas brônzeas te aparece à noute,
E te deixando a palidez manchada,
Te grita — Monge! — e passa.

Eu sei que envolto ¹⁴⁶² na pancada aérea
Do meio-dia te rovoa um silfo,
Que no côncavo d'alma se te enrola, ¹⁴⁶³
Também dizendo — Crime! —

Listras de sangue, de manhã, te cortam
O brando anil que nada-te nos olhos.
E assim mais bela, temerosa e pávida,
Pensas em mim, — e choras.

Em presença da aurora, aos raios dela,
Lá do trêmulo seio em que me escondes,
Arrancas as canções que me inspiraste
Travado co'as delícias.

Meus versos cantas para o sol que nasce,
Para o gorjeio matinal dos pássaros,
E de minh' harpa as harmonias casas
Co' o cicio das árvores.

Depois um riso te assombreira a face,
Limpa-te o sangue dos aníleos olhos,
E co' o nome de — Vate — assoletrado
Desfazem-se-te as nódoas.

Os alvos braços — êmulos do jaspe —
Cá para o sul onde eu habito estendes,
E nas asas da aurora um beijo ardente
Envias a meu cárcere.

Então — que passe o tétrico fantasma,
E grite embora — Monge! — e troe o sino
Que toca o meio-dia, e nêle envolto ¹⁴⁶⁴
Proclame o silfo — Crime! —

Que céu te pode anuviar um riso!
Que espectro pode sustentar-te o canto!
Que silfo não desmancha-se nos ares
Ao sopro de meus versos!

Guarda no seio o talismã que dei-te.
Diante das visões meus carmes canta.
Insulta os gritos de sinistra inveja.
Que dizem — Monge, e Crime! —

Malgrado aos mundos, serás minha agora.
Eu te ensinei ¹⁴⁶⁵ um sentimento eterno.
Hás de amar-me na terra, — e além dos astros.
Oh! há de amar-me sempre!

SAUDAÇÃO AO NATALÍCIO DO MEU AMIGO

OLÍMPIO MÁXIMO CHAVES.

O mundo antigo está às garras com o moderno.
(LACORDAIRE).

I.

Quebrai a lousa impura que vos fecha,
Fantasmas do passado.
Surgi da cinza, oh séculos de outrora,
Ouvi, ouvi meu brado.

Deixai na campa êsse sudário imundo,
Essa toga da morte.
Tomai da vida, do prazer, das galas
O sobranceiro porte.

Vinde saudar a obra que sonhara
Vosso espirito ardente.
Vinde baixar a frente respeitosa
Ao século presente.

Co'os olhos longos ao porvir que vemos
Nobre tortor sofrestes.
E os louros imortais que não cingistes,
Olhai aqui, — são êstes.

Novos Batistas, na soidão clamastes,
Clamastes na cidade.
E a vosso brado os cárdines, rangindo,
Soaram — Liberdade!

Honrosa luta, sublimado anelo
Foi tôda a vossa vida.
Mas não entrastes, ai! Moisés modernos,
Na terra prometida.

Assistiu-vos cruel o descêpero
A última extorsão.
Destes ainda o derradeiro expiro ¹⁴⁶⁶
Nas mãos da escravidão.

Não pudestes pisar o brônzeo colo
De déspotas colossos.
Mas armas de outra têmpera forjastes
Para os vindouros vossos.

Êsse fantasma atroz — vestido a crimes, —
Seu nome... Assolação, —
Caiu depois de vós, — e livre assoma
Do Cristo a redenção.

Ressuscitai: vosso ideal sublime
Venceu, triunfa agora.
E o semblante dos déspotas que restam
Aterra-se, descora...

II.

Êste século ditoso
Resume os bens do passado.
Bebe a seiva dos arbustos
Que mil campinas têm dado.

Tem a ciência dos tempos
Junta com outro ideal,
Como um tope variado
De um jardim universal.

Tem um futuro mimoso
Visão de felicidade.
Tem dous verbos incarnados
— O Progresso e a Liberdade.

III.

E foi, Olímpio, um século tão grande
Que te deu o Senhor.
Deu-te com êle um coração altivo,
Cheio de pátrio amor.

Deu-te a vida num século de vida,
De luz e de verdade.
Deu-te a missão de atleta denodado
Da santa Liberdade.

Encheu-te o coração de amor da pátria
No mais subido excesso.
Encheu-te o coração das simpatias
Dos crentes do Progresso.

Assim teu peito inteiro apenas basta
Para tão grande Nume.
Ali não cabe mais. Tudo o que sobra
Extingue-se em seu lume.

Mas si acaso em seus íntimos refolhos
Um vácuo ainda existe,
Grava-lhe ali co'a pátria o pobre nome
Do trovador tão triste.

O trovador também ama o progresso,
Respeita o pátrio amor.
Si não queimasse-lhe esta chama o peito,
Não fôra trovador.

DEIXAS-ME. 1467

Ao MEU AMIGO E COLEGA FRANKLIN AMÉRICO DE
MENESES DÓRIA. 1468

MontSerrate, 29 de novembro de 1852.

Estas alpestres rochas, que se apartam,
Deixam vazia a insaciável vista:
A dura ausência do prazer de vê-las
A mente me contrista.

Este sussurro das travêssas vagas
Causa saudades vívidas e ternas:
Por tôda a vida — e além da morte — deixam
Memórias quase eternas.

Êstes sofás de acolchoada ¹⁴⁶⁹ relva
Deixam no peito sensações de menos.
Deixam a falta do prazer mais puro,
Dos gostos mais amenos.

Estas serenas brisas salitradas
Frisando a face das cerúleas águas,
Adormecem um pouco a dor no peito,
Esquecem negras mágoas.

Mas nada disso em meu ardente peito
Tantos volcões ateia de saudade,
Como esta ausência necessária e dura
Da dócil amizade.

E tu, bardo feliz do sentimento,
Gentil cantor das afecções suaves,
— Doce, bem como o gorjear sonoro
Das inocentes aves:

Tu, que sabes cantar tão santos hinos,
Como dos anjos as canções supernas,
Deixas-me n'alma férvidas saudades,
Saudades sempiternas.

Deixas-me em mar de ansiedade infinda,
Tímido nauta — duvidoso, incerto:
Deixas-me n'alma o vácuo da existência,
Deixas-me um vão deserto.

À PROFISSÃO DE FREI JOÃO DAS
MERCÊS RAMOS.

— Entretanto o céu se levanta sereno e pomposo como
para um dia de festa.

(CARLOS LACRETELLE.)

Eu também antevi dourados dias
Nesse dia fatal:
Eu também, como tu, sonhei contente
Uma ventura igual.

Eu também ideei a linda imagem
Da placidez da vida:
Eu também desejei o claustro estéril,
Como feliz guarida.

Eu também me prostrei ao pé das aras
Com júbilo indizível:
Eu também declarei com forte acento
O juramento horrível.

Eu também afirmei que era bem fácil
Êsse voto imortal:
Eu também prometi cumprir as juras
Dêsse dia fatal.

Mas eu não tive os dias de ventura
Dos sonhos que sonhei:
Mas eu não tive o plácido sossêgo
Que tanto procurei.

Tive mais tarde a reação rebelde
Do sentimento interno.
Tive o tormento dos cruéis remorsos
Que me parece eterno.

Tive as paixões que a solidão formava
Crescendo-me no peito.
Tive, em lugar das rosas que esperava,
Espinhos no meu leito.

Tive a calúnia tétrica vestida
Por mãos a Deus sagradas.
Tive a calúnia — que mais livre abrange
Oh Deus! vossas moradas!

Iludimo'-nos todos! — Concebemos
Um paraíso eterno:
E quando nêle sôfregos tocamos,
Achamos um inferno!

Virgem formosa entre visão fantástica
Que tão real parece!
Mas quando a mão chega a tocá-la quase,
Lá vai, lá se esvaece!

Sonho da infância que nos traz aos lábios
Um riso mais que doce:
Mas uma voz, um som... — some-se o sonho,
Como si nunca fôsse.

Tu, filho da esperança! — tu juraste
O que também juramos.
Tu acreditas, inocente! — ainda
O quanto acreditamos!

Oh! que não sofras as dores que nos ferem
Teu jovem coração!
Que o futuro que esperas não se torne
Terrível ilusão!

Que sôbre nós — os filhos da desgraça —
Levantes um troféu:
E que não aches, — como nós achamos —
Inferno em vez de céu!

24 de outubro de 1852.

CANTO OFERECIDO AOS JOVENS ALUNOS DO
COLÉGIO DE S. VICENTE DE PAULO, POR
OCASIÃO DE FESTEJAREM O MESMO
SANTO, A 23 DE JULHO DE 1853.

Louvai, meninos, ao Senhor.

(SALMO.)

Duas fileiras de brilhantes jovens
Co' um doce rir nos lábios, ¹⁴⁷⁰
Abatendo co'os raios da eloquência
Os presumidos sábios:

A voz modesta do cristão convicto,
Sem ódio, sem vaidade,
Despindo os erros do sofisma ornado,
Laureando a verdade:

Os olhos limpos do divino atleta,
Imóvel, inspirado,
Descortinando a negridão da infâmia
Do século passado:

A turba dos filósofos, submersa
Nas vagas mais impuras,
Abismando no inferno, onde bebeu-as,
As sóficas loucuras:

Parecendo tornado o mundo inteiro
Um plano infindo, imenso:
Só pelas duas alas dominado
De exército tão denso:

De um resplendor de arcanjos e de luzes
Num trono divinal
A cruz sublime, — como o sol que expande
A luz universal:

Curvados todos ao sagrado aspecto
Do símbolo cristão:
Todos, na fé do crente, murmurando
Um hino, uma oração:

Eis do futuro o prazenteiro quadro,
O quadro consumado,
Que pela mão segura dêstes jovens
Terá de ser pintado!

Eis o futuro enevoadado ¹⁴⁷¹ e negro,
Que já tememos tanto,
Convertido em hosana de alegria,
Em jubiloso canto!

Si nossos pais fizessem no passado,
Quanto agora fazemos:
Si em nós, seus filhos, cressem, — como agora
Nesses filhinhos cremos:

Não seria o presente uma palavra
De luto, mágoa e dó:
Nem o futuro um cálculo provável,
Uma esperança só!

Não! — êste longo exército de jovens
Atletas da ciência,
Malgrado a muitos nos imprime n'alma
O sêlo da evidência.

Os filhos do porvir, na mesma taça,
O mesmo leite bebem:
A mesma nutrição no mesmo prato
Seus corações recebem.

Êste sustento igual, na flor dos anos,
Na infância da ciência,
Há de lhes dar às inocentes almas
Uma uniforme essência.

Essência — como aquela que se forma
Lá no seio materno:
Essência, — que jamais há de mudar-se,
Que há de existir eterno!

Assim a vida inteira dêstes jovens,
Atletas da ciência,
Será dêstes princípios, que recebem,
A certa consequência.

As luzes da ciência mais profunda
Serão seu elemento:
A crença pura do evangelho santo
Será seu complemento.

Não é, portanto, uma esperança apenas
A visão do futuro:
E' um verso profético e sagrado,
Um cálculo seguro!

Eia, pois, — guerreiros
Do saber brilhante,
Eia, pois, — atletas
Da cruz triunfante,
Levantai um brado,
— O brado de — avante! —

O brado de — avante —
Retumbe nos ares:
Transponha seguro
As terras, os mares:
Penetre nos bosques,
Nos ínvios lugares!

O brado de — avante —
Aterre os descrentes,
— Os homens, que a vossos
Desejos ardentes
Apenas têm risos,
Escárnios mordentes.

O brado de — avante —
Revele aos países
Os vossos trabalhos,
Fadigas e crises,
Os vossos triunfos
Sublimes, felizes!

O brado de — avante, —
Qual bálsamo santo,
Qual doce palavra,
Qual férvido canto,
Aos crentes console,
Enxugue ¹⁴⁷² seu pranto.

O brado de — avante —
Retumbe nos ares:
Transponha seguro
As terras, os mares:
Penetre nos bosques,
Nos ínvios lugares!

Avante, oh jovens! — que os esforços ¹⁴⁷³ vossos
Deus os coroa. O herói da caridade,
Vicente, o santo, o amante da ciência,
Filósofo também, que soube outrora
Confundir a filósofos. — estende
Seus olhos para vós. Lindo futuro
Impetrou para vós do Onipotente.
Eu vejo-o mesmo sôbre acesa nuvem
Baixar aqui, e abençoar-vos todos!

“Sêde seguros do porvir, meus filhos,
Que eu vo-lo guardo cá.
O Senhor inclinou a vista imensa:
Compadeceu-se já.”

Foi êle, sim, que nos falou: ouvimos
O oráculo divino. Eia! o futuro
Vosso não pode ser visão que foge!

SAUDADE. ¹⁴⁷⁴

AO MEU AMIGO FREI BENTO DA TRINDADE CORTEZ,
ATUALMENTE NO MOSTEIRO DO RIO DE JANEIRO.

... porque lágrimas também são amor.
(DR. J. J. B. DE OLIVEIRA.)

Eu, minhas horas de noturna insônia,
Co'os olhos fitos no porvir longínquo,
Eu penso em mim, — e na segunda idéia
Encontro-me ¹⁴⁷⁵ contigo.

Eu te pranteio no arrebol da aurora,
Que em teu exílio meditando esperas.
Envolto ¹⁴⁷⁶ num crepúsculo te enxergo
A deplorar teus fados.

Nas nuvens tintas de sangüíneas listras
Lágrimas verto que sobr'elas mando.
Partem, — porém do caminhar cansadas
Descaem no oceano.

Desesperado então, maldigo o espaço,
Maldigo o céu e a terra, o vácuo e o pleno.
Em cada criação deparo um êrro,
Nem acho Deus tão sábio.

E na minh'alma se desenha ao vivo
Melhor, mais belo, mais ditoso um mundo.
Tiro do nada, sem ausência e males,
Um orbe todo novo.

O amor da pátria que os tiranos banem
Não choraria maldições e sangue.
Nem tu nem eu seríamos cortados
Por divisões de abismos.

Mas quando ainda não acabo o sonho,
Diviso armadas que vão mar em fora.
Desperto, e caio nos aéreos braços
Da quimera sublime.

E mais amargo te lamento a sorte,
Tu, mártir feito pelas mãos dos bonzos.
Invoco o céu que entornará ¹⁴⁷⁷ sôbr'êles
Alabastros de anátema.

Ligando a ¹⁴⁷⁸ mim teu coração dorido,
Que a teus amigos em penhor deixaste,
Tateio nêle as emoções tão vivas,
Que em teu destêrro sofres.

Conheço as aflições que te salteiam,
Nobre proscrito. O sol, a lua, os astros
Cruzam teu ponto, e trazem-me sinceros
Tuas ingênuas dores.

Sim! para os claustros não nasceu tua alma.
Teu coração não te palpita — Monge.
Nem tão baixo teus ímpetos serpeiam,
Que um cárcere os contente.

Nesse vasto palor que te orna a fronte,
— Sinal dos homens de profundo gênio,
Eu leio a grande e destemida idéia,
Que não cabe nos claustros.

Deserta, oh gênio, do covil imundo,
Onde o leão dos vícios se alaparda.
Ah! esta cela, onde a indolência dorme,
Não pode, não, ser tua.

Coral guardado nas flumíneas urnas,
Quem há de te arrancar do equóreo fundo?
Não serias mais belo, em áureo engaste, ¹⁴⁷⁹
No colo de uma virgem?

Bahia 5 de agosto de 1854.

AOS TÚMULOS.

Pobre, grosseiro, não numeroso, que importa isso? Para pregar as tábuas de um ataúde qualquer pequena força basta.

(ALEXANDRE HERCULANO).

Aos túmulos, aos túmulos, minha harpa!
Choremos sôbre a lápida esquecida
Dos homens que já foram.
O céu aceita o pranto dos pequenos.
Não te acobardes, não. Vamos, minha harpa,
Depor também na lousa dos finados,
Como a viúva, um óbolo mesquinho,
Mesquinho só na terra. Além das nuvens
Um tesouro se torna aos pés do Eterno.
Tua missão, minh'harpa, é grande, é grande:
— Sagremo'-nos à morte.
Aos túmulos, aos túmulos, minh'harpa!

Da grimpa do mosteiro atroa o bronze,
E de fúnebres sons os ares pejam,
Como a tremenda voz da eternidade,
Que às ¹⁴⁸⁰ nuvens baixa, e perde-se no imenso.
Bem! — êste som diz — morte! — e apraz aos
[tristes,

Apraz a nós, minh'harpa!
Não te assuste, portanto, a voz amiga,
Que há de chorar por nós, malgrado aos vivos,
Quando não formos mais!
Tua missão, minh'harpa, é grande, é grande:
— Sagremo'-nos à morte.
Aos túmulos, aos túmulos, minh'harpa!

Pobre instrumento, — as tuas áureas cordas,
Onde pulsavas o prazer e a vida,
Estalaram por si! — Estas que sobram
Sejam sagradas à tristeza e ao luto.
Mágoas sômente restam-te. Emudece, ¹⁴⁸¹
Ou canta, soluçando, as mágoas mesmas.
Estás cansada de chorar tão jovem?
Ja não são tua essência as grandes dores,
Teu alimento as lágrimas?
Tua missão, minh'harpa, é grande, é grande:
— Sagremo'-nos à morte.
Aos túmulos, aos túmulos, minh'harpa!

Não vês aqui êste sepulcro aberto,
Como si a terra se estivesse rindo,
Para abraçar seus filhos?
Vamo'-nos juntos debruçar sôbr'êle.
Nossos primeiros pais, cheios de susto,
Templos aos manes levantaram quase.
Tinham razão, talvez. Cristãos mais sábios
Amemos com recato a tumba ao menos.
Tua missão, minh'harpa, é grande, é grande:
Sagremo'-nos à morte.
Aos túmulos, aos túmulos, minh'harpa!

Assim, minh'harpa, a nossa vida inteira
Devêramos passar, cantando em trenos
Esse jazigo, onde se esconde a ossada
Dos séculos que passam.
Aqui também na podridão, nos vermes
Há de o futuro em esqueleto imenso
Cair, esvaecer-se.
Aqui também inspirações se bebem
No hálito dos mortos.

Aqui se encontra ¹⁴⁸² inesgotável messe
De sólidas idéias.
Tua missão, minh'harpa, é grande, é grande:
— Sagremo'-nos à morte.
Aos túmulos, aos túmulos, minh'harpa!

Sim: fiquemos aqui. — Aquêle arbusto,
Que das frestas da lápida desponta,
Nasceu talvez do peito de um cadáver.
A seiva humana em suas hásteas corre.
Aquela flor inda transpira sânia.
Lá para o meio da soidão noturna
Talvez fale do céu, talvez do inferno.
Sim: fiquemos aqui. daquelas fôlhas
Talvez saia uma voz precisa ao mundo,
Talvez algum recado aos vivos traga,
Talvez de nós careçam.
Sim: fiquemos aqui soturnos ambos,
Esperando seu brado.
Tua missão, minh'harpa, é grande, é grande:
— Sagremo'-nos, à morte.
Aos túmulos, aos túmulos, minh'harpa!

Não te apavore o aspecto das tumbas.
Esta bôca sarcófaga que a terra
Aqui a nossos pés abriu medonha
Não é para engolir-nos. ¹⁴⁸³
O nosso cálix de abundantes dores
Não trashedou ainda.
Tua missão, minh'harpa, é grande, é grande:
Sagremo'-nos à morte.
Aos túmulos, aos túmulos, minh'harpa!

A MORTE NO CLAUSTRO. ¹⁴⁸⁴

POR OCASIÃO DA MORTE DO VENERANDO ANCIÃO,
FREI MANOEL DA PIEDADE BORBA.

Eu não sou um historiador das cousas humanas.
(BOSSUET.)

I.

Eu vi-o, eu vi-o, — e o coração transido
Retalhou-se-me então nas fibras íntimas.
Eu vi-o, eu vi-o, — escancarando a bôca,
Roncava na garganta engasgo ¹⁴⁸⁵ horrendo.
Eu vi-o, eu vi-o, — em contorsões, em ânsias,
Estrebuchando ¹⁴⁸⁶ os membros impotentes.
Não lhe era aspecto nas feições mudadas,
E a voz apenas lhe restava rouca.
Êle pedia — o velho agonizante —
Pedia ainda do prelado a bênção.
Tu só, consôlo certo dos aflitos,
Tu só religião, preciso culto,
Tu lhe ministras varonil confôrto,
E os paroxismos agros lhe menores.
Oh! porque ¹⁴⁸⁷ vem tão tarde, irremissível,
Esse momento necessário e certo,
Em que teu brilho fascinante assoma,
Fatal verdade aterradora, — eterna!
Como fulmíneo meteoro súbito,
A fronte esmagas, quando leve a roças!

Tremer fazia os íntimos dos ossos
 O grave som do compassado sino,
 Que do dioso, encanecido ¹⁴⁸⁸ velho
 A agonia fatal anunciava.
 Ungido foi co' o óleo sacrossanto:
 E em volta ao leito súplices murmuram
 Preces ardentes, orações piedosas,
 Que seus irmãos sinceros lhe repetem,
 — Pedindo a Deus e à Virgem mais que pura,
 Pedindo aos santos mártires celestes,
 Pedindo aos agora divinais pontífices,
 Aos confessores do afrontado Cristo,
 As puras virgens, e às mulheres castas,
 — Guardem-no pios da perpétua morte.

Eu vi-o, eu vi-o, — em convulsão serena,
 — Quanto do justo o passamento é doce, —
 Desprender seu espírito cansado
 Da cadeia que o liga à vil matéria,
 E voar, e voar, com leves asas,
 Emanação de Deus, — de Deus ao seio.

A derradeira paz — fraternos ósculos
 De seus irmãos já recebia o triste:
 Oh! fantasmas da vida! como passas
 Rápido tanto! oh tempo mentiroso
 De existência falaz e momentânea!
 Homem há i tão vão que inda confie
 Nesses teus ouropéis de podre glória?
 Há i quem seja de razão tão fátua,
 Que eterno julgue teu brilhar efêmero,
 Que a tuas breves decepções se abraça?
 Há i quem seja em seu olhar tão cego,
 Que pretenda esquivar-se à natureza?
 Loucos mortais! onde esconder-vos ¹⁴⁸⁹ livres,
 Que não vejais o querubim da morte,
 Galopando em alígero ginete,
 Co'a fouce em riste, às fauces apontando?

II.

Pelos claustros soturnos estrugia
 O grave e compassado andar dos monges.
 Eu te quisera ter presente agora
 A ti, vaidoso ateu, nas horas mortas.
 Eu quisera notar com línceos olhos
 De rasgo a rasgo os visos de teu rosto.
 Eu quisera apanhar, uma por uma,
 As contorsões doridas, — as angústias,
 Que por tuas feições reverberassem.
 Tomara a consciência acovardada
 Sondar-ta sim, — porém prová-la, nunca!

Não vês, não vês? — silenciosos, quedos,
 Em dous extensos renques se dividem:
 Talvez disseras que êstes homens eram
 Negras estátuas, que emblemassem morte!

Sonora voz levanta-se dentre êles,
 Convidando-se a virem contentíssimos
 Prostrar-se aos pés de Jcová potente.
 "Vinde, — cantavam, — vinde, e adoremo-lo."
 Caíram todos, debruçados, curvos,
 Ante a face de Deus. . . . Tu, ente infame,
 Torpe ilusor dos próprios sentimentos,
 Não te curvas, — susténs de Deus a vista?
 Ah! perdoa-me o excesso, irmão em Cristo,
 Ateu não és, — que não nos há no mundo!
 Tu te prostras também — também caíste

De joelhos em terra involuntário!
 Interna violência e fôrça ignota
 Obrigou-te a ser homem por momento,
 Deixar de bruto a condição que ostentas!

Não achas não sei quê sonoro e místico
 No recitar monótono dos salmos?
 Não achas não sei quê triste e patético
 — Um merencório eflúvio de dor terna,
 Do miserável Jó nas próprias pragas?
 Segue êsse não sei quê — por Deus soprado,
 Que em teu íntimo fôro apenas sentes,
 Mas que indizível definir não sabes.
 Segue êsse não sei quê da consciência,
 Que é certo a voz ingênita do Eterno.
 Aprende aqui, — oh ente depravado,
 A ter fé no Senhor que te criara.
 Serás então feliz, — si olhar quizeres,
 Além da vida efêmera da terra,
 Outra vida nos céus, — que não se acaba.

Ouve-as agora — as derradeiras preces,
 O salmo dos degraus, que um rei profeta,
 Sonoro dedilhando o decacordo,
 Insuflado por Deus, cantara um dia.
 "Do imo de meu peito (ei-los que dizem)
 A ti, Senhor, clamei no mesmo abismo;
 Os meus prantos, Senhor, — meus rogos ouve!"

Pouco depois passasses porventura
 Pelo extenso salão e mudas crastas.
 Em solene calada distinguiras
 O pisar do pilão pesado e ôco ¹⁴⁹⁰
 Por estóicos coveiros manejado.
 Depois o baque da sonora lápida,
 Que fecha — esmaga o pútrido cadáver.
 Depois talvez uma oração ainda
 Dos lábios do cristão baixou sóbr'êlé.
 Depois mais nada ali — fora o silêncio.

III.

Nestes claustros, aqui, talvez, — quem sabe?
 Talvez neste sepulcro imundo mesmo,
 Após alguns minutos mais escassos
 Dêsse meu vegetar insulso e morno,
 Me pilarão — triturarão meus ossos
 Desumanos tumbeiros. — Eu contigo,
 Podre cadáver, dormirei eterno,
 Feito meu corpo em terra e cinza e nada.

1851.

CANTO FÚNEBRE RECITADO NA OCASIÃO DE
 SEPULTAR-SE O CADÁVER DO MEU AMIGO LUÍS
 DA FRANÇA REBOUÇAS A 16 DE ABRIL DE 1853.

A alma foi feita para viajar no céu.

(YOUNG).

Oh! porque não? — porque não posso agora
 Chorar-lhe a morte? — Que poder tão forte
 Há i que pare a um coração de amigo
 No derramar as emoções que o partem?
 Que mão há i tão férrea que comprima
 Tão dentro em mim meus sentimentos de homem?

Quem manda à idéia que não pense angústias,
 Quem manda ao peito que não sofra mágoas,
 Quem manda à voz que não se expanda em queixas,
 Quem manda ao pranto que não corra em fios?
 Oh! porque não — porque êste gôsto extremo
 Em lhe chorar a morte hão de tolher-me?
 Oh! porque não? — Hei de chorar-lhe a morte,
 Bem como outrora lhe cantava a vida.

Reminiscência atroz! que vário quadro
 Vens a meus olhos destampar agora!
 Como os anéis de uma cadeia extensa,
 Presos, cosidos, incarnados, firmes,
 Os meus dias estão co'os dias dêle.
 Um só minuto dessa vida instável
 Que vivo ainda, não correu na terra
 Sem um minuto dessa vida inócua
 Que êle viveu, — e que findou tão cedo!
 Entre êle e mim era partida a vida:
 Meia vida perdi co'a morte dêle.
 Si adulto apenas, eu olhei ao mundo,
 E achei-o infame, e escarnei-lhe as pompas,
 E co' alma feita a um ceticismo inato
 Descri do amor que os homens divinizam,
 — Não descri da amizade! — Êle provou-ma.
 Êle foi meu amigo! — oh nome augusto,
 Que sabe os homens remontar aos anjos!
 Quem sabe ser amigo em si resume
 As virtudes do céu e os bens divinos.
 Êle foi meu amigo — único e último —
 Que tinha uma alma conformada à minha.
 Era-lhe brasa o coração fervente:
 Assimilava a si minhas angústias,
 E, como o fogo, as consumia lento,
 E as minhas sensações purificava.
 Êle sabia compre'nder profundo
 O coração fosfórico do vate.
 Êle era vate! — Em flóridos poemas,
 Em suaves canções, em ternas liras
 Correu seu estro merencório ou lindo.
 Corria agora sossegado e triste,
 Como um regato em áridos desertos:
 Corria agora mais travêso e alegre,
 Como um barquinho velejando esbelto.
 Nos áureos fastos da poesia pátria
 Há de seu nome se inscrever eterno.
 Desse-lhe Deus mais dias de existência,
 — Fôra seu nome o sol para os mais astros!

Reminiscência atroz! que vário quadro
 Tu vieste pintar ante meus olhos?
 Que vale uma lembrança, uma saudade?
 Êle morreu!... a sua glória é morta!

Oh! que eu não possa lhe chorar a morte,
 Bem como outrora lhe cantava a vida!

Ah! não devo chorar. Além dos mundos
 Eu vejo o céu, vejo o infinito, o imenso:
 E' o trono sem fim do Deus-Eterno:
 E a Deus lá em cima vão juntar-se os justos.
 E' lá que a vida parará perpétua,
 E' lá que os tempos, sem correr, imóveis,
 Não sucedem-se mais, — são sempre eternos.
 Lá — êle, o justo, o virtuoso, o amigo
 A vida que de Deus tomou, nascendo,
 Foi a Deus entregá-la, ¹⁴⁹¹ e unir-se a êle.

Não chorarei: — que essa terrena vida
 E' um crisol que as sensações apura,
 Para chegar a Deus, mais casto, o espírito.
 Não chorarei: — que a ocasião da morte
 E' o degrau mais alto para o Eterno.
 Antes devo pedir ao céu que apresse
 Meu momento também. Quero ir bem cedo
 A Deus e a êle unificar-me eterno.

POEMA FÚNEBRE DEDICADO A MEU IRMÃO
 FREI HENRIQUE DE SANTA ROSA RIBEIRO,

POR OCASIÃO DA MORTE DE SEU IRMÃO RAIMUNDO
 ALVARES RIBEIRO, SUCEDIDA A 23 DE ABRIL DE 1853.

Choraram Germânico até os desconhecidos.
 (TACITO.)

I.

Choremos todos um amor de menos.
 Si uma flor, que murchou, sentimos tanto,
 E' que faltou-nos seu odor suave,
 Que nos dizia — amor — quando exalava.
 Choremos todos um amor de menos.
 Si lá se esconde ¹⁴⁹² no oceano a lua,
 E si nos parte o coração saudoso,
 E' que sem luz os olhos nos ficaram,
 Sem êsse amor que ela inspirar-nos sabe.
 Choremos todos um amor de menos.
 Si algum farol não vemos na tormenta,
 E si nos fogem da esperança os raios,
 E' que visamos o naufrágio urgente,
 E a perda amarga da visão da pátria,
 Que delícias de amor nos predizia.
 Choremos todos um amor de menos.
 Si a morte crua nos arranca o amigo,
 Si damos prantos à memória dêle,
 E' que de nós p'ra sempre separou-se
 Um coração que concluia o nosso,
 E o gozado prazer não mais gozamos,
 E doutro amor o nosso amor falece.
 Choremos todos um amor de menos!
 Choremos todos o mancebo, o amigo,
 Que aos nossos braços nos arranca a morte.
 Choremos todos uma flor crestada,
 Que não dá mais odor: a linda lua,
 Que se escondeu ¹⁴⁹³ nas ondas do oceano,
 Que mais não luz: êsse farol brilhante,
 Que se apagou nas vascas da tormenta,
 E a pátria desviou-nos: êsse amigo,
 Que doutro amor o nosso amor enchia.
 Choremos todos sua perda infausta,
 Choremos todos o passado gôzo,
 Choremos todos um amor de menos!

II.

Era um dia formoso. — O sol brilhante
 Mais esplêndidos raios difundia,
 E mais ardentes júbilos mostrava.
 Como do infante as faces que enrubecem ¹⁴⁹⁴
 A mais e mais, quando a alegria aumenta.

Num vaporoso sonho de poeta
Três formosas visões eu vi — tão novas —
Que mais ao céu que à terra pertenciam.
Séria matrona erguia-se a primeira
Com majestoso porte e honesto riso.
Gentil donzela erguia-se a segunda
Co' o tímido pudor nos olhos ternos,
— Anjo inefável de modéstia altiva!
Estava ante elas um loução mancebo
Co' os vivos olhos alongados, fixos,
Respirando prazer, amor e pejo,
Como num templo a vista indefinida
Do crente que no peito as rezas volve.
Enternecido ¹⁴⁹⁵ em amoroso arroubo,
Fita a ¹⁴⁹⁶ donzela, que, em pudor e riso,
No chão a vista envergonhada ¹⁴⁹⁷ crava.
Era um anjo de luz entre dous anjos,
Que dêle a luz primeiro recebiam,
E seus raios depois comunicavam,
Como a destra do Eterno a graça infunde.
E onde era o centro fecundante e vivo,
E onde era ação do móbile primeiro,
A humana vista distinguir não pôde.
E cada qual destas imagens vagas
Era foco de luz, fonte de brilhos:
Bem como o sol — vivificante fogo —
Seus próprios raios, circulando, espalha
Na vastidão do espaço, — e a luz que o cerca,
Vai refletir pelo etéreos corpos,
Pelos astros do céu — e o firmamento
Com estranho clarão pompeia à noute.

Eram assim minhas visões formosas,
As três imagens de meu vago sonho,
Que mais ao céu que à terra pertenciam!

III.

O mancebo falou. O norte intenso,
Que ia cruzando enfurecido ¹⁴⁹⁸ os ares,
Foi transformar-se em zéfiro saudável,
Quando o mancebo desprende seus lábios.
O terreno vapor, que ao éter sobe,
Do chão, dos mares, tórrido ou aquoso,
Que vai no espaço assimilar-se em nuvens,
Que o céu em crepe mortuário enlutam, ¹⁴⁹⁹
Parou também a aspiração que tinha,
Quando o mancebo desprende seus lábios.
As lindas flores dos jardins da terra,
Que, ¹⁵⁰⁰ pelo sol crestadas, estuavam,
Tentando em si desnatural esforço, ¹⁵⁰¹
A seiva tôda do âmago chamaram
Ao cálix globuloso — e cheiro e bálsamo, ¹⁵⁰²
Mais novo e ativo respiraram tôdas,
Quando o mancebo desprende seus lábios.
O sol também, mais orgulhoso e altivo,
Subiu ao seu zenith ¹⁵⁰³ — seu trono etéreo —
Para mirar na direção dos raios,
Na baixa terra a imagem da inocência,
A incarnation do espírito dos anjos,
Quando o mancebo desprende seus lábios.
— O vento forte e as nuvens se sumiram,
Não exalaram mais o mar e a terra,
Bálsamo novo as flores respiraram,
O sol subiu ao seu zenith ¹⁵⁰³ sublime;
Parada, estanque, a natureza atende,
E o mancebo loução desprende os lábios.

— Crê-me, oh donzela! a onipotente destra
Formou meu coração p'ra ser contido
Bem dentro do teu peito — qual se esconde ¹⁵⁰⁴
Tesouro imenso em urna pequenina.
Tua alma pura, cândida, inocente,
Como o gemer de solitária rôla,
Também foi feita para unir-se à minha.
Somos dous corações fundidos ambos
Num coração que um sentimento iguala:
Duas felizes almas derramadas
Numa alma só que um pensamento ajunta.
Quando teus olhos — como ardentes fachos —
Chamas de puro amor, em mim se fitam,
Não encontras ¹⁵⁰⁵ também meus olhos quentes
Fitos nos teus em fogo de ternura?
Quando, depois de instantes de silêncio,
Depois de um lindo e passageiro arroubo,
A ponto os nossos lábios se desprendem,
Não temos dito tanta vez num brado
As mesmas expressões, as mesmas frases?
Não pensamos também na mesma idéia?
Quando um incerto e vago sentimento
De amor, de timidez, de zêlo ou mágoa,
Ambos os nossos corações comprime,
Não temos arrancado ao mesmo tempo
Poridos ais ou tépidos suspiros?
Dous corações e duas almas somos,
Que um sentimento e um pensamento ajuntam.
Deus quer-nos juntos, porque assim formou-nos;
Seremos juntos, venturosos, lindos,
Como as aves do céu no espaço livre.
Deus quer-nos juntos — porque assim formou-nos.
Quer-nos ditosos, venturosos, lindos!

Não carecemos de riqueza imensa,
Para gozarmos nossa imensa dita.
Não carecemos de um solar vetusto,
De um castelo feudal, de um régio alcáçar,
Nem de um palácio de riqueza imensa,
Que nos devar conter a imensa dita.
Não carecemos do poder do mundo,
De um diadema excelso de rainha,
De um cetro forte de riqueza imensa,
Que nos venham ornar a imensa dita.
Não carecemos de renome ou fama,
Dêsses prestígios frívolos de glória,
Dessa vaidosa voz, geral, inútil,
Que nos venha espalhar a imensa dita.
Templo maior mais digno, mais sublime
E' nosso coração: — imenso alcáçar,
Onde pode habitar o amor sômente!
Chegamos nêle: — que êle é amplo, extenso,
Capaz, bastante a concluir num foco
Duas vidas irmãs, iguais, fundidas.
E' só no coração que a dita existe,
E' nêle só que ser feliz se pode.
Só do seu centro partem-se, despedem-se,
Brilhantes raios de imortal ventura.
E si meu coração co' o teu se iguala,
Si juntos somos pela mão do Eterno,
E' que a ventura em nós também se dobra,
E duas vêzes mais felizes somos.
Deus nos quer juntos — porque assim formou-nos,
— Quer-nos ditosos, venturosos, lindos! —

Assim falava o fêrvido mancebo:
Seu coração pulsava arrebatado,
Forte, ansioso, irrequieto, ardente,

Como o oceano em vagalhões revólto,
— E parecia, entre os arfantes pulsos,
Querer pular no coração da virgem.

E as pupilas da virgem rutilavam
Saltantes, doudas, como incertos fogos
No mar à noute co'o ferver das ondas.
E do prazer a lágrima correu-lhe
Do lado esquerdo pela face quente,
E foi por ela trêmula caindo,
Como um regato de cristal ao longe,
E muito tempo lhe pendeu da face,
Qual pende em flocos do penhasco o gêlo,
— E a tez ardente resfriou-lhe um pouco,
E pelas veias circulou-lhe o sangue,
Que todo havia concorrido ao rosto.
E a seu estado natural volvida
Era a donzela uma visão celeste,
Que vê-se em sonho, e se dizer não pode.

E a matrona sorriu. ¹⁵⁰⁶ E os fracos olhos
Lágrimas raras de prazer manaram,
Bem como gôtas de ligeira chuva.
E levantando a vista ao céu sereno,
E erguendo a destra sôbre a filha e o jovem,
E os abraçando em apertado amplexo,
— Sublime, excelsa, qual no templo assoma
Do sacerdote o divinal semblante, —
De Deus a bênção derramou por êles.

I V.

E um disco enorme de ventura e glória
Cobriu minha visão. E as três imagens
Eram três centros de brilhantes raios,
De mistérios de luz. Então meus olhos
De tamanho clarão feridos, cegos,
Não viram mais esta visão distinta.
Perante a vista inda restou por horas
Um turbilhão de luz no mesmo estado.
Depois de grau em grau foi-se apagando,
E se extinguiu. — Um vórtice de trevas,
Enrolando ¹⁵⁰⁷ no ar, veio envolvê-la.

V.

Então a voz de uma verdade amarga
A meus ouvidos ressoou tremenda,
Como o ribombo do trovão rolante!

Um grito extenso, quereloso, trêmulo,
Nos ares se partiu. — Como um rangido
De ferro em ferro, o guincho desatou-se.
Depois subindo lamentosa escala,
Era de um doudo a gargalhada bruta,
De vivo incêndio o crepitar nas matas,
O som de um raio no escachar o tronco.
Por fim descendo em gradação medonha,
Já muito ao longe terminou-se o guincho
Na querelosa voz que começara.

Ave sinistra! — incrédulos ou sábios
Teus mortuários cânticos não temam!
Eu não! que sei temer-te. — Instinto ou alma
Existe em ti que profetiza a morte.
Talvez o Eterno te formou de modo ¹⁵⁰⁸

Que teu olfato peregrino ou próprio,
Do moribundo os hálitos perceba,
Assim como formou-te a voz horrível
Para dizeres lóbregos lamentos.

Então a voz de uma verdade amarga
A meus ouvidos ressoou tremenda,
Como o ribombo do trovão rolante!

Então o lindo zéfiro saudável
Transformou-se outra vez em norte intenso.
O mar e a terra respirou vapores,
Que subiram ao ar formando nuvens,
Que o céu em crepe fúnebre enlutaram. ¹⁵⁰⁹
Então as flores dos jardins da terra
Esgotaram a seiva e a fôrça e a vida,
E o cheiro ativo e o bálsamo perderam.
E o sol formoso, que eu sonhava há pouco,
Contra o nosso hemisfério a face tinha.

Então a voz de uma verdade amarga
A meus ouvidos ressoou tremenda,
Como o ribombo do trovão rolante!

V I.

Torvos os olhos, trêmulos os lábios,
Pálida a face em lágrimas banhada,
Rugada a testa juvenil — tão linda,
Caída pelo colo a espessa coma,
Um lúgubre ululado ao ar desata
Uma triste mulher. Chamou-se espôso
Num instante sômente, — e noutro instante
Da viuvez a sorte e as dores prova.

V I I.

— Êle, meu Deus! o espôso da minh'alma
Aqui no coração viveu té'gora,
Como num templo. — Êle morreu p'ra sempre
— E resta o coração que êle habitava,
Qual fica o templo a que se tira o Santo.
E resta o coração... que é êste agora?
Taça vazia do licor divino,
Que outrora a encheu e a perfumou tão doce!
Amplio jardim de arbustos decepado,
Sem flores mais que embelecê-lo ¹⁵¹⁰ possam!
Tais para mim os meus amôres eram!
Doce licor que o peito me embebia, ¹⁵¹¹
Flores que a fronte ornavam-me em grinalda,
Santo que tinha na minha alma um templo!
Ah! meu amor se consumou tão cedo!...

A minha vida se acabou co'a dêle,
Qual murcha a planta quando o pé lhe arrancam.
— Tirai-me aqui, levai-me longe, amigas,
Levai-me longe as vestes do noivado.
Esta capela, que cingiu-me a testa,
Que eu tenho aqui tão natural, tão nobre,
Foi êle que ma deu. Seus próprios dedos
Foram que em mim esta capela ataram.
Depois, de mim três passos afastou-se
Para mirar-me assim, — e achou-me bela
Como sua alma, e me chamou "Divina,
"Visão de Deus, ou serafim, ou fada.
"Ês bela, oh minha irmã, — então me disse,
"Como os anjos do céu, — quanto te adorna

“A frente esta capela. — Em nossas bôdas
 “Irás ovante, presunçosa, altiva,
 “De teu brilhante resplendor cercada.”
 Levai-me longe esta infeliz capela,
 Levai-me longe êste presente, amigas,
 Levai-me longe as vestes do noivado.

Tirai-me as jóias que êste colo enfeitam. ¹⁵¹²
 De que me ornei para agradar-lhe os olhos.
 Não mais eu tenho o meu amor tão belo,
 P’ra quem me enfeite ¹⁵¹³ de luzidas jóias.
 Levai tais jóias para longe, ¹⁵¹⁴ amigas,
 Levai-me longe as vestes do noivado.

De meus dedos, aqui, vinde arrancar-me
 Êstes anéis de rútilos brilhantes,
 Êstes ornatos de alegria e luxo.
 Mas êste anel, que vêdes mais pomposo,
 Mais fulgurante aqui — bem como um astro —
 Por compaixão! não mo tireis, amigas,
 Que foi de meu amor sinal eterno,
 Impresso pela mão do amante espôso.
 Os mais enfeites ¹⁵¹⁵ me arrancai, amigas,
 Levai-me longe as vestes do noivado.

Fatal doença, que poder tiveste
 Que de meus braços o levaste à morte!
 Tão jovem inda o meu espôso! Agora,
 — Viver, agora, começava apenas,
 Pois agora sòmente era que amava.
 Quando lheurgia o passamento extremo,
 Lutando já entre mortais transidos,
 Essas tocantes frases lhe escutamós:
 “Morrer tão cedo! — e o serafim que eu tenho,
 “Esta espôsa infeliz, que amo extremoso,
 “Único anelo à vida ao pé da morte,
 “Esta espôsa infeliz tão cedo a deixo!”
 Fui eu, fui eu seu pensamento extremo!
 E nessa convulsão que ultima a vida,
 Quando a pálida bôca abriu forçado,
 Quando lançou seu derradeiro expiro,
 Inda tentou articular meu nome,
 Que entre-partido lhe ficou nos lábios,
 E o fim, e o resto — transportou-o à campa!

Campa cruel, que o meu amor encerras, ¹⁵¹⁶
 Não lhe comprimas o mimoso corpo,
 Que eu já cuidei para entregar-te ¹⁵¹⁷ agora.
 Já que não podes reverter-lhe a vida,
 Dá-lhe um sossêgo plácido na morte,
 Campa cruel, que o meu amor encerras! ¹⁵¹⁸

Ele não era para mim sòmente
 Amor inútil, isolado, ou fátuo.
 Co’o seu amor vivífico e fecundo
 Queria a todos, como a si queria.
 Choremos todos um amor de menos.

Choremos todos: que partiu tão breve
 Da terra aos céus um coração de amigo.
 Mas foi unir-se àquela Essência eterna,
 Donde seu puro espírito partira.
 Entre os anjos nos céus êle revoa;
 Que um anjo êle era cândido e formoso.
 Isto consola: — mas enquanto a vida
 Na terra me durar, — contínuo e sempre
 Chorarei pelo amor que dêle tive,

E com meu pranto copioso e ardente
 A lamentá-lo ensinarei ¹⁵¹⁹ a todos.
 Choremos todos um amor de menos.

NÊNIA À FILHA DE S. VICENTE DE PAULO,
 FALECIDA NA CIDADE DE MARIANA.

Si ela fôra mais afortunada, sua história seria mais pomposa: mas suas obras seriam menos cheias, e com títulos suberbos teria talvez aparecido vazia diante de Deus.

(BOSSUET).

I.

Olhai nos ares: lá sobem,
 Brilhando de acesas listras,
 Esferas áureas de nuvens
 Formosas, porém sinistras.

Sinistras, sim: que na terra
 Tal espetáculo existe,
 Que é alegre para os anjos,
 Que para os homens é triste.

E’ assim aquêle aspecto
 De nuvens de ouro e safira:
 Tão prazenteiro que é êle!
 Não sei que pesar inspira. ¹⁵²⁰

Olhai nos ares: lá sobem,
 Brilhando de acesas listras,
 Esferas áureas de nuvens
 Formosas, porém sinistras.

E lavas de ardentes hinos
 Rebentam dos bojos seus:
 — São anjos lindos que entoam ¹⁵²¹
 Mistérios santos de Deus.

São músicas de outra pátria,
 — São do céu, — são anjos, sim:
 A voz das virgens da terra
 Não tem harmonia assim.

Que beleza não refletem
 Os ares, a terra, o mar!
 — Mas que silêncio que guardam
 Tão próprio para chorar!

Olhai nos ares: lá sobem,
 Brilhando de acesas listras,
 Esferas áureas de nuvens
 Formosas, porém sinistras.

Entes do céu! — quem inspira
 Vossa linguagem canora?
 Perdestes outrora um anjo,
 Que vindes buscar agora?

Talvez que baixasse ao mundo
 Algum de vossos irmãos:
 Talvez que o céu nos mandasse
 Algum de seus cidadãos.

E completasse entre os homens
Sua divina missão:
E suba, em nuvens douradas,
De novo à ¹⁵²² sua mansão.

Olhai nos ares: lá sobem,
Brilhando de acesas listras,
Esferas áureas de nuvens
Formosas, porém sinistras.

I I.

Quem és, virgem cristã? — qual é teu nome?
Por pátria tua — que nação te cabe?
Porque sobem-te ao céu esferas de ouro?
— Dentre os homens ninguém, — ninguém o sabe

Fôste — qual chuva argêntea que, passando,
Fecundação pelos vergéis acorda:
Mas à vista do sol ninguém na terra
Das cristalinas gôtas se recorda.

Assim, cristã, passaste pela terra,
Estranha ao mundo, e plácida, e quieta:
Nem a laje que cobre o teu cadáver
Molhou-a co' o seu pranto algum poeta.

Nem caiu-te no féretro uma lágrima,
— Nem uma só de sentimento grato:
Lágrima a ¹⁵²³ preço de ambição comprada
Não na tiveste dêsse povo ingrato.

Não te adornaram a virgínea frente
Inúteis louros de Stael famosa.
Não manejava as áulicas intrigas,
Que celebraram Maintenon vaidosa.

Não te coube o poder da grande Aspásia
Pelos altivos sofos decantada.
De Catarina o formidável cetro
Não te pesou na destra delicada.

Fôste — qual chuva argêntea que, passando,
Fecundação pelos vergéis acorda:
Mas à vista do sol ninguém na terra
Das cristalinas gôtas se recorda.

Nem elegias ternas de saudade
Sobre o túmulo teu disse um poeta.
Do ministro de Deus a voz apenas
Pôde-se ouvir monótona e quieta.

Mas Deus, que lê nas vísceras dos homens,
Fêz abaixar do céu esferas de ouro.
Tua alma pura, circundada de anjos,
Foi levada ao Senhor, como um tesouro.

Os cantores seráficos te entoam ¹⁵²⁴
Nênias, que nunca os homens escutaram:
Saudosas nênias, inauditas, novas,
Que os poetas da terra te negaram.

Quem és, virgem cristã? — qual é teu nome?
Por pátria tua que nação te cabe?
Porque sobem-te ao céu esferas de ouro?
— Dentre os homens ninguém, — ninguém o sabe.

I I I.

Parai, ímpios, parai, — enquanto eu firo
As cordas do alaúde.
Mudos ouvi-me o cântico de morte,
A nênia da virtude.

Virgem cristã! — um trovador mesquinho
Na terra ainda existe,
Que entorna ¹⁵²⁵ sobre a campa, que te encerra,
Uma palavra triste.

Não é um canto sobranceiro — como
Águia que os céus devassa:
E' a quérula voz de homem afeito
Aos hinos da desgraça.

Virgem cristã! — tu que enxugaste ¹⁵²⁶ em vida
As lágrimas do pobre,
Aceita agora as lágrimas do bardo
Na laje que te cobre.

Tu hás de ouvir no céu, onde subiste,
Meu lutuoso canto.
A linguagem das lágrimas é tua:
Entenderás ¹⁵²⁷ meu pranto.

Abaixo os olhos: — sobre o teu sepulcro
Curvado está um homem:
Lágrimas verte, — e dessas que, caindo,
Secando, se consomem.

Sou eu, — sou eu, — co'a lira nos joelhos,
Co'a voz tremente e prêsna:
Co'os vagos dedos afinando incerto
A corda da tristeza.

Dá-me, dá-me uma lágrima sòmente,
Oh virgem, — que eu preciso:
Uma lágrima, não! — lá não há delas....
Dá-me, dá-me um sorriso. ¹⁵²⁸

Parai, ímpios, parai, — enquanto eu firo
As cordas do alaúde.
Mudos ouvi-me o cântico da morte,
A nênia da virtude.

I V.

Oh virgem! — na campa que tem teu cadáver
Estive inclinado, — joelhos no chão.
Co' o triste alaúde coberto de crepe
Tentei entoar-te ¹⁵²⁹ funérea canção.

Minh'alma em sublime delírio voava,
Minh'alma voava, saía de mim.
Meu triste alaúde coberto de crepe
Ficou numa estátua de duro marfim.

Minh'alma voava suspensa no espaço,
Minh'alma voava — por onde — não sei.
Aos lados e acima sòmente o infinito,
Por baixo sòmente sepulcros achei.

E tudo deserto, — silêncio de tumbas,
Vastíssimo aspecto de imensa soidão:
E tudo espirava belezas horribéis
De um mundo que de homens não pode ser não.

Então repentina no vago do espaço
 Não sei que harmonia que ouvi que rompeu;
 Não sei si partia de vozes estranhas,
 Não sei si partia do espírito meu.

V.

O cadáver que jaz nesta campa
 Ésse mundo o não teve entendido. ¹⁵³⁰
 Ésse mundo não deu o seu pranto,
 — Ésse pranto comprado e vendido.
 E' dos céus o cadáver da virgem,
 Que esvoaça do mundo mentido.

O cadáver que jaz nesta campa
 Sentimentos dos anjos conteve.
 Salamandra que vive nas chamas,
 Neste mundo esta virgem estêve.
 Neste mundo os preceitos do Cristo
 Em sua alma ela sempre os reteve.

O cadáver que jaz nesta campa
 Ésse mundo o tratou com deprêzo:
 Que ésse mundo escarnece as virtudes,
 Quando delas se sente surprêso.
 Lá nos antros escuros do peito
 Da verdade o louvor fica prêso.

Perguntais sua pátria qual era?
 — Perguntai-o aos dous pólos da terra:
 — Flor eterna que em todo o universo
 As raízes profundas aferra:
 — Povo de homens cristãos que nos orbes
 Nunca um déspota enorme os desterra.

O seu nome quereis? — Consultai-lhe
 Que palpites seus peitos tiveram.
 Sentireis, no cadáver gelado,
 Que valentes, que sôfregos eram.
 — Caridade! — seus peitos palpitam:
 — Caridade! — seus lábios disseram.

Foi seu astro ésse nome divino,
 Ésse nome que o Cristo ensinou. ¹⁵³¹
 Para os cárdines longes da terra
 Essa virgem cristã se atirou.
 Co' ésse nome do Cristo nos lábios,
 Mil ferozes nações arrostou.

Ésses mártires loucos da guerra
 Exumou do cruor da batalha.
 Foi pensar a família do pobre
 Na modesta casinha de palha.
 Foi as chagas limpar do mendigo
 Com fibrosa e macia toalha.

Pelos trívios desertos da estrada,
 Pelos sórdidos cantos das ruas,
 Recolheu os infantes expostos
 Pelas mães desumanas e cruas;
 Envolveu ¹⁵³² em felpudas mantilhas
 Suas carnes geladas e nuas.

Porém nunca prostrou-se nos tronos
 Nem rojou pelos pés do monarca.
 Caridade! — êste nome sagrado,

Como as tábuas da lei dentro da arca,
 Caridade! — entre o mármore e o cólmo
 Acepções diferentes não marca.

Caridade! — evangelho em resumo —
 Entre os homens não faz distinção.
 Ama o pobre — que acima dos ricos
 Dêsse amor tem maior precisão.
 Vale menos um cetro p'ra ela:
 Vale mais do mendigo o bordão.

Caridade! — evangelho em resumo —
 Nem senhores nem servos conhece.
 — Como o servo estremece, morrendo,
 Dêste modo o senhor estremece.
 E a nobreza comprada no berço
 Numa campa co'o pobre fenece.

Assim foi esta virgem. — Mil vêzes
 Os feridos colheu da batalha.
 Os mendigos tomou pelas ruas,
 Consolou na casinha de palha.
 Envolveu ¹⁵³³ os infantes expostos
 Em fibrosa e macia toalha.

Porém hoje o seu corpo é cadáver,
 Tem sua alma a celeste mansão.
 O Senhor a chamou por seus anjos,
 — Que completa viu sua missão.
 E partiu dentre nós... E da virgem,
 Ninguém dela se lembra mais não.

Nos semblantes de enfermos, ¹⁵³⁴ de pobres,
 Da ventura já brilha o retrato.
 O menino que a vida lhe deve,
 Ésse mundo ao depois fê-lo ingrato:
 Porque ¹⁵³⁵ o homem no leito de estôfo
 Julga infâmia o que lembra o grabato.

E partiu dentre nós... E não teve
 A canção funeral do poeta,
 — Do inspirado de Deus para o mundo,
 Do escolhido — terrestre profeta.
 Do profeta divino sômente
 Ela teve uma prece quieta.

E partiu dentre nós... E seus anjos ¹⁵³⁶
 — Seus irmãos — uma nênia entoaram. ¹⁵³⁷
 E no ar assombrado e tranqüilo
 Harmonias do céu ressoaram.
 E de nuvens esferas douradas
 Para os altos de Deus a levaram.

E perante êsse aspecto de glória
 Tôda a terra quedou-se serena:
 Como o triste, ante os risos alheios,
 Sente mais aumentar-se-lhe a pena:
 Como a taça de néctar do rico
 As artérias do pobre envenena. ¹⁵³⁸

Mas a terra reflete belezas,
 Essa terra, ésse vácuo, ésse mar!
 Porém tudo — mudez e silêncio, —
 — Atalaia que põe-se a espiar:
 Porém tudo assombrado e tranqüilo,
 Como quem preludia chorar.

E partiu dentre nós... E seus anjos,
— Seus irmãos — uma nênia entoaram. 1539
E de nuvens esferas douradas
Para os altos de Deus a levaram.
E essa terra, êsse vácuo, êsses mares
Na mudez da tristeza ficaram.

Tu, oh céu, na escritura dos anjos,
Mais um anjo em teus coros registras.
Tu mandaste-o buscar por teus anjos
Sobre nuvens de fúlgidas listras.
Mas a terra ficou merencória,
Qual gigante co'as faces sinistras.

V I.

Tal foi repentina no vago do espaço
Aquela harmonia que ouvi que rompeu.
Não sei si partia de vozes estranhas,
Não sei si partia do espírito meu.

1 de fevereiro de 1854.

OS DOUS CADÁVERES.

AOS MANES DO VENERANDO ANCIÃO — o DR. FR.
JOSÉ DE SANTA ESCOLÁSTICA E OLIVEIRA, FALECIDO A
22 DE MARÇO, E DO MEU JOVEM AMIGO FR. HENRIQUE
DE SANTA ROSA RIBEIRO, FALECIDO A 24
DO MESMO MÊS.

Felizes, — não só pela honradez da vida, como pela
oportunidade da morte.

(TÁCITO).

I.

As lamentáveis orações que escuto
Dizem que é tempo de chorá-los inda.
Precisam certas dores longa ausência
Para tornar-se fortes. Nem no tempo
E' que se enxugam 1540 lágrimas de amigos.
E as lamentáveis orações que escuto
Dizem que é tempo de chorá-los inda.

II.

Em dous dias sòmente à terra demos
Dous cadáveres nossos. E essa terra
Duas fauces abriu para engoli-los, 1541
— Duas fauces terríveis. Parecia
Por duas bôcas horrorosa rir-se
Com sardônico aspecto.

III.

Entre as preces de morte aqui trouxemos
Primeiro um ancião. Vivera um dia,
Mas um dia completo. A sua aurora
Fôra risonha: o seu zenith 1542 mais belo:
Mais belo o seu ocaso.
De sua história as páginas douradas
Tôdas num verbo apenas se resumem,
— No verbo da virtude.

E vós, filhos do mundo, — e vós, que tendes
Menoscabado, ironizado os claustros,
Vêde aquêle sepulcro. Ali na pedra
Lereis vossa loucura, alfim vencida
De pejo e confusão, — indo esconder-se
Por entre as nossas orgulhosas palmas
De fúnebre vitória.

E êsse quadrado, povoado ao longo
De cadáveres mil, atesta aos ímpios
Que esta insânia da cruz não cai ainda.
Vinde estudar na lápida dos túmulos
A sorte do porvir. Aqui se enastram
Nas flores do martírio imensos nomes
Que figuram no céu. Aqui lançamos

Ao mundo inteiro uma solene prova
Do que êle chama — as ambições do monge.
Inclinaí vossa frente em nossas campas,
Oh ímpios, — e aprendei! Aqui se escondem
Do monge as ambições mortas com êle.
Perguntai, perguntai às mesmas campas
— Quais das foram? — Uma prece humilde
Depois de sua morte.

Tais do monge ancião, que inda choramos,
As ambições na vida e além dos túmulos.

Foram cumpridas, elas. Seu cadáver
Entre as preces de morte aqui trouxemos.

IV.

Tinha troado lutuoso o bronze
Gravosos sons de morte.
De dobres e orações os ares pejam.
Da dor o espectro, o gênio dos lamentos
Nos tetos pousa, em lágrimas folgando.

E o campanário emudeceu: 1543 nas auras
De todo em todo o lúgubre ruído,
Voando, esperdiçou-se em tênues ecos.
Sòmente as orações crebras sussurram
Pela extensão dos solitários claustros.
E tudo o mais era silêncio e nada, 1544
Quando outra vez o acostumado bronze
Mais outra morte clama!

V.

Era um jovem que um passo apenas dera
No caminho da vida. Uma pegada
Marcou sòmente nos degraus do mundo:
Desceu, — e deu no túmulo a segunda.
Um momento parara ante os altares
Cantando o Eterno em maviosos hinos:
Foi tôda a vida sua êsse momento:
E remontou-se ao céu, findando o canto.
Quando de tarde enternecida 1545 e meiga
Fala entre as fôlhas dos rosais a brisa,
Um som — quase canção — se expande ao longo,
Melodioso, sim: porém mais belo
Era o seu hino harmonioso e brando.
Quando sôbre a montanha aérea orchestra
De altivos rouxinóis em fortes trinos
De música atrevida os ares enchem,
Para os ouvir o camponês deserta

O inocente tugúrio, — e as feras bravas
 E as torrentes caudais e os nortes param:
 Mas nada disso a sua voz copia.
 Nem a harpa imortal tangida outrora
 Pelo jovem Davi nos régios paços,
 Do possesso Saul calmando as fúrias,
 Traduz o seu cantar. Já para a terra
 Era de mais ouvi-lo.
 Tinha excedido há muito o ser de humano,
 E já tocava à perfeição dos anjos.
 Talvez que precisasse o etéreo trono
 Mais de um cantor, qual êle.
 Ou dentre os coros seus — Deus, por momentos;
 Tirara um anjo que viesse ao mundo
 Cantar canções do céu, — dizendo aos homens
 Como se adora a Deus na pátria eterna.

V I.

Cantor, cantor do céu! tu não morreste,
 Nem mudaste de pátria.
 Não podc, não, ser teu nem um dos orbes.
 Si na terra passaste, oh sim, — viagem,
 Missão de Deus foi isso em nossa esfera.
 A pátria tua é tão sòmente o Eterno!
 Tu gemias, eu sei, eu vi-te, eu mesmo, —
 Gemias, circunscrito em teu segrêdo,
 Com saudades de lá. Cuidando às vêzes
 A sós contigo e tua idéia estares,
 Em quentes preces ao Senhor pedias
 Sua mensagem concluir contigo.
 Lá no Gólgota assim, na cruz suspenso,
 Entre dores ao Pai rogava o Cristo
 Que lhe passasse o cálix.
 Deus enfim te atendeu, cantor sagrado.
 Almas dignas de Deus — Deus sempre as ouve.

Não choremo-lo, não. Um pranto estéril
 Sôbre os manes de um anjo — insulto fôra.
 Gravemos só em sua campa um nome,
 E o mais em nossos peitos.

22 de abril de 1854.

AI!

PELO FALECIMENTO DO VENERANDO ANCIÃO — FREI
 MARCELINO DO CORAÇÃO DE JESUS, ACONTECIDO EM
 JUNHO DE 1854 NO MOSTEIRO DO RIO DE JANEIRO.

São velhos que batalharam,
 E que jamais renegaram
 A sua divisa e fé.

MUNIZ BARRETO.

Porque ¹⁵⁴⁶ deixaste o teu mosteiro, oh monge,
 Deixaste a tua cela?
 Para o báculo ainda um dia tinha,
 Um dia para a mitra!
 Não tinham mais que performar no mundo?
 Esgotaste da vida o vário cálix,
 Onde, a par do prazer que à tona sobe,
 Assentam mágoa e fezes?
 Saciaste-te bem de dor, de gozos!
 Fartaste-te da vida?
 Porque ¹⁵⁴⁶ deixaste o teu mosteiro, oh monge,
 Deixaste a tua cela?

Era cedo, talvez. Ainda as faces
 Alardeavam mocidade e vida.
 Na frente ainda o ébano luzente
 Entremeava a prata.
 Rija, sonora, da tribuna eterna,
 A voz ainda estremecia as turbas,
 Apavorava os grandes.
 Podias espalhar mais bem no mundo,
 Si fôesses mais um dia.
 Porque ¹⁵⁴⁶ deixaste o teu mosteiro, oh monge,
 Deixaste a tua cela?

Fôras um homem necessário agora.
 Precisavam de ti vítimas tantas,
 Ai! tantos desgraçados!
 A mão iníqua de sagrados ódios
 Sôbre o colo inocente alçou de novo
 A secure de Herodes.
 Co'a garganta infantil cosida ao cêpo,
 Do algoz romano pávidos ouviram:
 — Obediência ou morte! —
 Obedeceram. — A tortura, o açoute,
 O ergástulo, o patíbulo, as panteras,
 Dos ímpios Neros foram.
 Hoje há Neros cristãos mais brutos que êles.
 São de tôdas as épocas os tipos
 De crime, de ferócia.
 Não há, porém, anfiteatro e feras.
 Conhecem mais o sofrimento, as dores,
 O que mais dana os homens.
 Dão-nos apenas cárcere e destêrro!
 Ah! o destêrro!... prolongada estátua
 De morte que do céu se prende ao inferno,
 — De morte que não finda!
 Ai! para tantos míseros agora
 Que necessário fôras!
 Porque ¹⁵⁴⁶ deixaste o teu mosteiro, oh monge,
 Deixaste a tua cela?

Não viste as salas úmidas do pranto
 Dos míseros proscritos.
 Não viste o pano dos sagrados muros
 Transudando de lágrimas.
 Não viste o coruchéu do templo anoso
 — Testemunha da dor, — curvar-se a ela,
 Em respeito à desgraça.
 Não viste à noute nos soturnos claustros,
 De par em par fendendo-se os sepulcros,
 Rangindo os ossos, levantar-se os mortos
 Brandindo maldições em férreos carmes
 Sôbre os filhos sacrílegos.
 Mui agra fôra a teus provectos anos
 Uma cena de sangue.
 Ah! tanto horror te causaria infernos!
 Fôste feliz: — morreste.
 Quando os pequenos, tão do Cristo amados,
 Fôsem visto de ti, — pálicos, tristes,
 Co'as faces cavas do sofrer profundo,
 Castigados sem crime, em hóstia à raiva
 De fariseus hipócritas...
 Uma lágrima tua, um gesto, um brado,
 De bálsamo lhes fôra.
 Porque ¹⁵⁴⁶ deixaste o teu mosteiro, oh monge,
 Deixaste a tua cela?

Também foste proscrito. A dor do exílio
 Não era-te ignota.
 Ah! quantas vêzes desejaste em ânsias
 Voltar à pátria cara!
 Na pedra tumular da avita glória,
 Sôbre o pó dos troféus, pobre, aviltado,
 Seus maus destinos Portugal pranteia,
 E pranteando dorme.
 Ossada de nação co'os pés em terra,
 Co'as mãos a custo sustentando o crânio, ¹⁵⁴⁷
 A cada sôpro do suão vacila.
 Mas inda assim amavas-lhe os destroços!
 Lá o teu berço estava.
 Mas ah! os toques matinais não soam
 Nas cúpulas da Arrábida.
 Jazem seus claustros pavorosos êrmos.
 Murmura ainda nas extensas naves
 O ruído de sangue.
 Nas vácuas celas estampado impera
 O crime de seus filhos.
 Só esta idéia te rasgava as veias,
 Te amargurava o peito.
 Receaste, avistando-lhe as ruínas,
 Desfalecer chorando.
 Mas êsses prantos que o sublime excita
 Contêm suave gôzo.
 Porque ¹⁵⁴⁸ deixaste o teu mosteiro, oh monge,
 Deixaste a tua cela?

Hoje de lá do céu a vista inclina
 Para a dor dos pequenos.
 Uma prece de ti merecem, querem
 Tão inocentes almas.
 Roga por êles ao Senhor que os ama.
 Prostra-te ainda dante o sólio eterno,
 Orando pelos ímpios.
 Talvez o Cristo lhes perdoe o crime,
 Dizendo ainda ao Pai, qual disse outrora:
 — Não sabem o que fazem.
 Talvez subiste ao céu por ímpios tantos.
 Seria lá precisa a prece tua,
 Para abrandar-se a cólera divina,
 Que já baixava em lâminas de fogo
 Nas mãos do arcanjo que assolara o Egito,
 Sôbre a cabeça grávida de crimes
 Dos fariseus modernos.
 Porque, ¹⁵⁴⁸ senão por isto, ao céu subiste?
 Porque ¹⁵⁴⁸ deixaste o teu mosteiro, oh monge,
 Deixaste a tua cela?

MAIS UM TÚMULO.

PELO FALECIMENTO DO VENERANDO ANCIÃO — FREI
 JOSÉ DE S. BENTO DAMÁSIO, A 10 DE SETEMBRO
 DE 1854.

I.

Mais um um túmulo aberto! Amada lira,
 Tempera as cordas de tristeza e luto.
 Ah! não te esqueça teu dever funéreo!
 Nossa missão é esta.
 Entornemos ¹⁵⁴⁹ na pedra um ai, um carme,

E alabastros de preces.
 Cantemos sempre os males que se findam
 No liminar da morte.
 Merece cantos uma dor que expira.
 Quem hoje desce à profundez do nada
 Foi infeliz, — foi monge.

II.

Mas ah! que imagem me arrebatava estranha
 A téticos abismos!
 Quem és? — arcanjo ou fada? — As longas vestes
 Vítreas, tão de cristal, os ares quebram
 E refrangentes choques!
 Que côr, que face transparente, anílea,
 Qual índigo de louça!
 Que côr, que face, que platíneos olhos,
 Quais pálidas estrélas!
 Onde me arroubas, ai! que caos, que abismos, ¹⁵⁵⁰
 Que gelos glaciais, que móveis plagas,
 Que campos flutuantes!
 Quantas campas aqui quebram-se e correm!
 Quantos crânios, — que horror! — de sânie sujos,
 Surgem medonhos delas!
 Eis! de um lado levantam-se, frangendo,
 De negras togas adornados todos,
 Altivos esqueletos!
 Ah! estoutros, porém, forcejam, lutam,
 Tremendos uivam, por querer debalde
 Transpor-se do sepulcro,
 Algum grilhão, talvez, lhes prende as plantas
 Lá na raiz da rocha.
 Anjo, demônio, deusa, encanto, ¹⁵⁵¹ ou fada,
 Ah! dize-me o que vejo!

Que crânio imundo em desespero apontas,
 Demônio, deusa, arcanjo!
 Não reconheço-o não. A pátria minha
 Não é aqui. A região dos mortos,
 Zona do céu, do inferno, elísio, averno,
 Gúrgite infindo, tenebroso ou claro,
 Pegos de luz ou turbilhões de trevas,
 Não me pertencem inda.
 Outra nação, aqui, de essência estranha,
 Êste lugar ocupa.
 Deixa-me, pois, voltar, ¹⁵⁵² demônio ou anjo.
 Transporta-me outra vez ao ser que tinha.
 Não tenho ainda o meu dever completo.
 Minha missão me chama.
 Concede-me um instante, um verso, um canto,
 Uma improvisa nênia.
 Quem hoje desce à profundez do nada
 Foi infeliz, — foi monge...

III.

“Não cantarás”, aterradora brada
 A meu ouvido a fúria.
 “Não cantarás” me repetiu, inchando,
 E rebentou, tinindo.

CONTRADIÇÕES POÉTICAS.

Obras Posthumas/ de/ L. J. Junqueira Freire/ Quarta edição/ Correcta e accrescentada com um juizo critico/ por/ Franklin Doria/ Tomo II/ Contradições Poeticas/ H. Garnier, Livreiro-Editor/ 71, Rua Moreira-Cesar, 71/ Rio de Janeiro/ 6, Rue des Saints-Pères, 6/ Pariz

PRÓLOGO.

Este livro é a história de minha vida.

Minha vida tem sido a continuidade de circunstâncias tôdas contrárias, tôdas variadas, tôdas repugnantes quase.

Meu livro, pois, sendo a expressão destas circunstâncias, é todo contrário, todo variado, todo repugnante quase, como tem sido minha vida.

Eis aqui a razão de minhas *Contradições poéticas*.

Uma educação cristã, porém livre, que minha mãe soube dar-me, imprimiu-me entre seus ósculos maternos o sentimento religioso lá bem no âmago de meu coração.

As minhas poesias ortodoxas, portanto, pertencem à minha mãe. São sua inspiração.

O ardor da juventude, a ambição da ciência, a sociedade corrompida, degeneraram em mim o homem feito por minha mãe. A ¹⁵⁵³ proporção que estudava, ia-me tornando mais filósofo, — isto é, mais vaidoso, mais ignorante, mais incrédulo.

As minhas poesias filosóficas pertencem a êsses acessos de loucura.

Entrou-me quase nesse tempo essa visão encantada, essa alucinação febril, que mata o coração e o espírito, depois de tê-los bem gasto. O amor!

As minhas poesias eróticas pertencem a êsses segundos acessos de loucura.

Depois dêsses erros, a mão da doença, prelúdio do castigo eterno, arrojou-me por várias vêzes às aprazíveis paisagens do nosso belo recôncavo, — e vi a pastorinha singela correndo no campo lá pela madrugada, e as cabanas inocentes dos pescadores, — e tudo isso encantou-me. Foi um segundo amor, — porém mais puro.

As minhas poesias campestres pertencem a essas fases de desgraça, sim, — mas de inocência.

Hoje — que se me têm desvanecido êstes momentos tão doces de loucura juvenil, como uma noite misteriosa num palácio de fadas, — assento-me tranqüilo em cima de um cômodo de fôlhas sêcas, que de quando em quando caíram da árvore, e deixaram-a por fim só com seu tronco e suas galhas mirradas.

Aqui — separo as mais verdes das mais sêcas, as maiores das menores, para fazer uma camada, e plantar sôbre ela um nome pobre e mesquinho, que talvez não nasça.

Pois bem? se eu não tiver um futuro, ao menos tenho um passado saudoso.

E posso olhar para êsse passado com a suavidade das reminiscências, ainda quando amargas.

Não ouse, portanto, cuspir-lhe na face, nem escarnecê-lo.

Porque minha mãe considerava com respeito os anciãos, os templos envelhecidos, os edificios alçados pela mão de nossos pais, os monumentos de nossos avós. E seu exemplo ensinou-me tudo isso.

Êstes cantos são meus dias antigos, são minha vida vivida, ¹⁵⁵⁴ são todo o meu passado.

Eu amo todos êsses tempos, como um pai ama os esqueletos de seus filhos, que já não são, mas que foram uns mais bonitos, outros mais feios.

Eu amo todos êsses tempos, porque custaram-me suores e sangue.

Eis aqui por que ¹⁵⁵⁵ eu conservo intactas as minhas *Contradições poéticas*. — Nem as reduzo a um sistema, a um pensamento uniforme, constante, único. Apresento-as quais são.

Nunca poeta foi hipócrita.

Acho-me obrigado a publicá-las, porque escrevi-as.

Se não há aí belezas, se não há aí acertos que possam servir a alguém, — ao menos sirvam meus erros.

INVOCAÇÃO

Formosa virgem dos vales,
Visão dos tempos de Deus,
Vem, corre, transforma, alimpa
Meus pensamentos ateus.

Preciso das tuas vozes,
De teu inocente ardor.
Vem, bela virgem dos vales,
Vem me falar do Senhor.

Sai dêsse ninho de grama,
— Lavor das mãos de teu pai.
Vem, bela virgem dos vales,
Vem ver a manhã que cai.

Formosa virgem dos vales,
Visão dos tempos de Deus,
Vem, corre, transforma, alimpa
Meus pensamentos ateus.

De rude algodão vestida,
Qual nas eras pastoris,
Vem, bela virgem dos vales,
Ensinar-me a ser feliz.

Saltando co' os alvos socos,
Pisando em combros de flor,
Vem, bela virgem dos vales,
Convencer-me do Senhor.

Formosa virgem dos vales,
Visão dos tempos de Deus,
Vem, corre, transforma, alimpa
Meus pensamentos ateus.

SONHO

Era um bosque, um arvoredo,
Uma sagrada espessura,
— Mitológica pintura
Que o romantismo não faz.
Era um sítio tão formoso,
Que nem um pincel romano,
Nem Rubens, nem Ticiano
Copiariam assaz.

Ali pensei que sonhava
Co' a donzela que me inspira,
Que põe-me nas mãos a lira,
Que põe-me o estro a ferver;
Que me acalenta em seu colo,
Que me beija a vasta frente,
Que me obriga a ser mais crente
No Deus que ela julga crer.

Sonhei co' a visão dourada,
Que todo o poeta sonha,
— Idéia gentil, risonha,
Tão poucas vezes real!
Que só, co' o peito abafado,
Se vai de noite em segrêdo
Contar no denso arvoredo
Ao cipreste sepulcral.

Mas despertando do sonho,
Que aos homens não se revela,
Achei comigo a donzela,
Me apertando o coração,
E ainda prês a meus lábios,
Entre um riso, entre um gemido,
Murmurou-me ao pé do ouvido
— Que não era um sonho, não. —

E não mais, enquanto vivo,
Deixarei esta espessura,
— Mitológica pintura
Que o romantismo não faz.
Era um sítio tão formoso,
Que nem o pincel romano,
Nem Rubens, nem Ticiano
Copiariam assaz.

ACHEI-TE

Já na linha dos felizes
Eu posso erguer meu troféu:
Achei-te por fim na terra,
Achei-te, ó anjo do céu.

Tenho um amor neste mundo,
Tenho já por quem sentir;
Tenho um rosto que me anima,
Tenho já por quem sorrir.

Tenho um pranto p'ra meu pranto,
Uma dor p'ra minha dor:
Tenho um peito p'ra meu peito,
Um amor p'ra meu amor.

Tenho uns olhos que me encantam,
Tenho uma alma que me entende,
Tenho uns lábios que me chamam, ¹⁵⁵⁶
Tenho um beijo que me acende.

Já posso mostrar aos homens
A fronte de vencedor:
Completei a minha vida,
Tenho já o meu amor.

Já na linha dos felizes
Eu posso erguer meu troféu:
Achei-te por fim na terra,
Achei-te, ó anjo do céu.

QUE TEMES?

Temes e tremes, anjinho, ¹⁵⁵⁷
Como as vergôntes do arbusto?
Temes o quê? êsse mundo?
Temes o público injusto?
Temes, anjinho, ¹⁵⁵⁷ êsse espectro,
Êsse fantasma de susto?

Temes que os homens conheçam
Que és tu só meu serafim?
Temes que os homens nos vejam
Tão abraçados assim?
Temes que os homens invejem
Nossa ventura por fim?

Não temas! êsse fantasma
Existe sim, mas é vão.
Não digas quando eu te beijo,
Não digas — o que dirão? —
Não digas; — porque não sabes
Quantas dores soffro então.

Não digas — porque não sabes
Que me transe o coração,
— Qual seta que vara o peito
E cai tremendo, no chão:
Não digas — porque me agito
Em horrível contorsão.

Não temas! vem dar-me um beijo
Co' os teus lábios de carmim:
Deixa que os homens murmurem,
Como a fusão de um festim:
Deixa que os homens invejem
Que sejas meu serafim.

A UM NATALÍCIO

Baixai, baixai dos céus cândidos anjos,
Sôbre as asas da férvida alegria:
Vinde vós mesmos entoar um canto
Palpitante de amor e de harmonia.

Virgens da terra — virgens mais formosas
Que o rir dos anjos, que um sonhar de amôres:
— Vinde lhe atar na frente majestosa
Linda grinalda de inocentes flores.

E vós, ó flores dos jardins, dos campos,
Ornai também os versos de meu hino:
Respirai vosso aroma deleitoso,
Enchei o ar de bálsamo divino.

Infantes, vós, efeitos tão formosos
Dos mistérios de amor, por entre sonhos!
Co' o rir nos lábios, co' o prazer nos olhos.
Hoje brincai mais lindos e risonhos!

Vós, anjos santos — como o céu — alegres:
Vós — virgens como os anjos — tão brilhantes:
Vós — como as virgens — tão cheirosas flores:
Vós — como as flores — tão gentis infantes:

Todos acordes entoai um hino
Palpitante de amor e de harmonia,
Virgens, infantes, serafins e flores,
Cantai vós mesmos tão ditoso dia.

NÃO FUJAS COM A FACE

Não fujas co' a face com tanto receio,
Não clames, não grites, não queiras correr:
— Não é uma serpe letal, venenosa,
Que vai teu semblante manchar nem morder.

Não fujas co' a face: — que ardente corisco,
Que assombra, que acende, ¹⁵⁵⁸ não vai te acender;
Não vai por teu rosto vulcão flamejante
As lavas sulfúreas romper, estender.

Não fujas co' a face: — que o ar dos sepulcros
Não vai-te os sentidos, a vida tolher:
Não vai um veneno de enérgica fôrça
As côres de prata fazê-las perder.

Não fujas co' a face: — que um negro vampiro
Não vai o teu sangue sugar nem beber:
Um monstro sangrento das ínvias florestas
Não vai os teus membros rasgar nem romper.

Não fujas co' a face: — que abismo profundo
Não vai-te nos seios das trevas sorver:
Não fujas co' a face com tanto receio,
Não clames, não grites, não queiras correr.

Não fujas co' a face: — que são tão sòmente
Uns lábios de bardo falando a ferver:
São lábios de bardo, são lábios sagrados,
Que sabem os cantos dos anjos dizer.

Não corras de um beijo de lábios de bardo,
Que os lábios do bardo não têm que temer:
São lábios que cantam poemas celestes,
Que podem teus dotes eternos fazer.

Não penses que os lábios do bardo fervente
São serpes nojentas que sabem morder:
Não temas, donzela, meu beijo de bardo,
Não clames, ¹⁵⁵⁹ não grites, não queiras correr.

Não sabes o bardo
Que beijos que dá!
Recendem, qual nardo,
Quais flores formosas,
Quais célicas rosas
Dos mundos de lá!

Não sabes que beijos
São êsses os seus!
Resumem desejos,
Resumem no fundo
Os homens e o mundo,
Os anjos e Deus!

Os homens e o mundo
Tais beijos não são:
Mas sendo no fundo
Unidos co' os anjos,
Com Deus e os arcanjos,
Tais beijos serão.

O céu, mais o mundo,
E o que nêles há:

O belo, o jucundo,
E o todo do gosto:
Só êsse composto
Tais beijos dará,

Só tais elementos
Sublimes, gentis:
Só tais complementos,
Se iguais se comprazem,
Os beijos perfazem
Do bardo feliz.

Idéias tão altas
Mistérios que são!
— Se já não te assaltas,
Cedendo às carícias,
Vem ver que delícias
Meus beijos te dão!

MARTÍRIO

Beijar-te a frente linda:
Beijar-te o aspecto altivo:
Beijar-te a tez morena:
Beijar-te o rir lascivo:

Beijar o ar, que aspiras:
Beijar o pó, que pisas:
Beijar a voz, que soltas:
Beijar a luz, que visas:

Sentir teus modos frios: 1560
Sentir tua apatia:
Sentir até repúdio:
Sentir essa ironia:

Sentir que me resguardas:
Sentir que me arreceias:
Sentir que me repugnas:
Sentir que até me odeias:

Eis a descrença e crença,
Eis o absinto e a flor,
Eis o amor e o ódio,
Eis o prazer e a dor!

Eis o estertor de morte,
Eis o martírio eterno,
Eis o ranger de dentes,
Eis o penar do inferno!

MEUS OLHOS

Que vês nos meus olhos,
Que tanto te espantam?
Que mostram de estranho,
Que assim te quebrantam?

Um monstro as pupilas
No fundo terão?
Espelhos do inferno
As alvas serão?

Serão os meus olhos
Um quadro de horror?
Demônios, ou fúrias
De imenso terror?

Serão — quais fantasmas
De arábicos sonhos?
Que têm os meus olhos,
Que são tão medonhos?

Mentir! — meus olhos
Medonhos não são!
Meus olhos — sòmente —
Têm nova expressão.

Exprimem a luz,
Que os céus alumia:
— A luz dos mistérios
Da sã poesia.

Que são os meus olhos,
Que ainda te espantam?
— São Deuses que inspiram!
São anjos que cantam!

A MINHA VIRGEM

Quero uma virgem co' uma tez bem alva,
Pálida e pálida, amorosa e mole:
Quero uma virgem, que convide os lábios
A beberem-lhe o amor gole por gole.

Quero uma virgem, co' um olhar bem doce,
Que nos seus lanços diga-me: — descanso:
Quero uma virgem co' uma voz pausada,
Que fale ao coração de manso e manso.

Quero uma virgem co' as feições bem nobres,
Que saibam-me inspirar um certo mêdo:
Quero uma virgem co' uma frente altiva,
Que pense, como eu penso, em bem segrêdo.

Quero uma virgem pensativa e quêda,
Que goste bem da solidão amiga;
Quero uma virgem que demonstre uma alma,
Que mais pense e mais sinta do que diga.

Quero uma virgem co' um semblante sério,
Como quem cisma em prolongada pausa:
Quero uma virgem que derrame às vêzes
Sôzinha e muda lágrimas sem causa.

Quero uma virgem que receie ainda
Quebrar co' um ai o fio dos pensares:
Quero uma virgem que me entenda todo
Por um volver de místicos olhares.

Quero assim minha virgem: pela terra,
Louco, deito-me enfim a procurá-la;
Um ente assim, — Deus tê-lo-á formado;
Guia-me, anjo do amor: — que eu hei de achá-la.

ACORDA

Se eu pudera dormir na vida ao menos
Uma só vez, como ela dorme agora!
Se eu pudera abafar co' as mãos do sono
Esse vulcão que o peito me devora!

Se eu pudera dormir, como ela dorme,
Levar minha alma às regiões sidéreas!
Vagar, sem têrmo, de órbitas, em órbitas, ¹⁵⁶¹
Boiar num mar de vibrações aéreas!

Se eu pudera estancar na infinda fonte
Minha torrente amplíssima de dores!
Se eu pudera dormir, como ela dorme,
No virgem seio dos gentis amôres!

Se eu pudera dormir, como ela dorme,
No letargo feliz da consciência!
Ela, — e só ela o pode. Eu soffro, eu ardo:
Ela jaz na doçura da inocência.

Tréguas da vida! — eu só não posso ter-vos
Sequer um lance, um átomo perfeito!
Contínuo pensamento de meus males
Mora-me n'alma, mora-me no peito.

Tudo sossêgo, escuridão, pavores,
Tudo qual morte, — e eu penso nela ainda!
Minha torrente amplíssima de dores
Corre caudal, impetuosa, infinda!

Ela dorme pensando que seu sono
Sacia a todos, como agreste cardo:
Dorme, — e não pensa que seu sono infausto
Arranca o sono às pálpebras do bardo.

Dorme, — e não sabe que ao pé dela o bardo
Os seus bafejos de inocência engole;
Dorme, — e não sabe que êle exaure nêles
Do desespero o derradeiro gole.

Dorme, — e não sabe que um demônio horrendo,
Em seu disco infernal de trevas feias,
Adeja sôbre, e os hálitos lhe apara,
E eivados inocula-mos nas veias.

Nem saiba nunca, nem desperte agora;
Que de seu crime se arrependa infindo;
Que encontre, ao acordar, cosido ao peito
O cadáver de amor, que fêz, dormindo.

Que saiba então êsse terrível drama,
Que ela compôs e deslindou em sangue:
Que leia então seu nome escrito em fogo
Sôbre êste coração extinto, exangue.

E que se espante e fuja, — e ache em tudo
O fantasma de amor hora por hora:
Se não quer reviver o bardo a tempo,
Se não quer acordar agora, agora.

Virgem! — se queres acordar agora,
Dessa inocência angélica e quieta,
— Se queres ser, ao despertar, mais pura, —
Acorda aqui nos braços do poeta.

A SULTANA

(CANÇÃO ORIENTAL)

Sultana! — porque teus olhos
Pululam choro tão triste?
No vôo de ave sinistra
Algum mau agouro viste?
Ou dos lábios do teu mago
Más profecias ouviste?

Que tens que choras, sultana,
Co' as mãos no queixo — tão bela?
Tanto palor nestas faces,
Que foram côr de canela?
Desalinhada a madeixa,
Sentada junto à janela?

Sultana! — porque dedilhas
Os bilros nesse tear?
Os dedos correm e correm,
À ¹⁵⁶² toa, sem acertar!
Os dedos erram pontos
Bem fora de seu lugar!

Sultana! — que dor tamanha
Que te esmaga o coração?
Que te pode armar nas faces
Tão estranha contração?
Que pode arrojarte a mente
Em tão vaga distração?

— Meu senhor hoje chamou-me:
Quando mais me chamará?
Meu senhor hoje falou-me;
Quando mais me falará?
Meu senhor hoje abraçou-me:
Quando mais me abraçará?

Naquele colchão macio
Eu junto dêle dormi;
Eu vi o céu do profeta,
O céu verdadeiro eu vi:
Oh! que bela a noite de ontem!
— Não terei mais noite assi!

Beijou-me co' a sua bôca
Macia como o cetim:
Abraçou-me com seus braços
Mais lindos do que o marfim:
Reclinou minha cabeça
Em cima de seu coxim.

Eu ficava tôda fria,
Se êle se achegava a mim:
Minhas faces palejavam,
Como cândido jasmim:
— E depois... ficava ardente,
Vermelha — como um rubim.

Eu lhe ouvi a voz sonora,
Como a voz de um querubim:
Que doce roçar de beijos
Macios como o cetim!
Que dedos tão delicados,
Que se imprimiram em mim!

Julguei eterna a ventura,
— Fui louca — pobre de mim!
Não luzem mais de uma noite
As lâmpadas do festim!
— Revelai-me, ó grã profeta,
Se terei mais noite assim!

Meu senhor tem mil mulheres
Tão doces como o maná;
Amante de cousas novas,
As novas chamando irá:
Meu senhor — de mim, coitada,
De mim não se lembrará!

MEIO-DIA

(IMITAÇÃO DE OVÍDIO)

O sol espargia fosfóricos raios,
Torrava nos campos as tímidas flores,
Os mares cobria de rútila prata,
A terra pintava de lúcidas côres.

Secavam as fontes dos trépidos rios,
Arfavam de ardores os grávidos ares;
Subiam vapores de ignífera massa
Da íntima terra, dos túrgidos mares.

Quem sabe se agora vulcânicas lavas
Ardentes rebentam da íntima terra!
Quem sabe se o nauta nos túrgidos mares
Co' a morte peleja magnânima guerra!

Quem sabe do mundo, — se tórrida calma
Dos homens acesos os ânimos mata!
— Que sol que dardeja fosfóricos raios,
E os mares acende de rútila prata!

Não sei desta terra, — se tórrida vive,
Se vive, — ou se em lavas mais tórrida morre;
— Só sei desta virgem, que em lânguidos gestos,
Sorrindo, a meus braços mais lânguidos corre.

Comigo esta virgem mil êxtases sente,
Comigo delírios novíssimos passa:
— Agora eu não sinto fosfóricos raios,
Não sinto vapores de ignífera massa.

O ABRAÇO

Foi um abraço ligado, ¹⁵⁶³
Como nas leis da atração,
Que não pode dividir-se
Pelas leis da repulsão,
Como um laço inextricável
Nas fibras do coração.

Abriu-me seus braços alvos,
Quais asas de um serafim:
Senti seu peito em meu peito,
Entre palpites sem fim;
Senti seu peito a roçar-me
Macio como o cetim.

Unificou-se nossa alma
Por um impulso magnético;
Nosso ser purificou-se
Por um êxtase patético:
Nosso amor assimilou-se
Entre um delírio frenético.

Foi peito e peito a pulsarem
Em simpática união.
Foi vida e vida a sentirem
Como elétrica atração;
Que não pode dividir-se
Pelas leis da repulsão,
Como um laço inextricável
Nas fibras do coração.

MEDROSA

Lá corre a nuvem negra,
Lá cobre a face ao céu,
Qual lutuoso crepe,
Qual mortuário véu.

E a chuva se despenha
Dos bojos dos bulções,
E varre e lava a terra
Co' os fortes aquilões,

— E a terra vácuca e nua,
Qual foi o caos informe,
Quando hórrida caligem
Cerrava a massa enorme.

Eis o terror, — a morte,
Que manda, reina e aterra,
Como um franger de campas,
Como um bradar de guerra.

Não temas, não, donzela,
O estrépito do raio;
Não te esmoreça o peito
Em tímido desmaio.

Mas antes vem, donzela,
Medrosa muito embora,
Perder comigo o medo
Que as faces te descora.

Mas antes vem, correndo,
Qual pávida criança,
Saltando leve e leve,
Como o girar da dança.

Vem aninhar-te à pressa
Cá dentro de meu peito;
— Aqui não entra o gelo
Dêsse pegão desfeito.

Embora neve o éter,
Palor a terra embora:
Embora! — aqui no peito
Calor constante mora.

Vem aprender comigo
 Como se adora o Eterno;
 Quer arda o sol formoso,
 Quer sobre o frio inverno;

Quer seja dia ou noite,
 Quer seja mar ou terra,
 Quer seja calma ou brisa,
 Quer seja paz ou guerra.

Que belo é ver o éter
 Cortado pelo raio,
 E um coração de virgem
 Estanque entre o desmaio!

O' Deus! — eis como queres
 Que se te adore e ame:
 Não és, não és tirano,
 — Pesar do ímpio infame.

Pesar de vãos devotos,
 Pesar de vãos ateus,
 Ou és clemência e amor,
 Ou já não fôras Deus.

Teu rosto lindo, ó virgem,
 Prova o saber superno:
 Por mim — eu hei de amar-te,
 Lavor das mãos do Eterno.

Hei de cingir-te, ó virgem,
 Na frente de minha alma,
 Qual cívico laurel,
 Qual triunfante palma.

Hei de apertar-te, ó virgem,
 Aos pulsos de meu peito,
 — Onde não entra o gêlo
 Dêsse pegão desfeito.

Embora estejas fria,
 Embora temerosa,
 Hás de adornar-me o peito,
 Como um botão de rosa.

Que importa o céu nublado,
 Que importa o éter denso,
 Que importa o caos medonho,
 Que importa o raio intenso?

E' belo p'ra meu gênio
 Nos céus ver tanta guerra,
 E te abraçar, ó virgem,
 Em paz aqui na terra!

POR QUEM REZAS?

Sofia! — por quem rezas,
 Embevecida ¹⁵⁶⁴ assim?
 Será por teus parentes,
 — Será talvez por mim?

Será por mim que tremes
 Tão férvida oração?
 Será por mim que bate
 Teu virgem coração?

Sofia! — és inocente,
 Como o sorrir do infante,
 Como o expandir dos peitos,
 Como o jurar do amante.

Não sabes, inocente,
 Trair quaisquer paixões,
 Como êsse mundo infame,
 Sentina de abjeções.

Hipócrita! — nos templos
 De rôjo a Deus confessa:
 Hipócrita! — nas salas
 Moral de ateus professa!

Não, virgem, — tu não sabes
 Fingir uma emoção:
 — E' o tremor dos lábios
 Tremor do coração.

Sim, reza. — E' tua prece,
 Como um aroma intenso,
 Como o cair do orvalho,
 Como a expansão do incenso,

Que entorna uns sons divinos,
 Qual doce harpejo terno,
 Que vibra, e sobe, e chega,
 E toca os pés do Eterno.

Por quem ao céu dedicas
 Tão mística oblação?
 — Sofia! — eu bem conheço
 Por quem tua oração!

Por quem rezar puderas,
 Por quem rezar assim?
 Por quem tão linda prece,
 Por quem, senão por mim?

Por quem mais saberiam
 Tremar teus lábios lindos?
 Por quem êstes suspiros,
 Tão crebros, tão infindos?

Por quem o arfar do peito,
 Por quem tremer assim?
 Por quem rezar tão pio,
 Por quem, senão por mim?

Por mim — que sei beijar-te
 O colo, a face, os lábios!
 Por mim — que sei amar-te
 Com êste amar dos sábios!

SÓ ASSIM

Estás tão bela — que a luz do dia
 Ah! ter não pode maior encanto!
 Estás tão bela — que a flor do prado
 Não tem mais graça, não brilha tanto!

Como estás linda, faceira, alegre,
Qual onda solta voltando à ¹⁵⁶⁵ areia!
Vens tão aérea, tão flutuante,
Qual pena leve que o ar meneia!

Não quero ver-te mais recatada,
Com vãos pudores ao pé de mim;
Não quero ver-te mais vergonhosa;
Não quero ver-te, senão assim!

Os teus vestidos de cassa fina
Sobre cambraia de azul celeste;
O teu comprido, bordado lenço,
Que teu trigueiro colo reveste;

Estes enfeites, estes ornatos,
Tão afetados, como o pudor,
São dessas damas, que, nas cidades,
Aos homens vendem o seu amor.

Não quero ver-te toda artificios,
— Mãos de brilhante, — pescoço de ouro;
Quero que mostres que em ti somente
Tens mais riquezas, maior tesouro.

Não quero ver-te com tais vestidos,
Com tais ornatos ao pé de mim;
Não quero ver-te mais vergonhosa,
Não quero ver-te, senão assim!

O BANHO

CANÇÃO RÚSTICA

Eu amava muito,
Muito, e muito, a bela;
Dia e noite, e sempre,
Só pensava nela.

Ela tinha a testa,
Tinha a testa altiva;
Co' uma côr ardente,
Como a hora estiva.

Ela tinha a testa
Para um diadema;
Tinha a testa altiva
De beleza extrema.

Era em nossa aldeia
Linda tabaroa,
— Ela que mostrava
Testa de coroa.

Muita flor mimosa
Nasce no capim;
Muita grama agreste
Nasce no jardim.

Assim era a bela,
Linda tabaroa,
— Ela que mostrava
Testa de coroa.

Minha terna amada
Assim era, assim:
Como rosa em matos,
Matos de capim.

Eu amava muito,
Muito, e muito, a bela;
Dia e noite, e sempre,
Eu pensava nela.

Porém ela, a bela,
Ela me enganou;
Reparai, pastôres;
Eu morri: não sou.

Eu a vi bem vista,
Eu a vi assim:
Ela sai da choça
Sem ninguém, sem mim.

Bem de longe e longe
Eu, não visto, — eu ia;
Ela foi banhar-se
Na torrente fria.

Não me engano: eu vi.
Descobriu as carnes,
Foi banhar-se ali;
Eu a vi sem vestes;

Povo da torrente
Vi correndo a flux;
Lá no fundo da água
Também entra a luz.

Povo da torrente
Sabe olhar — e bem;
Gente tão lasciva
Ali há também.

Certos gênios, — dizem, —
Lá no fundo estão;
Certos gênios viram
Sua perfeição.

Foi sair do banho,
Já não era altiva,
Como quando tocam
Numa sensitiva.

Já não li na testa, ¹⁵⁶⁶
Testa de coroa;
Já não era altiva,
Nobre tabaroa.

Está vista e vista
Sua perfeição;
Já não quero aquela,
Já não quero, não.

FOGE!

Estas selvas tão cerradas,
Estas árvores tão densas,
Que asilam serpes famosas,
Que asilam feras imensas;

Estas pastagens agrestes,
Estas lagoas profundas,
Que os jacarés espanejam, ¹⁵⁶⁷
Com as suas serras imundas;

Este chão tão duro e sêco,
Estas areias tão sôltas,
Onde corre, como os homens,
As virgens tão desenvoltas;

Este sítio assim formado
Pelas mãos da natureza,
Onde lê-se em férreas letras
Estupidez e rudeza;

Não pode, não pode aos peitos
Inspirar um doce amor;
Não pode ensinar às almas
Nem o prazer nem a dor.

Arranca, destrói, extingue
As sensações delicadas:
Almas que nascem no lôdo
Morrem no lôdo afogadas.

São monstros de imenso corpo
Que vivem só para a terra;
Que não sabem, entre os homens,
Fazer a paz nem a guerra.

São feras de humano aspecto,
De fôrças descomunais;
Que arrostam no mato as feras
Que têm as fôrças iguais.

São brutos feios, terríveis,
Que não têm uma expressão;
Que dão em resposta aos homens
Um bramido de leão.

Foge, ó virgem inocente,
Dessa aldeia tão brutal;
Não te mistures com êles,
Não queiras ser tal e qual.

Já tens a face tostada,
Não sei que mau na expressão;
Foge, fuge dessa aldeia,
Não queiras ser fera, não.

Vem comigo, vem: que eu posso
Cousas belas te ensinar;
Eu sou da cidade, ó virgem;
Eu posso ensinar-te a amar.

TAMBÉM ELA

Ela também ouviu o som das vagas
Sôbre os rochedos — e talvez dissesse:
— O som das vagas que embelece os outros,
Não me embelece.

Ela também sentiu a fresca aragem
Sôbre os cabelos — e talvez dissesse:
— A fresca aragem que adormece os outros,
Não me adormece.

Ela também deitou-se no sereno
Sôbr' estas relvas — e talvez dissesse:
— Este sereno que empalece os outros,
Não me empalece.

Ela também olhou estas montanhas
Sôbre as campinas — e talvez dissesse:
— A vista delas que embevece os outros,
Não me embevece.

Ela também andou ao sol ardente
Sôbre as planícies — e talvez dissesse:
— O sol ardente que enrubece os outros,
Não me enrubece.

Ela também provou dos cardos frescos
Sôbre as areias — e talvez dissesse:
— O gôsto dêles que arrefece os outros,
Não me arrefece.

Ela também sentou-se neste muro
Sôbr' estas pedras — e talvez dissesse:
— Este quadro gentil que encanta os outros,
Já me aborrece.

Este quadro gentil agrada aos outros,
E' belo todo — ela talvez dissesse:
Porém tão longe o meu amor! — oh! tudo,
Tudo falece!

Sim: ela o disse merencória e amante:
Ímpios, não duvideis que ela o dissesse:
— Tão longe dêle assim! sem vida tudo,
Tudo parece!

ALDEANA

Sôbre o torrão inculto,
Sôbre a grosseira leiva
A flor vegeta às vêzes
Com mais vigor e seiva.

Por entre o vale e o monte,
No prado e na colina,
Mais inocente vive
A virgem da campina.

Mais inocente e pura
Que o beija-flor das veigas;
Mais terna, e franca, e simples,
Do que as rolinhas meigas.

Meneia o colo esbelto,
— Faceira e soberana:
E gira o seu cajado
De agrreste e leve cana.

E vai, sorrindo doce,
— Vai pela fina areia,
E o nome só do amante,
— Meu nome — delinea.

Meu nome à flor da areia,
Meu nome entre os rosais;
— Nos lábios em seus gritos,
No peito entre seus ais.

Se um dia não me avista,
Vai, — corre pelo mato:
E vai, depois de achar-me,
Bradando: — ingrato, ingrato! —

Se então lhe dou na face
Um ósculo inocente,
— Então — já pranto estanque,
Então — já peito ardente, ¹⁵⁶⁸

Então — pesar dos olhos,
Que lágrimas gotejam,
Já trêmulos sorrisos
Os lábios lhe farejam. ¹⁵⁶⁹

Recôndito mistério
De humano coração!
— Raiar de sol rompendo
Por entre a cerração!

Por isso é que eu te abraço,
Por isso é que eu te beijo;
— Que apraz-me ver-te as faces
Lidando amor e pejo.

Sim: — gosto de teus modos,
O' virgem da campina;
— Co' a natureza nua
Meu gênio só combina.

Eu amo em ti, ó virgem,
Esta simplicidade,
Que desertou p'ra sempre
Do seio da cidade;

Que foi morar nos campos,
Corrida de despeito;
Que achou aqui abrigo
Bem dentro de teu peito;

Que co' um abraço chora,
Co' um beijo ri-se já;
Que um beijo agora nega,
— Mil beijos logo dá.

FÁTUA!

(CANÇÃO RÚSTICA)

O cidadão formoso
Chamou-me agora, agora,
Mui bela!
Chamou-me estrêla d'alva,
Que o sol e o brilho e o dia
Revela!

Chamou-me os seus encantos,
Chamou-me a obra-prima
De Deus!
Ah! quanto os vossos modos,
Pastôres, — são diversos
Dos seus!

Não quero mais, ¹⁵⁷⁰ pastôres,
Os vossos modos brutos,
Grosseiros!
Vós não sabeis falar-me
Com seus urbanos gestos
Fagueiros.

Vós divagais nos matos
Por entre as caiporas
Infestas,
Das quais os nossos velhos
Nos contam tantas cousas
Funestas!

Vós apanhais a pomba,
Que andava descuidada
Nos trilhos;
Que andava procurando,
Coitada! — o alimento
Dos filhos...

Vós pelejais co' as ondas
Do mar encapelado
Na costa;
Vós tendes sempre a carne
Ao sol, à chuva, aos ventos
Exposta. ¹⁵⁷¹

Fazeis a vossa pele
Espêssa, grossa, baça,
Terrena;
Fazeis a vossa fala
Tão fera, que faz mêdo, ¹⁵⁷²
Faz pena...

Seguis o rei dos peixes,
— A grande e monstruosa
Baleia;
E' dela que aprendestes
A vossa moda impura,
Tão feia!

Vós não sabeis chamar-me
Virgem do vosso encanto
Mui bela!
Nem linda estrêla d'alva,
Que o sol e o dia e o brilho
Revela!

Eu quero o cidadão,
Que tem ¹⁵⁷³ seus modos fáceis,
Fagueiros;
Não quero mais, ¹⁵⁷⁴ pastôres,
Os vossos gestos brutos,
Grosseiros!

Desvanecida assim cantava a moça,
Procurando fingir um nobre entono,
Que nunca lhe souberam. ¹⁵⁷⁵
Mas os pastôres, que a escutavam rindo,
Molhado o peito de vingança e lástima,
— Fátua! — disseram.

A CAMPINA

Que campina tão bonita,
Que de angélicas cheirosas!
Que laçozinhos de fita
Entre as flores, tão mimosas!

Que mato todo de flores,
Que cheiro exalam de si!
Que planície de verdores
Tão bela se estende aqui!

Pelo céu os passarinhos,
Bem como os anjinhos ¹⁵⁷⁶ seus,
Vão cantando inocentinhos
Vários poemas a Deus.

Nestes campos, nestes prados,
Nestas flores pelo chão,
Os amôres delicados
Em ócio dormindo estão.

Joga a onda espreguiçada,
Ciciando com brandura;
A praia branca, alongada
Reflete vasta candura.

A paixão que se respira
E' sono inocente e grato:
E' um peito que suspira,
Voz que se perde no mato.

Esse gênio dos amôres
Não acorda enfurecido:
Dorme em cima destas flores,
Indolente, enternecido.

Reclinado sôbre o leito
Das angélicas mimosas,
Ensina sômente ao peito
As impressões maviosas.

Bem como um côro de fadas
Por estas relvas amenas,
Vão correndo descuidadas
As pastorinhas morenas.

Esta côr, pálida ainda,
Não fala aos olhos — ardor:
Fala — uma inércia mais linda,
Inércia doce de amor.

Esse veneno tremendo
Do zêlo que nos tortura,
Vai aqui se convertendo
Numas rosas de ternura.

O mundo do sentimento
E' maior e menos forte;
Goza-se mais um momento,
Vem mais negligente a morte.

Esta mesma natureza
Em muda simplicidade
Representa a singeleza,
Emblema a suavidade.

Tímidos, ¹⁵⁷⁷ ternos e moles
Os prazeres duram mais;
Bebidos assim aos goles
São sempre menos fatais.

Sem a chama dos desejos,
O peito que sabe amar ¹⁵⁷⁸
Bate com brandos latejos,
Palpita mais de vagar.

Não voa em rápido instante
Essa afeição passageira;
Vai em cada peito amante
Durando uma vida inteira.

Que campina tão bonita,
Quantas selvas tão cheirosas!
Que laçozinhos de fita
Entre as flores tão mimosas!

Que mato todo de flores,
Que de angélicas tão belas!
Ter a morte dos amôres
E' morrer no seio delas.

O CANTO DO GALO

(CANÇÃO RÚSTICA)

Io triumphel

Co' as penas hirtas para mim avança,
— Que eu não deslumbro à tua acesa vista:
Hei de ensopar meu triunfante bico
Nas crêspas rendas dessa rubra crista.

Afia embora os esporões agudos,
— Que hei de vencer-te, ó rude antagonista:
Hei de montar sôbre o teu colo altivo,
Ensopar-te de sangue a régia crista.

Provocaste-me à liça, a mim fidalgo,
Tu, ó galo peão de casta mista!
Hás de pagar bem caro essa arrogância,
Hás de ficar sem tua régia crista!

Fora de minha estirpe de fidalgo
Sangue real jamais há i que exista;
Arrogaste o poder! — Rei te saúdo,
— Rei das galinhas! — ficarás sem crista!

Quando eu passar pelo cercado ao longe
Abaixarás humilde o bico e a vista:
Que eu sou o rei das mais gentis galinhas,
Que eu sei erguer a minha régia crista.

Há de seguir-te em tôda a parte o espectro
De minha nobre e célebre conquista:
Será manhã, — não ¹⁵⁷⁹ cantarás teu hino,
Nem jamais erguerás a régia crista.

Hás de, ó galo peão de casta ambígua,
Sentir que eu fui valente antagonista;
— Eu cantarei meu hino de triunfo,
Tu correrás de minha nobre vista:
— Tu, infamado, marcharás humilde,
Eu erguerei a minha régia crista!

O MENESTREL DO SERTÃO

Eu toco em minha viola
Sonâncias de meu país:
Eu canto as minhas cantigas,
Que fui eu mesmo que fiz:
Eu danço ao som dos pandeiros
Entre as pastôras gentis.

Eu canto em minhas cantigas
Os matos, que eu percorri;
Eu canto as onças ferozes,
Que eu arrotei ¹⁵⁸⁰ e venci;
Eu canto as cobras astutas,
Que eu enganei e prendi. ¹⁵⁸¹

Canto a jaqueira, que cobre
Minha casa, antes de mim;
Canto os peixes de meu rio,
As flores de meu jardim;
Canto a rosa, que se enastra
Na candura do jasmim.

Canto os prados matizados
De verde e rubro café;
Canto as altas sucupiras,
Como gigantes de pé;
Canto o lago negro e fundo,
Onde mora o jacaré.

Canto tudo quanto vejo
Nos sertões da minha terra;
Canto o belo, canto o feio,
Canto a paz, e canto a guerra;
Canto tudo que me inspira,
Que me encanta, ou que me aterra.

Nos cantos, como na luta
Ninguém outro aqui me avança;
Quando eu canto estas cantigas
Por entre rodas de dança,
Os homens guardam silêncio,
O mato pára e descansa.

As pastôras inocentes
Cravam seus olhos nos meus,
Como na festa do templo
O povo contempla Deus;
Como vai o amante ao longe
Dizendo seu triste: Adeus.

Então no meio das belas
Canto, canto os meus amôres, ¹⁵⁸²
Mais belos que os nossos matos,
Mais gentis que as nossas flores,
Mais lindos que os nossos astros,
Mais fortes que seus fulgores.

De vergonha, as pastorinhas
Baixam seus olhos ao chão,
Como vagos pirilampos
Que brilham na escuridão,
Como estrêlas que não podem
Suster do dia o clarão.

Cada um que forma a roda,
Cada um é meu rival;
Cada um pensa vinganças
No coração infernal;
Tôda a roda, tôda a aldeia
Arde em ciúme fatal.

Todos da aldeia me invejam,
Todos têm raiva de mim:
Raiva tomada em segrêdo,
Muda sempre até o fim;
Como a raiva do covarde,
A sua raiva é assim.

Mas seus olhos me respeitam,
Sua voz me diz — amor;
Como um escravo obrigado,
Que reconhece o senhor;
Como um homem, que venera
Um anjo superior.

Ninguém canta como eu canto,
Ninguém luta como eu luto;
Nos dedos, na voz, nos braços,
Ninguém há mais resoluto;
Eis aí por que ¹⁵⁸³ me pagam
Êsse custoso tributo.

Eis aí o meu domínio,
Domínio de coração:
Eu toco a minha viola,
Eu canto a minha canção;
Eu domino, — e como eu posso,
Meus rivais não podem, não.

Assim seus lábios de raiva
Me dizem sòmente — amor;
Como um escravo obrigado,
Que reconhece o senhor;
Como um homem, que venera
Um anjo superior.

E a bela dos meus amôres
No meio da roda está;
Como um anjo feminino
Entre as donzelas de cá;
Como a estátua mais bonita
No altar do Senhor de lá.

E a bela dos meus amôres
Sabe rir dos meus rivais;
Aplauda as minhas cantigas
Com seus lábios virginais;
Deita-me em roda da testa
Verdes cafés triunfais.

Todos que formam a roda,
Murmuram, ardem então;
Mas eu vou, cantando ainda,
Com ela só pela mão;
Morrei, pastôres! — eu vivo
Com ela e minha canção.

AO MEU NATALÍCIO

1852

Porque não pereci no mesmo instante
Em que fui embrião?
Porque deu hoje ao mundo mais um homem
O Rei da criação?

Ou porque separai-me das moléculas
Da universal matéria?
Porque desceu, para animar-me o barro, 1584
A partícula etérea?

Para alimento cevador dos vermes
Em meu próximo fim?
Para engrossar com meu enfêrmo corpo
A terra, donde vim?

Para ao depois voltar — pequena parte —
Ao todo dessa argila?
Para ao depois com êste suco pútrido
Inda melhor nutri-la?

Não quero blasfemar: — ignota destra
Lançou-me neste mundo:
Existo nêle, — e não sei mais! — o resto
E' um mistério fundo!

Donde vim eu? — do coração da terra,
Como o rasteiro arbusto,
Como a florzinha que desenha o prado,
Como o cipreste augusto.

Mas onde vou? — também não sei! — na terra
Apenas vejo a campa,
A qual só vermes e poeira mostra
Aquele que a destampa.

Mas a que vim? — tampouco o sei! — existo,
Como o penedo existe:
Não veio o raio a cercear-lhe a planta:
Um pouco inda resiste.

Pergunto ao céu, à terra, ao mar imenso:
— Que vim fazer no mundo?
E o céu, e a terra, e o mar — só me repetem
O eco — mais profundo.

Porque, porém, ao céu, ao mar, à terra
Perguntar — o que sou?
O céu não fala aos homens, mente a terra,
E o mar sempre enganou!

Eis o que sou? a pêndula das horas,
Que de continuo oscila:
Eis o que sou! — a dúvida encarnada, 1585
Que perenal vacila.

Eis o que sou! — um ente errôneo, absurdo,
Sem fé no coração!
Errando estranho e forasteiro o mundo,
Sem conhecer missão!

Oh! quão feliz não fôra — se morresse,
Quando fui embrião!
Não sentiria agora a imensa ausência
Da fé no coração!

Não quereria conhecer debalde
Qual é minha missão;
Não dissera jamais — que bela morte,
Se fôsse inda embrião!

Não perguntara à natureza inteira
Em minha imprecação:
— Porque deu hoje ao mundo mais um homem
O Rei da criação?

LOUCO

(HORA DE DELÍRIO)

Não, não é louco. O espírito sòmente
E' que quebrou-lhe um elo da matéria.
Pensa melhor que vós, pensa mais livre,
Aproxima-se mais à essência etérea.

Achou pequeno o cérebro que o tinha:
Suas idéias não cabiam nêle;
Seu corpo é que lutou contra sua alma,
E nessa luta foi vencido aquêle.

Foi uma repulsão de dous contrários:
Foi um duelo, na verdade, insano:
Foi um choque de agentes poderosos:
Foi o divino a combater co' o humano.

Agora está mais livre. Algum atilho
Soltou-se-lhe do nó da inteligência:
Quebrou-se o anel dessa prisão de carne,
Entrou agora em sua própria essência.

Agora é mais espírito que corpo:
Agora é mais um ente lá de cima;
E' mais, é mais que um homem vão de barro:
E' um anjo de Deus, que Deus anima.

Agora, sim, — o espírito mais livre
Pode subir às regiões supernas:
Pode, ao descer, anunciar aos homens
As palavras de Deus, também eternas.

E vós, almas terrenas, que a matéria
Ou sufocou ou reduziu a pouco,
Não lhe entendeis, por isso, as frases santas, 1586
E zombando o chamais portanto: — um louco!

Não, não é louco. O espírito sòmente
É que quebrou-lhe um elo da matéria.
Pensa melhor que vós, pensa mais livre,
Aproxima-se mais à essência etérea.

DESEJO

(HORA DE DELÍRIO)

Se além dos mundos êsse inferno existe,
Essa pátria de horrores,
Onde habitam os tétricos tormentos,
As inefáveis dores;

Se ali se sente o que jamais na vida
O desespero inspira:
Se o suplício maior, que a mente finge,
A mente ali respira;

Se é de compacta, de infinita brasa
O solo que se pisa:
Se é fogo, e fumo e sulfúro, e terrores
Tudo que ali se visa;

Se ali se goza um gênero inaudito
De sensações terríveis;
Se ali se encontra êsse real de dores
Na vida não possíveis;

Se é verdade êsse quadro, imaginam
As seitas dos cristãos;
Se êsses demônios, anjos maus, ou fúrias,
Não são uns erros vãoos;

Eu — que tenho provado neste mundo
As sensações possíveis;
Que tenho ido da afecção mais terna
As penas mais incríveis;

Eu — que tenho pisado o colo altivo
De vária e muita dor;
Que tenho sempre das batalhas dela
Surgido vencedor;

Eu — que tenho arrostado imensas mortes,
E que pareço eterno;
Eu quero de uma vez morrer p'ra sempre,
Entrar por fim no inferno!

Eu quero ver se encontro ali no abismo
Um tormento invencível:
— Dêsses que achá-los na existência tôda
Jamais será possível!

Eu quero ver se encontro alguns suplícios,
Que o coração me domem;
Quero lhe ouvir esta palavra incógnita:
— Chora por fim, — que és homem!

Que, de arrostar as dores desta vida,
Quase pareço eterno!
Estou cansado de vencer o mundo,
Quero vencer o inferno!

TRISTEZA

Brilha o sol, brilham as nuvens,
Os montes de ouro se coram:
Porém minha alma se aperta,
Meus olhos dormentes choram:

Depois o céu se transforma,
De negros bulhões se touca;
Porém minha alma se expande,
E solta risada louca.

Depois o baile, — onde tudo
Um tope de gostos é;
E eu fico imóvel olhando,
Como um cadáver de pé.

Talvez no ar, que bebemos,
Às vêzes um anjo voa,
Como a pancada de um sino
Que pelos mortos ressoa. 1587

Talvez nos assiste um anjo,
Que nos inspira a tristeza,
Como um anjo nos assiste
No relance da defesa.

De cólera num lampejo
Talvez a mão do Senhor
Arrojou minha alma ao barro
Só para o gôzo da dor.

Porém um anjo propício
Co' a sua vista louçã
Hoje prepara meu peito
Para as dores de amanhã.

Salve, ó anjo da tristeza,
Salve, ó imagem fatal!
Tu que me dizes que espere,
Que espere sòmente o mal. 1587

NÃO POSSO

Olha-me, ó virgem, — a fronte,
Olha-me os olhos sem luz;
A palidez do infortúnio
Por minhas faces transluz;
Olha, ó virgem, — não te iludas, —
Eu só tenho a lira e a cruz.

Foge, ó virgem, — não descubras
Às trevas a tua luz:
Longas trevas! — luz tão linda
Nas trevas pouco transluz;
Reflete apenas tremendo
Nas traves roxas da cruz. 1587

E' linda, — mas é profana,
— Não pode arder junto à cruz:
Maldição! — ei-la no templo!
E' fraca, — porém transluz:
Transluz aqui; — mas no fundo,
— No fundo não chega a luz.

Foge, ó virgem, dessas trevas,
Dêsse mistério da cruz;
Na gleba não nasce a rosa,
Astro em nuvens não transluz;
O fermento do cadáver
Asfixia e mata a luz.

Foge, ó virgem, — inda é tempo, —
Não queiras perder a luz;
Tua luz faz mal aos mortos,
Aos mortos asila a cruz;
A cruz extingue a beleza
Que nas donzelas transluz.

Ao aspecto de um finado
Escondas bem tua luz;
Não queiras fanar as graças
Junto dos cravos da cruz;
— Só nos tálamos dourados
Da vida o prazer transluz.

Que para luzir aos mortos
Não é que tens essa luz;
Esse amuleto de graças,
Que em tuas faces transluz,
Não é feito para um morto,
— Sepultado aos pés da cruz.

Inocente! — que não sabes
Que meus olhos não têm luz;
Inocente! — olha que a morte
Em minhas faces transluz;
Que as emoções de meu peito
Já expiraram na cruz.

Não posso: — a morte tolheu-me;
Não posso: — apagou-se a luz;
Bem vejo: — ainda a beleza
Em tuas faces transluz;
— Mas eu somente co' a lira
Estou suspenso da cruz.

NEM SEMPRE

HORA DE DELÍRIO

Bem sei que te sorris com rir angélico,
Como as aves do céu e a flor dos bosques:
Porém dêste sorrir, — por mais donoso,
Nem sempre gosto.

Olhas-me, — eu sinto, com olhar tão terno,
Que, como um talismã, quebranta os ânimos;
Porém de teu olhar, — tão doce embora,
Nem sempre gosto.

Coa-te as faces candidez lucente,
Nítida e vítrea, — como a flor do jaspé;
Porém dêsse palor, — tão lindo embora,
Nem sempre gosto.

Falas com som melodioso e harmônico,
Com som tocante, — como etéreas harpas;
Porém dêsse falar, — por mais sonoro,
Nem sempre gosto.

Andas com passos breves e calados,
Soturnos, — como o divagar da noite:
Porém dos passos teus, — por mais mimicos,
Nem sempre gosto.

De um rir irado, estrídulo e sardônico,
Que, como a seta, me transpasse as fibras;
De um rir danado, que me inspire fúrias,
Às vêzes gosto.

De olhar feroso, trépido e fosfórico,
Como o luzir e o crepitar do raio;
De olhar raivoso, que me acenda o gênio,
Às vêzes gosto.

De um rubro afogues de acesas faces,
— Sintoma de colérico transporte;
De um rubro afogues, — como um incêndio,
Às vêzes gosto.

De um tom vibrante, rápido e precípito,
Como a voz do oceano entre as procelas;
De um tom de voz, que me afigure a raiva,
Às vêzes gosto.

De um passo nobre, arrebatado e válido,
Como os impulsos da paixão nos peitos;
De um passo forte, que vacile a terra,
Às vêzes gosto.

A mole imagem da apatia inerte
Já me basta de vê-la em teu semblante;
Da guerra das paixões, do horror da cólera
Às vêzes gosto.

Ao menos uma vez quisera, ó virgem,
Ver em teu rosto a contração da raiva;
Que do terno languor, que te define,
Nem sempre gosto.

À AMIZADE

(HORA DE DELÍRIO)

..... Amigos

Em um momento ligou, solta um momento

J. M. DA COSTA E SILVA.

Imagem falsa, duvidosa, incerta,
Não mais minha alma iludirás em sonhos.
Não mais me mostrarão ventura oculta
Teus ademães risonhos.

Cândido espectro de falaz doçura,
Não mais meus olhos te olharão saudosos;
Não mais por ti decorrerão perenes
Meus prantos tão gostosos.

Nutante grimpá, furta-côr, travêssa,
Não mais meus passos guiarás na vida;
Não mais verás minha alma vacilante
De teu volver pendida.

Mentiroso farol em mar-tormenta,
Não mais crerei em tua luz instável;
Não mais a ti dirigirei meu rumo
Com peito inabalável.

Ambíguo e vago e doudo pirilampo,
Não mais teus lumes seguirei constante;
Não mais me enganará por ínvios trilhos
Teu fósforo brilhante.

Idéia vã, — fantástica Amizade,
A tempo conheci que eras mentira;
Sarcástico, irrisor demônio, ou fúria,
Que pelo mundo gira.

E eu cri um dia em teu olhar mentido,
Irônica Amizade! — e néscio e fátuo
Julguei teu riso um paraíso eterno.
Julguei as vozes que me davas doce,
Do coração mais íntimo arrancadas.
Julguei tua alma um trono sacrossanto,
Onde reinava majestoso, excelso,
O gênio bom das afecções mais puras.
Julguei teu peito, ó pérfido fantasma,
Um tesouro de angélicas virtudes.
Julguei que estava em tua bôca ambígua
A expressão da franqueza e da verdade.
Julguei que só moravam nos teus olhos
Os sinais da candura e da constância.
Julguei-te um anjo que dos céus descias,
— És um demônio que do abismo surges!

E eu cri um dia em teu olhar mentido,
Irônica Amizade! — e alucinado
Abracei um demônio em vez de um anjo!

Olhei um dia para o mundo absurdo,
Que me cercava, deslumbrado, — e disse:
— Quantos homens i vão contentes, ¹⁵⁸⁸ lindos,
Felizes, juntos! — que me falta entanto,

Que sou tão triste e desgraçado?... — E o mundo
Me respondeu assim: — Sòzinho, ó bardo! —
E eu repeti — sòzinho: — e olhei-me em tórno,
E vi ao pé de mim o débil junco
Elástico enrolando-se no tronco.
E vi de rôjo a pérfida serpente
Unificar-se ao vacilante arbusto.
E vi o arbusto, titubando ao vento,
Encarnar ¹⁵⁸⁹ a raiz na gleba firme,
E vi a gleba se agarrar no fundo
Às camadas mais íntimas de argila.
E vi a argila se internar mais ínfima
Nos estrados de ferro e prata e ouro.
E vi ainda os últimos estrados
Ao coração da terra assimilarem-se.
E vi depois a terra — o globo inteiro
Girando em de redor ao sol formoso.
E eu disse então: —

Sou desgraçado e triste,
Porque meu coração — novel e néscio —
Não achou para unir-se em uma essência
Um coração igual na dor, no gôzo.

Eis-aqui o que disse, — e que al diria? —
Eis o que disse a natureza inteira,
Quando me respondeu: — Sòzinho, ó bardo! —

E em tórno a mim eu procurei ansioso
Um coração para sentir comigo.

E eu tive um dia uma visão donosa:
— Era um rosto sereno — que trazia
A placidez divina da virtude,
A simples face da inocência angélica,
— Reminiscência da primeira vida
Que já vivemos lá no céu co'os anjos.
— E as lindas flores que os jardins pintavam,
E as seculares árvores dos bosques,
E as namoradas ondas do oceano,
E a branda lua e as vívidas estrêlas,
E o céu, e a terra, e a natureza inteira
Pareceram dizer-me: — Achaste: é êle! —

E eu tive um dia uma visão terrível;
— Este rosto sereno — que trazia
A expressão da virtude e da inocência,
Continha um coração de brasa e ferro!

Do mar extenso a plana superfície
Também às vêzes assossega o nauta,
Enquanto lá na urna das procelas
A tempestade horrenda se prepara.

E pus-me a repetir: — Sòzinho, ó bardo! —
E muitas vêzes increpei injusto
Da natureza o vaticínio equívoco,
Que os olhos da paixão — cegos ou loucos —
Não me deram a ler no próprio espírito.

Reneguei-te, portanto, ó vão fantasma,
Para sempre, de mim, que alucinado
Um anjo vi, — mas vejo-te um demônio.

Mas há outro sentimento,
Ainda que mais mundano,
Verdadeiro;
Onde o prazer se desfruta,
Como a torrente perene
De um ribeiro.

Mas há outro sentimento,
Mais doce, mais prazenteiro,
Mais real;
Que não é mais — Amizade, —
Que não é mais essa imagem
Ideal.

E' de essência diferente
O físico sentimento
Do amor:
Sentimento necessário,
Que não pode ser fingido,
Nem traidor.

Neste sentir — todos sentem
Do modo que a natureza
Manda e quer;
Nem sabe ser contrafeita,
Quando tôda unida ao homem,
A mulher.

Eu quero êste amor do mundo,
Êste belo sentimento
Natural;
Quero: — que é êle sòmente
O sentimento da vida
Mais real.

MORTE

(HORA DE DELÍRIO)

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és o têrmo
De dous fantasmas que a existência formam,
— Dessa alma vã e dêsse corpo enfêrmo.

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és o nada,
Tu és a ausência das moções da vida,
Do prazer que nos custa a dor passada.

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és apenas
A visão mais real das que nos cercam,
Que nos extingues as visões terrenas.

Nunca temi tua destra,
Não sou o vulgo profano:
Nunca pensei que teu braço
Brande um punhal sobr'humano.

Nunca julguei-te em meus sonhos
Um esqueleto mirrado:
Nunca dei-te, p'ra voares,
Terrível ginete alado.

Nunca te dei uma fouce
Dura, fina e recurvada;
Nunca chamei-te inimiga,
Ímpia, cruel, ou culpada.

Amci-te sempre: — e pertencer-te quero
Para sempre também, amiga morte.
Quero o chão, quero a terra, — êsse elemento
Que não se sente dos vaivéns da sorte.

Para tua hecatombe de um segundo
Não falta alguém? — Preenche-a comigo.
Leva-me à região da paz horrenda,
Leva-me ao nada, leva-me contigo.

Miriádas de vermes lá me esperam
Para nascer de meu fermento ainda.
Para nutrir-se de meu suco impuro,
Talvez me espera uma plantinha linda.

Vermes que sôbre podridões refervem,
Plantinha que a raiz meus ossos ferra,
Em vós minha alma e sentimento e corpo
Irão em partes agregar-se à terra.

E depois nada mais. Já não há tempo,
Nem vida, nem sentir, nem dor, nem gôsto.
Agora o nada, — êsse real tão belo
Só nas terrenas vísceras deposto.

Facho que a morte ao lumiar apaga,
Foi essa alma fatal que nos aterra.
Consciência, razão, que nos afligem,
Deram em nada ao baquear em terra.

Única idéia mais real dos homens,
Morte feliz, — eu quero-te comigo.
Leva-me à região da paz horrenda,
Leva-me ao nada, leva-me contigo.

Também desta vida à campa
Não transporto uma saudade.
Cerro meus olhos contente
Sem um ai de ansiedade.

E como autômato infante
Que inda não sabe sentir,
Ao pé da morte querida
Hei de insensato sorrir.

Por minha face sinistra
Meu pranto não correrá.
Em meus olhos moribundos
Terroros ninguém lerá.

Não achei na terra amôres
Que merecessem os meus.
Não tenho um ente no mundo
A quem diga o meu — adeus.

Não posso da vida à campa
Transportar uma saudade.
Cerro meus olhos contente
Sem um ai de ansiedade.

Por isso, ó morte, eu amo-te, e não temo:
 Por isso, ó morte, eu quero-te comigo.
 Leva-me à região da paz horrenda,
 Leva-me ao nada, leva-me contigo.

À MORTE DE GARRETT

No doce arranco
 Que o céu lhe abria,
 Garrett ouvia
 Seu próprios carmes
 De terno amor.
 E aos brancos lábios
 Franco, improviso,
 Lhe veio um riso
 Em vez de angústias,
 Em vez de dor.

Morreu poeta,
 Ledo e gostoso:
 Morreu ditoso,
 Cingido, ornado
 Dos cantos seus.
 Lá foi co' os anjos,
 Que o inspiraram,
 Que o sublimaram,
 Cantar saudades
 Ao pé de Deus.

Cantai, donzelas
 Da pátria dêle,
 Cantai aquêle
 Hino de amôres,
 Hino gentil.
 Ouvi que entoam
 Seu hino etéreo
 Em som funéreo
 As belas virgens
 Do meu Brasil.

Brasílias, ¹⁵⁹⁰ Lusas,
 Gentis donzelas,
 Cantai singelas
 Ao pé da tumba
 Do bom Garrett.
 Cantai o vate
 Que vos amava,
 Que vos cantava
 Com tanto fogo,
 Com tanta fé.

Cantai, donzelas,
 Cantai seu hino
 Doce, divino,
 Cheio de pranto,
 Cheio de amor,
 Como na rocha
 Que o mar batia,
 Triste gemia
 O desgraçado,
 Terno amator.

O VELHO

I

Vi-te soltando longo vagido
 Sem causa, pranto, dor nem sentido.
 Não conhecias nem mesmo o rir.
 Por entre os olhos que não me viam
 Cristais de angústia não te corriam.
 Tinhas ¹⁵⁹¹ apenas forte bramir.

Ao pé do berço que te embalava
 Beije-te a face que não corava.
 Achei teus olhos fitos nos meus.
 Mas tua imóvel, ¹⁵⁹² tensa retina
 Não te brilhava co' a luz divina,
 Tocha acendida por mãos de Deus.

Depois lembrei-me dos vaus do mundo,
 No teu futuro pensei profundo.
 Tu não sabias mais que vagir.
 Meu pranto mesmo lavou-te o rosto.
 Mesmo o bebeste, talvez com gôsto.
 Fui-me, e deixei-te livre bramir.

II

Achei-te, à volta, linda donzela,
 Prudente e sábia, completa e bela.
 Guardei teus rasgos sempre de cor:
 Estás sòmente mais bela agora.
 Os áureos raios da tua aurora
 Co' o sol mais alto brilham melhor.

Estás mais nobre: teu rosto vivo
 Tornou-se agora severo, altivo.
 Já nos teus olhos, rasgado o véu,
 Lampejam chamadas, de quando em quando.
 Teus altos seios, que vão pulando,
 Mais te levantam a fronte ao céu.

Mais livre apenas um têrmo agora
 As faces ambas te acende e cora.
 Mesmo teu riso contém pudor.
 Também nem tanto, mulher formosa!
 Essa reserva cruel, forçosa,
 Excita os homens até furor.

III

No entanto envelheci. Senosas rugas
 Cortaram-me o semblante.
 Na minha frente transformou-se em branco
 Meu ébano brilhante.

O mesmo tempo que arrancou-te a infância,
 Deu-me a velhice a mim.
 Também sou outro na estação da vida:
 Mudamo-nos assim.

Talvez andamos por diversos planos,
 Por climas desiguais:
 Tu nos jardins da primavera, — eu sempre
 Nas plagas hibernais.

Dei-te na face outrora um beijo, — quando
Um berço te continha: 1593
Nesse beijo, talvez, leguei-te em fogo
A juventude minha.

Hoje — quando te lembro o berço, a infância,
Os olhos te enrubecem.
Tremes e coras, — e depois as faces
Desfazem-se, falecem.

Podes agora te enraivar perpétuo,
Corar de eterno pejo.
Tens em teu rosto para sempre impresso
Meu inocente beijo.

IV

Mas quê? tu choras?
Por quem deploras?
Será por mim?
Ah! eu rejeito
Por meu respeito
Um pranto asssim.

Ah! que me falas,
Que tanto estalas
Minha senez?
Repete, ó bela,
Por Deus, donzela,
Dize outra vez.

No peito em breve
Fugiu-me a neve
Dura, senil.
Já sinto a vida
Mais confluída,
Mais juvenil.

Ah! que palavra
Que tanto lavra
Meu coração!
Que faz-me n'alma
Romper da calma
Tal reação!

Ah! que me falas,
Ah! quanto exalas, 1594
Que animação!
Ah! que palavra
Que tanto lavra
Meu coração!

Dize a palavra
Que assim me lavra,
Dize-a por dó.
Dize, ó donzela,
Repete, ó bela,
Uma vez só.

V

Ouvi-te bem agora. — Amor — disseste.
Queres amor: achá-lo-ás por certo.
Mas se procuras depará-lo à pressa,
Eu te direi onde o terás mais perto.

Passa por junto do mancebo ardente,
Atira-lhe no ar um beijo, — e corre.
E' essa a imagem de um amor de jovem.
Num vôo nasce, e numa queda morre.

Vai ter ao pé do velho que medita,
Mira-lhe os olhos que a ciência ardeja.
Deixa-lhe ainda meditar um pouco.
Corta-lhe o pensamento, e as cãs lhe beija.

Então venceste: e num amor eterno
Descansa e dorme, tímida donzela,
Contínua luz, não rápido relâmpago,
Dêle terás a sensação mais bela. 1595

Depois se vires um mancebo ardente,
Dá-lhe inda um riso de sarcasmo, — e corre.
A leve imagem de um amor de jovem
Num vôo nasce, e numa queda morre.

VI

Mas quê? teu braço me rodeia o corpo!
Oferces-me a face, um beijo aceitas!
Ah! quem pode pensar — mancebo ou velho —
Ligado assim nessas prisões estreitas?

Há pouco vi-te criancinha infante
Chorando à toa co' uma voz canora.
Hoje nem és a mesma nesses lábios:
Também sou outro no beijar-te agora.

Ah! deixa-me pensar na sorte ao menos.
Já me pedes de mais, já muito aceitas.
Ah! quem pode pensar — mancebo ou velho —
Ligado assim nessas prisões estreitas?

VAI

Vai, maldita, vai, víbora sangrenta,
Mulher impura, e ávida de infâmias!
O mundo é amplo: arroja-te em seu gúrgite.
Mereces bem seu lôdo.

Eu, iludido por teus brandos olhos,
Onde gravaste pérfida inocência,
Temendo os homens, receando o mundo,
Eu te escondi comigo.

Levei-te em braços, ao cair da tarde,
Para o mais denso coqueiral sombrio.
Lutei ali co' as brisas que queriam
Levar os teus cabelos.

Antes que o sol galvanizasse as nuvens,
Quando as estrêlas matinais caíam,
Eu te deitava à copa das mangueiras,
Que enchiam-te de flores.

Ao meio-dia, eu, te abraçando as formas,
Te dirigia ao cristalino rio,
Que contemplando os membros que banhava,
Quase parava o impulso.

O mais do tempo, sossegada e alegre,
Passaste-o no meu colo, entre os meus beijos.
Eu, inquieto, não deixei um' hora
Sem renovar-te um gôzo.

Que mais querias? — Diademas, tronos?
Não! conheci que essa ambição não tinhas.
Era teu sonho a infâmia. E de meus braços
Fôste cair no crime.

E eu que julguei-te um serafim tão puro!
Oh! sarcasmo do inferno! — E eu te abraçava,
Mulher nojenta, e acreditei tão forte
Que estavas inocente!

Vai, desgraçada, vai. Extensa estrada
Te junca o mundo de paixões ascosas.
Vai, vai de rastros adorando a monstros,
Que hão de tragar-te um dia.

Vai, desgraçada, vai. Farta-te em crimes,
Sacia as garras, cobre-te de sangue.
E' êsse o gênio teu. Corre, — que eu vejo
Teu exemplar castigo.

Vai, desgraçada, vai. Riso da plebe,
Indigna até de maldições severas,
Hei de ver-te amanhã pedindo um óbolo,
Errando pelas praças.

E adornada de fétidos andrajos,
A mão leprosa estenderás, ao ver-me,
E a boca tímida abrirás mendiga,
Pedindo-me uma esmola.

E eu co' o nobre olhar que já receias,
Hei de talvez passar sereno e alegre,
Ou, temendo tocar-te as mãos imundas,
Jogar-te algum dinheiro.

Tal é minha vingança. A ouvir-me agora,
Um riso, um riso estólido desprendes.
Ah! tu não crês ainda na justiça
Do Deus que nos escuta!

Ri-te outra vez de minhas frases duras!
Sim: tens razão, incrédula. — Mas corre,
Corre depressa, — que amanhã teu riso
Já não será tão grande.

Vai, maldita, vai, víbora sangrenta,
Mulher impura, e ávida de infâmias!
O mundo é amplo, arroja-te em seu gúrgite,
Mereces bem seu lôdo.

À TARDE

Ainda a vi à tarde
Pensando sempre ali,
Qual sábio que embebido
Se esquece até de si.

E a brisa que lhe vinha
Do som do coqueiral,
Nas faces lhe batia,
Quais ondas de metal.

A tez mimosa e branca
Cavava-se ao tufão,
Qual fica o mar aos sopros
Do rígido pegão.

E a face, e a boca, e os olhos
Transiram-se de dor.
E ouvi-lhe um ai não terno, ¹⁵⁹⁶
Que não dizia — amor.

Fugiu, fugiu co' os lábios
Abrindo-se a gemer,
E eu maldisse a brisa,
Que veio lhe ofender.

TEMOR

Ao gôzo, ao gôzo, amiga. O chão que pisas
A cada instante te oferece a cova.
Pisemos devagar. Olha que a terra
Não sinta o nosso pêso.

Deitemo-nos aqui. Abre-me os braços.
Escondamo-nos um no seio do outro. ¹⁵⁹⁷
Não há de assim nos avistar a morte,
Ou morreremos juntos.

Não fales muito. Uma palavra basta
Murmurada, em segrêdo, ao pé do ouvido.
Nada, nada de voz, — nem um suspiro,
Nem um arfar mais forte.

Fala-me só co' o revolver dos olhos.
Tenho-me afeito à inteligência dêles.
Deixa-me os lábios teus, rubros de encanto,
Sòmente p'ra os meus beijos.

Ao gôzo, ao gôzo, amiga. O chão que pisas
A cada instante te oferece a cova.
Pisemos devagar. Olha que a terra
Não sinta o nosso pêso.

O ARRANCO DA MORTE

Pesa-me a vida já. Fôrça de bronze
Os desmaiados braços me pendura.
Ah! já não pode o espírito cansado
Sustentar a matéria.

Eu morro, eu morro. A matutina brisa
Já não me arranca um riso. A rósea tarde
Já não me doura as descoradas faces
Que gélidas se encovam.

O noturno crepúsculo caindo
Só não me lembra o escurecido bosque,
Onde me espera a meditar prazeres
A bela que eu amava. ¹⁵⁹⁸

A meia-noite já não traz-me em sonhos
As formas dela — desejosa e lânguida —
Ao pé do leito, recostada em cheio
Sôbre meus braços ávidos.

A cada instante o coração vencido
Diminui um palpíte; o sangue, o sangue
Que nas artérias férvido corria
Arroxase e congela.

Ah! é chegada a minha hora extrema!
Vai o meu corpo dissolver-se em cinza;
Já não podia sustentar mais tempo
O espírito tão puro.

E' uma cena inteiramente nova.
Como será? — Como um prazer tão belo,
Estranho e peregrino, e raro e doce,
Vem assaltar-me todo!

E pelos imos ossos me refoge
Não sei que fio elétrico. Eis! sou livre!
O corpo que foi meu! que lôdo impuro!
Caiu, ¹⁵⁹⁹ uniu-se à terra.

O HINO DA CABOCLA

CANÇÃO NACIONAL

Sou índia, — sou virgem, — sou linda, — sou débil,
— E' quanto vós outros, ó tapes, dizeis!
Sabei, bravos tapes! — que eu sei com destreza
Cravar minhas setas no peito dos reis!

Sabei que não canto sòmente prazeres,
Sabei que não gemo sòmente de amôres:
Sabei que nem sempre vagueio nos bosques,
Sabei que nem sempre me adorno de flores.

Meus lábios não beijam os lábios do amante,
Meus lábios combatem tirânicas leis:
Meus lábios são como trovões estupendos,
Que cospem coriscos na face dos reis!

Quem viu-me nas liças, quem viu-me covarde,
Aos silvos da flecha — quem viu-me escorar?
Eu sou como a onça, pequena e valente,
Eu sei os perigos da guerra afrontar!

Enchi meus carcasses de agudas taquaras,
Que iguais nas florestas jamais achareis;
É dessas taquaras fatais é que pendem
As vidas infames de todos os reis.

Sou índia, não nego: — meus finos cabelos
— Qual juba ferina — bem longos que são!
Porém êsse peito, que férvido pulsa,
E' másculo, ó tapes! — ou é de um leão!

Meu ânimo, ó tapes! — aqui vos conjuro
— Bem cedo meu ânimo ardente vereis:
Que eu já me preparo co' as setas melhores,
Que saibam cravar-se no peito dos reis!

Eu tenho cingidos na frente, ó guerreiros,
Seis dentes de chefes de imigas coortes:
— Na paz os meus dedos desfiam amôres,
Na guerra os meus dedos dispararam mil mortes!

São seis as vitórias que cingem-me a testa,
— Não vêdes, ó tapes? meus louros — são seis!
Quem cinge na testa seis louros de glória,
— Não teme essas tropas compradas dos reis.

As minhas façanhas espantam aos tapes,
— Invejam-me todos as altas façanhas:
Só elas são como penhascos gigantes,
Só elas são como brasílias ¹⁶⁰⁰ montanhas!

Só elas não curvam-se ao mando dos homens,
Só elas inculcam despóticas leis;
Só elas humilham a frente aos tiranos,
Só elas abalam os troncos dos reis!

Meus membros são débeis, — qual junco flexível,
Meu pé tão mimoso — dizeis — tão maneiro!
Mas pé tão mimoso — sabeis que êle esmaga
O colo possante do vil estrangeiro!

Sou índia, — sou virgem, — sou débil, — sou fraca,
— Só isso vós, tapes injustos, dizeis:
Sabei, bravos tapes! — que eu sei com destreza
Cravar minhas setas no peito dos reis.

SONETO

Jovens filhos da pátria, em vossos peitos
Depõe a pátria seu porvir de glória:
Revolve sonhos de imortal memória,
Adejando inquieta em vossos leitros.

De vós espera sublimados feitos,
P'ra ornar de palmas a futura história;
Espera em vós, como esperava em Dória,
Dória tão jovem, como vós, nos pleitos.

Atletas do ¹⁶⁰¹ porvir, marchai seguros
Da liberdade à festa sacrossanta,
A levantar-lhe mais altivos muros.

Marchai: — que aos livres nem o céu suplanta,
E o índio do Brasil, sem elmos duros,
No olhar sòmente os déspotas espanta.

SONETO

Arda de raiva contra mim a intriga,
Morra de dor a inveja insaciável;
Distile seu veneno detestável
A vil calúnia, pérfida, inimiga.

Una-se todo em traiçoeira liga,
Contra mim só o mundo miserável;
Alimente por mim ódio entranhável
O coração da terra que me abriga.

Sei rir-me da vaidade dos humanos;
Sei desprezar um nome não preciso;
Sei insultar uns cálculos insanos.

Durmo feliz sôbre o suave riso
De uns lábios de mulher gentis, ufanos;
E o mais que os homens dão, desprezo e piso.

A TRIGUEIRINHA

DE FONTENELLE

(Tradução livre)

I

Foi moreninha a donzela
Que perdeu a Salomão,
Que, lhe tocando na frente,
Deu co' a ciência no chão.

E' como um filtro no peito,
E' como um anjinho ¹⁶⁰² mau,
Que inspira as almas dos sábios
Para abismá-las num vau.

Ah! quem destruiu a Grécia,
Quem perdia os sábios seus?
Quer fôssem firmes estóicos,
Quer fôssem epicureus?

Quem lhes travava as idéias,
Quem lhes calava as razões?
Quem lhes dourava os sistemas,
Como se fôssem visões?

Ah! eram virgíneos rostos
De côr trigueirinha assim,
Co' os olhos negros, brilhantes,
Pulando como um delfim.

Belas virgens que diziam
Finezas em grego aos cem!
Co' a voz helênica e branda,
Que as outras línguas não têm!

II

Trigueirinha, — que me queres
Com êste riso loução?
Eu sou filósofo, — entendes?
Sou homem só da razão.

Trigueirinha, — foge, foge,
— Vê que eu não sou trovador.
Eu sou filósofo, — ouviste?
Eu não entendo de amor.

III

Vós que curvais sôbre a ciência os ombros,
Filósofos austeros!
Vós que bebeis pensadas vossas noites,
Geômetras severos!

A côr da trigueirinha abisma os sábios,
Transforma vossa essência.
Fugi da côr da trigueirinha, ó sábios,
Se amais vossa ciência!

O REGATO

DE FONTENELLE

(Tradução livre)

Prado, meu prado! que viagem longa
Não fiz por ti! Porém cheguei. Recebe,
Recebe em ti minhas serenas águas,
Que vim banhar-te e murmurar contigo.

E só por isso, eu, trépido, indefesso,
Deixei minha vertente. Ao ver-te as côres
Saltei rochedos, despenhei-me aos campos,
Corri por longos, sáfaros terrenos,
Precipitado repassei mil prados,
Vi mil regatos a brincar com êles.
Mas não parei, nem invejei seus gostos.
Contigo estava minha vida inteira.
E mais de um prado desejou-me as ondas,
E para receber-me abriu-me as veias.
Mas eu fugia em súbitos adeuses.
Ah! tudo rejeitei por ti, meu prado!

Prados que eu percorri! que sois com êste?
Vossas flores que são a par das dêle?
De acesso fácil, sem desdém, sem mimos,
Qualquer regato vos inunda ou singra.
Quereis ter muitos de uma vez e sempre;
Mas entre muitos eu me perco e sumo.
Amiais o sol, quereis sentir seus raios;
Mas eu só gosto de deitar-me à sombra.
Ah! tu meu prado, que diferes dêles!
Nasceste para mim, sou teu: vivamos.
Mas não recebas em teu seio aos outros:
Porque, sou regato, também ardo em zelos.

Nada temas de mim, fora os ciúmes.
Tenho virtudes mil, a qual mais santa.
Não me estanco jamais, — e em prova disto
Desafio os verões da África adusta.
Bem sei que a prados, como tu, não bastam
Regatos, como eu. Precisam, querem
Torrentes amplas que rolando espantem.
Mas tais torrentes quanta vez não secam!

Tranqüilo e doce, embevecendo as plantas,
E' sempre o mesmo, sempre igual meu curso.
Minha água é pura, meu cristal suave.
Eis o presente que ofertar-te venho.
Vosso tapête mil florinhas bordam.
Vossas florinhas regarei com gôsto.
Com minhas águas vos cercando os flancos,
Farei que nasçam mais gentis arbustos.
Descansa sôbre mim, meu lindo prado.

Que não farei por ti, que és meus amôres?
Olha! — que já me vou cindindo em braços,
Para abraçar-te, e te gozar mais amplo.

Não, não receies. Ficarei contigo,
Dentro de ti me revolvendo à douda,
Em labirinto infindo. A ti, meu prado,
A ti eu sempre voltarei contente,
Por mil giros que dê. Só em teu seio
Quero perder-me, se perder-me posso.

Ah! que me matas de prazer, meu prado!
Mais devagar: por nosso amor, — sossega...
Que sinto já, que sinto? Ah! fervem, pulam,
Saltam, fogem de mim as águas minhas!
Ai! já me canso, já me falta a fôrça!
Lá vão, lá vão... que? tu não vês, meu prado?
Nem me socorres, nem conter-me podes?
Lá vão de foz em fora as águas minhas!

Não é mais tempo. Adeus! tardaste tanto!
Meus amôres, adeus, — adeus, meu prado!

O VIAJANTE

(CANÇÃO TRADUZIDA DE BÉRANGER.)

O Velho

Que amargura, viajante, 1603
Murcha tua bela idade?

O Viajante

Ah! bom velho! é que eu me abismo
Nas procelas da cidade.

O Velho

Sim: o fado é sempre injusto,
Mas nem sempre é rigoroso.
Deus depara-te um amigo,
Vem comigo, — e sê ditoso.

O Viajante

Dos deuses daqui da terra
Meus males o prêmio são.
Os crimes já buscam templos:
Palácios não bastam, não.

O Velho

Toma o braço, triste jovem,
Teu caminho é pedregoso.
Eu vaguei, como tu vagas;
Vem comigo, — e sê ditoso.

O Viajante

Invoquei o Deus que dizem
As procelas calma e some:
Mil punhais me procuraram,
Burilados com seu nome.

O Velho

Eis-te aqui na minha ermida,
Toma um vinho generoso.
Pareces tanto meu filho!
Vem comigo, — e sê ditoso.

O Viajante

Ah! nem só o ser supremo 1604
E' que habita a imensidade!
Que vão parece êste mundo!
Que vasta inutilidade!

O Velho

Minha filha à tua angústia
Deu um ai tão doloroso!
Meus anos ela mitiga.
Vem comigo, e sê ditoso.

O Viajante

Será Deus que nestas trevas
Guia, ó velho, os passos meus?
Mas que val que um Deus exista,
Se não vivemos p'ra Deus?

O Velho

Eis teu leito, eis tua casa:
Longe um sonho tão gravoso.
Faze as vêzes de meu filho.
Vem comigo, — e sê ditoso.

Fica o moço entre os amôres,
De açucenas coroado:
Já espôso e pai, correndo,
Diz a mais de um desgraçado:

“Sim: o fado é sempre injusto,
“Mas nem sempre é rigoroso:
“Deus depara-te um amigo:
“Vem comigo, — e sê ditoso.”

O SUICÍDIO

CANÇÃO DE BÉRANGER SÔBRE A MORTE DOS JOVENS
ESCOUSSE E AUGUSTO LEBRAS, EM FEVEREIRO DE 1832

Quê! mortos ambos! nessa escura câmara
Onde o carvão inda gravita em ondas!
Ai! sua vida ia-se abrindo apenas.
Oh! suicídio, espanto dos humanos!
Talvez disseram: lá naufraga o mundo:
Pálido o Palinuro e os nautas pálidos
De medo, olhai-os! e o baixel tão velho,
Pelo embate das vagas consumido,
Abisma-se: salvemo-nos a nado.
E para o céu, abrindo-se um caminho,
Dando-se as mãos, partiram.

Infantes! inda o eco, inda murmura
O ar que aos sonos vos soprou na infância.
Se alguma nuvem lhes toldava a aurora,
— Esperai pelo sol — dizer-lhes vinham.
Mas êles impassíveis respondiam:
Que nos importa a nós que a seiva suba
E os campos enriqueça onde passamos?
Árvores, flores, messes — nada temos.
E' por nós que êste sol desperta e brilha?
E para o céu, abrindo-se um caminho,
Dando-se as mãos, partiram.

Infantes! insultar assim a vida!
Sòmente os velhos por inveja a insultam.
Vossa alma entusiástica de jovens,
Esvaziando a taça dos prazeres,
Não viu o amor no fundo? — Um sonho de anjo,
— Respondiam ¹⁶⁰⁵ também. — Amor! de balde,
Debalde nossa voz cantou seus mimos.
Só um altar restou de tanto culto.
Tocá-lo? não! — que o ídolo é de areia.
E para o céu, abrindo-se um caminho,
Dando-se as mãos, partiram.

Infantes! quando as penas vos cobrissem,
Águias um dia, abandonando o ninho,
Passando as nuvens, arrostando os raios,
Talvez chegásseis ao zenith ¹⁶⁰⁶ da glória.
Respondiam ainda: — O louro é cinza,
Cinza que aos ventos arremessa a Inveja.
Muito embora subissemos às nuvens,
Pisando os raios e abraçando a glória,
Ao pó, ao pó descêramos um dia.
E para o céu, abrindo-se um caminho,
Dando-se as mãos, partiram.

Infantes! qual a dor, por mais amarga,
Que não se acalma ao preencher deveres?
Na pátria às vèzes melhor mãe se encontra.
Co' as dobras do estandarte ela nos cobre.
Respondiam ainda: Ésse estandarte,
Que do chefe na cúpula tremula,
Protege-lhe sòmente o largo sono.
Tinto do sangue hostil, guardando a porta,
Vela, vela o soldado, e à fome expira.
E para o céu, abrindo-se um caminho,
Dando-se as mãos, partiram.

Infantes! quem de sombras pavorosas
Vos povoou o íntimo das almas?
Mas brilha um Deus em nossas densas trevas:
De pai a sua voz deve acalmar-vos.
Este sulco de luz, — em si disseram, —
Sigamo-lo, voando, antes que seja
Teu nome, ó Deus, que se arremessa aos ares
A par do nome do mortal que passa,
Letra à letra, apagado de noss' alma.
E para o céu, abrindo-se um caminho,
Dando-se as mãos, partiram.

Deus criador, perdoa-lhes a demência.
De um louco entusiasmo os sons seguindo,
No anel do mundo, infantes, não sabiam
Que não só para nós nascemos nêle.
Segui a lei da humanidade, ó filhos:
Faltam na terra apóstolos que o digam.
Amar, amar, é ser a si profícuo;
Fazer-se amar, é ser profícuo aos outros.
E para o céu, abrindo-se um caminho,
Dando-se as mãos, partiram.

O VELHO SARGENTO

(TRAD. DE BÉRANGER)

Velho sargento, a distrair seus males
Com essa mão que amortecera a bala,
Ao pé da roca da filhinha amada,
A dous netinhos, se sorrindo, embala.

Quêdo assentado, no solar campestre,
Única herança da guerreira sorte,
Dizia às vèzes: "O nascer não basta:
Buscai, meus filhos, uma bela morte!"

Mas que percebe? a caixa que ressoa:
Distingue um esquadrão passar lá fora:
Sobe-lhe o sangue à frente que goteja:
Velho corcel ¹⁶⁰⁷ inda sentia a espora.
Ai! de repente, com tristeza exclama:
"Bandeira alheia, e de estrangeira côrte!
Sim, p'ra vingardes esta pátria um dia,
Buscai, meus filhos, uma bela morte!"

"Essa turma de heróis que à voz da pátria
A Flêurus, a Jemapa, ao Reno acode,
De heróis quais a República nos dava,
Quem, ¹⁶⁰⁸ depois dela, dar-nos-á? quem pode?
Sem pão, descalços, sem ouvido aos mêdos,
Marchavam sempre em ávido transporte:
O Reno só retemperou-lhe as armas.
Buscai, meus filhos, uma bela morte!"

"A farda azul pelas vitórias gasta
Lá entre os prélios que gentil brilhava!
E por sôlta metralha a Liberdade
Ferros e cetros nos canhões socava.
De flores as nações por nós libertas
A frente ornavam dessa audaz coorte:
Feliz quem nessas ovações morrera!
Buscai, meus filhos, uma bela morte!"

"Para ser nobres lá desertam chefes:
Cobriu tanto valor funéreo pano!
E negra ainda do cartucho a bôca
Abre-se a bendizer qualquer tirano.
Já extinto o pudor, de trono a trono
Vendem o braço do Francês tão forte;
A glória, a glória, medem-nos por lágrimas.
Buscai, meus filhos, uma bela morte!"

Aqui a filha interrompeu-lhe as queixas
Fiando ainda, e murmurou-lhe a mêdo
Um dêsses cantos que aterrando os sólios ¹⁶⁰⁹
Despertaram outrora os reis tão cedo.
"Renova êste cantar, ó povo: é tempo."
Disse em voz baixa, e relevando o porte,
E aos netinhos que dormem, vai dizendo:
"Buscai, meus filhos, uma bela morte!"

DERTINCA

POEMA BRASILEIRO

(Fragmento.)

CANTO I

Tépida ainda a viração bafeja,
Travêssa amante, as árvores beijando.
Inteiro o dia, o vendaval sublime,
Tirano infrene dos tranqüilos ares,
Na terra dominou: cada vestígio,
Que de passagem imprimiu na terra,
Foi um estrago. A viração medrosa
Lá dos astros descer não pôde, a triste.

Sumiu-se entanto o vendaval agora;
Sumiu-se o sol nas vagas do oceano:
Sumiu-se quase a luz que despedia.
Sòmente agora a viração furtou-se
Ao regaço do sol, onde dormia,
E vem rompendo os turbilhões aéreos,
Beijando as flores, aquecida e morna.

Vem, hora do crepúsculo tão terna!
Vem, hora singular! porque minh'alma
Por ti anseia, ¹⁶¹⁰ e para ti foi feita!
Hora, que inspiras pensamentos santos,
Vem, recendendo ¹⁶¹¹ aromas e tristeza,
Qual de òrfãzinha o pálido semblante,
Hora de amor! — o dia me deslumbra,
Claro de mais para quem sente mágoas:
A noite é negra, — e suas sombras teme
Quem teme exagerar suas desditas!
Mas tu, hora de amor, tu sempre agradas
Ao merencório espírito do bardo:
Tu és dos tristes só: tu é que és minha!
E' só em ti que eu sinto-me librado
Na balança em que sou: nem mais nem menos
Que um desgraçado que descreu da vida
Bern cedo ainda: que escarnece o mundo,
Porque em seus risos confiou primeiro.

Teus risos, como os seus, não são traidores,
Hora de amor, hora querida minha, ¹⁶¹²
Por isso eu amo a viração que trazes:
Por isso eu amo a nuvem que te pinta:
Por isso eu amo a languidez que vertes.
Em ti penso melhor, porém mais triste:
Sinto mais fundo então, porém mais doce;
Porque tu és a hora da elegia!
Oh! vem, hora de amor! porque minh'alma
Por ti anseia, ¹⁶¹³ e para ti foi feita!

Das puras afeições, em nós inatas,
E' a melhor a sólida amizade:
Tôdas as mais o mundo, que educou-me,
Consigo mas levou: — esta sòmente
Deixou-ma viva o déspota comigo.
Esta afeição, ó Quadros, te pertence.
E' tua, sim. Recebe-a por escrito.

Vem assentar-te aqui, jovem amigo,
Tu, das cousas da pátria estudioso:
Vem assentar-te aqui: sentir comigo
A viração já fria que volteja ¹⁶¹⁴
Nas asas do crepúsculo macio,
Como um anjo de dó, cantando mágoas
Vem assentar-te aqui: quero contar-te
Uma história bonita. E' flor singela
Por mão furtiva de medroso bardo
Colhida acaso nos jardins imensos
Da nossa bela pátria. Há de agradar-te!

Êsse lugar, onde pousamos hoje,
Não te lembra o que foi? — foi outro tempo
Só gleba desigual, torrão inculto.
Não se via hasteada a cruz ainda
Nesses excelsos píncaros da América.
Não era vindo um estrangeiro intruso,
Um bárbaro ¹⁶¹⁵ da Europa às nossas terras,
As ¹⁶¹⁶ nossas possessões, para usurpá-las.

Não era vindo um homicida, monstro,
No qual um Deus os símplices acharam;
Era um demônio vomitando raios.
Sim: não havia êsse superbo templo
Por mão de velhos começado apenas,
Inda incompleto e derrocado quase,
Ossada de gigante afigurando.
Êles, — os velhos sós, — capazes eram
Para erguer pelo céu tamanha mole.
Êles, porém, passaram: — sua idéia,
Seu ardor, seu poder passou com êles.
Hoje — não mais se elevará completo. ¹⁶¹⁷
Ês gigante em cima da montanha.
Imenso, negro, descarnado e sêco,
Restará esqueleto em pé, medonho,
No meio da cidade, escarnecendo-a!

Povo, que passa, todo o dia aponta
Co' o dedo da irrisão para as paredes
Da ruína sublime. Um só de muitos
Arrancará talvez dos olhos pios
Uma lágrima santa, — e em voz cortada,
Cheio de zêlo, exclamará doído:
"Suor de nossos pais, eu te saúdo,
Mosteiro de São Bento!" Oh! se tal homem
Existe aí na multidão do povo,
Que saiba assim também cismar comigo,
Venha abraçar-me, sim: que dêsse amplexo
De irmão careço, — e muito! Ah! neste século
Espírito cristão não há que chore
O chôro da saudade, e dêle regue
A lousa augusta que em si guarda as cinzas
Da glória do passado. E o estrangeiro,
Depois que o povo de si mesmo riu-se,
Quando, arfando, galgar essa montanha
Íngreme e torta, — e ao levantar os olhos,
Topar, como em remate, em cima dela
Essa irrisória, mutilada, informe, ¹⁶¹⁸
Tradicional ruína, e majestosa,
Chamada — Templo, — inda imperfeita e nua,
Há de rir-se de nós, da majestade
Fátua que aí se lhe apresenta à vista.
Ludíbrio das nações seremos sempre!
Quando Holandeses quase nos chamamos,
Edificamos sólidos castelos:
Quando, por fado, Portuguezes fomos,
Alevantamos templos, fortalezas;
Dessas eras de infâmia nos restaram
Moimentos imortais de estranha mole.
Agora em todo Brasileiros somos,
E não deixamos nem sequer um rastro
Que os nossos passos no futuro marque.
Realidade de vergonha e opróbrio!

Quais nos têm sido as eras do passado?
Foram de infâmia, ou di-las-ei de glória?
Para serem de glória... inda nos resta
De servos o labéu na fronte escrito.
Para serem de infâmia..., aí nos gritam
Por nossas mãos escravas construídos
Alcáceres imensos. Povo hebraico,
Filhos de Jeová, livres quais éramos,
Em nosso próprio Egito, os pulsos demos
A cadeias de ferro. Oh! mais que muito
Sofremos já! Que Faraós tivemos!
E nos mandaram carregar às costas

Tijolo e barro, — consumidos servos.
Mas esse Egito, — que íamos erguendo,
Era nosso, por fim. Também um dia
Um Moisés redentor tivemos nosso.
E fomos livres. Mas a velha pátria,
Velha ficou qual nos deixaram êles.
Realidade de vergonha e opróbrio!

Vês acolá também outro gigante
Pendendo ao mar sôbre inclinada esteira?
— E' o teatro. Ainda sua o sangue
De nossos pais, que outrora o levantaram.
Suor de sangue as obras grandes custam.
Paradoxal Rousseau! na funda lousa
Ferve, ferve de cólera, ou anima
De novo as cinzas, ergue-te mais forte,
Como Lázaro outrora à voz do Cristo,
Rompe o sudário e a lápida, — e assombroso
Espectro do passado, um brado imenso
Dos eixos cadavéricos desprega,
E sustenta uma vez teus paradoxos!
Não podes, não. A geração presente
Cospe nas faces das idéias tuas.
Morreste. Mas dirás: — meu livro existe; —
Existe, sim, para orgulhar meninos,
E para o riso dos varões mais sábios.
Malgrado teu, o drama triunfante,
Para ser coroado, exalça a frente.
Qual general do povo, excita aplausos,
Recebe louros, ¹⁶¹⁹ ovações romanas.
Não é Medéia já com seus terrores,
Com seus prestígios mágicos e horrendos,
Que se apresenta ao povo. O infame Jove
Não mais assume as formas, o caráter ¹⁶²⁰
De Anfitrião valente, e ataca a espôsa
Casta e fiel, e desonrada a deixa.
Vênus lasciva já não baixa aos ares,
No incrédulo carrinho recostada
Em atitude escandalosa e mole,
As pombas enfreado e os amorinhos.
Sobe sômente à cena, em sério traje,
A grave história, a mestra dos costumes.
Ouve, Rousseau, — se é que na campa ainda
Ouvi-lo podes, do universo o brado.
— E' o teatro da moral a escola, —
Continua a dizê-lo o mundo inteiro.
E os sábios atuais acorrem todos,
Bem a despeito da eloquência tua,
Para julgar do coração dos homens,
Para ver das paixões a guerra insana,
Para saber como a razão triunfa,
Ou cai vencida ali. Ferve da cólera
De que ferveste tantas vêzes vivo.
E' tarde. O povo em torvelinho enfia
Pelos francos portões do grande alçáçar!

E quem o construiu por nosso braço
Foi um senhor despótico, execrando,
Sufocou no berço a liberdade,
A liberdade pura que nascia.
Homem contraditório em si! Foi êle
Quem do progresso um testemunho eterno
Nesse edifício deu. Como Tibério,
Foi homem grande, sim, — mas foi tirano.
Idólatra dos reis, fêz tantos mártires
De amor da pátria! E, campo de Santana,
Únido ainda de inocente sangue,

Falai, falai por mim, se acaso eu minto!
Inda não cresce a erva que em vós nasce.
Horripilado e rubro o vosso barro
Das vítimas transuda o sangue, — e fala
De sangue, — e só de sangue, aos nossos olhos.
Quem vos pode pisar, campo sinistro,
Sem que sinta um horror coar-lhe os membros?
Quem vos pode pisar, sem que desmaie
Ao surgir-lhe a fatal reminiscência
De nossa infame barbarez de há pouco?
Realidade de vergonha e opróbrio!

Valera mais nesta cidade inteira,
Cheia de tradições de sangue e morte,
O deserto dos bárbaros imenso.
Ao menos, eram bárbaros. Não tinham,
Como nós temos, a ciência e a crença.

Nesta montanha um tejupá sômente
Valera mais que os torrões dos grandes!
Não vês? — passou-se a minha hora amiga,
A hora do crepúsculo tão terna,
Qual de òrfãzinha o pálido semblante.
Adeus, hora de amor! corres tão breve,
Como o colibri que estremece e foge.
Aceita meu adeus. Talvez que seja
O derradeiro que escutar-me possas.

Quatro séculos há, — e ainda o contam,
Como um prelúdio inspirador de sono,
Nossas boas avós nas tabas longes,
Acalentando no regaço os netos,
— Quatro séculos há que neste sítio,
Desde o cair do sol e o dúbio assomo
Das horas do crepúsculo suave,
Cantando amôres em saltantes versos,
Só e poeta, aparecia um índio.
Como um fantasma em meio do deserto,
Como um anjo de amor, de poesia,
Êle, a tais horas, único vivente,
Êste cabeça povoava inteiro.
A tal assunto, na inocente taba
Fábulas várias cada qual tecia.
Êste pensava que Anhangá doloso
Espiritava ou árvore ou rochedo,
E a voz lhe dava e os namorados cantos.
Dizia aquêle que formosa fada,
Donzela de além-Andes, vinha à noite,
Lá das mãos de Tupá precipitada,
Na terra obedecer a seu fadário.

E o mais valente dos valentes índios,
Que em volta ao cóbreo colo pendurasse
Dúzias e dúzias de inimigos dentes,
Belo, como Torquato em Roma outrora,
Jamais ousara demandar o vulto,
Era o vulto de um Deus, ou de um demônio:
E com tais entes que mortal se atreve?

Oh! não riamos, não, das fúteis crenças.
Das vãs superstições dos pobres índios.
Civilizados, sofos, progressistas,
Nós as temos iguais, talvez piores.

Cerrada estava a noite. O índio bardo
 Cantava ainda, amedrontando as tabas.
 Ia alterada a voz, — e o peito ardente
 Soçobrar parecia. Estêve a ponto
 De lhe tolher a língua os sons saltantes.
 Aguardava, — quem sabe? — uma entrevista
 De americana bela? ou tinha acaso
 Franco duelo co' um rival ditoso?
 Não, ¹⁶²¹ que o índio mais fraco, inda na infância,
 Nunca tremeu da mão do antagonista!
 Nascido apenas, no possante colo,
 Sem moles beijos, sem fêmeos mimos,
 O pai o deita, e varonil o cria.
 As primicias palavras, que articula
 Pela bôca do pai, são: — guerra e morte!
 O seio mulheril, os vãos carinhos,
 Os maternais extremos amorosos,
 Os brandos gestos, as felizes frases,
 Não os souberam nunca em sua infância.
 Mas, sentimento inato, o amor assoma
 Na idade das paixões, estranho e novo,
 Porque nunca sabido: — altivo e forte,
 Porque sempre em seu seio represado.
 Então lhes cresce o coração, — e a mente,
 Alheada de si, aspira excêntrica
 Para um foco gentil, não seu, — e louca
 Foge de si, dos homens, — como agora
 O índio bardo, decantando amôres.

Sim, são amôres, são, que o ¹⁶²² trazem louco,
 Que o mostram — fada, espectro, — ao ver das
 [tabas.

Num vórtice espessíssimo de trevas,
 Perto do índio, um vulto não distinto
 Mover-se pareceu, de leve e leve.
 As sêcas fôlhas, que alastrara o vento
 Pelo chão desnudo, crepitaram
 Debaixo de seus pés. Evaporou-se
 No ar o cheiro da resina intensa,
 Que ensopa o corpo, as penas, os cabelos
 Dos elegantes índios. Na cintura
 Brincaram-lhe em murmúrio as leves asas
 Das araras gentis. Num brando lance,
 Pendentes das orelhas, lhe tiniram
 Anéis do melhor pau que as matas criam.

O índio estremeceu, falou.

O Índio

“Dertinca,
 Desde o cair do sol aqui te aguardo,
 E a noite longa vai. Cantei tão forte!
 Esvaiu-se-me a fôrça, — e a língua trêmula
 Articular — amor — podia apenas.
 Oh! não tardes assim, virgem celeste,
 Não tardes mais assim... A cada lance,
 A cada brando vórtice de vento,
 Eu percebia o teu andar divino,
 Eu ouvia o voar dos teus cabelos,
 Eu sentia o perfume do teu corpo.
 Até, pesar da noite, eu vi-te, eu vi-te,
 Tupânico milagre! em áureo sonho.
 Só não te ouvi, bem como agora. Oh! fala-me
 Por Tupá, por amor. Não tardes tanto.”

Outra voz

“Não tardarei...”

O Índio

“Quem és? dize, e prepara-te!”

De ambos a voz troou aterradora,
 Que se não distinguia. Em mãos do índio
 Molho de setas retiniu na aljava,
 Que de novo pousou pendente ao lado.
 Prêso o arco entre os pés e as mãos aduncas,
 Vergaram juntamente o arco e o índio.

O Índio

“Dize quem és, — e eu te perdôo, ou morre.”

Outra voz

“Quero poupar-te um sacrilégio apenas;
 Porque eu não morro. Sou Tikima: sabes?”

Convulso abalo sacudiu de súbito
 Do índio trovador os fortes membros.
 As mãos e os pés, que o arco seguravam,
 Desprenderam-se dêle enfraquecidos,
 E deu por terra inopinado o corpo.

Tikima

“Eu sou Tikima, sim, rei dos profetas,
 Piaga santo de Tupá celeste.
 Homem não morre aqui sem meu anúncio.
 Eis-aqui por que vim, rompendo as trevas.
 Eis a palavra de Tupá; escuta:
 As cousas de além-Andes desprezaste,
 Tu, índio arrebatado, e mais que cedo
 Tomou-te o amor as faculdades santas,
 Parcelas de Tupá, que grande, imenso,
 Mais que êsse mar infindo que nos cerca,
 De si tirou para as partir co' os homens.
 Tomou-te o amor, — essa loucura estúpida
 Do invejoso Anhangá, — partilha pobre
 Dêsses entes bastardos que perfilha
 Filhos da perdição. Pois sim: pertences,
 Não mais a nós, nem a Tupá benéfico,
 Mas aos furores de Anhangá doloso.

Os benefícios seus de ti retira
 O Senhor do trovão. Nesta só lua
 Tua alma imunda deixará teu corpo.
 Tu vais morrer; prepara-te. O piaga,
 O varão de Tupá, é quem to afirma,
 E o varão de Tupá não mente nunca.”

O Índio

“Que me importa morrer? — Mas tu, piaga,
 Tu, varão de Tupá, que lês tão certos
 O presente e o porvir, como o passado,
 Tu, que sabes de tudo aqui na terra,
 Tu só tirar-me dêsse inferno podes!
 Por teu Deus, por Tupá, por teu maracá,
 Por quanto é santo e teu, — dize-me claro,
 Porque não veio aqui Dertinca ainda?”

Tikima

“Tu, filho de Anhangá, perverso, estúpido,
Porque não cuidas nessa lua urgente?
Inda pensas de amor ao pé da morte?”

O Índio

“Inda penso de amor, — só penso nela,
Só nela pensarei além dos Andes,
Além da morte. E se Tupá benéfico
Não me enviar para a mansão dos justos,
Crê-me, ó piaga, — entre infernais tormentos
Eu não hei de sentir senão de amôres.
Quem sente amôres, mil infernos vence,
Se mil infernos que penar lhe dessem.
Meu coração acostumado às chamas,
Há de gostar de achá-las mais ardentes,
Se mais ardentes as de lá me forem.
Ministro de Tupá! manda-me aos Andes,
E lá nos Andes pensarei só nela!”

Tikima

“Tu, filho de Anhangá, Dinju mesquinho,
Escuta minha voz. Não te aborreço,
Fui teu amigo, sim: amei-te, — e muito!
Quando por tuas mãos firmaste louco
De tua perda a rígida sentença,
Eu, que não choro, te chorei. Molharam
A face minha as lágrimas primeiras!
E quando o gênio de Tupá benéfico
Pronunciou a meus ouvidos santos
Sobre tua cabeça a voz de morte,
Como um corisco entre os bulhões ¹⁶²³ descendo,
Eu prostrei-me a seus pés. Em vão foi tudo!
Então, por entre a escuridão da noite,
Vim dar-te pressuroso a irrevogável
Palavra de Tupá...”

Dinju

“Tupá benéfico
Te pague o seu serviço: — e eu to agradeço.”

Tikima

“Sarcástico Dinju, essa linguagem
Mal cabe em ti, mesquinho moribundo.
De um fátuo é ela, — o qual ao pé do túmulo
Ri-se dos Andes, de Tupá, da morte,
Em vez de apaziguar com dó, com lágrimas,
Os ofendidos gênios. Desafias
A cólera tupânica. Insultando
O ministro de Deus, a Deus insultas!
Bem me custa o dizer-te: estão contados
Por êle os dias teus, como os teus dedos.
A maldição do céu baixou acesa
Sobre tua cabeça. Em breves horas,
A imensidade da vingança eterna,
Tu, filho de Anhangá, há de prová-la!
Quando sair a lua, em vê-la farta-te,
Farta-te, sim: que derradeira a gozas.
Prepara-te melhor, Dinju, prepara-te
Para entrares no inferno, a pátria tua.

Não pensarás de amor, embora o queiras,
Porque as chamas de lá são de outro fogo
Mais forte que o vulcão, e mais que o raio!
Como visão de infâmia, há de assombrar-te
Os torvos olhos a infiel Dertinca.
Hás de ver as traições, que usou contigo,
Em quadro negro de perfídia torpe.
Hás de encontrá-la então nua de encantos,
Como encontras nos campos de batalha
O esqueleto mirrado do inimigo.
Hás de igualá-la a uma jaqueira anosa,
Que lindos bagos, mas insossos dando,
Aos estos do verão secou p’ra sempre
Mostrando o tronco e os ramos esfolhados,
E o pé e o cimo de áspides cobertos.
Hás de olhá-la mulher comum e torpe,
Sem beleza, sem flor, — prostituída
Com os mancebos da taba, entre prazeres,
Entre gostos brutais, folgando e rindo,
Cuspindo em teu sepulcro, e festejando
No vil regaço dos leões amantes
As tuas cinzas palpitantes, quentes.
Hás de sentir então, sentir por ela
Amôres, não, — mas um milhão de infernos!
Prepara-te melhor, Dinju, prepara-te
Para tantos infernos... Surge a lua,
E o sol não tarda no oriente. Eu parto.
Por despedida do piaga aceita
A santa maldição que êle te lança.”

Vinha, em verdade, a soberana lua,
Reclinada em seu tálamo de prata,
Espairecendo os merencórios olhos
Lá de cima do céu, como quem sente
Profundíssimo dó de ver tão triste
A terra, amada sua. A estrêla d’alva
Vinha após ela, pálida e formosa,
Como a pastôra símplice correndo
De madrugada por virentes prados.
Um diáfano véu de azul suave
Cobria todo o céu. Lá das colinas
Da parte do oriente, imensa barra
De um áureo descorado se estendia.
Sobre o coqueiro os sabiás trinavam
Como notas de flauta. Em volta ao índio
Tiniam sobre a relva em sons garridos
As carriças gentis, como quem busca
Despertar um amigo a tons de orquestra.

O piaga ancião, chovendo anátemas,
Açodado partiu. A lua argêntea
Com seu casto clarão mostrara ao índio
A longa barba do piaga santo,
Que, de tão alva, lhe brilhava aos olhos,
Qual lenço de cetim, pendente e solto,
De lentejoulas rútilas fiado.
Respeitável, austero impunha o cenho,
Que parecia a estátua da verdade.
Era-lhe altiva e larga a fronte, — e em meio
Três fundos sulcos de expressão severa
Ao longo lhe corriam. Quem o visse,
Resguardaria nêle um homem sábio,
Capaz de ter o pensamento eterno.
Mais européias as feições mostrava,
Que americanas. Nos carbés compactos,
Quando um assunto grave os índios chama,
Juntos na praça, decidindo a guerra,

Sua figura nobre entre os caciques,
 Ou entre seus iguais se destacava,
 Como um coqueiro entre os cafés humildes.
 Como o rumor das palmas do coqueiro,
 Rugia sua voz, quando opinava.
 Como os cafés ao sôpro do nordeste,
 A seu aceno se curvava a taba.
 Tupá marcou-o para seu, na terra.
 E se não fôra a côr acobreada,
 Outro disseras ser, que não um índio.
 Tais são suas feições dos mais diversas.
 É quando o sacro louco abandonava,
 Deixando a oca tenebrosa e funda,
 Sobreçando o maracá, ia passando
 Dos índios pelo meio, — em seu aspecto
 Sério e terrível procuravam todos
 Ler contra si uma fatal sentença.
 Oh! quantas vêzes esperaram tantos
 Que no brilhante espelho de seu cérebro,
 Onde um incêndio de visões celestes,
 Ou ardor de pensar contínuo e grande
 Devoraram-lhe as câs, — ali tão alto
 Refletisse Tupá sinistra idéia,
 Que pelos lábios lhe rompesse horrível,
 E lhes fizesse ouvir: — desgraça, ou morte! —
 Tais o piaga e seus prestígios eram.
 Pasma ficara o índio. Os negros olhos
 Inda estendia ao longo, — inda os fitava
 Na dúbia sombra do varão tupânico,
 Que, pequenina já, lá se escondia
 No extremo do caminho.

Após a lua,
 Surgia o sol co' os raios inflamados.
 A casta sua irmã perdeu seu brilho
 Nos ardores do irmão. Ficou mais pálida,
 Qual impolido círculo de prata.
 Parecia que, ao ver tantos fulgores
 Em seu astro fraterno, ia caindo
 Em vágado suave. Assim costuma
 Desfalecer de gôsto a dama linda
 Ao ver triunfador o herói amante.
 Mas o índio sentiu nos vivos olhos
 Do sol os raios. Despertou de súbito
 Do espasmódico estado. Ergueu-se, — e os olhos
 Travessos voltejou por vários lados,
 Como esperando ainda alguém que vinha.
 Um suspiro, depois, do seio d'alma
 Arrancou dolorido, — e a passo lento
 Foi caminho da taba. E no caminho
 De quando em quando os olhos revirava
 Para o sítio de amor, — e outro suspiro
 Despregava do peito, — e soluçando,
 Após um ai que entremecia os ares,
 Murnmurava saudoso:

“E ela não veio!”

CANTO II

Já doura o sol o cimo das montanhas;
 Tudo desperta. Erguei-vos ao trabalho,
 O' crentes de Tupá! Vinde fervendo,
 Vinde, guerreiros, adorar seu nume.
 Vêde as nuvens do céu: ligeiras, brancas,
 Vão pelo ar correndo com mais pressa,
 Bem como um bando de argentinas garças.
 Vêde as águas do mar: travêssas, nítidas,

Brillam de espumas, refletindo os raios
 Do sol formoso, em prata convertidos.
 Vêde os bosques da terra: altivos, belos,
 Ao matutino sôpro se balançam
 Como, de tarde, a dança da donzela.
 Tudo desperta. Erguei-vos ao trabalho,
 O' crentes de Tupá, filho da guerra.

Que moleza vos entra os membros fortes?
 Que sono indigno as pálpebras vos cerra?
 Que véu pesado vos encobre o dia?
 Inteira a natureza está desperta:
 O céu, a terra, o mar — tudo revive,
 Exceto vós. Erguei-vos ao trabalho,
 O' crentes de Tupá, filhos da guerra.

O céu — a fronte de Tupá — nos mostra
 Movimento e prazer na imensa face,
 Entremeada de inquietas nuvens,
 Como o rosto senil, austero e belo,
 Embrulhado nas câs de sôlta prata.
 Tudo desperta. Erguei-vos ao trabalho,
 O' crentes de Tupá, filhos da guerra.

A terra, — o corpo de Tupá, se move
 Co' os arbustos, co' as árvores, co' os pássaros,
 Co' os brutos da floresta: à flor do solo
 Mais suaves deslizam seus ribeiros,
 Veias do corpo seu; parece um homem
 Que se levanta, recobrando as fôrças.
 Tudo desperta. Erguei-vos ao trabalho,
 O' crentes de Tupá, filhos da guerra.

O mar, o peito de Tupá — respira
 Com mais ardência nas douradas margens,
 Desenvolto cavando abismos de água,
 No centro imenso e nas cruzadas ondas,
 Nas louras praias, que o circulam todo,
 Derretido beijando a sôlta areia,
 Bem como pula, férvido e valente,
 Junto da amada, o coração do jovem,
 E entanto os lábios melindrosos, breves,
 Maciamente a face lhe procuram.
 Tudo desperta. Erguei-vos ao trabalho,
 O' crentes de Tupá, filhos da guerra.

Um dia — o sol raiava no oriente
 Coberto um pouco de sanguíneas nuvens,
 E os senhores da terra, — os quinimuras —
 Não acordavam: — nas vergadas rêdes
 Quedos estavam, como estais agora.
 Antemanhã os bárbaros tapuias
 Acordaram entanto: e armados todos,
 Ferozes como os ursos, penetraram
 Nestas tabas então adormecidas...
 No regaço da espôsa não cuidosa
 Foi apanhado o espôso imprevidente;
 Os inocentes filhos, que choravam,
 Pela destra fatal dos invasores
 Foram b̄rbaramente esquarterados.
 Voou a taba pelo ar em fogo,
 E restaram aqui montões de cinza.
 Mas a justiça de Tupá não dorme,
 Como um homem de barro; ambos os olhos
 Traz sôbre o mundo de contínuo abertos.
 Assim sôbre os montões de cinza tépida,

POESIAS ESPARSAS

O NOVIÇO 1624

Bem como sôbre um leito de triunfo,
Cansados de vencer, os invasores
Dormiram sono de vitória longo.
Embalde o sol surgia no oriente;
Embalde as aves no palmar trinavam;
Embalde iroso rebramia o armento;
Embalde tudo: as lassas faculdades,
Qual mão de ferro, lhas prendia o sono.
Nem abriram jamais os torvos olhos,
Senão p'ra ver última vez o dia.

Que espetáculo horrível! — despertaram,
Cada qual arrancando das entranhas
Ervadas frechas, que cortar-lhes foram
O sopor triunfal. Em tórno a êles
Os tupinás guerreiros, que entoavam
Odes agrestes de infernal sarcasmo
Insultando o transir dos moribundos.
Mas nós também — Tupinambás valentes —
Antes do sol um dia despertamos,
E em cima de uma pedra, um jovem nosso
Arrojado subiu, e aí vibrando
Palavras santas de vingança e guerra,
Imperou, como um Deus, em nossas almas,
Depois marchou: marchamos após êle.
Combatemos aqui: guerreiros bravos,
Como leões lutamos e vencemos.
Essa terra feliz, qu' ora pisamos,
E' nossa a custo de suor e sangue.
Dêste arredor os Tupinás fugiram
Ligeiros, leves, qual veloz galerno.
Só na taba do mar ficou incólume
A toca de Dinjul. — Os vencedores
Sabemos o perdão para os vencidos.
A taba de Dinjul é um asilo,
Um templo santo, — e os habitantes dela
São para nós um símbolo de glória.
Essa taba inimiga existe intacta,
Como um hino eloqüente, eternizando
Nossa clemência grande a par da guerra.

Dinjul também, o velho dos conselhos,
Pai da família dos poetas santos,
Progênie de Tupá, irmão dos gênios,
Centelha viva da divina essência,
De nós tais cultos mereceu bastante.
Essa taba inimiga ali — tão longe —
Depois do dia aos Tupinás horrível,
Vai despertar o sol, no fundo berço,
Entre a neblina escura da montanha.
Entanto vós — Tupinambás valentes, —
Inda depois do sol, imóveis, quedos,
Vos conservais nas vergonhosas rêdes. —

Que moleza vos entra os membros fortes?
Que sono indigno as pálpebras vos cerra?
Que véu pesado vos encobre o dia?
Inteira a natureza está desperta:
O céu, a terra, o mar — tudo revive.
Exceto vós. Erguei-vos ao trabalho,
O' crentes de Tupá, filhos da guerra.

Noviço, noviço, que sono que dormes,
Que sono que dormes! não ouves o sino,
A que não desperta, ferindo os ouvidos,
Um som de garrida tão crebro, tão fino!

Em leito te deitas tão áspero e duro,
Tão plácido sonhas, dormitas benino,
Bem como, se sendo magnate da terra,
Curvasse teu corpo colchão marroquino.

Retumba na grimpá cansada a garrida,
Convocam-se os monges ao som matutino.
Noviço, noviço, tu ris-te, tu dormes,
Tu dormes, não ouves o toque do sino.

Com quem sonhavas tu, com quem sonhavas,
Rindo-te assim?
Tu sonhavas com teu — anjo terreno,
Teu serafim?

.....
Ah! tu sonhavas com prazeres castos,
Tão inocentes!

Vias, revias outros mais amados,
Mais caros entes.
Órfão, perdeste tua mãe p'ra sempre
Na tua infância:
Que, pois, te sobra, que tão ledo vives?
Só a constância!

E tu a vias lá dos céus baixando
Em nuvem branca:
Ela carpindo, ló dos seios d'alma
Que de ais arranca!
Pêso nos olhos, palidez nas faces,
E soluçava:
E com voz ténue: — Filho das entranhas
Minhas! — clamava.

E qual o raio por seus lábios corre
Sorriso breve.

Oh! que sorriso mau! que não lhe cora
Do rosto a neve.

Ei-la nos braços cai do filho amado,
No seu regaço:

Nunca sentira em sua vida o pobre
Igual abraço.

Ela falava — sua fala plácida,
Mas triste e fria:

Êle em que a ela fôsse todo ouvidos
Não entendia.

De seus vestidos se exalava o cheiro
Do alecrim.

E nem sentia o pobre — da garrida
O retintim.

Da tórre grande o sino, de afrontado,
Zunindo pára.

De sono tanto o pobre do noviço
Não espertara...

Que vulto ao pé da cruz bento do côro
Ali prostrado!

Longo em cabelo, longo em negra veste,
Tão contristado!

Que vida vives, e que triste sorte
A tua sorte!

Oh! antes que a vergonha, pede a Eloha,
 Pede-lhe a morte!
 Invoca as negras sombras do sepulcro
 Qual novo Jó.
 Amaldiçoa o sol com que surgiste
 Triste do pó.
 Vive quem vive ao mando alheio sempre
 Obediente?
 Opção, nem alma tu não tens, noviço,
 Não és um ente!
 Que vida vives, ó noviço mísero,
 Tão negra sorte!
 Oh! antes que a vergonha, pede a Eloha,
 Pede-lhe a morte!...

PÁGINAS DO CORAÇÃO 1625

VI

Reflexão, reflexão, que preguiçosa
 Que sempre vens?
 Como ronqueira nau de carga em lastro
 Prenhe de trens.
 Que não venhas mais cedo, — que teu lume
 Logo não luza!
 Não desvairara tanto o homem co'a mente
 Dúbia, confusa.
 Alheio da verdade, não servira
 A vis paixões:
 Qual criminoso atado às ferropéias
 De acres prisões.
 Que monta a vida irrefletida e basta
 De desatinos?
 Um barco sem arrais, — vai onde o empurram
 Vagos destinos.
 Que monta ao homem, que em seu fim marcado
 Nunca medita?
 Que no caos do passado e do futuro
 Olho não fita?
 Que em desoras gentis de noite velha
 Não despertou,
 E que sobre si mesmo, um só minuto
 Não pranteou?
 Que u'a vez não torrou em chama acética
 Maus planos seus?
 Que não se prosternou aniquilado
 À cruz de Deus?
 Os maus, os maus — que as lágrimas a face
 Não lha assombriam:
 Que o sainete do cálix dos remorsos
 Não saboreiam.
 Há i mais belo enfeite em belos olhos,
 Que um doce choro,
 Quando pulula súbito dos folhos
 Do íntimo fôro?

Eu por mim chorarei sempre meu choro
 De almos dulçores:
 Que não posso aplicar melhor mezinha
 A minhas dores.
 Dobre-se o coração em seus invólucros,
 Chore consigo:
 Consigo se concentre, como um morto
 Em seu jazigo.
 Sempre serão felizes junto o siso
 E o coração:
 Ao coração o sentimento e ao siso
 A reflexão.
 Oh decepção! — que o coração co'o siso
 Não quer-se unido:
 Guerra haverá de morte: oh Deus! qual deles
 Será batido?
 Há i no coração um sentimento
 Doce e tocante:
 Que impera nêle, como em trono de ouro
 Rei triunfante:
 Sentimento de amor d'alta justiça
 Misto de dores:
 Ardor de sensações, conto de mágoas,
 Céu de dulçores:
 Cândido, como um bando de alvas garças,
 Voa nos ares,
 Catando íncios peixinhos na lisura
 Dos vítreos mares.
 Não o sabem os maus: — é-lhes fechado
 Tão santo asilo:
 Que não podem librar de um sofrimento
 Manso e tranqüilo.
 Qualidade das almas escolhidas
 E' o remorso:
 Dêle aos instintos os varões mais fortes
 Dobram o dorso.
 Covardes não lho dobram: fogem dêle
 Com arte e esmêro:
 Só lhes toca em quinhão porção sobeja
 De desespero.
 Não se arrependem nunca: assim disseras
 Corcel ¹⁶²⁶ sem brida
 No anteposto despenho esbarrondando-se
 Na ágil corrida.
 O cândido remorso em tórno às asas
 Libra no justo:
 No seio o acolhe o justo e o acoberta
 Sem frio susto.
 Será de ânimo vil moldar-se às normas
 Da natureza?
 Em homem amostrar essência de homem
 Será fraqueza?
 Não quero o coração, que um só remorso
 Nunca sentiu:
 Não quero a bôca, que dorida frase
 Não exprimiu:

Talvez religião nunca bebera
 Tal coração:
 Talvez tal bôca nunca articulara
 U'a oração.

MONÁSTICA

(*Ao dia da minha profissão*)

Ao cabo amanheceu: — e o céu mostrou-se
 Mais puro e lhano:
 — Ao cabo amanheceu: foi longa noite
 — Noite de um ano!

Sono comprido e tenebroso e triste
 O sono da saudade!
 Coado em dores, exprimido em prantos ¹⁶²⁷
 De ansiedade.

Também a imunda larva espreita um ano
 A mariposa:
 Também eu fui assim: — e qual cadáver
 Em torpe lousa.

E' tempo, é tempo: — e a larva espedaçou-se
 — E revociei:
 Quebrou-se alfim a laje do sepulcro
 — Ressuscitei.

Ressuscitei após comprida noite,
 Negra e tardia:
 Oh! — que seja tão longa, qual foi ela
 Tão belo dia!

Porque — meu Deus! — é rápida, tão súbita,
 A hora do prazer?
 Porque assim voa, — e a memória fica,
 Para mais nos morder?

Não ser, — meu Deus! não poder ser eterno
 O gozo dêsse dia!
 Mas, ah! — não seja essa canção saudosa
 Qual fúnebre alegria!

JESUS DAS MISERICÓRDIAS

LENDA POPULAR

O Senhor do casto Abel,
 O Deus forte de Israel, ¹⁶²⁸
 Fundava para reserva
 Das servas de sua serva
 Monacal firme quartel
 Em honra de Emanuel.

E pois na cima de um cêrro
 Por conselho e não por êrro
 Se plantavam as felizes
 Únicas suas raízes,
 Chamou-se o vedado encêrro ¹⁶²⁹
Da Senhora do Destêrro.

Virgens castas que hebiam
 Mas que nunca se saciam
 Dos frutos da salvação,
 Do cipreste de Sião
 Nos dulçores se embebiam,
 Da vida que sós viviam.

Si não quando corre a fama
 Qu'esta verdade derrama:
 Que sopesado caixão
 Do largo mar na amplidão
 A fluxo boiava, qual rama
 De moita, qu'o monte acama.

Mistério inda não cantado,
 Per mortais não decifrado!
 Homens lá correram cento
 Forçando seu todo alento;
 Qu'o valor mais sublimado,
 Tudo, — tudo foi baldado.

Nem cabo, nem alavanca,
 Nem férrea comprida tranca
 Pôde empurrar o caixão
 Da primeira posição:
 Que dali nada o arranca
 Nem desaba, nem desbanca. ¹⁶³⁰

E se conservava quêdo
 Que nem imóvel penedo,
 O caixão, que visos dava
 De que um sopé o calcava:
 Mas alfim se atinou cedo
 Todo o latente segrêdo,

E' que surgiu em monção
 Dentre a chusma um ancião,
 Que sem cabo e sem lavanca,
 Nem férrea comprida tranca
 Vem puxando pela mão
 O sopesado caixão.

Deslizava, qual desliza ¹⁶³¹
 Do mar pela esteira lisa
 Batel inglês mastreado
 Pelo galerno assoprado.
 Ei-lo ¹⁶³² — o caixão desta guisa
 Toca do pôrto a balisa.

Após a incrível vinda
 Tenteia a gentalha infinda,
 Ajuntando-se em cardume,
 Alçar da caixa o presume:
 Mas então ninguém a guinda,
 A não ser o velho ainda:

O caixão limpou-se inteiro,
 E em face do tabuleiro:
 "Meu interior encêrro ¹⁶³³
E' da Virgem do Destêrro."
 E brunido êste letreiro
 D'ouro puro e verdadeiro

Alça a custo o ancião
 O sopesado caixão:
 Mas de velho a fôrça escassa
 Agora lhe falta lassa:
 E com frouxa e débil mão
 Trêmulo o repôs no chão.

Mas levado triunfante
Em procissão mui brilhante
Foi ao bendito convento
Com grande acompanhamento
Do clero sâlmicamente,
Da população aclamante.

Mas quem é este ancião
Com sopesado caixão?
Caixão de tantos assombros
Quem o carregou nos ombros?
Quem? — das virgens de Sião
Eles enviados são.

Que o tal caixão milagroso
De obstinado ou alvidroso,
Rejeita, desama ¹⁶³⁴ e odeia
Levar-se per mão alheia
Que não seja a do pod'roso
Povo do convento anoso.

Ei-la ¹⁶³⁵ a santa procissão
Toca ao soberbo portão:
E dentro no monastério
Abriu-se então... oh mistério!...
Abriu-se co' admiração
O milagroso caixão.

E não se contar-se-á isto
Que lá no caixão foi visto?
A lira não terá fôrça?
Pois que se torça e retorça...
Foi o glorioso aquisto
Divina imagem do Cristo!

Divina imagem perfeita,
Tanto que ninguém suspeita
Que seja de mão humana
Produção tão soberana:
Que todo o mundo a respeita
Qual obra por anjos feita.

Que tais bondades recorde-as,
Que tais que não desacorde-as
O povo das castas flores
Que apelidou seus amôres
Por suas misericórdias
Jesus das Misericórdias. ¹⁶³⁶

Cantai, virgens de Sião,
Os cantos de Salomão:
"Deus antes de fazer al,
"Já vos fêz primordial:
"Inda não havia o vão,
"Os abismos inda não."

O CÔRO DOS AIS

(IMITAÇÃO DO "CANTO DOS AIS" DE L. CHAMPLONI)

Tão jovem, — e já tão triste,
Co'a mão na face cismando!

— Mudo e quêdo entr'abre os olhos,
Mudo e quêdo está chorando.
De quando em quando suspira,
Solta um ai de quando em quando.

Só seus olhos lacrimejam,
— Paixão lhe os lábios retrai:

Quis falar, — arfou seu peito,
Palavra nem u'a sai:
Forseja u'a frase, — estala,
Desprendendo dorido guai!

Esta guaia melancólica
E' sempre e sempre o seu canto:

Não é lamento excessivo,
Nem desesperado pranto:
Tem seu tanto de tristeza,
— Tem de prazeres seu tanto. ¹⁶³⁷

Ai — lhe estão dizendo as flores,
Que recendendo, ¹⁶³⁸ o rodeiam:

Ai — lhe estão dizendo os ventos,
Que a fôlha as flores meneiam:
Ai lhe estão dizendo os astros,
Que declinando, o pranteiam.

Ai lhe está dizendo tudo,
— Astros e ventos e flores:

Morre, morre, oh jovem triste,
Com tantos ais, tantas dores:
Ai de ti jovem coitado,
Ai de ti — de teus amôres!

À MINHA IRMÃ

É sorte menina,
Preditada por Deus,
Que esquecidos fiquem
Sempre os anos teus.

O sol porque surge tão belo, tão belo,
Quando nos mais dias surgira tão feio?
Porque tão formosa, tão linda que assoma
Aurora tão prenhe de graça e de enleio?

Porque a natureza sorri-se garbosa,
Porque mais que sempre, roseiras vicejam?
Porque estes canários cantando e voando
Alegres, — alegres tal dia festejam?

Porque este céu nosso, tão limpo, tão limpo,
Tão puro, sem manchas, sem nuvens está?
Porque tanto gôsto por tudo esparzido,
Porque tanto gôsto, tamanhos será?

Que diga este dia, que diga esta aurora,
Que digam roseiras que tanto vicejam:
Que diga o céu puro, que digam canários,
Que alegres, voando, tal dia festejam.

Que digam sòmente, diga a natureza,
Porque ela sòzinha que pode saber:
Que os homens, que a gente tal dia contente,
Tal dia souberam sòmente esquecer.

Maninha, não tenhas desgôsto ¹⁶³⁹ nem pena
De não ser teu dia por nós celebrado:
Teu dia formoso por tôda natura
Não pôde, — não pôde ser mais festejado.

Os homens não devem de te fazer caso
Nem conta em su'alma, oh! reminiscência:
Porque, quando os homens de ti mais carecem,
Então que te esquivas com mais violência.

Não tenhas, maninha, — não tenhas pesares,
Maninha, não fiques zangada com isso:
Não culpes teu mano mas sua memória,
Não culpes teu mano de frouxo e remisso.

Não culpes teu mano, — mas sua memória,
Sim, — essa a crimines de bem deslembada:
De não ser teus anos por nós festejados
Só nossa memória que é ré mais culpada.

Não tenhas, maninha, não tenhas pesares.
Maninha, não fiques zangada com isso:
Que da deslembança dos homens te vinga
Natura tão cheia de amôres e viço.

21 de Novembro de 1850.

J. F.

AO BATISMO DE GERTRUDES

Tomaste a celeste bênção,
O sal da religião:
Que deste o mergulho santo
Na pia da salvação.

Despiste o vestido imundo
Que te fazia pagã:
Lavaste o carnal pecado,
És feliz, — pois és cristã.

Gertrudes, anjo divino,
Recebe os meus parabéns:
Tens de Deus a graça viva,
Tens do céu todos os bens.

Mimoso anjinho do céu
Em tua signa não cismo
Que bebeste almas venturas,
No sal do grato batismo.

Alegra-te, oh mãe ditosa,
Na filha do coração:
Na filha, que mergulhou-se
Nas águas da salvação.

Gertrudes, anjo donoso,
Trilha a senda das virtudes:
Folga, oh mãe, qu'anjo mimoso
E' tua filha Gertrudes.

5 de Janeiro de 1851.

COISINHA

A LUÍS DA FRANÇA REBOUÇAS EM DIA
DE SEU ANIVERSÁRIO.

Meu Deus que Musa tão chocha.
Não sabe que cantará
Em teu louvor, em teus anos,

Meu Lulu, o que fará?
Que mais poderá dizer
A não ser qu'és meu xará. 1640

Nada de ti cantar pode,
Que seja digno, que nobre:
Já corrida envergonhada
Eis a cara co'as mãos cobre:
Musa, dize, ao menos canta
Que eu sou pobre, que êle é pobre.

Musa, dize, ao menos canta
Qu'eu sou poeta, êle o é;
Mas que cara esta que fazes
Qual criminosa, qual ré?
Ah! sim: que nuance achaste,
Qu'êle é gran'vate, eu chuê.

Atrevida semelhança,
Que dêle comigo fiz;
Se acaso erros não dissemos,
Musa, al fim nada se diz:
Repete que xarás 1641 somos,
Qu'êle é Luís, eu Luís.

Musa, canta algu'a 1642 cousa,
Põe em praxe teu intento;
Não somos iguais em tudo?
— Disse d'asneiras um cento —;
Ail tens razão, musa minha,
Diferimos 1643 no talento.

Pois canta se quer, oh musa,
A nuance entre êle e mim;
Repete o que já disseste;
Tens pudor — não é assim?
Exclama qu'êle é Virgílio,
Qu'eu só sou Bavio ruim.

A ti musa, fica-te quêda,
Que não és para o cantar
Infeliz, não me apareças, 1644
Vai-te asinha bugiar:
Mas em dia de seus anos
Devemos de nos calar?

Não devemos, não havemos,
Não se te diz de andar chocha:
E sempre lampeira em vante,
Não fiques de face roxa:
Canta lá tua cantiga
Seja lá sublime ou chocha.

Canta seu afável gênio,
Canta seu corrente engenho, 1645
Canta a amizade sincera
Que com tal vate mantenho;
Não tens a dizer mais nada,
A dizer mais nada tenho.

Canta o amor da verdade,
Que nêle sempre encontraste;
Canta a devoção sagrada,
Que nêle a nós sempre achaste;
Canta já seus dons sem conto,
Canta — mas como esbarraste!...

De ti tenho dó já, musa,
Bem vejo que tens razão:
És desgraçada, coitada,
Nunca falas de feição;
Deixas-me, pois, sem ventura,
Um vazio ao coração.

Oh! nunca te vi tão fria,
Sem de fogo bocadinho:
Ora vou dar-te mezinha,
Vamos ver se adivinho:
Ao menos terás mais estro; ¹⁶⁴⁶
Musa vamos beber vinho.

Deixa qu'o vate sublime,
Bom Champloni o vá cantar;
Que solte em lira afinada
Bem saudoso gorjear:
Nós, musa, neste comenos
Vamo-nos embebedar. ¹⁶⁴⁷

Nós, musa, neste comenos
Gritamos: — "Evoé!" ¹⁶⁴⁸
Desenruga ¹⁶⁴⁹ a testa, musa,
Cara de danada ré!
Pois, musa, bebendo vinho,
Inda serás tão chué?

Nós, musa, neste comenos
Beberemos um almude;
Diremos neste comenos:
"Lá vai, lá vai a saúde
De quem tão amigo é nosso,
De quem tem tanta virtude."

J. F.

Piedade, 25 de Agosto de 1850

QUATRO JANELAS

Quatro janelas abertas,
Meu bem em nem u'a delas; ¹⁶⁵⁰
Quatro cortinas de cassa ¹⁶⁵¹
Pendem de cada vidraça,
Contrastando-se mui belas
Co' as paredes amarelas.

Quatro cortinas voando,
Mas desertas as janelas:
As quatro umbreiras cinzentas,
As vidraças alvacentas:
Quatro janelas tão belas, ¹⁶⁵²
Meu bem em nem u'a delas.

São modernas, arqueadas,
São góticas as janelas:
O parapeito pintado
De azul celeste animado:
Quatro cortinas tão belas
Mas ninguém há de sob elas.

Encantado ¹⁶⁵³ e nobre alcáçar
De paredes amarelas
Que tem muito mais riqueza

Que os de Roma ou de Veneza:
Que tem góticas janelas
Mas ninguém há de sob elas.

Encantado ¹⁶⁵³ e nobre alcáçar
De paredes amarelas,
Que dentro em leito de flores
Lá me encerra meus amôres!
Que formosas as janelas!
Meu amor não chegar nelas!

Quatro janelas abertas,
Quatro cortinas singelas,
As quatro umbreiras cinzentas,
As vidraças alvacentas:
Quatro janelas tão belas!
Meu amor não chegar ¹⁶⁵⁴ nelas!

A FOLGA

Os dias de folga são nossos suores,
Custaram um ano de côro estirado.
— Sòmente um minuto do tempo presente
Importa semanas do tempo passado.

Os dias presentes custaram fadigas,
Com ela perdemos metade da vida:
Sequer u'a hora tão caro comprada
Não pode, não deve jamais ser perdida.

E cada grãozinho de areia ligeira,
Que cai da ampulheta do tempo fatal,
— Nos vale um arranco da curta existência,
Nos vale u'a gôta de sangue vital.

A custo das nossas angústias de outrora
Ganhamos a palma da santa alegria:
Agora das horas, que fogem tão breves,
Jamais u'a hora deixamos vazia.

Os dias passados de nossa existência
No côro, nos claustros, nas celas perdemos.
Tais dias agora — no seio dos gostos —
Tais dias, amigos, aqui recobremos.

Sim: recobremos os passados dias,
E as horas vãs de nossa estéril sorte:
Vamos a vida dilatar nos gostos,
Vamos nos gostos triunfar da morte.

Vamos depressa: — que êstes dias fogem,
Como um sonho feliz entre desgraças:
Vamos depressa: — que depressa morrem
Da juventude as namoradas graças.

As horas de prazer depressa passam,
Como a fugir da viração suave:
Mas as horas de dor — em mal dos homens —
Marcham com passo preguiçoso e grave.

Vós, oh dias de sol tão bonito,
Que raias, refletis nesse mar!
Suspendei vosso leve galope,
Caminhai com mais tento e vagar.

Vós, oh noites de fresco sereno,
Vós, oh noites de claro luar!
Não piseis vossas nuvens com fôrça,
Caminhai com mais tento e vagar.

Vós, oh fluxo e refluxo contínuos,
Vós, oh férvidas vagas do mar,
Moderai esta ação repetida,
Enrolai com mais mimo e vagar.

Vós, oh astros luzentes do espaço,
Globos de ouro suspensos no ar!
Percorrei vosso giro mais lento,
Caminhai com mais tento e vagar.

Dilatai-nos as horas do gôsto
Neste ameno, encantado lugar!
Dai-nos mais e maiores delicias,
Dai-nos mais sensações devagar. 1653

Aqui as horas conservam
Mais duração de prazer:
Aqui a vida terrena
Maior, melhor sabe ser.

Aqui são belos, são puros,
São mais fragrantes os ares:
As brisas são salitradadas
Pelos suspiros dos mares.

Aqui o peito sensível
Menos sente a sua dor:
Aqui o peito do amante
Sente mais o seu amor.

Aqui a face da virgem,
Que o bardo viu outro dia,
Também assume mais gala,
Inspira mais poesia.

Aqui o homem levanta
Sôbre a desgraça um troféu: 1656
Aqui a vida da terra
Tem as belezas do céu.

Da vida breve da terra
As horas aproveitemos:
Das dores, que sempre ficam
Agora nos deslembramos:
A dos prazeres, que fogem, 1657
Estes momentos gozemos.

Monserate, 28 de novembro de 1852.

TEUS OLHOS

Que lindos olhos
Que estão em ti!
Tão lindos olhos
Eu nunca vi...

Pode haver belos
Mas não tais quais:
Não há no mundo
Quem tenha iguais.

São dois luzeiros,
São dois faróis:
Dois claros astros,
Dois vivos sóis.

Olhos que roubam
A luz de Deus:
Só estes olhos
Podem ser teus.

Olhos que falam
Ao coração:
Olhos que sabem
Dizer paixão.

Têm tal encanto
Os olhos teus!
— Quem pode mais?
Êles ou Deus?

À JOAQUINA

Sòmente por dois versinhos
Comigo te zangas tanto?
Vida minha, tu me queres
Causar mais dor e mais pranto?
Ai não te zangues comigo,
Meu anjo do meu encanto.

Mas se só por dois versinhos
Irada, jovem te achei;
Mezinha, que dar-te posso
E' que mais dois mil farei:
Teus mimos e teus donaires,
Malgrado teu, cantarei.

Te zangas porque dois versos
Em honra tua compus,
Cantando perfeições tuas,
Cantando teu brilho e luz:
Menina tu não és anjo,
— És demo, que tenta: — Cruz!

Que dirias tu, menina,
Se eu pedisse o que desejo?
Bem sabes: — Queres to diga?
E' mister muito despejo:
Vidinha, que me dirias,
Se eu te pedisse um beijo?

Dar-mo-ias? nem por sombra!
Tu não mo darias não:
E qu'a mim me vigiasse —
Me responderas então;
Se na cara com gran'fôrça
Não me assentasses a mão.

Mas porque não me darias
Um beijinho? — que tem isto?
Já não digo um beijo; — um ósculo,
Que é mais decente; está visto:
Os doze santos discípulos
Beijavam seu mestre Cristo.

Bem vejo que me respondes
 Que'spere: vou to'sperando
 Dar-mo-ás um dia: — logo?
 Sim: vai-me esperança dando, ¹⁶⁵⁸
 Teus dons celestes entanto,
 Vida minha, irei cantando.

1850.

MEDITAÇÃO

Quando em arroubo insuperável d'alma
 Eu te estreitar no peito:
 Quando eu me espreguiçar sobre teus membros
 Em teu divino leito:

Quando eu libar o néctar de teus lábios
 Mais rubros que o delírio:
 Quando eu beijar-te os pululantes seios
 Mais cândidos que o lírio:

Quando da terra vil — ambos unidos —
 Formos longe — bem longe:
 Virgem! — não lembres o horror do inferno,
 Não me digas: És monge!

Oh frase dos demônios, que envenena
 A taça dos amôres:
 — A taça estreme, onde ferver deviam
 Delícias e dulçores!

Virgem! — não abras teus miúdos dentes,
 No meio do delírio,
 Si, dentre êles, desferes, ¹⁶⁵⁹ como o raio,
 A seta do martírio!

Apalpa os cancrios, que me roem n'alma,
 Que o coração me comem:
 Apalpa, oh virgem, o meu seio ao menos,
 — Que me dirás: — És homem!

Sim: apalpa-me as fístulas internas, ¹⁶⁶⁰
 Vem ver como negrejam!
 Como de sangue tépido, em golfadas
 Palpitando gotejam!

Ah! não, não venhas: — as cecéns e as rosas
 No ceno fanariam:
 E as exalações de um peito infecto
 De certo te asfixiam!

Quantas vêzes pensando em ti, oh virgem,
 Pensando em teus primores,
 Extasiado clamo: — ah não sou digno
 De ti, de teus amôres! —

Oh rosa do deserto, — quem cortou-te
 Dos ramos verdes teus?
 Quem te pôs sobre o peito do poeta,
 Sinão a mão de Deus?

Tarde pousaste: — quando o meu momento
 De morte estava dado:
 E pousaste: — e não vias que pousavas
 No peito de um finado.

Num mesmo assomo, — mais rápido do que o raio,
 Da cólera divina,
 Que as estrêlas paleja e os orbes treme
 E as esferas tintina:

Sim: — num assomo de celestes iras
 Quis o senhor assim:
 Porque eu bem sei que não nasceste, oh virgem!
 Não nasceste p'ra mim!

Quem os celestes, eternais conselhos
 Compreende ou adivinha? ¹⁶⁶¹
 Deus o quis: — tu disseste-me: Sou tua!
 Eu te afirmei: — És minha! —

Inocente! — não sabes as angústias,
 Que em minha alma pelem:
 E nem sabes que as asas do infortúnio
 Em tórno a mim voltejam!

Ah virgem! — eu também fui inocente,
 Como tu és agora:
 Eu cri no amor recíproco dos homens
 Ao menos u'a hora.

E entrei no templo: e nos degraus das aras
 Expandiu-se minha alma:
 E apalpei-a: — e ante Deus e as aras
 Eu encontrei — a calma.

E entrei: — vi dominando sobre tudo
 O nu materialismo.
 Sim, crê-me: — quem me ditou estas verdades
 Não foi o ceticismo.

Eu mesmo vi nos lábios a calúnia
 Fervendo como o inferno:
 Eu mesmo vi sobre fraternos peitos ¹⁶⁶²
 Arder ódio fraterno.

Eu mesmo vi de meus irmãos, que amava,
 — De meus irmãos a ira:
 E a consciência me bradou terrível:
 — Seu amor é mentira! —

Eu mesmo vi reinando o interesse,
 Qual valido gigante:
 Eu mesmo vi quão fino era o tormento
 De um coração amante.

Eu mesmo vi o gênio das intrigas
 Levantar-se tirânico:
 E pelas fibras íntimas coou-me,
 — Coou-me um terror pânico!

Eu mesmo vi erguer-se sobre tôdas
 A fronte do traidor:
 E eu murmurei bem dentro de meu peito:
 — Aqui não há amor! —

E veio o teu amor, — que me faltava,
 Veio durar-me a vida:
 Veio acender-me o entusiasmo e o gôsto
 Nesta alma enfraquecida.

E veio o teu amor, — qual sol ardente
Após noite hibernal:
E veio o teu amor, — qual astro novo,
Qual lúcido fanal.

Veio dizer-me doce: — Ainda és vivo,
A morte está bem longe: —
Mas outra voz horrenda, como a guerra,
Veio dizer-me: — És mongel! —

Não mo digas jamais, oh virgem pulcra,
Quando eu cingir-te ao peito:
Quando eu me espreguiçar sobre teus membros
Em teu divino leito.

Quando eu contigo unificar-me em corpo
Algumas horas mais:
Quando penderem de teus doces lábios
Minhas fôrças vitais:

Quando eu cair inerte e fraco e morto
Em pálido delírio:
Quando já não puder libar-te os seios
Mais cândidos que o lírio.

Ao menos uma vez olha-me, oh virgem,
Co'os olhos, que me cegam,
Ao menos uma vez dá-me a ventura,
Que os homens me denegam!

AQUI

Talvez agora entre os convivas ébrios,
 Nas turmas dos mentidos namorados,
 Ela se esquece dos meus puros gostos
 Por nós aqui passados.

Aqui — já era noite... eu reclinei-me
 Nas moles formas do virgíneo ¹⁶⁶³ seio:
 Aqui — sobre ela eu meditei amôres
 Em doce devaneio.

Aqui — inda era noite... eu tive uns sonhos
 De monstruosa, de infernal luxúria:
 Aqui — sobre ela estremecei, sonhando
 Em amorosa fúria.

Aqui — quase manhã... eu contemplei-a
 A resfolgar com agradável ânsia:
 Aqui bebi seu hálito em torrentes,
 Torrentes de fragrância.

Aqui — era manhã... vi-a sentada
 Sobre o sofá — voluptuosa um pouco:
 Aqui — prostrei-me a lhe beijar os rastros
 Alucinado e louco.

Aqui — ardia o sol... ela beijou-me,
 Para aplacar-me a fervorosa calma;
 Aqui — meus hinos sensuais cantando,
 Ela embalou minha alma.

Aqui — era tarde... eu pude ouvir-lhe
 Protestos firmes de um amor eterno:
 Aqui — ela selou-me êstes protestos
 Com um beijo mais que terno.

Aqui — oh quantas vêzes!... eu a tive
 Unida a mim — a derreter-se em ais:
 Aqui — ela ensinou-me a ter mais vida,
 Sentir melhor e mais.

Aqui — oh quantas vêzes!... eu a tive
 Em acessos de amor desfalecida!
 Lasciva e nua — a me exigir mais gostos
 Por sôbre mim caída!

Mas lá talvez ela se esquece entanto
 Dos nossos lindos tempos já passados:
 Agora folga entre os enredos torpes
 Dos falsos namorados!

* *

Eu que te amo tão deveras,
 A quem tu, louro moçolo,
 Me fazes chiar e amolas,
 Qual canivete em rebôlo;
 Eu que, qual anjo, te adoro,
 Então, menino, eu sou tolo?

Quem te venera e te serve,
 Te serve de coração;
 Quem a nada mais atende,
 Senão a sua paixão;
 Quem sustém por ti a vida,
 Tolo não pode ser, não.

Quem te olhando a áurea face,
 Lá se queda enamorado,
 Te olhando os olhos ferventes,
 Permanece endeusado;
 Êsse que chame-lo tolo,
 Êsse sim — vai enganado.

Quem tanto por um só perde,
 Que a ninguém quer antepô-lo,
 Que vê-lo só quer num trono,
 Num trono só de ouro pô-lo;
 Que êsse que tolo xinga-lo,
 Êsse sim — êsse é que é tolo.

Quem ia em ver seu queixinho
 Bipartido se mantém;
 Quem embebido em seu todo
 Horas, dias, gasto tem;
 Quem no cárcere do corpo
 A alma por êle sustém;

Avanço axioma certo, —
 Que êsse não é tolo, não;
 Que êsse ama angêlicamente
 Fora da contação;
 Que êsse que tolo xinga-lo,
 Êsse sim — é toleirão.

E tu me xingaste tolo,
 Meu moço, anjinho ¹⁶⁶⁴ feliz!
 Só porque amar-te deveras
 Meu Deus, minha sina quis.
 Só porque certo bem maus
 Dois versos te dei que fiz.

Meu anjo me olha e despreza
Com mirar tão furibundo!
Já não hei mais esperança
De ter serafim jucundo,
Que aos Céus me leve risonho,
Quando me fôr dêste mundo.

Mas se tolo é admirá-lo,
A todo o mundo antepô-lo,
Querer lá vê-lo num trono,
Num leito dourado pô-lo,
Alfim beijá-lo e gozá-lo,
Então, sim, quero ser tolo!

AO NATAL DO ILMO. SNR. J. T. M. DA SILVA

Linda barquinha de amor
Onde is com tal louçania
A u'a viagem: é ela
Da vida tôda a poesia.

G. B. O. C.

PARÁBOLA

Cresce, viçosa mangueira,
Cresce, cresce a bom crescer,
Ascende dos céus os topos,
Ascende a bom crescer.

Dos jardins e das florestas
Sê, mangueira, alta rainha:
A árvore mais sublime
Para ti seja mesquinha.

O pinheiro alvar comprido
De ganhar-te que desista:
Do monte Líbano o cedro
Seja nada à ¹⁶⁶⁵ tua vista.

Cresce, viçosa mangueira,
Cresce, cresce a bom crescer:
Só brisa refrigerante
As fôlhas te vá mover.

Verão para ti não haja,
Não haja quadra hibernal: ¹⁶⁶⁶
Vivas sempre em primavera
De ledice divinal.

Avezinhas encantadas
Nas galhas pousem-te aos mil:
Trinem-te doces trinados
Os canários do Brasil.

Papa-capim alvacento
Te vá seus cantos tremer:
Cresce, viçosa mangueira,
Cresce, cresce a bom crescer.

Do teu chão na grama agreste
Em noites de almo luar
Teus pomos açafroados
A fé quêdo irei guardar.

Junto ao sopé do teu tronco
Hei de ansioso cair: ¹⁶⁶⁷
Noturno ladrão não há de
As tuas frutas fruir.

Irei nas noites de escuro
Beber a tua frescura,
Qu'ô tipo de meu mau gênio
O' merencória tristura.

Da manhã no albor fulgente
Irei ver qual amanheces:
Se já estás mais crescida,
Se mais e mais já floresces.

Ao pino do meio-dia,
A tua lânguida sombra,
A ¹⁶⁶⁸ teus pés irei deitar-me
Da relva na mole alfombra.

Em tanto os pomos formosos
A fé — que não tocarei:
Mais que os dois no paraíso
Cumprirei tão santa lei.

Só de olhar-te co'os meus olhos
Tendo inefável prazer:
Cresce, viçosa mangueira,
Cresce, cresce a bom crescer.

Pedirei a Deus que nunca
Ronque rouco furacão,
Que tuas profundas plantas
Desarraigue ¹⁶⁶⁹ ao chão.

Viverás vida de amôres,
Viverás vida imortal:
Verão para ti não haja,
Não haja quadra hibernal.

Floresce em chão de lindezas,
Dos prazeres na sazão:
Para ti que nunca ronque
Ronquejante furacão.

Galerno macio e fresco
Tuas fôlhas vá morrer;
Cresce, viçosa mangueira,
Cresce, cresce a bom crescer.

Até que te veja um dia
Topetar ¹⁶⁷⁰ dos céus o cimo:
Sobranceira às demais árvores, ¹⁶⁷¹
Árvore de tanto mimo.

Só se fale em tôda terra
Em tua grã formosura, ¹⁶⁷²
Em tua verde folhagem,
Em tua amável frescura,

E tua cima altaneira
Aos céus de amôres erguer:
Cresce, viçosa mangueira,
Cresce, cresce a bom crescer.

(Imitado)

Piedade, 21 de dezembro de 1850.

J. F.

A MINHA BANDEIRA 1673

Si um dia esta Pátria
Pisar sôbre os reis,
Si um dia êste povo
Fizer suas leis:

Si um dia a montanha
Gritar — liberdade! —
E o mar, respondendo,
Bramir — igualdade!

Não temas! — Teu timbre
Será sempre tal:
Bandeira da Pátria,
Tu és imortal!

Teu fundo sòmente
E' que há de mudar:
Que a c'roa de um homem
Não te há de manchar.

MEU SAVEIRO

Tu, agora, tu és brasileiro,
Com essas côres da nossa Nação:
O barbárico e rude africano
Não governa o teu leme mais não.

Tu agora já tens outro orgulho,
Como tens igualmente outra côr:
Meu saveiro, espaneja êstes mares,
Nada temas; — que eu sou teu senhor.

Nada temas; que eu sou brasileiro,
Sou da tua floresta natal:
Não te temas dos mares comigo,
Meu saveiro; — que eu sou teu igual.

Consagro ao canto do povo
A lida que Deus me deu.
Instintos do povo eu tenho,
Eu tenho o sangue plebeu.

Eu sinto, eu sinto da pátria
Fervendo-me a inspiração.
Ouve, oh povo, os meus cantares,
Ouve: que eu sou teu irmão.

Vaidosa comprada insígnia
Não adorna o peito meu:
Instintos do povo eu tenho,
Eu tenho o sangue plebeu.

Eu vi de noite em meus sonhos
Imagem tôda cruenta
Co'os olhos boiando em chamas,
Co' a bôca e a face sangrenta.

Julguei-o do povo atleta
Que pelo povo morreu:
Instintos do povo eu tenho, 1674
Eu tenho o sangue plebeu.

Mostrava em rubros pedaços
O coração todo aberto
Co' o chumbo ardente do tiro
De cinza e sânie 1675 coberto.

Eu respeitava em minha alma
O nobre silêncio seu:
Instintos do povo eu tenho, 1676
Eu tenho o sangue plebeu.

Mostrando o peito rasgado
Ele me disse: Não vês?
Eu maldisse — e o céu comigo
Os ferros do intruso inglês.

Gomes Freire! — eu disse, ardendo,
Ês-tu, êste rasgo é teu;
Instintos do povo eu tenho,
Eu tenho o sangue plebeu.

Num raio de luz mais clara
Eu vi mais outra visão.
O longo ébano cabelo
Corria — beijava o chão.

Eu conheci nos seus olhos
Que era alguém do povo meu: 1677
Instintos do povo eu tenho,
Eu tenho o sangue plebeu.

Era uma virgem das selvas
Desta América gentil
Abraçando o herói da lira
Mais herói neste Brasil.

“Gratidão; dizia ao homem
Que a meus filhos defendeu”. 1678
Instintos do povo eu tenho,
Eu tenho sangue plebeu.

E o altivo herói e a virgem
Sublimes as mãos se deram
E dentro de um brando riso
Juntos, juntos me disseram:

“Êste sangue que em nós corre
Corre pelo corpo teu”. 1679
Instintos do povo eu tenho,
Eu tenho sangue plebeu.

E uma lira me ofertaram
De aço puro e refulgente
Como um alfange afiado
Dos guerreiros do crescente.

Disseram-me: “Canta o povo.”
“Canto, sim”, — disse-lhes eu.
Instintos do povo eu tenho,
Eu tenho sangue plebeu.

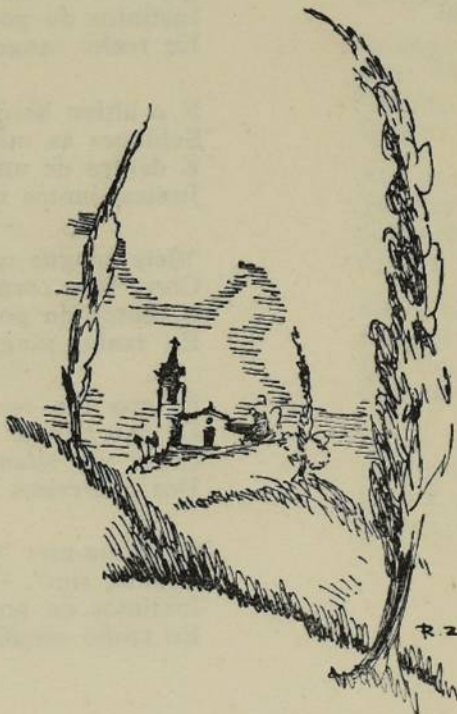
FRAGMENTOS DO PADRE ROMA

E o sangue nosso — há séculos de ferro —
 Inundou, inundou o chão da pátria,
 — E não nasceu a liberdade ainda!
 Em vão pelas escadas do patíbulo,
 — Das férreas mãos do bárbaro carrasco
 Rolou, rolou, entre o sorrir dos déspotas,
 Entre as palmas sonoras dos monarcas,
 De Xavier a intrépida cabeça
 Rolou, — e vívido e férvido seu sangue
 Salpicou e tingiu a face ao povo,
 — A êsse povo entusiasta e fraco,
 Que vê seus filhos a morrer por êle,
 Que vê algozes a torcer-lhe os pulsos,
 Que vê estranhos a roubar-lhe o próprio,
 — E cúmplice espontâneo em seu suicídio,
 Como um infante temeroso e estulto,
 Prantos apenas feminis levanta!

Deu-me a Bahia! — pródigo tesouro,
 De que sòmente me compete a chave,
 Onde se escondem cabedais incríveis,
 Minas profundas de metais custosos,
 Que êsse resto de mundo embalde inveja:
 Deu-me a Bahia! — abismo de grandezas,
 Em cujo seio alguma fada estende
 Seus domínios de místico prestígio,
 Seus encantos de mágica riqueza.
 Deu-me a Bahia! — a terra milagrosa,
 Que de ouro fino e lúcidos brilhantes
 Me estofa as bordas do macio leito.

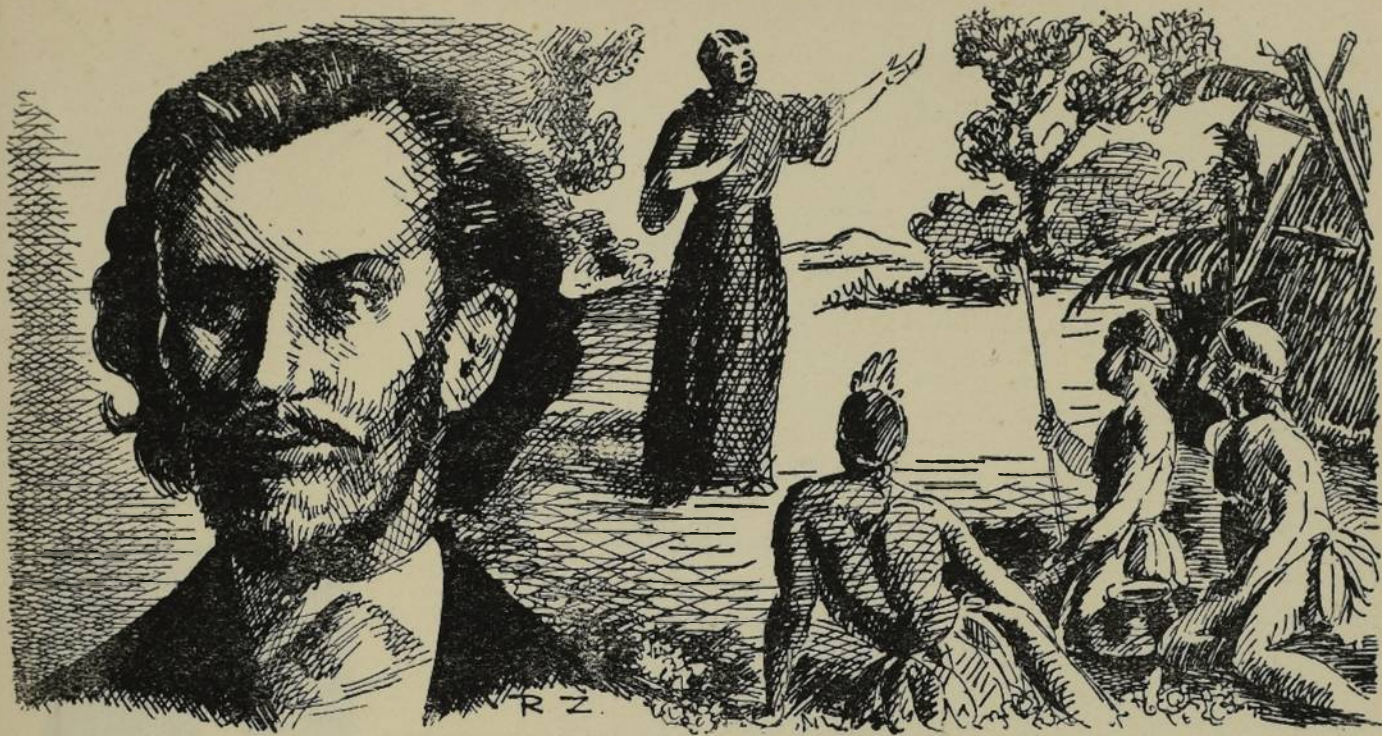
Não vêdes lá essa montanha ingente
 Que sai gentil do gúrgite das vagas?
 Vêde-a lá — como é bela! ao longo, ao longo
 Vai-se estendendo recurvada, airosa,
 Meneando seu colo. Está vestida
 De verdeneira toga, espêssa e vasta.
 Matizam-na por cima alvos labores
 Aqui, ali, simétricos e lindos.
 Veias de gema de esmeralda e ouro
 Pela corada face — e róseos braços
 Serpenteando vão sem fim, sem ordem.
 Parece, ao longe, uma visão de sonhos,
 Idéia de poeta à meia-noite,
 Um fantasma dormindo à flor das águas.

Assim é minha pátria. Assim é ela,
 Sabei, nações dos cárdines do mundo!
 Única linda para mim é ela,
 Em tôda a terra. Encantos e donaires
 Nenhuma as tem aí em cópia tanta.
 Mais arte mostrarão outros países,
 Mais arte, sim — mais natureza, nunca.
 Esta selvática eloqüente e simples,
 Visível expressão do belo eterno,
 Só minha terra a tem. Eu quero nela
 Um pedaço de chão onde repouse,
 Não quero estátuas, túmulos nas outras.
 Assim é minha terra! Assim é ela,
 A soberba cidade da montanha!
 Só ela é bela para mim: só ela
 Fala-me encantos, fala-me primores.





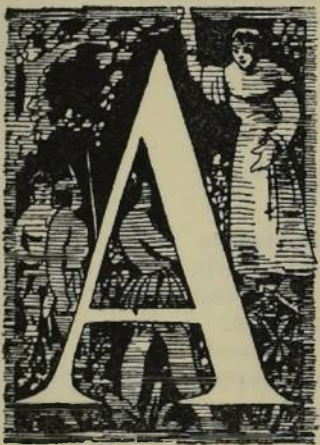
Eagundes Varela



Correi, correi, oh! lágrimas saudosas...

LUÍS NICOLAU FAGUNDES VARELA (1841-1875) — Nasceu no município de Rio Claro, província do Rio de Janeiro. Depois dos estudos básicos na província natal, matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo (1862), casando-se no mesmo ano. Daqui por diante a vida foi-lhe um rosário de boêmias, de infelicidades, de intemperança alcoólica, mas de fecundidade poética e de extraordinária inspiração. Um ano passou em Recife (1865) continuando o curso de Direito (3.º ano). Em 1866 está de volta a São Paulo, matriculando-se no 4.º ano. Os sofrimentos morais levam-no a abandonar o curso e todos os compromissos sociais: só duas realidades o consolam — a poesia e a natureza. Com trinta e quatro anos morre de apoplexia, deixando uma espôsa (segundo matrimônio), duas filhinas e uma obra poética de fulgurações de gênio: *Noturnas* (São Paulo, 1861); *O estandarte auriverde* (São Paulo, 1863); *Vozes da América* (São Paulo, 1864); *Cantos e fantasias* (Paris, 1865); *Cantos meridionais* (São Paulo, 1869); *Cantos do êrmo e da cidade* (Paris, 1869); *Anchieta ou o Evangelho nas selvas* (Rio, 1875); *Cantos Religiosos* (Rio, 1878) e *Diário de Lázaro* (Rio, 1880). Publicaram-se as *Obras Completas* em três volumes (Havre, 1886?), editadas pela Livraria Garnier.

NOTURNAS. 1680



AVISO.

DIFICULDADE e demora das publicações em S. Paulo, não permitiam que tão cedo apparecesse a coleção completa de meus versos, entretanto as instâncias e pedidos cresciam de dia em dia, e fazia-se mister aceder aos benévoloos desejos do público. Tomei por isso a deliberação de publicar em — séries — o meu livro, das quais apresento hoje a primeira, e empenhando-me a continuar com pequenos intervalos de tempo. Peço desculpas por isso aos Snrs. subscritores desta minha grande porém involuntária falta.

S. Paulo, 1.º de Outubro de 1861.

L. N. F. VARELA.

À MINHA MÃE.

Nas férteis regiões da Ásia a árvore da mirra e do incenso inundam de perfumes a gleba onde vicejam; — o cisne do Eurotas desfaz-se em harmonias ante a natureza que o cerca; — o Jordão desenrola cadente suas lâminas de cristal sôbre as areias de oiro da terra abençoada. Eu não tenho porém cantos, — nem perfumes — nem harmonias para vos dar, oferto-vos apenas êste pálido ramallete das fanadas flores de minha mocidade; — aceitai-o porque são saudades que vos envio através dos mares e das montanhas, — são lágrimas cristalizadas na febre das insônias, — são os primeiros lampejos de minh'alma doentia que se volvem para vós. Aceitai-o.

NÉVOAS.

Nas horas tardias que a noite desmaia,
Que rolam na praia mil vagas azuis,
E a lua cercada de pálida chama
Nos mares derrama seu pranto de luz,

Eu vi entre os flocos de névoas imensas
Que em grutas extensas se elevam no ar,
— Um corpo de fada, — serena dormindo,
Tranqüila sorrindo num brando sonhar.

Na forma de neve — puríssima e nua —
Um raio da lua de manso batia,
E assim reclinada no túrbido leito
Seu pálido peito de amôres tremia.

Oh! filha das névoas! das veigas viçosas,
Das verdes, — cheirosas roseiras do céu,
Acaso rolaste tão bela dormindo,
E dormes sorrindo, das nuvens no véu?

O orvalho das noites congela-te a fronte,
As orlas do monte se escondem nas brumas,
E quêda repousas num mar de neblina,
Qual pérola fina no leito de espumas!

Nas suas espáduas, dos astros dormentes,
— Tão frio — não sentes o pranto filtrar?
E as asas de prata do gênio das noites,
Em tibios açoites a trança agitar?

Ai! vem que nas nuvens te mata o desejo
De um férvido beijo gozares em vão!...
Os — astros sem alma — se cansam de olhar-te,
Não podem amar-te, nem dizem paixão!

E as auras passavam, — e as névoas tremiam, —
— E os gênios corriam — no espaço a cantar,
Mas ela dormia tão pura e divina
Qual pálida ondina nas águas do mar!

Imagem formosa das nuvens da Ilíria,
— Brilhante Valquíria — das brumas do norte,
Não ouves ao menos do bardo os clamores,
Envôlta em vapores, — mais fria que a morte!

Oh! vem! vem, 1681 minh'alma! teu rosto gelado,
Teu seio molhado de orvalho brilhante,
Eu quero aquecê-los no peito incendiado,
— Contar-te ao ouvido paixão delirante!...

Assim eu clamava tristonho e pendido,
Ouvindo o gemido da onda na praia,
Na hora em que fogem as névoas sombrias,
— Nas horas tardias que a noite desmaia. —

E as brisas d'aurora ligeiras corriam,
No leito batiam da fada divina;
Sumiram-se as brumas do vento à bafagem
E a pálida imagem desfez-se em — neblina!

Santos — 1861.

VIDA DE FLOR.

Porque vergas-me a fronte sôbre a terra?
— Diz a flor da colina ao manso vento —
Se apenas das manhãs o doce orvalho
Hei gozado um momento!

Tímida ainda, nas folhagens verdes
Abro a corola à quietação das noites,
Ergo-me bela, me rebaixas triste
Com teus ferros açoites!

Oh! deixa-me crescer, lançar perfumes,
Vicejar das estrélas à magia,
Que minha vida pálida se encerra
No espaço de um só dia!

Mas o vento agitava sem piedade
A fronte virgem da cheirosa flor,
Que pouco a pouco se tingia, triste,
De mórbido palor.

Não vês, 1682 oh brisa? lacerada, — murcha,
Tão cedo ainda vou pendendo ao chão,
E em breve tempo esfolharei já morta
— Sem chegar ao verão?

Oh tem pena de mim! deixa-me ao menos
Desfrutar 1683 um momento de prazer,
Pois que é meu fado despontar n'aurora
E ao crepúsc'lo morrer!...

Brutal amante não lhe ouviu as queixas,
Nem às 1684 suas dores atenção prestou,
E a flor mimosa retraindo as pétalas
Na tige se inclinou.

Surgiu n'aurora, não chegou à tarde,
Teve um momento de existência só;
A noite veio, — procurou por ela,
Mas a encontrou no pó.

Ouviste, oh virgem, a legenda triste
Da flor do outeiro e seu funesto fim,
— Irmã das flores, à mulher às vêzes — 1685
Também sucede assim.

S. Paulo — 1861.

ARQUÉTIPO.

Ele era belo; na espaçosa fronte
O dedo do Senhor gravado havia
O sigilo do gênio; em seu caminho
O hino da manhã soava ainda,
E os pássaros da selva gorjeando
Saudavam-lhe a passagem neste mundo.

Sim, era uma criança, e no entanto
Friez de morte lhe coava n'alma!
O seu riso era triste como o inverno,
E dos olhos cansados, nem um raio
Nem um clarão, nem pálido lampejo
Da mocidade o fogo revelavam!

Era-lhe a vida uma comédia insípida,
Estúpida e sem graça, — êle a passava
Com a fria indiferença do marujo
Que fuma o seu cachimbo reclinado
Na proa do navio olhando as vagas,
— Vivia por viver.... porque vivia.

Em nada acreditava; há muito tempo
Que a idéia de Deus soprara d'alma
Como das botas a poeira incômoda.
O Evangelho era um livro de anedotas, 1686
Beethoven torturava-lhe os ouvidos,
A Poesia provocava o sono.

Muita donzela suspirou por êle,
Muita beleza lhe dormiu nos braços,
Mas frio como o gênio da descrença,
Após um' hora de gozar maldito,
Saciado as deixou, como o conviva
A mesa do festim, — farto e cansado. —

Era mais caprichoso, — mais bizarro
Do que um filho de Albion, mais volúvel
Que um profundo político; uma tarde
Após haver jantado, recordou-se
Que ainda era solteiro; pelo Papa!
— E' preciso tentar, disse consigo.

Quatro dias depois tinha casado.
Escolhera uma noiva descuidoso,
Como um brinco chinês — um livro in-fólio,
Ao altar conduziu-a, distraído,
E as juras divinais do casamento
Repetiu bocejando ao sacerdote.

Como tudo na vida, o matrimônio
Bem cedo o aborreceu; após três meses
Disse Adeus à mulher que pranteava,
E acendendo um cigarro, a passos lentos
Dirigiu-se ao teatro onde assistiu
Um drama de *Feuillet*, — quase dormindo. —

Por fim de contas, uma noite bela, 1687
Depois de ter ceado entre dous padres,
Em casa de morena Cidalisa,
Pegou numa pistola e entre as fumaças
De saboroso — *Havana* — à eternidade
Foi ver si divertia-se um momento.

São Paulo — 1861.

O FORAGIDO.

(CANÇÃO.)

Minha casa é deserta; na frente
Brotam plantas bravias do chão,
Nas paredes limosas — o cardo —
Ergue a frente silente ao tufão.

Minha casa é deserta. O que é feito
Dêsses templos benditos d'outrora,
Quando em tórno cresciam roseiras, 1688
Onde as auras brincavam n'aurora?

Hoje a tribo das aves errantes
Dos telhados se acampa no vão,
A lagarta percorre as muralhas,
Canta o grilo pousado ao fogão.

Das janelas no canto, as aranhas
Leves tremem nos fios dourados,
As avencas pululam viçosas
Na umidade dos muros gretados.

Tudo é tredo, 1689 meu Deus! o que é feito
Dessas eras de paz que lá vão,
Quando junto do fogo eu ouvia
As legendas sem fim do serão?

No curral esbanjado, entre espinhos,
Já não bala ansioso o cordeiro,
— Nem desperta-se ao toque do sino —
— Nem ao canto do galo ao poleiro. —

Junto à cruz que se eleva na estrada
Sêco e triste se embala o chorão,
Não há mais o esfumar das acácias,
Nem do crente a — sentida oração.

Não há mais uma voz nestes êrmos,
Um gorjeio das aves no val,
Só a fúria do vento retroa
Alta noite agitando o ervaçal!

Ruge, oh 1690 vento gelado do norte,
Torce as plantas que brotam do chão,
Nunca mais eu terei as venturas
Dêsses tempo de paz que lá vão!

Nunca mais dêsses dias passados
Uma luz surgirá dentre as brumas!
As montanhas se embuçam nas trevas,
As torrentes se vendam de espumas!

Corre pois vendaval das tormentas,
Hoje é tua esta morna soidão!
Nada tenho, que um céu lutulento
E uma cama de espinhos no chão!

Ruge, voa, 1691 que importa! sacode
Em lufadas as crinas da serra,
Alma nua de crença e esperanças
Nada tenho a perder sôbre a terra!

Vem, meu pobre e fiel companheiro,
Vamos, vamos depressa, 1692 meu cão,
Quero ao longo perder-me das selvas
Onde passa rugindo o tufão!

Cantareira — 1861.

FRAGMENTOS.

.....
Por ela me despi dos áureos sonhos
Que a flor da mocidade abrilhantavam;
Por ela reneguei meu Deus e crenças,
Por ela abandonei meus pátrios lares,
E nas fráguas do amor e da saudade
Vi minha vida desfazer-se em fumo!

Como o perfume que transpira à noite
Da margem da lagoa — a flor mimosa —
Vai delcitar o viajor que a névoa
Desorienta da campina extensa.
Vinhãmen amenizar — lembranças dela
A sombria tristeza de minh'alma!

De plaga em plaga como o hebreu maldito
Refugiei-me em vão, buscando d'alma
Expulsar o pesar que me roía!
Mendiguei um alívio ao céu de Itália;
Aos cantos do barqueiro errei à 1693 noite
— Nas ondas perfumadas de Sorrento; —
Adormeci na encosta do Vesúvio,
E visitei as lúcidas paragens
Onde Laura e Petrarca suspiraram.
Mas era embaldel... nem o céu brilhante,
Nem o meigo sorriso, — o olhar de fogo
Da bela Italiana, nem os cantos,
Nem os festins ruidosos de Veneza,
Sanar puderam de meu seio a mágoa,
E a dor pungente que ia fundo n'alma!

À loira Grécia dirigi meus passos,
Adormeci à sombra dessas ruínas
Onde envolto em seu manto de descrença
Lorde Byron vagou. Abri meu peito
As vozes divinais de antigas eras,
E no sôpro das brisas que passavam
Ouvi o côro de — milhões de deuses —
Que das balsas floridas levantavam-se
À minha invocação; de Tempe ao vale
Fui aos ecos pedir — os doces cantos —
Que ali ditosa repetira Safo
Nos braços de Faon; e no entanto
Em vão minh'alma se engolfar buscava
No livro do passado, — em vão meus lábios
Murmuravam canções de seus poetas!
O pesar me seguia — mudo, — frio —
Horível como um plúmbeo pesadelo!

Deixei a Grécia. Às regiões ardentes
Onde nuvens de areia o ar percorrem
— No sólio do zenite — ¹⁶⁹⁴ o sol nublando,
Onde lenta caminha a caravana
Abraçada de sede e de cansaço,
— Fugindo o tédio de uma vida eivada,
Como — Harold ou René — lancei-me triste
Cercada a frente de trevosas nuvens.

Descansei sob as tendas do deserto
Matei a sede de meu peito em fogo
— Nas águas lamacentas das cisternas,
E após deixando os areais sem têrmos
Embrenhei-me nas selvas seculares
Lá onde à sombra de soberbos cedros
Dormia a solidão seu sono imenso!
— Mas as canções dos árabes errantes, —
Os urros do *simoun*, — o murmúrio
Da folhagem da selva, — o mundo todo —
Dêsse vasto poema do deserto —
Falavam-me de dor e de amarguras,
Negra saudade me acordavam n'alma!

Vaguei nos mares à tormenta exposto, ¹⁶⁹⁵
Vi diante de meus pés — o oceano e a morte, —
E meu frágil baixel arrebatado
— Ora no dorso de espumosas vagas —
Ir doudejando topetar nas nuvens,
— Ora no abismo se afundar gemendo! —
Abrindo as asas negras sôbre os mares
Corria o furacão rugindo em fúrias
Como o anjo da morte! No infinito
— A orquestra da tormenta — ribombava
Horível e sublime! O céu rugia,
As serpentes de fogo se enroscavam
No espaço abraçado, — as ardentias
Referviam no abismo escancarado
Como os lumes que em breve me esperavam
Na tumba imensa de revôltas águas!
E enquanto os mastros a estalar caíam
Ao roçar da tormenta, enquanto os nautas
Prostrados no convés — a Deus clamavam
Ante a agonia — a tempestade — e a morte,
Pedindo às ¹⁶⁹⁶ vagas, olvidando tudo,
O nome dela eu murmurava em prantos.

Dos abismos à flor, como Manfredo,
Os gênios invoquei — vertiginoso —
P'ra que lançassem de minh'alma aos êrinos

— De mim mesmo, um profundo esquecimento.
Pedi a Deus — um existir de bruto, —
Matéria impura sem pensar nem dores.
Mas nem um gôzo iluminou-me a vida,
Nem uma fonte límpida e serena
Rebentou — pelo Sáara — de minh'alma!

Errei nessas paragens encantadas
Onde à sombra de um bosque de palmeiras
Regatos correm de serenias águas:
Ouvi ave sonora se embalando,
À morredoura luz de amenas tardes
Lançar gorjeios de saudade infinda;
O céu de azul me iluminava a frente
Com torrentes de luz, as flores tôdas
Me incensavam de aromas suavíssimos.
Mas — o riso da flor — o som das brisas —
A criação pejada de perfumes
Contando aos astros em linguagem doce
Suas lendas de amôres e sorrisos,
Não podiam sequer matar-me n'alma
O negro viso de uma dor sem têrmos!
De deserto em deserto se acampando
Os pastôres da Arábia a vida passam;
Como êles vagabundo, — eivado o seio,
De dor em dor com vagarosos passos
Atravesso os desertos da existência!

Cansado de lutar sôbre esta vida,
Senti um dia esmorecer no crânio
A centelha da crença e da esperança.
Por altas noites, na mansão dos mortos
Quando a terra dormia, mergulhado
Em negro pesadelo, errei sombrio
Os mistérios da campa interrogando.
Haverá outra vida?... Após a morte
Irei eu habitar um novo mundo
Onde não sinta os desprazeres dêste?
Eu filho da matéria e escravo dela
Serei em breve reduzido a lôdo,
Após haver tragado em brônzea taça
Tanto fel e absinto?... assim clamava
Colando sôbre a terra dos sepulcros
Minha frente incendiada pela febre.
Mas lá de longe, — lá do céu quem sabe,
Vinha uma voz ungida de saudades,
A harmonia da fé lançar-me n'alma,
E a flor das esperanças — moribunda —
Alimentar com tímidas promessas!
Era ela! ela sempre! à noite, — ao dia —
No sono — ou na vigília!... amiga sombra,
Incessante visão da felicidade,
Presente sempre a meus cansados olhos
Na penosa jornada dêste mundo!

Anjo de meu amor! — filha de Deus!
Porque me inflinges o cruel suplício
De ver-te sempre, — de abraçar-te nunca!

Ligeiras nebulosas que habitais
Sôbre os mares de éter, — róseas nuvens, —
Fúlgida estrêla que à manhã nascendo,
Desperta o viandante nas estradas,

Astros gigantes, — espantosos mundos
 Que girais no infinito!... oh em vós todos
 Eu parecia vê-la! — ora divina
 Num oceano de névoas flutuando,
 — Ora adejando na região das luzes, —
 Ora no espaço que a razão apenas
 Só pode conceber!... em meu caminho
 Ela se erguia sempre; nos meus sonhos
 Ela passava pensativa, — meiga
 Como um gênio de Óssian; nos meus versos
 Seu doce nome ressoava sempre!
 Debalde procurei riscar da mente
 Essa imagem divina, — parecia
 Que o destino a ligava à minha vida!

Tôdas as taças de um viver sem gôzo
 Traguei descrido. De minh'alma as flores
 No lôdo mergulhei, e inda tão cedo
 Me perdi em profundos desvarios!
 Fui no recinto em que circula o vício,
 Ao clarão da candeia fumarenta,
 Pender à ¹⁶⁹⁷ negra mesa — empalecido —
 Gastando as noites no fervor do jôgo!
 Tonto de vinho, — desvairado em febre, —
 Elevei minha taça transbordando
 Entre blasfêmias e obscenos cantos!
 E nos gritos da orgia, — e no delírio —
 Uma voz sonora me acordava
 Do longo pesadelo de minh'alma,
 — E eu soluçava me lembrando dela!

Coberto de tristeza e de saudades,
 Quebrei a ausência, atravessei os mares,
 Vim a vida buscar ante seus olhos.
 Após tão longo exílio, ardendo em gôzo,
 O coração pulsando de alegria,
 Aos lares dela dirigi meus passos.
 Mas silêncio!... um véu negro, impenetrável,
 Cubra êsse quadro que meus olhos viram;
 Durma na sombra de um olvido eterno
 Êsse mistério fúnebre, banhado
 De lágrimas de sangue! E tu, ¹⁶⁹⁸ minh'alma,
 E tu, pobre infeliz, manchada — fria —
 Abafa no teu seio essas lembranças,
 Nem um sonho siquer dêsse passado
 Venha turbar teu pesadelo imenso!

Rio Claro — 1861.

A MULHER.

(A C.....)

A mulher sem amor é como o inverno,
 Como a luz das antélias no deserto,
 Como o espinheiro de isoladas fragas,
 Como das ondas o caminho incerto.

A mulher sem amor é — Mancenilha —
 Das êrmas plagas sôbre o chão crescida,
 Basta-lhe à sombra repousar um'hora,
 Que seu veneno nos corrompe a vida.

De eivado seio no profundo abismo,
 Paixões repousam num sudário eterno;
 Não há canto nem flor, — não há perfumes,
 A mulher sem amor é como o inverno.

Su'alma é um alaúde desmontado
 Onde embalde o cantor procura um hino;
 — Flor sem aromas, — sensitiva morta, —
 — Batel nas ondas a vagar sem tino.

Mas se um raio do sol tremendo deixa ¹⁶⁹⁹
 Do céu nublado a condensada treva,
 A mulher amorosa é mais que um anjo,
 — É um sôpro de Deus que tudo eleva!

Como o árabe ardente e sequioso
 Que a tenda deixa pela noite escura,
 E vai no seio de orvalhado lírio
 Lamber a mêdo a divinal frescura:

O poeta a venera no silêncio,
 Bebe o pranto celestes que ela chora,
 Ouve-lhe os cantos, — lhe perfuma a vida,...
 — A mulher amorosa é como a aurora!

São Paulo — 1861.

SÔBRE UM TÚMULO.

Torce-te aí na sepultura fria
 Onde passa rugindo o furacão,
 Seja-te o orvalho das manhãs negado,
 Soe em teu leito a voz da maldição!
 Teu castigo será gemer debalde
 Buscando o sono que o sudário deixa,
 Ouvir nas trevas de uma noite horrenda
 De errantes larvas a funérea queixa!
 Pese-te a terra qual um fardo imenso,
 Infecta podridão cubra teus olhos,
 Seque o salgueiro que sombreia a lousa
 E em seu lugar estendam-se os abrolhos!
 Roam-te o ódio, — a maldição, — o olvido,
 E quando as turbas levantar-se um dia,
 — Aparências de Deus, — para afundar-se
 No seio d'Ele, ardentes de alegria,
 Surdo sejam aos ecos da trombeta
 Em teu leito de pedra enregelada;
 Findem-se os mundos, e a existência tua
 Fria se apague na soidão do nada!

São Paulo — 1861.

TRISTEZA.

Minh'alma é como o deserto
 De dúbia areia coberto,
 Batido pelo tufão;
 É como a rocha isolada
 Pelas espumas banhada,
 — Dos mares na solidão. —

Nem uma luz de esperança,
Nem um sôpro de bonança
Na frente sinto passar!
Os invernos me despiram,
E as ilusões que fugiram
Nunca mais hão de voltar!

Roem-me atrozes idéias,
A febre me queima as veias,
A vertigem me tortura!...
Oh! por Deus! quero dormir,
Deixem-me os braços abrir
Ao sono da sepultura!

Despem-se as matas frondosas,
Caem as flores mimosas
Da morte na palidez:
Tudo, tudo vai passando,
Mas eu pergunto chorando
— Quando virá minha vez?

Vem, oh virgem descorada, ¹⁷⁰⁰
Com a fronte pálida ornada
De cipreste funerário,
Vem! oh quero nos meus braços
Cerrar-te em meigos abraços
Sôbre o leito mortuário!

Vem oh morte! a turba imunda,
Em sua miséria profunda,
Te odeia, te calunia,
— Pobre noiva tão formosa
Que nos espera amorosa
No têrmo da romaria.

Quero morrer, que êste mundo
Com seu sarcasmo profundo
Manchou-me de lôdo e fel;
Porque meu seio gastou-se,
Meu talento evaporou-se
Dos martírios ao tropel!

Quero morrer: não é crime
O fardo que me comprime
Dos ombros lançar ao chão,
Do pó desprender-me rindo
E as asas brancas abrindo
Lançar-me pela amplidão!

Oh! quantas loiras crianças
Coroadas de esperanças
Descem da campa à friez!...
Os vivos vão repousando
Mas eu pergunto chorando:
— Quando virá minha vez? —

Minh'alma é triste, pendida,
Como a palmeira batida
Pela fúria do tufão;
É como a praia que alveja;
Como a planta que viceja
Nos muros de uma prisão!

A ENCHENTE.

Era alta noite. Caudaloso e tredo
Entre barrancos espumava o rio,
Densos negrumes pelo céu rolavam,
Rugia o vento no palmar sombrio.
Triste, batido pelas águas tôrvas
Girava o barco na caudal corrente,
Lutava o remador — e ao lado dêle
Uma virgem dizia tristemente:

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos bóiam sôbre as águas frias!

E são jovens, bem jovens! na cabana
Dormiam calmos sem pensar na sorte; ¹⁷⁰¹
A enchente veio, e no agitar infrene
De um sono meigo os conduziu à morte!
A f'licidade é um sonho nebuloso,...
A vida neste mundo é sempre assim,
Do gôzo em meio a veladora eterna
Nos arranca da mesa do festim!

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos bóiam sôbre as águas frias!

— Rema, rema ¹⁷⁰² barqueiro; olha, — lá em baixo
A luz vermelha do fuzil que passa,
Não vês o vulto de um rochedo escuro
Que a correnteza estrepitando abraça?
— Oh se o vejo, ¹⁷⁰³ senhora; eu bem o vejo!
Diz o barqueiro com sinistra voz;
Pedi à Virgem que os perigos vela
Que tenha ao menos compaixão de nós!

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos bóiam sôbre as águas frias!

Eis dentre as vagas de caligem densa
Vem macilenta se mostrando a lua,
Como à luz dela a natureza é morta,
Como a planície é devastada e nua!
Perto, tão perto se levanta a margem
Onde fagueira a salvação sorri,
E nós rolamos, e rolamos sempre
E não podemos aportar ali!

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos bóiam sôbre as águas frias!

Duro, insofrido o vendaval soergue
Da onda a face em convulsão febril;
— Barqueiro, 1704 alento! e chegando em terra,
Hei de cobrir-te de riquezas mil.
Porém no dorso do dragão das águas
Lutava o barco — mas lutava em vão,
E a pobre moça desvairada em prantos
Pedia à Virgem que lhe desse a mão!

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos bóiam sôbre as águas frias!

— Ouve, 1705 barqueiro, que rugido é êsse
Profundo e surdo que lá em baixo soa?
Parece o ronco de um trovão medonho
Que dos abismos pelo seio ecoa!
— Oh!. 'stou perdido!... abandonando os remos
Clama o infeliz a delirar de medo,
Oh é a morte que nos chama, horrível,
No fundo escuro de feral rochedo!

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos bóiam sôbre as águas frias!

Ia o batel. Ao sorvedouro imenso
Era impossível se esquivar então,
Dentro sentado — o remador chorava,
E a donzela dizia uma oração.
Já diante dêles entre véus de espuma
Treda — a voragem com furor rugia,
E uma coluna de ligeiro fumo
Do centro escuro para o céu subia.

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos bóiam sôbre as águas frias!

Súbito o barco volteou rangendo,
Tremeu em ânsia — se estorceu, recuou, —
Deu a virgem um grito — outro o barqueiro
E o lenho na voragem se afundou!
Tudo findou-se. O vendaval sibila
Correndo infrene na planície nua,
O rio espuma e nas revôltas ondas
Descem dois corpos ao clarão da lua.

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos bóiam sôbre as águas frias!

Setembro — 1861.

À ESTÁTUA EQUÊSTRE.

Ergue-te ousado sôbre o chão da praça, 1706
Homem de bronze, — imagem de monarca,
Simulacro fatal!
Pisa inda as turbas humilhadas, como
As duras patas do corcel que montas 1707
O chão do pedestal.

Cansadas nunca de opressores ferros,
Livres de um jugo, — de outro jugo escravas, 1708
As massas enervadas
Do pó resgatam seus tiranos mortos,
E à luz do sol inundam de louvores,
Por terra debruçadas!

Raça de Ilotas, que fizestes pois
Da férvida centelha que no seio
Vos pôs a Divindade?
Porque reledes o passado escuro,
Quando devêras derribar os tronos
Cantando a liberdade?

Vota-se à treva o busto dos Andradas,
Some-se a glória de ferventes mártires
Na lama do ervaçal!
Mas fria a estátua pisa a turba, como
As duras patas do corcel de bronze
O chão do pedestal!

Oh terra do Brasil; — diamante vívido
Da coroa soberba de Colombo,
— Bela estrêla do sul, —
Porque tão cedo declinais a frente
E a fímbria do vestido enegreceis
No limo do paul?

Porque tão cedo enregelais o seio
Nessas frias geadas que predizem
A morte das nações,
E os pulsos presos, e a vontade escrava,
Do mártir a memória e a voz dos bardos
Cobris de maldições?

Erguei-vos dêsse lívido marasmo,
Afrontai o negrume das tormentas,
O horror da tirania!
Se agora em bronze eternizais — senhores, —
Gravai nos bronzes o brasão dos livres.
Saudai um novo dia!

Embora o mundo me proclame louco,
Embora à frente com furor me gravem
Estigma infernal!
Não posso calmo ver pisar-se as turbas,
Como o corcel de levantada estátua
O chão do pedestal!

S. Paulo — Outubro — 1861.

O ESTANDARTE AURIVERDE 1709

CANTOS SÔBRE A QUESTÃO ANGLO-BRASILEIRA

O Estandarte Auri-Verde/ Cantos/ sobre/ a questão anglo-brazileira/ por/ L. N. Fagundes Varella./ JRAM/ S. Paulo/ Typ. Imparcial, de J. R. de A. Marques,/ 49-Rua do Rosario-49/ 1863./

AOS BRASILEIROS.

Creio que Deus é Deus e os homens livres!

A QUEM LER.

Não há coração Brasileiro que não transborde de ódio e indignação, à leitura das exigências insultantes e continuadas do governo Inglês, para com esta bela terra da América!

Desde suas piratarías e saques nos mares territoriais, até o bill Aberdeen que a reduziu à posição de uma máquina passiva, — a insolente Bretanha nada poupou para calcar aos pés esta plaga bendita, que, se tivesse um pouco mais de audácia e cobiça, ocuparia um dos primeiros lugares entre as potências do globo.

A infância passa depressa. — A despeito de número, — Deus colocou no peito de cada Brasileiro um coração que bate por cem!

A terra de Cabral aventou-se num sagrado repouso como o leão à sombra das cavernas, — como o condor na grimpada das cordilheiras!

Cresceram-lhe hoje as penas e as garras, — hoje ela se levanta soberba, — ai! dêsse que se atrever a ¹⁷¹⁰ provocá-la.

Uma das mais tristes temeridades da Inglaterra, — a última, pensamos nós — e que fez conhecer que a plaga de Santa Cruz não é mais a criança frágil e medrosa que dorme à sombra de seu palmeirais, — entre as vivas demonstrações de patriotismo, — os eloqüentes discursos, — as poesias comemoradoras da dignidade de nosso país; — deu lugar a êste ramalhete inodoro de cantos que damos ao público.

Escritos ao correr da pena, — segundo a leitura dos acontecimentos do dia; — bebidos na exaltação geral, — na indignação de nosso coração de Brasileiro, — embora saibamos que seu mérito é pouco e seu sucesso nenhum, contudo arrojamo-los tranqüilo à luz da publicidade, — restando-nos a consolação de que, se Deus não nos outorgou a divina centelha do gênio, ao menos gravou-nos no peito uma cega dedicação à justiça — e um amor sem limites à terra que nos viu nascer.

S. Paulo — janeiro de 1863.

O AUTOR.

AO BRASIL.

Bela estrêla de luz, — diamante fúlgido
Da coroa de Deus, — pérola fina
Dos mares do ocidente,
Oh! como altiva sôbre nuvens de oiro
A fronte elevas afogando em chamas
O velho continente!

A Itália meiga que ressona lânguida
Nos coxins de veludo adormecida
Como a escrava indolente,
A França altiva que sacode as vestes
Entre o brilho das armas e as legendas
De um passado fulgente.

A Rússia fria, — Mastodonte eterno
Cuja cabeça sôbre os gelos dorme,
E os pés ardem nas fráguas,
A Bretanha insolente que expelida
De seus planos estéreis, se arremessa
Mordendo-se nas águas.

A Espanha túrbida, — a Germânia em brumas,
A Grécia desolada, — a Holanda exposta
Das ondas ao furor,
Uma inveja teu céu, — outra teu gênio,
Esta a riqueza, — a robustez aquela,
E tôdas o valor!

Oh! terra de meu berço, — oh pátria amada, ¹⁷¹¹
 Ergue a fronte gentil unvida em glórias
 De uma grande nação!
 Quando sofre o Brasil, os Brasileiros
 Lavam as manchas ou debaixo morrem
 Do santo pavilhão!...

AO POVO

Não ouvis?... Além dos mares
 Braveja ousado Bretão!
 Vingai a pátria ou valentes
 Da pátria tombai no chão!
 Erguei-vos, ¹⁷¹² povo de bravos,
 Erguei-vos, Brasília ¹⁷¹³ povo,
 Não consintais que piratas
 Na face cusпам de novo!
 O que vos falta? Guerreiros?
 Oh! que eles não faltam, não,
 Aos prantos de nossa terra
 Guerreiros brotam do chão!
 Mostrai que as fronteas sublimes
 Os anjos cercam de luz,
 E não há povo que vença
 O povo de Santa Cruz!
 Sofrestes ontem, — criança
 Contra a fôrça o que fazer?...
 Se nada podeis, — agora
 Podeis ao menos morrer!
 Oh! morrei! — a morte é bela
 Quando junto ao pavilhão
 Se morre pisando escravos
 Que insultam brava nação!
 Quando nos templos da fama
 Nas áureas fôlhas da história,
 Gravado revive o nome
 Por entre os hinos da glória!
 Quando a turba que se agita
 Saúda a campa adorada,
 — Foi um herói que esvaiu-se
 Nos braços da pátria amada!

A WILLIAM CHRISTIE ¹⁷¹⁴

Diplomata insolente! — ave maldita
 Entre as brumas do norte aviventada
 A ¹⁷¹⁵ quem a pátria recusou bafejos
 E o sol um raio que aquecesse o rosto!
 Dize, ¹⁷¹⁶ filho da sombra, — onde aprendeste
 A voar como as águias?... Em que terras
 Te cresceram as penas borrifadas
 Nas lagoas impuras da Bretanha?

Que céu dourado, — que estações benditas,
 Que meigas flores, — que harmonias santas
 Alentaram-te o cérebro? — Que sonhos
 Te passaram na mente? — Que riquezas,
 O teu berço natal mostrou-te aos olhos?
 Que doce inspiração roçou-te n'alma
 E deu-te crenças, te cobriu de orgulho, ¹⁷¹⁷
 Do santo orgulho que revela o mérito?

Pisaste uma nação, — nação tão grande
 Que a loucura perdoa-te! — Cuspiste
 Na face dessa que afogara em vagas,

Em rios de ouro teu país ingrato!
 Procuraste lançar um véu de sombras
 Sôbre essa terra que fascina o globo
 Ao clarão dos diamantes, e piedosa
 Teus irmãos agasalha junto ao peito!

Basta de humilhações!... dize a teus amos
 Que a terra de Cabral está cansada
 De ultrajes suportar! — Que a ¹⁷¹⁸ seus clamores
 No seio das florestas ressuscita
 Um mundo de guerreiros que não teme
 O troar dos canhões, — que um povo ardente
 Se levanta inspirado à voz dos bardos
 Do pendão auriverde à sombra amiga!

Quereis ouro e riqueza?... Ah! nós vos damos,
 E' em nome da Irlanda miserável
 Que sucumbe de fome! — E' por piedade
 Dos filhos do Levante que se estorcem
 Entre sangue e veneno! — E' pelos tristes
 Que soluçam nos ferros, — pelos gênios
 Que morrem na miséria e no abandono,
 Pela virtude sem defesa e amparo!...

Vai, — teu país é poderoso e ousado,
 Teus vasos cobrem a amplidão dos mares,
 Teus soldados são célebres e fortes, ¹⁷¹⁹
 Teus canhões são medonhos, — ferem certo.
 A nós isto que importa? — se atrevidos
 A nossas praias aportarem, loucos,
 Cada província é um povo de guerreiros,
 Cada guerreiro um destemido Anteu!

A D. PEDRO II

Tu és a estrêla mais fulgente e bela
 Que o solo aclara da Colúmbia terra,
 A urna santa que de um povo inteiro
 Arcanos fundos no sacrário encerra!

Tu és nos ermos a coluna ardente
 Que os passos guia de uma tribo errante,
 E ao longe mostras através das névoas
 A plaga santa que sorri distante!...

Tu és o gênio benfazejo e grato
 Pougando as vidas no calor das fráguas,
 E à voz das turbas, — do rochedo em chamas
 Desprende um jôrro de benditas águas!

Tu és o nauta que através dos mares
 O lenho imenso do porvir conduz,
 E ao pôrto chega sossegado e calmo
 De um astro santo acompanhando a luz!

Oh! não consintas que teu povo siga
 Louco, — sem rumo, desonroso trilho!
 Se és grande, — ingente, se dominas tudo, ¹⁷²⁰
 Também das terras do Brasil és filho!

Abre-lhe os olhos, — o caminho ensina
 Aonde a glória em seu altar sorri,
 Dize que vive e viverá tranqüilo,
 Dize que morra e morrerá por ti!

HINO

Soldados valentes, — soldados briosos, 1721
Soldados da terra bendita da Cruz,
Às armas! erguei-vos, a aurora desponta
Vertendo nos prados torrentes de luz!

A guerra não tarda! — já brilham nos campos
Espadas lustrosas do sol ao fulgor,
Misturam-se os brados ao som das cornetas
E ao rufo ruidoso de rouco tambor!

Não vêdes? — ao longe na praia sem têrmos
Os lenhos aportam de horrendo pirata!
Às armas!... às armas! torrentes de sangue
Misturem-se às 1722 ondas raivosas do Prata!

O dia é dos grandes, — o dia é dos bravos
Que a pátria defendem ou tombam no chão!
Lavai as campinas da pátria querida
Das fundas pisadas de ousado Bretão!

Quem há que vos vença? quem há que atrevido
Vos roube a bandeira que ardente reluz,
Soldados valentes, soldados briosos, 1723
Soldados da terra bendita da cruz!

Avante, 1724 guerreiros! o gênio das lutas
Seus cantos tremendos nos arcs espalha,
Resvalam as balas, — relincham cavalos,
Retumbam, — ribombam bombarda e metralha!

O dia é dos grandes, o dia é dos bravos,
Que a pátria defendem ou morrem no chão!...
Soldados briosos, — soldados valentes, 1725
Lavai as ofensas de ousado Bretão!

A S. PAULO

Terra da liberdade!
Pátria de heróis e berço de guerreiros,
Tu és o louro mais brilhante e puro,
O mais belo florão dos Brasileiros!

Foi no teu solo, em borbotões de sangue
Que a frente ergueram destemidos bravos,
Gritando altivos ao quebrar dos ferros,
Antes a morte que um viver de escravos!

Foi nos teus campos de mimosas flores,
À voz das aves, ao soprar do norte,
Que um rei potente às multidões curvadas
Bradou soberbo — Independência ou morte!

Foi de teu seio que surgiu, sublime,
Trindade eterna de heroísmo e glória,
Cujas estátuas, — cada vez mais belas
Dormem nos templos da Brasília 1726 história!

Eu te saúdo, 1727 oh! majestosa plaga,
Filha diletta, — estrêla da nação,
Que em brios santos carregaste os cílios
À 1728 voz cruenta de feroz Bretão!

Pejaste os ares de sagrados cantos,
Ergueste os braços e sorriste à guerra,
Mostrando ousada ao murmurar das turbas,
Bandeira imensa da Cabrália terra!

Eia! — Caminha, o Partenon da glória
Te guarda o louro que premia os bravos!
Voa ao combate repetindo a lenda,
— Morrer mil vêzes que viver escravos!

CANTO DO SERTANEJO

Salve, oh florestas sombrias,
Salve, oh broncas penedias, 1729
Onde as rijas ventanias
Murmuram fera canção,
Nas sombras dêste deserto
Do norte ao rude concêrto,
Sentado de Deus tão perto, 1730
Quem é que teme o Bretão?

Cobre-se a selva de flores,
Brincam voláteis cantores
Bebendo os languês odores
Que passam na viração,
Rugem cavernas frementes,
Silvam medonhas serpentes,
Bradam raivosas torrentes, 1731
Quem é que teme o Bretão?

Ah! correi filhos das matas,
Através das cataratas,
Entre suaves cantatas
Ao gênio da solidão,
Cuspi nos dias escassos,
Rompei os imigos laços. 1732
Não tendes dous fortes braços, 1733
Quem é que teme o Bretão?

Loucos! nas fundas clarciras,
Aos urros das cachoeiras
Nas brenhas das cordilheiras,
Feia morte encontrarão!
Quem tem do êrmo as grandezas, 1734
As serras por fortalezas
Não teme as loucas bravezas
Do temerário Bretão!

Daqui decide-se a sorte,
Daqui troveja-se a morte, 1735
Daqui se extingue a coorte
Que insulta a brava nação!...
Gritos das selvas, — dos montes,
Dos matagais e das fontes
Retumbam nos horizontes. 1736
Quem é que teme o Bretão?

Salve, oh florestas sombrias,
Salve, oh broncas penedias, 1737
Onde as rijas ventanias
Perpassam varrendo o chão,
Neste profundo deserto
De negros antros coberto,
Sentado de Deus tão perto, 1738
Quem é que teme o Bretão?

CANÇÃO

Nunca viste à madrugada,
De níveo manto através,
Uma linfa branca e pura
Saltando da serra escura
Qual um cabrito montês?

Em tórno, tudo
São negras penhas,
Névoas ligeiras, ¹⁷³⁹
Grutas e brenhas.
E o sol despeja,
Rasgando as brumas, ¹⁷⁴⁰
Torrentes de oiro
No véu de espumas!

Eis uma garça alvejante
Que abandona as cordilheiras,
E vai molhada de orvalhos
Perder-se nos moles galhos
De uma selva de palmeiras!

Assim murmura
De manhãzinha
O viajante

Que além caminha,
Cravando os olhos
Na linfa pura
Que se despenha
Da selva escura.

— Nunca viste-a?... Não importa,
Deixa os tristonhos palmares....
Vês agora êsse gigante
Que se espreguiça arrogante
No leito imenso dos mares?

Em tórno, tudo
São vozes, cantos,
Virgens florestas
De eternos mantos.
Plagas, — savanas,
Montes sombrios,
Curvam-se humildes
Ao rei dos rios!

Salve! Amazonas soberbo!
Salve! das águas Titão!
Teu povo brada arrogante:
— Quem vive ao pé de um gigante
Não tem receio ao Bretão!

VOZES DA AMÉRICA ¹⁷⁴¹

O autor dêste insignificante volume conhece bastante o triste papel e a nenhuma importância do homem que se dedica ao culto das musas, principalmente na terra de Santa Cruz, para almejar a coroa de poeta.

Contudo, sendo ainda moço, e tendo materialmente algumas de suas impressões, debaixo da forma escrita, às instâncias continuadas de amigos, assentou de publicá-las, não tomando entretanto nenhuma responsabilidade sôbre si.

Qual é o estadista, o homem de negócios que não se sentiu alguma vez na vida poeta, que os ouvidos de uma pálida Madalena ou Julieta, esquecendo-se dos algarismos e da estatística, não se lembrou que haviam brisas e passarinhos, ilusões e devaneios?

O haver produzido alguns cantos dissonantes, não proíbe ninguém de dedicar-se a estudos mais sérios, e ocupar-se de cousas mais úteis.

A bem poucos agradarão as produções que hoje aparecem. Os literatos divididos entre a descrença de Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu, a escola de *morrer moço*, e os *tacapes* e *borês* do sr. Gonçalves Dias, sentir-se-ão enojados dêste versejar incorreto, e destas composições sem sabor. A crítica nada tem que fazer com elas, não merece sua atenção.

O autor, lançando de parte tôda a modéstia, porque a modéstia, neste ponto seria a hipocrisia do orgulho, está intimamente convencido da nulidade de seus escritos, e nada espera como nada deseja; — decepção ou sucesso, ser-lhe-á tudo a mesma cousa.

— Então porque os lança à publicidade? — perguntar-lhe-ão.

Por duas razões, a primeira já foi apontada, — instâncias e pedidos de amigos; a segunda é porque, publicadas, ou extraviadas ao correr da vassoura pela sala, vem a dar no mesmo resultado.

À medida que os anos vão se adiantando, e a areia corre mais apressada na ampulheta do tempo, o homem semelhante a ¹⁷⁴² êsses saltimbancos que ao correr do cavalo principiam a despir-se, a despir-se que parece nunca chegarem ao fim, vai também se desfazendo de muitas quimeras, e atirando por terra êsses vestuários incômodos que tolhem-lhe os movimentos.

É preciso então ocupar-se de cousas mais sérias; menos que não queira passar por um ente fútil, um *songe-creux* — como dizem os franceses; abandonar a lira, instrumento fabuloso que apenas diz bem a um Apolo pagão, ou ao lado de uma estátua de Orfeu.

O mundo não caminha por cantigas, disse um escritor; todos aquêles que se entusiasmam pelas musas no Brasil, devem lembrar-se que o inverno há de chegar, e prevenirem que não lhes suceda o mesmo que à ¹⁷⁴³ cigarra de Lafontaine.

— Tendes razão de abandonar a poesia — disse alguém ao autor — os poetas são sempre desgraçados.

Majestosa sentença! Por que razão o homem que escreve versos padece e o usurário não?

Haverá alguma lei fatal, inexorável, algum destino cego que pese sôbre a cabeça dos descendentes de Homero e Virgílio?

O poeta sofre, porque o poeta perdido nas névoas de um mundo fantástico desconhece as leis da humanidade; e em vez de contentar-se com o sossêgo da família, a calma da mediocridade, a paz do coração, verdadeiras e únicas felicidades na terra, sonha uma vida a seu modo, e não podendo realizá-las mal-diz-se e se consome.

O poeta sofre porque o seu elemento é a ociosidade, e por ela sacrifica todos os seus deveres e necessidades.

O poeta sofre (eis o lugar-comum de suas lamentações) porque as turbas não o compreendem, e cospem o sarcasmo e as ironias às mais fundas agonias de su'alma.

Ah! graciosa acusação! Querem que os honestos pais de família; os homens incumbidos de dirigir o Estado e felicitar o país; os comerciantes e lavradores; o mercenário ocupado em ganhar o seu pão quotidiano, abandonem os seus trabalhos, deixem seus filhos com fome para aplaudir-lhes as loucuras e tecer-lhes coroas de ouro!

Não querem (os poetas) que se riam quando o povo dizendo — nossas searas são arrasadas, nossos filhos precisam de instrução, êles respondem

Mimoso passarinho que vagueias,

ou

Minha bela eu te amo...

E outras iguais?

Dizem que a humanidade começou pela poesia, e que pela poesia começam todos os povos; é falso. A poesia deve ser a última palavra do desenvolvimento e civilização de uma nacionalidade. A poesia é o luxo, e o luxo é o mais vivo sinal de próxima decadência de tudo.

Escrevendo estas linhas, e dando à publicidade êste volume, o autor pede e espera que as musas lhe favoreçam com a ausência de sua divina inspiração, e o deixem viver tranqüilo e sossegado como qualquer vendilhão retirado do comércio, desenvolvendo-lhes êle como indenização qualquer nome ou reputação, ganhos nos colégios ou reuniões acadêmicas.

S. Paulo. — Outubro de 1861.

L. N. Fagundes Varela.

MAURO, O ESCRAVO

(FRAGMENTOS DE UM POEMA)

A SENTENÇA

I

Na sala espaçosa, cercado de escravos
Nascidos nas selvas, robustos e bravos,
Mas presos agora de infundo terror;
Lotário pensava, Lotário o potente,
Lotário o opulento, soberbo e valente,
De um povo de humildes tirano e senhor.

II

Nas rugas da fronte fatídica e rude
Não tinham-lhe as rosas de longa virtude
Do tempo os vestígios lavado em perfumes;
Mas ah! fria nuvem de horror as cobria,
Nublava-lhe o rosto, mais negros fazia
Dos olhos ardentes os férvidos lumes.

III

No inverno da vida, dos tempos passados
Ninguém lhe sabia. Boatos ousados
Erguiam-se às ¹⁷⁴⁴ vèzes; mas ah! que diziam?
Lotário era grande; seus bosques passavam
Das serras além; seus campos brotavam
Riquezas imensas, que a tudo cobriam.

IV

Depois, é tão fácil na sombra noturna
O inseto esmagar-se, de voz importuna,
Que o ouvido nos enche de tédio e de nojo!
Um gesto... uma espera... na estrada uma cruz...
Só sabem-no as selvas, os fossos sem luz
E as serpes que a plaga percorrem de rôjo.

V

Na sala espaçosa Lotário pensava.
Roberto seu filho de um lado esperava
Tremendo, ansioso, que o pai lhe falasse.
A turba de servos imóveis, silentes,
Os braços cruzados, as frentes pendentes,
A voz aguardava que as ordens ditasse.

VI

— Conduzam-me o escravo! — Lotário bradou; —
O bando de humildes a sala deixou
Às tôrvas palavras do tôrvo senhor.
Lotário sombrio voltou-se a ¹⁷⁴⁵ seu filho,
De quem, dos olhares, corria, no brilho,
A chama sinistra de um gênio traidor.

VII

— Sossega, Roberto; — lhe disse — é forçoso
Que eu puna o africano feroz, revoltoso,
Que ousou levantar-se da lama a ¹⁷⁴⁶ teus pés.

Roberto curvou-se. O pai se afastando
Sentou-se, e, os sobrolhos fatais carregando,
Em cisma profunda perdeu-se outra vez.

VIII

Momentos passados, um surdo ruído
Ergueu-se da escada, por entre o tinido
De férreas cadeias batendo no chão,
E os servos de volta, trazendo o culpado
Tristonho, olhos baixos, o dorso arqueado,
No centro pararam do antigo salão.

IX

Silêncio profundo! nem um movimento
Se via no grupo, que trêmulo e atento ¹⁷⁴⁷
A voz esperava que alçasse o senhor;
Lotário media severo o cativo,
E as faces do filho tirânico e altivo
Cobriam-se aos poucos de vivo rubor.

X

— Escravo, aproxima-te. Ao mando potente,
Moveu-se o inditoso brandindo a corrente,
E erguendo a cabeça fitou seu juiz;
Que traços distintos! que nobre composto!
Que lume inspirado saltava do rosto,
Dos olhos doridos do escravo infeliz!

XI

Oh! Mauro era belo! Da raça africana
Herdara a coragem sem par, sôbre-humana,
Que aos sopros do gênio se torna um vulcão,
Apenas das faces um leve crestado,
Um fino cabelo, contudo anelado,
Traíam do sangue longínqua fusão.

XII

Trinta anos contava; trinta anos de dores
Do estio da vida secaram-lhe as flores
Que a aurora banhara de orvalhos e luz,
Deixando-lhe apenas um ódio sem termos,
E d'alma indomável, nos cálidos êrmos,
A chama vivace que a fôrça traduz.

XIII

Mas isto que importa? dos mares no fundo,
No lôdo viscoso do pântano imundo,
Tem brilhos o ouro, cintila o diamante?
E a testa cingida de etéreo laurel
Tem vida se o mundo nodoa-a de fel
E curva aos martírios de um jugo aviltante?

XIV

— Conheces teu crime? — gritou o senhor. —
— Não! — Mauro responde com frio amargor,
O tigre encarando que em raiva o media.
— Pois que, desgraçado! — fremente exclamou,
E erguendo-se rubro, Lotário avançou
Ao servo impassível que ao raio sorria.

X V

— Pois que, desgraçado! tu zombas de mim!
E ousado, insolente contempas-me assim!
A mão levantando Lotário bramiu.
Mas frio, tranqüilo, sereno o semblante,
Sem dar nem um passo, mover-se um instante,
O escravo arrogante de novo sorriu.

X V I

Conteve-se o bárbaro. — Misero cão!
Humilha-te, abaixa-te, é tempo, senão
Com férreos açoutes arranco-te a vida!
— Conheces teu crime?
— Ignoro, senhor;
Minh'alma é tranqüila, só tenho uma dor,
E essa é de funda, secreta ferida.

X V I I

— Tu'alma é tranqüila! Tu nada fizeste?
Tu contra meu filho brutal não te ergueste,
Nem duros insultos lançaste-lhe às faces?
— Não nego, é verdade.
— Confessas?
— Confesso!

E o escravo agitou-se, do ódio no excesso,
Lançando dos olhos centelhas fugaces.

X V I I I

Lotário tremeu. Nas luzes febreintas
Daquelas faíscas, passaram sedentas ¹⁷⁴⁸
As fúrias medonhas de eterna vingança.
Calou-se um momento, sombrio, engolfado
Num pego de idéias, talvez despertado
Ao súbito choque de viva lembrança.

X I X

Mas logo de novo raivoso, incendiado,
Voltou-se ao cativo: — Cativo atrevido,
Porque ultrajaste teu amo e senhor?
— Porque? — disse Mauro; porque? vou dizer;
Porque? eu repito que assim é mister:
Teu filho é um cobarde, teu filho é um traidor!

X X

— Segurem-no!... branco, de cólera arfando,
Rugiu o tirano, convulso, apontando
O escravo rebelde que os ferros brandia.
— Segurem-no! e aos golpes de rábido açoite,
Lacerem-lhe as carnes de dia e de noite,
Até que lhe chegue final agonia!

X X I

O bando de servos lançou-se, ao mandado.
— Ninguém se aproxime! — bradou exaltado
O moço cativo sustendo a corrente.
A turba afastou-se medrosa e tremendo
E Mauro sublime, seu ódio contendo,
Falou destemido do déspota à frente:

X X I I

— Não creias que eu tema! não creias que escravo¹⁷⁴⁹
Suplícios me curvem, ai! não, que sou bravo!
Porque me condenas? que culpa me oprime,
Senão ter vedado que um monstro cruento,
De fogos impuros, lascivos, sedento,
Lançasse a inocência nas lamas do crime?

X X I I I

Oh! sim, sim, teu filho, ¹⁷⁵⁰ no lúbrico afã,
Tentou à ¹⁷⁵¹ desonra levar minha irmã!
Ai! ela não tinha que um mísero irmão!...
Ergui-me em defesa, teus ferros esmagam,
Humilham, rebaixam, porém não apagam
Virtudes e crenças, dever e afeição!

X X I V

Fiz bem! Deus me julga! Tu sabes meu crime,
O fero delito que a fronte me oprime,
As faltas nefandas, os negros horrores;
Agora prossegue, prossegue, estou mudo,
Condena-me agora que sabes de tudo,
Abafa-me ao pêso de estólidas dores!

X X V

E Mauro calou-se. Mais frio que a morte,
Mais trêmulo que os juncos ao sôpro do norte,
À viva ironia Lotário abalou-se.
— Afastem-no!... Afastem-no! ergueu-se rugindo,
E a turba dos servos, ¹⁷⁵² o escravo impelindo,
Em poucos instantes da sala afastou-se.

X X V I

Ah! mísero Mauro! passados momentos,
Terrível sentença ¹⁷⁵³ dos lábios sedentos
Baixou o tirano, que em fúrias ardia:
— Amarrem-no, e aos golpes de rábido açoite,
Lacerem-lhe as carnes de dia e de noite,
Até que lhe chegue final agonia.

X X V I I

Mas quando a alvorada no espaço raiava,
E os bosques, e os campos, risonha inundava
Das longas delícias do etéreo clarão,
O escravo rebelde debalde buscaram,
Cadeias rompidas sòmente encontraram,
E a porta arrombada da dura prisão.

O SUPLÍCIO

I

Na hora em que o horizonte empalidece,
Em que a brisa do céu vem suspirosa
De úmidos beijos afagar as flores,
E um véu ligeiro de sutis vapores ¹⁷⁵⁴
Baixa indolente da montanha umbrosa;

II

Na hora em que as estrêlas estremecem
Lágrimas de ouro no sidéreo manto,
E o grilo canta, e o ribeirão suspira,
E a flor mimosa que ao frescor transpira
Peja os desertos de suave encanto;

III

Na hora em que o riacho, a veiga, o inseto,
A serra, o taquaral, o brejo e a mata
Falam baixinho, a cochichar na sombra,
E as moles fêlpas da campestre alfombra
Molham-se em fios de fundida prata;

IV

Na hora em que se abala o santo bronze
Da igreja gentil no campanário,
Uma voz lacerada, enfraquecida,
Levantava-se amarga e dolorida
Da sombria morada de Lotário.

I

Eu vou morrer, meu Deus! já sinto as trevas,
As trevas de outro mundo que me cercam!
Já sinto o gêlo me correr nas veias,
E o coração calar-se pouco a ¹⁷⁵⁵ pouco!

II

Eu vou morrer, meu Deus! minh'alma luta,
E em breve tempo deixará meu corpo...
Tudo em tórno de mim foge... se afasta...
Já estas dores não me pungem tanto!

III

Não... meus sentidos se entorpecem. Belo
O meu anjo da guarda me contempla;
Meu seio bebe virações mais puras,
Creio que vou dormir... sim, tenho sono.

IV

Minha mãe!... meu irmão!... eu não vos vejo!
Vinde abraçar-me, que padeço muito!
Mas de balde vos chamo... Adeus... adeus...
Eu vou morrer... eu morro... tudo é findo...

V

E a voz debilitava-se, fugia,
Como o gemido flébil de uma rôla
Nos complicados dédalos da selva,
Até que em breve se escutava apenas
O estalo do azorrague amolecido,
Sôbre as feridas do coalhado sangue
Da pobre irmã do desditoso Mauro.

VI

— Basta! — bradou um dos algozes — basta!
Deixai-a agora descansar um pouco,
Repousemos também; meu braço é fraco,
Inunda-me o suor! logo... mais tarde
Acabaremos a tarefa de hoje.

Logo? estais doudo? a criatura há muito
Que sacudiu as asas.

— Sim!... é pena.

— Apalpai-a e vereis.

— Com mil diabos!

Ide ao amo falar, — responde o outro,
Limpando na parede a mão molhada.

VII

Os que êste officio lúgubre cumpriam
Era um branco robusto, olhar sinistro,
Cabeça de pantera; o outro um negro
Possante e gigantesco; as costas nuas
Deixavam ver os músculos de bronze
Onde o suor corria gôta a gôta.

VIII

— Meu senhor...

— O que queres? fala e deixa-me.

Lotário respondeu voltando o rosto
Ao servo hercúleo que da porta, humilde, ¹⁷⁵⁶
Lhe vinha interromper nas tredas cismas.

— A mulata morreu.

— Pois bem, que a deixem

E enterrem-na amanhã.

A esta resposta

Decisiva e lacônica, o africano
Retirou-se a buscar seu companheiro,
Deixando o potentado, que de novo
Mergulhou-se nas fundas reflexões.

IX

Ao vivo encanto de uma aurora esplêndida
Voltando o rosto a noite despeitada
Cedeu-lhe a criação, e foi ciosa
Esconder-se em seus antros. As florestas
Sacudiam a coma embalsamada,
Onde ao lado da flor o passarinho
Se desfazia em queixas amorosas.
Tudo era belo, radiante e puro,
Palpitante de vida; a natureza
Como a noiva feliz, tinha trajado
As mais soberbas galas, e estendia
Os seus lábios de rosa ao rei dos astros,
Que ansioso tremia no oriente
Para libar-lhe seu primeiro beijo.

X

Mas através do manto vaporoso,
Que leve e tênue para o céu se eleva
Nas madrugadas festivais do estio,
Um grupo silencioso caminhava
Pela encosta do monte, conduzindo
Um fardo estranho e dúbio; era uma rêde
Nodoada de sangue! um corpo longo,
Rijo, estendido, desenhava as formas
Sôbre o sórdido estôfo. A madrugada
Que tão linda ostentava-se no espaço,
Tristonha e temerosa, parecia
Das vestes alvas afastar a fimbria
Desta cena sinistra e ensangüentada!

XI

Chegando ao tôpo da montanha, os vultos
Pararam, descansando sôbre a terra
O pêso mortuário. A natureza
Que prôvida lançara o encanto e a vida
Ao redor dêste sítio, parecia
Ter-lhe tudo negado. O solo ingrato
Revólto, sêco nem sequer mostrava
Uma gôta de orvalho; desde a relva
Macia e vigorosa até a urtiga ¹⁷⁵⁷
Nada crescia ali! Triste, solene,
Sôbre um monte de pedras, levantava-se
Apenas uma cruz em cujos braços
Dous pássaros beijavam-se gemendo.

XII

— Pega na enxada e cava; disse o homem
Que presidira ao bárbaro suplício
Da pobre irmã de Mauro — abre uma cova
Aqui neste lugar, e bem depressa,
Oito palmos de fundo e três de largo,
Atira dentro o corpo da mulata,
Cobre de terra e calca. Estas palavras
Foram ditas ao negro gigantesco
Que à véspera sorria-se, rasgando
As carnes da infeliz. Depois voltando-se
Aos outros desgraçados: — venham todos,
São horas dos trabalhos! E partiram.

XIII

Em breve tempo os golpes compassados
De uma enxada pesada, começaram
A cair sôbre a terra, lentamente
Abrindo o último leito da inditosa.
O feroz africano prosseguia
No seu lúgubre ofício sem ao menos
Levantar a cabeça. Alguns minutos
Já tinham decorrido quando em frente
Uma voz retumbante levantou-se
Fazendo ouvir-lhe o nome, o brônzeo monstro
Parou, volveu em tórno o olhar selvagem,
E murmurou estremecendo: — Mauro!...

XIV

Sim, era Mauro, e quão mudado estava!
Dias sem luzes, noites sem descanso,
Tinham dez anos lhe roubado a vida!
Naquela frente cismadora e doce,
Onde luziu resignação outrora,
Passavam nuvens de fatal vingança,
De planos infernais! Naqueles olhos
Donde incessante vislumbrava o gênio,
O gênio que o Senhor prefere às vêzes
Sôbre a choça lançar do que nos paços,
O gênio que alimenta-se de dores
E vive de amargor, naqueles olhos
Raios de sangue se cruzavam, rápidos!
A face descarnara-se, os cabelos,
Os cabelos, oh! Deus, negros, luzentes,
Em poucos dias alvejavam! Mauro
Era uma sombra apenas e uma idéia:
Sombra de dor, idéia de vingança!

XV

Não era o seu trajar o de um escravo,
Nem também de um senhor. Sombria capa,
Grosseira, embora, lhe cobria os ombros
E deixava entrever pendente à cinta
Uma faca ou punhal; largo chapéu
De retorcidas abas inclinava-se
Mostrando a vasta frente; uma espingarda
Trazia à mão direita. Onde encontrara
O escravo êstes recursos? Não se sabe.
Dera-lhe alguém, ou os roubara? Mauro
Era nobre de mais: desde criança
Bebera as leis de Deus dos santos lábios
De velho missionário, e aprendera
A decifrá-las nos sagrados livros,
Embora a furto, a mêdo, ¹⁷⁵⁸ que ao cativo
E' crime levantar-se além dos brutos.

XVI

— Mauro!... de novo estupefato, trêmulo,
Ao aspecto do trânsfuga sinistro
O negro murmurou:
— Oh! sim, é Mauro!
Bradou aquêlo adiantando-se; abre
Esta rêde depressa, quero vê-la,
Vê-la ainda uma vez, depois... vingá-la!
— E' tua irmã...
— Bem sei. Abre essa rêde,
Abre essa rêde, digo-te!
O africano
Deixou a enxada e foi abri-la. Oh! Deus!
Não era um corpo humano, era um composto
De carnes laceradas, roxas, fétidas,
Inundadas de sangue! Massa informe
De músculos polutos, negro emblema
De quanto há de feroz, bárbaro, tétrico,
Cruentamente horrível! O cativo
Exalou da garganta um som pungente,
Tigrino, e tão selvagem, que o africano
Sentiu um calefrio; ergueu os olhos
Abrasados ao céu, depois sem fôrças
De joelhos caiu junto ao cadáver
E se desfez em lágrimas ardentes,
Em soluços doridos. Impassível,
Frio como as estátuas indianas,
O negro contemplava êste espetáculo
Que abalaria de piedade as pedras,
E susteria as rábidas torrentes
Nas rochas escarpadas!

— Bem; é tempo, ¹⁷⁵⁹
Basta de inútil pranto! disse Mauro
Erguendo-se do chão; — e tu agora,
— Falou fitando o túrbido coveiro —
Cumpre com teu dever!... De novo os olhos
Encheram-se de lágrimas. — Adeus!
Adeus! mísera irmã! tu és ditosa!
Deus te deu a coroa do martírio
Para entrares no céu; a côrte angélica
Espera-te sorrindo... e eu inda fico,
E tenho de esgotar até às fezes
A taça envenenada da existência!

.....

I

Tu passaste na terra como as flores
Que a geada hibernal derriba e mata;
Foram teus dias elos de teus ferros,
E teus prazeres lágrimas!

II

Negou-te a primavera um riso ao menos;
Dos sonhos na estação, nenhum tiveste;
A aurora que de luz inunda os orbes
Te abandonou nas trevas!

III

Alma suave a transpirar virtudes,
Gênio maldito arremessou-te ao lodo!
Buscaste as sendas lúcidas do Empíreo,
E apontaram-te o caos!

IV

A providência que os coqueiros une
Quando a tormenta pelo espaço ruge,
Até o braço de um irmão vedou-te,
Oh! planta solitária!

V

A morte agora te escudou, criança!
Trouxe a alvorada que esperaste embalde,
E adormecida nos seus moles braços
Pousou-te junto a Deus!...

XVII

Assim Mauro falou. Pesada e surda
A enxada do coveiro retumbava,
Como o bater funéreo e compassado
Do quadrante do tempo. O foragido
Lançou inda um olhar piedoso e triste
Sobre os restos da irmã, depois ligeiro
Afundou-se no dédalo das selvas.

A VINGANÇA

I

Três vêzes percorrido as doze casas
Tem o rei das esferas. E' um dia
Brilhante e festival, cheio de júbilo
Nos imensos domínios de Lotário.
A habitação transborda de convivas,
Retra a orquestra, tudo ri-se e folga,
E os próprios servos no terreiro juntos
Dançam contentes, sem lembrar-se ao menos
Da escravidão pesada. O que há de novo?
Que fato estranho há transformado a face
Desta sinistra e túrbida morada?
Não o sabeis? Roberto hoje casou-se,
Roberto, o filho amado de Lotário
Cujos domínios não abrangem a vista:
Feliz três vêzes a formosa noiva!

II

A dança, o riso, os brindes e as cantigas
Até à noite vão; quando já débeis

As luzes vacilavam nos seus lustres,
E o cansaço abatia os seios todos;
Quando convulso o arco estremecia
Nas cordas da rebeca, e os olhos lânguidos
Percorriam os grupos fatigados,
Roberto palpitante de ventura,
Louco de amor, a fronte incandescente 1760
De abrasadas idéias, afastou-se
Do meio dos convivas, e furtivo
Desceu ao campo a respirar as brisas
Embebidas dos lânguidos perfumes
Das noites do verão. Tudo era calmo,
Seren e sossegado; a natureza,
Num leito de volúpias adornada,
Parecia sorrir-se desdenhosa
Ao júbilo ruidoso que partia
Da casa de Lotário. Pensativo
Roberto se sentou sobre uma pedra
À margem de um regato, abrindo o seio
Ao transpirar balsâmico das flores.

III

Nas noites de noivado, quem se atreve
A deixar o festim, antes que a aurora
Não surja no horizonte? Assim o moço, 1761
Vendo inda longe a hora desejada,
Incendido de férvidos desejos
Maldizia essa festa, êsses convivas,
Essa ardente alegria, que adversa
Levantava-se entre êle e a noiva amada.

IV

Longo tempo assim 'stêve, mergulhado
Nas suas reflexões; quando se erguia
Para voltar à casa, um vulto escuro
A passagem cortou-lhe. O moço, rápido,
Volveu um passo atrás, e sossegado
De seu primeiro susto, perguntou-lhe:
— Quem és tu? o que queres?

Impassível,

O estrangeiro afastou as largas abas
De seu vasto chapéu.

— Oh! Deus! é Mauro!

Mauro, o que queres? fala!

— Eis o que quero!

O escravo respondeu vergando o moço
Com seus braços de ferro; — eis o que quero!
— Bradou cruento, amiudando os golpes
Terríveis e certos sobre o peito
Do mancebo infeliz; — Eis o que quero!
Repetiu arrastando-o sobre a relva,
E despenhando-o sobre um fôssô imundo,
Cheio de lama e apodrecidas plantas: 1762
— Eis teu leito de bodas, boa noite!

V

.....
A orquestra prosseguia, ardente, forte,
Seus ruidosos acordes; dos dançantes
Poucos se achavam do salão no meio,
A maior parte conversava aos cantos
Cansada e sonolenta. De repente
Uma escrava lançou-se alucinada

Entre os grupos esparsos dos convivas!...
 — Venham! bradava, meu senhor 'stá morto,
 Meu senhor já morreu!... venham, acudam!
 Um raio que tombasse no edifício
 Não produzira tanto horror! A orquestra
 Calou-se repentina; um calefrio
 Correu nas veias tôdas, e nos rostos
 A palidez do túmulo estendeu-se.
 Levantaram-se trêmulos, medrosos,
 Acompanhando a escrava, que apressada
 Ao quarto de Lotário os conduziu.

VI

Ele estava deitado no assoalho
 Inundado de sangue; um surdo ronco
 Partia-lhe do seio, e os olhos baços
 Uma janela aberta contemplavam,
 Como querendo descobrir nas trevas
 Um profundo mistério. O quarto cheio,
 Repleto de convivas e de escravos,
 Retumbou de questões: — onde foi êle?
 Como foi? conheceram-no? seu nome?

VII

Lotário apenas, já levado ao leito,
 Para a janela olhava, abria os lábios,
 Uma palavra ia partir, depois
 Vendo baldados os esforços todos,
 Soltava um som pungente e cavernoso,
 Entre espuma sangrenta, da garganta.

VIII

Duas horas de angústias se passaram.
 A morte caminhava passo a passo,
 E não tardava a vir sentar-se, lívida,
 Do leito do senhor à cabeceira.

IX

Tudo era em vão; cuidados e socorros
 Gastaram-se debalde. Um dos cativos, 1763
 Montado sôbre rápido cavalo,
 Correria a ver o médico; era longe
 A morada do filho da ciência;
 E a sina de Lotário estava escrita!

X

Quando a sombra funérea de além mundo
 Começou a turbar-lhe o olhar e o rosto,
 Supremo esforço êle tentou; ergueu-se
 Por uma estranha força, abriu os lábios
 E murmurou com voz lúgubre e funda,
 Com essa voz tão próxima dos túmulos,
 Que parece partir de negro abismo:
 — *Também era meu filho!*... e extenuado
 Caiu sôbre os lençóis, rígido, frio,
 Já domínio da campa!
 Em vão tentaram
 O sentido buscar dessas palavras
 Que Lotário dissera ao pé da morte,
 Em vão tentaram descobrir aquê
 Que era também *seu filho!* densas trevas,

Impenetrável manto de mistério
 Cobria êsse segrêdo, e o único lume
 Que pudera surgir, o gêlo frio
 Tinha apagado para sempre! A campa,
 Discreta confidente, esconde tudo!

VISÃO

I

É noite; da serrania
 Na selva negra e sombria,
 Bate rija a ventania
 Com lufadas horrorosas;
 Cai a chuva estrepitando,
 E pelas brenhas rolando,
 Tomba a torrente espumando
 Nas cavernas tenebrosas.

II

Ruge no espaço o trovão;
 Do raio o fulvo clarão
 Rasga o véu da escuridão
 Com fúria descomunal,
 E das frias sepulturas
 Erguem-se as larvas impuras,
 Cantando nênias escuras
 Ao sôpro do vendaval.

III

Por esta noite de horrores,
 Da tempestade aos furores,
 Quem se atreve sem temores
 Pelos ermos se embrenhar?
 Quem és tu, vulto descrido,
 Tredo espectro foragido,
 Que em teu corcel destemido
 Cortas o plaino a voar?

IV

Tens os olhos encovados,
 De fundos visos cercados,
 Sinistros sulcos deixados
 Por atos vícios talvez;
 A fronte escura e abatida,
 Roxa a bôca comprimida,
 A face magra tingida
 Da morte na palidez.

V

Do fuzil à luz fremente
 Brilha-te à cinta, na frente,
 Lâmina fria e luzente
 De retorcido punhal...
 Que dizes de quando em quando,
 Que teu corcel se alentando,
 Rasteja apenas, passando,
 As fôlhas do matagal!

VI

Não te amedronta a tormenta
Que pelas nuvens rebenta,
É sôbre as asas sustenta
Dos raios a legião?
Nem te horrorizam gemidos
Dos espíritos, que unidos,
Nos ares correm pendidos
Do sudário do tufão?

VII

Quem sabe se a Divindade,
Em sua santa equidade,
Te envia da eternidade
Para no mundo vagar?
Quem sabe se é teu castigo
Transpor perigo e perigo,
Sempre exposto ao desabrigo
Pelo deserto a penar!

VIII

Vai!... e se acaso és culpado,
Corre, corre, desgraçado,
Cumprindo teu negro fado
Por vales e serranias!...
O trovão ronca tremendo,
Os cedros pendem rangendo,
Os gênios pulam gemendo
No embate das ventanias! 1764

PREDESTINAÇÃO

(RECITADA NA SESSÃO MAGNA DO *Culto à Ciência*)

A noite expira; as estrêlas
Mais sedutoras e belas
Desmaiam no céu azul;
Cobre-se a relva de prantos,
A névoa desdobra os mantos
Nas montanhas do Friul.
Tudo é tristonho e silente,
Mas nas raias do Ocidente
Um arco-iris fulgente
Se debruça n'amplidão,
Enquanto que vacilante
Nas campinas do Levante
A lua caminha errante
Com seu pálido clarão.
É a hora dos mistérios;
Ao longe nos cemitérios
Giram fantasmas funéreos
Entre horrendas monodias;
Silfos correm nas campinas,
Brincam no mar as ondinas,
Dançam fadas peregrinas
No tópo das serranias.

Nas quêdas vagas
Miram-se as plagas
E o monte e as fragas
A luz astral;

Abrem-se as flores
Vertendo odores,
Entre os frescores
Do laranjal.
A brisa errante,
Dúbia, inconstante
Bebe ofegante
Quentes perfumes,
Depois se irrita,
Volteia e grita,
Na onda agita
Férvidos lumes.

Nos bosques
Tristonhos,
Em sonhos,
Pendidas,
Sentidas,
Gorjeiam
As aves;
E as loucas
Falenas
Se abraçam,
Se enlaçam,
Perpassam
Em giros
Suaves.

Vagas,
Plagas,
Fragas,
Soltam
Cantos;
Cobrem
Montes,
Fontes,
Tíbios
Mantos.
Alva,
Nua,
A lua
Cai;
E triste,
Eivada,
Ao nada
Vai.
Desponta
A estrêla
D'alva,
Bela,
Audaz,
Vivaz,
Do monte
Ao pé;
E a terra, 1765
Em cantos,
Prantos 1766
E'.

.....

Descansa, pensador! já no oriente
Os corcéis da manhã pulam raivosos
Entre as nuvens azuis,
E o rei das estações virá bem cedo
Brilhar soberbo nas cerúleas plagas
Em seu carro de luz.

Descansa, pensador! tudo o que a noite
 No pálio tenebroso adormeceu,
 Vai de novo se erguer;
 No brando sono aviventou-se a terra,
 E como a fênix surgirá mais bela
 Ao grato amanhecer.

Porém, que fazes tu? pendido aos livros
 Tentas, quem sabe, derribar as sombras
 De ignoto horizonte;
 Na insônia suarenta ardem-te os olhos
 E um turbilhão de místicas idéias
 Te paira sôbre a fronte.

És moço ainda... que velhice é essa
 Fria e sem gelos que te nubla a vida,
 Enruga-te o semblante?
 E fugindo do tempo a longos passos,
 Cerra-te, ainda no verdor dos anos,
 No seio agonizante?

Poeta ou louco, sonhador ou sábio,
 Mineiro do passado, ou nauta ousado
 Dos mares do porvir,
 Basta de cismas! abandona o vôo
 De tu'alma arrogante entre as esferas,
 São horas de dormir!

.....

A luz da lâmpada frágil
 Luta co'as trevas em vão,
 Depois se estorce, soluça,
 Lança um último clarão.
 O pensador se levanta,
 Busca o leito, estende a mão,
 Mas um encanto sem termos
 Lhe prende os passos no chão!
 Tremem-lhe os nervos convulsos
 Sob estranha sensação;
 Frio suor banha o rosto,
 Bate em ânsia o coração.
 Então das trevas no meio
 Rebenta imenso clarão,
 E entre o rumor de cem harpas
 Se levanta uma visão.

.....

— Branca Virgem do céu! Divina Imagem
 Entre lírios de luz sorrindo ao mundo,
 Ao pobre sonhador que novas trazes
 No retiro profundo?

O teu rosto é mais puro do que a neve
 À lua oriental sôbre o Himalaia;
 Teus seios como as vagas preguiçosas
 Que suspiram na praia.

Teus olhos são mais doces que as estrêlas
 Que se espelham nas ondas de Tarento;
 Mais perfumada a tez que as magnólias
 Da lânguida Sorrento.

Teus lábios são granadas; teus cabelos
 Rolam em vagas de cendrado louro,
 Como a princesa de encantado reino
 O longo manto de ouro.

Eras tu, eras tu que em minhas noites
 Entre sonhos febris ardente eu via!
 Pálida e bela como agora, — erguida
 Em mundos de harmonia!

Eras tu, eras tu! — no céu, na terra,
 Na brisa da manhã, — no val', na flor!...
 Eras tu minha única esperança,
 Eras tu meu amor!...

Oh! não me deixes mais! vem a meu seio,
 Vem teu destino partilhar comigo,
 Mas se o céu te reclama, ao céu nos braços
 Ai! leva-me contigo!...

.....

— Temerário mortal, cabeça louca
 Entre sombras e luzes desvairada.
 Tu que és filho do pó, no pó nascido,
 Porque tentas erguer-te à luz das luzes,
 E amôres mendigar a etéreos sêres
 Que, ¹⁷⁶⁷ aos pés do Criador, eternos tecem

A harmonia incessante das esferas?
 Cala-te, doudo! meu Senhor, meu Deus
 Enviou-me a teu mundo, é necessário
 Que no livro sem fim ¹⁷⁶⁸ mais uma fôlha
 Se aumente no universo. Ergue-te e segue-me.

.....

Por arcano ignoto a madrugada
 Parece retardar-se.
 A luz suave que enrubesce ¹⁷⁶⁹ as nuvens,
 E vai sempre a aumentar-se,
 Fica na tela azul paralisada,
 A estrêla do pastor
 Prossegue sempre no seu langue giro;
 Passam as horas, mais compridas voltam,
 E a alvorada não sai de seu retiro.

.....

No tôpo
 De um monte
 Que entesta
 O horizonte,
 Um templo arruinado se eleva nas sombras,
 E em tórno
 Caídas,
 Estátuas
 Partidas
 Repousam da relva nas moles alfombras.

Os plátanos crescem,
 As rosas florescem
 E ao sôpro dos ventos em queixas se embalam,
 E as águas
 Dormentes
 De túbias torrentes
 Nas pedras lustrosas chorando resvalam.

O Arcanjo
 Divino
 Que arrasta
 Sem tino
 Consigo o mancebo, no tôpo do monte

Detém-se,
E tremendo
Seus braços
Erguendo,
Sublime e inspirado lhe aponta o horizonte.

.....
E' um quadro celeste! Além das flores
Que a aurora esparze do Oriente em fogo
No esplêndido arrebol,
Aos olhares do moço um mundo imenso,
Palpitante de vida se levanta
À luz de um outro sol.

No zimbório infinito do dia ardente
As estrêlas misturam-se entornando
Um divino clarão,
A terra pula nas carícias ígneas,
E as florestas adornam-se das pompas
De um eterno verão.

As torrentes despenham-se cantando
Em leitos de esmeralda, e aos céus enviam
Borrifos de diamantes;
E das tendas sem fim que ao longe alvejam,
Levanta-se a canção melodiosa
De um povo de gigantes.

As mulheres são anjos que vagueiam
Entre risos de amor à fresca sombra
De eternos palmeirais,
E dormem nuas sôbre um chão de flores,
E resvalam cantando as formas puras
Nos líquidos cristais.

Um mundo inteiro de prazer e festas, 1770
Hinos, perfumes, saudações e beijos
Rola e bate no céu;
E o rio, a serra, as solidões e o homem
Se espreguiçam sorrindo ao sol divino
Da volúpia no véu.

.....
— O que vês, sonhador?
— Oh! não perguntes!
E' o império da luz, o Éden dos anjos,
A pátria dos eleitos!
— Ela é tua,
Pisa os martírios, atravessa os mares,
Ergue-a da sombra e tu serás um deus.
Minha missão findou-se; agora eu parto,
Sê ditoso e feliz.
— Oh! não me deixes!...

.....
Sonhei contigo quando a flor da vida
Se abria aos poucos em meu frágil peito,
Quando em quimeras me perdia errante,
Quando de prantos orvalhava o leito!

Criança ainda, de meu berço à borda
Via-te a imagem debruçar-se rindo;
Depois mais tarde no rumor das côrtes
Passar nas luzes de um fulgor infindo!

Amei-te sempre! procurei debalde,
Visão etérea, 1771 te apertar no seio!
Transpus as plagas, visitei mil povos, 1772
Banhada a fronte de celeste enleio.

Nunca encontrei-te! mas agora, agora
Que tens-me prêso nos teus doces laços,
Mostra-me o mundo que sonhei contigo,
Depois procura me fugir dos braços!

Oh! não me deixes! é divina a plaga
Que me apontaste d'amplidão no véu,
Não partas! fica, viveremos juntos
À luz etérea dêsse infindo céu!

.....
— Cala-te, louco! tu não vês que a fronte
Cinge-me o louro de imortais venturas?
Não vês que ardente 1773 a eternidade em chamas
Gravou-me o sêlo de infinitas glórias?

Como posso te amar se aos pés do Altíssimo
Minha harpa solitária se enrouquece
Esperando por mim? — Cala-te, louco,
Segue teu rumo neste mundo estreito,
Consuma teu destino até que a morte
Para junto de Deus te leve a essência.
Tu serás imortal, — as turbas doudas
Te adorarão na terra, e além no Empíreo
O exército de Deus te espera ansioso,
Então... talvez... quem sabe?...

O Santo Arcanjo
Bate três vêzes cristalinas asas
E três vêzes se agita, após ligeiro
Se arroja n'amplidão.
— Oh! não me deixes!
Murmura em prantos o infeliz mancebo.

.....
Aleluia! Aleluia, ergue-se o dia,
Trinam as aves, desabrocham flores,
E a lâmpada dos séculos se balança
Entre jorros de luz no azul das nuvens;
Mas o moço sombrio e desolado
Cobria a relva de amargoso pranto
Buscando em balde nos cerúleos páramos
A virgem de seus sonhos, e na terra
A plaga divinal que há pouco vira.

.....
Sabeis quem era êsse mancebo pálido?
Era Colombo o Genovês, e a plaga
Que êle avistara ao longe — o Novo Mundo.

O PROSCRITO

(FRAGMENTO)

.....
Se a luz d'aurora que enrubesce 1774 as nuvens
Trouxer-te um dia festival e belo,
Se o tênue arbusto de teus verdes anos

Erguer-se altivo e se cobrir de flores,
Se a mágoa, o ódio, a maldição, o opróbrio
O mundo e os homens, que mancharam impios
As vestes alvas de meus puros sonhos, ¹⁷⁷⁵
Não te embargarem na jornada os passos,
Vota, meu filho, um canto de tu'alma,
Uma página branca e perfumada
De teu dourado livro à pobre sombra
De teu mísero pai; dá-lhe um lamento,
Lembra-te dêle que adorou-te e muito.

*
* *

Tu és tão tenro ainda, ainda, tão débil,
Inda sagrado dos divinos beijos
Dos Arcanjos do céu, e a fronte unvida
Da bênção do Senhor na despedida, ¹⁷⁷⁶
No teu sono infantil teus irmãozinhos
Filhos do éter e da luz se cruzam,
Roçam ¹⁷⁷⁷ e brincam sacudindo os sonhos,
Os sonhos dessa plaga que deixaste
Tão bela, tão esplêndida, tão santa!
Eu os vejo, meu filho, eu os escuto,
Eu sinto refrescar-me a fronte cálida
O sussurrar das asas, quando triste
Nas longas noites me debruço ouvindo
Teu brando respirar, quando doudejo
Entre o gôzo e a esperança, o riso e a mágoa,
Alongando ao porvir fundos olhares.

*
* *

Ah! que eu não possa divisar no espaço
Tua estrêla fatal... e a veja fúlgida...
E não te leve como a minha ao orco
De um contínuo chorar!... Ah! que eu não possa
Romper o muro dos vindouros tempos
E contemplar as cenas de teu drama,
Que eu não possa as traçar! Mas não, é cedo!
Muito cedo, meu Deus! que lei sinistra
Me impele a povoar de treva e luto
Tudo o que há de mais belo e mais formoso
No teu vasto poema? encher de espinhos
As mais suaves sendas da existência
E rodear de lívidos espectros
O mole berço onde o inocente dorme
Lembrando-se do Empíreo e seus deleites?

*
* *

Ah! não, meu pobre filho, o teu destino
E' lindo como a aurora e como as flores
Banhadas de luar; sublime e grande
Como o sol que levanta-se das ondas,
Ondas de chamas derramando aos orbes.
Tu te erguerás robusto como o cedro
A cuja copa se debruça a nuvem
Palpitante de amor; irás tão alto
Como o pássaro rei do Novo Mundo!

*
* *

Então se ouvires murmurar meu nome
Talvez envolto num cruel desprêzo,
Ninguém maldigas, pois; vai no silêncio,
Quando a noite fôr calma e os ventos mudos,
Orar em meu jazigo e com teu pranto
O leito serenar. — Pobre dormente, ¹⁷⁷⁸
Não entendeu-me o mundo e inexorável
Lavrou minha sentença, e sôbre a campa
No epitáfio do olvido ela se grava!

*
* *

Oh! filho de minh'alma, último lume
Que neste céu nublado aparecia!
Minha esperança amargamente doce,
Quando as aves passarem do ocidente
Buscando um novo clima onde pousarem,
Não mais te embalarei sôbre os joelhos,
Nem de teus olhos no cerúleo brilho
Acharei um consôlo a meus tormentos!
Jamais! a areia tem corrido, e a fôlha
De minha trega história está completa!

*
* *

Não proves nunca do existir na taça
O fel que eu hei tragado, e a dor intensa;
As angústias mais íntimas do espírito
Nunca recebas o sarcasmo acerbo
Que ao leito da desgraça o mundo cospe!
Nunca vejas a lenda de teus dias
Salpicada de lama e de veneno
Como poluta vi passar-se a minha!

*
* *

Cresce, meu filho amado, inda te vejo,
Inda me é dado te apertar ao seio,
Beijar-te a rósea face! êste momento
E' mais que a eternidade! Cresce, vive,
E se algum dia no meu livro escuro
Esta fôlha encontrares, vota ao menos
À frente que a pensou um triste pranto,
Vê que teu pai sofreu e não mentiu.

VINGANÇA

O mato virgem dorme. As ondas de verdura
Embebem-se de orvalho, desprendem dúbios cantos.
Não há no céu um astro, tudo é tristeza e sombras,
Apenas lá bem longe, da relva nas alfombras,
Soluça uma luzinha das névoas entre os mantos.

Ali junto do brejo, aonde os nenufares ¹⁷⁷⁹
E os juncos rebentaram ao sôpro de cem noites,
Do antigo caçador levanta-se a morada
Exígua, denegrada, sôzinha e abandonada
Do vendaval sanhudo aos rábidos açoites.

O limo verde-escuro se estende nas paredes,
As aves no telhado seu ninho fabricaram,
E os cardos solitários que crescem no terreiro
Parecem repetir o drama todo inteiro
De fúnebres angústias e dores que passaram.

Há perto de dous anos que o caçador morreu,
Traidores inimigos, 1780 em hora êrma e sem luz,
Cortaram-lhe da vida a teia delicada.
Seu corpo hoje repousa lá junto à 1781 encruzilhada
Onde ergue-se entre pedras o vulto de uma cruz.

A noite vai em meio; a pálida viúva
Escuta as ventanias que no deserto rugem;
O filho recostado num canto, junto ao muro,
De uma arma gigantesca areia o cano escuro
Manchado há muito tempo de sangue e de ferrugem.

Um velho cão, já cego, dormita junto ao fogo,
Mexendo-se na cinza, roncando surdamente;
Antigo companheiro do caçador, no sono
Talvez sonhe seguir os passos de seu dono,
Da funda mata virgem no dédalo florente.

Mirando o tórvo filho, da velha nos olhares
Sinistro raio passa de lúgubre esperança;
O rústico mancebo sorri-se, e lhe responde
Sombrio, carregando as sobranceiras, onde
Se cruzam, se alvoroçam as sombras da vingança.

De súbito um ruído estranho e prolongado
Ressoa junto à porta, se perde na campina,
E lá de bem distante, do seio dos desertos,
Nas asas se aproxima dos furacões incertos
Agudo e retumbante o som de uma buzina.

O velho cão se eleva nas patas dianteiras;
O moço deixa em terra cair a arma funesta;
— Silêncio! diz a velha, medonha a noite vai,
E o espectro ensangüentado de teu defunto pai
Acorda os longos ecos do meio da floresta.

.....

— Quem bate aí?
— Não temas, abre-me a porta, mãe,

A chuva me congela, e o frio faz tremer!
— Louvado Deus! a velha se eleva sonolenta,
E volta sôbre a porta a chave ferrugenta
Que ao braço fraco e débil retarda por ceder.

— Entra depressa, filho!
Um turbilhão de vento

Engolfa-se pejado de chuva na cabana;
Depois salta o mancebo tremente, gotejando,
Sacode as grossas roupas, e senta-se atijando
O fogo vacilante do meio da choupana.

— De muito longe vens?
— Oh! sim! de muito longe,

Andei o dia inteiro vagando no sertão.

— Caçaste?
— Sim.

— E a caça puseste pois aonde?
O moço se levanta sombrio, não responde,
E um fúnebre objeto atira sôbre o chão.

A velha se aproxima, contempla, e horrorizada
Recua dando um grito e doutro lado cai.

— Não fujas, mãe! não temas! vinguei nossa
[desgraça,

Fiz hoje a mais brilhante, a mais soberba caça,
Trazendo a mão traidora que assassinou meu pai!

NAPOLEÃO

Sôbre uma ilha isolada,
Por negros mares banhada,
Vive uma sombra exilada,
De prantos lavando o chão;
E esta sombra dolorida,
No frio manto envolvida,
Repete com voz sumida:
— Eu inda sou Napoleão.

Tremem convulvas as plagas,
Bravias lutam as vagas,
Solta o vento horríveis pragas
Nos sendais da escuridão;
Mas nas tôrvas penedias
Entre fundas agonias,
Ela diz às ventanias:
— Eu inda sou Napoleão.

— E serei! do céu da glória,
Nem dos bronzes da memória,
Nem das páginas da história
Meus feitos se apagarão;
Passe a noite e as tempestades,
Venham remotas idades,
Caíam povos e cidades,
— Sempre serei Napoleão.

Da coluna de Vendôme,
O bronze, o tempo consome,
Porém não apaga o nome
Que tem por bronze a amplidão.
Apesar de infausto dia,
Da infâmia que tripudia,
Dos bretões a cobardia,
— Sempre serei Napoleão.

Nos vastos plainos do Egito,
Sôbre Titães de granito,
Eu tenho um poema escrito
Que deslumbra a solidão.
Das Ísis rasguei os véus,
Entre os altares fui deus,
Fiz povos escravos meus,
— Ah! inda sou Napoleão.

Desde onde o crescente brilha
Até onde o Sena trilha,
Tive o mundo por partilha,
Tive imensa adoração;
E de um trono de fulgores
Fiz dos grandes — servidores,
Fiz dos pequenos — senhores,
— E sempre fui Napoleão.

Quando eu cortava os desertos,
Vinhame os ventos incertos
De incenso e mirra cobertos
Lamber-me as plantas no chão;
As caravanas paravam,
E os romeiros que passavam
Às solidões perguntavam:
— E' este o deus Napoleão?

E lá nas plagas fagueiras,
Onde as brisas forasteiras,
Entre selvas de palmeiras
Corre o sagrado Jordão;
O lago dizia ao prado,
O prado ao monte elevado,
O monte ao céu estrelado:
— Vistes passar Napoleão?

Dizei, auras do Ocidente,
Dizei, tufão inda quente
Do bafejo incandescente ¹⁷⁸²
Do não vencido esquadrão,
Como é êle, é belo, ousado?
Tem o rosto iluminado?
Tem o braço denodado?
Sempre é grande Napoleão?

E as águias no céu corriam,
E os areais se volviam,
E horrendas íeras bramiam
No imenso da solidão;
Mas as vozes do deserto
Se erguiam como um concêrto,
E vinham saudar-me perto:
— Tu és, senhor, Napoleão!

— Se sou! que Marengo o conte,
De Austerlitz o horizonte,
E aquela soberba ponte
Que transpus como o tufão!
E a minha vila de Ajaccio,
E o meu sublime palácio,
E os pescadores do Lácio
Que só dizem — Napoleão!

Se o sou! que digam as plagas,
Onde do sangue nas vagas,
Coberta de enormes chagas
Dorme vil população;
Digam da Ásia as bandeiras,
Digam longas cordilheiras,
Que se abatiam, rasteiras,
Ao corcel de Napoleão!

Se o sou! diga Santa-Helena
Onde a mais sublime cena
Fechou tranqüila e serena
Minha história de Titão;
Digam as ondas bravias,
Digam tôrvas penedias,
Onde rijas ventanias
Vêm ¹⁷⁸³ murmurar: — Napoleão.

— E serei! do céu, da glória,
Nem dos bronzes da memória,
Nem das páginas da história
Meus feitos se apagarão! —
Assim na rocha isolada
Pelas espumas banhada,
Disse a sombra desterrada,
De prantos lavando o chão.

As névoas rolam nos céus,
Da noite escura nos véus
Soltam grandes escarcéus
Rugidos de imprecação;

Mas das sombras a espessura,
A face da onda escura,
O salgueiro que murmura
Tudo fala — Napoleão!

INFÂNCIA E VELHICE 1784

O lírio é menos cândido, a neve é menos pura
Que uma criança loura no berço adormecida;
Seus lábios entreabertos parece que respiram
Os lânguidos aromas e as auras de outra vida.

O anjo tutelar que o sono lhe protege
Não vê um ponto negro naquela alma divina;
Nunca sacode as asas para voltar ao céu,
E nem afasta ao vê-la a face peregrina.

No seio da criança não há serpes ocultas,
Nem pérfido veneno, nem ferventes lumes;
Tudo é candura, oh! Deus! su'alma inda inocente
E' como um vaso de ouro repleto de perfumes.

Cedo ela cresce e os vícios os passos lhe
[acompanham,
Seu anjo tutelar pranteia ou volta ao céu;
O cálice dourado transborda de absinto,
E a vida corre envólta num lutulento véu.

Depois ela envelhece, as ilusões se esvaem,
A calma vem, e a chama de seu viver se escoia;
A frente pende em terra coberta de geadas,
E a mão rugosa e trêmula levanta-se e abençoa.

O infante e o ancião são dous sagrados sêres;
Um deixa há pouco o céu, o outro ao céu se volta;
Um cerra as asas débeis e a Divindade adora,
O outro adora a Deus e as asas niveas solta.

Do louro querubim na face rósea e bela
Ainda existe o traço do beijo dos anjinhos;
Na frente alta e severa do ancião, cintila
A chama que do Empíreo aponta-lhe os caminhos.

Nos tempos de desgraça, quando o existir é trevas,
E a dúvida se eleva do fúnebre ataúde,
Nos olhos da criança creiamos na inocência,
E nos cabelos brancos saudemos a virtude!

SONETO

Desponta a estrêla d'alva, a noite morre,
Pulam no mato alígeros cantores,
E doce a brisa no arraial das flores, ¹⁷⁸⁵
Lânguidas queixas murmurando, corre.

Volúvel tribo a solidão percorre
Das borboletas de brilhantes côres;
Soluça o arroio; diz a rôla amôres
Nas verdes balsas donde o orvalho escorre.

Tudo é luz e esplendor; tudo se esfuma
Às carícias d'aurora, ao céu risonho,
Ao flóreo bafo que o sertão perfuma!

Porém minh'alma triste e sem um sonho
 Repete olhando o prado, o rio, a espuma:
 — Oh! mundo encantador, tu és medonho!

ILUSÃO

Sinistro como um fúnebre segrêdo
 Passa o vento do Norte murmurando
 Nos densos pinheirais;
 A noite é fria e triste; solitário
 Atravesso a ¹⁷⁸⁶ cavalo a selva escura
 Entre sombras fatais.

A medida que avanço, os pensamentos
 Borbulham-me no cérebro, ferventes,
 Como as ondas do mar;
 E me arrastam consigo, alucinado,
 A casa da formosa criatura
 De meu doudo cismar.

Latem os cães; as portas se franqueiam
 Rangendo sôbre os quícios; os criados
 Acodem pressurosos;
 Subo ligeiro a longa escadaria,
 Fazendo retinir minhas esporas
 Sôbre os degraus lustrosos.

No seu vasto salão iluminado,
 Suavemente repousando o seio
 Entre sêdas e flores,
 Tôda de branco, engrinaldada a frente,
 Ela me espera, a linda soberana
 De meus santos amôres.

Corro a seus braços trêmulo, incendiado
 De febre e de paixão... A noite é negra,
 Ruge o vento no mato;
 Os pinheiros se inclinam, murmurando:
 — Onde vai êste pobre cavaleiro
 Com seu sonho insensato?...

IDEAL

Não és tu quem eu amo, não és!
 Nem Teresa também, nem Ciprina;
 Nem Mercedes a loura, nem mesmo
 A travêssa e gentil Valentina.

Quem eu amo, ¹⁷⁸⁷ te digo, está longe;
 Lá nas terras do império chinês,
 Num palácio de louça vermelha
 Sôbre um trono de azul japonês.

Tem a cútis mais fina e brilhante
 Que as bandejas de cobre luzido;
 Uns olhinhos de amêndoas, voltados,
 Um nariz pequenino e torcido.

Tem uns pés... oh! que pés, Santo Deus!
 Mais mimosos que uns pés de criança,
 Uma trança de sêda e tão longa
 Que a barriga das pernas alcança.

Não és tu quem eu amo, nem Laura
 Nem Mercedes, nem Lúcia, já vês;
 A mulher que minh'alma idolatra
 E' princesa do império chinês.

DEIXA-ME!

Quando cansado da vigília insana
 Declino a frente num dormir profundo,
 Porque teu nome vem ferir-me o ouvido,
 Lembrar-me o tempo que passei no mundo?

Porque teu vulto se levanta airoso,
 Trememente em ânsias de volúpia infinda?
 E as formas nuas, e ofegante o seio,
 No meu retiro vens tentar-me ainda?

Porque me falas de venturas longas,
 Porque me apontas um porvir de amôres?
 E o lume pedes à fogueira extinta,
 Doces perfumes a ¹⁷⁸⁸ polutas flores?

Não basta ainda essa existência escura,
 Página treda que a teus pés compus?
 Nem essas fundas, perenais angústias,
 Dias sem crenças e serôes sem luz?

Não basta o quadro de meus verdes anos
 Manchado e rôto, abandonado ao pó?
 Nem êste exílio, do rumor no centro,
 Onde pranteio desprezado e só?

Ah! não me lembres do passado as cenas,
 Nem essa jura desprendida a êsmo!
 Guardaste a tua? a quantos outros, dize,
 A quantos outros não fizeste o mesmo?

A quantos outros, inda os lábios quentes
 De ardentes beijos que eu te dera então,
 Não apertaste no vazio seio
 Entre promessas de eternal paixão?

Oh! fui um doudo que segui teus passos,
 Que dei-te em versos da beleza a palma;
 Mas tudo foi-se, e êsse passado negro
 Porque sem pena me despertas n'alma?

Deixa-me agora repousar tranqüilo,
 Deixa-me agora dormir em paz,
 E com teus risos de infernal encanto,
 Em meu retiro não me tentes mais!

A...

(IMITAÇÃO DE ESPRONCEDA)

Fôste n'aurora cristalino arroio
 Por entre flores deslizando a ¹⁷⁸⁹ mêdo;
 Depois torrente de fervente espuma
 Rompendo os flancos de feral rochedo,
 Por fim à noite lodaçal profundo
 Cheio de lama e podridão no fundo!

O VIZIR

— Não derribes meus cedros! — murmurava
 O gênio da floresta aparecendo
 Adiante de um vizir, — senão eu juro
 Punir-te rijamente! E no entanto
 O vizir derribou a santa selva!
 Alguns anos depois foi condenado
 Ao cutelo do algoz. Quando encostava
 A cabeça febril no duro cêpo
 Recuou aterrado: — Eternos deuses!
 Este cêpo é de cedro! E sôbre a terra
 A cabeça rolou banhada em sangue!

NÃO TE ESQUEÇAS DE MIM!

Não te esqueças de mim, quando erradia
 Perde-se a lua no sidéreo manto;
 Quando a brisa estival roçar-te a fronte
 Não te esqueças de mim, que te amo tanto.

Não te esqueças de mim, quando escutares
 Gemer a rôla na floresta escura,
 E a saudosa viola do tropeiro
 Desfazer-se em gemido de tristeza.

Quando a flor do sertão, aberta a ¹⁷⁹⁰ mêdo,
 Pejear os ermos de suave encanto,
 Lembre-te os dias que passei contigo,
 Não te esqueças de mim, que te amo tanto.

Não te esqueças de mim, quando à tardinha
 Se cobrirem de névoa as serranias,
 E na tôrre alvejante o sacro bronze
 Docemente soar nas freguesias!

Quando de noite, nos serões de inverno,
 A voz soltares modulando um canto,
 Lembre-te os versos que inspiraste ao bardo,
 Não te esqueças de mim, que te amo tanto.

Não te esqueças de mim, quando meus olhos
 Do sudário no gêlo se apagarem,
 Quando as roxas perpétuas do finado
 Junto à cruz de meu leito se embalarem.

Quando os anos de dor passado houverem,
 E o frio tempo consumir-te o pranto,
 Guarda ainda uma idéia a teu poeta,
 Não te esqueças de mim, que te amo tanto.

SONETO

Eu passava na vida errante e vago
 Como o nauta perdido em noite escura,
 Mas tu te ergueste peregrina e pura
 Como o cisne inspirado em manso lago.

Beijava a onda num soluço mago
 Das moles plumas a brilhante alvura,
 E a voz ungida de eternal doçura
 Roçava ¹⁷⁹¹ as nuvens em divino afago.

Vi-te; e nas chamas de fervor profundo
 A teus pés afoguei a mocidade
 Esquecido de mim, de Deus, do mundo!

Mas ai! cedo fugiste!... da soidade,
 Hoje te imploro dêsse amor tão fundo
 Uma idéia, uma queixa, uma saudade!

O VAGALUME

(CANTIGA)

Quem és tu, pobre vivente
 Que vagas triste e sòzinho,
 Que tens os raios da estrêla.
 E as asas do passarinho?

A noite é negra; raivosos
 Os ventos correm do sul;
 Não temes que êles te apaguem
 A tua lanterna azul?

Quando tu passas o lago
 De estranhos fogos esplende,
 Dobra-se a clícia amorosa,
 E a fronte mimosa pende.

As fôlhas brilham, lustrosas
 Como espelhos de esmeralda;
 Fulge o íris nas torrentes
 Da serrania na falda.

O grilo salta das sarças;
 Piam aves nos palmares;
 Começa o baile dos silfos
 No seio dos nenufares.

À tribo das mariposas,
 Das mariposas azuis,
 Segue teus giros no espaço,
 Mimosa gôta de luz!

São elas flores sem hástea;
 Tu és estrêla sem céu;
 Procuram elas as chamas;
 Tu amas da sombra o véu!

Quem és tu, pobre vivente
 Que vagueias tão sòzinho,
 Que tens os raios da estrêla,
 E as asas do passarinho?

ELEGIA

A noite era bela, — dormente no espaço
 A lua soltava seus pálidos lumes,
 Das flores fugindo, corria lasciva,
 A brisa embebida de moles perfumes.

Do êrmo os insetos zumbiam na relva,
 As plantas tremiam de orvalho banhadas,
 E aos bandos voavam ligeiras falenas
 Nas fôlhas batendo co'as asas douradas.

O túrbido manto das névoas errantes
 Pairava indolente no tôpo da serra,
 E aos astros, — e às nuvens — perfumes, —
 [sussurros,
 Suspiros e cantos partiam da terra.

Nós éramos jovens, — ardentes e sós,
 Ao lado um do outro no vasto salão;
 E as brisas e a noite nos vinham no ouvido
 Cantar os mistérios de infinda paixão!

Nós éramos jovens, — e a luz de seus olhos
 Brilhava incendiada de eternos desejos,
 E a sombra indiscreta do níveo corpinho
 Sulcavam-lhe os seios em brandos arquejos!

Nós éramos jovens, — e as balsas floridas
 O espaço inundavam — de quentes perfumes,
 E o vento chorava nas tílias do parque,
 E a lua soltava seus tépidos lumes!...

Ah! mísero aquê! que as sendas do mundo
 Trilhou sem o aroma de pálida flor,
 E à 1792 tumba declina, n'aurora dos sonhos,
 O lábio inda virgem dos beijos de amor!

Não são dos invernos as frias geadas,
 Nem longas jornadas que os anos apontam;
 O tempo descora nos risos e prantos,
 E os dias do homem por gozos se contam.

Assim nessa noite de mudas venturas,
 De louros eternos minh'alma enastrei,
 Que importa-me agora martírios e dores
 Se outrora dos sonhos a taça esgotei?

Ah! lembra-me ainda! nem um candelabro
 Lançava ao recinto seu brando clarão,
 Apenas os raios da pálida lua
 Transpondo as janelas batiam no chão.

Vestida de branco, — nas cismas perdida,
 Seu mórbido rosto pousava em meu seio,
 E o aroma celeste das negras madeixas
 Minh'alma inundava de férvido anseio.

Nem uma palavra seus lábios queridos
 Nos doces espasmos diziam-me então:
 Que valem palavras quando ouve-se o peito
 E as vidas se fundem no ardor da paixão?

Oh! céus! eram mundos... ai! mais do que mundos
 Que a mente invadiam, de etéreo fulgor!
 Poemas divinos, — por Deus inspirados
 E a 1793 furto contados em beijos de amor!

No fim do seu giro, da noite a princesa
 Deixou-nos unidos em brando sonhar;
 Correram as horas, — e a luz d'alvorada
 Em juras infindas nos veios encontrar!

Não são dos invernos as frias geadas,
 Nem longas jornadas que os anos apontam,
 O tempo descora nos risos e prantos,
 E os dias do homem por dores se contam!

Ligeira, essa noite de infindas venturas
 Sòmente em minh'alma lembranças deixou...
 Três meses passaram, e o sino do templo
 À reza dos mortos os homens chamou!

Três meses passaram, — e um lívido corpo
 Jazia dos círios à luz funeral,
 E à sombra dos mirtos, o rude covcero
 Abria cantando seu leito final!...

Nós éramos jovens, e a senda terrestre
 Trilhávamos juntos, de amor a 1794 sorrir,
 E as flores, e os ventos nos vinham no ouvido
 Contar os arcanos de um longo porvir!

Nós éramos jovens, e as vidas, e os seios,
 O afeto prendera num cândido nó!
 Foi ela a primeira que o laço quebrando
 Caiu soluçando das campas no pó!

Não são dos invernos as frias geadas,
 Nem longas jornadas que os anos apontam,
 O tempo descora nos risos e prantos,
 E os dias do homem por dores se contam!

...1861.

TRISTEZA

Eu amo a noite com seu manto escuro
 De tristes goivos coroada a fronte,
 Amo a neblina, que pairando 1795 ondeia
 Sôbre o fastígio de elevado monte.

Amo nas plantas, que na tumba crescem,
 De errante brisa o funeral cicio:
 Porque minh'alma, como a sombra, é triste,
 Porque meu seio é de ilusões vazio.

Amo a desoras sob um céu de chumbo,
 No cemitério de sombria serra,
 O fogo-fátuo que a tremer doudeja
 Das sepulturas na revôlta terra.

Amo ao silêncio do ervaçal partido
 De ave noturna o funerário pio,
 Porque minh'alma, como a noite, é triste,
 Porque meu seio é de ilusões vazio.

Amo do templo, nas soberbas naves,
 De tristes salmos o troar profundo;
 Amo a torrente que na rocha espuma,
 E vai do abismo repousar no fundo.

Amo a tormenta, o perpassar dos ventos,
 A voz da morte no fatal parcel;
 Porque minh'alma só traduz tristeza,
 Porque meu seio se abrevou de fel.

Amo o corisco que deixando a nuvem
 O cedro parte da montanha, erguido,
 Amo do sino, que por morto soa,
 O triste dobre n'amplidão perdido.

Amo na vida de miséria e lódo,
Das desventuras o maldito sêlo;
Porque minh'alma se manchou de escárnios, 1796
Porque meu seio se cobriu de gêlo.

Amo o furor do vendaval que ruger,
Das asas negras sacudindo o estrago;
Amo as metralhas, o bulcão de fumo,
De corvo as tribos em sangrento lago.

Amo do nauta o doloroso grito
Em frágil prancha sôbre mar de horrores,
Porque meu seio se tornou de pedra,
Porque minh'alma descorou de dores.

O céu de anil, a viração fagueira,
O lago azul que os passarinhos beijam;
A pobre choça do pastor no vale;
Chorosas flores no sertão vicejam;

A paz, o amor, a quietação e o riso
A 1797 meus olhares não têm mais encanto,
Porque minh'alma se despiu de crenças,
E do sarcasmo se embuçou no manto.

...1861.

* * *

Porque te afogas, ó irmã dos anjos,
Nas ondas negras de um viver impuro,
E as santas formas do cinzel de Deus
Manchas do vício no recinto escuro?

Empírea flor, ao perpassar dos ventos,
Porque te banhas em paus medonhos,
Quando existências de teus lábios brotam,
Quando teus olhos realizam sonhos?

É tempo ainda; nos salões da vida
Rasga essas sêdas que predizem prantos,
E à 1798 nova aurora, que te aguarda, eleva
Como a florinha os divinais encantos.

É tempo ainda; a viração sussurra,
Ergue-se a terra em maravilhas mil...
Vem, minha fada, abandonemos juntos
Nosso barquinho pelo mar de anil.

Oh! vem minh'alma de teu riso escrava
Sôbre o passado correrá um véu,
Então verás de teu viver, mulher,
As nuvens negras se afastar do céu.

Vem! que me importa o murmurar das turbas,
Dos homens todos o desdém profundo,
Quando no êrmo a teus sorrisos, fada,
Verei de novo rebentar um mundo?

Vem! tu serás minha Atalá formosa,
Por quem na terra viverei de amôres;
Teu meigo sono velarei cantando,
Teu brando leite juncarei de flores.

Triste é o drama dêste mundo ingrato,
Gelado e tredo o bafejar da morte,
Mas há na vida uma estação mais negra,
Mais riça e fria que o soprar do norte.

Quando a velhice que apressada marcha
Vier cobrar-te seu pesado impôsto,
E ao toque impuro de nojentos lábios
Sem dó manchar-te a cetinez do rosto;

Quando essa frente, cristalino lago
Que de tu'alma reverbera o céu,
Crestar-se aos poucos, se cobrir de rugas,
E dos invernos se enlutar no véu;

Quando as madeixas se fizerem brancas,
Sêcas, despidas de sutis perfumes,
E os olhos negros se tornarem, 1799 tristes,
Em mortas brasas de passados lumes;

Que dor pungente sentirás no seio!
Que filtro amargo tragarás, mulher!
Tu, que da vida enlameaste a senda
Sem te lembrares do porvir siquer!

Rainha, em terra vê partido o cetro,
O trono de ouro reduzido a 1800 pó!
E após uma era de opulência e mando
Ver-se na vida desprezada e só!...

Vem!... uma aurora surgirá de novo;
Inda tem raios o teu sol futuro...
Não mais te afogues, ó irmã dos anjos,
Nas ondas negras de um viver impuro!

Vem! que me importa o murmurar das turbas,
O dúbio riso, o escarnecer das gentes...
Se as águas santas de um batismo pedes,
Eu de meu olhos verterei torrentes.

É tempo ainda; a viração sussurra,
Ergue-se a terra transbordando em flores,
Vem, minha vida, na soidão ergamos
Nossa cabana sob um céu de amôres.

...1861.

ECOS DO CÁRCERE

Era uma noite plácida de estio;
O vento brando perpassava apenas
Sôbre a face dos mares que dormiam
Aos olhares da lua enamorada.

Mas do seio das ondas sonolentas,
Do pego escuro no mais fundo ponto
Uma voz levantou-se imensa e vaga
Semelhante ao suspiro entristecido
Do gênio dos abismos, e de longe
Uma outra voz ergueu-se atoadora
Até perder-se no horizonte infindo.
E esta falava assim, lenta e solene:
— Cobriam de grillhões meu pobre corpo,
Porém minh'alma de seus ferros zomba,
Minh'alma livre como o céu e os mares!...

Ah! porque te adorei, oh minha pátria,
Porque sonhei-te grande, amei-te bela,
E votei-te o porvir, o sangue e a vida,
Teus tiranos pisaram-me cruentos
E me lançaram nos recintos úmidos
Dos calabouços onde o sol não entra!

Cobriram de grilhões meu pobre corpo,
Porém minh'alma de seus ferros zomba,
Minh'alma livre como o céu e os mares!

Sim, ela é livre, ela é mais livre ainda
No seio das prisões, onde desdenha
Servos infames de ambição nojenta,
Tristes escravos de um terror infame!
Onde está seu poder? — em parte alguma;
Hoje um pouco de carne e de miséria,
Um punhado de cinza à madrugada!

Oh! meu amor! a escravidão e as dores
Podem prender meu pensamento eterno?
Podem vedar-me que transpondo os muros
O espírito imortal paire sorrindo
Entre vós, meus irmãos? Minha existência
Não é vossa existência e vosso fado?

Quando sofreis, o dissabor partilho;
Quando lutais, eu surjo a vosso lado.
Um sôpro etéreo, divinal, sagrado,
Um hálito de Deus entre nós passa,
E nossas almas numa só confundem.
Oh! cortem-lhe a passagem se puderem!
Cativem-na, insensatos!... 1801

Cobriram de grilhões meu pobre corpo,
Porém minh'alma de seus ferros zomba,
Minh'alma livre como o céu e os mares! 1802

Houve um momento de silêncio. A noite
Prosseguia em seu giro, pensativa,
Molhando no sereno as plantas nuas.
A voz continuou pausada e doce:

— Como tudo repousa! é mudo o vale,
A natureza calma e adormecida
No seu leito de pérolas e flores.
Mas que sussurro sôbre-humano é êste
Que de minh'alma retumbou no fundo?
Será de um'harpa divinal a nota,
Ou das asas de um gênio a tênue aragem?...

Enquanto a selva, o monte, o rio e as plagas
Povoam-se de sonhos, que palpitam
De um mole sono aos sensuais abraços,
Voltam-me à mente idéias de outras eras,
Gratas lembranças de passados tempos.

Como era belo o sol e a terra lúcida!
Como era santo e puro o doce júbilo
Da criança vivaz correndo os prados,
Ora nas veigas se perdendo em risos,
Ora saudando o bando de andorinhas
Que voavam num céu azul sem manchas,
Como à flor d'alma um turbilhão de sonhos!

Nem um desgosto no passado havia,
Nem uma sombra no futuro ao menos!
Sempre noites de mel, dias de rosas,
Sendas juncadas de dourada areia!
Oh! minha pobre irmã! lembras-te ainda
Dêsses passeios ao romper d'aurora
Pelas campinas úmidas de orvalho?
De nossos brincos nos pomares prósidos,
E dêsses ninhos de inocentes aves
Que me pedias a 1803 tremer, deixasse
Sob as asas maternas? Não te lembras
Dêsse regato transparente e belo
Onde afundavas teus pêzinhos níveos?
E a choça, o lar tranqüilo, os jasmineiros
Pendidos à janela, o cão à porta,
As pombas arrulhando no telhado?

Ai! os anos passaram como as nuvens,
E o espírito agitado entre os prazeres
E o triste núncio de ignotas dores,
Se erguia pouco a pouco a um 1084 mundo novo,
E via aquêle 1805 desfazer-se em cinzas!

Depois dos cantos festivos d'aurora,
Da juventude as esperanças áureas,
Os deveres do homem sucederam,
E o combate gigante onde se vence
Tombando sôbre o solo, e se revive
Expirando no sangue dos guerreiros!...

Oh! sim, caíram, mas caíram santos
Aquêles que mil balas receberam,
Ou torceram-se em terra atravessados
Pela espada traidora dos cobardes!

Caíram! mas venceram também êsses
Que exaustos, frios, murmuravam inda
Da pátria o doce nome, ou sucumbiram
À dor insana de infernais suplícios
Sôbre a mísera palha dos ergástulos!

Falange heróica e brava, ah! eu a vejo
Sempre junto de mim, ouço seus cantos
Lançando aos orbes que no espaço rolam
A epopéia soberba do futuro!

Um raio ardente parte-lhe da essência,
E inunda o seio das nações e povos;
Palpitam corações mais apressados,
Brotam idéias, as esferas tremem,
E um brado imenso faz-se ouvir ao longe:
— Vai ter lugar uma justiça infinda!
Não sentistes roçar por vossas fibras
O hálito de Deus?...

Formosa e cândida
A aurora despontava no horizonte
Coroadada de luz; a voz calou-se,
Depois bradou de novo altiva e forte:

— Cobriram de grilhões meu pobre corpo,
Porém minh'alma de seus ferros zomba,
Minh'alma livre como o céu e os mares!

O EXILADO

O exilado está só por tôda a parte!

Passei tristonho dos salões no meio,
Atravessei as turbulentas praças
Curvado ao pêso de uma sina escura;
As turbas contemplaram-me sorrindo,
Mas ninguém divisou a dor sem têrmos
Que as fibras de meu peito espedaçava.
O exilado está só por tôda a parte!

Quando, à tardinha, dos floridos vales
Eu via o fumo se elevar tardio
Por entre o colmo de tranqüilo albergue,
Murmurava a chorar: — Feliz aquê
Que à luz amiga do fogão doméstico, 1806
Rodeado dos seus, à noite senta-se.
O exilado está só por tôda a parte!

Onde vão êstes flocos de neblina
Que o euro arrasta nas geladas asas?
Onde vão essas tribos forasteiras
Que à tempestade se esquivar procuram?
Ah! que me importa?... também eu doudejo,
E onde irei, Deus o sabe, Deus sòmente.
O exilado está só por tôda a parte!

Desta campina as árvores são belas,
São belas estas flores que se vergam
Das auras estivais ao débil sôpro;
Mas nem a sombra que no chão se alonga,
Nem o perfume que o ambiente inunda,
São dessa gleba divinal que adoro.
O exilado está só por tôda a parte!

Mole e lascivo no tapiz da selva
Serpeia o arroio, e o deslizar queixoso
Peja de amor as solidões dormentes;
Mas nunca o rosto refletiu-me um dia,
Nem foi seu burburinho enlanguescido 1807
Que embalou minha infância descuidosa.
O exilado está só por tôda a parte!

— Porque chorais? — me perguntou o mundo —
Contai-nos vossa dor, talvez possamos
Saná-la às gôtas de elixir suave;
Mas quando eu suspendi a lousa escura
Que o túmulo cobria-me da vida,
Riram-se pasmos sem sondar-lhe o fundo.
O exilado está só por tôda a parte!

Vi o ancião da prole rodeado
Sorrir-se calmo e bendizer a Deus,
Vi junto à porta da nativa choça
As crianças beijarem-se a braçadas;
Mas de filho ou de irmão o santo nome
Ninguém me deu, e eu fui passando triste.
O exilado está só por tôda a parte!

Quando verei essas montanhas altas
Que o sol dourava nas manhãs de agôsto?
Quando, 1808 junto à lareira, as fôlhas lívidas
Deslembrarei de meu sombrio drama?
Douda esperança! as estações sucedem
E sem um gôzo vou descendo à campa.
O exilado está só por tôda a parte!

Brandas aragens que roçais fagueiras
Das maravilhas nas cheirosas fronte,
Aves sem pátria que cortais os ares, 1809
Irmãs 1810 na sorte do infelizromeiro,
Ah! levai um suspiro à pátria amada,
Último alento de cansado peito.
O exilado está só por tôda a parte!

Quando nas fôlhas de lustrosos plátanos
Novos luares descansarem gratos,
Já sôbre a estrada de meus pés os traços
O pegureiro não verá, que passa!
Miserô! ao leito de final descanso
Ninguém meu sono velará chorando.
O exilado está só por tôda a parte!

AURORA

Antes de erguer-se de seu leito de ouro
O rei dos astros o Oriente inunda
De sublime clarão;
Antes de as asas desprender no espaço,
A tempestade agita-se e fustiga
O turbilhão dos euros.

As torrentes de idéias que se cruzam,
O pensamento eterno que se move
No levante da vida,
São auras santas, arrebois esplêndidos,
Que precedem à vinda triúmfante
De um sol imorredouro.

O murmurar profundo, enrouquecido,
Que do seio dos povos se levanta,
Anuncia a tormenta;
Essa tormenta salutar e grande
Que o manto roçará, prenhe de fogo,
Na face das nações.

Preparai-vos, ó turbas! Preparai-vos,
Rebatei vossos ferros e cadeias,
Algozes e tiranos!
A 1811 hora se aproxima pouco a pouco,
E o dedo do Senhor já volve a fôlha
Do livro do destino!

Grande há de ser o drama, a ação gigante,
Majestosa a lição! Luzes e trevas
Lutarão sôbre os orbes!
O abismo soltará seus tredos roncô,
E o frêmito dos mares agitados
Se unirá ao das turbas.

Os reis convulsarão nos tronos frágeis
Buscando em balde sustentar nas fronte
As úmidas coroas...
Debalde!... o vendaval na fúria insana
Os levará com elas, envolvidos
Num turbilhão de pó!

Vis, abatidos, o fidalgo e o rico
Sairão de seus paços vacilantes
Nos podres alicerces;

E errantes sôbre a terra irão chorando
Mendigar um farrapo ao vagabundo,
E um pedaço de pão!

Estranho povo surgirá da sombra
Terrível e feroz cobrindo os campos
De cruentos horrores!
O palácio e a prisão irão por terra,
E um segundo dilúvio, então de sangue, ¹⁸¹²
O mundo lavarás!

O sábio em seu retiro, estupefato,
Verá tombar a imagem da ciência,
Fria estátua de argila,
E um pálido clarão dirá que é perto
O estro divinal que às ¹⁸¹³ turbas míseras
Conduz a redenção!

Como aos dias primeiros do universo
O globo se erguerá banhado em luzes,
Reflexos de Deus;
E a raça humana sob um céu mais puro
Um hino insigne enviará, prostrada
Aos pés do Onipotente!

Irmãos todos serão; todos felizes;
Iguais e belos, sem senhor nem peias,
Nem tiranos e ferros!
O amor os unirá num laço estreito,
E o trânsito da vida uma rotagem
Se tornará, celeste!

A ¹⁸¹⁴ hora se aproxima pouco a pouco;
O dedo do Senhor já volve a fôlha
Do livro do destino!...
Ergue-se a tela do teatro imenso,
E o mistério infinito se desvenda
Do drama do Calvário!

AS SELVAS

Selvas do Novo Mundo, amplos zimbórios,
Mares de sombra e ondas de verdura,
Povo de Atlantes soberano e mudo
Em cujos mantos o tufão murmura.

Salve! minh'alma vos procura embalde;
Embalde triste vos estendo os braços...
Cercam-me o corpo rebatidos muros,
Prendem-me as plantas enreados laços!...

Pátria da liberdade! antros profundos;
Vastos palácios; eternos castelos,
Mandai-me os gênios das sombrias grutas
De meus grilhões espedaçar os elos!...

Ah! que eu não possa-me esquivar dos homens,
Matar a febre que meu ser consome,
E entre alegrias me arrojando cantando
Nas sêcas fôlhas do sertão sem nome!

Ah! que eu não possa desprender aos ermos
O fogo ardente que meu crânio ¹⁸¹⁵ encerra;
Gastar os dias entre o espaço e Deus
Nas matas virgens da colúmbia terra!

Eu não detesto nem maldigo a vida,
Nem do despeito me remorde a chaga,
Mas ah! sou pobre, pequenino e débil
E sôbre a estrada o viajor me esmaga!

Que faço triste no rumor das praças?
Que busco pasmo nos salões dourados?
Verme, do lôdo me desprezam todos,
O pobre, e os grandes de esplendor cercados!

Fere-me os olhos o clarão do mundo,
Rasgam-me o seio prematuras dores,
E à mágoa insana que me enluta as noites,
Declino à campa na estação das flores.

E há tanto encanto nas florestas virgens;
Tanta beleza do sertão na sombra;
Tanta harmonia no correr do rio;
Tanta delícia na campestre alfombra;

Que inda pudera reviver de novo,
E entre venturas flutuar minh'alma,
Fanada planta que mendiga apenas
A noite, o orvalho, a viração e a calma!

A LUCÍLIA ¹⁸¹⁶

Se eu pudesse ao luar, Lucília bela,
Queimar-te a fronte de insensatos beijos,
Dobrar-te ao colo, minha flor singela,
Ao fogo insano de eternos desejos;

Ai! se eu pudesse de minh'alma aos elos,
Prender tu'alma enfebreçada e cálida,
Erguer na vida os festivais castelos
Que tantas noites planejaste, pálida;

Ai! se eu pudesse nos teus olhos turvos
Beber a vida da volúpia ao véu,
Bem como os juncos sôbre as ondas curvos
A chuva bebem que derrama o céu;

Talvez que as mágoas que meu peito ralam
Em cinzas frias se perdessem logo
Como as violas que ao verão trescalam
Somem-se aos raios de celeste fogo!

Oh! vem, Lucília! é tão formosa a aurora
Quando uma fada lhe batiza o alvor,
E a madressilva que ao frescor vapora
Os ares peja de lascivo amor!...

Sou moço ainda; de meu seio aos ermos
Posso-te louco arrebatado comigo;
De um mundo novo na soidão sem têrmos
Deitar-se à sombra de amoroso abrigo!

Tenho um dilúvio de ilusões na fronte;
Um mundo inteiro de esperanças n'alma,
Ergue-te acima ¹⁸¹⁷ de azulado monte,
Terás dos gênios do infinito a palma!...

RECITATIVO

Se eu te dissesse, Madalena pálida,
Fundo mistério que meu peito oculta,
Se eu dissesse que amargura estólida
Em mar de prantos meu viver sepulta;

Se eu te contasse que tristezas fúnebres
Meu seio rasgam por febrentas 1818 horas,
Que chamas vivas, que delírios lúgubres
Cercam-me o leito de infantis auroras;

Ah! tu que aos males desconheces, pérfida,
O saibro impuro, o lacerante anseio,
Erguendo os olhos sobre o véu da dúvida
Talvez disseras a 1819 sorrir: — Não creio!

E no entanto quantas horas pávido
Passei fitando teu divino rosto!
Que longas noites ao deixar-te, trêmulo,
Torci-me em crises de infernal desgosto!

Ah! tibia estátua, na friez do mármore
Sequer um brôto de paixão se oculta!
A vida esvai-se de meu peito débil
E junto à campa mais a dor se avulta.

Dize, impiedosa, que rigor satânico
Fêz de minh'alma o pedestal da tua,
E a teus olhares me encadeia fátuo
Bem como o lago refletindo a lua!...

Se, o peito opresso, a teus joelhos, lívido,
Gemesse — eu te amo! em derradeiro anseio,
Sei que mostravas-me um sorriso irônico,
Sei que disseras a sorrir: — Não creio.

CHILDE-HAROLD 1820

(SÔBRE UMA PÁGINA DE BYRON)

Não te rias assim, oh! não te rias,
Basta de sonhos, de ilusões fatais!
Minh'alma é nua, e do porvir às luzes
Meus roxos lábios sorrirão jamais!

Que pesar me consome! ah! não procures
Erguer a lousa de um pesar profundo,
Nem apalpaes a matéria lívida
E a lama impura que pernoita ao fundo!

Não são as flores da ambição pisadas,
Não é a estrêla de um porvir perdida
Que esta cabeça coroou de sombras
E a tumba inclina ao despontar da vida!

É êste enôjo perenal, contínuo,
Que em tôda a parte me acompanha os passos,
É ao dia incende-me as artérias quentes,
Me aperta à noite nos mirrados braços!

São estas larvas de martírio e dores
Sócias constantes do judeu maldito,
Em cuja testa, dos tufões crestada,
Labéu de fogo cintilava escrito!

Quem de si mesmo desterrar-se pode?
Quem pode a idéia aniquilar que o mata?
Quem pode altivo esmigalhar o espelho
Que a tôrva imagem de Satã retrata?

Quantos encontram inefáveis gozos
Nesses prazeres, para mim tormentos!
Quantos nos mares onde a morte enxergo
Abrem as velas do baixel aos ventos!

O meu destino é vaguear e sempre!
Sempre fugindo, a funeral lembrança,
Férreo estilete que me rasga os músculos,
Voz dos abismos que me brada: — Avança!

Que pesar me consome! ai! não mais tentes,
Espera a lousa de um pesar profundo,
Sòmente a morte encontrarás nas bordas,
E o inferno inteiro a praguejar no fundo!

CANTIGA

Viajante que deixaste
As ondas do Panamá,
Vela ao entrares no pôrto
Aonde o gigante está.

Ele dorme, dorme, dorme,
Mas nem sempre dormirá,
Basta um bafejo, um sussurro
Que o gigante acordará!

Viste as montanhas e os vales
Daquelas terras de lá,
Talvez as veigas da Itália
E as rosas de Bagdá.

Mas uma plaga como esta
Nunca enxergaste quicá,
Viajante que deixaste
As ondas do Panamá!

Contempla os índios valentes
Das florestas do Pará,
Escuta os sons das cascatas
E os cantos do sabiá.

Curva-te ao guarda soberbo
Que junto da barra está,
Mede as vagas do Amazonas
E os campos de Paraná.

Colhe do rio nas margens
As brancas flores do ingá,
Dorme à sombra majestosa
Do excelso jequitibá.

Volta depois a teus lares,
Conta o que viste por cá,
Viajante que deixaste
As ondas do Panamá!

Mas olha que junto ao pôrto
Soberbo gigante está,
Ele dorme, dorme, dorme,
Mas nem sempre dormirá!

O SABIÁ

(CANÇONETA)

Oh! meu sabiá formoso,
Sonoroso,
Já desponta a madrugada,
Desabrocha a linda rosa
Donairoso,
Sôbre a campina orvalhada.

Manso o regato murmura
Na verdura
Descrevendo giros mil,
Some-se a estrêla brilhante,
Vacilante
No horizonte côr de anil.

Ergue-te, oh meu passarinho, ¹⁸²¹
De teu ninho,
Vem gozar da madrugada,
Modula teu terno canto,
Doce encanto
De minh'alma amargurada.

Vem junto à minha janela,
Sôbre a bela
Verdejante laranjeira, ¹⁸²²
Beber o eflúvio das flores,
Teus amôres,
Nas asas de aura fagueira.

Desprende a voz adorada,
Namorada,
Poeta da solidão,
Ah! vem lançar com encanto
Mais um canto
No livro da criação!

Oh! meu sabiá formoso,
Sonoroso,
Já desponta a madrugada;
Deixa teu ninho altaneiro,
Vem ligeiro
Saudar a luz d'alvorada.

HARMONIA

.....
Como o barqueiro que ao luar de outono
A mercê da corrente o lenho entrega
Todo embebido a contemplar o céu;
Como a criança que nas veigas prôvidas
Esquece a choça paternal correndo
Ao giro incerto da falena douda,
Ela seguia o pensamento místico
Que agitava-lhe o espírito, e perdia-se
Sôbre as ondas de um rio harmonioso
Deixando a praia e namorando os astros!
Que esplendor a cercava! Que perfumes
Ondeavam no tépido recinto
Onde o cantar plangente se estendia
Deixando um rasto de abrasadas notas!
Que sentimentos rebentavam n'alma
A vibração dorida dêsse trenos!
Ah! cada nota tem no seio humano
Uma nota que dorme, irmã chorosa,

Que acorda e vibra ao fraternal suspiro.
Seja nas noites de tormenta e sombras
A nênia da avezita abandonada
No fundo das florestas; seja o grito
De convulsa alegria que resvala
De um arco enfebrecido; seja a dúlia
Da criança que morre, inda sorrindo
Aos rosados fantasmas da existência,
Quem é que d'alma no sacrário imenso
Não tem um pranto que ofertar-lhe, um ramo
Das saudosas lembranças do passado,
Uma queixa também, embora cerquem-lhe
Da vida os esplendores e prazeres?...

.....
Mas a tarde expirava; à luz tranqüila
Da sombra o espectro sucedia aos poucos
Estendendo terror co'as asas largas.
Da névoa aos mantos o traidor disfarça-se...
Negro combate entre o demônio e o homem
Trava-se horrendo... o pensamento escalda!
Avante, lago! Cássio tomba e morre!
Que sons são êstes? é do vento a queixa,
Ou a cantiga do pastor nos vales?...
Não há martírio que ao martírio iguale
De uma lembrança perfumada e pura
Nos dias lutulentos da desgraça!

.....
Quando porém a devorante chama
Pela terceira vez passou queimando
A fibra delicada, e já sem fôrças
Ela cerrou no peito a harpa dorida,
A pobre moça pressentiu que o gênio
Pedia notas que não há na terra!
Num turbilhão de férvida harmonia
Perdida, arrebatada, o olhar febreiro
Anos de vida arremessava ao nada!
Oh Deus! findar-se assim tão bela e jovem!
Porém tudo cessou, terror, encantos,
Tudo fundiu-se em lágrimas de fogo!

Chora, oh filha de Deus! chora, criança!
Deixa em teus olhos de doçura angélica
Rolar as gôtas trêmulas de pranto
Como as estrêlas que brilhando fogem!
Quanto infeliz que torce-se de angústias,
Ou entre os ferros da prisão delira,
Pediria por prêmio de seus males
Uma lágrima só dêsse teus olhos!

.....
Quem uma vez no decorrer da vida
Não sentiu êsse encanto irresistível
Que impele o coração, prende-o nos laços
De um mistério indizível e celeste,
E o faz curvar-se num enleio etéreo
Como ao fresco da noite as rosas úmidas?...
Filha da dor, oh lânguida harmonia!
Língua do gênio, da paixão sem peias,
Amplio caminho entre Satã e Deus!
Ah! quem pode saber a história eterna
Que um'alma ardente em teus suspiros ouve?...
Percebe-se um olhar, um movimento,
Uma lágrima rápida e sentida,
É fundo arcano o resto, e tão vendado
Como o da morte, d'amplidão do tempo!

.....
Ah! se eu pudesse levantar o véu
Que de teu seio escurecia o fundo,
E através dêsse vívidos diamantes

Que molhavam-te o rosto como à aurora
Na pálida camélia o orvalho frio,
Descobrir êsses páramos sublimes,
Mundos de maravilha, onde a harmonia
Arrojou-a sorrindo, como as vagas
O nauta exausto num império esplêndido!

.....
O canto prosseguia ousado e forte,
Pleno das pompas festivas do estio;
Era depois da tempestade, a aurora
Cobrindo o globo de fulgor e glórias;
O rouxinol curvado e entristecido
Ergueu-se vivo e, ¹⁸²³ sacudindo as plumas
Molhadas pela chuva, a voz desprende
E a terra inunda de sonoros quebros!

.....
Minh'alma debatia-se, arrastada
Entre a morte e a vida, a dor e o gôzo!
Todos os sonhos e ilusões da infância
Passaram-me na mente!... e eu via o mundo
Erguer-se como outrora, os campos verdes,
As serras azuladas, o barqueiro
Cantando à beira d'água, e a fôlha prima
De minha história se ostentar brilhante
No pórtico da vida! Após no espaço
Vi passar uma nuvem pardacenta
E o sol escurecer no treno excelso:
Depois surgiu mais resplendente e belo,
E sôbre um prado de eternal frescura,
A ¹⁸²⁴ margem de um ribeiro circulado
De tênues miosótis, levantou-se
Uma linda mulher que me sorria!

.....
Tudo passou-se num minuto. O canto
Tinha cessado. No salão deserto
Ardia um círio apenas, e formosa, ¹⁸²⁵
Coroadada de amor e de promessas,
Ela fitava-me um olhar sem fundo!
Doudo, abrasado o coração e a mente, ¹⁸²⁶
Arrojei-me a seus pés!

A amendoceira
Pejava o ar de eflúvios odorantes,
O vinho da volúpia fermentava
Nas entranhas do globo!

ESTÂNCIAS

Quando à tardinha rumorejam brisas
Roubando o aroma das agrestes flores,
E doce e grave, nas viçosas matas,
Mais triste canto o sabiá desata,
Eu lembro-me de ti!

*
* *

Eu lembro-me de ti, porque tu'alma
É o sol de minh'alma e de meu gênio;
E neste exílio que infernal me cerca,
Miserá planta, ¹⁸²⁷ desfaleço e morro
Ao frio toque de hibernal geadá!

*
* *

Quando das franjas do Ocidente róseo,
Um raio ainda me clareia o cárcere,
É um tom suave de tristeza e luzes
Mistura o dia à palidez da noite,
Eu lembro-me de ti!

*
* *

Eu lembro-me de ti, porque teu seio
Guarda um tesouro de piedade santa,
E nesse instante que o pesar duplica
Faltam-me as vozes de teus lábios meigos
E o doce orvalho de amorosos olhos!

*
* *

Quando nas bordas de meu leito escuro
Fatais espectros de pavor se cruzam,
E exausto, e lívido, eu procuro embalde
O grato sono que meus olhos deixa,
Eu lembro-me de ti!

*
* *

Eu lembro-me de ti, porque saudosa
Sonho-te a imagem soluçando ao longe,
E a fronte curva, e umedecidas pálpebras,
Meu nome dizes ao tufão que passa,
A brisa douda que te morde as tranças!

*
* *

Quando meu corpo se debate em febre,
É a lava ardente nas artérias corre;
Quando cruenta, de funéreos risos,
Pressinto a morte levantar-se perto,
Eu lembro-me de ti!

*
* *

Eu lembro-me de ti que és minha vida,
Último alívio neste mundo insano,
Anjo-da-guarda que à minh'alma aflita
Pudera as trevas espancar co'as asas,
Lavar-lhe as manchas num Jordão de lágrimas!

*
* *

Ai! tudo os homens entre nós quebraram,
A paz, o riso, as esperanças áureas;
Mas de teu peito me arrancar não podem,
Nem a minh'alma desprender da tua!...
Eu lembro-me de ti!...

O MAR

Sacode as vagas de teu dorso imenso,
Oh profundo oceano! Ergue-as altivas
Com seus frígios barretes! Em vão tentam
Lutar contigo temerárias frotas,
Traçar-te raias a vaidade humana!
Tu és eterno e vasto como o espaço.
Livre como a vontade onipotente.

Régio manto do globo! povo infindo
De soberbos Titãs! gênio da fôrça,
Salve três vêzes!... Das espáduas amplas
Derribas todo o jugo que te oprime,
Tragas gigantes de carvalho e cedro,
E a frente erguendo majestosa e bela
Diademas de pérolas atiras
Às estrêlas do céu, e ao mundo cospes
A férvida saliva em desafio!

Quantos impérios celebrados, fortes, 1828
Não floresceram de teu trono às bases,
Sublime potestade! e onde estão êles?
O que é feito de Roma, Assíria e Grécia,
Cartago, a valorosa? As vagas tuas
Lambiam-lhe os muros, quer nos tempos
De paz e de bonança, quer na quadra
Em que chuvas de setas se cruzavam
A face tôrva das hostis falanges!
Tudo esb'rou-se, se desfez em cinzas,
Sumiu-se como os traços que o romeiro
Deixa da Núbia na revôlta areia!
Só tu, oh mar, sem têrmos, imutável
Como o quadrante lúgubre do tempo,
Ruges, palpitas sem grilhões nem peias!

Nunca na face dêsse azul sombrio,
Onde tranqüilas, ao chorar das brisas,
Poesias do céu, flores do éter,
As estrêlas se miram namoradas,
Nunca o fogo e a lava, a guerra e a morte,
A armada dos tiranos há deixado
Um vestígio sequer de seus destroços!
Tal como à tarde do primeiro dia
Que ao orbe clareou, hoje te ostentas
Na tua majestade horrenda e bela!

Espelho glorioso onde entre fogos
Se mostra onipotente, nas tormentas, 1829
A face do Senhor! Monstro sublime
Cujas garras de ferro o globo abraçam
Até que um dia, quem o sabe? exausto
Lance o último alento! ah! no teu seio
Talvez tremendo espírito se agite,
Misto sombrio de paixões sem freios,
Cuja expressão vislumbra-te no rosto,
Ora hediondo de compressos músculos,
Ora suave como o louro infante
Sôbre o seio materno, ora cruento
Gotejando suor, escuma e raiva!

Niobe eterna! de teu ventre túmido
Os monstros dos abismos rebentaram, 1830
Em cujo dorso de argentadas conchas
Os raios das estrêlas resvalavam;
De teu lôdo fecundo, inextinguível,

Brotaram continentes cujas grimpas
Iam bater n'abóbada cerúlea;
Teus paços de coral e de esmeraldas
Encerravam princesas vaporosas,
Louras ondinas, encantados gênios,
Soberbas divindades! Entretanto
Viste tudo cair! riscada a Atlântida
Da face do universo, os brônzeos deuses
Desterrados p'ra sempre, e só restou-te
Uma voz gemedora que chorava:
— Já não vive o deus Pan! oh! Pan é morto!

Oceano sem fundo! vagas túmidas,
Abismo de mistério, ah! desde a infância,
Prêso na teia da atração divina, 1831
Eu vos busquei sedento! sôbre as praias,
Curvas como os alfanges dos eunucos,
Eu me perdia nos dourados dias
Da santa primavera, ouvindo os brados
Dos marinhos corcéis, molhando as plantas
Na gase salitrosa que envolvia
A areia cintilante! após mais tarde
Sentava-me no cimo dos rochedos,
Suspirando de amor aos verdes olhos,
Aos moles braços que do salso leite
Erguiam-se tão meigos e adorados!...

Amo-te ainda, oh mar! amo-te muito,
Mas não tranqüilo umedecendo a 1832 proa
Da gôndola lasciva, nem chorando
Às carícias da lua! Amo-te horrível,
Arrogante e soberbo, repelindo
Os furacões que roçam-te nas crinas,
Quebrando a asa de fogo que das nuvens
Procura-te domar, batendo a terra
Com teus flancos robustos, levantando
Triunfante e feroz no tredo espaço
A cabeça vendada de ardentias!

Amo-te assim, oh mar, porque minh'alma
Vê-te imenso e potente, desdenhoso
Rindo às quimeras da cubiça humana!
Amo-te assim! ditoso no teu seio
Zombo do mundo que meu ser esmaga,
Sou livre como as vagas que me cercam
E só a 1823 tempestade e a Deus respeito.

Salve, oceano onipotente e eterno!
Santo espelho de Deus, três vêzes salve!

ORIENTAL

Virgem! minh'alma te adora
Como a abelha de Misora
As flores prenhes de mel,
Como a sultana formosa
A nota triste e amorosa
Da lira do menestrel.

Anjo! minh'alma te busca
Como o inseto que se ofusca
Dos círios à escuridão,
Como a clícia desmaiada
A carícia enamorada
Das asas da viração!

Ai! vem, divina criança,
Vem, minha douda esperança,
Que eu aqui te espero em prantos;
Vamos errar nessas plagas,
Aonde na praia as vagas
Soluçam sentidos cantos!

Oh!... lá, minha doce amada,
Plácida a lua encantada,
No céu de azulada côr,
O grato aroma das rosas
Nas veigas deliciosas
Tudo, tudo inspira amor!...

O Ganges dorme sonhando,
Meu batel se embala arfando
Sôbre as ondas de cristal;
O rouxinol inspirado
Modula o treno aderado
Nas sombras do laranja!

Oh! ao pálido luar
Como é celeste pousar
A fronte num seio amado!
Tremem de amôres um' hora
Como a bela de Misora
Nas maravilhas do prado!

Ai! vem, divina criança,
Vem, minha douda esperança,
Que eu aqui te espero em prantos;
A noite aos poucos declina
E sôbre o rio a neblina
Desdobra seus tênues mantos.

Se tu soubesses que chama
O teu olhar me derrama
Nas fibras do coração!
Que belos mundos diviso,
Que gozos do paraíso
Eu sinto ao cerrar-te a mão!

Se tu soubesses que dores,
Que medonhos dissabores
Eu sinto dentro do peito,
Ai! tu virias comigo
Sonhar das veigas no abrigo,
Das fôlhas verdes no leito!

Tu verias que tesouro,
Que mistério inorredouro
Eu te mostrara, querida!...
Oh! por um instante, virgem,
Por uma doce vertigem
Te daria minha vida!

POEMA

Na suave estação do grato estio
Quando as campinas vestem-se de flores,
E os passarinhos sacudindo as plumas
A natureza pejam de cantigas;
Quando os pomares vergam-se rangendo
Ao doce pêso de dourados frutos,
Vi-os deixar o turbilhão das turbas
Para perder-se além das sarranas
Como um casal de cândidas rolinhas.

Ele jovem romântico, deixava
Correr a vida como o índio à noite
O lenho errante ao deslizar do rio;
Ela meiga e amorosa, ao braço dêle,
Como a andorinha que da tôrre emigra,
Ia pedir aos ares do deserto
Sôpro de vida a seus pulmões enfermos.
Ele era louro e belo como a imagem
De um deus erguido nos altares gregos;
Ela era como a rosa linda e pálida
Que em noites de luar a fronte encosta
Na haste umedecida pelo orvalho.
Ele tinha no rosto o viço e a vida,
Ela na face lânguida e saudosa
De mórbido palor o véu sentido.

Foram; e a brisa de esperanças doces,
De seu batel arredondava as velas
Como de Esmirna a viração cheirosa
Toca o navio do maltês pirata
Carregado de cânfora e de incenso.
Foram; só Deus, a noite, o céu e os astros
Poderiam contar os róseos planos
Que êles tinham na mente, e os sonhos de ouro
Que lhes passavam pelas fronteiras puras.

As brilhantes canções das aves meigas,
Aos eflúvios das flores campesinas
Na margem da floresta, em choça amiga,
Um mês passaram de infáveis gozos.
No leito mole de sombria relva
Dormiam juntos ao calor da sesta
Entre o sussurro de indolente arroio
E o perpassar de forasteiras brisas;
Cantavam junto à porta à luz da tarde,
N'aurora erravam pelos campos úmidos
Relendo a história dos primeiros beijos
E o drama inteiro de um amor nascente.
E no entanto no ebriar do gôzo,
De dia em dia ela pendia a fronte
Como o salgueiro à margem das lagoas!

Amaram-se e viveram como os anjos.
Das harpas da ventura as cordas tôdas
Em doces cantos desferiram rindo,
Até que um dia ao despontar d'aurora
Ele nos braços a sentiu gelada!
Então ergueu-se lívido, sem prantos,
Sem uma queixa ao menos e um suspiro,
E do sumo de plantas venenosas
Encheu a taça e a devorou de um trago.
Depois beijando-a sôbre os lábios roxos
E unindo-a ao seio num enlêvo fúnebre,
Como um noivo deitou-se ao lado dela.

Vi-os partir ardentes de esperança;
Tinham sonhos sem fim na mente ocultos
E um mundo inteiro de esperanças n'alma!
E no entanto os esperei de balde!
O outono, a primavera, o estio, inverno
Passaram sonolentos sôbre a terra
Mas êles não voltavam!... Na romagem,
Pude apenas, buscando-os, com meu pranto
Regar a lousa fria de seus túmulos!

A SERENATA

(UHLAND)

Oh minha mãe, que harmonias
Vêm meu sono interromper!
Não ouvís?... ai! são tão belas
Que me sinto reviver!
— Dorme, filhinha, é o delírio
Que te causa a febre ardente;
Quem tocará serenatas
Na porta de um doente?
— Não é música terrestre
Que ao sono rasgou-me o véu;
Oh mãe! é o cântico dos anjos
Que me chamam para o céu! 1834

FRAGMENTOS

E

GUALTER, O PESCADOR

FRAGMENTOS

(A 1835 ANTÔNIO MANOEL DOS REIS)

.....
A vida é uma jornada perigosa
Do berço à sepultura. Pobres dêsses
Que abandonam as flores perfumadas
Da margem do caminho, na esperança
Da eternidade que se perde ao longe
Entre as sombras da dúvida!

Pobres dêsses que os sonhos deleitosos,
Os dias de prazer, — as áureas noites
Deixam por gozos de existência dúbia,
E na terra correndo atrás das nuvens,
Vão bem depressa tropeçar na campã
Sem um riso sequer!

Argonautas sem nau que em noite imensa
No mar da vida a tiritar vagueiam
Do velo de ouro da ciência em busca,
Despidas fronteiras que a vaidade humana
Cercou de louros, — coroou de glórias
E adora de joelhos!

Desvairados filósofos, — teólogos,
Até quando quereis à turba estulta
Encobrir as verdades? — Até quando
Nas plagas nebulosas da quimera,
No dédalo confuso dos fantasmas
A levareis de rasto?

As tormentas do céu não duram sempre!
Apenas foge a bruma, — radiante
A estrela ressuscita! — No deserto
O lótus, 1836 desmaiado ao sol ardente,
As 1837 lágrimas da noite abre tremendo
A lúcida corola!

Numa vida de luz, — de amor e cantos
Palpita a criação. Enquanto é dado
Abrir as asas, — transpirar perfumes, 1838
São felizes a flor e o passarinho,
Até que aos ventos se desfolhe aquela,
E este morra nas selvas!

Mas o homem doudeja entre martírios,
Fecha os olhos às glórias do presente
E caminha, — e caminha! — Uma esperança
Douda e sem têrmos lhe alumia a estrada,
Mas no fim da jornada acha um abismo,
Entretanto é bem tarde!...

Depois que o sangue se gelou nas veias,
Depois que o coração calou seus estos,
Com o sangue e coração, a alma esvaiu-se!
E além da lousa fria de um sepulcro
Só existe o silêncio — a treva — os vermes,
O esquecimento e o nada!

Quem mais feliz? — O Lovelace pálido
Sôbre seios macios repousando
De epicurista a frente, ou pobre monge
Que em desejos ardendo à noite geme
Na cela rigorosa, e o chão inunda
De lágrimas de fogo?

Este espera a ventura, — aquêle a goza,
Exausto de prazer à tumba desce;
Este morre crivado de cilícios,
E a eternidade que esperava ardente 1839
Foge ao dobre do sino dos finados
E ao rasgar da mortalha!

Por mim que o mundo bafejou de escárnios,
Por mim que a sorte circundou de angústias,
Creio na taça que meus lábios tocam,
Creio nos raios que meu rosto crestam,
Creio nas sombras que meu ser envolvem,
E creio nos sepulcros!

Nas asas frias de irritados ventos
Doudeja a fôlha. O manacá cheiroso
Cai sôbre o rio, — a correnteza o leva,
O bote errante na soidão dos mares
Pula, — se estorce, — beija a onda e os céus
E quebra-se nas rochas!

E como a fôlha, — o manacá cheiroso
E o bote errante, divaguei na vida!
Por tôda a parte só topei martírios,
Espinhos sempre em miseráveis leitões,
Fel e absinto pelas taças tôdas
Onde a bôca encostei!

Se à meia-noite, — suarento, — frouxo, 1840
Pedi um canto onde dormir pudesse,
Como ao leproso me apontaram rispídos
O campo imenso de pauis cobertos!
Caminha, me disseram, e outro Ashaverus,
O que havia eu fazer?...

Mas o meu corpo é gotejante e frio,
Meus nervos tremem como as cordas sôltas
De uma harpa abandonada, — meus pulmões
Sorvem convulsos um vapor de morte,
Ah! deixai-me dormir que já não posso...
Não! caminha! caminha!

Que esperar mais do mundo? — Onde tranqüilo
Um altar encontrar de amor e crenças,
Onde achar a virtude? Assim as rosas
Uma por uma sôbre o chão caíram,
E a fronte jovem se cobriu bem cedo
De pavorosas rugas!

Como Fausto e Manfredo eu tive amigos,
Fiz bem a muitos homens, — de joelhos
No silêncio da noite ergui meus cantos
Ao Senhor das esferas, e no entanto
De tudo o que tirei? — enôjo — tédio,
Angústias e martírios!

Na enxêrga da miséria acaba o gênio,
Gasta-se o fogo que do céu descera,
Mas a infâmia coroa-se de louro,
A intriga dorme em perfumados leitos,
Repousa o vício ao fumegar do incenso,
E ao sussurro das harpas.

Não quero em nada crer! — a mim que importa
Que o homem desça à região das sombras
Ou lá no Empíreo se inebrie em luzes?
Tudo é dúbio, trevoso, — tudo é falso,
Uma coisa há real, — ninguém o nega —
E' a morte sômente!

.....

O mancebo calou-se. A madrugada
Veio rompendo encantadora e bela,
Cobrindo o véu de flores. Os convivas
Curvavam-se cansados sôbre a mesa,
Mas dêste estranho canto ¹⁸⁴¹ uma palavra
Sequer ninguém perdeu.

GUALTER, O PESCADOR

(A 1842 ANTÔNIO MANOEL DOS REIS)

I

Sôbre as ondas de anil do mar profundo
Surge a esfera de luz banhando as plagas
De esplêndido clarão;
O mundo acorda, e a natureza escreve
Um canto ainda sôbre o livro eterno
Da imensa criação.

E' dia. Agora nos sertões remotos
O caçador embrenha-se cantando
Da serra nos desvios,
O lenhador abala o mato virgem,
E a patativa se desfaz em trenos
Junto à beira dos rios.

E' dia! — é dia! — E haverá quem durma
Quando a terra palpita de volúpia
Aos afagos da luz?
Quando a abelha desmaia sôbre as flores,
As flores sôbre o vento, e o vento errante
Sôbre as ondas azuis?

Olhai: lá em baixo, na arenosa praia
Onde a vaga indolente se espreguiça
Bocejando na areia,
E os manacás transbordam de perfumes,
E a viração nas pitangueiras úmidas
As folhagens meneia;

Junto à cabana, com a rêde aos ombros,
O moço pescador contempla o céu
E se apresta a partir;
De um lado a espôsa busca em vão retê-lo,
E o louro anjinho que sustém no colo
Brinca e põe-se a sorrir.

— Não partas hoje — diz a moça pálida,
Em cujos olhos divinais se espelha
A candura do céu; —
— Porque, minh'alma?
— Deus! não sei, mas sinto
Meu coração que anseia entristecido
Dos presságios no véu!

— Que loucura! — Não vês? — o mar é calmo
Como nossa filhinha que em teus braços
Se balouça contente;
E à flor das águas os peixinhos pulam,
Reluzindo as escamas prateadas
À luz do sol nascente.

— Ah! Gualter!... Gualter, eu não sei que tenho,
Mas voz sinistra me murmura n'alma
Que não deves partir!
— Não te aflijas, querida, — diz o moço
Afagando-lhe a fronte — e os outros dias
Não se faz ela ouvir?

— Sim, — tôda a vez que nesse lenho estreito
Vejo-te ousado abandonar a pátria,
Tenho sempre terror!
Mas hoje mais que nunca!... oh! fica... fica,
Eu te imploro por mim, por nossa filha,
Por todo o nosso amor!

O mancebo concentra-se. Uma sombra
Parece a testa lhe enrugar de leve
E os olhos enturvar.
Porém cedo sorri, ergue a criança
Do regaço materno, e entre carinhos
A começa a beijar.

— Então não partes?... — diz a espôsa alegre
A rêde lhe tomando.
— Oh! não, — não posso,
E' preciso ir ao mar.
— Meu Deus! — Que queres? amanhã, responde,
O que havemos comer? — A moça cala-se
E se põe a chorar.

Ah! mísero daquele a quem no berço
O arcanjo da opulência abrindo as asas
A fronte não roçou!
Pomos vedados são da vida os gozos,
E a taça de hidromel torna-se em lúpulo
Apenas a tocou!

Sonhar no êrmo, — no palmar — quem sabe,
Ou sôbre as relvas esquecidas horas
Em delícias de amor,
E ter por sócia uma tristeza eterna,
E em vez de afagos que sonhara ardente
Suarento labor!

Mais doce agora rumoreja a brisa,
Das níveas flores dos ingyás viçosos
Juncando o branco chão;
O moço se prepara: — é belo o vento,
Rico e fértil o mar. — Ester, sossega,
Não me detenhas, não!

Chorosa e triste a meiga espôsa o segue
A longa praia, onde o batel esguio
Vai e vem sôbre a vaga,
Beija-lhe a frente; diz-lhe adeus, e clama
Até que a vela abandonando a terra,
No horizonte se apaga!

Põe-se o sol. Merencório o céu se tolda
Em véus de brumas, que deixando os montes
Desenvolvem-se aos poucos.
Ligeiras virações o mar escrespam,
E um cardume de pássaros se arroja
No espaço em pios roucos.

Vós que vindes do sul, oh! níveas garças,
Beijando as ondas que o calor amorna,
Dizei, — dizei o que anuncia o vento
Que mais velozes vossas plumas torna?

Dizei que sombra funerária é essa
Que as côres mancha da cerúlea tela,
E as fundas rugas que a tremer se cavam
Do salso império sôbre a face bela?

Oh! não mintais! — se a tempestade é perto
E o mar à luta os vagalhões prepara,
Quero contrita me prostrar chorando
Aos pés da Virgem que os mortais ampara!

Dizei, dizei o que anuncia o vento
Que mais velozes vossas plumas torna,
Ligeiras garças que do sul partistes,
Beijando as ondas que o calor amorna!

E a tribo errante que atravessa o espaço ¹⁸⁴³
Vai sôbre as asas de irritados ventos
Perder-se n'amplidão; ¹⁸⁴⁴
Sentada à porta contemplando as nuvens,
Ester mostra no rosto descorado
As sombras d'afflicção!

Pesadas massas de profundas trevas
Vão pouco a ¹⁸⁴⁵ pouco se ajuntando, e rolam
Entre surdos rugidos!
Os relâmpagos surgem, — passa o vento
Da selva escura arrebatando aos cedros
Funerários gemidos!

De mais a mais o espaço se escurece,
Repetem-se os trovões, o mar inquieto
Fustiga as penedias,
Um dilúvio de queixas e bramidos
Percorre os ervaçais e vai perder-se
Nas longas serranias!

Ai! o moço não vem; trêmula a espôsa
Corre à praia assustada e os olhos crava
Ansiosos no mar!
Mas apenas divisa em fúria insana
Vagas e vagas que, ¹⁸⁴⁶ encurvando o dorso,
Vão aos céus topetar!

Então busca a choupana. Junto ao leito,
Uma imagem da Virgem se levanta
Em doce compunção. ¹⁸⁴⁷
Ester acende um círio e de joelhos,
Apertando a filhinha ao seio opresso,
Murmura esta oração:

— Oh branca rosa do céu,
Oh bela estrela de amor,
Que no teu cândido véu
Sorris aos pés do Senhor;

Tu que dos anjos cercada, ¹⁸⁴⁸
Lá no império da luz,
Beijas a frente adorada
Do condenado da cruz;

Volve, — volve brandos olhos
Sôbre os míseros que a sorte
Por entre horrendos escolhos
Leva aos abismos da morte!

Curva-se o mato gemendo,
Cobre a terra escuro véu,
O mar arroja tremendo
A fria saliva ao céu.

Mas ai! que talvez, Senhora,
Quando o raio estronda e cai,
A espôsa viúva chora,
Chora a filhinha seu pai!

Oh branca rosa do céu,
Oh bela estrêla de amor,
Tu que em teu cândido véu
Sorris aos pés do Senhor;

Volve, volve brandos olhos
Sôbre míseros que a sorte
Por entre horríveis escolhos
Leva aos abismos da morte!

Um momento o oceano, a terra, as nuvens
Parece que emudecem, os tufões
Abafam seu rugir,
O horizonte clareia, as brisas passam,
E uma réstia ¹⁸⁴⁹ de luz rasgando o espaço
Faz a onda sorrir!

Santa Virgem do céu! eu te bendigo,
Eu te bendigo, oh Deus,
Que ouviste minhas preces e lamentos,
Que ouviste meus...

II

O temporal rebenta! escuras vagas
Pulam sem freios nas marinhas plagas
Como nos ermos os corcéis bravios;
Tombam torrentes d'amplidão do céu,
Os ventos berram do bulcão no véu
Em longos tresvarios!

É tarde, — há muito nos ferais negrumes
O sol sangrento mergulhou seus lumes.
Bem como um brigue devorado em chamas,
A terra anseia, — os pinheirais se abalam,
E das florestas os Titães estalam
Lacerados, sem ramas!...

Ah! mancebo, onde estás? — com que perigo
Nas altas vagas sem governo e abrigo
Lutas ardente, mas talvez em vão...
E os gênios surdem com tremendos laços,
E a morte fria te sacode os braços
Nas asas do tufão!

Trememente, — em prantos, abatido o rosto,
No olhar a chama de cruel desgosto,
Corre a espôsa infeliz à longa praia;
Mas ai! — é negro o céu, raivoso o mar,
E nesse caos que volve-se a ¹⁸⁵⁰ bradar
Debalde a vista espraia!...

— Meu Deus! Senhor meu Deus! tudo é perdido —
Murmura a triste em túrbido gemido
E se arroja chorando sôbre o chão,
O vento chora de a enxergar talvez
E a onda imensa vem beijar-lhe os pés
Rasteira como um cão!

Mas silêncio! das vagas no conflito
Súbito se ouve um pavoroso grito!
Ergue-se a moça qual ferida corça,
Sacode as tranças, o vestido agita,
E o louco impulso de su'alma aflita
Por comprimir se esforça.

É êle!... é Gualter... — levantando à proa
Move aturdido a trêmula canoa
Que anseia, e salta na fervente espuma
Que as ondas cospem sôbre o lenho ousado,
E o vento envolve o pescador cansado
Na mortalha da bruma.

Eia!... não temas! — reza a Deus e aos santos,
— Brada a consorte desvairada em prantos,
Medindo em ânsias a distância imensa —

Mas o mancebo desespera e clama,
E nos seus olhos relampeja a chama
De lívida descrença!

Oh! se há um Deus que o valha! — as penedias
Erguem-se perto ríspidas — sombrias,
Do mar ¹⁸⁵¹ sanhudo ao desabrido açoite,
Bulcão medonho sôbre o abismo desce,
E o batalhão da morte aumenta e cresce
Na caligem da noite.

O batel vai e vem; — retalha a espuma,
Some-se às vêzes no lençol da bruma
E vai girando topetar no céu;
E o moço exausto na vertigem louca
Lança à praia uma queixa insana e rouca
Através do escarcéu.

Oh! piedade!... piedade! — exangue, fria,
Grita a infeliz nas sombras d'agonia —
Mas nesse instante ruge o furacão,
Ergue-se um grito — horripilante — extenso,
Um clamor dolorido, eterno, imenso,
Dos mares n'amplidão!

Ester!... Adeus p'ra sempre — o raio passa
E à luz vermelha que o oceano abraça
Entre vozes de horror some o batel,
E os ventos berram nas espumas frias,
E as vagas brigam funerais, — bravias, ¹⁸⁵²
Nos ombros do parcel!

Tudo findou-se!... sem calor, sem vida,
Ei-la mártir de amor no chão caída.
Na sôlta areia que a tormenta orvalha
A onda chega, — depois foge em prantos,
Depois a leva com funéreos cantos
Na úmida mortalha!...

III

O Arcanjo de Deus que lá no Empíreo
O livro guarda do fatal destino,
E a morte de Ester decretado havia
Com letras ígneas na sangrenta fôlha,
Ia gravando vagaroso e lento
O nome do mancebo, mas de súbito
Uma idéia lhe surge, a mão vacila,
Volta ao comêço da funérea página
E com trêmulo dedo apaga as letras
Que tinha começado!.....
Inda era cedo! no trevoso drama
Inda uma cena de terror faltava!
O mancebo está salvo! ai! quem dissera,
Poupando a vida, que amargor prepara,
O negro gênio que desdobra a teia
E a vida tece dos humanos sêres!

Sim, o moço está salvo! — nos abismos,
Rôto, — em pedaços o batel repousa,
Mas na luta infernal, — no douto giro
Em tórno à penedia, — o acaso — a sorte
Ao duro embate o pescador lançara
Sôbre um tecido de marinhas plantas
Que as frias bases do rochedo enlaça.

Foi quando aos lábios lhe escapou tremendo
Aquêlê adeus final, o frágil lenho
Para nunca se erguer baixou em lascas
No seio imenso da cruel voragem.

Longo tempo sem fôrças — desmaiado
O moço fica nessa móvel cama
Circulado de espuma e de ardentias.
Mas pouco a ¹⁸⁵³ pouco a vida vem tornando
E com ela a razão, a calma, o ânimo:
E' forçoso pensar, — buscar a praia,
Ver a filhinha, sossegar a espôsa
Que há poucas horas no terror da morte
Longe — perdidas para sempre cria!

Louca esperança!... iluminado sonho,
Miragem de ventura em céu de sangue,
Poucos instantes durarão teus brilhos!
Como as lavas ferventes do Vesúvio,
Como os fogos do raio que rebenta,
Surges — clareias, e depois só deixas
Um rastilho de cinzas e betume!...

Gualter está na praia, as vestes rôtas,
O corpo gotejante, os nervos trêmulos,
Sacode-se ofegante, como a lontra
Na borda da torrente, lança um grito
De júbilo e triunfo, e acelerado
Se arroja à habitação!

Mas um triste chorar chega-lhe ao ouvido!
Um chorar de criança, — débil — fraco,
Repassado de angústia!

— Oh! minha filha!

Oh! filha de minh'alma! — grita o moço —
Mas nesse instante, ¹⁸⁵⁴ do palmar no cimo,
Ave de morte desprende seu canto,
E as asas negras sacudiu na sombra!

O pescador se benze, e o calefrio
Uma por uma lhe percorre as fibras;
Apressa o passo mais, a cada instante
Tropeça e pára, respirando em ânsias
O quente bafo que a tormenta exala.
— Ester! vem, que aqui 'stou! — grita o mancebo
Arquejante — cansado... — Ail... tudo é surdo!

As folhagens se agitam suspirando,
Soltam as aves desabridas queixas,
E nesse mundo que delira e clama,
De quando em quando ao perpassar do vento
Mais fraca e triste, — mais pungente ainda
Vem dolorida a voz da inocentinha!...

Onde está tua mãe que não te escuta?
Onde está tua mãe?... Porém, oh! céus!
Um medonho trovão brame no espaço,
O raio passa e vai morrer na onda,
Tenaz, imensa, devorada em chamas
Que refere na espuma que a circula.
Uma idéia sinistra e lutulenta, ¹⁸⁵⁵
Como essa frágua que queimara a nuvem,
Roça n'alma do moço que se esforça;
Vence a fraqueza que lhe vai no corpo

E corre — e voa, e vai chegar sem fôlego
À porta da cabana.

— Ester! — exclama —

Porém nada responde; a ventania
Braveja no ervaçal, sacode as plantas
E da mísera choça invade as frestas
Em longos assobios! — O mancebo
Faz um supremo esforço, impele a porta
E se arroja de um salto no aposento!

Mas oh! quadro de horror!... oh! negro quadro!
Ester não está. — Entorpecida — fria,
Cansada de chorar o pobre anjinho
Estremece no chão — molhada e nua!
Uma vela de cêra — amarelenta
Sob denso morrão crepita e chia
Junto à imagem da Virgem que tranqüila,
Olhos postos no céu, ¹⁸⁵⁶ sorrir parece!

Santa espôsa de Deus!... mulher divina
Que do abismo da morte esguste o homem,
Consôlo dos mortais, — doce refúgio
Das almas tristes, que o pesar lacera,
Como agora és medonha!... oh! como agora
Dêsse pálido círio à luz mortíça
Enches de horror e fúnebres angústias
Tudo quanto te cerca e te contempla!

Hirtos cabelos, — convulsivos lábios,
O mancebo se arroja de joelhos
E nos braços levanta a pobre infante
Oh! fala! fala!... desditoso anjinho,
Triste filha do amor e desventura,
Onde está tua mãe? oh! fala!... fala!

Mas ao brando calor do peito amigo,
Ao doce bafo que lhe aquece o rosto
E a vida incute nas geladas veias,
Abre os olhos azuis a inocentinha
E ri-se, — e brinca nos paternos braços!
— Grande Deus do universo! tem piedade,
— Exclama o pescador — e em frias ânsias
Sai da cabana e se arremessa à praia
Em altos gritos acordando os ecos!

.....

Vai serenando o mar, — do céu as sombras
Fogem aos poucos, as estrêlas surgem
E brilham vivas como abelhas de ouro
Nas fundas dobras do cerúleo manto.
A floresta se cala e o vento brando
Suspira a medo nas folhagens úmidas,
Como um povo de silfos que ressona!

A tormenta cessou, mais ail! na terra
As tormentas do céu são as menores!
Uma réstia de luz as doma e pisa
Como ao bravo corcel que o freio abate;
Mas as que surgem nos humanos peitos
E a vida cavam nos medonhos choques,
Essas são longas — eternals — sem luzes,
Nem brisas, nem manhã, que a fúria apague!

Mas silêncio!... silêncio! a noite é calma,
O oceano cansado, e a natureza
Em seu leito de paz adormecida...
Porém que vozes doloridas — tristes,
Erguem-se agora lá da praia extensa
E os ecos pejam de agonia e morte?

Oh!... sim, que é êle... o pescador, não vêdes,
Qual sombra foragida que alta noite
De um êrmo cemitério à lousa foge
E vem de horrores espantar as plagas?

Escutai — escutai ao som pungente
Dessa voz funeral — enrouquecida,
Não ouvis outra voz mais triste ainda,
Bem que mais fraca, levantar-se aos ares
Débil como o chorar da rôla exangue,
Treda como o tufão em chão de campas
Os chorões desfolhando, ou como a queixa
Que o sôpro de além-túmulo desprende
Dentre a infância e a morte?... oh! é medonho!

Agora, ao cimo do rochedo erguido,
Ei-lo de pé, 1857 — convulso — desvairado,
Medindo o abismo e apostrofando as ondas:

— Onde está minha espôsa?... onde está ela,
Vagas profundas que dormis no abismo?...
Dá-lhes voz, oh meu Deus! porque minh'alma
Se torce em ânsias de infernal martírio!

Mas o mar não responde, em pranto apenas
Lança um manto de espumas no rochedo
E borrifalhe os pés, e no seu peito
Mais triste e fria a criancinha chora,
E os bracinhos de neve estende ao peço!

O céu é puro e belo, — uma só nuvem
Não turba o esmalte do zimbório etéreo,
Tremem os astros, e a nevada estrada
Nas campinas de azul se estende bela
Como facha brilhante, — ou como a senda
Que os anjos leva ao venturoso Empíreo.

O pescador se cala e nos seus olhos
Chama sinistra transparece e brilha;
Contempla os astros e as tranqüilas ondas
E um sorriso satânico lhe passa
Pelos gélidos lábios, — cerra ao peço
A criança que cala-se inanida
E senta-se na rocha...

Mas, oh! céus!
De súbito no espaço — palejantes
As estrélas se apagam, — dir-se-ia
Que um dilúvio de sombras as devora,
O oceano se abafa e em negros urros
Meteoro de sangue abrasa o espaço
E se afunda fervendo no oceano.
Um mundo inteiro de rugidos — gritos, 1858
Levanta-se do abismo, as vagas crescem
E em longas serranias vem correndo
Da voragem fatal que o fogo abriu.

Depois tudo se cala. No infinito
As estrélas despertam-se mais vivas,
O oceano se acalma, e junto às 1859 rochas
Uma onda indolente que se estende
Arroja aos pés do moço transviado
Alguma cousa de medonho — informe,
Pavoroso — infernal, que o faz de um salto
Levantar-se convulso — o olhar em brasa —
Como impellido por um férreo braço!
— Ester!... Ester!...

O oriente aclara-se,
Uma réstia de luz inunda o céu,
As águas brincam, — balancia o vento,
Mas uma queixa imensa — uma blasfêmia
Embebida de fel, — de sangue e lôdo,
Um grito de Satã se ergue da terra
Entre débil chorar!...

Tudo findou-se!
As estrélas desmaiam de agonia,
Entoa o vento fúnebres sussurros,
E nas rochas escuras que se elevam,
Uma linha de sangue inda espumosa
Goteja e corre, e vai sumir no abismo.

Mais bela ainda a natureza acorda,
Tudo é silêncio e paz sôbre o universo.
O mistério da morte, êsse findou-se;
O oceano é discreto, e o que êle encerra
Dorme no sono de profundo olvido.
Dentre as grimpas azuis, entre neblinas
A lua vem se erguendo branca e pura
Como a odalisca que se eleva pálida
Das banheiras de mármore do serralho!
— Boa noite, belo astro! — ergue-te asinha!

IV

— Onde 1860 vais, ancião?... que pranto é êsse
Que dos olhos te corre e as cãs te orvalha?
Que amargura te oprime?

— Ai! não indagues!
Deixa que eu chore, que o chorar que verto
Sai das chagas da alma!

— Fala, velho;
Teu corpo treme; — teu falar é rouco,
Cortado de soluços, no entanto
Os invernos gelaram-te os cabelos,
E as tormentas de um século, quem sabe,
Envergaram-te à terra, a fim que busques
O frio leito do final descanso!
Fala, ancião, — que mágoa te espedaça
E remorde-te assim?

— Ai! não indagues!
Lança os olhos à praia e a Deus pergunta
Porque se apaga a estréla, a flor definha,
O arvoredo emurchece e a humana vida
Entre sangue e loucura erra e desmaia.
— Grande 1861 Deus do universo!... são dous corpos!
Um corpo de criança!... oh! como o sangue
Os cobre e desfigural... fala, velho...
Fala... conta...

— Ah! tem piedade,
A dor me despedaça, e em breves dias
Talvez minh'alma os seguirá bem cedo!
Amci-os mais que a mim! — desde criança
Acalentei-a aos joelhos.

CANTOS E FANTASIAS

Junto ao fogo
Em noites hibernais unida ao colo
A fazia dormir entre cantigas!

Vi-a crescer — crescer como a palmeira
Sempre junto de mim, até que a idade,
A afeição... o amor m'arrebatessem!
Conduzi-os à igreja — abençoei-os...
Mas ai!... êles não vivem, — nem tampouco
O pobre anjinho que eu levei à pia,
E embalava em meus braços! hoje mesmo
Desci a serra, — vim buscá-los,
Vê-los ainda, que meus longos anos
Há muito tempo mos roubava aos olhos.
Porém tudo findou-se... oh! tudo... tudo!
Amaram-se e viveram como as flores,
Como as aves do céu e as plantas meigas

Que o sertão embalsamam de perfumes,
Amaram-se e viveram puros, belos,
Mas tiveram por leito derradeiro
O fundo escuro de medonho abismo!
— Viajor que chegais, orai por êles!

.....
O tempo corre e com seu manto imenso
Varre o dia e a noite, o mês e o ano,
Mas das ondas azuis o navegante
Saúda a imagem de uma virgem santa
Que em seu nicho de pedra alveja ao longe,
Na crista do rochedo. Três vezes santa!
Donde êsse emblema de humildade veio,
Oh! quem não sabe remontando à lenda
Do pobre pescador?...

CANTOS E FANTASIAS

Cantos e Phantasias/ por/ Luiz Nicoláo Fagundes Varela/ S. Paulo/ Garraux, de Lailhacar e Cia./
Livreiros-Editores/ Largo da Sé, 1/ 1865./ Todos os direitos de propriedade ficção reservados./

A MEU PAI

O

SR. DR. EMILIANO FAGUNDES VARELA

Êste livro é uma intenção, — só Deus pode conhecer-lhe o valor; — pouco me importa o juízo dos homens.

Amanhã êle desaparecerá como as fôlhas arrebatadas pelo vento, como as cerrações da alvorada aos primeiros raios do sol.

Mas a intenção ficará, porque é filha dos mais sublimes sentimentos humanos — o amor e a gratidão.

Se o coração produzisse epopéias, estas páginas seriam uma *Iliada*, mas a inteligência raras vezes corresponde à vontade, e o espírito, prêso à sua contingência, tortura-se debalde em busca do impossível.

Aceite êstes cantos como êles são, o talento que os ditou é mesquinho, mas a intenção é immaculada e brilhante como um raio da Divindade.

PREFÁCIO

A presente coleção de versos que o público vai ler pertence a um poeta, moço, criança ainda, em quem fôra talvez permitido entrever apenas uma esperança, e que no entanto é já uma esplêndida *realidade* na literatura do país.

O escritor destas linhas deverá desde já entrar, por força do costume, em renhida discussão sôbre escolas e pontos de estética; mas além de ser isso uma cousa tida por muitos como pedantesca, não a poderia apresentar aos leitores por insuficiência.

A inspiração de *Varela* é a natureza em primeiro lugar, e em segundo os mestres.

A individualidade do seu talento, do seu pensar, dos seus sentimentos encontra-se em tôdas as suas poesias, ainda naquelas que nada mais são do que o vivo reflexo das composições dos grandes poetas dêste século.

Byron e Goethe, Victor Hugo e H. Heine, são os seus mais estimados modelos.

A outras vozes menos sublimes do que essas, as de Azevedo, Soares de Passos, Junqueira Freire, Musset e H. Moreau, casa êle as suas na mais doce das harmonias.

Últimamente tem dedicado os seus momentos ao estudo dos poetas espanhóis, e dessa poesia muito vestígio se encontra em mais de uma página dêste volume.

Chateaubriand, Béranger, Vigny e Delavigne também lhe têm sido inspiração e fecunda.

Longo seria enumerar as fontes em que tem ido beber o nosso poeta.

Foram êsses homens, homens oceanos, na expressão de Victor Hugo, os que lhe têm derramado na frente, a flux das inspirações, e batizaram-no ¹⁸⁶² Poeta!

A mocidade das academias reconheceu-o como tal, e o país inteiro há de em breve repetir o seu nome, há de inscrevê-lo no livro de ouro das suas glórias.

Saudar um homem superior, qualquer que seja a sua especialidade, é uma satisfação para aquêles que estimam e prezam as grandes cousas, adoradores do belo e da verdade.

Por isso, é também um dever não deixar em silêncio defeitos quando os haja: Varela é por vêzes descuidoso da forma, descuido que lhe vem por vontade e desprêzo das regras, o que é tanto mais de censurar.

Êsses defeitos porém são pequenos, insignificantes, passageiros, por isso que o poeta pode repará-los, fazer desaparecer, como o há de em futuras edições, como lhe é propósito.

Por muito graves que sejam êsses senões, não podem êles macular as inúmeras belezas desta e das duas outras coleções já publicadas: *As Noturnas* e *As Vozes da América*. Como disse em princípio, Varela é ainda uma criança, apavorado muita vez do muito brilho, da muita inspiração que lhe vem à alma, débil ainda para poder suportar o fardo do gênio.

Fatal é a missão dos homens de talento!

Quanto ânimo para subir até o Sinai, buscar as tábuas da lei, para explicá-las às multidões!

Quanta fôrça não é precisa para as lutas de Jacó, lutas que sustenta o homem de gênio, em cada noite de febre e de inspiração, contra o que se chama o invisível, por deficiência de termo!

Quantos succumbem, sem que possam expressar, *realizar* o que lhes dizem a noite e a manhã, o rumor e o silêncio, o infinito e o limitado, a realidade e o sonho, o visível e o invisível, a dor e a alegria, nessas horas de vertigem, horas de Sibila!

Varela é criança ainda, portanto imperfeito, defeituoso, muita sombra além de muito brilho; quando porém êle entregar-se noite e dia ao estudo da história, quando aprofundar os mistérios da filosofia, quando o seu olhar vencer as trevas que nos cercam a todos, e além das quais existe luz, como diz V. Hugo, ah! então não posso vaticinar o que êle será, a minha inteligência não vai tão longe, só sei que muito alcançará êle e muito ganharão as letras.

Quando êle, quando o seu engenho, depois de cogitar no *verbo* humano, quando depois de parar ante os modelos gregos e orientais, depois de flutuar entre a resignação de Jó, o desespero de Byron, os sonhos de Ossian e do Dante, as facécias de Ariosto, a piedade de Chateaubriand e de Lamartine, e os delírios de Hugo e dos poetas dos climas meridianos, êle fizer uma só síntese de tôdas essas poesias, dando-lhe um cunho americano, certo que êle ou outro de igual fôrça, já que nos morreu o Azevedo, será o mestre, o modêlo, o ídolo das gerações futuras do mundo de Colombo.

Não falsas, nem exageradas têm sido as nossas frases a propósito das poesias de F. Varela; o leitor vai ter em breve as provas do que avançamos.

Os críticos o que dirão delas? O que dirão do humilde escritor destas linhas?

Deus sabe!

Agora, duas palavras ao amigo.

Deste-me a maior e a mais solene prova de amizade pedindo-me uma palavra sôbre êste teu novo livro de versos.

Essa palavra não podia ser a do ensino, nem a da crítica, porque tão moço como tu, humilde e incompetente, que ensino posso eu dar-te, que crítica fazer a teus versos, quando além de ser teu amigo sou totalmente oposto à escola dos gramáticos e dos críticos de nenhum saber?

Essa palavra foi portanto a do amigo, em cuja alma tão gratas sensações têm produzido os teus versos, e que não sabe qual deve mais estimar em ti, se o poeta, se o homem.

Não desvendei o segredo de muitas das tuas composições: se fôras morto, talvez o fizesse. Não quis dizer ao público que algumas delas não são meras fantasias, que o Cântico do Calvário é uma lágrima vertida sobre o túmulo de uma criança teu filho, cujo nascer eu saudei tão alegre!

A melhor parte do gênio está nas recordações, disse Chateaubriand, e prova-o o teu livro; foi meu dever respeitar essas lembranças, ainda tão recentes.

Por muito tempo temos vivido juntos; conhecemo-nos crianças: lembras-te?

Foi em Angra dos Reis.

A casa do coronel B..., aonde eu estava hospedado, era de uma beleza sem par, naquela imensa praia, aonde parecia banhar-se; tu moravas com tôda a tua família; inda me lembro; era numa casinha, sem cal, debaixo de copados arvoredos, perto de um riacho que por ali passava, e aonde parecia mirar-se.

Eras, como hoje o és, o José da família.

Aquela praia como era extensa!

Quantos coqueirais, quantas rochas atiradas por ali, cujo cimo galgávamos alegres a colhêr o fruto dos gragoatás, e as parasitas rubras.

Éramos ágeis e fortes; nós e nossos amigos atirávamos às ondas que embalavam-nos, sacudiam-nos como aos filhos das plagas marinhas.

À noite, reuniamo-nos todos: o que dizíamos? No que pensávamos? O que sonhávamos então? Não sei, nem tu talvez o possas dizer.

Lembras-te, lembras-te das noites de luar naquelas paragens, em frente à vastidão sem fim dos mares?

E quando após atirávamos às canoas, para ver estender as rêdes da pesca?

E o tom monótono das cantigas dos escravos pela manhã, quando partiam para as roçadas, e quando voltavam..... que doce poesia, que tristeza naquelas rezas!

Um dia era ao entrar da noite, à luz duvidosa, tristonha do crepúsculo, vinhas a nos dizer adeus; devias partir no dia seguinte; o que nos disseste, o que dissemos a ti? Saudades.

Correram anos, vim encontrar-te em S. Paulo.

Já não eras a criança de outros tempos; eras o poeta cujos cantos a academia inteira repetia, repete e repetirá sempre; eras já o sucessor das glórias daquele outro poeta que todos nós adoramos, em cujas estrofes temo-nos todos inspirado; eras a ressurreição de Azevedo.

Unimo-nos; nossas almas pediram mutuais notícias, e pelas várzeas, e curvados sobre a nossa mesa de estudos, naquelas vigílias da nossa casinha do Braz. muito conversamos, muito sonhamos.

Todos os nossos estudos, tôdas as nossas vigílias, nossas práticas, nossas leituras, o que têm feito de nós?

De ti, o poeta brilhante laureado; de mim... não vale a pena falar-se.

Estas lembranças do nosso passado, tão cheias de poesia, cujos doces perfumes não pode rescender a minha prosa, eram necessárias aqui, nesta primeira página do teu livro, página que deixaste em branco, para que eu escrevesse nela o meu nome e o título da nossa amizade.

Em conclusão:

Saúdo o teu engenho, como hei saudado o de todos os nossos colegas e amigos; na minha tristeza e humilde isolamento, já que não posso fazer parte da brilhante falange dos talentos de nosso tempo, resta-me ao menos o doce e inestimável consôlo de dizer mais tarde, se viver, aos que me perguntarem por êles, eu os vi, e convivi com êles.

J. FERREIRA DE MENEZES.

S. Paulo, Janeiro de 1865.

LIVRO PRIMEIRO

JUVENÍLIA

POEMA

I

Lembras-te, Iná, dessas noites
Cheias de doce harmonia,
Quando a floresta gemia
Do vento aos brandos açoitões?

Quando as estrêlas sorriam,
Quando as campinas tremiam
Nas dobras de úmido véu?
E nossas almas unidas
Estreitavam-se, sentidas,
Ao languor daquele céu?

Lembras-te, Iná? Belo e mago, ¹⁸⁶³
Da névoa por entre o manto,
Erguia-se ao longe o canto
Dos pescadores do lago.

Os regatos soluçavam,
Os pinheiros murmuravam
No viso das cordilheiras,
E a brisa lenta e tardia
O chão relvoso cobria
Das flores das trepadeiras.

Lembras-te, Iná? Eras bela,
Ainda no albor da vida,
Tinhas a fronte cingida
De uma inocente capela.

Teu seio era como a lira
Que chora, canta e suspira
Ao roçar de leve aragem;
Teus sonhos eram suaves
Como o gorjeio das aves
Por entre a escura folhagem.

Do mundo os negros horrores
Nem pressentias sequer;
Teus almos dias, mulher,
Passavam num chão de flores.

Oh! primavera sem têrmos!
Brancos luars dos ermos!
Auroras de amor sem fim!
Fugistes deixando apenas,
Por terra, ¹⁸⁶⁴ esparsas as penas
Das asas de um serafim!

Ah! Iná! Quanta esperança
Eu não vi brilhar nos céus,
Ao luzir dos olhos teus,
A teu sorrir de criança!

Quanto te amei! Que futuros!
Que sonhos gratos e puros!
Que crenças na eternidade!

Quando a furto me falavas,
E meu ser embriagavas
Na febre da mocidade!

Como nas noites de estio,
Ao sôpro do vento brando,
Rola o selvagem cantando
Na correnteza do rio;

Assim passava eu no mundo,
Nesse descuido profundo
Que etérea dita produz!
Tu eras, Iná, minh'alma,
De meu estro a glória e a palma,
De meus caminhos a luz!

Que é feito agora de tudo?
De tanta ilusão querida?
A selva não tem mais vida,
O lar é deserto e mudo!

Onde foste, oh! pomba errante?
Bela estrêla cintilante
Que apontavas o porvir?
Dormes acaso no fundo
Do abismo tredo e profundo,
Minha pérola de Ofir?

Ah! Iná! por tôda parte
Que teu espírito esteja,
Minh'alma que te deseja
Não cessará de buscar-te!

Irei às nuvens serenas,
Vestindo as ligeiras penas
Do mais ligeiro condor;
Irei ao pego espumante,
Como da Ásia o possante,
Soberbo mergulhador!

Irei à pátria das fadas
E dos silfos errabundos,
Irei aos antros profundos
Das montanhas encantadas;

Se depois de imensas dores,
No seio ardente de amôres
Eu não puder apertar-te,
Quebrando a dura barreira
Dêste mundo de poeira, ¹⁸⁶⁵
Talvez, Iná, hei de achar-te!

II

Era à tardinha. Cismando,
Por uma senda arenosa
Eu caminhava. Tão brando
Como a voz melodiosa
Da menina enamorada,
Sôbre a grama aveludada
Corria o vento a chorar.

Gemia a pomba; — no ar
Passava grato e sentido
O aroma das maravilhas
Que cresciam junto às trilhas
Do deserto unedecido.

Mais bela que ao meio-dia,
 Mais carinhosa, batia
 A luz nos canaviais;
 E o manso mover das matas,
 O barulho das cascatas
 Tinham notas divinais.
 Tudo era tão calmo e lindo,
 Tão fresco e plácido ali,
 Que minh'alma se expandindo
 Voou, foi junto de ti,
 Nas asas do pensamento,
 Gozar do contentamento
 Que noutro tempo fruí.
 Oh! como através dos mantos
 Das saudades e dos prantos
 Tão meigamente sorrias!
 Tinhas o olhar tão profundo
 Que de minh'alma no fundo
 Fizeste brotar um mundo
 De sagradas alegrias.

Uma grinalda de rosas
 Brancas, virgens, odorosas,
 Te cingia a fronte triste;
 Cismavas quêda, silente,
 Mas ao chegar-me, tremente
 Te ergueste, e alegre, contente
 Sôbre meus braços caíste.
 Pouco a pouco, ¹⁸⁶⁶ entre os palmares
 Da longínqua serraia,
 Sumia-se a luz do dia
 Que aclarava êsses lugares;
 As campânulas pendidas
 Sôbre as fontes adormidas
 De sereno gotejavam,
 E no fundo azul dos céus,
 Dos vapores entre os véus, ¹⁸⁶⁷
 As estrélas despontavam.

Éramos sós, mais ninguém
 Nossas palavras ouvia;
 Como tremias, meu bem!
 Como teu peito batia!...
 Pelas janelas abertas,
 Entravam moles, incertas,
 Daquelas plagas desertas
 As virações suspirosas,
 E cheias de mil desvelos,
 Cheias de amor de anelos,
 Lançavam por teus cabelos
 O eflúvio das tuberosas!...
 Ai! tu não sabes que dores,
 Que tremendos dissabores
 Longe de ti eu padeço!
 Em teu retiro sòzinha,
 Pobre criança mesquinha,

Cuidas talvez que te esqueço!
 A turba dos insensatos
 Entre fúteis aparatos
 Canta e folga pelas ruas;
 Mas triste, sem um amigo,
 Em meu solitário abrigo
 Pranteio saudades tuas!
 Nem um minuto se passa,
 Nem um inseto esvoaça,
 Nem uma brisa perpassa
 Sem uma lembrança aqui;

O céu d' aurora risonho,
 A luz de um astro tristonho,
 Os sonhos que à noite sonho,
 Tudo me fala de ti.

I I I

Tu és a aragem perdida
 Na espessura do pomar,
 Eu sou a fôlha caída
 Que levas sôbre as asas ao passar.
 Ah! voa, voa, a sina cumprirrei:
 Te seguirei.

Tu és a lenda brilhante
 Junto do berço cantada,
 Eu sou o pávido infante
 Que o sono esquece ouvindo-te a toada.
 Ah! canta, canta, a sina cumprirrei:
 Te escutarei.

Tu és a onda de prata
 Do regato transparente,
 Eu a flor que se retrata
 No cristal encantado da corrente.
 Ah! chora, chora, o fado cumprirrei:
 Te beijarei.

Tu és o laço enganoso
 Entre rosas estendido,
 Eu pássaro descuidoso
 Por funesto prestígio seduzido.
 Oh! não temas, a sina cumprirrei:
 Me entregarei.

Tu és o barquinho errante
 No espelho azul da lagoa,
 Eu sou a espuma alvejante
 Que agita n'água a cortadora proa.
 Ah! voga, voga, o fado cumprirrei:
 Me desfarei.

Tu és a luz d'alvorada
 Que rebenta n'amplidão,
 Eu a gôta pendurada
 Na trepadeira curva do sertão.
 Ah! brilha, brilha, a sorte cumprirrei:
 Cintilarei.

Tu és o íris eterno
 Sôbre os desertos pendido,
 Eu o ribeiro do inverno
 Entre broncos fraguados escondido.
 Ah! fulge, fulge, a sorte cumprirrei:
 Deslizarei.

Tu és a esplêndida imagem
 De um romântico sonhar,
 Eu cisne de alva plumagem
 Que falece de amor a te mirar.
 Ah! surge, surge, o fado cumprirrei:
 Desmaiarei.

Tu és a luz crepitante
 Que em noite trevosa ondeia,
 Eu mariposa ofegante
 Que em tórno à ¹⁸⁶⁸ chama trêmula volteia.
 Ah! basta, basta, a sina cumprirrei:
 Me abrasarei.

I V

Teus olhos são negros, — negros
 Como a noite nas florestas...
 Infeliz do viajante
 Se de sombras tão funestas
 Tanta luz não rebentasse!
 A aurora desponta e nasce
 Da noite escura e tardia:
 Também da noite sombria
 De teus olhos amorosos
 Partem raios mais formosos
 Que os raios da luz do dia.

Teu cabelo mais cheiroso
 Que o perfume dos vergéis,
 Na brancura imaculada
 Da cútis acetinada
 Rola em profusos anéis:
 Eu quisera ter mil almas,
 Tôdas ardentes de anelos,
 Para prendê-las, meu anjo,
 À luz de teus olhos belos,
 Nos grillhões de teus olhares,
 Nos anéis de teus cabelos!

V

Não vês quantos passarinhos
 Se cruzam no azul do céu?
 Pois olha, pomba querida,
 Mais vêzes,
 Mais vêzes te adoro eu.

Não vês quantas rosas belas
 O sereno umedeceu?
 Pois olha, flor de minh'alma,
 Mais vêzes,
 Mais vêzes te adoro eu.

Não vês quantos grãos de areia
 Na praia o rio estendeu?
 Pois olha, cândida pérola,
 Mais vêzes,
 Mais vêzes te adoro eu.

Ave, — flor, — perfume, — canto,
 Rainha do gênio meu,
 Além da glória e dos anjos,
 Mil vêzes,
 Mil vêzes te adoro eu.

V I

És a sultana das brasílias ¹⁸⁶⁹ terras,
 A rosa mais balsâmica das serras,
 A mais bela palmeira dos desertos;
 Tens nos olhares do infinito as festas
 E a mocidade eterna das florestas
 Na frescura dos lábios entreabertos.

Porque Deus fêz-te assim? Que brilho é êsse
 Que ora incendeia-se, ora desfalece
 Nessas pupilas doudas de paixão?...
 Quando as enxergo julgo nos silvados
 Ver palpitar nos lírios debruçados
 As borboletas negras do sertão.

O rochedo luzido, ¹⁸⁷⁰ onde a torrente
 Bate alta noite rápida e fremente,
 De teu prêto cabelo inveja a côr...
 E que aromas, meu Deus! o estio inteiro
 Parece que levanta-se fagueiro,
 Cheio de sombra e cânticos de amor!

Quando tu falas lembro-me da infância,
 Dos vergéis de dulcíssima fragrância
 Onde cantava à tarde o sabiá!...
 Ai! deixa-me chorar e fala ainda,
 Não, não dissipes a saudade infinda
 Que nesta fronte bafejando está!

Eu tenho n'alma um pensamento escuro,
 Tão tredo e fundo que o farol mais puro
 Que Deus há feito espancará jamais!
 Debalde alívio hei procurado aflito,
 Mas quando falas teu falar bendito
 Abranda-lhe os martírios infernais!

Dizem que a essência dos mortais há vindo
 De outro mundo mais formoso e lindo
 Que um santo amor as bases alimenta,
 Talvez nesse outro mundo um laço estreito
 A teu peito prendesse o triste peito
 Que hoje sem ti nas trevas se lamenta!

És a princesa das brasílias ¹⁸⁷¹ terras,
 A rosa mais balsâmica das serras,
 Do céu azul a estrêla mais diletta...
 Vem, não te afastes, teu sorrir divino
 É belo como a aurora, e a voz um hino
 Que o gênio inspira do infeliz poeta.

V I I

Ah! quando face a face te contemplo,
 E me queimo na luz de teu olhar,
 E no mar de tu'alma afoego a minha,
 E escuto-te falar,

Quando bebo teu hálito mais puro
 Que o bafejo inefável das esferas,
 E miro os róseos lábios que aviventam
 Imortais primaveras,

Tenho mêdo de ti!... Sim, tenho mêdo
 Porque pressinto as garras da loucura,
 E me arrefeço aos gelos do ateísmo, ¹⁸⁷²
 Soberba criatura!

Oh! eu te adoro como adoro a noite
 Por alto mar, sem luz, sem claridade,
 Entre as refegas do tufão bravo
 Vingando a imensidade!

Como adoro as florestas primitivas
 Que aos céus levantam perenais folhagens,
 Onde se embalam nos coqueiros présas
 As rêdcas dos selvagens!

Como adoro os desertos e as tormentas,
 O mistério do abismo e a paz dos ermos,
 E a poeira de mundos que prateia
 A abóbada sem têrmos!...

Como tudo o que é vasto, eterno e belo;
Tudo o que traz de Deus o nome escrito!
Como a vida sem fim que além me espera
No seio do infinito!

VIII

Saudades! Tenho saudades
Daqueles cerros azuis
Que à tarde o sol inundava
De louros toques de luz!
Tenho saudades dos prados,
Dos coqueiros debruçados
À margem do ribeirão,
E o dobre de Ave-Maria
Que o sino da freguesia
Lançava pela amplidão!

Oh! minha infância querida!
Oh! doce quartel da vida,
Como passaste depressa!
Se tinham de abandonar-me,
Porque falsária enganar-me
Com tanta meiga promessa?
Ingrata, 1873 porque te foste?
Porque te foste, infiel?
E a taça de etéreas ditas.
As ilusões tão bonitas
Cobriste de lama e fel?

Eu era vivo e travêso,
Tinha seis anos então,
Amava os contos de fadas
Contados junto ao fogão,
E as cantigas compassadas,
E as legendas encantadas
Das eras que lá se vão.
De minha mãe era o mimo,
De meu pai era a esperança;
Um tinha o céu, outro a glória
Em meu sorrir de criança;
Ambos das luzes viviam
Que de meus olhos partiam.

Junto do alpendre sentado
Brincava com 1874 minha irmã,
Chamando o grupo de anjinhos 1875
Que tiritavam sôzinhos
Na cerração da manhã;
Depois por ínvios caminhos,
Por campinas orvalhadas,
Ao som de ledas risadas
Nos lançávamos correndo.
O viandante parava
Tão descuidosos nos vendo,
O camponês nos saudava,
A serrana nos beijava
Ternas palavras dizendo.

A tarde eram brincos, festas,
Carreiras entre as giestas,
Folguedos sôbre a verdura;
Nossos pais nos contemplavam,
E seus seios palpitavam
De uma indizível ventura.
Mas ai! os anos passaram,

E com êles se apagaram
Tão lindos sonhos sonhados!
E a primavera tardia,
Que tanta flor prometia,
Só trouxe acerbos cuidados!

Inda revejo êsse dia,
Cheio de dores e prantos,
Em que tão puros encantos
Oh! sem saber os perdia!
Lembra-me ainda: era à tarde,
Morria o sol entre os montes,
Casava-se a voz das rôlas
Ao burburinho 1876 das fontes;
O espaço era todo aromas,
Da mata virgem nas comas
Pairava um grato frescor;
As criancinhas brincavam,
E as violas ressoavam
Na cabana do pastor.

Parti, parti, mas minh'alma
Partida ficou também,
Metade ali, outra em penas
Que mais consôlo não têm!
Oh! como é diverso o mundo
Daquelas serras azuis,
Daqueles vales que rien
Do sol à dourada luz!
Como diferem os homens
Daqueles rudes pastôres
Que o rebanho apascentavam
Cantando idílios de amôres!

Subi aos paços dos nobres,
Fui aos casebres dos pobres,
Riqueza e miséria vi,
Mas tudo é morno e cansado,
Tem um gesto refalsado
Nestes lugares daqui!
Oh! então chorei por ti,
Minha adorada mansão;
Chamei-te de meu desterro,
Os braços alcei-te em vão!
Não mais! Os anos passaram,
E com êles desbotaram
Tantas rosas de esperança!
Do tempo nas cinzas frias
Repousam p'ra sempre os dias
De meu sonhar de criança!

IX

Um dia o sol poente dourava a serra
As ondas suspiravam na praia mansamente,
E além nas solidões morria o som plangente
Dos sinos da cidade dobrando Ave-Maria.

Estávamos sôzinhos sentados no terraço
Que a trepadeira em flor cobria de perfumes:
Tu escutavas muda das auras os queixumes,
Eu tinha os olhos fitos na vastidão do espaço.

Então me perguntaste com essa voz divina
Que a teu suave mando trazia-me cativo,
Porque todo o poeta é triste e pensativo?
Porque dos outros homens não segue a mesma sina?

Era tão lindo o céu, — a tarde era tão calma,
E teu olhar brilhava tão cheio de candura,
Criança! que não viste a tempestade escura
Que estas palavras tuas me despertaram n'alma!

Pois bem, hoje que o tempo partiu de um golpe só
Sonhos da mocidade e crenças do futuro,
Na frente do poeta não vês o sêlo escuro
Que faz amar as tumbas e afeiçoar-se ao pó?

X

À luz d'aurora nos jardins da Itália
Floresce a dália de sentida côr,
Conta-lhe o vento divinais desejos
E geme aos beijos da mimosa flor.

O céu é lindo, a fulgurante estrêla
Ergue-se bela n'amplidão do sul,
Pálidas nuvens do arrebol se coram,
As auras choram na lagoa azul.

Tu és a dália dos jardins da vida,
A estrêla erguida no cerúleo véu,
Tens n'alma um mundo de virtudes santas,
E a terra encantas num sonhar do céu.

Basta um bafejo na inspirada fibra
Que o seio vibra divinais encantos,
Como no templo do Senhor, vendado
O órgão sagrado se desfaz em cantos.

Pomba inocente, nem sequer o indício
Do escuro vício pressentiste apenas!
Nunca manchaste na charneca impura
A doce alvura das formosas penas.

LIVRO SEGUNDO

LIVRO DAS SOMBRAS

S. PAULO 1864

A.

Pensava em ti nas horas de tristeza
Quando êstes versos pálidos compus;
Cercavam-me planícies sem beleza,
Pesava-me na frente um céu sem luz.

Ergue êste ramo sôlto em teu caminho;
Sei que em teu seio asilo encontrará!...
Só tu conheces o secreto espinho
Que dentro d'alma me pungindo está!...

CISMAS À NOITE

Doce brisa da noite, aura mais frouxa
Que o débil sôpro de adormido infante,
Tu és, quem sabe, ¹⁸⁷⁷ a perfumada aragem
Das asas de ouro dalgum gênio errante.

Tu és, quem sabe, ¹⁸⁷⁷ a gemedora endecha
De um ente amigo que afastado chora,
E ao som das fibras do saltério ebúrneo
Conta-me as dores que padece agora!

Ai! não te arredes, viração tardia,
Zéfiro pleno da estival fragrância!
Sinto a teus beijos ressurgir-me n'alma
O drama inteiro da rosada infância!

Bem como a aurora faz brotar as clícias,
Chama da selva os festivos cantores,
Assim dos tempos na penumbra elevas
Todos os quadros da estação das flores.

Sim, — vejo ao longe os matagais extensos,
O lago azul, — os palmeirais airosos,
A grei sem conta de ovelhinhas brancas
Balindo alegre nos sarçais viçosos;

Diviso a choça paternal no outeiro,
Alva, — gentil, — dos laranjais no seio,
Como a gaivota descuidosa e calma
Das verdes ondas a boiar no meio.

Sinto o perfume das roçadas frescas,
Ouço a canção do lenhador sombrio,
Sigo o barqueiro que tranqüilo fende
A lisa face do profundo rio.

Oh! minhas noites de ilusões celestes!
Visões brilhantes da primeira idade!
Como de novo reviveis tão lindas
Por entre as balsas da nativa herdade!

Como no espaço derramais, suaves,
Tão langue aroma, — vibração tão grata!
Como das sombras do passado, mesmo,
Tantas promessas o porvir desata!

Exalte embora o insensato as trevas,
Chame o descrido a solidão e a morte,
Não quero ainda fenecer, é cedo!
Creio na sina, tenho fé na sorte!

Creio que as dores que suporto alcancem
Um prêmio ainda da justiça eterna!
Oh! basta um sonho!... o respirar de um silfo,
O amor de um'alma compassiva e terna!

Basta uma noite de luar nos campos,
O brando eflúvio dos vergéis do sul,
Dous olhos belos, — como a crença belos!
Fitos do espaço no fulgente azul!

Ah! não te afastes, viração amiga!
Além não passes com teu mole adejo!
Tens nas delícias que as torrentes vertes,
Tôda a doçura de um materno beijo!

Fala-me ainda dêsse tempos idos,
Rasga-me a tela da sazão que vem,
Foge depois, e mais sutil, mais tênue
Vai meus suspiros repetir além.

SEXTILHAS

Amo o cantor solitário
Que chora no campanário
Do mosteiro abandonado,
E a trepadeira espinhosa
Que se abraça caprichosa
À fôrça do condenado.

Amo os noturnos lampírios
Que giram, errantes círios,
Sôbre o chão dos cemitérios,
E ao clarão de tredas luzes
Fazem destacar as cruzes
De seu fundo de mistérios.

Amo as tímidas aranhas
Que lacerando as entranhas
Fabricam dourados fios,
E com seus leves tecidos,
Dos tугúrios esquecidos
Cobrem os muros sombrios.

Amo a lagarta que dorme,
Nojenta, lânguida, informe,
Por entre as ervas rasteiras,
E as rãs que os pauis habitam,
E os moluscos que palpitam
Sob as vagas altaneiras!

Amo-os, porque todo o mundo
Lhes vota um ódio profundo,
Despreza-os sem compaixão!
Porque todos desconhecem
As dores que êles padecem
No meio da criação!

HORAS MALDITAS

Há umas horas na noite,
Horas sem nome e sem luz,
Horas de febre e agonia
Como as horas de Maria
Debruçada aos pés da cruz.

Tredos abortos do tempo,
Cadeias de maldição,
Vertem gèlo nas artérias,
E sufocam, deletérias,
Do poeta a inspiração.

Nessas horas tumultares
Tudo é frio e desolado;
O pensador vacilante
Julga ver a cada instante
Lívido espectro a seu lado.

Quer falar, porém seus lábios
Recusam-lhe obedecer,
Medrosos de ouvir nos ares
Uma voz de outros lugares
Que venha os interromper.

Se abre a janela, as planícies
Vê de aspecto aterrador;
As plantas frias, torcidas, ¹⁸⁷⁸
Parece que esmorecidas
Pedem socorro ao Senhor.

As charnecas lamacentas
Exalam podres miasmas;
E os fogos fosforescentes ¹⁸⁷⁹
Passam rápidos, frementes
Como um bando de fantasmas.

E a razão vacila e treme,
Coalha-se o sangue nas veias,
Mas as horas sonolentas ¹⁸⁸⁰
Vão-se arrastando cruentas
Ao som das brônzeas cadeias.

Oh! essas horas tremendas
Tenho-as sentido de mais!
E os males que me causaram,
Os traços que me deixaram
Não se apagarão jamais!

CÂNTICO DO CALVÁRIO 1881

A MEMÓRIA DE MEU FILHO
MORTO A 11 DE DEZEMBRO DE 1863.

Eras na vida a pomba predileta
Que sôbre um mar de angústias conduzia
O ramo da esperança. — Eras a estrêla,
Que entre as névoas do inverno cintilava
Apontando o caminho ao pegureiro.
Eras a messe de um dourado estio.
Eras o idílio de um amor sublime.
Eras a glória, — a inspiração, — a pátria,
O porvir de teu pai! — Ah! no entanto,
Pomba, — varou-te a flecha do destino!
Astro, — enguliu-te o temporal do norte!
Teto, caíste! — Crença, já não vives!

Correi, correi, oh! lágrimas saudosas,
Legado acerbo da ventura extinta,
Dúbios archotes que a tremer clareiam
A lousa fria de um sonhar que é morto!
Correi! Um dia vos verei mais belas
Que os diamantes de Ofir e de Gogonda
Fulgurar na coroa de martírios
Que me circunda a fronte cismadora!
São mortos para mim da noite os fachos,
Mas Deus vos faz brilhar, lágrimas santas,
E à vossa luz caminharei nos ermos!
Estrêlas do sofrer, — gôtas de mágoa,
Brando orvalho do céu! — Sêde benditas!
Oh! filho de minh'alma! Última rosa
Que neste solo ingrato vicejava!

Minha esperança amargamente doce!
Quando as garças vierem do ocidente
Buscando um novo clima onde pousarem,
Não mais te embolarei sôbre os joelhos,
Nem de teus olhos no cerúleo brilho
Acharei um consôlo a meus tormentos!
Não mais invocarei a musa errante
Nesses retiros onde cada fôlha
Fra um polido espelho de esmeralda
Que refletia os fugitivos quadros
Dos suspirados tempos que se foram!
Não mais perdido em vaporosas cismas
Escutarei ao pôr do sol, nas serras,
Vibrar a trompa sonora e leda
Do caçador que aos lares se recolhe!

Não mais! A areia tem corrido, e o livro
De minha infanda história está completo!
Pouco tenho de andar! Um passo ainda
E o fruto de meus dias, negro, podre,
Do galho eivado rolará por terra!
Ainda um treno, e o vendaval sem freio
Ao soprar quebrará a última fibra
Da lira infausta que nas mãos sustenho!
Tornei-me o eco das tristezas tôdas
Que entre os homens achei! O lago escuro
Onde ao clarão dos fogos da tormenta
Miram-se as larvas fúnebres do estrago!
Por tôda a parte em que arrastei meu manto
Deixei um traço fundo de agonias!...

Oh! quantas horas não gastei, sentado
Sôbre as costas bravias do Oceano,
Esperando que a vida se esvaísse
Como um floco de espuma, ou como o friso
Que deixa n'água o lenho do barqueiro!
Quanto momentos de loucura e febre
Não consumi perdido nos desertos,
Escutando os rumores das florestas,
E procurando nessas vozes tôrvas
Distinguir o meu cântico de morte!
Quantas noites de angústias e delírios
Não velei, entre as sombras espreitando
A passagem veloz do gênio horrendo
Que o mundo abate ao galopar infrene
Do selvagem corcel?... 1882 E tudo embalde!
A vida parecia ardente e douda
Agarrar-se a meu ser!... E tu tão jovem,
Tão puro ainda, ainda n'alvorada,
Ave banhada em mares de esperança,
Rosa em botão, crisálida entre luzes,
Fôste o escolhido na tremenda ceifa!
Ah! quando a vez primeira 1883 em meus cabelos
Senti bater teu hálito suave;
Quando em meus braços te cerrei, ouvindo
Pulsar-te o coração divino ainda;
Quando fitei teus olhos sossegados,
Abismos de inocência e de candura,
E baixo e a mêdo murmurei: meu filho!
Meu filho! frase imensa, inexplicável,
Grata como o chorar de Madalena
Aos pés do Redentor... ah! pelas fibras
Senti rugir o vento incendiado
Dêsse amor infinito que eterniza
O consórcio dos orbes que se enredam
Dos mistérios do ser na teia augusta!
Que prende o céu à terra e a terra aos anjos!
Que se expande em torrentes inefáveis
Do seio imaculado de Maria!

Cegou-me tanta luz! Errei, fui homem!
E de meu erro a punição cruenta
Na mesma glória que elevou-me aos astros,
Chorando aos pés da cruz, 1884 hoje padeço!

O som da orquestra, o retumbar dos bronzes,
A voz mentida de rafeiros bardos,
Torpe alegria que circunda os berços
Quando a opulência doura-lhes as bordas,
Não te saudaram ao sorrir primeiro,
Clícia mimosa rebentada à sombra!
Mas ah! se pompas, esplendor faltaram-te,
Tiveste mais que os príncipes da terra!

Templos, altares de afeição sem têrmos!
Mundos de sentimento e de magia!
Cantos ditados pelo próprio Deus!
Oh! quantos reis que a humanidade aviltam,
E o gênio esmagam dos soberbos tronos,
Trocariam a púrpura romana
Por um verso, uma nota, um som apenas
Dos fecundos poemas que inspiraste!

Que belos sonhos! Que ilusões benditas!
Do cantor infeliz lançaste à vida,
Arco-íris de amor! Luz da aliança,
Calma e fulgente em meio da tormenta!
Do exílio escuro a cítara chorosa
Surgiu de novo e às virações errantes
Lançou dilúvios de harmonia! — O gôzo
Ao pranto sucedeu. As férreas horas
Em desejos alados se mudaram.
Noites fugiam, madrugadas vinham,
Mas sepultado num prazer profundo
Não te deixava o berço descuidoso,
Nem de teu rosto meu olhar tirava,
Nem de outros sonhos que dos teus vivia!

Como eras lindo! Nas rosadas faces
Tinhas ainda o tépido vestígio
Dos beijos divinais, — nos olhos langues
Brilhava o brando raio que acendera
A bênção do Senhor quando o deixaste!
Sôbre o teu corpo a chusma dos anjinhos, 1885
Filhos do éter e da luz, voavam,
Riam-se alegres, das caçoilas níveas
Celeste aroma te vertendo ao corpo!
E eu dizia comigo: — teu destino
Será mais belo que o cantar das fadas
Que dançam no arrebol, — mais triüfante
Que o sol nascente derribando ao nada
Muralhas de negrume!... Irás tão alto
Como o pássaro-rei do Novo Mundo!

Ail doudo sonho!... Uma estação passou-se,
E tantas glórias, tão risonhos planos
Desfizeram-se em pó! O gênio escuro
Abrasou com seu facho ensangüentado
Meus soberbos castelos. A desgraça
Sentou-se em meu solar, e a soberana
Dos sinistros impérios de além-mundo
Com seu dedo real selou-te a fronte!
Inda te vejo pelas noites minhas,
Em meus dias sem luz vejo-te ainda, 1886
Creio-te vivo, e morto te pranteio!...

Ouçó o tanger monótono dos sinos,
E cada vibração contar parece
As ilusões que murcham-se contigo!
Escuto em meio de confusas vozes,
Cheias de frases pueris, estultas,
O linho mortuário que retalham
Para envolver teu corpo! Vejo esparsas
Saudades e perpétuas, — sinto o aroma
Do incenso das igrejas, — ouço os cantos
Dos ministros de Deus que me repetem
Que não és mais da terra!... E choro embalde. 1887

Mas não! Tu dormes no infinito seio
Do Criador dos seres! Tu me falas
Na voz dos ventos, no chorar das aves,
Talvez das ondas no respiro flébil!

Tu me contemplas lá do céu, quem sabe,
 No vulto solitário de uma estrêla.
 E são teus raios que meu estro aquecem!
 Pois bem! Mostra-me as voltas do caminho!
 Brilha e fulgura no azulado manto,
 Mas não te arrojés, lágrima da noite,
 Nas ondas nebulosas do ocidente!
 Brilha e fulgura! Quando a morte fria
 Sobre mim sacudir o pó das asas,
 Escada de Jacó serão teus raios
 Por onde asinha subirá minh'alma. 1887

MADRUGADA À BEIRA-MAR

O firmamento inteiro
 Transborda de fulgores,
 Do sol aos esplendores,
 De Deus ao vasto olhar;
 Esparsas no infinito
 As nuvens cambiantes
 Se espelham triüfantes
 Na face azul do mar.

A tribo das gaivotas, 1888
 Abrindo as asas leves,
 Descreve giros breves
 Das rochas ao redor;
 E além, 1889 na praia extensa,
 Ao cântico das aves
 Misturam-se as suaves
 Canções do pescador.

Nas ondas transparentes,
 D'aurora os brandos lumes 1890
 Prateiam os cardumes
 Dos vívidos peixinhos;
 E os botes descuidosos,
 Em prolongadas voltas,
 Correm de velas sôltas
 Nos páramos marinhos.

Contudo entre as belezas
 Dêste festim sublime
 Eu sinto que me oprime
 Um íntimo pesar!
 Porque não sou a concha
 Que volve-se na praia?
 E a espuma que desmaia?
 A onda azul do mar?

Porque não tenho eu asas
 Assim como a andorinha,
 Que se levanta asinha,
 E voa n'amplidão?
 Se a inspiração procura
 Erguer-me pelo espaço,
 Um rijo, estreito laço
 Me prende os pés no chão!

O sol que hoje fulgura
 E as vagas ilumina,
 De novo a luz divina
 Derramará nos céus;

A madrugada esplêndida,
 No dia de amanhã,
 Virá bela e louçã
 Quebrar da noite os véus.

Mas eu, ente maldito,
 Da criação no meio,
 Tenho no frágil seio
 Martírios infernais!
 Hoje reflito, sinto,
 Mas amanhã, caído,
 Do lôdo apodrecido
 Não surgirei jamais!

SOMBRAS!

Não me detestes, não! Se tu padeces,
 Também minh'alma teu sofrer partilha,
 E sigo em prantos do suplício a trilha,
 Curvado ao pêso de tremenda cruz!

Para nós ambos apagou-se a luz,
 Tudo é tristeza no deserto vário,
 Inda está longe o cimo do Calvário...
 Não para ti... mas para mim, precito!

Tenho na face o desespêro escrito.
 Todos me odeiam! — Quanto toco é pó!
 Ai! neste mundo tu me amaste, só,
 E em paga dêsse amor tiveste o inferno!

Pálida rosa do alcaçar eterno!
 Cândida pomba que a inocência nutre!
 Melhor te fôra a sanha de um abutre
 Que estas profanas mãos que te roçaram!

Aos céus os anjos teu chorar levaram,
 Irmãos preparam-te amoroso abrigo,
 E eu inda fico!... E tenho por castigo
 Sentir-me vivo quando tudo expira!

Oh! quando à noite o vendaval se atira,
 Quebrando as vagas turbulentas, frias,
 E lasca o raio as broncas penedias
 Onde a chuva despenha-se escumando;

Penso que Deus se abrande e vem chegando
 A última cena de meu tórvo drama;
 Mas do fuzil que passa à rubra chama
 Vejo ainda longe o pouso derradeiro!

Andar e sempre andar! O globo inteiro
 Pendido atravessar como Caim!
 Não achar um repouso, um têrmo, um fim
 À dor que rói, lacera e não descansa!

E jamais antever uma esperança!
 Uma réstia de luz na escuridão!
 Uma voz que me fale de perdão
 E parta o brônzeo sêlo de agonia!

Ah! é cruento! Mas talvez um dia
 Compreendas tão funda expiação,
 E o pobre nome que detestas hoje
 Murmures entre lágrimas então!

A VÁRZEA

As luzes matutinas,
Sorrindo entre neblinas,
A várzea como é linda!
Parece uma criança
Rosada, loura e mansa,
No mole berço ainda.

O arroio sonolento
Desliza tardo e lento
Por entre os menufares, 1891
E cada vez mais brando
Se vai perder chorando
No seio dos palmares.

As lânguidas ninféias, 1892
De fresco orvalho cheias,
Nas hásteas se balançam;
E, como doudas willis, 1893
Por sôbre as amarílis
As borboletas dançam.

Na teia de mil côres,
Brilhante entre vapores,
A aranha se equilibra,
Fugindo 1894 de um argueiro
O toque o mais ligeiro
Que abala a sábia fibra.

Depois leve, indolente,
A névoa docemente
Desdobra-se passando,
E além, nos horizontes,
Por entre os altos montes,
O sol vem despontando.

A grama, o rio, as flores,
Os tímidos cantores,
Palpitam de alegria,
E o pobre em seu albergue
Humilde cantos ergue
Ao filho de Maria.

Meu Deus! a luz divina
Que os orbes ilumina
Rebenta de teus olhos,
Santelmos de além-mundo
Que vêm no mar profundo
Mostrar-nos os escolhos!

Ah! que seria a vida,
Tão tétrica e dorida,
Sem teu saber sem termos?
Que quando o triste cansa,
Povoa de esperança
Os mais medonhos ermos?

Senhor! a podre argila
Abafa e aniquila
Meu gênio solitário!...
Oh! nem mais fôrças tenho
Para arrastar meu lenho
Ao combro do Calvário!

No meio da jornada
Vergou-me a mão pesada
Da infâmia negra e rude!

As serpes que passaram,
A rosa envenenaram
De minha juventude!

Mas ah! quando contemplo
Teu majestoso templo,
A vasta criação,
Sinto brotar de novo 1895
De crença inda um renôvo
No exausto coração!

QUEIXAS DO POETA

Ao cedro majestoso que o firmamento espana
Ligou a mão de Deus a úmida liana;
As amplas soledades arroyos amorosos;
As selvas passarinhos de cantos sonorosos;
Neblinas às montanhas; aos mares virações;
Ao céu mundos e mundos de fúlgidos clarões;
Mas prêsa de uma dor tentálica e secreta
Sòzinho fêz brotar o gênio do poeta!...
A aurora tem cantigas e a mocidade rosas,
O sono do opulento visões deliciosas;
Nas ondas cristalinas espelham-se as estrêlas,
E as noites desta terra têm seduções tão belas,
Que as plantas, os rochedos e os homens eletrizam.
E os mais dourados sonhos na vida realizam!
Mas triste, do martírio ferido pela seta,
Soluça no silêncio o mísero poeta!...
As auras do verão, nas regiões formosas
Do mundo Americano, as virações cheirosas
Parecem confundidas rolar por sôbre as flores
Que exalam da corola balsâmicos odores;
As leves borboletas em bandos esvoaçam;
Os reptis na sombra às árvores se enlaçam;
Mas só, sem o consôlo de um'alma predileta,
Descora no destêrro a frente do poeta!...
O viajor que à tarde sôbre os outeiros passa 1896
Divisa junto às selvas um fio de fumaça
Erguer-se preguiçoso da choça hospitaleira
Pousada alegremente de um ribeirão à beira;
Ali junto dos seus descansa o lavrador
Dos homens afastado e longe do rumor;
Mas no recinto escuro que o desalento infecta
Sucumbe lentamente o gênio do poeta!...
No rio caudaloso que a solidão retalha,
Da funda correnteza na límpida toalha,
Deslizam mansamente as garças alvejantes;
Nos trêmulos cipós de orvalho gotejantes,
Embalam-se avezinhas de penas multicores
Pejando a mata virgem de cânticos de amôres;
Mas prêsa de uma dor tantálica e secreta
De dia em dia murcha o louro do poeta!...

RESIGNAÇÃO

Sòzinho no descampado,
Sòzinho, sem companheiro,
Sou como o cedro altaneiro
Pela tormenta açoutado.

Rugi! tufão desabrido!
Passai! temporais de pó! 1897
Deixai o cedro esquecido,
Deixai o cedro estar só!

Em meu orgulho embuçado,
Do tempo zombo da lei...
Oh! venha o raio abrasado,
— Sem me vergar... tombarei!

Gigante da soledade, 1898
Tenho na vida um consôlo:
Se enterro as plantas no solo,
Chego a frente à imensidade!

Nada a meu fado se prende,
Nada enxergo junto a mim;
Só o deserto se estende
A meus pés, fiel mastim.

À dor o orgulho sagrado
Deus ligou num grande nó...
Quero viver isolado,
Quero viver sempre só!

E quando o raio incendiado
Roçar-me, então caírei
Em meu orgulho envolvido,
Como em um manto de rei.

PROTESTOS

Esquecer-me de ti? Pobre insensata!
Posso acaso o fazer quando em minh'alma
A cada instante a tua se retrata?

Quando és de minha vida o louro e a palma, 1899
O faro amigo que anuncia o pôrto,
A luz bendita que a tormenta acalma?

Quando na angústia fúnebre do horto
És a sócia fiel que asinha instila
Na taça da amargura algum confôrto?

Esquecer-me de ti, pomba tranqüila,
Em cujo peito, erário de esperança,
Entre promessas meu porvir se asila!

Esquecer-me de ti, frágil criança!
Ave medrosa que esvoaça e chora
Temendo o raio em dias de bonança!

Bane o pesar que a frente te descora,
Seca as inúteis lágrimas no rosto,
Que pois receias se inda brilha a aurora?

Ermo arvoredo aos temporais exposto
Tudo pode aluir, tudo apagar
Em minha vida a sombra do desgosto;

Ah! mas nunca teu nome há de riscar
De um coração que te idolatra, enquanto
Uma gôta de sangue lhe restar!

E' teu, e sempre teu, meu triste canto,
De ti rebenta a inspiração que tenho,
Sem ti me afogo num contínuo pranto;

Teu riso alenta meu cansado engenho,
E ao meigo auxílio de teus doces braços
Carrego aos ombros o funesto lenho.

De mais a mais se apertam nossos laços,
A ausência... oh! que me importa, estás presente
Em tôda a parte onde dirijo os passos.

Na brisa da manhã que molemente
Junca de flores do deserto as trilhas
Ouço-te a fala trêmula e plangente.

Do céu carmíneo nas douradas ilhas,
Vejo-te ao pôr do sol a grata imagem 1900
Cercada de esplendor e maravilhas.

Da luz, do mar, da névoa e da folhagem,
Uma outra tu mesma eu hei formado,
Outra que és tu, não pálida miragem.

E coloquei-te num altar sagrado
No templo imenso que elevou talvez 1901
Meu gênio pelos anjos inspirado!

Não posso te esquecer, tu bem o vês!
Abre-me d'alma o livro tão vendado,
Vê se te adoro ou não, porque descrês?

DESEJO

Quando eu morrer adornem-me de flores,
Descubram-me das vendas do mistério,
E ao som dos versos que compus carreguem
Meu dourado caixão ao cemitério.

Abram-me um fôssô no lugar mais fresco,
Cantem ainda, e deixem-me cantando;
Talvez assim a terra se converta
De suave dormir num leite brando.

Em poucos meses far-me-ei poeira,
Porém que importa, se mais pura e bela 1902
Minh'alma livre dormirá sorrindo
Talvez nos raios de encantada estrêla.

E lá de cima velarei teu sono,
E la de cima esperarei por ti,
Pálida imagem que do exílio escuro
Nas tristes horas de pesar sorri!

Ah! e contudo se deixando o globo
Ave ditosa eu não partisse só,
Se ao mesmo sôpro conduzisse unidas
Nossas essências num estreito nó!...

Se junto ao leito das finais angústias,
Da morte fria ao bafejar gelado
Eu te sentisse junto a mim dizendo:
São horas de marchar, eis-me a teu lado.

Como eu me erguera resoluto e firme!
Como eu seguira teu voar bendito!
Como espancara co'as possantes asas
O tórvo espaço em busca do infinito!

DESENGANO

Oh! não me fales da glória,
 Não me fales da esperança,
 Eu ¹⁹⁰³ bem sei que são mentiras
 Que se dissipam, criança!
 Assim como a luz profliga
 As sombras da imensidade,
 O tempo desfaz em cinzas
 Os sonhos da mocidade.
 Tudo descora e se apaga,
 E' esta do mundo a lei,
 Desde a choça do mendigo
 Até os paços do rei!
 A poesia é um sôpro,
 A ciência uma ilusão,
 Ambas tateiam nas trevas
 A luz procurando em vão.
 Caminham doudas, sem rumo,
 Na senda que à dor conduz,
 E vão cair soluçando
 Aos pés de sangrenta cruz.
 Oh! não me fales da glória,
 Não me fales da esperança,
 Eu bem sei que são mentiras ¹⁹⁰⁴
 Que se dissipam, criança!
 Que me importa um nome impresso
 No templo da humanidade,
 E as coroas de poeta,
 E o sêlo da eternidade?
 Se para escrever os cantos
 Que a multidão admira,
 É mistér quebrar as penas
 De minh'alma que suspira!
 Se nos desertos da vida,
 Romeiro da maldição,
 Tenho de andar sem descanso
 Como o Hebreu da tradição!...
 Buscar das selvas o abrigo,
 A sombra que a paz aninha,
 E ouvir a selva bradar-me:
 Ergue-te, doudo, e caminha!
 Caminha! — dizer-me o monte.
 Caminha! — dizer-me o prado.
 Oh! mais não posso! — Caminha!
 Responder-me o descampado!
 Ah! não me fales da glória,
 Não me fales da esperança,
 Eu bem sei que são mentiras
 Que se dissipam, criança!

REFLEXÕES DA MEIA-NOITE

TRADUÇÃO DE UMA POESIA DE M. AUBERTIN,
 OFERECIDA AO AUTOR.

No céu da meia-noite a lua se equilibra,
 As praças estão mudas e os homens repousando;
 Mas aí! sob êste encanto da abóbada cerúlea
 Que multidão de sêres não vela soluçando!

À calma semelhante, a dor é quêda e funda.
 Seus íntimos gemidos quem poderá contar?...
 A tempestade foge, mais infeliz, da nuvem
 Que a lágrima secreta desprende em seu passar!

Tão dolorida e triste que espera as horas mortas
 Para afogar seu brilho no pálio ¹⁹⁰⁵ tenebroso,
 Tão surda que ao rolar nas faces desbotadas
 Talvez nem a pressinta o mísero inditoso.

Há um pesar ainda mais bárbaro e cruento!
 E' êsse que enregela as lágrimas nos olhos!
 E queima a gôta fúlgida que a madre natureza
 Verteu como um consôlo, da vida entre os abrolhos!

E' quando tudo dorme que êste pesar desperta!
 Oh! quanto desgraçado não curva-se à pressão
 Do rábido tirano do seio que padece
 E a vida amaldiçoa, e a morte chama em vão!

Meu Deus! se isto é assim, bendita a voz amiga
 Que a seu exausto ouvido dissesse brandamente:
 Misérrimo! se a dor magoa-vos a essência,
 Mirai o céu da noite tão plácido e fulgente!

Porém se obstinado, com gélido desprêzo,
 Tenaz em refazer-se da desventura infinda,
 Olhasse com sarcasmo o divinal aviso,
 Oh! mais suave e meiga dissesse a voz ainda:

Podeis pensar acaso que a lua peregrine
 Nos páramos sidéreos tão cheia de fulgor,
 Se aqui sôbre êste mundo, ao lado da tristeza,
 Não mais restasse um viso de tanta paz e amor?

Enquanto ao firmamento a côr azul fôr própria
 As trevas passarão e a chuva há de cessar,
 E junto do infeliz a mágica esperança
 Os sonhos que morreram virá ressuscitar.

Contudo o céu mais puro parece opaco e negro
 A quem foge da luz obstinado e cego;
 À vista firme e clara esvaem-se os negrumes
 Que turbam da existência a calma e o sossêgo.

Trará consôlo a lua, o sol calor e vida,
 E a humana criatura, ligada a seu penar,
 Se quedará tristonha quando a esperança vela
 Nas sombras dêste mundo, arcanjo tutelar?

Vossa alma é livre agora, despedaçai os ferros
 Que os entes escravizam num padecer insano;
 Mirai o céu azul, sêde robusto e forte,
 Além do desespero não há pior tirano!

O desespero o que é? — Palavra estulta e louca!
 O coração só vive às luzes da esperança,
 Centelha ora indecisa, ora formosa e viva,
 Que nunca desfalece, nem de brilhar se cansa.

As vêzes, por mais belo que o dia resplandeça,
 Lá surge um ponto negro que avulta n'amplidão,
 Assim também no meio dos gozos e venturas
 O dissabor se mostra e pede seu quinhão.

Ao dia segue a noite, mas esta se esvaece,
 E o globo aviventando desponta um novo dia,
 E os corações, que há pouco pulsavam tristemente,
 Dilatam-se imundados de amor e de alegria.

Erguei acima os olhos, que linda vai a noite!
 Quão doce é seu aspecto e seu respiro ameno!
 E vós pensais achar, sombrio e taciturno,
 Seu manto conspurcado da morte no veneno!

Assim ao desditoso pudera, no silêncio
Celeste, oculta voz baixinho murmurar: 1906
São estas as verdades que a sã filosofia
As lágrimas inúteis devera aconselhar.

Mas ai! a cada passo a vida nos demonstra,
Embora da esperança cintile a chama pura,
Que há dores tão profundas, pesares tão rebeldes,
Assim como há moléstias mortíferas, sem cura!

LIVRO TERCEIRO

MELODIAS DO ESTIO

ASPIRAÇÕES

Meu Deus! já que não posso no meio das florestas
Ouvir da natureza as mais soberbas festas;
Já que não posso errante no esplêndido oceano
Sorver a longos tragos teu bafo soberano;
Quero escutar nas praças, ao vento das paixões,
Erguer-se retumbante a voz das multidões!
Quero sentir, Senhor, que o fogo de teu gênio
Abrasa-lhes as fibras do mundo no proscênio,
E sabem responder do déspota à vontade:
— Aqui finda teu mando e surge a liberdade!

Aos mares e aos desertos, aos povos e às feras
Deste uma lei sômente nas primitivas eras.
O Gênesis dos orbes teve por letra prima
O emblema da igualdade que a independência
[arrima.

A luz sacode as sombras e abraça a imensidade,
Os escarcéus resistem ao horror da tempestade;
Mas ai! Senhor, os homens, 1907 na mais formosa
[plaga,

Parece que afeiçoam-se ao jugo que os esmaga!
Quando ouvirei nas praças 1908 ao vento das paixões
Erguer-se retumbante a voz da multidões?

Espanta-me a tormenta que as árvores derriba,
Mas o tufão que passa e a cerração fustiga 1909
E' útil e propício, porque descobre os montes
E deixa que eu contemple os vastos horizontes
Onde ao clarão suave de um sol brilhante e puro
Ostenta-se formosa 1910 a imagem do futuro!...
A raça entorpecida à sombra se acostuma
E nada enxerga além da condensada bruma!...
Venha o tufão bendito, e ao vento das paixões
Quero escutar nas praças a voz das multidões!

A escravidão não cinge-se unicamente aos ferros!...
Há uma inda mais negra, a escravidão dos erros!
Para privar-se ao pobre que seu caminho veja
Oh! não, não é preciso que êle atulhado seja,
Basta roubar-lhe a luz, e o mísero nas sombras 1911
Se atirará da margem nas úmidas alfombras!
Oh! mão pior mil vêzes!... trazei-lhe a claridade; 1912
Se o trilho está coberto, abre outro a liberdade!
Quando ouvirei nas praças ao vento das paixões
Erguer-se retumbante a voz das multidões?

Tu és a idéia mais soberba e vasta
Que do gênio de Deus há rebentado,
Oh! mar nunca vencido! A Eternidade
Revela-se em teus brados furibundos
Quando alta noite as vagas se abalroam
Coroadas de elétricas centelhas;
A Inteligência soberana e excelsa
Ostenta-se em teu rosto à madrugada
Quando a essência da luz profliga as sombras
E o globo inunda de esplendor e glórias...
Guarda o mistério de teu seio agosto!
Não serei eu — misérrimo! — quem busque
Solevantar-lhe o véu! — Dentro em minh'alma
Na dor que me consome te concebo,
Basta-me ver-te das espáduas amplas
Sacudir as armadas dos tiranos,
Basta-me à noite pressentir-te ao longe
Atirando garboso às nebulosas
Diademas de pérolas nevadas,
Basta-me apenas contemplar-te, altivo,
Cuspindo aos homens que a teus pés rastejam
A fêrvida saliva do desprezo!

Quantos impérios celebrados, fortes,
Não floresceram 1914 de teu trono às bases,
Sublime potestade! E onde estão êles?
O que é feito da Grécia, Tiro e Roma,
Cartago a valerosa? As vagas tuas
Lambiam-lhes os muros, quer nos tempos
De paz e de bonança, — quer na quadra
Em que chuvas de setas se cruzavam
À face tôrva das hostis falanges!
Tudo aluiu-se, transformou-se em cinzas,
Sumiu-se como os traços que o romeiro
Deixa da Núbia na revôlta areia!
Só tu, oh! mar sem têrmos, imutável
Como o quadrante lúgubre do tempo,
Rugas, palpitas sem grilhões nem peias!
Nunca na face desse azul sombrio,
Onde tranqüilas, ao soprar das brisas,
Poesias do céu, flores do éter,
As estrélas se miram namoradas,
Nunca o fogo e a lava, a guerra e a morte,
As frotas dos tiranos hão deixado
Um vestígio sequer de seus ultrajes!
Tal como à tarde do primeiro dia
Que o espaço desflorou, hoje te ostentas
Na tua majestade horrenda e bela!

Espelho glorioso onde entre fogos
Se mira onipotente, nas tormentas,
A face do Senhor! Monstro atrevido
Cujas garras de bronze o globo abraçam,
Até que um dia — quem o sabe! — exausto
Lance o alento final!... ai! no teu seio
Talvez tremendo espírito se agite,
Misto ignoto de paixões sem freios,
Cuja expressão deslumbra-te nas faces,
Ora hediondas de compressos músculos,
Ora doridas como a virgem morta
Na flor da juventude, ora risonhas
Como a loura criança que repousa
Sôbre o colo materno adormecida!

Niobe eterna! de teu ventre tímido
 Os gigantes do abismo apareceram,
 Em cujo dorso de argentadas conchas
 Os raios das estrélas resvalavam.
 De teu lôdo fecundo, inextinguível,
 Brotaram continentes, cujas grimpas
 Iam bater na abóbada cerúlea;
 Teus paços de coral e de esmeraldas
 Encerravam princesas vaporosas,
 Louras ondinas, encantados gênios,
 Soberbas divindades! Entretanto
 Viste tudo passar! Perdeu-se a Atlântida,
 Sumiram-se na sombra os brônzeos deuses,
 E nem restou-te aquela que nascida
 De teus flocos de espuma ¹⁹¹⁵ deslumbrara
 O Olimpo e a terra com seus olhos languês!

Oceano sem fundo! Antros sem nome!
 Moradas da poesia e da tristeza!
 Emblema do infinito... ai! desde a infância
 Prêso na teia de atração divina,
 Eu vos busquei sedento! Sôbre as praias
 Curvas como os alfanges dos Mouriscos
 Eu me perdia nos dourados dias,
 Na santa primavera, ouvindo os rinchos
 Dos marinhos corcéis, ¹⁹¹⁶ molhando as plantas
 Na gaza salitrosa que envolvia
 A areia cintilante! Horas e horas
 Passava no fastígio dos rochedos,
 Fitos os olhos na planície imensa,
 Como tentando compreender a história
 Dêsse elemento indômito e terrível!...
 Amo-te ainda, oh! mar! amo-te muito!
 Mas não tranqüilo umedecendo a proa
 Da gôndola lasciva, nem chorando
 Aos olhares da lua! Amo-te ousado,
 Violento, estrondoso, repelindo
 Os vendavais que roçam-te nas crinas;
 Quebrando a asa de fogo que das nuvens
 Procura te domar; batendo a terra
 Com teus flancos robustos; levantando
 Triüfante e feroz no tredo espaço
 A cabeça vendada de ardentias!
 Amo-te assim, oh! mar! porque minh'alma
 Vê-te imenso e potente, desdenhoso
 As humanas cobiças derribando!
 Amo-te assim; ditoso no teu seio,
 Zombo do mundo que meu ser esmaga,
 Sou livre como as ondas que me cercam,
 E só a ¹⁹¹⁷ tempestade e a Deus me curvol

EM TÔDA A PARTE

Quando alta noite as florestas
 Ao soprar das ventanias
 Tenebrosas agonias
 Trazem ¹⁹¹⁸ nas vozes funestas;
 Quando as torrentes bravejam,
 Quando os coriscos rastejam
 Na espuma dos escarcéus,
 Então a passos incertos
 Procuo os amplos desertos
 Para escutar-te, meu Deus!
 Quando na face dos mares
 Espelha-se o rei dos astros,

Cobrindo de ardentes rastros
 Os cerúleos alcaçares;
 E a luz domina os espaços
 Partindo da névoa os laços,
 Rasgando da sombra os véus,
 Então resoluto, ufano,
 Corro às praias do oceano
 Para mirar-te, meu Deus!
 Quando às bafagens ¹⁹¹⁹ do estio
 Tremem os pomos dourados,
 Sôbre os galhos pendurados
 Do pomar fresco e sombrio;
 Quando à flor d'água os peixinhos
 Saltitam, e os passarinhos
 Se cruzam no azul dos céus,
 Então, procuro as savanas,
 Me atiro entre as verdes canas
 Para sentir-te, meu Deus!
 Quando a tristeza desdobra
 Seu manto escuro em minh'alma,
 E vejo que nem a calma
 Desfruto, que aos outros sobra;
 E do passado no templo,
 Letra por letra contemplo
 A nênia dos sonhos meus,
 Então me afundo na essência
 De minha própria existência
 Para entender-te, meu Deus!

A UM ENJEITADO

Como a semente caída
 Sôbre um ingrato terreno,
 Nasci;
 E pobre planta esquecida,
 Sem virações, sem sereno
 Crescil

O meu primeiro momento
 Foi um momento maldito,
 Bem sei;
 Filho do vício cruento,
 Sempre a nódoa de precito ¹⁹²⁰
 Terei!

De um porvir almo e dourado
 Aquece as humanas fronteas,
 A luz;
 Mas triste ser malfadado,
 Só vejo nos horizontes
 A Cruz!

NO ÊRMO

Salve! erguidas cordilheiras,
 Brenhas, rochas altaneiras,
 Onde as alvas cachoeiras
 Se arrojam troando os ares!
 Fôlhas que rangem caindo,
 Feras que passam rugindo,
 Gênios que dormem sorrindo
 No fresco chão dos palmares!

Salve! florestas sombrias,
Onde as rijas ventanias
Acordam mil harmonias
Na doce quadra estival!
Rôlas gentis que suspiram,
Louras abelhas que giram
Sôbre as flores que transpiram
No seio do taquaral!

Salve! esplêndida espessura,
Mares de sombra e verdura
Donde a brisa etérea e pura
Faz brotar a inspiração,
Quando à luz dos vagalumes,
Da mariposa aos cardumes
Se casam moles queixumes
Dos filhos da solidão!

Ah! que eu não possa me afastar das turbas,
Curar a febre que meu ser consome,
E entre alegrias me atirar cantando
Nas sêcas fôlhas do sertão sem nome. 1921

Ah! que eu não possa desprender aos êrmos
O fogo ardente que meu crânio encerra,
Gastar os dias entre Deus e os gênios
Nas matas virgens da Cabralia terra!

Eu não detesto nem maldigo a vida;
Nem do despeito me remorde a chaga,
Mas ai! sou pobre, pequenino e débil,
E sôbre a estrada o viajor me esmaga!

Fere-me os olhos o clarão do mundo,
Rasgam-me o seio prematuras dores,
E a mágoa insana que me enluta as noites
Declino à campa na estação das flores!

E há tanto encanto nos desertos vastos,
Tanta beleza do sertão na sombra,
Tanta harmonia no correr do rio,
Tanta doçura na campestre alfombra,

Que inda pudera se alentar de novo
E entre delícias flutuar minh'alma,
Fanada planta que mendiga apenas
O orvalho, a noite, a viração e a calma!

Abre-me os braços, ó fada,
Fada do êrmo profundo,
Onde o bulício do mundo
Não ousa sequer bater!
Oh! quero tudo esquecer,
Tudo o que aos homens seduz,
Beber uma nova vida
E a frente elevar unguida
De santas crenças à luz!
Glória, futuro... o que valem
Futuro e glórias de pó,
Sem gratos sonhos que embalem
O triste descrido e só?
De que serve o ouro, a fama,
Um nome, — pálida chama —
Quando à noite junto à cama
Só há martírios e dores?
Quando a aurora é sem belezas,
Cheias de espinho as devesas,
E a tarde só tem tristezas
Em vez de cantos e flores!

VOZES NO AR

Basta de luz, Senhor! Senhor, basta de afagos!
Minhas retinas frágeis se cansam de esplendores!
E o fogo que me assopras sôbre as espáduas nuas
Desperta-me nas veias frenéticos ardores!

Ah! sou tão nova ainda que sinto-me exaltada
Das selvas verde-escuras ao caloroso eflúvio,
E busco envergonhada na solidões sem têrmos
Meu manto inda molhado das águas do dilúvio.

Tenho no seio a vida e a liberdade n'alma;
Aponta-me o caminho por onde devo andar;
Irei onde os condores seus ninhos penduraram?
Ou bem onde desdobra seus vagalhões o mar?

Nas águas do Amazonas mirei meu rosto altivo,
No Prata transparente banhei meus lindos pés;
Ungi os meus cabelos do aroma da baunilha,
Das palmas do coqueiro cobri minha nudez.

Tenho cascatas de ouro, abismos de diamantes,
Riquezas para um mundo se me aprouver comprar,
Mas sinto-me indecisa, quero avançar, vacilo,
Oh! mostra-me o caminho por onde devo andar!

COLMAL

PARÁFRASE OSSIÂNICA

Como é sentido o canto que murmuras,
O' gênio dos rochedos solitários!
Assemelha-se à queixa dos arroios
Entre a relva macia e vigorosa
Dos vales florescidos. 1922 Muitas vêzes
No silêncio da noite hei despertado
Procurando nas sombras, como outrora
Da mocidade nos risonhos dias,
Minha lança esquecida; e no entanto
Sinto meu braço recair sem fôrça,
E choro amargamente a sós comigo.
Recusarás acaso, ó grato gênio,
Prestar ouvido aos cânticos de Ossian?
A inspiração rebenta-me na fronte
A lembrança das glórias do passado;
Minh'alma se ilumina, e mais formosos
Protam os sonhos da primeira idade,
Como as flores do campo à luz d'aurora
Quando foge a tormenta, e a noite escura
Corre aos raios do sol que o espaço inundam!

Não vês suspenso à cabeceira de Óssian
Aquêl antigo escudo? seus relevos
Estão gastos à fôrça de combates,
Seu brilho está perdido, e no entanto
E' o escudo do célebre Duntalmo.
O' gênio dos rochedos solitários!
Escuta a voz profética dos tempos!
Era Ramor de Clutha ilustre chefe.
Em seu palácio o fraco descansava
Sem receio dos fortes; o estrangeiro
Jamais achou fechada a vasta porta
Dessa morada hospitaleira e rica.
Um dia apareceu Duntalmo o fero
E convidou Ramor para o combate;
O guerreiro aceitou, porém, na luta

Duntalmo foi vencido. Dominado
Por um ódio fatal, passados tempos
Voltou Duntalmo, e colocado à frente
De numerosa tropa, às horas mortas
Assassinou Ramor em seu palácio.

Filhos do morto, na mais tenra idade,
Colmar e Calthon descuidosos entram
Na triste habitação, e contemplando
Sôbre a terra atirado, envolto em sangue,
O cadáver paterno, as fronte unem,
E seus prantos confundem abraçados.
As lágrimas doridas que derramam,
Aos suspiros sentidos que desprendem,
O coração cruento de Duntalmo
Abranda-se e comove-se; de pronto
Manda levar as míseras crianças
A seu palácio esplêndido de Alteutha.

Sob o teto opulento do inimigo
Os filhos de Ramor foram crescendo;
Já na presença do feroz guerreiro
Entesavam seus arcos; junto dêle
Já combatiam destemidos, fortes.

Viram cobertos de espinhosas plantas
Da morada paterna os altos muros;
E junto da lareira o verde limo, ¹⁹²³
Sob as asas de fúnebre silêncio,
Estender-se e ganhar os aposentos;
E choraram sôzinhos nas montanhas,
E o pesar que sentiam transudava
Das faces juvenis. Duntalmo em breve
Percebeu-lhes a dor, e receando
Que êles a morte de seu pai vingassem,
Os prendeu em dous antros pavorosos
Do Teutha escuro nas desertas margens.

Jamais a luz do sol transposto havia
Destas cavernas úmidas as bordas,
Jamais da lua os sonolentos raios
Tinham beijado os fúnebres recantos
Destas negras prisões onde os mancebos
Entre sombras espessas soluçavam.

A filha de Duntalmo, airosa e linda,
Virgem de olhos azuis, louros cabelos,
Chorava no silêncio ¹⁹²⁴ a desventura
De Calthon que prendera-lhe a vontade
Do ardente amor nos laços feiticeros.
Uma noite ela ergueu-se resoluta, ¹⁹²⁵
A formosa Colmal, reveste de aço
Seu corpo sedutor, agarra a espada
Que a defunto guerreiro pertencera,
E transpondo a prisão do desditoso
Quebra-lhe os ferros, mostra-lhe a passagem.

— Oh! filho de Ramor, a noite é negra,
Levanta-te e caminha! O rei de Selma
Asilo nos dará; meu pai outrora
Na casa de teu pai asilo achara.
Vem pois comigo, de Langal sou filho.

E Calthon diz a mêdo: — Oh! voz suave, ¹⁹²⁶
Donde vens tu? Do cimo dos outeiros,
Ou do seio das nuvens encantadas?
Muitas vêzes sonhando enxergo as sombras
Queridas de meus pais entre as profundas

Trevas espessas que meu corpo envolvem!
Serás o filho de Langal? Outrora
No palácio de Clutha eu vi sentado
Esse ilustre guerreiro!... Tu me chamas,
Oh! mas não posso abandonar nos ferros
Meu irmão infeliz, seria infame!
Dá-me uma lança, voarei de pronto,
Partirei seus grilhões e iremos juntos.

— Guerreiros mil, responde-lhe a donzela,
Guardam Colmar. Que poderás sôzinho
Contra fôrça tão grande? Vem, fujamos,
Corramos a Morvém, seu rei piedoso
De teus males ouvindo a triste história
Virá salvar Colmar. Da noite as sombras
Aos poucos vão fugindo, e na planície
Verá Duntalmo de teus pés os traços,
E morrerás na flor da juventude.
Vem, não receies, inda é tempo. — O moço
Suspirando levanta-se; à lembrança
Do irmão infeliz, rios de pranto
Escapam-lhe dos olhos. O caminho
Que vai dar a Morvém ligeiros trilham.
O capacete escuro a face oculta
Da formosa Colmal; seu branco scio
O ar da noite a longos tragos bebe
Sob a lisa armadura que o comprime.

No palácio de Selma, entrando à volta
Da caça turbulenta, os dous mancebos
Fingal encontra; as desventuras ouve
Que o filho de Ramor lhe conta, eolve
Seus olhares à tropa que o circunda.
Mil guerreiros levantam-se e reclamam
A honra de levar a guerra a Teutha.

E também eu parti. Sôbre a planície
Nossos bravos marchavam semelhantes
Às vagas do Oceano: os dous mancebos
Iam perto de mim. Logo Duntalmo
Nossa chegada prevenindo ajunta
No tôpo da colina os seus guerreiros.

A torrente de Teutha bravejava
Orgulhosa a seus pés. Um bardo envio
A convidar Duntalmo para a luta
No meio da planície: um rir de mofa
Foi a resposta do soberbo chefe.
O turbilhão de seus guerreiros move-se
No tôpo da colina, semelhante
À nuvem negra que o tufão sacode
E desdobra no céu. Duntalmo ordena
Que o mísero Colmar trazido seja
À margem da torrente, e enfurecido
Embebe-lhe no seio a férrea lança.
O desditoso cai, rola por terra
Torcendo-se no sangue. Alucinado
Calthon se arroja da torrente ao meio;
Eu vibro a minha espada, e ao lado oposto
Atiro-me das águas. O inimigo
De mais a mais fraqueia a nossos golpes,
Mas a noite distende ¹⁹²⁷ sôbre a terra
Seu manto tenebroso e nos separa.

Duntalmo se retira para o centro
De uma antiga floresta, aceso em raiva
Contra o mancebo cujo ardor guerreiro
Não pudera extinguir. Calthon sentado

A sombra de um pinheiro ¹⁹²⁸ pranteava
 Seu irmão infeliz tão cedo morto.
 Vai alta noite, as sombras e o silêncio
 Estendem-se no plaino; os combatentes
 Mal resistem ao sono; mas ainda
 Aos ouvidos de Calthon rumoreja
 A torrente de Teutha, e a triste sombra
 Do mísero Colmar ante seus olhos
 Levanta-se funérea, ensangüentada,
 E com sinistra voz assim lhe fala:
 "Ergue-te, Calthon, antes que a alvorada
 Apareça no céu, vinga a desgraça
 De teu pobre Colmar! Duntalmo o fero
 Irá seus restos insultar nas trevas!"

Assim dizendo a sombra se esvaece.

A tais palavras Calthon se levanta
 E parte como um raio; ignota chama
 Incende-lhe os olhares; a tormenta
 Convulsa-lhe no seio. Os inimigos
 Estremecem de horror, porém passados
 Os primeiros instantes, se condensam,
 Apertam-se ao redor do combatente,
 Prendem-no em breve e levam-no à presença
 Do cruento Duntalmo. Alegres brados
 Elevam-se nos ares, as colinas
 Repetem-nos da noite no silêncio.

Despertei assustado a tais rumores.
 Tomo da lança que a meu lado estava,
 Chamo os guerreiros. Mais funesto e horrível
 Que a própria morte, meu valor se torna!

Não era assim que outrora se batiam,
 Oh! filhos de Morvém, nossos maiores!
 Quando de volta Fíngal divisar-nos
 Sem ter vencido os feros inimigos,
 Que lhe diremos nós? Eia, guerreiros!
 Peparai vossas armas e segui-me!
 Sôbre as ondas no Teutha a madrugada
 Começava a lançar seus brandos lumes.
 Colmal acompanhava-nos chorando,
 Das mãos imbeles lhe escapou três vêzes
 A lança que levava. Esta fraqueza
 Incitou minha cólera: "Mancebo
 Covarde e pusilânime, lhe eu disse,
 Por acaso os guerreiros desta terra
 Combatem soluçando? Segue as corças,
 E os rebanhos que pascem junto ao Teutha,
 E deixa as armas, deixa-as aos valentes!"

Assim dizendo arranco-lhe do corpo
 A lustrosa armadura, e um branco seio,
 Um seio de mulher, alvo e formoso,
 Descoberto aparece! A minha lança
 Escapa-me das mãos, abaixo a frente,
 E desprendo um suspiro amargurado.

Tudo entendi! O grito do combate
 Soltei de novo!... O' gênio dos rochedos,
 O' gênio dos rochedos solitários!
 Porque do velho bardo a voz já rouca
 Treme de relatar como morreram
 Os guerreiros de Teutha? Hoje repousam
 Em seus próprios países olvidados,

E o viajante buscaria embalde
 Seus túmulos nas sarças escondidos!
 Apenas o lugar onde Duntalmo
 Caiu aos golpes de Óssian, e o jazigo
 Onde o sono sem fim há muito dorme,
 Aos fulgores da lua inda branqueiam!
 Tudo mais a tormenta há dissipado!

Prêso ao tronco rugoso de um carvalho
 Calthon achei, cortei-lhe as duras cordas
 E da bela Colmal nos lindos braços
 Atirou-se feliz. Junto de Teutha
 Uma rica morada levantaram,
 E Óssian, radiante da vitória,
 Às terras de Morvém voltou de novo.

IRA DE SAUL

FRAGMENTO

A noite desce. Os furacões de Assur
 Passam dobrando os galhos à videira,
 Todos os plainos de Salisa e Sur
 Perdem-se ao longe em nuvens de poeira.

Minh'alma se exacerba. O fel d'Arábia
 Coalha-se todo neste peito agora.
 Oh! nenhum magno da Caldéia sábia
 A dor abrandará que me devora!

Nenhum! — Não vem da terra, não tem nome,
 Só eu conheço tão profundo mal,
 Que lavra como a chama e que consome
 A alma e o corpo no calor fatal!

Maldição! Maldição! Ei-lo que vem!
 Oh! mais não posso! A ira me quebranta!...
 Toma tu'harpa, filho de Belém,
 Toma tu'harpa sonora e canta!

Canta, louro mancebo! O som que acordas
 E' doce como as auras do Cedron,
 Lembra-me o arroio de florentes bordas
 Junto à minha romeira de Magron.

Lembra-me a vista do Carmelo, — as tendas
 Brancas sôbre as encostas de Efraim,
 E pouco a pouco apagam-se as tremendas
 Fúrias do gênio que me oprime assim!

VERSOS SOLTOS

Ao GENERAL JUAREZ

Juarez! Juarez! Quando as idades,
 Fachos de luz que a tirania espancam,
 Passarem desvendando sôbre a terra
 As verdades que a sombra escurcia;
 Quando soar no firmamento esplêndido
 O julgamento eterno;
 Então banhado no prestígio santo
 Das tradições que as epopéias criam,
 Grande como um mistério do passado,

Será teu nome a mágica palavra
Que o mundo falará lembrando as glórias
Da raça Mexicana!

Quem se atreve a medir-te face a face?
Quem teu vôo acompanha nas alturas,
Condor soberbo que da luz nas ondas
Sacode o orvalho das possantes asas,
E lança um grito de desprezo infindo
Ao milhafres rasteiros?

Que destemido caçador dos ermos
Irá te cativar, ave sublime,
Nessas costas bravias e tremendas,
Onde o Grande Oceano atira as vagas,
E os vendavais sem peias atordoam
O espaço de rugidos?

Que sicário real, nas matas virgens
Amplas, sem marcos, sem batismo e data,
Te apanhará, jaguar das soledades?...
Ah! tu espreitas os volcões que dormem!
Quando a cratera encher-se, à luz vermelha
Rebentará nas praças!...

Trarás contigo os raios da tormenta!
Da tormenta serás o sôpro ardente!
Mas a tormenta passará de novo
E o golfo Mexicano iluminado
Refletirá teu vulto gigantesco,
O' águia do porvir!

Teu nome está gravado nos desertos
Onde pés de mortal jamais pisaram!
Quando pudessem deslembrá-lo os homens,
As selvas despiriam-se de fôlhas,
Para arrojá-las do tufão nas asas
Às multidões ingratas!

Como as de um livro imenso elas compõem
Teu poema sublime; a pluma eterna
Do invisível destino, e não rasteira,
Miserá pena de mundano bardo,
Nelas traçou as indelévels cifras
De teu nome imortal!

Os pastôres de Puebla e de Xalisco,
As morenas donzelas de Bergara,
Cantam teus feitos junto ao lar tranqüilo
Nas noites perfumadas e risonhas
Da terra Americana. Os viajantes
Que os desertos percorrem, — pensativos, ¹⁹²⁹
Param no cimo das erguidas serras,
Medem co'a vista o descampado imenso,
E murmuram fitando os horizontes
Vastos, perdidos num lençol de névoas:
Juarez! Juarez! em tôda a parte
Teu espírito vaga!...

Falam de ti as fontes e as montanhas,
As ervinhas do campo e os passarinhos
Que, ¹⁹³⁰ abrindo as asas no azulado céu,
Como um bando de sonhos esvoaçam.
Mas êsse nome que ameniza o canto
Do tórvo montanhês, — e mais suave
Que um suspiro de amor, parte dos lábios
Da virgem sonhadora das campinas,
Faz tremer o tirano que repousa
Nos macios coxins do leito de ouro,
Como o brado do arcanjo no infinito
Ao fenecer dos mundos!
Deixa que as turbas do terror escravas
Junto de falso trono se ajoelhem!

Os brindes e, os folguedos continuam,
Mas a mão invisível do destino
Na sala do banquete austera escreve
O aresto irrevogável!...

SETE DE SETEMBRO

Quando o gênio de Deus em santo arrôjo
Batendo as sombras atirou no espaço
A hipérbole da luz,
E à matéria disforme que boiava
Sem destino e sem rumo ¹⁹³¹ abriu a senda
Que à perfeição conduz;

Os querubins calaram-se escutando
A ode universal que retumbava
Aos pés do Criador;
E a natureza virgem dilatou-se,
E os mundos abalaram-se rugindo:
Somos livres, Senhor!

As gerações ergueram-se no tempo.
De cada idéia levantou-se um povo,
De cada povo a lei.
As eras sucederam-se confusas;
Mas o canto divino orientava
Das multidões a grei.

E ora entre névoas, ora entre fulgores,
Como a lua formosa em céu nublado,
A liberdade andava,
E a cada passo a trânsfuga celeste
Um rasto imenso de grilhões partidos
Como o raio deixava!...

Mas tu, risonha plaga Americana,
Ilha de amor nos mares do mistério,
Dormias a sorrir,
Tão linda como o cisne de alvas penas,
Tão pura como a virgem balouçada
Nos sonhos do porvir!

Do vulto horrendo do voraz abutre
A sombra intensa não toldou-te as faces,
Nem manchou-te, é mentira!
Anjo de asas de luz! não foste escrava!
Criança! inda era cedo, o canto eterno
Dormia-te na lira!

Dormia, mas o hálito de Deus
Rugia-te nas fibras, inflamado
Como um volcão no mar!
As nações esperavam-te ansiosas,
E no fórum dos povos avultava
Vazio o teu lugar!

Apareceste enfim, mas não liberta,
Que nunca foste escrava, apenas débil,
Sem fôrças, vacilante;
Se assim não é, onde estarão teus ferros?
Onde o pó das prisões que derribaste?
Onde o jugo infamante?

É neste altar de esplêndido futuro,
Berço de outrora, trono do presente,
Que beijamos-te as plantas,
E ao perfume do incenso, ao som dos hinos,
Adoramos em ti ¹⁹³² da liberdade
As glórias sacrossantas.

Filha Augusta de Deus! Rosa banhada
Da Redenção nas lágrimas ardentes!
Mãe das raças oprimidas!
Pomba sagrada que rompendo as nuvens
Trazes ao lenho errante o verde ramo
Ungido de promessas;

Liberdade gentil, mil vezes salve!
Salve sem peias devassando os ares,
Espancando os bulhões!
Salve nos paços de opulentos sátrapas,
Salve na choça humilde do operário,
Salve até nas prisões!

NOITE SAUDOSA

SERENATA POSTA EM MÚSICA PELO DISTINTO
COMPOSITOR ACADÊMICO
O SENHOR V. J. GOMES DA COSTA.

Ah! como brilhas
No céu azul,
Dourando os cerros,
Astro do Sul!

Quanta tristeza,
Quanta saudade
No seio expandes
Da soledade!

Ah! não, não fujas,
Não mais te escondas ¹⁹³³
Da névoa errante
Nas brancas ondas!

Vê como as aves
Adormecidas
Soltam sonhando
Queixas sentidas.

Vê como as selvas,
O prado, as flores,
Num só abraço
Tremem de amôres.

Na sombra o rio
Chora e desmaia;
Mortas as vagas
Gemem na praia...

Ah! fica, fica
No céu azul,
Não mais te afastes,
Astro do Sul!...

A luz que vertes
Da pátria fala,
E a dor abranda
Que o seio rala!...

CANTOS MERIDIONAIS

Cantos / Meridionaes / por / Luiz Nicoláo Fagundes Varella / Rio de Janeiro / Publicado e á venda em casa de / Eduardo & Henrique Laemmert / 68, Rua do Ouvidor, 68 / 1869 /

ORAÇÃO

Oh! virgem das esferas sempiternas!
Oh! meu anjo-da-guarda! Oh! minha musa!
Minha espôsa imortal!
Bate as trevas que enlutam meu caminho,
Protege na jornada dêste mundo
Minh'alma tua igual!

Nos loiros dias da risonha infância
Desdobraste sobre ela as vastas asas
Gotejante de luz...
Dá-me hoje alento que meu ser fraqueia,
Enxuga-me os suores do suplicio,
Conforta-me na cruz!

Eu vejo ao longe as sombras que se enrolam,
O raio que flameja, ruge e passa
Das nuvens através;
Meu seio é todo angústias, — a tristeza
Como a boa voraz me arrocha os membros
Em seus rijos anéis!

Sacode as plumas, ¹⁹³⁴ anjo do infinito!
Pisa os vermes do chão e os corvos negros
Que folgam junto a mim!
Não consintas que o espírito das trevas
Se assente nos debruns de teu vestido
E faça seu festim!

A tormenta do céu sacode as plantas,
Fustiga das montanhas o costado
Tremenda em seu furor!
Mas os ventos da intriga e da calúnia
Não deixam nos arbustos que açotaram
Nem sombra de uma flor!

Êles passaram crebros e cruentos
Sobre minha cabeça inda aquecida
Da mocidade ao sol!
Na estação do prazer, eis-me sentado
Do mar da vida nas bravias costas,
Sem lume, sem farol!

Eu quero andar! Eu sei que no futuro
Inda há rosas de amor, inda há perfumes,
Há sonhos de encantar!
Não, eu não sou daqueles que a descrença
Para sempre curvou, e sobre a cinza
Debruçam-se a chorar!

Lança um raio de luz em meu caminho,
Protege na jornada dêste mundo
Minh'alma tua igual,
Oh! virgem das esferas sempiternas!
Oh! meu anjo-da-guarda! Oh! minha musa!
Minha espôsa imortal!

O ESCRAVO

Ao SR. TOMAZ DE AQUINO BORGES

Dorme! — Bendito o arcanjo tenebroso
 Cujos dedos imortais

Gravou-te sobre a testa bronzeada
 O sigilo fatal!

Dorme! — Se a terra devorou sedenta
 De teu rosto o suor, ¹⁹³⁵

Mãe compassiva agora te agasalha
 Com zelo e com amor.

Ninguém te disse o adeus da despedida,
 Ninguém por ti chorou!

Embora! A humanidade em teu sudário
 Os olhos enxugou!

A verdade luziu por um momento
 De teus irmãos à grei:

Se vivo foste escravo és morto — livre
 Pela suprema lei!

Tu suspiraste como o hebreu cativo
 Saudoso do Jordão,

Pesado achaste o ferro da revolta,
 Não o quiseste, não!

Lançaste-o sobre a terra inconsciente
 De teu próprio poder!

Contra o direito, contra a natureza
 Preferiste morrer!

Do augusto condenado as leis são santas,
 São leis porém de amor:

Por amor de ti mesmo e dos mais homens
 Preciso era o valor,

Não o tiveste! Os ferros e os açoites
 Mataram-te a razão!

Dobrado cativo! A teus algozes
 Dobrada punição!

Porque nos teus momentos de suplício,
 De agonia e de dor

Não chamaste das terras Africanas
 O vento assolador?

Ele traria a força e a persistência
 À ¹⁹³⁶ tu'alma sem fé,

Nos rugidos dos tigres de Benguela, ¹⁹³⁷
 Dos leões de Guiné!...

Ele traria o fogo dos desertos,
 O sol dos areais,

A voz de teus irmãos viril e forte, ¹⁹³⁸
 O brado de teus pais!

Ele te sopraria às moles fibras
 A raiva do suor

Quando agitando as crinas inflamadas
 Fustiga a solidão!

Então ergueras resoluto a fronte,
 E grande em teu valor

Mostraras que em teu seio inda vibrava
 A voz do Criador!

Mostraras que das sombras do martírio
 Também rebenta a luz!

Oh! teus grilhões seriam tão sublimes,
 Tão santos como a cruz!

Mas morreste sem lutas, sem protestos,
 Sem um grito sequer!

Como a ovelha no altar, como a criança
 No ventre da mulher!

Morreste sem mostrar que tinhas n'alma
 Uma chispa do céu!

Como se um crime sobre ti pesasse!
 Como se fôras réu!

Sem defesa, sem preces, sem lamentos,
 Sem círios, sem caixão,

Passaste da senzala ao cemitério!
 Do lixo à podridão!

Tua essência imortal onde é que estava?
 Onde as leis do Senhor?

Digam-no o tronco, o látigo, as algemas
 E as ordens do feitor!

Digam-no as ambições desenfreadas,
 A cobiça fatal,

Que a eternidade arvoram nos limites
 De um círculo mortal!

Digam-no o luxo, as pompas e grandezas,
 Lacaio e brasões,

Tesouros sobre o sangue amontoados,
 Paços sobre volcões!

Digam-no as almas vis da prostitutas,
 O lódo e o cetim,

O demônio do jogo, — a febre acesa
 Em ondas de rubim!...

E no entanto tinhas um destino,
 Uma vida, um porvir,

Um quinhão de prazeres e venturas
 Sobre a terra a fruir!

Eras o mesmo ser, a mesma essência
 Que teu bárbaro algóz;

Foram seus dias de rosada sêda,
 Os teus — de atro retroz!...

Pátria, família, idéias, esperanças,
 Crenças, religião,

Tudo matou-te, em flor no íntimo d'alma,
 O dedo da opressão!

Tudo, tudo abateu sem dó nem pena!
 Tudo, tudo, meu Deus!

E teu olhar à lama condenado
 Esqueceu-se dos céus!...

Dorme! Bendito o arcanjo tenebroso —
 Cujos dedos imortais,

Selando-te o sepulcro, abriu-te os olhos
 À luz universal!

A CIDADE

A MEU PREDILETO AMIGO O SR. DR. BETOLDI

A cidade ali está com seus enganãos,
 Seu cortejo de vícios e traições,
 Seus vastos templos, seus bazares amplos,
 Seus ricos paços, seus bordéis — salões.

A cidade ali está, — sobre seus tetos
 Paira dos arsenais o fumo espesso,
 Rolam nas ruas da vaidade os côches
 E ri-se o crime à sombra do progresso.

A cidade ali está, sob os alpendres
Dorme o mendigo ao sol do meio-dia,
Chora a viúva em úmido tugúrio,
Canta na catedral a hipocrisia.

A cidade ali está, — com ela o êrro,
A perfídia, a mentira, a desventura...
Como é suave o aroma das florestas!
Como é doce das serras a frescura!

A cidade ali está, — cada passante
Que se envolve das turbas no bulício
Tem a maldade sôbre a fronte escrita,
Tem na língua o veneno e n'alma o vício.

Não, não é na cidade que se formam
Os fortes corações, as crenças grandes,
Como também nos charcos das planícies
Não é que gera-se o condor dos Andes!

Não, não é na cidade que as virtudes,
As vocações eleitas resplandecem,
Flores de ar livre, à sombra das muralhas
Pendem cedo a cabeça e amarelecem.

Quanta cena infernal sob essas telhas!
Quanto infantil vagido de agonia!
Quanto adultério! Quanto escuro incesto!
Quanta infâmia escondida à luz do dia!

Quanta atroz injustiça e quantos prantos!
Quanto drama fatal! Quantos pesares!
Quanta fronte celeste profanada!
Quanta virgem vendida aos lupanares!

Quanto talento desbotado e morto!
Quanto gênio atirado a quem mais der!
Quanta afeição cortada! Quanta dúvida
Num carinho de mãe ou de mulher!

Eis a cidade! Ali a guerra, as trevas,
A lama, a podridão, a iniquidade;
Aqui o céu azul, as selvas virgens,
O ar, a luz, a vida, a liberdade!

Ali, medonhos, sórdidos alcouces,
Antros de perdição, covis escuros
Onde ao clarão de baços candieiros
Passam da noite os lêmures impuros;

E abalroam-se as múmias coroadas,
Corpos de lepra e de infecção cobertos;
Em cujos membros mordem-se raivosos
Os vermes pelas sêdas encobertos!

Aqui verdes campinas, altos montes,
Regatos de cristal, matas viçosas,
Borboletas azuis, loiras abelhas,
Hinos de amor, canções melodiosas.

Ali a honra e o mérito esquecidos,
Mortas as crenças, mortos os afetos;
Os lares sem legenda, a musa exposta
Aos dentes vis de perros abjetos!

Prêsa a virtude ao cofre dos banqueiros,
A lei de Deus entregue aos histriões!
Em cada rosto o sêlo do egoísmo!
Em cada peito um mundo de traições!

Depois o jôgo, — a embriaguez, o roubo, —
A febre nos ladrilhos do prostíbulo,
O hospital, a prisão... Por desenredo
A imagem pavorosa do patíbulo!

Eis a cidade!... — Aqui a paz constante,
Serena a consciência, alegre a vida,
Formoso o dia, a noite sem remorsos,
Pródiga a terra, nossa mãe querida!

Salve, florestas virgens! Rudes serras!
Templos da imorredoura liberdade!
Salve! Três vêzes salve! Em teus asilos
Sinto-me grande, vejo a divindade!

O CAVALO

Corre, voa, transpõe os outeiros,
Corta os charcos de sombra cobertos,
Quebra as pedras, escarva as planícies,
Vinga os cerros, — devora os desertos!

Vamos, meu cavalo branco,
Minha neblina veloz,
Deixemos campos e prados,
Sarças, brejos e valados,
Ermos, vilas, povoados,
E — os homens, atrás de nós!

Vamos, vamos, busquemos as terras
Onde habitam meus doudos amôres,
Onde espera por mim, ansiosa,
A mais lânguida flor, entre as flores.

Onde tudo é liberdade,
Vida, calor, gôzo e luz;
Onde as plácidas campinas
Regurgitam de boninas
Às carícias peregrinas
De um sol que sempre reluz!

Bebe a plenos pulmões as bafagens
Desta noite sombria, mas pura;
Deixa as feras rugirem no mato,
Deixa o inseto chilrar na espessura!

Deixa que gema nas rochas
O môcho embusteiro e vil,
Que as cobras no chão rastejem, 1939
Que o fogos fátuos doudejem,
Que as feiticeiras praguejem,
Que pulem demônios mil!

Não és tu destemido e valente?
Não palpitas de seiva e de vida?
Tantas vêzes por brenhas e gandrás
Não venceste o tufão na corrida?

Bem poucos homens, bem poucos
Te igualam, nobre animal!
Raros na vivacidade...
Talvez alguns na amizade,
Mas nenhum na lealdade!
Na intrepidez natural!

Como rasgas as trevas garboso!
Ah! como elas te lambem as ancas!
Como aos ventos sacodes ousado
Essas crinas espessas e brancas!

A teus pés saltam centelhas,
Rebentam rubros fuzis,
E os festões das amoreiras,
E as selvagens trepadeiras
Curvam-se humildes, rasteiras,
Beijam-te os cascos, servis.

Mil figuras estranhas te espreitam,
Convulsivas, na margem da estrada,
Depois fogem silvando, e se escondem
No remanso da mata cerrada.

Mil muralhas, mil colunas,
Mil orgulhosos frontais,
Mil capitéis trabalhosos,
Fustes, pilares pomposos
Se levantam portentosos
A cada salto que dás!

Novos mundos parece que vejo,
Novo solo parece que pisas,
Novos cantos escuto no espaço,
Novas queixas nas asas das brisas!

Corre, meu bom companheiro,
Voa, meu bravo corcel,
Somos livres como os ares,
As serras com seus palmares,
O sertão com seus jaguares,
Os astros com seu dossel!

Corre, voa, transpõe os outeiros,
Certa os charcos de sombra cobertos,
Quebra as pedras, escarva as planícies,
Vinga os cerros, — domina os desertos!

AO RIO DE JANEIRO

Adeus! Adeus! Nas cerrações perdida
Vejo-te apenas, Guanabara altiva,
Mole, indolente, à beira-mar sentada
Sorrindo às ondas em nudez lasciva.

Mimo das águas, flor do Novo Mundo,
Terra dos sonhos meus,
Recebe asinha no passar dos ventos
Meu derradeiro adeus!

A noite desce, os boqueirões de espuma
Rugem pejados de ferventes lumes,
E os loiros filhos do marinho império
Brotam do abismo em festivais cardumes.

Sinistra voz envia-me aos ouvidos
Um cântico fatal!
Permita o fado que a teu seio eu volte, 1940
Oh! meu torrão natal!

Já no horizonte as plagas se confundem,
O céu e a terra abraçam-se discretos,
Leves os vultos das palmeiras tremem
Como as antenas de sutis insetos.

Agora o espaço, as sombras, a saudade,
O pranto e a reflexão....
A alma entregue a si, Deus nas alturas....
Nos lábios a oração!

Tristes idéias, pensamentos fundos,
Nublam-me a frente descaída e fria,
Como êsses flocos de neblina errante
Que os cerros vendam quando morre o dia.

Amanhã que verei? — Talvez o pôrto,
Talvez o sol... não sei!
Brinco do fado, a dor é minha essência,
O acaso minha lei!...

Que importa! A pátria do poeta o segue
Por tôda a parte onde o conduz a sorte,
No mar, nos ermos, do ideal nos braços,
Respeita o sêlo imperial da morte!

Oceano profundo! Augusto emblema
Da vida universal!
Leva um adeus ainda às alvas praias
De meu torrão natal.

A MORTE

Tu não me curvarás sem resistência, 1941
Divindade cruel!
Tu não me abaterás impunemente
A cabeça revel!

Podes chegar, não temo-te: — aos escravos
Voto extremo desdém!
Eis a matéria... — queres que te adore?
Vê se passas além!

Mísera! A essência eterna, imaculada, 1942
Insulta-te o poder!
Realeza de cinza e de poeira!
Triste escárnio do ser!

Do cadáver à face apenas gravas
Teu gélido sinal,
E já de novo o anima em formas novas
A vida universal!

Tu nada podes! Teu domínio louco,
Teu reinado falaz,
Em vez do nada ao peregrino apontam
As glórias imortais!

E devo então temer-te? Vem, que importa
Teu pavoroso rir,
Se além da cova impura ardentes brilham
Os astros do porvir?

Porém não, mentem os homens
Quando te pintam tão má!
Sentada entre brancos ossos,
Contando os escuros fossos
Do vale de Josafá!

Quando te colmam de horrores,
E em doida exageração
Dizem-te negra, sombria,
Nua, deslavada e fria, 1943
Coberta de podridão!

Mentem, sim? — As dores fundas,
Os estertores fatais,
As horas lentas, tardias,
As cruentas agonias,
Não és tu, anjo, que dás!

São as lutas da matéria,
São da carne as convulsões,
São insensatos esforços,
São as setas dos remorsos,
São as fúrias ¹⁹⁴⁴ das paixões!

Mas não tu! — Oh! quantas vèzes
Em súbito despertar ¹⁹⁴⁵
Tenho-te visto fagueira,
De meu leito à cabeceira,
Fitar-me um divino olhar!

Quantas vèzes alta noite
Nos delírios do festim ¹⁹⁴⁶
Falas-me baixo aos ouvidos,
Me envolve em teus vestidos
Todos de gaze e cetim!

Quantas vèzes sôbre os lábios
De uma adorada mulher ¹⁹⁴⁷
Meus lábios incendiados
Em teus lábios descorados
Repousam sem eu saber!...

Vem sem cortejo, vem sòzinha, oh noiva
De meus últimos dias!
Tu serás recebida como o arcanjo
Em casa de Tobias!

Traze em teu seio o talismã da crença,
A paz sob teu véu...
Nós subiremos devagar a escada
Que vai bater ao céu!

Mas quebra-me certa o imundo vaso
Que oculta o eterno ser;
Quebra-o de um golpe, toma-me nos braços, ¹⁹⁴⁸
Não me deixes sofrer!

Na flor dos anos conheci da vida
Tôda a triste ilusão,
Embora os homens meu porvir manchassem, ¹⁹⁴⁹
Não os detesto, não!

Embora o sôpro ardente da calúnia
Crestasse os sonhos meus,
Nunca descri do bem e da justiça,
Nunca descri de Deus!

Bendita sejas, virgem do infinito,
Anjo consolador,
Que a triste foragida criatura
Restituis ao Senhor!

NÉVOAS 1950

Na hora em que as névoas se estendem nos ares,
Que choram nos mares as ondas azuis,
E a lua cercada de pálida chama
Nas selvas derrama seu pranto de luz;

Fu vi... maravilha! Prodígio inefável!
Um vulto adorável, primor dos primores!
Sorrindo às ¹⁹⁵¹ estrêlas, no céu resvalando,
Nas vagas boiando de tênues vapores!

Nos membros divinos, mais alvos que a neve,
Que os astros, de leve, clareiam, formosos,
Nas tranças doiradas, nos lábios risonhos
Os gênios e os sonhos brincavam medrosos!

Princesa das névoas! Milagre das sombras!
Das róseas alfombras, dos paços sidéreos,
Acaso rolaste, dos anjos nos braços,
Dos vastos espaços aos mantos etéreos?

Os prantos do inverno congelam-te a fronte,
Os combros do monte se cobrem de brumas,
E quêda repousas num mar de neblina
Qual pérola fina num leito de espumas!

Nas nuas espáduas, dos astros algentes,
O sôpro não sentes raivoso passar?
Não vês que se esvaem miragens tão belas?
A luz das estrêlas não vês se apagar?

Ai! vem que nas nuvens te mata o desejo
De um férvido beijo gozares em vão!
Os astros sem alma se cansam de olhar-te,
Nem podem amar-te, celeste visão!

E as auras passavam, e as névoas tremiam,
E os gênios corriam no espaço a cantar,
Mas ela dormia, gentil, peregrina,
Qual pálida ondina nas águas do mar!

Estátua sublime, mas triste, sem vida,
Sem voz, ¹⁹⁵² envolvida no hiberno sudário,
Verás, se me ouvires, trocado por flores,
Por palmas de amôres teu véu mortuário!

Ah! vem, vem minh'alma! Teus loiros cabelos!
Teus braços tão belos, teus seios tão lindos,
Eu quero aquecê-los no peito incendiado...
Contar-te ao ouvido meus sonhos infindos!

Assim eu falava, nos amplos desertos
Seguindo os incertos lampejos da luz,
Na hora em que as névoas se estendem nos ares,
E choram nos mares as ondas azuis.

As brisas d'aurora ligeiras corriam,
As flores sorriam nas verdes campinas,
Ergueram-se as aves do vento à bafagem,
E a pálida imagem desfez-se em — neblinas!

À BAHIA

Sôbre coxins de verdura
Aos fogos do meio-dia
Dorme a esplêndida Bahia
Reclinada à beira-mar;
E como servas humildes
Sustendo-lhe o régio arminho
As vagas falam baixinho
Medrosas de a despertar. ¹⁹⁵³

Os ventos que a furto beijam
De seus vergéis as mangueiras
Vão perfumar cem bandeiras
Que ondeiam no céu azul;

E relatam maravilhas
Dessa pérola do Norte,
Mais do que Cartago, forte,
Mais linda do que Estambul.

Estrangeiro que habitastes
Mil cidades de outros mares,
Ao mirar êstes palmares,
O que sentistes, dizei?

O que sentistes pisando
Sôbre o tapiz destas praias
Pomposas, como as alfaias
Do leito de um grande rei?

Ao contemplar êstes montes
Ardentes de mocidade
Por onde a dupla cidade
Se estende a seu bel-prazer;

E estas praças arrelvadas,
E estas árvores erguidas,
E estas rampas atrevidas
Que vão nas nuvens morrer,

Sentistes saudade acaso
Dos países que deixastes?
Dos povos que visitastes
Tivestes lembranças cá?

Oh! não, que a vossos olhares
Não mostraram tal beleza
Roma, Nápoles, Veneza,
Cantão, Pequim, Calcutá!

Mas ah! Vêde, nesta pátria
De heróis, de gênios, de bravos,
Vestígios de pés escravos
Conspurcam tão nobre chão!

E pelas noites tranqüilas,
Aos ecos das serenatas,
Casam-se as vozes ingratas
Da mais cruenta opressão!

Estas praças e mercados,
Êstes vastos edifícios
Não são por certo os indícios
De um povo calmo e feliz!

Não, que sôbre essas riquezas
Fundadas sôbre um delito
Geme o direito proscrito,
Chora uma raça infeliz!

E ela dorme descuidosa, ¹⁹⁵⁴
Sem mêdo a filha do Norte,
Entregue à ¹⁹⁵⁵ mísera sorte
Das outras delas irmãs;

Dorme como as odaliscas
Nos palácios do Oriente
Sob a guarda inconsciente
De comprados iatagãs.

Bahia, terra das artes!
Terra do amor e da glória!
Quão grande fôras na História,
Quão grande com teus brasões,

Se à frente não te luzissem
Aos diamantes misturados
Os prantos cristalizados
De cativas multidões!

A ENCHENTE ¹⁹⁵⁶

Era alta noite, intumescido ¹⁹⁵⁷ e negro
Roendo as margens espumava o rio,
Densos vapores pelo céu rolavam,
Batia o vento o taquaral sombrio.

Leve piroga se agitava em balde
Prêsa nos elos da infernal corrente,
Cantava um anjo, o remador lutava,
Linda virgem dizia tristemente:
Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos bóiam sôbre as águas frias!

Oh! são bem moços! Do noivado apenas
Talvez saíssem nesta noite escura!
Talvez ébrios de amor galgando o leito,
Vissem à cabeceira a morte impura!

A vida é uma cadeia de mentiras!...
Sempre o demônio ao pé do serafim!
A sombra da desgraça e do extermínio
Sempre toldando os lustres do festim!
Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos bóiam sôbre as águas frias!

Rema, rema, ¹⁹⁵⁸ barqueiro, olha, lá em baixo
À luz vermelha do fuzil que passa,
Não vês o vulto de um rochedo horrendo
Que a correnteza estrepitando abraça?

Oh! se o vejo, senhora! Eu bem o vejo!
Diz o barqueiro com sinistra voz,
Orai à santa que os perigos vela
Para que tenha compaixão de nós!...
Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos bóiam sôbre as águas frias!

Já dentre as vagas de negrumes tredos
Vem pouco e pouco se mostrando a lua;
Como à luz dela a natureza é triste!
Como a planície é devastada e nua!

Perto, tão perto elevam-se os outeiros
Onde fagueira a salvação sorri...
E nós rolamos, e rolamos sempre,
E não podemos aportar ali!...
Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos bóiam sôbre as águas frias!

Duro, insofrido o vendaval sacode
Do rio a face em convulsão febril!
Barqueiro, alento! Se me pões em terra
Hei de colmar-te de riquezas mil!

Mas ai! No dorso do dragão das águas
Lutava o lenho, mas lutava em vão!
E a pobre moça, desvairada, em prantos,
Pedia à Virgem que lhe desse a mão!
Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos bóiam sôbre as águas frias!

Ouve, 1958 barqueiro, que ruído é êsse, 1958
Surdo, profundo, que nos ares soa?
Parece o estrondo de trovão medonho
Que dos abismos pelo seio ecoa!

Deus poderoso! Abandonando remos
Brada o infeliz a delirar de mêdo,
Ail é a morte, que nos chama, horrível,
No flanco imenso de fatal rochedo!...
Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos bóiam sôbre as águas frias!

Ia a piroga ao sorvedouro escuro,
Era impossível se esquivar então!
Dentro sentado o remador chorava,
A donzela dizia uma oração!

Já diante dêles, entre véus de espuma, 1958
Treda a voragem com furor rugia,
E uma coluna de ligeiro fumo
Do seio horrendo para o céu subia!
Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos bóiam sôbre as águas frias!

Súbito o barco volteou rangendo, 1958
Tremeu nas ondas, recuou, parou,
Deu a virgem um grito, 1958 outro o remeiro
E o lenho na voragem afundou!

Tudo findou-se! Os vendavais sibílam
Correndo infrenes na planície nua,
O rio espuma, e nas barrentas vagas
Rolam dous corpos ao clarão da lua.
Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos bóiam sôbre as águas frias!

A FLOR DO MARACUJÁ

Pelas rosas, pelos lírios,
Pelas abelhas, sinhá,
Pelas notas mais chorosas
Do canto do sabiá,
Pelo cálice de angústias
Da flor do maracujá!

Pelo jasmim, pelo goivo,
Pelo agreste manacá,
Pelas gôtas de sereno
Nas fôlhas do gravatá,
Pela coroa de espinhos
Da flor do maracujá!

Pelas tranças da mãe-d'água
Que junto da fonte está,
Pelos colibris que brincam
Nas alvas plumas do ubá,
Pelos cravos desenhados
Na flor do maracujá.

Pelas azuis borboletas
Que descem do Panamá,
Pelos tesouros ocultos
Nas minas do Sincorá,
Pelas chagas roxeadas 1959
Da flor do maracujá!

Pelo mar, pelo deserto,
Pelas montanhas, sinhá!
Pelas florestas imensas
Que falam de Jeová!
Pela lança ensangüentada
Da flor do maracujá!

Por tudo o que o céu revela!
Por tudo o que a terra dá
Eu te juro que minh'alma
De tua alma escrava está!!...
Guarda contigo êste emblema
Da flor do maracujá!

Não se enojem teus ouvidos
De tantas rimas em — a —
Mas ouve meus juramentos,
Meus cantos ouve, sinhá!
Te peço pelos mistérios
Da flor do maracujá!

O ESPECTRO DE SANTA HELENA 1960

Sôbre uma rocha isolada
Pelas vagas flagelada
Pena uma sombra exilada
Que a sorte trucidada em vão!
E aquela sombra gigante,
Cativa, mas arrogante,
Mede o espaço triüfante,
Brada: — inda sou Napoleão!

A noite é negra, agoureiros,
No dorso dos nevoeiros
Os gênios traiçoeiros
Galopam pela amplidão!
Batem-se os ventos rugindo,
Repta o mar o céu infindo,
Ela os escuta sorrindo
E clama: — eu sou Napoleão!

Oh! sim! Nos templos da glória,
Nos altares da memória,
Os fastos de minha história
Para sempre fulgirão!
Passem embora as idades,
Abatam povos, cidades,
Os homens e as tempestades,
Sempre hei de ser Napoleão!

O fado, nume inconstante,
Bem poderá um instante
Deixar que escarre insultante
Sôbre meu corpo o bretão....
Casta de torpes rafeiros,
Hoje inflados, altaneiros,
Já se curvaram rasteiros
Às plantas de Napoleão!

Nos vastos marnéis do Egipto,
Sôbre fôlhas de granito,
Deixei meu poema escrito,
Grande como a criação!
De Mênfis sôbre as muralhas,
Dos Faraós das mortalhas
Gravei ao sol das batalhas
As lendas de Napoleão!

Quando eu cortava os desertos
 Vinham-me os ventos incertos
 De nardo e mirra cobertos
 Trazer-me d'Ásia a oblação!
 As caravanas paravam,
 E os romeiros que passavam
 Às esfinges perguntavam:
 É êste o deus Napoleão?

À noite entre hinos e flores,
 Entre suaves odores
 As sombras dos reis pastôres
 Surgiam a ver-me então!
 A voz dos padres antigos,
 As múmias de seus abrigos,
 Os heróis de seus jazigos
 Vinham ¹⁹⁶¹ saudar Napoleão!

E lá, dessas chãs extensas,
 Dessas planícies imensas
 Onde banharam-se as crenças
 Dos povos sôbre o Jordão;
 O lago dizia ao prado,
 O prado ao monte elevado,
 O monte ao céu estrelado:
 Vêde, lá vai Napoleão!

Dizei, ¹⁹⁶² auras do ocidente,
 Dizei, ¹⁹⁶³ tufão inda quente
 Do bafejo incandescente
 Do não vencido esquadrão;
 Dizei-nos, no olhar divino
 Dêsse abôrto do destino
 Brilha um clarão peregrino?
 Brilha o sol de Napoleão?

E as águias no céu voavam,
 As torrentes sussurravam,
 Os areais se agitavam
 Convulsos na solidão...
 Oh! as vozes do deserto
 Uniam-se num concêrto
 E vinham saudar-me perto:
 Tu és, senhor, Napoleão!

Se o sou! Que Marengo o conte!
 De Austerlitz o horizonte!
 E aquela soberba ponte
 Que transpus como um tufão!
 Responda o Nilo e o Sena,
 Wagram, Malta, Cairo, Iena,
 Mântua, Cádiz e Viena,
 Se ainda sou Napoleão!

Se o sou! Que digam as plagas
 Onde do sangue nas vagas
 Crivada de enormes chagas
 Dorme vil população!
 Digam da Europa as bandeiras!
 Digam serras altaneiras
 Que se abatiam rasteiras
 Ao corcel de Napoleão.

Se o sou! Diga Santa-Helena,
 Onde a mais sublime cena ¹⁹⁶⁴
 Fechou triste, mas serena,
 Minha história de Titão!

Diga-o minh'alma tranqüila!
 Diga-o a paz que se asila ¹⁹⁶⁵
 De meus olhos na pupila,
 Se inda não sou Napoleão!

Porém os ventos se calam, ¹⁹⁶⁶
 As ondas não mais se abalam
 Raivosas, porém resvalam
 Lambendo as rochas então.....
 O gênio da noite chora,
 Rósea luz as nuvens cora, ¹⁹⁶⁷
 Cantam os anjos d'aurora:
 Sempre serás Napoleão!

A SONÂMBULA

Virgem de loiros cabelos
 — Belos, —
 Como cadeias de amôres,
 Onde vás tão triste agora
 — Hora —
 De tão sinistros horrores?

Sob nuvem lutulenta,
 — Lenta, —
 Se esconde a pálida lua;
 Na sombra os gênios combatem;
 — Batem —
 Os ventos a rocha nua.

Noite medonha e funesta
 — Esta —
 Fundos mistérios encerra!
 Não corras, olha, repara,
 — Para, —
 Escuta as vozes da serra!...

Dos furacões nas lufadas,
 — Fadas —
 Traidoras passam nos ares!
 Cruentos monstros te espiam!
 — Piam —
 As corujas nos palmares!

Bela doida, ¹⁹⁶⁸ se soubesses
 — Êsses —
 Êsses gritos o que dizem,
 Ah! por certo que me ouviras,
 — Viras —
 Que tredas coisas predizem!

Mas, infeliz, continuas!
 — Nuas —
 As tuas espáduas são!
 E sob teus pés mofinos,
 — Finos, —
 Prendem-se às urzes do chão!

O orvalho teu rosto molha;
 — Olha —
 Como branca e fria estás!
 Virgem de loiros cabelos,
 — Belos, —
 Por Deus! conta-me onde vás!

Nestes ervaçais sem têrmos,
 — Ermos, —
 Ninguém pode te acudir....
 Toma sentido, sossega,
 — Cega! —
 Vê, 1969 são horas de dormir!

Teus olhos giram incertos;
 — Certos —
 Contudo teus passos vão!
 Teu ser que a ilusão persegue
 — Segue —
 O impulso de oculta mão!

Ai! dormes! Talvez risonho
 — Sonho —
 Te chame a bailes brilhantes!
 Talvez vozes que te encantam
 — Cantam —
 A teus ouvidos amantes!

Talvez teus ligeiros passos 1970
 — Paços —
 Pisem d'oiro construídos!
 Talvez quanto há de perfume
 — Fume —
 Para agradar teus sentidos!

Mas ah! Na cabana agora,
 — Ora —
 Tua pobre mãe por ti;
 E teu pai além divaga,
 — Vaga —
 Sem saber que andas aqui!

Virgem de loiros cabelos
 — Belos —
 Como cadeias de amôres,
 Onde vás sôzinha agora
 — Hora —
 De tão sinistros horrores?

A ROÇA

O balanço da rêde, o bom fogo
 Sob um teto de humilde sapé;
 A palestra, os lundus, 1971 a viola,
 O cigarro, a modinha, o café;

Um robusto alazão, mais ligeiro
 Do que o vento que vem do sertão,
 Negras crinas, olhar de tormenta,
 Pés que apenas rastejam no chão;

E depois um sorrir de roceira,
 Meigos gestos, requebros de amor;
 Seios nus, braços nus, tranças 1972 sôltas,
 Moles falas, idade de flor;

Beijos dados sem mêdo ao ar livre,
 Risos francos, alegres serôes,
 Mil brinquedos no campo ao sol pôsto,
 Ao surgir da manhã mil canções:

Eis a vida nas vastas planícies
 Ou nos montes da terra da Cruz,
 Sôbre um solo só flores e glórias,
 Sob um céu só magia e só luz.

Belos ermos, risonhos desertos,
 Livres serras, extensos marnéis,
 Onde muge o novilho anafado,
 Onde nitrem fogosos corcéis;

Onde a infância passei descuidoso,
 Onde tantos idílios sonhei,
 Onde ao som dos pandeiros ruidosos
 Tantas danças da roça dancei!

Onde a viva e gentil mocidade
 Num contínuo folgar consumi,
 Como longe avultais no passado!
 Como longe vos vejo daqui!

Se eu tivesse por livro as florestas,
 Se eu tivesse por mestre a amplidão,
 Por amigos as plantas e as aves,
 Uma flecha e um cocar por brasão;

Não manchara minh'alma inspirada,
 Não gastara meu próprio vigor,
 Não cobrira de lama e de escárnios
 Meus lauréis de poeta e cantor!

Voto horror às grandezas do mundo,
 Mar coberto de horríveis parcéis,
 Vejo as pompas e galas da vida
 De um sendal de poeira através.

Ah! nem creio na humana ciência,
 Triste acervo de enganos fatais,
 O clarão do saber verdadeiro
 Não fulgura aos olhares mortais!

Mas um gênio impiedoso me arrasta,
 Me arremessa do vulgo ao vaivém,
 E eu soluço nas sombras olhando
 Minhas serras queridas além!

A CRIANÇA 1973

E' menos bela a aurora, 1974
 A neve é menos pura
 Que uma criança loira
 No berço adormecida!
 Seus lábios inocentes,
 Meu Deus, inda respiram
 Os lânguidos aromas
 Das flores de outra vida!

O anjo de asas brancas
 Que lhe protege o sono 1975
 Nem uma nódoa enxerga
 Naquela alma divina!
 Nunca sacode as plumas
 Para voltar às nuvens,
 Nem triste afasta ao vê-la
 A face peregrina!

No seio da criança
 Não há serpes ocultas,
 Nem pérfido veneno,
 Nem devorantes lumes,
 Tudo é candura e festas!
 Sua sublime essência
 Parece um vaso de oiro
 Repleto de perfumes!

Mas ela cresce, os vícios
 Os passos lhe acompanham,
 Seu anjo de asas brancas
 Pranteia ou torna ao céu,
 O cálice brilhante
 Transborda de absinto, 1976
 E a vida corre envôlta
 Num tenebroso véu!

Depois ela envelhece,
 Fogem os róseos sonhos,
 O astro da esperança
 Do espaço azul se escoa,
 Pende-lhe ao seio a fronte
 Coberta de geadas
 E a mão rugosa e trêmula
 Levanta-se e abençoa!

Homens! O infante e o velho
 São dois sagrados seres,
 Um deixa o céu apenas,
 O outro ao céu se volta,
 Um cerra as asas débeis
 E adora a divindade,
 O outro a Deus adora
 E as asas níveas solta!

Do querubim que dorme
 Na face alva e rosada
 O traço existe ainda
 Dos beijos dos anjinhos,
 Assim como na fronte
 Do velho brilha e fulge
 A luz que do infinito
 Aponta-lhe os caminhos!

Nestas infaustas eras
 Quando a família humana
 Quebra sem dó, sem crenças, 1977
 O altar e o ataúde,
 Nos olhos da criança
 Creiamos na inocência
 E nos cabelos brancos
 Saudemos a virtude!

EXPIAÇÃO 1978

Quando cansado da vigília insana
 Declino a fronte num dormir profundo,
 Porque teu nome vem ferir-me o ouvido,
 Lembrar-me o tempo que passei no mundo?

Porque teu vulto se levanta airoso,
 Êbrio de almejos de volúpia infinda?
 E as formas nuas, e ofegante o peito, 1979
 No meu retiro vens tentar-me ainda?

Porque me falas de venturas longas?
 Porque me apontas um porvir de amôres?
 E o lume pedes à fogueira extinta?
 Doces perfumes a polutas flores?

Não basta ainda essa ignóbil farsa,
 Páginas negras que a teus pés compus?
 Nem estas fundas, perenais angústias,
 Dias sem crença e serões sem luz?

Não basta o quadro de meus verdes anos,
 Manchado, rôto, abandonado ao pó?
 Nem êste exílio, do rumor no centro,
 Onde pranteio desprezado e só?

Ah! Não me lembres do passado as cenas!
 Nem essa jura desprendida a êsmo!
 Guardaste a tua? A quantos outros, dize,
 A quantos outros não fizeste o mesmo?

A quantos outros, inda os lábios quentes
 De ardentes beijos que eu te dera então,
 Não apertaste no vazio peito
 Entre promessas de eternal paixão?

Oh! fui um doudo que segui teus passos!
 Que dei-te, em versos, da beleza a palma!
 Mas tudo foi-se, e êsse passado negro
 Porque sem pena me despertas n'alma?

Deixa-me agora repousar tranqüilo!
 Deixa-me agora descansar em paz!...
 Ai! com teus risos de infernal encanto
 Em meu retiro não me tentes mais!

A ESTRÉLA DOS MAGOS 1980

HINO PARA A NOITE DE S. JOÃO

A noite se adianta, as horas passam
 Mudas, solenes sôbre o globo imerso
 Nos mistérios do sono; — a tumba e o berço
 Parece que se abraçam
 E neste instante iguais
 Somem no olvido as ambições mortais.

Salve, estação propícia aos pensadores!
 Salve!... Prodígio! Que luzeiro é êsse
 Que entre as sombras da noite resplandece
 Ofuscando os fulgores,
 Apagando o clarão
 Dos círios imortais da vastidão?

Donde vens, glória do espaço?
 Bela estréla radiante
 Que campeias triüfante
 Sôbre as chans de Sennaar?

Como és linda! Ao ver-te os astros
 Por sôbre as nuvens revôltas
 Rolam como pedras sôltas
 De teu desfeito colar!

Que maravilha opera-se no espaço?
 Que respirar de fogo agita os mundos?
 Que vento abrasador dos céus profundos
 Baixa sôbre o regaço
 Da terra que flutua
 Entre o dia e a noite incerta e nua?

Brisas prenes de aromas deleitosos,
 Quentes brisas da Arábia! Onde aprendestes
 Êstes cantos sutis, mais que terrestres,
 Essas vozes chorosas,
 Essas queixas de amor
 Que aos pés soltais da amendoeira em flor?

Brilha, sol da meia-noite!
 Sol talvez de um belo dia
 Que a sombra túrbida e fria
 De nosso globo encontrou!

Sol de plagas mais felizes!
 Sol que outros sêres anima!
 Que sôbre êste pobre clima
 De Deus a mão arrojou!

Borboletas do êrmo! Aves dos montes!
 Criaturas da noite! Que alegria
 Estranha vos anima? O novo dia
 Que abeira os horizontes 1981
 Acaso nos trará
 Inaudito favor de Jeová?

Oh! certamente! Os astros não se abalam,
 Tão comovida a terra não palpita,
 A natureza tôda não se agita,
 As solidões não falam,
 Não exultam os céus
 Se os não roçasse o hálito de Deus!

Ah! sim, tu vens do oriente,
 Passaste sôbre as cimeiras
 Das montanhas altaneiras
 Onde a luz seu trono tem!

Trazes, quem sabe, em teus raios
 A palavra da verdade!...
 Prodígio da imensidade,
 Dize, o que sucede além?

Mundo recém-nascido! Astro brilhante
 Cujo clarão vivaz me entorna n'alma
 Doces lampejos de inefável calma!
 Estrêla radiante!
 Glória da criação!
 Aceita minha humilde adoração!

As aldeias alegam-se, os pastôres
 Saem de seus casais cantando hosanas,
 Das tendas do deserto e das cabanas
 Hinos, risos e flores
 Se levantam a 1982 flux!
 Tudo se volta ao céu e brada — luz!

Glória ao Senhor nas alturas!
 Paz aos homens neste mundo!
 Gênios do abismo sem fundo,
 Torcei-vos, — nasceu Jesus!

E vós, filhos do pecado,
 Quebrai, quebrai vossos ferros,
 E livres de escuros erros,
 Erguei-vos, saudai a luz!

PLECTRO

O sumo do estramônio e da cicuta,
 As flores infieis da dedaleira,
 O dente vil da víbora traidora,
 A sombra da fatal mancenilheira;

O cancro, a lepra, o tétano, a gangrena
 Trazem da morte os rábidos martírios,
 Ora nas asas de aflitivo sono,
 Ora nas chamas de cruéis delírios: 1983

Mas o veneno que da língua instilas, 1984
 Ente maldito consagrado à intriga,
 Do corpo à alma a perdição transporta
 Nas doces frases de uma voz amiga!

Nasceste como a serpe da floresta,
 Como a serpe tu vives, mas como ela
 Não deu-te a providência o leve guiso
 Que o mal oculto ao viajor revela!

Vendes, beijando, como o hebreu covarde!
 Mordes, brincando, como o cão falsário!
 E na sêde de aleives que te queima
 Não poupas nem dos mortos o sudário!

Na ruína alheia ergueste teu futuro,
 Fizeste teu festim, riste e folgaste....
 Terás por punição sorver de um trago
 Tôda a peçonha e fel que derramaste!

Já de teu leito há desertado o sono!
 Já o remorso se és mortal te abrasa!
 E na bôca mendaz, covil de enganoso, 1985
 Arde-te a língua como um ferro em brasa!

Não há virtude que teu pé não pise!
 Não há flor que teu hálito não mate!
 Não há charcos impuros neste mundo
 Que teu pérfido busto não retrate!

Misto de lama, 1986 de poeira e luzes!
 Criatura infernal com asas de anjo!
 Cimento de ódio e raiva umedecido
 Nas lágrimas cruéis do negro arcanjo!

Tu preparas tu mesmo o teu suplício!
 Cavas tu mesmo o leito derradeiro!
 Tu mesmo lavras a sentença própria
 E serves, sem saber, de pregoeiro!

NOTURNO 1987

Minh'alma é como um deserto
 Por onde o romeiro incerto
 Procura uma sombra em vão;
 É como a ilha maldita
 Que sôbre as vagas palpita
 Queimada por um volcão!

Minh'alma é como a serpente
 Que se torce ébria e demente
 De vivas chamas no meio;
 É como a douda que dança
 Sem mesmo guardar lembrança
 Do cancro que rói-lhe o seio!

Minh'alma é como o rochedo
 Donde o abutre e o corvo tredo
 Motejam dos vendavais;
 Coberto de atros matizes, 1988
 Lavrado das cicatrizes
 Do raio, nos temporais!

Nem uma luz de esperança,
 Nem um sôpro de bonança
 Na frente sinto passar!
 Os invernos me despiram,
 E as ilusões que fugiram
 Nunca mais hão de voltar!

Tombam as selvas frondosas,
 Cantam as aves mimosas
 As nênias da viuvez;
 Tudo, tudo, vai finando,
 Mas eu pergunto chorando:
 Quando será minha vez?

No véu etéreo, os planêtas;
 No casulo as borboletas
 Gozam da calma final;
 Porém meus olhos cansados
 São, a mirar, condenados
 Dos sêres o funeral!

Quero morrer! Este mundo
 Com seu sarcasmo profundo
 Manchou-me de lôdo e fel!
 Minha esperança esvaiu-se,
 Meu talento consumiu-se
 Dos martírios ao tropel!

Quero morrer! Não é crime 1989
 O fardo que me comprime,
 Dos ombros, lança-lo ao chão;
 Do pó desprender-me rindo
 E as asas brancas abrindo
 Perder-me pela amplidão!

Vem, 1990 oh! Morte! A turba imunda
 Em sua ilusão profunda
 Te odeia, te calunia,
 Pobre noiva tão formosa
 Que nos espera amorosa
 No têrmo da romaria!

Virgens, anjos, e crianças
 Coroadas de esperanças 1991
 Dobram a frente a teus pés!
 Os vivos vão repousando!
 E tu me deixas chorando!
 Quando virá minha vez?

Minh'alma é como um deserto
 Por onde o romeiro incerto
 Procura uma sombra em vão;
 E' como a ilha maldita
 Que sôbre as vagas palpita
 Queimada por um volcão!

CANÇÃO PARA MÚSICA

A MADRUGADA

Surge o dia, as sombras correm
 Como batido esquadrão;
 Todo o espaço é luz e vida,
 Deixa teu leito, 1992 querida,
 Deixa o macio colchão.
 Vamos respirar nos campos
 A frescura da manhã,
 Ver as garças nas lagoas
 Espreitar entre as taboas
 Os brincos da jaçanã. 1993
 Não alinhes teus cabelos,
 Teus ombros não cubras, não,
 Concede que em seus anseios
 Os ventos beijem-te os seios
 Em mal cerrado roupão.
 Que molhe teus pés de fada
 O orvalho dos capinzais,
 Que as borboletas te sigam, 1994
 Que os colibris te persigam
 No meio dos matagais.
 Minha linda preguiçosa,
 Minha sultana, meu sol,
 Não ouves junto à janela
 Das aves a voz singela
 Saudando o mago arrebol?
 Não sentes o doce aroma
 Dos limoeiros em flor?
 Sonhas? Os gênios agora
 Mesclam aos sonhos d'aurora
 Fios da mais viva côr!
 Levanta-te, vem, mimosa! 1995
 Não mais durmas, eis-me aqui.
 Tenho pressa de falar-te,
 Tenho tanto que contar-te,
 Que esta noite não dormi!
 Meu cavalo altivo e ledô
 Rincha prêso a teu portão,
 Eu te espero impaciente,
 Mas tu dormes, indolente,
 Sem ouvir minha canção!

OUTRA CANÇÃO PARA MÚSICA

O CEGO

Eu sei modinhas tão belas
 Que as estrêlas,
 Que as estrêlas comovidas
 Param no céu quando as canto!
 Choram tanto!
 Lançam queixas tão sentidas!...
 Sei tantos contos de fadas
 Encantadas,
 Tantas histórias bonitas
 Que as meninas que me escutam
 Se reputam
 Princesas por Deus benditas!
 Sei cantigas mais suaves
 Do que as aves, 1996
 Do que as aves da floresta!

Em tôda a parte que chego,
 Pobre cego,
 As moças me fazem festa!
 Porém, 1997 ai! Das açucenas
 Sinto apenas
 O perfume que embriaga!
 Tenho n'alma um céu aberto,
 Mas incerto
 Nas sombras meu corpo vaga!
 Virgem cuja voz divina,
 Peregrina, 1998
 Deu-me uma idéia da luz;
 Cujos braços amorosos,
 Carinhosos, 1999
 Partilharam minha cruz!
 O canto do desgraçado
 Deserdado
 Das glórias da criação
 Achou asilo em teu peito,
 Foi aceito
 De teu santo coração;
 Dize, dize que me escutas!
 Que nas lutas
 Da vida achei um farol!
 Ah! tem dó de meus pesares....
 Se falares
 Meus olhos verão o sol!

OUTRA CANÇÃO PARA MÚSICA

Quando tu falas eu penso
 Que livre da tempestade
 Vejo o sol na imensidade
 Nadando em vivo esplendor;
 E sôbre um torrão bendito
 Salvo da fúria das vagas
 Ouço da tormenta as pragas, 2000
 Ouço do raio o estridor.
 Sim! — Teu amor é o pôrto
 Onde minh'alma descrida
 No naufrágio desta vida
 Asilo e calma encontrou;
 Praia amiga, ilha de fadas
 Que a mão de Deus sôbre os mares
 Cobriu de eternos palmares, 2001
 De areias de ouro cercou!
 Fala! Teu falar é grato
 Como o vinho que embriaga,
 Se n'alma a tristeza apaga
 Traz sonhos que não têm 2002 fim!...
 Ai! Se além na eterna glória
 Também os anjos se falam,
 Se não te entendem se calam
 Ou senão falam assim!

A UMA MULHER

Não, não arredes da verdade os olhos,
 Ela foi sempre da beleza o trono.
 Porque mentir? As ilusões se acabam
 E a vida passa como um leve sono.

É tempo ainda, nos festins da côrte
 Rasga essas sêdas que salpicam prantos,
 E à nova aurora, 2003 que te aguarda, eleva,
 Como a florinha, os divinais encantos.

Sim, vem, minh'alma de teu riso escrava
 Sôbre o passado correrá um véu,
 E tu verás como a esperança volta,
 E a nuvem negra desassombra o céu.

Vem, que me importa o murmurar do vulgo?
 Dos homens todos o desdém profundo?
 Quando no êrmo a teu olhar sublime
 Verei das trevas rebentar um mundo?

Vem, as florestas te darão riquezas
 Que o oiro e a prata comprarão jamais!
 Templos, palácios, os terás, tão belos,
 Que os reis da terra nunca hão visto iguais!

Tudo isto a lira do infeliz poeta
 Só num harpejo alcançará de Deus....
 Riam-se os nécios 2004 com seu riso estulto,
 Zombem os Midas dos enlevos meus.

Triste é a farça desta vida ingrata,
 Tredo, infiel o bafejar da sorte:
 Há sôbre o globo uma estação mais feia,
 Mais seva e crua do que a própria morte!

Quando a velhice que apressada marcha
 Vier cobrar-te seu pesado impôsto,
 E abrindo os braços onde o inverno dorme
 Tôda a frescura te 2005 manchar do rosto;

Quando essa frente, feiticeiro espelho
 Que de tua alma as perfeições revela,
 Toldar-se aos poucos, retratar o aspecto
 De um mar na fúrias de fatal procela;

Quando essas tranças se tornarem brancas,
 Sêcas, despidas de sutis perfumes,
 E os lindos olhos 2006 se mudarem, frios,
 Em mortas brasas de passados lumes;

Que dor pungente sentirás no peito!
 Que filtro amargo tragarás, mulher!
 Tu que da vida enlameaste a senda
 Sem te lembrares do porvir siquer!

Rainha, em terra ver partido o cetro!
 O trono de oiro reduzido a pó!
 E após um'era de opulência e mando
 Ver-se no mundo desprezada e só!

Vem, a manhã radiará de novo!
 Inda teu astro n'amplidão fulgura!
 Não mais te arrojés, êmula dos anjos,
 As ondas negras dessa vida impura!

Vem, que me importa o murmurar do vulgo?
 O dúbio riso? O escarnecer das gentes?
 Se água precisas que teus erros lavem,
 Oh! de meus olhos verterei torrentes!

ESPERANÇA

LENDA SELVAGEM

A 2007 HUASCAR, — LEMBRANÇA

Quereis ouvir minha história?
Pois bem, prestai-me atenção,
Puxai êsse duro cêpo,
Sentai-vos junto ao fogão:
Não há poltronas macias
Nem canapés no sertão.

A porta está bem fechada,
Temos quentura de mais,
A lenha que estala ²⁰⁰⁸ fala
De calma, ²⁰⁰⁹ sossêgo e paz,
Que importa que os ventos lutem
Lá fora nos matagais?

Que importa que a chuva caia,
Que no céu ruja o trovão,
Que as enxurradas ²⁰¹⁰ engrossem
As águas do ribeirão, ²⁰¹¹
Se abrigados conversamos
À ²⁰¹² luz de amigo fogão?

Quereis ouvir minha história?
Não precisais ²⁰¹³ pedir mais,
E' triste, e de histórias tristes
Quem sabe se não gostais?
Vou contar-vos, nenhum outro
De mim a ouvirá jamais.

I

Não, não foi sòmente o tempo
Com suas frias geadas
Que desnudou-me a cabeça, ²⁰¹⁴
Fêz-me as faces encovadas.
Foram da vida as borrascas,
Foram noites de agonia,
Foram do fado as mentiras,
Dos homens a alcivosia.

II

Nasci pobre, êste delito
Seguiu-me tôda a existência....
Sob o teto de uma choça
De que serve a inteligência?
Que vale uma alma robusta,
Um peito enérgico e forte
Ante o egoísmo das turbas
E os anátemas da sorte?
Nasci pobre, e alçando os olhos
Da pobreza em que vivia,
Me atrevi, ²⁰¹⁵ como os condores,
A fitar o rei do dia!

III

Foram-se os anos, sou velho,
Perdi tudo quanto amei,
Deixai que chore um momento
Tantos sonhos que sonhei!
Correi, lágrimas saudosas,
Tristes pérolas de amor,

Gôtas do orvalho da vida
No scio de murcha flor!
Correi! Ao menos sois doces,
Trazeis-me consôlo ao menos....
Quanto infeliz vos derrama
Roazes como os vencenos!

IV

Era na sazão bendita
Quando as florestas viçosas
Aromas sutis respiram
E queixas melodiosas;
Quando as leves borboletas
Giram nas margens dos rios,
E as rôlas mais ternas gemem
Nos ermos vales sombrios.
À minha humilde morada
Rico viajor parou....
Tinha uma filha, — outro mimo
Como ela Deus não formou!

V

Eram seus cabelos — noite!
Os seus olhos eram — luz!
Como o céu e o mar — profundos,
Como o mar e o céu — azuis!
Seu falar era ²⁰¹⁶ — promessas,
Seus sorrisos — recompensas
Onde o porvir se espelhava
Rico de sonhos e crenças!
E chamava-se — Esperança! ²⁰¹⁷
Que santo nome, meu Deus!
Nome que fala da terra
Porém que nos mostra os céus!

VI

Amei-a. Era o impossível
Que eu buscava: amei-a mais!
Amor, o que és tu sem lutas,
Sem circunstâncias fatais?
Sem reveses, sem torturas,
Sem flagícios, sem cadeias
Que o homem transponha e quebre
Como o corcel quebra as peias?

VII

Um poema de delícias,
De infindos planos, ²⁰¹⁸ compus
Em dois meses que inspirou-me
De seus olhares a luz!
Mas o destino cruento
De minha audácia se riu....
Inda eu folgava insciente
Quando Esperança partiu!
Partiu para longes terras,
Foi ver estranhos lugares,
Como o pássaro que emigra
Foi pousar noutros palmares. ²⁰¹⁹

VIII

Uma nuvem de amarguras
Cercou-me a existência então,
O céu tornou-se a meus olhos

O teto de uma prisão!
Três noites, três longas noites
Em vez de dormir gemi,
Mas no fim dessas três noites
Ergui-me, — também parti!
O que intentava? — Ignoro!
O que esperava? — Não sei!...
Surdo à razão, surdo aos homens
Lancei-me do acaso à lei!

IX

Desta infanda romaria
Não quero as penas lembrar....
Dias de acerbas angústias,
Vigílias de delirar! ²⁰²⁰
Não quero lembrar as horas
De desânimo cruel
Em que traguei té as fezes
A taça de negro fel!

X

Dois anos que valem vinte,
Sem repouso, sem sossêgo
Passei vagando entre os homens, ²⁰²¹
Doido, enfebreado e cego!
Dois anos a mesma imagem!
Dois anos a mesma idéia!...
Dous anos por tôda a parte
Êbrio de amor procurei-a!
Pelas ruas, pelas praças,
Pelos campos e desertos,
Buscando essa esquiva sombra
Levei meus passos incertos!
Quantos lábios me sorriram!
Quanta beleza encontrei!
A quanto amor puro e casto
Voltei o rosto, — passei!
E no entanto pudera
Sem frenesi, sem loucura, ²⁰²²
Colhêr a flor perfumada
De modesta formosura.
Parar na febril carreira,
Dizer: — basta, a vida é esta,
Quem foge ao ²⁰²³ comum dos sêres
Segue uma estrêla funesta!
A ventura é ver a prole,
Ver a paz sentada ao lar,
Ver dos tetos ²⁰²⁴ o trabalho
A miséria afugentar!

XI

Mas a imagem de Esperança
Não me deixava um momento!
Era um consôlo celeste
Junto a um martírio cruento!
Via-lhe as formas divinas
No céu, nas matas, nos campos,
Quer ao clarão das estrêlas,
Quer à luz dos pirlampos!
Se eu dormia, a nívea face
Sentia encostada à minha,
Sentia-lhe as longas tranças ²⁰²⁵
E a cabeça de rainha!
Ouvia-lhe a voz, tão doce,

Tão doce que eu despertava
E minh'alma estremecia,
Daquelas visões escrava!
Se eu caminhava, nos prados
Ou junto às fontes sentada
Via-lhe o vulto sublime,
Via-lhe o corpo de fada!
E me lembrava dos contos
Que me contaram criança,
Passava as mãos pelos olhos
E murmurava — Esperança!
Esperança era o meu norte!
Esperança o meu porvir!
Esperança a maga estrêla
Que via no céu luzir!

XII

De tanto errar fatigado,
Fatigado de sofrer,
Busquei nos ermos profundos
Um lugar onde morrer.
Embrenhei-me no mais denso, ²⁰²⁶
No mais negro das florestas,
Onde a natureza virgem
Se ostenta em continuas festas;
Onde êste verme que pensa,
Farto, inflado de vaidade
Sente as fibras se crisparem
Ao sôpro da liberdade.
Sente-se vil, pequenino,
Cinza, lama, podridão
E curva-se aniquilado
Perante o — Deus — Criação.
No seio de escuras selvas,
No cimo das serranias,
Dos grandes rios à margem,
Deixei passarem meus dias.
Mas nesses ermos sem nome,
Na tormenta ou na bonança,
Entre místicos rumores
Ouvia a voz de Esperança.

XIII

Uma noite, ²⁰²⁷ era bem tarde,
Sôbre um rochedo dormia,
E em sonhos a imagem dela
Mais bela me aparecia.
De repente um brado imenso
Me acordou sobressaltado,
Ergui-me, e de estranhos sêres
Achei-me todo cercado.
Era uma turba selvagem
De selvagens seminus
Cujos dorsos reluziam
Dos astros à tênue luz.
Entre gritos e ameaças
Sôbre mim se arremessaram,
Lançaram-me rijas cordas
E consigo me levaram.

XIV

A noite inteira marchamos; ²⁰²⁸
Ao rebrantar da alvorada
Chegamos todos à aldeia
Sôbre um outeiro assentada.

Triste o primeiro espetáculo!
Quatro cabeças humanas
Se embalavam sôbre estacas
Ao derredor das cabanas!

X V

As mulheres ostentavam
Ao sol as formas adustas,
Nuas, belas pela fôrça,
Pelas proporções robustas.
E em tórno de grandes fogos, ²⁰²⁹
Entre ligeira fumaça,
Volviam sôbre os brasidos
Pingues produtos da caça,
Enquanto não muito longe
Reunidos os filhinhos ²⁰³⁰
Jogavam no chão seus brincos
Feitos de brancos ossinhos.
Ou saltavam sôbre varas,
Ou ágeis, fortes, lutavam
E com alegres celeumas
Os espaços atroavam.

X V I

Levaram-me logo ao chefe
Que me guardou junto a si:
Das palavras que disseram
Por Deus que nada entendi;
Mas entre esta rude gente,
Sujeito a seu jugo e lei ²⁰³¹
Mais franqueza e mais verdade
Do que nas praças achci.

X V I I

Era do chefe a morada
Maior do que as mais cabanas,
Coberta de grossa palha,
Cercada de verdes canas.
Atrás dela poucos passos
Entre palmeiras pousada
Via-se — à parte — das outras
Outra cabana isolada.
Uma cêrca forte, unida,
De trepadeiras coberta,
Guardava o âmbito triste
Daquela casa deserta.
Ninguém chegava-se a ela,
Dela todos se afastavam,
A voz baixavam medrosos
Se acaso dela falavam.
À tarde um velho indiano
Junto à ²⁰³² cêrca se postava,
E estranho, ²⁰³³ insípido canto
Lentamente murmurava.
E os mancebos, e as mulheres
Em chusmas se reuniam
Seguindo o insípido canto
Cujas notas repetiam.

X V I I I

Daqule asilo o mistério
Tentei penetrar em vão!
Que deus, que tesoiro oculto
Ali vendavam-se então?

Tarde o sou!... — Há nesta vida
Arcanos de endoidecer,
Desgraçado o que procura
Seu fundo escuro entrever!

X I X

Muitas luas se passaram,
Muitas noites, muitos dias
Em que o quadrante do tempo
Marcou penas e alegrias.
Não para mim que sem crenças,
Sem gozos, sem esperança
Não enxergava em meu fado
A mais ligeira mudança!

X X

Um dia a filha do chefe,
Moça airosa, ²⁰³⁴ esbelta e forte,
Sentou-se triste a meu lado
E me falou desta sorte:
— Tu ²⁰³⁵ sofres, pobre estrangeiro,
Sofres e eu sofro por ti,
Perdi a paz de minh'alma
Depois que chegaste aqui!...
Sou virgem, bela me chamam, ²⁰³⁶
Toma-me pois por mulher!...
Segredos que só conheço
Nem os presentes siquer!
Serei tua companheira,
Dar-te-ei filhos valentes
Que suplantem com seus feitos
Os mais bravos combatentes!
Assim falou-me aos ouvidos
Aquela adusta criança,
Fitei-lhe um olhar dorido
E disse baixo — Esperança!

X X I

— Aceitas-me por espôsa?
— Pois bem, seja assim, — aceito!
Beije-lhe as faces morenas, ²⁰³⁷
Cerrei-a contra meu peito:
Mas tomarás outro nome,
Te chamarás Esperança,
Traz êsse nome aos que sofrem
Dias de paz e bonança!
Ela sorriu-se. De novo
Nossas cabeças se uniram,
Mas duas lágrimas tristes
Sôbre seu seio caíram.
Pobre filha das florestas, ²⁰³⁸
Tu creste no que eu falava!
Minh'alma pensava em outra,
Minha bôca te beijava!

X X I I

Não tardou a hora infausta,
Dêsse infausto casamento!
Tôda a tribo pôs-se em festa, ²⁰³⁹
Tôda a aldeia em movimento;
O dia inteiro dançaram
Junto de grandes fogueiras,
Ao som de instrumentos ledos,
Ao som de canções fagueiras.

Ao sol pôsto, em frente à taba
 Serviu-se lauto festim....
 Feliz a virgem dos ermos
 Sorria-se junto a mim!
 Sorria-se.... Ah! covardia!
 Miséria! Traição escura!
 Meu espírito zombava
 No olhar ao ler-lhe a ventura!
 Depois do banquete agreste,
 Da noite as sombras desceram,
 Levantaram-se os convivas,
 Grandes fachos acenderam. 2040

XXIII

Adornaram-me de acácias
 A cabeça malfadada,
 E entre clamores levaram-me
 A cabana abandonada.
 Então um velho da tribo
 Dentre a multidão saiu,
 E nos chamando, silente
 A tremenda porta abriu.

XXIV

— Alumiai, disse. Logo
 Dois moços se adiantaram,
 E à luz vermelha dos fachos
 O recinto clarearam,
 E o velho mudo, curvado,
 Fazendo um sinal entrou,
 Junto de um altar grosseiro
 Ergueu os braços, parou.
 Sôbre aquêl altar grosseiro
 Qual tripeça de sibila,
 No meio de sêcas palmas
 Estava um vaso de argila.

XXV

Cantai, cantai! Brada o velho, 2041
 A divindade aqui está!
 Ela ouvirá nossas vozes,
 Nossas preces ouvirá!
 E todo o corpo agitou-lhe
 Convulso, febril tremor,
 Estranhos gestos fazendo
 Do tôsko altar ao redor.

XXVI

À porta a turba dançava
 Com selvagem frenesi,
 Dando gritos tão medonhos
 Como jamais os ouvi!
 Meus olhos não se afastavam
 Daquele vaso de argila;
 — Que segrêdo, que tesouro,
 Que mistério ali se asila?
 Assim dizia comigo,
 E o rumor crescia, — ia
 Unir-se à voz das torrentes
 Em longínqua serra!
 E aquêl infernal tripúdio
 De mais a mais se aumentava!
 Tinha um — quê — de horrendo e vag
 Que a loucura semelhava! 2042

XXVII

De súbito um brado imenso
 Pelo espaço restrugiu!
 Adorai! O velho exclama.
 Com êle a tribo rugiu!
 Adorai! A larga tampa
 Do vaso sinistro alçou,
 E uma formosa cabeça
 Pelas tranças 2043 levantou!
 Adoremos! Gritam todos,
 Moços, mulheres e velhos....
 Soltei um gemido acerbo,
 Cai no chão de joelhos!

XXVIII

Era uma frente celeste,
 Frente de santa e criança....
 Ai! Essa frente sem manchas
 Era a frente de Esperança!
 No colo airoso uma tarja
 Funda, horrível, negrejava,
 Mas o rosto era tão branco,
 Tão branco que deslumbrava!

XXIX

Decerto bastante tempo,
 Bastantes dias passaram
 Depois que os broncos levitas
 Sem piedade a deceparam!
 Porém, milagre! Prodígio!
 Essa frente nobre, eleita,
 Zombava da morte ainda!
 Estava ilesa e perfeita!
 Parecia rir-se! O sono
 Nublava-lhe o olhar apenas;
 Era calma a nívea testa,
 Calmas as faces serenas!
 Sem depressões e sem rugas,
 Sem aspecto funerário,
 Mas como o mármore antigo
 Que eterniza o estatuário.

XXX

Que pensamento sublime,
 Que mistério excelso, augusto, 2044
 Presentira a turba insonte
 Naquele esplêndido busto?
 Veria de novas crenças,
 De um culto mais puro e belo
 A vasta palavra escrita
 Naquele riso singelo?
 Veria de um Deus a imagem
 Mais viva, mais séria então
 Naquela airosa cabeça,
 Naquela altiva expressão?
 Não sei! As sombras da morte
 Sôbre minh'alma passaram,
 E vozes de um outro mundo
 Por meus ouvidos soaram!
 Senti o frio das campas,
 Cai sem fôrças no chão: 2045
 Ao voltar de novo à vida
 Perdera a luz da razão!

X X X I

Por muito tempo na tribo
Sombrio e mudo vivi,
Livre, depois, estas serras
Por meu asilo escolhi.
Meu espírito aclarou-se, ²⁰⁴⁶
Dos anos curvei-me à lei....
Mas ah! Sinto ainda o pêso
Dos males que suportei!

MIMOSA

POEMA DA ROÇA

CANTO PRIMEIRO

INTRODUÇÃO.

OFERECIDO A MEU AMIGO P. C. CASTRO.

Censor autero, rígido analista,
Guarda zeloso de banais regrinhas,
Deixai vosso escarpêlo infatigável,
Poupai estas quadrinhas!

Cada esfera da humana inteligência
Tem milhões de degraus, milhões de faces,
A musa é sempre musa, embora exalte
As mais humildes classes.

A idéia não tem marcas nem barreiras,
É o pensamento, irmão da liberdade, ²⁰⁴⁷
Quando as asas sacode abate e quebra
Mais de uma autoridade.

Tudo é nobre na terra, tudo é grande,
Tudo se adorna de ideal beleza
Quando o poeta há consagrado a lira
No altar da natureza.

Lançai vossos preceitos e tratados
Às chamas vivas de voraz incêndio....
Alma que sente, que se inspira e canta
Não conhece compêndio.

NARRAÇÃO.

Gastei meu gênio, desfolhei sem pena
A flor da mocidade entre os enganços,
F. cansado das lidas dêste mundo
Procurei o deserto aos vinte anos.

A cavalo, sem rumo, o olhar tristonho,
Na bôca o saibo de fatal veneno,
Percorria as campinas e as montanhas
Da bela terra de Amador Bueno.

Era no mês de Agosto, o mês dos risos,
Das doces queixas, das canções sentidas,
Quando no céu azul, êrmo de nuvens, ²⁰⁴⁸
Passam as andorinhas foragidas.

Quando voltam do exílio as garças brancas,
Quando as manhãs são ledas e sem brumas,
Quando sôbre a corrente dos ribeiros
Pende o canavial ²⁰⁴⁹ as alvas plumas.

Quando palram no mato os periquitos,
Quando corre o tatu pelas roçadas,
Quando chilra a cigarra nos fragedos
E geme a juriti nas assomadas.

Quando os lagartos dormem no caminho,
Quando os macacos pulam nas palmeiras,
Quando se casa o grito da araponga
À triste e surda voz das cachoeiras.

Então que de poemas nas florestas!
Que de sonhos de amor pelas choupanas!
Que de selvagens, místicos rumores
Dos lagos pelas verdes espadanas!

Um brando véu de languidez divina
Paira sôbre a cabeça dos viventes,
Vergam-se as maravilhas sôbre as hásteas,
Refrescam-se os cipós sôbre as torrentes,

Quedam-se as borboletas nos pomares,
Gemem os sabiás pelos outeiros,
Chamam-se enamorados os canários,
E os fulvos bentevis nos ingazeiros.

O lavrador recolhe-se à palhoça,
Reclina-se na esteira e se espreguiça,
E entre os folguedos da bendita prole
Se entrega ao doce vício da preguiça.

O viandante pára nas estradas,
Abre os alforjes, e do mato à sombra
Depois de cheio e farto fuma e sonha
Da mole grama na macia alfombra.

A natureza inteira ama e soluça,
Ébria de afrodisíacos perfumes,
E a mente solitária do poeta
Se abrasa em chamas de insensatos lumes.

Foi quando vi Mimosa a vez primeira,
Beija-flor do deserto, agreste rosa,
Gentil como a Dalila da Escritura,
Mais ingênuo, porém, mais amorosa.

Punha-se o sol, as sombras sonolentas
Mansamente nos vales se alongavam,
Bebiam na taberna os arrieiros
E as bêstas na poeira se espojavam.

O fogo ardia vívido e brilhante
No vasto rancho ao lado do girau,
Onde os tropeiros sôbre fulvos couros
Entregavam-se ao culto do pacau.

A cachaça ²⁰⁵⁰ alegrava os olhos todos,
As cuias de café se repetiam,
E as fátuas baforadas dos cachimbos ²⁰⁵¹
Nos caibros fumarentos se perdiam.

A viola soava alegremente,
Que meigas notas! Que tanger dorido!
Vida de sonhos, drama de venturas,
Não, vós não morrereis no mar do olvido!

Mimosa estava em pé sôbre a soleira
Da exígua entrada da mesquinha venda,
Saudosa, como à sombra do passado
Um tipo de balada ou de legenda.

Saudosa, sim, cercada do prestígio
Dessa beleza vaga, indefinível, 2052
Cuja expressão completa em vão procura
O pobre pensador sôbre o visível!

Que faz lembrar o que existiu, é certo,
Porém, aonde e quando? Que tortura
A memória impotente e em vez de um fato
Mostra ao poeta o abismo da loucura!

Indeciso clarão de uma outra vida!
Fugitivo ondular, dobra ligeira
Do manto do ideal estremecendo
Entre bulções de fumo e de poeira!

Raio de Deus na face da matéria!
Frouxo luzir do sol da poesia!
Eu vos contemplarei a pura essência?
Eu poderei gozar-vos algum dia?

Nada de digressões. Minha heroína
Fumava um cigarrinho branco, leve,
Delgado como um brinco de criança,
Como um torrão de açúcar ou de neve.

E o vapor azulado lhe vendava
De quando em quando as faces peregrinas; 2053
Parecia uma fada do Oriente,
Uma visão do ópio entre neblinas.

A saia de ramagens caprichosas
Caía-lhe em prodígios da cintura,
Entre os bordados da infiel camisa
Tremiam dous delírios 2054 de escultura.

Sôbre a direita, a perna esquerda curva,
Capaz de enlouquecer Fídias o mestre,
Dava um encanto singular ao vulto
Daquela altiva perfeição campestre.

Depois em tamanquinhos amarelos
Pés de princesa, pés diminutivos,
Cútis morena revelando à 2055 vista
Do pêssego e do jambo os tons lascivos.

Olhos ébrios de fogo, vida e gôzo,
Sombrias, 2056 palpitantes mariposas,
Cabelos negros, 2057 bastos, enastrados
De roxos 2058 manacás e rubras rosas.

Eis Mimosa! Seu corpo trescalava
O quente e vivo aroma da alfazema,
Perfume de cabocla e de roceira, 2059
Porém que para mim vale um poema!

PARÊNTESES.

Chamo-me Marcos Marques, e sou filho
De meu pai, minha mãe e mais ninguém; 2060
Perdi-os muito cedo, e vos declaro
Que dêles não herdei nem um vintém.

Perdoai-me, leitor, se até agora
Nada vos tenho dito a meu respeito; 2061
Quando esta história passa-se era moço
E estudava a ciência do direito.

Pode bem ser que livros não abrisse,
Que não votasse amor à sábia casta,
Mas tinha o nome escrito entre os alunos
Da escola de S. Paulo, 2062 e é quanto basta.

CONTINUAÇÃO.

Queres tu descansar? Ela me disse, 2063
Dos lábios retirando o cigarrinho,
Não faças cerimônias, minha casa
Aí está sôbre a margem do caminho.

Tenho boa aguardente, vinho e fumo,
Café bem forte, sempre aceso o fogo;
Se estás triste, doente ou namorado, 2064
Lá poderás cismar em desafôgo.

Vem pois comigo. E a segui pensando; 2065
Sombria a noite já ganhara a terra,
E ao longe ocultos nos pinhais soltavam
A voz sentida os bacurais da serra.

Zumbia o inseto na espessura, os sapos
De seus recantos úmidos saíam,
F aos rumores do dia moribundo
Os rumores das sombras sucediam.

As estrélas brotavam vivas, belas, 2066
Do céu azul na face transparente, 2067
Donde um ligeiro manto de vapôres
Baixava sôbre os vales mansamente.

Mais preguiçoso o arroio murmurava,
Mais surdo o vento nos sarçais gemia,
Mais sedutora a imagem de Mimosa
Dentre as balsas floridas me sorria.

A casa era pequena mas bem feita,
Coberta de sapé, de paus cercada,
Aos lados gravatás, — flores na frente, 2068
Uma cruz no terreiro levantada.

À porta respeitável confraria
De gatos brancos, pretos e vermelhos,
Gansos e frangos, patos e marrecos, 2069
Magros rafeiros e molossos velhos.

Cortiços à parede, — sôbre o teto
Um bugio satírico e farsista,
Prêso à janela verde papagaio
Grave e analisador como um legista.

Entramos. A salinha estreita e clara,
A rêde ao canto, a corda atravessada
Cheia de saias brancas e vestidos,
Camisas de morim, roupa engomada, 2070

Grosseiros quadros de disformes santos,
Duas mesas, — três bancos, — um pilão,
Caixas de pinho, cestos de taquara,
Esteiras de taboa sôbre o chão.

Tudo porém tão limpo e tão singelo,
Tão ordenado estava e bem disposto,
Que me senti, se não contente, ao menos
Livre de meu fatídico desgosto.

— Tira o casaco e senta-te na rêde;
Como estás triste! — Disse graciosa.
— Achas-me triste? — Sim. — Como te chamas?
— Francisca, o povo chama-me Mimosa.

— Moras aqui sòzinha? — Só, ²⁰⁷¹ criança
Vi-me sem pai, sem mãe, sem um parente.
Alheios peitos me aleitaram, pobre
Até hoje vivi, porém contente.

— E que idade tens tu? — Dezesseis anos.
— Dezesseis anos, céus! E nesta vida
Nunca encontraste alguém que te amparasse,
Que te desse morada, pão, guarida?

— Ninguém. Quem dá guarida às borboletas?
Quem dá sustento aos pássaros da serra?
Foi êsse que amparou-me neste mundo,
Foi êsse que ajudou-me sôbre a terra!

— Vives feliz? — Se vivo! Quantas ricas
invejam-me a pobreza e a liberdade!
Quantas, pelo dever, queimam de prantos
A coroa vivaz da mocidade!

Quantas se vendem pela vida inteira
Aos beijos vis de um opulento espôso,
E nos seus braços torcem-se ofegantes
Buscando em vão no desespero o gôzo!

Eu não tenho ambições, amo e me entrego,
Nenhuma lei me prende a quem odeio!...
Ês belo e moço, dizem que sou linda,
Queres tu repousar sôbre meu seio?

Pobre Mimosa! Nos meus braços frouxos
Para junto de mim sorrindo a ergui....
A noite adiantava-se, as estrêlas
Desmaiaram no céu, adormeci.

CANTO SEGUNDO

Quando tentei partir, à madrugada,
Mimosa me deteve. — Ah! não me deixes,
Murmurou a chorar,
Nesta só noite que passei contigo,
Tanto, tanto sonhei, que outra me sinto,
A luz de teu olhar!

Não partas, fica, tenho dentro d'alma
Um mundo que se forma pouco e pouco,
Que em breve há de surgir....
Porque rasgaste o véu que me ocultava
Tanta esperança, tantos resplandores,
Se tinhas de partir?

Escuta: — a teu falar estas campinas,
Estas florestas, êstes altos montes
São novos para mim;
Minha vida, mais bela, é como um astro
Que livre da tormenta em paz caminha
No céu de azul cetim!

Ontem, cega, insensata, atravessava, ²⁰⁷²
Êrma de sonhos, a existência, como
Cansado viajor....

Hoje só vejo flores e ouço cantos,
Conheço quanto valho neste mundo,
Por ti, por teu amor!

Tu dissipaste a névoa de meus olhos,
Mostraste-me um país de eternos gozos,
Além de um verde mar;
E quando sinto a fôrça, ensaio os passos,
E cheia de ambição fito o horizonte,
Procuras me deixar!

Não partas! Olha, em breve as matas virgens
Se tornarão em místicos palácios
Como nunca verás!
Em leitos de oiro correrão mil fontes,
Mil maravilhas encherão a terra....
Tudo isto cantarás!

Tudo isto cantarás! Teus doces lábios,
Sabem mistérios junto aos quais são poucos
Os tesouros de um rei!
Quando tu falas cerram-se-me os olhos....
Parece que hei vivido um'outra vida,
Quando e aonde, não sei!

Oh! não partas! Disseste que as cidades
Tinham-te morto n'alma as esperanças ²⁰⁷³
E as flores do porvir;
Que só topaste corações sem crenças,
Almas vazias, lábios deslavados
Afeitos a mentir!

Tenho um dilúvio de ilusões na frente,
Tu as geraste! As emoções devoram
Meu seio de mulher!...
Toma-me por escrava! Meiga, humilde,
Eu não te ocultarei, tanto te adoro!
Uma idéia sequer! —

Assim falou Mimosa, e suspendida
A meu pescoço, em lágrimas banhada, ²⁰⁷⁴
Sorriu e se calou.
Beijei-lhe os braços nus, beijei-lhe o colo,
Beijei-lhe a rósea bôca, fiquei mudo.
Mas minh'alma falou!...

Já sei, compadre, que acharás imprópria
Nos lábios de Mimosa tanta pompa,
Tão alta locução;
Não importa, atavio-lhe a linguagem
Sem lhe afogar a idéia — si discutes,
Mando-te à Introdução.

Voto horror aos retóricos e mestres
Que exigem copiada a natureza
Tal e qual ela está:
Sem meias-tintas e artificios finos
Pinta-me um quadro, tu verás se minto,
(Que monstro sairá).

As silhas desatei de meu cavalo,
Tirei-lhe a sela, e o freio que insofrido
Mascava com ardor;
O formoso animal rinchou contente,
Deu três saltos robustos, e espojou-se
Da relva no frescor.

— Mimosa, eu ficarei! Pouco me importa
O que os homens disserem! Desgraçados,
Miseráveis de nós, ²⁰⁷⁵
Se a cada passo neste ingrato mundo
Tomássemos por lei de nossos atos
Das multidões a voz!

Eu ficarei! Quem sabe se mais tarde
Na hora extrema, meu viver revendo,
Tivesse de chorar
Alguns dias de gôzo verdadeiro,
De calma e de sossêgo, que em teus braços
Não soube aproveitar?

Tu és a flor do mato airosa e bela
Aberta à noite, a ²⁰⁷⁶ mêdo bafejada
Por ventos do sertão;
Nunca a mentira te pousou nos lábios,
Nunca um punhado de oiro há seduzido
Teu livre coração!

Sentindo as asas leves, perfumadas,
Do gênio do prazer roçar-te ²⁰⁷⁷ o peito,
Gozaste, sem amor...
Na sarça escura a pomba também geme,
E a corça meiga ²⁰⁷⁸ entrega-se nos ermos,
Dos sêres ao ²⁰⁷⁹ pendor.

A pobreza que atira às espeluncas
Milhões de virgens, cujos corpos mata
Mercenário gozar,
Deixou-te aqui vedada aos libertinos,
Inda ignorante da fatal ciência
Que ensina o lupanar!

Nunca o astro das noites encantadas
Deixou cair em faces mais formosas
Seu úmido clarão!
Como teus olhos nunca hei visto estrêlas!
Como teus lábios não tem côr a aurora ²⁰⁸⁰
E rosas o verão!

Eu ficarei contigo! Em teus carinhos
Quero afogar, sonhando etéreos sonhos,
Da mocidade a flor!
Quero morrer sentindo-te em meus braços, ²⁰⁸¹
Chorar, gemer, estremecer sem fôrças
Em delírios ²⁰⁸² de amor!

Assim falei-lhe, e como ao leve corpo
De uma leve criança, em meus joelhos
Brandamente a depus;
Cerrei-a contra o peito, e largo tempo
Mudo assisti às festas de su'alma
De seus olhos na luz.

Responde-me, compadre, crês acaso
Que habita a virgindade só no corpo
De donzelas novéis?
Que não há cortesãs por entre as virgens,
Como entre cortesãs virgens existem,
Mesmo até nos bordéis?

Que do casto sacrário a fome lívida
Não conduza aos alcouces, macilentas,
Puras, santas vestais,
Enquanto o oiro esconde em véus pudicos ²⁰⁸³
Ilesos corpos, cujas almas queimam
Ardores infernais?

Pede emprestada ao cínico a lanterna,
Percorre as praças, entra nos palácios, ²⁰⁸⁴
Devassa os camarins,
E dize-me depois, quantas mulheres,
Virgens de corpo, achaste, agasalhando
Almas de serafins?

Poucas, bem poucas!... Muda de caminho,
Lança por terra o baço candieiro
É calmo pensador
Contempla esta criança! Algo descobres
Que não seja candura, paz, bondade, ²⁰⁸⁵
Inteligência e amor?

De novo as ilusões e os áureos sonhos
Que o mundo afugentara me surgiram
Na viva fantasia!
O verdadeiro amor, o amor sagrado
Que prende o sonhador à natureza
Numa estreita harmonia,

Êsse que a voz das aves interpreta,
Que inunda de clarões os mais profundos
Antros da Criação,
Que a mentira dos homens não extinto,
Mas esfriado havia a lentos sopros
Dentro do coração;

Êsse brotou mais forte e mais intenso!
E eu me senti nas asas conduzido
De aspirações sem fim
Para o cimo das serras altaneiras,
Onde o arrebol semeia ilhotas de oiro
Em lagos de carmim.

E eu invoquei os pássaros errantes
Que vêm ²⁰⁸⁶ de longes climas desenhando
As sombras nos sertões, ²⁰⁸⁷
A fim de que mostrassem-me nos ermos
Um remanso feliz onde soltasse
Minhas livres canções.

F falei a ²⁰⁸⁸ Mimosa dos desertos,
Das plagas afastadas do bulício,
Do mundano rumor,
Onde nem traços de homem se estampassem
Dos amplos chapadões sôbre as areias
De deslumbrante côr.

Falei de uma casinha à beira d'água,
Oculta entre as folhagens verde-escuras
Dos ricos laranjais;
De um jardimzinho, — do arrulhar dos pombos,
Da sesta no pomar, — de quanto almeja
Quem sonha e ama demais!

Ela me ouvia, e por seus belos olhos
Eu via-lhe a voar o pensamento
No espaço do ideal!
Depois nossas cabeças se encostavam,
Nossas almas fundiam-se num canto
Sublime, sem igual!

Três meses decorreram, em três meses
Vivemos por três séculos, Mimosa
Se transformara então;
Minhas idéias de poeta haviam
I.he esclarecido o espírito dotado
Por celeste condão.

À noite no terreiro eu lhe falava
Da harmonia dos astros, de seus giros
 E leis universais;
Da existência dos seres que pululam
Na eterna criação; da natureza
 Das almas imortais,

Eu lhe contava a vida da florinha,
A formação do seixo, a íntima história
 Das árvores titãs;
E pouco a pouco as relações mostrando
Das cousas e de Deus, me levantava
 Té as idéias mães.

Narrava-lhe dos povos que passaram
Tôdas as crenças, tôdas as legendas,
 Usos, religião;
E os prodígios da arte, e as maravilhas
Que se deram na terra à luz divina
 Da santa redenção.

Três meses decorreram, mas nem sempre, 2089
Como no céu azul a casta diva
 Das tradições pagãs,
Nossa existência deslizou tranqüila...
Parece que a tormenta ama e prefere
 As mais belas manhãs!

Mimosa tinha um círculo de ousados, 2090
Cegos adoradores, brancos vates,
 Valentões comensais,
Paladinos de esperas e emboscadas
Cujas noites contavam-se por brigas
 E surdas bacanais;

Logo aos primeiros dias, às visitas
Dos Adônis boçais, indiferente
 Mostrou-se e fria até;
Depois foi se esquivando a seus gracejos,
Por fim negou-se por uma vez ao trato
 Dessa indigna ralé. 2091

Então feridos no brutal orgulho,
Calcados pelos pés de uma criança
 Que pensavam dobrar,
Uniram-se esquecendo os mútuos zelos,
E ardendo em fúrias de despeito e raiva
 Juraram se vingar.

Uma história de lutas improficuas, 2092
De dias sem repouso e inquietas noites
 Começou para mim!
Tornou-se a casa um forte sitiado,
E a guerra declarou-se atra em seus meios,
 Cruenta no seu fim! 2093

Era Nho Láo o chefe dos guerreiros
Do exército inimigo, audaz roceiro,
 Como Ulisses sagaz; 2094
Ciladas que evitei dêste malvado,
Tramas que desmanchei, contar não posso,
 Tantas eram e tais!

Por duas vêzes escapei, Deus sabe 2095
Como, de horrenda surra de cacête
 Dada por destra mão!
Muitas outras de laços e armadilhas
Erguidas no caminho que eu trilhava
 Com tôda a precaução!

Aqui eram traidores, fundos fossos
Cobertos de pauzinhos, escondidos
 Em branca e fina areia;
Ali pesada pedra em frágil corda;
Além ponte infiel lançada adrede
 Sôbre torrente feia!

Mimosa era um prodígio de bravura,
De finura e de tática! Uma noite,
 Já bem tarde era então,
Ela me despertou: — Ergue-te, disse,
Incendiam a casa, não percamos
 Nem um minuto, não!

Fujamos! Levantei-me de um só pulo,
Tomei duas pistolas, — eis-me pronto,
 O que faremos nós!
— Fujamos, repetiu, ainda é tempo,
Eles não nos verão, todos entregues
 A seu projeto atroz!

Assim dizendo, me lançou aos ombros
Um pesado capote e foi juntando
 A roupa que encontrou;
Deu-me uma trouxa, encarregou-se de outra,
E, 2096 à porta do quintal se dirigindo,
 Abriu, e observou.

— Nada suspeitam, vamos. — Quão formosas,
Quão serenas luziam as estrêlas
 No Céu sombrio-azul!
Nem uma nuvem maculava o espaço!
A nossa frente n'amplidão brilhava
 O Cruzeiro do Sul!

E caminhamos, caminhamos; frias
Batiam-nos no rosto e nos cabelos
 Da noite as virações;
O orvalho nos molhava os pés descalços:
Os espinhos do mato nos cobriam
 As faces de arranhões.

Chegando ao cimo de um pequeno outeiro,
Ela parou, — estou cansada, disse,
 Repousemos em paz.
Estendi meu capote sôbre a relva,
Sentamo-nos, voltando a vez primeira
 Os olhos para atrás.

Tudo estava tranqüilo. A várzea, o rio,
A estrada solitária, os fundos vales
 Pareciam dormir;
Nada turbava o plácido silêncio,
Senão de errantes cães soltos no campo
 O espaçado latir.

Mas pouco e pouco um rôlo de fumaça
Denso, pesado qual medonha tromba
 Suspensa em alto mar,
Do teto da cabana de Mimosa
Ergueu-se lentamente e em ondas tôrvas
 Desdobrou-se no ar!

Em breve a chama brilha, zune, estala,
Em rubras labaredas lambe os caibros
 E devora o sapé!
As aves de redor fogem piando!
Torram-se as plantas, ardem se torcendo
 E tudo em ruínas é!

Mimosa contemplou a última chispa
Que do pobre casebre levantava-se
Voando para o céu,
E quando viu que tudo estava findo
Junto a mim se deitou sôbre o capote,
Cobriu-se e adormeceu.

Quando acordei o sol no azul do espaço ²⁰⁹⁷
Parecia entornar sôbre as campinas
Torrentes de oiro em pó....
Sentei-me, olhei em roda, olhei de novo....
Mimosa se esvaíra como um sonho,
E eu suspirava só!

CANTO TERCEIRO

Verdade!... Estúpida coisa!
Consócia eterna do mal!
Deidade nos desenganos!
Inimiga do ideal!
Verdade, porque me obrigas
A tristes cenas narrar,
Quando pudera esta história
De outra maneira findar?

Tu que apalpas as feridas
Mais imundas dos mortais,
Que não tens nojo de nada,
Que sempre despida estás;
Queres que um vate inspirado,
Que um herói entre os deuses,
Se esquive aos vôos do gênio
E siga os ditames teus!

Já que não tenho remédio,
Já que me prendes assim,
O resto de minha farsa
Vou contar tim por tintim.
Eu bem pudera, estou certo,
Se te quisesse negar,
Fazer sucumbir Mimosa
De moléstia pulmonar:

E como Dumas o filho
Com quem brigaste, já sei,
Por seis escarros de sangue
Ter a coroa de rei. ²⁰⁹⁸
Mas tu subornas-me a Musa,
Tentas curvar-me, pois bem!
Hei de acabar o poema
Sem auxílio de ninguém!

Três anos, três longos anos
De funda melancolia,
Passei de novo sentado
Nos bancos da academia.
E em vez de cantar as festas,
E as belezas do sertão,
Traguei as purgas amargas
De Gaio e de Labeão! ²⁰⁹⁹

Mas um dia, resoluto, ²¹⁰⁰
Cobrando o antigo vigor,
Queimei os livros bramindo:
— Não sirvo para doutor! ²¹⁰¹

Hei de encontrar-te, Mimosa,
Minha luz, minha esperança!...
Serei outro D. Quixote,
Só me falta um Sancho Pança!

Arranjei um burro magro, ²¹⁰²
Manhoso como um poeta,
Mas talvez inteligente
Como a bêsta do profeta;
E procurando as montanhas
Que ao longe, ao longe azulavam
Senti que em minh'alma aflita
Meus sonhos ressuscitavam!
Senti que ainda era um homem,
Que tinha ilusões sem fim,
Que o anjo de minha guarda
Folgava por ver-me assim!

E caminhei... — Como gratas
As florinhas me sorriam!
“Por onde andaste, poeta?”
Parece que me diziam!
Os cantos dos passarinhos,
Os brandos sopros da aragem,
Falavam-me: — Sê bem-vindo! ²¹⁰³
Conta-nos tua viagem!

E os velhos cedros da mata,
Com gesto grave e sombrio,
Perguntavam-me severos:
— Por onde andaste, vadio?
— Como vens tão bem vestido!
Que lindo colête trazes!
Que tôlas palavras dizes!
Que lindas momices fazes!
Perdeste ²¹⁰⁴ a vista? Coitado!
Pobre, mísero poeta!
Partiu com olhos de lince
Porém volta de luneta!
Aprendeste muito! Sabes
De cor a legislação?
Conheces bem o Digesto?
Lêste as obras de Lobão?

E riam-se, e tanto riam-se,
Esses Titães da ciência,
Que receei um momento
De perder a paciência!
E por fim aborrecido
De tanta mordacidade
Queimei à noite num rancho
Minhas roupas de cidade!

Quinze dias se passaram.
Sem descanso caminhava,
Quando avistei as paragens
Onde Mimosa morava.
Parei junto à mesma venda
Que tinha o mesmo balcão,
A mesma portinha estreita,
O mesmo bom vendilhão;
As mesmas teias de aranha,
Os mesmos barris vazios,
A mesma infiel balança,
O mesmo rol de vadios.
Vi defronte o mesmo rancho,
Em tórno as mesmas colinas,
As mesmas côres nas plantas,
A mesma luz nas campinas!

Mas da casa de Mimosa
Nem um esteio existia,
E a Tróia de tantos sonhos
Só em minh'alma vivia!

Cheio de mortal tristeza
Dirigi-me ao taberneiro:
— Preclaro negociante
Sem igual no mundo inteiro;
Dizei-me, vós cuja fama
Foi sempre séria e honrosa,
Dizei-me, por Deus vos peço,
Dizei-me, onde está Mimosa!

O homem das meias quartas
Lançou-me um sentido olhar,
Depois abaixando o rosto
Começou a soluçar.
— Mimosa!... ²¹⁰⁵ disse, — Mimosa!
Buscas por ela também?
Ah! depois que foi-se embora
Não ganho mais um vintém!
Estou perdido, arruinado,
Sem fregueses, meu amigo!
Nós somos dous infelizes:
Deixa que chore contigo!

— Mas onde foi a traidora!
Com quem partiu? — Eu não sei!
— Vou indagar.... — Nada alcanças,
Já de todos indaguei!
Sumiu-se como um demônio!
Não deixou nem um sinal!
Meu destino está traçado!
Morrerei num hospital!...

— Pelas orelhas de Judas!
Bradei. — Se me fôr preciso
Descer aos negros infernos
E subir ao Paraíso,
Eu o farei! Porém juro
Que hei de trazê-la comigo,
Preclaro negociante,
Meu ilustre e nobre amigo.
Dizendo assim, as esporas
Enterrei em meu burrinho,
Que pôs-se a rinchar alegre
Trotando pelo caminho.

EPÍLOGO

.....

Leitor, meu leitor querido,
Homem da roça ou da praça,
Que tivestes a desgraça
De me prestar atenção;
Leitor do meu coração,
Ouvi, falta quase nada
Para o fim desta embrulhada.

Escutai: era uma noite,
Noite horrenda e tenebrosa,
Noite de trovões medonhos
E de chuva copiosa.
As árvores da floresta
Naquela noite funesta ²¹⁰⁶
Tão fundamentamente gemiam
Que às estações pareciam
Dizer um último adeus!
Eu caminhava, — no espaço
De súbito luz sinistra, ²¹⁰⁷
Sangrenta, sulfúrea listra
Flamejou aos olhos meus!
Um estrondo imenso, horrível
Ribombou pelo infinito!
Soltei um agudo grito,
Buscando ar pela amplidão;
Minha razão desvairou-se,
Minhas veias se gelaram,
Meus joelhos fraquearam,
Caí sem forças no chão!

Mas quando senti de novo
No seio a vida... Portento!
Num esplêndido aposento
Me achei! Que móveis pomposos!
Quantos painéis preciosos!
Que perfumes deleitosos!
Que prodígios me cercavam!

— Onde estou? — gritei erguendo ²¹⁰⁸
A fronte dos travesseiros.
Então um homem, ²¹⁰⁹ contando
Talvez sessenta Janeiros,
Aproximou-se dizendo:
— Amigo, esta casa é vossa;
Eu sou um homem da roça;
Dizem-me rico, importante,
Et coetera. Um viajante,
Meu compadre e meu vizinho,
Esta noite no caminho
Vos encontrou desmaiado.
Supomos ter sido o raio
Que a poucos passos caíra
A causa dêsse desmaio.
Não 'stais ferido, louvado
Seja Deus. Agora, amigo,
Já disse, esta casa é vossa,
E eu sou um homem da roça,
Não vos zanguéis pois comigo
Se vos deixo. Minha espôsa,
Desvelada e cuidadosa,
Junto de vós ficará. —
Assim dizendo, — Sinhá!
Gritou. Oh! cousa assombrosa!
Uma porta abriu-se e airosa,
Mais bela do que uma fada,
Mais bela que a madrugada,
No meu quarto entrou Mimosa!

Se não findo a história já,
Não sei como findará.

ANTONICO E CORÁ

HISTÓRIA BRASILEIRA

HOMENAGEM AO GÊNIO DESCONHECIDO, —
A PRIMEIRA INSPIRAÇÃO BRASILEIRA, O SR.
TENENTE-CORONEL ANTÔNIO GALDINO DOS REIS

Corá tinha vinte anos,
Antonico pouco mais;
Eram ambos dous pombinhos
Sem iguais.

Amavam-se; neste afeto
Ninguém dúbios laços veja,
Eles estavam ligados.....
Pela igreja.

Corá na voz, nos requebros, ²¹¹⁰
Era mesmo uma espanhola,
Antonico um Alexandre
Na viola.

Quatro anos de venturas
Passaram os dous no êrmo;
Mas as ditas dêste mundo
Têm um têrmo.

O nosso herói obrigado,
Por uma questão urgente,
Teve de deixar a espôsa
De repente.

Corá chorou por três noites,
Por três noites lamentou-se;
Mas no fim dessas três noites.....
Consolou-se.

Aonde fôra Antonico?
Bem não sei, nem bem me lembro,
Findava-se o mês, suponho,
De Setembro:

Passou Outubro, Novembro,
Dezembro e entrou Janeiro,
Antonico demorou-se
O ano inteiro!

Corá, cujos róseos sonhos
Mudavam-se em pó e fumo,
Tomou sem mais cerimônias
Outro rumo.

Mas onde estava Antonico?
Não sei, dessas longes plagas
Guardo apenas na carteira
Notas vagas.

O que sei é que, ²¹¹¹ no cabo
De três ou de quatro meses,
Procurou quem lhe fizesse
Dela as vêzes.

(Dela, previno-te, amigo, ²¹¹²
Que me refiro a Corá,
Como ao correr desta história
Se verá.)

Ora bem, eis envolvido
Antonico um belo dia
No crime horrendo que chamam
Bigamia!

Mísero o gênio do homem!
A diversão não o cansa!
Tem por lei dos atos todos
A mudança!

Dous anos mais são passados,
E Antonico, quem diria!
De sua segunda espôsa
Se enfastia!

Recorda-se dos encantos,
Da figura alta e faceira,
Dos requebros, dos olhares
Da primeira!

Maldiz o gênio versátil
Que o fêz mudar de mulher;
Nem mais um beijo à segunda
Dá sequer!

Jura, jura como jura
Bom marido e bom cristão;
Sanar de antigos direitos
A lesão.

Uma tarde se prepara,
E a pé, qual romeiro monge,
Põe-se contrito a caminho
Para longe.

Chegando à mísera aldeia,
Cumprindo o triste fadário,
Vai logo bater à porta
Do vigário.

Era tarde, mas o padre,
Cheio de santo fervor,
Ouviu as queixas do aflito
Pecador.

Meu amigo, disse, é noite,
Vai dormir um poucachinho,
Volta amanhã, falaremos
Bem cedinho.

Passa revista em teus erros,
Em todos, em todos, filho,
Deus te lançará de novo
No bom trilho!

Assim falou, e Antonico,
Fazendo uma reverência,
Foi conversar com a pobre
Consciência.

No dia seguinte, humilde,
Nos largos peitos batendo,
Voltou à casa do gordo
Reverendo.

Estava deitado o padre
Sôbre um mundo de lençóis,
Na cama em que repousaram
Seus avós;

Cama grande, forte, larga,
Fabricada para dois,
Cujo pêso arrastaria
Trinta bois!

— Bom dia, senhor vigário.
— Bom dia, à confissão vem?
— Sim, senhor, pode atender-me?
— Muito bem:

— Não é mister levantar-me,
Daqui o ouço, não acha? —
Benzem-se e as rezas começam
Em voz baixa.

Findas as rezas: — acuse-se,
Murmura o bom reverendo,
Antonico enxuga os olhos
E tremendo

Principia: — Ah, ²¹¹³ padre, padre,
Cometi um tal delito
Que sou de Deus e dos homens
Maldito!

Dos homens... ah! se souberem
Da ação tão negra e tão feia,
Por certo que apodrecera
Na cadeia!

— Não tenhas mêdo, prossegue, ²¹¹⁴
Filho, em tua confissão,
Deus nunca nega aos culpados
O perdão.

Furtaste acaso? — Não, ²¹¹⁵ padre.
— Violaste algum penhor? ²¹¹⁶
— Não. — Caluniaste, fala!
— Fiz pior! —

— Pior! Juraste então falso?
Feriste alguém? — Não, ²¹¹⁷ senhor.
— Mataste, filho, mataste?
— Fiz pior! —

— Pior! Pior! Então conta
O que hás feito se quiseres
Que te absolva! — Ah! meu padre!
Casei com duas mulheres!

— Casou com duas mulheres!
Com duas!! O padre exclama!
E treme, agita-se, pula
Sobre a cama.

E uma feminil cabeça,
Ao som desta rude voz,
Surge dentre as vastas ondas
De lençóis;

E ardendo por ver o monstro
Bi-casado, a erguer-se vai,
Quando um grito de seus lábios
Rubros ²¹¹⁸ sai!

— Corá!.. Exclama Antonico!
— Compaixão!... Brada Corá.
— O ²¹¹⁹ que é isto? Indaga o padre,
— Que será?

E Corá logo mergulha,
Antes que a luta apareça,
No meio dos travesseiros
A cabeça.

— O que é isto? O caso é grave,
Novo, intrincado, eu o creio!
Explica-te, ²¹²⁰ filho, fala
Sem receio.

— Quer que eu fale, que me explique,
Que esclareça o fato, quer?
Não, dê-me sem mais rodeios ²¹²¹
A mulher!

A mulher que me pertence
Que aí repousa a seu lado!
E' isto que eu chamo um feio,
Vil pecado!

O padre franze os sobrolhos,
Esfrega as orelhas bentas,
Passa a língua pelos lábios,
Coça as ventas.

E fala: — Sossega, filho,
Tudo, tudo arranjaremos,
Chega-te aqui para perto,
Conversemos:

— Que tal a tua segunda
Mulher? Faceira? Garbosa?
Clara ou morena? Morena?
Graciosa?

— Gorda? — Gorda, sim meu padre.
— Olhos negros? — Lindos olhos!
— São ciladas à virtude!
São escolhos!

— São... quanto a braços, pescoço,
Cabelos... — oh! lindos, belos!
Que lindo colo! Que braços!
Que cabelos!

— Bonitos, hein? Diz o padre
Contente esfregando as mãos,
— Pois obremos, filho, como
Bons cristãos:

— Traze-ma, pois, e contigo
Levarás esta, formosa,
Legítima, incontestável
Boa espôsa:

— A carne de tua carne,
Mais o osso de teu osso;
E assim se expressando, a porta
Mostra ao moço.

Como as cousas se passaram,
Leitor, não guardo memória...
Concluí como quiserdes
Esta história.

CANTOS DO ÊRMO E DA CIDADE

Cantos / do Êrmo e da Cidade / por / Luiz N. Fagundes Varella / Rio de Janeiro / B. L. Garnier, Editor, 69, Rua do Ouvidor / Paris / E. Belhatte, Editor, 14, Rua de L'Abbaye /

PRIMEIRA PÁGINA

Louras abelhas, leves borboletas,
Volúveis beija-flores,
Rápidos gênios, hóspedes dos ares,
Solitários cantores,
Amantes uns das pompas das cidades,
Das galas e das festas,
Outros amigos das planícies vastas
E das amplas florestas;
Alado mundo, turbilhão volante,
Bando de sonhos vagos,
Ora adejando em caprichosos giros,
Ora em doces afagos
Pousando sôbre as fronteiras cismadoras,
Vêde, desponta o dia,
Sacudi vossas asas vaporosas,
Exultai de alegria!
Ide sem medo, ²¹²² lúcidas quimeras,
São horas de partir!.....
Ide, correi, voai, que vos desejo
O mais almo porvir!...

VIÚVA E MOÇA

Cristo, onde estão as doutrinas,
Onde as máximas divinas
De caridade e de fé?
Caíram como as sementes
Sôbre os rochedos ardentes
De que falavas às gentes,
Sonhador de Nazaré!

Desde o romper d'alvorada
Ao lar deserto sentada,
Cristo, Cristo, choro em vão! ²¹²³
Tenho exausto a paciência,
Mas a santa providência
E' surda à minha indigência,
Me deixa sem luz, sem pão!

Debalde invoco teu nome!
O negro abutre da fome
Rói-me as entranhas, Senhor!
Estão áridos meus peitos!
Sôbre seus úmidos leitos
Meus filhos, tristes, desfeitos,
Vertem lágrimas de dor!

A multidão ruge e passa,
Ninguém pensa na desgraça
Desta pobre habitação!
As privações se acumulam
E os instintos estimulam, ²¹²⁴
Selvagens corcéis que pulam
Quebrando o freio à razão!

Que fazer? De abismo escuro
Levanta-se um vulto impuro, ²¹²⁵
Sinistra imagem do mal,
Tem a abundância de um lado,
Nas mãos um cofre dourado,
Canta um canto condenado,
Um canto de bacanal!

E mostra-me seu tesouro
Repleto de pilhas de ouro,
De ouro de funesta luz!
Depois com astutas falas
Me aponta brilhantes salas,
Cheias de pompas e galas,
Cheias de flores e luz!

E vejo pálidas sombras
Que dançam sôbre as alfombras,
Frio o riso, o olhar febril!
Tristes belezas manchadas!
Tristes múmias coroadas
De grinaldas profanadas
Em noites de orgias mil!

Confusas vozes me chamam!
Os demônios me reclamam,
Que a miséria me vendeu!
Cerro tremendo os ouvidos,
Mas inda escuto os gemidos
De meus filhos repelidos
Pela terra e pelo céu!

Senhor! Senhor! êste mundo
Ávido, sórdido, imundo,
Faz-me descreer té de ti!
Minh'alma está branca e pura,
Mas cega-me a desventura,
E entre o crime, entre a loucura,
Vacilo!... — Porque nasci!

Entregue aos vaivéns da sorte,
Fraca, sôzinha, sem norte,
Como poderei lutar?
Se às vêzes entre a caligem,
Meus passos anjos dirigem,
Bem cedo o véu da vertigem
Me impede de caminhar!

A lei do dever é santa,
Mas a desdita a quebranta,
O mundo tem mais poder!
O espírito arqueja e cansa,
O mundo a vitória alcança,
Dos homens sôbre a balança
Mais pêso sempre há de ter!

Bati por tôdas as portas,
As virtudes estão mortas,
As crenças sem mais valor;
Ai! perdi tôda a energia,
Minha mente desvaria,
Não tenho rumo nem guia,
Deverei morrer, Senhor?

Eu creio em ti, eu te adoro,
Mas as lágrimas que choro
Tu não vês das vastidões!
Deixas que eu sofra e padeça,

Que a virtude depereça,
Mas que altivo se engrandeça
O vício com seus braços!

Cristo, em vão te cruciaste!
Em vão aos homens deixaste ²¹²⁶
Preceitos de amor e fé!
Caíram como as sementes
Sôbre os rochedos ardentes
De que falavas às gentes,
Sonhador de Nazaré!

EU AMO A NOITE

Eu amo a noite quando deixa os montes,
Bela, mas bela de um horror sublime,
E sôbre a face dos desertos quedos
Seu régio sêlo de mistério imprime.

Amo o sinistro ramalhar dos cedros
Ao rijo sôpro da tormenta infrene,
Quando antevendo a inevitável queda
Mandam aos êrmos um adeus solene.

Amo os penedos escarpados onde
Desprende o abutre o prolongado pio,
E a voz medonha do caimã disforme
Por entre os juncos de lodoso rio.

Amo os lampejos verde-azul, funéreos,
Que às ²¹²⁷ horas mortas erguem-se da terra,
E enchem de susto o viajante incauto
No cemitério de sombria serra.

Amo o silêncio, os areais extensos,
Os vastos brejos e os sertões sem dia,
Porque meu seio como a sombra é triste,
Porque minh'alma é de ilusões vazia.

Amo o furor do vendaval que ruge
Das asas densas sacudindo o estrago,
Silvos de balas, turbilhões de fumo,
Tribos de corvos em sangrento lago.

Amo as torrentes que da chuva túmidas
Lançam aos ares um rumor profundo,
Depois raivosas carcomendo as margens
Vão dos abismos pernoitar no fundo.

Amo o pavor das soledades, quando
Rolam as rochas da montanha erguida,
E o fulvo raio que flameja e tomba
Lascando a cruz da solitária ermida.

Amo as perpétuas que os sepulcros ornam,
As rosas brancas desbrochando à lua,
Porque na vida não terei mais sonhos,
Porque minh'alma é de esperanças nua.

Tenho um desejo de descanso, infindo,
Negam-me os homens; onde irei achá-lo?
A única fibra que ao prazer ligava-me
Senti partir-se ao derradeiro abalo!.....

Como a criança, do viver nas veigas,
Gastei meus dias namorando as flores,
Finos espinhos os meus pés rasgaram,
Pisei-os ébrio de ilusões e amôres.

Sendal espesso me vendava os olhos,
Doce veneno lhe molhava o nó.....
Ai! minha estrêla de passadas eras,
Porque tão cedo me deixaste só?

Sem ti procuro a solidão e as sombras
De um céu toldado de feral caligem,
E gasto as horas traduzindo as queixas
Que à noite partem da floresta virgem.

Amo a tristeza dos profundos mares,
As águas tórvas de ignotos rios,
E as negras rochas que nos plainos zombam
Da insana fúria dos tufões bravios.

Tenho um deserto de amarguras n'alma,
Mas nunca a fronte curvarei por terra!...
Ah! tremo às vêzes ao tocar nas chagas,
Nas vivas chagas que meu peito encerra!

A VOLTA

A casa era pequenina,
Não era? — Mas tão bonita
Que teu seio inda palpita
Lembrando dela, não é?

Queres voltar? eu te sigo,
Eu amo o êrmo profundo;
A paz que foge do mundo
Preza os tetos de sapê.

Bem vejo que tens saudades,
Não tens? pobre passarinho!
De teu venturoso ninho
Passaste à ²¹²⁸ dura prisão!

Vamos, as matas e os campos
Estão cobertos de flores,
Tecem mimosos cantores
Hinos à bela estação.

E tu mais bela que as flores.....
Não cores..... aos almos cantos
Ajuntarás os encantos
De teu gorjeio infantil.

Escuta, ²¹²⁹ filha, a estas horas
Que a sombra deixa as alturas,
Lá cantam as saracuras
Junto aos lagos côr de anil.

Os vagalumes em bando
Correm sôbre a relva fria,
Enquanto o vento cicia
Na sombra dos taquarais;

E os gênios que ali vagueiam,
Mirando a casa deserta,
Repetem de bôca aberta:
Acaso não virão mais?

Mas nós iremos, tu queres,
Não é assim? nós iremos;
Mais belos reviveremos
Os belos sonhos de então.

E à noite, fechada a porta,
Tecendo planos de glórias,
Contaremos mil histórias,
Sentados junto ao fogão.

A DESPEDIDA

I.

Filha dos cerros onde o sol se esconde,
Onde breme o jaguar e a pomba chora,
São horas de partir, desponta a aurora,
Deixa-me que te abrace e que te beije.

Deixa-me que te abrace e que te beije,
Que sôbre o teu meu coração palpíte,
E dentro d'alma sinta que se agite
Quanto tenho de teu impresso nela.

Quanto tenho de teu impresso nela,
Risos ingênuos, prantos de criança,
E êsses tão lindos planos de esperança
Que a sós na solidão traçamos juntos.

Que a sós na solidão traçamos juntos,
Sedentos de emoções, êbrios de amôres,
Idólatras da luz e dos fulgores
De nossa mãe sublime, a natureza!

De nossa mãe sublime, a natureza,
Que nossas almas numa só fundira,
E a inspiração soprara-me na lira
Muda, arruinada nos mundanos cantos.

Muda, arruinada nos mundanos cantos,
Mas hoje bela e rica de harmonias,
Banhada ao sol de teus formosos dias,
Santificada à luz de teus encantos!

II.

Adeus! Adeus! A estrêla matutina
Pelos clarões d'aurora deslumbrada
Apaga-se no espaço,
A névoa desce sôbre os campos úmidos,
Erguem-se as flores trêmulas de orvalho
Dos vales no regaço.

Adeus! Adeus! Sorvendo a aragem fresca
Meu ginete relincha impaciente
E parece chamar-me...
Transpond oem breve o cimo dêste monte, ²¹³⁰
Um gesto ainda, e tudo é findo! O mundo
Depois pode esmagar-me.

Não te queixes de mim, não me crimines,
Eu depus a teus pés meus sonhos todos,
Tudo o que era sentir!
Os algozes da crença e dos afetos
Em tórno de um cadáver de ora em diante
Hão de embalde rugir.

Tu não mais ouvirás os doces versos
Que nas várzeas viçosas eu compunha,
Ou junto das torrentes;
Nem teus cabelos mais verás ornados,
Como a pagã formosa, de grinaldas
De flores rescendentes.

Verás tão cedo ainda esvaecida
A mais linda visão de teus desejos,
Aos látegos da sorte!
Mas eu terei de Tântalo o suplício!
Eu pedirei repouso de mãos postas
E será surda a morte!

Adeus! Adeus! Não chores, que essas lágrimas
Coam-me ao coração incandescentes
Qual fundido metal!
Duas vêzes na vida não se as vertem!
Enxuga-as pois, se a dor é necessária,
Cumpra-se a lei fatal!

O VAGALUME 2131

Quem és tu, pobre vivente, ²¹³²
Que passas triste, sòzinho,
Trazendo os raios da estrêla
E as asas do passarinho?

A noite é negra, raivosos
Os ventos sopram do sul,
Não temes, doudo, que apaguem
A tua lanterna azul?

Quando apareces, o lago
De estranhas luzes fulgura,
Os mochos voam medrosos
Buscando a floresta escura.

As fôlhas brilham, refletem,
Como espêlhos de esmeralda,
Fulge o íris nas torrentes
Da serra na fralda.

O grilo salta das sarças,
Pulam gênios nos palmares,
Começa o baile dos silfos
No seio dos nenufares.

A tribo das borboletas,
Das borboletas azuis,
Segue teus giros no espaço,
Mimosa gôta de luz.

São elas flores sem hástea,
Tu és estrêla sem céu,
Procuram elas as chamas,
Tu amas da noite o véu!...

Onde vais, pobre vivente,
Onde vais, triste, mesquinho,
Levando os raios da estrêla
Nas asas do passarinho?

CONFÔRTO

Deixo aos mais homens a tarefa ingrata
De maldizer teu nome desditoso,
Por mim nunca o farei.
Como a estrêla no céu vejo tu'alma,
E como a estrêla que o volcão não tolda,
Pura sempre a encontrei.

Dos juízos mortais tôda a miséria
Nos curtos passos de uma curta vida
Também, também sofri,
Mas contente no mundo de mim mesmo,
Menos grande que tu, porém mais forte,
Das calúnias me ri.

A turba vil de escândalos faminta,
Que das dores alheias se alimenta
E folga sôbre o pó,
Há de soltar um grito de triunfo
Se vir de leve te brilhar nos olhos
Uma lágrima só.

Oh! não chores jamais! A ²¹³³ sêde imunda,
Prantos divinos, prantos de martírio,
Não devem saciar....
O orgulho é nobre quando a dor o ampara,
E se lágrima verte é funda e vasta,
Tão vasta como o mar.

E' duro de sofrer, eu sei, o escárnio
Dos sêres mais nojentos que se arrastam
Ganindo sôbre o chão,
Mas a dor majestosa que incendia
Dos eleitos a frente, os vis deslumbra
Com seu vivo clarão.

Curve-se o ente imbele que, ²¹³⁴ despido
De crenças e firmeza, implora humilde
O arrimo de um senhor,
O espírito que há visto a claridade
Rejeita todo auxílio, rasga as sombras,
Sublime em seu valor.

Deixa passar a douda caravana,
Fica no teu retiro, dorme sem medo,
Da consciência à luz;
Livres do mundo um dia nos veremos,
Tem confiança em mim, conheço a senda
Que ao repouso conduz.

VISÕES DA NOITE

Passai, tristes fantasmas! O que é feito
Das mulheres que amei, gentis e puras,
Umam devoram negras amarguras,
Repousam outras em marmóreo leito!

Outras no encaço de fatal proveito
Buscam à noite as saturnais escuras,
Onde empenhando as murchas formosuras
Ao demônio do ouro rendem preto!

Tôdas sem mais amor! sem mais paixões!
Mais uma fibra trêmula e sentida!
Mais um leve calor nos corações!

Pálidas sombras de ilusão perdida,
Minh'alma está deserta de emoções,
Passai, passai, não me poupeis a vida!

O CANTO DOS SABIÁS

Serão de mortos anjinhos
O cantar de errantes almas,
Dos coqueirais florescentes
A brincar nas verdes palmas,
Estas notas maviosas
Que me fazem suspirar?

São os sabiás que cantam
Nas mangueiras do pomar.

Serão os gênios da tarde
Que passam sôbre as campinas,
Cingido o colo de opalas
E a cabeça de neblinas,
E fogem, nas harpas de ouro
Mansamente a dedilhar?

São os sabiás que cantam.
Não vês o sol declinar?

Ou serão talvez as preces
De algum sonhador proscrito,
Que vagueia nos desertos,
Alma cheia do infinito,
Pedindo a Deus um consólo
Que o mundo não pode dar?

São os sabiás que cantam.
Como está sereno o mar!

Ou, quem sabe, as tristes sombras ²¹³⁵
De quanto amei neste mundo,
Que se elevam lacrimosas
De seu túmulo profundo,
E vêm os salmos da morte
No meu destêrro entoar?

São os sabiás que cantam.
Não gostas de os escutar?

Serás tu, ²¹³⁶ minha saudade?
Tu, meu tesouro de amor?
Tu que às tormentas murchaste
Da mocidade na flor?
Serás tu? Vem, sê bem-vinda,
Quero-te ainda escutar!

São os sabiás que cantam
Antes da noite baixar.

Mas ah! delírio insensato!
Não és tu, ²¹³⁷ sombra adorada!
Não há cânticos de anjinhos,
Nem de falange encantada
Passando sôbre as campinas
Nas harpas a dedilhar!

São os sabiás que cantam
Nas mangueiras do pomar!

O RESPLENDOR DO TRONO

Que vale a pompa e o resplendor do trono!
Triste vaidade! O alvergue de um colono
Mais encantos encerra e mais doçuras!
De calma consciência à sombra amiga
Floresce o riso e o júbilo se abriga,
Livre de enganar e visões escuras.

Quem não aspira da grandeza aos combros
Tem segura a cabeça sôbre os ombros,
E a vereda conhece onde caminha;
Dorme sem medo, acorda sem pesares,
E vê, feliz, a prole junto aos lares
Vigorosa estender-se como a vinha.

Sob os dosséis ²¹³⁸ dos sólios a mentira
Boceja e o corpo sensual estira
No tapete macio dos degraus....
São sempre incertos do reinante os passos!
Ame embora a verdade, ocultos laços
Prendem-o cego aos cálculos dos maus!

Oh! ditoso mil vêzes o operário!
Ama o trabalho, e o módico salário
De prantos nem de sangue está manchado!
Combates não planeja em vasta liça!
Nem das vítimas ouve da injustiça
A queixa amarga e o clamoroso brado!

Não desperta alta noite em sobressalto!
Nem dos cuidados ao cruento assalto
Sôbre o ouro e o cetim geme e delira!
Qual manso arroio sôbre a terra corre,
E no meio dos seus tranqüilo morre
Como a nota de um canto em branda lira!

Não invejeis as pompas das alturas!
O raio deixa os vales e as planuras,
A tempestade preza as serranias!...
Quereis saber da majestade a glória?
Lêde nos régios túmulos a história
Dos soberanos de passados dias!

EM VIAGEM

A vida nas cidades me enfastia,
Enoja-me o tropel das multidões,
O sôpro do egoísmo e do interesse
Mata-me n'alma a flor das ilusões.

Mata-me n'alma a flor das ilusões
Tanta mentira, tão fingido rir,
E cheio e farto de tristeza e tédio
Rejeito as glórias de falaz porvir!

Rejeito as glórias de falaz porvir,
Galas e festas, o prazer talvez,
E busco altivo as solidões profundas
Que dormem quêdas do Senhor aos pés.

Que dormem quêdas do Senhor aos pés,
Ao doce brilho dos clarões astrais,
Ricas de gozos que não tem o mundo,
Pródigas sempre de beleza e paz!

SERENATA

Em teus travessos olhos,
Mais lindos que as estrêlas,
Do espaço, às furtadelas,
Mirando o escuro mar,
Em teu olhar tirânico,
Cheio de vivo fogo,
Meu ser, minh'alma afogo
De amor a suspirar.

Se teus encantos todos
Eu fôsse a enumerar!...

Dêsses mimosos lábios
Que ao beija-flor enganam,
Donde perpétuos manam
Perfumes de enlear,
Dêsses lascivos lábios,
Macios, purpurinos,
Ouvindo os sons divinos
Me sinto desmaiar.

Se teus encantos todos
Eu fôsse a enumerar!....

Tuas madeixas virgens,
Cheirosas, flutuantes,
Teus seios palpitantes
Da sede do gozar,
Tua cintura estreita,
Teu pé sutil, ²¹³⁹ conciso,
Obumbram-me o juízo,
Apagam-me o pensar.

Se teus encantos todos
Eu fôsse a enumerar!....

Ai! quebra-me êstes ferros
Fatais que nos separam,
Os doudos que os forjaram
Não sabem, não, amar.
Dá-me teu corpo e alma,
E à luz da liberdade,
Oh! minha divindade,
Corramos a folgar.

Se teus encantos todos
Eu fôsse a enumerar!....

A SOMBRA

Longe, longe das águas marinhas,
Sôbre vastas campinas pousada,
Sempre aos raios de um sol resplandente
Se ostentava risonha morada.

Nas planícies que a vista não vence
Espalhadas pastavam cem reses,
Ora junto das fontes tranqüilas,
Escondidas no mato outras vêzes.

Ao portão, de manhã, reunidas,
Meio ocultas no véu da neblina,
O senhor esperar pareciam
Sempre amigo da luz matutina.

E depois que seu vulto bondoso
Da janela sorrindo as olhava,
Se afastavam contentes, pulando
Sobre a grama que o orvalho banhava.

Quando além das montanhas o dia
Apagava seu raio final,
Acudindo do amo aos clamores
Todo o gado se achava no val.

E em tórno dêle um círculo formando,
Humildes e silentes,
Cada qual por sua vez se adiantando,
Vinham lamber o sal que apresentavam
As mãos benevolentes,
As mãos benevolentes que adoravam.
E o manso gado as falas lhe entendia,
E os tenros bezerrinhos
Saltitavam trementes de alegria
A seus meigos carinhos....
Talvez sondasse nesses pobres brutos,
Sob êsses pêlos ríspidos, ²¹⁴⁰ hirsutos,
Um oculto clarão,
Raio de encarcerada inteligência,
Que a douda, pobre e mísera ciência,
Trucidando sem pena a criação,
Procura sempre, mas procura em vão.

Passaram tempos e o vaqueiro é morto.
Da velha habitação só muros restam,
E às já despidas, murchas laranjeiras,
Espinheiros entestam.

Sobre montões de pedra as lagartixas
Leves se arrastam sobre o musgo vil,
Traidoras vêspas nos esteios podres
Formaram seu covil.

O sol que outrora derramava em tórno
Raios de luz, torrentes de alegria,
Hoje atira do espaço ao lar deserto
Um riso de ironia.

Não mais perfumes pelos ares giram,
Não mais os ventos suspirando passam,
Sòmente impuro odor, silvo de serpes
No ambiente perpassam.

Parece que ao pairar nesses lugares
Todo o seu ódio o estrago sacudira,
E o espírito do mal no chão gretado
A saliva cuspira.

Viajor, viajor, não te aproximes
Do êrmo sítio que o terror marcou,
A mão de Deus talvez ardendo em iras
Pesada ali tocou.

Porém quando no ocidente
Vai baixando o orbe imortal,
As reses sempre constantes
Se ajuntam tôdas no val.

E nessa mesma paragem
Onde as chamava o senhor,
Talvez do defunto à sombra
Reúnem-se ao derredor.

E mugem, mugem debalde,
Tristonhas cavando o chão,
Fitando doridos olhos
No astro rei da amplidão.

Mas o sol não as escuta,
Mas o sol caindo vai,
Imagem de um deus cruento,
Cruenta imagem de pai.

E o caminheiro que ao longe
Das serras descendo vem,
Não passa perto das ruínas,
Procura outra senda além.

A DIVERSÃO

Escravo, ²¹⁴¹ enche essa taça,
Enche-a depressa, e canta!
Quero espancar a nuvem da desgraça
Que além nos ares lutulenta passa,
E meu gênio quebranta.

Tenho n'alma a tormenta,
Tormenta horrenda e fria!
Debalde a douda conjurá-la tenta,
Luta, vacila e tomba macilenta
Nas vascas da agonia!

Pois bem, seja de vinho
No delirar insano
Que afogue minhas lágrimas mesquinho!...
Então envólto em púrpura e arminho
Serei um soberano!

Cresce, transpõe as bordas
De brilhante cristal,
Torrente amada que o prazer acordas...
Toma a guitarra, escravo, afina as cordas,
E viva a saturnal!

Já corre-me nas veias
Um sangue mais veloz...
Anjos... inspirações... mundos de idéias, ²¹⁴²
Sacudi-me da frente as sombras feias
Dêste cismar atroz!

Que celestes bafagens!
Que lânguidos perfumes!
Que vaporosas, lúcidas imagens
Dançam vestidas de sutis roupagens
Entre esplêndidos lumes!

Tange mais brando ainda
Êsse mago instrumento!...
Mais!... inda mais! Que maravilha infinda!
Que plaga imensa, luminosa e linda!
Que de vozes no vento!

São as huris divinas
Que junto a mim perpassam,
Ou de Chiraz as virgens peregrinas,
Que cingidas de rosas purpurinas
Choram Bulbul e passam?

Oh! não, que não são elas,
Mas ai! meus sonhos são!
São do passado as vívidas estrêlas
Que a flux rebentam cada vez mais belas,
De mais puro clarão!

São meus prazeres idos!
Minha estinta esperança!
São... Mas que nota fere-me os ouvidos?
Escravo estulto, abafa êsses gemidos!
Canta o riso e a bonança!

Canta a paz e a ventura,
O mar e o céu azul,
Quero olvidar minha comédia escura,
E a ledos sons as larvas da loucura
Bater como Saul!

Leva-me às densas matas
Onde viveu Celuta;
Faze-me um leito à margem das cascatas,
Ou nas alfombras úmidas e gratas
De recôndita gruta.

Assim... assim! Fagueiras,
Escuto já nos ares
As vozes das donzelas prazenteiras,
Que dançam rindo ao lume das fogueiras
No centro dos palmares.

Mais vinho! Oh! filtro mago!
Só tu podes no mundo
Mudar os giros do destino vago,
E fazer do martírio um doce afago,
De uma taça no fundo!

Oh! patriarca antigo!
Oh! bebedor feliz,
Do roxo sumo da parreira amigo!
Teu nome invoco, abraço-me contigo,
Vem, vem ser meu juiz!

Basta, servo, de cantos;
Quero dormir, sonhar,
Sinto do vinho os últimos encantos...
Molham-me as faces amorosos prantos,
Vou reviver e amar!

A LENDA DO AMAZONAS

Quando vestido de brilhante púrpura
Surgiu o sol no céu,
Deixei a mêdo os majestosos píncaros
Onde habita o condor,
E guardando do frio os seios trêmulos
Nas dobras do brial,
Como errante cegonha, ou pomba tímida,
As planícies voei.
Em meus cabelos ciciavam, lânguidos,
Os sopros da manhã,
Clarões e névoas, iriantes círculos,
Giravam-me ao redor,
Mas sôbre um leito de tecidos flácidos,
Inclinada a sorrir,
Deixava-me rolar aos doces cânticos
Dos gênios do arrebol.

Já perdendo de vista os Andes túrbidos
Sôbre rochas pousei....
Sôbre rochas pousei, — as virgens cândidas,
Louras filhas do ar,
Trocaram-me do corpo a etérea túnica
Por manto de cristal,
Cantaram-me ao ouvido um hino mágico
Que falava de amor,
Tão meigo e triste como a voz da América
Em seu berço de luz.
Cingiram-me a cabeça dos mais límpidos
Diamantes e rubins;
Das borboletas leves e translúcidas
Do verde Panamá
Formaram-me sutil, brilhante séquito;
Aspergeram-me os pés
Do perfume das flores mais balsâmicas
Das savanas sem fim,
E me apontando da floresta os dédalos
Pejados de frescor,
Deram-me abraços mil, ardentes ósculos,
E deixaram-me só....
E deixaram-me só; — nos vastos âmbitos
Sem rumo, me perdi,
Meus olhos inundaram-se de lágrimas,
Quis aos montes voltar,
Mas o treno saudoso dos espíritos
A minh'alma falou,
E ao grato aceno dessas queixas místicas
De novo me alentei.
Desci das brenhas pensativa, atônita,
Olhos fitos além;
Meu manto sôbre a rocha um surdo estrépito
Desprendia ao roçar,
E meus cabelos borrifados, úmidos
De sereno estival,
Salpicavam, ao sol, de infindas pérolas
O desnudado chão.
Os velhos cedros com seus ramos ásperos
Saudaram-me ao passar,
Os cantores das matas, em miríades,
Os coqueirais senis
Bradaram numa voz: oh! filha esplêndida
Da eterna criação,
Corre, que ao lado do soberbo tálamo
Por ti suspira o mar!....
Ao meio-dia extenuada, mórbida
Pelo intenso calor,
De um mundo ignoto sob a imensa cúpula
Solitária me achei.
Argêntas fontes, sonorosos zéfiros,
Rumores divinais,
Grutas de sombra e de frescura próvidas,
Multicores dosséis
A cujo abrigo um turbilhão de pássaros
Cruzava-se a trinar,
Um não sei quê de vago e melancólico, ²¹⁴³
De infinito talvez,
Ascenderam-me ao seio a chama insólita
De estranha sensação!
Sentei-me ao lado de um rochedo côncavo
E procurei dormir....
E procurei dormir, — as plagas túmidas,
O indizível amor
Que transudava dos sussurros épicos
Dos sombrios pinhais,
Em cujas grimpas ramalhavam séculos,
Dormia a tradição;

Da rôla do deserto as flébeis súplicas,
 A tênue, ²¹⁴⁴ frouxa luz
 Coando entre os rasgados espiráculos
 Dêsse zimbório audaz
 Por mil colunas desmarcadas, ríspidas,
 Sustentado ante o céu,
 Vedaram-me o repouso, e a mente extática.
 Em santa reflexão
 Senti volver-se as cenas de outras épocas.
 Ah! que tudo passou!
 Como o sol era belo e a terra lúcida!
 Como era doce a paz
 Da família indiana em noite plácida
 Junto ao fogo a dançar!
 Como era calmo e belo e vivo o júbilo
 Das filhas de Tupã
 Depondo junto ao fogo os anchos cântaros,
 E atrás dos colibris
 Correndo alegres nos relvosos páramos!
 E a voz do pescador
 Sôbre as águas plangentes e diáfanas
 De ameno ribeirão!
 E o rápido silvar das setas rápidas,
 Os urros do jaguar,
 A volta da caçada, os hinos férvidos
 Nos festins anuais!
 Tudo findou-se! A mão cruel, mortífera,
 De uma idade feroz
 Tantas glórias varreu, e nem um dístico
 Deixou no chão sequer!
 Apenas no deserto ermos sarcófagos
 Sem mais cinzas nem pó,
 Negras imagens de figuras híbridas, ²⁴¹⁵
 Sôltas aqui e ali,
 Resistem do destino ao rijo látego,
 Mas das eras de então
 Nada revelam no silêncio gélido!.....
 Meu Deus e meu Senhor!
 Eu que vi construir o imenso pórtico
 Do edifício imortal
 Onde ao vivo luzir dos astros fúlgidos
 Todo o ser rebentou,
 Eu que pelas planícies inda cálidas
 De vosso bafejar,
 Vi deslizar o Tigre, o Eufrates célebre,
 O sagrado Jordão;
 Eu sem nome, sem glórias e sem pátria,
 Entre os densos cocais,
 Ia bem como as gerações sem número
 Absorta escutar
 Dos santos querubins a voz melódica;
 Eu que pobre e sem guia, ²¹⁴⁶
 Pobre e sem guia nos desertos áridos,
 Teu poder, grande Deus,
 Pressentia no ar, no céu, nos átomos,
 Vi também sob o sol
 Afogarem-se os orbes no crepúsculo
 De uma noite fatal,
 E à lareira da vida erguer-se impávido
 O nada aterrador!
 Vi num combate pavoroso e tétrico,
 Tôrva, escura epopéia,
 O fantasma do estrago, a morte esqualida
 Vencer a criação,
 Devorar-lhe sem penas as quentes vísceras,
 Dilacerar sem dó
 Da madre natureza as fibras íntimas!
 Vi à luz dos fuzis,

Do abutre da tormenta à insana cólera,
 A floresta cair;
 Vi negras feras e serpentes pérfidas,
 Demônios de furor,
 Alastrarem a terra de cadáveres
 De pobres animais;
 E dêste solo de imundícias lúbrico,
 Também vi se elevar
 A própria vida de destroços pútridos!
 Meu Deus e meu Senhor,
 O que diz esta lei crua e fatídica?...
 Sôbre o vale da dor,
 Sôbre o vale da dor mirando as nuvens,
 Cismando no porvir,
 Eu também moça sinto-me decrépita!
 Vê-me a aurora nascer,
 Mas ouve a noite meus cantares fúnebres!
 A alvorada outra vez
 Das cinzas de meus restos inda tépidas
 Rediviva me vê!...
 Eu murmurava assim triste e perplexa
 Cortando a solidão.
 As estrélas surgiam belas, nítidas
 No céu de puro anil,
 O bando vagabundo das lucíolas
 Rastejando os paus
 Derramavam clarões débeis e fátuos
 Nas plantas ao redor,
 Línguas de fogo verde-azul fosfórico
 Cruzavam-se no ar.
 A terra e os astros num sorrir recíproco
 Pareciam se unir,
 Uma para beijar o azul sidéreo,
 Outros ²¹⁴⁷ para verter
 No seio que sofre um doce bálsamo.
 A branca lua
 Pura se erguia na celeste abóbada,
 Tudo era paz e amor,
 Vozes e saudações, hinos angélicos!
 Um tênue, langue véu,
 Senti passar-me pelos olhos ávidos;
 Um perfume feliz
 Ungiu-me a frente de venturas ébria,
 Pensei adormecer!
 Mas ah! quando de novo abri as pálpebras,
 Reclinado a meus pés,
 Coroado de espuma e chamas vívidas,
 Prostrado estava o Mar,
 Como a noite era bela e a terra lúcida!

ESTÂNCIAS

O que eu adoro em ti não são teus olhos,
 Teus lindos olhos cheios de mistério,
 Por cujo brilho os homens deixariam
 Da terra inteira o mais soberbo império.

O que eu adoro em ti não são teus lábios
 Onde perpétua juventude mora,
 E encerram mais perfumes do que os vales
 Por entre as pompas festivos d'aurora.

O que eu adoro em ti não é teu rosto
 Perante o qual o mármore descorara,
 E ao contemplar a esplêndida harmonia
 Fídias o mestre seu cinzel quebrara.

O que eu adoro em ti não é teu colo
Mais belo que o da espôsa israelita,
Tôrre de graças, encantado asilo
Aonde o gênio das paixões habita.

O que eu adoro em ti não são teus seios,
Alvas pombinhas que dormindo gemem,
E do indiscreto vôo duma abelha
Cheias de mêdo em seu abrigo tremem.

O que eu adoro em ti, ouve, é tu'alma
Pura como o sorrir de uma criança,
Alheia ao mundo, alheia aos preconceitos,
Rica de crenças, rica de esperança.

São as palavras de bondade infinda
Que sabes murmurar aos que padecem,
Os carinhos ingênuos de teus olhos
Onde celestes gozos transparecem!...

Um não sei quê de grande, imaculado, 2148
Que faz-me estremecer quando tu falas,
E eleva-me o pensar além dos mundos
Quando abaixando as pálpebras te calas.

E por isso em meus sonhos sempre vi-te
Entre nuvens de incenso em aras santas,
E das turbas solícitas no meio
Também contrito hei te beijado as plantas.

E como és linda assim! Chamas divinas
Cercam-te as faces plácidas e belas,
Um longo manto pende-te dos ombros
Salpicado de nítidas estrêlas!

Na douda pira de um amor terrestre
Pensei sagrar-te o coração demente...
Mas ao mirar-te deslumbrou-me o raio...
Tinhas nos olhos o perdão sômente!

QUADRINHAS

Quando a frente descorada
Pende o poeta a cismar,
Murmura o vulgo insensato:
Ei-lo mundos a forjar.

Ei-lo errando entre as estrêlas,
Roubando os raios ao sol,
Beijando as fadas que dançam
Sôbre mágico arrebol.

Pobre vulgo! Que destino
Dos dous é mais belo e puro,
Sonhar à luz das esferas
Ou dormir no vício escuro?

Adorar o ser dos sêres
Sôbre as aras do ideal,
Ou beijar as frias plantas
De uma estátua de metal?

Dizer: — é curta esta vida,
Floco de espuma falaz,
Quero erguer minha alma aos astros,
Deixarei a terra aos mais;

Ou murmurar aterrado
Perante a suprema lei:
Porque tenho de apartar-me
Da lama que tanto amei?...

Por mim, oh! deixa-me sempre
Nos meus sonhos adorados,
Mais brilhantes que o prestígio
Dos crimes condecorados.

Embora a prole de Midas
E os levitas da mentira
Desprezem-me, — vis, — que importa, 2149
Não tenho acaso uma lira?...

Errarei entre as estrêlas,
Por Deus, que mais belas são
Do que os silvos da calúnia,
Do que a voz da adulação;

Do que as alcovas do vício,
Sinistro, infernal painel,
De infelizes que soluçam
Vertendo prantos de fel!...

Oh! selvas de minha terra!
Oh! meu céu de azul cetim!
Regatos de argêntas ondas!
Verdes campinas sem fim!

Morenas virgens dos montes,
Anjos de graças e amor,
Que rejeitais mil diamantes
Por uma cheirosa flor!

Que entre risos feiticeiros
Contemplais vossa beleza,
À sombra dos ingazeiros,
No espelho da correnteza!

Não vos tenho? que me importam
Glórias de cinza e de pó,
E entre as turbas que vozeiam
Viver desprezado e só?

Quero correr os desertos,
Devassar as cordilheiras,
Matar a sêde e o cansaço
Nas águas das cachoeiras. 2150

Quero ao descer as montanhas,
À luz que o luar espalha,
Ouvir no vale a viola
Soar na choça de palha.

Ver descer os lavradores
Pelas encostas dos montes,
Enquanto lindas, faceiras,
Voltam as filhas das fontes;

E cantam 2151 trovas alegres,
E folgam pelo caminho,
No ar bebendo ofegantes
O aroma do rosmaninho.

Quero nos ranchos à noite,
À claridão das fogueiras,
Ouvir contar os tropeiros
Histórias aventureiras.

Quero paz, quero harmonias,
Liberdade, inspiração,
Que a poeira das cidades
Me atrofia o coração.

E quando o gêlo da morte
Sôbre meus olhos baixar,
Deixem-me à sombra dum cedro
Junto às selvas repousar.

O GENERAL JUAREZ

Triste o dom da linguagem!... Que eu não possa
Fundir meu pensamento
Em duro bronze ou mármore alvejante!
Vazar uma por uma
As sensações que fervem-me no peito
Aos olhares do mundo!
Arrebatam às lúcidas esferas
A celeste harmonia!
Roubar à madrugada as áureas pompas!
Arrancar aos desertos
A mais audaz hipérbole que encerram
Seus poemas gigantes!.....

Juarez! Juarez! sempre teu nome
Da liberdade ao lado!
Sempre teus brados ao passar dos ventos!
Sempre a lembrança tua
A cada marulhar de humanas vagas!
Em que fonte sagrada
Bebeste êsse valor e essa firmeza
Que os reveses não quebram?
Acaso viste, apareceu-te acaso
O espírito dos livres
Nos cômodos de neve imaculada
Das pátrias cordilheiras?
Escutaste-lhe a voz? Viste-lhe o rosto?
Osculaste-lhe as plantas?
Tocaste-lhe os vestidos resplandentes?...
Assim devera-o ser:
Junto dos céus, ²¹⁵² nas vastas assomadas
Cingidas de neblinas,
Ouvindo o eterno estrépito dos mares
Conheceste a ti mesmo.
Alto, mais alto que êsses altos píncaros,
Soletraste teu fado
No pavilhão sem fim que abriga os orbes,
E na luz te sagraste!
Mediste a exígua estância da existência,
Viste que teu destino
Não era semelhante aos dos mais homens
Que nascem na mentira,
Crescem à sombra de interesses torpes,
Cevam-se de vaidades,
Furtam-se ao faro augusto do futuro,
E após ligeiro prazo
De loucas ambições, de vícios negros,
Legam à mãe comum
Um punhado de cinza e de misérias,
Inúteis té na tumba!

Ah! se entre os filhos dêste ingrato tempo
Pode algum reclamar
De herói o nome, o nome de escolhido,
Não, não será decerto
O cruento levita do extermínio
Que as planícies ensopa

No sangue negro de milhões de vítimas!
Nem o tórvo embusteiro
Que sentindo a coroa mal segura
Abalar-se na frente,
O tino perde, e corre devastando
Tudo quanto o circunda.

E nem tampouco o estólido ocupante
De um aparente sólio.
Onde reluz a mica em vez do ouro,
E ganem os mastins
Sôbre os degraus molhados de saliva.
Porém tu, Juarez,
Tu e a sublime plêiade de eleitos
Que na história dos povos
Sôbre montões de algemas, triúmfantes,
Abrem aos seus os braços,
E em vez de diadema a frente cingem
De ramos de oliveira.

Quão enganada marcha a tirania!
Quão cego o despotismo
Paira e volteia nestas virgens plagas!
Há no seio da América
Um mundo novo a descobrir-se ainda:
Senhores de além-mar,
Quereis saber onde êsse mundo existe?
Quereis saber seu nome?
Sondai o peito à raça americana,
E nesse mar sem fundo,
Inda aquecido pelo sol primeiro,
Vereis a liberdade!

Tu a encaraste, Juarez, de perto!
No mais fundo das matas, ²¹⁵³
Onde a mãe natureza te mostrava
Um código mais puro
Do que os preceitos da infernal ciência
Cujas letras malditas
Queimam do pergaminho a lisa face,
Aprendeste o segrêdo
Que desde a hora prima do universo
As torrentes murmuram!
E contemplando o êrmo, o céu, as águas,
Choraste por ser homem!

Mas dos volcões sorvendo o fumo espêso,
Transpondo os areais,
Buscando asilo nas florestas amplas,
Arrostando as tormentas
Entre um pugilo de guerreiros bravos,
Pejaste de legendas
Todo o deserto que teus pés tocaram!
E as solidões sorriam,
Os abutres saíam de seus antros,
As turbas dos selvagens
Vinham surpresas se postar nos montes
Para ver-te passar!

O espírito de um povo nunca morre.
Não, não foram os homens
Que sôbre o globo prolongando a vista,
Regiões escolheram,
E formaram nações, usos e crenças;
Não, uma oculta lei
Disse: — ao Árabe as terras arenosas,
Aos Germanos a neve;

Aqui o fogo, a luz, ali neblinas;
Nesta calmos pastores,
Ali fortes guerreiros; sonhos, crenças,
Lhes servem de defesa.

A idéia cresce, avulta ou se concentra;
A índole se expande,
Ou no âmago d'alma ruge opressa.
Prometeu sobre o Cáucaso
Tem por medida de seu nobre orgulho
O fígado sangrento
Que o pássaro roaz lacera embalde.
Encelado dormita,
Mas ao mover-se no abrasado leito
Derrama sobre a terra
Uma golfada de betume escuro
E chamas devorantes.

De teu povo adorado a oculta chaga
Tu a tocaste, herói!....
Quando ao ninho do pássaro soberbo
Que as alturas devassa
Baixa e repousa o corvo deslavado,
E os condores implumes
Piam de medo à sombra do inimigo,
Também no azul dos céus
Solta um grito de raiva, as asas bate
E veloz como o raio
Hirto se arroja o príncipe das aves
Ao abrigo invadido.

Como imperfeito esbôço em tela imprópria,
Como pálida rima
Sobre confuso, insípido poema,
A glória de uma raça
Ninguém pode apagar no vasto livro
Que pertence ao porvir.
Embora a escravidão, guerras, flagícios
O brilho lhe escureçam,
Não morre uma nação, nem se aliena!
Antes no espaço
Mais facilmente um mundo se dissolve,
E torna-se em poeira!

Sombras ilustres dos guerreiros mortos
Na quadra lutulenta
Em que a pátria limava os duros ferros
Das hispanas cadeias,
Erguei-vos nesses campos celebrados
Onde os tênues arbustos
Nas noites calmas relatar parecem
Vossos feitos sublimes;
Vinde, a pátria vos chama, a pátria chora,
A pátria vos invoca,
A pátria mira Juárez, aflita,
Soluça e pensa em vós!

Bravos da liberdade mexicana!
Invicto general!
Olhai, olhai, não vêdes a vitória?...
Não, ao tronco gigante,
Glória das selvas, marco das idades,
Não deixeis que se enlace
A parasita vil, e a seiva beba,
E sobre seu cadáver
Cheia de vida eleve-se nos ares!
Não deixeis que a serpente
Sobre o jaguar enrole-se esfaimada!
E espedace-lhe os ossos!

Mortal mais do que um gênio! se entre os brados
De teus fortes guerreiros,
Se entre os aplausos de teu povo grato,
Escutares de longe
Os pobres cantos dum poeta obscuro,
Ah! perdoa-lhe o arrôjo!
Cegou-lhe o resplendor da liberdade,
Sonhou irmãs e unidas
Tôdas as raças das colúmbias terras!
Cantou, aceita o canto,
Aceita-o, no alcaçar dos potentados
Jamais alguém o ouviu!

A FILHA DAS MONTANHAS

(ELEGIA)

Esta viveu no meio das montanhas.
Foi seu passar um vôo de andorinha
À flor de lago azul, — seus verdes anos
Contaram-se por flores.
Desconheceu as sêdas e os veludos,
Finas alfaias, peregrinas jóias...
Talvez pensando no clarão dos astros
Zombasse dos diamantes!....
O coração polui-se nas cidades:
Podem ser bons os homens isolados,
Mas se o nó social num corpo os liga,
Meus Deus! tornam-se atrozés!
Dobram à lei o colo, e astutos traçam,
Mesmo aos olhos da lei, planos do inferno;
Peste moral de rápido contágio
Devora-lhes as vísceras!
Fazem da negra intriga uma ciência,
Sabem mentir à sombra da verdade;
E entre palavras de virtude incensam
O demo da calúnia!...
Feliz a virgem que repousa agora!
Feliz mil vêzes, não pisou nas praças!
Miseria flor, o hálito das turbas
A teria queimado!...
Inda florescem, vêde, os jasmineiros,
Inda as rosas se embalam junto à choça
Onde na sombra a triste mãe chorosa
Soluça amargamente!
As trepadeiras curvam-se à janela,
Gemem no teto os pombos amorosos,
Suspenso à porta na prisão gorjeia
O sabiá das serras.
Tudo isto ela adorava, e ela não vive!
E ela passou ligeira como a névoa
Que o vento da manhã varre do outeiro,
E dissipa nos ares!
Tudo isto ela adorava! Ao sol poente,
Leda e risonha, coroada a fronte
De rubras maravilhas, leve, airoso,
Vinha regar as flores;
E em meio erguida a barra do vestido,
Saltava como a corça, ora amparando
A hástea pendida de viçosa dália,
Outras vêzes solícita
Bravias plantas arrancando em tórno
Dos pequenos craveiros, ou tranqüila
Contemplando os botões que se entreabriam
À frescura da tarde.

E que sentidos cantos que cantava!
 Que ingênuos versos! Que singelas rimas!
 Tudo era amor, saudades, esperança,
 Ventura e mocidade!
 Depois a seu chamado as aves meigas
 Vinham em bando lhe brincar em tórno,
 Ora pousando nos bem feitos ombros,
 Ora nas mãos mimosas
 Colhendo os alvos grãos que lhes guardava
 Sua inocente amiga, ora escondendo
 As cabecinhas lânguidas nas ondas
 De seu basto cabelo!
 Pobres filhos do ar! Ela está morta!
 Ela está morta, ²¹⁵⁴ a virgem das montanhas!
 Chorai, chorai, os gênios de além-mundo
 Levaram-a consigo!
 Olhai! Seu rosto como é belo ainda!
 Que suave expressão nos lábios calmos!
 Longe de amedrontar-se ao ver a morte
 Parece que sorrija!
 Ali junto à palmeira está seu leito,
 Sem adornos, sem pompa e sem grandeza;
 A virgem dormirá livre do fardo
 De um mármore pesado.
 A virgem dormirá sem o zumbido
 De torpes vates, de oradores torpes;
 Poderá descansada ouvir os cânticos
 Dos anjos pelo espaço!
 No silêncio da noite as nuvens brancas
 Descerão sôbre a leiva consagrada;
 O orvalho das manhãs será tão doce
 Como o pranto fraterno.
 Feliz a virgem morta nas montanhas!
 No êrmo despertou, dorme no êrmo!
 O hálito empestado das cidades
 Não maculou-lhe a vida!
 Como a límpida gôta que dos ares
 Cai no seio da flor e aos ares volta,
 Sua alma pura em santa luz banhada
 Volveu para o infinito.

O FILHO DE S. ANTÔNIO

(CANÇÃO DE UM DEVOTO)

Bem sei, criança estouvada,
 Que por artes do demônio ²¹⁵⁵
 Furtaste, à noite passada,
 O filho de Santo Antônio!
 E sem medo, sem piedade,
 Cheia de um ímpio alvoroço,
 O mimo do pobre frade
 Correste a esconder no poço!

Arrepende-te, Chiquinha,
 Vida minha,
 Minha linda tentação!
 A divindade perdoa,
 Terna e boa,
 Os erros do coração.

Ah! que fizeste, insensata?
 Demo gentil, que fizeste?
 Por causa de um'alma ingrata
 Tu'alma pura perdeste!

Tira depressa a criança
 Do frio asilo onde está,
 Tem nos santos esperança,
 Que teu amor voltará.

Ainda é tempo, Chiquinha,
 Rôla minha,
 Minha rosada ilusão!
 A divindade perdoa,
 Terna e boa,
 Os erros do coração.

Acende uma vela benta
 Junto ao santo que ofendeste,
 Lançando a mão violenta
 Contra o pirralho celeste.
 Leva-lhe linda toalha
 Cheia de finos bordados,
 Talvez a oferta te valha
 O olvido de teus pecados.

Não te demores, Chiquinha,
 Trigueirinha,
 Que tens por cetro a paixão!
 A divindade perdoa,
 Terna e boa,
 Os erros do coração.

E quando alcançado houveres
 A remissão, minha vida,
 Mais formosa entre as mulheres,
 Vem, ²¹⁵⁶ mimosa arrependida,
 Vem que o santo receoso
 De novo furto, quiçá,
 Velará por teu repouso,
 Nosso amor protegerá!...

Não percas tempo, Chiquinha!
 Glória minha!
 Minha dourada visão!...
 A divindade perdoa,
 Terna e boa,
 Os erros do coração.

AS LETRAS

Na tênue casca de verde arbusto
 Gravei teu nome, depois parti;
 Foram-se os anos, foram-se os meses,
 Foram-se os dias, acho-me aqui.
 Mas ai! o arbusto se fêz tão alto,
 Teu nome erguendo, que mais não vi!
 E nessas letras que aos céus subiam
 Meus belos sonhos de amor perdi.

O ARREPENDIMENTO

Tens razão, já, soberana,
 Viste-me curvo a teus pés!
 Alma que do mal se ufana,
 Tarde conheço quem és!
 Mas a imagem que eu buscava,

Por quem meu ser suspirava,
Nem pressentiste sequer,
Quando uma fada invocando
Me vergava soluçando,
Prestava culto à mulher.

Tens razão, por grata estrêla
Tomei teu brilho falaz,
Sinistra luz da procela,
Círio das horas fatais!
Segui-te através de enganos,
Cheio de sonhos insanos,
Cheio de amor e de afã!
Sombra de arcanjo caído!
Busto inda quente, incendiado
Pelos beijos de Satã!

Na frente côr de açucena
Tinhas brilho sedutor,
Mas eras qual essa flor,
Cujo perfume envenena!
Tinhas nos olhos brilhantes
Os reflexos cambiantes
De uma aurora de verão,
Mas como a charneca escura
Só podridão, lama impura,
Guardavas no coração!

Na negra esteira dos vícios
Que os decaídos formaram,
Teus funestos artificios
Iludido me arrojaram!
Amei-te, amar foi perder-me!
Foi beijar da terra o verme
Crendo-o Deus da vastidão...
Em vez do sol que buscava,
Louco afoguei-me na lava
De medonho, atroz volcão!

Da vida estraguei por ti
Das quadras a mais risonha;
Mas hoje sinto a peçonha
Que nos teus lábios bebi!
Em meio de minha idade
Tenho n'alma a soledade,
Na frente o gêlo eternal;
Sinto a morte nas artérias,
E ao medir minhas misérias
Me orgulho de ser mortal!

ACUSMATA

(FRAGMENTO)

POETA.

Como se arrasta lentamente o tempo!
Como tarda o repouso! Como pesa
Sobre a lívida frente do poeta
Esta brônzea cadeia de agonias
Que chamamos a vida! Este motejo
Lancinante da sorte que resume,
Contraditória, atroz, inexorável,
Em dias contingentes de existência,
A eternidade de um sofrer sem nome!

Meia-noite! Hora fúnebre e tremenda!
Férreo vibrar de rispido martelo
Que os demônios acorda, e as larvas ergue
Nos dormitórios úmidos da morte.
Lugar comum dos bardos da descrença!
Momento de terror, risos, facécias,
Remorsos e pesar! Instante augusto
Em que Ela desce muita vez das nuvens
E vem sentar-se de meu leito à borda!...

Quero chorar. Mas não, não, que meus olhos
Têm pudor, não choram! E contudo
Sinto-os num mar de lágrimas perdidos!
Sinto que o pranto sobe-me do seio!
Sinto que o pranto desce-me do cérebro!
Sinto que o pranto escalda-me as retinas!
Sinto que fui feliz, e nessa quadra
Nem tristezas cantei, nem amarguras,
Mas Deus, a vida, a mocidade e a glória!

Detesto a escola fúnebre, e mentida,
De gordos desditosos que padecem
Os reverses da sorte em lauta mesa.
Detesto os cantos cétricos, descrentes,
De rosados ateus, sábios efêmeros,
Ímpios provocadores da desgraça.
Detesto-os, porque sofro, e sofro muito,
Porque suporto um pêso de misérias,
Tão grande que roxcia-me as espáduas!

Da natureza às múltiplas facetas
Tenho um plano pedido, onde, traçada, 2157
Veja nova existência; ao belo, à arte,
Mesma súplica hei feito; ao movimento,
Aos labores mais duros, aos trabalhos
Mais ásperos da vida, hei mendigado
Uma nuvem de paz, um véu de olvido!
E tudo é mudo! O que me resta agora?
O sossêgo da morte, a cinza, o nada!...

Morrer... cair... mudar... deixar o asilo
De uma prisão de carne e de misérias
Por um mundo ignoto! Aos ventos soltos
Desprender os andrajos derradeiros
De uma sórdida veste, e desnudado
Tiritar nos desertos do invisível!
Arrancar da esperança o último brôto!
Deixar a própria dor que obstinada
Há temido a razão milhões de vêzes!...

E no entanto eu tenho a noite n'alma!
E o descampado horrendo, estéril, vasto,
Há sucedido ao gênio que acendia
As fibras de meu crânio!... — Se contudo
Uma réstia de luz brilhasse ao menos!
Se uma voz me falasse! Se uma gôta
Das lágrimas que vertes por meu fado,
Anjo de piedade e de candura,
Me tombasse no seio, então quem sabe!...

Mentira! tudo é quêdo, imóvel, frio!
O vento passa, os espinheiros gemem
Torcendo os galhos secos, dir-se-ia
Que ameaçam as nuvens! Bem, morramos,
Tem belezas o pó, sonhos a tumba,
E a morte que os estultos amedronta
Brotou a meus olhos pensativa e meiga,
Coroadas de flores mais formosas
Que as tristes rosas dos jardins dos homens!

VOZES NO ESPAÇO.

Somos a idéia, o sentimento, a essência
Da criação inteira; a íntima nota
De quanto brilha, corre, canta e chora;
Somos o fluido eterno, que circula,
Envolve o globo, os seres, e penetra-os
De um infinito amor; somos a cítara
Onde o sôpro de Deus roça inflamado,
E sacode no espaço a paz aos homens
Num turbilhão de notas amorosas.

POETA.

Quem o sentido revelar pudera
Dêsse rumor confuso, imenso e vago,
Que se eleva da terra, semelhante
Ao ressonar dos gênios adormidos?
É ²¹⁵⁸ o prazer que fala ou a tristeza?
Reflete, sente o globo, ou condenado
A cruento penar, delira e geme,
E se desfaz em pragas horrorosas? ²¹⁵⁹
Ah! mistério tremendo! Ah! fundo arcano!

AS ÁRVORES.

Porque te afliges, mísero poeta?
Não nos conheces mais? — Olha, contempla,
E nestes troncos ásperos, nodosos,
Verás feições amigas. Nesta queixa
Que de nossas folhagens se desprende,
Escutarás de novo o meigo timbre
De teus sócios de infância. Nesta sombra
Que alongamos do chão, verás o leito,
Onde, tantos momentos, repousaste.

Ah! eras belo nesse tempo! A aurora
Tinha-te pôsto tôda a luz nos olhos!
Quando passavas, teu caminho ledo
De frescura e de fôlhas alfombrávamos!...
E tu partiste, ²¹⁶⁰ ingrato, e tu partiste!
E trocaste o sossêgo do deserto
Pelo fulgor das salas dos palácios!
Pelos fingidos risos da mentira!
P'ela voragem negra onde soluças!...

AS FLORES.

Somos dos astros amorosas noivas,
Cada noite uma estrêla nos envolve
Na teia luminosa, e nos transporta
A seu fúlgido leito. À madrugada
Fugimos de seus braços, e medrosas
Caímos sôbre os campos. Nossos seios
Trazem ainda o aroma dos cabelos
Dos celestes esposos; nossas faces
Estão rubras ainda de seus beijos.

Andróginas do éter, a desgraça
Nos dividiu nos primitivos tempos:
Uma parte fulgura entre as estrêlas,
Outra desceu à terra, e suspirosa
Cada noite meneia a débil fronte,
Mirando o firmamento. Um doce pranto,
Um pranto repassado de saudades,
Vem nos banhar o aveludado colo.
Que divina volúpia nessas lágrimas!

Poeta, a trepadeira solitária
Que se enrosca lasciva ao duro tronco
Do cedro secular; a flor guardada,
Entre os galhos do ipê, nas grossas fôlhas
De alpestre parasita; a mole acácia;
O manacá cheiroso que se ostenta
À beira d'água, pensativo e triste;
Os festões do ingazeiro e as açucenas,
Tôdas te amavam, te adoravam tôdas!

Nunca fomos ciosas! Muitas vêzes,
Brutal, nos trucidaste sem piedade
Para adornar as fronte suarentas
De grosseiras amantes! Muitas vêzes,
Distraído vagando, nos pisaste,
Como torpe animal! Porém que importa?
Se outras vêzes choravas debruçado
Beijando-nos o seio? Se outras vêzes
Tinhas tanta poesia a repetir-nos?

Ai! um dia esperamos-te debalde!
Tinhas partido, ingrato! Abandonaste
Nossa beleza cândida e modesta
Por essas sombras doentias, pálidas,
Que entre os lustres do baile se evaporam!
Por essas múmias sensuais que pejam
As alcovas de sórdidas pocilgas!
Pela morte encoberta e mascarada!
P'ela lepra insanável de tua alma!

Se tivesses ficado, oh! cada noite
Uma de nós se erguera embalsamada
Para as lendas contar de nosso reino!
Não o quiseste, doudo, agora é tarde;
E se ainda voltasses, a amargura
Nos faria murchar, cair sem vida,
A fim que o viandante nos tomasse
Para tecer a c'roa derradeira,
A c'roa derradeira que te resta!

O Rio.

Sôbre dourada areia desenrolo,
Soberano do val, meu régio manto;
Os passarinhos namorados cantam
Nas figueiras bravias; chora o vento
Nos densos taquarais... — Mas ah! poeta,
Não mais te vejo, nem te escuto ao menos
Da loura Grécia as náíades chamando!
Nem a meus flancos murmurando idílios!
Nem sôbre as águas a guiar teu barco!

Que fizeste, infeliz! Gênio bendito,
Eu te devera encaminhar no mundo!
Quando à tépida luz de amenas tardes ²¹⁶¹
Cantavas, sôbre as rochas inclinado,
Quantas promessas te não fiz! Que planos
Desvendei a teus olhos cintilantes!
Eu que te vi nascer e que te amava
Como a rôla ao deserto, à flor a abelha,
E os pintassilgos aos vergéis floridos!

E desprezaste a virgem que eu fadei-te,
Pura, mais pura que as estrêlas tôdas!
Cortaste o fio do dourado drama
Que no silêncio místico das noites,

Pensando em ti, tracei, esmando o espaço
De um brilhante porvir! Lírios e rosas,
Tudo pisaste no delírio insólito
De uma febre insensata! Desditoso!
O que te resta agora? O que te resta?

A ESTRÉLA VÉSPER.

Tudo repousa, as fôlhas da centáurea
Tremem de frio à beira do caminho,
Dobram-se os juncos nas lagoas negras,
E os vagalumes do deserto pasmam
À mansa luz que entorno sôbre os campos.
Porque não vens inspirações pedir-me,
Sonhador de outras eras? Porventura
Meu suave clarão não é tão belo
Como ao comêço de teus verdes anos?

NUMA CHOÇA DE PALHA.

Escutai os harpejos da viola,
São mais sentidos que o soprar do vento
Peijando a mêdo os arrozais viçosos;
Prestai ouvido à voz do sertanejo,
Que ela fala de amor, e a patativa
Nunca nos matagais gemeu tão triste!
Filhas da serra e das campinas,
Adornai-vos de rubras maravilhas,
Vinde, que a noite avança e o céu desmaia!

ESPÍRITOS NA ATMOSFERA.

Sacudi o sudário, errantes sombras,
Róseos espectros, lêmures da infância,
Fantasmas louros de ilusões perdidas!
Dançai, cantai nos planos luminosos
Que o íris cerca de brilhantes côres!
Chamai as fadas, e as ondinas leves,
Despertai nos palácios encantados
As princesas que dormem por cem anos!
Vinde fazer a orgia da saudade!

POETA.

Oh! se não fôsse um sonho! Se das trevas
Do sombrio passado inda pudesse
As almas evocar de tantos sêres!
Se esta prisão de argila e de misérias
Não vedasse-me o vôo! Se do livro
Onde flameja a lúgubre sentença
Eu pudesse rasgar uma só fôlha,
Uma só, grande Deus! Talvez lograsse
Todos os males apagar que hei feito!

NO ESPAÇO.

Cumpre teu fado nesse mundo ingrato.
Eu também caminhei, hoje descanso
Dos eleitos de Deus no vasto império!
Não se afastam de ti meus olhos ternos.
Manchou-me o pó da terra, a luz das luzes
Deu-me nova existência ao pé dos anjos.
Como te amei outrora, amo-te agora,
Furta ao lôdo tu'alma, olha as alturas,
E do empíreo no azul verás meu rosto!

POETA.

Donde parte esta voz? De que recinto
Misterioso, oculto, me dirige
Tão suaves concetos? Porventura
Além do firmamento, além dos astros
Uma plaga de paz e amor existe?
Onde está ela?... A mente se me abrasa!
Por tôda a parte só matéria vejo,
Luzes, vapores, ar, globos, esferas,
Mundos e mundos, sempre cheio o espaço!

Onde repousa o sólio do invisível?
Onde se abriga o sôpro imponderável
Que anima os corpos dos mortais na terra?...
Se as rédeas solto à fantasia ardente,
Ela abandona o pó, transpõe as nuvens,
Vence as estrélas, deixa o sol e o éter,
Arroja-se atrevida no infinito,
E nada encontra além do eterno abismo!
Nada! e no lôdo engolfa-se de novo!

Perdão, perdão, meu Deus! Busco-te embalde
Na natureza inteira! O dia, a noite,
O tempo, as estações, mudos sucedem-se,
E se falo de ti mudos se escoam!
Mas eu sinto-te o sôpro dentro d'alma!
Da consciência ao fundo eu te contemplo!
E movo-me por ti, por ti respiro,
Ouço-te a voz que o cérebro me anima,
E em ti me alegre, e choro, e canto e penso!

Da natureza inteira que aviventas
Todos os elos a teu ser se prendem,
Tudo parte de ti, e a ti se volta;
Presente em tôda parte, e em parte alguma,
Íntima fibra, espírito infinito,
Move, potente, a criação inteira!
Dás a vida e a morte, o olvido e a glória.
Se não posso adorar-te face a face,
Ah! basta-me sentir-te sempre, e sempre.

Eu creio em ti, eu sofro, e o sofrimento
Como ligeira nuvem se esvaece
Quando repito teu sagrado nome!
Eu creio em ti, e vejo além dos mundos
Minha essência imortal brilhante e livre,
Longe dos erros, perto da verdade,
Branca dessa brancura imaculada
Que os gênios inspirados, nesta vida, ²¹⁶²
Em vão tentaram descobrir nos mármoreos.
.....

A SÊDE

1810

I.

Cada vez mais possante e mais robusta
Bramia audaz a insurreição nascente
No coração do México. As colinas
Tornavam-se tremendas fortalezas,
Transbordavam as selvas de guerreiros
E as grutas de armamentos. A alvorada
De dia em dia seu clarão furtava
À milhares de sêres, e o silêncio

Das noites estivais não mais cobria
A face desolada dos desertos,
Onde vencido e vencedor rugiam
Ensopando de sangue o chão revólto.
As moças aldeãs tinham perdido
Seu riso jovial, e recolhidas,
Em tórno ao triste lar, cheias de luto,
Deslembavam seus cantos prazenteiros
Para chorar a morte dolorosa
Dos pais ou dos irmãos. O céu brilhante
O próprio céu da terra americana
Não mais sorria aos campos devastados.

II.

Vinha descendo a noite, trega noite
De pavores e sustos. Na planície
Que entre Anelo se estende e entre Monclova
Soam confusas vozes, brilham lumes,
Cruzam-se à chama rubra das fogueiras
Vultos inquietos. O rumor aumenta-se,
Novas figuras erguem-se do solo;
Tinem espadas; ameaças troam,
E um só clamor se estende pelo espaço
Os ecos acordando: "Temos sede!
Dai-nos água por Deus!" Então da sombra
Um homem se destaca; seus olhares
São calmos e tristonhos, o sorriso
Forçado de seus lábios anuncia
Mal disfarçada mágoa, tem nos braços
Uma tenra criança. "Ouvi, meus filhos,
Disse com voz serena, aqui vos deixo
Este anjinho ²¹⁶³ em penhor; se à madrugada
Não tiverdes matado a sede ardente
Fazei o que pensardes. Sobre a terra,
Único leito que ao guerreiro livre
O Senhor permitiu, sofre sem queixas

Minha espôsa infeliz! E vós, guerreiros,
Vós que lutais em prol da liberdade,
Que a pátria defendeis, vergais o colo,
Servos de vergonhoso desespero!"
Assim dizendo, sobre a fria areia
A criança depôs. "Não! não! bradaram
Enternecidas vozes, o inocente
Deve ao lado dormir da mãe que o adora!
Confiamos em vós, depressa a noite
A terra deixará." E pouco a pouco
Foi-se afastando a turba de seu chefe,
Que a passos lentos se perdeu na sombra
Agasalhando ao seio o pobre filho.

III.

Junto de estéril céspede inclinada,
Sobre grosseiro manto, se desenha
Um vulto de mulher; ao lado dela
Dous guerreiros vigiam. Pensativo
Vem se sentar o chefe a poucos passos.
Após um meditar de instantes curtos,
"Valdívia, diz, encontrarás cem homens
Dedicados e fortes, que nos sigam,
Entre essa pobre gente que delira?
— Sim, responde Valdívia, o destemido,
Valente lutador, de brônzeos músculos,
Alma de herói em corpo de granito;
Sim, e o primeiro sou!" A estas palavras
O outro guerreiro levantou-se rápido.

"E também eu, meu pai", disse abraçando
O resoluto chefe. "Bem, agora
Trata de os avisar, um só momento
Não devemos perder. O Rei das Sombras
Que venha ter comigo." Os dous guerreiros,
Quais dous raios partiram. Triste o chefe
Voltou-se à triste espôsa, e lhe depondo
Um frio beijo sobre a fronte fria,
Deitou-lhe ao lado o mísero filhinho.
"Minha pobre Evelina, que fadário
Lutulento é o nosso!" Disse, e a sócia
De seu fundo sofrer, vendo-lhe os olhos
Num véu de acerbas lágrimas envoltos,
Lançou-lhe ao colo os braços amorosos,
Chorou com êle o pranto do infortúnio.

IV.

Também no seio dêste mundo virgem
Há desertos terríveis, flagelados
Por um sol implacável. Vastos mares
De areia movediça se desdobram
Até perder-se além nos horizontes.
Nem uma gôta d'água nesses ermos!
A noite lhes negou seu fresco orvalho,
E as chuvas do verão fugir parecem
A seu hórrido aspecto. Desditoso
Do viandante que o roteiro perde
Nessas paragens lúgubres, ²¹⁶⁴ malditas!
Contudo às vêzes junto a ingrata mouta
De ressequido cáctus se levantam
De uma cisterna os lábios: são lembranças
Que deixaram, quem sabe, errantes hordas,
Ou mãos piedosas de piedosos seres
Que nessas plagas muita vez sentiram
O martírio de Agar nas soledades.
Mas nem restava êste recurso ao menos
Ao desditoso chefe! as tropas bárbaras,
Mais bárbaras que os bárbaros d'outrora,
Tudo entulhado haviam! Dias quatro
Da liberdade os bravos combatentes
O suplício da sede suportavam!

V.

"Eis-me aqui, general!" a poucos passos
Uma voz murmurou rouquenha e surda,
E: um vulto adiantou-se. "O Rei das Sombras?
— Sim." Era um homem de estatura hercúlea,
A dúbia frouxa luz que das fogueiras
Mal clareava a cena, sobre o dorso
Batia-lhe fugaz, como nos músculos
De uma estátua de cobre a claridade
Das solitárias lâmpadas de Brama.
O Rei das Sombras.... atrevido nome,
E contudo feliz. Da selva os filhos,
Homens de rubra tez, negros cabelos,
Ageis no jôgo da ligeira seta,
Amam da língua as pompas; o deserto
É seu vocabulário, e que belezas
Não encerra o deserto! O Rei das Sombras
Tinha nascido à sombra das folhagens
Das matas primitivas, como as aves
Livres, e como a amplidão; mais tarde o acaso
Fê-lo deixar seu paços de verdura
Para seguir o aventureiro officio
De guiar no deserto os viajores.
Tinha talvez de idade doze lustros.

Ninguém mais destro, mais sagaz, mais fino
Em descobrir os rastros do inimigo,
Vencer perigos, prevenir os fatos,
E até, diziam, predizer aos homens
Os arcanos vendados do futuro.

VI.

Ao Rei das Sombras dirigiu-se o chefe.
"Disseste que a seis horas de caminho
Uma fonte acharíamos? — Eu disse,
General, mas um bando de inimigos
Velam aí, traidores como as serpes!
Em deserta fazenda, circundada
De erguidos muros, seu quartel formaram;
A cada instante em tórno as sentinelas
Gritam rondando. — Não importa, a morte
Será menos cruel aos golpes dêles
Do que nas ânsias desta sêde insólita
Que as entranhas nos rói! Prepara as armas,
Consulta a noite e os ventos, e conduz-nos.
Já dos cavalos as passadas ouço."

VII.

Partira o chefe e o grupo de guerreiros.
Por entre as nuvens as estrêlas mórvidas
Vertiam sôbre a terra sonolenta
Seus últimos clarões. Os horizontes
De uma côr violácea se tingiam,
E amplos areais, tredos, imóveis,
Esperar pareciam tristemente
O dúbio riso de uma aurora enférma.
Tudo dormia; o lume das fogueiras
Sob um sudário de ligeira cinza
Parecia também, meio abafado,
Dormir sôbre os tições... Oh! Deus! que alívio
Não deste aos sêres nesta irmã da morte,
Rima da noite, que se chama o sono!
Evelina acordou sobressaltada:
"Escuta, disse ao filho que ficara
Por mandado do chefe; escuta, filho,
Disse ao moço guerreiro, tive um sonho,
Cheio de horror e cheio de presságios!
Punha-se o sol, um turbilhão de fumo
Cobria o descampado, em seu cavalo
Galopava teu pai a tôda brida
Em direção a nós; e no entanto,
Bem longe de alegrar-me, dentro d'alma
Uma pungente dor me lacerava!
Depois vi-me a mim mesma, em meus cabelos
O sangue gotejava, um véu de morte
Empanava-me os olhos desvairados,
E corri a encontrá-lo; quando perto
Os braços lhe estendia, agudo grito
Escapou de meu peito, e sôbre a terra
Caí fria e sem fôrças.... o inditoso
Não tinha mais nos ombros a cabeça!"
O mancebo pensava; nesse quadro
Confuso, incoerente, presentira
Sinistros laivos de uma atroz verdade.

VIII.

Em breve no oriente o rei dos astros
Foi-se mostrando aos poucos. Os guerreiros
Ergueram-se bradando: "O sol desponta,
Vamos buscar o chefe; é vinda a hora

Da promessa cumprir." Mas quando junto
Chegaram do lugar onde a família
Do chefe descansava, e em vez do chefe
Só encontraram Evelina aflita,
O moço pensativo e a criancinha
Chorando fracamente, em altas vozes:
"Traição! traição! bradaram, pague o filho
Pela infâmia do pai! — Sim, ²¹⁶⁵ disse um índio
De turvo olhar e feia catadura;
Vêde, o infame traidor levou consigo
Cem traidores guerreiros; vêde, amigos,
Quantos de menos entre nós se contam!
— Traição! vingança!" vozeou a turba,
E como a vaga infrene que se atira
De uma ilha isolada às êrmas praias
Avançou para as vítimas rugindo.
"Ninguém se chegue, escutem-me primeiro!"
Disse o moço apontando os brônzeos canos
Das armas que trazia à onda viva
Raivosa dos rebeldes. O silêncio
Estendeu-se um momento onde soara
Há pouco a tempestade. "Eu também juro
Sôbre minh'alma, sôbre minha vida,
Que sereis satisfeitos. Bravos, ânimo!
Deixai que em meio céu o sol fulgure,
Se meu pai não voltar...." Esta proposta
Não contentou a turba; no entanto
Ela calmou-se um pouco, e dispersada
Sôbre a areia dos êrmos esperava
Que fulgurasse o sol, o sol do meio-dia.
Esse instante chegou, não veio o chefe!

IX.

Mas entre nuvens de poeira ao longe
Assoma um cavaleiro; denso nimbo
Que os aquilões fustigam pelo espaço
Não corre mais ligeiro. Tem o corpo,
Do valente animal pendido às crinas,
Mas o curvado e musculoso dorso
Brilha aos raios do sol como os relevos
De um escudo de ferro. "O Rei das Sombras!"
Todos bradaram prolongando a vista.
Em breve êle alcançara o acampamento.
"Filhos da liberdade! eia, ²¹⁶⁶ marchemos!
Ofegante exclamou, que nosso chefe
Luta como um herói por vossa causa!
Ah! de nossos irmãos apenas restam
Quarenta bravos, tudo o mais é morto
Aos golpes impiedosos dos tiranos
Que laceram a pátria. Eia guerreiros!
Sem vosso auxílio o general sucumbe!
— Vamos! vamos! em marcha! grita o moço.
— Em marcha! diz a turba." Num momento
A multidão moveu-se como as vagas
Por alto mar nas horas de borrasca.
E as carrêtas pesadas se abalaram
Sôbre as quentes areias, e o deserto
Viu sem saudade os hóspedes partirem.

X.

Tinha-se pôsto o sol, mas o ocidente,
Tinto de rubra côr, sôbre as planícies
Derramava um clarão sinistro e feio.
As altas rochas, os grosseiros cardos,
Erguiam-se fantásticos, imóveis,
Ora como sepulcros solitários,

Monumentos estranhos de uma raça
 Que nunca os homens viram; ora um grupo
 De informes criaturas imitando;
 Ora disperso turbilhão de espectros
 No vasto chapadão cismando quedos
 À luz sangrenta de um vulcão sem fundo.
 Os guerreiros marchavam. Pouco a pouco
 Menos estéril se mostrava o solo,
 E as rochas mais escassas. Firme terra,
 Em vez de areia movediça, os passos
 Dos corcéis repetia; os arvoredos
 Pareciam surgir como prodígios
 Aos olhares da tropa sequiosa.
 De repente um rumor confuso e vago
 Fêz-se ao longe escutar. O Rei das Sombras
 Deteve-se e falou: "Estamos perto,
 Esperai-me tranqüilos neste sítio,
 Vou ver o chefe, num relance d'olhos
 De novo me acharei a vosso lado."
 Inda bem não findara estas palavras
 Quando um ruído estranho, discordante,
 Mistura de gemidos e blasfêmias,
 Galopar de corcéis, tinir de espadas,
 Soou na solidão. "Silêncio! clama
 Prestando ouvido o índio valeroso;
 Silêncio!" E mais veloz do que a pantera
 Ao chão saltou, e as ramas afastando
 Cautou se adiantou. Nesse momento
 A ²¹⁶⁷ pequena distância as fôlhas rangem
 Sob rude tropel, retumba o solo
 E um cavalo se arroja esbaforido
 Junto à tropa ansiosa; sôbre os lombos
 Sustentava um guerreiro, e êsse guerreiro
 Era o mísero chefe. O desditoso
 Tinha do tronco a frente separada!
 Dos cem valentes que levou consigo
 Nenhum, nenhum restara! Muitos dêles,
 À cauda dos cavalos amarrados,
 Deixavam no deserto atrás do chefe
 Um rastilho de sangue sôbre o solo!

X I.

As tropas do inimigo estavam perto!
 Estavam perto as tropas do inimigo!
 Pando feroz as vítimas seguira!
 E riam-se e zombavam!.....

Bravos da independência mexicana,
 Não há palavras na mundana língua
 Que pinte a raiva dêsses homens livres
 Vendo do chefe o mutilado corpo!
 As massas monstruosas que rebentam
 Das cimeiras dos Andes; as torrentes
 Que no seio do abismo se despenham;
 O furacão que arrasa as soledades;
 O raio, a tempestade, a própria morte,
 Tão cruentos não são, não são tão negros,
 Nem tanto estrago no deserto hão feito
 Como a explosão da fúria sanguinária
 Daqueles bravos êbrios de vingança!
 Duzentos homens sôbre o chão caíram
 Sob a espada dos livres! "À fazenda!
 O filho do finado, o novo chefe,
 Gritou enfebrecido. — Sim! bradaram,
 À fazenda! à fazenda! E' morto o chefe,
 Conduza-nos o filho em lugar dêle!"

X I I.

Sombrias nuvens pelo espaço rolam,
 Ora vendando a face das estrêlas,
 Ora deixando-as cintilar mais vivas,
 Mais fulgentes ainda, sôbre a espêssa,
 Basta melena dos bulções medonhos.
 Inquieta a noite vai, raivosos ventos
 P'assam roubando às árvores as fôlhas,
 E em tredos silvos vão perder-se ao longe
 No imenso da solidão. De instante a instante
 Um lampejo sulfúreo os ares corta
 Aclarando o deserto que repousa
 Da branca areia no sudário imenso.
 O vulto tenebroso extenso e lúgubre
 Da lúgubre fazenda se levanta,
 Ostentando as muralhas gigantescas
 Aos olhares dos bravos combatentes.
 Bradam de instante a instante as sentiuelas,
 Os inimigos velam ressentidos
 Da refrega ²¹⁶⁸ da tarde, talvez temem
 A surpresa dos livres. "Bravos somos,
 Bravos e muitos, diz o moço chefe;
 Muitos e sequiosos; avancemos;
 Vêdes êsse portão? E' necessário
 Em pedaços fazê-lo; vamos, vamos,
 O momento é propício... — Não, reflete,
 A distância medindo, o Rei das Sombras;
 Fique a metade aqui dos assaltantes,
 Busque a outra escalar os altos muros;
 Quando dentro estiverem da fazenda
 Seja dado um sinal, então por terra
 Lançai vós outros o portão maldito
 Aos golpes dos machados. Bravos somos,
 Há dito o chefe, bravos nos mostremes,
 Libertemos a pátria! — Combatentes,
 Disse uma voz enérgica, mas doce,
 Acerba, mas sonora, a poucos passos
 Frrram vinte guerreiros, são soldados
 De livre capitão, êles não tardam
 Em reünir-se a nós, inda um momento
 Retardemos o ataque." Era uma estranha,
 Contudo bela imagem de guerreiro, ²¹⁶⁹
 Quem assim se expressava; tinha aos ombros
 Uma curta espingarda, espada ao lado,
 Mas de mulher as vestes cobriam
 O corpo airoso, e nos fogosos olhos,
 Onde os prazeres habitar deveram,
 A vingança brilhava: era Evelina!

X I I I.

"México e liberdade! dentre as sombras
 Uma voz murmurou pausada e firme.
 — México e liberdade! repetiram
 Erguendo-se os guerreiros. — Vinde, vinde,
 Disse Evelina apresentando ao filho
 O novo companheiro. — Vinde, vinde,
 Repete o moço chefe adiantando-se,
 Há muitos dias que aqui estais? — Há quinze,
 O capitão responde. — Haveis sofrido?.....
 — Perda de bravos, privações sem nome!
 — Pois bem, é hoje o dia da vingança."
 E assim dizendo o plano comunica
 Do ataque da fazenda ao chefe amigo.
 "Ocorre-me uma idéia, êste pondera,
 Tenho uma peça, munições e balas,
 Mas falta-me a carrêta, se possível

Fôsse trazê-la e descobrir um meio
 Desta falta sanar. . . . — E' grande a peça?
 Uma voz perguntou. — Não muito grande,
 O chefe lhe responde. — Quantos homens
 São mister para erguê-la? — Cinco. — Vamos,
 Prossegue a mesma voz grave e segura,
 Eu farei a carrêta." Era Valdívia,
 Que o morto chefe dispensado houvera
 Quando havia partido; era Valdívia,
 O hércules da tropa, quem falava.

XIV.

Pouco tempo depois estava a peça
 No meio dos guerreiros. "Mãos à obra,
 Disse o chefe mancebo, o Rei das Sombras
 À frente de cem fortes combatentes
 Busque os muros vingar e introduzir-se
 No pátio ²¹⁷⁰ da fazenda; e nós, amigos,
 Nós trataremos do portão; é tempo,
 A peça examinemos sem demora."
 Assim dizendo, ²¹⁷¹ à formidável porta
 Em vão tentaram do canhão mortífero
 As fauces apontar; em vão, a terra
 Em tórno das muralhas levantada
 Protegia o recinto, era forçoso
 Erguer do solo o bélico instrumento,
 Pô-lo do ponto desejado ao nível.
 Houve um momento de silêncio. "Agora
 O que havemos fazer? diz o mancebo,
 Que partido tomar? — Sempre o da luta,
 Responde-lhe o colosso; o Rei das Sombras
 Que siga seu destino com seus bravos,
 Chamai dez homens, soerguei a peça,
 Eu serei a carrêta! — Tu, Valdívia!
 — Eu sim, eu mesmo," e sôbre o chão cravando
 Os joelhos e as mãos, falou de novo:
 "Tragam a peça e amarrem-na nas costas!"
 Em breve dez guerreiros reforçados
 Nos rijos lombos do robusto atleta
 O canhão colocaram, duras cordas
 Em tórno da cintura lhe passaram
 A fim de bem suster o enorme pêso.
 O herói nem se moveu. "Agora, amigos,
 Carregai êste monstro até a bôca,
 Apontai ao portão, fogo!" Os guerreiros
 Que deviam seguir o Rei das Sombras
 Tomaram seu caminho, e o moço chefe,
 Ora fazendo-se inclinar a peça
 Nos ombros de Valdívia, ora elevando-a,
 Fêz carregá-la, examinou a mecha,
 Apontou ao portão, e resoluto
 Acendendo o murrão: "E' tempo! disse,
 Ânimo, bravo!" E a mecha incendiou-se,
 Rugiu o bronze, vomitou seu raio,
 E levantando a frente o homem-carrêta
 Sorriu-se e murmurou: "Mais outra bala,
 Carregai-a de novo até a bôca!
 Ah! maldito portão! portão maldito!"
 Já entre os muros do sombrio forte
 Começava o rumor da soldadesca,
 Sons de clarins e rufos de tambores,
 Anúncios de defesa e de combate.
 Segunda vez no dorso de Valdívia
 O canhão trovejou e a bala rápida
 Abalou o portão até seus gonzos.
 O bravo levantou de novo a frente
 Suarenta, inflamada. "Um tiro ainda!

Disse com surda voz, e tudo é feito!
 Carregai-a sem mêdo até à bôca!"
 O chefe obedeceu, a ígnea mecha
 Mais uma vez brilhou, partiu o raio,
 O trovão retumbou, a grande porta
 Em pedaço caiu, e um grito agudo,
 Atroz, pungente, iêz-se ouvir no espaço!
 O herói da noite se torcia em ânsias
 Debaixo do canhão! O último abalo
 Tinha-lhe a espinha vertebral partido!
 Dez minutos depois era um cadáver.

XV.

"México e liberdade! Eia, avancemos!"
 Bradaram numa voz os assaltantes; ²¹⁷²
 E como as vagas de caudal torrente
 De erguida serra na garganta estreita
 Com pavorosos urros se engolfando,
 Em confuso tropel se arremessaram
 À livre entrada que o canhão fizera.
 Um granizo de balas sibilantes
 Partiu dos sitiados, derribando
 Muitos dos invasores. "Vamos! vamos!"
 Bradava o chefe, e os ávidos guerreiros
 Rompendo a densa nuvem de fumaça
 No pátio ²¹⁷³ da fazenda penetraram.

XVI.

Então à dúbia luz dos astros raros,
 Que entre as nuvens condensas cintilavam,
 Houve uma cena horrível. Semelhantes
 A dous bulhões medonhos que se enroscam,
 Torcem-se unidos atroando o espaço,
 Ao som de seus bramidos estrondosos,
 Os guerreiros do forte e os assaltantes
 Numa só massa escura se fundiram,
 Caos de sêres humanos consumido
 Pelo fogo da raiva e da vingança!
 Ondas de desespero e de loucura!
 Mistura de paixões e de martírios
 Patente à luz das tímidas estrêlas
 Na sombria nuez de seus horrores!

XVII.

Enquanto isto passava-se no pátio, ²¹⁷³
 Tendo os muros transposto o Rei das Sombras
 Invadia o edifício onde açodado
 O comandante ao lado de alguns homens,
 Bravo como um leão, se defendia.
 Debalde! A mão de Deus era visível,
 E o anjo tutelar dos entes livres
 Batia as asas longas, inflamadas,
 Em tórno de seus filhos prediletos.

XVIII.

"México e liberdade!" os combatentes
 Que lutavam no pátio repetiram
 Sob a expansão de um júbilo indizível.
 "México e liberdade!" das janelas
 Do sombrio edifício lhes responde,
 De seus bravos no meio, o Rei das Sombras.
 "México e liberdade!" e à luz de um facho
 Desenhou-se na porta do edifício

O vulto de Evelina. "Vencedores!
Disse atirando às pedras da calçada
Uma sangrenta e lívida cabeça,
Eis ali meu quinhão! — O comandante!"
Atônitos bradaram contemplando
A frente fria do inimigo chefe.

.....
Está passada a sede da vingança,
Mas a sede do corpo nos devora,
Às cisternas, guerreiros, às cisternas!

ENÔJO

Vem despontando a aurora, a noite morre,
Desperta a mata virgem seus cantores,
Medroso o vento no arraial das flores
Mil beijos furta e suspirando corre.

Estende a névoa o manto e o val percorre,
Cruzam-se as borboletas de mil côres,
E as mansas rôlas choram seus amôres
Nas verdes balsas onde o orvalho escorre.

E pouco a pouco se esvaece a bruma,
Tudo se alegra à luz do céu risonho
E ao flóreo bafo que o sertão perfuma.

Porém minh'alma triste e sem um sonho ²¹⁷⁴
Murmura olhando o prado, o rio, a espuma:
Como isto é pobre, insípido, enfadonho!

LIRA

Quando me volves teus formosos olhos,
Meigos, banhados de celeste encanto,
Rasgo uma fôlha da carteira, e a lápis
Escrevo um canto.

Quando nos lábios do rubim mais puro
Mostras-me um riso sedutor, facêto,
Encomendo minh'alma às nove musas,
Faço um sonêto.

Quando ao passeio, no mover das roupas,
Deixas de leve ver teu pé divino,
Sinto as artérias palpitarem túmidas,
Componho um hino.

Quando no mármore das espáduas belas ²¹⁷⁵
As negras tranças a tremer sacodes,
Ébrio de amor, sorvendo seus perfumes,
Rimo dez odes.

Quando à noitinha me falando a mêdo
Elevas-me do céu à luz suprema,
Esqueço-me do mundo e de mim mesmo,
Gero um poema.

O MESMO

Desde a quadra a mais antiga
De que rezam pergaminhos,
Cantam a mesma cantiga
Na floresta os passarinhos.

Têm ²¹⁷⁶ o mesmo aroma as flores.
Mesma verdura as campinas,
A brisa os mesmos rumores,
Mesma leveza as neblinas.

Tem o sol as mesmas luzes,
Tem o mar as mesmas vagas,
O deserto as mesmas urzes,
A mesma dureza as fragas.

Os mesmos tolos o mundo,
A mulher o mesmo riso,
O sepulcro o mesmo fundo,
Os homens o mesmo siso.

E neste insípido giro,
Neste vôo sempre a êsimo,
Vale a pena, em seu retiro,
Cantar o poeta, mesmo?

A UM MONUMENTO

Triste, negra vassalagem
Do mais baixo servilismo,
Negreja no espaço a imagem
Consagrada ao despotismo.

E em tórno dela agrupados,
Vergonha de nossa idade!
Estão os vultos sentados
Dos filhos da liberdade!

O povo curva-se e passa,
Porque não vê a ironia
Que encerra essa brônzea massa
Indigna da luz do dia.

Porque nunca leu a história
Das turvas eras passadas,
Fôlhas brilhantes de glória,
Mas de sangue borrifadas.

Porque não conhece o drama
Do mártir que ali morrera,
Por zelar a sacra chama
Que a liberdade acendera.

Pobre turba! Néscia e fátua
Na sua soberania,
Beija os pés à fria estátua
Que há de esmagá-la algum dia!

A PENA

(FRAGMENTO DE UM POEMA ÍNTIMO).

.....

Poucos instantes de vida
Me restam, oh! bem o sei!
Fiquei vencido na lida,
Seja assim, cumpra-se a lei!
Fui forte, com firmes passos
Transpus desertos espaços,
Afrontei mil temporais,
Sorri no dorso das vagas
Da tormenta às surdas pragas,
Da morte aos brados fatais!
Bebi de tôdas as taças,
Provei tôdas as desgraças,
Tôdas as dores sofri;
Mortal, vergou-me o martírio,
Nem a luz tenho de um círio,
Sinto na fronte o delírio,
Não passo além, durmo aqui.

.....

E no entanto que sonhos,
Que planos ledos, risonhos,
Minha mente não formou
À luz dêste céu brilhante,
Sôbre êste solo gigante
Que o Senhor abençoou!
Quantas vêzes reclinado,
Mansamente balouçado
Sôbre o regaço materno,
Não senti por minhas faces
Roçarem gênios falaces
Que me apontavam mendaces
Um porvir de gôzo eterno!

.....

Meu Deus! Porque me lançaste,
A mim, ²¹⁷⁷ levita da dor,
Na terra onde derramaste
Tanta vida e tanto amor?
Porque à mágoa sem nome
Que minhas fibras consome,
Tanta luz antepuseste?
E quando tudo folgava,
Quando tudo se alegrava,
Porque chorar me fizeste?
Porque me deste um destino?
Porque me deixas sem tino
No meio da criação,
Imagem de um mal acerbo,
No teu poema soberbo
Sangrento escuro borrão?

.....

Quantas flores hei plantado,
Quanto arbusto hei adorado,
O tempo tem derribado,
Tem o lôdo consumido!

Hoje sôbre o meu calvário,
Triste, mudo, solitário,
Rasgo as dobras do sudário,
Mordo a cruz enfebrecido!.....
Humilhar-me ao sofrimento?
Nunca! As rajadas do vento
O cedro jamais se dobra!
Tenho o orgulho da desgraça,
Quanto mais à dor se abraça
Mais fôrça minh'alma cobra!

.....

Oh! minha pena querida,
Não quero ensopar-te, não,
Na funda, negra ferida
Que tenho no coração!...
Não quero, não posso! Ainda
Eu a vejo airosa e linda
Vir-se sentar junto a mim!
E não é mais que uma idéia!
Fôlha de rôta epopéia!
Fátua luz que bruxuleia ²¹⁷⁸
Sôbre um deserto sem fim!
E não é mais que uma nota,
Triste, lânguida, remota,
Nas solidões do passado!
Um monte de brancos ossos!
Marco atirado entre os fossos
De medonho descampado!
Oh! minha pena mimosa,
Minha pena graciosa,
Companheira carinhosa
Dos festins da mocidade!
Meu orgulho de criança!
Mais tarde loura esperança!
Maga estrêla de bonança
No meio da tempestade!
Vou deixar-te! Está quebrada
Essa trindade adorada
Que tantos sonhos gerou!
Ela partiu, nós ficamos!
Ingratos, não mais riamos,
Oh! de lágrimas enchamos
O espaço que ela ocupou!

.....

Mas não! Se te ordena a sina,
Se o destino assim te manda,
De pé sôbre a própria ruína
Canta, oh! alma miseranda!
Pede ao inferno uma lira,
Toma os guisos da loucura,
Dança, ri, folga e delira
Mesmo sôbre a sepultura!
Solta rudes harmonias,
Brinda a morte e as agonias,
Canta as cóleras bravias
Dos precitos eternos;
Sôbre túmulos e berços
Escreve ainda, e teus versos
Sejam banhados, imersos,
Nos prantos de Satanás!

.....

LEVIANDADES DE CÍNTIA

PANFÍLIO, ANFILÓFIO, MARCULFO.

Noite. Um rio com uma ponte. Panfílio à margem esquerda.

PANFÍLIO.

Círios da noite, vívidas estrêlas,
Apagai vossa luz! Veigas, campinas,
Onde tantos momentos palpitante
De poesia e de amor errei tecendo
Hinos à ingrata por quem tanto sofro,
Envolvei-vos num manto tenebroso!
Furtai o turbilhão de vossas dríades
De meu trágico fim à triste cena!
E tu, ²¹⁷⁹ cruel tirana de minh'alma,
Tu que apagaste meus rosados sonhos,
Que afogaste meus planos de esperança
No oceano sem fim de tua astúcia,
Adeus! adeus! No seio destas águas
Quero ocultar meu drama de mártirios,
Minha história de lágrimas e sombras!

Aparece Anfilóbio à margem direita.

ANFILÓFIO.

Eis aqui o lugar êrmo e sinistro
Onde vou terminar minha existência.
Deus me perdoe, sôbre êste vil planêta
Vale mais um defunto que um mendigo.
Ignoro a política, estou pobre,
Heranças não espero, acho-me velho,
E' preciso morrer. Examinemos
Esta líquida cama. Quando a aurora
Estender caprichosa os seus rabiscos
Na cúpula do céu, meu fim nefasto
Correrá, bem o sei, de bôca em bôca
Pela cidade tôda. "Era um bom homem,
Os vizinhos dirão; morou dez anos
Junto de nós e nunca nos queixamos,
Nem tínhamos de quê; amava os pobres;
Nunca na vida alheia intrometeu-se,
Nem fez mal a seu próximo. . . . sômente
Era amigo do vinho e das mulheres,
E voltando do jôgo às vêzes bêbado
Punha tôda esta rua em movimento."
Outros dirão: "Matou-se? Aos sessenta anos
Um homem de juízo não se empenha
Em conquistas venais. Teve sultana,
Boa mesa, bom vinho e maus amigos;
Comprou sêdas, brilhantes, carros, móveis,
E cego por seu ídolo funesto
Fêz da burra um altar para adorá-lo.
Foi melhor que morresse; Deus o tenha."

PANFÍLIO.

Negro destino! Abandonar o mundo,
A esperança, o porvir, talvez a glória,
A fortuna, o prazer, na flor dos anos,
E buscar os desertos de além-túmulo,
Cheio de desespero! No entanto
Não posso mais viver! Pois bem, morramos!
Amanhã os jornais desta cidade
Num artigo de fundo acomodado

Entre tarjas de luto, em grandes letras, ²¹⁸⁰
Dirão: "Mais um talento há sucumbido
Ao pêso das desditas! Mais um astro
Perdeu-se entre os negrumes da tormenta!
Panfílio já não vive! Já não vive
O terno sabiá que amenizava
Com seu canto sentido estas paragens!"
Talvez ao ler a lúgubre notícia
A ingrata chore, e lá na eternidade
Eu goze do prazer de ver meu nome
Impresso em grossos tipos.

ANFILÓFIO, *descobrimo Panfílio.*

Não me engano,
Eu vejo alguém que fala e gesticula,
Do outro lado do rio. Estou perdido!
Espreitam-me talvez! Se porventura
A cruel que arruinou-me, e por quem morro,
Suspeitasse o projeto que acalento
Em silêncio há três dias! Oh! mulheres!
Mulheres!

PANFÍLIO, *descobrimo Anfilóbio.*

Grande Deus! diviso um vulto
Sôbre a margem direita dêste rio!
Quem será? Quem será? Tremo de susto!
Parece que me estuda! E' necessário
Meu mêdo disfarçar.

ANFILÓFIO.

O tal amigo
Começa a incomodar-me! Eu sou valente,
Mas a noite, o lugar, meu triste estado. . . .

PANFÍLIO.

Ele tosse, aproxima-se da ponte,
Volta, torna a tossir. Sejamos fortes,
Falemos. — Oh! vizinho do outro lado,
O que faz o senhor aí sôzinho?
Porque passeia, escarra e estende os braços
Quando eu contemplo as águas sussurrantes
Dêste rio saudoso e merencório?
Diga-me sem demora!

ANFILÓFIO.

Por S. Pedro!
E o senhor o que faz? Vamos, responda-me.
Porque contempla as águas sussurrantes
Dêste rio saudoso e merencório
Quando eu passeio, escarro e estendo os braços?

PANFÍLIO.

A resposta é difícil, entretanto
Posso lhe asseverar que neste sítio
Tenho sérios negócios.

ANFILÓFIO.

A estas horas?
Neste lugar deserto? Não há dúvida, ²¹⁸¹
O homem tem os sapos por clientes,
Ou é algum ladrão, mas não me assusto,
Não sou mais rico. — Pois também, amigo,
Tenho sérios negócios.

PANFÍLIO.

Seja franco,
Somos aqui sòzinhos, porventura
Vem espreitar meus passos?

ANFILÓFIO.

Menos essa!
Eu não sou espião, nem o conheço!
F dê graças a Deus se nos separam
As águas dêste rio, malcriado,
Senão lhe gravaria nas bochechas
Os princípios da sã civilidade
E boa educação!

PANFÍLIO.

Paz, meu amigo,
Paz; a desgraça me tornou grosseiro,
A dor me transviou!

ANFILÓFIO.

A dor, entendo,
Entendo, vem aqui chorar seus males?
Eu também sofro; diga-me, precisa
De alívio e de consôlo?

PANFÍLIO.

Não; eu venho,
Eu venho aqui morrer! Não há consôlo
Que abrandem minhas mágoas!

ANFILÓFIO.

O que escuto?
Eu também vim aqui buscar a morte
No fundo destas águas! Deus louvado,
Morrámos juntos como bons parceiros,
Contentes, de mãos dadas, e fuja
Dêste mundo cruel como dous ébrios
À meia-noite de uma escura tasca.
Mas conte-me primeiro seus pesares;
Foram azares da fortuna? A morte
De uma espôsa querida? O vício? O crime?
Erros da mocidade?

PANFÍLIO.

Antes o fôsse!
De que me serve repetir-lhe a história
Das mais negras desditas que aniquilam
O coração humano? As tristes lendas
De um amor infeliz?

ANFILÓFIO.

Bem o previa.
Sua amante deixou-o.....

PANFÍLIO.

Sim, deixou-me!
A mim, alma de fogo, alma inspirada,
Cheia de sonho e ilusões formosas,
Por um parvo, um sandeu endinheirado,
Um chatim miserável, cuja bôlsa
Valia mais aos olhos da traidora
Do que tôdas as odes e sonetos
Dos poetas da terra!

ANFILÓFIO.

Pois comigo
Sucedeu o contrário. A minha deusa
Sugou-me à gorda burra o leite todo,
Deixou-me sem vintém. Dizia amar-me,
E no entanto eu soube que passava,
Durante minha ausência, horas e horas
Entre os braços de um biltre empomadado,
Possessor de uma dúzia de bengalas,
Um de pau com caras de cachorro
Ou patas de peru, outras de chifre
Com cabeças de Chins, outras mais feias
Que o próprio frontispício do malandro
Que meus bens devorava em comandita,
À sombra da velhaca! — Eia, morramos!
Quem pulará primeiro dentro d'água?
Sem dúvida, o senhor?

PANFÍLIO.

Oh! caro amigo,
A boa educação manda que eu ceda
Esta honra ao mais velho.

ANFILÓFIO.

Nada, nada,
Nada de cerimônias, eu não gosto
De fôfas etiquêtas.

PANFÍLIO.

Pelos anjos!
Eu cumpro o meu dever.

ANFILÓFIO.

Não, dêste modo
Se gastamos o tempo a rasgar sêdas
E fazer cortesias um ao outro
Nenhum se atirá. Bem, concordemos
No que passo a propor: em voz bem alta
Pronunciemos vêzes três o nome
De nossas infieis, à vez terceira
Arrojemo-nos juntos.

PANFÍLIO.

Seja, vamos.

AMBOS.

Cíntia!!!

ANFILÓFIO.

Por Deus, repita, sim, repita!
Cíntia disse, não é?

PANFÍLIO.

Sim, ²¹⁸² eu o disse,
Disse o senhor também!

ANFILÓFIO.

Eu também disse.
E a sua namorada assim se chama?

PANFÍLIO.

Certamente.

ANFILÓFIO.

E sua côr, sua estatura,
Seu aspecto, seu ar, sua morada?

PANFÍLIO.

Alta, morena, de aneladas tranças,
Pés e mãos pequeninos, olhos negros,
Moradora na rua das Estrélas
Número quinze.

ANFILÓFIO.

É ela! É ela! Não há dúvida!

PANFÍLIO.

Ela, quem?

ANFILÓFIO.

Pois não vê? a minha amante.

PANFÍLIO.

Era o senhor o célebre papalvo?
Era o senhor? Ah! deixe que me ria!
Oh! que aventura! Vale a pena agora
Voltar de novo à vida!

ANFILÓFIO.

Já lhe disse,
Já lhe fiz ver há pouco que não gosto
De certas brincadeiras, e mormente
Na hora de morrer! Quem pensaria
Que era o senhor o biltre, o peralvilho
Cúmplice ²¹⁸³ da malvada! Eu lhe perdôo!

Aparece Marculfo no fundo.

MARCULFO.

Vou me arrojear às ondas dêste rio!
Quero morrer, meu plano está formado,
Já não há nem apêlo nem agravo!
Eu um homem de honra e probidade,
Que há três anos padeço, trabalhando,
Longe da pátria, longe dos amigos,
Acho ao voltar, depois de tantas penas,
Minha mulher perdida e difamada,
Meu nome escrito em vergonhosos versos
Nas esquinas das ruas! Se eu pudesse
Dos dous marotos me vingar ao menos,
Do tal capitalista e do tal vate!
Mas os patifes hão fugido, e eu morro
Levando êste pesar na consciência!
Porém ouço falar, vejo dous vultos;
Escutemos.

*Neste interim Panfílio tem passado para a outra
margem onde está Anfilófilo.*

PANFÍLIO.

Vivamos, companheiro,
A ingrata Cíntia, a estréla impiedosa
Da rua das Estrélas, perseguida
Pelo remorso, chorará seus crimes,
Nos abrirá de novo os braços meigos,
E nós.....

MARCULFO.

De Cíntia eu escutei o nome,
Ouvi falar na rua das Estrélas,
Trata-se dela, pelos santos! Calma!
Calma, meu coração!

ANFILÓFIO.

Viva em sossêgo,
Não amo a companhia em tais matérias.
Estou pobre, arruinado, eu o mais rico
Capitalista desta terra. Agora,
Dado o caso que viva, o desespero
Não deixará meus passos.

PANFÍLIO.

Eu não posso
Me olvidar da infiel! Por tôda a parte
Sinto o aroma sutil de seus cabelos,
O hálito celeste de seus lábios,
O timbre mavioso de seus cantos!
Volto de novo à rua das Estrélas,
Caio a seus pés.....

MARCULFO, *gritando.*

Ah! monstros! Ah! perversos!
Eu inda vivo, esperem que lhes mostro
Quanto penetra a ponta de uma faca!

ANFILÓFIO, *espavorido.*

Fujamos, meu amigo! E' o marido!
E' o marido que chegou, fujamos!...
Ei-lo! Que brilho seu punhal espalha!...
Como é grande, meu Deus! como é terrível!
Corramos, que já sinto pelo ventre
O imperioso anúncio do perigo!...
Fica para outro dia o nosso plano!

PANFÍLIO.

Sim, fujamos, fujamos sem demora!

(Saem correndo.)

MARCULFO.

Não quero mais morrer! Já descobri-os!
Hei de viver para vingar-me! Eu parto!
Eu parto, e em breve há de saber o mundo
O que fêz um marido indignado!

ORAÇÃO FÚNEBRE

(RIG.-VEDA, VIII, 14).

Segue o caminho antigo onde passaram
Outrora nossos pais. Vai ver os deuses
Indra, Yama e Varuna.

Livre dos vícios, livre dos pecados,
Sobe à eterna morada, revestido
De formas luminosas.

Volte o olhar ao sol, o sôpro aos ares,
A palavra à amplidão, e os membros todos
As plantas se misturem.

Mas a essência imortal, aquece-a, oh! Ágnis,
E leva-a docemente à clara estância
Onde os justos habitam,

Para que aí receba um novo corpo,
E banhada em teu hálito celeste
Outra vida comece.....

Desce à terra materna, tão fecunda,
Tão meiga para os bons que a fronte encostam
Em seu úmido seio.

Ela te acolherá terna e amorosa
Como em seus braços uma mãe querida
Acolhe o filho amado.

AO DEUS CRIADOR

(RIG.-VEDA, VIII, 7).

O Deus da Luz apareceu, e apenas
Ele mostrou-se foi senhor do mundo,
E encheu o céu e a terra.
Glória ao Deus que há partido o óvo de ouro!
Que Deus receberá nosso holocausto?

Dêle dimana a vida, a fôrça, o ânimo.
A lei que êle traçou todos os sêres
Submissos se curvam.

Glória ao Deus que há partido o óvo de ouro!
Que Deus receberá nosso holocausto?

Foi êle que formou estas montanhas,
E êste mar que rebrame sem descanso,
Os sábios o disseram.

Glória ao Deus que há partido o óvo de ouro!
Que Deus receberá nosso holocausto?

E' por êle que o céu, a terra, os astros,
Tremem de amor e tremem de desejos
Quando o sol aparece.

Glória ao Deus que há partido o óvo de ouro!
Que Deus receberá nosso holocausto?

Quando as túmidas ondas que conservam
A essência universal se revolveram,
Ele agitou-se nelas.

Glória ao Deus que há partido o óvo de ouro!
Que Deus receberá nosso holocausto?

Ah! proteja-nos êle, o Deus piedoso,
O espírito das cousas invisíveis,
O Senhor do universo!

Glória ao Deus que há partido o óvo de ouro!
Que Deus receberá nosso holocausto?

HINO À AURORA

(RIG.-VEDA, I, 8).

Ela mostrou-se enfim!
Ela mostrou-se enfim, a mais formosa,
A mais bela das luzes!

Por êsse azul cetim
Caminhando tão linda e tão garbosa,
Aonde nos conduzes?

Aonde, branca Aurora?
Filha também do Sol, a Noite escura
Tua estrada marcou.

Com as lágrimas que chora,
A vasta senda da eternal planura
Ao passar orvalhou.

Unidas pelo berço,
Ambas iguais, eternas, sucessivas
Na marcha e na existência,

Percorreis o universo,
Aurora e Noite, sempre redivivas,
Oposta na aparência.

Rósea filha do Dia,
Brilhante a nossos olhos apareces,
Cheia de glória e amor;

E espalhas a harmonia,
A vida, o gôzo, ao mundo que esclareces
Com teu sacro esplendor.

Segues a mesma senda
Das auroras passadas, e precedes
As que estão no futuro.

Rasgas da Sombra a venda,
E os negros planos previdente impedes
Do crime hórrido, escuro.

Há muito que passaram
Os que viram no céu luzir outrora
Teu fúlgido clarão.

Seus olhos se apagaram,
E nós por nossa vez também agora
Vemos-te n'ampidão.

ANCHIETA OU O
EVANGELHO NAS SELVAS 2184

CANTO I

Que formosos são os teus pavilhões oh! Jacó!
Que belas as tuas tendas oh! Israel!
...O seu Rei será rejeitado por causa de Agag, e o
reino lhe será tirado!

.....
Eu o verei, mas não agora, eu o contemplarei mas não
de perto. Nascerá uma estrêla de Jacó!

(Números XXIV, v. 5, 17)

2 de Dezembro de 1871.

I

Árvore negra, ²¹⁸⁵ pérfida, execranda!
Árvore infausta, ²¹⁸⁶ cujos lisos pomos
Loirejando no fundo aveludado
De macia espessura, seduziram
A nobre essência dos primeiros sêres!
Cuja sombra sinistra e deletéria
Cobriu de luto e dor o leito ameno
Dos mais castos amôres do Universo!
Cuja seiva compõe-se das mais fortes
Peçonhas ²¹⁸⁷ conhecidas! Cujos galhos
Representam os símbolos tremendos

Dos mais cruéis e lúgubres suplicios
 Que hão inventado as tiranias tôdas!.....
 Árvore negra, pérfida, execranda,
 Árvore abrigo do maldito gênio!
 Não! Não és tu que vejo nos meus sonhos,
 Abrindo os vastos, protetores ramos,
 Por essas regiões azuis, ²¹⁸⁸ serenas, ²¹⁸⁹
 Onde o nome de Deus fulgura escrito
 Em rutilantes, ²¹⁹⁰ assombrosas letras!
 Não és tu, não és tu em cujas frondes
 Brincam os querubins de plumas de oiro,
 Ora ledos descendo, ora subindo,
 Tais como vira em sonho milagroso
 O neto de Abraão adormecido
 Sôbre uma dura pedra no deserto!
 Não és tu que nos tempos de desgraça,
 De cruas provações, ²¹⁹¹ os povos buscam
 Qual asilo de paz e de justiça!.....
 Árvore da ciência e do infortúnio,
 Tu não nos dás os frutos da Esperança,
 E nem da Fé o bálsamo suave,
 E nem o puro mel da Caridade!
 Junto de ti a morte ergueu seu trono.
 Em teus galhos fatais, em teus raminhos
 Não geme a rôla, — o colibri não brinca,
 Não poisa a abelha, o rouxinol não canta,
 Nem adejam travêssas borboletas!
 Amam-te, apenas, lutuosos mochos,
 Larvas imundas, sanguinários corvos:
 Visco de maldição transpiras tôda!
 Não! não entoarei meus pobres hinos
 À ²¹⁹² sombra tua que Satã protege! ^[2194]
 Nunca! Nunca!..... Mas ai! como ²¹⁹³ propícia,
 Rodeada de glórias e esplendores, ²¹⁹⁵
 Estende no infinito os almos braços, ²¹⁹⁶
 Oh Árvore do Bem e da Verdade!
 Oh Árvore da Vida e do Futuro!
 Como ao redor de ti revivem belos
 Os justos que passaram, — as rissonhas
 Chusmas de loiros anjos, e as falanges
 De claríssimas virgens que a inocência
 De grinaldas cingiu, imarcescíveis!
 Quantos gratos idílios, quantas odes,
 Repassadas de amor e de ternura,
 Quanta excelsa harmonia, não repete ^[2198]
 Tudo o que existe, ²¹⁹⁷ oh Cruz três vêzes Santa,
 À ²¹⁹⁹ sombra de teu vulto abençoado!

II

Auri-flama divina! Insígnia eterna!
 Tu que espancando as sombras da mentira
 Ao grande imperador mostraste outrora
 Do verdadeiro Deus o Santuário;
 Tu que do luso Chefe às hostes bravas
 Apontaste a vitória contra os servos
 Dos moiriscos heptarcas, e formosa
 Nos céus ocidentais, entre as estrêlas, ²²⁰⁰
 Brilhaste aos olhos do argonauta ilustre
 Mostrando a terra que tomou teu nome;
 Tu que proteges ²²⁰¹ na soidão dos mares ²²⁰²
 A triste nau batida pelos ventos
 E dos átrios de pobres presbitérios,
 Dos campanários de pomposos templos,
 Consolas o cansado peregrino, ²²⁰³
 Quando os montes da pátria avista ao longe;
 Tu que nos descampados santificas

O leito do infeliz, que mão traidora
 Feriu em noite escura, e o êrmo sítio
 Onde caiu exausto o viajero;
 Que da rósea criança o berço guardas,
 E o seio da donzela, — e a régia fronte;
 O catre do operário; e a dura ²²⁰⁴ enxêrga
 Do mísero cativo!... Oh Cruz supernal!
 Permite que o mais rude entre os cantores,
 O mais rasteiro ser que te há beijado
 Dobre o joelho junto de teu soco,
 E travando de mísero instrumento
 Celebre a vinda suspirada, e os atos
 Grandiosos, sublimes, — e os milagres, ²²⁰⁵
 As egrégias doutrinas, — os martírios
 Atrozes, ²²⁰⁶ inauditos, e a sagrada
 Ressurreição de Jesus Cristo, o Filho
 Do Onipotente Deus! E contemplando
 O longo espaço que separa o berço
 Humilde de Belém ²²⁰⁷ do escuro cimo
 Do pavoroso Gólgota, ²²⁰⁸ relate
 As maravilhas que aprendeu ²²⁰⁹ criança
 Dos santos lábios de ministro santo,
 Nas amplas solidões do Novo Mundo!
 Que volte aos belos tempos que passaram,
 E desvende o painel das matas virgens,
 E mostre as multidões das grandes praças
 O ajuntamento de selvagens tribos
 Do Maná do Evangelho sequiosas,
 Em frente da cabana hospitaleira
 De sábio missionário, em idas eras,
 Quando o colosso — América — ²²¹⁰ sorria
 Apertando feliz nos meigos braços
 A imagem de Jesus, — o Mestre, ²²¹¹ e a Bíblia.

III

E tu, ²²¹² mimosa flor dos santuários!
 Celeste Musa! Sócia imaculada
 Dos profetas hebreus! Vem, corre asinha!
 Rasga o pesado véu que a luz empírea
 Furta a meus olhos ávidos de glória!
 Liberta meu espírito medroso
 Das cadeias do tempo e da matéria.
 Leva meu gênio além... além da terra...
 Além das nuvens e dos sóis ardentes...
 Além, além... onde o pensar apenas
 Pode chegar, com milagroso auxílio!
 Oh! de Mílton e Dante augustas sombras!
 Gênio de Kémpis!... Governai meu estro!

IV

Sôbre os verdes oiteiros, sôbre os campos
 Meridionais das regiões brasílias, ²²¹³
 A noite estende vagarosa e muda
 O brando véu de estrêlas salpicado.
 Bela como a princesa do Levante
 Quando ao cair do dia ergue-se fresca
 Das marmóreas banheiras de seus paços,
 E pára em meio dos degraus lustrosos,
 Sacudindo da frente peregrina
 Um chuveiro de líquidos brilhantes
 Sôbre os finos tapêtes que a circundam;
 Assim das alvas névoas do horizonte
 Vem assomando a lua; e triste e bela
 Nas portas do Oriente equilibrada,
 Derrama sôbre as úmidas campinas
 A feiticeira luz. Nas lisas pedras

Onde murmura trêmula e sentida
A fonte do Sertão, brinca e suspira
Alinhando os cabelos perfumados
A tímida Mãe-d'Água, seminua,
A náíada das terras de Colombo.
Dormem na selva as aves descuidosas
Do dia de amanhã, que a Providência
Por elas velará, lentas volteiam
As aragens do estio sôbre os valos
Da próspera e feliz Piratininga.

V

Onde vão êsses livres caminheiros,
Ajustos filhos dos sertões? Que buscam,
Por estas horas, tantos e tão fortes,
Deixando as tabas, as aldeias mudas,
E as cabanas desertas? Que desejam?
Novo céu? Outro clima? Ares mais puros?
Campos mais férteis? Mais alegres prados?...
Não. A terra querida em que repoisam
Os restos de seus pais é vasta e rica!
Nela nasceram, vivem, se conservam,
E nela hão de dormir o último sono.
O que procuram pois que assim caminham?
Que pensamento os guia? Porventura
Dirigem-se às cabanas inimigas,
Sequiosos de sangue, dominados
Pelo sombrio gênio da vingança?
Meditam planos de combate? Levam
A desordem, a ruína, o horror, a morte
Aos calados abrigos onde o povo ²²³⁴
Dorme, de seus trabalhos esquecido,
Entregue aos sonhos de um melhor destino?

VI

Oh não! a rude maça, — ²²¹⁵ o arco infenso,
O grosseiro carcás prenhe de setas,
Não lhes pendem dos ombros: em seus peitos
Não cai feio colar de humanos dentes,
Nem talismãs de estólido prestígio,
Mas o divino emblema do Calvário,
A Cruz da Redenção, a imagem santa,
Meu Deus, do lenho em que expirou teu Filho,
Dando aos homens em troca do martírio
A liberdade, a salvação e a glória.

VII

Caminha, ao lado do marido, a espôsa,
A espôsa, que a palavra do Evangelho ²²¹⁶
Tirou da condição cruel de escrava;
Ampara o moço forte o velho enfêrmo;
Marcha silenciosa a criancinha
Seguindo de seus pais os lentos passos.

VIII

A ²²¹⁷ esquerda margem de profundo rio,
Em sítio ameno e plácido, coberto
De transparente areia, matizado
De formosas ilhotas de verdura,
Entre acácias virentes, moles palmas,
Alveja solitária e pobre ermida,
Silvestres flores, dos portais aos lados,
Úmidas de sereno, abrem medrosas
A ²²¹⁸ luz da lua as cândidas corolas,

Onde as brisas do estio ávidas libam
Suavíssimos bálsamos; na frente
Cercada de jasmims e maravilhas,
Mimos das mariposas forasteiras,
Qual um padrão da pátria em terra estranha,
Ela ainda! Ela sempre! Sempre bela!
A Cruz da Redenção protege os ermos!

IX

Detêm-se os caminheiros e respiram,
Sôbre a relva descansam as mulheres,
E as crianças alegres se espreguiçam.
Está finda a romagem: ²²¹⁹ um velho chefe ²²²⁰
De voz autorizada e grave porte,
Chama os da sua idade e se dirigem
Para o modesto e venerando asilo.
Batem, pronunciando o santo nome, ²²²¹
O nome augusto de Jesus, e logo
Abre-se a estreita porta, e como outrora,
Nos belos tempos em que a fé suprema
Prodígios operava, aos olhos ávidos
Dos filhos das florestas, aparece
Formoso santuário, iluminado
De brancos círios da mais fina cêra
Que as abelhas silvestres produziram,
Adornado de flores delicadas
E alfaías preciosas, nunca vistas
Das tribos do deserto. O grato fumo
De odorosas resinas sobe em rolos
Dos braseiros de argila, e pouco e pouco
Cerca o sagrado altar, onde poisada
O imagem do Senhor lívida e magra,
Coberta de feridas rubro-ardentes, ²²²²
Pende de negra cruz. — Louvado seja
O Redentor do mundo! — exclamam todos,
Homens, mulheres, velhos e crianças, ²²²³
Unindo as grossas mãos, baixando as frentes.
— Louvado seja o Redentor do mundo!
Por tôdas as nações, povos e séculos — ²²²⁴
Responde então, ²²²⁵ no limiar da porta
Súbito aparecendo, o nobre vulto
De austero missionário, moço e belo,
Mais triste como a estátua macilenta
De um mártir doutras eras, esquecida
Em vasta catedral da meia idade.

X

Alma inspirada de Anchieta ilustre!
Espírito do apóstolo das selvas!
Sábio e cantor, luzeiro do futuro!
Tu que nas solidões do Novo Mundo
Sôbre as alvas areias borrifadas
Das escumas do mar, traçaste os versos
Do — Poema da Virgem — e ensinaste
Aos povos do deserto a lei sublime
Que ao Reino do Senhor conduz os sêres;
Ensina à ²²²⁶ minha musa timorata
A linguagem celeste que falavas!
Dá-lhe a doce expressão, a graça infinda,
A fôrça, a eloquência e a verdade
Dessas singelas narrações que à noite
Fazias nos oiteiros, nas florestas,
Às multidões que ouvindo-te choravam
E pediam as águas do Batismo!
E tu, ²²²⁷ oh desditoso, exímio bardo, ²²²⁸
Cujo leito final buscam debalde

As abelhas das verdes espessuras ²²²⁹
 Para seu mel depor, como as do Himeto, ²²³⁰
 Do divino Platão sôbre o moimento,
 E cada novo estio o mar procuram,
 E zumbem sôbre as águas mugidoras
 Que furtaram teu corpo ao pátrio solo!
 Grande Gonçalves Dias! dêsses páramos
 Onde viver sonhava e vive agora
 Tu'alma gloriosa, envia, oh Mestre,
 Envia-me o segrêdo da harmonia
 Que levaste contigo!... Assim apenas
 Meu santo empenho vencerei contente.

X I

Reina fundo silêncio. Passo e passo
 O homem do Evangelho se encaminha
 Para o meio das gentes reünidas;
 Qual o astro que as veigas ilumina
 E faz abrir a flor, — saltar o inseto,
 Romper-se a bela e nítida crisálida,
 Cantar o passarinho, e a leve corça ²²³¹
 Pular pelas campinas orvalhadas,
 Assim rebenta a vida e o movimento
 À medida que o Mestre se aproxima.
 Sôbre grande fogueira a chama brilha,
 Robustas mãos arrastam duros cepos;
 Outras mais frágeis pelo chão estendem
 Lisas, moles esteiras, ramas frescas;
 Ajoelham por fim, — e o missionário
 Para a imagem de Cristo se voltando
 Repete as santas orações da noite.
 Da noite as orações já terminadas,
 As gentes abençoa, e então começa
 Da Redenção a História sacrossanta,
 Que a musa do poeta ornou de flores,
 Tristes flores sem viço e sem perfume.

X I I

Oh! não! Não morreréis, ²²³² meus pobres cantos!
 Não passarás nas trevas, deslemburada,
 Musa Cristã, que peregrina fôste
 Pedir a inspiração ao frio solo
 Do sombrio Jardim das Oliveiras!
 E do suor de sangue te molhaste!
 Que subiste contrita, de joelhos,
 Beijando as pedras, inundando a terra
 De lágrimas de amor e de piedade,
 A terrível montanha do Calvário!
 Que entre os negrumes de sinistra noite,
 Rôtas as vestes, os cabelos negros
 Soltos aos frios ventos do infinito,
 Junto às ²²³³ santas mulheres pranteaste
 Sôbre a lousa do Deus supliciado!
 Que o viste erguer-se vencedor da morte,
 Buscar o mundo, consolar os tristes,
 Prometer-lhes voltar no fim das eras,
 E remontar aos céus em nuvens d'oiro!
 Hão de te honrar os homens e as idades,
 Senão por ti, por Êsse, cujo Nome
 Santifica teus cantos maviosos!
 Passarás ao porvir, oh! Casta Musa!

X I I I

Feitura do Senhor, senhor dos sêres
 Que os vergéis sempre verdes habitavam
 Da região da paz e das delícias:

Irmãos dos anjos, como os anjos puro,
 Jovem, feliz, imortalmente belo,
 O Rei da Criação, — o espôso de Eva,
 A glória, a vida, a luz da etérea côrte,
 Contra as ordens de Deus, voltou-se ingrato,
 Rendeu preito a Satã! — Tudo perdeu-se!
 Os Anjos, seus iguais, horrorizados
 Apartaram-se dêle: o Paraíso
 Tornou-se mudo e se cobriu de sombras:
 Apagaram-se os astros: convulsiva
 A natureza estremeceu nas ânsias
 De doloroso parto!... A fria morte
 Apareceu na face do Universo!...
 Lavrando a justa e rígida sentença
 O Juiz sossegou: o Pai clemente
 Sentiu, porém, a queda de seus filhos,
 E prometeu-lhes libertar um dia
 Das cadeias da morte e do pecado.

X I V

Punidos os revéis, seus descendentes
 Pelo mundo espalharam-se assombrando
 As eras e as idades com seus crimes!
 Uma lágrima, então, não de tristeza,
 Mas de indignação, brilhou nas nuvens,
 Cresceu, cresceu, ganhou o firmamento,
 Caiu com surdo estrondo sôbre a terra,
 Juntou-se ao mar, vingou os descampados,
 Selvas cobriu, avassalou montanhas,
 Tudo, tudo arrasara, se entre os homens ²²³⁴
 Um homem justo não vivesse! O Eterno,
 Inda uma vez, mostrou-se compassivo,
 Preservando Noé e mais seus filhos.
 Passada a horrenda convulsão das águas,
 Pelas imensas regiões, que ainda
 Exalavam os úmidos vapores,
 Do sol brilhante aos protetores raios,
 Se espalharam de novo... — Mas, desgraça!
 Os filhos de Noé continuaram
 O que os filhos de Adão haviam feito!
 E seu curso fatal seguia o tempo
 Volvendo ao nada séculos e séculos,
 E nem santos avisos, nem promessas,
 Milagres de clemência, atos castigos,
 Pragmas medonhas, servidões cruentas,
 E horrores sôbre horrores, atalharam
 A progressão de abomináveis crimes!

X V

Já tremenda sentença, e a derradeira,
 Ia lavar o Eterno. Sôbre o globo, ²²³⁵
 Em vez da imensa lágrima d'outrora,
 Imenso olhar fitou!... Raio seria
 Que a terra fulminara, si, poisando,
 Depois de atravessar os mundos todos,
 Dos continentes na mais pobre nesga,
 Não caísse bondoso e compassivo
 No casto seio de formosa Virgem!
 Olhar onipotente! Olhar bendito!
 Manancial de luz vívida e pura!
 Raio da Salvação, não da vingança!
 Tu levaste a verdade, o Verbo Santo,
 A invisível essência do increado,
 Às entranhas puríssimas da Espôsa!

XVI

Era ao sol pôsto, no modesto asilo,
Prostrada, humilde, o pensamento entregue
Ao Deus de seus maiores, meditava
A mais pura, a mais bela entre as mulheres,
Mas estreinece de repente e cora,
Ergue os formosos olhos, radiantes
De inefáveis delícias, e sorprêsa
Vê um Anjo do Céu, todo esplendores, ²²³⁶
De pé a poucos passos; — enleada
Cruza os braços, suspira, a fronte abaixa;
O etéreo mensageiro ²²³⁷ se aproxima
E fala dêste modo: — Ave! Maria!
Virgem cheia de graça, é Deus contigo.
Bendita és tu, entre as mulheres tôdas,
Bendito o fruto de teu santo ventre.
E como a Virgem ²²³⁸ pávida o mirasse,
Continuou assim: — Sôbre teu seio
Há descido do Altíssimo a virtude,
Terás um filho poderoso e forte
E que — Filho de Deus, ²²³⁹ será chamado.
— Eis a serva de Deus, — faça-se nela
Sua santa vontade — diz a Virgem.
E o celeste enviado abrindo as asas
Volta, entre nuvens de brilhantes côes, ²²⁴⁰
A sidérea mansão. — Salvo era o mundo:
Tinha-se feito a luz que alumiaava
A matéria fecunda, ia fazer-se
A viva luz que alumiar devera
As almas imortais em seu caminho.
Ia chegar ao mundo o Prometido,
Aquêlê que esperava que viesse,
Que trouxesse um consôlo aos que chorassem,
Que desse ao pobre um lar, ao triste um gôzo,
Ao romeiro um bordão, ao nauta um leme,
Ao cego a luz, ao moribundo a vida,
Aos povos a verdade! Era já tempo.

XVII

Da clara estirpe de Davi o grande,
A glória de Israel, o Rei-profeta,
O Ungido do Senhor, o Herói, o Sábio,
O mais nobre cantor que há visto o mundo,
Era a Eleita de Deus, dos Céus Princesa,
Dos homens esperança, — era Maria
Filha de Ana e de Joaquim, espôsa
Do operário José. A nódoa infausta
Do vício original ²²⁴¹ não maculava
A esplêndida candura de seu rosto,
Norma sublime, divinal modêlo
Da perfeição dos anjos. A inocência,
A bondade infinita, radiavam
Iguais a duas fúlgidas estrêlas,
Em seu laurel de excelsa virgindade.
Seus gestos graciosos, os seus passos
Mais leves e sutis, eram medidos
Por suave harmonia. Um — quê — de etéreo, ²²⁴²
De indefinido e vago derramavam
Por tôda parte seus olhares. Almas
Tinham as rosas dos sarçais selvagens
Se as tocavam seus dedos: as palavras
Que murmuravam seus divinos lábios
Eram guardadas pelos anjos, — nunca
Tão grata havia sido a voz humana!
Tanta consolação jamais vertera!
Jamais tantas promessas traduzira!
Bela e terrível! Ao mirar-lhe o rosto,

A espada flamejante, ²²⁴³ que guardava
Do Paraíso a porta, cairia
Das mãos de austero Arcanjo, fulminando
A fronte mãe de um pensamento impuro!
Neta de um rei, — mulher de um jornalista,
Pobre, singela, humilde, mas senhora
De tôda a humanidade: desprezada
Dos escravos dos Césares nefandos,
Mas forte, gloriosa, triüfante
Ao lado de seu Filho e de quem sofre:
Eis a Mulher que soergueu os homens
Do mundo abismo onde os lançara o êrro!
Eis a predestinada a quem o Eterno
Enviara seu lúcido Ministro
Anunciando a encarnação ²²⁴⁴ do Verbo.

XVIII

Província escrava do Romano Império
Era a judéia então, a pobre pátria
Da formosa Maria; outrora forte, ²²⁴⁵
Afamado, opulento e grande reino,
Berço de heróis, de iluminados sábios,
De inspirados profetas, e ora triste, ²²⁴⁶
Miserável quinhão de servos torpes
De mais torpes senhores. Entretanto, ²²⁴⁷
Dos estandartes dasnações, seus chefes
As tendas dos soldados fabricaram;
Seus reis ergueram majestosos templos
Onde as riquezas tôdas do Oriente
Brilhavam misturadas; seus cantores
Não tiveram iguais, nem nesses tempos,
Nem hoje ainda, ²²⁴⁸ que saltério hebraico
Jaz desmontado à sombra funerária
Das brenhas de Sião. — Ai, ²²⁴⁹ nessa idade
Todos os povos e nações do mundo
Tinham os olhos fitos sôbre a terra
Onde corre o Jordão e rumorejam
Os altos cedros do soberbo Líbano!...
Alguma coisa de sinistro e grande
Agitava-se então naquelas plagas!

XIX

Por decreto fatal da Onipotência
O sólio de Davi desfez-se em cinzas;
A hera fria, a vil parietária
Estenderam-se então nos velhos muros,
Onde o veludo e a sêda recamados
De oiro e pedrarias encantavam
Os olhos do estrangeiro! As vastas praças
Tornaram-se ervaçais, e as belas fontes
Onde ao sol pôsto a filha do operário
Ia o cântaro encher, onde os mancebos
As noivas escolhiam, correm turvas
Em turvo leito de sombrio lôdo!
Assim estava escrito! — Roma! Roma!
Fôste fiel verdugo! Executaste
Horriavelmente bem o mando eterno!
Só tu, ²²⁵⁰ pátria cruel das Messalinas,
Dos Neros e Tibérios, tu sômente
Tão nefário papel representaras!
Tu corrompida até vender teus filhos!

XX

Já de guerras inúteis enojado,
Soberano do mundo, o grande império,
Não no seio da paz, senão do gôzo,

Buscava repousar. Desde as planícies
Onde desliza o Eufrates venerando
Até da Lusitânia os verdes campos;
Desde as ilhas remotas do Levante
Até da Mauritània ²²⁵¹ às rudes serras,
Tudo às ²²⁵² águias romanas se curvara.
Era Senhor então César Augusto,
Volvendo um dia os olhos sôbre o mapa
Das nações que vencera e dominava
Quis conhecer o número das gentes
Que pagavam tributo à sua espada.
Determinou então que o povo todo,
Cada qual procurando a pátria terra,
Se apresentasse logo ao magistrado
Cujo dever e ofício era notar-lhes
As moradas, os nomes e a família.
Governava os Judeus Cirino: logo
Fêz publicar o insólito mandado
Que recebera de seu amo Augusto.

X X I

Pálido, em pleno inverno, raras vêzes
Rasgando os mantos de alvacentas névoas,
Deixava o sol cair furtivo raio
Sôbre os cimos do Hermon, ou sôbre os lagos
Azuis da Galiléia; frios ventos
Sopravam dos desertos, sacudindo
Os retorcidos galhos da videira
E lançando por terras as fôlhas murchas
Dos densos olivedos; as campinas
Onde sôbre macia e verde relva, ²²⁵³
No doce estio, os cordeirinhos brancos
Saltitavam contentes, se cobriam
De camadas de neve; os passarinhos
Tinham buscado novo céu, as árvores
Nem gratos frutos, nem cheirosas flores
Ostentavam à vista tediosa
Dos viandantes trêmulos; apenas
O grasnar dos abutres esfaimados,
O ruído das lívidas queixadas
Do chagal temeroso remoendo
De mortos animais os ossos frescos,
A luz medonha dos fuzis do inverno
Correndo sôbre o gêlo, o silvo agudo
Das serpentes vorazes se agitando
Danadas sôbre o chão, interrompiam
A triste cena do infecundo quadro!

X X I I

Nem uma voz humana pelo espaço!
De angústia ao menos!... Porém não, aos poucos
Tropel confuso fêz-se ouvir nos ermos,
Gritos, clamores, tresloucados cantos,
Imprecações tremendas acordaram
Os ecos dissonantes; surdo estrondo
De duras patas, de pesadas rodas
Abalaram o solo: dir-se-ia
Que um poderoso exército voltava
De prolongadas, férvidas pelejas
Vencedor, mas cansado. Em pouco tempo
Grandes estradas, tortuosas sendas.
Atalhos desiguais eram cobertos
De buliçosas, palradoras turbas;
Velhos, mancebos, grandes e pequenos
Trajando vestes das mais vivas côres,
Uns a pé carregando ao ombro os filhos,

Outros graves, ²²⁵⁴ sisudos, ²²⁵⁵ cavalgando
Tardos jumentos; prazenteiros outros
Sôbre pesados carros atulhados
De negras arcas, de grosseiros sacos;
Êstes rindo e cantando os doces cantos
De seu país natal, narrando aquêles
Lendas singelas, inocentes casos
As ²²⁵⁶ lindas companheiras de jornada.
Os anciãos silentes, as crianças
Pulando alegres sem sentir ao menos
Os rigores do inverno, caminhavam
Ao longo do deserto. Atrás, bem longe
Da multidão ruidosa, lentamente
Do bem marido aos ombros arrimada
Maria viajava. Melindroso
Era então seu estado, já na quadra
Em que o tempo decreta a angustiosa
Dor da maternidade; mas seu rosto
Pálido como a nívea magnólia
Que desabrocha ao luar; os lábios meigos,
Onde um riso mais doce do que a aurora
Da sação estival constante estava;
E os olhos mais formosos que as estrêlas
Do céu meridional, reproduzidas
Na face das lagoas do deserto;
A cabeça mais linda e graciosa
Que a da virgem primeira que da terra
Subiu aos pés de Deus, ganhando a palma
Da bem-aventurança, — ao pensamento
Acordavam idéias de outra vida,
Delícias ²²⁵⁷ de uma pátria que perdemos,
Vagas saudades do infinito, e ainda....
Oh! não posso explicar, mas creio e sinto:
— A presença de um Deus clemente e justo! —

X X I I I

Segundo a era nova que seguimos,
Onze meses e dias vinte e quatro
Tinha marcado no quadrante imenso
O flamejante sol, desde o momento
Em que o Santo enviado anunciara
A glória de Maria; seis jornadas, ²²⁵⁸
Seis jornadas apenas esperava
A mão cruel e rábida do tempo
Para a lousa abaixar do ano extinto,
Plantar um novo marco!... — Ingente marco!
Padrão sagrado! Hão de passar os séculos,
Hão de perder-se as gerações futuras
Do ²²⁵⁹ esquecimento nos profundos mares;
Há de abalar-se o globo nos seus eixos,
Sacudindo os colossos de granito,
E os mausoléus das dinastias tôdas,
E os povos e as nações! Um outro mundo
O Senhor criará!... Mas, sobranceiro
Ao tempo, ao mundo, e aos povos, — os felizes
Dêsse mundo melhor hão de saudar-te, ²²⁶⁰
Padrão da eternidade! E penetrados
De respeito e de amor, dirão piedosos:
— Até ali a sombra, a barbaria,
E dali até nós a luz, — a glória!

X X I V

As multidões hebréias caminhavam,
O triste véu da noite inda mais tristes
Tornava as soledades; pavorosa
A viagem seria, se a esperança

De próximo descanso e abrigo próximo
 Não alentasse os ânimos e as forças.
 Alguns passos ainda, e além dos campos
 Frios, desabrigados, a cidade
 Querida de Davi, a hospitaleira
 E singela Belém, por entre as sombras,
 Ia mostrar-se com seus gratos fogos,
 Consoladora como um pôrto amigo
 Que do meio do pérfido oceano
 L'obriga esmorecido ²²⁶¹ pobre nauta.
 Tinham ²²⁶² cessado a vozeria e os cantos!
 De quando em quando, apenas, um suspiro,
 Um grito de mulher ou de criança,
 Cujos mofinos pés, intumescidos
 Do muito caminhar, ou lacerados
 Dos espinhos e pedras do deserto,
 A neve entorpecia, ou brado forte
 De impaciente, ²²⁶³ ríspido carreiro
 Os vagarosos brutos incitando,
 Erguiam-se dos ranchos abatidos
 Daquele povo ilustre e desgraçado.
 Depois... fundo silêncio. — Oh! quantas vezes, ²²⁶⁴
 Nesse jornadaear penoso e duro,
 Se lembrariam de Israel os filhos
 Da longa escravidão de seus maiores?
 Das estradas do Egito e Babilônia?
 E das promessas de seu Deus?... Quem sabe?

XXV

Já de Belém as luzes bruxuleiam ²²⁶⁵
 Pálidas através dos nevoeiros,
 Qual turbilhão de tênues vagalumes
 Sobre as sarças escuras lampejando.
 Um grito apenas expansivo e forte
 Pelos ares ressoa, — o passo dobram;
 Superam a fadiga. Estavam findas
 As penas dêsse dia trabalhoso.
 Chegam por fim. Das estalagens vastas
 Os grosseiros portões rangem nos gonzos,
 Gritam os amos; os serventes correm
 De um lado e de outro; os viajeiros entram
 Nos largos pátios, insistentes êstes
 Pedindo de comer, — fracos aquêles
 Suplicando um abrigo, — um leito ao menos;
 Chora a criança; o ancião tolhido
 Implora brando lume a que se aqueça;
 Acalentam as mães os filhos; bradam
 Os condutores alijando os carros;
 Ressoam na calçada as duras patas
 Das mulas pacientes: — a desordem
 Reina e a confusão por tôda parte.
 Para tão grande número são poucas ²²⁶⁶
 As pousadas, e poucos os albergues;
 O que chegou primeiro, o mais experto,
 Ou traz mais cheio o cinto, ou prenhe a bôlsa,
 Tem o lugar melhor; ficam os outros
 Na cozinha ou no alpendre; outros apenas
 Acham mesquinha enxêrga em que dormirem
 No frio pátio ao lume das fogueiras.
 Porém José o pobre carpinteiro,
 Porém Maria a Santa, a immaculada,
 Só encontraram por abrigo o teto
 De escura estrebaria, ²²⁶⁷ ou vil presepe!
 Por leito feixes de cevada ²²⁶⁸ e feno!
 Por companheiros de hospedage os brutos!
 Nem um velho candil de frouxo lume,
 Nem ligeiros gravetos acendidos

Entre grosseiras pedras, clareavam
 O miserável, ²²⁶⁹ negro pardieiro!
 Em breve o sono amigos as gratas asas
 Estendeu sobre os pobres viandantes.

XXVI

Calou-se o narrador, ergueu os olhos
 Para a celeste abóbada crivada
 De estrêlas rutilantes, depois triste
 Abaixou a cabeça suspirando.
 Todo o auditório contemplava mudo
 Aquela bela imagem do profeta;
 Todo o auditório respirava a ²²⁷⁰ mêdo
 Temendo interromper-lhe os pensamentos. ²²⁷¹
 Por fim continuou: — Nas vastas terras
 Que no centro da Ásia se dilatam,
 Tendo ao Setentrião tribos ferozes,
 Povos sem lei, sem crenças, sem govêrno,
 E ao Meio-dia a Pérsia, a Índia adusta;
 Ao Oriente a China impenetrável,
 Ao ocidente a áspera Tartária,
 Um poderoso império florescia;
 Grande no meio de inimigas hordas,
 Opulento entre reinos lacerados
 Por discórdias e guerras, deslumbrava
 Com seu fulgor os povos do Levante.
 Nunca, segundo a tradição nos conta,
 Mais altos torreões, mais ricos templos,
 Mais vistosos eirados, levantaram
 Braços humanos. Seus reais senhores
 Tinham acumulado nas cidades
 Esplêndidas, soberbas, os prodígios
 Das artes, das ciências, dos trabalhos
 Em que mil gerações se afadigaram.
 Mas desgraça! loucura! os habitantes
 De tão brilhante e opulento império
 Não guardavam de Deus e da verdade
 A mínima noção! — Monstros horrendos,
 Áureas, mas brancas, colossais estátuas,
 A lua, — o sol, — as abusões falazes
 Da louca fantasia, eram seus deuses!
 Uma classe, contudo, ilustre classe,
 Classe temida, professava, ²²⁷² é certo,
 De vedada ciência os exercícios;
 Ela escrevia a lei, — ela dispunha
 Dos homens e das coisas, — dominava
 O rei e o povo, o exército e o comércio:
 Era a classe dos Magos. O seu livro
 Tinha por fôlhas os azuis espaços,
 As estrêlas por letras. Longas noites,
 De enormes torreões ²²⁷³ sobre os eirados,
 Olhos fitos no céu, acompanhavam
 Dos claros astros os extensos giros.
 Liam da natureza as maravilhas,
 Os flagelos do tempo, — a sina, — o fado
 Do mais rasteiro ser que a terra habita,
 Na poeira de mundos cintilantes
 Que à noite argenta o firmamento escuro.
 A pedido do rei, que feias lutas,
 Iminentes perigos assombravam, ²²⁷⁴
 Reuniram-se os Magos: rubros fogos
 Brilharam logo nos terrados todos
 Dessas erguidas fábricas de pedra,
 Glória dos grandes e terror do vulgo;
 Rolos de espêsso, ²²⁷⁵ de odoroso fumo
 Por um momento espalham-se nos ares;
 Estranhos cantos, — harmonias vagas,

Como as de um sonho de alma enamorada
 Passam nas asas dos noturnos ventos.
 Amedrontado o povo, em vozes baixas
 Repete então maravilhosos contos,
 Fala de aparições de etéreos gênios
 Habitantes dos astros, — de colóquios
 Com as sombras errantes que das nuvens
 Sentadas descem sôbre carros de ouro;
 De espantosas visões, negros sigilos,
 Revelações de pavorosos sêres:
 O segrêdo, porém, dessas alturas,
 Os arcanos profundos que decifram
 Os Magos reünidos, ninguém sabe,
 Ninguém tenta saber! Desventurado
 Aquêlê que, de longe, procurasse
 Prescrutar ²²⁷⁶ os mistérios dessas horas!
 À meia-noite, o tempo do preceito,
 Eram findos os mágicos trabalhos,
 Eram sabidos os futuros casos;
 Guardam-se os tenebrosos instrumentos,
 As lâmpadas apagam-se, os braseiros
 Onde a mirra e o incenso há pouco ardiam
 Deixam de fumegar; — os Magos descem,
 Mudos, severos, arrastando os mantos
 Pelas escadarias de granito.
 Não se fecha contudo a grande porta,
 Ficam alguns serventes, que três sábios,
 Doutos conhecedores das estrêlas, ²²⁷⁷
 Aguardam a manhã: o mais provento
 Chama-se Baltazar, nobre, opulento, ²²⁷⁸
 Governa a terra onde abundantes brilham
 As auríferas minas: o segundo
 Domina a região das tamareiras
 E das árvores altas que distilam
 A cânfora saudável, o seu rosto
 Tem do ébano a côr lustrosa e negra, ²²⁷⁹
 E' Melchior o seu nome, — o derradeiro,
 Gaspar, vive entre as tribos do deserto
 Donde a suave mirra, o brando incenso, ²²⁸⁰
 O grato benjoim, descem, se espalham
 Pelos grandes mercados do Oriente.

XXVII

Retirados os mais, os três sentados
 No derradeiro andar da imensa tôrre,
 Despertos, porém mudos, e absortos,
 Buscam as horas iludir da noite,
 Cada qual se entregando aos pensamentos
 Ledos ou tristes, graves ou ligeiros,
 Que o silêncio, o lugar, o acaso, o tempo
 Soem chamar à inteligência humana.
 Êste, talvez, recorda-se da espôsa
 Ou da amante, dos filhos, dos amigos,
 Da lareira querida que deixara;
 Aquêlê de negócios complicados
 Ou dos pátrios destinos; aqueloutro
 Nesse futuro que entrevira há pouco
 Na face das estrêlas... Mas, oh! nubes!
 Repentino clarão percorre o espaço!
 Jôrro de luz rebenta do infinito
 Seguido de um horrísono estampido!
 O enorme torreão todo estremece.
 Depois um côro de celestes vozes,
 De instrumentos divinos, docemente
 Nas nuvens faz-se ouvir, — e aos olhos turvos
 Dos Magos assustados aparece
 De um Querubim a esplêndida figura.

Mais alvas, mais brilhantes do que a neve
 Incólume dos Andes refletindo
 A luz do sol nascente, eram as vestes
 Que as formas lhe envolviam; mais festivas
 Do que as faixas do íris, ²²⁸¹ quando abraça
 Depois da tempestade o céu e a terra,
 Eram as longas asas. Da cabeça,
 Prodígio de beleza, uma torrente
 De fúlgidas madeixas desprendia-se,
 Vinha tocar-lhe os pés; a eternidade
 Terrível, mas sublime; a glória excelsa,
 Mas assombrosa, das celestes côrtes,
 Dominavam-lhe os gestos e a postura.
 — Não tendeis mêdo, murmurou, erguei-vos,
 Ajuntai as mais grátulas ofertas
 E parti, caminhai: a mão do Eterno
 Vai desvendar-vos os terrestres olhos,
 Ide a Belém, o Salvador do mundo
 Entre os homens está. — Disse, e agitando
 As asas vigorosas, afastou-se
 Deixando os Magos trêmulos, ²²⁸² atônitos.

XXVIII

Belém.... Onde Belém? Quais os caminhos?
 Quais os guias seguros? Quem pudera
 Nessas horas caladas ensinar-lhes
 Da romaria o norte? Quantos povos
 Bárbaros de permeio, ou quanto tempo
 De penosas jornadas e labores?
 Depois, quais os sinais? Quais os indícios,
 E o nome do que buscam? Como achá-lo?
 Em vão tentavam, ponderando o caso,
 Resolver estas dúvidas tremendas.
 Nada explicara o mensageiro augusto,
 Nenhum rumo apontara, — de que modo
 Obedecer às ²²⁸³ ordens soberanas?
 Porém, ²²⁸⁴ milagre!... nos sidéreos climas
 Uma formosa estrêla, ²²⁸⁵ nunca vista
 Nas eras que passaram, fulgurante
 Apareceu de súbito, inundando
 O rio, os campos, os vergéis frondosos,
 Os extensos jardins, e os elevados
 Coruchêus dos palácios, da mais pura, ²²⁸⁶
 Da mais serena luz que haja caído
 Das empíreas alturas! Tristes, páldias, ²²⁸⁷
 As mil constelações se tresmalharam
 Quais errantes luciôlas: a lactea
 Banda, ²²⁸⁸ que o firmamento em dois divide,
 Como um cinto de frágeis filigranas
 Na vastidão perdeu-se! — Os grandes lagos,
 Os tanques primorosos, as colinas
 Coroadas de vinhas e oliveiras,
 Transformaram-se em mares encantados, ²²⁸⁹
 Ilhas de nácar, mágicos pomares,
 Grutas de fadas e amorosos gênios.

XXIX

— Eis o sinal divino, caminhemos! —
 Exclamaram os Magos, — o luzeiro, ²²⁹⁰
 Que aparece no céu, à terra Santa
 Guiará nossos passos, faro amigo
 Nos mostrará propício o asilo, o berço
 Onde repousa o Salvador! E logo
 Buscam os cofres de valores prenhes,
 As áureas bôlsas, os compridos mantos
 E, ²²⁹¹ fitando os olhares penetrantes
 Na portentosa estrêla, a tôrre deixam.

X X X

As horas passam como alados gênios.
O deserto medonho se ilumina
De rutilantes fogos; — as montanhas
Aplainadas ²²⁹² transformam-se em caminhos
Orlados de jasmims e heliotrópios, ²²⁹³
Lírios e rosas, ²²⁹⁴ dália e tulipas.
Os rouxinóis despertos ²²⁹⁵ preludiam
Suavíssimos cantos: — a floresta, ²²⁹⁶
O campo, a fonte, o rio, a sarça, a relva,
O pequenino inseto que se aninha
No seio de uma flor, tremem tocados
Pelo sôpro de Deus! Hinos celestes,
Melodiosos cânticos, percorrem,
Nas asas leves de chorosas brisas,
A vastidão dos ares e . . . lá em cima,
Lá em cima, além das nuvens e dos astros,
Abrem-se do Infinito os santuários,
E os querubins de alvíssimas roupagens
Junto ao trono do Eterno se debruçam
Derramando felizes sôbre o mundo
Um dilúvio de flores. — Glória! Glória!
Glória ao Senhor Supremo nas alturas,
E paz aos homens sôbre a terra! — cantam
Ao inefável som de etéreas harpas.

X X X I

A luz tudo avassala. A festa imensa
Da natureza nessa noite santa
Dá vida às ²²⁹⁷ soledades; mas ao longe, ²²⁹⁸
Das bandas do Ocidente, em nuvem negra
Um turbilhão de espectros macilentos,
Cobertos de farrapos purpurinos,
Lentamente atravessa o céu sereno;
Sibila o vento e as ondas agitadas
Atiram contra a sombra que projeta ²²⁹⁹
A bava salitrosa. Um grande brado
De pólo a pólo faz-se ouvir: — São mortos! . . .
São mortos os mil deuses, — é nascido
O Filho de um só Deus! — E lentamente
Desaparece a nuvem tenebrosa.

X X X I I

Jubilosos, porém, crentes e firmes,
Fitos os olhos na propícia estrêla,
Os três Magos caminham pelos ermos;
Voam as horas; — as manhãs e as noites
Em celeste consórcio se confundem;
À voz do Eterno estreitam-se as distâncias.
E chegam sem cansaço à nobre, à antiga, ²³⁰⁰
Real Jerusalém. Seu jeito estranho,
Seus estranhos vestidos e seus modos,
Dão pasto ao ócio e ao gênio curioso
De um povo estulto e vão. — Onde vieram
Estes homens tisonados? Que procuram?
Trazem felicidade, ou semelhantes
Aos pássaros sinistros ²³⁰¹ pressagiam
Desgraças, infortúnios? — A notícia
Chega aos ouvidos do vaidoso Herodes, ²³⁰²
Rei então e senhor. Chama-os e indaga:
— De ²³⁰³ que terra saístes? Que negócio
Vos traz aqui? — Partimos do Oriente,
Os Magos lhe respondem, — habitamos
Além do Eufrates e do Tigre, e somos
Senhores, como vós, em nossos reinos.

Procuramos o pouso abençoado
Onde o Rei dos judeus, recém-nascido, ²³⁰⁴
Descansa agora, — se o sabeis dizei-nos,
Se não, deixai-nos ir que sua estrêla
Nos clareia o caminho. — Isto escutando
Turba-se Herodes, seus ministros chama,
Convoca os anciãos, consulta áugures,
Faz estudar das aves as entranhas,
As águas dos arroios, e a fumaça
Das fogueiras ardentes. Os prudentes
Anciãos venerandos lhe repetem
Dos antigos profetas as palavras:
— Está escrito, dizem-lhe, que o Cristo
Em Belém nascerá! ²³⁰⁵ — estais contente? —
— Ide! — Herodes exclama, ide depressa,
Buscai o rei anunciado, e quando
Souberdes o lugar onde se abriga,
Vinde dizer-mo, pequenina oferta
Quero também depor junto a seu berço.
Ide depressa, os deuses vos protejam.

X X X I I I

Os romeiros prosseguem, mas o bárbaro,
O apavorado rei logo reúne
Mil soldados cruéis, e lhes ordena
De invadir as cabanas e as herdades,
A casa do abastado e o vil tugúrio
Do infeliz, ²³⁰⁶ miserável proletário,
De derramar a morte onde encontrassem
Fecundos seios, puerícia inerme!

X X X I V

Então um grito unísono, terrível, ²³⁰⁷
Retroou pelo espaço! — Aflitas, cegas,
Olhos sangüentos, desnudado o corpo,
As jovens mães as praças percorriam,
Como as leas da abrasada Núbia, ²³⁰⁸
Defendendo os filhinhos! O heroísmo
Do maternal amor fêz-se loucura.
Renques de algozes recuaram frios
Perante uma mulher! Rudes atletas
Afeitos aos mais ásperos trabalhos
Se estorceram no pó aniquilados
Por delicadas mãos, destras apenas
No suave lidar de brandas sédas!
Mais de uma vez os lúgubres verdugos
Viram o ente frágil, timorato,
Objeto de luxo e de vaidade,
Tornar-se horrível, — espumar de raiva,
Às ²³⁰⁹ feras disputar o antro escuro
Para esconder a prole ameaçada! . . .
Um coração de mãe produz milagres.

X X X V

Enquanto estas cruezas assombravam
Aldeias e cidades, descuidosos
Caminhavam os Magos, precedidos
Do luminoso guia, — e alfim chegando
Às portas de Belém, sôbre o telhado
De mísero presepe, ²³¹⁰ úmido e negro, ²³¹¹
Viram-na se deter. — Vozes suaves
Ledos hinos cantavam, — brando lume
Clareava o recinto. — Entremos, vamos,
Dizem volvendo para o céu os olhos:
Já não brilhava a fulgurante estrêla.

XXXVI

Sôbre grosseira, escura manjedoura,
Em alvos panos envolvida estava
Rósca criança; — à cabeceira um anjo
Mudo e severo, — aos pés Maria a santa,
Predileta do Eterno, o espôso ao lado,
À roda pobres, tímidos pastôres.
Quando o indeciso olhar porém fitaram
No anjo que velava à cabeceira,
Reconheceram pasmos o enviado
Que os visitara na sombria tôrre!

XXXVII

— Prostremo-nos! bradaram, e adoremos
Do Rei dos reis o Sacrossanto Filho!
Louvemos o Senhor que nossa vida
Encheu de glórias, e espancou as sombras
Dos erros infernais que nos cercavam!
Glória ao único Deus, onipotente!
E abrem os cofres recheados de ouro
Que aos pés colocam da criança augusta,
Derramam das navetas primorosas
Sôbre o fogo vivaz o incenso e a mirra,
Lançam por terra os mantos e os adornos,
Curvam-se e adoram cheios de humildade
O Filho de Maria. Os pegureiros
E os rudes camponeses que cercavam
A negra estala do divino Infante,
Como se a voz de Deus soasse perto, ²³¹²
Ajoelham-se trêmulos e entoam
Religiosos cantos. — Ah! não foram
Os sátrapas das Côrtes do Oriente,
Cobertos de veludo e finas sêdas,
Nem do Ocidente os príncipes soberbos,
Seguidos de pomposa comitiva,
Os que desceram de seus áureos paços,
E saudaram de Cristo o nascimento!
Oh não! — Foram os pobres e os humildes,
Os simples corações, os gênios simples,
Aquêles que êle amou, que procurava,
E sempre defendeu contra a injustiça,
E a tirania indômita dos grandes!

XXXVIII

Mas o tempo voraz que não descansa,
Que embala os berços, que os sepulcros abre
Em um relance d'olhos, implacável
Seu giro continua. Aconselhados
Por celeste visão, voltam os Magos
Às regiões natais, menosprezando
O astuto aviso e o pérfido conselho
Do tenebroso Herodes, que esbraveja
Vendo-se dêste modo postergado.
Para o Deus Criador, justo, infinito, ²³¹³
Não existe passado nem futuro,
Tudo é — hoje, hoje sempre. — A Eternidade
Forma o dia divino, mas o dia
Que não teve alvorada e não tem noite.
Era chegado o Salvador, — o Verbo, —
A fecunda e suprema Inteligência,
A verdadeira luz: de novo o mundo
Ia sair das trevas que o cercavam.
O Santo mensageiro ²³¹⁴ se apresenta
Novamente a José. — Toma a criança, ²³¹⁵
Ampara a Virgem mãe, busca o caminho

Do hospitaleiro Egito, os ²³¹⁶ dias negros
Do malfazejo Herodes são contados.
Quando a terra cobrir seus frios ossos
Voltarás ao país de teus maiores,
Parte. — E dizendo assim volta de novo
Aos paços do Senhor donde baixara.

XXXIX

À segunda vigília de atra noite
Calça as sandálias de jornada, empunha
O bordão de romeiro ²³¹⁷ o santo espôso,
Une ao seio o menino, e, acompanhado
Da virtuosa, cândida consorte, ²³¹⁸
Busca dos Faraós o vasto reino.

XL

Calou-se o pio Mestre. A madrugada
Vinha nascendo lúcida e serena,
Bela como a ilusão de um belo tempo,
Como um sonho da infância entre as tristezas
De frios desenganos. O deserto
Que a noite povoara de *duendes*
Festivo despertava. ²³¹⁹ Um oceano
De purpurina luz, enxameado
De milhares de nuvens multicores, ²³²⁰
Ganhava o firmamento. A mata virgem
Enamorada do clarão celeste
As primícias das flores orvalhadas
Parecia ofertar-lhe. A loira abelha,
O colibri mimoso, a borboleta
Ligeira, ²³²¹ amiga das silvestres flores,
Cruzavam-se volúveis, adejando
Sôbre as folhagens úmidas de orvalho.
Mais longe, à margem de pequeno lago,
A garça branca, o tímido flamingo,
A travessa narceja ²³²² se banhavam
Brincando entre as lustrosas espadanhas.

XLI

— Irmãos, é dia! — O missionário exclama — ²³²³
Adoremos o Eterno! — Obedientes
Curvam-se os filhos do deserto e oram
Repetindo em voz alta as santas rezas
Que lhes ensina o venerando Mestre.
Levantam-se depois e aos ecos soltam
A saudação Cristã. — Ide tranqüilos,
Ide em paz, meus irmãos, lhes diz afável
O amigo, o benfeitor; ²³²⁴ finda a semana,
No dia do Senhor, volta de novo.
Guardai no coração e na memória
O nome de Jesus, — pronunciai-o
Quando a aurora raiar; quando mais alto
Brilhar o sol no imenso firmamento,
E quando a noite entristecer os vales!
Que êste nome divino vos console,
Vossos atos inspire e vos proteja!

XLII

A multidão retira-se. Entretanto
Uma singela filha das florestas,
Uma criança tímida, mimosa,
Bela como a inocência, pensativa
Senta-se à porta da tristonha ermida
E considera atenta e longamente

A imagem do Senhor, onde repouza
 Como um olhar de amor e de piedade
 O suave clarão da madrugada.
 — Naída! — Padre, vos espero, vamos.
 — O que fazias, filha? — Me lembrava
 Dessa criança que saudaram anjos
 No pobre, escuro berço, e considero
 Esta imagem sanguenta, descarnada,
 Coberta de feridas horrorosas!
 Responde a ingênua, cândida menina, ²³²⁵
 Ao caridoso Mestre. — Oh! que bem fazes!
 Diz êste amargamente, os sábios todos
 Se assim pensassem quando os livros volvem,
 E buscam monumentos no passado,
 E perdem-se em audazes conjeturas, ²³²⁶
 Mais felizes seriam!... Vamos, filha.
 Levanta-se Naída, e ambos caminham
 Para a afastada, mísera choupana, ²³²⁷
 Onde a mãe da inocente, cuidadosa,
 Grosseira refeição prepara e espera
 A delicada filha e o sábio Mestre.
 O sol nascente as selvas ilumina.

CANTO II

Este é o mesmo, de quem eu disse: Depois de mim
 vem um homem que me foi preferido, porque era antes de
 mim:

E eu não o conhecia, mas por isso eu o vim batizar
 em água para êle ser conhecido em Israel.

(João I, v. 30, 31).

I

Das grandes catedrais nas altas tôrres
 O sol Oriental bate festivo
 Doirando as primorosas esculturas
 E as flechas atrevidas; jubilosos
 Os sinos colossais o espaço abalam
 Chamando o rico e o pobre, o fraco e o forte
 Ao templo do Senhor. As oficinas
 Tornam-se mudas, mudas as roldanas, ²³²⁸
 A bigorna e a forja, a lima e a serra.
 Depõe a enxada o honrado jornaleiro,
 A menina do povo a agulha esquece,
 Esquece o proletário as dores íntimas.
 Deixam os lares, correm às Igrejas,
 Aos públicos jardins, às belas praças,
 Às risonhas campinas dos subúrbios.
 Aqui à fresca sombra das nogueiras
 Dançam ao som de rústico instrumento
 Guapos mancebos, vivas raparigas;
 Ali sentados sôbre toscos bancos
 À porta da espaçosa hospedaria
 Os mais velhos praticam gravemente;
 Mais longe alegre chusma de crianças
 Retoiça-se na relva aveludada.
 Tudo descansa, ²³²⁹ folga e se diverte
 No dia memorável do Domingo,
 Tudo, exceto o mesquinho encarcerado,
 Na fétida prisão, o pobre enférmo
 Sôbre o leito de angústias e martírios,
 O esqualido avarento fascinado
 Pelo demônio do ouro, e o ente impuro, ²³³⁰
 Aleivoso, cruel, irmão da serpe,
 Herdeiro de Caim, — sócio de Judas!

II

Mas os filhos das selvas não conhecem
 Marmóreos torreões, ²³³¹ sonoros bronzes,
 Áureos altares, santuários ricos;
 Não têm jardins nem primorosos parques,
 Calçadas ruas e adornadas praças.
 O deserto é o templo, — os astros círios;
 Aras os montes, e sacrário o peito,
 Depois..... a natureza e a liberdade!

III

Qual medonho leão da Líbia ardente
 Quando deixa a caverna onde poisava,
 E saindo às planícies requeimadas, ²³³²
 Pára, sacode a juba e mede o espaço,
 Enquanto ao longe as tímidas girafas
 E os poldros aterrados, pressentindo
 Das brenhas o senhor, bufam, relinham,
 E arrojam-se velozes pelos ermos,
 Assim o sol na extrema do horizonte
 Majestoso aparece e expele as sombras
 Filhas da noite, e do terror escravas.
 Um novo dia os sêres ilumina:
 Belo, nos trouxe a claridade, belo
 Seria se as tormentas o obumbrassem!
 Salve, dia sagrado! Branca fôlha,
 Macia, perfumosa e acetinada
 Do Calendário dos Cristãos! Sublime
 Intermédio de paz e de repouso
 Do poema brilhante do Universo!
 Cada sol que te aclara é círio amigo
 No altar da natureza, que recorda
 O complacente olhar do Onipotente
 Quando, formando a terra, o mar e os astros,
 Os pássaros do céu, do êrmo as feras,
 Os monstros dos abismos e o terrível
 Bruto que fala e pensa, concentrou-se
 Na imensidade da divina essência!
 Salve, bendito dia do Domingo!

IV

Simple, formoso altar, limpo e coberto
 De alvíssima toalha, erguida à sombra
 De graciosa tenda entretecida
 De lianas sutis e verdes palmas,
 Avulta ao lado da pequena ermida.
 Junto aos círios acesos, débil, frouxa
 A brisa da manhã volteia e brinca;
 Sôbre o Missal fechado estende as asas
 Mimosa borboleta azul celeste, ²³³³
 Alada flor do mato; aos pés da imagem
 Sanguenta de Jesus, voa e revoa
 Esperto colibri. Cantam à roda
 Sonoros sabiás, e o manso vento,
 De quando em quando, suspirando, passa,
 E o chão alastra de cheirosas flores.
 O ministro de Deus medita e ora
 Na sossegada ermida; um velho padre
 De longa barba e descorado rosto,
 Antigo companheiro, hoje de volta,
 Sentado à porta, sôbre dura pedra,
 Folheia grossa Bíblia; de joelhos
 A seu lado, Naída atenta e muda
 Considera as gravuras primorosas
 Do mais belo entre os livros conhecidos.

V

Dos quatro pontos cardeais, ²³³⁴ aos poucos,
Vêm ²³³⁵ chegando os fiéis: — o velho imbele
Pelo filho amparado, — o infante frágil
Sobre os ombros do pai, — tristes extremos!
A mocidade alegre; — a meia idade
Série e calada. O caçador das brenhas,
O sagaz armador de finos laços, ²³³⁶
Trazem para o banquete o mantimento,
As matronas severas, doces frutos,
Saudáveis confeições; flores as virgens;
Delicadas ofertas as crianças.
A multidão recresce, — a ordem reina.

VI

Mas, à porta da ermida, majestoso,
Trajando as sacrossantas vestimentas,
Sustendo o argênteo cálix, e seguido
Do velho companheiro, — o Missionário
Aparece, e caminha lentamente
Para o singelo altar. Longo sussurro,
Semelhante ao das ramas da floresta
As primeiras rajadas da tormenta,
Corre entre as turbas, as mais altas fronte
Curvam-se, como as hásteas da cecrópia,
Quando sopram do Norte os frios ventos.
Depois tudo emudece: ouve-se apenas
O brando ciciar da aragem mansa
Nos taquarais viçosos, — os queixumes
Do cristalino arroio entre pedrinhas,
E a voz grave, solene e vagarosa
Do sábio do Evangelho repetindo
As palavras do Santo Sacrifício.
Quadro sublime! Encantadora cena!
Era assim, ao ar livre, à luz suave
Do céu da Galiléia, nas encostas
De relvasas colinas, ou nas margens
Verdes, risonhas, ²³³⁷ de serenos lagos
Que o Homem do Martírio doutrinava ²³³⁸
As multidões humildes que o seguiam!
Era à sombra dos altos sicômoros,
Junto das fontes gemedoras, longe
Dos rumores das praças que os mais nobres, ²³³⁹
Os mais santos preceitos resvalavam
De seus lábios divinos! Seus olhares
Prezavam as campinas e os oiteiros,
As cabanas dos vales sossegados,
O retiro dos bosques, e a beleza
Do firmamento azul, vaga e profunda!
Era da Natureza nos altares
Que elevava su'alma ao Pai Celeste!

VII

Ardem fogueiras, terminada a Missa,
Aviam as mulheres o banquete;
De lado a lado correm as crianças
Trazendo o musgo, as parasitas rubras
Do cimo dos rochedos, e as mais lindas
Frutas e flores das escuras matas,
Que aos pés do Sábio Mestre depositam;
Os homens reunidos junto à ermida
Discorrem seriamente; as moças cantam,
Não as lendas das tabas belicosas,
Mas da Musa Cristã saudosos hinos.

VIII

Acabado o banquete farto e simples,
Depois de alguns momentos de descanso,
Ergue-se o Missionário, avisa o povo,
E continua do Senhor a História:
— Quando ²³⁴⁰ da aurora a doce claridade
O passado serão interrompeu-nos,
Eu vos contava, irmãos, deveis lembrar-vos,
Da Sagrada Família a retirada
Para o famoso e celebrado Egito,
Fugindo às ²³⁴¹ iras do cruento Herodes.
Silêncio! E como sempre, ouvi-me atentos:
— E' morto Herodes. Archelau governa
O desgraçado povo Israelita:
Cessam as sanguinárias diligências
Que seu pai ordenara: estulto conto,
Sonho falaz, a plebe e o rei vaidoso
Julgam dos sábios Magos as palavras.
O mundo está tranqüilo, a paz Romana, ²³⁴²
Por Augusto instaurada, permanece
Deslumbrando as nações. Quem nesses tempos
De festas triümfais, brilhantes feitos,
Justas do gênio, exaltação das artes,
Poderio supremo; quem voltara
De tanto luxo, e gala, e pompa, e glória,
Os olhos receosos, timoratos,
Para ir buscar, ²³⁴³ no meio do vulgacho
Da mais pobre província, uma criança
Que gentios boçais apregoaram
Rei de Israel, — destruidor dos tronos,
Inimigo dos Césares? — Tranqüila
Volta pois a Família abençoada
Da terra estranha à suspirada pátria.

IX

Correm semanas, meses, correm anos,
E o menino formoso e delicado, ²³⁴⁴
A quem seus nobres Pais deram no exílio
O nome de Jesus, torna-se forte,
Avisado e gentil. A etérea calma,
A candura dos Anjos, resplandecem
Em seu rosto adorável; a prudência,
A graça, a discrição, em belas máximas
Dimanam de seus lábios. A doçura
Da palavra eloqüente, — os gestos meigos,
A expressão inefável dos olhares
Cativam corações que ardentes buscam,
Além daqueles dotes felicíssimos, ²³⁴⁵
Um — quê — de estranho e grande que presentem:
E os enche de alvoroço!... — Asas, quem sabe,
Ligeiras, invisíveis, ²³⁴⁶ se recurvam
Sobre aquelas espáduas! — Misterioso,
Vedado aos olhos dos mortais, descansa,
Talvez, o diadema do infinito
Sobre aquela cabeça immaculada!...
Dois lustros tinha apenas e dois anos
Quando, ²³⁴⁷ em Jerusalém, seus pais zelosos,
Finda a festa da Páscoa, o procuravam,
Que a seu lado o não viam, assombrados,
Foram achá-lo em meio de doutores,
Dos livros de Moisés volvendo as fôlhas,
Reduzindo ao silêncio os mais sagazes
E velhos sacerdotes. Tão profunda, ²³⁴⁸
Tão vasta sapiência então mostrava!.....
Dos serões estivais, — das quentes sestas,
Dos folguedos do povo ingênuo e simples,

Era Jesus o mimo, o encanto, a vida;
 As jovens mães paravam junto à porta
 Do pobre Carpinteiro, e contemplavam
 Suspirosas ²³⁴⁹ a cândida criança;
 — Feliz aquela cujos seios puros
 Te aleitaram, — diziam; outras vêzes
 Traziam seus filhinhos inocentes
 Para ouvirem o lindo companheiro,
 Folgar com êle pelos verdes prados,
 Crendo, oh! divina fé! que a inteligência.
 A graça, a mansidão, a ingenuidade
 Do afortunado, loiro Nazareno,
 Passassem a seus tímidos amigos.
 Longe, porém, de se entregar incauto
 Aos loucos brincos dos primeiros anos,
 Ou simular austeridade imprópria
 Da ridente estação das esperanças,
 Êle enchia de amor e de alegria
 Tudo quanto o cercava! Seus olhares
 Faziam desbrochar na sombra os lírios,
 Cantar os maviosos passarinhos,
 Que, do basto arvoredado, vinham mansos
 Poisar sobre seus ombros! As torrentes,
 As virações ligeiras e os rumores
 Dos silvados espessos, a seu gesto
 Das harpas e saltérios imitavam
 As harmonias ternas e saudosas.

X

Como as rosas de um dia, como as fôlhas
 Da anêmona do monte, os anos passam
 Da sonhadora infância; — o Justo, o Santo, ²³⁵⁰
 Curva-se à lei fatídica do tempo.
 Cede o lugar ao homem a criança.
 Quinze anos havia que subira
 Ao trono imperial Tibério César,
 O abutre dos Romanos; — governava
 Outro sinistro Herodes ²³⁵¹ a risonha,
 A verde Galiléia; eram os grandes,
 Os príncipes, então, dos sacerdotes
 Anás e Caifás, entes perversos,
 Mercadores sacrílegos do templo.
 Cruel como o primeiro, e mais doloso,
 Nos vícios mais vezeiro, era o segundo,
 Senhor da Galiléia, astuto Herodes:
 Criatura sem crenças, sem virtudes,
 Quebrando a fé jurada a cada instante,
 Desprezara a prudente e fida espôsa, ²³⁵²
 Filha do rei da Arábia, e fascinado
 Pelos encantos pérfidos, lascivos,
 Pelo amor criminoso de Herodias,
 Mulher de seu irmão Filipe, cego,
 Da casa do marido a arrebatara,
 E com ela vivia em seu palácio.

X I

Ora, naquele tempo, dos desertos,
 Das regiões incultas que se estendem
 Para o Setentrião, onde só vivem
 Sinistros corvos, esfaimadas águias,
 Venenosas serpentes; — onde as pragas
 Das eras de Moisés passam ainda
 Pejando as soledades de terrores;
 Das estâncias fatais, onde ²³⁵³ nem poisam
 Do velho mundo as tribos forasteiras,
 Implacável censor, áspero Mestre,

Desceu pregando às turbas depravadas
 A palavra de Deus, — chamando os homens
 Às ²³⁵⁴ fontes do Batismo. Era mancebo,
 Entrava na estação próspera e bela
 Em que o farol brilhante da esperança
 Clareia até o fundo dos abismos;
 Em que os prazeres, as paixões fogosas,
 O vivo imaginar, a terra e as coisas,
 Fáceis transformam num jardim de fadas;
 Entretanto seu vulto e seu aspecto
 Eram a encarnação ²³⁵⁵ lúgubre e triste
 De tudo quanto há rígido, severo,
 Acerbo e rigoroso neste mundo!
 Duro couro de velho dromedário
 De manto lhe servia, — duro couro
 Encarquilhado, cru, prêso às ilhargas
 Servia-lhe de cinto. Era sôzinho.
 Não trazia sandálias, nem guardava
 Dos rigores do sol a fronte altiva.
 Tinha o rosto trigueiro, — o corpo magro,
 Crivado das picadas dos insetos,
 Dos agudos espinhos dos silvados.
 Habitava os fragedos e as cavernas,
 E passava seus dias meditando
 Nas leis do Criador. Seu alimento
 Era o silvestre mel, — e os gafanhotos
 Que em densas nuvens, dos sertões da Síria, ²³⁵⁶
 Baixavam da Judéia aos tristes campos.
 João Batista chamava-se. — Movidas
 Pela cloqüente voz, pelas doutrinas ²³⁵⁷
 Dêsse inspirado e ríspido mancebo,
 E mais ainda pelo santo exemplo
 Do santo proceder, de tôda parte
 Vinham as gentes confessar-lhe as culpas
 E receber as águas do Batismo.
 Era como o gigante dos profetas, ²³⁵⁸
 Como o assombroso Elias. — Raça impura!
 Raça de negras víboras! — dizia
 Aos fariseus e saduceus perversos
 Que divisava entre os humildes crentes,
 — Quem avisou-vos de fugir à cólera
 Prestes a rebentar? Produzi frutos
 De santa penitência, e não vaidosos
 Vos julgueis de Abraão diletos filhos!
 Oh! filhos de Abrahão serão as ²³⁵⁹ pedras,
 Se o Senhor decretar! D'árvore ao tronco
 Vejo inclinar-se o gume do machado:
 A planta estéril cairá por terra,
 Será lançada ao fogo! — O que faremos? —
 Perguntavam-lhe as turbas ansiosas.
 — Sêde puros, humildes, compassivos;
 Se duas vestes possuíis, dai uma
 A vosso irmão mendigo; — se estais fartos
 Chamai-o à ²³⁶⁰ vossa mesa. Nunca poise
 A mentira e a calúnia em vossos lábios,
 Nem oprimais, se poderosos fôrdes, ²³⁶¹
 Os vossos semelhantes. Na verdade,
 Com água vos batizo, mas não tarda
 Alguém, alguém maior, cujas sandálias
 Indigno sou de desatar, conheço!
 Êsse no Santo Espírito e no fogo
 Vos há de batizar! — O povo insonte
 Enleado escutava estas palavras.

X I I

Um belo dia ao alvejar d'aurora,
 As verdes margens do Jordão sagrado,

Entre as turbas solícitas, zelosas,
Que do Batista às vozes acudiam,
Veio também Jesus. — Sorpreendido
Turba-se aquêlo: — Quem sou eu! exclama, ²³⁶²
Para esta glória merecer! — Minh'alma
Devera ser por ti purificada,
Senhor! e tu me buscas!... — Não te inquietes, ²³⁶³
Responde-lhe Jesus, — faze o que digo:
Quero plena justiça: é necessário
Que de minha pessoa o exemplo parta.
Estas razões ouvindo, João Batista
Inclina-se e obedece. Oh! mas apenas
Das águas do Jordão as gôtas frias
Molham a fronte santa, as nuvens róseas
Afastam-se quais trêmulas cortinas
Que vendassem o Empíreo, os céus se entr'abrem,
E o Espírito de Deus rasgando os ares
Sob a corpórea forma de uma pomba
Desce até o Senhor! No imenso espaço
Faz-se ouvir uma voz altissonante:
— Eis o meu Filho muito amado! Nêle
Hei pôsto minha eterna complacência! —

XIII

Depois desta solene cerimônia,
Jesus deixa o Batista, o povo deixa, ²³⁶⁴
Deixa os vales amenos, as campinas
Das bordas do Jordão, e solitário,
Imerso em pensamentos insondáveis,
Busca o deserto, as solidões agrestes
Que para as bandas de Emaús se estendem.
João continua as prédicas severas.

XIV

Quarenta dias e quarenta noites
No seio estéril de profundos ermos
Passou o Filho augusto de Maria
Em jejum rigoroso, em longas preces,
E vastas reflexões! Quarenta dias
Gastou no isolamento, assim mostrando
Quanto o retiro e a paz, quanto o sossêgo.
As preces e orações, são necessárias
Sempre ao começo das missões pesadas.
Quarenta dias e quarenta noites
Velou, sofreu, chorou, pediu o auxílio
De seu Eterno Pai! Depois.... Mistério!
Semelhante aos mais homens sentiu fome!
Então da sombra de espinhosa sarça, ²³⁶⁵
Sinistra e pavorosa levantou-se,
Maculada de sangue e lôdo e cinzas,
Negra, hediondamente mutilada, ²³⁶⁶
De Satanás a esquálida figura!
— Se és o Filho de Deus, zombando fala,
Ordena que estas pedras se convertam
Em outros tantos pães. — Jesus responde
Fazendo estremecer o negro gênio:
— Não só de pães os homens se alimentam
Mas também das palavras que procedem
Da boca do Senhor! — Medonho riso
Partiu dos lábios do rebelde arcanjo,
Ouvindo esta sentença, pertinace
Continua porém tentando o Justo,
E por fim o conduz ao alto cimo
De escarpada montanha, onde descansa,
Estende para o espaço a mão tisonada,
E com voz temerosa assim lhe fala:

— Jesus de Nazaré, — olha, contempla
Essas grandes nações, êsses impérios
Que brilham a teus pés, como os desenhos
De um mapa gigantesco, iluminado
Por quantos sóis existem. Ao Levante
A portentosa China se dilata
Pelas terras de Sem, maravilhando
Com sua profusão, ²³⁶⁷ luxo e grandeza
Os estados do mundo, conhecidos.
Não guarda o tempo a mínima lembrança
De sua fundação, nem fala a história
Das dúbias tradições de seu passado.
Calam-se os reis, os sábios emudecem
Considerando a antiguidade e a glória,
O poder e a opulência dêsse povo
Fastoso e original. — Vê que províncias,
Que cidades extensas! Que muralhas
Rijas e mostruosas! Que palácios
Pomposos e soberbos! O granito, ²³⁶⁸
O alabastro e o mármore de mil côres
Fulgem à luz do sol sôbre os zimbórios
Dos templos colossais; o oiro, a prata, ²³⁶⁹
Os lúcidos cristais ornam as salas
Dos nobres alcaçares. Pelas praças,
O cetim, o veludo, o linho, a sêda,
Os mais finos tecidos que o Ocidente
Jamais imitará, rolam sem preço.
As angras desiguais, os fundos portos,
Os caudalosos rios são pejados
De guerreiros baixéis, juncos mercantes.
— Além — surge atrevido à flor dos mares
O vaidoso Japão; três grandes ilhas
Abrange seu domínio. Irmão nos usos,
E rival no esplendor, não tem contudo
Tão vasto território e tanto povo
Como a pátria das sacras tartarugas,
Dos alados dragões. Deixa a península
Mais extensa do sul, transpõe o gôlfo
Serenos, azul sombrio de Bengala, ²³⁷⁰
Eis a sublime Ofir dos patriarcas,
O berço de Vichnu, ²³⁷¹ de Siva e Brama,
A Índia adusta, a inesgotável fonte
De etérea poesia, a grande mina
Das maiores riquezas do Universo.
A seus pés, ²³⁷² como a nítida esmeralda
Caída do colar de soberana,
Jaz a verde Ceilão, mimo das águas, ²³⁷³
Paraíso dos nautas levantinos.
Agora considera a bela Pérsia,
O vergel de Bulbul, plumoso amante
Da rosa purpurina; o doce asilo
Das fadas e princesas encantadas,
O antigo reino de Dario e Xerxes;
Tão vistosos jardins, fontes tão frescas,
Aves tão lindas, tão risonhas veigas
Não doira o sol Oriental; — as graças,
O gênio, o amor e a glória, abençoaram
Do velho Zoroastro a descendência.....
Ali está Babilônia, — além a Pártia,
Depois a Média, — a tenebrosa Assíria,
A Caldéia sombria, a Batriana,
Abortos sociais, mesclas sinistras
De riqueza e poder, de luz e trevas,
De esplendor e miséria! — A roda giram, ²³⁷⁴
Sôbre os mares de areia do deserto,
Hostes errantes, indomáveis povos,
Torvos herdeiros dos cruentos Sitas.....
Ao Meio-Dia estende-se apertada

Pelo Vermelho-Mar e Mar da Pérsia
 A rica, celebrada e livre Arábia.
 Os suaves perfumes que vaporam
 Os braseiros reais, — os finos óleos,
 Os bálsamos propícios, eficazes,
 Que os feios golpes de cortantes ferros,
 E as fundas chagas dolorosas curam,
 Saíram de seus bosques; — os mais fortes,
 Mais ligeiros corcéis que conquistaram
 No campo da batalha, ou na carreira, ²³⁷⁵
 A palma da vitória, por seus campos,
 Nitiriam soltos, lestos e bravios.....
 Volta-te agora para o Norte, a Síria
 Desdobra-se risonha, limitada
 Ao Oriente pelo ameno Eufrates,
 Pelos montes de Elão, — ao Ocidente
 Pelo Mar Interior..... desde o reinado
 De teu avô Davi, cruentas guerras
 Fêz sempre ao povo Hebreu. Em seu circuito
 Levanta-se Antioquia a hospitaleira,
 Depois Damasco, a rosa do deserto,
 Tear imenso das mais finas sêdas,
 Grande oficina de polidas armas;
 Ao longe Tadmor, a obra-prima
 Do sábio Salomão, ²³⁷⁶ deleita a vista
 Dos cansados romeiros; Heliópolis
 A denominam hoje os peregrinos. ²³⁷⁷
 Desde Abila até Cháleis, — desde as bordas
 Do Orontes cristalino, até os vales
 Que forma o grande Líbano, repara,
 Quantas lindas cidades, — quantas vilas,
 Quantos casais e herdades derramados!.....
 Ao lado Ocidental, próxima às ondas
 Do buliçoso mar, ergue-se altiva
 A próspera Fenícia, o grande empório
 Do Comércio do Sul e do Levante.
 Foram seus filhos os primeiros nautas
 Que afrontaram as ondas do Oceano
 E as colunas de Hércules vingaram;
 Foram seus filhos os primeiros mestres
 Que o manejo das velas conheceram,
 E a direção dos ventos, e a maneira
 De computar as horas e as distâncias.
 Em seus amplos depósitos e fábricas
 Vão procurar ativos mercadores
 A púrpura que tinge os régios mantos,
 E a madeira do Líbano, tão cara,
 Para os tronos dos príncipes da Europa,
 E para os templos de seus deuses mudos.....
 Deixa o mundo de Sem. — Prêso a seu flanco
 Por uma nesga de terreno apenas,
 O patrimônio de Caim se estende,
 E espanta os continentes. Nos rochedos
 De seus montes lavrados pelos raios,
 O epitáfio da glória e do progresso
 Avulta em letras hórridas; nas bordas
 De seus rios malditos, se reúnem,
 Sócios dos crocodilos e das boas,
 Sinistros nigromantes, — rudes magos,
 — Ervanários fatais que a morte plantam,
 E o desespero vendem. — Nos ladrilhos
 Dos caídos palácios de Sesóstris,
 Latem anúbis, adorados perros;
 Broncas esfinges de granito rubro
 Erguem dos areais a fronte morna,
 E consideram mudas e surpresas
 As gerações que passam..... por seus lábios
 Fala dos Faraós o gênio às vèzes.

No fastígio das lúgubres pirâmides,
 Delírios de grandeza, o feio abutre
 Lança um grito de fero desafio
 Às serpentes do Nilo. — Não te agrada
 Este escuro painel? Bem, volve os olhos
 Para a ruidosa Europa, o ilustre berço
 Dos filhos de Jafé..... — Oh! como airozas
 Surdem à flor das vagas transparentes
 As verdes ilhas da formosa Grécia!
 São cestinhas de flores delicadas
 Que em momentos de ócio e desenfado
 Soltara a Natureza sôbre as águas
 Nos tempos primitivos; são risonhas
 Constelações de mundos pequeninos
 Sôbre a escuma dos mares flutuando,
 Matizados de vinhas e olivedos,
 Povoados de Sílfiles lascivas
 E fagueiros tritões. Naquelas praias,
 Sôbre aquelas colinas coroadas
 De mirto e de açucenas, largas horas
 Cismaram Safo, Anacreonte e Mósco,
 Teócrito e Bion, meigos cantores
 Amigos dos oiteiros e dos vales,
 Da vida pastoril. — Quios e Samos, ²³⁷⁸
 Corcira, Paxos, Ítaca, Zacinto,
 Pátrias de heróis preclaros, ²³⁷⁹ se derramam
 Quais leves, graciosas borboletas,
 Sôbre o sereno mar. Além avultam
 Citera, ²³⁸⁰ o asilo da mimosa Vênus,
 Chipre, o lagar dos vinhos os mais puros,
 Creta, ²³⁸¹ a prisão do Minotauro, — Egina,
 Imbros, Siros, Eubéia e centenares
 De perfumados, lúcidos abrigos,
 Gratos aos olhos, ao prazer propícios.
 A terra gloriosa, a terra clássica
 De Sócrates, Platão e de Aristóteles,
 Inimitáveis sábios, se levanta
 Vedando a luz ao Bisantino império.
 O farol das nações, o insigne templo
 Da beleza real, — do gênio o berço,
 A luminosa Atenas, lá descansa
 No meio de prodígios. A seu lado
 Esparta, ²³⁸² a destemida, ²³⁸³ encara ufana
 A férrea estátua de Licurgo, e zomba
 Dos povos do Universo. — Além agita
 O manto de florestas viridentes ²³⁸⁴
 A áspera Tessália: de seus montes
 Os fundos ecos abalados sempre
 Inda repetem de Alexandre o nome!.....
 Filha e senhora, — imitadora e mestra,
 Ao flanco Ocidental da Grécia ilustre,
 Espreita os gestos das nações vizinhas
 Sequiosa de sangue a grande Roma.
 Tudo o que abrange seu olhar nefário
 De negra escravidão conserva o sêlo!.....
 Mais longe a linha e deleitosa Ibéria, ²³⁸⁵
 Fértil em doces pomos, estremece
 Como se alma tivera, pressentindo
 Nos sucessos proféticos da história
 Da Lusitânia o esplêndido futuro.....
 Além, vingando cerros que a limitam, ²³⁸⁶
 Avulta a Gália transalpina, escrava
 Outrora dos Gauleses e Ligúrios, ²³⁸⁷
 Celtas e Volcos e dos Francos hoje;
 Quando o pesado ferro da charrua
 Passar por êsses campos desprezados,
 Quando o martelo, a serra e as alavancas,
 O cinzel e o malho ressoarem

Afugentando o ócio das cidades
 Será dos povos do Poente o mimo.
 Um lidador da têmpera de César,
 Do gênio de Alexandre o Macedônio, 2388
 Da tenda de soldado irá sentar-se
 No trono das antigas dinastias.
 Tirano e popular, grande e mesquinho, 2389
 Magnânimo e baixo, escuro misto
 De fereza e bondade, calma e raiva,
 Ódio e clemência, de seus paços áureos
 Pará tremer o mundo!..... — Retalhada
 Por imensos marnéis, valas imensas,
 Da Gália ao Norte estende-se a Batávia:
 Herdeira da Fenícia, 2390 seus pilotos
 Por virgens mares e remotas praias
 Desfraldarão audazes, denodados,
 O pátrio pavilhão..... — Mudas, nublosas, 2391
 Ao lado ocidental da Gália forte, 2392
 Surgem altivas das sombrias ondas
 As ilhas da Britânia. A liberdade, 2393
 O poder, 2394 o comércio, a indústria, as artes,
 Terão ali seu pouso predileto
 Quando rôtas as báltavas bandeiras
 Dos mastaréus caírem. Seus governos
 Quebrarão as cadeias opressoras
 De milhares de servos: sua esquadra
 Será dos mares soberana..... — Ao longe
 Nos climas boreais entre neblinas
 Ergue-se a Escandinávia, 2395 a rude filha
 Das tormentas polares; depois dela
 A terrível Sarmátia se prolonga
 Do norte ao Meio-Dia dominando
 A Europa Oriental.... — Por um momento
 Guarda silêncio o gênio dos abismos, 2396
 Volve rápido olhar ao mar profundo,
 Aos claros horizontes, e prossegue
 Mostrando Àquele a cujos pés os reinos
 Jazem como torrões onde se movem
 Os bichinhos do pó, as várias zonas,
 As regiões incultas, mas repletas
 De auríferos tesouros, os impérios
 Fortes e populosos, explicando
 Sua origem, seus usos, seus costumes,
 Seu lugar no porvir; depois se curva, 2397
 Estende a mão tisonada e denegrida
 Para as remotas linhas indecisas
 Onde as águas e as nuvens se confundem:
 — Olha, — Rei dos Judeus — Rei sem coroa,
 Sem cetro e sem vassalos, olha! exclama.
 Oh! maravilha! O tímido Oceano
 Torna-se firme, liso, alvinitente
 Como se de seu rumo transviada,
 Longe do amigo sol, se congelasse
 Tôda a terráquea esfera! As sombras 2398 fogem,
 O horizonte ilumina-se: milhares
 De delicadas, vaporosas ínsulas
 Pejam o azul puríssimo do espaço
 Quais flutuantes, primorosos ninhos
 De brancos cisnes e alcions errantes,
 É além, além, na solidão dos mares, 2399
 Aparecem os píncaros formosos
 De vastas serranias, os ligeiros, 2400
 Esbeltos vultos das palmeiras altas
 Cujas copas virentes, enlaçadas, 2401
 Balançam-se nos ares, como as plumas
 Vistas dos pavões; — as verdes selvas, 2402
 As campinas, e as praias alvejantes
 Como as túnicas brancas das armênias

À beira das torrentes estendidas;
 E, qual no dia primo do universo,
 O mundo desbrochando à voz do Eterno, 2403
 Um novo mundo brota do Oceano.
 A terra e o mar, o mar e o Firmamento,
 Saúdam no seu berço de princesa
 A jovem filha da imortal Cibele.
 Lança-lhe aos pés o mar pérolas finas,
 O céu acende as lâmpadas dos trópicos,
 A terra esparze as flores mais cheirosas
 Que produzem as matas e os oiteiros.
 Se uma ilusão não foi, não foi um sonho,
 Nem de um grande poema o belo esbôço,
 Essa fecunda região chamada
 — Terra da promessa — descrita outrora
 Pelo exímio Moisés, oh, 2404 certamente,
 E' nesses climas sem iguais no globo
 Que ela deve existir!..... A luz etérea
 Inspira os passarinhos maviosos;
 Acorda o reino mágico das flores
 Irmãs dos colibris, que dão fagueiras
 A viva abelha o mel, o aroma ao vento;
 Beija os lagos de anil, e nas espumas
 Das torrentes raivosas do deserto,
 Serena transparece e amortecida
 Como vendada pelas asas brancas
 De uma volúvel multidão de cisnes
 Que adejassem às bordas dos abismos.
 Semelhantes aos príncipes fastosos
 Das histórias do Irã, por tôda parte
 Onde passam seus rios opulentos
 Lançam de lado a lado oiro e diamantes.
 A beleza, o prazer, a paz, o júbilo,
 O ar festivo, — a juvenil frescura,
 O louçania dos primeiros tempos,
 — Essa irradiação da Natureza! —
 Virgem ainda, ainda soberana,
 Não pelos homens profanada, — brilham
 No azul do céu, na solidão das matas,
 Nos fastígios dos montes, nas correntes
 Dos arroios queixosos, e amenizam
 Os livres campos, as aldeias livres,
 Os livres lares de uma raça ingênua,
 Senhora das florestas. — Indulgente
 Jesus contempla o grandioso quadro,
 Meigo sorriso os lábios lhe descerra,
 Doce expressão de amor e de bondade
 Anima-lhe o semblante. — Considera,
 Prossegue Satanás, êsse prodígio
 Que dos seios das águas se levanta,
 Igual aos sonhos das empíreas sestas.
 Nenhum rei dos antigos continentes
 Conhece-lhe a existência: — nenhum padre
 Das crenças tôdas que os mortais cativam
 Aí pregou as rígidas doutrinas; 2405
 Mundo esplêndido e forte, ao longe dorme,
 Feliz, desconhecido dos tiranos,
 E dos servos de Plútus, cobiçosos,
 Entregue à eterna lei da Providência!
 Pois bem, tudo o que viste e vêes ainda.
 Reinos, impérios, territórios vastos,
 Regiões fecundíssimas, tesouros
 Para comprar os tronos do Universo, 2406
 A fôrça, o poderio, a fama, a glória,
 Tudo, tudo te dou, se engrandeceres
 Meu nome pelos séculos maldito!
 Se beijares meus pés, — se reverente,
 Prostrado sôbre a terra, 2407 me adoraes!

Ruga severa appareceu na fronte
 Serena do Senhor, — estranho lume
 Correu no santo olhar. — Impuro gênio!
 Responde, e se levanta, — escrito existe:
 A Deus adorarás, — a Deus sômente
 Humilde servirás! — Então, ouvindo
 Êste preceito memorando, eterno,
 Que das sombras do tempo despertava ²⁴⁰⁸
 Negras lembranças de medonha culpa,
 Sentindo ainda na cabeça horrenda ²⁴⁰⁹
 Doerem as feridas incuráveis
 Que os raios vingadores produziram;
 Satanás emudece, abaixa os olhos.
 Um momento depois, tomando alento,
 Prossegue opiniático: — Sossega, ²⁴¹⁰
 Não mais te enfadarei mostrando o quadro
 Das nações e dos povos, — se quiseses,
 Te levarei mais perto. — Quero, vamos!
 Lhe responde Jesus. Nos largos ombros
 Satanás o sustém, — sacode as asas,
 Eleva-se do chão e ganha o espaço,
 Atravessa veloz os densos ares,
 Chega a Jerusalém, por fim, e pára
 No fastígio do templo: — Precipita-te
 Daqui ao chão, se do Senhor és Filho,
 Também escrito está, diz motejando,
 Que as celestes, inúmeras falanges
 Te ampararão nos braços protetores
 Para que não tropeces, nem molestes
 Os pés nas duras pedras! — Ouve, escravo
 Da mentira, ²⁴¹¹ do orgulho e da impureza;
 Teu Deus não tentarás, — também foi dito!
 Afasta-te de mim! — Jesus ordena.
 Forçado então a obedecer, vencido
 Por um poder maior, Satã se curva,
 Lança medonho e furioso brado,
 E some-se entre lúgubres negrimes
 Deixando o ar infecto e o espaço turvo.
 Mas de tôdas as partes do horizonte
 Brilhantes legiões de anjos excelsos
 Surdem batendo as asas alvejantes;
 Deixam o Firmamento, e circulados
 De etérea claridade, ao mundo descem,
 E prostram-se, cantando augustos hinos,
 Aos pés do Salvador. Depois se ajuntam,
 Uns inclinam as cândidas espáduas
 Onde Jesus repousa; — outros, alegres,
 Abrem as amplas, perfumadas asas, ²⁴¹²
 Formando um grande pálio ²⁴¹³ que protege
 Dos rigores do tempo a fronte santa; ²⁴¹⁴
 Os outros em falanges divididos
 Buscam a vastidão, rasgam velozes
 As nuvens purpurinas do Oriente,
 Derramando às aldeias e cidades,
 Aos agrestes casais e às ²⁴¹⁵ pobres choças
 As bênçãos do Senhor. — Por fim, serenos,
 Baixam remoinhando, e ledos param
 Da Galiléia nos ridentes vales.

XV

Mas o clarão da aurora inunda o espaço, ²⁴¹⁶
 Apagam-se as estrélas, — as neblinas
 Deixando os altos montes se desdobram
 Em véus ligeiros pelos fundos vales;
 Cantam os passarinhos, — desabrocham
 As flores odorosas dos silvados.
 Está findo o serão, cala-se o Padre,

Faz o sinal da Cruz e se ajoelha.
 Prostra-se o povo humilde e repetindo
 As palavras do Mestre pronunciam
 As santas orações da madrugada.
 — Ide em paz, ²⁴¹⁷ meus irmãos, Deus vos conduza,
 Fala depois se erguendo, — ide tranqüilos:
 No próximo Domingo vos espero
 Para seguir do Salvador a História.
 A bênção do Senhor vos acompanhe.
 Um momento depois, sôzinho e mudo
 Retira-se ao modesto santuário.

CANTO III

Quão formosos são sôbre os montes os pés do que anuncia
 e prega a paz, do que anuncia o bem, do que prega a salva-
 ção, do que diz a Sião: O teu Deus está para reinar!

(Isaias LII v. 7). (2418)

I

Símbolo eterno! — Rutilante escudo
 No pavilhão celeste suspendido,
 Como um troféu divino! — Astro dos astros!
 Senhor das estações, glória do espaço!
 Fonte da luz, da vida e da esperança!
 Farol da Criação!. Alfim te mostras
 Nas raias do Levante, afugentando
 Da noite infausta os lívidos espectros,
 E as sombras vis, do crime protetoras!
 Oh Sol! Oh Sol brilhante, sê bem-vindo!

II

Atra tormenta, inundação medonha,
 Derribaram a mísera cabana
 Do Ministro de Deus. Pesados troncos
 Bóiam ainda nas barrentas águas
 Represadas nos úmidos algares
 Que as enxurradas ²⁴¹⁹ do verão cavaram.
 Os arbustos vergados, encobertos
 De lôdo e sôlta argila, restos guardam
 De pobres utensílios, móveis pobres
 Pelo furor da enchente arrebatados
 Ao triste eremitério. Galhos secos,
 Combros de areia elevam-se nos sítios
 Onde mais bela a relva vicejava:
 Mas sôbre a fina areia e sôbre o lôdo
 Nem siquer um sinal de humanos passos!
 Senhor! que é feito do piedoso mestre?
 Porque no santo dia de teu nome,
 Quando os ingênuos crentes se reúnem
 Para ouvir tua história e teus preceitos,
 Tudo está frio, desolado e morto?
 Porventura. Mas não: — como suaves
 Repassadas de amor e de humildade
 Sobem aos céus as maviosas preces
 Dos singelos conversos! Ei-los juntos
 No tôpo de um oiteiro, ajoelhados
 À ²⁴²⁰ roda do piedoso Missionário,
 Cantando teus louvores! — Ruja o vento,
 Estale o raio, o temporal braveje,
 Vingue a enchente voraz os altos montes,
 Que importa! o zêlo vencedor do tempo,
 A crença viva que produz milagres
 Farão novos sacrários, novas aras,
 Onde as almas fiéis, Senhor, te adorem!

III

Como bendito lenho, arca bendita,
Depois da horrenda convulsão das águas,
Sobre risonha, plácida montanha,
Leves, ténues vapôres exalando,
Ao suave calor do sol propício,
Pequena choça, sobre verde cole
Tranqüila se levanta. Ali não chegam
As escumas do rio intumescido,
Pode ali meditar, dormir sem mêdo
O Apóstolo feliz do Novo Mundo.
O céu é todo paz, frescura o campo,
Sossêgo o bosque umbroso; — a tempestade
Como um sonho passou, — ei-lo, ²⁴²¹ de novo
Rodeado dos seus, ²⁴²² o Mestre ilustre
A sagrada missão continuando.

IV

Depois dos costumados exercícios,
Dos alegres folguedos, não vedados
Pelo pio varão, a cujos olhos
Nunca o riso e o prazer foram delitos,
Quando os preceitos da Moral não ferem,
À voz do Mestre ajuntam-se os conversos. ²⁴²³
Guardam silêncio, esperam ansiosos
Da narração cortada o seguimento.

V

A divina jornada no deserto,
Do sagrado Batismo a cerimônia,
Os austeros jejuns, as penitências
Em triste soledade, e as execrandas
Tentações de Satã, — deveis lembrar-vos,
Irmãos, repente o narrador, — contei-vos,
No passado serão, direi agora
Como deixou Jesus o isolamento
E apresentou-se aos homens ensinando
Os preceitos da lúcida doutrina. ²⁴²⁴
Prestai-me ouvidos, sabereis prodígios.

VI

.....
Não mais insiste o rígido Batista.
Ao povo israelita predizendo
A vinda do Messias; não, agora,
Agora que Jesus reconheceu
Como o Filho de Deus, e anunciado
Por todos os profetas, o apresenta
Às multidões surpresas: "Vêde, exclama,
Eis o cordeiro do Senhor que afasta
Os pecados do mundo! Oh sim, é êle,
De quem eu sempre disse, e em tôda parte:
Depois de mim virá o Preferido!
Virá quem era, e é, — quem eu não via,
Quem batizei com água, aparelhando
À grande estrada que trilha de vera!"
Estas palavras escutando, o povo, ²⁴²⁵
Que o Batista respeita, corre, apinha-se
À roda de Jesus; modesto e simples
Êle, porém, retira-se a outros sítios,
E procura mais tarde, finalmente,

Da linda Galiléia os frescos vales.
Dois amigos de João, seguem-no logo,
Depois Felipe o pescador, e o lhano, ²⁴²⁶
Meigo Natanael seu companheiro.
Foram êstes paupérrimos mancebos,
Paupérrimos dos dotes da fortuna,
Porém ricos de amor e de esperança,
Limpos de coração, mansos e crentes,
Os primeiros discípulos de Cristo.

VII

.....
Triste como um sorriso compassivo,
Entre prantos de amor e de saudade;
Triste como um olhar de despedida,
Como um Adeus de amigo que se ausenta,
Quando de longe ²⁴²⁷ de arenosa estrada
Pela última vez contempla as serras ²⁴²⁸
E as campinas natais: assim no espaço, ²⁴²⁹
Do sol quase a sumir-se o frouxo lume, ²⁴³⁰
Descansa merencório sobre os tetos
Da tranqüila Canã, cidade humilde
Da humilde Galiléia; — e nessas horas,
Quando as vagas lembranças agridoceas
Dos tempos que passaram ²⁴³¹ tumultuam
No pensamento humano, e a voz das aves,
O murmurar das fontes solitárias,
O ciciar das auras na espessura
Casam-se d'alma aos fugitivos sonhos;
Quando as brilhantes ilusões da infância
Revoam pela mente do que sofre, ²⁴³²
Como em tarde de estio, à flor dos lagos,
Um bando de andorinhas forasteiras;
Nessas horas de calma e de amargura,
De aflição e prazer, de riso e lágrimas:
Chusmas alegres de louças pastôras,
Camponeses gentis, zagais esveltos,
Em trajos festivos, brincam e dançam,
Cantam e jogam do arvoredo à sombra,
Ou sobre as alcatifas de verdura
Que a frente adornam de formosa granja.
E' dia de noivado. Pressurosas ²⁴³³
Acodem dos subúrbios e arredores
Dos maiores mais ricos as famílias,
E as famílias dos pobres jornaleiros,
Aos folguedos das bôdas; vem entre elas
A filha de Joaquim e o santo espôso;
Chega também Jesus e seus amigos.

VIII

Os tangeres de simples instrumentos,
Doces, ²⁴³⁴ melódiosos, e a toada
Dos tamborins sonoros, algum tempo
Medem da mocidade as ágeis danças
E dissipam as mágoas da velhice;
Os bons vinhos depois, os bons guisados,
A fartura da mesa do banquete
As condições confundem e as idades.
Os pais dos desposados, diligentes, ²⁴³⁵
Andam de lado a lado, as taças enchem,
Os criados incitam, e solícitos
Trazem novos manjares, novos pratos
Que aos convivas, afáveis, ²⁴³⁶ apresentam.
Tecem da noiva as cândidas amigas ²⁴³⁷

E os amigos do noivo o epitalâmio
Usado nessas eras. Entretanto
Da noite as horas infieis e tredas,
Que lentas esvoaçam sôbre a frente
Do solitário pensador, que cercam
A dura barra do infeliz cativo
De pavorosas sombras, e prolongam
Do lívido, aterrado agonizante
Os martírios cruéis, correm velozes
Onde brilha o prazer, soam os risos,
Onde o júbilo agita as asas de oiro!
O dia se aproxima. A grande mesa
Terceira vez coberta de iguarias,
Gostosos acepipes, doces frutos,
Não mais alegre os olhos, — a tristeza
Debuxa-se no rosto dos convivas.
Está findo o festim?... — Estão vazias
As ânforas e taças! — vinho, vinho!
Dai-nos mais vinho! — um dos amigos grita.
— Pois acabou-se o vinho? diz surpresa
A rainha da festa, — que desgosto!
Nem uma gôta ao menos acharemos:
Os odres estão secos. — Mais penoso
Mostra-se o enfado nos semblantes todos.
Então Maria volta-se a seu Filho
Que ao lado estava pensativo e mudo
Sôbre um velho taburno recostado.
— Vês? — murmura com gesto suplicante.

I X

Ora, no fundo da espaçosa sala
Sôbre tósco alicerce ou rijo assento ²⁴³⁸
De forte alvenaria, colocadas
Seis grandes talhas de granito estavam, ²⁴³⁹
Destinadas, segundo a lei antiga, ²⁴⁴⁰
As santas abluções; Jesus ouvindo
O materno pedido se levanta,
Acerca-se da mesa do banquete:
— Enchei aquelas talhas d'água pura! —
Fala com voz sonora, imperiosa.
— D'água?... todos exclamam. — Sim, ²⁴⁴¹ responde
A espôsa de José, êle não zomba,
Fazei o que vos diz, tereis o vinho. —
Num volver d'olhos servos e senhores,
Incrédulos, mas lhanos e corteses,
Atendendo aos caprichos ²⁴⁴² da amizade,
Que inocente capricho o caso julgam,
Enchem, a transbordar, as grandes talhas.
— Tomai agora os cântaros e jarras,
Ordena o Salvador, — tomai os frascos,
E as ânforas também: — estão repletas
De vinho aquelas talhas. — Curiosos
A ²⁴⁴³ roda de Jesus todos se apinham.
Primeiro, enchem os servos grandes vasos,
Depois os cangirões, depois os copos
Que a seus amos entregam..... Maravilha!
Em vez d'água das fontes, clara e fresca,
Tão grata aos caminheiros do deserto,
Aos cabreiros das serras, — rubro vinho
Escuma e ferve nas vasilhas fundas
Acordando o prazer e o regozijo
Entre os cansados, ²⁴⁴⁴ mudos bebedores.
Uma grita estrondosa e prolongada
Saúda o autor do portentoso feito;
Jesus, porém, esquivava-se aos aplausos,
E como dantes, vai sentar-se calmo
Sôbre o velho taburno que deixara.

X

Ora, quando estas coisas sucediam
A nuvem negra de ódios, suspendida
Sôbre a frente severa do Batista, ²⁴⁴⁵
Rebentara terrível! Os senhores,
Os magnatas de então, cujos defeitos
Eram públicamente censurados
Pelo implacável, ²⁴⁴⁶ rígido profeta,
Uniram-se cruentos e o lançaram
Nas fundas e pestíferas masmorras
De Macaur, sinistra fortaleza
Nas terras de Magedo levantada.
Recebendo Jesus esta notícia,
Nas aldeias tranqüilas se demora ²⁴⁴⁷
Da pátria Galiléia, repetindo
O Evangelho de Deus ao povo humilde.

X I

A fama de seu nome e das doutrinas ²⁴⁴⁸
Santas e luminosas que professa,
Das sublimes ações, e da doçura
Do trato, das palavras, voa, passa
Além das cordilheiras que circundam
A província natal. As gentes simples, ²⁴⁴⁹
Em cujos corações crentes ainda
Da velha Roma o hálito gelado
Não crestou a esperança, os lares deixam,
Correm a ouvir a voz consoladora
Do jovem sábio de Israel, — o amigo
Dos que gemem e choram neste mundo.

X I I

Nas horas melancólicas da tarde
Quando se esconde o sol entre as montanhas,
E a luz crepuscular povoa os vales
De tristezas, de amôres, de saudades,
Um dia vagueando pensativo
À ²⁴⁵⁰ verde margem de sereno lago,
Vê sôbre a areia dois batéis vazios,
E a pouco espaço sôbre escuras rochas
Tisnadas e grosseiros pescadores
Lavando as finas rêdes. Ao mais velho,
Da Galiléia habitador antigo, ²⁴⁵¹
Dirige-se ²⁴⁵² Jesus: — Simão, que fazes?
Puxa ao lago o teu barco e lança as rêdes,
Quero te ver pescar. — Mestre, responde
Tristemente Simão, a noite inteira
Eu ontem trabalhei, e hoje, debalde,
Nem um peixinho achei; porém tu mandas,
Cumpre-me obedecer. Ajunta as rêdes,
Chama os sócios e desce, o lenho impele, ²⁴⁵³
Toma o Senhor consigo e faz-se ao largo.

X I I I

Sôbre as águas serenas, lança, estende
O tecido sutil de finas malhas,
Depois aos poucos, lentamente o tira,
Dos amigos robustos ajudado.
Mas o pêso excessivo as linhas quebra,
Quebra as delgadas cordas; outros barcos
Do barco de Simão se acercam logo.
Assombrosa fortuna! A tona d'água
Reluzem, pulam turbilhões de peixes
Os mais estranhos no tamanho e forma,

Os mais apreciados nos mercados;
 Uns agitando as barbas filiformes,
 Encrespando as escamas de mil côres,
 Fazendo resvalar nas turvas ondas
 O dorso boleado, úmido e pingue;
 Outros dobrando o prolongado corpo
 Batendo as águas, como a lisa fôlha
 De larga e forte espada damascena,
 Lançando à roda inúmeros respingos;
 Abrindo outros as asas matizadas
 De azuis labores, de cetíneas manchas,
 Procurando transpor o móbil circo,
 De instante a instante mais estreito ainda.
 Depois se ajuntam, se misturam, rolam,
 Ondas vivas reprêsas por encanto
 Nos limites de mágico desenho
 Feito por mão de fada caprichosa. ²⁴⁵⁴
 Os barcos atulhados mal flutuam
 Deixando apenas as delgadas bordas
 Fora das águas buliçosas, prestes
 A passarem sôbre elas; entretanto
 À direita, à ²⁴⁵⁵ esquerda, à proa, à pôpa
 Os cardumes aquáticos pululam!

XIV

— Retira-te de mim!... Simão exclama,
 Retira-te de mim, Senhor, te digol
 Homem culpado sou, escuras nódoas
 Minha vida enegrecem! — Não te assustes,
 Responde-lhe Jesus, meigo e risonho,
 Fôste até hoje pescador de peixes,
 Mas de homens pescador serás agora. —
 Simão curva a cabeça e abaixa os olhos,
 Chegando à praia as rêdes abandona,
 Deixa o barco na areia, e acompanhado
 De Tiago e de João, ²⁴⁵⁶ fiéis amigos,
 Em seguimento do Senhor ²⁴⁵⁷ caminham.

XV

Do sol do meio-dia à luz doirada
 Entram em pobre aldeia. O augusto Mestre
 Em casa de Simão passara a noite.
 Ao vê-lo o povo insonte se alvoroça,
 Deixa as ocupações, à rua corre,
 Saúda o Salvador. De vil tugúrio
 Ao lado esquerdo de viela imunda,
 Um hediondo vulto, esfarrapado,
 Levanta-se gemendo, cai; de novo
 Levanta-se, e caminha vacilante,
 Fazendo recuar os curiosos,
 Que, ²⁴⁵⁸ a seu aspecto, horrorizados fogem:
 Roxos tumores, pútridas feridas
 Cobrem-lhe os pés, as mãos, o peito e o rosto;
 Esverdeado pus, aguado sangue
 Empastam-lhe os andrajos asquerosos;
 Não mais conservam pálpebras e lábios
 As formas primitivas, ora, apenas,
 Esponjoso tecido de tubérculos
 Mostram, oh Deus!... os últimos, um riso
 De escancarada chaga.. — as chagas riem!
 Aos pés do Salvador chega esta coisa.
 — Jesus de Nazaré! Si tu quiseses
 Eu serei são!.. Exclama roucamente.
 Jesus guarda silêncio, encara o pobre:
 A multidão se agita, treme, espera.
 — Quero! — ordena o Senhor. Ergue-se o enfêrmo,

Seu rosto empalidece, depois cora;
 Afogueiam-se os olhos, os tecidos
 Alisam-se e de pêlos se guarnecem;
 Nova circulação traz vida nova
 Ao sangue arterial; a mocidade,
 A saúde, o vigor, o todo animam
 Daquele triste ser, que sôbre a terra ²⁴⁵⁹
 Passava pelas fases tenebrosas
 Da noite dos sepulcros! Tanto podem
 A santa fé e a lúcida esperança!.....

XVI

Mas, o que são lauréis, coroas, palmas,
 Triunfos, glórias, ovações mundanas,
 Flores que mata o hálito da inveja,
 Vítreas, brilhantes concreções das grutas,
 Que, ao rugir do trovão, estalam, partem-se,
 Em mil pedaços caem? que são elas
 Aos olhos do Senhor?... Que pensamento
 Anima o rei do pó, quando se esbofa
 Em louvores prolixos, vãos discursos,
 E tenta, insano, com palavras frouxas
 Celebrar de seu Deus a Onipotência?.....
 Evitando os aplausos e os encômios
 Das turbas sequiosas de prodígios,
 Todo entregue à missão que o trouxe à terra,
 Afasta-se Jesus, busca repouso
 Na pobre habitação de amigos pobres.
 Não o deixa, porém, o lhano povo,
 Segue-o, entra açodado, a casa ocupa,
 Traz seus enfermos, pede-lhe conselhos,
 A verdade lhe pede e a luz celeste
 Que ilumina o caminho do futuro.

XVII

Ao portão impedido, chegam, param ²⁴⁶⁰
 Quatro moços robustos, conduzindo
 No próprio leito, sócio de dez anos,
 De dez anos de dores e amarguras,
 Um infeliz, exangue paralítico.
 Falam à multidão. Instam. Suplicam
 Que os deixe, até Jesus, levar o enfêrmo.
 Baldado empenho! A multidão é surda:
 A multidão é cega ou..... deslumbrada:
 A multidão só tem um pensamento,
 Uma idéia, — um desejo: — ver o Mestre!...
 O Mestre ouvir!... — O mais pouco lhe importa.
 Não descoroçados, senão crentes,
 Guiados pela fé, mãe dos milagres,
 Removem para um canto ²⁴⁶¹ o desgraçado ²⁴⁶²
 Os amigos fiéis. — Escadas buscam:
 Contra a parede as firmam, cautelosos;
 Alçam o pobre leito e o pobre amigo;
 Ouvido escrutador às telhas unem,
 Soerguem-nas; — aos caibros desnudados
 Cordas amarram, pelas cordas descem
 À sala baixa onde Jesus pratica ²⁴⁶³
 No pobre leito o mísero doente.
 Um grito de terror quebra o silêncio!
 Olham o teto os circunstantes, — olham
 As sombras vacilantes, nas paredes,
 Olham para Jesus, para a mofina
 E lívida figura do entrevado
 Imóvel, envolvida em alvos panos, ²⁴⁶⁴
 Semelhante ao cadáver macilento
 Que levam a enterrar. — Senhor, curai-me!

Tende pena de mim, Senhor, murmura
Com voz entrecortada de suspiros.
— Homem, Jesus exclama, os teus pecados
Perdoados estão! — Ouvis? cochicham
Os fariseus e escribas, vis hipócritas,
Que da lei zeladores ²⁴⁶⁵ se apregoam,
Êle fala em perdão! êle se atreve
A competir com Deus! — Blasfêmia horrenda!
— Loucos! Jesus responde, o que mais custa,
Dizer ao desditoso: os teus pecados
Perdoados estão, ou ordenar-lhe:
Levanta-te, caminha? — Agora escuta,
Diz se voltando ao mísero doente:
Ergue-te! mando eu, — toma teu leito, ²⁴⁶⁶
Vai para casa de teus pais, ouviste?.....
— Oh! Cristo! Os povos todos te bendigam!
Louvem as gerações teu santo nome
Por séculos e séculos! — exclama,
De um salto levantando-se, e caindo
Aos pés do Salvador, o pobre moço!
— Vai — Ordena Jesus. — Risonho, alegre,
Toma o mancebo a cama sôbre os ombros,
E afasta-se, levando a f'licidade
A seus aflitos pais. — Maravilhado
A ⁴²⁶⁷ roda de Jesus pondera o povo:
— Hoje vimos prodígios inauditos! —

XVIII

Deixando os fariseus e escribas mudos,
Mudos os assistentes, boquiabertos,
Afasta-se Jesus; na larga praça,
Bem junto do Telônio, ou grande mesa,
Onde estavam então os cobradores
Dos dinheiros reais e dos tributos,
Vê, ao passar, sentado um publicano;
Detém-se, encara-o, fita-lhe no rosto
Um dêsse fundos, divinais olhares
Que aos seios d'alma rápidos penetram,
E laceram os véus da consciência.
— Levanta-te, Levi, filho de Alfeu,
Que chamarei Mateus, e vem comigo. —
Mateus não titubeia e não vacila,
Ergue-se, deixa tudo, ao chão arroja
O próprio manto que trazia aos ombros,
Guia o Senhor à casa onde reside,
Faz apresentar esplêndido banquete,
Chama os pobres à mesa, e alegres folgam
Por todo aquêle dia. — Os vis escribas,
Os invejosos fariseus lhe dizem:
— Quê! Censurais os vícios e defeitos
Do vulgacho grosseiro, vós o Mestre,
E comeis, no festim do publicano,
Sentado entre rasteiros pecadores! —
O Senhor lhes responde: — Ouvi, malévolos,
Os que estão sãos, sabeis, não necessitam
Dos socorros do médico, aos enfermos
São êles destinados. Neste mundo
Não venho aos justos ensinar, mas, ²⁴⁶⁸ vêde,
Chamar à penitência os pecadores! —
E outras santas verdades repetindo
Os reduz ao silêncio, envergonhados.

XIX

O ténue lume que animava a essência
De diminuto número de crentes,

Estende-se, flameja, os seios ganha,
E abrasa os corações. Todo o que sofre,
Todo o que espera e crê, todo o que almeja
Das sombras do presente alçar os olhos, ²⁴⁶⁹
Perscrutar o futuro, ²⁴⁷⁰ se coloca
Ao lado do Senhor. Já por milhares
São orçados prosélitos e ouvintes.
Cada dia um milagre, um belo feito,
Firmam a sã doutrina, ²⁴⁷¹ ao povo mostram
Que sôbre o homem perecível brilha
A grandeza de um Deus, de um Deus a glória.
Ora, é um doutor da lei, distinto membro
Do senado judeu que vem à noite
Cauteloso, solícito, implorar-lhe
Dos sagrados preceitos a ciência,
E' Nicodemos que rejeita o êro
E as verdades abraça do Evangelho;
Ora, mesquinhos sêres que a doença
Furta ao trabalho e tolhe os movimentos, ²⁴⁷²
Que, ²⁴⁷³ à voz do Mestre, jubilosos andam
E seu divino Salvador bendizem;
Ora, ²⁴⁷⁴ desamparadas criaturas
Em cujos corpos legiões do inferno
Se agitavam raivosas, que, ²⁴⁷⁵ libertas
Do tenebroso jugo, hinos entoam,
Volvem ao céu agradecidos olhos,
E o nome de Jesus prostradas louvam.
A Esperança e a Fé, anjos celestes,
Abrem as asas, e a tristeza expelem,
Por tôda a parte onde o Senhor caminha.

XX

Uma bela manhã, clara e serena,
Depois das santas orações, descansa
Sôbre formoso cêspede e, ²⁴⁷⁶ chamando
Seus fiéis companheiros, doze escolhe
Que denomina — Apóstolos. — São ²⁴⁷⁷ êles:
Simão, que apelidou Cefas ou Pedro,
De todos o mais velho; — André, Tiago;
João e Bartolomeu; Tomé, Filipe,
Outro Tiago, outro Simão ainda
Chamado o zelador; — Mateus, o antigo
Levi o publicano; — depois Judas
Parente de Tiago, e finalmente
Judas de Keriouth que mais tarde
Veio a vender seu benfeitor e Mestre.
Depois, notando que se ajunta o povo,
Que ansioso o rodeia, — se levanta,
E pronuncia o lúcido discurso
Que — Sermão da Montanha — hoje dizemos. ²⁴⁷⁸

XXI

— Afortunados sois, pobres de espírito, ²⁴⁷⁹
Pois o reino dos céus é vossa herança;
Afortunados sois, brandos e mansos,
Que sem disputa possuís ²⁴⁸⁰ a terra;
Afortunados sois, vós que chorando
Atravessais a estrada da existência
Porque tereis das mágoas lenitivo;
Afortunados vós que tendes fome
E sede de justiça, — sereis fartos;
Afortunados sois, oh compassivos,
Pois achareis também misericórdia;
Afortunados vós, que neste mundo
Tendes os corações limpos e puros,

Pois verão o Senhor os vossos olhos;
 Afortunados sois, sêres pacíficos,
 Filhos de Deus vos chamarão os homens;
 Afortunados vós que sem queixumes
 Por amor da justiça e da verdade
 Sofreis perseguições pois vos pertence
 O reino do Senhor; — afortunados
 Vós que gemeis ao pêso das injúrias,
 Das calúnias cruéis por meu respeito,
 Afortunados sois, pois largo prêmio ²⁴⁸¹
 Recebereis além na eterna pátria!
 Voltando-se depois a seus discípulos:
 — Vós sois o sol da terra e a luz dos povos.
 Como um farol suspenso nas alturas
 Aclare vossa luz a humanidade;
 Vejam os homens vossas santas obras
 E glorifiquem vosso Padre excelso!.....
 Quem de mim se aproxima e atento escuta
 As palavras que brotam de meus lábios,
 Quem depois de as ouvir seguro as guarda
 E as põe por obra no lidar da vida, ²⁴⁸²
 E' igual ao varão prudente e sábio
 Que nas cavas de rígido penedo
 Prende da casa os alicerces fortes;
 Quando os tufões correrem pelo espaço,
 Quando as caudais torrentes se arrojarem
 Bravejando, no dorso das montanhas,
 Não terá que temer! — Triste daquele, ²⁴⁸³
 Triste daquele que os ouvidos cerra
 As profundas verdades que professo!
 Qual insensato, em terra levadiça
 Terá pôsto da casa os fundamentos;
 Quando as torrentes rápidas passarem
 Pelas chuvas do inverno intumescidas,
 Vorazes lambeirão a areia sôlta
 E o vaidoso edifício irá com ela! —
 Depois dêstes santíssimos conceitos
 Cala-se o Salvador, abre caminho
 Por entre a multidão que amiga o cerca,
 E seguido dos seus desce do monte.
 O sol do meio-dia abrasa os campos.

XXII

Já de Cafarnaum ao longe avista
 As verdes eminências matizadas
 De florentes arbustos, quando chega
 Ofegante ancião a seu encontro.
 — Creio em vosso poder, Senhor, lhe fala,
 Por isso corro a vos buscar, ouvi-me:
 Um bom centurião suspira aflito
 De moribundo servo à cabeceira,
 Sabe quanto valeis..... se vós quiserdes.....
 E embaraçado cala-se. — Não temas,
 Responde-lhe o Senhor, que bem obraste,
 Mostra-me a habitação de teu amigo, ²⁴⁸⁴
 Irei ver o doente. E segue o velho.
 Mas o centurião, ²⁴⁸⁵ apenas sabe
 Que Jesus se aproxima, envia logo
 Por alguns companheiros que o rodeiam
 Esta humilde mensagem: — Não sou digno, ²⁴⁸⁶
 Senhor, de entrares em meu pobre asilo,
 Manda, e meu servo ficará curado.
 — Oh! na verdade, o Salvador exclama,
 Ao povo se voltando, longe estava
 De supor tanta fé por estas terras!
 Ide, — ordena aos atentos mensageiros,
 São achareis de vosso amigo o servo.....

Glória ao Filho de Deus! No mesmo instante,
 No sombrio aposento onde inda há pouco
 Sob as garras da morte convulsava,
 Ergue-se alegre sôbre o mórno leito,
 Lançando ao chão as grossas coberturas, ²⁴⁸⁷
 O servo redivivo! — Um tal prodígio
 Liga o centurião à nova crença.

XXIII

Outros tristes, porém, outros enfermos,
 Os enfermos do espírito, ansiosos,
 A presença do Mestre além imploram.
 Ei-lo de novo percorrendo as choças,
 Os casais e as aldeias, ensinando
 A palavra de Deus ao povo rude,
 Consolando os aflitos e oprimidos, ²⁴⁸⁸
 Derramando a benéfica esperança
 Nos corações de todos que o procuram;
 Ei-lo trazendo escravo de seu gesto
 Um séquito que os reis jamais tiveram, ²⁴⁸⁹
 As portas de Naim transpondo agora.

XXIV

Tôrvo é o céu, — a terra inda mais tôrva,
 Negros bulções não rolam pelo espaço
 Nem raivoso tufão açoita as plantas
 E nuvens de poeira aos ares ergue;
 Mas um lençol de baço nevoeiro
 Furta aos campos molhados de saraiva
 As carícias do sol meridiano.
 Nem uma alegre rapariga brinca
 Enquanto a fonte chora e enche a bilha.
 Poucos, raros passantes atravessam
 As praças solitárias. Frio, agudo,
 Sibila o vento nos pesados tetos.
 A tristeza do céu as almas ganha.....
 Oh! dai-me um céu azul, um sol de maio,
 Vergéis floridos, passarinhos ledos,
 E deixai-me sofrer! Almo consôlo
 Meu seio encontrará; não opulento, ²⁴⁹⁰
 Cheio de atividade e de esperanças, ²⁴⁹¹
 Me lanceis sôbre o gélido regaço
 Da natureza muda, entorpecida!

XXV

Ao dobrar de uma quelha infausto quadro
 A vista magoou dos peregrinos. ²⁴⁹²
 Era uma procissão de moços pobres
 Que levavam silentes, lacrimosos,
 Ao derradeiro asilo um corpo amigo.
 Em descoberto esquite, — macilento,
 Pálpebras roxas, ²⁴⁹³ deprimidas faces,
 O mancebo dormia o sono imenso
 Que não tem despertar ²⁴⁹⁴ sôbre êste mundo.....
 Ela tinha calcado muito e muito
 Seu sinête real naquela frente, ²⁴⁹⁵
 A tenebrosa filha do pecado!

XXVI

Único amparo de infeliz viúva,
 Luz de seus olhos, sonho de su'alma,
 Fio doirado que prendia à vida
 O batel de seus dias desditosos,
 Êle ali estava!.... Lívida, sem prantos,

Aceso o olhar, os lábios ressequidos,
 Desprendendo da trêmula garganta
 De quando em quando um soluçar convulso,
 Seguiu a pobre mãe os frios restos
 Do que mais estimara sôbre a terra!
 Aquela dor profética, sinistra, ²⁴⁹⁶
 Chegou até Jesus! A vista imensa
 Do Filho de Maria ²⁴⁹⁷ vence o tempo,
 E vai cair no cimo do Calvário!.....
 Ai! se não fôra um Deus, talvez chorasse!
 Sai do meio dos seus, abre passagem,
 Faz parar o funéreo saímento,
 Volta-se à triste mãe que ao vê-lo treme:
 — Oh! não te aflijas, ²⁴⁹⁸ que teu filho dorme! —
 Diz com voz maviosa e compassiva,
 E depois, acenando ao frio corpo:
 — Levanta-te, mancebo, eu mando! — exclama.
 Senta-se o moço, encara os assistentes,
 Lança por terra os lúgubres adornos,
 E saltando do esquite, alegre e forte
 Aos pés do Salvador se prostra humilde!

X X V I I

A fama dêste caso portentoso
 Corre tôda a Judéia, o illustre nome
 Do inspirado profeta Nazareno
 Passa de bôca em bôca, desde as salas
 Do rico Israelita e do Romano,
 Até ao vil tugúrio do mendigo.
 Entretanto, inflamado em santo zêlo, ²⁴⁹⁹
 Do cárcere medonho onde definha, ²⁵⁰⁰
 O indomável Batista envia, occultos, ²⁵⁰¹
 Dois emissários a Jesus: — Acaso,
 Dizem êles, és tu quem vir devera,
 Ou por — Ele — esperar nos cumpre ainda? —
 Mas o Senhor ao povo se dirige,
 Dá vista aos cegos, — faz andar os coxos,
 Falar os mudos, — escutar os surdos,
 Moverem-se as antigos entrevidos,
 E depois se voltando aos emissários:
 — Ide, lhes diz, contai o que hoje vistes,
 Contai que os cegos vêem, os coxos andam,
 Os surdos ouvem, os leprosos saram,
 Ressuscitam os mortos, e a pobreza
 As palavras escuta do Evangelho.
 Eis a minha resposta, ide tranqüilos.

X X V I I I

E partiram de João os mensageiros. ²⁵⁰²
 Um fariseu do Mestre se aproxima:
 — Quero, Senhor, pedir-vos uma graça,
 Mandei pôr mais um prato à minha mesa,
 Encher de vinho velho um novo cântaro,
 Venho buscar-vos; ceareis comigo,
 E repouso achareis em minha casa;
 Trazei vossos discípulos convosco;
 Não me negueis o que vos peço, vinde.”
 Jesus encara o fariseu e o segue.

X X I X

Ora, naqueles tempos ominosos,
 Quando a — raça perjura, — abandonando
 O templo de seu Deus, o altar da pátria,
 Desvairada e febril tripudiava
 Nas orgias fatais dos vencedores;

Naqueles tempos de vileza e opróbrio,
 Vivia uma mulher, jovem, fastosa,
 Esplêndida de audácia e formosura.
 A nobreza de então ²⁵⁰³ gemia escrava
 Debruçada a seus pés; os magistrados
 O fiel da balança quebrariam
 Por um sorriso apenas! Muitos ricos
 Adormeceram ébrios de volúpia
 Nas fôfas almofadas de seu leito;
 Mas..... despertaram ²⁵⁰⁴ pobres. — Desgraçada!
 Era como o arvoredado ameno e fresco,
 Que enfeitiça o cansado viajante,
 E o convida a dormir, mas cuja sombra
 Derrama a febre, o desespero e a morte!.....
 Tinha visto Jesus e o tinha ouvido,
 A glória de seu nome a deslumbrara.
 Sabia onde êle estava..... Horrenda, escura
 Tentação de Satã! Tartáreo sonho!.....
 Talvez!.... falou consigo; e pressurosa
 Das mais finas roupagens se reveste,
 Adorna-se de jóias e de flores;
 De aromas esquisitos se perfuma;
 Solta os cabelos negros e profusos ²⁵⁰⁵
 Sôbre as níveas espáduas descobertas,
 E tomando uma límpida redoma
 De precioso bálsamo pejada,
 Ganha ansiosa a rua, e se dirige
 Do fariseu à casa, a ²⁵⁰⁶ largos passos.

X X X

Era findo o banquete. Junto à mesa,
 Sôbre toalha alvíssima, poisando,
 Meio inclinado o corpo, o esquerdo braço,
 Praticava Jesus. Mudos, atentos,
 Das taças, inda cheias, esquecidos,
 Esquecidos, que os rádios encostavam
 Sôbre as frias relíquias do banquete,
 Os convivas ouviam. Era tarde,
 Era fundo o silêncio, a hora solene.
 As palavras de Cristo penetravam
 Como as revelações de um outro mundo
 Nas consciências tôdas. Nesse instante
 De sagrado terror, na grande sala,
 Cheia inda há pouco de arruído e vozes,
 Se apercebera o farfalhar medroso
 Das asas de noturna borboleta.

X X X I

Pé ante pé, ousada, e comovida;
 Corado o rosto, os olhos cintilantes;
 A linda, rósea mão, quente, convulsa,
 A ²⁵⁰⁷ mêdo, os brandos seios comprimindo;
 Bela como a visão de um Elamita,
 Que à noite dorme, junto às almenaras,
 E, sonhando, pressente o airoso vulto
 De uma ditosa filha de Oromázis
 Girando ao derredor: surde, detêm-se
 No limiar da porta a pecadora.
 Rápido olhar pelo recinto volve:
 Espreita.... convidados, mesa, alfaias,
 Finalmente Jesus. Caso estupendo!
 Uma luz divinal lhe fere os olhos!
 Frio suor poreja-lhe no rosto
 Onde se estende a lividez da morte!.....
Oh! nesse instante de inspirada angústia,
 Tôda sua existência, e seu passado

Esquecidos, ressurretem!..... — A cabana
De seus honestos pais, os áureos sonhos
Da descuidosa e santa meninice,
O céu azul, as balsas florescentes, ²⁵⁰⁸
Os serões da família, e.... sobretudo,
Ai!... a inocência da primeira idade!
Crenças divinas que alimentam anjos!.....
Tudo isto apareceu! — de novo.... ao longe,
À luz de um céu puríssimo, crivado
De milhares de estrêlas refulgentes!.....
Depois, volvendo os olhos a si mesma,
Examinando as nódoas indeléveis
Que de su'alma o espelho embaciavam,
Viu do colar as pérolas mudadas
Em lágrimas de fogo, e as ametistas,
Os graúdos rubis dos braceletes,
Em quentes gôtas de fervente sangue!.....
Então sôbre as espáduas da perda
Rebentaram de novo as asas de anjo!
Em soluços desata, dolorosos,
Lança-se compungida aos pés de Cristo,
De lágrimas e bálsamos os cobre,
E os envolvendo nas madeixas negras,
Os enxuga, ²⁵⁰⁹ prostrada, arrependida.

X X X I I

— Oh! não!... murmura o fariseu consigo,
Êste mancebo zomba de nós outros!
Se êle fôsse profeta, bem soubera
Quanto é rasteira e vil a criatura
Que pranteia a seus pés! — Jesus o encara,
E diz estas palavras: — Ouve, amigo:
Tinha um bom mercador dois devedores,
Um, quinhentos dinheiros lhe pedira,
Outro, apenas cinqüenta; — pobres ambos
Nunca puderam lhe pagar tais somas,
Êle, porém, as remitiu sem queixas:
Qual dos dois lhe devera ser mais grato?
— Oh? — certamente, o fariseu responde,
O que maior quantia recebera! —
— Julgaste bem: o Salvador prossegue,
Estou sob teu teto, não me deste
Para lavar os pés um pouco d'água,
E nem me deste o ósculo fraterno,
E nem minha cabeça perfumaste
De bálsamos suaves; entretanto
Ela banhou-me os pés com tristes lágrimas,
Ela os cobriu de beijos incessantes,
E os ungiu de perfumes preciosos!.....
Por isso agora digo: os seus pecados
Remitidos estão, amou, e muito! —
E voltando-se à humilde pecadora,
Lhe diz: — Mulher, levanta-te, não chores,
Pois a fé te salvou! — Assim falando
Ergue-se e sai da sala do banquete.

X X X I I I

Pura, como na infância, abençoada
Pelo Santo entre os Santos, Madalena,
Que êste era o nome da infeliz perdida,
Foge de seus amantes opulentos,
Entrega aos pobres ²⁵¹⁰ jóias e riquezas
Que Satã deparara, e mais formosa,
Descoberta a cabeça, os pés descalços,
Acompanha o Senhor por tôda parte.

X X X I V

Põe-se o sol dos oiteiros e dos vales,
Soltam as avesitas inocentes
Maviosos reclamos: — Vinde, vinde,
Vinde alegres cantores da floresta,
Dizem com seu falar melodioso,
A noite desce e as virações fagueiras
Perfumam nossos ninhos delicados
Dos mais gratos odores do deserto;
Da estrêla do pastor a luz suave
O êrmo encantarâ quando saudosas
Pelo clarão d'aurora suspirarmos! —
Nas bordas dos regatos cristalinos
Abrem-se docemente os grandes lírios
E murmuram baixinho: — que mimoso,
Que peregrino, ²⁵¹¹ lisonjeiro silfo,
Passa junto de nós, nos beija e foge?
Ai! se voar pudéssemos, felizes
Iríamos brincar nas moles sêdas
Onde repousa o beija-flor agora.....
Mais longe, um pouco, as borboletas negras,
Boêmias vagabundas, pairam, giram
Descendo ao frio chão de espaço a espaço,
Medrosas cochichando: — Estamos perto
Do lugar do festim? A loira fada, ²⁵¹²
Cuja varinha nossas danças rege, ²⁵¹³
Terá dado comêço ao grande baile?
Descansemos aqui, sôbre estas flores
Estendamos as asas de veludo,
Banhemo-nos de orvalho e de ambrosia! —
Além, de manso lago à superfície, ²⁵¹⁴
Na corola dos mornos nenufares,
Ajuntam-se ligeiros vagalumes,
De azulado clarão iluminando
As pétalas macias: — Como é belo
Nosso palácio mágico, — murmuram! —
E qual o cavaleiro armado de aço
Das finas hásteas dos compridos juncos,
Mira o rijo besouro luzidio
O castelo brilhante. — Curiosa,
Como a criança que o perigo afronta,
Fascinada debruça-se a lagarta
Da larga fôlha onde enroscada vive.
Mais longe ainda, nos sarçais oculto,
Bardo da solidão, tristonho canta ²⁵¹⁵
O lamentoso grilo; e além, travessos
Pulam à flor do lago transparente
Os cardumes de pávidos peixinhos,
Ansiosos de ver nos céus tranqüillos
As primeiras estrêlas radiarem!.....
Oh! nessas horas de poesia infinda,
Quem se despir da frívola ciência
Das vaidosas escolas das cidades,
E, filho amante, repoisar a fronte
No regaço feliz da Natureza,
Um mundo encontrará nunca sonhado!....

X X X V

Já, porém, muitas luas percorreram
Os páramos azuis do firmamento,
E mais bela estação à terra volta
Trazendo aos sêres a abundância e a vida,
Depois da cura do mesquinho servo
Do bom centurião, — da gloriosa
Ressurreição do filho da viúva,
E do caso da bela pecadora, ²⁵¹⁶
A humilde Madalena. Acompanhado

Dos amigos fiéis, Jesus se arreda
 Dos sítios conhecidos, se dirige
 Ao ²⁵¹⁷ de Genesaré extenso lago,
 E tomando uma barca, aos remadores
 Ordena que os transportem sem tardança
 Do lado oposto às ribas verdejantes.
 Soltam a branca vela, e o lenho airoso
 Qual engraçado cisne as ondas singra;
 Cantam os pescadores, e os discípulos ²⁵¹⁸
 Ajuntam-se e conversam descuidosos;
 Passa Jesus à pôpa, e em fina esteira
 Estende os frouxos membros e adormece.

X X X V I

Mas pouco e pouco as nuvens nacaradas, ²⁵¹⁹
 Que no céu do Ocidente refulgiam,
 Conglobam-se rugindo, e se transformam
 Em grossos rolos de funéreo crepe.
 Frias lufadas de raivoso vento
 Correm dobrando as árvores dos montes,
 Erguendo turbilhões de fôlhas sêcas
 Do chão revólto e negro. Aves sinistras
 Voam, soltando pios lamentosos,
 Em busca de um abrigo. O escuro lago
 Encrespa-se, braveja, as ondas cerra,
 Joga de um lado e doutro o pobre lenho,
 Sem leme, sem govêrno, a vela rôta,
 Alagado o franzino cavername!
 E a noite estende lúgubre, medonha,
 Sôbre a face do abismo as amplas asas
 Retalhadas de rábidos coriscos!...
 — Nossos esforços são inúteis! — bradam
 Tristemente os barqueiros, — e se agarram
 Às tábuas vacilantes, esperando
 À sentença da sorte. Porém, calmo,
 Como o que dorme sôbre um leito firme,
 Ressona o Salvador deitado à pôpa!
 — Levantai-vos, Senhor, que nos perdemos! —
 Gritam seus aterrados companheiros.
 Abre os olhos Jesus, boceja, e senta-se
 Sôbre a molhada esteira, — olhar austero
 Lança aos medrosos, trêmulos amigos.
 — Onde está vossa fé? — clama, e estendendo
 Para o nublado céu a destra santa:
 — Serenai! Eu ordeno! — exclama. — Os ventos
 Param na vastidão do tórvo espaço,
 Curvam-se as ondas bravas, irritadas,
 E, quais humildes cães à voz severa
 De severo senhor, o dorso abaixam,
 E lambem mansamente a escura barca;
 Os negrumes dissipam-se, e as estrêlas
 Aparecem formosas, rutilantes,
 Do céu azul nos páramos sublimes!
 — Oh!... Quem é êste que entre nós sentou-se,
 Como se nosso igual acaso fôra? —
 Dizem os remadores assombrados,
 — Manda aos ventos e os ventos obedecem,
 Impõe silêncio às ondas, e vencidas
 Abaixam-se gemendo; fala às nuvens,
 Estende ao temporal a mão terrível,
 E os bulções se esvaecem, e os coriscos
 Apagam-se no céu, e o céu fulgura
 Recamado de esplêndidos luzeiros?
 Quem é êste que assim dispõe de tudo? —
 Mudos, depois, e de pavor tomados,
 Ligeiros remam, aproando a barca
 Dos Gerasenos às ridentes praias.

X X X V I I

.....
 A luz do dia, — o gorjear das aves,
 As aragens ligeiras interrompem
 O piedoso scrão. Ergue-se o Mestre,
 Avisa a multidão. Prostram-se ²⁵²⁰ todos
 E tecem ao Senhor ações de graças,
 Despedem-se do Santo Missionário,
 E penetrados da mais viva crença,
 Voltam a seus labores costumados.

CANTO I V

Lembra-te de teu Criador nos dias da tua mocidade, antes
 que venha o tempo da aflição, e cheguem os anos, de que tu
 digas: Esta idade não me agrada:

Antes que se escureça o sol, e a luz, e a lua, e as
 estrêlas, e tornem a vir as nuvens depois da chuva;

.....
 Antes que se rompa o cordão de prata, e se retire a fita
 de ouro, e se quebre o cântaro sôbre a fonte, e se desfaça a
 roda sôbre a cisterna.

Eclesiastes XII, v. 1, 2, 6

I

Quão aprazíveis são teus frescos vales, ²⁵²¹
 Terra de Santa Cruz! Quão majestosos
 São os teus altos cerros e teus montes!
 Quão belos os teus rios, e os alpestres, ²⁵²²
 Fragosos alcantis das ribanceiras!
 Quais os painéis de um sonho fugitivo,
 Os diviso entre pálidos vapôres,
 E revolvo a memória enfraquecida
 Buscando, o quê.... não sei! — Alguma coisa
 Que talvez existisse, ou inda exista,
 Aqui, além, na terra, ou no infinito,
 No seio impenetrável do futuro!
 Ai! sim, alguma coisa que me falta,
 Alguma coisa que minh'alma espera
 Como certa, infalível, necessária,
 E debalde procura e não encontra,
 E tenta dar um nome, e os frios lábios
 Não sabem que dizer! Meu Deus, acaso
 Serás tu?..... — Como a nau incendiada
 Que, meio oculta em turbilhões de fumo,
 De vermelho clarão as ondas tinge,
 Tal das nuvens purpúreas do Ocidente
 Dardeja o sol os raios derradeiros
 Nas soledades dos sertões brasílios.
 As campinas e as selvas clareadas
 Pela mágica luz do cîntio globo
 Arreiam-se de galas, e parecem
 Cobertas de ouro em pó, e finas pedras.

I I

Sentado sôbre um cêspede, no monte,
 Contempla o solitário pensativo
 Os vastos descampados, resplendentes
 De cambiantes fogos; porém, quando
 Desaparece além a ígnea esfera
 A outras regiões levando a vida,
 Ajoelha-se e ora; depois toma

O nodoso bordão que ao lado estava
E desce da montanha. A seu encontro
Corre a formosa e tímida Naída.
Uma ligeira nuvem de tristeza
Empana os olhos da gentil menina.
— Mestre, dizei-me, — balbucia, os sonhos
Alguma vez traduzem a verdade?
Guardam algum sentido? — O que perguntas, 2523
Insensata criança! Porventura
Podem as ilusões loucas, 2524 falazes, 2525
Da sôlta fantasia, apresentar-nos
Alguma coisa mais do que mentiras? —
— Assim também o creio, porém, tremo!
Esta noite sonhei, sim, foi um sonho,
Mas um sonho terrível!... — Vamos, conta
Esse terrível sonho. — Não,... mais tarde. —
O padre não insiste. Vagarosos
Caminham para o novo eremitério
Onde os espera o povo impaciente.

III

Chegam. Um longo e jubiloso brado
Saúda o pio e venerando Mestre.
Correm os velhos, e os robustos moços,
As jovens mães e os cândidos filhinhos
A receberem a paterna bênção;
Os enfermos arrastam-se tardios
E os orlas beijam da sombria veste.
— Salve! — Todos exclamam prazenteiros.
Um momento depois reina o silêncio,
E o santo narrador assim lhes fala:
No passado serão, quando assomava
No céu azul a estrêla matutina,
Eu acabava, irmãos, de relatar-vos
O milagroso caso da tormenta,
O terror dos barqueiros, e a mudança
Operada no espaço à voz de Cristo;
Eu vos dizia como alegres, salvos,
Saltavam no país dos Gerasenos.
Prestai ouvidos, mais pasmosos fatos,
Cheios de assombros, sabereis agora. 2526

IV

Oh meus irmãos, por certo nunca vistes,
Nem Deus permita que vejais um dia,
A figura sinistra de um possesso!
Se a tivésseis mirado, a vida inteira
Treméreis de horror!... — Apenas descem
O Salvador e os seus à lisa praia
Quando um grito estridente e pavoroso,
Como rugir de fera em antro escuro,
De imigo sangue pressentindo o cheiro,
Abala o espaço e chega a seus ouvidos.
— Céus! — Não temais, — olhai à nossa destra;
Vêdes aquêles densos ciparissos? —
Diz o Senhor, — é um cemitério, tristes
Entre a espessura os túmulos alvejam;
Não distinguis?... — Senhor! — Olhai de novo.
Então da mesta sombra do arvoreda,
Sanguentos membros, retorcida bôca,
Lábios cobertos de espumosa bava,
Cheios de lôdo e cinzas os cabelos,
Um homem seminu surdiu bramindo;
Lançou-se às plantas arrancando as fôlhas,
Lançou-se às tumbas levantando as lousas;

Arrojou-se no chão mordendo as pedras,
E nas convulsas mãos esfarelado
Torrões calcáreos, carcomidos ossos!
Depois ergueu-se: gotejava o sangue
Dos pés, do peito, do inflamado rosto;
Volveu à roda as hórridas pupilas
Onde o fogo do inferno chamejava,
Rangeu com fúria os dentes, e avistando
A poucos passos o Senhor: — Oh! vai-te,
Jesus Filho de Deus, não me atormentes! —
Gritou torcendo os braços macerados.
— Qual é teu nome? o Salvador pergunta,
Responde, que te ordeno! — Uma voz rouca,
Feia e destemperada, não dos lábios,
Mas das entranhas fêz-se ouvir, e disse:
— Chamo-me — Legião — tua virtude
Reconheço, bem vês, e teu império,
Mas não me obrigues a voltar, te rogo,
À negra estância das eternas dores! —
Era uma multidão de infensos gênios
Que assim falavam numa voz apenas!
Ora, a pouca distância, na planície,
Suja manada de animais imundos
Grunhia revolvendo a verde relva,
Vendo-a Jesus, dirige-se aos demônios:
— Deixai meu pobre servo, — ide alojar-vos
Daqueles brutos nos nojentos corpos! —
No mesmo instante a cáfila tartárea
Ganha, silvando, a sórdida manada,
Que, 2527 enfurecida e cega, salta e corre,
Se encaracola, morde-se, esbraveja,
E galgando um rochedo íngreme, bronco,
No mais fundo das águas se despenha. 2528

V

Tinha baixado a noite. Alguns pastôres
Que sóiam dormir em pleno campo,
Junto de grandes fogos; rudes servos
Fugidos dos casais da vizinhança;
Vários barqueiros que arrastado haviam
Para a funda calheta os frágeis lenhos,
Foram dêste prodígio testemunhas.
Tomados de terror, erguem-se, partem,
E vão contar à gente da cidade
O successo inaudito. O povo simples,
Amigo das legendas milagrosas,
E os — semi-sábios — 2529 que de tudo zombam,
Covardes fanfarrões que um nada espanta,
Ajuntam-se em magotes, tomam fochos,
Descem à margem do sereno lago
E vão verificar o estranho caso.

VI

Quadro 2530 sublime! Sôbre dura pedra,
Qual primorosa estátua 2531 levantada
Por mãos agradecidas, radiava
Do divino Jesus a bela imagem;
Prosternado a seus pés, tranqüilo, humilde,
Em muda adoração, fitos os olhos
Nos olhos do Senhor, donde caíra
A luz da salvação sôbre su'alma,
O possesso de outrora descansava.
Aqui, ali, silentes, os discípulos,
Irmãos amados que uma idéia anima,
De inefável amor embevecidos,
Contemplavam sorrindo o grande Mestre.

VII

A chusma curiosa pára e treme,
 Não crê nos próprios olhos; — entretanto,
 Éle ali está, sereno, manso, afável,
 No olhar a fé, nos gestos a humildade,
 Nos lábios a oração, — o tôrvo escravo
 Dos gênios infernais, — o horror das praças,
 A pantera indomável cujos pulsos
 Grilhões partiam, rebentavam grades,
 Derribavam fortíssimas muralhas!
 — Não sabemos quem és, mas o que vemos
 Quanto és temível nos revela! O sangue
 Gela-se em nossas veias, ai! a morte
 Nossas pobres cabeças ameaça! —
 Fala em nome do povo um homem velho.
 — Perdoa-nos, mas deixa êstes lugares,
 Deixa esta triste gente em cujos peitos
 Lançaste o medo, a inquietação e a febre!
 Perdoa-nos e vai-te! — Desgraçado!
 O Salvador exclama, tranqüiliza
 Êsse povo infeliz que o bem assusta,
 E a palavra de Deus enche de assombro!
 Eu partirei, retira-te, não temas! —
 Ao alvejar d'aurora do outro dia
 Pisa Jesus, de volta, as flóreas ribas
 Da bela Galiléia, onde saudoso
 O rebanho fiel há muito o espera.

VIII

Da vinda do Senhor ²⁵³² logo a notícia
 Voa de casa em casa; num momento
 Correm de tôda parte, pressurosos,
 Milhares de doentes, implorando
 A cura de seus males. Nesse dia
 Salva pobre mulher, que abandonada
 De práticos e médicos ²⁵³³ gastara
 Tôda a fortuna em vão, e em vão ²⁵³⁴ chorava
 Há doze largos anos; ressuscita ²⁵³⁵
 Uma filha de Jairo, Hebreu potente,
 Chefe da Sinagoga; fala às turbas
 Explicando os preceitos do Evangelho,
 E depois entre os seus põe-se a caminho
 Para os cerros azuis da pátria terra.

IX

Ave Maria! . . . — Como um templo imenso
 Depois das pompas de solene officio,
 Majestoso, severo, inda fremente
 De cânticos divinos, quando tristes
 Nos candelabros de oiro os círios dormem,
 E a lâmpada sagrada a ²⁵³⁶ mêdo brilha
 Entre nuvens de incenso, derramadas
 Pelas naves sombrias; horas graves
 Em que muita oração, muito soluço,
 Soam atrás dos dóricos pilares,
 Tal nos parece a terra quando ao longe
 Fenece o dia, e a noite se apropínqua.
 Ave Maria! . . . O pavilhão celeste
 Sôbre nossas cabeças se arredonda,
 Puro como a ilusão de uma criança!
 No pórtico sublime do Oriente
 Surge fagueira e estrêla vespertina,
 E, além, de nossas pobres freguesias
 Nos altos, alvejantes campanários,
 Soa pausado e lento o velho bronze

Dobrando — Ave Maria! — O viajante
 Que vem de terra estranha, ²⁵³⁷ e a pátria busca.
 Se ajoelha na beira do caminho,
 — Ave Maria! — suspiroso fala.
 O cabreiro que desce das montanhas, ²⁵³⁸
 Ao redil conduzindo a grei singela,
 Pára, levanta para os céus os olhos
 E diz: — Ave Maria! — A mãe querida
 Chama zelosa a prole abençoada
 Junto à lareira da tranqüila choça,
 E lhe ²⁵³⁹ repete a saudação divina.
 — Ave Maria! . . . Na solidão dos mares
 Murmura o navegente; — Ave Maria!
 Reza o triste mendigo nos alpendres
 Dos paços festivos. O rico e o pobre,
 O poderoso, o humilde, o rei e o povo,
 — Ave Maria! — nessas horas dizem!
 — Ave Maria! — Pálida e chorosa,
 Ela medita à porta da cabana,
 A mais formosa e pura entre as mulheres,
 Quando, volvendo à estrada os belos olhos,
 À luz incerta e frouxa do crepúsculo
 Avista o Filho amado e seus amigos.

X

Cala-se o narrador. Alguns momentos
 Conserva-se indeciso e pensativo
 Como buscando um fio que aproxime
 Dois afastados, diferentes fatos.
 O penoso labor do entendimento
 Nas austeras feições se manifesta.
 — Espírito dos tempos que passaram!
 Diz, inclinando ao peito a nobre fronte.
 Tu, que aviventas o cansado gênio
 Dos bardos hodiernos, e propício, ²⁵⁴⁰
 Espancando das eras os negrumes,
 Os mistérios da história nos desvendadas,
 Inspira minha voz, — minh'alma inspira!
 No doce clima da risonha estância,
 Onde correram da primeira idade
 As belas estações e os belos dias,
 Deixemos o Senhor, abençoando
 Do honrado carpinteiro a pobre casa.
 Volvamos ao Batista o pensamento.

XI

Sôbre os tetos dos míseros tugúrios,
 Dos palácios reais sôbre os eirados,
 Estende a noite escura a sombra imensa
 Que nem sempre derrama a paz e o sono.
 Aves de Deus, as virgens e as crianças,
 Adormecem risonhas, ocultando
 Nas asas da inocência as fronte santas.
 Voltam os velhos ao passado, em sonhos,
 Em sonhos o futuro os moços galgam.
 Mas os ímpios não dormem! Fulgurantes
 Ardiam embora perfumados círios
 Junto dos leitos de oiro: embora brilhem
 Dos estucados tetos penduradas
 Alâmpadas riquíssimas! Embora!
 Não há luz que afugente as trevas d'alma!
 Nos vapôres do vinho e nos banquetes,
 Nas orgias febris, nos jogos loucos,
 Um momento se abranda e se entorpece
 O verme dos remorsos. — Mais faminto
 Acordará nas horas do silêncio.

XII

Os primores da Europa, o luxo d'Ásia,
 O fausto desta, a profusão daquela
 De Herodes o palácio aformoseiam.
 Mil candeeiros, — transparentes tochas,
 Argênteos lampadários, iluminam
 As vastas arcarias marchetadas
 Dos mais lindos mosaicos do Oriente
 E as colunas de mármore, as pilastras,
 Cobertas de labores, e as paredes
 Ornamentadas de brasões pomposos.
 Os gratos sons das harpas e doçainas,
 Dos cítulos e frautas, repercutem
 Fora, na larga praça, onde confusa
 Cochicha a multidão maravilhada.
 Celebra o rei vaidoso e dissoluto
 Seu dia natalício. As salas tôdas
 Estão cheias de amigos e convivas,
 Ricos Hebreus, Latinos cavaleiros,
 Senhores do Ocidente e do Levante.
 As mais belas Romanas da soberba,
 Mas depravada Côrte do tirano,
 As mais airosas filhas da Circássia,
 E as ninfas mais gentis das ilhas Gregas,
 À lauta mesa reclinadas ouvem
 Os torpes, ²⁵⁴¹ desonestos galanteios
 Dos escravos de César. Petulante,
 De loiro coroadado e verde mirto,
 Do amor emblema e símbolo da glória,
 Em macia camilha repimpado, ²⁵⁴²
 Excita à ebriedade ²⁵⁴³ o rei da festa ²⁵⁴⁴
 Seus libertinos, ²⁵⁴⁵ cínicos parceiros.
 Bela, apesar do vício, a fronte esbelta
 Aos joelhos do amante repoisando,
 Herodias sorri. De espaço a espaço
 Gracioso escanção, ágil, travesso,
 Demônio de malícia em tenra idade,
 As taças de ouro, que a seus pés reluzem,
 De excitante falerno enche, dizendo
 Imodestos gracejos. Nenhum pajem
 Do mais devasso camarim do império
 O vencera em audácia e desvergonha!
 Entretanto, meu Deus! é uma menina,
 No albor da adolescência, rósea, loira,
 Olhos azuis brilhantes, lábios de anjo!
 E esta menina é filha de Herodias!.....

XIII

Mas pouco e pouco se entibia e passa
 O ardor da saturnal. Ébrios e fartos
 Estiram-se e bocejam sonolentos
 Os heróis do festim, — a vil preguiça
 Vence a voraz e crassa intemperança.....
 Então, como entendendo os pensamentos
 Que da mãe tediosa a fronte nublam,
 Corre a menina astuta, a sala deixa,
 Deixa os vestidos leves que trajava,
 Cinge de rosas a gentil cabeça,
 Desnuda os seios, a cintura enfeita
 De perfumadas e vistosas faixas, ²⁵⁴⁶
 Toma um cbúrneo tamboril, coberto
 Dos mais finos e artísticos labores,
 E do espelho fiel se despedindo,
 Volta faceira à sala do banquete.

XIV

Os tangedores, avisados, rompem
 Nas mais doces e ternas harmonias;
 Os convivas levantam-se sorpresos;
 Derramam servos nos braseiros ricos
 Perfumes sem iguais. Senta-se Herodes,
 Estremece Herodias. Entretanto,
 Escrava da cadência, mas senhora
 Dos requebrados, lânguidos meneios,
 Sôbre as flores dos séricos tapêtes,
 Mais ligeira que a leve borboleta,
 Mais bela que os espíritos errantes
 Que à noite brincam nos rosais cheirosos,
 Ela volteia, a doida bailadeira!
 Na dança figurada, aos ágeis passos
 Mistura os mais garridos movimentos,
 Os gestos mais lascivos. Arquejante,
 Às vèzes pára do salão no centro,
 Suspira e cerra os olhos..... vai, quem sabe,
 Sucumbir de cansaço! Mas engano!
 Reanima-se, — ri, — levanta os braços,
 Flexível como a serpe encurva o corpo,
 E num rápido giro, se aproxima
 Do fascinado Herodes, sacudindo
 Sôbre seus pés as rosas da grinalda,
 Entre os aplausos mil dos assistentes.
 Depois, qual passarinho caprichoso,
 Que ças nuvens descendo, em tarde estiva,
 Modera o vôo, quando a terra avista,
 Ela os passos afrouxa, e segue a ²⁵⁴⁷ mêdo
 O mais lento tanger dos instrumentos.
 Imita a corça, quando alegre salta;
 Quando corre veloz, é viva abelha
 Sôbre os lírios dos vales adejando;
 Mimoso colibri, quando descansa,
 Tão leve, que não dobra das alfombras
 A mais delgada flor! Por largo tempo
 Assim deleita a vista dos convivas;
 Ofegante por fim, extenuada,
 Faz um último esforço, e mansamente
 Cai, pétala de rosa aos pés de Herodes.

XV

— Oh!.... Pede o que quiseres, não vaciles!
 Inda que sejam meu govêrno e erário,
 Juro que tos darei! — Grita enlevado
 O Romano Senhor, — eia, responde! —
 Então do ódio escuro e escuro gênio
 Aos ouvidos murmura de Herodias:
 — Lembra-te do Batista! — Estranho lume
 Da régia libertina inflama os olhos,
 Vivo rubor lhe sobe ao lindo rosto,
 Chama a filha imprudente, ao colo a estreita,
 E um conselho cruel lhe dá baixinho.

XVI

— Oh rei! diz a volúvel dançarina,
 Se a promessa que parte de teus lábios
 Um gracejo não fôsse... — Pelos deuses,
 E deuses imortais! Herodes brada,
 Seja eu ludíbrico do plebeu mais rude
 Se alguma coisa te negar! — Desculpa,
 Se duvidei de ti, — pois bem, atende:
 Sabes quantas afrontas recebemos
 Do protervo Batista, — diz a moça,

Que punição lhe deste? Descuidoso
 Nos terrados de vasta fortaleza,
 Em risonha colina levantada,
 Escarnece de ti!... Agora escuta,
 E cumpre como um rei o que juraste:
 — Dá-me a cabeça do Batista! — Herodes
 Treme, os olhos abaixa, e não responde.
 — Hesitas?... E da mesa do banquete
 A filha de Herodias se aproxima,
 Lança mão de uma salva primorosa
 Que ao tirano apresenta: — Nesta salva,
 Quero a cabeça do Batista. O bárbaro
 Chama o chefe da guarda que o servia:
 — Escutaste? — Escutei. — Parte e obedece!
 Eis meu anel, te servirá de senha.
 O sinistro emissário a sala deixa.

XVII

Vai alta a noite. Os ventos do deserto
 Engolfam-se, gemendo, nas seteiras
 De Macaur, o lúgubre castelo
 Onde pena o Batista. As névoas passam
 Sobre as grossas ameias, semelhantes
 A soltos flocos de algodão silvestre
 Dispersos pelo espaço. Nas cimalthas
 Que as borrascas e o tempo enegreceram
 Agitam-se as estriges agoireiras,
 As videntes da sombra. Ao lado ruge
 Feia torrente em broncas penedias.

XVIII

Carregado de ferros, junto às grades,
 Amortecido o olhar, lívido o rosto,
 João contempla uma estrêla solitária,
 Que pouco a pouco apaga-se e se afunda
 Nos véus caliginosos do Ocidente.
 Nem um amigo, um sócio de infortúnio,
 Nem uma voz humana, as longas horas
 Amenizam do pobre encarcerado!.....
 Do teto escuro e baixo, gôta a gôta
 Reçuma, estala e cai no chão lodoso ²⁵⁴⁸
 Condensada umidade; nos recantos
 Da cripta tenebrosa, livremente
 Passeia o escorpião, a osga brinca,
 Arrasta-se tranqüila a treda víbora.
 Que pungentes lembranças, que saudades
 Amargas e cruéis, que pensamentos
 Sinistros e aflitivos não torturam
 Do filho de Isabel a mente e o peito!.....
 Quem pudera saber o que se passa
 Naquela frente heróica? — Porventura
 À luz da bela estrêla que cintila, ²⁵⁴⁹
 Qual uma gôta de amoroso pranto
 No triste véu da noite, ao longe avista
 As montanhas natais, ²⁵⁵⁰ frescas e umbrosas,
 O vale do Jordão, e os verdes bosques
 Das encostas do Hermon? — Os lindos campos
 Dos terrenos de Dan, cheios de flores,
 Cobertos de rebanhos? — Porventura
 Lembra-se de Jesus e seus amigos?
 Das santas penitências do deserto?
 Dos primeiros milagres do Batismo?
 Chora os tempos felizes que passaram?
 Ou, tomado de horror, mede o futuro,

E só vê dissabores e amarguras,
 E talvez o suplício?..... — oh! não! a morte
 Não amedronta o rígido profeta!
 O martírio..... não teme, antes o aspira
 E aguarda como a prova gloriosa
 De seu zêlo e fervor, o mais.... que importa!.....

XIX

Qual entre os nevoeiros do Oceano
 Some-se a vela que a remotas praias
 Leva nossos amôres e esperanças,
 Tal entre a cerração desaparece
 A solitária estrêla, a casta amiga
 Das noites do profeta. Quebrantado
 Pela longa vigília, João descansa
 Sobre a gélida mão ²⁵⁵¹ a fronte ardente,
 E cerra suspirando os turvos olhos.....
 Mas uma luz esplêndida, divina,
 Da sombria prisão clareia os muros,
 E um Anjo do Senhor poisa tranqüilo
 Entre os grilhões do pálido cativo.
 João estremece: a imagem do verdugo
 Ao pensamento acode-lhe. — Estou pronto,
 São horas de partir? severo indaga
 Sem levantar o rosto. — Sim! — responde
 O celeste enviado; ergue-te, e vamos
 Para o seio de Deus! João abre os braços.....
 O anjo do Senhor desaparece.

XX

Um profundo rumor, triste, confuso,
 Pelas negras abóbadas retumba;
 Rangem as chaves e as pesadas portas
 Movem-se sobre os quícios, vagarosas;
 Surdo tropel e vozes misturadas
 Espalham-se nos longos corredores;
 Vivo clarão derrama-se nos cantos,
 E esverdeados, ²⁵⁵² úmidos pilares,
 De sanguinosa côr tingindo as lájeas;
 Um magote de esquálidos esbirros
 E sequaces de Herodes ²⁵⁵³ se aproxima
 E rodeia o profeta. — Ilustre mestre, ²⁵⁵⁴
 Grita um ébrio soldado motejando,
 Rende graças à amásia de teu amo,
 Está findo o teu triste cativeiro!

.....
 Ai! O que então seguiu-se ²⁵⁵⁵ a língua humana
 Não pode descrever! Meus lábios tremem,
 E minha voz não passa da garganta!....

XXI

A rósea luz, porém, da madrugada
 Furtiva e triste ganha os aposentos
 Do régulo cruel: — mais receoso
 Não entra olhar de virgem timorata
 De vil bordel no sórdido recinto.
 Por novas libações estimulados,
 Cantam loas nefandas, tripudiam,
 Como tomados de delírio insano, ²⁵⁵⁶
 Cavaleiros e damas; — quanto a Herodes,
 Ébrio, despido, à bacanal preside!....

X X I I

Mas... silêncio! Um sussurro temeroso
Soa nas ante-salas, — tinem armas,
Batem pesados, numerosos passos
Sôbre o sonoro chão; os cantos cessam,
Cessam as danças e os clamores loucos,
Voltam-se todos para a grande porta.
— Vossas ordens, senhor, estão cumpridas! —
Diz o chefe da guarda aparecendo
À frente de seus lúgubres sicários,
— Eis aqui a cabeça do Batista! —

X X I I I

Horror!... Horror!... — Um grito de surpresa
Parte dos lábios todos. Boquiabertos,
Deixam alguns cair as áureas taças
Das esquecidas mãos; outros se agitam
E saltam sôbre a mesa, espedaçando
Os vasos de cristal, os belos pratos,
As ânforas e jarras preciosas;
Outros se precipitam cegos, tontos,
Tropeçando nos bancos e almofadas,
E à roda do tirano se aglomeram.

X X I V

Esplêndida e festiva, a luz d'aurora
Clareia a sala, então, e cai suave,
Carinhosa talvez, na argêntea salva,
Onde, serena e calma, semelhante
À frente de uma estátua alabastrina
Jaz do Batista a pálida cabeça.
As artérias e veias pouco sangue
Sôbre a luzida prata derramaram.
Nem uma contração, nem uma ruga
Desfiguram o cândido semblante,
Onde, em vez do terror, deixou a morte
A placidez do sono da inocência!
Ligeira sombra lhe circula as pálpebras
Docemente cerradas; meigo riso
Parece lhe animar os frios lábios!.....
E' ²⁵⁵⁷ que, no triste instante, a alma divina
Contemplava o infinito! Ouvia as harpas
Dos anjos do Senhor, preludiando
De sua exaltação os belos hinos!
Folgava, e os lábios riam!... — 'Stás contente?
Pergunta o rei à filha de Herodias.
Mas a jovem pantera não responde,
Como a pantera que uma luz espanta,
Olhos parados, suarento o rosto,
— Prêsa a voz no laringe, anseia e treme;
Recua aos saltos; quer falar, não pode;
Quer afastar a vista fascinada
Do pavoroso quadro e em vão se esforça!
Por fim erguendo os braços convulsivos
Solta um grito pungente e angustioso,
E cai sôbre os coxins desfalecida.
.....
Esta inaudita atrocidade assombra
Os discípulos de João. Mudos, errantes,
Chorando a ausência do inspirado mestre,
E prevendo, talvez, igual destino,
Buscam as mais remotas soledades,
E depois de trabalhos excessivos,
De amargos sofrimentos, se dirigem
Da Galiléia às plácidas campinas
Procurando Jesus e seus amigos.

X X V 2558

Na terceira jornada, à hora sexta,
Chegam por fim ao desejado têrmo;
De um lago à borda o Salvador encontram,
E antes ainda de o saudar, assistem
A pasmos milagre. — O ²⁵⁵⁹ Mestre excelso,
Compadecido do esfaimado povo
Que o seguira escutando as santas prédicas,
Com cinco pães apenas, e dois peixes, ²⁵⁶⁰
Sacia a fome a cinco mil pessoas,
E restos deixa sôbre a relva, esparsos, ²⁵⁶¹
Que doze cêstos volumosos enchem.
Mas os pobres amigos do Batista,
Depois da refeição, tristes, ²⁵⁶² humildes,
Baixos os olhos, a expressão dorida,
Se aproximam de Cristo: copioso
O pranto lhes alaga o branco rosto.
— Oh! não chorei, — o Salvador lhes fala,
Mais feliz do que vós, eterno vive ²⁵⁶³
Aos pés do Onipotente o amado mestre! —
— Pois quê! Senhor, ²⁵⁶⁴ sabeis?... — Ah! sei de
[tudo!

Responde o Salvador, — ficai comigo.

X X V I

As multidões, porém, maravilhadas
Por tão altos prodígios, novo plano
Formam, ventilam, rápidas resolvem.
— Jesus de Nazaré! — logo exclamam, ²⁵⁶⁵
Tu és forte, potente, sábio e justo,
Sê nosso rei! Liberta-nos do jugo
Pesado e férreo do pagão Romano!... —
O Salvador sorri, afaga o povo,
Mas depois mansamente, se retira
E entrega-se à oração em êrmo sítio.

X X V I I

Meia-noite!... Hora lúgubre e sinistra,
Quando entre a luz e a sombra, vacilante,
Junto ao marco de bronze, pára o tempo,
Fazendo à noite e ao dia esgares torvos!.....
Meia-noite!... No seio das florestas
Repoisa o passarinho, a fera dorme,
Suspira a viração. — E' mudo o campo.
A lua desvendada, e mais formosa
Do que nácar marinho, o céu percorre
Como um cisne alvejante em manso lago.
Sôbre o tapiz da relva, sonolentos,
Os companheiros de Jesus descansam;
A poucos passos, entre verdes balsas,
Ora e medita o Mestre. Longas horas
De silêncio e terror sôbre êles passam.
— Irmãos, diz um baixinho, — porventura
Dorme o Senhor? — Talvez, outro responde. —
— Vejamos, fala Pedro, os outros chama,
Erguem-se e cautelosos se aproximam
Do perfumado, ²⁵⁶⁶ verdejante abrigo:
Mas ofuscados param, — débil grito
Em seus lábios fenece; apavorados
Uns contra os outros cerram-se tremendo.....
Que viva luz feriu-lhes as retinas?
Que flamejante gládio ergueu-se à frente
Dôs servos do Senhor? Que ferro em brasa
Lhes roçou pelas carnes?... Pobres sêres!
E' que o meigo Jesus, — o lhano amigo,
O modesto e singelo companheiro,

Pela primeira vez se revelava
 Em tôda a glória da divina essência!....
 Oh! não há duvidar! E' êle, o Cristo!
 Mas seu corpo, seu rosto, os belos olhos,
 O sorriso, a expressão, não são terrestres!
 Da humanidade o sangue não anima
 Aquelas formas lúcidas, etéreas,
 Onde a celeste perfeição fulgura,
 Não à corpórea vista, mas à vista
 Sublime da razão!... — Loucos poetas!
 De límpido cristal, de neve fúlgida,
 À luz do sol nascente refletindo
 As pompas mil do primitivo mundo,
 Diríeis as brilhantes vestimentas;
 Diríeis ²⁵⁶⁷ das mais nítidas estrêlas,
 Nos primores do íris, semeadas,
 Formando o resplendor da fronte augusta!
 Fontes de luz, — auroras do infinito, ²⁵⁶⁸
 Oceanos de graças inefáveis
 Seus olhares diríeis!... Vãs palavras!
 Frias imagens de precário sonho!
 Afadigoso esforço!... — Aves da terra,
 Águias das brenhas, rasgareis o espaço,
 E o sol contemplareis na imensidade;
 Copiareis do prisma as lindas côres;
 Da aurora boreal a refulgência
 A vossos quadros passareis; — dos astros
 Dareis a claridade a vossas obras....
 Mas a grandeza do Senhor.... — Loucura!...
 Aos pés do Salvador, em áurea nuvem,
 Mais leda que o arrebol da madrugada
 Os páramos polares clareando,
 À destra, humilde e majestoso a um tempo,
 O nobre vulto de Moisés descansa,
 Como outrora no cimo da montanha,
 Sôbre as tábuas da Lei, ouvindo o Eterno;
 À sinistra, o colosso dos profetas,
 O espanto de Israel, grave e severo,
 Como em seu ígneo carro triüfante,
 Repoisa o ilustre e venerando Elias!.....
 Uma luz implacável tudo envolve.
 Qual imenso bulcão, em cujo bôjo
 Ruge ²⁵⁶⁹ e circula a férvida matéria
 Onde procede o raio, a terra treme,
 E funda, e surdamente brama e ronca!
 O espírito de Deus abala o espaço.

XXVIII

Os companheiros de Jesus recuam,
 Voltam os olhos, — nada mais enxergam!
 Possuídos de medo, e refletindo
 Que a cegueira os tocara, ao chão se arrojam
 E nas úmidas mãos o rosto ocultam.
 Quais infantes que sonham, quais enfermos
 Cujo cérebro vário a febre escalda,
 Soltam palavras êrmas de sentido,
 Asssim falam, na relva debruçados.
 — Senhor, Senhor, contigo ficaremos!
 Exclama o velho Pedro, — cumpre agora
 Levantarmos três tendas que protejam
 A vós, a Elias e a Moisés!... Apenas
 Estas estultas expressões dissera,
 Que uma nuvem medonha se desdobra
 Tudo envolvendo no trevozo seio,
 E da nuvem terrífica rebenta
 Um brado atoador: — Êste é meu Filho
 Amado e predileto, — hei pôsto nêle

Tôda a minha infinita complacência!....
 Erguem-se então os trêmulos amigos:
 Mas Jesus está só e tudo é findo.

XXIX

Descai a noite santa, — a fulva aurora
 Dos umbrais do Levante expele ²⁵⁷⁰ as sombras,
 Lança um chuva de oiro nas campinas:
 Cantam as aves; — sôbre os mansos lagos
 Brincam os martinets e as cegonhas,
 E os búfalos robustos se refrescam
 Nas ondas transparentes; sôbre os vales,
 Sôbre os prados e bosques, desce a vida, ²⁵⁷¹
 Leda filha da luz, da luz nos raios.
 Busca o Senhor os campos orvalhados,
 E detendo-se à margem de um ribeiro,
 Dos discípulos os doze que elegera ²⁵⁷²
 Chama junto de si e assim lhes fala:
 — Como a luz que rebenta do Oriente
 E alumia as nações e os povos todos,
 São da Lei os preceitos imutáveis,
 São as grandes verdades do Evangelho.
 Vai começar vossa missão penosa:
 Ide por êsse mundo, e ao pobre, ao rico,
 Ao senhor e ao escravo, ao forte e ao fraco,
 Anunciai de Deus o eterno reino.
 O poder dos milagres vos transmito;
 Curai o enfêrmo, — esclarecei o indouto,
 E, tríplice farol que vos inspire,
 Sejam as mais sublimes das virtudes:
 — A Esperança — a Fé, e a — Caridade!
 Caminhai sem cuidados, nem receios,
 Não leveis sôbre vós, pelas jornadas, ²⁵⁷³
 Pão, virtualhas, roupas, mantimento,
 Nem valores em prata, oiro ou dinheiro;
 Mas tomai um bordão, calçai sandálias,
 Trajai apenas uma pobre túnica.
 Na casa hospitaleira onde parardes,
 Nas aldeias, nas vilas, ou cidades,
 Demorai-vos aí, não busqueis outra,
 Até o instante de marchar de novo.
 Se entre os homens alguns vos despedirem, ²⁵⁷⁴
 Negando-vos repouso em seus alvergues,
 Se zombarem de vós, menosprezando
 Os sagrados preceitos que ora ensino,
 Retirai-vos sem ódio e sem queixumes,
 E quando longe fôrdes de seus tetos,
 Sacudi a poeira das sandálias
 Que vos há de servir de testemunha.
 Ide, e sêde fiéis ao que vos manda!
 Cheios de santo ardor e santas crenças,
 Afastam-se os discípulos de Cristo,
 Buscando opostos rumos, e espalhando
 Por tôda parte onde seus passos levam
 As promessas divinas do Evangelho.
 Alguns dias depois, entre os que restam,
 Setenta e dois o Salvador convoca,
 Dá-lhes as mesmas instruções que aos outros
 E, pobres de moeda, porém ricos
 De ciência e virtude, os abençoa
 E os envia a pregar a Lei divina.

XXX

— Cala-se neste ponto o Missionário,
 E como sói fazer, despede as gentes,
 Deixando para a próxima semana
 O seguimento da Sagrada História.

CANTO V

Imprimirei a minha lei nas suas entranhas, e a escreverei nos seus corações.

E não ensinará daí em diante varão ao seu próximo, nem ao seu irmão dizendo:

Conhece ao Senhor: porque todos me conhecerão desde o mais pequeno deles até ao maior, e perdoarei a sua maldade, e não me lembrarei mais de seu pecado.

Jeremias XXXI, 33, 34.

I

Oh Natureza! Oh Glória do Universo!
 Musa da criação! Mãe compassiva
 Dos simples corações, das almas puras!
 Quais são da vida as penas e desgostos
 Que teu condão sublimes não dissipe?.....
 Nessas colmeias sociais, sem conto,
 Onde o frio egoísmo e a vil cobiça
 Libam o grato mel, deixando as fezes
 Aos deserdados filhos da fortuna,
 Vi o pai de família, angustiado,
 Fugindo à ²⁵⁷⁵ espôsa, à prole, em cujas faces
 Plúmbeas nódoas lançara a fome horrenda,
 Agitar-se raivoso, — entre as mãos frias
 Convulsivo apertar o brônzeo tubo
 De fatal instrumento, e.... rir-se!.. e rir-se!.....
 Vi à borda do abismo onde a pusera
 O delírio, ²⁵⁷⁶ a loucura, pobre moça,
 De escuro vaso em cristalina taça
 Gôta a gôta entornar o negro sumo ²⁵⁷⁷
 De venenosa planta, e muda, e triste
 Considerar a côr, sentir o aroma
 Do líquido funesto!... Junto aos muros
 De vasta fortaleza, onde medonhos
 Cem canhões colossais desafiavam
 As fúrias de inimigos sanguinários,
 Vi o velho guerreiro retalhado
 De nobres, gloriosas cicatrizes,
 Sacudir a cabeça, duvidoso,
 Tirar da cinta a reluzente espada
 Inda quente do fogo dos combates,
 E dirigi-la ao peito!... — Oh Natureza!
 Musa da criação! Mãe compassiva
 Dos simples corações, das almas puras!
 Nessas horas de febre e desespero,
 Quando os sábios dormiam, tu vieste
 Em socorro dos tristes! Carinhosa
 Sobre êles estendeste o vasto manto,
 O manto protetor. — Ao pai aflito
 Mostraste a santa luz da Providência,
 O lábaro divino, o céu, a terra,
 E fontes de riqueza em tôda parte,
 Em tôda parte fontes de esperança!
 À mulher desditosa os belos quadros,
 Os lares da família, — os quentes ninhos
 Onde poisam as rôlas amorosas,
 Cantando junto aos filhos inda implumes
 As doces emoções que santificam
 E tornam forte um coração materno!
 Ao bravo postergado, sem amparo,
 Sem galardão nem glória, o vale umbroso,
 O retiro das serras e os desertos
 Onde ao lado do pássaro e do inseto,
 Da verbena e da faia, existe sempre
 O pequeno lugar de uma choupana!.....
 Oh Natureza! Oh Guarda vigilante
 Dos pobres, dos aflitos!... Quão risíveis

São da sociedade honras e galas,
 E prêmios pueris! — Que montam festas,
 Que montam festas de vaidade e fumo
 Quando a esperança, o faro derradeiro
 Que entre os parcéis da vida os seres guia, ²⁵⁷⁸
 Perde-se em nevoeiros?... Tu, ²⁵⁷⁹ sòmente,
 Nos alentas, fiel, inalterável!
 Novas idéias a nossa alma inspiras!
 Novos, santos prazeres nos procuras,
 E nos ensinas mais feliz linguagem, ²⁵⁸⁰
 A linguagem de Deus e da verdade!....

II

— Sôbre êsse escuro e carcomido tronco,
 Onde os velhos da tribo descansavam
 Para os conselhos presidir d'outrora,
 Senta-te; — e enquanto diligente e sábia
 Aos cuidados da casa a mãe acode,
 Conta, Naída, o sonho pavoroso
 De que alhures falaste, — assim ordena
 Da porta da cabana, onde nascera
 A formosa conversa, o ilustre mestre.
 Obedece a donzela e assim começa:

Eram horas da noite adiantadas,
 Eram horas pressagas, horas mortas;
 Já pela vez segunda a voz soltara
 O galo, ²⁵⁸⁰ a voz rouquenha e feiticeira.
 Nem eu dormia, nem desperta ²⁵⁸¹ estava:
 Fundo terror tolhia-me os sentidos.
 Intentava gritar, porém meus lábios
 Recusavam mover-se, e minha língua,
 Prêsa à garganta pelo nó da morte,
 Parecia gelada em minha bôca!...
 Fiz um supremo esforço: levantei-me.
 Então..... — Calou-se a virgem do deserto,
 E nas mãos escondeu o lindo rosto.
 — Então? Que viste? — Lhe pergunta o mestre. —
 — Sôbre mim debruçado,... — a fronte horrenda
 Qual horrendo rochedo escalavrado
 Pelo fogo do céu,... — rubros os olhos;
 A formidável mão pesada e fria,
 Fria e pesada qual medonha pedra
 Do leito funerário de um precito,
 Sôbre meu peito angustioso, estava.....
 Êle estava!.. — “Êle, quem? — O negro gênio
 Da perdição eterna! O anjo rebelde!
 Tal como nos pintaste, sôbre o monte
 Tentando o Salvador!... — Um ledor riso
 Aos lábios assomou do missionário.
 — Graças a Deus, Naída, estou tranqüilo,
 Algo mais sério acreditei que fôsse!
 Tiveste um pesadelo, mas, prossegue. —
 — Oh se eu então sonhava, sonho ainda!
 Exclama a ingênua moça. — Mestre, ouvi-me.
 Ossos, carnes, tremi!... Então, ao longe,
 Um grito ressoou, profundo, imenso,
 Como a voz do trovão por sôbre os mares!
 — Maldito! — E as selvas tôdas se abalaram,
 E das grutas, ²⁵⁸² das serras, e dos campos,
 E dos mais afastados horizontes:
 — Maldito! os ecos todos repetiram!

 — Vi depois um deserto, um mar de areias,
 Sem animais, sem plantas, sem regatos,
 Sem um indício que lembrasse a vida,
 Porém milhares apontando a morte!.....

Por tôda parte amarelados ossos,
 Carnes corruptas, putrefatos restos!
 Restos de escravos, restos de senhores!
 Restos de ovelhas, restos de panteras!
 Restos de abutres, restos de serpentes!
 E o tigre e a prêsa agonizando juntos,
 O verdugo e a vítima esquecidos
 Na mesma confusão, no mesmo caos!....
 Um céu de ferro em brasa, um sol do inferno;
 Um espaço sem nuvens, — sem neblinas,
 Sem vendavais, sem raios!... Sempre calmo!
 Horrendamente calmo e luminoso!
 E esta palavra escrita em tôda parte
 — Caim! — Cerrei por um momento os olhos,
 Quando os abri de novo era mudada
 A face do deserto: — irado vento
 As montanhas de areia arrebatava
 Qual a brisa do estio as fôlhas sêcas.
 De rubro incendiado em flavo baço,
 Mas ominoso ainda, o céu tornou-se!
 De instante a instante monstruosos galhos,
 Arrancadas palmeiras, sibilavam
 Como flechas sutis, atravessando
 Nas asas dos tuíões o tôrvo espaço!.....
 Daquela imensa confusão no meio
 Eu vi passar um homem: seu semblante
 Era grosseiro e negro como a rocha
 Que branqueiam de escuma as frias vagas:
 Seu corpo como o tronco de vinhático
 Onde a chama brincou: sarça coberta
 De pisado carvão a dura grenha.
 Mãos e braços de sangue eram manchados!
 De lado a lado olhava suspeito,
 Parava aos sobressaltos, e tremia,
 Não pela tempestade sacudido
 Porém.... — Um brado assustador ergueu-se
 Daquela horrível solidão de areias:
 — Caim! — Como o jaguar atravessado
 Pelo dardo certo, urra, e volvendo
 Nas órbitas os olhos chamejantes,
 O cauteloso atirador procura,
 Assim êle rugiu!... — Um véu de sombras
 Tudo cobriu. Depois, qual nos abismos
 Traidores e funestos do Oceano,
 Contém o respirar, calcula as fôrças
 O audaz mergulhador, o destro búzio,
 Assim êle ficou!.... Do pobre leito
 Tudo eu via e sentia! O mar de sombras
 Também caiu então sôbre minh'alma!

 Mas o bulcão passou. Do vento as iras
 Acalmaram-se logo. O descampado,
 Onde os montões de areia se moviam,
 Tornou-se liso e plano como um lago
 Em tarde de verão. O homem sinistro
 Se ali estivera sepultado estava. —
 E Naída calou-se. O missionário
 Tinha a cabeça baixa e refletia.
 — Está findo o teu sonho? — Oh, ²⁵⁸³ não ainda!
 A virgem respondeu cobrando alento,
 Ouvi mais um instante: — Ao longe, ao longe,
 Além dos areais, vi levantar-se
 Uma cadeia de alterosos montes
 Cobertos de palmares graciosos.
 Leves colunas de ondulante fumo
 Erguiam-se do meio das folhagens,
 Doces, ²⁵⁸⁴ ternas canções acompanhadas
 De tangeres estranhos, ressoavam

Por aquêles sertões. Era distante,
 Bem distante o lugar donde partiam,
 Mas eu tudo escutava. Francos risos,
 Brados alegres, compassados cantos,
 Longo tempo minh'alma apavorada
 Propícios distraíram. — Deus bendito!
 Murmurei suspirando, — ali, ao menos, ²⁵⁸⁵
 Algum povo feliz habita e folga!

 Desgraçada ilusão! O homem sinistro
 Nas montanhas surdiu, medonho, enorme,
 Semelhante a um penedo alcantilado
 Que nas tardes de inverno as nuvens rasga!
 — Caim! — Bradou a voz da imensidade!
 — Caim! — Tudo findou-se, atro negrume
 Rolou do céu cobrindo as cordilheiras;
 Escutei um rumor profundo e mesto
 Semelhante ao das águas das torrentes
 Cavando o seio escuro dos abismos!.....
 E êsse rumor crescia e atordoava
 Os vales, as rechãs e as serranias!
 E daquelas montanhas encobertas
 Precipitou-se um rio impetuoso,
 GANHOU OS AREAIS, GANHOU AS PRAIAS,
 Vingou as vagas do Oceano irado,
 Chegou a nossas terras, inundou-as,
 Chegou até aqui, até meu leito!
 Ergui-me, — olhei.... — o rio era de sangue!
 — Caim! — bradou a voz da imensidade!....
 Senti nas faces o suor da morte,
 Volvi ao céu os olhos ansiosos.....
 Êle ali estava, ²⁵⁸⁶ o Filho de Maria,
 Radiante, sublime! — Êle ali estava!
 De seu rosto divino, de seu corpo
 Também caía sôbre a terra o sangue, —
 Mas dêsse puro sangue reventavam
 Rosas e lírios, palmas e grinaldas,
 Diamantes e rubins, e um povo imenso
 Bradava jubiloso: — Liberdade!..... —
 Está findo o meu sonho. — O missionário
 Tinha a cabeça oculta entre os joelhos.
 Pouco tempo depois ergueu-se. — Vamos,
 Disse enxugando os olhos lacrimosos,
 Nossos irmãos esperam-nos inquietos.

III

Rociada ²⁵⁸⁷ de orvalho, as plantas nuas,
 Nuas as belas, cândidas espáduas,
 Sobraçadas as vestes, desce a virgem
 Dos climas tropicais juncando a terra
 De goivos e saudades. — Salve, Noite!
 Salve, ²⁵⁸⁸ Noite da América! Formosa,
 Pura, em tua nudez, deixas o espaço
 E vens-nos visitar, não guardam névoas,
 Nem densas cerrações os teus encantos;
 Si à fria Escandinávia, à fria Escócia
 Baixas em longos mantos envolvida,
 E triste, e muda, e tiritando passas,
 A nosso ameno céu chegas risonha,
 E nossas solidões buscas fagueira
 Como a filha de um rei seus verdes hortos.
 Salve, ²⁵⁸⁹ Noite propícia! — Reünidos
 Estão há muito os filhos do deserto,
 E a voz aguardam do zeloso Apóstolo.
 É belo o céu, — a terra sossegada, ²⁵⁹⁰
 Brando e odoroso o vento do deserto
 Que nas folhagens úmidas farfalla,

E volteia travêso e caprichoso
Sobre o vermelho lume das fogueiras.
O ministro de Deus ²⁵⁹¹ senta-se e fala
Continuando a História interrompida.

I V

— Além de muitos casos milagrosos,
Irmãos, contei-vos no serão passado ²⁵⁹²
Da transfiguração o alto prodígio,
A eleição dos apóstolos; e as santas
Instruções que lhes dera o amado mestre
Fiel vos repeti. Ouvi-me, atentos.
O Espírito de Deus nos ilumine,
E inspire minha voz: — em vossas almas
Caiam minhas palavras, semelhantes
Às sementes fecundas do Evangelho:
Firme, incansável no divino empenho,
Prosegue o Salvador; desde as vizinhas
Aldeias da Iturêia, até os montes
Da Judéia escabrosa, agreste e sêca;
Desde as praias do mar, té as campinas
Centrais de Traconites, corre a fama
De seu grande poder e de seus feitos.
Entre soldados mil, nos fortes paços,
Herodes estremece. — E' João Batista,
Que mandei degolar!... Medroso exclama.
— E' João Batista que deixou dos mortos
A sombria mansão, e volta ao mundo
Mais terrível ainda!.. — Oh, não! respondem
Os perjuros Hebreus que humildes beijam
Os degraus de seu trono, — é um profeta
Igual aos doutras eras! E', quem sabe.....
E' Elias que desce das alturas
E traz consigo o raio da vingança! —
— Quê? — murmuram os mais, êste mancebo
Não nasceu entre nós? Não conhecemos
Porventura seus pais e seus parentes?
Que letras aprendeu? Aonde? Quando?
Como se atreve a professor doutrinas?
Porém Jesus responde-lhes apenas:
— Entre seus comarcãos e conterrâneos,
Na casa de seus pais, nenhum profeta
E' crido e bem aceito! — E imperturbável
Passa, e os ouvidos cerra a tais rumores.

V

Deixando os verdes prados e as campinas
Da Galiléia superior, tristonho
Desce o Jordão, e em meio de seu curso
Perde em Genesaré, escuro lago,
O nome e a côr das águas celebradas,
Para depois seguir mais cheio e forte
Até o leito impuro do Mar Morto
Em cujas ondas fétidas, sulfúreas,
Segundo a tradição, jazem os restos
De Sodoma e Gomorra. — Às férteis bordas
Da banda ocidental, entre a frescura
Dos bosques fluorescentes, lindas veigas,
Levantam-se choupanas de pastôres,
Belos casais e aldeias aprazíveis,
Apriscos e currais, ledos retiros
Onde saltam formosos cordeirinhos
E a voz dos pegureiros se mistura
Às singelas cantigas das zagalas.
Cafarnaum alveja entre as folhagens
Das balsas odorosas, — Bethsaída

Espelha-se nas águas sussurrantes
Que lambem-lhe as muralhas. Nesses sítios
Onde do mundo as ambições não chegam,
E a doçura do clima, a luz macia
De um céu sempre sereno alegre as almas,
Demora-se o Senhor por algum tempo.
Surdos boatos, agoureiras vozes
Chegam a seus ouvidos. Os sequaces
Dos grandes de Israel o povo iludem
E açulam contra o Filho de Maria.
Buscam para o matar por tôda parte.
— E' cedo ainda, o Salvador murmura.
E descansa entre os seus calmo e tranqüilo.

V I

.....
O silêncio e a sombra a terra invadem.
Calam-se as aves. Descoradas, frias,
Sobre as hásteas inclinam-se as boninas.
Gemem as fontes nas escuras penhas,
E no meio dos ásperos fraguados
Piam da noite os pássaros sinistros.
Livre das multidões impacientes,
E dos censores importunos livre,
Detém-se o Salvador do lago à borda:
Explica aos seus os íntimos intentos,
E os manda a Bethsaída, ao lado oposto.
Quando juntos os vê, e o leve barco
Ao compasso dos remos, pouco e pouco
Faz-se ao largo, singrando as ondas mansas,
Busca o fastígio de escarpado monte,
E aí, sobre um penedo enegrecido,
Largo tempo sôzinho ora e medita.

V I I

Vai alta a noite. As pálidas estrêlas,
Medrosas da manhã que se aproxima,
Apagam-se no azul do firmamento.
Tudo repousa... — Não! Pelos caminhos
Ingratos do deserto, erram perdidos
Muitos pobres romeiros; muitos nautas
Vogam sem rumo na soidão dos mares!
Muitas frentes vigiam suarentas
Sobre a mesa do jôgo ou sobre os livros,
Sobre o leito de angústia, ou sobre o berço
Da infância inconsciente! O sono amigo,
O sono irmão da morte, a poucos séres
As doçuras concede do descanso!.....
Descem do espaço os brancos nevoeiros,
E sobre o monte, o vale, a praia e o lago
Espalham lentamente os véus fugaces.
Esperando que a luz da madrugada
Clareie a terra e os séres reanime,
Os sócios do Senhor deixam os remos,
Ateiam fogo sobre um grande vaso
De argila recozida, e reclinados
Sobre as pranchas do barco flutuante,
Se aquecem conversando. Já, de longe,
Nos pátios dos casais das verdes margens
Soltam a voz os vigilantes galos
Anunciando a aurora que não tarda;
Já o cansaço e o sono os olhos turvam
Dos singelos amigos e adormentam
Os membros fatigados, quando um grito
De assombro e de terror os chama à vida.
Quem brada assim? Foi a ilusão de um sonho,

Ou imprevisto mal que ao peito humano
 Esse grito arrancou?... — Ah, ²⁵⁹³ és tu, Pedro!
 Pedro! Pedro, que tens? — perguntam todos.
 Mas Pedro não responde, branco, imóvel,
 Fixos os olhos, estendido o braço
 Para o meio do lago, arqueja e treme.
 Tôdas as vistas se dirigem logo
 Para o ponto indicado e todos soltam
 Um pavoroso grito. — Quê! amigos,
 Diz uma voz suave, porventura
 Posso causar-vos medo? Ao frio susto
 A surpresa succede: — Mestre! Mestre!
 Sois vós! — Eu sou, não receeis, quedai-vos.

Qual em fino tapête ou verde relva,
 Firme, de pé, o rosto resplendente,
 Jesus caminha sôbre a lisa face
 Do lago adormecido. Ao vê-lo calmo,
 Meio vendado pelas brancas névoas,
 Dir-se-ia que as águas cristalinas
 Tinham-se congelado, ou braços d'anjos
 Invisíveis sustinham sôbre o abismo
 Seu puríssimo corpo. — As longas vestes
 Na fria superfície enxutas ²⁵⁹⁴ roçam,
 Nem um respingo molha-lhe as sandálias
 Que fundos frisos sôbre as águas deixam
 A cada movimento; auras suaves
 Agitam-lhe os cabelos mansamente
 E nas dobras do manto alegres brincam;
 Um meigo olhar, um cândido sorriso
 Animam-lhe o semblante gracioso.

VIII

— Se uma ilusão não és, exclama Pedro,
 Se não és um espectro vagabundo
 Que nos vem assombrar, senão o Mestre
 Que servimos e amamos, manda, ordena
 Que forte como estás sôbre estas águas
 Eu mova-me também, também caminhe
 E me acerque de ti! — Vem pois, eu quero, ²⁵⁹⁵
 Responde o Salvador, mas não duvides! —
 Pedro agarra-se à borda, inclina o corpo,
 Galga as tábuas delgadas, cauteloso
 Estende os pés, e achando firme poiso
 Desembaraça as mãos, e ei-lo contente,
 Sorprêso caminhando sôbre as ondas!....
 Mas, desgraça! Uma rápida lufada
 De subitâneo vento silva e passa,
 Atirando-lhe ao rosto a fria escuma
 Das águas agitadas; a lagoa, ²⁵⁹⁶
 Até então serena e transparente,
 Torna-se negra, encrespa-se, sacode
 Como um brinco infantil a frágil barca!
 Pedro pára, estremece, enruga a fronte,
 E tomado de horror, sente se abrirem
 Sob seus pés as vagas mugidoras,
 E quase a perecer grita: — Salvai-me!
 Senhor! Salvai-me que me afogo! — e estende
 Para Jesus os braços convulsivos.
 — Criatura sem fé! Por que duvidas? —
 Lhe diz o Salvador, — vem, não te assustes. —
 E trava-lhe a mão, põe-no a seu lado
 E de novo caminham sôbre as águas
 Até chegar à barca. — Oh na verdade
 E' o Filho de Deus!.. — Exclamam todos
 Que êste milagre viram; e aterrados,
 A voz do Salvador, erguem-se prontos,

Tomam dos remos, a lagoa fendem,
 E sôbre as ondas resvalando asinha
 Pouco tempo depois à ²⁵⁹⁷ praia abeiram.

IX

A vinda de Jesus alegre o povo
 E as gentes alvoroça. Pressurosos
 Correm a vê-lo aflitos e doentes
 Que a fama de seu nome alenta e move.
 Ninguém chora debalde, ninguém pede
 Seu auxílio debalde, ninguém segue
 Debalde os rastros de seus pés divinos,
 Ninguém aos lares volta sem consôlo!...
 Ora, entre o povo humilde que se ajunta
 Para ouvir as verdades do Evangelho
 Ou implorar do Mestre os benefícios,
 Os Fariseus e Saduceus avultam:
 Sempre invejosos, refalsados sempre,
 Tecendo enredos, invertendo os fatos,
 Buscam nos modos, nas ações, nas falas,
 Na vida do Senhor e em seus princípios,
 A sombra de uma ofensa à lei, ²⁵⁹⁸ aos usos,
 Ou às ordens cruéis de seus tiranos.
 — Mestre, fazei-nos ver algum milagre,
 Dizem dolosamente, — as turbas contam
 Que heis operado inúmeros prodígios,
 Nada porém sabemos, — atendei-nos, ²⁵⁹⁹
 Pois creremos em vós. — Não há cegueira
 Como a daqueles que rebeldes cerram
 As pálpebras à luz, responde o Mestre.
 Abri os olhos, contemplai o mundo
 E milagres vereis por tôda parte!
 Quando se esconde o sol, e o firmamento
 De rubra e viva côr brilha e fulgura,
 Convosco murmurais: — Calmo e sereno
 Será o dia de amanhã, pois rubro
 E formoso é o céu; mas, quando a aurora
 Descorada aparece no Oriente
 Entre nuvens vermelhas, porém tristes,
 Dizcis convosco: — Hoje haverá tormenta.
 Quê! Sabeis ler no céu, mas neste mundo
 Não decifrais dos tempos os mistérios!...
 Oh geração adúltera e perversa!
 Um milagre pedis em altas vozes,
 Mas só tereis de Jonas o milagre,
 Que três dias passou no frio ventre
 De monstro horrendo em tenebroso abismo,
 E à luz voltou de novo! — Assim falando
 Afasta-se o Senhor deixando-os pasmos.

X

Dos amigos fiéis acompanhado,
 Sequioso de paz e de sossêgo
 Para as santas doutrinas explicar-lhes,
 Busca Jesus os lúcidos retiros
 De Cesaréia de Filipe. O tempo
 Corre veloz, e o prazo necessário
 De seus dias na terra se restringe.
 Uma tarde, ao sol pôsto, refletindo
 Sôbre a cegueira e perversão dos homens,
 Volta-se aos companheiros e interroga:
 — O que se diz de mim por essas vilas
 E por essas cidades? O que pensa
 E fala o pobre povo a meu respeito?
 O que julgam aquêles que me cercam,
 E pedem meu auxílio, e atentos ouvem

Da Nova Lei as máximas fecundas?
 — Dizem uns que és Elias, lhe respondem,
 Outros que és o Batista, outros ainda
 Que és Jeremias, mas ninguém duvida
 Que tu sejas do Eterno um mensageiro. ²⁶⁰⁰
 — E tu, quem dizes que sou eu? — Pergunta
 A Pedro o Galileu. — Tu és o Cristo,
 O Filho de Deus vivo, — lhe responde
 O velho pescador no mesmo instante.
 — Oh! ²⁶⁰¹ bem-aventurado és tu, pois creste,
 Não no que o sangue revelou e a carne,
 Senão meu Pai que está no céu, exclama
 Comovido Jesus, — e pois te digo
 Que — tu és Pedro e que serás a pedra
 Sôbre a qual fundarei a minha Igreja,
 E nunca poderão do inferno as portas
 Prevaler contra ela! — Ouve, não tremas:
 Do eterno reino te darei as chaves,
 E tudo o que ligares sôbre a terra
 Será no céu ligado, e tudo aquilo
 Que sôbre a terra desligado houveres
 Desligado será no céu. — Por ora
 Cumpre sôbre o que ouvis guardar silêncio:
 Os dias do martírio se aproximam,
 Vai rebentar o temporal da ira
 Sôbre o Filho do Homem! Perseguido,
 Prêso, julgado, condenado à morte,
 Aos verdugos entregue, o extremo alento
 Soltará nas angústias do suplício!
 Mas, ao terceiro dia, triunfante,
 Quebrando a dura lousa do sepulcro,
 Ressurgirá dos mortos. Necessário
 E' que a vontade eterna se execute.

X I

Depois destas proféticas palavras,
 Caminha o Salvador, anunciando,
 Pelas casas dos pobres e infelizes,
 O reino do Senhor e a lei divina.
 — Eis o homem de Deus, — eis o profeta,
 Os Fariseus murmuram, eis o santo!
 Censura os vícios, repreende os grandes,
 E se aquece ao fogão dos publicanos,
 Dos pecadores se recosta à mesa! —
 Jesus deixa-os falar, depois responde:
 — Quem possui cem ovelhas, mas um dia
 Sabendo que uma corre desgarrada
 Nas grandes solidões, não deixa as outras
 E voa a procurá-la? E quando a encontra
 Não põe-na aos ombros, e não volta alegre,
 E não folga, dizendo a seus vizinhos:
 Julguei perdida minha pobre ovelha,
 Perlustrei o deserto, pressuroso,
 E topei-a por fim, ei-la em meus braços!.....
 Oh! ²⁶⁰² maiores serão do céu as festas
 Por um só pecador arrependido
 Que volte à santa grei, do que por justos
 Noventa e nove que ditosos vivem!
 Ouvi-me ainda, o Salvador prossegue:
 Tinha dois filhos um varão preclaro,
 O mais jovem dos dois, gênio versátil,
 Louca imaginação, enfeitada ²⁶⁰³
 Pelas glórias do mundo e seus deleites,
 Chega-se ao nobre pai e assim lhe fala:
 — Dá-me a parte dos bens que me compete,
 Moço e robusto, rico de esperanças,
 Quero trilhar da vida os mil caminhos,

Sondar todos os mares da fortuna. —
 Tristonho e pesaroso o pai os chama
 E com êles reparte os seus haveres.
 O mais velho tranqüilo permanece
 No bendito solar de seus maiores:
 O mais novo, porém, ave inconstante,
 Bate as asas, volteia, o ninho deixa
 E voa pelo mundo. — Os anos passam,
 Passam da mocidade os vagos sonhos,
 E o mancebo infeliz de êrro em êrro,
 De vício em vício tropeçando, rola, ²⁶⁰⁴
 E cai no lodaçal medonho e fundo
 Da mais feia miséria! Os sócios torpes,
 Os parceiros de orgias e banquetes,
 Vendo estancada a fonte dos prazeres,
 Voltam-lhe as costas, cautelosos fogem,
 Evitam encontrá-lo, arreando
 Pedidos importunos. A tristeza,
 A nudez e a fome o pobre cercam!...
 Cansado de esperar melhor destino,
 Suplica a proteção de rico herdeiro
 Que a distante casal o manda, e entrega
 De imundos porcos o cuidado e a guarda,
 Ora, ²⁶⁰⁵ pesando as coisas, refletindo
 Sôbre o mísero estado em que se achava,
 Exclama suspirando o desgraçado:
 — Quantos criados, quantos jornaleiros
 Na casa de meu pai vivem à farta,
 E aqui pereço à míngua! Irei, contrito, ²⁶⁰⁶
 Prosternar-me a seus pés; direi chorando:
 Oh meu pai! Oh meu pai! Pequei, bem vejo,
 Contra Deus, contra ti! Já não mereço
 De filho o doce nome..... não me afastes
 De teus olhos, ²⁶⁰⁷ senhor, muito hei sofrido.
 Dá-me um pobre lugar entre os teus servos,
 Ou entre os jornaleiros dá-me emprêgo!...
 Firme neste propósito, caminha,
 Caminha resoluto e o pai procura.
 — Quê!.. Tu voltas a mim? Oh sê bem-vindo!
 Diz o nobre ancião, e alegre corre,
 Estreita o filho nos amigos braços,
 Beija-lhe a fronte e lágrimas derrama
 De júbilo e prazer. — Vinde, meus servos!
 Vinde depressa! — Ordena alvoroçado,
 — Tirai-lhe êstes andrajos e vesti-lhe
 Os mais belos vestidos que encontrardes!
 Lavai-lhe os pés molestos, e calçai-lhes ²⁶⁰⁸
 Macios borzeguins, — ponde em seu dedo
 Um precioso anel enriquecido
 Do mais fino lavor!... — Ide, vós outros,
 Escolhei, ²⁶⁰⁹ dentre o gado, o mais formoso,
 O mais nédio novilho que retoija
 Por êsses vastos campos, e matai-o,
 Trazei-o sem demora! O dia de hoje
 Será dia de folga e regozijo:
 Era morto meu filho, e ei-lo que volta
 Redivivo a meus braços! Longas noites,
 Longas noites chorei crendo-o perdido,
 E Deus mo restitui! Vamos, folguemos!
 E corramos um véu sôbre o passado!...
 Ao descair da tarde, o irmão mais velho, ²⁶¹⁰
 Voltando do trabalho, os brindes ouve,
 Ouve os cantos alegres, vê festivas
 A casa e as dependências. — Porventura
 Sonho, ou desperto ²⁶¹¹ estou? sorpreso exclama,
 E pára, chama um servo, a causa indaga
 Dessas doces canções, dêsses folguedos.
 — Pois não sabeis? Correi! — lhe diz o servo,

E' vindo vosso irmão que longe andava,
 E vosso pai festeja-lhe a chegada. —
 Ouvindo esta notícia, abaixa o moço
 A cabeça e suspira; tristemente
 Volta sôbre seus passos. — Entretanto
 O pai desce a buscá-lo, e roga, e pede
 Que o acompanhe à mesa do banquete.
 Ele porém responde: — Há tantos anos
 Que zeloso e fiel vos sirvo e ajudo,
 Nunca me destes um cabrito, ao menos,
 Que eu pudesse ofertar a meus amigos!...
 Mas depois de uma vida vergonhosa,
 Nodoado de vícios, miserável,
 Vem meu irmão e o recebeis contente,
 Matais, para o brindar, o mais nutrido,
 O mais belo novilho destes campos!...
 Que prêmio pois mereço, eu que trabalho,
 E nunca me afastei do bom caminho?
 Mas o pai lhe respondeu: — Em minha casa
 Sempre viveste, e satisfeito vives,
 Tudo o que tenho é teu, e nossos servos
 Entre nós ambos distinção não fazem;
 O que mandas eu mando: o que desejas
 Desejo que se cumpra. — O que te falta
 Que também não me falte? O que te sobra
 Que também não me sobre? Dize, filho!
 Mas teu irmão por morto eu reputava!
 O Senhor o guardou e no-lo envia,
 Folgemos pois, nossa alegria é justa.

XII

Continua Jesus propondo ainda
 Mais algumas parábolas singelas
 Que resumem a lúcida doutrina,
 Simples, mas palpitantes de verdade.
 Os contrários vencidos emudecem.
 Ora, entre o povo imenso que se ajunta
 Ao redor do Senhor, trazem os pobres
 Os graciosos, inocentes filhos
 Para que vejam seu divino rosto,
 Para que aprendam seus preceitos santos,
 Para que toquem seus vestidos. — Basta, ²⁶¹²
 Se quereis ser felizes, bons e sábios, ²⁶¹³
 Que lhe beijeis do manto a escura fímbria, ²⁶¹⁴
 Dizem as mães às lindas criaturas.

XIII

Qual formoso rebanho derramado
 Em denso matagal, procura unir-se,
 E surde aqui, ali, entre as folhagens,
 E de novo se perde, assim loirejam
 De quando em quando entre as cerradas turbas ²⁶¹⁵
 As airosas cabeças, incansáveis,
 Daquela grei de anjinhos ²⁶¹⁶ curiosos.
 — Que vêm ²⁶¹⁷ aqui fazer parvos infantes
 Senão interromper a voz do Mestre,
 Ou estorvar o povo? Porventura
 Em brincos pueris nos entretemos?
 Dizem do Salvador os companheiros
 Afastando as crianças. — Não! exclama
 Vivamente Jesus, deixai que venham,
 Que se acerquem de mim as criancinhas!

Não lhes embarceis jamais os passos,
 Pois o reino dos anjos lhes pertence!
 Então um rico Hebreu se aproximando
 Pergunta-lhe solícito: — Bom Mestre,
 O que devo fazer sôbre este mundo
 Para alcançar ²⁶¹⁸ a salvação e a glória?
 — Só Deus é bom, e sábio, e justo, e grande!
 Responde-lhe Jesus. — Porque me louvas,
 E me chamas de bom? — Dize-me, acaso
 Desconheces os Santos mandamentos:
 Não mates, nem cometas adultério,
 Não calunies teu irmão, nem furtos,
 Preza e honra teus pais, e sobretudo
 Ama teu Deus, — teu Criador venera?
 — Senhor, desde a mais tenra mocidade,
 Prosegue o rico Hebreu, tenho guardado
 Estes sacros preceitos. — Oh! ²⁶¹⁹ não basta!
 Continua Jesus, falta-te ainda, ²⁶²⁰
 Para seres melhor, alguma coisa.
 Vende quanto possuis, dá seu produto
 Aos pobres, teus irmãos; deixa teus lares;
 Lança mão de um bordão e me acompanha. —
 Isto escutando, o Hebreu ²⁶²¹ torna-se triste,
 Que era senhor de cabedais imensos.
 — Quanto é custoso! o Salvador pondera,
 Quanto é difícil conquistar-se a posse
 Das delícias do céu, quando a riqueza
 Fascina a vista e o coração cativa!
 Mais ampla entrada um dromedário achara
 De fina agulha pelo estreito fundo
 Que no reino dos céus um homem rico!...
 — Quem poderá salvar-se, então? — perguntam
 Alguns dos circunstantes. — Pobres cegos!
 Exclama o Salvador, — pensais acaso
 Que para o Deus Eterno haja impossíveis?...
 Depois disto, o Senhor chama de parte
 Os doze companheiros, longo tempo
 Sôbre a missão divina os aconselha,
 E abandonam de novo aquêles sítios.

XIV

As formosas parábolas unguidas
 Da mais suave e doce poesia,
 Os singelos painéis, onde ²⁶²² a verdade,
 Simples como a expressão da natureza,
 Os mais rudes espíritos cativa,
 A linguagem concisa, porém bela
 Do Divino Pastor, melhor ensinam
 Do que das Sinagogas orgulhosas
 As extensas lições ²⁶²³ e os vãos discursos.
 — Ouvi, diz o Senhor ao povo amigo
 Que por tôdas as partes o acompanha: ²⁶²⁴
 — Havia um homem poderoso e grande,
 Grande no vício, e grande na opulência.
 Vestia-se de púrpura e de sêda,
 De brilhantes e pérolas se ornava.
 Em seu vasto palácio, dia e noite,
 Rodeado de torpes lisonjeiros
 Folgava descuidoso. Em seus banquetes
 Fortunas despendia, ²⁶²⁵ e mais felizes
 Que muitos filhos de Abraão, viviam
 Seus mastins e lebréus, cheios e fartos
 De manjares custosos e esquisitos.
 Também havia um sórdido mendigo
 Que Lázaro chamava-se, e coberto
 De pústulas e chagas, suspirava
 Faniinto e esfarrapado sôbre as lájeas

Da porta do palácio do opulento;
 De dia, enxames de nojentas môscas
 O descanso vedavam-lhe, de noite
 Vinham lambe-lhe as úlceras doridas
 Os vagabundos cães das vizinhanças....
 Ora, o pobre morreu, e do infinito
 As falanges angélicas desceram
 E o levaram nos braços. O opulento
 Morreu, morreu também, mas dos infernos
 As legiões de Satanás surgiram
 E arrastaram-no às chamas. — Dos abismos
 Ergueu olhos febris, e viu, tranqüilo
 No seio de Abraão, ²⁶²⁶ Lázaro o pobre.
 — Abraão! Abraão! grita ansioso,
 Dize ao ditoso Lázaro que molhe
 A ponta de seu dedo em água pura
 E me refresque a língua incendiada:
 O fogo eterno abrasa-me as entranhas!....
 Abraão lhe responde: — Sôbre a terra
 Viveste na abundância e o pobre Lázaro
 Só conheceu desgraças e martírios!
 Goza por isso agora, e tu padeces.
 — Abraão!... Abraão!.. Brada o precito.
 — Uma ponte infinita nos separa,
 Diz o Santo Abraão, — nós não podemos
 Passar, e dar-te a mão. A eternidade
 Assentou-se entre nós. Assim quiseste! —
 Calou-se o Salvador, a passos lentos,
 Caminha, dos Apóstolos seguido, ²⁶²⁷
 E vai a Jericó, velha cidade,
 Cujos pesados bastiões ²⁶²⁸ outrora
 Caíram com estrondo, ao som da tuba
 Do Arcanjo vingador, nos belos tempos
 Quando inda Jeová sagrava as hostes
 E depunha nas mãos de seus guerreiros
 O gládio flamejante da vitória.
 Chega Jesus, e o povo se atropela,
 Ajunta-se e, o rodeia. A uns incita
 A vã curiosidade; a outros guiam
 A esperança e a fé. Um publicano
 A quem chamam Zaqueu, homem de posses,
 Mas de estatura pequenina, e frágil,
 Não podendo de perto olhar o Cristo,
 Qual travêssa criança aos galhos sobe
 De um alto sicômoro, e dentre as fôlhas
 Espreita cuidadoso.... Num relance
 O Salvador o vê. — Zaqueu, — lhe fala,
 Desce e vem ter comigo, muito importa
 Que na tua morada hoje eu pernoite. —
 Apressa-se Zaqueu, desce, e contente
 Guia o Senhor à casa hospitaleira.
 Novas murmurações, novas censuras
 Partem dos Fariseus e dos Escribas,
 Vendo Jesus seguir um publicano
 E albergar-se debaixo de seu teto.
 Zaqueu diz ao chegar: — Quero ²⁶²⁹ metade
 Dar, Senhor, de meus bens aos infelizes,
 E quatro vêzes mais darei, se acaso
 Meu próximo lesei em seus negócios.
 — Hoje, exclama Jesus, em teu asilo
 Entrou a salvação! Sôbre teus lares
 Do Eterno Padre as bênçãos se espalharam!
 O seio de Abraão pulsou de júbilo,
 Pois o Filho do Homem veio ao mundo
 Buscar o que nas sombras vacilava,
 E salvar o que havia perecido!...

X V

.....
 A luz acorda o mundo. A natureza
 De seu berço levanta-se formosa
 E saúda o Senhor. Sôbre as montanhas,
 Nas grimpas do arvoredado, e sôbre as ondas,
 O glorioso príncipe dos astros
 Feliz esparze ²⁶³⁰ as dádivas primeiras.
 Perdem-se ao longe nas viçosas matas,
 Nos altos dos oiteiros e nos vales
 As turmas dos conversos. Triste, mudo,
 O Apóstolo das Selvas se levanta
 Do escuro tronco onde passara a noite,
 E se recolhe à sossegada ermida.

CANTO VI

E rasgai os vossos corações, e não os vossos vestidos, e
 convertei-vos ao Senhor vosso Deus...

Joel II, 13.

I

O rúbido clarão do sol no ocaso
 Doira da serrania as eminências
 E as grimpas da floresta, e já formosa
 Embora descorada se equilibra
 No firmamento a lua. — Que successo
 Lutuoso e sinistro a mente ocupa
 E incita a diligência, a atividade
 Dos pobres sertanejos? — Que trabalhos
 São êsses que executam, pressurosos,
 Junto do eremitério, — sôbre as gandrás
 E lezírias vizinhas? — Porventura
 Novos perigos e aflições aguardam?
 Longe, porém, nas úmidas campinas
 Avultam, mudas, sôbre o chão revôlto
 As cruces sepulcrais, — na terra fria
 Estendem-se os perímetros incertos
 De funerárias covas, — sôbre a relva,
 Sôbre os torcidos galhos dos arbustos
 Negrejam pastas de coalhado sangue;
 E além, junto do rio, — o triste povo
 Chora os filhos e irmãos sacrificados,
 Enquanto reza o apóstolo dos ermos
 As preces por finados. Vai-se a tarde,
 O céu desmaia, as aves emudecem,
 E os fiéis se reúnem lentamente
 Junto do templo humilde do deserto.

II

Medonha fôra a noite que passara!
 Medonho fôra o dia! — Infensas turbas
 De feros inimigos do Evangelho,
 Rudes cabildas de remotas brenhas,
 As veredas cercaram das planícies
 Onde soem passar os malfadados
 Para ouvirem as prédicas do sábio,
 E uma luta travaram sanguinosa,
 Desleal e covarde! — Sôbre o campo
 Muitos ficaram, bravos combatentes;
 Muitos também caíram, cujos pulsos
 Não podiam vibrar ligeira flecha
 Nem suster um carcás: débeis crianças

Que das míseras mães o doce nome
Balbuciavam tímidas ainda!
Velhos inermes, — trêmulos enfermos, ²⁶³¹
Que os prudentes conselhos do profeta
As dores e os pesares mitigavam!
Depois dêste nefário morticínio
Se espalharam, rugindo, pelas matas,
Sequiosos de sangue, — ébrios de raiva!
Cruenta provação! — Fortes, embora,
Proibia a vingança a lei sagrada
Aos que da Cruz o lábaro seguiam,
Era a defesa o único partido
Que cumpria tomar: para a defesa
Preparavam-se pois infatigáveis
Se outras afrontas e agressões tentassem
As hordas dos demônios vagabundos.
O estoicismo do Mestre assombra as tribos!
Nenhum guerreiro contemplara a morte
Tão sereno, tão firme, e tão seguro
Como o homem da paz. — Quem recuara
Quando dêle partia o nobre exemplo?
Porém, reina o silêncio entre os conversos,
As fogueiras flamejam derramando
Na espessura das silvas odorosas
Vacilantes clarões, — O missionário
Levanta a voz suave e assim se exprime:
Deixemos repousar os lidadores,
Os heróis que morreram defendendo
A verdade e a fé: bravos cumpriram
O dever de Cristãos e de guerreiros.
Destemidos como êles, neste solo
Onde o sangue verteram, descansemos
Confiantes no Deus das almas puras.
Fiquem de parte as clavas formidáveis,
Os finos dardos, — a cruel vingança,
O ódio que prepara ervadas flechas,
E olhos fitos na estrêla fulgurante
Que outrora protegia os velhos magos,
Prossigamos de Cristo a santa história.

III

Ora, depois dos fatos mencionados
No último serão, — fatos sublimes
Que eternos viverão no pensamento
Das gerações remidas no Batismo,
Perseguido o Senhor pelos tiranos
Retira-se a Betânia, aldeia humilde,
Onde Marta e Maria aflitas choram
Junto do pobre irmão, Lázaro, enfermo ²⁶³²
Do mal terrível que tomou seu nome.
Sabendo que Jesus próximo estava
Mandam logo avisar-lhe as infelizes:
— Teu amigo perece, vem salvá-lo! —
Amava o Cristo o cândido mancebo,
Sócio de infância, ingênuo companheiro
De seus belos serões da mocidade;
Se, Mestre, havia eleito outros discípulos
Para a grande missão, — nos seios d'alma
A lembrança de Lázaro guardava
Como um favo de mel, como um perfume,
Ou como um talismã que o viandante
Guarda zeloso em ásperos desertos.
Não se abalou contudo à triste nova!
Dois dias descansou no mesmo sítio,
De alheios casos se ocupou tranqüilo,
E por fim resolveu: — Bastante tempo
Nestes almos retiros divagamos,

Voltemos à Judéia. — Então sorprêso
Ponderou Simão Pedro: — Vêde, ²⁶³³ Mestre,
Os Judeus contra vós se declararam!
Que pretendeis fazer? — Não tem o dia
Doze horas, dizei? — Quem anda à noite
Pela falta de luz não anda às cegas?
E quem anda de dia? Oh! não se perde, ²⁶³⁴
Que sol brilhante aclara-lhe o caminho! —
Mas depois destas místicas palavras,
Qual um fraco romeiro deslembado, ²⁶³⁵
A quem súbito acode o pensamento,
E a consciência do dever acorda
A memória infiel, diz em voz alta:
— Lázaro dorme!... — Se êle dorme vive,
Se êle vive não sofre!.. — atalha Pedro.
— Expressão pueril de um gênio simples!
Exclama o Salvador, — nem sempre o sono
A vida revelou: — Lázaro é morto!
Quis a fé conhecer que vos anima,
Deixei que sucumbisse; agora vamos,
Vereis de perto a lúcida verdade. —
— Vamos, Tomé, murmura, vamos todos,
E nós todos com êle morreremos! —
Ver para crer! — Estólido provérbio!
Depois, ²⁶³⁶ seguindo o soberano Mestre,
O caminho tomaram de Betânia.

IV

E chegaram enfim, tarde, ²⁶³⁷ bem tarde!
Já quatro vèzes expelira o dia
Os lêmures da noite, e quatro vèzes
A noite pavorosa desfraldara
O pavilhão de sombras pelo espaço!
Já quatro vèzes sob o olhar de fogo,
Implacável olhar que tudo alcança ²⁶³⁸
Do árbitro da luz, sôbre si mesma
Hidra cativa se volvera a terra,
Procurando romper o circo imenso
Das doze colossais brônzeas muralhas!
E Lázaro dormia, e não sonhava
Em seu leito de pedra, hórrido leito
Onde os vermes sòmente não repoisam!...
Quando, deixando o corpo, a alma divina
Libra-se logo aos pés do Onipotente
Laureada de esplêndidas virtudes,
Brilhante de inocência, — a morte é bela!
Na face da matéria inanimada
Ficam ainda plácidos vestígios
Daquela que passou. — E' belo sempre
O cadáver do justo. — Embora ²⁶³⁹ triste,
Um — quê — de inteligente, um — quê — de nobre
Guarda estampado nas feições serenas
Onde o artista e o sábio acham mistérios
Que a vida desconhece. O estatuário
Na brancura dos túmulos se inspira.
Mas, a dissolução tardia e lenta,
A agonia terrífica das formas,
A podridão das carnes, a mudança
De um corpo gracioso em feio monstro;
De monstro em massa informe, escuro acervo
De rôtas fibras, líquidos impuros,
Enovelados pêlos, frias bôlhas,
E sôbre tudo, ²⁶⁴⁰ oh Deus! e sôbre tudo
Êsse mundo de vermes asquerosos
Cevando-se de sânie e de imundícia,
Miséria! A morte então desperta o nojo,
Molesta o coração, derrama o tédio

Que aniquila a vontade e o pensamento
 No espírito assombrado!... Oh! porventura
 Serás uma ilusão, serás um sonho,
 Fluido impalpável, — sôpro fugitivo,
 Alma, celeste luz!... Musa, silêncio!
 Já quatro dias decorrido haviam
 Que Lázaro cerrara os olhos baços
 Quando Jesus chegou. Cheia inda estava
 A pobre habitação fechada e muda
 De lembranças do morto: o frio leito
 Inda guardava as formas de seu corpo,
 Inda tingia as velhas coberturas
 O sangue dos tumores lacerados,
 As sandálias no chão, no canto as roupas,
 O nodoso bordão e os utensílios
 Do trabalho usual no mesmo banco
 Onde os deixara à noite derradeira,
 Tudo falava do infeliz mancebo!

V

Como o clarão de solitária estrêla
 Entre os feios bulhões da tempestade
 Consola os transviados navegantes
 Na vastidão dos mares ominosos,
 O doce aspecto do divino Mestre
 Reanimou as descaídas fronte
 Das lacrimosas, pálidas mulheres.
 — Ah! se aqui fôras, ²⁶⁴¹ dizem suspirando, ²⁶⁴²
 Não fenecera nosso irmão tão cedo,
 Teu amigo, Senhor! Mas tudo podes,
 O que a teu Pai pedires será feito! —
 — Não vos entristeçais, — responde o Cristo,
 Ele há de ressurgir. — No fim dos tempos,
 No dia horrendo do juízo eterno,
 Meu Deus, eu bem o sei! — Maria exclama.
 — Sou a ressurreição, a excelsa glória,
 Prossegue o Salvador, — fonte da vida,
 Quem ouve minha voz, sepulto, embora,
 Triünfará da Morte; o que respira,
 E sente, e pensa, e crê, durma tranqüilo,
 Jamais perecerá! Onde puseste ²⁶⁴³
 O frio corpo dêsse pobre amigo? —
 — Vem, e verás, — responde a ingénua Marta.
 Depois, ²⁶⁴⁴ chamando a irmã, ²⁶⁴⁵ silenciosa
 Guia o Senhor ao túmulo de Lázaro, ²⁶⁴⁶
 Negro jazigo entre rochedos fundos.

VI

Nas nuvens inflamadas do Ocidente
 Mergulhava-se o sol, — quente era a terra,
 E os píncaros dos montes escabrosos,
 E as grimpas dos salgueiros e ciprestes ²⁶⁴⁷
 Ao purpúreo clarão do céu do estio
 Pareciam de sangue borrifados.
 Um longínquo ²⁶⁴⁸ trovão, rouco, sinistro,
 Tredo como o bramir das grandes onças
 Nas amplas furnas de fragosas serras,
 Soava nas extremas do horizonte.
 Nem uma leve aragem pelos campos!
 Nem o piar de um pássaro nas frondes
 Dos bastos olivais! Nem o balido
 De uma ovelha medrosa nos oiteiros!...
 Então Marta parou, mostrando a gruta
 Onde jazia o irmão: — Eis o sepulcro,
 Senhor, de vosso amigo! — Ardente pranto
 Corria-lhe dos olhos; — arredada,
 Maria soluçava entre os arbustos.

Bem no fundo da lapa cavernosa,
 Frio abrigo das aves agoureiras,
 Avultava entre lúgubres rochedos
 O túmulo de Lázaro. Na sombra,
 Como um gênio cativo, murmurava
 Oculto veio d'água; sôbre a loisa
 Cruzava-se agitando as asas froixas
 Um turbilhão de estriges e morcegos,
 Híbridos filhos dos trevosos antros.
 De lado a lado esverdeadas penhas,
 Broncos pedaços de granito escuro,
 Alongavam-se, rudes, como os dorsos
 De feios crocodilos que guardassem
 Furna de pavorosos malefícios.

VII

Porém, a vasta cúpula celeste,
 Momentos antes, abrasada forja,
 De pesada caligem se cobria;
 Rijas lufadas dos ²⁶⁴⁹ raivosos ventos
 Sibilavam das bandas do Mar Morto,
 Despindo os arvoredos seculares,
 Nuvens de areia erguendo pelo espaço.
 Deteve-se Jesus, —olveu os olhos
 Para a grosseira pedra que encerrava
 Quem tanto amara neste ingrato mundo,
 Abaixou suspirando a fronte augusta,
 Inclinou-se e chorou. — Surpreendidos,
 Viram correr seus fátuos companheiros
 No belo rosto as lágrimas divinas,
 Pérolas do sacrário da amizade,
 Que, ²⁶⁵⁰ no reino dos céus, fúlgidas brilham
 Na coroa imortal do pobre Lázaro!
 Quem, Anjo, ou Santo, mereceu tal prêmio?
 Vós, que passais alegres sôbre a terra,
 Diletos da fortuna, e inebriados
 Pelos fumos do incenso da lisonja,
 Ou pelos brilhos de falazes glórias,
 Não guardastes, ²⁶⁵¹ no cofre dos afetos,
 Uma pálida rosa, um triste goivo,
 Uma lembrança fugitiva ao menos
 De tão feliz, tão puro sentimento, —
 Desconheceis, vaidosos, a doçura,
 E o valor dessas lágrimas sublimes!...
 — Vêde, quanto o prezava o grande Mestre! —
 O povo murmurou. — Erguei a loisa!
 Erguei a loisa que seus restos cobre! —
 Ordena o Salvador aos circunstantes,
 Numerosos então, — erguei-a, eu mando! —
 — Senhor!.. Já quatro dias decorreram
 Depois que faleceu, — fétido cheiro,
 Cheiro de podridão exala o corpo,
 Talvez coberto de asquerosos vermes!
 Deixa que se consuma! — Disse Marta.
 — Não duvides, mulher, a fé sincera
 Abre do céu as portas luminosas!
 Eia, vós outros, levantai a lousa! —
 Com soberano gesto ordena o Mestre.
 Num volver d'olhos a pesada pedra, ²⁶⁵²
 Rangendo sôbre as bordas do sepulcro,
 Descia ao chão da gruta funerária,
 E à luz vermelha de fumoso archote
 Que Maria acendera, muda, horrenda
 Como a garganta de tartáreo monstro,
 Cheia de sangue e de polutas carnes
 Mostrou a tumba escancaradas fauces!...
 A seu eterno Paiolveu-se o Cristo

Nesse instante solene: — Padre, Padre,
 Por me haveres ouvido eu te dou graças! —
 Depois, erguendo a mão sôbre o sepulcro,
 Essa mão invencível que aplacava
 As convulsões do mar, do céu as iras,
 Resoluto bradou: — Ergue-te, ²⁶⁵³ Lázaro! —
 Abalaram-se os rígidos penedos
 Com terrível fragor! O chão lodoso
 Talvez movido por secreta chama
 Tremendo se fendeu! Correu nos ares
 Uma listra de fogo, e à luz sulfúrea, ²⁶⁵⁴
 Que rápida aclarou a funda gruta,
 Viu a gente mover-se o branco espectro
 Do desgraçado moço de Betânia,
 Firmar as mãos nas bordas da jazida,
 Sacudir o sudário, abrir os olhos,
 E entrar de novo na mansão dos vivos!...
 Como negar a esplêndida verdade?
 Rejeitar o prodígio? O povo humilde
 Sentiu passar o hálito do Eterno
 Por aquêles rochedos, — prosternou-se
 Aos pés do Deus que os mortos animava,
 Bendisse o Cristo, a aurora do Evangelho!

VIII

Mas, a inveja roaz, o ódio cego,
 Verdadeiros demônios, rebramaram
 Nos corações dos fariseus protervos;
 Todo o veneno da tartárea estância ²⁶⁵⁵
 Verteu Satã nas veias dos escribas,
 E no seio dos ímpios sacerdotes.
 — Em que pensamos nós? — dizem raivosos.
 Que deixamos em paz o Nazareno ²⁶⁵⁶
 Pregar doutrinas, ²⁶⁵⁷ operar milagres,
 E seduzir a plebe inconsciente?
 O que é feito de nossa autoridade?
 Onde está nossa fôrça? Porventura,
 Seguindo a multidão que nos despreza,
 Iremos nós também beijar as plantas
 Do filho do mesquinho carpinteiro? —
 Então falou Caifás, hebreu soberbo,
 Pontífice arrogante, ergue-se e disse:
 — Nada entendeis. Obrais como insensatos.
 Desconheceis as práticas dos sábios.
 Não refletis que a salvação do povo
 De sangrenta lição depende apenas?
 Que é necessário que pereça um homem?
 Que a nação abalada não sucumba?
 Que o tempo pede sangue, e a lei decreta
 Que neste caso se derrame sangue? —
 Disse.... e no pensamento de seus sócios
 A morte do Senhor foi resolvida!
 Tinha profetizado um dos algozes!
 Cumpria que sofresse o grande Mestre!
 Que esgotasse de um trago a taça negra
 Dos terrestres martírios! — Que gemesse
 Ao pêso imenso da maldade humana!
 Que beijasse, ferido, as duras pedras
 Daqule escuro chão, — não pelo povo
 Ingrato de Israel, mas pelo mundo,
 Pelo porvir das gerações cativas!
 Pelo triunfo eterno da verdade!.....
 Na região do infindo desespero
 Satanás exultou. Ao feio riso,
 Porém, daqueles lábios requeimados
 Sucederam esgares pavorosos!

Nas hórridas cavernas ressoaram
 Furibundos mugidos. — Oh! miséria!
 Bradou se retorcendo ébrio de raiva!
 — Miséria!.. — nas angústias do suplício
 O Cristo morrerá. Porém que importa
 Se perdoa, expirando, ²⁶⁵⁸ a seus verdugos!
 Se lava com seu sangue os crimes todos
 E os perversos arranca-me das garras!
 Se desce a meus domínios triüfante
 Trazendo a luz, talvez, e almo confôrto
 Onde jamais sorrira uma esperança!
 Miséria! — E debatia-se convulso
 No circo abrasador das próprias chamas.

IX

Jesus, porém, prevendo o fero intento
 Dos pérfidos ministros, retirou-se
 Para as bandas de Efrém, pobre cidade
 Isolada no meio dos desertos.
 Não temia o furor dos inimigos,
 Não fugia medroso, antes tranqüilo
 Esperava seu fim. — Próxima estava
 Da Páscoa a grande festa: os sacerdotes, ²⁶⁵⁹
 Escribas e doutôres, agastados
 Pela ausência da vítima inocente,
 Encheram de espiões os arrabaldes, ²⁶⁶⁰
 E prometeram pingues recompensas
 A quem seu novo asilo descobrisse.
 Seis dias, entretanto, antes da Páscoa,
 Volvendo Cristo aos ares de Betânia,
 Entrou na casa de Simão — leproso,
 Onde à noite ceou. Lázaro estava
 Nesse tempo a seu lado, e a irmã querida,
 Marta, os servia na modesta mesa.
 Discorria o Senhor sôbre o futuro,
 Sôbre o reino dos céus, — a glória eterna,
 A beleza inefável da virtude,
 O brilho imaculado da inocência,
 Quando, trazendo um vaso de alabastro
 Cheio de essências finas, preciosas,
 Chegou Maria, e, palpitante, ²⁶⁶¹ ungiu-lhe
 A fronte sacrossanta. — Desperdício!
 Esbanjamento inútil! — grita Judas.
 Não podias vender êsses perfumes
 Dos pobres em favor? Oh! certamente
 São trezentos dinheiros que perdemos! —
 Era duro, mesquinho, interesseiro,
 O taciturno hebreu; trazia a bolsa
 Da humilde companhia, e mais prezava
 Que a própria, inútil vida, êsse pecúlio
 Que de todos provinha, era de todos.
 — Judas, porque censuras e molestas
 Esta ingênua mulher! O Mestre exclama;
 O que ela fêz seu coração revela:
 Mostrou-se boa e crente. Neste mundo
 Sempre tereis os pobres e infelizes,
 Quanto a mim — leve sombra de tristeza
 Nublou os olhos límpidos do Cristo,
 Que prosseguiu depois baixando o rosto:
 — Oh! ela ungiu meu corpo antes que desça
 À fria sepultura, e vos afirmo:
 Em tôdas as nações, em tôda parte
 Onde se repetir êste Evangelho, ²⁶⁶²
 Seu belo proceder será louvado! —
 Como soía, se afastou da mesa
 Buscando um êrmo sítio, onde sòzinho
 Pudesse meditar. Era alta noite.....

X

Era alta noite e os pobres campesinos,
E os mendigos da aldeia se apinhavam
Da casa de Simão no estreito pátio.
Muitos doutôres, fariseus e escribas
Vindos dos arredores, curiosos
Se acercaram de Lázaro, e aterrados
Murmuravam baixinho: — Ei-lo! seu rosto
Conserva ainda a lividez das tumbas!
Ei-lo, ressuscitou! — E' seu fantasma, —
Diziam outros, apalpai-lhe as vestes,
Tocai o frio corpo, e tênue fumo,
Ou branca névoa de invernos aurora
Se desfará depressa. — Mais afoito
Adianta-se e brada um velho escriba:
— Lázaro, donde vens? Donde saístes?
Pelo Deus que adoramos te conjuro,
Deixa o mistério que te envolve, fala! —
Houve um momento de mortal silêncio,
Ninguém ousava se mover, o mêdo
Tolhia o respirar aos assistentes.
Então, ²⁶⁶³ qual muda estátua a cujos membros
Por milagre do céu descesse a vida,
Voltou Lázaro o rosto descarnado
Onde em cheio bateu a luz formosa
De azinhavrado, ²⁶⁶⁴ antigo candeciro.

X I

Porque me obrigas tu, velho insensato, ²⁶⁶⁵
A revelar mistérios de além-mundo?
Disse fitando amortecidos olhos
Sôbre o ousado Judeu. — Me interrogaste
Em nome do Senhor, — cala-te e escuta:
Eu jazia prostrado e sem confôrto
No leito da doença, e como a chama
Vacilante de um círio que se extingue
No silêncio da noite, pouco e pouco
Fugia-me da vida o froixo lume.
No céu crepuscular, — no céu dos mortos, —
Eu via ao longe, turvas, indecisas,
Perderem-se do mundo as ribanceiras
Como ilusões brumosas do deserto.....
Sumira-se o passado; instável gôta
Pendida à borda de profundo abismo,
Quase a cair, librava-se o presente;
F além, no seio horrendo do infinito,
Avistava o futuro, — horrenda porta
Coberta de decretos insondáveis,
Negra, e sempre fechada!... Áspero inverno
Vertera o gêlo dos polares climas
Em minhas veias túmidas.... As horas
No quadrante do tempo se apagavam.....
Como o cedro gigante das montanhas
Range, estorce-se, estala, oscila e tomba,
Senti dentro em mim mesmo alguma coisa
Fstalar e cair!... — Alva sublime
Às trevas sucedeu do passamento:
Achei-me leve, cândido, impalpável
Como o éter sutil que me cercava!
E dessas regiões da eternidade,
Vi num canto da terra, inerte, mudo, ²⁶⁶⁶
O que fôra meu corpo: imundo andrajo
Esquecido num antro de misérias!.....
Busquei debalde no meu novo estado
Contemplar ²⁶⁶⁷ as esferas fulgurantes
Que sentia rolar no imenso fluido
Das supernas alturas, e as palavras

Decifrar das esplêndidas cantatas
Que enlevavam minh'alma suspirosa!
Só percebia os lúgubres soluços
Que subiam do abismo, as vozes débeis,
E as queixas magoadas que diziam:
— Quando virás nos consolar, ²⁶⁶⁸ oh Cristo!
Quando virás quebrar os duros ferros,
Que nos vedam voar à pátria amada —...
Súbito um mar de pavorosas sombras
Ergucu-se rebramando, — um sôpro ardente
Pelas trevas correu..... — Sôbre meu corpo
De novo estava a loisa do sepulcro,
E a voz do Mestre me chamava ao mundo!...
Credes agora, ou duvidais ainda?
Contemplai-me, aqui estou! — Qual de vós outros
Ousará rejeitar êste prodígio —...
E Lázaro calou-se. Os circunstantes
Conservaram-se mudos, assombrados.
Muitos hebreus então se converteram
À lei da Redenção, muitos escribas,
E rudes publicanos, jubilosos,
Viram cair a venda enganadora
Que lhes furtava a luz, e se curvaram
Ao sublime estandarte do Evangelho!
Porém, negra loucural os sacerdotes, ²⁶⁶⁹
Contumazes no erro e na mentira,
Concertaram, cruéis, tirar a vida
Àquele que o Senhor tinha salvado!
A tanto a inveja e o ódio se abalam!

X I I

Longe, porém, ralada de saudades
Chorava no retiro a Virgem santa ²⁶⁷⁰
Do filho amado a prolongada ausência.
Anjo de amor no vale das tristezas,
Pelo agosto mistério ao céu ligada,
E à terra pela dor; símbolo eterno
De inefável pureza e alma piedade,
Grande na compaixão e na doçura
Como o filho na glória e no martírio,
Via se aproxinquarem no horizonte
As trevas do suplicio! — Era alta noite,
Perto do antigo lar sôzinha e aflita,
Volvia suspirando o pensamento
Às estações felizes do passado,
Revia os prados e as risonhas veigas
Cheias de flores, de frescura e sombra,
Onde Jesus brincava; os mansos lagos
Onde nas tardes lúcidas do estio
Vogavam contemplando o céu sereno,
As verdes ilhas, — as formosas praias
Cobertas de choupanas de barqueiros,
Depois..... descendo ao árido presente,
Vendo sumir-se a luz, toldar-se o espaço,
Erguer-se no porvir o vulto negro
Do mais cruel e áspero infortúnio,
Inclinava a cabeça ao môrno seio
E rompia em soluços magoados.
O temporal do inverno sacudia
As ramagens dos fúnebres salgueiros,
Dobrava os ervaçais, e nas gargantas
Profundas das montanhas do deserto
Desfaziam-se em trêmulos gemidos.
— Meu filho! — murmurou erguendo o rosto
A espôsa de José, — meu pobre filho!
E as doiradas madeixas sôltas, livres
Nesse rápido gesto, se espalharam
Em profusos anéis no colo ebúrneo.

XIII

Mas, silêncio! Lá fora entre as rajadas
 Indômitas do vento, tristes queixas
 Se fizeram ouvir, depois no alpendre,
 Maviosas palavras ressoaram.
 — Dá-nos abrigo, oh Virgem gloriosa, ²⁶⁷¹
 Que saímos de longe e te buscamos! —
 Maria estremeceu: era tão meiga,
 Tão doce a flébil voz que lhe falava,
 E tão medonha a noite, o céu tão negro,
 Tão funda a escuridão, que levantou-se,
 Tomou o largo manto e abriu a porta.
 Indizível surpresa! Excelsa glória!
 Três lúcidas irmãs, três mensageiras
 Das regiões supremas, penetraram
 No hospitaleiro asilo da virtude.
 — Anjos de meu Senhor! — Maria exclama
 Cheia de confusão e de respeito,
 Anjos de meu Senhor, sêde bem-vindos
 Na mesquinha morada da humildade!
 — Estrêla de Israel, — Farol dos justos,
 Rainha e Mãe das imortais falanges,
 Diz a primeira das irmãs, — não temas!
 Companheiras eternas de teu filho
 Ouvimos-te chorar, e pressurosas
 Voamos a teu lado. Ouve, Maria:
 Eu sou a viva luz dos santuários,
 A rosa imarcescível ²⁶⁷² da pureza,
 O gênio da verdade. Sábia e forte,
 Dou vida às brenhas, escravizo as vagas,
 Domino os vendavais, desprezo os raios,
 Vitoriosa encaro a morte horrenda!
 Sou a fonte da glória e do heroísmo!
 Senhora, eu sou a Fé! Não me conheces? —
 Calou-se a peregrina do infinito,
 A segunda falou: — Quando a serpente
 Turvou do Paraíso o ameno lago
 Onde o mais puro afeto se espelhava,
 E do jardim das célicas delícias
 Lançou ²⁶⁷³ da terra aos pântanos lodosos
 A humanidade escrava, compassivo
 Formou-me o Criador. — Na tempestade
 Sou o íris, o nuncio da bonança,
 A estrêla do pastor, a roxa ²⁶⁷⁴ aurora;
 Sou nos vergéis a flor da primavera;
 Na moléstia a saúde; a luz nas trevas;
 Nas prisões o perdão: no passamento
 A clemência de Deus, a eternidade!
 Sou a Esperança, a êmula da vida!
 Eis-me contigo, ²⁶⁷⁵ oh Virgem soberana! —
 Calou-se a peregrina do infinito.
 A terceira falou: — Passei a infância
 Na tenda de Abraão, o pai dos povos,
 O amigo do Senhor; tornei-me grande
 Ouvindo no deserto a voz do Eterno
 Aconselhando o exímio patriarca.
 Tenho o condão sublime dos prodígios.
 Sou a pomba nas águas do dilúvio,
 Sou a fonte de Agar nas soledades,
 A coluna de fogo nos fragedos
 Das estrangeiras terras!... Virgem santa!
 Anjo que tantas vêzes hei seguido
 No recinto da dor e da miséria
 Onde levas o pão, a luz e a calma!
 Coração piedoso! Eetéreo cofre,
 Onde tôdas as lágrimas que rolam ²⁶⁷⁶
 Em riquezas subidas se transformam!

Onde todo o soluço encontra um eco!
 Onde todo o martírio encontra um prêmio!
 Eu sou a confidente de teus sonhos!
 Eu sou a Caridade! — Assim falando
 Prostraram-se as celestes emissárias
 E adoraram do Empíreo a soberana.
 Mas, palpitante o seio, os lábios mudos,
 Cruzados sôbre o peito os níveos braços,
 Cismava ²⁶⁷⁷ extasiada a mãe do Cristo.
 Quando, porém, o enleio superando,
 Levantou a cabeça, — os três Arcanos
 Para junto de Deus tinham voltado.

XIV

Calou-se o narrador. Vários romeiros
 Habitantes das serras do Ocidente
 Neste instante chegavam. Seus vestidos
 Eram rotos, e úmidos de sangue,
 Úmidos pés e mãos, e as faces frias
 Lívidas de terror. — Deus vos proteja,
 Sacerdote da paz! — disse o mais velho
 Saudando o Missionário, — a Providência
 Nossos passos guiou.... — Estais feridos?
 Estais feridos? — interroga o Sábio.
 Que mal vos sucedeu? Donde viestes?
 Que sangue é êsse que vos mancha as roupas? —
 — O sol doirava nossos pátrios cerros,
 O romeiro falou, — quando partimos
 Para vir adorar a Virgem Santa
 Nesta tranqüila ermida, e ouvir, humildes,
 Ministro do Senhor, vossas doutrinas. ²⁶⁷⁸
 Era intenso o calor. Ao meio-dia
 Procuramos abrigo à fresca sombra
 De risonho palmar, onde queixoso
 Murmurava um arroio entre alvas pedras.
 Éramos mais de vinte, homens robustos,
 Mulheres e crianças. — Reclinados
 Sôbre a relva macia, um dos amigos
 Relatava os sucessos lastimosos
 Dêstes últimos dias, e nós outros,
 Que no conflito insólito perdemos
 Tantos fiéis e bravos companheiros,
 Ouvíamos tristonhos. — De repente
 Uma chuva de setas aceradas
 Caiu a nossos pés. Um grito horrível,
 Um grito só, perdeu-se pelos ares,
 De verdugos e vítimas: por terra
 Feridos mortalmente, estrebuchavam
 Nossos pobres irmãos! Os assassinos
 Surdiam como insetos da espessura!....
 Eram êles, Senhor! Eram os mesmos
 Que encheram de aflição vosso retiro!
 Conseguimos fugir nós que aqui somos,
 Os únicos talvez!.... Porém ao longe,
 Bem no meio de aspérrimos rochedos
 Ouvimos uma voz sentida e triste
 Repetindo as endechas ²⁶⁷⁹ funerárias
 Que os homens do Senhor cantam prostrados,
 Nos arraiais da morte. — Comovidos
 Nos dirigimos ²⁶⁸⁰ as sinistras penhas....
 Padre!.. Um servo de Deus, um sacerdote,
 Um missionário como vós, expira
 Sem orações, sem luz e sem consôlo
 Na solidão de inóspitos fragedos! —
 O romeiro calou-se. Resoluto,
 Firme como um guerreiro de outras eras,
 O pastor do deserto ergueu-se e disse:

— Quem dentre vós, soldados do Evangelho,
Meus passos guiará? — Mestre, partamos,
O romeiro responde. — Vamos todos!
Corramos ao lugar do sacrifício! —
Bradaram cem mancebos valerosos.
Um momento depois marchavam lesto
Ao longo das campinas orvalhadas.

X V

Nublada e triste aparecia a aurora
No chuvoso Oriente, ásperas brisas
Silvavam nos sarçais ²⁶⁸¹ e nos oiteiros
Estéreis do sertão, quando chegaram
Ao teatro da lúgubre tragédia.
— Ê ali, — disse o filho das montanhas
Mostrando um monte de tsnadas pedras
Coroadas de cardos verdeongos,
— E' ali! — Foi bastante esta palavra,
Bastante o gesto que a seguia, — o Sábio
E mancebos valentes escalaram
Num volver d'olhos o Calvário alpestre.
Crostras calcáreas desligadas, sôltas,
Rolaram das escarpas nos rochedos,
Os ecos acordando; — um feio abutre,
Possante e gigantesco, abriu as asas,
E elevou-se grasnando pelos ares;
O horizonte aclarou-se, e um raio froixo
Da fria madrugada, um flavo raio,
Um escárnio da luz, bateu medroso
No fastígio das penhas escabrosas.
O mártir ali estava, — calmo e belo
Como um jovem pastor adormecido
Sôbre a relva do campo, entregue aos sonhos
De inocentes amôres; em seus lábios
Inda restava a sombra de um sorriso,
Porém ²⁶⁸² da morte as roxas ²⁶⁸³ violetas
As pálpebras cerradas lhe tingiam;
Uma flexa veloz o derribara.....
A fria destra sôbre um livro aberto
Marcava o santo officio dos finados!...
Expirara adorando o Ser Supremo!

CANTO VII

I

Branca vestal do templo da saudade!
Musa da ausência, compassiva musa
Que desfolhas nos páramos do exílio
As rosas da esperança, borrifadas
De lágrimas de amor, e suavizas
As vigílias do bardo forasteiro
Repetindo as canções dos pátrios lares!
Gênio das tradições! Que pensamentos
Inspiras nestas horas de tristeza
Ao pastor do deserto? — Quão serena
Das altas cordilheiras do Ocidente
Vem a noite ganhando os fundos vales!
Quão suspirosa a viração dos ermos
Passa no seio escuro dos silvados!
Quão gemedoras rolam das montanhas
Por entre os véus de espuma as cachoeiras!
— Oh meu plácido berço! Oh Tenerifa! —
Exclama o solitário alçando os olhos
Aos vastos céus azuis, — ilha querida,

Mimo do largo mar, — cesta de flores
Esquecida na rota dos Fenícios!
Do meu pio destêrro inda te vejo,
Como sempre te vi nos belos sonhos
Da curta juventude! — As auras frescas
Brincam talvez agora nas videiras
Do rústico solar de meus maiores,
As ondas espreguiçam-se nas praias
Curvas como os alfanges sarracenos,
O titão de granito ergue nos ares
A fronte audaz e ríspida cingida
De um turbante de névoas sempiternas!
Nada mudou: nas penhascosas grutas
Poisam ainda os pássaros marinhos;
O possante albatroz estende as asas
Sôbre o verde oceano; os líbios ventos
Trazem da terra firme as cantilenas
Dos sanguinários, ²⁶⁸⁴ rudes fetichistas!.....
Mas de meus pais..... só restam na jazida
Os carcomidos, ²⁶⁸⁵ alvacentos ossos!
Ali sumiu-se o nome de Anchieta! —
Calou-se o sábio. O orvalho da saudade
Pelas pálidas faces deslizava.
Mas, um estrondo horrísono e profundo
Como o estalar de transviada esfera
Nas regiões sombrias do infinito
Retumbou nas extremas ²⁶⁸⁶ do Oriente!
O céu afogueou-se, — o mar bramiu;
Cruzaram-se os relâmpagos, rasgando
A tela dos negrumes condensados
Sôbre a face da terra; o anjo da morte
Sacudiu no levante as asas negras!
Tomado de terror prostrou-se humilde
O sagrado pastor das soledades
Invocando de Cristo o santo nome.

II

Sevo Alcácer-Quivir! Campo de opróbro!
Campo das gemonias lusitanas!
Quão sinistro negrejas no horizonte
Do novo Ezequiel aos olhos fátuos!.....
A noite cobre de tristeza e sombras
Os vastos ermos das brasílias terras,
Longe, longe, porém, resplandecente
Sôbre o hemisfério oposto, o sol fulgura
Iluminando os areais medonhos
Da Núbia requeimada. — Horrenda história
Traça convulso o gênio das batalhas
No brônzeo Arquivo dos humanos feitos.....
Lá desfraldam-se aos ventos do deserto
Os formosos pendões alvi-cerúleos,
Da Mauritânia horror! Fulgem as lanças
Senhoras do ocidente e do levante!
Ribombam os obuzes vencedores
Dos filhos de Ismael, atordoando
As mesquitas do espôso de Cadija,
E alogando no fumo das bombardas
O brilho do crescente muçulmano!.....
Sôbre airoso corcel, alvo de neve,
Se arroja destemido o rei mancebo
No meio da peleja. Aos líbios tigres
Os leões portugueses se arremessam.
Os esquadrões, porém, dos circuncisos,
Pérfidos como os gênios fulminados
Das lendas hebréias, se distendem
De lado a lado em temerosa curva
Que procuram fechar, prendendo os bravos

Defensores da Cruz. — Soam os gritos
 Que distinguem as crenças e as bandeiras.
 Os cavalos relinham, devorando
 O espaço que separa os combatentes:
 A terra treme; as solidões acordam;
 O delírio ²⁶⁸⁷ do sangue abraça as frentes;
 O demônio da vil carnificina
 Tripudia entre corpos mutilados!
 Quem será vencedor?... — Como a torrente
 Que rola da montanha e se divide,
 E, tornando a se unir, estreita os bosques
 Nos líquidos anéis das turvas águas:
 Ou, como o incêndio das colúmbreas várzeas
 Cresce, — estende-se, — rugue, — abraça os campos,
 E os rebanhos incautos cinge, e mata
 Nas malhas infernais das labaredas,
 Assim as hostes infieis apertam
 O exército Cristão! — Hora solene!
 Hora de desespero e de heroísmo!
 Hora de morte ilustre ou vida inglória!.....
 Prodígios de bravura immortalizam
 Os denodados terços portugueses!
 Caem! O mundo beija-lhes os restos!
 Não de ressuscitar! Não tarda o dia!.....
 Mas a fatal sentença estava escrita!
 O sol de Ourique se escondeu no Ocaso:
 Um tufão de extermínio entrou rugindo
 Nos rúgidos alcaçares, — e as ossadas
 Dos sublimes heróis das eras priscas
 Moveram-se nas urnas funerárias!
 Uma sonora voz bradou sentida:
 Lísia! chora teus filhos insepultos
 Nas solidões das brenhas Africanas!
 Chora teu rei sem cetro e diadema,
 Sem espada, sem cruz e sem jazigo,
 Lançado... — aonde?... — De seu fim nefário
 Nem recebeste o estólido sarcasmo
 Que sói usar o pérfido inimigo
 Quando nas mãos da infrene barbaria
 Põe o destino o gládio da vitória!

 Mas a triste visão desaparece.
 A graciosa aurora, a virgem iônia
 De loiras tranças, ²⁶⁸⁸ de rosados dedos
 Franqueia à luz as portas do Oriente.
 Salve, etéreos clarões da madrugada!
 Brilhantes arrebóis, aragens brandas,
 Silfos travessos do deserto, salve!

III

Quem és tu, pensativo cavaleiro
 Que do escuro corcel te apeias mudo
 À soleira da ermida? O desalento
 Altera-te as feições nobres e belas,
 E um profundo pesar não disfarçado
 Quebranta o brilho de teus olhos negros!
 Quem és tu? Donde vens? — Tristes notícias
 Trago a vosso retiro, exímio Padre. —
 Diz o moço avistando o Missionário.
 — Bem-vindo sejas, servidor do Cristo,
 Responde o sábio mestre, que desgraças
 Vens tu me anunciar? Fala, não temas,
 Que tudo espero nesta quadra infausta. —
 — Caminho há quinze dias sem descanso, ²⁶⁸⁹
 Diz o pobre emissário, hei-vos buscado
 Como o animal mordido da serpente
 A fonte salvadora. O sangue, o luto

Cobrem de Guanabara as alvas praias!
 A voraz ambição da velha França
 Infiltrou nas artérias dos selvagens
 O veneno da raiva. — O surdo estrondo
 Das clavinhas de bronze se mistura
 Ao silvo agudo das ervadas setas
 No espaço afogueado. As feias hordas
 Dos Tamoios cruéis ²⁶⁹⁰ se precipitam
 Dos montes e dos cerros escabrosos
 E as planícies dominam. Destemidos
 Como leões resistem nossos bravos.
 Mais terrível em número, contudo,
 O inimigo fraqueia, que a vitória
 Do soldado Cristão repousa ao lado.
 Quando porém a lua vagarosa
 Doirava os verdes, ²⁶⁹¹ plácidos oiteiros
 Da linda Niterói, um brado horrendo
 Correu lançando a confusão e o susto
 Entre nossos valentes lidadores:
 — E' morto o Chefe! — O gélido do desânimo
 Os braços enfraquece, esfria os peitos,
 Extingue o fogo ardente dos combates
 Nos olhos dos guerreiros. — Os mais nobres
 E sábios campeões ²⁶⁹² deixam as armas
 E beijam soluçando as mãos geladas
 Do ilustre moribundo!..... — Oh Deus eterno!
 Exclama o comovido mensageiro,
 Eu o vi, eu o vi... pálido e belo,
 Transpassado de aguda, ervada flecha,
 Sôbre o arenoso chão! De espaço a espaço
 Vendo seus denodados companheiros
 Vencidos pela dor, movia os lábios,
 Procurava falar... Baldado esforço!
 Uma golfada de espumoso sangue
 Do seio rebentava, estranho lume
 Incendia-lhe os olhos e de novo
 Caía extenuado! — A meia-noite
 Deixara de existir. — Fatalidade!
 Murmura o Missionário. — O que me dizes, ²⁶⁹³
 Piedoso guerreiro! Estácio é morto!
 Estácio, ²⁶⁹⁴ o fundador do grande empório
 Das riquezas do Sul! — No verde monte
 Que mais se alonga no espumoso pego,
 E primeiro descobre a vasta barra,
 Nós abrimos do herói a sepultura;
 Os servos do Senhor, trajando luto,
 Cantaram junto ao corpo os hinos santos
 Do livro das divinas epopéias.
 Depois, ao triste adeus da Artilheria
 Que os vales atroava, o depusemos
 No funerário leito. — À madrugada
 Seguindo as instruções de vossos freires
 Parti a procurar-vos. — Eis a história
 Do lúgubre sucesso: eis o depósito
 Que tenho de entregar-vos. — O mancebo
 Tira do seio um grosso manuscrito
 Que ao ministro apresenta. — Cumpre agora
 Que descanses um pouco e te alimentes.
 Vamos — E entram na ermida um após outro.

IV

Como desfeita está! Como caminha
 A filha do sertão, triste e abatida
 Pela seva doença! Desbotaram
 No gracioso rosto as belas rosas, ²⁶⁹⁵
 Emblemas da viçosa mocidade,
 Acabou-se a frescura de seus lábios,

E a luz suave dos fagueiros olhos
Sumiu-se para sempre! — Chora, chora, 2696
Desgraçada Naida! — O hiberno vento
Da fronte juvenil sacode as flores!
Êrmo de anelos, de ilusões vazio
Bate teu coração, — e as asas cerras,
Tímida rôla das florestas virgens,
Deixando o mundo na estação dos risos!....
Do limiar da porta o sábio a enxerga, 2697
E disfarçando com palavras meigas
A emoção que o domina, a mão lhe estende
E a faz entrar no hospitaleiro alvergue.

V

Ao meio-dia, reünida à sombra 2698
A caridosa grei, o missionário
Ergue a voz eloqüente, e continua
Da Redenção a história milagrosa.
— Sinto-me enfêrmo 2699 e fraco, as tristes novas
De uma luta cruel, o pensamento
De males e perigos que nos cercam,
A sinistra impressão, talvez, de um sonho,
Mas de um sonho fatal, minh'alma oprimem.
Escutai-me, contudo, sêde atentos. 2700

VI

Sobranceiro aos manejos da calúnia,
Aos enredos da inveja, às ameaças
Dos desleais, 2701 protervos sacerdotes,
Na divina missão Jesus prossegue
Arrostando os bulhões da tempestade
Que seus dias terrestres assoberbam.
Era o Domingo consagrado à festa
Com que celebra o povo israelita
As árduas provações de seus maiores
Nas planícies do Egito. As verdes silvas,
As balsas florescentes dos oiteiros
Se arreavam de pérolas e opalas
À luz do sol nascente; alegres bandos
De alvas cegonhas, de faisões travessos
Brincavam pelas margens dos arroios
Encantados do aroma e da frescura
Que as serenas campinas inundavam.
Como as aves, contentes; como as flores
Louçãs e donairosas, pelos vales
Corriam da Judéia as lindas filhas,
Cheia a imaginação de amôres fáceis.
E, como sempre.... o coração vazio.
Ora, naquele tempo, descansava
Rodeado dos seus o excelso Mestre,
Em soidoso retiro junto à 2702 fralda
Da montanha das velhas Oliveiras;
E como visse as buliçosas turbas
Que atravessavam lépidas os prados
Demandando a cidade, — a dois amigos
Disse apontando ao longe a aldeia humilde
Entre viçosos pâmpanos oculta:
— Ide àquele 2703 lugar: vereis, entrando,
À vossa destra, prêsa uma jumenta, 2704
E ao lado dela um tenro jumentinho,
Trazei-mos sem receio. Se, contudo,
Alguém vos perguntar quem vos envia
Respondei — o Senhor, — no mesmo instante
Vos deixarão voltar. — Logo partiram
Os sócios de Jesus a largos passos,
E o divino mandado executando,

Trouxeram sem trabalho e sem tardança
Os mansos animais. — Predito fôra
Pelo antigo profeta êste sucesso,
E as menores, mais leves circunstâncias,
Pondera o escrupuloso missionário... 2705
Ouvi a predição: — Dizei à filha, 2076
À filha de Sião, eis se aproxima
Sôbre rude jumenta, vagarosa,
O vosso grande rei. — Porém, chegados
Os servos do Senhor, — os grossos mantos
Ao dorso do animal prestes lançaram,
Onde sentou-se o Cristo, e pensativo
Seguiu caminho da cidade eterna.
Vingava o sol na cúpula celeste
O meio de seu giro diüturno,
Quando a Jerusalém, não dos profetas,
Não de Davi o bardo soberano,
De Salomão o sábio, — mas a triste
Jerusalém dos Césares, — ao longe
Apareceu na fímbria do horizonte
Aos olhos do Senhor; ondas de povo
Corriam dos casais ao seu encontro,
Ondas de povo se agitavam ledas
Na pedregosa estrada que trilhava
E seguiam cantando almos louvores.

VII

Glória! os hebreus clamavam. 2707 Glória! Glória
Ao filho de Davi! Bendito seja
O que em nome de Deus vem das alturas!
E estendiam por terra os seus vestidos
Quais régios servos pérsicos tapêtes
Na passagem dos príncipes. — Hosana!
Gritavam as crianças e as donzelas
Desfolhando boninas odorosas,
Cobrindo o chão de verdejantes palmas,
Glória ao Senhor, ao Mestre! Glória ao Cristo!
E o séquito engrossava, — os camponeses, 2708
Pomeiros e pastôres se ajuntavam
À roda de Jesus, — os viandantes
Saudavam-no de longe. — Dir-se-ia
A entrada triunfal de herói preclaro
Da pátria amada ao suspirado grêmio
Depois de longa ausência. — Glória! Glória!
Repetiam os ecos das montanhas.
Cedo em Jerusalém correu a nova
Da brilhante ovação, e os sacerdotes
Raivaram como as serpes peçonhentas 2709
Quando pressentem das imundas covas
O tropel das ovelhas. — Oh! bem vemos,
Os fariseus diziam disfarçando
Os furores satânicos da inveja,
O vulgacho está cego! O nazareno
Fascina as multidões. Outros, audazes,
Dirigem-se ao Senhor e assim lhe falam:
— Mestre, fazei calar vossos amigos! —
— Se os fizesse calar, responde o Mestre, 2710
Clamariam talvez as próprias pedras! —
Depois volvendo os olhos compassivos
Para as colinas áridas, fronteiras,
Vendo, já perto, a célebre cidade
Com seus velhos eirados, com seus muros
Pelo roçar 2711 do tempo enegrecidos,
E os grossos bastiões, onde ociosos
Os soldados romanos palestravam,
Abaixou suspirando a bela fronte
E disse estas palavras memoráveis:

— Jerusalém! Jerusalém! Se ao menos
 Pudesses conhecer o que te salva,
 E te assegura a paz! Mas os teus olhos
 Nada por ora enxergam ²⁷¹² no futuro!
 Entretanto há de vir um dia infausto,
 Um dia de terror! Teus inimigos
 Te apertarão num sítio pavoroso!
 Por terra cairás, tu e teus filhos,
 Tudo o que te pertence, e os porvindoiros
 Não acharão mais pedra sobre pedra
 Sobre teu frio chão! Desconheceste
 O tempo em que teu Deus te visitava! —
 E as lágrimas sentidas enxugando, ²⁷¹³
 Chegou Jesus às portas da cidade.

VIII

Quem se aproxima de Sião? Quem sobe,
 Precedido de cânticos festivos, ²⁷¹⁴
 Essas ladeiras íngremes? — Não vêdes?
 E' Jesus o profeta diz o povo. —
 Olhai — que majestade no semblante!
 Que nobreza no gesto, e ao mesmo tempo
 Que doçura no olhar e no sorriso! —
 E as crianças gritavam — Glória! Glória!
 Ao filho de Davi! — Quê!.. murmuravam,
 Na vaidade cruel mortificados
 Padres e fariseus, — êstes meninos
 Repetem necedades e mentiras!
 Escutai o que dizem! — Bem escuto,
 Responde o Salvador, — êles recordam
 Conceitos das antigas profecias.
 Pois não lêstes alhures: E' dos lábios
 Das tenras criancinhas que dimanam
 Os perfeitos louvores? Porventura
 Dos santos livros não volveis as fôlhas? —
 Cheios de confusão não replicaram,
 Jesus passou além buscando o templo.

IX

Eras de opróbrío, de ambições mesquinhas,
 De vil degradação! A grande idéia
 De um Deus onipotente, eterno e justo
 Perdia-se entre práticas profanas
 E preconceitos vãos. — As velhas crenças,
 As tradições heróicas do passado,
 As lembranças dos santos patriarcas,
 Tudo se corrompia e se alterava,
 Mesclava-se por fim dos atros vícios
 E dos usos pagãos dos estrangeiros.
 Deixando as aras dos latinos deuses
 E os festins dos soldados crapulosos,
 Sentavam-se os judeus no vasto templo
 Expondo à venda jóias e brocado,
 Mágicos talismãs, rudes abraxas,
 Amuleto grosseiros, e miséria!
 Apregoando pombos e outras aves,
 Barganhando muares, e enganando
 Do pobre povo a chã credulidade!
 E filhos de Abraão se declaravam!

X

Junto das brancas, ²⁷¹⁵ lúcidas colunas, ²⁷¹⁶
 Cobertas de labores primorosos,
 Onde, segundo as crônicas antigas,
 Adoniran sentava-se, o arquiteto ²⁷¹⁷
 Do grandioso, esplêndido edifício,

Jesus parou relanceando os olhos
 Sobre o povo sacrílego, avaro,
 E não mais dominando a justa cólera,
 Salta, as caixas derriba, as mesas quebra,
 Toma um rôlo de cordas retorcidas,
 Cai sobre os detestáveis mercadores
 E os expelle ²⁷¹⁸ do templo. — Ímpios, falsários,
 Sabei que escrito existe: a minha casa
 A casa da oração será chamada!
 Não a mudeis em furna de bandidos,
 Ou taberna de sórdidos negócios! —
 Calou-se o Mestre, e como serenasse
 A nobre exaltação, viu que chegava
 Grande cópia de míseros enfermos
 Que vinham-lhe pedir saúde e vida.
 A todos, um por um, bondoso e meigo
 Dirigiu-se Jesus: tirou a sombra
 Que dêste escurecia os fundos olhos,
 Deu àquele vigor, deu àqueloutro ²⁷¹⁹
 O movimento, a fôrça, a atividade
 Que lhe roubara a lívida doença,
 A todos a saúde, a paz a todos.

XI

Ora, Jerusalém na bela quadra
 Das festas anuais, pomposas festas,
 Célebres entre os povos levantinos;
 Jerusalém, ²⁷²⁰ a tela descorada,
 O esquecido jardim, o antigo paço
 Das delícias ²⁷²¹ do Cântico dos Cânticos, ²⁷²²
 Tornava-se uma feira turbulenta,
 Onde se apinhoavam peregrinos
 E mercadores das mais longes terras.
 Muitos gentios, que êsse nome tinham
 Os crentes de outra lei, ouvindo a fama
 De tantas curas, de milagres tantos, ²⁷²³
 Aos amigos do Mestre suplicaram
 Que os levassem a vê-lo. Satisfeitos,
 Lhes disse o Salvador: — Não tarda o dia
 Em que o Filho do Homem, vos afirmo,
 Será glorificado; o grão de trigo
 Que não morrer, caindo sobre o campo,
 Sòzinho ficará; mas, ²⁷²⁴ ao contrário,
 O vereis produzir propícios frutos
 Se acaso perecer. Quem ama a vida
 Bem cedo a perderá; ²⁷²⁵ quem a despreza
 Mais feliz viverá na eternidade.
 Quem segue minha lei venha comigo,
 Seja meu companheiro de jornadas,
 E, ²⁷²⁶ se alguém me servir, meu Pai celeste
 De glória o cercará!... Porém, minh'alma
 Tôda turbada está neste momento!
 Que poderei dizer? Livra-me, Padre, ²⁷²⁷
 Das angústias que sinto, e glorifica,
 Senhor, teu santo nome! Então do espaço
 Onde não pairam nuvens, e flamejam
 Braseiros imortais, partiu solene
 Uma voz que dizia: — Entre os arcanjos
 Eu o glorifiquei, mas glorifico
 Segunda vez, ainda! — O rude povo
 Que se achava presente, amedrontado, ²⁷²⁸
 Murmurou entre si: — O céu é claro,
 Como brame o trovão? — Nós bem ouvimos,
 Dizem os anciãos, crede, meus filhos,
 Da tempestade os fúnebres rugidos
 Não ecoam assim! Etéreo nume

Responde às tristes queixas do profeta!
 — Não por mim, mas por vós, míseros cegos,
 Essa voz levantou-se do infinito!
 Continuou Jesus, — e pois agora
 A terra está julgada! Dentre os vivos
 Vai ser expulso o príncipe do mundo!
 — Nós sabemos, acode um publicano, 2729
 Que eternamente permanece o Cristo,
 O que dizeis então? — Por pouco tempo
 Inda a luz se conserva entre vós outros,
 Aproveitai a luz, que não vos cerquem
 As enganosas trevas! Vêde, é tempo!
 Crede na luz enquanto a luz não foge! —
 Disse e afastou-se. Os fariseus rebeldes,
 Os escribas e os néscios publicanos, 2730
 Apesar de tão lúcidas verdades,
 De tão altos prodígios, se calaram
 Duvidando do filho de Deus vivo.
 Assim devera ser, o grande gênio
 Do sublime Isaías 2731 predissera
 Tôdas as circunstâncias dêste caso, 2732
 Quando exclamava lacrimoso outrora:
 — Quem prestou atenção e ouviu contrito
 O que dissemos nós? A quem no mundo
 O braço do Senhor manifestou-se?...
 Cobriu seus olhos de pesadas sombras
 E os frios corações tornou de pedra,
 Que não vissem seus olhos, nem batessem 2733
 No seio os duros corações, medrosos
 Que eu lhes mostrasse a luz e desse a cura!

X II

Mas, em conselho oculto, reünidos,
 Tinham determinado os sacerdotes
 A morte de Jesus. Eles sabiam
 Que dêsse povo estulto e leviano 2734
 Nenhuma oposição, nenhum protesto
 Se ergueria, sequer, contra a injustiça
 Da nefária medida. — Longo trato,
 Fundo conhecimento das tendências,
 Das propensões, da índole malvada
 Da sanguinária gente, asseguravam
 Um êxito propício ao plano horrendo
 Dos verdugos hipócritas. — Infâmia!
 As turbas que nas grandes praças
 Saudavam de Davi o ilustre filho;
 Que nos degraus do templo e nos alpendres
 Das moradas campestres 2735 recebiam
 Daquêle Deus da paz e da esperança
 O consôlo, a saúde, o pão e a vida;
 Que traziam-lhe as tenras criancinhas,
 E imploravam-lhe a bênção de joelhos;
 Que beijavam-lhe a mêdo a pobre túnica
 Pedindo a salvação, — ora 2736 folgavam
 Vendo estender-se a sombra do suplício
 Sôbre o Divino Mestre!... Presentindo
 Que forjavam-se os ferros do martírio!
 Que estava perto a morte, feia morte,
 Morte nefanda e crua! — Os mesmos braços
 Que se estendiam súplices e humildes,
 As mesmas mãos que abriam-se convulsas
 Pedindo a esmola, o pão quotidiano,
 O pão da Caridade que alimenta
 O pobre corpo e o espírito indeciso,
 As mesmas mãos, ingratas e traidoras, 2737
 Iam erguer as pedras do caminho, 2738

Lança-las contra o manso nazareno!
 Iam manchar-se no divino sangue,
 No sangue sacratíssimo do justo!
 Israel! Israel! que não fizeste!

X III

— Quem te deu o poder, a autoridade
 De censurar a lei, — fazer milagres,
 E reformar doutrinas? 2739 — Onde a norma
 De teus atos achaste? — perguntaram
 Depois os fariseus, padres e escribas
 Ao filho de Maria. — Respondei-nos!
 — Hipócritas! Se tendes o direito
 De vir interrogar-me, também quero
 Saber o que pensais, — nada de ambages!
 Era dos homens, ou de Deus provinha
 O Batismo de João? — Embaraçados, 2740
 Consiço discorreram: — se afirmamos
 Que era do céu, acudirá, decerto:
 — Porque não crestes 2741 nêle? — Se ao contrário
 Dissermos que dos homens, — todo o povo, 2742
 Que a memória respeita do Batista, 2743
 Se erguerá contra nós! O que faremos? —
 E disseram depois de longa pausa:
 — Grandes dificuldades hoje aventas!
 Quem as pode solver? — Então calai-vos,
 Responde o Salvador, por minha parte
 Não vos direi também donde dimana
 A minha autoridade. — Dirigiu-se
 Depois às multidões que não perderam
 Uma palavra, só, dêste incidente:
 Plantou um lavrador extensa vinha,
 Arrendou-a a diversos camponeses,
 E depois se ausentou por largo tempo.
 Num dia de verão, que repousavam
 À sombra do arvoredado, chega um servo
 E em nome de seu amo pede os frutos
 Da vinha que deixara; enraivecidos
 Pulam os vinhateiros e maltratam
 O desgraçado servo, que regressa
 Molesto e ensangüentado; vem segundo,
 Vem terceiro emissário, e a mesma sorte
 Sofrem, e o mesmo fero espancamento.
 — Cumpre-me agora, o lavrador pondera,
 Uma vez que meus fâmulos repelem,
 Mandar meu próprio filho, o filho amado, 2744
 Que os chame a seu dever. — Sem mais tardança
 Envia o primogênito. — De longe,
 Avistando o mancebo, os vinhateiros
 Reünem-se apressados e resolvem:
 — Não voltam mais os servos timoratos,
 Vem agora o herdeiro, assasinemos
 O importuno senhor... a vinha é nossa! —
 E lançaram-se à vítima inocente,
 E a deitaram por terra inanimada!
 Que restará fazer? Que providência
 Dará o lavrador? — Virá terrível,
 Matará sem piedade os vinhateiros
 E a outros mais fiéis e caridosos
 A vinha entregará! — Deus não permita
 Que suceda tão feia atrocidade! —
 Dizem os fariseus depois que o Mestre
 Concluíra a parábola agourenta.
 — Escrito está, — o Salvador prossegue,
 A pedra que os obreiros esqueceram
 Pedra angular será do grande templo;
 Quem sôbre ela cair, por muitos evos

Ficará quebrantado, e o desditoso, ²⁷⁴⁵
 Sôbre quem despenhar-se, em mil pedaços
 No pó do escuro chão será desfeito! —
 Compreenderam bem os sacerdotes
 E seus torpes asseclas ²⁷⁴⁶ o sentido
 Destas palavras temerosas, viram
 De quem o Santo Mestre se ocupava!
 O farpão da ironia entrou bem fundo
 Nos ímpios corações, exacerbando
 O ódio que lá estava. Houve um momento
 Em que pensaram na medida extrema ²⁷⁴⁷
 Que em secreto conselho resolveram.
 Convinha agora lançar mão do Cristo,
 Conduzi-lo à prisão? — Grave imprudência
 Seria o praticar. E porventura
 Consentiria o povo, o rude povo,
 O povo turbulento que o saudava
 Como um libertador? Que arrostaria,
 Não talvez por amor, piedade ou zêlo,
 Mas por vingança, ou desabafo, as iras
 De seus velhos tiranos e exatores?
 Era mister cautela. Antes, por isso,
 De arrebatrar ao povo o seu profeta,
 Cumprira procurar por mil maneiras
 Que dêles se afastasse o próprio povo:
 Foi dos pérfidos êste o grande empenho.
 Começa a obra de Satã. Farejam
 Por tôda parte os espiões indignos
 As pisadas do Mestre, urdem ciladas,
 Acumulam embustes; — os doutôres
 E os escribas rodeiam-o propondo
 Perigosas questões em cujos têrmos
 A serpente traidora está latente
 Como entre as flores de um jardim formoso,
 E ensinando a brandura e a caridade
 O Salvador caminha entre verdugos!
 — Mestre, consulta um saduceu, ²⁷⁴⁸ conheço
 Que és sábio, verdadeiro, pio e reto,
 Que da virtude desbravas ²⁷⁴⁹ as trilhas
 Sem calcular futuras conseqüências,
 Dize-me, ²⁷⁵⁰ é justo que se pague a César
 O tributo exigido? — Ora, pensava
 O fariseu astuto, ei-lo vencido,
 Se assevera que não, ao rei ofende:
 Se assevera que sim, o povo irrita! —
 O Salvador sorriu, vendo a malícia
 Desta cruel proposta, — refalsada,
 Traidora como a faca de dois gumes.
 — Hipócrita! — exclamou, porque me tentas?
 Deixa ver a moeda do tributo! —
 Então mostrou-lhe o pérfido um dinheiro
 Onde a efígie de César ressaltava.
 Jesus leu a inscrição, e erguendo os olhos
 Severo perguntou: — Quem representa
 Esta imagem que vejo? — César, Mestre. —
 — Pois bem, ²⁷⁵¹ o que é de César ²⁷⁵² daí a César,
 E a Deus o que é de Deus! — Esta resposta
 Encheu de confusão quantos a ouviram;
 Calou-se o fariseu. — Mas era o dia
 Do jôgo vil da astúcia e da maldade.
 Chegou a vez dos saduceus, contrários
 Ao da Ressurreição divino dogma.
 — Mestre, um dêles falou, nos santos livros
 Deixou Moisés escrito: — A lei ordena:
 Se algum varão morrer, logo a viúva
 Ao seu segundo irmão deve ligar-se
 Para dar sucessão ao falecido.
 Eram pois três irmãos, — morto o primeiro,

A viúva passou para o segundo,
 Morto o segundo ao último se uniu,
 Este morreu também, e como os ²⁷⁵³ outros,
 Herdeiros não deixou; por fim, mais tarde
 Segue a mulher a sorte dos maridos.
 Quando a trombeta do medonho Arcanjo
 Ressoar pelos têrminos do mundo
 Chamando os mortos ao juízo eterno,
 E abrirem-se os sepulcros vomitando
 À luz do dia os homens redivivos,
 Qual dêesses três irmãos, esposos todos,
 Todos senhores de um igual direito,
 Será julgado o verdadeiro espôso? —
 — Cegos! — Não conheceis as Escrituras,
 Nem refletis de Deus na Onipotência! —
 Exclama o Salvador. — Findas as provas
 Da terrestre jornada, a lei se acaba
 Que rege a Criação sujeita à morte!
 O que provém do tempo o tempo guarda,
 O que se dá no espaço o espaço encerra.
 Aos olhos do Senhor quebram-se os laços
 Da união secular, — só prevalecem
 Eternas leis, princípios imutáveis;
 Nem existem maridos, nem mulheres,
 Senão anjos benditos, engolfados
 Na gloriosa luz do Paraíso! —
 — A verdade manou de vossos lábios,
 Como um profeta respondeste, Mestre! —
 Os escribas disseram. Confundidos
 Os fariseus rebeldes se afastaram.

XIV

Ao sol pôsto, chamando os companheiros
 Retirou-se Jesus para a Betânia,
 Tranqüila estância, plácido remanso,
 Propício à reflexão; passou a noite
 Nessa querida aldeia, povoada
 De lembrança dulcíssimas da infância
 E ao romper d'alva regressou, de novo, ²⁷⁵⁴
 Ao teatro das áridas contendias.
 Era brilhante o céu, calmoso o dia,
 Tristonha a solidão; — não muito longe,
 Pendida à margem do sereno arroio
 Divisou o Senhor bela figueira,
 A cem passos da estrada, e cujos galhos
 Supôs cobertos de gostosos frutos;
 Aproximou-se, pois. Fátua esperança!
 Lustroso estava o tronco, e as fôlhas verdes,
 Mas nem sequer um figo. Mudo emblema
 Das falazes grandezas dêste mundo!
 Imagem da estultícia aparatosa!
 — Maldita sejas tu, árvore ingrata, ²⁷⁵⁵
 Que não vales o orvalho que te molha,
 E o calor que te alenta! — disse o Cristo.
 Nunca mais o cansado viandante,
 Ou a frágil criança, encontrem frutos
 Em teus galhos mirrados! — Quando à tarde
 Os cabreiros voltavam da montanha
 A frondosa figueira, ²⁷⁵⁶ que deixaram
 Tão forte à madrugada, estava sêca,
 Denegrida, sem fôlhas e lascada
 Como se o fogo abrasador do raio
 A tivesse tocado. — Os camponeses,
 Amigos de abusões e sortilégios, ²⁷⁵⁷
 Ao rol extenso ²⁷⁵⁸ dos sinistros contos
 De seus longos serôes ²⁷⁵⁹ acrescentaram
 A lenda escura da fatal figueira.

XV

Mas em Jerusalém, de volta, o Cristo
 Viu-se outra vez cercado dos escribas
 E doutôres da lei. Aniquilados
 Pelas duras lições, pelos exemplos
 Aspérrimos dos dias precedentes, ²⁷⁶⁰
 Os fariseus corridos se esquivavam
 De mais o interrogar, ²⁷⁶¹ que bem sabiam
 Pronto a lhes responder, deixando ensejo
 De seus rivais aos ódios e sarcasmos.
 Os saduceus contentes exultaram,
 Eram pois os senhores do terreno
 Onde degladiavam-se os embustes
 E o pendão da impostura flutuava.
 Um dos seus campeões ²⁷⁶² chegou-se ao Mestre
 E assim principiou: — Qual o primeiro
 De nossa lei sagrado mandamento? —
 — Adorarás teu Deus, Jesus responde,
 Sôbre tôdas as coisas, com pureza,
 Com todo o coração, crença e humildade:
 Eis o primeiro mandamento, o outro
 Grande como êste, e dêste deduzido,
 Diz assim: — Amarás teu semelhante,
 Teu igual, teu irmão, como a ti mesmo.
 Êstes dois mandamentos compreendem
 Tôda a lei de Moisés e dos profetas. —
 Os saduceus calaram-se, temendo
 Que dêste ponto o Salvador passasse
 Ao divino mistério que negavam.
 Porém Jesus voltando a outro assunto
 Perguntou, dirigindo-se ²⁷⁶³ aos escribas:
 — E quanto a vós, o que pensais do Cristo?
 De quem o credes filho? — Nós julgamos
 Que filho de Davi, — lhe responderam.
 — Como! O grande monarca, o rei piedoso
 O chama seu Senhor, e humilde exclama:
 O Senhor glorioso e Onipotente
 Falou a meu Senhor: — À minha destra
 Senta-te, que farei de teus contrários
 Estrados de teus pés!... — Cativo o povo
 Da maviosa voz e das palavras
 Claras, distintas, ²⁷⁶⁴ do Divino Mestre,
 Conservava-se mudo e respeitoso.
 Não longe do lugar em que se achavam
 Era o gazofilácio, o pio cofre
 Onde lançavam grandes e pequenos
 As desiguais ofertas, liveladas
 Pela santa intenção. Os opulentos
 Faziam retinir áureas moedas,
 Os indigentes o óbulo molhado
 De viscoso suor, de amargo pranto;
 Quando ninguém mais vinha adiantou-se
 Uma infeliz viúva, a lentos passos, ²⁷⁶⁵
 Erguendo a magra mão depôs na caixa
 Duas moedas de valor mesquinho.
 — Olhai, diz o Senhor aos assistentes,
 Mais do que todos, abastados, ricos,
 Foi generosa a mísera viúva!
 Do muito que sobrava os outros deram,
 Mas ela, da desgraça e da pobreza, ²⁷⁶⁶
 Deu tudo quanto tinha, e que restava
 Para enganar a fome de alguns dias! —
 E prosseguiu depois de breve pausa: ²⁷⁶⁷
 — Oh! guardai-vos daqueles que preferem
 A ostentação à candida modéstia!

Guardai-vos dos escribas que se cobrem
 De pomposos vestidos e se orgulham
 Das saudações do vulgo mentiroso!
 Que procuram nas mesas dos banquetes ²⁷⁶⁸
 As melhores cadeiras, e disputam
 O primeiro lugar nas sinagogas!
 Que devoram as casas das viúvas
 E simulam orar! Sôbre êles pesa
 Maior condenação, pena mais grave! —
 E calou-se Jesus. — Muitos doutôres, ²⁷⁶⁹
 Muitos juizes e anciãos do povo
 Creram no Salvador, mas não ouzaram
 Reconhecê-lo em público, temendo
 Serem das Sinagogas despedidos.
 Triste vaidade! Escrúpulo perverso!

XVI

Como crescesse o número de ouvintes,
 E os fariseus e escribas se escondessem,
 Jesus continuou: — Porém, vós outros
 Não cobiceis o título de — mestres!
 Tendes um Mestre só, irmãos sois todos!
 Ninguém chameis de Pai, um Pai só tendes
 Que vos julga dos céus! O que se humilha
 Exaltado será, mas o soberbo
 Ficará no lugar dos pobres servos!
 Ai! de vós, fariseus e escribas falsos!
 A terra tôda percorreis e os mares
 Para formar apenas um prosélito,
 Se o conseguis formar, ei-lo mais digno
 Do inferno que de vós! Miseros cegos
 Que um mosquito afastais, e descuidosos
 Engulis um camelo! — O que transborda,
 Solícitos limpais da taça de ouro,
 Mas no fundo deixais as fezes negras,
 É a imundícia do vício! Eu vos comparo
 A êsses brancos túmulos cobertos
 De todo o luxo da vaidade humana,
 Por fora emblemas e inscrições brilhantes
 E dentro a morte e carcomidos ossos!
 Ai! de vós fariseus e escribas feros
 Que levantai moimentos aos profetas,
 E ornais dos justos a mortal jazida!
 Serpes traidoras, víboras danadas,
 Arde por vós o fogo da Geena!
 Eu vos envio sábios e videntes
 E vós os açoitais nas sinagogas,
 Vós os pregais na cruz, para que volte
 Sôbre vossas cabeças ominosas
 O sangue da inocência que vertestes,
 Sim, todo o sangue, desde Abel o justo
 Até o reto e nobre Zacarias
 Que entre o divino altar e o santuário
 Assassinaestes, bárbaros algozes!...
 Jerusalém! Jerusalém! trucidas
 Os profetas que Deus abençoara,
 E apedrejas seus justos enviados!
 Oh! ²⁷⁷⁰ quantas vêzes não tentei zeloso
 Teus filhos reünir, qual sob as asas
 Ave caseira a prole timorata!
 Não o quiseste! sofrerá teu povo,
 E ficarás deserta e envilecida! —
 Assim dizendo retirou-se o Cristo.

XVII

O átrio do templo, alegre, iluminado
 Pelos raios do sol, naquelas horas
 Recordava uma festa. Os operários, 2771
 Descansando dos áridos trabalhos
 Sobre os bancos de pedra, conversavam;
 Aqueciam-se os velhos friorentos
 Ao suave calor do astro propício;
 As ingênuas mulheres, e as crianças
 Que saltavam risonhas nas calçadas,
 Vendo o Divino Mestre aproximar-se,
 Abriam-lhe caminho, proferindo
 Jubilosos louvores: — Salve, Mestre,
 Pai dos enfermos 2772 e dos pobres, salve! —
 Cubra-te Deus de bênçãos incessantes, 2773
 Jesus de Nazaré, que participas
 Das tristezas e mágoas de teu povo!
 Toma nossa defesa, e nos protege, 2774
 Enviado do Altíssimo! Os tiranos
 Tremem de ouvir teus lúcidos discursos! —
 Assim a gratidão e o amor falavam,
 E este, não da lisonja, ameno incenso
 Aprazia ao Senhor. Quando se expande 2775
 Sincero o coração, celeste gênio
 Dá sublime eloquência aos desgraçados.
 A fachada do templo, os grandes arcos,
 O pórtico espaçoso, obras soberbas
 De forte alvenaria, o enorme vulto
 Dêsse prodígio de cimento e pedra,
 De novas reflexões tornou-se o assunto.
 — Que portentosa fábrica! — exclamaram
 Os amigos do Cristo, — vêde, Mestre,
 Quão formidáveis são estas muralhas!
 Estes grossos portais, estas cornijas
 Que parecem de bronze! O próprio tempo
 Não se atreve a manchar tantos primores! —
 — Que pensamentos vão! — Jesus responde,
 — Como virá sentar-se a eternidade
 Sobre as obras dos homens? O futuro
 Há de mostrar os erros do presente.
 O furacão do estrago, a noite horrenda,
 Passarão por ali! Friso por friso,
 Pilastras, coruchéus, muros espessos,
 Maravilhas das artes, das riquezas, 2776
 Cairão — para sempre! — Imundas serpes
 Se arrastarão tardias sobre o solo
 Onde se eleva agora o santuário! —
 Então lhe perguntaram seus amigos:
 — Quando sucederão estas desgraças,
 Estas calamidades assombrosas
 De que falais, Senhor? Quais seus princípios,
 E os sinais percursos? 2777 — Sêde firmes,
 Responde o Salvador com voz solene,
 Não vos deixeis levar pela mentira
 E aparências falazes, — nesse tempo
 Muitos virão debaixo de meu nome
 Dizendo: — Eu sou o Cristo! — Então o mundo
 Será um campo imenso de batalha!
 Armar-se-ão impérios contra impérios,
 E reinos contra reinos! Como os tigres
 Os povos rugirão se espedaçando!
 Os rios secarão, e à luz sinistra
 Do esbraseado céu, as tórvas ondas
 Descobrirão os fundos dos abismos, 2778
 Os vórtices de horrendos sorvedouros!...
 Por toda parte onde existir colinas,
 Altas montanhas, escabrosos cerros,

Rebentarão volcões! Gretado o solo,
 Retalhado de fendas pavorosas,
 Vomitará torrentes de betume,
 Sulfur ardente, labaredas vivas!
 As ossadas dos velhos megatérios,
 Dos broncos, monstruosos mastodontes,
 Rudes leviatãs, dragões enormes,
 Como a espuma dosinhos fermentados
 À flor da terra surgirão! Os mortos
 Sacudirão as cinzas dos sepulcros,
 E ao clangor da trombeta atroadora
 Correrão tropeçando sobre escombros
 Ao negro vale do Juízo eterno,
 O fundo Josafá! — Antes, contudo, 2779
 Destas cenas finais, sereis de rastros
 Levados às tremendas sinagogas,
 Das sinagogas às prisões sombrias,
 Das prisões aos martírios inauditos!...
 Não cogiteis respostas, nem defesas,
 Que vos darei palavras e virtudes,
 Fortes, irresistíveis! — Sêde firmes
 E nada perdereis: na paciência
 Tendes a Salvação, tendes a glória.
 Então, sobre uma nuvem radiante, 2780
 Vosso libertador vereis, 2781 que desce
 Cheio de luz, poder e majestade!
 Refleti no que digo, — passa o tempo,
 Há de passar o céu, passar a terra,
 Porém, como as verdades infinitas, 2782
 Não passarão jamais os meus preceitos!
 Calou-se o Salvador, volveu tristonho
 Um derradeiro olhar, olhar pressago, 2783
 Sobre as ondas de povo que o cercavam,
 Que humildes escutavam seus discursos
 E que amanhã..... Logo, porém, chamando
 Os singelos amigos, retirou-se,
 E ao monte caminhou das Oliveiras,
 Onde depois das prédicas diárias
 Soía descansar, longe das turbas.
 Proferindo estas últimas palavras
 Também calou-se o narrador piedoso, 2784
 O profeta das turbas do deserto.

XVIII

Cumpria então, 2785 as instruções seguindo
 Que lhe trouxera o moço mensageiro,
 Expor aos anciãos, contar aos chefes
 Dos brasílios guerreiros, as desgraças
 Que a nova Comunhão ameaçavam.
 Reünir os mancebos, instigá-los
 A deixar o remanso das florestas
 E juntarem-se aos bravos lidadores
 Que o sagrado estandarte defendiam,
 Nas planícies da extensa 2786 Guanabara.
 Grande parte da noite 2787 em conferência
 Entre os chefes passou o ilustre Padre; 2788
 Ao alvejar da aurora, eram de acôrdo
 Sobre o alvitre melhor, sobre as medidas
 Que o tempo e as ocorrências reclamavam.
 E voltava de novo o mensageiro
 As celebradas praias fluminenses.

CANTO VIII

II

I

Longe, — na vastidão dos descampados
 Que se perdem no vago do horizonte,
 Onde os almargeais e os frescos vales
 À luz crepuscular que envolve os ermos
 Tomam do firmamento a côr cerúlea,
 Longe desaparece a última turma
 Dos filhos do sertão que as alvas praias
 Buscam de Guanabara. A pátria os chama,
 Correm a defender a pátria aflita.
 Foram-se. No fastígio dos rochedos
 Triste e sòzinha a virgem do deserto
 Chora a partida do guerreiro amado.
 As virações da tarde, ásperas, frias,
 Sacodem-lhe os vestidos, o sereno
 Umedece-lhe o rosto e as tranças negras,
 Mas a febre a consome, — o hálito ardente
 Queima-lhe os lábios secos, descorados,
 E nas brilhantes, áridas pupilas,
 Cruzam-se estranhos lumes. Muitas vèzes
 De convulso ofegar ao vivo esforço, ²⁷⁸⁹
 Levando a débil mão à linda bôca,
 Volve-a manchada de purpúreo sangue!
 E' a vida que vai-se lentamente,
 Que foge a pouco e pouco, desfolhando
 As grinaldas louças da juventude,
 As ilusões do amor, os sonhos de oiro,
 E as esperanças tôdas do futuro!...
 Oh Morte! Amas os lentos sacrifícios,
 Saboreias as longas agonias, ²⁷⁹⁰
 Divindade cruel! — No horror, lasciva,
 Arrochas vagarosa a pobre prêsa,
 Molhas-lhe o corpo de nojenta bava,
 Como a boa-constrictor dos fragedos,
 Depois lambes-lhe as carnes laceradas
 E a devoras com lúbricos requebros!...
 Porém, sumiu-se o dia, a plúmbea noite
 Domina as solidões; dos altos cerros
 E das brenhas do Sul, partem rugidos
 De feras erradias, e entre as junças
 Das profundas charnecas, agourentos
 Gritam os jacarés. Horas sinistras
 De indizível terror! — Ergue-te e volta
 Para junto dos teus, anjo das selvas!
 Não escutas ao longe a voz materna
 Que ansiosa te chama? Não distingues
 Entre as fôlhas dos plátanos lustrosos
 A ondulação das trêmulas fogueiras?
 Vê, teus irmãos esperam-te, teu Mestre
 Aguarda-te silente e pensativo.
 Ergue-te, pois, criança, enxuga ²⁷⁹¹ o pranto
 E busca teu lugar junto do Sábio,
 Junto do amigo ²⁷⁹² e protetor, Naída!...
 A virgem se levanta, suspirando,
 E deixa o alpestre sítio; no caminho
 Encontra a pobre mãe, corre a seus braços,
 Beija-lhe o frio rosto e se dirigem
 Ao piedoso serão do eremitério. ²⁷⁹³
 Um momento depois o exímio padre
 Alçando a voz sonora continua
 A gloriosa história do Evangelho.

Fôra ocioso relembrar ainda
 Os passos principais e as ocorrências
 Da narração passada; estou bem certo
 Que fiéis os guardais no pensamento.
 Como vos disse então, os sacerdotes, ²⁷⁹⁴
 Escribas e doutôres, procuravam
 Propícia ocasião, meios propícios
 De condenar Jesus, e ao mesmo tempo
 Temiam-se da cólera do povo.
 O espírito do mal veio em auxílio
 De seus nefários planos. Congregados
 Alta noite na sala mais secreta
 Dos paços pontifícios, discorriam
 Sôbre o bárbaro alvitre e a crua emprêsa,
 Quando um servente anunciou da escada
 A presença de Judas. Resolvido
 Estava o tredo e pérfido problema:
 Satã lhes dera a chave. Alguns instantes
 Sucederam ²⁷⁹⁵ de lúgubre silêncio,
 Depois abriu-se novamente a porta
 E o sombrio judeu entrou na sala
 Com serenas feições, olhar sereno,
 Modos corteses e um sorrir tartáreo!
 Viram-lhe fundo n'alma os sacerdotes.
 — Sabemos ao que vens, — fala e não temas.
 Rejeitas os preccitos e as doutrinas
 Do mestre nazareno? — Sim. Rejeito, —
 Judas responde com sinistro gesto ²⁷⁹⁶
 Ao perverso doutor que o interroga.
 — Reconheces teu êrro e te arrependes?
 Voltas à santa lei? Porém, não bastam
 Simples afirmações, — queremos obras! —
 — E quais são elas? — o traidor pergunta.
 Mostrai-mas, por quem sois!.. — Aqui tristonho.
 Aqui turbado o narrador calou-se:
 Aqui também suspiras e emudeces,
 Pobre, singela musa! Onde acharias, ²⁷⁹⁷
 Anjo da solidão, formosa filha
 Das florestas da terra do Cruzeiro,
 Robustas expressões, fiéis palavras
 Para externar o horror do atroz conluio,
 Da intriga infame, do nefando ajuste?
 Da ingratitude de Judas? Porventura
 Poderias baixar ao negro inferno,
 Molhar a pena no fervente pranto
 Que, blasfemando, os réprobos derramam?
 Talvez assim... — Ao alvejar d'aurora,
 Servos de Satanás em corpo e alma,
 Judas deixava os ímpios sacerdotes,
 Tendo vendido o amigo, o Sábio Mestre, ²⁷⁹⁸
 O santo benfeitor! — Trinta dinheiros
 Fôra da perdição o justo prêmio!
 Trinta dinheiros! E devera o monstro
 Assinalar Jesus a seus verdugos
 Dando-lhe um beijo no divino rosto!
 A saudação fraterna! O meigo indicio
 De inalterável, ²⁷⁹⁹ cândida amizade!
 Carícia d'alma, que, feliz, resume
 Quanto a humana linguagem desconhece
 De afetuooso, ²⁸⁰⁰ de eloqüente e puro!

III

Era chegado o dia dos pães asmos,
 O dia em que os judeus principiavam,
 Segundo as tradições e a lei antiga,

Do pão não levedado a fazer uso:
 Era o dia da Páscoa. O povo e os grandes
 Soiam celebrar a velha data
 Reunindo os amigos e os parentes
 Em uma alegre ceia, santa regra
 De memorandas eras respeitada.
 Plácida e bela, nos tranqüilos campos
 Estendia-se a tarde, — as lindas flores
 Que se inclinavam murchas, abatidas,
 Nas bordas dos arroios, levantavam-se
 Recedentes de aromas aos bafejos
 Das aragens sutis; os passarinhos
 Despediam-se ao longe, nos silvados, ²⁸⁰¹
 Do dia que passava. — Sôbre um monte
 Distante da cidade estava o Cristo
 Rodeado dos seus: funda tristeza
 Do claro rosto lhe alterava os traços.
 Então, quebrando o místico silêncio
 Das reflexões divinas, perguntaram
 Seus singelos amigos: — Onde queres
 A Páscoa celebrar? Correm as horas
 Sem pensarmos no santo cumprimento
 Dêste antigo preceito. O que resolves?
 Onde iremos, Senhor? — E' tempo ainda
 De atendermos à lei, — Jesus responde.
 Depois, chamando João e o velho Pedro:
 — Parti, — lhes disse, às portas da cidade,
 Virá ao vosso encontro um homem pobre,
 Carregando uma bilha; acompanhai-o.
 Na casa onde êle entrar, entrai vós outros,
 Falai ao morador: Ordena o Mestre
 Que nos mostres a sala destinada
 Ao banquete da Páscoa. Oficioso
 Logo vos abrirá claro aposento
 De alfaias adornado, lindos quadros
 E guirlandas de flores; bem no centro
 Mesa patriarcal vereis coberta
 De fina louça e ânforas lustrosas:
 E' o lugar da ceia. Ide depressa, ²⁸⁰²
 Procurai os manjares necessários,
 A tenra carne do pascal cordeiro,
 O vinho generoso e o pão macio;
 Esperai-nos depois. — Partiram logo
 Os dois ingênuos, ²⁸⁰³ cândidos amigos,
 Levando as instruções do augusto Mestre.

IV

Bendizei o Senhor, filhos das selvas,
 Homens de natureza! Como as águas
 Que deslizam em límpidos meandros
 Sôbre as loiras areias da planície,
 Vossos dias sucedem-se risinhos
 E vossos pensamentos sempre calmos.
 Bendizei o Senhor! Nunca sentistes,
 Nem jamais sentireis, ²⁸⁰⁴ o enorme peso
 Dêsse cismar incerto e augustioso,
 Desse indizível borbulhar de idéias
 Que a mente escaldam por sinistras horas
 Ao sábio lidador que arrosta os erros
 Que as gerações e o tempo consagraram!...
 Que sucessão de atroz pesadelos!
 Que tecido de acerbos desenganos!...
 Levai aos lábios do sedento enfermo
 O suave elixir que a febre aplaca,
 E entre os lábios e a taça o bafo impuro
 Da morte pressentir! Lançar às ²⁸⁰⁵ ondas
 Propicia corda ao naufrago cansado

E um cutelo fatal cortar, ligeiro,
 A corda salvadora! Ouvir ao longe
 Os cânticos angélicos, as preces
 Que aos pés do Criador erguem os justos,
 Repeti-las ao mundo, e em recompensa
 Mostrar ao mundo o cedro que falqueja
 Para formar a cruz! O ferro em brasa
 Para formar os cravos!... e atrevido
 No pórtico do templo, em vez do Arcanjo
 Que derrama lauréis, bênçãos e glórias,
 A figura do algoz lúgubre e horrenda!...
 A ingratidão, mais dura que o suplicio,
 Varava o imenso coração do Cristo!
 Por isso levantou-se triste, mudo,
 E acenando aos amigos que o cercavam,
 Caminhou lentamente. — Alma divina!
 Era a última vez que te expandias ²⁸⁰⁶
 Como a efêmera flor do olente cactus
 No silêncio da noite, às auras livre
 Nesses amados campos! Expirara
 Das cenas pastoris a bela quadra,
 A estação das jornadas milagrosas,
 Dos prodígios da fé: cumpria agora
 Realizar as predições tremendas,
 Que, ²⁸⁰⁷ desde as margens do Jordão sagrado
 Até Jerusalém, troavam roucas
 Como o remoto marulhar das vagas!

V

Iluminada estava a bela sala,
 A sala do festim: servida a mesa:
 Adornadas de palmas as pilastras,
 Quando Jesus chegou. Mágico efeito
 Produzia o clarão dos brancos círios
 Sôbre as ricas alfaias e cortinas
 Das mais vistosas sédas, que mudavam
 As vivas côres sob a luz imprópria.
 Suave aroma de resinas brandas
 Embalsamava o ar; — vago mistério,
 Secreto encanto que os altares cerca,
 E banha os santuários, quando mudos
 No silêncio da noite refletimos
 No templo do Senhor, e nosso espírito
 Julga presente aquêle que invocamos:
 Os eflúvios, talvez, de um outro mundo,
 O claro espaço enchiam, consagrado
 Da liberdade aos últimos momentos,
 Da Caridade às práticas sublimes,
 E da esperança às vivivas promessas!
 Convidando os humildes companheiros,
 Sentou-se à mesa o Salvador; à destra
 Tomou lugar o cândido discípulo
 Filho de Zebedeu, à esquerda... Judas!
 Ocuparam os mais ambos os lados.
 Como não fôsse o gôsto dos banquetes
 Nem a paixão das finas iguarias
 Que os reunira ali, mas o respeito
 Das priscas tradições e os atrativos
 Da fraterna união, passava o tempo
 E os felizes consócios discorriam
 Sôbre as divinas leis. Silencioso
 Até então Jesus se conservara, ²⁸⁰⁸
 Mas elevando a voz grave e solene
 Dêste modo falou: — Oh meus amigos!
 Desejei, ²⁸⁰⁹ com afã, entre vós outros
 A Páscoa celebrar antes da morte,
 E crede, vos afirmo, ²⁸¹⁰ doravante

Nenhum sustento levarei à bôca
Até que ela se cumpra gloriosa
No reino de meu Pai! — Houve uma pausa
De curta duração, o amado Mestre
Tomou então um cálice de prata
Em cujas faces primoroso artista
Insculpira o sublime sacrifício
Do pio e manso Isaac, e lentamente
O ²⁸⁰¹ encheu de rubro e generoso vinho.
— Bebei, — disse entregando-o ²⁸¹² aos

[companheiros,

Que não mais provarei da vide o fruto
Enquanto não vier o reino eterno! —
Depois ergueu-se e se afastou da mesa,
Despiu as vestiduras e cingiu-se
De alva toalha do mais fino linho,
Tomou uma bacia, encheu-a d'água,
E voltando de novo, mudo e humilde
Pôs-se a lavar os pés a seus discípulos.
Esta insólita e nova cerimônia
Lançou a confusão nas almas simples
Dos simples aldeões; surpreendidos
Olhavam para o Cristo e não ousavam
Um gesto aventurar. Porém tranqüilo
Proseguia Jesus; nas finas dobras
Da macia toalha ²⁸¹³ os pés molhados
Enxugava ²⁸¹⁴ ao penúltimo. Entretanto
O velho Pedro esquivo se escondera,
E chegando-lhe a vez, o grande Mestre
Chamava-o com instância. — Em tal não penses!
O lhano galileu gritou medroso.
— Lavar-me os pés, Senhor, a mim, ²⁸¹⁵ teu servo!
Tu, meu Mestre, meu Pai, meu Deus! Não quero,
Nem o deves querer! — Se te recusas,
Responde o Salvador, não és comigo,
Da santa Comunhão não fazes parte!
— Não! Não me negarei, atalha Pedro,
Lava-me os pés, Senhor, as mãos.... o rosto....
Lava-me o coração! Torna-me puro
Como a luz, como o céu, como a verdade!
— Porém, disse Jesus, o que está limpo
Só deve os pés lavar, os pés sòmente,
E vós outros sois limpos.... ah! não todos! —
Se os sócios do Senhor não conhecessem
A índole de Judas, bastaria
Para entender a dúbia referência
Olhar para o traidor! — Tinha no rosto, ²⁸¹⁶
Na fealdade horrenda de um demônio, ²⁸¹⁷
A sinistra expressão de um condenado!
Findo o humilde serviço, o Mestre exímio
Pôs de lado a toalha, e satisfeito, ²⁸¹⁸
Tomando as vestiduras, assentou-se
No lugar que deixara junto à mesa,
E assim continuou: — Pobres amigos!
Senhor e Mestre me chamais, certo!
Que sou Mestre e Senhor; — julgai agora
Quando eu, ²⁸¹⁹ Senhor e Mestre, ²⁸²⁰ os pés vos

[lavo,

²⁸²¹
O que deveis fazer? Seguir-me o exemplo,
Lavar os pés também, mas uns aos outros. —
Então tomou o pão, lançou-lhe a bênção
Em nome de seu Pai, e erguendo o rosto
Nesse momento esplêndido de graças,
Distribuiu aos mansos companheiros
O sagrado alimento: — Eis o meu corpo,
Dado por vosso amor; — Depois, enchendo
O cálice de vinho, ²⁸²² apresentou-lhes:
Eis o meu sangue, o sangue da inocência,

O da Nova Aliança ardente sangue
Que por vossa intenção será vertido,
Comei, pois, e bebei!.... Entre os convivas
Dêste festim divino, entre os eleitos
Que o maná verdadeiro, a hóstia santa,
O vinho milagroso recebiam,
Achava-se o precito que vendera
A carne e o sangue do celeste amigo!....
O Cristo suspirou baixando os olhos,
Depois assim falou: — Sombrio arcano!
Desgraça inevitável! No futuro, ²⁸²³
Sem que a suprema lei domine os atos
Da liberdade humana, eu vejo claro
O que há de suceder! Mesquinhos sêres!
Sentados junto a mim, tratais-me agora
Com respeitoso amor, vossas palavras
São da fidelidade a viva cópia....
E contudo um de vós há de trair-me!
E contudo um de vós, pérfido, ingrato,
Há de entregar-me aos bárbaros verdugos
Que meu sangue reclama, ²⁸²⁴ como a herança
De seus perversos pais! — Senhor, que dizes!
— Serei eu?... — Serei eu?... — logo perguntam
Os pobres aterrados. — Ora, vêde,
Prosegue o Redentor, — dos que me cercam
O que a meu prato leva a mão comigo,
Aquêlê a quem eu der o pão molhado,
E' êle o delator. — Junto do Cristo,
À destra estava João, o mais discreto, ²⁸²⁵
O mais moço também, e o mais formoso
Da caridosa grei; entristecido
Ao ouvir estas lúgubres palavras,
Escondera a cabeça graciosa
No seio de Jesus, e as loiras ondas
Dos lustrosos cabelos anelados
Como um véu de áureos fios lhe ocultavam
As abundantes lágrimas. Bem cedo
Cumprira-se o mistério: várias vêzes,
Por simples distração ou grosseria
No prato do Senhor tocara o ímpio,
Mais claro ainda o caso ia tornar-se; ²⁸²⁶
Já ninguém conversava: então o Mestre
Cortou o pão, molhou-o, e deu a Judas!
— Senhor! Senhor, que fazes! Porventura
Me julgas o traidor? — Tu o disseste,
Tu o disseste, Judas! — lhe responde
O Cristo magoado. ²⁸²⁷ — O que receias?
Vai, as horas escoam-se ligeiras,
E o que tens de fazer, faze-o depressa!
Um momento depois em vão buscavam
Na sala do banquete o fementido:
Êle os tinha deixado e estava longe.

VI

Meia-noite! — Nos altos candelabros
Desmaiavam as luzes, a tristeza
Cerrava os corações. — Éramos doze,
Murmura um dos amigos assombrado,
Éramos doze, sem contar o Mestre;
Judas se retirou e.... doze somos! —
Nesse momento um trêmulo gemido
Soou junto da mesa, o santo cálice
Oscilou lentamente desprendendo
Aguda vibração.... branca figura,
Como a de Samuel na negra furna
Da sibila de Êndor, bela e horrível
Ergueu-se vagarosa junto ao Cristo.

— Senhor! — falou, — Senhor, em idos tempos,
 Por vossa vinda suspirei de balde!
 Entre rudes pagãos fui o primeiro
 Que a divina unidade expôs ao mundo,
 Que do Deus uno e trino a glória viu!
 Mártir da fé baixei à sepultura
 Sem receber as águas do Batismo! . . .
 Hoje, ²⁸²⁸ que dais a salvação e a vida
 À humanidade escrava do pecado,
 Quebrei da morte o fúnebre sigilo,
 Vim o sangue beber, comer a carne, ²⁸²⁹
 A carne e o sangue do Cordeiro eterno!
 Glória! Glória ao Senhor! Abertas vejo
 Do Paraíso as portas luminosas! —
 — Piedoso varão, exímio Sócrates,
 Sábio como Moisés, íntegro e justo
 Como o grande Abraão, — Jesus exclama,
 Voa ao seio de Deus! Recebe o prêmio
 De teu sublime, heróico sacrifício! —
 Um fúlgido clarão de alva celeste
 Iluminou a sala, e a sombra ilustre, ²⁸³⁰
 Como outrora o Senhor, transfigurada,
 Deixou a terra, os homens, e perdeu-se
 Nas regiões do éter. — Levantai-vos,
 Disse Jesus aos frios companheiros, ²⁸³¹
 As horas do martírio se aproximam!
 Simão! Simão! continuou, fitando
 O velho pescador, — bem como o trigo
 Satã pediu que joeirasse a todos,
 Mas eu roguei por ti, que não vacile
 E nem te falte a fé! — Senhor, descansa,
 Pedro lhe respondeu, — onde estiveres
 Eu estarei também constante e firme,
 E onde penares, meu divino Mestre,
 Eu penarei também; qual nesta vida, ²⁸³²
 Também na morte me verás contigo! —
 — Ah! ²⁸³³ entretanto, o Salvador prossegue,
 Antes que solte a voz o galo esperto,
 Me negarás três vêzes, e hoje mesmo! —
 E voltando-se aos outros companheiros:
 — Quando vos disse: — viajai sem bolsa,
 Sem sandálias e alforjes, porventura
 Alguma coisa vos faltou? — Não. Mestre.
 Lhe responderam todos. — Pois, ²⁸³⁴ agora,
 Tome, quem os tiver, bolsas e alforjes,
 E quem não os tiver, venda os vestidos,
 Compre logo uma espada! . . . — Uma não basta,
 Temos duas, — disseram-lhe. — Calai-vos!
 Continuou Jesus: não se alvorocem ²⁸³⁵
 Os vossos corações, as vossas almas; ²⁸³⁶
 Credes no Deus eterno e onipotente?
 Pois crede em mim também. Antes de todos
 Na casa de meu Pai vou preparar-vos
 Deliciosos cômodos, mais tarde
 Voltarei a buscar-vos. Oh! desgraça!
 Apropinquam-se as horas do martírio!
 Não cumprir-se as palavras dos profetas! —
 Calou-se o Cristo, e lento retirou-se.

VII

Senhor! Lavaste os pés a teus amigos, ²⁸³⁷
 Deste-lhes fôrça e ânimo e virtude
 Para seguirem da verdade as trilhas!
 Quem meus pés lavarás? Quem a meu gênio
 Dará brilho e vigor? Quem da vertigem
 Preservará meu cérebro? — Eis-me fraco,
 Sem estro, sem saber, sem guia e mestre,

Meu Deus! acompanhando-te nos transe
 Dêsse penar imenso, onde empenhada
 A eternidade abraça-se à matéria!
 Jesus! dá-me valor! Lava minh'alma,
 Lava-me a lira, a inspiração, a pena,
 Como lavaste os pés a teus amigos!
 Faze que eu não fraqueie, não tropece!
 Mas, se, embora de rastros, arquejante,
 Vencido pela dor e pela febre
 Eu tenha de seguir-te, oh! seja feita
 A vontade de Deus, bendita sempre!

No monte das antigas Oliveiras,
 Não longe do Cedron, em êrmo sítio,
 Rude e saibroso como o frio leito
 De passada torrente, onde bravejam
 Das chuvas hibernais as águas turvas
 Parou Jesus e disse aos companheiros:
 — Ficai aqui, não caminheis mais longe,
 Contrito, a ²⁸³⁸ sós comigo, ali na sombra
 Quero elevar minh'alma atribulada
 Ao Padre Onipotente; e vós, amigos,
 Orai, orai também! . . . Sinto no peito
 As angústias da morte e seus horrores! —
 Nunca tanta tristeza revelara
 A voz suave do divino Mestre!
 As angústias da morte! . . . Porventura
 Podemos nós medir a dor imensa
 Das angústias de um Deus? Nós, miseráveis, ²⁸³⁹
 Que o mais leve sofrer nos aniquila?
 Porém, deixando os mudos companheiros
 Embrenhou-se Jesus pelos silvados
 Então cobertos de odorosas flores; ²⁸⁴⁰
 Chegando perto de uma lapa escura,
 Lançou o manto às urzes, e prostrou-se,
 Cosido o rosto ao chão áspero, sêco,
 Orando com fervor. — Desde êsse instante
 O mistério sangrento começava.

VIII

Turva-se o firmamento, — os frios euros
 Silvam nos espinhais. — Velai, amigos! —
 A frente de Jesus no duro solo,
 E' o céu que se abaixa, e atento escuta
 A confissão do mundo! A terra treme
 E fende-se talvez ao sacro fogo
 Do respirar do Cristo: — a voz dos mortos, ²⁸⁴¹
 Que as eras condensadas abafaram,
 Dos negrumes do limbo se levanta,
 E pede a Redenção, pede o Batismo!
 Tu os batizarás, Senhor! Teu sangue
 Os lavarás das manchas do passado,
 Êles que não te viram, nem te ouviram,
 E esperavam por ti; — menos felizes,
 Mais dignos do que nós, ingratas serpes!
 Grande Deus! . . . um terror fundo e secreto
 Se apodera do Cristo, ânsias atrozes
 O coração lhe apertam! — Padre! — Padre!
 Clama com voz aflita e mal segura,
 — Oh! se te apraz, afasta-me dos lábios
 Êste medonho cálice! . . . Entretanto
 Não a minha vontade prevaleça,
 Mas a tua, ²⁸⁴² Senhor! — E as mãos unidas,
 Arrasados de pranto os belos olhos,
 Soluçava beijando a terra fria.
 Erguendo-se depois, voltou-se a Pedro:
 — Simão, tu dormes! Não pudeste ao menos
 Um momento velar! orar comigo!

Vela, e ora, que a fôrça te não falte,
Que a tentação não entre no teu seio! —
E sentindo outra vez a dor acerba
Subir-lhe ao Coração, pediu de novo
A seu eterno Pai que retirasse
O cálice das sevas agonias!

I X

Oh! do infinito amor alto prodígio!
Uma etérca frescura, um sôpro ameno,
Doce e consolador, de auras celestes,
Roçou de manso as trêmulas folhagens, ²⁸⁴³
Perpassou pela frente suarenta
Do filho de Maria, — e mais suave,
Mais brando ainda que as bafagens frescas
Das auroras do estio, que volteiam
Entre jasmims e rosas, distraíndo
No ténue vôo os leves beija-flores,
Passou, voltou de novo, lento e manso,
Agitando-lhe os úmidos cabelos!
Jesus! Eram as asas auri-brancas
Dos anjos de teu Pai que visitavam
Teu sombrio retiro! Mensageiros
Que desciam do céu para servir-te.
E contigo sofrer, se assim quisesses!
Criaturas divinas! Se a desídia, ²⁸⁴⁴
Prendendo os companheiros sonolentos,
Furtou-lhes a visão dêsse milagre,
Meu Deus! Meu Deus! eu sinto que minh'alma
Guiada pela fé... — Triste vaidade!

X

Porém, corria o tempo, duas vêzes
Já o Senhor chamara seus amigos
E os míseros dormiam! Pouco e pouco
Se aproximava o instante pavoroso.
À medida que a areia se escoava
No relógio fatal, recrudesciam
As agonias dessa noite horrenda.
O íntimo lutar cansara o peito
Do Redentor do mundo, esmorecido
Inclinou a cabeça, e dos belos anjos
De alvinitentes vestes, que o cercavam, ²⁸⁴⁵
Amparavam-lhe o corpo. Um suor frio
Como o suor da morte, — copioso
Como o do padecente que se estorce
Nas mais feias torturas que inventaram
Sábios cogitadores de suplícios,
Correu-lhe pelos membros doloridos!
Os próprios imortais estremeceram
Cheios de dó profundo, vendo o sangue
E as grossas gôtas d'água que manavam
Dos poros de seu Deus, e lhes tingiam
De púrpura sombria as alvas plumas,
E que regava a terra, a terra ingrata, ²⁸⁴⁶
Partilha de Satã, cujas misérias
Só reclamam eternos sacrifícios!
— Alma, sôpro do céu! Clara centelha
Do espírito infinito da verdade!
Vives, e eterna viverás! Sê forte!
O caminho do bem é teu caminho,
Teu barco a Igreja, teu pilôto o Cristo!
Levanta-te e não temas, se caíres
Ele te estenderá segura destra!
Se nada fôras, não viera ao mundo,

Se nada fôras não sofrera os transes
Dessa noite cruel! Se nada fôras
Não assombrara o mundo e a imensidade
Com seu trágico exemplo e seu martírio!

X I

Era, porém, bem tarde. As tôrvas horas
Da negra provação tinham passado;
O mistério do Horto se cumprira,
E como o lavrador que os prados rega
Onde deve lançar vivas sementes,
Jesus regara a terra; então ergueu-se
Dizendo aos sonolentos companheiros:
— Tudo está preparado! E, ²⁸⁴⁷ pois, agora
Podeis dormir em paz, mas vos afirmo
Que não tarda o momento da vergonha!
O traidor anda perto, o Filho do Homem
Vai ser entregue aos ímpios! — Vêde, amigos! —
Dolorosa verdade! As largas fôlhas
Das viçosas solâneas ²⁸⁴⁸ refletiram,
Como em noites de fúnebres agoiros,
Mil vacilantes fogos; os arbustos
Estalaram ao pêso das passadas
De cautelosos, pérfidos magotes;
E assustados, os tenros passarinhos,
Por tão estranhos lumes, se arrancaram
Tomados de pavor ²⁸⁴⁹ dos ninhos quentes,
Sacudindo das frondes do arvoredo
Uma chuva de orvalho. A curto espaço
Assomavam por entre os leves ramos
As finas pontas das lustrosas lanças,
Compridas alabardas, longas varas,
E rubros fogaréus, depois, opróbro!
A figura satânica de Judas
Apareceu à frente dos sequazes, ²⁸⁵⁰
Dos inimigos pérfidos do Cristo!
Manso como um irmão, como um amigo, ²⁸⁵¹
Aproximou-se o monstro, as mãos impuras ²⁸⁵²
Da vítima infeliz lançou aos ombros,
Beijou-lhe o branco rosto, e com voz firme
Disse e afastou-se: — Deus te salve, Mestre! —
— Judas! — Exclama o Salvador, — não basta
Que me houvesse traído? E é por um beijo,
É' por um beijo que me entregas, ímpio! —
E voltando-se ao povo que o cercava:
— Quem procurais? — Jesus o Nazareno — ²⁸⁵³
Responde o chefe da sinistra escolta.
— Eu sou! — Diz o Senhor. A malta infame
Recuou assombrada. Então, de novo
Interrogou Jesus com voz severa:
— Quem procurais aqui? — Jesus, o Cristo,
Repete a multidão. — Sou eu, predeí-me,
Conheço vosso intento e vossos planos;
Livres, porém, ²⁸⁵⁴ deixai meus companheiros,
Que nenhum seduzi, nem fiz culpado! —
Calou-se o Redentor, mas Simão Pedro,
Simão Pedro o singelo e franco amigo,
O lhano sócio, o dedicado servo,
As afrontas prevendo e os vis insultos
Que o Mestre ameaçavam, — se enfurece,
Puxa ²⁸⁵⁵ da espada que trazia e lesto
Como a chispa sutil da pederneira
Corta uma orelha a desgraçado assecla
Dos sanhudos tiranos. — Pedro, Pedro,
Exclama o Salvador, ²⁸⁵⁶ triste e sentido,
— Cumpre esgotar o cálice de angústias
Que me ofertou meu Pai! Guarda essa espada, ²⁸⁵⁷

Que o sangue me horroriza! — E a mão levando
Ao lugar da ferida, uniu a orelha
E o servo ficou são qual dantes era.
Então, ²⁸⁵⁸ feroz tribuno e vil coorte,
Rudes e miseráveis quadrilheiros,
Bando voraz de pérfidos abutres,
Lançaram-se ao Senhor, — com duras cordas
Arrocharam-lhe os pulsos. Seus amigos
Tomados de terror se dispersaram.....

XII

Silêncio, musa! Um grito angustioso,
Um grito de suprema despedida,
Neste lugar da narração divina
Interrompeu a voz do Missionário.
Os mancebos ergueram-se de um salto,
Os anciãos olharam-se aterrados.
Quem dêste modo os corações abala?
Quem brada assim? — Correi, homens das selvas!
Naída, a virgem dos sertões, ²⁸⁵⁹ expira!...
— Oh minha filha! Oh! minha pobre filha! --
Esta viva expressão da dor materna
Vibrou n'alma do Mestre, como o fogo
De elétrica centelha. — Quero vê-la!
Quero vê-la! Onde está? — diz ansioso,
Volvendo à roda os lacrimosos olhos.
— Aqui! Aqui, senhor! Vinde depressa! —
Responde a pobre mãe banhada em pranto.
Então, já piedoso sertanejo
Tinha acendido um resinoso facho
E aclarava o terreno. O peito aflito,
Pálido o rosto, aproximou-se o Padre
Do lugar onde a moça agonizava.

XIII

Sobre um leito de fôlhas de verbena
E agreste rosmaninho, triste e bela
Como um anjo terrestre que adormece
Para acordar no céu; a fronte airosa
No materno regaço descansada, ²⁸⁶⁰
A donzela esquecia-se da vida
Como o inocente colibri das matas,
Que em mole alburno de viçosa planta
Crava o leve biquinho, os olhos fecha,
Deixando em meio o lírico poema
Do risonho existir. Nunca tão puro
Seu gracioso rosto se mostrara!
Entretanto a brancura de outra vida
Esse — triste luar — que altera as formas,
E regela a expressão, dava-lhe o aspecto
De uma pálida estátua da piedade
Em pobre cemitério. Ao ver o Mestre
Um clarão de alegria e de esperança
Iluminou-lhe os olhos, belos olhos,
Onde o túrbido véu do passamento, ²⁸⁶¹
Como um fino sendal sobre alva imagem
Na penumbra de um templo solitário, ²⁸⁶²
Começava a estender-se pouco a pouco.
Tentou falar.... a lívida doença
Lhe arrebatara a voz. Outro recurso
Para saudar o Mestre inda restava:
Em vez de frases vãs, e vãs palavras, ²⁸⁶³
Um radiante, esplêndido sorriso
Reanimou-lhe os lábios descorados.
Junto da bela virgem do deserto
Ajoelhou-se o Padre, soluçando,

Tomou-lhe as magras mãos, porém já frias,
E tirando do peito a santa efígie, ²⁸⁶⁴
A efígie de Jesus hirta e sangrenta,
Apresentou-a à mísera indiana.
Vendo prostrar-se o pio sacerdote
A multidão prostrou-se, — livre o pranto
Correu dos olhos desses homens livres
Que o maior dos suplicios não curvara!
Também nas selvas, nos sertões bravios,
Entre gentes boçais, tribos grosseiras,
Tem a virtude altares. A inocência
Quando sucumbe ao sôpro da desgraça
Também recebe lágrimas sentidas!
Nas matas virgens, nas cidades cultas,
Nas choças negras, nos salões doirados,
E' uma a Natureza, e sempre a mesma!

XIV

Como a sedosa flor dos verdes campos,
Que pendente da haste, em áureos fios,
Flutua ao bafejar das auras mansas,
Esperando o clarão do sol brilhante
Para deixar o plácido envoltório
E voar pelo espaço em soltos flocos;
Ou, semelhante à nítida crisálida
Que a luz faz rebentar: a pura essência
Da mais pura das filhas das florestas ²⁸⁶⁵
Parecia esperar o alvor da aurora
Para subir ao seio do infinito,
Como o perfume de um formoso lírio,
Como um eflúvio dos serenos prados,
Como a canção de um pássaro mimoso,
O vôo de uma abelha, o alegre riso
De uma loira criança que desperta.
Raiou a madrugada. O santo Mestre
Tomou a mão da cândida donzela,
A mão era gelada. A alma divina
Tinha voado aos pés do Onipotente!

CANTO IX

I

Rubro como um baixel incendiado
No proceloso mar, como a cratera
De inflamado vulcão na raia escura
De longínquo ²⁸⁶⁶ horizonte, ou como o vulto
De condenada esfera que declina
Para jamais surgir, o rei dos astros
Esconde-se nos términos do ocaso.
Antes porém que a noite, a vária deusa, ²⁸⁶⁷
Mãe das áureas visões e dos remorsos,
Protetora do crime e da inocência, ²⁸⁶⁸
Estenda sobre a terra o plúmbeo manto, ²⁸⁶⁹
Reúnem-se os fiéis no eremitério
Onde os chama o dever e a Caridade.
Fecha o Sábio Pastor a santa Bíblia
Que atento folheava, e os tristes olhos
Volve ao caminho alpestre. Um viajero
Assoma na espessura das devesas.
Jadir!... Era o guerreiro do deserto
Que ao deserto saudoso regressava.
— Jadir, ²⁸⁷⁰ o que fizeste? O que procuras?
Porque deixaste teus irmãos, teus chefes,
Teu santo pavilhão? — E' certo, Padre,

Responde ao pio Mestre o audaz mancebo,
 Sim, deixei tudo, que o destino ingrato
 A fonte envenenou de meu futuro!
 Que nem força e valor, crenças e brios
 Me restam neste mundo! Homem piedoso,
 Homem da mansidão, cujas doutrinas 2871
 Minh'alma iluminaram, não me acuses!
 Escuta-me, por Deus! No espaço ardente,
 No torvelinho horrendo dos combates,
 Uma voz magoada, triste, enfêrna, 2872
 Chegou a meus ouvidos: — Corre, amigo,
 Minha vida se extingue como o fumo
 Das choças do sertão, quando perpassam
 Os ventos da manhã! — Sócio da infância,
 Companheiro das lidas da floresta,
 Aos longes arraiais levou-me as queixas
 Da desditosa irmã. Deixei as armas,
 Os perigos, o pôsto, o acampamento;
 Voei como um tufão, como um pampeiro
 Das regiões do Sul!.... Inda respira,
 Inda respira a rôla do deserto?
 Dize, dize, que mata-me a incerteza! —
 E calou-se Jadir. O Mestre ilustre
 Não respondeu, porém; ergueu-se mudo,
 Travou do braço do infeliz converso,
 E afastou-se da ermida, lentamente.
 No remanso de um vale ameno e fresco,
 Perto de clara fonte onde as acácias
 Inclonavam-se trêmulas beijando
 As águas gemedoras, avultava
 Uma grosseira cruz; o Missionário
 Parou, levou ao seio as mãos unidas,
 Depois mostrando o chão da sepultura
 Disse abaixando a voz: — Ali, meu filho!....
 Naída dorme ali! — Singela musa,
 Musa da solidão, anjo dos ermos
 Que descoram as áridas vigílias!
 Não procures lembrar a mágoa extrema
 Do mísero Jadir! Há sofrimentos
 Como os segredos da famosa esfinge,
 Cumpre deixá-los no mistério envoltos!....
 No terreiro, porém, da pobre ermida
 Já crepitam as vividas fogueiras,
 Dardejando as vermelhas labaredas
 No véu da noite escura, impetuosas
 Como os feios dragões de mil cabeças
 Das legendas antigas. Triste e muda
 A multidão aguarda o amado Mestre.
 Ei-lo por fim que chega acompanhado
 Do guerreiro infeliz. Lhano responde
 As saudações benévolas do povo,
 Senta-se e alçando a voz distinta e clara
 Continua a sagrada narrativa:
 — Da ceia do Senhor, tracei, meus filhos,
 O memorando quadro; então mostrei-vos
 O Príncipe dos Céus, humilde, manso, 2873
 Lavando os pés aos frágeis pecadores;
 Depois vimo-lo à mesa repartindo
 O maná verdadeiro, o pão dos Anjos,
 Com seus fiéis amigos, e mais tarde
 Nos silvados aspérrimos do Horto
 A morte prelibar, sentir nos membros
 A fria exsudação 2874 d'água e de sangue
 Porejar copiosa; enfim, vendido
 Por Judas o traidor, o sevo monstro,
 Prêso e manietado, entregue à sanha
 Dos rancorosos padres e juizes,
 Embusteiros legais, nobres verdugos,

Ilustres carneiros revestidos
 De púrpura e de arminho. — Prossigamos.
 O horizonte se obumbra.... desce a noite, 2875
 A noite mesta e lúgubre da História....
 Um orvalho sangrento alaga os campos.....
 Dá-me forças, Senhor, que tenho medo!.....

II

Jerusalém dormia. Entre os palácios,
 As riquezas dos príncipes romanos,
 As pontifícias galas, e a penúria,
 A vil degradação da ínfima plebe;
 Entre os vastos, — as lautias mesas,
 Os belos camarins, os fofos leitões
 E os tugúrios fumosos, negros, frios,
 Os farrapos nojentos, as lareiras
 Apagadas, vazias; — ressonava
 A geração de escravos e mendigos
 Em cujas veias circulava ainda
 O sangue dos austeros patriarcas!
 Jerusalém dormia. A raça impura, 2876
 Que outrora livre e farta no deserto,
 Chorava pelo duro cativo
 Das regiões do Egito, e suspirosa
 Lembrava-se das ôlhas abundantes,
 E das amplas despensas 2877 e cozinhas
 Do grande Faraó, — a raça estulta,
 Talvez feliz, em sonhos, se julgasse,
 Por partilhar os restos e as migalhas
 Que sobravam da orgia dos tiranos!
 Jerusalém dormia. A voz pausada
 E rouca das latinas sentinelas
 Nas muralhas de escura fortaleza,
 O pio das corujas agoureiras
 Nos velhos bastiões, os longes ecos
 Dos nefandos festins, de quando em quando
 O silêncio da noite interrompiam.
 Mas, nas habitações dos sacerdotes,
 Nos paços dos pontífices vaidosos,
 Estranho movimento anunciava
 Importante sucesso. As portas francas,
 Os pátios e saguões iluminados,
 Guardas dobradas, confusão de servos,
 Tudo, enfim, revelava que essa noite
 Era, não de prazeres e folguedos, 2878
 Mas de urgentes questões, graves negócios.

III

Que sinistro clarão expele as sombras
 Das ruas tortuosas, mal calçadas,
 E alumia os grosseiros edifícios
 Da cidade vetusta? Que luzeiros
 Agitam-se nas trevas, numerosos
 Como as chamas fugazes que tremulam
 Nos campos de batalha, às horas mortas,
 Quando o gélido orvalho se pendura
 Das tendas dos guerreiros? Que rumores,
 Que vociferações ímpias e feras
 Turbam a quietação das êrmas praças
 Derramando o pavor pelas moradas
 Do miserando povo? — O que procuram
 Êsses vultos incertos, macilentos, 2879
 Armados de bastões e de alabardas?
 Onde vão êsses rudes quadrilheiros,
 Cujas lanças delgadas 2880 e lustrosas
 Relampejam nas trevas? — Bravo e forte,

Nos horrores do crime endurecido, ²⁸⁸¹
 Deve de ser o malfeitor que arrastam
 Aos tribunais supremos. — Cautelosos,
 Convém cercar o monstro, que não fuja,
 Zeladores sublimes da justiça!.....
 Oh! divino Jesus! Manso cordeiro!
 Gênio da Caridade e da doçura!
 Luminar da inocência!... És tu que passas
 Qual um facinoroso das montanhas
 Acusado de atroces morticínios!
 És tu, que triste e pálido caminhas
 Como um feroz jaguar das cordilheiras
 Que os homens do sertão levam cativo
 Às aldeias remotas! — Salve, Cristo!
 Teu reinado começa neste mundo!

IV

Emblema da ternura lutuosa,
 Da beleza entre lágrimas, desmaia
 No plúmbeo céu a lua decrescente.
 Jerusalém acorda. Abrem-se as portas,
 Pulam os curiosos faladores
 Dos aquecidos leitos, gira o povo
 E ajunta-se nas ruas e nas praças,
 Onde sempre versátil, sempre vário,
 Contos inventa, vaticínios forma,
 E apesar do vigor com que assevera
 Tão contrários juízos, enleado
 Pergunta: — O que há de novo?.. — Pobres turbas
 Que tomam por verdade a própria sombra!
 Mas um sudário de úmidos vapôres
 Cobre a cidade ilustre e desditosa, ²⁸⁸²
 Geme o vento nos grossos balaústres
 Das erguidas sotéias; vacilante
 Como infeliz marítimo que as ondas
 Jogam sôbre os agudos arrecifes
 De tenebroso gôlfo, às horas mortas,
 Depois das ânsias de fatal naufrágio,
 Ao palácio de Anás, grande entre os padres,
 E sogro do pontífice, arquejando
 O Salvador chegou. Dúbio sorriso
 Aos lábios assomou do hebreu tigrino:
 Ele aguardava, impaciente, a prêsa,
 E a prêsa sob as garras lhe caíra!
 Tardava o sacrifício! — Que preceitos ²⁸⁸³
 Pregas às ²⁸⁸⁴ multidões? Quais teus princípios?
 Quais as crenças que tens? — Nas sinagogas,
 Nas praças e no templo, à luz do dia, ²⁸⁸⁵
 Minha voz elevei, lhe diz o Cristo,
 Não me envolvi nas sombras do mistério,
 Não procurei recintos escondidos
 Nem câmaras secretas, — interroga,
 Se desejas saber, aos que me ouviram,
 E terás a verdade de seus lábios. —
 Nesse momento, a mão de um quadrilheiro,
 A mão dura e calosa, e mais pesada
 Que a pata do tapir, feriu cruenta
 O rosto suavíssimo do Cristo
 Deixando impressa a nódoa purpurina
 Da dor e da vergonha! — Inclina a fronte,
 E respeita ao pontífice! — acrescenta
 Dos vis senhores o mais vil cativo.
 — Se mal falei, responde o augusto Mestre,
 Se mal falei, ²⁸⁸⁶ convence-me do êrro,
 Mas, se disse a verdade, o que te move
 A ultrajares-me assim? Porque me feres? —
 Anás, porém, folgava intimamente,

Dirigiu-se a Jesus com gesto altivo,
 E depois de mil pérfidas propostas,
 Depois de mil questões insidiosas,
 Enviou a Caifás o herói divino.
 Então coberto de baldões e injúrias,
 Impelido e espancado como a fera
 Que arrancam do covil os caçadores,
 Aflito o seio, descorado o rosto,
 Do palácio de Anás desceu o Mestre.
 Longe, dois vultos, cautelosos, mudos,
 Pelas espessas trevas se esgueiravam,
 Um era Pedro, o galileu singelo,
 O outro compassivo israelita,
 Pobre e simples mancebo, iniciado
 Da Nova Lei nas lúcidas doutrinas.
 Viram-no os quadrilheiros e afanosos
 Procuraram prendê-lo, — mas, ligeiro,
 Veloz como um veado perseguido,
 O moço, ²⁸⁸⁷ que trazia sôbre o corpo
 Miseráveis andrajos, esquivou-se
 E os deixando entre as garras dos protervos
 Afastou-se a correr nu pelas ruas.
 Pedro, porém, tardio e vagaroso
 Foi seguindo o Senhor, o povo, a guarda, ²⁸⁸⁸
 Até ao paço de Caifás. Brilhantes
 E nutridas fogueiras estalavam
 Aclarando o espaço e belo pátio;
 Grande cópia de fâmulos e servos,
 Sôbre largos taburnos, se aqueciam,
 Conversando ao redor de vivo lume,
 Pedro se aproximou; naquele instante
 Uma escrava da Núbia, esbelta e forte,
 De bronzeado rosto e negros olhos,
 Descia prazenteira a longa escada;
 O velho pescador pediu-lhe humilde
 Um lugar entre os outros; satisfeito,
 Entrou e se assentou sôbre uma pedra, ²⁸⁸⁹
 Retirado dos grupos suspeitosos.

V

No palácio do Sumo Sacerdote,
 No formoso salão de alvas colunas
 Onde os graves negócios se decidem
 Concernentes à lei, — plácido e belo
 Como o sereno, ²⁸⁹⁰ cândido luzeiro
 Que precede a alvorada, entre os negrumes
 Precursores ²⁸⁹¹ fatais da tempestade,
 Apareceu Jesus; firme e seguro,
 Radiante de graça e de inocência,
 Caminhou para o estrado, onde orgulhoso, ²⁸⁹²
 À sombra de um dossel de rubra sêda,
 Em doirada cadeira pontifícia
 Descansava Caifás. Fundo silêncio
 Reinava no sacrílego auditório.
 Caso intrincado, sério e não previsto
 Apresentou-se então ao pensamento
 Do príncipe cruel: — Só competia
 Ao govêrno de Roma e seus prepostos
 Dar sentença de morte: a lei expressa
 Não deixava lugar a falso arbítrio.
 Que julgar? Que fazer? — Forjar um crime,
 Revesti-lo de horrendas circunstâncias,
 O imputar ao Senhor! — Cem testemunhas, ²⁸⁹³
 Malvadas umas, cobiçosas outras, ²⁸⁹⁴
 Em auxílio dos ímpios acudiram.
 Mas os ²⁸⁹⁵ pios varões, retos juízes,
 Pontífices ilustres que buscavam

O justo condenar, — brandos agora,
 Por demais complacentes, despediam, 2896
 Depois de convencidos da calúnia,
 Profanadores vis, monstros perjuros,
 Que zombavam de Deus e da justiça!
 Oh! cegueira da inveja! Oh mal sem cura!
 Entretanto dois sáfios publicanos,
 Dois consócios de Judas o precito,
 Dirigiram-se ao Sumo Sacerdote:
 — Nós o ouvimos, Senhor, junto do templo
 Dêste modo falar: — Tenho poderes
 Para arrasar o templo, se o quisesse,
 E depois em três dias, mais seguro, 2897
 Levantá-lo outra vez! — Nestas palavras,
 Era a ressurreição que anunciava
 O Redentor do Mundo; era seu corpo
 O templo que das sombras mortuárias
 Feliz ressurgiria! — A feia intriga
 Silvava à sombra da verdade santa!
 — Então disse Caifás: — O que respondes?
 Tu bem vês que te acusam. — Mas o Cristo
 Sacudiu a cabeça tristemente, 2898
 Encarou suspirando os delatores,
 E conservou-se mudo. — Urgia o tempo,
 Convinha abreviar o atroz processo,
 Achar um vão pretexto, um qualquer meio
 De consumir o infausto sacrifício.
 Retirou-se Caifás. Desprotegido
 Ficou Jesus, sòzinho, exposto à sanha
 Do vulgacho grosseiro, e às zombarias
 Dos depravados, 2899 ímpios quadrilheiros. 2900

VI

O fúlgido clarão da estrêla d'alva
 Derrama-se no espaço, a rósea aurora
 Pouco a pouco adelgaça o véu cinéreo
 Que flutua nas portas do Oriente;
 Áureos, fulvos listões, faixas purpúreas,
 Brancas, argênticas franjas atravessam
 As regiões festivas onde assoma
 Cada dia mais forte em seus domínios
 O rei das estações. No grande pátio
 Da casa de Caifás, sempre tristonho,
 Meditabundo sempre, Simão Pedro
 Vela perto do fogo; os ociosos
 Continuam as práticas estultas,
 Os soldados estiram-se rosnando
 Sôbre as lájeas do chão; mas uma escrava, 2901
 Que desce nesse instante ao peristilo,
 Pára, surpresa, atenta considera
 O pobre pescador: — Bem o conheço,
 Diz a vil criatura a seus parceiros,
 E' êste um dos amigos, e o mais velho, 2902
 Do mestre nazareno. — Oh! tal não digas!
 Exclama o galileu amedrontado,
 Nunca lhe ouvi a voz nem vi-lhe o rosto! —
 Porém Malco aí estava, o servo Malco
 A quem Pedro ferira. — Quê! Tu negas?
 Pois não eras no Horto? Não te lembras
 Que me cortaste a orelha? — acode o ímpio.
 — Estranhas coisas, lhe responde Pedro,
 Falsas proposições dizes, amigo;
 Nada sei do que falas, nem do Mestre
 Que os sacerdotes julgam! — Como treme
 O pescador astuto! Companheiros,
 Informa um dos criados, muitas vêzes

Entrei no seu batel, estou bem certo;
 Depois não mais o vi; por fim, 2903 nos campos,
 E nas praças o achei unido aos sócios
 Do filho de José. — Não é verdade!
 Exclama Simão Pedro! — Então, prodígio!
 A poucos passos, num sombrio canto
 Dos aposentos térreos do palácio,
 Bateu o galo fortemente as asas
 E a voz soltou vibrante e prolongada.
 Simão estremeceu, — voltou os olhos
 Para as altas janelas, e entre as grades
 Viu, ao frouxo clarão da triste aurora, 2904
 A figura serena e graciosa
 De seu divino Mestre. A consciência
 Abalada e ferida fundamente
 Despertou 2905 as cansadas faculdades
 Do singelo discípulo; os remorsos
 Acerbos e pungentes, a vergonha
 De uma fraqueza quase que perfídia,
 A lembrança da culpa, o horror da pena,
 Como agudos punhais dilaceraram
 O coração do mísero: os soluços
 Embargaram-lhe a voz, e quentes lágrimas,
 Lágrimas puras de alma arrependida, 2906
 Orvalharam-lhe o rosto e as barbas brancas.

VII

Amanhecera. Os pérfidos Doutôres,
 Os Anciãos do Povo, os Sacerdotes, 2907
 Em conselho secreto reunidos
 Decidiram levar o Santo Mestre
 Ao Romano Pretório. Era Pilatos
 Então governador, homem sem crenças,
 Grande apenas no luxo e na vaidade.
 No formoso vestibulo, adornado
 De maríneas pilastras, sobranceiro
 Os recebeu o príncipe latino, 2908
 Que aos filhos de Abraão a Lei proíbe
 Dos recintos pagãos entrar no grêmio.
 — De que delito é réu êste mancebo?
 Quem de vós o acusa, e quais as provas
 Do crime cometido? — Assim pergunta
 Pilatos aos Pontífices nefários.
 Então Caifás responde: — Defensores
 Somos da Lei, — das tradições mosaicas
 Dos foros nacionais: se delinquente
 Não fôra o que trazemos ao Pretório
 Porque te buscaríamos? — Doloso,
 Pregador de sacrílegas doutrinas,
 Usurpador de títulos sagrados
 E' êste que tu vês! — Mas o Romano
 Sorriu-se e respondeu: — Pois bem, julgai-o
 Pelo vosso direito e usos antigos.
 — Não, atalhou Caifás, a Lei condena
 Os castigos de sangue! — Então Pilatos
 Voltou-se para o Mestre nazareno,
 Inquiriu cauteloso os pormenores
 De seu viver passado, — a norma, a essência
 Das sublimes lições, e o fundamento
 Da feia acusação dos Sacerdotes,
 Satisfeito por fim ergueu-se e disse:
 — Anciãos da Judéia, — em vão procuro
 Surpreender a culpa a mais ligeira
 Neste infeliz mancebo; sou Romano,
 Vossos velhos costumes desconheço:
 Fazei o que entenderdes; entretanto
 Pensai antes de obrar: — tenho o direito,

Usando de um antigo privilégio, 2909
De soltar neste dia um criminoso;
Ora, pois, atendi: — nos calabouços
Dos cárceres Romanos, está prêso
O cruel Barrabás, ousado monstro
Cuja fama horroriza e assombra os campos,
E — aqui — tendes Jesus, o pobre Mestre,
Filho de inofensivo Carpinteiro.
A qual dos dois darei a liberdade?
— A Barrabás! A Barrabás! exclamam
Os Doutôres, Pontífices e Escribas.
— A Barrabás! responde o ingrato povo
Acompanhando os bárbaros algozes!

VIII

Não longe do Pretório, iluminada
Pelos flavos clarões do sol nascente,
Aparecia a casa de Pilatos,
Alva, risonha, erguida entre ciprestes,
Coberta de cimalthas caprichosas, 2910
Frisos sutis, colunas de alabastro,
E arejadas sotéias. Tão festiva
Dir-se-ia a visão de alto castelo
Pelos gênios da aurora edificado
Nas regiões longínquas 2911 do Oriente
Onde termina o mar e o céu começa.
Os mansos passarinhos gorjeavam
A sombra dos vergéis, as auras frescas
Soerguiam as trêmulas cortinas
Do belo camarim, onde entre flores,
Mimosa flor também, sôbre almofadas
Lânguida descansava a linda espôsa
Do opulento pagão. Seus pensamentos
Tristes deviam ser, que os rubros lábios
Cerrava convulsando, e dentre os cílios
Negros como a penugem luzidia
Das escuras abelhas da floresta
Rebentavam as lágrimas, sentidas.
Filha airosa da Itália sonhadora!
Rôla saudosa das alegres veigas
Dos campos de Lavínia! Que pesares
Ferem-te o coração? — Mas de repente 2912
Um profundo gemido angustioso 2913
Os seios lhe agitou; a nobre dama
Levantou-se de um salto, branca e fria
Como a estátua de mármore poisada
Em brônzeo pedestal junto da porta;
Correu para a janela, as tranças sôltas,
O olhar afogueado. Então ruidosa
Bramia a onda popular na praça,
Mil vozes discordantes repetiam:
— Desatai Barrabás! Deixai-o livre! —
Compreendeu a espôsa de Pilatos
A sinistra questão. Chamou um pajem
E o mandou ao Pretório a tôda pressa.
— Vai, — diz a teu Senhor: Ampara o justo!
Que revelou-me um sonho pavoroso
A pureza divina de seus atos,
Das intenções celestes a inocência,
A gloriosa origem de seu gênio! —
O servo obedeceu. Nesse momento
Uma nuvem trevosa e carregada
Cobriu a luz do sol, — rijo nordeste
No ledo camarim entrou silvando,
Tremeu o pavimento, e as belas flores
Que pendiam das jarras primôrosas
Caíram desfolhadas 2914 no tapête.....

IX

Era tarde!.. — Do ergástulo sombrio
Onde os castigos corporais se cumprem,
Circundado de guardas e verdugos, 2915
Jesus descia então a larga escada.
No centro da prisão, na sala negra
Coberta de instrumentos de suplicio,
Alastrada de algemas e correntes,
Rotos grilhões, ensangüentadas cordas,
Os algozes pararam. — Tu soluças?
Tu escondes o rosto, 2916 ingênua musa?
Oh! continua, e chora! — Então vergou-se
O corpo do Senhor ao férreo pêso
Das garras dos brutais executores,
Caiu-lhe a pobre túnica, em pedaços, 2917
Nos doloridos pés! Depois... os golpes
De amiudados, rábidos açoites, 2918
Ecoaram nos fundos calabouços!
Era o primeiro quadro do martírio!

Os bárbaros cansaram. Necessário
Era que ao sangue se ajuntasse o escárnio.
Assim fôra predito. Então puseram
Sôbre a cabeça do Divino Mestre
A coroa da glória e do infortúnio,
Um tecido de espinhos lacerantes!
Entre as mãos uma cana verdoenga
Colhida nos pauis, e sôbre as chagas,
Sôbre as vivas feridas, que as vergastas
E os látégos abriram, — miseráveis!
Sórdido manto de grosseira crina!
— Salve! Rei dos Judeus! gritavam rindo!
F lançavam-lhe ao rosto o imundo escarro
Do ódio e do desprezo, e lhe atiravam
Sôbre a sangrenta fronte descaída
O lôdo da prisão e as imundícias!

X

Outra vez no Pretório 2919 entrou cercado, 2920
Depois de injúrias tantas e flagícios,
Lividamente belo o Deus cativo.
— Inda sustentas, — perguntou Pilatos,
Que és o Rei dos Judeus? — Tu o disseste! —
Responde o Salvador, 2921 firme, e sereno.
Ora, o governador que recebera
O triste aviso da querida espôsa
Se esforçava em buscar propícios meios
De salvar o Senhor. Ao pensamento
Acudiu-lhe um arbítrio: era oriundo
Jesus 2922 da Galiléia, essa província
Ao domínio de Herodes pertencia.
E pois mandou Jesus ao grande Herodes
Que o ouvisse e que julgasse. — Curioso
O rei o recebeu, — extensas 2923 horas
Atento o interrogou em seu palácio,
E ordenando, por fim, que lhe vestissem
Uma túnica branca, o despediu.
Nem mesmo Herodes o julgou culpado!
Então o Salvador voltou, de novo, 2924
Ao sinistro Pretório. O sol brilhava
Doirando os altos cerros do Oriente,
Pilatos reuniu logo os Doutôres,
Os Anciãos do Povo, os Sacerdotes, 2925
E estas palavras disse memoráveis:
— Vós acusais o Mestre Nazareno
De fazer sedições, turvar do povo
O íntimo sossêgo, a consciência,

E violar da Lei os são preceitos;
 Ora, o interroguei de mil maneiras
 E não lhe achei o mínimo delito.
 Inquiri testemunhas que mentiram
 De um modo vergonhoso. — Duvidando
 Da clareza e valor de meus juízos,
 À decisão de Herodes sujeitei-me,
 E eis Herodes me envia o desgraçado
 Que declara inocente! Conseguistes
 Do feroz Barrabás o livramento:
 O que farei do Cristo? — Crucifica-o!
 Respondem prontamente os Sacerdotes.
 — Crucifica-o! — Vozeia o povo ignaro
 Apinhado no pátio e nas calçadas.
 Então Pôncio Pilatos levantou-se,
 Pediu um vaso d'água, e lento e mudo
 Pôs-se a lavar as mãos; depois volvendo
 Severo olhar aos padres que o cercavam:
 — Sou inocente dêste puro sangue
 Que se vai derramar, não tenho parte
 No martírio do justo; eu vo-lo entrego.
 Disse, e afastou-se triste do Pretório.
 — Reverta sôbre nós e nossos filhos
 O sangue que a Lei pede, e persistente
 Procuraste poupar! — responde o povo.
 A missão de Pilatos era finda.

X I

Musa Cristã! Desprende lacrimosa
 Sôbre o colo de neve as tranças de oiro!
 Arroja de teu seio as rosas brancas
 E as lindas amarílis das campinas
 Que os Amôres colheram! Cinge a fronte
 De fôlhas de cipreste e roxos ²⁹²⁶ goivos;
 Deixa o leve brial, envolve o corpo
 Em funerário crepe, e solitária
 Debruça-te nas fragas do deserto!
 Chora, e lembra as angústias assombrosas
 Da morte do Senhor.... Ah se puderas, ²⁹²⁷
 Se puderas voar, transpor os mares,
 Atravessar o Líbano e as montanhas
 Rochosas de Ascalon; poisar no cimo
 Do Calvário sagrado, e compungida
 Beijar o duro solo onde caíram
 As lágrimas do Mestre!... Se puderas
 Um raminho apanhar das tristes plantas
 Que o sangue fecundou do Deus aflito,
 Do Deus agonizante!... Oh! toma a lira,
 Canta, como o pastor, ²⁹²⁸ que a Natureza
 Afina a voz singela! Como o nauta
 Que as saudades da pátria o estro acordam!
 Como o servo que aspira a liberdade!
 Como o formoso pássaro das selvas
 Que não sabe por que, ²⁹²⁹ mas canta, e canta
 E canta até que a morte a voz lhe roube!

X I I

A Coorte formou-se aparatosa,
 Meneando insolente os finos gládios,
 À roda do Senhor; os Quadrilheiros
 Sacudiram as longas alabardas,
 Risonhos, como bravos combatentes
 Que próxima batalha incita e move;
 A multidão mendaz, grosseira e falsa
 Apertava-se, ria, ou praguejava

Como em Circo de feras! — Negra e rôta
 Era do Cristo a túnica mesquinha.
 — Não dêste modo um grande rei se traja!
 Disse um cabo da guarda, motejando.
 — Venha depressa um manto precioso! —
 O manto apareceu; o vil soldado
 Lançou sôbre Jesus as mãos profanas
 E a túnica rasgou-lhe. Então sorpresos
 Recuaram os bárbaros: os ombros,
 Os braços do Senhor estavam roxos, ²⁹³⁰
 Intumescidos, ²⁹³¹ ásperos, cobertos
 De coagulado sangue e grossas bôlhas!
 — Cobre-te, — diz o esquálido soldado
 Nas costas lhe estendendo o rubro manto,
 — Sábio Rei dos Judeus, — estás medonho!

X I I I

Poréni, ao lado oposto do Pretório, ²⁹³²
 No baixo alpendre de uma casa escura,
 Lavra trigueiro e feio Israelita
 Um pesado madeiro. Nos degraus
 De antiga e larga escada, ²⁹³³ enegrecida
 Pelas chuvas do inverno, se debruçam
 Duas formosas, ²⁹³⁴ pálidas crianças.
 — Basta de trabalhar! — Diz a mais moça.
 — Vem descansar, meu Pai. — E' cedo ainda, —
 Responde o Carpinteiro, — agora mesmo
 Devo entregar aos Anciãos do Povo
 Esta pesada Cruz, e êles não tardam.
 — Pois é isto uma Cruz? — Pergunta a ²⁹³⁵ mēdo
 A mais crescida das gentis meninas,
 — Que vão fazer da cruz? — Não sabes, louca?
 Murmura o tórvo hebreu com dúbio riso,
 — Na cruz pregam-se os maus, os criminosos,
 Os que afrontam a Lei. — Assim falando
 Limpa tranqüilo o pó do horrendo lenho
 Já bem seguro e forte. — Oh! Deus Eterno!
 Exclama a pobre filha, — e porventura
 Vai alguém padecer? — Pois não conheces
 O Mestre Nazareno? — O Cristo! O Cristo! —
 Gritam os lindos anjos do operário.
 E Jesus repellido pelos homens
 Teve as sagradas lágrimas da infância,
 A oblação da inocência. — Bem me lembro,
 Diz a primeira irmã, sôbre a montanha
 Onde ao sol pôsto descansava sempre,
 Um dia me poisou sôbre os joelhos,
 Deu-me um beijo no rosto. Nesse dia
 Êle falou ao povo me apontando:
 — Deixai vir, deixai vir as criancinhas! —
 E vai morrer o Cristo! — Então de perto
 Um confuso rumor, tropel confuso,
 Passos precipitados, altos gritos,
 Ameaças cruéis, feias injúrias
 Se fizeram ouvir ao mesmo tempo;
 Depois em uma voz ligou-se tudo:
 — A Cruz! A Cruz! — A multidão bradava.
 — Pronta está, — respondeu o Carpinteiro.
 O Salvador chegava acompanhado
 Da população infrene. — Grão Profeta,
 Belo Rei dos Judeus, — preclaro Mestre,
 Brada o Chefe cruel dos quadrilheiros,
 — O teu cetro ali está, somos teus servos,
 Toma aos ombros a Cruz e nos dirige! —
 — Ao Cálvário! Ao Cálvário! — Ruge o povo.
 Então a turba iníqua e depravada

Vomitando doestos e impropérios
 Poisou, raivosa, nas espáduas santas
 O madeiro fatal. O grande Mártir
 Sentiu a luz fugir-lhe e um suor frio
 Correr da fronte lívida e sangrenta,
 Vacilou um instante: assim nos ermos
 Dobra-se e geme o delicado arbusto
 Quando de árvore antiga um velho galho
 Verga e lhe oprime os ramos fluorescentes;
 Assim nas solidões se inclina o cervo,
 Quando de funda gruta a pedra solta
 Rola e o dorso lhe curva macerado.
 — Ao Calvário! — vozeia a rude plebe.
 — Ao Calvário! — Repete a infame guarda!
 E o caminho seguiram do Calvário.
 Quando, porém, molesto e vagaroso
 Deixava o Cristo as portas da cidade,
 Judas entrava no Pretório. — Padres!
 Anciãos, Sacerdotes que votastes
 Minh'alma ao fogo eterno da Geena!
 Pequei, vendendo o sangue do inocente!
 Disse elevando a voz áspera e rouca.
 — Eis aqui o dinheiro da perfídia,
 O preço da traição! Queimam-me os dedos
 Estas fatais moedas! — Chegas tarde, —
 Responderam-lhe os sevos carniceiros,
 — Bem devias saber o que fizeste. —
 Judas não replicou: sôbre os ladrilhos
 As moedas lançou, que, retinindo, ²⁹³⁶
 Aos pés caíram dos perversos Padres.
 Pouco tempo depois, no monte, ao longe,
 Dos grossos galhos de isolado roble,
 Pendia o corpo do Judeu maldito,
 Horrendo o rosto, esbugalhados ²⁹³⁷ olhos,
 Saída a língua remordida e negra
 Da pavorosa bôca! — Êrro nefasto!
 Expição do crime pelo crime!
 Reparação do mal no desespero!

X I V

Jesus, porém, curvado ao pêso enorme
 Do tremendo madeiro, — imenso pêso
 Que era o pêso das culpas e delitos
 Das gerações perversas que passaram,
 Que era o pêso do mundo, tardo e lento
 Trilhava a longa estrada do Calvário.
 As lágrimas corriam copiosas
 Pelas faces dos pobres: tantas vêzes
 Lhes tinha o Cristo aliviado as mágoas
 E saciado a fome! Tantas horas
 De fundas aflições, de dores cruas,
 Como o gênio da paz e da esperança,
 Êle havia levado a luz e a calma, ²⁹³⁸
 O júbilo e o sossêgo a seus tugúrios!
 Como os amava o Mestre! As criancinhas
 Gritavam, soluçando, dos alpendres
 Das casas do caminho: — Oh! Santo amigo!
 Que sangue é êste que te molha o rosto?
 Onde essa gente bárbara te arrasta? —
 Descalças as mulheres, desgrenhadas,
 O seio descoberto, os olhos rubros
 Do continuo carpir, atordoavam
 Os ares de gemidos. Compassivo
 Lhes disse o Redentor com voz pausada:
 — Oh de Jerusalém páldias filhas!
 Não pranteeis por mim que aos paços volvo
 De meu Divino Pai, mas por vós mesmas

E vossa descendência! Um tempo infausto
 Virá, em que dirão da terra os povos:
 — Venturosa a mulher cujas entranhas
 Fere a esterilidade! Venturosa
 Aquela a cujos peitos infecundos
 Ninguém se alimentou! — Nesse momento
 Jesus atravessava um passo estreito
 Perto de fundo algar, parou sem forças,
 Deu um grito de dor, tentou suster-se,
 Porém caiu exausto: agudo espinho
 Um dos pés doloridos lacerava.
 — Levanta-te! — Bradou soez verdugo
 E brandindo uma vara que trazia
 Rijamente o feriu. O Santo Mestre
 Três vêzes se moveu no estreito espaço,
 E três vêzes cedendo à dor pungente ²⁹³⁹
 Voltou ao duro chão, trêmulo e frio.
 — Quem lhe quer dar a mão? — Pergunta o chefe
 Da guarda desumana, o fardo é grande,
 O Calvário está longe. — Adiantou-se
 Da multidão silente um homem forte
 De espáduas largas, vigoroso colo,
 E tsnadas feições; era seu nome
 Simão o Cireneu, — calado e sério
 Ergueu o Cristo pelos froixos braços,
 Pôs-lhe a cruz sôbre os ombros contundidos,
 E ajudou-o a subir a pétrea senda.
 Então dos verdes campos do Ocidente,
 Por extensa ²⁹⁴⁰ vereda tortuosa,
 Chegavam dois humildes caminheiros;
 Vinha na frente um camponês robusto
 De franco e nobre aspeito; e não distante,
 Poucos passos atrás, mulher singela,
 Esbelta, porém triste e descorada
 Como saudosa e pálda princesa
 Que pisa aflita as regiões do exílio.
 Perto da negra estrada do Calvário
 Pararam suspirando. — Estava escrito!
 Nesse tempo outra vez caíra o Mártir
 Debaixo do madeiro, e a fera guarda
 Dizia-lhe cruentos impropérios.
 A formosa mulher ergueu os olhos,
 Fitou o Salvador, e um grito agudo,
 Sinistro como o grito da demência, ²⁹⁴¹
 Escapou de seus lábios contraídos:
 — Meu Filho! — Os duros corações tigrinos
 Se abalaram dos ímpios carniceiros.
 Jesus se levantou. Seu belo rosto
 Sublime se fizera no martírio.
 Pela primeira vez a Virgem Santa
 Viu cruzarem-se os fogos do Infinito,
 Os supremos clarões da Eternidade
 Nas pupilas do Justo preeleito!
 Os pobres, consternados, exclamaram:
 — Esmagai-nos, montanhas escarpadas!
 Oiteiros pedregosos, escondi-nos!
 Quando succede assim ao lenho verde,
 Que destino terá o lenho sêco? —

X V

Sólio de santo horror, de santa glória!
 Pira da Redenção! Altar do mundo!
 Calvário soberano! — Quão medonha
 Então a luz do sol doirava as balsas
 De teu cimo deserto! Quão tardios
 Ramalhavam os ventos na espessura
 De teus velhos sarçais! — Quão maviosos

Pelas sombras dos álamos carpíam
 Os pássaros amigos do silêncio!...
 Chegara, enfim, o séquito de algozes
 E a vítima celeste ao termo infausto
 Da jornada ominosa. O grande Mestre
 Prostrou-se sôbre a relva amarelenta,
 Nas mãos entorpecidas ocultando
 O rosto afogueado, e os tristes olhos
 Arrasados de lágrimas ardentes.
 Os Anjos imortais ²⁹⁴² estremeceram
 Junto do trono eterno, e as frentes puras
 Inclinarão chorosos. As estrêlas
 Afrontaram no céu a luz do dia.
 O sol abrasador, no espaço imenso,
 Um momento parou.... e êsse momento
 Era um evo de dores assombrosas! —
 — Pobre Rei dos Judeus! — disse um soldado
 Contemplando o Senhor com ímpio gesto.
 — Vamos te dar um vinho generoso,
 Um suave elixir, grato aos sentidos,
 Propício ao coração. — Assim dizendo
 Apresenta a Jesus um brônzeo vaso
 Cheio de denso líquido, composto
 De esverdeado fel, grumosa mirra,
 E turvo, ²⁹⁴³ acerbo vinho. — Toma e bebe,
 Faze ao mundo o teu brinde derradeiro! —
 Jesus tomou a taça, o justo emblema
 Das provações amargas da existência,
 Ergueu-a tristemente aos roxos ²⁹⁴⁴ lábios,
 E sentindo o licor viscoso e acre,
 Longe arrojou-a sôbre as duras pedras.
 — Companheiro, à obra! — Altivo ordena
 O tôrvo chefe da tartárea turma.....
 Pulam ²⁹⁴⁵ movidos de secreto fogo
 Os levitas da morte, o Cristo assaltam,
 Cospem-lhe ao rosto, rasgam-lhe os vestidos,
 Arrastam-no sem dó pelos espinhos
 E o deitam sôbre a Cruz. Torcem ²⁹⁴⁶ cruentos
 Do mártir suspiroso os frágeis braços,
 E os pés dilacerados; prendem, cerram,
 Fazendo intumescer do colo as veias, ²⁹⁴⁷
 A cabeça divina ao vil madeiro!....
 Tenebroso painel! Quadro do inferno!
 Cena de execração! — Nas férreas garras
 Dos escravos da inveja e da mentira,
 Voltaia horrendo o rápido martelo
 Com sinistro fragor, e afunda os cravos
 Nos pés e mãos do Filho de Deus vivo!...
 A terra se deprime, o lenho estala,
 Rúbidas gôtas de fervente sangue
 Borbulham das feridas hediondas
 E deslizam em fios purpurinos
 Molhando a cruz e a relva da montanha.
 Depois, ímpios verdugos, sôbre a fronte
 Do augusto condenado afixam rindo
 Como um sarcasmo atroz êste letreiro:
 — Jesus de Nazaré Rei dos Judeus. —
 Concluídos os lúgubres trabalhos
 Erguem a cruz sagrada, e sôbre um fôssô
 Hasteiam-na de pedras rodeada.
 — Se és o Filho de Deus, vem ter conosco,
 Desce do teu madeiro e então creremos
 Nas escuras doutrinas que pregaste. —
 Assim falam zombando e escarnecendo
 Feros soldados, Fariseus impuros,
 Míseros servos dos tiranos Padres.
 Não bastava o suplicio acompanhado
 De humilhações ²⁹⁴⁸ cruéis, o tôrvo gênio

Dos Doutôres da Lei, dos Sacerdotes, ²⁹⁴⁹
 Queria a execração além do sangue,
 Tinha sêde de opróbrío. Alguns momentos
 Depois do pavoroso sacrificio,
 Mais duas cruces negras avultavam
 Aos lados do Senhor, e dois perversos,
 Dois audazes ladrões daquelas terras,
 Nelas se retorciam convulsando.
 Sublime lei do exemplo! Os magistrados
 Não queriam perder tão grato ensejo
 De servir à Justiça e à Humanidade!
 — Se és o Filho de Deus, porque padeces?
 Perguntou a Jesus um dos bandidos,
 — Salva-te, pois, e salva-nos, se podes! —
 — Nem nas provas cruentas do suplicio
 Respeitas o Senhor! — Acode o outro.
 De nossas grandes culpas recebemos
 A justa punição; porém, o Cristo
 Que falta cometeu? — Depois fitando
 Tristemente o Senhor, disse piedoso:
 — Oh! lembra-te de mim quando subires
 Ao teu celeste e glorioso reino! —
 E Jesus respondeu-lhe: — Não te aflijas,
 Afirmo-te entre as sombras do martírio
 Que hoje entrarás também no Paraíso!

XVI

Reclinados, porém, no chão relvoso
 Divertiam-se os bárbaros soldados
 Entoando canções abomináveis,
 E sôbre a velha túnica do Cristo
 Jogando incertos dados. O mistério
 Divino se cumpria. Já três vêzes
 A sêde abrasadora, ²⁹⁵⁰ que acompanha
 O suplicio da Cruz, amargas queixas
 Arrancara ao Senhor, mas os verdugos
 Atando à ²⁹⁵¹ longa vara grossa esponja
 Embebida de fel e de vinagre
 Aos lábios incendiados lhe aplicavam.
 Era atroz o martírio. À hora sexta
 Uma celeste luz brilhou nos olhos
 Do Redentor do Mundo, — últimos raios
 Do sol na linha extrema do ocidente;
 Convulsivo tremor correu-lhe as fibras;
 Uma nuvem pesada e lutulenta
 Estendeu-se no céu. À hora nona
 Lançou o Cristo um brado angustioso: ²⁹⁵²
 — Meu Deus! Meu Deus! Porque me abando-
 [naste! —

Inclinou a cabeça ao frio peito, ²⁹⁵³
 Cerrou as roxas ²⁹⁵⁴ pálpebras cansadas,
 Deixou de respirar. O santo corpo
 Da negra cruz pendia macilento
 No sombrio Calvário, — a alma divina
 Entrava triüfante e gloriosa
 De seu Eterno Pai no excelso Império.

XVII

A morte horrenda e trágica do Cristo,
 Do Deus, Filho de Deus, assombra o mundo,
 Cobre de luto o firmamento e os mares,
 Abala o próprio Inferno! — O Véu do Templo
 Rasga-se de alto a baixo como a névoa
 Que o relâmpago etéreo despedaça;
 Tinge-se o céu de negro, o sol medroso
 Lança um último raio sôbre os montes

E mergulha-se frio e descorado
 No oceano de trevas que dominam
 A vastidão do espaço. A terra treme,
 E solta das entranhas requeimadas
 Denso vapor e rubras labaredas.
 Secam os rios, partem-se os rochedos,
 Abrem-se as sepulturas dos Profetas,
 E as jazidas dos Santos que ressurgem,
 E erram chorando pelas êrmas praças!...
 À tarde um rico e nobre Israelita,
 José de Arimatéia, estrênuo guarda
 Da novíssima Lei, sobe ao Calvário,
 Manda descer por ordem de Pilatos
 O triste corpo do divino Mestre,
 Leva-o piedoso à casa onde reside,
 Banha-lhe as chagas negras, embalsama-o
 Com preciosas, ²⁹⁵⁵ grátulas essências, ²⁹⁵⁶
 Depois o envolve em faixas de alvo linho
 E o deposita com sagrado zêlo
 No túmulo dos seus, grande jazida
 No seio escuro de profunda gruta,
 Resguarda a entrada com pesada loisa
 E aos lares volta satisfeito e calmo.
 Entretanto a formosa Madalena, ²⁹⁵⁷
 Maria a meiga espôsa de Cleófas,
 E outras pias mulheres, largo tempo
 Ficaram pranteando junto às ²⁹⁵⁸ rochas
 Onde jazia o Mestre que adoravam;
 Depois se retiraram, e os Juízes
 Tiramos de Israel, e os Sacerdotes, ²⁹⁵⁹
 Temendo que os discípulos do Cristo
 Lhe furtassem o corpo às horas mortas
 E dissessem depois que ressurgira,
 Perto da feia e lúgubre caverna
 Uma guarda puseram vigilante.

XVIII

Três dias e três noites pavorosas
 Sobre a loisa do túmulo passaram;
 Três dias e três noites de mistério
 Os segredos cobriram de além-mundo.
 A vida e a morte combatiam surdas
 No silêncio e nas trevas do sepulcro.
 Mas ao último dia, quando os astros
 Desmaiavam na cúpula sidérea,
 E os primeiros clarões tíbios e froixos
 De uma sinistra aurora adelgaçavam
 As nuvens pardacentas do Oriente,
 Um estampido horrísono e medonho
 Reboou nas abóbadas sombrias
 Da funerária gruta; um vivo fogo,
 Um jorro imenso de brilhantes luzes
 Bateu na lisa face do rochedo.
 Os Quadrilheiros hirtos, assombrados,
 Lívidos de terror no chão caíram
 De viscoso suor molhando a relva;
 Agitaram-se os pássaros das brenhas
 E tentavam fugir batendo as asas
 Tíbias e sem vigor! Dois belos Anjos, ²⁹⁶⁰
 Radiantes de graças inefáveis,
 Desceram das esplêndidas alturas,
 Afastaram a pedra do sepulcro,
 E o Cristo apareceu! O grande Cristo!
 O Cristo soberano e glorioso,
 Filho de Deus e Salvador do Mundo!

XIX

O sol doirava os píncaros das serras
 Quando as tristes mulheres, lacrimosas,
 Do Redentor ao túmulo voltaram.
 Vendo, porém, ²⁹⁶¹ caída a negra pedra
 Correu aflita a pobre Madalena
 A buscar Simão Pedro e seus amigos.
 — Levaram do sepulcro o Santo Mestre! —
 Lhes disse magoada. O velho Apóstolo
 Dirigiu-se e mais outro companheiro
 Ao jazigo do Cristo, entraram mudos,
 Cheios de devoção e de respeito;
 No chão viram as faixas e o sudário,
 O sudário, porém, dobrado e limpo,
 Longe da sepultura, e a sepultura
 Descoberta e vazia! — Amedrontados
 Fugiram do jazigo a passos largos.
 Fora, entretanto, sobre um velho tronco,
 Soluçava a formosa Madalena.
 — Porque choras, mulher? — Então da sombra
 Perguntou-lhe uma voz melodiosa.
 A bela arrependida levantou-se, ²⁹⁶²
 Volveu os olhos para a gruta escura
 E divisou dois anjos colocados, ²⁹⁶³
 Um do fúnebre leito à cabeceira,
 Aos pés o outro, fulgurantes ambos,
 Ambos cingidos de lauréis divinos.
 — Levaram meu Senhor! — a pobre exclama.
 E não sei onde está! — Busca-o mais longe, ²⁹⁶⁴
 Responde um dos sublimes veladores.
 Madalena voltou o branco rosto
 E viu de pé na entrada dos rochedos
 Tranqüilo o Salvador! — Divino Mestre! —
 Murmurou jubilosa. — Não me toques.
 Procura teus irmãos, procura-os todos,
 Dize-lhes que retiro-me do mundo
 Para o seio do Padre Onipotente
 Que é meu Senhor e teu! — Jesus ordena.
 A pálida mulher se ergueu de um salto
 E rápida correu, levando a nova
 Do celeste prodígio aos desgraçados.
 À tarde, estando todos reunidos,
 Distante da cidade, em pobre alvergue, ²⁹⁶⁵
 Ferrolhadas as portas, que medrosos
 Dos Judeus sanguinários se escondiam,
 Ouviram de repente um leve estalo
 E o Redentor apareceu dizendo:
 — A paz seja convosco! — Apresentou-lhes
 O seio lacerado, as mãos rasgadas,
 Depois volvendo aos céus o pensamento
 Repetiu bafejando-lhes as frentes:
 — Recebei o Espírito Divino!
 Assim como enviou-me o Padre Eterno
 Assim também ao mundo vos envio! —
 Prostraram-se os humildes companheiros,
 Quando, porém, ²⁹⁶⁶ se ergueram, ²⁹⁶⁷ no recinto
 Não mais estava o Cristo! Como um sôpro,
 Como um floco de névoa matutina,
 Rápido e imponderável se afastara!
 Tomé estava ausente, e quando os outros
 Narraram-lhe o milagre, — duvidoso
 Disse encolhendo os ombros: — Necessário
 Fôra que eu visse as chagas, que tocasse
 Dos cravos os sinais nas mãos feridas
 E que apalpassse o peito lacerado,
 Então pudera crer. — Passados eram
 Oito dias, talvez. De novo, o Mestre

Apareceu entre êles; nesse tempo
 Presente estava o companheiro incrédulo.
 — Tomé, disse Jesus, — eis-me contigo, ²⁹⁶⁸
 Toma entre as tuas minhas mãos, repara
 Em minha fronte lívida e sangrenta,
 Põe o dedo em meu seio! Inda duvidas
 Que eu tenha ressurgido e seja o Cristo? —
 — Meu Senhor e meu Deus! — Tomé murmura
 Beijando os pés do Mestre redivivo.
 Meu Senhor e meu Deus! Não me condenes! — ...
 — Porque tu viste acreditaste logo,
 E o testemunho de teus olhos frágeis
 Antepuseste à glória de meu nome!
 Mais felizes, Tomé, os que não viram
 E, ²⁹⁶⁹ apesar de não ver, seguros creram! —
 Disse, — e leve sumiu-se como a sombra
 Que a luz da aurora expele dos fragedos.
 Mais uma vez nas margens aprazíveis
 Do lago azul dos ermos, onde outrora
 Soía meditar nas belas tardes
 De calmoso verão, mostrou-se o Cristo
 A seus então sagrados sucessores;
 Entre êles repousou, ceou contente
 Sentado sôbre a areia, ouvindo as queixas
 Das águas bolicosas e os sussurros
 Das virações errantes nas folhagens
 Dos frondosos, ²⁹⁷⁰ antigos arvoredos.
 Foi, porém, esta vez a derradeira,
 Sua missão na terra estava finda.

XX

Entre esplêndidas nuvens purpúrinas
 Mergulhava-se o sol, e os frescos vales
 Abriam seus tesoiros de perfumes
 Aos bafejos das auras suspirosas
 Que desciam dos montes do Ocidente.
 Sôbre um risonho oiteiro reünidos
 Escutavam os homens do Evangelho
 As predições supremas, as sentenças,
 E as derradeiras instruções do Mestre.
 A sossegada aldeia de Betânia
 Se estendia a seus pés, pobre, singela
 Como um plácido ninho de andorinhas
 No meio de um vergel. — Pobres amigos!
 O Redentor falou, — em vossas almas
 Eu plantei as sementes da verdade.
 Não as deixeis morrer, tenham embora
 Em vez de orvalho lágrimas de sangue!
 Deus vos dará valor. Eu parto e deixo
 Em vossas mãos a sorte do Universo!
 Buscai os tristes, procurai os pobres,
 E o bálsamo divino da esperança
 Nas feridas vertei dos desgraçados.
 Voai à zona tórrida e às planícies
 Onde perpétuos gelos se aglomeram;
 Ensinai aos mortais as leis do Eterno,
 A pureza celeste dos costumes,
 O perdão das mais ásperas ofensas!
 E em nome do Senhor pregai ao mundo
 As mais belas das lúcidas virtudes:
 A Esperança, a Fé, e a Caridade! —
 Falava o Salvador, seu santo rosto
 Fulgurante tornava-se, seus olhos
 De inefáveis clarões se iluminavam,
 E a túnica mesquinha e desbotada
 Da brancura da neve se cobria!
 Os amigos prostraram-se embebedos

Em êxtase divino, — o grande Mestre
 Sôbre êles estendeu as mãos brilhantes,
 Volveu aos céus o rosto glorioso,
 E deixando, de manso, a terra e os homens
 Ergueu-se, ergueu-se pelos vastos ares,
 Até librar-se no sidéreo espaço
 Como longínqua ²⁹⁷¹ estrêla rutilante,
 Por fim perdeu-se além, na imensidade
 Onde não chega o pensamento humano!
 Aqui termina a História do Calvário.

CANTO X

EPÍLOGO

I

A Idolatria expira entre os gentios.
 O Oriente, o Ocidente, o Sul e o Norte
 Exultam repetindo os hinos sacros
 Dos bardos de Sião. Calam-se os ódios,
 Congraçam-se as nações; cessam as guerras;
 Surge o mundo civil do caos profundo
 Da velha barbaria! A lei triunfa,
 As montanhas coroam-se de altares;
 A Cruz domina os campos e o Evangelho
 Avassala os sertões! — Desde as ribeiras
 Do majestoso e plácido Amazonas
 Até às ²⁹⁷² margens do opulento Prata,
 Ressoam pelo espaço os belos cantos
 Da Igreja Universal! Sôbre os desertos
 Abre o Cristianismo o pálio ²⁹⁷³ agosto.

II

Porém, depois dos últimos sucessos
 Desta História de acérrimos labores, ²⁹⁷⁴
 Decorreram dez anos. As planícies
 Cobrem-se de abundantes sementeiras, ²⁹⁷⁴
 Muge o gado no campo, as ovelhinhas
 Brincam nos ervaçais, e sôbre o monte,
 No sítio ameno da saudosa ermida
 Do servo do Senhor, alveja agora
 Entre as pobres cabanas dos conversos
 A torre estreita de um singelo templo. ²⁹⁷⁵
 Põe-se o sol. Os clarões finais do dia
 Morrem ao longe nas remotas serras,
 Voltam os lavradores do serviço,
 E chamando os filhinhos se dirigem
 À casa do Senhor, os sons do sino
 Pela primeira vez ressoam crebros
 Naquelas solidões. Um pobre Padre, ²⁹⁷⁶
 De venerando rosto, ergue-se e canta
 As preces melancólicas da tarde.
 Oh! não é êle o Apóstolo das selvas!
 Musa dos ermos, o profeta é morto!
 Não! Inda brilha, descorado embora,
 O astro das missões! Inda derrama,
 Bela estrêla da Fé, a luz propícia
 Que as trevas espancou do Novo Mundo!
 Espírito do amor e da saudade,
 Leva o gênio do bardo aos longes climas,
 Onde os ecos acorda maviosa
 A doce voz que clama no deserto!
 Onde vagueia convertendo os povos
 O sucessor egrégio do Batista!

III

Ao norte das ubérrimas campinas
Onde desliza o Nilo Brasileiro,
O grande Paraíba, a quinze léguas
Da florescente aldeia consagrada
Ao Espírito Santo, e aquém das selvas
Banhadas pelas águas do Rio Doce,
Estendem-se as choupanas pitorescas
De um arraial cristão. Formosa estância!
Rerigbá feliz! Almo retiro
Onde das lídas repousou do mundo
O sublime Anchieta! Eu te estou vendo
Com teus argênteos, ²⁹⁷⁷ lúcidos arroios, ²⁹⁷⁸
Orlados de palmeiras, com teus vales
Cobertos de baunilha e passifloras,
Com teu modesto e alegre Presbitério
Circundado de choças e de apriscos!
Com teu sábio Pastor! — Idade de ouro!
Eras de singeleza e de inocência
Que jamais voltarão, senão nos sonhos
É nas visões poéticas do bardo!...

IV

A noite passa. O astro da saudade
Atufa-se nos mares. O Oriente
Arreia-se de flores purpurinas.
Surge, filha da luz! Última aurora
Da estação da inocência e da esperança!
Oh! vem! Clareia o céu, anima os bosques,
Aviventa os sertões e as cordilheiras!.....
Mas, à beira do rio, deslembadas
As canoas estão dos pescadores;
Das cabanas abertas não se expande ²⁹⁷⁹
O fumo que anuncia a paz e a vida!
Os cantos virginais não se misturam
Ao burburinho ²⁹⁸⁰ trépido das fontes,
Nem as vozes vibrantes dos mancebos
Ao golpear sonoro dos machados
Nos grossos troncos dos ipês frondosos!
Entretanto ao redor do pobre templo
As mulheres soluçam; tristes Padres, ²⁹⁸¹
Sócios e amigos do inspirado Mestre, ²⁹⁸²
Chegam de longas terras, incansáveis,
E param nos degraus do Presbitério
Receosos de entrar, falam baixinho
Aos humildes conversos que os rodeiam,
E penetram, por fim, no santo asilo
Onde o ilustre varão, prostrado, ²⁹⁸³ aguarda
O momento supremo. Quão serenas
São as feições do lúcido profeta!
Quão meigos seus olhares! Quão suaves
As palavras e os votos que dirige
Aos lacrimosos velhos companheiros!...
Homens que ledes êstes rudes cantos,
Viandantes de um vale de infortúnios
Onde cada progresso deixa um marco
Salpicado de sangue, e cada esforço
Do gênio e da virtude, uma coroa
Férrea, crivada de aguçados cravos!
Não busqueis nas lições dos grandes sábios,
Nem nos padrões da História, a luz brilhante
Que desvenda os mistérios de além-mundo!
Vêde o justo morrer! Fitai os olhos
Nesses olhos, que ²⁹⁸⁴ os páramos celestes
Radiantes devassam! Nesses lábios
Onde seguro e plácido sorriso
Anuncia a certeza do infinito!

O próximo descanso, — a glória excelsa
No seio de Abraão! — Deus se revela,
Brando e terrível, justiceiro e forte, ²⁹⁸⁵
Nas lívidas feições do moribundo
Melhor que no bramir das tempestades,
Nas faces tórvas dos revoltos mares,
Ou no zimbório azul do firmamento
Semeado de fúlgidas esferas!

V

O bronze flébil do sagrado templo
Derrama pelo espaço os lentos dobres,
Os dobres de agonia. Os sacerdotes
Prostrados ao redor do pobre leito
Onde definha o sábio, o herói, o justo,
Repetem, pranteando, os belos trenos, ²⁹⁸⁶
Os belos trenos do Saltério antigo,
E as orações da soberana Igreja,
Depositária eterna da verdade,
Fonte da salvação. — Calmo e tranqüilo
Como o Cristo entre as rábidas lufadas
Do temporal insano, o moribundo
Acompanha as endechas dolorosas
Dos aflitos irmãos. Sôbre seu peito
Entre as pálidas mãos a cruz descansa,
A mesma cruz bendita que há dez anos
Levara aos lábios trêmulos e frios
Da desditosa virgem do deserto;
Prostrado aos pés do leito um moço adusto ²⁹⁸⁷
Soluça e beija as vestes do profeta.
Jadir! E' êle o lidador das selvas!...
Como se ostenta altivo o cedro umbroso
No seio da floresta! A massa enorme
De pesado granito nas montanhas!
O crocodilo dos juncais espessos
Das charnecas da Líbia, equiparados
Ao ente racional! Uma só noite
De mudo desespero e angústias fundas ²⁹⁸⁸
Devora a mocidade, apaga os risos,
Consome as fôrças e abrevia o espaço
Que se estende entre o berço e a sepultura!
Desgraçado Jadir! mísera sombra
De guerreiro valente, quando a tarde
Nos campos desdobrar o véu suave
Borrifado de lágrimas celestes,
Sôzinho te acharás nas soledades
De um árido existir! — Lascado tronco
Que o lavrador deixou no escuro vale
Sôbre os restos de esplêndida floresta!

VI

O sol oriental vence as alturas
E dissipa das úmidas colinas
Os véus do nevoeiro, os loiros raios
Atravessando as frestas das janelas
Penetram no aposento lutuoso
Do sábio agonizante, onde crepitam
Dois pardacentos, ²⁹⁸⁹ funerários círios.
— Esta importuna claridade ofende
As pupilas do Mestre, — alguém murmura,
Cumpre tolhê-la, e já. — Não, meus amigos! —
Exclama vivamente o moribundo.
— Não me furteis o gôzo derradeiro
De ver a luz brilhante que aviventa
Êstes belos sertões! Pura e festiva
Deixai-a refletir sôbre meus olhos
E sustar um momento o frio sôpro

Que em minhas veias infiltrou a morte!
 Arredai estas tochas pavorosas,
 Abri depressa as portas e as janelas,
 Quero ver as campinas dilatadas,
 Os silvados em flor, os céus profundos,
 A luz, a luz, a imagem da esperança!
 A condição suprema da beleza!
 A vida do Universo, o gênio, a glória
 Dêsse grande poema arremessado
 Pelo Deus Criador e Onipotente
 Nos mistérios sublimes do Infinito!
 A luz! A luz no berço e no ataúde!
 A luz no coração, na inteligência!
 A luz no céu, na terra, no mais fundo
 Da consciência humana! — Assim dizendo,
 Senta-se, a custo, o pálido Profeta
 Sôbre o leito mesquinho. Os seus desejos
 São decretos sagrados nessas horas.
 Num volver d'olhos erguem-se os amigos
 E franqueiam à luz e às auras mansas
 O tristonho e paupérrimo aposento.
 — Como é límpido o céu! Como refulge, ²⁹⁹⁰
 Ao dourado clarão do sol do estio,
 Ao longe o vasto mar! Como cintilam
 As pérolas do orvalho penduradas
 Das verdes fôlhas dos murtais viçosos! —
 Exclama o venerando Missionário.
 — Oh! não choreis, irmãos, que sinto n'alma
 A paz divina que precede a aurora
 Da verdadeira vida! Alva sublime,
 Alva celestial de eternos raios
 Cobre os campos, os prados e as florestas
 De riquezas e pompas inefáveis —.....
 Gênio da Natureza, eu te estou vendo!
 Pensas, e teu pensar sustenta os orbes,
 Conduz os ventos, equilibra os mares,
 Alenta a humanidade sofredora
 E a matéria sujeita à inteligência
 Dos levitas felizes que te servem!
 Sentes, e geme a rôla na espessura, ²⁹⁹¹
 Chora o mastim à porta de seu dono,
 A leoa e a pantera dos desertos
 Sucumbem defendendo os tenros filhos,
 E a mulher do pastor esquece as mágoas
 Da trabalhosa vida, acalentando,
 Pródiga de sorrisos e meiguices, ²⁹⁹²
 O fruto de seus cândidos amôres!...
 Mandas, e o vendaval sacode as brenhas,
 Abre-se a terra, somem-se as cidades,
 O oceano se afasta, e deixa as praias,
 E vai rugir além!... Oh Natureza!
 Ninguém te viu como te vejo agora! —
 Seguem-se alguns momentos de repouso
 Depois destas palavras. O Profeta
 Contempla extasiado os vastos campos,
 Os céus serenos, os palmares frescos,
 E a cinta azul dos mares sossegados
 Nas solidões imensas do horizonte.
 Reina fundo silêncio, ao longe apenas
 Canta à beira do rio a patativa,
 E as aragens sussurram mansamente
 Nas balsas odorosas. Nem um brado
 De errante caçador nos ermos campos!
 Nem um riso infantil, um débil grito,
 O latido de um cão junto das sarças!
 Tudo é mudo. Nas rústicas varandas
 Do triste Presbitério, o povo chora;
 No retiro do sábio os Sacerdotes,

E os anciãos da aldeia, possuídos
 Dessa fascinação da Eternidade
 Que paralisa as fôrças da matéria
 E purifica o espírito, contemplam
 O semblante tranqüilo e venerando
 Do exímio lidador em cujos traços
 A beleza da estátua consagrada
 Sucede à côr enfêrma, ²⁹⁹³ às feias rugas
 Herdadas do trabalho e das vigílias.

V I I

— Pátria querida, pátria gloriosa! —
 Continua fitando os horizontes.
 — Se meu berço não foi teu grêmio ilustre,
 As primícias te dei da mocidade, ²⁹⁹⁴
 Os labores do estudo, as flores d'alma,
 O sentimento e a vida! Abre-me o seio,
 Tu que foste a visão de meu futuro, ²⁹⁹⁵
 Tu que serás o templo onde meu nome
 Triunfará do frio esquecimento!.....
 Como ²⁹⁹⁶ através do tempo cnxerger longe! —
 Mas um suspiro trêmulo e sentido
 Interrompeu-lhe a voz. — Oh! Santo Mestre!
 O que tendes? — Perguntam seus confrades
 Erguendo-se assustados. — Nada. E' cedo!
 Responde-lhes sorrindo; — é ²⁹⁹⁷ cedo ainda.
 Depois, volvendo os olhos às campinas, ²⁹⁹⁸
 Belas campinas que prezava tanto, ²⁹⁹⁹
 Assim continuou: — Não tarda o dia
 Que êstes amplos sertões, êstes desertos
 Se cobrirão de granjas e de herdades,
 De férteis plantações. Um povo livre
 Será senhor das terras planturosas
 Onde, pobres romeiros, ³⁰⁰⁰ levantamos
 Nossas precárias, miseráveis tendas.
 Não importa! Lançamos os primeiros
 As sementes da fé por êstes ermos!
 Hasteamos o lábaro divino
 Sôbre êstes verdes montes, conquistamos
 Em nome de Jesus êstes desertos
 E o deserto maior das consciências
 Desta raça feliz! Oh meus amigos!
 Não ouvis um rumor festivo e ledo
 No perpassar dos zéfiros suaves
 Que sopram do Ocidente? Nos vapôres
 Que o sol tinge de púrpura brilhante
 Não vêdes o painel de um novo mundo,
 Coberto, não de aldeias belicosas,
 Porém de vastos templos e castelos,
 Ginásios e arsenais, belas estátuas,
 E aquedutos soberbos? — Salve, ó gênios
 Que afastais as cortinas do futuro!
 O Senhor permitiu que, ³⁰⁰¹ antes das sombras
 Pavorosas da morte, se aclarassem
 Os olhos de seu servo! Hora suprema!
 Hora da liberdade, sê bem-vinda! —

V I I I

— Quão formosa e louçã, quão prazenteira ³⁰⁰²
 Reclina-se, ³⁰⁰³ entre fortes baluartes
 E risonhos vergéis, a nobre filha
 Do argonauta cristão, a soberana
 Dos encantados mares do Ocidente!
 Ao gesto criador do herói preclaro
 Os broncos alcantaris estremeceram,
 E os gigantes horríficos do abismo
 Rasgaram, praguejando, as penedias

Para dar-lhe um asilo! As verdes ondas
Engolfaram-se alegres pelos vales,
Osculando as colinas florescentes
Que sôbre as águas plácidas avultam,
Hoje amenos jardins, leitos de fadas,
Ninhos de amôres e mimosos berços
Enfeitados de lúcida escumilha.
Porém, cópia fiel, fiel transunto
Das tradições escuras dos Helenos,
Os titães atrevidos se amontoam
Ao redor do meandro cristalino
Erguendo as negras fronte requeimadas
Pelo fogo do céu, e as mãos tremendas
Armadas de rochedos monstruosos,
Procurando escalar o vasto Olimpo!...
Na larga entrada do soberbo empório
O Adamastor da América repousa
À luz do sol brilhante que lhe aquece
A cabeça medonha, escaveirada,
E o dorso horrendo onde resvala o raio
Nos dias de tormenta: audaz colosso,
Robusto velador que ao longe assombra
Os gênios do Oceano, e brada ao mundo:
— Em nome do Direito e da Justiça,
Podeis entrar no templo do futuro,
Sacrificar ao Deus da liberdade! —
Oh! como brinca mansamente o vento
Nos leves galhardetes dos navios
Das mais longes nações que ávidas pedem
À terra da abundância e da riqueza:
— A pedra irmã da estrêla radiante,
O oiro que do sol o brilho imita;
A madeira que a púrpura rebaixa;
O fruto que alimenta e que deleita;
A raiz que entorpece os sofrimentos;
O mamífero, o inseto, a flor, a fôlha,
O pássaro de voz melodiosa,
De penas multicores; novos sêres,
Novos primores que os tesoiros formam
Das artes, da ciência e do comércio,
E também da vaidade tantas vêzes!...
Ah! não é tudo, não é tudo ainda!
O que minh'alma de delícias enche, ³⁰⁰⁴
Nesta divina previsão da glória,
E' o império da Lei, — a majestade
Suprema da Justiça; a luz serena
E firme da verdade, clareando
A escola, os templos e os degraus do trono!
A beleza moral! Que importam festas,
Pompas, folguedos, mentirosas galas,
Quando as instituições precárias brilham
Como as estátuas frias de Pompéia
Que desfazem-se ao sôpro das aragens!
Mas entre o sólio e o povo resplandece
O sinal da aliança, a nívea pomba, ³⁰⁰⁵
Sustendo o verde ramo de oliveira,
Descansa aos pés do Soberano Ilustre
Que há de elevar o templo do futuro,
Arca sublime das grandezas pátrias,
E reviver o século de Augusto
No ciclo de oiro da Brasília história!...
Oh! meus irmãos! A senha da partida,
O grito de Asrael, soa tremendo
A meus frágeis ouvidos!... Vejo as sombras
Gloriosas dos justos que passaram!
Ouço a voz de meus santos companheiros
Que do empíreo me chamam jubilosos!
Francisco Xavier, mártir das Índias,

Nóbrega exímio, cândido Aspicuelta,
Paiva incansável, maioral querido
Do rebanho Cristão de São Vicente,
Luís da Grã, Braz Lourenço, Antônio Pires,
Todos belos e fortes, animados
De zêlo fervoroso, e tão depressa
Arrebatados pela fria morte
Às tabas convertidas que os pranteiam!
Oh! que felizes são! Que luz divina
Circunda-lhes as fronte enastradas
De rosas imortais e lírios pulcros!
Que celestes amigos os rodeiam
Na suprema mansão! Eis o Batista, ³⁰⁰⁶
O Cristo precursor ³⁰⁰⁷ do Cristo eterno,
Pedro, a pedra angular da santa Igreja!
Paulo, vencido pelo grande Arcanjo!
Quantos outros, meu Deus!... — A voz sumiu-se
No seio enfraquecido do Profeta,
As pálpebras cerraram-se tranqüilas,
Os lábios entreabriram-se, e um sorriso
Ditoso de criança que adormece
Deixou passar o alento derradeiro....

I X

Volve a teu negro exílio de amarguras, ³⁰⁰⁸
Oh! desgraçada musa! Às ³⁰⁰⁹ turvas ondas
Do temeroso mar onde rebramam
As fúrias das procelas populares
Entrega o pobre esquife onde guardaste
Teus mais formosos e adorados sonhos!...
Adeus! Nossa missão está completa!

CANTOS RELIGIOSOS

Cantos Religiosos/ de/ L. N. Fagundes Varella/ e/
Ernestina Fagundes Varella/ Rio de Janeiro/ Em
casa dos Editores/ Eduardo & Henrique Laem-
mert/ 1878/

A memória de minha querida mãe
D. Emília de Andrade Varela
E. F. V.

Estrêlas
Singelas,
Luzeiros
Fagueiros,
Esplêndidos orbes, que o mundo aclarais!
Desertos e mares, — florestas vivazes!
Montanhas audazes que o céu topetais!
Abismos
Profundos!
Cavernas
Eternas!
Extensos,
Imensos
Espaços
Azuis!
Altars e tronos,
Humildes e sábios, soberbos e grandes!
Dobrai-vos ao vulto sublime da cruz!
Só ela nos mostra da glória o caminho,
Só ela nos fala das leis de — Jesus!

AOS PAIS DE FAMÍLIA

Este colar de pérolas, estas clacões que me foram confiadas pelo Dr. Emiliano Fagundes Varela, para que as fizesse conhecidas do público, são primícias de dous talentos irmãos: — Os *Cantos Religiosos* do laureado poeta Fagundes Varela e de D. Ernestina Varela, tenho íntima confiança, hão de ser lidos no seio da família brasileira e portugueza com a atenção a que têm jus; tanto mais que a sua procura encerra uma intenção generosa. Se os pais de família desejarem galardoar os infantis esforços intellectuais de seus filhos, oferecendo-lhes como prêmio de animação este livrinho, não só contribuirão para formar-lhes o coração no amor de Deus, como também prestarão benéfico auxílio ao patrimônio das duas órfãs filhas do malogrado autor e sobrinhas da poetisa, que em tão boa hora estréia, contribuindo com as mimosas estrofes inspiradas pela crença de sua alma para enriquecer a literatura pátria.

Aos pais de família e ao público recomendo e peço a leitura dos *Cantos Religiosos*.

OTAVIANO HUDSON.

EM TÔDA A PARTE 3010

Quando alta noite as florestas,
Ao soprar das ventanias,
Tenebrosas agonias
Traem nas vozes funestas;
Quando as torrentes bravejam,
Quando os coriscos rastejam
Na espuma dos escarcéus,
Então a passos incertos
Procuo os amplos desertos
Para escutar-te, meu Deus!

Quando na face dos mares
Espelha-se o rei dos astros
Cobrindo de ardentes rastros
Os cerúleos alcaçares,
E a luz domina os espaços
Partindo da névoa os laços,
Rasgando da sombra os véus,
Então resoluto, ufano,
Corro às praias do Oceano
Para mirar-te, meu Deus!

Quando às bafagens 3011 do estio
Tremem os pomos dourados
Sôbre os galhos pendurados
Do pomar fresco e sombrio,
Quando à flor d'água os peixinhos
Saltitam, e os passarinhos
Se cruzam no azul dos céus,
Então procuro as savanas,
Me atiro entre as verdes canas
Para sentir-te, meu Deus!

Quando a tristeza desdobra
Seu manto escuro em minh'alma,
E vejo que nem a calma
Desfruto que aos outros sobra;
E do passado no templo
Letra por letra contemplo
A nênia dos sonhos meus;
Então me afundo na essência
De minha própria existência
Para entender-te, meu Deus!!

ORAÇÃO

Senhor! Lavaste os pés a teus amigos!
Deste-lhes fôrça, e ânimo, e virtude,
Para seguirem da verdade as trilhas!
Quem meus pés lavará? Quem a meu gênio
Dará brilho e vigor? Quem da vertigem
Preservará meu cérebro? Eis-me fraco,
Sem estro, sem saber, sem guia e mestre,
Meu Deus! acompanhando-te nos transe
Dêsse penar imenso, onde empenhada
A eternidade abraça-se à matéria!
Jesus!.. dá-me valor! Lava minha alma!
Lava-me a lira, a inspiração, a pena,
Como lavaste os pés a teus amigos!
Faze que eu não fraqueie, não tropece!
Mas se, embora de rastros, arquejante,
Vencido pela dor e pela febre,
Eu tenha de seguir-te, oh! seja feita
A vontade de Deus bendita sempre!...

Do Evangelho nas Selvas

AVE! MARIA!

A noite desce, — lentas e tristes
Cobrem as sombras a serra, e a
Calam-se as aves, — choram os ventos,
Dizem os gênios: — Ave! Maria!

Na tôrre estreita de pobre templo
Ressoa o sino da freguesia,
Abrem-se as flores, — Vêspes desponta,
Cantam os anjos: — Ave! Maria!

No tôsco alvergue de seus maiores,
Onde só reinam paz e alegria,
Entre os filhinhos o bom colono
Repete as vozes: — Ave! Maria!

E, longe, longe, — na velha estrada,
Pára, — e saudades à pátria envia,
Romeiro exausto, que o céu contempla
E fala aos ermos: — Ave! Maria!

Incerto nauta por feios mares,
Onde se estende névoa sombria,
Se encosta ao mastro, descobre a fronte,
Reza baixinho: — Ave! Maria!

Nas soledades, sem pão nem água,
Sem pouso e tenda, sem luz nem guia,
Triste mendigo, que as praças busca,
Curva-se e clama: — Ave! Maria!

Só nas alcovas, nas salas dúbias,
Nas longas mesas de longa orgia
Não diz o ímpio, — não diz o avaro,
Não diz o ingrato: — Ave! Maria!

Ave! Maria! — No céu, na terra!
Luz da aliança! — Doce harmonia!
Hora divina! — Sublime estância!
Bendita sejas! — Ave! Maria!

MAMÃ

(IMITAÇÃO)

Oh! primeiro som que exala
A infância, tôda pureza,
Quando ainda bem não fala,
Quando ainda é singeleza!
Instinto da natureza!
Palavra que Deus envia
A débil voz que murmura,
Para mostrar a alegria,
E para expressar a dor!
Verbo que tem a douçura
Das bênçãos do Criador!

Elixir, bálsamo eterno,
Sôpro que o mundo equilibra
E as cordas sinceras vibra
De bom coração materno!
Expressão cujas encantos
Enche os seios de almo gôzo
Estancando ardentes prantos
Que faz rebentar o espôso!....

Nem da brisa o rumorejo,
Nem o gênio que suspira,
Nem do poeta o desejo
Roçando as cordas da lira;
Nem o sussurro da linfa
Que beija marmórea ninfa
No seu grego pedestal,
Nem glórias que reis outorgam;

E o gemer pausado do órgão
Em antiga catedral,
Nem as primícias ingênuas
De um talento virginal,
Nem as belezas extrênuas
De um pensador sem rival,
Nem o clarão da manhã
Trazendo ao mundo a esperança,
São como a voz da criança
Quando murmura — mamã!

VOZ DO POETA

Perdão, Senhor, meu Deus! Busco-te embalde
Na natureza inteira! O dia, a noite,
O tempo, as estações, ³⁰¹² mudos sucedem-se,
Mas eu sinto-te o sôpro dentro d'alma!
Da consciência ao fundo te contemplo!
E movo-me por ti, por ti respiro,
Ouço-te a voz que o cérebro me anima,
E em ti me alegro, e canto, e penso!

Da natureza inteira que aviventas
Todos os elos a teu ser se prendem,
Tudo parte de ti e a ti se volta;
Presente em tôda a parte, e em parte alguma,
Íntima fibra, espírito infinito,
Moves potente a criação inteira!
Dás a vida e a morte, o olvido e a glória!
Se não posso adorar-te face a face,
Oh! basta-me sentir-te sempre, e sempre!

Eu creio em ti! eu sofro, e o sofrimento
Como ligeira nuvem se esvaece,
Quando murmuro teu sagrado nome!
Eu creio em ti! e vejo além dos mundos
Minha essência imortal brilhante e livre,
Longe dos erros, perto da verdade,
Branca, ³⁰¹³ dessa brancura imaculada
Que os gênios inspirados nesta vida
Em vão tentaram descobrir no mármore!

SALMO I

Ditoso o justo que afastado vive
Do concílio dos maus e do caminho
Trilhado por perversos pecadores!
E que nunca ensinou, bem como o ímpio, ³⁰¹⁴
Do negro vício as máximas corruptas!

Ditoso o homem que fiel concentra
De seu Deus Criador na lei divina
Todo o seu penamento e seu afeto,
E nela só medita noite e dia!

Êle será qual árvore frondosa,
Banhada por arroios cristalinos,
Que bons frutos produz na quadra própria,
E nunca perde o viço e a louçania.

Quanto a sorte do ímpio é diferente!
Brinco do acaso, das paixões juguete,
Assemelha-se ao pó que o vento agita
E sôbre a terra desdenhoso espalha.

No dia, pois, do santo julgamento
Perante o Deus severo, confundido,
Fulminado será, deixando ao justo
O prêmio prometido: a glória eterna!

FRAGMENTO

Se eu tivesse beijado a santa relva
Que nas tardes de outono se amolgavam
Às néveas plantas da mulher divina,
Quando pelas colinas pensativa
Levava a passear o tenro filho,
Descendente de reis, dos reis arbitrio!

Se eu tivesse escutado a voz suave
Do celeste enviado, anunciando

Ao trono de Davi um novo herdeiro;
 Se eu tivesse mirado o olhar profundo,
 Vasto, sem nome na palavra humana,
 Que Maria cravou nas mãos sangrentas,
 Nas faces maceradas de seu filho!
 Se eu a seguisse em seus pesares todos,
 Se eu olhasse o Calvário, a Cruz, os Pregos,
 As flácidas esponjas embebidas
 De fel e de vinagre; se caísse
 Uma lágrima só daqueles olhos
 Sobre minha cabeça, eu desprezara
 Glórias de Homero, de Virgílio e Dante,
 De Tasso e de Camões! — laurel eterno
 Cingira minha fronte vacilante!...
 Mas ai! em era tórva e viciosa
 Educou-se meu estro!... A doce lira
 Do mago Hebron, ou do Sinai amiga,
 O estilo dos profetas seguiria!...

PRECE

Jesus! Salva-me a fé, que abaixa os montes,
 Que faz parar o sol, achar pilôto
 No mais tímido pássaro que traga
 Um ramo de oliveira, no enviado
 Que me arreda dos fundos precipícios!
 Salva-me a fé! — O' Cristo! das alturas
 Tu meu único Deus, minha esperança,
 Minha estrêla polar, sol de meus dias,
 De meu talento inspiração divina,
 O' Cristo, a quem minha harpa hei dedicado,
 O' Cristo! O' meu Senhor! faze que brote
 De meus tímidos lábios a verdade!

A ESTRÊLA DOS MAGOS 3015

HINO PARA NOITE DO NATAL.

A noite se adianta, as horas passam
 Mudam, solenes, sobre o globo imerso
 Nos mistérios do sono; — a tumba e o berço
 Parece que se abraçam,
 E neste instante iguais
 Somem no olvido as ambições mortais!

Salve, estação propícia aos pensadores!
 Salve!... Prodígio! Que luzeiro é êsse
 Que entre as sombras da noite resplandece,
 Ofuscando os fulgores,
 Apagando o clarão
 Dos círios ³⁰¹⁶ imortais da vastidão!

Donde vens, glória do espaço,
 Bela estrêla radiante
 Que campeias triüfante
 Sobre as câs de Sanaar?

Como és linda! Ao ver-te, os astros
 Por sobre as nuvens revôltas
 Rolam como pedras sôltas
 De teu desfeito colar!

Que maravilha opera-se no espaço?
 Que respirar de fogo agita os mundos?
 Que vento abrasador dos céus profundos

Baixa sobre o regaço
 De terra que flutua
 Entre o dia e a noite, incerta e nua?

Brisas prenhes de aromas, deleitosas,
 Quentes brisas da Arábia! onde aprendestes
 Êstes cantos sutis, mais que terrestres,
 Estas vozes chorosas,
 Estas queixas de amor,
 Que aos pés soltais d'amendoeira em flor?

Brilha, sol da meia-noite!
 Sol talvez de um belo dia,
 Que a sombra túrbida e fria
 Do nosso globo encontrou!

Sol de plagas mais felizes!
 Sol que outros seres anima!
 Que sobre êste pobre clima
 De Deus a mão arrojou!

Borboletas do êrmo! Aves do monte!
 Criaturas da noite! que alegria
 Estranha vos anima? O novo dia
 Que abeira os horizontes
 Acaso nos trará
 Inaudito favor de Jeová?

Oh! certamente! os astros não se abalam,
 Tão comovida a terra não palpita,
 A natureza tôda não se agita,
 As solidões não falam!
 Não exultam os céus
 Se os não roçasse o hálito de Deus!

Oh! Sim! tu vens do Oriente,
 Passaste sobre as cimeiras
 Das montanhas altaneiras
 Onde a luz seu trono tem!

Trazes, quem sabe, em teus raios
 A palavra da verdade!
 Prodígio da imensidade!
 Dize, o que sucede além?

Mundo recém-nascido! Astro brilhante!
 Cujo clarão vivaz me entorna n'alma
 Doces lampejos de celeste calma!
 Estrêla radiante,
 Glória da criação!
 Aceita minha humilde adoração!

As aldeias alegam-se, os pastôres
 Saem de seus casais cantando hosanas!
 Das tendas do deserto, e das cabanas,
 Hinos, risos e flores
 Se levantam a flux!
 Tudo se volta aos céus, e brada — Luz!

Glória ao Senhor nas alturas!
 Paz aos homens neste mundo!
 Gênios do abismo sem fundo!
 Torcei-vos, — nasceu Jesus!

E vós, filhos do pecado,
 Quebrai, quebrai, vossos ferros!
 E, livres de escuros erros
 Erguei-vos! Saudai a — Luz!

DIÁRIO DE LÁZARO

L. N. Fagundes Varella/ Diário de Lazaro/ Poemeto/
com estudo crítico por Franklin Tavora/ Edição da
Revista Brasileira/ Rio de Janeiro/ Typographia Nacional/ 1880/

FASE PRIMEIRA

Rio de Janeiro, 12 de março.

Predileta de Deus, Augusta imagem
Da terra prometida, asilo e templo
Da eterna liberdade! Eis-me de novo
Em teu seio sagrado, ó minha pátria!
Oh! esplêndida América! — Dez anos
São decorridos que deixei teu cerros,
Dez anos de saudades, de amarguras,
Mas também de esperanças! Filha esbelta
Dos sonhos de Colombo, abre-me os braços!
Sim, eis-me aqui, não tímido, curvado
Ao peso da miséria e da insciência,
Mas forte pela crença, enobrecido
Por longos dias de trabalho e lutas,
Rico pelo saber! Quando brilhante,
Aos fulgores d'aurora, dentre as ondas,
Ontem vi-te surgir nos horizontes,
Minh'alma estremeceu de um gozo imenso,
Meu coração pulsou cheio de orgulho,
Quente de entusiasmo, e transportado
Saudei chorando teus erguidos montes,
Que me viram partir triste e abatido,
Coberto de desprezo e de farrapos!...
Lucília! Minha mãe! Prados amenos,
Onde passei da infância os áureos tempos;
Em breve vos verei! Como se apagam
De súbito as lembranças da desgraça
Em minha frente, louca de ventura!
Sim, é agora que o porvir e a vida
Começam para mim; — quero por isso
Meu poema escrever; — seja esta fôlha
Sua estrofe primeira. Si algum dia
Outros olhos o lerem, claro exemplo
Nêle verão de amor e de constância.
Ah! Lucília! Lucília! A sorte vária
Fêz-te nascer cercada da opulência,
Dos prestígios do nome, — e eu, deserdado,
Tive por berço o seio da miséria,
Por título o infortúnio! Ah! no entanto,
Astro do céu, nas sombras de minh'alma
Lançaste um meigo olhar, um dêsses raios,
Que só falam de amor e de esperanças!
Um dêsses raios, que não mentem nunca
Nas promessas, que trazem! Ah! Lucília!
A barreira fatal está por terra!
Hoje somos iguais, e serás minha!
Eis-me de volta. Os prantos, as insônias
Descoraram-me o rosto; as duras lidas
Quebrantaram-me o corpo; mas o espírito
Exulta em seu triunfo! Eis-me de volta,
Eis-me aqui outra vez, após dez anos
De mágoas, de tristezas, de reveses,
De agonias sem nome! Eis-me de volta;
Venho exigir o prêmio das fadigas,
Das dores, que sofri! Oh! como tarda

Esse instante feliz, que ardente aguardo!
Terra de Santa Cruz, quanto és formosa!
Quanto és formosa, altiva Guanabara!
Como a noiva do rei, o sol do estio
Tisnou-te as belas faces, e o sereno
Molhou-te as tranças negras, e suspiras
Molemente inclinada à beira d'água!
As estrêlas namoram-te do espaço,
Lambem-te os pés as vagas gemedoras,
E, arredados de ti, velam atentos
Os filhos do dilúvio, horrendos monstros,
Em cujos dorsos, êmulos do bronze,
Do raio a chama há laborado embalde!

Santos, 14 de março.

Desponta a aurora. As ondas buliçosas
Do céu brilhante as côres variadas
Refletem prazenteiras. Calmo, airoso,
Entre dois renques de verdura, corre
Pelo braço do mar o lenho escuro,
Saudado pelo cântico das aves.
Como gorjeiam elas! Encostado
À úmida amurada, escrevo às pressas
Estas rápidas linhas. A meus olhos
Das águas negras do sombrio pôrto
A cidade de Santos se levanta,
Como um bando de garças, acampadas
Às margens de um marnel. Salve três vezes,
Ilustre berço dos Andradas; salve!...
Além, — mais longe, — entre cendais de névoa
Ergue-se audaz, tremenda cordilheira,
Sorrindo ao vasto mar. O hino santo
Da santa liberdade de seus combros
Parece inda descer nas asas leves
Das virações terrais, e misturar-se
Aos rugidos das vagas espumosas.
Amanhã, amanhã daquelas grimpas
Ver-te-ei a meus pés, mar atrevido,
E como a jaçanã³⁰¹⁷ que os ermos busca
Na sazão hibernal, lá, dentre as brumas,³⁰¹⁸
Dir-te-ei a canção da despedida!

Alto da Serra de Paranapiacaba, 15 de março.

Meu coração dilata-se. Minh'alma
E' tôda inspiração, júbilo, enlêvo,
Amor e entusiasmo! Que sussurros,
Que bafejos suaves se levantam
Das matas verde-negras! Dir-se-ia
A frescura das asas auri-brancas
Dos gênios, que esvoaçam! Que prodígios,
Que maravilhas teu domínio abrange,
O' Paranapiacaba! Audaz muralha,
Erguida pelas mãos do Onipotente
Contra as fúrias do mar! Contempladora
Eterna do Oceano! Quantas horas,
Na quadra festival da mocidade,
Não consumi sentado em teus rochedos,
Fitos os olhos na planície imensa,
Que se estende a teus pés! Que longos dias
Não gastei a seguir as doces voltas
Dêsses meandros de fundida prata,
Que lá embaixo fulguram! Quantas tardes
Não passei namorando as balsas verdes,
As lagoas serenas, as casinhas
Erguidas no mistério da espessura,
O grupo das colinas, que fenecem

Na linha azul do mar! Oh! belos tempos!
 Tempos de ingenuidade e de candura,
 Passastes como as nuvens d'alvorada,
 Que os ventos do sertão varrem do espaço,
 Quando o sol aparece! Aos róseos sonhos,
 Aos contos de princesas encantadas,
 Sucederam cruentos desenganos,
 Paixões ardentes, ambições funestas!...
 Como seria a vida aqui ditosa!
 Como se escoaria amena e leda
 Minha existência, longe do tumulto,
 Mais próxima do céu, nestas alturas,
 Junto de um anjo!... Avante! O sol flameja
 Do firmamento em meio. Prossigamos
 A romagem feliz. E' necessário
 Que meus sonhos de paz se realizem.
 Si assim não fôra, oh! Deus, o que seria
 Tua eterna bondade?!... Avante! Avante!

São Paulo, 16 de março.

Terra da liberdade e da ciência!
 Terra da poesia! Eu te saúdo!
 Bela Piratininga! Reclinada
 Sôbre a grama vivaz dos teus outeiros,
 És como a tribo aérea, forasteira,
 Das aves do deserto, que entre névoas
 Em meio da romagem pára, e espera
 O despontar do sol! O céu é calmo,
 As virações sussurram mansamente
 Sôbre as murtas do campo; — o fogo, a vida,
 O amor universal pulam das várzeas;
 Que entre juncos murmuram, refletindo
 O puro azul do céu! Rincham ao longe
 As duras rodas dos pesados carros,
 Que a cidade demandam. Os tropeiros
 Deixam os ranchos; o mendigo canta
 Atravessando a estrada; e lá bem longe
 Sôbre a imensa planície, à beira d'água,
 Sentam-se as lavadeiras, acendendo
 O fogo da lascívia. Que harmonia!
 Que atividade imensa em tôda parte!
 Basta de devaneios. Meu cavalo
 Pasta contente à margem do caminho,
 Enquanto aqui, sôbre um algar sentado,
 Estas linhas escrevo. São bastantes.

Margens do Tietê, 20 de março.

Que de acontecimentos! Está finda
 Esta minha viagem. Há três dias
 Que aqui cheguei. Meu Deus, como na terra
 Promiscuamente as dores e os prazeres
 Na existência do homem se atropelam.
 Como feliz pisara êstes lugares,
 Onde tudo a presença me festeja,
 Se ainda encontrasse minha mãe! Coitada!
 Há dois anos que é morta!... Nem os risos, ³⁰¹⁹
 Nem os meigos carinhos de Lucília,
 Nem os cuidados de seu pai dissipam
 A nuvem de remorsos que me oprime!
 Pobre, inditosa mãe!... Quem sabe! vítima
 De minha ingratidão, cerraste os olhos
 No meio da tristeza e do abandono!...
 Fui ontem ver seu derradeiro abrigo.
 Era à tardinha. O vento da montanha
 Gemia tristemente na espessura
 Dos bastos ervaçais do cemitério,

E sôbre a cruz humilde, que marcava
 Da mais terna das mães o frio leiteo,
 Um sabiá cantava tristemente.
 As rosas melancólicas da campa,
 As áureas sempre-vivas, que sorriam
 Nessa paragem, onde apenas nascem
 O cardo, a urtiga, ³⁰²⁰ o feto e o estramônio,
 Traíam-me os cuidados de Lucília!
 Sim, fôra ela que as plantara!... Triste,
 Inundados de lágrimas os olhos,
 Ajoelhei-me sôbre o chão revôlto,
 E pus-me a soluçar! Sombria a noite,
 Sôbre o globo estendeu seu véu de treva,
 E eu chorava ainda!... Oh! alma humana!
 Mescla tremenda de poeira e luzes!
 Quem poderá sondar-te o seio vário?!...

Margens do Tietê, 24 de julho.

Eis-nos unidos. Só a morte agora
 Pode a teia rasgar dos sonhos nossos.
 Meu Deus! Senhor meu Deus! eu tenho mêdo.
 Desta dita inefável, que derramas
 Sôbre minha existência, em almos dias,
 Em noites sem iguais! Sim, quase sempre
 No romance da vida e desventura,
 Os desastres cruentos se anunciam
 Por um sublime prólogo!... Perdoa-me,
 Perdoa-me, Senhor, si, audaz, bafejo
 Meu hálito de dúvida na face
 Do liso espelho, que teus dons reflete!
 Perdoa-me! A desgraça murcha e verga
 Da essência humana as mais singelas flores,
 E quando, entre a tormenta, um raio amigo
 Do sol consolador vem aquecê-las,
 Elas não têm perfumes, que ofertar-lhe!
 Perdoa-me, Senhor! Creio em teu nome!
 Creio em tua justiça! Tenho n'alma,
 N'alma, que ressuscita ao grato sôpro
 Do amor e da ventura, um mundo inteiro
 De perfumes, de cânticos, de flores,
 Que depor a teus pés! Ah! tu ouviste
 Minhas humildes preces, compassivo
 Escutaste meus votos mais ardentes!
 Duplicaste meu ser, minha existência
 Na posse da mulher, que idolatrava!..
 Ah! faze, grande Deus, que nossas vidas
 Corram tranqüilas, como agora correm;
 Que benditos por ti, por ti sagrados,
 Nossos dias unidos para sempre,
 Sejam em teu louvor um canto eterno!

Margens do Tietê.

Oh! minh'alma infeliz! oh! branca pomba
 Dos céus lançada aos areais da vida!
 Que mal fizeste por que tantas penas
 Perrassem sôbre ti? Tudo sofreste!
 Lançaram sôbre o cofre de teus sonhos,
 Na doce quadra da ilusão, das crenças,
 Os sete selos do sagrado mito!
 Da porta nos umbrais de teus desejos
 Nefasta mão gravou a lenda horrível!
 Não há mais esperança aqui chegando!

Fôrça, minh'alma! Tu não trepidaste
 Quando do raio as asas inflamadas
 Te roçavam raivosas! Não tremeste,
 Não te cegou vertigem, quando o inferno,
 Prenhe de desespêro, horror e morte,

A teus pés bocejou, abrindo as fauces
Tôrvas, escancaradas! Não fugiste
Quando sentiste o espírito da treva
Sôbre a fronte estampar-te o sêlo em brasa,
Que nesta vida te marcou p'ra sempre!
Fôrça, ó alma imortal, divina, eterna!

Das asas próprias tira a pena insigne,
Com que tens de escrever! Molha-a no sangue
Das chagas, que te roem! Coroada
De cipreste e de louro, — escreve e canta,
Sentada sôbre a lousa dos sepulcros!

Seis meses são passados: com seis meses
Um mundo inteiro aniquilou-se! Um mundo
Todo de luz e de esperanças; — hoje
Um outro mundo para mim desponta,
Mas um mundo de sombras! Escrevamos
A última cena da infeliz história
Daquela vida, que passou; — nas trevas
Entraremos depois — larva sinistra,
Entraremos depois, cantando a Morte,
Nossa última noiva, a mais sincera!

30 de outubro.

Sinto-me mal! Inquietação estranha,
Vaga, indizível, tolda-me os sentidos.
Foge-me o sono. As veias se me incendem
De um fogo ardente. Negro abatimento,
Com seu cortejo de pesares torvos,
Todo o ser me domina. Deus eterno!
Que sentimento desgostoso, amargo,
Afasta-me de tudo o que inda há pouco
Enchia-me de júbilo a existência?...
Oh! é de balde que Lucília busca,
Pobre Lucília, sempre boa e meiga,
Distrair-me das fúrias aflitivas
Dêste pesar sem nome, que me oprime!
— Meu Deus! meu Deus! que dores me reservas?!...

6 de novembro.

Minha moléstia aumenta-se. Meu corpo
Queima-se todo de um prurido estranho:
Dir-se-ia que as sêdas irritantes
Dessas lagartas cáusticas, roazes,
Cujo arrastar inflama, roçam quentes
Por meus ardentes músculos. O incauto,
Que, oprimido de sono, se atirasse
Sôbre um leito de urtigas, ³⁰²¹ não sofrera
Sensação tão atroz! Meus olhos ardem
Como os do viajor que um dia inteiro
Perlustrou areais, do sol aos fogos.
Minh'alma é só tristeza, enôjo e tédio!

18 de novembro.

Cumprir partir. Os dias jubilosos
De minh'alma fugiram. Voz sinistra
Murmura-me aos ouvidos tristemente
Que não mais voltarão! Quando a alvorada
Rebentar amanhã, nos céus imensos,
Nós diremos adeus a êstes lugares,
Tão felizes, tão belos, tão brilhantes
De legendas de amor e de venturas!
Então, longe daqui, no vasto livro,
Vasto, profundo, escuro, intraduzível,
Que espírito se chama, um novo canto,
Também profundo e vasto, há de a saudade

Lacrimosa escrever! Virgem divina,
Musa a mais bela, que na lira humana
Seus dedos encostou. Mentem os vates
Quando a Esperança, tua irmã, proclamam
Mais bela do que tu! Não, não há gênio
Que contigo se ombreie, Augusta diva!

Margens do Tietê.

Eis-nos de volta. Os dias da viagem,
A mudança do ar, por algum tempo
Iludiram-me o mal; — hoje mais forte,
Mais intenso revela-se. Meus membros
Avermelham-se, inflamam-se; contudo
Parece-me que a chama devorante,
Que as artérias queimava, se me abranda.
Mas a insônia, a tristeza, o desalento,
Torturam-me sem pena. Espero agora
Que os homens da ciência alívio busquem
A tanto sofrimento. Poucos dias
Há que o pai de Lucília, triste, aflito,
Se apressou em chamar dois dos mais sábios.
Pouco devem tardar. — Ah! tragam êles
O remédio eficaz, que, há tanto, aguardo!

Margens do Tietê.

Os médicos chegaram. Virgem Santa!
Quanta resignação e paciência
Não me foram precisas! Que de exames,
De frívolas questões, palavras vagas,
Irresolutas, tímidas respostas,
Estéreis discussões! E' necessário
Que eu parta novamente, e só! Mesquinha,
Triste ciência! Quando nada enxerga,
São seus recursos e remédios certos
A mudança de clima, o ar, a vida
No meio das montanhas, tudo quanto,
Sem escolas, sem livros, sem doutôres,
A sábia natureza nos ensina!
E' preciso partir, só, sem Lucília!
Meu Deus! meu Deus! que séculos de angústias
Não tenho eu de passar pensando nela!

FASE SEGUNDA

Cantareira.

Não! A resignação passa a fraqueza
Quando, ofendidos no que mais amamos,
Sofremos sem protestos e sem queixas!
Dois meses são passados. Que melhoras
Tenho em minha saúde? Que resposta
Tem o pai de Lucília ao menos dado
A minhas justas exigências? — Digam-o
As noites de martírio, os ermos dias,
Que passo aqui sòzinho! O isolamento
Mata-me duplamente. Acaso pensam
Que por viver em sítio ameno e belo,
Ao abrigo da fome e da miséria,
Nada a pedir mais tenho? Duas cartas
Escrevi té agora, e de nenhuma
A mais leve notícia! Si pergunto
Por Lucília, — respondem-me que vive
Alegre, satisfeita, sem pesares!
Vou de novo escrever, e a carta d'hoje
Será a derradeira! Quero vê-la,
Quero tê-la a meu lado; — ninguém pode
Tão santos laços afrouxar impune!

Cantareira.

Escreveram-me enfim. Não é possível
Fazer o que aconselham. Paciência,
Paciência me dizem. — Ah! miséria!
Querem mais paciência! Não, não posso,
Amanhã mesmo partirei. Coitada!
Pobre, infeliz mulher! Pobre Lucília!
Não é por ti que vivo neste exílio,
Que sofro e peno, solitário e longe
De teus meigos carinhos! Quero ver-te,
Apertar-te em meus braços, conduzir-te
A essas regiões calmas e belas,
Onde tanta ilusão sonhamos juntos!

Margens do Tietê.

Lucília aqui não está! Mentira! Infâmia!
Traição nefanda e atroz! Onde está ela?
Ninguém mo diz! Seu pai se esquivava e foge,
Evita de falar-me! Pelo Cristo!
Hei de encontrar a chave desta intriga!
Hei de tudo aclarar! Oh! não se pisa
Tão fria e cruamente a lei dos homens,
A lei do coração, a lei do Eterno!

.....
.....
Era de mais! A cólera, o ciúme, ³⁰²²
Ferviam-me no seio. Dirigi-me
Um dia ao quarto de meu sogro; ainda
Achava-se em seu leito, mas desperto.
— Senhor, lhe disse, aonde está Lucília?
Quero vê-la, falar-lhe! Ele sentou-se,
Fitou-me um triste olhar e lentamente
Respondeu-me: — Impossível! — Impossível!
Bradei. — Sim, impossível; varre d'alma
A imagem de Lucília; é tudo findo
Entre vós neste mundo. — Céus! É morta!
Exclamei, recuando. — A Deus prouvera
Que tivesse morrido!... — Ah! inda vive!
Inda vive, e a não vejo?... O que me afasta
Assim da minha esposa? Porque a furtam
Desta sorte a meus braços?... Novamente
Lançou-me um fundo olhar, e respondeu-me:
— E' porque... e calou-se. — Por piedade
Concluí, exclamei. — Tu tens nas veias,
Ele me disse lentamente, a Morte!
Oh! não! pior que a morte, o mais funesto,
O mal o mais tremendo, que se estampa
Das misérias humanas no catálogo!
A morfêia!...

Meu Deus! eu vi de perto
A fome, a peste, a febre, o desalento;
Senti soar-me nos ouvidos ébrios
O tinido dos guizos da loucura;
Vi de perto o delírio, o suicídio,
O ateísmo e o nada; e firme e forte,
Encarei-os sorrindo; mas o efeito
Destas fatais palavras de meu sogro
Não as explica o raio! Um mar de angústias
Caiu sobre minh'alma; espessa nuvem
De sangue circundou-me os olhos turvos;
Senti um turbilhão tomar-me o corpo,
Depois rolar, rolar como o precito
Fulminado por Deus!...

Naquele instante
Clara e viva intuição tive do inferno!

.....
.....
Testemunha impassível das idades!
Sêlo augusto de Deus, ouve meus hinos
Como à flor, à torrente, à selva, ao monte;
Sê-me propício, aceita-me as plegárias!
Sôbre uma rocha negra e luzidia,
Como de aço brunido enorme peça,
Em cujos panos o passar das eras
Gravara seus vestígios, nos sentamos.
A nossos olhos, túrbidas, confusas,
Como esquadrão, que exército inimigo,
Em passo estreito, à noite aberta e bate,
E no doido pavor une-se tórvo,
E rolam despenhando-se no abismo
Tontos, sem luz, corcéis e cavaleiros,
As águas misturavam-se rugindo
Em negro boqueirão. Profundo estrondo,
Inaudita mistura de bramidos,
Sons de trovão, rumor de ventanias,
Talvez gemidos, cânticos, quem sabe,
Erguiam-se da lóbrega voragem!
Um véu de espuma e névoa, entremeado
De pérolas sutis, de áureos rebrilhos,
Maravilhas do iris, se estendia
Sôbre o mistério esplêndido das águas.
Aos lados, broncas, tórvas penedias
Erguiam-se silentes; — em seus dorsos
Sôbre as hásteas sutis das parasitas
Mil passarinhos ledos gorjeavam.
A cem passos abaixo, cem acima
Dêsse tremendo convulsar de vagas,
Ele corria plácido e sereno
Refletindo a devesa, o céu, as nuvens,
O rio majestoso.

Assim desliza
Aquém e além da campa a eterna vida!

.....
.....
Trinta dias passaram-se. Minh'alma,
Como a lagoa estagnada, impura,
Si repouso fruía, era o repouso
Da podridão, da lama; era o sossêgo
Do que não pode se agitar, e existe
Porque o Nada é impossível, e na Morte
A própria vida oculta-se sofisticada,
E silente se incubava. Cada dia
Um escravo depunha-me o alimento
Do meu negro covil à exígua porta,
E mudo se afastava. Meus vestidos,
Os trastes de meu uso eram puxados
Com asco e nojo à ponta de uma vara:
Si novos me traziam, necessário
Me era buscá-los pelo chão, de rastros
Como um velho rafeiro. Nem um gesto,
Uma palavra ao menos me diziam
Os meus austeros guardas — E Lucília?
E seu pai? — O silêncio dos sepulcros
Era a resposta única, que eu tinha!

Eu dormitava um dia escuro sono
Pesado, bestial, quando o contacto
De frio e áspero corpo, acompanhado
De uma indizível sensação de nojo,
Acordou-me de súbito. Sentei-me,
Levei a mão à perna, onde sentira
O toque repulsivo, e entre os meus dedos

Senti correr a cauda grossa e lisa
De volumosa cobra. Dei um salto,
Tomei um pau. Sereno, voluptuoso,
Molemente ondeando, o monstro enorme
Atravessava o chão, ledo dobrando
As lustrosas escamas auriverdes.
Como dois raios pela noite escura,
A memória surgiu e a inteligência
Nesta pobre cabeça, onde morava
A morna estupidez. Deixei de novo
O bastão, que tomara, e palpitante
De alegria feroz, arremessei-me
De um salto ao reptil! — Oh! sê bendito!
Tu que apareces como a vela amiga
Ao naufrago infeliz! bradei, tentando
Retê-lo pelo colo, e no entanto
Êle esquivou-se, sacudiu-se rápido,
E, o canto procurando, introduziu-se
Em funda, escura fresta. Ah! tu me foges!
Tu também, murmurei, e um negro plano
Passou-me pelo cérebro: — são rijos,
Fortes êstes portais, disse comigo,
E os ossos de meu crânio — dêbeis, frageis.
Vejamos... e passando as mãos ardentes
Na frente suarenta, contemplava
Cobiçoso os portais, quando uma sombra
Entre êles projetou-se. Dei um passo
Ligeiro para trás. Uma figura
A meus olhos mostrou-se: — era Lucília!
Era Lucília, e quão mudada estava!
Sôltas as tranças, descorado o rosto,
Os belos olhos úmidos de pranto,
Cercados dessas orlas violáceas,
Que as vigílias denotam, me dizem
Quanto havia sofrido! De joelhos
Arrojei-me a seus pés. — Anjo, perdoa-me!
Murmurei entre lágrimas ardentes.
Ela estendeu-me tristemente os braços,
E disse suspirando: — Eu perdoar-te?
O que me hás feito, dize? Antes perdoa-me
Tu, que eu abandonei na desventura,
Tu, que eu devera acompanhar nos transes
Os mais negros da vida! — Ah! pobre mártir!
Exclamei, — também tu sofres as dores
Dum cruciatio horrendo! Também gemes!
Banhas também de sangue a infausta senda,
Onde sorriam tão gentis outrora
As rosas sem iguais da mocidade!
Perdoa-me! perdoa-me! — Não sabes,
Ela continuou, que de martírios
Eu tenho padecido! oh! quantas vezes
Não tentei vir falar-te?! Quantas súplicas
Não empreguei para alcançar ao menos
A graça de te ver?! Agora mesmo...
— Basta! bradei. — Escuta: — neste instante,
Agora que aqui estamos... — Basta! Basta!
Eu sei de tudo! — Bem! meu pai me veda,
Proibe-me de ver-te e de falar-te,
De te vir procurar! Sai a furto,
Enganei-lhe o cuidado, a vigilância...
— Não prossigas, lhe eu disse, quando a sorte
Colmou-me de favores e venturas,
Quando a glória, a saúde me cercavam,
Quanta dedicação! Quantos protestos
Da parte de teu pai! Hoje que pesa
Sôbre minha cabeça a mão do Eterno
Deixa-me!... parte tu também; não quero

Sacrifícios forçados! Poucos dias
Me restam de existência; és moça e bela;
Quando eu tiver morrido, pressuroso
Teu pai procurará quem mais te adore,
Quem mais... Ela atirou-se ao meu pescoço,
Reclinou em meu seio a fronte branca,
E disse soluçando: — Eu não mereço
Que me fales assim, não! Tu bem sabes
Quão fundo é o meu afeto! Volve os olhos
A dez anos passados, a dez anos
De constância, de amor e de firmeza!
Volve os olhos aos tempos inditosos,
Em que nossa união seria um crime
Aos olhos de meu pai! Ai! dize, dize,
Porventura enganei-te?! Porventura
Não era eu livre? não podia ao menos
Teus votos rejeitar?! — Estas palavras
Foram como o sereno da alvorada
Sôbre um deserto ardente. A luz divina
Iluminou-me o cérebro, uma idéia
Grande, sublime, apareceu-me n'alma,
E eu falei a Lucília: — Anjo celeste,
O tempo da ilusão passou-se; agora
Só temos a verdade fria, nua,
Sem atavios e brilhantes pompas.
Nossa estrêla apagou-se; o laço estreito,
Que nesta vida nos prendia, é rôto;
Nada mais tenho neste mundo, nada!
Ai! a não serem as vívidas lembranças,
A dorida saudade dêsses dias
Tão belos que passamos! Ah! Lucília,
Como era lindo o campo e o céu sereno!
Como cada florinha nos sorria!
E nossas almas êbrias de venturas
Como identificavam-se brilhantes
Com tudo o que era belo! e tudo é findo!
E êsse mundo sublime aniquilou-se
Como a ilha formosa, que o Oceano
No meio da tormenta ávido engole!
De tanta maravilha, só tu restas,
Oh! estátua formosa, como a deusa
Erguida no deserto, onde soberbo, ³⁰²³
Marmóreo templo levantou-se outrora!
Meu plano está traçado; um outro mundo
Começa para mim, mundo de sombras,
De poeira e de lôdo!... Ai! eu não quero
Arrastar-te comigo!... Assim falando,
Eu soluçava amargamente... Meiga,
Terna como nos tempos tão chorados
De nossos dias, ela me apertava
No seio palpitante. De repente
Eu senti a tremer uma voz rude;
Chamava por seu nome. Adeus, me disse;
Adeus, meu pai me chama! — E num momento
De meus olhos sumiu-se. — Adeus, a aurora
Que amanhã despontar neste recinto
Não mais me encontrará! Adeus p'ra sempre!

Um sôpro úmido e frio despertou-me
Do profundo torpor em que eu jazia;
Abri os olhos, alonguei-os lentos,
Procurando saber onde me achava.
Grande Deus do Universo! A luz diurna
Entrava a mêdo pela estreita fresta
De erguida, escura e lôbrega janela,
Fundamente cavada em grosso muro
Tapizado de limo; tão medrosa,
Tão cheia de aversão não entra a virgem,

Vestida de alvas roupas, no recinto
De crapulosa e sórdida miséria!
O espírito da luz, tímido, incerto,
Sofraldar parecia as vestes cândidas,
Receando manchá-las. Grossas vigas,
Róidas de cupim e de carcomas,
Se estendiam no teto escuro e baixo,
Como o de uma prisão; a aranha, o grilo,
Os morcegos em bando, as lagartixas
Habitavam em paz, guardando à risca
A regra do respeito à liberdade,
Que o rei da criação posterga sempre,
E nas paredes úmidas, cobertas
De avencas e de fetos, porejava
A água em fontes mil. O chão lodoso,
Cheio de poças negras, semelhava
O chão de um calabouço, praticado
Nas velhas fortalezas, e onde as vagas
Entram em preamar. Um sapo enorme,
Cheio de lama e de amarelas nódoas,
Bem defronte de mim sentado estava
Com seus olhos medonhos, hediondos,
Fitos em meu semblante; a poucos passos
Um africano velho, e mutilado
Pelo atroz escorbuto, parecia
Dormir profundamente. Era meu sócio
Naquele novo mundo, que habitava!

.....

Nada mais sinto; a dor tem seus limites
Além dos quais, talvez, estranho gôzo,
Satânico prazer o seio inunde.
Cerrei de novo os olhos. Sôbre a terra
O próprio sofrimento era-me um sonho.

POESIAS AVULSAS 3024

INVOCAÇÃO

Eu te vejo sentada entre os palmares
Robusta e bela, pensativa e airosa;
Cheias de sangue as fortes jugulares,
Beijando a naiadéia e não a rosa.
América gentil! — Filha dos mares!
Tu, que a manhã bafeja carinhosa,
Dá gênio a teu cantor — lhe estende a mão,
Infunde-lhe na frente a inspiração!

Pura em tua nudez, — sempre singela,
Da Gália mentirosa o luxo deixas,
És da Escritura a tímida gazela!
Teus vestuários são tuas madexas!
Do mundo conhecido és a donzela!
Sempre perdoas e jamais te queixas!
Dá gênio a teu cantor — lhe estende a mão,
Infunde-lhe na frente a inspiração!

Hei de em minhas canções sempre invocar-te,
Pois creio que me atendes, que tens alma!
De teu cocar farei um estandarte
A cuja sombra tenha asilo e calma!
"Se a tanto me ajudar engenho e arte"
Nada na terra meu talento espalma!...
Dá gênio a teu cantor — lhe estende a mão,
Infunde-lhe na frente a inspiração!

Simbolizas os filhos do futuro,
Os homens da esperança e da verdade,
Não tens de antigos o pensar escuro,
És só luz, pensamento e liberdade!
Não te manchou o rosto o bafo impuro
Das seitas infernais da média-idade!
Dá gênio a teu cantor, lhe estende a mão,
Infunde-lhe na frente a inspiração!

Quero-te sempre assim entre os palmares
Robusta e bela, pensativa e airosa;
Cheias de sangue as fortes jugulares,
Beijando a naiadéia e não a rosa.
América gentil! — Filha dos mares!
Tu, ³⁰²⁵ que a manhã bafeja carinhosa,
Dá gênio a teu cantor, lhe estende a mão,
Infunde-lhe na frente a inspiração!

A ESCRAVA

Passava muda e cauta
Prestando atento ouvido,
Pela azinhaga estreita,
Ao mínimo arruído;
Farrapos asquerosos
Só tinha por vestido.

Serena, — vagarosa
A lua caminhava,
E a luz das mais estrêlas
Esplêndida ofuscava...
— Febe! clareia o rosto
Dessa infeliz escrava! —

Talvez que das alturas
Alguém a voz me ouvisse,
Quando surprêso, aflito, ³⁰²⁶
Estas palavras disse;
Talvez Satã no abismo, ³⁰²⁷
Hirto, convulso, ³⁰²⁸ risse.

Da núbia a escura filha
Parou. — Quanta agonia
No gesto, no semblante, ³⁰²⁹
Minh'alma descobria!...
Múmia de chagas vivas
Seu ³⁰³⁰ corpo parecia!

Golilha férrea, angusta, ³⁰³¹
Prendia-lhe a garganta
— Sinistra parasita —
Que arroxa humana planta!...
Caía-lhe de um ombro,
Rôta, nojenta manta.

O fogo da demência
Os olhos lhe queimava,
Um estertor convulso
O peito lhe agitava.
— Cristão! — falou, tem pena
Desta erradia escrava.

— As chagas não curadas,
O mêdo dos açoites
Fazem-me errar, sem alma,
Cristão, noites e noites!...
Ai! tremo!... sinto frio!
E o frio me consome!...

Matam-me a febre, o sono...
Cristão!... Eu tenho fome!
— Mas oh!... voltar não quero
Ao tronco onde sofri!...
Se meu senhor te manda...
Não vou! Expiro aqui!

— Tens frio? fome? sede?...
Deus meu pensar consagre!
Também tragou o Cristo
O fel e o vinagre!
Filha! Não tenhas medo,
Achei-te por milagre!

— Em meus alforjes rotos
Eu tenho pão e vinho,
Recbe-os, desgraçada,
Sou como tu sózinho,
Assenta-te, não temas,
À beira do caminho.

Sentou-se a miseranda,
Bendisse o Criador...
Mas eis ao longe soa
Insólito rumor...
— Lá vem o meu verdugo!
Lá vem o meu senhor! —

Ave, ou ferida corça,
De súbito pulou,
À beira da azinhaga
A refeição deixou.
Depois, precipitada
Nas matas se embrenhou.

BEATRIZ HENRIQUES

(MULHER DE CRISTÓVÃO COLOMBO)

Negra, medonha sina
Leio nos olhos teus,
O brilho que fascina
Faz abaixar os meus!
Vai, fuge, águia dos mares,
Tens sede de outros ares,
Pois bem! — Adeus! Adeus!

Do céu de Andaluzia
As noites sem iguais,
A íntima alegria
Dos lares festivos,
O canto das serranas,
O eco das violas,
As tardes espanholas
Não te deleitam mais!

Vai! — bonançosos ventos
Conduzam teu baixel,
Meus tímidos lamentos
Não ouvirás, cruel!...
Ai! que fatal destino
Persegue-te, infeliz,
Que descobrir intentas
Das fadas o país?...

Viúva e sem amparo
Me considero já,
Um sono aflito e raro,
Meu Deus! me restará!...
E tu, alma orgulhosa,
Gênio dos temporais!
De Beatriz saudosa
Cedo te esquecerás!

Louco! sonhaste um mundo
Pejado de ilusões!
Um mar vasto e profundo
Coalhado de tritões,
Império das venturas,
Ninho de inspiração,
Pátria das almas puras,
Terra da promessa!

E o sonho seduziu-te!
E o sonho te cegou!
A demência feriu-te!
A febre te queimou!...
Oh! que fatal destino
Persegue-te, infeliz,
Que descobrir intentas
Das fadas o país!

SURPRÊSA

Se fosses víbora me haverias mordido.

Chegou a bela estação
Em que rebentam as flores,
Também no meu coração
Rebentam novos ardores.

Busquei minha caprichosa
Na sala, alcova e cozinha:
— Foi colhêr alguma rosa
Talvez em lembrança minha...

— Pois bem, — falci eu comigo,
Surprêsa quiseste, amor?
Vou mostrar como consigo
Trazer a mais linda flor! —

Corro, corro a largos passos,
Busco em vão bogari!...
Mas ela voa a meus braços
E diz alegre: — “Eis-me aqui!”

ELEGIA

Les dieux vont vite!...

Tempo, tempo voraz, pára um momento!
Concede ao gênio o respirar ao menos!

Ontem era Azevedo o ardente bardo,
O mancebo ancião, que audaz abria
De nova inspiração as áureas portas;
Era Junqueira Freire, o preeleito,
O severo cantor, correto e puro,
Que da sombra dos claustros inundava
Profano mundo de harmonias santas;
Era o tímido Abreu, vítima imbele
Do prosaísmo estólido da vida,
— Coração de donzela e de criança, —
Alma sentida como a rôla aflita! —
Aureliano Lessa o desditoso!

Era o Laurindo, o filho da pobreza,
Mas arrojado sempre, e sempre nobre!
Era Gonçalves Dias — o romeiro —
Das esquecidas tribos do Amazonas, ³⁰³²
Sábio investigador de antigas lendas,
Mavioso cantor das soledades!
Era Franco de Sá, débil mancebo
Sobre cujas espáduas avultavam
As asas do condor alti-volante!
— O que fizeste deles? Onde ocultas
Dêsses grandes talentos os tesouros,
Comparsa horrendo da sombria morte?

*
* *

Tempo, tempo voraz, pára um momento!
Concede ao gênio o respirar ao menos!
Fatal destino o dos brasílios vates!
Fatal destino o dos brasílios sábios!
Fatal destino o dos brasílios mestres!
Política nefanda, horrenda e negra,
Pestilento bulcão, abafa e mata
Quanto aos olhos de irônico estrangeiro
Podia honrar o pátrio pensamento!
Entre a Itália e a Grécia erguer-lhe um sólio!

Tempo, tempo voraz, ³⁰³³ pára um momento!
Concede ao gênio o respirar ao menos!

*
* *

Grande no nome, nas desditas grande;
Descobridor também, onde repousam, ³⁰³⁴
Oh! cantor do Uruguai, ³⁰³⁵ teus frios restos?
Da criação brilhante de Colombo
Cabral tirou a estrofe mais formosa,
Plantou a cruz do genovês nas terras:
E tu?... Criaste o mundo dos encantos,
Das belas tradições, dos vagos sonhos,
Nas ledas margens do profundo rio
Que viu nascer a cândida Lindóia!
E não tens um padrão, não tens um marco,
Uma lousa singela que a assinale
De preclaro varão a última estância?

Tempo, tempo voraz, pára um momento!
Concede ao gênio o respirar ao menos!

*
* *

Mancebos de ontem, e sepultados hoje!
Molières das letras brasileiras,
Oh! Pena, o que fizeram do teu nome?!
O que é feito de ti?!... — Nos fofos palcos
A facécia francesa insulta o chiste
Da nacional comédia ingênua e franca,
Tão simples como a simples natureza!
Dutra e Melo, cultor d'amenas letras,
Onde foste também? Fria rajada
De frio temporal deixou em tiras
Vossas pobres e úmidas mortalhas!
Lhano Teixeira, — narrador sincero!
Manuel de Almeida, — pensador profundo!
Newton Americano, exímio Sousa!...

Tempo, tempo voraz, pára um momento!
Concede ao gênio o respirar ao menos!

*
* *

Oh! tudo vai passando, e tudo morre!
Tudo sufoca a vil mediocridade!
O Panteon da pátria está deserto!
Retraem-se os talentos hodiernos,
E da fome o cruento despotismo
Coloca pavorosa e sem piedade,
Do mísero escritor, que o pão suplica,
A pena mercenária aos pulsos prêsas!...
Neste confuso quadro que desenha
Minha sentida musa lacrimosa,
Quantos vultos não faltam? quantos vates
Cujos hinos o mundo encantariam
Não dormem deslembados sob a relva
Do cemitério de remota aldeia!
E ninguém lhes guardou as flores d'alma!
Ninguém julgou que o pobre pensativo, ³⁰³⁶
Que alta noite velava à luz fumosa
De grosseira candeia, um bardo fôsse!
Morto, à cova lançaram-lhe os escritos,
Pois o papel, de velho, e amarelado,
Coberto de sinais, traços escuros, ³⁰³⁷
Nem as próprias crianças cubiçavam!
Que mercador severo envolveria, ³⁰³⁸
Nessas manchadas fôlhas, a canela,
A mostarda, a pimenta? O asseio ³⁰³⁹ é tudo.
O povo apenas guarda-lhes os cantos,
E nos longos serões, muita donzela
Do pobre trovador modula as queixas!
Flores agrestes no deserto vivem,
Sucumbem no deserto, e nos seus leitos
O deserto do olvido a glória espanta!

Tempo, tempo voraz, pára um momento!
Concede ao gênio o respirar ao menos!

*
* *

O passado e futuro são dous pontos
Que o presente examina, estuda e marca.
Brônzea cadeia de batidos elos
Prende a sublime grei dos pensadores
Da sábia e velha Europa ao Novo Mundo!
Porque cismar, velar, — mirar estrélas,
Chamar inspirações? — Escravas turbas
Exigem que o cantor a pena ensope
Do coração nas tímidas aurículas,
Depois a porta do hospital apontam!
Tem mais valor o mundo da matéria!

Tempo, tempo voraz, pára um momento!
Concede ao gênio o respirar ao menos!

*
* *

E nós vamos também, musa querida,
Nós que não somos gêmeos, mas sentimos
Tudo o que o gênio tem de belo e santo!
E nós vamos também, — triste verdade!
Amanhã, quando o sol trouxer aos campos
Nova luz, novo ardor, novos encantos,
O rico sonhará nos áureos leitos,
O avaro ³⁰⁴⁰ de esqualidos esbirros
Cercará da viúva o domicílio,
As Messalinas dormirão sorrindo
Nos braços de seus míseros amantes;
— E quem de nós se lembrará, meu anjo?

Tempo, tempo voraz, pára um momento!
Concede ao gênio o respirar ao menos!

SOLAU

— Venho de longe! — Caminho
Arrostando a fome, o frio!
Sou pobre, triste, mesquinho...
Podes tu dar-me pouso? —

— Donde caíste? O que buscas?
Precisas de pão e abrigo?...
Viajante! Tu me ofuscas!
És um profeta?... eu te sigo!

— Como pudera um profeta
Sofrer tantas agonias!...
Busco a tumba de um poeta,
Do grande Gonçalves Dias!

— Pergunta aos mares profundos,
Pergunta ao destino, ao fado,
Ao Deus criador dos mundos
Por êsse bardo inspirado! —

— Entra, pobre peregrino!
Entra, refaz-te e descansa.
De ver o cantor divino
Não tenhas mais esperança!

Nem de orar onde repousam
Seus frios restos mortais!
Quem lhe escreverá na lousa:
"O grande gênio aqui jaz?"

Lancem pilotos ³⁰⁴¹ as ondas!
Afrontem os escarcéus!
Não podem achar nas ondas
Quem agora está nos céus!

Enfêrmo, exausto, cansado,
Sofrendo um pesar insano,
De seu país exilado
Teve outra pátria — o oceano.

O mar! — o corcel sem freio!
Gênio severo do amor!
Esconde o corpo no seio,
Envia o gênio ao Senhor!...

Folga! espíritos te falam,
Mestre da terra onde choro!
Teu corpo ondinas embalam...
Lendo teus cantos te adoro! —

HARMONICÓRDIO

O homem fala e a mulher cochicha,
O papagaio palra, — o corvo grasna,
Cacareja a galinha, — a rã coaxa,
Gorjeia o sabiá, — chilra a cigarra;
Late o cão, — mia o gato e grunhe o porco,
A raposa regouga, — o touro muge,

Arrulha a linda pomba, — zurra o asno,
Assobia o macaco e berra a cabra.
— Ruge o leão, — mas o corcel relincha! —
Silva a serpente e o fradalhão se esgoela,
Compõe o mestre belas harmonias,
— Só o poeta as compreende e canta! —

CANÇÃO LÓGICA

Eu amo, tu amas, êle ama...

Teus olhos são duas sílabas
Que me custam soletrar,
Teus lábios são dous vocábulos
Que não posso,
Que não posso interpretar.

Teus seios são alvos símbolos
Que vejo sem traduzir;
São os teus braços capítulos
Que podem,
Que podem me confundir.

Teus cabelos são gramáticas
Das línguas tôdas de amor,
Teu coração — tabernáculo
Muito próprio,
Próprio de ilustre cantor.

O teu caprichoso espírito,
Inimigo do dever,
É um terrível enigma
Ai! que nunca, ³⁰⁴²
Que nunca posso entender.

Teus pêzinhos microscópicos,
Que nem rastejam no chão,
São leves traços estéticos
Que transtornam, ³⁰⁴³
Que transtornam a razão!

Os preceitos de Aristóteles
Neste momento quebrei!
Tenho tratado dos píncaros,
Oh! nas bases, ³⁰⁴⁴
Nas bases me demorei.

CANTO

I

Jesus! Filho de Deus! Quero adorar-te
No céu, na terra, no universo inteiro!
Vejo teu nome escrito em tôda a parte
Onde vai meu olhar de forasteiro!
Milagres de saber, — prodígios de arte,
Senhor e servo, artista e pegureiro,
Todos repetem neste mundo vário
O poema sublime do Calvário!

II

Os astros de mais luz, — orbes imensos,
Hiperboles lançadas sôbre os ares,
Brilhantes a rolar em mares densos,
Escarpados de angélicos colares;
Gênios supernos, — querubins infensos,
Tudo, tudo, Senhor, em teus altares
São míseras ofertas que a desgraça
Logo transforma em pó, cinza e fumaça!

III

A faixa ³⁰⁴⁵ branco-azul dos hemisférios,
Onde palpitam borboletas de ouro,
Estrada excelsa dos salões sidéreos,
Mostra a meus olhos imortal tesouro!
Ali vaguciam meus irmãos etéreos!
Ali repousa meu sonhar vindouro!
Ali da glória resplandece a origem!
Ali domina a sempiterna Virgem!

IV

Oh! Cristo! Se de um sangue sacrossanto
Banhaste a gleba vil onde pisaste,
Se jogaram soldados em teu manto
Quando da cruz as dores suportaste,
Tudo mudou-se! Do divino pranto
Constelações sem número formaste!
Da túnica manchada por imundos
Fizeste o pavilhão que abriga os mundos!

V ³⁰⁴⁶

Nos belos tempos da saudosa infância,
Quadra de louros sonhos, de esperanças,
Ouvia-te das balsas na fragrância:
— “Vinde, vinde até mim, pobres crianças!” —
Tu me deste a miséria e a abundância,
Quando chorei, me consolaste, oh! Deus!
Ao clarão imortal dos olhos teus!

VI

Rujam embora as vagas do oceano
Mandando aos alcantis navio incerto,
Corra o gládio de bárbaro tirano
Transformando as cidades num deserto!
Passe da peste e morte o sôpro insano,
Medonho, horrendo em boqueirão aberto!
Flagele a humanidade a sêde, a fome...
Oh! Cristo! Creio em ti, creio em teu nome!

VII

Jesus! Hoje porém se os livros abre
E o fruto colho da fatal ciência,
Tudo vejo em terrível descalabro!
Nem crenças, nem razão, nem consciência!
De velha planta tronco feio e glabro
Volve êste pobre mundo em decadência!
Só tu podes verter aos homens luz,
Árvore santa onde sofreu Jesus!

ARMAS

— Qual a mais forte das armas,
A mais firme, a mais certa?
A lança, a espada, a clavina,
Ou a funda aventureira?
A pistola? O bacamarte?
A espingarda, ou a flecha?
O canhão que em praça forte
Faz em dez minutos brecha?
— Qual a mais firme das armas? —
O terçado, a fisga, o chuço,
O dardo, a maça, o virote?
A faca, o florete, o laço,
O punhal, ou o chifarote?...
A mais tremenda das armas,
Pior que a durindana,
Atendei, meus bons amigos:
Se apelida: — a língua humana! —

CANÇÃO

Santos. — S. Paulo. — 1870

Máquina de escrever e fazer versos, ³⁰⁴⁷

Já não sei mais cantar,

As florestas deixei, — voei das serras

E vim cair no mar.

Onde o corcel robusto, belo e forte

Sempre o freio a mascar?

Deixei-o nas montanhas solitário,

E vim cair no mar.

À sombra da graúna gigantesca

Sabia eu meditar,

A graúna ficou, — perdeu as fôlhas,

E vim cair no mar.

As tradições tão doces, as lembranças

De meu velho solar,

Estão lá sob as mãos de indiferentes

E vim cair no mar.

O segrêdo perdi das melodias,

Agora é só rimar!

Saltei dos nobres cedros seculares

E vim cair no mar.

Onde olhavam meus bons antepassados

Sem dor e sem pesar,

Não posso eu mais olhar, perdi as asas

E vim cair no mar.

Não ouço mais a voz dos caçadores,
Nas brenhas a cantar;
Da choça do pastor fugi medroso
E vim cair no mar!

Nem as festas alegres dos roceiros
Posso mais partilhar!...
Trouxe minh'alma apenas por bagagem
E vim cair no mar!

VELHA CANÇÃO

(VOLTAS)

Não sou dêsses gênios duros
Inimigos do prazer
Que julgam que a humanidade
Só nasceu para gemer;

Gosto de queimar incenso
Sôbre as aras da alegria,
Julgo que ser louco a tempo
Também é sabedoria.

Tudo no mundo é vaidade,
Disse o grande Salomão...
Ele pensou talvez isto
Em noite de indigestão...

Venham raivosos guerreiros
Abater espessos muros,
Briguem as leis, os legistas,
Não sou dêsses gênios duros.

Quero festins, onde as belas
Me façam enlouquecer;
Desprezo os ilustres mochos
Inimigos do prazer.

Prosperidade na terra
É sonho que pouco dura,
Tudo definha e fenece
Na lousa da sepultura.

Canto as mulheres e as musas,
As venturas, o prazer,
A vida é triste mentira,
Gozarei até morrer.

Que importa que as turbas loucas
Me cubram de maldições?
Pobres loucos! Não concebem
De um festim as seduções!

Meditem os estadistas
Sôbre casos mal seguros,
Trato de cousas mais leves,
Não sou dêsses gênios duros.

Discurse o padre na igreja
Batendo uma seita esquiua,
E volte à ³⁰⁴⁸ casa alta noite
Tendo jantado a saliva!

Eu por mim penso que o mundo
Por pouco vai-se a perder,
Por causa de tantos grulhas
Inimigos do prazer.

Só me falam nos antigos
Abraão, Isac, Jacó!...
Êles tinham cem mulheres!
E eu?... Eu tenho uma só!

É verdade que essa mesmo
Me tem dado que fazer,
Mas nem por isso tornei-me
Inimigo do prazer.

ELEGIA 3049

A noite era calma, soidosa entre nimbos
A lua espalhava seus pálidos lumes,
Das flores fugindo, voava lascivo
Favônio embebido de quentes perfumes.

Vampiros silentes brilhavam na relva,
As clícias tremiam de orvalho banhadas,
Nas valsas voavam sutis borboletas
As fôlhas batendo com as asas douradas.

O túrbido manto de fátuas neblinas
Pairava indeciso no cimo da serra,
E aos astros, — às nuvens, perfumes, sussurros,
Suspiros e cantos se erguiam da terra!...

Nós éramos jovens, amantes e crentes
Ao lado um do outro no vasto salão,
E os ³⁰⁵⁰ raios da lua discretos, medrosos, ³⁰⁵¹
Transpondo as janelas lambiam o chão.

Nós éramos jovens, seus olhos incertos
Ardiam no fogo de infindos desejos,
E à sombra imprudente, de leve carpindo, ³⁰⁵²
Pulsavam-lhe os seios em moles arquejos.

Ai! mísero aquêle que as ondas da vida
Trilhou sem o aroma de pálida flor!
E a tumba se inclina sem trenos sentidos,
Sem queixas, sem votos, sem prantos de amor!

Pois bem!... Nessa noite de fundo mistério
Delírios eternos a fronte enastrei!...
Que importam-me agora martírios e dores
Se outrora dos gozos a taça esgotei?...

Três meses passaram. Um lívido corpo
Jazia dos círios à luz funeral,
E à ³⁰⁵³ sombra dos — mirtos — o rude coveiro
Abria, cantando, seu leito final.

Três meses passaram!... A pálida amiga
Tão linda, tão meiga, ³⁰⁵⁴ nas trevas se achou,
E as mãos espalmando, caindo sem fôrças, ³⁰⁵⁵
Na vala dos vermes inerte rolou!...

Agora, — sòzinho, — procuro os desertos,
As matas profundas, — os vastos sertões!
Minh'alma está nua, — meu seio vazio,
— Vegeto, — não vivo, não tenho emoções!

AMOR E VINHO 3056

Cantemos o amor e o vinho,
As mulheres, o prazer;
A vida é sonho ligeiro,
Gozemos até morrer.
Tim, tim, tim,
Gozemos até morrer.

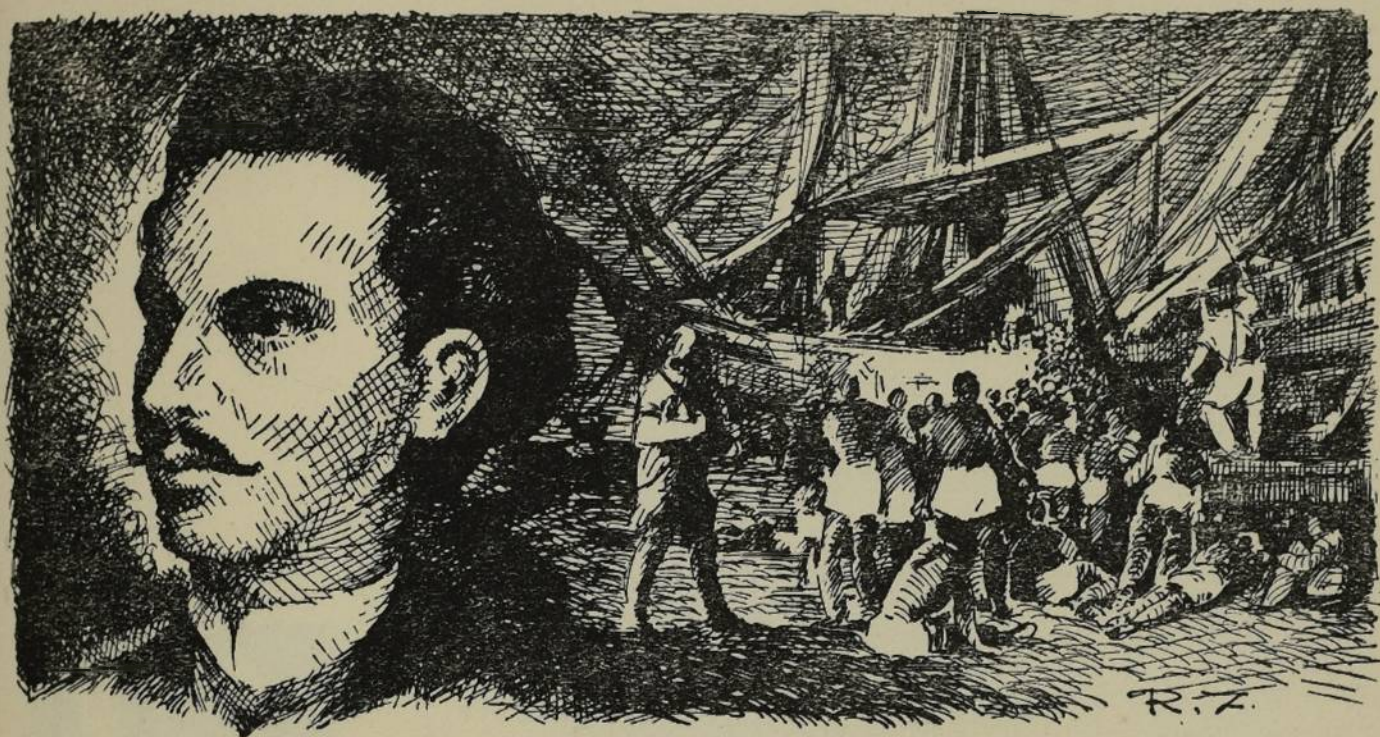
A ventura nesta vida
É sonho que pouco dura;
Tudo fenece no mundo,
Na lousa da sepultura.
Tim, tim, tim,
Na lousa da sepultura.

Não sou dêsses gênios duros,
Inimigos do prazer,
Que julgam que a humanidade
Só nasceu para morrer.
Tim, tim, tim,
Só nasceu para morrer.





Castro Alves



Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!...

ANTÔNIO DE CASTRO ALVES (1847-1871) — Nasceu em Cabaceiras, à margem do Paraguaçu, Muritiba, a sete léguas de Curalinho (hoje, Castro Alves), Bahia. Fêz o curso básico em Salvador (1854-1863), transferindo-se em seguida para Recife, onde iniciou o curso de direito (1864). Começa aqui a gloriosa carreira poética de Castro Alves. Participa ativamente das inquietações de espírito, da agitação política e patriótica (é a época da Guerra do Paraguai) e das lutas liberais de sua geração acadêmica. Ficam célebres suas polêmicas poéticas com Tobias Barreto. A paixão por Eugênia Câmara, bela atriz dramática, leva-o a abandonar Recife (1867). Parte para Salvador, onde faz representar o drama *Gonzaga ou a revolução de Minas* (1867), e em seguida, em companhia de Eugênia Câmara, vem para o Sul, matriculando-se na Faculdade de Direito de São Paulo (1868). Em fins de 1868, ferido num pé por um tiro casual de espingarda, deixa São Paulo. No Rio sofre a amputação do pé. Já tuberculoso, regressa à terra natal (1870), levando pronto o livro *Espumas flutuantes* (Bahia, 1870). Morre com 24 anos, em Salvador, tendo recebido em vida uma consagração popular que nenhum poeta anterior teve a felicidade de receber, e que os anos só têm aumentado. E' incontestavelmente dos maiores poetas em língua portuguesa. Poeta romântico nas características predominantes do estilo e da inspiração, não deixa contudo de anunciar alguns aspectos da poesia realista ou parnasiana. Póstumamente publicaram-se: *Hinos do Equador*, *Os escravos*, *A cachoeira de Paulo Afonso* e *Gonzaga*. A primeira edição das *Obras completas* publicou-se no Rio, Livraria Francisco Alves, em 1921, em dois volumes.

ESPUMAS FLUTUANTES ³⁰⁵⁷

A MEMÓRIA DE MEU PAI, DE MINHA MÃE
E DE MEU IRMÃO.

O. D. C.

PRÓLOGO



RA por uma dessas tardes ³⁰⁵⁸ em que o azul do céu oriental — é pálido e saudoso, em que o rumor do vento nas vergas — é monótono e cadente, e o quebro da vaga na amurada do navio — é queixoso e tétrico.

Das bandas do ocidente o sol se atufava nos mares “como um bri-
gue em chamas”... e daquele vasto incêndio do crepúsculo alastrava-se a
cabeça loura das ondas.

Além... os cerros de granito dessa formosa terra de Guanabara, va-
cilentos, a ³⁰⁵⁹ lutarem com a onda invasora de azul, que descia das alturas...

recortavam-se indecisos na penumbra do horizonte.

Longe, inda mais longe... os cimos fantásticos da serra dos Órgãos embebiam-se na distância, su-
miam-se, abismavam-se numa espécie de naufrágio celeste.

Só e triste, encostado à borda do navio, eu seguia com os olhos aquêlê esvaecimento indefinido e
minha alma apegava-se à forma vacilante das montanhas — derradeiras atalaias dos meus arraiais da mo-
cidade.

E' que lá dessas terras do sul, para onde eu levava o fogo de todos os entusiasmos, o viço de tôdas
as ilusões, os meus vinte anos de seiva e de mocidade, as minhas esperanças de glória e de futuro;... é que
dessas terras do sul, onde eu penetrara “como o moço Rafael subindo as escadas do Vaticano;”... volvia
agora silencioso e alquebrado... trazendo por única ambição — a esperança de repouso em minha pátria.

Foi então que, em face destas duas tristezas — a noite que descia dos céus, — a solidão que subia
do oceano —, recordei-me de vós, ó meus amigos!

E tive pena de lembrar que em breve nada restaria do peregrino na terra hospitaleira, onde vaga-
ra; nem sequer a lembrança desta alma, que convosco e por vós vivera e sentira, gemera e cantara...

Ó espíritos errantes sôbre a terra! Ó velas enfunadas sôbre os mares!... Vós bem sabeis quanto
sois efêmeros... — passageiros que vos absorveis no espaço escuro, ou no escuro esquecimento.

E quando — comediantes do infinito — vos obumbráis nos bastidores do abismo, o que resta de vós?

— Uma esteira de espumas... — flores perdidas na vasta indiferença do oceano. — Um punhado
de versos — espumas flutuantes no dorso fero da vida!...

E o que são na verdade êstes meus cantos?...

Como as espumas, que nascem do mar e do céu, da vaga e do vento, êles são filhos da musa —
êste sôpro do alto; do coração — êste pélago da alma.

E como as espumas são, às vèzes, a flora sombria da tempestade, êles por vèzes rebentaram ao estalar fatídico do látego da desgraça.

E como também o aljôfre dourado das espumas reflete as opalas, rutilantes do arco-íris, êles por acaso refletiram o prisma fantástico da ventura ou do entusiasmo — êstes signos brilhantes da aliança de Deus com a juventude!

Mas, como as espumas flutuantes levam, boiando nas solidões marinhas, a lágrima saudosa do marujo... possam êles, ó meus amigos! — efêmeros filhos de minh'alma — levar uma lembrança de mim às vossas plagas!...

S. Salvador — Fevereiro de 1870.

CASTRO ALVES

DEDICATÓRIA

A pomba d'aliança o vôo espraia
Na superfície azul do mar imenso
Rente... rente da espuma já desmaia
Medindo a curva do horizonte extenso...
Mas um disco se avista ao longe... A praia
Rasga nitente o nevoeiro denso!...
Ó pouso! ó monte! ó ramo de oliveira!
Ninho amigo da pomba forasteira!...

Assim, meu pobre livro as asas larga
Neste oceano sem fim, sombrio, eterno...
O mar atira-lhe a saliva amarga,
O céu lhe atira o temporal de inverno...
O triste verga à tão pesada carga!
Quem abre ao triste um coração paterno?...
É tão bom ter por árvore — uns carinhos!
É tão bom de uns afetos — fazer ninhos!

Pobre órfão! Vagando nos espaços
Embalde às solidões mandas um grito!
Que importa? De uma cruz ao longe os braços
Vejo abrirem-se ao mísero precito...
Os túmulos dos teus dão-te regaços!
Ama-te a sombra do salgueiro aflito...
Vai, pois, meu livro! e como louro agreste
Traz-me no bico um ramo de... cipreste!

Bahia, Janeiro de 1870.

O LIVRO E A AMÉRICA

Ao GRÊMIO LITERÁRIO

Talhado para as grandezas,
P'ra crescer, criar, subir,
O Novo Mundo nos músculos
Sente a seiva do porvir.
— Estatuário de colossos —
Cansado doutros esboços
Disse um dia Jeová:
“Vai, Colombo, abre a cortina
“Da minha eterna oficina...
“Tira a América de lá”.

Molhado inda do dilúvio,
Qual Tritão descomunal,
O continente desperta
No concêrto universal.
Dos oceanos em tropa
Um — traz-lhe as artes da Europa,
Outro — as bagas de Ceilão...
E os Andes petrificados,
Como braços levantados,
Lhe apontam para a amplidão.

Olhando em tôrno então brada:
“Tudo marcha!... — Ó grande Deus!
“As cataratas — p'ra terra,
“As estrêlas — para os céus.
“Lá, do pólo sôbre as plagas,
“O seu rebanho de vagas
“Vai o mar apascentar...
“Eu quero marchar com os ventos,
“Com os mundos... co'os firmamentos!!!”
E Deus responde — “Marchar!”

“Marchar!... Mas como?... Da Grécia
Nos dóricos Partenons,
A mil deuses levantando
Mil marmóreos Panteons?...
Marchar co'a espada de Roma
— Lea de ruiva coma
De prêsa enorme no chão,
Saciando o ódio profundo...
— Com as garras nas mãos do mundo,
— Com os dentes no coração?...

“Marchar!... Mas como a Alemanha
Na tirania feudal,
Levantando uma montanha
Em cada uma catedral?...
Não!... Nem templos feitos de ossos,
Nem gládios a cavar fossos,
São degraus do progredir...
Lá brada César morrendo:
“No pugilato tremendo
“Quem sempre vence é o porvir!”

Filhos do séc'lo das luzes!
Filhos da Grande Nação!
Quando ante Deus vos mostrardes,
Tereis um livro na mão:
O livro — êsse audaz guerreiro

Que conquista o mundo inteiro
Sem nunca ter Waterloo...
Eólo de pensamentos,
Que abrija a gruta dos ventos
Donde a Igualdade voou!...

Por uma fatalidade
Dessas que descem de além,
O séc'lo que viu Colombo,
Viu Guttenberg ³⁰⁶⁰ também
Quando no tóso estaleiro
Da Alemanha o velho obreiro
A ave da imprensa gerou...
O Genovês salta os mares...
Busca um ninho entre os palmares
E a pátria da imprensa achou...

Por isso na impaciência
Desta sêde de saber,
Como as aves do deserto —
As almas buscam beber...
Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'a!ma
E' germe — que faz a palma,
E' chuva — que faz o mar.

Vós que o templo das idéias
Largo — abris às multidões
P'ra o batismo luminoso
Das grandes revoluções
Agora que o trem-de-ferro
Acorda o tigre no cêro
E espanta os caboclos nus,
Fazei dêsse "rei dos ventos"
— Ginete dos pensamentos,
— Arauto da grande luz!...

Bravo! a quem salva o futuro,
Fecundando a multidão!...
Num poema amortalhada
Nunca morre uma nação.
Como Goethe ³⁰⁶¹ moribundo
Brada "Luz!" o Novo Mundo
Num brado de Briaréu...
Luz! pois, no vale e na serra...
Que, se a luz rola na terra,
Deus colhe gênios no céu!...

Bahia.

HEBRÉIA

Flos campi et lilium convallium.

Cânt. dos Cânticos

Pomba d'esp'rança sôbre um mar d'escolhos!
Lírio do vale oriental, brilhante!
Estrêla vésper do pastor errante!
Ramo de murta a rescender cheirosa!...

Tu és, ó filha de Israel formosa...
Tu és, ó linda, sedutora Hebréia...
Pálida rosa da infeliz Judéia
Sem ter o orvalho, que do céu deriva!

Porque descoras quando a tarde esquivia
Mira-se triste sôbre o azul das vagas?
Serão saudades das infindas plagas,
Onde a oliveira no Jordão se inclina?

Sonhas acaso, quando o sol declina,
A terra santa do Oriente imenso?
E as caravanas no deserto extenso?
E os pegureiros da palmeira à sombra?!...

Sim, fôra belo na relvosa alfombra,
Junto da fonte onde Raquel gemera
Viver contigo qual Jacó vivera,
Guiando escravo teu feliz rebanho...

Depois nas águas de cheiroso banho
— Como Susana a estremecer de frio —
Fitar-te ³⁰⁶² ó flor do Babilônio rio,
Fitar-te a mêdo no salgueiro oculto...

Vem pois!... Contigo no deserto inculto
Fugindo às iras de Saul embora,
Davi eu fôra, se Micol tu fôras,
Vibrando na harpa do profeta o canto...

Não vês? Do seio me goteja o pranto
Qual da torrente do Cedron deserto!...
Como lutara o patriarca incerto
Lutei, meu anjo, mas caí vencido.

Eu sou o Lótus para o chão pendido,
Vem ser o orvalho oriental, brilhante!
Ai! guia o passo ao viajor perdido,
Estrêla vésper do pastor errante!...

Bahia — 1866.

QUEM DÁ AOS POBRES, EMPRESTA A DEUS ³⁰⁶³

Eu que a pobreza de meus pobres cantos
Dei aos heróis — aos miseráveis grandes —
Eu que sou cego, — mas só peço luzes...
Que sou pequeno, — mas só fito os Andes...
Canto nest'hora, como o bardo antigo
Das priscas eras que bem longe vão,
O grande NADA dos heróis que dormem
Do vasto pampa no funéreo chão...

Duas grandezas neste instante cruzam-se!
Duas realzas hoje aqui se abraçam!...
Uma — é um livro laureado em luzes...
Outra — uma espada, onde os lauréis se enlaçam.
Nem cora o livro de ombrear co'o sabre...
Nem cora o sabre de chamá-lo irmão...
Quando em loureiros se biparte o gládio
Do vasto pampa no funéreo chão.

E foram grandes teus heróis, ó pátria.
— Mulher fecunda que não cria escravos —,
Que ao trom da guerra soluçaste aos filhos.
"Parti — soldados, mas voltai-me — bravos!"
E qual Moema desgrenhada, altiva,
Eis tua prole que se arroja então,
De um mar de glórias apartando as vagas
Do vasto pampa no funéreo chão.

E êsses Leandros do Helesponto novo
Se resvalaram — foi no chão da história...
Se tropeçaram — foi na eternidade...
Se naufragaram — foi no mar da glória...
E hoje o que resta dos heróis gigantes?...
Aqui — os filhos que vos pedem pão...
Além — a ossada que branqueia a lua, 3064
Do vasto pampa no funéreo chão.

Ai! quantas vêzes a criança loura
Seu pai procura pequenina e nua,
E vai, brincando co'o vetusto sabre,
Sentar-se à espera no portal da rua...
Mísera mãe, sôbre teu peito aquece
Esta avezinha que não tem mais pão!...
Seu pai descansa — fulminado cedro —
Do vasto pampa no funéreo chão.

Mas já que as águias lá no sul tombaram
E os filhos d'águias o Poder esquece...
E' grande, é nobre, é gigantesco, é santo!...
Lançai — a esmola e colhereis — a prece!...
Oh! dai a esmola... que, do infante lindo
Por entre os dedos da pequena mão,
Ela transborda... e vai cair nas tumbas
Do vasto pampa no funéreo chão.

Há duas cousas neste mundo santas; 3065
— O rir do infante, — o descansar do morto...
O berço — é a barca que encalhou na vida,
A cova — é a barca do sidéreo pôrto...
E vós dissestes para o berço — Avante! —
Enquanto os nautas que ao Eterno vão,
Os ossos deixam, qual na praia as âncoras,
Do vasto pampa no funéreo chão.

E' santo o laço em qu'hoje aqui s'estreitam
De heróicos troncos — os rebentos novos —!
E' que são gêmeos dos heróis os filhos.
Inda que filhos de diversos povos!
Sim! me parece que nest'hora Augusta
Os mortos saltam da feral mansão...
E um "bravo!" altivo de além-mar partindo
Rola do pampa no funéreo chão!...

S. Salvador, 31 de Outubro de 1867

O LAÇO DE FITA

Não sabes, criança! 'Stou louco de amôres...
Prendi meus afetos, formosa Pepita. 3066
Mas onde? No templo, no espaço, nas névoas?!
Não rias, prendi-me
Num laço de fita.

Na selva sombria de tuas madeixas,
Nos negros cabelos de moça bonita,
Fingindo serpente qu' enlaça a folhagem,
Formoso enroscava-se
O laço de fita.

Meu ser, que voava nas luzes da festa,
Qual pássaro bravo, que os ares agita,
Eu vi de repente cativo, submisso
Rolar prisioneiro
Num laço de fita.

E agora enleada na tênue cadeia
Debalde minh'alma se embate, se irrita...
O braço, que rompe cadeias de ferro,
Não quebra teus elos,
O' laço de fita!

Meu Deus! As falenas têm asas de opala,
Os astros se libram na plaga infinita.
Os anjos repousam nas penas brilhantes...
Mas tu... tens por asas
Um laço de fita.

Há pouco voavas na célere valsa
Na valsa que anseia, que estua e palpita.
Porque é que tremeste? Não eram meus lábios...
Beijava-te apenas...
Teu laço de fita.

Mas ai! findo o baile, despindo os adornos
N'alcova onde vela ciosa... crepita,
Talvez da cadeia libertes as tranças
Mas eu... fico prêso
No laço de fita.

Pois bem! Quando um dia na sombra do vale
Abrirem-me a cova..., formosa Pepita!
Ao menos arranca meus louros da fronte,
E dá-me por c'roa...
Teu laço de fita.

S. Paulo, Julho de 1868.

AHASVERUS E O GÊNIO

AO POETA E AMIGO J. FELIZARDO JÚNIOR

Sabes quem foi Ahasverus?... — o precito,
O mísero Judeu, que tinha escrito
Na frente o sêlo atroz!
Eterno viajor de eterna senda...
Espantado a fugir de tenda em tenda
Fugindo embalde à *vingadora voz!*

Misérriimo! Correu o mundo inteiro,
E no mundo tão grande... o forasteiro
Não teve onde... pousar.
Co'a mão vazia — viu a terra cheia.
O deserto negou-lhe — o grão de areia,
A gôta d'água — rejeitou-lhe o mar.

D'Ásia as florestas — lhe negaram sombra, 3067
A savana sem fim — negou-lhe alfombra,
O chão negou-lhe o pó!...
Tabas, serralhos, tendas e solares...
Ninguém lhe abriu a porta de seus lares
E o triste seguiu só.

Viu povos de mil climas, viu mil raças,
E não pôde entre tantas populaças
Beijar uma só mão...
Desde a virgem do norte à de Sevilhas, 3068
Desde a inglêsa à crioula das Antilhas
Não teve um coração!...

E caminhou!... E as tribos se afastavam
E as mulheres tremendo murmuravam
Com respeito e pavor.
Ai! Fazia tremer do vale à serra...
Ele que só pedia sobre a terra
Silêncio, paz e amor! —

No entanto, à noite, se o Hebreu passava,
Um murmúrio de inveja se elevava,
Desde a flor da campina ao colibri.
“Ele não morre” a multidão dizia...
E o precito consigo respondia:
— “Ai! mas nunca vivi!” — 3069

O Gênio é como Ahasverus... solitário
A marchar, a marchar no itinerário
Sem termo do existir.
Invejado! a invejar os invejosos.
Vendo a sombra dos álamos frondosos...
E sempre a caminhar... sempre a seguir...

Pede u'a mão de amigo — dão-lhe palmas:
Pede um beijo de amor — e as outras almas
Fogem pasmas de si.
E o mísero de glória em glória corre...
Mas quando a terra diz: — “Ele não morre”...
Responde o desgraçado: — “Eu não vivi!” 3070

S. Paulo, Outubro de 1868.

MOCIDADE E MORTE

E perto avisto o pôrto
Imenso, nebuloso e sempre noite
Chamado — Eternidade. —

LAURINDO

Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate. DANTE

Oh! eu quero viver, beber perfumes
Na flor silvestre, que embalsama os ares;
Ver minh'alma adejar pelo infinito,
Qual branca vela n'amplidão dos mares.
No seio da mulher há tanto aroma...
Nos seus beijos de fogo há tanta vida...
— Árabe errante, vou dormir à tarde
À sombra fresca da palmeira erguida.

Mas uma voz responde-me sombria:
Terás o sono sob a lájea fria.

Morrer... quando este mundo é um paraíso,
E a alma um cisne de douradas plumas:
Não! o seio da amante é um lago virgem...
Quero boiar à tona das espumas.
Vem! formosa mulher — camélia pálida,
Que banharam de pranto as alvoradas,
Minh'alma é a borboleta, que espaneja
O pó das asas lúcidas, douradas...

E a mesma voz repete-me terrível,
Com gargarhar sarcástico: — impossível!

Eu sinto em mim o borbulhar do gênio.
Vejo além um futuro radiante:
Avante! — brada-me o talento n'alma
E o eco ao longe me repete — avante! —
O futuro... o futuro... no seu seio...
Entre louros e bênçãos dorme a glória!
Após — um nome do universo n'alma,
Um nome escrito no Panteon da história.

E a mesma voz repete funerária:
Teu Panteon — a pedra mortuária!

Morrer — é ver extinto dentre as névoas
O fanal, que nos guia na tormenta:
Condenado — escutar dobres de sino,
— Voz da morte, que a morte lhe lamenta —
Ai! morrer — é trocar astros por círios,
Leito macio por esquife imundo,
Trocar os beijos da mulher — no visco
Da larva errante no sepulcro fundo.

Ver tudo findo... só na lousa um nome,
Que o viandante a perpassar consome.

E eu sei que vou morrer... dentro em meu peito
Um mal terrível me devora a vida:
Triste Ahasverus, que no fim da estrada,
Só tem por braços uma cruz erguida.
Sou o cipreste, qu'inda mesmo flórido,
Sombra de morte no ramal encerra!
Vivo — que vaga sobre o chão da morte,
Morto — entre os vivos a vagar na terra.

Do sepulcro escutando triste grito
Sempre, sempre bradando-me: maldito! —

E eu morro, ó Deus! na aurora da existência,
Quando a sêde e o desejo em nós palpita...
Levei aos lábios o dourado pomo,
Mordi no fruto podre do Asfaltita.
No triclinio da vida — novo Tântalo —
O vinho do viver ante mim passa...
Sou dos convivas da legenda Hebraica,
O estilete de Deus quebra-me a taça.

E' que até minha sombra é inexorável,
Morrer! morrer! soluça-me implacável.

Adeus, pálida amante dos meus sonhos!
Adeus, vida! Adeus, glória! amor! anelos!
Escuta, minha irmã, cuidosa enxuga
Os prantos de meu pai nos teus cabelos.
Fôra louco esperar! fria rajada
Sinto que do viver me extingue a lampa...
Resta-me agora por futuro — a terra,
Por glória — nada, por amor — a campa.

Adeus... arrasta-me uma voz sombria, 3071
Já me foge a razão na noite fria!...

1864.

AO DOUS DE JULHO

(RECITADA NO TEATRO DE S. JOÃO)

E' a hora das epopéias,
Das Iíadas reais.
Ruge o vento — do passado
Pelos mares sepulcrais.
E' a hora em que a Eternidade
Dialoga a Imortalidade...
Fala o herói com Jeová!...
E Deus — nas celestes plagas —
Colhe da glória nas vagas
Os mortos de Pirajá.

Há destes dias augustos
Na tumba dos Briaréus.
Como que Deus baixa à terra,
Sem mesmo descer dos céus.
E' que essas lousas rasteiras
São — gigantes cordilheiras
Do Senhor aos olhos nus.
E' que essas brancas ossadas
São — colunas arrojadas
Dos infinitos azuis.

Sim! Quando o tempo entre os dedos
Quebra um séc'lo, uma nação...
Encontra nomes tão grandes
Que não lhe cabem na mão!...
Heróis! Como o cedro augusto
Campeia rijo e vetusto
Dos séc'los ao perpassar,
Vós sois o cedro da história,
A cuja sombra de glória
Vai-se o Brasil abrigar.

E nós que somos faíscas
Da luz dèsses arrebóis,
Nós que somos borboletas
— Das crisálidas de avós,
Nós que entre as bagas dos cantos,
Por entre as gôtas dos prantos,
Inda os sabemos chorar,
Podemos dizer: "Das campas
Sacudi as frias tampas!
Vinde a Pátria abençoar!..."

Erguei-vos, santos fantasmas!
Vós não tendes que corar...
(Porque eu sei que o filho torpe
Faz o morto soluçar...)
Gemem as sombras dos Gracos,
Dos Catões, dos Espartacos,
Vendo seus filhos tão vis...
Dize-o tu, soberbo Mário!
Tu que ensopas o sudário
Vendo Roma — meretriz!...

Ai! Que lágrimas candentes
Choram órbitas sem luz! —
Que idéia terá Leônidas
Vendo Esparta nos paus?!...
Alta noite, quando pena
Sobre Arcole, sobre Iena,

Bonaparte — o rei dos reis —,
Que dor d'alma lhe rebenta,
Ao ver su'água sangrenta
No sabre de Juarez!?...

Porém aqui não há grito,
Nem pranto, nem ai, nem dor...
O presente não desmente
Do seu ninho de condor.
Mãos, que, outrora de crianças
A rir — dentaram as lanças
Dos velhos de Pirajá...
De homens hoje, as empunhando,
Nas batalhas aafiando,
Vão caminho de Humaitá!...

Basta!... Curvai-vos, ó povo!...
Ei-los os vultos sem par,
Só de joelhos podemos
Nest' hora ³⁰⁷² augusta fitar
Riachuelo e Cabrito, ³⁰⁷³
Que sobem para o infinito
Como jungidos leões,
Puxando os carros dourados
Dos meteoros largados
Sobre a noite das nações.

Bahia — 1867.

OS TRÊS AMORES

I.

Minh'alma é como a fronte sonhadora
Do louco bardo, que Ferrara chora...
Sou Tasso!... a primavera de teus risos
De minha vida as solidões enflora...
Longe de ti eu bebo os teus perfumes,
Sigo na terra de teu passo os lumes...
— Tu és Eleonora...

II.

Meu coração desmaia pensativo,
Cismando em tua rosa predileta.
Sou teu pálido amante vaporoso,
Sou teu Romeu... teu lânguido poeta!...
Sonho-te às vêzes virgem... seminua...
Roubo-te um casto beijo à luz da lua...
— E tu és Julieta...

III.

Na volúpia das noites andaluzas
O sangue ardente em minhas veias rola...
Sou D. Juan!... Donzelas amorosas,
Vós conheceis-me os trenos na viola!
Sobre o leito do amor teu seio brilha...
Eu morro, se desfaço-te a mantilha...
Tu és — Júlia a Espanhola!...

Recife, Setembro de 1866.

O FANTASMA E A CANÇÃO

Orgulho! desce os olhos dos céus sobre ti mesmo,
e vê como os nomes mais poderosos vão se refugiar numa
canção.

BYRON

— Quem bate? — “A noite é sombria!”
— Quem bate? — “É rijo o tufão!...
Não ouvis? a ventania
Ladra à lua como um cão”.
— Quem bate? — “O nome qu’importa? 3074
Chamo-me dor... abre a porta!
Chamo-me frio... abre o lar!
Dá-me pão... chamo-me fome!
Necessidade é o meu nome!”
— Mendigo! podes passar!

“Mulher, 3075 se eu falar, prometes
A porta abrir-me?” — Talvez.
— “Olha... nas cãs dêste velho
Verás fanados lauréis.
Há no meu crânio 3076 enrugado
O fundo sulco traçado
Pela c’roa imperial.
Foragido, errante espectro,
Meu cajado — já foi cetro!
Meus trapos — manto real!”

— Senhor, minha casa é pobre...
Ide bater a um solar!
— “De lá venho... O Rei-fantasma
Baniram do próprio lar.
Nas largas escadarias,
Nas vetustas galerias,
Os pajens e as cortesãs
Cantavam!... Reinava a orgia!...
Festa! Festa! E ninguém via
O Rei coberto de cãs!

— Fantasma! Aos grandes, que tombam,
É palácio o mausoléu!
— “Silêncio! De longe eu venho...
Também meu túmulo morreu.
O séc’lo — traça que medra
Nos livros feitos de pedra —
Rói o mármore, cruel.
O tempo — Átila terrível
Quebra co’a pata invisível
Sarcófago e capitel.

“Desgraça então para o espectro,
Quer seja Homero ou Solon,
Se, medindo a treva imensa, 3077
Vai bater ao Panteon...
O motim — Nero profano —
No ventre da cova insano
Mergulha os dedos cruéis.
Da guerra nos paroxismos
Se abismam mesmo os abismos
E o morto morre outra vez!

“Então, nas sombras infindas,
S’esbarram em confusão
Os fantasmas sem abrigo
Nem no espaço, nem no chão...

As almas angustiadas,
Como águias desaninhadas,
Gemendo voam no ar.
E encham de vagos lamentos
As vagas negras dos ventos.
Os ventos do negro mar!

“Bati a tôdas portas
Nem uma só me acolheu!...”
— Entra! —: Uma voz argentina
Dentro do lar respondeu.
— “Entra pois! Sombra exilada,
Entra! O verso — é uma pousada
Aos reis que perdidos vão.
A estrofe — é a púrpura extrema,
Último trono — é o poema!
Último asilo — a *Canção!*...”

Bahia, 13 de Dezembro de 1869.

O GONDOLEIRO DO AMOR

BARCAROLA

DAMA NEGRA

Teus olhos são negros, negros,
Como as noites sem luar...
São ardentes, são profundos,
Como o negrume do mar;

Sobre o barco dos amôres,
Da vida boiando à flor,
Douram teus olhos a fronte
Do Gondoleiro do amor.

Tua voz é a cavatina
Dos palácios de Sorrento,
Quando a praia beija a vaga,
Quando a vaga beija o vento;

E como em noites de Itália,
Ama um canto o pescador,
Bebe a harmonia em teus cantos
O Gondoleiro do amor.

Teu sorriso é uma aurora,
Que o horizonte enrubesceu,
— Rosa aberta com biquinho
Das aves rubras do céu.

Nas tempestades da vida
Das rajadas no furor,
Foi-se a noite, tem auroras
O Gondoleiro do amor.

Teu seio é vaga dourada
Ao túbio clarão da lua,
Que, ao murmúrio das volúpias,
Arqueja, palpita nua;

Como é doce, em pensamento,
Do teu colo no languor
Vogar, naufragar, perder-se
O Gondoleiro do amor!?...

Teu amor na treva é — um astro,
No silêncio uma canção,
É brisa — nas calmarias,
É abrigo — no tufão;

Por isso eu te amo, querida,
Quer no prazer, quer na dor,...
Rosa! Canto! Sombra! Estrêla!
Do Gondoleiro do amor.

Recife, Janeiro de 1867.

SUB TEGMINE FAGI

A MELO MORAIS

Dieu parle dans la calme plus haut que dans la
tempête.

MICKIEWICZ

Deus nobis haec (3078) otia fecit.

VERGÍLIO

Amigo! O campo é o ninho do poeta...
Deus fala, quando a turba está quieta,
Às campinas em flor.
— Noivo — Ele espera que os convivas saiam...
E n'alcova onde as lâmpadas desmaiam
Então murmura — amor —

Vem comigo cismar risonho e grave...
A poesia — é uma luz... e a alma — uma ave...
Querem — trevas e ar.
A andorinha, que é a alma — pede o campo, 3079
A poesia quer sombra — é o pirilampo...
P'ra voar... p'ra brilhar.

Meu Deus! Quanta beleza nessas trilhas...
Que perfume nas doces maravilhas,
Onde o vento gemeu!...
Que flores d'ouro pelas veigas belas!
... Foi um anjo co'a mão cheia de estrêlas
Que na terra as perdeu.

Aqui o éter puro se adelgaça...
Não sobe esta blasfêmia de fumaça
Das cidades p'ra o céu.
E a Terra é como o inseto friorento
Dentro da flor azul do firmamento,
Cujo cálix pendeu!...

Qual no fluxo e refluxo, o mar em vagas
Leva a concha dourada... e traz das plagas
Corais em turbilhão,
A mente leva a prece a Deus — por pérolas
E traz, volvendo após das praias cérulas,
— Um brilhante — o perdão!

A alma fica melhor no descampado...
O pensamento indômito, arrojado
Galopa no sertão,
Qual nos estepes o corcel 3080 feroso
Relincha e parte turbulento, estoso,
Sôlta a crina ao tufão.

Vem! Nós iremos na floresta densa,
Onde na arcada gótica e suspensa
Reza o vento feral.
Enorme sombra cai de enorme rama...
E' o *Pagode* fantástico de Brama
Ou velha catedral.

Irei contigo pelos ermos — lento —
Cismando, ao pôr do sol, num pensamento
Do nosso velho Hugo.
— Mestre do mundo! Sol da eternidade!...
Para ter por planêta a humanidade,
Deus num *cêrro* o *fixou*.

Ao longe, na quebrada da colina,
Enlaça a trepadeira purpurina
O negro mangueiral!...
Como no *Dante* a pálida *Francesca*, 3081
Mostra o sorriso rubro e a face fresca
Na estrofe sepulcral.

O povo das formosas amarílis
Embala-se nas balsas, como as Willis
Que o *Norte* imaginou.
O antro — fala... o ninho s'estremece...
A driade entre as fôlhas aparece...
Pan na flauta soprou!...

Mundo estranho e bizarro da quimera,
A fantasia desvairada gera
Um paganismo aqui.
Melhor eu compreendo então Vergílio...
E vendo os faunos lhe dançar no idílio,
Murmuro crente: — eu vi! —

Quando penetro na floresta triste,
Qual pela ogiva gótica o antiste,
Que procura o Senhor,
Como bebem as aves peregrinas
Nas ânforas de orvalho das boninas,
Eu bebo crença e amor!...

E à tarde, quando o sol — condor sangrento —,
No ocidente se aninha sonolento,
Como a abelha na flor...
E a luz da estrêla trêmula se irmana
Co'a fogueira noturna da cabana,
Que acendera o pastor,

A lua — traz um raio para os mares...
A abelha — traz o mel... um treno aos lares
Traz a rola a carpir...
Também deixa o poeta a selva escura
E traz alguma estrofe, que fulgura,
P'ra legar ao porvir!...

Vem! Do mundo leremos o problema
Nas fôlhas da floresta, ou do poema,
Nas trevas ou na luz...
Não vês?... Do céu a cúpula azulada,
Como uma taça sôbre nós voltada,
Lança poesia a 3082 flux!...

Boa Vista — 1867.

AS TRÊS IRMÃS DO POETA

(TRADUZIDO DE E. BERTHOUD)

E' noite! as sombras correr nebulosas.
Vão três pálidas virgens silenciosas
Através da procela irrequieta.
Vão três pálidas virgens... vão sombrias
Vindo colar num beijo as bôcas frias...

Na frente cismadora do — Poeta —

“Saúde, irmão! Eu sou a *Indiferença*.
Sou eu quem te sepulta a idéia imensa,
Quem no teu nome a escuridão projeta...
Fui eu que te vesti do meu sudário...
Que vais fazer tão triste e solitário?...”

— “Eu lutarei!” — responde-lhe o Poeta.

“Saúde, meu irmão, Eu sou a *Fome*.
Sou eu quem o teu negro pão consome...
O teu mísero pão, mísero atleta!
Hoje, amanhã, depois... depois (qu'importa?)
Virei sempre sentar-me à tua porta...”

— “Eu sofrerei” — responde-lhe o Poeta.

“Saúde, meu irmão! Eu sou a *Morte*.
Suspende em meio o hino augusto e forte.
Marquei-te a frente, mísero profeta!
Volve ao nada! Não sentes neste enleio
Teu cântico gelar-se no meu seio?!...”

— “Eu cantarei no céu” — diz-lhe o Poeta!

S. Paulo, 25 de Agosto de 1868.

O VÔO DO GÊNIO

A ATRIZ EUGÊNIA CÂMARA.

Um dia, em que na terra a sós vagava
Pela estrada sombria da existência,
Sem rosas — nos vergéis da adolescência,
Sem luz d'estrêla — pelo céu do amor;
Senti as asas de um arcanjo errante
Roçar-me brandamente pela frente,
Como o cisne, que adeja sôbre a fonte,
As vêzes toca a solitária flor.

E disse então: “Quem és, pálido arcanjo!
Tu, que o poeta vens erguer do pego?
Eras acaso tu, que Milton cego
Ouvia em sua noite êrma de sol?
Quem és tu? Quem és tu?” — “Eu sou o gênio”.
Disse-me o anjo, “vem seguir-me o passo,
Quero contigo me arrojar no espaço,
Onde tenho por c'roas o arrebol”.

“Onde me levas, pois?...” — “Longe te levo
Ao país do ideal, terra das flores,
Onde a brisa do céu tem mais amôres
E a fantasia — lagos mais azuis...”
E fui... e fui... ergui-me no infinito,
Lá onde o vôo d'água não se eleva...
Abaixo — via a terra — abismo em treva!
Acima — o firmamento — abismo em luz!

“Arcanjo! arcanjo! que ridente sonho!”
— “Não, poeta, é o vedado paraíso,
Onde os lírios mimosos do sorriso
Eu abro em todo o seio, que chorou,
Onde a loura comédia canta alegre,
Onde eu tenho o condão de um gênio infindo,
Que a sombra de Molière vem sorrindo
Beijar na frente que o Senhor beijou...”

“Onde me levas mais, anjo divino?”
— “Vem ouvir, sôbre as harpas inspiradas,
O canto das esferas namoradas,
Quando eu encho de amor o azul do céu.
Quero levar-te das paixões nos mares.
Quero levar-te a dédalos profundos,
Onde refervem sóis... e céus... e mundos...
Mais sóis... mais mundos, e onde tudo é meu...”

“Mulher! mulher! Aqui tudo é volúpia:
A brisa morna, a sombra do arvoredo,
A linfa clara, que murmura a mêdo,
A luz que abraça a flor e o céu ao mar.
O' princesa, a razão já se me perde,
És a sereia da encantada Cila,
Anjo, que transformaste-te em Dalila,
Sansão de novo te quisera amar!

“Porém não páras neste vôo errante!
A que outros mundos elevar-me tentas?
Já não sinto o soprar de auras sedentas,
Nem bebo a taça de um fogoso amor.
Sinto que rolo em báratros profundos...
Já não tens asas, águias da Tessália,
Maldição sôbre ti... tu és Onfália,
Ninguém te ergue das trevas e do horror.

“Porém silêncio! No maldito abismo,
Onde caí contigo criminosa,
Canta uma voz, sentida e maviosa,
Que arrependida sobe a Jeová!
Perdão! Perdão! Senhor, p'ra quem soluça,
Talvez seja algum anjo peregrino...
...Mas não! inda eras tu, gênio divino,
Também sabes chorar, como Eloá!

“Não mais, ó serafim! suspende as asas!
Que, através das estrêlas arrastado,
Meu ser arqueja louco, deslumbrado,
Sôbre as constelações e os céus azuis.
Arcanjo! Arcanjo! basta... Já contigo
Mergulhei das paixões nas vagas cêrulas...
Mas nos meus dedos — já não cabem — pérolas —
Mas na minh'alma — já não cabe — luz!...”

Recife, Maio de 1866.

O "ADEUS" DE TERESA

A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus...
E amamos juntos... E depois na sala
"Adeus" eu disse-lhe a tremer co'a fala...

E ela, ³⁰⁸³ corando, murmurou-me: "adeus".

Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
E da alcova saía um cavaleiro
Inda beijando uma mulher sem véus...
Era eu... Era a pálida Teresa!
"Adeus" lhe disse conservando-a prêsa...

E ela entre beijos murmurou-me: "adeus".

Passaram tempos... séc'los de delírio... ³⁰⁸⁴
Prazeres divinais... gozos do Empíreo... ³⁰⁸⁵
...Mas um dia volvi aos lares meus.
Partindo eu disse — "Voltarei!... descansa!..."
Ela chorando mais que uma criança,

Ela em soluços murmurou-me: "adeus".

Quando voltei... era o palácio em festa!...
È a voz d'Ela e de um homem lá na orquesta
Preenchiam de amor o azul dos céus.
Entrei!... Ela me olhou branca... surpresa!
Foi a última vez que eu vi Teresa!...

E ela arquejando murmurou-me: "adeus!"

S. Paulo, 28 de Agosto de 1868.

A VOLTA DA PRIMAVERA

Aime, et tu renaitras; fais-toi fleur pour éclore.
Après avoir souffert, il faut souffrir encore;
Il faut aimer sans cesse, après avoir aimé.

A. DE MUSSET (3086)

Ail não maldigas minha frente pálida,
E o peito gasto ao refterver de amôres.
Vegetam louros — na caveira esqualida
E a sepultura se reveste em flores.

Bem sei que um dia o vendaval da sorte
Do mar lançou-me na gelada areia.
Serei... que importa? o D. Juan da morte,
Dá-me o teu seio — e tu serás Haidéia!

Pousa esta mão — nos meus cabelos úmidos!...
Ensina à brisa ondulações suaves!
Dá-me um abrigo nos teus seios túmidos!
Fala!... que eu ouço o pipilar das aves!

Já viste às vêzes, quando o sol de Maio
Inunda o vale, o matagal e a veiga?
Murmura a relva: — Que suave raio!
Responde o ramo: — Como a luz é meiga!

E ao doce influxo do clarão do dia
O junco exausto, que cedera à enchente,
Levanta a frente da lagoa fria...
Mergulha a frente na lagoa ardente...

Se a natureza apaixonada acorda
Ao quente afago do celeste amante,
Diz'!... Quando em fogo o teu olhar transborda,
Não vês minh'alma reviver ovante?

E' que teu riso me penetra n'alma,
Como a harmonia de uma orquesta santa,
E' que teu riso tanta dor acalma...
Tanta descrença!... tanta angústia!... tanta!

Que eu digo ao ver tua celeste frente:
— O céu consola tôda a dor que existe.
Deus fêz a neve para — o negro monte!
Deus fêz a virgem — para o bardo triste!

Rio de Janeiro, Junho de 1869.

A MACIEL PINHEIRO ³⁰⁸⁷

Dieu soit en aide au pieux pèlerin.

BOUCHARD

Partes, amigo, do teu antro de águias,
Onde gerava um pensamento enorme,
Tingindo as asas no levante rubro,
Quando nos vales inda a sombra dorme...
Na frente vasta, como um céu de idéias,
Aonde os astros surgem mais e mais...
Quiseste a luz das boreais auroras...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

Verás a terra da infeliz Moema,
Bem como a Vênus se elevar das vagas;
Das serenatas ao luar dormida,
Que o mar murmura nas douradas plagas.
Terra de glórias, de canções e brios,
Esparta, Atenas, que não tem rivais...
Que, à voz da pátria, deixa a lira e ruge...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

E quando o barco atravessar os mares,
Quais pandas asas, desfraldando a vela,
Há de surgir-t'êsse gigante imenso,
Que sôbre os morros campeando vela...
Símb'lo de pedra, que o cinzel dos raios
Talhou nos montes, que se alteiam mais...
Atlas com a forma do gigante povo...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

Vai nas planícies dos infindos pampas
Erguer a tenda do soldado vate...
Livre... bem livre a Marselhesa aos ecos
Soltar bramindo no feroz combate...
E após do fumo das batalhas tinto,
Canta essa terra, canta os seus gerais,
Onde os gaúchos sôbre as éguas voam...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

E nesse lago de poesia virgem,
Quando boiardes nas sutis espumas,
Sacode estrofes, qual do rio a garça
Pérolas solta das brilhantes plumas.
Pálido moço — como o bardo errante —
Teu barco voa na amplidão fugaz.
A nova Grécia quer um Byron novo...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

E eu, cujo peito como u'a harpa homérica
Ruge estridente do que é grande ao sôpro,
Saúdo o artista que, ao talhar a glória,
Pega da espada, sem deixar o escopro.
Da caravana guarda a areia a pégada: 3088
No chão da história o passo teu verás...
Deus, que o Mazeppa nos estepes 3089 guia...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

Recife — 1865.

A UMA TAÇA FEITA DE CRÂNIO HUMANO 3090

TRAD. DE BYRON

“Não recues! De mim não foi-se o espírito...
Em mim verás — pobre caveira fria —
Único crânio que, ao invés 3091 dos vivos,
Só derrama alegria.

Vivi! amei! bebi qual tu: na morte
Arrancaram da terra os ossos meus.
Não me insultes! empina-me!... que a larva
Tem beijos mais sombrios do que os teus.

Mais val guardar o sumo da parreira
Do que ao verme do chão ser pasto vil;
— Taça — levar dos Deuses a bebida,
Que o pasto do reptil.

Que este vaso, onde o espírito brilhava,
Vá nos outros o espírito acender.
Ai! Quando um crânio já não tem mais cérebro
...Podeis de vinho o encher!

Bebe, enquanto inda é tempo! Uma outra raça,
Quando tu e os teus fôrdes nos fossos,
Pode do abraço te livrar da terra,
E ébria folgando profanar teus ossos.

E porque não? Se no correr da vida
Tanto mal, tanta dor aí repousa?
E' bom fugindo à podridão do lôdo
Servir na morte enfim p'ra alguma cousa.

Bahia, 15 de Dezembro de 1869.

PEDRO IVO

Sonhava nesta geração bastarda
Glórias e liberdade!...
.....
Era um leão sangrento, que rugia,
Da glória nos clarins se embriagava.
E vossa gente pálida recuava.
Quando ele aparecia.

ALVARES DE AZEVEDO

I.

Rebramam os ventos... Da negra tormenta
Nos montes de nuvens galopa o corcel... 3092
Relincha — tropeja... galgando no espaço
Mil raios desperta co'as patas revel.

E' noite de horrores... nas grunas celestes,
Nas naves etéreas o vento gemeu...
E os astros fugiram, qual bando de garças
Das águas revôltas do lago do céu.

E a terra é medonha... As árvores nuas
Espectros semelham fincados de pé,
Com os braços de múmias que os ventos retor-
[cem, 3093
Tremendo a êsse grito que estranho lhes é.

Desperta o infinito... Co'a bôca entreaberta
Respira a borrasca do largo pulmão.
Ao longe o oceano sacode as espáduas
— Encélado novo calcado no chão.

E' noite de horrores... Por ínvio caminho
Um vulto sombrio sòzinho passou,
Co'a noite no peito, co'a noite no busto
Subiu pelo monte, — nas cimas parou.

Cabelos esparsos ao sôpro dos ventos,
Olhar desvairado, sinistro, fatal,
Diríceis estátua roçando nas nuvens,
P'ra qual a montanha se fêz pedestal.

Rugia a procela — nem êle escutava!...
Mil raios choviam — nem êle os fitou!
Com a destra apontando bem longe a cidade,
Após longo tempo sombrio falou!...

.....

II.

Dorme, cidade maldita,
Teu sono de escravidão!...
Dorme, vestal de pureza,
Sôbre cochins 3094 do Sultão!...
Dorme, filha da Geórgia,
Prostituta em negra órgia, 3095
Sê hoje Lucrécia Bórgia
Da desonra no balcão!...

Dormir?!... Não! Que a infame grita
Lá se levanta fatal...
Corre o champanhe e a desonra
Na orgia descomunal...
Na frente já tens um laço...
Cadeias de ouro no braço,
De pérolas um baraço,
— Adornos de saturnal!

Louca!... Nem sabe que as luzes,
Que acendeu p'ra as saturnais,
São do entêro de seus brios
Tristes círios funerais...
Que o seu grito de alegria
E' o estertor da agonia,
A que responde a ironia
Do riso de Satanás!...

Morreste... E ao teu saimento
Dobra a procela no céu.
E os astros — olhar dos mortos —
A mão da noite escondeu.
Vê!... Do raio mostra a lampa
Mão de espectro que destampa
Com dedos de ossos a campa,
Onde a glória adormeceu.

E erguem-se as lápidas ³⁰⁹⁶ frias,
Saltam bradando os heróis:
"Quem ³⁰⁹⁷ ousa da eternidade
Roubar-nos o sono a nós?"
Responde o espectro: "A desgraça!
Que a realeza que passa,
Com o sangue de vossa raça,
Cospe lôdo sôbre vós!..."

Fugi, fantasmas augustos!
Caveiras que coram mais,
Do que essas faces vermelhas
Dos infames pariás!...
Fugi do solo maldito...
Embuçai-vos no infinito!...
E eu por detrás do granito
Dos montes ocidentais...

Eu também fujo... Eu fugindo!!...
Mentira dêesses vilões!
Não foge a nuvem trevosa
Quando em asas de tufões,
Sobe dos céus à esplanada,
Para tomar emprestada
De raios uma outra espada,
À luz das constelações!...

Como o tigre na caverna
Afia as garras no chão,
Como em Elba amola a espada
Nas pedras — Napoleão,
Tal eu — vaga encapelada,
Recuo de uma passada, ³⁰⁹⁸
P'ra levar de derribada
Rochedos, reis, multidões!...

III.

"Pernambuco! Um dia eu vi-te
Dormindo ³⁰⁹⁹ imenso ao luar,
Com os olhos quase cerrados,
Com os lábios — quase a falar...
Do braço o clarim suspenso,
— O punho no sabre extenso,
De pedra — *recife* imenso,
Que rasga o peito do mar...

Eu disse: Silêncio, ventos!
Cala a bôca, furacão!
No sonho daquele sono
Perpassa a Revolução!
Este olhar que não se move
'Stá fito em — Oitenta e Nove —
Lê Homero — escuta Jove...
— Robespierre — Dantão.

Naquele crânio entra em ondas
O verbo de Mirabeau...
Pernambuco sonha a escada,
Que também sonhou Jacó;
Cisma a República alçada,
E pega os copos da espada,
Enquanto em su'alma brada:
"Somos irmãos, Vergniaud".

Então repeti ao povo:
— Desperta do sono teu!
Sansão — derroca as colunas!

Quebra os ferros — Prometeu!
Vesúvio curvo — não pares,
Ígnea coma solta aos ares,
Em lavas inunda os mares,
Mergulha o gládio no céu.

República!... Vôo ousado
Do homem feito condor!
Raio de aurora inda oculta,
Que beija a frente ao Tabor!
Deus! Porqu'enquanto que o monte
Bebe a luz dêesse horizonte,
Deixas vagar tanta frente,
No vale envôlto em negror?!...

Inda me lembro... Era, há pouco,
A luta!... Horror!... Confusão!...
A morte voa rugindo
Da garganta do canhão!...
O bravo a fileira cerra!...
Em sangue ensopa-se a terra!...
E o fumo — o corvo da guerra —
Com as asas cobre a amplidão...

Cheguei!... Como nuvens tontas,
Ao bater no monte — além,
Topam, rasgam-se, recuam,...
Tais a meus pés vi também
Hostes mil na luta inglória...
...Da pirâmide da glória
São degraus... Marcha a vitória,
Porque êste braço a sustém.

Foi uma luta de bravos,
Como a luta do jaguar.
De sangue enrubesce a terra,
— De fogo enrubesce o ar!...
...Oh!... mas quem faz que eu não vença?
— O acaso... — avalanche imensa,
Da mão do Eterno suspensa,
Que a idéia esmaga ao tombar!...

Não importa! A liberdade
E' como a hidra, o Anteu.
Se não chão rola sem fôrças,
Mais forte do chão se ergueu...
São os seus ossos sangrentos
Gládios terríveis, sedentos...
E da cinza sôlta aos ventos
Mais um Graco apareceu!...

Dorme, cidade maldita!
Teu sono de escravidão!
Porém no vasto sacrário
Do templo do coração,
Ateia o lume das lampas,
Talvez que um dia dos pampas
Eu surgindo quebre as campas,
Onde te colam no chão.

Adeus! Vou por ti maldito
Vagar nos ermos paus.
Tu ficas morta, na sombra,
Sem vida, sem fé, sem luz!...
Mas quando o povo acordado
Te erguer do tredo valado,
Virá livre, grande, ousado,
De pranto banhar-me a cruz!..." ³¹⁰⁰

IV.

Assim falara o vulto errante e negro,
Como a estátua sombria do revés.
Uiva o tufão nas dobras de seu manto,
Como um cão do senhor ulula aos pés...

Inda um momento estêve solitário
Da tempestade semelhante ao deus.
Trocando frases com os trovões no espaço, ³¹⁰¹
Raios com os astros nos sombrios céus...

Depois sumiu-se dentre as brumas densas
Da negra noite — de su'alma irmã...
E longe... longe... no horizonte imenso
Ressonava a cidade cortesã!...

Vai!... Do sertão esperam-te as Termópilas; ³¹⁰²
A liberdade inda pulula ali...
Lá não vão vermes perseguir as águias,
Não vão escravos perseguir a ti!

Vai!... Que o teu manto de mil balas rôto
É uma bandeira que não tem rival.
— Dêsse suor é que Deus faz os astros...
Tens uma espada que não foi punhal.

Vai, tu que vestes do bandido as roupas,
Mas não te cobres de uma vil libré! ³¹⁰³
Se te renega teu país ingrato, ³¹⁰⁴
O mundo, a glória tua pátria é!...

V.

E foi-se... E inda hoje nas horas errantes,
Que os cedros farfalham, que ruge o tufão,
E os lábios da noite murmuram nas selvas
E a onça vagueia no vasto sertão.

Se passa o tropeiro nas êrmas devesas,
Caminha medroso, figura-lhe ouvir
O infrene galope d'*Espectro soberbo*,
Com um grito de glória na bôca a rugir.

Que importa se o túm'lo ninguém lhe conhece?
Nem tem epitáfio, nem leito, nem cruz?...
Seu túmulo é o peito do vasto universo,
Do espaço — por cúpula ³¹⁰⁵ — as conchas azuis!...

...Mas contam que um dia rolara o oceano
Seu corpo na praia, que a vida lhe deu...
Enquanto que a glória rolava sua alma
Nas margens da história, na areia do céu!...

Recife, Maio de 1865.

OITAVAS A NAPOLEÃO

(TRADUÇÃO DO ESPANHOL DE LOSANO)

Águia das solidões!... Ninho atrevido
Foram-te as borrascosas tempestades,
Flamígero cometa suspendido
Sôbre o céu infinito das idades.
Tu que, no lago intérmino do olvido,
Lançaste tuas régias claridades...
Deus caído do trono dos mais deuses...
Quem recebeu teus últimos adeuses?...

Não foram as Pirâmides, que ouviram
De teus passos o som e se inclinaram...
Nem as águas do Nilo, que te viram,
E co'as ondas teu nome murmuraram...
Não foram as cidades, que brandiram
As tôrres como facho... e te aclararam...
Quem foi? Silêncio!... trêmulo de medo
Vejo apenas — um mar... vejo — um rochedo...

A terra, o mar, os céus... espaço estreito
Eram p'ra tua planta de gigante.
Para teto dos paços teus foi feito
O firmamento colossal, flutuante
Como diadema — os sóis... E como leito
O antártico pólo de diamante...
Teu féretro qual foi?... Titão do Sena,
O penhasco fatal de Santa-Helena...

Assassina do Encélado da guerra
Só tu foste, Albion... do mar senhora...
Porquê? Porque um pedaço aí de terra
Foi pedir-te o gigante em negra hora...
E lhe deste um penhasco... Oh! Lá s'encerra
Tua lenda mais hórrida... Traidora!
Lá seu spectro envôlto na mortalha
Aos quatro céus a maldição espalha...

Ao leão, que temias, enjaulaste;
E de longe escutando seu rugido,
Tu, senhora do mar... tu desmaiaste!
Pelo punhal traidor êle ferido
Caiu-te aos pés... Então tu respiraste,
Cobarde vencedora do vencido...
Nem mesmo todo o oceano poderia
Lavar êste padrão de covardia...

Tu não és tão culpada!... Aonde estava
A França tão potente e tão temida?...
Oh! porque o não salvou?... se o contemplava
Lá dos gelos dos Alpes — soerguida!?...
E êle que a fêz tão grande?... Ela folgava!...
Enquanto ao longe do colosso a vida
Como um vulcão antigo e moribundo
Lento expirava nesse mar profundo.

S. Paulo.

BOA-NOITE

Veux-tu donc partir? Le jour est encore éloigné;
C'était le rossignol et non pas l'alouette,
Dont le chant a frappé ton oreille inquiète;
Il chante la nuit sur les branches de ce grenadier.
Crois-moi, cher ami, c'était le rossignol.

SHAKESPEARE

Boa-noite, Maria! Eu vou-me embora.
A lua nas janelas bate em cheio.
Boa-noite, Maria! E' tarde... é tarde...
Não me apertes assim contra teu seio.

Boa-noite!... E tu dizes — Boa-noite.
Mas não digas assim ³¹⁰⁶ por entre beijos...
Mas não mo digas descobrindo o peito,
— Mar de amor onde vagam meus desejos.

Julieta do céu! Ouve... a *calhandra*
 Já rumoreja o canto da matina.
 Tu dizes que eu menti?... pois foi mentira...
 ...Quem cantou foi teu hálito, divina!

Se a estrêla d'alva os derradeiros raios
 Derrama nos *jardins do Capuleto*,
 Eu direi, me esquecendo d'alvorada:
 "E' noite ainda em teu cabelo prêto..."

E' noite ainda! Brilha na cambraia
 — Desmanchado o roupão, a espádua nua —
 O globo de teu peito entre os arminhos
 Como entre as névoas se balouça a lua...

E' noite, pois! Durmamos, Julieta!
 Recende ³¹⁰⁷ a alcova ao trescalar das flores.
 Fechemos sôbre nós estas cortinas...
 — São as asas do arcanjo dos amôres.

A frouxa luz da alabastrina lâmpada
 Lambe voluptuosa os teus contornos...
 Oh! Deixa-me aquecer teus pés divinos
 Ao doudo afago de meus lábios mornos.

Mulher do meu amor! Quando aos meus beijos
 Tremes tua alma, como a lira ao vento,
 Das teclas de teu seio que harmonias,
 Que escalas de suspiros, bebo atento!

Ai! Canta a cavatina do delírio, ³¹⁰⁸
 Ri, suspira, soluça, ansia e chora...
 Marion! Marion!... E' noite ainda.
 Que importa os raios de uma nova aurora?!...

Como um negro e sombrio firmamento,
 Sôbre mim desenrola teu cabelo...
 E deixa-me dormir balbuciando:
 — Boa-noite! —, formosa Consuelo!...
S. Paulo, 27 de Agosto de 1868.

ADORMECIDA

Ses longs cheveux épars la couvrent tout entière:
 La croix de son collier répose dans sa main.
 Comme pour témoigner qu'elle a fait sa prière,
 Et qu'elle va la faire en s'éveillant demain.

A. DE MUSSET

Uma noite, eu me lembro... Ela dormia
 Numa rede encostada molemente...
 Quase aberto o roupão... sôlto o cabelo
 E o pé descalço do tapête rente.

'Stava aberta a janela. Um cheiro agreste
 Exalavam as silvas da campina...
 E ao longe, num pedaço do horizonte,
 Via-se a noite plácida e divina.

De um jasmineiro os galhos encurvados,
 Indiscretos entravam pela sala,
 E de leve oscilando ao tom das auras,
 Iam na face trêmulos — beijá-la.

Era um quadro celeste!... A cada afago
 Mesmo em sonhos a moça estremecia...
 Quando ela serenava... a flor beijava-a...
 Quando ela ia beijar-lhe... a flor fugia...

Dir-se-ia que naquele doce instante
 Brincavam duas cândidas crianças...
 A brisa, que agitava as fôlhas verdes,
 Fazia-lhe ondear as negras tranças!

E o ramo ora chegava ora afastava-se...
 Mas quando a via despeitada a meio,
 P'ra não zangá-la... sacudia alegre
 Uma chuva de pétalas no seio...

Eu, fitando esta cena, repetia
 Naquela noite lânguida e sentida:
 "O' flor! — tu és a virgem das campinas!
 "Virgem! — tu és a flor de minha vida!..."

S. Paulo, Novembro de 1868.

JESUITAS ³¹⁰⁹

(SÉCULO XVIII)

O' mes frères, je viens vous apporter mon Dieu,
 Je viens vous apporter ma tête!

V. HUGO — *Châtiment.*

Quando o vento da Fé soprava Europa,
 Como o tufão que impele ao ar a tropa
 Das águias que pousavam no alcantil;
 Do zimbório de Roma — a ventania
 O bando dos Apóst'los sacudia
 Aos cerros do Brasil.

Tempos idos! Extintos luzimentos!
 O pó da catequese aos quatro ventos
 Revoava nos céus...
 Floria após na Índia, ou na Tartária,
 No Mississipi, no Peru, na Arábia
 Uma palmeira — Deus! —

O navio Maltês, do Lácio a vela,
 A Lusa nau, as quinas de Castela,
 Do Holandês a galé
 Levavam sem saber ao mundo inteiro
 Os *vândalos* sublimes do cordeiro,
 Os *átilas* da fé.

Onde ia aquela nau? — Ao Oriente.
 A outra? — Ao Pólo. A outra? — Ao Ocidente.
 Outra? — Ao Norte. Outra? — Ao Sul.
 E o que buscava? A foca além do pólo;
 O âmbar, o cravo no indiano solo,
 Mulheres em Estambul.

Ouro — na Austrália; pedra — em Misora!...
 "Mentira!" respondia em voz canora
 O filho de Jesus...
 "Pescadores!... nós vamos no mar fundo
 "Pescar almas p'ra o Cristo em todo mundo,
 "Com um anzol — a cruz —!"

Homens de ferro! Mal na vaga fria
 Colombo ou Gama um trilho descobria
 Do mar nos escarcéus,
 Um padre atravessava os equadores,
 Dizendo: "Gênios!... sois os *batedores*
 Da *matilha* de Deus!"

Depois as solidões surpresas viam
 Esses homens inermes, que surgiam
 Pela primeira vez.
 E a onça recuando s'esgueirava
 Julgando o crucifixo... alguma clava
 Invencível talvez!

O martírio, o deserto, o cardo, o espinho,
 A pedra, a serpe do sertão maninho,
 A fome, o frio, a dor,
 Os insetos, os rios, as lianas,
 Chuvas, miasmas, setas e savanas,
 Horror e mais horror...

Nada turbava aquelas fronteiras calmas,
 Nada curvava aquelas grandes almas
 Voltadas p'ra amplidão...
 No entanto elles só tinham na jornada
 Por couraça — a sotaina esfarrapada...
 E uma cruz — por bordão.

Um dia a *taba* do Tupi selvagem
 Tocava alarma... embaixo de folhagem
 Rangera estranho pé...
 O caboc'lo da rêde ao chão saltava,
 A seta ervada o arco recurvava...
 Estrugia o *boré*.

E o tacape brandindo, a tribo fera
 De um tigre ou de um jaguar ficava à espera
 Com gesto ameaçador...
 Surgia então no meio do terreiro
 O padre calmo, santo, sobranceiro,
 O *Piaga* do amor.

Quantas vèzes então sôbre a fogueira,
 Aos estalos sombrios da madeira,
 Entre o fumo e a luz...
 A voz do mártir murmurava ungiða: 3110
 "Irmãos! Eu vim trazer-vos — minha vida...
 Vim trazer-vos — Jesus!"

Grandes homens! Apóstolos heróicos!...
 Eles diziam mais do que os estóicos:
 "Dor, — tu és um prazer!
 "Grelha, — és um leito! Brasa, — és uma gema!
 "Cravo, — és um cetro! Chama, — um diadema!
 "O' morte, — és o viver!"

Outras vèzes no eterno itinerário
 O sol, que vira um dia no Calvário
 Do Cristo a Santa Cruz,
 Enfiava de vir achar nos Andes
 A mesma cruz, abrindo os braços grandes
 Aos índios rubros, nus.

Eram elles que o verbo de Messias
 Pregavam desde o vale às serranias,
 Do Pólo ao Equador...
 E o Niagara ia cantar aos mares...
 E o Chimborazo arremessava aos ares
 O nome do Senhor!...

S. Paulo — 1868.

POESIA E MENDICIDADE

NO ALBUM DA EXMA. SNRA. D. MARIA
 JUSTINA PROENÇA PEREIRA PEIXOTO

I

Senhora! A Poesia outrora era a Estrangeira,
 Pálida, aventureira, errante a viajar,
 Batendo em duas portas — ao grito das procelas —
 Ao céu — pedindo estrêlas, à terra — um pobre lar!

Visão — de áureos lauréis — porém de manto
 [esquálido,
 Mulher — de lábio pálido — e olhar — cheio de luz.
 Seus passos nos espinhos em sangue se assinalam...
 E os astros lhe resvalam — à flor dos ombros nus...

II

Olhai! O sol descamba... A tarde harmoniosa
 Envolve luminosa a Grécia em frouxo véu.
 Na estrada ao som da vaga, ao suspirar do vento,
 De um marco poeirento um velho então se ergueu.

Ergueu-se tacteando... é cego... o cego anseia...
 Porém o que tacteia aquela augusta mão?...
 Talvez busca pegar o sol, que lento expira!...
 Fado cruel..., mentira!... Homero pede pão!

III

Mas ai! voltei, Senhora, os vossos belos olhos
 Daquele mar de abrolhos, a um novo quadro! olhai!
 Do vasto salão gótico eu ergo o reposteiro...
 O lar é hospitaleiro... Entrai, Senhora, entrai!

Estamos na média idade. Arnês, gládio, armadura
 Servem de compostura à sala vasta e chã.
 A um lado um galgo esvelto ameiga e acaricia
 A mão suave, esguia — a loura castelã.

Vai o banquete em meio... O bardo se alevanta, 3111
 Pega da lira... canta... uma canção de amor...
 Ouvi-o! Para ouvi-lo a estrêla pensativa
 Alonga pela ogiva um raio de languor!

Dos ramos do carvalho a brisa se debruça...
 Na sala alguém soluça... (amor, ou languidez?)
 Súbito a nota extrema anseia, treme, rola...
 Alguém pede uma esmola... Senhora, não olheis!...

Assim nos tempos idos a musa canta e pede...
 Gênio e mendigo... vêde... o abismo de irrisões!
 Tasso implora um olhar! Vai Ossian mendicante...
 Caminha rôto o Dante! e pede pão Camões.

IV

Bem sei, Senhora, que ao talento agora
 Surgiu a aurora de uma luz amena.
 Hoje há salário p'ra qualquer trabalho,
 Cinzel, ou malho, ferramenta ou pena!

Melhor que o Rei sabe pagar o pobre
 Melhor que o nobre — protetor verdugo —!
 Foi surdo um *trono*... à maior glória vossa...
 Abre-se a choça aos "Miseráveis" de Hugo.

Porém não sei se é por costume antigo,
 Que inda é mendigo do cantor o gênio.
 Mudem-se os panos do cenário a êsmo
 O vulto é o mesmo... num melhor proscênio...

V

Hoje o Poeta — caminheiro errante,
 Que tem saudades de um país melhor
 Pede uma pérola — à maré montante,
 Do seio às vagas — pede — um outro amor.

Alma sedenta de ideal na terra
 Busca apagar aquela sêde atroz!
 Pede a harmonia divinal, que encerra
 Do ninho o chilro... da tormenta a voz!

E o rir da fôlha, o sussurrar da fala,
 Trens da estrêla no amoroso estio,
 Voz que dos poros o Universo exala
 Do céu, da gruta, do alcantil, do rio!

Pede aos pequenos, desde o verme ao tojo,
 Ao fraco, ao forte... — preces, gritos, uivos...
 Pede das águias o possante arrôjo,
 Para encontrar os meteoros ruivos.

Pede à mulher que seja boa e linda
 — Vestal de um tipo que o *ideal* revela...
 Pois ser formosa é ser melhor ainda...
 Se és boa — és luz — ³¹¹² mas se és formosa —
 [estrêla...]

E pede à sombra, p'ra aljofrar de orvalhos
 A fronte azul da solidão noturna.
 E pede às auras, p'ra afagar os galhos, ³¹¹³
 E pede ao lírio, p'ra enfeitar a furna.

Pede ao olhar a maciez suave
 Que tem o arminho e o edredon macio,
 O aveludado da penugem d'ave,
 Que afaga as plumas no palmar sombrio.

.....

E quando encontra sôbre a terra ingrata
 Um reverbero ³¹¹⁴ do clarão celeste,
 — Alma formada de uma essência grata,
 Que a lua — doura, e que um perfume veste;

Um rir, que nasce como o brôto em maio;
 Mostrando seivas de bondade infinda,
 Fronte que guarda — a claridade e o raio,
 — Virtude e graça — o ser bondosa e linda...

Então, Senhora, sob tanto encanto
 Pede o Poeta (que não tem renome)
 — Versos — à brisa p'ra vos dar um canto...
 Raios ao sol — p'ra vos traçar o nome!...

Bahia, 26 de Janeiro de 1870.

HINO AO SONO

O' sono! ó noivo pálido
 Das noites perfumosas,
 Que um chão de *nebulosas*
 Trilhas pela amplidão!
 Em vez de verdes pâmpanos,
 Na branca fronte enrolas
 As lânguidas papoulas,
 Que agita a viração.

Nas horas solitárias,
 Em que vagueia a lua,
 E lava a planta nua
 Na onda azul do mar,
 Com um dedo sôbre os lábios
 No vôo silencioso,
 Vejo-te cauteloso
 No espaço viajar!

Deus do infeliz, do mísero!
 Consolação do aflito!
 Descanso do precito,
 Que sonha a vida em ti!
 Quando a cidade tétrica
 De angústias e dor não geme...
 E' tua mão que espreme
 A dormideira ali.

Em tua branca túnica
 Envolve-me o mundo...
 E' teu seio fecundo, ³¹¹⁵
 De sonhos e visões,
 Dos templos aos prostíbulos,
 Desde o tugúrio ao Paço,
 Tu lanças lá no espaço
 Punhados de ilusões!...

Da vide o sumo rúbido,
 Do *hatchiz* a essência,
 O ópio, que a indolência
 Derrama em nosso ser,
 Não valem, gênio mágico,
 Teu seio, onde repousa
 A placidez da lousa
 E o gôzo do viver...

O' sono! Unge-me as pálpebras...
 Entorna o esquecimento
 Na luz do pensamento,
 Que abrasa o crânio meu,
 Como o pastor da Arcádia,
 Que uma ave errante aninha...
 Minh'alma é uma andorinha...
 Abre-lhe o seio teu.

Tu, que fechaste as pétalas
 Do lírio, que pendia,
 Chorando a luz do dia
 E os raios do arrebol,
 Também fecha-me as pálpebras...
 Sem *Ela* o que é a vida?...
 Eu sou a flor pendida
 Que espera a luz do sol.

O leite das eufórbias
P'ra mim não é veneno...
Ouve-me, ó Deus sereno!
O' Deus consolador!
Com o teu divino bálsamo
Cala-me a ansiedade!
Mata-me esta saudade.
Apaga-me esta dor!

Mas quando, ao brilho rútilo
Do dia deslumbrante, ³¹¹⁶
Vires a minha amante
Que volve para mim;
Então ergue-me súbito...
E' minha aurora linda...
Meu anjo... mais ainda...
E' minha amante enfim!

O' sono! O' deus notívago!
Doce influência amiga!
Gênio que a Grécia antiga
Chamava de Morfeu.
Ouve!... E se minhas súplicas
Em breve realizares...
Voto nos teus altares
Minha lira de Orfeu!

S. Paulo 12 de Junho de 1868.

NO ÁLBUM DO ARTISTA
LUIS C. AMOËDO

Nos tempos idos... O alabastro, o mármore
Reveste as formas desnudadas, mádidas
De Vênus ou Friné.
Nem um véu p'ra ocultar o seio trêmulo,
Nem um tirso a velar a coxa pálida...
O olhar não sonha... vê!

Um dia o artista, num momento lúcido,
Entre *gazas de pedra* a loura Aspásia
Amoroso envolveu.
Depois, surpreso!... viu-a ainda mais lânguida...
Sonhou mais doudo aquelas formas lúbricas...
Mais *nuas* sob um véu.

E' o mistério do espírito... A modéstia
E' dos talentos reis a santa púrpura...
Artista, és belo assim...
Este *santo pudor* é só dos gênios! —
Também o espaço esconde-se entre névoas...
E no entanto é... sem fim!

S. Paulo, Abril de 1868.

VERSOS DE UM VIAJANTE

Ai! nenhum Mago da Caldéia sábia
A dor abrandará que me devora.

F. VARELA

Tenho saudade das cidades vastas,
Dos invios cerros, do ambiente azul...
Tenho saudade dos cerúleos mares,
Das belas filhas do país do sul!

Tenho saudade de meus dias idos
— Pét'las perdidas em fatal paul —
Pét'las, que outrora desfolhamos juntos,
Morenas filhas do país do sul!

Lá onde as vagas nas areias rolam,
Bem como aos pés da Oriental Estambul...
E da Tijuca na nitente espuma
Banham-se as filhas do país do sul.

Onde ao sereno a magnólia esconde
Os pirilampos "de lanterna azul",
Os pirilampos, que trazeis nas coifas, ³¹¹⁷
Morenas filhas do país do sul.

Tenho saudades... ai! de ti, São Paulo
— Rosa de Espanha no hibernal Friul —
Quando o estudante e a serenata acordam
As belas filha do país do sul.

Das várzeas longas, das manhãs brumosas,
Noites de névoa, ao rugitar do sul,
Quando eu sonhava nos morenos seios,
Das belas filhas do país do sul.

Em caminho, Fevereiro de 1870.

ONDE ESTÁS?

E' meia-noite... e rugindo
Passa triste a ventania,
Como um verbo de desgraça,
Como um grito de agonia.
E eu digo ao vento, que passa
Por meus cabelos fugaz:
"Vento frio do deserto,
Onde ela está? Longe ou perto?"
Mas, como um hábito incerto,
Responde-me o eco ao longe:
"Oh! minh'amante, onde estás?..."

Vem! E' tarde! Porque tardas?
São horas de brando sono,
Vem reclinar-te em meu peito
Com teu lânguido abandono!...
'Stá vazio nosso leito...
'Stá vazio o mundo inteiro: ³¹¹⁸
E tu não queres qu'eu fique
Solitário nesta vida...
Mas porque tardas, querida?...
Já tenho esperado assaz...
Vem depressa, que eu deliro
Oh! minh'amante, onde estás?..."

Estréla — na tempestade,
Rosa — nos ermos da vida;
Íris — do naufrago errante,
Ilusão — d'alma descrida,
Tu foste, mulher formosa!
Tu foste, ó filha do céu!...
... E hoje que o meu passado
Para sempre morto jaz...
Vendo finda a minha sorte
Pergunto aos ventos do norte...
"Oh! minh'amante, onde estás?..."

Bahia.

A BOA-VISTA

Sonha, poeta, sonha! Aqui sentado
No tóscio assento da janela antiga,
Apóias sôbre a mão a face pálida,
Sorrindo — dos amôres à cantiga.

ALVARES DE AZEVEDO

Era uma tarde, triste, mas límpida e suave...
Eu — pálido poeta — seguia triste e grave
A estrada, que conduz ao campo solitário,
Como um filho, que volta ao paternal sacrário,
E ao longe abandonando o múrmur da cidade
— Som vago, que gagueja em meio à imensidade —,
No drama do crepúsculo eu escutava atento
A *surdina* da tarde ao sol, que morre lento.

A poeira da estrada meu passo levantava,
Porém minh'alma ardente no céu azul marchava
E os astros sacudia no vôo violento
— Poeira, que dormia no chão do firmamento.
A pávida andorinha, que o vendaval fustiga,
Procura os coruchéus da catedral antiga.
Eu — andorinha entregue aos vendavais do inverno.
Ia seguindo triste p'ra o velho lar paterno.

Como a águia, que do ninho talhado no rochedo
Ergue o pescoço calvo por cima do fraguado,
— (P'ra ver no céu a nuvem, que espuma o firma-
[mento,
E o mar, — corcel, que espuma ao látego do ven-
[to...])

Longe o feudal castelo levanta a antiga tôrre,
Que aos raios do poente brilhante sol escorre!
Ei-lo soberbo e calmo o abutre de granito
Mergulhando o pescoço no seio do infinito,
E lá de cima olhando com seus clarões vermelhos
Os tetos, que a seus pés parecem de joelhos!...

Não! minha velha tôrre! Oh! atalaia antiga,
Tu olhas esperando alguma face amiga,
E perguntas talvez ao vento, que em ti chora:
"Porque não volta mais o meu senhor d'outrora?
Porque não vem sentar-se no banco do terreiro
Ouvir das criancinhas o riso feiticeiro,
E pensando no lar, na ciência, nos pobres
Abrigar nesta sombra seus pensamentos nobres?"
.....

Onde estão as crianças — grupo alegre e risonho
— Que escondiam-se atrás do cipreste tristonho...
Ou que enforcaram rindo um feio *Pulchinello*.
Enquanto a doce Mãe, que tôda amor, desvêlo, 3119
Ralha com um rir divino o grupo folgazão,
Que vem correndo alegre beijar-lhe a branca
[mão?...]
.....

E' nisto que tu cismas, ó tôrre abandonada,
Vendo deserto o parque e solitário a estrada.
No entanto eu — estrangeiro, que tu já não conhe-
[ces —
No limiar de joelhos só tenho pranto e preces.

Oh! deixem-me chorar!... Meu lar!... meu doce
[ninho!
Abre a vetusta grade ao filho teu mesquinho!
Passado — mar imenso!... inunda-me em fragrância
Eu não quero lauréis, quero as rosas da infância.

Ai! Minha triste fronte, aonde as multidões
Lançaram misturadas glórias e maldições...
Acalenta em teu seio, ó solidão sagrada!
Deixa est'alma chorar em teu ombro encostada!

Meu lar está deserto... Um velho cão de guarda
Veio saltando a 3120 custo roçar-me a testa parda,
Lamber-me após os dedos, porém a sós consigo
Rusgando com o direito, que tem um velho amigo...

Como tudo mudou-se!... O jardim 'stá inculto, 3121
As roseiras morreram do vento ao rijo insulto...
A erva inunda a terra; o musgo trepa os mu-
[ros, 3122

A urtiga 3123 silvestre enrola em nós impuros
Uma estátua caída, em cuja mão nevada
A aranha estende ao sol a teia delicada!...
Mergulho os pés nas plantas selvagens, espalmadas,
As borboletas fogem-me em lúcidas manadas...
E ouvindo-me as passadas tristonhas, taciturnas,
Os grilos, que cantavam, calam-se nas furnas...

Oh! jardim solitário! Relíquia do passado!
Minh'alma, como tu, é um parque arruinado!
Morreram-me no seio as rosas em fragrância,
Veste o pesar os muros dos meus vergéis da in-
[fância.

A estátua do talento, que pura em mim s'erguia,
Jaz hoje — e nela a turba enlaça uma ironia!...
Ao menos como tu, lá d'alma num recanto
Da casta poesia ainda escuto o canto,
— Voz do céu, que consola, se o mundo nos insulta,
E na gruta do seio murmura um treno oculta.

Entremos!... Quantos ecos na vasta escadaria,
Nos longos corredores respondem-me à porfia!...

Oh! casa de meus pais!... A um crânio já vazio,
Que o hóspede largando deixou calado e frio,
Compara-te o estrangeiro — caminhando indiscreto
Nestes salões imensos, que abriga o vasto teto.
Mas eu no teu vazio — vejo uma multidão, 3124
Fala-me o teu silêncio — ouço-te a solidão!...
Povoam-se estas salas...

E eu vejo lentamente
No solo resvalarem falando tênueamente
Dest'alma 3125 e dêste seio as sombras venerandas,
Fantasmas adorados — visões sutis e brandas...

Aqui... além... mais longe... por onde eu move
[o passo,
Como aves, que espantadas arrojam-se ao espaço,
Saudades e lembranças s'erguendo — bando ala-
[do —
Roçam por mim as asas voando p'ra o passado.

Boa-Vista, 18 de Novembro de 1867.

A UMA ESTRANGEIRA

(LEMBRANÇA DE UMA NOITE NO MAR)

Sens-tu mon coeur, comme il palpite?
Le tien comme il battait gaiement!
Je m'en vais pourtant, ma petite,
Bien loin, bien vite,
Toujours t'aimant.

(Chanson)

Inês! nas terras distantes,
Aonde vives talvez,
Inda lembram-te os instantes
Daquela noite divina?...
Estrangeira peregrina,
Quem sabe? — Lembras-te, Inês?

Branda noite! A noite imensa
Não era um ninho? — Talvez!...
Do Atlântico a vaga extensa
Não era um berço? — Oh! se o era...
Berço e ninho... ai, primavera!
O ninho, o berço de Inês.

As vêzes estremecias...
Era de febre? Talvez!...
Eu pegava-te as mãos frias
P'ra aqueotá-las em meus beijos...
Oh! palidez! Oh! desejos!
Oh! longos cílios de Inês.

Na proa os nautas cantavam;
Eram saudades?... Talvez!
Nossos beijos estalavam
Como estala a castanhola...
Lembras-te acaso, espanhola?
Acaso lembras-te, Inês?

Meus olhos nos teus morriam...
Seria vida? — Talvez!
E meus prantos te diziam:
"Tu levas minh'alma, ó filha,
Nas rendas desta mantilha...
Na tua mantilha, Inês!"

De Cádiz o aroma ainda
Tinhas no seio... — Talvez!
De Buenos Aires a linda,
Volvendo aos lares, ³¹²⁶ trazia
As rosas de Andaluzia
Nas lisas faces de Inês!

E volvia a Americana
Do Plata às vagas... Talvez?
E a brisa amorosa, insana,
Misturava os meus cabelos
Aos cachos escuros, belos,
Aos negros cachos de Inês!

As estrêlas acordavam
Do fundo do mar... Talvez!
Na proa as ondas cantavam.
E a serenata divina
Tu, com a ponta da botina,
Marcavas no chão... Inês!

Não era cumplicidade
Do céu, dos mares? Talvez!
Dir-se-ia que a imensidade
— Conspiradora mimosa —
Dizia à vaga amorosa:
"Segreda amôres a Inês!"

E como um véu transparente,
Um véu de noiva... Talvez!
Da lua o raio tremente
Te enchia de ³¹²⁷ casto brilho...
E a rastos no tombadilho
Caía a teus pés... Inês!...

E essa noite delirante
Pudeste esquecer? — Talvez...
Ou talvez que neste instante,
Lembrando-te inda saudosa,
Suspires, moça formosa!...
Talvez te lembres... Inês!

Curralinho, 2 de Julho de 1870.

PERSEVERANDO

(Tradução de Victor Hugo)

A REGUEIRA COSTA

A águia é o gênio... Da tormenta o pássaro,
Que do monte arremete o altivo píncaro,
Qu'ergue um grito aos fulgores do arrebol,
Cuja garra jamais se peia em lôdo,
E cujo olhar de fogo troca raios
— Contra os raios do sol.

Não tem ninho de palhas... tem um antro
— Rocha talhada ao martelar do raio,
— Brecha em serra, ant'a qual o olhar tremeu...
No flanco da montanha — asilo trêmulo,
Que sacode o tufão entre os abismos
O precipício e o céu.

Nem pobre verme, nem dourada abelha,
Nem azul borboleta... sua prole
Faminta, boquiaberta, espera ter...
Não! São aves da noite, são serpentes,
São lagartos imundos que ela arroja
Aos filhos p'ra viver.

Ninho de rei!... palácio tenebroso,
Que a avalanche a saltar cerca tombando!...
O gênio aí enseiva a geração...
E ao céu lhe erguendo os olhos flamejantes
Sob as asas de fogo aqueita as almas
Que um dia voarão.

Porque espantas-te, amigo, se tua fronte
Já, de raios pejada, choca a nuvem?...
Se o reptil em teu ninho se debate?...
E' teu folgar primeiro... é tua festa!...
Águias! P'ra vós cad'hora é uma tormenta,
Cada festa um combate!...

Radia!... E' tempo!... E se a lufada erguer-se
Muda a noite feral em prisma fúlgido!
De teu alto pensar completa a lei!...
Irmão! — Prende esta mão de irmão na minha!
Toma a lira — Poeta! Águia! — esvoaça!
Sobe, sobe, astro rei!...

De tua aurora a bruma vai fundir-se 3128
Águia! faz-te mirar do sol, do raio;
Arranca um nome no febril cantar.
Vem! A glória, que é o alvo de vis setas,
E' bandeira arrogante que o combate
Embeleza ao rasgar.

O meteoro real — de coma fúlgida —
Rola e se engrossa ao devorar dos mundos...
Gigante! Cresces todo o dia assim!...
Tal teu gênio, arrastando em novos trilhos
No curso audaz constelações de idéias,
Marcha e recresce no marchar sem fim!...

Pernambuco, Santo Amaro — 1867.

O CORAÇÃO

O coração é o colibri dourado
Das veigas puras do jardim do céu.
Um — tem o mel da granadilha agreste,
Bebe os perfumes, que a bonina deu.

O outro — voa em mais virentes balsas,
Pousa de um riso na rubente flor.
Vive do mel — a que se chama — crenças,
Vive do aroma — que se diz — amor.

Recife — 1867. (3129)

MURMÚRIOS DA TARDE

Écoute! tout se tait; songe à ta bien-aimée,
Ce soir, sous les tilleuls, à la sombre ramée,
Le rayon du couchant laisse un édieu plus doux;
Ce soir, tout va fleurir: l'immortelle nature
Se remplit de parfums, d'amour et de murmure,
Comme le lit joyeux de deux jeunes époux.

A. DE MUSSET

Rosa! Rosa de amor purpúrea e bela!

GARRET

Ontem à tarde, quando o sol morria,
A natureza era um poema santo.
De cada moita a escuridão saía,
De cada gruta rebentava um canto,
Ontem, à tarde, quando o sol morria.

Do céu azul na profundidade escura
Brilhava a estrêla, como um fruto louro,
E qual a foice, que no chão fulgura,
Mostrava a lua o semicirc'lo d'ouro, 3130
Do céu azul na profundidade escura.

Larga harmonia embalsamava os ares!
Cantava o ninho — suspirava o lago...
E a verde pluma dos sutis palmares
Tinha das ondas o murmúrio vago...
Larga harmonia embalsamava os ares.

Era dos sêres a harmonia imensa
Vago concêrto de saudade infinda!
"Sol — não me deixes", 3131 diz a vaga extensa
"Aura — não fuja", 3132 diz a flor mais linda;
Era dos sêres a harmonia imensa!

"Leva-me! leva-me em teu seio amigo", 3133
Dizia às nuvens o choroso orvalho,
"Rôla que foges", 3134 diz o ninho antigo,
"Leva-me ainda para um novo galho...
"Leva-me! leva-me em teu seio amigo".

"Dá-me inda um beijo, antes que a noite venha!"
"Inda um calor, antes que chegue o frio..."
E mais o musgo se conchega à penha
E mais à penha se conchega o rio...
"Dá-me inda um beijo, antes que a noite venha!"

E tu no entanto no jardim vagavas,
Rosa de amor, celestial Maria...
Ai! como esquivava sobre o chão pisavas, 3135
Ai! como alegre a tua bôca ria...
E tu no entanto no jardim vagavas.

Eras a estrêla transformada em virgem!
Eras um anjo, que se fêz menina!
Tinhas das aves a celeste origem.
Tinhas da lua a palidez divina,
Eras estrêla transformada em virgem!

Flor! Tu chegaste de outra flor mais perto!...
Que bela rosa! que fragrância meiga!
Dir-se-ia um riso no jardim aberto,
Dir-se-ia um beijo, que nasceu na veiga...
Flor! tu chegaste de outra flor mais perto!...

E eu, que escutava o conversar das flores,
Ouvi, que a rosa murmurava ardente:
"Colhe-me, ó virgem, — não terei mais dores,
"Guarda-me, ó bela, no teu seio quente..."
E eu escutava o conversar das flores.

"Leva-me! leva-me, ó gentil Maria!"
Também então eu murmurei cismando...
"Minh'alma é rosa, que a geada esfria...
"Dá-lhe em teus seios um asilo brando...
"Leva-me! leva-me, ó gentil Maria!..."

Rio de Janeiro, 12 de Outubro de 1869.

PELAS SOMBRAS

Ao PADRE FRANCISCO DE PAULA

C'est que je suis frappé du doute,
C'est que l'étoile de la foi
N'éclaire plus ma noire route;
Tout est abîme autour de moi!

LA MORVONNAIS

Senhor! A noite é brava... a praia é tôda escolhos,
Ladram na escuridão das *Circes as cadelas*...
As lívidas marés atiram, a meus olhos,
Cadáveres que riem à face das estrêlas!

Da garça do oceano as ensopadas penas
O mórbido suor enxugam-me da testa.
Na aresta do rochedo o pé se firma apenas...
No entanto ouço do abismo a rugidora festa!...

Nas orlas de meu manto o vendaval s'enrola...
 Como invisível destra açoita as faces minhas...
 Enquanto que eu tropeço... um grito ao longe
 [rola...

"Quem foi?" perguntam rindo as solidões marinhas.

Senhor! Um facho ao menos empresta ao cami-
 [nhante.
 A treva me assoberba... O' Deus! dá-me um cla-
 [rão!

E uma Voz respondeu nas sombras triúmfante:
 "Acende, ó Viajor! — o facho da Razão!"

Senhor! Ao pé do lar, na quietação, na calma
 Pode a flama subir brilhante, loura, eterna;
 Mas quando os vendavais, rugindo, passam n'alma,
 Quem pode resguardar a trêmula lanterna?

Torcida... desgrenhada aos dedos da lufada
 Bateu-me contra o rosto... e se abismou na treva.
 Eu vi-a vacilar... e minha mão queimada
 A lâmpada sem luz embalde ao raio eleva.

Quem fêz a gruta — escura, o pirilampo cria!
 Quem fêz a noite — azul, inventa a estrêla clara!
 Na frente do oceano — acende uma ardentia!
 Como o floco do Santelmo — a tempestade aclara!

Mas ai! Que a treva interna — a dúvida constante —
 Deixaste assoberbar-me em funda escuridão!...

E uma Voz respondeu nas sombras triúmfante:
 "Acende, ó Viajor! a Fé no Coração!..."

Curralinho, 5 de Junho de 1870.

ODE AO DOUS DE JULHO

(RECITADA NO TEATRO DE S. PAULO)

Era no dous de Julho. A pugna imensa
 Travara-se nos cerros da Bahia...
 O anjo da morte pálido cosia
 Uma vasta mortalha em Pirajá.
 "Neste lençol tão largo, tão extenso,
 "Como um pedaço rôto do infinito...
 O mundo perguntava erguendo um grito:
 "Qual dos gigantes morto rolará?!..."

Debruçados do céu... a noite e os astros
 Seguiam da peleja o incerto fado...
 Era tocha — o fuzil avermelhado!
 Era o Circo de Roma — o vastão chão!
 Por palmas — o troar da artilharia!
 Por feras — os canhões negros rugiam!
 Por atletas — dous povos se batiam!
 Enorme anfiteatro — era a amplidão!

Não! Não eram dous povos que abalavam
 Naquele instante o solo ensangüentado...
 Era o porvir — em frente do passado,
 A liberdade — em frente à escravidão.

Era a luta das águias — e do abutre,
 A revolta do pulso — contra os ferros,
 O pugilato da razão — com os erros,
 O duelo da treva — e do clarão!...

No entanto a luta recrescia indômita...
 As bandeiras — como águias eriçadas — 3136
 Se abismavam com as asas desdobradas
 Na selva escura da fumaça atroz...
 Tonto de espanto, cego de metralha
 O arcanjo do triunfo vacilava...
 E a glória desgrenhada acalentava
 O cadáver sangrento dos heróis!...

Mas quando a branca estrêla matutina
 Surgiu do espaço... 3137 e as brisas forasteiras
 No verde leque das gentis palmeiras
 Foram cantar os hinos do arrebol,
 Lá do campo deserto da batalha
 Uma voz se elevou clara e divina:
 Eras tu — liberdade peregrina!
 Espôsa do porvir — noiva 3138 do sol!...

Eras tu que, com os dedos ensopados
 No sangue dos avós mortos na guerra,
 Livre sagravas a Colúmbia terra,
 Sagravas livre a nova geração!
 Tu que erguias, subida na pirâmide
 Formada pelos mortos do Cabrito,
 Um pedaço de gládio — no infinito...
 Um trapo de bandeira — n'amplidão!...

S. Paulo, Julho de 1868.

A DUAS FLORES

São duas flores unidas,
 São duas rosas nascidas
 Talvez no mesmo arrebol,
 Vivendo no mesmo galho,
 Da mesma gôta de orvalho,
 Do mesmo raio de sol.

Unidas, bem como as penas
 Das duas asas pequenas
 De um passarinho do céu...
 Como um casal de rolinhas,
 Como a tribo de andorinhas
 Da tarde no frouxo véu.

Unidas, bem como os prantos,
 Que em parelha descem tantos
 Das profundezas do olhar...
 Como o suspiro e o desgosto,
 Como as covinhas do rosto,
 Como as estrêlas do mar.

Unidas... Ai quem pudera
 Numa eterna primavera
 Viver, qual vive esta flor.
 Juntar as rosas da vida
 Na rama verde e florida,
 Na verde rama do amor!

Curralinho, Março de 1870.

O TONEL DAS DANAIDES

DIÁLOGO

Na torrente caudal de seus cabelos negros
Alegre eu embarquei da vida rubra flor. 3139

— Poeta! Eras o Doge o anel lançando às ondas...
Ao fundo de um abismo... arremessaste o amor.

Depois minh'alma ao som da Lira de cem vozes
Sublimes fantasias em notas desfolhou.

— Cleópatra também p'ra erguer no Tibre a espuma
As pér'las do colar nas vagas desfiou!

Depois fiz de meu verso a púrpura escarlate
Por onde ela pisasse em marcha triunfal!

— Como Hércules, volveste aos pés da insana
[Onfália
O fuso feminino de uma paixão fatal.

Um dia ela me disse: "Eu sou uma exilada!"
Ergui-me... e abandonei meu lar e meu país...

— Assim o filho pródigo atira as vestes quentes
E treme no caminho aos pés da meretriz.

E quando debrucei-me à beira daquela alma
P'ra ver tôda riqueza e afetos que lhe dei!...

— Ai! nada mais achaste! o abismo os devorara...
O pego se esqueceu da dádiva do Rei!

Na gruta do chagal ao menos restam ossos...
Mas tudo sepultou-me aquêle amor cruel!

— Poeta! O coração da fria Messalina
E' das fatais Danaides o pérfido Tonel!

14 de Outubro de 1869.

A LUIS

(NO DIA DE SEU NATALÍCIO)

A imaginação, com o vôo ousado, aspira a princípio
à eternidade... Depois um pequeno espaço basta em breve
para os destroços de nossas esperanças iludidas!...

GOETHE

Como um perfume de longínquas plagas
Traz o vento da pátria ao peregrino,
O' meu amigo! que saudade infinda
Tu me trazes dos tempos de menino!

E' o ledó enxame de sutis abelhas
Que vem lembrar à flor o mel d'aurora...
Ácres perfumes de uma idade ardente
Quando o lábio sorri... mas nunca chora!

Que tempos idos, qu'esperanças louras!
Que cismas de poesia e de futuro!
Nas páginas do triste Lamartine
Quanto sonho de amor pousava puro!... 3140

E tu falavas de um amor celeste,
De um anjo, que depois se fêz espôsa...
— Moça, que troca os risos de criança
Pelo meigo cismar de mãe formosa.

Oh! meu amigo! neste doce instante
O vento do passado em mim suspira,
E minh'alma estremece de alegria,
Como ao beijo da noite geme a lira.

Tu paraste na tenda, ó peregrino!
Eu vou seguindo do deserto a trilha;
Pois bem... que a lira do poeta errante
Seja a bênção do lar e da família.

Rio, Fevereiro de 1868.

DALILA

Fair defect of nature

MILTON — *Paradise lost.*

Foi desgraça, meu Deus!... Não!... Foi loucura
Pedir seiva ³¹⁴¹ de vida — à sepultura,
Em gêlo — me abrasar,
Pedir amôres — a Marcô sem brio,
E a rebolcar-me em leito imundo e frio
— A ventura buscar.

Errado viajor — sentei-me à alfombra
E adormeci da mancenilha à sombra
Em berço de cetim...
Embalava-me a brisa ³¹⁴² no meu leito...
Tinha o veneno a lacerar-me o peito
— A morte dentro em mim...

Foi loucura!... No ocaso — tomba o astro:
A estátua branca e pura de alabastro
— Se mancha em lôdo vil...
Quem rouba a estrêla — à tumba do ocidente?
Que Jordão lava na lustral corrente
O marmóreo perfil?

.....
Talvez!... Foi sonho!... Em noite nevoenta
Ela passou sòzinha, macilenta, ³¹⁴³
Tremendo a soluçar...
Chorava — nenhum eco respondia...
Sorria — a tempestade além bramia...
E ela sempre a marchar.

E eu disse-lhe: Tens frio? — arde minha alma.
Tens os pés a sangrar? — podes em calma
Dormir no peito meu.
Pomba errante — é meu peito um ninho vago!
Estrêla — tens minha alma — imenso lago —
Reflete o rosto teu!...

E amamos... Êste amor foi um delírio...
Foi ela minha crença, foi meu lírio,
Minha estrêla sem véu...
Seu nome era o meu canto de poesia,
Que com o sol — pena de ouro — eu escrevia
Nas lâminas do céu.

Em seu seio escondi-me... como a noite
Incauto colibri, temendo o açoite
Das iras do tufão,
A cabecinha esconde sob as asas,
Faz seu leito gentil por entre as gazas
Da rosa do Japão.

E depois... embalei-a com meus cantos, ³¹⁴⁴
Seu passado esqueci... lavei com prantos
Seu lôdo e maldição...
... Mas um dia acordei... E mal desperto
Olhei em tórno a mim... — Tudo deserto...
Deserto o coração...

Ao vento, que gemia pelas franças, ³¹⁴⁵
Por ela perguntei... de suas tranças
A flor que ela deixou...
Debalde... Seu lugar era vazio...
E meu lábio queimado e o peito frio,
Foi ela que o queimou...

Minha alma nodou no ósculo imundo,
Bem como Satanás — beijando o mundo —
Manchou a criação,
Simum — crestou-me da esperança as flores...
Tormenta — ela afogou nos seus negroses
A luz da inspiração...

Vai, Dalila!... E' bem longa tua estrada...
E' suave a descida — terminada
Em bátrato cruel.
Tua vida — é um banho de ambrosia...
Mais tarde a morte e a lâmpada sombria
Pendente do bordel.

Hoje flores... A música soando...
As perlas do Champanhe gotejando
Em taças de cristal.
A volúpia a escaldar na louca insônia...
Mas sufoca os festins de babilônia
A legenda fatal.

Tens o seio de fogo e a alma fria.
O cetro empunhas lúbrico da orgia
Em que reinas tu só!...
Mas que finda o ranger de uma mortalha,
A enxada do cozeiro que trabalha
A revolver o pó.

Não te maldigo, não!... Em vasto campo
Julguei-te — estrêla, — e eras — pirilampo
Em meio à cerração...
Prometeu — quis dar luz à fria argila...
Não pude... Pedes a Deus, louca Dalila,
A luz da redenção!...

Recife — 1864.

AS DUAS ILHAS ³¹⁴⁶

SÔBRE UMA PÁGINA DA POESIA DE
V. HUGO, COM O MESMO TÍTULO.

Quando à noite — às horas mortas —
O silêncio e a solidão
— Sob o dossel ³¹⁴⁷ do infinito —
Dormem do mar n'ampidão,

Vê-se, por cima dos mares,
Rasgando o teto dos ares
Dous gigantescos perfis...
Olhando por sôbre as vagas,
Atentos, longínquas plagas
Ao clarear dos fuzis.

Quem os vê, olha espantado
E a sós murmura: "O que é?
Ai! que atalaias gigantes,
São essas além de pé?!..."
Adamastor de granito
Co'a testa roça o infinito
E a barba molha no mar;
E de pedra a cabeleira
Sacudind'a onda ligeira
Faz de mêdo recuar...

São — dous marcos miliários,
Que Deus nas ondas plantou.
Dous rochedos, onde o mundo
Dous Prometeus amarrou!...
— Acolá... (Não tenhas mêdo!...)
E' Santa Helena — o rochedo
Dêsse Titã, que foi rei!...
— Ali... (Não feches os olhos!...)
Ali... aquêles abrolhos
São a ilha de Jersey!...

São êles — os dous gigantes
No século de pigmeus.
São êles — que a majestade
Arrancam da mão de Deus.
— Êste concentra na fronte
Mais astros — que o horizonte,
Mais luz — do que o sol lançou!...
— Aquêles — na destra alçada
Traz segura sua espada
— Cometa, que ao céu roubou!...

E olham os velhos rochedos
O Sena, que dorme além...
E a França, que entre a caligem
Dorme em sudário também...
E o mar pergunta espantado:
"Foi deveras desterrado
Buonaparte — meu irmão?..."
³¹⁴⁸
Diz o céu, astros chorando:
"E Hugo?..."
E o mundo pasmando
Diz: "Hugo... Napoleão!..."

Como vasta reticência
Se estende o silêncio após...
Ês muito pequeno, ó França,
P'ra conter êstes heróis...
Sim! que êstes vultos augustos
Para o leito de Procustos
Muito grandes Deus traçou...
Basta os reis tremam de mêdo
Se a sombra de algum rochedo
Sôbre êles se projetou!...

Dizem que, quando, alta noite,
Dorme a terra — e vela Deus,
As duas ilhas conversam
Sem temor perante os céus.
— Jersey curva sôbre os mares, ³¹⁴⁹
A ³¹⁵⁰ Santa Helena os pensares

Segreda do velho Hugo...
— E Santa Helena no entanto
No *Salgueiro* enxuga o pranto
E conta o que *Éle* falou...

E olhando o presente infame
Clama: "Da turba vulgar
Nós — infinitos de pedra —
Nós havemo-los vingar!..."
E do mar sôbre as escumas,
E do céu por sôbre as brumas,
Um ao outro dando a mão...
Encaram a imensidade
Bradando: "A Posteridade!..."
Deus ri-se e diz: "Inda não!..."

Recife — 1865.

AO ATOR JOAQUIM AUGUSTO

Um dia Pigmalião — o estatuário
Da oficina no tósco santuário
Pôs-se a pedra a talhar...
Surgem contornos lânguidos, amenos...
E dos *flocos de mármore* outra Vênus
Surge destoutro mar.

De orgulho o mestre ri... A estátua é bela!
Da Grécia as filhas por inveja dela
Vão nas grutas gemer...
Mas o artista soluça: "O' Grande Jove!
"Ela é bela... bem sei — mas não se move!
"E' sombra — e não mulher!"

Então do excelso Olimpo o deus-tonante
Manda que desça um raio fulgurante
À tenda do escultor.
Vive a estátua! Nos olhos — treme o pejo,
Vive a estátua!... Na bôca — treme um beijo,
Nos seios — treme amor.

O poeta é — o moderno estatuário
Que na vigília cria solitário
Visões de seio nu!
O mármore da Grécia — é o novo drama!
Mas o raio vital quem lá derrama?...
E' Júpiter!... És tu!...

Como Gluck nas selvas aprendia
Ao som do violoncelo a melodia
Da santa inspiração,
Assim bebes atento a voz obscura
Do vento das paixões na selva escura
Chamada — multidão.

Gargalhadas, suspiros, beijos, gritos,
Cantos de amor, blasfêmias de precitos,
Chôro ou reza infantil,
Tudo colhes... e voltas co'as mãos cheias,
— O crânio largo a transbordar de idéias
E de criações mil.

Então começa a luta, a luta enorme,
Desta matéria tósca, áspera, informe,
Que na praça apanhou,
Teu gênio vai forjar novo tesouro...
O *cobre escuro* vai mudar-se em *ouro*,
Como Fausto o sonhou!

Glória ao Mestre! Passando por seus dedos
Dói mais a dor... os risos são mais ledos...
O amor é mais do céu...
Rebenta o *ouro* desta fronte acesa!
O artista corrigiu a natureza!
O alquimista venceu!

Então surges, Ator! e do proscênio
Atiras as moedas do teu gênio
As pasmas multidões.
Pródigo enorme! a tua enorme esmola
Cunhada pela efígie tua rola
Nos nossos corações.

Por isso agora, no teu almo dia,
Vieram dando as mãos a Poesia
E o povo, bem vê,
Como nos tempos dessa Roma antiga
Aos pés dêsse outro Augusto a plebe amiga
Atirava lauréis...

Augusto! E o nome teu não se desmente...
O diadema real na vasta frente
Cinges... eu bem o sei!
Mandas no povo dêste novo Lácio...
E os poetas repetem como Horácio:
"Salve! Augusto! Rei!"

S. Paulo, Outubro de 1868.

OS ANJOS DA MEIA-NOITE

FOTOGRAFIAS

I

Quando a insônia, qual lívido vampiro,
Como o arcanjo da guarda do Sepulcro,
Vela à noite por nós,
E banha-se em suor o travesseiro,
E além geme nas franças do pinheiro
Da brisa a longa voz...

Quando sangrenta a luz no alampadário
Estala, cresce, expira, após ressurgir,
Como uma alma a penar;
E canta aos guizos rubros da loucura
A febre — a meretriz da sepultura —
A rir e a soluçar...

Quando tudo vacila e se evapora,
Muda e se anima, vive e se transforma,
Cambaleia e se esvai...
E da sala na mágica penumbra
Um mundo em trevas rápido se obumbra...
E outro das trevas sai...

Então... nos brancos mantos que arregaçam
Da meia-noite os Anjos alvos passam
Em longa procissão!
E eu murmuro ao fitá-los assombrado:
São os Anjos de amor de meu passado
Que desfilarão vão...

Almas, que um dia no meu peito ardente
Derramastes dos sonhos a semente,
Mulheres, que eu amei!
Anjos louros do céu! virgens serenas!
Madonas, Querubins ou Madalenas!
Surgil' aparecei!

Vinde, fantasmas! Eu vos amo ainda;
Acorde-se a harmonia à noite infinda
Ao rôto bandolim...

.....
E no éter, que em notas se perfuma,
As visões s'alteando uma por uma... 3151
Vão desfilando assim!...

1.^a SOMBRA

MARIETA

Como o gênio da noite, que desata
O véu de rendas sôbre a espadua nua,
Ela solta os cabelos... Bate a lua
Nas alvas dobras de um lençol de prata...

O seio virginal que a mão recata,
Embalde o prende a mão... cresce, flutua...
Sonha a moça ao relento... Além na rua
Preludia um violão na serenata!...

... Furtivos passos morrem no lajedo...
Resvala a escada do balcão discreta... 3152
Matam lábios os beijos em segrêdo...

Afoga-me os suspiros, Marieta!
Oh surpresa! oh palor! oh pranto! oh mêdo! 3153
Ai! noites de Romeu e Julieta!...

2.^a SOMBRA

BÁRBORA

Erguendo o cálix que o Xerez perfuma,
Loura a trança alastrando-lhe os joelhos,
Dentes níveos em lábios tão vermelhos,
Como boiando em purpurina escuma;

Um dorso de Valquíria... alvo de bruma,
Pequenos pés sob infantis artelhos,
Olhos vivos, tão vivos, como espelhos,
Mas como êles também sem chama alguma;

Garganta de um palor alabastrino,
Que harmonias e músicas respira...
No lábio — um beijo... no beijar — um hino;

Harpa eólia a esperar que o vento a fira,
— Um pedaço de mármore divino...
— E' o retrato de Bárbora — a Hetaíra. —

3.^a SOMBRA

ESTER

Vem! no teu peito cáldo e brilhante
O nardo oriental melhor transpira!...
Enrola-te na longa cachemira,
Como as Judias moles do Levante,

Alva a clâmide aos ventos — roçagante...
Túmido o lábio, onde o saltério gira...
O' musa de Israel! pega da lira...
Canta os martírios de teu povo errante!

Mas não... brisa da pátria além revoa,
E ao delamber-lhe o braço de alabastro,
Falou-lhe de partir... e parte... e voa...

Qual nas algas marinhas desce um astro...
Linda Ester! teu perfil se esvai... s'escoa...
Só me resta um perfume... um canto... um ras-
[tro...]

4.^a SOMBRA

FABIOLA

Como teu riso dói... como na treva
Os lêmures respondem no infinito:
Tens o aspecto do pássaro maldito,
Que em sânie de cadáveres se ceva!

Filha da noite! A ventania leva
Um soluço de amor pungente, aflito...
Fabiola! E' teu nome!... Escuta... é um grito,
Que lacerante para os céus s'eleva!...

E tu folgas, Bacante dos amôres,
E a orgia que a mantilha te arregaça,
Enche a noite de horror, de mais horrores...

E' sangue, que referve-te na taça!
E' sangue, que borriafa-te estas flores!
E êste sangue é meu sangue... é meu... Desgraça!

5.^a e 6.^a SOMBRAS

CÂNDIDA E LAURA

Como no tanque de um palácio mago,
Dous alvos cisnes na bacia lisa,
Como nas águas que o barqueiro frisa,
Dous nenufares sôbre o azul do lago,

Como nas hastes em balouço vago
Dous lírios roxos que acalenta a brisa,
Como um casal de juritis que pisa
O mesmo ramo no amoroso afago...

Quais dous planêtas na cerúlea esfera,
Como os primeiros pâmpanos das vinhas,
Como os renovos nos ramais da hera,

Eu vos vejo passar nas noites minhas,
Crianças que trazeis-me a primavera...
Crianças que lembrais-me as andorinhas!...

7.^a SOMBRA

DULCE

Se houvesse ainda talismã bendito
Que desse ao pântano — a corrente pura,
Musgo — ao rochedo, festa — à sepultura,
Das águias negras — harmonia ao grito...

Se alguém pudesse ao infeliz precito
Dar lugar no banquete da ventura...
E trocar-lhe o velar da insônia escura
No poema dos beijos — infinito...

Certo... serias tu, donzela casta,
Quem me tomasse em meio do Calvário
A cruz de angústias que o meu ser arrasta!...
Mas se tudo recusa-me o fadário,
Na hora de expirar, ó Dulce, basta
Morrer beijando a cruz de teu rosário!...

8.^a SOMBRA

ÚLTIMO FANTASMA

Quem és tu, quem és tu, vulto ³¹⁵⁴ gracioso,
Que te elevas da noite na orvalhada?
Tens a face nas sombras mergulhada...
Sobre as névoas te libras vaporoso...

Baixas do céu num vôo harmonioso!...
Quem és tu, bela e branca desposada?
Da laranjeira em flor a flor nevada
Cerca-te a frente, ó ser misterioso!...

Onde nos vimos nós?... És doutra esfera?
És o ser que eu busquei do sul ao norte...
Por quem meu peito em sonhos desespera?...

Quem és tu? Quem és tu? — És minha sorte!
És talvez o ideal que est'alma espera!
És a glória talvez! Talvez a morte!...

Santa Isabel, Agosto de 1870.

O HÓSPEDE

Choro por ver que os dias passam breves
E te esqueces de mim quando te fôres;
Como as brisas que passam doudas leves,
E não tornam atrás a ver as flores.

TEÓFILO BRAGA

“Onde vais, ³¹⁵⁵ estrangeiro! Porque deixas
O solitário albergue do deserto?
O que buscas além dos horizontes?
Porque transpor o píncaro dos montes,
Quando podes achar o amor tão perto?...”

“Pálido moço! Um dia tu chegaste
De outros climas, de terras bem distantes...
Era noite!... A tormenta além rugia...
Nos abetos da serra a ventania
Tinha gemidos longos, delirantes.

“Uma buzina restrugiu no vale
Junto aos barrancos onde geme o rio...
De teu cavalo a galopar soava,
E teu cão ululando replicava
Aos surdos roncões do trovão bravo.

“Entraste! A loura chama do brasido
Lambia um velho cedro crepitante.
Eras tão triste ao lume da fogueira...
Que eu derramei a lágrima primeira
Quando enxuguei teu manto gotejante!

“Onde vais, estrangeiro? Porque deixas
Esta infeliz, misérrima cabana?
Inda as aves te afagam do arvoredo...
Se quizeres... as flores do silvedo
Verás inda nas tranças da serrana.

“Queres voltar a êste país maldito
Onde a alegria e o riso te deixaram?
Eu não sei tua história... mas que importa?...
...Bóia em teus olhos a esperança morta
Que as mulheres de lá te apunhalaram.

“Não partas, não! Aqui todos te querem!
Minhas aves amigas te conhecem.
Quando à tardinha volves da colina
Sem receio da longa carabina
De lajedo em lajedo as corças descem.

“Teu cavalo nitrindo na savana
Lambe as úmidas grammas em meus dedos.
Quando a *fanfarra* tocas na montanha,
A matilha dos ecos te acompanha
Ladrando pela ponta dos penedos.

“Onde vais, belo moço? Se partires
Quem será teu amigo, irmão e pajem?
É quando a negra insônia te devora,
Quem na guitarra que suspira e chora,
Há de cantar-te seu amor selvagem?

“A choça do destêrro é nua e fria!
O caminho do exílio é só de abrolhos!
Que família melhor que meus desvelos?...
Que tenda mais sutil que meus cabelos
Estrelados no pranto ³¹⁵⁶ de teus olhos?...”

“Estranho moço! Eu vejo em tua frente
Esta amargura atroz que não tem cura.
Acaso fulge ao sol de outros países,
Por entre as balsas de cheirosas ³¹⁵⁷ lises
A espôsa que tua alma assim procura?

“Talvez tenhas além servos e amantes,
Um palácio em lugar de uma choupana.
E aqui só tens uma guitarra e um beijo,
E o fogo ardente de ideal desejo
Nos seios virgens da infeliz serrana!...”

No entanto *Êle* partiu!... Seu vulto ao longe
Escondeu-se onde a vista não alcança...
... Mas não penseis que o triste forasteiro
Foi procurar nos lares do estrangeiro
O fantasma sequer de uma esperança!...

Curralinho, 29 de Abril de 1870.

AS TREVAS

(Traduzido do Lord Byron)

A MEU AMIGO, O DR. FRANCO MEIRELES, INSPIRADO
TRADUTOR DAS “MELODIAS HEBRAICAS”.

Tive um sonho que em tudo não foi sonho!...

O sol brilhante se apagara: e os astros,
Do eterno espaço na penumbra escura,
Sem raios, e sem trilhos, vagueavam.

A terra fria balouçava cega
 E tétrica no espaço êrmo de lua.
 A manhã ia, vinha... e regressava...
 Mas não trazia o dia! Os homens pasmos
 Esqueciam no horror dessas ruínas
 Suas paixões: e as almas conglobadas
 Gelavam-se num grito de egoísmo
 Que demandava "luz". Junto às fogueiras
 Abriavam-se... e os troncos e os palácios, ³¹⁵⁸
 Os palácios dos reis, o albergue e a choça
 Ardiam por fanais. Tinham nas chamas
 As cidades morrido. Em tórno às brasas
 Dos seus lares os homens se grupavam,
 P'ra a vez extrema se fitarem juntos.
 Feliz de quem vivia junto às lavas
 Dos vulcões sob a tocha alcantilada!

Hórrida esp'rança acalentava o mundo!
 As florestas ardiam!... de hora em hora
 Caindo se apagavam; crepitando,
 Lascado o tronco desabava em cinzas.
 E tudo... tudo as trevas envolviam.
 As frentes ao clarão da luz doente
 Tinham do inferno o aspecto... quando às vêzes
 As faíscas das chamas borrifavam-nas.
 Uns, de bruços no chão, tapando os olhos
 Choravam. Sobre as mãos cruzadas — outros —
 Firmando a barba, desvairados riam.
 Outros correndo à toa procuravam
 O ardente pasto p'ra funéreas piras.
 Inquietos, no esgar do desvario,
 Os olhos levantavam p'ra o céu tórvo,
 Vasto sudário do universo — espectro —,
 E após em terras se atirando em raivas,
 Rangendo os dentes, blásfemos, uivavam!

Lúgubre grito os pássaros selvagens
 Soltavam, revoando espavoridos
 Num vôo tonto co'as inúteis asas!
 As feras 'stavam mansas e medrosas!
 As víboras rojando s'enroscavam
 Pelos membros dos homens, sibilantes,
 Mas sem veneno... a fome lhes matavam!
 E a guerra, que um momento s'extinguira,
 De novo se fartava. Só com sangue
 Comprava-se o alimento, e após à parte
 Cada um se sentava taciturno,
 P'ra fartar-se nas trevas infinitas!
 Já não havia amor!... O mundo inteiro
 Era um só pensamento, e o pensamento
 Era a morte sem glória e sem detença!
 O estertor da fome apascentava-se
 Nas entranhas... Ossada ou carne pútrida
 Ressupino, insepulto era o cadáver.

Mordiam-se entre si os moribundos:
 Mesmo os cães se atiravam sobre os donos,
 Todos exceto um só... que defendia
 O cadáver do seu, contra os ataques
 Dos pássaros, das feras e dos homens,
 Até que a fome os extinguisse, ou fóssem
 Os dentes frouxos saciar algures!
 Êle mesmo alimento não buscava...
 Mas, gemendo num uivo longo e triste,
 Morreu lambendo a mão que, inanimada,
 Já não podia lhe pagar o afeto.

Faminta a multidão morreria aos poucos.
 Escaparam dous homens tão sòmente
 De uma grande cidade. E se odiavam.
 ...Foi junto dos tições quase apagados
 De um altar, sôbre o qual se amontoaram
 Sacros objetos p'ra um profano uso,
 Que encontraram-se os dous... e, as cinzas mornas
 Reünindo nas mãos frias de espectros,
 De seus sopros exaustos ao bafejo
 Uma chama irrisória produziram!...
 Ao clarão que tremia sôbre as cinzas
 Olharam-se e morreram dando um grito.
 Mesmo da própria hediondez morreram,
 Desconhecendo aquêle em cuja frente
 Traçara a fome o nome de Duende!

O mundo fêz-se um vácuo. A terra esplêndida,
 Populosa, tornou-se numa massa
 Sem estações, sem árvores, sem erva,
 Sem verdura, sem homens e sem vida,
 Caos de morte, inanimada argila!
 Calaram-se o Oceano, o rio, os lagos!
 Nada turbava a solidão profunda!
 Os navios no mar apodreciam
 Sem marujos! Os mastros desabando
 Dormiam sôbre o abismo, sem que ao menos
 Uma vaga na queda alevantassem.
 Tinham morrido as vagas! e jaziam
 As marés no seu túmulo... antes delas
 A lua que as guiava era já morta!
 No estagnado céu murchara o vento;
 Esvairam-se as nuvens. E nas trevas
 Era só trevas o universo inteiro.

Bahia, 23 de Dezembro.

AVES DE ARRIBAÇÃO ³¹⁵⁹

Pensava em ti nas horas de tristeza
 Quando êstes versos pálidos compus,
 Cercavam-me planícies sem beleza,
 Pesava-me na frente um céu sem luz.

Ergue êste ramo sôlto no caminho.
 Sei que em teu seio asilo encontrará.
 Só tu conheces o secreto espinho
 Que dentro d'alma me pungindo está.

FAGUNDES VARELA

Aves, é primavera! à rosa! à rosa!

TOMAZ RIBEIRO

I

Era tempo em que as ágeis andorinhas
 Consultam-se ³¹⁶⁰ na beira dos telhados,
 E inquietas conversam, perscrutando
 Os pardos horizontes carregados...

Em que as rôlas e os verdes periquitos
 Do fundo do sertão descem cantando...
 Em que a tribo das aves peregrinas
 Os Zingaros do céu formam-se em bando!

Viajar! viajar! A brisa morna
 Traz de outro clima os cheiros provocantes.
 A primavera desafia as asas,
 Voam os passarinhos e os amantes!...

II

Um dia *Éles* chegaram. Sôbre a estrada
Abriram à tardinha as persianas;
E mais festiva a habitação sorria
Sob os festões das trêmulas lianas.

Quem eram? Donde vinham? — Pouco importa
Quem fôsem da casinha os habitantes. ³¹⁶¹
— São noivos —: as mulheres murmuravam!
E os pássaros diziam: — São amantes —!

Eram vozes — que uniam-se co'as brisas!
Eram risos — que abriram-se co'as flores!
Eram mais dous clarões — na primavera!
Na festa universal — mais dous amôres!

Astros! Falai daqueles olhos brandos.
Trepadeiras! Falai-lhe dos cabelos!
Ninhos d'aves! dizei, naquele seio,
Como era doce um pipilar d'anelos.

Sei que ali se ocultava a mocidade...
Que o idílio cantava noite e dia...
E a casa branca à beira do caminho
Era o asilo do amor e da poesia.

Quando a noite enrolava os descampados,
O monte, a selva, a choça do serrano,
Ouviam-se, alongando a paz nos ermos,
Os sons doces, plangentes de um piano.

Depois suave, plena, harmoniosa
Uma voz de mulher se alevantava...
E o pássaro inclinava-se das ramas
E a estrêla do infinito se inclinava.

E a voz cantava o *tremolo* medroso
De uma ideal sentida *barcarola*...
Ou nos ombros da noite desfolhava
As notas petulantes da Espanha!

III

Às vêzes, quando o sol nas matas virgens
A fogueira das tardes acendia,
E como a ave ferida ensangüentava
Os pincaros da longa serraia,

Um grupo destacava-se amoroso,
Tendo por tela a opala do infinito,
Dupla estátua do amor e mocidade
Num pedestal de musgos e granito.

E embaixo o vale a descantar saudoso
Na cantiga das moças lavadeiras!...
E o riacho a sonhar nas canas bravas,
E o vento a s'embalar nas trepadeiras.

O' crepúsculos mortos! Voz dos ermos!
Montes azuis! Sussurros da floresta!
Quando mais vós tereis tantos afetos
Vicejando convosco em vossa festa?...

E o sol poente inda lançava um raio
Do *caçador* na longa carabina...
E sôbre a frente d'*Ela* por diadema
Nascia ao longe a estrêla vespertina.

[730]

IV

E' noite! Treme a lâmpada medrosa
Velando a longa noite do *poeta*...
Além, sob as cortinas transparentes
Ela dorme... formosa Julieta!

Entram pela janela quase aberta
Da meia-noite os preguiçosos ventos
E a lua beija o seio alvinitente
— Flor que abraza das noites aos relentos.

O Poeta trabalha!... A fronte pálida
Guarda talvez fatídica tristeza...
Que importa? A inspiração lhe acende o verso
Tendo por musa — o amor e a natureza!

E como o cáctus desabrocha a mêdo
Das noites tropicais na mansa calma,
A estrofe entreabre a pétala mimosa
Perfumada da essência de sua alma.

No entanto *Ela* desperta... num sorriso
Ensaia um beijo que perfuma a brisa...
...A Casta-diva apaga-se nos montes...
Luar de amor! acorda-te, Adalgiza!

V

Hoje a casinha já não abre à tarde
Sôbre a estrada as alegres persianas.
Osinhos desabaram... no abandono
Murcharam-se as grinaldas de lianas.

Que é feito do viver daqueles tempos?
Onde estão da casinha os habitantes?
...A Primavera, que arrebatou as asas...
Levou-lhe os passarinhos e os amantes!...

Curralinho — 1870.

OS PERFUMES

A L.

O sândalo é o perfume das mulheres de Estambul, e das huris do profeta; como as borboletas, que se alimentam do mel, a mulher do Oriente vive com as gôtas dessa essência divina.

J. D'ALENCAR

O perfume é o invólucro invisível,
Que encerra as formas da mulher bonita.
Bem como a salamandra em chamas vive,
Entre perfumes a sultana habita.

Escrínio aveludado onde se guarda
— Colar de pedras — a beleza esquiua,
Espécie de crisálida, onde mora
A borboleta dos salões — a Diva.

Almas das flores — quando as flores morrem,
Os perfumes emigram para as belas,
Trocamos lábios de virgens — por boninas,
Trocamos lírios — por seios de donzelas!

E ali — silfos travessos, traiçoeiros,
Voam cantando em lânguido compasso,
Ocultos nesses cálices macios
Das covinhas de um rosto ou dum regaço.

Vós, que não entendeis a lenda oculta,
A linguagem mimosa dos aromas,
De Madalena a urna olhais apenas
Como um primor de orientais redomas;

E não vêdes que ali na mirra e nardo
Vai tôda a crença da Judia loura...
E que o óleo, que lava os pés do Cristo,
E' uma reza também da pecadora.

Por mim eu sei que há confidências ternas,
Um poema saudoso, angustiado,
Se uma rosa de há muito emurchecida,
Rola acaso de um livro abandonado.

O espírito talvez dos tempos idos
Desperta ali como invisível nume...
E o poeta murmura suspirando:
"Bem me lembro... era êste o *seu* perfume!"

E que segrêdo não revela acaso
De uma mulher a predileta essência?
Ora o cheiro é lascivo e provocante!
Ora casto, infantil, como a inocência!

Ora propala os sensuais anseios
D'alcova de Ninon ou Margarida,
Ora o mistério divinal do leito,
Onde sonha Cecília adormecida.

Aqui, na magnólia de Celuta,
Lambe a sôlta madeixa que se estira.
Unge o bronze do ombro da caboc'la,
E o mármore do corpo da Hetaíra.

E' que o perfume denuncia o espírito
Que sob as formas feminis palpita...
Pois como a salamandra em chamas vive,
Entre perfumes a mulher habita.

Curralinho, 21 de Junho de 1870.

IMMENSIS ORBIBUS ANGUIS

Sibila lambebant linguis vibrantibus ora.

VERGÍLIO 3162

I

Resvala em fogo o sol dos montes sôbre a espalda,
E lustra o dorso nu da índia americana...
Na selva zumbe entanto o inseto de esmeralda,
E pousa o colibri nas flores da ³¹⁶³ liana.

Ali — a luz cruel, calmaria intensa!
Aqui — a sombra, a paz, os ventos, a cascata...
É a pluma dos bambus a tremular imensa...
E o canto de aves mil... e a solidão... e a mata...

E' a hora em que, ³¹⁶⁴ fugindo aos raios da espla-
[nada,

A Indígena, a gentil matrona do deserto, ³¹⁶⁵
Amarra aos palmeirais a rêde mosqueada,
Que, ³¹⁶⁶ leve como um berço, embala o vento in-
[certo...

Então ela abandona-lhe ao beijo apaixonado
A perna a mais formosa — o corpo o mais macio,³¹⁶⁷
E, as pálpebras cerrando, ao filho bronzeado
Entrega um seio nu, moreno, luzidio...

Porém dentre os espatos esguios do coqueiro,
Do verde gravatá nos cachos reluzentes,
Enrosca-se e desliza um corpo sorrateiro
E desce devagar pelos cipós pendentes.

E desce... e desce mais... à rêde já se chega...
Da índia nos cabelos a longa cauda some...
Horror! aquêlê horror ao peito eis que se apega!
A baba — quer o leite! — A chaga — sente fome!

O veneno — quer mel! — a escama quer a pele!
Quer o almíscar perfume! O imundo quer o belo!
A língua do reptil — lambendo o seio imbele!...
Uma *cobra* — por filho... Horrível pesadelo!...

II

Assim, minh'alma, assim um dia adormeceste
Na floresta ideal da ardente mocidade...
Abria a fantasia — a pétala celeste...
Zumbia o sonho d'ouro em doce obscuridade...

Assim, minh'alma deste o seio (ó dor imensa!)
Onde a paixão corria indômita e fremente!
Assim bebeu-te a vida, a mocidade e a crença
Não bôca de mulher... mas de fatal serpente!...

Rio de Janeiro, 13 de Outubro de 1869.

A UMA ATRIZ

(NO SEU BENEFÍCIO)

Branco cisne, que vogavas
Das harmonias no mar,
Pomba errante de outros climas,
Vieste aos cerros pousar.
Inda bem. Sob os palmares
Na voz do condor, dos mares,
Das serranias, ³¹⁶⁸ dos céus...
Sente o homem, — que é poeta,
Sente o vate — que é profeta,
Sente o profeta — que é Deus.

Há alguma cousa de grande
Dêste mundo na amplidão,
Como que a face do Eterno
Palpita na criação...
E o homem que olha o deserto,
Diz consigo: "Deus 'stá perto
Que a grandeza é o Criador".
E, sob as paternas vistas,
Larga rédeas às conquistas,
Pede as asas ao condor.

Inda bem. A glória é isto...
E' ser tudo... é ser qual Deus...
Agitar as selvas d'alma
Ao sôpro dos lábios teus...
Dizer ao peito — suspira!

Dizer à mente — delira!
A glória inda é mais: E' ver
Homens, que tremem — se tremes!
Homens, que gemem — se gemes!
Que morrem — se vás morrer!

A glória é ter com o tridente
Refreada a multidão,
— Oceano de pensamentos
Que tu agitas co'a mão!
— Montanha feita de idéias,
Que sustenta as epopéias
Que é do gênio pedestal!
— Harpa imensa feita de almas,
Que rompe em hinos e palmas,
Ao teu toque divino.

Mas esqueceste... Não basta
"Chegar, olhar e vencer". ³¹⁶⁹
Do gênio a maior grandeza
O ser divino é sofrer.
Diz'!... Quando ouves a torrente
Do entusiasmo na enchente
Vir espumar-te lauréis;
Nest' hora grande não sentes
Longe os silvos das serpentes,
Que tentam morder-te os pés?

Inda é a glória — rainha
Que jamais caminha só.
Ai! Quem sobe ao Capitólio
Vai precedido de pó.
Porém tu zombas da inveja...
Se à noite o raio lampeja
Tu fazes dêle um clarão!
Pela tormenta embalada
Ao som da orquestra arroubada
Vais-te ³¹⁷⁰ perder n' amplidão.

Recife, 27 de Setembro de 1866.

CANÇÃO DO BOÊMIO

RECITATIVO DA "MEIA HORA DE CINISMO"
COMÉDIA DE COSTUMES ACADÊMICOS

Música de Emilio do ³¹⁷¹ Lago

Que noite fria! Na deserta rua
Tremem de mêdo os lampeões sombrios.
Densa *garoa* faz fumar a lua. ³¹⁷²
Ladram de tédio vinte cães vadios.

Nini formosa! porque assim fugiste?
Embalde o tempo à tua espera conto.
Não vês, não vês?... Meu coração é triste
Como um calouro quando leva *ponto*.

A passos largos eu percorro a sala. ³¹⁷³
Fumo um cigarro, que filei na *escola*...
Tudo no quarto de Nini me fala. ³¹⁷⁴
Embalde fumo... tudo aqui me *amola*.

Diz-me o relógio *cinicando* a um canto:
"Onde está ela que não veio ainda?"
Diz-me a poltrona: "porque tardas tanto?"
Quero aquecer-te, ³¹⁷⁵ rapariga linda".

Em vão a luz da crepitante vela
De Hugo clareia uma canção ardente;
Tens um idílio — em tua frente bela...
Um ditirambo — no teu seio quente...

Pego o compêndio... inspiração sublime
P'ra adormecer... inquietações tamanhas...
Violei à noite o domicílio, ó crime!
Onde dormia uma nação... de aranhas...

Morrer de frio quando o peito é brasa...
Quando a paixão no coração se aninha!?...
Vós todos, todos, que dormis em casa,
Dizei se há dor, que se compare à minha!...

Nini! o horror dêste sofrer pungente
Só teu sorriso neste mundo acalma...
Vem aquecer-me em teu olhar ardente...
Nini! tu és o *cache-nez* dest'alma.

Deus do Boêmio!... São da mesma raça
As andorinhas e o meu anjo louro...
Fogem de mim se a *primavera* passa, ³¹⁷⁶
Se já nos campos não há flores de *ouro*...

E tu fugiste, presentindo o inverno,
Mensal inverno do viver boêmio...
Sem te lembrar que por um riso terno
Mesmo eu tomara a *primavera* a prêmio...

No entanto ainda do Xerez feroso
Duas garrafas guardo ali... *Que minas!*
Além de um lado o violão saudoso
Guarda no seio inspirações divinas...

Se tu viesses... de meus lábios tristes
Rompera o canto... Que esperança inglória!...
Ela esqueceu o que jurar-lhe vistes, ³¹⁷⁷
Ó Paulicéia, ó Ponte-Grande, ó Glória!...

Batem!... Que vejo! Ei-la afinal comigo...
Foram-se as trevas... fabricou-se a luz...
Nini! pequei... dá-me exemplar castigo!
Sejam teus braços... do martírio a cruz!...

S. Paulo, Junho de 1868.

É TARDE!

Olha-me, ó virgem, a frente,
Olha-me os olhos sem luz.
A palidez do infortúnio
Por minhas faces transluz;
Olha, ó virgem — não te iludas —
Eu só tenho a lira e a cruz.

JUNQUEIRA FREIRE

É tarde! É muito tarde!

MONT'ALVERNE

E' tarde! E' muito tarde! O templo é negro...
O fogo-santo já no altar não arde.
Vestal! não venhas tropeçar nas piras...
E' tarde! E' muito tarde!

Treda noite! E minh'alma era o sacrário,
A lâmpada do amor velava entanto,
Virgem flor enfeitava a borda virgem
Do vaso sacrossanto;

Quando Ela veio — a negra feiticeira —
A libertina, lúgubre bacante,
Lascivo olhar, a trança desgrenhada,
A roupa gotejante.

Foi minha crença o vinho dessa orgia,
Foi minha vida — a chama que apagou-se,
Foi minha mocidade — o toro lúbrico.
Minh'alma — o tredo alcouce.

E tu, visão do céu! Vens tateando
O abismo onde uma luz sequer não arde?
Ai! não vás resvalar no chão lodoso...
E' tarde! E' muito tarde!

Ail não queiras os restos do banquete!
Não queiras êsse leito conspurcado!
Sabes? meu beijo te manchara os lábios
Num beijo profanado.

A flor do lírio de celeste alvura
Quer da luciola o pudico afago...
O cisne branco no arrufar das plumas
Quer o aljôfar do lago.

E' tarde! A rôla meiga do deserto
Faz o ninho na moita perfumada...
Rôla de amor! não vás ferir as asas
Na ruína gretada.

Como o templo, que o crime encheu de espanto,
Êrmo e fechado ao fustigar do norte,
Nas ruínas desta alma a raiva geme...
E cresce o cardo — a morte —.

Ciúme! dor! sarcasmo! — Aves da noite!
Vós povoais-me a solidão sombria,
Quando nas trevas a tormenta ulula
Um uivo de agonia!...

.....
E' tarde! Estrêla d'alva! o lago é turvo,
Dançam fogos no pântano sombrio.
Pede a Deus que dos céus as cataratas
Façam do brejo — um rio!

Mas não!... Sòmente as vagas do ³¹⁷⁸ sepulcro
Hão de apagar o fogo que em mim arde...
Perdoa-me, Senhora!... Eu sei que morro...
E' tarde! E' muito tarde!...

Rio de Janeiro, 3 de Novembro de 1869.

A MEU IRMÃO GUILHERME DE CASTRO ALVES

Na cordilheira altíssima dos Andes ³¹⁷⁹
Os Chimborazos solitários, grandes,
Ardem naquelas hibernais regiões.
Ruge embalde e fumege a solfatera...
E' dos lábios sangrentos da cratera
Que a avalanche vacila aos furacões.

A escória rubra com os geleiros brancos
Misturados resvalam pelos flancos
Dos ombros friorentos do volcão...
.....

Assim, Poeta, é tua vida imensa,
Cerca-te o gêlo, a morte, a indiferença...
E são lavas lá dentro o coração.

Currallinho, Junho de 1870.

QUANDO EU MORRER

Eu morro, eu morro. A matutina brisa
Já não me arranca um riso. A fresca tarde
Já não me doura as descoradas faces
Que gélidas se encovam.

JUNQUEIRA FREIRE

Quando eu morrer... não lancem meu cadáver
No fôssco de um sombrio cemitério...
Odeio o mausoléu que espera o morto
Como o viajante dêsse hotel funéreo.

Corre nas veias negras dêsse mármore
Não sei que sangue vil de messalina,
A cova, num bocejo indiferente,
Abre ao primeiro a bôca libertina.

Ei-la a nau do sepulcro — o cemitério...
Que povo estranho no porão profundo!
Emigrantes sombrios que se embarcam
Para as plagas sem fim do outro mundo.

Tem os fogos — errantes — por santelmo.
Tem por velame — os panos do sudário...
Por mastro — o vulto esguio do cipreste.
Por gaivota — o môcho funerário...

Ali ninguém se firma a um braço amigo...
Do inverno pelas lúgubres noitadas...
No tombadilho indiferentes chocam-se
E nas trevas esbarram-se as ossadas...

Como deve custar ao pobre morto
Ver as plagas da vida além perdidas,
Sem ver o branco fumo de seus lares
Levantar-se por entre as avenidas!...

Oh! perguntai aos frios esqueletos
Porque não têm o coração no peito...
E um dêles vos dirá: — Deixei-o há pouco
De minha amante no lascivo leito. —

Outro: — Dei-o a meu pai. Outro: Esqueci-o
Nas inocentes mãos de meu filhinho... —
Meus amigos! notai... bem como um pássaro
O coração do morto volta ao ninho!...

S. Paulo, Março de 1869.

UMA PÁGINA DE ESCOLA REALISTA

DRAMA CÔMICO EM QUATRO PALAVRAS

A tragédia me faz rir; a comédia me faz chorar.
E o drama? Nem rir, nem chorar...

(Pensamento de CARNIOLI)

CENÁRIO

A alcova é fria e pequena,
Abrindo sôbre um jardim.
A tarde frouxa e serena
Já desmaia para o fim.
No centro um leito fechado
Deixa o longo cortinado
Sôbre o tapête rolar...
Há, nas jarras deslumbrantes,
Camélias frias, brilhantes,
Lembrando a neve polar.
Livros esparsos por terra,
Uma harpa caída além;
E essa tristeza que encerra
O asilo onde sofre alguém.
Fitas, máscaras e flores,
Não sei que vagos odores
Falam de amor e prazer.
Além da frouxa penumbra
Um vulto incerto ressumbra
— O vulto de uma mulher.

Vous, qui volez là-bas, légères hirondelles
Dites-moi, dites-moi, pourquoi vais je mourir.

MUSSET

MÁRIO (*no leito*).

E' tarde! é tarde! Abri-me estas cortinas,
Deixai que a luz me acaricie a fronte!...
Ó sol, ó noivo das regiões divinas,
Suspende um pouco a luz neste horizonte!

SÍLVIA (*abrindo a janela*).

Da noite o frio vento te regela
O mórbido suor...

MÁRIO

Oh! que me importa?
A tarde doura-me o suor da fronte...
— Último louro desta vida morta!

Crepúsc'lo! mocidade! natureza!
Inundai de fulgor meu dia extremo...
Quero banhar-me em vagas de harmonia,
Como no lago se mergulha o remo!

E que amôres que sonham as esferas!
A brisa é de volúpia um calafrio.
A estrêla sai das fôlhas do infinito,
Sai dos musgos o verme luzidio...

Tudo que vive, que palpita e sente,
Chama o par amoroso para a sombra.
O pombo arrula — preparando o ninho,
A abelha zumba — preparando a alfombra.

As trevas rolam como as tranças negras,
Que a Andaluza desmancha em mago enleio;
E entre rendas sutis surge medrosa
A lua plena, qual moreno seio.

Abre-se o ninho... o cálice... o regaço...
Anfitrite, corando, aguarda o noivo...

(*Longa pausa*).

E tu também esperas teu espôso,
Ó morte! ó moça, que engrinalda o goivo!

SÍLVIA (*à meia-voz, acompanhando-se na guitarra*).

Dizem as moças galantes
Que as rôlas são tão constantes...
Pois será?
Que morrendo-lhe os amantes,
Morrem de fome, arquejantes,
Quem dirá?

Dizem sábios arrogantes
Que nestas terras distantes,
Não por cá,
Sôbre piras fumegantes
Morrem viúvas constantes,
Pois será?

Não creio nos navegantes,
Nem nas histórias galantes
Que há por lá.
Fome e fogueiras brilhantes
Cá não há...
Mas inda morrem amantes
De saudades lacerantes.
Quem dirá?

(*Aos últimos harpejos cai-lhe uma lágrima*).

MÁRIO (*vendo-a chorar*).

Sílvia! Deixa rolar sôbre a guitarra,
Da lágrima a harmonia peregrina!
Sílvia! cantando — és a mulher formosa!
Sílvia! chorando — és a mulher divina!

Oh! lágrimas e pérolas! — aljôfares
Que rebentais no interno cataclismo,
Do oceano — êste dédalo insondável!
Do coração — êste profundo abismo!

Sílvia! dá-me a beber a gôta d'água,
Nessa pálpebra roxa como o lírio...
Como lambe a gazela o brando orvalho
Nas largas fôlhas do deserto assírio.

E quando est'alma desdobrando as asas
Entrar do céu na região serena,
Como uma estrêla eu levarei nos dedos
Teu pranto sideral, ó Madalena!...

SÍLVIA (*tem-se ajoelhado aos pés do leito*).

Meus prantos sirvam apenas
P'ra umedecer teus cabelos,
Como da corça nos velos
Fresco orvalho a resvalar!

P'ra molhar a flor que aspire
 Rolem prantos de meus olhos,
 P'ra atravessar os escolhos
 Meus prantos manda rolar!...

Meus prantos sirvam apenas
 P'ra a terra, em que tu pisares,
 P'ra a sêde, em que te abrasares,
 Terás meu sangue, Senhor!
 Meus prantos são óleo humilde ³¹⁸⁰
 Que eu derramo a tuas plantas...

(Mário estende-lhe os braços).

Mas se acaso me levantas
 Meus prantos dizem-te amor!...

MÁRIO *(tendo-a contra o seio).*

Sentir que a vida vai fugindo aos poucos
 Como a luz que desmaia no ocidente...
 E boiar sôbre as ondas do sepulcro,
 Como Ofélia nas águas da corrente...

Sentir o sangue espadanar do peito,
 — Licor de morte — sôbre a bôca fria,
 E meu lábio enxugar nos teus cabelos,
 Como Rola nas tranças de Maria,

De teus braços fazer o diadema
 De minha vida que desmaia insana,
 Esquecer o passado em teu regaço,
 Como Byron aos pés da Italiana;

Em teu lábio, molhado e perfumoso,
 O licor entornar de minha vida...
 Escutar-te nas vascas da agonia,
 Como Fausto as canções de Margarida!...

Eis como eu quero — na embriaguez da morte...
 Do banquete no chão pender a fronte...
 Inda a taça empunhando de teus beijos
 Sob as rosas gentis de Anacreonte!...

(A noite tem descido pouco a pouco, o luar penetrando pela alcova alumia o grupo dos amantes).

SÍLVIA

Que palidez, meu poeta,
 Se estende na face tua!...

MÁRIO

São os raios descorados,
 Os alvos raios da lua.

SÍLVIA

Mas um suor de agonia
 Teu peito ardente tressua...

MÁRIO

São os orvalhos, que descem
 Ao frio clarão da lua.

SÍLVIA

Que mancha é esta sangrenta,
 Que no teu lábio flutua?

MÁRIO

São as sombras de uma nuvem
 Que tolda a face da lua!

SÍLVIA

Como teus dedos esfriam
 Sôbre minha espádua nua!...

MÁRIO *(distraindo).*

Não vês um anjo, que desce,
 No frouxo clarão da lua?...

SÍLVIA

Mário? Não vês quem te chama?...
 Tua amante... Sílvia... a tua...

MÁRIO *(desmaiando).*

Ê a morte que me leva
 Num frio raio da lua!...

(O poeta cai semimorto sôbre o leito. No espasmo sua mão contraída prende uma trança da moça).

SÍLVIA

Teus brandos dedos fecharam
 De meu cabelo a madeixa,
 Tua amante não se queixa...
 Bem vês... cativa ficou.
 Mas não se prende o desejo
 Que n'alma acaso se aninha!...
 Nunca vistes a andorinha,
 Que alegre o fio quebrou?

(Ouve-se um relógio dar horas).

Já! tão tarde! E embalde tento
 Abrir-te os dedos fechados,
 Como frios cadeados,
 Que o teu amor me lançou.
 Porém se aqui me cativas,
 Minh'alma foge-te asinha...
 Nunca vistes a andorinha,
 Que alegre o fio quebrou!...

(Debruça-se a escrever numa carteira).

"Paulo! Vem à meia-noite...
 Mário morre! Mário expira!
 Vem que minh'alma delira
 E embalde cativa estou..."

MÁRIO *(que tem lido por cima de seu ombro).*

Sílvia! a morte abre-me os dedos, ³¹⁸¹
 És livre, Sílvia... caminha!

(morrendo).

Minh'alma é como a andorinha,
 Que alegre o fio quebrou.

COUP D'ÉTRIER

É preciso partir! Já na calçada
Retinem as esporas do arrieiro;
Da mula a ferradura taxeadas
Impaciente chama o cavaleiro; 3182
A espaços ensaiando uma toada
Sincha as bêstas o lépido tropeiro...
Soa a celeuma alegre da partida,
O pajem firma o loro e empunha a brida.

Já do largo deserto o sôpro quente
Mergulha perfumado em meus cabelos.
Ouço das selvas a canção cadente
Segredando-me incógnitos anelos.
A voz dos servos pitoresca, ardente,
Fala de amôres férvidos, singelos...
Adeus! Na fôlha rôta de meu fado
Traço ainda um — adeus — ao meu passado.

Um adeus! E depois morra no olvido
Minha história de luto e de martírio,
As horas que eu vaguei louco, perdido
Das cidades no tétrico delírio;
Onde em pântano turvo, apodrecido
D'íntimas flores não rebenta um lírio...
E o drama das noites no prostíbulo
É mártir — alma... a saturnal 3183 — patíbulo!

Onde o Gênio sucumbe na asfixia
Em meio à turba alvar e zombadora;
Onde Musset suicida-se na orgia,
E Chatterton na fome aterradora!
Onde, à luz de uma lâmpada sombria,
O Anjo-da-Guarda ajoelhado chora,
Enquanto a cortesã lhe apanha os prantos
P'ra realce dos lúbricos encantos!...

Abre-me o seio, ó Madre Natureza!
Regaços da floresta americana,
Acalenta-me a mádida tristeza
Que da vaga das turbas espadana.
Troca dest'alma a fria morbidez
Nessa ubérrima seiva soberana!...
O *Pródigo*... do lar procura o trilho...
Natureza! Eu voltei... e eu sou teu filho!

Novo alento selvagem, grandioso
Trema nas cordas desta frouxa lira.
Dá-me um plectro bizarro e majestoso,
Alto como os ramais da sicupira.
Cante meu gênio o dédalo assombroso
Da floresta que rugem e que suspira,
Onde a víbora lambe a parasita...
E a onça fula o dorso pardo agita!

Onde em cálix de flor imaginária
A cobra de coral rola no orvalho,
E o vento leva a um tempo o canto vário
D'araponga e da serpe de chocalho...
Onde a soidão é o magno estradivário...
Onde há músculos em fúria em cada galho,
E as raízes se torcem quais serpentes...
E os monstros jazem no ervaçal dormentes.

E se eu devo expirar... se a fibra morta
Reviver já não pode a tanto alento...
Companheiro! Uma cruz na selva corta
E planta-a no meu tôcco monumento!...
Da chapada nos ermos... (o qu'importa!)
Melhor o inverno chora... e geme o vento
E Deus para o poeta o céu desata
Semeado de lágrimas de prata!...

Curralinho, 1 de Junho de 1870.

HINOS DO EQUADOR 3184

DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM

I

“Treme, treme, dissoluta,
Ímpia filha de Sião!
Que a tua devassidão
Provoca a ira de Deus;
Povo e rei, todos profanam
Do Senhor os vasos santos,
A Baal se entoam cantos!
Como se ultrajam os céus?!...”

“O rei poluto se entrega
Ao prazer das saturnais;
Nas orgias infernais
Dorme o seu povo também.
Escarneceste o profeta,
Desprezaste a Jeremias?
Pois sim!... por bem curtos dias
Tu serás Jerusalém.

“Teus palácios majestosos,
Teus senhores dissolutos,
Pelo vício já corruptos,
Hão de cair fulminados;
Tuas donzelas mimosas,
E teus filhos, sem auxílio
Da escravidão, no exílio
Morrerão aferrolhados.

“Treme! treme! dissoluta,
Filha ingrata de Sião!
Que a tua condenação,
Já lavrou-a o Senhor Deus...
Assim falava inspirado
O profeta ao rei, ao povo,
Que o escarneciam de novo,
Ouvindo os decretos seus.

II

Lá nas orlas do horizonte
Sutil fumo se condensa;
Cresce, e em nuvem negra, imensa,
Sobe aos céus em caracol.
À terra atroam medonhos
Confusos tropéis ruidosos.
Os corcéis rincham fogosos;
Brilha o ferro à luz do sol.

Alarma! alarma! tremendo,
Os vigias de Sião
Gritam, reina a, confusão,
Corre o povo alvoroado;
Alarma! surge o inimigo,
Ameaçando as muralhas
Pelo furor das batalhas
Trazendo o crânio queimado.

À frente ousado e terrível
Vem Nabucodonosor;
Nos seus olhos o furor
Fuzila; brandindo a lança,
Ergue o férreo braço irado,
De sangue e morte sedento;
E mais veloz do que o vento,
Galopa a bradar — vingança!

Trava-se a luta medonha.
Do inimigo o duro ferro,
Como a cascata do sêro,
Tudo aniquila, veloz;
Emaranham-se os guerreiros,
Geme o sabre na couraça,
É tudo luto e fumaça,
Troveja do horror a voz.

Sobem aos céus os clamores
Das mulheres e crianças,
Que, sob o império das lanças,
Lastimam a triste sorte;
Jorra o sangue pelas praças,
De mortos juncam-se as ruas,
Em corpos e espáduas nuas
Tropeça o que escapa à morte.

Mas não basta o extermínio
À vingança do Senhor;
Do cativo na dor
Não basta gemer Sião;
Infernal chama se ateia.
Devasta os tetos pomposos,
E os castelos majestosos
E o templo de Salomão.

III

E a nivelar-se ao pó foi a princesa
A formosa cidade de Sião;
Como tomba do monte o altivo cedro
Ao desabrido sôpro do tufão.

Silêncio sepulcral estende as asas
Sôbre a vasta ruína, fumegante,
Quebrado apenas pelo grito agudo
Da andorinha, sem ninho, vaga, errante.

Negro véu, como crepe de finado,
Caiu pesado, como noite escura,
Sôbre o solo, que há pouco adormecia
Na soberba, opulência e formosura.

Do viajante os olhos não encontram
Senão negros vestígios de cidade;
Foi Sião, que findou-se, como um ninho
Arrancado ao tufão da tempestade.

Jerusalém na febre dos prazeres
A voz não quis ouvir de Jeremias;
Pois sim!... mas viu bem cedo realizadas
Do profeta sombrio as profecias.

E em vez do canto ardente das orgias,
Só se ouviam as aves de rapina;
Os povos converteram-se em argila. 3185
Sião? — ei-la — confusa e vasta ruína!!!

Recife — 1862.

PESADÊLO

(POEMETO)

I

O "RENDEZ-VOUS"

Era uma noite perfumada e lânguida.
Contava a brisa amôres à folhagem.
Da lua num olhar voluptuoso
Envolvia-se cândida paisagem.
Quais lágrimas do céu, brancos orvalhos
Trementes penduravam-se dos galhos.

E as flores suspiravam molemente
Da brisa ao receber os doces beijos.
E o mar batia tímido nas praias
Qual seio de donzela a arfar desejos.
E nuvens lá no céu brancas passavam,
Como garças formosas que adejavam.

Quebrando a solidão longínquo canto
Trouxe a brisa de terno bandolim,
Voluptuoso, ardente e delicado,
Como d'harpa de etéreo serafim.
E o canto — todo amôres — todo gôzo —
Ia ecoando belo e languoroso.

Era José — o trovador ardente,
Que o silêncio da noite perturbava.
Era o bardo formoso, apaixonado
Que a Andaluza fogosa fascinava.
Pálido o rosto, negro o seu cabelo,
Olhar cheio de luz... Ele era belo.

Depois calou-se a voz... Como essas fadas
Que à noite, quando voa a fantasia,
Vemos, sentimos belas, vaporosas,
— Anjos que o ideal sômente cria; —
Tal ou mais linda, abrindo uma janela,
Surge uma virgem fascinante e bela.

Era um rosto formoso de madona,
Voava-lhe a madeixa destrançada.
E o seio que tremia, — pelas rendas
A lua olhava louca, apaixonada.
Tinha um pé que invejara uma criança.
Bem feliz quem ao peito lhe descansa!..

Depois uns lábios férvidos se uniram, 3186
Entre beijos dois nomes de escutaram!...
Dois nomes e mil beijos amorosos
Nos lábios as palavras encerraram...
Dois nomes em que a vida tôda s'ia...
Dois poemas de santa poesia...

E a porta após rodou por sobre os quícios,
E a murmurar deixou passar o amante...
Sòmente um terno e lânguido suspiro
Ouvi trazer a brisa sussurrante...
E a lua então num lânguido desmaio
Ciumenta lançou o último raio...

II

O ASSASSINO

Uma noite era negro o firmamento,
Monótona caía fria chuva,
E a terra envôlta em véu de densas trevas
Parecia chorosa uma viúva;
Só as aves da noite regeladas
Gritando se escondiam nas moradas.

Trazia o vento o silvo da rajada
Que lúgubre zunia nos pinheiros,
Trazia gritos pávidos, medrosos,
Talvez dalguns perdidos caminheiros,
E no embate co'a bronca penedia,
O mar sinistro e tétrico rugia.

De um lampeão à luz incerta e vaga
Um vulto negro e triste s'enchergava;
Coberto do capote e do *sombrero*,
O rosto macilento só mostrava...
Mas dalgum raio ao brilho repentino
Conheceríeis Jorge — o libertino —

Que fazes, Jorge, a estas horas mortas?
A noite está tristonha e friorenta;
Vai aquecer da prostituta ao colo
De libertino a frente macilenta.
Vai esaldar esta alma morta e fria
Aos beijos do *cognac* qu'incendia.

Vai... Quando a alma s'enjoa dêste mundo
Sempre descrente, acerbo de ironia,
O *cognac* nos dá formosos mundos,
Castelos encantados de poesia.
E entre um gol' de *cognac* e uma fumaça
Em ditoso delírio a vida passa.

Mas Jorge está mais lúgubre e sombrio
Que o mármore dum túmulo mais calado,
Parece o seu olhar mais turvo e frio,
O sulco do sobrolho mais cavado,
Ai! Jorge... Vais unir ao libertino
A covardia infame do assassino...

E êle pouco esperou. Saudoso canto,
Que suspirava ao longe, aproximou-se,
E o canto era mais terno e mais sentido
Qu'o último som do cisne que finou-se;
Era um canto em que atroz pressentimento
Segredava ao mancebo o passamento.

Um momento depois um grito agudo
Triste uniu-se da noite à voz sombria...
Foi um grito sòmente e após ouviu-se
O convulso estertor de um'agonia...
A noite se estendeu como um sudário
Do cantor sobre o leito funerário.

Sòmente após a fulva luz de um raio
Veríeis uma virgem linda e nua...
Tremia de terror, ouvira o grito...
'Stava pálida e branca como a lua,
E quando viu o amante — de amargura
Tornou-se a estátua pasma da loucura.

III

A LOUCA

Laura, onde vais? Sòzinha a tais desoras
O vento há de gelar-te a branca pele.
Como tremes convulsa, e que sorriso!
Que chamas teu olhar ardente expele!
Laura, onde vais? Os pés nus, delicados,
Não maltrates nos seixos orvalhados.

Mulher, a quem procuras a estas horas?
Donzela, porque sais tão alta noite?
Não vês como aparecem mil fantasmas?
Não sentes da geada o frio açoite?
E das aves da noite o triste pio
Não faz por ti correr um calafrio?...

E ela seguia muda e taciturna,
Nas rochas machucando o pé divino.
Parecia sonâmbula perdida,
Autômato a seguir o seu destino.
Arfava o peito em ânsias ofegante,
Seu olhar era fixo e fascinante.

E seguia... e seguia... e nem ao menos
Parava um só momento no caminho;
Não sentia rasgarem-se-lhe as vestes
De incultos ervaçais no duro espinho,
O gênio da vingança é que a impelia...
Como o Judeu errante ela seguia...

IV

A ENTREVISTA NO TÚMULO

Era um triste lugar. Entre ciprestes,
Que a custo balançavam a ramagem,
Onde só pr'a gemer tristes endechas
Passava regelada e fria a aragem,
Num esquife entreaberto está deitado
Um cadáver de moço abandonado.

E entregue às intempéries... sem amigos, ³¹⁸⁷
Sem ter quem vá ali chorar um pranto,
Tu, que cantaste os sentimentos puros,
Q'encontraste no mundo um doce encanto,
Tu dormes, sonhador, já macilento,
Entregue aos vermes vis, pôsto ao relento.

E esta frente onde o gênio se inflamava,
Donde brotava ardente a poesia,
E os lábios que disseram sons cadentes,
Que ensinava-te alegre a fantasia,
São hoje como a lâmpada sem lume, —
Harpa sem cordas, — flores sem perfume.

Ninguém vem te chorar. Não, dentre as sombras
Uma sombra passou branca e ligeira,
Os ramos do arvoredado estremeceram,
Espantada voou a ave agoureira.
Quem perturba esta lúgubre morada?
Uma mulher... É Laura, apaixonada.

E ela chegou-se rindo e soluçando
C'um rir entre medonho e entre formoso,
Seus lábios tressuavam de ironia
Ao mesmo tempo de inocente gôzo.
Junto ao verde cadáver ajoelhou
E com os lábios ardentes o beijou.

Depois sentou-se triste junto ao esquife
E as passadas cantigas recordando,
Nos dedos frios, trêmulos, nervosos,
Co'os cabelos do amante ia brincando;
Co'a outra mão sôbre o morto regelado
Pôs um longo punhal ensangüentado.

"Durmamos, disse ela, ó meu amante!
Não vês? Eu tenho as mãos ensangüentadas.
Este sangue é de Jorge, é do assassino,
Durmamos; tuas cinzas 'stão vingadas".
...Então beijou-o louca em devaneio
E recostou-lhe a fronte ao frio seio...

V

OS DOIS CADÁVERES

E depois quando a aurora ergueu-se linda,
Viu a louca a embalar no seio o amante,
Cantando mil cantigas e o beijando
Sempre amorosa, triste e delirante...
Mas a lua co'os raios desmaiados
Viu dois mortos unidos, abraçados...

Recife, Maio de 1863.

MEU SEGRÊDO

À SENHORA D * * *

I

Eu tenho dentro d'alma o meu segrêdo
Guardado como a pérola do mar,
Oculto ao mundo como a flor silvestre
Escondida no vale a vicejar.

Eu guardo-o no meu peito... É meu tesouro,
Meu único tesouro desta vida,
— Sonho de fantasia — flor efêmera,
Uma nuvem, talvez, no céu perdida...

Mas que importa? É uma crença de minh'alma
— Gôta do orvalho d'alva da existência,
Última flor, que vive aos raios mornos
Do sol de amor na quadra da inocência.

Só, quando a terra dorme solitária
E ergue-se à meia-noite, branca, a lua,
E a brisa geme cantos de tristeza
Na rama do pinheiro que flutua;

E quando o orvalho pende do arvoredado,
Que se debruça p'ra beijar o rio
E as estrêlas no céu cintilam lânguidas
— Pérolas sôltas de um colar sem fio;

Então eu vou sentar-me sôbre a relva,
Eu vou sonhar meus sonhos ao relento,
E só conto o segrêdo de minh'alma
Das horas mortas ao tristonho vento.

II

Eu sei como êste mundo ri de escárnio, ³¹⁸⁸
Dêste aéreo sonhar da fantasia,
Eu sei... P'ra cada crença de noss'alma,
Êle tem uma frase de ironia...
Ah! deixai-me guardar o meu segrêdo!
Dêste riso cruel eu tenho mêdo...

Meu segrêdo? É o canto de poesia
Que suspirou saudoso o gondoleiro,
Que vai morrer gemente sôbre as praias;
— Da despedida pranto derradeiro,
Mais aéreo que as vozes da sereia,
Alta noite sentada sôbre a areia.

Meu segrêdo? É o soluço d'alma triste
Que conta sua dor à brisa errante;
É o pulsar tresloucado de meu peito
A repetir um nome delirante;
Indeciso anelar de edêneo gôzo,
Castelo que eu criei vertiginoso.

Criei-o numa noite não dormida,
Após vê-la entre tôdas — rainha;
Criei-o nestas horas de delírio,
Em que sentira em fogo a fronte minha
E o sangue galopava-me nas veias,
E o cérebro doía-me de idéias...

E quem na vida não amara um dia?
E nunca despertara ao som de um beijo?
Quem nunca na vigília empalecera,
Ao seguir com o pensar louco desejo?
Quem não sonhara ao colo voluptuoso
Da sultana louçã morrer de gôzo?

Uma noite tentei fechar as pálpebras,
Debalde revolvi-me sôbre o leito...
A alma adejava em fantasias d'ouro,
Arfava ardente o coração no peito.
A imagem que eu seguia? É meu segrêdo!
Seu nome? Não o digo... tenho mêdo.

Ai! dói muito calar dentro em noss'alma
Êste anelar fremente de desejos!
Ai! dói muito calar o róseo sonho
Que sonhamos: — dormir entre mil beijos
Num seio que de amor todo estremece,
Quando o olhar de volúpias esmorece...

Dói muito... mas dói mais uma ironia,
Quando adeja o pensar no firmamento.
Dói muito... mas dói mais um desengano,
Quando se vive só de um sentimento,
Quando o peito cifrou sua esperança
Em beijar da mulher a negra trança.

Que loucura! Aos teus lânguidos olhares,
 Beber, louco de amor, seiva de vida...
 Sorver perfume em teus cabelos negros,
 Sentir a alma de si mesma esquecida...
 E, de gôzo de amar louco, sedento,
 Viver a eternidade num momento!

Que ventura! Sorver co'os lábios trêmulos
 Em teus lábios — de amor o nome santo...
 Que ventura! Fitar-te os negros olhos
 Desmaiados de amor e de quebranto...
 E, reclinada a frente no teu seio,
 Sentir lânguido arfar em doce enleio...

Mas que louco sonhar... Ó minha amante,
 Que nunca nos meus braços desmaiaste,
 Quem nem sequer de amor uma palavra
 Dos meus lábios em fogo inda escutaste,
 Perdoa êste sonhar vertiginoso!
 Foi um sonho do peito deliroso!

E, se um dia, entre as cismas de tu'alma,
 Minha imagem passar um só momento,
 Fita meus olhos, vê como êles falam
 Do amor que eu te votei no esquecimento:
 Recorda-te do moço que em segrêdo
 Fêz-te a fada gentil de um sonho ledoo...

Recorda-te do pobre que em silêncio
 De ti fêz o seu anjo de poesia,
 Que tresnoita cismando em tuas graças,
 Que por ti, só por ti, é que vivia,
 Que tremia ao roçar de teu vestido,
 E que por ti de amor era perdido...

Sagra ao menos uma hora em tua vida
 Ao pobre que sagrou-te a vida inteira,
 Que em teus olhos, febril e delirante,
 Bebeu de amor a inspiração primeira,
 Mas que de um desengano teve mêdo,
 E guardou dentro d'alma o seu segrêdo!

Recife, Junho de 1863.

CANSAÇO

O náufrago nadou por longas horas...
 Na praia dorme frio num desmaio.
 A fôrça após a luta abandonou-o,
 Do sol queimou-lhe a face ardente raio.

Pois eu sou como o nauta... Após a luta
 Meu amor dorme lânguido no peito.
 Cansado... talvez morto, dorme e dorme
 Da indiferença no gelado leito.

Sôbre as asas velozes a andorinha
 Maneira se lançou nos puros ares...
 Veio após o tufão... lutou debalde,
 Mas em breve boiou por sôbre os mares.

Eu sou como a andorinha... Ergui meu vôo
 Sôbre as asas gentis da fantasia;
 A descrença nublou-me o céu da vida...
 E a crença estrebuchou numa agonia.

Como as flores de estufa que emurchecem
 Lembrando o céu azul do seu país,
 Minha alma vai morrendo, suspirando
 Por seus perdidos sonhos tão gentis.

E que durma... E que durma... Ó virgem santa,
 Que criou sempre pura a fantasia,
 Só a ti é que eu quero que te sentes
 Ao meu lado na última agonia.

Recife, 7 de Outubro de 1863.

NOITE DE AMOR

(RECITATIVO)

Passava a lua pelo azul do espaço
 De teu regaço
 A namorar o alvor!
 Como era terna no seu brando lume...
 Tive ciúme
 De ver tanto amor.

Como de um cisne alvinitentes plumas
 Iam as brumas
 A vagar nos céus,
 Gemia a brisa — perfumando-a a rosa —
 Terna, queixosa
 Nos cabelos teus.

Que noite santa! Sempre o lábio mudo
 A dizer tudo,
 A suspirar paixão... 3189
 De espaço a espaço — um fervoroso beijo
 E após o pejo
 E tu dizias — "Não!..."

Eu fui a brisa, tu me fôste a rosa,
 Fui mariposa
 — Tu me fôste a luz!
 Brisa — beijei-te; mariposa — ardi-me,
 E hoje me oprime
 Do martírio a cruz.

E agora quando na montanha o vento
 Geme lamento
 De infinito amor,
 Busco debalde te escutar as juras
 Não mais venturas...
 Só me resta a dor.

Seria um sonho aquela noite errante?...
 Diz', minha amante!...
 Foi real... bem sei...
 Ai! não me negues... Diz-me a lua, o vento
 Diz-me o tormento...
 Que por ti penei!

S. Salvador — 1863.

A CANÇÃO DO AFRICANO 3189

Lá na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão...
De um lado, uma negra escrava
Os olhos no filho crava,
Que tem no colo a embalar...
E à meia-voz lá responde
Ao canto, e o filhinho esconde,
Talvez p'ra não o escutar!

“Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o sol vem;
Esta terra é mais bonita,
Mas à outra eu quero bem!

“O sol faz lá tudo em fogo,
Faz em brasa tóda a areia;
Ninguém sabe como é belo
Ver de tarde a *papa-ceia!*”

“Aquelas terras são grandes,
Tão compridas como o mar,
Com suas poucas palmeiras
Dão vontade de pensar...

“Lá todos vivem felizes,
Todos dançam no terreiro;
A gente lá não se vende
Como aqui, só por dinheiro.”

O escravo calou a fala,
Porque na úmida sala
O fogo estava a apagar;
E a escrava acabou seu canto,
P'ra não acordar com o pranto
O seu filhinho a sonhar!

.....

O escravo então foi deitar-se,
Pois tinha de levantar-se
Bem antes do sol nascer,
E se tardasse, coitado,
Teria de ser surrado,
Pois bastava escravo ser.
E a cativa desgraçada
Deita seu filho, calada,
E põe-se triste a beijá-lo,
Talvez temendo que o dono
Não viesse, em meio do sono,
De seus braços arrancá-lo!

Recife — 1865.

FRAGMENTO

Há flores tristes, que nascendo à noite
Só tem o açoite
Do cruento sul, 3190
E sem que um raio lhes alente a seiva,
Rolam na leiva
De seu vil paul.

Eu sou como elas. A vagar sòzinho
Sigo um caminho
De ervaçais e pó. 3191
A luz de esperança bruxuleia a custo,
Tremo de susto,
De morrer tão só.

1864.

AOS ESTUDANTES VOLUNTÁRIOS

POESIA RECITADA NO TEATRO DE SANTA ISABEL
NA NOITE DO OFERECIMENTO DA ACADEMIA.

O céu é alma... O relâmpago
E' uma idéia de luz,
Que pelo crânio do espaço
Perpassa, brilha, reluz...
Depois o trovão — é o verbo.
Segue-o o raio — gládio acerbo,
Que se desdobra soberbo
Pelo páramos azuis.

Ação e idéia — são gêmeos.
Quem as pudera apartar?...
O fato — é a vaga agitada
Do pensamento — que é o mar...
Cisma o oceano curvado,
Mas da procela vibrado,
Solta as crinas indomado,
Parece o espaço escalar.

Assim sois vós!... Nem se pense
Que o livro enfraquece a mão.
Troca-se a pena com o sabre,
Ontem — Numa... Hoje — Catão...
E' o mesmo... Se a pena é espada
Por mão de Homero vibrada, 3192
Com o gládio — epopéia ousada —
Traça os mundos — Napoleão...

Que importa os raios trovejem
Nas florestas do existir.
Parti, pois! Homens do livro!
Podeis ousados partir!
Pois sereis..., vindo com glória,
Ou morrendo na vitória,...
Homens do livro da História
Dessa Bíblia do porvir!

Recife — 1865.

CAPRICHOS

Ai! quando
Brando
Vai o vento
Lento
À lua
Nua
Perpassar sutil;

E a estrêla
 Vela,
 E sôbr'a linfa
 A ninfa
 Suspira,
 Mira
 O divinal perfil;

Num leito
 Feito
 De cheirosas
 Rosas,
 Risonhos
 Sonhos
 Sonharemos nós;

Revoltos,
 Soltos
 Os cabelos
 Belos, 3193
 Vivace
 A face, 3914
 Tremulante a voz.

Cantos
 E prantos
 Que suspira
 A lira,
 A alfombra,
 A sombra,
 Encontrarei p'ra ti;

Celuta,
 Escuta
 De meu seio
 O enleio...
 Vem, linda,
 Ainda
 Há solidões aqui.

Recife — 1865.

EXORTAÇÃO

Donzela bela, que me inspira à lira
 Um canto santo de fervente amor,
 Ao bardo o cardo da tremenda senda
 Estanca, arranca-lhe a terrível dor.

O triste existe qual a pedra medra,
 Rosa saudosa do gentil jardim,
 Qual monge ao longe já no claustro exausto, 3195
 Qual ampla campa a proteger-lhe o fim.

O triste existe em sofrimento lento,
 Vive, revive p'ra morrer depois...
 Morre — assim corre a atribulada estrada
 Da vida qu'rida, soluçando a sós.

Fada encantada, em teu regaço lasso,
 Viajante errante, deixa-me pousar;
 Lírio ou martírio, abre teu seio a meio,
 Estrêla bela, vem-me enfim guiar.

Ao mundo imundo, *não entrega*, nega
 Tantos encantos dos amôres teus,
Compreende, entende-te a vertigem, virgem,
 Sòmente a *mente do poeta e Deus*.

Desta alma a palma de risonhos sonhos,
 Da mente ardente a inspiração do céu
 O vate abate às tuas plantas santas,
 Altivo e vivo, sendo escravo teu.

1865

MARTÍRIO

A linda morena que, louco, adorava,
 Que em sonhos beijava, tremendo de amor,
 Não viu meus amôres, descreu do meu canto,
 Sorriu do meu pranto, com riso traidor.

Cismava — era ela o meu bom pensamento;
 Meu anjo da guarda nas noites de insônia,
 O meu sentimento si louco sentia;
 Meu doce favônio si a espr'ança nascia.

E sempre eu a via: no céu seus encantos,
 Na brisa os seus cantos julgava escutar,
 Na noite o negrume dos negros cabelos,
 Seus olhos tão belos no belo luar.

Mas foi um delírio de louca miragem
 Formosa paisagem do amor que sonhei...
 A rosa *que dei-lhe*, queimada de beijos,
 Serviu aos desejos de alguém? oh! não sei...

Mulher, sim, não rias do pobre, do triste!
 Porque 3196 não cuspiste na pobre da flor?
 Mas fundo desprezo mostrar-me quiseste,
 Ludíbrio fizeste de mim, dêste amor...

Pois bem; eu não posso deixar de adorar-te...
 Quem pode escapar-te, quem pode esquecer-te?
 Desprezos não matam amôres tão santos,
 Só posso meus prantos p'ra sempre esconder-te.

Despreza-me, virgem, minh'alma te implora!
 Verás nessa hora que chama de amor!
 E cada suplício que sofre minh'alma
 E' mais uma palma da c'roa da dor.

1865.

NÃO SABES

Quando alta noite n'amplidão flutua
 Pálida a lua com fatal palor,
 Não sabes, virgem, 3197 que eu por ti suspiro
 E que deliro a suspirar de amor.

Quando no leito entre sutis cortinas
 Tu te reclinas indolente aí,
 Ai! Tu não sabes que sòzinho e triste
 Um ser existe que só pensa em ti.

Lírio dest'alma, sensitiva bela,
És minha estrêla, meu viver, meu Deus.
Se olhas — me rio, se sorris — me inspiro,
Choras — deliro por martírios teus.

E tu não sabes dêste meu segrêdo, ³¹⁹⁸
Ah! tenho mêdo do teu rir cruel!...
Pois se o desprezo fôsse a minha sorte
Bebera a morte neste amargo fcl.

Mas dá-me a esperança num olhar quebrado, ³¹⁹⁹
Num ai magoado, num sorrir do céu,
Ver-me-ás dizer-te na febril vertigem:
"Não sabes, virgem? Meu futuro é teu!" ³²⁰⁰

Bahia, 11 de Novembro de 1865.

PENSAMENTO DE AMOR

Quero viver de esperança,
Quero tremer e sentir!
Na tua trança cheirosa
Quero sonhar e dormir.

A. DE AZEVEDO

O' pálida madona de meus sonhos,
Doce filha dos cerros de Engandi! ³²⁰¹
Vem inspirar os sonhos do poeta,
Rosa branca da lira de Davi.

Todo o amor que em meu peito repousava,
Como o orvalho das noites ao relento,
A teu seio elevou-se, como as névoas,
Que se perdem no azul do firmamento.

Aqui... além... mais longe, em tôda a parte,
Meu pensamento segue o passo teu.
Tu és a minha luz, — sou tua sombra,
Eu sou teu lago, — se tu és meu céu.

Lá, no teatro, ao som das harmonias,
Vendo-te a frente altiva e peregrina...
Eu apertava o seio murmurando:
"Oh! mata-me de amor, mulher divina!"

À tarde, quando chegas à janela,
A trança sôlta, onde suspira o vento,
Minha alma te contempla de joelhos...
A teus pés vai gemer meu pensamento.

Inda ontem, à noite, no piano
Os dedos teus corriam no teclado;
Que, às carícias destas mãos formosas,
Gemia e suspirava apaixonado.

Depois cantaste... e a ária suspirosa
Veio n'alma acender-me mais desejos;
Dir-se-ia que essas notas eram doces
Como sussurro de amorosos beijos.

Oh! diz'me, diz'me, que ainda posso um dia
De teus lábios beber o mel dos céus;
Que eu te direi, mulher dos meus amôres:
— Amar-te ainda é melhor do que ser Deus!

Bahia — 1865.

A EUGÊNIA CÂMARA

Ainda uma vez tu brilhas sôbre o palco,
Ainda uma vez eu venho te saudar...
Também o povo vem rolando aplausos
Às tuas plantas mil troféus lançar...

Após a noite, que passou sombria,
A estrêla d'alva pelo céu rasgou...
Errante estrêla, se lutaste um dia,
Vê como o povo o teu sofrer pagou...

Lutar!... que importa, se afinal venceste?
Chorar!... que importa, se afinal sorris?
A tempestade se não rompe a estátua
Lava-lhe os pés e a triüñfal cerviz.

Ouves o aplauso dêste povo imenso,
Lava, que irrompe do popular vulcão?
E' o bronze *rubro*, que ao fundir dos bustos
Referve ardente do porvir na mão.

O povo... o povo... é um juiz severo,
Maldiz as trevas, abençoa a luz...
Sentiu teu gênio e rebraniu soberbo:
— P'ra ti altares, não do poste a cruz.

Que queres? Ouve! — são mil palmas férvidas,
Olha! — é o delírio, que prorrrompe audaz.
Pisa! — são flores, que tu tens às plantas, ³²⁰²
Toca na frente — coroadas estás.

Descansa, pois, como o condor nos Andes,
Pairando altivo sôbre terra e mar,
Pousa nas nuvens p'ra arrogante em breve
Distante... longe... mais além voar.

Recife — 1866.

SONHO DA BOÊMIA

DAMA NEGRA

I

Vamos, meu anjo, fugindo,
A todos sempre sorrindo,
Bem longe nos ocultar,
Como Boêmios errantes
Alegres e delirantes
Por tôda a parte a vagar.

II

Há tanto canto na terra
Que uma vida inteira... encerra...
É que vida!... Um céu de amor!
Seremos dois passarinhos...
Faremos os nossos ninhos
Lá onde ninguém mais fôr.

III

Uma casinha bonita,
Lá na mata que se agita
Do vento ao mole soprar,
Com as fôlhas sêcas da selva, ³²⁰³
Com o lençol verde da relva, ³²⁰⁴
Oh! quanto havemos de amar!...

I V

De manhã, inda bem cedo,
Hás de acordar, anjo ledô,
Junto do meu coração...
Ao canto alegre das aves
As nossas canções suaves,
Quais preces se ajuntarão.

V

Passearemos à sesta, ³²⁰⁵
Sonharemos na floresta,
Sempre felizes, meus Deus!...
Nalguma lânguida esteira
Quanta cantiga faceira
Ouvirei dos lábios teus...

V I

E à noite no mesmo leito, ³²⁰⁶
Reclinada no meu peito, ³²⁰⁷
Hei de ouvir os cantos teus...
Por cada estrofe bonita
No teu seio, que palpita,
Terás cem beijos... Por Deus!

V I I

Farei poesias ou versos
Aos teus olhinhos perversos,
Aos teus pêzinhos, meu bem!
Tu cantarás, ó Manola,
Aquela moda espanhola
Que tantos requebros tem!

V I I I

Depois... que lindas viagens...
Veremos novas paisagens,
No sul, no norte, onde fôr...
Voando sempre, querida,
Co'a primavera da vida,
Co'a primavera do amor...

I X

Vamos, meu anjo, fugindo,
A todos sempre sorrindo
Bem longe nos ocultar.
Como Boêmios errantes
Que repetem delirantes
"P'ra ser feliz basta amar!"

Recife — 1866.

HORAS DE MARTÍRIO

DAMA NEGRA

De dia na soidão seguir-te os passos,
De noite vigiar-te à luz da alâmpada,
Ser quem amas, e a sombra com quem sonhas
Eis minha eternidade!

MACIEL MONTEIRO

Quando longe de ti eu vegeto
Nestas horas de largos instantes,
O ponteiro, que passa os quadrantes, ³²⁰⁸
Marca séc'los, s'esquece de andar.

Fito o céu — é uma nave sem lâmpada.
Fito a terra — é uma várzea sem flores.
O universo é um deserto de dores, ³²⁰⁸
A madona não brilha no altar.

Então lembro os momentos passados,
Então lembro tuas frases queridas,
Como o infante que as pedras luzidas,
Uma a uma desfia na mão.
Como a virgem, que as jóias de noiva,
Conta alegre a sorrir de alegria,
Conto os risos, que deste-me um dia.
Que rolaram no meu coração.

Me recordo o lugar onde estavas...
O rugir de teu lindo vestido,
Como as asas de um anjo caído
Quando roçam as flores do val...
Vejo ainda os teus olhos quebrados, ³²⁰⁸
Este olhar de tão fúlgidos raios,
Este olhar, que me mata em desmaios, ³²⁰⁹
Doce, terno, amoroso, fatal...

Tuas frases... são garças, que voam,
E' meu peito — o seu cândido ninho...
Teus amôres — a flor do caminho,
Que eu apanho, viajante do amor.
Quer os cardos me firam as plantas,
Quer os ventos me açoitem a fronte,
Dou-lhe orvalho — do pranto na fonte,
Dou-lhe sol — do meu peito no ardor.

Oh! se Deus algum dia orgulhoso
O seu livro infinito volvesse,
E nas letras de estrêlas relesse
Seu passado nas fôlhas azuis, ³²¹⁰
Não teria o orgulho que tenho,
Quando o abismo dest'alma sondando,
No infinito de amor me abismando
Eu me engolfo num pego de luz...

Teu amor... teu amor me engrandece,
Dá-me fôrças nos transes da vida,
E a borrasca fatal, insofrida,
Faz-me dó, faz-me rir de desdém...
Se eu cair, — rolarei no teu seio...
Se eu sofrer, — ouvirei o teu canto!
Sentirei nos meus dias de pranto
Que inda longe de mim — vela alguém!

Meu amor... Meu amor é um delírio...
E' volúpia, que abrasa e consome. ³²¹¹
Meu amor é uma mescla sem nome.
Ês um anjo, e minh'alma — um altar.
Oh! meu Deus! manda ao tempo, que fuja,
Que deslizem em fio os instantes,
E o ponteiro, que passa os quadrantes,
Marque a hora em que a possa beijar.

Convento de S. Francisco no Recife, Julho de 1866.

AMAR E SER AMADO

(FRAGMENTO)

Amar e ser amado! Com que anelo, ³²¹²
Com quanto ardor êste adorado sonho
Acalentei em meu delírio ardente
Por essas doces noites de desvêlo!

Ser amado por ti, o teu alento
 A bafejar-me a abrasadora fronte!
 Em teus olhos mirar meu pensamento,
 Sentir em mim tu'alma, ter só vida
 P'ra tão puro e celeste sentimento:
 Ver nossas vidas quais dous mansos rios,
 Juntos, juntos perderem-se no oceano —,
 Beijar teus dedos em delírio insano,
 Nossas almas unidas, nosso alento,
 Confundido também, amante — amado —
 Como um anjo feliz... que pensamento!?

AMEMOS!

DAMA NEGRA

A cette terre, où l'on ploie
 Sa tente au déclin du jour,
 Ne demande pas la joie;
 Contente-toi de l'amour!

Dans ce monde de mensonges,
 Moi, j'aimerai mes douleurs,
 Si mes rêves sont tes songes,
 Si mes larmes sont tes pleurs.

V. HUGO

Porque tardas, meu anjo! oh! vem comigo.
 Serei teu, serás minha... E' um doce abrigo
 A tenda dos amôres!
 Longe a tormenta agita as penedias...
 Aqui, ao som de errantes harmonias,
 Se adormece entre flores.

Quando a chuva atravessa o peregrino,
 Quando a rajada a galopar sem tino
 Açoita-lhe na face,
 E em meia noite, em cima dos rochedos,
 Rasga-se o coração, ferem-se os dedos,
 E a dor cresce e renasce...

A porta dos amôres entreaberta
 E' a cabana erguida em plaga incerta,
 Que ampara do tufão...
 O lábio apaixonado é um lar em chamas,
 E os cabelos, rolando em espadanas,
 São mantos de paixão.

Oh! amar é viver... Dêste amor santo
 — Taça de risos, beijos e de prantos
 Longos sorvos beber...
 No mesmo leito adormecer cantando...
 Num longo beijo despertar sonhando...
 Num abraço morrer.

Oh! amar é ser Deus!... Olhar ufano
 O céu azul, os astros, o oceano
 E dizer-lhes: ³²¹³ sois meus!
 Fazer que o mundo se transforme em lira,
 Dizer ao tempo: não... tu és mentira,
 Espera que eu sou Deus!

Amemos! pois. Se sofres terei prantos,
 Que não de rolar por terra tantos, tantos,
 Como chora um irmão.
 Hei de enxugar teus olhos com meus beijos,
 Escutarás os doces rumorejos
 D'ave, do coração.

Depois... hei de encostar-te no meu peito,
 Velar por ti — dormida sôbre o leito,
 Bem como a luz no altar.
 Te embalarei com uma canção sentida,
 Que minha mãe cantava enternecida
 Quando ia me embalar.

Amemos, pois! P'ra ti eu tenho n'alma
 Beijos, prantos, sorrisos, cantos, palmas...
 Um abismo de amor...
 Sorrisos de uma irmã, prantos maternos,
 Beijos de amante, cânticos eternos,
 E as palmas do cantor.

Ah! fôra belo unidos em segrêdo,
 Juntos, bem juntos... trêmulos de mêdo,
 De quem entra no céu;
 Desmanchar teus cabelos delirante,
 Beijar teu colo... Oh! vamos minha amante,
 Abre-me o seio teu.

Eu quero teu olhar, de áureos fulgores,
 Ver desmaiar na febre dos amôres,
 Fitos... fitos em mim.
 Eu quero ver teu peito intumescido, ³²¹⁴
 Ao sôpro da volúpia arfar erguido...
 O oceano de cetim...

Não tardes tanto assim... Esquece tudo...
 Amemos, porque amar é um santo escudo,
 Amar é não sofrer.
 Eu não posso ser de outra... Tu és minha. ³¹²⁵
 Almas que Deus uniu na balsa edínea
 Não de unidas viver.

Meu Deus!... Só eu comprêndo as harmonias,
 De tua alma sublime... as melodias
 Que tens no coração.
 Vem! Serei teu poeta, teu amante...
 Vamos sonhar no leito delirante
 No templo da paixão.

Recife, Julho de 1866

TRIPLICE DIADEMA

NO ÁLBUM DE EUGÊNIA CÂMARA

O eterno estatuário do infinito
 Pega um dia do mármore... e sacode
 Qual Fídias o cinzel,
 Cava o buril abismos de beleza...
 Surge a forma sutil como de Haidéia
 — Deus se fêz Rafael.

Contempla o Eterno sua obra e pasma...
 Pensa e medita... após mergulha os dedos
 Em abismos de luz...
 — Pega uma estrêla, pousa-te na fronte. ³²¹⁶
 Deu-te o poder de devassar os orbes
 E os páramos azuis...

O que é mais do que a estrêla e o gênio?... O anjo!
 Ouve-se além da terra, se levanta
 Um gemido de dor.
 Qual de Pigmaleão, de Deus um pranto
 Rolou no seio da Madona pálida...
 Foi a gôta do amor...

Tens a beleza de uma Vênus grega!
Tens o gênio de Safo, ardente, mística!
De um anjo o coração!
Só tu cinges o *triplice diadema*,
— A beleza nas formas, — n'alma o gênio
— E no seio a paixão.

Recife, Agosto de 1866.

FATALIDADE

DAMA NEGRA

Que fatalidade, meu Pai!

ALVARES DE AZEVEDO

Adeus! adeus! ó meu extremo abrigo!
Adeus! eu digo-te a chorar de dor!
É o derradeiro suspirar das crenças
Que se despedem das visões do amor...

Pálido e triste atravessei a vida
Sempre orgulhoso, concentrado e só!...
É que eu sentia que um fadário estranho
Meus sonhos todos reduzia a pó.

Mas tu vieste... E acreditei na vida...
Abri os braços... caminhei p'ra luz...
E a borboleta da fatal crisálida
Soltou as asas pelos céus azuis.

O tronco morto — refloriu de novo, ³²¹⁷
Ergueu-se vivo, perfumado, em flor, ³²¹⁸
Abençoando a primavera amiga...
Ai! primavera de meu santo amor!

Porém que importa, se há fadários — negros,
Frontes — voltadas do sepulcro ao chão...
Pedras coladas de um abismo à beira...
Astros sem norte, de um cruel clarão...

Quem mostra o trilho ao viajor das sombras?
Quem ergue o morto que esfriou o pó?
Quem diz à pedra que não desça o pego?
Quem segue a estrela desgraçada e só?

Ninguém!... Na terra tudo vai... gravita
Lá para o ponto que lhe marca Deus.
Os raios tombam — as estrelas sobem!...
Lutar co'a sorte — é combater os céus!

"Vai! pois, ó rosa, que em meu seio, outrora, ³¹²⁹
Acalentava a suspirar e a rir...
Deixas minh'alma como um chão deserto,
Vai! flor virente! mais além florir...

"Vai! flor virente! no rumor das festas,
Entre esplendores, como o sol, viver
Enquanto eu subo — tropeçando incerto —
Pelo patíb'lo — que se diz sofrer!...

Que resta ao triste, sem amor, sem crenças?
— Seguir a sina... se ocultar no chão...
... Mas, quando, estrela! pelo céu voares,
Banha-me a lousa de feral clarão!...

Recife, Outubro de 1866.

POETA

Meditar é trabalhar. Pensar é obrar.
O olhar fito no céu é uma obra.

V. HUGO

L'univers est le temple, et la terre l'autel.
Les cieux en sont le dôme; et les astres sans nombre
Sont les sacrés flambeaux pour ce temps allumés.

LAMARTINE

Poeta, às horas mortas que o cálice azulado
— Da etérea flor — à noite — debruça-se p'ra o
[mar,

E a pálida sonâmbula, cumprindo o eterno fado,
As gazas transparentes espalha do luar,

Eu vi-te ao clarão trêmulo dos astros lá n'altura
Pela janela aberta às virações azuis,
— A amante sôbre o peito sedento de ternura,
A mente no infinito sedenta só de luz.

Perto do candelabro teu Lamartine terno
À tua espera abria as fôlhas de cetim;
Mas tu lias no livro, onde escrevera o Eterno
Letras — que são estrêlas — no céu — fôlha sem
[fim —

Cismavas... de astro em astro teu pensamento errava
Rasgando o reposteiro da sêda azul dos céus;
E teu ouvido atento... em êxtase escutava
Nas virações da noite o respirar de Deus.

O oceano de tua alma, do crânio transbordando,
Enchia a natureza de sentimento e amor,
As noites eram ninhos de amantes s'ocultando,
O monte — um braço erguido em busca do Senhor.

Nas selvas, nas neblinas o olhar visionário
Via s'erguer fantasmas aqui... ali... além,
P'ra ti era o cipreste — o dedo mortuário
Com que o sepulcro aponta no espaço ao longe...
[alguém. ³²²⁰

No cedro pensativo, que a sós no descampado
Geme e goteja orvalhos ao sópro do tufão,
Vias um triste velho — sôzinho, desprezado, ³²²¹
Molhando a barba em prantos co'a frente para o
[chão.

Aqui — ondina louca — vogavas sôbre os mares —
Ali — silfo ligeiro — na murta ias dormir,
Anjo — de algum cometa, que vaga pelos ares
Na cabeleira fúlgida brincavas a sorrir.

Sublime panteísta, que amor em ti resumes,
Sentes a alma de Deus na criação brilhar!
Perfume — tu subias, de um anjo entre os perfumes,
Ave do céu — nas nuvens teu ninho ias buscar.

Canta, poeta, os hinos, com que o silêncio acordas,
A natureza — é uma harpa prêsas nas mãos de Deus.
O mundo passa... e mira o brilho dessas cordas...
E o hino?... O hino apenas chega aos ouvidos teus.

Todo o universo é um templo — o céu a cúpula
[imensa,
Os astros — lampas de ouro no espaço a cintilar,
A ventania — é o órgão que enche a nave extensa,
Tu és o sacerdote da terra — imenso altar.

Rio de Janeiro, Fevereiro de 1868.

PESADÉLO DE HUMAITÁ 3222

POESIA RECITADA NO RIO DE JANEIRO

I

Ao som dos rinchos dos cavalos bravos,
Que soltos passam nos sertões remotos,
Ao múrmur triste do cativo rio
Que solta gritos sepulcrais, ignotos;
Acorda um dia Humaitá sentindo
Que a morte vibra-lhe o pesado arnês.
Treme-lhe o manto dos *gerais* extensos,
E o vil tirano se lhe agarra aos pés.

II

“Quem é que acorda a cidadela enorme
Que a testa cinge de fatais ameias?”
Brada arrogante do deserto a espôsa,
Sentindo o sangue lhe correr nas veias.
“Dizei, condores, que voais do norte!
Dizei, ó ventos, que do céu rompeis!
Porque é que a brisa em meu broquel soluça
E o vil tirano se me agarra aos pés?”

III

“Silêncio! Escuta! lhe responde trêmulo.
Silêncio! diz-lhe do deserto a voz.
Silêncio! É êle... — o Brasileiro Atlante,
De um grande povo a legião feroz.
Desceu dos Andes... da Bahia altiva...
De Guanabara — esta mansão de reis...
Treme, ó cidade!... Se o Brasil caminha
O vil tirano se lhe agarra aos pés...”

IV

Como o viajante da *legenda Hebraica*,
Na terra imprime o gigantesco passo,
D’Átila monta no ginete fero...
São-lhe as batalhas do caminho o traço.
Se pisa o Prata — Riachuelo brilha,
Se estende o braço — Uruguaiiana fêz.
Oh! vibre o pulso o derradeiro golpe,
E o vil tirano se lhe agarra aos pés”.

V

Eis já no fumo os batalhões s’entestam,
Sôlto o estandarte no combate novo...
Trincheiras, fortes, baluartes quebram-se,
Ao férreo embate de um potente povo,
É um raio — a esquadra... As legiões retumbam,
Ruge a refrega com seus mil tropéis...
...Bravol... Vitória!... Viva o povo imenso,
O vil tirano há de beijar-lhe os pés!

VI

Fere êstes ares, estandarte invicto!
Povo, abre o peito para nova vida!
Talvez agora o pavilhão da pátria
Açoite altivo Humaitá rendida.

Sim! pela campa dos soldados mortos;
Sim! pelo trono dos heróis, dos reis;
Sim! pelo berço dos futuros bravos
O vil tirano há de beijar-lhe os pés.

Rio, Março de 1868.

ELEGIA

(LAMARTINE)

Colham-se as rosas na manhã da vida;
Ao menos no fugir da primavera,
Das flores os perfumes se respirem.
O peito se franqueie aos castos gozos;
Amemos sem medida, ó cara amante!

Quando o nauta, no meio da tormenta,
Vê o frágil baixel quase a afundar-se,
Às praias que deixou dirige as vistas,
E tarde chora a paz que ali gozava.
Ah! quanto dera por volver o triste
Aos amigos da aldeia, ao lar paterno,
E de novo passar junto à que adora
Dias talvez sem glória, mas tranqüilos!

Assim um velho, curvo ao pêso d’anos,
Da mocidade, em vão, os tempos chora;
Diz: “Volvei-me essas horas profanadas
De que eu, ó céus, não soube aproveitar-me”.
Só lhe responde a morte; os céus são surdos,
E inflexíveis o arrojaram ao sepulcro,
Não consentindo que se abaixe ao menos,
A apanhar essas flores desprezadas.

Amemos, vida minha!
E riamos do afã que os homens levam
Atrás de um fumo vão que lhes consome
Metade da existência, espedaçada
Em sonhos e quimeras.

Não invejemos seu orgulho estéril;
Deixemos à ambição os seus castelos;
Mas nós, da hora incertos,
Tratemos de esgotar da vida a taça, 3223
Enquanto as mãos a empunham.

Quer os louros nos cinjam,
E, nos fastos sangrentos de Belona,
Nosso nome se inscreva em bronze e mármore;
Quer da singela flor que as belas colhem
Se entrance a humilde c’roa,
Vamos todos saltar na mesma praia.

De que val, no momento do naufrágio,
Em pomposo galeão ir navegando,
Ou num batel ligeiro,
Solitário viajante,
Ter só junto da margem bordejado? 3224

PENSO EM TI 3225

Eu penso em ti nas horas de tristeza
Quando rola esperança emurchecida... 3226
Nas horas de saudade e morbidez
Ai! Só tu és minha ilusão querida. 3227
Eu penso em ti nas horas de tristeza.

Vê quanta sombra me escurece o seio!
Que palidez sombria no meu rosto!
Tu és a única luz da treva em meio, 3228
Tu és a minha estrêla do sol pôsto...
Contigo a sombra não me tolda o seio.

Quando a teus pés o meu viver s'escoa,
Esqueço a minha sorte, o meu martírio,
Minh'alma como a pomba em sangue voa
Para ir se abrigar à tua, ó lírio,
Quando a teus pés o meu viver s'escoa...

Bendito o riso dêsses lábios túmidos!
Bendito o meigo olhar tão peregrino!
Como o sol abre a flor nos campos úmidos, 3229
Crenças desperta o teu divino olhar...
E o riso, o riso dêsses lábios túmidos.

Ai! volvel volve peregrina estrêla...
Minh'alma é o templo de um amor suave. 3230
À tua espera o lampadário vela...
À tua espera perfumou-se a nave...
Ai! volvel volve peregrina estrêla!

PALAVRAS DE UM CONSERVADOR A PROPÓSITO
DE UM PERTURBADOR

(PARÁFRASE DE V. HUGO)

Seria sonho ou não?... Depois vós me direis...
Um homem... era um grego, era um persa, um
[chinês,
Ou judeu?... eu não sei... tão sòmente me lembro
Que era um ente verídico e grave, que era membro
Do partido da ordem...

E êle dizia então:
"Esta morte jurídica imposta a um charlatão,
Ferindo êste anarquista é soberana e justa...
Faz-se mister que a ordem e a autoridade augusta
Defendam-se... Tais cousas hoje ninguém discute.
Depois, se a lei existe é para que se execute...
Verdades santas há de origem tão divina
Que devem sustentar-se até na guilhotina.

"Êste inovador pregava a filosofia
Do amor e do progresso... histórias... utopia!
Ria do nosso culto antigo e namorado.
Era um dêstes p'ra quem nada existe sagrado
Nem respeitam jamais o que o mundo respeita...

"P'ra lhes inocular doutrina assaz suspeita
Êle ia procurar nos bordéis crapulosos,
Boieiro e pescador, patifes biliosos,
Imundo povilhêu não tendo eira nem beira...
E entre canalha tal pregava de cadeira.
Jamais se dirigia aos homens de dinheiro,
Aos sábios, aos honrados, ao honesto banqueiro.

"Anarquizava as massas... e com dedos p'ra o ar
Enfermos e feridos entendia curar
Contra a letra da lei.

Não pára aí o horror...
Ressuscitava os mortos... êste vil impostor
Tomava nomes falsos e falsas qualidades
E errando ora nos campos, ora pelas cidades,
Ouviam-no dizer: "Podeis me acompanhar!

"Ora, falai, senhor. Não é mesmo excitar
Uma guerra civil entre os concidadãos?
Via-se ir ter com êle horrorosos pagãos,
Que dormiam nos fossos e acompanhar-lhe o rastro:
Um coxo, outro com o ôlho escondido no emplastro, 3231
Outro surdo, outro envôlto em pústulas tenazes.

Vendo êste feiticeiro andar com tais sequazes
O homem de bem entrava em casa envergonhado...
"Um dia... eu já nem sei quando isto foi passado,
Numa festa... pegou de um chicote, imprudente!
E se pôs a expelir, mas muito brutalmente,

Gritando e declamando, honestos mercadores,
Que vendiam ali pássaros, aves, flores,
E outras coisas, que mesmo o clero permitia,
E de cujo produto uma parte auferia.

"Uma mulher sem brio seguia-lhe na trilha.
"Êle ia perorando, abalando a família,
A santa religião e a sociedade,
Decependo a moral e a propriedade.

"O povo o acompanhava, e o campo estava inculto
Era ousado de mais... Chegava o seu insulto
Até ferir o ricol...
E revoltava o pobre.

Sempre, sempre a dizer que todos que o céu cobre,
São irmãos, são iguais... que não há superiores,
Nem grandes, nem pequenos, ou servos, ou senhores,
E que o fruto é comum...

Té ao clero insultava!...
Bem vê, bem vê, senhor, que êste homem blas-
[femava.

E tudo isto era dito assim em meio à rua,
A uma canalha vil, grosseira, imunda e nua.
Preciso era acabar, as leis eram formais...
Foi, pois, crucificado..."

Ouvindo frases tais
Ditas com tão singela e adocicada voz...
Eu sorpreso exclamei: "Senhor, mas quem sois
[vós? 3232
Êle me respondeu: "Preciso era um exemplo;
Eu me chamo Elisab, sou escriba do templo..." 3233
"Porém de quem falais?... Dizei-me... de quem
[é?" 3234

"Meu Deus! dêste vadio... Jesus de Nazaré." 3235

S. Paulo, 1 de Agosto de 1868.

A OLÍMPIO
(DE V. HUGO)

O amigo que inda tens nos dias de amargura
Um dia contemplava os teus martírios santos...
E enquanto êle falava o teu sorrir sublime
Mesclava-se a seus prantos:

I

"Eis-te pois tu, ³²³⁶ que outrora o povo admirava
De virtudes vestido, ³²³⁷
Fanado, sem raiz, tombado num declive,
Como um cedro abatido.

"Eis-te pois, sob os pés de infindos invejosos,
E de homens zombadores,
Tu, cuja frente altiva acostumava à sombra
As fronte superiores.

"Tua fôlha está no pó, tua raiz austera
Exposta aos olhos seus.
Ah! ³²³⁸ não tens nada mais — abrigado na terra,
Desbrochado nos céus.

"Mancebo, conservaram-te o olhar austero, a fronte
Tão calma e radiante!
Teu nome era daqueles a quem se curvam todos
Mas hoje... neste instante

"Os maus, que haviam vindo estrefegar-te a vida,
Morderam-na em furor,
E as multidões então correram à porfia,
P'ra ver-te o inferior.

"Com grito de alegria, as chagas te contaram,
As dores e aflições,
Como contam moedas em cima de uma pedra,
Num antro de ladrões.

"No teu renome casto, útil de bons exemplos,
Já nada mais reluz,
Babado em traços mil pelos reptis nojentos,
Que evitam sempre a luz.

"A luz do nome teu — facho visível sempre
Que aclara a população
Junto à estrada real, tua vida é o alvo exposto
Ao primeiro que passa.

"Onde vão flechas mil morder uma após outra
Da noite no negror
Teu peito buscam todos. — Um visa tua glória, ³²³⁹
O outro — teu amor.

"Tua reputação, que nós vimos esplêndida,
Bem vês neste momento,
Dispersa-se e lá vai na voz do vulgo imundo.

Como uma fôlha ao vento.

"Tua alma, que tomavam ind'ontem p'ra o direito
E o dever arbitrar,
Hoje é como a taverna, onde quem quer à tarde
Vem no vidro espisar.

"P'ra ver na mesa vil a orgia enrouquecida
Que fala sem caminho,
Que derruba estridente almas cheias de brigas
— Copos cheios de vinho.

"Teus inimigos vis tomaram teu destino
E quebraram-no em flor.
Fizeram-te da glória às tascas arrastada
A tua maior dor.

"Puseram-te pelo avêso a veste, cujo lustro
Enchia-os de furor.
Fizeram-te co'a púrpura (a mesma) vil d'ilustre
Galé — de Imperador.

"Ninguém mais te defende. É-lhes mesmo uma
[glória]
Teu sombrio revez.
Quando falam de ti, sacodem a cabeça
E dizem: "Vós sabeis!..."

"Todos os corações p'ra te odiar se ajuntam
E todos te hão largado. ³²⁴⁰
Teus amigos lá vão tristes, como quem mostra
Um templo arruinado.

II

[³²⁴¹
"Mas ai! p'ra quem compreender esta alma grave,
Tu és inda maior.
Tua vida agora tem, vencendo mil tropeços, ³²⁴²
Da torrente o rumor.

"Todos que aos dias teus sublimes, tempestuosos
Se aproximam sem medo,
Voltam dizendo após, que sôbre ti pendidos
Viram abismos tredos.

"Mas talvez que através das ondas dêste pego, ³²⁴³
Dêste peito profundo,
Pudesse descobrir a pérola — inocência
Olhando para o fundo.

"Param nos nevoeiros, em que tua alma velas...
Mas eu que hei visto assaz,
Eu sei que encontrariam um céu cheio de estrêlas
Se caminhassem... mais.

"E que importa depois que o mundo te bloqueie
Com verbos turbulentos,
E mescle-se teu nome aos flocos de neblina
Soltos aos quatro ventos!

"Que sabem êles mais? Silêncio! Que direito
Temos para julgar, ³²⁴⁴
Nós que não vemos além ou cá na terra
Sem nos ajoelhar?

"A certeza! ai! insanos que nós somos!
Crendo em nossa razão...
Ela não pára mais no espírito do homem
Que a onda em sua mão!...

"Ela molha um momento, ³²⁴⁵ após infiel s'escoa
E depois... maldição!
Ninguém pode saciar no resto que inda encontra
Lábios, nem coração!

"A aparência de tudo engana, e nos fascina...
O céu tem luz?... tem luto
Nada absoluto... O fruto encerra uma raiz
E a raiz... um fruto.

"O mesmo objeto faz no vosso rosto angústias, ³²⁴⁶
No meu serenidade.
Tôda coisa na terra é por um lado sombra,
Por outro claridade.

"A nuvem carregada, espanto do marujo,
Que a vela mal abriga,
Para o trabalhador, que vê crestado o campo,
É o saco da espiga.

"P'ra julgar um destino, é fôrça conhecer-lhe
O fundo misterioso. ³²⁴⁷
O que hoje em lôdo jaz talvez que tenha em breve
Asas no céu formoso.

"Est'alma se transforma... em breve desabrocha...
E rasteja e vegeta.
Agora larva informe... e amanhã desde a aurora
— Brilhante borboleta.

III

"Entanto sofres tu... tu em quem a ironia
Esgota suas setas, ³²⁴⁸
Tu que vês que te segue e morde-te a calúnia
Nas chagas mais secretas.

"Tu foges a sangrar e penetrando à sombra
Por teu flanco rasgado,
Como um poço escuro a tristeza em tua alma
Gôta a gôta filtrado.

"Foges, leão ferido, às solidões ³²⁴⁹ mais êrmas
P'ra ler no teu destino;
E a tarde vem te achar na posição que tinhas
Ao fulgor matutino.

"Lá, ³²⁵⁰ procurando a sombra aonde esqueces
Estas guerras tacanhas, ³²⁵¹
Pensando às vèzes só, da aurora ao pôr do sol, ³²⁵²
Na forma das montanhas;

"Atento olhando o rio, as moitas estreladas,
O campo envolto em véus;
Das ervas não pisadas atento à virgindade,
E à beleza dos céus;

"Ou então contemplando, em uma praia austera,
O esquife entregue às vagas;
Que foge espedaçando o fio que prende a alma
Do marinheiro às plagas.

"Fitando a frente verde e as tétricas narinas
Dos antros tenebrosos,
E a planta, que ao roer das vibrações marinhas
Torce os braços nodosos...

"E o oceano imenso, onde se inclina a vela,
Onde o sol vai tombando, ³²⁵³
O oceano a respirar, como respira um peito,
Se enchendo e se abaixando;

"Ou do alto mar, pejado de rumores,
Ou nos bosques profusos...
Enlaças teu espírito às grandes harmonias,
Cheias de sons confusos,

"Que vão o mundo inteiro abraçando, desde a água
À serpe que chocalha,
Que tôda a voz engrossa e que no pensamento
A natureza espalha.

IV

"Consola-te, poeta, um dia, talvez breve,
Êles t'hão de voltar.
E verão que aparece altiva exposta ao sol
Tua frente a brilhar.

"Os pontos conspurcados em teus lauréis man-
[chados
Limpos, limpos, enfim
Como o soalho serão, que lavam com cuidado
Após largo festim.

"Em vão teus inimigos armaram todo o mundo
Com o rir cáustico e tredo, ³²⁵⁴
Em vão no pó da estrada espalham como água
Do teu ser o segrêdo.

"Embalde lançaram sua humilhada raiva
Em teu nome mordido.
Como cão que inda apanha a carne já largada
De um osso já roído.

"Não, não hão de vencer os homens, que te cercam,
De laços tenebrosos;
Êles hão de passar, como os fogos, que passam
Nos juncos paludosos.

"Que importa te arremessem ódios que os demônios
Atiram sempre a um Deus?
Um sôpro, um sôpro só lhes matará nos lábios
A luz dos verbos seus.

"E hão de se esvaecer... e a multidão em júbilos
Verá, de olhar piedoso,
Surgir da mole vil, que amontoara a inveja,
Teu crânio majestoso.

"Entretanto olha em paz a multidão que esquece
Teu canto triüfnal
E que por tôda parte escoa e se derrama
Pela encosta do mal.

"Deixa a arrogância aí rojar no caos tão negro
Que um raio jamais viu;
O orgulho, cuja voz ruge maior na raiva
Como na enchente o rio;

"A bela sem amor que perde nossos passos, ³²⁵⁵
Mulher de olhos mestrados,
Cujo vestido a rastros é o laço onde se prendem
Os pés dos descuidados.

"E o retórico fogo e palavroso e altíssimo
Se nos vê escutando...
E êsses homens sem fé, sem crenças e sem bússola
Que vivem tacteando.

"E os lisonjeiros curvos, amáveis, familiares,
Frontes baixas, rasteiras,
E os vis ambiciosos que trepan uns nos outros
Bem como as trepadeiras.

"Não! o laço vulgar que prende a turba efêmera
Não te enleia em redor.
És grande. Eles são vis. Seu jugo é feito de ódio, 3256
O teu feito de amor.

"Nada tens de comum com êsse mundo ínfimo
De hábito matador,
Porque p'ra todos é um quadro gigantesco
Quando a mão do Senhor, 3257

"Longe do banal trilho onde se apinha a turba
Sobre alguma ilusão,
Emprega sobre o gênio a sublime chama
Que se chama — paixão.

"E quando êle acabou, tu, que o ódio feriu,
Tu disseste com a voz estremecida um tanto, 3258
Voz semelhante à sua e mais alta entretanto
Como se o grande mar falasse após o rio:

"Não me consoles, não, e não te aflijas muito...
Eu 'stou calmo, impassível.
Eu não olho jamais p'ra o mundo dêste mundo
Mas p'ra o mundo invisível.

"Os homens são melhores do que tu crês, amigo,
Mas é severo o fado.
Ele é que entorna fel ou vinho (como apraz-lhe)
No copo lapidado.

"Eu? Eu cismo escutando o salgueiral que geme,
Da cruz à superfície...
E o murmurar do rio, e o soluçar do sino
Num canto de planície.

"Colhendo a surda voz do passado que foge...
E dos carros de messe,
E o lastimar do junco e o rugitar que soltam
As moitas numa prece.

"Prestando ouvido ao mar, que nunca dormir
[pode, 3259
A névoa, ao canto alado...
Erro nas eminências, onde se ouve gemer
Tudo quanto há criado.

"Como um vaso no altar contemplo aceso o teto,
Cujos flocos ascendem.
E ao pôr do sol os fachos lá de cima, 3260
Todo o facho, que acendem.

Lá, como uma ave solta a pena ao tom das brisas,
Eu solto minha idéia,
Lá penso na desgraça humana e melhor ouço
A voz desta colmeia.

"Tudo que a vista alcança encaro comovido, 3251
Onda, terra e verdura, 3252
E o homem fito além — mago, misterioso,
Que atravessa a natura.

"Porque me lastimar? Todos a todo instante
C'roam de dor a fronte. 3263
Eu, sobre quem é noite, eu guardo tão somente,
[3264

Em meu negro horizonte,

"Como um raio da tarde além na serra escura, 3265
Um raio santo — o amor.
O amor, que doura ainda o que minh'alma tem
De mais puro e melhor.

"É certo! em meu passado austero, jovem crédulo
Nada sabendo a fundo,
Castelos de ouro fiz... como todos que fazem
Castelos neste mundo.

"Eu vi da vida as flores em tórno à minha frente
Brilharem tão formosas...
Mas quê... Julgas-me tu tão doudo que inda sonhe
Eternidade — em rosas?!...

"As ilusões que, infante, eu cri ter apanhado,
Agora estão ausentes.
E digo à felicidade o que o piloto diz
As praias decrecentes.

"Que importa? Lastimando a mulher, eu me abrigo
Na mais funda das calmas,
E vivo olhando fito o céu, por onde sobem
As asas e as almas.

"Deus divide o destino igual, igual em todos nós...
Fraco, forte ou poltrão.
Como um senhor reparte o trabalho, desd'alva...
A cada um seu quinhão.

"Sejamos grandes nós... Um coração que é grande
Semelha mesmo a Deus.
Cruzem-se a nossos pés a luz do sol, o raio, 3266
Estes clarões dos céus.

"Deixemos lá em baixo a tempestade horrísona
Que nos prende num elo.
E guardemos em cima a sã tranqüilidade
Como a montanha — o gêlo.

"Vai! Que nenhum mortal co'a paixão quebrar pode
Obstinada, sem tino,
Esta invisível lei — chamada expiação, 3267
E esta outra — Destino.

"Ai! Como quer que a chame insano orgulho
[humano
Que o eixo dela imola...
Roda imensa e fatal ela sobre Deus gira
E sobre o homem... rola!... 3268

S. Paulo, Agosto de 1868.

A BALADA DO DESESPERADO

(HENRI MURGER)

— Quem bate à porta a tais horas?
— Abre, sou eu. — Quem tu és?
Não se entra na minha casa
Tão tarde assim, bem o vês.

— Abre. — Teu nome? — Há geada,
Abre. — Teu nome? — És tardio!
— Qual é teu nome? — Ai, na cova
Um morto não tem mais frio.

Eu caminhei todo o dia
Do sul ao setentrião,
Ao pé da tua lareira
Quero sentar-me. — Inda não!

Diz' teu nome... — Eu sou a glória
E aspiro à posteridade...
— Passa, ³²⁶⁹ fantasma irrisório...
— Oh, ³²⁷⁰ dá-me hospitalidade!

Eu sou o amor e a esperança, ³²⁷¹
As duas porções de Deus...
— Segue a estrada... A minha amante
Há muito me disse adeus!

— Eu sou a arte e a poesia,
Proscreveram-me... Abre! — Não!
Já não canto minha amante,
Nem sei que nome lhe dão!...

— Abre, que eu sou a riqueza,
E trago do ouro o fulgor,
Posso dar-te a tua amante...
— Podes dar-me o seu amor?

— Sou o poder, tenho a púrpura.
Abre a porta! — Anelo vão!
Podes trazer-me a existência
Daqueles que já não são?!

— Se tu não abres teus lares
Senão a quem diz seu nome, ³²⁷²
Sou a morte! trago alívio
P'ra cada dor que consome!

Podes ver, ³²⁷³ trago na cinta
Ruidosas chaves fatais...
Abrigarei teu sepulcro
Do insulto dos animais.

— Entra, estrangeira funérea...
Perdoa à mendicidade,
Porque é no lar da miséria
Que tens hospitalidade.

Entra; cansei-me da vida
Que nada tem que me dar...
Há muito eu tinha desejos
(Não fôrça) de me matar!

Entra no lar, bebe e come,
Dorme, e quando despertares,
Para pagar tua conta, ³²⁷⁴
Hás de levar-me aos teus lares.

Eu te esperava, eu te sigo...
Vamos... arrasta-me... assim...
Mas deixa o meu cão na terra
P'ra eu ter quem chore por mim!

S. Paulo, 1868.

PÁSSARO VIAJANTE

(DE D. GUILLERMO GANA)

Pelo infinito errante
Sem norte, sem roteiro,
Que buscas, pobre pássaro viajeiro?

A terra está distante,
E o manto nebuloso
A noite expande pelo ar saudoso.

Que queres? Não deixaste
Teu ninho na ribeira?
Que buscas, pois, pela azulada esfera?

E vieste e cansaste...
Mas segue teu caminho,
É sina tua vaguear sòzinho?

Levas tantos pesares
E vais só, a chorar...
Ai! também vago longe de meu lar.

Errante pelos mares...
Sem norte, sem roteiro,
Como tu, pobre pássaro viajeiro!

O JUNCO E O CIPRESTE

(D. GUILLERMO GANA)

Ao lúgubre cipreste em voz plangente
O junco melancólico dizia:

— Que triste sorte a minha!
Ergui-me tão alegre e tão contente
Quando a alvorada vinha!

E já sem fôrça e já sem energia
Curvo a cabeça... E lânguido e sòzinho ³²⁷⁵
Sinto que vou morrer. Ah! porque a sorte, ³²⁷⁶
Dando-te vida, só me guarda morte?

E o cipreste dizia:
— A dor foi sempre eterna,
Mas a fortuna só perdura um dia!
E o junco respondia:
Em ti simbolizaram a tristeza,
Em mim sòmente o anelo
Dos que no amor esperam.
Como é que nunca dobras a cabeça,
Nem a raiva das chuvas e dos ventos
A côr sequer te alteram?

Daqueles que de tudo desesperam ³²⁷⁷
Para lembrar a lúgubre aflição,
Só existe uma côr, disse o cipreste...
E se jamais tu viste
Curvar minha folhagem para o chão...
É que desprezo o mundo baixo e triste
E mergulho a cabeça n'ampidão.

ADEUS

Je te bannis de ma mémoire,
Reste d'un amour insensé,
Mystérieuse et sombre histoire,
Qui dormiras dans le passé.
Et toi qui, jadis d'une amie,
Portas la forme et le doux nom,
L'instant suprême où je t'oublie,
Doit être celui du pardon.

A. DE MUSSET

Adeus! P'ra sempre adeus! A voz dos ventos
Chama por mim batendo contra as fragas,
Eu vou partir... em breve o oceano
Vai lançar entre nós milhões de vagas...

Recomeço de novo o meu caminho, ³²⁷⁸
Do lar deserto vou seguindo o trilho...
Já que nada me resta sôbre a terra
Dar-lhe-ei meu cadáver... sou bom filho!

Eu vim cantando a mocidade e os sonhos,
Eu vim sonhando a felicidade e a glória!
Ai! primavera que fugiu p'ra sempre,
Amor-escárnio!... lutulenta história!

Bem vês! Eu volto. Como vou tão rico...
Que risos n'alma! que lauréis na frente...
Tenho por c'roa a palidez da morte,
Fêz-se um cadáver — o poeta ardente!

Adeus! P'ra sempre adeus! Quando alta noite.
Encostado à amurada do navio...
As vagas tristes... que nos viram juntos
Perguntarem por ti num beijo frio,

Eu lhcs hei de contar a minha história.
Talvez me entenda êste sofrer do inferno
O oceano! O oceano imenso e triste,
O gigante da dor! o Jó eterno!

Fazia um ano. Era o dia
Do fatal aniversário...
Ergui-me da cova escura,
Sacudi o meu sudário...
Em meio aos risos e à festa
E às gargalhadas da orquestra,
Que eu tinha esquecido enfim,
Tomei lugar!... Solitário
Quis rever o meu Calvário
Deserto, tredo, sem fim!...
Sabes o que é sepultar-se
Um ano inteiro na dor...
Esquecido, abandonado,
Sem crença, ambição e amor...
Ver cair dia... após dia,
Sem um riso d'alegria...
Sem nada... nada... Jesus!
Ver cair noite após noite,
Sem ninguém que nos acoite...
Ninguém, que nos tome a Cruz?!...
Ai! não sabes! nunca o saibas!...
Pois bem; imagina-o só...
E então talvez compreendas
A lenda escura de Jó.

II

Mon coeur, encore plein d'elle, errait sur son visage
Et ne la trouvait plus.

MUSSET

Porém de súbito acordou do ergástulo
O precito, que ali jazia há pouco...
E o pensamento habituado às trevas
Atirado na luz... — pássaro louco!

Vi de repente o passado
Erguer-se em face de mim...
A rir... a rir, como espectro,
De uma ironia sem fim.

A orquestra, as luzes, o teatro, as flores, ³²⁷⁹
Tu no meio da festa que fulgura, ³²⁸⁰
Tu! sempre a mesma! a mesma! Tu! meu Deus!
Não morri neste instante de loucura...

Quebra-te, pena maldita, ³²⁸¹
Que não podes escrever
O horror de angústias e mágoas
Que então me viste sofrer.

A mesma frente que amei outrora!
O mesmo riso que me vira um dia!
O mesmo olhar que me perdera a vida!
A mesma, a mesma, por quem eu morria!

Que saudades que eu tenho do passado,
Da nossa mocidade ardente e amante!
Meu Deus! Eu dera o resto de existência
Por um momento assim... por um instante.

Mas não! entre nós o abismo
Se estende negro e fatal...
— Jamais! — é palavra escrita
No céu, na terra, no val.

Eu — já não tenho mais vida!
Tu — já não tens mais amor!
Tu — só vives para os risos.
Eu — só vivo para a dor.

Tu vais em busca da aurora!
Eu em busca do poente!
Queres o leito brilhante!
Eu peço a cova silente!

Não te iludas! O passado
P'ra sempre quebrado está!
Desce a corrente do rio...
E deixa-o sepulto lá!

Viste-me... E creste um momento
Qu'inda me tinhas amor!...
Pobre amiga! Era lembrança,
Era saudade... era dor!

Obrigado! Mas na terra
Tudo entre nós se acabou!
Adeus!... É o adeus extremo...
A hora extrema soou.

Quis te odiar, não pude. — Quis na terra
Encontrar outro amor. — Foi-me impossível.
Então bendisse a Deus que no meu peito
Pôs o germe cruel de um mal terrível.

Sinto que vou morrer! Posso, portanto, 3282
A verdade dizer-te santa e nua:
Não quero mais teu amor!! Porém minh'alma
Aqui, além, mais longe, é sempre tua.

Rio de Janeiro, 17 de Novembro de 1869.

HORAS DE SAUDADE

Tudo vem me lembrar que tu fugiste,
Tudo, que me rodeia, de ti fala.
Inda a almofada, em que pousaste a fronte.
O teu perfume predileto exala.

No piano saudoso, à tua espera,
Dormem sono de morte as harmonias:
E a valsa entreaberta mostra a frase,
A doce frase que inda há pouco lias.

As horas passam longas, sonolentas...
Desce a tarde no carro vaporoso...
D'Ave-Maria o sino, que soluça,
É por ti que soluça mais queixoso.

E não vens te sentar perto, bem perto,
Nem derramas, ao vento da tardinha,
A caçoula de notas rutilantes
Que tua alma entornava sôbre a minha.

E, quando uma tristeza irresistível
Mais fundo cava-me um abismo n'alma,
Como a harpa de Davi, teu riso santo
Meu acerbo sofrer já não acalma.

É que tudo me lembra que fugiste,
Tudo que me rodeia, de ti fala,
Como o cristal da essência do Oriente
Mesmo vazio a sândalo trescala...

No ramo curvo o ninho abandonado
Relembra o pipilar do passarinho.
Foi-se a festa de amôres e de afagos...
Eras — ave do céu... minh'alma — o ninho!

Por onde trilhas — um perfume expande-se, 3283
Há ritmo e cadência no teu passo!
És como a estrêla, que transpondo as sombras 3284
Deixa um rastro de luz no azul do espaço...

E teu rastro de amor guarda minh'alma,
Estrêla, que fugiste aos meus anelos,
Que levaste-me a vida entrelaçada
Na sombra sideral de teus cabelos!...

2 de Abril de 1870.

À CAPELA DO ALMEIDA

Grato oásis do viajante,
Terra de lindos primores,
Tu és sultana das flores,
Bela filha do sertão.
Aí no regaço ameno
O lasso e triste romeiro 3285
Se esquece do amor primeiro
Pois te dá seu coração.

Que importa por longes terras
Se ostentem mil maravilhas?
Paris, Nápoles, Sevilha,
Não têm o atrativo teu.
Em vez de luxo — tens flores,
Em vez de sêdas — perfumes,
Em vez de bailes — os lumes
Das estrelinhas do Céu.

1870.

NUMA PÁGINA 3286

(Do ÁLBUM DE DESENHO DO AUTOR)

Horas de tédio ou de amorosa esp'rança,
— Meteoros da vida!... errantes astros!...
Fugi!... porém que fique uma lembrança!
Passai!... deixando os perfumosos rastros!...

Curralinho — 1870.

A D. JOANA

(No DIA DO SEU ANIVERSÁRIO)

Senhora, eu vos dou versos, porque apanho
Das flores d'alma um ramalhete agreste
E são versos a flora perfumada,
Que de meu seio a solidão reveste.

E vós que amais a parasita ardente,
Que abre como um suspiro em pleno Maio,
E o aroma que anima o cálix 3287 rubro
— Talvez de uma alma perfumoso ensaio,

E êsse vago tremer de níveas pétalas,
Que faz das flores meias borboletas,
O escarlata das malvas presumidas,
A modéstia infantil das violetas,

E essa linguagem transparente e meiga
Que a natureza fala nas campinas
Pelas vozes das brisas suspirosas,
Pela bôca rosada das boninas...

Hoje na vossa festa... em vosso dia,
Em meio aos vossos íntimos amôres...
Juntai aos ramalhetes êstes versos,
Pois versos de afeição... também são flores!

Curralinho, 22 de Abril (1870).

FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE

Eram três anjos — e uma só mulher.

* * *

Quando a infância corria alegre, à toa,
Como a primeira flor que, na lagoa,
Sôbre o cristal das águas se revê,
Em minha infância refletiu-se a tua...
Beije-te as mãos suaves, pequeninas,
Tinhas um palpar de asas divinas...
Eras — o Anjo da Fé!...

Depois eu te revi... na frente branca,
Radiava entre pérolas mais franca
A altiva c'roa que a beleza trança!...
Sob os passos da diva triüfante,
Ardente, humilde, arremessei minh'alma,
Por ti sonhei — triüfador — a palma,
Ó — Anjo da Esperança!... —

Hoje é o terceiro marco dessa história.
Calcinado aos relâmpagos da glória,
Descri do amor, zombei da eternidade!...
Ai, não! — celeste e peregrina Déia,
Por ti em rosas mudam-se os martírios!
Há no teu seio a maciez dos lírios...
Anjo da Caridade!...

Curralinho, 20 de Junho de 1870.

MADRI

(TRADUÇÃO LIVRE DE MUSSET)

Madri! Ó flor das Espanhas,
Correm nas tuas campanhas
Olhos escuros e azuis.
Branca flor das serenatas,
Lavam-se em tuas cascatas
Pequeninos pés tafuis.

Quando os touros mais se irritam,
Que brancas mãos que palpitam!
Que charpas voam no ar!
Em tuas noites doiradas,
As senhoritas veladas
Sabem descer de um solar.

Madri! Madri! Eu não minto...
Quem teve mais curto cinto
Ou mais estreito chapim?
Eu conheço uma pequena,
Que jamais loura ou morena
Valeram-lhe... *tanto-assim!*

Mas, cautela!... A velha fria
Que a penteia... a gelosia
Só abre a mim... bem o sei!
Quem quiser bater-se ao certo
Na missa passe-lhe perto...
Seja o bispo, seja o Rei.

Porque ela é minha andaluza,
Minha amante, minha musa,
A dama do meu amor.
Mais que um anjo!... um demoninho...
Tem o ardor de um passarinho,
E de uma laranja a côr.

Na minha bôca profana
Quando ela s'espasma insana,
É para ver e pasmar
Que corpo ligeiro, frágil,
Que uma serpente mais ágil
Em meus braços s'enroscar!...

E tão soberba conquista,
Sabeis quem ma deu? — A vista
Do meu corcel triüfal...
Versos à sua mantilha...
E uns confeitos de baunilha
Em noite de carnaval!

S. Isabel, 27 de Julho de 1870.

VENEZA

ECOS DE ALFREDO DE MUSSET

Em Veneza, a vermelha,
Nem um barco s'esguelha...
Nem remador no mar
Se vê remar...

Na Greve acorado
Jaz o Leão dourado,
Que para o mar levanta
A brônzea planta.

Em tórno se lhe agrupa
A gôndola, a chalupa,
Quais cisnes, se arrojando,
Em longo bando.

Dormem n'água, que espuma...
E cruzam pela bruma,
Em leves turbilhões,
Seus pavilhões.

A lua que esvoaça
Esconde a testa e passa
Em nuvem estrelada
Meio enrolada.

Assim dama abadessa
A capa faz que desça,
Pela sobrepeliz
Em véus sutis.

Os palácios vetustos,
Os pórticos robustos,
Dos nobres as escadas
Arabescadas,

As ruas e as pontes,
Dos mármore as frentes,
E o golfo turbulento
Ao tom do vento,

São quedos!... Só os guardas
Co'as longas alabardas
Vigiam nos poiais,
Nos arsenais.

Ai! quanta moça nua
Agora, à luz da lua,
Espera chegue o amante,
— Tôda arquejante!

Agora para o baile
Mais de uma larga o chaile,
E a máscara afivela,
Junto à janela.

Na cama embalsamada
A Vánina espasmada
O moço aperta ainda,
Dormindo linda.

Narcisa — a doida altiva —
Na gôndola lasciva
Esquece-se na orgia
Até de dia!...

E quem na Itália um pouco
Não tem (meu Deus!) de louco?
Nem guarda para o amor
Da vida a flor?

Deixai que ao velho Doge
— Do tempo que lhe foge —
Conte o relógio a hora,
Que triste chora...

Cantemos nós, ó louca,
Nesta rebelde bôca
Beijos aos centos dados
Ou perdoados...

Cantemos teus encantos,
Cantemos êstes prantos
Que orvalham-te em languor...
Meu doido amor.

S. Isabel, 27 de Julho de 1870.

CHANSON

(MUSSET)

Disse a meu peito, a meu pobre peito:
— Não te contentas co'uma só amante?
Pois tu não vês que êste mudar constante
Gasta em desejos o prazer do amor?

Ele respondeu: — Não! não me contento;
Não me contento com uma só amante.
Pois tu não vês que êste mudar constante
Empresta aos gozos um melhor sabor?

Disse a meu peito, a meu pobre peito:
— Não te contentas desta dor errante?
Pois tu não vês que êste mudar constante
A cada passo só nos traz a dor?

Ele respondeu: — Não! Não me contento,
Não me contento desta dor errante...
Pois tu não vês que êste mudar constante
Empresta às mágoas um melhor sabor?

S. Isabel, 11 de Agosto de 1870.

SE EU TE DISSESSE

Se eu te dissesse que cindindo os mares,
Triste, pendido ³²⁸⁸ sôbre a vítrea vaga,
Eu desfolhava de teu nome as pétalas
Ao salso vento, que as marés afaga...

Se eu te dissesse que por ermos cimos,
Do monte ao vale, da chapada à selva, ³²⁸⁹
Junta comigo vagueou tua alma,
Junta comigo pernoitou na relva;

Se eu te dissesse que ao relento frio
Dei minha fronte à viração gemente,
E olhando o rumo de teu lar — saudoso
Molhei as trevas de meu pranto algente;

Se eu te dissesse, bela flor das salas!
Que eu dei teu nome dos sertões às flores!...
E usei, na trova em que os pastôres gemem,
Por ti, senhora, improvisar de amôres;

Se eu te dissesse que tu fôste a concha
Que o peregrino traz da Terra-Santa,
Mago amuleto que no seio mora,
Doce relíquia... talismã que encanta!...;

Se eu te dissesse que tu fôste a rosa
Que ornava a gorra ao menestrel divino;
Cruz que o Templário conchegava ao peito,
Quando nas naves reboava o hino;

Se eu te dissesse que tu és, criança!
O anjo-da-guarda que me orvalha as preces...;
Se eu te dissesse... — Foi talvez mentira! —
Se eu te dissesse... Tu talvez dissesse...

Santa Isabel, 15 de Agosto de 1870.

O VOLUNTÁRIO DO SERTÃO ³²⁹⁰

FRAGMENTO

Era ao cair do sol no viso das montanhas!
Era ao chegar da noite as legiões estranhas...;

Ao farfalhar das sombras — a tribo sussurrante —
Aves de escuridão que descem do levante.

Do vale no turíbulo embala-se a neblina...
Soam no bosque as harpas em trêmula surdina.

Como nas mãos do padre, o monte que transluz
No braço ergue o sol — hóstia ³²⁹¹ imensa de luz.

Ouve-se um desdobrar de telas e de véus...
No espaço arma-se a noite — a tenda azul de Deus.

Era ao cair do sol! Por íngreme caminho
Em fundo refletir, a galopar sòzinho,

Eu subia de um cêrro o cimo alcantilado
Donde melhor se avista a aldeia... o campo...
[o prado.

Ali a *Ponta Aguda* o espaço invade franca!
Ergue-se calcinada ao longe a *Pedra Branca*.

Lá vai monte após monte... o olhar vaga perdido
Nessas ondas titãs de um mar arrefecido...

Que outrora as sacudiu como hordas macedônicas
Ao estridor das forças *ignivomas, plutônicas*

Quando ainda a lutar rebelde alçava um combro
De um ciclone tombado a mão... o braço...
[o ombro!...]

.....

A BAINHA DO PUNHAL 3292

FRAGMENTO

Salve, noites do Oriente,
Noites de beijos e amor!
Onde os astros são abelhas
Do éter na larga flor...
Onde pende a meiga lua,
Como cimitarra nua
Por sôbre um dólman azul:
E a vaga dos Dardanelos
Beija, em lascivos anelos, 3293
As saudades de Estambul.

Salve, serralhos severos
Como a barba dum Paxá! 3294
Zimbórios, que fingem crânios
Dos crentes fiéis de Alá!...
Ciprestes que o vento agita,
Como flechas 3295 de Mesquita
Esguios, longos também;
Minarettes, entre bosques!
Palmeiras, entre os quiosques!
Mulheres nuas do Harém!

Mas embalde a lua inclina
As loiras tranças p'ra o chão...
Desprezada concubina,
Já não te adora o sultão!
Debalde, aos vidros pintados,
Aos balcões arabescados,
Vais bater em doudo afã...
Soam tímбалos na sala...
E a dança ardente resvala
Sôbre os tapêtes do Irã!...

.....

OTÁVIO

(DE ALFREDO DE MUSSET)

Nem este charlatão, nem este frade
Sabem por que Maria aos poucos morre.
Feriram-te no peito, ó bela fria,
Teu mal é todo amor!...

No entanto é triste
Ver nas mãos de um hipócrita e de um bruto
Morreres, cortesã soberba e moça!
Mas chegou tua vez!... Por mim não creio
No mal estranho que te apaga a vida!
... Não vêdes sôzinha sob as moitas
Buscando a noite e o mármore do banho
Lavar no frio os suarentos membros?!...
Palavra d'honra, o coração te sangra!...

Olhei! Foi mesmo ali nesta alamêda,
Longe os raios do sol, que em seus abraços
Os mais nobres mancebos delirosos
Se esvaíram de amor... Ali nas sombras
Um terrível prazer se apascentava.
Ali, rapace, as pomas apertando
Seus débeis favoritos, que envelhecem
No amor à Messalina, em doudos beijos
A morte distilando... — ela bebia
Seus elementos caros — ouro e sangue!

Acabou-se, acabou-se, ó Marieta!
Eis-te agora calada e triste e muda!...
Miras n'água o teu corpo... e em vão procuram
Olhos teus descobrir nas formas nuas
A lindeza fatal dos tempos idos...
Vai! corre agora aos públicos alcoices!
Puxa o manto aos fidalgos que te amaram!
Os que pagavam-te o palácio há pouco...
Aos lacaios teu nome ora perguntam...
O médico se afasta, erguendo os ombros,
Suspira e fala da impotência d'artel!...

Quanto ao frade, (que — estúpido — sômente
Dous papéis aprendeu... — um p'ra o culpado,
O outro par'o inocente...) vendo agora
A Pecadora que s'esvai silente,
Sem saber condenar, nem lastimá-la...
Recita os dous sermões ao mesmo tempo.
Marieta, ó soberba criatura!
Tu fôste o caçador que um dia os deuses
Deram em pasto aos cães que êle nutria!
À sombra das cidreiras florescentes
Adormenta a infeliz o mal que a mina.
E como à Madalena sôbre os peitos,
Rolam-lhe juntos o cabelo e o pranto.

Era um sábio, em matéria de mulheres,
Quem disse que um sorriso à moça esconde
Prantos que ela chorou por noite infinda?
Ah! Se o vivo fulgor de uns olhos fúlgidos,
Lábios ridentes, petulantes frases,
Velam soluços e amargosos choros...
Ah! Se o cômico o inferno tem no seio
E a alegria na máscara estampada...;
— Dizei-me o que será quando febreanta,
Chumbada a face, embebem, transbordando,
A própria máscara as caudais do pranto?...

.....

Não sei se do prazer dileto aos deuses
Fêz a eterna justiça um gôzo ilícito;
Mas se é dado dizer-me a qual suplício
Meu pior inimigo eu dar quisera,

Seria a ti, ó pálido ciúme.
De um amor desprezado... é desespero
Que oculto morres... morres miserável,
Seria tua lâmina terrível
Que eu dentro d'alma lhe estalar quisera!
Conheceis-lhe o suplício solitário?

Que dor, que esforço p'ra calar aos meños!
Para que o mar de mágoas e de angústias
Não rebente do crânio os frágeis ossos!...

Insensato! e quem há que te lastime?
Desprezado de um só, morre no olvido.
Demais o orgulho, inexorável sempre
Ei-lo aí que se afasta aos olhos de outrem
E no flanco a sangrar retém, qual César,
Mesmo sob o punhal co'as mãos que afrouxam,
As débeis pregas do seu manto régio.

.....
Do preguiçoso mar na frouxa vaga,
Ricamente adornado, Otávio, o mole,
Baixa e levanta, aos sons das valsas leves,
Seus belos olhos que jamais choraram.
...É um débil moço... que *aparece* apenas...
Até ontem ninguém o havia olhado.
Contam que um dia a bela Marieta
O viu passar na gôndola, por ela.

Uma velha esta noite o passo embarga-lhe;
Diz-lhe a tremer: "Senhor! Ela quisera
Ver-vos ao menos, pela vez extrema!..."
Mas Otávio a tais frases descobrindo
O belo rosto... um raio de alegria
Deixa doirar-lhe a peregrina fronte.
— "Pois Marieta morre? É certo? Morre?"
— "Só lhe resta uma hora!"
— "Então, bem podes
Levar-lhe êste bilhete!"

E sôbre a perna
Co'a ponta de um punhal rápido escreve:
"Sou mulher, Marieta! E me ofendeste!
"Mas posso perdoar-te... porque morres!
"Vinguei-me. Adeus! Queres saber meu nome?
"Eu sou a noiva de Petrócio Balbi, ³²⁹⁶
Que por ti se afogou!..."

S. Isabel, 30 de Agosto de 1870.

DEPOIS DA LEITURA DE UM POEMA
(EM SESSÃO LITERÁRIA)
(IMPROMPTU)

As vêzes o pastor subindo aos Alpes
Lança aos abismos a canção tremente.
Responde em baixo — o precipício enorme!
Responde em cima — o firmamento ingente!

Poeta! a voz do pegureiro errante
Em ti vibrando... se alteou!... cresceu!
Tua alma é funda — como é fundo o pego!
Teu gênio é alto — como é alto o céu!

Bahia, 2 de Outubro de 1870.

A CESTINHA DE COSTURA

PARA O LIVRINHO DE D. BRASÍLIA VIEIRA

Não quero Panteons, ³²⁹⁷ não quero mármorez,
Não sonho a Eternidade fria, escura...
Minha glória ideal é o quente abrigo
De uma pequena cêsta de costura.

À sombra dos terraços florescentes
Entorna a violeta a essência pura:
Flores d'alma recendem ³²⁹⁸ mais fragrância
Numa pequena cêsta de costura.

Batida pelos corvos da procela,
A pomba a hera tímida procura:
Pousa minh'alma foragida as asas
Nesta pequena cêsta de costura.

Astros que amais a espuma das cascatas!...
Orvalhos que adorais do lírio a alvura!
Dizei se há menos lânguidos arminhos
Nesta pequena cêsta de costura.

Nesse ninho de fitas e de rendas...
No perfume sutil da formosura...
Vão meus versos viver de aroma e risos
Entre as flores da cêsta de costura.

E quando descuidada mergulhades
Esta mão pequenina, santa e pura,
Possam êles beijar teus níveos dedos
Escondidos na cêsta de costura.

S. Salvador, Outubro de 1870.

DEUSA INCRUENTA

A IMPRENSA

Ao GRÊMIO LITERÁRIO

ANTÍTESE A "TERRIBILIS DEA"

Quando Ela se alterou das brumas da Alemanha,
Alva, grande, ideal, lavada em luz estranha,
Na destra suspendendo a estrêla da manhã...
O espasmo de um fuzil correu nos horizontes...
Clareou-se o perfil dos alvacentos montes,
Dos cimos do Peru — às grimpas do Indostã.

Tinha na mão brilhante a trompa bronzeada!
Vestia o longo véu da vestal inspirada!
Era Palas talvez!... talvez um serafim!...
O albor de Beatriz, no imaginar do Dante!...
O olhar da Pitonisa em trípede gigante!
Do mundo — Anjo-da-guarda! enorme querubim!...

Ergueu-se! Olhou de roda os plainos do Universo...
No peito das Nações seu braço longo, imerso, ³²⁹⁹
Palpou-lhe o estrepitar do estoso coração!...
Gênio e santa! a mulher um grito ergueu profundo,
Abriu braços de mãe p'ra acalantar o mundo,
Asas de Serafim — p'ra abrigar a amplidão.

Rugiram de terror ao ver-lhe o rir sublime...
 O sátrapa, o chacal, a tirania, o crime...
 O abutre, o antro, o môcho, o êrro, a escravidão!
 Disse a gruta p'ra o céu: "Que deusa é esta
 [ingente?!" 3300
 O espaço respondeu: "É a diva do Ocidente!...
 A consciência do mundo! o Eu da criação!"

E quando Ela surgiu, — os pólos se abraçaram!
 O Zênite e o Nadir, — surpresos, se escutaram!
 O Norte — ouviu, chorando, o soluçar — do Sul!
 O abafado estertor do servo miserando,
 Da deusa no clarim gigante reboando,
 Clamou da terra-verde ao firmamento-azul! 3301

Uma noite... no chão da Grécia — peregrina,
 A Deusa ajoelhou... da poeira divina
 O fantasma de Homero então viram surgir!
 "Ainda viajar" diz o velho em assombro...
 "Quem és?" "Eu sou teu guia... Encosta-te ao
 [meu ombro." 3302
 "Então, levás-me longe?" "Eu levo-te ao porvir!"

No fórum colossal da sempiterna Roma,
 De Cícero a figura apaixonada assoma
 E de novo retumba o verbo atroador...
 Tem hoje por tribuna imensa — a eternidade,
 Por Fórum — o universo! é plebe a — humanidade!
 A seus pés — as nações! os séculos — em redor!

Quando a Bastilha vil tremia desraigada
 E da mole ao sopé soava a martelada,
 A catapulta humana, a voz de Mirabeau!...
 Quando aquêlê ideal Quasímodo do abismo
 Se agitava a ulular dos Reis no cataclismo,
 — Sineiro que rebate aos séculos tocou!...

Eriçado, feroz, suado, monstruoso,
 Magnífico de horror, divino, proceloso...
 A Deusa se atirou nos braços do Titão!!
 Mas, sentindo que o Deus inteiriçado tomba...
 Dos tronos co'a madeira — arvora-lhe a
 [hecatomba!
 Co'as púrpuras dos reis — acende-lhe um clarão!

Seguiu do Childe errante o yacht aventureiro...
 Beijou-lhe a palidez ao Lorde-Forasteiro,
 De Veneza, a lasciva — à lânguida Estambul!
 E, quando o Lara-Inglês expira, o *Pajem louro*
 É Ela!... E fala... e aponta o firmamento de ouro,
 Gulnar lembra a Conrado o seu país de azul!...

Quando a Polônia casta, essa Lucrecia nova,
 Para fugir — a um leito, arroja-se a — uma cova...
 E mata-se de nojo... aos beijos de um Czar...
 Uma atriz funeral surge do negro palco,
 Tira à chaga o *punhal*, descobre o catafalco...
 E deixa sôbre a Europa... o ferro gotejar!

— Amazona sombria — ela arrebatada o Goethe
 Na garupa a fumar do tártaro ginete,
 Pela noite hibernal dos séculos ao sabbat!...
 Anjo, às vèzes, no céu fatídico revoa,
 A buzina de cobre os longos ares troa...
 Ergue-se a meio o chão do escuro Josafá!

Salve, Deusa incruenta! Imensa Divindade!
 — Barqueira dêsse mar — chamado a Eternidade! —
 Que às margens do Cocito embarcas os heróis...
 Em prol da Humanidade a Deus levás o grito.
 Tens os olhos — na terra! a bôca — no infinito!
 A meia-lua aos pés! Na cabeleira — os sóis!!!

Quando Ela se alteou nas brumas da Alemanha,
 Alva, grande, ideal, lavada em luz estranha,
 Na destra suspendendo a estrêla da manhã...
 O espasmo de um fuzil correu nos horizontes...
 Clareou-se o perfil dos alvacentos montes,
 Das cimas — do Peru... às grimpas do Indostã! 3303

.....
 S. Salvador, 14 de Outubro de 1870.

EPITÁFIO

PARA UM TÚMULO DE MÃE

Como o orvalho das ramas do salgueiro
 Resvala sôbre a lápide do trilho,
 Assim gotejam lágrimas de filho,
 O' Minha Mãe! sôbre o sepulcro teu...
 Mas como o sol nascente a gôta enxuga
 Que a noite derramou sôbre os escolhos...
 O anjo da Crença nos enxuga os olhos
 E faz do pranto uma oração... no céu!

15 de Novembro de 1870.

MENINA E MOÇA

(VERSOS PARA O ÁLBUM DE D. MARIA
 JOAQUINA DA SILVA FREIRE)

Menina e Moça! Há no volver das horas
 Esta idade ideal e feiticeira;
 É quando a estrêla expira e rompe a aurora
 Um prelúdio nos leques da palmeira.

Menina e Moça! Há no viver das flores
 Êste instante feliz... É quando a rosa,
 Ao relento das noites perfumadas,
 Abre o cálix, risonha e curiosa.

Menina e Moça! Há no passar dos anos
 Esta estação de amor... quando nas veigas
 Fazem-se em flor as fôlhas sussurrantes,
 Beijam-se as pombas, arrulando meigas.

Menina e Moça! Há no sonhar da música
 Som que esta idade festival exprime...
 Quando a voz do piano espalha aos ermos
 Os suspiros saudosos de Bellini.

Menina e Moça! Se a poesia esquece
 Agora o tipo da criança bela,
 Quem não te adora a límpida inocência,
 O' filha de Sorrento! ó Graziella!

Menina e Moça! Castidade e pejo!
 Crença, frescura, divinal anseio!
 Por quem tu cismas? — Se pergunta à frente.
 Por quem palpitas? — Se pergunta ao seio.

Menina e Moça! É tão festivo o riso!
Chama dourada sôbre os olhos brilha!
Como estalam os beijos das amigas
A donzela tem asas... de escumilha!

Menina e Moça! Como é doudo o baile!
Como são várias da existência as cenas!
Ama-se o canto. — Se elas são as aves...
Ama-se a valsa. — Se elas são falenas...

Menina e Moça! Adormecida garça
Que o mar na riba do ideal balouça...
O bardo canta na tormenta ao longe...
Sonha o teu sonho de — menina e moça!...

S. Salvador, 19 de Novembro de 1870

A VIOLETA

(A UMA INCÓGNITA...)

A rosa vermelha
Semelha
Beleza de moça vaidosa, indiscreta.
As rosas são virgens
Que em doudas vertigens
Palpitam,
Se agitam
E murcham das salas na febre inquieta.

* * *

Mas ai! Que não sonha num trêmulo anseio
Prendê-las no seio
Saudoso o Poeta.

Camélias fulgentes,
Nitentes,
Bem como o alabastro de estátua quieta...
Primor... sem aroma!

Partida redoma!
Tesouro
Sem ouro!
Que valem sorrisos em bôca indiscreta?

* * *

Perdida! Não sonha num trêmulo anseio
Prender-te no seio
Saudoso o poeta.

Bem longe da festa...,
Modesta, ³³⁰⁴
Prodígios de aroma guardando discreta...
Existe da sombra,
Na lânguida alfombra,

Medrosa,
Mimosa,
Dos anjos errantes a flor predileta...

* * *

Silêncio! Consintam que em trêmulo anseio
Prendendo-a no seio
Suspire o Poeta.

O' Filha dos ermos
Sem têrmos!
O' casta, suave, serena *Violeta*, ³³⁰⁵
Tu és entre as flores

A flor dos amôres
Que em magos
Afagos
Acalma os martírios de uma alma inquieta.

* * *

Por isso é que sonha num trêmulo anseio
Prender-te no seio
Saudoso o Poeta!...

23 de Janeiro, às cinco horas da tarde.

CANÇÃO DE GOUNOD

I

Quando cantas pendida
Por sôbre o peito meu,
Ouves tu minha vida
Falando-te do céu?
A indolente cantiga
Desmaia de languor.
Cantai, formosa amiga!
Cantai, cantai, amor!

II

Quando ris, nesta bôca
Rebenta amor a flux, ³³⁰⁶
E minh'alma vai louca
Arder-se em tua luz.
Teu sorriso é quem briga
Em perfume co'a flor.
Cantai, formosa amiga,
Cantai, cantai, amor!

III

Quando dormes tão pura,
Dos astros ao clarão,
Teu alento murmura
Dos beijos a canção.
Manto ou véu não te abriga
O marmóreo palor...
Cantai, formosa amiga!
Cantai, cantai, amor!

S. Salvador — 1871.

NO MEETING DU COMITÉ DU PAIN

Já que a terra estacou n'órbita imensa,
Já que tudo mentiu — a glória! a crença!
A liberdade! a cruz!
E o Sísifo dos séc'los — assombrado —
Viu rolar-lhe do dorso ensangüentado
O *rochedo* de luz...

Já que o amor transmudou-se em ódio acerbo,
Que a eloquência—é o canhão, a bala—o verbo, ³³⁰⁷
O ideal — o horror!
E nos fastos do século, os tiranos
Traçam co'a ferradura dos hulanos
O ciclo do terror,

Já que, igual ao florete de Gennaro,
Um sabre arranca do presente ignaro
Este letreiro — Luz —.

Já que a Glória recua (cousa horrenda),
E Átila vai de Washington na senda,
E Siva após Jesus!

Já que a Rousseau sucede Machiavelo,
Já que a Europa de altar fêz-se escabêlo,
Da guerra meretriz,
Já que o sonho de Canning era falso,
Já que após abolir-se o cadafalso,
Crucificam Paris.

Já que é mentira a voz da Humanidade,
Já que riscam da Bíblia a Caridade,
E d'alma o coração...
E a noite da descrença desce feia
E, tropeçando em ossos, cambaleia
Dos povos a razão!...

.....

Filhos do Novo Mundo! ergamos nós um grito
Que abafe dos canhões o horrísono rugir,
Em frente do oceano! em frente do infinito! ³³⁰⁸
Em nome do progresso! em nome do porvir.

Não deixemos, Hebreus, que a destra dos tiranos
Manche a arca ideal das nossas ilusões.
A herança do suor, vertido em dois mil anos,
Há de intacta chegar às novas gerações!

Nós que somos a raça eleita do futuro,
O filho que o Senhor amou, qual Benjamim,
Que faremos de nós... se é tudo falso, impuro,
Se é mentira — o Progresso! e o Erro não tem fim?

Não; clamemos bem alto à Europa, ao globo inteiro!
Gritemos liberdade em face da opressão!
Ao tirano dizei: Tu és um carneiro!
És o crime de bronze! — escreva-se ao canhão!

Falemos de Justiça — em frente à Mortandade!
Falemos do Direito — ao gládio que reluz!
Se eles dizem — Rancor, dizei — Fraternidade!
Se erguem a Meia-luz, ergamos nós a Cruz!

Digamos à Criança: — O Mestre ama esta idade!
Digamos à Velhice: — honra às vossas cãs! —
Digamos à Miséria, à Fome e à Orfandade:
É vosso o nosso lar... vós sois nossas irmãs.

Digamos a Estrasburgo: "Mereces do Universo!"
Digamos... Não! Silêncio em frente de Paris...
O Amazonas que leve o nosso pranto imerso
A glória das Vestais! à herdeira das Judiths.

.....

Ó França! deste a luz que de teu ser jorrava!
Ó França! acolhe agora em recompensa... o pão.
O Cristo no deserto os pães multiplicava,
Faça agora o milagre, ó França, o coração!

E, se acaso alta noite, em noite de internada,
Enquanto no horizonte a chama lambe o ar,
Uma débil criança, esqualida e gelada,
Por ti, Pátria, encontrar abrigo, pão e lar...

Quando aquêlê inocente, ³³⁰⁹ a sós no campo escuro,
Abençoar de longe os brasileiros céus...
Sabe que êste menino — é o símbolo do futuro!
E aquela frágil mão... oculta a mão de Deus!...

9 de Fevereiro de 1871.

DIABO MUNDO

(ESPRONCEDA)

Côro dos Demônios

Voguemos! Lancemos
A barca a vogar!
Que rompam-se as nuvens, ³³¹⁰
Que rompam-se as névoas,
As chamas, o ar...
As trevas profundas,
As vagas do mar!...
Voguemos! Cruzemos
Do mundo o confim!

Que hoje o triste abismo quebram
Os Diabos livres enfim!
E em músico estrondo horrendo,
Os condenados celebram,
Juntos cantando e bebendo,
Um diabólico festim.

O POETA

Que rumor
Longe soa,
Que em silêncio
Vai... revoa...

Pela noite pejada de horror?
É de um ginete a desvairada fuga
Estendido no arrôjo voador?
O áspero rugir de ávida fera,
Ou dos ventos o silvo aterrador?

O eco rouco de trovão longínquo,
Que nas fundas cavernas fundo deu?
O mar que investe, de viseira erguida,
— Novo Lusbel — contra o senhor do Céu?

.....

Densa bruma
Pelo espaço
Já se esfuma...
E a garoa
Se povoa
De mil gênios
Vagarosos,
Pelo vento

Reunidos
E impelidos
Cento e cento.
Aqui voltam,
Ali giram;
Já se juntam,
Se retiram...
Já se ocultam,
J'aparecem;
Vagam, voam,
Passam, fogem...
Se diluem,
Volvem, crescem...
Diminuem...
Se evaporam,
Se coloram...
E das sombras
Pelo incerto
Longe e perto
Já se perdem,
Já se evitam
Com temor,
Já se agitam
Com furor.

Em dança aérea, fantástica,
Do sombrio poeta em derredor!...

Vago enxame de tênues fantasmas
De formas diversas, de vário palor,
Em cabras e em serpes montados, e em corvos
Em dança macabra, com surdo estertor,
Lançam gritos e alaridos,
Silvos, relinchos perdidos...
E em desacordado estrépito
O fantástico esquadrão
Move horrenda algaravia
Com espantosa harmonia,
E horrissona confusão.

Do touro ardente ao mugido
Responde, em rouco grasnar,
Feia coruja agoureira.
E ao pressago gargalhar
De uma velha feiticeira
Mia o gato negro e pula...
O lóbo eriçado ulula,
Ladra furioso o mastim!

E ruídos, vozes, acentos
Mil se mesclam e confundem...
E pavor e mêdo infundem
Os fundos berros dos ventos:
"À morte", gritando ao mundo
Na fúria dos elementos!!...

Relâmpago rápido
Do céu as abóbadas
Com luz, rasga, lúgubre;
E em cima descobre-se
Ginete fantástico,
Quiçá o gênio indômito,
Que anima o tufão...

De cem trovões juntos retumba o fragor
Em bosques, montanhas, cavernas, torrentes...
Talvez são do pânico os gênios potentes,
Que o cântico entoam do espanto e terror.

Lançando bramidos hórridos,
Lascando vetustas árvores,
Irresistível num ímpeto,
Tingida de côres lívidas,
Gigante forma flamígera
Cavalga nos vendavais...

É talvez da guerra o espírito,
Cuja frente enrola rápido,
Em fulva indecisa auréola,
O relâmpago fugaz.

Aqui treme, troa a terra...
O oceano geme acolá...
A catadupa alterosa
Rui despenhando-se lá.

Ali torrentes de lava
Golfa mugindo o vulcão,
Aqui temerosa a tromba
Torce o braço do tufão.

E água, fogo, seixos, robles,
Ávida sorve ao passar
Além, desmaiada a lua
Com a face patibular,

Triste, fatídica, imóvel,
Da escuridade no umbral,
Mais entristece, que aclara,
Qual lâmpada sepulcral. 3311

Ali bramidos de guerra,
Dos ferros o re-tim-tim,
O bélico, ardente estrépito
Do bronzeado clarim.

Aqui relinham cavalos
Da refrega no vai-vem;
Os canhões ao longe estouram,
Gemidos ouvem-se além.

E alaridos, ais e vozes,
Queixas, preces e o chorar...
Ali desgarradas músicas
Em delirante cantar;

Rumor de vultos que dançam...
Bulício, harmonia aqui...
Risos, murmúrios tão perto...
Gritos, delírios ali.

Lá se escuta o doudo estrondo
Da cidade — turbilhão.
Brindes, órgias, 3312 gargalhadas...
Junta à praga a maldição.

Aqui sussurra, entre flores,
Zéfiro ardente, vivaz,
Longe o eco interrompido
De algum suspiro fugaz.

Ora um beijo, uma palavra,
O resto de algum trovar.
Tudo em confusa desordem
Se ouve a um tempo ressoar.

Breve compêndio do mundo,
A tartárea bacanal
Mescla, transforma, confunde
Gritos mil em confusão...
E aturde, turba, perturba
Tanto afã, tanta visão.

UM CÔRO

Além vai a nave...
Onde irá parar?
Triste de quem fia
Do vento e do mar!

Uma voz

Que importa? O destino
Seu rumo traçou.
Quem foge ao fadário?
Quem nunca o mudou?

Além vai a nave...
Que siga o roteiro!...
As auras já cantam!
Já silva o pampeiro!

SEGUNDO CÔRO

Vinde! que podemos,
Babel inda erguer.
O véu arranquemos
Que esconde o saber!

Uma voz

Verdade! Na terra
Em vão te buscamos.
E ao céu, que te encerra,
Nas asas ousamos
Voar e subir...
Em nobre avareza,
E em rôgo insofrido,
P'ra ver o que há sido!...
Sonhar o porvir!...

TERCEIRO CÔRO

Tu és, ó mentira!
Luzente cristal.
Côr de ouro e safira
Que encanta o mortal!

Uma voz

Feliz quem te escuta,
Mentira! — nos sonhos.
Prazeres risonhos
Só tu sabes dar.
A triste verdade
Ninguém vá buscar.
Verdade escondida,
Que podes mostrar?
Mostrar desenganos,
Trazer um pesar.

VÁRIAS VOZES

Primeira voz

Eu combato pela glória,
São-lhe coroa os lauréis.
Canta-me versos, Poeta!
Prostra-te, Mundo, a meus pés!

Segunda voz

Vou levantar um palácio,
Que o ouro cravejará.
Serão príncipes — meus servos!
Quanto ao povo... Deus dará.

Terceira voz

A mim! Vinde a mim, formosas!
Dai-me deleites e amor!
Delícias voluptuosas,
Beijos de mago sabor.
E entre perfumes e aromas
De um'harpa seguindo o tom,
Suba da espuma dos vinhos
De vossos cantos o som...

Quarta voz

Vinde! Levantai-me...
No cimo toquei...
Erguei-me... que, rápido,
A mão vos darei.

Quinta voz

Ai! Eu caí de um cômodo altanado
Na garganta que abriu-me um boqueirão.
É larga minha dor, minha agonia...
Quem me salva?... Piedade! Compaixão!

Sexta voz

Na caligem da noite, êrmo e sòzinho,
Vago arrastado por ignota lei.
Sempre marchando estou... e em meu caminho
Nem pousada, nem lar encontrarei!

Sétima voz

Vivamos sem mágoas!
Jamais um carpir,
Do gôzo nas águas,
Cantando a sorrir.

Oitava voz

Quem me acalma a negra dor?
Quem me enxuga o triste pranto?
Ninguém me ampara o quebranto?
Ninguém me escuta o clamor?...

O POETA

Onde estou? Talvez baixe
A escura mansão do espanto.
Talvez eu mesmo criei
Tanta visão, sonho tanto,
Que quereis? Que procurais?

Na tempestade, quiçá,
Hórrida, tórva coorte,
Anunciar aos orbes vá
Estragos, ruínas, mortes...
Mensajeiros de Jeová!

Quem sois vós, Gênios sombrios;
Que junto a mim revoais?
Sois os vagos desvarios
De minhas noites fatais?
Que onde estou nem mesmo sei.

Mas do celeste ambiente
Flamejante catarata
Em vagas de luz ardente,
Súbito vejo saltar.
E de fogo, onda após onda,
Galga os ares, trepa, alcança.
Com cego furor estronda, ³³¹³
Como despenha-se o mar!

E em fundo pego em seguida
Se precipita e se perde
A catadupa incendiada,
Que em arco rápido cai.
Mar imenso, encapelado,
Que lavra nos fulvos ares,
E após num baque arrastado,
Com a fera tormenta vai!

E em meio negra figura
Campeia firme, silente,
— O gesto forte, imponente,
— Enorme, vasta a estatura.
Serpes são-lhe a cabeleira,
Que sôbre a fronte se enroscam...
Lembra-lhe a boca tenebrosa e fera
Mal extinta cratera!

E os negros duendes,
E as larvas em bando,
Rodeiam valsando
Seu negro senhor.
E em meio das chamas
Resvalam, se lançam,
E folgam e dançam,
Pulando em redor.
Buliçoso séquito
De céleres pés,
Fantasmas fosfóricos,
Ilusão talvez.

Vagas sombras trêmulas
De aspecto fugaz,
Cuja voz — estrépito
Surdo, baço faz...
Qual zumbido unísono
De môsca tenaz.
E em meio das chamas,
Fervendo em montões,
Não cessam-lhe os roucos,
Monótonos sons

E juntam-se
Uníssonos,
Em tênue
Rumor...
E mudam-se
Súbito
Em fogo,
Em vapor.

Um gesto fêz do Tártaro o Gigante
E a turba se calou... Soava apenas
Pelo silêncio o estrépito atroante
Do sulfuroso mar. Logo um acento
Claro, distinto, rápido, sonoro,
As vagas regiões cruzou do vento,
Com rara, melancólica harmonia,
Que vinha não sei donde...
E o eco em derredor lhe repetia!

Voz admirável, vaga misteriosa,
Vinda talvez de além do firmamento,
Que cresce sob a terra temerosa
E vai nas asas do calado vento...
Voz de amargo prazer... voz dolorosa,
Incompr'ensível, mágico portento...
Voz, que recorda à mente comovida
O bem passado e a ilusão perdida!!...

"Ai!" exclamou com lamentável queixa...
E em tórno ressoou triste gemido,
Como a lembrança que no peito deixa
A voz de um ser que houvéssimos querido.
"Ai!" que terrível condição me vexa
Para chorar e maldizer nascido...
Escravo sempre de fatal desejo
Que cumprir-se jamais em ânsias vejo!...

Quem é Deus? Onde está? Na plaga extensa
Da eterna luz altíssimo se ostenta?
Talvez em trono de uma luz intensa
A incompr'ensível majestade assenta!...
De mil mundos a massa enorme, imensa,
Com sua mão talvez rege e sustenta,
Sempiterno, infinito, onipotente,
Invisível se quer, se quer presente!...

Ou na de além — Jerusalém divina
Talvez escuta, em holocausto santo,
Do Arcanjo, que a seus pés a fronte inclina,
Vozes que exalam harmonioso canto...
A máquina sonora e cristalina
Do mundo gira em derredor no entanto...
E entre aromas e glórias e esplendores
Recebe humilde adoração e amôres...

"Santo" as legiões angélicas lhe cantam.
"Hosana" soa na celeste arena.
Raios de luz perlustram e abrilhantam
Nuvem de incenso e transparência — plena...
E nela em murmúrio se levantam,
— Paz demando a essa mansão serena, —
As preces do homem na amargura aflito...
...E paz derrama... e bênçãos o Infinito!

É Deus acaso o Gênio da Vingança,
Que na destra balança o raio ardente,
E angústia e mágoa e dor e morte lança
Em troca às tristes queixas do inocente?...
É Deus, o deus que arranca-lhe a esperança,
Tirano injusto, frívolo, insolente,
Que esmaga o coração do homem forte,
E o pecador condena à eterna morte?

Embebido em seu vasto poderio,
É Deus o deus que goza a formosura?
Que os planetas lançou no céu vazio,
Deu leis... e abandonou sua feitura?...
Foi vaidade do homem, desvario
Sonhar-se imagem dessa imagem pura?...
É Deus o deus que, no eternal sossêgo,
Em frente ao pranto se conserva cego?

Talvez, secreto espírito do mundo,
Êle o universo anima e alimenta,
E, derramando o hálito fecundo,
Impede o mar e o firmamento argenta.

E a quanto o globo no âmbito profundo
Tímido esconde ou vaidoso ostenta,
Sói com fôrça infiltrar desconhecida
Alma, razão, entendimento e vida!

Ou Deus se chama a inteligência ousada
Da humanidade em ânsia insaciável,
Sempre voando e sempre encorrentada
Da matéria no cárcere inquebrável?
À escravidão eterna condenada,
À fera luta, à guerra interminável,
Serás tu, Divindade alta, sublime,
Escrava — a quem o Deus-da-inércia oprime?...

E em sua vida é o Universo inteiro
Acaso vasto campo de peleja?
Cada elemento um triste prisioneiro
Que sua algema bipartir deseja?...
E abrasas tudo, Espírito altaneiro!
E em tudo tua luz motriz arqueja
Como êsse oculto misterioso alento,
Que arrasta o mar em louco movimento!...

Quando termo achará tão crua guerra,
E transporás esta prisão sombria?
Criará novo aspecto acaso a terra,
E sêres imortais a luz do dia?
Descansarás da morte em paz, que aterra,
Ou dissipando esta matéria impura
Ou fugindo a outros astros erradia...
O mundo inundarás de formosura?!"

Quem sabe? Talvez que eu seja
"Da humanidade o pensar,
Quando a mundos ignotos arrojado
Sabe em asas possantes remontar...

Quando se atreve a espedaçar os raios,
Onde se oculta o Deus misterioso,
E propõe-se orgulhoso
Face a face fitá-lo sem desmaios. 3314

Entretanto, serenos, impassíveis,
Giram cem sóis, cem mundos,
Servos da lei que rege
Seus movimentos pelos céus profundos!...

Mas tu, sublime espírito insolente,
Rasgas o circ'lo dessa estreita esfera,
Cavalgas sôbre as asas
De meu gênio potente

E provocas à guerra
Inteira a terra,
Da rebeldia erguendo o pavilhão,
Causa por causa indagando
Té a origem final da criação.

E outra vez rolas comigo
Aos báratros antípodas dos céus,
Em lôbrega e funda terra
Blasfemo uivando e maldizendo a Deus.

Teu peito estéril, mirrado,
Sem ilusões — tarde sente,
Que o delírio insano mente,
Mente o prazer, mente amor...

Que é só vaidade — a ciência!
Que foi-lhe engano o gôzo sedutor!
Mas que é verdade apenas a impotência,
O desespero! A dor!

Mortal! Tu criaste e deste um nome;
Puseste em mim a dor que te consome,
Em minh'alma teus rancores!
Em minha frente esta ansiedade louca,
Em meu peito teus furores,
Blasfêmias, maldições em minha bôca!

Depois em teu verdugo me erigiste,
Pagaste-me em terror.
E dos orbes o império repartiste 3315
Entre mim e o Senhor.

Eu sou parte de ti... Sou êste espírito
Que perto sempre vês...
Que não dorme, e te acorda, e te levanta, 3316
A novas regiões te impele a planta...
E no teu nada inerme
Infiltra o pensamento — dos arcanjos, 3317
Na pequenez — do verme!

.....
Como os rolos, que o pélago arremessa
De encontro às pedras brutas,
Humanidade, p'ra quebrar teus diques.
Fera, pujante lutas...

E embalde baterás onda após onda
De fôrça redobrando?...
E açoitarás do cárcere as paredes
Em furor delirando?

E embalde tua mente, a outro hemisfério,
Saberás remontar?
E da morte e da vida o fundo arcano
Não poderás sondar?

Corres acaso avante, sempre avante?
Volves acaso atrás?
A uma fôrça obedeces consciente?
Sabes para onde vais?

As crenças que abandonas, êsses templos,
As velhas tradições,
Que apenas passam... logo... frio insultas,
Quais mortas ilusões...

Mentem menos talvez que os novos sonhos
Que teu gênio criou...
Talvez guardem... talvez... mesma a verdade,
Que teu ser condenou...

Mas como eu, sempre avante, arremessada
Por um pulso de bronze vigoroso,
Além vais, além vais, pedindo embalde
Quietação e repouso...

Precipitam-se os séculos, afundam-se
Nações e populaças...
Somem-se impérios, 3318 povos... e devora
O olvido infindas raças.

E tu vais sempre avante, avante sempre,
Desvairada, revel,
Na aparente desordem, sem caminho,
Desabando em tropel.

E ora inundas os plainos, ora alagas
Os montes colossais.
Qu'importa o antro fundo, o céu sem têrmos?
Se tu sondá-los vais!

Pobre cega, que vagas louca, errante,
Torpe ou sagaz, na fera escuridão
Interrogando a essência de ti mesma...
Só vendo — confusão!...

Mas, quer no chão batido marches dócil,
— Crédula em teus avós,
Quer novas galas vistas... e escarneças
Do passado os heróis;

Quer partindo rebelde as gargalheiras,
As recalques aos pés...
Marcho sempre contigo dia e noite
Dos tempos através!

E este verme, que sentes bem no fundo
Teu coração morder,
Esta sombra, que o prisma de teus sonhos
Vês, tórva, escurecer,

Sou eu! Sou eu — luzcero decaído,
Anjo da maldição!
O rei do mal... e fiz o meu inferno
No humano coração. 3319

Feliz quando a esperança a teus delírios
Presta lúcido véu!

Infeliz, se a saudade te envenena
O tempo, que morreu...
E te arrojas sem rumo, desvairado,
Em tétrico escarcéu...!

Jamais estrêla há de aclarar-te... embalde...
Hás de chamar por Deus... Deus não te vê...
Nem te escuta os insultos, que o provocam,
Nem a reza sem fé...

Há de só responder aos teus gemidos
A voz da trovoada...
Para ti não há plaga nem repouso,
Nem plácida enseada!

Morre a matéria bruta!... Mas tu, lúcido
Espírito, onde vais?
Quem sabe? Um dia rompem-se as golilhas!
Quem sabe... se jamais?!...

Falou... depois a luminosa frente
Deixou cair, desesperado e triste...
E correu de seus olhos larga fonte
De envenenadas lágrimas... Profundo
Silêncio em tórno iluminou momentos;
Logo em aéreos, musicais acentos
Cem coros ressoaram,
E além no ar em confusão cantaram.

PRIMEIRO CÔRO

Gênios! é tempo de vir
As desgraças com os homens repartir!

SEGUNDO CÔRO

Já para sempre abandonou a esp'rança
A humanidade!
Mal lhe serve de pasto ao frio peito
— Fria saudade!

TERCEIRO CÔRO

Sêres do mal! Nós somos do universo
O nume tutelar...
Se êles tentam descer, a nosso influo
Hão de a frente curvar!

PRIMEIRO CÔRO

Gênios! é tempo de vir
As desgraças com os homens repartir!

Uma voz

Eu turbarei seus amôres,
Desfarei sua ilusão,
Altearei seus rancores,
Farei sem têrmos as dores,
Mal chagado o coração!

Segunda voz

A seus olhos mentiras e verdades
— Confundirei!
A ciência, o acaso em sua mente
— Conturbarei!...

Terceira voz

Mancharei a formosura,
Farei velha a juventude...
E farei que uma alma pura,
Renegando da virtude,
Maldiga sua feitura!

Quarta voz

Farei duvidar do afeto
Que vota ao filho dileto
O coração maternal!
Mostrando o espinho entre as flores...
O interêsse entre os amôres,
Como vil manancial.

Quinta voz

Uma barra de ouro
Seu Deus será.
Sórdida avareza
Cultos lhe dará.
Miseras paixões
Hão de empunhar o cetro
De seus corações.

Gênios! é tempo de vir
As desgraças com os homens repartir!...

Sexta voz

Meu gládio indômito
Será fatal
A êsse Deus mísero
De vil metal.

Em seus alcâcares
Me assentarei.
E o mundo humílimo
Aos pés verei.

Gênios! é tempo de vir
Êstes servos ao carro meu jungir.

Sétima voz

Darei fim ao cativo,
Terei paz e liberdade,
Abrirei novo roteiro
A vagabunda, errante humanidade!

CÔRO

Quem sabe? quem sabe?
Se ensinos serão
Mentidos delírios,
Dourada ilusão?

Gênios! é tempo de vir
As desgraças com os homens repartir!...

O POETA

Como nuvens por negra tormenta
Em lufadas arroja o tufão,
E em confuso delírio apinhadas
De tropel encontrando-se vão;

E visões e fantasmas horrendos,
Monstros raros, de formas sem fim,
E palácios, cidades e templos
Nossos olhos figuram enfim.

E entre massas de negra tormenta
Some a terra aos olhares do sol,
Qual gigante cadáver, que enrola
Linho sórdido em triste lençol;

Como soa nas fragas longínquas
O dolente mugido do mar,
Quando as ondas esflora nas penhas,
Arquejantes do insano lutar;

E por noite serena as bafagens
Trazem restos de um canto de amor,
Que ao compasso dos remos entoa,
Mar em fora o feliz pescador;

Tal em doudo, feroz rodopio
A legião dos demônios fugiu;
Vagarosas passaram as sombras,
E o sussurro das asas se ouviu.

E no espaço vazio, fantástico,
Largo tempo cantava o cantar,
E nos longes um flébil harpejo
Pouco a pouco harmonioso expirar.

Embriagada, absorta, minh'alma
Dos delírios no incerto quedou,
E senti que em meu crânio trevoso
Rubra lava em torrentes queimou.

E na louca e falaz fantasia
Seus clamores e cantos ouvi;
E o túmulo na inquieta porfia
Encerrado em mim mesmo senti.

Assim quando soa belígera trompa,
Ao rufo cadente das caixas... então
Brioso ostentando magnífica pompa
Em ordem desfila guerreiro esquadrão.

E espadas, baionetas, canhões e cavalos
Se escoam, e os olhos turvados só vêem
Brilharem as armas, ondearem bandeiras,
Fantásticas plumas do vento ao vaivem, 3320

Luzir de couraças, o povo, e bem longe
Rumor indizível que a turba espalhou,
E prêsa no encanto, e extática a mente,
Crê vê-lo e escutá-lo, depois que passou. 3321

Mas já da aurora nos albores
Tinge a luz o firmamento...
E os nascentes resplendores
Lança a terra aos quatro ventos,
O manto de várias côres.

Já derramam-se no mundo
Harmonias cento e cento...
Vago, estranho movimento,
Inundando o ser profundo,
Susta o curso ao pensamento.

E' verdade o que ver creio?
Foi profecia o que eu ouvi,
Dos meus delírios em meio?
Mente acaso o devaneio?
Ou foi verdade o que eu vi?

S. Salvador, 20 de Fevereiro de 1871.

DURANTE UM TEMPORAL 3322

Vai funda a tempestade no infinito,
Ruge o ciclone tímido e feroz...
Uiva a jaula dos tigres da procela
— Eu sonho tua voz —

Cruzam as nuvens refulgentes, negras,
Na mão do vento em desgrenhados ellos...
Eu vejo sôbre a sêda do corpete
Teus lúbricos cabelos...

Do relâmpago a luz rasga até o fundo
Os abismos interminos do ar...
Eu sondo o firmamento de tua alma,
À luz de teu olhar...

Sôbre o peito das vagas arquejantes
Borrifa a espuma em ósculos o espaço...
Eu — penso ver arfando, alvinitentes,
As rendas no regaço.

A terra treme... As fôlhas descaídas
Rangem ao choque rijo do granizo
Como acalenta um coração aflito,
Como é bom teu sorriso!...

Que importa o vendaval, a noite, os euros,
Os trovões predizendo o cataclismo...
Se em ti pensando some-se o universo,
E em ti sòmente eu cismo...

Tu és a minha vida... o ar que aspiro...
Não há tormentas quando estás em calma.
Para mim só há raios em teus olhos,
Procetas em tua alma!

As 7 horas da noite de 2 de Março de 1871.

CONSUELO

A D. AGNESE

I

Nunca leste — Consuelo —, a página fulgente
Que George Sand, a loura, encheu de encanto e luz?
Êste sonho onde o céu, da terra passa rente...
Onde o amor, a harmonia e a graça brincam nus?...

Vem! dá-me tua mão... voemos a Sorrento!
Por barco — a fantasia! Por flâmula — teu véu!
Seja o cabelo negro — a vela sôlta ao vento...
Vem comigo sonhar a Itália... a noite... o céu!...

A Itália! a Itália santa! a pátria peregrina...
Do artista e do Poeta o mágico país.
Onde na terra o amor chamou-se — Fornarina,
Lá onde o amor no céu chamou-se Beatriz!

Terra que deu à luz a cavatina e a dália, ³³²³
A espádua de alabastro e o laranjal em flor
Onde o sôpro da noite em pleno céu espalha
As lavas do Vesúvio e as explosões do amor.

.....

[3325

Vem comigo, ³³²⁴ Formosa! A sombra vai profunda,
Dos astros o cardume a trecho aclara o mar... ³³²⁶
O tardo gondoleiro o remo n'água afunda...
Veneza — o cisne eterno — engolfa-se a sonhar!

Do nicho da Madona o frouxo alampadário
Dos Doges alumia o lúgubre frontal.
Silêncio. Quebra a paz a voz do estradivário
E uma gôndola passa em águas do canal...

Dentro o grupo do amor! Fusão de primaveras,
Dois risos soletrando o verbo do beijar.
Ventura que produz a inveja das esferas,
E que faz de ciúme os anjos descorar,

O crente — ao pé da Santa! o riso — junto à
[bôca, ³³²⁷
Um anelar — sem têrmo! um fulgurar — sem fim!
Ela?!... bela a fazer a terra inteira louca, ³³²⁸
Alma feita de um astro!... e o corpo de um jasmim.

[768]

Ó divina Consuelo! a vaga do Adriático
Fêz-te talvez nascer dum beijo dado ao sol.
A espuma foi teu berço, Alcíone simpático...
Tens por irmãos — o cisne, o amor e o rouxinol.

O amor, que açula o riso ao lábio da Francesa,
Que dá filtros fatais à filha de Madri,
Que mais lânguida torna a pensativa Inglêsa,
A Grega mais audaz! mais indolente a Huri!

O amor na Italiana estala em harmonia...
Sobe ao lábio trememente... espalha-se no céu!
Amor não é palavra, amor é melodia!
Não há música assim como dizer: "Sou teu!"

E o seio que palpita a rebentar a sêda...
E a garganta, do cisne a desmaiar o alvor...
E a trança a descair... e a mão que a trança arreda...
Anzoletto a seus pés... as trevas em redor...

A divina Consuelo, em face à noite imensa,
No gesto dominando as fúrias do escarcéu.
Na voz clara, sonora, ardente, larga, extensa,
— Escada de Jacó — prendia a terra ao céu!...

II

Horas de amor, porque voais tão cedo?
Êxtases santos, porque assim passais?
Plantam-se risos no fatal rochedo,
Vinga a seara dos sombrios ais.

Um dia a fronte já não surge vívida...
Aperta o seio em desespero a mão...
— Que foi? — pergunta-se à criança lívida.
Ai! não respondas, Consuelo, não!

Apanha a essência destas fundas mágoas,
Concentra o fogo nos teus seios nus.
Na gruta — mudam-se em cristal as águas,
No abismo — a lava se transforma em luz.

Palor e pranto, desespero e chôro!...
Como no gênio esta coroa diz!...
Desta cicuta vais fazer um louro!...
Caíste mártir! e te ergueste... atriz!

III

Passou pela terra, tão casta e nitente,
Qual raio de lua que bate no gelo,
O Sânzio invejara-lhe a fronte inocente,
Por isso chamavam-na:

A pura Consuelo!

E tinha nos olhos fulgor de meteoros,
Um céu de procela no escuro cabelo,
Da aurora lavada nos pálidos raios,
A musa da Itália

Tu eras, Consuelo!

Cantava! Sua alma saía-lhe em notas...
Mistério! Milagre... quem pode sabê-lo?
As ninfas outrora mudavam-se em flores,
Em lira tornara-se

A triste Consuelo.

Cruzavam-lhe o canto sussurros de arcanjo,
Suspiros de Laura, delírios de Otelo...
Se os raios da lua de sons se fizessem,
Talvez que lembrassem

A voz de Consuelo.

Mas, ai! que não acha na estrofe o poeta
Lampejos de um gênio tão fúlgido e belo.
Que versos espelham-te, ó flor de Veneza?
Quem pode lembrar-te,

Divina Consuelo.

Só vós, bela diva! da música aos trenos,
Meu pálido sonho podeis aquecê-lo.
Afogue-se a musa nas árias brilhantes!...
E, se inda tu queres

Sonhar Consuelo...

Co'as mãos no piano, co'os olhos no espaço,
Trementes os seios, revôlto o cabelo...
Num mar de harmonia nos leva a Sorrento!...
Desperta-me a Itália!

Revive Consuelo!

S. Salvador, 20 de Março de 1871.

VERSOS PARA MÚSICA 3329

A D. AGNESE

Ingrata! E fazes milagres...
E não crês em ti sequer.
Vê, teu riso quebra as lousas,
Eu sou Lázaro, mulher.

Tu me perguntas, formosa,
Se a alma tem outra flor...
Se revive murcha a rosa...
Se renasce morto o amor...

Ingrata! pois tu duvidas?
Do influxo do teu poder!...
Minh'alma é planta aquecida
Nos teus sorrisos, mulher.

Ingrata! Tu que dás a vida
Não vês sequer teu poder!...
Olha-me!... Eu vivo, querida!...
Eu sou Lázaro, mulher!

Eu era a triste crisálida,
Tu foste a luz do arrebol!...
Minh'alma desperta válida
Aos raios da luz do sol!...

Ingrata! Inda assim duvidas
Do influxo de teu poder...
Vês, minh'alma? E' borboleta
Que tu salvaste mulher.

Ingrata! E fazes prodígios
E não crês em ti sequer!...
Minha alma é lousa florida
Aos teus afagos, mulher!

10 de Abril de 1871.

NO CAMAROTE

(SÔBRE MOTIVOS DE ESPANHOL.)

No camarote gélida e quieta
Porque imóvel assim cravas a vista?
És o sonho de neve de um poeta?
És a estátua de pedra de um artista?

Debalde cresce de harmonia o canto...
A Moça não o escuta, além perdida!
Que amuleto prendeu-a no quebranto?
Em que céu vai boiando aquela vida?

Onde se engolfa o cisne dessa mente?
Em que vagas azuis desce cantando?
Que bafagem, meu Deus! frouxa, dormente,
Lhe acalenta o cismar no alento brando?

— Arcanjo, deusa ou pálida madona —
Quem é, surprêsa, a multidão pergunta...
É ao vê-la mais gentil que Desdemona 3330
Como para rezar as mãos ajunta.

Odalisca talvez de haréns brilhantes,
Ela no lábio as multidões algema.
Talvez dest'alma nas visões errantes
Voa a pura miragem de um poema.

Nem um riso, entretanto, a flux luzindo
Aos delírios que esfolha a cavatina,
A bôca rubra de improviso abrindo,
Esta fronte fatídica ilumina.

Pois naquela alma só se encontra neve?
Nada palpita nessa forma branca?
Pois não freme êste mármore de leve?
Pois nem o canto esta friez lhe arranca?

Ai! Ninguém fie dessa calma estranha,
— Êxtase santo de harmonias cheio.
— Guarda a lava a petrina da montanha,
Guarda Vesúvios o palor de um seio.

Oh! ser a idéia dessa fronte pura,
Ser o desejo dêsse lábio quente,
Fôra o meu sonho de ideal ventura, 3331
Fôra o delírio de minh'alma ardente.

Feliz quem possa na ansiedade louca
Esta bela mulher prender nos braços...
Beber o mel na rosa desta bôca,
Beijar-lhe os pés... quando beijar-lhe os passos!

14 de Abril de 1871.

A UM CORAÇÃO

“CORAÇÃO DE FILIGRANA DE OIRO”

Ai! pobre coração! Assim vazio
E frio
Sem guardar a lembrança de um amor!
Nada em teu seio os dias hão deixado!...
É fado?
Nem relíquias de um sonho encantador?

Não, 3332 frio coração! É que na terra
Ninguém te abriu... Nada teu seio encerra!
O vácuo apenas queres tu conter!
Não te faltam suspiros delirantes,
Nem lágrimas de afeto verdadeiro...
É que nem mesmo — o oceano inteiro —
Poderia te encher!...

Maio de 1871.

NOITE DE MAIO

BARCAROLA

Música da "Santa Lucia"

I

No céu dos trópicos
P'ra sempre brilha,
Ó noite esplêndida,
Que as ondas trilha.

Do amor nas pálpebras
Acende o raio.
Ó noite cúmplice!
Noite de Maio!

II

Vê... que astros lícidos
Na azul clareira:
São flores níveas
Da laranjeira.

De noiva chamam-te
Em cada raio.
Noiva puríssima
Do mês de Maio.

III

Do vento os hálitos
Erguem-te as tranças,
Nos seios rolam-te
Em loucas danças.

São meus anélitos,
É meu desmaio.
Ó noite cúmplice!
Noite de Maio!

IV

Estrêla pálida,
Moça divina!
Donzela tímida
Sob a neblina!

Teu véu empresta-me,
Teu longo saio,
Para as espáduas
Da flor de Maio.

V

Nas praias nítidas
Têm voz as vagas...
São bôcas trêmulas
Lambendo as plagas.

O oceano lúbrico
Beija-te o saio...
Meus versos canta-lhe,
Vaga de Maio.

VI

O espelho etéreo
Das nuvens nasce,
Reflete em júbilos
A tua face.

Seu riso angélico
No céu guardai-o.
Espelho límpido
Da flor de Maio.

VII

Há risos tépidos
Entre as palmeiras;
Beijam-se lânguidas
Fadas trigueiras. 3333

Da selva o cântico
Além cantai-o,
Ó gênios cúmplices
Do céu de Maio.

VIII

A lua imerge-se
Na etérea zona, 3334
A fronte inveja-te,
Bela Amazona.

Fronte de mármore
Que empresta um raio
À c'roa fúlgida
Do mês de Maio.

IX

No azul dos trópicos
Suspende o passo,
As horas cêleres
Prende ao regaço...

Os astros liga-me
Num loiro raio!
Sê nossa cúmplice...
Noite de Maio!...

7 de Maio de 1871.

LONGE DE TI

Quando longe de ti eu vegeto,
Nessas horas de largos instantes,
O ponteiro que passa os quadrantes 3335
Marca séculos, se esquece de andar.
Fito o céu, — é uma nave sem lâmpada.
Fito a terra — é uma várzea sem flores.
O universo é um abismo de dores,
Se a *madona* não brilha no altar.

Então lembro ³³³⁶ os momentos passados,
Lembro então tuas frases queridas,
Como o infante que as pedras luzidas
Uma a uma desfia na mão.
Como a virgem que as jóias da noiva
Conta alegre a sorrir de alegria,
Conto os rios que deste-me um dia
E que eu guardo no meu coração.

Lembro ainda o lugar onde estavas...
Teu cabelo, teu rir, teu vestido...
De teu lábio o fulgor incendiado...
Destas mãos a beleza ideal...
Lembro ainda, em teus olhos, querida,
Este olhar de tão lânguidos raios,
Este olhar que me mata em desmaios
Doce, terno, amoroso, fatal!...

Quando a estrêla serena da noite
Vem banhar minha fronte saudosa,
Julgo ver nessa luz misteriosa,
Doce amiga, um carinho dos teus!
E ao silêncio da noite que anseia
De volúpia, de anelos, de vida,
Eu confio o teu nome, querida,
Para as brisas levarem-no aos céus.

De ti longe minh'alma vegeta,
Vive só de saudade e lembrança,
Respirando a suave esperança
De viver como escravo a teus pés,
De sonhar teus menores desejos,
De velar em teus sonhos dourados,
"Mais humilde que os servos curvados!
"Inda mais orgulhoso que os reis!"

.....
Ó meu Deus! manda as horas que fujam,
Que desfilem em fio os instantes...
É o ponteiro que passa os quadrantes
Marque a hora em que a possa fitar!
Como Tântalo à sede morria,
Sem achar o conforto preciso...
Morro à míngua, meu Deus, de um sorriso!
Tenho sede, Senhor, de um olhar.

Bahia — 1871.

VIRGEM DOS ÚLTIMOS AMÔRES

CENA ÚNICA

É noite. A cena representa uma floresta americana. Longe os fogos sangrentos da tribo. Perto os guerreiros que rondam ao clarão do luar. O prisioneiro espera a noiva final.

Por detrás daquele oiteiro
A morte espera a manhã!
É a morte do guerreiro,
Do bravo que não recua!...
Geme ao longe a mãe-da-lua, ³³³⁷
Responde perto a cauã...

Nas sombras passa uma sombra!...
Balançaram nos cipós!...
Pé de moça pisa a alfombra...
Da cova enfeitada-lhe as flores...
Flor dos últimos amôres!
Traz o beijo dos heróis!

Da lua a teia amarela
Estende as malhas de luz...
Na riba o caboclo vela
Ao rubro fogo da taba...
Aqui a murta desaba, ³³³⁸
Mulher! nos teus peitos nus!

A lagoa se debruça
P'ra cair no ribeirão...
É minha mãe quem soluça?
Não sabes, ³³³⁹ filha estrangeira,
Tens a trança da palmeira...
Palmeira do coração!

Foi de *jasmins amarelos*
Que trançaste o *canitar!*...
Criança, eu morro de anelos,
Dá-me beijos sôbre beijos...
Tenho um século — por desejo!
E uma noite — por amar!

Amanhã todo êste fogo
A morte vai apagar,
Arranca-me est'alma logo...
— Amai! — a noite nos clama
— Enquanto houver uma flama!
Um grito, um sôpro, um olhar!

Teu sangue ardente galopa
Na fronte morna a bater,
Teu lábio meu lábio ensopa...
Moça! que mel nestes lábios...
São das abelhas ressábios?
São ressábios do morrer?

Pois eu já vi mil gentias
Chorar nestes braços meus,
Aquelas frutas bravias
Não são frutas que embriagam,
Teus dedos quando me afagam
Parecem dedos dos céus...

Existe uma flor na mata
Que aparece à noite só:
Abre as pétalas de prata,
Se espaneja, se colora...
Mas, aos fulgores da aurora, ³³⁴⁰
Murcha, expira, faz-se em pó.

Chama-se... o nome que importa?
Lembro agora um sonho meu:
...Uma águia tombava morta
Das nuvens... na correnteza...
Nas garras tinha uma presa
Rolando viva... Era eu!

Porque derrubas as gôtas
Do cacho do ouricuri?
São tuas missangas rôtas
Que rolam na minha frente?
Teu colar estava quente...
As contas quentes senti!

Bem sabes! Se o filho expira,
A mãe, que triste o perdeu,
Na selva o berço lhe estira
Entre a flor, a brisa, a palma...
Quando eu morrer, prende est'alma
Aqui no cabelo teu!

Minha noiva derradeira,
Ês bela e triste ao luar!
Eu fui a garça altaneira
Cruzando as tardes vermelhas...
Dos arcos das sobranceiras
Porque fechaste um olhar?

Caí! Caí nos teus braços,
Bela filha de Tupá!
São serpentes teus abraços,
Mas não serpentes que beijam!...
São lianas que festejam
Os galhos do piquiá.

Já, mais fria, ³³⁴¹ a serenada
Resvala pelos bambus...
Os ventos da madrugada
Vêm da pátria, vêm ³³⁴² do norte...
Não ouves, falando em morte?
...Eu amo os teus ombros nus!...

Teus ombros... Mas ficas branca
Vendo o céu embranquecer!?
É a alvorada que espanca
Os môchos e, ³³⁴³ dentre as flores,
Aos pombos arruladores
Manda cantar... Vou morrer!

Vem! Os astros emurhecem...
Só resta um dêles nos céus.
Seus raios grandes parecem
As pétalas da magnólia...
É a estrêla que se esfolha
Quando a noite diz adeus.

Fita os olhos nela... um beijo...
Um beijo... antes do arrebol!...
Inda brilha... inda um desejo...
Eia! Ao raio derradeiro!...

.....

Adeus! noiva do guerreiro!
Salve, ó morte! Salve, ó sol!!!

S. Salvador, 25 de Maio de 1871.

A MINHA IRMÃ ADELAIDE

Quando sòzinho e triste... em horas de amargura,
Tu sentes de meu seio a tempestade escura
As asas encurvar, no fúnebre oceano!...
Quando a esponja de fel embebe-me a lembrança!...
...Levantas-te de leve, ó límpida criança!...
E deixas ³³⁴⁴ tuas mãos correrem no piano...

Tu'alma terna e meiga inclina-se inquieta
No abismo funeral das mágoas do poeta,
E sonda aquêles pego, e rasga aquêles arcano!
Após, nesse arquejar da vida, que me pesa,
Ouço, longe, uma voz que no infinito reza!...
Na terra um soluçar choroso... É teu piano!

Quando no desviver das horas de atonia, ³³⁴⁵
Das noites tropicais na morna calmaria,
Da mocidade o canto arrojo ao vento — insano,
E, perto de morrer, o amor anseio ainda!...
Que mulher me solettra essa harmonia infinda?
...É tua mão qu'empresta um'alma ao teu piano...

E enquanto a flor rebenta à face da lagoa...
E a lua vagabunda o céu percorre à toa,
Mirando na corrente o seio leviano;...
Inda a terra m'inspira um sonho de ternura!...
...O gênio da desgraça, o gênio da *loucura*,
Tu sabes, qual *Davi*, curar no teu piano.

Criança! que não vês como é sublime e santo
Fazer irmãos no amor e cúmplices no pranto
Mozart, o homem do Norte, e Verdi, o Italiano!
Despertar ao relento o idílio de Bellini!
Fazer dançar Sevilha, ao toque de Rossini.
E o bolero estalar... nas teclas do piano!

Ai! toca! No meu ser acorda ainda um estro
À voz de Gottschalk ³³⁴⁶ — o esplêndido maestro —
Aos lampejos da luz — do Moço Paulistano —!
Ai! toca! Enche de sons o derradeiro dia
Daquele que só tem... por sonho — uma harmonia!
Por única riqueza... a ti... e ao teu piano!

S. Salvador, 29 de Maio de 1871.

REMORSOS

Em que pensa Carlota após a valsa,
No tapête
Atirando o bournou quando descalça...
Ou melhor... quando rompe a luva, a fita,
Se a presilha, o colchête,
Em leve resistência a mão irrita...
Em que pensa Carlota após a valsa?

Em que sonha Carlota à madrugada,
Quando aberta
Ao travessero a bôca perfumada,
E afoga o seio sob a cruz de prata,
Pela camisa aberta,
Que um movimento lânguido desata...
Em que sonha Carlota à madrugada?

Com quem fala Carlota ao sol poente,
Na sombria alamêda,
Quando os cisnes se arrufam na corrente...
É o vento, pelas grutas cochichando,
Uns noivos arremeda,
Que estão, como dois pombos, arrulando...
Com quem fala Carlota ao sol poente?

Porque chora Carlota ao meio-dia,
Quando nua de adôrno,
Cobrindo os pés... co'a trança luzidia,
Entrega o corpo ao vacilar da rêde,
E olhando o campo morno,
Os lábios morde... p'ra matar a sêde.
Porque chora Carlota ao meio-dia?

O que cisma, o que sente, por quem chora
A soberba Carlota?
A rainha das salas já descora...
Foge o cetro do leque aos dedos frouxos,
E a turba alegre nota
O fundo circ'lo de seus olhos roxos.
Que não diz o que cisma e porque chora...

Quem te mata, Carlota, são remorsos
De algum divino crime?
São ciúmes que escondem teus esforços?
Tens vergonha talvez dêsse rosário
Que tua mão comprime,
Porque um sôpro roçou no relicário?
E desmaiias, Carlota, de remorsos?!

Se é por isso, não pises tanto os olhos...
Formosa criatura!
O mundo é um mar de pérfidos escolhos.
Quem te pode lançar primeiro a pedra?
Amor! e formosura!
Deus não corta a roseira, porque medra...
Se é por isso, não pises tanto os olhos!

Mas não! Chora!! Teu mal é sem remédio...
Serás mártir sem palma,
Pregada numa cruz... na cruz do tédio!
Fria Carlota! cobre-te de pejo...
Mataste à sêde um'alma!
Fizeste o crime... de negar um beijo!
Chora! que êste remorso é sem remédio!!...

S. Salvador, 31 de Maio de 1871.

EM QUE PENSAS?

Oh! Pepita, charmante fille,
Mon amour, à quoi penses-tu?

ALF. DE MUSSET

Tu pensas na flor que nasce
Menos bela do que tu!
Na borboleta vivace
Beijando teu colo nu!

No raio da lua algente
Que bebe no teu olhar...
Como um cisne alvinitente
No cálice do nenufar. ³³⁴⁷

Nas orvalhadas cantigas
Destas selvagens manhãs...
Nas flores — tuas amigas!
Nas pombas — tuas irmãs!

Tu pensas, ó Fiorentina,
No gênio de teu país...
Que uma harpa soberba afina
Em cada seio de atriz.

Na esteira de luz que arrasta
A glória no louco afã!
Nos diademas da Pasta...
Nas palmas da Malibran!

Pensas nos climas distantes
Que um sol vermelho queimou...
Nesses mares ofegantes
Que o teu navio cortou!

Na bruma que lá s'escoa...
Na estrêla que morre além...
Na Santa que te abençoa,
Na Santa que te quer bem!...

Tu pensas n'Arte sagrada,
Nesta severa mulher...
Mais que Débora inspirada...
Mais rutilante que Ester.

Tu pensas em mil quimeras,
Nos orientes do amor.
No vacilar das esferas
Pelas noites de languor.

Nalgum sonho peregrino
Que o teu ideal criou.
Na vassalagem, no hino...
Que a multidão te atirou!

Neste condão que teus dedos
Têm ³³⁴⁸ de domar os leões...
No pipilar de uns segredos,
No musgo dos corações...

No livro que tens no colo!
Nos versos que tens aos pés!
Nos belos gelos do pólo...
Como teus seios cruéis.

Pensas em tudo que é belo,
Puro, brilhante, ideal...
No teu soberbo cabelo!
No teu dorso escultural!

Nos tesouros de ventura
Que a um'alma podias dar;
No alento da bôca pura...
Na graça do puro olhar...

Pensas em tudo que é nobre,
Que entorna luz e fulgor!
Nas minas, que o mar encobre!
Nas avarezas do amor!

Tu pensas tudo que invade
O seio de um Querubim!...
Deus! Amor! Felicidade!...
...Só tu não pensas em mim!...

S. Salvador, 1 de Junho de 1871.

AQUELA MÃO

Pálidos versos a um primor divino.

* * *

Era u'a mão ³³⁴⁹ de luxo... era um brinquedo
Mão tão bonita que metera mêdo
Se não fôsse, meu Deus! tão meiga e franca!
Mão p'ra se encher de gemas e brilhantes,
De suspiros, de anelos palpitantes...
Mas p'ra estalar as jóias e os amantes...
Aquele mão tão branca!

Era u'a mão fidalga, exígua, escassa!
Mão de Duquesa! Era u'a mão de raça,
De sangue azul, em veios de Carrara!
Alva, tão alva que vencía a idéia
Das neblinas, dos gelos e da garça!...
Amassada ³³⁵⁰ no leite da Amaltéia
Aquele mão tão rara!

Tinha um gesto de musa! — Mão que voa,
Que do piano na ideal lagoa,
As asas banha em rapidez não vista!...
Como a andorinha que se arroja à toa,
Cruzando em beijos a extensão das teclas!
Acendendo no seio a luz dos Eclis...
Aquele mão de artista!

Mão de criança! Era u'a mão de arminhos,
Tendo essas *covas*, êsses alvos ninhos,
De aves que a terra desconhece ainda!
Lembrando as conchas dos parcéis marinheiros,
A pólpa branca dos nascentes lírios...
Covas... porque se enterram mil delírios
Naquele mão tão linda!

No teatro, uma noite, casta, esquiva,
Na luva de pelica a mão cativa,
Recordava um eclipse de lua...
Mas um momento após, deixando o guante,
Vi salvar-se da espuma, rutilante,
Como Vênus despida e palpitante,
Aquele mão tão nua!

Era uma régia mão! Que largas vêzes
Sonhei torneios, morriões, arneses,
Bravos ginetes de nevada crina,
Justas feridas entre mil reveses,
Da média idade a sanguinosa palma...
Só p'ra o louro atirar... e a lança e a alma...
Aquele mão tão fina!

Uma noite sonhei que, em minha vida,
Deus acendia a *estrêla* prometida,
Que leva os *Reis* ao trilho da ventura;
Mas, quando, ao longo da poenta estrada,
O suor me escorria d'amargura...
Passava em meus cabelos perfumados
Aquele mão tão pura!

Era u'a mão que iluminara um cetro...
Mão que ensinava *d'harmonia* o metro
As *esferas* de luz que o dia encobre!...
Tão santa que uma pérola indiscreta
Talvez toldasse esta nudez tão nobre...
Vazia... Era a riqueza do Poeta
Aquele mão tão pobre!

Era u'a mão que provocava o roubo!
Era u'a mão para conter o globo!
Tinha a luz que arrebatava, a luz que encanta!
Fôra o gênio de Sócrates o Grego!
Domara em Roma os cônsules e o lobo!
Mão que em trevas buscara Homero cego, ³³⁵¹
Aquele mão tão santa!

S. Salvador, 2 de Junho de 1871.

REZAS

Na hora em que a terra dorme
Enrolada em frios véus,
Eu ouço uma reza enorme
Enchendo o abismo dos céus.

Acendem-se os bentos círios
Dos vagalumes sutis!
"Ave!" murmuram os lírios,
"Ave!" dizem os covis!

Nos boqueirões há soluços...
Tem remorso o vendaval...
O mar se atira de braços,
Co'as barbas pelo areal.

As nuvens ajoelhadas
Nos claustros ermos e vãos,
Passam as contas doiradas
Das estrêlas — pelas mãos.

A açucena, por criança,
Junta os dedos... reza e ri!
A palmeira larga a trança...
Reza nua como a huri.

Pelos cipós solitário
Gôta a gôta o orvalho cai,
Como as bagas do rosário
Da filha que chora o pai!

A ventania que emboca
Pela serra colossal,
É organista que toca
Nos sifões da cathedral.

Que fanatismos divinos
Nas lapas do campo alvar!
Da onça os olhos felinos
Dizem rezas ao luar!

Há luzes fosforescentes
Acesas pelos marnéis...
São as larvas penitentes
Rezando pelos fiéis.

Monstro e anjo a noite grupa
No pedestal da oração...
Quem sabe se a catadupa
Bate nos peitos do chão?

Reza tudo que tem bôca
Cheio de graça ou terror...
O ninho — junto da toca!
A cratera ao pé da flor!

Só, enquanto a reza enorme
Reboa pela amplidão,
Como Loth... o Homem dorme
No colo da criação!

S. Salvador, 5 de Junho de 1871.

JUVENILIA

GÊSSO E BRONZE

Foi Canova ou David... Um mestre, um escultor,
Duas estátuas fêz simbolizando o amor...

Uma — pálida e fria, inda amassada ³³⁵² em gêsso
No canto da oficina ensaio sem aprêço!...
Outro — prodígio d'arte, arrôjo peregrino,
Encarnação de luz em *bronze* florentino!...

Uma noite, porém, um raio, o acaso... um nada
O incêndio arremessando à tenda profanada...
No vermelho estendal das cinzas do brasido
Viu-se o esbôço de pé!... e o bronze derretido!...

Senhora, Deus também às vêzes é escultor,
E gosta de esculpir nos corações o amor...
De argila ou de metal, de barro ou de alabastro, ³³⁵³
Com o o limo com que faz a escuridão e o astro...

Mas quando o acaso... um gesto... um riso leviano
Ateia a flama vil de um zêlo ardente, insano...
Sabeis o que se dá?

— O amor de gêsso medra...
De lôdo que era há pouco... enrija... faz-se pedra...
.....
Mas da lava infernal o beijo libertino
Funde a estátua do amor de bronze florentino!!

15 de Junho de 1871.

JUVENILIA

AO NATALÍCIO DO MEU DIRETOR O ILMO.

SR. DOUTOR ABÍLIO CÉSAR BORGES

I

Grato sempre à mocidade,
Belo dia, hás de raiar;
Sempre ela muito contente
Mil flores te há de ofertar!

Sempre em ti se entregará
Ao prazer com expansão;
Mil cultos render-te-á
Nos altares d'afeição.

Pois em ti, sublime dia,
Do alto dos céus baixou
O anjo, que à mocidade
Dos rigores libertou.

Baixou êste grande homem,
Que tanto anima a instrução,
Estimulando co'amor
O infantil coração.

II

Nasceu hoje meu bom Diretor,
Para honra do grande Brasil,
Preparando na infância, que educa,
Para a pátria futuro gentil.

É por isso que o sol orgulhoso
Ergue a fronte soberba e brilhante;
É por isso que as flores exalam
Um perfume mais doce e fragrante. ³³⁵⁴

É por isso que tão cristalinos
Os regatos se alongam ao mar,
E as aves co'as côres tão vivas
Brincam — ternas — voando no ar.

E os ventos tão meigos e frescos
Sussurrando as campinas percorrem,
E as abelhas em busca de mel
As florinhas contentes já correm.

É por isso enfim que tão bela
A natura se ostenta no mundo;
É por isso que a infância já sente
Regozijos do peito no fundo.

III

Eia! cantemos! ³³⁵⁵ cantemos!...
Com grinaldas coroemos
Neste belo e grande dia
Do natalício de amor
O nosso bom Diretor,
Que tão zeloso nos guia.

Bahia, Ginásio Bahiano, 9 de
Setembro de 1860. (3356)

POESIA

RECITADA PELO ALUNO ANTÔNIO DE CASTRO ALVES
NO OUTEIRO QUE TEVE LUGAR NO GINÁSIO BAHIANO
A 3 DE JULHO DE 1861

I

Qual leão encostado à dura rocha
Da grande serra, onde o senhor habita,
Vestido de áurea juba reluzente,
O débil caçador ao longe fita;

E grande e generosa que podia
De momento em seu sangue se banhar,
Deixa-o seguir com pena o seu destino
Sem seu poder e fôrças lhe mostrar:

Tal o Brasil sentado junto às margens
Do verde oceano que seus pés lhe beija,
E recostado sôbre o alto Ande
Que além nos ares, pelo céu flameja.

Vestido dêsse manto lindo e belo
Que nunca o frio inverno desbotou;
Bordado dos diamantes, do ouro fino,
Das lindas flores com que Deus o ornou;

Viu chegar-se de Lísia a cruel gente
Batida pelos ventos e tufão,
Débeis de fôrças, débeis de esperança,
E apenas merecendo compaixão;

Deixa-os entrar nos bosques gigantescos;
Deixa-os gozar dos puros céus de anil;
Deixa-os fruir de tôdas as riquezas,
Que o mundo antigo inveja do Brasil.

II

Mas o gigante que amigo
Unira alegre consigo
O peregrino estrangeiro,
Em breve sentiu, raivoso,
Seu colo altivo, orgulhoso,
Sob triste cativo.

Sentiu em breve o grilhão
Da mais torpe servidão
Atar-lhe a fronte sob'rana;
Essa fronte majestosa
A quem coroa formosa
Dava a gente Americana!

Mas perdendo o sangue frio,
Recordando o antigo brio,
O seu antigo valor;
S'ergue súbito da terra
E exclama com voz que aterra
Ardente d'ira e furor:

"Lísia, que fôstes o horror
Dos povos de outro equador
Com teu imenso poder;
Que com as tuas falanges
Às Índias, que banha o Ganges,
Fizeste humilde tremer;

"Sabe que a Índia de agora
Tem outra mais bela aurora;
São Índias, mas do Amazonas,
Sabe que eu sou o Brasil;
Tenho povo senhoril
Como não tem outras zonas.

"Se o índio, o negro africano,
E mesmo o perito Hispano
Tem sofrido servidão;
Ah! Não pode ser escravo
Quem nasceu no solo bravo
Da Brasileira região!

E ei-lo já arrojante,
De sangue imigo espumante
A destruir, a matar;
Busca de todos os lados
Os mandões que, amedrontados,
Caem na terra e no mar.

Uns Lusitanos já correm,
Outros aos golpes já morrem
Dêste novo Adamastor;
Não podendo já mostrar
O seu valor militar
Tremem feridos de horror.

Em Pirajá, em Cabrito,
De Lísia já se ouve o grito,
Surdos gemidos de dor;
Já nem se lembram de glória,
Esquecem té a memória
Dos seus feitos de valor.

Uns acham vida fugindo,
Outros morrem, mas sentindo
Os pulsos do Brasileiro;
Então conhecem, medrosos,
Que para peitos briosos
É quimera o cativo.

Então soberbo o gigante
Com sua fronte brilhante
As suas armas deixou;
E levantando os troféus
Clama ousado para os céus:
— Lísia, sim, já livre sou —

SONETOS

AOS ANOS DO MEU PREZADO DIRETOR

Mancebos! De mil loiros triüfantes
Adornai o Moisés da mocidade,
O Anjo que nos guia da verdade
Pelos doces caminhos sempre ovantes.

Coroai de grinaldas verdejantes
Quem rompeu para a Pátria nova idade,
Guiando pelas leis sãs da amizade
Os moços do progresso sempre amantes.

Vê, Brasil, êste filho que o teu nome
Sôbre o mapa dos povos ilustrados
Descreve qual o forte de Vendôme.

Conhece que os Andradas e os Machados,
Que inda vivem nas asas do renome,
Não morrem nestes céus abençoados!

Mestre, Mestre querido, Pai de Amor,
As glórias que conquistas co'a razão,
Enchendo de prazer teu coração, ³³⁵⁷
T'atraem grandes bênçãos do Senhor!

Os teus loiros têm mais vivo fulgor,
Que os ganhos ao ribombo do canhão;
Que os de um Aníbal, dum Napoleão,
Alcançados das mortes entre o horror.

Sim! Que os loiros terríveis que Mavorte
Ao soldado concede em dura guerra,
Todos murcha a idéia só da morte!

Mas nos teus vero mérito se encerra,
Que não cede do tempo ao braço forte,
E alcançam justo prêmio além da terra!...

AO DIA 7 DE SETEMBRO

Mancebos, que sois a esperança
Do majestoso Brasil;
Mancebos, que inda tão tenros
Sabeis de louro gentil
Adornar o pátrio dia,
Nosso dia senhoril!

Eis que assomou sôbre os montes
Além, sôbre a antiga serra,
Entre mil nuvens de rosa,
O dia de nossa terra;
Aquêlê que para a Pátria
Milhões de glórias encerra.

Foi hoje que o Lusitano,
Que o filho de além do mar,
Despertou com forte brando
A Pátria que era a sonhar,
Que nem sequer escutava
A liberdade a expirar.

E o brado: — *Livres ou mortos*
Lá nos bosques retumbou;
E mais contente o Ipiranga
As suas águas rolou;
E o eco d'alta montanha
Todo o Brasil ecoou.

E as montanhas lá do Sul,
E as montanhas lá do Norte,
Repetiram em seus cumes:
Sempre ser livres ou morte...
E já na luta renhida
Cada qual luta mais forte.

Sim, nos combates que, ousados,
Travaram cem contra mil,
O mancebo que nascera
Sob êste azul céu de anil,
Forte como um Bonaparte,
Batia o forte fuzil.

E cada qual no combate
Ao ribombar do canhão
Querira à custa da vida
Dar à Pátria salvação,
Vingar a terra natal
D'aviltante servidão.

Eia, pois, flores da Pátria,
Esp'rançosa mocidade!
Que os Andradas e os Machados
Do alto da Eternidade
Contentes vos abençoam
No dia da Liberdade.

*Bahia, Ginásio Bahiano, 7 de
Setembro de 1861. (3358)*

AO SNR. FURTADO COELHO

Tu és, artista, quem revive as eras,
Quem reanima pálidos perfis,
Gênio elevado — idéias tu geras,
Gênio! êste nome quanto vales, diz!

FRANKLIN DÓRIA

Do gênio a estrada é difícil,
Mas é brilhante também,
Se o gênio marcha entre cardos,
Marcha entre a rosa — a cecém.
Ao vê-lo o mundo então pasma,
No peito a inveja marasma,
E cala-se o ódio ignavo,
E quem tem fogo na frente,
Quem tem n'alma rica fonte
De amôres, ergue o seu bravo.

Ergueste a voz em *Dalila*,
Contigo o artista adorei;
Depois em *Lúcia* choraste,
Contigo *Lúcia* chorei.
Falaste após, duro e frio,
No *Cinismo* — um calafrio
Passou-me gelado n'alma.
Eia, pois, Proteu da arte,
Que assim sabes transformar-te
Que a Proteu levas a palma.

Eia! o povo já admira
O gênio que em ti transluz,
Nem passa o gênio sem palmas
Na terra da Santa Cruz.
Na terra das primaveras,
As glórias não são quimeras,
Nem o talento é um nome.
Aqui se admira o gênio,
Aqui se adora o proscênio,
Aqui se eleva um renome.

É bem risonha esta estrada
Das glórias ao brilho santo,
Ao ouvir vivos aplausos,
De — hosanas — a ouvir um canto;
Em cada dia uma palma,
Em cada momento um'alma
Teu gênio sabe alcançar;
Deus ungiu-te altiva frente,
E, apontando-te o horizonte,
Disse: "Eia! podes voar..."

Quanto és grande, — dizem todos
Que têm a arte amor e fé; ³³⁵⁹
Quanto és grande, — di-lo o povo
Que ardente e sincero é.
Quanto és grande — o alaúde
Que entoa só canto rude,
Dizer-te procura em vão;
Que ao gênio só se admira...
Retratar não pode a lira
Mesmo em tôda a inspiração.

Eia, avante! que o talento
Brilha sempre triüfnal,
Como o sol ardente a pino
Aclara a montanha e o val.
Eia! D'arte ó viajante, ³³⁶⁰
Co'a frente de luz brilhante
Vais ornado de lauréis;
Tens c'roas em vez de espinho
E, pois, no pó do caminho,
Lanço uma flor a teus pés.

Pernambuco, 16 de Abril de 1863.

AO DOUS DE JULHO

Índio gigante adormecera um dia:
Junto aos Andes por terra era prostrado;
Dirieis um colosso deslocado
De um pedestal de imensa serra.

Dos ferros a tinir a voz sombria
Desperta-o... Ruge-lhe o trovão um brado.
Roçam-lhe a frente as nuvens... sopesado
À destra o fulvo raio lhe alumia.

Foi luta de titães, luta tremenda!
Enfiam aos pés do Atlante americano
S'estorce Portugal n'angústia horrenda.

E hoje o dedo de Deus escreve ufano:
Tremei, tiranos, desta triste lenda;
Livres, erguei o colo soberano!

Recife, 1864.

O POVO AO PODER 3361

*Improviso ao ser dissolvido o Meeting
republicano promovido pelo tribuno An-
tônio Borges da Fonseca, conduzido à
prisão, em 1864, no Recife.*

Quando nas praças se eleva
Do Povo a sublime voz,
Um raio ilumina a treva,
O Cristo assombra o algoz...
Que o gigante da calçada,
De pé sôbre a barricada,
Desgrenhado, enorme, nu,
Em Roma é Catão ou Mário,
É Cristo sôbre o Calvário,
É Garibaldi ou Kossuth.

A praça, a praça é do Povo!
Como o céu é do Condor!
É antro onde a liberdade
Cria a águia ao seu calor!
Senhor, pois quereis a praça?
Desgraçada a população!...
Só tem a rua de seu.
Ninguém vos rouba os castelos, 3362
Tendes palácios tão belos...
Deixai a terra ao Anteu.

Nas torturas, nas fogueiras,
Nas tocas da Inquisição,
Chiava o ferro na carne,
Porém gritava a aflição!
Pois bem nesta hora poluta,
Nós bebemos a cicuta,
Sufocados no estertor!
Deixai-nos soltar um grito,
Que trepando no Infinito,
Talvez desperte o Senhor.

A palavra, vós roubais-la
Dos lábios da multidão.
Dizeis, senhores, à lava
Que não rompa do vulcão!
Mas que infância, ó velha Roma,
O' cidade da Vandoma,
O' mundos de cem heróis,
Dizei, cidades de pedra,
Onde a liberdade medra
Do porvir aos arrebóis?

Dizei onde a voz dos Gracos
Tapou a destra da lei,
Onde a toga tribunícia
Foi calcada aos pés do rei?
Fala soberba Inglaterra,
Do Sul ao teu pobre irmão

Dos teus tribunos que é feito.
Tu guarda-os no largo peito
Não no lôdo da prisão.

.....
Mas embalde que o direito
Não é pasto de punhal
Nem a patas de cavalo
Se faz um crime legal.
Não, não há muitos Setembros, 3363
Da plebe doem-lhe os membros
Ao chicote do poder
E o momento é malfadado
Quando o povo ensangüentado
Diz já não posso sofrer.

Pois bem! nós que caminhamos
Do futuro para a luz, 3364
Nós que o Calvário escalamos
Levando aos ombros a cruz, 3365
Que do presente no escuro
Só temos fé no futuro
Como alvorada do bem,
Laocoonte esmagados
Morreremos coroados
Erguendo os olhos além.

Irmãos da terra da América,
Filhos do solo da cruz,
Erguei as frentes altivas, 3366
Bebei torrentes de luz!
O' soberba população,
Rebento de velha raça
Dos nossos velhos Catões,
Lançai um protesto, ó Povo,
Protesto que o mundo novo
Manda aos tronos e às Nações!

Recife, 1864.

AO VIOLINISTA F. MUNIZ BARRETO FILHO

(IMPROVISO NO TEATRO DE SANTA ISABEL)

MOTE

No teu arco prendeste a eternidade

TOBIAS BARRETO

Era no céu, à luz da lua errante,
Moema triste, abandonando os lares,
Cíndia as vagas dos cerúleos mares
Te erguendo ao longe, ó peregrino infante!

Lá dos jardins sob o vergel fragrante,
À sombra dos maestros, sôbre os ares,
Ouvias das estrêlas os cantares
— Aves d'ouro no espaço cintilante.

Mas quando o gênio teu se alteia aflito,
Da alabastrina luz à claridade,
Lançando flores, lá do céu proscrito,

Pasma Bellini; e em meio à imensidade
Diz a lua suspensa no infinito:
"No teu arco prendeste a eternidade!"

Recife, 1865.

IMPROVISO

(À MOCIDADE ACADÊMICA)

Moços! A inépcia nos chamou de estúpidos!
Moços! O crime nos cobriu de sangue!
Vós os luzeiros do país, erguei-vos!
Perante a infâmia ninguém fica exangue.

Protesto santo se levanta agora,
De mim, de vós, da multidão, do povo;
Somos da classe da justiça e brio,
Não há mais classe ante êsse crime novo!

Sim! mesmo em face ³³⁶⁷ da nação, da pátria,
Nós nos erguemos com soberba fé!
A lei sustenta o popular direito,
Nós sustentamos o direito em pé!

NUM ÁLBUM ³³⁶⁸

O perfume do Oriente
— Quando rezas inocente —
Se embala nos lábios teus.
E no teu seio, se treme
Tens a Poesia, se geme,
Tens a harmonia dos céus.

Queres ver o Paraíso?
Descerra os lábios... Um riso
Vem-nos o Éden mostrar...
Canta... E aos hinos sagrados
Verás no céu debruçados
Os astros p'ra te escutar.

Tens a noite nas madeixas
Onde a brisa em ternas queixas
Geme... morre de languor.
São mais que os astros brilhantes
Os teus olhos fascinantes,
— Lindas estrofes de amor.

E ainda pedes-me um canto?!
Quebra a lira o Bardo santo
Ao ver um sorriso teu...
Rasga a tela Rafael,
Fídias estala o cinzel...
Deus treme de amor no céu.

Março de 65.

A ADELAIDE AMARAL

Artista, tua voz é a melodia
De Sorrento nas veigas perfumosas;
Ê teu riso o esfolhar de brancas rosas,
Voar do cisne errante da poesia!

Quando gemes, o arcanjo da harmonia
Colhe em teus lábios flores odorosas,
E do teu pranto as gôtas preciosas
São estrélas de luz n'alva do dia.

A *Camélia* esfolhada sôbre o dorso
Do mar da vida, em ondas de sarcasmo,
A *Hebréia*, condenada sem remorso...

Tudo sublimes, tudo... eu digo em pasmo:
"Gênio, gênio... inda mais... supremo esforço
Das mãos de Deus no ardor do entusiasmo".

FADOS CONTRÁRIOS

A JOSÉ JORGE

NUM ÁLBUM

Diz à flor a borboleta:
"Vamos, irmã, tudo é luz!
Há muito prisma doirado
Que pelos ares transluz...
Tuas pétalas são asas...
Das nuvens nas tênues gazas,
D'aurora nos seios nus
Tens um ninho entre perfumes...
Vamos bojar, entre lumes
Dêsses páramos azuis".

A linda filha dos ares,
Responde a silvestre flor:
"Eu amo o gemer das auras
E o beijo do beijar-flor...
Se és do céu a violeta,
Sigo um destino menor.
Buscas o céu — eu a alfombra,
Queres a luz — quero a sombra,
Pedes glória — eu peço amor." ³³⁶⁹

14-10-1865.

A ATRIZ EUGÊNIA CÂMARA ³³⁷⁰

*No dia seguinte ao de uma vaia
sofrida no Teatro de Santa Isabel, no
Recife.*

Hoje estamos unidos a adorar-te,
Tu és a nossa glória, a nossa fé,
Gravitar para ti é levantar-se,
Cair-te às plantas é ficar de pé!...

Ontem a infâmia te cobriu de lama
Mas p'ra insultar-te se cobriu de pó!...
Miseráveis que ferem a fraqueza
De uma pobre mulher inerme, só!

Tu és tão grande como é grande o gênio,
Ês tão brilhante como a própria luz,
Dentre os infames do calvário d'arte,
Tu foste o Cristo, foi o palco a cruz!...

Mas estamos unidos a adorar-te!
Tu és a nossa glória, a nossa fé!
Gravitar para ti é levantar-se,
Cair-te às plantas é ficar de pé!

Recife, 1866.

OS ESCRAVOS 3371

Des fleurs, des fleurs! je veux en couronner ma tête pour le combat. La lyre aussi, donnez-moi la lyre, pour que j'entonne un chant de guerre... Des paroles comme des étoiles flamboyantes, qui en tombant incendient les palais et éclairent les cabanes... Des paroles comme des dards brillants qui penetrent jusqu'au septième ciel, et frappent l'imposture que s'est glissée dans le sanctuaire des sanctuaires... Je suis tout joie, tout enthousiasme, je suis l'épée, je suis la flamme!...

HENRI HEINE

O SÉCULO

Soldados, do alto daquelas pirâmides quarenta séculos vos contemplam!

NAPOLEAO

O século é grande e forte.

V. HUGO

Da mortalha de seus bravos
Fêz bandeira a tirania.
Oh! armas talvez o povo
De seus ossos faça um dia.

J. BONIFACIO

O século é grande... No espaço
Há um drama de treva e luz.
Como Cristo a liberdade
Sangra no poste da cruz.
Um corvo escuro, anegrado, 3372
Obumbra o manto azulado,
Das asas d'águia dos céus...
Arquejam peitos e frentes... 3373
Nos lábios dos horizontes
Há um riso de luz... É Deus.

As vèzes quebra o silêncio
Ronco estrídulo feroz.
Será o rugir das matas,
Ou da plebe a imensa voz?...
Treme a terra hirta e sombria...
São as vascas da agonia
Da liberdade no chão?...
Ou do povo o braço ousado
Que, sob montes calcado, 3374
Abala-os como um Titão?!...

Ante êsse escuro problema
Há muito irônico rir.
P'ra nós o vento da esperança
Traz o pólen do porvir.
E enquanto o cepticismo
Mergulha os olhos do abismo,
Que a seus pés raivando tem,
Rasga o moço os nevoeiros,
P'ra dos morros altaneiros
Ver o sol que irrompe além.

Tôda noite — tem auroras,
Raios — tôda a escuridão.
Moços, creiamos, não tarda
A aurora da redenção.
Gemer — é esperar um canto...
Chorar — aguardar que o pranto
Faça-se estrêla nos céus.
O mundo é o nauta nas vagas...
Terá do oceano as plagas
Se existem justiça e Deus.

Entanto inda há muita noite
No mapa da criação.
Sangra o abutre dos tiranos
Muito cadáver — nação.
Desce a Polônia esvaída,
Cataléptica, adormida,
À tumba do Sobieski;
Inda em sonhos busca a espada...
Os reis passam sem ver nada...
E o Czar olha e sorri...

Roma inda tem sôbre o peito
O pesadelo dos reis;
A Grécia espera chorando
Canaris, Byron talvez!
Napoleão amordaça
A bôca da população
E olha Jersey com terror,
Como o filho de Sorrento,
Treme ao fitar um momento
O Vesúvio aterrador.

A Húngria é como um cadáver
Ao relento exposto nu;
Nem sequer a abriga a sombra
Do foragido Kossuth.
Aqui — o México ardente,
— Vasto filho independente
Da liberdade e do sol —
Jaz por terra... e lá soluça
Juarez, que se debruça
E diz-lhe: "Espera o arrebol!"

O quadro é negro. Que os fracos
Recuem cheios de horror.
A nós, herdeiros dos Gracos,
Traz a desgraça valor!
Lutai... Há uma lei sublime
Que diz: "à sombra do crime
Há de a vingança marchar". 3375
Não ouvis do Norte um grito,
Que bate aos pés do infinito,
Que vai Franklin despertar?

É o grito dos Cruzados
Que brada aos moços "de pé!"
É o sol das liberdades
Que espera por Josué.
São bôcas de mil escravos
Que transformaram-se em bravos
Ao cinzel da *abolição*.
E — à voz dos libertadores —
Reptis saltam condores,
A topetar n'amplidão!...

E vós, arcas do futuro,
Crisálidas do porvir,
Quando vosso braço ousado
Legislações construir,
Levantai um templo novo,
Porém não que esmague o povo,
Mas lhe seja o pedestal.
Que ao menino dê-se a escola, 3376
Ao veterano — uma esmola...
A todos — luz e fanal.

Luz!... sim; que a criança é uma ave,
 Cujo porvir tendes vós;
 No sol é uma águia arrojada,
 Na sombra — um môcho feroz.
 Libertai tribunas, prelos...
 São fracos, mesquinhos elos...
 Não calqueis o povo-rei!
 Que êste mar d'almas e peitos,
 Com as vagas de seus direitos,
 Virá partir-vos a lei.

Quebre-se o cetro do Papa,
 Faça-se dêle uma cruz.
 A púrpura sirva ao povo
 P'ra cobrir os ombros nus.
 Ao grito do Niagara
 Sem escravos, Guanabara
 Se eleve ao fulgor dos sóis.
 Banhem-se em luz os prostíbulo,
 E das lascas dos patíbulos
 Erga-se estátua aos heróis!

Basta!... Eu sei que a mocidade
 É o Moisés no Sinai;
 Das mãos do Eterno recebe
 As tábuas da lei! marchai!
 Quem cai na luta com glória,
 Tomba nos braços da história,
 No coração do Brasil!
 Moços, do tôpo dos Andes,
 Pirâmides vastas, grandes,
 Vos contemplam séculos mil!

Pernambuco, Agosto de 1865.

AO ROMPER D'ALVA

Página feia, que ao futuro narra
 Dos homens de hoje a lassidão, a história
 Com pranto escrita, com suor selada
 Dos párias misérrimos do mundo!...
 Página feia, que eu não posso altivo
 Romper, pisar-te, recalcar, sumir-te...

PEDRO CALASANS

Sigo só caminhando serra acima,
 E meu cavalo a galopar se anima
 Aos bafos da manhã.
 A alvorada se eleva do levante,
 E, ao mirar na lagoa seu semblante,
 Julga ver sua irmã.

As estrêlas fugindo — aos nenufares ³³⁷⁷
 Mandam rútilas pérolas dos ares
 De um desfeito colar.
 No horizonte desvendam-se as colinas,
 Sacode o véu de sonhos de neblinas
 A terra ao despertar.

Tudo é luz, tudo aroma e murmúrio,
 A barba branca da cascata o rio
 Faz orando tremer.
 No descampado o cedro curva a frente,
 Fôlhas e prece aos pés do Onipotente
 Manda a lufada erguer.

Terra de Santa Cruz, sublime verso
 Da epopéia gigante do universo,
 Da imensa criação,

Com tuas matas, ciclopes de verdura,
 Onde o jaguar, que passa na espessura,
 Racha as fôlhas no chão.

Como és bela, soberba, livre, ousada!
 Em tuas cordilheiras assentada
 A liberdade está.
 A púrpura da bruma a ventania
 Rasga, espedaça o cetro que s'erguia
 Do riço piquiá.

Livre o tropeiro toca o lote e canta
 A lânguida cantiga com que espanta
 A saudade, a aflição.
 Sôlto o ponche, o cigarro fumegando, ³³⁷⁸
 Lembra a serrana bela, que chorando
 Deixou lá no sertão.

Livre como o tufão corre o vaqueiro
 Pelos morros e várzeas e tabuleiro
 Do intrincado cipó. ³³⁷⁹
 Que importa'os dedos da jurema aduncos!
 A anta, ao vê-los, oculta-se nos juncos,
 Voa a nuvem de pó.

Dentre a flor amarela das encostas
 Mostra a testa luzida, as largas costas
 No rio o jacaré.
 Catadupas sem freios, vastas, grandes,
 Sois a palavra livre d'esses Andes
 Que além surgem de pé.

Mas o que vejo? É um sonho!... A barbaria
 Erguer-se neste século, à luz do dia,
 Sem pejo se ostentar.
 E a escravidão — nojento crocodilo
 Da onda turva expulso lá do Nilo —
 Vir aqui se abrigar!...

Oh! Deus! não ouves dentre a imensa orquesta
 Que a natureza virgem manda em festa
 Soberba, senhoril,
 Um grito que soluça aflito, vivo,
 O retinir dos ferros do cativo,
 Um som discorde e vil?

Senhor, não deixes que se manche a tela
 Onde traçaste a criação mais bela
 De tua inspiração.
 O sol de tua glória foi toldado...
 Teu poema da América manchado,
 Manchou-o a escravidão.

Prantos de sangue — vagas escarlates —
 Toldam teus rios — lúbricos Eufrates —
 Dos servos de Sião.
 E as palmeiras se torcem torturadas,
 Quando escutam dos morros nas quebradas
 O grito de aflição.

Oh! ver não posso êste labéu maldito!
 Quando dos livres ouvirei o grito?
 Sim... talvez amanhã.
 Galopa, meu cavalo, serra acima,
 Arranca-me a êste solo. Eia! te anima
 Aos bafos da manhã.

Recife, 18 de Junho de 1865.

A VISÃO DOS MORTOS

On rapporte encore qu'un berger ayant été introduit une fois par un nain dans le Hyffhouse, l'empereur (Barberousse) se leva et lui demanda si les corbeaux volaient encore autour de la montagne. Et, sur la réponse affirmative du berger, il s'écria: "Il faut donc que je dors encore pendant cent ans!"

H. HEINE (*Allemagne*).

Nas horas tristes que em neblinas densas
A terra envôlta num sudário dorme,
E o vento geme na amplidão celeste
— Cúpula ³³⁸⁰ imensa dum sepulcro enorme, —
Um grito passa despertando os ares,
Levanta as lousas invisível mão.
Os mortos saltam, poeirentos, lívidos,
Da lua pálida ao fatal clarão.

Do solo adusto do africano Sáara
Surge um fantasma com soberbo passo,
Presos os braços, laureada a fronte,
Louco poeta, como fôra o Tasso.
Do Sul, do Norte... do Oriente irrompem
Dórias, Siqueiras e Machado então.
Vem Pedro Ivo no cavalo negro
Da lua pálida ao fatal clarão.

O Tiradentes sôbre o poste erguido
Lá se destaca das cerúleas telas,
Pelos cabelos a cabeça erguendo,
Que rola sangue, que espadana estrêlas.
É o grande Andrada, êsse arquiteto ousado,
Que amassa um povo na robusta mão
O vento agita do tribuno a toga
Da lua pálida ao fatal clarão.

A estátua range... estremecendo move-se
O rei de bronze na deserta praça.
O povo grita: Independência ou morte!
Vendo soberbo o Imperador, que passa,
Duas coroas seu cavalo pisa,
Mas duas cartas êle traz na mão.
Por guarda de honra tem dous povos livres, ³³⁸¹
Da lua pálida ao fatal clarão.

Então, no meio de um silêncio lúgubre,
Solta êste grito a legião da morte:
"Aonde a terra que talhamos livre,
Aonde o povo que fizemos forte?
Nossas mortalhas o presente imunda
No sangue escravo, que nodoa o chão.
Anchieta, Gracos, vós dormis na orgia,
Da lua pálida ao fatal clarão.

"Brutus renega tribunícia toga,
O apóst'lo cospe no Evangelho Santo,
E o Cristo-Povo, no Calvário erguido,
Fita o futuro com sombrio espanto.
Nos ninhos d'águias que nos restam? — Corvos, ³³⁸²
Que vendo a pátria se estorcer no chão,
Passam, repassam, como alados crimes,
Da lua pálida ao fatal clarão.

"Oh! é preciso inda esperar cem anos...
Cem anos!..." brada a legião da morte.
E longe, aos ecos nas quebradas trêmulos,
Sacode o grito soluçando, — o norte.

Sôbre os corcéis ³³⁸³ dos nevoeiros brancos
Pelo infinito a galopar lá vão...
Erguem-se as névoas como pó do espaço
Da lua pálida ao fatal clarão.

Recife, 8 de Dezembro de 1865.

MATER DOLOROSA

Deixa-me murmurar à tua alma um adeus eterno, em vez de lágrimas chorar sangue, chorar o sangue de meu coração sôbre meu filho; porque tu deves morrer, meu filho, tu deves morrer.

NATHANIEL LEE

Meu filho, dorme, dorme o sono eterno
No berço imenso, que se chama — o céu.
Pede às estrêlas um olhar materno,
Um seio quente, como o seio meu.

Ai! borboleta, na gentil crisálida,
As asas de ouro vais além abrir.
Ai! rosa branca no matiz tão pálida,
Longe, tão longe vais de mim florir.

Meu filho, dorme... Como ruge o norte
Nas fôlhas sêcas do sombrio chão!...
Fôlhas dest'alma como dar-te à sorte?...
É tredo, horrível o feral tufão!

Não me maldigas... Num amor sem têrmo
Bebi a fôrça de matar-te... a mim...
Viva eu cativa a soluçar num êrmo...
Filho, sê livre... Sou feliz assim...

— Ave — te espera da lufada o açoite,
— Estrêla — guia-te uma luz falaz.
— Aurora minha — só te aguarda a noite,
— Pobre inocente — já maldito estás.

Perdão, meu filho... se matar-te é crime...
Deus me perdoa... me perdoa já.
A fera enchente quebraria o vime...
Velem-te os anjos e te cuidem lá.

Meu filho dorme... dorme o sono eterno
No berço imenso, que se chama o céu.
Pede às ³³⁸⁴ estrêlas um olhar materno,
Um seio quente, como o seio meu.

Recife, 7 de Junho de 1865.

CONFIDÊNCIA

Maldição sôbre vós, doutôres da lei! Maldição sôbre vós, hipócritas! Assemelhai-vos aos sepulcros brancos por fora; o exterior parece formoso, mas o interior está cheio de ossos e podridão.

Evangelho II, S. MATEUS, cap. XXII.

Quando, Maria, vês de minha frente
Negra idéia voando no horizonte,
As asas desdobrar,
Triste segues então meu pensamento,
Como fita o barqueiro de Sorrento
As nuvens ao luar.

E tu me dizes, pálida inocente,
Derramando uma lágrima tremente,
Como orvalho de dor:
"Porque sofres? a selva tem odores,
"O céu tem astros, os vergéis têm flores,
Nossas almas o amor".

Ail tu vês nos teus sonhos de criança
A ave de amor que o ramo da esperança
Traz no bico a voar;
Eu vejo um negro abutre que esvoaça,
Que co'as garras a púrpura espedaça
Do manto popular.

Tu vês na onda a flor azul dos campos,
Donde os astros — errantes pirilampos,
Se elevam para os céus;
Eu vejo a noite borbulhar das vagas
E a consciência é quem me aponta as plagas
Voltada para Deus.

Tua alma é como as veigas sorrentinas,
Onde passam gemendo as cavatinas
Cantadas ao luar.
A minha — eco do grito, que soluça,
Grito de tôda dor que se debruça
Do lábio a soluçar.

É que eu escuto o sussurrar de idéias,
O marulho talvez das epopéias,
Em tórno aos mausoléus,
É me curvo no túmulo das idades
— Crânios de pedra, cheios de verdades
E da sombra de Deus.

E nessas horas julgo que o passado
Dos túmulos a meio levantado
Me diz na solidão:
"Que és tu, poeta? a lâmpada da orgia
"Ou a estrêla de luz, que os povos guia
"A nova redenção?"

O' Maria, mal sabes o fadário
Que o moço bardo arrasta solitário
Na impotência da dor,
Quando vê que de balde à liberdade
Abriu sua alma — urna da verdade, 3385
Da esperança e do amor...

Quando vê que uma lúgubre coorte
Contra a estátua (sagrada pela morte)
Do grande imperador,
Hipócrita amotina a população,
Que morde o bronze, como um cão de caça
No seu louco furor!...

Sem poder esmagar a iniquidade,
Que tem na boca sempre a liberdade,
Nada no coração;
Que ri da dor cruel de mil escravos,
— Hiena, que do túmulo dos bravos,
Morde a reputação!...

Sim... quando vejo, ó Deus, que o sacerdote
As espáduas fustiga com o chicote
Ao cativo infeliz;
Que o pescador das almas já se esquece
Das santas pescarias e adormece
Junto da meretriz...

Que o apóstolo, o simplice romeiro,
Sem bolsa, sem sandálias, nem dinheiro,
Pobre, como Jesus,
Que mendigava outrora à caridade,
Pagando o pão com o pão da eternidade,
Pagando o amor com a luz.

Agora adota a escravidão por filha,
Amolando nas páginas da Bíblia
O cutelo do algoz...
Sinto não ter um raio em cada verso
Para escrever na frente do perverso:
"Maldição sôbre vós!"

Maldição sôbre vós, tribuno falso!
Rei, que julgais que o negro cadafalso
É dos tronos irmão!
Bardo que a lira prostituís na orgia
— Eunuco incensador da tirania —
Sôbre ti maldição!

Maldição sôbre ti, rico devasso,
Que da música ao lânguido compasso
Embriagado não vês
A criança faminta, que na rua
Abraça u'a mulher pálida e nua,
Tua amante talvez!...

Maldição!... Mas que importa?... Ela espedaça
Acaso a flor olente que se enlaça
Nas c'roas festivas?
Nodoa a veste rica ao sibarita?
Que importam cantos, se é mais alta a grita
Das ricas bacanais?

Oh! por isso, Maria, vês, me curvo
Na face do presente escuro e turvo
E interrogo o porvir;
Ou levantando a voz por sôbre os montes,
"Liberdade", pergunto aos horizontes,
"Quando enfim hás de vir?"

Por isso, quando vês as noites belas,
Onde voa a poeira das estrêlas
E das constelações,
Eu fito o abismo que a meus pés fermenta,
E onde, como santelmos da tormenta,
Fulgem revoluções!...

Recife, Outubro de 1865.

O SOL E O POVO

Le peuple a sa colère et le volcan sa lave.
V. HUGO

Ya desatado
El horrendo huracan silba contigo
¿Que muralla, que abrigo
Bastaram contra ti?

QUINTANA

O sol, do espaço Briaréu gigante,
P'ra escalar a montanha do infinito,
Banha em sangue as campinas do levante.

Então em meio dos Saarás — o Egito
Humilde curva a frente e um grito errante 3386
Vai despertar a Esfinge de granito.

O povo é como o sol! Da treva escura
Rompe um dia co'a destra iluminada,
Como o Lázaro, estala a sepultura!... 3387

Oh! temei-os da turba esfarrapada,
Que salva o berço à geração futura,
Que vinga a campa à geração passada.

Recife, 23 de Junho de 1865.

TRAGÉDIA NO LAR

Na senzala, úmida, estreita,
Brilha a chama da candeia,
No sapé se esgueira o vento
E a luz da fogueira ateia.

Junto ao fogo, uma Africana,
Sentada, o filho embalando,
Vai lentamente cantando
Uma tirana indolente,
Repassada de aflição.
E o menino ri contente...
Mas treme e grita gelado,
Se nas palhas do *telhado*
Ruge o vento do sertão.

Se o canto pára um momento,
Chora a criança imprudente...
Mas continua a cantiga...
E ri sem ver o tormento
Daquele amargo cantar.

Ail triste, que enxugas rindo
Os prantos que vão caindo
Do fundo, materno olhar,
E nas mãozinhas brilhantes
Agitas como diamantes
Os prantos do seu penar...

E a voz como um soluço lacerante
Continua a cantar:

"Eu sou como a garça triste
"Que mora à beira do rio.
"As orvalhadas da noite
"Me fazem tremer de frio.

"Me fazem tremer de frio
"Como os juncos da lagoa;
"Feliz da araponga errante
"Que é livre, que livre voa.

"Que é livre, que livre voa
"Para as bandas do seu ninho,
"E nas braúnas à tarde
"Canta longe do caminho.

"Canta longe do caminho
"Por onde o vaqueiro trilha,
"Se quer descansar as asas
"Tem a palmeira, a baunilha.

"Tem a palmeira, a baunilha,
"Tem o brejo, a lavadeira,
"Tem as campinas, as flores,
"Tem a relva, a trepadeira.

"Tem a relva, a trepadeira,
"Todos têm os seus amôres,
"Eu não tenho mãe nem filhos,
"Nem irmão, nem lar, nem flores".

A cantiga cessou... Vinha da estrada
A trote largo, linda cavallhada
De estranho viajor.

Na porta da *fazenda* ei-los paravam,
Das mulas boleadas apeavam
E batiam na porta do *senhor*.

Figuras pelo sol tismadas, lúbricas,
Sorrisos sensuais, sinistro olhar,
Os bigodes retorcidos,
O cigarro a fumegar,
O *rebenque* prateado
Do pulso dependurado,
Largas chilenas luzidas,
Que vão tinindo no chão,
E as garruchas embebidas
No bordado cinturão.

A porta da *fazenda* foi aberta;
Entraram no salão.

Porque tremes, mulher? A noite é calma,
Um bulício remoto agita a palma
Do vasto coqueiral.

Tem pérolas o rio, a noite lumes,
A mata sombras, o sertão perfumes,
Murmúrio o bananal.

Porque tremes, 3388 mulher? Que estranho crime,
Que remorso cruel assim te oprime
E te curva a cerviz?

O que nas dobras do vestido ocultas?
É um roubo talvez que aí sepultas?
É seu filho... Infeliz!...

Ser mãe é um crime, ter um filho — roubo!
Amá-lo — uma loucura! Alma de lôdo, 3389
Para ti — não há luz.

Tens a noite no corpo, a noite na alma,
Pedra que a humanidade pisa calma,
— Cristo que verga à cruz!

Na hipérbole do ousado cataclisma
Um dia Deus morreu... fuzila um prisma
Do Calvário ao Tabor!
Viu-se então de Palmira os pétreos ossos,
De Babel o cadáver de destroços
Mais lívidos de horror.

Era o relampejar da liberdade
Nas nuvens do chorar da humanidade,
Ou sarça do Sinai,
— Relâmpagos que ferem de desmaios...
Revoluções, vós dêles sois os raios,
Escravos, esperai!...

.....
Leitor, se não tens desprezo
De vir descer às senzalas,
Trocar tapêtes e salas
Por um alcouce cruel,
Vem comigo, mas... cuidado...
Que o teu vestido bordado
Não fique no chão manchado,
No chão do imundo bordel.

Não venhas tu que achas triste
As vèzes a própria festa.
Tu, grande, que nunca ouviste
Senão gemidos da orquesta...
Porque despertar tu'alma,
Em sêdas adormecida,
Esta excrescência da vida
Que ocultas com tanto esmêro?
E o coração — tredo lôdo,
Fezes d'ânfora doirada, ³³⁹⁰
Negra serpe, que enraivada,
Morde a cauda, morde o dorso,
E sangra às vèzes piedade,
E sangra às vèzes remorso?...

Não venham êsses que negam
A esmola ao leproso, ao pobre.
A luva branca do nobre
Oh! senhores, não mancheis...
Os pés lá pisam em lama,
Porém as fronteas são puras
Mas vós nas faces impuras
Tendes lôdo, e luz nos pés.

Porém vós, que no lixo do oceano
A pérola de luz ides buscar,
Mergulhadores dêste pego insano
Da sociedade, dêste tredo mar, ³³⁹¹

Vinde ver como rasgam-se as entranhas
De uma raça de novos Prometeus,
Ai! vamos ver guilhotinadas almas
Da senzala nos vivos mausolêus.

— Escrava, dá-me teu filho!
Senhores, ide-lo ver:
É forte, de uma raça bem provada,
Havemos tudo fazer.

Assim dizia o fazendeiro, rindo,
E agitava o chicote...

A mãe ouvia
Imóvel, pasma, douda, sem razão!
A Virgem Santa pedia
Com prantos por oração;
E os olhos no ar erguia
Que a voz não podia, não.

— Dá-me teu filho! repetiu fremente
O senhor, de sobrolho carregado.
— Impossível!...

— Que dizes, miserável?!
— Perdão, senhor! perdão! meu filho dorme...
Inda há pouco o embalei, pobre inocente,
Que nem sequer pressente
Que ides...

— Sim, que o vou vender!
— Vender?!... Vender meu filho?!
Senhor, por piedade, não...
Vós sois bom... antes do peito
Me arranqueis o coração!

Por piedade, matai-me! oh! E' impossível
Que me roubem da vida o único bem!
Apenas sabe rir... é tão pequeno!
Inda não sabe me chamar?... Também, ³³⁹²
Senhor, vós tendes filhos... quem não tem?
Se alguém quisesse os vender
Havíeis muito chorar, ³³⁹³
Havíeis muito gemer,

Diríeis a rir — Perdão?!
Deixai meu filho... arrancai-me
Antes a alma e o coração!

— Cala-te, miserável! Meus senhores,
O escravo podeis ver...

E a mãe em pranto aos pés dos mercadores
Atirou-se a gemer.

— Senhores! basta a desgraça
De não ter pátria nem lar,
De ter honra e ser vendida,
De ter alma e nunca amar!
Deixai à noite que chora
Que espere ao menos a aurora,
Ao ramo sêco uma flor;
Deixai o pássaro ao ninho,
Deixai à mãe o filhinho,
Deixai à desgraça o amor.
Meu filho é-me a sombra amiga
Neste deserto cruel...
Flor de inocência e candura,
Favo de amor e de mel!
Seu riso é minha alvorada,
Sua lágrima doirada
Minha estrêla, minha luz!
E' da vida o único brilho...
Meu filho! é mais... é meu filho...
Deixai-mo em nome da Cruz!...

Porém nada comove homens de pedra,
Sepulcros onde é morto o coração.
A criança do berço ei-los arrancam
Que os bracinhos estende e chora em vão!

Mudou-se a cena. Já vistes
Bramir na mata o jaguar,
E no furor desmedido
Saltar, raivando atrevido,

O ramo, o tronco estalar,
Morder os cães que o morderam...
De vítima feita algoz,
Em sangue e horror envolvido
Terrível, bravo, feroz?

Assim a escrava da criança ao grito
Destemida saltou,
E a turba dos senhores aterrada
Ante ela recuou.

Nem mais um passo, cobardes!
Nem mais um passo! ladrões!
Se os outros roubam as bôlsas,
Vós roubais os corações!...
Entram três negros possantes,
Brilham punhais traiçoeiros...
Rolam por terra os primeiros
Da morte nas contorções.

.....
Um momento depois a cavalgada ³³⁹⁴
Levara a trote largo pela estrada
A criança a chorar.
Na fazenda o azorrague então se ouvia
E aos golpes — uma doida respondia
Com frio gargarhar!...

Recife, Julho de 1865.

O SIBARITA ROMANO

Este olhar, estes lábios, estas rugas exprimem uma sede impaciente e impossível de saciar. Quer e não pode. Sente o desejo e a impaciência.

LAVATER

Escravo, dá-me a c'roa de amaranto
Que mandou-me inda há pouco Afra impudente,
Orna-me a frente... Enrola-me os cabelos,
Quero o mole perfume do Oriente.

Lança nas chamas dessa etrusca pira
O nardo trescalante de Medina.
Vem... desenrola aos pés do meu triclinio
As fêlpas de uma colcha bisantina.

Oh! tenho tédio... Embalde, ao pôr da tarde,
Pelas nereidas louras embalado,
Vogo em minha galera ao som das harpas,
Da corteseão nos seios recostado.

Debalde, em meu palácio altivo, imenso,
De mosaicos brilhantes embutido, ³³⁹⁵
Nuas, volvem as filhas do Oriente
No morno banho em termas de porfido.

Só amo o circo... a dor, gritos e flores,
A pantera, o leão de hirsuta coma;
Onde o banho de sangue do universo
Rejuvenesce a púrpura de Roma.

E o povo rei — na vítima do mundo
Palpa as entranhas que inda sangue escorrem,
E ergue-se o grito extremo dos cativos:
— Ave, César! saúdam-te os que morrem!

Escravo, quero um canto... Vibra a lira,
De Orfeu desperta a fibra dolorida,
Canta a volúpia das bacantes nudas,
Fere o hino de amor que inflama a vida.

Doce, como do Himeto o mel dourado,
Puro como o perfume... Escravo insano!
Teu canto é o grito rouco das Eumênides,
Sombrio como um verso de Lucano.

Quero a ode de amor que o vento canta
Do Palatino aos flóeos arvoredos.
Quero os cantos de Nero... Escravo infame,
Quebras as cordas nos convulsos dedos!

Deixa esta lira! como o tempo é longo!
Insano! insano! que tormento sinto!
Traze o louro falerno transparente
Na mais custosa taça de Corinto.

Pesa-me a vida!... está deserto o Fórum!
E o tédio!... o tédio!... que infernal idéia!
Dá-me a taça, e do ergástulo das servas
Tua irmã trar-me-ás, — a grega Haidéia!

Quero em seu seio... Escravo desgraçado,
A este nome tremeu-te o braço exangue?
Vê... Manchaste-me a toga com o falerno,
Irás manchar o Coliseu com a sangue!

Recife, 7 de Setembro de 1865.

A CRIANÇA

— Que veux tu, fleur, beau fruit ou l'oiseau merveilleux?
— Ami, dit l'enfant grec, dit l'enfant aux yeux bleus,
Je veux de la poudre et des balles.

VICTOR HUGO — *Les Orientales.*

Que tens ³³⁹⁶ criança? O areal da estrada
Luzente a cintilar
Parece a fôlha ardente de uma espada.
Tine o sol nas savanas. Morno é o vento.
À sombra do palmar
O lavrador se inclina sonolento.

E' triste ver uma alvorada em sombras,
Uma ave sem cantar,
O veado estendido nas alfombras.
Mocidade, és a aurora da existência,
Quero ver-te brilhar.
Canta, criança, és a ave da inocência.

Tu choras porque um ramo de baunilha
Não pudeste colhêr,
Ou pela flor gentil da granadilha?
Dou-te, um ninho, uma flor, dou-te uma palma,
Para em teus lábios ver ³³⁹⁷
O riso — a estrêla no horizonte da alma.

Não. Perdeste tua mãe ao fero açoite
Dos seus algozes vis.
E vagas tonto a tatear à noite.
Choras antes de rir... pobre criança!...
Que queres, infeliz?...
— Amigo, eu quero o ferro da vingança.

Recife, 30 de Junho de 1865.

A CRUZ DA ESTRADA

Invideo quia quiescunt.

LUTERO em Worms.

Tu que passas, descobre-te. Ali dorme
O forte que morreu.

A. HERCULANO (Trad.)

Caminheiro que passas pela estrada,
Seguindo pelo rumo do sertão,
Quando vires a cruz abandonada,
Deixa-a em paz dormir na solidão.

Que vale o ramo do alecrim cheiroso
Que lhe atiras nos braços ao passar?
Vais espantar o bando buliçoso
Das borboletas, que lá vão pousar.

E' de um escravo humilde sepultura,
Foi-lhe a vida o velar de insônia atroz.
Deixa-o dormir no leito de verdura,
Que o Senhor dentre as selvas lhe compôs.

Não precisa de ti. O gaturamo
Geme por êle, à tarde, no sertão.
E a juriti, do taquaral no ramo,
Povoa, soluçando, a solidão.

Dentre os braços da cruz, a parasita,
Num abraço de flores, se prendeu.
Chora orvalhos a grama, que palpita;
Lhe acende o vagalume o facho seu.

Quando, à noite, o silêncio habita as matas,
A sepultura fala a sós com Deus.
Prende-se a voz na bôca das cascatas,
E as asas de ouro aos astros lá nos céus.

Caminheiro! do escravo desgraçado
O sono agora mesmo começou!
Não lhe toques no leito de noivado,
Há pouco a liberdade o desposou.

Recife, 22 de Junho de 1865.

BANDIDO NEGRO

Corre, corre, sangue do cativo
Cai, cai, orvalho de sangue
Germina, cresce, colheita vingadora
A ti, segador a ti. Está madura.
Aguça tua fouce, aguça, aguça tua fouce.

E. SUE — *Canto dos filhos de Agar.*

Trema a terra de susto aterrada...
Minha égua veloz, degrenhada,
Negra, escura nas lapas vooú.
Trema o céu... ó ruína! ó desgraça!
Porque o negro bandido é quem passa,
Porque o negro bandido bradou:

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Dorme o raio na negra tormenta...
Somos negros... o raio fermenta
Nesses peitos cobertos de horror.
Lança o grito da livre coorte,
Lança, ó vento, pampeiro de morte,
Este guante de ferro ao senhor.

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Eia! ó raça que nunca te assombras!
P'ra o guerreiro uma tenda de sombras
Arma a noite na vasta amplidão.
Sus! pulula dos quatro horizontes,
Sai da vasta cratera dos montes,
Donde salta o condor, o vulcão.

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

E o senhor que na festa descanta
Pare o braço que a taça alevanta,
Coroadada de flores azuis.
E murmure, julgando-se em sonhos:
"Que demônios são êstes medonhos,
Que lá passam famintos e nus?"

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Somos nós, meu senhor, mas não tremas,
Nós quebramos as nossas algemas
P'ra pedir-te as espôsas ou mães.
Este é o filho do ancião que mataste.
Este — irmão da mulher que manchaste...
Oh! não tremas, senhor, são teus cães.

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

São teus cães, que têm frio e têm fome,
Que há dez séc'los a sede consome...
Quero um vasto banquete feroz...
Venha o manto que os ombros nos cubra.
Para vós fêz-se a púrpura rubra,
Fêz-se o manto de sangue p'ra nós.

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Meus leões africanos, alerta!
Vela a noite... a campina é deserta.
Quando a lua esconder seu clarão
Seja *bramo* da vida arrancado
No banquete da morte lançado
Junto ao corvo, seu lúgubre irmão.

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Trema o vale, o rochedo escarpado,
Trema o céu de trovões carregado,
Ao passar da rajada de heróis,
Que nas éguas fatais desgrenhadas
Vão brandindo essas brancas espadas,
Que se amolam nas campas de avós.

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

AMÉRICA

Acorda a pátria e vê que é pesadelo
O sonho de ignominia que ela sonha!

TOMAS RIBEIRO

À tépida sombra das matas gigantes,
Da América ardente nos pampas do Sul,
Ao canto dos ventos nas palmas brilhantes,
À luz transparente de um céu todo azul,

A filha das matas — cabocla morena —
Se inclina indolente sonhando talvez!
À frente nos Andes reclina serena,
E o Atlântico humilde se estende a seus pés.

As brisas dos cerros ³³⁹⁸ ainda lhe ondulam
 Nas plumas vermelhas do arco de avós,
 Lembrando o passado seus seios pululam,
 Se a onça ligeira buliu nos cipós. ³³⁹⁹

São vagas lembranças de um tempo que teve!...
 Palpita-lhe o seio por sob uma cruz.
 E em cisma doirada — qual garça de neve —
 Sua alma revolve-se em ondas de luz.

Embalam-lhe os sonhos, na tarde saudosa,
 Os cheiros agrestes do vasto sertão,
 E a triste araponga que geme chorosa
 E a voz dos tropeiros em terna canção.

Se o gênio da noite no espaço flutua
 Que negros mistérios a selva contém!
 Se a ilha de prata, se a pálida lua
 Clareia o levante, que amôres não tem!

Parece que os astros são anjos perdidos
 Das frouxas neblinas da abóbada azul,
 Que miram, que adoram ardentes, perdidos,
 A filha morena dos pampas do Sul.

Se aponta a alvorada por entre as cascatas,
 Que estrêlas no orvalho que a noite verteu!
 As flores são aves que pousam nas matas,
 As aves são flores que voam no céu!

.....
 O' pátria, desperta... Não curves a fronte
 Que enxuga-te os prantos o Sol do Equador.
 Não miras na fímbria do vasto horizonte
 A luz da alvorada de um dia melhor?

Já falta bem pouco. Sacode a cadeia
 Que chamam riquezas... que nódoas te são!
 Não manches a fôlha de tua epopéia
 No sangue do escravo, no imundo balcão.

Sê pobre, que importa? Sê livre... és gigante,
 Bem como os condores dos píncaros teus!
 Arranca êste pêso das costas do Atlante,
 Levanta o madeiro dos ombros de Deus.

Recife, Junho de 1865.

REMORSO

(Ao ASSASSINO DE LINCOLN)

Cain! Cain!

BYRON

Neque fama deum, nec fulmina, nec minitanti
 Murmure, compressit coelum...

LUCRÉCIO

Cavaleiro sinistro, embuçado,
 Neste negro cavalo montado,
 Onde vais galopando veloz?
 Tu não vês como o vento farfalha,
 E das nuvens sacode a mortalha
 Ululando com lúgubre voz?

Cavaleiro, onde vais? tu não sentes
 Teu capote seguro nos dentes
 E nas garras do negro tufão,
 Nestas horas de horror e segrêdo
 Quando os mangues s'escondem com mêdo
 Tiritando do mar n'amplidão?

Quando a serra se embuça em neblinas
 E as lufadas sacodem as crinas
 Do pinheiro que geme no val,
 E no espaço se apagam as lampas,
 E uma chama azulada nas campas
 Lambe as pedras por noite hibernal,

Onde vais? onde vais temerário
 A correr... a voar?... Que fadário
 Aos ouvidos te grita — fugi?
 Porque fitas o olhar desvairado
 No horizonte que foge espantado
 Em tuas costas com mêdo de ti?

Ai! debalde galopas a est' hora!
 É debalde que sangra na espora
 Negro flanco do negro corcel. ³⁴⁰⁰
 E no célere rábido passo
 Devorando com as patas o espaço
 Saltas montes e vales revel.

Não apagas da frente o ferrêto
 Onde o crime com frio estilete
 Nome estranho bem fundo gravou.
 O que buscas? — a noite sem lumes?
 P'ra aclarar-te fatais vagalumes
 Teu cavalo do chão despertou.

De bem longe o arvoredado trevoso,
 Estirando o pescoço nodoso,
 Vem — correndo — na estrada te olhar.
 Mas tua fronte maldita encarando,
 Foge... fuge veloz recuando,
 Vai nas brumas a frente velar.

Tu não vês? Qual matilha esfaimada,
 Lá dos morros por sôbre a quebrada,
 Ladra o eco gritando: quem és.
 Onde vais, cavaleiro maldito?
 Mesmo oculto nos véus do infinito
 Tua sombra te morde nos pés.

CANTO DO BUG-JARGAL

(TRADUZIDO DE V. HUGO)

Porque foges de mim? porque, Maria?
 E gelas-te de mêdo, se me escutas?
 Ah! sou bem formidável na verdade,
 Sei ter amor, ter dores e ter cantos!
 Quando, através das palmas dos coqueiros, ³⁴⁰¹
 Tua forma desliza aérea e pura,
 O' Maria, meus olhos se deslumbram,
 Julgo ver um espírito que passa.
 E se escuto os acentos encantados,
 Que em melodia escapam de teus lábios,
 Meu coração palpita em meu ouvido
 Misturando um queixoso murmúrio

De tua voz à lânguida harmonia.
 Ai! tua voz é mais doce do que o canto
 Das aves que no céu vibram as asas,
 E que vem no horizonte lá da pátria.
 Da pátria onde era rei, onde era livre!
 Rei e livre, Maria! e esqueceria,
 Tudo por ti... esqueceria tudo
 — A família, o dever, reino e vingança.
 Sim, até a vingança!... ainda que cedo
 Tenha enfim de colhêr êste acre fruto,
 Acre e doce que tarde amadurece.

.....

O' Maria, pareces a palmeira
 Bela, esvelta, embalada pela auras.
 E te miras no olhar de teu amante
 Como a palmeira n'água transparente.
 Porém... sabes? às vêzes há no fundo
 Do deserto o uragã que tem ciúmes
 Da fonte amada... e arroja-se e galopa.
 O ar e a areia misturando turvos
 Sob o vôo pesado de suas asas.
 Num turbilhão de fogo árvore e fonte
 Envolve... e seca a límpida vertente,
 Sente a palmeira a um hálito de morte
 Crispar-se o verde círc'lo da folhagem,
 Que tinha a majestade de uma c'roa
 E a graça de uma sôlta cabeleira.

.....

Oh! treme, branca filha de Espanhola, ³⁴⁰²
 Treme, breve talvez tenhas em tórno
 O uragã e o deserto. Então, Maria,
 Lamentarás o amor que hoje pudera
 Te conduzir a mim, bem como o kata
 — Da salvação o pássaro ditoso —
 Através das areias africanas
 Guia o viajante lânguido à cisterna.
 E porque enjeitas meu amor? Escuta:
 Eu sou rei, minha fronte se levanta
 Sôbre as fronte de todos. O' Maria,
 Eu sei que és branca e eu negro, mas precisa
 O dia unir-se à noite feia, escura,
 Para criar as tardes e as auroras,
 Mais belas do que a luz, mais do que as trevas!

Recife, 10 de Setembro de 1865.

A ÓRFÃ NA SEPULTURA

Minha mãe, ³⁴⁰³ a noite é fria,
 Desce a neblina sombria,
 Geme o riacho no val,
 E a bananeira farfalha,
 Como o som de uma mortalha
 Que rasga o gênio do mal.

Não vêes que noite cerrada?
 Ouviste essa gargalhada
 Na mata escura? ai de mim!
 Mãe, ó mãe, tremo de mêdo.
 Oh! quando enfim teu segrêdo,
 Teu segrêdo terá fim?

Foi ontem que à Ave-Maria
 O sino da freguesia ³⁴⁰⁴
 Me fêz tanto soluçar.
 Foi ontem que te calaste...
 Dormiste... os olhos fechaste...
 Nem me fizeste rezar!...

Sentei-me junto ao teu leito,
 Stava tão frio o teu peito,
 Que eu fui o fogo atihar.
 Parece que então me viste
 Porque dormindo sorriste
 Como uma santa no altar.

Depois o fogo apagou-se,
 Tudo no quarto calou-se,
 E eu também calei-me então.
 Sòmente acesa uma vela
 Triste, de cera amarela,
 Tremia na escuridão.

Apenas nascera o dia,
 À voz do *maridedia*
 Saltei contente de pé.
 Cantavam os passarinhos
 Que fabricavam seus ninhos
 No telhado de sapé.

Porém tu, porque dormias,
 Porque já não me dizias
 "Filha do meu coração"?
 Stavas aflita comigo?
 Mãe, abracei-me contigo,
 Pedi-te embalde perdão...

Chorei muito! ai! triste vida!
 Chorei muito, arrependida
 Do que talvez fiz a ti.
 Depois rezei ajoelhada
 A reza da madrugada ³⁴⁰⁵
 Que tantas vêzes te ouvi:

"Senhor Deus, que após a noite
 "Mandas a luz do arrebol,
 "Que vestes a esfarrapada
 "Com o manto rico do sol,

"Tu que dás à flor o orvalho,
 "Às aves o céu e o ar,
 "Que dás as frutas ³⁴⁰⁶ ao galho,
 "Ao desgraçado o chorar;

"Que desfias diamantes
 "Em cada raio de luz,
 "Que espalhas flores de estrêlas
 "Do céu nos campos azuis;

"Senhor Deus, tu que perdoas
 "A tôda alma que chorou,
 "Como a clícia das lagoas,
 "Que a água da chuva lavou;

"Faze da alma da inocente
 "O ninho do teu amor,
 "Verte o orvalho da virtude
 "Na minha pequena flor.

"Que minha filha algum dia
 "Eu veja livre e feliz!..
 "O' Santa Virgem Maria,
 "Sê mãe da pobre infeliz".

Inda lembras-te! dizias,
 Sempre que a reza me ouvias
 Em prantos de a sufocar:
 "Ail tem orvalhos as flores,
 "Tu, filha dos meus amôres,
 "Tens o orvalho do chorar".

Mas hoje sempre sisuda
 Me ouviste... ficaste muda,
 Sorrindo não sei p'ra quem.
 Quase então que eu tive medo...
 Parecia que um segrêdo
 Dizias baixinho a alguém.

Depois... depois... me arrastaram...
 Depois... sim... te carregaram
 P'ra vir te esconder aqui.
 Eu sòzinha lá na sala...
 Stava tão triste a senzala...
 Mãe, para ver-te eu fugi...

E agora, ó Deus!... se te chamo
 Não me respondes!... se clamo,
 Respondem-me os ventos suis...
 No leito onde a rosa medra
 Tu tens por lençol a pedra,
 Por travesseiro uma cruz.

É muito estreito êsse leito?
 Que importa? abre-me teu peito
 — Ninho infinito de amor.
 — Palmeira ³⁴⁰⁷ — quero-te a sombra.
 — Terra — dá-me a tua alfombra.
 — Santo fogo — o teu calor.

Mãe, minha voz já me assusta...
 Alguém na floresta adusta
 Repete os soluços meus.
 Sacode a terra... desperta!...
 Ou dá-me a mesma coberta,
 Minha mãe... meu céu... meu Deus...

ANTÍTESE

O seu prêmio? — O desprêzo e uma carta de alforria
 quando tem gastas as forças e não pode mais ganhar a
 subsistência.

MACIEL PINHEIRO

Cintila a festa nas salas!
 Das serpentinas de prata
 Jorram luzes em cascata
 Sobre sêdas e rubins.
 Soa a orquestra... Como silfos
 Na valsa os pares perpassam,
 Sôbre as flores, que se enlaçam
 Dos tapêtes nos coxins. ³⁴⁰⁸

Entanto a névoa da noite
 No átrio, na vasta rua,
 Como um sudário flutua
 Nos ombros da solidão.

E as ventanias errantes,
 Pelos ermos perpassando,
 Vão se ocultar soluçando
 Nos antros da escuridão.

Tudo é deserto... sòmente
 Em meio à praça se agita
 Dubia forma que palpita,
 Se estorce em rouco estertor.
 — Espécie de cão sem dono
 Desprezado na agonia,
 Larva da noite sombria,
 Mescla de trevas e horror.

É êle o escravo maldito,
 O velho desamparado,
 Bem como o cedro lascado,
 Bem como o cedro no chão.
 Tem por leito de agonia
 As lájeas do pavimento,
 E como único lamento
 Passa rugindo o tufão.

Chorai, orvalhos da noite,
 Soluçai, ventos errantes.
 Astros da noite brilhantes
 Sêde os círios do infeliz!..
 Que o cadáver insepulto,
 Nas praças abandonado,
 É um verbo de luz, um brado
 Que a liberdade prediz.

Recife, 10 de Julho de 1865.

CANÇÃO DO VIOLEIRO

Passa, ó vento das campinas,
 Leva a canção do tropeiro.
 Meu coração está deserto,
 Stá deserto o mundo inteiro.
 Que viu a minha senhora
 Dona do meu coração?

Chora, chora, na viola,
 Violeiro do sertão.

Ela foi-se ao pôr da tarde
 Como as gaivotas do rio.
 Como os orvalhos que sobem
 Da noite num beijo frio,
 O cauã canta bem triste,
 Mais triste é meu coração.

Chora, chora, na viola,
 Violeiro do sertão.

E eu disse: a Senhora volta
 Com as flores da sapucaia.
 Veio o tempo, trouxe as flores,
 Foi o tempo, a flor desmaia.
 Colhereira, que além voas,
 Onde está meu coração?

Chora, chora, na viola,
 Violeiro do sertão.

Não quero mais esta vida,
 Não quero mais esta terra.
 Vou procurá-la bem longe, 3409
 Lá para às bandas da serra.
 Ai! triste que eu sou escravo!
 Que vale ter coração?

Chora, chora, na viola,
 Violeiro do sertão.

Recife, Setembro de 1865.

SÚPLICA

Le nègre marqué au signe de Dieu comme vous passera
 desormais du berceau à la fosse, la nuit sur son âme, la
 nuit sur la figure.

PELETAN

Senhor Deus, dá que a bôa da inocência
 Possa ao menos sorrir,
 Como a flor da granada abrindo as pét'las
 Da alvorada ao surgir.

Dá que um dedo de mãe aponte ao filho
 O caminho dos céus,
 E seus lábios derramem como pérolas
 Dois nomes — filho e Deus.

Que a donzela não manche em leito impuro
 A grinalda do amor.
 Que a honra não se compre ao carnicheiro
 Que se chama senhor.

Dá que o brio não cortem como o cardo
 Filho do coração.
 Nem o chicote acorde o pobre escravo
 A cada aspiração.

Insultam e desprezam da velhice
 A coroa de cãs.
 Ante os olhos do irmão em prostitutas
 Transformam-se as irmãs.

A espôsa é bela... Um dia o pobre escravo
 Solitário acordou;
 E o vício quebra e ri do nó perpétuo
 Que a mão de Deus atou.

Do abismo em pego, de desonra em crime
 Rola o mísero a sós.
 Da lei sangrento o braço rasga as vísceras
 Como o *abutre feroz*.

Vê!... A inocência, o amor, o brio, a honra,
 E o velho no balcão.
 Do berço à sepultura a infâmia escrita...
 Senhor Deus! compaixão!...

Recife, 10 de Setembro de 1865.

O VIDENTE

Virá o dia da felicidade e justiça para todos.

ISAIAS

Às vezes quando, à tarde, nas tardes brasileiras,
 A cisma e a sombra descem das altas cordilheiras;
 Quando a viola acorda na choça o sertanejo

E a linda lavadeira cantando deixa o brejo,
 E a noite — a freira santa — no órgão das florestas
 Um salmo preludia nos troncos, nas giestas;
 Se acaso solitário passo pelas *picadas*,
 Que torcem-se escamosas nas lapas escarpadas,
 Encosto sôbre as pedras a minha carabina,
 Junto a meu cão, que dorme nas sarças da colina,
 E, como uma harpa eólea entregue ao tom dos

[ventos,

— Estranhas melodias, estranhos pensamentos,
 Vibram-me as cordas d'alma, enquanto absorto

[cismo,

Senhor! vendo tua sombra curvada sôbre o abismo,
 Colhêr a prece alada, o canto que esvoaça
 E a lágrima que orvalha o lírio da desgraça.
 Então, num santo êxtase, escuta a terra e os céus,
 E o vácuo se povoa de tua sombra, ó Deus!

Ouço o cantar dos astros no mar do firmamento;
 No mar das matas virgens ouço o cantar do vento,
 Aromas que s'elevam, raios de luz que descem,
 Estrélas que despontam, gritos que se esvaecem,
 Tudo me traz um canto de imensa poesia,
 Como a primícia augusta da *grande profecia*;
 Tudo me diz que o Eterno, na idade prometida,
 Há de beijar na face a terra arrependida.
 E, dêsse beijo santo, dêsse ósculo sublime
 Que lava a iniquidade, a escravidão e o crime,
 Hão de nascer virentes nos campos das idades,
 Amôres, esperanças, glórias e liberdades!
 Então, num êxtase santo, escuto a terra e os céus,
 O vácuo se povoa de tua sombra, ó Deus!

E, ouvindo nos espaços as loucas utopias
 Do futuro cantarem as doces melodias,
 Dos povos, das idades, a nova promessa...
 Me arrasta ao infinito a águia da inspiração...
 Então me arrojoo ousado das eras através,
 Deixando estrélas, séculos, volverem-se a meus pés...
 Porque em minh'alma sinto ferver enorme grito,
 Ante o estupendo quadro das telas do infinito...
 Que faz que, em santo êxtase, eu veja a terra e

[os céus,

E o vácuo povoado de tua sombra, ó Deus!

Eu vejo a terra livre... como outra Madalena,
 Banhando a fronte pura na viração serena,
 Da urna do crepúsculo, verter nos céus azuis
 Perfumes, luzes, preces, curvada aos pés da cruz...
 No mundo — tenda imensa da humanidade inteira —
 Que o espaço tem por teto, o sol tem por lareira,
 Feliz se aquece unida a universal família.
 Oh! dia sacrossanto em que a justiça brilha,
 Eu vejo em ti das ruínas vetustas do passado,
 O velho sacerdote augusto e venerado
 Colhêr a parasita — a santa flor — o culto,
 Como o coral brilhante do mar na vaza oculto...
 Não mais inunda o templo a vil superstição;
 A fé — a pomba mística — e a águia da razão,
 Unidas se levantam do vale escuro d'alma,
 Ao ninho do infinito voando em noite calma.
 Mudou-se o férreo cetro, êsse aguilhão dos povos,
 Na virga do profeta coberta de renovos.
 E o velho cadafalso horrendo e corcovado,
 Ao poste das idades por irrisão ligado,
 Parece embalde tenta cobrir com as mãos a fronte,
 — Abutre que esqueceu que o sol vem no horizonte.

Vêde: as crianças louras aprendem no Evangelho
A letra que comenta algum sublime velho,
Em tôda a frente há luzes, em todo o peito amôres,
Em todo o céu estrêlas, em todo o campo flores...
E, enquanto, sob as vinhas, a ingênua camponesa
Enlaça às negras tranças a rosa da devesa;
Dos saaras africanos, dos gelos da Siberia,
Do Cáucaso, dos campos dessa infeliz Ibéria,
Dos mármoreos lascados da terra santa homérica,
Dos pampas, das savanas desta soberba América
Prorrompe o hino livre, o hino do trabalho!
E, ao canto dos obreiros, na orquestra audaz do

[malho,
O ruído se mistura da imprensa, das idéias.
Todos da liberdade forjando as epopéias,
Todos co'as mãos calosas, todos banhando a frente
Ao sol da independência que irrompe no horizonte.
Oh! escutai! ao longe vago rumor se eleva
Como o trovão que ouviu-se quando na escura tre-

[va³⁴¹⁰
O braço onipotente rolou Satã maldito.
É outro condenado ao raio do infinito,
É o retumbar por terra d'esses impuros paços,
D'esses serralhos negros, d'esses Egeus devassos,
Saturnos de granito, feitos de sangue e ossos
Que bebem a existência do povo nos destroços...

.....
Enfim a terra é livre! Enfim lá do Calvário
A águia da liberdade, no imenso itinerário,
Voa do Calpe brusco às cordilheiras grandes,
Das cristas do Himalaia aos píncaros dos Andes!
Quebraram-se as cadeias, é livre a terra inteira,
A humanidade marcha com a Bíblia por bandeira;
São livres os escravos, quero empunhar a lira,
Quero que est'alma ardente um canto audaz desfira,
Quero enlaçar meu hino aos murmúrios dos ventos,
As harpas das estrêlas, ao mar, aos elementos!

.....
Mas, ai! longos gemidos de míseros cativos,
Tinidos de mil ferros, soluços convulsivos,
Vêm-me bradar nas sombras, como fatal vedeta:
"Que pensas, moço triste? que sonhas tu, poeta?"
Então curvo a cabeça de raios carregada,
E, atando brônzea corda à lira amargurada,
O canto de agonia arrojado à terra, aos céus,
E ao vácuo povoado de tua sombra, ó Deus!

A MÃE DO CATIVO

Le Christ à Nazareth, aux jours de son enfance
Jouait avec la croix, symbole de sa mort;
Mère du Polonais! qu'il apprenne d'avance
À combattre et braver les outrages du sort.

Qu'il couve dans son sein sa colère et sa joie;
Que ses discours prudents distillent le venin,
Comme un abime obscur que son coeur se reploie:
À terre, à deux genoux, qu'il rampe comme un nain.

MICKIEWICZ — *A Mãe Polaca*

I

O' Mãe do cativo! que alegre balanças ³⁴¹¹
A rêde que ataste nos galhos da selva!
Melhor tu farias se à pobre criança
Cavasses a cova por baixo da relva.

O' mãe do cativo! que fias à noite
As roupas do filho na choça de palha!
Melhor tu farias se ao pobre pequeno
Tecesses o pano da branca mortalha.

Misérrima! E ensinas ao triste menino
Que existem virtudes e crimes no mundo, ³⁴¹²
E ensinas ao filho que seja brioso,
Que evite dos vícios o abismo profundo...

E louca, sacodes nesta alma, inda em trevas,
O raio da espr'ança... Cruel ironia!
E ao pássaro mandas voar no infinito,
Enquanto que o prende cadeia sombria!...

II

O' Mãe! não despertes est'alma que dorme,
Com o verbo sublime do Mártir da Cruz!
O pobre que rola no abismo sem têrmo
P'ra qu'há de sondá-lo... Que morra sem luz.

Não vês no futuro seu negro fadário,
O' cega divina que cegas de amor?!
Ensina a teu filho — desonra, misérias,
A vida nos crimes — a morte na dor.

Que seja covarde... que marche encurvado...
Que de homem se torne sombrio reptil.
Nem core de pejo, nem trema de raiva
Se a face lhe cortam com o látego vil.

Arranca-o do leito... seu corpo habitue-se
Ao frio das noites, aos raios do sol.
Na vida — só cabe-lhe a tanga rasgada!
Na morte — só cabe-lhe o rôto lençol.

Ensina-o que morda... mas pérfido oculte-se
Bem como a serpente por baixo da chã, ³⁴¹³
Que impávido veja seus pais desonrados,
Que veja sorrindo mancharem-lhe a irmã.

Ensina-lhe as dores de um fero trabalho...
Trabalho que pagam com pútrido pão.
Depois que os amigos açoites no tronco...
Depois que adormeça co'o sono de um cão.

Criança — não trema dos transe de um mártir!
Mancebo — não sonhe delírios de amor!
Marido — que a espôsa conduza sorrindo
Ao leito devasso do próprio *senhor!*...

São êstes os cantos que deves na terra
Ao mísero escravo sômente ensinar.
O' Mãe que balanças a rêde selvagem
Que ataste nos troncos do vasto palmar.

III

O' Mãe do cativo, que fias à noite
À luz da candeia na choça de palha!
Embala teu filho com essas cantigas...
Ou tece-lhe o pano da branca mortalha.

S. Paulo, 24 de Junho de 1868.

MANUELA

(CANTIGA DO RANCHO)

Companheiros! já na serra
Erra.

A *tropa* inteira a pastar...
Trapeiros!... junto à *candeia* 3414
Eia!

Soltemos nosso trovar...

Té que as barras do Oriente
Rente

Saiam dos montes de lá...
Cada qual sua cantiga
Diga

Aos ecos do Sincorá.

No rancho as noites se escoam,
Voam,

Quando geme o trovador...
Ouvi, pois! que esta guitarra...
Narra

O meu romance de amor.

Manuela era formosa

Rosa,
Rosa aberta no sertão...
Com seu torso 3415 adamascado
Dado
Ao sôpro da viração.

Provocante, mas esquiva,
Viva

Como um doudo beija-flor...
Manuela — a moreninha
Tinha
Em cada peito um amor...

Inda agora... quando o vento
Lento

Traz-me saudades de então...
Parece que a vejo ainda
Linda

Do fado no turbilhão...

Vejo-lhe o pé resvalando
Brando

No fandango a delirar.
Inda ao som das castanholas
Rolas

Diante do meu olhar...

Manuela... mesmo agora
Chora

Minh'alma pensando em ti...
E na viola relembro, 3416
Lembro

Tiranas que então gemi.

"Manuela, Manuela
Bela, 3417

Como tu ninguém luziu...
Minha travêssa morena,
Pena, 3418

Pena tem de quem te viu!...

Manuela... Eu não 3419 perjuro!

Juro
Pela luz dos olhos teus...
Morrer por ti, Manuela,
Bela,
Se esqueces os sonhos meus.

Por teus sombrios olhares
— Mares
Onde eu me afogo de amor...
Pelas tranças que desatas
— Matas
Cheias de aroma e frescor...

Pelos peitos que entre rendas
Vendas
Com mêdo que os vão roubar...
Pela perna que no frio
Rio
Pude outro dia enxergar... 3420

Por tudo que tem a terra,
Serra,
Mato, rio, campo e céu...
Eu te juro, Manuela,
Bela, 3421
Que serei cativo teu...

Tu bem sabes que Maria,
Fria
É p'ra outros, não p'ra mim...
Que morrem Lúcia, Joana
E Ana
Aos sons do meu bandolim...

Mas tu és um passarinho
— Ninho
Fizeste no peito meu...
Eu sou a bôca — és o canto
Tanto
Que sem ti não canto eu.

Vamos pois... A noite cresce, 3422
Desce
A lua a beijar a flor...
À sombra dos arvoredos
Ledos
Os ventos choram de amor...

Vamos pois... ó moreninha
Minha...
Minha espôsa ali serás...
Ao vale a relva tapiza, 3423
Pisa...
Serão teus Paços-reais!

Por padre uma árvore vasta
Basta!
Por igreja — o azul do céu...
Serão as brancas estrêlas
— Velas
Acesas p'ra o himeneu". 3424

Assim nos tempos perdidos
 Idos
 Eu cantava... mas em vão...
 Manuela, que me ouvia,
 Ria,
 Casta flor da solidão!...

Companheiros! se inda agora
 Chora
 Minha viola a gemer,
 É porque um dia... Escutai-me, 3425
 Dai-me, 3426
 Sim! dai-me antes que beber!...

É que um dia... mas bebamos, 3427
 Vamos...
 No copo afogue-se a dor!...
 Manuela, Manuela,
 Bela,
 Fêz-se amante do senhor!...

S. Paulo, 25 de Junho de 1868.

FÁBULA

O PÁSSARO E A FLOR

Era num dia sombrio
 Quando um pássaro erradio
 Veio parar num jardim. 3428
 Aí fitando uma rosa,
 Sua voz triste e saudosa,
 Pôs-se a improvisar assim.

“Ó 3429 Rosa, ó Rosa bonita!
 Ó Sultana favorita
 Dêste serralho de azul:
 Flor que vives num palácio,
 Como as princesas de Lácio,
 Como as filhas de Estambul.

Como és feliz! Quanto eu dera
 Pela eterna primavera
 Que o teu castelo contém...
 Sob o cristal abrigada,
 Tu nem sentes a geada
 Que passa raivosa além.

Junto às estátuas de pedra
 Tua vida cresce, medra,
 Ao fumo dos *narguillés*,
 No largo vaso da China
 Da porcelana mais fina
 Que vem do Império Chinês.

O Inverno ladra na rua,
 Enquanto adormeces nua
 Na *estufa* até de manhã.
 Por escrava — tens a aragem,
 O sol — é teu louro pajem, 3430
 Tu és dêle — a castelã.

Enquanto que eu desgraçado,
 Pelas chuvas ensopado,
 Levo o tempo a viajar,
 — Boêmio da média-idade,
 Vou do castelo à cidade,
 Vou do mosteiro ao solar!

Meu *capote* rôto e pobre
 Mal os meus ombros encobre,
 Quanto à *gôrra*... tu bem vês!...
 Ai! meu Deus! se Rosa fôra
 Como eu zombaria agora
 Dos louros dos menestréis!...”

Então por entre a folhagem
 Ao passarinho selvagem
 A rosa assim respondeu:
 “Cala-te, bardo dos bosques!
 Ai! não troques os quiosques
 Pela cúpula do céu.

Tu não sabes que delírios
 Sofrem as rosas e os lírios
 Nesta dourada prisão.
 Sem falar com as violetas,
 Sem beijar as borboletas,
 Sem as auras do sertão.

Molha-te a fria geada...
 Que importa? A loura alvorada
 Virá beijar-te amanhã.
 Poeta, romperás logo,
 A cada beijo de fogo,
 Na cantilena louçã.

Mas eu?!... Nas salas brilhantes
 Entre as tranças deslumbrantes
 A virgem me enlaçará...
 Depois... cadáver de rosa...
 A valsa vertiginosa
 Por sôbre mim rolará.

Vai, Poeta... Rompe os ares, 3431
 Cruza a serra, o vale, os mares, 3432
 Deus ao chão não te amarrou!
 Eu calo-me — tu descantas,
 Eu rojo — tu te levantas,
 Tu és livre — escrava eu sou!...” 3433

S. Paulo, Junho de 1868.

ESTROFES DO SOLITÁRIO

Basta de covardia! A hora soa...
 Voz ignota e fatídica ressoa,
 Que vem... Donde? De Deus.
 A nova geração rompe da terra,
 E, qual Minerva armada para a guerra,
 Pega a espada... olha os céus.

Sim, de longe, das raias do futuro,
 Parte um grito, p'ra os homens — surdo, obscuro,
 Mas para os moços, não!
 É que, em meio das lutas da cidade,
 Não ouvem o clarim da Eternidade,
 Que troa n'amplidão!

Quando as praias se ocultam na neblina,
 E como a garça, abrindo a asa latina,
 Corre a barca no mar,
 Se então sem freios se despenha o norte,
 É impossível — parar... volver — é morte...
 Só lhe resta marchar.

E o povo é como a barca em plenas vagas,
A tirania é o tremedal das plagas,
O porvir — a amplidão.
Homens! Esta lufada que rebenta
É o furor da mais lóbrega tormenta...
— Ruge a revolução.

E vós cruzais os braços... Covardia!
E murmurais com fera hipocrisia:
— É preciso esperar...
Esperar? Mas o quê? Que a população,
Este vento que tronos despedaça,
Venha abismos cavar?

Ou quereis, como o sátrapa arrogante,
Que o porvir, n'ante-sala, espere o instante
Em que o deixeis subir?!
Oh! parai a avalanche, o sol, os ventos,
O oceano, o condor, os elementos...
Porém nunca o porvir!

Meu Deus! Da negra lenda que se escreve
Co'o sangue de um Luís, no chão da Grève,
Não resta mais um som!...
Em vão nos deste, p'ra maior lembrança,
Do mundo — a Europa, mas da Europa — a França.
Mas da França — um Bourbon!

Desvario das fronteiras coroadas!
Nas páginas das púrpuras rasgadas
Ninguém mais estudou!
E, no sulco do tempo, embalde dorme
A cabeça dos reis — semente enorme
Que a multidão plantou!...

No entanto fôra belo nesta idade
Desfraldar o estandarte da igualdade,
De Byron ser irmão...
E pródigo — a esta Grécia brasileira,
Legar no testamento — uma bandeira,
E ao mundo — uma nação.

Soltar ao vento a inspiração de Graco, ³⁴³⁴
Envolver-se no manto de Espartaco,
Dos servos entre a grei;
Lincoln — o Lázaro acordar de novo,
E da tumba da infâmia erguer um povo,
Fazer de um verme — um rei!

Depois morrer... que a vida está completa,
— Rei ou tribuno, César ou poeta,
Que mais quereis depois?
Basta escutar, do fundo lá da cova,
Dançar em vossa lousa a raça nova
Libertada por vós...

O NAVIO NEGREIRO

(TRAGÉDIA NO MAR)

I

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após êle correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardências,
— Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano, ³⁴³⁵
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Velciro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem? onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço:
Neste saara os corcéis ³²³⁶ o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir dêste painel a majestade!...
Embaixo — o mar... em cima — o firmamento...
E no mar e no céu — a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! Ó rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!

Esperai!... esperai!... deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia...
Orquestra — é o mar, que ruge pela proa,
E o vento, que nas cordas assobia...

.....
Porque foges assim, barco ligeiro?
Porque foges do pávido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semelha no mar — doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as penas, Leviathan do espaço,
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas.

II

Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar?
Ama a cadência do verso
Que lhe ensina o velho mar!
Cantai! que a morte é divina!
Resvala o brigue à bolina
Como golfinho veloz.
Prêsa ao mastro da mezena
Saudosa bandeira acena
Às vagas que deixa após.

Do Espanhol as cantilenas
Requebradas de langor,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor!
Da Itália o filho indolente

Canta Veneza dormente,
— Terra de amor e traição,
Ou do gôlfo no regaço
Relembra os versos de Tasso,
Junto às lavas do vulcão!

O Inglês — marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou,
(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entoa pátrias glórias,
Lembrando, orgulhoso, histórias
De Nelson e de Aboukir...
O Francês — predestinado —
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir!

Os marinheiros Helenos,
Que a vaga iônia criou,
Belos piratas morenos
Do mar que Ulisses cortou,
Homens que Fídias talhara,
Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu...
Nautas de tôdas as plagas,
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céu!...

III

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
Desce mais... inda mais... não pode olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador!
Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!
É canto funeral!... Que tétricas figuras!...
Que cena infame e vil... Meu Deus! meu Deus!
[Que horror!]

IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tétas
Magras crianças, cujas bôcas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras, moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Prêsa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra
Tão puro sôbre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda ³⁴³⁷ fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual num sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...

V

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, porque não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto êste borrão?...
Astros! noite! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Quem são êstes desgraçados
Que não se encontram em vós,
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algóz?
Quem são? Se a estrêla se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto,
Onde a terra esposa a luz.
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão.
Ontem simples, fortes, bravos...
Hoje míseros escravos,
Sem luz, sem ar, sem razão...

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também.
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm...
Trazendo, com tibios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma — lágrimas e fel...
Como Agar sofrendo tanto,
Que nem o leite de pranto
Têm que dar para Ismael.

Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no país,
Nasceram — crianças lindas,
Viveram — moças gentis...
Passa um dia a *caravana*,
Quando a virgem na cabana

Cisma da noite nos véus...
 ...Adeus, ó choça do monte,
 ...Adeus, palmeiras da fonte!...
 ...Adeus, amôres... adeus!...

Depois, o areal extenso...
 Depois, o oceano de pó.
 Depois no horizonte imenso
 Desertos... desertos só...
 E a fome, o cansaço, a sede...
 Ai! quanto infeliz que cede,
 E cai p'ra não mais s'erguer!...
 Vaga um lugar na *cadeia*,
 Mas o chacal sôbre a areia
 Acha um corpo que roer.

Ontem a Serra Leoa,
 A guerra, a caça ao leão,
 O sono dormido à toa
 Sob as tendas d'amplidão!
 Hoje... o *porão* negro, fundo,
 Infecto, apertado, imundo,
 Tendo a peste por jaguar...
 E o sono sempre cortado
 Pelo arranco de um finado,
 E o baque de um corpo ao mar...

Ontem plena liberdade,
 A vontade por poder...
 Hoje... cúm'lo de maldade,
 Nem são livres p'ra morrer...
 Prende-os a mesma corrente
 — Férrea, lúgubre serpente —
 Nas rôscas da ³⁴³⁸ escravidão.
 E assim zombando da morte,
 Dança a lúgubre coorte
 Ao som do açoute... Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!
 Dizei-me vós, Senhor Deus,
 Se eu deliro... ou se é verdade
 Tanto horror perante os céus?!...
 Ó mar, porque não apagas
 Co'a esponja de tuas vagas
 Do teu manto êste borrão?
 Astros! noites! tempestades!
 Rolai das imensidades!
 Varrei os mares, tufão!...

VI

Existe um povo que a bandeira empresta
 P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
 E deixa-a transformar-se nessa festa
 Em manto impuro de bacante fria!...
 Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
 Que impudente na gávea tripudia?
 Silêncio, Musa... chora, e chora tanto
 Que o pavilhão se lave no teu pranto!...

Auriverde pendão de minha terra,
 Que a brisa do Brasil beija e balança,
 Estandarte que a luz do sol encerra
 E as promessas divinas da esperança...
 Tu que, da liberdade após a guerra,
 Fôste hasteado dos heróis na lança,
 Antes te houvessem rôto na batalha,
 Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
 Extingue nesta hora o brigue imundo
 O trilho que Colombo abriu nas vagas,
 Como um íris no pélagos profundo!
 Mas é infâmia de mais!... Da etérea plaga
 Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
 Andrada! arranca êsse pendão dos ares!
 Colombo! fecha a porta dos teus mares!

S. Paulo, 18 de Abril de 1868.

LÚCIA

POEMA

Na formosa estação da primavera,
 Quando o mato se arreia mais festivo,
 E o vento campesino bebe ardente
 O agreste aroma da floresta virgem,
 Eu e Lúcia ³⁴³⁹ corríamos — crianças —
 Na veiga, no pomar, na cachoeira,
 Como um casal de colibris travessos
 Nas laranjeiras, que o Natal enflora.

Ela era a *cria* mais formosa e meiga
 Que jamais, na *Fazenda*, vira o dia...
 Morena... esvelta... airoso, eu me lembrava
 Sempre da corça arisca dos silvados
 Quando lhe via os olhos negros, negros,
 Como as plumas noturnas da *graúna*;
 Depois... quem mais mimosa e mais alegre?...
 Sua bôca era um pássaro escarlate,
 Onde cantava festival sorriso,
 Os cabelos caíam-lhe anelados

Como doudos festões de parasitas...
 E a graça... o modo... o coração tão meigo...
 Ai! Pobre Lúcia... como tu sabias,
 Festiva, encher de afagos a família,
 Que te queria tanto e que te amava
 Como se fôsses filha e não cativa!

Tu eras a alegria da *fazenda*;
 Tua senhora ria-se, contente,
 Quando enlaçavas seus cabelos brancos
 Co'as roxas maravilhas da campina.
 E quando à noite, todos se juntavam,
 Aos reflexos dourados da candeia,
 Na grande sala, em tórno da fogueira,
 Então, Lúcia, sorrindo, eu murmurava:
 "Meu Deus! um beija-flor fêz-se criança,
 Uma criança fêz-se mariposa!"

Mas um dia a miséria, a fome, o frio,
 Foram pedir um pouso nos teus lares...
 A mesa era pequena... Pobre Lúcia!
 Foi preciso te ergueres do banquete, ³⁴⁴⁰
 Deixares teu lugar aos mais convivas...
 Eu me lembro... eu me lembro... O sol raiava
 Tudo era festa em volta da pousada,
 Cantava o galo, alegre, no terreiro,
 O mugido das vacas misturava-se
 Ao relincho das éguas, que corriam,
 De crinas sôltas pelo campo aberto,
 Aspirando o frescor da madrugada.

Pela última vez ela, chorando,
Veio sentar-se ao banco do terreiro...
Pobre criança! que conversas tristes
Tu conversaste, então, co'a natureza?

"Adeus! p'ra sempre, adeus, ó meus amigos,
Passarinhos do céu, brisa da mata,
Patativas saudosas dos coqueiros,
Ventos da várzea, fontes do deserto!...
Nunca mais eu virei, risonha e louca,
Vos arrancar das moitas perfumadas,
Nunca mais eu virei, risonha e louca,
Roubar o ninho ao sabiá choroso...
Perdoai-me que eu parto para sempre. 3441
Venderam, para longe, a pobre Lúcia!"

Então, ela apanhou do mato as flores,
Como outrora enlaçou-as nos cabelos,
E, rindo de chorar, disse em soluços:
"Não te esqueças de mim que te amo tanto..."

Depois além, um grupo informe e vago,
Que cavalgava o dorso da montanha,
Ia esconder-se, transmontando o tópo...
Neste momento eu vi, longe... bem longe,
Ainda se agitar um lenço branco...
Era o lencinho trêmulo de Lúcia!

EPILOGO

Muitos anos correram depois disto...
Um dia, nos sertões, eu caminhava
Por uma estrada agreste e solitária;
Diante de mim uma mulher seguia,
— Co'o cântaro à cabeça, os pés descalços,
Co'os ombros nus, mas pálidos e magros...

Ela cantava, com uma voz extinta,
Uma cantiga triste e compassada...
E eu, que a escutava, procurava, embalde,
Uma lembrança juvenil e alegre,
Do tempo em que aprendera aquêles versos...
De repente, lembrei-me... "Lúcia! Lúcia!"
...A mulher se voltou... fitou-me pasma,
Soltou um grito... e, rindo e soluçando,
Quis para mim lançar-se, abrindo os braços.

...Mas, súbito, estacou... nuvem de sangue
Corou-lhe o rosto pálido, sombrio...
Cobriu co'a mão crispada a face rubra,
Como escondendo uma vergonha eterna...

Depois, soltando um grito, ela sumiu-se
Entre as sombras da mata... a pobre Lúcia!

S. Paulo, 30 de Abril de 1868.

PROMETEU

"O' mon auguste mère, et vous enveloppe de la commune
lumière, divin éther, voyez quels injustes tourments on me
fait souffrir".

Qui compatit à cette grande souffrance, qui s'approche du
rocher désert où se tord Prométhée? Quelques pauvres filles,
pieds nus.

ÊSQUILO

Inda arrogante e forte, o olhar no sol cravado,
Sublime no sofrer, vencido, — não domado,
Na sublime agonia arqueja Prometeu.

O Cáucaso é seu cêpo; é seu sudário — o céu,
Como um braço de algóz, que em sangueira se nutre,
Revolve-lhes as entranhas o pescoço do abutre.
P'ra as iras lhe sustar, corta o raio a amplidão,
E em correntes de luz prende, amarra o Titão.

Agonia sublime!... E ninguém nesta hora
Consola aquela dor, naquela angústia chora.
Ai! por cúmulo de horror!... O Oriente golfa a luz,
No Olimpo brinca o amor por entre os seios nus.
De tirso em punho o bando das lúblicas bacantes,
Correm montanhas e val em danças delirantes;
E ao gigante caído... a terra e o céu (rivais!...)
Prantos lascivos dão, suor de bacanais.

Mas não! Quando arquejante no poste de granito
Se estorce Prometeu, gigantesco precito,
Vós, Nercidas gentis, meigas filhas do mar!
O oceano lhe trazei, p'ra em prantos derramar...

Povo! povo infeliz! Povo, mártir eterno,
Tu és do cativo o Prometeu moderno...
Enlaça-te no poste a cadeia *das Leis*,
O pescoço do abutre é o cetro dos maus reis.
Para tais dimensões, p'ra músculos tão grandes,
Era pequeno o Cáucaso... amarram-te nos Andes.
E enquanto, tu, Titã, sangrento arcas aí,
O século da luz olha... caminha... ri...
Mas não! mártir divino, Encélado tombado!
Junto ao Calvário teu, por todos desprezado,
A musa do poeta irá — filha do mar —
O oceano de sua alma... em cantos derramar...

Santos, 16 de Maio de 1868.

VOZES D'ÁFRICA

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes!
Em que mundo, em qu'estrêla tu t'escondes
Embuçado nos céus?
Há dous mil anos te mandei meu grito,
Que embalde, desde então, corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?...

Qual Prometeu, tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia,
Infinito galé!...
Por abutre — me deste o sol ardente!
E a terra de Suez — foi a corrente
Que me ligaste ao pé...

O cavalo estafado do Beduíno
Sob a vergasta tomba ressupino,
E morre no areal.
Minha garupa sangra, a dor poreja,
Quando o chicote do *simum* dardeja
O teu braço eternal.

Minhas irmãs são belas, são ditosas...
Dorme a Ásia nas sombras voluptuosas
Dos *haréns* do Sultão,
Ou no dorso dos brancos elefantes
Embala-se coberta de brilhantes,
Nas plagas do Indostão.

Por tenda — tem os cimos do Himalaia...
O Ganges amoroso beija a praia
Coberta de corais...
A brisa de Misora o céu inflama;
E ela dorme nos templos do deus Brama,
Pagodes colossais...

A Europa — é sempre Europa, a gloriosa!...
A mulher deslumbrante e caprichosa,
Rainha e cortesã.
Artista — corta o mármore de Carrara;
Poetisa — tange os hinos de Ferrara,
No glorioso afã!...

Sempre a láurea lhe cabe no litígio...
Ora uma *c'roa*, ora o *barrete-frigio*
Enflora-lhe a cerviz,
O Universo após ela — doudo amante
Segue cativo o passo delirante
Da grande meretriz.

Mas eu, Senhor!... Eu triste, abandonada
Em meio dos desertos desgarrada,
Perdida marcho em vão!
Se choro... bebe o pranto a areia ardente!
Talvez... p'ra que meu pranto, ó Deus clemente,
Não descubras no chão!...

E nem tenho uma sombra de floresta...
Para cobrir-me nem um templo resta
No solo abrasador...
Quando subo às pirâmides do Egito,
Embalde aos quatro céus chorando grito:
"Abriga-me, Senhor!..."

Como o profeta em cinza a fronte envolve,
Velo a cabeça no areal, que volve
O siroco feroz...
Quando eu passo no Sáara amortalhada...
Ail dizem: "Lá vai África embuçada
No seu branco albornoz..."

Nem vêem que o deserto é meu sudário,
Que o silêncio campeia solitário
Por sôbre o peito meu.
Lá no solo, onde o cardo apenas medra,
Boceja a Esfinge colossal de pedra,
Fitando o morno céu.

De Tebas nas colunas derrocadas
As cegonhas espiam debruçadas
O horizonte sem fim...
Onde branqueja a caravana errante
E o camelo monótono, arquejante,
Que desce de Efraim...

.....
Não basta inda de dor, ó Deus terrível?!
É pois teu peito eterno, inexaurível
De vingança e rancor?
E que é que fiz, Senhor? que tôrvo crime
Eu cometi jamais, que assim me oprime
Teu gládio vingador?!

Foi depois do *dilúvio*... Um viandante,
Negro, sombrio, pálido, arquejante,
Descia do Ararat...
E eu disse ao peregrino fulminado:
"Cam!... serás meu espôso bem-amado...
Serei tua Eloá..."

Desde êste dia o vento da desgraça
Por meus cabelos, ululando, passa
O anátoma crucl.
As tribos erram do areal nas vagas,
E o *Nômada* faminto corta as plagas
No rápido corcel. ³⁴⁴²

Vi a ciência desertar do Egito...
Vi meu povo seguir — Judeu maldito —
Filho da perdição.
Depois vi minha prole desgraçada,
Pelas garras d'Europa arrebatada,
— Amestrado falcão.

Cristo! embalde morreste sôbre um monte...
Teu sangue não lavou da minha fronte
A mancha original.
Ainda hoje são, por fado adverso,
Meus filhos — alimária do universo,
Eu — pasto universal.

Hoje em meu sangue a América se nutre:
— Condor, que transformara-se em abutre,
Ave da escravidão.
Ela juntou-se às mais... irmã traidora!
Qual de José os vis irmãos, outrora,
Venderam seu irmão!

.....
Basta, Senhor! De teu potente braço
Role através dos astros e do espaço
Perdão p'ra os crimes meus!
Há dous mil anos eu soluço um grito...
Escuta o brado meu lá no infinito,
Meu Deus! Senhor, meu Deus!!...

S. Paulo, 11 de Junho de 1868.

SAUDAÇÃO A PALMARES

Nos altos cerros erguido
Ninho de águias atrevido
Salve! — país do bandido!
Salve! — pátria do jaguar!
Verde serra, onde os Palmares
— Como indianos cocares —
No azul dos Colúmbios ares,
Desfraldam-se em mole arfar!

Salve! Região dos valentes
Onde os ecos estridentes
Mandam aos plainos trementes
Os gritos do caçador!
E ao longe os latidos soam,
E as trompas da caça atroam...
E os corvos negros revoam
Sôbre o campo abrasador!...

Palmares! a ti meu grito!
A ti, barca de granito,
Que no soçôbro infinito
Abriste a vela ao trovão,
E provocaste a rajada,
Sôlta a flâmula agitada,
Aos urrahs da marujada,
Nas ondas da escravidão!

De bravos soberbo estádio!
Das liberdades paládio,
Tomaste o punho do gládio,
E olhaste rindo p'ra o val.
"Surgi de cada horizonte,
Senhores! Eis-me de fronte!"
E riste... O riso de um montel
E a ironia de um chacal!

Cantem eunucos devassos
Dos reis os marmóreos paços,
E beijem os férreos laços,
Que não ousam sacudir...
Eu canto a beleza tua,
Caçadora seminua,
Em cuja perna flutua
Ruiva a pele de um tapir!

Crioula! o teu seio escuro
Nunca deste ao beijo impuro!
Fugidio, firme, duro,
Guardaste-o p'ra um nobre amor.
Negra Diana selvagem,
Que escutas, sob a ramagem,
As vozes, que traz a aragem,
Do teu rijo caçador!

Salve! — Amazona guerreira!
Que nas rochas da clareira,
— Aos urros da cachoeira —
Sabes bater e lutar...
Salve! — nos cerros erguido —
Ninho, onde em sonho atrevido,
Dorme o condor... e o bandido,
A liberdade... e o jaguar!

Fazenda de Santa Isabel, Agosto de 1870.

O DERRADEIRO AMOR DE BYRON

Et, puisque tôt ou tard l'amour humain s'oublie,
Il est d'une grand'âme et d'un heureux destin
D'aspirer comme toi pour un amour divin!

ALF. DE MUSSET

I

Num dêsses dias em que o Lorde errante,
Resvalando em coxins ³⁴⁴³ de sêda mole...
A laureada e pâlida cabeça
Sentia-lhe embalar essa condêssa,
Essa lânguida e bela Guiccioli...;

II

Nesse tempo feliz... em que Ravenna
Via cruzar o Childe ³⁴⁴⁴ peregrino,
Dos templos ermos pelo claustro frio...
Ou longas horas meditar sombrio
No túmulo de Dante — o Gibelino...

III

Quando aquela mão régia de Madona
Tomava aos ombros essa cruz insana...
E do Giaour o lúgubre segrêdo,
E êsse crime indizível do Manfredo
Madornavam aos pés da Italiana...;

IV

Numa dessas manhãs... Enquanto a moça,
Sorrindo-lhe dos beijos ao ressóbio,
Cantava como uma ave ou uma criança...
Ela sentiu que um riso de esperança
Abria-lhe do amante lábio e lábio.

V

A esperança! A esperança no precito!
A esperança nesta alma agonizante!
E, mais lívida e branca do que a cêra,
Ela disse a tremer: — "George, eu quisera
Saber qual seja... a vossa nova amante".

VI

— "Como o sabes?... — "Confessas?" — "Sim!
[confesso...]"
— "E o seu nome..." — "Qu'importa?" —
["Fala, ³⁴⁴⁵ alteza!...]"
— "Que chama douda teu olhar espalha, [³⁴⁴⁶
Ês ciumenta?...]" — "Mylord, eu sou da Itália!"
— "Vingativa?...]" — "Mylord, ³⁴⁴⁷ eu sou Prin-
[cesa!...]"

VII

— "Queres saber então qual seja o arcanjo
Que inda vem m'enlevar o ser corrupto?
O sonho que os cadáveres renova,
O amor que o Lázaro arrancou da cova,
O ideal de Satã?...]" — "Eu vos escuto!"

VIII

— "Olhai, Signora... além dessas cortinas,
O que vêdes?...]" — "Eu vejo a imensidade!..."
— "E eu vejo a Grécia... e sôbre a plaga errante,
Uma virgem chorando..." — "É vossa amante?...]"
— "Tu disseste-o, Condêssa!... É a liberdade!!!..."

Santa Isabel, 21 de Agosto de 1870.

ADEUS, MEU CANTO

I

Adeus, meu canto! É a hora da partida...
O oceano do povo se encapela,
Filho da tempestade, irmão do raio,
Lança teu grito ao vento da procela.

O inverno envôlto em mantos de geada
Cresta a rosa de amor, que além se erguera...
Ave de arribação, voa, anuncia
Da liberdade a santa primavera.

É preciso partir, aos horizontes
Mandar o grito errante da vedeta.
Ergue-te, oh luz! — Estrêla para o povo,
— Para os tiranos lúgubre cometa.

Adeus, meu canto! Na revôlta praça
Ruge o clarim tremendo da batalha.
Águia — talvez as asas te espedacem, ³⁴⁴⁸
Bandeira — talvez rasgue-te a metralha.

Mas não importa a ti, que no banquete
O manto sibarita não trajaste;
Que, se louros não tens na altiva fronte,
Também da orgia a c'roa renegaste.

A ti que herdeiro duma raça livre
Tomaste o velho arnês e a cota d'armas,
E, no ginete que escarvava os vales,
A corneta esperaste dos alarmas.

É tempo agora p'ra quem sonha a glória
É a luta... e a luta, essa fatal fornalha,
Onde reverve o bronze das estátuas,
Que a mão dos séc'los no futuro talha...

Parte, pois; solta livre aos quatro ventos
A alma cheia das crenças do poeta!...
Ergue-te, ó luz! — Estrêla para o povo,
— Para os tiranos lúgubre cometa. ³⁴⁴⁹

Há muita virgem que ao prostíbulo impuro
A mão do algoz arrasta pela trança;
Muita cabeça de ancião curvada,
Muito riso afogado de criança.

Dirás à virgem: — Minha irmã, espera,
Eu vejo ao longe a pomba do futuro.
— Meu pai, dirás ao velho, dá-me o fardo
Que atropela-te o passo mal seguro...

A cada berço levarás a crença.
A cada campa levarás o pranto.
Nos berços nus, nas sepulturas rasas,
— Irmão do pobre — viverás, meu canto.

E, pendido através de dois abismos,
Com os pés na terra e a fronte no infinito,
Traz a bênção de Deus ao cativoiro,
Levanta a Deus do cativoiro o grito!

II

Eu sei que, ao longe, na praça,
Ferve a onda popular,
Que às vêzes é pelourinho,
Mas poucas vêzes altar.
Que zombam do bardo atento,
Curvo ao murmúrio do vento
Nas florestas do existir,
Que babam fel e ironia
Sôbre o ôvo da utopia
Que guarda a ave do porvir.

Eu sei que o ódio, o egoísmo,
A hipocrisia, a ambição,
Almas escuras de grutas,
Onde não desce um clarão,
Peitos surdos às conquistas,
Olhos fechados às vistas,
Vistas fechadas à luz,
Do poeta solitário
Lançam pedras ao calvário,
Lançam blasfêmias à cruz.

Eu sei que a raça impudente
Do escriba, do fariseu,
Que ao Cristo eleva o patíbulo,
A fogueira a Galileu,
É o fumo da chama vasta,
Sombra que o século arrasta,
Negra, torcida, a seus pés;
Tronco enraigado no inferno,
Que se arqueia, sempre, eterno,
Das idades através.

E êles dizem, reclinados
Nos festins de Baltazar:
“Que importuno é êsse que canta
Lá no Eufrate a soluçar?
Prende aos ramos do salgueiro
A lira do cativoiro,
Profeta da maldição,
Ou, cingindo a augusta fronte
Com as rosas d'Anacreonte, ³⁴⁵⁰
Canta o amor e a criação!...”

Sim! cantar o campo, as selvas,
As tardes, a sombra, a luz;
Soltar su'alma com o bando
Das borboletas azuis;
Ouvir o vento que geme, ³⁴⁵¹
Sentir a fôlha que treme,
Como um seio que pulou,
Das matas entre os desvios,
Passar nos centros bravios
Por onde o jaguar passou;

É belo... E já quantas vêzes
Não saudei a terra, o céu,
E o Universo — Bíblia imensa
Que Deus no espaço escreveu?!
Ao canto das cachoeiras,
Que vêzes nas cordilheiras,
Eu lancei minha canção,
Escutando as ventanias, ³⁴⁵²
Vagas, tristes profecias
Gemerem na escuridão?!...

Já também amei as flores,
As mulheres, e o arrebol,
E o sino que chora triste,
Ao morno calor do sol.
Ouvi saudoso a viola,
Que ao sertanejo consola,
Junto à fogueira do lar,
Amei a linda serrana,
Cantando a mole *tirana*,
Pelas noites de luar.

Da infância o tempo fugindo,
Tudo mudou-se em redor.
Um dia passa em minh'alma
Das cidades o rumor.
Soa a idéia, soa o malho,
O ciclope do trabalho
Prepara o raio do sol.
Tem o povo — mar violento —
Por armas — o pensamento,
A verdade por farol.

E o homem, vaga que nasce
 No oceano popular,
 Tem que impelir os espíritos,
 Tem uma plaga a buscar.
 Oh! maldição ao poeta
 Que foge — falso profeta —
 Nos dias de provação!
 Que mistura o tôsko iambo
 É o tirso do ditirambo
 No poema d'afflicção!...

“Trabalhar!” brada nas sombras
 A voz imensa de Deus!
 “Braços! voltai-vos p’ra terra,
 Frontes, ³⁴⁵³ voltai-vos p’ros céus!”
 Poeta, sábio, selvagem,
 Vós sois a santa equipagem
 Da nau da civilização!
 Marinheiro, — sobe aos mastros,
 Pilôto, — estuda nos astros,
 Gajeiro, — olha a cerração!”

Uivava a negra tormenta
 Na enxárcia, nos mastaréus.
 Uivavam nos tombadilhos ³⁴⁵⁴
 Gritos insontes de réus.
 Vi a equipagem medrosa
 Da morte à vaga horrorosa
 Seu próprio irmão sacudir.
 E bradei: “Meu canto, voa,
 Terra ao longe! terra à proa!...
 Vejo a terra do porvir!...”

III

Companheiro da noite mal dormida,
 Que a mocidade vela sonhadora,
 Primeira fôlha d’árvore da vida,
 Estrêla que anuncia a luz da aurora,
 Da harpa do meu amor nota perdida,
 Orvalho que do seio se evapora,
 É tempo de partir... Voa, meu canto,
 Que tantas vêzes orvalhei de pranto.

Tu fôste a estrêla vésper que alumia
 Aos pastôres da Arcádia nos fragedos!
 Ave que no meu peito se aquecia
 Ao murmúrio talvez dos meus segredos.
 Mas, hoje, que sinistra ventania
 Muge nas selvas, ruge nos rochedos,
 Condor sem rumo, errante, que esvoaça,
 Deixo-te entregue ao vento da desgraça.

Quero-te assim. Na terra o teu fadário
 É ser o irmão do escravo que trabalha;
 É chorar junto à cruz do seu calvário,
 É bramir do senhor na bacanália...
 Se vivo, seguirás o itinerário,
 Mas, se — morto — rolares na mortalha,
 Terás, selvagem filho da floresta,
 Nos raios e trovões hinos de festa.

Quando a piedosa, errante caravana,
 Se perde nos desertos, peregrina,
 Buscando na cidade muçulmana,
 Do sepulcro de Deus a vasta ruína,

Olha o sol que se esconde na savana,
 Pensa em Jerusalém sempre divina,
 Morre feliz, deixando sôbre a estrada
 O marco miliário duma ossada.

Assim, quando essa turba horripilante,
 Hipócrita sem fé, bacante impura,
 Possa curvar-te a frente de gigante,
 Possa quebrar-te as malhas da armadura,
 Tu deixarás na liça o férreo guante
 Que há de colhêr a geração futura...
 Mas, não... crê no porvir, na mocidade,
 Sol brilhante do céu da liberdade.

Canta, filho da luz da zona ardente
 Dêstes cerros ³⁴⁵⁵ soberbos, altanados!
 Emboca a tuba lúgubre, estridente,
 Em que aprendeste a rebramir teus brados.
 Levanta das orgias — o presente,
 Levanta dos sepulcros — o passado,
 Voz de ferro! desperta as almas grandes
 Do Sul ao Norte... do Oceano aos Andes!!...

Recife — 1865.

A CACHOEIRA DE PAULO AFONSO ³⁴⁵⁶

Je se sais vraiment si j’aurai mérité qu’on dépose un jour un laurier sur mon cercueil. La poésie, quelque soit mon amour pour elle, n’a toujours été pour moi qu’un moyen consacré pour un but saint.

Je n’ai jamais attaché un trop grand prix à la gloire de mes poèmes, et peu m’importe qu’on les loue, ou qu’on les blâme. Mais ce sera un glaive, que vous devez placer sur ma tombe, car j’ai été un brave soldat dans la guerre de délivrance de l’humanité.

H. HEINE (*Reisebilder*).

A TARDE

Era a hora em que a tarde se debruça
 Lá da crista das serras mais remotas...
 E d’araponga o canto, que soluça,
 Acorda os ecos nas sombrias grotas;
 Quando sôbre a lagoa, que s’embuça,
 Passa o bando selvagem das gaivotas...
 E a onça sôbre as lapas salta urrando
 Da cordilheira os visos abalando.

Era a hora ³⁴⁵⁷ em que os cardos rumorejam,
 Como um abrir de bôcas inspiradas,
 E os angicos as comas espanejam
 Pelos dedos das auras perfumadas...
 A hora ³⁴⁵⁸ em que as gardênias, que se beijam,
 São tímidas, medrosas desposadas;
 E a pedra... a flor... as selvas... os condores
 Gaguejam... ³⁴⁵⁹ falam... cantam seus amôres!

Hora meiga da tarde! Como és bela
 Quando surges do azul da zona ardente!
 — Tu és do céu a pálida donzela,
 Que se banha nas termas do oriente...
 Quando é gôta do banho cada estrêla,
 Que te rola da espádua refulgente...
 E — prendendo-te a trança ³⁴⁶⁰ a meia lua —
 Te enrolas em neblinas seminua!...

Eu amo-te, ó mimosa do infinito!
 Tu me lembras o tempo ³⁴⁶¹ em que era infante.
 Inda adora-te o peito do precito
 No meio do martírio excruciante;
 E, se não te dá mais da infância o grito
 Que menino elevava-te arrogante.
 É que agora os martírios foram tantos,
 Que mesmo para o riso só tem prantos!...

Mas não me esqueço nunca dos fraguados
 Onde infante selvagem me guiavas,
 E os ninhos do *sofrer* que entre os silvedos
 Da embaíba nos ramos me apontavas;
 Nem mais tarde, dos lânguidos segredos
 Do amor do nenufar ³⁴⁶² que enamoravas...
 E as tranças ³⁴⁶³ mulheris da granadilha!...
 E os abraços fogosos da baunilha!...

E te amei tanto — cheia de harmonias,
 A murmurar os cantos da serrana,
 A lustrar o broquel das serranias, —
 A dourar dos rendeiros a cabana...
 E te amei tanto — à flor das águas frias —
 Da lagoa agitando a verde cana,
 Que sonhava morrer entre os palmares,
 Fitando o céu ao tom dos teus cantares!...

Mas hoje, da procela aos estridores,
 Sublime, desgrenhada sôbre o monte,
 Eu quisera fitar-te entre os condores
 Das nuvens arruivadas do horizonte...
 — Para então —, do relâmpago aos lívres,
 Que descobrem do espaço a larga frente,
 Contemplando o infinito... na floresta,
 Rolar ao som da funeral orquestra!!

MARIA

Onde vais à tardezinha,
 Mucama tão bonitinha,
 Morena flor do sertão?
 A grama um beijo te furta
 Por baixo da saia curta,
 Que a perna te esconde em vão...

Mimosa flor das escravas!
 O bando das rôlas bravas
 Voou com mêdo de ti!...
 Levas hoje algum segrêdo...
 Pois te voltaste com mêdo
 Ao grito do *bem-te-vi*,

Serão amôres deveras?
 Ah! Quem dessas primaveras
 Pudesse a flor apanhar!
 E contigo, ao tom d'aragem,
 Sonhar na rêde selvagem...
 À sombra do azul palmar!

Bem feliz quem na viola
 Te ouvisse a moda espanhola
 Da lua ao frouxo clarão...
 Com a luz dos astros — por círios,
 Por leito — um leito de lírios...
 E por tenda a solidão!

O BAILE NA FLOR

Que belas as margens do rio possante,
 Que ao largo espumante campeia sem par!...
 Ali das bromélias nas flores douradas
 Há silfos e fadas, que fazem seu lar...

E em lindos cardumes
 Sutis vagalumes
 Acendem os lumes
 P'ra o baile na flor.

E então nas arcadas
 Das pét'las douradas
 Os grilos em festa
 Começam na orquestra
 Febris a ³⁴⁶⁴ tocar...

E as breves
 Falenas
 Vão leves,
 Serenas,
 Em bando
 Girando,
 Valsando, ³⁴⁶³
 Voando
 No ar!...

NA MARGEM

Vamos! vamos! Aqui por entre os juncos
 Ei-la a canoa, em que eu pequena outrora
 Voava nas maretas... Quando o vento,
 Abrindo o peito à camisinha úmida,
 Pela testa enrolava-me os cabelos,
 Ela voava qual marreca ³⁴⁶⁶ brava
 No dorso crêspo da feral enchente!

Voga, minha canoa! Voga ao largo!
 Deixa a praia, onde a vaga morde os juncos,
 Como na mata os caititus bravios...

Filha das ondas! andorinha arisca!
 Tu, que outrora levavas minha infância
 — Pulando alegre no espumante dorso
 Dos cães marinhos a morder-te a proa —,
 Leva-me agora a mocidade triste
 Pelos ermos do rio ao longe... ao longe...

Assim dizia a Escrava...
 Iam caindo
 Dos dedos do crepúsc'lo os véus de sombra,
 Com que a terra se vela, como noiva,
 Para o doce himeneu das noites límpidas...

Lá no meio do rio, que cintila,
 Como o dorso de enorme crocodilo,
 Já manso e manso escoo-se a canoa.

Parecia, assim vista ao sol poente,
 Êsses ninhos, que tombam sôbre o rio,
 E onde em meio das flores vão chilrando
 — Alegres sôbre o abismo — os passarinhos!...

Tu guardas algum segredo?...
 Maria, estás a ³⁴⁶⁷ chorar!
 Onde vás? Porque assim foges
 Rio abaixo a deslizar? ³⁴⁶⁸

Pedra, não tens o teu musgo?
 Não tens um favônio — flor?
 Estrêla — não tens um lago?
 Mulher — não tens um amor?

A QUEIMADA

Meu nobre perdigueiro! vem comigo.
 Vamos a sós, meu corajoso amigo,
 Pelos ermos vagar!
 Vamos lá dos gerais, que o vento açoita,
 Dos verdes capinzais ³⁴⁶⁹ n'agreste moita
 A perdiz levantar!...

Mas não!... Pousa a cabeça em meus joelhos...
 Aqui, meu cão!... Já de listrões vermelhos
 O céu se iluminou.
 Eis súbito, da barra do ocidente,
 Doudo, rubro, veloz, incandescente,
 O incêndio que acordou!

A floresta rugindo as comas curvas...
 As asas fôscas o gavião recurva,
 Espantado a gritar.
 O estampido estupendo das queimadas
 Se enrola de quebradas em quebradas
 Galopando no ar.

E a chama lavra qual jibóia informe,
 Que, no espaço vibrando a cauda enorme,
 Ferra os dentes no chão...
 Nas rubras rôscas estortega as matas...
 Que espadanam o sangue das cascatas
 Do rôto coração!...

O incêndio — leão ruivo, ensangüentado,
 A juba, a crina atira desgrenhado
 Aos pampeiros dos céus!...
 Travou-se o pugilato... e o cedro tomba...
 Queimado... retorcendo na hecatomba
 Os braços para Deus.

A queimada! A queimada é uma fornalha!
 A hirara pula; o cascavel chocalha...
 Raiva, espuma o tapir!
 E às vêzes sôbre o cume de um rochedo
 A corça e o tigre — naufragos do mêdo —
 Vão trêmulos se unir!

Então passa-se ali um drama agosto...
 N'último ramo do pau-d'arco adusto
 O jaguar se abrigou...
 Mais rubro é o céu... Recresce o fogo em mares,
 E após tombam as selvas seculares...
 E tudo se acabou!...

LUCAS

Quem fôsse naquela hora,
 Sôbre algum tronco lascado,
 Sentar-se no descampado
 Da solitária ladeira,
 Veria descer da serra,
 Onde o incêndio vai sangrento,
 Ao passo tardio e lento,
 Um belo escravo da terra
 Cheio de viço e valor...
 Era o filho das florestas!
 Era o escravo lenhador!

Que bela testa espaçosa,
 Que olhar franco e triüfante! ³⁴⁷⁰
 É sob o chapéu de couro
 Que cabeleira abundante!
 De marchetada jibóia
 Pende-lhe a rasto o facão...

E assim... erguendo o machado
 Na breve ³⁴⁷¹ e robusta mão...
 Aquêlê vulto soberbo,
 — Vivamente alumiado,
 Atravessa o descampado,
 Como uma estátua de bronze,
 Do incêndio ao fulvo clarão.

Desceu a encosta do monte,
 Tomou do rio o caminho...
 E foi cantando baixinho,
 Como quem canta p'ra si.

Era uma dessas cantigas
 Que êle um dia improvisara,
 Quando junto da coivara
 Faz-se o escravo — trovador;
 Era um canto languoroso,
 Selvagem, belo, vivace,
 Como o caniço que nasce
 Sob os raios do Equador.

Eu gosto dessas cantigas,
 Que me vêm ³⁴⁷² lembrar a infância,
 São minhas velhas amigas,
 Por elas morro de amor...
 Deixai ouvir a toada
 Do cativo lenhador.

E o sertanejo assim solta a tirana
 Descendo lento p'ra a servil cabana:

TIRANA

"Minha Maria é bonita,
 Tão bonita assim não há;
 O beija-flor quando passa
 Julga ver o manacá.

"Minha Maria é morena
 Como as tardes de verão;
 Tem as tranças da palmeira
 Quando sopra a viração.

"Companheiros! o meu peito
 Era um ninho sem senhor;
 Hoje tem um passarinho
 P'ra cantar o seu amor.

“Trovadores da floresta!
Não digam a ninguém, não!..
Que Maria é a baunilha
Que me prende o coração.

“Quando eu morrer só me enterrem
Junto às palmeiras do val,
Para eu pensar que é Maria
Que geme no taquaral...”

A SENZALA

Qual o veado, que buscou o aprisco,
Balindo arisco, para a cervã ³⁴⁷³ corre...
Ou como pombo, que os arrulhos solta,
Se ao ninho volta quando a tarde morre...

Assim, cantando a pastoril balada,
Já na esplanada ³⁴⁷⁴ o lenhador chegou.
Para a cabana da gentil Maria
Com que alegria a suspirar marchou!

Eis ³⁴⁷⁵ a casinha... tão pequena e bela!
Como é singela com seus brancos muros!
Que liso teto de sapé dourado!
Que ar engraçado! que perfumes puros!

Abre a janela para o campo verde,
Que além se perde pelos cerros ³⁴⁷⁶ nus...
A testa enfeitada da infantil choupana
Verde liana de festões azuis.

E' este o galho da rolinha brava,
Aonde a escrava seu viver abriga...
Canta a jandaia sôbre a curva rama
E alegre chama sua dona amiga.

Aqui n'aurora, abandonando os ninhos,
Os passarinhos vem pedir-lhe pão;
Pousam-lhe alegres nos cabelos bastos,
Nos seios castos, na pequena mão.

Eis o painel encantado,
Que eu quis pintar, mas não pude...
Lucas melhor o traçara
Na canção suave e rude...
Vêde que olhar, que sorriso
S'expande ³⁴⁷⁷ no brônzeo rosto,
Vendo o lar do seu amor...
Ai! Da luz do Paraíso
Bate-lhe em cheio o fulgor.

DIÁLOGO DOS ECOS

E chegou-se p'ra a vivenda
Risonho, calmo, feliz...
Escutou... mas só ao longe
Cantavam as juritis...
Murmurou: “Vou surp'rendê-la!”
E a porta ao toque cedeu...
“Talvez agora sonhando
Diz meu nome o lábio seu,
Que a dormir nada prevê...”

E o eco responde: — Vê!...

“Como a casa está tão triste!
Que apêto no coração!...
Maria!... Ninguém responde!
Maria, não ouves, não?...
Aqui vejo uma saudade
Nos braços de sua cruz...
Que querem dizer tais prantos,
Que rolaram tantos, tantos, ³⁴⁷⁸
Sôbre as faces da saudade,
Sôbre os braços de Jesus?...
Oh! quem me empresta uma luz?...
Quem me arranca a ansiedade,
Que no meu peito nasceu?
Quem dêste negro mistério
Me rasga o sombrio véu?...”

E o eco responde: — Eu!...

E chegou-se para o leito
Da casta flor do sertão...
Apertou co'a mão convulsa
O punhal e o coração!...
Stava inda tépido o ninho
Cheio de aromas suaves...
E — como a pena, que as aves
Deixam no musgo ao voar — ³⁴⁷⁹
Um anel de seus cabelos
Jazia cortado a ³⁴⁸⁰ êsmo
Como reliquia no altar!...
Talvez prendendo nos elos
Mil suspiros, mil anelos,
Mil soluços, mil desvelos,
Que ela deu-lhes p'ra guardar!...

E o pranto em boga a rolar...

“Onde a pomba foi perder-se?
Que céu minha estrêla encerra?
Maria, pobre criança,
Que fazes tu sôbre a terra?”

E o eco responde — Erra!

“Partiste! Nem te lembraste
Dêste martírio sem fim!...
Não! perdoa... tu choraste
E os prantos, que derramaste,
Foram vertidos por mim...
Houve pois um braço estranho, ³⁴⁸¹
Robusto, feroz, tamanho,
Que pôde esmagar-te assim?...”

E o eco responde — Sim!

E rugiu: “Vingança! guerra!
Pela flor, que me deixaste,
Pela cruz, em que rezaste,
E que teus prantos encerra!
Eu juro guerra de morte
A ³⁴⁸² quem feriu desta sorte
O anjo puro da terra...
Vê como êste braço é forte!
Vê como é rijo êste ferro!
Meu golpe é certo... não erro.
Onde há sangue, sangue escorre!...
Vilão! Dêste ferro e braço,
Nem a terra, nem o espaço,
Nem mesmo Deus te socorre!...”

E o eco responde — Corre!

Como o cão êle em tórno o ar aspira,
Depois se orientou;
Fareja as ervas... descobriu a pista
E rápido marchou.

.....
No entanto sôbre as águas, que cintilam,
Como o dorso de enorme crocodilo,
Já manso e manso escoá-se a canoa;
Parecia assim vista — ao sol poente —
Êsses ninhos, que o vento lança às águas,
E que na enchente vão boiando à toa!...

O NADADOR

Ei-lo que ao rio arroja-se;
As vagas bipartiram-se;
Mas rijas contraíram-se
Por sôbre o nadador...
Depois s'entrebria lúgubre
Um círculo simbólico...
E' o riso diabólico
Do pego zombador!

Mas não! Do abismo indômito
Surge-me um rosto pálido,
Como o Netuno esquálido
Que amaina a crina ao mar;
Fita o batel longínquo
Na sombra do crepúsculo,
Rasga com férreo músculo
O rio par a ³⁴⁸³ par.

Vagas! Dalilas pérfidas!
Moças, que abris um túmulo,
Quando do amor no cúmulo
Fingis nos abraçar!
O nadador intrépido
Vos toca as têtas cêrulas...
E após — zombando — as pérolas
Vos quebra do colar.

Vagas, curvai-vos tímidas!
Abri fileiras pávidas
Às mãos possantes, ávidas
Do nadador audaz,
Belo de fôrça olímpica
— Soltos cabelos úmidos —
Braços hercúleos, túmidos...
E' o rei dos vendavais!

Mas ai! Lá ruge próxima
A correnteza hórrida,
Como da zona tórrida
A boicininga a ³⁴⁸⁴ urrar...
E' lá que o rio indômito,
Como o corcel da Ucrânia,
Rincha a ³⁴⁸⁵ saltar de insânia,
Fremente e se atira ao mar.

Tremeste? Não, qu'importa-te
Da correnteza o estrídulo?
Se ao longe vês teu ídolo,
Ao longe irás também...
Salta à garupa úmida
Dêste corcel titânico...
— Novo Mazzeppa oceânico —
Além! além! além!...

NO BARCO

— Lucas! — Maria! murmuram juntos...
E a moça em pranto lhe caiu nos braços.
Jamais a parasita em flóreos laços
Assim ligou-se ao piquiá robusto...

Eram-lhe as tranças ³⁴⁸⁶ a cair no busto
Os esparsos festões da granadilha...
Tépido aljôfar o seu pranto brilha,
Depois resvala no moreno seio...

Oh! doces horas de suave enleio!
Quando o peito da virgem mais arqueja,
Como o casal da rôla sertaneja,
Se a ventania lhe sacode o ninho.

Cantai, ó brisas, mas cantai ³⁴⁸⁷ baixinho!
Passai, ó vagas..., mas passai de manso!
Não perturbeis-lhe o plácido remanso,
Vozes do ar! emanações do rio!

“Maria, fala!” — “Que acordar sombrio”,
Murmura a triste com um sorriso louco,
“No Paraíso eu descansava um pouco...
Tu me fizeste despertar na vida...”

“Porque não me deixaste assim pendida
Morrer co'a fronte oculta no teu peito?
Lembrei-me os sonhos do materno leito
Nesse momento divinal... Qu'importa?...”

“Tôda esperança para mim 'stá morta...
Sou flor manchada por cruel serpente...
Só de encontro nas rochas pode a enchente
Lavar-me as nódoas, m'esfolhando a vida.

“Deixa-me! Deixa-me a ³⁴⁸⁸ vagar perdida...
Tu! — parte! volve para os lares teus.
Nada perguntas... é um segrêdo horrível...
Eu te amo ainda... mas agora — adeus!”

ADEUS

— Adeus — Ai! criança ingrata!
Pois tu me disseste — adeus —?
Loucura! melhor seria
Separar a terra e os céus.

“— Adeus! — palavra sombria!
De uma alma gelada e fria
Ês a derradeira flor.

“— Adeus! ³⁴⁸⁹ — miséria! mentira
De um seio, que não suspira,
De um coração sem amor.

“Ai, Senhor! A rôla agreste
Morre se o par lhe faltou.
O raio que abrasa o cedro
A parasita abrasou.

“O astro namora o orvalho:
— Um é a estrêla do galho,
— Outro o orvalho da amplidão.

“Mas, ³⁴⁹⁰ à luz do sol nascente,
Morre a estrêla — no poente!
O orvalho — morre no chão!

“Nunca as neblinas do vale
Souberam dizer-se — adeus —
Se unidas partem da terra,
Perdem-se unidas nos céus.

“A onda expira na plaga,
Porém vem logo outra vaga
P’ra morrer da mesma dor...

“— Adeus ³⁴⁹¹ — palavra sombria!
Não digas — adeus —, Maria!
Ou não me fales de amor!”

MUDO E QUÊDO

E calado ficou... Do pranto as bagas
Pelo moreno rosto deslizaram,
Qual da b’raúna, que o machado fere,
Lágrimas saltam de um sabor amargo.

Mudos, quedos os dous neste momento
Mergulhavam no dédalo da angústia,
No labirinto escuro da desgraça...
Labirinto sem luz, sem ar, sem fio...

Que dor, que drama tórvo de agonias
Não vai naquelas almas!... Dor sombria
De ver quebrado aquêlê amor tão santo,
De lembrar que o passado está passado...
Que a esperança morreu, que surge a morte!...
Tanta ilusão!.. tanta carícia meiga!..
Tanto castelo de ventura feito
À beira do riacho, ou na campanha!..
Tanto êxtase inocente de amorosos!.. ³⁴⁹²
Tanto beijo na porta da choupana,
Quando a lua invejosa no infinito
Com uma bênção de luz sagrava os noivos!...

Não mais! não mais! O raio, quando esgalha
O ipê secular, atira ao longe
Flores, que há pouco se beijavam n’hástea,
Que unidas nascem, juntas viver pensam,
E que jamais na terra hão de encontrar-se.

Passou-se muito tempo... Rio abaixo ³⁴⁹³
A canoa corria ao tom das vagas.
De repente êle ergueu-se hirto, severo,
— O olhar em fogo, o riso convulsivo —
Em golfadas lançando a voz do peito!...

“Maria! diz’-me ³⁴⁹⁴ tudo... Fala! fala
Enquanto eu posso ouvir... Criança, escuta!
Não vês o rio?... é negro!.. é um leito fundo...
A correnteza estrepitando arrasta
Uma palmeira, quanto mais um homem!...
Pois bem! Do seio túrgido do abismo
Há de romper a maldição do morto;
Depois o meu cadáver negro, lívido,
Irá seguindo a esteira da canoa
Pedir-te inda que fales, desgraçada,
Que ao morto digas o que ao vivo ocultas!...”

Era tremenda aquela dor selvagem,
Que rebentava enfim, partindo os diques
Na fúria desmedida!...

Em meio às ondas
Ia Lucas rolar...

Um grito fraco,
Uma trêmula mão susteve o escravo...
E a pálida criança, desvairada,
Aos pés caiu-lhe a ³⁴⁹⁵ desfazer-se em pranto.

Ela encostou-se ao peito do selvagem
— Como a violeta; as faces escondendo
Sob a chuva noturna dos cabelos —!
Lenta e sombria após contou destarte
A tredo história dêsse tredo crime!...

NA FONTE

I

“Era hoje ao meio-dia.
Nem uma brisa macia
Pela savana bravia
Arrufava os ervaçais...
Um sol de fogo abrasava;
Tudo a sombra procurava;
Só a cigarra cantava
No tronco dos coqueirais.

II

“Eu cobri-me da mantilha,
Na cabeça pus a bilha,
Tomei do deserto a trilha,
Que lá na fonte vai dar.
Cansada cheguei na mata:
Ali, na sombra, a cascata
As alvas tranças desata
Como u’a moça a ³⁴⁹⁶ brincar.

III

“Era tão densa a espessura!
Corria a brisa tão pura!
Reinava tanta frescura,
Que eu quis me banhar ali.
Olhei em roda... Era quêdo
O mato, o campo, o rochedo...
Só nas galhas do arvoredado
Saltava alegre o sagüi.

IV

“Junto às águas cristalinas
Despi-me louca, traquinas,
E as roupas alvas e finas
Atirei sôbre os cipós.
Depois mirei-me inocente,
E ri vaidosa... e contente...
Mas voltei-me de repente...
Como que ouvira uma voz!

V

“Quem foi que passou ligeiro,
Mexendo ali no ingazeiro, ³⁴⁹⁷
E se embrenhou no balseiro,
Rachando as fôlhas do chão?...
Quem foi? — Da mata sombria

Uma vermelha cotia
Saltou tímida e bravia,
Em procura do sertão.

V I

“Chamei-me então de criança;
A ³⁴⁹⁸ meus pés a onda mansa
Por entre os juncos s’entrança
Como uma cobra a ³⁴⁹⁹ fugir!
Mergulho o pé docemente;
Com o frio fujo à corrente...
De um salto após de repente
Fui dentro d’água cair.

V I I

“Quando o sol queima as estradas,
E nas várzeas abrasadas
Do vento as quentes lufadas
Erguem novelos de pó,
Como é doce em meio às ³⁵⁰⁰ canas,
Sob um teto de lianas,
Das ondas nas espadanas
Banhar-se despida e só!...

V I I I

“Rugitavam os palmares...
Em tórno dos nenufares
Zumbiam pejando os ares
Mil insetos de rubim...
Eu naquele leito brando
Rolava alegre cantando...
Súbito... um ramo estalando
Salta um homem junto a ³⁵⁰¹ mim!

NOS CAMPOS

“Fugi desvairada!
Na moita intrincada,
Rasgando uma estrada,
Fugaz me embrenhei.
Apenas vestindo
Meus negros cabelos,
E os seios cobrindo
Com os trêmulos dedos,
Ligeira voei!

“Saltei as torrentes.
Treppei dos rochedos
Aos cimos ardentes.
Nos ínvios caminhos,
Cobertos de espinhos,
Meus passos mesquinhos
Com sangue marquei!

.....
“Avante! corramos!
Corramos ainda!...
Da selva nos ramos
A sombra é infinda.
A mata possante
Ao filho arquejante
Não nega um abrigo...
Corramos ainda!
Corramos! avante!

“Debalde! a floresta
— Madrasta impiedosa — ³⁵⁰²
A pobre chorosa
Não quis abrigar!

“Pois bem! Ao deserto!

“De novo é loucura!
Seguindo meus traços
Escuto seus passos
Mais perto! mais perto!
Já queima-me os ombros
Seu hálito ardente.

Já vejo-lhe a sombra
Na úmida alfombra...
Qual negra serpente,
Que vai de repente
Na prêsa saltar!...

.....

Na douda
Corrida,
Vencida,
Perdida,
Quem me há de salvar?

NO MONTE

“Parei... Volvi em tórno os olhos assombrados...
Ninguém! A solidão pejava os descampados!...
Restava inda um segundo... um só p’ra me salvar;
Então reuni as fôrças, ao céu ergui o olhar...
E do peito arranquei um pavoroso grito,
Que foi bater em cheio às portas do infinito!
Ninguém! Ninguém me acode... Ai! só de monte
[em monte

Meu grito ouvi morrer na extrema do horizonte!...
Depois a solidão ainda mais calada
Na mortalha envolveu a serra descampada! ³⁵⁰³

“Ai! que pode fazer a rôla triste
Se o gavião nas garras a espedaça?
Ai! que faz o cabrito no deserto,
Quando a jibóia no potente apêrto
Em rôscas férreas o seu corpo enlaça?

“Fazem, como eu... Resistem, batem, lutam,
E finalmente expiram de tortura...
Ou, se escapam trementes, arquejantes,
Vão, lambendo as feridas gotejantes,
Morrer à sombra da floresta escura!...

“E agora está concluída
Minha história desgraçada.
Quando caí — era virgem,
Quando ergui-me — desonrada!”

SANGUE DE AFRICANO

Aqui sombrio, fero, delirante
Lucas ergueu-se como o tigre bravo...
Era a estátua terrível da vingança...
O selvagem surgiu... sumiu-se o escravo.

Crispado o braço, no punhal segura!
Do olhar sangrentos raios lhe ressaltam,
Qual das janelas de um palácio em chamas
As labaredas, irrompendo, saltam.

Com o gesto bravo, sacudido, fero,
A destra ameaçando a imensidade...
Era um bronze de Aquiles furioso
No punho concentrando a tempestade!

No peito arfando ³⁵⁰⁴ o coração sacode
O sangue que da raça não desmente,
Sangue queimado pelo sol da Líbia,
Que ora referve no equador ardente.

AMANTE

“Basta, criança! Não soluces tanto...
Enxuga os olhos, meu amor, enxuga! ³⁵⁰⁵
Que culpa tem a clícia descaída
Se abelha envenenada o mel lhe suga?”

“Basta! Esta faca já contou mil gôtas
De lágrimas de dor nos teus olhares.
Sorri, ³⁵⁰⁶ Maria! Ela jurou pagar-tas
No sangue dêle em gôtas aos milhares.

“Porque volves os olhos desvairados?
Porque tremes assim, frágil criança?
Est'alma é como o braço, o braço é ferro,
E o ferro sabe o trilho da vingança.

“Se a justiça da terra te abandona,
Se a justiça do céu de ti se esquece,
A justiça do escravo está na fôrça...
E quem tem um punhal nada carece!...”

“Vamos! Acaba a história... Lança a prêsa...
Não vês meu coração, que sente fome?
Amanhã chorarás; mas de alegria!
Hoje é preciso me dizer — seu nome!”

ANJO

“Ail que vale a vingança, pobre amigo,
Se na vingança a honra não se lava?...
O sangue é rubro, a virgindade é branca —
O sangue aumenta da vergonha a bava.

“Se nós fomos sòmente desgraçados,
Para que miseráveis nos fazemos?
Deportados da terra assim perdemos
De além da campa as regiões sem têrmos...”

“Ai! não manches no crime a tua vida,
Meu irmão, meu amigo, meu espôso!...
Seria negro o amor de uma perdida
Nos braços a ³⁵⁰⁷ sorrir de um criminoso!...”

DESESPÊRO

“Crime! Pois será crime se a jibóia
Morde silvando a planta, que a esmagara?
Pois será crime se o jaguar nos dentes
Quebra do índio a pérfida taquara?”

“E nós que somos, pois? Homens? Loucura!
Família, leis e Deus lhes coube em sorte.
A família no lar, a lei no mundo...
E os anjos do Senhor depois da morte.

“Três leitos, que sucedem-se macios,
Onde rolam na santa ociosidade...
O pai o embala... a lei o acaricia...
O padre lhe abre a porta à eternidade.

“Sim! Nós somos reptis... Qu'importa a espécie?
— A lêsma é vil, — o cascavel é bravo.
E vens falar de crimes cativo?
Então não sabes o que é ser escravo!...”

“Ser escravo — é nascer no alcouce escuro
Dos seios infamados da vendida...
Filho da perdição no berço impuro
Sem leite para a bôca ressequida...
E' mais tarde, nas sombras do futuro,
Não descobrir estrêla foragida...
E' ver — viajante morto de cansaço —
A terra — sem amor!... sem Deus — o espaço!

“Ser escravo — é, dos homens repellido,
Ser também repellido pela fera;
Sendo dos dous irmãos pasto querido,
Que o tigre come e o homem dilacera...
— E' do lôdo no lôdo sacudido
Ver que aqui ou além nada o espera,
Que em cada leito novo há mancha nova...
No berço... após no toro... após na cova!...”

“Crime! Quem te falou, pobre Maria,
Desta palavra estúpida?... Descansa!
Foram êles talvez?!... E' zombaria...
Escarnecem de ti, pobre criança!
Pois não vês que morreremos todo dia
Debaixo do chicote, que não cansa?
Enquanto do assassino a frente calma
Não revela um remorso de sua alma?”

“Não! Tudo isto é mentira! O que é verdade
E' que os infames tudo me roubaram...
Esperança, trabalho, liberdade
Entreguei-lhes em vão... não se fartaram.
Quiseram mais... Fatal voracidade!
Nos dentes meu amor espedaçaram...
Maria! Última estrêla de minh'alma!
O que é feito de ti, virgem sem palma?”

"Pomba — em teu ninho as serpes te morderam.
Fôlha — rolaste no paul sombrio.
Palmeira — as ventanias te romperam.
Corça — afogaram-te as caudais do rio.
Pobre flor — no teu cálice beberam,
Deixando-o depois triste e vazio...
— E tu, irmã! e mãe! e amante minha!
Queres que eu guarde a faca na bainha!

"O' minha mãe! ó mártir africana,
Que morreste de dor no cativoiro!
Ai! sem quebrar aquela jura insana,
Que jurei no teu leito derradeiro,

No sangue desta raça impia, tirana
Teu filho vai vingar um povo inteiro!...
Vamos, Maria! Cumpra-se o destino...
Dize! dize-me o nome do assassino!...

"Virgem das Dores
Vem dar-me alento,
Neste momento
De agro sofrer!
Para ocultar-lhe
Busquei a morte...
Mas vence a sorte,
Deve assim ser.

.....
"Pois que seja! Debalde pedi-te,
Ai! debalde a teus pés me rojei...
Porém antes escuta esta história...
Depois dela... o *seu* nome direi!"

HISTÓRIA DE UM CRIME

"Fazem hoje muitos anos
Que de uma escura senzala
Na estreita e lodosa sala
Arquejava u'a mulher.
Lá fora por entre as urzes
O vendaval s'estorcias...
E aquela triste agonia
Vinha mais triste fazer.

"A pobre sofria muito.
Do peito cansado, exangue,
As vèzes rompia o sangue
E lhe inundava os lençóis.
Então, como quem se agarra
Às últimas esperanças,
Duas pávidas crianças
Ela olhava... e ria após.

"Que olhar! que olhar tão extenso!
Que olhar tão triste e profundo!
Vinha já de um outro mundo,
Vinha talvez lá do céu.
Era o raio derradeiro,
Que a lua, quando se apaga,
Manda por cima da vaga
Da espuma por entre o véu.

"Ainda me lembro agora
Daquela noite sombria,
Em que u'a mulher morria
Sem rezas, sem oração!...
Por padre — duas crianças...
E apenas por sentinela
Do Cristo a face amarela
No meio da escuridão.

"Às vèzes naquela fronte
Como que a morte pousava
E da agonia aljofrava
O derradeiro suor...
Depois acordava a mártir,
Como quem tem um segrêdo...
Ouvia em tórno com mêdo,
Com susto olhava em redor.

"Enfim, quando noite velha
Pesava sôbre a mansarda,
E sômente o cão de guarda
Ladrava aos ermos sem fim,
Ela, nos braços sangrentos
As crianças apertando,
Num tom meigo, triste e brando
Pôs-se a falar-lhes assim:

ÚLTIMO ABRAÇO

"Filho, adeus! Já sinto a morte,
Que me esfria o coração.
Vem cá... Dá-me a tua mão...
Bem vês que nem mesmo tu
Podes dar-lhe novo alento!...
Filho, é o último momento...
A morte — a separação!
Ao desamparo, sem ninho,
Ficas, pobre passarinho,
Neste deserto profundo,
Pequeno, cativo e nu!...

"Que sina, meu Deus! que sina
Foi a minha neste mundo!
Prêsa ao céu — pelo desejo,
Prêsa à terra — pelo amor!...
Que importa! é tua vontade?
Pois seja feita, Senhor!

"Pequei!... foi grande o meu crime,
Mas é maior o castigo...
Ai! não bastava a amargura
Das noites ao desabrigo;
De espedaçarem-me as carnes
O tronco, o açoite, a tortura,
De tudo quanto sofri.
Era preciso mais dores,
Inda maior sacrifício...
Filho! bem vês meu suplício...
Vão separar-me de ti!

"Chega-te perto... mais perto;
Nas trevas procura ver-te
Meu olhar, que treme incerto,
Perturbado, vacilante...
Deixa em meus braços prender-te
P'ra não morrer neste instante;
Inda tenho que fazer-te
Uma triste confissão...
Vou revelar-te um segrêdo

Tão negro, que tenho mêdo
De não ter o teu perdão!...

Mas não!

Quando um padre nos perdoa,
Quando Deus tem piedade,
De um filho no coração
Uma mãe não bate à toa.

MÃE PENITENTE

"Ouve-me, pois!... Eu fui uma perdida;
Foi êste o meu destino, a minha sorte...
Por êsse crime é que hoje perco a vida,
Mas dêle em breve há de salvar-me a morte!

"E minh'alma, bem vês, que não se irrita,
Antes bendiz êstes mandões ferozes.
Eu seria talvez por ti maldita,
Filho! sem o batismo dos algozes!

"Porque eu pequei... e do pecado escuro
Tu foste o fruto cândido, ³⁵⁰⁸ inocente,
— Borboleta, que sai do lôdo impuro...
— Rosa, que sai de — pútrida semente!

"Filho! Bem vês... fiz o maior dos crimes:
— Criei um ente para a dor e a fome!
Do teu berço escrevi nos brancos vimes
O nome de bastardo — impuro nome.

"Por isso agora tua mãe te implora
E a ³⁵⁰⁹ teus pés de joelhos se debruça.
Perdoa à triste — que de angústia chora,
Perdoa à mártir — que de dor soluça!

"Mas um gemido a ³⁵¹⁰ meus ouvidos soa...
Que pranto é êste que em meu seio rola?
Meu Deus, é o pranto seu que me perdoa...
Filho, obrigada pela tua esmola!"

O SEGRÊDO

"Agora vou dizer-te por que ³⁵¹¹ morro;
Mas hás de jurar primeiro,
Que jamais tuas mãos inocentes
Ferirão meu algoz derradeiro...
Meu filho, eu fui a vítima
Da raiva e o do ciúme.
Matou-me como um tigre carniceiro,
Bem vês,
Uma branca mulher, que em si resume
Do tigre — a malvadez,
Do cascavel — o rancor!...
Deixo-te pois...
— Um grito de vingança?
— Não, pobre criança!...
Um crime a ³⁵¹² perdoar... o que é melhor!...

"Depois, teve razão... Esta mulher
E' tua e minha *senhora!*...

"Lucas, silêncio! que por ela implora
Teu pai... e teu irmão!...

"Teu irmão, que é seu filho... (ó magoa e dor!)
Teu pai — que é seu marido... e teu senhor!...

"Juras não te vingar? — O' mãe, eu juro
Por ti, pelos beijos teus!

"— Obrigada! agora... agora
Já nada mais me demora...
Deus! — recebe a pecadora!
Filho! — recebe êste adeus!" —

Quando, rompendo as barras do oriente,
A estrêla da manhã mais desmaiava,
E o vento da floresta ao céu levava
O canto jovial do *bem-te-vi*;
Na casinha de palha uma criança,
Da defunta abraçando o corpo frio,
Murmurava chorando em desvario:
— Eu não me vingo, ó mãe... juro por ti!... —

Maria calou-se... Na frente do escravo
Suor de agonia gelado passou;
Com riso convulso murmura: "Que importa
Se o filho da escrava na campa jurou?!..."

"Que tem o passado com o crime de agora?
Que tem a vingança, que tem com o perdão?"
É como arrancando do crânio uma idéia
Na frente corria-lhe a gélida mão...

"Esquece o passado!... Que morra no olvido...
Ou antes relembra-o cruento, feroz!
Legenda de lôdo, de horror e de crimes
E gritos de vítima e risos de algoz!

"No frio da cova que jaz na esplanada,
— Vingança — murmuram os ossos dos meus!"

— "Não ouves um canto, que passa nos ares?
— Perdoa! — respondem as almas nos céus!

— "São longos gemidos do seio materno
Lembrando essa noite de horror e traição!"

— "E' o flébil suspiro do vento, que outrora
Bebera nos lábios da morta o perdão!..."

E descaiu profundo
Em longo meditar...
Após sombrio e fero
Viram-no murmurar:

“Mãe! na região longínqua
Onde tua alma vive,
Sabes que eu nunca tive
Um pensamento vil.

Sabes que esta alma livre
Por ti curvou-se escrava;
E devorou a bava...
E tigre — foi reptil!

“Nem um tremor correrá-me
A face fustigada!
Beije a mão armada
Com o ferro que a feriu...
Filho, de um pai misérrimo
Fui o fiel rafeiro...
Caim, irmão traiçoeiro!
Feriste... e Abel sorriu,

“De tanto horror o cúmulo,
O’ mãe, alma celeste,
Se perdoar quiseste,
Eu perdoei também.
Santificaste os míseros;
Curvei-me reverente
A *êles* tão somente,
Sòmente... a ³⁵¹³ mais ninguém!

“Ninguém! que a ³⁵¹⁴ nada humilho-me
Na terra, nem no espaço!...
Pode ferir meu braço...
— “Lucas! não pode, não!
Miseró! a mão que abraza
De tua mãe a cova...
O golpe hoje renova!...
Mata-me!... É teu irmão!...
.....

CREPÚSCULO SERTANEJO

A tarde morria! Nas águas barrentas
As sombras das margens deitavam-se longas;
Na esguia atalaia das árvores secas
Ouvia-se um triste chorar de arapongas.

A tarde morria! Dos ramos, das lascas,
Das pedras, do líquen, das heras, dos cardos,
As trevas rasteiras com o ventre por terra
Saíam, quais negros, cruéis leopardos.

A tarde morria! Mais funda nas águas
Lavava-se a galha do escuro ingazeiro... ³⁵¹⁵
Ao fresco arrepio dos ventos cortantes
Em músico estalo rangia o coqueiro.

Sussurro profundo! Marulho gigante!
Tal vez um silêncio!... Tal vez ³⁵¹⁶ uma orquestra...
Da fôlha, do cálix, das asas, do inseto!...
Do átomo à estrêla... do verme — à floresta!...

As garças metiam o bico vermelho
Por baixo das asas — da brisa ao açoite;
E a terra na vaga de azul do infinito
Cobria a cabeça co’as penas da noite!

Sòmente por vêzes, dos jungles das bordas
Dos golfos enormes daquela paragem,
Erguia a cabeça surprêso, inquieto,
Co’erto de limos — um touro selvagem.

Então as marrecas, em tórno boiando,
O vôo encurvavam medrosas, à toa...
E o tímido bando pedindo outras praias
Passava gritando por sôbre a canoa!...

O BANDOLIM DA DESGRAÇA

Quando de amor a Americana douda
A moda tange na febril viola,
E a mão febrênta sôbre a corda fina
Nervosa, ardente, sacudida rola,

A gusla geme, s’estorcendo em ânsias,
Rompem gemidos do instrumento em pranto...
Chôro indizível... comprimir de peitos...
Queixas, soluços... desvairado canto!

E mais dorida a melodia arqueja!
E mais nervosa corre a mão nas cordas!...
Ai! tem piedade das crianças louras
Que soluçando no instrumento acordas!...

“Ai! tem piedade dos meus seios trêmulos...”
Diz estalando o bandolim queixoso.
...E a mão palpita lhe apertando as fibras...
E fere, e fere em dedilhar nervoso!...

Sôbre o regaço da mulher trigueira, ³⁵¹⁷
Douda, cruel, a execução delira!...
Então — co’as unhas côr-de-rosa, a moça,
Quebrando as cordas, o instrumento atira!...

.....
Assim, desgraça, quando tu, maldita!
As cordas d’alma delirante vibras...
Como os teus dedos espedaçam rijos
Uma por uma do infeliz as fibras!

— Basta —, murmura êsse instrumento vivo.
— Basta —, murmura o coração rangendo.
E tu, no entanto, num rasgar de artérias,
Feres lasciva em dedilhar tremendo.

Crença, esperança, mocidade e glória,
Aos teus harpejos, — gemebundas morrem!...
Resta uma corda... — a dos amôres puros...
E mais ardentes os teus dedos correm!...

E quando farta a cortesã cansada
A pobre gusla no tapête atira,
Que resta?... — ûa alma, que não tem mais vida!
Olhos sem pranto! desmontada lira!...

A CANOA FANTÁSTICA

Pelas sombras temerosas
Onde vai esta canoa?
Vai tripulada ³⁵¹⁸ ou perdida?
Vai ao certo ou vai à toa?

Semelha um tronco gigante
De palmeira, que s'escoa...
No dorso da correnteza,
Como bóia esta canoa!...

Mas não branqueja-lhe a vela!
N'água o remo não ressoa!
Serão fantasmas, que descem
Na solitária canoa?

Que vulto é êste, sombrio, ³⁵¹⁹
Gelado, imóvel na proa?
Dir-se-ia o gênio das sombras
Do inferno sôbre a canoa!...

Foi visão? Pobre criança!
À luz, que dos astros coa,
É teu, Maria, o cadáver,
Que desce nesta canoa?

Caída, pálida, branca!...
Não há quem dela se doa?!...
Vão-lhe os cabelos a ³⁵²⁰ rastos
Pela esteira da canoa!...

E as flores róseas dos golfos,
— Pobres flores da lagoa,
Enrolam-se em seus cabelos
E vão seguindo a canoa!...

.....

O SÃO FRANCISCO

Longe, bem longe dos cantões bravios,
Abrindo em alas os barrancos fundos;
Dourando o colo aos perenais estios,
Que o sol atira nos modernos mundos;
Por entre a grita dos ferais gentios,
Que acampam sob os palmeirais profundos;
Do São Francisco a soberana vaga
Léguas e léguas triüfante alaga!

Antemanhã, sob o sendal da bruma,
Ele vagia na vertente ainda,
— Linfa amorosa — co'a nitente espuma
Orlava o seio da Mineira linda;
Ao meio-dia, quando o solo fuma
Ao bafo morto de ùa calma infinda,
Viram-no aos beijos delamber ³⁵²¹ demente
As rijas formas da cabocla ardente.

Insano amante! Não lhe mata o fogo
O deleite da indígena lasciva...
Vem — à busca talvez de desafôgo
Bater à porta da Bahiana altiva.

Nas verdes canas o gemente rôgo
Ouve-lhe à tarde a tabaroa esquiva...
E talvez por magia... à luz da lua
Mole a criança na caudal flutua.

Rio soberbo! tuas águas turvas
Por isso descem lentas, peregrinas...
Adormeces ao pés das palmas curvas
Ao músico chorar das casuarinas!
Os poldros soltos — retesando as curvas,
Ao galope agitando as longas crinas,
Rasgam alegres — relichando aos ventos
De tua vaga os turbilhões barrentos.

E tu descas, ó Nilo brasileiro,
As largas *ipueiras* ³⁵²² alagando,
E das aves o côro alviçareiro
Vai nas balsas teu hino modilhando!

Como pontes aéreas ³⁵²³ — do coqueiro
Os cipós escarlates se atirando,
De grinaldas em flor tecendo a arcada
São arcos triünfais de tua estrada!...

A CACHOEIRA

Mas súbito da noite no arrepio
Um mugido soturno rompe as trevas...
Titubeantes ³⁵²⁴ — no alveo do rio —
Tremem as lapas dos titães coevas!...
Que grito é êste sepulcral, bravio,
Que espanta as sombras ululantes, sevas?...
É o brado atroador da catadupa
Do penhasco batendo na garupa!...

Quando no lôdo fértil das paragens
Onde o Paraguaçu rola profundo,
O vermelho novilho nas pastagens
Come os caniços do torrão fecundo;
Inquieto êle aspira nas bafagens
Da negra suc'riúba o cheiro imundo...
Mas já tarde... silvando o monstro voa...
É o novilho preado os ares troa!

Então doudo de dor, sânie babando,
Com a serpente no dorso parte o touro...
Aos bramidos os vales vão clamando,
Fogem as aves em sentido chôro...
Mas súbito ela às águas o arrastando
Contra-se para o negro sorvedouro...
E enrolando-lhe o corpo quente, exangue,
Quebra-o nas rôscas, donde jorra o sangue.

Assim dir-se-ia que a caudal gigante
— Larga sucuruiúba do infinito —
Co'as escamas das ondas coruscante
Ferrara o negro touro de granito!...
Hórrido, insano, triste, lacerante
Sobe do abismo um pavoroso grito...
E medonha a ³⁵²⁵ suar a rocha brava
As pontas negras na serpente crava!...

Dilacerado o rio espadanando
 Chama as águas da extrema do deserto...
 Atropela-se, empina, espuma o bando...
 E em massa rui no precipício aberto...
 Das grutas nas cavernas estourando
 O côro dos trovões travam concêrto...
 E ao vê-lo as águias tontas, eriçadas, 3526
 Caém 3527 de horror no abismo estateladas...

A cachocira! Paulo Afonso! O abismo!
 A briga colossal dos elementos!
 As garras do Centauro em paroxismo
 Raspando os flancos dos parcêis sangrentos.
 Relutantes na dor do cataclismo
 Os braços do gigante suarentos
 Agüentando a ranger (espanto! assombro!)
 O rio inteiro, que lhe cai no 3528 ombro!

Grupo enorme de fero Laocoonte
 Vira a Grécia acolá e a luta estranha!...
 Do sacerdote o punho e a roxa fronte...
 E as serpentes de Tênedos em sanha!...
 Por hidra — um rio! Por áugure — um monte!
 Por aras de Minerva — uma montanha!
 E em tórno ao pedestal laçados, tredos,
 Como filhos chorando-lhe — os penedos.

UM RAIOS DE LUAR

Alta noite. Ele ergueu-se. Hirto, solene, 3529
 Pegou da mão da moça. Olhou-a fito...
 Que fundo olhar!
 Ela estava gelada, como a garça,
 Que a tormenta ensopou longe do ninho
 No longo mar.

Tomou-a no regaço... assim no manto
 Apanha a mãe a criancinha loura,
 Tenra a dormir.
 Apartou-lhe os cabelos sôbre a testa
 Pálida e fria... Era talvez a morte...
 Mas a sorrir.

Pendeu-lhe sôbre os lábios. Como treme
 No sono asa de pombo, assim tremia-lhe
 O ressonar.
 E como o beija-flor dentro do ôvo,
 Ia-lhe o coração no níveo seio
 A titilar.

Morta não era! Entanto um rir convulso
 Contraíra as feições do homem silente
 — Riso fatal.
 Dir-se-ia que antes a quisera rija, 3530
 Inteiriçada pela mão da morte, 3531
 Hirto, glacial!

Um momento de bruço sôbre o abismo
 Ele, embalando-a, sôbre o rio negro
 Mais s'inclinou...
 Nesse instante o luar bateu-lhe em cheio,
 E um riso à flor dos lábios da criança
 A 3532 flux boiou!

Qual o murzelo do penhasco à borda
 Empina-se e cravando as ferraduras
 Morde o escarcêu;
 Um calafrio percorreu-lhe os músculos...
 O vulto recuou!... A noite em meio
 Ia no céu!

DESPERTAR PARA MORRER

— “Acorda!”
 — “Quem me chama?”
 — “Escuta!”
 — “Escuto...”
 — “Nada ouviste?”
 — “Inda não...”
 — “É porque o vento
 Escasseou.” 3533
 — “Ouço agora... da noite na calada
 Uma voz que ressona cava e funda
 E após cansou!”
 — “Sabes que voz é esta?”
 — “Não! Dir-se-ia 3534

Do agonizante o derradeiro engasgo,
 Rouco estertor...”
 E calados ficaram, mudos, quedos,
 Mãos contraídas, bôcas sem alento...
 Hora de horror!...

LOUCURA DIVINA

— “Sabes que voz é esta?”
 Ela cismava!...
 — “Sabes, Maria?”
 — “É uma canção de amôres,
 Que além gemeu!”
 — “É o abismo, criança!...”
 A moça rindo
 Enlaçou-lhe o pescoço:
 — “Oh! não! não mintas. 3535
 Bem sei que é o céu!”
 — “Doida! doida! é a voragem que nos chama!...”
 — “Eu ouço a Liberdade!”
 — “É a morte, infante!”
 — “Erraste. É a salvação!”
 — “Negro fantasma é quem me embala o esquife!”
 — “Loucura! É tua Mãe... O esquife é um berço,
 Que bóia n'amplidão!..”

— “Não vês os panos d'água como alvejam
 Nos penedos?... Que gélido sudário
 O rio nos talhou!”
 — “Veste-me o cetim branco do noivado...
 Roupas alvas de prata... alventes dobras...
 Veste-me!.. Eu aqui estou!”

A CACHOEIRA DE PAULO AFONSO

— “Já na proa espadana, salta a espuma...”
— “São as flores gentis da laranjeira
Que o peço vem nos dar...
Oh! névoa! Eu amo teu sendal de gaze!...
Abram-se as ondas como virgens louras,
Para a espôsa passar!...”

“As estrêlas palpitam! — São as tochas!
Os rochedos murmuram!.. — São os monges!
Reza um órgão nos céus!
Que incenso! — Os rolos que do abismo voam!
Que turíbulo enorme — Paulo Afonso!
Que sacerdote! — Deus...”

.....

À BEIRA DO ABISMO

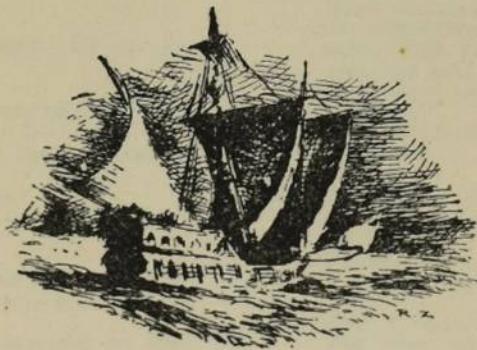
E DO INFINITO

A celeste Africana, a virgem — Noite
Cobria as faces... Gôta a gôta os astros
Caíam-lhe das mãos no peito seu...
Um beijo infindo suspirou nos ares...

.....
A canoa rolava!... Abriu-se a um tempo
O precipício!.. e o céu!...

Santa Isabel, 12 de Julho de 1870.

Rosário do Orobó. (3536)



NOTAS

originais e de organização

1. Reunimos tôdas as composições esparsas de Manoel de Araújo Pôrto-Alegre, que não foram incluídas nas Brasileiras, e vêm insertas na ordem de sua publicação. Tôdas elas são encontradas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
2. Publicada in *Modulações/ Poeticas./* Precedidas de hum/ bosquejo da historia da poesia brasileira,/ per/ Joaquim Norberto de Souza Silva./ *Est quadam prodire tenus, si non datur ultra. /Horatius./* Rio de Janeiro./ Typographia Franceza, Rua de S. José N. 64./ 1841./
 3. ingenho
 4. imporio
 5. insenço.
 6. Rediculo
7. Publicada in *Minerva Brasiliense*, Rio de Janeiro, tomo 1, páginas 301 a 305.
8. Aqui em sonho clyseo, em almo arrobo,
 9. Sic.
 10. flexas,
 11. Sem a crase no original.
 12. Sic. Sômente conhecemos as grafias secure ou segure.
 13. myrrha.
 14. caitutú.
 15. Acrescentamos o ponto final.
 16. Gigitibá medonho na structura;
 17. Sem a vírgula no final do verso.
 18. equinoxio.
 19. dissidentia
 20. Groelandia/ Do cabo das tormentas
 21. soster
 22. orgãos
 23. desaparecem!
 24. Acrescentamos a vírgula.
 25. Publicada in *Minerva Brasiliense*, Rio de Janeiro, tomo 1, páginas 333 a 334.
 26. Sem o ponto final.
 27. mixtiço/ Tôdas as outras vêzes vem grafado: mistiço.
 28. Acrescentamos a crase.
 29. de natura.
 30. Sem vírgula no original.
 31. perforado
 32. D'esta arte
 33. Publicada in *Minerva Brasiliense*, Rio de Janeiro, tomo 2 páginas 433 a 434.
 34. de xófre
 35. expande,
 36. Acrescentamos a vírgula.
 37. avante
 38. desperta
 39. Sem a crase no original.
 40. Sem a vírgula.
 41. Publicado in *Ostensor Brasileiro*, Rio de Janeiro, tomo 1, páginas 358 a 360.
 42. corseis,
 43. florecem
 44. brasileiro,
 45. Publicados, sem assinatura, in *Guanabara*, Rio de Janeiro, tomo 2, 1854, página 262.
 46. bolço.
 47. Publicado in *Guanabara*, Rio de Janeiro, tomo 2, 1854, página 308.
 48. Publicado in *Revista Popular*, Rio de Janeiro, tomo 2, 1859, páginas 114 a 118.
 49. Humboldt/ As duas vêzes que aparece.
 50. simelha,
 51. iriçadas/ Adiante, 7.º verso: extirpe
 52. Testimunha
 53. O original traz *guau*, que é uma dança indigena. Cre-mos tratar-se de um êrro de revisão, pois o Autor logo abaixo alude a *ais incompreensíveis*.
 54. Publicação avulsa, de quatro páginas, impressa em 1862 na Tipografia de Paula Brito.
 55. Acrescentamos a crase.
 56. redemiu
 57. Sic.
 58. dicemos:/ A forma em *c* por *ss*, na conjugação do verbo dizer e seus compostos, é única em Pôrto Alegre.
 59. falça.
 60. amazonca,
 61. campos,
 62. Os esparsos aqui transcritos foram coligidos pelo Professor José Aderaldo Castelo que, tomando por base a edição de Regueira Costa (Recife, 1905) e confrontando-a com outras publicações existentes, os reuniu, com as suas variantes e em ordem diversa, no volume "Ma-ciel Monteiro", a publicar-se.
 63. Na impossibilidade de encontrarmos em São Paulo a edição de Leipzig de 1857, sem dúvida a melhor, e na qual se basearam tôdas as outras edições alemãs, servimo-nos de um exemplar da quarta, de 1865, pertencente à Biblioteca Municipal. Esse exemplar não traz fô-lha de rosto no primeiro tomo e se acha incompleto, com várias páginas arrancadas, para as quais nos valemos da edição seguinte, de 1877 (Cantos./ Collecção de Po-esias/ de/ A. Gonçalves Dias./ Quinta edição./ (Dois tomos) Com o retrato do Autor./ Leipzig:/ F. A. Brockhaus./ 1877./
 64. por que
 65. previnindo-nos,
 66. Artigo publicado na Revista Universal Lisbonense. Tom. VII. pág. 5 — ano de 1847-1848./ Nota do Autor.
 67. amortalhar-mos
 68. por que
 69. desinvolve,
 70. Sem crase.
 71. tem
 72. tem/ Idem no verso anterior.
 73. *Tacape*, arma ofensiva, espécie de maça contundente, usada na guerra e nos sacrificios. A etimologia desta palavra indica que os índios os endureciam ao fogo, como costumam fazer aos seus arcos: *Tatá-pe* quer dizer "no fogo"./ Nota do Autor.
 74. *frexa*/ Vem grafado com *x* tôdas as vêzes que appare-ce até os Últimos Cantos. V. nota 296.
 75. *Boré*, instrumento músico de guerra; dá apenas algu-mas notas, porém mais ásperas, e talvez mais fortes que as da Trompa./ Nota do Autor.
 76. Vide nota 74.
 77. *Piaga*, piagé, piaches, piayes; os autores portugueses es-creveram *pagé*, como em verdade ainda hoje se diz no Pará. Era ao mesmo tempo o sacerdote e o médico, o áugure e cantor dos indigenas do Brasil. (Veja-se a nota correspondente nos Últimos Cantos, de n.º 277.)/ Nota do Autor. A indicação é pelo número de página.
 78. *Anhangá*, gênio do mal, o mesmo que Lery chama *Aignan* e Hans Staden *Ingange*./ Nota do Autor.
 79. *Manitôs*, uns como penates que os indios da América do Norte veneravam. O seu desaparecimento augurava gran-des calamidades às tribos, de que êles houvessem deser-tado./ Nota do Autor.
 80. Sem que dos irmãos ouvisse o canto,
 81. Aqui, como no primeiro verso, está *Cachias*.
 82. semilhava
 83. A edição de 1865 não traz crase.
 84. milhores
 85. teritar
 86. Está *alçada*. Corrigido para *alçado* na errata da 1.ª edi-ção. Vide edição de Manuel Bandeira, tomo 1, pág. 58.
 87. tão bem;
 88. involto
 89. O Autor sempre grafa *extasis*.
 90. Tem
 91. Está *A vcses*, êrro tipográfico corrigido na edição de 77. Nos versos seguintes, onde aparece a locução, falta sem-pre a crase.

92. caprioxa
93. conxinha
94. expreme
95. semelhando
96. Substituímos a vírgula, que vem nas edições de 65 e 77, por ponto e vírgula.
97. tão bem
98. corse/ É a grafia única em Gonçalves Dias.
99. tão bem
100. A edição de 65 não traz crase.
101. Involta/ V. nota 88.
102. caprioxa/ V. nota 92.
103. As portas/ A edição de 77 traz crase.
104. Sem vírgula, nas duas edições consultadas.
105. vi./ A edição de 77 não traz vírgula.
106. Sem aspas.
107. Está com crase.
108. Ego sum qui sum./ Nota do Autor.
109. Tão bem
110. Sem crase.
111. Seguimos a pontuação da edição de 77. A de 65 traz: Pouco a pouco enfraquecia:/ Do dia ao tenue clarão,/ corse/ o)/ Et ecce equus pallidus, et qui sedebat super illum nomen illi Mors. APOC., c. VI./ Nota do Autor.
112. Este verso, por erro tipográfico, não vem nas edições de 57, 60, 65 e 77 que repetem o anterior. Vide edição de Manuel Bandeira, tomo 1, pág. 123.
114. Lyra;
115. Hardidos
116. Está ponto e vírgula.
117. involtos;/ V. notas 88 e 101.
118. Sem crase.
119. Sem travessão.
120. Sem crase.
121. diche
122. As edições de 65 e 77 trazem *firma*, erro tipográfico.
123. Na edição de 65 está: Oh doce/ Na de 77: Oh doce/
124. tão bem
125. Sem o ponto de interrogação.
126. enchugar
127. envolucro/ A edição de 77 traz *envolucro*.
128. tão bem
129. senho
130. progride/ Na edição de 77 está *progride*.
131. A edição de 65 não traz crase.
132. vem
133. vem/ No verso anterior: vêm
134. pontagudo
135. Porque
136. A edição de 65 não traz crase.
137. involto/ V. notas 88, 101 e 117.
138. Proparoxítone no texto. No verso seguinte: involta/
139. al
140. A edição de 65 não traz crase.
141. arremeção;
142. por que
143. Por que
144. involta/ V. notas 88, 101, 117, 137 e 138.
145. Proparoxítone no texto.
146. Por vespertina arajem
147. tem
148. erriças
149. tão bem
150. Tão bem
151. involta/ V. notas 88, 101, 117, 137, 138 e 144.
152. Está, como no verso seguinte, *tão bem*.
153. vividouro,
154. disfere
155. solidões
156. O Prólogo não vem publicado nas edições de 65 e 77. Transcrevemo-lo da 1.ª edição. Segundos Cantos/ e/ Sextilhas de Frei Antão./ Por/ A. Gonçalves Dias./ Rio de Janeiro./ 1848./ No verso: Typograpia (sic) Classica/ de José Ferreira Monteiro./ Rua d'Alfandega N. 84./
157. extrair
158. semelhantes
159. A aquelles
160. Está com crase.
161. por que
162. por que
163. tão bem
164. *Dictâmo* é como está nas edições de 65 e 77. Na 1.ª vem sem acento.
165. equuleo;
166. As edições de 65 e 77 trazem: extorso com dores!/
Na 1.ª está: extorso-me com dores!/
167. simelha
168. involto/ V. notas 88, 101, 117, 137, 138, 144 e 151. No verso seguinte: involta
169. tão bem
170. á cahir
171. Tão bem
172. involta/ V. notas 88, 101, 117, 137, 138, 144, 151 e 168.
173. Nas edições de 65 e 77 falta *por*, que vem na de 48.
174. tão bem
175. Está ponto e vírgula.
176. vem
177. Nas edições de 65 e 77 falta *em*, que está na 1.ª, de 48.
178. Está conforme a 1.ª edição. As de 65 e 77 trazem ponto e vírgula.
179. Vem ponto e vírgula. A 1.ª não traz pontuação.
180. As três edições consultadas não trazem aspas.
181. vã gloria,
182. Está ponto e vírgula, e não vírgula como na 1.ª edição.
183. A edição de 77 traz ponto e vírgula em vez de vírgula como vem na 1.ª.
184. Tão bem
185. Está ponto e vírgula. A 1.ª vem com vírgula.
186. Se quer
187. simelha
188. Por que involto
189. Reivendique
190. Sòmente a edição de 77, em ambos os casos, não traz crase.
191. As três edições consultadas trazem ponto.
192. remecher
193. á aquella,
194. A' quem
195. Sòmente a edição de 77 traz crase.
196. Sem vírgula, nas três edições.
197. Por que
198. Tão bem
199. Paroxitono no texto, em vista da acentuação na 3.ª sílaba dos versos anteriores.
200. tão bem
201. tão bem/ Tôdas as oito vêzes que aparece na poesia.
202. a par/ Nas três edições consultadas.
203. tão bem?
204. Expraiados
205. Ces Tobajares qui réclamaient l'antériorité dans la domination du pays, et qui se donnaient un titre équivalent à celui de *seigneurs de la contrée*. Ferdinand Denis.
"Tobajaras são os índios principais do Brasil e pretendem êles serem os primeiros povoadores e senhores da terra. O nome, que tomaram, o mostra; porque *yara* quer dizer senhores, *tobá* quer dizer rosto; e vem a dizer que são os senhores do rosto da terra, que êles têm pela fronteira do marítimo em comparação do sertão." Padre SIMÃO DE VASCONCELOS. Notícias do Brasil. L. 1. n. 156. Escrevendo Tobajaras segui, por ser mais eufônico, a ortografia do Padre Vasconcelos. Convém todavia confessar que se não deveria dizer *Tobajaras*, como êste Cronista, mas *Tabajaras* ou *Tabajaras*, com Ferdinand Denis, o que mais se conforma com a etimologia, "Taba e Iara ou Yara." Tabajaras é literalmente como se disséssemos os senhores ou dominadores das Aldeias.
Por isso mesmo que os Tobajaras ocupavam o litoral, é de supor que êles fôsem antes os conquistadores, que os primeiros povoadores do país. Os conquistadores como homens que eram, carentes das mais simples noções da agricultura, deveriam de preferência escolher as praias como mais mimosas da natureza e mais fartas, recalçando assim para o centro das matas os incolos primitivos do país. É isto o que sabemos da história de todos os povos bárbaros. Os Tobajaras portanto dominaram pela conquista e quadra-lhes ótimate o nome que tomaram de senhores das aldeias — *Tobajaras*./ Nota do Autor. As edições de 65 e 77 trazem ponto e vírgula no final do verso, ao invés de exclamação como está na 1.ª.
206. Dizem uns Potiguares ou Petiguares, outros Pitigoes. Dêles escreve o Padre Vasconcelos:
"Em segundo lugar (*depois dos Tobajaras*) os Potiguares foram sempre índios de valor, e se fizeram estimar pelas armas, que por longos anos moveram contra os Tobajaras: nas quais tiveram encontros dignos de história; porém não me posso deter em contá-los... punham em campo vinte até trinta mil arcos." — Not. do Brasil. L. 1. n. 157./ Nota do Autor.
207. Falta, nas edições de 65 e 77, o artigo que vem na de 48.
208. tão bem
209. hardido,
210. destingue
211. Qu'indicisa

NOTAS

212. tão bem
213. Proparoxitona no texto.
214. Treplica
215. Tão bem
216. envolve/ Cf. notas 88, 101, 117, 137, 138, 144, 151, 168, 172 e 188.
217. Com crase, nas edições de 48 e 65.
218. As edições de 65 e 77 trazem *Ukraina*.
219. Vírgula é como está na 1.ª, e não ponto como nas edições de 65 e 77.
220. Craseado nas edições de 48 e 65.
221. Sem crase, nas três edições.
222. Na edição de 65 está: *Locullo*,/
223. Sem crase.
224. impece:
225. Nas edições de 60, 65 e 77 não há ponto depois de *macilento*, no verso anterior, e está *e* em vez de *é*, como aparece na de 57. Vide Manuel Bandeira, *Obras Poéticas de A. Gonçalves Dias*, tomo 1, pág. 329
226. Simelha
227. Entre este verso e o anterior, nas edições de 65 e 77, há separação de estrofes.
228. Simelhas
229. A edição de 77 fecha aspas e não traz crase no princípio do verso anterior.
230. A edição de 65 não traz travessão.
231. Em vista da grafia do texto pode ser também *poderão*. Preferimos *puerum*, considerando a eufonia do verso e a correlação temporal com o *quebrara* anterior.
232. Na edição de 65 vem: *Extreitar-me*/
233. Simelha
234. As edições de 65 e 77, por erro tipográfico, não trazem *tinha*. Adiante, penúltimo verso da estrofe, trazem *amimava* e não *amimava*, como está na edição de Manuel Bandeira, tomo 1, pág. 356.
235. remeche
236. *Sic*, nas edições de 65 e 77. A de Manuel Bandeira, tomo 1, pág. 357, traz: Um devaneio, um êxtasis sem termo/
237. harmoniosa,
238. escarneo?
239. Somente a edição de 77 traz crase.
240. cymiterios
241. tem
242. Os vocábulos que emprego nestas sextilhas se acham todos no Dicionário de Moraes, bem que as mais das vezes no sentido antiquado. É assim que uso de "porém, porende" em vez de "por isso"; de "perol" em vez de "porém"; de "ora, embora" em vez de "agora, em boa hora" etc./ Nota do Autor.
243. As edições de 65 e 77 não trazem vírgula depois de *propor*, como está na 1.ª.
244. *Diga* é como está nas edições de 65 e 77; a de 48 traz *Digo*.
245. Está como na edição de 48; as de 65 e 77 trazem *bre-viario*.
246. Sem vírgula nas edições de 65 e 77.
247. A vírgula depois de *lerdes* só vem na edição de 48.
248. Em vez de admiração como está na 1.ª as edições de 65 e 77 trazem ponto.
249. Nas edições de 65 e 77 está *d'alfim*.
250. As edições de 65 e 77 trazem esta estrofe entre aspas, e a de 48 fecha-as, sem contudo abri-las.
251. As três edições consultadas trazem *vos* em lugar de *vós*.
252. Vem *bloati*, nas edições de 65 e 77, e não *bolati* como na 1.ª.
253. propio/ Nas edições de 65 e 77.
254. voz/ Nas edições de 65 e 77.
255. Diz a Princesa D. Joana:
"Qu'eu tenha escravos, e mouros,
"Rainha de Portugal."
A Crônica de Cister também diz, falando da Princesa D. Teresa, filha de Sancho I:
"Viendo a santa *raynha*, foy Deos servido levar para si a el-Rey seu pay, a quem succedeo no reyno dom Afonso o segundo do nome."
"Raynha (diz Fr. Luiz de Souza) lhe chamão as historias antigas, que era o titulo com que então se tratavam as filhas dos reys." — H. de S. D. — L. 1. C. 11./ Nota do Autor.
Vem grafado: *tão bcm*/
256. Nas edições de 65 e 77 vem *ferrado*; *fornado* é como está na de 48.
257. As edições de 65 e 77 trazem dois pontos em vez de ponto e vírgula como está na 1.ª.
258. Está conforme a 1.ª edição. *De* é como vem nas de 65 e 77.
259. gozes/ Nas edições de 65 e 77.
260. As edições de 65 e 77 trazem *De*.
261. Na 1.ª edição vem grafado: *tambem*/
262. Está conforme a edição de 48. As de 65 e 77 trazem vírgula depois de *Vê*.
263. Quanto à forma em *c* na conjugação do verbo *dizer*, vide nota 58, em *Pôrto-Alegre*.
264. vestia,/ Nas edições de 65 e 77.
265. Está conforme a 1.ª edição. *Portal'gre* é como vem nas de 65 e 77.
266. Cabia/ Nas edições de 65 e 77.
267. As edições de 65 e 77 trazem *elles*.
268. Está ponto e vírgula na 1.ª edição. As de 65 e 77 não trazem pontuação
269. Na edição de 48 está: *quammando*/
270. Em 1851 na tipografia do sr. Paula Brito./ Nota do Autor.
271. inferno,
272. Sem crase.
273. á praias
274. involta/ V. notas 88, 101, 117, 137, 138, 144, 151, 168, 172, 188 e 216.
275. enchugar
276. Alguns dos principais montes da enseada do Rio de Janeiro parecem aos que vêm do Norte ou do Sul representar uma figura humana de colossal grandeza: este capricho da natureza foi conhecido dos primeiros navegantes portugueses com a denominação de "frade de pedra", que agora se chama "o gigante de pedra". — Aquele objeto se fez esta poesia./ Nota do Autor. Está *vem*, sem circunflexo.
277. *Tamoios* eram os primeiros habitantes do Rio. — *Pagés* eram os sacerdotes, os áugures, os médicos dos indígenas de todo o litoral do Brasil — os mesmos a que nos "Primeiros Cantos" dei o nome de piagas. Eis o que naquela obra escrevi a este respeito (nota 77) — "Piage — Piache — Piaye ou Piaga, que mais se conforma à nossa pronúncia, era ao mesmo tempo o sacerdote e o médico, o áugure e o cantor dos indígenas do Brasil e de outras partes da América." E em outra nota acrescentei: "Eram anacoretas austeros, que habitavam cavernas hediondas, nas quais, sob pena de morte, não penetravam profanos. Vivendo rígida e sóbriamente, depois de um longo e terrível noviciado, ainda mais rígido que a sua vida, eram eles um objeto de culto e de respeito para todos; — eram os dominadores dos chefes — a baliza formidável, que felizmente se erguia entre o conhecido e o desconhecido — entre a tão exigua ciência daqueles homens, e a desejada revelação dos espíritos." — Hans Staden escreve *Paugi*; *Payé* lê-se em uma das obras do Padre Vasconcelos, nome que também lhes dá Laet na sua "Descrição das Índias ocidentais". Léry e Damião de Góis escrevem *Pagé*, ortografia que agora adotamos./ Nota do Autor. A indicação é feita pelo número da página.
278. *Murçmuré* escreve o Padre Vasconcelos nas suas "Notícias Curiosas": colige-se que é um instrumento feito de ossos de defuntos, como alguns outros, de que se serviam./ Nota do Autor.
279. *Guanabara* — a enseada do Rio de Janeiro. — Escreve-se indiferentemente *Genabara* ou *Ganabara*. Léry diz na sua obra "*Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*" en ceste *revière de Ganabara*. Southey (*History of Brazil*) acrescenta em uma nota, que Nicolau Barré datava desta maneira as suas cartas: *Ad flumen Genabara in Brasilia etc.*/ Nota do Autor.
280. *Guau* — dança. "São mui dados a saltar e dançar de diferentes modos, a que se chamam *guau* em geral." VASCONCELOS. Notícias Curiosas L. 1. — n. 143./ Nota do Autor.
281. *Igaras* — eram canoas, feitas de ordinário de um só toro de madeira./ Nota do Autor.
282. *Janúbia* — Léry escreve diversamente: *des cornets, qu'ils nomment inubia de la grosseur et longueur d'une demie pique, mais par le bout d'embas larges d'environ un demi pied comme un hautbois*. — *Obra cit.* pág. 202./ Nota do Autor.
283. Quanto
284. hardido
285. *Arazóia* era o fraldão de penas, moda entre eles. Laet chama *assoyave* a uns mantos inteiros: não sei de que mantos quer o autor falar. Hans Staden (coleção de Ternaux pág. 108) dá o mesmo nome a uma espécie de cocar preso ao pescoço e passando além da cabeça, conquanto a este ornato Léry dê o nome de *Yenpenamby*. Quanto à *arazóia*, eis o que se lê na obra já citada deste autor (pág. 103): *Pour la fin de leurs esquippages, recouvrans de leurs voisins de grandes plumes d'autriches, de couleurs grises, accomodans tous les tuyaux serrez d'un costé, et le reste qui s'espargille en ronde en façon d'un petit pavillon ou d'une rose, ils en font*

- un grand pennache, qu'ils appellent araroye: le quel estant lié sur leurs reins avec une corde de cotton, l'estroit devers la chair, et le large en dehors, quand ils en sont enharnachez etc./* Nota do Autor.
286. O título desta poesia, traduzido literalmente da língua tupi, vale tanto como se em português dissessemos "o que há de ser morto, e que é digno de ser morto"./ Nota do Autor.
287. *Taba* — aldeia de índios, composta de diferentes habitações, a que chamavam *ocas*. Quando estas habitações se achavam isoladas, ou fossem levantadas para o abrigo de uma ou já para o de muitas famílias, tomavam o nome de *Tejupab* ou *Tejupabas*./ Nota do Autor.
288. *Timbiras* — tapuias, que habitam o interior da província do Maranhão./ Nota do Autor.
289. Por este ato declaravam firmadas as pazes. Vieira faz menção desta solenidade quando, em uma informação ao monarca português, se ocupa da aliança feita entre os missionários por parte dos portugueses e dos *Nhe-engaybas* de Marajó./ Nota do Autor.
290. A descrição das cerimônias, com que elles usavam matar os seus prisioneiros de guerra, é rigorosamente exata, ainda que não adotamos dos autores senão aquilo em que todos ou a maior parte concordam. Veja-se Hans Staden — cap. 28 — dos usos e costumes dos Tupinambás. — Notícias do Brasil cap. 171 e 172. Notícias Curiosas L. 1. n. 138 e Léry cap. XV./ Nota do Autor.
291. Chamava-se muçurana a corda com que se atava o prisioneiro. — "*Et une longue corde nommée massarana, avec laquelle ils les attachent (les captifs) quand ils doivent être assonnés.*" (H. Staden, pág. 300.) *Musurana* escreve Ferdinand Denis, acrescentando que era feita de algodão. É possível que em algumas tribos fosse feita desta matéria, mas convém notar que na maior parte delas era uso fabricarem-se cordas de embira./ Nota do Autor.
292. A maça do sacrificio não era o mesmo que a ordinária, e tinha mais a diferença dos ornatos que se lhe juntava, e do esmero com que era trabalhada. Lavravam e pintavam todo o punho — embargadura, como o chamavam — com desenhos e relevos a seu modo curiosos, e dela deixavam pendente uma borla de penas delicadas e de cores diferentes sendo a fôlha ornada de mosaicos. — "*Pintam (diz H. Staden, pág. 301) a maça do sacrificio, a que chamam iverapeme, com a qual deve ser sacrificado o prisioneiro: passam-lhe por cima uma matéria viscosa, e tomando depois a casca dos ovos de um pássaro chamado Mackukava de cor parda escura reduzem-nas a pó, e com elle salpicam toda a maça. Preparada a iverapeme, e adornada de penas, suspendem-na em uma cabana inabitada, e cantam em redor dela toda a noite.*" — Ferdinand Denis, acrescentando-lhe o artigo francês, escreve *Liverapeme*, que diz ser feita de pau-ferro e com mosaicos de diferentes cores. Vasconcelos dá-lhe o nome de Tangapema, que é o termo do dicionário brasileiro./ Nota do Autor. Vem grafado *massa*.
293. A
294. *Enduape* — fraldão de penas de que se serviam os guerreiros: damos a denominação de *arazóia* a aquêles de que usavam as mulheres. "*Ils font avec de plumes d'autruches une espèce d'ornement de forme ronde, qu'ils attachent au bas du dos, quand ils vont à quelque grande fête: ils le nomment enduap.*" H. Staden Pág. 270. Vasconcelos trata do *enduape* sem lhe dar nome algum especial. "Pela cintura apertam uma larga zona: desta pende até os joelhos um largo fraldão a modo trágico, e de tão grande roda como é a de um ordinário chapéu de sol." Notícias Curiosas L. 1. n. 129./ Nota do Autor.
295. *Canitar* — é o nome do penacho ou cocar, de que usavam os guerreiros de raça tupi, quando em marcha para a guerra, ou se aprestavam para alguma solenidade, d'importancia igual a esta. "*Ils ont aussi d'habitude de s'attacher sur la tête un bouquet de plumes rouges qu'ils nomment Kanittaro.*" (H. Staden). — Usam de umas coroas a que chamam *acangatar* (Laet). Os primeiros portugueses escreveram *acangatar*, que literalmente quer dizer: "enfeite ou ornato da cabeça"./ Nota do Autor.
296. Passa o Autor a grafar, daqui em diante, corretamente, *frecha*. Vide notas 74 e 76.
297. Encontramos na "Crônica da Companhia" um trecho que explica a significação desta palavra, e a idéia desta breve composição.
"Tinha certa velha enterrado vivo um menino, filho de sua nora, no mesmo ponto em que o parira, por ser filho a que chamam "marabá" que quer dizer de mistura (abhorrecível entre esta gente). VASCONCELOS, Cr. da Comp., L. 3. n. 27./ Nota do Autor.
298. As edições de 65 e 77 trazem exclamação.
299. tem/ Sem acento este e o anterior.
300. cactus
301. Os indigenas chamavam ao beija-flor "Coaracyaba" "raios", ou mais literalmente "cabelos do sol./ Nota do Autor.
302. Quem
303. extensão;
304. Sem acento.
305. A mãe d'água é uma náiada moderna, um espirito que habita no fundo dos rios. Acredita-se em muitas partes do Brasil que é uma mulher formosa com longos cabelos de oiro, que lhe servem como de vestido, com olhos que exercem inexplicável fascinação, e voz tão harmoniosa que ninguém, que a escute, resiste à tentação de se atirar às águas para que mais de perto a ouça e contemple. O mesmo que as sereias, tem sobre elas a vantagem de serem criaturas de formas perfeitas, e delas se distinguem em fascinarem tanto com o brilho da formosura, como com a doçura da voz de atraírem principalmente os meninos./ Nota do Autor.
306. Semelhantes
307. concelho
308. As edições de 65 e 77 não trazem, por erro tipográfico, a preposição *de*.
309. Remeche
310. Havia travessão que suprimimos e o acrescentamos ao verso igual da estrofe seguinte.
311. Com letra minúscula.
312. perilamos,
313. anginho,
314. enchergas
315. Involta/ V. notas 88, 101, 117, 137, 138, 144, 151, 168, 172, 188, 216 e 274.
316. Tem
317. Acrescentamos a virgula.
318. Sem crase.
319. Com crase.
320. escarneo
321. Acrescentamos a virgula.
322. anginho/ V. nota 313.
323. Quem a vê, que sorrindo as não enchuga?
324. Substituímos a virgula existente nas edições de 65 e 77 por ponto e virgula.
325. anginho,/ V. notas 313 e 322.
326. Simelha
327. Está ponto e virgula em vez de admiração.
328. Substituímos o ponto existente nas duas edições consultadas por dois pontos.
329. encherga
330. expraiarão
331. As edições de 65 e 77 trazem *voa*, evidente erro tipográfico.
332. Nas duas edições está virgula em lugar de admiração.
333. Por que
334. Ambas as edições trazem virgula.
335. Talvez irrita a dôr, talvez a acalma.
336. D'entorno
337. treplica
338. Acrescentamos a virgula.
339. tem
340. Sic. por *múmia*.
341. Substituímos o ponto e virgula de ambas as edições por virgula.
342. Cede
343. extasis,
344. repellas,
345. encherga,
346. A edição de 65 traz dois pontos e a de 77 admiração.
347. Similha
348. A edição de 65 traz dois pontos e a de 77 ponto.
349. erriça
350. Está craseado.
351. Falta não nas duas edições consultadas.
352. Sem crase.
353. A edição de 65 não traz o artigo *a*, existente na de 77.
354. Indesculpável descuido seria deixar de mencionar o nome do Sr. D. Carlos Guido, a quem devo ter composto a poesia que tem por título "Retratação". Foi este o ensejo. Poucos dias depois de publicados os "Segundos Cantos", recebi uma carta do Sr. Guido: era uma crítica, mas crítica benévola, cheia de entusiasmo, escrita sem pretensão alguma e ao correr da pena. Agradou-me, porque me agrada sempre conversar com os meus amigos, e era um amigo que me escrevia, um poeta talentoso, que então pela primeira vez se me revelava como tal, — jovem entusiasta, e cujo coração é como uma pedra de toque da mais esquisita sensibilidade.

NOTAS

Tendo percorrido com a sua análise algumas das composições do meu 2.º volume, acrescentava êle:

"Dir-se-ia que a sua *palinódia* é um chuveiro de pedras cristalizadas, agradáveis de se ver, porque são prismas, que refletem as mais pronunciadas, fortes e soberbas côres; porém que deviam converter-se em instrumentos terríveis de vingança, quando chegassem até a mesquinha mulher, a quem fôsem dirigidos como um anátema fulminante.

"Se eu não tivesse tanta confiança nos instintos do coração, que o levam a exalar o seu amor só onde acha fogo, fidelidade e caricias, pensaria talvez que aquela mulher existe, e então eu faria ao poeta amargas reflexões sobre a crueldade, de que usou para com ela."

Aceitei a censura, e dirigindo-me ao Sr. Guido escrevi a Retratação, versos filhos daquele momento, e inspirados pela leitura recente da sua carta. Se algum aprêço dêles faço na atualidade, é por ter feito vibrar a lira doirada do poeta argentino. *Consuelo* foi o título que deu aos seus versos, e era efetivamente um canto de consolação e de esperança: perdi há muito o autógrafa dos versos do Sr. Guido; mas o sentido, a suavidade, a sentida simpatia do seu canto, êsses me ficaram no coração. — Consolações e esperanças! — Doces são, por certo, as lágrimas, que sobre nós derramam os olhos de um amigo, ainda que não acreditemos no raio de esperança, que êle s'esforça por entranhar em nossa alma. Eficazes foram as suas consolações; mas ainda mal que os seus votos não tenham de ser realizados nunca! Nota do Autor, onde se lê *Indisculpavel* e há virgula logo depois de *seria*.

355. Dormido
356. produzido
357. corse/ V. notas 98 e 112
358. Sem a virgula.
359. Acrescentamos a virgula.
360. As edições de 65 e 77 trazem admiração em lugar de ponto e virgula.
361. expraia/ V. nota 330.
362. Está ponto e virgula.
363. Suprimimos a virgula existente em ambas as edições.
364. tem
365. Oxitona no texto, as três vèzes que apparece na poesia.
366. Craseado sómente na edição de 77.
367. Substituímos o ponto e virgula existente por virgula, em observancia ao verso igual da 3.a estrofe a seguir.
368. Qu'invida
369. involtas/ V. notas 88, 101, 117, 137, 138, 144, 151, 168, 172, 188, 216, 274 e 315.
370. Sem crase.
371. Está conforme a edição de 77. A de 65 traz ponto e virgula.
372. Ambas as edições abrem estrofe no verso seguinte, ficando êste na anterior.
373. Está ponto e virgula.
374. S'involve/ V. notas 88, 101, 117, 137, 138, 144, 151, 168, 172, 188, 216, 274, 315 e 369.
375. Tanto na edição de 65 como nas anteriores (V. ed. de Manuel Bandeira, tomo 2.º, pág. 200) o vocábulo é feminino; a de 77, contudo, trá-lo no masculino.
376. hardido
377. Está ponto e virgula em lugar de interrogação.
378. Sem crase.
379. vem
380. Feita a crase.
381. D'Hespaniola
382. Sarai
383. enchergera
384. infermo
385. Oxitona no texto.
386. Sem crase. No verso anterior vem *frente* em vez de *fronte*.
387. Está ponto de admiração.
388. Falta a crase.
389. Paroxitono no texto.
390. rescendem
391. tãobem
392. Sem crase.
393. Vem craseado.
394. Suprimimos a virgula existente nas edições consultadas.
395. Está conforme as edições de 65 e 77. A de Manuel Bandeira traz *alvo*.
396. A edição de 65 traz: As filhas desses/ com lapso da última palavra, que na de 77 é *homens*, em desacôrdo com a de 57, onde se lê *bravos* (V. Manuel Bandeira, tomo 2.º, pág. 213).
397. involto/ V. notas 88, 101, 117, 137, 138, 144, 151, 168, 172, 188, 216, 274, 315, 369 e 374.

398. Está conforme a edição de 77; a de 65 traz: Porque
399. Craseado sómente na edição de 77.
400. Sic.
401. As duas edições trazem crase.
402. Involto/ V. nota 397.
403. De quem mão grado,
404. Floresce
405. derramadas
406. involta/ V. nota 397.
407. Sem crase.
408. enchergera
409. Falta a crase.
410. Acrescentamos a crase.
411. Q'énxergera
412. Talvez tãobem nas folhas q'éngrinaldo
413. craneo
414. Tingidos
415. Q'hei-de certo
416. D'escarneo
417. hardido,
418. craneo
419. c'o
420. Sem aspas.
421. Está ponto.
422. por que
423. Sem virgula.
424. Fechamos aspas.
425. erriça
426. caitetus,
427. q'inda argumentão.
428. A medo rumoreja, — á medo o rio
429. Simelha
430. ardiz
431. Sem aspas.
432. Está ponto de interrogação.
433. Falta a crase.
434. deligentes
435. Acrescentamos as aspas.
436. Sem crase.
437. Está ponto, em vez de dois pontos.
438. A edição original traz *transformadas*, erro tipográfico. Manuel Bandeira preferiu em sua edição (V. pág. 277, 2.º tomo) *transformadas*, do que divergimos.
439. Está ponto.
440. golosa,
441. Acrescentamos a virgula.
442. O disc-ol
443. A edição original abre aspas.
444. Gentiz
445. Com crase.
446. impedrada:
447. Por que
448. Sem a virgula.
449. Fervia o mar em fogo a meia noite / E' como vem na edição original (pág. 49) e na de Manuel Bandeira (2.º tomo, pág. 284).
450. por que
451. hardimento,
452. enchergera;
453. semilhando:
454. Acrescentamos a virgula.
455. por que
456. Sem ponto e sem aspas.
457. caitetus,
458. Substituímos dois pontos por ponto e virgula.
459. Não vem craseado.
460. hardido
461. Sem crase.
462. por que mais á geito
463. Craseado.
464. hardimento,
465. Acrescentamos a virgula.
466. craneos.
467. Sem crase.
468. craneos,
469. companheiros,
470. Sem aspas.
471. Por que
472. Está virgula.
473. estreita
474. diceste, / V. notas 58, em Pôrto Alegre; 503 também em Gonçalves Dias, 798 e 809, em Alvares de Azevedo.
475. Sem crase.
476. Cõ
477. Não há dois pontos.
478. Sic, por pranto.
479. Sem crase.
480. Sem aspas.
481. velho, / No verso anterior: myrrhava
482. Abrimos as aspas.

483. Sem aspas.
 484. Acrescentamos ponto de admiração.
 485. craneo,
 486. gentiz/V. nota 444.
 487. tão bem/ O verso seguinte não abre as aspas.
 488. q'uma
 489. á
 490. craneo/ No verso seguinte: gorgulhões
 491. Craseado.
 492. Está dois pontos em vez de ponto e vírgula.
 493. Substituímos a vírgula por ponto.
 494. Está ponto.
 495. á par
 496. Cõ os
 497. Está ponto.
 498. Substituímos o ponto por interrogação.
 499. tãobem
 500. Acrescentamos as aspas.
 501. Sem crase.
 502. áquelle
 503. dicesse/ V. nota 478.
 504. hardida
 505. caximbo
 506. Acrescentamos as aspas. No verso seguinte vem admiração em lugar de interrogação.
 507. Sem crase.
 508. Está sem vírgula.
 509. enrubece
 510. Sem vírgula. No verso seguinte: por que
 511. errica,
 512. á prumo.
 513. Por que
 514. Está vírgula.
 515. Fechamos aspas.
 516. As composições transcritas com este título não vêm insertas nas edições alemãs do poeta e figuram somente nas primeiras. São ao todo em número de doze: as três iniciais aparecem nos *Primeiros Cantos* (Lammert, Rio de Janeiro, 1846); as cinco seguintes nos *Segundos Cantos* (Tipografia Clássica, de José Ferreira Monteiro, Rio de Janeiro, 1848), e as quatro finais nos *Últimos Cantos* (Tipografia de F. Paula Brito, Rio de Janeiro, 1851).
 517. Não conseguimos ter às mãos, em São Paulo, a edição de 1846 dos *Primeiros Cantos*. Valemo-nos, portanto, da edição organizada por Manuel Bandeira, em 1944, para a Companhia Editora Nacional. A poesia *Fantasmias* é a de número IV das *Visões* e vem publicada às páginas 112/116 do 1.º tomo.
 518. Ed. cit., págs. 143/146, 1.º tomo.
 519. Ed. cit., págs. 161/164, 1.º tomo.
 520. Publicada in *Segundos Cantos* (Segundos Cantos/ e/ Sextilhas de Frei Antão./ Por/ A. Gonçalves Dias./ Rio de Janeiro./ 1848.), págs. 15/20.
 521. Está sem ponto final.
 522. corse/ V. notas 98, 112 e 357.
 523. Por que/ Idem no verso seguinte.
 524. Tiramos a vírgula.
 525. Está sem vírgula, e no verso seguinte substituímos o ponto final por exclamação.
 526. Colocamos admiração em vez de ponto final.
 527. *Segundos Cantos*, ed. cit., págs. 41/45.
 528. Sem crase.
 529. Está com vírgula.
 530. á furto
 531. *Segundos Cantos*, ed. cit., págs. 46 a 51.
 532. Está ponto.
 533. Sem crase.
 534. Vem sem ponto.
 535. tão bem, — tão bem
 536. *Sic.* Os dicionários consultados não registam a palavra V. adiante nota 571.
 537. Acrescentamos a vírgula.
 538. Vem ponto ao invés de vírgula.
 539. caprixosos
 540. Sem aspas.
 541. incendia
 542. Pusemos vírgula.
 543. devinais
 544. Falta a crase.
 545. Sem vírgula e sem aspas no verso seguinte.
 546. Não está craseado.
 547. tão bem
 548. *Segundos Cantos*, ed. cit., págs. 83/90.
 549. Está com admiração.
 550. Acrescentamos a vírgula.
 551. Vem com admiração. V. nota 549.
 552. tão bem,
 553. tem
 554. sação
 555. vendicta,
 556. Craseado.
 557. Falta a vírgula.
 558. Sem crase. Pusemos vírgula no final do verso.
 559. Craseado.
 560. Involvidas,/ V. notas 88, 101, 117, 137, 138, 144, 151, 168, 172, 188, 216, 274, 315, 369, 374, 397, 402 e 406.
 561. á raiar;
 562. involvida/ V. nota 560.
 563. *Segundos Cantos*, ed. cit., págs. 201/229, nas Sextilhas de Frei Antão.
 564. Não escrevo sátiras: quer isto dizer que foi tão grande santo S. Gonçalo, que apesar da sua nacionalidade, mesmo os seus, conquanto desprezem tudo que lhes pertence, o apregoam e celebram. E' frase de tôdas as suas crônicas, ou antes imitação daquele muito celebrado conceito de um dos seus clássicos.
 — "por natureza
 E constelação do clima,
 Esta gente portugêsa
 O nada estrangeiro estima,
 O muito dos seus despreza." —
 /Nota do Autor.
 565. vos
 566. verti,
 567. *Portuguez* — moeda antiga de Portugal do valor, creio eu, de quinhentos réis./ Nota do Autor.
 568. daquui,
 569. Coma/ Erro tipográfico.
 570. Está sem acento: vos.
 571. Vide nota 536.
 572. Por não termos encontrado em São Paulo a edição dos *Últimos Cantos*, utilizamo-nos novamente da de Manuel Bandeira, ed. cit., págs. 120/132, 2.º tomo.
 573. Ed. cit., págs. 143/145, 2.º tomo.
 574. Ibidem, págs. 226/228, 2.º tomo.
 575. Ibidem, págs. 299/234, 2.º tomo.
 576. Foram transcritos de: Obras Posthumas/ de/ A. Gonçalves Dias/ precedidas de uma noticia da sua vida e obras/ pelo/ Dr. Antonio Henriques Leal./ Volume 1./ I — Versos Modernos./ II — Versos Antigos./ III — Poema Americano./ IV — Hymnos./ V — Voltas e Mottes Glosados./ VI — Satyras./ — San Luiz do Maranhão.1868./, e da *Bibliografia de Gonçalves Dias* por M. Nogueira da Silva (Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1942. — Ministério da Educação e Saúde — Instituto Nacional do Livro — Coleção B 1 — Bibliografia — II). Não adotamos a mesma ordem da edição de Antônio Henriques Leal. Demou-la diversa: a cronológica.
 577. Ainda não publicada em nenhuma outra edição das obras de Gonçalves Dias. Apareceu, a primeira vez, no folhetim *O dia 3 de Maio de 1841, em Coimbra* (Coimbra, Imprensa de Trovão & Companhia, 1841, in 8.º, 22 páginas). Desde então somente foi reproduzida por M. Nogueira da Silva (op. cit., págs. 16/17).
 578. a gora
 579. Acrescentamos o ponto de exclamação.
 580. Tu gemerás c'o pezo o teu sceptro
 581. *Sic.* Não é possível a mudança ortográfica.
 582. desforme/ No verso seguinte: oucos
 583. cassuada
 584. Paroxitono no texto.
 585. abixado
 586. tem
 587. Pusemos vírgula.
 588. Sem crase.
 589. Está sem vírgula.
 590. expande
 591. Á todos
 592. Falta o ponto final.
 593. Está: tua/ Erro tipográfico.
 594. Vem craseado.
 595. Pusemos vírgula.
 596. escarneo/ E' grafia única; não mais indicaremos.
 597. Fechamos aspas.
 598. tem/ No verso seguinte: surrindo
 599. Sem aspas.
 600. Craseado.
 601. Há travessão, que suprimimos.
 602. Substituímos o ponto final por dois pontos.
 603. corse/ V. nota 98.
 604. Está inimigos, o que altera o decassilabo.
 605. ouco/ Abaixo, segundo verso: retenir
 606. Acrescentamos a vírgula.
 607. Eliminamos a crase.
 608. Pusemos ponto final neste verso e vírgula no anterior.
 609. Sem vírgula.
 610. Falta a vírgula.

NOTAS

611. Involta em maldições — involta/ V. notas 560 e e 562.
612. Por que/ No verso seguinte: encherger
613. involta/ V. notas 88, 101, 117, 137, 138, 144, 151, 168, 172, 188, 216, 274, 315, 369, 374, 397, 402, 406, 560, 562 e 611.
614. Está ponto em vez de vírgula. Abaixo, no final: Cachias
615. Craseado.
616. Vem vírgula, em vez de ponto e vírgula.
617. Falta *que* na edição original.
618. Cachias
619. Cachias/ Idem, as três vezes que aparece a seguir.
620. semilhando
621. Disei — sim; mas não a elle,/ Disei — não; mas não a mim./
622. Com crase.
623. Está ponto e vírgula.
624. Craseado.
625. tem
626. Immensa
627. Sem vírgula.
628. Está com vírgula.
629. Substituímos a vírgula por dois pontos.
630. Publicada in *Revista Universal Maranhense*, 1849 — 1850, in 4.º, 196 páginas, n.º 12, 15 de abril de 1850, 1.ª série, tomo I. Desprezada pelo Autor e desconhecida dos organizadores e editores de suas obras, foi divulgada pela segunda vez por M. Nogueira da Silva in *A Política*, Rio (1921?), e depois in *Bibliografia de Gonçalves Dias*, pág. 54.
631. porque/ Faltam as aspas no primeiro verso e no fim do terceiro, quarto e décimo.
632. atôa,
633. Sem vírgula.
634. Falta o ponto final.
635. foste
636. Vem
637. semilhanças
638. Proparoxitona no texto.
639. tem
640. Oxitona.
641. Celeste benção/ Sem o artigo *A*, e *benção* oxitona. Igualamo-lo ao verso da nota 640.
642. Por que
643. debucha
644. semilhamos,
645. encherção,
646. tem/ Antônio Henriques Leal aponta a seguinte variante deste verso: Não tinham bastante espaço/
647. Falta o ponto final.
648. Não está em itálico.
649. Vem vírgula em lugar de ponto.
650. Está ponto e vírgula.
651. Substituímos o ponto final por dois pontos.
652. bixo
653. Está ponto e vírgula.
654. Acrescentamos a vírgula.
655. por que
656. Antônio Henriques Leal dá-nos a seguinte variante Vagava entre a terra e os céus,/ rescende!
657. Vem ponto e vírgula.
658. Está vírgula, que suprimimos.
659. Floreção
660. Não há vírgula neste e no verso seguinte.
661. Publicada in *A Estrela Solar*, folha oficial, doutrinária, noticiosa e literária da diocese de *Diamantina*, no Estado de Minas Gerais, ano XII, n.º 28, 12 de julho de 1914, pág. 4. Assegura M. Nogueira da Silva não figurar *Revelação* “em nenhuma das coleções de versos do poeta”, e transcreve-a “abandonando alguns fáceis enganos que evidentemente correm por conta da revisão desse jornal, que é sobremodo defeituosa e falha” (Cf. M. Nogueira da Silva, *Bibliografia de Gonçalves Dias*, pág. 142).
663. Craseado.
664. Vem?
665. á custo/ Segundo verso abaixo: malsasonados
666. Um Deos que vale!
667. Sem vírgula.
668. Falta o ponto final.
669. Craseado.
670. Sem aspas.
671. p' rescrutando.
672. Acrescentamos a vírgula. No verso seguinte: susprende caxos.
673. Pusemos vírgula. No verso seguinte: não/ com minúscula e sem aspas.
674. Nasces,
675. tem
676. Está vírgula em vez de ponto.
677. vem/ Verso seguinte: A esta terra de mouros;
678. Substituímos o ponto e vírgula por vírgula.
680. inceta
681. semelhante
682. Está ponto final.
683. Eliminamos a vírgula.
684. Transcritas de: *Obras Posthumas/ de/ A. Gonçalves Dias/ precedidas de uma notícia de sua vida e obras/ pelo/ Dr. Antonio Henriques Leal/ Volume II./ S. Luiz do Maranhão./ 1867. (sic.)*
685. semilhamos.
686. por que d'ora a vante
687. Está exclamação ao invés de dois pontos.
688. infuna
689. cansados
690. Craseado.
691. se calão
692. discantar,
693. Está ponto e vírgula.
694. Vem com crase.
695. Acrescentamos a crase.
696. Eliminamos a vírgula.
697. Virgilio/ Idem, a outra vez que aparece.
698. Semilhante
699. Por que
700. Manuel Bandeira, na sua edição das obras poéticas de Gonçalves Dias (op. cit., pág. 486, 2.º tomo), informa-nos:
“Nas *Obras Póstumas* escreveu A. H. Leal a seguinte nota a estes versos:
“Deixei de propósito de colocar esta belíssima poesia, reminiscência da literatura clássica, entre as que vão sob o título de — versos modernos — por ser de um gênero diverso do daquela coleção. E' talvez o penúltimo poema que traçasse o poeta antes de empreender a infeliz viagem de que graceja nestes versos.” Enganou-se o amigo do Poeta: *Possêidon* não é poesia original, reminiscência da literatura clássica, mas sim tradução, aliás muito fiel, de um poema de Heine, que está na coleção *Nordsee* (Mar do Norte), n.º 5.”
701. Está dois pontos.
702. protgeste
703. tem
704. Tantos/ Erro tipográfico.
705. Este prefácio apareceu, pela primeira vez, no terceiro tomo da segunda edição das *Obras de Alvares de Azevedo*, já então feita pelo editor Garnier e, como a primeira, organizada pelo Dr. Jaci Monteiro. Transcrevemo-lo da terceira, feita logo a seguir, no mesmo ano em formato menor, e que aproveitou a composição da segunda: *Obras/ de/ Manoel Antonio/ Alvares de Azevedo/ precedidas/ de um discurso biographico/ e acompanhadas de notas/ pelo Sr. Dr. Jacy Monteiro/ Terceira edição/ acrescentada com as obras inéditas,/ e um appendice contendo discursos, poesias e artigos feitos a (sic) ocasião/ da morte do autor./ Tomo terceiro/ Obras inéditas/ Rio de Janeiro/ Livraria de B. L. Garnier/ Rua do Ouvidor, 69/ Paris, Garnier Irmãos, Editores, Rua des Saints-Pères, 6/ 1862/ Todos os direitos de propriedade reservados./ Doravante, quando não discriminarmos a edição, queremos significar ambas as edições, isto é, a primeira e terceira.*
706. Sem vírgula.
707. Acrescentamos a vírgula.
708. Sic.
709. Pusemos a vírgula.
710. aerio
711. ralento/ E' grafia única no autor. V. nota 833., adiante.
712. tem
713. A!
714. tem
715. e/ Erro de revisão.
716. Mas se um
717. Com crase na 1.ª edição.
718. formoso
719. enlanguede,
720. Está sem vírgula.
721. afaga
722. transas
723. Que
724. Tem doçuras, tem
725. descrensa
726. escarneo/ E' grafia única: não mais a apontaremos. No final do verso anterior não há vírgula.
727. Pusemos vírgula.
728. a
729. Está interrogação em vez de admiração.
730. doce!,

NOTAS

1553. Não vem craseado.
 1554. Pusemos a vírgula.
 1555. porque
 1556. Falta a vírgula.
 1557. anginho,
 1558. Acrescentamos a vírgula.
 1559. Está sem vírgula. Abaixo, 3.º verso, vem:
 Rescendem
 1560. Sentir seus teus modos frios:/
 1561. de orbitas, orbitas/
 1562. Pusemos a crase.
 1563. ligadas
 1564. Imbevecida
 1565. Não está craseado.
 1566. Falta a vírgula.
 1567. Substituímos ponto por vírgula.
 1568. Vem ponto, que trocamos por vírgula.
 1569. Pusemos o ponto final.
 1570. Sem vírgula.
 1571. Está vírgula em vez de ponto.
 1572. Acrescentamos a vírgula.
 1573. Eliminamos ponto e vírgula e pusemos vírgula no final do verso.
 1574. Falta a vírgula.
 1575. Vem sem ponto.
 1576. anginhos/ V. nota 1557.
 1577. Está sem vírgula.
 1578. Suprimimos a vírgula que vem na edição original.
 1579. Eliminamos a vírgula.
 1580. arrostrei
 1581. Substituímos vírgula por ponto.
 1582. Está ponto e vírgula.
 1583. porque
 1584. Pusemos a vírgula em lugar do ponto.
 1585. incarnada,
 1586. Substituímos ponto por vírgula.
 1587. O verso não traz o ponto final.
 1588. Vem sem vírgula.
 1589. Incarnar
 1590. Brasileas,
 1591. Tinha
 1592. Não está com vírgula.
 1593. Pusemos dois pontos.
 1594. Falta a vírgula.
 1595. Substituímos vírgula por ponto.
 1596. Está ponto em vez de vírgula.
 1597. Acrescentamos o ponto final.
 1598. A edição original não traz ponto.
 1599. Falta a vírgula.
 1600. drasilias
 1601. de
 1602. anginho/ V. notas 1557 e 1576.
 1603. o viagente,
 1604. Ah! nem só ser supremo/
 1605. Respondam
 1606. Não é possível a mudança ortográfica. V. notas 1503 e 1542.
 1607. corseil
 1608. Pusemos a vírgula.
 1609. Suprimimos a vírgula que se acha no final do verso.
 1610. ancia,
 1611. rescendendo
 1612. Acrescentamos a vírgula.
 1613. ancia,/ N. nota 1610, acima.
 1614. Entre este e o verso anterior há entrelinha na edição original.
 1615. barbado
 1616. Sem crase.
 1617. Está sem o ponto final.
 1618. Pusemos vírgula aqui e no final do verso seguinte.
 1619. Vem sem vírgula.
 1620. Eliminamos o ponto que está na edição original.
 1621. Falta a vírgula.
 1622. a
 1623. bolções
 1624. Divulgado no estudo sobre Junqueira Freire de Franklin Dória inserto nas *Contradições Poéticas* da Livraria Garnier, ed. cit. págs. 32/34.
 1625. Daqui em diante transcrevemos tôdas as poesias esparsas da edição Zélio Valverde (Coleção "Grandes Poetas do Brasil"/ Poesias Completas/ de/ Junqueira Freire/ II/ *Contradições Poéticas/ e/ Poesias esparsas e inéditas/ Livraria Editora Zélio Valverde/ Trav. Ouvidor, 27 - Caixa Postal 2956/ Rio - 1944*) publicadas de páginas 136 a 183.
 Segundo Afrânio Peixoto, esta poesia é continuação de *Meditação*, impressa nas *Inspirações do Claustro* e numerada de I a V, assim terminando:
 Deixa-me entregue na soidão da noute
 A reflexão.
1626. Corsel
 1627. Coado em dores, expremido em pranitos/
 1628. Sem a vírgula.
 1629. incerro
 1630. Nem dissaba, nem disbanca./
 1631. Dislisava, qual dislisa/
 1632. Hei-lo
 1633. incerro/ Cf. nota 1629, acima.
 1634. disama
 1635. Hei-la
 1636. Luís de Camões, no canto oitavo dos *Lusíadas*, estância noventa e quatro, rimou *val* do quarto verso com *val* do sexto verso. E no canto décimo-primeiro, estância cento e quarenta, *tereis* do primeiro verso com *tereis* do quinto; e a não ser enfadonho, citaria sonetos com rimas iguais./ Nota do Autor.
 1637. Falta o ponto final.
 1638. rescendendo.
 1639. disgosto / Abaixo, 13.º verso, está: dislcembrada:
 1640. A não ser qu' és meu chará./
 1641. charás
 1642. algua
 1643. deferimos
 1644. Pusemos vírgula.
 1645. Acrescentamos vírgula aqui e no final do verso anterior. Está: ingenho/
 1646. estra:
 1647. imbebedar.
 1648. Acrescentamos exclamação.
 1649. Desinruga
 1650. Pusemos ponto e vírgula aqui e vírgula no final do verso anterior. A edição que seguimos não traz título na poesia.
 1651. caças
 1652. Está sem vírgula.
 1653. Incantrado/ As duas vèzes.
 1654. chagar
 1655. Não há ponto no final dêste verso nem vírgula no do anterior.
 1656. Pusemos dois pontos.
 1657. Acrescentamos a vírgula.
 1658. Vem sem vírgula.
 1659. Falta a vírgula.
 1660. Pusemos a vírgula.
 1661. advinha?
 1662. fraterno peitos
 1663. virgínio
 1664. anginho/ V. notas 1557, 1576 e 1602.
 1665. Não existe crase.
 1666. hivernal
 1667. Pusemos dois pontos.
 1668. Eliminamos a crase.
 1669. Disarraigue
 1670. Tupetar
 1671. Sem vírgula.
 1672. Acrescentamos a vírgula.
 1673. O título somente se lê na relação das poesias esparsas publicadas no fim da edição que transcrevemos.
 1674. Pusemos vírgula.
 1675. sânia
 1676. Sem vírgula, tôdas as vèzes que aparece até o término da poesia.
 1677. Pusemos dois pontos.
 1678. Falta o ponto final.
 1679. Acrescentamos o ponto.
 1680. Ao iniciarmos a transcrição das poesias de Fagundes Varela, cumpre-nos deplorar a edição das suas *Obras Completas*, lançada em três volumes pela Livraria Garnier em 1886, organizados e revistos por Visconti Coaracy. Possuido de excessivo zelo revisor, introduziu substancialmente alterações na pontuação, corrigindo versos que não lhe pareciam bem postos, num desrespeito patente aos textos varelianos das primeiras edições.
 Em *Noturnas*, na poesia "Arquitétipo", modificou dois dos seus versos, a despeito mesmo da segunda edição:
 A Poesia provocava o sono,
 por *E a poesia lhe causava sono;*
 Do que um filho de Albion, mais volúvel,
 por *Do que um filho de Albion, mais vário;*
 Em "Sobre um Túmulo" transformou êsses dois versos:
 Roam-te o ódio, — a maldição, — o olvido,
 E quando as turbas levantar-se um dia,
 em *Roam-te o ódio, a maldição, o olvido;*
E quando as turbas um dia ressurgirem.

NOTAS

- Em "A Enchente" corrigiu:
 — Barqueiro alento! chegando em terra,
 para — *Barqueiro, alento! em chegando a terra.*
 Até ao "Cântico do Calvário" levou a investida:
 Com seu dedo real selou-te a frente,
 e conseguiu digitalmente um plural:
Com seus dedos reais selou-te a frente.
 E assim um grande número de versos.
 Se o trabalho do organizador teve o mérito de reunir toda a produção do poeta, por outro lado foi diretamente causador das péssimas publicações que se lhe seguiram. Em verdade pode-se considerar Varela, entre nós, em matéria de edições, como o mais sacrificado dos poetas de seu tempo.
 Para o primeiro livro de Fagundes Varela, nesta edição, utilizamo-nos do único exemplar que conseguimos compulсар, do patrimônio da Biblioteca Nacional. Não traz fôlha de rosto, e é bem possível que não a tivesse, em vista da publicação seriada a subscritores, conforme se lê no *Aviso* ao Autor. O livro *Noturnas* foi em 1876 incorporado à segunda edição de *Vozes da América*, impressa no Porto em 1876 e onde vêm, pela primeira vez, reunidas as *Avulsas*.
1681. Pusemos a vírgula. A poesia *Névoas* foi publicada, com alterações, nos *Cantos Meridionais*. Cf. nota 1950.
 1682. Está sem a vírgula.
 1683. Disfrutar
 1684. á
 1685. Sem vírgula e sem crase na locução.
 1686. Acrescentamos a vírgula. Vem a seguir grafado: Bethovcn/
 1687. Pusemos as duas vírgulas no verso.
 1688. Sem a vírgula.
 1689. Não está com vírgula.
 1690. Ruge oh!
 1691. Acrescentamos a vírgula.
 1692. Pusemos a vírgula.
 1693. Vem sem crase.
 1694. Possível a mudança ortográfica, porém paroxítono no texto.
 1695. Falta a vírgula.
 1696. Não está craseado.
 1697. Sem a crase.
 1698. Acrescentamos a vírgula, depois de *tu*, aqui e no outro do verso seguinte.
 1699. Eliminamos a vírgula.
 1700. Pusemos a vírgula. *Tristeza* foi publicada, com profundas alterações, nos *Cantos Meridionais*, sob o título *Noturno*. V. nota 1987.
 1701. Substituímos vírgula por ponto e vírgula. A poesia *A Enchente* foi publicada, com alterações, nos *Cantos Meridionais*, V. notas 1950 e 1956.
 1702. Não está com vírgula.
 1703. Acrescentamos a vírgula.
 1704. Sem a vírgula.
 1705. Falta a vírgula.
 1706. Pusemos a vírgula.
 1707. Suprimimos vírgula.
 1708. Acrescentamos a vírgula e eliminamos a que vem no final do verso seguinte.
 1709. A edição Garnier traz o título do livro modificado para **PENDÃO AURIVERDE**.
 1710. Vem craseado.
 1711. Falta a vírgula.
 1712. Pusemos a vírgula.
 1713. Erguei-vos Brasileiro
 1714. Vem grafado: **WILIAM**
 1715. Craseado.
 1716. Não está com a vírgula.
 1717. Acrescentamos a vírgula.
 1718. Está com crase.
 1719. Falta a vírgula.
 1720. Pusemos a vírgula.
 1721. Sem a vírgula.
 1722. Não vem craseado.
 1723. Acrescentamos a vírgula.
 1724. Está sem a vírgula.
 1725. Falta a vírgula.
 1726. Brasileira
 1727. Pusemos a vírgula.
 1728. Não está craseado.
 1729. Pusemos as duas vírgulas neste e no verso anterior.
 1730. Acrescentamos a vírgula.
 1731. Sem a vírgula.
 1732. Sem o ponto final.

1733. Não vem com a vírgula.
 1734. Falta a vírgula.
 1735. Pusemos a vírgula.
 1736. O verso não traz pontuação alguma.
 1737. Salve oh! florestas sombrias,/ Salve oh broncas pedreiras/
 1738. Acrescentamos a vírgula aqui e no final do verso anterior.
 1739. Falta a vírgula.
 1740. Sem a vírgula.
 1741. Por não conseguirmos em São Paulo a primeira edição de *Vozes da América*, publicada em 1864, baseamo-nos em um exemplar da segunda, pertencente à Biblioteca Municipal (*Vozes da América/ Poesias/ de/ L. N. Fagundes Varela/ Segunda edição, correcta e augmentada/ Porto/ Typographia de Antonio José da Silva Teixeira/ 62, Rua da Cancellia Velha, 62/ 1876*).
 1742. Está craseado.
 1743. Pusemos a crase.
 1744. A locução não vem craseada.
 1745. Eliminamos a crase.
 1746. Com crase.
 1747. Suprimimos a vírgula no final do verso.
 1748. Eliminamos a vírgula.
 1749. Há vírgula.
 1750. Sem vírgula.
 1751. Falta a crase.
 1752. Acrescentamos a vírgula.
 1753. Suprimimos a vírgula.
 1754. Tiramos a vírgula.
 1755. Craseado.
 1756. Pusemos a vírgula.
 1757. ortiga
 1758. Embora á furto, á medo,/
 1759. Não existe travessão no início do verso.
 1760. encandecente
 1761. Acrescentamos a vírgula.
 1762. Substituímos ponto por dois pontos.
 1763. Pusemos a vírgula.
 1764. Este poema foi composto em uma viagem que fez o autor ao interior da provincia de São Paulo.
 Tendo porém perdido uma grande parte, e sendo instado por amigos para que o concluísse, viu-se na necessidade de juntar algumas lembranças que ainda lhe restavam, e continuá-lo da maneira em que está.
 O que apenas escapara são as estrofes regulares e rimadas da primeira parte, começo da segunda, e epílogo.
 Os versos brancos substituem o que se tinha extraviado./ Nota da segunda edição.
 1765. Sem a vírgula.
 1766. Eliminamos a vírgula.
 1767. Não vem com vírgula.
 1768. Suprimimos a vírgula.
 1769. enrubece
 1770. Falta a vírgula.
 1771. Pusemos a vírgula.
 1772. Sem a vírgula.
 1773. Tiramos a vírgula.
 1774. enrubece/ V. nota 1769.
 1775. Acrescentamos a vírgula.
 1776. Não está com a vírgula.
 1777. Rossam
 1778. Falta a vírgula.
 1779. Paroxítono no texto.
 1780. Está sem a vírgula.
 1781. Não está craseado.
 1782. encandecente/ V. nota 1760. A poesia *Napoleão* foi publicada, com alterações, nos *Cantos Meridionais*, sob o título de *O Espectro de Santa Helena*. V. nota 1960.
 1783. Sem a flexão do plural.
 1784. *Infância e Velhice* não vem publicada em *Vozes da América* nas edições das *Obras Completas* da Livraria Garnier, aparecendo somente em *Cantos Meridionais* sob o título de *A Criança*. V. nota 1973.
 1785. Acrescentamos a vírgula.
 1786. Está craseado.
 1787. Pusemos a vírgula.
 1788. Eliminamos a crase. A poesia *Deixa-me!* foi incluída, com ligeiras modificações, nos *Cantos Meridionais*, sob o título de *Expição*. V. nota 1978.
 1789. Craseado.
 1790. Suprimimos a crase.
 1791. Rossava/ Quanto á poesia *O Vagalume*, publicada também nos *Cantos do Ermo e da Cidade*, v. nota 2131.

NOTAS

rigidas pelo próprio poeta. Não nos parece verdade: Varela não refundiria a poesia um ano após, para retornar à forma primitiva.

1914. florecêrão
1915. Eliminamos a vírgula.
1916. corseis.
1917. Craseado./ Cf. nota 1833.
1918. Trahem
1919. bagagens
1920. prescito
1921. Falta a pontuação na edição original.
1922. florecidos
1923. Pusemos a vírgula.
1924. Suprimimos a vírgula.
1925. Acrescentamos a vírgula.
1926. Sem a vírgula.
1927. destnde
1928. Tiramos a vírgula.
1929. Não vem com a vírgula.
1930. Falta a vírgula.
1931. Eliminamos a vírgula.
1932. Suprimimos a vírgula.
1933. Tiramos a vírgula.
1934. Está sem a vírgula.
1935. Acrescentamos a vírgula.
1936. Não está craseado.
1937. Falta a vírgula.
1938. Sem a vírgula.
1939. rastegem,
1940. Pusemos a vírgula.
1941. Sem a vírgula.
1942. Falta a vírgula.
1943. Acrescentamos a vírgula. Suprimimos a vírgula depois de *exageração*, segundo verso acima.
1944. a furia
1945. Eliminamos a vírgula que existe aqui e colocamo-la no final do verso seguinte.
1946. Suprimimos a vírgula. Está: dilirios
1947. Tiramos a vírgula.
1948. Sem a vírgula.
1949. Pusemos a vírgula.
1950. É a primeira poesia de *Noturnas*, refundida para publicação nos *Cantos Meridionais*. A edição Garnier, de Visconti Coaracy, conserva ambas as versões. Procedimento igual não teve o organizador para a poesia *A Enchente*, também refundida para os *Cantos Meridionais*, que somente aparece na primitiva versão das *Noturnas*. V. notas 1681 e 1956.
1951. Não está craseado. Abaixo, quarto verso, vem grafado: transas
1952. Falta a vírgula.
1953. dispertar
1954. Pusemos vírgula aqui e no final do verso seguinte.
1955. Não vem craseado. Abaixo, 3.º verso da oitava seguinte, pusemos vírgula depois de *História*.
1956. Publicada primitivamente em *Noturnas*, V. notas 1701 e 1950.
1957. entumescido
1958. Sem vírgula, tôdas as vèzcs.
1959. rouxeadas
1960. Publicada em *Vozes da América* sob o título de *Napoléon* e refundida para os *Cantos Meridionais*. A edição de Visconti Coaracy traz novamente a primitiva versão. V. nota 1782.
1961. Venham
1962. Falta a vírgula.
1963. Pusemos a vírgula.
1964. Tiramos a vírgula e colocamo-la no final do verso seguinte.
1965. Suprimimos a vírgula.
1966. Não há vírgula.
1967. Sem a vírgula.
1968. Pusemos a vírgula.
1969. Acrescentamos a vírgula.
1970. Eliminamos a vírgula.
1971. londus,
1972. transas
1973. Refundida para os *Cantos Meridionais*, tendo aparecido a primeira vez em *Vozes da América*, sob o título *Infância e Velhice*. V. nota 1784.
1974. Falta o artigo antes de *aurora* e pusemos vírgula depois de *inocentes*, 4.º verso abaixo.
1975. Tiramos a vírgula.
1976. absintio,
1977. Está sem a vírgula.
1978. Publicada, a primeira vez, em *Vozes da América*, sob o título de *Deixa-mcl*, e aproveitada, com pequenas

alterações, nos *Cantos Meridionais*. A edição de Visconti Coaracy traz as duas versões. V. nota 1788.

1979. Acrescentamos a vírgula.
1980. Publicado, na mesma versão, em *Cantos Religiosos*, como *Hino para a Noite de Natal*, e não *Noite de São João*, como está na edição original. V. nota 3015.
1981. Eliminamos a vírgula.
1982. Craseado.
1983. dilirios:
1984. Sem a vírgula.
1985. Falta a vírgula.
1986. Não há vírgula. Está *Mixto*.
1987. *Noturno* é a poesia *Tristeza de Noturnas* quase que totalmente refundida. V. nota 1700.
1988. Está ponto e vírgula, e não vírgula.
1989. Suprimimos a vírgula.
1990. Pusemos a vírgula.
1991. Tiramos a vírgula.
1992. Sem a vírgula.
1993. yassanan.
1994. Falta a vírgula. Acima, segundo verso, está *molhem*, e não *molhe* como deixamos.
1995. A edição Garnier traz o verso alterado, não sabemos por que razão, para: Te levanta e vem, mimosal!
1996. Sem a vírgula.
1997. Acrescentamos a vírgula.
1998. Pusemos a vírgula aqui e no final do verso anterior.
1999. Colocamos vírgula. Idem, no final do verso anterior.
2000. Falta a vírgula.
2001. Não há vírgula.
2002. tem/ Sem a flexão do plural.
2003. Colocamos vírgula aqui e depois de *florinha*, no verso seguinte. Esta poesia apareceu primitivamente, em outra versão, em *Vozes da América*, sem título, começando por: Porque te afogas, ó irmã dos anjos, etc. V. nota 1798.
2004. nescios
2005. Está *de*, erro de revisão.
2006. Cortamos a vírgula daqui e passamo-la para o final do verso.
2007. Craseado.
2008. Suprimimos a vírgula.
2009. Falta a vírgula.
2010. enchurradas
2011. A edição original não traz pontuação no verso; a de Visconti Coaracy, interrogação.
2012. Não está craseado.
2013. precisa
2014. Acrescentamos a vírgula.
2015. Pusemos a vírgula.
2016. eram
2017. Não existe pontuação no final do verso.
2018. Está sem a vírgula.
2019. Falta o ponto final.
2020. dilirar!
2021. Colocamos a vírgula.
2022. Sem a vírgula.
2023. Está *o* em vez de *ao*.
2024. Eliminamos a vírgula.
2025. transas
2026. Falta a vírgula.
2027. Acrescentamos a vírgula.
2028. O verso não traz pontuação.
2029. Pusemos a vírgula.
2030. Suprimimos a vírgula.
2031. Não está com a vírgula.
2032. Vem sem a crase.
2033. Falta a vírgula.
2034. Colocamos a vírgula.
2035. Pusemos o travessão.
2036. Acrescentamos a vírgula.
2037. Sem a vírgula.
2038. Não existe a vírgula.
2039. O verso não traz pontuação.
2040. Falta o ponto.
2041. Está sem a vírgula.
2042. simelhaval
2043. transas
2044. Pusemos a vírgula.
2045. Não há pontuação no final do verso.
2046. Acrescentamos a vírgula.
2047. Colocamos as duas vírgulas no verso.
2048. Falta a vírgula.
2049. cannaveal
2050. caxaca
2051. caximbo
2052. O verso vem sem as duas vírgulas. Está: indiffinivel/
2053. Substituímos vírgula por ponto e vírgula.
2054. dilirios
2055. Sem a crase.

NOTAS

2208. Sem vírgula. Está: Golgote/
2209. Tiramos vírgula.
2210. Pusemos travessão depois da *América*.
2211 e 2212. Sem vírgula.
2213. *brazileas*,/ Grafia única. Não mais a apontaremos.
2214. Suprimimos vírgula.
2215. massa, —
2216. Tiramos vírgula.
2217 e 2218. Sem crase.
2219. romage:
2220 a 2223. Pusemos vírgula.
2224. Sem travessão.
2225. Acrescentamos vírgula.
2226. Não está craseado.
2227 e 2228. Pusemos vírgula.
2229. Eliminamos vírgula.
2230. Colocamos vírgula.
2231. corsa
2232. Sem vírgula
2233. Não vem com crase.
2234. Suprimimos vírgula.
2235. Acrescentamos vírgula.
2236. Colocamos vírgula.
2237. mensageiro
2238. Tiramos vírgula e substituímos, no final do verso, ponto por vírgula.
2239 e 2240. Pusemos vírgula.
2241. Eliminamos vírgula.
2242 e 2243. Sem vírgula.
2244. *incarnação*
2245 a 2250. Pusemos vírgula.
2251. *Maritania*
2252. Não está craseado.
2253 a 2255. Sem vírgula.
2256. Falta a crase.
2257. *Dilicias*
2258. Acrescentamos vírgula.
2259. *Dos*
2260. Colocamos vírgula.
2261. Suprimimos vírgula.
2262. *Tinha*
2263 e 2264. Pusemos vírgula.
2265. *bruxoleiam*
2266. Eliminamos vírgula.
2267. *estribaria*,
2268. *sevada*
2269. Sem vírgula.
2270. Craseado.
2271. Não existe o ponto final.
2272. Colocamos vírgula.
2273. *torrões*
2274 e 2275. Pusemos vírgula.
2276. *Sic*.
2277 a 2282. Acrescentamos vírgula.
2283. Sem crase.
2284 a 2291. Colocamos vírgula.
2292. Suprimimos vírgula.
2293. *heliotropos*,
2294. Pusemos vírgula.
2295. *dispertos*
2296. Sem vírgula.
2297. Não está craseado.
2298. Acrescentamos vírgula.
2299. No singular.
2300. Pusemos vírgula.
2301. Eliminamos vírgula.
2302. Colocamos vírgula.
2303. Sem travessão.
2304. Pusemos vírgula.
2305. Está ponto e não admiração como deixamos.
2306 a 2308. Acrescentamos vírgula.
2309. Não está craseado.
2310 a 2313. Sem vírgula.
2314. *Messageiro*/ V. nota 2237.
2315. Colocamos vírgula.
2316. *o*
2317. Eliminamos vírgula.
2318. Pusemos as duas vírgulas no verso.
2319. *dispertava*
2320 e 2321. Acrescentamos vírgula.
2322. *narseja*
2323. Colocamos travessão no final do verso.
2324. Substituímos vírgula por ponto e vírgula e pusemos vírgula no final do verso.
2325. O verso não traz as duas vírgulas.
2326. Sem vírgula.
2327. Pusemos as duas vírgulas no verso.
2328 a 2330. Acrescentamos vírgula.
2331. *torrões*/ V. nota 2273.
2332 a 2334. Colocamos vírgula.
2335. *Vem*/ Sem circunflexo.
2336 e 2337. Sem vírgula.
2338. *doctrinava*
2339. Pusemos vírgula.
2340. Está sem travessão.
2341. Não vem com crase.
2342 a 2348. Acrescentamos vírgula.
2349. Tiramos vírgula.
2350. Colocamos vírgula.
2351. Suprimimos vírgula.
2352. Pusemos vírgula.
2353. Eliminamos vírgula.
2354. Sem crase.
2355. *incarnação*
2356. Acrescentamos vírgula.
2357. *doctrinas*
2358. Colocamos vírgula.
2359. *a*
2360. Sem crase.
2361 a 2376. Pusemos vírgula.
2377. *perigrinos*.
2378. Falta a vírgula no manuscrito e nas duas edições seguintes.
2379 a 2383. Colocamos vírgula.
2384. *viridantes*
2385 a 2397. Sem vírgula.
2398. *sonbra*
2399 a 2404. Acrescentamos vírgula.
2405. *doctrinas*;
2406 e 2407. Pusemos vírgula.
2408. *dispertava*
2409. Tiramos vírgula.
2410 a 2412. Acrescentamos vírgula.
2413. *palleo*
2414. Substituímos vírgula por ponto e vírgula no final do verso, e suprimimos ponto e vírgula no do seguinte.
2415. Não está craseado.
2416 e 2417. Sem vírgula.
2418. Não se lê a epigrafe no manuscrito por faltar-lhe metade da fôlha. Transcrevemo-la da primeira edição.
2419. *enchurradas*
2420. Falta a crase. Pusemos vírgula no final do verso.
2421 e 2422. Colocamos vírgula.
2423. Está sem ponto final.
2424. *doctrina*.
2425 e 2426. Acrescentamos vírgula.
2427 e 2428. Tiramos vírgula.
2429 e 2430. Pusemos vírgula.
2431. Suprimimos vírgula.
2432. Sem vírgula.
2433. *Pressurosos*
2434 a 2436. Colocamos vírgula.
2437 e 2438. Eliminamos vírgula.
2439 a 2441. Pusemos vírgula.
2442. *caprixos*/ *Idem*, no verso seguinte.
2443. Falta a crase.
2444 a 2446. Sem vírgula.
2447. Tiramos as duas vírgulas que existem no verso.
2448. *doctrinas*
2449. Acrescentamos vírgula.
2450. Não vem craseado.
2451. Pusemos vírgula.
2452. *Dirije-se*
2453. Colocamos vírgula. No verso seguinte não há ponto final.
2454. *caprixosa*.
2455. Falta a crase.
2456. Pusemos vírgula.
2457. Suprimimos vírgula.
2458. Sem vírgula. *Adiante*, verso seguinte, vem grafado: *Roixos*
2459 a 2463. Eliminamos vírgula.
2464. Acrescentamos vírgula.
2465. *zedores*
2466. Colocamos vírgula.
2467. Não está craseado.
2468 a 2470. Pusemos vírgula.
2471. *doctrina*,
2472 a 2476. Sem vírgula.
2477. Está com minúscula: *são*
2478. Falta o ponto final.
2479. Acrescentamos vírgula.
2480. *possis*
2481. Suprimimos vírgula.
2482 a 2491. Colocamos vírgula.
2492. *perigrinos*.
2493. *roixas*,

NOTAS

2494. despertar
2495 e 2496. Sem vírgula.
2497. Eliminamos vírgula.
2498 a 2501. Pusemos vírgula.
2502. messageiros./ V. notas 2237 e 2314.
2503. Tiramos vírgula.
2504. despertaram
2505. Existe, no manuscrito, travessão no início e fim do verso.
- 2506 e 2507. Craseado.
2508. Acrescentamos vírgula.
2509. enchuga,
2510. Suprimimos vírgula.
2511. perigrino,
2512. Sem vírgula.
2513. réje,
2514. Pusemos vírgula.
2515. Tiramos vírgula.
2516. Colocamos vírgula.
2517. Suprimimos vírgula. Vem, no verso, grafado: estenso
2518. Eliminamos vírgula.
2519. Sem vírgula.
2520. prótrão-se
2521 a 2525. Acrescentamos vírgula.
2526. Falta o ponto final.
2527. Pusemos vírgula.
2528. dispenha.
2529. Colocamos travessão.
2530. Qudro
2531 a 2534. Tiramos vírgula.
2535. rccssussita
2536. Craseado.
2537 e 2538. Sem vírgula.
2539. lhes
2540 a 2542. Pusemos vírgula.
2543 e 2544. Eliminamos vírgula.
2545. Sem vírgula.
2546. faxas,
2547. Craseado. Cortamos a vírgula do final do verso.
2548. Suprimimos vírgula.
2549 e 2550. Acrescentamos vírgula.
2551. Tiramos vírgula.
2552. Pusemos vírgula.
2553. Eliminamos vírgula.
2554. Sem vírgula.
2555. Cortamos vírgula.
2556. Acrescentamos vírgula.
2557. Suprimimos vírgula.
2558. Vem XV, no manuscrito.
2559. Com minúscula no original.
2560 a 2562. Pusemos vírgula.
2563. Tiramos vírgula.
2564 a 2566. Sem vírgula.
2567. Eliminamos vírgula.
2568. Colocamos vírgula.
2569. Ruje
2570. espele
2571. Pusemos vírgula.
2572. elejera
2573. Acrescentamos vírgula.
2574. despedirem,
2575. Nem este nem o seguinte estão craseados.
2576. dilyrio,
2577. çumo
2578 a 2580. Sem vírgula.
2581. desperta
2582 a 2586. Pusemos vírgula.
2587. Rosciada/ Pusemos vírgula depois de *bcas*, no verso seguinte.
- 2588 a 2590. Acrescentamos vírgula.
2591 e 2592. Tiramos vírgula.
2593. Colocamos vírgula.
2594. enchutas
2595 e 2596. Sem vírgula.
2597. Não está craseado.
2598 e 2599. Pusemos vírgula.
2600. messageiro./ V. notas 2237, 2314 e 2502.
2601 e 2602. Sem admiração.
2603. infeitiçada
2604. A edição Garnier traz o verso alterado: De vicio em vicio em tropeçando rola,/
- 2605 e 2606. Acrescentamos vírgula.
2607. olho,
2608. Sic.
2609 e 2610. Colocamos vírgula.
2611. desperto
2612 a 2614. Pusemos vírgula.
2615. Suprimimos vírgula.
2616. anginhos
2617. vem/ Sem a flexão do plural.
2618. alcansar
2619. Sem exclamação
2620. Acrescentamos vírgula.
2621 a 2623. Cortamos vírgula.
2624. Substituímos vírgula por dois pontos.
2625. dispendia,
2626 e 2627. Colocamos vírgula.
2628 e 2629. Eliminamos vírgula.
2630. exparze
2631. emfermos,
2632. emfermo
2633 a 2637. Sem vírgula.
2638. alcansa
2639. , — Embora
2640 a 2642. Pusemos vírgula.
2643. No plural, no manuscrito.
2644 a 2646. Acrescentamos vírgula.
2647. Suprimimos vírgula.
2648. longincuo
2649. des
2650. Colocamos vírgula.
2651. Singular, no manuscrito, e sem vírgula.
2652 a 2654. Pusemos vírgula.
2655 e 2656. Tiramos vírgula.
2657. doutrinas,
2658. espirando,
2659. Acrescentamos vírgula.
2660. arrebaldes,
2661 a 2666. Sem vírgula.
2667. Comtemplar
2668 e 2669. Pusemos vírgula.
2670. Cortamos vírgula.
2671. Colocamos as duas vírgulas no verso.
2672. imarcessivel/ Pusemos vírgula no final do verso.
2673. Suprimimos vírgula.
2674. roixa
2675. Acrescentamos vírgula.
2676 e 2677. Tiramos vírgula.
2678. doutrinas.
2679. endeixas
2680. dirijimos
2681 e 2682. Eliminamos vírgula.
2683. roixas
2684 e 2685. Sem vírgula.
2686. extremas
2687. dilyrio
2688. transas/ Pusemos vírgula.
2689. Colocamos vírgula.
2690. Suprimimos vírgula.
2691. Sem vírgula.
2692. Eliminamos vírgula.
2693 a 2696. Acrescentamos vírgula.
2697. cncherga,
2698. Tiramos vírgula.
2699. emfermo
2700. Falta o ponto final.
2701. Pusemos vírgula.
2702 e 2703. Não vem craseado.
2704. Colocamos as duas vírgulas no verso.
2705. Substituímos vírgula por reticências.
2706. Sem vírgula.
2707. Não há ponto.
2708. Acrescentamos vírgula.
2709. pessonhentas
2710. Pusemos vírgula.
2711. rossar
2712. enchergão
2713. enchugando,
2714 a 2716. Sem vírgula.
2717. Suprimimos vírgula.
2718. espelle
2719. Pusemos as duas crases.
2720. Colocamos vírgula.
2721. dilicias
2722 a 2724. Pusemos vírgula.
2725. Substituímos vírgula por ponto e vírgula.
2726 a 2730. Acrescentamos vírgula.
2731. Cortamos vírgula.
2732. Sem vírgula.
2733. batesse
2734 e 2735. Tiramos vírgula.
2736. Está com maiúscula.
2737 e 2738. Pusemos vírgula.
2739. doutrinas?
2740. Acrescentamos vírgula.
2741. No singular.
2742 a 2745. Sem vírgula.
2746. Eliminamos vírgula.
2747. estrema
2748. Acrescentamos vírgula.
2749. No plural, no manuscrito.

NOTAS

2750. Dizei-me/ No plural e sem vírgula.
 2751. Colocamos vírgula.
 2752. Cortamos vírgula.
 2753. Falta o artigo no manuscrito.
 2754 a 2557. Pusemos vírgula.
 2758. estenso
 2759. Suprimimos vírgula.
 2760 e 2761. Acrescentamos vírgula.
 2762. campões
 2763. drigindo-se
 2764 a 2766. Colocamos vírgula.
 2767. Pusemos dois pontos.
 2768. Eliminamos vírgula.
 2769. doctores,
 2770. Sem exclamação.
 2771. Acrescentamos vírgula.
 2772. emfermos
 2773. Pusemos vírgula.
 2774. proteje/ Sem vírgula.
 2775. espande
 2776. Sem vírgula.
 2777. Sic.
 2778 a 2785. Colocamos vírgula.
 2786. estensa
 2787. Cortamos vírgula.
 2788. Substituímos vírgula por ponto e vírgula.
 2789 e 2790. Acrescentamos vírgula.
 2791. enchuga
 2792. Suprimimos vírgula.
 2793. Falta o ponto final.
 2794. Pusemos vírgula.
 2795 e 2796. Eliminamos vírgula.
 2797 a 2804. Colocamos vírgula.
 2805. Não vem craseado.
 2806. espandias
 2807 a 2810. Sem vírgula.
 2811 e 2812. O pronome está no feminino.
 2813. Cortamos vírgula.
 2814. Enchugava
 2815 a 2825. Acrescentamos vírgula.
 2826. Substituímos vírgula por ponto e vírgula.
 2827. Está vírgula em vez de ponto.
 2828 a 2832. Pusemos vírgula.
 2833. Não vem com travessão.
 2834. Sem vírgula.
 2835. alvorecem
 2836. Colocamos ponto e vírgula.
 2837. Acrescentamos a vírgula. Estes versos foram incluídos nos *Cantos Religiosos* sob o título de *Oração*.
 2838. Craseado.
 2839. Pusemos *miseráveis* entre vírgulas.
 2840. Substituímos vírgula por ponto e vírgula.
 2841 a 2847. Sem vírgula.
 2848 e 2849. Cortamos vírgula.
 2850 e 2851. Acrescentamos vírgula.
 2852. Eliminamos vírgula.
 2853. Suprimimos ponto.
 2854. Pusemos vírgula aqui e no final do verso.
 2855. Pucha
 2856 a 2864. Colocamos vírgula.
 2865. Tiramos vírgula.
 2866. longincuo/ V. nota 2648.
 2867 a 2870. Sem vírgula.
 2871. doutrinas
 2872. Pusemos *enfêrma* entre vírgulas. Vem grafado: emferma
 2873. Colocamos as três vírgulas no verso.
 2874. exudação
 2875 e 2876. Acrescentamos vírgula.
 2877. dispensas
 2878 e 2879. Pusemos vírgula.
 2880. Eliminamos vírgula.
 2881 e 2882. Sem vírgula.
 2883. Suprimimos vírgula.
 2884. Não está craseado.
 2885. Colocamos vírgula.
 2886. falei-me/ E' como vem no manuscrito. Pusemos vírgula.
 2887 a 2890. Acrescentamos vírgula.
 2891. Percursores
 2892 a 2894. Sem vírgula.
 2895. o
 2896 a 2899. Colocamos vírgula.
 2900. Falta o ponto final no manuscrito.
 2901 a 2904. Não há vírgula.
 2905. Dispertou
 2906 a 2908. Acrescentamos vírgula.
 2909. privilegio,
 2910. caprixosas
 2911. longincuas/ V. notas 2648 e 2866.
 2912 e 2913. Cortamos vírgula.
 2914. desfolhados
 2915 a 2918. Pusemos vírgula.
 2919. Tiramos vírgula.
 2920 e 2921. Sem vírgula.
 2922. Eliminamos vírgula.
 2923. estensas
 2924 e 2925. Acrescentamos vírgula.
 2926. roixos
 2927 e 2928. Colocamos vírgula.
 2929. porque,
 2930. roixos,
 2931. Entumescidos,
 2932 a 2934. Pusemos vírgula.
 2935. Craseado.
 2936. Sem vírgula.
 2937. esbogalhados
 2938. Acrescentamos vírgula.
 2939. Suprimimos vírgula.
 2940. estensa
 2941. Colocamos vírgula.
 2942. Cortamos vírgula.
 2943. Não está com vírgula.
 2944. roixos
 2945 e 2946. Tiramos vírgula.
 2947. Sem vírgula. Vem grafado: entumescem
 2948. humiliações
 2949 e 2950. Pusemos vírgula.
 2951. Não vem craseado.
 2952. Sem pontuação no manuscrito.
 2953. Acrescentamos vírgula.
 2954. roixas
 2955 a 2957. Pusemos vírgula.
 2958. Não está craseado.
 2959 a 2970. Sem vírgula.
 2971. longincua/ V. notas 2648, 2866 e 2911.
 2972. Não vem com crase.
 2973. palleo
 2974. Colocamos vírgula, as duas vezes.
 2975. Falta o ponto.
 2976 a 2978. Não há vírgula.
 2979. espande
 2980. borborinho
 2981 a 2983. Acrescentamos vírgula.
 2984. Eliminamos vírgula.
 2985 e 2986. Pusemos vírgula.
 2987 e 2988. Suprimimos vírgula.
 2989 a 2992. Colocamos vírgula.
 2993. emferma,
 2994 e 2995. Sem vírgula.
 2996. Cortamos vírgula. Vem grafado: enchergo
 2997. Com maiúscula.
 2998 a 3001. Não está com vírgula.
 3002. Tiramos vírgula.
 3003 a 3006. Pusemos vírgula.
 3007. percursor
 3008. Acrescentamos vírgula.
 3009. Não está craseado.
 3010. *Em tôda a parte* foi publicada em *Cantos e Fantasia. Oração*, que vem a seguir, foi extraída do *Evangelho nas Selvas*, Canto VIII, VI.
 3011. bagagens
 3012 a 3014. Pusemos vírgula.
 3015. Publicada também em *Cantos Meridionais*, ed. cit., págs. 75/79. V. nota 1980.
 3016. sirios
 3017. yassanan
 3018 e 3019. Acrescentamos vírgula.
 3020. ortiga
 3021. ortigas,
 3022 e 3023. Sem vírgula.
 3024. Transcritas da segunda edição de *Vozes da América*, com exceção apenas da última, *Amor e Vinho*, única inédita da edição organizada por Visconti Coaracy para a Livraria Garnier.
 3025 a 3029. Colocamos vírgula.
 3030. Sem
 3031 a 3038. Não está com vírgula.
 3039. aceio
 3040. Suprimimos vírgula.
 3041. pilotos
 3042 a 3044. Pusemos vírgula.
 3045. faxa
 3046. A esta estância falta um verso./ Nota da edição original.
 3047. Acrescentamos vírgula.
 3048. Não está craseado.

NOTAS

3499. Craseado.
 3500. Pusemos crase.
 3501. Está craseado.
 3502. Colocamos travessão.
 3503. Vem *destampada* em vez de *descampada*.
 3504. Está *arcando* e não *arfando*, como deixamos.
 3505. *Enchuga*.... *enchuga!*
 3506. Vem grafado *Surri*.
 3507. Está craseado.
 3508. Acrescentamos vírgula.
 3509. Tiramos crase.
 3510. Eliminamos crase.
 3511. Está *porque*
 3512. Suprimimos crase.
 3513. Vem craseado.
 3514. Está com crase.
 3515. Vem grafado *engazeiro*. V. nota 3497.
 3516. Está: *Talvez*.... *talvez*.
 3517. Não há vírgula.
 3518. Vem grafado *tripolada*.
 3519. Pusemos *sombrio* entre vírgulas.
 3520. Está craseado.
 3521. Vem *dolamber*, erro tipográfico.
 3522. Está *ypoeiras*.
 3523. Vem grafado *aerías*.
 3524. Está *Titubantes*, erro de revisão. Leia-se *alvéo*, para acento métrico.
 3525. Vem craseado.
 3526. Colocamos vírgula.
 3527. *Sic*, para duas sílabas.
 3528. No manuscrito original do poeta vem *do hombro*, em lugar de *no hombro*, como traz a edição de 1876. Cf. Afrânio Peixoto, ed. cit., tomo II, pág. 226.
 3529. Assim está no manuscrito e não como vem na edição princeps: *Alta noite elle ergueu se hirto, solemne.* Cf. Afrânio Peixoto, ed. cit., tomo II, pág. 226.
 3530. Acrescentamos vírgula.
 3531. No manuscrito vem *morte*, e não *noite*, como aparece na edição original e sem vírgula. Cf. Afrânio Peixoto, ed. cit., tomo II, pág. 226.
 3532. Craseado.
 3533. Vem grafado *Escaceou*.
 3534. A edição original traz *semelha* ao invés de *Dir-se-ia*, como no manuscrito. Cf. Afrânio Peixoto, ed. cit., tomo II, pág. 226.

3535. A edição de 1876 não traz ponto.
 3536. A data aparece somente no manuscrito original que Afrânio Peixoto teve em mãos comunicado por Aloísio de Carvalho. Cf. ed. cit., tomo II, pág. 226.

Traz a edição de 1876, antes da *errata*, a seguinte nota:

"Lê-se no DEZESSEIS DE JULHO:

"Depois de quatorze léguas de viagem, desde a foz do Rio S. Francisco, chega-se a esta cachoeira, de que se contam tantas grandezas fabulosas.

"Para bem descrevê-la, imaginai uma colossal figura de homem sentado com os joelhos e os braços levantados, e o rio de S. Francisco caindo com toda sua força sobre as costas. Não podereis ver sem estar trepado em um dos braços, ou em qualquer parte que lhe fique ao nível ou a cavalleiro sobre a cabeça.

"Parece arrebrantar de debaixo dos pés, como a formosa cascata de Tivoli junto a Roma. Um mugir surdo e continuado, como os preparos para um terremoto, serve de acompanhamento à música estrondosa de variados e diversos sons, produzidos pelos choques das águas. Quer elas venham correndo velocíssimas ou saltando por cima das cristas de montanhas; quer indo em grandes massas de encontro a elas, e delas retrocedendo: caindo em borbotão nos abismos e dêles se erguendo em úmida poeira, quer torcendo-se nas vascas do desespêro, ou levantando-se em espumantes escarcéus; quer estourando como uma bomba; quer chegando-se aos vaivéns, e brandamente e com espadananas ou em flocos de escuma alvíssima como arminhos, — é um espetáculo assombroso e admirável.

"A altura da grande queda foi calculada em 362 palmos. Há 17 cachoeiras, que são verdadeiros degraus do alto trono, onde assentou-se o gigante de nome Paulo Afonso.

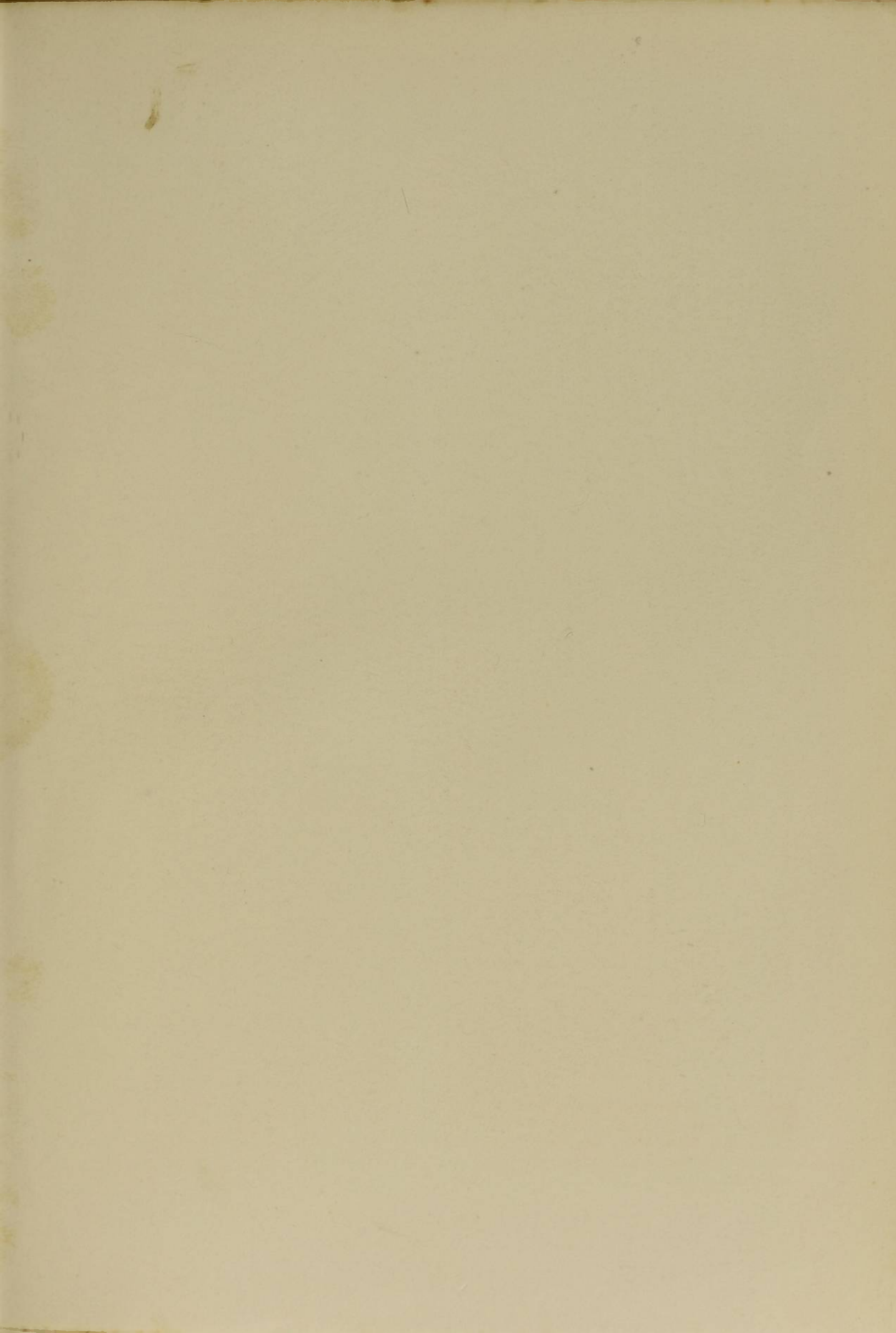
"Muitas grutas apresentam os rochedos deste lugar, sombrias, arejadas, arruadas de cristalinas areias, banhadas de frigiditas linfas.

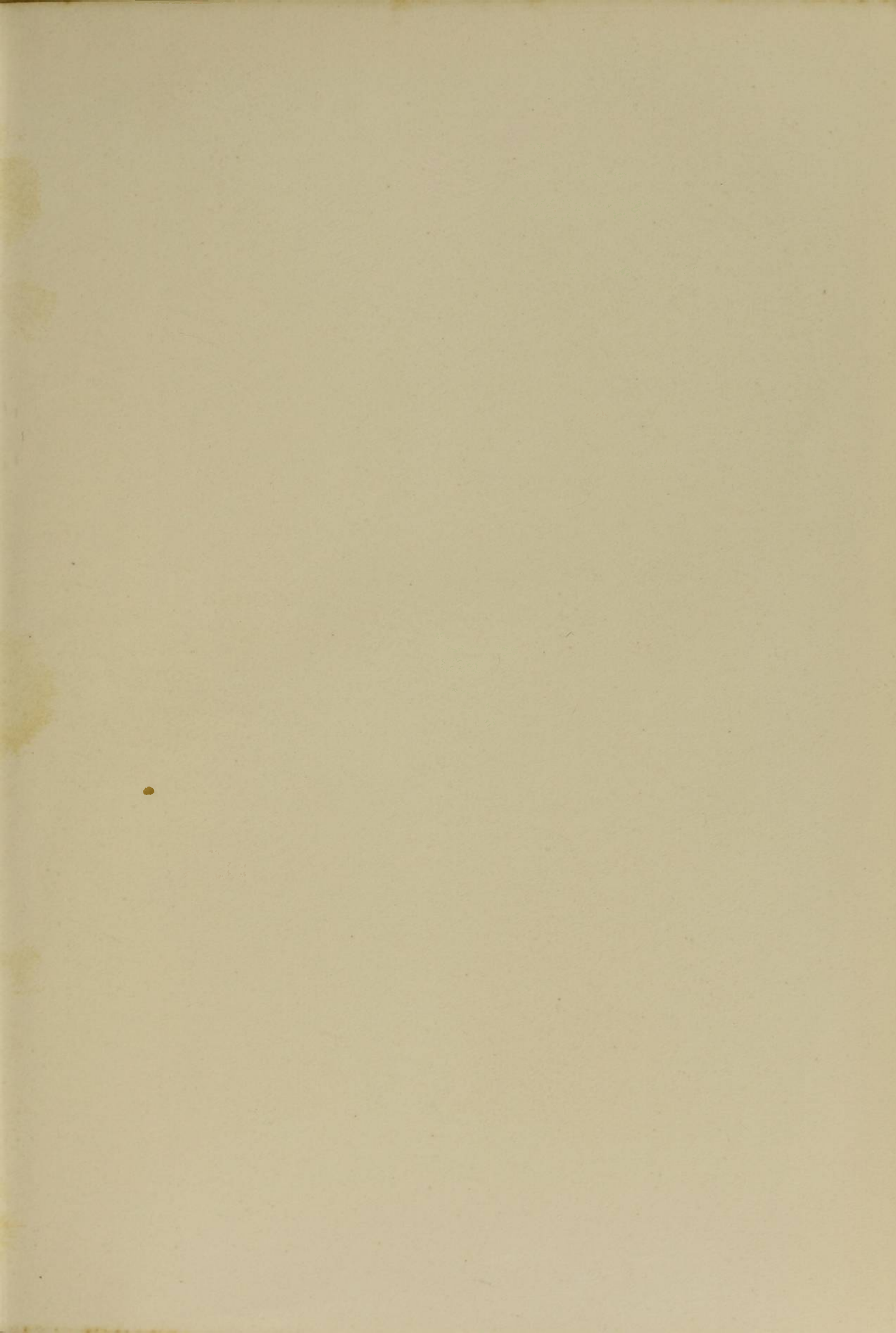
"S.M. o Imperador visitou esta cachoeira na manhã de 20 de Outubro de 1859. O Presidente das Alagoas, Dr. Manuel Pinto de Sousa Dantas, teve a idéia de erigir um monumento à visita imperial"

(Transcrita do Diário da Bahia.)"

Nesta nota vem: *á cavalleiro* e *á Roma*, craseados.

Este livro foi composto e impresso nas
oficinas de Reis, Cardoso, Botelho &
Cia., à Rua Solon, 856 - São Paulo,
para as Edições LEP Ltda., em
novembro de 1952.





501

198

